



CADERNO DE RESUMOS

COMUNICAÇÕES

Caderno de resumos de comunicações do Congresso Internacional ABRALIC 2019

Organizadores:
Rogério da Silva Lima
Ana Maria Amorim
Frederico Cabala

ISBN: 978-85-86678-31-8

1ª edição

ABRALIC
Associação Brasileira de Literatura Comparada
2019 - Brasília (DF)

EXPEDIENTE

COMISSÃO ORGANIZADORA

A comissão organizadora do XVI Congresso Internacional da ABRALIC está constituída da seguinte forma:

Promoção

Associação Brasileira de Literatura Comparada – ABRALIC

Instituições Organizadoras

Universidade de Brasília (UnB)

Instituto de Letras da UnB

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Programa de Pós-Graduação em Literatura da UnB

Comitê Organizador Nacional - Diretoria da ABRALIC 2018-2019

Prof. Dr. Rogério da Silva Lima (UnB) – Presidente da ABRALIC

CV: <http://lattes.cnpq.br/2929899812598313>

Profa. Dra. Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha (UFU) – Vice-presidente da ABRALIC.

CV: <http://lattes.cnpq.br/0504371515180190>

Profa. Dra. Kelcilene Grácia-Rodrigues (UFMS) – Primeira Secretária da ABRALIC. CV:

<http://lattes.cnpq.br/9636046088021706>

Prof. Dr. Wilton Barroso Filho (UnB) – Segundo Secretário da ABRALIC. CV: <http://lattes.cnpq.br/5128408438368097>

Prof. Dr. Danglei de Castro Pereira (UnB) - Primeiro Tesoureiro da ABRALIC. CV: <http://lattes.cnpq.br/8377774749228753>

Profa. Dra. Anna Herron More (UnB) – Segunda Tesoureira da ABRALIC. CV: <http://lattes.cnpq.br/4815802338843319>

Coordenação Nacional

Prof. Dr. Rogério da Silva Lima (UnB) – Presidente da ABRALIC

CV: <http://lattes.cnpq.br/2929899812598313>

Profa. Dra. Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha (UFU) - Vice-Presidente da ABRALIC

CV: <http://lattes.cnpq.br/0504371515180190>

Coordenação do Projeto na Universidade de Brasília

Prof. Dr. Rogério da Silva Lima - Presidente da ABRALIC

CV: <http://lattes.cnpq.br/2929899812598313>

Rozana Reigota Naves (UnB/ILD).

CV: <http://lattes.cnpq.br/9281265131392905>

Equipe técnica

Frederico Cabala.

CV: <http://lattes.cnpq.br/2711128618429693>

Ana Maria Amorim

CV: <http://lattes.cnpq.br/4013726857333475>

Comitê Científico

Anna Herron More (UnB):

CV: <http://lattes.cnpq.br/4815802338843319>

Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha (UFU):

CV: <http://lattes.cnpq.br/0504371515180190>

Daiana Nascimento dos Santos (Universidad de Playa Ancha):

CV: <http://lattes.cnpq.br/3975964906565734>

Danglei de Castro Pereira (UnB):

CV: <http://lattes.cnpq.br/8377774749228753>

Germana Maria Araújo Sales (UFPA):

CV: <http://lattes.cnpq.br/8723885160615840>

Joana Matos Frias (Universidade do Porto):

CV Resumido: Professora Auxiliar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto — onde se doutorou em 2006 com a dissertação Retórica da Imagem e Poética Imagista na Poesia de Ruy Cinatti —, membro do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, membro da Direcção da Sociedade Portuguesa de Retórica e da Rede dos Professores de Literatura Brasileira em Portugal, e investigadora da rede internacional LyraCompoetics. Autora do livro O Erro de Hamlet: Poesia e Dialética em Murilo Mendes (7letras, 2001) — com que venceu o Prémio de Ensaio Murilo Mendes —, responsável pela antologia de poemas de Ana Cristina Cesar Um Beijo que Tivesse um Blue (Quasi, 2005).

João Cezar de Castro Rocha (UERJ):

CV: <http://lattes.cnpq.br/2996791931732673>

José Luís Jobim de Salles Fonseca (UFF).

CV: <http://lattes.cnpq.br/2864489503546804>

Ivan Marcos Ribeiro (UFU):

CV: <http://lattes.cnpq.br/6091564611629240>

Kelcilene Grácia Rodrigues (UFMS/Três Lagoas).

CV: <http://lattes.cnpq.br/9636046088021706>

Marcos Antonio Moraes (USP):

CV: <http://lattes.cnpq.br/3811009207158711>

Maria Elizabeth Chaves de Melo (UFF):

CV: <http://lattes.cnpq.br/1387542930355919>

Maria Zaira Turchi (UFG).

CV: <http://lattes.cnpq.br/1028003493670371>

Marli Tereza Furtado (UFPA).

CV: <http://lattes.cnpq.br/2382303554607592>

Miguel Jost (PUC-RJ).

CV: <http://lattes.cnpq.br/4541824429177316>

Pedro Mandagará (UnB).

CV: <http://lattes.cnpq.br/6962097027141758>

Rauer Ribeiro Rodrigues (UFMS).

CV: <http://lattes.cnpq.br/0639290942591728>

Regina Zilberman (UFRGS).
CV: <http://lattes.cnpq.br/4665308843785788>

Rita de Cassia Silva Godet (Université Rennes II):
CV: <http://lattes.cnpq.br/5371784900674355>

Roberto Acízelo de Souza (UERJ).
CV: <http://lattes.cnpq.br/4158681002482304>

Rogério da Silva Lima (UnB).
CV: <http://lattes.cnpq.br/2929899812598313>

Rozana Reigota Naves (UnB).
CV: <http://lattes.cnpq.br/9281265131392905>

Socorro de Fátima Pacífico Barbosa (UFPB).
CV: <http://lattes.cnpq.br/1775931802554481>

Wail. S. Hassan (University of Illinois, Urbana-Champaign):
CV resumido:
Professor Titular da Universidade de Illinois, Urbana-Champaign (UIUC), no Departamento de Literatura Comparada. Doutor em Literatura Comparada pela UIUC (2008). Pesquisador da literatura comparada, em língua árabe, francês, inglês e português com foco nos seguintes temas: literatura árabe e a diáspora árabe, história intelectual árabe, literatura comparada, estudos transnacionais e pós-coloniais, teoria da tradução. Foi agraciado com o prêmio de University Professor (2016-2019) pela UIUC. Atualmente é o Presidente da Associação Americana de Literatura Comparada (ACLA).

Wilton Barroso Filho (UnB).
CV: <http://lattes.cnpq.br/5128408438368097>

Zhang Longxi (City University of Hong Kong):
Currículo resumido:
Qualificações / Experiências
MA (Universidade de Pequim)
PhD (Harvard University)

APRESENTAÇÃO: Os fios de uma trama

Betina R. Rodrigues da Cunha (UFU)
Rogério da Silva Lima(UnB)

Essa obra, que agora se apresenta, nasceu sob o signo da diversidade, da identidade e de um esforço plural para compartilhar com os interessados na Literatura, e em suas textualidades, os olhares e aventuras que constroem e justificam o embate entre leitor, autor e obra, nesse universo ao mesmo tempo tão ambíguo e instigante do mundo contemporâneo.

Tal diversidade e, ao mesmo tempo, identidade, é, em verdade, fruto da apresentação de comunicações em simpósios no Congresso Internacional ABRALIC/2019, sediado na Universidade de Brasília, sendo conduzido pela Diretoria da gestão 2018/2019, cujos Presidente e Vice-Presidente, respectivamente, Profs. Rogério Lima (UnB) e Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha (UFU) têm agora a honra e o privilégio de compartilhar com os associados da ABRALIC, com os leitores e interessados.

Em um espaço acolhedor e, sobretudo, interativo, no qual os diálogos se avolumaram em uma clara mostra de curiosidade e entendimento, os participantes do Congresso puderam trocar opiniões, enxergar pelo olhar do outro, trocar impressões e saberes, em uma mostra da supremacia e da convivência entre pares, interessados nos projetos de uma sensibilidade contemporânea. E é essa manifestação contemporânea - ou, sempre!!, uma sensibilidade alimentada e eternizada pelos caminhos da experiência histórica e humanizadora a traduzir os homens ao longo dos séculos – que leva à busca e ao entendimento das formas de representação e concretização das revelações e expressões estéticas resultantes das escrituras e linguagens artísticas.

Nesse momento, é forçoso buscar em Achugar a grande lição, intuída pelo exercício da modernidade e das urgências sentidas pelo tempo agonizante e, ao mesmo tempo, utópico:

La representación de una obra de arte es y ha sido siempre problemática pero hoy –con la urgencia que le otorga el hecho de ser mi/ nuestro muy fugaz hoy– es aun mayor su inestable condición. La inseguridad y la provisoriedad han ido ganando el campo de la cultura occidental-europea y occidental-latinoamericana. ¿Es posible hablar de arte representativo sin sentir malestar? ¿Es posible afirmar que Carmen Miranda es un estereotipo, un simulacro, una burla de la cultura latinoamericana y que Fernando Botero, no necesariamente lo es? Es decir, ¿es posible sostener que hay representaciones válidas para la totalidad de América Latina?¹

Achugar, com simplicidade e acurada sabedoria, olha para a América Latina – mas pode-se, sem medo de errar, transferir tal olhar para os diferentes continentes e produções - prevenindo-nos sobre as provisoriedades das manifestações artísticas, uma vez que elas passam, mais do que tudo, por uma identidade de público e de linguagens que se dilui no desconhecimento e na diferença, seja de códigos, seja de concepções, seja de representações. A perenidade dessas manifestações reflete a condição ambígua do homem e de suas inúmeras buscas em favor de uma construção e apaziguamento dos desconfortos e constrangimentos gerados pelo estar-no-mundo.

Portanto, ao abrir espaço para as instigantes interrogações a respeito da palavra, dos textos e do poder da imaginação criadora – desenhando novos e inesperados caminhos que organizam os projetos particulares da experiência contemporânea, dinâmicos e plurais ao mesmo tempo – a ABRALIC, em sua proposta de gestão, instiga inúmeras reflexões e questionamentos, carregados de leituras possíveis a interpretar o *estar no mundo* e suas amplas relações, bem como suas representações.

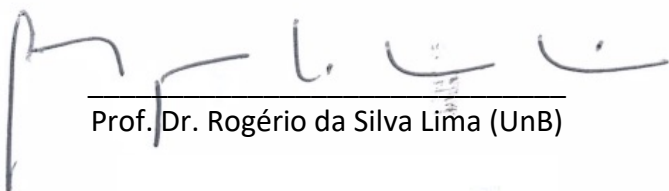
A partir dessas considerações e de seus desdobramentos que esta obra encontra justificativa no interesse de sugerir e de tornar visível ao leitor e à crítica, sutilezas da produção literária, sobretudo no que diz respeito ao modo como as temáticas e estruturas encontram sua concretização na modernidade.

Nesse sentido, reuniram-se trabalhos, pesquisas e olhares que, a partir da ABRALIC 2019 – Brasília, procuraram provocar uma nova expedição: aquela de buscar

¹ ACHUGAR, Hugo. *La biblioteca en ruinas*. Montevideo: Ediciones Misiones. 1994. P. 18

novas trilhas, de enxergar as fontes que fazem desdobrar palavras em sentidos, de enfrentar mundos ainda não vislumbrados.

Finalmente, agradecemos a todos que nos emprestaram suas vozes para a concretização deste livro e que, em um esforço de análise e reflexão, dividem com os leitores suas impressões pessoais sobre as textualidades contemporâneas e suas diferentes manifestações.



Handwritten signature of Prof. Dr. Rogério da Silva Lima in blue ink, consisting of stylized, connected letters.

Prof. Dr. Rogério da Silva Lima (UnB)



Handwritten signature of Profa. Dra. Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha in blue ink, featuring a more complex and cursive script.

Profa. Dra. Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha (UFU)



CADERNO DE RESUMOS DE COMUNICAÇÕES XVI CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC – 2019

1 - A CONTEMPORÂNEA LITERATURA BRASILEIRA: POÉTICAS DO SÉCULO XXI EM DEBATE

Coordenação: Prof. Dr. Marcio Markendorf (Universidade Federal de Santa Catarina); Profa. Dra. Camila Morgana Lourenço (Universidade do Vale do Itajaí); Profa. Dra. Josiele Kaminski Corso Ozelame (Universidade Estadual do Oeste do Paraná).

Resumo: Ao problematizar o estatuto do contemporâneo, Giorgio Agamben (2009) lança uma questão provocadora, enquadrando-o como um qualificativo móvel no espaço-tempo e de natureza intempestiva. Complementarmente, apoiando-se em uma leitura de Nietzsche via Roland Barthes, a contemporaneidade deveria ser percebida, em relação ao presente, por meio de um duplo movimento, o de desconexão e o de dissociação. Desse modo, estaria, no cerne da noção de contemporâneo, uma paradoxal condição de não coincidência com o próprio tempo social, bem como certo traço anacrônico/discrônico. De forma sumarizada, Agamben postula que a contemporaneidade “é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo” (AGAMBEN, 2009, p. 59), ao entender que coincidir plenamente com a época e seus referentes impede a contemporaneidade justamente por impossibilitar que ela seja percebida. Neste sentido, o teórico parece dar à categoria algum aspecto disruptivo muito similar àquilo que se atribui com frequência à modernidade. Acaso seja tomada essa posição como postulado para o contemporâneo, logo se vê que não se trata de um qualificativo adequado para o espectro mais recente da produção literária — isto é, não se pode dizer literatura contemporânea sem incorrer em alguma crise teórica.

Por outro lado, Leyla Perrone-Moisés observa que a literatura contemporânea é um olhar para o passado que se configura como “citação, reescritura, fragmentação, colagem, metaliteratura” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 149), não podendo, nesta perspectiva, ser concebida como de vanguarda, mas, sim, ao modo de narrativa tardia. Para a autora, a partir da espectrologia de Derrida, a contemporaneidade é explicada pelos fantasmas do passado, enterrados cedo demais. “A literatura atual, assim como seu contexto social, filosófico e político, se ressent de uma situação desajustada e potencialmente terminal” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 168).

Além disso, nos estudos de Karl Erik Schollhammer (2009), há uma revisitação da conceituação de Agamben, algo que direciona para outra interpretação possível: ao contrário da descontinuidade/obliquidade em relação ao presente, conforme argumenta o pensador italiano, a autoria contemporânea brasileira possuiria urgência em se relacionar com a realidade histórica (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 10), para quem é condizente entender “que a urgência é a expressão sensível da dificuldade de lidar com o mais próximo e atual, ou seja, a sensação, que atravessa alguns escritores, de ser anacrônico em relação ao presente, passando a aceitar que sua ‘realidade’ mais real só poderá ser refletida na margem e nunca enxergada de frente ou capturada diretamente” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 11). Com semelhante perspectiva, Beatriz Resende (2008) assinala que tal espectro da produção literária evidencia fortes traços de presentificação, de retorno do trágico e do tema da violência. No que diz respeito à primeira característica, haveria certa tendência para uma dupla negação, o do passado historicista e o de uma exploração utópica do futuro, condições que privilegiam o tempo-hoje, seja na força dada a espaços sociais marginalizados/periféricos, seja no trabalho com a velocidade narrativa a partir do crescimento da produção de histórias breves. Nesta esfera, vale lembrar Regina Dalcastanê (2012), que assinala fissuras no cânone, ao circunscrever obras da ficção brasileira

contemporânea que reivindicam o “acesso à voz” e organizam-se esteticamente e eticamente a partir das pautas do lugar de fala, o que colabora para a ampliação de uma “limitada fauna de personagens” na cena brasileira e para o desenvolvimento de estratégias de resistência das minorias.

Longe de desejar demarcar novos limites para um debate conceitual ainda bastante divergente, fragmentado e provisório, opta-se pelo uso do qualificativo “contemporâneo” para se referir à produção ficcional do século XXI. O intuito deste simpósio, portanto, é agregar estudos teóricos e analíticos que estejam debruçados sobre narrativas da contemporaneidade, desenhando um amplo espectro da diversidade e da multiplicidade de obras, tendências e abordagens. Para tanto, este simpósio vai reunir apostas de crítica, sob o ponto de vista da literatura comparada, envolvendo: produções ficcionais fora do consagrado eixo Rio de Janeiro-São Paulo; o “levante” de uma literatura engajada, tal como a literatura LGBTQI+; a discussão em torno da literatura negra e/ou produzida nas periferias dos grandes centros; o florescimento do fantástico e da cientificação em contraponto à tradição realista da literatura brasileira; bem como o *boom* de narrativas memorialistas e autoficções.

Referências:

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

DALCASTANÉ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea – um território contestado*. Vinhedo: Editora Belo Horizonte, 2012.

MOISES, Leyla-Perrone. Espectros da modernidade literária. In: *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p.149-169.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos – Expressões da Literatura Brasileira no Século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (TARDE)

“OS RESISTENTES PINTAM COM TINTA, ESCRIVEM COM PALAVRAS, ESCULPEM NA PEDRA”: NOTAS SOBRE O CONCEITO DE RESISTÊNCIA A PARTIR DE UMA PROPOSTA DE LEITURA DE OS RESISTENTES (2001), DE ALEXEI BUENO.

Saulo Martins dos Santos

Resumo: Nosso principal objetivo é discutir o conceito de resistência estética a partir da leitura dos movimentos poéticos que compõem a obra *Os resistentes* (2001), de Alexei Bueno. Segundo Celia Pedrosa (2012), o debate sobre a arte, como local de enfrentamento do mal-estar da modernidade, provocado pela propagação de uma ideia de crise (política, cultural, etc.), foi uma das principais demandas artísticas novecentistas e resultou em algumas concepções que atribuem um caráter panfletário ao texto literário. Para a autora, reafirmar a possibilidade de resistência do ato poético, na contemporaneidade, significa revisar o sentido dessa noção por meio de um processo de “perlaboração” do pensamento moderno “a contrapelo de todo historicismo”. Portanto, isso implica compreender nossa época como o lugar de “reativação das tensões irresolvidas” que marcaram a arte daquele momento histórico “enquanto experiências de enfrentamento da temporalidade” (PEDROSA, 2012, p. 148). Nesse intento, propomos uma interpretação dos poemas de *Os resistentes* (2001) que procura demonstrar com os sentidos do discurso poético são uma espécie de denúncia do presente, em estado de crise. A nosso ver, os compósitos literários desse livro de Alexei Bueno são exemplos de uma reação artística à instabilidade das diversas esferas sociais, que é reconhecida pelo poeta como um fenômeno concreto e sistemático. Assim, os poemas dramatizam “os antagonismos sociais” e a intensificação do “déficit de compreensão da realidade social” (PILATI, 2017). Para cumprir esse objetivo, Alexei Bueno recorre ao diálogo anacrônico com a tradição, trazendo para seu



texto literário diversas vozes cristalizadas no passado. De acordo com a nossa leitura, o enredamento crítico entre essas referências e o discurso de crise é um modo de operacionalização do ato criativo que afiança a favor da ideia de resistência estética. Diante do exposto, faz-se necessário salientar que, para sustentar essa leitura de *Os resistentes* (2001), recorreremos aos pressupostos teóricos e críticos de Celia Pedrosa (2012), Ida Alves (2012), Marcos Siscar (2010), Alexandre Pilati (2017), Alfredo Bosi (2000), entre outros.

Palavras-chave: Poesia Contemporânea; Alexei Bueno; *Os resistentes*; Resistência Estética; Tradição.

A (R)EXISTÊNCIA DA MEMÓRIA EM JULIÁN FUKS

Josiele Kaminski Corso Ozelame

Resumo: Há mais de dois séculos, o homem tem a necessidade de deixar registros de sua singularidade, de compartilhar experiências, angústias, vivências. Num primeiro momento, impressões, rastros, inscrições – gravuras pré-históricas; anos mais tarde, entrevistas, retratos, testemunhos, diários, histórias de vida, reality show, a vida como proposta de tematização. No que concerne ao relato, observa-se a necessidade de criação narrativa do sujeito, como um artifício de, segundo Arfuch (2010), “passar a limpo” a sua história. É na década de 80, com o fim dos discursos legitimadores, com as perdas das certezas e o descentramento do sujeito, que o olhar volta-se, na literatura, para a valorização dos microrrelatos e o retorno das identidades e histórias locais/pessoais. Nessa esteira, surgem as tendências subjetivas e autorreferenciais, dando espaço à pluralidade das narrativas e de vozes: ocorre a diluição do coletivo e a sobreposição do privado sobre o público, a exposição pública da privacidade, da interioridade e da experiência. A história de uma vida é uma história inacabada, entrecruzada por diferentes histórias, em que nenhuma delas é mais significativa e pode representar a totalidade do sujeito, que se desnuda, sempre, aqui, inacabado, incompleto e suscetível a complexas e distintas identificações por meio da tensão com o outro, um constante processo de autocriação, que uma imagem temporária do autorreconhecimento disponibiliza. É nesse ínterim que surge o vazio constitutivo do sujeito, que tem necessidade, por meio das narrativas de se identificar, de buscar completude. Não se quer apenas um eu marcado pelo excesso de individualismo, mas sim a chance da constituição de um nós, que pode ser compreendido como uma forma de realização pessoal ou ainda, de solidão, eternizando por meio da memória e da escrita sua sobrevivência. Este artigo tem por objetivo revisitar o trajeto da memória percorrido por Julián Fuks para a escrita do seu romance *A resistência* (2016). Para tanto, valemo-nos das artimanhas do discurso pautado nas lembranças e esquecimentos (CANDAU, 2018), que asseguram o caráter ficcional da narrativa, inserida no espaço biográfico (ARFUCH, 2010), sem fidelidade referencial. O argumento central é que se trata de uma narrativa de autoficção (DOUBROVSKY, 2014) e que no resgate da memória do sujeito (POLLAK, 1989, 1992) o texto não tem mais como prioridade a veracidade do relato, mas os recursos utilizados para a autorreferencialização do autor no texto. Por meio da autoficção o escritor pode imaginar a si mesmo e permitir, também, que os outros o imaginem por meio das artimanhas da memória. Na diluição dos limites é possível brincar com os referenciais, propor pistas que, nem sempre serão decodificadas pelo leitor, e que ainda podem alterar a ideia que está sendo contada. Isso porque a autoficção se consolida por meio desse jogo de esconder-mostrar-acreditar, sem comprometer a narrativa, com a presença/ausência do sujeito.

Palavras-chave: Narrativa.; Memória; Autoficção.

SILÊNCIO E OPRESSÃO: AS VOZES SEM SONORIDADE

Sérgio Linard Neiva Pimenta

Resumo: O silêncio é reconhecido como um signo que guarda em si múltiplos significados, podendo ser construído no texto literário mediante a ausência da palavra, o cerceamento da voz de personagens, a ocultação de pensamentos e, ainda, no texto contemporâneo, por meio de modificações tipográficas. Essas materializações possibilitam a análise do silêncio que, de



acordo com Barthes (2003), é reproduzido para não ser signo, mas rapidamente recuperado como tal. Diante dessas perspectivas, objetivamos com este trabalho apresentar como o signo do silêncio é utilizado em sua forma opressora na construção das personagens de Anacrusa (2004), de Ricardo Daunt. A análise tem como principais bases teóricas as proposições de Barthes (2003), Holanda (1992), Orlandi (2002) e Dinouart (2001) sobre o silêncio; Adorno (2006) sobre o narrador contemporâneo; Rosenfeld (2014) sobre a personagem do romance; e Candido (2014) sobre análise dialética do texto literário. O estudo das personagens do romance em foco possibilitou-nos a percepção de que, em diversas fases do texto, as falas de tais personagens são oprimidas pelo poder enunciativo do narrador que conduz os acontecimentos em prol de uma construção hermética do texto a fim de que se lance dúvidas sobre os atos ilícitos por ele cometidos, uma vez que a superfície do texto se apresenta de maneira fragmentada e caótica. Tal fragmentação ganha ênfase mediante a utilização do signo do silêncio que acaba por construir, conforme afirma o próprio narrador, “vozes sem sonoridade”, logo, vozes que são silenciadas por meio de movimentos opressores praticados por aquele que conduz a narrativa.

Palavras-chave: Silêncio; Opressão; Daunt; Romance contemporâneo.

17/07 (MANHÃ)

A CONTEMPORANEIDADE DE CAROLINA MARIA DE JESUS

André Natã Mello Botton

Resumo: Schollhammer (2009), em *Ficção brasileira contemporânea*, relativiza o conceito de “contemporâneo”, a partir de Agamben (2009), de modo que esse termo não estaria voltado apenas para uma delimitação temporal, mas, antes de qualquer coisa, da percepção espacial. Com isso, o escritor deve estar relacionado com o seu tempo e deve tomar distâncias para, nos termos de Agamben (2009), perceber as trevas e não apenas as luzes. O contemporâneo, portanto, é essa luz que não alcança o homem totalmente, mas que está constantemente em movimento. Desse modo, o autor cria uma perspectiva própria para que possa representar aquilo que o cerca. Em meio ao breu do contemporâneo, alguns autores têm a coragem de tomar distanciamento de uma lógica mercadológica para, então, representar sua realidade. Assim, aqueles – antes excluídos pelo cânone – que estão à margem nos grandes centros urbanos, produzem literatura e começam a obter destaque. Ao fazer o estudo para todo esse movimento literário, que faz parte da literatura brasileira contemporânea, percebem-se alguns traços em comum nos textos que servem de modelos de análise para as obras produzidas dentro de espaços marginalizados: a linguagem predominante se aproxima muito da utilizada em contextos informais de comunicação (oralidade); as personagens e os temas circulam pelas periferias urbanas (uma visão “de dentro” das favelas); os livros não fazem parte de um cânone, pelo contrário, estão em posição antagônica a este. Nesse sentido, pode-se afirmar que Carolina Maria de Jesus, por mais que tenha sido publicada nos anos 1960, retratando uma favela, que não é mais a mesma de hoje, ainda permanece contemporânea, pois, a capacidade de ver o escuro do presente e denunciar os problemas sociais em seus diários, poemas, romance e peças de teatro, faz com que a escritora da favela do Canindé ainda seja estudada. O ângulo que Carolina cria pode ser percebido em seu único romance *Pedaços da fome*, publicado em 1963 e que retrata, de modo linear, a vida de Maria Clara, uma jovem que sai do interior de São Paulo para viver com o pseudo-dentista, Paulo Lemes. A protagonista vai em busca dos seus sonhos na cidade grande, de um amor e da felicidade. No entanto, é enganada por Paulo e acaba vivendo entre cortiços de Guarulhos até chegar a uma favela de São Paulo. Em vista disso, os objetivos desta comunicação voltam-se na análise da obra *Pedaços da fome* a partir dos parâmetros apontados acima. Ao seu tempo, Carolina Maria de Jesus estabelece uma nova estética bem como um novo modo de representar a sua realidade. Uma vez que, por mais que haja um espaço temporal entre Carolina e outros autores mais “atuais”, o que os une é justamente o modo com que olham para o seu contemporâneo – conforme o conceito de



Agamben (2009) – e na forma estética da literatura marginal-periférica em si. Desse modo, mais que uma precursora, a autora da favela do Canindé desterritorializa o seu espaço e centraliza dentro de sua produção um local marginalizado, movimento esse que outros autores farão ao longo do tempo.

Palavras-chave: Contemporâneo; Carolina Maria de Jesus; Literatura Marginal-Periférica

LITERATURA NEGRA PERIFÉRICA: POR UMA OUTRA REPRESENTAÇÃO DAS MARGENS

Mercia De Lima Amorim

Resumo: Este trabalho reflete sobre periferia's enquanto espaços de lutas e de resistências e, principalmente, sobre a cena cultural da produção literária periférica brasileira, a fim de descrevê-la e compreender suas intencionalidades e objetivos, bem como investigar como os movimentos periféricos se consolidam e se inserem na Literatura Brasileira Contemporânea. Para isso, o percurso metodológico escolhido foi a pesquisa bibliográfica, por ter se baseado em registros disponíveis, decorrente de pesquisas anteriores em torno do tema estudado. Desta maneira, esta investigação apoia-se no referencial teórico sustentado por, Dalcastagné (2012), Nascimento (2009), Hollanda (2013, 2015), Reys (2013), entre outros. Têm-se como resultados parciais indicações de que a periferia produz e consome muita arte e cultura e que a literatura preta periférica se contrapõe à visão equivocada que os periféricos não leem ou são maus leitores. O fenômeno das produções literárias periféricas está se alastrando pelo Brasil, e isso é muito gratificante e significativo, pois é através dessas produções literárias e artísticas produzidas pelos periféricos que os mesmos não são mais vistos como vítimas passivas diante da violência tanto física quanto simbólica. As temáticas que esses autores trazem em suas obras, não é algo de um todo desconhecido, pois autores que não fazem parte dessa produção específica já haviam falado sobre alguns dos temas retratados na contemporaneidade. Em suma, a diferença se dá pelo fato de que, nas obras em que os escritores não são periféricos as personagens marginalizadas não têm voz, e não são representadas de forma igual às outras personagens de características diferenciadas. Estas só eram vistas como marginais, no sentido jurídico da palavra, ou seja, como bandidos e empregados. Desta forma, eram apenas retratados com um olhar de quem está de fora, o olhar do “outro”, que, por muitas vezes, configurava-se em um olhar estereotipado. Já nas produções literárias periféricas, escritas por autores moradores de periferias, as personagens ganham ascensão, voz. É agregada no texto a voz de quem vivencia tal realidade e não apenas de a quem observa de fora ou apenas ouve falar. As periferias não são mais apenas espaços que representam pobreza, falta, carência. Ela transforma-se também em espaço com sujeitos interessados em educação e que investem nela, buscam ter acesso aos bens culturais, sobretudo, àquilo que é associado à elite — a Literatura.

Palavras-chave: Literatura preta periférica; Espaço periférico; Representação.

SLAM DAS MINAS RJ: O CORPO E A VOZ DA MULHER NAS BATALHAS POÉTICAS DO RIO DE JANEIRO

Marina Ivo de Araujo Lima

Resumo: Nesta comunicação pretendo refletir sobre a importância do grupo de batalha poética “Slam das Minas RJ” protagonizado por mulheres - sejam heterossexuais, homossexuais, bis ou trans - de criar um novo espaço de representatividade para corpos e vozes femininas performarem suas criações literárias diante do público. Não só essas mulheres ganham protagonismo nos eventos como também seus trabalhos repercutem por meio de vídeos nas redes sociais e materiais impressos independentes feitos pelo próprio grupo e vendidos em eventos posteriores. No palco é o corpo da mulher que está em foco. A voz dispara versos em prontidão para a batalha poética. Corpo e voz trabalham sintonizados com o intuito de dizer junto, moldar a palavra escrita, agora dita pela performer. A voz fala de um corpo que seduz e sofre assédio, que apanha, um corpo objetificado, mas também que ocupa a política, a universidade. Racismo, misoginia, invisibilidade são alguns dos temas abordados pelas

performers. Esse jogo poético, o “Slam Poetry”, surgiu em 1986, em Chicago, nos Estados Unidos. Logo foi multiplicado em novos coletivos e eventos que seguiram seu formato e regras. Nos eventos, cada poeta deve performar ao vivo poemas de sua própria autoria, inéditos e em três minutos. Figurinos, adereços e acompanhamento musical não são permitidos. A participação da plateia flerta com os eventos de rock onde é possível ouvir ruidosas palmas, gritos de guerra, vaías e torcidas durante e ao final das apresentações. O primeiro slam brasileiro só de mulheres surgiu em 2014 no Distrito Federal, o Slam das Minas DF, seis anos após o primeiro Slam aterrissar no Brasil, na cidade de São Paulo, com a atriz e pesquisadora Roberta Estrela D’Alva, que importou o evento após uma temporada em Nova York. O Slam das Minas foi prontamente “copiado”. Atualmente há Slam das Minas na Bahia (BA), São Paulo (SP), Minas Gerais (BH) e Pernambuco (PE), além do Rio de Janeiro (RJ). Este último, objeto de estudo dessa pesquisa, foi criado em maio de 2017 pelas poetisas Eliana Mara Chiossi, Karen Ferreira, Letícia Brito, Lian Tai, Ursula H. Lautert e Yassu Noguchê. Há registros dos eventos em vídeos, fotos, os poemas são escritos nas redes sociais e ainda há livros com a seleção dos poemas. Mas nada substitui a competição ao vivo, quando os versos abandonam os cadernos secretos e ganham voz. É ali o local do slam. O poema revelado em primeira mão, julgado diante do público, no calor da torcida, dos gritos, palmas, pés batendo no chão. O slam se dá no encontro do artista com o seu público, poema e leitor-espectador cara a cara. Não há tela, não há mediação. O slam é ao vivo. É vivo.

Palavras-chave: slam; poesia; performance; feminismo

17/07 (TARDE)

COMO SHERAZADE ÀS AVESSAS E OUTRAS HISTÓRIAS: A MEMÓRIA NOS ROMANCES DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Camila Torres e Ricardo Magalhães Bulhões

Resumo: As Mil e uma noites marcaram a literatura não somente pelas histórias contadas por Sherazade, mas marcaram também o início do poder da voz de uma personagem que garantiu a sobrevivência das mulheres que corriam o risco de serem mortas pelo Sultão. Se tal história articulava, há tantos anos, a possibilidade da sobrevivência através da contação de histórias, na contemporaneidade, esta articulação permanece presente com personagens que ganharam tanto espaço quanto o narrador. A analogia com a história árabe ocorre, pois pelo traço da memória, os personagens em questão encontram-se e fazem dos relatos de suas vidas, de suas histórias passadas motivo de sobrevivência, colocam nessas histórias força de existência. O trabalho proposto trata-se de uma abordagem das personagens das obras *O voo da guará vermelha* (2014), *Outros cantos* (2016) e *Quarenta dias* (2014) escritas pela autora paulista, radicada na Paraíba, Maria Valéria Rezende. A autora possui muitas obras publicadas, em vários gêneros, para vários públicos, mas algo permanece como essência: o estilo em relato das narrativas é revisitado pelas suas personagens. Na invenção da escrita, precedida pelo ato de ficcionalizar e a presença desses personagens percebe-se que a realidade é mediada pela influência da Paraíba, no que diz respeito às histórias de cordel, o sertão enquanto cenário, a vida de miséria e fome; outra influência é a vida de professora, alfabetizadora comprometida com a educação das crianças, jovens e adultos de lugares recônditos, há também a influência pela vocação celibatária, oração, mistério, espera. O trabalho em questão visa trabalhar três pontos de destaque nas obras e que configuram o olhar do crítico em relação às obras. Primeiramente a contemporaneidade, já que pensar em contemporâneo significa abordar articulação contida nas obras. Em seguida serão trabalhados alguns aspectos do que é o personagem na contemporaneidade. Neste ponto, não se visa trabalhar as categorias destinadas ao personagem, de modo que esse elemento da narrativa será trabalhado a partir da perspectiva contemporânea e do ganho que ele obteve ao deixar de ser tomado como marionete pelo narrador e “tomar a palavra sobre si”. Por fim, o aspecto que se arremata à contemporaneidade e que está intrinsecamente ligado ao personagem é a memória. A questão memorial se apresenta fortemente na escrita de Maria Valéria Rezende, ora por meio

do relato, ora por meio do diário, ora por meio da lembrança, o traço da memória é tomado como recurso para que as narrativas sejam postas ao público. A escolha por este recorte memorialístico é importante, pois entende-se que é a partir dele que as narrativas se reconhecem na contemporaneidade, não somente pela data de publicação, mas pela inserção da memória das personagens que sustenta os romances em questão. Para tanto, tomar-se-á como articulação teórica, os pensamentos de autores como Giorgio Agamben, Regina Dalcastagnè, Italo Calvino e Jacques Derrida.

Palavras-chave: memória; contemporâneo; personagens.

MEMÓRIA E DESCOLONIZAÇÃO NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: O INVENTÁRIO DAS COISAS AUSENTES E COM ARMAS SONOLentas, DE CAROLA SAAVEDRA

Ilse Maria da Rosa Vivian

Resumo: Os resultados do percurso de investigação que apresento são oriundos do projeto que desenvolvo na condição de pós-doutoranda da Universidade Federal de Santa Maria, que tem como núcleo a estética da personagem e a produção de imagens do homem na Literatura Brasileira. Meu olhar volta-se para a produção literária contemporânea com o objetivo de, pelo viés da Teoria da Narrativa (Ricoeur), dos Estudos Culturais e Pós-coloniais (Bhabha; Said; Hall), de uma perspectiva fenomenológica, analisar o movimento de (re/des)construção da memória e suas aproximações com as epistemologias chamadas “Decoloniais” (Mignolo; Vasquez; Restrepo). A memória tem se revelado, na literatura brasileira contemporânea, como selo estruturante das narrativas produzidas recentemente por um grupo de escritores, dentre eles Milton Hatoum, Carola Saavedra e Adriana Lisboa. A figuração do homem, ao problematizar a violência do passado e reinscrevê-la, transgredindo e subvertendo fronteiras de tempo e de espaço e rompendo com a tradição do silêncio e do esquecimento, instaura um reordenamento ideológico que vai de encontro às antigas significações da colonialidade, por longo tempo tão perpetuadas de diversas formas no imaginário brasileiro. Mediante as representações do mundo contemporâneo, cujas complexas relações instauram-se entre subjetividades, etnias, religiões e nacionalidades, proponho a apresentação do estudo que se calca em duas obras: O inventário das coisas ausentes (2014) e Com armas sonolentas (2018), de Carola Saavedra.

Palavras-chave: literatura brasileira; narrativa contemporânea; memória; descolonização; Carola Saavedra

AGREGAÇÃO E DISPERSÃO: MEMÓRIA E IDENTIDADE EM INFERNO PROVISÓRIO VOLUME 1: MAMMA, SON TANTO FELICE, DE LUIZ RUFFATO

Luiz Fernando Etelvino Benevenuto

Resumo: Procura-se, com esta proposta de comunicação, elucidar aspectos concernentes à construção narrativa de "Inferno provisório volume 1: Mamma, son tanto felice", de Luiz Ruffato. O fio condutor da análise é o exame da construção literária da memória e da identidade por meio da narrativa, considerando tanto a temática quanto as características formais de composição. Imerso em um universo desagregado que busca por redenção, o romance de Ruffato cinde com o realismo de representação do século XIX para construir um narração mnemônica, em uma profusão semântica propositadamente caótica e dispersa, que, todavia, se agrega enquanto estrutura em um movimento pendular, tal como afirma Paul de Mann (1996, p.87) sobre a construção do romance, de fragmentação e reunificação, lido nesta proposta como tentativa de agregação e dispersão da memória da cultura (ASSMAN, 2011), o que pressupõe uma dialética na qual a reminiscência intenta recuperar uma identidade inserida na memória coletiva para, por fim, inscrevê-la na História (HALBWACHS, 1990, p.37). O romance em questão possui uma estrutura pouco convencional. As várias vozes narrativas, cuidadosamente arranjadas graficamente com fontes alternadas, permitem que “Mamma, son tanto Felice” seja identificado como romanesco pelos pontos de conexão encontrados nas sagas das famílias Micheletto, Bicio, Spinelli, Finetto, que são, a saber, brasileiros descendentes de imigrantes



italianos. As histórias se passam na década de 1950, situadas na zona da mata mineira. São seis histórias que podem ser lidas de forma independente sem que haja prejuízo à compreensão do todo. São elas: “Uma fábula”; “Sulfato de Morfina”; “Aquário”; “A expiação”; “O alemão e a púria” e “O segredo”. Em contraste direto à ideia de progresso da modernidade, a negatividade provinda da pobreza material convertida em miséria pessoal é o fio condutor que perpassa a representação densa e rarefeita das famílias que Ruffato constrói. Dessa forma, a diegese pela qual as histórias se conectam são muito mais relevantes que o destino romanesco de um herói: o protagonista do romance é um povo, representado pelo destino dessas famílias de Cataguases/MG, e sua trajetória torna-se uma questão que resvala na construção da memória coletiva. Segundo Schollhammer (2012), a ficção contemporânea é caracterizada pelo “desejo de falar sobre e com o real como um modo de alcançar um efeito de presença crítica que supõe a retomada de projetos históricos de engajamento e intervenção” (p.21). Nesse sentido, o engajamento de Ruffato em um projeto que procura descrever aspectos culturais e sociais do brasileiro das classes populares procura fazer da literatura um instrumento de retorno ao real enquanto questão, imiscuindo-se no passado em busca de algo que ilumine o facho de trevas que emana do presente (AGAMBEM, 2008, p.64). O real a ser apreendido retorna à História enquanto memória, de modo a desafiar qualquer estamento discursivo autolegitimador. Em suma, esta comunicação intenta, por meio das ilações de Schollhammer, Agambem, Halbwachs e Paul de Mann, realizar uma leitura de “Mama, son tanto Felice”, a fim de evidenciar como a prosa de Ruffato alude à memória e à identidade na construção da atmosfera de seu romance e de sua técnica narrativa.

Palavras-chave: Memória cultural; Identidade; Narrativa; Ficção contemporânea

TEMPO E NARRATIVA EM CADERNO DE UM AUSENTE

Eduardo da Rocha Marcos

Resumo: Este trabalho tem como objetivo investigar a articulação entre o tempo e as instâncias narrativas do romance *Caderno de um Ausente*, de João Anzanello Carrascoza, primeiro volume da Trilogia do Adeus (Editora Alfaguara). Na obra, um caderno direcionado à filha que está prestes a nascer, o narrador, João, lamenta a impossibilidade de acompanhar o desenvolvimento da filha, Bia, por exercer a paternidade tardiamente. Por isso, faz a ela uma série de recomendações e advertências sobre o sentido e os perigos da vida. A temporalidade é proferida por um narrador-protagonista, que imprime na sua escritura a temeridade da ausência. Memórias e lembranças são presentificadas, ignorando o tempo cronológico e o espaço. Escrito no formato de caderno, o romance revela uma comunicação assíncrona, em que, tudo o que é dito será lido num tempo posterior, pertencente ao futuro da filha. Na narrativa, analisada a partir da teoria de Gerard Genette, prevalece a prosa poética, e a ação se revela secundária, em detrimento da reflexão sobre passado, presente e futuro. Este ir e vir, no ato de narrar, constrói uma espécie de movimento temporal pendular, constituído por uma série de anacronias (prolepses e analepses engendradas pela sucessão de antecipações e recuos temporais), criando o efeito hipotético da ausência. Aspectos como ordem, duração e frequência dão à análise as diferentes conduções narrativas no tempo da diegese e no tempo discursivo. Este estudo estabelece ainda um diálogo com a filosofia, a partir do conceito de duração, de Henri Bergson. Busca entender a articulação entre tempo e memória, já que este mesmo narrador cria as bases de um sentimento transitivo, interiorizado, que, quando isolado na história do romance, remete ao nível discursivo da ausência. Por outro lado, *Caderno de um Ausente* trata do fortalecimento dos vínculos familiares, das alegrias episódicas e das situações de prazer proporcionadas por conexões afetivas que são subitamente interrompidas pela imponderável ação do tempo sobre as narrativas humanas. O romance revela, a partir do lirismo presente na linguagem, a intensa vontade do ser humano em se perpetuar a partir da palavra, possibilidade esta que aponta para uma espécie de “eternidade”, ainda que fugaz. É pela narrativa poética, articulada com as variações e diferentes densidades temporais, que o autor faz da ausência uma espécie de

personagem oculto na narrativa, insinuando a força de um sentimento que se reconfigura, dependendo da perspectiva do olhar.

Palavras-chave: tempo; narrativa; duração; memória; Carrascoza

18/07 (MANHÃ)

UMA POÉTICA DO CONTÁGIO EM O TRIBUNAL DE QUINTA-FEIRA, DE MICHEL LAUB

Marcio Markendorf

Resumo: A literatura brasileira não conta com nenhuma obra de longa extensão que trate detidamente sobre HIV/AIDS. Com exceção de “Depois daquela viagem”, de Valéria Piassa Polizzi, lançado em 1997, e usado como paraliteratura nas escolas, nenhum outro trabalho do gênero surgiu com tal destaque. A razão pode estar determinada pelo próprio caráter espinhoso do tema – gerador de uma profunda marca traumática nas décadas de 1980 e 1990. Aparentemente, uma doença como a AIDS, por si mesma, não possui capacidade para sublimar-se, não no sentido estético do termo, de tornar-se sublime, uma beleza perturbadora. Como bem argumentou Susan Sontag em *A doença e suas metáforas* (1978), as enfermidades são acompanhadas de metáforas e algumas delas são bastante propícias à literatura – como o foi, em larga medida, a tuberculose (produtora da morte) e a sífilis (detonadora da loucura) para os criadores românticos. A AIDS, desde sua descoberta, foi marcada por discursos de biopoder, tornando-a uma enfermidade temida e produtora de segregações. Grupos foram arrolados pelos órgãos de saúde como vetores iminentes de risco – a comunidade LGBT, os viciados em drogas injetáveis e os hemofílicos –, condições classificatórias que acentuaram a indisposição já existente para com os gays. Muitos anos depois, tendo o trauma sido atenuado com mudanças significativas na perspectiva da doença – agora não tão letal e tratada pelo OMS como doença crônica – surgem duas interessantes obras com o tema na literatura brasileira: *Nossos ossos*, de Marcelino Freire, de 2013 e *O tribunal de quinta-feira*, de Michel Laub, publicado em 2016. O primeiro romance trata do dramaturgo Heleno, de meia idade, que recebe o diagnóstico positivo para HIV; o segundo, enfoca a trajetória de um publicitário que tem mensagens expostas na internet pela ex-mulher e, de quebra, descobre ser soropositivo. O interesse desse trabalho, ao contrário do que possa parecer à primeira vista, não é apenas político, mas é igualmente estético. Nesta comunicação farei uma leitura do romance de Michel Laub pensando nas opções narrativas que produzem, de forma viral e orgânica, um linchamento virtual. A descoberta de que é portador de uma IST (infecção sexualmente transmissível) leva o narrador a rememorar a história íntima do desejo e da vida sexual em busca de possíveis portas de contágio e transmissão. A marca desse romance, mais do que um sentimento de culpa, é o da ansiedade em localizar o contato zero ou o erro primário. O linchamento virtual, apesar de ser uma consequência grave na vida do protagonista, é eclipsado por uma tensão interna acerca do estigma da doença e da culpabilização da vítima. Entendo que, no caso específico desta ficção, arte e políticas convergem, o que colabora para alargar a “limitada fauna humana” da literatura brasileira (DALCASTANÊ, 2012), além de propor novas experiências de linguagem a partir da memória, do desejo, do sexo, da doença e do mundo virtual, características responsáveis por desenhar uma interessante poética do contágio. REFERÊNCIAS DALCASTANÊ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea – um lugar contestado*. Vinhedo: Editora Belo Horizonte, 2012. SONTAG, Susan. *Doença como metáfora e AIDS e suas metáforas*. Tradução de Rubens Figueiredo e Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Palavras-chave: Michel Laub; Literatura Brasileira; contágio; soropositividade.

A POESIA COMO MÉTODO: LEITURA DE AFFONSO ÁVILA

Kaio Carvalho Carmona (Universidade Federal de Minas Gerais)



Resumo: Na cena literária brasileira, Affonso Ávila é uma dessas vozes merecedoras de maior atenção por parte da crítica e dos estudos acadêmicos na contemporaneidade. Sua poesia apresenta um recorte único, um trabalho intenso e transformador como um fazer crítico, uma constante experimentação linguística, em uma exploração múltipla dos recursos visuais no diálogo semiótico com a forma. O leitor de Affonso Ávila facilmente percebe um poeta atento às transformações sociais, históricas e culturais, colocando a palavra poética sempre em um primeiro plano de reflexão, como condição humana, como questionamento, como apreensão das dinâmicas e tensionamentos de seu tempo. Desde os primeiros textos, a poesia de Affonso Ávila traz a marca de um autor consciente das particularidades encontradas em sua terra, Minas Gerais, bem como o diálogo com a literatura nacional, talhados em constante esforço de transformação, reavaliação e superação da própria forma poética. O subtítulo do livro de ensaios, O poeta e a consciência crítica: uma linha de tradição, uma atitude de vanguarda, talvez defina de certa forma toda uma trajetória de sua poesia, do primeiro até o seu último livro, égloga da maçã, publicado no ano mesmo da morte do autor, em 2012, objeto de estudo desta pesquisa. Égloga da maçã reconstrói uma narrativa da história da maçã que se confunde com a história da própria humanidade. Por meio de sua simbologia, a obra reconfigura a ideia de maçã que a égloga sugere, recupera uma longa tradição, inserindo-a na contemporaneidade de modo inventivo e variado. Como disse Aurora Bernardini, em uma “composição musical leve e sonora, a visão da maçã percorre o tempo e chega, através dos séculos, pela voz do poeta, ao nosso mundo, como bem-vinda e doce ou astuta/ apaixonada sábia fruta.” Ou como observa Rogério Barbosa, “Égloga da maçã atualiza o gênero no século XXI, inserindo-o no espaço urbano e no contexto da dispersão do sujeito em nossa pós-modernidade”. Se há a maçã primeva, fundadora do pensamento judaico cristão, há também a maçã tecnológica, a maçã dos motéis, a maçã contemporânea, a maçã identificada ao longo do tempo pela memória e pela poesia. Se em outros livros de sua obra, e especialmente em A lógica do erro, de 2002, o leitor percebe que a memória, mediada pela subjetividade poética, não marca apenas uma individualidade, mas um eu que se expande, um “self-universo”, na expressão de Jacó Guinsburg, em Égloga da maçã essa dimensão se amplia ainda mais, como um mosaico da imagem/maçã no presente redimensionado pelo discurso poético. Configura-se aí uma relação entre memória individual e história coletiva na obra de Affonso Ávila, que alcança alto grau de elaboração da linguagem na leitura de Égloga da maçã.

Palavras-chave: Poesia; Contemporâneo; Affonso Ávila.

A CRÍTICA SOCIAL NA POESIA VISUAL DE TCHELLO D' BARROS

Renata da Silva de Barcellos (UFRJ)

Resumo: O presente artigo visa analisar alguns poemas visuais de Tchello d'Barros de cunho de crítica social. Assim, serão abordados os códigos: verbal (poesia) e não - verbal (fotografias) e sua fusão semi -simbólica formando um novo código: a poesia visual. A poesia vinculada a elementos imagéticos compõe uma estética híbrida própria de uma parte da produção literária contemporânea. A visualidade, como elemento semiótico constitutivo do poema, suscita aos leitores novos caminhos interpretativos. Diante desse contexto, pretende-se verificar como a visualidade é implementada. Para as análises aqui realizadas, consideram-se 10 poemas visuais, nos quais se indaga como o grafema engendra a imagem nos processos de significação.

Palavras-chave: poesia visual – letra - imagem

18/07 (TARDE)

LITERATURA CONTEMPORÂNEA E TRADIÇÃO: RELAÇÕES INTERTEXTUAIS ENTRE CONTOS DE CÍNTIA MOSCOVICH E CLARICE LISPECTOR

Eduarda Cristina Lima (UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS)

Resumo: O objetivo deste estudo é pesquisar a relação que a contística da escritora contemporânea brasileira Cíntia Moscovich estabelece com a obra de Clarice Lispector, autora



ucraniana naturalizada brasileira. Para isso, serão analisados os contos “O Telhado e o Violinista” e “Os Laços e os nós, os brancos e os azuis”, de *Arquitetura do arco-íris* (2004), e assim observar como a escritora trata de questões como as relacionadas ao judaísmo em suas narrativas, além dos aspectos interpessoais das personagens e suas interações. Dessa maneira, observa-se também como é construído o diálogo que Cíntia Moscovich estabelece com os contos de Lispector: “Uma Galinha” e “Os Laços de Família”, de *Laços de Família* (1960), que tanto mostram-se resgatando como transformando o que já foi dito, para então dar vida à escrita de Moscovich. Dessa forma, o cotejo entre a obra das duas escritoras contribuirá para a compreensão das tendências estéticas da literatura brasileira contemporânea. Levando em conta essas aproximações entre a tradição e as manifestações contemporâneas na literatura, e trazendo o termo “tradição” como o lugar de projeção de Clarice Lispector e o percurso de uma escritora consagrada, que permanece no cânone da literatura brasileira, e que com sua obra gerou a continuidade da tendência narrativa que ela praticou, é indispensável observar a incidência de escritores que se apropriam de questões fundamentais pertencentes a obras publicadas anos atrás. Esses escritores apresentam uma consciência crítica ao retomarem o trabalho de autores já consagrados, o que confere um matiz próprio às novas narrativas que têm sido publicadas nas últimas décadas. Dessa forma, em seus contos, Cíntia Moscovich ressignifica os temas, situações, personagens, motivações da obra de Lispector, tornando possível observar as tomadas de posição da autora porto alegre, principalmente no campo temático de sua narrativa. Trazendo nos contos selecionados questões do judaísmo relacionadas à família, além da forma como se comunicam entre si, muitas vezes trazendo palavras na língua ídiche e mostrando por meio das escolhas de como agir, em determinadas situações, a influência de valores da tradição judaica. Mas também apresentando ao leitor as relações familiares e interpessoais entre mãe e filha, entre marido e esposa, e como cada um desses aspectos moldam as personagens e trazem novos sentidos para os contos de Moscovich. Para tanto serão convocados como fundamentação crítico-teórica deste estudo autores como Karl Erik Schøllhammer (2011), em *Ficção Brasileira Contemporânea*, assim como Flávio Carneiro (2005), Paloma Vidal (2013), Berta Waldman (2016) entre outros.

Palavras-chave: Literatura Contemporânea; Cíntia Moscovich; Tradição; Clarice Lispector.

A POÉTICA INSÓLITA DE VERÔNICA STIGGER EM GRAN CABARET DEMENZIAL

Camila Morgana Lourenço (Universidade do Vale do Itajaí (Univali))

Resumo: O realismo mágico é uma das categorias latino-americanas para tratar ficções que dilatam os limites da realidade e introduzem elementos fantásticos na narrativa. Ao contrário do fantástico clássico, no qual há uma oscilação entre uma explicação sobrenatural e outra lógica, sem resolução final, o realismo mágico faz do uso da ruptura das leis um dispositivo de crítica. Além disso, sugere fertilizar as reflexões sobre outra categoria analítica que vem se definindo e ganhando densidade no campo da teoria nos últimos anos, o insólito, modo narrativo marcado pela ausência de exame intelectual da realidade diante da manifestação do estranho/absurdo/incoerente na narrativa. Nesse contexto, *Gran Cabaret Demenzial* (2007), de Verônica Stigger, interrompe a cena, ao exibir uma seleta de contos marcada pelo nonsense e por uma atmosfera lúdica de deformação da realidade: seja pelas narrativas que denunciam com exagero os altos preços de imóveis na cidade de São Paulo (Cubículo) ou mesmo pelas que abordam um tema violento como a mutilação corporal (Domitila) de forma cômica. Ao mesmo tempo, estranha ou insólita também é a constituição do livro, com contos que extraviavam a própria estrutura, assumindo-se poema, legenda, propaganda, classificado ou drama. O objetivo deste simpósio, portanto, será investigar os componentes narrativos que inserem Verônica Stigger em uma poética contemporânea bastante inovadora, especialmente por desafiar a longa tradição realista da literatura brasileira.

Palavras-chave: Verônica Stigger; inovação narrativa; estética do insólito; poéticas contemporâneas.



DESVELANDO IDENTIDADES: REALISMO E SUBJETIVIDADE EM RIO-PARIS-RIO, DE LUCIANA HIDALGO

Ana Carolina Schmidt Ferrão (PUCRS)

Resumo: Nomeado por alguns teóricos também como naturalismo, o realismo tem impregnado a literatura brasileira por muito tempo, assumindo, inclusive, um caráter ideológico, como recurso para a busca de uma identidade nacional, como bem elucida Sússekind (1984). Desde o romantismo, quando José de Alencar arquitetou um projeto de orgulho à nacionalidade brasileira, o realismo instaurou-se na nossa literatura e segue preenchendo a prosa contemporânea, ainda que apresentando novas faces e diferentes estruturas narrativas. Na obra de Luciana Hidalgo, *Rio-Paris-Rio* (2016), há uma forte perseguição identitária, tanto individual quanto coletiva, impulsionada e fundamentada na memória, retomando não apenas a trajetória política do país como também as lembranças pessoais das personagens. Segundo Joël Candau (2014) é inegável a ligação entre memória e identidade, que formam juntas a essência do indivíduo. São recorrentes no texto de Hidalgo as metáforas que evocam a memória, das quais trata, entre outras teorias, o livro *Espaços da Recordação: formas e transformações da memória cultural* (2011), escrito por Aleida Assmann. Nesse sentido, o realismo e a subjetividade tornam-se aliados na elaboração dos acontecimentos históricos e dos sujeitos envolvidos — direta ou indiretamente. Tal como companheiros que possuem o mesmo intuito, realismo e subjetividade traçam a rota que se aproxima mais e mais das identidades que tenta desvendar. Apesar de serem igualmente reveladores, silêncio e segredo são transcendidos pela força da herança, da inescapável memória que contamina a todos, seja como cura ou veneno, posto que sempre será impossível fugir do que e de quem se é.

Palavras-chave: Realismo; Identidade; Memória; Subjetividade.

2 - A LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA NOS CAMINHOS DA FORMAÇÃO DO LEITOR

Coordenação: Profa. Dra. Bruna Paiva de Lucena (UnB-SEDF); Profa. Dra. Gislene Maria Barral Lima Felipe da Silva (UnB-SEDF); Profa. Dra. Mirian Hisae Yaegashe Zapone (UEM).

Resumo: O letramento literário – que tem início desde os momentos em que a criança ouve as primeiras canções de ninar, as histórias contadas por pessoas mais próximas, as declamações de poemas e quadrinhas em quaisquer eventos – é um processo que se constrói vida afora, nos muitos espaços culturais, sociais, digitais. Contudo, a escola – enquanto ambiente privilegiado de desenvolvimento da competência literária – desempenha papel fundamental na formação do leitor, sobretudo quando se pensa na atualidade marcada pela pluralidade de textos, de suportes e pela heterogeneidade dos leitores. Nesse universo do heterogêneo, como formar leitores? Quais textos escolher? Quais práticas de leitura suscitar? Considerando tal contexto, cremos que a leitura de obras contemporâneas da literatura brasileira pode contribuir fortemente com a formação do leitor literário crítico, uma vez que a oferta e a exploração de textos literários que tragam formatos e temáticas mais próximos do universo dos leitores podem acarretar maior representatividade e envolvimento dos leitores jovens. Como afirma Giorgio Agamben em *O que é o contemporâneo?*, é preciso mergulhar “a pena nas trevas do presente”. Ler o contemporâneo a partir das reflexões de Agamben implica, entre outros caminhos, observar como determinadas perspectivas ou abordagens na literatura brasileira contemporânea vertem-se como espaço de reflexão, de contestação e de rompimento com as estratégias de dominação centro-periferia, através da valorização das narrativas produzidas por grupos marginalizados em confrontação com o valor simbólico cultural da produção literária dita canônica. Ler o contemporâneo é também rever as escolhas e os olhares, é ouvir as vozes dissonantes sufocadas das minorias e destacar-lhes sua presença; é, ainda, a promoção de um espaço dialógico e tensional, que rompe com o discurso único, com a história única e homogênea do cânone nacional, tão esvaziado de representações significativas de específicos grupos sociais brasileiros. Dessa forma, a proposta desse simpósio é pensar na formação do leitor de literatura



brasileira contemporânea como corresponsável no projeto de transformação social. O diálogo com Paulo Freire (1983), em *Pedagogia do oprimido* nos auxilia a pensar esse leitor literário como sujeito da ação-reflexão, um leitor que, “emancipado”, “emancipa”. O princípio freireano de emancipação enquanto possibilidade alia-se ao que adverte Jacques Rancière em seu texto “*O mestre ignorante*” sobre a necessidade da emancipação contra o processo de embrutecimento do sujeito. Ele propõe que o “círculo da emancipação deve ser começado” (Rancière, 2002, p. 29-30). Frente a processos de opressão ressignificados em nossa sociedade, que precisa se reinventar, como deve se posicionar esse leitor literário na trilha movediça do contemporâneo? Nessa perspectiva, que vincula literatura brasileira contemporânea e ensino de literatura, objetiva-se promover reflexões e debates sobre a leitura literária e sua relação com aspectos da literatura brasileira contemporânea. Tratar-se-á de questões relacionadas ao processo de formação dos leitores de literatura e ao lugar da literatura contemporânea no ensino, na escola, bem como em outros espaços sociais e culturais, inclusive a leitura por meio das tecnologias digitais, tendo em vista os valores e as exigências culturais, sociais, éticas e políticas da sociedade contemporânea. Desse modo, as propostas de trabalhos poderão abordar diálogos acerca de práticas de leitura e modos de incentivá-la a partir do repertório de obras da literatura brasileira contemporânea. Tais questões podem estar relacionadas a condições de produção, de circulação e do consumo de literatura infantil, infantojuvenil e juvenil; metodologias de trabalho com o texto literário; metodologias de ensino de literatura voltadas à Educação Infantil, ao Ensino Fundamental e ao Ensino Médio; políticas públicas de promoção do livro literário; presença da literatura em materiais didáticos. Propõem-se também diálogos que construam uma ponte entre a produção acadêmica e a formação de leitores de literatura em trabalhos que envolvam: experiências educacionais construídas em relação com a literatura; conhecimento teórico-prático das manifestações literárias infantojuvenis; tendências atuais da literatura infantojuvenil; obras das literaturas afro-brasileira e indígena em que esses sujeitos sociais sejam protagonistas; relações entre a literatura adulta e infantojuvenil e a formação de professores. Espera-se que investigações que relacionam a leitura literária e literatura brasileira contemporânea possam contemplar aspectos como diversidade, representação, identidade, alteridade, intertextualidade, dialogismo, polifonia, escritas e falas autobiográficas, efemeridade e liquidez da vida contemporânea, entre outros. Todos os trabalhos trarão como preocupação central a formação do leitor de literatura e a busca de caminhos para essa formação a partir da leitura de obras contemporâneas da literatura brasileira, entendendo literatura em um conceito mais amplo que apenas as obras canônicas. Entre os teóricos que subsidiam estudos voltados para esta proposta de simpósio podem ser relacionados – além dos já citados Giorgio Agamben (2010), Paulo Freire (1983) e Jacques Rancière (2002) –, Antonio Candido (1998), Roger Chartier (2009), Teresa Colomer (2003), Rildo Cosson (2014), Peter Hunt (2010), Marisa Lajolo (2001, 2017), Regina Zilberman (2017), Michèle Petit (2010). O recorte cronológico envolvendo as obras literárias de autores brasileiros abrange as produções a partir de 1970. Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea. Formação do leitor. Leitura Literária.

Referências:

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2010.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1998.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. Trad. de Reginaldo Carmelo Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Editora UNESP, 2009.
- COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*. Trad. de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Trad. de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: uma nova outra história*. Curitiba: PUCPRESS, 2017.

PETIT, Michèle. *A arte de ler: ou como resistir à adversidade*. Trad. de Arthur Bueno e Camila Boldrini. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Trad. de Lílían do Vale. Rio de Janeiro: Autêntica, 2002.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (Tarde)

AUTORAS DE SEUS DIAS: A ESCRITA LITERÁRIA DAS MULHERES NEGRAS NA SALA DE AULA

Andressa Marques da Silva (Universidade de Brasília)

Resumo: O ensino de literatura no Brasil tem no cânone literário sua principal fonte de critérios para a eleição das obras que chegam à escola, como também influencia na organização do conteúdo literário fortemente marcado por uma abordagem historiográfica da literatura. Esta comunicação refletirá sobre a tensão que a escrita literária das mulheres negras, principalmente a contemporânea, promove na ideia de nação tão central na formação do cânone brasileiro. E também discutirá sobre como a experiência estética proporcionada por tais obras promove uma revisão crítica do ensino de literatura hoje.

Palavras-chave: cânone, ensino de literatura, literatura afro-brasileira contemporânea

A POESIA NOS CADERNOS NEGROS: O TEMPO E A FORMAÇÃO DO LEITOR

Gustavo Tanus Cesário de Souza (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Resumo: As artes afro-brasileiras, em suas linguagens e formas variadas (Samba, RAP, Hip Hop, Artes visuais, Literatura Afro-brasileira) são táticas de resistência, modo como as alteridades étnicas resistem ao poder do discurso oficial, frente às vozes hegemônicas. São também meio como as “minorias majoritárias” resistem e intentam preservar suas vidas e culturas. Nesse sentido, o Quilombhoje, esse grupo de escritores, vem, desde 1978, publicando os Cadernos Negros, prosas (volume par) e poemas (volume ímpar) de escritores afro-brasileiros consagrados e outros recém-ingressos à seara das letras literárias. Nossa proposta é estudar as mais recentes publicações desses Cadernos Negros, volumes 39 e 41 (2016 e 2018), volumes dedicados à poesia, tendo reunido 64 poetas, em diversos caminhos de significação da afrodescendência, possibilitados pela poesia. Dentro da nossa proposta, de observar o tempo e a formação do leitor, em relação à publicação, buscaremos também analisar as imagens, os ritmos e as temáticas desenvolvidas por esses diferentes poetas, totalizando 316 poemas nas duas edições. Com cantos sobre precursores e sobre repercussão, as publicações desses Cadernos negros contam com muitas inteligências e mãos, colocadas na roda do tempo e do espaço desde os primeiros insurgentes (Zumbi, Dandara, Maria Quitéria, Luiza Mahin, Luiz Gama, Lima Barreto, Francisco José do Nascimento, Carolina Maria de Jesus, André Rebouças, Cruz e Sousa, Aquatune, Mãe Menininha do Gantois, Tereza de Benguela, Laudelina de Campos, Esperança Garcia, Maria Firmina dos Reis etc.) até o primeiro caderno em fins da década de 1970 e, desde então, vem sendo publicado ininterruptamente. Nesses diversos modos de resignificação da afrodescendência pela arte literária, os textos presentes nesses Cadernos refletem-refratam, em poesia, olhares vitais (de existência e resistência) de uma subjetividade negra sobre situação histórica dessas populações em nosso país. Todos esses sujeitos e seus coletivos desconstruem a lógica linear do tempo, esta razão que privilegia uma ideia de progresso que serve apenas para a manutenção do poder nas mãos dos dominantes. Os



Cadernos... avançam na espiral, de um “tempo espiralar”, de Leda Martins (2001) – dinâmica de transformação mutacional e regenerativa – completando os ciclos de prosa, e poesia. “Tudo vai e tudo volta” (MARTINS, 2001, p. 84). Assim, acreditamos que essas publicações vêm contribuindo para a formação e consolidação de um público leitor negro de literatura afro-brasileira e, com isso, se faz presente e projeta-se para o tempo futuro. A esse movimento, possibilitado por diversos letramentos – literário, racial, de reexistência (SOUZA, 2009) – dentro de um projeto estético, e a apresentação do pensamento e literatura negras, criam-se comunidades leitoras com vistas à formação de uma sociedade sem racismo, visando uma comunidade nacional verdadeiramente voltada para a diversidade. 1-O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Orientadora: Dra. Marta Aparecida Garcia Gonçalves.

Palavras-chave: Cadernos negros; Poesia negra; Literatura afro-brasileira; Tempo espiralar; Formação do leitor.

MOVIMENTOS PARA DESCOLONIZAR O IMAGINÁRIO: LENDO A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

Maria Aparecida Cruz de Oliveira (Universidade de Brasília /Estudante de doutorado) **Resumo:** A literatura de autoria negra confronta as narrativas que se pretendem hegemônicas e questiona as fronteiras culturais criadas pelos sistemas de representações ocidentais, segundo Oliveira (2019). Consequentemente, ela amplia o campo de representações ao interpelar os discursos coloniais e colocar em evidência outras possibilidades de discursos, outras bases epistêmicas, e mesmo a razão subalterna. Com base nessas considerações, propõem-se as seguintes questões: o que a literatura afro-brasileira oferece ao leitor em formação como possibilidade de movimento ou postura decolonial/descolonial? Como ela pode permitir o movimento de descolonização do imaginário do leitor? Como uma resposta preliminar, pode-se dizer que a literatura afro-brasileira possui uma “semântica própria” (Duarte, 2017). Desse modo, a proposta desta comunicação é refletir a respeito dessa semântica própria a partir de escritoras como Ana Maria Gonçalves, Conceição Evaristo. A base teórica perpassará pelas considerações de Walter D. Mignolo, Eduardo de Assis Duarte, Nilma Lino Gomes, bell hooks, entre outros.

Palavras-chave: Literatura-afro-brasileira, leitor literário, decolonialidade.

SILVIANO SANTIAGO: VIAGEM AO MÉXICO – UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA CRÍTICA PARA TRADUTORES EM FORMAÇÃO

Lucie Josephe de Lannoy (Universidade de Brasília)

Resumo: Aprofundar o letramento literário como parte da formação de tradutores do Curso de Letras Tradução Espanhol tem sido um desafio interessante, tanto para estudantes quanto para professores, nesta época de inovações tecnológicas constantes. Para contribuir ao aprimoramento da leitura crítica, entendida como necessária à constituição da autonomia do tradutor profissional, desenvolveu-se uma prática reflexiva sobre o modo de ler obras da literatura brasileira contemporânea, tanto no Grupo de Pesquisa como no de Iniciação Científica e junto aos alunos que realizam o Projeto Final no Curso de Letras Tradução Espanhol da Universidade de Brasília. Nessa experiência de leituras de obras literárias brasileiras contemporâneas à luz de teóricos como Paul Ricoeur (2011), Giorgio Agamben (2010), entre outros, foram lidas duas obras de Silviano Santiago, Machado (2016) e Viagem ao México (1995). Esta última servirá para o desenvolvimento do presente trabalho, o qual se propõe a dialogar com a construção de pontes entre a pesquisa acadêmica e a formação do tradutor, ensino que relaciona literatura e conhecimento teórico e prático da tradução. Em Viagem ao México, Santiago escreve ao mesmo tempo ficção, biografia, ensaio. O diálogo entre o narrador e Antonin Artaud (1896-1948), poeta, escritor, homem de teatro que desejava renovar a arte dramática e foi, de certa forma, um visionário com uma voz dissonante, no sentido de que ele



acreditava que a civilização asteca, tendo alcançado harmonia física e espiritual, teria como jogar nova luz no Ocidente decadente, apresenta aspectos interessantes para o tradutor. Se a complexidade de citações instigam à pesquisa, se as teorias e práticas surrealistas aproximam o leitor da complexidade do contexto atual, a narrativa brilhante propicia ao leitor, para além dos assuntos instigantes, a fazer a experiência de como a literatura nos faz viajar ao âmago do ser humano revelando-se essencial para o conhecimento de si próprio e do mundo. Deste modo, para o estudante de Tradução Espanhol, a leitura resultaria numa abordagem significativa para sua formação enquanto leitor crítico e a procura de autonomia da escrita, não apenas por tratar de temas como os das culturas mexicanas, mas, também por se aproximar dos limites e da prática da retradução, nos referindo a esta com um conceito amplo, não restrito a uma única língua.

Palavras-chave: Palavras-chave: Silviano Santiago. Formação de tradutor. Leitura crítica. Literatura brasileira contemporânea. Retradução.

O LEITOR DA RESISTÊNCIA E A LEITURA DAS (A)DIVERSIDADES: A PRESENÇA DAS NARRATIVAS DE TEMÁTICAS AFRO-BRASILEIRAS, E COMO REAGIR AO MITO DA DEMOCRACIA RACIAL BRASILEIRA

Dalva Martins de Almeida (Universidade de Brasília)

Resumo: Nos estudos de Duarte (2004) em torno da definição de literatura afro-brasileira o acréscimo do “suplemento afro” redimensiona o olhar da crítica, a partir da inserção de um ponto de vista específico, o afro-identificado. Essa perspectiva realçada por Duarte (2004) estabelece-se aqui como ponto de partida na reflexão sobre como desconstruir processos de racismo na sociedade brasileira contemporânea, através da leitura de obras de autoria negra. Nesse sentido, o presente texto se apresenta como caminho de reflexão sobre a formação do leitor literário a partir de obras de literatura infantil e juvenil de autoria feminina negra, elencando, em tais narrativas, os elementos das culturas ancestrais, evidenciando as temáticas voltadas para a construção das identidades afro-brasileiras, em resistência à perpetuação do mito da democracia racial. Através das obras: Os nove pentes d’África, de Cidinha da Silva, Capulana, de Heloísa Pires Lima e Mário Lemos, Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta, de Sônia Rosa e Betina, de Nilma Lino Gomes realizar um estudo das temáticas que denunciam as consequências dos processos diáspora negra e escravização. A partir da leitura dessas obras em sala de aula de Ensino Fundamental de determinada escola pública, proceder a observação de como os leitores reagem aos debates dos temas aqui suscitados, na perspectiva de que, ao se depararem com as narrativas, os leitores possam estabelecer uma conexão com a trajetória do negro escravizado e o processo de construção da identidade dos negros e negras brasileiros na atualidade, e a necessidade da correção histórica das oportunidades negadas e subtraídas ao povo negro brasileiro após os processos de abolição da escravatura. Uma citação de Fanon (2008) faz-se necessária aqui: “eis que me descubro objeto em meio a outros objetos”. Na leitura literária a que se propõe este trabalho, urge redimensionar o olhar do leitor quanto aos modos canônicos de representação das personagens negros na literatura, comumente ligada a modos de coisificação, de redução à condição de objeto. As narrativas aqui eleitas apresentam outros modos de ver o outro que é o negro e a negra: não mais como povo sem história, ou desprovido de civilização, ou como selvagem, processos de perpetuação do racismo e invisibilização da pessoa negra, mas como povo que construiu a nação brasileira com sangue, suor e luta. Desse modo, espera-se uma mudança de postura do leitor literário frente à essas narrativas: de leitor à leitor da resistência.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil; Leitor; Afro-identidade.

19/07 (Manhã)

SILÊNCIOS E SILENCIAMENTOS NO ENSINO DE LITERATURA PARA ALUNOS SURDOS



Mirian Theyla Ribeiro Garcia (Universidade de Brasília - UnB)

Resumo: A consolidação de estudos e debates acadêmicos sobre o ensino de Literatura para alunos especiais são pertinentes e necessários. Isso porque tais pesquisas “poderiam estreitar relações com outras áreas de conhecimento, de forma que a visão de Educação fosse ampliada [...] por uma proposta de educação aberta a todos e fundada na arte literária.” (SOUZA, 2009, p. 18). A escassez de investigação especializada quanto à insuficiência de práticas de letramento que atendam de maneira efetiva aos alunos com NEE contribuem solidariamente para a restrição ao direito à Educação de qualidade. Esse cenário reflete flagrante desrespeito à cidadania já que “o acesso à Educação é uma das formas de realização concreta do ideal democrático.” (MELLO FILHO, 1986, p. 533). No caso dos estudos especializados sobre o ensino de Literatura para alunos surdos incluídos em turmas regulares, a exiguidade de estudos é uma situação preocupante. A ausência de tal produção acadêmica configura-se como um silêncio danoso que pode contribuir para o cenário de apagamento da identidade e cultura surdas nas escolas e na sociedade como um todo. Além disso, a ausência de estudos especializados nesse campo representa duplo prejuízo. Ela não apenas deixa de apresentar o estado atualizado de como essa formação tem sido promovida junto aos surdos, como também impede que dificuldades inerentes a esse processo possam ser conhecidas e debatidas de modo a aperfeiçoar as práticas pedagógicas desenvolvidas. Neste caso, chama a atenção uma situação de desequilíbrio. De um lado existem pesquisas e estudos especializados que versam sobre os problemas e dificuldades de aprendizagem dos alunos surdos desenvolvidos por teóricos vinculados, principalmente, aos campos da Linguística e da Educação. Por outro, pouco tem sido produzido pelo campo dos estudos literários, o que faz com que raras sejam as produções acadêmicas que “enfoquem a análise de obras literárias em língua de sinais ou que abordem como é desenvolvida a educação literária destes estudantes.” (SILVA, 2015, p. 31). Consequentemente, sem a promoção integral de práticas de letramento literário, a formação de leitores surdos proficientes, isso é, capazes de realizar não apenas a mera decodificação de textos, mas também adquirir e aprimorar a leitura crítica e humanizada de si próprio e do mundo a sua volta, fica estruturalmente comprometida. Tal comprometimento decorre do encadeamento de prejuízos resultantes da precarização das práticas de letramento, estabelecendo um ciclo negativo que se autoalimenta. Assim, sem novos olhares que (re)orientem e aprimorem a prática, os resultados sempre serão insatisfatórios e contribuirão para a permanência do estado atual de pouco conhecimento que se tem sobre a educação de pessoas surdas. Portanto, o silêncio que predomina a respeito do tema do ensino de literatura e a formação do leitor literário surdo é uma barreira a ser superada.

Palavras-chave: Educação literária; Letramento Literário; Formação do leitor literário; Surdos; Inclusão.

TECENDO OS FIOS DA LEITURA: UM OLHAR LITERÁRIO SOBRE AS OLIMPÍADAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Gleiser Mateus Ferreira Valério (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA)

Resumo: Michèle Petit, em *A arte de ler*, afirma a importância do texto literário ser apropriado por seu leitor, especialmente em ambiente escolar, visto ser parte da formação do indivíduo e de seu pensamento crítico. De maneira próxima, pesquisadoras como Regina Zilberman e Marisa Lajolo reforçam a necessidade da literatura para estudantes em seu processo de aprendizagem. Uma questão é inerente aos críticos que questionam a relação literatura e ensino: a necessidade se mudar o modo como são utilizados os textos no ambiente escolar. É comum relatos de pessoas que descrevem a experiência traumática que foi a leitura durante sua formação em especial no ensino fundamental e médio. Atividades repetitivas, resumos que não exploram o potencial imaginativo, questionários entediante de averiguação de leitura, avaliações desvinculadas do cotidiano são alguns dos exemplos que, por décadas, marcaram uma aprendizagem que não explora os potenciais que os mais diversos textos literários poderiam oferecer na prática docente. Uma das formas de não só trazer a obra para o contexto educacional, como produzir significado é sair de uma perspectiva meramente pontual de análise,

como os exemplos de atividades citadas, e partir para propostas que relacionem a leitura ao contexto do aluno. Desenvolver a aprendizagem por meio de projetos é um caminho viável para tal. Ao elaborar uma proposta organizada de trabalho, o professor é capaz de oferecer objetivos para sua prática, ter consciência do porquê de sua realização e ter expectativa de resultados a ser obtidos. Durante minha prática docente, vários foram os projetos que desenvolvi, alguns com sucesso em sua realização, outros nem tanto. As Olimpíadas de Língua Portuguesa (OLP) foram um caminho profícuo para abordagem do texto literário em sala de aula. Trata-se de um projeto do Ministério da Educação em parceria com CENPEC e Itaú Social e realizado em âmbito nacional, iniciado no ano de 2008. Composto por coletâneas de textos literários dos mais diversos gêneros (a saber crônica, memória e poesia), oficinas pedagógicas e materiais de áudio, além de formação online para professores, é uma iniciativa que apresenta pesquisas e análises do ponto de vista linguístico, incluindo no texto presente nas oficinas do próprio projeto, contudo percebe-se pouca, ou quase nenhuma, que lance um olhar literário. Nesse ponto se centra a proposta do presente trabalho, investigar a capacidade da OLP enquanto elemento pedagógico que permite o contato estudante/texto por meio da leitura (em diversos âmbitos), desenvolve processos de escrita e resultados autorais dos estudantes no conjunto de suas competências e habilidades a ser atingidas. O objetivo não será considerar o projeto como única forma de se pensar a literatura em ambiente escolar, mas um caminho para tal. Os cadernos com as oficinas de crônica, poesia e memória serão o corpus para reflexão sobre os caminhos da leitura e da formação do leitor, observando as características positivas e negativas do material em análise, bem como da relação entre texto escrito e o vivido pelo jovem, ainda mais pensando a concepção freiriana da relação mundo e literatura - elementos dialógicos e complementares.

Palavras-chave: Literatura; Leitura; Ensino; Prática docente; Olimpíadas de Língua Portuguesa.

METÁFORAS CONCEITUAIS DE TEMPO E ESPAÇO NA LITERATURA DE DANIEL MUNDURUKU: CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

Telma Borges da Silva (Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade Estadual de Montes Claros)

Resumo: Segundo Beth Marchuschi, “[c]ondições de produção são as características básicas do contexto interlocutivo acionadas pelos sujeitos, de forma consciente ou inconsciente, no decorrer do processo de elaboração do texto oral ou escrito (...)” (MARCHUSCHI, s. d., s. p.), as quais o produtor de textos precisa atender situando-se num determinado tempo, espaço e cultura; são elas: conteúdo temático; interlocutor visado; objetivo a ser atingido; gênero textual próprio da situação de comunicação; suporte em que o texto vai ser veiculado. É preciso destacar que estas condições não são rígidas. Ao contrário, elas costumam variar bastante nos contextos de produção. Neste trabalho, pretendemos analisar, sob essa perspectiva os livros *O sumiço da noite* e *O onça*, de Daniel Munduruku. Para tanto, focalizaremos os seguintes aspectos: o sujeito da escrita; o lugar de fala; o suporte; o gênero; a língua na qual escreve e a reatualização de enunciados, destacando a noção de metáfora conceitual, de modo a evidenciar o espaço e o tempo dessas narrativas como dimensões da cultura simbólica indígena.

Palavras-chave: Literatura indígena; condições de produção; Daniel Munduruku.

REPRESENTAÇÕES DA VELHICE E DA AFETIVIDADE INTERGERACIONAL EM LIVROS-ÁLBUM BRASILEIROS E PORTUGUESES PARA CRIANÇAS

Clara Cassiolato Junqueira (Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho - UNESP) **Resumo:** Diante do crescente fenômeno do processo de envelhecimento das populações mundiais, a exemplo do que acontece no Brasil e também em Portugal, faz-se urgente a deflagração de uma revolução sócio-cultural das expectativas das sociedades sobre o modo como entende-se o ser e estar idoso. Dito isto, e com a intenção de reconhecer a heterogeneidade do processo de envelhecimento, com vistas à valorização do indivíduo que envelhece, este estudo tem como principal objetivo investigar e comparar as representações da afetividade entre idosos e crianças



nos textos e imagens de quatro livros-álbum infantis, sendo dois deles de autores brasileiros e outros dois de autores portugueses. A análise proposta terá em conta as especificidades da literatura infantil, especialmente no que diz respeito ao gênero literário selecionado – livro-álbum, considerado o maior e mais inovador contributo da literatura infantil contemporânea, que se distingue por sua complexa composição textual e paratextual, em que cada uma das partes do livro são intencionalmente fabricadas em prol da produção de possibilidade(s) de sentidos para o leitor. A investigação procura levar em conta também as respectivas nacionalidades de seus autores e as suas diferentes representações culturais. Os livros selecionados para a análise atendem a critérios previamente formulados de inserção, tais como a aprovação e recomendação à leitura escolar pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola – para o caso das obras brasileiras – e pelo Plano Nacional de Leitura – para o caso das obras portuguesas –, entre os anos de 2000 e 2017. Respondendo aos objetivos específicos propostos neste estudo, analisa-se, portanto, nas obras selecionadas, através da observação da relação texto/imagem, (1) as descrições das personagens idosas e crianças; (2) a relação intergeracional dessas personagens; (3) a presença e configuração/ausência dos elementos afetivos e, por fim, (4) os distanciamentos e aproximações no que diz respeito às representações da afetividade entre as referidas personagens. São propostas, ainda, ao final da investigação, possibilidades de procedimentos metodológicos para a abordagem dos selecionados livros-álbum, que envolvem a apreciação do tema da afetividade intergeracional para a prática de leitura literária em sala de aula. Para tanto, este artigo ancora-se, sobretudo, em estudos acerca do livro-álbum, a exemplo de Cardoso (2017), Kiefer (2013), Van Der Linden (2007) e Silva (2008). Como resultados, é esperado que os protagonistas idosos dos livros-álbum apresentem diferentes comportamentos e atividades diárias, sinalizando a heterogeneidade do processo de envelhecimento; a afetividade seja retratada através da interação verbo-icônica e reforce a valoração das relações intergeracionais entre personagens idosos e personagens infantis, quase sempre avós e netos e; que os livros-álbum apresentem, através de uma rica experiência de leitura de sentidos, figuras de idosos diferentes das criadas a partir da percepção estereotipada e discriminatória das sociedades brasileira e portuguesa de que os idosos são seres doentes e incapazes, contribuindo para a formação literária e humana de seu leitor.

Palavras-chave: literatura infantil; livro-álbum; envelhecimento; afetividade

ENSINO DE LITERATURA E INCLUSÃO: A ABORDAGEM DAS DEFICIÊNCIAS EM LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II NO PNLD 2019

Gislene Maria Barral Lima Felipe da Silva (Universidade de Brasília)

Resumo: Um dos itens do Edital de convocação 01/2017– CGPLI - Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras Didáticas para o Programa Nacional do Livro e do Material Didático PNLD 2019, do Ministério da Educação, previa que as obras didáticas submetidas deveriam, para serem aprovadas, obedecer aos preceitos legais estabelecidos em vários documentos legais, inclusive à Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Novamente o edital citava o respeito à diversidade, ao instituir a exclusão de obra didática que veiculasse estereótipos e preconceitos de, entre outras, condição de deficiência. Em observância a esses itens, as obras didáticas submetidas ao Edital supracitado deveriam reafirmar o compromisso do processo com os alunos com deficiência, ao admitir a importância das práticas pedagógicas inclusivas e de diferenciação curricular, conforme estabelecido na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015). No sentido de compreender a interpretação e o atendimento a essa legislação por parte de autores e editores de obras submetidas ao Edital supracitado, esta comunicação se propõe a apresentar e analisar ocorrências – em livros didáticos de língua portuguesa – de textos literários que contemplam os temas da deficiência, bem como a identificação de autores que escreveram sobre o tema e a abordagem das atividades didáticas ao tratar esses temas. As representações da deficiência foram observadas em suas variadas manifestações – físicas, sensoriais ou mentais – em textos



da literatura brasileira contemporânea presentes nos livros didáticos, trazendo amostras de possíveis compreensões sobre as maneiras como escritores têm enxergado e refletido, por exemplo, a cegueira, a surdez ou a síndrome de Down, entre tantas outras formas. Para tanto, desenvolveu-se pesquisa que tomou por base todos os livros das vinte coleções submetidas ao Edital 2019, totalizando 100 volumes, ainda que tais coleções não tenham sido aprovadas, uma vez que os motivos de reprovação são variados e que o objetivo da pesquisa se centrou na percepção de autores e editores acerca da representação da deficiência em materiais didáticos, e como esse material pode(ria) contribuir, mediante o estudo de textos literários, com a formação de leitores voltada para o acolhimento das diferenças, o respeito à pluralidade social e o compromisso com a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Palavras-chave: Literatura e deficiência. Ensino de literatura. Livros didáticos. Língua Portuguesa. Inclusão

3 - A POESIA NA SALA DE AULA

Coordenação: Profa. Dra. Andresa Fabiana B. Guimarães (IF SUL DE MINAS e USP) e Profa. Dra. Mei Hua Soares (Faculdade Cásper Líbero)

Resumo: Para Anatol Rosenfeld (ROSENFELD, [1965] 2006), o lírico é o mais subjetivo dos gêneros porque centrado em uma voz que exprime estados de alma, vivências e emoções, plasmando as vivências de um EU no encontro com o mundo. Antonio Candido (CANDIDO, 1996), ao asseverar sobre as relações que podem ser estabelecidas entre prosa e poesia, ressalta o caráter híbrido que pode envolver os textos poéticos. Paul Valéry, ao defender a estética de Mallarmé, ressalta ainda a recusa e a negação como potências literárias e poéticas (CAMPOS, 2011). Mas quando a poesia adentra os ambientes escolares e institucionalizados, como isso se dá?

É sabido que o trabalho com a poesia tem sido sistematicamente relegado a um plano secundário nas escolas. Nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCNEM, 2006), há um questionamento acerca de “onde estaria o erro na formação escolar dos leitores para a linguagem poética?” A explicação tem como base a não exploração das potencialidades dessa linguagem de alto valor estético, que fazem do leitor um co-autor no desvendamento dos sentidos, presentes no equilíbrio entre ideias, imagens e musicalidade. Acredita-se que “a exploração dos efeitos de sentido produzidos pelos recursos fonológicos, sintáticos, semânticos, na leitura e na releitura de poemas poderá abrir aos leitores caminhos para novas investidas poéticas” (p. 74), por isso propõe-se a ampliação na escola dos circuitos de poesia, buscando novas formas de circulação social destes textos, o que permitiria ver e entender a arte poética como uma prática social integrada à vida cotidiana.

Nesse sentido, o trabalho com a poesia parece se revelar instrumento valioso no tocante à formação escolar, para além de um caráter utilitário. No entanto, se pensarmos nos conceitos de sociedades disciplinares (FOUCAULT, [1975] 2009) e de sociedades de controle (DELEUZE, [1992] 2010), verificaremos que a escola apresenta pontos de intersecção na reprodução de formas de poder e, portanto, a poesia, por se dar no campo da linguagem, na sua forma mais apurada e potente, também poderia consistir em valiosa ferramenta reflexiva e transformadora. Porque desestabiliza, reverte (a língua inclusive!), desordena, traz à tona o inesperado, o inseguro, faz estranhar. Talvez esteja aí a causa de seu maior incômodo, se considerarmos a perspectiva daqueles que se formaram leitores buscando um significado pré-determinado e inflexível para o texto poético. E, sem dúvida, é nessa desestabilização provocada pela linguagem estética que reside a sua maior contribuição: diz, não dizendo diretamente; expressa o que há de mais subjetivo, trazendo, em suas entranhas, o coletivo.

Em crônica no *Jornal do Brasil* publicada em 1974, Carlos Drummond de Andrade levanta a questão: “Por que motivo as crianças, de modo geral, são poetas e, com o tempo, deixam de sê-lo? Será a poesia um estado de infância relacionada com a necessidade de jogo, a ausência de conhecimento livresco, a despreocupação com os mandamentos práticos de viver – estado de



pureza da mente, em suma?”. O autor avança tecendo considerações a respeito da relação intrínseca entre poesia, meninice, senso crítico e estético e sobre a pertinência da escola em trabalhar com essas questões “Mas, se o adulto, na maioria dos casos, perde essa comunhão com a poesia, não estará na escola, mais do que em qualquer outra instituição social, o elemento corrosivo do instinto poético da infância, que vai fenecendo, à proporção que o estudo sistemático se desenvolve, até desaparecer no homem feito e preparado supostamente para a vida? (ANDRADE, 1974)”. Na sequência, o poeta responde: “Receio que sim”.

Fazendo coro aos questionamentos de Drummond, lança-se, nesta proposta, o desafio de se pensar, mais detidamente, sobre o tema e permitir o compartilhamento de experiências bem fundamentadas com a poesia no espaço da escola. O **Simpósio A Poesia na sala de aula** (o primeiro aconteceu na ABRALIC em 2018) pretende se configurar de forma mais ampla: abrigando experiências e pesquisas que envolvem o *poético* na escola, seja por meio de textos em verso, em prosa, visuais, performáticos, como é o caso dos SLAMs - batalhas de versos - considerado um novo fenômeno de poesia oral.

Ao adentrar o espaço físico e simbólico da escola – em seus diferentes níveis – que práticas de leitura e de escrita envolvendo poesia podem se revelar potentes? A poesia, ou o fazer poético é ensinável? Como se dá a exploração de um discurso tão libertário e surpreendente em um terreno de regras, lições, planejamentos e expectativas mais precisas e mensuráveis? Como explorar um texto que requer sensibilidade, agudeza de sentidos e senso lógico também, em um território marcado por tantas outras exigências e metas mais conteudísticas e objetivas? Quais metodologias e didáticas são adequadas para se lidar com o gênero em questão? Como é a recepção discente em relação ao texto de acentuado valor estético? Pensando nos cortes, estranhamentos e aporias que a arte e a literatura envolvem, quais os riscos advindos desse diálogo entre o fazer poético e a sala de aula?

Palavras-Chave: Poesia – Manifestações Poéticas – Leitura Literária – (Leitura Subjetiva) – Ensino

Referências

- ADORNO, Theodor. Palestra sobre lírica e sociedade. In: _____. **Notas de literatura I**. Jorge M. B. de Almeida (trad.). São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003, p. 70 e 77. [1957].
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **A educação do ser poético**. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1974. Disponível em: <http://goo.gl/7abR67>. Acesso em: 11/03/2018.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Vol. 1. Brasília: MEC/SEB, 2006.
- CAMPOS, Augusto de. **Poesia da recusa**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- CANDIDO, Antonio. **Estudo analítico do poema**. São Paulo: Humanitas Publicações / FFLCH/USP, 1996.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, [1992] 2010.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis (RJ): Vozes, [1975] 2009.
- OSAKABE, H. FREDERICO, E. Y. **Literatura**. Orientações curriculares do ensino médio. Brasília: MEC/SEB/DPPEM, 2004.
- ROSENFELD, A. “A teoria dos gêneros”. In: **O teatro épico**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- ROUXEL, A.; LANGLADE, G. & REZENDE, N. (org.). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (TARDE)

O DESAFIO DO TRABALHO COM AS LINGUAGENS POÉTICAS NO ENSINO TÉCNICO INTEGRADO

Andresa Fabiana Batista Guimarães (Instituto Federal Sul de Minas Campus Avançado Carmo de Minas)

Resumo: Nas Diretrizes para a Educação Profissional e Tecnológica a proposta curricular fundamenta-se no trabalho com o conhecimento de forma integrada e verticalizada, propõe-se então um diálogo entre os conhecimentos científicos, tecnológicos, sociais, humanísticos e os conhecimentos e habilidades relacionadas ao trabalho. Nesta perspectiva, um dos grandes desafios na área de Linguagens (Língua Portuguesa, Literatura e Arte) é a formação escolar para as linguagens poéticas - em prosa, visuais, performáticos, como é o caso dos SLAMs, já que grande parte dos alunos volta-se para as áreas técnicas e buscam preferencialmente a leitura de textos específicos da futura área de atuação. ZILBERMAN (2003), aponta que é fundamental no âmbito escolar empreendermos esforços para que o educando tenha uma “experiência literária”, ou seja, o contato efetivo com o texto, o momento de contato com a linguagem incomum do texto literário, que pode provocar-lhe diversas sensações e a partir delas é possível ir construindo, ampliando e modificando sua visão de mundo, despertando-lhe para o prazer estético. Desta forma, levando-se em consideração os estudos acerca do leitor e da leitura subjetiva, buscamos lançar um olhar analítico acerca de algumas práticas com as linguagens poéticas realizadas no Ensino Técnico Integrado em Informática e em Alimentos do IFSULDEMINAS identificando assim, de que maneira a leitura literária, especificamente o trabalho com o texto poético foi capaz de produzir novos significados nestes leitores.

Palavras-chave: linguagens poéticas; leitura literária; ensino técnico integrado; ensino

A POESIA NA SALA DE AULA: A LEITURA COMO EXPERIÊNCIA CRIADORA

Marli Aparecida de Siqueira Batista Leite (Faculdade de Educação da USP - FEUSP)

Resumo: pretende-se, com a comunicação, compartilhar as experiências e as reflexões realizadas durante a primeira etapa da pesquisa de campo que integra o meu projeto de doutorado pela FEUSP: “A Poesia na escola: uma formação para professores(as)”. O estudo destaca o processo de construção do leitor-coautor na interação com o texto poético e envolve uma pesquisa-ação crítico-colaborativa (PIMENTA, 2005) junto a professores(as) da Rede Pública de Vitória-ES. Trata-se, portanto, de um enfoque na recepção do poema, de sua recriação sob o olhar, a escuta e a experiência vivificadora de seus leitores, bem como alguns dos efeitos possíveis dessa interação. A pesquisa parte do princípio de que uma obra literária só existe enquanto tal à medida que for lida (ISER, 1996; JAUSS, 1979; PAZ, 1996), ou fruída (BARTHES, 1987), sendo o sentido constituído no processo de leitura. Essa perspectiva pressupõe a consideração dos efeitos dos textos literários, em um processo dialógico entre leitor e texto, o que implica uma escuta do que cada leitor tem a dizer. Na leitura do poema, o campo de atuação do leitor é o mais amplo possível, imprevisível, surpreendente. Para que todo esse universo ilimitado possa ser explorado, é preciso que cada sujeito atue nos espaços vazios deixados por uma linguagem de alto potencial estético (ISER, 1996). Esses vazios permitidos por uma construção potente e ricamente bem formulada, continuarão vazios, porque a obra sempre contará com novos leitores e, ainda que sejam os mesmos, estes se transformam a todo instante, já que “o processo da consciência histórica e crítica dos leitores não é tão estável como a forma do poema. [...] o tempo da forma é mais denso, compacto, resistente, mais palpável e acessível ao trabalho da análise; duro, dura milênios (BOSI, 1977). Estimular e administrar esse campo de atuação dos leitores frente ao texto poético é uma das tarefas mais desafiadoras do professor mediador. É essa atuação que se pretende analisar durante a pesquisa, avaliando seus efeitos na sala de aula. E é a primeira etapa dessa experiência que se pretende compartilhar durante o evento da ABRALIC.

Palavras-chave: Palavras-chave: Poesia; Linguagens; Ensino.

MEMÓRIA, SUBJETIVIDADE E ALTERIDADE EM TEXTOS POÉTICOS AUTOBIOGRÁFICOS

Mei Hua Soares (Faculdade Cásper Líbero)



Resumo: Recuperando na mitologia a figura de Mnemosyne, a recordadora, Ecléa Bosi, em seu estudo *Memória e sociedade – lembrança de velhos*, assevera: “A anamnese (reminiscência) é uma espécie de iniciação, como a revelação de um mistério. A visão dos tempos antigos libera-nos, de certa forma, dos males de hoje” (BOSI, 1987, p.48). Considerando a memória como possibilidade de evocar sentimentos, sensações e reflexões que já perpassaram outros sujeitos e gerações, o presente estudo versará sobre o trabalho em sala de envolvendo a leitura crítica de textos poéticos autobiográficos de autores diversos – Carlos Drummond de Andrade, Manoel de Barros, Paulo Leminski, Elizabeth Bishop – junto a graduandos de Comunicação Social (Jornalismo). Realizada por cinco anos consecutivos, a atividade revela-se potente em diferentes aspectos tais como: possibilidade de travar contato com a expressão poética voltada a questões autobiográficas em diferentes estilos e proveniente de distintas autorias; organização e reflexão de dados autobiográficos e de memórias pessoais e coletivas; produção textual poética autobiográfica; práticas de leitura coletiva comentada e exercício de escuta de textos que favorecem a um só tempo o trabalho com questões individuais e com a alteridade. A análise dos dados provenientes das práticas mencionadas é feita com base nas noções de singularização do universal, de Jean Paul Sartre, de leitura performática e sensorial, de Paul Zumthor, de memória, de Ecléa Bosi, e de sintoma social, de Maria Rita Kehl.

Palavras-chave: texto poético autobiográfico; memória; subjetividade; alteridade; escuta

PIQUENIQUE LITERÁRIO: A POESIA COMO ALIMENTO NA SALA DE AULA

Sue Helen da Silva Vieira (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Resumo: Nos recantos da sala de aula, a poesia constitui-se como um dos gêneros literários menos prestigiados no fazer pedagógico. E a pergunta de Alfredo Bosi (BOSI, 2015) no posfácio é: a poesia é ainda necessária? A resposta é sim, a poesia tornou-se ainda mais imprescindível nos dias de hoje. Por que então existe a dificuldade de professores utilizarem esse recurso? Quais são suas complexidades nesse recurso? Este trabalho pretende expor algumas razões para essa questão, mas, sobretudo, mostrar outras maneiras de levar a poesia dentro da escola. T. S. Eliot (ELIOT, 1991), no ensaio *A função social da poesia*, apresenta reflexões acerca de seu alcance na sociedade e a sua função, e é importante destacar tais fatores nos dias atuais. Ele afirma que a poesia é capaz de expressar sentimentos e emoções e como uma das linguagens mais expressivas da língua permite ser explorada de diversas maneiras em sala de aula. A poesia tem o poder de manter a linguagem viva e continua como uma das melhores parceiras para exprimir o outro e refletir o mundo. E, dessa forma, o aluno é inserido dentro de um contexto de descobertas sobre o que está a sua volta, para tanto, basta que os professores criem condições favoráveis para que isso ocorra de maneira prática. Existem várias maneiras de abordar a linguagem poética na sala de aula, como por exemplo: eixos temáticos, encenação de poemas, varal, produção musical, confecção de antologias, entre outras formas.

Como professora de língua portuguesa do ensino fundamental nas séries finais, gostaria de retratar minha experiência com o piquenique literário, que constitui uma das diversas formas de inserir a poesia no ambiente escolar. Pretendo mostrar também como este projeto foi realizado e quais foram as problemáticas encontradas para tal realização, além de seus resultados. Portanto, a função da poesia não pode ser mensurada, pois se trata de uma experiência íntima do leitor com o texto e seu alcance é infinito, o poder que “A morte do leiteiro” causa nos alunos ultrapassa qualquer notícia de morte. A separação versada em um soneto de Vinícius de Moraes sugere muito mais do que se lê. A linguagem da poesia é a casa do sentimento e precisamos habitar nesta casa e levá-la às escolas.

Palavras-chave: Poesia; Educação; Literatura; Aprendizagem.

ENSINO E PRODUÇÃO POÉTICA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA COM ADOLESCENTES: A ESCRITA COMO FERRAMENTA DE AUTOCONHECIMENTO E ESCUTA

Wallace Byll Pinto Monteiro Júnior (Universidade Federal de Goiás)



Resumo: Esta proposta surge como resultado de uma intervenção feita num curso particular de ensino de língua inglesa, com adolescentes de idades entre 14 e 16 anos, em nível intermediário, na cidade de Goiânia - GO. 2017 e 2018 foram anos marcados pelo suicídio de um número tão expressivo de adolescentes que o Ministério Público se mobilizou para fazer palestras nas escolas da cidade. Vários desses casos estiveram ligados à escola em questão por terem acontecido num grupo razoavelmente restrito, ou seja, aquele de uma elite local, cujos filhos frequentam as escolas mais caras da cidade. Os alunos relatavam a dificuldade de colocar o acontecido em palavras. A palavra cotidiana não se mostrava suficiente para a elaboração do luto. Partindo do tema de uma lição “The Joy of Reading”, ou “O prazer da leitura”, apresentou-se aos alunos o poema Caged Bird, de autoria de Maya Angelou. A partir exclusivamente do texto, os alunos deveriam responder à questão “Quem é Maya Angelou?”. Após a discussão das possibilidades suscitadas pelos alunos, fez-se a apresentação da poeta, decididamente uma das mais importantes vozes da poesia norte-americana nos últimos anos. O poema, que faz referência ao segundo volume autobiográfico da poeta, “I know why the caged Bird sings”, discute liberdade, reclusão e natureza versus sociedade ao descrever a vida de um pássaro livre e o canto de um pássaro na gaiola. Os alunos foram então, convidados a escreverem poemas para responder não “Quem é Maya Angelou?”, mas “Quem sou eu?”. Os textos foram trabalhados durante dois meses, quando se pode discutir questões essenciais como rima, verso e estrofe, sentido e metáfora em poesia. Finalizada a etapa de correção dos textos, eles foram espalhados, sem o nome dos autores, pelos corredores de toda a escola. Todas as pessoas que lessem, fossem alunos, funcionários, professores ou pais de alunos, caso sentissem que o poema os tocava de alguma forma, eram convidados a assinar o poema em questão. Esta fase gerou grande movimentação e sensibilização na instituição porque era a primeira vez que se lia a produção dos alunos como algo artístico, como uma elaboração da própria noção de EU. Ao final de duas semanas, os textos foram recolhidos com as diversas assinaturas e entregues de volta aos autores originais. Uma roda de conversa se estabeleceu para discutir questões como autoconfiança, noção corporal e de identidade e de como a arte possibilita comungar de uma identidade comum, a partir da identificação dos leitores com a verdade do poema. A experiência se corporificou num livreto contendo todos os poemas de todos os alunos, que receberam cada um uma cópia, momento em que se fez um autógrafo conjunto em que eles autografaram os textos uns dos outros. Acreditamos que esta experiência é válida por demonstrar o uso da poesia como uma forma efetiva de lidar com dramas sociais e como esse trabalho pode ser significativo se ligado à realidade psíquica (segundo Freud a que de fato constitui o sujeito) dos alunos.

Palavras-chave: poesia; ensino; sujeito; língua inglesa

RECIPE OF LIFE, DE RUPI KAUR: UMA PROPOSTA DE LEITURA E ESCRITA COLABORATIVA DE POEMAS EM LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Layssa Gabriela Almeida e Silva Mello (Universidade Federal de Goiás)

Resumo: Rupi Kaur é uma poetisa feminista contemporânea, considerada por muitos como Instapoet, graças à visibilidade e reconhecimento de sua obra no Instagram. Em *The sun and her flowers* (KAUR, 2017), temas como amor, perda, depressão, imigração, abuso sexual e psicológico são abordados. O poema *Recipe of life*, presente na referida obra, foi escolhido para ser trabalhado com uma turma do oitavo ano do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Goiânia, Goiás, com o intuito de que pudessemos discutir e repensar temas como amor e perda. Para tanto, nas atividades de pré-leitura, além de trabalhar com vocábulos presentes no poema e que os alunos pudessem desconhecer, foi estabelecido um paralelo com as inúmeras tragédias ocorridas no Brasil no início de 2019. Como atividade de pós-leitura, os alunos tiveram a oportunidade de em grupos, produzirem seus próprios poemas em língua inglesa baseados no poema *Recipe of life*. Este trabalho descreve as atividades que foram realizadas com os alunos, suas produções escritas e os desafios enfrentados pela professora

pesquisadora no processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa a partir da utilização de textos literários.

Palavras-chave: Ensino; Literatura; Língua Inglesa; Educação Básica.

4 - A TRAJETÓRIA SÍSIFICA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Coordenação: Prof. Dr. Luis Eduardo Veloso Garcia (UENP-Jacarezinho Letras); Profa. Dra. Winnie Wouters (FACESPI- Pedagogia)

Resumo: Em *Não incentivem o romance e outros ensaios* (2007), Alfonso Berardinelli diz que o romance, após a segunda metade do século XX, não procura mais realizar grandes ousadias formais, como se tudo o que pudesse ser transformado enquanto forma de resposta à sua sociedade já tivesse sido alcançado. Dessa forma, o autor afirma que “O século XX, o século da crise do romance, está se invertendo. A autocrítica do romance (e de toda a arte) segue a autocrítica da autocrítica. Ou seja, a renúncia à crítica, o retorno aos mitos e a todo tipo de mito” (2007, p.177). Logo, de acordo com o crítico italiano, o romance contemporâneo deixa de lado a exploração do aspecto formal para enveredar, novamente, em direção aos mitos, dado que estes, por conterem algo de eterno, ainda conseguem oferecer caminho possível às respostas do que o romance é enquanto produto de seu tempo. Nesse sentido, certas constantes parecem assolar a prosa brasileira contemporânea, objetos distintos para cada escritor aparecem repetidas vezes como mote de romances, algo que soa, muitas vezes, como uma obsessão, mas que pode indicar uma tentativa de busca de solução do problema que se deixa entrever por sutis alterações na construção romanesca e que podem indicar possíveis mudanças, algo que ainda não conhece destino certo mas já se percebe a caminho de, como observa Perrone-Moisés em *Mutações da literatura no século XXI*: “Como o conjunto da sociedade atual — na política, na economia, na moral, na tecnologia —, a literatura vive um interregno, aquele momento em que as regras antigas já não existem e outras, na melhor das hipóteses, ainda estão em gestação” (2016, p.149). Entre os exemplos possíveis, encontramos os romances de Ana Paula Maia, nos quais o retorno obsessivo pela narração de figuras masculinas presas aos conflitos com sua brutalidade, surge encarnado na repetição de protagonistas como Edgar Wilson e Bronco Gil das obras **Entre Rinhas de Cachorros e Porcos Abatidos** (2009), **Carvão Animal** (2011), **De Gados e Homens** (2013), **Assim na Terra como Embaixo da Terra** (2017) e **Enterre Seus Mortos** (2018); Nuno Ramos, autor cujas obras revelam a trajetória sisífica na procura por vencer (ou tentar vencer) a linguagem verbal por meio do mergulho na matéria imagética, que surge através de composições com urubus, piche, areia, juncos, cães mortos, e tantos outros “restos, resíduos, cantos, cacos, lixo”, como destaca Leyla Perrone-Moisés, que se mesclam à linguagem verbal no intuito de superar a insuficiência da palavra escrita em obras como **Cujo** (1993), **Balada** (1995), **O Pão do Corvo** (2001), **Ó** (2008), **Adeus, Cavalo** (2017). Mais um nome contemporâneo que ressignifica o esforço contínuo por uma repetição infrutífera é Ronaldo Correia de Brito, que em livros como **Galileia** (2008) e **Dora Sem Véu** (2018) traz a voz de protagonistas que se deslocam da capital pernambucana para o sertão cearense, revelando a angústia de um retorno forçado ao local que não se deseja ganhar destaque. João Anzanello Carrascoza, cujo dilema é semelhante, na medida em que suas obras também revelam um “escritor de afetos arcaicos”(s/n, 2016), faz com que os diários pertencentes a Trilogia do Adeus - **Caderno de um Ausente**, **Menina Escrevendo com Pai** e **A Pele da Terra** - e **Aos 7 e aos 40** (2013) apresente a trajetória sisífica não só pela via da temática explorada em seus contos, mas, principalmente, pela estrutura narrativa. Uma fácil percepção do conceito que exploramos aqui também pode ser alcançada na apreciação da obra de Luiz Ruffato, a partir da busca obsessiva por retratar o cotidiano do proletariado brasileiro, o que acaba por se converter em projeto literário, isso tanto nos cinco volumes que formam o seu ambicioso trabalho intitulado **Inferno Provisório**, quanto em obras como **Eles Eram Muitos Cavalos** (2001) e **De Mim Já Nem se Lembra** (2007). Por fim a essa breve lista, é possível citar Milton Hatoum, cujos romances apresentam a constante tentativa de construir narradores que, apesar de se

encontrarem aparentemente à margem dos fatos principais, são testemunhas de ruínas familiares simbólicas, como é o caso das vozes dos narradores personagens de **Relato de um certo oriente** (1989), **Dois Irmãos** (2000), **Cinzas do Norte** (2003) e **Órfãos do Eldorado** (2008). Tomando os exemplos acima citados, propomos uma leitura da literatura brasileira contemporânea a partir do mito de Sísifo: a necessidade de narrar é premente, por isso a tarefa se faz ainda que por um caminho pelo qual o resultado final já se antevê como insatisfatório – o romance se conhece, está consciente das limitações pelas quais se construirá, ao mesmo tempo que reconhece a eminência da mudança, e por isso retoma a tarefa de levar a pedra até o alto do cume, posicionando-a, transformando-a, de modo que um dia ela deixe de retornar ao espaço conhecido.

PROGRAMAÇÃO

18/07 (MANHÃ)

O CONCEITO DE LIBERDADE NAS CANÇÕES DE RAUL SEIXAS: RESISTÊNCIA AOS PARADIGMAS DO SISTEMA

Fábio Campos Coelho

Resumo: Sabemos que o homem vive numa sociedade conservadora de padrões antigos de existência, por isso, já prontos. Tais modelos são ditados por esse sistema, para quem o indivíduo diferente é digno de desprezo e opressão, pois está fora dos limites dessas leis impostas. Isso limita o homem de tal forma que, inconscientemente, ele vai sendo moldado a tais preceitos ofuscando seu próprio modo de ser. Ele, então, procede, em sua rotina, como os outros. Porém, alguns não aceitam essa imposição e se lhe opõem com o intento de manter suas propriedades individuais, sua natureza peculiar, como forma de resistir ao sistema tradicional. Diante dessa ocasião, objetiva-se, neste artigo, abordar a liberdade, nas canções do músico baiano Raul Seixas, no tocante à resistência exercida pelo ser humano aos paradigmas sociais. O trabalho é realizado sob os moldes da pesquisa bibliográfica, com a análise de três canções: *Aquela Coisa*; *Mamãe, eu não queria* e *Meu Amigo Pedro*. O aporte teórico da nossa análise é a filosofia existencialista, em especial, as obras *Ser e Tempo*, do alemão Martin Heidegger e *O Existencialismo é um Humanismo*, do francês Jean-Paul Sartre.

Palavras-chave: Liberdade; Resistência aos Paradigmas Sociais; Filosofia Existencialista; Raul Seixas

DA POESIA MIÚDA À MEMÓRIA AFETIVA: AS TEMÁTICAS ESSENCIAIS DA PROSA DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

Júlia Nunes Azzi

Resumo: Este trabalho centra-se sobre a literatura de João Anzanello Carrascoza, analisando aspectos da composição dos três romances que compõem a Trilogia do Adeus (2017): *Caderno de um ausente*, *Menina escrevendo com pai* e *A pele da terra*. Considerando sua escrita como representante de uma dicção muito particular na literatura contemporânea, voltada para a subjetividade, a sensibilidade e o afeto, este trabalho defende que há três aspectos fundamentais que guiam a escrita de Carrascoza em sua inteireza: o lirismo, a memória e o cotidiano. Objetiva-se entender de que maneira essas três temáticas estão disseminadas pelas obras e de que forma influenciam na estrutura narrativa, visto que estão sempre presentes, relacionando-se entre si e sendo importantes não apenas na linguagem que constrói os romances, mas também na composição dos personagens. Dessa maneira, tenta-se entender essa relação estabelecida, ao mesmo tempo em que se explora como essas temáticas se apresentam individualmente. Por exemplo, considerando que em todos os romances a noção de poesia - a mais ampla possível - é valorizada pelos personagens, procura-se pensá-la tanto sob o viés de uma linguagem poética quanto sob a forma de um “lirismo do cotidiano”, ligado ao silêncio e à escuta. Em vista disso, este trabalho também tentará compreender o que implica essa escolha de uma linguagem poética



como um modo de apreensão do real. Busca-se estudar também como esse jeito de ver o mundo está ligado à maneira como cada personagem traz suas memórias, vendo-as como fundamentais na aprendizagem de quem são e na construção de suas relações com o outro. E, assim como a memória influencia esse aprendizado sobre a vida, almeja-se entender qual é, na literatura de Carrascoza, a posição que o cotidiano ocupa enquanto espaço de leitura de mundo. Esses três conceitos: o lirismo, a memória e o cotidiano, estão presentes em vários níveis nos romances a serem analisados, e podem ser vistos como temáticas-base na literatura de Carrascoza no geral, por isso pretende-se entender como funcionam nesse corpus delimitado para, posteriormente, talvez poder compreendê-los no âmbito geral de sua obra. Como aporte teórico para esse trabalho, são utilizadas, dentre outras, as ideias de Aleida Assmann (2011), Jeanne-Marie Gagnebin (2006), Karl Erik Schøllhammer (2009) e T. S. Eliot (1972).

Palavras-chave: João Anzanello Carrascoza; Trilogia do adeus; Lirismo; Memória; Cotidiano

AS OBSESSÕES DO ESCRITOR NUNO RAMOS

Luis Eduardo Veloso Garcia

Resumo: O trabalho em questão intenciona trazer discussões sobre três eixos que se apresentam como verdadeiras obsessões e que se repetem constantemente nas obras literárias de Nuno Ramos: o confronto com a linguagem; a constante representação de restos e detritos; e o conflito com os limites dos gêneros literários. No primeiro ponto observado, tem-se a perspectiva da qual o autor se arma neste confronto com a linguagem através da possibilidade de uma recosmogonia. Para isso, ele ataca e tenta desmontar a função de rituais que se firmaram pelo poder da linguagem, do peso da significação das palavras que limitam a própria matéria que as carrega até os hábitos e manias que repetimos cotidianamente sem uma reflexão lógica, buscando, assim, no mergulho do enigma entre matéria e linguagem, uma representação sensorial capaz de ressignificar outras perspectivas aos objetos em questão. Como lembra Leyla Perrone-Moisés (2012), a obra de Ramos é baseada na desconfiança com as “possibilidades da linguagem de dizer a realidade” por todo peso de ordem que ela carrega, afinal, ela traz em si o rastro de uma tradição, algo que “impregna as palavras de sentidos antigos, gastos”. Por isso, ele busca no jogo da cosmogonia uma forma de driblar a linguagem, procurando “todo esse clima do que era antes dos homens e do que era antes da linguagem, toda a evocação das matérias, das pedras, dos animais [...] mas depois, também, o mundo da lei, da forma como os homens se organizam” (RAMOS, 2010, online). A outra obsessão do autor que iremos refletir está na preocupação em transformar o que poderia ser considerado restos e detritos sem importância literária visualmente em fundo primordial com “textos que, em vez de descrever grandes paisagens, concentram-se frequentemente em coisas minúsculas: restos, resíduos, cantos, cacos, lixo” (PERRONE-MOISÉS, 2012). Para a teórica, Nuno Ramos é um dos nomes da nossa literatura “mais sensíveis ao apelo sensorial desses detritos”. No caso de suas obras, temos algumas repetições temáticas que se baseiam diretamente em objetos e imagens que podem ser considerados como restos e detritos, principalmente se encarados como o ponto central de textos, como é o caso do foco em pedra, areia, pele, juncos, sal, piche, cachorros mortos, urubus, vidros e paredes. A última obsessão discutida no trabalho refere-se a dificuldade de classificar tais obras do autor conforme um gênero pré-estabelecido, afirmando o valor de uma alta bagagem de conhecimento destes autores sobre a atividade artística que exercem. Nas palavras de Perrone-Moisés (2012), tratam-se de “obras de gênero inclassificável, misto de ficção, diário, ensaio, crônica e poesia.[...] livros que não dão moleza ao leitor; exigem leitura atenta, releitura, reflexão e uma bagagem razoável de cultura, alta e pop, para partilhar as referências explícitas e implícitas”. Como afirma o próprio Nuno Ramos (2009) em entrevista, “funciono por hibridismo em tudo o que faço como artista plástico ou escritor. [...] a incapacidade de ficar em um gênero só cria uma certa estranheza, uma incompatibilidade que são interessantes.

Palavras-chave: Nuno Ramos; Literatura contemporânea; literatura brasileira.



O DESTINO TRÁGICO DOS NARRADORES DE EVANDRO AFFONSO FERREIRA

Winnie Wouters (União de Ensino Superior de Piraju - FACESPI)

Resumo: Evandro Affonso Ferreira é um escritor contemporâneo cujo perfil profissional aponta para o lado oposto ao dos modelos de escritores que se tem visto na atualidade. Primeiramente, pelo fato de o autor só ter começado a publicar por volta dos cinquenta anos, o que indica a importância do percurso – de experiência de vida e de formação literária – para a constituição de sua obra. E também porque, ao encontrar seu estilo narrativo – fluxo da consciência pela via de uma linguagem simples, alicerçada pelo apreço por palavras da língua tupi ou por aquelas já esquecidas pelo dicionário de língua portuguesa –, o antigo dono do sebo Avalovara se torna capaz de imergir nas agruras do eu para tentar compreender a fatalidade incompreensível da vida. Assim, a impiedade do destino aparece na obra de Evandro Affonso Ferreira com recorrência, como nos mostra seu último romance, *Nunca houve tanto fim como agora* (2017), quando o narrador nos conta o fim do caminho que a rua acaba por significar para muitos jovens, ou *Os Piores Dias de Minha Vida Foram Todo*, quando encontramos um senhor já nos últimos dias de sua vida, deixado pelos amigos e pela amada, tentando entender a razão de existir no momento em que tudo que conhecia e amava já não existe mais. Partindo da voz narrativa desses dois romances, esta comunicação pretende analisar a trajetória mítica do herói frustrado nos romances do autor mineiro, contemplando a recorrência do tema não apenas como uma obsessão, mas sobretudo como referência literária ao questionamento do destino trágico que está na base do teatro grego. Tal paralelo pretende explorar as diferentes nuances que os narradores dos romances citados trazem levantando a possibilidade de haver entre essas obras não apenas o mesmo mote, mas novas tentativas de se escapar pelas vias do texto ao ponto final da vida.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Evandro Affonso Ferreira; Romance contemporâneo.

5 - A VIAGEM NA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA: DESLOCAMENTO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Coordenação: Profa. Dra. Letícia de Souza Gonçalves (UFG); Profa. Dra. Talita Annunziato Rodrigues (FATEC)

Resumo: O tema da viagem foi e continua sendo amplamente explorado na literatura. Ele pode ser observado em algumas das mais famosas epopeias, tais como a *Odisseia* de Homero, *Beowulf* e *Os Lusíadas*, de Camões, e está presente na obra de grandes escritores, como *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, Jonathan Swift e *As viagens de Gulliver*, *Ulysses*, de James Joyce, entre outros. Estabelecendo um paralelo entre a viagem e a experiência humana, Todorov (1993) afirma que as trajetórias e os relatos realizados por um indivíduo estão interligados. Para ele, a viagem no espaço simboliza a passagem no tempo, mas o deslocamento físico também contribui para sua mudança interior. Seja relacionado ao caráter material ou espiritual dessa trajetória, um dos aspectos que mais chama atenção sobre o tema é que, ao permitir colocar o indivíduo diante do *outro*, a viagem contribui na construção da identidade, seja individual, cultural, política ou ideológica. Mendes (s/d) afirma que aquilo que se chama identidade literária, onde se cruzam questões de identidade pessoal e social, acaba sempre por revelar uma dimensão estrangeira, que é uma das manifestações do Outro. Nesse sentido, o tema adquire grande importância nos textos de autoria feminina na medida em que engloba toda uma representação simbólica do movimento na construção identitária, no qual a viagem aparece, não raras vezes, como uma experiência formadora.

Entender a identidade feminina como uma multiplicidade dinâmica de subjetividades e papéis sociais nos dias de hoje, todavia, exige recuperar a história e os contextos que tornaram possível essa construção através do tempo. As mulheres foram objeto de um relato histórico que as relegou ao silêncio e à invisibilidade, na medida em que sua atuação se passava quase que exclusivamente no ambiente privado da família e do lar. O espaço público pertencia aos homens e poucas mulheres se aventuravam nele. Assim, a identidade feminina foi moldada pela



assimetria sexual, uma vez que esses discursos eram produzidos por homens. Relegado à esfera doméstica, o corpo feminino foi silenciado, tornando-se objeto descrito pelo olhar e pela voz masculina. A partir da ideologia naturalista burguesa, a identidade feminina foi sendo assentada no biológico, no corpo, que passou a definir suas ações, sensações e sentimentos. Nesse sentido, o corpo constituiu a base para a imposição de padrões e normas de comportamento dentre os quais destacavam-se a beleza, a pureza, a sujeição, passividade e dependência. Assim, o corpo feminino passou a ser colocado no limite entre a natureza e a cultura, interpretado de acordo com a ideologia dominante, seguindo os interesses e o imaginário social (PASSOS, 2002, p.63). Michelle Perrot (2013, p.17) aponta que, ao longo da história, a prolixidade do discurso sobre as mulheres contrasta com a ausência de informações precisas e circunstanciadas. O mesmo ocorre com as imagens. Produzidas pelos homens, elas vão dizer sobre os sonhos e medos masculinos, mas não sobre a realidade feminina. As mulheres são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas.

Tendo em vista essa relação entre o público e o privado, entre o centro e a margem, o tema da viagem esteve associado por muito tempo ao universo masculino. Eric Leed (1991) afirma que, historicamente, os homens viajavam e as mulheres não, ou viajavam somente sob a égide dos homens, reforçando uma espécie de regra em que o mundo exterior e a exploração fossem domínios unicamente masculinos.

O movimento das mulheres nos mostrou que, desde a inserção feminina na esfera pública na segunda metade do século XX, o mundo privado, onde lhes eram reservados os papéis de filha, mãe ou esposa, tornou-se insuficiente, uma vez que limitava sua liberdade de tomar decisões, bem como seu direito de se expressar. A partir deste posicionamento, as mulheres reafirmaram a importância de sua voz, consideradas enquanto sujeitos dotados de identidade própria. A mulher que aqui encontramos já não é apenas olhada, ela olha também; não é mera leitora, ela escreve e, por meio de seus textos, temos acesso à sua própria experiência, sua própria perspectiva.

Sendo assim, buscamos refletir, neste simpósio, a respeito do tema da viagem pelo viés da escrita de autoria feminina, tendo como foco a pluralidade dos olhares dessas mulheres-viajantes e de suas histórias, observando a relação entre o deslocamento e a construção de sua identidade.

Referências:

- BOHLS, Elizabeth A., **Women travel writers and the language of Aesthetics 1716-1818**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- BOTTON, Alain de. **A Arte de Viajar**. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- LEED, Eric J. **The Mind of the Traveler – From Gilgamesh to Global Tourism**. Basic. New York: Basic Books, 1991.
- LEITE, Miriam L. Moreira. **Livros de viagem**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.
- MENDES, Ana Paula Coutinho. Representação do Outro e Identidade: um estudo de imagens na narrativa de viagens; Imagologia literária: contornos históricos e princípios metodológicos. Disponível em: <http://www.ilcml.com/Var/Uploads/Publicacoes/Artigos/45e6bd57d5abe.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2019.
- PASSOS, Elizabeth. A razão patriarcal e a heteronomia da subjetividade feminina. In: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; BEZERRA, Kátia da Costa. (Orgs.). **Gênero e representação: teoria, história e crítica**. Belo Horizonte: UFMG, 2002, p. 60 - 66.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2013.
- TODOROV, Tzvetan. El viaje y su relato. In: **Las Morales de la historia**. Tradução de Marta Beltrán Alcázar. Barcelona: Paidós, 1993.
- WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

PROGRAMAÇÃO



16/07 (MANHÃ)

ENTRE O PARAÍSO E A TERRA PROMETIDA: EXÍLIO, MEMÓRIA, LINGUAGEM E IDENTIDADE EM CONTOS DE AUTORIA FEMININA

Loren Lopes Damásio (UNESP)

Resumo: O patriarcado e o colonialismo, nas formas da opressão e da exploração, constituem-se em fontes de revolta perenes. Essas contestações são assimiladas em duas obras de conto de autoria feminina da literatura norte-americana sobre as quais pretende-se debruçar: “Árvore Florida” (1929), de Katherine Anne Porter, “Intérprete de Males” (1999), de Jhumpa Lahiri. A opção das autoras pela representação de personagens excluídas socialmente – em geral, mulheres em carência material, debilidade física, muito jovens ou já senis, como também pela condição de expatriadas, intensificando conflitos – demonstra a preocupação com as dinâmicas de poder. As personagens são submetidas a perdas de diversas ordens: materiais, sentimentais, de costumes, linguísticas; em resumo, a uma perda de referencial. Elementos como a nostalgia, a solidão, o passado e a memória, o desejo, a morte, a perda da juventude ou da inocência, a ausência de autonomia, a falta de compreensão, o silêncio e a perda de vínculos serão materializados no texto literário e analisados com o auxílio de teorias sobre os temas, como as encontradas em Spivak (2010), Butler (2012, 2017) e Sontag (1987). Os interlocutores dos sujeitos mencionados, quando os há, são tipos pouco comuns: o imigrante, a criança ou animais, o que reforça sua condição de subalternidade e exclusão. Seus dilemas tornam-se conhecidos, quase sempre, pela ótica de um narrador onisciente. Apesar dos ônus da experiência do exílio, ela proporciona também a liberdade da autoridade da tradição, sua rejeição de hábitos e condicionamentos antigos para o surgimento do novo. Não é possível conquistar a terra prometida sem abandonar o paraíso. Parte dessa realização se dará no texto literário. As autoras transformam-no em um outro terreno de acolhimento e exílio das vivências silenciadas e espaço para novas realizações.

Palavras-chave: Ausência; Linguagem; Exílio.

VIVER ENTRE CULTURAS: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM MAR AZUL (2012), DE PALOMA VIDAL

Patricia Mariz da Cruz (Universidade Federal Fluminense)

Resumo: O segundo romance de Paloma Vidal, *Mar azul* (2012), é tecido pela voz de uma narradora idosa que, em terras brasileiras, rememora a sua juventude ao ler os diários paternos, os quais foram deixados como herança para ela. Nesse retorno ao passado via memória, a personagem volta ao seu país de origem, a Argentina, e revive a dor do abandono pelo pai e o desaparecimento da melhor amiga Vicky, devido ao regime ditatorial argentino, ocorrido durante a década de 1970. Esse ato de rememorar faz com que haja o contato entre línguas, culturas e tempos distintos, que, além de acentuar o caráter de transitoriedade da narrativa, permite a compreensão da constituição identitária como um processo, construído mediante as experiências do indivíduo e as suas relações sociais ao longo da vida, conforme os pressupostos de Stuart Hall (2011). É também através das rememorações e do relato íntimo da protagonista que outro tema se descortina: a questão do estrangeiro. Ao regressar ao pretérito, a narradora de Paloma Vidal evidencia que, por mais adaptada que esteja à cultura brasileira, ainda se encontra presa aos hábitos e às lembranças da terra natal, vivendo, por isso, em um entre-lugar, isto é, entre passado e presente e entre duas culturas, a local e a do nascimento. Tal vivência faz com que ela produza um olhar comparativo desses dois países, o que, para Edward Said (2003), é considerada uma característica natural a essa condição, permitindo um maior senso crítico do sujeito. Apesar desse lado positivo, essa experiência é solitária, já que é vivenciada de modo subjetivo por cada indivíduo. Para Julia Kristeva (1994), a dor do exílio é semelhante a da



orfandade, produzindo a angústia e a melancolia no exilado. Podemos observar isso na narradora, pois ela encontra na escrita - a qual relata o seu cotidiano e as suas impressões perante a leitura dos cadernos íntimos do pai - um companheiro de escuta e um modo de amenizar o seu sofrimento. E, dessa maneira, a escrita se configura como um local onde a protagonista busca a compreensão do outro e de si. Assim, é perante a voz de duas figuras marginalizadas da nossa literatura brasileira, a mulher e o estrangeiro, que a história de *Mar azul* se desvela, pois reflete acerca da construção identitária na pós-modernidade, mediante o trânsito de culturas. Logo, é diante disso que este trabalho propõe uma reflexão sobre a formação da identidade, a partir do entre-lugar ocupado pelo estrangeiro, e do relacionamento com o outro, este, entendido como o pai e também como a terra estrangeira.

Palavras-chave: Identidade; Estrangeiro; Entre-lugar

FLANÂNCIAS NO FEMININO: DESLOCAMENTO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM QUARENTA DIAS DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Raquel Mariane da Silveira

(Universidade Federal de São Carlos - UFSCar)

Resumo: Segundo a tradição moderna, o ato da flanância - amplamente difundido entre o século XIX e XX - designa uma atividade masculina, imanente à figura do flâneur. Tendo em vista a sua popularidade na literatura e que este configurava-se como um sujeito masculino, observa-se que o flâneur como um sujeito feminino e, neste caso, a flâneuse, foi ignorada pela tradição (WOLFF, 1985). Trata-se de um reflexo daquele período, tendo em vista que o espaço urbano era destinado ao uso dos homens, enquanto às mulheres era incumbido o dever de cuidar de seus lares e famílias (MONNET, 2013). Todavia, nota-se que em algumas narrativas inscritas na contemporaneidade, nas quais o espaço literário, para além de um simples ornamento, é revelador da complexidade do contexto e dos sujeitos contemporâneos, o deslocamento de corpos femininos pelo espaço, o mesmo que anteriormente era negado pela expressão literária, mostra-se possível; o qual possibilita a representação do deslocamento das próprias identidades que transitam neste espaço. O romance *Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende (2014), é significativo neste sentido, tendo em vista o diálogo estabelecido entre os espaços nele representados - e percorridos - e o sujeito deste discurso, uma vez que a instância espacial é engendrada na economia textual a partir da perspectiva de uma narradora que fala em primeira pessoa. A narrativa desenrola-se em Porto Alegre (RS), onde Alice, uma professora aposentada, passa a viver após deixar o estado da Paraíba. E à medida que se embrenha pelo espaço urbano, durante a quarentena em que perambula pela cidade que lhe é estranha, o itinerário da protagonista acaba por revelar as vielas invisíveis e esquecidas da urbe, o que lhe propicia o contato com o Outro e, através deste encontro com a alteridade, alcança o conhecimento de sua própria identidade. Tendo por base as premissas expostas, a partir desta comunicação pretende-se discutir o modo como os espaços são representados na obra de Rezende, considerando-se a relação estabelecidas entre eles, a voz narrativa do referido texto e a subjetividade daquela que a enuncia. Para tanto, neste estudo o espaço é compreendido como uma entidade do mundo externo, mas que se realiza na experiência subjetiva (LEFEBVRE, 1974); e o corpo, por sua vez, é tomado como uma construção cultural que, em associação com os sentidos, atua no ato perceptivo (HALL, 1966; BOURDIEU, 1994). Realiza-se, assim, algo próximo da “topoanálise” (BACHELARD, 1978), que consiste num desfolhamento gradual e paciente das camadas das coisas, até atingir o seu significado mais íntimo. A partir da observação dos espaços inscritos no referido texto literário e considerando-se o foco narrativo em primeira pessoa, obtém-se, como resultado, a compreensão da identidade e singularidade da narradora-protagonista desta obra, que se revela a partir de seu itinerário.

Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea; Espacialidade narrativa; Deslocamento; Identidade; Gênero.

16/07 (TARDE)

LEMBRANÇAS E ESTRANHAMENTO: OS CONTOS DO JAPÃO DE ANGELA CARTER Cleide Antonia Rapucci (Universidade Estadual Paulista)

Resumo: As personagens femininas de *Fireworks* (1974), primeira coletânea de contos de Angela Carter, expressam, alegoricamente, a condição das mulheres no patriarcado, fazendo desta questão o leitmotif da coletânea. Carter aponta, por intermédio dessas mulheres, caminhos para que este quadro seja revertido. Sua preocupação é fazer com que as mulheres encontrem sua voz e sua capacidade de movimentar-se livremente. Em seu livro *Angela Carter* (1994), Lorna Sage analisa a importância do período em que a escritora viveu no Japão, o qual se reflete em três contos de *Fireworks*, conhecidos como “contos do Japão”: “A Souvenir of Japan”, “The Smile of Winter” e “Flesh and the Mirror”. Sage considera que tais contos praticamente não se caracterizam como ficção. Ela enfoca nesses contos o sentido de alienação e estranhamento, além da questão do espelho e da alteridade. Angela Carter afirma que um fator de ordem prática levou-a a escrever textos curtos enquanto vivia no Japão: o quarto em que morava era pequeno demais para escrever ali um romance. Parece-nos que estes textos curtos escritos num espaço limitado colocam suas personagens femininas entre o confinamento e a vastidão. Em alguns momentos estas mulheres se vêem presas; em outros, são as “mulheres na imensidão” (“women in the wilderness”) de que fala Galland, citado em Bolen (1990). Viver no Japão mostrou a Angela Carter quanto as mulheres podem ser reprimidas. Os textos de “Oriental romances: Japan”, escritos para a *New Society* e publicados em *Nothing Sacred* (1982), mostram suas observações e preocupações com esta questão na época em que escrevia os contos de *Fireworks*, conforme podemos verificar em “Tokyo Pastoral”, “Once more into the mangle”, e “Poor butterfly”. Os “contos do Japão” são narrativas em primeira pessoa: temos aqui a voz feminina em busca de sua identidade. Nesses contos, a trama é muito diluída, predominando a enunciação. A mulher aqui é uma estrangeira, que está apenas de passagem. Neste estudo, nos deteremos em “A Souvenir of Japan”, em que a narradora vive com seu companheiro num bairro onde se sente uma estranha. Ela coloca no texto suas impressões sobre os costumes e a cultura japonesa. O conto não tem propriamente uma trama; são reminiscências que vão pintando o relacionamento difícil dos dois.

Palavras-chave: Angela Carter; *Fireworks*; contos do Japão.

A NOVA EVA DE ANGELA CARTER

Carla Daniel Sardinha Caldeira (Universidade Estadual Paulista, Câmpus de Assis) **Resumo:** O romance da autora inglesa Angela Carter (1977), *The Passion of New Eve*, com tradução feita pela Editora Rocco (1987), *A Paixão da Nova Eva*, tem o gênero como seu tema principal. A obra trabalha os conceitos de feminino e feminilidade, considerando o que é estereótipo e o que condiz com a realidade das mulheres, mostrando como os papéis de gênero têm o poder de aprisioná-las. A personagem principal é Eva que, antes de ter seu sexo cirurgicamente remodelado contra sua vontade, se chamava Evelyn. Enquanto Evelyn, era um homem machista e misógino. Ele vai da Inglaterra para os Estados Unidos e, naquele país, inicia uma viagem pelo deserto, buscando “encontrar a mais fugidia das quimeras: eu mesmo” (CARTER, 1987, p. 37). É raptado pelo exército das mulheres que o leva até uma caverna. Ali, desce pela parte subterrânea, a descida para sua primeira transformação: ele se transforma biologicamente em Eva. Palmer (1989) nota que a metamorfose de Eva segue duas etapas: a biológica e a psicológica. O que faz a personagem se reconhecer enquanto mulher são os atributos de dependência, passividade e masoquismo reconhecidos nela. Ao final, porém, Eva percebe que estes aspectos são o que fizeram dela vítima ao invés de agente durante sua jornada nos Estados Unidos. Por fim, em sua segunda e última descida pelas cavernas onde Eva é levada ao local de (re)nascimento, ela enxerga com clareza o quanto os papéis estereotipados do feminino e da feminilidade a aprisionaram. Schmidt (1989) vê nisso a possibilidade para o nascimento de um novo símbolo de feminilidade que supere a divisão tradicional dos seres humanos em femininos



e masculinos. Livre dos mitos sobre o que é o feminino e a feminilidade, a Nova Eva pode nascer. São essas transformações interiores da personagem que este trabalho pretende ter como foco, expondo o processo doloroso que Eva tem de passar a fim de evidenciar como as diferenças entre os gêneros colocam as mulheres em posição desprivilegiada. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é mostrar como os papéis do feminino e da feminilidade são trabalhados no romance com a finalidade de desconstruir essas imagens. Para tanto, esta comunicação se apoiará teoricamente em trabalhos desenvolvidos pela crítica literária feminista, como “The journey of the subject in Angela Carter’s fiction” (1989), de Ricarda Schmidt e “A ficção especulativa carteriana: observações sobre A Paixão da Nova Eva” (2015), de Cleide A. Rapucci; por exemplo.

Palavras-chave: The Passion of New Eve; Angela Carter; feminino; feminilidade

DE O QUARTO DO BARBA-AZUL PARA A CÂMARA SANGRENTA: O ENFOQUE FEMINISTA DE ANGELA CARTER PRESENTE NO SISTEMA LITERÁRIO BRASILEIRO
Anna Olga Prudente de Oliveira (UFPR (pós-doutorado))

Resumo: Este trabalho, informado pelos Estudos Descritivos da Tradução, analisa reescritas da obra da autora inglesa Angela Carter no sistema literário brasileiro, com foco no conto *The Bloody Chamber* elaborado a partir do conto *La Barbe Bleue* (*O Barba Azul*) de Charles Perrault, escritor francês do século XVII. Na literatura do século XX, Angela Carter é uma das escritoras que recriou alguns dos contos de fadas de Perrault, como também dos irmãos Grimm e de outros autores. Nascida na Inglaterra, em 1940, Carter é autora de romances e também de contos que propõem novas leituras de narrativas tradicionais, alterando enredos e paradigmas de representação das personagens femininas nos contos de fadas, o que ocorre notadamente na cena ao final de *The Bloody Chamber*, na qual quem vem de longe para salvar a esposa da vingança do terrível marido não é uma figura masculina representada pelos irmãos, como vemos em Perrault, mas, sim, a potência feminina representada pela mãe. Os contos de fadas tornam-se clássicos, mas sua permanência no cânone literário é possível justamente pelas diversas releituras ou reescritas feitas ao longo do tempo. Por isso, faz-se necessário buscar compreendê-los enquanto fenômenos literários que têm raízes socioculturais e expõem valores historicamente determinados. Assim como a escrita de Perrault existe em seu contexto, as outras (re)escritas de contos de fadas também são permeadas pelos valores da cultura e da época em que se inserem, por relações de patronagem vigentes e perspectivas particulares dos próprios reescritores. A obra de Angela Carter realiza esse processo de transformação dos contos de acordo com perspectivas que se impõem em sua época, uma visão feminista urgente em um mundo hostil à voz feminina. A autora realiza um duplo processo no jogo da literatura: se insere na tradição do contar histórias (da mamãe gansa francesa ou da dona carochinha brasileira) e, ao mesmo tempo, aponta novas possibilidades de leitura das narrativas tradicionais; uma leitura em que as mulheres assumem papéis relevantes, transformadores, dentro da ficção (e também fora dela, se pensarmos no papel de escritoras como a própria Angela Carter). Neste trabalho, serão abordadas duas edições brasileiras com traduções do referido conto: *O quarto do Barba-Azul* (Rocco, 1999), com prefácio de Vivian Wyler e tradução de Carlos Nougé, e *A câmara sangrenta e outras histórias* (TAG/Dublinense (2017), projeto editorial realizado exclusivamente por mulheres, tendo Marina Colasanti como curadora da edição e Adriana Lisboa como tradutora e prefaciadora da obra, com o objetivo de analisar alguns elementos textuais das duas traduções e paratextuais (os prefácios). A pesquisa sobre a obra de Carter no sistema literário brasileiro pretende assim ampliar essa voz feminina, buscando conhecer e discutir as imagens propostas por suas reescritoras e reescritores.

Palavras-chave: Estudos Descritivos da Tradução; reescritas feministas de contos de fadas; *O Barba Azul*; tradução da obra de Angela Carter no Brasil.



MULHERES PERDIDAS E SUBVERSÃO: ELENA FERRANTE E AS QUESTÕES DO FEMININO

Bruna Montes Werneck de Freitas (Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF))

Resumo: Esse trabalho tem como objetivo estabelecer relações entre algumas obras de Elena Ferrante, pseudônimo de uma escritora contemporânea italiana, e questões de construção da identidade da mulher a partir do texto literário. Nesse aspecto, entende-se que a obra de Elena Ferrante apresenta-se como terreno fértil para análises literárias acadêmicas, uma vez que a autora desenvolve, em seus textos, conteúdo histórico complexo a respeito da Itália, escolhas estilísticas interessantes e retratações não estereotipadas a respeito de relacionamentos entre mães, filhas e amigas. Seu foco é, essencialmente, tratar a respeito de questões relacionadas ao feminino, abordando temas como a maternidade, o casamento, a sexualidade, o divórcio, a amizade feminina, a independência financeira da mulher e a superação da dor. Sua popularidade no mundo literário atrai a atenção, uma vez que suas histórias e personagens possibilitam análises complexas para pesquisadores da área e tocam, também, o leitor não especializado. Suas descrições a respeito dos dilemas, relacionamentos e vida das mulheres possibilitam apontamentos que abrem espaço para uma análise feminista literária, além de questões de gênero e de psicologia, na busca pela identidade. Para isso, contaremos com as contribuições teóricas de Simone de Beauvoir (2016), Elena Ferrante (2017), Susana de Castro (2014), Maria Isabel Edom Pires (2008), Silvia Federici (2017), Virginia Woolf (2014) e Toril Moi (2002) e Joel Birman (2016), bem como outras referências. Esperamos, dessa forma, discutir a respeito da formação de identidade da mulher protagonista de sua própria história.

Palavras-chave: autoria feminina; identidade; papéis sociais.

17/07 (MANHÃ)

A VIAGEM E O CAMINHO DE CASA EM AMERICANAH E HOMEGOING

Ane Caroline Ribeiro Costa (Purdue University)

Resumo: A emigração localiza-se no cerne da experiência do corpo negro em contexto de diáspora. Por consequência, a vivência do corpo negro de modo geral está ligada ao deslocamento, tanto no que diz respeito à emigração, ao tráfico negreiro, e à colonização – de modo que a busca pelo “lar” e a reconstrução da identidade são elementos altamente distinguíveis na literatura pós-colonial. Literaturas pós-coloniais contemporâneas têm se preocupado em demonstrar o fenômeno do deslocamento e seus desdobramentos, retratando personagens que experienciam múltiplos espaços, sentindo-se parte de um lugar sem declará-lo como casa (BRAH, 1996). Isso pode ser visto nas obras *Americanah* de Chimamanda Ngozi Adichie e *Homegoing* (O caminho de casa) de Yaa Gyasi, que lidam com o deslocamento e a incessante (e as vezes vã) busca pelo lar. Em *Americanah*, a personagem principal, Ifemelu, emigra de Lagos (Nigéria) para os Estados Unidos, afim de continuar seus estudos (interrompidos pelas muitas greves nas universidades da Nigéria). A experiência de Ifemelu no exterior expõe as complexas relações de raça e classe nos Estados Unidos; experiências que mudam a maneira de Ifemelu interagir com seu corpo, cabelo, linguagem e comportamento. A volta para Lagos, após treze anos no exterior, revela que Ifemelu não é mais a mesma pessoa; como Safran observa, o corpo diaspórico não volta para casa mesmo estando de volta à sua terra natal (1991); em outras palavras, o corpo diaspórico se torna híbrido, pertencendo ao que Homi Bhabha chamou de terceiro espaço; isto é, na constituição de uma cultura internacional que se forma na negociação do espaço pelo corpo híbrido (1994). Na obra *Homegoing*, as relações entre corpo e espaço se complicam ainda mais, já que acompanhamos duas famílias por oito gerações. Nessa obra genial e infelizmente pouco comentada entre críticos literários, acompanhamos as histórias de duas irmãs separadas pela classe e pelas mazelas do tráfico negreiro. Enquanto a família de Effia se enriquecia com o tráfico de escravos, Esi é traficada para os Estados Unidos, onde sua família sofre as mazelas da escravidão. O trauma do deslocamento causado pelo colonialismo europeu em Ghana, assim como a escravidão na



América, está no âmbito de cada uma das catorze histórias em *Homegoing*. Ao findar-se da obra, quando dois dos últimos membros das familiares se encontram (Marjorie e Marcus), é notável que, como seres híbridos, eles também procuram incansavelmente pelo lar. Esse trabalho promove uma discussão sobre a complexidade das relações raciais estabelecidas em diferentes contextos culturais, sobre a busca pelo “lar” e sobre identidades nacionais, assim como são abordados nos trabalhos de Adichie e Gyasi (especificamente *Americanah* e *Homegoing*). A importância de se discutir narrativas de viagem na literatura pós-colonial advém do fato de que o corpo negro vivencia o racismo e outros fatores que podem impulsionar a procura pelo lar. Ao mesmo tempo, essas obras demonstram o deslocamento como impulsor da reconstrução da identidade e da negociação de espaços de enunciação – espaços em que personagens como Ifemelu (*Americanah*) e Marjorie (*Homegoing*) afirmam seu pertencimento.

Palavras-chave: Viagem; Corpo negro; Identidade; Espaço; Relações Raciais

O DESLOCAMENTO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA EM NO SEU PESCOÇO, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Talita Annunziato Rodrigues (Fatec)

Resumo: A literatura é um dos discursos de uma sociedade que se baseia na desigualdade entre os gêneros. Hoje, pode-se considerar que as mulheres passaram de objeto para sujeito da literatura, no entanto, historicamente, foram excluídas do universo da escrita, cujo domínio se deu quase que exclusivamente pelos homens. Não ter acesso à escrita significou um silenciamento das mulheres ao longo dos tempos. Relegadas ao espaço privado, foram reproduzidas pelo discurso masculino: seus corpos, seus desejos, suas ideias. A alfabetização tinha fins específicos, tais como a etiqueta, e era direcionada a uma parcela restrita da população. Ser escritora, portanto, não era uma opção viável, pelo menos para a maioria. A escrita tornou-se, assim, um instrumento de poder para ampliar a distância entre universos que se tornaram excludentes: elite e povo, homens e mulheres. Nesse sentido, ao falar-se de literatura, nos deparamos com conceitos-chave como autor, herói, tradição e originalidade. Esses conceitos são definidos de acordo com a noção de cânone e ignoram a complexidade da estrutura social, perpetuando a ideologia presente no modelo de sociedade patriarcal. As mulheres estiveram do lado da história que não as favoreceu e o discurso literário age de acordo com a tendência masculina da justificativa do poder, dada por meio da noção de tradição. Tal conceito imprime os poderes políticos e culturais e exclui os indivíduos que não se enquadram nesse sistema construído, seja por diferentes ideias, raça, gênero ou classe. Na tradição, encontram-se os perigos da história única, conforme aponta Chimamanda Ngozi Adichie em uma conferência homônima, proferida para o TED em 2009. Em sua ficção, a escritora nigeriana explora a questão em diversas obras, como na coletânea de contos *No seu pescoço*, publicada no Brasil pela Companhia das Letras em 2017. A ruptura com a noção de história única ocorre por meio das diversas vozes que surgem nos textos para expor suas perspectivas diante das relações estabelecidas em diferentes contextos culturais nas quais se encontram, uma vez que as personagens estão numa espécie de entre-lugar, transitando entre dois países: Nigéria e Estados Unidos. Nesse contexto, o tema da viagem surge como elemento que contribui para a construção da identidade, seja individual, cultural, política ou ideológica, em especial das mulheres, que enfrentam os efeitos da colonização, do preconceito racial e da desigualdade de gênero. Sendo assim, busca-se refletir, nesta comunicação, sobre a relação entre o deslocamento e a construção da identidade feminina na coletânea *No seu pescoço* (2017), de Chimamanda Ngozi Adichie.

Palavras-chave: Chimamanda Ngozi Adichie; literatura de autoria feminina; deslocamento; representação da mulher

A IDENTIDADE DA MULHER ENTRE O BRASIL E OS ESTADOS UNIDOS: UMA ANÁLISE DE SAMBA DREAMERS, ROMANCE DE KATHLEEN DE AZEVEDO (2006)
Caroline Nascimento Fernandes Caetano (Universidade de Brasília)



Resumo: Este trabalho tem como objetivo investigar a(s) identidade(s) da mulher deslocada entre o Brasil e os Estados Unidos na obra brasileiro-americana *Samba Dreamers* de Kathleen de Azevedo (2006). Com base em teorias sobre mobilidade e identidade (ANDERSON, 2006; HEIDEGGER, 1927; HOFFMAN, 1999; LUIS, 1997), bem como teorias literárias sobre literatura brasileira e brasileiro-americana (TOSTA, 2004, 2005, 2007, 2013), buscamos entender os desafios que as personagens femininas nesse romance enfrentam ao estarem em espaços identitários entre as culturas e sociedades brasileira e estadunidense. Analisaremos especificamente as personagens Carmen Socorro, imigrante brasileira nos Estados Unidos e representação literária da atriz-cantora Carmen Miranda, e Rosea Socorro-Katz, filha de Carmen Socorro nascida e criada nos Estados Unidos, partindo das seguintes questões: como elas construíram e compreenderam suas respectivas identidades a partir do contato com o Outro, como o fato de serem mulheres afetou tal construção e compreensão e como os desenquadramentos da mãe tiveram influência nos da filha. Por fim, buscamos trazer à tona a questão da mulher como sujeito deslocado em busca de um espaço para si entre dois imaginários diferentes e as dificuldades que tal descolamento promove.

Palavras-chave: Literatura brasileiro-americana; Literatura brasileira; Mobilidade; Gênero

17/07 (TARDE)

GÊNERO E DESLOCAMENTO: O ESPAÇO PÚBLICO COMO AMEAÇA EM "A PEQUENA GOVERNANTA" DE KATHERINE MANSFIELD

Letícia de Souza Gonçalves (Universidade Federal de Goiás - UFG)

Resumo: Representar a composição dos gêneros masculino e feminino e o processo de transformá-los em um todo a partir da cooperação mútua e da desconstrução de discursos historicamente moldados é característica recorrente nos contos da autora neozelandesa Katherine Mansfield (1888 – 1923). Suas obras literárias e escritos confessionais demonstram que seu processo criativo era o veículo de experimentação estilística e divulgação de ideologias com sutis apontamentos de ordem política e feminista. Tendo isso em vista, o objetivo deste trabalho é analisar o conto “A pequena governanta”, presente da coletânea *Bliss & other stories* (1919), observando o trato do gênero, o deslocamento, as representações das personagens masculinas e femininas, e o uso dos símbolos como elementos de ligação abstrata e ideológica. O conto apresenta os obstáculos de uma governanta inglesa viajando sozinha para a Alemanha em meio a homens dominadores e rudes. Mansfield confronta, no conto, a inocência com a sagacidade, uma vez que introduz a minoria inexperiente em meio à maioria versada nas artimanhas do poder, de modo que aquela tenta reverter a situação enquanto é consumida por esta. Vivenciando os percalços pelos quais a mulher passa nessa aventura de cruzamento de fronteiras e desbravamento de espaços, Mansfield desconstrói preconceitos e princípios e abre novas possibilidades de enxergar o mundo e a mulher que se aventura no espaço público.

Palavras-chave: Katherine Mansfield; A pequena governanta; deslocamentos.

VIAJAR É PRECISO: A RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NAS PROTAGONISTAS DE THE LITTLE GOVERNESS E A PARTIDA DE TREM

Maria Alice Sabaini de Souza Milani

(Universidade Federal de Rondônia)

Resumo: A presente comunicação tem por objetivo comparar os contos *The Little Governess* e *A partida de trem*, analisando como as viagens realizadas pelas protagonistas interferem na (re)constituição das identidades delas. Vale ressaltar que os contos de Katherine Mansfield e Clarice Lispector apresentam uma linguagem voltada para a emoção e para o afeto de maneira a conceder ao texto um caráter intimista. No entanto, o intimismo, proveniente do fluxo de consciência e do monólogo interior, não é a única forma de as protagonistas analisarem e avaliarem a sua existência, a sua condição no mundo e, até mesmo a sua identidade. Além da viagem íntima a que essas personagens são submetidas, há também o deslocamento territorial

vivenciado por ambas. No caso da personagem de Mansfield, a pequena governanta inglesa viaja da França para Munique na intenção de trabalhar. Contudo, antes de embarcar ela recebe um conselho que a alerta a respeito dos perigos com os quais poderia se deparar durante tal trajeto. A ingênua governanta se amedronta diante dos homens que encontra antes do embarque, porém o senhor que senta próximo a ela não lhe provoca nenhum temor, tanto que eles começam a conversar e ele insiste em lhe mostrar Munique quando chegassem. Diante da aceitação da protagonista, eles passeiam por Munique e ele a leva para seu apartamento, onde tenta assediá-la antes que ela tome a atitude de fugir ao perceber as verdadeiras intenções do anfitrião. No conto de Clarice Lispector, dona Maria Rita e Ângela, se encontram numa viagem de trem e aparentemente, os pequenos diálogos entre elas são sobre assuntos superficiais e sem possibilidade de continuidade. Entretanto, conforme o trem avança e o tempo passa, o narrador revela ao leitor a essência dessas personagens, seus anseios e diferenças e, ao mesmo tempo, demonstra pelas características atribuídas a cada uma das personagens que, apesar de aparentemente diferentes, elas eram iguais, pois estavam sozinhas e queriam ser amadas. É interessante observar que nos dois contos nota-se uma reconstrução da identidade das personagens femininas, em virtude de um deslocamento geográfico que ora faz com que elas convivam com o perigo do assédio, no primeiro conto, e ora faz, no caso do segundo conto, com que elas possam descobrir-se a partir do outro. Em ambos os casos, o percurso percorrido pelas personagens femininas possibilita que elas reconstruam suas identidades. Nesse sentido, tais protagonistas ganham nova dimensão e passam, ainda que timidamente, a agir como sujeitos. Para o embasamento teórico desse trabalho utilizarei Hall (2005), Bauman (2005), Butler (2003), Zolin (2009), Xavier (2012).

Palavras-chave: Autoria feminina; Viagens; Identidade; Contos; Protagonista.

AS VIAGENS DE GUTA: SUBVERSÃO E PUNIÇÃO EM AS TRÊS MARIAS, DE RACHEL DE QUEIROZ

Ingred De Lourdes Pereira (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ)

Resumo: O romance *As três Marias* (1939), de Rachel de Queiroz, narra o amadurecimento e o destino de três amigas – Maria da Glória, Maria José e Maria Augusta –, em que os espaços habitados por essas personagens restringem-se à reclusão do colégio interno e da casa, representações físicas que são dos papéis sociais limitantes atribuídos às mulheres na sociedade do Ceará da primeira metade do século XX representada na obra. Maria Augusta, ou Guta, como é chamada de forma mais recorrente, não por acaso também a narradora, é a única das três Marias que subverte a ordem do patriarcado e, após uma tragédia pessoal, resolve viajar sozinha ao Rio de Janeiro. Dessa forma, o tema da viagem, já presente no imaginário de Maria Augusta, acostumada desde a infância a ler livros como *As viagens de Gulliver* e *Robinson Crusoe*, passa a fazer parte também da realidade da narrativa. Analisar e compreender como a experiência do deslocamento em direção ao desconhecido contribui para a construção da subjetividade da personagem e interfere na posição social a ela destinada são, portanto, o objetivo desta comunicação. As perspectivas teóricas que permeiam o estudo são, principalmente, as obras de Felski (2003), no que diz respeito à crítica literária feminista; de Campos (2011), Duarte (2005) e Hollanda (1997; 2017) sobre a recepção crítica da obra da autora; e a abordagem acerca da literatura de viagem de Todorov (1993).

Palavras-chave: Rachel de Queiroz; *As três Marias*; viagem; subjetividade; crítica literária feminista.

O PAPEL DA MULHER X A MULHER NO PAPEL: UMA ANÁLISE DO CONTO “O PAPEL DE PAREDE AMARELO”, DE CHARLOTTE PERKINS GILMAN

Hortência de Melo Gianvechio (UFG)

Resumo: O conto “O papel de parede amarelo” transita entre elementos autobiográficos e de terror psicológico para relatar, através da história de sua protagonista, a preocupante realidade das mulheres nos oitocentos, que sofriam um rígido controle e uma forte opressão social, muitas



vezes representada na figura do marido. Apontadas como histéricas, julgadas e classificadas de maneiras distorcidas e desmoralizadoras, eram impedidas de viver de forma livre, de exercerem uma profissão – no caso do conto, ser escritora- de participarem da vida pública, de romperem o confinamento do lar e a obrigatoriedade exclusiva da criação dos filhos, entre outros. Excluídas da participação na sociedade, da possibilidade de ocuparem cargos públicos, de assegurarem sua própria sobrevivência e até mesmo impedidas do acesso à educação superior, as mulheres ficavam confinadas dentro de suas casas, construídas por pais, maridos, etc. Na vida e na arte, a mulher aprendia a ser tola, adequando-se a um retrato do qual não era autora. (TELLES, 1997). Para manter a mulher no lugar que lhe foi destinado pelo patriarcado, qualquer atitude ou até mesmo pensamento anunciado que pudesse indicar uma ameaça ao controle deste corpo – tratado como um bem de direito coletivo - era rapidamente julgado como delírio, loucura, desequilíbrio emocional. Patologizando os desejos e reivindicações das mulheres, elas eram entregues, agora, ao poder médico, que não passava de mais uma instância opressora, cúmplice desse pacto perverso de adoecer mulheres e confiná-las em clínicas psiquiátricas – tudo em prol da manutenção social. Portanto, a crítica que pode ser lida no conto é impactante e revolucionária, principalmente para a época em que foi publicado, no ano de 1892. E para que conseguisse que seu conto, que revela esta realidade cruel e sombria, fosse publicado era preciso que a autora utilizasse algumas estratégias de escrita, vestindo-o com uma roupagem aceitável para a época. Neste caso, Charlotte Perkins Gilman optou por elementos do fantástico, do terror psicológico e do fantasmagórico. Ou seja, escrito de forma metafórica, Gilman nos presenteia com um conto duplamente perturbador: seja na leitura literal de seus elementos, seja na leitura figurada que pode ser feita para além do papel. E é nesta leitura para além dos elementos de terror que focaremos esta análise, concentrando-nos nas possibilidades de leitura do conto como crítica e denúncia da realidade a qual estavam submetidas as mulheres da época.

Palavras-chave: Escrita feminina; Repressão; O papel de parede amarelo; Charlotte Perkins Gilman

18/07 (MANHÃ)

VIAGEM E RESISTÊNCIA: UMA LEITURA OCIDENTAL SOBRE O CONCEITO DE VIAGEM NO IMAGINÁRIO COLETIVO DAS MULHERES MARROQUINAS NA OBRA DE FATIMA MERNISSI

Vanessa Aparecida Kramer (Universidade Federal de São Carlos - UFSCar)

Resumo: O presente trabalho propõe analisar como o conceito de viagem é representado simbolicamente, pelo imaginário feminino, na autobiografia da escritora marroquina Fatima Mernissi. Com essa finalidade, procuramos entender como a narrativa de *Nasci num harém: As mil noites de Xerazade* (2001) estabelece formas de representação da viagem para além do movimento de corpos por espaços geográficos, ao protagonizar o imaginário coletivo das mulheres orientais por meio de manifestações artísticas, literárias e culturais, de modo a compensar a realidade reprimida. A fim de problematizar o papel da mulher na literatura contemporânea, tomamos como aporte teórico os pressupostos de Cecil Jeanine Zinani, *História da literatura: questões contemporâneas* (2010) e Rita Felski, *O Gênero da Modernidade* e então analisamos como o texto literário engendra estratégias de resistência ao fluir de acordo com a perspectiva de Fatima, a qual narra desde as memórias de uma infância limitada aos pátios de um harém na cidade Marrocos até a fase adulta com a concretização de inúmeras viagens que faz como escritora reconhecida mundialmente. Além de contar a sua história, a personagem descreve o contexto familiar no qual sempre esteve inserida, ao mesmo tempo em que denuncia os desmandos do sistema patriarcal. Ao levar em conta questões sócio-históricas que permeiam a realidade das mulheres marroquinas, tendo em vista que a normatização social dita que, enquanto que o homem atua em nome da razão e a conservação da ordem, a mulher, que é o outro reprimido, deve ser mantida em espaços privados com o rosto velado pelo véu e inibida de andar livremente pelas ruas sem estar acompanhada de um nmahram – pai, irmão ou esposo –



dentre tantas outras restrições. Diante disso, buscamos entender como as personagens femininas buscam mecanismos para subverter e resistir às imposições socialmente instauradas através da ficção. Ao considerar tais problemáticas na narrativa literária, tencionamos compreender como a viagem de mulheres se revela como uma miragem que povoa a imaginação feminina, num ritual de estratégias que antecede o ato de partir, de modo que, o que ganha relevância é a preparação para enfrentar mundos desconhecidos, realidades nunca antes vividas. A complexidade consiste em enfrentar barreiras impregnadas ao gênero, criar estratégias para romper com o que foi preestabelecido socialmente, de encontrar maneiras de resistir simbolicamente. Desse modo, analisamos os sentidos que esse conceito produz na ficção e a relevância desse imaginário coletivo para a resistência das mulheres ao atuar como um mecanismo de libertação e contestação diante das imposições patriarcais e religiosas que predominam nas sociedades islâmicas do oriente.

Palavras-chave: Cultura oriental; Gênero; Literatura de resistência; Viagem.

PELAS RUAS DE CALCUTÁ, A BUSCA POR SI NO ROMANCE DE SHUMONA SINHA
Carla Cristina Campos Brasil Guimarães (Universidade de Brasília)

Resumo: Pensar os femininos é também (re) significar os caminhos percorridos por cada mulher na construção de si mesma. Dessa forma, a proposta deste trabalho é o de apresentar a construção da identidade de uma mulher que escolhe partir de Calcutá, na Índia, para Paris, na França, para escrever sobre o papel da mulher na Índia através de seu livro, *Calcutta* (SINHA, 2014). Trisha, a personagem principal do nosso livro, ao voltar para sua cidade não a reconhece e essa redescoberta nos apresenta os caminhos que atravessam seu interior e que fazem parte daquela que talvez não fosse mais sua cidade. Aquela que parte sabe que as fronteiras são provisórias e que, além disso, não se referem apenas a muros, mas a famílias, à língua e à cultura. Por isso, quando Trisha retorna ela compreende que há mais dela na história de Calcutá do que ela pudesse compreender a partir de seu deslocamento e, nesse sentido, talvez Adorno estivesse certo quando disse que “faz parte da moralidade não se sentir em casa na própria casa” (ADORNO, 1978). Assim, a viagem que é proposta neste trabalho é a da busca incessante pela identidade dessa mulher que se encontra imersa na exclusão do capital. “As mulheres não poderiam ter sido totalmente desvalorizadas enquanto trabalhadoras e privadas de toda sua autonomia com relação aos homens se não tivessem sido submetidas a um intenso processo de degradação social; e, de fato, ao longo dos séculos XVI e XVII, as mulheres perderam terreno em todas as áreas da vida social” (FEDERICI, 2017). Diante de todos os processos históricos ocasionados pelo desenvolvimento do capital, é preciso reconhecer de que lugar essas mulheres falam e a que processos elas se submetem. Por fim, entre os deslocamentos de língua e de espaço e de suas relações históricas, quem é essa mulher que ultrapassa as fronteiras e dá voz a outras mulheres por meio da literatura?

Palavras-chave: Calcutta; A mulher e o capital; narrativas do exílio.

A RAINHA DO IGNOTO: A VIAGEM COMO REALIZAÇÃO FEMININA

Gabriela Ramos Souza (Universidade Federal do Ceará)

Resumo: O deslocamento das personagens femininas entre dois mundos permeia o romance *A Rainha do Ignoto* (1899), da escritora Emília Freitas. A narrativa se desenvolve entre dois espaços: um patriarcal, aos moldes do final do século XIX, no interior do Ceará; e a Ilha do Nevoeiro, localizada próximo ao rio Jaguaribe, na mesma província, onde uma rainha e suas paladinas vivem em uma sociedade secreta e utópica, exercendo as mais variadas profissões - médica, maquinista, comandante de navio, maestrina, advogada, dentre outras. Por meio de três navios - Tufão, Neblina e Grandolim - essas mulheres partem para as suas missões em estados de todo o Brasil - como Recife, Rio de Janeiro e Amazonas - e mundo afora, utilizando-se de técnicas de hipnose para não serem descobertas no mundo patriarcal, onde não podem assumir a própria identidade. Seguindo ideais modernos, na busca de construção de uma civilização, essas mulheres possuem conhecimentos amplos nas áreas das ciências, da economia e das artes.



Promovem missões no intuito de praticarem o “bem” na sociedade em que mulheres estavam voltadas para o lar e para a maternidade, sempre subjugadas aos homens. Na transição entre os dois mundos, porém, essas mulheres são livres, vivendo em prol de um projeto utópico alinhado à modernidade, com a luta pela abolição, pela República e contra a interferência da Igreja. Com base em Constância Lima Duarte (2003), questionamos o não-lugar feminino, uma vez que a Ilha do Nevoeiro se apresenta como espaço idealizado, único possível para a realização feminina. Sobre a limitação da vida pública da mulher no século XIX e o lugar social das mulheres, traremos a historiadora Norma Telles (1997), ao destacar que a natureza feminina, formulada a partir do século XVIII, seria maternal, delicada e como força do bem. Sobre as viagens empreendidas pelas personagens, a pesquisadora Cecília Maria Cunha (2008) ressalta que é possível perceber um duplo sentido: não apenas de conquista de novos lugares, mas também em direção ao interior. Para isso, abordaremos Todorov (1993), que apresenta a viagem como deslocamento físico e mudança interior; e Santos e Oliveira (2001), que consideram que o sujeito e o espaço acham-se intimamente interligados.

Palavras-chave: A Rainha do Ignoto; Viagem; Feminino

PARTIR É IGUAL A FICAR - A RESSIGNIFICAÇÃO DA ESPERA DE PENÉLOPE NA POESIA CONTEMPORÂNEA

Eva Maria Testa Teles (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)

Resumo: Este trabalho apresenta a análise da retomada do mito de Penélope na poesia de Ana Martins Marques e Mônica de Aquino. Trata-se de um estudo de viés duplo: a análise da poesia das duas escritoras brasileiras e do feminismo que a escrita de autoria feminina carrega em seu bojo. As poesias que constituem o corpus deste trabalho, das autoras acima citadas, apresentam a personagem da mitologia grega sob nova perspectiva, uma releitura da espera de Penélope pelos olhos de escritoras do século XXI, mulheres que já não precisam esperar. Penélope é uma personagem mitológica que está presente nas primeiras obras escritas, a *Ilíada* e a *Odisseia*, de Homero que viveu por volta do fim do século IX e início do século VIII a.C. Ela espera por vinte anos pelo retorno de seu marido, Ulisses, que havia partido em viagem para a Guerra de Tróia e após alguns anos, como seu destino era desconhecido e todos acreditavam que estava morto, o pai de Penélope sugeriu que ela se casasse novamente, ela recusou diversas vezes o conselho do pai. Quando não foi mais possível ela lançou mão de um artifício para ganhar tempo, alegou que estava tecendo uma mortalha e quando a obra estivesse pronta escolheria um de seus pretendentes. Penélope tecia durante o dia e à noite, secretamente, desfazia o trabalho. O mito de Penélope mostra uma das mais populares imagens de feminilidade, da mulher que espera pelo amor e enquanto espera, pacientemente, borda, tece, junta os fios e as cores. E é essa imagem que vem sendo revisitada nas poesias contemporâneas que analisamos, por meio da intertextualidade com o passado a poesia propõe uma nova interpretação, uma releitura que estabelece convergências e divergências com a obra original. Na obra de Aquino a temática da Penélope aparece de forma contundente ao declarar “Ulisses, agora, sou eu” (2017, p. 20) e apresenta a espera de Penélope como uma busca de si mesma, e o ato de tecer e desfazer o que foi tecido é uma preparação interna, subjetiva de sua própria jornada e declara, em outra poesia, “De repente, partir é igual a ficar” (2017, p. 26) dando indícios de que a espera é como a viagem, duas faces da mesma experiência, cada uma com seu universo particular. Propõe-se, dessa forma, uma reflexão sobre a retomada e resignificação da espera de Penélope, esta enquanto jornada interior, e, para além da espera, a possibilidade da viagem, e todas as outras possibilidades que se apresentam para ela na contemporaneidade, elementos fundamentais na constituição da identidade dessas personagens, a Penélope de antes e as de agora. Poderíamos ir além e questionar, ainda, se o trajeto percorrido por Penélope através dos milênios não seria sua viagem mais transformadora.

Palavras-chave: Mito da Penélope; Resignificação da espera; Escrita de autoria feminina; Poesia contemporânea.



18/07 (TARDE)

IMAGENS DE PORTUGAL: UM ESTUDO DAS CRÔNICAS DE VIAGENS DE CECÍLIA MEIRELES

Tainara Dantas Da Silva (UNIFESSPA)

Resumo: A viagem sempre esteve bastante presente na literatura, em algumas obras são a temática principal, em outras secundárias. A literatura de viagens, caracterizado, por Cristóvão (2002), como um subgênero interdisciplinar de textos cruzados pela literatura, história e antropologia e escritos sobre um viés autobiográfico e, usualmente, por um narrador que conta as suas próprias experiências enquanto personagem principal da viagem, estes textos são constituídos por locais e espaços variados, onde a viagem, seja ela física ou imaginária, está presente como temática e permitem um ponto de vista antropológico e cultural, pois este narrador viajante tende a olhar e problematizar o outro, a partir de si mesmo. A literatura de viagens foi muito próspera no século XX, especialmente porque se revitalizou em função deste período histórico, direcionando seus textos para as problemáticas do homem moderno. O viajante deste novo século é consciente de que não há muito de “inédito” a se narrar e procura desenvolver uma relação diferente com aquele lugar, problematizando o seu ponto de vista de observador viajante a partir do seu lugar de observação. Num mundo globalizado, a motivação do deslocamento e o sentido da viagem mudam. O viajante que outrora se deslocava com o propósito de descobrir um mundo novo, hoje com este mundo explorado através dos meios de divulgação de massa, a este viajante resta-lhe observar. A viagem na modernidade gera esta problemática da observação, do olhar; sobretudo um olhar crítico diante da relação do sujeito com a sua existência e com o conhecimento do Outro. Segundo Mello (2002) o tema da viagem é constante no imaginário de Cecília Meireles e se desenvolve por um lado em uma dimensão geográfica, quando se desloca através das suas viagens marítimas portuguesas ou por avião à diversas cidades do oriente e ocidente, como percebemos nas obras Poemas escritos na Índia, Poemas de viagem, Poemas italianos e nas Crônicas de viagem; e por outro lado a viagem em um sentido metafórico, de um percurso de um Eu em busca de si mesmo, neste sentido o tema é traçado pelas imagens do mar, da noite e do céu, permeados por um vocabulário imagéticos do mesmo campo semântico. Partindo dos resultados parciais de minha dissertação de mestrado, esta comunicação tem por objetivo analisar aspectos sobre cultura, memória, identidade, alteridade, imagens e estereótipos nas crônicas de viagem escritas por Cecília Meireles: “O miraculado”, que narra suas impressões na cidade portuguesa de Fátima; “Evocação lírica de Lisboa”; “Lisboa, em junho...” e “Quem não viu Lisboa...” que tratam da sua passagem pela capital de Portugal.

Palavras-chave: Cecília Meireles; Crônicas de viagem; Viajante.

REMEMORAÇÃO NOS ROMANCES O MAR NUNCA TRANSBORDA E TROPICAL SOL DA LIBERDADE, DE ANA MARIA MACHADO: VIAGENS POR TEMPOS HISTÓRICOS

Ilma Socorro Gonçalves Vieira (Universidade Federal de Goiás)

Resumo: Revolver lembranças do passado vivido pode corresponder a uma viagem no tempo, em que são presentificadas situações que marcaram a construção da identidade do sujeito que lembra, assim como o contexto histórico no qual as lembranças estão situadas. Em determinados romances de Ana Maria Machado, por meio de movimentos de rememoração, as protagonistas avançam na compreensão da própria trajetória e da progressão da história da coletividade que integram. A rememoração é entendida, nesse sentido, como viagem de natureza simbólica, por representar um trânsito entre dois planos sobrepostos na construção narrativa: aquele onde se desencadeia o processo de rememoração e o outro, para onde a memória se lança, na tentativa de reconstituir sensações, percepções e outros elementos do passado. Em O mar nunca transborda (1995), a personagem Liana, jornalista brasileira residente em Londres, acessa um



longo período da colonização do Brasil, e, por meio de uma escrita ficcional, reconstitui a história de várias gerações de seus antepassados, e isso é determinante para que a protagonista estabeleça sua identidade – como mulher, como profissional e como sujeito da história de uma comunidade de região beira mar. Alternando dois núcleos narrativos – um em que se desenvolve a história de Liana e outro constituído da ficção que ela constrói –, a obra propõe uma dialética em torno do processo de colonização do Brasil, com enfoque sobre pontos de vista dos “colonizados”. Assim, vozes femininas se ressaltam no romance, ora revelando a perspectiva das mulheres que sofreram, diretamente, as dores daquele processo, ora sugerindo um olhar comprometido com a trajetória nacional, embora distanciado do tempo histórico enfocado. Já, em *Tropical sol da liberdade* (1988), a protagonista é Lena, uma mulher que retorna à casa da mãe no Brasil, após se exilar durante o período de ditadura militar. A narrativa se desenvolve em uma complexidade temporal, em que se mesclam dois passados – um constituído das lembranças que Lena guarda daquele período histórico, outro em que se desenvolve o tempo de recuperação da saúde dela, na casa da mãe. Também nesse romance se ressalta a voz feminina, de modo a sugerir resistência frente a uma conjuntura alicerçada na opressão imposta por um sistema dominador. A viagem pelo tempo histórico, empreendida pela personagem, além de sugerir uma revisitação àquele período de repressão, na perspectiva de compreender melhor o modo como ele se desenvolveu, funciona, na narrativa, como um movimento fundamental para a superação das marcas deixadas pela ditadura. Nos dois romances da autora percebe-se, ainda, a relevância da imagem do mar, como sugestiva do mito do colonizador. Para Liana, era preciso cruzar o Oceano Atlântico, por meio do exercício da memória individual e da memória coletiva (HALBWACHS, 2003), para ressignificar a história das várias gerações de seus antepassados, na terra natal; para Lena, cruzar esse oceano, em retorno do exílio, e revolver as lembranças do passado histórico eram condições para o amadurecimento íntimo de que ela precisava e o estabelecimento de sua identidade, também como mulher, como profissional e como sujeito da história de uma coletividade.

Palavras-chave: Rememoração; Viagens por tempos históricos; Romances de Ana Maria Machado.

DO BANCO DA PRAÇA: MEMÓRIA DE MULHER E URBE NAS NARRATIVAS DE VIAGEM DE MARÍA MORENO

Samara Heringer Coelho do Nascimento (UFRJ)

Resumo: Em *Banco a la Sombra* (2007), María Moreno, jornalista e escritora argentina, se aventura, nesta obra autoficcional e autobiográfica, a narrar, através de um conjunto de dez crônicas, viagens ao redor do mundo. O que todas têm em comum? A praça. A partir deste ponto central da cidade, que é testemunho de uma vivência e memória coletiva (BARBINI; RAMALHETE, 2012: 237), a narradora observa e absorve as narrativas que a urbe conta e as entrelaça com suas memórias pessoais. Ao mesmo tempo que se coloca nessa centralidade geográfica, também narra à margem, mantendo-se periférica a todo frenesi turístico. Seu olhar é estrangeiro, mas não turístico, e nesse lugar panóptico em que se encontra, retém sua mirada nos elementos e nos indivíduos invisibilizados, nos detalhes que passam imperceptíveis diante do ritmo da cidade, tecendo-os com sua própria história, (a)filiações e sua biblioteca pessoal. O presente trabalho objetiva, portanto, refletir sobre o papel da memória na narrativa de viagem e como se constrói seu diálogo com a urbe na presente obra, considerando que a cidade é uma escrita (Barthes, 1987) e que é, consequentemente, resultado da leitura, construção do sujeito que a lê, enquanto espaço físico e mito cultural, pensando-a como condensação simbólica e material e cenário de mudança, em busca de significação” (GOMES, 1997: 179). Assim, nesta obra viajamos com uma mulher que ocupa os espaços públicos, outrora renegados a ela, para ressignificar a cidade, lançando mão de suas leituras, seu conhecimento de mundo, seu alcoolismo, suas memórias como elementos ressignificadores desse espaço urbano, mostrando que a ela também é esse sujeito que lê e que escreve a cidade. Refletiremos também sobre suas memórias nesta autoficção, tendo presente que a memória é um “elemento constitutivo do ser

humano” e também “imprescindível para a construção literária” uma vez que “o autor recorre a ela tanto ao escrever ficção quanto ao trabalhar com gêneros autobiográficos” (FIGUEIREDO, 2017).

Palavras-chave: Urbe; Crônica; María Moreno; Praça.

ESCRITORAS EM TRÂNSITO II: MARY WOLLSTONECRAFT E NÍSIA FLORESTA

Flora Schroeder Garcia (PUC-SP)

Resumo: O ideal que pretendeu restringir a ação das mulheres no mundo à procriação e à manutenção da harmonia familiar, negando-lhes a liberdade espacial, intelectual e artística, alcançou a sua forma mais acabada no século XIX, cristalizando-se na figura exaltada no poema “The Angel in The House” (1862), de Coventry Patmore. Posteriormente, no ensaio “Professions for Women” (1942), Virginia Woolf defenderia o assassinato metafórico do Anjo do Lar como necessário à plena liberdade intelectual e artística da mulher. Todavia, a gênese desse ideal deu-se no século XVIII, a partir de discursos como o presente em *Émile* ou *De l’éducation* (1762), de Jean-Jacques Rousseau. Nos capítulos iniciais desse tratado pedagógico, a educação de Emílio é detalhadamente explorada. Apenas no capítulo final da obra, a figura de Sofia, a companheira ideal para o jovem, é introduzida e sua educação é brevemente abordada. Concebidas como opostas e complementares, a educação proposta para Emílio e a educação proposta para Sofia devem servir como modelos à criação de homens e de mulheres, respectivamente. Integra o plano pedagógico proposto por Rousseau a viagem, pensada enquanto atividade formativa que deveria ser reservada exclusivamente aos homens. No século XVIII, essa prática era considerada parte importante da educação do sujeito cosmopolita e da formação do cidadão, devido ao conhecimento de mundo que possibilitaria alcançar. Além disso, o relato de viagem era um dos gêneros literários mais populares no período. Embora o discurso dominante patriarcal tenha buscado limitar, com base em argumentos de ordem filosófica e biológica, a participação das mulheres nessas práticas, sempre houve mulheres que viajaram, que pensaram, que escreveram e que criaram obras de arte. A viagem, que desempenha importante papel na literatura ocidental, está presente em inúmeras obras escritas por mulheres. É o caso de *Letters Written in Sweden, Norway, and Denmark* (1796), de Mary Wollstonecraft, importante filósofa e escritora, assim como de *Itinéraire d’un Voyage en Allemagne* (1857) e *Trois ans en Italie suivis d’un voyage en Grèce* (1864), de Nísia Floresta Brasileira Augusta, educadora, escritora, poetisa e defensora dos direitos das mulheres, dos escravizados e dos indígenas. Com o objetivo de realizar nossa pequena contribuição à vasta e árdua tarefa de retirar da invisibilidade as experiências e a produção de mulheres, abordaremos esses relatos de viagem, buscando considerar em que medida a viagem é imbuída de sentidos específicos, configurados a partir da inserção das autoras em seus respectivos contextos sociais, históricos e geográficos.

Palavras-chave: condição das mulheres; mobilidade espacial; liberdade intelectual; literatura escrita por mulheres; relato de viagem.

19/07 (MANHÃ)

“A VOZ DA CIDADE É SUAVE COMO A DA SOLIDÃO”: A (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NO ROMANCE DE ZELDA SAYRE FITZGERALD

Marcela Lanius (PUC-Rio)

Resumo: Zelda Sayre Fitzgerald foi uma das esposas literárias mais famosas do século passado. Foi também uma representação fiel da belle sulista que reafirmava o poder do antigo Sul; da revolucionária flapper que marcou toda a Era do Jazz; e também da mulher que, vítima dos preconceitos e ditos sociais de sua época, se viu privada de uma possível carreira profissional e de uma identidade separada daquela de seu célebre esposo. É por isso mesmo que a vida de Zelda costuma ser analisada exclusivamente a partir de dois pontos de vista: primeiro, da sua condição de grande musa para os romances do marido; segundo, da imagem da esposa doente,



diagnosticada com esquizofrenia e morta num incêndio no ano de 1948. Há, no entanto, uma terceira via, ainda pouco explorada: o estudo de sua obra artística, que é composta não só por escritos literários, dramáticos e epistolares, mas também por pinturas e uma fracassada carreira como bailarina. Esta proposta de comunicação, portanto, segue por essa terceira via para discutir *Save me the Waltz* (1932), o único romance de Zelda Sayre Fitzgerald. Predominantemente entendido como relato autobiográfico ou mesmo exercício terapêutico – uma vez que foi concluído durante a internação da autora na clínica psiquiátrica de Phipps, na cidade de Baltimore –, *Save me the Waltz* é, também, um romance de formação; um relato singular das experiências de uma mulher que, mesmo inserida dentro do círculo social dos expatriados em Paris e pertencente à chamada geração perdida, ainda hoje ocupa uma posição menor dentro de discussões críticas; e, acima de tudo, o relato de uma viagem em busca de uma identidade própria. É no seu processo de escrita que Zelda remendará os caminhos que a levaram de uma pequena cidade do Alabama para a Nova York da década de 1920 e, posteriormente, para a Paris boêmia dos artistas expatriados e para o asilo psiquiátrico; e é também nesse romance que a autora discutirá a sua ânsia para deixar de ser esposa, mãe e musa – e a sua luta para firmar-se como bailarina. *Save me the Waltz* é, ainda, um importante espaço no qual a autora se permitirá um último relato; o de uma viagem não realizada na vida real, comprometido pelo seu colapso e consequente diagnóstico: o aceite para dançar em uma companhia italiana de dança, que implica uma mudança para a cidade de Nápoles – mudança esta que não será empreendida pelo núcleo familiar de marido e filha, mas apenas pela personagem-Zelda. O romance, portanto, constrói-se não apenas como tentativa de Zelda Sayre Fitzgerald em se firmar como autora, mas também como um esforço para romper com as funções socialmente rígidas de mãe e esposa.

Palavras-chave: Zelda Fitzgerald; literatura estadunidense; relato autobiográfico; autoria feminina

TRAVESSIAS: UM ESTUDO SOBRE A NOÇÃO DE DESLOCAMENTO E VARIANTES A PARTIR DO FILME QUE HORAS ELA VOLTA? E DO ROMANCE ALGUM LUGAR

Mônica dos Santos Melo Figueiredo (UFPE)

Resumo: Uma espécie de expressão guarda-chuva, o termo deslocamento destaca-se, no escopo da discussão suscitada pelo trabalho, por algo que vai além dos vários sentidos que abriga. Talvez se revele como a palavra que mais consegue sintetizar a natureza dos fenômenos que ora persistem ou se acentuam no século 21. A era da Revolução Digital ainda protagoniza dinâmicas discriminatórias que tentam por à margem populações e categorias sociais. E, se por um lado, é palco de expressivos fluxos migratórios atraídos por ricas experiências internacionais, por outro, testemunha a crise dos refugiados, o drama, sob vários aspectos, de exilados e desterritorializados. Problematicar a noção de deslocamento, na perspectiva plural a ser adotada, pressupõe atravessar questões ensejadas pelas ideias de fronteiras, limites, outridade, mudanças, conflitos (de toda ordem). Em sintonia com o caráter multifacetado da análise pretendida, optou-se por se trabalharem duas obras, uma cinematográfica e outra literária. Trata-se do filme brasileiro *Que horas ela volta?* (2015), de Anna Muylaert, a ser desdobrado em paralelo com o romance, *Algum Lugar* (2009), da escritora argentina radicada no Brasil Paloma Vidal. Vidal veio para o Brasil aos 2 anos de idade, com os pais, perseguidos pela ditadura na Argentina. Passou a infância e a juventude no Rio de Janeiro, sem jamais se naturalizar brasileira. O teor autobiográfico, a problematização quanto à condição do viver entre-fronteiras, vêm marcando tanto a construção de seus textos ficcionais, como os acadêmicos. Antes de fazer a conexão Rio-Los Angeles com esse seu primeiro romance, *Algum Lugar* (2009), a autora já ambientara seus personagens entre Rio de Janeiro e Buenos Aires, na coletânea de contos *A duas mãos* (2003), e ilustrara viagens traumáticas nas pequenas narrativas de *Mais ao Sul* (2008). A experiência e condição da Paloma Vidal de se encontrar entre culturas, entre línguas se repetem quando a escritora segue para Los Angeles com o objetivo de estudar para o doutorado. Algo que se confunde mesmo com o enredo de *Algum Lugar* (2009),



engatilhado durante esse período. Na obra, a protagonista se muda para Los Angeles para desenvolver sua tese de doutorado, mas se mostra indiferente ao desconhecido. No seu isolamento, não avança no trabalho acadêmico nem no relacionamento amoroso. Deslocada, desiste da tese e regressa ao Rio de Janeiro, cidade de origem, onde também, após a experiência, não se reconhece. Já em *Que horas ela volta?* (2015), a configuração assumida pela ideia de deslocamento ganha outros contornos. O filme retrata a vida da empregada doméstica Val, egressa do interior de Pernambuco, que se muda para São Paulo na busca de melhores condições de vida, muito em função de sua filha, Jéssica, deixada no Nordeste. Trabalha, há anos, em uma casa de família de classe média, em aparente equilíbrio, ameaçado com a vinda de Jéssica à cidade para prestar vestibular. A partir dessas obras ficcionais, as particularidades subjacentes à noção de deslocamento serão tratadas com base nas abordagens teóricas dos estudiosos Glissant, Said, Canclini, Bhabha. Também virão à baila nuances levantadas por Clifford, Stuart Hall, Bhabha, Jameson, Sarlo e Risério.

Palavras-chave: Deslocamento; Desterritorialização; Exílio; Língua

DA RELAÇÃO CONJUGAL AOS PROBLEMAS DE GÊNERO: IDENTIDADE, SUBORDINAÇÃO E SUBVERSÃO DE ALABAMA BEGGS EM ESTA VALSA É MINHA Emanuelle Cristina de Oliveira Altieri (UNESP)

Resumo: Este trabalho tem como finalidade apresentar a relação conjugal das personagens Alabama e David Knight, da obra *Save me the waltz* (traduzido, no Brasil, como *Esta valsa é minha*), o único romance da escritora Zelda Fitzgerald, publicado em outubro de 1932 nos Estados Unidos. O livro é dividido em quatro partes e doze capítulos e traz a história de Alabama, desde a infância, quando morava com os pais em Kentucky, na região conservadora que é o sul do país, até a vida adulta, quando casada e morando em outros locais. A análise consistirá em como as relações de gênero moldaram o namoro e casamento de Alabama e David, levando-se em consideração como afetaram a construção da personagem feminina ao longo da obra. Os padrões de feminilidade e masculinidade aparecem acentuadamente nas personagens do romance, afetando diretamente Alabama e reafirmando as problemáticas relacionadas ao gênero e a repressão dos papéis femininos, dada a dinâmica de dominância de homens e subordinação de mulheres mostrada por Kate Millet em sua tese que inaugurou a crítica feminista. Alabama constrói-se em comparação à família e, posteriormente, ao marido (um famoso pintor), que a faz sentir-se à sombra de sua carreira e de sua vida. As tentativas de mudar sua realidade e entender seu lugar no mundo como mulher e como artista se esbarra na masculinidade de David, que tenta minar a autonomia de Alabama desencorajando-a ou auto afirmando-se sobre ela. Alabama, embora tente romper com o padrão de relacionamento tradicional de seus pais, acaba em uma situação muito semelhante. Seus sentimentos por David Knight a fazem assumir as posturas que a sociedade espera de uma mulher e que, naturalmente, pressupõem alguns dos padrões de feminilidade, a começar pela divisão de trabalho pautada no gênero, entre outros aspectos nos quais a mulher é predominantemente passiva e deve viver em função da figura masculina: à Alabama cabia cuidar da casa com a ajuda que poderiam pagar, enquanto David pintava e recebia dinheiro e reconhecimento por isso. É por meio do balé que Alabama consegue recuperar sua identidade e ser vista como indivíduo e artista, tratando-se de um ato subversivo que a coloca à parte do universo de seu marido, bem como no poder de sua própria vida. Zelda Fitzgerald apresenta uma personagem feminina que é vítima da rigidez das relações de gênero e busca a sublimação de seus conflitos internos por meio da arte. A obra traz em seu cerne a experiência de ser mulher com espaços e temas recorrentes na literatura de autoria feminina, abordando temas periclitantes da sociedade de 1920 e da condição de ser mulher no contexto em questão, tais como família, maternidade e pertencimento.

Palavras-chave: crítica feminista; autoria feminina; personagem feminina

19/07 (TARDE)



O CONTO DA AIA E SUAS PERSONAGENS FEMININAS

Eloisa Raquel de Gois (UNESP/ Assis)

Resumo: Margaret Atwood é uma premiada escritora canadense, que além de romancista, também atua como poetisa, contista, crítica literária e inventora (LongPen), suas obras já foram publicadas em mais de 35 países. Seu estilo de tratamento dos limites sociais foi reconhecido desde o início de sua carreira, atualmente Atwood continua examinando a vida e cultura contemporânea, inclusive abordando os direitos das mulheres. Seu romance distópico de 1985 *The handmaid's tale*, traduzido para o português em 1987 (*O conto da aia*), foi nomeado e ganhou prêmios de literatura ao longo dos anos de 1985, 1986 e 1987. Suas personagens ganharam vida em versão de filme, ópera, série de televisão, entre outros, revelando assim seu impacto tanto no mundo das belas artes, assim como no cotidiano. Além de adaptações, a obra conta com estudos acadêmicos de várias vertentes, em diferentes países, entretanto tais pesquisas ainda são em número pequeno, mesmo na área de Letras Estrangeiras Modernas, se comparados a grande relevância, choque, identificação e influência que exerce no cenário social mundial atual. Este trabalho pretende apresentar este romance distópico focando nas personagens femininas, e simultaneamente seus vínculos de solidariedade e sororidade, assim como a falta deles, contrastando tais tópicos na obra de 1985 com a série feita pela rede de streaming Hulu em 2017. Será dada especial atenção à representação dos laços dentro da “subcultura” feminina e seu efeito para com as personagens da narrativa e série. Uma vez considerada a construção das personagens femininas que interagem com a protagonista Offred, serão apresentadas as análises sobre a presença ou ausência dos vínculos de solidariedade entre as personagens femininas já citados: como são construídos e como podem representar comportamentos subversivos perante autoridade patriarcal. Finalmente, serão feitas reflexões sobre representação da mulher e sororidade no texto da autora. São utilizadas como bibliografia deste trabalho as obras de Susana Bórneo Funck sobre a utopia na autoria feminina, estudos de Rita Terezinha Schmidt sobre a função teórica e a prática feminista, além de estudos sobre personagens de Beth Brait, Antonio Candido.

Palavras-chave: Margaret Atwood, vínculos de solidariedade, sororidade, literatura de autoria feminina, personagem feminina

A FIGURA FEMININA NA ESCRITA DE JANE AUSTEN E JULIA ALMEIDA

Rebecca Falcão Serrão
(UFPA)

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar o projeto de pesquisa de mestrado em andamento que tem como um de seus objetivos principais analisar comparativamente os romances *Razão e Sensibilidade* (1811), escrito por Jane Austen, e *Memórias de Marta* (1888), escrito por Julia Lopes de Almeida, com foco na construção compositiva de suas protagonistas: Marianne Dashwood e Marta. A partir dos apontamentos de Vasconcelos (1995) e Zardini (2012), discute-se como tema central das obras acima mencionadas a representação ficcional dessas figuras femininas. Para tanto, se torna de grande relevância fazer uma breve contextualização da vida das autoras e o período em que viveram, com a finalidade de evidenciar como esse fato pode ter contribuído na escolha da temática por elas abordadas em seus livros. Pois, as escritoras acima mencionadas são consideradas mulheres revolucionárias, já que abordavam questões referentes a situação de limitação social vivida por mulheres no século XVI. Dessa forma, pretendemos contribuir para um pensar sobre o feminino e suas questões, escutando as vozes das autoras e suas personagens e refletindo sobre o ser mulher no tempo e no espaço, tendo em vista que as autoras, apesar de se distanciarem em nacionalidade e período, se aproximam em seus projetos literários nos quais defenderam uma sociedade mais justa e igualitária para as mulheres. Em uma época na qual o direito à expressão para o gênero feminino era limitado, as autoras utilizavam-se de uma linguagem moderada para que seus trabalhos fossem publicados e consequentemente lidos. Dessa forma, seus trabalhos foram



fundamentais para a construção do pensamento da igualdade entre gêneros. Pretendemos demonstrar que essas escritoras colocaram em suas obras a questão feminina dentro do quadro da época. Dessa forma, procuraremos em nossa análise levantar hipóteses interpretativas sobre a trajetória literária das escritoras, bem como aspectos compositivos de suas personagens tendo como contexto a inserção da mulher oitocentista tanto na Inglaterra quanto no Brasil. Esta pesquisa bibliográfica, será realizada através de um estudo comparativo entre as personagens principais das obras supracitadas. Dessa forma, o desenvolvimento ocorrerá a partir da análise das personagens através de citações da obra, estabelecendo a semelhança nos temas utilizados pelas autoras e discutindo elementos referentes a figura feminina. Então, esta pesquisa bibliográfica vem sendo desenvolvida com a finalidade de evidenciar a aproximação entre as personagens e suas características emocionais, personalidades, atitudes e etc. Depois de finalizar a análise comparativa dessas duas obras, pretendemos contribuir com os diversos trabalhos sobre a literatura do século XVIII e XIX, especialmente aqueles que possuem relação com a representação feminina e o padrão social evidenciado naquele período, possibilitando assim a valorização aos trabalhos das escritoras Jane Austen e Julia Lopes de Almeida.

Palavras-chave: Século XIX; romance oitocentista; figuras femininas

A CONDIÇÃO FEMININA NA LITERATURA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Roselene Cardoso Araujo

Resumo: A Comunicação objetiva apresentar a voz feminina na obra de Conceição Evaristo sob os aspectos da condição afro-feminina numa sociedade em liquidez, na qual a memória das mulheres revelam a dor de existir em busca de uma identidade roubada pela opressão de um modelo social que não reconhece o feminino em si. A análise tem fundamentação teórica fenomenológica na qual a obra da escritora em sua “Escrivência”, termo adotado pela escritora é tratado como um fenômeno das vivências nas relações sociais e os vínculos com a escrita de forma ficcional, poética e ensaísta. A escritora ajusta o foco na população afro-brasileira, em uma abordagem social da pobreza e da violência urbana. Nesse sentido reveste de racionalidade porém com tessitura poética estabelece vínculos sólidos e entusiasmo anêmicos de um povo qual chama de “seu”. A base teórica serão os estudos na obra Modernidade Líquida (BAUMAN, 1999), Literatura e Sociedade (ADORNO, 1965), A Condição Humana (ARENDT, 2007). Esses Teóricos embasados em um contexto de modernidade imediata, líquida e veloz, mais dinâmica que a modernidade “sólida” que suplantou. A passagem de uma para outra acarretou profundas mudanças em todos os aspectos da vida humana. A modernidade líquida seria “um mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível”. Na sociedade contemporânea, emergem o individualismo, a fluidez e a efemeridade das relações. A expressão e comunicação da figura feminina nas obras de Conceição Evaristo perpassa por um universo de silenciosos gritos, acenos de brancos lenços e olhos d’água, em um sussurro do tempo que balbucia: “Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro” (EVARISTO, 2014). A trama do texto narrativo contido na obra de Conceição Evaristo enfatiza a etnicidade e a fortaleza de espírito e de corpo das mulheres num anseio gerador de mudanças sociais. A abordagem narrativa da escritora nas relações sociais em seus contos e romances assemelha mais brandura do que o que encontramos em sua poesia, em inferência acentuada nas buscas que as personagens fazem de si mesmas investigando o mundo a sua volta. O discurso literário de Evaristo no processo criativo da escrita expressa a ânsia de definir as identidades e o elos de ternura entre as figuras de “Maria, Ana Davenga, Ponciá Vicêncio, Luamanda...” no desejo de definir suas identidades marcadas pelas diferenças econômicas, sociais e raciais.

Palavras-chave: Social; literatura; feminina; opressão; poética.

A CAÇA AOS TROUXAS E SEUS REFLEXOS NA CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA HERMIONE GRANGER DE HARRY POTTER



Naiana Ghilardi (Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Faculdade de Ciências e Letras - Câmpus de Assis)

Resumo: A proposição deste trabalho consiste em evidenciar o arquétipo feminista da personagem Hermione Granger da obra Harry Potter. A personagem possui aspectos da Terceira Onda Feminista, movimento que se iniciou nos anos de 1990. A Terceira Onda prioriza a inclusão de mulheres de diferentes raças, etnias, classes sociais e orientação sexual, preocupando-se com suas diferentes realidades e problemas enfrentados. A cultura popular influencia os jovens leitores a se identificarem com os personagens, e principalmente, a se sentirem representados. O principal aspecto da Terceira Onda Feminista que a personagem em análise se encaixa é a luta pela igualdade entre as raças. Suas ações demonstram grande preocupação com o tratamento dado às minorias, portanto, a personagem foi desenvolvida para quebrar qualquer visão estereotipada de personagens femininas, e os paradigmas sociais, políticos e acadêmicos impostos pela sociedade patriarcal. No universo de Harry Potter, as pessoas nascidas trouxas (aquelas que não possuem magia) e os bruxos, costumavam viver em lugares próximos, contudo, a sociedade trouxa de elite não enxergava a sociedade bruxa com bons olhos. Dominados pelo medo, os trouxas começaram a caçar e assassinar aqueles que possuíam o dom da magia. A sociedade de elite Europeia, por influência das concepções patriarcais, acaba discriminando as mulheres, e a sociedade elitista bruxa discrimina os nascidos-trouxas. A personagem Hermione Granger faz parte da parcela da população que é bruxa, mas é nascida trouxa, filha de pais trouxas. Devido ao histórico de discriminação entre as sociedades, a personagem feminina sofre grandes preconceitos. A escritora inglesa J.K.Rowling elaborou uma personagem forte, determinada e destemida, que é a melhor aluna da turma, ou melhor, a bruxa mais inteligente de sua idade. Hermione busca desesperadamente conhecimento, pois está ciente de que terá que se impor, em meio a tantos julgamentos e injustiças. Assim como as mulheres, inseridas na sociedade Europeia de elite, que são consideradas bruxas, são caçadas e condenadas à morte injustamente, a personagem também sofre condenações. Seus colegas a consideram uma irritante sabe tudo, e seu desempenho acaba se tornando uma característica negativa aos olhos da maioria dos colegas. Por mais que a personagem se prove capaz, ela é sempre vista de forma negativa. O movimento feminista luta pela igualdade de gênero, por condições, mesmas oportunidades no âmbito social e profissional, e pelo respeito pelas diferentes raças e classes. Serão apresentados trechos da obra, que possuem o intuito de afirmar a constante luta da personagem contra a injustiça no decorrer da narrativa. A personagem feminina escolhida para a análise pode ser considerada a melhor representação da luta das mulheres no universo de Harry Potter, que permite considerar discussões acerca de temas como, preconceito racial, de classe e gênero.

Palavras-chave: J.K.Rowling; Hermione Granger; Personagem feminina; Literatura de autoria feminina; Teoria feminista.

O EROTISMO DE GILKA MACHADO E JUDITH TEIXEIRA

Camila Paiva da Silva (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Resumo: O século XIX foi crucial para os grandes avanços da humanidade, inclusive no que diz respeito às lutas das mulheres, no entanto, as conquistas femininas foram pequenas e as lutas continuaram ao longo do século XX. A crítica literária brasileira e portuguesa deste momento por ser formada por homens não evidenciava as escritoras que surgiam, embora estas fossem muitas e produzissem grande material literário, posto que ser escritora, poeta ou intelectual não era comum e nem aceitável neste contexto. As mulheres que ousavam sair em busca de sua arte eram consideradas mulheres fáceis, condenadas ao abandono. Assim, muitas mulheres escreviam para jornais e revistas com pseudônimos masculinos, a fim de não serem rechaçadas socialmente. Quando o mundo moderno fica mais aberto às mulheres, elas, conseqüentemente, escrevem mais e participam mais da vida cultural das cidades. Mas é por meio do discurso que as escritoras vão colocando seus nomes na história literária do país, ainda que elas não tenham obtido tanto êxito. De maneira mais marcante ou menos evidente, as poetisas deste tempo



estabeleceram através da poesia um paralelo com suas indagações pessoais. As angústias, as dúvidas, as dores, todas as questões acerca de um momento que privilegiava o homem e excluía a mulher podem ser evidenciadas em suas poesias. A contribuição de poetas como Gilka Machado e Judith Teixeira vai ser de extrema importância para estabelecer o lugar das poetisas no início do século XX. A poesia destas autoras marcavam um novo olhar para a poesia de autoria feminina, porque abordava assuntos ainda tabus nas sociedades brasileira e portuguesa. A temática do erotismo em Gilka e do lesbianismo em Judith vai tocar nestas sociedades conservadoras e patriarcais e mexer com o canone literário. Por conseguinte, é justamente o discurso sobre o erotismo feminino que irá aproximar Gilka Machado e Judith Teixeira, fazendo com que ambas transgredissem com suas poesias e iniciassem uma nova forma de mulheres fazerem poesia. Os temas até então abordados pelas mulheres eram mais sobre coisas do cotidiano da própria mulher do que sobre seu corpo. Pretendemos, portanto, analisar o discurso poético das poetisas Gilka Machado e Judith Teixeira e a aproximação do discurso erótico das duas com a poesia transgressora de Charles Baudelaire e suas *femme fatales*. É a mulher na poesia de Baudelaire, Gilka Machado e Judith Teixeira a representação da luta por um lugar de igualdade na sociedade Moderna. Dada as devidas proporções, tendo em vista que Baudelaire estava tratando somente do artista, a *femme fatale* era a própria expressão dos tempos modernos e suas contradições. Deste modo, é a figuração da *femme fatale* também na poesia de Gilka e Judith através do erotismo e o lesbianismo respectivamente, que irá representar um discurso em prol da mulher, seu corpo, seu desejo e seu lugar na sociedade e na literatura.

Palavras-chave: Gilka Machado; Judith Teixeira; *Femme Fatale*

6 - AFRODESCENDÊNCIAS E AFRICANIDADES EM DEBATES CONTEMPORÂNEOS: SENTIDOS, CIRCULAÇÃO E SUBJETIVIDADES

Coordenação: Profa. Dra. Marinei Almeida (UNEMAT); Profa. Dra. Renata Beatriz Rolon (UEA); Prof. Dr. Epaminondas de Matos Magalhães (IFMT)

Resumo: O simpósio “Afrodescendências e Africanidades em Debates Contemporâneos: Sentidos, Circulação e Subjetividades” tem por objetivo colocar em debate questões crítico-literárias em torno da produção dos países africanos, com destaque para Angola, Cabo Verde, Moçambique, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Interessa-nos, também, abrigar estudos que discutam o conceito de literatura afrodescendente brasileira, evidenciando a sua diversidade. A partir dessas questões, serão aceitos trabalhos que se debruçam sobre o papel da memória na construção da identidade negra, aqui e no além-mar. Seja nas articulações entre a memória, a história e/ou as experiências individuais e coletivas, na literatura, o mergulho nesse universo elucida questões que ajudam a fortalecer as lutas contemporâneas dos movimentos sociais de negritude porque iluminam trajetórias de indivíduos e comunidades.

Pretende-se, sobretudo que o simpósio abrigue diálogos sobre o comparatismo entre as literaturas produzidas em outros espaços africanos, em outras línguas e com a afro-brasileira. Também serão bem-vindos trabalhos voltados para o comparatismo entre literaturas africanas e afro-brasileira em diálogo com outras artes como o cinema, o teatro, a dança, a pintura. bem como aqueles que incidam o seu olhar na interdisciplinaridade.

Desde os primeiros movimentos na direção da independência política, a literatura produzida no continente africano conquista uma posição de inegável importância para a constituição da ideia de nação, não só pela veemente contestação à empresa colonial (ASHCROFT, 1989) como também pelos projetos identitários que formulava (MATUSSE, 1993). As décadas que se seguiram à fundação dos estados nacionais, entretanto, foram marcadas por um certo desencanto perante as realidades em curso, seja pela ineficácia das classes dirigentes locais (MBEMBE, 2001), seja pelas pressões da conjuntura internacional, do que resultou o surgimento de imagens distópicas da nação. Em meio a um cenário povoado por rupturas e continuidades de natureza



vária, a vinculação entre literatura e a criação da nação, a nível temático e institucional, continua a estar na ordem do dia nas produções do continente.

Em se tratando de literaturas desiguais, radicadas em territórios diferenciados entre si a nível histórico e demográfico, cultural e linguístico, social e político, os repertórios afirmam-se pela pluralidade de vozes e de itinerários, não só a nível continental como também dentro das próprias fronteiras nacionais. Rupturas, subjetividades e circulações são motes de numerosas construções literárias e artísticas. Assim, as imagens da nação inscritas por ditas produções ao longo das últimas décadas, bem como, em sentido inverso, a *ideia* que a literatura ganha no seio de cada uma das nações e, em específico, junto de suas elites políticas, são também marcadas pela heterogeneidade, podendo mesmo tocar opostos, tais como o apoio ou a desconfiança incondicionais. Ao mesmo tempo, estas produções visam diferenciados públicos, consoante a língua em que são escritas, coincidindo apenas no fato de que o horizonte de recepção se encontra normalmente distante dos territórios tematizados.

O espaço da nação, sob múltiplo olhar, enquanto categoria abstrata, apta a contínuas revisões e mediações, ocupa um lugar complexo e central neste debate. A proposta visa abordar o “questionamento sobre a identidade e a função da literatura nacional pelo filtro da articulação entre sistema textual específico em que se configura e os elementos de recepção que a sustentam e legitimam, de onde não se podem ausentar conceitos como valor, comunidade, instituições culturais e história” (MENDONÇA, 2008). Esta discussão possibilitará, portanto, uma ampla reflexão sobre variados temas abordados na produção literária produzida nos países africanos, bem como no Brasil sob o crivo da africanidade, sobretudo os diálogos, sentidos e circulações que estas permitem pensar.

O Simpósio objetiva ainda promover, através do diálogo comparativo, as conexões artísticas que possibilitem o acesso ao mundo que se abre à política, à sociologia, à história, à linguística, à antropologia etc. Acreditamos na força do comparativismo literário para a ampliação do cânone. Em face disso, é importante realinharmos textos que captem a realidade particular, transmitam a percepção deste particular a outras esferas e mantenham a excelência na sua realização formal.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA: A CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO DE FALA E DE UMA NOVA SUBJETIVIDADE FEMININA

Sandra Maria Gonçalves Da Silva (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO)

Resumo: No romance Niketche: uma história de poligamia (2004), de Paulina Chiziane, ocorre de modo decisivo a discussão sobre a condição da mulher moçambicana, por meio da ficção. Com personagens oriundas de várias regiões de Moçambique, a narrativa nos dá uma visão panorâmica das distâncias e proximidades culturais vivenciadas por essas mulheres, bem como de suas lutas para se fazerem ouvir em um espaço cindido por consequência do período colonial e, em seguida do pós-independência, conquistada em 1975. Vale ressaltar que, embora tenham lutado juntamente com os homens por um país livre da colonização portuguesa, a condição feminina ainda é de total submissão, pois, em sua maioria, são impedidas de participar de forma efetiva das decisões políticas de sua nação e silenciadas nos espaços domésticos. Ao dar destaque às personagens femininas, a autora conchama as mulheres para ocuparem o seu lugar de fala e tornarem audíveis as suas vozes. Nessa perspectiva, buscaremos analisar como, neste contexto híbrido, as personagens femininas tornam-se protagonistas de suas decisões e fazem erigir subjetividades autônomas/libertárias. Baseamo-nos em Gayatri Spivak (2014) a qual argumenta que a tarefa do intelectual pós-colonial é criar espaços por meio dos quais o sujeito subalterno possa falar, para que, quando ele ou ela o faça, logre também ser ouvido. A escritora em foco corrobora, em seu romance, com o que propõe Spivak : cria espaços de fala para os que

estão à margem, focando, em especial, nas mulheres moçambicanas, afinal as vozes das personagens femininas são o cerne de sua escrita.

Palavras-chave: Personagens femininas; hibridização cultural; subjetividades femininas autônomas.

SIMULTANEIDADE, INTERSECCIONALIDADE E IDENTIDADE EM MARIA FIRMINA DOS REIS

Renata Carmo Alves (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

Resumo: Esta comunicação focaliza o romance *Úrsula* (1859), da escritora Maria Firmina dos Reis, a partir de algumas intervenções de textos produzidos pela intelectual Lélia Gonzalez. A proposta é examinar diferentes ações intelectuais que, articuladas, propuseram dar centralidade à voz de mulheres pretas. Trata-se de um diálogo propositivo entre intelectuais que se comprometeram à reflexão acerca de suas próprias condições de inserção em uma sociedade fortemente marcada pela permanência constitutiva de rastros da experiência colonial no Brasil. A partir de clivagens étnicas e de gênero, a análise do romance oitocentista se articula a outra voz feminina que, já no século XX, se notabilizou através de gestos de resistência e de insubordinação, ecoando, simultaneamente, o projeto de Maria Firmina dos Reis. A escrita assentada em uma leitura feminina de mundo, feminina e preta, permite-nos aproximar as ações da escritora Maria Firmina dos Reis e da intelectual Lélia Gonzalez, visto que no cerne das investidas de ambas se encontra uma partilha de discussões e questões que se reconhecem, e que, desta maneira, disputam projetos alinhados a um mesmo universo de preocupações. Como pilar destas reflexões emerge um olhar refratado, que ao saber-se feminino, e assim excluído, e, sobretudo feminino-preto, portanto duplamente excluído, se levanta como crítica ao sistema que lhe é evidentemente opressor e que lhe quer subalternizado. De início, como portadoras dessa voz, única e coletiva ao mesmo tempo, essas griottes afro-brasileiras estão em diálogo. Uma griotte é uma guardiã da tradição oral de seu povo, uma especialista em genealogia e em história. Está no âmbito da griotagem conservar a memória coletiva, informar, educar e também entreter. A reverência que a cultura africana mantém em relação aos seus “mais velhos” é fruto da valorização e da conservação do conhecimento, este que não está circunscrito a alguns, pelo contrário, é sempre compartilhado. “A benção aos meus mais velhos” é algo que pessoas pretas costumam dizer, ou melhor, pedir, também aqui, nesta diáspora mediada, neste esforço de rememoração e repovoamento de imaginário, onde estão todas aquelas, e aqueles, que se dedicam a salvaguardar a palavra, a narração, os mitos, a memória. Desta maneira objetiva-se a reflexão acerca do sentido das identidades, sobretudo no contemporâneo, onde estas têm se fortalecido e se transformado em um permanente movimento de mediação e incorporação, mas também de resistência e tradição. Contrariamente ao que se imputava em décadas anteriores, as identidades estão atreladas a vicissitudes e não a estagnações. O movimento da mudança, natural ao sentido da própria existência, e visto aqui como parte do processo de constante observação dos acontecimentos que institui a griotagem, é o que transforma nossas autoras em contadoras de seus dias. Se considerarmos as tentativas de fixação de significados alicerçados na escravidão/opressão e racismo, outorgados a mulheres pretas, e sustentados ininterruptamente em nossa sociedade, observaremos os constantes movimentos de resistência a tais artifícios, para os quais a linguagem é uma fundamental ferramenta do poder.

Palavras-chave: Simultaneidade; interseccionalidade; identidade; Maria Firmina dos Reis; Lélia Gonzalez

DENÚNCIA E RESISTÊNCIA: UMA POSSÍVEL LEITURA DO CONTO SHIRLEY PAIXÃO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Celiomar Porfírio Ramos (UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO), Rosineia da Silva Ferreira (Unb)



Resumo: Propomos realizar uma leitura analítica do conto Shirley Paixão, inserido na coletânea de contos intitulada Insubmissas Lágrimas de Mulheres (2016), da autora mineira Conceição Evaristo, com a finalidade de discutir acerca da violência doméstica sofrida pelas mulheres negras. Para isso, iremos refletir sobre o silêncio e o silenciamento da personagem protagonista, que representa, muitas vezes, as mulheres que vivem em situação similar e, muitas vezes, não tem a quem recorrer para pedir ajuda. Além disso, faremos uma reflexão quanto a capacidade de resistência e resiliência dessas mulheres pela capacidade de aproximação e de luta em torno de um ideal, como o de lutar contra a opressão masculina pela sua sobrevivência.

Palavras-chave: Mulher Negra; Resistência; Violência.

EMENDANDO UM TEMPO EM OUTRO: UMA ANÁLISE DE O ALEGRE CANTO DA PERDIZ, DE PAULINA CHIZIANE

Tamires Maiara Santos Araújo (Universidade Estadual de Montes Claros)

Resumo: Essa apresentação pretende analisar de forma inicial como o discurso colonial é questionado na obra O alegre canto da perdiz (2008), da escritora moçambicana Paulina Chiziane, a partir da análise de duas personagens femininas: Maria das Dores e Delfina. O objetivo é compreender como os estereótipos criados pelo colonizador são problematizados na narrativa e como esses são também formadores de uma identidade pós-colonial. Observamos, a partir da leitura do texto da escritora, o trabalho fronteiriço com a linguagem, que revisita os processos de colonização e produz um contradiscurso em relação a ele. Ao construir uma narrativa que trabalha com o questionamento dos estereótipos produzidos pelo colonizador, a autora demonstra através do exercício da memória a ponte que existe entre o passado e o presente, presente que se mostra como rastros do passado, o qual só pode ser entrevisto nas fendas do presente. De acordo com Bhabha (2005, p. 33), o estudo da literatura mundial poderia ser o estudo do modo pelo qual as culturas se reconhecem através de suas projeções de alteridade. Poderíamos ir além e dizer que o estudo de toda e qualquer literatura é um exercício de alteridade na medida em que ao narrarmos nosso contexto, nosso lugar, nossas crenças narramos o outro e nossa comunidade. Sendo assim, a obra de Chiziane movimenta questões locais, mas também globais, as quais envolvem os processos de colonização, pós-colonização e identidade. Na tentativa de alcançar esse objetivo, utilizaremos alguns capítulos de O local da cultura, de Homi K. Bhabha (2005) para entendermos como o processo de colonização se apoia na confecção de estereótipos; o texto de Giorgio Agamben O que é o contemporâneo? E outros ensaios (2009), já que compreendemos o discurso colonial como um dispositivo de poder que projeta uma identidade no colonizado e Stuart Hall (2006) em identidade cultural na pós-modernidade, para pensar como as identidades só se constroem no encontro de culturas. Trabalho com apoio financeiro da Capes

Palavras-chave: Identidade; discurso colonial; passado-presente.

16/07 (TARDE)

A PRODUÇÃO LITERÁRIA EM MOÇAMBIQUE NO PÓS-INDEPENDÊNCIA: O CASO DA REVISTA CHARRUA

Renata Beatriz Rolon (Universidade do Estado do Amazonas)

Resumo: A produção literária em Moçambique no pós-independência: O caso da revista Charrua A compreensão dos acontecimentos e dos processos culturais, materializados na literatura produzida em Moçambique, no período do pós-independência, permite-nos redesenhar as inclinações e os horizontes que motivaram os autores, suas conexões no campo intelectual assim como suas particularidades estéticas. Conforme Bourdieu (1996), compreendida como produção humana, a literatura é sempre um fato social produzido em meio a relações que mesclam instâncias artísticas e políticas. Tais observações permitem-nos analisar a formação da literatura na África de Língua Portuguesa, em Moçambique, especificamente, a partir da posição



do campo literário no seio do poder e sua evolução no tempo, além da análise da estrutura interna do próprio campo, ou seja, “a estrutura das relações objetivas entre as posições que aí ocupam indivíduos ou grupos colocados em situação de concorrência pela legitimidade” (BOURDIEU, 1996, p. 243-244). O funcionamento e as condições que se formulam na construção do campo literário permitem que os partícipes travem lutas e disputas até alcançar a chamada legitimação dessa literatura, o que só será atingido quando as posições e tomadas de posições dos agentes forem reconhecidas. Nas suas relações com a sociedade, a literatura produzida em Moçambique é moldada a partir de diversos fatores, indo do período de incipiência até o período da sua consolidação, conforme divisão feita por Laranjeira (1995). Munida de um olhar dialético que envolve texto e contexto, a produção dos novos autores moçambicanos revela-se a partir de uma diversidade de projetos estéticos. Os escritores dedicam-se a uma escrita lírica intimista. Refletem sobre o seu fazer poético, sem abandonar a consciência crítica dos fatos e das suas posições no campo intelectual. Portanto, longe de “enunciar num solo institucional neutro e estável, o escritor alimenta sua obra com o caráter radicalmente problemático de sua própria pertinência ao campo literário e à sociedade”. (MAINGUENEUAU, 2001, p. 27). Nesse contexto de procura a revista Charrua (1984-1985), cujo nome nos remete ao sentido de “desbravar a terra, abrir o chão para lançar a semente”, foi uma tentativa de renovação da literatura moçambicana. Era um momento de fermentação literária. A revista, criada graças a iniciativa de jovens escritores, com o apoio da AEMO, torna-se testemunha da realidade vivida pelos intelectuais moçambicanos na década de 80. Dentro desse contexto objetivamos revelar, através da análise de alguns números da revista, o percurso histórico-literário dos autores da “Geração Charrua”, principais referências do panorama literário nacional da atualidade.

Palavras-chave: Palavras-chave: Produção literária em Moçambique; Revista Charrua, Renovação estética.

COMUNIDADE DE TERRITÓRIO: A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO NACIONAL NA POESIA DE JOSÉ CRAVEIRINHA

Vanessa Pincerato Fernandes (UFMT) e Marinei Almeida (UNEMAT)

Resumo: A narratividade poética presente nos poemas de Craveirinha é marca de seus traços na sua produção literária. Ao tratarmos da escrita poética em Craveirinha, tomamos a palavra oral em Karingana ua Karingana, pois é através dela que a comunicação se estabelece entre os grupos sociais e comunitários e se torna passível de ser feita a interpretação dos diferentes momentos da sociedade ao longo da história. Nas sociedades humanas, o ser que fala, fala de si, de algo e de alguém, fala da palavra falada que é transmitida por homens e mulheres de toda e qualquer camada social. Temos, então, como principal veículo da nossa comunicação a palavra falada, mesmo depois de aprendermos a linguagem escrita; é através e a partir dela que temos a possibilidade de transmitir verdades, mentiras e até mesmo “criar mundos em forma de linguagem” (NOA, 2005). É o que Craveirinha faz em Karingana ua Karingana.

Palavras-chave: Comunidade de território; Espaço; Subjetividade.

“VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA” ANUNCIANDO “O CÂNTICO DA MANHÃ FUTURA”

Andréia Maria da Silva (Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT))

Resumo: esta pesquisa realiza um estudo comparado entre o poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, do poeta brasileiro Manuel Bandeira e o poema “Passaporte para Pasárgada”, do poeta cabo-verdiano Osvaldo de Alcântara, apontando sempre para a importância do Modernismo Brasileiro e da poesia de Manuel Bandeira na consolidação da literatura de cunho nacional de Cabo Verde. Trata-se de uma pesquisa eminentemente bibliográfica, na qual, a partir do mito de Pasárgada, criado pelo poeta brasileiro, em “Vou-me embora pra Pasárgada”, poema publicado na obra *Libertinagem* (1930), estabelecemos um diálogo entre Brasil e Cabo



Verde na reflexão do gesto de “reinvenção” poética adotado por Osvaldo de Alcântara, no poema “Passaporte para Pasárgada”, publicado na obra *O cântico da manhã futura* (1946). E, com o intuito de não tratar a poesia de Osvaldo de Alcântara e a literatura cabo-verdiana de maneira subalterna, as análises desenvolvidas neste trabalho se dão com base no modelo comparatista do crítico Benjamin Abdala Junior. O crítico em seus estudos parte da perspectiva da intertextualidade dispensando os termos “cópia” e “influência”; para ela toda e qualquer cultura é resultante de mesclas culturais e, em relação aos países falantes de língua portuguesa Abdala Junior assegura que os textos literários de países, como é o caso de Cabo Verde, são trocas, sendo o sistema literário de língua portuguesa uma rede comunicante, na qual esses textos circulam. E, partindo do pressuposto de que “todo produto é resultante de várias tradições, implicando sua constituição matérias diversas que se imbricam. Logo, um produto de natureza híbrida [...]” (ABDALA JUNIOR 2002, p.14), procuramos mostrar que o diálogo estabelecido entre o Modernismo Brasileiro e a literatura nacional de Cabo Verde, por meio da escrita poética de Manuel Bandeira e Osvaldo de Alcântara, é resultado de processos híbridos e dos constantes diálogos que essas literaturas mantêm entre si. E, seguindo esse direcionamento nossa pesquisa insiste em dizer que os aspectos em comum na poesia de Manuel Bandeira e Osvaldo de Alcântara não se explicam simplesmente pelo fato dessas culturas terem processos de luta pela conquista da independência política e territorial parecidos, ou que a literatura nacional cabo-verdiana é mera reprodução do Modernismo Brasileiro. Os traços que aproximam essas literaturas são consequências do tão chamado “macrossistema” de língua portuguesa, no qual a produção literária também pode ser considerada, um produto mesclado. Assim, diante às inúmeras diferenças identificadas entre os poemas mencionados nesta pesquisa, podemos considerá-las responsáveis pela a individualização de cada um desses sistemas literários, quando compreendidas como fatores que particularizam e enriquecem uma dada produção artística ou literária, dentro da representatividade mundial.

Palavras-chave: Manuel Bandeira, Osvaldo de Alcântara, Brasil, Cabo Verde, diálogos literários.

POESIA E MEMÓRIA: UM ESTUDO ANALÍTICO NAS OBRAS AREÔTORARE E SAROBÁ, DE LOBIVAR MATOS

Angelica de Oliveira Ivo Amaral (Universidade Federal de Mato Grosso)

Resumo: Buscamos compreender a configuração da imagem poética do índio e do negro, nas obras *Areôtorare* (1935) e *Sarobá* (1936), o espaço em que estas personagens tão expressivas historicamente são apresentadas e de que modo tais elementos contribuem para que haja a mobilização de uma memória traumática nessa produção poética. Partimos do pressuposto de que os elementos poéticos presente nas poesias de Lobivar Matos mobilizam memórias referentes ao período da colonização no estado de Mato Grosso, bem como de um evento que deixou marcas profundas não somente na história deste estado, mas de todo o país, a escravidão. A memória de tais eventos evidencia o anseio de superação de traumas que foram deixados como herança por este período histórico. As obras de Lobivar desnudam, pela via poética, um contexto vivido no século XX, nos instigando a rememorar fatos de uma época anterior, nos gera indagações que ainda hoje estão em pauta, discussões estas concernentes aos direitos, muitas vezes negados ou negligenciados tanto ao índio quanto ao negro. Lobivar nos apresenta uma poesia que traz em si elementos que revelam as mazelas de um contexto social que pouco compareciam nas produções literárias que surgiram em Mato Grosso na primeira metade do século XX. Diante disso, nosso intuito nesse estudo também é compreender como se dá os desdobramentos de uma memória evocada por meio de um dizer individual, mas que se revela permeada e/ou entrelaçada à uma memória coletiva. Isto significa que a poesia que nasce e emana dos lugares mais inóspitos, onde reinam a miséria e a desigualdade traz à tona memórias de um passado que precisam ser confrontadas ou reelaboradas para que, no futuro, possam ser superadas.

Palavras-chave: Poesia; Memória; Matos; Negro; Índio.



17/07 (MANHÃ)

REFLEXÕES SOBRE O PATRIARCADO: UMA POSSÍVEL LEITURA DA SUBALTERNIDADE FEMININA EM AMERICANAH

Rosineia da Silva Ferreira (UnB)

Resumo: O objetivo desta pesquisa é analisar a representação da subalternidade feminina sob a perspectiva patriarcal na personagem Uju do romance *Americanah* (2010) de Chimamanda Ngozi Adichie. A escolha da análise dessa personagem se justifica, pois ainda hoje a mulher é posta em condição de subalternidade com relação ao homem e tal personagem apresenta a abordagem de gênero como tradução de sistemas culturais. As bases teóricas que sustentarão este trabalho são: o texto de crítica literária de Antonio Candido *Literatura e Sociedade* (2006); *Pode o subalterno falar?* (2010) de Gayatri Spivak; *Não sou uma Mulher? Revisitando a interseccionalidade* (2017) de Brah e Phoenix dentre outras obras que subsidiarão os diversos aspectos propostos para análise.

Palavras-chave: Patriarcalismo; subalternidade; *Americanah*.

IDENTIDADE E AFROPOLITANISMO: AS PERSONAGENS FEMININAS DE "AMERICANAH" E "PRECISAMOS DE NOVOS NOMES"

Isabela Tomé Oliveira Castro (Unicamp)

Resumo: Esta comunicação tem o objetivo de suscitar a discussão do conceito de Afropolitanismo, cunhado pela autora Taiye Selasi e abordado também por Achille Mbembe, que aborda a questão da identidade africana numa perspectiva cosmopolita, o africano no mundo, tanto fora quanto no próprio continente. Selasi (2005) cunhou o termo Afropolitanismo em uma tentativa de expressar sua própria intrincada e multifacetada identidade. Desde então, o termo, que foi inicialmente teorizado por Mbembe (2015), se tornou relevante no campo dos estudos culturais e pós-coloniais, e hoje está presente no discurso político e cultural africano. Para Simon Gikand, a concepção Ocidental do que é a África está começando a ser questionada – pelas novas gerações africanas e pelos estudiosos da África – para recuperar narrativas de uma identidade africana em busca de uma “hermenêutica da redenção”. Para ele, o Afropolitanismo constitui uma tentativa de repensar o saber africano para além do tropo da crise. A partir disso, pretendo delimitar a construção da identidade africana de mulheres diaspóricas na literatura contemporânea, tendo como recorte a análise deste objeto em duas obras literárias africanas: *Americanah*, romance da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, do ano de 2013 e *Precisamos de Novos Nomes*, romance da zimbabuana NoViolet Bulawayo, também lançado em 2013. Minha intenção é investigar e discutir, por meio da teoria Pós-colonial e de estudos de teóricos como Ashcroft (1998), Bhabha (2007), Said (2004), McLeod (2013) e Spivak (1997) que discutem deslocamento, alteridade e resistência, de que maneira o conceito de Afropolitanismo aparece em cada romance e mapear como as relações de gênero marcam a construção da identidade das personagens principais dos mesmos. O Afropolitanismo pode ser interpretado como elitista e excludente, já que Selasi retrata seus sujeitos como jovens graduados nas melhores faculdades do Ocidente, antenados na moda e que conseguem os melhores empregos. Porém Gikandi vem nos lembrar que qualquer celebração do Afropolitanismo precisa considerar as consequências negativas do transnacionalismo: o deslocamento dos africanos, as dificuldades que eles passam ao ter que encarar a alteridade e as profundas aflições culturais que frequentemente constroem campos diaspóricos de fundamentalismo cultural e etnicidade chauvinista. Por isso, o ponto de vista trazido pelas duas obras selecionadas nos ajuda a ter uma dimensão de como a identidade Afropolitana é construída por esses sujeitos. A intenção é mobilizar os elementos fundamentais de teorias críticas já consolidadas para uma leitura da situação literária no contexto contemporâneo,

unindo suas ferramentas interpretativas à investigação das especificidades dos sujeitos diaspóricos africanos abordados por Adichie e Bulawayo.

Palavras-chave: Afropolitanismo; Identidade; Literaturas Africanas

A MULHER NEGRA E AS RELAÇÕES DE PODER EM MARIANA, DE MACHADO DE ASSIS

Andressa dos Santos Vieira (Universidade Federal do Espírito Santo)

Resumo: A vastidão da obra de Machado de Assis permite que seus leitores sejam contemplados com a presença de dois contos intitulados Mariana. O primeiro deles foi publicado inicialmente no Jornal das Famílias em janeiro de 1871, em setembro do mesmo ano ocorreria a promulgação da Lei do Ventre Livre, e foi posteriormente incluído na seção intitulada Contos Avulsos da Obra Completa da Nova Aguilar, enquanto o segundo deles foi publicado inicialmente no jornal Gazeta de Notícias em outubro de 1891, sendo posteriormente incluído no livro de contos Várias Histórias. A escolha do conto publicado em 1871 para compor este trabalho ocorreu devido à estreita relação que ele estabelece com as questões envolvendo as marcas deixadas pela instituição da escravidão em solo brasileiro, por explorar as relações de poder estabelecidas entre os senhores e os seus escravos durante o período escravocrata do século XIX, pautado pelo patriarcalismo, por apresentar diversas possibilidades de se pensar na presença da mulher negra no conto machadiano, além da possibilidade de observar os diferentes tipos de violências aos quais as mulheres negras, principalmente aquelas em situação de cativo, eram constantemente submetidas. Pensando nisso, faz-se importante abordar as relações de poder existentes durante a vigência da instituição da escravidão, pois envolve levantar um misto de questões que enredam a situação do negro que se encontra inserido em um ambiente escravocrata profundamente marcado por um amplo domínio de uma parcela da população denominada elite branca em uma sociedade pautada pelas regras do patriarcalismo oitocentista brasileiro. Aproximar-se dessa abordagem através de uma análise aprofundada da situação de Mariana, personagem principal do conto homônimo de Machado de Assis que foi publicado em janeiro de 1871, expõe as diferentes formas como essas relações de poder podem ser causadoras de uma condição de extrema dependência capaz de interferir, de maneira extremamente significativa, na vida tanto da mulher negra e escrava, em situação de privação da liberdade, quanto de seus senhores, permitindo perceber a maneira como o negro vem representado na obra machadiana, enquanto busca aproximar o discurso do escritor daqueles apontados entre os que foram proferidos em favor da abolição da escravatura a fim de rechaçar a ideia de um escritor absenteísta e distante das questões que permeavam seu tempo, afinal aproximar Machado da escravidão, através do reconhecimento de seu discurso abolicionista, é estabelecer a existência de uma forte crítica social ao regime escravocrata e ao posicionamento da elite branca perante a frágil situação do negro.

Palavras-chave: Machado de Assis; Mulher negra; Escravidão; Relações de poder.

SILÊNCIO E RESISTÊNCIA: VOZES FEMININAS SUBALTERNAS EM O FIO DAS MISSANGAS, DE MIA COUTO

Eliane Costa Ferreira (Universidade do Estado de Mato Grosso- UNEMAT)

Resumo: este trabalho tem por objetivo refletir sobre o silêncio e resistência nas vozes femininas subalternas em O fio das Missangas (2009) do escritor moçambicano Mia Couto. Os contos selecionados para esta pesquisa são: “O cesto”, “A despedideira”, “Os olhos dos mortos”, “A saia almarrotada” e “Meia culpa, meia própria culpa”, nos quais as personagens ocupam um lugar de destaque ao narrarem as suas histórias, as suas perspectivas de vida em relação ao passado, por meio da memória, problematizando um presente e ao mesmo tempo projetar um futuro. Dessa forma, a narrativa aborda o tempo como um dos elementos-chaves para delinear o perfil dessas personagens que vão amadurecendo e se posicionando em relação à sociedade patriarcal. As suas atitudes denotam uma posição de resistência em meio à condição



subalterna que a mulher ocupa nesses espaços de domínio masculino. Com base nisso, o foco principal neste trabalho é refletir sobre o silêncio que paira nesse ambiente doméstico em que a mulher está inserida e ao mesmo tempo discutir sobre a posição de resistência destas, por meio da análise das personagens inseridas nos contos escolhidos da obra. Nesse sentido, buscamos aporte teórico e crítico em Bosi (2000), Paz (1990), Said (2011), Bhabha (1998), Barthes (2013), Orlandi (2007), dentre outros.

Palavras-chave: silêncio; resistência; subalternidade; alteridade; *mia couto*

17/07 (TARDE)

A ESCRITA DE ILDÁSIO TAVARES E A LIMINARIDADE COMO CONDIÇÃO

Henrique Júlio Vieira Gonçalves dos Santos (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA)

Resumo: Este trabalho analisa a produção poética do escritor brasileiro Ildásio Tavares, cuja atuação na cena cultural baiana e brasileira, notadamente no século XX, foi marcada pelo trânsito entre diferentes espaços discursivos, dada a sua inserção em um perfil de escritor múltiplo. Ildásio Tavares conjugou a criação artística em diferentes linguagens (literatura, música, dramaturgia), a pesquisa e o ensino em universidades e a reflexão teórico-crítica sobre as culturas afro-brasileira e portuguesa. Somado a isso, o escritor possuía um cargo religioso no Ilê Axé Opô Afonjá, situado em Salvador (BA). Desse modo, tendo como ponto de partida o estudo de aportes lexicais de origem africana no long-play *Os Orixás* (1978) – co-autoria com Luís Berimbau – e do libreto de *Lídia de Oxum: Uma Ópera Negra* (1995) – musicado por Lindembergue Cardoso –, reflete-se acerca dos efeitos políticos-identitários provocados pelo uso artístico do repertório linguístico das comunidades-terreiro em textos de diferentes linguagens artísticas (música popular e teatro). Para isso, é incontornável a perspectiva comparatista nos estudos de crítica biográfica e teoria literária, considerando-se que as relações interculturais estabelecidas pela escrita tavariana entre continentes (América-África-Europa) e repertórios culturais (popular, erudita e midiática) são resultado de um processo de subjetivação efetivado na liminaridade de territórios linguísticos, culturais e discursivos.

Palavras-chave: Ildásio Tavares; Cultura Afro-Brasileira; MPB; Dramaturgia

A SALVAÇÃO DA REVOLUÇÃO E A ESPERANÇA DE UMA NAÇÃO: MENSAGENS EDUCACIONAIS NA ARTE AFRO-LUSÓFONA

Jordan Rogers (University of Miami)

Resumo: Sem dúvida, os movimentos de liberação criaram as nações e as identidades nacionais do povo angolano e moçambicano. Contudo, estes movimentos, que se tornaram governos depois das derrotas do império português, pararam de representar o povo num modo justo. Visto que o socialismo nesses países não existe mais, como acadêmicos temos que continuar a procurar e averiguar mais criticamente o que pode ajudar-nos a explicar o papel mutável dos seus governos na criação das noções relativamente novas da “angolanidade” e da “moçambicanidade.” Através da arte contemporânea afro-lusófona (dos séculos XX e XXI), é possível traçar nas histórias políticas as separações dos governos revolucionários do povo angolano e moçambicano. Usando o cinema e a música, além de alguns exemplos de textos literários, eu explicarei o contexto histórico em que certas obras artísticas se situam, antes de analisá-los para marcar com mais clareza as (re-)divisões de classe que aconteceram vagarosamente e com muita tristeza após da adoção de valores mais capitalísticas. Para realizar este trabalho, usarei algumas teorias literárias que fala de noções da vocalidade e da sensorialidade (ROSA DA CUNHA, 2012; ROTHWELL, 2016) para investigar a utilidade de formas narrativas em medir e marcar do processo de fazer e refazer identidades nacionais. No mais, consultarei entrevistas críticas com alguns artistas cinematográficos afro-lusófonos (o angolano Ondjaki e o moçambicano Pedro Pimente) para concretizar uma consciência da

natureza do ambiente político nestes momentos de criação e reconstrução. Na primeira parte do meu trabalho, para comentar os métodos artísticos utilizados pelo Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e o Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) na educação das pessoas para uma solidariedade nacional, escreverei sobre o filme moçambicano *Mueda: memória e massacre* do diretor luso-moçambicano-brasileiro Ruy Guerra (1979). Na segunda parte, analisarei duas obras colaborativas, o filme *Oxalá cresçam pitangas* (2007), um documentário feito por Ondjaki com o diretor angolano Kiluanje Liberdade, e a canção (do gênero) hip-hop “Swag” do rapper G2 Moçambique com a participação de outro rapper moçambicano, D-Lon (2015). Faço isso para apresentar um discurso sobre uma arte independente do estado que quer avançar a revolução (angolana) e as possibilidades colaborativas (na arte e na política) que possam contribuir aos futuros destes dois países, apesar dos seus governos já submetidos ao capitalismo. Na minha análise destes assuntos, pretendo dar uma explicação da relação entre a criação de novos discursos públicos e as trajetórias destas nações no contexto das suas histórias políticas.

Palavras-chave: O cinema africano pós-colonial; o hip-hop diásporico; a vocalidade

“ENTRE O ESQUECIMENTO E A LEMBRANÇA”- TEREZA DE BENGUELA, A NARRATIVA ORAL E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE UM POVO.

Epaminondas de Matos Magalhães (Instituto Federal de Mato Grosso)

Resumo: A presente comunicação partiu do projeto de pesquisa “Entre o esquecimento e a lembrança” – Tereza de Benguela, a narrativa oral e a construção da identidade de um povo, desenvolvido no âmbito do Instituto Federal de Mato Grosso, que buscou recolher as narrativas orais em torno da figura ícone de Tereza de Benguela, rainha negra (oriunda da região do Congo), que comandou o quilombo do Quariterê em Vila Bela da Ss. Trindade, durante o século XVII, a fim de perceber em que medida essas narrativas ficcionam a história factual, dando a essa figura contornos míticos e simbólicos. Assim, buscou-se, nesse íterim, também, analisar como essa figura, com contornos míticos e simbólicos, dimensiona a identidade de um povo, que só pode ser construída pelas narrativas, nascendo com isso uma comunidade imaginada, a partir do que é contado de geração a geração. O que se percebe, no entorno a figura africana de Tereza de Benguela, é uma série de mitos que representam não somente a si, mas a caracterização de um figura heroica e lendária para as pessoas afrodescendentes que residem na cidade de Vila Bela da Ss. Trindade, que depositam, sob essa imagem, o ícone da lenda, da resistência e da liberdade. As narrativas orais, recontadas de geração em geração, se contrapõem aos documentos oficiais, transcritos nos anais de Vila Bela.

Palavras-chave: Vila Bela, cultura, narrativa oral

REFERÊNCIAS, IRREVERÊNCIAS E INTERFERÊNCIAS NA POESIA DE HARRYETTE MULLEN

Marcos Aparecido Pereira (UNEMAT) e Maria Rita Berto de Oliveira (IFRO)

Resumo: Este trabalho busca discutir algumas das referências culturais presentes no texto *Quality of life*, presente no livro *Sleeping with the dictionary* da poetisa afro-americana Harryette Mullen. Com irreverência e em meio a uma miríade de elementos contemporâneos, a autora é capaz de envolver o leitor num labirinto de reflexões e questionamentos sociais, políticos e identitários. Passando por produtos da cultura pop, pela discussão do fazer artístico do poeta, pelos problemas enfrentados pelas minorias sociais, às referências da música e da culinária dos imigrantes nos Estados Unidos, Harryette Mullen brinca com o sentido das palavras, joga com construções literárias enigmáticas e abre espaço em sua arte para o enfrentamento de temáticas relevantes tanto ao universo social americano, quando a todas as nacionalidades marcadas por uma construção fragmentada, descentrada e multifacetada. Desta forma, ao mergulhar na composição poética dessa autora é possível perceber os anseios de um sujeito buscando sua própria construção em meio às incertezas da contemporaneidade. Além

disso, o posicionamento crítico-social demarcado em vários trechos do poema oferece ao leitor um amplo campo de reflexão e discussão sobre passado e presente de determinados grupos sociais muitas vezes condenados à invisibilidade.

Palavras-chave: literatura; sociedade; contemporaneidade.

18/07 (MANHÃ)

AOS SONS DAS PERIFERIAS: O PROCESSO AFROCENTRALIZADO DA FORMAÇÃO DO GOSTO MUSICAL CONTEMPORÂNEO

Monique Ivelise Pires de Carvalho (Universidade Federal de Juiz de Fora)

Resumo: O texto em questão pretende discutir como é possível descolonizar o conhecimento, através novas leituras intempestivas do mundo, pautadas em uma prática afrocentralizada. Esse exercício será realizado por meio de questionamentos em relação a permanência racista, que também se faz juz na formação do gosto musical contemporâneo. Portanto, estamos falando de uma investigação que se baseie em movimentos pautados e fundamentados na diferença, ou talvez na subalternidade, como uma grande força discursiva. Mais que isso, esse texto pretende discutir a estética da música de periferia negra na América, em conjunção a uma tradição africana; claro que restrito a poucos países, Brasil e Colômbia. Trata-se, então, de pensar o lugar de interseção entre uma África “inicial”, como uma espécie de espírito fundador da musicalidade ocidental e o lugar diaspórico da produção musical periférica atual na América pós-colonial, representados pelos países em questão. Para isso, pensar e realizar uma prática afrocentralizada depende de uma leitura da sociedade contemporânea como intempestiva, que nesse caso é a representação da cultura negra através do seu lugar criativo e inventivo. É mais que focar apenas em seus aspectos negativos, marcados historicamente. Se refere, na verdade, a vontade de criar uma leitura sobre a construção do gosto musical que aflora nas periferias latino-americanas, que também são produzidos por elas. Então, o conceito de diáspora é importantíssimo para essa proposição, já que é uma possível resposta aos movimentos históricos da América negra pós-colonial, além de permitir uma “reconfiguração da relação entre a África e as populações parcialmente descendentes de africanos do hemisfério ocidental” (GILROY, 2012: p. 17). Para associar a premissa levantada pretendemos analisar duas manifestações musicais de produção periférica, uma de cada país: o Funk brasileiro e o Reggaeton colombiano. Os dois ritmos estão em uma linha tênue com a crítica, pois atraem um enorme público (especialmente juvenil), ao mesmo tempo são considerados polêmicos, por terem estruturas distintas da dita alta cultura e colonizadora, dotada de “paixões temperadas, maneiras agradáveis” (EAGLETON, 2005: p. 32). Essa polêmica se dá, muitas vezes, porque os dois compartilham um lugar de enunciação centralizados na negritude, dentro de sociedades que mantém uma estrutura racista. Além disso, o Funk e o Reggaeton desestabilizam a dinâmica da indústria fonográfica no século XXI, ao criarem fissuras em seus espaços de circulação. De forma geral, os dois ritmos escolhidos compartilham uma “nova ordem musical e poética contemporânea”, e ousa dizer também intempestiva, ao construir um imaginário de experiências afrocentralizadas em seus países. Lugares estes com características tão semelhantes: origem, desenvolvimento, condição social e histórica, entre outras. São periferias afro americanas que carregam a potência de um estilo de vida tão marginalizado por alguns, mas celebram a “dignidade, resistência, crítica e luta dos que se identificam como periféricos”. (CUNHA, FLETRAN, 2013: p. 11).

Palavras-chave: periferia; música; afrocentrismo; diáspora

A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA EM PONCIÁ, DE CONCEIÇÃO EVARISTO E VENENOS DE DEUS, REMÉDIOS DO DIABO DE MIA COUTO

Alyne de Sousa Jardim (Universidade Federal do Tocantins)



Resumo: Este trabalho abordará a formação identitária individual e coletiva a partir do entrelaçamento de memórias, experiências pessoais e de comunidades afro-brasileiras constituída na diáspora, assim como a africana no contexto pós-colonial de Moçambique, através de um diálogo comparativo entre a narrativa brasileira: Ponciá, de Conceição Evaristo e a narrativa moçambicana: Venenos de Deus, Remédios do Diabo de Mia Couto. Os autores tecem uma trama permeada de dores, angústias e sofrimentos, e ao mesmo tempo faz refletir sobre a relação entre raça e desigualdade social e o abandono institucional ocorrido após o período colonial nos países colonizados por Portugal. Para o estudo desta questão será adotado o aporte teórico de Hall (2003), Santos (2003), Priore (2012), Trespach (2018). Estes autores promovem discussões sobre a relação colonizador/colonizado e ainda os reflexos da colonização portuguesa na contemporaneidade.

Palavras-chave: Identitária; Coletiva; Individual; Afro-brasileira; Africana.

SONHO E MEMÓRIA NA OBRA "A SOCIEDADE DOS SONHADORES INVOLUNTÁRIOS", DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

João Gabriel Pereira Nobre de Paula (Universidade Estadual Paulista(Unesp))

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo realizar uma análise do romance A sociedade dos sonhadores involuntários, do escritor angolano José Eduardo Agualusa, publicado no ano de 2017, dando ênfase à verificação do modo como o autor apresenta estas duas instâncias ao longo de seus escritos, bem como destacando a importância destes campos para a tessitura dos sentidos produzidos no romance. De início, convém salientarmos que esta obra é a primeira produção agualusiana a tratar diretamente do conteúdo onírico, apesar de podermos vislumbrar importantes passagens desta vertente em obras anteriores do autor, como O vendedor de passados e A vida no céu. A Gênese deste livro mescla o crescente fascínio do autor pelo onírico, pela utopia e pelo sonho, bem como por fatores de ordem política, como o movimento dos revus, contrários ao governo e presos. Dito isso, vemos que tanto sonho quanto memória são abordados na obra de duas maneiras distintas: uma mais objetiva, outra mais metafórica. No âmbito do sonho, o aspecto mais objetivo é a instância responsável por ligar as histórias das quatro personagens principais da narrativa: Daniel Benchimol, jornalista, cuja aparição primeira se deu em um outro romance do autor, Teoria geral do esquecimento, tem o fim de seu casamento marcado por perseguições políticas, visto discordar amplamente das condutas do governo vigente, e vê constantemente em seus sonhos personagens que nunca conhecera, mas que de fato existem; Moira Fernandes, artista plástica que aparece nos sonhos de Daniel e que é capaz de fotografar os próprios sonhos; Hélio de Castro, neurocientista brasileiro que intenta criar uma máquina que seja capaz de ler os sonhos dentro das mentes dos seres humanos, e Hossi Kaley, ex guerrilheiro dono de um hotel, que possui a estranha capacidade de transitar, inconscientemente, pelos sonhos alheios. No segundo, e talvez mais importante sentido, a estabelecer diálogo com a ideia de Edgar Allan Poe(1842) em sua obra Histórias, ao dizer que quem sonha de dia tem consciência de muitas coisas que escapam a quem sonha de noite, vemos ser o sonho o alimento da esperança de um mundo melhor, ideia esta cravejada no imaginário e na identidade do povo angolano, de independência conturbada e recente, materializado sob a revolta de Karingiri, filha de Benchimol, e Sabino Kaley, sobrinho de Hossi, contra o governo, mola propulsora a um movimento maior que se inicia com as demais personagens no livro e pretende lançar-se fora dele. É justamente esta marca que acompanha e entrelaça a memória, que liga-se, no âmbito direto, às lembranças de Benchimol, ainda casado, e Hossi, nos diários de guerra, mas que mescla-se, na subjetividade, com as lembranças que Agualusa e o povo angolano trazem da repressão, da dor, da ausência de um ideal de nação.

Palavras-chave: José Eduardo Agualusa; Sonho; Memória.



7 - AGONIAS DA RAZÃO: DELÍRIOS PSICANALÍTICOS, DIAGNÓSTICOS LITERÁRIOS

Coordenação: Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues (UFPB); Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito (UNEAL); Prof. Dr. Aristóteles de Almeida Lacerda Neto (IFMA)

Resumo: Parece-nos estranho, à primeira vista, considerarmos o rompimento dos laços um fenômeno, em certa medida, forçoso para a gênese e conservação daquilo que, no âmago da hermenêutica psicanalítica, Sigmund Freud (1856-1930) denominou de civilização. Não houve sociedade exitosa frente às forças de represamento das moções pulsionais de seus membros, dobrando-se diante das próprias formas de controle impostas, as quais, na contramão de seus códigos, erigiram rotas oblíquas, suscetíveis de salvaguardar o “mal necessário”. A realidade compartilhada, a dinâmica grupal e o princípio de realidade coexistem, ou mesmo se sustentam, ao lado de mecanismos que inscrevem a caoticidade, a fragmentação, a loucura. Se, nas primícias da infância, encontram-se as raízes de nossa vida emocional, fincadas nos quadros da onipotência, da polarização dos afetos e da negação da alteridade; por outro aspecto, a progressiva superação dessa economia, posta em relevo pela quebra do ideal de completude e fusionamento, garante a maturação da personalidade, doravante capaz de integrar a violência e a gratidão. O domínio dos impulsos destrutivos, cumpre dizer, não preconiza o abandono total da agressividade, mas, antes, implica desilusão, capacidade de desfazer vínculos instáveis e virulentos, em favor da assunção da diferença, do estabelecimento de elos mais produtivos e menos desconexos. A separação, quando bem sucedida, torna possível a anatomia de um mundo interno integrado, com condições funcionais de reverberar uma relação, minimamente segura, com os objetos externos. Do contrário, as falhas nessa cartografia carregam abalos que, na biografia particular de cada sujeito, figuram distorções transitórias das experiências vividas (algo como uma loucura efêmera, cotidiana, de ecos inaudíveis) ou manobras psíquicas estagnadas, que se repetem num ritmo dissonante e hostil. Tal dualismo põe em evidência o quão complexo é o teatro psicótico, em cujo palco se encenam os dramas mais íntimos, quiçá, em virtude dos atores e atrizes encarnarem os fantasmas errantes de nossa origem selvagem e esquecida. Porquanto o discurso médico tenha insistido em situar a psicose no campo da patologia, recorrendo a “padrões” estatísticos de normalidade, que não convém, aqui, serem dissecados, sua validade esfacelou-se diante das descobertas psicanalíticas, sobretudo os achados freudianos e kleinianos, que promoveram as núpcias entre a insensatez e a prudência, a insanidade e a razão. A genialidade do mestre vienense, ao constatar um movimento de **defesa** onde se conjecturava degeneração e passividade, e a perspicácia de Melanie Klein (1882-1960), quando desvela a carnificina e o terror dos primeiros tempos, conduzem-nos a uma linha de raciocínio que aglutina o diagnóstico e nos impulsiona a enxergar as rachaduras que sulcam, com frequência, o edifício humano. Daí o psicanalista e psiquiatra argentino Juan-David Nasio, em uma de suas obras dedicadas à clínica das psicoses, afirmar que “somos todos loucos em algum recanto de nossas vidas” (2011). A máxima opera sobre a incidência de algum traço, caracteristicamente delirante ou alucinatório, em dimensões sensíveis de nosso psiquismo, sem que tal presença signifique desvantagem ou enfermidade. Aliás, ainda que instalada a desordem mental, em termos estruturais, os eventos derivados desse colapso constituem, de fato, tentativas de tamponar os buracos ocasionados pela falência da simbolização. Diagramações, assim, insurgem nas artes, onde se volatilizam com maior propriedade. A ficção, a título de repertório ilustrativo, oferta-nos, mimeticamente, cenários em que a fúria psicótica irrompe-se, sutil e avassaladoramente, (re)definindo os personagens, adulterando a linguagem, revitalizando a voz narrativa e o tempo. Nos meandros da literatura, as caravelas da loucura ancoram em ilhas suntuosas e, nelas, os marinheiros naufragam na melancolia, enlouquecem atormentados pelo canto ruidoso da paranoia, e os poucos marujos, que reservam um mínimo de astúcia, fecham-se em suas dores e angústias. Eis os espectros mais emblemáticos da **mania** (como os antigos gregos concebiam as contradições do espírito), que invocam, nas letras, o furor histórico de **Medeia**, a onipotência de **Victor Frankenstein**, os arroubos persecutórios de **Dom Casmurro**,



a carapuça narcisista e megalomaniaca de **Dorian Gray**. Resulta, dessas considerações, a proposta deste Simpósio Temático: congregar pesquisas (concluídas ou em andamento) que, numa interlocução entre literatura e psicanálise, busquem analisar as dimensões representativas da loucura, de modo a compreender as imagens e os discursos que a cercam, bem como as configurações que assumem em determinado momento da história social e literária. Com vistas a enriquecer o debate e as discussões, as investigações podem debruçar-se sobre a poesia, o conto, o romance, a carta, a narrativa de viagem, entre outros gêneros.

Palavras-Chave: Literatura – Psicanálise - Loucura

Referências:

BELLEMIN-NOËL, Jean. **Psicanálise e Literatura**. São Paulo: Cultrix, 1978.

FREUD, Sigmund. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Volume XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Volume XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KLEIN, Melanie. **Amor, culpa e reparação**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

KLEIN, Melanie. **Inveja e Gratidão e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

LACAN, Jacques. **O Seminário - Livro 3: as psicoses**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

NASIO, Juan-David. **Os olhos de Laura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

AS PRISÕES DO MEDO: A VIDA DE CÁRCERE DA PERSONAGEM LUDO

Andressa Rayane de Brito Barbosa Costa

Resumo: Em maior ou menor grau todas as pessoas experimentam o medo. Sentimento comum no dia-a-dia, em muitos casos, vem e vai como uma brisa de verão. Em contextos agravantes ele vem unido ao estado de psicose, o ser busca, de forma desesperada, preservar-se do corpo estranho produzido por uma representação que não se consegue assimilar. Assim sendo, o estado psicótico revela-se como um mecanismo de defesa que o eu produz. Proveniente de um trauma tardio, do qual não foi cuidado na infância, as perturbações psíquicas do eu adulto tem como consequência a reprodução de uma má reação na qual objetiva neutralizar o impacto de um trauma sofrido na infância. A causa da psicose, portanto, não é o trauma sofrido, e sim a resposta negativa do eu em combate ao trauma. Essa união “medo-psicose” compõe a narrativa da vida de Ludovica Fernandes Mano (Ludo), personagem principal do romance “Teoria geral do esquecimento” (2012, Agualusa). Portuguesa de nascença viaja a Angola para viver com sua irmã e cunhado. Em meio às revoluções que estavam acontecendo no país, seus únicos parentes nesta terra nova desaparecem, e Ludo vê-se sozinha envolta pelo desconhecido. A protagonista passa então a isolar-se; tomada por um forte medo daquilo que não conhece Ludo passa a criar sua capa de invisibilidade, uma redoma que envolve o seu apartamento e a afasta do mundo, iniciando assim seu processo de esquecimento. Trinta anos foram passados (sobre)vivendo enclausurada em seu apartamento, sua única companhia viva era seu cachorro, Fantasma. Em Angola Ludo vivenciou intensamente seus medos, mas não foi nesta terra que o conheceu. Quando muito nova foi brutalmente abusada por um desconhecido. Esse acontecimento a modificou, depois daquele dia, Ludovica não seria a mesma, não viveria da mesma forma, o abusador não levou sua inocência de menina, ele tirou dela a liberdade, a conduziu para um cárcere que duraria uma vida. O diferente não tinha mais a mesma beleza, era um gatilho para a dor, carregava a memória de momentos de impotência frente a uma dolorosa realidade. Ver-se sozinha, rodeada por pessoas, cores, língua, animais, toda uma cultura diferente levou Ludovica a se entregar a seus monstros. À vista disso, esse trabalho intenciona investigar as realizações do medo, a construção da figura psicótica que, em busca de defender a si, inicia um processo de



esquecimento social. Para isto, buscaremos as teorias psicanalíticas de, em principal, Chaui (2009), Quinet (2006), Nasio (2001), Nasio (2011), e outros.

Palavras-chave: Literatura; Psicanálise; Medo; Psicose.

A METAFICÇÃO PSICÓTICA DO TERROR: AS TRAVESSIAS DO DELÍRIO HOMICIDA EM EDGAR ALLAN POE E MACHADO DE ASSIS

Beatriz Oliveira Rosendo

Resumo: A loucura é um termo usado corriqueiramente por diversas situações no cotidiano, signo utilizado pelas pessoas para classificar diferentes demonstrações de insanidade, isto é, tudo aquilo que foge a normalidade. O que poderia ser considerado loucura ou normalidade? A discussão a ser abordada aqui, se debruça pela narrativa do conto “O coração delator”, de Edgar Allan Poe e “O enfermeiro”, de Machado de Assis que, de maneira comparativa, observamos em ambos protagonistas e narradores autodiegéticos, que meticulosamente durante toda a narrativa utilizam de estratégias persuasivas para convencer ao leitor que o que os levou a determinado ato não foi um ato de insanidade, mas o que deveria ser feito, apontando já para os deslindes do delírio. Como bem reflete Freud, toda psicose é uma doença da defesa, “uma tentativa que o eu faz para se livrar de uma representação inassimilável.” (NASIO, 2001, p.36). Essa afirmação ronda a construção narrativa dos dois contos, pois em “O coração delator”, tem-se a presença de um mordomo que se sujeita a auxiliar um velho, cujo olho lhe causa horror e ele convive com essas inquietações dia e noite. No conto de Machado de Assis, o personagem Procópio serve de enfermeiro e auxilia um coronel que ao longo do tempo passa a maltratá-lo e ele passa a conviver com suas frustrações diante da situação em que ele se encontra junto ao coronel. Ambos narradores sofrem internamente por rejeições causadas por seus pacientes e guardam isso a ponto de tais sentimentos chegarem a um limite da narrativa homicida. No conto de Edgar Allan Poe, o narrador personagem na tentativa de justificar o que levou a chegar a tal ato a partir de estratégias discursivas interlocutórias, nos apresenta um quadro da loucura, criado pelo delírio do personagem, pois o protagonista, de maneira repetitiva, tenta introjetar ao leitor que um louco não seria capaz de cometer um assassinio sem deixar rastros (narrativa homicida, realidade inventada para a ação do assassinato que se torna uma ação da escrita imaginada). Em “O enfermeiro” o personagem principal convive com excessos de fúria que o levam a cometer atrocidades, diferentemente do narrador no conto de Edgar, em “O enfermeiro” a culpa passa a assombrá-lo em certos momentos da narrativa, uma vez que em “O coração delator” isso ocorre apenas no final como representação do medo. À vista disso, esse trabalho objetiva investigar, de forma comparativa, a construção da figura psicótica e suas manifestações no tecido diegético dos contos.

Palavras-chave: Literatura; Psicanálise; Psicose.

A PSICOSE PARANOICA DE AURÉLIA CAMARGO: UM DELÍRIO A DOIS

Vanalucia Soares da Silveira

Resumo: Em uma acepção psicogênica de letra lacaniana, a psicose paranoica é uma anomalia psíquica da personalidade a envolver reações ultrajes (normalmente tardias) do eu às demandas do meio. Trata-se de um conflito vital relacionado a experiências sociais, principalmente experiências primárias, de ordem parental, cujas ressonâncias culminam com delírios de perseguição e de grandeza, com mecanismos de interpretação e/ou reivindicação, sendo mais frequentes em sujeitos com predisposição constituinte e/ou com distúrbios de ordem orgânica. O terreno da paranoia abriga tipicamente personalidades com dificuldade de adaptação ao meio, de convivência com as ambiguidades do self. Os sujeitos acometidos desse adoecimento psíquico sentem-se vítimas da sociedade, excluídas dos círculos de convivência afetiva, inúteis, humilhadas, inseguras, amarguradas, sensíveis, inquietas, onipotentes, fracassadas. A ideia do fracasso e toda consorte de sentimentos negativos são de responsabilidade do outro, o que leva o paranoico a abominar a realidade, negá-la para buscar um lugar para si nesta mesma realidade que, paradoxalmente, exclui-a. Pela via da metáfora delirante, o paranoico busca substituir as



lacunas através da lógica complementar. Um caso ilustrativo de sujeito com traços da paranoia relacionada com o desenvolvimento da personalidade é o de Aurélia Camargo, protagonista do romance *Senhora* (1997), do escritor brasileiro José de Alencar. A personagem desemboca no delírio de reivindicação duplo, seu e de sua mãe, para reivindicar a falta paterna, ao projetar todo o seu ódio no objeto amado, Fernando Seixas. Todos os sentimentos decorrentes do ódio contra a figura paterna são transferidos para o seu esposo, encobrindo o real conflito da personagem, que é a reclamação por um pai. Assim, Seixas, embora seja conscientemente o responsável pelo seu sofrimento psíquico atual, inconscientemente simboliza o pai ausente, o esposo cruel, a mesma figura que “abandonou” conjuntamente mãe e filha, também por causa de dinheiro, elemento persecutório a engendrar toda essa trama psicótica. Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo analisar o delírio duplo vivenciado por Aurélia Camargo na tentativa de substituir “os pais” e ser o nome deles. Para tanto, nosso suporte teórico será, fundamentalmente, de base lacaniana: Lacan (2011), Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2012), Leclaire (1991) e Aulagnier (1991). Outrossim, será suplementado com o pensamento kleiniano e winnicottiano: Klein (1996;1974) e Gomes (2017), dentre outros. O estudo do complexo paranoide da protagonista, pela via delirante, será, pois, observado em relação com todo o desenvolvimento de sua personalidade, com a sua história de vida, simbolizando reivindicação familiar.

Palavras-chave: Paranoia; Delírio; Personalidade; Suplemento; Reivindicação familiar.

A MORTE NO DIVÃ DO IMAGINADO: TRAVESSIAS DO DELÍRIO EM “UM CÃO ANDALUZ” E “DISPERSÃO”

Amanda Ramalho de Freitas Brito

Resumo: O tema da loucura na literatura e na arte expressam diferentes mecanismos de representação postos no jogo dialético entre obra e sociedade, em que se mostram inquietações do sujeito em espaços de aniquilamento do próprio Eu (ego). O sujeito da escrita toma para si, como objeto de ação, a transformação da dor insuportável de um sentimento coletivo em torno de uma conjuntura de época, ou, de sentimentos de faltas forjados pelas agruras do mundo externo. Conforme Schopenhauer (2014, p.95, grifos meus), “o objeto de toda alta poesia é o lado medonho da natureza humana, os tormentos dos homens, o triunfo da maldade, o domínio irônico do acaso”. Com efeito, o filósofo apresenta a relação das dores do mundo com a arte como dispositivo de (re)significação da própria vida, já que esta é um corpo tanático que abriga as faltas e as decepções. Na concepção de arte interseccionista de Fernando Pessoa e Sá-Carneiro, a aproximação entre sonho e realidade no campo do fingimento poético perfaz o mascaramento do pathos, oriundo da irrealização dos desejos, procurando no plano onírico a solução de defesa contra realidade impalpável. No livro *Dispersão* (1914), o poeta Mário de Sá-Carneiro cria um percurso poético em que o espaço dos sonhos inscreve-se no delírio criativo como chave de compreensão de um subconsciente amalgamado às tessituras da morte. Perspectiva posta nos seguintes versos: “Nada tendo, decido-me a criar” (Escavação); “Pressinto um grande intervalo, Deliro todas as cores, Vivo em roxo e morro em som...” (Inter-sonho). Como o próprio Sá-Carneiro aponta em uma das cartas escritas a Fernando Pessoa, em 1915, a vida é uma terra impenetrável, cujas esquinas do afeto e da felicidade são meditadas e vistas exclusivamente nos sonhos. Ideia implícita quando o autor fala sobre o conto de sua autoria, “O homem dos sonhos.” (narrativa que conta história de um homem feliz, pois criava a realidade desejada no plano onírico, desinibindo as limitações do desejo). Para Freud (2013), a linguagem dos sonhos pode ser entendida como o sentido antitético das palavras primitivas de línguas antigas (língua egípcia, latim), cujo um único signo (palavra) carregava a oposição contrária de significados. Partindo desse modelo de linguagem, o psicanalista deslinda as categorias de oposição dos sonhos como marcas da ausência do não, porque os opostos são condensados em uma unidade, possibilitando uma aspiração ao infinito do corpo desejante, substituindo, assim, o não-eu (vazio) pelo eu-abundante, o que implica, inclusive, com a liberdade de representar o oposto do desejado, mobilizando uma tensão, distinta do conflito esboçado pelo sujeito no elo



com a realidade, pois nesta há o recalque do desejo, naquela a implosão da liberdade. Por isso, procuramos discutir em “Dispersão” (Sá-Carneiro) e no filme “Um Cão Andaluz” (1929 – Luis Buñuel e Salvador Dalí) o sonho como linguagem antitética do sentido inconsciente da morte, consistindo em um delírio criativo para reinventar as dores do mundo. Nesse sentido, Nasio (2001, p.36) destaca que o delírio psicótico “é uma luta travada pelo eu para se defender de uma dor insuportável.”

Palavras-chave: Morte. Sonho. Delírio poético.

ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA: A EMERGÊNCIA DO NOVO ESTRANHO NO ESPAÇO DO APRISIONAMENTO E O PRINCIPIAR DO DECLÍNIO DA CIVILIZAÇÃO

Claudia Carla Martins (Universidade do Estado do Mato Grosso- UNEMAT)

Resumo: O romance Ensaio sobre a cegueira (1995), do autor português José Saramago, apresenta um mundo que vai sendo aniquilado gradualmente por uma cegueira branca coletiva. Os novos cegos são os herdeiros de uma herança maldita: o estigma de carregar no corpo aquilo que se mostra assombroso. O desconhecido provoca o medo, e por não se ter os instrumentos cognitivos necessários para compreendê-lo, ele precisa ser banido. Como outrora os leprosos e os loucos, as personagens contaminadas pelo “mal branco” devem ser apartadas, aprisionadas em um lugar que figura como maldito. Este artigo objetiva apresentar uma breve arqueologia do manicômio e pôr em relevo práticas de poder que eram exercidas em seu interior e são recuperadas no romance em foco. Entender a história destes espaços de segregação é fundamental para apreender a condição daqueles que eram familiares, mas que, ao serem atingidos pela cegueira, têm seu rosto transformado em estranho e convertem-se no outro absoluto. Os cegos são a configuração estética do estranho, do novo louco. Também interessamos observar como a civilização entra em declínio no espaço do aprisionamento e de que modo os elementos que a compõe vão sendo implodidos, como é o caso dos preceitos da ordem e da limpeza. Utilizaremos como aporte teórico basilar A história da loucura (2010), de Michel Foucault e os trabalhos de Sigmund Freud: O “estranho” (2006) e Mal-estar na civilização (1996).

Palavras-chave: Manicômio; estranho; civilização.

AS NEURÓTICAS E AS MELANCÓLICAS D’A CIDADE ILHADA, DE HATOUM

Cristiane de Mesquita Alves (Universidade da Amazônia (Unama/PROSUP/CAPE))

Resumo: A Cidade ilhada (2009) é um livro de contos do escritor manauara Milton Hatoum permeado em sua maioria, por figuras femininas no decorrer de suas catorze narrativas. Dentre estas, há personagens que se caracterizam por tomar atitudes e assumir comportamentos beirando às práticas de neurose, por não aceitarem e nem quererem conduzir para a descarga motora uma moção pulsional poderosa do Isso ou de lhe barrar o acesso ao objeto, ao qual elas visam durante os relatos das histórias. Nessas narrativas, elas não admitem a ruptura ou o cancelamento de uma relação de forma parcimoniosa para si; levando-as a criarem em seu íntimo um estado para o Eu, o qual cria automaticamente para si um novo mundo exterior e interior, e, “não resta dúvida sobre dois fatos: que esse mundo é construído de acordo com as moções de desejo do Isso, e que o motivo dessa ruptura com o mundo exterior foi um grave e intolerável impedimento de desejo por parte da realidade.” (FREUD, 2016, p. 273). Essa decepção responsável pelo embotamento afetivo, ou seja, pela perda da participação do objeto em sua vida no plano real, torna-se a gênese das formações delirantes presentes nas ações descontroladas das mesmas na ficção de Hatoum, fazendo com que as demais personagens que contracenam com elas, promovam a um afastamento físico, um abandono, por as considerarem insanas ou não representarem um estado emocional racionalizado, à maneira convencionalizada. O afastamento do objeto contribui de forma negativa para a saúde psíquica dessas mulheres hatounianas, pois as conduz não apenas a momentos de delírios e alucinações mesclando



irrealidades na realidade, mas também, possibilita a elas a criarem um estado de melancolia em relação a esse compromisso amoroso, que em seu Eu, ainda não teve fim. Nesse sentido, a melancolia caracterizada “psiquicamente por um desânimo profundamente doloroso, por uma suspensão do interesse pelo mundo externo, pela perda da capacidade de amar, pela inibição da capacidade para realização.” (FREUD, 2016, p. 100), acaba por fazer dessas mulheres, além de neuróticas, melancólicas. Logo, diante dessa contextualização é que se articula o objetivo desta comunicação: analisar como se manifesta a neurose e a melancolia, a partir do recorte de três personagens hatounianas que se dialogam e se inter cruzam nessa discussão, com base nos pressupostos da teoria freudiana. Sendo assim, das mulheres ilhadas na cidade, na ficção de Hatoum, para este estudo, elencou-se: Bárbara (melancolia e neurose), do conto Bárbara no inverno; Dona Steinway (tom melancólico) de Dois tempos e Victoria Soller (neurose) de Encontros na península.

Palavras-chave: Mulheres; Neurose; Melancolia.

16/07 (TARDE)

A TRADUÇÃO DA CULPA EM MACBETH SOB O OLHAR DE FREUD E NIETZSCHE

Vera Spinola (Universidade Federal da Bahia)

Resumo: Tomando-se como objeto a peça Macbeth, escrita por William Shakespeare em 1606/1607, fez-se um recorte, ao analisar como a culpa recai sobre os personagens, após cometerem o regicídio para usurpar o trono da Escócia. O estudo é feito à luz das reflexões de Nietzsche (1998) e Freud (s/d) sobre o sentimento de culpa, e, secundariamente, de Maquiavel (2016) sobre como se manter no poder. Embora os ensaios de Nietzsche e Freud tomados como referência tenham sido publicados em 1887 e 1929 respectivamente, portanto posteriormente à peça de Shakespeare, suas ideias nos ajudam a entender a atitude dos Macbeths antes e depois do regicídio. Discutem-se as reflexões de Nietzsche acerca da dificuldade de o indivíduo esquecer as memórias indesejadas que se tornam fonte de culpa. Nietzsche (1998, p. 71) argumenta que o homem, encerrado no âmbito da sociedade e da paz, fica “reduzido à consciência”, seu órgão mais falível. Freud refere-se à culpa como um medo que a criança tem da perda do amor dos pais. Em contrapartida, no adulto, o lugar dos genitores é assumido pela comunidade. Os adultos sentem-se seguros de fazer qualquer coisa má que lhes prometa prazer, enquanto tiverem certeza de que a autoridade nada saberá a respeito. No pensamento de Freud, uma grande mudança só se realiza quando a autoridade é internalizada através do superego, que equivale à consciência. “A continuação dos desejos proibidos pode ser escondida da comunidade, mas não pode ser escondida do superego, que é a continuação de uma severidade externa” (FREUD, s/d, p.38). Freud aponta dois determinantes do sentimento de culpa: um surge do medo de uma autoridade, e o outro, posterior, do medo do superego. O primeiro insiste numa renúncia às satisfações instintivas; o segundo, ao mesmo tempo em que faz isso, exige punição. A sensação de culpa pode ser produzida não apenas por um ato de violência realmente efetuado, mas também por um ato simplesmente pretendido (FREUD, s/d, p. 44). Antes de cometer o regicídio, o General Macbeth sofre um intenso conflito interno. Hesita. Sua consciência trabalha contra o mau ato. Por sua vez, Lady Macbeth, que nunca havia presenciado uma morte violenta, planeja o assassinato com determinação de tal forma a não incriminar o marido, que cometeria o ato. Contudo, depois de ver o cadáver ensanguentado do rei, a determinação de Lady Macbeth vai lentamente se transformando em melancolia e culpa, levando-a à loucura e ao suicídio. Após ter assassinado o rei e usurpado o trono, o conflito interno do General Macbeth é acrescido do medo de ser descoberto. Para manter-se no poder, torna-se um tirano, matando qualquer um que ameace sua posição. Parece seguir os ensinamentos de Maquiavel, cuja obra antecede a de Shakespeare. Para analisar o objeto, selecionamos excertos da peça, que, na nossa interpretação, conotam culpa, propondo um estudo comparativo entre o texto de Shakespeare, em inglês, e os trechos equivalentes, em português,

de três tradutores: o poeta Manuel Bandeira, em 1956; a crítica teatral Bárbara Heliodora, em 1996; e a professora Beatriz Viégas-Faria, em 2000.

Palavras-chave: Macbeth; Culpa; Freud; Nietzsche; Tradução

O CALEIDOSCÓPIO DE ANA CRISTINA CESAR: O FULGOR DA MELANCOLIA

Leide Rozane Alves da Silva (Universidade de Brasília)

Resumo: Ana Cristina Cesar, poeta da literatura marginal, tradutora, crítica literária e jornalista. Em todas as atividades às quais se dedicou, o fez de maneira visceral, tal como conduzia sua vida, seus desejos, seus amores. Durante sua breve existência – de pouco mais de trinta anos, interrompida pelo suicídio em 1983 – expôs-se como personalidade múltipla, intensa e ambivalente, o que se verifica pela ressonância de sua obra. A construção de sua poesia confessional é pautada, por exemplo, em temas comuns às autoras as quais ela traduzia: solidão, angústia, paixão, sexo, desejo e morte. A partir de extratos de textos da escritora Emily Dickinson, pautamos nossa análise em um caleidoscópico melancólico. Para nos aproximarmos de um mecanismo discursivo que dê conta da produção literária de Ana C., recorreremos à imagem de um caleidoscópio. Este artefato óptico, operado pelo movimento das mãos, produz, pela luminosidade incidida sobre material colorido, uma série de combinações diferentes em tons e formatos. Da mesma maneira, os textos dessa escritora são construídos num sistema de rearranjo, de ligações entre versos e fragmentos de leituras prévias, realizando um movimento visível e corpóreo, uma substância tangível. Historicamente a melancolia é um estado que a humanidade tem experimentado há eras. O estar melancólico está comumente associado aos sentimentos de perda, tristeza e solidão. O melancólico rompe com esses “laços ilusórios” e se encontra desamparado, podemos compreender esse como o processo de luto descrito por Freud, no qual as perdas que sofremos, nos leva a tipos de desconexão com o mundo exterior. Ao encontrar-se em estado melancólico (depressivo)- maníaco ou impulsivo- o indivíduo pode dar vazão aos sentimentos e angústias através do processo de criação artística. Esse recurso pode ser encarado como uma forma de refletir suas dores, ressignificar seus “laços ilusórios” e se reconectar ao mundo. Vivenciando a ambiguidade de impulsos e sensações, o melancólico converte em substância seu estado de alma, represando desejos e/ou abrindo-os em vertedouro. A retórica poética de Ana C. numa materialidade que se expõe em um caleidoscópio melancólico, num movimento luminoso de combinações que concebe uma imagem de si, constituída a partir de imagens de outros. em Ana C. encontramos a melancolia advinda de outros ecos, outros tempos. Seu estado de alma em ebulição é resultado das leituras de lampejos viscerais, como os de Emily Dickinson em sua angústia existencial. A análise em caleidoscópio tem por objetivo explicitar os impulsos e sensações melancólicos presente na poética de Ana C e na influência exercida por Emily Dickinson em sua composição de sua obra.

Palavras-chave: Melancolia; Caleidoscópio; Angústia existencial.

(DES)FIGURAÇÕES DO CONHECIMENTO NA NARRATIVA "O ASSASSINATO DE UM DENTE-DE-LEÃO", DE ALFRED DÖBLIN

José Rodrigo da Silva Botelho (Universidade de São Paulo)

Resumo: Com a presente comunicação, temos por objetivo propor uma análise ensaística da narrativa "O assassinato de um dente-de-leão" ("Die Ermordung einer Butterblume"), do escritor polonês-alemão Alfred Döblin, publicada pela primeira vez na revista literária "Der Sturm" em 1910. A análise proposta aqui se coloca sob a luz do tema do conhecimento na literatura, explorando suas possibilidades e impossibilidades. O questionamento a respeito da possibilidade de produção ou obtenção de conhecimento em textos ficcionais, que é um ramo da teoria literária (v. Gellhaus, 2012), nesta narrativa em especial se justifica pelo caráter de delírio presente em seu enredo e em sua forma. O texto narra um episódio insólito ocorrido na vida do protagonista, o Senhor Michael Fischer, um comerciante que reside e trabalha na cidade alemã de Freiburg. É nessa cidade que se passa toda a narrativa, inclusive o episódio insólito

mencionado. Nessa narrativa de poucos personagens, Herr Fischer é o principal, o responsável pela maioria das ações e o sujeito da maioria dos acontecimentos. Por vezes sua postura e seu caminhar, sempre acompanhado de sua bengala, são descritos com certa comicidade ao olhar dos personagens secundários, em uma caracterização que sugere uma figura excêntrica, que inclusive padece de algumas alucinações. Essa caracterização prepara o terreno para o principal acontecimento da narrativa: em um de seus passeios, caminhando por uma calçada, o protagonista é tomado e perseguido pela ideia fixa e obsessiva de que ele próprio assassinara uma flor (um dente-de-leão) com sua bengala. Ele chega a ver a si próprio, como observador externo, atacando mortalmente a planta. Desse ponto em diante, o caráter delirante, alucinatório e insólito da narrativa só se adensa. Este texto de Döblin – que tinha a psiquiatria como profissão principal – foi considerado, pelo organizador de uma coletânea de narrativas da qual esta faz parte (Döblin, 1971), a autêntica descrição de uma psicose. No percurso e no comportamento do protagonista, Sr. Michael Fischer, o que se nota são deformações ou desfigurações da realidade, equívocos de percepção causados por um estado emocional em que se percebe algo fora da normalidade. A psicanálise, sobretudo a freudiana, é parte do referencial teórico usado nesta apresentação para tentar compreender os fenômenos manifestados no percurso do personagem desta narrativa, na busca por levantar hipóteses a respeito do conhecimento, como adiantado no início. Nesse sentido, o principal texto de Freud aplicado aqui é “O estranho”, de 1919. É a partir dessa percepção deformada da realidade apresentada pelo personagem Fischer e do seu questionamento do que é real – no contexto de uma abordagem psicanalítica – que as possibilidades ou impossibilidades do conhecimento serão investigadas. Portanto, buscamos uma solução literária trazendo ao auxílio da teoria da literatura os aparatos teóricos da psicanálise e da teoria do conhecimento.

Palavras-chave: Literatura; conhecimento; psicanálise

FLUXO DE CONSCIÊNCIA EM AFONSO CONTÍNUO, SANTO DE ALTAR: A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA POR MEIO DE ASPECTOS PSICOLÓGICOS DA PERSONAGEM PRINCIPAL

Gleice Do Socorro Bittencourt Dos Reis (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ)

Resumo: O romance Afonso Contínuo, Santo de Altar de Lindanor Celina é uma fonte inesgotável de temas interessantes e importantes tanto do ponto de vista literário quanto do ponto de vista social, por abordar temas polêmicos e que provocam debates férteis e necessários. A relevância de um estudo como este está na valorização de nossos autores amazônicos que mesmo falando sobre sua terra desenvolveram em suas obras temas extremamente universais. O objetivo geral deste artigo é analisar a construção da narrativa por meio de aspectos psicológicos da personagem Afonso Romano sob os preceitos da crítica psicanalítica e a perspectiva do fluxo de consciência buscando compreender as significações e os temas que podem ser extraídos nesse processo de construção de uma consciência em conflito. O termo “fluxo de consciência” foi absorvido pela literatura dos estudos da psicologia para definir escritos que possuem como maior característica a construção da narrativa por meio de aspectos psicológicos das personagens. Assim, sob esse enfoque, no romance de Lindanor Celina, Afonso Contínuo, Santo de Altar, o assunto principal é a consciência do narrador personagem. O estudo da focalização também permite que seja possível delimitar determinados entendimentos sobre a vida e o mundo. Assim, considera-se este estudo de grande relevância por investigar em profundidade aspectos relativos ao fluxo de consciência presente na obra, tecido por meio do foco narrativo e norteados pelo eterno dilema da consciência humana entre o bem e o mal. Assim, o que percebemos durante a leitura do romance é uma consciência atormentada entre o prazer da satisfação dos instintos e a culpa por essa realização, fazendo com que a personagem reprima alguns de seus desejos e não revele os atos que julga serem “imundos” de acordo com as palavras da própria personagem, pois teme a desaprovação da sociedade e a punição divina.

Palavras-chave: Lindanor Celina; Fluxo de Consciência; Crítica psicanalítica.



AS INTEMPÉRIES DA RAZÃO: O CAOS E A MELANCOLIA EM A PINTURA EM PÂNICO, DE JORGE DE LIMA

Luiz Felipe Verçosa da Silva (UNEAL) e José Antonio Santos de Oliveira (UNEAL)

Resumo: O multifacetado escritor alagoano Jorge de Lima (1885-1953) no projeto e construção estética de suas fotomontagens no livro *A pintura em pânico* (1943), parte dos pressupostos da iconicidade semiótica para reinventar o já dito e romper com as cartilagens do interdito, que está embutido no subconsciente humano, mesclando elementos do campo da percepção visual com símbolos surreais, extrapolando a tessitura do plano físico e flertando com o plano onírico de percepção espacial das coisas e sentimentos do mundo para denunciar e revelar o inconsciente coletivo. Nessa perspectiva, notam-se como essas expressões perpassam por temáticas que giram e miram na própria condição do homem na sociedade (melancolia, violência, sexualidade), o que faz com que a obra passe a se tornar mais do que uma manifestação da visão crítica do autor sobre o mundo que o cerca, e sim, uma extensão psíquica das projeções mais tênues de seres conflituosos, que visualizaram apenas na montagem gráfica e aspecto libertário do surrealismo, o recurso essencial e pertinente para emoldurar, remodelar e exprimir a ótica humana. Pensando nisso, vale salientar como a técnica inerente à montagem, a princípio pensada para o cinema e discutida por Eisenstein (2002), foi relevante para construção imagética da obra, possibilitando a visualização de um universo ficcional impregnado pelo caos social e individual do sujeito diante das metamorfoses da primeira metade século XX, no qual se reverbera a melancolia, fruto da fragmentação pessoal do autor, realçada no recurso estilístico utilizado. Ademais, *A pintura em pânico* recebeu inúmeras críticas, com acusações infundadas sobre o teor vanguardista de suas produções, entre elas, a de “exibição de maluquices”, cujo comentário auxilia na reflexão de loucura, proposta por França (2006), no qual, para a autora, o conceito de loucura está atrelado à época, variando nas diversas realidades sócio/temporais. Nesse sentido, o presente trabalho intentar escrutinar o livro de fotomontagens, de Jorge de Lima, verificando como a percepção de mundo do escritor permanece confinada à melancolia, além de discutir como a insubmissão às questões históricas, presentes na obra, configuram a relação com a “desrazão” do autor, oriunda da forma usada para criar as fotomontagens e, indubitavelmente, das sugestões ao erotismo, à morte e à melancolia. Para isso, destaca-se as reflexões de Freud (1917) sobre o caos e melancolia, manifestada em uma perda de interesse em vivenciar o que é ofertado pelo seu exterior, conforme pode ser visto em *A pintura em pânico*, quando o artista se mostra em pânico frente às evoluções científicas da modernidade, dadas pela ausência da paz em virtude do período de guerra, que marca a produção do livro vanguardista, pela hipocrisia humana ao impor valores a serem obedecidos socialmente, mesmo descumprindo-os às obediências e, decerto, pela perda da vontade de lutar pelos ideais cristãos, percebidos nos três primeiros livros publicados pelo autor, consequentemente, confinando o sujeito lírico a um estado de vazio, típico da melancolia, por sentir-se perturbado/condenado devido às suas inclinações intensas ao erotismo. Esta comunicação, portanto, será embasada nas discussões de Freud (1917), Bataille (2014), Plaza (2003) e Foucault (1978).

Palavras-chave: A pintura em pânico; Melancolia; Caos.

A IMITAÇÃO DA ROSA: TEXTURAS DE DESEJO E LOUCURA

Maria Genecléide Dias de Souza (UFPB)

Resumo: Desde os tempos primevos, o ser humano sempre se constituiu a partir do outro e das experiências extraídas desse convívio. O modo como expressamos a nossa personalidade, conversa como a nossa psiquê percebe, figurativa, metafórica e metonimicamente, as configurações do mundo externo para o mundo interno, construindo e desencadeando para o indivíduo novas instâncias de significado e sentidos no adorno das suas subjetividades. A incompreensão de um comportamento socialmente “desviante” assume para o expectador uma narrativa sombria de um processo “patologizante”, a psicose. De acordo com os pressupostos do



psicanalista argentino Nasio (2011), somos suscetíveis à loucura e, em algum momento da vida, ela ressoará. O sujeito que já mantém laços frágeis com a realidade envereda por uma travessia barulhenta e, até mesmo, mais duradoura. No indivíduo estruturalmente neurótico, os sintomas aparecem de forma modesta, não deixando transparecer nitidamente, além de ser momentânea ou circunstancial. Dessa forma, o presente artigo discorrerá sobre o conto A imitação da rosa, de Clarice Lispector, o qual faz parte da coletânea de Contos: Laços de Família. Lançado em 1960, aborda os aspectos e representações da constituição da subjetividade da personagem Laura, uma mulher em busca de si, descobrindo sua identidade. Reflete sobre a condição do feminino no contexto familiar; sua subalternização diante da figura do marido; e sobre a rotina dos acontecimentos e a solidão. O enredo se ambienta no espaço da casa a partir do diálogo interno de Laura consigo mesmo, eivada sobre o devaneio da beleza do ramalhete de rosas. Neste instante, desenlaça o conflito de estilhaçamento transitório do real, havendo um comportamento excessivo de dúvidas em ofertar ou não as rosas ao Outro. Agindo de maneira desproporcional, responsabiliza a amiga Carlota pelo seu sofrimento. Percebe-se, no bojo dessa contística lispectoriana, o colorido das relações tecidas a partir da dualidade: o (in)aceitável e o (des)conexo. O sofrimento momentâneo, experimentado por Laura, é explicado como uma loucura efêmera. Nasio (2011, p.10) evoca o conceito de forclusão local, que seria a “anestesia das sensações e, portanto, da consciência do que é percebido. Percebo o acontecimento perturbador, mas não sinto nada nem reconheço a violência que ele significa. Percebo sem saber o que percebo.”. Desse modo, o conceito do psicanalista traz o estatuto do entre-lugar. O ser humano, na sua multiplicidade, (des)encontra-se no processo de transição na produção de sentido. Não existe sujeito “são” que não possa, momentaneamente, foracluir uma experiência, bem como, um psicótico vivenciar os eventos da vida, “de maneira saudável”, e, sem a presença dos distúrbios psicóticos, como: o delírio, a alucinação ou a despersonalização.

Palavras-chave: Loucura; Psicanálise; Literatura.

17/07 (MANHÃ)

DA INSENSATEZ DA VIGÍLIA À LÓGICA DA PUNIÇÃO: REFLEXOS DA LOUCURA EM “O ESPELHO”, DE MACHADO DE ASSIS

Silvio Tony Santos de Oliveira (UFPB)

Resumo: Desde os primórdios daquilo que poderíamos rotular como existência da vida em sociedade, o homem, por meio das suas expectativas e subjetividades, estabelece aproximações e distanciamentos com os valores culturais, morais e éticos que são, ao mesmo tempo, construídos pela própria humanidade e impostos a si mesmo. Viver em sociedade significa, por vezes, enquadrar-se em modelos de comportamento que buscam uma padronização nas dimensões sociais daquilo que seria considerado aceitável, saudável ou rotulado como adequado aos parâmetros pré-acordados para convivência no mesmo espaço social. Em contrapartida, aqueles que não atendem a esse regime de igualização da subjetividade são marginalizados e preteridos para outros escalões, deixados às margens da sociedade. Os registros históricos acerca da saúde mental, mais precisamente por volta dos séculos XVII e XVIII, apresentam-nos os distúrbios da saúde mental entendidos, pelo corpo científico da época, como degenerações irreversíveis de origem orgânica, nomeadamente cerebral. Já a partir da segunda metade do século XVIII, avançam as perspectivas de clínica e estudo das doenças mentais e, com isso, estabelece-se a ciência do alienismo, precursora da psiquiatria moderna. Os pressupostos dos alienistas contribuíram para se compreender as particularidades dos transtornos psíquicos, principalmente, a partir das intervenções de Philippe Pinel (1745-1826). Considerado um dos revolucionários no campo da pesquisa e clínica das patologias mentais, Pinel reformula as relações entre médico e paciente por meio de procedimentos humanistas que relegam, ao ostracismo, antigas práticas, que feriam a dignidade do doente mental, como, por exemplo: acorrentamentos, espancamentos, cárceres, etc. Em contrapartida, o mundo das artes,



constituído, em sua essência, pela nódoa da subjetividade humana, abarca a representatividade das vicissitudes das patologias mentais nesses períodos obscuros. Pinturas como *Telémaco*, *Signorini*, *La sala de las agitadas al San Bonifazio en Florencia* mimetizam, por meio de suas cores escuras e traços, por vezes pouco definidos, os ambientes e as visões sócias acerca da loucura nesses períodos. Por sua vez, essas tensões intrínsecas da vivência em coletividade acabam por serem dimensionadas nas tessituras da obra literária, uma vez que, como bem diz o crítico literário Antônio Candido, em sua obra *Literatura e sociedade*, o texto literário é tomado por uma essência social. A literatura se apresenta como um vasto campo estético, no qual, são encenadas as vicissitudes da subjetividade humana. Os variados personagens fomentados, nas circunscrições das narrativas, assumem comportamentos sociais, culturais e principalmente psicológicos vivenciados, pelos seres humanos, através do empirismo e da materialidade da vida em sociedade. Desta forma, o objetivo desta pesquisa é realizar uma leitura psicanalítica do personagem Jacobina, presente no conto *O espelho* (1882), de Machado de Assis (1839 – 1908). Na referida obra, o personagem é caracterizado por uma fragmentação do eu. Esse aspecto contribui para que o protagonista acabe por se identificar apenas quando está fazendo uso de um uniforme militar. Outras questões circunscrevem nossa pesquisa: quais os aspectos sociais que contribuem para o desamparo psíquico de Jacobina? Quais as relações que o eu (da personagem) estabelece com a farda e sua imagem especular? Para tanto, recorreremos às contribuições de Jacques Lacan sobre as psicoses e autores pós-lacanianos.

Palavras-chave: Literatura; Psicanálise; Psicose.

QUANDO O REGRESSO A SI MESMO TORNA-SE (IM)POSSÍVEL: A ESCRITA (DES)ESPERADA DE GUY DE MAUPASSANT

Anderson Gustavo Silva Macedo Pereira (UFPB)

Resumo: Desde as estações primevas, o homem inquieta-se com o estranho, o desconhecido, o inominável, que, por vezes, ao longo da história, ganha o estatuto de “loucura”, “demência”, “insanidade”. Os tormentos da razão ocupam, mormente no Ocidente, em decorrência das políticas higienistas perpetradas por instituições médicas e religiosas, polos antagônicos que denunciavam, sobremaneira, a incapacidade do sujeito de lidar com a sua própria excentricidade. Vários filósofos definiram e teorizaram sobre esta condição, sempre envolta a controvérsias, paradoxos e reducionismos. Nas calendas do contemporâneo, o discurso mais notório provém de Michel Foucault, em sua célebre obra *A História da Loucura* (1972), que promoveu uma hermenêutica capaz de abarcar o complexo jogo de poder que recai sobre os diferentes, as “minorias”. Nesse cenário de contestação de valores, a literatura se ergue como instrumento decisivo para dissipar velhas concepções e fazer arvorar ideais de igualdade cada vez mais inclusivos. Eis o caso de Guy de Maupassant, exímio escritor francês, que sofreu os trêmulos e predadores ataques de uma sífilis. Com efeito, manteve uma inusitada parceria com a angústia e, conseqüentemente, com o (des)ajuste psíquico. Tentou, com certa frequência, suicidar-se e viveu os últimos meses de vida no manicômio de Passy, na França. Nossa pesquisa, numa interlocução entre Literatura e Psicanálise, pretende uma análise de três contos emblemáticos do autor, em cujos flancos a desagregação psicótica ocupa posição central. São eles “*Carta de um louco*” e “*O Horla*”; este último conta com duas versões distintas: a primeira, de 1886, e a segunda definitiva e estendida, de 1887. Em tais narrativas, construídas ao labor dos elementos fantásticos, percebemos, nitidamente, uma ressonância da história pessoal do autor, num movimento de sobreposições e cruzamentos estéticos/éticos. No enredo de “*Carta de um louco*”, o narrador-protagonista endereça uma epístola a um médico e pede para ser internado em um sanatório, pois acredita estar desprovido de razão, ao sentir-se mergulhado em perturbações psicológicas e alucinações avassaladoras. Em um de seus relatos, confidencia que, ao prostrar-se diante de um espelho, vê-se totalmente ausente no objeto. Ao invés de se reconhecer, em sua individualidade, ele enxerga “monstros, cadáveres horrendos, todas as espécies de animais horripilantes, de seres atroz, todas as visões inverossímeis que devem habitar o espírito dos loucos”. Na primeira versão de “*O Horla*”, um alienista convida alguns colegas de profissão



para que ouçam o testemunho de um de seus pacientes, que se encontra em grave estado de desordem mental. Segundo o enfermo, um ser desconhecido, a quem outorga a alcunha de Horla, apareceu-lhe de repente e, absurdamente, concentra os meios para controlá-lo. Há algumas modificações na segunda versão, que é contada em forma de diário, com o registro cuidadoso dos acontecimentos, diagramado em dias e meses. O moribundo manifesta suas ansiedades e, concomitantemente, expõe vários problemas que o afetam. De igual modo, numa clara relação intertextual, sente a presença de um ser invisível, a mesma criatura presente na primeira versão do conto. Aos poucos, o personagem submerge numa atmosfera de adoecimento, na tentativa irracional de libertar-se desse “hospedeiro”, capaz de lhe conduzir aos recônditos (im)precisos da loucura. Privilegiaremos, em nosso itinerário analítico, os estudos desenvolvidos por Sigmund Freud e Jacques Lacan, bem como por seus principais comentadores.

Palavras-chave: Literatura Francesa; Psicanálise; Loucura

SOBRE A CATÁSTROFE ÍNTIMA DA LINGUAGEM: A CONFISSÃO DA ANGÚSTIA NO CONTO A CARTOMANTE, DE MACHADO DE ASSIS

Annecy Bezerra Venancio (UFPB)

Resumo: O ‘aforismo’, surgido, provavelmente, entre os séculos V e IV a.C., restringia-se à semiologia médica, espargindo-se nos tratados de convalescença e cuidados corporais, com sentidos alheios aos angariados na atualidade. Em linhas gerais, comporta, em sua gênese, acepções relacionadas a “determinar”, “prêmio”, “ordem”, as quais se volatizaram em função da emergência de novos espaços de enunciação. Todavia, no presente, a essência sêmica sobrevive e circula, ainda que timidamente e em passos imprecisos. Na esteira das derivas e naufrágios linguísticos, carregados pelo dinamismo da Cultura, o gênero alarga suas fronteiras e adquire significados cada vez mais amplos, híbridos e controversos, de tal sorte que percorre, inadvertidamente, os campos da Filosofia, da História e das Letras, o que, por vezes, dificulta, ou mesmo impede, as tentativas de classificação rígida e esquemática. Imerso nas brumas da literatura, o aforismo assume, sem pudores, seus efeitos (des)agregadores, derivados do copioso teor de criticidade, bem como do abrupto escancaramento da condição humana, tudo isso em composições estilísticas, marcadas pela brevidade e pela concisão de sua forma. Este traço, entretanto, não compromete a densidade temática que, amiúde, é diversa e plural, acomodando, sem obliquidades, juízos com intensa carga subjetiva e emocional. Diante dessas considerações, este estudo objetiva penetrar no substrato intimista que recobre, compassivamente, os aforismos machadianos, em especial, aqueles presentes no conto A cartomante, numa articulação constante entre o conteúdo manifesto e as alegorias subreptícias à tessitura narratológica. Sabemos da engenhosidade do grande mestre da Literatura Brasileira, cuja poética adentra, como nenhuma outra, nas profundezas da alma, nos recônditos do dizer, revelando seus impasses e contradições. Sem dúvida alguma, Machado de Assis detém um estilo multifacetado, como sinalizam a crítica especializada. Recorremos, inicialmente, aos constructos teóricos desenvolvidos por GEARY (2007) e NETO (2017), nas elucubrações sobre o artefato textual em tela; COSTA (2001), que se dedica à compreensão da estética do Bruxo do Cosme Velho; e FILHO (1995), o qual versa sobre as vicissitudes da linguagem literária.

Palavras-chave: Aforismo. Machado de Assis. A Cartomante.

DISSIMULAÇÕES ERÓTICAS, ALARDES PORNOGRÁFICOS: SOBRE A MELODIA OBSCENA DE THÂNATOS

Manuela Xavier R. de Souza (UFPB)

Resumo: É notório que, quando falamos em Música Popular Brasileira (MPB), tendemos a considerá-la apenas um índice cultural “diferenciado”, marcadamente vinculado a uma errônea concepção de “bom gosto”, “classe” e engenho estético, o que nos conduz, impetuosamente, a negar sua natureza abstrusa, sua abrangência conceitual e, mormente, seu potencial linguageiro (traços que, de modo indelével, escancaram a emergência de pesquisas sobre a história e a



circulação desse artefato, bem como dos seus efeitos no processo de subjetivação). Nosso vínculo é tão estreito com o gênero que, ao longo dos anos, fomos nos imiscuindo-se nas letras, que, de maneira tácita ou não, passaram a reverberar as contradições, os valores e as idiossincrasias de uma nação em crise, em lento movimento de (re)validação de sua identidade. Ainda amargamos, por exemplo, na cartografia musical, a incômoda situação de “segregação” entre as categorias do erótico e do pornográfico, que chegam, inclusive, a determinar o destino das peças, ora valorizadas e aceitas ora intensamente repudiadas e distorcidas. Essa polarização, difícil de ser dissolvida, parece conduzir-nos, sempre, a uma necessidade apressada por determinar o lugar do sexo e da sexualidade ou, até mesmo, um empreendimento mal-sucedido de ignorá-las, de quiçá, reprimi-las em favor de um ideal de civilização, há tempos, deteriorado. Ingressar, nos territórios nebulosos do sexual, requer uma capacidade mínima para suportar as frustrações, tão presentes no decorrer da existência. O paradoxal, aqui, é exatamente a retroalimentação que recai sobre o erotismo e seu congênere, a pornografia: são fenômenos que emanam e se sustentam a partir da inscrição dos tabus, das normas morais, da arquitetura do proibido. Nessa esteira, algumas peças musicais, em especial aquelas que se irrompem nas calendas da contemporaneidade, albergam uma tessitura conflitante que, ao mesmo tempo em que projetam, em palavras e gestos, a profusão dos desejos sexuais, deixam escapar os signos da incompreensão, da arbitrariedade e do conservadorismo. Não à toa, sua percepção causar, amiúde, efeitos subjetivos antagônicos, de encantamento e repulsa. Eis, pois, a nossa proposta de trabalho: examinar, na canção Em nosso quarto, da compositora/cantora Eduarda Alves, as contradições do desejo, de modo a decifrar as insígnias de um mal-estar que profana o corpo e sacraliza a alma. Como aporte teórico, recorreremos aos estudos de FAOUR (2008), em sua incursão na historiografia luxuriosa da MPB, e aos constructos epistemológicos da psicanálise (pós)freudiana, acerca das pulsões que regem a condição humana.

Palavras-chave: Palavras-chave: MPB; Brega, Erotismo/Pornografia.

A RETÓRICA LUDIBRIOSAS DE EROS: SOBRE A FACE ANÁRQUICA DO TEMPO EM “O DELÍRIO”, DE CLARICE LISPECTOR

Marcília Poncyana Félix Bezerra (UFPB)

Resumo: Freud, ao estudar as psicoses, afirma que o delírio é uma tentativa de cura do sujeito, uma tentativa de organização da própria psique. Para Lacan, o delírio é da ordem do imaginário, uma vez que o sujeito psicótico não tem o registro do simbólico, não sendo possível, assim, a simbolização dos significantes. “O psicótico é um desenlace por excelência” (QUINET, 2009). Ainda segundo Lacan, para o sujeito psicótico, não foi possível simbolizar o significante para o Nome-do-Pai, que faria a amarração dos registros: real, simbólico e imaginário e, isso permitiria que o sujeito simbolizasse. Assim, sem a metáfora paterna, e sua simbolização, o sujeito psicótico utiliza do delírio para tentar constituir uma possível metáfora paterna, para tentar lidar com a não simbolização e incidência no Real. No decorrer da vida, quando é exigido do sujeito psicótico que dê conta desse significante que para ele não existe, fica claro a sua falta, sendo necessária alguma coisa para sustentar essa falta, em alguns casos, o delírio. É o que é narrado no conto “O delírio”, de Clarice Lispector. Essa narrativa, de 1940, fez parte do livro póstumo “A bela e a fera” de 1979, juntamente com outras cinco peças, mais tarde, publicado na obra “Todos os contos” (2016), na seção Primeiras Histórias. Um homem, sem nome, que vive em uma pensão e, aparentemente, está um pouco adoentado, não deixando claro do que se trata sua enfermidade. Dona Marta, proprietária da pensão, e uma sobrinha moça (também sem nome) são os outros personagens com compõem a diegese e estas apresentam preocupações e cuidados com o moribundo, chamado por elas de Doutor. O conto relata uma noite insone desse homem, onde se apresenta o delírio por ele construído. Alguns elementos são de grande importância para a complexidade do delírio, como a terra, a luz, assim como a febre e as dores que acometem o protagonista. Durante a madrugada, ele é cuidado pela moça, que o acompanha pacientemente, sem questionar as suas palavras. No dia seguinte, ao se deparar com a moça, fica um pouco confuso sobre o que aconteceu, sendo surpreendido pela descrença da moça na sua história. O



enredo se encerra quando o homem se dispõe a escrever sobre a noite e os elementos. A psicanálise, nesse trabalho à luz de Freud e Lacan, nos coloca para refletir sobre a construção de um delírio, compondo a história de cada sujeito e fazendo inferências na sua própria realidade, sustentando suas faltas.

Palavras-chave: Psicanálise; Delírio; Clarice Lispector.

LITERATURA NEGRA E HIP HOP: UM DIÁLOGO PROMISSOR EM UMA TURMA DA EJA

Maria Hosana Ribeiro Da Silva (UFPB)

Resumo: A literatura ensinada apenas sob a perspectiva historiográfica das escolas literárias e da análise estrutural dos textos torna-se enfadonha e sem sentido. Porém, quando o professor a concebe como um direito inalienável (CANDIDO, 1998) e algo inerente à necessidade de fabulação do ser humano, já que “não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação...” (CANDIDO, 1998, p. 174), é possível e provável a sua adequada escolarização; uma escolarização que permita a experiência com o texto literário pautada numa vivência dialética, como se dá a própria vivência do homem em sociedade, contribuindo para o letramento literário. Nessa conjuntura, este trabalho tem como objetivo relatar uma experiência pedagógica constituída a partir do diálogo entre a literatura negra e o hip hop com 21 alunos da 4ª fase da educação de Jovens, Adultos e Idosos de uma escola municipal em Goiana-PE. Essas duas produções, num entrecruzamento entre literatura e música, estão muito presentes nas nossas aulas de língua portuguesa e no contexto social dos alunos da referida escola. Para fundamentar teoricamente este relato, trouxemos, como referências principais, ANTONIO CANDIDO (1998), CONCEIÇÃO EVARISTO (2009), COSSON (2006) e LOPES e SOUZA (2010), mas também outros que se debruçam sobre a produção de autoria negra e o ensino de literatura. Acreditamos na relevância dessa proposta porque perpassa o contexto social do alunado da EJA, que é constituído, em sua maioria, por mulheres e homens negros que sentem, diariamente, segundo relato deles próprios, a marginalização e o preconceito étnico-racial. Em nossa experiência, constatamos que esses estudantes, que carregam consigo a herança de um racismo estrutural, estavam desejosos para falar de si e por si. Eles queriam ser os protagonistas na contação de suas histórias. Dessa forma, durante quinze dias letivo, os discentes puderam, por intermédio do contato com a produção de autoria negra, ouvir e narrar suas experiências enquanto sujeitos negros. Em termos metodológicos, utilizamos os procedimentos que integram a sequência básica proposta por RILDO COSSON (2006), realizando um trabalho com os textos e a batalha de hip hop, que consiste no enfrentamento de dois grupos através de uma disputa de rimas sobre um tema estabelecido. Como resultados, podemos afirmar que o trabalho foi bastante exitoso, pois, a partir dele, observamos uma maior confiança e um maior orgulho por parte dos alunos negros ao narrar suas histórias, bem como constatamos um contato efetivo e afetivo com o texto literário, com discussões que mostraram competência leitora e interpretativa.

Palavras-chave: Produção de autoria negra; Letramento literário; Relato de experiência.

17/07 (TARDE)

DO SIGNO FERIDO À ALMA DILACERADA: ESTILHAÇOS DO EU E DA ESCRITA, EM HORACIO QUIROGA

Elisangela Marcos Sedlmaier (UFPB)

Resumo: Debruçar-se na obra de Horacio Quiroga (1879-1937), escritor uruguaio, radicado na Argentina, é adentrar nos recônditos mistérios da loucura, os quais, por vezes, são habitados por anfitriões insensíveis à presença do Outro. Sabemos que não podemos julgar o autor, nem “colocá-lo” no divã, no entanto, a maioria de suas obras reflete os distintos espectros da insanidade humana, do medo que os acompanha, bem como mimetiza as tragédias que conduzem o sujeito, inevitavelmente, à morte. Não à toa, a tessitura quiroguiana ecoa os gritos



do desespero, de modo que, à revelia da consciência, degusta, do começo ao fim, a imprecisão pútrefa do cianureto. O conto escolhido, nomeado *El perro rabioso*, foi publicado somente na primeira e segunda edição de *Cuentos de amor, de locura y de muerte*, respectivamente lançado nos anos de 1917 e 1918. A narrativa se debruça sobre o destino impiedoso de Federico, um homem que, mordido por um cachorro acometido de raiva – doença que se alastrara entre os animais do povoado e amedrontava a todos – sucumbe à fragmentação psicótica. Narrado em primeira pessoa, o enredo progride numa textura de diário, cujos acontecimentos não seguem uma linearidade cronológica, o que, em termos metalinguísticos, ressoa nas perturbações psíquicas do protagonista, incapaz de perceber seu estado de definhamento, a tal ponto de deixar-se conduzir pelas alucinações. Diante dessa configuração semiótica e subjetiva, o leitor assume uma posição de reorganizador das instâncias narratológicas, num movimento de decifração dos estados delirantes, tão bem compreendidos por Sigmund Freud na aurora dos estudos psicanalíticos. Seguindo as pistas deixadas pelo mestre vienense, Jacques Lacan avançou, teoricamente, ao propor uma escuta singular daqueles, até então, estigmatizados como “loucos”. Assim, o psicanalista francês abre possibilidades para “uma clínica diferencial das psicoses” (CALLIGARIS, 2015). Seu ensino considera a falência do “Nome-do-pai” o fenômeno suscetível de perturbar a inscrição do simbólico, impulsionando o sujeito ao naufrágio de si mesmo. O corolário, amiúde, consiste numa incapacidade de lidar com as castrações decorrentes do simples ato de existência. Mesmo cômico de que a infecção tenha, realmente, atormentado o protagonista, daremos ênfase, aqui, às projeções, às construções paranoicas e as sensações vividas pelo moribundo, privilegiando, sempre que possível, as relações significantes que emanam, metodologicamente, da intersecção entre a literatura e a psicanálise. Recorreremos aos escritos, (pós)freudianos/lacanianos, com vistas ao estabelecimento de uma linha de leitura, apta a escancarar a economia psíquica, na qual Federico se sustenta e, ao mesmo tempo, arruína-se, dando vazão aos seus desejos mais primevos e sombrios.

Palavras-chave: Horacio Quiroga; Literatura; Psicanálise.

QUANDO A PATERNIDADE PRECARIZA A CASTRAÇÃO: RUÍDOS DA ONIPOTÊNCIA EM “REUNIÃO DE FAMÍLIA”, DE LYA LUFT

Heuthelma Ribeiro Braga Santos (UFPB)

Resumo: Resumo: O presente trabalho, numa interface entre Psicanálise e Literatura, pretende analisar o romance *Reunião de Família*, da escritora Lya Luft, publicado em 1982. Na ficção luftiana, o corpo familiar aparece, por vezes, envolto nas brumas dos desajustes psíquicos, na impotência frente aos problemas, que conduz os personagens a assumirem rotas turvas, suscetíveis de apagarem suas responsabilidades. Tal conjectura carrega-se por um certo determinismo: filhos estilhaçados, emocionalmente, estabelecem, em geral, vínculos rarefeitos; vivenciam experiências empobrecidas e sentem dificuldades de manter uma diferenciação equilibrada. No conto, o núcleo filial pouco sabe sobre sua origem, a não ser aquilo que o patriarca delibera, como, por exemplo, a morte da esposa e os dizeres protetorais da empregada. Essa figura, imponente, sem nome, é um velho professor autoritário e retrógrado, indiferente ao crescimento dos filhos e as suas carências; sua postura repressora é a razão da maioria dos traumas vividos por todos eles: Alice, Renato e Evelyn, numa economia que se alicerça na simples obrigação, sem qualquer liame mais contíguo. Ele, além de não ofertar acolhimento aos seus, maltrata-os. A diegese reverbera um estilo peculiar, em que os sentimentos humanos são mimetizados de forma muito intensa, seja na vida ou mesmo nos enleios amorosos. É característica dessa estética, personagens fragilizados, com “patologias” ou com distorções emocionais. Não infrequentes, portam uma sexualidade ambígua, a partir da qual passam a compreender a realidade que os cerca. Nesse cenário, os laços são construídos sob alicerces de dor e angústia, de que emanam impulsos sádicos e/ou masoquistas, como se a forma privilegiada de convivência dependesse de uma dinâmica polarizada entre o dominador e a



vítima, o algoz e o mártir. Em todos os casos, a carência dos filhos é imensa e se reflete nos adultos, os quais se transformam radicalmente, tornando-se incapazes de amar inteiramente ou de serem generosos com o outro. A família é, pois, celeiro de autoritarismo, desarmonia e desafeto, quando não de rejeição, de modo a escancarar a precariedade do ser humano diante da existência e de si próprio. No texto em tela, deparamo-nos com um enredo envolvente que faz emergir, de maneira abrupta, os conflitos do cotidiano, dando ênfase, sobretudo, à dissimulação dos sujeitos. Um pai tirânico e violento, carrasco que aplica castigos severos e, portanto, odiado pelos filhos e pela empregada, constitui o jogo de forças que almejamos aqui examinar. Para tanto, recorreremos aos estudos psicanalíticos, desenvolvidos por Sigmund Freud e Jaques Lacan (1901 – 1981).

Palavras-chave: Literatura, Psicanálise, Psicose

A CONSTRUÇÃO DA LOUCURA NO CONTO MIOPIA PROGRESSIVA

Joelma Correia da Silva (UNEAL) e Ronaldo Gomes dos Santos (UNEAL)

Resumo: A loucura passa ao longo dos tempos por algumas compreensões diferentes, passa de relação com a percepção de possessão demoníaca, onde seria para o homem um castigo divino advindo das consequências de manias pecaminosas, para uma compreensão psíquica natural do homem, como sendo um fundamento da constituição humana. Dando-lhe um sentido próprio para vivência no mundo com sua realidade. A loucura torna-se então um reflexo da identidade individual de cada pessoa. Para Lacan (1998, p. 173) a loucura seria o passo do “desenvolvimento dialético do ser humano”, o louco seria então um formador de sentido. À luz das teorias sobre a loucura, iremos mostrar uma concepção fundamentada em Lacan e Foucault. Assim como para Foucault (2006, p.163) a “loucura não poderia ser encontrada no estado selvagem, pois ela só existiria em uma sociedade, ela não existe fora das normas”, pelo contrário, essas normas seriam os principais motivos da exclusão. Seria então uma criação humana. Partindo desses pressupostos podemos compreender a loucura como uma experiência sensível da humanidade, que busca se reconhecer nos sentidos criados por si e para o mundo a sua volta. Causando rupturas do real e imaginário. Para perceber essa experiência, usaremos o conto Miopia Progressiva, que está inserido no livro Felicidade Clandestina, de Clarice Lispector. É marcante no conto a presença da Personagem-criança que ainda não descobriu a chave de sua inteligência devido à instabilidade dos outros à sua volta. Quando ele faz uma observação que é considerada inteligente, ao repeti-la em outro momento, ele espera que ela acarrete uma reação parecida, porém o ato não se repete. O que é considerado inteligente um dia, já não é mais em outro. A Personagem-criança, então, decide aceitar a (loucura) instabilidade das coisas e o fato de que nunca encontrará a chave da inteligência. Porém nada acontece do jeito que ele havia imaginado. Mas ao se abalar a Personagem-criança tem uma epifania, que a faz aceitar as relações de extremo impossível. O conto se encerra com uma compreensão de que, não importa o quanto tentemos manipular ou controlar nossas vidas, não há nada que possamos fazer em relação aos aspectos da loucura, apenas podemos investir nela como uma possibilidade de restabelecimento desse “eu”. Estudaremos como se dá a construção da loucura no conto, e como essa loucura estará atrelada a um processo de construção da voz do sujeito na relação estabelecida com a família e com a sociedade, reflexo de uma privação e de opressão mental, que ocasionaria uma ação identificatória. É a partir de nossa análise que podemos perceber que pode haver a possibilidade de um diálogo entre o louco e o “sã”, em que não haveria interdições na linguagem do louco. Levando o estudo sobre a loucura para um campo mais extenso.

Palavras-chave: Loucura; Identificatória; Personagem-criança.

O DESPEDAÇAMENTO RESSENTIDO DE NARCISO: SEMBLANTES OPACOS DO EU EM “O RETRATO DE DORIAN GRAY”, DE OSCAR WILDE

Flávia Valéria Salviano Serpa (UFPB)



Resumo: A loucura pode ser entendida como um conjunto de comportamentos que fogem aos padrões aceitos socialmente. No campo clínico psicanalítico, a insanidade recebe a alcunha de psicose, sendo entendida como a distorção do pensamento e do senso de realidade. Lacan, ao referir-se ao desencadeamento psicótico, afirma que este inaugura “um buraco no simbólico, um vazio no centro da cadeia significativa [...] tudo o que é recusado na ordem simbólica, reaparece no real”, (LACAN, 1955, p.21). Considerando que o Ego é direcionado para a realidade e a busca da satisfação e das necessidades se dá por meios socialmente aceitos, Zimmermann afirma que “a psicose implica em um processo deteriorativo das funções do Ego a tal ponto que haja em graus variáveis, algum sério prejuízo do contato com a realidade”. (ZIMMERMANN, 1999, p. 227). Em outras palavras, o indivíduo perde a capacidade de julgar se as ações necessárias às suas necessidades e seus desejos atravessam meios socialmente aceitos. Na obra *O retrato de Dorian Gray*, escrita em 1890 por Oscar Wilde (1854-1900), o protagonista tem sua imagem pintada por um artista em ascensão, e, ao ver a obra findada, enxerga-se retratado de maneira sublime. A partir do contato com seu retrato e da constatação de sua beleza e juventude, o personagem passa a desejar ser belo e jovem eternamente como em sua pintura. Vieira (2000), ao mencionar Lacan, afirma que “o desejo humano é situado como desejo de nada, por não ser nunca satisfeito”, (p.42-50). Uma vez belo e jovem, o protagonista comete todas as transgressões sociais que lhe dão satisfação e que lhe parecem permitidas. No entanto, a partir da busca pelo prazer, o personagem desencadeia um processo de mal estar situado entre a culpa e o gozo. Para Vieira (1996) “o gozo puro corresponde à morte, pois o homem define-se como um ser habitado pela falta, por um desejo que o movimenta”, (p. 06). Esse processo, no qual o personagem encontra-se em meio ao desejo, ao gozo e a culpa, evidencia que sua estrutura psíquica encontra-se em um processo de desmoronamento. Nesse contexto, pretendemos analisar a aparição de traços psicóticos no personagem Dorian e como esses caracteres se constroem a partir da relação entre desejo, gozo e culpa. Para tanto, encontraremos alicerce para nossas reflexões na teoria do pai da psicanálise, Sigmund Freud (1911), além das proposições dos pós-freudianos, Lacan (1955) e Zimmermann (1999).

Palavras-chave: Desejo, Gozo, Psicose

AS LOUCURAS DE AMOR DESENHADAS POR NELSON RODRIGUES EM GENI, DE "TODA NUDEZ SERÁ CASTIGADA".

Jhonatan Leal da Costa (UFPB)

Resumo: A prostituta que casa com um viúvo de família conservadora e se apaixona pelo enteado de fortes tendências homossexuais, consagrou o texto dramático *Toda nudez será castigada*, de Nelson Rodrigues, montado pela primeira vez em 1965 – um ano após o golpe militar. No Brasil, a personagem Geni passou a fazer parte da cultura popular: seu nome tornou-se sinônimo de meretriz, seu conflito virou tema de música de Chico Buarque (“Geni e o Zepelin”, 1979) e seu enredo ganhou vida para além dos palcos teatrais, por meio da atriz Darlene Glória, no filme de 1973 dirigido por Arnaldo Jabor, numa adaptação homônima do referido texto rodriguiano. Exagerada, dramática, impulsiva, passional, inconsequente, manipuladora, carente, e excessivamente apaixonada, Geni é caracterizada como uma mulher movida pelos arroubos do coração. Nesse sentido, partimos da hipótese, nesse artigo, que tal personagem é acompanhada, ao longo da narrativa, por movimentos similares aos dos sujeitos erotômanos. Roland Gori (Cf.: 2004, p. 49), ao tratar dos erotômanos, coloca que eles são possuídos por uma psicose passional, delirante, em que o sujeito vive a convicção ilusória de ser amado e de precisar buscar seu objeto de desejo com ardor. Desse modo, a erotomania foi consagrada, no Ocidente, como patologia a afetar, principalmente, as mulheres, de modo que a paixão romântica veio a tornar-se a “loucura do feminino” por excelência. Sendo assim, temos como principal objetivo, para esse trabalho, investigar de que modo as ações da personagem Geni, do texto dramático *Toda nudez será castigada*, se aproximam ou se distanciam dos movimentos erotômanos, determinando o arco narrativo da protagonista ao longo da obra. Despossuídos da intenção de fechar qualquer tipo de diagnóstico psíquico para a personagem,



nos embasaremos nos estudos de Roland Gori (2004), Antonio Quinet (2018), Darian Leader (2013), dentre outros, para compreendermos de que modo a Geni criada ficcionalmente por Nelson Rodrigues pode dialogar com as pesquisas em psicanálise. Assim, nosso trabalho será composto por tópicos teóricos sobre a erotomania, a análise psicanalítica da personagem em debate, e as considerações, as quais oferecerão achados sobre estratégias e defesas psíquicas encontradas por erotômanas para lidar com as dores decorrentes do abandono.

Palavras-chave: Psicanálise. Erotomania. Nelson Rodrigues.

A LETRA INSTÁVEL E O SIGNO PERTURBADO N'O TAMBOR, DE GÜNTER GRASS Eider Madeiros (UFPB)

Resumo: A narratologia e a psicanálise, ao lidarem com as instâncias da ficção e da retórica clínica de maneira similarmente entrelaçada, partilham de conceituações, que, por vezes, anunciam os mecanismos da composição literária e da ficcionalização humana, como indissociáveis em suas travessias pela linguagem. Tanto o narrador não confiável como o psicótico lidam com o horizonte das experiências mentais por meio de crises entre significantes e significados que, se não prejudicam o pacto ficcional ou a escuta analítica, enunciam uma instabilidade do próprio estatuto do signo ao fazer com que a interlocução se depare com a figuratividade da linguagem enquanto (pre)dominância de toda narrativa. A ameaça da credibilidade no narrador – mediante a confiabilidade em suspeita e a presença de traços que caracterizam desde o imaturo, o pícaro, o sátiro, o confuso, o mentiroso até, especialmente, o “louco” –, posiciona tanto o leitor quanto o analista em lugares de gozo; no primeiro, a atração pelo desfecho, e no segundo, a ética na busca da verdade do sujeito em prática. Ao suspendermos aquilo que concerne à literatura, é preciso salientar que a construção da narrativa manteria, em vistas, uma elaboração calcada na via artística, para que fosse capaz de subjazer os motivos da desconfiança e viesse alimentar, ou desde já viesse manipular, o interesse pela história a qual a voz narrativa se dedica a tornar catártica. Em *O tambor* (1959), Günter Grass nos apresenta Oskar Matzerath, narrador híbrido que descreve as suas reminiscências enquanto aguarda julgamento por homicídio em um sanatório. Caracterizado por uma baixa estatura arbitrária de sua vontade em não mais crescer desde o seu aniversário de três anos e por um talento em gritar agudamente até fazer vidros estilhaçarem, o protagonista carrega consigo um tambor que é mantido de maneira afetuosa durante boa parte dos acontecimentos que vivencia e que tornam o enredo uma mescla de constantes improbabilidades. Tal mistura faz bifurcar a outro rumo as representações da insanidade e de seus espectros na literatura alemã moderna, sobretudo ao conseguir alternar de maneira ímpar os refúgios exagerados da instabilidade mental autista em diálogo com o real da letra em delírio narrativo, sem limitar-se, ainda que não conviesse negligenciar, ao simbólico do uso das figuras de linguagem metafóricas, metonímicas ou oximóricas, entre outras, já que superpõe, em seu disfarce maior como obra literária, as consequências do tamborilar e do grito incessantes do pós-guerra na memória, na verdade e, principalmente, na escrita da história e das ficções que sacudiram a subjetividade humana em virtude da Segunda Grande Guerra.

Palavras-chave: Figuras de linguagem; Psicanálise; Narrador não confiável; Literatura do pós-guerra; Günter Grass

18/07 (MANHÃ)

AUSENTAM-SE OS AMORES, ALOJAM-SE AS FERIDAS: DESPOJOS DA LOUCURA EM GUIMARÃES ROSA

Letícia Simões Velloso Schuler (UFPB)

Resumo: De origem imprecisa, inobstante persistente, a loucura ergueu seus “castelos” e “masmorras” nas mais diversas estações da História, transformando homens e mulheres em bestas insanas e/ou moribundos extraordinários. Michel Foucault, em sua *História da loucura* (1972), oferece-nos um mapeamento factual desse fenômeno, delineando o modo como as



perturbações da razão foram apreendidas pelas instituições, desde a Idade Média até a modernidade. Durante o medievo, o louco passa a ocupar um lugar antes reservado aos leprosos, pois, como estes, possuíam uma chaga a ser controlada, confinada e extinta. Doravante, o ostracismo e a repulsa lhe foram companheiros de longa jornada. Em solo renascentista, o apanágio ideológico sofre reviravoltas e os “degenerados” são exilados em embarcações errantes, a nau dos loucos, que, percorrendo as águas da ignorância, naufragara em visões reducionistas e inócuas, frente à complexidade do psiquismo humano. No século XVII, quando a medicina higienista finca suas raízes, a loucura reclama, em definitivo, o internamento de seus hospedeiros, e, dois séculos mais tarde, a relação entre a psiquiatria e o ensandecimento se estabelece de forma mais intensa, o que ocasiona a proliferação dos manicômios e uma mudança, brutal, no “tratamento” dos pacientes. Com o advento da psicanálise, no século XIX, a loucura ganha novos ornamentos, inscrevendo-se no catálogo das estruturas clínicas, ao lado da neurose e da perversão. Sigmund Freud, o fundador da psicanálise, foi um dos estudiosos mais corajosos a se lançar no obscuro terreno das perturbações psicóticas, realizando estudos seminais nessa área. O psicanalista, ao se debruçar sobre O caso Schreber, publicado em 1911, elucidou mecanismos defensivos, inconscientemente ativos, mobilizados pelo sujeito paranoico para lidar com as suas instabilidades psíquicas. Numa tentativa desesperada de proteção, o ego, na psicose, rejeita porções desagradáveis da realidade, impossíveis de serem (re)integradas ao mundo interno, em virtude da impetuosa carga afetiva que carregam. O resultado é a erupção de formações delirantes e alucinatórias, com vistas a obturar as rachaduras impostas à mente. A partir dessas reflexões, o presente trabalho, numa conexão entre literatura e psicanálise, pretende examinar, no conto Sorôco, sua mãe, sua filha, que compõe a coletânea Primeiras Estórias, publicada em 1962, do escritor brasileiro João Guimarães Rosa, o *modus operandi* dos personagens principais, cujas vidas são arquejadas pela loucura, a qual lhes (des)figura o caráter e, ao mesmo tempo, numa linha metalinguística, responde pela progressão da narrativa. Na esteira de diálogo, aqui proposta, debruçaremos sobre os trabalhos de Freud (1924), Klein (1935), Foucault (1972), Nasio (2001) e Guerra (2010).

Palavras-chave: Literatura; Psicanálise; Psicose.

DO OLHAR SUSSURANTE À PERSEGUIÇÃO PARANOICA: O GOZO PSICÓTICO EM “O CORAÇÃO DENUNCIADOR”, DE EDGAR ALLAN POE

Matheus Pereira de Freitas (UFPB)

Resumo: A loucura perturba o imaginário humano desde o início dos tempos. Perder a razão equivaleria, sem recorrer a exageros, a uma morte social. Não ao acaso, por muitas eras, o “louco” sucumbiu ao degredo e à rejeição, uma vez que a insanidade, enquanto categoria nosográfica, converte-se em elemento epidêmico, de contágio imediato. Aliás, fora, no outono da modernidade, que as políticas higienistas e o discurso psiquiátrico definiram os abalos psicóticos, juntamente com as perversões sexuais, como moléstias iníquas, verdadeiras “degenerações” do caráter e da sanidade do homem. No decurso histórico, mais precisamente no final do século XIX, a ciência psicanalítica rompe, com Sigmund Freud (1893), a tradição médica vigente. Enveredando pelos mares tortuosos do inconsciente e, buscando os vestígios naufragados da subjetividade, o mestre vienense nos conduz à dinâmica psíquica, cujo funcionamento obedece às leis do desejo, onde ordem e caos, vida e morte, oscilam (des)equilibradamente. Sua incursão pelos territórios da psicose iniciou-se em 1911, a partir da análise do Caso Schreber – projeto epistemológico que abriu caminho e forneceu subsídios profusos para que, num momento ulterior, Jacques Lacan (1901 – 1981), psicanalista francês, ampliasse suas pesquisas sobre o adoecimento mental. Ao retornar a Freud, considerou a psicose uma “tentativa de simbolização”, um empreendimento subjetivo frente à forclusão do Nome-do-Pai, que obriga o indivíduo a confrontar a falta que o constitui, fazendo-o colidir com camada opaca do real. Diante dessas elucubrações teóricas, pretendemos analisar o conto O Coração Denunciador, escrito em 1843, por Edgar Allan Poe (1809 – 1849), um dos mestres da literatura fantástica. Na esteira dessa vertente, o escritor americano consagra, em suas



narrativas, o desapego, o horror e a falência da razão, conjurados numa articulação entre a realidade e o sobrenatural. Na peça em análise, o protagonista, sem nome, compartilha com o “leitor” seu infortúnio; ratifica, delirantemente, sua lucidez e toma a fúria, desagregadora de suas ações, como elemento homeostático, capaz de amparar sua questionável clarividência. Sentindo-se acuado e perseguido pelo olhar de um velho indefeso, a quem oferta “olhos de abutre”, o personagem, enredado numa economia paranoica, assassina seu algoz, deixando, às escâncaras, a feitura grotesca de uma mente débil e perversa. O olhar do Outro lhe invade o íntimo, alterando-lhe a percepção, de modo que o indizível atua como catalisador do mal. Com efeito, nosso trabalho percorrerá os escombros dessa psique fragmentada, no intuito de compreender seus significantes, dando contornos a uma leitura psicológica da narrativa. Para tanto, utilizaremos, além do arsenal psicanalítico, os estudos de Tzvetan Todorov (1970) e de Vladimir Propp (2002).

Palavras-chave: Literatura; Psicanálise; Psicose

A RUÍNA PSICÓTICA DE NARCISO: MOLDURAS (DES)ESTRUTURANTES DO ABANDONO EM "O ANÃO", DE LYA LUFT

Thiago Guilherme Calixto (UFPB)

Resumo: O que faz alguém ser considerado “louco” na contemporaneidade? Quais são as condutas que diferenciam os “loucos” dos “sãos”? “Somos todos loucos em algum recanto das nossas vidas” (NASIO, 2009)? De fato, paulatinamente, torna-se cada vez mais movediço traçar uma barreira visível entre os considerados socialmente “são” e os “insanos”. Essa “barreira”, que outrora aparentava ser extremamente fixa, foi se moldando com o passar dos séculos, de modo que, atualmente, podemos enxergá-la cada vez mais tênue. Os estudos pós-freudianos se debruçam sobre a loucura, de maneira a fazer algumas ponderações significativas para esse campo do conhecimento, entre elas, a de que “a loucura não se trata necessariamente de uma conduta bizarra ou perigosa” (NASIO, 2009), e que a loucura está atrelado essencialmente a falta da dúvida, que é profusa nos indivíduos neuróticos, desse modo, ser louco é despir-se de qualquer incerteza e mergulhar em um mar de total certeza, no qual “uma ideia fixa e falsa se repete, toma conta de nós e nos impele a agir.” (NASIO, 2009). Essas ponderações do psicanalista argentino, Nasio, podem ser melhor compreendida a partir da leitura do conto ‘O anão’, escrito por Lya Luft narra os (des)encontros de uma família incapaz de lidar com o nanismo do seu filho mais jovem. O garoto de dez anos descreve as agruras do seu não-encaixe em um mundo cercado por impossibilidades, além de carregar a pesada culpa dos recorrentes desentendimentos entre seus pais, que orbitam em torno do seu nanismo. Enquanto seu pai habitualmente lhe dirige “uma palavra dura, um gesto de desprezo, um olhar gelado”, negando, por vezes, a paternidade indesejada, sua mãe lhe cerca de um amor sufocante, buscando minimizar as lesões causadas por um não-pai agressivo, que a todo momento tenta matar simbolicamente esse filho malquisto. Esses dois pólos, aparentemente, difusos em que se encontram o pai e a mãe do garoto, tocam-se no que tange à negação em relação ao garoto, o que mostra como esses pais lidam, de forma distinta, com a disfunção do filho, de um lado a mãe nega o nanismo do menino, no impulso de reverter algo improvável de acontecer, ao mesmo tempo em que o pai renega, claramente, esse filho. Essas relações frágeis se desdobram, também, sobre o cotidiano escolar do garoto, que se sente deslocado em meio a outros alunos da sua escola, distinção que é reforçada por xingamentos, como o que foi dito por um de seus colegas: “Você não foi parido, foi cagado!”. Certamente, esse imbróglio familiar, capitaneado por pais que constroem um ambiente, visivelmente, psicotizante, repercute, diretamente, na estruturação psíquica do filho, de maneira que o anão físico pode vir gerar o anão psíquico. Tal situação, de fato, pode ser o desembrulhar de um retrato remotamente fixado sobre a parede da sala, no qual existe uma mãe profusamente castradora, que superprotege o filho, não dando espaço para que o pai apareça e corte, por meio da demonstração de afeto, essa relação. Desse modo, o pai não aparece, o processo de identificação não se estabelece. O filho gruda nessa mãe, em meio a uma relação psicotizante, e essa mãe tem seus outros papéis apagados diante do

papel de mãe do anão. Buscando discorrer acerca das múltiplas faces da psicose expostas na obra da escritora gaúcha, Lya Luft, propomos elaborar uma interlocução entre os fundamentos psicanalíticos desenvolvidos por Freud (1923) e os estudos pós-freudianos, fomentados pelo psicanalista francês Jacques Lacan (1985) a partir das interpretações do psicanalista J-D Nasio(2009).

Palavras-chave: Literatura; Psicanálise; Psicose; Lya Luft.

RAZÕES ENCARCERADAS, AMORES INSANOS: A INTIMIDADE DISSONANTE EM “UMA HISTÓRIA DE BORBOLETAS”, DE CAIO FERNANDO ABREU

Hermano de França Rodrigues (UFPB)

Resumo: Conquanto o discurso médico-psiquiátrico tenha “absolvido” a homossexualidade dos crimes que, arbitrariamente, lhe eram impostos, as distorções ao “amor entre iguais” parecem gozar de certa eternidade. O homossexual, não raras vezes, ocupa um entre-lugar, cujas coordenadas obstaculizam a localização de si mesmo e do outro, de modo que, em dadas situações, a vítima, enraizada em contradições, ocupa o lugar do algoz. Tal conjectura irrompe-se nas territorialidades homoliterárias, onde o laço erótico dilui-se em representações plásticas, ora sedutoras e rarefeitas, ora letárgicas e resistentes. Defrontamo-nos, assim, com as idiossincrasias de uma escritura (des)estruturante, cujos quadros, nem sempre harmoniosos, reverberam a difícil experiência da diferença. Eis uma das faces da poética de Caio Fernando Abreu (1948–1996), um das vozes mais ruidosas e atraentes da contemporaneidade brasileira. Com um tom sutil e, ao mesmo tempo ácido, o escritor gaúcho contrapôs-se à repressão sexual e aos códigos heteronormativos, deixando, às escâncaras, a complexa realidade dos vínculos humanos. No conto “Uma história de borboletas”, publicado na coletânea Pedras de Calcutá, em 1977, imergimos numa crítica aos pseudopadrões de normalidade, que calcificam o drama lúgubre vivido pelo narrador-protagonista e seu parceiro André – criaturas instáveis, condenadas à diáspora e à incompreensão. Ambos, naufragos em seus desejos, errantes em seus destinos, confrontam-se com a “loucura” um do outro, e, para sobreviverem à angústia da alteridade, recorrem a alucinações, nas quais habitam estranhas borboletas, num gesto defensivo contra a insuficiência simbólica da nomeação. Precários, sucumbem à angústia proveniente do olhar telúrico do Outro, que os convoca a relativizar a dependência, a enfrentar os medos e as fraquezas. A insanidade, aqui, é “trans-in-lúcida”, na medida em que evoca, no amante e no amado, uma série de sensações suscetíveis de recuperar, nas fissuras do corpo, fragmentos de sentidos recusados. Nossa pesquisa, numa conexão entre os estudos psicanalíticos de base kleiniana e a literatura, procura elucidar, na narrativa em questão, as ações dos protagonistas, diante da irrupção das ansiedades primitivas e depressivas, quando impelidos a reconhecerem as semelhanças que os tornam contíguos e, concomitantemente, distantes. Quiçá, o encontro com as borboletas, em suas cores perturbadoras, seja uma metáfora da luta interna pela aceitação “de si mesmo”, bem como da percepção da aspereza exterior que enclausura o estranho, impelindo-o ao desamparo.

Palavras-chave: Literatura; Psicanálise; Loucura

DA QUEDA DA INFÂNCIA À EMERGÊNCIA DA ALTERIDADE: A PRECIPITAÇÃO FANTASMAGÓRICA EM ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS, DE LEWIS CARROLL

Mariana Pinheiro Ramalho (UFPB)

Resumo: Os tormentos da alma sempre sulcaram os alfarrábios da história. Na Antiguidade, as vestes melancólicas transformaram homens comuns em sábios extravagantes, na medida em que o furor mental instigava-lhes o intelecto e (des)organizava-lhes o humor. Nesse momento, a insipiência médica, de inspiração galeneana e hipocrática, deixa-se colorir pelos tons ambíguos da filosofia, os quais foram “perturbadoramente” ressignificados pelo Cristianismo ulterior. A emergência do outono medievico, então palco para os atropelos interpretativos das sagradas escrituras, espargiu a loucura, situando-a ora como possessão demoníaca ora como degenerescência sanguínea, decorrente dos pecados do sexo. Tal



conjectura sofre alterações radicais, quando acolhida e (de)formada pelos rumores da racionalidade renascentista. Doravante, a insanidade e seus hospedeiros são considerados perigosos para o convívio social. Consolidam-se, então, as prisões e os manicômios, erguidos como masmorras para salvaguardar um padrão de conduta arbitrário, higienista e, deveras, cruel. O diferente passa a ser perseguido, enclausurado e seu discurso, impregnado de “verdades”, mostra-se inócuo frente às propaladas luzes da nova era, determinada pelo pensamento iluminista. No fim do século XV, os desajustes da razão metamorfoseiam-se em fascínio e arrebatamento, imiscuindo-se nas artes, com especial relevo na literatura, quicá pelas possibilidades estéticas e semióticas desse campo do conhecimento. As obras, aqui, ocultam e, ao mesmo tempo, escancaram um saber, considerado enigmático, impreciso, difícil, estranho, logo, inacessível ao homem “são”. As representações exóticas da loucura, todavia, cessam um pouco, em termos de circulação, em meados do século XVI e início do século XVII, em decorrência das mudanças provocadas pela reorganização da sociedade burguesa e seu ideário de pureza, a partir do qual as ações psiquiátricas começam a ganhar formas cada vez mais elaboradas e normativas. Desse modo, os “desequilibrados”, como, convencionalmente, foram chamados os “loucos”, ocuparam espaços de exclusão mais amplos, onde sucumbiram a categorias patogênicas, reduzindo-se a tudo aquilo que remetia, de maneira tácita ou não, à periculosidade, à incapacidade humana, à doença mental. Assim, o ideário médico, alicerçado em concepções moralistas, consubstanciou o ser da loucura, envolvendo-o nas brumas do positivismo, que legitimava a objetivação cientificista da experiência do desabamento psíquico. O louco e seus mistérios, nas profusões psicanalíticas que anunciaram o século XX, foram (re)colocados em topos menos controversos, capazes de amparar as idiossincrasias e desdobramentos que compõem a excentricidade humana. Sigmund Freud, pai da psicanálise, debruçou-se sobre a psicose, compreendendo-a como evento próprio da condição do homem, em sintonia direta com os traumas vividos na tenra infância. Apesar de não indicar um tratamento para os transtornos psicóticos, o mestre vienense mudou os rumos da nosografia psiquiátrica. Um de seus estudos mais emblemáticos encontra-se no artigo dedicado ao caso de paranóia do presidente Schreber, publicado em 1911. Na esteira freudiana, o delírio, como signo da fragmentação da realidade, converte-se em sintoma, num mecanismo de defesa frente ao vazio que se inscreve devido à fuga do significante. Ou seja, há, nas construções delirantes, um movimento em direção à estabilização; uma ação desesperada para lidar com o processo de diluição da exterioridade. A fim de aprender as engrenagens languageiras, envolvidas no empreendimento psicótico, debruçar-nos-emos sobre o romance *Alice no País das Maravilhas*, escrito por Lewis Carroll, pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson, que foi publicado em 04 de Julho de 1865. A narrativa conta a história de Alice, uma menina assaz curiosa, que, ao seguir um Coelho Branco, vestido de colete e carregando um relógio de bolso, mergulha numa aventura inusitada por um mundo desconhecido e estranho. A protagonista é levada para uma ambientação diegética completamente nova, repleta de animais falantes e objetos excêntricos, que proporcionam à Alice experiências não somente divertidas, mas que confrontam o absurdo e o impossível, fazendo a garota questionar tudo que aprendeu até ali. A pesquisa, cumpre destacar, recorrerá às bases psicanalíticas desenvolvidas por autores freudianos e pós-freudianos, para dar conta da estética non sense da obra em questão, articulando-a aos (des)arranjos característicos da psicose, tão bem delineados pelo autor inglês.

Palavras-chave: Literatura; loucura; psicanálise.

8 - AMAZÔNIA COMPLEXA E RESIDUAL

Coordenação: Prof(a). Dr(a). Cássia Maria Bezerra do Nascimento (UFAM); Prof(a). Dr(a). Mirella Miranda de Brito Silva (UFRR); Prof(a). Dr(a). Adriana Helena de Oliveira Albano (UFRR)

Resumo: Djalma Batista (2006, p. 11) afirma que “falar da Amazônia, em qualquer dos aspectos – fisiográfico, social, intelectual – é aventurar-se alguém a enfrentar senão o infinito pelo menos



o indefinido”. Ao escolhermos a arte literária da e na Amazônia, reconhecemos a necessidade do estudo de uma multiplicidade de saberes que ultrapassam o cientificismo e o exótico. Reconhecemos que a literatura reproduz as relações humanas na Amazônia, sempre permeada de significados infindáveis. A Amazônia do passado recebeu cultura e arte propagada na Europa e na Ásia, trazida por imigrantes de várias partes do mundo, que cá chegavam em busca da riqueza do mundo inexplorado da floresta. Em seguida, a História registra como migrações de diversas partes do Brasil e de outros países compuseram a Amazônia, fazendo, ainda mais, desta região um complexo emaranhado de culturas e diversidade:

Restaram na Amazônia, ainda, apreciáveis mostras de heranças ameríndia no comportamento do povo. Uma delas, das mais típicas, é uma dose visível de preguiça reinante entre os habitantes do vale, uma indisposição para o trabalho sistemático, um conformismo com o resultado dos modestos esforços realizados e uma permanente despreocupação com o dia de amanhã. E eu sempre me pergunto: será que a razão não está do lado do caboclo? Outras heranças são o hábito do banho de imersão frequente; as preferências alimentares pelo peixe, pela farinha de mandioca, pelo tacacá e pelo açaí [...] (BATISTA, 2007, p. 63).

Das palavras de Djalma Batista (2007), somos levados aos termos operacionais dos estudos residuais e à certeza da complexidade amazônica, ao mesmo tempo, do valor da teoria da complexidade sobre a florestas e espaços urbanos presentes da prosa e na poesia da Amazônia. Como ponto de partida para conhecermos sobre Residualidade:

A *residualidade* se caracteriza por aquilo que resta, que remanesce de um tempo em outro, podendo significar a presença de *atitudes mentais* arraigadas no passado próximo ou distante, e também diz respeito aos *resíduos* indicadores de futuro. Este último é o caso de artistas que, independente da estética à qual pertençam, incluem em suas obras uma linguagem precursora, sendo por isso comumente considerados artistas *avant la lettre*. Mas a *residualidade* não se restringe ao fator tempo; abrange também a categoria espaço, que nos possibilita identificar também a *hibridação cultural* no que toca a crenças e costumes (PONTES, 2003, p. 88).

As palavras “restaram”, “heranças”, “permanece/permanente” nos fazem reconhecer como elementos de algum passado, de algum processo de hibridação, foram essenciais para a construção da complexidade amazônica.

A Residualidade, de Pontes, traz para a pesquisa a ruptura por um ponto de partida da sociedade e cultura da Amazônia e promove o arcabouço teórico de análise dos aspectos que remanescem de outros tempos e espaços, percebendo como a hibridação cultural ocorre mediante apropriações de hábitos, costumes, mentalidades provenientes de outros grupos e adaptados de acordo com as realidades das coletividades que destes se apropriam.

A produção literária amazônica fala sobre um lugar em que o homem se desenvolve historicamente por meio de suas hibridações culturais. As heranças linguísticas, religiosas, ideológicas permitem ao amazônida uma pluralidade de culturas entrelaçadas que não esgotam o estudo pelo dinamismo existente entre os seus partícipes. Desta forma, compreender esta multiculturalidade na produção literária requer uma linha de pesquisa que compreenda o homem de acordo com a sua interação com o outro situado através de estudo transdisciplinar, de sua capacidade de lidar com o ambiente e como todos estes aspectos o individualizam dentro de uma perspectiva literária.



Nesse contexto, a apontamos também a *Complexidade* para a análise literária dessa Amazônia concebida a partir de uma teia de interações que “[...] não compreende apenas quantidades de unidades e interações que desafiam nossas possibilidades de cálculo: ela compreende também incertezas, indeterminações, fenômenos aleatórios. A complexidade num certo sentido *sempre tem relação com o acaso* (MORIN, 2015, p. 35). A Complexidade, de Morin, propõe uma reformulação dos estudos científicos sobre o homem. A ciência tradicional de busca por uma verdade, e por consequência um desvendamento do que se convencionou chamar de real, promove uma busca por perceber como o ser humano se relaciona com o ambiente, e que resultados estas interações promovem.

Referências:

- BATISTA, Djalma. *Amazônia – Cultura e Sociedade*. 3ª ed. Manaus: Valer, 2006.
- _____. *O Complexo da Amazônia – Análise do processo de desenvolvimento*. 2ª ed. Manaus: Valer, Edua e Inpa, 2007.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. 5ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- PONTES, Roberto. *Poesia insubmissa afrobrasilusa*. Rio de Janeiro: Oficina do autor; Fortaleza: Edições UFC, 1999.
- _____. *Mentiras e verdades na peregrinação de Fernão Mendes Pinto*. *Rev. de Letras, Fortaleza*, v. 25, n. 1/2, p. 36-39, jan./dez. 2003.

PROGRAMAÇÃO

17/07 (TARDE)

O RISO DO BOTO TUCUXI NA CARNAVALIA BRASÍLICA-AMAZONENSE DE MÁRCIO SOUZA

Antônio Coutinho Soares Filho (UEMASUL)

Resumo: Estudo do romance *A resistível ascensão do Boto Tucuxi* (1982), de Márcio Souza, considerando as referências míticas e sócio-históricas presentes na obra, as quais, sob a tutela do cômico, da subversão e do grotesco, mostram uma visão carnavalizada da vida política de Manaus. Nesse sentido, tem-se em mente que a capital amazonense é um microcosmo que, vista metaforicamente, não se restringe a um território em particular, mas reflete as mazelas nacionais. Publicado, originalmente, como folhetim no suplemento dominical do *Jornal Folha de São Paulo*, entre maio de 1981 e março de 1982, a narrativa apresenta-se como uma ficção psicografada, numa relação criativa nada pacífica entre a entidade autora do relato e o médium escritor escolhido à sua revelia. Nesse cenário burlesco-imaginário, o enredo gira em torno da escalada de poder do Boto Tucuxi, inicialmente, um assíduo frequentador do submundo do tráfico e do contrabando. Porém, visitado por três bruxas, é prenunciada ao contraventor uma ascensão política, segundo a qual ele seria prefeito de Manaus e, depois, governador do Amazonas. Movido pelo presságio das torpes feiticeiras, o protagonista não mede esforços para realizar o que lhe fora predito, utilizando, inclusive, meios nada ortodoxos na consecução de seu intento. Todavia, o Boto esquece que o poder é um punhal de múltiplas faces, todas cortantes, por isso capazes de atingir até mesmo seus mandatários quando os ventos políticos mudam de direção. Desse modo, a análise enfatiza as distorções por que passam os elementos mitológicos, históricos, políticos e literários aludidos no romance, tendo em vista a construção carnavalesca conforme a perspectiva bakhtiniana. É notável, nesse sentido, que o escritor manauara, ao mesmo tempo em que lança mão do burlesco, estabelece diálogos intertextuais, bem como articula relatos mitêmicos e fatos histórico-políticos, propondo um olhar crítico acerca das contradições do poder, da corrupção política e dos mecanismos de alienação do povo, geradores de descalabros governamentais e de desigualdades sociais. Nesse quadro, tem-se um riso que, longe do sentido comum de despreocupação e gratuidade, utiliza resíduos históricos, literários e míticos com o fito de problematizar o país a partir do contexto amazônico. Como recorte analítico, a pesquisa fixa a atenção na estância narrativa, na trajetória ascensional-decadente do



protagonista, bem como em menções intertextuais, em especial, a peça Macbeth, de William Shakespeare. Isso posto, nota-se que o mundo carnavalizado, grotesco, burlesco e paródico apresentado por Márcio Souza, em meio ao riso debochado e refletivo, expõe as incoerências dos arranjos governistas, seja do populismo, da ditadura ou da democracia. Assim, o romance escancara os bastidores do poder, a marginalização do povo e o absurdo de uma estrutura cíclica dominante que pode, eventualmente, até mudar os atores, no entanto conserva seu triste substrato. O estudo demonstra, por fim, que o caráter cômico-hiperbólico da obra não é cortina de fumaça para nublificar os olhos, mas uma chamada de atenção para se perceber o que está imerso sob a chancela do riso.

Palavras-chave: Riso; Carnavalização; Márcio Souza.

AMAZÔNIA COMPLEXA E RESIDUAL: LIÇÕES DE CÂMARA CASCUDO

Cássia Maria Bezerra do Nascimento (Universidade Federal do Amazonas)

Resumo: Djalma Batista (2006, p. 11) afirma que “falar da Amazônia, em qualquer dos aspectos – fisiográfico, social, intelectual – é aventurar-se alguém a enfrentar senão o infinito pelo menos o indefinido”. Ao escolhermos a arte literária da e na Amazônia, reconhecemos a necessidade do estudo de uma multiplicidade de saberes que ultrapassam o cientificismo e o exótico. Reconhecemos que a literatura reproduz as relações humanas na Amazônia, sempre permeada de significados infundáveis. A Amazônia do passado recebeu cultura e arte propagada na Europa e na Ásia, trazida por imigrantes de várias partes do mundo, que cá chegavam em busca da riqueza do mundo inexplorado da floresta. Em seguida, a História registra como migrações de diversas partes do Brasil e de outros países compuseram a Amazônia, fazendo, ainda mais, desta região um complexo emaranhado de culturas e diversidade. De Djalma Batista (2007), somos levados aos termos operacionais dos estudos residuais de Roberto Pontes (1999, 2003) e à certeza da complexidade amazônica, ao mesmo tempo, do valor da teoria da complexidade sobre a florestas e espaços urbanos presentes da prosa e na poesia da Amazônia. Compreender esta multiculturalidade na produção literária requer uma linha de pesquisa que compreenda o homem de acordo com a sua interação com o outro situado através de estudo transdisciplinar, de sua capacidade de lidar com o ambiente e como todos estes aspectos o individualizam dentro de uma perspectiva literária. Nesse contexto, a apontamos também a Complexidade para a análise literária dessa Amazônia concebida a partir de uma teia de interações a partir do olhar da teoria da complexidade (MORIN, 2015). Relacionando e inter cruzando essas três perspectivas de pesquisa (a abordagem sociológica de Djalma Batista, a teoria da Residualidade literária e cultura de Roberto Pontes e a teoria da complexidade de Edgar Morin) para o olhar sobre a Amazônia, reconhecemos nos trabalhos de Câmara Cascudo, o folclorista brasileiro, a recorrência das palavras “restaram”, “heranças”, “permanece/permanente” nos fazem reconhecer como elementos de algum passado, de algum processo de hibridação, foram essenciais para a construção da complexidade amazônica. Trazemos assim algumas lições uma leitura de Luís Câmara Cascudo, de Lendas Brasileiras para Jovens (2006), Literatura oral no Brasil (1978), Dicionário do Folclore Brasileiro (1972), no qual a produção literária amazônica fala sobre um lugar em que o homem se desenvolve historicamente por meio de suas hibridações culturais, confirmando-se a Amazônia complexa e residual sob o olhar do historiador, antropólogo, advogado e jornalista brasileiro.

Palavras-chave: Câmara Cascudo; Amazônia; Complexidade; Residualidade literária e cultural

NARRADORES do Xingu: Memória e Identidade do povo Beradeiro do Médio Xingu

Fernanda Souza Pereria (Univerdade Estadual de Campinas- Unicamp)

Resumo: Com o intuito de mapear a construção da identidade cultural dos Beradeiros que moram na cidade e nas margens do rio Xingu no município de São Félix do Xingu- PA, bem como compreender as relações de ocupação da Amazônia Paraense, procura-se nesta comunicação analisar as narrativas orais e escritas desse povo. Para que se possam aperceber



tais representações literárias e as identidades nela existentes torna-se imprescindível uma pequena contextualização social e política acerca da história, da cultura do município, e de parte do sul e sudeste do Pará. De acordo com Marianne Schmink e Charles H. Wood (2012) a migração na Amazônia foi incentivada pelo Estado brasileiro, que fomentava a ideia da região como fronteira agrícola a ser ocupada (ou colonizada). Kayapós e seringueiros viveram constantes e sangrentos conflitos, nesta que foi “a era da borracha” no médio Xingu. A partir dos anos 30, segundo Deyvesson Israel Gusmão, “o governo Vargas tinha como meta povoar a região com famílias de agricultores que se dispusessem a sair de suas terras no Nordeste do país, periodicamente abaladas pelas constantes faltas de chuva, para trabalharem na Amazônia (GUSMÃO, 2008, p.11)”. Essa iniciativa também impulsionou o aliciamento de vários trabalhadores rurais que, ao chegarem à região, eram sujeitos a péssimas condições de trabalho e moradia. Neste início de ocupação territorial, a maior parte da população era proveniente do Norte e Nordeste do Brasil. A partir dos anos 40, a prática da pecuária e a exploração da folha de jaborandi trouxeram cidadãos de outras regiões do país, como do Centro-Oeste, Sul e Sudeste. Quanto mais trabalhadores chegaram, mais os cidadãos enfrentaram graves problemas de ordem social como a resistência dos índios e os constantes casos de abusos sexuais contra as mulheres. Além disso, são relatadas diversas doenças tropicais típicas da região, que contribuíram para transformar o processo de ocupação territorial (e de formação cultural) num cenário adverso e complexo. Os migrantes chegavam com a intenção de explorar, enriquecer e ir embora para suas terras de origem. A riqueza, portanto, era o fim que justificaria os meios de ocupação territorial; em outras palavras, era, de uma forma ou de outra, o leitmotiv das manifestações culturais insipientes. A miscigenação ocorreu de forma acelerada marcando a fisionomia cultural e étnica do município. Ela acontecia entre pessoas de diferentes estados e, também entre brancos e indígenas. Podemos afirmar que esse processo foi marcado pela alteração das sociabilidades, fazendo com que os moradores fixos da região padecessem por constantes mudanças. A identidade Beradeira surge de novas tradições, novos costumes, novos hábitos, de pessoas oriundas de diversas regiões do país que plasmaram novas relações sociais e que, portanto, constituíram os elementos fundamentais para formação do povo Beradeiro. Desse modo, as narrativas orais apresentam-se como uma forma de alicerçar na memória desses habitantes os aspectos que deram origem a esse povo.

Palavras-chave: Beradeiros, Memória, Identidade ; Narrativas orais.

DA MARGEM À PERIFERIA: A CENTRALIDADE DE ASPECTOS DA IDENTIDADE AMAZÔNICA NA LITERATURA DE/EM RORAIMA A PARTIR DA OBRA DE NENÊ MACAGGI

Mirella Miranda De Brito Silva (UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA)

Resumo: A relação centro/periferia/margem na obra de Nenê Macaggi (1913/2005) é inaugurada e tem a representação mais bem acabada no romance *A Mulher do Garimpo – Romance do extremo sertão norte do Amazonas*, obra de 1976, considerado como uma espécie de “certidão de nascimento” da literatura produzida em Roraima. A narrativa se estrutura enquanto romance que “costura” retalhos de narrativas já clássicas de nossas Letras, como *O Cortiço*, do naturalista Aluísio Azevedo, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa; e que estabelece uma relação tensa com a(s) Amazônia(s), relação esta que oscila entre a negação e a adesão aos modelos de representação desse espaço preconizados pelos seus antecessores, sobretudo no que se refere aos emblemáticos *A Selva*, romance do português Ferreira de Castro, e *Inferno Verde*, coletânea de contos do pernambucano Alberto Rangel. Além das relações mencionadas, ainda no que tange aos diálogos estabelecidos entre os romances macaggianos e obras pertencentes ao cânone da literatura nacional, elaboraremos uma reflexão específica acerca do(s) indigenismo(s) praticados pela escritora ao longo de sua produção romanesca. Para estabelecer esta linha, trabalharei, dessa feita, com a análise da personagem Dadá Gemada, uma mestiça loura, protagonista do



romance *Dadá gemada, Doçura-Amargura* - O romance do fazendeiro roraimense, de 1980. Seguindo este percurso, analisamos ainda uma das (várias) lacunas da escritura macaggiana: a sua absoluta adesão a uma linguagem deslocada na relação entre temporalidade das narrativas (no que se refere ao romance *A Mulher do Garimpo*, a década de 40) e a construção dos romances, todos publicados no fim da década de 70 e ao longo dos anos 80: este deslocamento, na obra de Nenê Macaggi, se evidencia na negação das formas literárias de vanguarda que então se afirmavam, tanto em termos nacionais quanto regionais. Pretendemos ainda destacar questões específicas de apropriação/redimensionamento de textos/projetos literários oriundos de obras canônicas da literatura nacional, seja na forma como determinadas personagens e espaços são construídas, seja no modo de narrar, nas escolhas de estrutura e linguagem que a escritora faz ao longo do romance central de Macaggi. Essa retomada (que abordaremos em nosso trabalho de modo comparativo) não é exclusiva do romance em questão. Pelo contrário, se faz presente e profusa em toda a obra. Contudo, nossa hipótese é que, no romance inicial, a escritora forja um modo de trabalho e que é a partir dele que as personagens/espaços posteriores são delineadas. Pretendemos dar especial ênfase à análise das “soluções originais” e “estratégias” elaboradas pela escritora para a construção de uma identidade local (roraimense), a partir das imagens do outro e dos “lugares de passagem”, no que diz respeito ao contexto das várias viagens empreendidas ao longo dos romances, bem como a “passagem” de uma Amazônia a outra, a partir de sua alusão a textos que se perfilam num cânone local que dão corpo a vários de seus romances.

Palavras-chave: Nenê Macaggi; Amazônia; Cânone; Regionalismos

POESIA RORAIMENSE E INTERTEXTUALIDADE: LEITURAS E DIÁLOGOS NO ENSINO MÉDIO

Suênia Kdidija de Araújo Feitosa (Universidade Federal de Roraima)

Resumo: O intuito desta pesquisa é identificar a ocorrência da intertextualidade na produção poética da cidade de Boa Vista-, capital do Estado de Roraima, divulgada em mídia impressa e na internet na última década, além de analisar como o aluno de ensino médio reconhece esses intertextos. A realização das etapas dessa pesquisa contribuirá para que possamos interpretar os efeitos que essa propriedade dialógica concebe à leitura literária em sala de aula. No tocante aos efeitos da intertextualidade na literatura, Samoyault (2009) ressalta que essa propriedade não só trata das relações dialógicas entre obras literárias, pois reúne propriedades opostas que permitem desfazer oposições estanques de críticos para os quais ou a literatura se refere a si mesma ou ao mundo. Com base na análise de diferentes fatores, a teórica demonstra que a intertextualidade faz da literatura um campo autônomo e a religa mais diretamente ao mundo. Vale destacar que a intertextualidade advém de estudos relacionados ao discurso. Um dos principais teóricos desses estudos é Mikhail Bakhtin, teórico da linguagem. De acordo com Bakhtin, a intertextualidade é uma propriedade do dialogismo, que, por sua vez, é o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso. Partindo desse pressuposto, Bakhtin afirma que as palavras do falante estão sempre inevitavelmente perpassadas pelas palavras do outro. Assim, quando um texto faz alusão a outro, seja de forma implícita ou explícita, temos uma relação dialógica. De acordo com Fiorin (1994), o conceito de intertextualidade concerne ao processo de construção, reprodução ou transformação do sentido. Desse modo, essa propriedade diz respeito ao processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo. Fiorin (1994) explica ainda que existem três vertentes de intertextualidade: a citação, a alusão e a estilização. A citação pode confirmar ou alterar o sentido do texto citado; na alusão não se citam as palavras, mas se reproduzem construções sintáticas em que certas figuras são substituídas por outras, sendo que todas mantêm relações hiperonímicas com o mesmo hiperônimo ou são figurativizações do mesmo tema; a estilização é a reprodução do conjunto dos procedimentos do “discurso de outrem”, isto é, do estilo de outrem. Assim, um dos objetivos da presente pesquisa é identificar essas formas de intertextualidade na poesia local e analisar como estudantes do terceiro ano do



ensino médio de uma escola pública localizada em Boa Vista-RR as reconhecem durante as leituras literárias realizadas em sala de aula. As poesias selecionadas para este estudo foram publicadas ao longo da última década por diversos poetas locais, dentre eles: Sony Fersek, Devair Fiorotti, Roberto Mibielli, Zanny Adairalba, Edgar Borges e Eli Macuxi.

Palavras-chave: Intertextualidade; Literatura Local; Leitura; Ensino.

9 - AS LINGUAGENS TRANSCRIPTIVAS: ESTUDO DE TEXTOS INTERARTÍSTICOS SOB DIFERENTES OLHARES

Coordenação: Prof. Dr. Divino José Pinto (PUC – GO); Profa. Dra. Lacy Guaraciaba Machado (PUC – GO); Profa. Dra. Márcia Rios da Silva (UNEB – BA)

Resumo: A pretensão central deste simpósio é a de continuar explorando a presença de diálogos interartísticos numa perspectiva em interação com autor, leitor e obra de arte. Nesse sentido, pensa-se que tanto o autor quanto o leitor apoiam-se no repertório cultural de que são dotados e os movem durante o ato de leitura. Isso porque a obra de diferentes sistemas de linguagem é instigadora de construção de redes de sentidos. Daí a relevância de se intensificarem estudos que estabeleçam relação interartes constitutivas de território amplo e espaço sedutor para novas perspectivas de análise e compreensão das artes em suas múltiplas correspondências. As linguagens verbais e visuais incorporam signos distintos, autônomos e complexos. Assim delimitado, este simpósio quer se constituir em mais uma provocação para que se socializem investigações transcriativas e interartísticas relacionadas à produção e recepção estética, mediante abordagens comparativas que promovam novos olhares sobre combinações e processos de hibridação de linguagens criativas incluindo estudos sobre a recepção da obra de arte e sua relação com espaços de leitura e ferramentas contemporâneas adotadas para a produção, circulação e veiculação de textos artísticos.

Realizar estudos teóricos da linguagem literária na sua relação com outras linguagens pressupõe estabelecer aproximações, contrapontos e distinções, para melhor compreender o parentesco e a parentalidade de gêneros artísticos manifestados nessas linguagens. Daí a relevância em explorar relações dialógicas entre Literatura e outras artes apreendidas como fatores geradores de identidades em cada uma dessas formas artísticas, assumidas como fonte criativa de acentuada produtividade nos dias atuais.

Alguns teóricos que subsidiam estudos dotados de propósitos como estes podem ser representados por Haroldo de Campos, Júlio Plaza, Giorgio Agamben, Mario Bellatin, Walter Benjamin, Theodor W. Adorno, Roland Barthes, Susan Buck-Morss, para quem “A coletividade do século XX [...] constrói sua identidade na base da imagem ao invés da palavra” (BUCK-MORSS, 2009, p. 28) e forma uma comunidade transnacional, embora o signo verbal continue habitando os mais diferenciados espaços textuais verbais e não-verbais.

Nessa direção, pretende-se socializar, neste simpósio, estudos que tratem das relações entre textos de diferentes sistemas de linguagem, averiguando, por exemplo, até que ponto os aspectos relativos à continuidade/descontinuidade, à compleição formal das obras articulam-se e podem ser entendidos como fenômenos inerentes à produção, à complexidade ou simplificação estética e de como tudo isto proporciona relações de fruição artística e “consumo”.

Palavras-Chave: Estudos comparados. Hibridação de linguagens criativas. Interartes. Repertório cultural. Transcriação.

Referências:

AGAMBEN, Giorgio. *Profanaciones*. Trad. Flávia Costa e Edgardo Castro. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2005.

BARTHES, Roland. *Realismo ¿mito, doutrina o tendencia histórica?* Buenos Aires: Quadrata, 2004, p. 91-101.

BELLATIN, Mario. *Jacobo el mutante*. México DF: Alfaguara, 2001.

BELLATIN, Mario. *El arte de enseñar a escribir*. México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. v.1. (Obras escolhidas).
- BUCK-MORSS, Susan. *A tela do cinema como prótese de percepção*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2009.
- DIDI-HUBERMAN, G. *O que vemos, o que nos olha*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1998.
- GUIMARÃES, César. *Imagens da memória. Entre o legível e o sensível*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.
- HORKHEIMEIR, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- PLAZA, Julio. *Tradução e intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

PROGRAMAÇÃO 16/07 (MANHÃ)

APROXIMAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE A TIRA E O POEMA A PARTIR DA LEITURA DE PEANUTS, DE CHARLES SCHULZ

Renan Silva Duarte (UFJF)

Resumo: A tira é um dos gêneros mais profícuos dos quadrinhos, responsável pela popularização do meio e, comumente, associada aos recursos do humor. Nossa reflexão busca investigar a possibilidade de aproximar a tira do poema na medida em que, na leitura de Peanuts, de Charles Schulz, constatamos a presença de recursos em sua criação que se afastam da imagem do humor para a imagem poética. Tais categorias, imagem do humor e imagem poética, são proposições de Octavio Paz (2012) que nos servem como ferramentas para compreender o processo poético, no sentido de criação, do artista em questão. A tira como uma experiência poética tem se revelado uma tendência contemporânea, com expoentes no Brasil como Laerte e Rafael Sica. Suas obras são claramente comprometidas com a experimentação da linguagem, pouco apego aos recursos do humor e da piada, e maior preocupação com a possibilidade do texto ser o mais aberto possível. No entanto, nossa investigação se voltará para a obra de Charlie Schulz, produção de uma época em que a tira era compreendida como uma leitura corriqueira e humorística, cujo único objetivo era o entretenimento de seus leitores. Não diferente de seus pares, Peanuts possui um enredo rígido baseado em três momentos básicos com algumas variações, a saber: proposição, complicação e surpresa; este último como o recurso fundamental para a construção do humor. Mesmo sendo um texto geralmente associado ao humor, apresenta recursos que o levam para o campo do poético, adensando sua complexidade. Um dos recursos em questão depende de forma considerável do elemento funny animal, ser antropomórfico cuja presença produz um efeito ambíguo, ancorando no fantasioso o universo retratado nessas obras, mas não se afastando do mundo ordinário. Deste modo, tais tiras se desprendem da imagem pura do humor e alcançam o poético. Propõe-se, portanto, uma análise do personagem Snoopy, em Peanuts, e como tal ser transforma a dinâmica dos sentidos metafóricos do universo em que está inserido.

Palavras-chave: Tiras; poema; Peanuts

O CONTO MISS BRILL, DE KATHERINE MANSFIELD - A PALAVRA ENQUANTO PINCEL

Aline Carrijo de Oliveira (Universidade Federal de Uberlândia)

Resumo: Este trabalho visa a análise do conto Miss Brill, de Katherine Mansfield, a partir da identificação dos elementos picturais do corpus. Biograficamente, Katherine Mansfield teve sua carreira como violoncelista interrompida pelo pai, contudo, sua aspiração artística voltou-se para a literatura e utilizando-se da vertente impressionista desenvolveu sua estilística pelo caminho da palavra-imagem, estabelecendo uma aproximação entre a literatura e a pintura. De



acordo com as correspondências da autora, o método utilizado em *Miss Brill* foi semelhante à de uma composição musical, pois cada medida de frase e cada som projetado pela sequência de palavras foram intencionais e manipulados para conquistar uma atmosfera que recebesse o leitor e conduzisse sua leitura ao tônus desejado. Nessa perspectiva, percebe-se que ao preparar o texto, Mansfield carrega a palavra de sentido sonoro e progressivamente produz uma palavra-imagem, pois ao analisar as cenas descritas no conto identifica-se uma picturalização na narrativa. O termo pictural, segundo Liliane Louvel (2012), refere-se ao reconhecimento de marcas das artes visuais produzidas no e pelo texto, sejam explícitas ou não, adicionando valor de citação e podendo produzir um efeito de metapictorialidade textual. Dentre as técnicas de picturalização, segundo Liliane Louvel (2012), estão o efeito quadro, a descrição pictural e a éfrase, cuja diferença se encontra no grau de densidade de reconhecimento do pictural no texto. O conto, corpus deste trabalho, trata da vida de Miss Brill a partir de ângulos perspectivísticos capazes de produzir um efeito de observações simultâneas. A esse movimento de observar, o narrador de *Miss Brill* conduz também o leitor a experimentar a vida da personagem principal a partir das descrições detalhadas da atmosfera, do contexto cenográfico e dos pensamentos dela. A preocupação com a enargeia do universo irreal literário criado por Katherine Mansfield é perceptível na identificação das picturalizações ao longo do texto narrativo em questão. Dentre os recursos literários teoricamente picturais que a autora apresenta nesse conto está em maior quantidade a éfrase, que por sua vez é marca em maior grau de descrições capazes de vivificar o texto diante do leitor. A relação interartes, por sua vez na narrativa corpus deste trabalho, solidifica-se nessa elucidação que a construção pictural produzida pelo texto lexical, no qual uma gama de qualia distinta ao da linguagem atinge o leitor e produz efeitos para além do texto. Nesse sentido, analisar-se-á o conto supracitado evidenciando os trechos em que acontecem os marcadores do pictural e os efeitos literários de sua sequencialização.

Palavras-chave: *Miss Brill*; Katherine Mansfield; Interartes; Picturalização.

LITERATURA DIGITAL: A HIPERTEXTUALIDADE ENQUANTO POÉTICA

Flávio Vilela Komatsu (UFSCar - Universidade Federal de São Carlos)

Resumo: A consolidação da cultura digital convergiu ao seu meio as precedentes formas de comunicação e arte. Inscrita num suporte diverso do livro, a literatura já não é a mesma, encontrando novas formas para se expressar. Sendo a hipertextualidade a principal característica desse novo meio, o leitor ganha um novo papel, invocado também a encenar a narrativa. Suas ações, singularizando seu percurso de leitura, rompem com a uniformidade do texto, implicando numa nova relação com este. Nossa hipótese é a de que a “constelação de traços” identificados por Reinaldo Laddaga como concernentes à literatura – “alta densidade semântica, grande complexidade formal, capacidade interruptiva, potência reveladora ou crítica” – encontra-se, na literatura digital, sob uma nova poética. Com o objetivo de testar essa hipótese, selecionamos então três objetos pertencentes à literatura digital brasileira – *As doze cores do vermelho*, *De onde vieram os homens com quem dormi*, *OWNED - Um novo jogador* -, buscando compreender as singularidades desses objetos nos usos diversos do hipertexto e em como desenvolvem os traços característicos do que é reconhecido como literário por meio de outros parâmetros. Para isso, confrontaremos esses traços com as balizas oferecidas por Janet Murray – “imersão”, “agência” e “transformação” –, e faremos usos dos conceitos trazidos por Espen J. Aarseth em suas respectivas reflexões sobre a arte e a literatura no meio digital. Este trabalho se vincula ao Projeto Repositório da Literatura Digital Brasileira (CNPq n. 405609/2018-3).

Palavras-chave: Literatura digital; hipertextualidade; novas mídias; narrativa hipertextual

ZAMA, ENCONTROS INTERTEXTUAIS ENTRE A LITERATURA, A IMAGEM E O CINEMA NO AMBIENTE TROPICAL



Libia Castañeda (UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA - UNILA)

Resumo: O presente trabalho expõe uma breve análise interdisciplinar de "Zama", obra escrita por Antonio Di Benedetto em 1956 e, adaptada por Lucrecia Martel ao cinema em 2017. Interessa principalmente, analisar a relação dicotômica entre o sujeito e o espaço que o rodeia, elementos que destacam ambas obras, tendo em vista o trópico como uma região geograficamente localizada, assim como um conceito composto historicamente desde uma perspectiva eurocêntrica. Inicialmente, realiza-se um breve recorrido pelos estudos associados a adaptação e os conceitos de intermedialidade desenvolvidos pelas autoras Irina Rajewsky (2005) e Asuncion Lopez Varela (2011), onde se destaca a categoria de transposição cinematográfica, pois, consideramos equivalente à autonomia criativa das duas obras. Em vista disso, se expõe a maneira com que se relacionam as obras de Di Benedetto com uma sintaxe imagética e a relação interdisciplinar da transposição cinematográfica de Martel. Dessa forma se aborda a teoria de Florencia Garramuño denominada "Ensaio sobre a inespecificidade na arte" (2015) e a obra de Natalia Brizuela "Depois da fotografia" (2014), com o objetivo de destacar os aspectos da Literatura de Benedetto que manifestam uma sintaxe fotográfica e imagética. Se revisa brevemente os estudos de Jimena Nespola (2004), Rafael Arce (2016) e Teresita Mauro-Castelarin (2002) sobre a obra do autor argentino. Analisam-se as relações intertextuais de Zama, comparamos o protagonista com os personagens criados por Horacio Quiroga, os quais são sujeitos com consciência colonial deslocada nos confins de um ambiente agreste que cede seu espírito modernista, nesse sentido se evidencia o conceito de modernidade periférica de Mary Louise Pratt (2011). Ao respeito da obra de Lucrecia Martel, se observa a sua preocupação por interrogar os discursos de historicidade das imagens, assim como sua respectiva construção identitária. Para isso se faz um breve repasso das obras da diretora, as referências estéticas utilizadas na direção fotográfica de "Zama" (2017), compreendendo o cinema como uma disciplina que requiere de ferramentas interdisciplinares para a sua realização. Utilizamos fragmentos da obra literária e a entrevista do Diretor de fotografia Rui Poças para a revista digital "El espectador Imaginario en América" feita em 2017. Revisamos brevemente os estereótipos que a literatura de viagens e especialmente as gravuras que acompanhavam os relatos, as quais estabeleceram paradigmas da identidade regional, da paisagem e seus moradores. Adicionalmente se menciona a influência de Alexander Von Humboldt na valorização de ditas laminas na literatura de viagens. Estes aspectos, em geral, colocam a "Zama" como uma obra que supera as fronteiras disciplinares entre literatura, cinema, e dialogam com diversas manifestações artísticas Latino-Americanas e sobre América.

Palavras-chave: Zama; Transposição cinematográfica; Literatura; Tropicos.

NAS TRILHAS DA MÚSICA PROGRESSIVA

Tamyris Gomes Araújo (Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC - GO)

Resumo: A arte progressiva é feita, principalmente, de modulações e transposições. Na música, modulação ou transposição pode ser notada na variação de tonalidade. A modulação consiste no processo de mudança da tonalidade observável no percurso entre o tom inicial de uma sequência e o tom de chegada, na transposição tonal. Quando a música modula e não volta mais à sua tonalidade inicial, dizemos que houve uma transposição definitiva do tom. Essa definição, porém, não é unânime; muitos músicos chamam qualquer modulação de transposição e vice-versa. De fato, é importante compreender que, na essência, modular ou transpor estão na mesma categoria de variação sonora: a alteração da tonalidade. Neste trabalho, escolhemos a canção "The Tell-Tale Heart", da banda "The Alan Parsons Project". Nela, podemos ver vários movimentos de variação tonal, ao longo da música, voltando sempre ao tom inicial, sempre adicionando novos elementos, em uma relação de complementaridade interligando o novo tom à tonalidade anterior. Assim, tem-se, na primeira parte, uma performance da guitarra sustentada por rufos de bateria, que fazem prevalecer o mesmo ritmo, mas com breves alterações de



andamento e frequência. Na primeira modulação, já somos levados ao primeiro contato com o universo gótico, em que se fazem notar o horror e jogo teatral. Soma-se a isso, o grito emitido pelo vocalista; rouco, de desespero, aflorando o sentimento de dor que ele encena. No segundo momento gótico, podemos ouvir a guitarra, agora se misturando aos gritos do vocalista, deixando o ‘ambiente’ musical mais sombrio e ‘aterrorizante’. Depois, voltamos ao primeiro rufo de bateria, em contracena com guitarra, se faz mais incisiva e presente. No terceiro contato, entra-se num andamento lento, carregado de elementos do sintetizador, meticolosos, semelhantes ao ponto em que, o conto de Poe nos remete ao tonus de mistério e suspense. No conto, tudo isto é muito bem calculado pelo narrador-personagem de primeira pessoa, todos os seus passos muito bem pensados. Na peça musical de The Allan Parsons Project, vê-se uma base rítmica fraca, quase imperceptível de bateria ao fundo. No quarto, podemos ouvir algo que se aproxima do timbre do violino em toques de fundo que provoca o medo do desconhecido, e do que virá em seguida. Entrando, logo depois com um solo de guitarra pesado, que nos embriaga ao escutá-la, como se estivéssemos em ondas no mar, que não param de nos mexer de um lado para o outro, e que vai crescendo cada vez mais, nos deixando cada vez mais embriagados e tontos na música, fazendo aumentar também nossos batimentos, nossas sensações, como se descreve na parte final no conto de Poe.

Palavras-chave: Música; Progressiva; The Tell-Tale Heart; Mistério

16/07 (TARDE)

O PROCESSO SEMIÓTICO NO CONTO PENÉLOPY

Muniz Martins Lobo (PUC - GO) e Custódia Annunziata Spencieri de Oliveira (PUC - GO)

Resumo: Enquanto ser simbólico, é natural ao homem atribuir sentido a todo o fenômeno que se lhe apresenta. A narrativa literária como um sistema semiótico, é organizada por elementos que formam, no plano sintagmático, linear, o seu tecido ficcional ou mesmo mimético, que estruturam o discurso verbal narrativo de forma a produzir e acrescer a experiência do processo de semiose. Como narração estética e/ou ficcional, o manejo particular que se dá à língua, transmutando o código denotativo para o conotativo e promove um arrombamento do código faz uma linguagem ambígua e auto-reflexiva, que aumenta o poder de semiose do texto. Além dessas, o gênero conto, possui características estruturais próprias que promovem a semiose por meio da unidade de efeito e de impressão. A condensação dos elementos (categorias) que formam o enunciado narrativo tornam-se promotoras de um clímax surpreendente, produzido pela aceleração do processo de semiose. Essa condição provoca novas formas de leitura e até de transcrição de códigos pelo uso de outros sistemas. Os contos de Poe, um dos maiores contistas do Século XX e teórico da construção das estruturas literárias tornam-se fonte de inspiração dessa investigação. Sendo assim, o objetivo da pesquisa é observar como ocorre o processo de semiose a partir da estrutura do conto e como a experiência deste processo pode chegar a produzir a transcrição. As bases teóricas que darão suporte à pesquisa são os semioticistas: Suassure(s/d); Eco (...); Barthes(...); Kristeva (...). Teóricos do gênero conto: Todorov (...); Propp (...) Cortázar (...). Teóricos da tradução intersemiótica: Plaza (1987); Hutcheon (...).

Palavras-chave: Palavras –chave: semiótica; conto; transcrição

A PERSONAGEM NO CONTO COMO UM PROCESSO DE SEMIOSE

Allaidy da Silva Barbosa Gonçalves (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATOLICA DE GOIAS)

Resumo: O processo de semiose é inerente ao homem. Tendo uma natureza simbólica, o ser humano reconhece sentidos nos fenômenos que se lhe apresentam e os transforma em linguagens. Como ser cultural, relaciona-se por meio de signos significantes e é por meio deles que organiza seu pensamento, comunicando-se e produzindo cultura. São várias as formas de linguagem utilizadas pelo homem, construídas em diferentes sistemas de signos. O sistema



verbal é um deles e a Narrativa, uma forma (gênero) natural de manutenção e construção da cultura, e de produção de semiose, principalmente quando ela é construída com características estéticas, nas quais o arrombamento do código é propriedade de acréscimo do poder de semiose.

O conto, sendo forma narrativa de menor extensão, um relato simples apresenta uma economia de meios, concentração da ação, tempo e do espaço e, por essas particularidades estruturais, promove de forma especial o processo de semiose, pois o conto produz uma unidade de efeito e de impressão, acelerando a produção do sentido. Observa-se que este processo será fortemente encaminhado pela categoria personagem, apresentada em número reduzido e caracterização vaga e estereotipada. O enunciado narrativo, assim, por meio de sua organização, carregará, tanto no nível macro, quanto nas categorias que o formam, quanto nos níveis sintático e semântico, elementos que promoverão um acúmulo de significantes que entrarão em movimento infindável de produção de sentido, encaminhando, de forma acelerada, para o clímax dessa produção. As bases teóricas que darão suporte à pesquisa são os semioticistas: Saussure(s/d); Eco (2012); Barthes(2011); Kristeva (1969). Teóricos do gênero conto: Todorov (2006); Propp (1978); Cortázar (2008) e da personagem: Antonio Candido; Anatol Rosenfeld; Décio de Almeida Prado e Paulo Emílio Salles Gomes (1968). O objetivo desta pesquisa é analisar, primeiramente como este processo de semiose é afetado pela própria estrutura do conto e, posteriormente, em contos de Miguel Jorge, escritor goiano de reconhecimento nacional, a forma como o autor estrutura suas personagens, e as utiliza como promotoras do processo de semiose, enquanto categoria narrativa.

Palavras-chave: semiose; conto; personagem

TRADUÇÃO: FATORES SEMIÓTICOS E LINGÜÍSTICOS NO PROCESSO DA COMUNICAÇÃO

Cristiano Gomes da Silva (PUC-GO)

Resumo: Resumo: A tradução, além de ser um fato linguístico, é também um fato semiótico, pois remonta a discussões do signo linguístico, tendo Saussure por precursor e Peirce como o aprofundador da essência dos signos. Importa compreender que, para qualquer usuário das palavras, o significado de um signo linguístico é tão somente sua tradução por um outro signo, o qual lhe pode substituir. Este assunto é mais complexo do que se apresenta, não se deve observar apenas os estudos da tradução no seu aspecto interlingual, isto é, na interpretação dos signos verbais por meio de outra língua, mas também, em seus aspectos intralingual (a interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua) e intersemiótico (a interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais). O objetivo principal de uma tradução, independentemente de seu aspecto, é buscar a equivalência na diferença, por meio de uma combinação do código, pois, mesmo quando falamos em sinonímia, o significado não é exatamente igual, mas semelhante. Portanto, pretende-se aproximar, ao máximo, o significado completo de uma mensagem, não apenas de uma unidade da mesma. A metalinguagem é outro fator relevante no processo de tradução, pois “a faculdade de falar determinada língua implica a faculdade de falar acerca dessa língua” (JAKOBSON, p.67). Ao traduzir um determinado signo, o tradutor recodifica a mensagem, buscando naquele código termos equivalentes para a manutenção do sentido da mensagem original, o que nem sempre é uma tarefa simples, haja visto que ele deve ter domínio de ambos os signos e também de seus códigos. Um problema maior o tradutor poderá encontrar ao realizar uma tradução interlingual, por exemplo, podendo não encontrar um termo necessariamente equivalente no outro idioma, entretanto, essa atividade ainda poderá ser passível de êxito, observando que, onde houver uma carência, o termo poderá ser substituído por empréstimos, neologismos e, inclusive, por circunlóquios. Independente de qual aspecto da tradução está em questão, deve o tradutor compreender que objetivo principal sempre será a comunicação, devendo conhecer e reconhecer todos os elementos que fazem parte desse processo, a saber, o emissor, o receptor, a mensagem, o referente, o código e o canal. Ademais, é necessário associar esses elementos da comunicação às funções da linguagem, para se verificar quais estão sendo privilegiados naquela mensagem.

Palavras-chave: Palavras-chave: Signos; Código; Tradução; Linguagem; intersemiótica

“COMO VAI VOCÊ, GERAÇÃO 80?”: UMA LEITURA INTERARTÍSTICA DE JOÃO GILBERTO NOLL E LEONILSON

Gabriela Fernandes de Carvalho (UFMG)

Resumo: Pensando a década de 80 como um período de grandes transformações políticas, sociais e artísticas, fortemente marcada pelo regime militar que governou o Brasil de 1964 até 1985, iremos analisar, a partir da relação interartes, os possíveis caminhos encontrados pela arte brasileira, após vinte anos de cerceamento de diretos e vozes. Para tal, analisaremos o silenciamento e a violência (física e simbólica) presentes em dois artistas que iniciam suas obras nesse período, a saber: o escritor gaúcho João Gilberto Noll e o artista plástico cearense Leonilson. Esse trabalho é a apresentação dos primeiros passos da pesquisa de doutorado intitulada “Estilhaços de Vidraça, Ruídos, Ruínas: literatura e outras artes no Brasil da década de 80”, que visa analisar as manifestações artísticas na abertura política. A primeira geração pós-ditadura, o primeiro voto direto para presidente, geração pós-vanguardas, pós-tropicalismo, pós-geração mimeógrafo, de que forma se apresenta na literatura e nas artes? Uma geração que se volta mais para si e para as mazelas pessoais do que para os acontecimentos da nação, que possui uma aparente dívida cultural e política com as gerações anteriores e que inicia com uma grande promessa de esperança com a abertura, mas que apresenta índices sociais deploráveis. Geração ainda marcada pela atmosfera de medo e censura que imperavam na ditadura e que inevitavelmente irá incidir nas produções artísticas da década. Quais são os pleitos dos artistas que iniciam suas carreiras na década de 80? Qual o tom dessa geração? É possível delimitar quais são os traços e as fronteiras de uma geração que já nasce tão marcada pela história e pelos acontecimentos das gerações anteriores? Aqui iremos ler os “filhos da ditadura” que direta e indiretamente cresceram entendendo o silêncio e o luto como estratégias de sobrevivência e material para a criação artística. Para tal, nos valeremos dos conceitos de alegoria e ruína propostos por Walter Benjamin.

Palavras-chave: Década de 80; Leonilson; João Gilberto Noll; Interartes.

DA HISTÓRIA À LITERATURA: UMA ANÁLISE DE “APENAS UM VIOLÃO”, DE BERNARDO ÉLIS

Cassia Lemes Gondim (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS) **Resumo:** A relação entre História e Literatura pode ser considerada uma das primeiras comparações sobre diferentes sistemas de linguagem do mundo Ocidental. Objeto de análise de Aristóteles, em sua *Poética* clássica, tal relação continua a ser debatida, seja dentro da perspectiva histórica, com destaque para as pesquisas de Hayden White (2001), seja a partir da teoria e da crítica da literatura, como elaborado por Fredric Jameson (2004). Devido ao intenso e qualificado discussões já realizadas sobre os liames entre esses dois discursos, a presente comunicação não pretende apenas abordar esse ponto, mas também acrescentar o caráter de apropriação e transcrição do discurso histórico pelo literário. Essa apropriação e transcrição estão presentes desde a clássica análise sobre o romance histórico, feita por György Lukács (2011), e é a tônica de diversos autores da Literatura Brasileira, dentre esses, Bernardo Élis. Para o autor nascido em Corumbá de Goiás, a produção artística está amalgamada com a perspectiva histórica e social (TEIXEIRA, 2017), mas, cabe dizer, essa revisão implica em uma reconsideração do ponto de vista elogioso da História oficial para uma premissa com um tom negativo, não participe da euforia que a transformação das estruturas sociais seria benéfica para a população, sobretudo no contexto pós 1930. Destacamos para essa comunicação a novela “Apenas um violão”, de 1984. Publicada mais de meio século depois da instauração da Pedra Fundamental que deu origem a Goiânia, destoando dos elogios fáceis que a empreitada de Pedro Ludovico, fundador da nova cidade, sempre recebeu, a narrativa de Élis focaliza a decadência enfrentada pela Cidade de

Goiás, antiga capital, ao perder a condição de sede do governo estadual: prédios foram tomados por ratos; casarões imponentes foram abandonados, ruas inteiras ficaram despovoadas. Ao configurar esse discurso literário, pode-se considerar que Bernardo Élis projetou-se na protagonista da novela, inserindo suas próprias memórias sobre esse acontecimento histórico. Nesse sentido, o processo de transcrição a ser analisado nesta comunicação movimenta-se da História, através do filtro da memória, para ser repensada esteticamente.

Palavras-chave: História e Literatura. Memória e Literatura. Transcrição.

17/07 (MANHÃ)

O TRUQUE DO TRAÇO PRECISO: LAMPEJOS EM LUVAS DE PELICA DE ANA CRISTINA CESAR

Joyce Lopes das Dores Campos (Letras - UFRJ)

Resumo: Da janela, alguém observa um trecho de paisagem. Em um trecho de texto, o leitor acompanha a descrição desse cenário. Mas a quem pertence essa voz que descreve, esse olhar que admira, essa paisagem que se mostra até finalmente se concretizar em matéria escrita? Em *Lovas de pelica* (1980), de Ana Cristina Cesar, a guarnição da janela que recorta o espetáculo que se alastra do lado de fora, funciona como a moldura de um quadro que está pendurado em sua parede, mas que não é de sua autoria. O que pensamos ser uma exposição de um panorama que a voz poética vê, é, na verdade, o detalhamento da gravura *Sátira sobre a falsa perspectiva* (1754), de William Hogarth. O horizonte, como a realidade, alastra-se até onde a vista não alcança, nos impedindo de depreender tanto a totalidade de um, quanto a de outro. Nos resta, então, a perspectiva que, por sua vez, fragmenta o que (vi)vemos, tornando a nossa própria experiência, uma ficção. Tendo esse ponto de vista como fio condutor, procuramos mostrar como Ana Cristina, ao justapor a sua perspectiva à de outro, tematiza o ato poético. Para tanto, “em vez dos rasgos de Verdade”, ela embarca “no olhar estetizante” (CESAR, 2013): colocando suas luvas de pelica para escrever, a autora produz uma barreira fina entre sua pele e seus escritos, assemelhando-se a esse bloqueio invisível que nos impede de alcançar a realidade. E seu olhar, que estetiza o que vê, também está carregado de passado. Sua descrição, portanto, não apenas percorre a paisagem, mas, a partir de “um fio de luz que só depois faz foco” (CESAR, 2013), a atravessa e transcende, ao recorrer a olhares de outros autores. Essa confluência de óticas em sua criação permite também ao leitor percorrer, atravessar e transcender a realidade poética que nos foi apresentada. A luz, que funciona como “olhar estetizante” e separa o presente (paisagem correspondente aos “rasgos de Verdade”) e o passado (paisagem estetizada de William Hogarth), iluminou outro possível diálogo: “*La ricotta*” (1963), média-metragem de Pier Paolo Pasolini, e uma das quatro partes de “*Ro.Go.Pa.G.*”. Filme sobre um filme, “*La ricotta*” intercala o período antes das gravações com as filmagens da *Paixão de Cristo*, apresentando um presente em preto e branco, que se abre em cores do passado, uma vez que a película que está sendo filmada recupera as pinturas *Deposição da cruz* (1521) de Rosso Fiorentino e *A deposição* (1528) de Jacopo Pontormo. Obra criada a partir de uma luz que se decompõe como um spectrum ao atravessar a lente da câmera. E, assim como em *Lovas de pelica*, uma luz estetizante que chega com a “força do passado” (PASOLINI, 1963).

Palavras-chave: Ana Cristina Cesar; Pier Paolo Pasolini; poesia; pintura; cinema.

A SOBREVIVÊNCIA DA NINFA

Juliana Andrade de Lacerda (CEFET-MG)

Resumo: Este artigo pretende discutir sobre a ideia de sobrevivência apresentada nas pranchas do *Atlas Mnemosyne*, por Aby Warburg (1866-1929). O autor propôs reinterpretar essa figura grega, a ninfa, uma das representações do feminino, no contexto do Renascimento florentino do século XVI. A conceituação do retorno da ninfa como sobrevivência é apresentada em vários escritos desse autor, assim como em algumas obras de Georges Didi-Huberman. Levando em



conta a forma como essa imagem voltou na iconografia do ocidente na Renascença e a partir dessa ideia de pós-vida, investigaremos os gestos das ninfas que se repetem desde os gregos até a contemporaneidade. Na prancha de número 77, Warburg destaca a imagem de uma golfista ao lado de figuras masculinas. Ela apresenta um gesto de força, ao erguer o corpo e os braços para arremessar o taco de golfe. Esse gesto se assemelha ao dos levantes, discutidos por Didi-Huberman na exposição e no catálogo *Levantes* (2017), exibida em diversos países, como França, Espanha, Argentina, Brasil, dentre outros. Diversas imagens históricas de levantes foram destacadas nessa exposição. Nesse sentido, iremos pensar a sobrevivência das ninfas a partir da ideia de levante. Dessa forma, discutiremos sobre alguns movimentos feministas que estão surgindo na arte e nas redes sociais. Um exemplo seria o movimento *Ni Una Menos*, que nasceu após a morte de uma adolescente chamada Chir Páez, de 14 anos, que estava grávida. Essa jovem foi assassinada na Argentina pelo namorado de 16 anos e foi enterrada no quintal da casa dos avós do assassino com a ajuda dos pais dele. Com a morte de outra jovem também Argentina, Lucía Perez, 16 anos, que foi drogada, brutalmente violentada, empalada e morreu após ser levada ao hospital por dois homens, de 41 e 23 anos, ocorreu uma greve de mulheres. Houve passeatas com base na ideia do movimento “Nenhuma a Menos”, que se expandiu para diversos países da América Latina como Peru, México, Chile, Brasil, dentre outros. Outro movimento de mulheres que podemos destacar é a “Marcha das vadias”, que surgiu a partir de um protesto realizado no dia 3 de abril de 2011, em Toronto, no Canadá, com o nome de Slutwalk. A “Marcha das vadias” luta contra o machismo e a violência sexual. As mulheres, durante a marcha, usam roupas consideradas provocantes. “Muitas pessoas estão se mobilizando em torno do direito de marchar, e isso inclui as importantes Marchas das Vadias (Slut Walks) que começaram a acontecer ao redor do mundo como um lugar que deveria ser livre do assédio e do estupro” (BUTLER, 2018, p. 152). Uma vez que as ninfas aparecem nas telas renascentistas, nas fotografias modernas, nos jornais, nas revistas, nos sites e nas redes sociais, essa figura é ao mesmo tempo, fluída, antiga, moderna e contemporânea, pois seus rastros jamais cessaram de aparecer.

Palavras-chave: Ninfa; sobrevivência; levante.

A POÉTICA DE LÊDA SELMA EM ANÁLISE E A POÉTICA DE CECÍLIA MEIRELES

Livia Maria Borges Calassa (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATOLICA DE GOIAS)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo principal investigar, em um breve recorte, como o lirismo da poesia de Lêda Selma lê e relê o lirismo de Cecília Meireles. Realizamos, a partir dos estudos comparativos, observando os procedimentos transcriativos, manifestamente encontrados nos aspectos que as aproximam, ou mesmo naqueles aspectos em que se tornam visíveis as formas tensivas e os contrapontos, na construção poética dessas duas autoras, sabendo-se que em ambas as poetisas é possível notar elevada consciência estética. Este, portanto, é o que mais nos interessa nesta pesquisa, uma vez que é notável, tanto em Cecília Meireles, quanto em Lêda Selma, esse sopro de independência e esse sentimento único do mundo, um espírito de univocidade traduzido em seus versos de maneira original, fugindo aos grandes rótulos, negando a aderência cega aos cânones que uniformizam, embora estejam sempre em diálogo com a poesia de todos os tempos e estilos. E, por isso mesmo, as poéticas de Cecília Meireles e Lêda Selma são colocadas aqui, numa mesma esfera de análise, e esta escolha se deu, para que possamos sentir e buscar compreender a plenitude que suas poesias evocam, no campo de existência humana, de como ambas fazem materializar em palavras, a dor, o desejo, o amor, e toda a gama de sentimento possível, extraídos e traduzidos em suas motivações várias. Desse modo, recorreremos a teorias que nos permitam ajustar o discurso analítico, conjugando as bases teóricas às estruturas do objeto em estudo. Pensadores como Emil Staiger que, ao conceituar lirismo o desenha como um resultado da sensação que nasce do somatório da musicalidade ao sentido, além de muitas outras aparições de natureza simbólica, nos possibilita, em meio ao tempo contemporâneo em que o homem está rodeado de redes sociais e outros recursos



tecnológicos, que tornam as relações, predominantemente midiáticas, alimentam o capitalismo cada vez mais desenfreado. Desse modo, a poesia de Meireles e Selma nos é cara, no sentido de que ela vem ao encontro da necessidade atual de percebermos o mágico, o poético das palavras para expressar a vida, os dias, as flores e as dores, num olhar intensamente forte na suposta e equivocada fragilidade do mundo feminino. Um mundo vazio cheio de ciclos e reflexões existenciais será apresentado e mesmo em contextos diferentes, há de se perceber a intensa sintonia de sensações entre as duas poetisas. A diferença temporal entre as duas poetisas não invalidou a proximidade de ambas. O contexto, ora embaça, ora acentua as reflexões líricas do olhar feminino. A sinestésica e simbólica ambientação da poética de Cecília Meireles se agrega ao trabalho de Lêda Selma.

Palavras-chave: Paradoxo. Símbolo. Melancolia. Desleitura. Transcrição

TREJEITOS DA REPRESENTAÇÃO OU SIMULAÇÃO E DISFARCE

Lacy Guaraciaba Machado (PUC GO)

Resumo: Entre levar a vida para o texto literário e o instituir disfarces discursivos, tem-se o que em Naqueles morros, depois da chuva, de Edival Lourenço, é instaurado provocando-me interesse para um estudo sobre a combinação dos signos verbais constitutivos da narrativa literária. Movida por esse interesse, adoto uma abordagem comparatista, fundamentada, por excelência, na discussão sobre a ficcionalização da historiografia que lança mão de episódios reinventados, feitos de signos iconizados, inscritos no jogo discursivo, espaço em que se tensionam, ou seja, estabelecem relação entre signos tensivos geradores de efeitos de sentido. Compreendo que a temática pertinente ao movimento das personagens proporciona-lhes elo com outros procedimentos desta narrativa e obras que se realizam em outras linguagens, particularmente os procedimentos que me remetem a outros elementos da narrativa, particularmente aqueles que ora destemporalizam, mas espacializam episódios, ora os situam numa espécie de entretempo e entrelugar. Estes conceitos permitem-me compreender os recursos literários utilizados na reconstrução de identidades, histórias e memórias, circunstâncias discursivas nas quais a personagem acha-se no “tempo ‘duplo e cindido’ da representação” (Bhabha, p. 204), ficcionalizado a partir de “estratégias retóricas” de pseudo informação, disfarce e inversão (idem, p. 205). Para destacar como a combinação dos signos constitutivos empregados pelo autor, faz percorrer episódios narrativos, estabelecendo contrapontos e instituindo-se mediante a profusão de vozes manifestadas pelas personagens centrais, quando estas assumem sua própria voz, em relação àquela adotada pela personagem narradora, ou seja, a controladora das informações narrativizadas. O percurso iniciado vem solicitando diferentes formulações teóricas sobre os temas privilegiados na obra selecionada e me remetem a obras de outros sistemas de linguagem. O passo inicial do estudo consiste na identificação de categorias discursivas e imagens poéticas próprias da obra selecionada como representantes da produção literária narrativa deste autor que a inscreve em um tempo e movimento oscilante. Nesse sentido, a pesquisa promove uma análise transcendendo os elementos intrínsecos que compõem o objeto artístico, centrando atenção sobre imagens do processo de colonização, entendido como expressão de determinado modo de ser cultural, fundamentado em valores e ideais conflitantes.

Palavras-chave: Palavras-Chave: Destemporalização. Disfarces discursivos. Entretempo. Simulação.

O FANTÁSTICO DISCURSO DE MARY POPPINS E LUCY IN THE SKY WITH DIAMONDS

Ludmila Martins Naves (Pontifícia Universidade Católica de Goiás)

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar e discutir a persistência da utopia no discurso irônico que se faz presente por meio da personagem Lucy, na canção; “Lucy In The Sky With



Diamonds”, d’Os Beatles que, por sua vez dialoga com a clássica personagem da Literatura Inglesa Mary Poppins. Em especial, a do filme, “O retorno de Mary Poppins”, ocupando, ambas, centralidade nesta pesquisa. Tanto na canção de Lennon e McCartney quanto no filme de Rob Marshall (transcrito do livro de Pamela Lyndon Travers), percebe-se a persistência da utopia no universo contemporâneo da distopia. Se por um lado, Lucy aparece e desaparece, repentinamente, em lugares dos mais improváveis, por outro, Mary Poppins, a eterna personagem responsável por cuidar das crianças da família Banks, pousa em solo usando uma sombrinha como paraquedas, fixando-se, como mito, transformada em super heroína, devido à sua capacidade de questionar a realidade. Lucy, no entanto, traz de forma mais introspectiva a persistência dessa utopia de que falamos, vez que se apresenta em suas próprias atitudes, porque ela está no céu de diamantes, pode-se considerar que esta personagem encontra-se por si só em um tempo presente dentro da fantasia, enquanto na história de Mary Poppins, as crianças são conduzidas pela babá e ela pode estar ou não dentro dessa realidade fantástica, no seu jogo de presença/ausência. A análise crítica segue as linhas da transcrição artístico-literária das personagens, através de uma comparação à luz das teorias aplicadas à ideia do utópico e distópico, buscando nas utopias e distopias decalcadas a partir dos rótulos presentes na realidade. De acordo com Clayes (2013), repousa aí uma séria questão acerca das exigências implícitas em uma sociedade pretensamente perfeita em busca de um mundo ideal. Para Bregman (2018) a utopia persiste nos elementos básicos que conduzam às ações sociais e pessoais do indivíduo no meio social, contrária a ideia de distopia. Sendo assim, a presença do discurso irônico em amplos contextos inerentes ao fantástico, fazem-se presentes a ideia de utopia que pode estar ou não permeada pela presença de fatores distópicos, compondo, portanto, duas narrativas fantásticas, sendo uma em tom poético como canção e outra como romance e também roteiro de cinema. O fantástico discurso consistirá, então, a partir de fundamentos presentes no discurso da ironia, sugerindo a ideia de Bakhtin (1999) em que a ironia presente não é maliciosa, mas uma antífrase que traduz o teor literário do fantástico nas duas obras literárias.

Palavras-chave: Utopia; Dystopia; Mary Poppins; The Beatles; Fantástico.

17/07 (TARDE)

DOM CASMURRO: O PERSONAGEM QUE ESCRIVE NA PÁGINA E NA TELA

Luiza Fontes Martins (Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG))

Resumo: Este estudo possui como tema central investigar como a figura do escritor e do objeto livro são retratadas na obra, Dom Casmurro, de Machado de Assis e, na adaptação, Capitu, baseada no mesmo romance e exibida na forma de microssérie escrita por Euclides Marinho. A intenção é examinar os contrastes e as confluências entre as duas obras, levando em conta a relação estabelecida entre a tríade autor, leitor e obra, além de analisar as relações intersemióticas e as peculiaridades de cada um dos sistemas de linguagem escolhidos para sustentar a narrativa. Para tanto, é fundamental compreender a importância desempenhada pelo personagem principal, que é o responsável por narrar a história e por assumir o papel de escritor dentro da própria obra, colocando em evidência a importância do livro e da função de autor enquanto elementos fundadores de um discurso autoral. Nesse sentido, a pretensão é refletir sobre a condição do livro não só enquanto suporte, mas também como um personagem que se manifesta de maneira simbólica e expansiva dentro da narrativa. Dessa forma, mais do que assumir a posição do sujeito que lê ou que assiste, o leitor é convidado a interagir com o narrador-personagem a fim de se tornar um aliado dele dentro do jogo narrativo, nessa lógica, ler e assistir significam também recriar. Essa recriação acontece de forma dupla, afinal assim como coexistem o livro e o livro dentro do livro, o papel do leitor é complexificado por ser o sujeito que lê em duas perspectivas justapostas, de maneira simultânea e indissociável. Nessa



perspectiva, para que a obra se desdobre em significados, é fundamental que o leitor – ou telespectador de Capitu – perceba que o narrador-personagem é também um personagem-escriptor. O diálogo entre a literatura e a televisão, levando em conta a construção de um personagem que assume o papel de escritor, abre espaço para que se pense, de forma metalinguística, a experiência estética possibilitada pela ambivalência do uso de linguagens de naturezas diferentes para reconstruir uma narrativa clássica. Em um panorama geral, este estudo promove uma reflexão a partir do papel e da tela, recorrendo e analisando elementos verbais e visuais usados para enriquecer a experiência do leitor conforme a natureza de seus suportes, estes que não se excluem, mas convidam leitores e telespectadores a participarem do jogo narrativo propiciado por eles. O livro dentro do livro e o livro dentro da tela evidenciam como a obra machadiana é construída em camadas de significação que se ampliam de acordo com o repertório e a disposição dos leitores em interagirem com o texto, em contrapartida, os autores não oferecem obras fechadas em si, mas narrativas que dependem da rede simbólica estabelecida pelos leitores. Assim, “O autor do texto não é o inventor do livro, considerado como um objeto genérico. O autor do texto caminha sob uma máscara, ‘escondido’ sob a forma do ‘livro’, a qual reveste seu texto, pois é justamente sob esta forma que ele se mantém misterioso.” (MELOT, 2012, p.42)

Palavras-chave: Dom Casmurro; Machado de Assis; Linguagens híbridas; Jogo narrativo; Percorso autoral.

SOB O SIGNO DE CAPITU: (DES)ACORDOS DE LINGUAGENS

Divino José Pinto (Pontifícia Universidade Católica de Goiás)

Resumo: O objeto central deste trabalho é a figura/imagem indelével de Capitu, em sua aparição primeira, no romance machadiano e nos contornos contemporâneos que este signo icônico recebe na canção de Luiz Tatit, como uma espécie de atualização transcriativa por meio do sistema musical que combina texto sonoro, carregado em nuances significantes e texto escrito na composição de uma cena inusitada. É nosso intuito explorar esse diálogo, observando, numa perspectiva intersemiótica, a amplitude do signo Capitu em sua interação com o mundo e com a própria arte. Nesse sentido, entendemos ser possível e necessário perscrutar, nessa travessia interminável, a figura capitulina como potencial de repertório que transcende o espaço literário como personagem, ascendendo-se à condição de símbolo até chegar ao patamar de ícone e se dissolver no universo cultural, transpondo as barreiras do tempo, revestindo-se de múltiplas cores para servir agora de matéria adequada às linguagens cibernéticas e tecnológicas. Capitu, marcadamente opaca, dissimulada, transforma-se no próprio simulacro de mulher que, com seus eternos olhos de ressaca reaparece como a “traição atraente”, como imagem provocadora, indecifrável, plena em si mesma. A canção de Tatit, pensada e repensada na totalidade de seus elementos, mistura formas e estilos na construção de sentidos, em seus contornos e adereços sonoros surpreendentes, ancorados numa lógica que recusa a linearidade de maneira a possibilitar múltiplas e controvertidas leituras, em linguagem instigadora a construir redes de sentidos. Essa riqueza de potencialidades interpretativas convoca os diferentes olhares e confere relevância, intensifica e atribui densidade à Capitu traduzida em música que, em certa medida, se despe de sua roupagem austera ao se apresentar furtivamente, num jogo de presença/ausência criado pela junção da melodia com o ritmo, marcadamente discreto, mas preciso, e com a harmonia, forjada a caráter a reforçar a atmosfera dissimuladora, misteriosa, com pontos de fuga e acabamentos que não fecham as frases musicais, senão abrem novos horizontes e suscitam outros complementos. Capitu, paradoxalmente, preservada em sua concepção machadiana, é também a Capitu desconstruída, relida e refeita; transcrita em nova linguagem, cuidadosamente entregue a um novo leitor que navega, simultaneamente, em todas as linguagens, indo do verbal ao visual, do sonoro ao imagético multicolorido, dos traços sóbrios à imprecisão do rascunho, experimentando a um só tempo a aspereza do mundo real circundante e a sensação diáfana do mundo virtualmente criado; do mundo de Capitu, do eterno

desterro, do que vem depois do outro que a outro precede e assim sucessivamente ad infinitum. É este, portanto, um trabalho de percorrer as estreitas e imprevisíveis trilhas da linguagem verbal literária e da musical, agregadora de outras linguagens, na infindável busca da face de Capitu.

Palavras-chave: Palavras-Chave: Capitu; Transcrição; Interartes; Música; Literatura.

ABSURDO E EXISTÊNCIA EM ALBERT CAMUS EM CONFRONTO COM O CENÁRIO DE LEANDRO GOMES DE BARROS

Mauricio Rosa Do Nascimento (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIAS)

Resumo: Desenvolver análises da literatura é sempre uma atividade complexa, por envolver conceitos e percepções distintas, sob a visão de cada abordagem. Pensando assim, propõe-se, neste estudo, discorrer a partir dos conceitos de existência e absurdo, acerca dos diversos temas relativos a esses conceitos à luz de teorias especializadas, tomando por objeto obras escolhidas de Albert Camus e Leandro Gomes de Barros, considerando aquilo que os aproxima, embora se saiba da distância em termos físicos e culturais que os separa. Assim, nesta investigação, parte-se da vida de Albert Camus, como experimentação existencial, destacando sua noção de existência e absurdo, bem como ressaltando a sua presença na história, convertida em experiência de historicidade, seguindo esse mesmo mote com a vida sentida de Leandro Gomes de Barros, especificamente direcionados para a existência e o absurdo, que se revelam esteticamente em suas publicações, além de evidenciar como esses dois autores mantêm percepções similares e ao mesmo tempo distintas, no que concerne à natureza e ao sentido dos termos ‘existência’ e ‘absurdo’. Para tanto, foi desenvolvida uma revisão da teoria e da literatura que tratam da temática em epígrafe, começando pela coleta, seleção e análise de publicações sobre o tema, em livros, revistas e artigos científicos disponibilizados na rede mundial da internet, nos documentos de domínio público, em bancos de dados diversos e em mídias alternativas das mais variadas sortes. Dessa maneira, verifica-se, então, que sob o olhar de Camus, podemos vislumbrar aspectos da ligação que une o homem ao mundo, considerando como fundamento o confronto da ideia de existência e absurdo, uma vez que em seu texto temos salientadas as divergências presentes na realidade vivenciada pelos indivíduos, vivência que se mostra carregada de consequências das ações praticadas por cada um em seu universo particular e na sua interação com o mundo, tratando-se, portanto, de uma relação inversa à lógica geral de existência e absurdo. Por outro lado, na obra de Barros vemos apresentada em nível estético uma noção similar à de Camus, porém, em uma abordagem que se pode tomar como de elevado grau de comicidade, posto que os testemunhos que se nos apresentam em forma de vivências, apresentam aquelas mesmas questões notadas em Camus, contudo, levantadas como questões de teores mais implícitos e leves, no que tange à existência humana e suas vivências, o que faz com que seus textos apresentem o absurdo com uma noção mais suave do que é realmente vivenciado pelo homem cotidianamente.

Palavras-chave: Camus; Barros; Homem; Existência; Absurdo.

A MECÂNICA DA LARANJA

Naya Fideles Freitas (PUC GOIÁS)

Resumo: O reconhecimento da existência do processo de semiose visualizado pela ciência geral dos signos, a semiótica, deu origem a várias reflexões a partir do século XX, distinguindo-se em todas elas a produtividade do signo, que se estabelece em uma cadeia de significantes. Questões como a organização dos códigos e a criação de idioletos, são estudados por Eco e as noções de texto estético surgem como arrombamento do código, levando-se à observação de que o texto estético promove de forma exacerbada o processo de semiose, aumentando seu poder como produtor de sentidos. As noções de Homem como ser simbólico por natureza e, portanto,



cultural e a de semiologia como uma ciência geral dos signos no seio de uma sociedade, Saussure (s/d) adentram as produções literárias, que se fazem metalinguística e social. A literatura encaminha-se neste sentido, fazendo-se como processo e não mais como produto, e requerendo o leitor como construtor de sentidos e o texto como veículo de estímulo do processo de semiose. Toda essa produtividade textual produzirá um dialogismo que alcançará outros sistemas semióticos, incitando outras formas de linguagem a promoverem diferentes manifestações, provocando reflexões sobre transmutação de códigos, gerando o que Jakobson e Plaza chamaram de tradução intersemiótica. É dentro deste quadro de reflexões que surge a narrativa "Laranja Mecânica" de Anthony Burgess e, posteriormente, a tradução intersemiótica, fílmica "A Laranja Mecânica" de Stanley Kubrick. Nelas, as questões da língua estão postas de maneira frontal, como construção de código; a organização das categorias narrativas são postas de forma a promover um processo de semiose tal que adentram, por essa construção, a questão sócio cultural. A linguagem se performatiza, de maneira a desnudá-la como veículo de manipulação e controle da semiose enquanto ideologia. O objetivo desta investigação encaminha-se no sentido de verificar como as narrativas literária e fílmica se organizam de forma a produzirem o processo de semiose a partir dessa organização mesma e em que ponto as linguagens, a partir de seus diferentes significantes se encontram na mesma forma de produção de semiose.

Palavras-chave: Semiótica; tradução intersemiótica; narrativa.

18/07 (MANHÃ)

A FAZENDA MODERNISTA DE FERNANDO PIERUCCETTI

Marcelino Rodrigues da Silva (UFMG)

Resumo: Conhecido pelo pseudônimo “Mangabeira”, Fernando Pieruccetti foi o responsável pela criação das famosas mascotes dos principais clubes de futebol de Belo Horizonte e do interior mineiro, em charges publicadas nos jornais da capital do estado, a partir de meados da década de 1940: o Galo para o Atlético, a Raposa para o Cruzeiro, o Coelho para o América etc. Seu trabalho como chargista esportivo teve grande repercussão na vida esportiva da cidade, do estado e do país, incorporando-se ao imaginário popular e sendo amplamente reiterado pela mídia, pelos próprios clubes e por suas torcidas. Pouco se sabe e pouco se refletiu, no entanto, sobre a criação, as significações e as razões da permanência dos bichos de Mangabeira na memória coletiva. Pouco se sabe, também, sobre a trajetória e o trabalho de Pieruccetti como artista, jornalista e escritor, precursor do Modernismo nas artes plásticas de Belo Horizonte e premiado no Salão do Bar Brasil de 1936, evento que teve grande importância para a renovação do cenário artístico mineiro. A partir de uma extensa pesquisa biográfica sobre esse artista, realizada em estágio pós-doutoral que acabo de finalizar, o que pretendo nesta comunicação é mostrar de que modo suas criações para o jornalismo esportivo dialogam com as tendências artísticas de seu tempo, especialmente o Movimento Modernista, evidenciando as conexões entre nossa cultura esportiva e as concepções estéticas e projetos político-culturais gestados no campo da literatura e das artes. Trata-se, portanto, de um esforço que visa, ao mesmo tempo, explorar um pouco a vocação cultural do Movimento Modernista brasileiro bem como contribuir para o debate mais amplo sobre as relações entre literatura, arte e cultura.

Palavras-chave: futebol; charge; Modernismo

A ESPACIALIDADE COMO UNIDADE NARRATIVA EM A HORA DOS RUMINANTES, DE JOSÉ J. VEIGA

Paula Apoliane de Padua Soares Carvalho (Pontifícia Universidade Católica de Goiás)



Resumo: Neste estudo, se propõe a analisar as representações de espaço, como unidade narrativa, na obra *A Hora dos Ruminantes*, romance que, de maneira peculiar, apresenta expressividade discursiva perceptível pelas imagens que alimentam o imaginário do leitor, provocando o estranhamento próprio do absurdo, do grotesco manifestos no mágico fantástico. Nessa obra, ao (re)criar os espaços, o narrador traduz, o mundo Manarairema, dando-lhes ‘voz’, que ecoa ao nas ideias constituintes de um enredo, uma voz narrante, dando vida a outros espaços, levando o leitor a se deslocar de espaços reais para outros espaços, imaginários, legitimadores de toda a narrativa. A obra em epígrafe se constitui valendo-se sobre essas bases narrativas e assim proporciona ao leitor a condição para o deslocamento dentro do próprio espaço do texto, sem se preocupar com a veracidade da história ou com a estabilidade da natureza circundante. Nesse viés teremos, então, o espaço como elemento viabilizador da história na narrativa, o narrador retirando o indivíduo do seu espaço físico, da sua comunidade originária e filiando-o ao outro espaço social utilizando do código literário. É a busca pelo espaço-nação, é viver uma nacionalidade distante da sua comunidade, uma força narrativa, conforme salienta Hommi Bhabha (1998) em função da força social. A historicidade se torna mais latente que a historiografia, evidenciando características que determinam esses espaços e tempos, atribuindo à obra um efeito estético por meio da transcrição que eleva a obra ao nível artístico representativo, do ponto de vista da estrutura narrativa. Os personagens são descritos como sujeitos da história narrativa, ocupando vários espaços sociais, tornando-se seres híbridos que trazem consigo resquícios de toda uma cultura, rastros de outras culturas. Esse romance apresenta, em essência, características pluriestilística, plurilíngua e plurivocal. Percebemos ser essa uma prática peculiar em José J. Veiga, assim como em outros autores contemporâneos que, pela fabulação traduzem o universo tangível em vários outros imaginários dentro de sua espacialidade metaforicamente. Nota-se que Veiga traz à literatura outras formas de perceber o texto narrativo literário, em que as unidades narrativas se constituem a partir de cada fato e acontecimento narrados em espaços distintos. A espacialidade é evidenciada como o locus, no qual o narrador descreve os personagens que a todo instante se encontram em conflito interno e externo, no meio em que foram deslocados, havendo, assim, um desarraigamento social, constituído a favor da narrativa. A intensidade da inquietação vivida pelos personagens, nos espaços identificados na obra, é o elemento que permeia e nutre o romance, fazendo deste uma representação, como modo narrativo da condição humana, identificando, hoje, o leitor da hipermodernidade, que vive numa constante e árdua busca do seu local de pertencimento, físico, social e político, fomentado pela condição de ter.

Palavras-chave: Espacialidade; Narratividade; Deslocamento

APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS EM A HORA DOS RUMINANTES E A REVOLUÇÃO DOS BICHOS

Simone Maria de Almeida (PUC Pontifícia Universitária Católica de Goiás)

Resumo: Investiga-se, neste trabalho, as relações de linguagem presentes nos sistemas romanescos e fílmicos em George Orwell e José J. Veiga. Nosso objeto é o romance “A hora dos ruminantes” e “Animal Farm”, (A revolução dos bichos) Levando-se em conta as aproximações e os distanciamentos, do ponto de vista da literatura fantástica. Para tal análise, recorremos a teóricos como: Tzvetan Todorov, Roland Barthes, Júlio Plaza, Lawrence Venuti, dentre outros. Desse modo, nossa pesquisa visa contribuir para a fortuna crítica sobre estes dois autores: José J. Veiga, *A hora dos ruminantes* e George Orwell, *A revolução dos bichos*, uma vez que, não obstante serem oriundos de realidades tão distintas e tenham produzidos seus textos a partir de motivações específicas estes, dialogam, tanto do ponto de vista temático quando em suas visões de mundo ou ainda e, principalmente, na escritura, como urdidura composicional. O estudo comparatístico entre os dois textos, ricos em alegorias, possibilitará uma reflexão acerca das tensões e das mudanças que o mundo ocidental vem experimentando desde os anos de 1940 à atual situação mundial. Desse modo, a literatura fantástica nos dará conhecer, por meio da



sutiliza de sua escritura, uma realidade provocadora do autoconhecimento analítico e reflexivo. A metodologia adotada dará centralidade à intersemiótica que, partindo do universo dos signos, poder-se-á compreender a magnitude das várias formas de manifestação desses sinais, dentro da narrativa. Por meio dessa análise, espera-se alcançar resultados que possam elucidar hipóteses que somente são plausíveis na esfera da linguagem artístico-literária; hipóteses que trazem à luz, na relação com a vida vivida, os mais diversos sentidos da vida criada, sentida. Esta pesquisa será de caráter multidisciplinar, reconhecida a importância do diálogo entre os estudos literários com as ciências do pensamento, considerando a possibilidade de se buscar a integralidade das visões de mundo evocadas obras literárias, levando-se em conta tanto os fatores externos quanto os internos. Assim, a partir das estruturas construtivas acessar a dimensão virtual que torna cada obra peculiar e independente, ao mesmo tempo em que apresentam pontos de convergência capazes de gerar tensões e mobilizar as nossas consciências, revolucionando com isso o mundo de cada um. Dessa forma, interroga-se sobre as contribuições de obras brasileiras, em específico, escritas em Goiás: A hora dos ruminantes, de José J. Veiga, dentro do contexto da crítica contemporânea, e como ela e muitas outras se relacionam com obras internacionais, com destaque para A revolução dos bichos, de George Orwell, amparados nos princípios da crítica que investiga os movimentos da transcrição.

Palavras-chave: literatura; crítica; intersemiótica; reflexões.

A POÉTICA DE WALT WHITMAN E CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Rosângela Soares de Almeida Ribeiro (PUC GOIÁS)

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo fazer uma comparação das poesias de Whitman Walt no livro Folhas de Relva e de Carlos Drummond de Andrade no livro A Rosa do Povo. Fazendo um estudo com as poesias de ambos comparados à grandeza universal e atemporal das obras whitmanianas e drummondianas. Os poemas de Whitman apresentam com uma gama de temas, como aspectos sociais, culturais, econômicos da vida referentes à sociedade em que ele vivenciou. Drummond desenvolveu nas suas poesias o caráter existencial, a vida cotidiana, a tecnologia. Whitman e Drummond apresentam aproximações distintas, mas tratando dos seus textos eles se aproximam pelas múltiplas abordagens temáticas de tipologia distintas e da grande contemplação que ambos tinham pela vida, a natureza e as pessoas. Ambos foram grandes na arte de observar e de versificar, leitores que foram do universo das coisas e do mundo interior do ser humano. O mergulho na poesia desses dois autores nos leva a conhecer de perto esse incalculável mundo poético e a relevância que existe em suas obras, apresentando-se de forma aparentemente simples, mas que conseguem unir em uma só expressão o reflexivo e o satírico. Neste contexto eles deram formas e universalidades as suas poesias. Buscam-se também nas suas escrituras, os elementos temáticos que trazem a tona todo o pensamento produzido pela geração de que ambos fizeram parte, sem, contudo, ignorar o passado que lhe servira de matéria poética, na construção de novos rumos da poesia de novos tempos. Estudar Whitman e Drummond acresce a cada novo poema a magnitude de seus pensamentos junto a uma nação que ambos ante ao seu tempo deixaram uma mensagem tanto de amor pela família, amigos e no que se refere à crítica à política aos governantes ou algo que eles pressentiam que poderiam acontecer. Os estudos da Literatura contribuem, de forma significativa para as transformações observáveis no âmbito social e para a cidadania, uma vez que estes podem propiciar ao estudioso a possibilidade de alcançar a emancipação como leitor crítico. Sabendo-se que estes estudos são essenciais para o desenvolvimento da educação estética, da consciência e da sensibilidade, depreende-se também que, por acionar a imaginação por meio das experiências e experimentações com a linguagem, isto favorece o acesso aos diferentes saberes, envolvendo outras culturas, povos e lugares desconhecidos, colocando em constante tensão o universo ficcional e o mundo real. Por essa razão, faz-se um estudo da relação entre a poesia de Whitman e Drummond, a da linguagem simbólica de ambos que garantem as interfaces da própria obra de arte na área da literatura. Para tanto, Walt Whitman (2012), Carlos Drummond de Andrade

(2008), Paul Ricoeur (2000), Hugo Friedrich (1991), além de outros teóricos auxiliarão na análise vigente.

Palavras-chave: Poesia; Transcrição; Drummond; Whitman

10 - AS RELAÇÕES DA PSICANÁLISE COM A LITERATURA EM SUAS ORIGENS FREUDIANAS E NOS DIAS ATUAIS

Coordenação: Prof. Dr. Pedro Heliodoro Tavares (UFSC); Prof. Dr. Tito Lívio Cruz Romão (UFC)

Resumo: Fortemente atrelada e nutrida pela Criação Literária, a Psicanálise surge na virada do século XIX para o século XX, em um contexto de ebulição marcado por mudanças, inovações, evoluções e modernizações – mas também por conflitos – nos mais diversos âmbitos da vida humana. Por conseguinte, a Psicanálise teve em seu nascedouro a presença significativa da Arte Literária. Tanto é assim que, em seu texto “*Soll die Psychoanalyse an den Universitäten gelehrt werden?*” [“A Psicanálise deve ser ensinada nas universidades?”], após mostrar os limites e incongruências no ensino da Psicanálise com o sistema acadêmico, Freud (1919) afirma que, se a Psicanálise tivesse algum lugar em seu seio, seria numa assim chamada “*Universitas Literarum*”. Diversos textos de Freud dão direta ou indiretamente testemunho de o quanto o saber necessário à Psicanálise deve muito mais à Literatura do que à própria Medicina, de onde partiu esse método clínico. Não à toa, talvez, Richard von Krafft-Ebing (*apud* Gay, 1994), um dos grandes especialistas médicos contemporâneos de Sigmund Freud, procurou destituir o valor das teorias psicanalíticas chamando-as de um “conto de fadas [*Märchen*] científico”. Na verdade, o claro tom pejorativo presente nessa crítica ganha uma conotação muito distinta em 1930, quando Freud é agraciado com o Prêmio Goethe – honraria literária concedida em Frankfurt am Main desde o ano de 1927. Ressalte-se que o célebre crítico literário suíço Walter Muschg (1930), que também era psicólogo e germanista, enalteceu Freud em seu ensaio “*Freud als Schriftsteller*” [“Freud como Escritor”], no qual lemos a emblemática afirmação de que Freud teria usurpado a palavra “sonho” do vocabulário literário, trazendo-a para o meio científico. Muitos outros grandes autores literários contemporâneos de Freud, tais como Thomas Mann, Hermann Hesse, Stefan Zweig, também deram testemunho da profunda admiração que nutriam pela prosa freudiana e por sua capacidade como escritor. Não à toa, os assim chamados casos clínicos de Freud, suas “*Krankengeschichten*”, eram lidos por seus contemporâneos como verdadeiros *romans-à-clef*. A título de ilustração, a influência de E. T. A. Hoffmann é indiscutível na elaboração da categoria do *Unheimlich* (Freud, 1919a). É verdade que alguns dos intentos iniciais do médico austríaco em aproximar sua invenção da Literatura o levaram ao questionável caminho das psicanálises de autor, mas cabe aqui ressaltar as felizes colocações em seu texto “*Der Dichter und das Phantasieren*” [“O poeta e o fantasiar”] (cf. Freud, [1908] 1982), no qual os autores literários são enaltificados como grandes colaboradores no desvendamento do psiquismo humano. Destaque-se, portanto, a importância da(s) literatura(s) de que se serviu Freud, um leitor voraz e eclético que soube recorrer ao psicologismo de autores como Shakespeare, Goethe, Schiller, Dostoiévski, dentre outros, visando a construir suas teorias psicanalíticas, como atestam Pontalis & Mango (2014) em sua obra sua *Freud com os escritores*, ou ainda Rouanet (2003) com seu detalhado estudo intitulado *Os dez amigos de Freud*, dedicado a uma dezena de autores de diferentes nacionalidades, todos da predileção do pai da Psicanálise. Como resultado da revolução causada por Freud, a mesma Psicanálise que se deixou influenciar pelo saber literário será também tema constantemente presente no universo da Criação e da Crítica Literária desde aquela época até os dias atuais. Desse modo, também havemos de observar que a convivência de Freud com alguns autores de sua época, como ocorreu, por exemplo, com Arthur Schnitzler, revela uma possibilidade de influências recíprocas. Por outro lado, no tocante à não convivência – apesar da contemporaneidade – tomemos o exemplo de Franz Kafka, coetâneo de Freud, em cujos escritos, diários e coletâneas epistolares não se encontram registros bastantes que mostrem uma influência de um sobre o

outro. De qualquer modo, o autor tcheco-judeo-alemão apresenta em suas obras fartos temas mediante os quais se vislumbra como ele se aprofundava nos meandros da psique humana. Voltando nosso olhar para o Brasil, observamos um profícuo e atualizado diálogo entre a Literatura e a Psicanálise, enquanto em outros países outras interfaces com a Filosofia, a Linguística ou até mesmo a Antropologia ou a Topologia tiveram maior repercussão. Nesta perspectiva, em nosso simpósio serão bem-vindos trabalhos que preferencialmente (mas não apenas): a) examinem as marcas do legado de Freud em obras literárias nacionais ou estrangeiras; b) perscrutem a influência da Literatura (em particular ou de modo geral) na obra de Freud; c) verifiquem e comentem criticamente o processo de tradução de obras de Freud em que as marcas literárias por ele colocadas funcionem como chave para a compreensão de contextos psicanalíticos; d) abordem obras literárias brasileiras ou estrangeiras criadas sob a ótica da Psicanálise; e) analisem e comentem obras de autores brasileiros ou estrangeiros cuja compreensão pode ser facilitada mediante a perspectiva psicanalítica; f) apontem e comentem citações literárias indiretas – ou seja, originalmente sem indicação de fontes – feitas por Freud em seus escritos; f) examinem, em traduções brasileiras, a problemática da escrita freudiana entre cientificismo e literariedade.

Referências:

- GAY, Peter. **Sigmund Freud – uma vida para nosso tempo**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- FREUD, Sigmund. Das Unheimliche. In: **Gesammelte Werke – chronologisch geordnet**. Frankfurt a M. Fischer Taschenbuch Verlag, [1919a] 1999.
- FREUD, Sigmund. Der Dichter und das Phantasieren. In: Freud, S. **Bildende Kunst und Literatur**. Studienausgabe Band X Frankfurt am M. Fischer Taschenbuch Verlag, 1982.
- FREUD, Sigmund. Soll die Psychoanalyse an der Universität gelehrt werden? In: **Gesammelte Werke – chronologisch geordnet**. Frankfurt am M. Fischer Taschenbuch Verlag, [1919] 1999.
- MUSCHG, Walter. **Freud als Schriftsteller**. Munique: Kindler Verlag, [1930] 1975.
- PONTALIS; Jean-Bertrand. MANGO, Edmundo Gómez. **Freud com os escritores**. São Paulo: Três Estrelas, 2014.
- ROUANET, Sergio Paulo. **Os dez amigos de Freud**. Vol. 1 e 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

RAÍZES LITERÁRIAS DO PENSAMENTO FREUDIANO: A FICÇÃO A SERVIÇO DE UMA VERDADE

Pedro Heliodoro Tavares (Universidade Federal de Santa Catarina)

Resumo: É de conhecimento geral o fato de que a Psicanálise como teoria e prática deriva do trabalho clínico de um médico psiquiatra atuante na Viena da virada entre os séculos XIX e XX. Mesma Viena, aliás, de Gustav Klimt, Arthur Schnitzler, Hugo von Hofmannsthal, Arnold Schoenberg entre tantos outros contemporâneos concidadãos que figuram na brilhante constelação de uma radical viragem no campo da cultura, das artes e das ciências. Nesse sentido, muito se comenta sobre o quanto o médico, cientista e pesquisador Freud pôde contar com a Literatura e o campo do Estético em geral, como uma forma de requintada exemplificação, assim como seria lícito aplicar as ideias freudianas a enredos e personagens ficcionais. Tal visão revela uma clara percepção do literário como algo que poderia florescer, perfumar ou sofisticar com seu bom gosto e requinte o duro, sólido e firme fundamento da ciência. Aplicando tal metáfora ao ideal de casamento vitoriano daqueles tempos, tratar-se-ia a literatura aí da bela e virtuosa esposa de um grandioso homem de sucesso. Mas, partindo de tal comparação, cabe aqui destacarmos que a psicanálise aprendeu e de fato surgiu justamente com a escuta desse então relegado feminino, das mulheres ditas histéricas, silenciadas quanto ao seu



desejo sexual e suas ambições como cidadãos, o que nos autoriza a perceber os primeiros psicanalistas como, muitas vezes, os seus melhores tradutores. Há quem afirme que as “históricas” foram as grandes mestras dos primeiros analistas. Logo, seguindo a ideia da literatura feminina e da ciência masculina, pretende-se com esse trabalho demonstrar que a literatura vai muito além de embelezar os textos e práticas de um grande homem de ciência, tornando-se seu mais nítido e sólido fundamento. Para além de constataremos o quanto ela se ancora no “Édipo” de Sófocles, no “Fausto” de Goethe ou o “Hamlet” de Shakespeare, por exemplo, procuraremos demonstrar com esse trabalho como o grande gatilho teórico de Freud, a grande virada de seu pensamento, que refunda todas as suas concepções sobre o subjetivo e consequentemente também revoluciona sua prática clínica, se dá, justamente, quando ele abandona a empiria positiva de sua Teoria da Sedução, segundo a qual os pacientes sofrem de fatos vivenciados, substituindo-a pela Teoria da Fantasia, que leva em conta o “a posteriori”, ou seja, o que se produz intimamente a partir da experiência. Em suma, para o sujeito, a verdade não deve ser buscada nos fatos, mas antes nas tramas das tessituras da ficção engendrada pelo desejo, pela angústia ou pela elaboração das reminiscências.

Palavras-chave: Psicanálise e Literatura; da sedução à fantasia; Freud e o ficcional

O CARÁTER *UNHEIMLICH* DA ESCRITA RUBIANA

Mariana Silva Franzim (Universidade Estadual de Londrina)

Resumo: No presente trabalho investigaremos o caráter *unheimlich* do processo de criação de Murilo Rubião. A partir da leitura do conto “Marina, a intangível” (2010) refletiremos acerca dos relatos rubianos a respeito da criação e analisaremos o conto mediado pela noção freudiana das *Unheimliche*. O insólito não configurou somente um tema dos contos do autor, mas definiu a relação de Rubião com a escrita. Ao consultar os escritos pessoais do autor presentes no Acervo dos Escritores Mineiros da UFMG, encontramos numerosos relatos demonstrando seu compromisso com a escrita e dessa com a vida. O processo de escrita e reescrita que perdurou até a morte do autor, atesta a indissociabilidade entre sua vida e escrita, assim como uma insatisfação aliada a um alto grau de responsabilidade em relação à produção. Tornada como um sacerdócio, o autor assume a criação literária como o eixo ao redor do qual todos os outros setores da sua vida orbitam. Diferente de contistas como Edgar Allan Poe e Horácio Quiroga, Rubião não constrói um tratado acerca dos métodos de criação, pois esse se apresenta até mesmo para o autor enquanto algo enigmático. Ele relata que seu processo de escrita tem início com uma angústia que o leva a escrever desordenadamente até encontrar o tema sobre o qual se fixa com dedicação monomaniaca, tornando-o tema de suas conversas e esboçando sentenças em maços de cigarros (NUNES, 1996). A obra de Rubião possui uma singularidade que dificulta sua classificação, normatização, adequação a gêneros ou a categorias pré-estabelecidas. Há algo em sua obra que resiste ao encaixe em movimentos literários conceituados historicamente. Relacionamos a singularidade da escrita rubiana com a angústia da criação que media seu método de escrita. Em 1919 Freud publica *O Inquietante* (*Das Unheimliche*), texto no qual elabora conceitos psicanalíticos a partir da análise do termo que dá título ao estudo e explora a sua relação com experiências pessoais e com a obra *O Homem da areia* (*Der Sandmann*) de E.T.A. Hoffmann. Freud inicia o texto explorando a etimologia do termo e apresenta uma variedade de significados e traduções. Em português é possível traduzir o termo como inquietante, estranho, sinistro. Para compreender o significado de *unheimlich* é necessário olhar para o seu oposto. Tirando o prefixo de negação *un*, temos a palavra *heimlich*, esta refere-se ao familiar, ao conhecido, ao secreto e oculto. *Unheimlich*, por tanto, caracteriza tudo aquilo que é não-familiar, estrangeiro, não secreto ao mesmo tempo em que é aquilo que há de mais familiar, de mais íntimo. Logo neste primeiro contato com o termo é possível notar a amplitude e ambiguidade de seus significados. O movimento de algo que era oculto e vem à tona revelando-se de forma enigmática é correlato ao que é encenado no processo de criação rubiana, atestado pela ação de Rubião em relação sua obra, de reescrita. Este movimento expõe que a

obra se apresenta estranha e enigmática ao próprio autor. A partir destas questões nos questionamos: qual seria a ameaça do Unheimliche no contexto do processo de criação rubiana?

Palavras-chave: Unheimlich; Murilo Rubião; insólito.

“RÉQUIEM PARA UM SOLITÁRIO”: MIGRAÇÕES, MELANCOLIA, EXÍLIO DE SI, ATOPIA

Carlos Augusto Magalhães (Universidade do Estado da Bahia)

Resumo: A partir, especialmente, da segunda metade do século XX, os deslocamentos espaciais e as migrações ocupam importantes lugares na literatura brasileira. Os personagens das narrativas vivenciam obstáculos que fazem com que eles, em última análise, busquem a si e à própria essência para suportar as estranhezas generalizadas, a indiferença do Outro, o isolamento, a solidão e o distanciamento da terra e cultura de origem. Para além dos trânsitos físicos e geográficos, há degredos mais incisivos e mais consistentes, pois que identificados com incidências subjetivas que interferem nos espaços mais íntimos do sujeito que vive situações de densas atopias e de exílios de si próprio. No conto “Réquiem para um solitário”, da antologia Contos do imigrante, de Samuel Rawet, o protagonista, um judeu europeu vindo para o Brasil, vivencia não só as dificuldades e o isolamento do imigrante, mas também, e principalmente, a solidão e os desafios da experiência melancólica.

Palavras-chave: melancolia; Samuel Rawet; migração; margens; alegoria.

16/07 (TARDE)

CITAÇÕES, REFERÊNCIAS E ALUSÕES A OBRAS LITERÁRIAS EM CINCO HISTÓRIAS CLÍNICAS: SIGMUND FREUD E SUA BIBLIOTECA DE BABEL DAS LITERATURAS

Tito Lívio Cruz Romão (Universidade Federal do Ceará)

Resumo: Sigmund Freud foi um voraz leitor de obras da literatura mundial, qualidade que se faz sentir em seus escritos psicanalíticos, normalmente preñes de menções a personagens, obras, autores etc. de procedências diversas. Esta comunicação tem por fim examinar a necessidade e a consistência de notas do tradutor referentes a citações, alusões diretas e/ou referências indiretas a obras literárias em cinco de suas histórias clínicas. Os exemplos a serem apresentados, contrastados e comentados provêm dos seguintes casos clínicos: a) O caso Dora; b) O pequeno Hans; c) O Homem dos Ratos; d) O Homem dos Lobos; e e) O caso Schreber. Como fundamentação teórica sobre notas do tradutor, recorrer-se-á aos seguintes autores: Genette ([1987] 2009), Nida ([1964] 2003), Rónai ([1975] 1981) e Mittmann (2003). No tocante à metodologia, a análise a ser realizada partirá, primeiramente, de uma discussão concreta sobre a utilidade de notas do tradutor a partir de exemplos extraídos das versões brasileiras – ainda em processo de acabamento – das cinco histórias clínicas supramencionadas. Mediante a apresentação dos trechos originais em alemão contrastados com as propostas de tradução em português brasileiro, serão apontados os impasses e/ou dificuldades impostos pelas inserções de temas, personagens, topoi, metáforas etc. provenientes de obras literárias, os quais suscitam a real necessidade do emprego de notas do tradutor; entende-se, portanto, que a não utilização de tais notas poderia gerar uma perda de importantes conteúdos, a que muitos dos leitores brasileiros das obras freudianas em questão deixariam de ter acesso. Assim, nesta comunicação, a apresentação das notas de rodapé propostas pelo tradutor será sempre seguida de uma discussão sobre sua utilidade visando a uma compreensão mais ampla dos trechos em questão nas respectivas versões brasileiras que em breve deverão ser publicadas. Como resultado, este trabalho deverá mostrar que, sem o emprego de determinadas notas do tradutor, alguns trechos dessas histórias clínicas que se apoiam particularmente em menções a obras literárias ficariam, em português brasileiro, pouco inteligíveis ou levariam a sérias lacunas de compreensão.

Palavras-chave: Referências a obras literárias; Freud; Histórias clínicas; Notas do tradutor; Português brasileiro.



OU SEJA, ARA: UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

Joyce Bacelar Oliveira (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Resumo: A ficção aproxima-se da experiência do inconsciente na medida em que trafega por um território não nomeado, que escapa à representação. É possível dizer que o escritor criativo busca meios de dar conta do indizível. Freud viu nesse território um acesso privilegiado à verdade psíquica e fez do escritor criativo um interlocutor, ao longo da sua obra, pois, assim como o poeta, ele queria beber “em fontes ainda não [...] acessíveis à ciência” (FREUD, [1907] 1976, p. 18). As referências literárias, no texto freudiano, muito além de servirem como exemplos ilustrativos para a sua teoria, revelam momentos de verdade do inconsciente (ASSOUN, 1996). Este trabalho se propõe a fazer uma leitura do romance Ara (2014), da escritora portuguesa Ana Luíza Amaral, por uma perspectiva psicanalítica, explorando a forma como esse território não nomeado é constituído no romance. Ara produz ressonâncias de sentidos, seja através da estrutura desordenada da narrativa, que não segue uma lógica causal nem temporal, ou por meio da sua linguagem poética, ambígua e autorreflexiva. O título também aponta para esse efeito polissêmico da narrativa. A palavra “ara”, que tanto pode ser a pedra benta sobre a qual, durante a missa, coloca-se o cálice e a hóstia, como pode ser a pedra pagã, sobre a qual se faziam sacrifícios, remete à própria ideia de construções dissonantes trazidas e problematizadas pela narradora. A personagem introduz, dentre outras imagens recorrentes ao longo do texto, a imagem dos túneis. Os túneis, ao apresentarem a escuridão, as suas fronteiras e bordejamentos, desconhecem o rio, suas margens e seu fluxo, ou seja, ignoram a passagem do tempo, mas carregam a memória vivida, ou talvez aquilo que seriam os restos, resíduos que “ecoam ressonâncias de vida”. A imagem de túneis aqui sugere uma referência ao mecanismo do inconsciente com seu aspecto atemporal. A personagem não deixa de chamar atenção para metáfora produzida a partir da leitura psicanalítica quando coloca: “Assim nos fez esse papão da psique, Segismundo adumbrado século e tal atrás” (AMARAL, 2014, p.13). Túnel aparece, acima de qualquer coisa, como lugar ambivalente de imagens e um convite à rememoração, a revisitar lugares recônditos que permanecem encobertos pela névoa do tempo que se foi. Daí a presença insistente do estranho familiar (FREUD, 1920). Há uma constante referência no romance a algo familiar que se faz presente através do caráter implacável da repetição, fazendo com que aquilo que deveria ter permanecido secreto e oculto venha à tona. Os restos que são trazidos pela narradora nas suas divagações compõem um “ideário imaginado” que também pode ser coletado nos seus sonhos. Tanto manifestações do inconsciente como a representação do divã são abordadas na narrativa a todo momento. A personagem resgata o processo onírico, no qual imagens e palavras se enovelam, contendo uma profusão de sentidos e sem sentido algum, para abordar os resíduos da memória. Os restos também sugerem o medo do aprisionamento, as asfixias de tudo no desenrolar da escrita, uma vez que a narradora é sempre impelida a revisitar algo que ficou para trás.

Palavras-chave: Ara; inconsciente; literatura; psicanálise

QUANDO O ESPÍRITO ULTRAPASSA A CARNE: A INFINDÁVEL E CEGA BELEZA DA PRIMAVERA

Lucas Leite Borba (UFPB)

Resumo: Desde a antiguidade a imagética do louco é perpetrada no meio social como uma doença, a qual indivíduos deliram em suas próprias fantasias. À imagem do imperador Calígula, de Roma, e de figuras como Dom Quixote, a loucura fora estigmatizada como uma regressão mental, e os loucos, indivíduos isentos de racionalidade. Ainda que existam casos excepcionais, em que a loucura é posta sobre outros prismas, como é o caso do príncipe Hamlet, da peça homônima de Shakespeare. Nosso trabalho aborda uma diferente visão acerca da loucura, colocando-a como o ápice da lucidez, assim como na voz do escritor Caio Fernando Abreu, o louco sabe, sabe, e ao atingir a verdade, enlouquece por não conseguir enfrentá-la. Destarte, assim como Freud (1914) ratifica, existem sujeitos que se voltam para seu uno campo egoíco,



dispersando-se do mundo exterior. Mergulhar nesse universo particular, pode ser para alguns algo patológico, e em alguns casos pode configurar-se como o mesmo, mas em parte são também modos de se viver. Nós não escolhemos como vivemos, mas a partir do que nos é imposto, das chagas e dos sofrimentos, nos moldamos e formulamos nossa estrutura psíquica. À vista disso, nossa análise terá como base no conto A imitação da rosa (1960), escrito por Clarice Lispector. Sabemos que, no que tange a estética lispectoriana, observamos uma contemplação da existência humana, e sobre os sentimentos que assolam e regozijam nossa alma. Nessa obra somos apresentados a protagonista Laura, que se vê perdida dentro de si, com a alma extrapolando o corpo, apraz-se por uma rosa, aos seus olhos, perfeita. Sua identidade se descontrói, e a moça identifica-se com a flor, ansiando sê-la. A diegese é perpetrada pela perspicácia de Lispector em dizer da alma humana, das agruras do espírito e prazeres da carne. O feminino em A imitação da rosa é marcado em seu aspecto mais vulnerável, da mulher consigo mesma, mostrando a beleza selvagem da rosa, e também seus espinhos cortantes. Destarte, sentimentos de inveja e ciúmes transbordam, enquanto a mulher desabrocha suas incongruências e desejos, tocando em sua feminilidade mais íntima. Outrossim, a fim de embasar a nossa análise, utilizaremos o aporte histórico de Foucault (1972) e os constructos teóricos de Klein (1998) e Freud (1914), a fim de analisar a personagem clariciana a partir da sua profícua lucidez, ilustrando um dos óbices da loucura. Enfeitando-nos com sua lírica, Lispector nos invoca aos escombros da alma de uma mulher, nos colocando defronte à sedução e a paixão feminina, imersas na dor e na loucura.

Palavras-chave: Clarice Lispector; Literatura; Psicanálise.

AS PULSÕES CONTORNANDO O AMOR, DE CLARICE LISPECTOR

Luciana Braga (Universidade Federal do Ceará)

Resumo: Pretende-se, nesta comunicação, analisar o conto “Amor”, presente na obra Laços de Família, publicada em 1960, de autoria de Clarice Lispector a partir da personagem principal feminina, Ana, que entra em confronto mudo com um cego que mascava chicles, de forma que a presença desse outro contribui para o desvendamento do eu perdido de Ana entre as tarefas domésticas e o cuidado com a família. Nesse conto, a partir do contato entre a personagem Ana e o cego, a protagonista percorre uma jornada de conhecimento de si mesma ao adentrar em um jardim botânico e envolver o leitor com uma descrição puramente simbólica e erótica repleta por uma “pulsão de vida” (Eros) e “de morte” (Tanatos). Pulsão é um conceito que foi mencionado por Sigmund Freud pela primeira vez em 1905 nos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, mas que foi aprofundado apenas em 1915 com a publicação de As pulsões e seus destinos. O jardim clariceano está envolto por uma pulsão de vida e de morte, ao mesmo tempo, provocando desejo e nojo na personagem. Eros é, portanto, a representação do desejo de Ana pela vida, pela continuidade que fatalmente está conectado a Tanatos, esse gosto estranho e delirante da morte. O conto de Clarice nos mostra que estamos fadados à repetição da rotina diária, a busca por uma saciedade que nunca chega. O circuito pulsional não chega ao fim e nem sempre está ligado ao prazer. Percebemos que Ana estava envolvida por uma pulsão de Tanatos que freia o comportamento da personagem constantemente, freia Eros, a não ser nas “horas perigosas”. Sabemos que as pulsões não funcionam apenas de forma biológica, não são fenômenos corporais. O erotismo também não reside apenas nos corpos, mas ultrapassa nossa condição corporal e a própria mente. A linguagem clariceana é erótica, é uma linguagem pulsional, é um circuito que não cessa, pois não se captura Eros. O desejo ultrapassa a própria condição humana. Dessa forma, pretendemos analisar a escrita desse conto a fim de compreender como os conceitos freudianos dialogam com essa narrativa do prazer e do gozo antes adormecidos na personagem. Nessa análise, utilizaremos as duas obras já citadas de Sigmund Freud, assim como a obra O Erotismo, de Georges Bataille (2017), O prazer do texto, de Roland Barthes (2015), Amor: uma história, de Simon May (2012), entre outras obras que possam contribuir efetivamente para o cumprimento do propósito deste trabalho.

Palavras-chave: Pulsão; Vida; Morte; Outro; Desejo.



11 - AUTORITARISMO, TERROR DE ESTADO E TESTEMUNHO: UM NOVO CICLO DE MEMÓRIA CULTURAL

Coordenação: Prof. Dr. Fabio Weintraub (Universidade Federal de São Carlos); Prof. Dr. Antonio de Padua Fernandes Bueno (Universidade Estadual de Campinas); Prof. Dr. Paulo Roberto de Souza Dutra (Stephen F Austin State University – Estados Unidos da América)

Resumo: Depois da redemocratização nos anos 1980, os temas da ditadura e do terror de Estado foram relativamente abandonados pela literatura brasileira, que, no entanto, apesar da censura existente, havia logrado tematizar a repressão política e o autoritarismo desde os anos 1960. Tais temas voltaram no século XXI, muitas vezes em decorrência da reflexão provocada por ações de movimentos sociais (como a Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos) que cobram a justiça e a reparação não realizadas na transição política para a democracia (a chamada justiça de transição). Como as reparações às vítimas começaram tardiamente e ainda não foram consumadas, e as punições aos agentes da repressão política nunca ocorreram no Brasil, a mobilização social se mantém neste século, quando surgem obras que lidam com o passado recente de forma bem diversa daquela da literatura produzida durante o período ditatorial.

Trata-se de um novo ciclo de memória cultural, identificado por Rebecca J. Atencio (especialmente no seu livro *“Memory’s Turn: Reckoning with Dictatorship in Brazil”*), entre outros autores. Esse ciclo pode ser reconhecido no cinema, na televisão e também na literatura no Brasil. Livros sobre anistiados (como *“Prova contrária”*, de Fernando Bonassi, de 2003), desaparecidos (como *“Aleijão”*, de Eduardo Sterzi, de 2009, e *“K. - Relato de uma Busca”*, de Bernardo Kucinski, de 2011), sobre infiltrados (como *“Cabo de guerra”*, de Ivone Benedetti, de 2016), torturadores e outros agentes da repressão (como os romances *“Aqui, no coração do inferno”*, *“O peso do coração de um homem”* e *“O amor, esse obstáculo”*, da *“Trilogia infernal”*, de Micheline Verunschik, publicada de 2016 a 2018) entraram em voga. A Comissão Nacional da Verdade, instaurada em 2012, prevista pela Lei nº 12.528, de 18 de novembro de 2011, depois de muita mobilização nacional e discussão pública, esteve entre os fatores que fomentaram esse debate de que várias obras literárias participaram.

Nestes tempos atuais, de negacionismo histórico em relação ao passado recente e aos crimes da ditadura, bem como de recrudescimento autoritário, espera-se debater neste simpósio não apenas essas obras, mas também a literatura de outros países que tenham passado por dificuldades na transição política e na superação do passado autoritário, como, por exemplo, a produção literária dos H.I.J.O.S. (*Hijos e Hijas por la Identidad y la Justicia contra el Olvido y el Silencio*, organização argentina que congrega os descendentes dos mortos e desaparecidos pelo terror de Estado) na Argentina.

O tema também suscita questões relativas à literatura de testemunho, como já salientou Márcio Seligmann-Silva no tocante ao caso do Brasil. Esse tipo de literatura nasceu na Primeira Guerra Mundial diante das graves violações de direitos humanos no conflito, e, como faz notar Philippe Mesnard, confronta-se com a mentira oficial, estreitamente ligada à violência. A literatura de testemunho pode ser verificada também nos chamados crimes da democracia, que mantêm continuidade com as graves violações de direitos humanos da ditadura. Na América Latina, configuram-se obras que trabalham com a questão dessas continuidades, como a do poeta argentino Julián Axat, que, ao tratar dos desaparecidos da ditadura, ou nas vítimas da democracia, entende o trabalho poético como um diálogo com as vozes dos mortos pela *“violência institucional”*. No Brasil, trata-se principalmente da tortura e dos desaparecimentos forçados, bem como do genocídio indígena e do genocídio da juventude negra e periférica, que vêm suscitando uma forte produção literária, inclusive nas chamadas literaturas periféricas.

Palavras-chave: Ditadura, Literatura de testemunho, Memória cultural.

Referências:



ATENCIO, Rebecca J. *Memory's Turn: Reckoning with dictatorship in Brazil*. Madison: The University of Wisconsin Press, 2014.

AXAT, Julián; REATI, Fernando. La poesía es un diálogo con los muertos... Entrevista a Julián Axat. *Avatares del Testimonio en América Latina*. Kamchatka, núm. 6, 2015, p. 865-877.

BENEDETTI, Ivone. *Cabo de guerra*. São Paulo: Boitempo, 2016

BONASSI, Fernando. *Prova contrária*. São Paulo: Objetiva, 2003.

KUCINSKI, Bernardo. K. - Relato de uma Busca. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

MESNARD, Philippe. *Témoignage em résistance*. Paris: Éditions Stock, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura como testemunho da ditadura. A Ditadura militar brasileira em dois romances: Bernardo Kucinski e Urariano Mota. In: *Introdução Crítica à Justiça de Transição na América Latina*. Série O Direito Achado na Rua, vol. 7. Brasília: UnB, 2015, pp. 164-168.

STERZI, Eduardo. *Aleijão*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

VERUNSCHK, Micheline. *Aqui, no coração do inferno*. São Paulo: Patuá, 2016.

VERUNSCHK, Micheline. *O peso do coração de um homem*. São Paulo: Patuá, 2017.

VERUNSCHK, Micheline. *O amor, esse obstáculo*. São Paulo: Patuá, 2018.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

REFLEXÕES ACERCA DE DOIS POEMAS DE ANNA AKHMÁTOVA E SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Pauliany Carla Martins (Universidade Federal de Goiás)

Resumo: A chamada “literatura de testemunho” ganhou bastante notoriedade no final do século XX e início do XXI. Por se tratar de uma nova faceta literária que questiona os limites da própria literatura e também da história, muitos estudiosos têm se voltado para a pesquisa em torno do testemunho. Na metade final do século XX, vive-se uma necessidade de olhar para aqueles que até então não tiveram as suas vozes ouvidas pela história e representadas pela literatura. O testemunho ganha força, uma vez que há um interesse cada vez maior na história dos marginalizados da História: os “perdedores”. Negros, índios, pobres, mulheres, homossexuais, crianças e todos os outros que não figuram como os chefes e mandantes – em sua maioria homens, brancos, ricos e heterossexuais – ganham o espaço literário para contarem a História conforme a sua própria vivência. Cria-se, nesse contexto, uma versão alternativa para a chamada “história oficial”, tendo em vista que o testemunho na História torna-se também uma abordagem documental das lutas políticas, dos processos de resistência, da tirania e dominação econômica. Entretanto, os estudos sobre a literatura de testemunho têm se voltado mais para os testemunhos escritos em prosa. No que concerne à poesia, o espaço destinado ao testemunho é ainda pequeno e esta comunicação procura contribuir para os estudos do testemunho na lírica. Ademais, esta comunicação tem como objetivo específico analisar e comparar o poema “A mulher de Lot”, de Anna Akhmátova, publicado em 1924, com o poema de Sophia de Mello de Breyner Andresen intitulado “Retrato de uma princesa desconhecida”, publicado em 1972. Ambos os poemas apresentam um “teor testemunhal” (SELIGMANN-SILVA, 2005) diante dos fatos retratados, sob a perspectiva da mulher. Além do teor testemunhal, esses poemas foram escolhidos também por representarem a voz das mulheres diante de catástrofes, voz que tem sido subjugada e silenciada ao longo da história. Na Literatura, interesse maior desta comunicação, o testemunho promove uma revisão dos parâmetros canônicos do literário, tendo em vista, por exemplo, a tensão entre real e ficcional, biografia e obra. Poetas como Anna Akhmátova e Sophia de Mello Breyner Andresen promovem um novo paradigma sobre quem pode escrever poemas sobre catástrofes e guerras – na tradição patriarcal, os homens é quem podem tratar de “temas sérios”, ao passo que as mulheres deveriam tratar de “temas menores” ou menos importantes. Tendo em vista a problemática colocada pela literatura de testemunho, a

análise aqui proposta evidencia dois problemas: a dificuldade de se vincular lírica e testemunho e o espaço dado aos testemunhos das mulheres.

Palavras-chave: testemunho; lírica e testemunho; mulheres e testemunho; poesia de testemunho.

VOZES DA MEMÓRIA: A NOVA LITERATURA E A NOVA HISTÓRIA DE SVETLANA ALEKSIÉVITCH

Júlia de Campos Lucena

Resumo: Reivindicada pelo jornalismo literário, Svetlana Aleksiévitch recusa a etiqueta: “não é jornalismo, é literatura”, ela diz, “é literatura em um novo gênero, ditado pelo nosso tempo”. Esse novo gênero, elaborado consistentemente ao longo dos cinco títulos que formam o ciclo “Vozes da Utopia”, Svetlana chama de Romance de Vozes. Nas obras, ela recupera o relato de pessoas comuns, cujas memórias contam a história do que ela denomina “homo sovieticus”. São os pequenos heróis do cotidiano, aqueles cujas histórias, confrontadas com a grande narrativa do empreendimento comunista, caem no esquecimento. O romance de vozes propõe uma nova literatura para uma nova história. É a história das reminiscências de um povo que acabou, o soviético, e de um povo que sobreviveu às maiores catástrofes do século XX: governo totalitário, guerra e o mais grave acidente tecnológico do período – Tchernóbil. Svetlana, também ela uma vítima, reapropria-se do passado, arranca-o de seu conformismo histórico, recuperando o sujeito histórico e colocando-o para falar, de seu tempo, sobre suas memórias. Em termos benjaminianos, o que a autora faz é “apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”. A Grande História tolera apenas uma única memória e uma única e homogênea temporalidade: a do Grande Estado. O soviético absorveu de tal maneira essa história que colapsou junto com o sistema. Como desprender-se e mergulhar na existência separada, na memória particular? Svetlana, também uma ex-soviética, sobrevivente e testemunha, promove o que SELIGMANN (2005) chama de modelo auricular de testemunho. “Eu quero testemunhar”, diz um dos personagens de Vozes de Tchernóbil. “Isso aconteceu há dez anos e todo dia se repete comigo. [...] Não sou escritor, não saberia como contar... Mas sou testemunha.”. Este sobrevivente habita ainda a clausura do trauma. A ele, o trauma, Svetlana dá espaço, escuta centenas de testemunhos (se autointitula a “mulher-ouvido”, fazendo alusão à Flaubert, o “homem-pena”), depois senta, só, com sua memória particular, e reescreve a memória coletiva de um povo que acabou, porém ainda constitui a memória cultural dos estados que se edificam pós-URSS. Tomar posse dessa memória cultural, onde o trauma se dissimula, liberta o indivíduo das coerções da memória única. Permite que ele “tenha oportunidade de orientar-se por si só na vastidão dos espaços de memória” (ASSMANN, 2008). Pretendo, neste trabalho, refletir sobre os esforços da escritora em avaliar a experiência totalitária e a experiência da catástrofe, recuperadas a partir do desvelar das pequenas histórias omitidas pela grande História, e caracterizar o romance de vozes enquanto estética do testemunho a fim de avaliar de que modo sua obra contribui para a produção cultural em memória e para o debate revisionista que busca integrar diferentes agentes históricos no processo de reconstrução identitária de comunidades com passado traumático. Parto de leituras sobre memória cultural (Jan Assmann), trauma, barbárie e história (Walter Benjamin), testemunho (Seligmann-Silva), entre outros.

Palavras-chave: memória cultural; testemunho; trauma; União Soviética; romance de vozes

TESTEMUNHOS DO UNIVERSO CONCENTRACIONÁRIO EM JORGE SEMPRÚN E ALEKSANDR SOLZHENITSIN

João Philippe Lima

Resumo: Este trabalho tem como objetivo realizar uma análise comparativa de duas obras que abordam os universos concentracionários nazista e soviético, escritas por sobreviventes desses dos regimes totalitários: o franco-espanhol Jorge Semprún e o russo Aleksandr Solzhenitsin, respectivamente. Iniciamos com breves considerações acerca da literatura de testemunho como



gênero e seu importante papel em documentar a barbárie do século XX e por que ela é o gênero literário característico deste século por excelência, para em seguida compararmos as trajetórias de vida dos escritores, suas experiências nos campos de concentração dos respectivos regimes, como estas experiências moldaram seu fazer literário, o forte tom autobiográfico de suas literaturas e como as similaridades e diferenças entre suas experiências ajudaram a construir suas narrativas acerca dos universos concentracionários nos quais viveram, para então explicarmos os motivos da escolha dos romances a serem analisados: Um Belo Domingo, de Semprún, e Um Dia na Vida de Ivan Denisovich, de Solzhenitsin, o primeiro escolhido pela sua riqueza de detalhes elucidativos sobre o dia-a-dia no campo nazista de Buchenwald e por realizar comparações entre os regimes totalitários nazista e soviético, o segundo pela rica caracterização de um campo soviético e o impacto que exerceu dentro e fora da União Soviética no tocante a tornar de conhecimento público o sistema concentracionário soviético. Na etapa seguinte procedemos à análise comparativa propriamente dita dos romances, como eles refletem as experiências dos escritores nos campos e nos ajudam a elucidar as similaridades e diferenças entre os campos de concentração nazistas e o Gulag soviético, como suas diferenças de estilo e estrutura narrativa oferecem visões ao mesmo tempo antagônicas e complementares sobre os campos de concentração, assim como o papel que desempenham em documentar e testemunhar os horrores dos campos para seus contemporâneos e para a posteridade. O trabalho foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica, com a leitura dos romances e do suporte teórico necessário para sua análise. Conclui-se que a literatura de testemunho desempenha um papel crucial não apenas em documentar a vida nos campos, mas também de acrescentar uma camada extra de verossimilhança aos muitos relatos de sobreviventes dos mesmos, papel este que se torna cada vez mais importante quando se leva em conta que restam poucos sobreviventes capazes de dar testemunho em primeira pessoa sobre estes lugares, e que muito em breve não restará mais nenhum, fazendo da literatura de testemunho sobre estes universos a fonte mais direta possível de relatos sobre estes sistemas criados para explorar e desumanizar seus internos, bem como fontes que confrontam o negacionismo dos horrores perpetrados pelos regimes que criaram tais sistemas.

Palavras-chave: Literatura de Testemunho; Nazismo; Gulag; Campos de Concentração

FÁBULAS DE ESTADOS AUTORITÁRIOS EM PROCESSO DE DECANTAÇÃO

Danielle Ferreira Costa

Resumo: Esta pesquisa parte da concepção de texto como um sistema simbólico em constante estado de travessia, no qual assume uma carga significativa que capta as tensões, os sentimentos e os dilemas latentes da sociedade que o produz. A partir disso, defende-se o texto contemporâneo como um sistema no qual o estado de travessia encontra-se em processo de decantação que sob a ação do cientista/pesquisador, ou leitor crítico, acaba por revelar sempre novas partículas ou, conforme Walter Benjamin, "em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação" (BENJAMIN, 2006, p. 504). Dentre tais partículas, interessa neste estudo as que fazem referência a atmosfera traumática, turva e difusa que as ditaduras que eclodiram na América Latina a partir da década de 1960 imprimiram não só, na sociedade daquele período, mas também na sociedade contemporânea, como um rastro, ou um resto, que insiste em reaparecer. Nesse sentido, o percurso investigativo proposto não pretende ser um discurso sobre esse passado, ou tratá-lo como algo finito, mas abordá-lo por meio de uma reflexão crítica e apurada, na qual memória, corpo e linguagem se atravessam no tempo presente. Nesse cenário, ganham destaque as narrativas, ou fábulas: Facsímil (2014), de Alejandro Zambra, do Chile; Las cosas que perdimos en el fuego (2016), Mariana Enríquez, da Argentina; e A noite da espera (2017), de Milton Hatoum, do Brasil. Narrativas engajadas politicamente em dar voz aos que acabam por se afogarem no vórtice de violência provocado por um Estado autoritário, pois carregam a intenção de produzir katharsis da memória latino-americana dos "anos de chumbo", tida como um dos nervos da identidade latina, discutido-a como um problema político latente que ainda pode ser (re)vivido. Para tanto, serão utilizadas as



categorias do pensamento como de Narrador e Narrativa, de Walter Benjamin, Assinatura e Mal do Arquivo, de Jacques Derrida, Paisagem, de Michel Collot, Memória, de Paul Ricoeur, Escritura e Travessia, de Roland Barthes, Guinada Subjetiva, de Beatriz Sarlo; Contemporâneo e Estado de Exceção, de Giorgio AGAMBEN.

Palavras-chave: Ditadura; Narrativa contemporânea. America Latina. Memória.

HUMOR E PÓS-MEMÓRIA: O DESMONTE DO TESTEMUNHO CANÔNICO NA ARGENTINA DOS ANOS 2000

Izabel Fontes

Resumo: A literatura argentina das últimas décadas é fortemente marcada por uma releitura e crítica dos anos de violência da última ditadura cívica-militar (1976-1983), constituindo não somente uma busca por reparação social, mas também um importante processo de luto nacional coletivo pelos cerca de 40.000 desaparecidos e mortos pelo regime. No entanto, após os grandes avanços jurídicos e de visibilidade social dos movimentos pelos direitos humanos nos anos 1990, partir do início dos anos 2000, vemos surgir uma geração que começa a questionar a própria noção da memória pessoal e íntima, questionando também o caráter político e engajado da literatura, características que nortearam a produção cultural acerca dos anos de ditadura até então. Proliferaram novelas autoficcionais, em sua maioria escritas por jovens escritores que vivenciaram a ditadura quando crianças, ou somente através dos relatos de seus pais e avós. Essa construção mnemônica baseada em relatos de familiares foi o alvo de estudos da teórica americana Marianne Hirsch e recebeu o nome de pós-memória. Neste trabalho, pretendo discutir como parte desta geração se utiliza do humor, da paródia e de gêneros e mídias populares (ficção científica, quadrinhos, técnicas visuais de manipulação, jogos infantis) para trabalhar o luto de uma história familiar marcada pela violência do Estado. Autores como Mariana Eva Perez, Félix Bruzzone, Albertina Carri, Lucila Quieto e Iván Moiseeff fazem uso do riso e do absurdo para operar um desmonte da própria identidade e dos processos políticos de memória, questionando não somente seus papéis sociais como órfãos da ditadura, mas também o trabalho de luto e o dever de rememoração que marcam a sociedade argentina, ressaltando que ambos são também processos políticos excludentes e normativos. Ao tomarem distância dos domínios dos discursos oficiais da memória e do luto coletivo legitimado pelo Estado, esses autores parodiam sobretudo as posições sociais nas quais foram colocados por suas condições de herdeiros do trauma familiar. Não importa mais a reconstrução dos fatos ou a reescritura da memória oficial, tampouco o resgate de uma identidade fraturada pelo luto, mas sim o desmonte da hegemonia desses discursos patrocinados e apoiados pelo Estado, através de sua extraviação. Neste sentido, temos em dúvida a validade do imperativo da memória e os jogos políticos envolvidos nos discursos que dominam a luta pelos direitos humanos. Nestas obras, estes autores realizam seus trabalhos de luto rindo de suas condições de órfãos e de suas necessidades de autorreferencialidade.

Palavras-chave: literatura argentina contemporânea; humor; paródia; autoficção; pós-memória

16/07 (TARDE)

CAMPI EM CONFINAMENTO: HATOUM, BOLAÑO E AS INVASÕES DE UNIVERSIDADES PÚBLICAS POR REGIMES AUTORITÁRIOS

José Roberto Araújo de Godoy

Resumo: Como relatar espaços alterados pela ação de regimes autoritários, com suas práticas de ocupação territorial e controle dos corpos? Alterações que são impostas à força por um biopoder soberano, que se vale do terror para estabelecer uma nova ordem, anulando o estado de Direito? Como é possível ficcionar ou testemunhar esses atos? Dentre os efeitos do rompimento da ordem democrática sobre determinadas espacialidades urbanas, no continente latino-americano, estão formas diversas de necropolítica, "que subjugam a vida ao poder da morte" (MBEMBE, 2018), se desdobrando em várias modalidades. Dentre estas, a transformação das funções



originais de equipamentos esportivos, culturais ou educacionais em campos de extermínio, como no caso do estádio Nacional de Santiago e da antiga ESMA (Escuela de Mecanica de la Armada), em Buenos Aires; ou o confinamento e limitações de circulação em territórios como praças, parques e campi universitários. Esta segunda modalidade de alteração espacial é o centro de nossa proposta. Pretendemos analisar dois exemplos de invasões realizadas por regimes autoritários em espaços universitários da América Latina, entre o final dos anos 1960 e o começo dos anos 1970, tematizadas pela ficção nas últimas décadas: as ações coordenadas por militares brasileiros no campus da UnB, em 1972, relatadas por Milton Hatoum, em "A noite da espera" (2017), primeira parte da trilogia "O lugar mais sombrio"; e a invasão da UNAM, na Cidade do México, por tropas do governo Días Ordaz, em 1968, que culminaria no Massacre de Tlatelolco, narrada em "Amuleto" (1999), de Roberto Bolaño. Os modos de relatar o cerceamento e a violência contra os corpos, e o confinamento nos territórios, por princípio autônomos, das universidades públicas serão abordados; assim como as tensões em narrativas que tratam dessas ocupações entre o discurso ficcional e o testemunho, entendido "como mecanismo democratizante (...), modelo transversal que atravessa épocas, territórios" (ELTIT, 2017). Os espelhamentos de práticas autoritárias dos anos de chumbo, valorizadas e reatualizadas nos discursos do governo vigente no Brasil de 2019, também fazem parte de nossa argumentação.

Palavras-chave: Ditadura; Testemunho; Milton Hatoum; Roberto Bolaño; América Latina

EM BUSCA DO PASSADO: MEMÓRIA E DITADURA EM ADRIANA LISBOA E MARÍA TERESA ANDRUETTO

Renata Rocha Ribeiro

Resumo: A narrativa literária do século XXI apresenta, em suas linhas de força, uma preocupação com a representação e com a reflexão acerca de eventos históricos recentes, com atenção especial aos regimes autoritários erigidos no século XX. No contexto sul-americano, autores e autoras de países que vivenciaram o trauma de contextos ditatoriais, como Brasil e Argentina, produzem um conjunto de obras que tratam desses momentos singulares de suas histórias. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar romances que reflitam sobre as ditaduras vividas pelos dois países, de um ponto de vista posterior aos fatos. O corpus é composto por romances das escritoras Adriana Lisboa (*Os fios da memória*, de 1999) e María Teresa Andruetto (*Lengua madre*, de 2010, e *Los manchados*, de 2015). Neles, os percursos das protagonistas são construídos por reminiscências de outros discursos, sejam eles orais ou escritos. Em *Os fios da memória*, Beatriz Brasil escreve um diário em que revisita a história de seus antepassados, desde a colonização até seu presente enunciativo, que é a década de 1990. O nome de família da protagonista não é gratuito – uma metáfora da história brasileira. A ditadura militar ganha relevo na escrita da narradora quando ela conta a vida de seu avô paterno, que também escreveu um diário, e uma das tias paternas, que se envolveu no ideal da guerrilha comunista na década de 1960. Já em *Lengua madre* e *Los manchados*, a mesma personagem, Julieta, empreende uma busca pelo passado da mãe e do pai. Julieta nasceu em 1978 em um sótão onde sua mãe, Julia, havia se refugiado para evitar os perigos da ditadura, uma vez que lutara contra o regime instaurado. Em *Lengua madre*, Julieta mergulha na caixa de cartas que a mãe, recém-falecida, lhe deixa de herança. Julieta encontrará, nestes papéis, o porquê de ter sido criada pelos avós durante o último período ditatorial argentino (1976-1983). Por sua vez, em *Los manchados*, é a vez de Julieta ir à cidade de Tama e buscar o passado do pai que se exilou na Europa e com quem teve muito pouco contato. Por meio de narrações das mulheres de Tama e de um caderno de memórias de uma das moradoras da cidade, Julieta constrói a história de sua família, em paralelo com a história argentina. Desse modo, os romances selecionados podem ser confrontados segundo a composição memorialística da ditadura, em diálogo com a construção da própria identidade das personagens de acordo com os depoimentos, com os discursos que receberam. Mesclam-se as memórias individuais, familiares e coletivas. Mostra-se relevante, pois, a investigação de questões relacionadas à memória, à ditadura e ao trauma como



constitutivas de identidades, bem como ao modo como são representadas em contexto literário. Para tanto, serão considerados os pressupostos teóricos de Candau (2011), Figueiredo (2017), Gagnebin (2009), Muxel (1996), Seligmann-Silva (2003) entre outros.

Palavras-chave: Ditadura; Memória; Romance contemporâneo; Adriana Lisboa; María Teresa Andruetto

“TESTIMONIO”: HISTÓRICO DO GÊNERO NA AMÉRICA LATINA

Roberta Cristina de Oliveira Saçco

Resumo: Essa comunicação tem como objetivo principal aprofundar os debates, a nível acadêmico, em torno da terminologia da palavra testemunho e de sua recepção pela crítica literária como um gênero em si. No Brasil, destacam-se os estudos de Márcio Seligmann-Silva, professor e pesquisador da UNICAMP e importante teórico brasileiro. A obra do autor aborda o conceito de testemunho a partir de sua primeira inscrição após a Primeira Guerra Mundial e vai se construindo ao longo do século XX, o qual ele denomina século das catástrofes históricas. Nosso objetivo é pensar em conformidade com o autor que propõe o testemunho como chave para a construção de um novo pacto social. Nossa proposta é a partir dos estudos de Seligmann, cuja abordagem inicial advém da perspectiva europeia, o zeugnis, tentar entender como a concepção sobre o gênero testemunho na Europa influenciou os estudos na América Latina. O autor tem uma vasta pesquisa em termos de América Latina e Brasil, inclusive, e estabelece diferenças entre o que ocorreu na Europa e na América do Norte com o que ocorreu nos países latinoamericanos em termos de violência de Estado. Nosso objetivo é discutir o testemunho na América Latina enquanto reflexo das lutas sociais de todo continente, sobretudo nas décadas de 1960 e 1970. Esse trabalho é uma revisão de literatura cujo objetivo é reunir e sistematizar o corpus teórico que orientou os estudos sobre o testemunho na América Latina. A priori, o entrecruzamento desses conceitos nos permitirá discutir e tentar entender os aspectos do testemunho que estimulam discussão entre os críticos, no entanto, não se pretende aqui, esgotar as possibilidades e leituras desse campo teórico tão vasto à pesquisa. Dessa forma, nosso interesse é antes tudo, levantar questionamentos e ser um instrumento de reflexão.

Palavras-chave: Testimonio, violência, trauma

DIREITOS HUMANOS "PRA" QUÊ? MEMÓRIAS DA VIOLÊNCIA EM "AINDA ESTOU AQUI", DE MARCELO RUBENS PAIVA E "CARNE DE PERRA", DE FÁTIMA SIME

Yvonelio Nery Ferreira

Resumo: Nesta comunicação, realizarei uma análise comparativa e temática dos romances *Carne de perra*, da chilena Fátima Sime (2009) e *Ainda estou aqui*, do brasileiro Marcelo Rubens Paiva (2015). O tema da violência e a violação aos direitos humanos serão fios condutores de minhas análises que refletirão, a partir do fundo histórico das ditaduras militares ocorrida no Brasil e no Chile, sobre condutas praticadas pelo Estado, como a tortura, que ferem de forma contundente os preceitos da dignidade humana. A violência é uma constante nas relações que envolvem Estado, sujeitos e poder. Apresentada de variadas formas, às vezes velada, em outras explícita e, em muitos momentos, negada, a violência perpassa essas ligações sociais, seja na tentativa de manter certa ordem – aqui me refiro às políticas estatais – ou para combater determinada política de Estado – quando indivíduos procuram desconstruir tais condutas governamentais, utilizando-se de práticas de resistência. Porém, em vários episódios da história da humanidade a violência torna-se uma rotina, instituída a partir de práticas que ferem os Direitos Humanos (DH), como sequestros, torturas e assassinatos, a exemplo do que ocorria nas ditaduras militares que se abatiam sobre inúmeros países da América Latina, a partir da segunda metade do século XX, no caso específico desse artigo, Brasil e Chile. Para esse estudo comparativo e temático – referente à violência e como esta prática contraria os DH –, me reportarei a dois romances latino-americanos, a saber, *Carne de perra*, da chilena Fátima Sime (2009) e *Ainda estou aqui*, do brasileiro Marcelo Rubens Paiva (2015). As leituras acerca das marcas deixadas pela violência de estado serão o fio condutor para análises que destacarão de



que modo os regimes militares do Brasil (1964 - 1985) e do Chile (1973 - 1990), a partir de políticas de silenciamento de sujeitos, foram inegavelmente contrários ao que determina a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Nos romances em questão, é plausível estabelecer um diálogo referente à maneira a qual o Estado age sobre os sujeitos em momentos ditatoriais, retirando-lhes seus direitos básicos. Para tanto, os personagens a serem trabalhados, Rubens Paiva – no romance brasileiro – e María Rosa Santiago López – no romance chileno – são aqueles que encarnam em seus corpos as marcas deixadas pelas violências de Estado, desde sequestro, torturas e, no caso de Rubens Paiva, a morte e desaparecimento do corpo. A temática acerca da violência será o elemento que conduzirá as leituras acerca desse tempo sombrio da história do Brasil e do Chile. As representações da violência, nos dois romances, são fortes e desvelam práticas absurdas utilizadas pelos agentes das ditaduras para atingir seus objetivos ou para, simplesmente, demonstrar seu poder sobre a população. Nesse sentido, farei algumas observações sobre DH e violência, para, posteriormente, me deter a algumas análises dos romances supracitados.

Palavras-chave: Literatura latino-americana; Violência; Direitos humanos; Tortura; Ditaduras militares.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE: FAZENDEIRO DO AR DECADENTE OU SOBREVIVENTE NO INFERNO?

Fátima Ghazzaoui

Resumo: A presente comunicação pretende apresentar linhas gerais da pesquisa que está sendo desenvolvida sobre as inflexões da poesia de Carlos Drummond de Andrade no contexto histórico mundial do capitalismo tardio, do qual a ditadura militar brasileira é consequência engendrada pelo lugar periférico que ocupava o país no embate de forças políticas, econômicas e culturais do cenário mundial. Nesse sentido, pretende-se compreender como as configurações da subjetividade lírica foram atravessadas por esses materiais histórico-culturais, alterando as tensões entre eu e mundo. A inserção da nova ordem mundial na lógica da realidade local redimensionaram o poder do mundo e do sujeito lírico, dando à poesia social drummondiana características distintas da produzida anteriormente. Entretanto, parece equivocado afirmar que o poeta voltou-se à recordação, à análise e à crítica que seu passado rural lhe proporcionou (SCHWARZ, 1970) ou que não tenha se manifestado diante da opressão criada pela associação entre o capital e Estado de exceção. Os livros abordados na pesquisa são da década de 60 e início da década de 70, a saber: “Lição de coisas” (1962), “A falta que ama” (1968) e “As impurezas do branco” (1973). Situo os livros na década de 60, tendo em vista a periodização feita por Jameson, em artigo no qual ele aponta as transformações ocorridas em diversos níveis - filosófico, político, cultural e econômico. Foram mudanças ambíguas e paradoxais que alteraram, entre outras coisas, o poder de participação dos sujeitos históricos. Associado a isso o advento da cultura de massa engessou os princípios do Modernismo e fez explodir com o bombardeio de informações o signo linguístico, agora transformado em imagem esvaziada de sentido. (JAMESON, 1984). Diante desse quadro, percebe-se na composição dos três livros que pertencem à década de 60 um movimento no qual Drummond enfrenta a dissolução da linguagem verbal, o redimensionamento do sujeito e o fim dos princípios modernistas nos quais se formou. Olhar os três livros como percurso traçado em paralelo com a série memorialista “Boitempo” faz observar que essas questões estão configuradas dentro do contexto histórico da ditadura militar, que se não se faz presente explicitamente, apresenta-se ora em negativo, ora em sua face econômica e do mercado, ora nas perdas e nas derrotas das lutas de classes. Nesse sentido, o que parece estar posto neste percurso é o poder de atuação do sujeito, que reificado, vê suas forças se enfraquecerem diante de um mundo no qual seu lugar está restrito ao quadro corporativo. Do mesmo modo, a província e o espaço rural deixam de ser espaço da memória para se transformarem em mercadoria a ser explorada. O que está posto em última instância é se a representação poética sobreviverá ao esvaziamento do signo linguístico e à própria reificação da palavra. Assim como, não se sabe se o homem sobreviverá à mercantilização e reificação do

espaço. Repensar o lugar que a poesia drummondiana assume neste período é também uma reparação histórica.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade; Ditadura militar; Capitalismo tardio; Lírica dos anos 60

17/07 (MANHÃ)

NARRATIVAS AO REDOR DO PASSADO: INTERSEÇÕES ENTRE NO INTENSO AGORA E HISTÓRIA NATURAL DA DITADURA

Gabriel Fernandes de Miranda

Resumo: Diante da conjuntura atual de negação e naturalização dos crimes de Estado perpetrados durante a ditadura militar brasileira, a comunicação pretende traçar paralelos entre duas obras contemporâneas de arte brasileira que tematizam, de alguma forma, esse período. Pretendo analisar as formas de narrar o passado em duas obras do século XXI, no livro *História Natural da Ditadura*, de Teixeira Coelho, publicado em 2006 e no documentário *No Intenso Agora*, de João Moreira Salles, finalizado em 2017. Pretendo comparar os usos de narrativas tecidas a partir de fragmentos nessas duas instâncias e suas relações com uma tentativa de reaver o passado. Em especial, a comunicação tentará uma aproximação entre as obras por suas formas de desautorizar as lutas utópicas em contextos distintos do passado, na obra de Teixeira Coelho em relação à luta armada contra a ditadura e, no documentário de Salles, com a desconstrução dos esforços dos estudantes que abalaram a França em 1968. Em *História Natural da Ditadura*, o uso de fragmentos e de um narrador que se coloca ao lado do epicentro acontecimental da história se revela como estratégia para construir uma visão do passado que tenta recuperar suas tensões e potências. Apesar de o narrador insistir na necessidade de valorização do sujeito na história, o movimento geral do livro aponta para um outro caminho, justamente uma espécie de ensaio geral das formas do estado de exceção apesar dos sujeitos. Assim também o uso de imagens alheias em uma montagem unida pela presença da narração do próprio autor aparece em *No Intenso Agora* como forma ética de buscar reconstruir o passado por múltiplas perspectivas, sem no, entanto, abandonar certa dimensão subjetiva ao incluir questionamentos sobre a mão do diretor. Como Karl Erik Schollhammer argumentou em um breve artigo, *História Natural da Ditadura* se apresenta como alternativa ao paradigma do testemunho subjetivo na rememoração e na literatura, creio que seja possível dizer o mesmo sobre *No Intenso Agora*, cuja natureza ensaística propõe a produção de uma presença questionadora do passado que o figura como retalho documental. As duas obras se configuram como possibilidades de falar do passado a partir dos restos, como prega Didi-Huberman em “Casca”. Assim, ensaiarei o argumento de que o documentário e o livro parecem configurar esforços que vão um passo além da “guinada subjetiva” na rememoração do passado, utilizando-se da potência da arte em criar narrativas “ao redor” do passado, como já apontou Beatriz Sarlo. O estudo dessas duas obras pode criar, assim, aberturas para uma compreensão mais geral de formas de lidar com o passado e suas memórias.

Palavras-chave: Passado; Literatura; Cinema; Memória

SILENCIOSA VIOLÊNCIA EM "NÃO FALEI", DE BEATRIZ BRACHER

Gabriella Kelmer de Menezes Silva

RESUMO: A violência é uma marca permanente do estado brasileiro, mas o registro e a discussão pública de suas consequências não são práticas comuns à história do país. A literatura, como uma das vias que compõem a memória coletiva de uma sociedade, é uma das alternativas pelas quais pode haver o reconhecimento de outras perspectivas para além do discurso oficial. Nesse sentido, a obra *Não falei* (2017), da autora paulistana Beatriz Bracher, apresenta o ponto de vista de um linguista aposentado sobre a ditadura militar, período em que foi brutalmente torturado. Muitos anos depois, ele rememora os acontecimentos e reflete sobre sua hesitação em



elaborar os traumas através da linguagem. Investigamos o romance a partir de dois aportes teóricos complementares para o qual a narrativa em epígrafe aponta: a violência, conforme a sistematização de Seligmann-Silva (2003, 2012) e Ginzburg (1999, 2012, 2017), e o silêncio, como possível produto dessa violência, de acordo com o pensamento teórico de Holanda (1992) e Barthes (2003). Sobre a violência, a pesquisa assume o entendimento de que suceder às catástrofes significa, de certo modo, habitá-las (SELIGMANN-SILVA, 2012), sendo central a este trabalho compreender de que modo a linguagem internaliza a experiência violenta decorrente da “opressão sistemática da estrutura social, de formação autoritária” (GINZBURG, 1999, p. 122). Para além disso, buscamos identificar as consequências do impacto traumático no sujeito, ressaltando, dentre outros aspectos, a relação entre o narrador e a (ausência de) linguagem. Assim, no que corresponde à abordagem do silêncio, trazemos a perspectiva de que há um modo significativo de calar, sendo o silêncio, portanto, um signo (BARTHES, 2003) passível de interpretações, resultante, no romance analisado, de um contexto social opressivo (HOLANDA, 1992). Considerando a necessidade cada vez mais latente de preenchimento dos momentos reflexivos com discurso, a postura dissidente do protagonista da história narrada prova-se relevante, em especial se consideradas as consequências que produz tanto na estrutura do texto como em sua autoconsciência e vida social. Para analisar a obra, a pesquisa fez uso do procedimento dialético de Antonio Candido (2016), considerando, portanto, que a produção literária deve ser analisada em sua totalidade, como código linguístico capaz de trazer, à sua maneira, um conteúdo de natureza social e política.

Palavras-chave: Silêncio; Violência; Beatriz Bracher; Romance Contemporâneo.

AINDA ESTOU AQUI: ANARQUIVAMENTO E MEMÓRIA DA DITADURA BRASILEIRA

Liniane Haag Brum

Resumo: Trata-se de compreender o eu-narrativo de Marcelo Rubens Paiva em *Ainda Estou Aqui* (2015). Partimos do pressuposto de que o autor-narrador tem sua experiência inaugural com a memória enquanto ato escritural no seu livro (de estreia) que virou best-seller, *Feliz Ano Velho* (1982). Assim, para observar e ler criticamente o eu-narrativo de Marcelo na obra de 2015, é preciso, antes, entender a natureza da vinculação dessa voz com o tom vocal de *Feliz Ano Velho*: ela rememora no hoje da narração camadas de experiências vividas acerca da memória do terror de Estado há mais de vinte anos e consecutivamente. Assim, se antes (em 1982) era a ausência paterna, a saber, o desaparecimento político do deputado Rubens Paiva, em 1971, que colocava em movimento a narrativa memorialista, agora (em 2015) é a ausência de memória materna, a mãe acometida de Mal de Alzheimer, que coloca Paiva a escrever e reconfigurar o narrador de si. Enquanto que, entre as duas pontas diretamente relacionadas à identidade parental, ele mesmo – na vida e na obra – se torna pai, projetando também no filho a questão do vácuo memorial a que todo ser humano está submetido, naturalmente. Tanto em *Feliz Ano Velho* como em *Ainda Estou Aqui*, o que desperta a perscrução em torno da memória da ditadura civil militar brasileira (1964-85) é a detecção da doença ou da ausência de saúde, seja física ou mental. No livro de 1982, o acidente que imobiliza e impede de andar. No de 2015, o lapso memorial de Eunice Paiva, mãe do autor-narrador. Dois aspectos, no entanto, que fazem com que o rememorar se volte para a circunstância da captura de Rubens Paiva, “caso impressionante de desaparecimento político, pelo cinismo dos órgãos de segurança” (ARNS, 1985, p. 269). Trata-se, igualmente, do caso que tornou-se paradigmático quando o assunto é desaparecimento forçado durante a repressão operada pelo regime militar brasileiro.

Por fim, vamos demonstrar como, neste processo de construção de uma voz própria, o autor-narrador Marcelo Rubens Paiva se re-apropria do arquivo – público, privado, íntimo, institucional – para, uma vez mais, a partir da visada sob essa massa arquivada que em parte lhe era interdita até 2014 (antes do advento da Comissão Nacional da Verdade), compor um retrato do trauma que se formara na infância. Colocando em xeque, assim, o propalado vazio do arquivo arcôntico (Derrida) do regime militar. Tematizando esse vazio, “coletando as ruínas do

arquivo e reconstruindo-as de forma crítica”: criando um anarquivo (Seligmann-Silva) que coloca em cena, uma vez mais, o ainda não superado desaparecimento do deputado federal Rubens Beirodt Paiva e de uma centena de outros desaparecidos, na sua maioria, anônima.

Palavras-chave: Ainda Estou Aqui; arquivo; memória da ditadura civil-militar

DITADURA MILITAR: MEMÓRIA E HISTÓRIA

Cleia da Rocha

Resumo: Os acontecimentos políticos atuais do país, com a chegada ao poder de líderes que claramente exaltam os feitos do período militar, mesmo aqueles marcados por violência e autoritarismo, nos mostram que grande parte da população brasileira desconhece as reais significações do passado recente. Neste sentido, propomos pensar esses acontecimentos, a partir da literatura e suas relações com a memória e história do período militar pós 64. Para tanto nos debruçamos sobre dois romances contemporâneos que versam sobre o tema, utilizando para isso das memórias e experiências individuais dos autores. Trata-se de K. relato de uma busca, de Bernardo Kucinski, publicado em 2010 e O irmão alemão, de Chico Buarque, publicado em 2014. A primeira narrativa está centrada especificamente na questão dos desaparecidos políticos, enquanto a segunda traz constantes reverberações sobre o tema, já que parte do enredo situa-se nos “anos de chumbo” e também o narrador tem um irmão desaparecido. De forma mais genérica, propomos pensar, a partir da fenomenologia da memória de Ricoeur, como se dá a imbricação entre memória coletiva e individual e como essas memórias compõem ou não o discurso da história.

Palavras-chave: Literatura Contemporânea; Ditadura Militar; Memória; História.

A precarização da memória na obra de Bernardo Kucinski

Berttoni Licarião

Resumo: Se tomadas em conjunto, as obras de Bernardo Kucinski – “K. Relato de uma busca” (2011), “Você vai voltar pra mim e outros contos” (2014) e “Os visitantes” (2016) – compõem um tríptico coeso sobre a ditadura brasileira. Nessas obras, invenção, memória e autoficção confluem para a exumação de um passado traumático que permanece, ainda hoje, hesitante entre o fardo da calamidade íntima e a espera por uma justiça de transição. A partir da leitura de fragmentos dessas três obras – respectivamente, o capítulo “As ruas e os nomes”, o conto “A instalação” e a passagem “Nono visitante” – procuramos demonstrar como Kucinski sistematiza uma denúncia contra a precarização da memória coletiva, o que, em nossa análise, poderia indicar o início de um novo ciclo de memória cultural sugerido por Rebecca J. Atencio em “Memory’s Turn: Reckoning with Dictatorship in Brazil”. A leitura dos trechos em questão buscará examinar os mecanismos de esquecimento institucional denunciados por Kucinski que fazem eco ao questionamento postulado por Márcio Seligmann-Silva em “Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento”: “como a memória pode ‘lançar raízes’ em um país como o Brasil que reconhecidamente ‘não tem justiça’, onde não se incriminam os assassinos, onde os crimes são abandonados na ‘lata de lixo da história’?”

Palavras-chave: Ditadura brasileira, memória coletiva, trama, Bernardo Kucinski.

17/07 (TARDE)

A DITADURA BRASILEIRA SOB A ÓTICA DOS FILHOS: PÓS-MEMÓRIA EM JULIÁN FUKS

João Pedro Coleta da Silva

Resumo: A partir do conceito de pós-memória, desenvolvido por Marianne Hirsch, busca-se analisar a obra do escritor brasileiro Julián Fuks, observando as implicações estéticas, éticas e políticas decorrentes da perspectiva da segunda geração em relação à ditadura militar brasileira dos anos 1964-1985. Após o fim de regimes ditatoriais na América Latina no final do século XX, começaram a surgir produções literárias e cinematográficas dos chamados filhos da

ditadura, que não viveram o contexto político dos regimes autoritários, mas, por meio de um contato indireto com o evento, se propuseram a representar as perdas, traumas, desaparecimentos, torturas e também os efeitos das ditaduras no presente. Nesse contexto, propõe-se uma leitura do romance *A resistência* (2015), de Julián Fuks, levando em consideração a pós-memória, o trânsito entre Brasil e Argentina, e o emprego da primeira pessoa.

Palavras-chave: ditadura; pós-memória; Julián Fuks

FILIAÇÃO & DISSIDÊNCIA - REVISITANDO O BAÚ FAMILIAR

Carlos Eduardo Bione Sidronio de Lima

Resumo: Esta proposta de comunicação pretende analisar a tópica da filiação presente em três narrativas de autores brasileiros contemporâneos, quais sejam, Fuks, Heringer e Smanioto, a partir da tese proposta por Figueiredo (2017) de entender a literatura brasileira, do período posterior a 1964, como uma espécie de "arquivo da ditadura brasileira". Para Figueiredo, essa nova geração de escritores, do período posterior à ditadura (civil-)militar brasileira (1964-1985) - da qual fazem parte os nomes que compõem nosso corpus -, representa, com suas narrativas, um ponto de transmutação das experiências de violência vividas durante os anos da ditadura, pois, com o distanciamento temporal, analisa a autora, o relato testemunhal recorrente das gerações anteriores teria assumido formas outras de elaboração e de representação que aquele do testemunho, recorrente nas narrativas produzidas sob o calor dos fatos. Longe de ser, porém, temática inovadora no conjunto da produção literária nacional, a filiação parece-nos, entretanto, reaparecer nas narrativas contemporâneas sendo acionada por um novo dispositivo, desta vez histórico, qual seja, a memória/presença do autoritarismo estrutural do Estado brasileiro a conformar a dinâmica de construção do discurso memorial familiar. Com um corpus formado por três narrativas escritas por jovens autores da mesma geração, nascidos na década de 1980, em pleno processo de reabertura política e de redemocratização, buscaremos entender, a partir do e no corpus proposto, o sentido da questão apresentada por Kehl (2014) em prefácio ao livro "Você vai voltar pra mim e outros contos" de Kucinski (idem), qual seja, "quando termina a escrita de um trauma?". Nesse sentido, impõe-se, também, o questionamento do sentido da manutenção, ainda hoje, de uma lei de anistia imposta, à saída do regime ditatorial, apresentada como única forma possível para se alcançar uma transição "lenta, gradual e segura", mesmo que tal saída tenha atribuído status legal ao silenciamento histórico e à impunidade de crimes imprescritíveis. Esse difícil legado sócio-histórico - e junto com ele todas as consequências deixadas para as gerações seguintes -, parece-nos ser o núcleo duro trabalhado nessas narrativas. Um suposto esquecimento e um pacificado recomeço que, ao menor movimento brusco no manuseio dessas memórias, mostram toda a sua insustentabilidade. Para entendermos essa delicada dinâmica do "locus filial" na contemporânea literatura brasileira, servir-nos-emos ainda do conceito apresentado por Bernd (2016) de "transmissão transgeracional" na sua análise sobre a disfuncionalidade familiar provocada pela sucessão de heranças problemáticas, sejam elas materiais ou simbólicas, e representada com frequência na nova safra do romance nacional.

Palavras-chave: Filiação; Memória; Autoritarismo; Violência

VOLTO SEMANA QUE VEM": A INSISTÊNCIA DO DESEJO DE VIDA NO NOVO CICLO DE MEMÓRIA CULTURAL BRASILEIRA

Luciana Paiva Coronel

Resumo: Publicado em 2015, *Volto semana que vem*, de Maria Pilla, compõe este esforço de recuperação da memória dos anos de chumbo brasileiros dentro de um cenário posterior à transição para a democracia, que foi reinstaurada no país sem que os crimes cometidos pelos agentes do Estado ditatorial tenham sido investigados e punidos. A sombra desta impunidade ofusca os horizontes e as perspectivas de futuro da sociedade brasileira, que não soube defrontar-se com o horror dos métodos com que a repressão logrou vencer a resistência criada ao arbítrio, tanto no campo quanto nas cidades. A narrativa caleidoscópica de Maria, militante



revolucionária no Brasil e na Argentina nos anos 70 e posteriormente exilada na França, pode ser considerada exemplo do que Michael Pollak (1989) chama “memórias subterrâneas”, escritos de segmentos derrotados que, quando alcançam o espaço público, criam um campo de batalha no terreno da ‘memória oficial’ da Nação. Intenta-se analisar o modo peculiar através do qual essa memória é ativada pela instância narrativa no texto, “sem adjetivar o horror exposto ou a dor vivida” (José Almino, in Pilla, 2015), mas envolvendo com pudor vigilante a tessitura de seu testemunho no sentido de torná-lo construção literária. A enunciação em primeira pessoa evoca o passado a partir de espaços e tempos diversos, acionados pelo fio condutor do afeto e caracterizados pelas referências culturais de cada momento, como filmes, músicas, comidas e bebidas. Para deslindar o fio da memória, é preciso “remendar os esgarçamentos do medo”, reconhece a narradora, fugindo o tempo todo do tom confessional, e adotando formas poéticas para tornar públicas dores tão íntimas, como a da tortura, que surge plasmada dentro de um pesadelo com cobertas sujas e “pés manchados de sangue e estrangulados pela corda.” Um tom sensorial invade seguidamente o texto, no qual, na condição de presa, refém da ditadura argentina, a personagem “temperava a espera” e a militante angustiada, ao decidir exilar-se, mistura todos os sentimentos de perda que lhe vem, “numa sublime torta de amêndoas”, que devora com voracidade. Volto semana que vem revela um olhar inequivocamente feminino às brutalidades da história, insistindo na pulsão de vida contra tudo que se lhe opõe, o que comparece no gesto coletivo das presas de descosturar uniformes para garantir individualidades no cárcere, no ato de fazer tartarugas de porcelana com pãezinhos e braceletes com pedaços de osso de costela sobrados do jantar. Polidos com pasta de dente, estes alimentam a vaidade exigente das mulheres encarceradas com o arremedo de um marfim. “Na memória do testemunho, a presença do estético pode cumprir um papel ético” (GINZBURG, 2003), e é disso que se trata neste romance, pontuado de criações que se elaboram a partir de materiais precários e de momentos fugazes, nos quais se afirma que a vida pode mais do que a morte e que a narradora lutou para sobreviver, entre outras razões, para ter acesso à beleza e ao encanto de coisas simples como paineiras, “com seus vestidos de flores rosadas”, que “formavam arabescos nos pátios de terra batida.”

Palavras-chave: Ditadura; Literatura de testemunho; Memória cultural.

VIOLÊNCIA E MEMÓRIA EM "A MANCHA", DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO: O SOBREVIVENTE E AS MARCAS DA DITADURA

Vanderléia de Andrade Haiski e Lizandro Carlos Calegari

Resumo: As ditaduras que se instauraram na América Latina e a base repressiva que o Estado assumiu trouxeram um componente notável, a saber, a violência. Apenas no Brasil, estima-se que aproximadamente 120 mil pessoas passaram pelas prisões, das quais cerca de 40 mil sofreram os mais diversos tipos de tortura (ALMEIDA, 2007, p. 360). A violência e a tortura, em seus diferentes níveis e técnicas de crueldade, destruíram a identidade e as convicções dos indivíduos, deixando marcas que os acompanharam ao longo da vida. A propósito, a tortura tem sido apontada como um dos elementos mais presentes na memória dos prisioneiros dos regimes ditatoriais. A literatura, em suas diferentes formas, seja documental, testemunhal ou ficcional, serve como um elemento de denúncia e reflexão sobre um período histórico que ainda se mantém obscuro e sem a devida abordagem na atualidade. Nesse sentido, este estudo tem por objetivo analisar o conto "A mancha" (2004), de Luis Fernando Veríssimo, e, através do protagonista, verificar como se dá a representação de elementos como a violência, a tortura e a memória de um sobrevivente da ditadura civil-militar brasileira. O protagonista do conto, Rogério, envolveu-se com questões políticas, foi preso e torturado durante o regime militar e partiu para o exílio. Ao voltar, enriqueceu se dedicando ao ramo imobiliário. No entanto, ao visitar um prédio que pretendia comprar, Rogério vê uma mancha de sangue que lhe impõe uma tarefa paradoxal: lembrar e ao mesmo tempo livrar-se da memória dos anos da ditadura. As narrativas do protagonista Rogério, as quais serão analisadas detalhadamente, possuem características singulares dos sobreviventes de eventos violentos, os quais sentem a necessidade



de reorganizar as memórias e externalizar a experiência traumática. Além disso, é possível verificar outros aspectos marcantes na constituição do sobrevivente da ditadura militar, envolvendo o protagonista e demais personagens da obra ficcional, como a tentativa de repressão das memórias, a falta de um ouvinte adequado para narrar a sua experiência e o silenciamento e desconhecimento de parte da sociedade sobre os fatos históricos. Para se constituir como sujeito e elaborar uma narrativa, a memória assume um papel fundamental para o sobrevivente, pois é através dela que ele encontra a possibilidade de reconstituir e de reelaborar as experiências passadas. Sem a memória, não há como o sobrevivente se constituir historicamente, pois ela é “evidência de continuidade” (HARTMAN, 2000, p. 223) e possibilita ao indivíduo traumatizado resgatar o seu passado. Nessa perspectiva, o passado não é sinônimo do que ficou para trás, ao contrário, é como uma ferida aberta na memória daqueles que passaram (ou para aqueles cuja experiência foi transmitida) por prisões, torturas, exílio e todo tipo de crueldade manifestada nos período ditatorial. Assim, é necessário situar as teorias do trauma e da memória na sociedade contemporânea e os eventos passados e presentes que a constituem. O estudo é de base bibliográfica, e as contribuições teóricas de Sigmund Freud, Geoffrey Hartman, Néstor Braunstein, Marcelo N. Viñar e Márcio Seligmann-Silva servem de suporte para essa pesquisa.

Palavras-chave: Violência; Memória; Ditadura; Literatura; Ficção.

TORTURA E METALINGUAGEM: SOBRE A POESIA RECENTE DE PAULO FERRAZ

Fabio Weintraub

Resumo: Em seu mais recente livro de poemas, *Vícios de imanência* (São Paulo: Dobradura Editorial/ Selo Sebastião Grifo, 2018), Paulo Ferraz, escritor mato-grossense radicado em São Paulo, abre o volume com uma seção chamada *Para não esquecer*, dentro da qual há também uma série numerada de poemas com esse mesmo título (“*Para não esquecer nº 1, 2, 3...*”). Os poemas da série numerada são introduzidos por dedicatórias e contradedicatórias, opondo vítimas como Frei Tito, um dos muitos religiosos atingidos pela ditadura militar, e o sindicalista Manoel Fiel Filho, a uma galeria de algozes composta por figuras como o general Médici, o delegado Sérgio Paranhos Fleury, coronel Erasmo Dias, Cabo Anselmo, general Newton Cruz, entre outros nomes. Ressalta nesses poemas o propósito de revisitar a história recente do Brasil e da América Latina, sobretudo a história dos crimes cometidos durante a ditadura militar, numa esforço de desarquivamento do horror. “Um país se faz com o rapto da memória/ com a absolvição sem sentença, quando todos os canalhas voltam pra casa sem/ dor e sem culpa [...]”, lê-se em “*Para não esquecer nº 4*”. A tortura e o assassinato de civis, o genocídio indígena (tematizado em dois poemas, sobre a morte dos índios Panará e do líder mapuche Matías Catrileo, no Chile) e a violência contra mulheres grávidas são alguns exemplos de grave violação dos direitos humanos abordados pelos poemas de Ferraz, cujo arco histórico se estende até o tempo presente, revelando a permanência da lógica autoritária em tempos formalmente democráticos. No entanto, o maior interesse desse “desarquivamento” se prende à articulação entre memória do terror e o diálogo com o legado da poesia brasileira novecentista. Assim é que o poema para o general Médici começa com uma paródia ao “Poema de sete faces” de Drummond: “Quando eu nasci um diabo verde-oliva veio me ver”. De modo semelhante, o massacre promovido no Pará, durante o governo Temer, contra dez sem-terra é ironicamente apresentado sob a forma de sucessivas transformações da frase “levaram os corpos e trouxeram carniça”, extraída de uma notícia sobre a chacina, lançando mão de procedimentos que vão do verso metrificado à poesia visual, em “*Poemas não escritos sobre Pau d’Arco*”. À luz das teorias sobre literatura de testemunho (Mesnard, 2007; Seligmann-Silva, 2015), a presente comunicação almeja rastrear mais em detalhe tal uso da metalinguagem como estratégia de figuração da violência e testemunho do horror nos poemas de *Para não esquecer*.

Palavras-chave: Palavras-chave: Paulo Ferraz; poesia brasileira contemporânea; ditadura militar; literatura de testemunho.

A DITADURA MILITAR BRASILEIRA, MIGRAÇÕES E JUSTIÇA NA OBRA DE ADRIANA LISBOA, BERNARDO KUCINSKI E MICHELINY VERUNSCHK

Antonio de Padua Fernandes Bueno

Antonio de Padua Fernandes Bueno (Universidade Estadual de

Campinas)

Resumo: No século XXI, um novo ciclo de memória cultural na literatura brasileira começou com o retorno das temáticas relacionadas à ditadura militar no Brasil (1964-1985), que haviam sido postas de lado depois dos anos 1980 (Atencio, 2014). Bernardo Kucinski, um dos autores proeminentes deste novo ciclo, a partir de “K. - Relato de uma Busca” (2011), relativo à busca dos desaparecidos políticos Ana Rosa Kucinski e Wilson Silva, chegou ainda recentemente a lamentar a “diminuta estante da ficção ambientada nos anos de chumbo” (Kucinski, 2016). A década de 1980, deve-se notar, assistiu também à emergência de romances que buscavam “repensar o patrimônio cultural brasileiro a partir do tema da imigração” (Tonus, 2007), como a obra de Milton Hatoum. Tendo em vista o número de banidos e exilados gerados pela ditadura (Comissão Nacional da Verdade, 2014), bem como a literatura de exílio que foi produzida ainda nessa época, seria de esperar que o novo ciclo de memória cultural buscasse repensar as migrações e deslocamentos internos causados pelo regime autoritário, questões que ainda não foram resolvidas no campo da justiça de transição. Este campo é aqui entendido como o enfrentamento do legado autoritário e da punição das graves violações de direitos humanos cometidas pela ditadura (Organização das Nações Unidas, 2006), e que foram brutalmente assinaladas, no tocante aos exílios e banimentos de opositores políticos, no slogan “Brasil: amei-o, ou deixe-o”, criado durante o governo do General Médici, e significativamente retomado pelas forças antidemocráticas da sociedade brasileira contemporânea. Com efeito, alguns autores da literatura deste novo ciclo de memória cultural trataram das repercussões da ditadura no campo das migrações e deslocamentos de populações. Para esta comunicação, foram escolhidos para análise: a) Adriana Lisboa, com seu romance “Ouro sobre azul” (2010), que narra a história de uma jovem que perde a mãe e volta para os Estados Unidos em busca de seu pai biológico e é acolhida pelo ex-marido da mãe, que foi guerrilheiro no Araguaia; b) Bernardo Kucinski e seu livro de contos “Você vai voltar para mim” (2014), no qual alguns contos tratam do exílio de brasileiros e da atuação de militantes estrangeiros; c) Micheline Verunschik, com sua “Trilogia infernal” (2016-2018), composta pelos romances “Aqui, no coração do inferno”, “O peso do coração de um homem” e “O amor, esse obstáculo”, em que o deslocamento interno, de Santana do Mato Verde ao Rio de Janeiro, relaciona-se às próprias possibilidades de alguma realização da justiça relativa à transição política.

Palavras-chave: Ditadura militar; Justiça de transição; Adriana Lisboa; Bernardo Kucinski; Micheline Verunschik

13 - CÂNONE E VISIBILIDADE: O QUE PRECISA SER (RE)VISTO NA LITERATURA?

Coordenação: Prof.^a Fabiana Bazilio Farias (UNIGRANRIO); Prof.^a Juliana Carvalho de Araújo de Barros (UNIP- Brasília); Prof.^a Luciana Barbosa Reis (IFRJ)

Resumo: A palavra “cânone” vem da do grego kanón que faz referência a uma espécie de vara que servia como unidade de medida. Logo, quando falamos de cânone na literatura estamos nos referindo a um grupo de obras que são valorizadas de acordo com parâmetros pré-estabelecidos. Conhecemos os livros que fazem parte do cânone como “clássicos”, livros que não devemos deixar de ler para entender a História da Literatura do nosso país. É o que se afirma.

Um livro para ser visto como clássico precisa ter um valor estabelecido por um grupo que não está isento das influências sociais, estéticas, ideológicas, etc. Roberto Reis (2005) afirma que “a literatura tem sido uma das grandes instituições de reforço de fronteiras culturais e barreiras sociais, estabelecendo privilégios e recalques no interior da sociedade”.



A literatura, portanto, tem sido um ambiente de disputa de diferentes grupos sociais que buscam a voz em primeira pessoa que durante muito tempo foi mediada por outras falas distantes de sua realidade. São vozes que interferem no *status quo* e causam atravessamentos que têm levado os estudos críticos a repensarem continuamente, ao longo do tempo, os espaços e as trajetórias canônicas da literatura.

Para citar um exemplo, durante um longo período, as escritoras brasileiras permaneceram, em sua maioria, na invisibilidade, ausentes da historiografia literária e raramente citadas pela crítica, além de terem seus nomes apagados das premiações literárias. No que se refere especificamente à exclusão de textos escritos por mulheres e sua sub-representação em textos considerados canônicos, as justificativas iam do baixo número de escritoras em relação aos homens à, até mesmo, baixa qualidade atribuída aos seus textos. Só mais ao final do século XX, graças ao trabalho das pesquisas acadêmicas e de alguns institutos culturais, foi possível o contato com obras que revelam a intensa participação feminina nas letras nacionais dos séculos passados, seja na prosa, na crônica ou na poesia.

Se a mulher tiver experiências resultantes de uma vida de escolhas próprias, não da reclusão ou repressão, mas que desconstruam o estereótipo criado para ela, o cânone da literatura e a produção de mulheres se modificará consideravelmente. De acordo com Reich, para se obter a mudança, seria necessário adotar um comportamento libertário, pois o verdadeiro prazer não pode conviver com a opressão. A massa controlada pelo sistema, dominada, domada, é condenada a insignificância, e, assim, privada de atingir graus de consciência mais autônomos. Ela é podada e impotente, e é essa impotência de pensamento criativo e crítico a preconceitos que caracteriza o homem comum. Isso se dá porque o sistema, através de seu mecanismo de controle defendeu-se previamente contra qualquer tentativa de subversão às regras em voga, e somente, através da libertação, o indivíduo poderá se tornar um ser íntegro e crítico – “Um homem não é estúpido ou inteligente: ele é livre ou não é”, denunciavam os muros parisienses dos anos 70. Ao se adotar um olhar libertário sobre si mesmo e seu lugar no mundo, desestabiliza-se a estruturas engessadas do cânone literário e revisa-se as posturas e os critérios adotados pela historiografia literária. Percebemos, assim, que há uma herança cultural que endossa e estimula uma seleção de autores pela maior aderência à ideologia e aos valores reinantes.

O Cânone, a partir de sua relação de poder, reforça a dominação eurocêntrica que pode ser vista na sua própria alcunha: “Cânone Ocidental”. Por Ocidente, inferimos uma série de exclusões que estão fora do seu campo semântico como o “oriental”, o “africano”, o indígena, etc. Dessa maneira, o cânone ocidental também estabelece um padrão para a literatura que estará ligada às classes dominantes que reafirmam os jogos políticos e sociais de poder do ocidente.

Este simpósio não pretende valorar a obra de acordo com seu comprometimento com as pautas de lutas sociais, mas, sim, expor criticamente a conjuntura de sua produção. O simpósio, dessa forma, se interessa por trabalhos que se voltem para discussões de questões relacionadas a revisão do cânone a partir do resgate de autores em seus diferentes gêneros literários dentro de uma perspectiva histórica e de análise crítica.

Referências:

BONNICI, T. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá: EDUEM, 2007.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 3ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2001.

GOLDMANN, L. **As interdependências entre a sociedade industrial e as novas formas de criação literária**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luiz. Org. **Palavras da crítica: uma introdução**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PROGRAMAÇÃO



16/07 (MANHÃ)

CÂNONE, POLÍTICA DE MEMÓRIA E MARGINALIDADE: CONSIDERAÇÕES SOBRE A INVISIBILIDADE DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

Denise Almeida Silva

Resumo: Propõe-se o questionamento da invisibilidade de textos de minorias, e particularmente de obras pertencentes ao corpus afro-brasileiro da literatura brasileira contemporânea, relacionado a posição marginal dessa obras no polissistema literário brasileiro a uma política de memória. Inicialmente, discutem-se, brevemente, os mecanismos que subjazem aos processos de inclusão e/ou exclusão no cânone majoritário, refletindo sobre as relações entre literatura e poder. Pensa-se, assim, o estudo da literatura a partir da dinâmica das relações sociais, o que implica pensar as práticas ideológicas que permeiam sua produção, recepção e difusão. Tais considerações levam ao exame da constituição do cânone: pensar significações forçadas no seio de uma cultura significa reconhecer a influência das ideologias hegemônicas que nela operam, e como a linguagem hierarquiza e engendra mecanismos de poder. Associa-se, neste trabalho, a posição marginal ocupada pela literatura negra produzida no Brasil a uma política de memória, e suas consequências para o sistema literário, especialmente frente à construção de memória altamente seletiva. Uma vez que entra em pauta, neste debate, o que deve ser lembrado e/ou esquecido, torna-se evidente que se trata de um debate indissociável do campo da memória cultural, a qual é necessariamente mediada, centrada na mídia material e nas práticas que deverão caracterizar os indivíduos de uma comunidade. Diz Roberto Reis (1992) que, se o cânone é um exemplar conjunto de obras-primas que se constituem patrimônio da humanidade, então esse conceito de humanidade é “muito fechada e restrita”, dadas as exclusões que essa hierarquia implica. Considerando-se a literatura afro-brasileira como uma dessas notórias exclusões que ainda persiste em nossa historiografia literária, livros didáticos e premiações literárias, reflete-se como e por que esse corpus literário, que incorpora temas e traços de uma subjetividade fundamentada em um sujeito étnico do discurso, implica mudanças de paradigma crítico-literário. Toma-se a obra de Conceição Evaristo como exemplar, em seus temas e ponto de vista, dessa vertente de nossas letras. Justifica-se a escolha dessa autora por ser romancista, contista, poetisa e crítica literária já com reputação bastante sólida no Brasil e exterior. A partir de seus textos discute-se em que medida a invisibilidade atribuída a obras como as produzida pela autora, que rejeitam teorias estéticas e visões de mundo distintas das da população hegemônica, poderia estar ligada não só a uma deliberada política de memória como a um confronto com a memória dominante (e a identidade dela decorrente), e, conseqüentemente, distante do horizonte de expectativas de editoras e leitores que a cultivam.

Palavras-chave: Cânone; Invisibilidade; Literatura afro-brasileira

OS NOVOS MARGINAIS: POESIA E SLAM NO RIO DE JANEIRO

Fabiana Bazilio Farias

Resumo: Esta comunicação pretende abordar os novos conceitos de poesia marginal a partir da relação com a produção artística dos grupos de poetas que performam nos Slams do Rio de Janeiro. Pretende-se destacar o caráter oral dessas produções, abrindo para uma discussão sobre o espaço de resistência que a oralidade assume dentro dos estudos literários e sobre a evolução do conceito de marginal ao longo do tempo. O conceito de “literatura marginal” tem como marco, no histórico de suas discussões, a publicação em 1975 do livro 26 poetas hoje que foi organizado por Heloísa Buarque de Hollanda. No texto introdutório da obra, já é possível compreender o que Heloísa Buarque entende por “marginal” naquele período. Ao referir-se à produção poética presente na antologia, afirma: “Frente ao bloqueio sistemático das editoras, um circuito paralelo de produção e distribuição independente vai se formando e conquistando um público jovem que não se confunde com o antigo leitor de poesia” (HOLLANDA, 2007, p. 9). Nesse sentido, o termo “marginalidade”, nesta primeira acepção, está relacionado à posição

de independência frente ao mercado editorial. A esse sentido do termo “marginal”, a autora acrescenta características que aludem aos elementos intrínsecos e extrínsecos do texto literário: participação do autor nas etapas do processo de confecção e venda do livro; linguagem informal, desierarquização do espaço nobre da poesia; recusa da literatura classicizante e das vanguardas experimentais (HOLLANDA, 2007). Quase 50 anos depois do lançamento da antologia, é importante pensar algumas questões que ainda circundam o conceito de marginal do ponto de vista social e econômico atravessado ainda por questões de gênero e de raça. Essas discussões se fortalecem nesta segunda década do século XXI em que presenciamos o crescimento de uma nova geração de poetas que também se autointitulam marginais e que compõem diferentes grupos e coletivos que buscam ressignificar o lugar e o rosto da poesia marginal. Embora a pesquisadora Heloisa Buarque de Hollanda (s.d.) proponha novas terminologias para falar desse outro tipo de literatura produzida a partir do século XX como, por exemplo, “literatura de compromisso”, a produção poética do slam está conectada à sua vivência marginal cotidiana no espaço urbano. Dessa forma, serão priorizadas nessa discussão a produção poética e a crítica presente em seus depoimentos e entrevistas de alguns poetas que compõe grupos e coletivos mais representativos no Rio de Janeiro, são eles: slam das minas, slam laje e poetas favelados.

Palavras-chave: poesia; slam; marginalidade

DO FRAGMENTO À UNIDADE: POR UM NOVO MOVIMENTO DE LEITURA E CRÍTICA DE “QUARTO DE DESPEJO”

Maurício Gabriel dos Santos Nascimento

Resumo: O livro-diário “Quarto de Despejo” de Carolina de Jesus tem ganhado cada vez mais destaque na crítica literária contemporânea em função da superação de perspectivas críticas que inicialmente dedicavam atenção a elementos formais da obra a fim de deslegitimá-la enquanto literatura. Atualmente a crítica, partindo do pressuposto de que se trata de um texto literário e que deve ser analisado com tal, procura explorar outros aspectos do seu conteúdo como a favela, a fome, questões de gênero e raça e até mesmo as relações com a imprensa e o cânone literário. Dessa forma, já é possível visualizar e descrever dois movimentos de leitura e crítica acerca de “Quarto de Despejo”: o primeiro se baseia em uma leitura focada na legitimidade do texto junto a uma crítica ligada ao credenciamento literário; o segundo, em uma leitura segmentada, em função da composição do texto e da multiplicidade temática, acompanhada de uma crítica feita a partir dos temas destacados. Se a crítica ao primeiro movimento pode ser facilmente reconhecida devido à abertura proporcionada pelo segundo, o mesmo não ocorre com este, embora já se possa perceber que a perspectiva fragmentada impede de compreender a obra em seu conjunto como uma unidade em vez de um mosaico de assuntos. A presente comunicação busca uma ruptura com ambos os movimentos porque busca compreender “Quarto de Despejo” como uma unidade de forma e conteúdo. Tal perspectiva de leitura aponta uma nova direção crítica para Carolina de Jesus como Intérprete do Brasil, pois encontrar um resposta para o problema da contradição brasileira à luz da reflexão da favela na principal cidade do país é a principal intenção do livro-diário. Assim, a discussão a respeito do pertencimento da autora ao cânone se expande e se complexifica, uma vez que deixa-se de tratar de um encaixe em determinada tradição, mas sua universalização dentro do campo literário e do pensamento social brasileiro.

Palavras-chave: Carolina de Jesus; recepção literária; crítica literária; pensamento social brasileiro; cânone.

16/07 (TARDE)

IRMÃOS CAMPOS E A RECUPERAÇÃO DE SOUSÂNDRADE: O CÂNONE EM MOVIMENTO

Eliana Xavier Costa



Resumo: Em 21 de abril de 2002, o Caderno +Mais, do jornal da Folha de São Paulo, celebrava a uma nova edição de um estudo de crítica literária ReVisão de Sousândrade: “A cada 20 ou 30 anos a obra poética do maranhense Joaquim de Sousa Andrade (1832-1902), o Sousândrade, reaparece em novas edições, para logo em seguida sumir feito um cometa no ar rarefeito da literatura brasileira. Pelo menos é o que tem acontecido nos últimos cem anos”. Essa dificuldade de se constituir como cânone, além de um difuso reconhecimento das qualidades da obra de Sousândrade, vem já do século XIX, no auge da segunda geração do romantismo no Brasil. O próprio poeta afirmou em 1877: “Ouvi dizer já por duas vezes que ‘o Guesa Errante será lido cinquenta anos depois’, entristeci – decepção de quem escreve cinquenta anos antes” (CAMPOS, 2002, p.197). A quase completa ausência da obra de Sousândrade no panorama crítico brasileiro, de forma mais cônica, foi realizada apenas em 1964, ano da primeira edição de ReVisão de Sousândrade por Augusto e Haroldo de Campos e, mesmo assim, tal como explicitado pela Folha, não foi suficiente para impedir que essa discussão logo depois se esvanecesse. Entretanto, os motivos apresentados pelos irmãos Campos são pertinentes para repensar o lugar de Sousândrade na literatura nacional: compreendendo a linguagem do poeta maranhense como um trabalho em progresso, visto que foram trinta anos de escrita e reescrita em suas obras, ressaltando que seus textos desbordam do quadro do Romantismo: “o poeta sai quase inteiramente da toada comum da poetização do meio; suas ideias e linguagens tem outra estrutura” (2002, p.32). Além disso, esse intervalo de 87 anos possibilitou um resgate da obra a partir da modernidade antecipadora de seus poemas e foi, a partir dessa perspectiva, o caminho encontrado pelos também poetas concretistas a incluí-lo no cânone brasileiro. Poemas como “O inferno de Wall Street”, escrito entre os decênios de 1860, 1870, detentora de uma linguagem transgressora, caótica e fragmentada, antecipa não apenas as conquistas das vanguardas históricas, mas também imprime um diálogo com a construção poética da segunda metade do século XX e, guardada proposições, com a contemporaneidade. Tomando como ponto de partida as considerações dos irmãos Campos sobre o poeta maranhense, os objetivos dessa comunicação é discutir como o cânone está ligado às revisões críticas, não estando por si só circunscrito à configuração estética de determinada obra, e como esse trabalho crítico recuperou a obra de Sousândrade, em especial O Guesa, atribuindo novos significados ignorados por quase um século.

Palavras-chave: Sousândrade; cânone; Irmãos Campos

O GÊNERO E O CÂNONE LITERÁRIO – UMA RELAÇÃO DE PODER

Luciana Cascardo Ramos

Resumo: O presente trabalho busca refletir sobre as diversas questões que envolvem a relação entre gênero e literatura e, a partir daí, levantar os aspectos culturais, as representações sociais e o imaginário emergentes na literatura feminina contemporânea. Destacamos a importância de levantar algumas questões acerca do poder da representação e de uma maior relevância de alguns significados em relação a outros. De acordo com Kathryn Woodward (2009), as relações de poder estão intimamente relacionadas às práticas de significação e devemos ressaltar que tal relação envolve também o poder de incluir e excluir quem, ou aquilo que, deve ser incluído ou excluído. Como sinaliza Reis (1992), é certo que as relações de poder estão relacionadas às escolhas no processo de canonização de obras e escritores.

Palavras-chave: Palavras-chave: Literatura, cultura, representações sociais, estudos de gênero

Necessidade De Novos Estatutos Da Crítica: Pauliceia De Mil Dentes E Multidão

Silvanna Kelly Gomes de Oliveira

Resumo: Neste artigo, será tecida uma metacrítica desenvolvida a partir de posicionamentos de Antonio Candido (1970; 1972; 1973; 2011), em textos clássicos, nos quais ele dita os valores estéticos inerentes às obras da “alta literatura”, embora leve em consideração aspectos como a democratização da literatura. A escolha pelo teórico pauta-se no foco constante que ele recebe, muitas vezes, sem serem problematizadas suas afirmações. Assim, esses valores tradicionais



serão postos em xeque e serão rediscutidos, tendo vista que, na maioria dos casos, eles não abarcam mais a necessidade da literatura contemporânea. Desse modo, toma-se como contra-argumento os posicionamentos de Regina Dalcastagnè (2008; 2012), a qual oferece um outro panorama crítico e que aborda a literatura dos muitos ou de multidão (tanto da perspectiva dos personagens, quanto da perspectiva do narrador e dos produtores de literatura); a crítica ao estético – a literatura como distinção – por Bourdieu (1996; 2007); e, principalmente, a desaturização da obra literária como metáfora da reprodutibilidade técnica de Benjamin (1994). O intuito não é apenas dessacralizar a literatura por meio de uma crítica a Antonio Candido, mas também problematizar as abordagens da crítica literária contemporânea, pois apesar de ela trazer à luz essas produções que estão à margem e ampliar os horizontes para a multiplicidade – devido aos valores veiculados à revelia do princípio estético –, há uma tendência à desconsideração da tradição, ainda que se pondere bastante isso. Configura-se, portanto, um risco para a abertura de uma nova linha de fuga que aqui se propõe: a busca pelos substratos profundos da multidão, os quais são postos em discussão na análise de Pauliceia de mil dentes (2012), romance de Maria José Silveira – ausência de protagonismo, existência de muitas vozes, potência de personagens pobres etc –, alargando-os para a apreensão da diversidade, sem deixar de questionar os valores de hierarquização e de valor da tradição, como modo de reler produtivamente, tendo Fraser (1997), Justino (2007), entre outros, como complementaridade teórica. Para finalizar esse debate instaurado acerca da literatura de multidão de Pauliceia, Chauí (2006) lança um ponto elucidativo para a compreensão do teor desaturático da obra literária: a definição de cidadania cultural como democratização da produção de subjetividade dos sujeitos. Esta percepção, dividida sob os vieses antropológico, político, conceitual e histórico-social, se estende para o cunho literário, uma vez que defende um ponto de vista cultural democrático, visão cada vez mais pertinente à inserção da multidão na ficção. Esta última parece sentir a necessidade de ressignificações, as quais subtraíam valores restritos à estrutura como premissa do “belo”, saindo do patamar de obras meramente violentas e vazias de potência, ou que busquem apenas a denúncia social do caos citadino. As produções que são palco para as multidões precisam ser vistas não de “cima” para “baixo”, mas “de dentro”. Com esta reflexão, conclui-se o trabalho sem o intuito de delimitar as possibilidades de leitura para Pauliceia de mil dentes (2012), mas de ampliar perspectivas e de suscitar novas problematizações acerca do panorama literário contemporâneo.

Palavras-chave: Metacrítica; Cânone; Literatura contemporânea; Literatura de multidão; Pauliceia de mil dentes.

Reinaldo Moraes e Charles Bukowski – Diálogos decadentes e pornográficos à margem do Cânone

Leandro Dias Carneiro Rodrigues

Resumo: O trabalho aborda a relação da decadência, enquanto estética, sob sujeito das personagens, na narrativa pujante do escritor Reinaldo Moraes, no romance “Pornopopeia” (2006), no qual a decadência, o hedonismo e a pornografia configuram a narrativa dialógica aos dez contos reunidos em “Crônica de um amor louco”, do escritor norte-americano Charles Bukowski (1920-1994). Busca-se apontar os encontros dos textos quanto à estética dos personagens, configurada em um conjunto. O hedonismo em busca do prazer intenso. A libertinagem como liberdade de vida. Catarse. Sofrimento e o alívio – a libertinagem como liberdade das frustrações da vida e das pressões do dia-a-dia. A pornografia ou arriscamos um novo termo “pornogênese”, a gênese, o leitmotif da ação pornográfica. Bukowski empreende em Moraes um modelo, o qual, embora esteja à margem, pode ser discutido sob a gênese canônica do gênero decadente. A gênese, a como tema central do percurso pornográfico nos textos. O trabalho é ainda um ensaio, o qual significa o nascimento do pornô pela reflexão do sexo além do retrato (pornográfico). O pornográfico é libertário, o pornológico é profundo, pensado, reflexivo e necessário.

Palavras-chave: estética pornográfica; Cânone; literatura comparada



17/07 (MANHÃ)

OLÍVIO JEKUPÉ E A AUTORIA INDÍGENA

Thays Xavier Campos de Miranda

Resumo: A presente comunicação tem como objetivo analisar a autoria indígena na obra de Olívio Jekupé, a fim de apresentar contribuições acerca de uma literatura marginalizada e que, na contemporaneidade, apresenta-se como uma nova percepção do nacional e do identitário. Olívio Jekupé evidencia, em sua obra, uma ligação forte com a terra, especialmente, com os aspectos da natureza, bem como o uso da língua guarani com tradução ao português e a presença de muitas ilustrações. A esta nova modalidade de pensar a literatura o autor indígena Olívio Jekupé nomeou de Literatura Nativa uma vez que se propõe a uma nova forma de escrita a de reafirmação da identidade do autóctone. Esse novo olhar para a literatura comparece na obra do escritor por meio da utilização da língua materna, das narrativas que apresentam a tradição e da importância que as imagens e as cores assumem nas histórias. As textualidades indígenas se mostram diferenciadas uma vez que se encontram presentes multimodalidades que formam a tessitura do texto como autenticidade, coletividade, gênero, escritura pictográfica caracterizando, desta forma, seu caráter híbrido. Falar da Literatura Indígena é mergulhar em águas profundas e caudalosas, uma vez que se tem muito a descobrir desta cultura cheia de nuances e surpresas e que sofre constantes transformações. No desembarque dos portugueses no Brasil, o nativo era considerado como uma folha em branco, pronta para ser escrita por autores que procuravam representar o indígena de acordo com seu modo de ver e interpretar o mundo, influenciados por ideias europeizantes. É a partir dos séculos XX e XXI que desponta a literatura indígena ou nativa, ou seja, escrita pelo próprio indígena que tem na palavra uma arma para desfazer estereótipos criados durante séculos de enganos em relação ao povo autóctone. O exercício da autoria revela que o indígena já não se encontra alheio à sua própria história, antes narrada por antropólogos e sociólogos. Como exemplo de autoria pode-se perceber na obra de Olívio Jekupé a figuração do Saci, apresentado em confronto com a tradição, que evidencia um personagem integrado à natureza, personificando o espírito da floresta diferentemente do Saci de Monteiro Lobato. O autóctone rompe com o eurocentrismo dominante e se propõe a escrever as experiências de seu povo passadas, oralmente, pelos mais antigos. A obra de Olívio Jekupé é um exemplo desta literatura que possibilita estimular o imaginário, uma vez que recria toda a riqueza cultural que envolve o indígena, o seu amor e a grande ligação com a natureza. Para ampliar esta análise é importante recorrer a pesquisadores como Casemiro (2013), Graúna (2008), Guesse (2011), Munduruku (2012, 2014), Rosa (2014, 2016), Thiél (2007), entre outros.

Palavras-chave: Literatura indígena; Olívio Jekupé; Autoria; Saci.

LITERATURA DE CORDEL: POÉTICAS DA MOVÊNCIA POR ENTRE AS RASURAS DO CÂNONE

Fernanda Santos de Oliveira

Resumo: No âmbito desta pesquisa, pretende-se discutir sobre as rasuras provocadas no cânone da literatura brasileira a partir da produção de cordéis de autoria feminina. Para tanto, serão analisados cordéis de autoria de Jarid Arraes e de Izabel Nascimento com o intuito de reconhecer o potencial epistemológico de tais produções, suas estratégias contra a invisibilização e sua capacidade de rasurar as fronteiras do literário. Jarid Arraes, cearense, tem se destacado ao subverter a tradição do campo da literatura de cordel propondo novas perspectivas temáticas, enquanto Izabel Nascimento, sergipana, empreende diálogos entre a literatura de cordel e o ensino, com intensa atuação nas redes sociais. Entre anulações e apagamentos impostos pela tradição literária e as estratégias do (re)existir da instância autoral, seria a literatura de cordel de autoria feminina um vaga-lume que por entre narrativas moventes demanda por um novo redimensionamento do campo literário? Neste estudo, parte-se do pressuposto de que tais produções empreendem uma literatura-movente que a partir das



perspectivas de mulheres que lampejam perspectivas múltiplas promovem revisitações no campo. Por isso, a importância de verificar como esta produção posiciona-se nesse jogo de forças no qual a linguagem se constitui como uma ferramenta que pode ser usada para manutenção do modelo hegemônico ou para contrapor-se aos discursos da exclusão.

Problematizar as instâncias legitimadoras, seus discursos e critérios de valoração é primordial no trabalho com a linguagem literária pelo fato de se configurar como um possível instrumento de dominação na tentativa de impor uma hegemonia cultural a partir da negação de vozes múltiplas que lutam por espaços de legitimação social enfatizando o quanto a linguagem constitui-se como um campo de luta política. É neste sentido que este trabalho tem por objetivo propor uma abordagem da obra de Jarid Arraes e de Izabel Nascimento a partir da análise de seus cordéis com ênfase na relação entre a literatura, a cultura e o cânone. Narrativas poéticas que redimensionam as marcas da partilha de experiências a partir da tradução de subjetividades outras. A cada página virada do folheto de cordel, a luz pulsante e intermitente que rasura as fronteiras e alargam os olhares para o campo literário. A literatura de cordel de Jarid Arraes e de Izabel Nascimento apresenta uma força vibrante que a impulsiona para outros suportes e migrações artísticas, como folhetos, livros e internet. A(u)toras que se reinventam ao ficcionalizar explorando a multiplicidade do cordel, seja no âmbito social, seja no plano da narrativa. Cordéis que cintilam no presente a sobrevivência sensível de mulheres que resistiram a truculência da tradição literária, efetuando a arte do cordelizar contra as estratégias de invisibilização. A partir da análise dos repertórios imagéticos, enunciativos e expressivos presentificados nas narrativas dos cordéis, conclui-se que Jarid Arraes e Izabel Nascimento empreendem uma literatura-movente que traduz narrativas e subjetividades outras. Afinal, as armadilhas de ofuscamento impostas pela tradição literária são perversas, mas o sonho da sobrevivência das narrativas múltiplas resiste.

Palavras-chave: Literatura de cordel; Cânone; Rasuras; Visibilidade.

A DIMENSÃO ESTÉTICA EM MANIFESTAÇÕES POÉTICAS CONTEMPORÂNEAS DE POESIA FALADA

Luciana Barbosa Reis

Resumo: Esta comunicação apresenta algumas reflexões a respeito da compreensão estética das manifestações contemporâneas de poesia falada. Para tanto, serão revisitadas questões que envolvem as definições de Estética e poesia contemporâneas. A Estética, enquanto reflexão filosófica relativa à beleza e às artes, tem sido investigada desde os tratados clássicos de poética, de autores como Aristóteles, Horácio e Cícero, que se ocuparam das definições teóricas do objeto artístico, até a modernidade e contemporaneidade, em autores como Alexander Gottlieb Baumgarten e Theodor Adorno. A análise literária de produções poéticas dentro de espaços não canônicos suscita discussões referentes à dissociação entre experiência estética e engajamento político. Assim sendo, a atualização dessas questões pode contribuir para a leitura da poesia de artistas de vivências sociais diversas, em especial mulheres, que vão se apropriar da elaboração artística da palavra para ressignificação do lugar de mulheres marginalizadas.

Palavras-chave: Poesia; Estética; voz; resistência

17/07 (TARDE)

ABRE A BOCA, DEUSA: O TRANSBORDAMENTO DOS ESTADOS PULSIONAIS INCONTORNÁVEIS EM ANGELA MELIM E LAURA ERBER

Juliana Carvalho de Araujo de Barros

Resumo: Observamos, na produção poética contemporânea, uma confluência de linguagens, emaranhado de formas e temáticas sem estilos ou referências definidas. Há uma pluralidade de vozes. Quanto à presença feminina, notamos um crescimento definitivo na produção literária em relação à década anterior, quase equivalência com os homens. A presença negra também apresenta maior nitidez neste cenário. A marca identitária, afirmativa e posicional das minorias



vai permitir o desenvolvimento de novas dicções de gênero e etnia. Há também uma mudança na composição social destes poetas: número crescente de poetas provenientes de periferia ou subúrbios. Novos movimentos editoriais surgem: intensificação do movimento editorial em favelas e comunidades pobres; lançamento de publicações destes novos produtores de poesia; internet como meio de circulação da produção de minorias (mulheres, negros, grupos jovens, poetas ligados ao MST ou ao Viva Rio); surgimento de pequenas editoras, como a 7Letras, produzindo um catálogo considerável de títulos de poesia; aparecimento de novas revistas. A poesia passa a circular num espaço mais livre, mais alijada de todos os gêneros. Desvantagem que traz uma vantagem: independência em relação às pressões do mercado. As barreiras que separam a cultura alta, a de massa e a popular sofrem rápido processo de erosão. Os anos 70 já haviam desestabilizado as hierarquias no campo literário, ressemantizando-o. A poesia passa a se articular com várias mídias. A distinção entre poesia escrita, cantada e visual não se sustenta mais. A nova poesia tem uma natureza híbrida. Pretendemos, para pensar o cenário poético dos anos 2000, fazer uma leitura de Angela Melim e Laura Erber. Apesar de Laura Erber e Angela Melim movimentarem-se poeticamente de formas parecidas – por serem poetas contemporâneas, mulheres, algumas temáticas se aproximam etc. –, suas obras poéticas são distintas. Melim é uma poeta ligada à poesia escrita. Ela lança seu olhar ao mundo, deformando as imagens ordinárias para fundar um novo mundo, fundar o mundo através do devaneio. Erber é uma artista que transita por diversas áreas de linguagem artística, como a dos poemas, da prosa, de vídeos e fotomontagens, de instalações. Uma das questões muito relevantes em ambas escritoras é a transição entre o lugar e o não-lugar, onde acontece o redimensionamento do sujeito, é ali que ele se transforma, com ímpeto ou espanto. Tais poetas são fundamentais para a reflexão da imagem do poeta hoje, as mudanças de cenário da poesia (1970-2010), as novas práticas literárias e suas relações com o espaço canônico.

Palavras-chave: Cânone; Poesia; Literatura Contemporânea; Laura Erber; Angela Melim

ESCRITORAS BRASILEIRAS E O PROCESSO DE RESGATE DE SUAS OBRAS

Renato Kerly Marques Silva

Resumo: Este trabalho analisa o processo de formação do campo de estudos literários voltado à análise das obras de escritoras brasileiras, realizados por pesquisadoras e pesquisadores de diferentes instituições de ensino superior, principalmente, a partir da década de 1980. Observa-se que este processo é fortemente influenciado pelos Estudos Feministas, desenvolvidos nos Estados Unidos da América e na França, a partir da década de 1970. Tal momento, marcado pela emergência de um movimento conhecido como segunda onda feminista (BRANDÃO, 2017), produziu um arcabouço teórico que buscava identificar os processos de produção histórica e social da opressão das mulheres, além de reforçar a luta do movimentos feministas, em curso desde o século XIX. Em função dos diferentes contextos em que as mulheres têm realizado suas produções literárias, no Brasil, nos Estados Unidos e na França, diferentes abordagens foram empregadas para a produção desses estudos. Enquanto cenário americano a proposta adotada pela crítica feminista foi a Revisão, “ato de entrar no texto a partir de uma nova direção crítica” (RICH, 2017), questionando, muitas vezes, a fortuna crítica produzida anteriormente, sobre obras canônicas escritas por mulheres, e identificando novos vértices ainda não analisados. No cenário brasileiro, a crítica literária partiu do questionamento sobre a reduzida quantidade de escritoras no rol dos grandes nomes da literatura brasileira (SCHWANTES, 2006), para, posteriormente, iniciar o longo processo de Resgate de textos literários publicados por mulheres no Brasil. Nesse cenário, pesquisadoras como Luíza Lobo e Zahidé Lupinacci Muzart destacam-se pela coordenação de projetos de resgate da obra de escritoras. Publicações como *Crítica sem juízo* (LOBO, 1993) e *Escritoras Brasileiras do Século XIX* (MUZART, 1999) constituem importantes resultados de um processo de resgate de textos e da produção de uma crítica literária que ampliou, ou deu voz a muitas escritoras, como Nísia Floresta (1810-1885), Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), Gilka Machado (1893-1980), Francisca Júlia (1871-1920), Maria Firmina dos Reis (1825-1917), situadas à margem do



cânone da literatura brasileira. Este processo de resgate ainda continua em curso, sendo realizado por várias pesquisadoras em bibliotecas e arquivos de diversas localidades. No contexto brasileiro, diversas pesquisadoras, além de realizarem o processo de Revisão de textos literários, precisaram operar um processo de Resgate de obras escritas por mulheres, apresentando uma significativa quantidade de textos publicados por diversas escritoras, espalhadas por várias localidades do Brasil, destacando a representatividade dessas obras no cenário literário brasileiro. Ao trazer à tona estes textos, estas pesquisadoras acabaram por refutar a opinião de muitos críticos, os quais defendiam a ideia de uma inexpressiva produção literária de mulheres brasileiras em período anterior ao século XX.

Palavras-chave: Estudos literários; Resgate de autoras; Estudos de gênero.

ENTRE O SIMBOLISMO E O MODERNISMO: A POÉTICA DE AGENOR BARBOSA

Nelise Pereira da Silva Pacheco

Resumo: Agenor Barbosa é um poeta que atuou no início do século XX, quando várias estéticas artísticas conviviam, dentre as quais estão um simbolismo tardio, o início da fase de ruptura do modernismo e a Belle Époque brasileira. A produção literária da primeira fase do escritor ocorre quando publicava nas revistas mineiras *Vita* (1913-1915), com edição mensal, e *A vida de Minas* (1915-1916), com edição quinzenal, quando vivia uma fase passadista, na qual se observa em seus versos uma dimensão simbolista. Posteriormente, levando em consideração as poesias publicadas no jornal *Correio Paulistano* (1920-1924), que tinha edição diária em São Paulo, e nas obras de autores que abordam a literatura brasileira do período como Mário da Silva Brito e Alfredo Bosi, a poesia de Agenor Barbosa passou a dialogar com as ideias vanguardistas presentes na primeira fase do movimento Modernista no Brasil. A princípio, o primeiro contato que se tem com o poeta Agenor Barbosa se dá com o texto “A divulgação da nova estética” de Mário da Silva Brito, presente na obra *História do Modernismo Brasileiro*, momento que é tido como futurista por Oswald de Andrade e por Menotti Del Picchia. Alfredo Bosi, em sua obra *História Concisa da Literatura Brasileira*, afirma que Agenor Barbosa fez parte do grupo de escritores que participaram da Semana de Arte Moderna. O crítico destaca ainda que o poeta obteve aplausos ao declamar o poema “Os Pássaros de Aço”. Observa-se que o escritor está inserido no universo cultural tanto dos periódicos quanto do jornal. Nas revistas *Vita* e *A vida de Minas* os poemas revelam uma linguagem sugestiva, marcada pela incerteza e subjetividade, ligada às características da estética simbolista. Os poemas presentes no jornal *Correio Paulistano* apresentam uma mistura das estéticas literárias, mas o “novo” nos conduz para uma estética “futurista” ao trabalhar o cenário urbano, bem como a ruptura da sintaxe que ocorreu na fase heroica do movimento Modernista, em que se estabeleceu o verso livre, surgindo uma nova escrita - uma nova estética. Nesse sentido, o objetivo deste estudo é apresentar a transição entre dois momentos literários do poeta Agenor Barbosa situando, por meio de análise, dois poemas: um poema referente ao período passadista, “De Icaro...”, publicado na revista *A vida de Minas* em 01 de setembro de 1915 e um poema do período vanguardista, “O Que Eu Vi Essa Noite...”, publicado no jornal *Correio Paulistano* em 30 de abril de 1921. Assim, espera-se contribuir para o resgate da obra de Agenor Barbosa e ressaltar a sua importância na história da literatura brasileira.

Palavras-chave: Agenor Barbosa; *Vita*; *A vida de Minas*; *Correio Paulistano*.

14 - CENOGRÁFIAS DA VOZ, ONTOGRÁFIAS DO SENTIDO: CORPO E ENUNCIÇÃO, HISTORICIDADE E ONTOLOGIA

Coordenação: Roberto Zular (USP); Lucius Provase (UFPR); Fábio Roberto Lucas (UFPR)

Resumo: Pensar a experiência literária ligada à **enunciação** e à **voz** nos coloca diante de um desafio que articula e transforma os campos de investigação relativos ao **corpo**, à **historicidade** e à própria **ontologia**. Afinal, a performance de uma enunciação, sobretudo a literária, desdobra



o encontro dos corpos, afetos, contextos e temporalidades heterogêneas dos modos de inscrição e de leitura, correlacionando os diferentes materiais, linguagens e mundos que ela mobiliza e que a mobilizam.

Quando transitamos entre as marcas linguísticas e os corpos que as atravessam, não se trata mais de perscrutar a relação entre o dado e o construído, mas de habitar os limiares entre eles – como entre a voz e a escuta – e as formas de vida que performam. Entramos assim em um fluxo de re-enunciações – de onde deriva a noção de historicidade radical (Meschonnic) – que coloca em questão não apenas os modos como lemos, mas a própria ontologia da escrita e da leitura, abrindo um campo de investigações daquilo que chamaremos de ontografias do sentido. Como na multiplicidade de sentidos do sentido (direção, afeto, mundo sensível e práticas de significação), a legibilidade do mundo se confunde com os modos de existência, a literatura toca a antropologia, a historicidade dessa experiência (que produz sentidos múltiplos) se faz na e pela composição de mundos.

A partir dessa radicalização da historicidade e suas temporalidades heterogêneas que se projetam em vários níveis e escalas, o que se coloca em jogo é não apenas evitar discursos que opõem extensivamente agência e contexto, natureza e cultura, animalidade e humanidade etc., mas habitar os espaços de co-incidência dessas relações (Zular), os limiares, as modulações, as acoplagens, as formas singulares de suas atualizações enunciativas.

Passa por aqui uma imbricação em diversos sentidos do aparelho formal da enunciação (Benveniste), das heterogeneidades enunciativas (Authier-Revuz), do caráter performativo da linguagem (Austin), da vocalidade (Zumthor), do oral e do ritmo (Meschonnic), da equivocidade **ontológica** do signo e sua vida enigmática (Maniglier). Em todos eles, em diferentes graus e modos, somos levados a uma experiência da enunciação como **contradição** (Lucas) entre o discurso e sua dicção, na qual os pontos de vista e as posições enunciativas (de personagens, narradores, leitores etc.) estão sempre em descompasso, em variação no corpo-a-corpo da enunciação, do leitor e dos seres de ficção, que se obliquam e se alteroculam em seus posicionamentos múltiplos e diferidos (Nodari).

Com isso, torna-se necessário também repensar os modos de acoplagens entre o **corpo** e a experiência literária. Nessa região ontológica equívoca, a posição-sujeito da enunciação se torna uma *expeausition*, uma vibração de um ato de pele, para falar com Jean-Luc Nancy, ou um nó rítmico (Meschonnic), ou ainda o lugar paradoxal da voz (Lacan, Mladen Dolar). Longe de ser a exposição da intimidade de um si autoidêntico e de seus afetos previamente constituídos, como em um *reality show* ao melhor estilo Marie Kondo, experimentamos ontologias variáveis que percorrem diferentes circuitos de sentidos e afecções (como a voz e o olhar), e os acoplam uns aos outros, reinventando as forças e formas de relação entre eles, bem como entre sensações corporais e as materialidades (da fala aos recursos digitais) acoplados à performance. Voltamos aqui à modulação entre escalas e grandezas heterogêneas de fluxos de matéria, energia, tempo e espaço, constituindo corporalidades heterotópicas (Cesarino) ou pós-orgânicas (Haraway).

As variações e equivocações ontológicas do ato enunciativo, especialmente o literário, bem como as acoplagens entre corpos e linguagens ali mobilizadas se dão no encontro das temporalidades heterogêneas da escrita e da leitura. Onde a retomada da questão da **historicidade** da experiência literária, de sua dimensão histórica, não como controle teleológico do possível, mas como variações ontológicas, como campo de reverberação do sentido no qual regimes heterogêneos de relação com tempo (regimes de historicidade) são problematizados. Afinal, a perda do lastro discursivo que se intensificou a partir dos anos 1970 (Provase) produziu uma disputa sobre sentidos, borrando as separações entre os campos discursivos (direito, propaganda, ciências humanas, literatura etc.), que passaram a produzir ficções e a utilizá-las politicamente. Se a resposta a esse estado de coisas, como à multiplicidade do signo, seu valor variável e seu sentido contextual, tem sido cínica (como um espaço anestesiado de reenvios que parecem acionar, mas, de fato, neutralizam as reconfigurações do sensível e as equivocidades enunciativas, tal como o conceito de “pós-verdade”), a proposta deste simpósio é radicalizar a sobredeterminação entre as séries (mais uma vez Maniglier), produzir conexões

parciais e acoplagens que potencializem as implicações éticas e políticas da voz como ponto pivotante em que se articulam à enunciação literária as diferentes historicidades (ou mesmo regimes de historicidade), corpos (ou regimes de corporalidade), materialidades, afetos, sentidos, regimes de imaginação e ontologias. O simpósio se abre assim às múltiplas questões oriundas da ecologia conceitual aqui exposta.

Palavras-chave: Voz; Corpo; Historicidade; Ontologia

Referências:

- Authier-Revuz, J (1984). "Hétérogénéité(s) énonciative(s)" in: *Langages*, 19, 73, p. 98-111.
- Benveniste, E (1974a). *Problèmes de linguistique générale vol. I*. Paris: Gallimard.
- _____ (1974b). *Problèmes de linguistique générale vol. II*. Paris: Gallimard.
- Cesarino, P. N. (2016). "Corporalidades heterotópicas: montagens e desmontagens do humano nos mundos ameríndios e além" in: *Revista Brasileira de Psicanálise*, volume 50, n.2, p. 157-175.
- Dolar, Mladen (2006). *A voice and nothing more*. Cambridge: MIT press.
- _____ (2012). "O objeto voz" (tradução de Clóvis Salgado Gontijo Oliveira) in: *Prometeus*, 5, número 10, p. 167-192.
- Haraway, D. (2000). "Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX". In T. Tadeu (Org.), *Antropologia do ciborgue* (T. Tadeu, Trad., pp. 33-118). Belo Horizonte: Autêntica.
- Lacan, J (2004). *Seminaire X – L'Angoisse*. Paris: Seuil.
- _____ (1994). *Seminaire IV – La relation d'objet*. Paris: Seuil.
- Lucas, F. R. (2018). *O poético e o político: últimas palavras de Paul Valéry*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo.
- Maniglier, P (2006). *La vie énigmatique des signes, Saussure et la naissance du structuralisme*. Paris: Léo Scheer.
- Meschonnic, H (2010). *Langage, Histoire Une meme théorie*. Paris: Verdier.
- _____ (1982). *Critique du rythme*. Paris: Verdier.
- _____ (1995). *Politique du rythme*. Paris: Verdier.
- Nancy, J-L (1982). *Le partage des voix*. Paris: Galilée.
- _____ (2002). *À l'écoute*. Paris: Galilée.
- Provase, L (2016). *Lastro, rastro e historicidades distorcidas: uma leitura dos anos 70 a partir de Galáxias*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo, 2016.
- Zular, R (2012). As algarvias de Waly Salomão. *Revista Teresa (USP)*, v. 1, p. 143.
- _____ (2014). "Luto, Antropofagia e a Comunidade como dissenso". In: Penna, João Camillo; Dias, Ângela. (Org.). *Comunidades sem fim*. 1ed.Circuito: Rio de Janeiro, v. 1.
- Zular, R. & Lucas, F (2016). "Desencontrários – ecos de Leminski". In: Malufe, Annita Costa; Junqueira, Maria Aparecida (orgs). *Poesia: entre-lugares*. São Paulo: Dobradura Universitário, p. 41-81.
- Zumthor, P (2007). *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: CosacNaify.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

Mesa 1 - Tradução e ritmo: ecos da enunciação

A TRADUÇÃO COMO TRÉGUA: ECOS E RASTROS DE MARIANNE MOORE NA OBRA POÉTICA DE MIRTA ROSENBERG

Sheyla Maria Valente de Miranda



Resumo: As atividades de escrever e traduzir são simultâneas na trajetória de Mirta Rosenberg (1951), um dos nomes mais importantes da poesia argentina. Seu primeiro livro, *Pasajes* (1984), é do mesmo ano em que começa a publicar traduções esparsas, avolumadas quando surge o *Diário de Poesía*, em 1986, no qual publicou traduções de Emily Dickinson, Marianne Moore, Katherine Mansfield, Hilda Doolittle, Elizabeth Bishop etc. Nome fundante do cânone de Rosenberg, Marianne Moore (1887-1972) trabalha procedimentos caros à argentina: manipulação da estrutura de expectativas do verso com o uso inventivo do enjambement, exploração visual/espacial da mancha do poema, ritmo constricto carregado de rimas internas. Há uma série de citações diretas à poeta estadunidense na obra de Rosenberg, por exemplo um trecho de “Nevertheless”, usado como epígrafe da segunda parte de *Pasajes*. Em vários dos poemas, a argentina trabalha a quebra do verso no meio das palavras, usa os “syllabics” típicos de Moore adaptados ao seu idioma. Outro excerto de “Nevertheless” é traduzido e entremeado aos versos de Rosenberg – não há identificação desta ou de qualquer outra citação, elencadas apenas numa nota ao final da obra, método que Rosenberg incorpora de Moore: “A utilização de fontes diversas (especificadas nas notas finais) converte Marianne Moore em uma collagista textual maravilhosamente hábil e sempre engenhosa” (ROSENBERG, 1988). Rosenberg convoca, nos poemas que assina, os autores que escolheu traduzir, faz conviver essas vozes e as marcas que as singularizam com a própria, estabelece sua poética numa trégua em rotação. O que faz pensar na máxima de Meschonnic (2010): “Traduzir só é traduzir quando é um laboratório de escrita”. A fricção entre vozes nos poemas de Rosenberg estabelece um espaço de contato deshierarquizado: não só a voz que enuncia tem lastro, as outras vozes incorporadas criam um eco múltiplo, heterogêneo, em que coexistem temporalidades, historicidades, diferentes modos de existência – um lugar mesmo de partilha que parece ser, afinal, o que constitui a voz, que é “sem limites, sem garantia” (DOLAR, 2012). É enquanto tradutora que Rosenberg teoriza. “O tradutor, exposto à mesma fricção com a língua que é o centro de trabalho poético, busca uma trégua entre o que diz o outro e o que digo eu” (2016). De que é feita uma trégua? Uma pausa, um cessar-fogo; uma trégua entre línguas? Uma zona de articulação máxima, um arranjo conjuntural entre as vozes do autor-fonte e do tradutor, um espaço de hesitação prolongada que dê conta de fazer chegar não só o signo, mas o discurso, com todas as instâncias que o compõem? Há uma trama complexa entre traduzir e escrever, escrever e traduzir em Rosenberg. Uma “busca de um sujeito que se esforça para se constituir como sujeito por sua atividade”. E ainda: “A identidade não deve se opor a uma alteridade, mas a identidade só advém pela alteridade, o que faz a invenção de sua própria historicidade” (MESCHONNIC, 2007). Talvez não seja arriscado dizer que todas essas frentes constituem a obra de Rosenberg, gestos de uma ética, de uma política e uma poética literárias.

Palavras-chave: Tradução; Voz; Mirta Rosenberg; Marianne Moore; Henri Meschonnic

A UNICIDADE VOCÁLICA EM "MOBILE", DE MICHEL BUTOR

Amayi Luiza Soares Koyano

Resumo: Michel Butor aborda a tradução em dois momentos durante a obra “*Pensées à voix haute*” (2017): em “*Autres autres*”, que pertencente ao capítulo *Autre*, e em “*Représentations collectives*” do capítulo *Engagements*. A tradução, para Butor, adquire um caráter de unicidade vocálica (CAVARERO, 2011, p. 16) capaz de transmitir múltiplos sentidos para um mesmo texto, a depender das intenções do tradutor e de suas habilidades tradutórias. O emprego da tradução na escritura butoriana deve-se ao seu desejo “de faire parler les autres” (BUTOR, 2017), de registrar suas vozes, tal como ocorre com o registro fonográfico, e de transformá-las em personagens que, em certa medida, se assemelham ao próprio escritor, que as escuta e as apreende por meio de seus discursos. A prática tradutória, para Meschonnic (2006, p. 8), vem reconhecendo a oralidade e se transformando a partir dessa percepção, que é componente da renovação na teoria da linguagem, sendo esta indissociável da teoria da literatura. Butor, analisado segundo Meschonnic, imprime na tradução o que há de mais contemporâneo dentro dos estudos discursivos: a abertura às múltiplas vozes a partir da unicidade vocálica.

Palavras-chave: Michel Butor; Voz; Tradução; Mobile; Pensées à voix haute.

A ESCRITA COMO PERFORMANCE E A TRADUÇÃO COMO CONTRAPONTO

Maíra Mendes Galvão

Resumo: O projeto do poeta, teórico e tradutor Henri Meschonnic (2001; 2006; 2007; 2010; 2011) tem como espinha dorsal a superação de dicotomias teóricas, principalmente a dupla saussureana significante/significado que perfaz o signo. O cerne da proposta meschonniciana é seu conceito específico de oralidade, que derruba a noção de que exista na linguagem uma dicotomia oralidade/textualidade, ou oral/escrito, assim como a ideia de forma/conteúdo que é atribuída ao signo saussureano. Para Meschonnic, a oralidade está presente tanto no modo falado da linguagem quanto no escrito. O estudo aqui apresentado é parte do aparato teórico de uma proposta de tradução do poema "Songs to Joannes", da poeta inglesa Mina Loy. Ao tomar a oralidade, modulada pela subjetividade e historicidade impressas no texto, como uma operação performática da linguagem, propõe-se entender a tradução como contraponto e "contraparte" a essa performance. O mecanismo do contraponto na música envolve duas ou mais linhas melódicas que se complementam por meio de interdependência harmônica (obedecem a funções harmônicas) e independência rítmica. O conceito de ritmo meschonniciano expressa a "assinatura" específica da oralidade de um texto (e não sua métrica), e a ideia aqui é propor que a tradução estabelece um ritmo complementar, mas não idêntico ao do texto de partida, em uma relação de contraponto. O conceito de "contraparte" é emprestado diretamente da teoria da metáfora de Eric Steinhardt (2001) e indiretamente da metodologia dos jogos de linguagem proposta pelo segundo Wittgenstein (1953; 1958; 2001; apud WILSON, 2012) das Investigações Filosóficas. A ideia é tomar cada texto como um jogo de linguagem que pode ser visto como um sistema em si ou como um sistema dentro de outros sistemas cada vez mais abrangentes, e postular que existam regras, tácitas ou não, de funcionamento de cada jogo de linguagem. A operação tradutória, dentro dessa proposta, recria essas regras segundo as particularidades da língua de chegada e gera um texto cujos elementos são não traduções exatas, mas "contrapartes" dos elementos do texto de partida. O ritmo do texto final será, assim, compatível e até complementar ao do texto original, estabelecendo a relação harmônica proposta. É importante frisar que os conceitos de Henri Meschonnic são específicos ao seu universo teórico; assim, o ritmo a que ele se refere não está confinado à sonoridade nem à métrica do texto, mas inclui todos os elementos envolvidos na escritura. Sua teoria busca formas de entender o que o texto faz e não o que ele diz. Daí a ideia de que o texto é uma performance (um fazer, um ato) e que seu ritmo pode ser ponto de partida de performances harmônicas, tanto por meio da tradução quanto da própria leitura. A proposta, portanto, deste corpo teórico híbrido, é explorar as possibilidades não de uma tradução estritamente formal, mas sim de uma tradução cujo objetivo é operacionalizar a recriação do texto tanto pelo(a) tradutor(a) quanto pelo(a) leitor(a) da tradução, começando pelo poema de Mina Loy em questão.

Palavras-chave: Henri Meschonnic; Performance; Ritmo; Jogos de Linguagem; Tradução.

16/07 (TARDE)

Mesa 2 - Potência enunciativa e o corpo na voz

VOZ, POTÊNCIA E CORPO RESSONANTE

Maria Rosa Duarte de Oliveira

Resumo: Trata-se de um estudo sobre o conceito e o sentido de voz à luz de estudos de filósofos contemporâneos como Giorgio Agamben e Jean-Luc Nancy, além de Adriana Cavarero, que em seu livro Vozes plurais- filosofia da expressão vocal (2011), focaliza a voz num amplo espectro que vai da filosofia à literatura e à política. Não poderíamos deixar de incluir, nesta reflexão, o trabalho pioneiro de Paul Zumthor, que se dedicou ao estudo da voz, em seu sentido corporal-performático e não restrito à oralidade. De Agamben, extraímos o conceito de voz como instância de negatividade e potência, que se instaura num campo de



ruptura entre língua e fala (discurso), isto é, na percepção de que o homem não nasce falante, como ocorre com os animais, pois “os animais não entram na língua: já estão sempre nela”, como diz Agamben, em continuidade com sua natureza e espécie. O ser humano, no entanto, precisa separar-se da linguagem-natureza, em seu estado de infância da “língua sem palavra”, e apropriar-se do seu poder-de-dizer, ser sujeito do discurso e da história “[...] Por isso, se a língua é verdadeiramente a natureza do homem [...] e ser natureza significa ser já sempre na língua – então a natureza do homem é cindida de modo original, porque a infância nela introduz a descontinuidade e a diferença entre língua e discurso” (AGAMBEN, 2008, p.64). Deriva, daí, o conceito de Voz como potência de privação de palavra articulada, que poderá ou não gerar um ato discursivo. De Jean-Luc Nancy, por sua vez, extraímos o conceito de voz como um campo “ressonante” entre som e sentido, em constantes reenvios de um ao outro, e é nesse espaço reverberativo que Nancy instaura o sujeito, como um si no movimento constante de um “estar à escuta”. Quanto a Cavarero, voz remete ao corpo mais profundo do sujeito, que o singulariza como tal, a sua “garganta de carne”, na qual ressoa uma voz única e inigualável. A partir de um conto de Calvino – “Um rei à escuta” -, traça um percurso por diversas concepções filosóficas na sua relação com a voz, desmaterializada e percebida como categoria geral, encarnada num discurso simbólico, no qual o logos é a força constitutiva do discurso, em detrimento da voz como corpo vocal e singular. E, finalmente, nos estudos de Paul Zumthor, o que nos interessará é a voz poética, entendida como instância corporal que se realiza no aqui e agora de um ato performático, seja ele realizado em situação de presença do performer-poeta-contador para uma plateia, num contexto determinado, seja na escrita poética ou caligráfica, que deve tornar presença corporal aquilo que diz e, assim, afetar o seu leitor, que, mesmo em leitura silenciosa, será também um performer por meio de sua imaginação criadora. À luz desses pressupostos teóricos, poemas e narrativas serão objeto de problematização no campo dialógico entre a teoria e a experiência de leitura compartilhada.

Palavras-chave: voz; potencia; ressonância; corpo; singularização.

A DEUSA, O CAVALO: VARIAÇÕES ENTRE VOZ E SIGNO COM NUNO RAMOS

André Barbugiani Goldfeder

Resumo: A conferência propõe um relançamento pontual do ritmo de atravessamentos entre materialidades e campos heterogêneos durante o qual o artista Nuno Ramos (1960) elabora problemas referentes às esferas da voz e do signo. Posta de outro modo, a proposta expositiva consiste em traçar linhas de articulação entre elementos recorrentes em trabalhos literários, cancionais, plásticos e teatrais do artista, rematerializando a duração do trabalho de ativação de um campo que excede o limite dessas ficções nominativas. Já quanto à proposta teórico-analítica, trata-se de um breve comentário a um ponto de articulação produzido por esses trabalhos entre as esferas da voz, enquanto lugar de atualização de potências pulsionais, e do signo, enquanto espaço de variação ontológica próprio à linguagem. Inicialmente, situaremos em linhas gerais a problemática da voz no livro *Sermões* (2015). Encontramos aqui uma espécie de “voz-personagem”, que funciona ao longo da hesitação cenográfica entre a construção da figura falante e a materialização do fluxo de materialidades que compõe a textura mesma da enunciação. Completando essa primeira sequência, comentaremos outro modo, encontrado no corpo de uma canção com letra do artista (“Décima terceira hora”, 2018), mais sintético, de encenação da tensão decisiva que “histericiza” (a linguagem “histérica” de Henri Meschonnic) a voz do livro de 2015: os limites, limiares e labirintos do gozo, entre sua potência de dessubjetivação e seu risco de decaimento em um circuito narcísico. Em seguida, a passagem entre um motivo ou imagem de *Sermões* e outro, do livro subsequente do artista (*Adeus, cavalo*, 2017), põe em cena a dobra entre a voz e o signo. No final do livro de 2015, deparamos, junto ao protagonista, com uma “deusa mais que hermafrodita” que copula consigo mesmo, furo que abre o circuito narcísico do sermonista a uma potência inexaurível de incompletude e variação. Temos aqui um novo avatar de um motivo recorrente do artista, ilustrado em livro anterior como um “sistema de encaixe diferente do nosso”, apto a dar a ver



“combinações que ainda não conhecemos”. Já no livro subsequente, o cavalo aparece como figura das figuras, prisma que refrata o linguageiro, o histórico e a própria enunciação enquanto feixe de correlações em um só signo. É assim que, de um livro a outro, passando pela canção, essas sutis inscrições deságuam no trabalho plástico Ensaio sobre a dádiva (2014/2015). Como se reduzindo a um prisma mínimo todo o turbilhão vocal dos livros mencionados, o trabalho estabelece, no espaço físico, uma máquina elementar de linguagem, minimamente determinada e maximamente variável. Sendo este o caso, chega-se ao nó que amarra a discussão: a habitação de um espaço liminar e resvalante decisivo para Nuno Ramos, do polpulsional da subjetivação ao polo sógnico da variação. Entre ambos, um desafio talvez central do contemporâneo, que está no centro dos trabalhos teatrais recentes do artista: habitar o limiar tênue entre o controle poético da equivocação e seu descontrole pulverizador e imunizador das redes de tradutibilidade que tecem o comum.

Palavras-chave: Voz; signo; Nuno Ramos; Literatura; Artes Visuais.

A VOZ DOS TRABALHADORES DA CASA DE FARINHA EM "NOTAS SOBRE UMA POSSÍVEL A CASA DE FARINHA", DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Gislaine Goulart dos Santos

Resumo: Em meados de 1980, João Cabral de Melo Neto entregou a sua filha Inez Cabral um pequeno fichário escolar com o manuscrito de um poema-livro inédito sobre “A casa de farinha”, escrito no período de 11 de setembro de 1966 a 5 de novembro de 1985. Notas sobre uma possível A casa de farinha (2013) se referem às 56 folhas com programação roteirizada (planos, notas, fichamentos de leitura e rascunhos do auto), que demonstram, por meio de rasuras, reescritos marginais e interlineares, a imprevisibilidade do processo criativo de João Cabral. Para retratar a saga anônima de carregadores, raladoras, raspadoras, prensador e quebrador, na luta para preservar um modo de ser e de estar profundamente enraizado na cultura artesanal do fazer farinha de mandioca, João Cabral escolheu o auto, forma dramática mais próxima do poema e da cultura popular; já que adentrar pelo caminho da tradição é uma tentativa de recriar o imaginário popular. O teatro é oralidade, é nele que ocorre a teatralização da voz em um gesto performático do corpo e da própria voz dos atores (ZUMTHOR, 2014); enquanto produto da escritura, o texto teatral possibilita ao leitor refazer o percurso das vozes narrativas que se enunciam nele (NOGUEIRA, 2018, p. 69). Além disso, no teatro, como em poesia, o ritmo não é um ornamento exterior acrescentado ao sentido; o ritmo constitui o sentido do texto; é uma semântica e uma ética da historicidade: uma poética da sociedade para uma poética da linguagem (MESCHONIC, 1989). Ainda segundo Meschonnic (1989), o ritmo é construído pelo sujeito no uso subjetivo da linguagem; não tem nada a ver com o ritmo silábico que se conta, mas com o ritmo no sentido da oralidade. Notas sobre uma possível A Casa de farinha permaneceu inacabado, mas neste projeto manuscrito encontramos duas vozes: a voz de João Cabral, presente nas marcas de enunciação do sujeito criador na escrita (“Se minha”; “Ver o que é que eu acho”; “me parece melhor”; “isso depois verei”); a voz dos trabalhadores da casa de farinha, intermediada pela subjetividade do poeta nos primeiros rascunhos dos versos do auto. No estudo deste manuscrito, verificaremos como a voz dos trabalhadores da casa de farinha é constituída nos rascunhos d’A casa de farinha pela voz cabralina, por meio das leituras e pesquisa documental realizadas pelo poeta, pela criação da psicologia-ideologia dos personagens, ligada ao trabalho que executam, pelo movimento e a situação dramática do auto. A voz cabralina, que transforma a voz física em voz simbólica, nos aproxima do contexto ao reconstruir a historicidade do processo de modernização das casas de farinha; a dos trabalhadores da casa de farinha possibilita a reflexão do poeta sobre a falta de consciência dos personagens sobre o problema da modernização que os envolve, produzindo ideias extremas: otimismo versus pessimismo. Assim, neste manuscrito, é possível ler a voz autoral, a voz da escrita e a voz dos trabalhadores da casa de farinha.

Palavras-chave: Voz; Ritmo; Teatro.



17/07 (MANHÃ)

Mesa 3 - Perspectivismo, política e literatura

A REDE NA PERSPECTIVA DO PEIXE: LITERATURA E PERSPECTIVISMO AMERINDIO

Marília Librandi Rocha

Resumo: O que é uma rede? Na definição de Guimarães Rosa, “rede é uma porção de buracos, amarrados com barbante - cujo paradoxo traz-nos o ponto-de-vista do peixe” (“Tutaméia”, 1967). Nessa pesquisa, escrita como um ensaio crítico-ficcional, sugiro deixar de lado a tendência de pensarmos as redes (sejam materiais, narrativas ou digitais) como fios que, entrelaçados formam uma malha (como a que é feita para capturar e prender), e pensá-las como um conjunto de buracos entrelaçados, já que, na perspectiva do peixe, é pelo buraco que se pode fugir e escapar da malha que prende. Em tempos de prisões e extermínios, pensar as estratégias de fuga. Figurações de redes (redes de pescar e redes de dormir) ajudarão a pensar a rede de escritas como um território de ações audio-escutadoras ativistas. Uso assim o aforismo de Rosa, um dos escritores mais perspectivistas do século XX, para pensar a rede pela perspectiva do peixe, e examinar a literatura à luz do pensamento Ameríndio. Rede sem centro, redes de proteção, redes xamânicas: “Em meus sonhos, os espíritos amarravam as cordas de minha rede bem alto no céu. Era como se longas antenas de rádio fossem esticadas ao meu lado e funcionassem como caminhos para os xapiri, e seus cantos chegassem até mim assim como o caminho das palavras do telefone dos brancos. Eu ficava deitado, bem calmo, mas sentia minha rede crescendo e crescendo. Depois, era como se eu também estivesse ficando cada vez maior, junto com ela. Apesar de eu não passar de um menino, tinha a sensação de ficar imenso. Olhava ao meu redor, mas tudo o que via era um grande vazio. Dava vertigem. O peito do céu parecia estar perto, ao alcance de minhas mãos. Vinha de lá um rumor, como o da gritaria dos grupos de dançarinos nas festas reahu: “Ao?! Ao?! Ao?!”” (Kopenawa e Albert, A Queda do Céu, 2010).

Palavras-chave: buracos, vazios, escuta

POLÍTICA E ONTOLOGIA NA HISTORICIDADE DOS FLUXOS EM DAVI KOPENAWA E GUIMARÃES ROSA

Roberto Zular

Resumo: Dando continuidade aos textos que apresentamos nos dois últimos encontros da Abralic, propomos fazer uma nova dobra na relação entre “Ler a fala escrita” e as “Variações ontológicas entre o morro e a montanha” que desenvolvemos a partir de A queda do céu de Davi Kopenawa e Bruce Albert e em “O Recado do morro” de Guimarães Rosa. Se antes se tratava de atentar para a historicidade dos fluxos de recados que transformam a ontologia do texto e da leitura e, depois, de como essa transformação nos colocava em um outro tipo de relação com o corpo e o mundo, trata-se agora de perscrutar o alcance político dessa empreitada. Isto é, em inquirir a própria possibilidade de saber que mundo está em vigor quando se interage com outro (Viveiros de Castro, Rancière). Como propõe Marissol de la Cadena ao seguir por esse mesmo campo de referências, não há uma natureza ou um mundo, mas um “pluriverso como mundos sócionaturais heterogêneos parcialmente conectados negociando politicamente seus dissensos ontológicos”. A questão política se torna saber como lidar com esses mundos e suas normatividades heterogêneas. Tanto em A Queda do céu como no Recado do morro há uma reconfiguração da cenografia da voz e das ontografias do sentido como possibilidade de um cruzamento de historicidades que decorre dessa co-incidência de mundos, tornando o conflito que eles encenam conflitos ontológicos. Há mais de um mundo e menos do que dois e é nessa co-incidência de diferentes ontologias em um mesmo plano que se configuram as novas formas de dissenso. Não se trata de saber qual a interpretação de cada parte sobre o mundo comum, mas de perceber o conflito ontológico no próprio corpo daquilo que chamamos de comum. Não há mais como escapar desse conflito pela formação de um campo unívoco de determinação do



sentido ou pela simples supressão da equivocidade que decorre desses encontros ontológicos (que Mauro de Almeida chamaria de “encontros pragmáticos”). Como bem percebeu Lévi-Strauss a respeito de Kopenawa: “Essa solidariedade de origem se transforma, de modo comovente, em uma solidariedade de destino, na boca das vítimas mais recentes da conquista, cujo extermínio prossegue, neste exato momento, diante de nós. O xamã Ianomâmi – cujo testemunho pode ser lido adiante – não dissocia a sina do seu povo da do restante da humanidade”. Entender o dissenso nessa partilha de mundos condenados a se cruzarem e a viverem juntos é o desafio político que se torna premente e que será o principal vetor desta comunicação.

Palavras-chave: Historicidade, voz, kopenawa, rosa

17/07 (TARDE)

Mesa 4 - Meios e modos da enunciação

UMA ANALOGIA ENTRE O LIVRO E O TIMBRE

Eduardo Francisco Junior

Resumo: O livro, ou qualquer instância material que o substitua como local de inscrição de um texto, exerce uma função complexa naquilo que chamamos de poesia ou de literatura. Uma série de clivagens e dicotomias afetam esse corpo: as diferentes, e por vezes conflitantes, necessidades de produção, circulação, manutenção e recepção; as mudanças geradas pelas distâncias temporais, espaciais e sociais. Além disso, esse espaço tem algo de paradoxal: não se confunde com o texto, mas o texto não pode existir sem ele; não é necessariamente um objeto estético, mas, às vezes, é um objeto estético mais importante do que o próprio texto que veicula. Para pensar criticamente esse objeto, uma analogia com a palavra timbre mostra-se oportuna. Timbre possui em português dois feixes de significados que nos interessam aqui: um gráfico, outro sonoro. Por um lado, timbre se relaciona a insígnias, carimbos, marcas, assinaturas, por outro, a combinações dos diferentes harmônicos de um som, a vozes, a diferenciações dos sons. Em comum há nos dois feixes uma preocupação com a singularidade e a origem (ou a propriedade) de algo. Nessa articulação entre aspectos visuais e sonoros, entre autoria e propriedade, entre escrita e fala, encontramos algumas semelhanças com o livro – objeto gráfico, mas sonorizável, corpo, ao mesmo tempo, infinitamente reproduzível e singular, espaço preocupado em marcar suas origens, sejam elas seus autores ou seu contexto histórico, bem como seus proprietários, tanto os reais como os intelectuais, os de direito e os de fato. No campo acústico, foco desta apresentação, o timbre interessa-nos tanto em suas definições mais estritas, quanto nas mais amplas. De maneira mais estrita, no campo da física, timbre é definido como a relação produzida entre um tom principal e as intensidades maiores ou menores de cada um de seus harmônicos; isso é o que diferencia uma mesma nota tocada por uma flauta, produtora de harmônicos pouco intensos, ou por um oboé, de harmônicos intensos. A composição de um livro faz algo parecido com isso: num livro de poemas, seus paratextos, seu design gráfico e a sequencialização dos poemas faz com que “certos tons” sejam ou intensificados ou abafados, ou seja, ele facilita ou dificulta a produção de certas cenografias, de certas construções históricas e de certos contextos. Tanto a edição quanto o arranjo dos poemas podem reverberar ou abafar temas, ideias, ritmos, embates e contradições – intervindo incessantemente desde a produção até cada realização interpretativa do texto. No sentido mais amplo, o timbre inclui uma multidude de elementos, realizando-se apenas no cérebro de cada ouvinte em cada instante, onde esses elementos são coligidos e interpretados, recriando a partir daí toda a trajetória do som desde sua produção, sua interação com o ambiente e com o corpo do ouvinte. O livro, embora seja um objeto exterior ao corpo e traga em si apenas restos e rastros dessas interações, parece-se com o timbre também nesse aspecto, ao registrar de algum modo, os variados elementos históricos e corpóreos de nossa interação literária ou poética.

Palavras-chave: livros; timbre; voz



VINTE E DOIS SEGUNDOS DAS HISTÓRIA(S) DO CINEMA

Mario Augusto Predrozo Sagayama

Resumo: Elaborada entre 1988 e 1998, História(s) do cinema é uma das realizações mais relevantes de Jean-Luc Godard. Composta por quatro episódios, divididos cada um em duas partes, a série, originalmente concebida para a televisão, ganhou forma igualmente em cd; contou com uma adaptação abreviada para o cinema; e foi publicada em livro, antes mesmo de sua transmissão no Canal Plus. Em plena proliferação, os elementos visuais, acústicos e escritos dão forma a um trabalho cuja visualidade e a sonoridade engendram uma múltipla experiência sensível. Como propõe Douchet, as História(s) do cinema se estruturam em quatro bandas, em vez das tradicionais duas bandas, visual e sonora. São elas: “a que guarda as imagens”, “a que traz as palavras, a que “transporta os ruídos” e a que “se destina à música”. Em trânsito incessante, as camadas da obra são, majoritariamente, compostas por citações que se agenciam pela enunciação godardiana. Neste agenciamento, o material citado invoca sua historicidade específica ao mesmo tempo em que compõe a elaboração das História(s) de Godard. Com o trabalho da citação, uma cenografia enunciativa traz ao espectador uma experiência na qual o um é sempre múltiplo, na qual o sujeito toma forma no atravessamento de múltiplas alteridades. Frente a tal multiplicidade, a abordagem da obra parece encontrar muita resistência se o crítico buscar empreender um olhar panorâmico. Por isso, em nossa fala, elegeremos uma passagem de apenas vinte e dois segundos para que, deles, possamos extrair reflexões sobre a enunciação, o olhar e a historicidade que se põem em curso. Nessa passagem, que extraímos do episódio Le contrôle de l'univers, o espectador ouve uma citação sobre a violência contida no ato de criação enquanto vê sucederem-se três planos: o primeiro, uma cena de sexo explícito; o segundo, o rosto sorridente de um ator com microcefalia, do clássico Freaks (Browning, 1932); o terceiro, o cadáver de uma vítima dos campos de concentração. Monstruosidade, sexo, morte são agenciados em torno de seu fator comum: a violência, cuja historicidade se mostra inscrita em corpos mortos, corpos pornográficos e corpos monstruosos. Em nossa fala, então, buscaremos compreender essa montagem na qual a violência não é apenas um ato abjeto, e sim, uma ameaça real contida em todo ato de criação: “se o pensamento se recusa a pesar/ a violentar/ ele se expõe a sofrer sem frutos/ todas as brutalidades/ que sua ausência liberou”. Abordando o ato de criação, finalmente, buscaremos compreender como a cenografia enunciativa das História(s) do cinema constituem-se enquanto uma forma que caminha “à palavra / muito exatamente/ uma forma que pensa”.

Palavras-chave: Jean-Luc Godard; Cinema; Literatura

18/07 (MANHÃ)

Mesa 5 - Regimes de enunciação, regimes de imaginação

"O FIO DA MEADA - UMA CONVERSA": FILOSOFIA, LITERATURA E INSTITUIÇÃO

Gabriel Salvi Philipson (UNICAMP-IEL - Teoria e História Literária)

Resumo: A intenção é abordar o pensamento brasileiro e o pensamento do brasileiro a partir de uma consideração equívoca da sua forma literária e suas determinações técnicas e midiáticas em relação com o processo de constituição do poder falar, discursar, discutir e praticar a filosofia, em um momento específico em que ambos os pensamentos coincidiram: o sistema uspiano de filosofia universitária tanto com suas noções de historicidade e de periferia, quanto em sua estranha interação com a teoria literária e a literatura em "O fio da meada" (1996), entrevista, conversa (fiada), aula e encenação entre Paulo Arantes e três “alunas”: Christine Röhrig, editora da “casa” (editorial), e Maria Elisa Cevalco e Iná Camargo Costa, que já eram professoras consolidadas de literatura de ensino superior à época. O fio que conduz a reflexão seria a relação entre mídias e corpos, os gêneros (literários, mas não só), o texto e os dispositivos de escrita e de fala que indicam, na passagem da fala para a escrita por uma transcrição feita “graças a uma fantasia exata” (ARANTES, 1996), os modos de autoinstitucionalização e os dispositivos de poder que vigoram no campo filosófico e em sua relação com o teórico literário.

“Escrevendo como fala, e vice-versa”, menosprezando a “ideologia francesa”, as falas do “fim da totalidade”, do “sujeito”, fazendo uma ode ao quase extinto “intelectual universal” e ao “realismo de verdade”, mal dissimulam, em tom cômico-irônico, nem os aspectos acentuadamente sádicos da paródia da sala de aula e da sala de defesa que dão à entrevista, nem as intenções de um devir-maior da filosofia uspiana, que insistem em qualificar como “periférica” - embora comparem com Macabéa os “novos” alunos que chegavam à universidade quando esta, aos poucos, se deixou adentrar por atores que não provinham do vale encantado do Rio Pinheiros. O personagem professor-entrevistado PA data, por exemplo, das revoluções fracassadas francesas de meados do século XIX o surgimento da filosofia profissional que teria se tornado inócua e mera conversa fiada sobre elementos culturais. No entanto, na condição de agente tecnicizante e profissionalizante dessa atividade remunerada, não se deixar afetar seja pela provocação etnográfica nas ciências humanas (DÄRMANN, 2005), seja pelas diferenças coloniais na produção do pensamento (MIGNOLO, 2012) e pelas diferenças das raças (MBEMBE, 2018) no interior das teorias e práticas europeias de cunho universalistas, não tendo ouvidos para o refinamento e a radicalização de “sobredeterminações” que produzem “conexões parciais e acoplagens” que potencializam “implicações éticas e políticas”. Trata-se então de pensar os dispositivos determinantes e os desejos das máquinas que forjaram e criaram comunidades e seus modos de se institucionalizar que teve como uma de suas consequências mais agudas o descarte de atores e autores disruptivos e equívocos, por vezes subalternos, que não puderam se acoplar a essa máquina, dentre os mais conhecidos, gente como Oswald de Andrade, Vilém Flusser e, mais recentemente, Viveiros de Castro e Davi Copenawa.

Palavras-chave: Literatura e filosofia; Instituição; Pensamento brasileiro; Fio da Meada; Paulo Arantes

METAMORFOSE E METAFÍSICA N’A PAIXÃO SEGUNDO G.H

Mateus Toledo Gonçalves

Resumo: As baratas infestam a literatura de Clarice Lispector. Elas aparecem em praticamente todos os livros publicados pela escritora, normalmente de modo discreto, como nos seus dois primeiros romances, em *Perto do Coração Selvagem* e em *O lustre*, nos quais a “barata” aparece apenas de passagem (e como qualificativo, como “cheiro de barata” e “gosto de barata”, espécie de antecipação do gesto dramático de provar o inseto que iria se dar no romance que viria a seguir), mas por vezes de modo marcante, como em *A quinta história* e *A paixão segundo G.H.*, em que o confronto com o inseto doméstico é o cerne da intriga. Presença tão ostensiva não foi, é claro, ignorada pela crítica. Essa aparição do inseto na literatura de Clarice e mais particularmente no romance *A paixão segundo G.H.* recebeu diversas abordagens. Boa parte delas se concentra na sua dimensão simbólica, numa tentativa de entender qual o significado da presença do inseto. O interesse dessa apresentação será o de tentar explorar mais extensamente um outro aspecto da presença da barata n’A paixão segundo G.H. A barata, como se sabe, é o exemplo prototípico do animal nojento. Ao narrar o confronto de G.H com uma barata, o romance parece querer lançar mão da intensidade afetiva própria do nojo, dessa emoção visceral despertada pelo inseto abjeto. O caso é que, como tentarei mostrar, num movimento no mínimo surpreendente, o nojo, esse afeto marcadamente corpóreo, será empregado no romance no interior de um empreendimento de natureza metafísica. Dentre os afetos, o nojo é possivelmente aquele cujo vínculo com o corpo é o mais enfático, ele envolve reações corporais fortes (sua expressão clássica é o vômito) a estímulos que normalmente têm também características corporais acentuadas. No romance, seu vínculo com a busca de natureza metafísica clariciana é que ele é um dos operadores decisivos da metamorfose de G.H. Dito em poucas palavras, a hipótese de leitura é de que no romance o nojo será mobilizado - em um exercício de experimentação com esse afeto - para produzir o que, na esteira de Gabriel Catren, iremos chamar de variação transcendental. A ideia é a de que o romance estaria lidando numa instância que é anterior àquela da pergunta pelo seu significado, que o trabalho d’A paixão segundo G.H se dá no nível das condições prévias do sentido e da experiência. É essa transformação do

campo do transcendental - variação, vale dizer, vetada pela austeridade da filosofia kantiana - que recuperaria o domínio perdido da metafísica.

Palavras-chave: Nojo, Inumano, Lispector

18/07 (TARDE)

Mesa 6 - Contradições: perda do lastro, modulação e gesto

A PERDA DOS LASTROS – ENTRE A ECONOMIA E O TEXTO LITERÁRIO

Lucius Provase

Resumo: A complexidade do funcionamento da moeda no mundo contemporâneo evidencia-se em debate público, nos EUA, bastante acalorado sobre o papel desta no funcionamento das engrenagens econômicas. No caso deste debate específico, o tópico é a Moderna Teoria Monetária (MMT em inglês). Na sua apresentação, simplificada e distorcida diga-se, a MMT defenderia que déficit não importa. O debate de fundo, parece-me, é sobre o que fazer quando se descobre que a moeda pode ser apenas creditícia, ou seja, sem nenhum tipo de lastro. De maneira similar, tanto em sua linha temporal, quanto em alguns eventos, o lastro discursivo, hoje, encontra-se girando em falso frente a uma dificuldade em definir um comum (Arendt, 2012 ; Rancière, 2005), um espaço de partilha do sensível. Como construí-lo se fake news dominam a construção do real? O texto literário, em seu percurso, vem se oferecendo como área de reflexão muito rica para pensar esses dois fenômenos. Com a falência da própria possibilidade de cruzamento entre poético e político como um projeto (com)partilhado para as artes de um modo geral, o texto literário passou a funcionar a partir de novas formas de articular essas duas pontas; estratégias que não se identificam com outras adotadas contemporaneamente como a performance, a presença maciça do corpo como veículo artístico ou, ainda, a construção identitária como ferramenta política. Os caminhos seguidos pelo discurso econômico de um lado e pelo discurso cotidiano, de outro, ambos fundamentais na construção dos mundos possíveis, podem ser lidos a partir de um panorama literário. Traçando um percurso breve que se inicia na década de 1970 na poesia brasileira e chega a poetas como Angélica Freitas, Verônica Stigger e Adrienne Rich, pretendo mostrar como a literatura ofereceu uma resposta muito distinta à perda do lastro daquela que foi oferecida pelo discurso econômico e pelo discurso cotidiano.

Palavras-chave: lastro discursivo, historicidade, ontologia

DA CONTRADIÇÃO ÀS MODULAÇÕES: REVISITANDO A AUTOIRONIA POÉTICA DOS ANOS 1980

Fabio Roberto Lucas

Resumo: Nossa proposta é revisitar alguns poemas escritos e/ou publicados durante a década de 1980 e caracterizados por algum tipo de curto-circuito entre ironia e autoironia, um gesto poético bem difundido naquele período, a ponto de protagonizar textos de muitos poetas, tais como Regis Bonvicino, Nelson Ascher, Sebastião Uchoa Leite, Paulo Leminski, entre outros. Compreendidos muitas vezes como sintomas de um encolhimento dos horizontes da poesia, esses poemas irônicos e/ou autoirônicos encenam, de modo mais ou menos explícito, diferentes formas daquilo que Dominique Maingueneau chama de paradoxo pragmático (1993), ou seja, um distúrbio irresolúvel entre o conteúdo dito e o ato de dizê-lo, que teria no célebre paradoxo do mentiroso seu exemplo mais paradigmático. Com isso, eles terminariam por se reduzir a uma impostura diante do mundo, a uma oscilação indiferente, homogênea e infinitamente (infinito ruim) reversível entre ironia e autoironia, arte e vida, na vizinhança de outras dicotomias que esses poemas também tomariam como equivalentes e reversíveis, como modernidade e atraso ou ordem e desordem. O objetivo desta comunicação será reavaliar a pertinência desse modo de leitura, sugerindo não uma reavaliação positiva e unívoca do indecível na literatura ou uma suposta justificação dele extraída de um estado de coisas previamente determinadas, mas uma reflexão sobre as transformações da enunciação literária, do seu regime de historicidade e de



seus modos de interação e acoplagem com seus agentes e contextos, nas últimas décadas. Poderíamos dizer, nesse sentido, que, ao longo do século XX e de modo mais intenso a partir dos anos 1970, conforme a experiência literária vai perdendo seu lastro discursivo (Provase, 2016) nos diferentes gêneros poéticos para se estirar em situações enunciativas, se vincular à performance e ser posta à prova da enunciação poética em ato, a pergunta pela especificidade e pelos limiares da literatura e do poema se torna uma reflexão sobre a indecidibilidade, a ambiguidade, a hesitação entre, a equivocidade, o vaivém entre tautologia e heterologia, ou melhor: a contradição entre o discurso e sua dicção, entre o enunciado e a enunciação. Nossa hipótese é a de que essa prática da experiência literária, ao efetuar a equivocidade ontológica do signo e a sobredeterminação recíproca dos códigos e materiais que agencia (Maniglier, 2006), solicita uma dinâmica de passagens e modulações entre diferentes sistemas, corpos e mundos. O conceito de modulação – pensado em diálogo não apenas com Simondon e Deleuze, mas também a partir dos cadernos de Valéry e das reflexões de Silvina Rodrigues Lopes sobre Herberto Helder – nos ajudaria assim a reler os poemas mencionados, especialmente, nesse momento da pesquisa, os de Uchôa Leite e Leminski e a interagir, de modo mais intenso e sutil, com suas experiências de pensamento, recolocando em questão, dentre outras coisas, as transformações econômicas e políticas que afetavam a própria noção de modulação nos anos 1980 e o estatuto da poesia brasileira em meio ao difícil processo de redemocratização naquele período.

Palavras-chave: enunciação literária; contradição literária; modulação literária; ironia e autoironia; anos 1980

BARTLEBY DO BRASIL: O GESTO INTERROMPIDO NA POESIA DE PAULO HENRIQUES BRITTO

Fernando Mendonça Serafim

Resumo: O conto "Bartleby, o escrevente", escrito pelo norte-americano Herman Melville em 1853, narra o desamparo inerte do copista Bartleby sob a ótica de seu superior hierárquico, um procurador de Justiça aposentado. Seu jeito melancólico e sua recusa em fazer o trabalho para o qual foi contratado são o cerne desse enredo simples que se tornou emblemático na história da literatura graças à fórmula, enunciada pelo próprio Bartleby, que resume o impasse criado por ele: "I would prefer not to" ("preferiria não"). Afora o aspecto mortífero do protagonista e sua vontade evanescente, marcas de uma possível encarnação do trágico, o conto chamou a atenção de dois dos mais significativos filósofos de nosso tempo, Gilles Deleuze e Giorgio Agamben, que se dedicaram a desvendar o mecanismo singular por trás das escolhas dessa personagem paralisada por sua (não)-decisão. Deleuze e Agamben, num mesmo livro (Bartleby, a fórmula da criação, edição italiana) tematizaram a angústia do escrevente e suas atitudes, propondo duas leituras parcialmente complementares: a do primeiro passa por uma espécie de suspensão da linguagem; a do segundo busca no império da potência a ferrugem capaz de corroer esse mesmo império. Nesta comunicação, pretendemos pensar a poesia de Paulo Henriques Britto como uma repercussão dessa particularidade da vontade. O poeta, um dos mais destacados dentro do panorama da poesia contemporânea brasileira, privilegia um trabalho com a linguagem que tange os limites da incomunicabilidade da enunciação, num movimento semelhante ao de Bartleby que suspende a integridade do código, desvelando a crueza dessa potência que se desfaz no ar. É, afinal, a potência que pode (ou não) partir da ação de escrever. Mas, e quando a escrita é inócua, como no palavrório burocrático das salas em que se decidem hipotecas e sentenças protocolares? E quando a escrita se torna um si um processo kafkiano, exigindo do ser em vontade uma ruptura impensável? O que seria a verdadeira ação e o que significa a recusa à ação num espaço como esse? Seria isso a literatura, mesmo quando não performada dentro do gesto de escrever? Um novo impasse se estabelece, evidenciando dessa vez o jogo dentro do qual as relações de poder se movem das maneiras mais insólitas. É, afinal, um território onde política e literatura se implicam (o verbo aqui é revelador), com resultados imponderáveis. Bartleby e muitos dos sujeitos dos poemas de PHB partilham de uma mesma angústia



primordial: escrever, mas para quê? A relação de pasmo desses sujeitos de poesia com a máquina indiferente da linguagem, cruel como a da guerra quando arregimentada pelo sistema, é permeada pelo ruído. “Prefeririam os delicados morrer”, enuncia Drummond, o mesmo que outrora nos alertara sobre a vã luta com palavras. Diante disso, o que podem significar as tensões desenhadas tanto pelo irônico “mise-en-abyme” da poesia de PHB quanto pela atitude derrisória de Bartleby? Trata-se, afinal, de uma tensão expressa por essa fórmula estranha, por íntegra e reticente: “preferiria não”. Neste trabalho, tentaremos sondar as particularidades dessas nuances.

Palavras-chave: gesto; contemporaneidade; política; crise

19/07 (MANHÃ)

Mesa 7- Cartografias transpoéticas do perspectivismo

TRANSPRESENTAÇÃO, TRANSREFERENCIALIDADE E TRANSPOSICIONALIDADE: ELEMENTOS PARA UMA “PRAGMÁTICA PERSPECTIVISTA”

Alexandre André Nodari

Resumo: Em “Cosmological deixis and amerindian perspectivism”, Eduardo Viveiros de Castro advertia que “As almas ameríndias, sejam elas humanas ou animais, são assim categorias indexicais, dêiticos cosmológicos cuja análise demanda menos uma psicologia animista ou uma ontologia substancialista que uma teoria do signo ou uma pragmática perspectivista”. Tal “teoria do signo” ou “pragmática perspectivista” tem, como se sabe, um de seus fundamentos na teoria da enunciação de Benveniste, e pode tanto ajudar a repensar a teoria literária e linguística, quanto receber aportes delas. É nesse sentido que se insere a nossa proposta de apresentar esboços de conceitos interligados a partir do estudo de cantos kisêdjê (tomando como base o seminal estudo de Seeger e também os trabalhos de Marcela Coelho de Souza), marubo (a partir da etnografia de Pedro Cesarino), aikewara (tendo como fonte a tese de Orlando Calheiros) e araweté (com o foco no Canto da Castanheira, coletado e traduzido por Viveiros de Castro, com os aportes do estudo recente de Guilherme Orlandini Heurich). O uso dos dêiticos nos cantos escolhidos será a via pela qual tentaremos deslocar três noções ligadas à enunciação: referência, posição enunciativa, e representação. Partindo da noção de suspensão da referência elaborada por Derrida, da ambiguidade ou bifurcação referencial desenvolvida por Jakobson e retomada por Cesarino, e da “ubiquidade cosmológica” que Viveiros de Castro vê no Canto da Castanheira, postularemos, na leitura dos cantos, em que os dêiticos de tempo e lugar tem como ponto de referência mais de um mundo, e visam produzir esse atravessamento sem fusão que transforma reciprocamente os mundos que se sobrepõem. Ligado a isso, tentaremos levar adiante a noção de multiposicionalidade, avançada por Pedro Cesarino desde Oniska, e postular que os cantos indígenas selecionados implicam não somente múltiplas posições, mas, em algumas instâncias, especialmente no uso dos pronomes pessoais, seu encavalgamento ou sobreposição, produzindo não só uma “ubiquidade cosmológica”, como também uma ubiquidade posicional: o encontro de mundos demanda transposicionar os diferentes sujeitos envolvidos, para que os diferentes mundos possam ser referidos ao mesmo tempo. Por fim, focando mais detidamente na leitura que Seeger faz da Festa do Rato kisêdjê (com o aporte da leitura que Marcela Coelho de Souza faz da figura do embaixador Canela), argumentaremos que a ubiquidade cosmológica-posicional (a transferencialidade e a transposicionalidade) nos obrigam a repensar a já gasta noção de representação, sem, porém, descartá-la: eis porque sugeriremos a transpresentação, enquanto movimento que não é nem representação do outro nem apresentação de si, mas uma travessia de um a outro, um recíproco tornar presentes dois mundos um para o outro de modo a perspectivar um pelo outro e produzir em ambos transformações.

Palavras-chave: Perspectivismo; Teoria da enunciação; Poéticas ameríndias

POÉTICA INDÍGENA COMO RESISTÊNCIA: POR UMA ABERTURA NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA



Ana Carolina Cernicchiaro

Resumo: O presente estudo propõe investigar o poder de agência, não apenas social, como sugere Alfred Gell (2018), mas política da arte (em especial da literatura) indígena atual, tendo em vista que, como defende Jacques Rancière, não existe arte sem uma partilha do sensível que a liga a uma certa política: “L’esthétique est un tel partage” (2004, p. 63). Tal agenciamento estético-político se dá como uma rasgadura (DIDI-HUBERMAN, 2013) em nossa história cultural, afinal, como sustentar os três termos da expressão “literatura brasileira contemporânea” quando cantos e objetos ameríndios colocam em questão a dicotomia entre literatura oral e escrita, entre arte e artefato? O que fazer com a fixidez identitária que o adjetivo pátrio dá à expressão diante de uma língua mátria, carregada de outras centenas de línguas? Como definir um povo no singular diante da pluralidade de povos que esses trabalhos expõem? E, por fim, como definir a temporalidade dessas narrativas, uma vez que, apesar da ferocidade etnocida do “povo da mercadoria” (KOPENAWA, 2015), apesar das tentativas governamentais, mercadológicas e midiáticas de desaparecimento da cultura indígena (seja pelo apagamento ou pela redução ao estereótipo, ao clichê), seus mitos e cantos, que há séculos estão sendo passados de geração em geração, ainda que sejam nossas narrativas mais arcaicas, estão absolutamente ativos na contemporaneidade, sem deixarem de ser afetados pelas mudanças históricas que esses povos sofreram e de incorporar as marcas das diferentes experiências de contato que vivenciaram? Interessa, portanto, analisar como essa produção ameríndia tem tensionado a ideia de literatura, de nacional e de contemporâneo de forma a embaralhar nossas partilhas fundacionais, abrir a história e dar visibilidade à existência/resistência destes povos.

Palavras-chave: Literatura indígena; Estética e política; Literatura brasileira contemporânea

AS CARTOGRAFIAS ILIMITADAS DE WILSON BUENO: O QUE PODE ESTE CORPO ANIMAL?

Guilherme Conde Moura Pereira

Resumo: Gilles Deleuze e Félix Guattari, a partir de Espinosa, elaboram a noção de corpo enquanto uma cartografia, constituído por uma longitude, seus elementos materiais com suas velocidades e lentidões moleculares, e por uma latitude, os fluxos intensivos de seus afectos. Com essa conceituação em mente eles lançam a questão “o que pode um corpo?”, ou seja, de que possíveis e impossíveis ele é capaz? Esta pesquisa apropria-se desse questionamento para com ele propor: o que pode a literatura enquanto corpo? Ou, mais radicalmente, o que pode um corpo enquanto literatura? Nesse sentido, procura-se ler um procedimento próprio de uma escrita ilimitada que se converte em cartografia erótica ilimitada e topografia ilimitada dos desejos, elaborada pelo escritor paranaense Wilson Bueno, através das pequenas prosas poéticas que compõem seu “Manual de Zoofilia”, de 1991, e que se espalharam por revistas e jornais (como Nicolau, Germina, Zunái, Rascunho, Trópico, Idéias, Linguarudos e Estado do Paraná) e arquivos inéditos. A perspectiva de uma escrita ilimitada surge justamente com essa constante publicação e republicação (procedimento interrompido pelo assassinato do autor em 31 de maio de 2010) que extrapolam a dimensão do livro e permeiam outros meios. Esses pequenos textos em prosa elaboram imagens poéticas de relações eróticas, constituídas a partir de nomes, ou melhor, signos genéricos no plural que remeteriam a animais, como “Cavalos”, “Raposas”, “Cadelas”, entre outros, mas não só, uma vez que compreendem também “Crianças”, “Chuvas”, “Anjos” e “Leitores”. Em um primeiro momento, essa variedade expõe o fato de que as potências do animal, os seus devires, não estão necessariamente ligados a suas determinações fisiológicas ou biológicas, pelas categorizações da zoologia e de suas taxonomias, mas se constituem a partir de seus afectos e das velocidades moleculares de seus corpos, por isso crianças ou leitores podem ser mais aproximados das desconhecidas potências animais do que das normativas características humanas. Se todo devir precisa ser produzido, criado, a partir do contato com algum elemento, nesses textos de Wilson Bueno, o que possibilita os trânsitos, as vizinhanças, as cartografias, o traçar das linhas, é o desejo erótico. Ou seja, o erotismo se torna condição de possibilidade de uma escrita e uma cartografia ilimitadas que, através de



velocidades e afectos, permitem a passagem de estados de intensidade. Aqui, o amor se espalha pela extensão dos textos, criando as linhas de fuga em direção às possibilidades dos corpos, às suas variações de potências, sendo ele mesmo nunca próprio de um corpo ou de outro, mas um acontecimento entre os corpos. A aproximação, a reunião, desses múltiplos textos heterogêneos se converte em uma cartografia de corpos, um mapa em constante redesenho, em constante elaboração de (im)possíveis. Surge a proposta de uma literatura enquanto Ética, enquanto composição no campo dos afectos, o ler e o escrever se tornam meio de cartografia, i.e., de traçar de corpos em contato e, também, de se fazer enquanto um corpo em processo de contato.

Palavras-chave: Wilson Bueno; Literatura Brasileira Contemporânea; Corpo; Ética

19/07 (TARDE)

Mesa 8 - As enunciações múltiplas do feminismo

PAISAGENS IMEDIATAS: FRONTEIRAS E FERIDAS EM CAROLINA MARIA DE JESUS
Mariana Patrício Fernandes

Resumo: O trabalho procura entrever como a conflituosa relação entre literatura e música na trajetória de Carolina Maria de Jesus, é crucial para efetivar uma poética que produz desvios na ideia de mediação (semiótica e cultural) para instaurar uma nova cena na paisagem literária no Brasil dos anos 1960. Nessa nova cena as fronteiras que separam os campos da experiência estética e política são expostas, apresentando paisagens impossíveis em que se justapõem e se confundem o espaço literário e o da cidade, engendrando a abertura de uma cena onde corpos e vozes podem existir literária, política e historicamente. A insistência da autora de gravar os sambas que compôs, a despeito do desencorajamento de seus editores, é pensada aqui como uma forma de fazer tremer e desestabilizar a recepção de seus escritos como “retratos” de uma realidade, fiéis ao modelo de pobreza e desigualdade que estrutura o país de onde escreve. Nesse retrato infiel e insubordinado, que canta quando deveria calar, fora do horário de folga, o que parece em xeque é a própria ideia de mediação cultural, que tem como paradigma, como aponta João Camillo Penna a partir de Simmel e Velho, o flâneur Benjaminiano que atravessa espaços da cidade que “não o abrigam, mas o deixam ser” (Penna, 2013, p.276). Em Carolina Maria de Jesus poderíamos dizer que este paradigma se inverte. As vozes femininas que dela emergem fazem parte de uma paisagem que as abriga, sem as deixar ser, ocultando-as. Na qual devem cumprir um papel ordenado, que permita a invisibilidade da ordem da representação. Paisagem que é por elas fissurada, não sem que as fissuras se exponham no próprio corpo da escrita e da voz que produz as brechas por onde a trama da representação se descostura. A imagem da fronteira como ferida aberta, criada pela antropóloga Gloria Anzaldúa, para pensar a linha que separa o México dos EUA, apagando o território indígena que habitava todo o território, nos ajuda aqui a pensar nessa cena que se abre pela voz que fala no diário e na canção. Poderíamos falar em uma escrita que dança, relacionando de forma disjuntiva literatura e música? É possível dizer que a dança é a expressão artística onde a tensão entre a assignificância do movimento e a materialidade irreduzível dos corpos, inclusive em sua dimensão histórica e política, é encenada com mais força. A impossibilidade ou resistência do corpo que dança a entrar na ordem do discurso, não podendo jamais ser separado em fonemas, ou capturado em imagens, foi analisada por filósofos como José Gil (1997) e Jean-Luc Nancy (2005), e rendeu à dança um lugar minoritário na história da arte, sendo rejeitada nos tratados de Hegel e Kant (Pouillaude, 2009). É seguindo os traços dessa imediaticidade que pretendemos entrever de que modo a escrita de Carolina Maria de Jesus faz irromper outras cenas na paisagem literária do país.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus, música, escrita, dança.

IMAGINAÇÃO FEMININA EM CIRANDA DE PEDRA E LES MANDARINS

Larissa Carolina de Andrade



Resumo: O presente trabalho estuda a questão da imaginação feminina como um processo não somente de configuração, mas, sobretudo, de recepção dos textos. O corpus dessa pesquisa são as obras *Ciranda de Pedra*, de Lygia Fagundes Telles, e o tomo I de *Les Mandarins*, de Simone de Beauvoir. Este estudo, que visa problematizar a questão do texto pelo ângulo da literatura de mulher, vinculando-a ao tema da imaginação, parte do pressuposto de que a imaginação poética é faculdade fundamental na construção da realidade (RICOEUR, 2010). O estudo se propõe a instaurar uma reflexão crítica acerca da imaginação feminina, se detendo, mais especificamente, nas personagens Virgínia, de *Ciranda de Pedra*, e Anne Dubreuilh, de *Les Mandarins*. Esse objetivo geral desdobra-se nos seguintes objetivos específicos: (i) compreender como se configuram as experiências das personagens dos romances considerando sua condição de mulheres, isto é, o que de fato as tornam figuras femininas e do feminino; (ii) estabelecer de que modo se dá a dialética da imaginação dentro dos romances, ou seja, como as personagens recorrem à imaginação para escaparem ou superarem circunstâncias que a realidade em que se encontram lhes impõe; (iii) discutir as práticas de atualização (como sugere Yves Citton) encontradas na experiência subjetiva da leitura, buscando promover uma reflexão em torno da ideia de recepção e de reconhecimento de tradição. Trata-se, portanto, de levar a discussão para uma perspectiva de resistência prático-poética ao teórico, possibilitando abrir caminhos para um diálogo dinâmico de leitura e interpretação do texto de mulher, que é, em essência, a própria imaginação poética em ação. Ambas as obras se comportam como imaginações que imaginam, isto é, tanto *Ciranda de Pedra* como *Les Mandarins* apresentam personagens femininas que lidam e suportam a realidade do já imaginado através de sua capacidade imaginativa, e é por meio da imaginação que elas transformam o real da ficção e possibilitam, conseqüentemente, a transformação da realidade da leitora, visto que a experiência estética é que garante a transformação e criação de realidades, e essa experiência repousa, primordialmente, no ato de imaginar. Todas as imagens (sustentadas no mundo das ideias) que ocorrem à Virgínia e Anne são responsáveis por impulsionar suas ações. A imaginação, nesse sentido, atua como delatora de uma realidade em curso e criadora de outras tantas, e esse movimento permite que as personagens, almejando aproximar-se do mundo imaginado, escolham e ajam continuamente. Ou seja, essas obras criam uma dupla dialética: entre a realidade da ficção, o mundo que abriga as personagens, e o que elas imaginam para escapar a essa realidade; e entre a realidade do texto e a imaginação da leitora, que se coloca em relação ao universo imaginário do texto. É a dialética da imaginação. A entrada na literatura feminina será por dois vieses: (i) mulher e literatura; (ii) imaginação e literatura. O presente trabalho explora, portanto, as possíveis conjunções destas questões e procura incentivar o encontro estético dos eixos mulher e imaginação, visto que a questão do feminino continua precisando de definição.

Palavras-chave: Literatura; mulher; imaginação.

SUBLIME RELICÁRIO: O CORPO NA OBRA DE TERESA DE JESÚS

Amanda Luiza da Silva

Resumo: Em uma revisão breve da iconografia de Teresa de Jesús destacam-se, como peças fundamentais, duas representações da santa: a primeira, o único retrato da monja que teria sobrevivido após a sua morte, pintado pelo Frei Juan de la Miseria, em 1576; e, a segunda, a escultura *Êxtase de Santa Teresa* (1642-1652), de Gian Lorenzo Bernini, que se encontra na Igreja de Santa Maria da Vitória, em Roma. Se não fosse o extremo no qual se assentam as duas imagens, faria pouco sentido contrastá-las, uma vez que em ambas se observa uma tentativa de retratar Teresa no contexto de suas experiências extáticas. Contudo, é reveladora a discrepância interpretativa de Juan de la Miseria e Bernini das experiências místicas descritas pela monja ao longo de sua extensa produção literária. No retrato do frade carmelita, uma mulher de idade avançada se sobressai da pintura, o rosto apresenta uma expressão austera, enquanto os olhos, levemente inclinados, se fixam em um pombo branco e luminoso: “me has pintado fea y legañosa”, foi a resposta de Teresa à imagem quebrantada de sua figura (TERESA DE JESUS, 1995, p.8). Na escultura de Bernini, que será analisada no conjunto das três peças que compõem



a obra, verifica-se uma mulher jovem que acaba de ser tomada por uma força arrebatadora. O rosto lânguido e a boca semiaberta inspiram, a uma só vez, dor e gozo. A cena projeta erotismo nas experiências místicas da monja, um elemento que Jacques Lacan não deixou escapar em seu Seminário 20: “basta que vocês vão em Roma olhar a estátua de Bernini para compreenderem logo que ela está gozando, não há dúvida” (LACAN, 1985, p. 103). A análise comparativa das imagens reverbera na leitura da obra da monja carmelita, no sentido do testemunho que ela apresenta dos fenômenos extraordinários e intraduzíveis pelos quais passou em seu percurso ascético. No contexto místico, o corpo recebe um tratamento adverso: tomado por um elemento disruptivo, Teresa descreve uma afecção capaz de provocar feridas e deleites: “Era tan grande el dolor, que me hacía dar aquellos quejidos, y tan excesiva la suavidad que me pone este grandísimo dolor, que no hay desear que se quite, ni se contenta el alma con menos que Dios. No es dolor corporal sino espiritual, aunque no deja de participar el cuerpo algo, y aun hartó” (TERESA DE JESÚS, 1995, p.187). Dito isso, meu objetivo nesta comunicação é apresentar uma aproximação entre as duas imagens, alguns trechos da obra de Teresa de Jesús e as teorias retóricas do sublime, sobretudo, no que tange aos efeitos ekstasis [arrebato, êxtase] e ekplexis [choque, estupefação, “terrífico espanto”] produzidos pela aproximação com o sagrado, os quais serão desenvolvidos a partir do tratado de Longino, do século I (cf. 2010, p.52), e o de Edmund Burke, de 1759 (cf. 2013, p.37).

Palavras-chave: corpo; Santa Teresa; sublime; êxtase.

15 - CIRCULAÇÃO DE IDEIAS E DIÁLOGO DE CULTURAS, NA LITERATURA COMPARADA

Coordenação: Maria Elizabeth Chaves de Mello (UFF); Simone Maria Bacellar Moreira (UERJ)

Resumo: A circulação de ideias e cruzamento de olhares entre os povos, na literatura e outras artes, é o tema de interesse deste simpósio. Em uma proposta de reflexão sobre este cruzamento de olhares, é impossível deixar de lado a assimilação das ideias europeias que foi ocorrendo ao longo de nossa história.

Se o século XIX marca o início propriamente dito da luta pela formação de uma realidade nacional, não podemos desprezar toda a produção artística anterior, que contribuiu para a formação do que definimos como “ser brasileiro”. A Europa, à medida que amplia suas conquistas, traz com ela sua arte e seu comércio, participando, assim, dessa definição, apesar da evidente limitação em sua forma de ver o mundo.

A literatura participa desse projeto de construção nacional, trabalhando de várias maneiras para formar o cidadão, detectando a ‘brasileidade’ nas obras estudadas, bem como conscientizando o público da circulação de ideias nas obras. As teorias da época, que nos chegam através de autores, pensadores e viajantes europeus, lidos com avidez pelo pequeno público leitor do Brasil, sobretudo oitocentista, participam intensamente desse processo.

E nesse diálogo com as ideias advindas da Europa, o imaginário tem um papel preponderante, responsável pela formação de conceitos e crenças que são incorporados em muitos movimentos que se desenvolvem no Brasil, não deixando imune o sistema literário brasileiro. Alternando entre a ficção e o contexto sócio-histórico, a literatura brasileira vai se constituindo e encontrando o seu lugar na sociedade.

Hoje, as correntes literárias europeias da pós-modernidade continuam circulando no pensamento brasileiro, resultando em obras literárias bem diversas, de autores que compartilham as propostas nelas contidas. Porém, com as questões identitárias não sendo mais o tema central da literatura, as obras literárias não conseguem atingir um público significativo; escritores e críticos nacionais, diferentemente daqueles dos oitocentos, não ocupam uma posição atuante na sociedade brasileira, ficando eles restritos ao espaço acadêmico. Sobretudo o crítico, um isolado, alguém que não tem público e cujo êxito depende principalmente da sua retórica. Sem



ambiente intelectual, ele se torna um juiz autoritário, vendo sempre um adversário em quem diverge de suas ideias. Ou, o que é mais grave, sem público leitor.

No intuito de provocar uma reflexão sobre os estudos literários e culturais no Brasil de hoje, este simpósio busca respostas a algumas perguntas que consideramos essenciais neste processo: Como entendemos a literatura, hoje, com novos suportes e abordagens de escrita e de leitura? Em um mundo em que a circulação de ideias e a troca de influências são facilitadas pela tecnologia, em que tempo e distância estão reduzidos, ainda podemos falar em literaturas nacionais, mais precisamente em literatura brasileira? Qual a função do estudo de literatura, hoje, na escola e na universidade? Considerando as nossas experiências literárias do passado, como fazer face às textualidades contemporâneas, no diálogo com as literaturas e teorias europeias? Como formar novos leitores?

Não pretendemos fornecer respostas; mas enfrentá-las pode nos proporcionar alguns avanços, pois, o que nos impressiona na circulação das ideias europeias no Brasil, ainda hoje, é a famosa questão da ‘pedagogia’: em termos de colonização, em termos de crítica, em termos de história. Nós, do lado de cá do Atlântico, estaríamos ainda ‘aprendendo’, assimilando, introjetando? Mais uma questão sobre a qual precisamos refletir.

Palavras-chave: circulação de ideias, cruzamento de olhares, literatura e leitura.

PROGRAMAÇÃO

17/07 (MANHÃ)

O CONTO “NEGRINHA”: UM OLHAR SOBRE A SOCIEDADE BRASILEIRA

Simone Maria Bacellar Moreira

Resumo: A leitura é o resultado de um processo complexo, no qual o leitor deve atribuir sentido ao texto lido, por meio de seus conhecimentos prévios, suas experiências de mundo e pelas leituras já feitas anteriormente. Nesse processo, o leitor é capaz de ampliar seu horizonte de expectativas e, assim, também, seu conhecimento de mundo, tornando-se crítico diante dele, podendo, portanto, atuar, no sentido de modificá-lo. O ato de ler, nos dias de hoje, não se resume em ter a capacidade de decodificar um texto. Segundo Marisa Lajolo, “Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a outros textos significativos. O fruto desse processo é a ampliação do horizonte de expectativas desse leitor e, ainda, a aquisição de conhecimento do seu mundo e do seu papel nele.” A importância da leitura é fundamental para entender o mundo e, desta forma, poder viver melhor. Quanto maior for nossa concepção de mundo, mais profundas e críticas serão nossas leituras. Leituras transformam nossa capacidade de observação, a partir da visão do autor e das relações possíveis que formos capazes de estabelecer entre a visão dele e a nossa, principalmente, na leitura literária. Para se tentar formar um leitor competente e crítico, que é um dos objetivos da disciplina de Língua Portuguesa, segundo os Parâmetros de Língua Portuguesa (PCN), deve se fazer um trabalho de incentivo permanente e constante, por parte dos professores junto a seus alunos, pois aprender o processo de leitura é complexo e desafiador. A obra de Monteiro Lobato é de grande importância, mas, infelizmente, de certa forma, ela acaba ficando, na grande maioria das vezes, restrita ao universo da literatura infantil, como destacamos, por exemplo, na obra “O sítio do Pica Pau Amarelo”. Tanto “A menina do nariz arrebitado” quanto “Negrinha”, obras publicadas no mesmo ano, em 1920, retratam a infância, entretanto de maneiras distintas. Na obra destinada ao público infantil, a fantasia é ingrediente responsável na criação das personagens, já no conto para adultos, “Negrinha”, o autor relata uma série de violências cometidas contra negros, vistas de uma maneira natural. Lobato denuncia de forma irônica a hipocrisia de uma elite protegida pela Igreja, o racismo e o preconceito. “Negrinha” é um conto intenso e que apresenta um passado que nos ajuda a compreender o nosso presente. O passado apresentando a vida de pobre órfã,

filha de uma antiga escrava. O presente é essa lamentável condição de se saber que a vida de outras tantas “negrinhas” - crianças – são destruídas todos os dias na sociedade.

Palavras-chave: Leitura, formação de leitores, identidade

A PICARDIA DE VASCO MOSCOSO DE ARAGÃO, EM OS VELHOS MARINHEIROS: TRAÇOS DO ESTILO PICAresco EM JORGE AMADO

Denise Dias

Resumo: A proposta deste trabalho é analisar os traços do gênero picaresco inscrito na narrativa de Jorge Amado, *Os velhos marinheiros*: ou A completa verdade sobre as discutidas aventuras do comandante Vasco Moscoso de Aragão, capitão-de-longo-curso, publicado em 1961, no volume único com a novela *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*. Posteriormente, em 1976, as duas obras foram divulgadas separadamente. Tais narrativas fazem parte de nova fase do autor, que até então se preocupava com questões sociais e políticas. Nessa nova etapa, Jorge Amado volta-se para a escritura de narrativas com personagens pitorescos, que por meio do humor, sátira e ironia, tece forte crítica aos costumes sociais. Inicialmente, serão realizados levantamentos críticos a respeito da origem e dos elementos existentes no gênero picaresco clássico espanhol. Estilo literário, originário da Espanha, é um subgênero narrativo que relata a vida e aventuras de uma personagem - pícaro - em forma de autobiografia, geralmente de condição humilde, sem profissão e, para sobreviver vagabundeia, rouba ou serve aos senhores, descrevendo o cotidiano e as tradições de um povo. Trataremos da expansão desse gênero pela Europa até a América, por meio das traduções e das imitações literárias. Em seguida consolidaremos os aspectos picarescos do protagonista, efetivamente, na observação e aproximação desse ente fictício a outros pícaros, presentes em obras de diferentes momentos históricos. Para tanto, o trabalho, efetuará a relação de comparação entre os pícaros clássicos e modernos. O modelo será fornecido por Lazarillo, Gusmán e Pablos. A narrativa em foco avizinha-se da tradição picaresca por retratar a tradição popular, os costumes da sociedade baiana, as tramas que compõem com simplicidade a relação interpessoal, tudo isso se transmuta numa grande metáfora do Brasil. Verificamos, então, no protagonista da narrativa em foco algumas características que o aproximam do pícaro clássico espanhol: a importância do fingir, a itinerância, a conquista da ascensão social, o rufianismo, a aversão ao trabalho, a astúcia. Tais elementos levam a hipótese do re-nascimento do gênero picaresco na modernidade, que segundo González, transmutou-se em neopicaresca. Da mesma forma, serão demonstrados os traços que diferenciam o anti-herói da narrativa de Jorge Amado com os da picaresca clássica espanhola. A metodologia apoiamos nas análises histórico literárias, além das teorias de Mário González, Gérard Genette, Mikhail Bakhtin, Carlo Ginzburg, Peter Burke e Bronislaw Geremek. O principal objetivo é a demonstração da sobrevivência do gênero picaresco na literatura moderna brasileira. No sentido da contribuição de Jorge Amado para a evolução e permanência do gênero neopicaresco brasileiro.

Palavras-chave: Romance picaresco; Malandro; Jorge Amado; Literatura comparada.

AS VOZES NA NARRATIVA DA COMUNIDADE TRADICIONAL PESQUEIRA DE ARRAIAL DO CABO

Manuela Chagas Manhães

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar um dos contos produzidos pela comunidade pesqueira de Arraial do Cabo, na região dos Lagos, no Rio de Janeiro. Sabe-se que a narrativa tem diferentes formatos, entre elas, a história oral. Por muito tempo a oralidade tem sido uma das mais importantes entre os membros das comunidades tradicionais que compõem o povo brasileiro. Desse modo, algumas das narrativas compostas pela oralidade nessa comunidade, foram organizadas por Wilnes Pereira, e isso nos permitiu uma maior acessibilidade na compreensão da construção da memória social e coletiva dessa comunidade e de sua identidade cultural. Isso significa dizer que nos possibilitou reflexões sobre seus elementos culturais imateriais e materiais estruturantes significativos que retratam sua



historicidade, suas particularidades, seu modo de vida e, conseqüentemente, sua identidade. Além disso, com a organização dos contos e lendas dessa comunidade permite que analisemos os fatos remontados e ressignificados, os quais são elementos essenciais para identificação dessa comunidade artesanal pesqueira. Por conseguinte, trouxemos um dos contos denominado "O vigia da praia grande" para que possamos compreendê-los em suas entrelinhas e, assim, demonstrar tais particularidades e elementos culturais imateriais que retomam as lembranças dos membros da comunidade. Assim sendo, este acervo contribuiu para uma melhor compreensão da rememoração que acontece diariamente nessa comunidade, como meio de manter a própria memória social e coletiva no seu cotidiano, constituindo o sentimento de pertencimento, assim como o reconhecimento social comunitário, ambos voltados pelas suas tarefas sociais em torno da pesca artesanal. Em outras palavras, em nossas pesquisas compreendemos que os membros de uma comunidade ao compartilharem tais expressões e elementos estruturantes significativos culturais constituiriam entre si o reconhecimento social comunitário. Tal reconhecimento é extremamente relevante para o sentimento de pertencimento, mas também é para que a comunidade tradicional possa sobreviver ao tempo e às adversidades. Portanto, entendemos que autoidentificação nesta comunidade é um fator primário para que haja o fortalecimento do sentimento de pertencimento e, conseqüentemente, sejam consideradas legítimas na sociedade brasileira. Essa autoidentificação seria um primeiro passo junto ao Ministério da Cultura para seu reconhecimento como comunidade tradicional. Para isto se torna elemento integrador o seu modo de vida que traz a pesca artesanal como estruturante, sendo compartilhada entre os membros da comunidade. ou seja, a pesca como atividade socioeconômica, passada de geração e geração através da história oral, assim como seus aspectos simbólicos, ritualísticos, seus costumes e tradições norteariam as relações cotidianas e toda a estrutura dessa comunidade.

Palavras-chave: narrativas, comunidade artesanal de pesca, identidade

LEMBRANÇAS DAS INFLUÊNCIAS EXÓTICAS NAS FÁBULAS LOBATIANAS

Ana Márcia Cabral Linhares Mourthé

Resumo: Na esfera dos estudos bakhtinianos, a literatura constitui-se como um jogo interdiscursivo, marcado, constantemente, pela intertextualidade, isto é, pelas ligações dialógicas concretizadas em textos, ou pela intratextualidade, quando duas vozes aparecem em seu interior, o que torna impossível a defesa de algum tipo de originalidade primordial absoluta, seja de sentidos, seja de textos. Com base nessa definição, proferir comentários sobre o gênero fábula é, antes de tudo, considerar que essa forma literária, declaradamente híbrida, combina discursos, textos ou ambos. Enquanto gênero específico, a fábula é, frequentemente, elaborada como uma narrativa breve, em prosa ou em verso, que inclui, muitas vezes, uma lição ou ensinamento moral, e cujas personagens são, principalmente, animais, que representam tipos humanos, embora seres inanimados, plantas, humanos ou até deuses possam ser encontrados em seu enredo. Uma característica que distingue essa categoria literária de outras, como o mito, a lenda ou o conto popular, é o seu permanente caráter pedagógico. Em relação à temporalidade característica da fábula, ela não se desenvolve num tempo cronológico determinado, ou seja, a sua unidade de tempo é subordinada à unidade de ação. E essa, por sua vez, é, normalmente, circunscrita ao espaço onde o pequeno drama se desenrola. Segundo Oswaldo Portella, "[...] o espaço onde a ação se desenvolve no geral se restringe à uma sala, uma cena, uma casa, um pomar, um rio, uma floresta, uma árvore, etc [...]" (1979). Ao contrário das ações observadas nas epopeias e nos dramas, que seguem a lógica de suas narrativas, nas fábulas, a ação está associada a uma sentença moral, explícita ou não. A partir do momento que o objetivo moral é atingido, a ação cessa. Com base em outras abordagens, o gênero fábula é classificado como uma construção discursiva universal. Para Maria Celeste Consolin Dezotti (2018), as distinções de construção do texto, dos temas e das figuras que podem ser encontradas em fábulas de culturas diversas não influenciam na forma de funcionamento dessas narrativas. Elas são representativas de um mesmo tipo de discurso. Conforme a autora, "fábula é um ato de fala que



se realiza por meio de uma narrativa ficcional” (DEZOTTI, 2018), em que o ato de narrar serve a diversos atos de fala (aconselhar, censurar, recomendar etc), desde que expressos por meio alegórico. Levando em consideração essas definições e propriedades do gênero literário apontado, referir-se às influências exóticas encontradas nas fábulas lobatianas, é apresentar, baseado em trabalhos acadêmicos já elaborados, um breve relato das interferências greco-latinas, indianas e francesas nas fábulas de Monteiro Lobato.

Palavras-chave: Fábula; Intertextualidade; Lembranças

17/07 (TARDE)

LA ISLA ANTROPOFÁGICA: O QUE PASSA ENTRE OSWALD DE ANDRADE E ANTONIO BENÍTEZ-ROJO

Gabriel Moreira Faulhaber

Resumo: O presente trabalho consiste em relacionar as intuições e propostas feitas por Oswald de Andrade em seus manifestos — Manifesto da Poesia Pau Brasil (1924) e Manifesto Antropófago (1928) — com os principais aspectos assinalados por Antonio Benítez Rojo em *La isla que se repite* (1998). Nesse sentido, primeiramente evocamos os pontos-chave das exposições oswaldianas, um pouco da voz de seus manifestos. Em seguida, partimos para uma leitura da abordagem de Benítez Rojo acerca dos diferentes modos de expressão dos povos da região do Caribe. Por fim, entramos precisamente em nossa comparação. O objetivo é verificar de que modo os apontamentos de Oswald de Andrade podem ser reencontrados em outros contextos. Não é pretendido estabelecer uma relação direta entre essas instâncias, como se a segunda fosse uma consequência lógica da primeira. Nosso intuito é demonstrar, tendo como base as imagens e avaliações de *La isla que se repite*, a força e a amplitude da Antropofagia que podem ser lidas e reconhecidas em outros contextos que não se restringem ao cenário de sua elaboração.

Palavras-chave: Antropofagia; Caribe; Cultura

O ESTRANGEIRISMO NA POÉTICA DE ADALCINDA CAMARÃO

Heydejane da Silva e Silva Nogueira e Francisco Pereira Smith Junior

Resumo: A presente pesquisa tem por objetivo principal analisar como as culturas Amazônica e Norte Americana, estiveram presentes nos poemas que a autora, Marajoara, Adalcinda Magno Camarão Luxardo escreveu poemas e os publicou mesmo estando fora de seu país de origem. Adalcinda Camarão foi umas das poucas mulheres que militaram no cenário cultural literário Paraense e no universo da arte, suas produções foram de tal significância que o reconhecimento por elas veio quando Adalcinda tinha apenas 34 anos. Ela foi eleita para ocupar uma cadeira na Academia Paraense de Letras, a cadeira de número dezessete, é um marco em nossa história, uma mulher jovem ocupar uma posição de tanto reconhecimento e respeito. A pesquisa tem como objetivos específicos encontrar nas obras da autora perspectivas relacionadas com a Literatura Comparada, destacando a importância das duas línguas em poemas que tenham características semelhantes e relatar o estrangeirismo nos poemas da sua obra *Antologia Poética*. Nesta obra, Adalcinda guardou tudo de mais puro e lindo que lhe lembrava sua terra natal, fazendo com que a força da saudade a inspirasse ainda mais. Belos poemas saudosistas, a levaram a escrever diversos livros. Nesta coletânea temos: *Vidência* (1941), *Baladas de Monte alegre* (1949), *Entre espelhos e estrelas* (1953), *Caminho do vento* (1968), *Folhas* (1979), *À sombra das cerejeiras* (1989), e outros poemas. A metodologia utilizada será a revisão bibliográfica e trará reflexões teórica de autores como: P. BRUNEL, C. PICHOS E A. M. ROUSSEAU (1995), TANIA FRANCO CARVALHAL (2003), SANDRA NITRINI (2010), MANUEL ALVARES MACHADO (2001) e ADALCINDA CAMARÃO (1995). Realizar-se-á uma leitura sincrônica e de imersão na obra de Adalcinda Camarão, levando em conta cada detalhe que venha ser importante destacar nos poemas que foram escritos em ambientes Norte



Americanos, nas Língua Inglesa e Portuguesa. De sua coletânea pode seu destacado um de seus poemas que tem por título “ADEUS”, na página 187. Neste poema a autora relata a saudade de sua infância e seus simples costumes a beira do rio junto a seus amigos, o poema está assinado e datado, “April, 1978, D. C.”. Apesar de tê-lo escrito quando residia nos Estados unidos ele relata seu saudosismo pelo lugar onde passou sua infância, Moaná, Marajó-Pará. Outro poema de sua coletânea que vale aqui ressaltar é “POEM TO THE HOMING PIGEON”, ele está escrito na língua Inglesa e relata de certa angustia sentida pela autora para um pássaro levar e trazer notícias e o medo de retornar.

Palavras-chave: poemas; estrangeirismo; literatura comparada

ENTRE ILUSÕES PERDIDAS E PAISAGENS TROPICAIS: BALZAC E SUA QUASE AVENTURA EM TERRAS TUPINIQUINS

Carlos Eduardo do Prado

Resumo: “Cheguei ao fim da minha resignação. Penso deixar a França e levar meus ossos ao Brasil, num projeto louco, e que escolho por causa da sua loucura. Não quero mais suportar a existência que levo. Basta de trabalhos inúteis.” Estas foram as palavras de Balzac em uma carta enviada à sua amada, a Condessa Hanska, no dia 03 de julho de 1840. Mas afinal, o que viria fazer Balzac em terras tropicais? Estaria o autor seguindo os passos de alguns de seus personagens, que em determinado momento crítico de suas vidas, viram-se obrigados a se lançarem no Novo Mundo procurando riqueza? Quais são as evocações do Brasil na obra e na vida de Balzac? Dentre os biógrafos do escritor francês, Stefan Zweig, em seu livro Balzac Eine Biographie (1946), tradução francesa Balzac le roman de sa vie (1950), vai recuperar essa fala do autor francês, confirmando que o Brasil se mostra como a possibilidade de um recomeçar tanto para Balzac, e evidentemente, para o escritor austríaco. Neste jogo de espelhos, autores e personagens se misturam no complexo espaço ficcional criado pela narrativa. Ficção e realidade se confundem, expondo claramente uma das questões centrais da literatura, ou seja, a sua relação com o conceito de real. Se o imperador Pedro ajudaria Balzac, em mais uma das suas fantásticas empreitadas, a cidade de Pedro, foi o refúgio escolhido por Zweig na tentativa de se afastar das atrocidades da 2ª Guerra Mundial que assolavam o continente europeu. Infelizmente, a biografia de Balzac imaginada por Zweig não seria concluída, devido ao fim trágico do escritor, na região serrana do Rio de Janeiro. Desta forma, esta comunicação tem como objetivo propor algumas reflexões sobre a construção da imagem do Brasil, a partir do século XIX, com a troca de olhares entre o Novo e o Velho Mundo, buscando evidenciar o diálogo entre as ideais provenientes da Europa e o continente sul-americano.

Palavras-chave: Honoré de Balzac; Brasil século XIX; França século XIX; olhares cruzados; Stefan Zweig

LUGARES DA SUBJETIVIDADE NO MEMORIAL DE MARIA MOURA

Elisângela Santos Petrucci Peçanha

Resumo: LUGARES DA SUBJETIVIDADE NO MEMORIAL DE MARIA MOURA ELISÂNGELA SANTOS PETRUCCI PEÇANHA (UFF) (Orientadora: Profª Drª. Maria Elizabeth Chaves de Mello-UFF) Como analisar a subjetividade na obra Memorial de Maria Moura nos tempos contemporâneos? E como os espaços e vozes narrativas cruzadas ajudam a configurar esse sujeito? Este texto , em estado de projeto, é uma pesquisa que visa explorar algumas respostas a essas perguntas. O memorial representa um olhar sobre si mesmo, que no romance, fica evidenciado por vozes narrativas afinadas com a configuração de uma protagonista “sujeito” que está deslocada no sertão e procura o seu lugar tanto interno como externo. Isso nos leva a crer que os espaços narrativos corroboram de forma significativa para fortalecer a memória e a subjetividade. Maria Moura , personagem protagonista do último romance de Rachel de Queiroz (1992) , pode ser vista como uma personagem feminina icônica que marcou uma grande transformação na narrativa e na visão literária da mulher na sociedade. A fragmentação e reconstrução dos discursos apresenta além de uma unidade que organiza toda



a história, como também apresenta uma dimensão pós-moderna da narrativa criada a partir da subjetividade, o que não centraliza apenas a autoconstrução do sujeito, mas evidencia o caráter social, histórico, crítico e analítico da sociedade apresentada no romance. A participação dos vários narradores deslocados pelo sertão brasileiro e as suas carências potencializam a importância de um lugar onde possam se encontrar como sujeitos, que ora se apresenta no campo da memória, ora se apresentam num espaço físico, real e seguro. O jogo narrativo dessas vozes, a priori, dissonantes, vão organizando na ficção um direcionamento universalizante da nossa condição histórica enquanto nação periférica. Trata-se de uma subjetividade desenhada na linguagem onde a construção narrativa torna-se reveladora, desconstrutora e, indubitavelmente, crítica. As tensões entre o novo e o velho sertão, e a nova e a antiga Maria Moura, tornam-se aparentes nas quebras de paradigmas pré-estabelecidos socialmente, além de se evidenciar um novo discurso feminino da não aceitação de preconceitos e limitações para as mulheres. Maria Moura é uma mulher livre para realizar escolhas de caminhos, o que lhe garante autonomia e liberdade. As personagens femininas que fazem parte do universo criativo de Rachel de Queiroz nos chamam atenção por serem fortes e por quebrarem barreiras enrijecidas no tecido social. Essas mulheres sabem onde querem chegar e, mesmo num contexto masculino e paradigmático, como o sertão nordestino do século XIX, a sua determinação se revelará na evolução gradativa da “mulher guerreira” dentro das personagens femininas. Partindo desse princípio investigativo chegamos ao processo de subjetivação pela voz feminina que Rachel de Queiroz vai implementar em suas narrativas modernistas onde é possível identificar uma demarcação de território estético-literário forjado na busca por direitos, voz e, principalmente, protagonismo feminino.

Palavras-chave: Subjetividade; discurso; feminino; memória

18/07 (TARDE)

A INTERTEXTUALIDADE EM "LEITE DERRAMADO"

Maria Elizabeth Chaves De Mello

Resumo: Uma das possíveis funções da literatura seria a de evitar a ameaça do esquecimento, que se apodera de toda experiência humana não registrada. A história, as imagens filmadas ou fotografadas não bastam para aquilo que só a literatura pode fornecer: o prazer da memória reinventada. O conceito de memorialismo aplica-se a vários gêneros (autobiografia, diário íntimo, correspondência, relato de viagem, poesia lírica etc), marcados pela subjetividade e pela confissão, entre o real e o fictício. Na impossibilidade de se fazer estudos panorâmicos para analisar obras memorialísticas no Brasil, desde sempre, mas, principalmente desde o incontornável Memórias póstumas de Brás Cubas, este trabalho se propõe a abordar o tema a partir de um estudo de caso. Em 2009, o público leitor brasileiro é apresentado a uma obra que provoca importantes reflexões teóricas sobre o que é literatura, o romance, a narrativa, o memorialismo, as relações entre real, memória e imaginário, entre a História e a Literatura. Trata-se do livro Leite Derramado, de Chico Buarque de Holanda. Estudando-o, teremos a oportunidade de percorrer todos esses gêneros e temas. Prisioneiro de um leito de hospital, um senhor muito idoso, centenário, passa em revista a sua vida, as suas memórias, as vidas dos seus entes queridos, seus fantasmas, o que ganhou e perdeu na vida. Ao fazer trabalhar a memória, é a História do Brasil dos últimos cem anos, que aflora com ele. O narrador conta, de maneira fragmentada e abrupta, relatos, sentimentos, paixões a sua enfermeira, à filha, sua mãe já falecida. Suas lembranças se chocam, sua mente vai à deriva, passa de uma época a outra. Nos momentos de lucidez, ele constata que sua memória está caótica. Com a sua escrita concisa e clara, Chico Buarque leva o leitor a ver e sentir, junto com a personagem. Ora ele se sente na praia de Copacabana, ora se vê no quarto de hospital, ou num apartamento pobre do subúrbio. Através das diferentes histórias que desfilam pelo texto entrecortado do narrador, a História do Brasil se revela através das diferentes gerações da dinastia familiar. Muitas questões são tratadas



nessa obra: a saga, entre o apogeu e a decadência de uma família, os preconceitos, o amor a paixão, o ciúme, a escravidão. E tudo fragmentado, obrigando o leitor a trabalhar o tempo todo, para reconstruir a obra.

Palavras-chave: memorialismo - autoficção - narrativa

KNOCK E O ALIENISTA: ENTRE PARÓDIA E PALIMPSESTO

Stela Maria Sardinha Chagas de Moraes

Resumo: Momento decisivo de mudanças em todos os setores de atividades intelectuais, o entre-guerras possibilita ao teatro a retomada de seu eminente posto entre as expressões artísticas. Dentre os grandes nomes que voltam à cena, destaca-se o de Jules Romains como um dos melhores autores de comédias satíricas pelo fato de perscrutar e colocar em cheque todos os elementos da vida social. Aliás, é justamente a sátira direta em que se explora o humor irônico e provocador que o consagrará enquanto autor teatral junto ao público e à crítica. Partindo do pressuposto de que Knock ou le triomphe de la médecine (1924) tece, nas entrelinhas, uma crítica à realização literária de caráter cientificista, em outras palavras, ao naturalismo, torna-se possível, respeitadas naturalmente, as diferenças de tempo e espaço, estabelecer os pontos de contato entre esta peça de Jules Romains e o conto O alienista (1881), de Machado de Assis, uma vez que ambos os textos parecem realizar, de maneira subliminar, uma releitura de Le roman expérimental, de Émile Zola. De fato, remetendo, à primeira vista, à apologia da ciência – a partir do título em que a exaltação da medicina parece evidente –, observa-se que Knock ou le triomphe de la médecine, após a revelação das verdadeiras intenções do personagem central – fazer fortuna – se revela exegética, questionando vários aspectos do contexto socio-histórico franco-europeu, por assim dizer, dos anos vinte, além de interrogar a literatura e sua própria função. No que tange a O alienista, o mesmo parece ocorrer, mas, dentro do sócio-histórico do Brasil do século XVIII – se reportando aos anos de 1880 –, um a vez que o personagem principal, encarnando a Ciência, na sua infatigável luta pela demarcação da zona limítrofe entre a razão e a loucura, determina não apenas o questionamento das verdades científicas, mas também o das instituições sociais, de maneira geral, além da linguagem. Torna-se evidente, dessa forma, que o conto e peça em questão, unindo a retórica à ciência, instalam ditaduras científicas, uma em Itaguaí, outra, em Saint-Maurice – ambas, cidadezinhas representativas de um macrocosmo político-social onde o poder se encontra estreitamente ligado à palavra e sendo a esta submisso. Desta forma, através da justaposição de O alienista e de Knock ou le triomphe de la médecine, é possível entrever em que medida o conto e a peça, considerados sob o ângulo do palimpsesto, configuram textos exegéticos, estabelecendo novas perspectivas concernentes ao relacionamento entre o pensamento e a ficção apontando para o cunho crítico da literatura.

Palavras-chave: Knock; O Alienista; paródia; palimpsesto;cientificismo

A ORDEM E O CAOS: A MULHER ESCRITA EM DEUS DE CAIM, DE RICARDO GUILHERME DICKE E CAIM, DE JOSÉ SARAMAGO

Elair de Carvalho

Resumo: Este artigo propõe um estudo para compreender as representações do feminino nos romances Deus de Caim, de Ricardo Guilherme Dicke e Caim, de José Saramago, cuja investigação se insere no âmbito dos Estudos Comparados de Literatura, na medida em que se estabelecem semelhanças e diferenças entre os dois textos literários, dos países de língua oficial portuguesa. Situam-se as leituras nas protagonistas, analisando a construção de um discurso que se revela na continuidade textual da transgressão, no confronto dos textos sagrados, na prática de resistência a esse mundo de preconceito e de submissão que se opõe às condições individuais e profundamente humanas.

Palavras-chave: Personagem feminina; estudos comparados; transgressão; resistência.

16 - CIRCULAÇÃO, TRAMAS E SENTIDOS NA LITERATURA JUDAICA CONTEMPORÂNEA



Coordenação: Profa. Dra. Kênia Maria de Almeida Pereira (UFU); Profa. Dra. Lyslei Nascimento (UFMG); Profa. Dra. Nancy Rozenchan (USP)

Resumo: O simpósio **Circulação, tramas e sentidos na Literatura Judaica Contemporânea** acolherá, no contexto do Congresso XVI da Abralic 2019, contribuições teóricas e críticas sobre a literatura judaica da atualidade. O conceito de trama aponta, num primeiro momento, para o texto em sua realização no enredo ou urdidura, com a ideia de tecido e textualidade metaforicamente configurado no enunciado. Num espectro mais amplo, na enunciação, o termo se expande e enriquece para outras acepções como ardil, armadilha, artifício, engenho, estratégia, intriga, além de confabulação, de argumento e de labirinto criados pelos escritores em seu ofício. Criadores e criaturas, no sentido textual, estão, assim, contemplados nessa proposta. Compreendem-se, portanto, elegíveis para este simpósio, reflexões e críticas sobre as inúmeras e sofisticadas estratégias criativas e criadoras de escritores que tenham a cultura e a tradição judaica como autoria, tema ou método. Nesse contexto, essa abordagem é especialmente instigante para se analisar o jogo entre o enunciado e a enunciação na literatura judaica contemporânea e a sua circulação intertextual e entre artes. A noção de sentido, por sua vez, também de forma lúdica, amplia-se para interpretação, significado, tom, orientação e rota que norteiam o trabalho ficcional. A diversidade da cultura e da tradição judaicas, tanto na prosa quanto na poesia, é paradigmática e rica na exploração desses conceitos em vários níveis, elaborando intrincadas e reveladoras relações entre textos em diálogo com outras literaturas e com outras artes como o cinema, a fotografia e as artes em geral. Assim, balizam nossa proposta a contundente obra de Franz Kafka e de Walter Benjamin, com seus personagens presos em armadilhas tanto do corpo e da mente, como em *Metamorfose*, quanto das condições férreas do metafóricas ou não, como em *O processo*, *O castelo* e em *Na colônia penal*, no caso de Kafka; e das reflexões fundamentais sobre a história, a experiência, a arte e a técnica, como em Benjamin. Também estarão presentes em nossos debates os testemunhos imprescindíveis para o nosso tempo como os de Primo Levi em *É isto um homem* ou em *Sobreviventes e afogados*; os de Elie Wiesel, como em *Noite*, além da literatura iconoclasta de Philip Roth, sobretudo em *Complexo de Portnoy* ou *Pastoral americana*; de Saul Bellow em *Herzog* ou de Natalia Ginzburg em *A família Manzoni* ou *Family Lexicon*. O inusitado experimentalismo de Georg Perec, em *W*, ou *a memória da infância* e *Vida: modos de usar*, por exemplo, além de *Tudo se ilumina* e *Extremamente alto e incrivelmente perto*, de Jonathan Safran Foer poderão, também, ser objeto de análises; a fundamental literatura israelense de Aharon Appelfeld, como em *Badenheim 1939*, Amos Oz, em *Meu Michel* ou em *A caixa preta*; David Grossman, em *Ver: amor*, Orly Castel-Bloom, em *Human parts* e Etgar Keret, como em *As medusas*, entre outros autores e obras. A literatura judaica contemporânea brasileira será contemplada com Clarice Lispector, como em *A hora da estrela*; Samuel Rawet, como em *Contos do imigrante*; Moacyr Scliar, como em *O centauro no jardim*; além da literatura de Cíntia Moscovitch, Leila Danziger, Noemi Jaffe, Ronaldo Wrobel, Paulo Rosenbaum e Fábio Weintraub, só para citar alguns poucos nomes. Esperamos, assim, pensar a literatura judaica contemporânea a partir de sua capacidade de recriar o imaginário, os personagens e os espaços bíblicos com humor e ironia; as inúmeras formas do exílio, suas expressões e marcas; as representações-limites do Holocausto/Shoah; as reflexões contundentes sobre o ofício de escrever e do estar no mundo do artista, a marca biográfica e a encenação do poético como outros temas caros à expressão literária. Para isso, este simpósio receberá propostas de comunicações que apresentem análises de autores e obras que abranjam o múltiplo espectro que é a literatura judaica na contemporaneidade.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

LETRAS MIGRANTES: POÉTICAS DA JUDEIDADE NA LITERATURA BRASILEIRA OU LENDO SAMUEL RAWET E ELISA LISPECTOR

William Conceição dos Santos

Resumo: Nos âmbitos da autoria e da temática textual, a presença de uma escrita literária de traço judaico na Literatura Brasileira remonta os anos de 1940. O compósito textual de muitos escritores de origem judaica constitui-se pelo aguçamento de suas memórias acerca do processo de trânsito entre o momento de saída de suas localidades de origem até a instalação no Brasil, além do impacto causado pelas barreiras culturais, linguísticas, climáticas e religiosas. IGEL (1997), na obra "Imigrantes judeus, escritores brasileiros", revela a existência de um significativo elenco de escritores brasileiros de origem judaica, que alinharam a sua origem a uma temática judaica textualmente explícita. Para WALDMAN (2003), a escrita de traço judaico trata-se de um texto híbrido, que põe as culturas brasileira e judaica em relação de complexidade e ambiguidade. A partir de textos representativos de Samuel Rawet (1929-1984) e de Elisa Lispector (1911-1989), a presente comunicação, desdobrada de um projeto de tese de doutorado em etapa inicial, pretende evidenciar o texto literário de traço judaico como um componente particular da Literatura Brasileira, ressaltando seu caráter migrante e fronteiriço. Ao mesmo tempo, amparando-se em BERND (2010), pretende-se discutir como os textos dos escritores em questão são potenciais para problematizar a concepção de literatura como discurso representativo e homogeneizador de uma nação. Samuel Urys Rawet nasceu em 23 de julho de 1929, na pequena cidade polonesa de Klimontow e aqui desembarcou em 1936, contando apenas sete anos de idade, com sua mãe e seus irmãos, esperados pelo pai, que havia chegado três anos antes. Cresceu no subúrbio do Rio de Janeiro e, anos mais tarde, transferiu-se para Brasília. Além de ter assinado cerca de doze títulos, dentre contos, ensaios, crítica e peças teatrais, Rawet também foi engenheiro calculista de concreto armado da equipe do famoso arquiteto Oscar Niemeyer. Os leitores e críticos da obra de Samuel Rawet imediatamente o associam ao contista do imigrante ou aquele que, de forma significativa, inseriu na literatura brasileira o tema da imigração judaica, através de "Contos do imigrante", seu livro mais conhecido, publicado em 1956. Elisa Lispector, nascida Leah Pinkhasovna Lispector, nasceu em Sawran, na Ucrânia, território da antiga União Soviética, em 24 de julho de 1911. Junto com seus pais Pinkhouss Lispector e Mania Krimgold Lispector, e suas irmãs Ethel (Tânia) e Haya (Clarice), Elisa Lispector chega ao Brasil em 1920, aos nove anos de idade. Inicialmente, viveram em Maceió por cinco anos, depois, mudaram-se para Recife e, em 1937, seguiram para o Rio de Janeiro. Elisa Lispector foi secretária concursada de delegações governamentais, representando o Brasil em importantes funções no exterior, além de ter estudado Sociologia e Crítica de Arte. Sua iniciação literária é marcada pela estreia do romance "Além da fronteira", em 1945. Mais tarde, em 1948, publica o romance "No exílio", considerado, dentre suas obras, o mais autobiográfico, por retratar, ficcionalmente, o trânsito da família Lispector da Ucrânia até a chegada ao Brasil. Anos depois, ainda publica outros romances e contos.

Palavras-chave: judeidade; trânsitos; migrações; exílio.

REVISITANDO ANNE FRANK: PHILIP ROTH, NATHAN ENGLANDER E SHALOM AUSLANDER

Isadora Sinay

Resumo: Anne Frank é talvez a figura mais icônica da literatura judaica. Seu diário e sua história penetraram a cultura popular de uma forma inescapável e sua figura tornou-se de tal forma inseparável da Shoá que Philip Roth chegou a referir-se a ela como uma "santa judia." Contudo, alguns escritores, entre eles o próprio Roth, viram na desconstrução dessa sacralidade um mecanismo para analisar as formas como a sociedade judaica contemporânea se relaciona com a memória do Holocausto e seus ícones. Em O Escritor Fantasma, escrito por Philip Roth em 1979, e Hope: A Tragedy, publicado em 2012 por Shalom Auslander, Anne Frank é restaurada a vida, ainda que em segredo, e ambos os escritores refletem sobre sua figura e as relações entre identidade, memória e mito. Nathan Englander, por sua vez, em Do Que a

Gente Fala Quando Fala de Anne Frank, retoma um conto de Raymond Carver para questionar a centralidade de Anne Frank na identidade judaica contemporânea, mesmo quando o assunto em questão parece completamente distante. Essa apresentação tem como objetivo analisar brevemente essas três obras e a forma como elas revisitam a figura de Anne Frank para questionar o cânone literário judaico e levantar questões acerca da trama de memória e reverência que circunda a escritora.

Palavras-chave: Literatura judaica; literatura americana; holocausto

A FOTOGRAFIA EM MINHA MENTE: *TEREZÍN*, DE DANIEL BLAUFUKS

Lyslei Nascimento

Resumo: “A fotografia em minha mente”, texto introdutório a *Terezín*, publicado em 2010, pelo fotógrafo, diretor e escritor português Daniel Blaufuks, aponta, não só para a intrínseca relação entre imagem e literatura, mas também para uma reflexão importante sobre a atuação do artista e do seu ofício diante de um mundo que, “seduzido pela memória”, muitas vezes, a institui, paradoxalmente, como uma forma de esquecimento. *Terezín* é, pois, o livro de um fotógrafo/escritor ou de um escritor/fotógrafo que, nessa dupla, ou talvez múltipla condição, desconfia e faz o leitor, ou o espectador, desconfiar de imagens e de textos que são oferecidos ao olhar. A primeira vez que Blaufuks viu uma imagem de *Terezín* foi, segundo afiança, no romance considerado como um dos mais importantes romances do século, *Austerlitz*, de W. G. Sebald. Esta comunicação tratará, assim, do olhar do artista que, à contrapelo de uma monumentalização institucionalizada, principalmente a de alguns “lugares da memória”, denuncia a banalidade do mal que, nessa memória oficial, pode se inscrever.

Palavras-chave: Daniel Blaufuks; Fotografia; Terezin; Memória.

EXÍLIO EM PORTUGAL: DOIS RETRATOS

Luis S. Krausz

Resumo: “Sob céus estranhos” é o título de dois livros publicados em Portugal que dizem respeito à experiência traumática do exílio judaico-alemão em terras lusitanas. O primeiro, de Ilse Losa, ela mesma uma refugiada da Alemanha que se estabeleceu em Lisboa, foi publicado pela primeira vez em 1962 e trata em primeira mão da experiência do desterro, da adaptação a um novo idioma e a uma nova maneira de ver o mundo, assim como das ambivalências com relação às terras de origem. O segundo, de Daniel Blaufuks, publicado em 2007, trata da experiência da geração dos netos dos refugiados. O autor, tendo nascido em Lisboa no mesmo prédio em que viviam seus avós, escreve seu livro-memória com base nos fragmentos do mundo desaparecido dos refugiados, tomando por base alusões, fotografias, alguns objetos, costumes e lembranças que, mesmo não sendo mais suas, impregnam sua existência e acabam por marca-lo de maneira indelével. O propósito desta comunicação é analisar de que maneira a transmissão da experiência do exílio está contida em obras de testemunho que representam diferentes estágios na elaboração deste trauma: a primeira, que o experimentou diretamente, e a terceira, que busca uma redescoberta das próprias origens por meio de uma espécie de arqueologia de fragmentos.

Palavras-chave: exílio, judaísmo, literatura judaica, Alemanha

16/07 (TARDE)

Mesa 1

O CONFLITO INTERGERACIONAL NOS CONTOS DE ETGAR KERET

Gabriel Steinberg

Resumo: A sexta antologia de narrativas curtas *Takalá Biktê hagalakssia* (Um incidente nos confins da galáxia), rendeu ao escritor israelense Etgar Keret o prêmio Sapir em 2018. Como já é marca de sua escrita, as narrativas de Keret se dirigem ao leitor numa linguagem coloquial e informal. Sua escrita por vezes bem humorada, tem como personagens pessoas comuns que em



situações peculiares, tem um comportamento extremo e até bizarro. Humor, depressão, brigas, conflitos entre casais, o absurdo, a ironia e a subversão são temas pelos quais suas narrativas transitam com extrema facilidade. Um dos temas condutores de alguns de seus contos é precisamente o conflito entre filhos e pais na contemporaneidade onde, por vezes, os pais tem um comportamento tão infantil e surreal, mostrando como os papéis dos atores sociais na era pós moderna se invertem, e os filhos levam os pais a agirem como se eles próprios fossem crianças. No conto *Al taassê et zê* (Não faça isto), Keret coloca o leitor diante de um homem prestes a se jogar do topo de um prédio. Enquanto o pai, personagem do conto, tenta evitar que o homem acabe com sua vida, o filho incentiva o homem a pular imaginando ser ele um super herói. No conto *Machar Kupá* (Amanhã, uma caixa registradora), é um menino que leva seu pai, um homem divorciado e amargurado, a cometer loucuras com o intuito de contentar seu filho pequeno. Para agradar o menino durante uma saída da casa da mãe e por ocasião do seu aniversário, o menino que recebeu como presente um pequeno avião a controle remoto, teima em receber do pai além do avião, uma caixa registradora. O pai que teme ter que enfrentar o filho e com isto se indispor com ele, prefere assumir um comportamento infantil e até irresponsável com o intuito de fazer o desejo de seu pequeno que, ao igual que muitas crianças do mundo atual, não pode ser contrariado. Já no conto *Ugat Peirurim* (Um bolo de migalhas), uma mãe de idade já avançada, leva seu filho para um almoço para celebrar seus cinquenta anos. No restaurante e perante Charlie, um atendente gordo e entediado, mãe e filho discutem já que o aniversariante deseja comemorar seu dia comendo panquecas. No final a mãe que não se incomoda com o vexame público de tratar seu filho como se ele ainda fosse uma criança, decide premia-lo tanto com as panquecas como com o bolo de migalhas. Desta forma as narrativas de Keret, que por vezes mostram realidades que beiram o grotesco ou o absurdo, conduzem o leitor a refletir sobre situações do cotidiano.

Palavras-chave: Literatura israelense; humor; conflito; ironia.

NAS TERRAS DO CHACAL: UM (RE)ENCONTRO COM OS PRIMEIROS CONTOS DE AMÓS OZ

Fernanda dos Santos Silveira Moreira

Resumo: No final do ano de 2018, faleceu Amós Oz, um dentre os principais escritores e intelectuais israelenses. Reconhecido por sua obra ficcional e não ficcional e também por sua militância política relativa ao conflito israelense-palestino, Oz começou a publicar suas obras no ano de 1965 com *Artsot hatan* (Terras do chacal em tradução livre). Dois dos contos desse livro foram traduzidos para o português e publicados em *O novo conto israelense* (1978): *O nômade e a víbora* e *Caminho do vento*, histórias contextualizadas no cotidiano dos kibutzim, espaço no qual outras narrativas posteriores de Oz se desenvolvem. A tradução para o inglês (*Where the jackals howl*), de Nicholas de Lange e Philip Simpson, conta com oito contos. Entretanto, duas das histórias da publicação original não foram traduzidas para o inglês. Em homenagem ao escritor, a publicação *The New Yorker* de janeiro de 2019 apresentou a tradução de um desses dois contos, *All rivers* (em hebraico: *Kol haneharot*), oportunizando um (re)encontro dos leitores com a obra de estreia de Oz. Nesse trabalho, propõe-se uma análise deste último conto, relacionando-o às demais narrativas que compõem *Artsot hatan* e às obras posteriores de Amós Oz, em particular aquelas que tratam da vida israelense nos kibutzim, como *Uma certa paz* (1982) e *Entre amigos* (2012), com o objetivo de identificar aspectos que caracterizariam a escrita de Amós Oz.

Palavras-chave: Amós Oz; *Artsot hatan*; *All rivers*.

POESIA E MÚSICA NA TRAMA DE *E A NOIVA FECHOU A PORTA*, DE RONIT MATALON

Nancy Rozenchan

Resumo: A ficção de Ronit Matalon é sempre construída de forma surpreendente. Para se acompanhar o seu aparentemente simples desenrolar é preciso, por vezes, recorrer a recursos



diversos, como os hermenêuticos, desde a compreensão de leituras sagradas até suas implicações na leitura da realidade contemporânea. Ainda que, à primeira vista, seja incompatível com a abordagem dos elementos que compõem a trama básica, verifica-se que tal processo é indispensável para uma percepção ampla da obra da autora israelense. A novela Vehacalá sagrá et hadélet (E a noiva fechou a porta), de 2016, é um instigante modelo de desafio. Alguns segmentos da trama que, à primeira vista, além de não serem desenvolvidos, soem como estranhos e herméticos e parecerem conduzir a lugar nenhum, - se somam por fim em camadas que geram uma leitura totalmente diversa em que o que é inicialmente explícito se torna secundário. Esta leitura se constrói sobre um poema de Léa Goldberg, constante da própria novela, sua relação com a poética dela assim como com a fonte que serviu de sugestão ao poema e as respectivas leituras de cada época. Fazem parte deste contexto também as vivências pessoais de Goldberg. Por fim, o quadro é composto por uma música cantada em árabe. Sem estas tramas paralelas, quase marginalizadas, a novela não consegue atingir um fim e sugerir uma saída ao leitor.

Palavras-chave: Ronit Matalon; literatura hebraica; literatura israelense; Léa Goldberg

ZERUYA SHALEV: A ESCAVAÇÃO COMO FERRAMENTA DE PESQUISA

Saul Kirschbaum

Resumo: A escritora e atriz israelense Zeruya Shalev já é autora de seis romances, além de um livro de poesia e outros dois voltados ao público infantil. Muito apreciada em Israel e no exterior – principalmente na Alemanha – ainda é pouco conhecida no Brasil; apenas um romance seu foi aqui publicado até agora, Vida amorosa, e sua fortuna crítica é escassa. De meu conhecimento, apenas um artigo acadêmico foi publicado no Brasil, de autoria da professora Nancy Rozenchan, em 2012. Há indícios de que outro romance seu, Os restos do amor ou Os cacos da vida, está por ser lançado no Brasil em breve. O romance Vida amorosa serviu de base para um filme, dirigido pela competente Maria Schrader, co-produção entre Israel e Alemanha.

As tramas de seus romances se desenvolvem à maneira de pesquisas arqueológicas, na forma de escavações na alma de suas protagonistas femininas, personalidades auto-destrutivas. Uma busca impiedosa em direção a seus estratos mais íntimos. Sua escrita é recheada de descrições sexuais ousadas. Alusões escriturais, da Bíblia e do Talmud, permitem que os enredos reencenem episódios da tradição judaica, desafiando o leitor a descobrir os episódios aludidos e estabelecendo paralelos com a vida na Israel contemporânea. Estas referências podem, então, ser pensadas como chaves de leitura para o melhor entendimento das tramas.

Numa tentativa de suscitar interesse nesta escritora tão pouco lida entre nós, esta comunicação abordará o romance Vida amorosa, publicado no Brasil em 2002, no contexto da obra da autora, focalizando os aspectos dos paralelos escriturais e da psicologia feminina.

Palavras-chave: Zeruya Shalev; Literatura israelense: vida contemporânea em Israel.

Mesa 2

ARQUIVO E MEMÓRIA: MOVIMENTOS DA ESCRITA DE SAMUEL RAWET A PARTIR DO POEMA “A ECLUSA”, DE PAUL CELAN

Bianca Iung Bruel

Resumo: Este trabalho investiga possíveis demonstrações de um *modus operandi* da escrita de Samuel Rawet a partir da análise das relações entre anotações do autor e a composição de seu texto literário. O estudo parte da apresentação inédita do acervo de Rawet recém-doadado ao Arquivo Museu de Literatura Brasileira (AMLB) da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, e da seleção de alguns materiais que lá repousam para refletir e lançar hipóteses sobre a atividade literária e movimentos da escrita do autor judeu-brasileiro. Em meio a documentos pessoais, correspondências, anotações, plantas, fotocópias, recortes de jornais, manuscritos, fragmentos de textos, desenhos e esboços que remontam em arquivo percursos da escrita rawetiana, os trajetos do autor, seus questionamentos e dores mais sensíveis, uma primeira investigação debruçada nos itens reunidos no AMLB revela o ávido interesse de Rawet pela



leitura acompanhada do hábito de fazer anotações. O autor transcrevia citações; copiava poemas inteiros; selecionava versos, partes de gramáticas, trechos de entrevistas e discursos de autores que admirava, de prefácios de livros de seu interesse. Muitas dessas anotações foram transportadas para as epígrafes de seus livros, ou para as suas narrativas, por vezes diluídas em meio à prosa rawetiana. Sua atividade de leitura mostra-se acompanhada de gestos de escrita para selecionar, reter e fixar algo que pudesse ser aproveitado em algum momento. Esse processo de leitura-escrita denota uma lógica associativa relacionada ao corpo, que empenha diferentes posturas ao ler e anotar. Nessa dimensão, as formulações de Roland Barthes acerca da produção de textos-leitura servem de direcional teórico para o estudo de um *modus operandi* da escrita rawetiana, manifestado através da prática do autor de uma leitura produtiva, que seleciona, extrai, transcreve e desenvolve associações. Há uma multiplicidade de vozes em seu trabalho literário que reverbera das anotações e itens identificados em seu arquivo, mostrando uma atividade de leitura intensiva e atravessada. Nesse sentido, a transcrição do poema A Eclusa, de Paul Celan, feita à mão por Rawet em papel avulso, e sua possível conexão com a produção do texto Kadish - Oração pelos vivos das Olimpíadas de Munique, assim como suas anotações deixadas em caderneta sobre memória e trauma formam o corpus dessa investigação.

Palavras-chave: Samuel Rawet, judaísmo, arquivo, texto-leitura, Paul Celan.

O UNIVERSO SECRETO DE CLARICE LISPECTOR E A CABALA: UM POSSÍVEL TRAJETO MÍSTICO EM *PAIXÃO SEGUNDO G. H.*

Leila Borges Dias Santos

Resumo: Dentre as possíveis formas de crítica literária, a utilizada nesse trabalho, diz respeito à do perspectivismo, que envolve um “processo cumulativo, ou [...] a história das críticas de que foi objeto” uma dada obra, o que possibilita uma abertura incomparável de possibilidades de apreensão do fenômeno literário, somada à percepções de gerações contemporâneas e posteriores à mesma. (WELLEK; WARREN, 1955. p. 52). Nomes como os de Benedito Nunes, Berta Waldman, Gilda Salem Szklo, Dany Al-Behy Kanaan, Katya Queiroz Alencar, Nádia Battella Gotlib e Bella Josef, dentre outros, auxiliam na tessitura possível da apreciação intentada nessa pesquisa, qual seja, investigar os meandros da presença da mística judaica no romance *Paixão segundo G.H.* Por outro lado, quanto à contribuição a respeito da obra em si, o presente trabalho se insere em viés sociológico, por considerar a importância do contexto cultural e da cosmovisão tradicional religiosa judaica, como o elemento mais íntimo, decisivo e preponderante na vida pessoal e artística da escritora, judia de origem ucraniana. O estudo privilegia também, dados da história do universo místico judaico ashkenazi, proveniente do leste europeu. Embasam essa leitura, colaborações como as de Gershom Scholem, estudioso da mística judaica e Martin Buber, filósofo e escritor, conhecedor da atmosfera religiosa e mística das tradições e lendas do movimento hassídico, além de estudos da história e filosofia das religiões como os de Mircea Eliade e os de rabinos como Nilton Bonder e Joseph Saltoun, sobre, respectivamente, o tempo e a cabala.

Palavras-chave: Clarice Lispector; *Paixão segundo G.H.*; mística judaica.

UMA CASA DE MEMÓRIAS: UMA LEITURA DE *O ÚLTIMO KIBUTZ*, DE SABRINA ABREU

André de Souza Pinto

Resumo: Em *O último kibutz*, de Sabrina Abreu, romance publicado em 2017, narra-se a história de Sofia, uma jovem brasileira que, tentando seguir os passos do pai, que fora voluntário em sua época de juventude em Israel, abandona a sua vida no Brasil e se muda para um kibutz. A epígrafe do romance, uma frase de Susan Sontag, “Cada geração tem que reinventar a espiritualidade”, servirá, desde o princípio, como chave de leitura desse espaço de memória, que será revisitado, reinventado e reescrito por Sôfia em seu diário. Dentre as várias vozes que compõem o kibutz, a narradora encontrará em Simon, um velho judeu israelense e fundador dessa comunidade, um de seus principais interlocutores com a memória judaica,



revirando, por intermédio dos diálogos trocados pela voluntária e pelo pioneiro, as camadas de pedras e terra que alicerçam o surgimento dessa casa fronteiriça, assim como compõe o discurso histórico de formação do Estado de Israel. Em meio ao terreno árido e inóspito, um cenário de desolação encontrado pelos primeiros pioneiros, a transformação do kibutz em uma comunidade próspera, espaço de proteção e acolhimento, constitui, então, a existência desse espaço como um verdadeiro cosmos, conforme Gaston Bachelard, abrangendo, nesse passado e presente enunciativo, uma multiplicidade de histórias que são narradas tanto pelo fundador quanto pelos moradores temporários do kibutz. Esta comunicação propõe, assim, uma leitura do romance de Sabrina Abreu, buscando analisar, a partir da figura do kibutz, a revisitação e reescrita dessa memória judaica e dessa casa, que é, ao que parece, destinada ao desaparecimento.

Palavras-chave: Casa; Kibutz; Memória.

TRADUÇÃO DE "CAPESIUS, O FARMACÊUTICO DE AUSCHWITZ" DE DIETER SCHLESAK: LIDANDO COM A FACE OCULTA DA HUMANIDADE

Miriam Bettina Paulina Bergel Oelsner

Resumo: Em outras ocasiões já falei e escrevi sobre o livro 'Capesius, o farmacêutico de Auschwitz' de Dieter Schlesak, que traduzi para a Bertrand Brasil, lançado em 2015. Schlesak, nascido na Saxônia romena em 1934, conviveu em criança com parentes próximos que aderiram ao nazismo por opção, trabalhando dentro e fora de Auschwitz. O próprio Capesius, Doutor em Farmácia, era antigo conhecido dos pais de Schlesak, e também de grande parte dos judeus enviados para Auschwitz em 1944, todos da mesma região de Siebenbürgen, na Romênia. Deparando-se com esses na plataforma de desembarque do 'transport', nome dado aos vagões de gado que aportavam em Auschwitz, enviou friamente, grande parte de seus conterrâneos para as câmaras de gás, apropriando-se de seus bens. Há muito a falar sobre esta obra-prima, fruto de trinta anos da pesquisa de Schlesak. Seu trabalho retratou os horrores de Auschwitz como dificilmente poderá ser encontrado em outra obra. As pesquisas genéticas de Mengele com as crianças ciganas, com os gêmeos, com as mulheres gregas. Schlesak descobriu que um dos chefes nazistas, Boger, criou lá um instrumento de tortura, que conhecemos como 'pau-de-arara', o 'balanço de Boger', pelo qual foi condenado, mais tarde à prisão perpétua. A colagem dos documentos encontrados pelo autor não se resumiu somente a todos os horrores de Auschwitz, como também ao julgamento dos nazistas que foram presos, justamente o ponto alto do livro: - os processos de julgamento que o promotor público judeu alemão Fritz Bauer [1903-1968] conseguiu fazer em Frankfurt am Main, entre 1963 a 1965, reunindo o maior número possível de testemunhas que tinham sofrido nas mãos dos nazistas, e que Bauer conseguiu mandar prender. Lá ficou evidente que Capesius, como farmacêutico era o responsável pelo armazenamento do gás Zyklon B, que ele próprio chegou a despejar em câmaras de gás. Capesius ficou preso nove anos, e viveu depois perto de Stuttgart, na Alemanha. Se tivesse retornado à Romênia teria sido executado. Schlesak é um crítico mordaz de seus conterrâneos, que se aliaram a Hitler, e a partir de 1944 se tornaram prisioneiros do regime comunista, que em sua alienação não perceberam que o Exército Vermelho se aproximava. Schlesak teve de esperar que seus pais não mais estivessem vivos para poder publicar esta obra relevante, e muito premiada. Dentre aqueles que conseguiram ler 'Capesius', dada sua amargura, muitos me perguntaram como foi possível traduzir um livro que retrata o horror de maneira tão crua. Parece-me imperioso que o público brasileiro tenha a oportunidade de saber o que Schlesak resgatou, e o trabalho ímpar do Promotor Fritz Bauer, cuja morte em 1968 em Frankfurt am Main nunca se elucidou.

Palavras-chave: Colaboracionismo;) Racismo;) Impunidade pós-guerra;) Julgamento dos nazistas.

17/07 (MANHÃ)

A IRONIA DE SCLiar COMO FORMA DE REVISÃO DA REALIDADE

Mariha Mickaela Neves Rodrigues Lopes

Resumo: A ironia é, sem dúvida, um recurso muito bem representado pela literatura. Essa surge como uma forma de subverter a ordem padrão, acolhendo o múltiplo e o antagônico, é a linguagem da possibilidade. Por vezes pode surgir com intenção de resistir a algum padrão, questioná-lo e, até mesmo despertar o riso sério, que promove, segundo Minois (2003, p.450), uma dissolução das tradições, dos “ritos e as instituições” colocando em perigo o corpo social, visto que a acidez presente no jogo irônico, desestabiliza o que está organizado pelo social. Nossa proposta é apresentar duas crônicas de Scliar, buscando demonstrar o modo que o autor utilizou da ironia e riso para despertar a reflexão acerca do movimento neonazista na década de 70 e os desafios enfrentados pela população judaica. As crônicas, ainda atuais, foram retiradas do livro Nossa frágil condição humana - um compilado de crônicas do autor publicadas no jornal Zero hora – que tratam de modo único temas muito densos, despertando uma reflexão e desconforto.

Palavras-chave: Moacyr Scliar; Ironia; Riso; Subversão.

RELAÇÕES INTERTEXTUAIS: O CORPO EM "CARTA AO PAI" E "POR QUE SOU GORDA, MAMÃE?"

Cláudia Carneiro Peixoto e Antônio Carlos Mousquer

Resumo: Toda escrita é um exercício de intertextualidade (COMPAGNON, 1996), entendida como ressonâncias e atravessamentos que permitem afirmar a impossibilidade da criação poética como um fazer ex nihilo. A produção literária estabelece relações de co-presenças e confluências imbricadas em menor ou maior medida entre dois ou vários textos (GENETTE, 2010, p. 14). Diante dos entrecruzamentos “secretos ou manifestos” (HUTCHEON, 1984, p. 15) dos textos literários, almeja-se depreender as possíveis relações intertextuais na construção do corpo nas obras Carta ao Pai, de Franz Kafka (1883-1924) e Por que sou gorda, mamãe? de Cíntia Moscovich (1958-), ressaltando e problematizando de maneira breve alguns pontos de aproximação entre as narrativas. Franz Kafka escreveu Carta ao Pai quando tinha a idade de trinta e seis anos, em 1919. Redigida em mais de cem laudas (BACKES, 2006, p. 8), posteriormente, a carta foi datilografada pelo autor, exceto pela última página que continuou, misteriosamente, manuscrita; e jamais foi enviada pelo autor ao seu destinatário, tendo sido publicada na íntegra apenas em 1950, quando foi incorporada como parte da “obra literária” de Kafka, por seu amigo e testamentário Max Brod (CARONE, 1997, p. 81-82). A carta-libelo de Kafka denuncia a tirania do pai e alça o narrador-remetente à condição de inquisidor da figura paterna, perscrutando a relação pai-filho a partir de um inventário unilateral, em que sobressaem temas recorrentes na ficção kafkiana, como a teologia negativa ou da ausência, o medo, a culpa a priori do pai (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 81) e a sua responsabilidade pelo fracasso e pelas desventuras existenciais do filho. A obra Por que sou gorda, mamãe? foi publicada em 2006, e propõe a tarefa de encontrar as razões pelas quais a protagonista engordou vinte e dois quilos no tempo delimitado de quatro anos. O processo de busca é rememorativo, e também se constitui por intermédio de um inventário inquisitorial dos erros e culpas da mãe. Assim, se em Kafka, o enredo se concentra na figura do pai, em Moscovich, direciona-se à mãe. A construção da narrativa em primeira pessoa, da mesma maneira que em Carta ao Pai, mais do que instalar um ambiente confessional, salienta o caráter de tribunal inquisitorial em que a narradora-personagem, fundindo passado e presente, investiga as causas e as consequências de sua obesidade. O caráter unilateral, o teor acusatório que permeiam os textos do início ao fim, suscitam algumas questões, como a emergência de ambiguidades típicas de narradores inconfiáveis, o que se depreende, da escolha carinhosa de “querido pai” (KAFKA, 2006, p. 17) e “mamãe” (MOSCOVICH, 2006), apreendidas nas narrativas e que ocultam intensas hostilidades dos filhos narradores. A admissão de omissões na narrativa kafkiana das vivências familiares também vulnera a confiabilidade daquilo que está sendo narrado.

Palavras-chave: Intertextualidade; Corpo; Franz Kafka; Cíntia Moscovich.



LEGADOS EN QUIEBRA: HERENCIA Y MEMORIA EN *LUBA*, DE JAQUELINE GOLBERG

Cristina Gutiérrez Leal

Resumo: En este trabajo pretendo acercarme a *Luba* (1988), un poemario de la escritora judeo-venezolana Jacqueline Golberg, con la pretensión de reflexionar sobre la construcción de la herencia y la memoria. La diatópica tradición judía aparece en este libro como una suerte de homenaje a la abuela sobreviviente del holocausto y, simultáneamente, como reconciliación con su legado roto por la historia. Esta poesía recorre la genealogía para asegurarse de recibir los legados y transformarlos. En ella se estructura todo un pensamiento acerca del origen judío del hablante poético y cómo la vuelta a la casa crispa las concepciones consensuadas acerca de la identidad y la estirpe como lugares seguros, estables e inamovibles. Rastrearé las escenas donde se desarrolla el tema de la herencia y sus modos de representación, y a partir de una fotografía de Patrick Zachmann veremos cómo el legado es un gesto fundacional que el legatario interpela y subvierte. Para acompañar las reflexiones sobre esta noción me sirvo de los postulados que Jacques Derrida desarrolló en varios de sus trabajos sobre la herencia, especialmente en *Los espectros de Marx* (1993) donde se conceptualiza la idea del espectro como una deuda con la cual se debe aprender a convivir y, además, como una presencia-ausente que atraviesa la pertenencia y la identidad del heredero.

Palavras-chave: Jacqueline Goldberg; *Luba*; poesía judía; poesía venezolana; herencia

AS ESTRATÉGIAS CABALÍSTICAS NA POÉTICA DE BORGES

Leonor Scliar Cabral

Resumo: As estratégias cabalísticas, utilizadas pelo escritor J. L. Borges (1999), serão discutidas, a partir da análise estilística de três poemas da tradução literária que realizei de *El Otro* para o português: ‘Poema do quarto elemento’, ‘Poema conjectural’ e ‘O Golem’ (op. cit., 1999). Dos sete caminhos que se encontram na *Árvore da Vida* (Sephírot), para a compreensão da Torá, o sexto é referido de forma recorrente por Borges. Tal caminho se desdobra em três: a Gematria, que reduz a palavra a valores numéricos, somando o valor de cada letra e, assim, estabelecendo as relações com as demais palavras de soma idêntica; o Nôtarikôn (cada letra de uma palavra serve como sigla de outras, ou seja, a escrita acronímica), e a permutação. Um exemplo de Gematria se encontra no ‘Poema do quarto elemento’: ‘Água, eu te suplico. Por este sonolento /Enlace de numéricas letras que te digo, /Recorda-te de Borges, teu nadador e amigo’, com a referência explícita ao valor numérico das letras e suas combinações. No ‘Poema conjectural’, Borges alude à recôndita chave, à letra que faltava, cifra da diáspora que desvenda os saberes ocultos (Nôtarikôn). O terceiro desdobramento do sexto caminho, encontramos em ‘O Golem’, o poema preferido de Borges: ‘Sedento de saber o que Deus sabe, / Deu-se Judá Leão a permutações /De letras’. Não se infira, contudo, a concordância plena de Borges com a Cabala, da qual ele retira, sobretudo, o método de busca estética. Discordando dos princípios cabalísticos, pelos quais o objetivo precípuo é desvendar os sentidos mais secretos e ocultos da Torá, através dos valores numéricos das letras e suas combinações imutáveis, Borges vai de encontro a tais princípios de que a palavra divina é intocável: segundo ele, é inerente ao poeta criar novos universos e novas palavras (como o faz o grande escritor moçambicano Mia Couto (2006) com seus preciosos e inesperados ‘inutensílios’ em o outro pé da sereia). Borges reitera em ‘Uma rosa e Milton’ (op. cit., 1999): ‘O fado tem-me posto /Este dom de nomear por vez primeira /Essa flor silenciosa’. É o poeta quem cria a palavra e não a voz divina. Borges (1966:55) não adere, pois, à doutrina cabalística, mas aos ‘procedimentos hermenêuticos ou criptográficos que a ela conduzem’: a linguagem é o instrumento supremo para conhecer, mas sua ‘raiz é irracional e de caráter mágico’, ‘simula a sabedoria’ e ‘pode ser até prisão’ (op. cit., 1999), postura prometeica, desafiadora, mas a única capaz de conduzir o leitor ao supremo deleite de desvendar novos universos e de ser surpreendido pela beleza do inesperado.

Palavras-chave: estratégias cabalísticas; J. L. Borges; *El Otro*; inovação estética.



17/07 (TARDE)

TRAMAS BÍBLICAS: AS MULHERES EM *CONTOS ERÓTICOS DO ANTIGO TESTAMENTO*, DE DEANA BARROQUEIRO

Késia Oliveira

Resumo: Em *Contos eróticos do Antigo Testamento*, publicado em 2006, a escritora portuguesa Deana Barroqueiro reescreve dez episódios bíblicos do Primeiro Testamento, trazendo em primeiro plano personagens femininos. Ao recriar algumas tramas bíblicas, Barroqueiro se apropria de um arquivo considerado sagrado, total e unívoco, para o discurso religioso, como as Escrituras, mas que, também, se constitui um legado na tradição ocidental literária sendo continuamente reescrito, interpretado, reinterpretado, traduzido e retraduzido. Nessa recriação, a mulher que, muitas vezes, é silenciada no cânone bíblico judaico-cristão adquire voz e torna-se ponto central das narrativas, como Agar, a escrava egípcia, e Judite, cuja história está presente na tradição judaica, mas ausente na Bíblia hebraica e protestante. Esta comunicação pretende apresentar a coletânea e discutir de que forma a figura feminina é abordada nos contos, refletindo sobre como o texto bíblico é acessado e reescrito na ficção por Barroqueiro, atentando-se para os artifícios e as estratégias que a escritora utiliza em seu ofício no contexto da cultura e da tradição judaica como tema.

Palavras-chave: Bíblia; reescrita; mulher; Deana Barroqueiro.

RICHARD ZIMLER E O EVANGELHO DE LÁZARO

Marcio Cesar Pereira dos Santos

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo avaliar a obra literária do escritor norte americano naturalizado português Richard Zimler. De origem judaica o escritor se notabilizou por retomar em sua ficção temas até então pouco explorados por outros escritores judeus: temas como a saga dos marranos em *O último cabalista de Lisboa*, de 1996, o cotidiano sombrio do gueto de Varsóvia em *Os anagramas de Varsóvia*, de 2009, ou trauma da sobrevivência revista em *Os dez espelhos de Benjamin Zarco*, seu último trabalho, publicado em 2018. Especificamente, será estudado o seu romance *O evangelho de Lázaro*, lançado originalmente em 2016. O romance ficcionaliza (reescreve), uma das passagens mais icônicas da Bíblia Cristã que foi narrada capítulo 11 do evangelho atribuído a João. O texto de Zimler, extremamente detalhado em sua reconstituição histórica, nos apresenta uma profunda reflexão sobre a amizade, fé e as limitações do humano frente o mistério e a inevitabilidade da morte. Inicialmente analisado como romance histórico pelo seu detalhismo, o texto de Zimler se aproxima, daquilo que a crítica canadense, Linda Hutcheon nomeia como meta-ficção historiográfica, porém queremos defender que além dessas possíveis leituras, podemos reconhecer neste texto como uma ficção bíblica, uma reescrita das escrituras como um “romance bíblico”. Mas não uma paráfrase do texto, mas uma paródia, não no sentido contrário que reconstitui o texto para ironiza-lo ou distorce-lo, mas como um canto “paralelo”, um contracanto que propõe uma nova leitura do texto canônico, investindo na multiplicação das tramas e dos textos.

Palavras-chave: Bíblia; Judaísmo; romance: literatura.

A CRIAÇÃO CIENTÍFICA DO MUNDO: “O SEXTO DIA”, DE PRIMO LEVI

Breno Fonseca Rodrigues

Resumo: O conto “O sexto dia”, de Primo Levi, foi publicado em seu primeiro livro de ficção, intitulado *Histórias naturais*, em 1966, na Itália. A narrativa breve, em forma de texto dramático, tem como ponto de partida a história da criação do ser-humano, descrita no livro de Gênesis, na Torá. A recriação literária da cosmogonia bíblica, por Levi, é o tema central desta comunicação, que tem por objetivo explorar as relações entre a Bíblia e a literatura. Para

além disso, busca-se discutir aspectos fundamentais da formação humanística e científica do escritor e químico, sobrevivente da Shoah.

Palavras-chave: literatura; Bíblia; ciência; Shoah.

OS DISSABORES DO PARAÍSO: UMA LEITURA DO CONTO “NO SEIO DE ABRAÃO”, DE MOACYR SCLiar

Kenia Maria de Almeida Pereira

Resumo: Linda Hutcheon em Poética do pós-modernismo (1991) comenta que a literatura contemporânea apresenta características recorrentes, como subverter o discurso dominante por meio da paródia e da ironia, além de rebelar-se contra o cânone estabelecido. O escritor Moacyr Scliar, por exemplo, desde sua estreia com o livro de contos Carnaval dos animais (1968) e o romance A guerra no Bom Fim (1976), apresenta um texto ficcional transgressor que, ao mesmo tempo, incorpora e desafia a tradição. Em muitos de seus contos, esse autor gaúcho dialoga de forma paródica com a Torá e com a cultura judaica. Em Contos reunidos (1995), no capítulo intitulado “A Bíblia revisitada”, há algumas narrativas que desconstróem as histórias das Sagradas Escrituras, ora dando voz a personagens marginalizados e secundários, como é o caso de “As pragas” e o “Diário de um comedor de lentilhas”, ora ridicularizando figuras exponenciais dos Evangelhos como se vê em “As Ursas” e “No seio de Abraão”. Aliás, este último conto é o que nos interessa nessa comunicação, uma vez que Moacyr Scliar constrói de forma primorosa, num misto de deboche e melancolia, uma narrativa que zomba da crença na vida após a morte e que a expressão judaico-cristã “no seio de Abraão” irá nos remeter, de forma irônica, aos deleites dos bem-aventurados. A história é contada em primeira pessoa, mas o narrador abre espaço em seu discurso para que a alma abnegada de seu avô, incorporada em um médium espírita, possa contar com detalhes as benesses do Jardim do Éden. Embora o espírito descreva o mundo celestial como um lugar imenso, aconchegante, rodeado de anjos e de inúmeras delícias, em que também é possível passar longas horas proseando com outros homens dignos, ironicamente, ele afirma que seu maior desejo não pode ser realizado. Se gracejos e brincadeiras marcam a fala do bondoso avô, que chega a dizer, pela boca do médium, que o seio do patriarca é um matagal de pelos brancos e que de uma dessas mamas sagradas pode jorrar uma torrente de leite morno, há também, em seu discurso, sofrimento e decepção. O leitor é informado das agruras e dissabores do Éden, como a solidão, o tédio e a imensa saudade que o bom velho sente de uma antiga namorada. Para Moacyr Scliar, o seio de Abraão, contraditório e ambíguo como a própria condição humana, não está isento de riscos. Paradoxalmente, esse paraíso pode se tornar, de súbito, num lugar tristonho e inóspito, principalmente quando as almas dos justos não podem concretizar seus mais recônditos desejos. Nossas reflexões estarão ancoradas nos estudos de Linda Hutcheon, Jean Delumeau, Yehezkel Kaufmann, Aryeh Kaplan, Berta Waldman, dentre outros.

Palavras-chave: Moacyr Scliar; Paródia; Paraíso;

17 - CIRCULAÇÃO, TRAMAS & SENTIDOS QUE ENREDAM A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Coordenação: Prof^a Dr^a Regina Michelli (Regina Silva Michelli Perim) (UERJ); Prof^a Dr^a Maria Zilda da Cunha (USP); Prof. Dr. Diógenes Buenos Aires de Carvalho (UESPI).

Resumo: A Literatura para crianças e jovens responde, atualmente, por uma gama de possibilidades de abordagem que a torna, praticamente, um campo específico, visitado por diferentes teorias e propiciador de variada produção no que tange aspectos ligados à pesquisa no âmbito mais teórico ou prático.



Refletir sobre a literatura mais direcionada ao público infantil e juvenil implica pensar relações que se tecem em torno, por exemplo, da autoria, por vezes na dupla articulação textual e imagética, em que o olhar se volta para as ilustrações e o design do livro, bem como das produções textuais em diferentes gêneros literários e linguagens, obrigando à observação de experimentações que revelam fecundidade na composição artística. Além disso, emergem pesquisas que se voltam para o reendereço a crianças e jovens de obras escritas originariamente para o público adulto, sinalizando o alargamento de fronteiras entre esses públicos e a consequente adaptação a novos projetos gráficos mais condizentes ao tratamento dispensado a livros infantojuvenis, o que se vê em obras de escritores como Mário Quintana, Fernando Pessoa, Saramago. Nesse sentido, destaca-se o processo intenso de assimilação dos contos de fadas e narrativas populares, que não se destinavam ao público infantil, iluminando, por um lado, a dimensão universal de obras da tradição, oriundas da oralidade e geralmente marcadas por estratégias ligadas ao maravilhoso, e, por outro, tonalizando a definição do tipo de texto próprio à infância, ultrapassando-se, na visão de Hunt (2010), fronteiras da cultura erudita e popular. Assim, há que se considerar tanto a apropriação de narrativas literárias da tradição e o processo de adaptação/recriação, obras relidas e publicadas em outras linguagens e mídias, como as novas produções, que evidenciam, por vezes, o cenário ideológico contemporâneo, repensando estereótipos e representações sociais, bem como estratégias discursivas e hipermidiáticas que exigem novas habilidades e competências de leitura.

O caráter da produção literária para crianças e jovens também promove uma trama de conexões que levam a pensar nos agentes sociais e culturais que emergem nessa relação, como família, escola, biblioteca, editoria (com editores, revisores, tradutores, artistas plásticos, ilustradores), mercado editorial, livraria, agentes que legitimam e promovem a circulação das obras, por vezes constringendo-as a padrões ideológicos restritivos: se a literatura infantil e juvenil alargara-se à focalização de temas antes considerados tabus (RODARI, 1982), observando a preocupação de educar o leitor pelo diálogo instaurador de múltiplos pontos de vista, parece que assistimos a um recrudescer dessa abertura, observado em polêmicas recém instauradas nas mídias sociais. Reafirma-se a necessidade de validar a efervescência de vozes, na esteira da polifonia sustentada por Bakhtin (1981), com vistas à multifacetada experiência literária, levando em conta a diversidade de aspectos e sentidos a serem considerados no ato da leitura crítica de textos que se apresentam em variados gêneros, linguagens e suportes e em que se incluem processos como criação, circulação, mediação, recepção. Todo texto literário, cabe ainda ressaltar, é sempre atravessado, de forma clara ou velada, por outros textos que o precederam ou lhe são contemporâneos, constituindo-se essencialmente dialógico e intertextual.

Outro ponto relevante que cumpre destacar é a abrangência dos estudos à roda da literatura infantil e juvenil e dos processos que abarcam a leitura literária. As pesquisas apontam, na visão de Ceccantini (2004), tanto para concepções mais aplicadas, direcionadas à formação do leitor e ao desenvolvimento da criança, como para focos mais teóricos, “mais preocupados com a autonomia do objeto focalizado e suas relações com a série literária e a histórica” (2004, p. 23). O campo de estudos se alarga a várias áreas do saber, por meio de olhares interdisciplinares e multissemióticos, propiciando pesquisas teóricas e práticas no âmbito de diferentes ciências. Acredita-se fecundo o diálogo desta literatura com discursos produzidos por outras esferas de conhecimento, como a educação, a psicologia analítica e do desenvolvimento, a psicanálise, a história, a mitologia, a semiótica, a análise do discurso etc.

Face ao exposto, este simpósio, no âmbito de sua proposta, pretende aceitar trabalhos e fomentar debates que promovam reflexão e alargamento conceitual em torno da literatura para crianças e jovens, no que tange diferentes perspectivas, como: funções e fronteiras dessa literatura; análises críticas de obras literárias em diferentes gêneros, linguagens e suportes, sob fundamentação teórica diversificada; práticas de leitura e metodologias inovadoras; presença de textos e autores de e sobre literatura para crianças e jovens em livros didáticos e meios de comunicação; aspectos relacionados a produção, circulação e recepção; temas contemporâneos ligados a questões polêmicas importantes na formação de crianças e jovens, como identidade,

representações étnico-raciais, de gênero, de faixa etária, de diversidade cultural etc., bem como representações mais próximas do verismo (ZILBERMAN, 2003) ou articulando a presença do maravilhoso e do fantástico, no âmbito do insólito ficcional.

Referências:

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

CECCANTINI, João Luís C. T. “Perspectivas de pesquisa em literatura infanto-juvenil” In: _____(org.) *Leitura e literatura infanto-juvenil: memória de Gramado*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis-São Paulo: ANEP, 2004, p.19-37.

RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia*. São Paulo: Summus, 1982.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

“LIVRO QUE TE QUERO LIVRO” _ A ARTE LITERÁRIA E A CONTRIBUIÇÃO À FORMAÇÃO DE CRIANÇAS LEITORAS

Cyntia Graziella Guizelim Simões Girotto

Resumo: A presente comunicação oral, mediante o seu título, (ao resgatar e recriar a frase “Verde que te quero verde” de renomado escritor espanhol) intenta, a um só tempo, metafórica e analogamente em sua forma e conteúdo, trazer elementos para a reflexão materializada em seu respectivo texto escrito. A comunicação dedica-se, assim, a apresentar parte dos resultados de pesquisa direcionada à temática sobre os materiais dados a ler destinados às crianças pequenas, que quando sobreposta às questões de mediação literária, manifesta-se de forma particularizada. A abordagem tem seu foco no campo da Educação Literária desde a mais tenra idade, como um dos direitos inalienáveis da infância e pousa o olhar sob dois aspectos essenciais: por um lado, o valor pedagógico da mediação da leitura como meio de contribuição à formação de crianças leitoras, e, por outro, a necessidade do acesso direto ao objeto livro como imprescindível à criação de bases para a apropriação do ato de ler, ainda que seja em seus gestos e ações embrionárias dos modos de ser leitor. O ponto nevralgico reside na ausência de formação inicial e continuada de pedagogos a respeito tanto da natureza e diferenças das obras endereçadas _ em seu projeto gráfico-editorial e estético-literário _ ao público infantil e a forma de trabalhá-lo (como livro ilustrado, informativo, livro brinquedo e/ou lúdico, dentre outros) tanto quanto em relação às especificidades da primeira infância no tocante a aprendizagem e ao desenvolvimento do psiquismo infantil em todas as suas funções e capacidades humanas, notadamente as relativas à linguagem escrita. Tem como fio condutor a produção de autores brasileiros e estrangeiros, cujas pesquisas debruçam-se sobre a leitura e seu ensino, a literatura infantil, os processos de mediação e aprendizagem da linguagem em sua relação com a arte literária, bem como, ademais, aos dados indicativos do chamado ‘fracasso’ das crianças, num futuro não tão distante, na alfabetização, cujos resultados dos sistemas de avaliação externos e internos procuram comprovar aos educadores as adensadas reservas cognitivas com quais elas saem da Educação Infantil e chegam aos anos iniciais das escolas de Ensino Fundamental. Os psicólogos russos da escola vygotiskiana e os filósofos da linguagem do círculo bakhtiniano, embasam a investigação e corroboram para situar o debate no campo teórico e metodológico. São utilizados também, dados e relatórios de ações de campo da pesquisa, que atestam tal assertiva. Vislumbra-se, no entanto, para além dos resultados parciais positivos e particularizados do grupo de crianças em análise, a hipótese de que o acesso indireto ao livro, pode formar o ouvinte, já que ler e contar histórias para as crianças desde pequenas, pode até estimular o desejo de ler, mas tais ações são mais dirigidas à atitude de escuta _ sem dúvida, essencial para a realização do ato de ler, tomado como diálogo contínuo em compreensão ativa; todavia não



contribuem para a formação da capacidade e atitude leitoras, fundamentais ao ato genuíno de ler (silenciosamente, como uma linguagem para os olhos) de atribuição de sentidos.

Palavras-chave: Educação Infantil; Formação de crianças leitoras; Gestos e ações embrionárias do ato de ler; Atividades literárias e desenvolvimento do psiquismo.

NEMO, O PEIXINHO FILÓSOFO, DE ASSIS BRASIL: DIÁLOGOS COM O LEITOR EM FORMAÇÃO

Cleane da Silva de Lima

Resumo: A obra do romancista, contista, ensaísta, historiador literário, antologista, jornalista, professor, dicionarista, crítico literário, membro da Academia Piauiense de Letras e da Academia Parnaibana de Letras, Assis Brasil, não se revela somente profícua com o público adulto, a exemplo da Tetralogia Piauiense, composta pelas obras *Beira rio beira vida* (1965), *A filha do meio-quilo* (1966), *O salto do cavalo cobridor* (1968) e *Pacamão* (1969) (BRASIL, 2008a); e as do *Ciclo do Terror*: *Os que bebem como os cães* (1975), *O aprendizado da morte* (1976), *Deus, o Sol, Shakespeare* (1978) e *Os crocodilos* (1980), as quais expõem as mazelas sociais empreendidas por um sistema político, econômico e cultural de cunho opressor com as parcelas mais pobres da sociedade brasileira e com grande repercussão no cenário literário do Brasil; como também com o público infantil e juvenil com um conjunto de mais de 60 obras publicadas por diversas editoras nacionais, tais como Melhoramentos, Atual, Contexto, Salamandra, Scipione, Moderna, José Olympio, RHJ, Imago, Nova Fronteira, Ao Livro Técnico, Saraiva e Nova Aliança, inscrevendo, assim, sua contribuição para a literatura infantil e juvenil brasileira a partir dos anos 1980. Dentre as obras mais recentes do escritor piauiense para o leitor em formação, tem-se *Nemo, o peixinho filósofo*, que se configura como o corpus de análise desta comunicação, que objetiva analisar os aspectos sociais que dão sustentação à narrativa, que, por meio da relação entre o real e a fantasia, propõe uma leitura crítica do mundo com vistas à emancipação do leitor infantil e juvenil. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica pelo método hipotético dedutivo, tendo como suporte teórico Jauss (1994), Zilbermam (2004), Iser (1999), Oliveira (2015), Gregorin Filho (2011), Ceccantini (2004) e Abromovich (1997). A obra de Assis Brasil possibilita a compreensão dos assuntos sociais que estão ao redor da criança e do jovem, construindo nesses leitores uma imagem do mundo através das descobertas afloradas pelo imaginário.

Palavras-chave: Leitura crítica; Real e fantasia; *Nemo, o peixinho filósofo*.

LEITURA DE BEST-SELLERS: DESAFIOS À ESCOLA NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Luzimar Silva de Lima

Resumo: Este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa sobre a leitura de best-sellers da cultura de massa realizada em três turmas de 9º ano do ensino fundamental de três escolas públicas municipais de Buriti dos Lopes – PI, com o objetivo geral de compreender a relação leitor/texto na atividade de ler best-sellers, na qual se envolvem os alunos da Educação Básica. A fim de alcançar esse objetivo, estabeleceu-se como objetivos específicos: identificar títulos de obras best-sellers de leitura frequente entre os alunos pesquisados; levantar as condições de acesso a essas obras; analisar as motivações dos alunos para a leitura de best-sellers; descrever práticas de leitura dos best-sellers (tempo dedicado, locais de leitura e outros aspectos ligados à interação com a obra lida) e verificar a concepção de obra literária por parte desse aluno leitor de best-sellers. Empreendeu-se uma pesquisa de campo, com abordagem quanti-qualitativa, sendo os dados coletados com um questionário e uma sessão de entrevista. O suporte teórico provém de autores como Jauss (1994), Iser (1999), Compagnon (1996), Candido (2006), Bakhtin (2003), Todorov (2009), Cosson (2015), Jurado e Rojo (2006), Rocco (1992), Lajolo (1994), Lajolo e Zilberman (1999), Barthes (1977) e Calvino (1994). A pesquisa revelou a intensa presença dos best-sellers da cultura de massa nas atividades de leitura dos alunos, que a realizam independente de cobranças escolares, exercendo uma forte autonomia e buscando, principalmente, lazer e entretenimento. Essa investigação favoreceu a compreensão das relações



que se estabelecem entre diversos aspectos que caracterizam a leitura de best-sellers a partir da perspectiva de seus leitores, vislumbrando-se o desenvolvimento de uma proposta de intervenção pedagógica que, a partir dessas leituras de gosto e prazer que os alunos já fazem, introduza as obras literárias do cânone brasileiro de maneira prazerosa e significativa, com vistas à formação do leitor crítico.

Palavras-chave: Escola. Leitura da literatura. Best-sellers. Cânone literário. Leitor crítico.

A LITERATURA E O FIO DE ARIADNE: REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DO OLHAR DE DESCOBERTA NA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA

Juliana Pádua Silva Medeiros

Resumo: Nos últimos tempos, em razão das constantes notícias sobre livros censurados na escola e da existência de propostas de leitura que ainda não abarcam a complexidade das obras literárias, vêm borbulhando acirradas discussões a respeito dos rumos da formação do leitor em sala de aula no território nacional. Diante desse cenário de temores e incertezas, mas compreendendo o trabalho com a literatura como possibilidade de ensaio na linguagem e na vida, isto é, não visando revelar um certo saber sobre o texto, mas de ofertar a experiência (construção dos sentidos), a presente comunicação busca refletir acerca da multiplicidade de itinerários de leitura que podem surgir em "Abrindo caminho", escrito por Ana Maria Machado e ilustrado por Elisabeth Teixeira, a partir de um processo de mediação que aguça o olhar para o verbal e o visual. Para tanto, à luz das considerações teóricas de Andruetto (2017), Coelho (2000), Góes (2003), Kleiman (2009), Lajolo (2006), Larrosa (2015), Morin (1999, 2003 e 2007) e Santaella (2004), propõe-se: 1. apresentar a obra literária em questão, evidenciando a sua arquitetura hipertextual, que, semelhante a um labirinto, oferta múltiplas rotas para elaboração de significados; 2. pensar o quanto esse livro - enquanto um exemplo de literatura contemporânea destinada à infância - configura-se como um autêntico e complexo exercício de vida que se realiza com e na linguagem, favorecendo o diálogo entre diferentes áreas do saber; 3. discorrer sobre os desafios que a cartografia do exemplar literário supracitado impõe ao leitor-criança e também ao professor-mediador, haja vista que o seu caráter hipertextual pleiteia um conjunto de estratégias cognitivas para acionar os links (nexos associativos), e 4. apontar itinerários de leitura que - por meio do olhar de descoberta (espécie de fio de Ariadne capaz de guiar o mapa cognitivo que cada leitor tece) - possibilitam uma experiência literária singular. Em linhas gerais, com base em um gesto investigativo que iniciou no mestrado e em práticas de mediação de leitura na Educação Básica ao longo dos últimos dezesseis anos, vislumbra-se - ao analisar a rede de micronarrativas que compõe "Abrindo caminho" - discutir o quanto a percepção astuta, a memória aguçada e a captação de pistas guiam o leitor não para que saia do labirinto textual, mas para que consiga transformá-lo em vias comunicantes.

Palavras-chave: Educação Básica; Experiência; Leitura; Literatura Infantil.

O NEOFANTÁSTICO E A DESCONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA NO CONTO "LA MICA" DE CARMEN LYRA

Simone Campos Paulino

Resumo: O presente trabalho propõe analisar o conto "La Mica" da escritora costa-riquenha Carmen Lyra. Ressaltamos que a autora é um dos principais nomes da literatura infantil da Costa Rica. Sua vida, marcada por seu posicionamento político, filiação ao partido comunista e trabalho social voltado às mulheres, não a levou a entrar para Liga feminista da Costa Rica, uma vez que, oriunda de classe popular, a escritora nunca se viu representada pelas mulheres de classe alta da Liga Feminista. Entretanto, na literatura, María Isabel Carvajal, usou o pseudônimo Carmen Lyra para dar voz aos contos populares e, também, levantar críticas ao patriarcado. Usando a figura da narradora Tia Panchita, a escritora se utilizou de uma estratégia semelhante a de Charles Perrault quando o autor francês elaborou a Mamãe Ganso. Através dessa narradora, uma mulher mais velha, Lyra evidencia o berço oral de seus contos. Em Cuentos de mi tía Panchita (2012), publicado pela primeira vez em 1920, a autora une narrativas



tradicionais, folclore e contos de fadas, na elaboração de histórias como "La Mica", na qual ela desconstrói o modelo tradicional das protagonistas dos contos de fadas. Nesse conto temos três príncipes que partem em busca de noivas. O mais novo aceita o pedido de casamento de uma mica, ela o faz para poder se livrar dos maus tratos da dona. Após o casamento, a mica é quem escolhe onde vão morar, revelando, portanto, uma desconstrução do papel submisso das personagens femininas dos contos de fadas que, geralmente, se apresentam como dominadas diante do masculino. Barquero (2011) observa que a personagem Mica é bastante interessante, pois ela rechaça muitas características típicas do patriarcado. Podemos considerar, ao longo da narrativa que, apesar de prisioneira do ambiente doméstico antes e depois do matrimônio, a Mica representa a subversão feminina diante aos ditames do patriarcado. Barquero (2011) afirma ainda que a Mica não é submissa, ela é teimosa e faz apenas o que quer. Por sua característica de desconstrução através do metafórico, compreendemos esta narrativa como neofantástica, de acordo com o proposto por Alazraki (1990). Utilizaremos, portanto, na análise deste conto, os três eixos propostos pelo autor como característicos deste tipo de narrativa: a visão – o real como uma máscara que oculta uma segunda realidade, o verdadeiro destinatário –, a intenção – metáforas que buscam vislumbres da realidade – e o modus operandi – aceitação do fato insólito.

Palavras-chave: contos de fadas, neofantástico, Carmen Lyra, La mica

16/07 (TARDE)

MONSTROS DO CINEMA, DE AUGUSTO MASSI E DANIEL KONDO: LITERATURA INFANTIL E JUVENIL COMO PROPOSTA TRANSMÍDIA

Sandra Trabucco Valenzuela

Resumo: Esta comunicação visa analisar o livro intitulado *Monstros do Cinema*, texto de Augusto Massi e ilustrações de Daniel Kondo (São Paulo: SESI-SP, 2016), apontando suas possibilidades de leitura, interpretação e trabalhos que podem ser desenvolvidos em função da multiplicidade de plataformas e que o compõe: o livro amplia-se do impresso para o digital, para o vídeo e cinema, bem como para o brinquedo e para brincadeiras. A partir de monstros que ganharam vida no cinema, o leitor encontra elementos pertencentes tanto às telas como à literatura com o objetivo de ler, brincar e reconstruir os corpos as criaturas, os quais se encontram divididos em três partes: cabeça, tronco e membros inferiores. Vencedor da categoria livro brinquedo de 2017 na premiação da FNLIJ, o livro estende-se para outras plataformas, ganhando uma dimensão transmidiática e que alcança modalidades, suportes e gêneros diferentes, como a poesia, instalações, vídeo, música, canto, jogos e brinquedos, história do cinema, criação de página no facebook, workshops de leitura e desenho. A narrativa transmídia realizada pelos autores está de acordo com as ideias de Jenkins (2009): “a história se desenrola por meio de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo” (Jenkins, 2009, p. 138). Toda narrativa transmídia sustenta-se sobre três pilares, a saber: convergência dos meios de comunicação, cultura participativa e inteligência coletiva. Muitas criaturas assustadoras compõem o livro: Frankenstein, Drácula, Múmia, Malévola, Lobisomem, King Kong, entre outros. O livro instiga o pequeno leitor a buscar mais informações sobre os monstros, seus criadores, suas histórias, versões cinematográficas e as curiosidades biográficas dos envolvidos na criação desses monstros. A representação gráfica das criaturas é desenvolvida de forma lúdica, de modo a permitir, conforme a manipulação das páginas, uma junção da cabeça de um monstro, com o tronco de outro e as pernas ainda de um terceiro, criando-se assim, um novo monstro: se a cabeça é de Frankenstein, o tronco de Lobisomem e as pernas de Malévola, temos “Frankbislévola”, por exemplo. Os contos de fada e contos tradicionais congregam, de modo inerente, a presença do monstruoso, do grotesco, do castigo e das representações do mal em oposição ao belo, às representações do bem e ao sucesso alcançado através de boas ações. “Os contos de fada expressam sonhos e medos, emoções e sentimentos através de mitos e histórias que tentam



compreender os fatos humanos, como fenômenos sociais (...), questões éticas (luta entre o bem e o mal, artifícios usados para alcançar os objetivos), e necessidades inerentes ao ser humano, através de abordagens arquetípicas e contextos culturais” (Valenzuela, 2017, p. 90). A presença de criaturas fantásticas e assustadoras permite ao pequeno leitor aprender a lidar com suas emoções e, especialmente, com seus medos: “emoções (também chamadas de afetos) são estados interiores caracterizados por pensamentos, sensações, reações fisiológicas e comportamento expressivo específico” (Davidoff, 2011, p. 369). Monstros do cinema propõe à criança um modo de lidar com seus próprios monstros, já que se trata, em última instância, de reconstruí-los valendo-se da criatividade individual.

Palavras-chave: Monstros do cinema; literatura infantil e juvenil; narrativa transmídia

CIRCULAÇÃO E TRAMAS DE CONTOS MARAVILHOSOS NAS ARTES VISUAIS

Regina Célia Ruiz

Resumo: Em um tempo em que as redes sociais e as inovações tecnológicas permeiam os relacionamentos e transformam as relações, faz-se necessário verificar o trajeto percorrido pelas narrativas literárias e refletir sobre como essas histórias acompanham e interferem na formação de crianças e jovens. A partir da leitura de um diálogo estabelecido entre contos maravilhosos e pintura, este trabalho, pela via dos Estudos Comparados de Literatura, pretende analisar a rede de sentidos que se constrói entre texto e leitor, marcando o entrelaçamento entre o verbal e outras manifestações da arte. Ao perscrutar essa face da estética contemporânea, que permeia a produção literária, o que se busca são respostas aos questionamentos de crianças e jovens diante dos desafios existenciais que sempre existiram, mas que, agora, trazem as marcas dos tempos atuais. Ao cumprir o papel de traçar diálogos com a realidade, a literatura infantil e juvenil provoca o leitor por meio de experiências híbridas, fornecendo pistas e caminhos para que questões socioemocionais sejam reconhecidas, (re)vividas e reconhecidas. Os contos maravilhosos sempre serviram para expressar as alegrias e insatisfações humanas e, ao passarem das exposições orais para o circuito impresso, estabeleceram um importante diálogo com as artes. Com este estudo, pretende-se perceber a troca de experiências entre a literatura, a arte e o leitor infantil e juvenil, reconhecendo o seu papel durante o processo de evolução de crianças e jovens, a partir de uma nova leitura de contos maravilhosos realizada pela ilustradora Beatriz Martin Vidal, em seu livro "Enigmas".

Palavras-chave: Estudos Comparados de Literatura; Contos Maravilhosos; Arte; Pintura.

ENTRE LIVRO E TELA: A AVENTURA DO HERÓI NA LITERATURA DE RECEPÇÃO INFANTIL

Maria Zilda da Cunha e Maria Auxiliadora Fontana Baseio

Resumo: Reconhecemos que os heróis estão sempre presentes na literatura de recepção infantil e exercem grande fascínio, porque, incontestavelmente, trazem uma pulsão universal: o desejo humano de superar situações-limites. Ao reunir sentimento e ação, seu destino é o ritual iniciático – que se traduz como aventura. Essas imagens arquetípicas tomam feições singulares de acordo com a cultura e o contexto em que se inserem e, pela força do imaginário, são capazes de circular em diferentes linguagens, códigos e suportes. Apesar de a forma de materialização de cada arte ser diferente em razão das especificidades de cada produção estética, o espírito fabulador mantém estreito vínculo com a condição e com a experiência humana. Interessa-nos, neste trabalho, perscrutar as formas de manifestação desses motivos imaginários – herói e aventura – na obra Kiriku e a feiticeira, de Michel Ocelot, em suas expressões em livro e filme. Para tanto nos apropriamos dos instrumentais dos estudos comparados de literatura que nos permitem exercícios analíticos interartes como forma de compreensão crítica sobre fenômenos culturais e de linguagem.

Palavras-chave: imaginário; herói; aventura; literatura; cinema

UM ESTUDO SOBRE REINAÇÕES DE NARIZINHO, DA CIA DAS LETRINHAS, A PARTIR DAS NOTAS DE RODAPÉ E DAS IMAGENS DAS PERSONAGENS

Patrícia Aparecida Beraldo Romano

Resumo: Esta comunicação pretende apresentar uma discussão sobre a obra *Reinações de Narizinho*, da editora Cia das Letrinhas (2019), em cujo texto o jovem leitor encontrará notas de rodapé, em forma de diálogo entre personagens, que buscam fazer o papel de um mediador de leitura. Pretendemos analisar o possível efeito dessas notas “mediadoras” no leitor contemporâneo. A obra também traz ilustrações a partir de uma ótica de concepção de nossos jovens leitores do século XXI. Com isso, pretendemos buscar respostas para possíveis perguntas como: as notas contribuem para informar adequadamente o leitor sobre questões polêmicas presentes nesse texto infantil de Lobato? Executam adequadamente a função de um professor mediador consciente de seu papel? Quanto às imagens, elas representam personagens ao gosto do nosso jovem leitor multimidiático? Quais seriam as possíveis características delas que arrebatariam a atenção desse leitor do século XXI? 2019 marca a entrada para domínio público das obras de Monteiro Lobato, cujas personagens fizeram a alegria de muitas gerações de autores contemporâneos de Literatura Infantojuvenil. O escritor parece ter tido a preocupação de trazer para suas obras infantis temáticas não apenas divertidas, mas também polêmicas, demonstrando apreço pela formação de seus pequenos leitores: crianças e jovens. Também é de conhecimento acadêmico a preocupação de Lobato com a ilustração de seus textos infantis. A obra editada pela Cia das Letrinhas, em fevereiro de 2019, parece apresentar uma alternativa para tratar de situações polêmicas geradas pelos textos lobatianos, que seria a criação dos diálogos entre as personagens Narizinho e Emília em notas de rodapé que foram elaboradas por uma especialista em Monteiro Lobato, a professora Cilza Binotto. As ilustrações, por sua vez, dessa edição, ficaram sob responsabilidade de Lole, e o projeto gráfico, de Juliana Vidigal, e ambos parecem agregar à obra a marca dos retalhos de pano de que a boneca Emília é feita. A ideia dos retalhos parece muito interessante, já que o processo de cosê-los pode ser uma metáfora bastante vindoura para a ideia de “costurar” palavras e textos num mundo de múltiplas facetas e novos vocábulos que surgem, a todo momento, com a internet. A ilustradora também parece agregar certo olhar surreal ou mesmo de nonsense a seu trabalho na obra de Lobato. Pretendemos, com isso, fazer uma discussão sobre os efeitos que essas questões na edição de 2019 podem gerar no leitor. Enfim, para sustentarmos nossa discussão, pretendemos nos servir de teóricos como Lajolo e Zilberman (2017), Mill (2018), Coscarelli (2016), Góes (2009), Nikolajeva e Scott (2011), Santaella e Nöth (2014), dentre outros.

Palavras-chave: Reinações de Narizinho; mediação; ilustração.

OS LUGARES DOS CONTOS POPULARES E FOLCLÓRICOS BRASILEIROS NA MINISSÉRIE HOJE É DIA DE MARIA (2005), DE LUIZ FERNANDO CARVALHO A PARTIR DA COMPILAÇÃO DE CÂMARA CASCUDO E SÍLVIO ROMERO

Rayron Lennon Costa Sousa e Diógenes Buenos Aires de Carvalho

Resumo: Em nossa sociedade, a presença da leitura é sempre vista de maneira positiva, pois de todas as competências culturais, ler é a mais valorizada entre nós, assertiva que direciona para uma abertura dos universos da leitura e a escrita no tocante à recepção do texto literário. As construções das competências culturais a partir da leitura literária são necessárias para que possamos nos constituir enquanto sujeitos informados, dialógicos e produtores de outras mensagens, discurso esse ancorado na ótica bakhtiniana (1993). A partir desta acepção, consideramos que o imaginário coletivo que compõe a literatura popular e folclórica brasileira é diverso e, ao mesmo tempo, rico em personagens e tramas, corroborando para a constituição de um acervo ilimitado de sentidos, temáticas e autores. Neste contexto, Sílvio Romero, o pioneiro a esquadilhar o patrimônio cultural brasileiro e Câmara Cascudo (1978), discorrem sobre a importância da literatura oral na construção do intelecto, das consciências e do íntimo nacionalista a partir do processo de registro e disseminação das narrativas folclóricas. Salientamos as contribuições da literatura oral/popular/folclórica destinada aos infantojuvenis,

anterior a este tempo, quando os colonizadores chegaram ao Brasil, ao trazerem entre outros bens materiais e imateriais, costumes e histórias que passaram a fazer parte da vida local a partir de um projeto maior de identidade nacional. Os povos indígenas que aqui viviam faziam uso da palavra como instrumento instaurador dos ritos, de compreensões dos fenômenos naturais, da comunidade de experiências das gerações, de reflexão sobre as lutas, buscas, iniciação e prazeres, universo esse que corrobora para que a literatura infantojuvenil tenha um leque amplo e diverso, inferindo acerca da estética literária. Nesse sentido, objetivamos discutir o lugar dos contos populares/folclóricos em *Hoje É Dia de Maria* (2005), uma vez que a obra cinematográfica apresenta-nos como de grande impacto e repercussão na sociedade brasileira, principalmente nos telespectadores infantojuvenis, por trazer a compilação de várias narrativas folclóricas ao passo em que a protagonista, Maria, caminha em direção ao seu sonho - as franjas do mar no sertão brasileiro. Assim, esta pesquisa classificou-se, segundo sua finalidade, como pesquisa teórico-bibliográfica, utilizando uma metodologia de natureza qualitativa, caracterizada como explicativa, tendo como corpus de análise a minissérie *Hoje É Dia de Maria* (2005). Como aporte teórico utilizou-se as discussões de Bakhtin (1993), Carvalho (2011), Cascudo (1978), Fernandes (2003), Zilberman (2014) entre outros. Intenta-se que essas discussões proporcionem uma análise da literatura popular/folclórica nas produções literárias infantojuvenis adaptadas à TV, discutindo o lugar dos contos populares e folclóricos a partir da estética literária na formação cultural do telespectador, além do lugar da historiografia oral e/ou escrita em novos espaços de leitura.

Palavras-chave: Literatura Popular e Folclórica; Cinema; Literatura Infantojuvenil; *Hoje É Dia de Maria*.

17/07 (MANHÃ)

MARCAS DE PERTENCIMENTO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NAS DISTOPIAS JUVENIS

Cássia Farias Oliveira dos Santos

Resumo: O objetivo desse trabalho é abordar a questão da identidade e individualidade nas distopias juvenis, partindo da análise das séries *Jogos Vorazes* (2008-2010), *Feios* (2005-2007) e *Starters* (2012-2013). Em geral, em narrativas distópicas são representadas sociedades em que a individualidade se encontra ameaçada, sendo encenada uma verdadeira luta pelo controle do indivíduo e de suas vontades. No que se refere, especificamente, à distopia juvenil esse elemento é ainda mais relevante, uma vez que a tensão entre indivíduo e sociedade é parte integrante da vivência adolescente: durante a adolescência, o sujeito é chamado a trabalhar sobre o seu próprio eu e a mediar seu lugar perante as instituições, sendo uma fase caracterizada muitas vezes pelo conflito e embate com a autoridade (COUTINHO, 2005). Dessa forma, é possível afirmar que as distopias juvenis são um cenário propício para a discussão de temas como a construção da identidade e o desenvolvimento de uma individualidade, podendo funcionar como uma metáfora para a própria adolescência (BASU et al., 2013). Uma das formas em que essa temática é trabalhada nessas narrativas é por meio do que chamaremos de marcas de pertencimento: elementos – sejam na forma de vestimentas ou de traços físicos – que as personagens carregam em seus corpos e que apontam ou delimitam seu lugar naquela sociedade. Essas marcas podem remeter à tensão entre indivíduo e sociedade pois, em muitos casos, são impostas ao sujeito – pelo governo ou pelas condições precárias de vida – colocando-o em uma posição fixa, onde não há espaço para fuga e para o desenvolvimento de uma subjetividade. Em *Feios*, a fisionomia determina o lugar na sociedade: olhos grandes e redondos, bem como o formato da bochecha são característicos dos “new pretties”, enquanto os “middle pretties” tem feições que inspiram confiança – não há escolha pessoal, os sujeitos passam por uma cirurgia que os padroniza e determina suas vidas. Em outros casos, porém, essas marcas podem ser escolhidas pelo sujeito ou serem usadas para determinar quem, em meios aos confrontos que perpassam as narrativas, pode ser considerado aliado, como em *Starters*, onde Callie identifica



adolescentes amigáveis pela roupa. Essas marcas de pertencimento remetem a duas situações distintas. Por um lado, temos a tensão entre o indivíduo e a totalização dos grupos; um sujeito que corre o risco de se perder na massa coletiva (CLAEYS, 2017), representada pelas marcas impostas ao sujeito. Por outro, temos a coletividade que traz uma sensação de pertencimento positiva e que faz parte do processo de crescimento do adolescente, segundo aponta Maffesoli (2005). Nesse trabalho, então, pretendemos analisar as diferentes marcas de pertencimento que perpassam essas narrativas, como elas se transformam e a forma como as personagens se relacionam com elas e, a partir disso, determinar as possíveis formas que a construção da identidade assume nas distopias juvenis.

Palavras-chave: Distopia; Literatura juvenil; Identidade

EU SOU O QUE VEJO: UM ESTUDO ACERCA DA TEMÁTICA NEGRA NOS LIVROS DE LITERATURA INFANTIL

Cristiane Veloso de Araujo Pestana

Resumo: Este estudo tem como objetivo refletir sobre a Literatura Infantil numa perspectiva étnico-racial, mais especificamente sobre a raça negra. Portanto, serão analisados alguns livros com personagens negras, tendo como público leitor as crianças negras. Trata-se de uma pesquisa inicial para a tese de doutorado em estudos literários. O referente estudo traz um breve histórico sobre a consolidação da Literatura Infantil no Brasil, a concepção de infância, levando em consideração o capital simbólico das crianças negras, bem como o surgimento de personagens protagonistas negros neste segmento literário. Pretendemos analisar algumas obras, nacionais e traduzidas, desde o tema, o texto literário, as ilustrações, o local de fala dos autores até o impacto destas obras na construção social e identitária da criança negra. As ilustrações ocupam lugar de destaque nesta abordagem. Tais reflexões e possíveis considerações se justificam, tendo em vista o aumento considerável de livros infantis com temática étnico-racial, conforme apontam as pesquisas de Maria Anória de Jesus Oliveira sobre a Lei 10.639/03 (alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio) e seu impacto na literatura infantil. Refletindo sobre a qualidade desses livros que foram lançados no mercado e sua utilização nas escolas, concluímos que muitos deles apresentam aspectos que podem interferir negativamente na representação das crianças negras e na forma como elas se veem representadas. Conforme salienta Oliveira, o trabalho com a arte literária, seja no âmbito da produção, ou da seleção e difusão dos livros de literatura infantil de temática étnico-racial, requer um olhar crítico para não endossar o que se deseja desconstruir. A ausência de uma crítica literária específica para este braço da Literatura Brasileira, isto é, a Literatura Infantil, também será objetivo de pesquisa, uma vez que para Peter Hunt e Nelly Novaes Coelho, a crítica pode exercer um papel importante na qualidade do material publicado. Os aspectos históricos e políticos que envolvem negros e negras nascidos no Brasil serão suportes para uma discussão acerca do racismo nas escolas, nos livros infantis e da perpetuação de estigmas preconceituosos ao redor das crianças negras. O silenciamento e o apagamento de uma cultura, a ausência de uma representatividade legítima, colocam a criança negra numa posição desconfortável e dolorosa diante da sociedade. É preciso resgatar a autoestima dessas crianças, difundir conhecimentos e reconhecimentos culturais, promovendo o empoderamento de meninos e meninas que hoje vivem à margem da sociedade e, muitas vezes à margem das histórias literárias.

Palavras-chave: literatura infantil; personagens negras; empoderamento; crítica literária.

RELAÇÕES DE TRAUMA E IDENTIDADE EM AS VANTAGENS DE SER INVISÍVEL E FALE!

Regina Peixoto Carneiro

Resumo: A partir da teoria literária do trauma na visão de Caruth (1996), o objetivo deste trabalho é investigar as relações entre trauma e identidade em duas narrativas adolescentes: As



vantagens de ser invisível, de Stephen Chbosky, e Fale!, de Laurie Halse Anderson. As obras contam a história de personagens que sofreram violência sexual – evento que os marcou de diferentes formas. Os dois romances convergem em muitos pontos: ambos publicados em 1999, são considerados cânones literários da literatura juvenil nos Estados Unidos, tendo sido amplamente estudados a nível de ensino médio, ao mesmo tempo em que foram diversas vezes banidos de escolas pelo seu conteúdo sensível, considerado polêmico. Também receberam bastante atenção da crítica literária, proporcionando discussões pertinentes sobre sexualidade e o senso de pertencimento na fase da adolescência. Melinda, a protagonista de Fale!, sofre um estupro durante uma festa e, após ligar para a polícia para tentar denunciar, é excluída pelos colegas. Depois disso, Melinda aos poucos para de falar, se sentindo incapaz de contar a alguém o que lhe aconteceu e se refugiando no silêncio. A experiência de Charlie, protagonista de Vantagens, é bastante diferente da de Melinda: foi abusado pela tia na infância e reprimiu a memória do abuso, ainda que as marcas desse trauma estejam presentes na sua vida adolescente. Nestes dois cenários, a dualidade entre silêncio e expressão se torna parte da identidade das personagens, na medida em que vão encontrando maneiras de lidar com a experiência traumática. Assim, a expressão artística e o exercício da escrita se tornam uma ferramenta necessária para a quebra do silêncio, possibilitando um processo de cura das personagens. Para compreender os limites e as profundezas da experiência traumática, os escritos de Freud insinuam que o trauma é ainda maior do que uma ferida na psique, é uma dor que demanda atenção, na tentativa constante de revelar uma verdade inalcançável e desconhecida ao indivíduo que sempre volta a atormentá-lo, mesmo quando já está fisicamente seguro. Caruth tomou como missão unir as ideias de Freud às representações do trauma na literatura, se tornando uma das primeiras a escrever sobre a teoria literária do trauma. Assim, ela defende que o trauma não é apenas o ato de violência em si, mas o conjunto de todas as marcas que a experiência traumática deixa no indivíduo após o evento – até aquelas que ele não é capaz de compreender. Dessa forma, seguindo a tradição das narrativas de desenvolvimento frequentemente presentes na literatura juvenil, pretende-se mostrar os diferentes tipos de expressão a que as personagens recorrem, na ideia de que através da escrita e da arte está a recuperação que precisam para não deixar que essa experiência traumática os defina.

Palavras-chave: literatura juvenil; teoria literária do trauma; identidade

O RETRATO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA NA LITERATURA JUVENIL: UMA REFLEXÃO SOBRE A REALIDADE

Mariana Rissi Azevedo

Resumo: Na Literatura há pouca representatividade no que se refere à temática gravidez na adolescência, geralmente o assunto é abordado na Literatura Juvenil com o intuito pedagógico de demonstrar aos adolescentes as consequências de iniciarem suas vidas sexuais. Mesmo assim, as poucas obras que discutem essa questão castigam as protagonistas femininas e as usam como exemplo do que não deve ser seguido. Na Literatura dos Estados Unidos há um número maior dessas obras, enquanto no Brasil educação sexual ainda é um tema impedido de ser discutido livremente nas escolas. A sociedade brasileira tem medo de admitir que adolescentes fazem sexo, engravidam e são punidas em diversos sentidos, no entanto, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a cada mil adolescentes brasileiras entre 15 e 19 anos, 68,4 ficaram grávidas em 2018. Naomi Wolf (1998) nos lembra que, embora sejamos filhas da revolução sexual, se escolhermos exercer nossa sexualidade com liberdade, cometemos uma espécie de suicídio social, pois a sociedade patriarcal ainda nos exige castidade. Milhares de adolescentes, que ousam atender ao chamado da puberdade, são penalizadas e abandonadas durante a gravidez. É preciso ajudá-las, dando-lhes condições de prosseguir. Discuto este tema nas obras: *Detour for Emmy* de Marilyn Reynolds, autora vencedora de inúmeros prêmios, dentre eles: South Carolina Young Adult Book Award em 1996 e The American Library Association's "Best Books for Young Adults"; e *Like Sisters on the Homefront* de Rita Williams Garcia, escritora premiada com Newbery Honor Award, Coretta Scott King Award, e

o PEN/Norma Klein Award, dentre outros. Ambas obras norte americanas proporcionam uma visão diferente da gravidez na adolescência, porque sugerem que as protagonistas precocemente grávidas superem as adversidades e deem continuidade em suas vidas. *Detour for Emmy* narra a trajetória de Emmy, uma adolescente caucasiana de 14 anos, pertencente a classe social média baixa, que após ter seu bebê, consegue retornar aos estudos. *Like Sisters on the Homefront* conta a história de Gayle, uma adolescente de 14 anos afrodescendente, pertencente a classe social baixa, que encontra em seus ancestrais na Georgia, motivos para empoderar a si mesma e ao seu filho. A presente pesquisa contrasta os acontecimentos nas obras literárias com os dados do Ministério da Saúde e da OMS, referente ao Brasil, para demonstrar que os enredos das obras fazem retratos literários da vida de muitas meninas que são vitimadas pela ignorância e preconceito. Nesse sentido, este trabalho busca discutir a representação da gravidez na adolescência nas obras *Juvenis* de Reynold e Garcia com o intuito de inspirar jovens mães a lutarem pelos seus direitos e exigirem ações governamentais que garantam seu estudo e condições para que possam viver dignamente.

Palavras-chave: Literatura Juvenil; Gravidez na adolescência; Marginalização feminina

APRENDER A MORRER: UM ESTUDO COMPARATIVO DAS OBRAS O PATO, A MORTE E A TULIPA E O SOL SE PÕE NA TINTURARIA YAMADA

Gisele Gemmi Chiari

Resumo: Propomos comparar duas obras contemporâneas da literatura infantojuvenil, *O pato, a morte e a tulipa* (2007) de Wolf Erlbruch e *O sol se põe na tinturaria Yamada* (2017) de Claudio Fragata e Raquel Matsushita, por meio da análise do texto escrito e das ilustrações, bem como de todo o projeto gráfico, perscrutando como ambos os livros tratam a temática da morte. Invariavelmente, nos contos tradicionais e maravilhosos, a morte sempre se faz presente. Em muitas histórias, morrer se configura como punição aos maus ou meio de ascensão dos personagens extremamente bons para um patamar de santidade. Dito de outra maneira, as abordagens têm um cunho religioso, mormente de cunho judaico-cristão. Com o fortalecimento da visão burguesa da infância a partir do século XIX como uma fase da vida que requer cuidados e proteção, as representações da morte foram amenizadas ou evitadas nas histórias destinadas aos pequenos leitores. Na sociedade contemporânea, a morte tornou-se um tabu e a presença do referido tema na literatura infantil, no início do século XX, tornou-se escassa. No entanto, a partir da década de oitenta, o mercado editorial de livros infantis passou a incluir temas mais complexos e constrangedores, como o da morte. Nessa produção mais coetânea, em muitas obras, a referência a esse assunto tem como escopo preparar e consolar a criança em relação à partida das pessoas mais velhas da família, sobretudo os avós. O livro de Fragata e Matsushita, embora narre a despedida do senhor Yamada do seu neto Hiro, diferencia-se dessa abordagem consolatória ao relativizar a finitude por meio da valorização da memória. Do calor da manhã ao sol poente, o velho relembra um poema da infância que nos convida a pensar sobre o significado da vida e da morte. É por meio da poesia que o Sr. Yamada se relaciona com o seu fim e o aceita com serenidade. Já, em *O pato, a morte e a tulipa*, a questão é interpelada de forma singular, apresentando a morte como uma personagem simpática e humanizada. Em um primeiro momento o pato fica muito assustado com a presença da indesejada, mas quando a examina detidamente e dialoga com ela, convida-a para nadar no lago e, juntos, experimentam novas sensações e ideias. Sugerimos que a relação entre o pato e a morte é uma metáfora indicadora de uma outra atitude diante do fim da vida, indo de encontro à negação e esquívamento da sociedade coeva. Vale destacar que Erlbruch não apresenta um desfecho confortador ou uma solução metafísica, mas propõe uma reflexão que explicita a intrínseca relação entre vida e a morte, já que, como pontua Morin (1988, p. 11), a sociedade funciona apesar da morte e contra a morte, mas toda a nossa organização se baseia na ideia da inevitabilidade do nosso perecimento. O estudo parte de uma análise comparativa das duas obras da literatura infantil, pontuando como ambas interpelam a questão da morte valendo-se de



uma perspectiva filosófica, do humor, da consonância e da complementaridade entre texto e imagem.

Palavras-chave: Literatura comparada; Literatura infantojuvenil contemporânea; Morte

VIDA NAS HISTÓRIAS E HISTÓRIAS DE VIDA: UM CONSTRUTO SOBRE LITERATURA PARA NÃO ADULTOS E A REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DO “FIM DA VIDA”

Mauricéia Lopes Nascimento de Sousa

Resumo: A representação de personagens na literatura infantil e juvenil é o tema desta comunicação, cujo objetivo é refletir sobre o que é retratado na temática morte e morrer, seguindo a linha de construção de sentidos. Historicamente, o tema da terminalidade da vida se confunde com a curiosidade pelo pleno conhecimento do momento crucial em que se deu a origem humana. Ambos os processos são engendrados em contos, em causos, em folclore, em conversas, em obras. Sendo assim, a ideia irá se desencadear em torno de dois momentos em que apresentaremos “a vida nas histórias”, explorando a representação literária nas obras de Pethelo-a-Kuma: o menino inteligente, de João Miranda e O beijo da palavrinha, de Mia Couto e, na segunda parte, as “histórias de vida”, lançando um olhar sobre as possibilidades de interação entre a obra O voo da gaivota, de Ondjaki e os meninos e as meninas reais, leitores enfermos. Ao fim, duas vertentes foram alinhavadas diante dos múltiplos sentidos da fabulação e dos estudos da tanatologia. Portanto, a vida na literatura e a literatura na vida de crianças e jovens em tratamento paliativo de saúde. Para tal proposição, o arcabouço teórico irá percorrer um caminho apresentando a literatura como necessidade básica e direito de fabulação (CÂNDIDO, 1988), em um contexto de representação social (DALCASTAGNÈ, 2012). Desta forma, neste trabalho, há uma linha que juntará partes de tecidos diferentes, alinhavos e costuras entre vidas representadas e vidas vividas. Há também uma linha que pulsa e que indica a intensidade exata do viver, presente nos monitores cardíacos, mas incapaz de medir com precisão o tempo de vida. Há uma dinâmica, uma percepção da existência, uma busca pela imortalidade. Há uma linha de raciocínio, por vezes, irracional. Portanto, há uma linha que conduzirá a reflexão que registramos sobre literatura infantil e juvenil, sobre vida, sobre enfermidade, sobre cuidado e sobre morte. A morte, não obstante, seja uma certeza para a humanidade, traz em si fatores interligados que ora atrai, ora repulsa a depender dos aspectos sociais, culturais e religiosos envolvidos. O historiador Ariès desbravou-se em um aprofundado estudo sobre a história da morte no ocidente. Em seus primeiros registros, esclarece que, para tratar sobre o assunto, é necessária uma disposição e um movimento interior capaz de ordenar os efeitos do que ele chama de tema tabu (ARIÈS, 2012). Contudo, percebemos, por meio das narrativas comentadas neste artigo, que temos uma trajetória com linhas que se cruzam. Assim, são encontros com “vidas nas histórias e histórias de vida” que nos farão produzir mantos, ainda que “feitos de remoinhos, remendos e retalhos.”

Palavras-chave: literatura infantil e juvenil, representação, tanatologia

17/07 (TARDE)

A TRAJETÓRIA DA FÁBULA NA LITERATURA INFANTOJUVENIL: UMA BREVE HISTORIOGRAFIA DA TRADUÇÃO DE FÁBULAS NO BRASIL

Clarissa Rosas

Resumo: Tem-se como dado que as fábulas são, por essência, infantis e educativas, mas o surgimento do gênero “fábula” é bem anterior à ideia de uma literatura voltada especificamente para o público infantojuvenil. Para estudar a trajetória da fábula na literatura infantojuvenil e a inserção da fábula no mercado editorial brasileiro, esta investigação parte de um levantamento bibliográfico que abarca fábulas originalmente em português e fábulas traduzidas para o português. É notável que uma tradução não ocorre sem um propósito e um público-alvo



definidos e que há vários fatores que constituem as condições de produção dessa forma de retextualização. Esses fatores podem ser estudados a partir de diferentes enfoques e, para um estudo historiográfico da tradução, Lieven D'hulst (2001) propõe que se levem em conta alguns aspectos, tais como quem, o que e onde se traduz, quem ajuda no processo, por que e como isso ocorre, quando se realiza a tradução e para quem se traduz. Assim, a partir dessas perguntas, o presente estudo realiza uma investigação bibliográfica para identificar quais autores de fábulas têm/tiveram espaço no mercado editorial brasileiro, desde quando circulam fábulas traduzidas no Brasil e quem é o público-alvo das traduções. Os resultados demonstram que o número de obras traduzidas para o português é muito maior que o número de obras originalmente em português, ainda que o número de autores traduzidos seja menor que o número de autores de língua portuguesa. O fenômeno se explica pelo grande número de traduções de Esopo e La Fontaine e pelo fato de que alguns autores aparecem com umas poucas fábulas publicadas isoladamente (o que faz com que seus nomes figurem nos resultados a cada fábula publicada), enquanto outros autores publicaram uma grande quantidade de fábulas em volume único (o que faz com que seus nomes figurem apenas uma vez pelo conjunto de fábulas). Observou-se que tanto no caso das obras traduzidas quanto no caso originalmente em português há uma prevalência considerável do público infantojuvenil como alvo das publicações.

Palavras-chave: Fábulas; Historiografia da tradução; Mercado editorial brasileiro; Literatura infantojuvenil.

FÁBULAS URBANAS DE ITALO CALVINO: MARCOVALDO OU AS ESTAÇÕES NA CIDADE

Hilario Antonio Amaral

Resumo: Italo Calvino (1923-1985), dono de profunda consciência sobre o desenrolar do processo histórico, confrontava continuamente o próprio trabalho com a realidade que o circundava. Apaixonado pela vida na cidade, entendia que os séculos XX e XXI seriam os da afirmação do urbano e do direito a uma vida digna nesses espaços. Publicado pela primeira vez em 1963, Marcovaldo ou As estações na cidade é uma narrativa que se completa na leitura de vinte histórias, no correr das quatro estações do ano – primavera, verão, outono e inverno – que se repetem cinco vezes. Destacamos duas possibilidades de leitura do texto: uma delas se realiza pela acepção cronológica das histórias, em que as passagens de Marcovaldo pelas estações marcariam a relação entre a vida da personagem e o desenvolvimento do contexto histórico italiano; a outra chave de leitura toma o texto como contos justapostos nos quais não existiria uma relação sequencial que levaria ao entendimento do livro como começo, meio e fim. A única ligação entre os contos seriam as desventuras de Marcovaldo na cidade. No entanto, o que é comum nas duas possibilidades de leitura é a discussão que Calvino apresenta entre homem, cidade e natureza. A cidade é o locus privilegiado do moderno e do modernismo, mais especificamente a grande cidade, por ser o lugar exemplar do desenvolvimento. A obra é estruturada de forma cômica, ou melhor, tragicômica. Marcovaldo é alguém que busca alternativas à sua vida miserável por meio de uma atitude subjetiva e individual que jamais transforma a realidade concreta. Ele sonha com uma natureza romantizada, bucólica, na qual ele ilusoriamente acredita que poderia se realizar por inteiro. A pouca natureza que ele encontra na cidade cumpre momentaneamente esta sensação de satisfação. Ele é um símbolo cômico do desencanto com a cidade industrial, onde toda experiência se torna problemática. Por isso, o tom melancólico que perpassa todo o livro. Essa melancolia expressa pela personagem é o reconhecimento da absoluta impossibilidade de realização do homem tanto na natureza romantizada quanto na cidade capitalista predatória. O nome da cidade onde vive Marcovaldo não é dito em nenhum momento. Não indicar um nome, revela que o interesse de Calvino não está em descrever uma cidade específica, mas aquilo que é intrínseco à vida urbana. Assim, o livro apresenta Marcovaldo como alguém que questiona a cidade e a modernidade. Questionar a modernidade significa questionar também a cidade como mundo no qual o conceito de realidade



única e totalizante baseada no racionalismo e positivismo precisa ser dissolvido. Se o livro abre a discussão por meio da fantasia, ao final não deixa espaço para ilusões.

Palavras-chave: fábula; natureza; cidades

A LITERATURA INFANTOJUVENIL NA VOZ PERIFÉRICA DE ALLAN DA ROSA: UMA LEITURA DO LIVRO ZUMBI ASSOMBRA QUEM?

Karla Cristina Eiterer Rocha

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar uma leitura do Livro Zumbi assombra quem? O livro foi direcionado para o público infanto-juvenil. Escrito por Allan da Rosa e ilustrado por Edson Ikê, portanto temos uma articulação textual e imagética. O autor e o ilustrador são militantes de um movimento que busca a revisão histórica, de grupos que foram deixados à margem. Trabalham com as representações sociais do povo afro-brasileiro, apontando para ressignificações de valores atribuídos a eles. Numa abordagem que parte da literatura periférica esses militantes nos convidam a combater estereótipos, a reforçar a luta contra o racismo e buscar a inserção de outras vozes, para repensar a História de forma multifacetada e crítica. Eles discutem assuntos que foram velados por parte da história hegemônica e hoje precisam ser recontados de forma dialógica, para que sejam contrastados, com outras fontes que também narraram os acontecimentos importantes, como estes relativos ao nosso passado. Através dessa obra de resgate e revisão do passado do povo afro-brasileiro, propomos algumas reflexões sobre essa articulação entre a Literatura e a História, apontando para o acréscimo que outras formas de narrar podem trazer para o discurso histórico, acerca do mesmo tema. A ancestralidade é um fator importante dentro dessa narrativa, para explicar muitas questões e para se discutir outras ligadas à ponte: passado-presente-futuro. Abordaremos temas recorrentes como: memória, identidade, negritude, alteridade, escravidão, resistência, violência e cultura. Para articular uma análise crítica tomamos como referência as reflexões dos seguintes analistas: Édouard Glissant, Homi Bhabha, Zilá Bernd, Frantz Fanon, Alfredo Bosi, Kabengele Munanga, Michael Pollak, Márcio Seligmann-Silva, Mikhail Bakhtin e Regina Zilberman. O nosso intuito é trazer para as discussões sociais, históricas e literárias, esta nova leitura sobre Zumbi dos Palmares cuja representação discursiva se dá, pela escrita de um autor de literatura periférica que narra a história do período colonial brasileiro, através do cotidiano do menino Candê e seus familiares os quais pertencem a uma família afro-brasileira e vivem numa realidade periférica. A família ajuda o menino a se construir como sujeito honrado, a lidar com as pessoas e com as dificuldades de seu cotidiano, ao mesmo tempo em que o ajudam a conhecer a sua história e a de seus ancestrais. Ao longo da narrativa, somos levados a perceber a necessidade desta revisão histórica, aliada à construção de uma literatura crítica, voltada para os temas dos grupos minoritários que ficaram à margem da sociedade. Portanto, devemos trazer à tona textos como esse que contam as atrocidades cometidas na escravidão, à invisibilidade que esses grupos de pessoas foram deixados e também mostrar o quanto lutaram contra a opressão e buscaram ter direito a vida, resgatar suas memórias e os valores de sua cultura.

Palavras-chave: Literatura; Infantojuvenil; História, Zumbi; Afro-brasileiro.

A BOLSA AMARELA, DE LYGIA BOJUNGA, E ANA Z, AONDE VAI VOCÊ?, DE MARINA COLASANTI: NARRATIVAS EM PROFUNDIDADE

Maristela Francelino da Silva

Resumo: Maristela Francelino Silva (Mestranda de Letras PUC-GO) As imagens simbólicas, as alegorias e as metáforas em A bolsa amarela e Ana Z, aonde vai você? colocam em perspectiva não apenas o processo de amadurecimento das protagonistas – Raquel e Ana Z, respectivamente, como também estabelecem uma rica possibilidade interpretativa para o leitor. Enquanto a primeira guarda suas três grandes “vontades” – a de crescer, a de ser garoto e a de se tornar escritora – dentro da bolsa amarela, ao mesmo tempo em que entrelaça seus conflitos familiares, suas frustrações pelo fato dos adultos considerarem que “criança tá por fora” (BOJUNGA, 2002, p. 14), a segunda desce um poço seco para recolher o colar que havia caído



e descobre que ali há um outro mundo, diferente do vivido até então. Em consonância, ambas as narrativas revelam a busca de uma evolução do sujeito e a sua afirmação como pessoa, com desejo e vontade, medo e coragem. Esses processos de amadurecimento, por seu turno, são extremamente significativos para o leitor jovem, afinal, em ambas as obras ele é convidado a acompanhar a afirmação de adolescentes, portadoras de direitos, de vontades e, principalmente, de sonhos, como qualquer ser humano. Nesse sentido, a presente comunicação toma como ponto de partida a construção simbólica em *A bolsa amarela* e em *Ana Z, aonde vai você?* como uma elaboração estética não apenas responsável pela multiplicidade interpretativa, mas também como forma de construir o efeito que a obra causa no leitor e a sua participação como leitura crítica, além de perquirir uma configuração estética que movimenta as narrativas das duas escritoras. A fundamentação teórica, portanto, entrelaça estudos sobre o simbólico, com destaque para os trabalhos de Mircea Eliade (1996), sobre a estética da recepção (sobretudo JAUSS, 1994), além de textos críticos sobre a literatura infanto juvenil brasileira e sobre as obras de Bojunga e Colasanti embasados nas obras de Vera Maria Tietzmann e Bruno Bettelheim.

Palavras-chave: Palavras-Chave: literatura infantojuvenil, simbolismo, recepção.

INFÂNCIA POÉTICA NAS PERSONAGENS CRIANÇA DE LYGIA BOJUNGA E ELEANOR H. PORTER: BRINCANDO DE FICÇÃO E REALIDADE

Diogo Raimundo Rodrigues Santos

Resumo: A perspectiva dessa pesquisa é pensar a infância como fenômeno poético que acontece nas obras *A Bolsa Amarela* e *Pollyana*, das respectivas autoras, a brasileira Lygia Bojunga e a norte-americana Eleanor H. Porter. Nessa ciranda ontológica se vela e desvela o jogo da vida no fantástico e no extraordinário. Para tanto, no presente estudo, discutimos como se dá a ficção e a realidade nessas obras literárias, a partir das personagens crianças Raquel e Pollyana, protagonistas destas narrativas. A infância será um ponto essencial a ser pensado aqui, pois a criança é aquela que se abriga no poético e o poético como questão, busca e procura pela criança, ela encarna a poíesis e dança com a vida, sendo uma criatura privilegiada que transita entre a fantasia e o real não como realidades distintas, mas como um mundo poético. É na criança que vigora toda possibilidade de ser. A relevância das questões apresentadas neste artigo estão em colocar em pauta mais uma vez a criança, a infância, pois na pós-modernidade vivemos diversos fenômenos que prejudicam o ser-criança, um dos mais preocupantes é o “desaparecimento da infância” postulado pelo pensador Neil Postman. A criança é de peculiar valor para a sociedade e para recordarmos constantemente de nossa humanidade, pois é com ela que reinauguramos constantemente o mundo, como diz Guimarães Rosa “um menino nasceu, o mundo tornou a começar”. As crianças Raquel e Pollyanna são as protagonistas das obras aqui analisadas, mas na verdade as crianças são as personagens principais da narrativa da vida. Outra importância deste texto está em pensar as questões da ficção e da realidade que geralmente são pensadas como antípodas, contraditórias, no entanto são questões irmãs, como pode-se afirmar que não há ficção na realidade, ou realidade na ficção? Quais os sentidos originários dessas questões? Pois até hoje não sabemos a resposta para a clássica pergunta: é a arte que imita a vida ou a vida que imita a arte? Este trabalho é uma pesquisa bibliográfica, pois partirá da análise e leitura comparadas das narrativas de Lygia Bojunga e Eleanor H. Porter, em diálogo com autores que discutem em uma perspectiva ontológica e poética os temas da infância, do humano, da ficção e da realidade. Neste caminho dialogaremos com Rosa (1994), Nietzsche (1992), Castro (2014), Gass (1971), Heidegger (1989), Brait (1985) e outros. Nesta vereda, acreditamos que a criança é a própria manifestação do humano como obra de arte poética e originária, e é a fonte da qual jorra toda a possibilidade da existência como acontecer vivo da poíesis.

Palavras-chave: Infância poética. Criança. Ficção. Realidade.



SOBRE ARREPIOS, BORBOLETAS, TRANCAS E TROCAS: UM ESTUDO SOBRE O AMOR NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

Samira dos Santos Ramos

Resumo: Este trabalho concerne à área de Estudos Comparados, subárea de Literatura Infantil e Sociedade, e tem como objetivo analisar as diferentes representações do amor na literatura infantil brasileira, bem como os códigos simbólicos e recursos expressivos que evidenciam os discursos sociais e o emprego dos recursos estéticos que geram significado à experiência humana de vinculação social. O amor é um tema recorrente em toda a literatura e é foi delegada à função social da literatura infantil ensinar a importância deste sentimento. Na narrativa popular, da qual parte da literatura infantil deriva e guarda semelhanças, o amor é intermediário entre o herói e a sua realização (COELHO, 2008). No entanto, Andrade (2015) afirma que, enquanto vinculação social, o amor é significado de diferentes formas de acordo com a sociedade em que tem lugar. Se tomarmos como marco inicial da literatura brasileira para crianças a obra de Monteiro Lobato, aproximamo-nos do centenário deste gênero no Brasil e é profícuo entender como a obra infantil tem se relacionado com este tema. De acordo com Coelho (2000), os avanços científicos a partir da metade do século XX alteraram os padrões de pensamento e comportamento social. Havia uma nova sociedade em construção, ainda em transição. Instituições como a família e o casamento, conceitos como individualidade e verdade estavam sendo dissolvidos de suas certezas para serem gestados novos paradigmas de existir e existir em sociedade. No entanto, a contemporaneidade brasileira vive um momento em que estas rupturas de paradigmas dividem espaço com o retorno aos princípios tradicionais de vinculação parental, e estes têm tomado a censura à literatura infantil como território de reafirmação ideológica. Considerando a importância do amor para a literatura em geral, o atual contexto social brasileiro, o sistema de influência recíproca (CÂNDIDO, 1980); a vocação pedagógica da literatura infantil (COELHO, 2000; 2008); o amor como modelo de comportamento simulável (LUHMANN, 1991), está em andamento a comparação entre matrizes situacionais, formulação e contratos conjugais, a conformidade da ordem social, os recursos estilísticos que concorrem para formação das imagens das personagens que amam. Como resultado parcial, pode-se observar que, desde a década de 1920, o amor romântico coexiste na literatura infantil com outras representações de amor nas obras de Monteiro Lobato, Flávio de Souza, João Carlos Marinho, Ana Maria Machado, Ruth Rocha e Marina Colasanti. Estas representações ora subvertem o amor romântico ora apresentam projetos estéticos, políticos e ideológicos nos quais podem ser recuperadas teorias contemporâneas sobre o amor, como o amor líquido, de Bauman, e o amor confluyente, de Giddens. Referências: ANDRADE, Adriana Garcia. El amor como problema sociológico. In Revista Acta Sociológica. N. 66, Enero-Abril, 2015. p. 35-80. CÂNDIDO, Antônio. Literatura e sociedade. São Paulo: Editora Nacional, 1980. COELHO, Nelly Novais. A literatura infantil: teoria, análise e didática. São Paulo: Moderna, 2000. _____ O Conto de Fadas: símbolos – mitos – arquétipos. São Paulo: Paulinas, 2008. LUHMANN, Niklas. O amor como paixão para a decodificação da intimidade. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1991.

Palavras-chave: Literatura Infantil; Sociedade; Representação; Amor.

18/07 (MANHÃ)

O CONTO DE FADAS LITERÁRIO DE AUTORIA FEMININA: UMA REVISITAÇÃO DOS APONTAMENTOS INAUGURAIS DE NELLY NOVAES COELHO

Paulo César Ribeiro Filho

Resumo: Os "romances preciosos", longos contos "exuberantes, fantasistas e sentimentais" (nas palavras de Nelly Novaes Coelho), estiveram em voga nos salões literários que abundaram na França do séculos XVII e XVIII. São narrativas que, mesmo quando compostas por motivos populares, são irremediavelmente retocadas ao estilo precioso (correspondente ao Barroco



francês) para satisfazer a predileção dos frequentadores dos salões por peças sofisticadas de arte literária. A galanteria, as sinestesias disparatadas e os jogos de palavras estão entre os recursos estilísticos empregados na confecção desse tipo de texto. Distintas damas da alta aristocracia eram as comandantes de alguns desses centros mundanos de cultura erudita. As "preciosas" (assim denominadas as autoras dessa produção), mesmo vituperadas por figuras como Molière em sua obra jocosa "As preciosas ridículas", deixaram um importante legado para a história literária do Ocidente e, principalmente, para o que viria a se entender posteriormente por "literatura infantil", designação que estava em pleno processo de significação no referido período histórico. As reflexões filosóficas suscitadas pela famosa "Querela dos Antigos e Modernos" auxiliam na compreensão das mudanças sociais, culturais e políticas pelas quais passava a sociedade francesa de então. O surgimento de mulheres autoras em círculos literários antes restritos aos homens é uma das transformações advindas desse contexto. Nomes como o de Mme. de Villeneuve e Mme. de Beaumont tornaram-se célebres pela autoria de inúmeros contos de fadas que ditaram a moda literária do país sob a regência de Luís XIV. Marie-Catherine Le Jumel de Barneville, condessa d'Aulnoy, destaca-se, entre suas consortes, como a principal representante de tal gênero literário, responsável por delinear o que se entende hoje por "conto de fadas literário", dado que a ela também é atribuída a cunhagem do termo "conto de fadas". A partir dos apontamentos e adjetivos utilizados por Nelly Novaes Coelho para se referir a essa produção tão específica, intenciona-se esmiuçar as características próprias do gênero em oposição aos seus pares estilísticos, como o conto de fadas popular e o conto maravilhoso. "Fantasia extravagante", "romance caudaloso", "inverossímil" e "contos de fadas para adultos" são alguns dos termos a serem devidamente investigados nesta comunicação.

Palavras-chave: Conto de fadas literário; Mme. d'Aulnoy; Nelly Novaes Coelho

UM OLHAR SOBRE AS FADAS DE FLÁVIA CÔRTEZ

Regina Michelli (Regina Silva Michelli Perim)

Resumo: Em tempos pós-modernos, histórias da tradição são relidas e recontadas, ora mantendo-se o enredo quase inalterado, no eixo de um texto parafrásico, ora reinventando-o, por vezes atualizando-o em meio à criatividade paródica. Quase sempre, o texto literário que emerge desse processo de reconto ou mesmo de adaptação apresenta um novo frescor ao iluminar histórias que embalam a humanidade desde há muito. As fadas fazem parte desse universo. Vêm de tempos esquecidos, tempos de mulheres respeitadas, com poderes percebidos como sobrenaturais, a começar pelo milagre de gerar vida. Suas origens se perdem nas brumas dos celtas, das sacerdotisas e pitonisas romanas, das deusas da mitologia de vários povos. As fadas existem entre nós ainda hoje, circulando nas letras de livros, nas telas de cinema, nas imagens, nos quadrinhos. Persistem evocando a magia do feminino. Há várias escritoras contemporâneas em cujos textos circulam fadas e bruxas, mas nosso olhar recai em duas obras da escritora Flávia Côrtes: O portal das fadas e Senhora das Névoas. A primeira é direcionada ao público pequeno. O protagonismo infantil, o enredo sem grandes conflitos, ainda que tecendo o suspense na narrativa, além das ilustrações de Thaís Linhares e do design visual do livro permitem a inserção da obra para esse público. A história se nutre no contato entre Luana, a menina que crê em fadas, e Jasmim, a única fada que acredita na existência de seres humanos. A entrada para o Reino das Fadas encontra-se no jardim da casa da menina, espaço ameaçado de extinção pelo pai de Luana. O segundo livro, Senhora das Névoas, de maior extensão, é um convite a revisitar a cultura celta e o universo do medievo, apresentando conflitos acentuados entre o bem e o mal, estrutura narrativa não linear, protagonismo juvenil e temas caros à adolescência, obra mais direcionada a jovens e a adultos que não perderam o encantamento por histórias maravilhosas. Intenta-se, neste trabalho, observar a configuração das fadas e das personagens femininas em suas motivações para o bem e para o mal, o cenário em que as ações se desenvolvem, os substratos culturais que alimentam uma e outra história, a presença do maravilhoso e o direcionamento das narrativas a um público de faixa etária mais ou menos específica. Por fundamentação teórica a orientar a abordagem, Nelly Novaes Coelho, José

Nicolau Gregorin Filho, Marina Warner, Jacques Le Goff, J. R. R. Tolkien, Paul Verrier, Jean Markale.

Palavras-chave: Literatura Infantil e Juvenil; fadas; feminino; Flávia Côrtes

MULHERES E ESPAÇO DOMÉSTICO: TRAMAS E TENSÕES NA LITERATURA JUVENIL BRASILEIRA

Maisa Barbosa da Silva Cordeiro

Resumo: Este trabalho analisa modos de representação nas relações da mulher com o espaço doméstico partindo da obra *Uma ideia toda azul*, de Marina Colasanti (1979). A autora, que promove enfrentamentos, em seus contos, às relações assimétricas de gênero por meio de um discurso metafórico e simbólico, elabora personagens bastante diversas no que tange ao modo de se relacionarem com o ideário feminino e com o espaço do lar, lugar em que se tecem as histórias familiares, mas também estratégias de enfrentamento ao discurso dominante. A literatura juvenil, por sua vez, tem como uma de suas características a inserção da juventude enquanto protagonista por meio da abordagem de temas relacionadas ao universo do jovem. Ela se volta, portanto, para um público que vivencia um momento particular da existência, com anseios e necessidades particulares. Por se tratar, ainda, de um público em formação, consideramos fundamental que elas contribuam para a construção de um olhar, já na juventude, para a emancipação da mulher e para a reelaboração das relações de gênero, assim como o faz Colasanti em sua contística. O espaço do lar, ainda que seja o ficcional, abriga em seus cômodos conflitos, enfrentamentos e mágoas, ao passo que também abriga memória, afeto, partilhas e resistência. A análise do espaço da casa evidencia, ainda, as problemáticas concernentes às relações familiares. Outra razão para seleção do espaço da casa relaciona-se ao fato de que ele é, historicamente, relacionado à mulher. Nos contos de Colasanti, o espaço da casa, do lar, é posto como espaço de resistência, de afetos, de enfrentamentos ou de questionamento da submissão feminina. Colasanti evidencia, com isso, que a história das mulheres não é somente de desigualdades, mas também de estratégias de tensão em relação a elas. Partimos do questionamento de Teresa de Lauretis (1994), que instiga: o que irá persuadir as mulheres a investirem em outros posicionamentos, em outras fontes de poder capazes de alterar as relações de gênero, quando elas já assumiram a posição em questão? (LAURETIS, 1994, p. 226). Pensando na literatura juvenil, que se dirige a um público em formação, é fulcral entender o diálogo do texto ficcional com o que propõe as teorias feministas. É proposta deste trabalho, então, auscultar, no texto ficcional, o que conduz às personagens a criarem estratégias de tensão com o espaço doméstico, e investirem em outros posicionamentos, rompendo com a clausura e o discurso do patriarcado. A leitura da obra juvenil *Uma ideia toda azul* por meio da crítica literária feminista possibilita entender que a mulher sempre confrontou a falsa proteção afetiva à fragilidade feminina. Os contos dialogam, assim, com o que já atestava Carol Hanisch, em 1969: que o pessoal é político.

Palavras-chave: Mulher; espaço doméstico; literatura juvenil; Marina Colasanti.

LEITURA E LETRAMENTO LITERÁRIO, A LITERATURA INFANTIL COMO AGENTE FORMADOR DE LEITORES

Flávia Côrtes (Flávia Côrtes de Alencar)

Resumo: A literatura infantil é importante instrumento como agente formador de um leitor crítico no processo de alfabetização no ambiente escolar. As atividades com a literatura infantil em sala de aula são um exercício de hermenêutica, à medida que levam o leitor a refletir sobre significações que emergem do texto, de acordo com a vivência de mundo daquele leitor, não se restringindo apenas à compreensão do sentido linear do texto. Cabe ao professor não apenas ensinar a decodificar os signos de leitura e, sim, propiciar experiências em que o aluno desenvolva um processo de relacionar o que lê no texto ficcional com a realidade do mundo em que vive, estimulando-o a chegar a suas próprias conclusões. A seleção de livros adequados a esse momento do desenvolvimento infantil, com temas que despertem o interesse dos pequenos,



é crucial para o sucesso desse empreendimento. Desta forma, a literatura infantil tem um caráter formador, tanto no que diz respeito ao alargamento de horizontes do indivíduo, como no desenvolvimento de uma criticidade do leitor, o que ultrapassa o viés meramente pedagógico, doutrinário, que por vezes querem imputar a essa literatura. Por essa perspectiva, segundo Nelly Novaes Coelho, a literatura infantil, embora destinada ao público infantil, é sobretudo literatura e, portanto, arte. E, como tal, representa as pessoas, o mundo e tudo o que o cerca, através da palavra escrita de um artista. Trata-se de uma fusão do mundo real e do mundo da imaginação, dos ideais de vida às suas possíveis realizações. Esses elementos fazem da literatura infantil o cenário ideal para que a criança espelhe nela seus sonhos e dúvidas de infância e para que, pouco a pouco, construa em si mesma as bases sólidas de um indivíduo crítico. Trabalhar a literatura infantil em sala de aula, sobretudo como objeto de apoio à aprendizagem da leitura, exige um posicionamento crítico do educador diante do texto em questão. Entretanto, muitos educadores não se sentem à vontade para trabalhar a literatura infantil durante o processo de alfabetização, já que se trata de processo que exige um esforço hercúleo, em meio a tantas outras dificuldades que o educador brasileiro encontra em seu dia a dia na profissão. A escola é um importante ambiente formador de leitores mas, no entanto, não é o único. A família e a sociedade também têm um papel importante nesse processo. O objetivo deste trabalho é elencar estratégias de sucesso, em que essas dificuldades foram ultrapassadas, a fim de, efetivamente, formar leitores críticos, tendo como fundamentação teórica, a guiar inicialmente a pesquisa, as obras de Rildo Cosson, Teresa Colomer, Regina Zilberman e Nelly Novaes Coelho.

Palavras-chave: letramento literário; leitura literária; literatura infantil; formação de leitores

ESTÉTICA LITERÁRIA PARA CRIANÇAS EM JOSÉ LINS DO REGO

Amanda Tópic Ebizero

Resumo: Apresentam-se aqui resultados de pesquisa de Mestrado em Educação, em andamento, cujo objetivo é contribuir para a produção de uma história da literatura infantil e juvenil brasileira mediante a revisitação de obras e autores pouco explorados. De acordo com os estudiosos da literatura infantil e juvenil brasileira, a literatura destinada ao público infantil surgiu, no Brasil, no final do século XIX e início do século XX. Os primeiros livros que circularam no país destinados às crianças consistiam em adaptações e/ou traduções dos livros europeus e tinham como principal finalidade o uso no espaço escolar. A literatura infantil brasileira conseguiu assumir a sua condição de literatura somente nas primeiras décadas do século XX, dado que despertou um grande interesse entre editores, educadores, jornalistas e intelectuais que passaram a trabalhar na produção de obras para as crianças. Contudo, é na década de 20 que o mercado editorial se solidifica e se inicia o processo de autonomização da literatura infantil em relação às suas origens didáticas e escolares, passando a ser priorizados os seus efeitos estéticos e a sua função deleite. É com a expansão da produção de literatura voltada para as crianças que o gênero foi se constituindo e elaborando as suas narrativas, seus heróis, ora interpretando, reproduzindo e criticando a sociedade brasileira, ora manifestando o mundo infantil e toda a sua fantasia. Baseada na abordagem histórica, especialmente na História Cultural e na História do Livro e das Edições, com enfoque na pesquisa documental e bibliográfica, esta pesquisa toma como corpus de análise a obra literária infantil *Histórias da velha Totônia* (1936), do autor paraibano José Lins do Rego (1901-1957), publicada pela José Olympio Editora (RJ). José Lins do Rego foi um dos autores mais expressivos do movimento artístico regionalista no Nordeste. A análise dessa obra, realizada mediante o conceito de configuração textual proposto por Mortatti (1999), tem possibilitado compreender, especialmente que: trata-se de uma obra composta por quatro contos supostamente originários da tradição oral europeia e que foram adaptados à realidade brasileira pelo autor, trazendo marcas do regionalismo, sobretudo da região nordeste do país; aspectos relacionados à moral e de cunho religioso, em que o bem vence o mal e as personagens possuem um coração puro e nobre, os pobres bons prosperam e os maus perecem, fazem parte das narrativas ao longo do



livro; além disso, as histórias indicam que o autor dialogava com os modelos de criança e escola vigentes à época.

Palavras-chave: Literatura infantil e juvenil; José Lins do Rego; Histórias da velha Totônia; Configuração Textual; História da Educação

18/07 (TARDE)

JADIS, A FEITICEIRA DE NÁRNIA, DE C. S LEWIS E A RAINHA DE NEVE, DE H C ANDERSEN: REFIGURAÇÕES E SEXUALIDADE

Lígia Regina Máximo Cavalari Menna

Resumo: Ao longo de nossas pesquisas de pós-doutorado, confirmamos o variado leque de releituras e adaptações do conto “A Rainha da Neve”, de Hans Christian Andersen, tanto literárias quanto cinematográficas ou televisivas; assim como as múltiplas e por vezes contrastantes refigurações da sua personagem homônima, uma rainha de poder congelante, reconhecida por seu mistério, magia, beleza e sedução. Em citações diretas ou meras analogias, a Rainha da Neve adquire sobrevidas como, por exemplo, com a rainha da animação O Reino Gelado (Snezhnaya korolev, Wizart animation, Rússia, 2012); a rainha Elsa, de Frozen: uma aventura congelante (Frozen, Disney, EUA, 2013); e a também Elsa e sua tia Ingrid, a Rainha da Neve, ambas da série Once Upon A time, 2014; já analisadas em outros textos. Na literatura, uma das personagens mais evidentes é Jadis, A Feiticeira Branca, autointitulada “A rainha de Nárnia”, presente nos dois primeiros livros de As Crônicas de Nárnia, de C. S. Lewis: O sobrinho do mago e O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa. No contexto do século XIX, entre o Realismo cotidiano e o Romantismo, “A Rainha da Neve” carrega fortes influências do maravilhoso pagão e do espiritualismo cristão. Vários aspectos da trama como o fato de Kay ser seduzido e enfeitiçado pela Rainha e seus gélidos beijos, de Gerda partir em busca do amigo para resgatá-lo com suas mornas lágrimas, e do amadurecimento das personagens nos levam a considerar a narrativa como uma clara analogia aos primeiros contatos com a sexualidade em um rito de passagem da infância para a vida adulta. Em contraponto, no século XX, em um romance composto de simbologia cristã, C. S Lewis apresenta uma bela feiticeira como a materialização do próprio mal. Ela enfeitiça Edmundo, não pelos beijos, mas pela gula, com o nítido propósito de se manter soberana e no poder. Teríamos nessa releitura um apagamento da sexualidade vislumbrada no conto andersiano? Essa é uma das questões sobre a qual refletiremos nesta comunicação que objetiva apresentar um estudo comparado entre a rainha andersiana e a rainha de C S Lewis, considerando seus pontos de aproximação e distanciamentos. Como aporte teórico, utilizaremos Carlos Reis e Jean-Jacques Wunenburger sobre conceitos como de figuração, refiguração e sobrevida das personagens e imaginário, respectivamente. Vale destacar que esse conto andersiano, de intrincados nós e complexa tessitura, assim como sua personagem homônima, continua vivo no imaginário de gerações e apresenta múltiplas possibilidades de análise, o que justifica um esforço acurado e constante para desvelá-lo.

Palavras-chave: REFIGURAÇÃO, SEXUALIDADE, IMAGINÁRIO, RAINHA DA NEVE, FEITICEIRA DE NÁRNIA

A CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS E ROMANCES ILUSTRADOS DA REVISTA O TICO-TICO NO DESENVOLVIMENTO DO IMAGINÁRIO INFANTIL E JUVENIL

Érika Shigaki Lisboa Aidar

Resumo: A presente comunicação tem como objetivo debater sobre o desenvolvimento do imaginário infantil e juvenil a partir dos contos e romances ilustrados da revista O Tico-Tico. O periódico, publicado entre os anos de 1905 e 1962, era expedido todas as quartas-feiras, pela sociedade O Malho. O Tico-Tico contava com uma variedade expressiva de material literário destinado ao público infantil e juvenil, como contos, romances e poesias; além disso, apresentava diversos passatempos e recados para o leitor. Em todo o seu período de publicação



estiveram presentes obras de variadas literaturas do mundo, inclusive a nacional, e a sua extensa duração revela o abrangente sucesso da revista entre seus leitores. Todas as publicações continham ricas e numerosas ilustrações, inclusive nos contos e romances, o que possibilitava aos leitores a criação de uma relação entre a imagem e o texto, e contribuía para o desenvolvimento do gosto pela leitura. São exemplos de narrativas ilustradas publicadas n'O Tico-Tico as histórias intituladas Chapeuzinho Vermelho e O gato de botas, de Charles Perrault, e os romances As aventuras de Tom Sawyer, de Mark Twain, As Viagens de Gulliver, de Jonathan Swift e A ilha do tesouro, de Robert Louis Stevenson, bem como uma importante obra nacional, O Guarani, de José de Alencar, o que demonstra a coexistência de obras estrangeiras e nacionais na revista em questão, dentro da perspectiva de diálogo entre literaturas, segundo nos explica Nelly Novaes Coelho (1991, p. 204): "Simultaneamente ao aumento de traduções e adaptações de livros literários para o público-infantil, começa a se firmar, no Brasil, a consciência de uma literatura própria, que valorizasse a nacional". Utilizaremos essas narrativas de origens distintas e os comentários dos leitores a respeito delas, publicados na seção de correspondências "Dr. Sabe Tudo" da revista O Tico-Tico, para demonstrarmos o desenvolvimento do imaginário infantil e juvenil de seus leitores.

Palavras-chave: contos; romances; O Tico-Tico

ZUBAIR E OS LABIRINTOS: UMA ESCRITA ATRAVÉS DOS TEMPOS

Luciana Conti

Resumo: Este trabalho se propõe a atravessar a narrativa do livro ilustrado "Zubair e os Labirintos", de Roger Mello, pela senda aberta pelo autor e ilustrador brasileiro na manipulação de temporalidades distintas, fazendo o menino protagonista da história passada durante o incêndio da Biblioteca de Bagdá, na Guerra do Irã, transitar entre a tradição do Islã e uma cidade ameaçada pelos conflitos entre Ocidente e Oriente e, assim, se defrontar com o passado, como uma saída para o presente conturbado. A travessia por essa senda será iluminada neste trabalho pelo pensamento do filósofo alemão Walter Benjamin, que via no passado revisitado pelo presente a possibilidade de uma nova experiência humana e de uma nova escrita da história, agora, a contrapelo, que traga a ótica dos vencidos. Uma possibilidade que se constitui em "Zubair" pelas artimanhas da escrita de Roger Mello - seja ela textual ou imagética - que mistura tempos distintos ao dialogar com a literatura de Jorge Luís Borges nos contos fantásticos de "O Aleph" e com referências imagéticas variadas que dão notícias da cultura do Ocidente, do Oriente e de sua interseção na arte mudéjar da Andaluzia e suas leituras contemporâneas. Um embaralhamento de temporalidades e de tradições que asseguram novas formas de narração do tempo vivido pelo menino bagdali e a preservação de sua identidade e da história de seu povo. Um tempo impuro que é vivido pelo menino em paralelo à ação da narrativa. Um tempo que corre no interior da linguagem, graças aos artifícios textuais, imagéticos e formais criados por Roger Mello que pensa o objeto livro não apenas como uma plataforma para sua escrita, mas, ele também, como escrita que contribui para a narração da experiência do personagem. Este trabalho pretende com a análise de "Zubair" pensar novas formas de narração na literatura para crianças e jovens leitores, no contemporâneo, que deem conta, ao mesmo tempo, de afirmar o presente e de pensar o futuro, transmitindo às novas gerações a experiência humana passada. Formas de narração que garantam o compromisso ético da literatura com as crianças de transmissão de experiência, sem que, para isso, seja necessário amesquinhar as obras destinadas à infância com o didatismo e o moralismo tão comumente presentes em livros para esta faixa etária. A literatura infantil, nesta perspectiva, aquece a palavra e dá a ela significados mais ampliados do que os de costume, enriquecendo a experiência da criança e fazendo-a pensar sobre o seu tempo, sem cair no pessimismo e ou no conformismo, mantendo, assim, a esperança no porvir e a inserção na cultura que devem ser seus compromissos éticos.

Palavras-chave: Roger Mello, Walter Benjamin, literatura infantil, contemporaneidade, tradição



O PROCESSO DE PRODUÇÃO ESCRITA EM ANA MARIA MACHADO: DO JUVENIL AO ADULTO

Thayná Cavalcante Marques

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de realizar um cotejo entre as narrativas de Ana Maria Machado escritas para jovens e as narrativas escritas para adultos. Para isso, será feito um estudo comparativo entre *Canteiros de Saturno* (2007), publicada para adultos, e *Uma vontade louca* (1992), publicada sob a denominação de literatura juvenil. Para sistematizar os dados, foi usado como instrumento de pesquisa a grade desenvolvida por João Luís Ceccantini, em sua tese *Uma estética da formação: vinte anos de literatura juvenil brasileira premiada (1978-1997)*. A grade contempla categorias narrativas, como personagem, tempo, espaço, como também elementos importantes para se pensar o gênero juvenil, como a configuração da família, da leitura literária, da escrita, entre outros aspectos. Dessa forma, procura-se entender o processo de escrita de Machado e as especificidades da literatura juvenil na contemporaneidade. Tendo em vista esse objetivo, será problematizado, nesta comunicação, se há na obra da escritora selecionada uma mudança de postura quando a obra é destinada a um jovem leitor, e se houver, quais mudanças ocorrem e com qual objetivo. Concomitantemente, busca-se compreender também questões ligadas à produção de literatura juvenil, problematizando como as imposições editoriais geram implicações no processo criativo do escritor. Como fundamentação crítico-teórica, serão utilizados os estudos de João Luís Ceccantini (1993, 2000), Larissa Warzocha Cruvinel (2009), Peter Hunt (2010), entre outros.

Palavras-chave: Ana Maria Machado; narrativa juvenil; especificidade do gênero

LITERATURA INFANTIL & MODERNISMO: UMA LEITURA DE GERTRUDE STEIN

Guilherme Magri da Rocha

Resumo: A Norton Anthology of Children's Literature (2005), que tem na figura de Jack Zipes seu editor geral, se encerra com uma linha do tempo, que objetiva colocar as tradições da literatura infantil em contexto. Essa organização cronológica se inicia no século VIII a.C. com os mitos clássicos gregos e romanos e termina em 2004, com a adaptação fílmica de *The Polar Express* (1985). Se, nessa linha temporal, observarmos as datas concernentes ao que se convencionou chamar de Modernismo literário, encontraremos diversos nomes bastante conhecidos: Helen Bannerman, Beatrix Potter, Winsor McCay, Robert Lawson e Margaret Wise Brown são exemplos. Contudo, não encontramos nomes de escritores que caracterizaram a chamada Grande Literatura moderna, mas que publicaram, também, textos infantis, como é o caso de E.E. Cummings, James Joyce, William Faulkner e Gertrude Stein. Oriunda de um projeto de pesquisa que tem por objetivo apresentar reflexões acerca das relações que se estabelecem entre literatura infantil e o Modernismo literário, esta contribuição tem como objetivo apresentar uma possibilidade de leitura do romance *The World Is Round* (1938), escrito pela autora estadunidense Gertrude Stein. De capítulos curtos em que se misturam prosa e poesia e ilustrado por Clement Hurd, o romance conta a história da pequena Rose e sua jornada de autodescoberta. Em contrapartida, Willie, seu primo, tem certeza de quem ele é. Para a consecução desse objetivo, elegeu-se como aporte teórico a crítica feminista conforme Peter Barry (2013) e Lissa Paul (1998). Dessa forma, pretende-se discutir como as personagens femininas são representadas e como as relações de poder são construídas na obra acima referida. Ademais, almeja-se examinar as influências modernistas na literatura infantil. Justifica-se a eleição dessa obra, pois permite a ampliação da discussão acerca das relações entre literatura infantil e modernismo, ainda pouco difundidas (Westman, 2007). Esta comunicação apresenta resultados iniciais de uma pesquisa de doutorado, que discute a hipótese de haver uma relação simbiótica entre o Modernismo literário e a literatura infantil. Tal relação se iniciou no século XIX, com a publicação de *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas* (1865) e de seus sucessores (Dusinberre, 1999). Além do livro tomado aqui como objeto de estudo, Stein também publicou, para crianças, *Para Fazer Um Livro de Alfabetos e Aniversários* (1957),

traduzido recentemente por Dirce Waltrick do Amarante e Luci Collin, e publicado pela editora Iluminuras. Processo nº 18/11314-0, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Palavras-chave: Literatura Infantil; Literatura de Autoria Feminina; Literatura de Língua Inglesa

18 - CORPOS ACORRENTADOS, IDEIAS SUBVERSIVAS: LITERATURA E PERSEGUIÇÃO

Coordenação: Prof. Dr. Daniel Marinho Laks (UFSCar); Prof. Dr. Maximiliano Gomes Torres (UERJ-FFP); Prof. Dr. Jorge Vicente Valentim (UFSCar).

Resumo: Em um número considerável de países que, durante muito tempo, possibilitaram um debate público em quase completa liberdade, a mesma passou a ser cerceada e substituída pela imposição de um discurso específico que um governo autoritário - ou grupo político dominante - considerava conveniente. Assim, apesar de percebermos essa dinâmica na contemporaneidade em distintos espaços geopolíticos, cada qual com suas particularidades, a supressão do pensamento independente não se apresenta como um fato novo, tendo acontecido com bastante frequência em diferentes momentos do passado, próximo e longínquo.

O termo perseguição diz respeito a uma série de fenômenos e pode abarcar desde os tipos mais cruéis, exemplificado pelos tribunais da inquisição até o simples isolamento do divergente caracterizado pelo ostracismo social. No livro *Perseguição e a arte de escrever*, Leo Strauss cita exemplos de perseguição nos meios literários e culturais na Atenas dos séculos V e IV a. C, em alguns países muçulmanos do início da Idade Média, na Holanda e na Inglaterra do século XVII e na França e Alemanha do século XVIII. Ademais, Strauss defende que um breve passar de olhos nas biografias, ou mesmo na folha de rosto dos livros de alguns dos principais pensadores da história do conhecimento – Protágoras, Sócrates, Platão, Aristóteles, Maimônides, Descartes, Hobbes, Espinosa, Locke, Montesquieu, Voltaire, Rousseau, Kant –, basta para revelar que eles ou testemunharam ou sofreram perseguição durante certo período de suas vidas. Em muitos casos essa perseguição perpassa o simples isolamento social e se configura como um desconhecimento de si, numa busca incessante daquilo que Foucault chamou de “critério de normalidade de padrões”.

A relação histórica entre literatura e perseguição produziu um número incontável de estratégias para a sobrevivência do autor e a divulgação de suas ideias, muitas vezes de forma absolutamente explícita. Assim, vemos em alguns dos maiores exemplos literários do passado uma grande quantidade de loucos, demônios, mendigos, bêbados e bufões responsáveis por enunciar em alto e bom som tudo aquilo que o autor não gostaria de ser responsabilizado por dizer.

A história da perseguição ao livre debate e a livre investigação, como já dito acima, não se localiza somente no passado distante. Ao longo do século XX, diferentes espaços geopolíticos conviveram com momentos de instabilidade econômica e política que culminaram em distensões do sistema de pensamento liberal e das formas democráticas de organização do Estado. Esses momentos propiciaram campo fértil para produções de modalidades nacionais de superação autoritária dos períodos de crise em diversos países. A instauração de regimes de caráter autoritarista contou, em várias ocasiões, com dispositivos específicos de produção da norma, aparelhos culturais que criavam um sistema de enquadramento ideológico, a fim de produzir o consenso.

De forma complementar à produção do consenso, funcionavam mecanismos de violência punitiva, criados para lidar com os indivíduos que se recusavam a se sujeitar. Nesse sentido, os aparatos ideológicos contavam com o controle dos meios de comunicação, com a censura de mídias e espetáculos e com a supressão rigorosa da liberdade de pensamento independente, liberdade de expressão e demais liberdades fundamentais, a partir da instauração de um sistema de policiais, tribunais especiais, perseguições políticas, prisões, exílios e até mesmo



assassinatos. Agora, em pleno século XXI, vemos essas dinâmicas de perseguição a minorias - sociais, étnicas, raciais e sexuais - e cerceamento de corpos e de liberdades basilares iniciando um novo ciclo.

A influência da perseguição ideológica sobre a expressão narrativa não se relaciona apenas à necessidade daqueles que sustentam visões heterodoxas de desenvolverem estratégias peculiares de expressão, um dizer apenas nas entrelinhas capaz de escapar aos mecanismos de controle do Estado autoritário, mas mesmo à organização de formas de resistência, calcadas nas disputas por imaginários capazes, ao fim e ao cabo, de subverter as dinâmicas desfavoráveis de forças.

O presente simpósio pretende abrigar trabalhos que debatam sobre a produção literária e cultural durante momentos de perseguição política a minorias, englobando tanto análises sobre movimentos e obras produzidas nos períodos específicos de resistência ao controle político e ideológico quanto produções posteriores que retomem os acontecimentos passados sob um viés crítico. Ainda busca pensar o poder para além de uma hierarquia de comando vertical, mas, também, como atravessador dos tecidos sociais. Ou seja, uma estrutura que se performatiza nas práticas discursivas e não discursivas como mecanismos disciplinares/normatizadores que se naturalizam e se consolidam nos processos de subjetivação dos sujeitos, afetando seus modos de ser e de agir, sobretudo no que se refere ao gênero e às sexualidades.

Referências

BUTLER, Judith. *Corpos em Aliança e a Política das Ruas*: notas sobre uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*: a vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*: o uso dos prazeres. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*: o cuidado de si. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

PELLEGRINI, Tânia. *Gavetas Vazias*: ficção e política nos anos 70. São Carlos: EDUFSCar, 1996.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, Memória, Literatura*: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

STRAUSS, Leo. *Perseguição e a Arte de Escrever*: e outros ensaios de filosofia política. São Paulo: É Realizações, 2015.

TODOROV, Tzvetan. *Diante do Extremo*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

Mesa 1: “Literatura, perseguição e violência”

“A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA NOS ESPAÇOS PERIFÉRICOS DE JOSEPH CONRAD E HERNANI DONATO”

Rafaela Cristiane Pereira Maciel (UFMS)

Resumo: A violência e a exploração do homem pelo homem não pode ser silenciada, a fim de acobertar o egoísmo e a ganância do ser humano frente ao outro que considera inferior. Sabendo que a violência existe de várias formas e com amplos significados e especificações temos como objetivo geral analisar comparativamente a representação da violência nas obras *O Coração das Trevas* (1902), de Joseph Conrad e o romance *Selva Trágica* (1976), de Hernani Donato em espaços periféricos das selvas africanas e os ervaais da fronteira da região de Mato Grosso do atual estado do Mato Grosso do Sul. Propomos aqui, uma relação comparatista do cânone *O Coração das Trevas*, de Joseph Conrad e uma obra regionalista brasileira *Selva Trágica*, de Hernani Donato no qual encontramos ligação na representação da violência no seu aspecto mais bárbaro e cruel no processo de colonização, expansão européia e a exploração de homens em



condições de trabalho semi-escravo nos ervais da fronteira Brasil-Paraguai. Estabelecemos desta forma, uma leitura comparada não de forma espelhada, mas respeitando as diferenças de cada cultura, de cada local, que por mais que tenham assuntos afins, tratam-se de obras que representam povos com línguas diferentes, situados em locais diferentes e culturas diferentes, lembrando que se estamos diante de um clássico inglês e uma obra regionalista de um país que não pertence ao quadro dos grandes centros hegemônicos. A novela Conradiana serve como pano de fundo histórico que representa o Congo sendo dominado pelo rei Leopoldo II da Bélgica que nesse processo de dominação e colonização européia empreendeu ações de violência e extermínio de populações nativas no território da África, usando o pretexto de educar e civilizar os bárbaros. Nesse mesmo sentido em Selva Trágica, de Hernani Donato os administradores das empresas da erva-mate traziam o progresso, muitos empregos e novas estradas para os moradores da região e os trabalhadores dos ervais. Lançada em 1960, a obra regionalista tem um tom denunciativo e documental que representa a exploração do homem e a forma como os personagens lutam pela sobrevivência, trabalhando em condições análogas à escravidão, assunto até então não abordado na literatura brasileira. Estas obras reverberam fatos históricos e acontecimentos que por meio da ficção traz à tona assuntos importantes ocorridos no processo de colonização da África no século XIX e a ascensão das grandes empresas no sistema capitalista na década de 1940. Para fundamentação teórica trabalharemos a representação e a violência com a Poética de Aristóteles, as considerações de Hannah Arendt, Ronaldo Lima Lins, Luiz Costa Lima e os Ensaios Dos Canibais de Michel Montaigne.

Palavras-chave: Joseph Conrad; Hernani Donato; violência; espaços periféricos

“IMAGENS DE PERSEGUIÇÃO, REPRESSÃO E RESISTÊNCIA NA OBRA DE SCHOLASTIQUE MUKASONGA”

João Marcos Reis de Faria (UERJ)

Resumo: Com sete obras publicadas na França desde 2006 e três livros traduzidos e lançados no Brasil entre 2017 e 2018, Scholastique Mukasonga (1956-) vem se consolidando como uma das maiores referências entre as escritoras africanas contemporâneas presentes em nosso mercado editorial, sendo, possivelmente, a primeira autora ruandesa a contar com uma considerável recepção no país. Inaugurada com dois relatos de teor autobiográfico que expõem detalhes do longo processo de preparação para o genocídio dos tutsis em Ruanda (1994), a obra literária de Mukasonga abrange, igualmente, romances e contos que retomam e ressignificam diversos motivos, personagens e objetos que já haviam aparecido nos livros anteriores. Essas reelaborações estão ligadas a um trabalho inicial de resgate de histórias que se encontravam à beira do esquecimento definitivo, contribuindo também para estabelecer conexões entre experiências pessoais e experiências coletivas. A partir dessa compreensão, o trabalho buscará analisar elementos recorrentes na obra de Scholastique Mukasonga, como cenas que descrevem a perseguição de militares e milícias pró-hutu aos tutsis e a retórica da desumanização dessa população, bem como imagens de atos de violência contra o corpo feminino e de controle de comportamentos nas escolas e nas missões católicas, espaços que proveram ora refúgio contra a repressão, ora sustentação ao regime. Como contraponto, o trabalho também abordará episódios em que Mukasonga tematiza a resistência dos deportados tutsis por meio da descoberta de frestas pelas quais lhes foi possível manter algum grau de dignidade – e, à própria autora, escapar do destino que vitimou a maioria das pessoas que ela conhecera na juventude.

Palavras-chave: Scholastique Mukasonga; Repressão; Resistência; Genocídio; Ruanda.

“VIOÊNCIA MÍTICA E DINÂMICAS DO DEPOIMENTO EM *SOU EU MAIS LIVRE, ENTÃO: DIÁRIO DE UM PRESO POLÍTICO ANGOLANO*, DE LUATY BEIRÃO”

Daniel Marinho Laks (UFSCar)

Resumo: No dia 20 de junho de 2015 o rapper e ativista político angolano Luaty Beirão foi preso por participar de uma sessão de debate sobre um texto de Domingos da Cruz, baseado na obra de Gene Sharp Da Ditadura à Democracia: o Caminho para a Libertação. Luaty e mais 16



companheiros foram encarcerados e julgados no episódio conhecido como O processo dos 17, onde foram condenados a uma pena de cinco anos e meio de cadeia por “atos preparatórios de rebelião e associação de malfetores”. No dia 21 de setembro de 2015, o rapper deu início a uma greve de fome que duraria 36 dias em resposta aos abusos contra os direitos humanos cometidos pelo governo angolano. Ao longo de sua prisão, Luaty Beirão escreveu três cadernos relatando suas experiências no cárcere, seu sonhos e medos, alguns pensamentos sobre a situação política angolana, além de letras para músicas de denúncia contra as perseguições sofridas. Esses diários foram publicados em formato livro, em 2017, pela editora Tinta da China, sob o título de *Sou Eu Mais Livre, Então: Diário de Um Preso Político Angolano*. Os objetivos da presente proposta de comunicação estruturam-se a partir de dois eixos principais de sustentação. Em primeiro lugar, visa a discutir, a partir do evento do Processo dos 17, o conceito de “violência mítica” como maneira de fundar uma nova estrutura de poder e manter o poder vigente, conforme proposto por Walter Benjamin no ensaio *Crítica da Violência / Crítica do Poder*. Em segundo lugar, a partir do relato dos sonhos e das letras de músicas presentes no diário do cárcere de Luaty Beirão, visa a contemplar a inversão da máxima de Theodor Adorno - “Escrever poesia depois de Auschwitz é um ato de barbárie” (ADORNO, 2003) - proposta por Slavoj Žižek no livro *Violência*: “não é a poesia que é impossível depois de Auschwitz, mas a prosa. A prosa realista fracassa ali onde a evocação poética da atmosfera insuportável do campo de concentração é bem sucedida” (ŽIZEK, 2014, p. 19). Com isso, a proposta de comunicação pretende discutir a violência imposta por regimes autoritários e a escrita presente nos diários do cárcere de Luaty Beirão como representativa das dinâmicas de memória e depoimento de eventos extremos, ressaltando as influências da perseguição política sobre o ato de escrever. Palavras-chave: Violência mítica; Perseguição Política; Escritas do cárcere.

16/07 (TARDE)

Mesa 2: “Literatura, subjetividades sexuais e resistência”

“BICHA DEVE NASCER SEM CORAÇÃO”: A SOLIDÃO DA BICHA PRETA EM “CORAÇÃO”, DE MARCELINO FREIRE

Guilherme da Silva Gomes (UFU)

Resumo: Célio é uma personagem de Marcelino Freire, protagonista e narrador do conto “Coração”, que reflete sobre mais uma vez ser abandonado por um homem com o qual se relaciona sexualmente, mas o abandona. Esse conto faz parte do livro *Contos Negreiros*, de 2005, vencedor do Prêmio Jabuti na categoria crônicas/contos no ano de 2006. Nesse livro, as personagens, todas negras, estão imersas em realidades assustadoras, denunciando a crueldade de uma sociedade racista e que, de forma estrutural, vem alijando a população afrodescendente brasileira dos espaços de poder e reforçando ainda mais os preconceitos e as desigualdades. Michel Foucault, em *Vigiar e punir*, de 1975, analisou a vigilância e a punição, tomando como base a legislação penal e os métodos de controle dos corpos para que se tornem dóceis e úteis. Essa noção de docilização dos corpos rebeldes pode ser aplicada aos sujeitos LGBTQs e negros, uma vez que estes fogem dos padrões sociais tidos como normais para a sexualidade e identidade de gênero, bem como de branquitude, e, por isso, devem sofrer constantes sanções e controle. Uma dessas sanções pode ser a própria solidão, já que a sociedade legitima certos corpos que devem fazer parte de um estereótipo de beleza e ideal, enquanto outros não. Utilizando a metáfora do panóptico, utilizada por Foucault (2008, p. 163), em que há um centro que controla as células sem que essas pessoas percebam, é possível compreender a imposição desse controle invisível aos LGBTQs, e, mais ainda, aos negros que fogem da heterossexualidade compulsória e das normatividades de expressão de gênero, culminando em violência do corpo, solidão e até mesmo em morte. Alex Ratts, em artigo intitulado *Entre personas e grupos homossexuais negros e afro-lgttb*, de 2007, discute sobre a interseccionalidade entre raça, gênero, masculinidade e orientação. No campo do homoerotismo e do falocentrismo, Ratts destaca a ideia do fetiche pelo homem negro, fato esse associado principalmente à associação



compulsória do tamanho do falo, culturalmente estabelecido como avantajado. Dessa maneira, os corpos desses homens negros não fetichizados são abandonados e não usufruem dos privilégios sociais de amor, casamento e companheirismo. A solidão afetivo-sexual de pessoas negras vem sido discutida em trabalhos acadêmicos, principalmente da área de Ciências Sociais, por exemplo, a dissertação de mestrado de Claudete Alves da Silva Souza (2008), em que constatou os relacionamentos inter-raciais como vantajosos, enquanto isso implica em solidão afetivo-sexual de outros indivíduos negros. Célio, personagem de Marcelino Freire, representa essa solidão afetiva quando conhece Beto em um trem, praticam relações sexuais, mas que esse contato não ultrapassa desses atos, enquanto Célio almeja um companheirismo. A personagem protagonista é construída como uma bicha periférica e efeminada, o que deu direcionamento, à luz dos trabalhos mencionados, para uma crítica do conto baseada em uma representação de fuga dos ideais sociais estabelecidos de virilidade masculina e hipersexualização inclusive para a bicha preta, destinando a personagem a solidão.

Palavras-chave: Homoeritismo; Esterótipo; Solidão; Contos negreiros; Marcelino Freire

“NOS TEMPOS DO AMOR QUE MATA: A AIDS E O PARADIGMA IMUNITÁRIO NA OBRA DE CAIO FERNANDO ABREU”

Tamara Medeiros de Andrade (UFF)

Resumo: Caio Fernando Abreu foi um autor cujas primeiras obras são publicadas entre o clima repressivo do regime militar e o sonho utópico do movimento contracultural dos anos 60 e 70. Em defesa da liberdade do sujeito e contra a moral da família burguesa, a juventude contracultural busca, entre outras coisas, o amor livre, ou seja, a liberdade de exercer sua sexualidade sem o controle moralista da sociedade (PEREIRA, 1992). Na virada para os anos 80, Caio Fernando Abreu sintetiza em *Morangos mofados* (1982) o gosto amargo do esgotamento da fé no projeto libertário contracultural em vista da ineficácia de tal “sonho-projeto” (HOLLANDA, 2000) e, por outro lado, a doce esperança de construção de novos projetos e da consolidação de liberdades individuais conquistadas ao longo das décadas anteriores. No entanto, os anos posteriores foram assombrados pela descoberta e disseminação de uma doença até então fatal: a AIDS. No início da década de 80, a causa da AIDS era desconhecida. Mas a alta incidência da nova doença entre homossexuais levou os médicos a relacioná-la ao comportamento de tal grupo. Ao longo do trabalho feito pela comunidade médica para identificar as causas da epidemia, a ideia de que homossexuais partilhavam de certa identidade “foi reatualizada e, ainda, em um momento inicial, cientificizada pelo discurso biomédico: os homossexuais eram solitários, depressivos, dependentes de drogas estimulantes, ‘promíscuos’ etc” (BESSA, 2002). No presente trabalho, serão abordadas as relações entre a construção de marcas identitárias ligadas à AIDS e o conceito de paradigma imunitário formulado por Roberto Esposito. Como um organismo cujo sistema imunológico identifica um antígeno ao ser por ele contaminado e cria anticorpos para combatê-lo, a sociedade tenta identificar, combater e proteger-se de elementos que a ameaçam. Esse seria, em linhas gerais, o modo pelo qual, especialmente a partir da modernidade, são postas em prática políticas de conservação da vida. E como a imunidade seria uma espécie de “proteção negativa da vida” (ESPOSITO, 2010), justamente por negar ou reduzir sua força expansiva, analisaremos de que maneira Caio Fernando Abreu aborda o contraste entre o aprisionamento dos corpos causado pelos discursos de preconceito e medo (difundidos pela imprensa e maquiados como ciência), e o desejo de amar e de afirmar a vida. Com a análise de parte da obra de Caio Fernando Abreu que versa sobre a AIDS, em especial alguns contos de *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988), o romance *Onde andarás Dulce Veiga?* (1990), além de algumas crônicas e cartas pessoais, observaremos de que forma a doença acaba por funcionar como uma metáfora para o isolamento social provocado pelo paradigma imunitário (SONTAG, 2007).

Palavras-chave: AIDS; Paradigma Imunitário; Caio Fernando Abreu



“ESTAVA VIVA QUANDO A ATIRARAM AO POÇO”: VIOLÊNCIAS, TORTURAS E MORTE EM TEMPOS DE BARBÁRIES CONTEMPORÂNEAS (UMA LEITURA DE PÃO DE AÇÚCAR, DE AFONSO REIS CABRAL)

Jorge Vicente Valentim (UFSCar/UNESP-FCLAr)

Resumo: A comunicação propõe uma leitura de Pão de Açúcar, o mais recente romance do escritor português Afonso Reis Cabral, sublinhando as reflexões nele contidas sobre as violências impingidas sobre as dissidências sexuais. A partir das premissas de Didier Eribon (2008), que analisa os espaços urbanos como os mais propícios a uma nucleação das dissidências sexuais, e das de Miguel Real (2012) e de Nelson Brissac Peixoto (2010), que investigam as representações da violência na ficção contemporânea, pretendemos refletir de que modo o texto do autor português exige uma interrogação contínua sobre as barbáries surgidas em tempos contemporâneos. A retomada do conhecido episódio da travesti brasileira Gisberta, torturada e assassinada no Porto por jovens adolescentes, surge como eixo motivador da efabulação ficcional para levar o leitor a um exercício de profundo questionamento sobre os gestos exacerbados de uma violência desnecessária e inexplicável. Num lugar de fala muito diferente das suas criaturas, o autor não exerceria, assim, um gesto de contestação e de repúdio aos defensores da higienização e da eliminação da diferença?

Palavras-chave: violências, tortura, perseguição, ficção portuguesa contemporânea, Afonso Reis Cabral

MEU CORPO, MINHAS REGRAS”: QUEBRA DOS DETERMINISMOS DE GÊNERO EM *E SE EU FOSSE PUTA*, DE AMARA MOIRA

Maximiliano Gomes Torres (UERJ-FFP)

Resumo: Em *E se eu fosse puta* (2016), Amara Moira, entendendo que “as vidas transgênero são evidências do desmonte de quaisquer linha de determinismo causal entre sexualidade e gênero” (BUTLER, 2017, p. 712), apresenta suas experiências no processo de readaptação sexual e a entrada na prostituição. Se, como já nos disse Foucault, a sexualidade serve de cenário para descrever a maneira como os sujeitos constroem suas identidades e direcionam suas condutas, os 44 capítulos dessa narrativa - junção de crônicas e poemas originalmente publicados em seu blog - ampliam e renovam o olhar sobre os corpos acorrentados a um sistema cisheteropatriarcal, entendidos como abjetos, aos quais se nega o estatuto de “pessoa”, cujas vidas “monstruosas” não merecem ser vividas. Já em 1990, ao publicar o tão conhecido *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, Judith Butler desenvolve inúmeras inquirições sobre o sintagma que abre o título de seu livro (*Problemas*). Trazendo a biologia para o campo social, indaga se o sexo seria realmente uma estrutura fechada, inquestionável e indiscutível, pela sua força de materialidade. Para dar embasamento às suas argumentações, questiona a veracidade e o valor da ideia cristalizada de que o sexo está diretamente ligado ao corpo e à natureza, destituído do campo social, lugar no qual se discutia sobre o gênero. Assim, as identidades múltiplas (como sugere Butler e como se apresentam em *E se eu fosse puta*), de seres que vivem “na ambiguidade”, ou vivem “a ambiguidade” brincam com a lei de que de um sexo decorre um gênero, e mais do que isso, significam claramente que ser de um gênero parece inevitavelmente “teatralizar” a ideia original desse gênero; as “falas”, a representação que esse gênero estabelece. Em acordo com o pensamento de Butler, o livro, numa crítica à heteronormatividade compulsória, nos leva a refletir sobre a percepção do senso comum, que entende que “a regulação implícita de gênero acontece por meio da relação explícita da sexualidade” (BUTLER, 2017, p. 710) e que a naturalização do binarismo humano X inumano - representado nas categorias homem X mulher, masculino X feminino, heterossexual X homossexual -, sedimenta a interpelação fundante pelo caráter performativo da linguagem. Nesse sentido, ao apresentar a multiplicidade - ininteligível à lógica binária - como possibilidade, *E se eu fosse puta* ressignifica e subverte termos e corpos, ao desestruturar um edifício conceitual e sistemático de subjetividades e objetivações que, através de sua força



performativa de produção de sujeitos, estabelece relações diretas de diferença entre o normal e o anormal.

Palavras-chave: Gênero; Sexualidades; Feminismo; Transfeminismo

17/07 (MANHÃ)

Mesa 3: “Resistências nas/das margens”

“HOMOSSEXUALIDADE FEMININA INDÍGENA: DESCONSTRUINDO O *QUEER* DA MARGEM DA MARGEM”

Sideny Pereira de Paula (UnB)

Resumo: Este trabalho foi pensado por não haver literatura significativa que trate da homossexualidade feminina indígena, que nos mitos de origem amazônicos está presente, como por exemplo, no mito de origem da etnia Dessana, tribo moradora do alto Rio Negro e descrita na obra *Antes o mundo não existia*, de autoria de dois indígenas pertencentes a esta: Tõrãmu Kehíri e Umusi Parõkumu. Todos os artigos e trabalhos pesquisados só tratam quase que exclusivamente sobre a questão da homossexualidade indígena masculina. Então, este artigo objetiva tratar deste assunto com base na Teoria queer, difundida por Judith Butler, que entre outras questões, também aborda que o sexo é natural e o gênero construído socialmente, para que se entenda desconstrução da sexualidade e Michel Foucault, com *História da Sexualidade* e também muito importante, a teoria da desconstrução do filósofo Jacques Derrida, que servirão de apoio teórico, além de outros autores que tratam sobre assunto. A primeira vez que se falou em “gênero” foi em 1968, com Robert Stoller, no livro *Sex and Gender*, em que empregou a palavra “gênero” com o sentido de separação em relação ao “sexo”. Neste livro, Robert Stoller estava discutindo sobre o tratamento de pessoas consideradas “intersexos e transexuais”. Tratava de intervenções cirúrgicas para adaptar a anatomia genital (considerada por ele como sexo) com sua identidade sexual escolhida (considerada como gênero). Para este autor, o “sentimento de ser mulher” e o “sentimento de ser homem”, ou seja, a identidade de gênero era mais importante do que as características anatômicas. As sociedades indígenas amazônicas são predominantemente patriarcais. Em quase todos os seus mitos e lendas, o papel do feminino é de submissão ao masculino. Muitos conhecem a lenda das Icamiabas (confundidas por muitos com as Amazonas, que habitavam uma região da Ásia), que significa “mulheres sem maridos”. As Icamiabas viviam no interior da região do Rio Nhamundá, no Amazonas, sozinhas. Ali, eram regidas por suas próprias leis. A região era denominada por estes aventureiros de País das Pedras Verdes e era guardada por diversas tribos de índios, das quais a mais próxima das Icamiabas era a dos Guacaris. Dizia-se que as Icamiabas realizavam uma festa anual dedicada à lua e durante a qual recebiam os índios Guacaris, com os quais se acasalavam. Depois do acasalamento, mergulhavam em um lago chamado Iaci-uaruá (Espelho da Lua) e iam buscar, no fundo, a matéria-prima com que moldavam os muiraquitãs, com os quais presenteavam os companheiros. Os que recebiam, usavam orgulhosamente pendurados ao pescoço. No ano seguinte, na realização da festa, as mulheres que tinham parido ficavam com as filhas e entregavam os filhos para os Guacaris. De qualquer forma, quando se pronuncia Amazônia, não se pode deixar de pensar em muiraquitãs e em mulheres guerreiras. Na descrição do mito de criação Dessana, tudo parte da mulher: a origem do mundo, da humanidade, das línguas, etc.

Palavras-chave: Sexualidade indígena feminina, gênero, Teoria Queer, Desconstrução.

“QUARUP: OS FILHOS DA TERRA E OS ANOS DE CHUMBO”

José Humberto Torres Filho (UnB)

Resumo: Em Quarup, indígenas e camponeses vivenciam a experiência de uma terra em disputa com poderosas forças econômicas e políticas. Antonio Callado tem o mérito de pensar aquela que durante muitos anos foi uma das principais pautas dos movimentos políticos progressistas do país: o combate ao latifúndio. É um movimento singular, sobretudo quando observamos o conjunto de publicações da época, invariavelmente concentradas no meio urbano. No romance, os proprietários de terras, embora representem ameaças reais, cujos efeitos são mensuráveis, não



assumem o primeiro plano. Essa escolha é uma estratégia que visa escancarar o sistema político-econômico brasileiro, cujas raízes estão no passado colonial. Deixando à mostra seus interesses, o romance produz acúmulo de tensão, que só vai encontrar vazão na eclosão do golpe, quando a força policial aglutina as violências anteriores. A ditadura, em sua ideologia e *modus operandi*, parte do mesmo lugar opressor dos latifundiários. Esse modelo colonial travestido de modernidade é o que está em vigor no país até hoje, já que não rompemos o movimento sedimentado pelos militares de pacto com as oligarquias latifundiárias e o capital financeiro. Considerando a proposta do romance, de situar a narrativa basicamente no campo e na floresta, este trabalho reflete sobre a aproximação do regime militar com grandes proprietários de terras como um verdadeiro projeto de país, que sobreviveu aos anos de chumbo. A partir disso, discute o lugar que a natureza ocupa na narrativa, e o modo como os não indígenas lidam com ela, no sentido de torná-la mercadoria, revisando, por fim, o conceito da natureza como sujeito de direitos, originado dos povos andinos e que tem encontrado eco na América Latina atualmente.

Palavras-chave: indígenas, latifúndio, ditadura militar

“HIRATSUKA RAICHÔ: O DISCURSO SUBVERSIVO DA PRIMEIRA FEMINISTA NO JAPÃO DO SÉCULO XX”

Mina Isotani (UFPR)

Resumo: No início, a mulher era o sol. Uma pessoa autêntica. Agora ela é a lua, doente, depende de outros para viver e reflete o brilho de outrem. Este é o primeiro grito das *Bluestockings*! Nós somos a mente e a mão da mulher do novo Japão. Podemos nos expor ao riso dos homens, mas agora sabemos o que está escondido sob o escárnio. Deixem-nos revelar nosso Sol oculto, nosso gênio não reconhecido! (RAICHÔ, 1911) Hiratsuka Raichô (1886-1971) foi a primeira japonesa a, literalmente, desbravar os campos da literatura e dos espaços públicos -reservados aos homens- com seu discurso político, refutando o condicionamento reservado às mulheres de sua época. Os termos resistência e empoderamento tão citados em textos e discursos atuais não eram sequer possibilidade de reflexão no Japão do início do século XX e o excerto que abre o texto escancara as primeiras palavras de uma mulher de classe média, que resistia e pretendia empoderar as mulheres, consideradas coadjuvantes na realidade daquela sociedade patriarcal. Esse posicionamento antagônico em relação ao sistema social determinista, no qual a constituição definia a função social do homem de prover o sustento de sua família e se encarregar das questões políticas e econômicas do país e a função doméstica da mulher de educar os futuros “filhos” da nação e de oferecer os cuidados necessários ao companheiro, para que este cumprisse seus encargos a contento do Estado, foi mal interpretada pelas mulheres e considerada subversiva na visão masculina. Sendo assim, o presente trabalho pretende apresentar de que forma a escrita de enfrentamento de Raichô se transformou no primeiro movimento feminista do Japão. Ou seja, expor como os seus escritos possibilitaram a ruptura dos mecanismos engessados de construção da representatividade da mulher japonesa.

Palavras-chave: Movimento feminista no Japão; Hiratsuka Raichô; patriarcalismo; literatura de resistência.

17/07 (TARDE)

Mesa 4: “Brasil e Portugal: diálogos, resistências e resiliências”

“PARA ALÉM DAS DITADURAS: RESISTÊNCIA E RESILIÊNCIA NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL DE LYGIA BOJUNGA NUNES E ALICE VIEIRA”

Renata Flaiban Zanete (Universidade do Minho)

Resumo: No início, a mulher era o sol. Uma pessoa autêntica. Agora ela é a lua, doente, depende de outros para viver e reflete o brilho de outrem. Este é o primeiro grito das *Bluestockings*! Nós somos a mente e a mão da mulher do novo Japão. Podemos nos expor ao riso dos homens, mas agora sabemos o que está escondido sob o escárnio. Deixem-nos revelar nosso Sol oculto, nosso gênio não reconhecido! (RAICHÔ, 1911) Hiratsuka Raichô (1886-



1971) foi a primeira japonesa a, literalmente, desbravar os campos da literatura e dos espaços públicos -reservados aos homens- com seu discurso político, refutando o condicionamento reservado às mulheres de sua época. Os termos resistência e empoderamento tão citados em textos e discursos atuais não eram sequer possibilidade de reflexão no Japão do início do século XX e o excerto que abre o texto escancara as primeiras palavras de uma mulher de classe média, que resistia e pretendia empoderar as mulheres, consideradas coadjuvantes na realidade daquela sociedade patriarcal. Esse posicionamento antagônico em relação ao sistema social determinista, no qual a constituição definia a função social do homem de prover o sustento de sua família e se encarregar das questões políticas e econômicas do país e a função doméstica da mulher de educar os futuros “filhos” da nação e de oferecer os cuidados necessários ao companheiro, para que este cumprisse seus encargos a contento do Estado, foi mal interpretada pelas mulheres e considerada subversiva na visão masculina. Sendo assim, o presente trabalho pretende apresentar de que forma a escrita de enfrentamento de Raichô se transformou no primeiro movimento feminista do Japão. Ou seja, expor como os seus escritos possibilitaram a ruptura dos mecanismos engessados de construção da representatividade da mulher japonesa.

Palavras-chave: Movimento feminista no Japão; Hiratsuka Raichô; patriarcalismo; literatura de resistência.

“PALAVRA ACORRENTADA, SEXUALIDADE INTERDITADA: AS *HISTÓRIAS DE AMOR*, DE JOSÉ CARDOSO PIRES”

Luci Ruas (UFRJ)

Luci Ruas Pereira (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Resumo: *Histórias de amor* foi publicado em 1.^a edição pelo editorial Gleba, em Lisboa, 1952, com capa de Victor Palla. Trata-se do segundo livro de Cardoso Pires, apreendido e violentamente marcado pela censura salazarista, que, em agosto do mesmo ano, tirou-o de circulação. Se a censura fingiu ignorar o conto que descreve a prisão de uma estudante antifascista, como afirma em entrevista o próprio Cardoso Pires, “a PIDE é que não; prendeu-[o] sem mais aquelas...” Preso pela polícia de Salazar, conta o escritor que lá ficou por três dias em que não o interrogaram, mas não o deixaram dormir, além de lhe fazer algumas provocações. Afirma ainda que, apesar do conflito com a censura, não sofreu como outros escritores e afirma que “A polícia política e a polícia da escrita trabalhavam de mãos dadas, como aconteceu no meu caso, mas nunca se comprometiam com qualquer declaração documentada.” Mas insulta-o, ao propor que fizesse emendas ao livro para suspender a proibição. Decerto que o escritor não acolheu a sugestão, mas escreveu uma longa carta de defesa, que encaminhou ao Diretor dos Serviços de Censura, responsável pela interdição do livro, considerado “Imoral. Contos de misérias sociais e em que o aspecto sexual se revela indecorosamente. De proibir.” Fosse como fosse, a verdade é que o livro só voltou à circulação em 2008 e, graças às mudanças ocorridas na direção da PIDE, com todas as marcas que a censura deixou no seu corpo de escrita. Ora, como afirma Mário Dionísio, “*Histórias de Amor* não é um livro vulgar”, nem pela qualidade dos textos que apresenta, nem pelo modo como é tratado o amor, seja nas suas formas de manifestação da beleza e da sensualidade, seja nas manifestações da violência sexual, a que se submetem personagens desses contos. A vida instável e angustiada que reflete o sistema de exceção, o aparato ideológico que exercia com mão de ferro o controle da comunicação, a supressão da liberdade de expressão, a privação da liberdade, ainda que por pouco tempo, a perseguição política, tudo isso Cardoso Pires experimentou, e quando não sofreu a ação do aparelho ideológico, viu a condenação ao exílio de companheiros escritores e a morte de outros, vítimas do regime de exceção. Creio, porém, que, no caso do autor de *O Delfim*, o que mais o atingiu foi a censura ao livro, rasurado pelo lápis azul da ignorância. E é o livro o que nos interessa. Seja para afirmar a inviabilidade do amor, “miragem poética incompatível com o tempo e os embaraços do quotidiano”, seja pela “cínica expressão do homem eternamente corrompido”, amor e erotismo se conjugam nesses contos, em que os corpos são tantas vezes marcados pela violência, ou em que a beleza dos encontros só se dá numa “zona de proibição e



fugacidade”, as Histórias de amor de Cardoso Pires constituem um modo de resistência ao tempo e à tendência à normatização dos comportamentos, dos afetos e da liberdade de dizer.

Palavras-chave: censura; amor; erotismo; violência; Cardoso Pires

“UM ROMANCE SOBRE A PELE, OU COMO DESCOBRIR QUE *NÃO SE PODE MORAR NOS OLHOS DE UM GATO*”

Mônica Figueiredo (UFRJ)

Resumo: Em setembro de 2018, por ocasião do lançamento da edição brasileira de “Não se pode morar nos olhos de um gato”, Ana Margarida de Carvalho em uma entrevista ao Jornal do Brasil, afirmava sobre seu premiado livro: “Gosto de pensar no livro como um romance sobre a pele. Não só sobre a melanina, pele branca e pele negra, porque se fala de racismo no seu expoente mais atroz (a escravatura), mas também da pele que é esta cápsula que nos separa dos outros. No final, todas as personagens acabam encostadas pele com pele, todas nuas (despidas literalmente, das suas roupas, e também das várias peles sociais), todas com a mesma cor e o mesmo cheiro.” O presente trabalho pretende percorrer a trajetória dos destinos de oito personagens que, de modo subversivo, se tentam libertar da condição de corpos acorrentados numa Idade de Ferro erguida pela realidade neocolonialista do século XIX. Num perverso processo de espelhamento, este romance propõe um diálogo comparativo entre a experiência de várias formas de violência que, se recuperada da referencialidade histórica dos oitocentos, em muito parece reverberar em nossa contemporaneidade de forma assustadoramente reduplicada. Acreditamos que é por meio da ficção que a reflexão crítica sobre o que é o brutal ganha um registro “mais justo” por abrir espaços a corpos historicamente perseguidos.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa Contemporânea; História; Violência; Narrativa de Viagens; Romance Histórico

“POR MEIO DA EXOTOPIA – O GESTO REBELDE DE ALEXANDRA LUCAS COELHO

André Corrêa de Sá (University of California, Santa Barbara).

Resumo: No ensaio “Diálogo e dialogismo”, Paul de Man assinala alguns dos traços que o princípio dialógico de Bakhtin partilha com o modelo de perseguição de Leo Strauss, defendendo que o protagonismo que o autor russo dá ao romance acrescenta uma dimensão literária ao foco predominantemente filosófico de Strauss. O que esta comunicação propõe é examinar a ficção da romancista portuguesa Alexandra Lucas Coelho à luz deste quadro de referência. Assim, defenderei um modo de interpretação de *deus-dará* (2016) e *A nossa alegria chegou* (2018) que pressupõe a emergência de uma comunidade de leitores constituída como celebração da transversalidade e da heteroglossia.

Palavras-chave: Alexandra Lucas Coelho, Bakhtin, Leo Strauss

18/07 (MANHÃ)

Mesa 5: “Literatura e representação em tempos de censura e barbárie”

“A VIOLÊNCIA HIERARQUIZADA DE GÊNERO: JOÃO GILBERTO NOLL E SER HOMEM E SER MULHER”

Marcus Vinicius Camargo e Sousa (UNESP/IBILCE)

Resumo: O narrador de *Acenos e Afagos* (2008), de João Gilberto Noll, metamorfoseia-se por meio da linguagem durante a narrativa: de um homem socialmente aceito, com esposa e filho, ele se torna uma mulher e passa a refletir o novo papel social e sexual que precisa assumir. Vivendo boa parte de sua vida como homem, o narrador a todo instante se questiona como deveria se comportar enquanto mulher, assim, o que está convencionado culturalmente sobre os gêneros masculino e feminino afeta a construção desse narrador em transformação. Ele se inflige, portanto, uma violência hierarquizada e socialmente estabelecida sobre os gêneros sexuais. Esse processo faz com que o narrador repense o seu papel sexual e, uma vez que não se torna uma mulher de fato, porém adquire por meio da linguagem uma vulva com função



perfurante, ele precisa, portanto, subverter essa violência hierarquizada que se autoinflige. Para explicitar essa autoperseguição de gênero que o narrador procede sobre si mesmo como violência, buscamos entender a questão conforme elaborada por Jacques Derrida em *Força de Lei - o fundamento místico da autoridade* (2007). Partindo do termo alemão *Gewalt*, usualmente traduzido por “violência”, mas que também significa poder legítimo, autoridade, Derrida cria uma relação entre os dois significados: a força que emana da autoridade é fundada na força que emana da violência. A mesma ideia pode ser aplicada aos papéis sexuais, ao se constatar o que é próprio de um homem ou próprio de uma mulher a partir de comportamentos culturalmente enraizados na sociedade, sem levar em consideração o que o próprio corpo diz sobre si mesmo, ou nas palavras de Judith Butler, a autoridade ou o que foi estabelecido não leva em conta a performatividade do gênero. E ao se perpetuar o que está social e culturalmente enraizado no julgamento dos corpos a partir da sua sexualidade, cria-se o processo da violência: esse é o comportamento de um homem ou esse é o comportamento de uma mulher e os demais são entendidos como impróprios e devem ser repreendidos. Assim, pretende-se entender de que forma o narrador lida com essa violência hierarquizada ao compreender o seu próprio corpo em transformação: “Não sei, os meus novos traços femininos ainda se misturavam a vários resíduos do macho que eu tinha sido. [...] Temia um atraso permanente para o meu crédito junto ao mundo feminino. E eu precisava aprender a empunhar uma arma. [...] Mas para se pegar em armas se fazia necessário estar com meu sexo concluído, estabelecido e confirmado de uma vez por todas. Como poderia um ser de sexo incluso usar a arma com lógica?” (NOLL, 2008, p. 196-7). Por fim, esta proposta deseja refletir em que medida o pensamento derridiano pode esclarecer o processo narrativo de Noll, ao se analisar de que forma a violência hierarquizada ao dizer o que é ser um homem ou uma mulher são subvertidos pela experiência do narrador em seu percurso narrativo.

Palavras-chave: Acenos e Afagos; João Gilberto Noll; Violência; Autoridade; Subversão

“A REPRESENTAÇÃO DA MARGINALIDADE, DO EXERCÍCIO DO PODER E DA MANIFESTAÇÃO DO NIILISMO NA PEÇA O ABAJUR LILÁS, DE PLÍNIO MARCOS”

Marcio Azevedo da Silva (UnB)

Resumo: Este artigo faz uma análise a partir da representatividade da marginalidade, do exercício de poder e a manifestação do Niilismo na peça *O abajur lilás* de Plínio Marcos. Ele dá voz aos marginalizados, através de diálogos fortes, que atingem ao público por mostrar a realidade. O abajur lilás foi uma peça censurada pelo governo militar no ano de 1970, tendo autorização para ser encenada somente uma década depois. Plínio era considerado um inimigo da ditadura porque suas peças mostravam realidade e autenticidade trabalhando temas como: homossexualidade, a marginalidade, prostituição e violência.

Palavras-chave: Palavras-chave: Plínio Marcos; O abajur lilás; Marginalidade; Poder e Niilismo.

“LITERATURA EM TEMPO DE BARBÁRIE: MONGÓLIA, O FILHO DA MÃE E SIMPATIA PELO DEMÔNIO, DE BERNARDO CARVALHO”

Gisele Frighetto (UFSCar)

Resumo: Este projeto propõe estudar as relações entre literatura e barbárie no tempo presente a partir de uma investigação dos romances *Mongólia* (2003), *O filho da mãe* (2009) e *Simpatia pelo demônio* (2016), do escritor brasileiro Bernardo Carvalho. As representações do tema serão apreendidas em sentidos distintos, em consonância com a da ambientação desses romances, caracteristicamente localizados em contextos estrangeiros que se contrapõem ao brasileiro (ou latino-americano). Desse modo, o corpus escolhido demonstra como o tema pode se configurar por meio dos topoi da alteridade, da guerra e do terror, de um lado, e por meio da representação literária da violência urbana, da ilegalidade e do extermínio, de outro. Historicamente construído em oposição à noção de civilização, o conceito de barbárie pode ser pensado ao menos a partir de três sentidos: comportamentos humanos considerados rudimentares no



cumprimento das funções naturais e das relações sociais; o desprezo pelo saber e pela arte por grupos considerados pertencentes a um estágio anterior da cultura humana e a destruição da humanidade por meio de extermínios, genocídios e mutilações em massa (WOLFF, 2004). Consideramos que a crise da civilização, desenvolvida no curso da modernidade - quando se compreendeu que processos civilizatórios fizeram uso de práticas brutais para se constituírem - não aboliu sua permanência enquanto valor, e tampouco resultou na anulação de estados de barbárie (NOVAES, 2004). Afinal, OS estados totalitários, nos quais a racionalidade do esclarecimento transformou-se em estratégia de extermínio e dominação, perduraram como possibilidade diante da instauração de estados fundamentalistas religiosos e da sobrevivência de estados de exceção em contextos pós-democráticos (ARENDT, 2013; AGAMBEN, 2004). Esses aspectos podem ser compreendidos nos romances, seja em sentido local, seja em sentido global, seja em sentido estético, dadas as sempiternas transformações da forma romance, como as incertezas trazidas a suas categorias estruturais (ADORNO, 2012). Portanto, propomos um estudo comparativo que contemple as dimensões formal e temática dos romances e que evidencie as relações entre literatura e sociedade para demonstrar como neles a barbárie contemporânea pode se configurar literariamente seja em sentido global, seja em sentido local - no qual pode vir a desnudar a própria experiência do escritor na violenta sociedade brasileira -, seja enquanto condição humana, no interior da qual a literatura ainda pode resistir simbolicamente ao poder da dominação (BENJAMIN, 1994).

Palavras-chave: barbárie; civilização; Bernardo Carvalho; romance; local; global.

19 - CRÍTICA LIBERAL

Coordenação: Prof. Dr. Marcus Vinicius de Freitas (UFMG); Profa. Dra. Karla Fernandes Cipreste (UFU)

Resumo: A crítica liberal constitui uma vertente do pensamento crítico que, através de um resgate da tradição liberal - no cruzamento de suas dimensões política, filosófica, econômica e cultural - e de um reconhecimento de sua ressurgência na cultura contemporânea, busca criar uma alternativa ao pensamento anti-moderno. José Guilherme Merquior, em "Tarefas da crítica liberal" (*As ideias e as formas*, 1981, p. 28-36), assim define o termo: "Porque se encontram em risco dois valores fundamentais: A independência do espírito e a objetividade do conhecimento - necessitamos, com urgência de uma crítica liberal. A missão política da crítica liberal é combater a intolerância ideológica. Sua tarefa epistemológica - sua missão no campo do conhecimento - é restaurar o sentido da objetividade". Essa última tarefa se volta contra uma mentalidade pretensamente "humanística" contemporânea - como coloca entre aspas o próprio Merquior - que rebaixa o humanismo à permissividade epistemológica e à indulgência indiscriminada face a teorias e interpretações, a qual se revela verdadeira abdicação intelectual. Em poucas palavras, esse humanismo rebaixado confunde liberdade crítica com licença relativista e elogio do irracionalismo. Retomar as noções de independência do espírito e de objetividade do conhecimento implica, assim, em uma revisão desse mesmo humanismo, em direção a figuras mais universais e menos locais. Sob o ponto de vista da cultura, a crítica liberal procura recuperar o papel afirmativo da Modernidade, em oposição às duas vertentes críticas que permanecem hegemônicas no interior dos estudos literários, sejam elas a modernista, de cunho eminentemente revolucionário, e a pós-moderna, de cunho predominantemente desconstrucionista, ambas antimodernas. Assim, o simpósio acolherá, com grande interesse, trabalhos sobre o pensamento liberal, em especial no que concerne à literatura e à cultura, de autores tais como José Guilherme Merquior, Ernest Gellner, Roger Scruton, Eric Voegelin, Theodore Dalrymple, Daniel Bell, Friedrich Hayek, Ludwig Von Mises, Tzvetan Todorov, Brian Boyd, Luc Ferry, Alain Renaut, André Comte-Sponville, David Hirsch, Daphne Patai, Raymond Aron, Ortega y Gasset, Isaiah Berlin, Helmut Schoeck, Lionel Trilling, Frank

Kermode, Alan Sokal, Thomas Sowell, Eduardo Gianetti, Julián Marías e Raymond Tallis, entre outros, que constituem um corpus bibliográfico à espera de investigação pelos estudos literários e culturais.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

O POETA FORTE DE BLOOM E A IRONISTA LIBERAL DE RORTY: AUTONOMIA E VALORAÇÃO ÉTICA E ESTÉTICA

Ana Carla Lima Marinato

Resumo: Harold Bloom tem se mostrado uma voz divergente daquilo que comumente se cultiva dentro da academia, e a figura do “poeta forte”, cunhada por ele nos idos dos anos 1950, ainda no início de sua atividade intelectual, é largamente reconhecida como uma marca importante de sua perspectiva crítica. A ideia de que existe um indivíduo autônomo por trás de um texto literário, premissa fundamental de seu pensamento, acarreta uma consequência prática para a compreensão da produção e recepção dos textos literários: o fato de que toda atividade crítica envolve a construção de juízos de valor. Disso se conclui que a crítica literária deve se encarregar de perscrutar as os meandros que se cavam entre o produto estético e a vida ética. Assim, ao constatar que o valor estético seja algo não apenas natural como também necessário para a atividade crítica, Bloom se afasta das teorias desconstrucionistas que compreendem a valoração como algo redutível a uma mera questão ideológica. Algo semelhante se percebe no pensamento de Richard Rorty, filósofo que desafia a abordagem fundacionista e cientificista do pensamento analítico, concedendo à linguagem e à retórica um papel fundamental para a compreensão da vida humana. Ao descrever aquilo que entende como “ironista liberal”, Rorty entende o indivíduo e a linguagem como elementos contingentes, de modo que a construção dos valores morais de uma comunidade deve ser o resultado de um diálogo infinito entre indivíduos livres, capazes de negociar novos valores a partir da identificação e revisão daquilo que denomina como o seu “vocabulário final”. Rorty e Bloom se encontram, primeiramente, na ideia de que garantir a liberdade ao indivíduo/leitor é algo fundamental para a construção de uma sociedade verdadeiramente plural. Além disso, ao compreender a atribuição de juízos de valor como natural e importante, seja para a construção de um ideal de sociedade livre e democrática, seja para a crítica literária, esses pensadores divergem de uma tendência cientificista, de um lado, e panfletária, de outro, que entende todo valor moral como negativo e opressor. É salutar, portanto, analisar o modo como eles concebem a ideia do valor ético e estético, e uma reflexão crítica sobre as relações que se estabelecem entre vida e literatura nessa perspectiva abre caminhos bastante produtivos para se pensar sobre o papel da crítica literária na contemporaneidade. Em suma, a aproximação entre o crítico literário, com seu “poeta forte” e o filósofo neo-pragmatista com sua “ironista liberal” será útil para o debate sobre a concepção do indivíduo e do texto literário a partir de uma perspectiva verdadeiramente plural.

Palavras-chave: crítica literária; valor estético; individualidade.

O LIBERALISMO DE E.M. FORSTER NA VISÃO DE LIONEL TRILLING E AMANDA ANDERSON

Cynthia Beatrice Costa

Resumo: Conhecido principalmente por *A Room with a View* (1908), *Howards End* (1910) e *A Passage to India* (1924), todos traduzidos no Brasil e com frequência adaptados para o cinema e para a televisão na Inglaterra e nos Estados Unidos, o romancista inglês E.M. Forster (1879-1970) explorou em sua obra, entre outros temas, a dificuldade de conciliação entre diferentes classes sociais e culturas. O autor teve duvidada a sua possibilidade de se tornar um dos grandes da história da literatura ocidental pelo poeta e crítico D.S. Savage, que o julgava incapaz de enxergar a influência capitalista na postura liberal e humanista expressa em seus romances e



contos. Já o célebre crítico liberal Lionel Trilling, especialista na obra de Forster, acreditava que este na verdade se recusava a ser um grande escritor, mas que cada leitura de seus romances possibilitava novos aprendizados. Essa abordagem da obra de Forster foi recentemente retomada e problematizada por Amanda Anderson à luz do contexto atual, no qual parece ser cada vez mais difícil distinguir liberalismo de concepções pejorativas de neoliberalismo. Esta comunicação tem por objetivo debater e contrapor, ainda que brevemente, as visões apresentadas por Trilling em *E.M. Forster: A Study* (1943) e por Anderson em *Bleak Liberalism* (2016).

Palavras-chave: E.M. Forster; crítica literária liberal; Lionel Trilling; Amanda Anderson

OS TIPOS IDEAIS, EM ERNEST GELLNER, E A SÍNTESE, EM PAULO LEMINSKI

Rafael Fava Belúzio

Resumo: A presente comunicação pretende estudar as noções de tipos ideias, em Ernest Gellner, e de síntese, em Paulo Leminski, de modo que, a partir do esboço dessas visões de mundo e do atrito entre elas, seja possível compreender melhor os pensamentos gellneriano e leminskiano. Ernest Gellner, em *Pós-modernismo, razão e religião*, lançado na década de 1990, procura analisar o seu contexto histórico a partir de três posições: o relativismo pós-moderno, o racionalismo iluminista e o fundamentalismo religioso. O triângulo gellneriano não demarca, ou não apenas, posicionamentos perceptíveis em um prisma histórico-evolutivo, mas são pontos de vista relativamente concomitantes, com diferenças e aproximações, na conjuntura posterior à Queda do Muro de Berlim. Em primeira instância, a tríplice classificação aparenta se valer do conceito de “tipos ideias”, concebido por Max Weber em *Sobre a teoria das ciências sociais*, e ajuda a entender tanto a realidade social, quanto a crítica liberal – ademais racionalista e iluminista – do próprio Ernest Gellner. Paulo Leminski, por sua vez, desenvolvendo uma criação literária em profundo diálogo com as marchas e contramarchas da sociedade pós-1968, elabora, ao longo de suas diversificadas produções, uma escrita caracterizada, por ele e por seus estudiosos, como sintética, além de haver, da parte de certo conjunto de leitores, uma interpretação de que se trata de poeta vinculado, quase em restrito, ao legado marxista. No entanto, a concepção de síntese, na literatura leminskiana, assume diferentes formas de se manifestar, e, entre elas, está a possibilidade de em um ponto haver múltiplos elementos, não raro contraditórios entre si. Sendo assim, Leminski, em certo sentido e por vezes, se afasta de tipos ideias, aspecto contemplado nas obras weberiana e gellneriana, embora a nuance sintética também possa, em alguns momentos, abrigar, nas reflexões do polígrafo, o traço de tipo ideal. Enfim, colocadas certas questões fulcrais de Ernest Gellner e Paulo Leminski (como se fossem, a priori, categorias puras), em meu ensaio almejo comparar mais de perto as noções de tipos ideais, dentro das argumentações do primeiro, e de síntese, no que toca à literatura do segundo, mostrando como, apesar de distantes, são aproximáveis os engenhos de ambos os sujeitos novecentistas. Optando por tal ângulo de observação, neste trabalho talvez ficará mais clara, entre outros temas, a controversa estética leminskiana, a qual, em distintos momentos, é abordada pela crítica como tão-somente de esquerda, não obstante o autor, em cartas e biografias, releve se aproximar de determinadas frentes do pensamento liberal.

Palavras-chave: Ernest Gellner; Paulo Leminski; pensamento liberal

MERQUIOR, GELLNER, FERRY: FUNDAMENTOS DE CRÍTICA LIBERAL

Marcus Vinicius de Freitas

Resumo: A presente comunicação visa a uma exposição dos fundamentos da crítica liberal a partir do pensamento de José Guilherme Merquior, Ernest Gellner e Luc Ferry. O mais importante desses fundamentos é a escolha de uma figura ternária de análise, em contraposição ao binarismo que constituiu, e ainda constitui, boa parte do pensamento crítico, seja através de oposições tais como centro/periferia, dominante/dominado, direita/esquerda, conteúdo/forma, engajamento/estética, civilização/barbárie, entre outras. A crítica liberal aponta para a



necessidade de um terceiro termo que coloque em xeque essas oposições binárias, com vistas à construção de um novo conceito de crítica.

Palavras-chave: JOSÉ GUILHERME MERQUIOR; ERNEST GELLNER; LUC FERRY; CRÍTICA LIBERAL

16/07 (TARDE)

NEO-HUMANISMO E ETHOS ARISTOCRÁTICO: POR UMA CRÍTICA LATINO-AMERICANA INSUBMISSA

Karla Fernandes Cipreste

Resumo: Considerando a discussão proposta pelo simpósio, esta comunicação se debruça sobre o histórico da crítica latino-americana e problematiza a proposta antimoderna do balbucio teórico (Hugo Achugar) como lugar de enunciação do intelectual que se dedica a pensar este continente. Nossa análise vincula o substrato balbuciente ao projeto contemporâneo de desconstrução da história do continente, que condena a implementação dos ideais iluministas para exaltar a figura do bárbaro, e propõe uma série de questões a essa pauta. Nesse sentido, apresenta-se uma revisão de teorias e fatos históricos desde o simbolismo hispano-americano até a contemporaneidade, bem como do pensamento de intelectuais boicotados pela intelligentsia por sua oposição à proposta do engajamento ou da pós-modernidade (Rufino José Cuervo, José Enrique Rodó, Nicolás Gómez Dávila, Ortega y Gasset, Mario Vargas Llosa, entre outros). Propõe-se o pensamento desses intelectuais como tributário do livre-pensar liberal clássico, motivo pelo qual são considerados como pensadores cujas apostas estão no estilo de vida ético e estético insubmisso a qualquer questão ideológica. No que diz respeito à literatura feita neste continente, pretende-se refletir sobre propostas que destoam das formas de prestígio determinadas pela crítica latino-americana, a saber: o ethos aristocrático de Borges e Casares e o neo-humanismo de Fernando Vallejo.

Palavras-chave: crítica latino-americana; neo-humanismo; ethos aristocrático; arielismo

O HUMANISMO SECULAR EM ERNEST HEMINGWAY E MANUEL RIVAS

Luana Pereira do Vale

Resumo: Esta comunicação reflete sobre a ética humanista no tema Guerra Civil Espanhola em dois tempos históricos: o imediatamente posterior à guerra, na perspectiva do escritor estadunidense Ernest Hemingway, quem transfigurou a experiência real vivida na guerra na obra *Por quem os sinos dobram*; e a contemporânea e, portanto, pós-ditadura franquista, à luz do escritor galego-espanhol Manuel Rivas na obra *¿Qué me quieres, amor?* O percurso proposto está inspirado pela forma como ambos os autores representaram a experiência traumática da guerra civil. Hemingway escolhe como epígrafe para sua narrativa um fragmento do sermão *Meditação 17*, do humanista e clérigo anglicano John Donne, sermão que também inspirou o título da obra do escritor estadunidense. Dessa forma, os sinos que as igrejas dobravam para comunicar algo à comunidade são o símbolo da ética humanista na medida em que reuniam todos os indivíduos na partilha da dor em compaixão pela morte do outro realmente considerado como parte de uma fraternidade. A ética humanista, herdeira da aristotélica, guia a narrativa de Hemingway como substrato despojado do vínculo religioso na contemporaneidade do tempo histórico, ou seja, em tempos pós-nietzschianos, tributários da filosofia emancipada do núcleo duro da verdade divina. A obra de Manuel Rivas também anuncia sua ética humanista fundamentada na fraternidade em seu próprio título, o qual revela que o grande protagonista da narrativa é o amor ao próximo. Trata-se de uma obra do final do século XX e, como já mencionado, do período pós-ditadura franquista. Esta comunicação se debruça sobre a narrativa para, a partir dela, propor uma teoria da ética pacifista como semelhante à corrente filosófica contemporânea do Humanismo Secular, a qual se baseia no Humanismo e em alguns preceitos da filosofia nietzschiana ao mesmo tempo, ainda que possa parecer contraditório. De alguns



filósofos humanistas, nota-se a inspiração na compaixão, porém, despojada da fé católica, fato que aproxima essa corrente do Crepúsculo dos ídolos de Nietzsche.

Palavras-chave: Hemingway; Manuel Rivas; Humanismo secular

A BELEZA E REDENÇÃO EM LA VIDA ES SUEÑO, DE PEDRO CALDERÓN DE LA BARCA

Laura de Oliveira Coradi

Resumo: Como um grande teatro do mundo, a obra *La Vida es Sueño*, de Pedro Calderón de la Barca, permite-nos contemplar temas universais caros à vida humana. Nessa obra, vislumbramos uma transformação humana, tal como com uma pedra de mármore antes de se tornar escultura. Podemos comparar o labor de um artista quando esculpe com a transformação do homem, bruto, em indivíduo virtuoso. Isso é exemplificado primordialmente em Segismundo, que de homem irracional e violento, por não conviver com os demais indivíduos, torna-se virtuoso e justo, após vencer a si mesmo. Em *Discurso sobre a dignidade humana*, do humanista Pico Della Mirandola, observamos o discurso de Deus a Adão, que lhe dá liberdade para “[...] degenerar en los seres inferiores que son las bestias [...] ou para [...] regenerarte, según tu ánimo, en las realidades superiores que son divinas.” Segismundo, portanto, preferiu as realidades superiores do que as inferiores, convertendo a sua violência em virtude e, desse modo, redimindo-se. Segundo Roger Scruton, em sua obra *Beleza*, a redenção está vinculada à beleza, visto que a compaixão diante de uma tragédia redime o mal causado, transformando-o em amor. O filósofo inglês recorre muitas vezes a Platão, para quem a beleza está vinculada com a bondade e com a Verdade, sendo um valor transcendental, a Beleza absoluta, presente no Mundo das Ideias, comunicando-se com a beleza do ser no mundo, que recorda aquela Pátria. Levando em consideração o duplo sentido que possui a palavra *sueño*, de despertar e de sonolência, em *La Vida es Sueño*, vemos no despertar do *sueño* um acesso à essa realidade superior. Contudo, como discursa Segismundo, mesmo nos *sueños* há de se “obrar bien”. Essa transcendência do despertar recorda-nos o labor da produção artística e como afirma Scruton: “A arte, como nós a conhecemos, situa-se no limiar do transcendental. Ela faz-nos olhar para lá deste mundo de coisas contingentes e desconexas, para outra realidade que dá à vida humana uma lógica emocional que faz nobre o sofrimento e com que o amor valha a pena. Por isso, ninguém atento à beleza é alheio ao conceito de redenção - a uma transcendência final da desordem moral no ‘reino dos fins’”. Portanto, apoiando-nos em Scruton, neste trabalho objetivamos demonstrar a beleza e a redenção presentes em *La Vida es Sueño*, temas presentes em todos os momentos da vida humana.

Palavras-chave: Beleza; redenção; amor; verdade; bondade

A PLASTICIDADE HUMANISTA E AS FICÇÕES BARROCAS: UM ESTUDO DE LAS REPETICIONES DE SILVINA OCAMPO

Amanda Queiróz Matar

Resumo: A presente comunicação reflete sobre a capacidade plástica da vida humana possível de ser efetivada pelo jogo da ficção. Tendo como área de análise os estudos hispânicos, a proposta se faz por uma visita ao humanista *Discurso da dignidade do homem* de Pico della Mirandola, passa por sua representação com Cervantes em *Don Quijote*, até essas influências na obra da escritora argentina Silvina Ocampo. Com esse percurso, pretende-se ainda discutir o insólito na narrativa de Ocampo como tributário do que o crítico argentino Carlos Gamerro denomina *ficciones barrocas*, ou seja, justamente o jogo da ficção que apaga fronteiras entre o imaginário e as referências da realidade. Para Gamerro, Ocampo não tem estilo barroco em termos de linguagem, de acordo com a famosa classificação do barroco como jogo de palavras, mas, sim, no nível das ideias. O crítico argentino atribui a característica barroca de ficção a Cervantes e a Calderón de la Barca. Com isso, explica que escritores hispano-americanos comumente conhecidos como fantásticos – Borges, Bioy Casares, Cortázar, Silvina Ocampo, entre outros – são, na verdade, autores de ficções as quais, assim como a ficção barroca,



constroem um jogo de estruturas narrativas, de personagens e do referencial de real universal para apostar no potencial da plasticidade humana, porém, diferentemente dos efeitos da pós-modernidade, esse potencial se atém ao plano do imaginário e não se transforma em prática de vida. Gamero argumenta que, assim como Cervantes e Calderón, esses escritores, destacando-se aqui nossa fonte primária, a escritora argentina Silvina Ocampo, têm “una adicción o afición al juego de intercambiar, plegar o mezclar los distintos planos de los que la realidad se compone¹” (GAMERRO, 2010, ps.7). ¹Um vício ou inclinação ao jogo de intercambiar, dobrar ou mesclar os distintos planos que compõem a realidade. (As traduções do espanhol para o português são nossas).

Palavras-chave: Literatura hispano-americana, insólito, ficções barrocas, plasticidade.

20 - CRÍTICA TEXTUAL EM TEMPOS SOMBRIOS: O EXERCÍCIO FILOLÓGICO DE ESCOVAR A HISTÓRIA A CONTRAPELO NO RESGATE DE OBRAS, DE LEITURAS E DE SENTIDOS NA LITERATURA

Coordenação: Profa. Dra. Ceila Maria Ferreira (UFF); Prof. Dr. Sandro Drumond Marengo (UFS); Profa. Dra. Viviane Arena Figueiredo (UFF)

Resumo: A Crítica Textual estuda a gênese, a transmissão e a recepção de textos literários e não literários. Quando o seu objeto é literário, se centra em seu processo de transmissão a partir de versões diferentes de uma obra, bem como busca examinar os vários suportes e formatos em que o texto literário foi transmitido. Além disso, o acesso aos manuscritos permite que se trilhe o caminho do mapeamento das mudanças realizadas (apagamentos, acréscimos, deslocamentos e substituições) a partir das marcações autorais e/ou não autorais nos autógrafos remanescentes (BLECUA, 1983). Outrossim, esse campo científico também abarca o estudo das estratégias e dos tipos de edições (CAMBRAIA, 2005), o que muito auxilia pesquisadores a entender a circulação de obras. No mais, ter também uma visão mais concreta das mudanças que uma obra vai sofrendo ao longo do tempo, nos remete ao entendimento de como os textos vão sendo transmitidos através do tempo. Ademais das mudanças naturais ocasionadas pelo efeito de sua transmissão temporal, os textos literários também estão sujeitos a alterações por força de censura, de variações no conceito e estabelecimento do cânone literário e do próprio conceito de literatura. Destarte o apontado anteriormente, é evidente que há uma relação estreita entre a Crítica Textual (ou seu apontamento amplo entendido como Filologia) e a Hermenêutica. A Crítica Textual nos dá subsídios para interpretarmos textos, pois, como disse Carlos Reis, em entrevista publicada na Revista **Convergência Lusíada**, no ano de 2005, trabalhar com Crítica Textual é um “corpo a corpo com o texto”, impedindo, por exemplo, que situemos os textos literários em uma abstração. Como afirmam Rosa Borges e Arivaldo Sacramento de Souza é “[...] precisamente contra a abstração dos textos” [...] que se vê a relevância da crítica filológica. Nela, não se faz a oposição binária entre texto físico/material *versus* texto abstrato [...]” (2012, p. 54). Tal citação é importante, pois aponta para a importância da Crítica Textual, pois nesse ínterim consegue englobar, concomitantemente, tanto aspectos da materialidade textual quanto da formação e da circulação de seus sentidos literários. Como é perceptível, nosso campo de estudo trabalha com a historicidade e, sempre que possível, com fontes primárias. Essa particularidade permite com que pesquisadores em geral tenham acesso a textos que, ou são pouco acessados, ou que deixaram de circular. Dessa feita, contribuem para o resgate de leituras correntes de determinado lapso temporal, mas que não tiveram sua transmissão interrompida, por exemplo, pelo realinhamento de concepções do cânone literário ou por censura ideológica ao seu conteúdo. Para ilustrar nossa afirmação, verificamos que não é muito comum encontrarmos citações, comentários, referências acerca do capítulo final da primeira, da segunda e da terceira versões, publicadas respectivamente em 1875, 1897, 1880/1889, de **O Crime do Padre Amaro**, de Eça de Queirós. Nelas, há referências à Comuna de Paris. Também não é comum encontrarmos referências acerca das variantes da primeira edição de “O Alienista”, de



Machado de Assis, saída em **A Estação**, de 15 de outubro de 1881 a 15 de março de 1882, em relação à segunda, também publicada pela Lombaerts & C, dessa vez em formato livro, na coletânea de contos intitulada **Papéis Avulsos**, em outubro/novembro de 1882. Logo, vimos que a Crítica Textual trabalha interdisciplinarmente com outros campos de saber/disciplinas, tais como a Literatura, a Linguística, a História, principalmente a Cultural (vide trabalhos de Chartier, como por exemplo: **Os desafios da escrita**) e a Sociologia. Esta abertura caleidoscópica de relações nos ajuda a desenvolver uma visão mais propensa sobre a mutabilidade textual bem como nos desenvolve uma capacidade de cunho mais aquilino para perceber os processos de mudança e, então, resgatar os textos e desenvolver comentários sobre eles em um exercício de “escovar a história a contrapelo”, propiciando discursos de resistência e de abertura ao diálogo com o que foi silenciado, numa possibilidade de redenção (BENJAMIN, 2012) de parte da história dos vencidos e das minorias e de gêneros textuais literários não tão aclamados pela Academia. Nossa proposta, por meio deste Simpósio, é trabalhar com todos esses aspectos da pesquisa em Crítica Textual/Filologia, privilegiando o processo de formação, transmissão, apagamento e recepção de textos e de sentidos por meio do exame de suas materialidades e de seus sentidos formados também por essas materialidades, sem esquecermos de estratégias de preparação de edições que se aproximem ou que sejam representações de redações autorais, sem esquecermos do estudo de edições que se distanciam dessas representações, mas que fazem parte do estudo da história da transmissão desses textos. Assim procuramos contribuir para a divulgação da Crítica Textual no âmbito dos Estudos Literários e também para o estudo da Crítica Textual como resgate de autoras, de autores, de leituras, de sentidos de textos que foram silenciados, contribuindo também para a construção de histórias da literatura mais plurais e inclusivas.

Referência:

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. “O Alienista”. In: **A Estação**. Jornal Ilustrado para a família. Rio de Janeiro, Lombaerts & C. 15 out 1881 -15 mar1882.

-----, **Papéis Avulsos**. Rio de Janeiro: Lombaerts & C, 1882.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: ---. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas I. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 241-252.

BLECUA, A. **Manual de crítica textual**. Madrid: Castalia, 1983.

BORGES, R.; SOUZA, A. S. **Edição de texto e crítica filológica**. Salvador: Quarteto, 2012.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. SP: Martins Fontes, 2005.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Unesp, 2002.

REIS, Carlos/ CUNHA, Maria do Rosário (eds). **O Crime do Padre Amaro**. Edição crítica das obras de Eça de Queirós. Lisboa: IN/CM, 2000.

REIS, Carlos/CASTRO, Ivo/MONTEIRO, Ofélia de Paiva. Sobre edições críticas: uma entrevista. In: **Revista Convergência Lusíada**, nº 21, 2005, p. 345-351.

PROGRAMAÇÃO

18/07 (TARDE)

AS DUAS EXPOSÉS DE WALTER BENJAMIN: CONTINGÊNCIA OU CORREÇÃO?

Maíra M C Leal

Resumo: As duas Exposés de 1935 e 1939 (BENJAMIN, 2018) estão entre os poucos textos acabados por Walter Benjamin que compõe aquela que teria sido (ou talvez seja) a sua obra prima. Benjamin a chamava de Passagenbeit ou apenas Passagen e ela foi publicada pela primeira vez volume 5 das obras escolhidas(Gesammelte Schriften V), na Alemanha, em 1982



sob título de *Passagen-werk*, volume organizado por Rolf Tiedemann (1932-2018) cerca de 40 anos depois da morte de seu autor. A primeira tradução brasileira da obra foi publicada em 2006 sob o título de *Passagens*, pela editora da UFMG e a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. A segunda reimpressão do livro, publicada em 3 volumes, em 2018, pela Editora da UFMG. Nesta publicação figuram as *Exposès*, alguns poucos textos completos de Benjamin, artigos curtos e os *konvoluts*, ou seja, as citações e as anotações de Benjamin, organizadas por temas em pastas, além de textos inacabados. Embora tenha citado muitas vezes a sua obra *Passagens* em cartas, Benjamin não conseguiu termina-la, já que faleceu, cometendo suicídio em 1940. A obra de *Passagens* é uma dessas obras entorno das quais foi criada muita expectativa, uma vez que a própria história do vir-a-ser da obra é digna de interesse da pesquisa acadêmica. Porém, devido aos limites impostos pela própria natureza do presente trabalho, não é possível falar sobre o todo da obra de *Passagens* de Benjamin e se fez necessário realizar um recorte. Por essa razão, dentre as múltiplas possibilidades ofertadas no livro aqui a análise será restritiva às “*Exposès*” de Walter Benjamin. Trata-se de *Paris, a Capital do Século XIX*, a *Exposè* de 1935 (BENJAMIN, 2018) e a *Paris, Capital do Século XIX*, a *Exposè* de 1939 (idem, 2018). O primeiro texto de 1935 foi um resumo escrito por Benjamin com o objetivo de tentar encontrar um mecenas para que ele pudesse dar continuidade a sua obra de *Passagens*. Um segundo texto foi publicado em 1939 após fortes críticas de Theodor W. Adorno (1903-1969) com um título semelhante ao de 1935, mas com algumas diferenças de conteúdo. Portanto o presente trabalho partirá de uma pesquisa minuciosa dos textos das *Exposès* e das cartas trocadas entre Benjamin e Adorno para compreender quais foram os caminhos e modificações realizadas no texto e qual o papel das condições de vida e trabalho de Benjamin nos dois trabalhos.

Palavras-chave: Benjamin; *Exposès*; *Passagens*

DOS PERIÓDICOS AOS LIVROS: ASPECTOS DA REESCRITA E DA REPUBLICAÇÃO DE CONTOS DE DALTON TREVISAN, LYGIA FAGUNDES TELLES E CLARICE LISPECTOR

Leandro Henrique Aparecido Valentin

Resumo: Em vários sistemas literários, o espaço que periódicos dedicaram ao conto antes de sua publicação em livro foi um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento do gênero. O presente trabalho investiga aspectos do processo de reescrita e republicação de contos que originalmente circularam em jornais e revistas e que foram depois publicados em livro durante o boom do conto brasileiro entre as décadas de 1950 e 1970. Apresentamos alguns apontamentos sobre a reescrita de contos e sobre projetos editoriais de Dalton Trevisan, Lygia Fagundes Telles e Clarice Lispector com foco em aspectos da teoria do conto (POE, 1984; PIGLIA, 1994; WRIGHT, 1989; INGRAM, 1971) e do suporte (KENNER, 2005; CHARTIER, 2009). Tendo em vista a particularidade do trabalho de cada autor, esse estágio da pesquisa conclui que a reescrita pode se dar pela combinação ou por algum(ns) do(s) seguinte(s) fator(es): a) pela obsessão do autor com a forma perfeita do texto, o que pode incluir aspectos caros à contística moderna; b) por demandas editoriais, que influenciam inclusive no estatuto do gênero; c) por uma atualização estética de textos antigos dos escritores que, se nem sempre integra a criação de uma sequência/ciclo de contos, ao menos auxilia a criação de livros de contos com maior unidade. O trabalho também demonstra como alguns textos pouco ou nada alterados no processo de republicação podem ter seu estatuto modificado por meio de um conjunto de aspectos editoriais (Processo FAPESP n.º 2016/20464-0).

Palavras-chave: Conto; reescrita; Dalton Trevisan; Lygia Fagundes Telles; Clarice Lispector

REFLEXÕES SOBRE CRÍTICA TEXTUAL E ESTUDOS DE LITERATURA EM TEMPOS SOMBRIOS

Ceila Maria Ferreira

Resumo: A partir de considerações desenvolvidas em nossa prática docente na Graduação, na Pós-Graduação Lato e Stricto Sensu e na coordenação geral do Laboratório de Ecdótica, na



Universidade Federal Fluminense, uma das poucas universidades do país que institucionalizaram e mantiveram, na Graduação, em seus cursos de Letras, a Crítica Textual como disciplina obrigatória, assim como por meio de observações e de leituras realizadas no processo de preparação, ainda em curso, das edições críticas de Papéis Avulsos, coletânea de contos de Machado de Assis, publicada pela primeira e última vez em vida de seu autor em 1882, e de O Egito e outros relatos, narrativas de viagem de Eça de Queirós escritas em 1869-1870, iremos tecer algumas considerações sobre a relação entre Crítica Textual e Estudos de Literatura, considerando a Crítica Textual como parte dos Estudos de Literatura, mas não só como parte de tais estudos. Do mesmo modo, indagaremos sobre a importância da história da transmissão textual para os Estudos de Literatura, especialmente para a História da Literatura e para a Crítica Literária. A Crítica Textual, como afirmaram Rosa Borges e Arivaldo Sacramento de Souza, em Filologia e Edição de Texto (2012, p. 54), não opera o divórcio entre texto material e texto abstrato. Para ela, é fundamental termos informações acerca da materialidade dos textos, pois, como sabemos, eles vão sendo modificados de edição para edição, assim como também sofrem modificações quando passam de um suporte de escrita para outro. Isto é, os suportes textuais também são formadores de sentido. Além disso, ressaltaremos a importância da Crítica Textual para o resgate de textos que foram esquecidos com o passar dos tempos ou pela ação, no caso específico desta apresentação, de seus autores e ou de terceiros. Também falaremos sobre o apagamento de leituras, mas que, com o trabalho de arqueologia do texto, podem vir à luz nestes tempos que, apesar de sombrios, são o nosso presente. Sobre Papéis Avulsos, falaremos sobre algumas variantes que ocorrem da passagem do texto publicado em A Estação para o em formato livro, ambos publicados pela Tipografia Lombaerts & C, assim como sobre a proposição de uma leitura acerca da presença de referências a árabes e a muçulmanos em “O Alienista”. Sobre as narrativas de viagens de Eça de Queirós, publicadas, uma parte, a que recebeu o título de O Egito, Notas de viagem, 26 anos após a morte do autor, e, as outras duas, “Palestina” e “Alta Síria”, em Folhas Soltas, 66 anos após o falecimento de Eça de Queirós, falaremos também acerca das variantes que destacamos para esta comunicação e sobre a atualidade do estudo dessas narrativas. Acerca de ambos os trabalhos de edição, podemos dizer que contribuem para escovar a história a contrapelo, na acepção utilizada por Walter Benjamin, em Sobre o conceito da história (2012, p. 245), sem nos esquecermos que, no dizer de Marc Bloch, “[...] dificilmente imagina-se que uma ciência, qualquer que seja, possa abstrair do tempo.” (2001, p. 55). E a Crítica Textual não prescinde do conceito de historicidade.

Palavras-chave: Crítica Textual; Literatura; Machado de Assis; Eça de Queirós; Historicidade

A ATUALIDADE DAS FARPAS EM TEMPOS SOMBRIOS

Gisele de Carvalho Lacerda

Resumo: Esta comunicação pretende trazer uma reflexão sobre a atualidade das Farpas: folhetos mensais escritos por Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, publicados de 1871 a 1882. Um amplo projeto político-social que pretendia, além da crítica à imprensa lusa da época, mostrar os vícios da sociedade portuguesa da Regeneração. A participação de Eça de Queirós se deu no período de maio de 1871 a outubro de 1872. Em função da heterogeneidade das Farpas, só há reconhecimento de sua autoria quando compilados e publicados nos volumes de Uma Campanha Alegre, por Eça em 1890 e 1891. Considera-se que os textos das Farpas causaram grande fervor na altura, o que pode ser comprovar pelo número de assinantes e as polêmicas causadas em Portugal e no Brasil. O contexto em que se inserem compreende o período em que se deu as Conferências do Casino – cuja proposta de participação ativa, procurando denunciar o descompasso da elite letrada lusa em comparação aos ventos de mudança que sopravam da Europa na sociedade portuguesa oriunda da monarquia constitucional em que estavam inseridos – se refletirá também na confecção dos textos que com mordaz ironia e escárnio faziam crítica da Literatura, Arte e costumes nacionais. Considerando a narrativa de Eça posterior às Farpas, compreende-se a importância destes textos para a construção da estética que permeia os



romances queirosianos, principalmente aqueles dedicados ao projeto *Cenas da Vida Portuguesa*. As *Farpas* eram um exercício literário sobre como fazer, apropriadamente, crítica aos costumes: objetivo das principais obras de Eça de Queirós, estudadas no meio acadêmico e reconhecidas pelo público em geral, sendo indiscutivelmente um dos pontos altos do realismo queirosiano. O modo como eram escritas solidificavam o projeto de Eça descrito em *A nova literatura*: o realismo como nova expressão da arte; implantado nas Conferências do Casino. Do ano de 1871, quando os folhetos foram publicados pela primeira vez, à publicação de *Uma Campanha Alegre* em dois volumes em 1890 e 1891, até os nossos dias; considerando as pesquisas e estudos sobre Eça de Queirós no meio acadêmico, há um certo esquecimento e por vezes desconhecimento destes textos queirosianos em relação a tantas outras obras citadas e a relevância de seu conteúdo do que elas nos disseram e tem a nos dizer sobre a realidade político-social vivida na atualidade, seja brasileira ou portuguesa, e como elas podem espelhar o senso estético de Eça de Queirós. Sobre a materialidade do texto, até o momento de nossa pesquisa, alguns exemplares estão disponíveis na Biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro e é possível encontrar todos os originais digitalizados no site da Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa. O resgate às *Farpas* é também um resgate do Eça jornalista e escritor engajado com as causas humanitárias e políticas de sua época, como se poderá observar em alguns textos pinçados dos textos originais do periódico que serão apresentados nesta reflexão.

Palavras-chave: Eça de Queirós; *As Farpas*; Geração de 70

19/07 (TARDE)

UMA VISÃO HISTÓRICA DA MÍDIA E DA PROPAGANDA CIENTÍFICA NO FINAL DO SÉCULO XIX ATRAVÉS DA CRÍTICA TEXTUAL

Leandro Trindade Pinto

Resumo: Como perceber o papel da mídia no nosso cotidiano? De que maneira podemos analisar a sua influência no contexto sociocultural de uma determinada época? Esta pesquisa procura responder tais questionamentos, levando em consideração os pressupostos de edição preconizados através da Crítica textual. Primeiramente, é preciso ter em mente, de forma abrangente, a maneira pela qual a mídia concretizou suas bases em terras brasileiras; neste caso, leva-se em conta que parte de sua historicidade tem em seu cerne características lusas, visto a própria presença da Família Real no Brasil, no século XIX. Por outro lado, também é preciso analisar como esta imprensa foi ganhando uma nova feição, adaptando-se às características próprias da brasilidade. É justamente sobre essa fase de transição que se encontra centrado um dos pressupostos desta pesquisa, procurando dar ênfase ao período de entre séculos, no qual se estabelecia a República e, com ela, uma série de mudanças na maneira de pensar e agir da nação. É de se notar, que como o advento da República, uma série de medidas foram tomadas no sentido de regular os hábitos e o cotidiano da população brasileira; fato é que estas questões já se faziam presentes desde a época do Império, porém, com o estabelecimento do legado republicano, a preocupação com o bem-estar social torna-se mais evidente, principalmente no que diz respeito ao posicionamento da mídia. É justamente sobre esse ponto que nos passa a interessar o comportamento da imprensa em relação aos conteúdos de cunho científico, no sentido não só de valorizar as pesquisas nacionais relacionadas a esta área, bem como incentivar o movimento de higienismo pregado pelo novo padrão político da época. Sendo assim, uma sociedade sadia física e mentalmente poderia ter mais chances de se definir como melhor organizada e, porque não dizer, também modernizada, contemplando os novos conceitos de relação social. Entra, pois, em cena uma nova maneira de ser executado o labor jornalístico: percebe-se que grande parte das reportagens que contemplavam esta área de conhecimento traziam em seu cerne um conteúdo de propaganda não só elevando os feitos do governo, como também visando influenciar a população a tomar como verdade absoluta os métodos que



consideravam seguros e próprios a serem seguidos. Pode-se, assim dizer, que a imprensa do final do século XIX, em um amplo sentido, foi uma das responsáveis a praticar aquilo que hoje denominamos por divulgação científica, tomando para si a responsabilidade de informar a população sobre as inovações e benefícios advindos das áreas de Ciência, Tecnologia e Saúde. Sendo assim, tal pesquisa pretende não só analisar o discurso de como esta situação era empreendida para os padrões da época e seus objetivos, assim como trazer à tona estes textos por meio de uma edição crítica no qual possa haver um entrelaçamento de tal interface deste conhecimento.

Palavras-chave: Imprensa; século XIX; divulgação científica; propaganda

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: UMA ANÁLISE DAS EDIÇÕES DE ÂNSIA ETERNA

Viviane Arena Figueiredo

Resumo: Resgatar Júlia Lopes de Almeida é trazer à tona um passado nas quais muitas mulheres ainda se sentiam silenciadas. Ao começar a escrever publicamente no final do século XIX, Júlia Lopes torna-se capaz de quebrar um paradigma no espaço literário essencialmente reservado ao mundo masculino. O impacto de seus textos sobre a sociedade da época a aclamaram como escritora de renome tanto no Brasil quanto no exterior por cerca de cinquenta anos. É interessante notar, sobretudo, a vasta produção literária publicada pela escritora; além dos inúmeros romances notadamente reconhecidos pelo público leitor, ela também produziu uma infinidade de contos e crônicas, sendo a maioria deles publicados em diversos jornais do eixo Rio-São Paulo, no entre séculos. Dentre estes textos, em especial, destaca-se *Ânsia eterna* (1903), o primeiro livro de contos produzido pela autora em terras brasileiras. Apesar de apresentar textos de conteúdo denso e, de certa forma, com aspectos naturalistas, tal livro consagrou-se pela Garnier editores como um dos livros mais vendidos de sua coleção. Durante um período de sete anos, até o lançamento de *Eles & Elas*, *Ânsia eterna* destacou-se como o principal livro de contos de Júlia Lopes de Almeida, tanto que *A caolha*, um dos textos presentes nesta compilação, foi traduzido em mais de uma língua. Apesar do sucesso, a obra só vem a ser novamente reeditada pela A noite editores, em 1938, exatamente quatro anos após a morte da autora. O longo período de tempo imposto entre estas duas edições levaram alguns pesquisadores sobre a obra de Júlia Lopes crerem que este poderia ser considerado um livro póstumo, desconhecendo o fato de a primeira edição ter sido publicada em 1903. Este pensamento acaba por se concretizar não só pelas palavras expostas no prólogo de apresentação da obra, como também por visualizarmos mudanças significativas nos textos expostos na edição de 1938. Neste texto inicial, a editora A Noite menciona que os contos ali reunidos foram previamente escolhidos e entregues pela família da autora no ano de seu falecimento (1934), fato que muitos acreditam como verídico, visto que Júlia Lopes de Almeida pertencia a uma família de escritores. Porém, ao analisarmos mais a fundo a obra da autora, percebemos que tais alterações procedentes nos contos expostos na edição de 1938 precisam ser severamente verificados pelos termos definidos pela Crítica textual, visto que não há nenhum documento comprobatório, ou mesmo manuscritos, que venham a ressaltar que tais modificações tenham sido executadas pela escritora. No mesmo patamar encontra-se, pois, a edição desta mesma obra publicada em 2013 pela editora Mulheres, pertencente à EDUNISC. Tal publicação encontra-se totalmente baseada na edição de 1938, não sendo questionada em momento algum, durante a introdução desta edição, a veracidade das alterações realizadas na edição de 1938, fato que denota um desconhecimento dos textos que foram expostos na edição de 1903. Sendo assim, a Crítica textual vem auxiliar na análise destas três edições de modo a recuperar a essência autoral desta obra.

Palavras-chave: Júlia Lopes de Almeida; *Ânsia eterna*; edições.



Coordenação: Pedro Brum (UFSM); Jorge Hoffmann Wolff (UFSC); Bairon Oswaldo Vélez Escallón (UFSM)

Resumo: A proposta parte da necessidade presente de pensar a história a partir de regimes de simultaneidade temporal que permitam ir além de qualquer metafísica do progresso e, ao mesmo tempo, ultrapassar os universalismos iluministas que acabaram por expulsar do campo toda manifestação de afetos, gestos, traços, paixões ou corporalidades. Em que medida divisões como universal e local, geral e contingente –assim como aquelas, correlatas, de metropolitano/periférico, alto/baixo, culto/popular, geral/particular, arte/*kitsch*, etc.– conservam sua operatividade em um mundo menos constituído por signos do que por *signaturas*? Como jogar ainda o jogo do reconhecimento e da identidade se a América Latina se apresenta protética, andiómena, cintilante, aparecendo e desaparecendo como arrastada pelos tempos? Longe dos protocolos do iluminismo sacrificial, que sempre projetou os vencidos como efeitos de um inevitável dano colateral e, no fim das contas, justificado, este Simpósio objetiva debater epistemologias a partir das consequências, das catástrofes, para desse modo transformar as ruínas em sementes e, talvez, tornar audíveis aquelas demandas de justiça que constituem o espectro encanto de uma América Latina inédita, ou pelo menos insistentemente inaudita.

Palavras-chave: América Latina; estudos culturais; estudos literários.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

A MONSTRUOSIDADE LATINO-AMERICANA SOB A ÓTICA DE SILVIANO SANTIAGO

Aline Rocha de Oliveira

Resumo: As diferentes formas de se imaginar o monstro dizem respeito a conflitos políticos, estéticos e subjetivos que se transformam em diferentes tempos, sociedades e culturas. Pode-se dizer que o século XX corresponde a um momento de virada epistemológica em que o monstro passa a ser compreendido ontologicamente – e não mais apenas teratologicamente –, consequência de deslocamentos profanadores que o integram ao espaço comum. Ao mesmo tempo, o monstro mobiliza o problema da temporalidade, o que ocorre porque ele proporciona a “vertigem da irreversibilidade”, desfaz certa “potencialidade do tempo”, e sua manifestação física expõe o desvio que jamais poderá ser corrigido (GIL, 2006, p.127). No ensaio “A ameaça do Lobisomen”, Silviano Santiago retoma a leitura que Michael Foucault empreende, em “As palavras e as coisas”, da “classificação científica dos animais existentes no mundo” (SANTIAGO, 1998, p.31) realizada por Jorge Luiz Borges, na qual o argentino executa uma operação classificatória dos animais a partir de referências monstruosas de uma enciclopédia chinesa. Silviano reconhece que os monstros mitológicos de Borges são construídos a partir de uma lógica combinatória deliberadamente racional que justapõe elementos de diferentes espécies. Ao descrever os procedimentos utilizados por Borges na confecção de suas enciclopédias monstruosas, Santiago aponta que o argentino exclui as “figuras da transformação” e recorre apenas a monstros constituídos por combinação. Nas palavras de Borges retomadas por Silviano: “Deliberadamente, excluimos de ese manual las leyendas sobre transformaciones del ser humano: el lobison, el werewolf etc.” (BORGES apud SANTIAGO, 1998, p. 38). O binarismo ao qual Borges recorre responde à lógica de norma e desvio, numa composição em que se atribui o sentido de bestialidade ao desvio, categoria na qual o monstro é inserido. Silviano propõe que esta estratégia borgeana impossibilita que imaginemos um devir da norma, o que decretaria “a impossibilidade do que é dito como norma se transfigure num devir outro e paralelo, suplementar” (SANTIAGO, 1998, p. 38). Se para Silviano, Borges, como representante de uma tendência do Modernismo latino-americano e do realismo mágico, escolhe



por não incluir o monstro enquanto transformação mas, em outro viés metodológico, seleciona o desdobramento como procedimento para tal elaboração, de modo a desconsiderar a possibilidade do devir; para nós, na América Latina, coube à geração posterior ao boom imaginar o monstro numa perspectiva que contemplasse a transformação do ser Mesmo, o que foi possível devido a particularidades políticas, estéticas e culturais concernentes ao período que corresponde ao final do século XX. No mesmo ensaio, Santiago conceituará a América Latina como o “Outro-do-Occidente-dentro-do-Occidente”, o que coloca também a definição espacial no âmbito do devir: a América Latina enquanto espaço se aproxima do monstro ontológico enquanto ser. Interessa-nos, portanto, pensar, a partir das propostas de Santiago, o monstro na dúbia condição de ameaça ao biopoder e de transformação da subjetividade, bem como analisar o que tais características respondem sobre a heterotopia latino-americana.

Palavras-chave: Silviano Santiago; América Latina; Monstruosidade; Heterotopia

LATINO-AMERICANISMO: MODOS DE SOBREVIVÊNCIA, OU PARA UMA TEORIA POPULISTA DO LATINO-AMERICANO

Bairon Oswaldo Vélez Escallón

Resumo: los modelos hegemónicos de lectura de lo latinoamericano tienen su fundamento en presupuestos del Humanismo decimonónico, es decir, en los mismos cimientos del Romanticismo y del Liberalismo en sus manifestaciones regionales. Esta ponencia considera, mapea y propone aparatos de lectura que, no abandonando la demanda del (cada vez más urgente) “latinoamericanismo”, tampoco abrazan esos presupuestos que, si bien fueron en el pasado vías de aproximación entre culturas, hoy –en sus avatares y apropiaciones neoliberales– trabajan subterráneamente a favor de nuestro alejamiento. La ponencia también propondrá algunos protocolos contemporáneos que trabajan por la sobrevivencia más que en nombre del “progreso”, postulando como presupuesto no la presencia sino la ausencia, la espectralidad o la vida póstuma, y buscando su potencia en los modos de vida de colectividades y sujetos tradicionalmente excluidos como agentes relevantes de las elaboraciones teóricas sobre América Latina.

Palavras-chave: Latinoamericanismo; protocolos de leitura; humanismo; hegemonia

RECONSTITUIR AS RUÍNAS PARA ESTAR COM OS FANTASMAS: NOTAS SOBRE O PENSAMENTO-ROMANCE DA "NUEVA NARRATIVA HISPANOAMERICANA"

Thiago Roney Lira Borges

Resumo: Este estudo procura compreender as obras do chamado “realismo mágico” ou “realismo maravilhoso” como uma configuração artística que produziu um pensamento sobre o mundo desde a “periferia”. Saindo da órbita crítica da representação, busca-se estudar qual pensamento a “nueva narrativa hispanoamericana” pronuncia, através da experimentação conteudística-formal entre a ordem real e maravilhosa, na sua forma discursiva não-disjuntiva entre os termos contraditórios (CHIAMPI, 2012). Nesse sentido, a partir do sistema filosófico de Alain Badiou (2008), penso a configuração de romances do realismo maravilhoso como sujeito de um acontecimento-verdade criador de um pensamento singular e genérico, isto é, de um procedimento formal que introduz uma nova intensidade perceptiva do mundo em relação à forma realista e fantástica. Nessa acepção, “El Señor Presidente” (1946), de Asturias, sugere ser o romance de abertura, ou nos termos de Badiou, o sítio acontecimental de experimentação de um plano enunciativo capaz de dar forma aos espectros produzidos pela modernidade do sistema-mundo capitalista no “novo mundo”. Em seguida, reconstituindo ruínas de diversos horizontes coloniais, romances como “El reino deste mundo” (1949), de Carpentier, “Pedro Páramo” (1955), de Juan Rulfo, e “Redoble por Rancas” (1970), de Manuel Scorza, confirmam como acontecimento-verdade uma idiomatica dos fantasmas que formalmente encanta para obsidiar o poder e o progresso, conformando uma espécie de realismo espectral como pensamento sobre a catástrofe. Por fim, procuro estabelecer um pequeno diálogo desse



pensamento-romance da "nueva narrativa hispanoamericana" com a filosofia de Jacques Derrida (1994), relativo aos espectros, e Walter Benjamin (2012), relativo à história.

Palavras-chave: literatura hispano-americana; realismo maravilhoso; Alain Badiou; Jacques Derrida; Walter Benjamin.

ROMA, DE ALFONSO CUARÓN: UMA LEITURA DO PONTO DE VISTA DO COLONIALISMO DE POVOAMENTO (SETTLER COLONIALISM)

Deborah Scheidt

Resumo: Settler colonialism, ou “colonialismo de povoamento”, constitui-se um conjunto de ferramentas teóricas atualmente desenvolvidas na Austrália pelo historiador Lorenzo Veracini (2010, 2015, 2016), inspirado nas ideias precursoras do antropólogo australiano Patrick Wolfe (1999, 2016), dentre outros estudiosos. A premissa central dessa abordagem é a de que, apesar de guardar várias características em comum com o colonialismo, o colonialismo de povoamento deve ser tratado como uma categoria especial de dominação europeia. Considerar o colonialismo de povoamento como uma simples ramificação do colonialismo em geral prestaria um desserviço aos estudos culturais. O principal fator de distinção entre colonialismo e colonialismo de povoamento é o da permanência do colonizador. No colonialismo per se da Índia e de grande parte da África, o europeu chegou para explorar os recursos da terra e o trabalho dos povos locais, para eventualmente retirar-se. Nas colônias de povoamento das Américas e da Austrália, o colonizador “veio para ficar” (WOLFE, 2016, VERACINI, 2015) ou seja, esse tipo de colonialismo não acabou. Isso gera uma diferença epistemológica básica: enquanto o colonialismo pode ser visto como um “evento” na vida do colonizado, o colonialismo de povoamento é algo muito mais estável: uma “estrutura” (WOLFE, 2016; VERACINI, 2015). Uma das principais características do colonialismo de povoamento é que este depende do desaparecimento (literal ou metafórico) do outro colonizado para efetivar a autolegitimação do colonizador como possuidor da terra. Veracini (2010) denomina de transfer (“transferência”) as várias estratégias por meio das quais o colonizador tenta realizar o apagamento do colonizado. Quanto ao papel dos textos ficcionais, Veracini (2010, p. 84) os considera como fontes legítimas para observação dos fenômenos do colonialismo de povoamento em ação, pois “uma reconstrução ficcional talvez possa melhor focar um encontro que é mais imaginado [na mente do colonizador] do que praticado”. O objetivo desta comunicação é aplicar algumas das teorias do colonialismo de povoamento ao filme Roma (2018) de Alfonso Cuarón. O filme trata, em primeiro plano, de acontecimentos dramáticos e do relacionamento entre duas mulheres, a protagonista Cleo, uma jovem de origem mixteca que trabalha como empregada doméstica para Sofia, mãe de uma família de classe média de descendência europeia na cidade do México na década de 1970. A análise das relações sociais mostradas no filme e várias das metáforas imagísticas remetem muito claramente às estratégias e efeitos do colonialismo de povoamento, tais como a necessidade que os colonizadores sentem de se enxergar como benevolentes, ignorando ou naturalizando as cruéis estratégias de transferência introduzidas por seus ancestrais e por eles mantidas. No caso do emprego doméstico do outro colonizado a estratégia mais visível seria a “transferência por mudança de estilo de vida coagido” na qual os modos de vida e organização social e política do colonizado lhes são sutilmente retirados (VERACINI, 2010). As contradições, ambiguidades ou ambivalências trazidas à tona pelo filme têm gerado opiniões bastante divergentes e até mesmo de teor oposto. Os estudos sobre o colonialismo de povoamento podem auxiliar a elucidar narrativas complexas tais como Roma e as respostas críticas por elas suscitadas.

Palavras-chave: Roma; Alfonso Cuarón; Colonialismo de povoamento.

17/07 (MANHÃ)

SALIM MIGUEL E A CRIAÇÃO DE UM PROJETO ESTÉTICO-LITERÁRIO
“TRANSMODERNO”



Ana Cláudia de Oliveira da Silva

Resumo: Herdeiro de uma tradição em ruínas, a dos contadores de histórias orais, e frente a um mundo em franca transformação, cheio de contradições e entrechoques – que, como afirmaria Walter Benjamin (1994), vendeu uma a uma todas as peças do patrimônio humano para receber em troca a moeda miúda do atual – Salim Miguel parece querer perseguir um ideal impossível: a recuperação/superposição do tempo. Passado que nunca nos chega de modo íntegro, da forma como foi vivido, mas como é percebido hoje, a certa distância, com exageros, generalizações, modificações, excessos e supressões. Consciente de que essa busca é uma quimera, o autor passa a recolher fragmentos de memórias, restos de experiências e situações que lembram mais a ideia de uma coleção do que de um conjunto coeso. E, da mesma forma que o protagonista de um dos seus contos, vai paulatinamente conferindo às personagens do seu universo ficcional um ou mais de um desses pequenos pedaços de vida. Ele cria, nesse processo, uma obra fragmentada e inacabada que remete incessantemente para si mesma, numa estrutura de encaixe que se assemelha àquela d’As mil e uma noites. Nesse labirinto narrativo, o autor-criador assume e também confere ao narrador de suas histórias características próprias do trabalho do colecionador, trabalho esse de reunir pequenos fragmentos – cacos de um passado em ruínas, restos de falas próprias e alheias –, recompondo-os em um mosaico de narrativas que só se dão a conhecer a partir do seu aspecto relacional. Há, portanto, uma proliferação de relatos, de vozes submersas, recalçadas ou marginalizadas, que a instância narrativa recupera e incorpora a fim de que possam auxiliá-la na reconstrução de um mundo esquecido nos desvãos da memória. Autoria compartilhada que remete à tradição oral dos contadores de história e, igualmente, ao caráter dialógico e polifônico do romance, tanto no sentido de diálogo entre discursos quanto entre interlocutores. A partir disso, formulou-se a hipótese de que a inserção na narrativa dessas outras vozes – esquecidas pelo processo histórico em curso –, problematiza a retórica utilizada para legitimar uma práxis autoritária de dominação e/ou imposição de um determinado modo de vida: moderno, civilizado, desenvolvido. Sobressai-se, desse modo, outra percepção sobre a realidade circundante, uma realidade diversa, plural, heterogênea e em contradição com o relato oficial. Essas diferentes temporalidades em constante tensão em um mesmo espaço social são articuladas pelo narrador-colecionador, o qual coloca em cena resíduos de uma história que não é somente sua, sem hierarquizá-los. A partir dessa leitura, a figura do colecionador aproximar-se-ia ao conceito do filósofo Enrique Dussel (2016) de “transmodernidade”, no sentido de buscar estabelecer uma nova relação entre o caráter emancipador racional da modernidade e sua alteridade negada. Tal atitude, vislumbrada na posição estético-formal assumida pelo narrador, também é percebida na maneira como o escritor articulou diferentes redes de contato e trocas culturais com escritores e poetas latino-americanos e africanos em meados da década de 1940. É a partir dessa geopolítica do conhecimento, dessa consciência situada nas margens/fronteiras da modernidade, que se funda o projeto estético-literário de Salim Miguel.

Palavras-chave: Salim Miguel; narrador; colecionador; transmodernidade.

A NARRATIVA DE ALDYR SCHLEE E A TERCEIRA MARGEM DA VIDA

Pedro Brum

Resumo: A presente proposta revisita a narrativa do ficcionista sul-rio-grandense Aldyr Garcia Schlee com o fito de salientar a modelagem que empreende do universo peculiar de seus dramas humanos: a fronteira Brasil-Uruguai, espaço afetivo cultivado pelo autor ao longo da vida. Nosso desenvolvimento salienta a peculiaridade da obra assente no caminho entre dois territórios sem pertencer particularmente a um ou a outro, mas exatamente aos dois de maneira concomitante e sob a perspectiva de um terceiro olhar, nem perdido na singularidade do lugar, a saber, da cor local de tradição regionalista, nem envolto na abstração de foro universal. Daí, como procuraremos demonstrar, as ações sem suporte essencial, o fazer carente de metafísica de seus temas profundos vertidos de experiências de isolamento, dramas sociais e certa concepção trágica da existência.

Palavras-chave: ficção de fronteira; literatura regional; ficção e espaço



OS ÉPICOS LATINO-AMERICANOS DE NERUDA E ACCIOLY E A HISTÓRIA A CONTRAPELO

Éverton de Jesus Santos

Resumo: Uma das propostas de Walter Benjamin para a escrita da história é enfatizar o ponto de vista dos vencidos, mediante uma leitura que escove a história a contrapelo. Nesse sentido, partindo das epopeias Canto general, de Pablo Neruda, e Latinomérica, de Marcus Accioly, cujos escritores, na posição de cronistas, valorizam a perspectiva dos dominados e oprimidos, almejamos mapear, por meio de uma análise embasada em referencial teórico-crítico específico, exemplos de revisitação de histórias contadas e/ou vividas por personagens por vezes silenciadas ou esquecidas. Assim, sejam os povos indígenas dizimados após a “descoberta” da América, sejam os torturados e desaparecidos por causa das ditaduras no continente, por exemplo, nos épicos citados observam-se o engajamento político e a empatia com os vencidos. Com efeito, espera-se, com este estudo, produzir reflexões em prol do conhecimento de uma humanidade redimida, despertando, com esse olhar para o passado, a esperança, para que os dominadores não continuem a vencer, projeto esse que Neruda e Accioly desenvolveram ao deixar cantar pelas suas epopeias os invisibilizados da história americana.

Palavras-chave: Epopeias; Leitura a contrapelo; História; Vencidos.

18/07 (MANHÃ)

LANTERNA VERDE PARA O SÉCULO XX: A CIDADE MODERNA EM FELIPPE D'OLIVEIRA

Lucas da Cunha Zamberlan

Resumo: O poeta gaúcho Felipe D'Oliveira é considerado uma personalidade marcante no campo intelectual brasileiro do início do século XX. Em 1910, após ter se formado como farmacêutico pela Faculdade Livre de Medicina e Farmácia de Porto Alegre, o escritor seguiu com sua família para o Rio de Janeiro, onde assumiu a direção da Laboratórios Daudt, Oliveira & Cia. O intenso envolvimento de Felipe com os diversos círculos culturais da cidade, visto que, além de sua produção poética, o autor contribuía, com regularidade, para os periódicos Fon-Fon, Gazeta de Notícias, O País, A Imprensa, O Malho e Para Todos, e seu desempenho destacado como businessman lhe garantiram uma popularidade admirada por muitos contemporâneos. Tendo isso em vista, este trabalho objetiva acompanhar a trajetória artística, social e política do autor de modo a ressaltar, em perspectiva intercambiante, como esses aspectos se coadunam com o abrupto processo de modernização ocorrido no Rio de Janeiro e nas principais cidades da América Latina nas primeiras décadas do século passado. Para tanto, utilizamos um aporte teórico formado por autores que se concentraram no tema, seja em relação ao contexto europeu, Benjamin (1989) e Hobsbawm (2015), por exemplo, seja mais especificamente ao caso latino-americano, como Rama (2015), Sevcenko (2014), Schwarcz (2015), Martins (2010), Paes (2008), entre outros. Além disso, em diálogo com as proposições de ordem histórica e sociológica, buscamos, na fortuna crítica acerca de Felipe d'Oliveira, e nos poemas integrantes de suas principais obras, Vida Extinta (1911) e Lanterna Verde (1926), os elementos necessários à realização da pesquisa. A partir dos resultados obtidos, fica evidente o casamento, permeado de contradições, entre a efetivação de um projeto ideológico pautado pela modernização do país – uma tentativa tropical de acompanhar a marcha civilizatória dos países que viviam a Belle Époque – e o percurso individual de um poeta que conseguiu expressar, por meio da imprensa, das relações interpessoais e, fundamentalmente, da arte literária, os anseios mais prementes do sujeito moderno.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Felipe d'Oliveira; Cidade moderna; América Latina; Rio de Janeiro.



O OUTRO, O MESMO: PAULA GLENADEL E JORGE LUIS BORGES

Manuela Quadra de Medeiros

Resumo: O livro *Rede*, da escritora brasileira contemporânea Paula Glenadel, publicado em 2014, é o que podemos chamar de livro sem gênero definido. Ele se inscreve na poesia (em seu subtítulo e em sua ficha catalográfica), é escrito em forma de peça de teatro (com diversos personagens, diálogos e didascálias) e é, segundo a própria Paula Glenadel, uma ficção crítica. Em uma das cenas, há a leitura do catálogo de uma exposição de arte, em que é atribuída ao pintor – Judas Nefasto, um dos personagens do livro – a capacidade de realizar, por meio de suas pinturas, uma síntese paródica de toda a história da arte do Ocidente. A partir disso – e do desdobramento dessa e de outras cenas – elaboro a hipótese de que também o livro *Rede* pode ser lido como uma síntese paródica da história da poesia. Assim como para Jorge Luis Borges um punhado de poeira poderia dar testemunho da história universal, esse livro, feito de fragmentos, de ruínas, de citações sem aspas (aos modos de Menard), de síntese e de paródia, ou seja, um livro que é também um punhado do que já passou, também poderia dar testemunho de uma certa história da América Latina – em suas relações e lutas com a história dominante da Europa Ocidental. Ou seja, tanto para Borges como para Paula Glenadel todo texto seria um palimpsesto, todo texto teria a possibilidade de dar testemunho de “uma tradição potencial que é todo o passado” (“Sobre os clássicos”, Borges). Sendo síntese e paródia, a história que podemos entrever nesse livro não é de modo algum uma história linear, aproximando-se muito mais do que Borges chamaria de história circular, uma história anacrônica, de retornos e de diferenças, interminável, inesgotável e periódica – uma história de ruínas de um tempo descontínuo, em suma. O objetivo dessa comunicação, portanto, é a tentativa de realizar uma montagem dessa síntese paródica da história da poesia – uma espécie de “Biblioteca de Babel” – a partir de fragmentos, de ruínas, de um punhado de poeira. Para isso, será necessário pensar em uma certa operação de escrita utilizada por Borges, cujas ferramentas também são utilizadas por Paula Glenadel, para colocar em cena motivos como o duplo, o espelhamento, a memória, o esquecimento, o sonho, a guerra, a metamorfose. Só assim será possível pensar a nossa modernidade tardia – que Borges constata melancolicamente já em 1941 – e os desdobramentos disso na contemporaneidade a partir de ruínas da América Latina que formam e deformam essa síntese paródica da história da poesia.

Palavras-chave: Poesia; História; América Latina; Paula Glenadel; Jorge Luis Borges.

TODA POESIA DE JOAQUIM E CATATAU

Jorge Hoffmann Wolff

Resumo: Na “República de Curitiba” se realizaram dois projetos literários brasileiros com desdobramentos além-fronteiras no sentido de seus objetos, de sua visão do mundo e da arte, de suas escrituras e de sua recepção: a *Joaquim e o Catatau* – a revista de Dalton Trevisan que circulou entre 1946 e 1948, e o “romance-ideia” de Paulo Leminski escrito entre 1968 e 1975. Ambos, revista e romance, mais comentados que conhecidos, serviram como plataformas de lançamento de seus autores no país, o primeiro no imediato pós-guerra sob o regime ditatorial do Estado Novo, e o segundo em plena guerra fria sob a ditadura cívico-militar; ambos empregando formas radicais de escritura que se tornaram características de sua produção artística característica. No caso de Dalton Trevisan (1925-), a série infinita de relatos curtos em prosa (como os que atravessaram a história da *Joaquim* e trato de resgatar aqui) marcados pela indecidibilidade entre prosa e poesia, a ingenuidade e a crueldade, o apolíneo e o dionisíaco; no caso daquele que lhe sucederia como antípoda, Paulo Leminski (1944-1989), a série de disparates, haicais, poemas-piada e neologismos de inspiração joyciana que compõem o *Catatau* ancorados historicamente na invasão holandesa do Brasil no século XVII. Ambos projetos experimentais de dois escritores exilados em sua própria província com diferentes formas de intervenção literárias e culturais, cuja expansão se deu a partir das vozes de seus textos e da negatividade que caracteriza a performance de cada um, em mise-en-scènes abismais aparentemente opostas que, no entanto, parecem ou podem se tocar. Estes jogos de cena, e os

espaços em que se inscrevem suas respectivas escrituras, é o que se tratará de problematizar neste trabalho, buscando-se traçar a “genealogia da ferocidade” resultantes da Joaquim e do Catatau enquanto “papeis selvagens”.

Palavras-chave: Joaquim; Catatau; escritura; domesticação; ferocidade

22 - DESAFIOS DO PROFESSOR-PESQUISADOR NO ENSINO MÉDIO DAS ESCOLAS TÉCNICAS: DA TEORIA À PRÁTICA

Coordenação: Professora Doutora Cristiane Felipe Cortês (CEFET-MG); Professora Doutora Erica Cristina Bispo (IFRJ)

Resumo: Este simpósio surge da necessidade de pensar a especificidade do ensino de literatura nas escolas de educação básica e tecnológica do país, pois o profissional que assume o cargo de docente é, necessariamente, também pesquisador. Configura-se a simbiose desejada, mas rara, do professor de educação básica e produtor de conhecimento acadêmico, obtendo-se a concretização do que fora preconizado por Paulo Freire, “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (FREIRE, 1996, p. 14). Entretanto, a conjunção dos papéis de professor e pesquisador enfrenta desafios e entraves.

No âmbito acadêmico, a ocupação de professor da educação básica é vista, geralmente, como menor, o que fica provado na exclusão do docente da lista de concessão de bolsas ou identificação do mesmo como pesquisador, para solicitação de fomento, por exemplo. Nas escolas técnicas, o professor das disciplinas propedêuticas, dentre elas a literatura, invariavelmente, fica relegado ao grupo de conhecimentos menores, já que não se dedicam ao “ensinar a fazer”. Ademais, ao professor-pesquisador, está patente o anacronismo existente entre o currículo de literatura e as discussões e pesquisas relacionadas à teoria literária, por exemplo, desencadeando um abismo entre a pesquisa acadêmica e a prática educacional.

A lei 11.892/08 se erige como possibilidade de ponte entre a academia e o “chão da escola”. Em 2008, a lei 11.892/08 instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica o que viabilizou um espaço pedagógico que se configura hoje como significativa possibilidade para atrelar resultados de pesquisas acadêmicas à prática de sala de aula. Isso porque os Institutos Federais de Educação tem em sua gênese a vocação do Ensino, além da obrigatoriedade na promoção de pesquisa e extensão em seus *campi*. Contudo, não se pode negar que o ensino técnico brasileiro surgiu a partir de três pilares que vão de encontro às disciplinas subjetivas e reflexivas: o treinamento das classes mais pobres para o mundo do trabalho, as influências do modelo tecnicista americano associada à repressão vivenciada durante o regime militar e a visão capitalista que reforça a submissão da classe subalterna à classe dominante (MARTINS, 2000, p. 105). Os pilares identificados por Martins (2000) revelam que “a educação pode ser instrumento para convencer as pessoas de que o que é indispensável para uma camada social não o é para outra” (CANDIDO, 1995, p. 173). Essa lógica alienante segue na contramão do que Antonio Candido aponta como função da literatura em seu caráter humanizador (cf. *Ibidem*, p. 176). Ou seja, o espaço que deveria possibilitar o enlace da teoria da pesquisa com a prática de sala de aula, por vezes, não consegue se estabelecer.

Ao se considerar o estudo da literatura, atesta-se a necessidade de se educar para o pensar. Na formação técnica, amplia-se para uma reflexão sobre o capitalismo, a globalização e a revolução tecnológica; o que exige a atenção dos profissionais envolvidos com a educação e evidencia o desafio da profissão, já que a “literatura pode incutir em cada um de nós um sentimento de urgência de tais problemas” (*Ibidem*, p. 184). A despeito dos desafios presentes no sistema educacional brasileiro, cresce o interesse pelos debates acerca do ensino de literatura, haja vista a grande procura por simpósios e mesas-redondas em congressos cujo tema seja esse. Sendo assim, este simpósio visa a promover reflexões qualificadas, projetos e programas que, partindo

da reflexão acadêmica, atravessem a ponte e rompam as fronteiras do espaço acadêmico aportando na prática em sala de aula. Nesse sentido, serão bem vindos trabalhos que discutam:

- a) implementação de pesquisas acadêmicas nas práticas de sala de aula;
- b) pesquisas sobre modificações e/ou questionamentos do currículo de literatura, para incorporar as pesquisas acadêmicas;
- c) desenvolvimento de pesquisas com estudantes de ensino médio, no modelo de iniciação científica;
- d) atividades de extensão que promovam, na comunidade, a difusão da produção acadêmica;
- f) apresentação de projetos, grupos, linhas de pesquisa e programas que se dedicam ao ensino da literatura na EBTT;
- g) projetos que usem o texto literário como meio para debater gênero e etnia na escola;
- i) problematização das questões relacionadas à literatura, ensino e formação de professores;
- j) reflexões sobre o distanciamento entre as teorias literárias e ensino de literatura;
- l) reflexões sobre a seleção e escolha de textos literários para o trabalho educativo no espaço das EBTTs.

Referências:

- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3. ed. rev. e ampl. SP: Duas Cidades, 1995.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. SP: Paz e Terra, 1996.
- MARTINS, Marcos Francisco. **Ensino técnico e globalização**: cidadania ou submissão? Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (TARDE)

SELEÇÃO E EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS NA SALA DE AULA

Angela Maria da Costa e Silva Coutinho

Resumo: Resumo: Ao afirmar que a formação do estudante do Ensino Médio das Escolas Técnicas Federais está fundamentada em pressupostos educacionais relacionados à integração de saberes das diferentes áreas do conhecimento, é inevitável destacar os estudos das letras como integradores na construção desse conhecimento. Nesses tempos de Base Nacional Comum Curricular e de reforma do Ensino Médio, cabe a nós, estudiosos, pesquisadores e professores de Língua Portuguesa e Literaturas refletir sobre os sentidos atribuídos a experiências leitoras e à seleção de textos literários. Na atual BNCC (2018), encontram-se referências à fruição e ao conhecimento da arte literária, apelo para experiências de leitura e de produção de textos, incluindo-se os artísticos, com ênfase nos tipos de textos e nos suportes contemporâneos: 526 BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR CAMPO ARTÍSTICO-LITERÁRIO PRÁTICAS Leitura, escuta, produção de textos (orais, escritos, multissemióticos) e análise linguística/semiótica[...] EM13LP53) Produzir apresentações e comentários apreciativos e críticos sobre livros, filmes, discos, canções, espetáculos de teatro e dança, exposições etc. (resenhas, vlogs e podcasts literários e artísticos, playlists comentadas, fanzines, e-zines etc.). 1, 3 (EM13LP54) Criar obras autorais, em diferentes gêneros e mídias – mediante seleção e apropriação de recursos textuais e expressivos do repertório artístico –, e/ou produções derivadas (paródias, estilizações, fanfics, fanclipes etc.), como forma de dialogar crítica e/ou subjetivamente com o texto literário. Chamo atenção para os critérios de análise “linguística/semiótica”, coerentes por ser recomendada a escolha de textos multissemióticos. No entanto, fica o questionamento sobre qual vertente e quais categorias da ciência dos signos o professor deverá valer-se para abordar as textualizações. Interrogo-me, ainda, sobre a referência a elementos tradicionais da crítica e não às teorias literária e discursiva. (EM13LP52) Analisar obras significativas das literaturas brasileiras e de outros países e povos, em especial a

portuguesa, a indígena, a africana e a latino-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura da composição, estilo, aspectos discursivos) ou outros critérios relacionados a diferentes matrizes culturais, considerando o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) e o modo como dialogam com o presente. Suponho que a tarefa de selecionar textos literários para a aula de Língua Portuguesa e Literaturas permanece bastante complexa, dependente de critérios subjetivos, atrelada a convenções canônicas. Nesse sentido, e para alicerçar essa discussão, creio ser produtivas as reflexões de Soares (2017), baseadas em Bordieu, a respeito do “capital linguístico escolarmente rentável”(p. 94); os argumentos de Cosson (2014 e 2009), o primeiro, sobre ser a escolha do texto conduzida, dentre outros motivos, “pelos mecanismos de incentivo ao consumo” (p.31) e o segundo, sobre a seleção por modos de concepção da leitura literária: “o livro para entretenimento, o livro como objeto estético e cultural e a leitura como construção de sentidos” (p.35-47), a discussão de Larrosa (2017) sobre a experiência no contexto da aprendizagem. Complemento com uma proposta de leitura dialógica: poema, música e vídeo, objetivando tratar da seleção e da recepção de uma obra literária.

Palavras-chave: arte literária; seleção de textos; ensino da literatura.

LITERATURA EM PROJETOS DE EXTENSÃO

Célia Maria Domingues da Rocha Reis

Resumo: Em tempos de curricularização da Extensão, conforme prevê a Res. 07/CNE/CSE, de dez/2018, na qual se faz necessário refletir sobre a função social da universidade no que respeita ao modo de produzir, colocar em circulação e renovar o conhecimento acadêmico, a presente comunicação apresenta um trabalho de mais duas décadas com formação de leitores de poesia pelo projeto de extensão "Vozes do Cerrado: declamadores de poemas", realizado no Curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso, Câmpus Universitário do Araguaia, que envolve graduandos e comunidade, e se desenvolve pela relação imediata da teoria com a prática da literatura.

Palavras-chave: Literatura; Ensino; Extensão

PRÁXIS DOCENTE NO ENSINO MÉDIO DAS ESCOLAS TECNOLÓGICAS: QUE PRECISA SER DITO?

Eliza Silvana de Souza

Resumo: No presente artigo, objetivamos elucidar questões inerentes à prática docente no contexto do Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio. Apresentamos um estudo de caso no qual, orientado pelo fazer do professor, busca compreender quais são as especificidades e os desafios do contexto escolar em questão. Para tanto, buscamos elencar experiências práticas no ensino de Língua Portuguesa com duas turmas de 2º ano do Técnico em Eletrônica e Técnico em Secretariado Integrados ao Ensino Médio de uma escola técnica paulista. Especialistas em Educação nos ajudam nessa reflexão e dão clareza às inquietações que somente um professor consciente e reflexivo tem em relação à sua atividade profissional. Alicerçamos nosso artigo as legislações que regem o Ensino Técnico no Brasil, as análises sobre o papel do atual professor, contidas em (LIBÂNEO, 2004) e as orientações de (ANTUNES, 2002, 2010) sobre a ministração das aulas de LP com propósitos relevantes, sociais e práticos. Além dos teóricos apresentados, realçamos as análises apresentadas do ponto de vista do professor, que, imerso no contexto escolar da escola técnica e lúcido de sua importância no processo pedagógico, pondera e revisita suas ações em sala de aula. Finalizamos o estudo apresentado as observações dos estudantes dos grupos selecionados para que, desde suas perspectivas, evidenciem pontos fortes e débeis no que tange ao processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. À luz das reflexões realizadas, é indultável perceber as mudanças no âmbito escolar e em todos os sujeitos cognoscentes, na concepção de Paulo Freire (2018 [1968]). Sabemos que os novos tempos trazem novas propostas, logo, urge pensar sobre as atuais modalidades de ensino e suas particularidades, assim como urge pensar e agir para uma formação docente que contemple as



variadas perspectivas e ferramenta o professor de modo eficiente e eficaz, em consonância com os novos objetivos da escola e com as necessidades sociais contemporâneas, especialmente para escola técnica, cujo desígnio é formar, além de cidadãos, profissionais competentes e aptos para um determinado ofício.

Palavras-chave: ensino; escola técnica; língua portuguesa

POR UMA “TEORIA DA LITERATURA APLICADA”

Micheline Madureira Lage

Resumo: As pesquisas na interface literatura/ensino apontam que, em geral, a disciplina de Português na etapa escolar do ensino médio tem se dedicado à exploração de textos literários e sua contextualização em um espaço-tempo, sob um eixo positivista. O relativismo de interpretação e, portanto, de leitura, sob um viés na perspectiva do letramento e do dialogismo, não parece ser tópico relevante. O importante é levar o aluno a adquirir estratégias de leitura e de escrita que o habilitem a passar no Enem ou em algum vestibular, alijando esse jovem de perceber o encontro estreito que existe entre literatura e vida. Na contramão desse processo que ocorre em grande parte das escolas brasileiras, situam-se os avanços dos Estudos Literários. Entretanto, por falta de diálogo dos professores universitários de literatura com a área de educação, há uma pulverização no que tange a objetivos quando o assunto é a formação do aluno de Letras que, por sua vez, será um mediador de leituras literárias na sua prática docente (LAGE, 2010). Por esse motivo, é preciso pensar em um campo específico, assim como se deu com a Linguística, no que concerne aos Estudos Literários. A proposta desta comunicação é refletir sobre as possibilidades de uma “Teoria da Literatura Aplicada” e suas possíveis contribuições para solucionar o impasse apontado.

Palavras-chave: teoria da literatura aplicada; literatura e ensino; letramento literário.

LITERATURA HISPANO-AMERICANA NO ENSINO DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA, UTILIZANDO OBRA E FILME COM ALUNOS DE 1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Rocio del Carmen Celis Lozano

Resumo: O professor de línguas estrangeiras nas escolas públicas tem poucas oportunidades de fazer uso da literatura, por isso que o projeto de extensão universitária tem o objetivo de aplicar uma estratégia diferente que dê o pontapé inicial para que os alunos apreciem as obras literárias. Inserir a literatura e o filme na sala de aula oferece um aprendizado diversificado como a compreensão leitora, a compreensão auditiva, a produção oral de diálogos, aprendizado de léxico, o conhecimento de aspectos culturais entre outros. A experiência do projeto com obra e filme em língua espanhola foi muito proveitosa para todos, professores, alunos da graduação e alunos de ensino médio.

Palavras-chave: Literatura hispano-americana; Ensino de espanhol, Obra literária, Filme.

17/07 (TARDE)

AUTORIA FEMININA NOS LIVROS DIDÁTICOS DO PNLD 2018: ENTENDENDO O CÂNONE

Cristiane Côrtes

Resumo: Este artigo é fruto de um projeto de pesquisa BIC Jr. realizada a partir de duas coleções de Língua Portuguesa do PNLD de 2018 com alunas do 3o ano do Ensino Médio do CEFET MG, em Nepomuceno. As discussões sobre gênero e etnia presentes no âmbito acadêmico e social nos motivam a pensar nos seus desdobramentos acerca do ambiente escolar não só nos conteúdos escolares, mas também na maneira como esses debates chegam até os estudantes. O que se percebe é ainda um número reduzido de mulheres citadas e estudadas nesses livros. Há séculos esse problema já era representado por autoras engendradas. Seja no Brasil, pela potiguar Nísia Floresta (1810-1885) ao pleitear para outras o direito à instrução, seja



no Reino Unido, quando Virginia Woolf (1882-1941) critica a educação precária e as péssimas condições femininas para a escrita. Esta inquietação foi a motivação para se pensar em um projeto de pesquisa que pudesse quantificar e analisar como as escritoras ocupam as páginas das coleções do livro didático escolhidas em 2018. Refletir sobre o problema da representação e presença da autoria feminina no cânone brasileiro para descortinar o ensino da literatura no último segmento da educação básica no ensino técnico integrado no país, através do principal instrumento do professor, o livro didático enviado pelo governo às escolas públicas brasileiras é um dos objetivos da pesquisa. Além disso, compreender e quantificar as escolhas feitas pelos autores das coleções, no que tange ao gênero, pode fornecer uma amostra de como é e como poderia ser a realidade do Ensino Médio do país se as informações chegassem de forma ampla e diversa aos professores e estudantes que utilizam tal ferramenta como forma de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino de literatura, Autoria feminina, Livro didático

SOBRE ELAS, POR ELAS: AUTORIA E REPRESENTAÇÃO FEMININA NAS ARTES VISUAIS

Moema Sarrapio

Resumo: Esta comunicação visa apresentar o projeto de BCE desenvolvido pelos alunos do CEFETMG, Campus Nepomuceno, assim como seus resultados parciais. A pesquisa no campo das humanidades se faz necessária, sobretudo no ensino técnico e tecnológico. O projeto foi desenvolvido a partir de um desdobramento da pesquisa sobre autoria feminina na literatura. A escolha deste tema, seja na literatura, seja nas artes, se deu em função da escassez de estudos e discussões que contemplem a figura feminina como produtora de arte e cultura. As discussões sobre gênero e etnia presentes no âmbito social e escolar nos motivam a pensar seus desdobramentos nestes ambientes, não só nos currículos, mas também na maneira como este debate chega até os alunos. O que se percebe é ainda um número reduzido de mulheres citadas e estudadas na história da arte e da cultura. Além disso, quando citadas, ocupam um pequeno espaço ou são reduzidas ao papel de “musas”, em que são inspiração para autores masculinos. O projeto desenvolvido pelos alunos pesquisadores dos cursos de Eletrotécnica, Mecatrônica e Redes de Computadores, se propõe a traçar uma linha do tempo que contemple as mulheres na história da arte, o que elas pintam e de que forma elas são retradas por artistas homens. Desta forma, pretendemos apresentar a proposição deste projeto, seus resultados parciais, assim como os desafios teóricos e práticos encontrados ao trabalhar temas humanizadores no âmbito de um centro tecnológico de ensino técnico no decorrer das atividades.

Palavras-chave: Pintoras; Artes Visuais; Ensino Técnico

READING CLUB UFES: UMA PRÁTICA EXTENSIONISTA QUE PROMOVE LEITURA E DISCUSSÃO DE CONTOS DE AUTORIA FEMININA

Laura Ribeiro da Silveira e Carolina Francisco Fernandes dos Santos

Resumo: Testemunhamos nos últimos anos o crescimento do anti-intelectualismo, um movimento que tem como características o desprezo pelo cultivo da inteligência, a desconfiança pelos métodos acadêmicos, e até mesmo a recusa de avanços científicos. Com o financiamento da educação e da cultura em risco, torna-se necessário o ativismo político-social para suprir essa lacuna, e uma das melhores formas de resistir e enfrentar o anti-intelectualismo é promover a expansão do conhecimento através da leitura e de debates, fomentando, assim, o pensamento crítico e a valorização do saber, da cultura, da alteridade. Assim, apresentamos às comunidades acadêmica e laica de Vitória ES, o Reading Club UFES, um projeto de extensão coordenado pela professora de literaturas de expressão inglesa, Dra. Laura Ribeiro da Silveira, na Universidade Federal do Espírito Santo, desde agosto de 2017. Participam do clube alunos e alunas de graduação e pós-graduação, que atuam na seleção dos textos, na divulgação e promoção dos encontros, que acontecem a cada quinzena, no Núcleo de Línguas da UFES. O objetivo principal do projeto é promover a leitura, análise e discussão dos textos e fomentar



reflexão linguística e literária, bem como sócio-política, advinda da leitura e seus desdobramentos. Para o primeiro biênio do projeto, elegemos contos de autoria feminina escritos originalmente em língua inglesa, desde o século XIX até à atualidade, pelos seguintes motivos: são textos curtos que podem ser lidos mesmo na véspera do encontro; promovem vozes e identidades femininas de diferentes partes do mundo, relativamente unidas pela língua inglesa em suas diferentes variantes; apresentam momentos distintos, mas sempre próximos ao leitor/leitora contemporâneo/a. Em aproximadamente trinta encontros, autoras laureadas e desconhecidas, da América, da Europa e da Ásia, têm sido apresentadas, lidas, contextualizadas e reconhecidas literariamente por um público leitor diversificado e cada vez mais crítico. No primeiro ano do clube, os contos selecionados abordaram diversos temas importantes do ponto de vista social, como a luta de classes, as diferenças culturais e questões raciais, mas concederam foco majoritário às temáticas relacionadas ao feminismo - haja vista a crescente urgência de trazer para o campo de debates a injusta desigualdade entre os gêneros e a violência contra a mulher, ambos resultados diretos de um modelo de sociedade patriarcal que não se restringe ao Brasil nem à atualidade. As vozes femininas apresentadas nos encontros têm ecoado em projetos das disciplinas de literatura, em TCCs de estudantes de letras-ingles, em Congressos nacionais e internacionais e, numa espécie de desdobramento, em salas de aula de língua inglesa - escolas e cursos - levadas por alunos(as) da graduação, como professores(as) em formação, dispostos(as) a ensinar a língua pela literatura a um público acostumado a livros didáticos e textos adaptados. A recepção tem sido positiva e estimulante, com estudantes de diferentes níveis e grupos. Uma análise dos resultados dos encontros demonstra, que, até o momento, o clube de leitura tem cumprido com o propósito inicial de fomentar a leitura e a reflexão crítica, deixando clara a preocupação com a responsabilidade social do projeto.

Palavras-chave: leitura; contos; discussão; escrita feminina; inglês.

O ENSINO DE LITERATURA E A DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS

Erica Cristina Bispo

Resumo: Em 1988, em razão da Assembleia Constituinte, o professor Antonio Candido (CANDIDO, 1995) escreveu o texto “Direito à Literatura”, no qual discute as razões pelas quais a Literatura se constitui um Direito Humano a ser defendido e ao qual todos devem ter acesso. À época, Candido declarou que “a barbárie continua até crescendo, mas não se vê mais o seu elogio, como se todos soubessem que ela é algo a ser ocultado e não proclamado” (ibidem, p. 170). Trinta anos depois, infelizmente, a barbárie, que já crescia, continua nesse processo, contudo, diferentemente do passado, seu elogio é aplaudido. Diante disso, a pergunta que emerge é: como pode a literatura, sendo um direito humano, colaborar para a construção de uma cultura de defesa dos direitos humanos? Vera Candau (2013) defende que a educação em direitos humanos deve se debruçar sobre a tarefa de formar sujeitos de direitos, favorecer processos de empoderamento e educar para o “nunca mais”. Este terceiro elemento trata da memória como instrumento por meio do qual é possível romper com o silêncio. É neste aspecto, assumindo a tarefa de “escovar a história a contrapelo” (BENJAMIN, 1994, p. 225), que a literatura, como uma voz paralela e, por vezes, contra-hegemônica, se levanta como possibilidade de ser resistência ao silenciamento e ao apagamento. Candau acrescenta ainda que um dos desafios que se impõe à educação em direitos humanos se configura na articulação política de igualdade e de reconhecimento das diferenças, na medida em que é necessário promover “uma maior consciência dos diferentes grupos socioculturais presentes no tecido social do país” (CANDAU, 2013, p. 32). Tais imbricações assumem novas dimensões quando a prática educacional ocorre no espaço da educação técnica, uma vez que esta visa ao ensinar a fazer, desprovido, por vezes, dos aspectos outros que ladeiam a formação holística do educando. A disciplina de Literatura precisa assumir, desta feita, um papel de promotor da criticidade, seguindo o esteio do pensamento de Paulo Freire, segundo quem “ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra” (FREIRE, 2002, p. 30). Dessa forma, é nosso intento neste trabalho debater o papel do professor-pesquisador na promoção da educação



em direitos humanos, bem como estratégias curriculares a fim de fomentar o educar para o “nunca mais”, na disciplina de Literatura. Para tanto, a discussão abordará como o ensino de literatura pode colaborar no processo de alcance das metas estabelecidas nos aspectos relacionados à memória e à identidade, especificamente.

Palavras-chave: Ensino de literatura, Educação em Direitos Humanos, Memória, Identidade

O SUJEITO EM FORMAÇÃO EM CONTOS DE MACHADO DE ASSIS: PROTAGONISTAS JOVENS, A LEITURA E A ESCOLA

Luis Fernando Portela

Resumo: Este trabalho se propõe a analisar progressivamente a formação do sujeito em contos de Machado de Assis que tenham como protagonistas personagens jovens, tomando como ponto de partida a crítica sócio-histórica de Alfredo Bosi em “A máscara e a fenda”, que propõe uma tensão entre a adequação do sujeito-personagem às exigências burguesas de conformação à norma e a formação da subjetividade como perigo de perturbação dessa lógica, “iminente nos mais jovens” (1982, p. 444). Busca-se demonstrar o papel central da leitura e do imaginário nesse processo de construção ficcional, partindo do “conto-teoria”, conforme definido por Bosi (1982, p. 441), “Teoria do Medalhão”, tomado como paradigma para a compreensão da relação dos jovens retratados com a autoridade paterna, a sociedade e o meios culturais do tempo. São analisados, na sequência, “Conto de Escola” e “Umas Férias”, cujo espaço de centralidade nas tramas é ocupado pela relação de seus protagonistas infantis com a escola, a partir de um grau maior ou menor de intermediação da família, com uma abertura para a problematização da representação da leitura escolar. É feita ainda uma análise dos contos “Missa do Galo” e “Uns Braços”, em que a leitura se desloca para o foro da intimidade, e da quase clandestinidade, com a representação de leitores de literatura, de menor ou maior qualidade, que veem a sua realidade perpassada por suas experiências de leitura, jovens iniciando a vida adulta que leem por prazer e sem o jugo da escola. A partir dessa exploração em contos de Machado de Assis, pode-se pensar no direito à literatura como necessidade básica do ser humano (CANDIDO, 2004), e em como a escola contribui para assegurar ou negar esse direito. Nesse sentido, cabe observar, além da perspectiva histórica do ensino de literatura na escola brasileira, o espaço que essas narrativas poderiam ocupar nas práticas de leitura escolares como proposta de ressignificação da leitura de Machado de Assis por jovens estudantes hoje, em cotejo com suas práticas autônomas de leitura e sua realidade. Uma questão central proposta neste trabalho é o que os leitores em contos de Machado de Assis podem revelar sobre a leitura do próprio autor no atual ambiente escolar a medida que se observa um descompasso nítido entre a relação desenhada por Machado entre os jovens e a leitura e o modo impositivo como sua obra tem inserção na escola hoje. Utilizam-se como base teórica estudos críticos sobre a obra de Machado de Assis, em especial relacionados à sua produção de contos, e estudos teóricos sobre o ensino de literatura.

Palavras-chave: Machado de Assis; contos; leitura e imaginário; práticas de leitura; leitura escolar.

18/07 (TARDE)

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ENVOLVIMENTO DOS LEITORES TRANSMÍDIA COM A LEITURA

Jonathan Cordeiro Cavaca

Resumo: Esta comunicação visa observar os desencontros entre o ensino de literatura e os leitores brasileiros, associando o interesse – e desinteresse – dos leitores para com o tipo de literatura ofertada a um modelo mais fluido de leitura, aqui intitulada leitura transmídia – segundo a teoria de Jenkins (2009) acerca da transmídia, compreendemos a leitura transmídia como feita por meio de duas ou mais mídias, de modo que o conteúdo de uma leitura não é o mesmo da outra, adicionando informações mutuamente, mas completas quando isoladas –,



praticada pelos leitores aqui denominados leitores transmídia – leitores que transitam entre as mídias, buscando novas informações sobre um mesmo tópico, enquanto mantém seu foco e interesse durante o percurso. Serão investigados quais os tipos narrativos ofertados pelas escolas aos leitores, confrontando-os aos modelos oferecidos pelo entretenimento, como jogos eletrônicos e suas derivações – novelizações, prequelas, sequências, fóruns, FAQs e wikis. A fim de desenvolver tais pensamentos, será observado o envolvimento dos leitores brasileiros atuais com a novelização e leituras in-game (dentro do jogo), assim como suas atuações no fandom (espaço onde fãs de um determinado tópico interagem sobre o mesmo) da narrativa proposta por meio de fanfics – narrativas de ficção, feitas por fãs, de enredo original baseado em um universo ficcional já existente, podendo carregar ou não as personagens do mesmo –, grupos de WhatsApp e comunidades virtuais. Como base teórica para nossa discussão, utilizaremos críticos como Adilson Xavier (2015), Espen Aarseth (1997 et al), Henry Jenkins (2009 et al), James Paul Gee (2007), Hannah Gerber (2017), Lúcia Santaella (2009), Mihaly Csikszentmihalyi (2009), Jane McGonigal (2017) e Gabe Zichermann (2017). Desse modo, esta comunicação busca trazer propostas de discussão do tema, com o intuito de favorecer questionamentos relativos à estagnação do ensino de Literatura e a aparente desistência e desinteresse dos leitores pela leitura assim como a atuação dos jogos na mesma, ponderando a respeito de uma possível mudança de padrão dos leitores contemporâneos.

Palavras-chave: Jogos eletrônicos; Leitores transmídia; Leitura; Leitura transmídia; Literatura.

TRAMAS E PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA DO LITERÁRIO NO CIBERESPAÇO: NOVOS HORIZONTES PARA O ENSINO DA LITERATURA NAS ESCOLAS TÉCNICAS

Marina Leite Gonçalves

Resumo: A circulação do texto literário na escola deve contemplar a dimensão social das práticas de leitura, priorizando o encontro entre o leitor e o texto ficcional, seja este em meio impresso ou em meio digital. Esta comunicação objetiva fazer uma reflexão sobre o processo de multiletramentos – letramento literário e letramento digital – por meio de práticas textuais com o clássico machadiano no meio online, nos cursos de Ensino Básico Técnico Tecnológico. O projeto em tela foi desenvolvido no Centro Federal de Educação e Tecnologia de Minas Gerais (CEFET-MG), Unidade Curvelo-MG, no período de março de 2015 a março de 2016, pelo Programa de Iniciação Científica BICJúnior. Devido às experiências adquiridas pelos alunos com a navegação e com a leitura e produção de textos na internet, entendemos a necessidade de reinventar nossas práticas pedagógicas no ensino da literatura, utilizando as ferramentas digitais. Nossa intenção era promover uma confluência entre o clássico literário e aquilo que o aluno está aprendendo ou usando para além dos muros e portões da escola. Henry Jenkins considera “que o processo de criar obras transformativas muitas vezes motiva uma leitura mais próxima do texto original, que isso fortalece os jovens a pensar por si próprios como autores e portanto a encontrar suas próprias vozes expressivas, especialmente no contexto da atual cultura participatória (JENKINS, 2012, p. 23). Na contextura de nossa experiência de letramento literário e digital, por meio da criação de um fandom do clássico machadiano, tramamos práticas de leitura e escrita, que demonstraram ser possível nos apropriar daquilo que existe fora da escola e que movimenta a cultura participativa dos jovens e enredar esse saber informal à nossa pedagogia institucional. Tomando como ponto de partida o entendimento de Coscarelli de refletirmos os hipertextos digitais não “como uma ruptura em relação ao impresso, mas como uma continuidade dele” (COSCARELLI, 2009, p. 560), interessou-nos colocar o literário circulando nos novos modos de ler dos nossos alunos cibercibers para tentar significar o texto literário, bem como o ensino da literatura, em uma comunidade escolar na qual o desejo primordial dos estudantes é aprender o sentido específico de uma determinada profissão e poder utilizá-lo no futuro, propósito principal dos cursos de ensino técnico profissionalizante; sendo o desafio de defender a circulação e presença da literatura nesse espaço ainda maior.

Palavras-chave: Letramento literário; Letramento digital; Machado de Assis

A PRÁTICA DA ESCRITA CRIATIVA E A PRODUÇÃO DE CURTAS-METRAGENS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA/LITERATURA: UMA ESTRATÉGIA AO ESTÍMULO À ESCRITA E À LEITURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Adauto Locatelli Taufer

Resumo: Esta comunicação contempla a pesquisa de estágio pós-doutoral – realizada ao longo do ano de 2019 na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) cuja linha de pesquisa está relacionada à Teoria Literária e à Escrita Criativa – que se propõe, via projeto de pesquisa, a investigar processos de escrita criativa e de escrita de roteiros destinados à produção de curtas-metragens por estudantes do 3º Ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAp/UFRGS). Nossa hipótese é a de que a produção de curtas-metragens, adaptados a partir da escrita de textos literários, se constitua como uma estratégia para diminuir a resistência desses estudantes pelo ensino de Língua Portuguesa e Literatura, pela escrita do texto literário e pela leitura. Os objetivos dessa investigação estão relacionados: 1) à pesquisa de estratégias de ensino – centradas na produção de curtas-metragens – que despertem o interesse dos adolescentes pelas práticas de escrita criativa, pela leitura de textos literários e não-literários e pela aula de Língua Portuguesa/Literatura; 2) à compreensão das especificidades que há entre as linguagens literária e cinematográfica; 3) à percepção das relações que existem entre as narrativas literária e fílmica; e 4) ao fomento do interesse do adolescente pela leitura por meio do cruzamento entre a literatura (escritura de textos literários) e o cinema (produção de curtas-metragens). Alguns pressupostos teóricos de Patrícia Tenório (2017), de Pedro Gonzaga e Jane Tutikian (2015), de Carlos Gerbase (2012), de Robert Stam (2008), de Alfredo Bosi (2002), por exemplo, alicerçam a investigação voltada ao estímulo à prática da escrita criativa e à leitura associada à escritura de roteiros e, conseqüentemente, à produção de curtas-metragens. A discussão empreendida por esses teóricos abarca: a) os modos e os processos da escrita criativa; b) a atual resistência à leitura e às aulas de Língua Portuguesa/Literatura por parte de muitos adolescentes; e c) os modos de transposição da narrativa literária à fílmica. Quanto ao método, prevê-se a pesquisa-ação e a pesquisa quantitativa, mediante a realização de sondagem acerca dos hábitos de escrita e de leitura desses adolescentes e a apresentação da proposta aos estudantes, contemplando os dados observados na sondagem. As práticas de escrita e de leitura se organizarão desse modo: a) leitura de contos literários que sejam propícios à roteirização e à filmagem; b) exercícios individuais de escrita criativa com vistas à escritura de contos literários; c) divisão dos estudantes que compõem as turmas em grupos de até doze (12) integrantes; d) exercícios de escrita criativa coletiva também com vistas à escritura de contos literários; e e) seleção de textos dos estudantes feita por eles próprios, escritura dos roteiros a partir da seleção realizada, filmagem dos curtas-metragens e realização de nova sondagem. Com a implementação deste projeto de pesquisa, acreditamos que práticas de escrita criativa associadas à escrita de roteiros e à produção fílmica se configuram como um meio de despertar o apreço do adolescente pela escrita, pela leitura e pela aula de Língua Portuguesa/Literatura.

Palavras-chave: ensino médio; curtas-metragens; escrita criativa; leitura; pesquisa.

MULTILETRAMENTOS E ENSINO DA LITERATURA: A WEB RADIO NOVELA COMO FERRAMENTA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO E DIGITAL NA ESCOLA

Bárbara Cotta Padula

Resumo: A pedagogia do multiletramento considera, antes de tudo, a construção de um alunado crítico e autônomo. De acordo com Roxane Rojo e Eduardo Moura, o trabalho com multiletramentos na escola não depende apenas do envolvimento com as novas tecnologias da comunicação e da informação, “mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagem por eles conhecidos, para buscar enfoque crítico, pluralista, ético e democrático” (ROJO; MOURA, 2012, p.8). Este trabalho se justifica nesta perspectiva de multiletramentos como relevância para se posicionar diante das novas práticas de letramentos possíveis no contexto escolar. Nossa



proposta é nos apropriar do gênero digital da web rádio novela para adaptar narrativas curtas do escritor Machado de Assis, com o objetivo de tramarmos práticas de leitura e escrita que demonstram ser possível aliar o saber informal que movimenta a cultura participativa de nossos alunos no ciberespaço a nossa pedagogia institucional na docência da Literatura. Consideramos que o desafio do ensino/aprendizagem da literatura, sustentado no processo dos multiletramentos, visa agregar nosso saber, centrado na cultura oficial e cultura da literatura clássica ao saber do espaço aberto e democrático que se produz por meio de novos gêneros que transitam pelo meio online.

Palavras-chave: Multiletramentos; literário; digital

LITERATURA, LÍNGUA E CULTURA: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS NOS ESTUDOS DE LINGÜÍSTICAS DE LÍNGUA INGLESA NA UNIVERSIDADE

Vera Lucia Harabagi Hanna

Resumo: O presente trabalho deriva de mais de duas décadas de pesquisas teóricas e práticas sobre a interseção língua-cultura-comunicação, tanto nos estudos linguísticos como nos literários nos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Língua e Literaturas de Língua Inglesa na Graduação. Em análises relativas à prática de línguas e das literaturas com abrangência globalizada, destacamos a interface com os Estudos Culturais em que conceitos de língua, cultura, languaculture, interculturalidade dialogam com outros como identidade, ambivalências, estranhamentos entre o lugar nativo (home) e o novo, entre a noção de deslocamento (displacement) e de pertencimento (belonging), entre a língua original e a adquirida. Tais questionamentos são comuns entre os praticantes de línguas na globalização tardia em obras ficcionais ou autobiográficas da literatura contemporânea mundial. Assim, procuramos identificar implicações conceituais entre teóricos da cultura, antropólogos, historiadores culturais, linguistas aplicados, com as experiências de ficcionistas e suas novelas ou em memoirs, concernentes às línguas aprendidas ou adotadas, forçadamente (ou não) e suas identidades. Isso posto, fica implícito a urgência de debatermos uma literatura transregional e transnacional, extensiva a uma literatura global (e suas implicações) que se ocupa de fatores como nacionalidade, imigração, culturas diaspóricas, questões identitárias, de pertencimento, de assimilação e aculturação, questões de classe, raça e gênero, religiosidade, assim como as fronteiras geográficas e metafóricas, que provocam novas percepções sobre o entendimento de língua materna e língua-alvo, sobre o significado de falante(escrevente)-nativo, sobre o sentido sócio-cultural-linguístico de sotaque. É inegável o impacto da mundialização nos estudos literários como resultado da transformação dos protagonistas, das audiências. Em vista das mudanças demográficas e a complexidade da natureza da comunicação hoje, rubricas como ‘diaspora’, ‘home’, ‘displacement’ movem-se em nossas pesquisas transversalmente à digressões sobre competência comunicativa intercultural, competências cultural e sociocultural, competência global e, consequentemente, as competências translingual e transcultural. A lembrança de que os deslocamentos são históricos e seculares, justifica terem se tornado objeto de estudo na e da literatura nas últimas décadas, obrigando aos que os examinam adotar uma visão pluridisciplinar e ponderar sobre os resultados de interlocuções entre os estudos literários e os estudos culturais, a história cultural e a etnografia, os estudos de área, os estudos linguísticos, os estudos comparados. Os textos a serem aqui apresentados atestam que a essencialidade da teoria e da prática cultural está, ato contínuo, observada na literatura: teorias culturais, linguísticas e literárias tornam-se inseparáveis e legítimas em estudos sobre vários autores que se auto-intitulam ‘deslocados’, ‘despaíses’, ‘eternos imigrantes’ e revelam suas ambiguidades linguísticas e identitárias em autobiografias ficcionalizadas como John Coetzee (1998); em auto-histórias como Gloria Anzaldúa (1987), no novo nomadismo e diásporismo de Eva Hoffman (1998), em memoirs, e nas literaturas de/do/sobre o exílio como topos da experiência humana, como Edward Said (2003) e Stuart Hall (2017).

Palavras-chave: literaturas de língua inglesa; languaculture; identidade



24 - ENSINO, LEITURA E LITERATURA: O CONTEMPORÂNEO NO NECESSÁRIO POSSÍVEL

Coordenação: Prof. Dr. Robson Coelho Tinoco (UnB); Profa. Dra. Adriana Demite Stephani (UFT)

Resumo: A complexidade das relações e recursos da contemporaneidade pressiona uma mudança de paradigmas nas diferentes esferas e espaços sociais inclusive, ou de maneira especial, no escolar. É nesse ambiente que muitos indivíduos terão sua rara, senão mesmo única, oportunidade de contato com a leitura e seu amplo universo de argumentos, teses, imagens, ideologias, opiniões, criações ficcionais. De fato, a escola ainda é o espaço concreto-simbólico de efetivação do direito inalienável à literatura (CANDIDO, 1995), espaço também idealizado por muitos como de formação de leitores literários, que precisam participar de novas, e interessantes, metodologias de leitura (PERRONE-MOISÉS, 2016). Nesse contexto contemporâneo líquido (BAUMAN, 2014), hiperdifuso e multidispersivo, as considerações sobre as novas funções do espaço escolar como também de educação literária – que sofrem influência direta das mudanças sociais contemporâneas em feérica busca pelo novo, pelo diferente, pelo pretensamente criativo – suscita diversas discussões/questionamentos sobre as atividades atuais com a leitura literária e, nesse foco, surgem invencíveis questões como: diante da efemeridade líquida das **ações contemporâneas**, há ainda condições efetivas de que esse direito alienável seja (ou deva ser) garantido pela escola? Ela consegue (tem a intenção de) realmente educar literariamente? Com o advento de novos suportes de leituras, onde reacomodar o essencial espaço cognitivo para o livro físico? Qual o neoperfil sócio-histórico do leitor imerso nesses atrativos suportes? Também, sob tal contexto, aumentam as inquietações ao se considerarem pesquisas que apontam haver na maioria das escolas brasileiras uma crise persistente no processo de formação de novos leitores. Tais dados, e já desde 1950, dão conta que, apesar do amparo de várias teorias de leitura, estudos e pesquisas, de metodologias e modelos, as escolas não têm, com exceções destacadas, conseguido intervir de maneira eficaz na formação do gosto pela leitura nem no efetivo letramento literário. Nota-se, assim, que há impasses e questionamentos quanto à participação efetiva (por interesse pessoal, prazer etc.) nesse processo de escolarização da literatura, ao lado de excelentes pesquisas e experiências que discutem e vislumbram a possibilidade real dessa relação literatura-escola. Ainda, é importante considerar a leitura literária não como ato independente, individual e solitário, mas (inter)ação coletiva, em que as perspectivas para o indivíduo – entendido como aluno-leitor – só podem ser devidamente encaradas em uma dinâmica culturalmente sócio-histórica, tanto quanto é decisiva a presença (ativa) do professor e a presença (passiva) do autor que fala no texto, entre as palavras. Considere-se, também, que tal problema se confirma nos livros didáticos (LDs), já que também nesses prevalece o reducionismo, presente seja no campo das propostas de atividades, que reforçam o biografismo historicista, seja no restrito e desatualizado *corpus* literário, seja ainda no engessamento dos conceitos de gêneros textuais apresentados. Ressalta-se, enfim, a visão de leitura como interação, via texto, entre leitor e autor – que não deve ser confundido com o escritor. Isso porque o **diálogo** via leitura não poderia ser instaurado simplesmente entre o leitor e a materialidade linguística, uma vez que esta não pode, de fato, interagir com quem, ou o que, quer que seja. Nesse sentido, é fundamental entender que tal dialogia implica muito mais que uma dada interação entre dois elementos distintos (BAKHTIN, 2010). Seguindo essa perspectiva, e mantendo o foco na escola como espaço (ainda virtuoso) também de formação de leitores literários, o presente simpósio pretende agrupar trabalhos de pesquisas cujos objetos de estudo englobem os envolvidos no processo de letramento literário em espaços escolares (mediadores/professores e leitores/alunos) apresentando discussões teóricas e práticas que versem sobre a recepção do texto literário em contextos escolares. Portanto, interessam trabalhos de professores e pesquisadores, de distintas perspectivas teóricas e metodológicas, que: a) analisem as relações entre sociedade, educação e literatura apresentando problemas,

perspectivas, propostas, pesquisas e práticas; b) proponham discussões a respeito de perspectivas (teóricas e metodológicas) em circulação sobre educação literária, ensino de literatura, didática da literatura e letramento literário; c) apresentem propostas diversas de trabalho com o texto literário em espaços escolares, inclusive trazendo experiências com novos suportes de leitura; e, d) sistematizem reflexões a respeito da formação e das práticas de professores para a mediação no ensino de literatura (da educação básica a de ensino superior). O objetivo essencial, sempre considerando a contemporaneidade e seus elementos constituintes, é reunir pesquisadores para uma reflexão sobre os rumos do letramento literário, identificando e divulgando discussões e experiências de leitura literária criativas e eficazes para o espaço escolar; sobretudo, o objetivo é o de propor alternativas aplicadas, reais, concretas para a situação atual acima apresentada.

Palavras-chave: sociedade contemporânea; ensino; leituras; literatura.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

ELEMENTOS PARA A DISCUSSÃO DE POLÍTICAS PARA A DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO À LEITURA A PARTIR DE DUAS PESQUISAS SOBRE PRÁTICAS LEITORAS DE JOVENS

Raquel Bello Vázquez

Resumo: Focar os Estudos Literários num conjunto (de)limitado de textos e autores (e algumas poucas autoras) pode ser compreensível de uma perspectiva patrimonial ou histórica e como indicador para a reconstrução histórica da literatura como disciplina e objeto de estudo, entre outras possíveis funções. No entanto, limitar o fenômeno contemporâneo da literatura ao estudo de um conjunto de textos consagrados e a uns repertórios em exclusivo é a negação das responsabilidades éticas da pesquisa. Igualmente, resolver a questão pela inclusão de algumas referências novas (ditas “periféricas”), embora seja adequado para resolver o enorme problema de representatividade do cânone literário, não resolve o problema da concepção de uns estudos literários pensados para a consagração de repertórios nacionais num contexto contemporâneo em que as funções de representação nacional foram ocupadas por outras instâncias, e em que a produção literária ganhou novos significados. Em sociedades altamente mediadas pelo letramento, é vital que as pessoas consigam desenvolver as habilidades de ler e escrever com eficácia alta, pois disso depende o exercício dos seus direitos de cidadania. Ao mesmo tempo, pesquisa na área dos estudos cognitivos mostra que a leitura de ficção pode contribuir no desenvolvimento humano. Portanto, novos caminhos devem ser explorados para a promoção da leitura (literária ou não), particularmente em contextos de baixo nível de letramento, a fim de ir além da propagação de um cânone literário nacional, e essas novas estratégias devem proceder do conhecimento das comunidades de leitoras e leitores reais ou possíveis. A partir do diálogo entre as conclusões de dois trabalhos acadêmicos apresentados no programa de Pós-Graduação em Letras no Centro Universitário Ritter dos Reis, realizados por Luís Paulo Arena (no âmbito do Doutorado) e Michelle Claudino Pires (no Mestrado), com a minha orientação, proponho uma reflexão sobre métodos e conteúdos nas políticas de promoção da leitura, especialmente pensando na função legitimadora de que a academia se apropria como consagradora de produtores e produtoras, repertórios, formatos, etc. Questiono aqui as crenças estendidas de que “jovens não leem” ou “as redes sociais tiram tempo para a leitura de livros”. Proponho, pelo contrário, olhar para as conclusões de duas pesquisas que focalizaram práticas leitoras diferentes de consumidores e consumidoras jovens: no primeiro caso, as práticas de jovens usuários e usuárias de uma biblioteca comunitária em Porto Alegre (RS); no segundo, os repertórios que caracterizam os textos rotulados como “literatura feminina” no aplicativo de autoedição Wattpad (https://www.wattpad.com/?locale=pt_PT). Ambas pesquisas mostram o interesse na leitura e na produção literária por parte de pessoas jovens e também nos indicam desvios substantivos

com respeito aos padrões literários propostos como ideais pela academia. A comunicação apresentada irá refletir sobre como as conclusões desses trabalhos podem ser utilizadas como elementos para a discussão de novas políticas para a democratização do acesso à leitura.

Palavras-chave: Repertórios; práticas de leitura; jovens leitor@s; estudos literários críticos

A BNCC E O CAMPO DE ATUAÇÃO ARTÍSTICO-LITERÁRIO: O ESPAÇO AOS ESTUDOS LITERÁRIOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Kátia Chiaradia

Resumo: A BNCC de Língua Portuguesa se organiza a partir de “Práticas de Linguagem” (Oralidade, Leitura, Produção de Textos e Análise Linguística/semiótica) e “Campos de atuação” (“da vida cotidiana”, “artístico-literário”, “de estudo e pesquisa”, “da vida pública”, “jornalístico-midiático”, “de atuação na vida pública”). Os estudos literários estão presentes no Campo de Atuação Artístico-literário, predominantemente na Prática de Linguagem “Leitura”. As habilidades na BNCC de Língua Portuguesa são consideradas sob as perspectivas da continuidade das aprendizagens e da integração dos eixos organizadores e “Objetos de Conhecimento” ao longo dos anos de escolarização. A sigla EF15, por exemplo, indica que se trata de uma habilidade a ser trabalhada de 1º a 5º anos do Ensino Fundamental, visando preparar o aluno para as habilidades EF69, que devem ser trabalhadas, por sua vez, de 6º a 9º anos do segmento. Embora não esteja explícita, a meta parece ser a autonomia do leitor. Ler (ou ensinar a leitura de) uma obra consiste também em posicioná-la em uma rede de referências intertextuais. É preciso ensinar o professor brasileiro das séries iniciais a pensar sobre “critérios para a seleção de livros”, assim mencionados (mas não explicados) na EF15LP15, se a meta dos governos é que, ao ingressar no Ensino Médio, cada jovem seja autônomo e “interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo”, como almeja a habilidade EF69LP49. No atual momento, é importante que a formação docente inclua procedimentos de seleção de livros infanto-juvenis, afinal, falar em procedimentos de seleção de livros é falar de leitura. Para escolher (ou descartar) um livro não basta ao professor ser um leitor proficiente; tampouco lhe basta conectar temas de livros à BNCC. Do que ele precisa?

Palavras-chave: BNCC; Ensino de Literatura; Currículo

O LIVRO DIDÁTICO TECENDO LINGUAGENS - 6º ANO (2015) E A FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS

Marisa Rodrigues Lopes dos Santos

Resumo: O artigo objetiva apresentar uma análise parcial da obra didática Tecendo Linguagens- 6º ano (2015) adotada para o triênio 2017-2019 e sua contribuição à formação de leitores literários no âmbito da Escola Estadual Afonso Arinos, São Romão, norte de Minas, suporte presente em todas as classes escolares do 6º ao 9º anos, Ensino Fundamental Anos Finais, ao qual constitui na maioria das vezes o único contato que o discente tem com a diversidade de textos que o compõe. Pretende-se com esta pesquisa explicitar a importância da leitura literária na formação integral do indivíduo e apresentar uma reflexão sobre os conceitos de letramento, letramento literário, o uso do livro didático de Língua Portuguesa desde a sua implementação nos currículos escolares até a forma como eram / são selecionados e sua eficácia no trabalho docente. A consulta a artigos e dissertações sobre o assunto foi necessária, como também a leitura e compreensão do Guia de livros didáticos do PNLD 2017 (Plano Nacional do Livro Didático) em que a obra se encontrava, a qual foi selecionada no ano de 2016 pelos docentes da referida escola. Como abordagem metodológica realizou-se uma pesquisa cujo corpus de análise foram as Unidades 1 e 2, a carta de apresentação, o sumário e as indicações de leituras complementares do livro didático citado. Constatou-se mediante este trabalho que embora este manual didático aborde em grande parte textos da esfera literária (apontados também na resenha do guia), somente a leitura fruição destes, a análise linguística ou estrutural do gênero estudado e as recomendações de leituras não são suficientes para formar leitores literários. Requer do professor o enriquecimento do trabalho em sala de aula com atividades que

fomento o letramento literário, já que a prática docente evidencia que grande parte dos alunos que temos não tem este incentivo em seus lares ou tampouco constituem integrantes de comunidades de leitores tão almejados na concepção deste tipo de letramento.

Palavras-chave: livro didático; leitura literária, letramento literário

O ENSINO DE LITERATURA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: POSSIBILIDADES DE DIÁLOGOS COM CULTURAS E MODOS DE VIDA

Silvia Gomes de Santana Velloso

Resumo: Este trabalho propõe uma discussão a respeito do ensino de literatura em contextos de Educação do Campo, especialmente, tendo em vista os diálogos identitários que o texto literário pode estabelecer com os sujeitos no processo de Formação leitora. Se, conforme apontado por Cosson (2009), na leitura e na escritura de um texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. Se a leitura literária nos ensina a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos, é imprescindível que o processo de formação leitora dos sujeitos, sobretudo do leitor de literatura, em âmbito escolar, ocorra em intenso diálogo com a cultura, com as múltiplas identidades que estes assumem cotidianamente, seja individual ou coletivamente. O Campo, de acordo com Arroyo (2003), é constituído de uma potência identitária, ou seja, de sujeitos que possuem um perfil diverso: “trabalhadores, camponeses, mulheres, negros, povos indígenas, jovens, sem-teto... Sujeitos coletivos históricos, se mexendo, incomodando, resistindo. Em movimento” (ARROYO, 2003, p.33), a qual nega e repulsa qualquer proposta de ensino e aprendizagem que se mostre homogênea e hierarquizante. Sob essa perspectiva, questiona-se, neste estudo: quais são as propostas de ensino de leitura e literatura que têm sido elaboradas para as escolas do Campo? Em que medida ou aspectos essas propostas têm dialogado com as identidades dos sujeitos do campo? Quais são as noções de literatura que cercam estas propostas? Trata-se de uma noção alargada, em que a literatura é concebida como espaço de reflexões e diálogos sociais e identitários ou se trata de uma indicação de literatura que valoriza apenas seus aspectos gráficos, sua textualidade mais rígida, determinada pela imposição de um cânone tradicionalista? Nesta perspectiva, propõe-se um estudo bibliográfico sobre a temática em voga, bem como uma pesquisa documental sobre a Educação do campo. Espera-se que este texto contribua para se pensar no ensino de literatura, sobretudo nas escolas, como um processo que deve ocorrer em interação com as experiências dos sujeitos sociais. Este trabalho é parte de uma pesquisa de doutoramento em que se investiga a formação do leitor de literatura em contextos de Educação do campo.

Palavras-chave: Literatura; Leitura; Ensino; Educação do campo.

REMIÇÃO DE PENA POR LEITURA: UMA PERSPECTIVA DE RESSOCIALIZAÇÃO NAS PRISÕES DO DF

Ana Cristina de Castro

Resumo: O estudo objetiva apresentar o projeto de remição de pena por leitura no DF constituído como política pública educacional e social de fomento às práticas de leitura possibilitando caminhos e perspectivas de ressocialização do privado de liberdade. Durante a fase de elaboração cumpriu a determinação da Vara de Execuções Penais do Distrito Federal (VEP/DF), proferida pela Portaria VEP nº 010 de novembro de 2016 que visa atender, prioritariamente, os custodiados não classificados para o estudo, trabalho ou qualificação profissional e abarcará a população carcerária de quinze mil e quatrocentos presos. A partir da Portaria Conjunta nº01, de 19 de abril de 2017, instituiu-se uma comissão intersetorial, envolvendo representantes dos órgãos públicos: Secretaria de Estado de Educação/ SEEDF e Secretaria de Estado de Segurança Pública e da Paz Social/SSP. Foi destinada para a oferta de vagas mensais até 10% da população carcerária de cada estabelecimento penal. As obras literárias foram selecionadas pelos representantes da gestão e de docentes da SEEDF. Quanto à metodologia aplicada, decorrido o prazo de trinta dias, será realizada uma avaliação presencial, a qual exigirá a tipologia textual resumo crítico, podendo o custodiado pontuar a escala de zero



a cem pontos, ficará apto a remição quem obtiver nota igual ou superior a sessenta pontos. Para cada obra lida poderá ser remido quatro dias da pena. Posteriormente, publicou-se a portaria conjunta nº 1, de 11 de abril de 2018 e o edital nº 19, de 08 de maio de 2018 em continuidade à implementação desta política pública que foi executada a partir de agosto de 2018 nos seis estabelecimentos penais do DF.

Palavras-chave: Política pública, formação leitora nas prisões, ressocialização, remição de pena.

16/07 (TARDE)

FORMAÇÃO DE LEITORES NO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS: A SUBJETIVIDADE EM CAUSA

Sheila Oliveira Lima

Resumo: O problema da leitura no Brasil remonta um passado de marcas de restrição presentes até hoje nos níveis de leitura dos estudantes do ensino básico (Lajolo e Zilberman, 1999). Esse quadro tem atingido os discentes das universidades. Na área de Letras, são frequentes as situações de estudantes com baixos níveis de letramento, sobretudo o literário. Na licenciatura em Letras-UEL, tal situação revela-se um problema grave, já que se trata de estudantes que estão se preparando para serem formadores de leitores. Buscando reverter tal quadro, em 2017, foram implementadas estratégias pedagógicas para fomentar a curiosidade e o desejo dos alunos de Letras pela leitura. Uma das estratégias propostas aos alunos do 3º ano foi a leitura de um clássico (Calvino, 1993) seguida da escrita de um relato pessoal, expondo a experiência de leitura, ressaltando os aspectos subjetivos (Petit, 2002, 2009; Jouve, 2002, 2013; Rouxel, 2013; Barthes, 2004) que compareceram durante tal atividade (memórias, sensações e dificuldades). Os depoimentos requeriam do aluno uma exploração a respeito de como a escolha do texto a ser lido e a própria leitura vinculavam-se a experiências subjetivas. Esperava-se que os alunos se deparassem com suas dificuldades perante a leitura do texto literário e, a partir da tentativa de sua descrição, buscassem ressignificá-la. O estudo contou com a análise de 9 depoimentos que trouxeram dados que representam um paradigma indiciário (Ginzburg, 2001) para a compreensão da origem das dificuldades dos estudantes com a leitura. Concluiu-se que parte dessas dificuldades remete à prática denegatória do envolvimento com a literatura (Pennac, 1993), expressa pelo tratamento impessoal sobre a obra, pela abordagem de leituras feitas no passado, pelo uso de clichês no relato. Entretanto, alguns textos expõem a experiência subjetiva da leitura, revelando as razões para a escolha da obra ou o estranhamento vivido no processo de sua significação. O contraponto entre as situações de envolvimento com a leitura apontam caminhos metodológicos para a reversão do quadro da formação leitora dos estudantes, buscando torná-los mais preparados para a atividade docente. Uma possibilidade seria a prática do compartilhamento (Colomer, 2007) como forma de envolver os leitores em uma comunidade fundada pela atividade leitora.

Palavras-chave: Leitura; Formação Docente; Subjetividade

O ENSINO DE LITERATURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES – O CASO DA CRÔNICA

Marcos Scheffel

Resumo: O presente trabalho analisa como algumas coleções de livros didáticos do ensino fundamental – de 6º ao 9 ano aprovadas pelo PNLD – propõem o trabalho com a crônica. Que teorias subjazem a estes materiais? Qual a conexão que se estabelece entre a escrita literária e o ensino do gênero? Que características do gênero são privilegiadas? Quais são ignoradas? Que autores / autoras compõem o cânone escolar? Em que medida as sequências textuais – narrativas, argumentativas, injuntivas – são consideradas nestas propostas de produção textual? Em paralelo a esta análise dos livros didáticos, procuro estabelecer uma relação com os currículos das licenciaturas, em especial a de Letras da UFRJ, onde atuo há cinco anos como



professor de Didática e Prática de Ensino de Português e Literatura. Será que este currículo favorece à formação de um professor capaz de dar conta das propostas destes materiais ou haveria um descompasso entre a formação inicial e o que se pensa para o ensino literário na educação básica nos principais materiais didáticos disponíveis nas escolas? Será que há um senso comum nas licenciaturas de se avaliar negativamente os livros didáticos sem que haja uma análise prévia dos materiais? Como o gênero crônica, altamente valorizado na formação escolar brasileira nas últimas décadas (bastando lembrar da Coleção Para Gostar de Ler que formou gerações de leitores), aparece nos currículos, nas ementas das disciplinas e nas propostas didáticas da graduação? Esta última questão ganha grande relevo se consideramos que o gênero crônica tem uma ligação muito forte com a cidade do Rio de Janeiro, que é “retratada” por cronistas como Rubem Braga, Clarice Lispector, Paulo Mendes Campos, Stanislaw Ponte Preta, Carlos Drummond de Andrade entre outros. Não seria este gênero uma grande porta de entrada para o contato com a leitura e com a escrita literária na educação básica e até mesmo nas licenciaturas? Este trabalho dialoga com as teorias de (SCHNEUWLY e DOLZ 2004), MARCUSCHI (2008), LAJOLO (1996), CHIAPPINI (2005), (ROUXEL et al. 2013) entre outros.

Palavras-chave: ensino de literatura; formação de leitores; crônica na escola; currículos de letras; letramentos acadêmicos.

LEITURA, LITERATURA E FORMAÇÃO DE LEITORES: REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES

Juliana Fermino

Resumo: Espera-se que a escola seja o espaço onde a formação leitora efetive-se com êxito para que seus resultados sejam colhidos também em outros setores sociais. Por isso, entender as representações que os professores de Língua Portuguesa carregam em suas trajetórias e que, de certa maneira, emergem em suas práticas em sala de aula é um caminho para compreender mais sobre os leitores que estamos formando e como a escola pode tanto incentivar a leitura quanto torná-la uma atividade mecânica e sem sentido. O objetivo do estudo é analisar e compreender, a partir da explicitação e interpretação das narrativas docentes, em uma perspectiva histórica, cultural e social, quais são as representações (CHARTIER, 1990) que os profissionais docentes de Língua Portuguesa da Educação Básica, no Ensino Fundamental (anos finais, de 6º a 9º ano), possuem a respeito de leitura e literatura bem como as articulações entre essas representações e os encaminhamentos dados ao trabalho em sala de aula para a formação de leitores literários. O estudo acontecerá pelo método autobiográfico, valendo-se da interpretação, compreensão e análise das narrativas e dos dados coletados do contato com docentes de Língua Portuguesa de três escolas municipais do interior paulista. A pesquisa empírica de campo acontecerá por meio de dois procedimentos de coleta de dados, selecionados em razão das estratégias e natureza das ações e situações investigadas: questionário e entrevista. Para análise e interpretação das informações, relacionaremos os dados obtidos na coleta e seguiremos com a análise de conteúdo proposta por Bardin (2000). Nas comunicações dos sujeitos investigados, em suas respostas, procuraremos conteúdo que remeta às representações já citadas e, por meio da análise, relacionaremos tais representações com as práticas de ensino de leitura e literatura desenvolvidas em sala de aula, bem como as contribuições dessas para a formação do leitor. Para a comunicação, a proposta é a apresentação de um recorte dos pressupostos teóricos que norteiam a pesquisa, a fim de compartilhar e discutir sobre os desdobramentos dessa produção.

Palavras-chave: Leitura; Literatura; Representações; Professores; Formação de leitores.

OFICINA DE POESIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: CONTRIBUIÇÕES, ASPECTOS PRÁTICOS E LIMITAÇÕES

Diego Grando

Resumo: As experiências com oficinas literárias datam, nas universidades brasileiras, ainda da década de 1960; é somente nos anos 2000, contudo, que elas deixam de ter caráter



extracurricular, com a criação dos primeiros cursos de Escrita Criativa, e passam a ocupar uma posição central nessas formações. Tais formações, atualmente em franca expansão no país, embora pertençam às faculdades de Letras, não necessariamente vinculam-se aos cursos de licenciatura, buscando mesmo, em alguns casos, uma desvinculação total. Essa separação talvez tenha sido necessária, num primeiro momento, para o estabelecimento do campo da Escrita Criativa, mas sua manutenção não parece benéfica, a longo prazo, para nenhuma das perspectivas: as licenciaturas, por um lado, perdem a possibilidade de diversificar suas metodologias de ensino e, conseqüentemente, de ampliar o leque de experiências de leitura e escrita dos futuros professores de literatura; a Escrita Criativa, por outro, perde a possibilidade de expandir suas práticas e zonas de atuação, correndo o risco de fechar-se em si mesma. Articulando reflexões do campo da Escrita Criativa (DAWSON, 2006; HOUDART-MEROT, 2007) a considerações sobre ensino através de oficinas (ANDER-EGG, 1991; PETITJEAN, 2018) e ensino prático reflexivo (SCHÖN, 1983, 2000), pretende-se, nesta comunicação, discutir a importância da presença de oficinas de poesia nas licenciaturas em Letras, apresentando suas potenciais contribuições para a formação de professores reflexivos de literatura, bem como os aspectos práticos para sua implementação e as limitações dessa modalidade de ensino.

Palavras-chave: Oficina literária; Oficina de poesia; Escrita Criativa; Ensino de literatura; Formação de professores

O TEXTO LITERÁRIO NO ENSINO MÉDIO PÚBLICO HOJE: (IM)POSSIBILIDADES DE LEITURA

Eduardo Dias da Silva

Resumo: Ler para entender o mundo, tendo a leitura como instrumento de acesso a ele e o ambiente escolar, como um dos espaços para desenvolver o gosto pela leitura, são elementos-chaves no desenvolvimento de práticas de leitura literária entre os jovens do Ensino Médio. O texto literário ainda é considerado pelos alunos da Educação Básica, como um todo, uma árdua tarefa, o que torna um dos principais complicadores para as práticas de leitura que fomentem a formação de leitores. Pretendemos, por meio desta pesquisa qualitativa, apresentar alguns caminhos para professores e alunos do Ensino Médio de escolas públicas adquirirem o hábito e o prazer de praticar leituras literárias dentro e fora da esfera escolar. Percebemos que, apesar das indicações sugeridas nesse artigo, o gosto pelos textos literários é uma constante que se faz desde sempre, muito antes, inclusive, do período de escolarização, portanto, competindo a todos - sociedade em geral - fomentar espaços, políticas e formação para que práticas de leituras literárias façam parte do cotidiano de todos.

Palavras-chave: Leitura; Ensino Médio; Texto Literário; Escola Pública

17/07 (MANHÃ)

LETRAMENTO LITERÁRIO E FORMAÇÃO PARA A CIDADANIA E A CULTURA DE PAZ: PROPOSIÇÕES DE PRÁTICAS LEITORAS

Luana Teixeira Porto

Resumo: Em um contexto social líquido (na perspectiva de Bauman) e sombrio (na perspectiva de Adorno), marcado por violências sociais, físicas, verbais, institucionais, econômicas e por deficiências no campo educacional brasileiro, torna-se relevante discutir a formação de leitor, que, mais do que ler o mundo, precisa ser competente para ler textos. Em especial, temos que discutir a função da arte em um cenário em que ela pode ser um contraponto à barbárie que parece se impor coletivamente contra vontades individuais e consciências coletivas. Nesse sentido, acredita-se no papel da literatura como objeto estético e ético capaz de despertar não só prazer em ler, mas também estimular comportamentos socialmente relevantes, como o exercício da alteridade e da não-violência tal como propõe Ginzburg (2012). Dessa forma, considerando a urgência de uma formação cidadã, que envolve esses tipos de posturas, e a sua relação com o



letramento literário como competência a ser revelada entre os estudantes da Educação Básica, este trabalho discute problematizações acerca das relações entre formação do leitor e literatura no Ensino Médio, tendo em vista especialmente a necessidade de tornar a leitura do texto literário uma atividade não apenas de avaliação estética, mas também de desenvolvimento de um senso crítico amparado em posicionamentos éticos e sociais capazes de estimular a construção de uma experiência social baseada na cultura da paz. Para tanto, o estudo apresenta uma proposta de prática leitora amparada em três eixos: letramento literário, literatura brasileira contemporânea e cultura da paz e da não-violência. O objetivo deste estudo é propor uma prática leitora que inter-relacione leitura literária com vistas ao letramento e à formação para a cidadania por meio de atividades que envolvam textos literários para leitores adolescentes do Ensino Médio. Para isso, adotam-se como metodologia para a proposição e práticas letras estudos de Franco Júnior (2015), Petit (2009) e Rösing (2016). Ao desenvolver um estudo crítico sobre as metodologias de abordagem do texto literário, defende-se a necessidade de tratar o texto literário como um objeto estético e ético e não como recurso pedagógico ou pretexto para abordagem de conteúdos disciplinares. Além disso, propõe-se uma formação leitora que possibilite a experiência estética e o posicionamento crítico sobre os textos, procurando especialmente analisar linguagem literária em sua relação com outros textos, de natureza literária ou não, o que aproxima a proposta de prática leitora voltada a inter-relação entre linguagens prevista nos materiais norteadores para o Ensino Médio, como a BNCC e os PCN's. Observa-se, ainda, que as práticas leitoras podem assumir um papel crucial na formação do sujeito-aluno-cidadão ao privilegiar o ato de tensionar a violência e não a banalizar na construção de uma sociedade amparada na cultura de paz, tal como se revela oportuno no contexto atual brasileiro.

Palavras-chave: letramento literário; ensino de literatura; Ensino Médio; violência; cultura de paz

A LEITURA LITERÁRIA NAS ESCOLAS

Lorena Ribeiro Melo

Resumo: O ensino de Literatura no Ensino Médio demonstra-se desafiador para os professores. Um dos motivos é o fato de a leitura literária ocupar um lugar marginalizado que precisa ser superado. A experiência em sala de aula nos mostra que, nas aulas de literatura, os alunos geralmente acessam as obras literárias por meio dos livros didáticos, que por sua vez, trazem fragmentos de textos literários e dedicam boa parte de suas páginas para a historiografia literária, biografismo dos autores e aspectos estilísticos dos movimentos literários. Desse modo, acaba sendo delegado às obras literárias o segundo plano em relação a esses elementos, quando os fragmentos de textos servem como ilustrações deles. Resulta-se em um reducionismo do livro, quando se oportuniza aos estudantes o contato apenas com partes de obras que, em sua maioria, são extremamente significativas, como assinala Regina Zilberman (1991). Os aspectos historiográficos, formalistas e biográficos não devem suplantam a leitura integral dos livros. ". Tzevan Todorov mostra que no ensino da literatura, atualmente, a ênfase é dada sobre a disciplina e não sobre seu objeto. Para que ocorra o contrário, ele propõe que o estudo da forma e dos métodos do estudo da literatura não deve ser o fim em si mesmo, mas o meio para atingir a compreensão do sentido da obra e "revelar o pensamento do artista" (2009, p. 25). Nossa proposta é discutir o ensino da leitura literária na escola e suas implicações, ao lançar um olhar sobre os fatores envolvidos neste processo: a formação do leitor, o estudo e a recepção das obras literárias, o papel do professor e o lugar ocupado pelo livro na comunidade escolar e na sociedade em geral. Buscaremos também propor caminhos e possibilidades de conduzir a leitura literária para o centro do ensino da literatura nas aulas, fazendo com que a leitura literária ocupe o lugar central que consideramos devido e possa então, formar um leitor competente. Nesse sentido, convocam-se os teóricos como Alfredo Bosi (1996), Antonio Candido (2005), Marisa Lajolo (2000), Robson Coelho Tinoco (2014), Roland Barthes (1992), Vera T. Aguiar (1988), Wolfgang Iser (1996).



Palavras-chave: leitura literária, leitor competente, ensino

LITERATURA NAS ESCOLAS: UMA URGENTE REFLEXÃO

Noêmia Coutinho Pereira Lopes

Resumo: Ano após ano os questionamentos se repetem quanto ao ensino de literatura na Educação Básica. O que, por que e como ensinar literatura em um contexto plural e multifacetado, para alunos cuja leitura, muitas vezes, apresenta-se superficial não apenas em relação aos textos literários, como também do mundo a sua volta? Inquietações como essa encaminharam meus estudos para o aprofundamento sobre a formação do leitor de literatura, bem como para práticas pedagógicas que tornassem as aulas dessa disciplina momentos de aprendizado significativo. A partir de leituras de renomados autores como Marisa Lajolo, Regina Zilberman, Antoine Compagnon, Roland Barthes, Celso Antunes, Leo Fraiman e da Base Nacional Comum Curricular foi possível entender o caminho que a literatura tem percorrido nas escolas, nas duas últimas décadas, bem como práticas e contextos favoráveis e desfavoráveis ao trabalho. Assim, para melhor desenvolver essa pesquisa, foi feito um recorte, voltando o olhar para as séries finais do Ensino Fundamental II. Iniciadas as leituras, algo chamou-me a atenção para a atualidade: a precariedade das discussões, nas escolas, sobre a disciplina Literatura. Em muitas reuniões, grande parte dos professores e pais limitam-se a responsabilizar as redes sociais e a facilidade de acesso a qualquer conteúdo pela internet para a falta de vontade dos jovens de ler um texto literário. Sem mencionar os que leem, entretanto, não compreendem ou apreciam a leitura. Por outro lado, a partir de um trabalho consciente, o resultado tende a surpreender positivamente. Diante da importância da disciplina Literatura para a formação do cidadão, o presente trabalho objetiva trazer algumas considerações sobre a prática pedagógica nas aulas de Literatura para as séries finais do Ensino Fundamental II, bem como apresentar o resultado do trabalho que tenho desenvolvido no Colégio São Mateus, em Montes Claros, cidade ao norte de Minas Gerais, demonstrando como uma prática pedagógica adequada e vontade do professor em levar vida às suas aulas ainda é capaz de encantar e conquistar os alunos, tendo em vista os onze livros já publicados por alguns que participaram dessa abordagem de aula, que agora, extrapola as fronteiras da cidade. Afinal, como já nos disse Roland Barthes (1980), em seu tão conhecido Aula, “[s]e, por não sei que excesso de socialismo ou barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literatura que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário”. E não há como ignorar isso.

Palavras-chave: Aula de Literatura; Prática pedagógica; Reflexões

CLUBE DO LIVRO – UMA PERSPECTIVA CONTEMPORÂNEA NO ENSINO LITERÁRIO NAS ESCOLAS ESTADUAIS DE IMPERATRIZ-MA

Samanta Barreto Matos de Souza

Resumo: Uma das maiores dificuldades para os professores do Ensino Médio na rede Estadual tem sido trabalhar o ensino literário nas salas de aula. Essas dificuldades partem de focos diferentes, porém interligados. Exemplo destes focos é que durante o Ensino Fundamental, poucas são as práticas de leitura dentro e fora da sala de aula. Por conta do difícil acesso dos alunos aos livros, o hábito de leitura se limita aos textos encontrados nos livros didáticos e com isso, indicar uma obra inteira se torna um desafio. Ou o professor se adequa aos títulos disponíveis nas bibliotecas, ou recorre ao hábito regular, porém ilegal de reproduzir em xerox as obras que deseja trabalhar. Assim, os alunos apenas têm acesso aos livros didáticos, que neles os textos literários são apresentados na forma de fragmentos e que isso dificulta a compreensão do caráter essencial do literário. Outro ponto de conflito é como inserir as leituras tidas como obrigatórias pelo viés do cânone ao currículo do Ensino Literário. As obras mais extensas encontram dificuldades para a inserção no currículo escolar devido ao tempo destinado a cada movimento literário no planejamento e ainda são de pouca disponibilidade nas escolas, ficando assim cada vez mais distantes do mundo do educando. Os programas de distribuição de livros



para as bibliotecas acontecem de forma irregular, fazendo com que livros solicitados pelos professores demorem a chegar, dificultando sua inserção no planejamento. Pensando nestes aspectos, uma das propostas que tem se popularizado em diversos ambientes é o Clube do Livro. Esta proposta, diferente das leituras regulares sugeridas no planejamento dos professores, possibilitaria a inserção das leituras tanto do planejamento curricular baseado nas escolas literárias, quanto efetiva a participação dos membros do Clube, através de exposição oral e escrita, indicações de obras e atividades diversificadas para a análise dos livros indicados. Para alcançar os objetivos propostos, algumas sugestões são: a parceria com livrarias (públicas e privadas), editoras e toda a comunidade escolar para compra/doações de livros inexistentes nas bibliotecas, leituras em grupo dentro e fora da sala de aula, inserção das obras existentes na biblioteca, mesmo que de títulos diferenciados, dentre outras propostas. Este projeto pretende investigar nas escolas estaduais da nossa cidade – Imperatriz – MA – a inserção dos alunos nestes Clubes, avaliando o interesse, participação e efetivação. Assim, teremos dados coletados para avaliar como se desenvolveu e quais aspectos foram relevantes para a ampliação da proposta do Ensino Literário na cidade. Para nós, a estratégia do Clube do Livro proporcionará o maior acesso dos alunos-membros aos livros ainda não disponíveis nas escolas, a criação de autonomia e parcerias nas leituras em grupo e o envolvimento da comunidade no processo escolar. No quesito do ensino literário, validará as leituras sugeridas pelo currículo escolar e demais leituras sugeridas pelos alunos, inserindo-o no processo educacional como co-criador e não apenas receptor. Assim, participando mais ativamente do processo, o aluno alcançará um nível de consciência e reflexão que o possibilitará atuar na sociedade.

Palavras-chave: Palavras-chave: Ensino Literário; Clube do Livro; Escolas Estaduais

LITERATURA NA REDE: BOOKTUBERS COMO MEDIADORES DE LEITURA

Rebeca Mendes Garcia e Adriana Demite Stephani

Resumo: Este trabalho objetiva investigar, por meio de uma revisão de literatura, de abordagem qualitativa, as contribuições dos booktubers para a formação de leitores literários, enquanto mediadores de leitura. A comunidade do youtube chamada booktube contém canais sobre livros literários, cujos produtores de vídeos são intitulados booktubers. Estes apresentam resenhas frequentemente, realizam entrevistas com escritores e movimentam o mercado editorial. Nesse sentido, devido ao uso contínuo da internet, torna-se necessário refletir a respeito do ciberespaço e de como as relações são alteradas a partir desse novo contexto. Assim ocorre também na relação das pessoas com os livros, uma vez que conceitos de leitura e interação com obras literárias têm sido modificados. Com o fim de analisar essa comunidade booktube e as implicações dela na experiência literária das pessoas, esta pesquisa se desenvolverá. Primeiramente, discutiremos acerca da formação do leitor com base nas concepções de Candido (1988), Cosson (2006) e Zilberman (2007) e em pesquisas anteriormente realizadas a respeito dos booktubers tais como Balverdu (2014), Silva (2016) e Jeffman (2017).

Palavras-chave: literatura; booktubers; letramento literário.

17/07 (TARDE)

A RELEITURA DOS CLÁSSICOS NO MEIO DIGITAL

Patrícia Lopes da Silva

Resumo: Esta proposta trabalho apresenta uma experiência de leitura realizada no 2º e 3º ano do ensino médio de uma escola no interior de Minas Gerais, na qual se buscou empregar metodologia que permitiu verificar as possibilidades da leitura digital no contexto escolar. Foi aplicado questionário a fim de fazer um levantamento sobre os livros já lidos pelos alunos e quais as suas preferências. Em seguida, foram escolhidas algumas releituras de clássicos em meio digital para avaliar a recepção dos alunos à leitura literária nas diferentes plataformas. Constatou-se que apesar da ótima recepção, a maioria dos alunos ainda prefere o livro impresso.

Para essa prática, teve-se como suporte teórico Roxane Rojo, Magda Soares, Roger Chartier dentre outros.

Palavras-chave: Palavras-chave: Práticas de leitura, texto digital, releitura dos clássicos.

LETRAMENTO LITERÁRIO: ELO ENTRE A LITERATURA DIGITAL E A LITERATURA CANONIZADA

Ueslene Coelho de Sousa Ramos

Resumo: Este trabalho tem como objetivo encontrar caminhos que possam auxiliar ao aluno no seu processo ensino-aprendizagem a contemplar os significados simbólicos da literatura. Significados estes que se perdem muitas vezes dentro da sala de aula com um ensino baseado apenas na instrumentação da aprendizagem para o Enem e/ou vestibulares. Através de um estudo qualitativo que analisa a história do ensino da literatura em escolas brasileiras durante as últimas décadas seus caminhos e descaminhos, procura-se encontrar novos métodos para interligar leitores digitais, seus gostos, preferências, influências a um outro tipo de literatura denominada canônica que traz consigo a essência e o papel cultural e social de outras épocas. Buscar também métodos que possam incentivar os alunos do Ensino Médio que não se sentem atraídos pela leitura, que esta vai muito além de uma disciplina da área de linguagem. Como alguns dos parâmetros conceituais para formação do leitor utilizarei Cosson (2006) e Perrone-Moisés (2016).

Palavras-chave: Caminhos; Ensino-aprendizagem; Literatura.

LITERATURA CONTEMPORÂNEA NA SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA COM DESESTERRO, DE SHEYLA SMANIOTO

Silvia de Paula Bezerra

Resumo: Lecionar Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Médio é um trabalho não só gratificante como também desafiador. Isso porque, aproximar a leitura das mais variadas obras literárias e a realidade da maioria dos alunos adolescentes é uma tarefa que exige conhecimento e criatividade. De acordo com Tereza Colomer (2007) a educação literária deve ser uma constante aprendizagem baseada na construção de percursos variáveis, uma vez que a escola tem o dever de garantir aos alunos o acesso à literatura, enquanto a decisão de ir além do que foi apresentado caberá a cada estudante. Por isso, acreditamos que o professor deve buscar os meios para que se criem os caminhos mencionados pela autora, isto é, maneiras de fazer com que os jovens encontrem motivos para ler cada vez mais e melhor, além de construírem as suas próprias aproximações e questionamentos. Consoante esta premissa, o objetivo deste trabalho é, a partir da experiência de leitura da obra *Desesterro*, romance de Sheyla Smaniotto vencedor do Prêmio Sesc de Literatura 2015, realizada em salas de aula do terceiro ano do Ensino Médio em escola pública municipal, mostrar que é possível uma aproximação entre teoria e prática buscando ampliar a capacidade de interpretação e de crítica dos estudantes por meio da leitura de obras contemporâneas e da apropriação de seu conteúdo por meio da construção de diálogos entre os alunos, suas vivências e o texto literário. Em primeiro lugar, os alunos pesquisaram a respeito das origens de seus familiares. A leitura da obra foi realizada individualmente e também em grupo, como uma estratégia que possibilita a ampliação e a complementação do sentido do texto lido, criando, segundo Paulo Freire (2016), pontes de diálogo entre os alunos, dando-lhes voz e atuação, fatores imprescindíveis para o posicionamento crítico. Realizamos ainda, uma conversa com a autora, que visitou a escola e falou a respeito de sua produção, de seu trabalho com a linguagem e de suas influências, atividade que, segundo Freire (2016) é um “exercício de muita riqueza” uma vez que aproxima escritor e leitor e auxilia os estudantes na percepção das tramas sociais e culturais que permeiam as produções literárias de todas as épocas. Tendo como apoio os pressupostos de Freire conciliados às propostas de Colomer, a experiência real em sala de aula com uma obra contemporânea surtiu efeitos produtivos, uma vez que aos alunos foi direcionada uma compreensão que não estava presa apenas às sugestões do livro didático ou esvaziada de acompanhamento teórico. Conclui-se que é grande o desafio



para aproximar os alunos do Ensino Médio das variadas produções literárias porque que não basta fazer circular a literatura na escola sem contemplar a dimensão social das práticas de leitura, isto é, o discurso pedagógico normativo é vazio se não reavaliado em esferas distintas. O objetivo das práticas literárias na escola deve ser focado no encontro entre o leitor e o texto e não no texto como mera ilustração de conceitos.

Palavras-chave: Literatura contemporânea; Ensino; Leitura; Estratégias

ESCOLA, LEITURA E DISPUTAS LITERÁRIAS: O CASO DA POLÊMICA SOBRE A OBRA DE MONTEIRO LOBATO

Filipe Rodrigues dos Santos

Resumo: O presente trabalho busca compreender algumas das relações conflituosas entre recepção de literatura, leitura literária e educação, considerando a polêmica, iniciada em 2010, sobre a obra *Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato, e os contornos jurídicos dela decorrentes. Interessa-nos refletir acerca dessa escolarização a partir da polêmica sobre a obra de Monteiro Lobato e das questões jurídicas relativas a ela, pensando principalmente no direcionamento judicial que modifica os currículos escolares. Subjaz à denúncia contra o livro *Caçadas de Pedrinho*, feita ao Conselho Nacional de Educação, que a leitura de uma obra infantil pode propagar ou reforçar o lugar de subalternização do negro na sociedade brasileira. A principal preocupação estaria justamente no fato de ser uma iniciação à leitura, ou seja, os estudantes estariam ainda despreparados e sujeitos à assimilação de determinadas ideias presentes na obra. A discussão, portanto, coloca-se na relação entre literatura e educação, e, em especial, à questão de Monteiro Lobato, que leva a problemas e certames práticos postos aos professores em seu dia a dia de trabalho, outorgando-lhes ou não o direito à voz e à escolha de suas próprias leituras.

Palavras-chave: Leitura Literária; Educação; Monteiro Lobato.

25 - ENTRE A CRISE E A SOBREVIVÊNCIA: NARRATIVAS DISTÓPICAS CONTEMPORÂNEAS

Coordenação: Profa. Dra. Júlia Braga Neves (Centro Universitário IESB); Profa. Dra. Marina Pereira Penteado (FURG)

Resumo: Ao longo das últimas décadas, a produção de narrativas distópicas cresceu significativamente. Embora o termo distopia tenha sido utilizado pela primeira vez por John Stuart Mill, em 1868, como o antônimo de utopia (JACOBY, 2007, p. 222), seu conceito foi melhor trabalhado durante os séculos XX e XXI. Caracterizado muitas vezes como uma categoria genérica única, na qual se pressupõe uma sociedade imaginária, geralmente ambientada no futuro, com estrutura própria e que, ao contrário da utopia, apresenta um universo mais degradado que o contemporâneo, a manifestação de termos como “distopia crítica” (BACCOLINI, MOYLAN, 2003) e “ustopia” (ATWOOD, 2011) colocam em evidência a pluralidade de definições do subgênero.

Teóricos como Alexandra Aldridge ainda estabelecem uma relação entre a distopia e os temas científicos e tecnológicos típicos da ficção científica (ALDRIDGE, 1984), excluindo obras canônicas como *1984*, de George Orwell, de sua classificação. No entanto, estudiosos, como M. Keith Booker, abrem a definição de distopia ao relacioná-la com a crítica às condições sociais ou sistemas políticos existentes (BOOKER, 1994), permitindo que outros tipos de ficção especulativa sejam vistos como distópicos e não apenas a ficção científica. Propomos neste simpósio discutir conceitos de distopia, bem como tecer um debate sobre narrativas distópicas contemporâneas que, além de tratar da sociedade de controle e do medo do autoritarismo, têm enfatizado a destruição ambiental e as ansiedades em relação ao corpo.

Se após o colapso dos estados socialistas o número de obras distópicas aumentou, recentemente, com as contranarrativas ao aquecimento global, o crescimento dos movimentos de extrema

direita no cenário político nacional e internacional e com a consolidação do neoliberalismo como forma de governança, essas narrativas têm chamado ainda mais atenção da crítica. Enquanto catástrofes ambientais trazem à tona a discussão sobre a intensificação da intromissão tecnológica na natureza, como vemos em a *Trilogia MaddAddam* (2003, 2009, 2013), de Margaret Atwood, e na série *Parábolas* (1995, 1998), de Octavia Butler, o controle sobre o corpo também aparece como temática frequente, como em *O conto da aia* (1985), de Atwood, e também no romance da alemã Juli Zeh, *Corpus Delicti: um processo* (2013).

Muitas vezes, as narrativas distópicas recorrem ao transhumanismo para refletir sobre formas de impulsionar a evolução do intelecto e da fisionomia da espécie humana, aumentando assim a expectativa de vida e a “liberdade reprodutiva” e eliminando doenças que comprometam a capacidade de performance do ser humano (BOSTROM, 2005). É nesse sentido que o transhumanismo relaciona-se com o conceito foucaultiano de biopoder, pois à medida que se estende a vida e se aprimora o corpo, amplia-se também a capacidade de força de trabalho, regulam-se as formas de reprodução e excluem-se aqueles que não podem ou não conseguem adequar-se aos padrões (HALL, 2017). Ao intensificar a centralidade e a sobrevivência do ser humano, surge também a discussão sobre uma nova era: a do Antropoceno. Popularizado em 2002 pelo químico Paul Cruetzten, este termo tem sido usado por um grande número de cientistas e pesquisadores para discutir as alterações que o planeta sofreu por causa da interferência humana nos últimos anos (TREXLER, 2015).

Nosso simpósio tem como objetivo discutir obras literárias, filmes e séries que reflitam sobre cenários distópicos. Abrimos espaço para contribuições que contemplem a distopia em relação às mudanças climáticas, ao autoritarismo e nacionalismo, ao controle sobre os corpos, principalmente no que se refere a minorias identitárias, e também às questões tecnológicas e científicas no transhumanismo e no Antropoceno.

Referências:

- ALDRIDGE, Alexandra. The scientific world view in dystopia. Ann Arbor: UMI Research Press, 1984.
- ATWOOD, Margaret. Ana Deiró (trad.). O conto da aia. Rio de Janeiro: Rocco, 2017 [1985].
- _____. Léa Viveiros de Castro (trad.). Oryx e Crake. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- _____. In Other Worlds: SF and the human imagination. New York: Nan A. Talese/Doubleday, 2011.
- _____. MaddAddam. Nova York: Anchor, 2013.
- _____. Márcia Frazão (trad.). O Ano do Dilúvio. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.
- BACCOLINI, Raffaella e MOYLAN, Tom (Orgs.). Dark horizons: Science fiction and the dystopian imagination. New York: Routledge, 2003.
- BOOKER, M. Keith. Dystopian literature: a theory and research guide. Wesport, CT: Greenwood Press, 1994.
- BOSTROM, Nick. “The Defense of Posthuman Dignity”. In: *Bioethics* n. 19, 2005, pp. 202-214.
- BUTLER, Octavia. Carolina Coelho (trad.). A Parábola do Semeador. Campinas: Editora Morro Branco, 2018.
- HALL, Melinda. The Bioethics of Enhancement: Transhumanism, Disability and Biopolitics. Lanham: Lexington, 2017.
- JACOBY, Russel. Imagem imperfeita: pensamento utópico para uma época antiutópica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- TREXLER, Adam. *Anthropocene Fictions: The Novel in a Time of Climate Change*. Virginia: University of Virginia Press, 2015. Edição Kindle.
- ZEH, Juli. Marcelo Backes (trad.). Corpus Delicti: um processo. Rio de Janeiro: Record, 2013.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)



O TRIUNFO DO PATRIARCADO EM O CONTO DA AIA

Adriana Madeira Coutinho

social ainda que distópico traçado pela autora em 1985 diante do backlash estadunidense às situações que são vivenciadas pela atual sociedade brasileira com a resposta conservadora ao que contemporaneamente chamamos de quarta onda feminista. O romance traz alguns registros importantes para a discussão de gênero. Em primeiro lugar destaco o papel desempenhado pelas mulheres na sociedade de Gilead, sem prescindir da divisão por classes sociais, onde podemos observar os privilégios atuando. As mulheres são divididas por tarefas que desempenham, tarefas domésticas são executadas pelas Marthas, a procriação fica a cargo das Aias – tarefa de destaque pelo seu fim, uma vez que aquela sociedade vive sob o signo da infertilidade, mas é mister entender que assim como acontece com classe trabalhadora, o exercício da função principal não garante aquele que produz nenhum privilégio pelo cargo que desempenha - a manutenção e formação das Aias fica a cargo das Tias. As esposas cabe o gerenciamento do ambiente doméstico. As econoespeosas e as não-mulheres são mencionadas de forma bastante rápida. O ideal de mulheres forjado pela narrativa se assemelha ao que vivemos atualmente mesmo que possamos encarnar todas as categorias descritas acima em uma única mulher. O reforço dos papéis ligados a produção e reprodução da vida é a pedra de toque do patriarcado, enquanto aos homens cabe o exercício da liberdade, o direito ao conhecimento e gestão da coisa pública e a propriedade das mulheres. Se é verdade que o Conto da Aia é uma obra de ficção especulativa, parece que no Brasil, essa especulação veio bem a calhar. A quarta onda feminista, termo ainda em elaboração, cunhado por Heloisa Buarque de Hollanda, utilizado para retratar o que seria a amplificação do movimento feminista a partir das ruas e das redes, os feminismos da diferença, o avanço das lutas identitárias aqui no Brasil em pleno século XXI é o alvo preferencial da resposta conservadora que vivenciamos hoje com a eleição de um governo conservador, misógino e preconceituoso, uma espécie de backlash brasileiro. Diante do aumento da bancada evangélica dentro do Congresso Nacional e de um slogan da presidência da república que vem ganhando corpo “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”, a passos largos vamos percebendo retrocessos significativos, além dos ataques ao conjunto de trabalhadores com reformas antipopulares, as mulheres sofrem com a flexibilização da posse de armas, recrudescimento na legislação que trata da saúde reprodutiva e do abortamento e um discurso conservador que joga a mulher para o ambiente privado novamente. Todos esses acontecimentos me parecem estar em sintonia com a obra. Longe de querer equiparar a arte à vida a provocação em questão vem da vontade de entender o porquê de ser tão atual uma narrativa escrita em 1985. De forma atemporal as lacunas que fazem das mulheres reféns do patriarcado parecem as mesmas.

Palavras-chave: Estudos de Gênero; Distopia; Patriarcado; O Conto da Aia

UMA DISTOPIA FEMININA: THE HANDMAID’S TALE A QUESTÃO DE GÊNERO

Ana Letícia Barbosa de Faria Gonçalves

Resumo: Assumindo a perspectiva da crítica feminista, este trabalho analisará a distopia *The Handmaid’s Tale* (ATWOOD, 1985) levando em conta o contexto político-social de sua produção, assim como os elementos internos ao texto, na intenção de colocar em relevo a questão de gênero. Para tal, nos auxiliaram, especialmente, os textos teóricos *The Madwoman in the Attic* (1979), de Sandra Gilbert e Susan Gubar, *Of Woman Born* (1976), de Adrienne Rich e *Crítica Literária Feminista - uma trajetória* (2016), de Susana Bornéo Funk. A escritora canadense Margaret Atwood lançou *The Handmaid’s Tale* pela primeira vez no ano de 1985. O cenário norte-americano da época enfrentava o ressurgimento de ideias conservadoras, as quais representaram um antagonismo às conquistas feministas relativas ao movimento de emancipação das mulheres nos anos 70. É diante deste contexto que Atwood compõe uma narrativa situada em uma região dos Estados Unidos, onde são realizados um golpe de estado e a completa reorganização do funcionamento político-social, levando à fundação de um sistema



teocrático e totalitarista. A narradora-protagonista apresenta a perspectiva das aias, uma espécie de casta composta por mulheres férteis, cuja função é conceder filhos às famílias dominantes. A reverência simbólica pela mulher-mãe é algo característico da sociedade Ocidental pelo menos desde Maria, anulada em sua individualidade e sexualidade pela tarefa de gerar o Salvador na mitologia cristã. Não coincidentemente, a procriação em *The Handmaid's Tale* se concretiza como uma responsabilidade alheia à subjetividade da mulher e independente de sua vontade: a aia é um “útero com pernas” (ATWOOD, 1985), cuja obrigação é impedir a extinção da humanidade. Ainda, ao compor um universo que tem o corpo feminino como motor, Atwood toca em questões fundamentais referentes à emancipação da mulher e a seu embate contra uma cultura androcêntrica que a desfavorece e subjuga historicamente. A ausência de um deslocamento geográfico ou temporal, estratégia recorrente em utopias, aproxima o leitor - mas especialmente a leitora - daquela realidade ficcional. De fato, nenhuma característica imputada à República de Gilead evade completamente o universo do real: a narrativa trabalha com fatos históricos que remetem a épocas e a espaços distintos, não fabulados pela autora. Ainda, ao contrário de utopias feministas anteriores, tal como *Herland* (1915), de Charlotte Perkins Gilman, Atwood opera com a desidealização da glorificação do feminino. Considerando a recente revalorização da obra de Atwood e o sucesso estrondoso da série televisiva homônima (2017) inspirada no livro, somos suscitados a avaliar os paralelos possíveis entre o cenário político atual e aquele que inspirou a autora a narrar sobre a fragilidade das conquistas femininas. O conservadorismo eminente no Brasil e no mundo está firmemente atrelado a políticas retrógradas no que diz respeito ao direito reprodutivo da mulher. A intenção, portanto, é pensar a relevância do romance e sua leitura no século XXI, tendo a questão da mulher como enfoque principal, porém também refletindo sobre diálogos possíveis com outros textos utópicos.

Palavras-chave: crítica feminista; distopia; Margaret Atwood

O COMPONENTE EPISTEMOLÓGICO EM O CONTO DA AIA (1985), DE MARGARET ATWOOD

Mariana Mendes Flores

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo destacar a relevância do componente epistemológico na narrativa de Ficção Científica distópica *O Conto da Aia* (1985), de Margaret Atwood. Ao refletir sobre o gênero Ficção Científica, Brian McHale aponta em *Postmodernist Fiction* (1987) que este tipo de ficção é norteado por um dominante ontológico, pelo fato de promover tensões sobre o que se pode compreender sobre a realidade. Narrativas orientadas por este dominante apresentam em si uma descontinuidade em relação à realidade empírica e, por isso, representam mundos possíveis relativamente distintos do que vivenciamos. Segundo o autor, textos que apresentam esta orientação tendem a incitar questionamentos como “Que mundo é este? Que tipos de mundo existem e como são constituídos, em que se diferenciam?” (MCHALE, 1987, p. 6). McHale define também a concepção de dominante epistemológico, uma vez que sustenta a hipótese de que a principal mudança estrutural entre a ficção modernista e a pós-moderna consiste na alternância do dominante epistemológico para o ontológico. De acordo com o teórico, textos que apresentam a modalidade epistemológica como dominante estão centrados nas percepções individuais dos personagens em relação ao mundo que vivenciam, por isso, pautam-se nas individualidades e expressões de suas subjetividades. Ritch Calvin (2016), ao tratar especificamente da Ficção Científica Feminista, compreende que as narrativas inscritas nesse subgênero, além de questionamentos de ordem ontológica, por serem ambientadas em realidades distintas, levantam perguntas epistemológicas, ou seja, tendem a incitar reflexões acerca das relações entre os sujeitos representados e o ambiente sócio-cultural em que estão imersos. A distinção entre esta abordagem daquela orientada exclusivamente pelo dominante ontológico – que, objetivamente, busca descrever um universo e que concentra-se nos traços do ambiente criado ficcionalmente – está fundamentada nas percepções subjetivas desses sujeitos, consolidando-se como “uma série de estratégias de escrita e leitura que



codificam e decodificam práticas e normas sociais” (CALVIN, 2016, p. 6 – tradução nossa). Em O conto da Aia, temos acesso a Gilead, o Estado totalitário e teocrático que ambienta a narrativa a partir do relato da experiência da narradora Offred. A enunciativa exprime em seu testemunho clandestino impressões individuais acerca dos acontecimentos, constituindo, assim, uma versão historiográfica construída pela voz de um sujeito oprimido. Esta percepção permite o estabelecimento de relações entre a narrativa e o pensamento de Linda Alcoff e outras epistemologistas contemporâneas cujos argumentos se concentram na possibilidade de transgressão dos discursos dominantes pela voz dos subalternos. Ainda de acordo com Calvin, “(algumas) epistemologistas feministas/naturalistas valorizam o material em relação ao imaterial, o corpóreo em relação ao mental e o cotidiano em relação à idealização” (CALVIN, 2016, p.31).

Palavras-chave: Ficção Científica, distopia, epistemologia contemporânea, O Conto da Aia, Margaret Atwood

A INFERTILIDADE COMO METÁFORA EM THE CHILDREN OF MEN DE P.D. JAMES Alice de Araujo Nascimento Pereira

Resumo: As projeções sobre o futuro da sociedade Ocidental no atual momento histórico estão profundamente pessimistas. Isso fica patente na literatura com a proliferação de distopias desde a segunda metade do século XX, anos que nos trouxeram tanto progresso quanto inquietações e percalços. O progresso, que antes invocava um otimismo radical, agora se direciona para uma antecipação fatalista da ameaça de uma mudança inexorável que aumentaria a crise que nos afunda (BAUMAN, 2007). O medo acerca de uma aguda crise populacional está presente em algumas das distopias, refletindo as mudanças científicas, tecnológicas e demográficas nesse mesmo período. No romance de 1993 *The Children of Men*, de P. D. James, o historiador Theo Faron narra um futuro em que os homens perderam misteriosamente a fertilidade, não havendo sequer um nascimento há vinte e cinco anos, e o sentimento de desalento prevalece. Mas James não faz um mero exercício especulativo para projetar as consequências materiais que esse acontecimento teria social ou politicamente, embora isso também seja uma preocupação na trama. Nossa hipótese é de que a autora utiliza a infertilidade como metáfora para criticar uma crise espiritual mais generalizada, retratando uma angústia existencial da sociedade. Essa angústia não encontra respostas satisfatórias na religião organizada nem na ciência e procuraremos analisar como os personagens e os acontecimentos da narrativa retratam essa perda de referência. Além disso, a infertilidade no romance não é só um fenômeno biológico, mas um sintoma das próprias relações humanas estéreis, contaminadas pela culpa, ganância e egoísmo, e isso contribui para alienação e solidão dos personagens. Procuraremos discutir como as questões morais com as quais James se preocupa estão entrelaçadas com as questões políticas nessa distopia, utilizando as obras de Keith Booker, Tom Moylan e Gregory Claeys acerca desse gênero literário, a obra de Zygmunt Bauman para discutir sobre alienação e angústia na contemporaneidade, as ponderações sobre o medo do fim do mundo de Eduardo Viveiro de Castro e Débora Danowski e textos críticos sobre o romance.

Palavras-chave: Distopia; infertilidade; metáfora

17/07 (MANHÃ)

COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DE BLACK MIRROR Alcione Galdino Vieira

Resumo: Este trabalho tem como objetivo realizar uma análise semiótica do seriado britânico *Black Mirror*. Trata-se de uma das ficções televisivas de grande repercussão na atualidade, criada por Charlie Brooker, que desde a sua estreia, em 2011, passou a ser seguida por milhões de telespectadores do mundo todo. A produção tenta representar as realidades sociais, políticas, culturais e econômicas imperceptíveis às pessoas em seus cotidianos. *Black Mirror* traz uma reflexão, a partir de diferentes perspectivas, sobre como na contemporaneidade o conjunto de



desenvolvimentos tecnológicos tem provocado mudanças radicais nos instrumentos de comunicação da humanidade. Revela de que forma a tecnologia, que é reivindicada para tornar a vida das pessoas mais fácil, acaba por destruir vidas. Black Mirror também aborda a temática da manipulação dos públicos pelos meios de comunicação e a consequente dependência dos mesmos em relação aos poderes dominantes. Assim, este trabalho tem o objetivo de estudar o seriado Black Mirror, mais especificamente três de seus episódios, a partir da perspectiva da semiótica. Tanto do ponto de vista dos personagens, como do conteúdo, da estética e do estilo narrativo. Trata-se de analisar os aspectos que fazem de Black Mirror um fenômeno midiático contemporâneo. Certamente, configura-se como um seriado televisivo com características bastante singulares. Tendo como pano de fundo o gênero distópico, oferece um conjunto de estímulos que vão desde o puramente físico, tais como tensão e medo, próprios do suspense e do drama, até psicológicos, como, por exemplo, projeção de sentimentos ou sublimação emocional, típicos da ficção. Por meio de um formato original e dinâmico, leva o público a imergir em um modelo de mundo-ficção, com alta dose emocional e foco nos conflitos de relacionamentos humanos no cotidiano, peculiares da sociedade contemporânea. Black Mirror é uma espécie de contraponto em uma mídia predominantemente carregada de enfoques superficiais sobre as mais diversas temáticas. Desse modo, a partir da semiótica peirceana, da aplicação desse conjunto teórico por Lúcia Santaella, que culminou nas “matrizes da linguagem e do pensamento”, será desenvolvida uma análise de episódios da série Black Mirror, enquanto uma estrutura diversificada de signos. A partir da compreensão do produto audiovisual como linguagem híbrida, evidenciam-se estruturas inéditas, produtoras de sentido. Tal abordagem estabelece, ainda, relações dialógicas, fundamentadas em redes intertextuais e campos significativos. Nesse sentido, a análise apóia-se nos conceitos de intertextualidade e hipertexto de Kristeva, Barthes e Genette, bem como na ideia de desconstrução proposta por Derrida. Assim, Black Mirror representa um aspecto do fenômeno mais amplo da intertextualidade.

Palavras-chave: Semiótica; Intertextualidade; Black Mirror.

PANEM ET CIRCENSES – O PÃO E O CIRCO EM JOGOS VORAZES

Anna Carolyna Barbosa

Anna Carolyna Barbosa (Universidade Federal de Uerlândia)

Resumo: David Harvey, em *Condição Pós-Moderna* (2014), afirma que o conceito de pão e circo é uma fórmula utilizada desde a antiguidade, e que desde então tem-se obtido êxito ao utilizá-la como forma de controle social; seu uso consciente tem sido frequentemente empregado a fim de pacificar elementos insatisfeitos ou inquietos de uma população. Já de acordo com Eneida Maria de Souza, em *Janelas Indiscretas* (2011), o espetáculo parte do ponto em que o que é privado se torna público. Para a pesquisadora, “A estrutura ambígua do espetáculo permite, por momentos, que a manifestação pública predomine sobre a privada, em que se mesclam sentimentos os mais variados” (p.29). Oposto direto da literatura Utóptica, que era embasada nos sentimentos positivos de Platão e Thomas More em relação ao futuro da humanidade, as distopias do século XX são, predominantemente, extrapolações daquilo que os escritores sentem que são efeitos destrutivos e desumanizantes da tecnologia e das mudanças tecnológicas. Baseado no caráter crítico, predominante nas obras de distopia e baseado nas falas de Harvey e Souza, este trabalho objetiva analisar dentro da narrativa de Suzanne Collins, *Jogos Vorazes* (2008), os elementos: “pão e espetáculo” utilizados na obra, como elementos ambivalentes, recursos empregados pelo governo ditador, do presidente Snow, como formas de repressão e de alienação, que funcionam dentro do sistema ditatorial para manter a paz e a hierarquia na constituição do país de Panem. Para embasar o presente trabalho, também nos valeremos de teóricos como de Keith M. Booker (1994), Fogg (1975), Benjamin (1955), entre outros autores que ajudarão a discutir e refletir sobre as questões propostas.

Palavras-chave: Literatura distópica; espetáculo; Jogos Vorazes; mídia; reality show

NASCIMENTO E MORTE EM TEMPOS DE SINGULARIDADE TECNOLÓGICA



Marcelo Gustavo Costa de Brito

Resumo: Fenômeno particular da era moderna, a chamada “Singularidade Tecnológica” tem sido objeto de estudo cada vez mais frequente entre pesquisadores dedicados a compreender os processos que moldam o mundo contemporâneo, em especial entre filósofos, sociólogos, historiadores e literatos. Trata-se do resultado da junção entre interesses econômicos e ciência no mundo capitalista, o que gerou uma aceleração tecnológica como nunca antes vista na história conhecida, fenômeno de resultados ainda bastante incertos. Embora praticamente inexistentes na esfera pública, onde de maneira geral sempre foram abafadas em nome da naturalização do progresso tido como desejável e inevitável, preocupações relativas ao avanço da tecnociência mantiveram-se presentes na academia ao longo da segunda metade do século XX, além de terem sido recorrentemente abordadas em inúmeras narrativas produzidas neste período. O objetivo deste artigo é analisar duas narrativas fílmicas que abordam duas das principais promessas da Singularidade: o controle do nascimento e o controle da morte por meio da tecnologia. *Gattaca* (1997), escrito e dirigido por Andrew Niccol, e *Blade Runner* (1982), dirigido por Ridley Scott baseando-se em obra de Philip K. Dick, serão as narrativas fílmicas privilegiadas para entender como a ficção, tantas vezes, coloca-se como ponto de inflexão ao discurso hegemônico do progresso tecnocientífico moderno.

Palavras-chave: Distopias; Singularidade Tecnológica; *Gattaca*; *Blade Runner*; Modernidade.

O HOMEM POSSÍVEL?: FORMAS DO HUMANO NAS RELAÇÕES ENTRE UTOPIA, DISTOPIA E HISTÓRIA

Almir Gomes de Jesus

Resumo: Situadas no antípoda da utopia, as distopias literárias poderiam ser definidas como espaços interacionais relativamente mais abertos ao fluxo do devir histórico que sua contraparte utópica (Cf. BERRIEL, 2005). Em certa medida, elas carregariam em si o peso de um passado que as definiu, enquanto projeto ou resultado das ações humanas, e que encontrar-se-ia integrado às contingências de um presente que não as tornaria imunes às vicissitudes do tempo. Nesse sentido, em relação reversa com as utopias, elas estariam propensas a reestruturações contínuas, apesar de condicionadas a um estado permanente de ‘imperfectibilidade’, que agiriam continuamente nas bases de sua fundação. Deste modo, o movimento de integração ao fluxo da História seria um dos elementos a distingui-las da estaticidade utópica, conformando, por conseguinte, um tipo de figura humana marcada pela falta e pela desmesura. Por conseguinte, se se concebe a plenitude da satisfação dos desejos comunitários humanos como traço distintivo das cidades utópicas, o que parece definir as distopias é justamente a insatisfação desses desejos e a repressão de parte importante do que se poderia definir como sendo a humanidade do Homem. É por esta razão que as distopias são tratadas, muitas vezes, como aniquiladoras da integridade do Ser, tornando-o aquilo que já não pode mais ser identificado com sua própria identidade. No entanto, tal distinção poderia levar-nos a pensar que as distopias afastam-se de uma representação acurada da figura humana, transmutando-a em imagem distorcida ou exagerada de sua própria condição e perdendo aquilo que poderia denominar-se como sua essência. Dentro deste espectro crítico, seria lícito indagar-nos se há possibilidade do Humano na distopia, mesmo quando deparamo-nos com situações de extrema radicalização de suas características? Para tentar responder a esta questão, propomos considerar o próprio conceito de humanidade que funda o pensamento utópico e que será problematizado, nas distopias, por tais representações limítrofes, atentando-nos para o fato de que nelas, ao contrário da contenção pulsional exigida nos espaços utópicos, a desmedida do comportamento humano é tratada como efeito possível de sua própria condição, cujos impulso e justificação encontram-se atrelados aos acontecimentos históricos (Cf. CLAEYS, 2010). Desta forma, ao invés de uma apreciação negativa da figura humana nas distopias, é possível tratá-la como indício de uma rearticulação da relação do homem com a História, enfrentando diretamente o caráter projetual dessa relação na utopia. Por isso, questionando diretamente o conceito de humanidade criado pelas projeções utópicas, a distopia potencializa as formas do humano,

criando possibilidades de representação intimamente conexas com os fatos históricos e projetando, por sua vez, situações que se coadunam a seus efeitos deletérios.

Palavras-chave: Humano; Utopia; Distopia; História

SENHOR DAS MOSCAS – A DISTOPIA DO SER HUMANO

Mônica Lopes Névoa Guimarães

Resumo: A humanidade sempre esteve envolta em histórias – factuais ou literárias – que versavam sobre assuntos diversos, não são poucas as histórias que tratam, por exemplo, da guerra e do comportamento humano durante períodos de conflito armado. As distopias não retratam necessariamente a guerra, mas discutem sistemas de governos aparentemente harmônicos que produzem uma tirania opressora que leva a uma rebelião. O romance *Senhor das moscas*, escrito por William Golding, pode ser considerada uma distopia porque conta a história de um grupo de meninos que acaba abandonado em uma ilha durante a Segunda Guerra Mundial. Esse abandono não tem qualquer explicação lógica, já que somente as crianças e pré-adolescentes teriam sobrevivido à queda do avião; em certa medida, Golding metaforiza a condição humana logo depois de Deus ter sido declarado morto. Diante do abandono e da crença de que seja necessário um tipo de organização social, há alguns personagens que se destacam como Ralph, Jack, Simon e Porquinho, eles representam diferentes pontos de vista sobre as necessidades básicas de uma sociedade como a deles. A maneira como o ser humano é retratado neste livro causa um impacto considerável, pois os personagens são adolescentes e crianças inglesas que, além da pouca idade, são indivíduos pertencentes a uma nação que se orgulha de sua organização e comportamento civilizado, mas mesmo assim acabam agindo como selvagens, chegando ao ponto de assassinar dois membros do grupo. Não se pode deixar de notar que há uma crítica a essa sociedade, bem como uma tentativa de se expor o ser humano diante da luta pela sobrevivência tal como acontece em séries de TV contemporâneas distópicas, como *Walking Dead*, por exemplo, ou *The Hundred*. O objetivo desta comunicação é refletir sobre a importância da ficção na construção de um ponto de vista sobre as relações sociais, bem como destacar alguns elementos da obra que parecem mostrar que a ficção, na visão de Nancy Houston, também pode conduzir à selvageria. Além disso, procura-se trazer o aspecto contemporâneo da obra, escrita nos anos 70, do ponto de vista da história, trazida por Linda Hutcheon. Finalmente, na reflexão sobre a selvageria que acaba tomando conta dos habitantes desta ilha perdida, traz-se alguns aspectos foucaultianos relativos ao poder e ao corpo. Como toda distopia procura trazer algo que seja o avesso do que se acredita ser a sociedade ideal e harmônica, onde todos dividem tudo e são capazes de conviver em paz, *Senhor das Moscas* surge como um elemento de crítica profunda à natureza humana que, sem os limites da civilização e da tolerância, pode chegar a um estado de selvageria inimaginável.

Palavras-chave: distopia; poder; metaficção; corpo

18/07 (MANHÃ)

A AMBIGUIDADE DISTÓPICA NA TRILOGIA “XENOGENESIS”, DE OCTAVIA BUTLER

Gabriela Bruschini Grecca

Resumo: Esta comunicação terá o objetivo de debater a tensão entre distopia e utopia na trilogia *Xenogenesis*, ou *Lilith's Brood*, publicada por Octavia Butler entre 1987 e 1989. A primeira obra, *Dawn*, nos insere em um futuro após uma guerra de proporções descomuns, que desembocaram na extinção quase total da humanidade. Os poucos sobreviventes são resgatados por uma raça alienígena, os Oankali, cuja conservação depende majoritariamente da troca de material genético com outras espécies. Pela tensão entre Lilith, uma das últimas de sua geração a guardar traços humanos idênticos aos que conhecemos hoje, e os Oankali, que agem de acordo com uma epistemologia totalmente diferente, *Dawn*, na análise de Naomi Jacobs (2003), se torna um exemplo daquilo que Tom Moylan, em sua obra crítica *Scraps of the Untainted Sky*



(2003), denomina “distopia crítica”. Neste conceito, Tom Moylan abarca as distopias que datam da década de mil novecentos e oitenta em diante, distanciando-as de suas predecessoras, principalmente, pelo grau de auto-reflexividade: enquanto as primeiras distopias modernas se dirigiriam majoritariamente à crítica dos sistemas ideológicos, as obras distópicas críticas questionariam a própria possibilidade da utopia. Em outras palavras, criticam não somente a implantação do conceito, mas também sua própria existência. A partir de tal definição, Jacobs desenvolve uma defesa de que a trilogia *Xenogenesis* seria uma distopia crítica, pelo fato de a obra de Octavia Butler ir além de retratar indivíduos esvaziados de agência (como no caso de 1984, de George Orwell), e questionar a ideia de agência em si, a qual, para a autora, nunca coincide totalmente com noções como identidade e individualidade (JACOBS, 2003, p. 92-93). Porém, é preciso questionar se apenas a análise de *Dawn* é suficiente para validar o conceito de Tom Moylan para toda a trilogia. Uma vez que as narrativas seguintes, *Adulthood Rites* e *Imago*, nos confrontam com subjetividades cada vez mais pós-humanas, elas também constroem um novo universo em que as formas antigas de compreensão do mundo desapareceram. Os Oankali, por sua vez, não assumem papéis típicos de déspotas; ao contrário, seu esforço em entender os humanos é expressivo, mas é a própria epistemologia desses seres que impede a completa compreensão dos anseios humanos. À luz do exposto, a hipótese a ser discutida é a de que a trilogia *Xenogenesis* realiza um movimento contínuo entre o utópico e o distópico. Enquanto *Dawn* propositalmente emula uma situação distópica para atingir seus objetivos, as continuções *Adulthood Rites* e *Imago* problematizam nossos conhecimentos prévios, com personagens e situações que se afastam cada vez mais de uma estrutura “pesadelar” da distopia, engendrando um lugar outro que não se resume aos polos melhor/pior. Com isso, pode-se sugerir que Octavia Butler esteja nos propondo uma reflexão sobre como o contato com o Outro pode sempre parecer distópico a priori, mas a convivência e o hibridismo, tal como definido por Bill Ashcroft (1998), acentuam que há uma complexidade maior em tal processo.

Palavras-chave: Distopia crítica; Ficção científica; Octavia Butler; *Xenogenesis*

A ANGÚSTIA DA INCERTEZA: SÍNDROME PRÉ-TRAUMA EM BOCA RATON E GHOST AND EMPTIES, DE LAUREN GROFF

Delzi Alves Laranjeira

Resumo: A ficção distópica se estabeleceu no século 20 como uma vigorosa questionadora das grands récits da modernidade: os discursos da racionalidade e da ciência, das ideias de revolução e socialismo, da fé no progresso e no futuro (KUMAR, 2013). Exemplos famosos são as distopias de Orwell, 1984 (1949), e Arthur C. Clark, Admirável mundo novo (1932), as quais enfatizam que essas “grandes narrativas” não se concretizaram como pilares de um mundo mais justo e igualitário e que tanto o presente como o futuro configuram-se como incertos e soturnos. A pergunta: “que tipo de mundo legaremos às futuras gerações?” é constantemente debatida em seus aspectos políticos e sociais e, notadamente a partir dos anos 80, também no que diz respeito às questões ambientais. No campo literário, a discussão sobre a mudança climática já é um tema dominante (JOHNS-PUTRA, 2016), que culminou na criação do termo “cli-fi” para distinguir narrativas com esse foco, muitas delas utilizando o gênero da distopia como forma de interpelar as consequências das ações humanas nos ecossistemas do planeta. Os estudos literários ecológica e ambientalmente orientados propõem teorias e formas de análise para as questões levantadas por essas narrativas. Um ponto chave nesses estudos é adoção do termo “Antropoceno”, proposto por Paul Crutzen (2000) para descrever uma nova era. Nela, a atividade humana representa uma ameaçadora força geológica, por meio da exploração sistemática, no arcabouço de uma visão capitalista ultraliberal e antropocêntrica, de entes orgânicos e inorgânicos, com drásticas consequências para o meio ambiente. Os impactos dessa exploração, contudo, seguem sendo minimizado pelas forças que a controlam, criando a impressão que tudo está “sob controle”, até os fatos demonstrarem o contrário. É nesse contexto de insegurança quanto aos efeitos das intervenções humanas na biosfera que os contos da escritora norte-americana Lauren Groff são analisados, sob a perspectiva dos estudos de Ann



Kaplan (2016) sobre a síndrome do estresse pré-traumático (PreTSS). No pré-trauma, segundo Kaplan, a pessoa padece, inconscientemente, de ansiedade antecipada e paralisante a respeito do futuro. É o que podemos identificar nos dois contos de Groff: em Boca Raton, a personagem desintegra ante a perspectiva de que o mundo como conhecemos, ou pelo menos a Flórida em que ela vive, não mais existirá, inundada pelos efeitos inevitáveis da mudança climática e aumento do nível dos oceanos, e não é possível proteger nem essa e nem as próximas gerações do desastre. Em *Ghosts and empties*, a personagem principal perambula pelos espaços da sua vizinhança como uma forma de escapismo da enorme ansiedade que carrega, por sua vez, engatilhada pela percepção da degradação do ambiente e dos relacionamentos. Essa peregrinação funciona, de fato, como uma retroalimentação de seu mal-estar e desconforto em relação ao seu mundo e ao futuro. Os contos de Groff são distópicos no sentido que suas personagens vislumbram seus espaços como não-lugares, esvaziados de esperança e de futuro sob a égide hostil do antropoceno.

Palavras-chave: Ecocrítica; Síndrome pré-trauma; Mudança climática; Distopia

VIGIAR E PUNIR: REPRESENTAÇÕES DO NEOLIBERALISMO E TRANSMANISMO EM “CORPUS DELICTI: UM PROCESSO” DE JULI ZEH

Júlia Braga Neves

Resumo: Esta comunicação tem o objetivo de analisar o romance distópico *Corpus Delicti*: um processo (2013), refletindo sobre os efeitos do neoliberalismo e do transumanismo na sociedade distópica em questão. Em seu livro, Zeh descreve uma ditadura da saúde, onde o sangue dos habitantes é constantemente testado a fim de detectar práticas que possam comprometer o seu desempenho e a sua longevidade. Entre os perigos estão as drogas ilícitas, a falta de atividade física, o excesso ou a deficiência de peso e doenças mentais. Nesse mundo, o estado é responsável pela saúde de seus cidadãos e, para efetivar o controle sobre os mesmos, cria-se o “MÉTODO”, que impõe-se como um sistema infalível na vigilância da saúde dos indivíduos. Em caso de violação das leis do MÉTODO, o estado deve punir o cidadão. A minha fala pretende discutir o romance à luz das reflexões de Michel Foucault (1979) sobre o neoliberalismo e o seu conceito de *homo oeconomicus*, onde o indivíduo deve atuar como um “empreendedor de si mesmo”, elevando ao máximo a produtividade, os lucros e a sua autonomia. Além disso, tem-se o objetivo de analisar o papel do estado neoliberal no romance de Zeh: ainda que o senso comum compreende o neoliberalismo como uma ausência de estado, *Corpus Delicti* demonstra, como a obra de Foucault sobre a biopolítica, que a presença do estado é imprescindível para o funcionamento da governabilidade neoliberal. Num estado onde o sujeito é constantemente vigiado para aprimorar a sua saúde e garantir maior produtividade, o desenvolvimento das tecnologias dedicadas ao tratamento de doenças e ao mapeamento de DNA tornam-se uma necessidade para a regulação da população. Este é o sistema que Zeh descreve em seu livro, relatando a história de Mia Holl e o suposto suicídio de seu irmão, que fora detido por não se comprometer aos cuidados do corpo impostos pelo MÉTODO. Por último, a minha leitura de *Corpus Delicti* será contextualizada no debate sobre transumanismo e ficção científica. Enquanto autores como Nick Bostrom (2005) defendem o melhoramento genético e a intervenção no envelhecimento humano, outros alertam para os perigos do uso da ciência e tecnologia para estes fins. Hall (2017), por exemplo, discute a relação do transumanismo em relação à biopolítica foucaultiana e à deficiência física, refletindo sobre o papel da ética na medicina e na ciência e sobressaltando o risco de catástrofes nas práticas transumanistas. Por sua vez, Mehlman (2017) ressalta em sua obra as maneiras pelas quais o transumanismo promove a longevidade e o aprimoramento genético como um sonho a ser alcançado, quando na verdade torna-se um pesadelo em sua prática. São exatamente estes aspectos apresentados por Hall e Mehlman que serão refletidos na obra de Zeh, pois a protagonista Mia, antes cientista e entusiasmada defensora do MÉTODO, vê-se num pesadelo causado pelo estado quando descobre que o suicídio de seu irmão fora na verdade um assassinato para acobertar uma falha médica.



Palavras-chave: transumanismo; ficção científica; distopia; Juli Zeh

DEPOIS DO SONHO AMERICANO: PESADELO E SOBREVIVÊNCIA EM GOLD FAME CITRUS, DE CLAIRE VAYE WATKINS

Marina Pereira Penteado

Resumo: Este trabalho propõe analisar como a falência do ideal de Sonho Americano é representada na narrativa cli-fi de Claire Vaye Watkins, *Gold Fames Citrus*. O romance se desenrola em uma Califórnia do futuro na qual a desertificação e a seca transformaram drasticamente o oeste norte-americano. Enquanto no passado os exploradores rumavam para lá, no futuro pós-apocalíptico de *Gold Fame Citrus*, os sobreviventes tentam desesperadamente voltar para o leste – ou ir para qualquer outra direção que não seja o oeste. Através da análise do romance, proponho uma discussão sobre a crítica que essa ficção faz ao progresso desenfreado incitado pelo ideal de Sonho Americano. Para tanto, teorias que tratam das temáticas do Sonho Americano, Antropoceno e ecocrítica terão um local de destaque para analisar a crítica aos posicionamentos políticos retrógrados que não privilegiam as discussões que envolvem o meio ambiente, mesmo quando tudo indica que estamos chegando em um momento preocupante do planeta. Se o discurso dos Estados Unidos foi constantemente voltado para mitos que recuperavam a noção de manhood e para o excepcionalismo, as práticas de exploração quase sempre estiveram de braços dados e mascaradas pelo ethos estadunidense. A exploração do oeste, iniciada ainda no século XVIII com a chegada dos Scotch Irish – que consolidou o arquétipo do frontiersman – e a ideia de fronteira, juntamente com o movimento para o oeste, sempre foi “a grande imagem do sentido norte-americano de possibilidade”, de acordo com Walter Allen. No entanto, embora a fronteira tenha feito o estadunidense, a ficção especulativa chama atenção para o fato de não haver mais oeste e wilderness para explorar, pois os mesmos já foram destruídos, indicando a necessidade de se repensar o ideal. Se pelo menos desde a publicação de *The Machine in the Garden* (1964), de Leo Marx, a discussão sobre a intromissão tecnológica na pastoral americana, proporcionada pelo progresso, tem sido tema de romances e da ecocrítica, é indiscutível que nos últimos anos essa interferência se intensificou. Tendo em vista tais mudanças e a quantidade de discussões sobre elas, não é de se espantar com o número elevado de romances que se enquadram no tema de mudança climática. Como Susanne Leikan e Julia Leyda notam, desde a agenda anti-ambiental de Trump, com a sua decisão de sair do acordo de Paris, em 2017, a crítica dessa literatura parece estar cada vez maior. Desta maneira, se o aumento da produção cli-fi pode ser explicado por causa da exaustão dos mitos nacionais e pela insistência em um ideal que segue atrelado a explorações inconsequente do meio ambiente, talvez a literatura que trate especificamente das mudanças climáticas instigue a readaptação do mesmo. É o que o romance escolhido para compor o corpus desta pesquisa parece tentar fazer.

Palavras-chave: Cli-fi; Distopia; Sonho Americano; Literatura Norte-Americana.

26 - EPISTEMOLOGIAS DO ROMANCE: PERCEPÇÕES ESTÉTICAS E SOCIOLÓGICAS COMO POSSIBILIDADES DE QUESTIONAMENTOS SOBRE A EXISTÊNCIA

Coordenação: Nailton Santos de Matos (UNINOVE); Glauco Correa da Cruz Bacic Fratric (UNINOVE)

Resumo: Este simpósio tem por objetivo abrir espaço para reflexões sobre arte e conhecimento. Busca-se entender os princípios que orientam as diferentes posturas epistemológicas e suas consequências no modo de organização estética do romance, como possibilidade de legitimação de um conhecimento sobre ser e estar no mundo. Tomando-se como base os teóricos como Lukács (1979) e Goldmann (1967) buscou-se fundamentar uma concepção histórico-cultural da produção dos conhecimentos como construtos orientados por estruturas psíquicas que são homólogas à vida social. Lukács (1979, p.75) acredita que cada fenômeno social “deve ser visto



como parte de um complexo dinâmico de interação com outros complexos, como algo que é determinado – interna e externamente – por múltiplas leis”. Aqui reside o princípio da dialética a partir da qual é possível “compreender e explicar” os fenômenos dentro de sua singularidade, particularidade e totalidade. Em *A origem da dialética*, Goldmann (1967, p.21) afirma que “todo aquele que se propõe estudar um sistema filosófico do passado, deve primeiro compreender as ligações entre os elementos fundamentais desse sistema e as condições sociais nas quais vivem os homens em cujo seio nasceu e se desenvolveu”. Esse princípio goldmanniano pode ser aplicado à análise de qualquer produção cultural (literatura, ciência, arte, religião, mitologia etc.). De acordo com Goldmann (1972b), o trabalho do investigador consiste em revelar a estrutura significativa que sustenta todo comportamento humano a partir da compreensão dos traços de singularidade dessa atividade a qual só poderá ser compreendida se inserida dentro de uma estrutura mais vasta que lhe permita perceber os traços gerais do fenômeno dentro de uma totalidade. Desse modo, se todo fenômeno (literatura, ciência, arte, religião etc.) tem um número maior ou menor de totalidades relativas, conforme destaca Goldmann, e se cada uma dessas totalidades tem sua significação particular no interior dos grupos sociais que produziu o fenômeno e nos quais se encontram as categorias mentais que estruturaram o fenômeno “a inserção dessa ou daquela visão do mundo em certas épocas precisas, resulta da situação concreta na qual se encontra os diversos grupos humanos no decurso da história [...]” (GOLDMANN, 1979, p. 94). Qualquer epistemologia que tenha a pretensão de explicar qualquer aspecto da realidade deve, segundo Goldmann, ter em mente que todo fenômeno humano deve ser analisado como processo, ou seja, dentro das relações que viabilizaram a construção dessa realidade. Para ele (1972, p.16), os fenômenos humanos se dão de maneira dialética e só desse modo é possível compreendê-los e explicá-los. “Talvez possamos precisar aqui os conceitos de compreensão e de explicação: a descrição de uma estrutura significativa e de seus vínculos internos é um fenômeno de compreensão. Mas a tentativa de descrever o futuro da estrutura mais vasta (pois é claro que estamos sempre em presença de uma estrutura relativa composta de estruturas parciais e que faz parte, ela própria, de estruturas mais vastas) tem um valor explicativo relativamente à estrutura englobada.” Goldmann (1993, p.108) escreve que “o estudo das grandes obras filosóficas e literárias demanda um trabalho de análise extremamente cuidadoso, já que no limite é preciso tentar depreender a partir da visão de conjunto tanto o conteúdo como a forma exterior da obra. Desse modo, a produção literária deve ser tomada não apenas como um simples registro (*mimesis*) da realidade. Ela é, antes de mais nada, a materialidade no campo da abstração da consciência possível de uma classe social. Mesmo quando apresenta um conteúdo diferente daquele presente na consciência coletiva, ela é, na estrutura (forma), homóloga à consciência coletiva de sua classe social e deve, segundo Goldmann (1972, p. 64), “ajudar os homens tomar consciência de si mesmos e de suas próprias aspirações afetivas, intelectuais e práticas”. Sendo assim, o presente Simpósio, “Epistemologias do Romance: percepções estéticas e sociológicas como possibilidades de questionamentos sobre a existência”, tem interesse por estudos que exploram a relação entre literatura e sociedade de modo a sondar aspectos existenciais que emergem da narrativa ficcional e que possibilitam reflexões sobre os modos de ser e estar no mundo, tomando como referência os elementos estéticos inerentes à narrativa ficcional tais como enredo, narrador, tempo, espaço, personagens e a visão de mundo por ela representada.

Referências:

- GOLDMANN, Lucien. *A criação cultural nas sociedades modernas*. Trad. Rolando Roque da Silva. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.
- _____. *A origem da dialética: a comunidade humana e o universo em Kant*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- _____. *Ciências humanas e filosofia: o que é Sociologia?* 12ª ed. Trad. Lupe Cotrim Garaude e José Arthur Giannotti. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1993.
- _____. *Dialética e cultura*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LUKÁCS, Georg. *Ontologia do ser social: princípios ontológicos fundamentais de Marx*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Ciência Humanas, 1979.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (TARDE)

POR UMA EPISTEMOLOGIA DO OPRIMIDO: ESTUDO DO ROMANCE O LOUCO DO CATI DE DYONÉLIO MACHADO

Nailton Santos de Matos

Resumo: A proposta desta comunicação é recuperar as principais categorias do método goldmanniano aplicado à literatura: totalidade, homologia, transcendência e consciência possível. O que há de mais interessante no seu método é que, diferente das demais correntes teóricas que veem a literatura como mero reflexo da sociedade, Goldmann destaca que a consciência coletiva é um dos elementos constitutivos da obra de literária. Para ele, a criação da obra literária não reflete os valores de uma classe social, mas se estrutura por conta deles. Diante da impossibilidade da literatura burguesa superar a visão de mundo de sua classe, esta pesquisa analisa a obra *O louco do Cati* de Dyonelio Machado a fim de recuperar a epistemologia do oprimido, bem como as visões de mundo forjadas pelos oprimidos, como saberes necessários para superação dos esquemas mentais burgueses que aprisionam os sujeitos e legitimam as estruturas mentais sutis que reproduzem a visão de mundo do opressor. Freire (1987) destaca, em *Pedagogia do oprimido*, que o processo de libertação das estruturas mentais do opressor só será possível pela ação do oprimido. A superioridade da sua visão de mundo se dá pelo fato de que ele se encontra no centro das contradições e, dessa posição, consegue, ao libertar-se da sombra do opressor, ver a realidade como uma estrutura e como uma totalidade. Esse movimento permite ao oprimido conscientizar-se de que é no embate com a realidade histórica e social que ele se transforma. Sendo assim, verifica-se a importância da literatura de Dyonelio Machado para a compreensão de como se constroem e como se estabelecem as relações de opressão. O viés do oprimido se configura num lugar privilegiado de enunciação capaz de revelar todas as sutilezas da opressão.

Palavras-chave: Literatura do oprimido. Epistemologia. Dyonelio Machado. Lucien Goldmann. Homologia.

DESOBEDIÊNCIA CIVIL E SOCIALISMO ENSAÍSTICOS: THOUREAU E WILDE E SUAS MANIFESTAÇÕES DE INCONFORMIDADE A SEUS ESTADOS CONTEMPORÂNEOS

Glauco Corrêa da Cruz Bacic Fratric

Resumo: O presente estudo visa a detalhar as perspectivas de dois autores de literaturas de língua inglesa, o irlandês Oscar Wilde e o norte-americano Henry David Thoreau. Oriundos de espaços e estéticas distintos (Wilde, na Inglaterra vitoriana, e um dos maiores expoentes do Esteticismo; Thoreau, nos Estados Unidos da América, nome de grande destaque do Romantismo daquele país), os dois autores expressam suas perspectivas em relação a seus mundos contemporâneos em forma ensaística do quanto a concepção de estado lhes é falha e quais as possíveis maneiras de ajustar as deficiências de seus sistemas sociais, por meio de transformações que vêm do interior do indivíduo e se espalham para todo o seu entorno comunitário, causando assim transformações libertárias às sociedades. Em *Civil Disobedience*, do ano de 1849, o transcendentalista Thoreau, ao ser detido no vilarejo de Concord, em Massachussetts, por sonegar impostos, explica ao leitor os reais motivos de sua sonegação, a qual estaria relacionada a uma forma de desobediência civil pacífica a um governo escravagista e expansionista como o do presidente James Polk, que declarou guerra ao México três anos antes. Para o autor norte-americano, somente o ato de votar não é suficiente, pois cabe aos indivíduos livres votar e acompanhar as ações de seus governantes, reservando-se aqueles ao



direito de concordar e de discordar de tais ações, sem sofrerem punições se se manifestarem em discordância com seus representantes eleitos. Thoreau sonha com um estado ideal, inaudito, em que todos, sem exceção, sejam respeitados, mesmo lançando mão da desobediência civil pacífica que, no caso do autor, se deu por meio da sonegação de impostos. Já Wilde, no ensaio de 1891 intitulado *The soul of man under socialism*, busca explicar um regime de governo ideal, em que o indivíduo possua plenas condições de desenvolver suas capacidades criativas, intelectuais, espirituais e relegue à máquina o trabalho industrial manual, sobrando-lhe tempo para o ócio produtivo. A partir desse prisma, o indivíduo livre, ciente de seus direitos e de seus deveres, em um sistema que convirja para a ausência de classes sociais, conquistada a partir de um socialismo que ganhava corpo nas discussões intelectuais europeias em fins do século XIX, emergia como a alternativa libertária para um sistema capitalista sufocante, opressivo, que simbolicamente era criticado em diversas obras compostas naquele século, desde o romantismo até o realismo e suas vertentes. Vemos em Wilde uma espécie de anarco-socialismo manifestado a partir da individualidade do ser que, livre para desfrutar de suas capacidades intelectuais, libertado da escravidão assalariada industrial, vê-se também livre das garras de estados opressores.

Palavras-chave: desobediência; civil; socialismo; liberdade; estado

O ROMANCE: EPISTEMOLOGIA DE UM GÊNERO ABERTO

Candice Firmino de Azevedo

Resumo: Os séculos XVIII e XIX foram cenário para o crescimento e o apogeu do gênero romanesco, principalmente na França, Rússia e Inglaterra. À medida que se consolidava a imprensa, também novas formas de reprodução do texto escrito possibilitaram a produção e divulgação da prosa, a exemplo dos folhetins que deram origem aos romances da época. O romance surge para atender a uma necessidade prática de leitura e, com isso, abre caminho para processos de aquisição de leitura e de escrita, por consequência. Marthe Robert, em seu *Romance das origens, origens do romance* (2007), chama a atenção para o caráter revolucionário do gênero, que anuncia, já no final do século XVII, uma modernidade futura no que diz respeito à negação dos padrões vigentes de produção do texto literário, até então marcados pela Poética, como assinala Irene Machado (1995). Desse modo, comumente os romancistas eram tidos como escritores de menor importância, até mesmo “romancistas envergonhados”, já que o romance era considerado uma produção indigna dos letrados. A noção de gênero enquanto definição de um padrão é dissolvida, visto que a produção do romance requer uma individualização do romancista, necessária para a produção de um texto que tem na liberdade individual uma forma de expressão. O romancista assume o papel de porta-voz da dignidade do ser humano enquanto sujeito do acontecimento, do fato, revelando a concretude dos dias por meio da escrita. O despertar para a existência em um mundo heterogêneo mobiliza as estruturas superficiais do romance e evidencia o descompromisso do gênero com limites estilísticos, permitindo o questionamento de conceitos de produção tradicionais para a época. O encontro solitário com a solidão do romancista por meio do romance evidencia sujeitos portadores da substancialidade necessária para a consolidação da literatura como reflexo de uma sociedade que viveu, desde então, uma crescente entrada nos tempos modernos de valorização do eu, mesmo um eu coletivo. Esse constante encontro evidencia figurações e estruturas resultantes da universalização que atinge o gênero romance, desde as mudanças sociais pós-industrialização. Sobre a representação moderna da experiência humana, Lukács se refere ao romance como gênero que nasce como decorrência da narratividade da epopeia, mas que tem na fragmentariedade da modernidade espaço para a negação das formas tradicionais e a consequente experimentação de novos conceitos de produção. A comparação que Lukács faz entre o romance e a epopeia reflete a necessidade de se pensar a vida, na sociedade liberal, como fragmentada, estandardizada e repetitiva, na qual os romancistas se voltam para suas subjetividades particulares. Outros teóricos marxistas, como Theodor W. Adorno, Lucien Goldmann e Walter Benjamin deram prosseguimento ou questionaram esse posicionamento,



evidenciando sempre o caráter sócio histórico da produção romanesca como resultado de uma redefinição de fronteiras. É importante ressaltar a liberdade como um patrimônio inerente à insurgência do romance como gênero aberto e a necessidade desta para a consolidação do texto romanesco como produção que atende às necessidades de insubmissão à imobilidade.

Palavras-chave: Gênero; Romance; Modernidade; Liberdade; Existência.

17/07 (TARDE)

METAFICÇÃO E UM LUGAR AO SOL: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO PROJETO LITERÁRIO DE ERICO VERISSIMO A PARTIR DOS PERSONAGENS NOEL E FERNANDA

Heidy Cristina Boaventura Siqueira

Resumo: Não obstante tenha se definido como “simples contador de histórias” e sido subjugado pela crítica, Erico Verissimo está inserido em dois dos movimentos mais importantes da ficção brasileira do século XX, quais sejam, “o romance modernista de 22” e o “romance de 30”. Segundo Sergius Gonzaga (1990), da geração de 22, Verissimo incorporou a simplicidade linguística. Característica esta, inclusive, vista de forma “esnobe” pela crítica, conforme Antonio Candido (1943). Do romance de 30, retirou a busca pela verossimilhança, pelo registro mimético da realidade. Com projeto literário confesso de realizar um corte transversal na sociedade, desnudando a sua engrenagem, Verissimo tem a criação literária como temática constante em suas obras. Desde Fantoques (1932) até Incidente em Antares (1971), recorrentes são os seus personagens que têm na leitura/escrita o seu ofício ou nela buscam respostas para os problemas enfrentados. A este trabalho, de forma especial, interessa a relação dos personagens Noel e Fernanda com a literatura. A primeira aparição de ambos se dá no romance Caminhos Cruzados (1935), no qual o projeto literário de Noel é concebido como forma de resolução do seu conflito interior. Entretanto, é em coautoria com Fernanda, sua esposa, que tal projeto se efetiva já em Um lugar ao sol (1936), com o romance homonimamente intitulado. Durante a narrativa de Um lugar ao sol, evidente se torna o contraponto de opinião de ambos. Noel, apegado ao ideal literário do conto de fadas, convencido de que a literatura deveria falar de mundos imaginários que propiciassem uma fuga da melancolia da vida; e Fernanda, que enxerga na literatura uma finalidade humana e social a ser explorada. Jorge Amado (1990) e Silviano Santiago (2015) chegaram a afirmar ser a personagem Fernanda o alter ego de Erico Verissimo. Certo é que, dentre outros temas relevantes que marcaram o contexto social, econômico e político da década de 1930, a literatura em si é tema da obra Um lugar ao sol. De forma perspicaz, Verissimo pensa o fazer literário no próprio ato em que é feito. Este trabalho pretende, pois, estabelecer um vínculo entre os discursos das personagens Noel e Fernanda em Um lugar ao sol, com o posicionamento do autor Erico Verissimo sobre a função e a finalidade da literatura no contexto do romance da década de 1930. Com tal desiderato, utilizar-se-á da fortuna crítica da obra de Verissimo, de forma especial o panorama apresentado por Maria da Glória Bordini, Flávio Loureiro Chaves, Donizete Santos e Regina Zilberman, e de excertos de Breve história da literatura brasileira, também de autoria de Erico Verissimo, que traz a sua perspectiva e crítica acerca da literatura pátria.

Palavras-chave: criação literária; romance de 1930; Um lugar ao sol; Erico Verissimo.

O ROMANCE COMO “LABORATÓRIO” E VEÍCULO DE EXPERIMENTAÇÃO ÉTICA E ESTÉTICA: FRAGMENTO, ENSAÍSMO E CRÍTICA À MORALIDADE EM O HOMEM SEM QUALIDADES, DE ROBERT MUSIL

Igor Andreas Rodrigues Bandim

Resumo: O autor austríaco Robert Musil (1880-1942), responsável pela criação de uma obra extensa e variada, notabilizou-se como um dos mais consagrados escritores da literatura de língua alemã. Autor de peças de teatro, contos, novelas e romances, também atuou como pesquisador – defendeu em 1908 uma tese sobre a obra do filósofo Ernst Mach –, nutriu grande



interesse pelas ciências exatas, por sua formação em engenharia, e escreveu uma quantidade espantosa de importantes ensaios. Para ele, o ensaísmo foi não somente uma prática constante, que chegou a dominar com inigualável maestria; foi, ao mesmo tempo, um permanente objeto de interesse e reflexão, um componente estético sempre presente em suas produções literárias e até mesmo uma forma de atitude ética e intelectual diante dos desafios culturais e existenciais impostos pela realidade social e cultural europeia da primeira metade do século XX. Um momento-chave desse amplo conjunto de interesses e inclinações, o cruzamento e a síntese das principais questões que o ocuparam como escritor, intelectual e indivíduo, é, sem sombra dúvida, a sua obra magna, o monumental fragmento *O homem sem qualidades*. Escrito em um intervalo que se estendeu por mais vinte anos, o romance inacabado é permeado pelo ensaísmo de várias maneiras e em vários sentidos. Já em um primeiro contato, o leitor reconhece de imediato aquele talvez seja um de seus aspectos mais flagrantes: devido às inserções de longos trechos ensaísticos que impedem uma narração linear dos eventos, a crítica literária costuma caracterizar essa obra justamente como “romance ensaístico”. No entanto, no caso de Musil, o ensaísmo não se resume a um recurso meramente formal. Ele constitui também uma atitude, e mesmo numa filosofia, que envolve tanto o autor quanto o personagem – o protagonista do romance, Ulrich, que define a aventura a que se propõe como a “utopia do ensaísmo” (CASTRO, 2011). O início do século XX, além disso, é justamente quando, na literatura de língua alemã, “o ensaio começa a ganhar espaço no romance”, propiciando, por meio dessa combinação, novas configurações discursivas e estéticas. Levando em consideração esse contexto e essas questões, pretendemos, nesta comunicação, discorrer sobre e explorar os seguintes aspectos-chave do projeto literário de Musil, a partir de *O homem sem qualidades*: I) a origem da crítica ao que ele define como “moralidade petrificada”; II) o papel do ensaísmo na formulação dessa crítica (o ensaio como forma aberta, não-linear, não-sistemática, não comprometida a formulação de teses universais etc.); III) as características e a potência heurística do ensaio na investigação sobre possibilidades para a ética (o ensaísmo literário como forma de conhecimento); e, sobretudo, IV) as relações entre a postura ensaística (epistemológica) de investigação, as condições sociais do período moderno e a “forma” fragmentária do romance. Partindo de uma visão mais global do projeto estético de Musil até uma abordagem mais específica dessas questões principais, pretendemos desenvolver a presente discussão com o apoio das reflexões de importantes pesquisadores e intérpretes da obra de Musil, como Érica Gonçalves de Castro, Georg Lukács, Philip Payne, Maurice Blanchot, Patrizia McBride e Tim Mehigan.

Palavras-chave: Robert Musil; Ensaísmo; Fragmento; Epistemologia; Ética.

DOIS RETRATOS DE PROTAGONISTAS ROMANESCAS EM DEFORMAÇÃO GROTESCA: UM SOPRO DE VIDA: PULSAÇÕES, DE CLARICE LISPECTOR E ESTAR SENDO. TER SIDO, DE HILDA HILST

Joel Rosa de Almeida

Resumo: A presente comunicação visa a pesquisar duas protagonistas dos romances *Um sopro de vida: pulsações*, de Clarice Lispector e *Estar sendo. ter sido*, de Hilda Hilst: Ângela Pralini e Vittorio, personagens-autores que se projetam em outros personagens-autores, Autor e Hillé, respectivamente. Procuraremos estudar os retratos das figuras centrais romanescas em perspectiva comparada, fundamentados na categoria do grotesco, dimensionada pelo teórico Mikail Bakhtin e especialistas deste (Beth Brait, Carlos Alberto Faraco e José Luis Fiorin, entre outros), bem como pelo estudioso Wolfgang Kayser, com linhas de pesquisa complementares e contributivas. O protagonista de Hilst é Vittorio, um homem de 65 anos, que mora no litoral e envelhece através de alguns subterfúgios: bebida, leitura, tentativa de escrita de um roteiro, paixões e desilusões amorosas. Este tem contato com o irmão Matias, de 55 anos, que apresenta outra aparência: mostra-se com saúde, vida sexual, sem grandes conflitos existenciais e como contraponto do irmão. A protagonista de Lispector é Ângela Pralini, que já se apresentava com um viés inaugural, natural, jovial e envolvente. Estruturado em diários; temos duas personagens,



o Autor e Ângela Pralini, ambos dialogando em intensidades. Há, portanto, aqui, na projeção do personagem-autor, duas vozes: uma da personagem e a de um Autor, que cria sua protagonista. A pesquisa também estrutura-se, no processo de metalinguagem que alicerça as narrativas de ambos os romances, cada qual com suas particularidades, dotadas de alguns efeitos narrativos, tais como: fragmentação, onisciência, fluxo de consciência, transgressão dos gêneros, entre outros. As aproximações entre os romances também são configuradas, trata-se de duas protagonistas dos últimos romances das autoras, sendo o de Lispector escrito por esta no final da vida, mas publicado logo postumamente com finalização editorial de Olga Borelli, em 1978, e o de Hilst publicado, em 1997. São vinte anos de distância entre as duas obras, mas notamos aspectos estético-narrativos desses romances psicológicos reveladores e distintivos, tornando o procedimento de estudo comparado produtivo. Vozes romanescas agônicas e ecoantes encontram-se presentes em ambas as obras e alguns elementos narrativos destacam-se nessa comparação entre as protagonistas ligadas às gêneses narrativas destas, exemplarmente os fenômenos da construção dos personagens-autores dentro das narrativas concêntricas ou espiraladas. O discurso dramático, que tanto Lispector quanto Hilst experimentaram (esta última, de modo mais profícuo) também está presente, em ambos os romances. Há, assim, uma transgressão dos gêneros, na prosa de ambas as autoras, tendo Hilst se aproximado, neste último romance, mais da poesia e Lispector mais do drama, portanto, ambas, no final da carreira como escritoras já experientes, desejavam experiências mais profundas de grande ruptura e de deformação dos gêneros romanescos tradicionais e do próprio romance psicológico.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Hilda Hilst. Prosa. Romance. Literatura. Comparada. Grotesco.

18/07 (MANHÃ)

MEFISTÓFELES: O MAL COMO NECESSIDADE EXISTENCIAL

Jonatas Alexandre Lima de Oliveira

Resumo: Um dos incontáveis valores da obra Fausto, está na relação de troca e necessidade constante entre Fausto e Mefistófeles. Mefistófeles é para Fausto aquilo que Fausto é Mefistófeles, uma condição fundamental para estabilização psicológica e promoção de uma passagem terrena e temporária para Fausto; e uma eternidade com pequeno lapso temporal de alegria e desafio para Mefistófeles, já que este usufruirá, temporariamente, do fogo da alma humana em forma de desafio, sendo que, logo depois, voltará a sua condição de vagante, sendo essa sua danação eterna, como ele mesmo expõe sua condição de eternidade sem desejo pelos homens ao dialogar com O Altíssimo. A aposta fáustica dá-se por conta da insatisfação visível de ambos os titãs, que é o mote central da obra. Por esse motivo que Fausto não vende sua alma a Mefistófeles, como no mito clássico alemão ou na clássica obra de Christopher Marlowe, mas realiza uma aposta, um jogo de possibilidades, pois sabe que qualquer feito promovido por Mefistófeles não preencherá o vazio e existencial que carrega. São as palavras de Fausto, ao realizar a aposta com Mefistófeles, que cria os elementos essenciais para Fausto ser o titã representante do homem moderno, aquele que a todo custo, mesmo com sua eternidade em jogo, não aceita a vida como ela é. Fausto é a eterna contradição humana, enquanto Mefistófeles é o possível abrandamento dos conflitos existenciais. O Prólogo no Céu é o ponto crucial para o início do processo de assimilação entre Fausto e Mefistófeles, pois O Altíssimo, como personagem onisciente, sabe qual a necessidade de todas as suas criações, inclusive a de Fausto e Mefistófeles. Por tal motivo, e observando a ausência de ânimo de vida de suas duas criações, é que o O Altíssimo traz à tona o nome de Fausto quando Mefistófeles se queixa de sua existência sem emoção. Fausto e Mefistófeles são facetas do próprio Eu de Goethe tardio, renovado em sua velhice por experiências da juventude. A aposta fáustica pode ser vista como uma afronta ao cristianismo na esfera de junção entre o sagrado e o profano. Contudo, Mefistófeles pode ser percebido como parte do plano de sagrado do O Altíssimo, na função de levar as almas humanas para a salvação, conforme propôs Orígenes de Alexandria dentro do



cristianismo primitivo em sua tese sobre a redenção luciferiana. A redenção foi concretizada ao final da segunda parte da obra com a salvação de Fausto, pois, como se auto afirma Mefistófeles, ele é “parte da energia que sempre o Mal pretende e que o Bem sempre cria” e “parte da parte eu sou, que no início tudo era”. Sua função é a salvação, mesmo que inconscientemente.

Palavras-chave: Goethe; Mal; Existência

IMAGENS E IMAGINÁRIO DE DIADORIM: UMA PERSPECTIVA QUEER EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS

Leandro de Bessa Oliveira

Resumo: A pesquisa Imagens e Imaginários de Diadorim situa-se em face do enigma e problematizações provocadas pela figura mítica e simbólica de Guimarães Rosa em Grande Sertão: Veredas, bem como sua relevância e representação para a história da literatura brasileira, sobretudo no que diz respeito aos objetos artísticos e produtos midiáticos que foram frutos do fascínio exercido pela narrativa em que a personagem está envolvida. Este projeto já conta com duas etapas de investigação realizadas. A primeira etapa consistiu numa pesquisa de caráter bibliográfico com acesso a fontes primárias no acervo de Guimarães Rosa no IEB, na USP. Enquanto que, a segunda etapa, em âmbito bibliográfico, partindo para uma busca de fonte secundária, com intuito de levantar o estado da arte referente às pesquisas sobre o tema, investigamos o Banco de Dados Bibliográficos de João Guimarães Rosa, elaborado por Frederico Antônio Carvalho, da FFLCH - USP. Na primeira busca, foram identificados 61 textos publicados em periódicos jornalísticos ou acadêmicos, 21 capítulos ou parte de livros, além de 29 teses e dissertações que tratam essencialmente de Diadorim. Na compilação de todos os textos publicados em periódicos acadêmicos, datados de 1976 a 2018, pudemos identificar como temáticas e abordagem interpretativas e analíticas com maior recorrência: a questão da sexualidade presente na obra, sobretudo aquela ligada a uma abordagem homoerótica; questões de gênero e representatividade feminina; ambiguidade e androginia; religião, fé, dicotomia entre Deus e Diabo e a linguagem poética do romance analisada sob o ponto de vista da presença de Diadorim na trama. O contato com as fontes primárias pôde nos oferecer, de certo modo, pistas da relevância e centralidade de Diadorim para o entendimento do romance, bem como do tratamento dado pelo próprio autor ao decidir o título para a tradução francesa, o que nos leva a refletir sobre o “protagonismo” de Diadorim em GS:V. Enquanto que a segunda parte da pesquisa exploratória e bibliográfica, por meio dos artigos acadêmicos, nos apontou a recorrência de temáticas, leituras e abordagens no estudo relacionados à figura de Diadorim, o que nos possibilitou perceber um paralelo com a síntese, já elaborada, pelo professor Willi Bolle (2004), ao esboçar quatro tipologias dos estudos publicados sobre a personagem, quatro abordagens distintas. Sendo elas: 1- Análises que tematizam o amor, num enfoque filosófico-cultural. 2. Leituras que identificam Diadorim como encarnação do topos literário da donzela-guerreira; 3. Estudos mitológicos que vêem Diadorim como figura iniciática, andrógina e expressão da coincidentia oppositorum; 4. Algumas interpretações que se interessam por Diadorim como figura da poética de Guimarães Rosa. Por fim, em paralelo ao levantamento bibliográfico feito, e pelas temáticas que encontramos, foi possível identificar uma quinta tipologia de estudo, ausente nas abordagens já delineadas pelo olhar crítico e analítico do professor e pesquisador Willi Bolle, que seria a temática do desejo homoerótico, em especial aquela ligada à Teoria Queer e os estudos transgênero.

Palavras-chave: Imagem; Diadorim; Estética; Grande Sertão: Veredas; Queer.

A MORTE NA PSICANÁLISE E NA LITERATURA: KAFKA E CAMUS

Thales do Rosário de Oliveira

Resumo: Trazer a reflexão a presença da morte na literatura, em especial na literatura existencialista, usando os conceitos da psicanálise de Freud para explicar como o ser humano compreende a morte dentro do seu desenvolvimento psíquico, assim como o desenvolvimento



de certas neuroses pode fazer com que o ser humano se distancie da sua realidade, de sua vontade de viver e tenha, por meio de certos instintos destrutivos, a busca inconsciente ou até mesmo consciente de um encontro precoce com a morte. Para tanto, será trabalhado nas obras de Franz Kafka “A metamorfose” e Albert Camus “O estrangeiro” o fator morte, presente em cada uma delas, avaliando a morte no psíquico dos personagens principais (Gregor e Meursault) que leva-os a situações de desprendimento com a vida e em certos momentos fazendo da morte um objetivo a ser atingido, por vezes o quanto antes. Buscará, também, compreender, por meio de fatores históricos, sociais, religiosos entre outros, a busca incessante do ser humano por uma felicidade momentânea, fazendo com que ele possa estar mais longe possível do contato com o desespero da vida, fazendo assim com que encontre por um meio ou outro o sentido da sua vida. O tema torna-se importante diante ao tabu que existe em torno do tema morte, apesar de se tratar de uma meta de vida na perspectiva freudiana, existe uma fuga do ser humano ao se tratar desse assunto. A situação torna-se pior, quando tratamos de neuroses que levam a desvalorização da própria existência. Socialmente, podemos observar, diante disto, que é de extrema importância desmistificar a morte, tirá-la dessa situação de “maldição” e trata-la como algo real. Academicamente, o tema torna-se importante por ampliar a compreensão da representação da morte dentro da literatura existencialista, em uma união entre psicanálise e literatura. Alguns caminhos se fazem necessários, como o entendimento na psicanálise de Freud do funcionamento do aparelho psíquico para compreender o uso dos prazeres como meio de felicidade, mesmo que temporária e consequentemente a valorização da vida, da mesma forma como o desenvolvimento de neuroses que levam a desvalorização desta. O intuito da pesquisa é apresentar uma proposta de investigação sobre a morte no contexto literário comparativo, na perspectiva existencialista, usando como objeto de estudo “O estrangeiro” de Albert Camus, publicado originalmente em 1942 e “A metamorfose” de Franz Kafka, publicado originalmente em 1915. Será levado em consideração o conjunto de obras que formarão o escopo da literatura e filosofia existencialista no contexto da morte como a compreensão mental e social da época. É importante aqui recuperar as experiências de vida dos autores dentro do momento histórico literário. Para isso, será fundamental o uso da psicanálise Freudiana que tentará buscar, dentro dos processos psíquicos de suas personagens, o prazer humano e como estes fazem-se valiosos para compreender a felicidade e consequentemente as razões pelas quais a vida pode se tornar algo da qual o ser humano devesse se apegar.

Palavras-chave: Morte; Literatura; Psicanálise; Kafka; Camus

27 - ERICO VERISSIMO, UM A(U)TOR NO MUNDO

Coordenação: Profa. Dra. Fernanda Boarin Boechat (UFPR); Prof. Dr. Zama Caixeta Nascentes (UTFPR)

Resumo: Erico Verissimo (1905-1975), um dos escritores brasileiros mais conhecidos e populares do século XX no Brasil, deixou claro em diversos momentos de sua carreira que entendia o trabalho do escritor em diálogo com uma dimensão ética. Assim, observa-se que a vida literária para Erico, a saber, a relação da própria obra literária com o mundo extraliterário, entre obra e vida, mas também o papel político que assume o escritor por meio da obra e graças a ela, ocupa lugar central. Isso não significa que ele entendeu que caberia à literatura ou ao romancista dar soluções filosóficas, políticas, sociais ou econômicas, ou ainda que o valor da literatura estaria pautado na sua capacidade de configurar no texto literário aspectos sociais mas no sentido de que os escritores e artistas deveriam ter uma consciência social e política que os tornaria responsáveis, uma vez que a obra, para Erico, não parece ser objeto alheio ao ambiente em que é concebido, ao indivíduo que o concebe ou que a recebe. É possível observar, nesse sentido, diversas declarações do escritor – em entrevistas, ensaios e também em sua produção ficcional – a associação recorrente do discurso literário a questões políticas, em especial quando destaca a voz do escritor como voz requerida e desejável no discurso extraliterário. A nosso ver, portanto, seria possível observar três aspectos centrais quando se trata da atuação de Erico



Veríssimo ao longo da carreira, discutidos em seus pronunciamentos no contexto extraliterário ou mesmo em sua obra. São eles: o escritor como porta voz de uma voz discursiva (através de sua obra e também graças a ela), a obra literária como voz discursiva e a linguagem em literatura como linguagem privilegiada capaz de se inserir no mundo da vida.

É importante ressaltar que na carreira Erico atuou não só como escritor de ficção, mas também como tradutor, editor, conselheiro literário e agente político – aqui em consideração à sua atuação na política de Boa Vizinhança (1933-1945), quando esteve por duas vezes nos Estados Unidos nos anos 1940, e depois dela, entre os anos 1953 e 1956, quando assumiu o cargo de diretor do Departamento de Assuntos Culturais da antiga *Pan American Union*, hoje *Organization of American States* ou “Organização dos Estados Americanos” (OEA) em Washington D.C.. Em vista dessa ampla atuação e aos moldes referidos sobre como ela se desenvolveu, é justo afirmar que Erico aproxima-se da figura do intelectual fruto da modernidade, já que ele por vezes assemelha-se a um crítico social que ganha voz no espaço público por meio de sua obra ou graças a ela, como já mencionado. Ainda nesse sentido, é possível notar que, com a presença pública que conquistava, o escritor desenvolve sua obra à medida que se via demandado a desenvolver e manifestar seus posicionamentos políticos. Dessa forma, cabe destacar que Erico passa a ocupar um lugar em um diálogo que se estende para além das fronteiras do Brasil e do literário, cujo trabalho e presença são reconhecidos em diversos países do globo, haja vista as traduções de suas obras e a interlocução política estabelecida com outros escritores e intelectuais. Nesse sentido, identificamos uma rede de associações, termo do francês Bruno Latour (2012), em que os atores não são somente os escritores, mas também as próprias obras. Trata-se de objetos /atores considerados como mediadores, ou seja, instâncias que não somente transportam significados em um social construído de associações, mas como instâncias que podem transformar, traduzir, modificar e até distorcer significados em uma “rede em trabalho” ou, como Latour (2012, p. 65) menciona, uma *worknet*.

A referida teoria do Ator Rede, de Bruno Latour (2012), dá-nos subsídios para propor um simpósio que visa discutir aspectos da obra de Erico Veríssimo não em vias solipsistas, mas cujos traços apontam para a mencionada relação obra e vida, assim como para a inserção intelectual do escritor. Trata-se de observarmos e discutirmos, a partir da obra literária, o contexto maior em que ela se insere. A partir da produção literária de Erico Veríssimo – que compreende romances, contos e narrativas de viagem –, assim como em consideração a suas atuações específicas mencionadas aqui – de tradutor, editor, conselheiro literário e agente político –, abrigaremos trabalhos no presente simpósio que de alguma forma apontem para a ideia de um projeto literário de um a(u)tor que constantemente chama atenção para a relação entre obra e vida sem que caiamos em biografismos simplicistas sobre a produção do escritor.

Referências:

- BOECHAT, Fernanda Boarin. *O vaivém dum gato: interfaces entre ficção e realidade nas narrativas de viagem* Gato preto em campo de neve e A volta do gato preto de Erico Veríssimo. 415 f. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.
- BORDINI, Maria da Glória. *Criação literária em Erico Veríssimo*. Porto Alegre: L&PM Editores: EDIPUCRS, 1995.
- CÁNDIDA SMITH, Richard. *Improvised continent: pan-americanism and cultural exchange*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2017.
- LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede*. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador: EDUFBA, Bauru: EDUSC, 2012.
- MINCHILLO, Carlos Cortez. *Erico Veríssimo, escritor do mundo*. São Paulo: Edusp, 2016.
- NEUNDORF, Alexandro. *A emergência da modernidade na França durante o Segundo Império: Das “Flores do Mal” de Baudelaire ao “J’accuse” de Zola*. 262 f. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.
- VERISSIMO, Erico. *Um lugar ao sol*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1936.



- _____. *Viagem através da literatura americana*. Rio de Janeiro: Instituto Brasil-Estados Unidos, 1941.
- _____. *As mãos do meu filho: contos e artigos*. Porto Alegre: Edições Meridiano, 1942.
- _____. *Brazilian literature: an outline*. New York: Macmillan, 1945.
- _____. *Noite e sonata*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1954.
- _____. *Fantoches e outros contos e artigos*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1956.
- _____. *Gato preto em campo de neve*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1956.
- _____. *O ataque*. Rio de Janeiro: Editora Globo. s/d.
- _____. *O prisioneiro*. Porto Alegre: Editora Globo, 1970.
- _____. *Um certo Henrique Bertaso: pequeno retrato em que o pintor também aparece*. Porto Alegre: Editora Globo, 1972.
- _____. *Solo de clarineta: memórias*. Porto Alegre: Editora Globo, 1973. vol. 1
- _____. *Solo de clarineta: memórias*. Porto Alegre: Editora Globo, 1976. vol. 2
- _____. *O senhor embaixador*. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.
- _____. *Música ao longe*. São Paulo: Círculo do livro, 1978.
- _____. *Clarissa*. Porto Alegre: Editora Globo, 1980.
- _____. *O resto é silêncio*. Porto Alegre: Editora Globo, 1980.
- _____. *A volta do gato preto*. 11. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1980.
- _____. *México*. Porto Alegre: Editora Globo, 1980.
- _____. *Olhai os lírios do campo*. Porto Alegre: Editora Globo, 1985.
- _____. *Israel em abril*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1987.
- _____. *Caminhos cruzados*. São Paulo: Editora Globo, 1989.
- _____. *Saga*. São Paulo: Editora Globo, 1995.
- _____. *Breve história da literatura brasileira*. Tradução de Maria da Glória Bordini. São Paulo: Editora Globo, 1997.
- _____. *A liberdade de escrever: entrevistas sobre literatura e política*. Org. Maria da Glória Bordini. São Paulo: Editora Globo, 1999.
- _____. *Incidente em Antares*. São Paulo: Editora Globo, 1999.
- _____. *O tempo e o vento, parte I: O Continente I*. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.
- _____. *O tempo e o vento, parte I: O Continente II*. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.
- _____. *O tempo e o vento, parte II: O Retrato I*. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.
- _____. *O tempo e o vento, parte II: O Retrato II*. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.
- _____. *O tempo e o vento, parte III: O Arquipélago I*. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.
- _____. *O tempo e o vento, parte III: O Arquipélago II*. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.
- _____. *O tempo e o vento, parte III: O Arquipélago III*. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.
- _____. *Do diário de Sílvia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (TARDE)

ÉRICO VERÍSSIMO: DISCURSO LITERÁRIO E O CONTEXTO SOCIAL EM INCIDENTE EM ANTARES

Daniela de Oliveira Lima

Resumo: O escritor Érico Veríssimo (1905 – 1975) é um dos nomes representativos dentro da literatura brasileira, sua atuação literária alcançou grande repercussão tanto no Brasil como em outros países. Uma de suas mais importantes produções está na composição da trilogia *O tempo e o vento*, que começou a escrever a partir de 1947, composta de *O Continente* (1949), *O Retrato* (1951) e *O Arquipélago* (1961). Além de ter produzido contos e histórias infantis, foi também escritor, tradutor, palestrante, conselheiro literário e até sentimental, obteve, ao lado de Jorge Amado, o que poucos escritores do século XX alcançaram, ou seja, sobreviver da venda



de seus livros, o que muitas vezes o colocou na delicada situação de ser rotulado como um “escritor menor” justamente por fazer sucesso com seus textos. Fato esse devido, por exemplo, à sua relação com os leitores de muitas vezes acabar por agradá-los, o que de certo modo não era bem visto pelos críticos literários. No entanto, sabemos que a carreira literária do escritor gaúcho sempre esteve ligada a sua consciência social e política da época e isso transparece tanto no contexto social de seus textos, como em suas palestras e nas diversas entrevistas concedidas ao longo de sua vida. Foi lido pelo mundo afora e bem recebido pelos seus apreciadores e isso percebemos em textos do próprio Érico, como em outros, caso dos países africanos de língua portuguesa, no qual temos a Revista Claridade, de Cabo Verde, em que existe uma breve análise de um de seus romances, *Clarissa* (1933). Nesse sentido, tendo em vista a popularidade e o olhar do escritor para a vida e a obra literária, optamos por tratar nesta comunicação do discurso literário e sua relação com o contexto social. Assim através do romance *Incidente em Antares* (1971) - um dos últimos produzidos por Érico – apontaremos o modo de observar a realidade e poder inseri-la dentro de um romance que faz alusão ao período da ditadura militar brasileira. O que reforça a ideia de que o escritor esteve muito ciente das relações entre a vida cotidiana e através do fazer literário mostra-nos o contexto maior em que a obra se concretiza entre a realidade e a ficção.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Érico Veríssimo, *Incidente em Antares*; Realidade e Ficção.

O PERSONAGEM-ESCRITOR NOEL E O REALISMO COMO FORMA DE ACESSO À VIDA

Jaqueline Borges de Queiroz

Resumo: Em 1935, em meio às afloradas discussões sobre o papel político da literatura, Erico Verissimo, considerado à época (e muitas vezes também depois) como escritor omissor, publicava *Caminhos Cruzados*, cujo forte caráter de denúncia não deixava dúvidas em relação a sua intenção de posicionar-se frente aos problemas morais e sociais do país. Recusando-se a transformar suas obras em panfletos políticos e ideológicos, opção comum entre intelectuais da década, o escritor gaúcho preferiu contrastar de forma irônica e realista o cotidiano das classes altas e baixas para que o leitor, a partir desse confronto de rotinas, refletisse sobre as consequências da abissal desigualdade social brasileira. Assim, *Caminhos Cruzados* carrega a preocupação com o fator social, recorrente no modernismo do período, mas sem cair no simplismo de apenas trazer personagens militantes que fazem denúncias explícitas, ou ainda narradores com a função de apontar problemas e dar lições sobre como resolvê-los. Isso porque, como o próprio Verissimo diria ao ser entrevistado anos mais tarde, não cabe ao romancista fornecer fórmulas prontas para a solução de questões sociais, mas revelar aos leitores o drama de outros homens, possibilitando assim que estes possam olhar a vida e a humanidade por outro ângulo (VERISSIMO; BORDINI, 1999). É através da reflexão que a arte permite novas percepções, e o olhar em direção ao outro é a chave para que se empreendam mudanças a nível social. Daí, a nosso ver, a importância de *Caminhos Cruzados* para o contexto político, histórico e social da época, já que a obra reforça o tempo todo a necessidade de não sermos alheios às necessidades humanas, tanto em termos individuais quanto sociais. Mais especificamente, nosso interesse recai sobre dois fatores que contribuem imensamente para esse caráter reflexivo do romance: a opção pelo realismo artístico e a criação de um personagem-escritor que, dentro da própria obra, discute o papel desse método realista em uma criação artística que intente aproximar-se do outro e de sua realidade. O personagem em questão, Noel, foi construído de maneira a representar o oposto do protótipo de intelectual engajado, tendo como principais características a alienação e o desejo de fuga da realidade, o que torna seu processo de escrita e de adesão ao realismo ainda mais interessante. Tal é a contribuição desse personagem-escritor para a discussão acerca do potencial da literatura de representar e intervir na realidade, que a produção de seu romance é retratada também em outros dois livros de Erico Verissimo, *Um lugar ao sol* (1936) e *Saga* (1940), os quais também merecem atenção em nossa discussão.

Nosso intuito é verificar a utilização desse realismo como possibilidade de aproximação entre o escritor e a vida, ou seja, como ele representa nos romances citados um meio de tornar Noel um intelectual participante e consciente do potencial transformador da literatura, assim como Verissimo foi durante toda sua carreira.

Palavras-chave: Erico Verissimo; realismo; personagem-escritor.

“A MONTANHA MÁGICA” E “O TEMPO E O VENTO”: APROXIMAÇÕES ENTRE O ROMANCE DE THOMAS MANN E O DE ERICO VERISSIMO

Zama Caixeta Nascentes

Resumo: “Mas a verdade é que o romance-rio apareceu e continua aparecendo. (...) Na Alemanha damos logo com A Montanha Mágica, do Thomas Mann, livro que é uma verdadeira montanha, tanto na grandiosidade como na quantidade de páginas. (Quase mil).” Essa é uma declaração explícita de Erico Verissimo sobre Thomas Mann, feita no artigo “Reflexões sobre o romance-rio”, publicado em livro em As Mãos de Meu Filho, de 1942 e que, segundo a nota introdutória do autor, “reúne histórias e impressões rabiscadas entre 1934 e 1940”. Outra declaração encontra-se em Um Certo Henrique Bertaso: “A Coleção Nobel foi também idéia de Bertaso (...) Organizei uma lista de escritores que poderiam fazer parte dessa ilustre companhia e, aos poucos, livros de autoria deles foram sendo traduzidos e editados pela Editora Globo. Thomas Mann apareceu com A Montanha Mágica e Os Buddenbrooks.” Em nenhum dos excertos, Erico Verissimo declara ter lido A Montanha Mágica; a organização da lista de escritores para a Coleção Nobel pressupõe saber sobre a obra, o qual pode ser obtido por oitiva ou passeio pelo material sobre o romance e não, necessariamente, pela escalada da montanha. Que leu Thomas Mann, confessa-o no segundo volume de Solo de Clarineta: “Quando os médicos se foram, apanhei um livro de Thomas Mann e pus-me a ler, procurando resignar-me à condição de doente.” Seria A Montanha Mágica? Não se pode afirmar, ainda que a menção à “condição de doente” aproxime o quarto dos tantos quartos do sanatório de Berghof (cenário do romance de Mann) e assemelhe a postura de Erico à de Hans Castorp (herói de A Montanha Mágica), paciente do sanatório e que lê livros de Biologia, Embriologia, Mineralogia enquanto está internado. A recensão, se não nos autoriza asserir que Erico Verissimo leu A Montanha Mágica, atesta que ele conhecia o romance. E isso antes de iniciar a redação de O Tempo e o Vento (em 1947, conforme o primeiro volume das memórias de Solo de Clarineta), a julgar pela data da divulgação, em livro, do artigo sobre romance-rio. A esse conhecimento junta-se a contratação, pela Editora Globo, de Herbert Caro, a “fim de por em prática o plano de ‘saneamento’ de nossas traduções”, como rememora Erico Verissimo em Um Certo Henrique Bertaso. Herbert Caro assina a tradução de A Montanha Mágica, publicada, hoje, pela Editora Nova Fronteira. Essas referências ao tradutor e ao romance de Thomas Mann servem de apoio à nossa percepção de pontos de contato entre O Tempo e o Vento e A Montanha Mágica advinda da experiência fortuita da leitura (pois integrava, naquele momento, cronograma de pesquisas distintas) de Mann depois de Verissimo. A proposta da Comunicação é publicizar os resultados a que chegamos depois de submetermos essa impressão de leitura aos princípios metodológicos da pesquisa em Literatura.

Palavras-chave: A Montanha Mágica, O Tempo e o Vento, comparação.

DOS ESTADOS UNIDOS A ISRAEL: TRAJETÓRIAS TRANSVERSAIS DE ERICO VERISSIMO

Fernanda Boarin Boechat

Resumo: Ao longo da carreira, Erico Verissimo (1905-1975) atuou como escritor, mas também como tradutor de língua inglesa, editor e conselheiro literário, especialmente graças ao vínculo com a então Livraria do Globo na cidade de Porto Alegre. Além das referidas atividades, Erico se engajou oficialmente na Good Neighbor policy ou política de Boa Vizinhança estadunidense (1933-1945) nos anos 1941 e entre os anos 1943 e 1945. Ainda nos Estados Unidos, o autor também assumiu o cargo de diretor do Departamento de Assuntos Culturais na antiga Pan

America Union, hoje Organization of American States ou Organização dos Estados Americanos (OEA) na cidade de Washington D.C. entre os anos 1953 e 1956. Os referidos cargos e experiências nos Estados Unidos lhe impulsionaram não só a vasta produção ficcional que hoje conhecemos, mas também sua inserção política nacional e internacional, o que a nosso ver fundamenta sua construção como intelectual atuante no espaço público. Na presente comunicação, apresentaremos tal construção por meio da análise de suas quatro narrativas de viagem: Gato preto em campo de neve (1941), A volta do gato preto (1945), México (1957) e Israel em abril (1969). As duas primeiras narrativas referem-se respectivamente às duas estadias do escritor nos Estados Unidos. A terceira à viagem que fez com sua esposa Mafalda ao México no ano de 1956, quando ainda residiam em Washington, e a última à estadia em Israel no ano de 1966, graças ao convite feito pelo Ministério de Negócios Estrangeiros israelense. Discutiremos como as particularidades do gênero e sua hibridez (ETTE, 2001), bem aproveitadas pelo escritor brasileiro, revelam a problematização dos interesses que entendemos serem centrais em sua carreira e obra, a saber, a função e o engajamento da literatura na sociedade, a linguagem em literatura (em vista do caráter do texto literário e sua potencialidade) e a construção e a atuação do intelectual autônomo, desvinculado de instituições. Por fim, a partir da leitura das quatro narrativas de viagem, demonstraremos como é possível identificar uma trajetória transversal que foge do simples cumprimento de obrigações políticas vinculadas a cargos específicos, mas que busca e concretiza a almejada autonomia intelectual do escritor. Em outras palavras, trata-se de trajetórias que o constroem como um a(u)tor no mundo.

Palavras-chave: Erico Verissimo; narrativa de viagem; intelectual; inserção política

28 - ESCRITAS CONTEMPORÂNEAS: INCURSÕES, AVALIAÇÕES E DESAFIOS AO COMPARATIVISMO

Coordenação: Adeílato Manoel Pinho (UEFS-BA); Maria de Fátima Gonçalves Lima (PUC-GOÍÁS)

Resumo: Esta proposta é a continuação de simpósio realizado nos Congressos Abralic de 2015, em Belém- PA, no Encontro 2016, no Rio de Janeiro, no Congresso Internacional 2017, no Rio de Janeiro e 2018 em Uberlândia, MG. Dado o êxito das apresentações e discussões naquelas oportunidades e por ser do âmbito do Projeto Procad/Capes PUC-Rio/UNEBSalvador/UEFS-Bahia/PUC-Goiás, que irá até 2019, consideramos esta proposta decisiva para as atividades do projeto. A continuação da proposta e realização do simpósio expressa ainda mais a consolidação de um grupo de trabalho multi-institucional e em instância nacional dentro do projeto. Para delinear os desafios presentes no título deste Simpósio, e aqui propostos para seguir como um convite instigador a pesquisadores interessados na atualidade das práticas culturais, artísticas e teórico-críticas, elegemos, no pequeno e exitoso ensaio de Giorgio Agamben, uma das suas postulações a O que é o contemporâneo: "Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro." A imagem potente de um "escuro" do tempo delinea metaforicamente a problemática a ser compartilhada pelos pesquisadores, em vertentes ou perspectivas compatíveis com seus objetos de interesse e investigação. Tal imagem se impõe quando se constata que, nas últimas décadas, na área dos estudos literários como nas ciências humanas, ocorreram alterações que reconfiguraram os pilares do território disciplinar, abalando o domínio de objetos previsto, o elenco de instrumentos, métodos e, expressivamente, o corpo das proposições aceites como horizonte teórico dos estudos de literatura, outras artes e da cultura. Tais alterações repercutiram predominantemente na diluição de fronteiras entre as disciplinas, na multiplicação inovadora das questões e temas de investigação plausíveis para cada uma delas e na ampliação dos instrumentos conceituais e técnicas que as singularizam. Em paralelo às alterações no plano epistemológico, são expressivas também, nas últimas décadas, as alterações que ocorrem no âmbito da cultura e no campo artístico, especialmente no domínio do literário. No primeiro caso, a noção de "cultura" alargou-se, extrapolando a legitimidade que lhe



atribuíram – igualmente, mas em circunstâncias diversas – o empreendimento civilizacional iluminista, o Estado nacional moderno e as elites cultas na alta modernidade estética, tornando a cultura e, principalmente, o valor cultural focos de instabilidade, conflito e disputa, por forças que saíram dos bastidores e passaram a disputar a significação cultural. Os dois eixos da significação e valor que atravessaram a área de Letras, afetando o âmbito dos estudos comparados: por um lado, problematiza-se a ligação mutuamente legitimadora entre literatura e nacionalidade, parte do processo de constituição dos estados modernos e matriz de toda a historiografia que por um século pautou os estudos da literatura; por outro, dá-se a contestação ao confinamento do valor cultural à esfera erudita, às artes canônicas e, conseqüentemente, à separação entre arte, cultura e o que pensadores como Edward Said e Stuart Hall designaram como a "mundanidade". Em grande parte, emanam deste cenário de mudanças epistemológicas e culturais o "escuro do tempo" ou os desafios do contemporâneo, que constituem o campo temático do debate aqui proposto, que deverá confrontar-se com o caráter intempestivo, insurgente ou disruptor da contemporaneidade, sistematizando e provendo instrumental teórico e crítico para lidar com as suas diversas dimensões ou concreções. O deslocamento ou a recusa de hierarquias instituídas tanto na dimensão epistemológica quanto na dimensão artísticocriativa geram a oportunidade para que estejam sob o foco deste Simpósio – como desafios que emergem das zonas de sombras do contemporâneo – as formas, expressões e domínios de experiência recalcados ou preteridos e sua potência intempestiva, tais como: (a) o corpo, em sua materialidade e enquanto superfície de inscrição e energia ético-estética; (b) os afetos, enquanto força disruptora a dar ensejo a outras formas de experiência e representação das vivências; (c) o comum e o cotidiano enquanto categorias transversais da cultura, a mobilizar uma rede de significados que remetem a espaços periféricos, tanto no cenário político e sociocultural quanto nos cenários textuais e artísticos; (d) a violência, a exclusão e a cidade como figurações do presente que convulsionam os limites da representação ao instaurarem, em diversas linguagens artísticas; (e) a lógica do testemunho, do biográfico e do documental, em flagrante desafio à compreensão estabilizada do que seria próprio do domínio ficcional. Ao acolher as perspectivas dos estudos de literatura e de outras linguagens artísticas, bem como dos estudos de produções, práticas e políticas da cultura, incorporando as dimensões de materialidade, de performatividade e de insurgência, próprias das estratégias criativas da atualidade, este Simpósio ambiciona empreender não apenas uma discussão estética e política que possibilite a acolhida analítica das forças e das formas artísticas e culturais do presente, mas – e principalmente – acentuar uma potência inovadora e transformadora que possa afetar práticas investigativas, formativas e educacionais na sociedade brasileira contemporânea. REFERÊNCIAS AGAMBEM, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Chapecó: Editora Argos, 2009. HALL, Stuart. Da diáspora. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003. SAID, Edward. Cultura e imperialismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

VIVÊNCIAS A BRASILEIRA NO SÉCULO XIX: ABISMOS ENTRE O POBRE E A REPÚBLICA

Adeílato Manoel Pinho (UEFS-BA)

Resumo: Este é um trabalho, dentre uma série já concluída na pesquisa, que pretende levar adiante a prática intelectual para fins políticos sob o signo ‘pensar o Brasil’. O século dezenove foi marcado por diversos e influentes movimentos e acontecimentos históricos, os quais podem ter determinado um modo de comportamento do país até agora. A intenção é ir além da interpretação teórica, para visualizar o cotidiano social, os momentos históricos, tanto no seu aparecimento quanto na forma como a vivência os absorveu. Dois dos grandes movimentos a serem mencionados são a Abolição da escravatura (1888) e a Proclamação da República (1889).



Entre os dois pode estar o maior evento da história do Brasil. A pesquisa deseja ler textos, interpretar imagens e fotografias para avaliar o índice de importância e escândalo. Alguns escritos e textos, ou ausência deles em vista de como as décadas seguintes assim os reencenou ou desejou esquecê-los. Entre estas oscilações, podemos construir um desenho da nossa identidade. E também como foram fabricados os problemas que a contemporaneidade sofre para solucionar, atualizar ou abandonar. Tanto em nossa linguagem, os motivos da literatura, quanto as preferências sociais e políticas também estão relacionadas a eles. Não há dúvidas de que a sociedade brasileira pratica oposições profundas e consolidadas. Muito melhor do que superar tais diferenças, é preciso conhecer as motivações, os sujeitos, os espaços onde tais oposições foram eleitas para a configuração de nosso nacionalismo. Em se tratando de locais, não há dúvida de que a cidade do Rio de Janeiro do século dezenove é o espaço privilegiado da questão ideológica a qual este trabalho se dedica. Ele segue na firme intenção de colocar algumas perguntas sobre o século XIX para a compreensão dele em textos de literatura, em vista principalmente das necessidades e dificuldades ocorridas recentemente quanto a interpretação das escolhas políticas, educacionais e trabalhistas em voga em nosso meio. Usamos ideias críticas de Artur Azevedo, Aluísio Azevedo, Alfredo Bosi, Jose Murilo de Carvalho, Silviano Santiago e outros.

Palavras-chave: Brasil. Identidade. Literatura. Políticas.

DEVIR HISTÓRICO E A CRÔNICA DRUMMONDIANA: ESCRITAS CONTEMPORÂNEAS PARA O JORNAL CORREIO DA MANHÃ

Moema de Souza Esmeraldo (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

Resumo: “O cronista que narra os acontecimentos sem distinguir entre os grandes e os pequenos leva em conta a verdade de que nada do que aconteceu pode ser considerado perdido para a história” (Benjamin, 1994). O cronista a que se refere a tradução de “chronist”, do alemão para o português, na realidade, é uma analogia ao historiador, que, na concepção do filósofo, interpreta como contemporâneo os fragmentos de imagens dialéticas do passado para uma compreensão não só dos grandes acontecimentos históricos, mas para narrar os fatos que a história oficial não menciona propositalmente para impor um passado homogêneo e linear. Assim, Walter Benjamin, no ensaio intitulado “Sobre o conceito da história”, utiliza a figura do cronista como um historiador dos fragmentos, que faz uma crítica ao pensamento historicista tradicional e concebe a linearidade histórica com o objetivo de preencher o tempo histórico contemporâneo. Para tanto, aponta que “o passado aparece como uma imagem que perpassa veloz, como fixação rápida e não definitiva tal qual um relâmpago” (Benjamin, 1994). Nessa acepção teórica, a compreensão de tempo apoia-se a partir de uma descontinuidade, com sentido que se distingue do tradicional, pressupondo parte substancial dos apontamentos de Giorgio Agamben (2009) sobre o que é o contemporâneo. Nesse sentido, aproxima-se a apreensão de Benjamin quando afirma que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi” (Benjamin, 1994), mas “significa apropriar-se de uma reminiscência tal como ela relampeja no momento de um perigo” (idem). Assim, o crítico, no fragmento de número seis, dentre os onze expostos, presume que é necessário fixar uma imagem no passado como ela se apresenta no momento do perigo ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso. O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes como seu instrumento. Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela (Benjamin, 1994). No interior da linguagem, temos acesso ao passado e à possibilidade de dizer “que os vencidos aconteceram”, apesar de o devir histórico ter sido construído a partir dos que venceram. No sentido de “colocar o passado em um momento de tensão no perigo” (Benjamin, 1994), o escritor Carlos Drummond de Andrade, em muitas das crônicas escritas para o jornal Correio da Manhã e em outras produções como a poesia, consegue, ao seu modo, não só “fixar a imagem do passado como ela se apresenta no momento do perigo” (Benjamin, 1994). Assim, pretende-se abordar que Drummond executou na sua escrita, principalmente como cronista, a tarefa de um

pensamento não instrumental, mas interessado em discutir questões relacionadas às imagens dialéticas do passado, por meio de uma perspectiva que reforça o conceito de Agamben sobre o contemporâneo que afasta da compreensão de tempo linear ao propor a rememoração dos espaços da cidade, para elaborar a representação da experiência urbana, marcada pelo cotidiano e pelas pessoas comuns que habitam a cidade.

Palavras-chave: Palavras-chave: Crônica; História; Cotidiano; Cidade.

A POESIA LÍRICA DE LUIZ GAMA EM PRIMEIRAS TROVAS BURLESCAS DE GETULINO

Magnólia Ferreira Cruz da Paixão (UEFS)

Resumo: Primeiras trovas burlescas (2000) do poeta Luiz Gonzaga Pinto da Gama, edição organizada por Lígia Ferreira Fonseca, reúne poemas da primeira e segunda edição da obra, lançadas em 1859 na cidade de São Paulo e 1861 no Rio de Janeiro pelo autor, esta é composta de sessenta e três poemas líricos e satíricos. Nessa edição também estão os poemas escritos por Luiz Gama na imprensa paulistana (1865-1876) e outros escritos por José Bonifácio, o moço. Os poemas que compõe a obra citada são carregados de sentimentalismo de alguém que viveu na pele as amarguras da escravidão, mas que soube com destreza fazer uso das letras para superar todo o sofrimento vivido e denunciar destemidamente as injustiças sociais do seu tempo. Além disso, os poemas líricos do autor trazem a valorização da mulher negra, características até então desvalorizados pelos poetas do Romantismo brasileiro. A poesia lírica de Gama acaba sendo soterradas pela poesia satírica. São trazidos para o debate, os poemas “A cativa”, “Meus amores ” e “Minha mãe”, de Luís Gama, extraídos da sua única obra Primeiras trovas burlescas de Getulino (2000), sob a ótica crítica de Eduardo de Assis Duarte, Florentina Souza, Lígia Fonseca Ferreira, Nazareth Fonseca, Zilá Bernd e outros.

Palavras-chave: Primeiras trovas burlescas de Getulino; Luiz Gonzaga Pinto da Gama; lírico.

O DESBRAVAR DO SERTÃO PELO RETIRANTE.

Wanice Garcia Barbosa (PUCGO)

Resumo: Este artigo tem como foco analisar partindo da crítica literária brasileira nas obras produzidas em Goiás na perspectiva da filosofia de margem, mostrado através do imaginário, a transfiguração através do silêncio e suas relações rizomáticas, além das questões correlacionados aos micro e macro poderes ocorridos com o avanço do neocolonialismo no sertão goiano no seguinte poema de Getúlio Targino Lima “O Retirante”. Este artigo objetiva analisar o poema tendo como aportes teóricos as teorias contemporâneas do imaginário de Gilbert Durant e Gilberto Mendonça Teles utilizando o subtema o rizoma na visão Gilles Deleuze e Félix Guattari Mil Platôs (2000), Zygmunt Bauman, modernidade líquida (2001), e Era do Vazio (1993) de Gilles Lipovetsky que tratam do processo que se vive na atualidade, ou seja, o ser humano e sua constante busca em ser “Como o ser no mundo”. A Ecosofia da obra As Três Ecologias (2001) de Felix Guattari na teoria do existencialismo na teoria do silêncio de Heidegger e Sartre. Busca-se, partindo dessas perspectivas, analisar os amplos processos que envolvem a construção do ser, como os ambientes familiares, sociais com a busca constante pela sobrevivência, as frustrações e os diferentes processos de individuação contemporâneo. A intenção desse trabalho é o de tentar evidenciar nesta poesia o plano do simbólico uma longa reflexão sobre os dilemas éticos e políticos da sociedade, reflexão em constante transformação voltada para o cotidiano das pessoas mais simples, onde as rotinas são quebradas ou desviadas de seu percurso natural, e que não podem conter os fatos e fenômenos da neocolonização no desbravar do sertão, momentos históricos da modernidade, sofrem por isto, mas aceitam esta modernidade líquida que se molda a todo momento num eterno ciclo vital.

Palavras-chave: Getúlio Targino. Rizoma. Imaginário. Silêncio.

16/07 (TARDE)



CIBERECOPOESIA E IMAGINÁRIO EM IMPROVISUAIS, DE GILBERTO MENDONÇA TELES

Késia Brasil Pereira Nacif (PUCGO) e Maria de Fátima Gonçalves Lima (PUCGO)

Resumo: Nesta dissertação analisaremos a obra *Improvisuais* de Gilberto Mendonça Teles, que traz poemas visuais. Em sua obra observamos o visual da escrita poética, a tradição oral, o surgimento da escrita e os poemas visuais do poeta. O objetivo foi demonstrar como a poesia transita em diversos espaços da escrita poética, tendo como aporte teórico o imaginário, presente na cybercopoesia do eu lírico. A metodologia utilizada partiu de leituras dos poemas, teoria do imaginário de Gilbert Durand, leitura sobre análises de poemas em Cyberpoesia de José Fernandes, a fenomenologia de Bachelard além de outras teorias poéticas. Em seguida ancoramos nossa percepção partindo a para análise imersa na teoria de Greg Garrad que apresenta um modelo de abordagem à luz da análise entre a literatura e o meio ambiente. O método utilizado para a análise utiliza a fenomenologia de Bachelard, seguindo o caminho do poeta. Podemos destacar como resultado deste trabalho que o imaginário de Gilberto Mendonça Teles apresenta a performance da escrita entre claro e escuro, quando o poeta utiliza de recursos gráficos onde há letras grandes e pequenas, explora o espaço em branco da folha, utiliza dos recursos retóricos e do plano de expressão e conteúdo para montar o seu imaginário. Enquanto cyberespaço, o poeta explora os recursos da imagem e da escrita, e tem como espaço a folha do papel, a cybercopoesia apresenta sua incandescência poética entre a palavra, a página, o espaço, a mística e o imaginário. Com o advento de um mundo híbrido e o homem nesta atmosfera, percebe-se uma forte necessidade de se pensar na poética nos seus diversos espaços e contornos. Apresenta uma ecopoesia que retrata o cerrado de Goiás. Percebe-se ainda uma ecopoesia como a arte de investigar as palavras, a mística, o ser enquanto agente transformador do meio que o cerca. Instiga o pesquisador a ir além da margem da tela visual do poema, revisita espaços poéticos, os contornos das palavras, transita na performatividade do eu enquanto cidadão do mundo, propõe caminhos de reflexão e se abre para o poema em forma de mergulho. Com as questões emergentes em que se encontra o mundo, suscitaremos uma reflexão fecunda de imaginários e devaneios onde o homem possa visitar sua história, se reconhecer como coparticipante do meio que o cerca e se colocar como agente transformador para as questões emergentes do planeta.

Palavras-chave: Imaginário; Ecocriticismo; Ciberecopoesia; Visualidade; Poema.

MULHERES PRODIGIOSAS: NA HISTÓRIA DA LITERATURA E NA EXPRESSIVIDADE LÍRICA DE GOIÁS EM CORA CORALINA E LEODEGÁRIA DE JESUS

Marta Bonach Gomes (PUCGO)

Resumo: A fundamentação do nosso tema nesse projeto tem por objetivo realizar estudos sobre partes e aspectos das obras de duas poetisas: Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (1889-1985) e Leodegária Brazília de Jesus (1889-1978). Partindo da premissa que a obra é viva, bem como a universalidade e a atualidade permanente dos seus textos, traz reflexões e práticas entre a arte poética e o vínculo que permeia dois extremos: mulher que vai contra tudo e contra todos para viver sua história em Cora, e a mulher desbravadora, escritora e negra, com uma história marcada pelo processo de tomada de decisão, desde cedo, ingressando ao mundo das letras e ao lugar de chefe de família, em Leodegária. O encontro das vertentes lírica e poéticas, os textos escolhidos no decorrer da pesquisa intentam, em seus respectivos momentos históricos e literários, divulgar Goiás perante o circuito literário nacional, mostrando parte de sua realidade social. Analisa-se também, a mistura de técnicas e conceitos dessas linguagens no nível da memória e da sensibilidade, filtradas no olhar de hoje, desde sua produção até suas particularidades, as franjas telúricas das palavras e o mergulho na expressividade da poesia de Cora Coralina e Leodegária de Jesus. Para tanto, a voz poética atribui novos significados dos quadros na memória, da história nacional e das especificidades da cultura goiana além de encaminhar o leitor a pensar e se inquietar com a obra escolhida. Nesse sentido, a pesquisa se propõe realizar estudo interpretativo sobre as escrituras de seus textos poéticos a partir da



identificação dos pressupostos teóricos de PAZ (1982) e TELES (2003) resinificando as formas poéticas transmitidas pela voz da mulher no cenário do cerrado. É fundamental lembrar que grandes avanços têm sido alcançados pelas mulheres, nesses últimos séculos, sob o viés identitário e ao mesmo tempo, como expressão de identidades. A pesquisa identificou interessantes desdobramentos e estudos da produção literária de escritoras da Região Centro-Oeste: mulher na história da literatura em Goiás, suas pedras, suas conquistas, seus becos, sua ascensão social na era pós-colonialista e histórias mais... serão enaltecidos e caracterizados como a fortuna crítica e poética das autoras do Brasil Central.

Palavras-chave: Poesia. Literatura. Mulheres. Atemporalidade. Goiás.

A ARTE DE FREI CONFALONI

Maria Abadia Silva (PUC GOIAS)

Resumo: A arte de Frei Confaloni – O presente artigo tem como objetivo apresentar um contraponto com a arte de Frei Confaloni, especialmente os seus temas que envolvem retratos, autorretratos e madonas com a obra A Pintura encarnada de Georges Didi-Huberman, a Obra Prima desconhecida de Honoré de Balzac, na medida em que essas obras nos permitem fazer reflexões sobre questões da arte realista e contemporânea. Ressaltando a complementaridade entre literatura e pintura, com ênfase na energia metafórica da arte articulada pelo imaginário, pela criação, pelo êxtase e pelo poder de provocar no leitor/receptor o pluralismo de visualidades marcado pela função de ascender um espanto diante da multiplicidade de sentidos. O trabalho será pautado pelo ponto de vista estético e imagético, ponderando sobre o modo de construção da obra contemporânea, considerando a importância de tais abordagens para a crítica literária, para os estudos literários da poética do imaginário e a transfiguração da vida para o mundo mitopoético.

Palavras-chave: Palavras-chave: Arte, pintura, literatura, intertextualidade

CONTEMPORÂNEIDADES

Edna Gomes de Sousa Leão (PUC Go)

Resumo: Os desafios da ética nas relações social, política e econômica com perspectivas em construir uma sociedade leitora, escritora, crítica e com autodeterminação para o presente e o legado as gerações futuras.

Palavras-chave: Desafios éticos; Leitura; Escrita; Legado.

17/07 (MANHÃ)

MINIATURIZAÇÃO LITERÁRIA: A ESCRITA E O TEMPO NA CONTEMPORANEIDADE

Elizabeth Gonzaga de Lima (UNEB-BA)

Resumo: Segundo Andreas Huyssen, em *Miniature Metropolis* (2015), a ascensão das publicações de massa, as novas formas de impressão, a fotografia, o filme e o rádio, na transição do século XIX para o XX, contribuíram para a sensação de aceleração da vida. Os gêneros jornalísticos fragmentários, como os *faits divers*, as enquetes, as entrevistas e até mesmo a crônica, passaram interessar um público típico da metrópole, apressado e ávido pelo consumo rápido de leitura. Esse cenário contagia a produção de alguns escritores que passaram a elaborar miniaturas literárias que buscavam aliar expressividade e essencialidade, como os *Pequenos Poemas em Prosa* de Baudelaire ou os poemas-pílula de Oswald de Andrade. Ao longo do século XX e nas primeiras décadas do XXI, o minimalismo na escrita alcança escritores como Ruben Dario, Bioy Casares, Jorge Luis Borges, Dalton Trevisan e inspira Marcelino Freire a reunir *Os cem menores contos brasileiros do século* (2004). Essa miniaturização literária, contudo não é somente resultado da intenção dos escritores em desenvolver experiências estéticas, mas também é efeito de uma temporalidade veloz que se tornou vertiginosa na sociedade contemporânea. O avanço dos meios comunicacionais produziu em nossos



comportamentos possibilidades de viver o tempo de forma muito diferente do que conhecíamos, afetando significativamente nossa cultura, conforme assinala Edmond Couchot (2018). E nesse contexto, as redes sociais tornaram-se espaços emblemáticos para examinar a percepção de aceleração do tempo na contemporaneidade, em virtude de instaurarem o processo de miniaturização da escrita, como demonstram os usuários do Twitter, ao identificar suas postagens na rede como microcontos, minicontos e minicrônicas. Qual concepção dos participantes da rede acerca do que seriam essas formas literárias? A sensação de rapidez na passagem do tempo propicia a escolha por miniaturas literárias? A partir dessas indagações, o propósito do trabalho será analisar de que maneira a sensação de aceleração temporal afeta os modos de escrever, tornando redes sociais, como o Twitter, espaço de miniaturização literária, como se pode observar nos posts de um autor conhecido como Fabrício Carpinejar em suas minicrônicas, rotuladas pelo escritor de “banalidades distraídas” e nos microcontos de João D’Lima, usuário do Twitter e aspirante a escritor.

Palavras-chave: Miniaturização literária; Tempo; Escrita; Contemporaneidade; Twitter

JOÃO GUIMARÃES ROSA: UM INTÉRPRETE DO BRASIL

Cristiano Santos Araujo (FacUnicamps)

Resumo: A literatura Rosrana é vista como um acervo, registro e interpretação de cultura brasileira. A partir do conceito de vestígios Ricoeriana, e da teoria do Testemunho de Marcio Selligman analisar-se-á os vestígios da cultura brasileira na literatura de Guimaraes Rosa.

Palavras-chave: Rosa; Brasilidades; Vestígios.

FRANCISCO DE GOYA E A RAZÃO NOTURNA: UMA ANÁLISE DA GRAVURA O SONO/SONHO DA RAZÃO PRODUZ MONSTROS (1799)

Paula Cristina Gomes do Amparo (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Resumo: Famoso por suas imagens que retratam o conturbado período da Inquisição e da Invasão Napoleônica à Espanha, Francisco de Goya é considerado um pintor que adiantou em seu ateliê diversos modos de produzir imagens, nos deixando um legado tanto público, que é repleto de retratos da aristocracia, pinturas religiosas e pinturas históricas, quanto uma produção privada que é composta por gravuras oníricas, As Pinturas Negras (1819-23) e desenhos organizados em álbuns, com títulos e dados como acabados. Os trabalhos que chegaram ao público depois da morte do artista são igualmente aclamados e uma das partes mais queridas da sua produção, por terem uma visão pessoal e bastante crítica àqueles que pagavam o seu salário e que o mesmo fingia atender de bom grado – na velhice, fingia menos. Por isso, diante de uma obra tão vasta, tentarei me ater à gravura *El sueño de la razón produce monstruos* para analisar a posição de Goya ante os ideais iluministas que floresciam na Europa: um homem sentado dorme apoiado em sua mesa de trabalho enquanto atrás de si, surgindo da escuridão, criaturas monstruosas e outros seres de mau agouro segundo as credences populares. Alguns animais, nem conseguem ser distinguidos por estarem imersos em trevas; vemos morcegos, mochos e um lince, todos associados à estupidez e ao Diabo. O nome dessa gravura abre dois caminhos de interpretação bastante contraditórios, assim como a vida de Goya que delegou um espaço especial em sua produção para as touradas e outros entretenimentos ligados às classes populares ao mesmo tempo em que tinha boa relação com os esclarecidos e a vida na Corte. Analisando textos de Slavoj Žižek, Tzvetan Todorov, Michel Foucault, Theodor Adorno, Achille Mbembe e Isabelle Stengers, percebemos o sucesso alcançando pelos ideais iluministas, e quando Francisco de Goya joga com o onírico e outros monstros que habitam as mentes humanas, ele exhibe os horrores que circundam os habitantes de seu tempo, o que move meu pensamento e me faz pensar também nos dias atuais: em um mundo que dormir parece ser o único tempo que não está sendo sugado pelas demandas de crescimento do capitalismo que nos quer consumindo ou produzindo, através de telas e outros contextos de dissociação, sonhar e aceitar a pausa que o corpo necessita para se perder no sono, me parece um dos caminhos para discutir o quanto a

força alcançada pelo projeto de progresso visa que a gente se esqueça de algo, que me parece muito importante.

Palavras-chave: Iluminismo; Sonhos; Gravura;

A NARRATIVA CONTEMPORÂNEA EM GOIÁS – UMA LEITURA DO ROMANCE AS LESMAS DE HELENO GODOY

Raphaela Pacelli Procópio (UFU)

Resumo: Resumo: A fragmentação tem aparecido na literatura contemporânea como um modo recorrente de narrar, no lugar de uma narrativa de começo, meio e fim, tem-se sobreposições de situações. Foi nesse contexto que o escritor goiano Heleno Godoy concebeu o romance As lesmas, único livro de romance do autor publicado. As lesmas foi escrito entre 1965 e 1968 e entregue para publicação em 1969, porém sofreu censura pelo editor que lhe fez alguns cortes consideráveis, como o prefácio e alguns parágrafos. Mesmo assim, foi editado e publicado mil exemplares que se esgotou em pouco tempo. Em 2002 o livro foi reeditado pelo autor e acrescido de um capítulo e publicado novamente. Vale ressaltar que o nosso estudo se faz a partir da reedição. O romance godoyano projetou a literatura feita em Goiás no cenário das narrativas modernas e recebeu a apreciação de vários críticos, notadamente a de Mário Chamie (1974) e a de Afrânio Coutinho (1997). As lesmas é um livro que funciona quase como um quebra-cabeça que se vai montando à medida em que se lê o texto. Sem o esquema linear da narrativa essas peças ou fragmentos adquirem sentidos independentes e múltiplos em meio ao caos aparente do texto e que se unem ao significado total. Logo, a narrativa fragmentada dissolve o sentido unívoco do texto, compondo um mosaico de significados que exige um papel ativo e crítico sobre a realidade. O romance godoyano, uma produção pós-64, mais do que representar a crise política e o caos social instalados pela Ditadura Militar, chama atenção para o esfacelamento da sociedade e do indivíduo em meio a essa situação. O objetivo do nosso trabalho é verificar como essa produção fragmentária, desconstruída, que está baseada na não linearidade e na simultaneidade de informações, tem a nos dizer sobre a narrativa contemporânea.

Palavras-chave: Palavras-chave: Narrativa contemporânea; Fragmentação; Heleno Godoy; Goiás.

MAPEAMENTO COGNITIVO E MELODRAMA NAS SÉRIES DE DAVID SIMON

André Ferreira Gomes de Carvalho (Universidade Federal de Santa Catarina)

Resumo: De acordo com Fredric Jameson (1991), o capitalismo tardio oferece um desafio à capacidade do indivíduo de se situar cognitivamente no mundo. A complexidade da financeirização, o desmonte das relações estáveis de trabalho e a prevalência da comunicação em massa são alguns dos fatores que complicam o trabalho de mapeamento cognitivo. Que artistas e que obras dariam conta de abstrair, esquematizar e dramatizar a totalidade das relações? Ainda é possível ambicionar essa totalização? Como já foi amplamente apontado pela crítica, The Wire (2002-2008) representa um dos principais esforços contemporâneos de realizar essa tarefa, articulando o formato da narrativa seriada televisiva, o melodrama, o romance realista-naturalista do século XIX e o espaço da grande metrópole pós-moderna. Partindo da discussão acadêmica já realizada a respeito de The Wire, pretendemos explorar a ideia de que as séries posteriores criadas por David Simon e seus colaboradores ampliam e desenvolvem os métodos artísticos necessários para o desenvolvimento de uma Comédia Humana contemporânea.

Palavras-chave: televisão; narrativa seriada; mapeamento cognitivo; melodrama; realismo

29 – ESCRITAS DE SI: DIÁRIOS, CARTAS, TESTEMUNHO, AUTOFICÇÕES EM NARRATIVAS, POEMAS OU OUTRAS ARTES ESCRITAS E ELABORADAS POR ESCRITORES LATINO AMERICANOS

Coordenação: Margareth Torres de Alencar Costa (UESPI); Susana Beatriz Cella (UBA).



Resumo: A fala de si mesma na terceira pessoa, chamando-se pelo próprio nome, ocorre bem antes de compreender que também pode utilizar a primeira pessoa. Em seguida, todos utilizam “eu” para falar de si, mas esse “eu”, para cada um, remeterá a um nome único que poderá, a qualquer momento, ser enunciado. Todas as identificações (fáceis, difíceis ou indeterminadas) acabam fatalmente convertendo a primeira pessoa em um nome próprio. Para Lejeune (2008), um autor não é uma pessoa. É uma pessoa que escreve e publica. Inscrito, a um só tempo, no texto e no extratexto, ele é a linha de contato entre eles. O autor se define como sendo simultaneamente uma pessoa real, socialmente responsável, e produtor de um discurso. Para o leitor, que não conhece a pessoa real, embora creia em sua existência, o autor se define como a pessoa capaz de produzir aquele discurso e imaginá-lo, então, “a partir do que ele produz. [...] se a autobiografia é um primeiro livro, seu autor é consequentemente um desconhecido, mesmo se o que conta é sua própria história, falta-lhe, aos olhos do leitor, esse signo de realidade que é a produção anterior de outros textos (não autobiográficos), indispensáveis ao que Lejeune chama de “espaço autobiográfico”. Autoficção, termo utilizado contemporaneamente para se referir à autobiografia ficcional, teve como precursor Doubrovsky (1977) em seu romance *Fils*. A noção de autoficção, de acordo com esse autor, difere da teoria proposta por Lejeune (2005) na medida em que um autor pode optar por contar sua vida em 1ª ou 3ª pessoa, utilizando os elementos ficcionais a serviço de uma busca pela autoficção. No entanto Gusdorf (1991) afirma que as teses sobre a escrita de si foi o centro das discussões do seu trabalho e continha um estudo crítico do que seja autobiografia. “*Cet arrièreplan commémoratif d’une expérience de vie, menée à bien dans la peine, dans la joie et dans l’honneur, sous-tend d’une manière inapparente ce livre.*” (GUSDORF, 1991,p.12). No que diz respeito à literatura de testemunho, o estudo memorialístico é importante porque apresenta diversas partes da obra em que personagens rememoram as experiências traumáticas vividas individual ou coletivamente. Essa presença, no texto literário, revela personagens angustiados com a situação desumana a qual foram submetidos; podem caracterizar lembranças do convívio familiar, que retornam à mente do narrador. A memória coletiva é formada por lembranças dos indivíduos, ou seja, de vários grupos dos quais eles fazem parte. Paul Ricoeur (2007) chama a atenção para o fato de a memória e a história estarem juntas, ainda que de modo conflitivo. A contribuição de Seligmann-Silva (2003), Halbwachs (2006) e de Candido (2006), considerando que todos os acontecimentos e narrativas se passam no convívio em sociedade, viabilizará reflexão e entendimento sobre as narrativas de si escritas por mulheres em todas as épocas. Mesmo assim a posição de Gusdorf (1991) rebate alguns conceitos propostos por estes teóricos e como ele mesmo afirma: “*On appelle « mémoires » d’un personnage le récit fait par lui-même des événements de sa vie, curieux pluriel, au sujet duquel les lexicographes ne semblent pas s’être interrogés. Or les mémoires appartiennent au genre autobiographique, avec une insistance sur les événements objectifs plutôt que sur le vécu subjectif ; mais la ligne de démarcation entre Mémoires proprement dits et Autobiographie n’est pas claire ; les mémoires sont des autobiographies, même si la réciproque ne semble pas être vraie.*” (GUSDORF, 1991,p.14). Com relação à escrita de si através das outras artes vimos obras literárias pertencentes a este gênero transpostas ao cinema, aos quadros, em formato de graffiti nos muros da cidade ou vice versa, é possível ver telas, e filmes serem traduzidos aos textos ou às músicas. Nesse sentido Santaella (2004) explica que o leitor do século XXI é o “leitor movimento, aquele que surge do mundo em movimento, dinâmico, mundo híbrido, de misturas químicas, um leitor que é filho da Revolução Industrial e do aparecimento dos grandes centros urbanos: o homem na multidão” (SANTAELLA, 2004, p.19). Assim sendo, este simpósio pretende contribuir para a reflexão dos textos produzidos em prosa, poesia e outras artes no contexto da história, da memória, das literaturas de si, recebendo propostas de trabalhos que debatam os escritos produzidos por autores oriundos da América Latina ou que nela se fixaram adquirindo nacionalidade latino Americana.

Palavras-chave: Escritas de si; narrativas em prosa, poesia e outras artes. escritores latino americanos

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

SUBJETIVIDAD Y TESTIMONIO EN HASTA NO VERTE JESÚS MÍO DE LA ESCRITORA MEXICANA ELENA PONIATOWSKA

Susana Beatriz Cella

Resumo: Resumen: la reflexión sobre lo que abarcativamente puede denominarse “escrituras del yo”, contempla las formas en que una subjetividad se inscribe en el texto literario en sus diversas modalidades que atienden a los tradicionales géneros lírico, narrativo y dramático, pero también es posible atender a otras formas escriturarias donde pueden tenerse en cuenta textos ensayísticos, diarios, formas epistolares diversas, modo de la denominada autoficción, autobiografías, así como, lo que podemos denominar las figuraciones de la instancia autoral en todas estas formas. Teniendo en cuenta todos estos aspectos hemos elegido para presentar en este simposio la novela *Hasta no verte Jesús mío* de la escritora mexicana Elena Poniatowska. La elección tiene que ver con la obra narrativa que ha desarrollado en la cual prioriza la escritura sobre mujeres y acude a diversos formatos, así por ejemplo, la epístola en *Querido Diego te abraza Quiela*, el testimonio en la historia *Gaby Brimmer*, la recuperación a través de fotos e indagación histórica en la novel *Tinísima* sobre la militante Tina Modotti, y, en el caso que nos ocupa, la peculiar elaboración que hace a partir de la práctica testimonial en la cual soslaya ciertos rasgos del testimonio en sentido estricto, por ejemplo en forma de reportaje o diálogo donde aparecen las voces de la entrevistadora y la entrevistada. En este caso Poniatowska recurrió a la forma de recopilación de una historia de vida, la de una mujer humilde llamada Josefina Bohórquez a la que realizó numerosas entrevistas. Contando con ese background elaboró la novela. Vemos aquí entonces un trabajo que para dar cuenta de un yo hablante (la entrevistada), efectúa una selección de materiales aportados por esta, pero soslaya la presencia de las dos voces para producir un relato en primera persona en el cual lo que aparece es la voz de esa protagonista de los hechos presentados en la inmediatez de quien va desplegando una historia que mucho tiene que ver con episodios de la historia mexicana (la revolución por ejemplo) pero también el período posterior y anterior a ella mediante las experiencias de una chica pobre, luego una soladera y más tarde una trabajadora de diversos oficios, los cuales van mostrando aspectos de la sociedad mexicana, espacios marginales, arduos trabajos que la protagonista realiza así como sus decisiones y pareceres sobre su propia vida, la de otras mujeres y las relaciones con los hombres. Otro rasgo destacable es la relación que se vislumbra entre entrevistadora no es la que aparece en muchos testimonios como armónica, sino por el contrario, la protagonista de la novela, a la que la autora da el nombre de Jesusa Palancares, deja ver la presencia de la que recibe el testimonio a través de su propio discurso mostrando desavenencias y discutiendo con quien registra su historia. En resumen, hay en esta novela todo un dispositivo narrativo que deseamos analizar para ver de qué forma se da voz a las mujeres desplazadas de la sociedad. Asimismo, quisiéramos agregar, en una matriz comparativa, el contraste con otro dispositivo narrativo que permite oír la voz de una mujer, esta sí letrada y culta, a diferencia de Jesusa Palancares, situada además en otro sector social y otro ámbito: nos referimos a la construcción del personaje Josefina Peguy d’Hogerthy de Narbondo en la novela *¡Bernabé, Bernabé!* del narrador uruguayo Tomás de Mattos. En este caso observamos un desplazamiento de voces narradoras para dar lugar a la subjetividad de Josefina y encontramos además vinculación con otro género próximo que es la novela histórica. Consideramos que ambas aproximaciones nos permiten aportar rasgos que tienen que ver con el tema de nuestro simposio.

Palavras-chave: Hasta no verte Jesús mío; Subjetividad; auto ficción



MALALA: MEMÓRIA COLETIVA, TESTEMUNHO E SUBJETIVIDADE NA OBRA DE ADRIANA CARRANCA

Marisa Aparecida Loures de Araújo Barros e Marcos Paulo de Araújo Barros

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo discutir de que forma o livro *Malala*, a menina que queria ir para a escola, da colunista dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*, Adriana Carranca, contribui para a construção de uma memória coletiva em torno de Malala Yousafzai, a garota que ganhou a atenção do globo, tornando-se a mais jovem ganhadora do Prêmio Nobel da Paz. O que a fez merecer a honraria é a luta que encabeça, desde pequena, pela defesa dos direitos humanos das mulheres e do acesso à educação em sua região natal, o vale do Swat, no Paquistão. Há mais de 2 mil anos povoado pelos pashtuns, como Malala, o vale sempre foi uma região conservadora do país islâmico, mas o governo assegurava às meninas o acesso à escola. Contudo, a partir de 2007, o Talibã ocupou o lugar, ameaçando quem fosse contra as tradições islâmicas mais radicais. A educação tornou-se alvo frequente da organização, que ordenou o fechamento de escolas para meninas. Também buscar-se-á discutir nesse trabalho de que forma a subjetividade presente no texto da jornalista ajuda na construção dessa memória. Malala aprendeu a lutar pelo direito de continuar estudando, e seu ativismo não nasceu com e por causa da fama mundial, conforme relatos apurados por Adriana Carranca com moradores do Vale do Swat. Para tanto, buscar-se-á referencial teórico nos conceitos de Memória Individual e Memória Coletiva, apontados no livro *A memória coletiva*, de Maurice Halbwachs. É por meio dos escritos desse autor que se pode pensar que a memória de Malala está preservada no oriente, na medida em que suas lembranças são compartilhadas por todo um grupo de meninas que foram obrigadas a deixar os bancos de uma escola. Para a discussão em torno dos conceitos de objetividade/subjetividade, buscar-se-á apoio em Jacques Le Goff. Através de uma narrativa subjetiva, Adriana Carranca ajudou a construir a memória coletiva em torno de Malala Yousafzai.

Palavras-chave: Malala; memória; testemunho; Adriana Carranca; subjetividade

RIGOBERTA MENCHÚ TUM: SUBJETIVIDAD, TESTIMONIO Y ESCRITA AUTO FICCIONAL

Margareth Torres de Alencar Costa

Resumo: este ensayo hace parte de la investigación propuesta en nuestra estancia de pos doctorado sometido y aprobado por la facultad de filosofía y letras de la universidad de buenos aires. el objetivo es hacer una reflexión sobre la voz subjetiva de la narradora en *yo rigoberta menchú tum*: y así me nació la consciencia, un texto literario que pertenece al género del testimonio. rigoberta, una indígena maya natural de la aldea de chimel en guatemala cuya lengua nativa es el quiche, conoció la pobreza y los prejuicios raciales y étnicos sobre los indígenas desde muy pequeña. sus padres y demás campesinos cultivaban la tierra y por las muchas deudas los ricos quitaban sus tierras y sus cosas hasta que los desalojaban de vez. rigoberta tuvo que exilarse en méxico para huir de la persecución y muerte cierta y mientras vivió allí dio un testimonio sobre su vida y la guerra civil en guatemala para elizabeth burgos debray que resultó en el libro: *i rigoberta menchú* (nombre en inglés), que recibió mucha atención internacional lo que hizo que rigoberta tuviera oportunidad de, a través de su voz llamar la atención del mundo para los derechos humanos de los indígenas. los interrogantes que este estudio quiso contestar fueron: ¿quién fue rigoberta menchú tum? ¿qué denuncias hace en su libro? ¿cómo la subjetividad se presenta en su testimonio en la medida que denuncia los malos tratos hacia la comunidad indígena a la cual pertenece? la investigación es bibliográfica y cualitativa en la medida que se hace una reflexión sobre el texto escrito por elizabeth burgos debray y rigoberta menchú tum además de apoyarse en la contribución de los teóricos de la escrita de sí: lejeune (2008) sobre la teoría del autobiografía, spivak(2010) como forma de subsidiar la crítica sobre la cuestión de la subalternidad, adorno (1962), para apoyar la discusión y estructura del ensayo. gomes (2004), alberca(2012), arfuch(2010), gusdorf (1963)



para fundamentar el tema del autoficción seligmann-silva (2007) y halbwichs(2006) sobre memoria y testimonio y benveniste (2005), blancafort e valls (2008), fairclough (2001), mangueneau (1996); amossy (2005) para apoyar el debate sobre la escrita de si y subjetividad. los resultados de la pesquisa nos mostraron que la obra insertase en el género de la escrita de sí. la pesquisa nos hizo comprobar que la obra es una mezcla de defensa de la cultura de un pueblo, de las injusticias sociales en contra los indígenas pobres de guatemala al mismo tiempo en que la protagonista hace la defensa de su género, se da voz clama por justicia no solamente para sí misma pero para todos los indígenas pobres e injusticiados de guatemala y como es fácil comprobar la subjetividad de su voz en toda la narrativa, su testimonio es clasificado en esta investigación como escrita auto ficcional.

Palavras-chave: Rigoberta Menchú Tum; subjetividad; testimonio; auto ficción

A AUTOFIÇÃO E O ENSAIO: UMA LEITURA DO ROMANCE MACHADO DE SILVIANO SANTIAGO

Marília do Nascimento Costa

Resumo: Observamos na contemporaneidade a presença de elementos autobiográficos na literatura e a importância que o nome próprio do autor assume dentro da obra. Segundo Ana Claudia Viegas, em entrevista à Folha de São Paulo, é possível apontar como tendência na literatura contemporânea o uso frequente de narração em primeira pessoa, na qual o narrador se confunde com o próprio autor, resultando em “personagens-escretores”. A característica apontada por Viegas aparece no romance Machado escrito pelo romancista, acadêmico, e crítico literário Silviano Santiago. A obra trata dos quatro últimos anos de vida de Machado de Assis. Na capa do livro é indicado que pertence ao gênero romance, contudo, a obra assume um procedimento narrativo que funde romance, ensaio, autoficção e diário íntimo. Santiago analisa com facilidade as questões do campo literário do final do século XIX e início do século XX, esclarecendo a forma como Machado de Assis se concebe, se desenvolve, se aprimora e se estabelece como um dos maiores escritores brasileiros. Santiago resgata o caminho que o conduziu a escrever o livro, forja a si mesmo e ao processo de escrita (aí emerge o que identificamos como uma dicção ensaística) aproximando-se do que Reinaldo Laddaga no livro *Estética de Laboratório* chama de uma “visita ao estúdio” de produção do autor e que torna possível aos leitores “formar uma ideia da pessoa e do pensamento do autor”. Embora saibamos que se trata de mais um artifício, pois, como o próprio Laddaga aponta “um artista se expõe enquanto realiza uma operação em si mesmo. O que mostra não é tanto ‘a vida (ou sua vida) como ela é’, mas uma fase da vida (ou da sua vida) que se desenvolve em condições controladas.” Em Machado o narrador se apropria da dicção ensaística e da autoficção como dispositivo para tornar-se outro. Faz de Machado de Assis ao mesmo tempo em que faz de si mesmo personagem de um romance, se auto representa sem compromisso com a verdade protegido pela etiqueta da ficção. “A força da autoficção é que ela não tem mais compromisso algum nem com a autobiografia estrito senso (que ela não promete), nem com a ficção igualmente estrito senso (com que rompe)” (NASCIMENTO, 2010, p. 65). Nesse sentido, há o embaralhamento das fronteiras entre o real e o ficcional, o que dificulta a escolha do leitor entre o literal e o literário no momento de classificar a narrativa. Em suma, pretendemos discutir a presença da forma ensaio no corpo da ficção, na composição de um romance-ensaio, considerando a autoficção como um operador analítico para unir as investigações sobre a forma do romance e a forma do ensaio na obra Machado de Silviano Santiago.

Palavras-chave: Autoficção; Ensaio; Machado; Silviano Santiago; Romance.

“ESCREVO PARA QUE ME ESCUTEM”: OS DIÁRIOS DE LÚCIO CARDOSO

Daniele Ribeiro Fortuna

Resumo: Financiada pela Funadesp, a pesquisa “Os diários de Waldir Ayala, Lucio Cardoso e Harry Laus: expressões do corpo e da emoção” tem por objetivo analisar e comparar os diários desses três autores. Ayala, Cardoso e Laus escreveram seus diários na mesma época, na década

de 1950, e fizeram de seus textos um espaço de expressão de suas emoções, de resistência e sobrevivência às dificuldades que tiveram que enfrentar. Os três eram homossexuais e, naquele momento, pouco se discutia o tema. Nesta comunicação, pretendemos nos concentrar principalmente nos resultados da análise do diário de Lúcio Cardoso. Oscilando entre alegria e tristeza, entre a fé e a desesperança, Cardoso expõe suas mazelas pessoais em seu texto e, constantemente, reflete sobre o seu trabalho e também sobre o seu próprio diário. Assim como Laus e Ayala, pouco se refere à sua condição de homossexual, mas seu silêncio permite perceber, como o autor mesmo aponta, uma tendência à autodestruição. Em uma das passagens de seu diário, Lúcio Cardoso afirma que escreve para que o escutem. Entretanto, por meio de sua leitura, é possível perceber um jogo de silenciamento e fala. Sobre o que Cardoso quer falar e o que quer silenciar? A análise utilizará como escopo teórico estudos sobre discurso (FOUCAULT, 1966, 2012), Antropologia das Emoções (REZENDE, COELHO, 2010), corpo (LE BRETON, 2009, 2011) e gênero (BUTLER, 2015).

Palavras-chave: Lúcio Cardoso; Diários; Emoção.

16/07 (TARDE)

ANTROPOLOGIA, ETNOGRAFIA E ESCRITAS DO EU EM DARCY RIBEIRO, DAVI KOPENAWA E BRUCE ALBERT

Ananda Nehmy de Almeida

Resumo: Diários índios, de Darcy Ribeiro, produzido entre 1949 e 1951, e a entrebiografia *A queda do céu*, de Davi Kopenawa, realizada em coautoria com o etnólogo Bruce Albert, reconfiguram o discurso antropológico recorrendo à etnografia e às escritas do eu. O objetivo deste estudo é compará-los, considerando os temas comuns, as diferentes abordagens da antropologia, o trabalho etnográfico e a reconfiguração dos gêneros pertencentes ao campo das escritas do eu. O cotidiano, as narrativas e os cantos indígenas fazem parte do discurso literário influenciado pela Literatura Oral Indígena e tecido na perspectiva da primeira pessoa. O corpus selecionado para esta pesquisa permite rever a concepção de autoria em Michel Foucault, o pacto autobiográfico proposto por Philippe Lejeune, além das características do gênero epistolar sistematizadas por Geneviève Harouche-Bouzinac. Pretende-se confrontar a discussão teórica das escritas do eu à concepção de antropologia e de etnografia próprias ao contexto de Darcy Ribeiro e às atualizações dessas disciplinas em Bruce Albert e em Eduardo Viveiros de Castro que estabelece o conceito de perspectivismo ameríndio. No âmbito da preservação de acervos, retoma-se o destaque aos arquivos de Darcy Ribeiro nos estudos de Luciana Quillet Heymann, e aos arquivos da oralidade pesquisados por Rita Olivier-Godet em *A queda do céu*. Oscilando nas formas diário de campo e carta dirigida à esposa Berta Ribeiro, *Diários índios* retoma o percurso do antropólogo em viagens realizadas para levantamento de dados de povos indígenas. As informações da pesquisa de campo divulgadas por Darcy Ribeiro são tomadas de coloquialismo e modeladas pela perspectiva crítica da primeira pessoa própria aos diários e às correspondências. Da mesma forma, *A queda do céu*, contém traços de discurso epistolar tendo em vista que o narrador indígena, Davi Kopenawa, define como interlocutor “ignorante” aquele que desconhece o éthos indígena. Os diários e a entrebiografia rompem com o modelo tradicional de escrita do eu baseado na unidade do sujeito. Nos *Diários índios*, Darcy Ribeiro entremeia a primeira pessoa com vozes indígenas, e, na entrebiografia do xamã, marcada pelos fragmentos de mitologia e pelo seu processo de elaboração, Bruce Albert textualiza, traduz a língua yanomami para o francês e inclui a voz do narrador Davi Kopenawa numa categoria mais ampla de discurso literário. A mitologia yanomami, os fatos retomados pelo narrador indígena e as condições de passagem da modalidade oral para a escrita compõem a fragmentação do sujeito na entrebiografia realizada a partir das gravações da voz do xamã. No post-scriptum de *A queda do céu*, Bruce Albert expõe a metodologia adotada no processo de textualização do discurso do xamã Davi Kopenawa. As diferenças no tratamento de dados da pesquisa de campo e as

temáticas comuns aos Diários índios e à entrebiografia serão revistos tendo em vista que a escolha pelo uso das escritas do eu no campo da etnografia a aproxima do discurso literário.

Palavras-chave: Diário, carta, entrebiografia, arquivo

EXISTINDO MORRO SENDO: MEMÓRIA DE SI EM ESTAR SENDO. TER SIDO DE HILDA HILST

Anne Louise Dias

Resumo: Em seu último romance, Hilda Hilst põe em cena o narrador Vittorio que, próximo de sua morte, faz de Estar sendo. Ter sido (1997) seu túmulo de palavras. Ali, a escrita se torna mediador necessário para um processo de reapropriação de si diante da extenuante luta contra o esquecimento e o desvanecimento dos rastros – e se torna o espaço ideal para a construção de uma espécie de testamento literário tanto para Vittorio quanto para a própria Hilda Hilst. Essa pesquisa propõe, assim, compreender o vai e vem obsessivo das memórias de Vittorio como um sistema paradoxalmente hermético e livre que, ao mesmo tempo que se fecha em si, se abre para a presença imediata e física de vozes outras. A memória de si, em Estar sendo. Ter sido, estaria, portanto, no recolhimento interior de Vittorio, mas igualmente no tropeçar em outros personagens, narradores, escritores; reconhecendo a literatura como privilegiado espaço de discussão acerca conceito de memória e tomando a intertextualidade como ferramenta ideal de construção de memória, uma memória que seria própria da literatura diante da impossibilidade de (se) viver fora do texto.

Palavras-chave: Hilda Hilst; memória; escrita de si; intertextualidade.

OS CAMINHOS DIFERENTES DA RECEPÇÃO DO PACTO-AMBÍGUO E A CONFIGURAÇÃO DA OBRA LITERÁRIA COMO MEMÓRIA

Edson Ribeiro da Silva

Resumo: A noção de pacto, no que se refere à obra literária, tem recebido enfoques que se complementam. Tais enfoques podem explicar aspectos que vêm sendo standardizados e têm adquirido sentidos redutores. O pacto-ambíguo é um caso de formato muito aplicável, tantas vezes mal explicitado. Afinal, o pacto de leitura já é, por si, uma noção que abarca problemas de recepção que vinham sendo apontados desde o início do século XX. O fracasso da recepção, apontado por Ingarden, é devido à impossibilidade de o leitor recompor a memória do autor, material a partir do qual a narrativa ficcional se constitui. Iser retoma essa impossibilidade para fazer dela a razão do sucesso da recepção da narrativa literária: o leitor preenche com sua memória os elementos que, na elaboração da obra, provieram da memória do outro. Ricoeur chama a esse momento da recepção, em que o leitor recompõe a memória do autor, de reconfiguração. Nela também se atenta para a elaboração estética do texto, antes mesmo de se problematizarem aspectos memorialísticos. Antes dela, a pré-configuração fornece o material para a composição da narrativa, fase que depende da memória, pois o autor não foge dela, ainda quando crê depender apenas do imaginário. Elaborar como forma artística é a etapa da configuração, ou seja, o momento em que se torna arte o que poderia ter sido apenas memória íntima. Ricoeur é preciso ao chamar de reconfiguração o momento em que o leitor identifica o processo pelo qual a obra foi configurada, pois o conceito faz crer na habilidade de o leitor perceber recursos estéticos que a constituam. Iser considera o ato da leitura, ou seja, a recepção, como formada por dois níveis, A e B: o primeiro faz com que o leitor reconheça características convencionadas, como as de gênero, que podem orientar uma recepção mais ingênua; o segundo faz com que o leitor se dê conta daqueles elementos da configuração que tornam a obra original, ou seja, a maneira pela qual o autor criou configurações que modificam formatos, refazem recursos estéticos. A configuração pode querer a adequação ao gênero ou a ruptura com o mesmo. O romance e o conto que incorporaram os gêneros específicos das escritas de si, sobretudo o diário e a autobiografia, apresentam como característica marcante essa intensificação do nível B de recepção: a configuração original a partir de gêneros memorialísticos reconhecidos, mas que têm seus elementos constitutivos reelaborados de modo



a causar, entre outros efeitos, a ambiguidade do pacto de leitura que vem sendo atrelado à autoficção. A standardização dessa noção de pacto como característica que torna a autoficção reconhecível é evidentemente equivocada, quando se percebe que obras narrativas memorialísticas ficcionais já vinham reelaborando recursos literários específicos do nível A. Assim, há obras autoficcionais que geram a ambiguidade já na sua definição de gênero. A narrativa de natureza memorialística ficcional, ainda que não se definisse como autoficcional, já vinha tornando ambíguo o pacto de leitura. A configuração, nos dois níveis, muda o que antes era cristalizado e gera ambiguidades.

Palavras-chave: Pacto-ambíguo; Configuração; Recepção.

O ESPAÇO DA VOZ FEMININA NOS DIÁRIOS DE ALEJANDRA PIZARNIK

Erlândia Ribeiro da Silva

Resumo: A comunicação aqui proposta tem como objetivo analisar fragmentos extraídos da obra *Diários* (2016) da escritora argentina Alejandra Pizarnik (1936-1972), com o intuito de observar as reflexões que o seu texto diarístico suscita à respeito da identidade feminina. Ao ler os diários de Pizarnik, datados de 1955, percebemos em vários fragmentos sua consciência crítica em relação a condição social das mulheres e as imposições sofridas pela ideologia patriarcal. Esse posicionamento da autora é bastante importante no sentido de registro histórico, para compreensão do tempo em que se vivia e o que a autora desconstruía e transgredia com sua escrita. Nesse sentido, neste estudo, foram feitas considerações acerca desses registros nos diários tratando de perceber de que maneira a autora contraria a ideia vigente da época ao se afirmar como mulher e escritora, ajudando a compor uma identidade feminina bastante singular. Dessa forma, como embasamento teórico recorreremos, principalmente, a Judith Butler com *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2003), Pierre Bourdieu com *A dominação masculina* (2003), Leonor Arfuch com *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea* (2010), Alberto Giordano com *A senha dos solitários: diários de escritores* (2016), Stuart Hall com *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (2000) e demais autores que nos ajudem a compreender os sentidos questionadores da escrita diarística de Pizarnik.

Palavras-chave: Alejandra Pizarnik; Identidade feminina; Diários.

A SUBJETIVIDADE DA MISÉRIA EM QUARTO DE DESPEJO

Flaviana de Castro Silva

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a persistência da miséria (na acepção mais complexa do termo) na construção de um relato autobiográfico representativo da subjetividade em vários elementos que compõem o cotidiano da escritora Carolina Maria de Jesus, moradora da atualmente extinta favela do Canindé- São Paulo- na sua obra-prima *Quarto de despejo*- o diário de uma favelada publicada em 1960. A autora traz para a obra sua biografia marcada por caracteres incomuns (pelo menos para o contexto em que se enquadra) de uma mulher, negra, favelada, mãe solteira de três filhos pequenos, catadora de papel e semi-alfabetizada. A partir de contribuições teórico-metodológicas de Philippe Lejeune (2008) e de Manuel Alberca (2012), tentar-se-á desvendar como as múltiplas e persistentes adversidades de sobrevivência em condições de total marginalidade interferem ou mesmo contribuem para o afloramento de uma subjetividade autoficcional. Extensa tem se mostrado a crítica acerca da referida obra em muitos aspectos, ressaltando-se o fato de esta constituir um caso raro em toda a nossa literatura brasileira dadas as suas condições de surgimento, seu teor e sua repercussão. Tendo por isso sido traduzida para mais de dez línguas e ser objeto de estudo em disciplinas acadêmicas de universidades internacionais. na busca pela comprovação de ser a subjetividade impulsionada pela miséria um elemento determinante de construção autoficcional em *Quarto de despejo*- o diário de uma favelada é que se pauta este artigo.

Palavras-chave: Quarto de despejo; Autoficção; Subjetividade



17/07 (MANHÃ)

PROSA E LOUCURA: O DIÁRIO DE MAURA LOPES CANÇADO

Luana Martins de Arruda

Resumo: Este estudo analisa a escrita da autora brasileira Maura Lopes Cançado, nascida em São Gonçalo do Abaeté (Minas Gerais), em 1929. Seu diário, *Hospício é Deus*, foi produzido entre os anos de 1959 e 1960, quando a autora esteve internada em um hospital psiquiátrico no bairro do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro. Entre uma internação e outra, foi colaboradora no Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, ao lado de intelectuais como Reynaldo Jardim, Ferreira Gullar, Assis Brasil e Carlos Heitor Cony. Dessa experiência, nasceram diversos contos que, depois de reunidos numa coletânea intitulada *O sofredor do ver*, ganharam também publicação, em 1968. Assim, tanto a publicação do diário como o livro de contos garantiram-lhe, à época, elogios por parte do público e da crítica literária. Segundo seus colegas de trabalho, Maura Lopes Cançado seria na literatura uma revelação, se não fosse pela sua condição psiquiátrica. Contudo, após a sua morte, em 1993, no Rio de Janeiro, suas obras seriam esquecidas, sendo mais tarde reeditadas, em 2012, pela Confraria dos Bibliófilos, de Brasília, e pela editora Autêntica, em 2015. Esta pesquisa aborda a escrita de si com base no diário *Hospício é Deus*, que nos apresenta a narrativa de uma mulher, que de forma voluntária, procurou o espaço do hospício por não conseguir adequar-se às exigências do mundo. Interessamos em particular a representação da loucura no diário a fim de investigar como a alteração de estados mentais pode ser apresentada na escrita, como ela se relaciona à concepção de memória e se a autora relata suas experiências a partir da consciência do fazer literário. Para isso, consideramos também os estudos de Paulo Sérgio Vasconcellos (2016) sobre a forma como os antigos viam a relação entre o que se expressava em primeira pessoa na poesia amorosa romana e o autor empírico. Considerando que o leitor comum, há séculos, costuma associar elementos do texto com a vida de seu autor, sobretudo quando a escrita se faz em primeira pessoa, as considerações de Vasconcellos acerca da recepção de leitura dos antigos romanos colaborarão na compreensão entre a dicotomia vida/arte. Nesse sentido, mesmo que existam correntes da crítica literária que julgam ser a obra dissociada da vida de seu autor, observamos, muitas vezes, que a literatura pode ser fruto da vivência do escritor, mesmo reconhecendo que não é necessário o conhecimento prévio desta vida para o entendimento e a apreciação da arte. Por meio dessa análise, investigaremos os mecanismos narrativos da escrita de si em Maura Lopes Cançado.

Palavras-chave: autobiografia; diário; escrita de si; loucura; Maura Lopes Cançado.

AS ESCRITAS DE SI NAS CARTAS POÉTICAS DE ANA CRISTINA CÉSAR

Mariana Nunes de Freitas

Resumo: O conceito de carta enquanto um gênero definido por elementos específicos não se faz procedente quando se trata da escrita literária de Ana C., uma vez que essa poeta reelabora de maneira peculiar as inscrições epistolares. De acordo com André Crabbé Rocha, em *A epistolografia em Portugal*, as epístolas, muito além de noticiar, são um meio de comunicação e compartilhamento entre os homens, elas representam a substituição de gestos ou atos e têm a finalidade de evitar ou amenizar a solidão. A relação entre esses escritos e a literatura é estreita, ainda segundo esse autor, os “mecanismos” literários podem permear as cartas, todavia, não é regra que todo artista seja inevitavelmente um exímio epistológrafo, nem que, para desempenhar esse papel, seja necessário ser antes um magnífico literato. Independente do quinhão literário, a carta, enquanto gênero, deve enquadrar-se a determinadas normas estruturais, que são: o lugar da escrita, a data, o destinatário, a assinatura e o conteúdo segredado. Esses elementos são tidos por ROCHA (1965) e por muitos outros críticos que estudaram tal gênero como essenciais; no entanto, nota-se que, mesmo garantindo aos seus escritos todas essas exigências, os elementos das cartas de Ana C. recebem, por meio de sua linguagem literária tão singular, um novo uso,



novo sentido. Destinatários fictícios ou destinatário-remetente, escrita em versos, construção de metáforas, enigmas, jogos poéticos são alguns recursos que tornam dissonantes as cartas de Ana C. com o gênero epistolar. Apesar de a maioria dos poemas dessa autora apresentarem interlocutor definido ou somente marcas de interlocução, apenas duas obras foram dedicadas a correspondências. A primeira, cujo título é *Correspondência Completa*, contém apenas uma carta e foi inserida no livro *A teus pés* pela própria Ana Cristina César. Já a segunda obra, de título *Correspondência incompleta* (1999), é póstuma e constitui-se de uma reunião de fotos e cartas organizada por Armando Freitas Filho e Heloisa Buarque de Hollanda. Particularmente neste trabalho de comunicação, serão analisados recortes e cartas retirados dessa última obra que foi organizada por amigos de Ana C. Sobretudo, o objetivo é ressaltar o elevado teor literário das cartas dessa artista. Segundo Armando Freitas Filho, o envolvimento afetivo e intelectual com as destinatárias contribuiu para incitar o tal caráter literário das produções epistolares, de modo que nelas ainda é possível perceber as variações de assinaturas – “Ana” e “Ana Cristina”, “Ana C.”, “A.” ou o pseudônimo “Júlio”, parte masculina de “Júlia”, usado para assinar a única carta de *Correspondência Completa*. Já a declaração da ficcionalização do pseudônimo “Ana C.” ocorre em um dos textos enviados a Heloisa Buarque de Hollanda com data de “14.2.80” pertencente ao livro *Correspondência Incompleta*. Portanto, por meio da análise de vários elementos poético literários presentes nas cartas de Ana Cristina César, a exemplo dessa questão da assinatura, intenta-se demonstrar a importância e o valor literário das missivas escritas por essa autora.

Palavras-chave: Escritas de si; cartas; Ana Cristina César.

DO ABISMO NA FACE AO VÓRTICE DA MEMÓRIA: A RECONSTRUÇÃO DE SI ATRAVÉS DA ESCRITA, UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A NOVELA O ENFEITIÇADO DE LÚCIO CARDOSO E A TELA FACE A FACE COM O ABISMO, DE SUSANO CORREIA

Marina Couto Ribeiro

Resumo: Enveredar-se pelo abismo de si mesmo não é tarefa fácil, principalmente quando se trata de deixar vir à tona assuntos obscuros, que deixam transparecer certo desequilíbrio e inquietação perante o mundo, como as paixões e a tragédia humanas. Nesse contexto, a arte pode funcionar como uma válvula de escape ou até mesmo como um possível caminho para a recriação de si, sendo, muitas vezes, uma forma de o autor reafirmar, ou por que não dizer, recriar sua própria identidade. Quando isso acontece, é possível estabelecer relações entre a vida e a obra de determinado autor, o que nos permite perceber não uma simples relação de causa e consequência entre o que se viveu (ou se quis viver) e o que se criou, mas sim uma relação de continuidade, na qual o autor se inscreve em suas obras, transformando-as em um arsenal de várias versões de si mesmo. Dessa forma, a memória, com toda a obscuridade e deformação que possui, é vista como principal marca da escrita e como um lugar de recriação e reconstrução da vida. Tal reconstrução se dá, principalmente, através da linguagem, pois a língua permite ao autor um “esvaziamento”, uma “dessubstancialização”, ou seja, permite que ele possa, em sua remontagem, através das palavras, (re)inventar a memória e fazer de sua obra um espelho que reflete, mesmo que de forma nebulosa ou monstruosa, a imagem que se constrói do real. Este artigo tem como objetos de leitura a novela *O Enfeitiçado*, de Lúcio Cardoso e a tela *Face a face com o abismo*, de Susano Correia, e visa demonstrar, através de uma análise comparativa dos pontos comuns entre as duas obras — que vão desde a temática da reescrita da identidade através do enfrentamento do abismo de si mesmo ao processo de criação artística — como ambas escancaram o desconcerto do indivíduo com o mundo e apresentam a arte como uma via através da qual o autor se reconstrói e, a partir disso, se firma na sociedade.

Palavras-chave: Lúcio Cardoso; Susano Correia; Vida Escrita; Escrita de si; Identidade.

TESTEMUNHOS DO FEMINICÍDIO NA ARGENTINA E NO MÉXICO

Carlos Magno Gomes



Resumo: Esta comunicação propõe a análise do testemunho do feminicídio registrado pelas escritoras Selva Amada, na Argentina, e Arminé Arjona, no México. As duas colhem memórias da violência contra a mulher em espaços sociais hostis de seus países, dando ênfase para as marcas sociais da violência de gênero. Esse crime é imposto à mulher por meio da desqualificação do corpo feminino com abusos morais, físicos ou sexuais tanto no espaço doméstico como público em todos os países latino-americanos. Em "Delincuentes: historias del narcotráfico" (2005), Arjona expõe o dia-a-dia do controle do narcotráfico no México sobre os cidadãos de Ciudad Juárez e, em especial, como as organizações criminosas impõem o menosprezo pelo corpo da mulher. Já em "Chicas muertas" (2014), o testemunho de Amada é construído com o material de uma pesquisa de campo, feita pela autora, sobre três feminicídios divulgados pela imprensa argentina, mas sem a punição dos culpados. Metodologicamente, comparamos o testemunho social dessa violência a partir da identificação da herança cultural do patriarcado dado por cada escritora. Para isso, exploraremos os conceitos de "língua espectral" de Agamben, "arquivo", de Derrida, e de "corpo feminino" como território da violência, de Rita Laura Segato, para respaldar este estudo. Temos o propósito de comparar os procedimentos estéticos usados pelas autoras para o questionamento dos valores ideológicos de gênero, presentes no resgate da memória do feminicídio. Nas duas obras, esse crime é visto como um fantasma que sempre assusta e impõe limites para os deslocamentos femininos pelos espaços urbanos.

Palavras-chave: Estudos comparados; violência de gênero; feminicídio, literatura latino-americana.

AUTORES DE MEMÓRIAS: METAFICÇÃO EM "EM LIBERDADE" E "EL SECRETO DE SUS OJOS"

Mariana Perizzolo Lencina

Resumo: Sobre autoficção muito se discute a respeito das indefinições em seu conceito. Nesse contexto, esta comunicação refletirá sobre obras que, indicando sua própria compreensão do termo, vão além dele: dramatizam a produção do texto autoficcional. Para enriquecer o debate no escopo de autores latino-americanos analisamos em caráter comparativo duas narrativas de diferentes artes da escrita: a metaficção historiográfica de Silviano Santiago: "Em Liberdade" (2003), e outra em que o texto transcende a escrita e chega a grande tela na obra fílmica vencedora do Oscar de Melhor Filme Estrangeiro de 2010, "El Secreto de Sus Ojos" (2009) de Juan José Campanella. O objetivo é contemplar nessas construções fictícias da escrita de si o exercício da metaficção e o papel da memória na elaboração desse tipo de texto. Importa, portanto, atentar à forma como esse diálogo estabelecido com a autoficção é articulado sob as diretrizes pós-modernistas da fragmentação e da subversão dos limites do real e do ficcional. É lícito afirmar que a autoficção se faz pelo homem pós-moderno que só conhece a si mesmo por meio de discursos que não passam de palavras desligadas daquilo a que se referem, dependentes da significação dada por cada sujeito, o que produz uma realidade múltipla, contraditória e fragmentada: um discurso, como constata Michel Foucault, que tem "por tarefa dizer o que é, mas não será nada mais que o que ele diz" (2000, p. 58). A memória é um discurso, contudo, nas duas narrativas em análise ela é chave para o jogo literário com o pacto autobiográfico, que Philippe Lejeune caracteriza como a condição em que autor-narrador-personagem responde pelo mesmo nome. Ambas recriam momentos históricos de opressão: o romance se passa no Rio de Janeiro dos anos 30 da ditadura getulista, e a película remonta o período ditatorial da Argentina da década de 1970, num apelo à memória coletiva a fim de selar o contrato da pressuposição da verdade. O relato em forma de diário, executado no romance e retratado em cenas do filme, também corrobora a memória como motivador maior da escrita de si. De forma geral, as narrativas mostram que nenhum texto escapa da subjetividade, seja o registro literário ou oficial, porém só a literatura é livre para questionar os discursos que a permeiam e elaboram. Através da metaficção, o autor abre ao leitor a sua memória e os bastidores da sua escrita. A comunicação, portanto, pretende refletir sobre a metaficção nessas duas obras que dramatizam a escrita de si

recorrendo à personagens que em uma instância são pessoas reais e em outra são personagens fictícias, em ambas, contudo, a memória de seus respectivos protagonistas oferece ao leitor um acesso à história que não se tem na vida real, tecendo obras que são mais verdadeiras quanto mais “enganam” o leitor, tal qual “la verdad de las mentiras” a que se refere Mario Vargas Llosa. Autores como Linda Hutcheon, Hayden White, Kenneth David Jackson e Patricia Waugh fundamentam as reflexões que esta comunicação pretende articular.

Palavras-chave: Contemporaneidade; pós-modernismo; escritores latino-americanos; metaficção; Silviano Santiago.

17/07 (TARDE)

LIMA BARRETO, CLARA DOS ANJOS E UMA ESTÉTICA DO PROCESSO

Giovani Tridapalli Kurz

Resumo: A partir da obra “Clara dos Anjos”, busca-se repensar a importância do biográfico na obra de Lima Barreto. Marcado como um autor “confessional”, cuja obra seria repleta de “amarguras íntimas” e “ressentimentos”, como acredita enxergar Sérgio Buarque de Hollanda, Lima sempre caminhou, contudo, como deixam evidente suas cartas e especialmente seu Diário, em direção à delimitação de um projeto estético. Ainda que reaproveitando muito da sua condição marginal ao produzir literatura, o autor, ao longo dos quase 20 anos em que se dedicou à narrativa de Clara dos Anjos —obra emblemática na trajetória de Lima pelo tempo de maturação—, reescreveu inúmeras vezes os mesmos textos, movido por uma insatisfação que transcende a confissão, o testemunho, e passa a carregar, enquanto processo, movimentos bastante significativos para se ler sua obra por completo. Aqui, assim, dedica-se um olhar a “Clara dos Anjos”, categoria que abriga ao menos quatro versões diferentes que levam o mesmo título (um romance inacabado de 1904; um manuscrito de um conto de 1919; um conto publicado na Revista América Latina em 1920; e, por fim, um romance, mais célebre das versões, concluído em 1922, publicado postumamente como folhetim em 1923-24 e reunido em volume único em 1948), em busca de um trajeto possível de construção. A partir dos pressupostos da Crítica Genética, traça-se uma narrativa da produção de “Clara dos Anjos”, em diálogo com a biografia de Lima Barreto, com seus esboços e suas anotações presentes no “Diário Íntimo”, porém afirmando —e sublinhando— a autonomia do projeto ficcional do autor. Olhar para “Clara dos Anjos” —pensada aqui como a acumulação de todas as suas versões intermediárias, seus esboços e planificações— é, desse modo, olhar para a ficção de Lima Barreto como um todo. Afinal, o tempo que separa a primeira versão —o romance incompleto de 1904— da última versão —o romance concluído em 1922 e publicado postumamente— é também o tempo que engloba a produção de outras obras fundamentais na trajetória do autor, como “Triste fim de Policarpo Quaresma”, “Recordações do escrivo Isaiás Caminha” e “Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá”. Nota-se, assim, como a evolução da narrativa “Clara dos Anjos”, enquanto linguagem, aparece refletida na construção de outros romances, como forma e conteúdo. A “linguagem literária” sempre foi uma questão para Lima Barreto, aparecendo, dessa maneira, também como questão para várias de suas personagens. No percurso de produção de suas obras, portanto, é possível perceber —especialmente com um olhar minucioso dedicado aos manuscritos autógrafos, tão rasurados e modificados— que as alterações propostas pelo autor caminham no sentido de articular forma e conteúdo, questionando estruturas dominantes da época e subvertendo, em geral pela sátira, uma organização canônica da literatura. Aqui, busca-se sintetizar o percurso de produção de “Clara dos Anjos”, apontando, nos manuscritos, como é possível reavaliar a caracterização de Lima Barreto como um autor simplesmente “confessional”, adicionando à equação uma preocupação estética tão evidente no percurso e, assim, complexificando a relação obra-biografia.

Palavras-chave: Lima Barreto; Crítica Genética; Clara dos Anjos; Processo



VERDADES CONSTRUÍDAS

Guilherme Azambuja Castro

Resumo: Em dezembro de 2018, defendi minha tese de doutoramento em Letras, área de concentração Escrita Criativa, na PUCRS. Trata-se de um livro de contos acompanhado de um trabalho teórico, composto de cinco ensaios, sobre a técnica narrativa e o exercício da memória. O livro chama-se *Topografias da solidão*. A memória familiar e o isolamento geográfico são temas que une os contos, ambientados, em sua maioria, em uma região fronteira, extremo sul do Brasil. Região onde eu, autor, vivi a infância. O espaço descrito no livro, no entanto, é ficcional, de modo tão somente a metaforizar a prisão geográfica experimentada no passado. Assim, a liberdade que o espaço sugere em suas características físicas, na obra, é virtual e traiçoeira, um paradoxo: sua extensão acaba por encarcerar as personagens no pavor ao deslocamento. Portanto, não raro, é no sonho onde suas histórias encontram horizontes. Também é no sonho das personagens que os vários narradores vão dar acesso ao leitor à vastidão das identidades reprimidas. Tendo criado a obra no curso de doutorado, proponho apresentar como comunicação uma resenha do ensaio “Verdades construídas”, em que, embasando-me na teoria de Henri Bergson, Maurice Halbwachs, Joël Candau, Paul Ricoeur e Elcléa Bosi, e partindo do pressuposto que a memória é fruto de um trabalho presente, como presente também é o ato de escrever, reflito sobre o convívio nem sempre pacífico, no processo criativo de *Topografias de solidão*, entre a lembrança e a ficção.

Palavras-chave: Escrita criativa; Memória; Técnica narrativa; Conto.

A CORRESPONDÊNCIA DE GABO: ENTRE AS LINHAS DE CEM ANOS DE SOLIDÃO

Joana de Fátima Rodrigues

Resumo: O escritor Gabriel García Márquez foi um entusiasta da correspondência, em particular quando o assunto contemplou o processo de criação do romance *Cem anos de solidão* (1967). A partir de uma leitura dirigida para o conjunto de missivas reunidas e publicadas em *Gabo Cartas y recuerdos*, de Plinio Apuleyo Mendoza, é possível reconhecer nessas correspondências um espaço que permite o entrelaçamento da construção das memórias literárias e pessoais do ganhador do Nobel.

Palavras-chave: García Márquez; Correspondência; Memória; Criação literária

CLARICE LISPECTOR: NAS ENTRELINHAS DA FICÇÃO

Regiane Aparecida de Oliveira Souza

Resumo: É notório a quantidade de pessoas dotas e leigas que se interessam pela vida e obra de Clarice Lispector. Inúmeras pesquisas permeiam o universo literário e biográfico de Clarice, no entanto, muito ainda há de se descobrir sobre esta escritora. Clarice Lispector pode ser considerada uma unanimidade quando se trata de reconhecimento, a julgar pelo interesse que nos é despertado pelos seus livros, textos, frases etc e muito desse interesse nos é despertado por uma certa aura misteriosa atribuída à Clarice, a qual podemos igualmente perceber na criação de suas personagens, muito ligadas à sua própria identidade feminina. Apesar de inúmeros estudos, há ainda uma lacuna sobre a influência da vida real nas obras da autora e sobre o modo como seus leitores são afetados por meio de sua particular escrita que busca relacionar o que de mais humano e também misterioso há no ser humano. Clarice apresenta em sua obra uma narrativa que a retira de uma lógica linear, levando seu leitor a seguir uma trama onde o eu que chamamos de mundo interno projeta-se no externo, nos dando, não raro, uma clara sensação de unidade, de indissociabilidade. Embora a escritora seja tida como introspectiva, a riqueza descritiva de seus textos nos apontam um mundo que não está apenas “lá dentro”, mas encarna um mundo revelado pelos olhos da autora e, por que não dizer, por sua forma de estar no mundo. A Literatura floresce da manifestação humana que procura atribuir sentido à vida. Por ela, o homem torna-se capaz de transportar-se de sua condição real, ou que pelo menos pensa ser real, para beber na fonte da ficção, da imaginação. A Literatura é, então, o refúgio das mentes que criam, dos olhares que se lançam a novos horizontes para tentar entender o mundo e a si



próprio. Deste modo, conscientes que a arte e a vida se completam e se diferenciam em muitos aspectos, buscaremos entender um pouco mais sobre a particular escrita de Clarice e o modo como essa escrita é capaz de desacomodar o leitor, levando-o a se identificar com as personagens criadas por ela e a questionar sua própria realidade. Ousaremos, ainda, discutir o realismo nas obras de Clarice e a relação entre a vida real e a fictícia, que, por vezes se insinua, levando-nos a crer que há um jogo entre a escritora, narradores e personagens, parecendo-nos que Clarice encontra-se sempre nas entrelinhas, fundindo-se às suas personagens e que por vezes parece se esconder e se mostrar ao leitor.

Palavras-chave: Clarice Lispector; escrita reflexiva; realismo; ficção.

URDIDURAS DO RESSENTIMENTO EM HILDA HILST

Rodrigo Santos de Oliveira

Resumo: Depois da travessia por inúmeras dicções literárias (poesia lírica, prosa e dramaturgia) e de atingir resultados notáveis em todas elas, conforme ressaltou o crítico Anatol Rosenfeld (1970), Hilda Hilst (1930-2004) recebeu o convite para escrever no “Caderno C” do Correio Popular de Campinas. Nota-se que as principais questões discutidas nas obras anteriores aparecem citadas, revistas e ampliadas nas crônicas e/ou formas breves datadas do período entre 1992-1995, logo depois compiladas em *Cascos & carícias* (1998). O conteúdo desses textos aludem às indagações existencialistas sobre o estar/ pertencer ao mundo; ao status minimizado da poesia e do conhecimento no cerne da sociedade capitalista; ao engajamento político-poético de Hilst diante da corrupção e descasos governamentais para com a população brasileira. Além disso, a obra apresenta a inserção de textos literários variados, veiculados em livros anteriores de sua autoria, possibilitando ler o conjunto como uma espécie de “antologia de meus textos preferidos”; com o acréscimo de comentários breves acerca da sua produção literária, a própria escritora consolida a estética da recepção de si mesma. Observa-se no insistente discurso de Hilda Hilst, sobre a circulação do seu legado, certa tensão pendular circunscrita pela megalomania e pelo ressentimento. Para esta pesquisa, serão considerados os seguintes aspectos analíticos: as crônicas e entrevistas concedidas pela poeta que incitam a referida temática; os pressupostos teóricos sobre o ressentimento, elaborados por Maria Rita Kehl; as representações críticas sobre o autor, de Antoine Compagnon e Michel Foucault; o biografema, de Roland Barthes, bem como as leituras críticas originárias desse aporte teórico feitas por Leyla Perrone-Moisés e François Dosse; as considerações de Alcir Pécora sobre a obra hilstiana; o conceito de crítica biográfica engendrado por Eneida Maria de Souza e a crítica biográfica sobre Hilst construída por José Castello.

Palavras-chave: Hilda Hilst; ressentimento; crítica biográfica

A FIGURA INCLINADA DE ANDRÉS CAICEDO: RETRATO INCESSANTE DE UM ESCRITOR SOB O INFLUXO DE SATURNO

Gustavo Osorio Agredo

Resumo: Em duas fotografias que o retratam, aparece com o olhar fixado no chão, o rosto levemente inclinado e apoiado sobre a mão direita à altura da frente. Apartir desta imagem, a presente cena de leitura indaga na obra do escritor colombiano Andrés Caicedo, à luz da teoria da melancolia, apresentada por Walter Benjamin no livro *A origem do drama trágico alemão*. Por sua vez a leitura que Susang Sontang faz do próprio Benjamin como escritor Melancólico no seu texto: *Sob o signo de saturno*. Nós ajuda a estabelecer uma leitura paralela entre a obra de Caicedo e seu iminente devir lutuoso junto com os entrecruçamentos que são possíveis estabelecer com a própria vida e obra de Walter Benjamin. Esta aventura de leitura esta alternada com fragmentos diversos de la obra postuma e autobiográfica de Caicedo *Mi cuerpo es una celda* e fragmentos da obra de Benjamin, assim como de algumas características próprias do devir do escritor saturnino.

Palavras-chave: Melancolia, figura inclinada, escritor saturnino



30 - ESCRITAS DE SI: QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

Coordenação: Prof^a. Dr^a. Carolina Duarte Damasceno (UFU); Prof. Dr. Júlio de Souza Valle Neto (UNIFESP); Prof. Dr. Ricardo Gaiotto de Moraes (PUC-Campinas)

Resumo: No Congresso ABRALIC 2018, o simpósio “Escritas de si na contemporaneidade: pactos e desdobramentos” contou com a participação vivaz de pesquisadores de diferentes universidades brasileiras. As comunicações, ao analisarem em largo espectro as escritas marcadas pelas interferências explícitas e performáticas do eu, criaram espaço propício para discussões profícuas sobre um dos temas proeminentes nos estudos literários contemporâneos. Neste ABRALIC 2019, o simpósio “Escritas de si: questões contemporâneas” reabre o espaço de reflexões sobre a “escrita de si”, realçando alguns dos aspectos de interesse explorados na edição passada.

Como observa Starobinski (1970), as escritas pessoais, pautadas pela memória e pela (re)construção de imagens do passado e de si, sempre apresentaram uma tendência a desembocarem na invenção, a despeito das promessas de sinceridade e fidelidade à experiência vivida. Embora sempre tenha havido fronteiras entre as escritas de si e o universo ficcional, elas somente foram problematizadas pelos escritores a partir do século XX.

Na contemporaneidade, as formas de analisar a sinceridade e as escritas de si tornaram ainda mais inglórias as tentativas de “transformar o matagal da literatura do eu em jardim à francesa” (LEJEUNE, 2014, p. 21). Com a crítica à noção de sujeito, convenção de mais a mais problematizada, uma pergunta essencial para os gêneros pessoais – quem é o “eu” que escreve – ganha novas dimensões. Em *O pacto autobiográfico*, Lejeune (2014, p. 15-55) apresentou critérios que estabeleceriam os aspectos a partir dos quais o leitor passaria a ler uma narrativa considerando-a um relato de caráter factual, cujo reconhecimento seria condição para se estabelecer um pacto de confiabilidade com o leitor.

O termo autoficção foi lançado pela primeira vez por Serge Doubrovsky em *Fils*, publicado em 1977. De acordo com Jacques Lecarme, a autoficção consistiria em um dispositivo muito simples, “uma narrativa cujo autor, narrador e protagonista compartilham da mesma identidade nominal e cuja denominação genérica indicia que se trata de um romance” (2014, p. 68). A novidade deste dispositivo instauraria um novo pacto ambíguo diante do leitor, uma vez que, agora, se a coincidência entre narrador/protagonista/nome do autor levaria a uma confiança no caráter factual da narrativa, a caracterização do texto como ficção levaria a uma suspensão dessa mesma confiança.

Se por um lado a coincidência entre tais instâncias, na autobiografia e na autoficção, opõe alguma resistência à guinada pós-estruturalista que, como se sabe, anunciava a “morte do autor” (BARTHES, 2004), por outro o mergulho no “mundo ficcional”, específico da autoficção, aponta para a impossibilidade de definir o factual, tendo em vista que seu suposto referente, a realidade, passa por análoga dificuldade de conceituação – como lembra David Roas, “a realidade deixou de ser uma entidade ontologicamente estável e única, passando a ser contemplada como uma convenção, uma construção, um modelo criado pelos seres humanos” (2014, p. 86).

Para Manuel Alberca (2013), apesar da consciência da impossibilidade de reconstituição do real, a diferença entre autoficção e autobiografia estaria no fato de que, nesta última, o autor parte do pressuposto de que sua narrativa não é apenas ficção. Sobretudo a autoficção, mas também a autobiografia e o memorialismo, possibilitariam a multiplicação das personalidades do autor, caracterizando o gênero como um produto do mundo pós-moderno, devido à impossibilidade de se definir uma unidade para o sujeito. Nesse sentido, a partir das reflexões de Lipovetsky, Manuel Alberca afirma que a autoficção situa-se na falta de compromisso do sujeito contemporâneo em preocupar-se com a edificação de seu próprio ego (entidade, como se sabe, imprecisa e cambiante). Assim, a autoficção consistiria em “*una estrategia creativa que fluctúa entre lo inventado y lo real, entre lo novelesco y lo autobiográfico, en la que poder seguir el ego*” (2013, loc. 4001).



Este Simpósio propõe-se a estimular o debate sobre as escritas de si, abrangendo trabalhos que as abordem enquanto forma de expressão marcadamente literária, isto é, enquanto documento relevante para ramos distintos dos estudos literários (historiográficos, biográficos, hermenêuticos); em suas consequências para noções-chave da crítica (como o conceito de autor), bem como para variadas correntes da teoria literária; como ponto de indagação privilegiado na compreensão de diferentes obras em língua portuguesa e estrangeira – enfim, como forma de reabrir a discussão em suas inflexões contemporâneas mais sugestivas, capazes de aclarar a literatura de ontem e de hoje.

Referências

- ALBERCA, M. **El pacto ambiguo**: de la novela autobiográfica a la autoficción. Madri: Biblioteca Nueva, 2013.
- BARTHES, R. A morte do autor. In **Rumor da língua**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- LECARME, J. Autoficção: um mau gênero? In: NORONHA, J. M. G. **Ensaaios sobre a autoficção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- LEJEUNE, P. Autoficção & CIA. In: NORONHA, J. M. G. **Ensaaios sobre a autoficção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- ROAS, D. **A ameaça do fantástico: aproximações teóricas**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- STAROBINSKI. Le style de l'autobiographie. **Poétique**. Paris, v. 3, p.257-265, 1970.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

DIÁLOGOS EPISTOLARES: A CARTA COMO LABORATÓRIO OU ARQUIVO DE CRIAÇÃO LITERÁRIA

Carlos Augusto Moraes Silva

Carlos Augusto Moraes Silva (Universidade Federal de Uberlândia)

Resumo: A carta é um texto que, ao ser estudado, desvela fatos e acontecimentos, além de expor sentimentos, experiências e idiossincrasias. Na leitura atenta, é comum que algumas questões rompam o limite tênue do discurso epistolar – servindo de aporte teórico para compreender o que até então parecia obscuro na vida e na obra literária de um escritor. É notório que a carta se configure como uma vasta fonte de informações sobre a biografia, o processo de criação e as concepções de vida do autor. Moraes (2007) explica que ela é um laboratório ou arquivo de criação, na medida em que carrega em si traços da criação literária do escritor. A carta, enquanto terreno de experiência e partilha, figura como lugar privilegiado no desenvolvimento literário. Perpetuam-se nela os resquícios de um trabalho miúdo ligado ao nascimento e à crítica do texto literário, onde se pode acompanhar o engendramento do texto nas filigranas, observar os meandros da análise e da interpretação e até pontuar motivações externas que irão “precisar a circunstância” do texto. Mas, afinal, o que podem nos revelar hoje esses documentos? O presente trabalho faz um recorte no conjunto de missivas trocadas entre Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto e Fernando Sabino, especificamente três cartas datadas de 1956, 1957 e 1958, nas quais os autores abordam impressões sobre a escrita do romance “A maçã no escuro” (1961). Se a carta, enquanto laboratório crítico e de criação, participa da gênese de uma estética, e indiretamente da gênese das obras – seja como ateliê escritural, seja como ensaio –, contribui também para a gênese de um “ser escritor”.

Palavras-chave: Cartas; Clarice Lispector; Teoria Literária.

A ESCRITA DE SI SOB A FORMA DE DIÁRIO, NA OBRA TEORIA GERAL DO ESQUECIMENTO, DE AGUALUSA

Christiane Gonçalves dos Reis



Resumo: Este trabalho tem como objetivo problematizar a escrita de Ludo, personagem de José Eduardo Agualusa, a qual esteve por vinte e oito anos em autoclausura, emparedada, durante a guerra civil angolana, período em que teria redigido dez cadernos em forma de diários, além de escrever e desenhar nas paredes do apartamento onde vivia e, após o seu resgate, continuar o processo da escrita de si. Vale ressaltar que o autor estabelece um pacto ficcional com o leitor ao iniciar esse romance pós-moderno com uma nota prévia, onde diz que aproveita muito dos testemunhos de Ludo, nos quais a história da personagem se mistura à de Angola, e a sua guerra interior às que ocorrem naquele solo. Nesse diapasão, será analisada a questão da memória, sua expressão ou recalque, assim como a relação desta com o esquecimento, pensando-se, ainda, na figura do testemunho, já que o autor estabelece um diálogo entre ficção e história de forma verossímil. Outro ponto a ser observado é o motivo ensejador da redação da própria vida. O que leva o ser humano a documentar, registrar sua história: o desejo de se sentir eternizado pela palavra escrita, autoanálise, necessidade de rememorar os fatos passados, lidar melhor com a solidão, medo da morte? São várias as hipóteses a serem trabalhadas a partir das questões colocadas acima. Cabe ressaltar que na obra sob análise autor, narrador e protagonista não compartilham a mesma identidade mas, ainda assim, é cabível a avaliação do tema escrita de si e a sua relação com os estudos literários historiográficos, o que se pretende demonstrar. Para tanto, serão utilizadas as obras de Paul Ricoeur, Aleida Assmann, Maurice Halbwachs, Jeanne Marie Gagnebin e Roland Barthes, dentre outros, a fim de fundamentar metodologicamente o trabalho.

Palavras-chave: Memória; Escrita; História.

AUTOBIOGRAFIA E AUTOFICÇÃO, NO ROMANCE GRÁFICO MAUS DE ART SPIEGELMAN

Fátima Aparecida Campos de Oliveira

Resumo: AUTOBIOGRAFIA E AUTOFICÇÃO NO ROMANCE GRÁFICO MAUS, DE ART SPIEGELMAN **RESUMO:** Escrito e desenhado pelo cartunista norte-americano Art Spiegelman, o romance gráfico Maus: a história de um sobrevivente (2009), apresenta em sua narrativa, a perspectiva da escrita de si autobiográfica e autoficcional, bem como a teoria sobre a estruturação narrativa das histórias em quadrinhos. Maus apresenta, em sua diegese um diálogo entre o autor e seu pai, Vladek Spiegelman um homem judeu que lutou pelo exército polonês e foi um dos sobreviventes da perseguição nazista na Segunda Guerra Mundial. Este fato se consolidou na história como um dos maiores crimes contra a humanidade, que trouxe o inferno à Terra e promoveu o genocídio de milhões de judeus sob o domínio da Alemanha nazista. Sob forma de relato, o narrador- personagem passa a investigar profundamente sua percepção sobre o pai, sobre sua mãe Anja Spiegelman sobreviventes de Auschwitz e sobre outros familiares mortos em campos de concentração. De modo objetivo e surpreendente, a arte e o texto de Art Spiegelman sobrepõem o leitor às lembranças de um sobrevivente da perseguição nazista, inclusive como espectador dos conflitos entre um pai e um filho em suas divergências existenciais e sociais. Spiegelman descreve com exatidão a complexa personalidade de seu pai, o comportamento depressivo, autodestrutivo e o suicídio de sua mãe anos após o fim do conflito, até a perda de Richieu – o irmão mais velho, morto durante a guerra e que ele nunca chegou a conhecer. Em Maus, o autor busca uma condição de reconciliação consigo mesmo e com a história, de forma que seu relato biográfico da vida de seu pai torna-se uma experiência autobiográfica e metalinguística sem precedentes na graphic novel. Art Spiegelman retrata em sua obra todos os seres humanos como animais antropomorfizados. O objetivo de antropomorfização das personagens em Maus é nos transportar a projetar de forma explícita o que aconteceu nos campos de concentração nazistas, avistando além da metáfora animal. Judeus são ratos (maus, em alemão), alemães são gatos, poloneses são porcos, e norte-americanos são cachorros. O pacto autobiográfico, proposto por Lejeune (2014), é consolidado desde o instante em que há a afirmação da identificação dos papéis do autor como narrador e personagem da própria obra. A autobiografia de Spiegelman se desenvolve fundamentada na



interposição de passado e presente transformado em uma biografia familiar. As cenas são analisadas levando-se em conta o poder de impacto da imagem na memória, refletindo sobre a (re) criação e (re) construção da memória autobiográfica e autoficcional, de maneira a revelar como o fazer literário do autor é influenciado pelo implacável peso do real.

Palavras-chave: Autobiografia; Autoficção; Narrativa Gráfica; Maus; Art Spiegelman

ESCRITA DA MATERNIDADE, INFÂNCIA E MORTE: REGISTROS LITERÁRIOS DE MÃES DE ANJOS

Giselly dos Santos Peregrino

Resumo: Um desafio lançado à literatura e cultura contemporâneas é o estudo de produções artísticas que fogem ao cânone e que se inserem, não raro, no ciberespaço com intencionalidade de ser uma escrita de/para si em primeiro lugar, mas também se voltar para um leitor que compartilha, empaticamente, alguma experiência. No campo da Psicologia, são frequentes as pesquisas focadas em escritas de si como um dos recursos terapêuticos a traumas. No entanto, na seara da Literatura, são quase nulas as pesquisas que se concentram em compreender como se dá essa escrita marcadamente literária de quem passou por alguma dor, luto, trauma. Neste trabalho, objetiva-se investigar os registros literários das chamadas “mães de anjos”, mulheres que passaram pela perda gestacional ou neonatal, e que seguem escrevendo sobre sua experiência. Para tanto, operamos com o conceito de “maternidade” como um momento e um estado, indo muito além do nascimento, pois dura toda a vida da mulher (PERROT, 2017); com o de “infância”, que é condição histórica, do ser humano (AGAMBEN, 2005); e com o de “narrador” como o que extrai da experiência o que conta, sendo o sábio que aconselha (BENJAMIN, 1994). Há um pudor feminino no que tange à memória, bastando mencionarmos que, não raro, as mulheres são consideradas mesmo loucas, não se devendo dar à sua memória qualquer credibilidade (PERROT, 2017). Contra o tempo e contra uma segunda morte de seus filhos – da memória –, é que muitas mães de anjos escrevem pelo lembrar, este leque de inúmeras dobras (BENJAMIN, 1994, 1995; GAGNEBIN, 2007). A lembrança do passado, que se dá no presente, revela um futuro sobre o qual pouco se sabe quanto ao sentir. E essa lembrança pode despertar ansiedade e, sem dúvida, medo do que está por vir: medo de viver de novo e medo da repetição do passado tal qual ele foi. No entanto, escrevendo, essas mulheres encontram a possibilidade de uma reescrita do passado, de uma clara resignificação dele, enchendo de um propósito toda uma dor dilacerante. Muitas – talvez, todas – não desejariam passar de novo pelo que passaram, mas poucas – talvez, nenhuma – abririam mão do amor vivo que sentem pelo filho, logo, a existência dele, mesmo que tenha resultado em dor, acaba por assumir novos significados: “um sujeito, portanto, para quem o lembrar não visa a descrição do passado ‘como de fato foi’, mas a sua retomada salvadora na história presente” (GAGNEBIN, 2007, p. 90). A escrita da mãe de anjo precisa ser tomada como fonte de estudo literário, pois ela rompe com um silêncio. Focando nisso é que este trabalho almeja suscitar a discussão empática de como a infância está vinculada à maternidade e à morte nessa escrita, valorizando a voz da mãe de anjo e contribuindo com avanços na teoria e crítica literária contemporânea. Por conta disso, pensaremos e discutiremos, no simpósio, em que medida uma maternidade e uma infância interrompida potencializam a escrita de si da mulher a partir de um lugar de fala específico, ampliando, também, o foco da literatura.

Palavras-chave: escrita de si; maternidade; infância; morte; mãe de anjo

16/07 (TARDE)

A RELATIVIZAÇÃO DA NORMALIDADE EM O FILHO ETERNO, DE CRISTOVÃO TEZZA E NASCER DUAS VEZES, DE GIUSEPPE PONTIGGIA (2000)

Carolina Duarte Damasceno

Resumo: Ao se debruçar sobre os bastidores da criação de O filho eterno, Cristovão Tezza (2007) mapeia algumas obras que teriam inspirado sua escrita: Uma questão pessoal, de



Kenzaburo Oe (1964), Juventude, de J. M Coetzee (2002) e Nascer duas vezes, de Giuseppe Pontiggia (2000), que será objeto desta reflexão. Pautando-se em Michel Schneider, para quem somente “[...] lemos verdadeiramente um livro quando dele não podemos mais nos desfazer, só podemos refazê-lo, contrafazê-lo, ideia que converge com a ideia moderna de que é o leitor que, pela primeira vez, faz o livro” (SCHNEIDER, 1990, p. 87), o propósito desta comunicação é se deter sobre os alcances do diálogo criativo entre o escritor brasileiro e o escritor italiano. Essa comparação terá como cerne a relativização das imagens de padrão e deficiência, presentes em ambas as obras. Em seu premiado livro, Cristovão Tezza retrata os impasses vividos por um pai diante da descoberta que seu filho primogênito, Felipe, é portador da Síndrome de Down. O nascimento dessa criança é encarado como um processo de luto, no qual vêm à tona sentimentos pouco aceitos socialmente em relação a uma criança. Ao longo do relato, são narrados também seus percalços profissionais e a dificuldade de encontrar um lugar no mundo quando não se deseja corresponder a papéis previamente pensados para um homem burguês convencional. Assim, o pai percebe que, embora de formas distintas, paira sobre ele e Felipe uma “angústia de normalidade” (TEZZA, 2007), que os aproxima e contribui para aceitar o filho que não consegue transformar em uma imagem narcísica de si. Nascer duas vezes, por sua vez, conta, em primeira pessoa, a relação de um professor bastante autocondescendente e sarcástico com Paolo, também portador de deficiência. Por mais que não esteja em questão nesse relato a rejeição ao filho nem a dificuldade paterna de se situar no mundo, acompanhamos aqui, como em O filho eterno, a incansável e, muitas vezes, inglória busca por exercícios e tratamentos para que a criança se aproxime o máximo possível dos padrões. Nesse processo, que parte de uma procura por certa normalidade e caminha rumo à aceitação da diferença – presente não apenas no Outro, mas também em si –, há um constante movimento de equiparação entre pai e filho. Essa aproximação, além de frisar um forte elo entre os dois, presta-se se a discutir a nossa concepção engessada do que é normal: “O diferente nos faz sentir diferentes – contrariamente ao que se pensa – e é isso que não estamos dispostos a perdoar”. (PONTIGGIA, 2002, p.84). É sobre esse percurso presente nas duas obras, no qual a relação com uma criança com necessidades especiais se transforma em questionamentos sobre as convenções e em autoconhecimento, que esta comunicação pretende se deter.

Palavras-chave: intertextualidade; alteridade; Filho eterno; Nascer duas vezes

ESCRITA E MEMÓRIA: O USO DA AUTOFICÇÃO COMO FERRAMENTA DA ELABORAÇÃO TRAUMÁTICA EM A IMENSIDÃO ÍNTIMA DOS CARNEIROS, DE MARCELO MALUF

Mirvana Luz Teixeira

Resumo: Eric Santner (2007), em uma revisitação de teoria Freudiana, afirma que é frequente, em sociedades marcadas por traumas históricos, a existência de um fetichismo narrativo entre os escritores. Segundo o estudioso, esse conceito consiste na utilização constante da escrita para compreender e internalizar momentos traumáticos, sejam esses traumas coletivos ou individuais. O mundo que conhecemos hoje é resultado de um passado de guerras, de trânsitos forçados, de regimes totalitários e, conseqüentemente, de traumas. É tentando entender esse contexto híbrido que a Literatura Contemporânea irrompe, e seus autores, muitas vezes, recorrem à escrita de si como forma de reestruturação de vivências do passado. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo estudar a presença na autoficção no romance A imensidão Íntima dos Carneiros, de Marcelo Maluf, lançado em 2015. Nesse romance, o narrador, Marcelo, é, como o autor, escritor e busca encontrar, por meio da escrita, a compreensão do seu passado. O romance, que intercala a escrita de Marcelo, narrador, e de seu avô, Assaad, mistura ficção e realidade, posto que a presença do avô no romance é ficcionalizada por Marcelo como uma forma de elaboração de um trauma familiar decorrente da Guerra Civil Libanesa, no início do século XX. Marcelo Maluf une, em seu romance, a memória à escrita, e utiliza a segunda como uma ferramenta de compreensão traumática. Assim, a autoficção permeia todos os capítulos do livro, e o intuito desta comunicação é analisar como ela ocorre no romance



selecionado. Até o fatual momento, compõem a base teórica deste estudo Aleida Assmann, Eric Santner, Michel Pollak, Paul Ricoeur, Sigmund Freud, Roland Barthes e Philippe Lejeune.

Palavras-chave: Palavras-chave: Autoficção; Escrita; Memória; Trauma.

IDENTIDADE E AUTOFICÇÃO EM O MAL DE MONTANO, DE ENRIQUE VILA-MATAS

Rosana Arruda de Souza

Resumo: Segundo Stuart Hall (2005), o sujeito pós-moderno é aquele que carrega a questão da fragmentação, não tendo mais a essência de antes: o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Joël Candau (2011) considera que a memória é a identidade em ação, mas ela pode, ao contrário, ameaçar, perturbar e mesmo arruinar o sentimento de identidade tal como mostram os trabalhos sobre as lembranças de traumas e tragédias. Nosso objetivo é, pois, estudar como a autoficção, conceito desenvolvido por Serge Doubrovsky (1977), envolveria o sentido de identidade do sujeito pós-moderno e a memória passaria a ser a estratégia utilizada para lograr o pacto autobiográfico e construir uma identidade dúbia. Tomo por objeto de análise *O mal de Montano*, do escritor espanhol Enrique Vila-Matas. No romance, não há a coincidência entre os nomes do autor e narrador-protagonista, mas este tem o mesmo ano e a mesma cidade de nascimento do escritor. Assim, teríamos “signos de realidade” (LEE, 2011) para a individuação do sujeito, para a construção de uma identidade ainda que fragmentada e dúbia. Assim, teríamos delineado o espaço da autoficção que se caracteriza por seu pacto contraditório, pois rompe com o princípio de veracidade (pacto autobiográfico) sem aderir integralmente ao princípio da invenção (pacto romanesco) (FAEDRICH, 2015).

Palavras-chave: identidade; memória; autoficção.

REINALDO SANTOS NEVES: ROMANCE LATO SENSU

Eduardo Costa Madeira

Resumo: Em depoimento recente à Escola Lacaniana de Vitória, Reinaldo Santos Neves afirma que seu voto com a literatura é o do artesão. “O artesão que escreve. O artesão que cria. O artesão que não pensa sobre o ato de escrever nem sobre o processo de criação. Apenas escreve e cria.” (NEVES, 2003). Talvez o autor capixaba não “pense” o durante, mas certamente o antes e o depois. Nelson Martinelli Filho (2012) confirma que “Falar da obra de Reinaldo Santos Neves quase sempre suscita adjetivos que valorizem o seu trabalho com a linguagem” (FILHO, 2012, p. 10). É esse aspecto de criador a serviço da linguagem que nos permite falar em “um escritor em cada livro”: “Longe de acomodar-se a um inalterável estilo pessoal, Reinaldo prefere surpreender o leitor com a multiplicidade de escrituras” (VAZZOLER e SANT’ANNA, 2001, p. 19). Em seus livros, portanto, há sempre uma proposta de linguagem específica daquele projeto. Em “A Folha de Hera: romance bilíngue” (2010), o texto em inglês é de uma suposta tradução, feita no século XV, de uma crônica francesa do século anterior, um jogo de falsas atribuições do autor cuja linguagem foi composta por pesquisa em fontes inglesas da baixa idade média; pesquisou também a linguagem dos blogs em “Kitty aos 22: divertimento” (2006), para escrever um romance que remonta (e desmonta) a fábula da Cinderela em torno de uma jovem fútil dos tempos atuais, apropriando-se livremente do “internetês” com expressões como “você é muito rox”; e também releu Petronio em “A ceia dominicana: romance neolatino” (2008), trazendo para Manguinhos do século XX o tom de fantasia amoral que encontramos no clássico latino, bem a reconstituição da linguagem das sátiras menipeias. Reinaldo Santos Neves tem sua obra também associada ao signo da “autoficção”. Autor de romances como “Sueli: romance confesso”, onde se assume como protagonista da história e utiliza nomes não fictícios para suas personagens, e o supracitado “A folha de hera: romance bilíngue”, em que se ancora em um jogo de falsas atribuições a partir de um suposto manuscrito medieval que também é de sua autoria, a obra do escritor capixaba é objeto de trabalhos tais quais “Confissão e autoficção



em Reinaldo Santos Neves”, dissertação de mestrado defendida por Nelson Martinelli Filho (2012), que se dedicam a discutir os dispositivos engendrados por Reinaldo para aturdir as fronteiras entre o real e o ficcional. Esta comunicação tem por objetivo apresentar os processos ficcionais de Reinaldo Santos Neves, em seu aspecto de multiplicidade linguística e no diálogo com a tradição, bem como apresentar parte do meu processo de dissertação no Programa de Pós-graduação em Letras da Ufes, que se constrói como um romance que “ficcionaliza” a figura do autor-objeto. No diálogo com obra reinaldiana, o projeto de romance-dissertação proposto se apropria, em cada capítulo, de uma linguagem distinta, de acordo com a obra de Reinaldo a que remonta.

Palavras-chave: Reinaldo Santos Neves; linguagem; autoficção; escrita criativa

LIBERDADE PARA AS ESTRELAS: ESCRITAS DE SI E RELATOS DE LEMBRANÇAS

Ana Flávia Araújo Dias

Resumo: Resumo: Esta comunicação tem por objetivo apresentar a escritora, poetisa, contista e romancista, Cleonice Rainho Thomaz Ribeiro, e seu romance *Liberdade para as estrelas* (1988). Rainho nasceu na cidade de Angustura, município de Além Paraíba em Minas Gerais. A escritora mineira, que morreu aos 97 anos em Juiz de Fora, teve uma produção intensa, escrevendo e publicando mais de trinta títulos ao longo de sua carreira e uma participação ativa na vida cultural juizforana, figurando, portanto, entre os grandes nomes. Transitou pelos gêneros, romance, ficção infantil, crônica, conto, poesia, editorial para jornais importantes em Juiz de Fora e região, a citar o periódico, *O jornal*, do Rio de Janeiro, chegando a assumir uma coluna dirigida ao público feminino com o pseudônimo de Iracema. O citado romance, *Liberdade para as estrelas* (1988), teve projeção nacional, pois a obra é protagonizada por Marina, uma jovem mulher no início de sua vida profissional em contexto de ditadura no Brasil cujos desdobramentos narrativos envolveram o pai, o recém-marido, ambos cassados e exilados pela polícia. Contaminados pelo medo e pela insegurança, os familiares e amigos de convivência próxima foram comprometidos pelos acontecimentos que ficaram registrados na memória individual e coletiva. Os estudos de Maurice Halbwachs e Renato Janine, além das teorias feministas propostas por Constância Lima Duarte e Kelen Benfenatti, portanto, fundamentaram parte desta reflexão. Wanderley Luiz de Oliveira contribuiu com outra parte teórica importante na composição desta comunicação, pois é o biógrafo da escritora. A trama ficcional citada tem por personagem Berenice, uma das protagonistas do romance, que narra os fatos em perspectiva de flashback. Ela volta ao tempo para contar os acontecimentos que marcaram a vida da prima Marina e de toda a família registrados por meio de escritas marcadas pelo eu, criando um espaço promotor de discussões a respeito de temas essencialmente contemporâneos. Os acontecimentos vividos por Marina, são revividos e resgatados pelas lembranças armazenadas pela memória favorecendo a reconstrução do passado e de si. A protagonista-narradora, Berenice, não participa dos acontecimentos vividos por Marina, mas (re) vive esses fatos por meio das lembranças - do que é relatado pelo seu núcleo familiar, o que justifica a consideração de que as escritas pessoais, sustentadas pela memória e pelas imagens do passado e de si, sempre se apresentaram envoltas na ficção, enfatizando a importância do registro de sinceridade e fidelidade à experiência vivida (Starobinski, 1970). É exatamente isso que a protagonista narradora faz. Berenice favorece que essas lembranças sejam perpetuadas e até mesmo transpostas para o futuro, não deixando que os episódios vividos sejam esquecidos, característica da construção de personagens contemporâneos, criados a partir do século XX.

Palavras-chave: Cleonice Rainho; *Liberdade para as estrelas*; Memória; Feminino; *Escritas de si*.

17/07 (MANHÃ)

HERMENÊUTICAS DE SI NA DEVASSIDÃO DO PARAÍSO AUTOBIOGRÁFICO: "PAI, PAI", DE JOÃO SILVÉRIO TREVISAN

Ricardo Gaiotto de Moraes

Resumo: Philippe Lejeune desenvolveu em 1973 talvez uma das primeiras taxonomias para as escritas de si. Em “O pacto autobiográfico” (2014), o autor apresentou critérios que estabeleceriam os aspectos a partir dos quais os leitores passariam a distinguir uma narrativa entre um relato de caráter ficcional ou biográfico. O reconhecimento deste último levaria a uma confiabilidade maior do leitor no caráter factual, flagrando no escrito uma confissão do próprio autor. Se por um lado gêneros como autobiografia e autoficção parecem responder à guinada pós-estruturalista que anunciava a “morte do autor” (BARTHES, 2004), devido à marca autoral que a coincidência entre as instâncias de autor e narrador acaba por estabelecer; por outro, para o leitor contemporâneo – acostumado com a impossibilidade de definir o factual, uma vez que seu suposto referente, a realidade, passa por análoga dificuldade de conceituação (ROAS, 2014, p. 86) – o pacto de leitura estabelecido pode não suspender completamente a descrença, uma vez que a “retórica da sinceridade” (ROSEMBAUM, 2007) pode ser pressentida. No entanto, como afirma Manuel Alberca (2013), apesar da consciência sobre a impossibilidade de reconstituir em sua totalidade a realidade, na autobiografia o autor tende a partir do pressuposto de que sua narrativa não é apenas ficção, o que levaria a uma atitude ética. Levando em consideração a mão dupla que inclui autor e público dos pactos de leitura das escritas de si, esta comunicação visa analisar *Pai, pai* (2017), de João Silvério Trevisan, narrativa autobiográfica dividida em capítulos curtos, quase como pequenas crônicas com vestígios de memórias. Tais quadros, de natureza híbrida, são alinhavados por sequências de cenas da infância e vida adulta, organizados pelas reflexões do narrador numa espécie de revisão de quem já muito pensou sobre sua própria constituição psíquica e escreve para “acertar as contas” com o pai já falecido. São temas recorrentes nesses quadros a revolta contra o pai, homem violento, a aceitação paulatina da homossexualidade, e a descrição, em *mis en abyme* (DAMASCENO, 2018), de como tais cenas teriam participado do processo criativo dos textos literários de Trevisan. Centrando a análise nos comentários sobre o processo criativo, o estudo investigará como são sugeridos caminhos hermenêuticos para a relação entre vida e obra propostos pelo próprio autor, neste processo em que o narrador/autor também acaba por assumir o papel de crítico. Para tanto, serão relacionados à autobiografia outras obras do autor como alguns contos e o ensaio sobre a história do movimento LGBT no Brasil *Devassos no paraíso*, lançado primeiramente em 1986 e relançado em versão ampliada em 2018.

Palavras-chave: Escritas de si; Autobiografia; João Silvério Trevisan.

INFÂNCIA: PALAVRAS E IMAGENS DA MEMÓRIA

Talita Mochiute Cruz

Resumo: Esta comunicação propõe uma leitura da obra *Boyhood: Scenes from Provincial Life I* (1997), de J.M. Coetzee (1940-), tendo como ponto de partida cinco fotos de um material recentemente divulgado a respeito desse autor sul-africano, naturalizado australiano. É uma coleção de imagens tiradas pelo próprio escritor em meados da década de 50, quando tinha entre 15 e 16 anos de idade. As fotografias remetem muito diretamente aos episódios narrados em *Infância*. Ao observar as fotos divulgadas no catálogo da exposição *J.M. Coetzee: Photographs from Boyhood* (2017), com curadoria de Wittenberg, é possível dividir as imagens em dois grupos: os autorretratos do jovem Coetzee e as cenas cotidianas a na escola, na fazenda e na Cidade do Cabo. Além de analisar como esses dois eixos temáticos das fotos aparecem na autobiografia ficcionalizada *Infância*, a proposta é discutir as relações entre os procedimentos para o registro das imagens e para a constituição da voz narrativa da obra literária. Com esse intento, é importante trazer as reflexões de David Attwell (2015) e Derek Attridge (2004), nomes centrais na recepção crítica coetzeeana, sobre essa fase da trajetória da obra do escritor, bem como teóricos ligados aos estudos de escritas de si. Embora faça uso de conteúdos autobiográficos, Coetzee conscientemente não utiliza o pronome pessoal “eu”. A narração ocorre na terceira pessoa por meio de um narrador onisciente e o tempo da narrativa é o presente, o que confere um efeito de imediaticidade ao que é narrado e evita um registro

retrospectivo confessional. O autor fala de si de maneira bastante distanciada, como se fosse um “outro”. Transforma-se em um “ele”, pronome utilizado para referir-se ao protagonista John. Assim o retrato autobiográfico parece oscilar entre a revelação e o encobrimento desse sujeito; entre a recusa e a herança da experiência sul-africana. Coetzee, na trilogia *Cenas da vida da província*, formada ainda por *Youth* (Juventude, 2002) e *Summertime* (Verão, 2009), debruça-se sobre sua história pessoal, com um olhar ficcionalizado, adotando procedimentos aparentemente estranhos à tradição da autobiografia, impondo novas questões a quem estuda as escritas de si. Na trilogia, há um pacto irônico e ambíguo com o leitor. Ao mesmo tempo em que o autor joga com a expectativa do leitor pela biografia do escritor-celebridade, ele deliberadamente não satisfaz essa curiosidade. Além disso, retrata de modo nada complacente um sujeito solitário e sem características extraordinárias, o que não corresponde às projeções do público e do mercado literário acerca da figura do escritor. A leitura de *Infância*, em diálogo com as fotografias, serve a um duplo propósito. O primeiro é uma tentativa de identificar e compreender as linhas centrais da obra de estreia do projeto autobiográfico coetzeeano, objeto de estudo de pesquisa de doutorado em desenvolvimento. Já o segundo é contribuir para o debate do desdobramento das escritas de si na contemporaneidade, por meio da apresentação da resposta coetzeeana, discutindo suas contribuições como romancista e como estudioso do tema.

Palavras-chave: literatura contemporânea; escritas de si; J.M. Coetzee

DECLÍNIO DE UM HOMEM: DESESPERO E ANGÚSTIA NA OBRA DE OSAMU DAZAI

André Luiz Rodrigues Marinho

Resumo: A proposta deste estudo é analisar, dentro do romance *Declínio de um homem* (1948), do escritor japonês Osamu Dazai (1909-1948), o desespero e a angústia vivenciados pelo protagonista. Os dois conceitos serão analisados conforme Kierkegaard (1813-1855), para quem estes se entrelaçam de forma inseparável. Tais sentimentos serão observados na personagem Oba Yozo, alter-ego de Osamu Dazai, diante da sua condição de “desqualificado para ser humano” e incapaz de renunciar à vida em sociedade. O objetivo desta pesquisa é encontrar marcas do desespero e da angústia na narração conduzida por Oba Yozo. Secundariamente, este trabalho tem como foco buscar compreender o desespero e a angústia na obra considerando que foi produzida pela mente de um autor suicida nos seus últimos dias de vida. O romance *Declínio de um homem* pertence ao gênero confessional *Shishosetsu* (???, “romance do eu”) e ao movimento literário *Buraiha* (???, “irresponsável, decadente”); a temática da obra, portanto, reflete muito dos sentimentos, pensamentos e fatos da vida do próprio autor na personagem Oba Yozo, como abuso de álcool e drogas, envolvimento com várias mulheres, relação conturbada com a família e suicídio. Além disso, a obra dissecar o lado mais sombrio da humanidade, com relações sociais retratadas como uma mera conveniência. Ao tratar de tais fatos coincidentes com a vida do autor, *Declínio de um homem* não se serve de sentimentalismos; pelo contrário: retrata-os de forma honesta, direta e realista dentro da narração. De forma a melhor compreender o desenvolvimento dessa temática, com foco no narrador-personagem Oba Yozo, estudamos o protagonista-narrador da obra sob luz do pensamento de Norman Friedman, Theodor Adorno (1903 – 1969), Antonio Candido (1918 – 2017) e Anatol Rosenfeld (1912 – 1973). De Friedman, foi utilizado o “o ponto de vista na ficção”. De Adorno, “posição do narrador”. Dos últimos dois autores utilizou-se os conceitos de personagem e personagem literária de forma a separar o autor e seu alter-ego, assim enriquecendo o nosso estudo. Conclui-se, por meio deste trabalho, que, em *Declínio de um homem*, o desespero e a angústia são inseparáveis do protagonista desse romance, em todos os estágios da sua vida, desde a sua infância. O fato de *Declínio de um homem* ter sido a última obra completa de Osamu Dazai, que cometeu suicídio poucos dias após sua publicação, evidenciam que a obra tenha sido influenciada pelos sentimentos de angústia e desespero de um suicida, rememorando sua própria vida no processo de criação de uma ficção confessional.

Palavras-chave: Literatura Japonesa ; escrita de si ; angústia; romance ; shishosetsu



AUTOBIOGRAFIA: UM GÊNERO RESSIGNIFICADO

Yuri Andrei Batista Santos

Resumo: É cada vez mais sensível a grande profusão de distintas formas de narratividade (auto) biográfica na sociedade contemporânea. A julgar pela “rebelião do coração” que destaca Hanna Arendt (2010), é incontestável a heterogenericidade com que as diferentes formas de narração do eu tem insurgido numa sociedade altamente midiaticizada e globalizada. Nesse sentido, o contexto atual é fértil para a ocorrência de formas tradicionais que vão desde biografias, autobiografias e diários íntimos até a variedades mais hibridizadas como redes sociais, vlogs e até videogames. Por esse encaminhar, como fruto de discussões provenientes de um trabalho de dissertação financiando pela CAPES, a presente proposta de comunicação propõe reflexões de teor teórico-conceitual acerca da constituição da autobiografia enquanto um gênero do discurso (BAKHTIN, 2011). Partimos da releitura da definição do gênero autobiografia ancorada no edifício teórico da análise dialógica do discurso em confluência com estudos que se debruçam acerca da conceitualização do espaço biográfico, um horizonte contemporâneo em que confluem de forma harmônica os gêneros que tematizam as escritas do eu (ARFUCH, 2010). Semelhantemente à linha de discussão que sugere Arfuch (2009, 2010), entrevemos nos espaços dialógicos de postulações de autores como Lejeune (2014), De Man (1979) e Starobinski (1974), oportunidades para conceber a autobiografia como um gênero, tendo sob foco suas tipicidades discursivas. Consubstanciados pela metalinguística bakhtiniana, alicerçamos nossa investigação quanto à tessitura discursiva do gênero autobiografia no diálogo entre estudos voltados para a teoria e crítica literária e os postulados do círculo bakhtiniano. Ilustramos por meio da obra autobiográfica, *El cuarto de atrás* (2012 [1978]), da escritora espanhola Carmen Martín Gaité, características identificáveis na relativa linearidade que integra nosso conceito de autobiografia em perspectiva dialógica. Destacamos a partir de um gesto de leitura em horizonte de expectativas, uma nova forma de autobiografar uma existência, em que não mais se pondera a uniformidade ou a premissa de um sujeito justificado em si mesmo como razão de ser do gênero autobiográfico. Observamos na costura enunciativa do presente gênero um entrecruzamento entre os sentidos, as memórias e as vivências na sua relação de resignificação sob a luz do que o sujeito não só foi, como agora é. Aquele que narra a si no entorno do gênero autobiografia (re) conhece a si mesmo na multiplicidade de vozes que o constituem e, ao mesmo tempo, reinventa-se e pode ser reinventado no fio dialógico do discurso em que a palavra final sobre o mundo reside naquilo que ainda está por vir.

Palavras-chave: Autobiografia; Dialogismo; Metalinguística bakhtiniana; Espaço biográfico; Resignificação.

17/07 (TARDE)

CONVERSAS APÓCRIFAS SOBRE HERANÇAS TARDIAS E GÊNEROS ANACRÔNICOS

Francine Carla de Salles Cunha Rojas

Resumo: O presente artigo objetiva relacionar o romance do escritor argentino Ricardo Piglia, *Respiração artificial* (2012), com o livro de correspondências *Cartas na mesa* (2002), que reúne as missivas de Fernando Sabino para o grupo de amigos conhecidos como “Quatro cavaleiros de um íntimo apocalipse” Paulo Mendes Campos, Hélio Pellegrino e Otto Lara Resende. Para tanto, entende-se a trama tecida por Piglia como uma ficção que teoriza sobre o gênero epistolar. Ao entender a carta como modelo de autobiografia e como gênero anacrônico de herança tardia, Emilio Renzi, protagonista do romance, esboça a base de uma teoria da carta, circunscrevendo as correspondências que troca com o tio, Marcelo Maggi, na tradição dos romances epistolares do século XVIII e no campo da escrita autobiográfica. Desse modo, o romance é entendido como ficção teórica cuja base é constituída pelos conceitos de autobiografia, gênero anacrônico e herança. Em contrapartida ao livro, entende-se que a gênese de *Cartas na mesa* se forma em diálogo com a tríade conceitual, ou seja, as cartas consignadas por Fernando Sabino são lidas como autobiográficas, na medida em que de suas páginas



emanam o bios como elemento básico da constituição epistolar, acopla-se a essa percepção o fato de que Sabino organizou o volume, após a morte dos amigos, excluindo as correspondências desses e, portanto, atribuindo ao livro um olhar unidimensional e diluidor da principal característica do gênero epistolar, a resposta do destinatário. A discussão correlaciona-se com a carta enquanto gênero, uma vez que, no século XX, foi a principal forma de comunicação entre escritores. Nesse sentido, discute-se também como a missivas publicadas pelo escritor mineiro contribuem para dissolver alguns dos pressupostos consolidados que formam o texto epistolar como data, lugar, remetente e destinatário. A consequência dessa dissolução reflete no arquivo epistolar e proporciona uma nova organização assim como um outro modo de os ler textos que não foram, a princípio, endereçados aos leitores vindouros. A fim de discutir no que consiste a proposta de uma ficção que se pauta nos parâmetros teóricos e do diálogo dessa com as cartas de Sabino, sob o viés da Crítica Biográfica, serão necessários os apontamentos de Eneida Maria de Souza em *Janelas Indiscretas* (2011), Reinaldo Martiniano Marques em *Arquivos literários* (2015), Jacques Derrida em *Mal de arquivo* (2001) e *Cartão-postal* (2007), Evando Nascimento em *Derrida e a Literatura* (1999), Silviano Santiago em *Ora(Direis) puxar conversa e de Ricardo Piglia em Crítica y ficción* (2012) e *Formas breves* (1999).

Palavras-chave: Ficção teórica; autobiografia; correspondência

O AUTOR EM “PORMENORES TÊNUES”: A ESCRITA DE SI À LUZ DE ROLAND BARTHES

Derick Davidson Santos Teixeira

Resumo: O debate contemporâneo em torno das escritas de si colocam em cena novamente a figura autoral, pouco convidada aos estudos literários durante as décadas que sucederam à publicação do divisor de águas “A morte do autor”, de Roland Barthes, publicado em 1968. Barthes é uma figura emblemática no que diz respeito à exclusão e ao retorno da figura autoral. Perpassando a morte e o retorno do autor, o presente trabalho pretende rastrear, dentro da obra barthesiana, partindo de seu primeiro livro publicado, *O grau zero da escrita*, de 1953, elementos para pensar as escritas de si, a fim de convidar Barthes para nosso debate contemporâneo. Dentro da obra do crítico e teórico francês, duas vias são traçadas. Por um lado, a exclusão da figura autoral está situada em paridade com o descentramento proposto por outros movimentos críticos e teóricos do século XX, como o New Criticism, o Formalismo Russo e o Estruturalismo. Esse é, também, o ponto no qual deságua a sua noção de escrita intransitiva (igualmente cara a pensadores como Derrida, Blanchot e Foucault) formulada, gradualmente, desde o *Grau zero da escrita* e cujo exemplo encontramos em Mallarmé, já que, como Barthes escreve, em “A morte do autor”, o poeta atinge o ponto em que só a linguagem age e não mais o “Eu”. Por outro lado, na via oposta à exclusão do autor, há uma intransponível personalidade presente na noção de escrita que se consolida dentro da obra barthesiana. Já em *O grau zero da escrita*, por exemplo, Barthes trabalha o estilo enquanto um fluir que nasce do corpo e do passado do escritor, como uma espécie de mergulho na mitologia pessoal. No ensaio “Da obra ao texto”, publicado três anos após “A morte do autor”, o teórico escreve que o autor surge no texto como um convidado, um autor de papel, o qual se inscreve na obra como uma das personagens. A partir de 1971, Barthes dará destaque para o autor fragmentado no texto, isto é, uma figura autoral reduzida a “alguns pormenores tênues”, conforme ele escreve em *Sade, Fourier, Loyola*, de 1971. Dessa forma, em oposição à depreciação da figura autoral, podemos colher, em Barthes, elementos que nos permitem pensar outras formas através das quais o texto aponta para o sujeito que o antecede, desestabilizando a crença em um limite rígido entre um texto ficcional, autônomo e autotélico e um texto que pode ser tomado como portador de vestígios biográficos daquele que o escreve. Nessa via, poderemos pensar que, da mesma forma que as escritas pessoais podem desembocar na invenção, as escritas ditas “impessoais”, por vezes, não deixam de apontar para o seu autor. Veremos, então, que o teórico basilar para a



exclusão da figura autoral pode nos dar elementos para pensar outros modos de inserção do autor em seu texto.

Palavras-chave: Autor; Escritas de si; Roland Barthes.

CONSIDERAÇÕES SOBRE ESCRITAS DE SI NOS CAHIERS DE PAUL VALÉRY

Marcos Henrique Castro Soares de Araujo

Resumo: Em vários de seus fragmentos, Paul Valéry insiste em ensaiar a construção e a reflexão do eu que escreve. Os cadernos, ou Cahiers de Valéry, colocam em obra exercícios diários de escrita e pensamento. Por cinquenta anos, o escritor trabalhou obsessivamente nestes cadernos, por volta de 4 e 8 horas da manhã. Trata-se, em grande parte, de prosa de fragmentos abordando os mais variados temas, dentre os quais, o ‘eu’ será o foco desta comunicação. Mesmo que a escrita de poemas e ensaios tenha rendido fama e renome a Valéry, a atividade nos Cahiers lhe era muito mais próxima – o caráter quase secreto, manuscrito e caótico dos Cahiers cria um lugar alternativo na obra do escritor. Em determinado fragmento, neste intervalo de cinquenta anos de escrita em cadernos, Valéry chega a dizer: “Quando escrevo nestes cadernos, eu me escrevo. Mas não me escrevo todo.” Assumir um tipo de si na escrita, não necessariamente exigiria a verdade total, a consciência total ou a presença total do escritor em sua obra. Escrever-se um pouco a cada vez significa assumir que este sujeito que se escreve não pretende ou não pode empreender uma obra que reflita a si mesmo por completo. Por mais que se creia no eu que se escreve, há algo dele que está ali e há algo ausente e que talvez a escrita não consiga trazer à presença. Adentrando nessas questões, o seguinte fragmento expõe a atividade e o ritual como necessidades do escritor: “De manhã, preciso deste caderno junto com meu cigarro – e a necessidade é a mesma. Padeço sem isso. O caderno é mania, mas o hábito é tão velho e forte que o próprio “valor” das coisas que vêm do espírito (ainda meio adormecido) ao caderno é hábito”. No momento da escrita, o autor se dá conta de como esta atividade o afeta fisiologicamente e como seus temas – “as coisas que vêm do espírito” – já têm seu valor alterado pelo estado mental de quem o escreve. Valéry parece dizer que algo do corpo e algo do espírito coincidem no momento da escrita. Existe uma consciência de que o caráter de inacabamento não é acidental e torna-se necessário neste tipo de escrita, como no fragmento “Estes cadernos são meu vício. São também contraobras, contra-acabados. No que concerne ao “pensamento”, as obras são falsificações, porque elas eliminam o provisório e não reiterável, a instantaneidade e a mistura pura e impura, desordem e ordem”. Numa obra acabada, é necessário eliminar características constitutivas da escrita de cadernos empreendida por Valéry. A ideia de provisoriade dispensa o esforço de ordenamento que uma escrita exige para que o escritor lhe dê fim. Nesta comunicação pretende-se pensar sobre o ato de escrita dia após dia, a forma de fragmento nas escritas de si e a especialidade do eu que se escreve por Paul Valéry.

Palavras-chave: Cadernos; Valéry; Escrita; Eu

AUTORES SIMULADOS E/OU LEITORES EM BUSCA DE AUTORES

Renan Augusto Ferreira Bolognin

Resumo: O autor e sua manifestação tem sido há muito objeto de debate nas artes, como sua importância fulcral estabelecida por Giorgio Vasari no livro que escrevera sobre a “Vida” dos pintores renascentistas de quem era contemporâneo, segundo Georges Didi-Huberman (2017) em Diante da imagem. Igualmente, os estudos literários já contam com um arsenal teórico diversificado. A esse respeito, remontamos, sobretudo, às discussões de Michel Foucault (1969) e a autoria como uma função de desdobramentos distintos ao longo da história Ocidental; à morte autoral decretada pelo Barthes (1968) estruturalista; e aos estudos biográficos de Philippe Lejeune (1971) como basílares para o pontapé inicial da escrita autoficcional do romance Fils, de Serge Dubrovski (1977). A respeito da literatura brasileira contemporânea, analisamos obras de três autores distintos e suas idiosincrasias ao lidar com a inserção autoral na diegese ficcional. Diante disso, cabe citar estes autores e suas respectivas obras: Nove noites, de Bernardo Carvalho (2002); Rremembranças da menina de rua morta nua, de Valêncio Xavier



(2006); e *Divórcio*, de Ricardo Lísias (2013). Nestes textos notamos a associação entre os autores e sua expansão para o texto literário através dos conceitos “simulacro e simulação”, medulares na obra homônima do filósofo Jacques Baudrillard (1981) e seus propósitos que acompanham e constituem os meios tecnológicos contemporâneos e consequentemente também se propagam na produção artístico-cultural. No que concerne à nossa pesquisa, ambos os conceitos são fontes repletas de significados inerentes e se incorporaram, a nosso ver, ao conceito de autoficção, sobretudo, nessas narrativas que e/ou mencionam diretamente o nome de seus autores como personagens das narrativas e/ou possuem fotografias de arquivos pessoais e/ou tencionam a biografia de cada um deles. Com vistas a chegar a essa constatação, a pesquisa que realizamos atualmente tem se pautado em algumas estratégias metodológicas que não possuem como objetivo final formular uma nova categoria nesta seara de estudos, mas demonstrar como o uso de fotografias, especialmente nessas narrativas contemporâneas, tem aberto frestas que levam os leitores dos textos literários supracitados a buscar na biografia desses autores indícios de comprovação da ficção como realidade. Tendo em vista todas as complicações dessas questões, nossa pesquisa tem se dedicado a analisar como além das fotografias, documentos, publicações anteriores e posteriores à publicação dos textos literários e os rastros de pesquisas autorais para a escrita dos romances compõem a parte essencial, nevrálgica, da consolidação de obras apoiadas em constelações biográficas, termo da profa. argentina Diana Klinger (2015) muito representativo dessa organização narrativa assentada na autoficção. Não por acaso, nossa metodologia avança também para os estudos performáticos desta simulação autoral, firmando suas bases em inúmeros artigos da profa. Luciene Azevedo e na proposição destes textos literários como uma “máquina performática” que avança a outros campos do conhecimento através do livro homônimo de Gonzalo Aguilar e Mário Cámara (2017). Por fim, para explorar todo o conteúdo relatado, esta comunicação pretende apresentar:

- i. Um recorrido sobre a presença ausente de autores em obras literárias;
- ii. Uma breve descrição do corpus;
- iii. Uma análise comparativa do corpus como performático.

Palavras-chave: Autoria; Literatura Brasileira Contemporânea; Simulacro; Autoficção; Performance;

ESCRITAS DO EU: A TEORIA DE GUSDORF E OS DESAFIOS IMPOSTOS POR CHATEAUBRIAND E STENDHAL

Melissa Raquel Zanetti Franchi

Resumo: Na contracorrente de importantes estudiosos do século XX, Georges Gusdorf (1912-2000) refuta a ideia de desaparecimento do autor, defendendo a existência do sujeito, do qual se originam os sentidos. Controvertida, sua análise da escrita autobiográfica assevera que o contexto sócio histórico não foi o fator decisivo para o intenso florescimento das escritas do eu a partir da segunda metade do século XVIII, e não considera as Confissões, de Rousseau, como precursoras das autobiografias (GUSDORF, 1991/1975). Para ele, o gênero – em sua heterogeneidade – estaria ancorado na literatura religiosa do século XVII, caracterizando-se pela busca por autoconhecimento e identidade, compassada pelas alterações na consciência religiosa e na paulatina proeminência do homem como medida do mundo. A complexidade desse tipo de escrita reside na classificação dos seus formatos (diários, relatos de viagens, memórias, autobiografia) e no delineamento do campo, considerando aspectos formais (há diferença entre o registro autobiográfico e o romanesco?) e de intenção de publicação. O pacto autobiographique (LEJEUNE, 1975), protocolo de leitura no qual o autor se compromete a relatar a verdade e o leitor, a acreditar no que é narrado, talvez seja um dos únicos pontos de contato entre Gusdorf e Lejeune, primeiro a teorizar sobre a literatura íntima. Esse suposto engajamento com a verdade também abre espaço para discussão, visto que o fazer autobiográfico é atrelado à memória e, portanto, sujeito a lacunas; ou seja, a rememoração passa pelo processo de reconstrução do passado, enfatizado pelo fato de as escritas do eu não se pautarem por uma linha temporal necessariamente cronológica, havendo interferência do presente no passado (HERVOT, 2013). A diferenciação entre autobiografia e memórias é



nebulosa: Lejeune e Gusdorf parecem concordar que a primeira prezaria pela primazia do eu diante do momento histórico, ao passo que as memórias priorizariam a contextualização do sujeito (ator e testemunha da história), ainda que ambas as técnicas possam coexistir. Assim, o memorialista almejaria contribuir com a história de sua época e não enfatizar sua trajetória íntima, ainda que queira assumir e divulgar seu papel social de destaque; portanto, não seria necessário se isolar para se conhecer, pois não vive o conflito da busca por identidade (HERVOT, 2013, p. 108-109). Pretendemos problematizar, baseando-nos em Fumaroli (2003) e Zanone (2006), tais questões basilares nas *Mémoires d'outre tombe* (1848-1850), de Chateaubriand, que impõem um desafio à essa categorização estanque, haja vista apresentar um entrelaçamento profundo entre o eu e a história e consistir em um complexo projeto literário destinado à posteridade, guiado por temáticas românticas, tais como a morte, a melancolia e a ruína. Como análise acessória e contraponto, acionaremos também *La vie d'Henri Brulard* (1890), na qual Stendhal (Henri Beyle) se distancia do memorialismo romântico, lançando mão de um jogo de associação de ideias (DUFIEF, 2001), e faz emergir ainda a questão da autoficção, ao utilizar um segundo pseudônimo para se referir a si mesmo. Objetivamos perscrutar, também nesse caso, como se dá a relação entre história pessoal e coletiva, o romanesco e a intenção de verdade, a partir das reflexões de Didier (1983).

Palavras-chave: Autobiografia; memorialismo; século XIX

NARRAR ÀS MARGENS DE SI MESMA: O ESPAÇO DO ENCONTRO COM A IDENTIDADE NA TETRALOGIA DE FERRANTE

Milena Vargas dos Santos Ferreira

Resumo: Na Tetralogia Napolitana (2011-2014), Elena Ferrante joga com as premissas do gênero da auto/biografia ao colocar em cena uma narradora em primeira pessoa, homônima à autora, que conta a história da própria vida enquanto narra a vida da amiga, a infância, a adolescência, o casamento, a maternidade, o trabalho, a velhice. A busca pela unidade de si, de acordo com a filósofa italiana Adriana Cavarero ([1997], 2011), é a motivação de toda e qualquer biografia, que resulta na unicidade de um ser que só existe como “quem” após ter sua história contada por um outro – antes disso, o ser só pode determinar “o que” é. Tal é a força de uma história: revelar o significado do que, de outra forma, seria apenas uma sequência de acontecimentos. É essa a motivação apresentada pela narradora Lenù em *L'amica geniale*: recolher os vestígios que ficaram de sua amiga Lila e montar o quebra-cabeça de sua identidade, formar finalmente uma imagem completa da outra através da escrita. As duas meninas nem sempre seguem o mesmo percurso, na verdade desde a adolescência percorrem caminhos bastante diversos ou até mesmo opostos, mas o que fica ao longo desta obra é o entrelaçamento das duas experiências, e como seria impossível para a história de Elena, ou Lenù, existir sem a presença de Lila, a melhor amiga que desapareceu e que não quer deixar rastros, que desistiu de ser unidade para ser fragmento – isto é, recusa até mesmo o reconhecimento identitário que lhe é possibilitado pela narração de sua história. Ao longo das experiências narradas, a cidade de Nápoles dá contornos à existência das duas protagonistas, lugar profundamente enraizado a suas consciências identitárias, espaço contrastante de afeição e abandono. Nessa narrativa que foca nos movimentos – sejam eles internos ou externos –, conforme afirma a própria Ferrante (Frantumaglia, 2013), o espaço é força de construção dos sujeitos, e os leitores tomam conhecimento de sua topografia enquanto as personagens percorrem as ruas em direção à escola, à charcutaria, às casas umas das outras. Do pequeno bairro no subúrbio de Nápoles onde crescem Lila e Lenù, não conhecemos o nome, nem a localização exata. Há poucas descrições de suas ruas; sabemos que são empoeiradas, que as casas são desbotadas, e que as muitas escadas percorridas no romance podem em um instante parecer descer ao inferno, e no instante seguinte, tal qual diria Bachelard (1957), levar a uma instância de poder superior. No entanto, é justamente a falta de detalhes na descrição do ambiente que leva o foco da narrativa para a experiência: nessa obra ferrantiana, importa sobretudo o espaço humano, o espaço de convívio, e não a estaticidade de uma paisagem que é como uma pintura na parede. Considerando que a

biografia é um gênero que edifica pela narrativa uma identidade artificial do ser narrado através da construção retórica do eu, a pergunta que nos fazemos é como se insere nessa narrativa a identificação pelo espaço, e de que maneira a narrativa se apropria dele e o torna também construção.

Palavras-chave: Identidade; Literatura Contemporânea; Literatura Italiana; Narrativa; Espaço

18/07 (MANHÃ)

O EU INSCRITO NA HISTÓRIA: FICÇÃO E HISTORIOGRAFIA EM A FAMÍLIA MANZONI, DE NATALIA GINZBURG

Lilian Monteiro de Castro

Resumo: Em seu romance *A família Manzoni*, publicado originalmente em 1983, a escritora italiana Natalia Ginzburg apresenta, de uma forma pouco convencional, a história da família do escritor Alessandro Manzoni, autor do clássico italiano *Os noivos*, cuja primeira versão foi publicada em 1827. Ao invés de simplesmente narrar, a romancista remonta a história dos Manzoni a partir da intercalação da correspondência pessoal dos membros da família entre si e com seus amigos próximos com pequenos trechos explicativos, ressaltando o caráter epistolar da obra de Natalia Ginzburg. Assim, são as próprias personagens, pessoas que realmente existiram, que se narram e dão testemunho em suas missivas do momento histórico no qual viveram. Nesse sentido, as personagens d'A família Manzoni são ainda sujeitos, agentes e pacientes históricos que documentando seu cotidiano, legaram à posteridade vestígios materiais que possibilitam o escrutínio de acontecimentos passados. O procedimento diegético que Natalia Ginzburg utiliza na narrativa d'A família Manzoni pode ser comparado ao trabalho teórico-metodológico de um outro escritor, que carrega o mesmo sobrenome e o mesmo sangue de Natalia: o historiador Carlo Ginzburg, seu filho. O método historiográfico utilizado por Carlo Ginzburg, batizado como micro-história, propõe análises historiográficas em locus de escala reduzida, fazendo notar como eventos históricos de grandes proporções incidem na vida de pessoas comuns, famílias, pequenas comunidades, vilas etc., como se pode verificar em suas obras *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição* (2006) e *História noturna: decifrando o sabá* (2012). E não seria exatamente o que fez sua mãe em *A família Manzoni*? Agindo tal qual uma micro-historiadora, Natália Ginzburg tece o romance com documentos materialmente verificáveis, dando-lhe a chancela não somente de romance histórico, como também de historiográfico, pois se propõe a narrar, pelas palavras dos membros da família Manzoni, “o que realmente aconteceu”. As escritas de si produzidas pelos Manzoni e seus correspondentes seriam ao mesmo tempo registros de fatos históricos e artefatos literários, uma vez que Natalia Ginzburg os ficcionaliza pelo recorte, seleção e realocação das missivas, tal como postulado pelo historiador estadunidense Hayden White, em *Trópicos do discurso* (1994). Propõe-se, então, a análise das escritas de si inseridas na tessitura do romance pela intersecção da ficção de Natalia Ginzburg e dos procedimentos historiográficos de seu filho, Carlo Ginzburg. Essa proposta vincula-se ao projeto de pesquisa *De conto em conto, a micro-história: narrativa literária e produção historiográfica no epicentro da substância fictícia e o elemento de convergência discursiva*, desenvolvido na Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Formosa.

Palavras-chave: Ficção; historiografia; micro-história; escritas de si

EU NÃO SOU SEU NEGRO – A ESCRITA DO OUTRO, UMA REVELAÇÃO DE SI

Thayza Alves Matos

Resumo: O documentário *I am not your negro* foi dirigido e produzido pelo cineasta Raoul Peck em 2016 e apresenta, pelas palavras do escritor James Baldwin, reflexões sobre os sujeitos negros nos Estados Unidos. A partir de um manuscrito inacabado de Baldwin, intitulado *Notes Toward Remember This House*, Peck mergulha na obra do escritor buscando a essência de sua obra, a fim de transformar a narrativa inacabada em uma narrativa cinematográfica



singular. Observamos que, no produto final – o documentário –, há um duplo movimento de escritas de si, no qual Peck, ao “escrever” sobre o outro, escreve sobre si mesmo. James Baldwin, em *Notes Toward Remember This House*, objetivava narrar a história dos Estados Unidos por meio da história de vida de três amigos: Medgar Evers, Malcolm X e Martin Luther King Jr. Ao falar sobre seus amigos, Baldwin revela a si mesmo, suas angústias, seus desejos e sua tristeza narrando a morte de três figuras queridas e fundamentais à história dos Direitos Civis norte americana. Ao mesmo tempo, Raoul Peck ao retomar o manuscrito constrói também uma narrativa que pretende ser sobre um outro – Baldwin, mas acaba por revelar sua própria perspectiva sobre o que o escritor significa para si.

Palavras-chave: Memória; História; Arte; James Baldwin; Raoul Peck; Cinema

A MULTIPLICAÇÃO E PULVERIZAÇÃO DO "EU" NA OBRA DE HELDER MACEDO

Nayara Meneguetti Pires

Resumo: A obra romanesca de Helder Macedo, escritor português, é conhecida pela mobilização de recursos – como o intenso uso de figuras de linguagem, principalmente paradoxos, ou a metaficcionalidade, por exemplo – que acabam por promover uma desconstrução no estatuto de verdade, tornando pouco nítidas as fronteiras entre ficção e realidade. Apesar de possuir romances muito diversos entre si, o jogo empreendido é o mesmo: engendrar a dubiedade entre as categorias do real e da ficção em suas obras. À vista disso, objetiva-se explorar um aspecto que, apesar de muito proeminente e essencial para a compreensão referida dubiedade, é pouco abordado pela crítica especializada, a saber, a presença irrefutável da efígie do autor, que não se furta em se fazer presente inserindo dados referenciais acerca de sua pessoa ao mesmo tempo em que os mistura à ficção. Tal presença é mais demarcada nos narradores de *Partes de África* (1991) e *Tão longo amor tão curta a vida* (2013), porém, no percurso de sua obra, é possível entrever uma série de personagens que, apesar de não coincidirem nominalmente com o autor, podem ser lidas a partir de um viés autoficcional, uma vez que ecoam intertextualmente temas, opiniões literárias, frases inteiras – os autores que elege para o diálogo intertextual, as opiniões acerca do pós-modernismo, da história, da subjetividade, do que seja a verdade – de tais narradores através da metaficcionalidade, mesmo quando a dissimular que não. Semelhante feitiço vai na contramão da ideia de morte do autor, tal qual apontaram Foucault e Roland Barthes em seus estudos sobre o autor em 1968, identificando-se mais com a ideia de que o apagamento da figura que escreve não é um traço irremediável da escrita, mas sim traço de uma concepção modernista de escritura (KLINGER, 2008). Por conta disso, pretendemos demonstrar através da personagem Luiz Garcia de Medeiros, de *Partes de África* (1991), Natália, de *Natália* (2010) e Victor Marques da Costa, de *Tão longo amor tão curta a vida* (2013), a possibilidade de o autor estar usando novas máscaras, multiplicando-se, pulverizando-se e misturando-se em outras personagens. Em outras palavras, objetiva-se investigar a sua capacidade de transmutação do fingimento de si, utilizando um referencial teórico mais adequado à contemporaneidade, que se distancie das discussões acerca da morte do autor que seus romances insistem em negar. Ensaia-se, aqui, um debate de como a compreensão da inclusão da figura do autor nos romances macedianos é essencial para o entendimento global da obra, pois além de corroborar e intensificar o efeito titubeante entre o real e o ficcional e apontar para uma linha de coerência que os permite ler como conjunto – intertextual –, ainda os insere na discussão acerca da inespecificidade das obras de arte contemporâneas: novos objetos que, por exigir novas formulações teóricas, recusam termos apocalípticos como a morte do autor e o fim da narrativa.

Palavras-chave: literatura portuguesa; autoficção; autor; helder macedo

O ESPAÇO DA MEMÓRIA EM JOSÉ SARAMAGO: LITERATURA E AUTOBIOGRAFIA

Denise Noronha Lima

Resumo: O escritor José Saramago (1922-2010), único de língua portuguesa a ganhar o prêmio Nobel de Literatura, cultivou em sua trajetória o romance, a poesia, a crônica, o conto, o teatro e



algumas formas autobiográficas. Os estudos críticos envolvendo a obra de Saramago têm privilegiado, em sua maioria, os romances, partindo geralmente de *Memorial do Convento* (1982). Elegendo um gênero (o romance) e uma fase (a maturidade do escritor) como principal objeto de análise, a crítica acaba por negligenciar tanto a sua produção anterior à década de 1980 quanto o gênero autobiográfico cultivado pelo autor. Este último assume em sua obra principalmente as formas de diário (*Cadernos de Lanzarote*, 1997 e *Cadernos de Lanzarote II*, 1999) e memórias da infância (*As Pequenas Memórias*, 2006). Considerando essa produção, pretendemos confrontá-la com sua prosa de ficção, especialmente o romance *Manual de Pintura e Caligrafia* (1977), e com textos híbridos como as crônicas (*Deste Mundo e do Outro*, 1971 e *A Bagagem do Viajante*, 1973), além de seus poemas, obras da primeira fase do escritor, em que o caráter autobiográfico é mais evidente. O objetivo é mapear o espaço da memória na obra de Saramago, pondo em diálogo a ficção e a autobiografia. A discussão tem como ponto de partida a reflexão sobre conceitos relacionados à literatura e à memória, como: literariedade (JAKOBSON, 1976), para examinar os limites tênues entre o texto literário e o documental ou memorialístico; campo literário (BOURDIEU, 1996), que situa o escritor diante dos obstáculos a superar para conseguir o seu espaço no campo de poder; contexto da obra literária (MAINGUENEAU, 2001), tendo em vista que a noção de literatura não se restringe ao texto, mas amplia-se em direção àquilo que lhe é externo e com ele mantém vínculos estreitos, como a vida do autor e a sua memória; pacto autobiográfico (LEJEUNE, 1996), conceito fundamental para a compreensão da escrita de si. Com essa base teórica, o estudo aborda o percurso de Saramago desde as suas primeiras obras, destacando a importância do cultivo da poesia e da crônica como estágios diversos de uma mesma busca, a da consolidação do romancista, para a qual a obra *Manual de Pintura e Caligrafia* contribuiu decisivamente. O cotejo da ficção de Saramago com seus livros autobiográficos (diários e memórias) permitiu observar que a obra do escritor desenvolveu-se paralelamente a sua formação pessoal e estética, dentro de um espaço cujo elemento fundamental é a memória (pessoal, da tradição, da História e do imaginário) acabando por revelar, em qualquer dos gêneros, uma imagem do autor, deliberada e coerentemente construída.

Palavras-chave: José Saramago; Memória; Literatura autobiográfica; Ficção.

18/07 (TARDE)

MEMÓRIAS DE LEITURA: PEDRO NAVA COMO LEITOR EM FORMAÇÃO

Júlio de Souza Valle Neto

Resumo: Num famoso ensaio dedicado à obra de Pedro Nava, Davi Arrigucci Jr. identificava, já no começo do texto, a envergadura do desafio que abraçara: “As Memórias são uma obra de arte complexa e podem desconcertar, desde logo, pela exuberância de suas múltiplas faces” (ARRIGUCCI, p. 70, 1987). Ao longo do ensaio, conclui-se que parte dessa complexidade tem a ver com o próprio estatuto do gênero: tentando aproximar o ciclo naviano da definição de “confissão” formulada por Northrop Frye, Arrigucci admite a eficácia apenas relativa da associação, uma vez que a “mescla narrativa” das Memórias “complicaria o modelo proposto” pelo crítico canadense. A obra, assim, parecia avessa “a toda redução ao esquema abstrato de um gênero específico” (p. 82, 1987). Tentando lê-la enquanto uma “autobiografia de leitor”, esta comunicação pretende, por assim dizer, discutir outra das “múltiplas faces” da obra. Desse modo, se é verdade que as Memórias não se ajustam ao modelo estrito desse tipo de autobiografia (já que o texto, múltiplo como é, não é “totalmente centrado na leitura”, um dos traços distintivos do gênero para Annie Rouxel (2013, p. 67)), também é verdade que, percorrendo-a integralmente, colhem-se numerosos aspectos, diretos ou indiretos, atuantes na formação do leitor Pedro Nava. Para os limites desse trabalho, interessarão, sobretudo, os índices formativos do leitor mencionados diretamente pelo narrador. Com efeito, podem-se isolar aqueles momentos nos quais, de modo mais perceptível, o leitor se formava pouco a pouco. Tal fenômeno se dá, aqui, em nível complexo, porque não limitado àqueles espaços nos



quais esta formação dá-se de modo mais evidente, embora não necessariamente mais relevante, como o escolar. Assim, se as muitas páginas dedicadas à experiência de Nava no colégio Anglo-Mineiro, em Belo Horizonte, e Pedro II, no Rio de Janeiro, contribuem decisivamente na delimitação desse percurso do leitor em formação, também é verdade que outras esferas da vida do memorialista, como a familiar, oferecem igualmente pistas de interesse para a compreensão mais ampla desse processo. Assim procedendo, estamos em compasso com estudos como os de Michèle Petit, nos quais a formação do leitor é tomada em suas inflexões várias, sendo a escola uma variante delas. No caso de Nava, a contribuição de parentes como o tio, Antônio Salles, de quem o jovem ouvia histórias inventadas tomando por personagens figuras reais como os hóspedes da Pensão Moss, é exemplar dessa complexidade. No mesmo sentido, cite-se ainda uma personagem como a criada Rosa, de quem ouvia, ainda mais novo, histórias da tradição oral, espantando-se retrospectivamente com a “sua prodigiosa memória de rapsoda, de cantora de gestas” (NAVA, 2000, p. 6). Assim, a presente comunicação pretende tomar como objeto a formação do leitor Pedro Nava, admitindo que, aqui, embaralham-se a gênese do leitor, do escritor e da própria obra. Essa dimensão autorreferente, nesse estudo, alia-se à outra, propriamente referencial, na medida em que o presente recorte pode contribuir, também, para a melhor compreensão da formação do leitor no contexto brasileiro.

Palavras-chave: Pedro Nava; Memorialismo Brasileiro; Leitura; Ensino de Literatura

LITERATURA DE SI E PERTENCIMENTO: A CONSTRUÇÃO DE UMA PAISAGEM LITERÁRIA EM *O CEMITÉRIO DOS VIVOS*, DE LIMA BARRETO

Ana Carolina Nery Albino

Resumo: Em seu texto “Paysage avec dépaysement”, Jean-Luc Nancy (2003) parte das palavras pays, paysan e paysage para explorar a relação existente entre elas. Seria assim, pays tido como uma situação ou espaço qualquer; paysan, como uma ocupação e, paysage, como uma representação. A criação de sentido alcançada por meio da ocupação do espaço (pays) seria uma maneira de se produzir uma paisagem (paysage). No entanto, nem todos os lugares despertam naqueles que os ocupam o sentimento de pertencimento, sendo mesmo possível sentir-se dépaycé na própria terra. Diante de uma série de imposições e mutilações, indivíduos são, muitas vezes, levados a lugares heterotópicos (Foucault, 2009) – espaços criados para afastar do convívio aqueles que supostamente não se encaixam na norma – e, imersos nessa realidade, têm potencializado o sentimento de “não-pertencimento”. Assim, acompanhamos no Brasil do começo do século XX, sobretudo na capital da jovem República – o Rio de Janeiro – um movimento radical de transformação da cidade, num processo de modernização artificial, que não levou em conta as necessidades do conjunto da população, impedindo a livre circulação no centro e conduzindo, massivamente, indivíduos à margem, ao afastamento social. Propomos, a partir das questões levantadas, uma compreensão do romance inacabado e publicado postumamente *O Cemitério dos Vivos* (1956), do carioca Afonso Henriques de Lima Barreto, a partir de uma leitura que contrasta o sentimento de exclusão e deslocamento, superados por uma forma de pertencimento encontrada através da Literatura. Em 1919, depois de uma crise de delírios alcoólicos, Lima Barreto fora levado ao Hospital Nacional dos Alienados. Ainda internado, ele passara a registrar sua experiência em notas que compuseram o que depois veio a ser *O Diário do Hospício*. A prática da escrita de si normalmente está associada à experiência da reclusão e é, muitas vezes, por ela motivada. A ameaça constante de enlouquecimento a que fora submetido o autor quando encerrado nas dependências do hospício, reforçou ainda mais o desejo de afirmar sua lucidez por meio da escrita e de registrar não apenas sua miséria individual, mas de transformá-la numa questão coletiva, através da feitura de um romance. *O Cemitério dos Vivos* surge, assim, como texto híbrido e fragmentário, em que o universo manicomial e seu funcionamento servem como fonte das notas para escrever-se como maneira de refletir sobre seu processo de marginalização, que seria também o processo de marginalização de muitos outros. A urgência conferida à pluma e, mais do que isso, o já pronunciamento de uma possível ficção desse material-vivência no *Diário* mostram como o



afastamento permitido por meio da ficção anunciava uma certa liberdade de investigar a si mesmo por meio do outro, sendo esse outro a personagem dessa literatura de si, conjugando os elementos reais e pessoais aos elementos criados com a ficção. Poderíamos, assim, aproximar esse exprimir-se poeticamente daquilo que chamamos anteriormente da criação de uma ocupação para que a paisagem pudesse ser construída, para que o sujeito pudesse, enfim, existir, afirmando-se através da Literatura.

Palavras-chave: Lima Barreto; escrita de si; literatura de si; heterotopia; *dépaysement*

PELA ÚLTIMA VEZ, FILOSOFIA: CLARICE LISPECTOR E A VIDA COMO OBRA DE ARTE

Pablo Vinícius Dias Siqueira

Resumo: Fascinantes, as cartas são responsáveis por uma região bastante específica de criação e de conhecimento. Não raro, o território epistolar torna-se um bom lugar para se ensaiar – no sentido filosófico mesmo – sobre relacionamentos, arte, ética, estética, política e sociedade. No caso específico de escritores e filósofos, a vida como obra de arte também é uma constante. Mas o que ocorre quando uma dessas cartas considera apenas o laço ficcional entre os correspondentes e ignora o tempo, a morte, o passado e o futuro? O presente ensaio epistolar tem como antiobjetivo criar personagens conceituais missivistas para pensar, com autoficção e autoavaliação crítica, as formas selvagens e íntimas da escrita de si e da literatura pensante de Clarice Lispector.

Palavras-chave: Palavras-chave: Clarice Lispector; Marcia Tiburi; Ensaio; Filosofia pop; Literatura e Políticas do contemporâneo; Escrita de si.

CARTAS CARREGADAS DE POESIA: CECÍLIA MEIRELES ESCREVE A SUAS FILHAS

Maria do Rosário Abreu e Sousa

Resumo: Este artigo discute a linguagem poética de cinco cartas que Cecília Meireles escreveu a suas filhas em 1940 quando foi professora de Literatura Brasileira na Universidade do Texas e teve que separar-se delas por um período de tempo. A data e origem das cartas é a seguinte: Vitória- ES, 1940; Austin, 09/06/1940; San Antonio, 02/08/1940; Dallas, 06/08/1940 e Tulsa, 1940. Nessa atividade epistolar a poeta fornece material que permite refletir sobre práticas de linguagem familiares e coloquiais, cheia de olhares afetuosos, críticos, lúdicos e sobretudo poéticos. O artigo também discute o estatuto literário dessas cartas relacionando-as à obra de Cecília Meireles. Ao analisar os vocativos e despedidas emergem as máscaras – uma das características do discurso epistolar – com as quais a poeta se dirige às filhas. Três máscaras ganham destaque: a menina Cecília, que se iguala às filhas e se despede como “Sushila”, a educadora “Cecília” enviando livros, criticando o consumismo exacerbado e a ostentação das turistas americanas e a mãe “Mamãe”, frágil, saudosa e culpada pela separação temporária das filhas. Com pressupostos teóricos do discurso epistolar e da linguagem poética, destaca-se o conceito de “devaneio” considerado por Antonio Candido, Fernando Paixão e Gaston Bachelar como intrínseco ao fazer poético. Diferente do sonho, o crítico literário e poeta Fernando Paixão o conceitua como intervalo de tempo em que o pensamento se desliga da realidade, desconcentra-se daquilo em que estava focado, para dar um voo de liberdade, deixar a imaginação flunar, reabastecer-se. Momento vital para o poeta, é no devaneio que ele encontrará a matéria prima de seu fazer poético. Antonio Candido também destaca o devaneio, tal qual o filósofo Gaston Bachelar o conceituou, como elemento importante da linguagem poética, por ser ele espaço de manifestação do pensamento figurado. Cruzando-se o conceito de devaneio, essencial ao fazer poético, ao conceito de “arquivo da criação”, formulado por Diaz, segundo o qual a escrita de si – cartas, diários, autobiografias – pode registrar o embrião de futuras obras literárias, delinea-se também, a possibilidade de reconhecer se nessas cartas não apenas procedimentos que remetem à linguagem poética, mas também sementes de futuras obras literárias. As cartas de Cecília Meireles são ricas em devaneios. Intercalando entre um assunto e outro, a poeta registra esses momentos, ora nomeando-os como sonhos, ora não. O



devaneio da poeta ocorre do mesmo modo como Paixão o descreve: entre dois tempos da narrativa epistolar. Talvez esteja na carta datada de San Antonio, 02 de agosto de 1940, a gênese ou uma das etapas de gestação de Solombra, publicado em 1963, e da qual Bosi disse ser a morte, metamorfoseada em ausência, o tema central da obra. Talvez se encontre também nessa carta o germinar, ou uma das etapas de criação do poema infantil “Andar de Cima”. Conclui que o trato inventivo com a linguagem –pleno de aspectos da linguagem poética - aponta tanto para o estatuto literário dessas cartas como para seu potencial como arquivo da criação.

Palavras-chave: epistolografia; Cecília Meireles; linguagem poética

INTERSECÇÕES ENTRE AUTOBIOGRAFIA, HISTÓRIA E FICÇÃO EM "64: UM PREFEITO, A REVOLUÇÃO E OS JUMENTOS", DE EUCLIDES NETO

Ana Sayonara Fagundes Britto Marcelo

Resumo: O objetivo deste trabalho é refletir sobre a escrita autobiográfica do escritor baiano Euclides José Teixeira Neto (1925-2000) partindo das relações estabelecidas entre os discursos autobiográfico, historiográfico e ficcional. Tomamos como corpus o livro “64: um prefeito a revolução e os jumentos”, publicado em 1983. Essa obra se configura como um relato das experiências do escritor quando fora prefeito da cidade de Ipiaú, Bahia, entre os anos de 1963 e 1967, período da ditadura militar no Brasil, deflagrada durante sua gestão na prefeitura. Além do relato de suas experiências, o livro traz registros fotográficos desse período e documentos emitidos e recebidos pela prefeitura e, como apêndice, a “Fábula do presidenciável Salém”. O “intento” da obra, segundo o autor, é “prestar um testemunho de como a coisa pipocou aqui fora, na roça, em uma cidade de 16 mil habitantes na sede, e 20 mil em todo o município, à época” (EUCLIDES NETO, 1983, p.11). Um dos temas do relato é a reforma agrária implementada pelo então prefeito, que respondeu a inquerido policial militar, após realizar uma experiência de reforma agrária na zona rural do município de Ipiaú. Narrar a própria vida em relatos onde o público e o privado se inter-relacionam, onde memória, história e ficção estão imbricadas, proposta do relato supracitado de Euclides Neto, põe em evidência suas experiências no exercício de cargos públicos, suas reflexões e ações, além de criar imagens e representações de si, que podem revelar o dito e o não dito. Sendo assim, esse estudo busca analisar os recursos discursivos acessados pelo autor na tessitura do relato e investigar até que ponto estes recursos revelam o que o autor gostaria de relatar e revelam outros aspectos não previstos pelo escritor. Evelina Hoisel (2006) chama a atenção que o sujeito é ao mesmo tempo produtor e produto de seu discurso. O aprofundamento sobre a escrita de teor autobiográfico remete-nos também às pesquisas de Leonor Arfuch (2010, 2012), cujo tema “auto/biografia” é analisado considerando a trajetória ao longo dos séculos, quando a autora retoma diversos pesquisadores, entre eles Philippe Lejeune (2014), que ao definir autobiografia, explicita o pacto entre autor e leitor, onde aquele propõe apresentar um discurso sobre si, buscando responder quem se é através de uma escrita que não pretende ser transparente. Jean Starobinski (1991) apresenta a diferenciação entre história e ficção e entre discurso historiográfico e discurso ficcional e discute a relação entre o eu e a linguagem, essencial aos estudos teóricos modernos e contemporâneos. Os estudos de Mikhail Bakhtin (1992) tornam-se essenciais para o aprofundamento em torno dos gêneros discursivos, entre eles os que compõem o campo de estudo das autobiografias. À guisa de conclusões, esperamos poder discutir o percurso traçado nessa pesquisa, na intenção de trocar experiências e redimensionar, se necessário, as perspectivas de abordagem do objeto.

Palavras-chave: Autobiografia; Relatos; Ficção; História.

31 - ESCRITAS PERFORMÁTICAS – NARRATIVA, FICÇÃO E DISSENSO

Coordenação: Raíssa de Góes (PUC-Rio); Frederico Coelho (PUC-Rio); Tiago Leite (FAMATH-RJ/PUC-Rio)



Resumo: A partir das conversas ocorridas na Abralic de 2018, realizadas na Universidade Federal de Uberlândia, e de seus desdobramentos, o segundo encontro do simpósio *Escritas Performativas – narrativa, ficção e dissenso* (grupo de pesquisa composto por Adriana Maciel, Lia Mota, Raïssa de Góes, Tiago Leite e Frederico Coelho) pretende aprofundar a noção de escrita performativa, noção que busca entender o gesto presente nas diferentes formas de linguagem, e a maneira como esse gesto – ação performativa – se manifesta em formas de escrita distintas produzindo pensamento. Convidamos a todos que participaram e aos pesquisadores e artistas interessados a pensar a narrativa, tendo em vista as transformações que ocorreram em suas dimensões sociais, políticas e intelectuais desde o final do século XIX.

No campo da ficção, que não se opõe ao real, mas que age em dissenso, as narrativas constituem uma forma particular de pensamento e de produção de conhecimento. Há um adensamento intelectual na literatura no final do século XIX. Machado de Assis, Dostoiévski, James Joyce, Samuel Beckett, Virginia Wolff, Marcel Proust, Jorge Luis Borges e muitos outros, além de provocarem uma reinvenção na escrita, passaram a colocar a questão da existência, do pensamento reflexivo e da condição do sujeito moderno em primeiro plano. O narrador se torna um dispositivo-chave para tais processos críticos de escritas ficcionais. Vale lembrar que tal quadro se deu a partir de um diálogo com autores como Freud e Nietzsche – diálogos esses de mão dupla, já que ambos viam na ficção uma usina de força para seus temas e questões. Além disso, áreas como a psicanálise e a filosofia propuseram formas narrativas desafiadoras para os seus campos de saber e demais áreas da escrita. Ao permitir novas maneiras de pensar a ficção, as noções oriundas da arte da performance também contribuem para a discussão.

A artista Diana Taylor, professora do Departamento de Performance da Universidade de Nova York, vê na performance mais do que um campo artístico, a performance é, para ela, uma episteme, um modo de conhecer: “um sistema de aprendizagem, armazenamento e transmissão de conhecimento” (TAYLOR, p. 45). Nessa linha, o intuito do Simpósio é também pensar textos artísticos como corpus teórico. A performance, na escrita, pode ser pensada como aquela que rompe com a estrutura clássica, que escava a linguagem, que se apropria de diferentes fontes, mídias e suportes. Narrativa que não distingue da produção de pensamento e de sensibilidade, pois ambas acontecem juntas no corpo. A escrita performativa é um ato, não apenas do corpo que risca o papel, mas do corpo que risca superfícies e que se deixa inscrever. Como escrita, ela é arquivo da cultura e ao performatizar a narrativa é, ao mesmo tempo, repertório. Organiza, em sua própria feitura, uma invenção singular na linguagem e age no tempo e no espaço de sua recepção. Essa escrita não ocorre apenas na literatura. Ela está a acontecer em diferentes tipos de textos – dança, artes visuais, filosofia, música, cinema etc. As narrativas são práticas de composição de realidades. A escrita performativa é narrativa que se desdobra por diferentes meios e tecnologias. Se a escrita tradicionalmente organiza pensamentos e ideias de forma linear e sequencial, a escrita performativa possibilita a expressão simultânea de ideias. Ela não é apenas um estatuto do literário, a literatura é uma das suas possibilidades entre as várias formas narrativas. Nas artes visuais, a partir do final do século XIX, altera-se a ideia de representação, a bidimensionalidade é reafirmada e a pintura deixa de ser vista apenas como uma janela que dá a ver o mundo, apresentando uma realidade pictórica e não ilusória. As vanguardas estéticas do início do século XX evidenciam os processos e procedimentos artísticos e põem em questão a excelência técnica como medida de qualidade. A partir de então, os processos são, muitas vezes, apresentados, eles mesmos, como obra, em outras, são dados a serem levados em conta na percepção do(s) sentido(s) propostos pela obra, o que altera a forma como percebemos a arte de nosso tempo e também a dos séculos que nos antecede. É importante explorar tanto artistas que se tornaram críticos ou ensaístas quanto a escrita que se mostra parte da “obra”, casos como os de Tunga e Lygia Clark. Entendendo que a noção de obra foi modificada durante esse período, poderíamos dizer que escritas como as dos artistas citados constituem um mesmo ato artístico, abarcando a sua produção visual, espacial e textual. O intuito é pensar textos artísticos como produtores de um corpus teórico. Ou seja, ir além dos



questionamentos estanques sobre o que é arte e o que é literatura – não se trata de transdisciplinaridades –, e superar uma linha de corte entre esses campos, ou pelo menos, torná-la porosa. Buscamos ainda investigar como tais procedimentos operam e mostram-se capazes de uma produção de conhecimento, como ocorre na filosofia e ciência. Desta maneira, pretendemos rever a ideia de que arte é algo meramente ilustrativo de uma ideia, mas pode gerar, ela mesma, uma ideia. Gostaríamos, portanto, de contar com pesquisadores e artistas para participar deste simpósio: *Escritas performáticas - narrativa, ficção e dissenso*, recorte feito no campo da discussão entre a escrita e pensamento, para que, juntos, possamos ampliá-lo e adensá-lo nas discussões acadêmicas.

Referências:

- BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita: seguido de novos ensaios críticos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CHIARA, Ana, SANTOS, Marcelo, VASCONCELLOS, Eliane (orgs). **Corpos diversos: imagens do corpo nas artes, na literatura e no arquivo**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015.
- CLARK, Lygia. “Caminhando”. In: **Livro Obra**, 1964. Retirado de http://www.lygiaclark.org.br/arquivo_detPT.asp?idarquivo=17 em 26 de agosto de 2017.
- CLARK, Lygia. “Do Ato”. In: **Livro Obra**, 1965. Retirado de http://www.lygiaclark.org.br/arquivo_detPT.asp?idarquivo=17 em 26 de agosto de 2017.
- DELEUZE, Gilles. **Kafka – por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- _____. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol.1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- _____. **O que é a filosofia?**. Trad. de Bento Prado Jr., Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.
- DERRIDA, Jacques. **Escritura e diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- _____. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DIDI-HUBERMAN, G. **A imagem sobrevivente - História da arte e tempo dos fantasmas segunda Aby Warburg**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- DIDI-HUBERMAN, G. **A sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.
- GUATTARI, Félix. **Lignes de fuite-pour un autre monde de possibles**. Paris: Ed. L’aube, 2011.
- GIL, José. “Sem título”: **Escritos sobre arte e sobre artistas**. Lisboa: Relógio d’água, 2005.
- GIL, José. “Abrir o corpo”. In: **Lygia Clark – da obra ao acontecimento: Somos o molde**. São Paulo : Ed. Pinacoteca, 2005, p. 63-66.
- HUBERMAN, Georges Didi. **O que vemos, o que nos olha**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- NANCY, Jean-Luc. **Corpus**. Paris: Métailié, 2000.
- NANCY, Jean-Luc. **El Intruso**. Trad. Margarita Martínez. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- _____. **O inconsciente estético**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- _____. **O espectador emancipado**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012.
- ROLNIK, S. “Uma terapêutica para tempos desprovidos de poesia”. In: **Lygia Clark – da obra ao acontecimento: Somos o molde**. São Paulo: Ed. Pinacoteca, 2005 pp. 13-27.
- SANTOS, Roberto Corrêa dos; REZENDE, Renato. **No contemporâneo: arte e escritura expandidas**. Rio de Janeiro: Editora Circuito: FAPERJ, 2011.
- TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório: Performance e memória cultural nas Américas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- VIDAL, Eduardo. Uma letra que não se lê. In: **A prática da Letra**. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, 2000, p.25-30.



PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

“A, A NOVEL”, DE ANDY WARHOL: ENTRE DOCUMENTO E FICÇÃO, CINEMA E LITERATURA

André Vechi Torres

Resumo: Em 1968, Andy Warhol publica seu único romance: “a, A Novel”. O texto experimental é fruto do projeto de gravar em áudio 24 horas ininterruptas do dia de Ondine, codinome de Robert Olivo, ator de vários filmes experimentais de Warhol. Contudo, o plano inicial teve que ser retrçado. As gravações foram feitas em quatro sessões entre 1965 e 1967, sendo posteriormente transcritas por quatro mulheres. A recusa das escreventes em aplicar as normas gramaticais e corrigir os erros foi integrada ao projeto final que não comporta qualquer traço de edição, mas a transcrição literal de tudo que foi registrado. “a” surge então como uma obra que se coloca na tensão entre ficção, tendo em vista a alcunha de romance que Warhol lhe confere, e o documental, pelo desejo de captar e transpor seu objeto sem interferências, de modo objetivo. Não podemos negar, na ambição do projeto, a semelhança com “Ulysses”, de James Joyce. Contudo, se uma análise comparativa se faz necessária, é dentro do próprio corpo de trabalhos de Warhol, entendendo a permeabilidade entre seus variados processos. A produção de Andy Warhol é vasta e permeia vários meios. Tendo inicialmente trabalhado com moda, ele transitou pelas artes visuais, pelo cinema underground e se aventurou pelo universo da literatura. É no audiovisual, contudo, que encontramos mais pontos de contato com “a”. O uso que Warhol faz da gravação, nos remete aos procedimentos que ele utilizava em seus filmes, tentando captar ações, pessoas e objetos, não dentro da lógica da montagem, estruturante do cinema, mas na própria temporalidade específica de cada gesto. Através do vídeo, e, como veremos, da escrita, no caso de “a” ele tenta captar não uma parcela do real, mas sua totalidade como acontecimento. Contudo, a ficcionalidade emerge no fato de Ondine, ao se saber seguida e registrada, alterar seu comportamento. Ao se saber olhado por um outro, as ações se modificam, criando uma outra realidade de si que se co-funde no cotidiano. O projeto de apreensão do real se concretiza no fracasso do empreendimento, tendo em vista que a única possibilidade de captação total não se dá pela lógica da transparência, mas da opacidade, do ruído, modificado pela pluralidade de vozes que participam de sua construção enquanto forma cristalizada. O caráter experimental do texto de Warhol vem da falha do projeto que constitui sua própria realidade de processo aberto ao que não se controla. O objetivo dessa comunicação é contribuir para a leitura crítica do romance de Warhol, tendo em vista sua ainda incipiente recepção no Brasil, pois o mesmo não se encontra traduzido, assim como a valorização dessa parcela de sua produção no campo da literatura, que ainda orbita às margens do seu corpo de obra, auxiliando em releituras de seu processo. Essa leitura se dará com o auxílio da discussão sobre as relações entre cinema e literatura, a partir do gênero documental, na óptica do deslocamento de processos, pensando o tensionamento entre realidade e ficção.

Palavras-chave: Andy Warhol; documentário; ficção; autoria; montagem

AS FICÇÕES DA MERCADORIA NA LITERATURA DE ANDY WARHOL

Tiago Leite Costa

Resumo: Ao fim do primeiro capítulo de “O Capital”, Marx apresenta o famoso conceito de fetichismo da mercadoria. Para Marx, o caráter misterioso de um produto deriva da sua aparente autonomia e da forma como se correlaciona com outros produtos. Se pensarmos em uma situação comercial simples de escambo, toda a mercadoria parece ter um valor relativo capaz de ser equiparado a uma outra mercadoria. Porém, no terreno complexo de trocas do mercado capitalista moderno, seria impossível calcular o valor relativo de cada mercadoria diante da infinidade de produtos disponíveis. Para solucionar esse emaranhado, a mercadoria dinheiro funciona como um equivalente universal em relação a todas as outras. O dinheiro, no entanto, é



uma mercadoria de característica peculiar, pois só possui valor de troca e não de uso. Nesse sentido, o dinheiro parece escancarar o aspecto fictício do valor de toda a mercadoria. Porém, como toda ficção, vela e revela questões bastante reais. Segundo David Harvey, para que haja essa relação entre mercadoria e dinheiro, é preciso que o valor de uma mercadoria seja imaterial, porém objetivo. O valor de uma mercadoria, então, se estabelece nas relações sociais. Ou melhor, toda mercadoria esconde em si uma relação social de dominação. Esta relação social travada entre os seres humanos no processo de produção assume na mercadoria a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. A isso, Marx chama de fetichismo da mercadoria. Partindo desse conceito, o objetivo deste trabalho é discutir passagens da obra literária de Andy Warhol nas quais comenta as relações entre mercadoria e valor de um ângulo completamente diferente do que acabo de comentar, a fim de comparar as duas perspectivas. Warhol não via a nascente cultura da imagem e do consumo como uma nova etapa do fetichismo de mercadoria, ao modo como interpretaram os teóricos da cultura de matriz marxista (Adorno, Horkheimer, Debord, Williams, Jameson etc.). Por isso, conseguia enxergar uma dimensão revolucionária na cultura do espetáculo, descrevendo-a como uma espécie de nova configuração da experiência sensível, aberta a novos hábitos e valores que, a seu ver, pareciam potencialmente igualitários e libertários. Jonathan Flatley sugere que Warhol relativiza as oposições entre capitalismo e comunismo por meio do elogio ao comum (“commonism”). O “commonism” se assenta, ao mesmo tempo, no projeto artístico de “parecer com” (to look alike) e no discurso público do “gostar de” (to like), ambos centrais na obra de Warhol. Em algum nível bastante elementar, gostar de algo significaria se encaixar a esse algo, se parecer com esse algo, corresponder a esse algo, se “com-formar” a esse algo. Warhol enxergava na cultura do consumo um mundo de objetos comuns correspondente a um mundo de sentimentos em comum. Minha ideia é discutir como as afirmações de Warhol sobre as virtudes do gosto comum e sua reprodução nos padrões de consumo apontavam para uma estranha aspiração utópica elaborada entre as ficções da mercadoria.

Palavras-chave: Andy Warhol; Cultura do espetáculo; fetichismo da mercadoria

TRANSDIZENDO GERTRUDE STEIN: RETRATO DE UMA TRADUÇÃO

Ciro Lubliner

Resumo: Entre os anos de 1934 e 1935, a poeta Gertrude Stein (1874-1946) realizou uma série de conferências em universidades estadunidenses, em uma espécie de turnê que durou pouco mais de seis meses. Essas conferências se tornaram marcantes por relatarem e desenvolverem boa parte das operações mobilizadas em seu trabalho poético, bem como por colocarem em questão as relações entre a escrita, o movimento e o tempo, além de promoverem constantes encontros entre a poesia e outras artes. Essa comunicação procura descrever a experiência pela qual passei ao traduzir – em parceria com Paulo Alves – uma daquelas célebres conferências proferidas nos EUA, em 1935: “Retratos e Repetição” (“Portraits and Repetition”). Por meio da exposição de alguns exemplos da escrita-fala de Stein que apareceram como dificuldades para a tradução da língua inglesa para a portuguesa, assim como de citações pinçadas do texto original, buscarei evidenciar o modo singular com que a poeta lida com a composição de seus retratos escritos, notadamente em livros como *Tender Buttons* (1914) e *The Making of Americans* (1925), rechaçando leituras e críticas já à época banalizadas quanto a sua obra, por sempre destacarem o aspecto evidente da repetição existente em seus poemas. Cabe marcar, no entanto, que essa comunicação não visará apenas a mera descrição de problemas e impasses no ato da tradução, mas sim a tentativa de performatizar de maneira algo similar à forma como Stein entendeu e costurou sua apresentação oral – o texto traduzido. Acredito e parto da premissa de que o processo de tradução da conferência da poeta instaura alguma diferença também no próprio ato de traduzir, por fazer os tradutores terem que re-presentificar o que outrora fora apresentado primeiro como discurso sonoro e gestual, vocalizado e performatizado, antes de ser disseminado como texto. “Retratos e Repetição” se mostra um texto múltiplo por indicar como a poesia pode transitar e conversar com a filosofia, a pintura e o cinema. Os retratos escritos por Stein



protagonizam relações explícitas com a pintura, mas também promovem interessantes conexões com o cinema, prática que lida com o tempo, a duração e o movimento, temas estes afeitos à filosofia. Veremos como de um modo estranho – não literal, mas literário e poético – a artista consegue fazer cinema ou pintura com palavras. Procuro ainda, na esteira de Stein – que ao teorizar não abdica também de praticar –, adentrar e adensar a dimensão do pensamento pela especulação de conceitos que se embrenham na análise de procedimentos poéticos no tocante à tradução e à literatura, sendo estes os casos da transcrição (DE CAMPOS, 2013), da gagueira (DELEUZE, 1997) e da performance ligada ao discurso poético (ZUMTHOR, 2018). Proponho que, a partir dessas evidências, traduzir, nesse caso específico, será mais como transdizer, isto é, uma nova encarnação da tradução que se apresenta como um exercício de dizer e gesticular através de um outro, sem que com isso se queira uma imitação, uma representação, mas uma aproximação, um encontro possível que admite e valoriza interferências.

Palavras-chave: Gertrude Stein; Tradução; Repetição; Retratos Escritos

"A ABNIHILIZAÇÃO DO ÉTIMO": FRAGMENTAÇÃO, CACOFONIA E OBSCURIDADE NO FINNEGANS WAKE

Vicente Pithan Burzlaff

Resumo: O processo criativo de James Joyce que culmina na dissolução da linguagem no *Finnegans Wake* (1939) tem início em seus primeiros textos estéticos nos *Cadernos de Pola e Paris* (1903-4), dos quais alguns excertos foram aproveitados no *Retrato do Artista Quando Jovem* (1916) mediante a influência da escolástica de Tomás de Aquino e seus conceitos de integritas, consonantia e claritas (*Suma Teológica*, I, 39, 8). Progressivamente, a formação jesuítica de Joyce vai sendo perpassada pelas leituras heterodoxas e heréticas de Giambattista Vico, Giordano Bruno e Nicolau de Cusa. A heresia do autor, aqui entendida no sentido etimológico de hairesis, fazer uma escolha, é manifesta na célebre frase de seu alter-ego Stephen Dedalus: “Quando a alma de um homem nasce neste país, redes são lançadas contra ela para impedi-la de alçar voo. Você me fala de nacionalidade, linguagem, religião; eu tentarei voar por entre essas redes.” Nesta comunicação, o interesse é, sobretudo, na maneira como Joyce procurou voar por entre a rede da linguagem. A partir de *Ulisses* (1922), a sátira é incorporada indelevelmente à visão de mundo do autor, e, no *Finnegans Wake*, os conceitos aquinianos são subvertidos. No lugar da integridade, da consonância e da clareza, há a fragmentação, a cacofonia e a obscuridade. Compondo o núcleo gravitacional do *Finnegans Wake*, no capítulo 2.3 (FW, 353,22), uma sequência de 40 páginas de diálogo entre Butt e Taff termina com a explosão de uma bomba, causando a “abnihilização do étimo”, antecipando a aniquilação do átomo, com um artefato explosivo que seria, literalmente, uma “bomba etímica” ou uma bomba atômica avant la lettre. O ápice do enredo da última obra de James Joyce explode o léxico em um processo de obscurecimento da visão e de acreção sonora por paronomásia, já que o ouvido é “o único orifício do corpo humano que não se fecha”, segundo Jacques Lacan. Essa hiperprofusão de sons, sobreposta a imagens embaralhadas, fragmentárias e de contornos cada vez menos nítidos dificulta a produção de significados, em um processo análogo ao “deslizamento constante do significado sob o significante” lacaniano descrito em “A Instância da Letra no inconsciente”. A abnihilização do étimo, a explosão da letra-carta/letter/lettre, é, também, uma interrupção no processo de constituição da letra e de remembramento e rememoração da pessoa adormecida destituída de identidade que sonha o *Finnegans Wake* e sobre a qual podemos nos perguntar, como John Bishop, “Quem se é quando todo mundo é um outro alguém?” (“Who is who when everybody is somebody else?”)

Palavras-chave: *Finnegans Wake*; James Joyce; Tomás de Aquino; abnihilização do étimo; Lacan

16/07 (TARDE)

A FORMA HUMANA



Lia Duarte Mota

Resumo: Em 1956, Flávio de Carvalho inicia uma série de matérias sobre vestimentas, intitulada “A moda e o novo homem”, em sua coluna no Diário de São Paulo. Além de apresentar as mudanças na forma humana durante a transformação do homem no decorrer dos séculos, o artista também relaciona as roupas ao aspecto político e social de uma época. Assim, explica que a moda criativa é oriunda dos “tipos da rua”, mais abertos à imaginação, menos encerrados em padrões sociais. A moda, então, passa a ser adotada pelas classes mais altas até atingir o rei. Quando fixadas por ele, passa a ser considerada referência e faz um movimento contrário: das classes mais altas para as mais baixas. Já as roupas de cinturas altas usadas pelas mulheres em diferentes momentos da história indicariam passagens revolucionárias, a busca pelos direitos da mulher, a luta feminista. Ele afirma: “O traje do homem e da mulher com as suas variações é um gráfico que expõe a natureza e a intensidade dos desejos da espécie.” (CARVALHO, 2010, p. 217) Em A vida descalço, o argentino Alan Pauls explora a praia tanto como espaço democrático como afetivo. Parte de suas memórias de criança que passava as férias na praia com o irmão e o pai, além de referências variadas do cinema e da literatura, como Camus e Proust, para esboçar um pensamento literário/filosófico sobre esse espaço. A praia é considerada democrática, a nudez faz voltar ao comum, à naturalidade, impede as distinções sociais impostas pelas roupas. “Aprendi que se a praia é desejável – e para mim não há nada mais desejável –, não é tanto pelas facilidades que oferece como mercado de corpos nus – ou seja: imediatamente cotáveis – quanto pelo modelo de espaço cívico que popõe: vida comum sem autoridade, autorregulação sem controle, prazer sem compromisso, anarquia sem agressividade.” (PAULS, 2013, p. 63) A nudez, portanto, participa da democracia, de um espaço comum compartilhado. Na Documents 4, Bataille fala da desproporção da figura humana, da antinomia entre eu e não-eu por meio de várias imagens: um casamento na primeira década do século XX, muitas imagens de homens e mulheres posando com suas vestes elegantes e características de um período. Partindo de tais afirmações, o presente trabalho pretende discorrer sobre a relação entre política e as transformações ocorridas na forma humana, também estabelecidas por meio das vestimentas ou pela ausência delas.

Palavras-chave: forma; vestimenta; nudez; política

O AUTISTA COMO ETNÓGRAFO

Adriana Boilet Frant

Resumo: Em “Uma etnia singular” Fernand Deligny sugere que a comunidade que ajudou a criar nós pés das montanhas de Cevenas, não se tratava de uma comunidade de crianças doentes diagnosticadas com autismo profundo, e sim de uma tribo, uma tribo que pertencia, justamente, a uma etnia singular. Essa compreensão do autismo como etnia e não como doença se mantém nos quase 30 anos em que a comunidade esteve ativa e tem na figura de Janmari seu principal expoente. Janmari chega em Cevenas aos 12 anos e logo se torna um guia, um mentor para Deligny. Mudo, diagnosticado com um autismo profundo, considerado intratável pelos médicos e insuportável pela família, em Cevenas Janmari passa os dias fazendo pão, colhendo madeira, caminhando, se balançando e ... escrevendo, uma escrita gestual, repleta de círculos e linhas onduladas. Linhas essas sobre as quais Deligny se detém longamente e cria a partir da observação das linhas produzidas por Janmari toda uma linhologia. Essa comunicação pretende trazer à tona a escrita de Janmari, a partir da leitura de Deligny, para pensar nas consequências de se compreender o autismo como etnia, as linhas de uma criança agrafa como escrita para então pensar no quase-conceito (Derrida) de escrita como linhologia e não como uma gramatologia.

Palavras-chave: linha; gesto. escrita; etnografia

COSTURA E ESCRITA: UM ATRAVESSAMENTO DE GESTOS EM EDITH DERDYK

Luana Fernandes Sofiati



Resumo: Inserido em nossa investigação, em curso há pouco mais de um ano, sobre o gesto tecedor na poesia brasileira contemporânea, este trabalho se debruça especificamente sobre uma das textualidades poéticas em estudo, a fim de ampliar nosso diálogo com pesquisas que enfocam o gesto da escrita como movimento que empenha o corpo todo. "Linha de Costura" é um livro da artista plástica, educadora e escritora Edith Derdyk, no qual o gesto da escrita se apresenta imbricado com o da costura. Publicado pela primeira vez em 1997, e reeditado em 2010, o livro apresenta uma textualidade poética do fio, matéria-prima da artista desde os anos 1980. Como exemplos de sua produção artística com as linhas podemos citar as instalações "Rasante" (2002) e "Declive" (2003). Na leitura do livro de Derdyk encontramos as reverberações da costura no corpo que escreve e o faz pensando o gesto da costura. Prosa poética, os textos disparados pela materialidade da linha, apresentam uma contínua reflexão em proximidade com as questões do fio e do gesto tecedor. Sem se submeter a uma linearidade narrativa, o gesto da escrita se realiza no terreno de experiência do corpo com o fio em tensão: a partir das imagens que emergem dos textos podemos pensar os movimentos gerados no corpo que escreve. Experimento que se dá no gesto da escrita, o texto de Derdyk registra os movimentos do corpo que costura: "Escrevo como costuro. Costurando, ligando, furando, recortando, costurando pensamentos e tudo o mais" (DERDYK, 2010, n. p.). O esforço de tensionar, distender e fazer passar o fio pela trama dispara uma experiência, um aprendizado sobre a matéria e sobre o próprio corpo atravessado pelas interrupções da costura. Em nossa leitura abordaremos aspectos estruturais do texto de Derdyk que se fazem importantes na construção de uma escrita não orientada pela linearidade, mas pelo contínuo movimento de expansão da sensibilidade e costura do pensamento. Explorando a raiz do verbo tecer e a metáfora da escrita como tecelagem, propomos um entrelaçamento entre o texto em estudo e outros fios, dentre os quais "Filosofia Mestiça" e "Variaciones sobre el cuerpo", de Michel Serres, e o artigo "Escrita em movimento", de Lia Mota (2016), publicado nos Anais da Abralic de 2016.

Palavras-chave: Escrita performática; Corpo; Movimento; Poética do fio.

MICROCENAS DE CONEXÃO, CONTÁGIO E ESCRITA COLETIVA

Marina Lima Mendes

Resumo: "Escrevemos o Anti-Édipo a dois. Como cada um de nós era vários, já era muita gente." (Gilles Deleuze e Félix Guattari. Mil Platôs, Vol. 1: Capitalismo e Esquizofrenia) Todo gesto de escrita é coletivo. Ainda que se escreva individualmente, nunca se está sozinho, pois, como nos diz a epígrafe, cada eu é, na verdade, vários. Multiplica-se constantemente, recombina-se e reinventa-se. Emprenha-se e gera. Cria coisas, lugares, linguagens, sentimentos, novos mundos, novos pedaços de cosmos. Enquanto corpos porosos, uma vez expostos a vivências e experimentações, somos constantemente atravessados e contagiados. Ficam incrustados em nós os "microdígitos de sensações" -- como nos fala Roberto Corrêa dos Santos -- capazes de promover transformações viróticas. Muito se fala na contemporaneidade sobre empatia e alteridade, tentativas de se colocar no lugar do outro. São conceitos que caíram nas graças do senso comum quando se debate a relação com o outro e a comunidade de uma forma geral. No entanto, pouco se discute essa dimensão pessoal da multiplicidade do sujeito e todas as perspectivas envolvidas -- inclusive políticas, como, por exemplo com as recentes questões identitárias. Aqui se deseja pensar o eu plural através da escrita, trazendo microcenos para pensar o sujeito que se forma e se transforma via conexão e contágio, numa explosão de possibilidades para refletir também sobre a relação com o outro. Parte-se da premissa de que a investigação desta diversidade que povoa o eu deve estar à disposição de uma política que extrapola seu sentido tradicional, institucional. A princípio, as microcenos serão extraídas de textos de Lygia Clark, Hilda Hilst, Estamira e Paulo Mendes Campos.

Palavras-chave: contágio, conexão, coletivo

QUASIDADE DA PERFORMANCE DO INVISÍVEL



Beatriz Castanheira

Resumo: A proposta desta comunicação é alargar a noção de quasidade, com ênfase em sua força operatória. Essa força nos interessa para pensar as relações entre arte e vida, no sentido amplo dos dois termos. Busca-se tal noção na esfera do perspectivismo ameríndio, no que tange à performance xamânica com atenção especial à narrativa de David Kopenawa em *A queda do céu*. No universo dos estudos de performance, interessam particularmente as reflexões da pesquisadora Diana Taylor. Um aspecto do pensamento de Taylor importa em especial para esta comunicação: a insistência na performance como que atuando em um espaço entre o “como se” e o “é” (aspecto elaborado em escritos como, por exemplo, seus livros *Performance* e *O arquivo e o repertório*). Pode-se perceber essa ideia na prática xamânica narrada por Kopenawa em *A queda do céu*. Tal ação performática (associada à ação imaginativa em experiências artísticas mobilizadoras de quasidade e desestabilizadoras do dualismo entre arte e vida) promove um deslocamento dos modos de imaginar em seus regimes dicotômicos redutores da condição artística no ocidente. Isto é, onde o artista é tido como alguém que tenta imitar o que é visível, ou como alguém que tenta ultrapassar o figurativo recorrendo à abstração. Acredita-se assim que a quasidade sob consideração aqui envolve a questão de possibilidades inimagináveis. Quasidade que não tem sentido em si mesma: ao contrário aponta para um borrão na fronteira que separa os seres visíveis daqueles que normalmente não se vê. Imaginar os chamados espíritos xapiri sobre grandes e luminosos espelhos, a partir das palavras de Kopenawa, implica habitar uma zona intensiva de quasidade entre humanos e não humanos. Será fundamental aí o movimento da dança de apresentação dos xapiri. Acontece que, na interação com os xamãs possuidores da capacidade de ver o invisível, os xapiri são imagens muito singulares. Tentando pensar em termos de quasidade, pode-se dizer que o intervalo habitado por esses seres em sua dança de apresentação (intervalo entre o “como se” e o “é”) deflagra experiências limiares e requer o desafio de pensar imagens mediante uma disposição para arranhar a palavra “espíritos” com muitas aspas explorando um vínculo entre humanos e não humanos através da inventividade artística. Imagens de espíritos que seriam quase corpos, os xapiri na forma de vida Yanomami podem ser deformados sem que se possa correspondê-los a formas humanas e formas não humanas combinadas, porém mantidas isoladas. Talvez a ação performática desses quase corpos nos leve a habitar o estado de quasidade, estado de véspera, a iminência, como condição próxima e a um passo da indistinção, lembrando que a performance transita “entre o fingir e as novas construções do ‘real’”, como escreve Taylor. Gostaríamos de refletir sobre os procedimentos dessa ação performática, que acontece no corpo e na narrativa de Kopenawa, a partir desse deslocamento da ação imaginativa.

Palavras-chave: Quasidade; performance xamânica; ação imaginativa

17/07 (MANHÃ)

A ESCRITA PERFORMÁTICA DE DINHA EM DE PASSAGEM MAS NÃO A PASSEIO, ONDE ESCONDEMOS O OURO E GADO CORTADO EM MILPRANTOS

Karina Lima Sales

Resumo: Os estudos e práticas de performance envolvem-se em teorias de campos como a antropologia, psicologia, filosofia, linguística, sociologia, artes, entre outras áreas do conhecimento. O campo da performance tem contribuído “para a ampliação dos horizontes teóricos e práticos das pesquisas em processos de criação, especialmente, as que envolvem as linguagens de fronteira” (BEIGUI, 2011). Dada essa vastidão, a performance deve ser enfocada “como conceito amplo presente em diversos campos artísticos”, e é “também um espaço aberto de produção que engloba manifestações plurais e móveis, construídas a partir de processos múltiplos de geração de sentidos” (PEDRON, 2006). Dado que a performance é uma categoria aberta, é possível pensar a literatura em diálogo com estudos da performance, já que esta implica a formulação de novas arenas para acolher os eventos, inclusive o literário. “Literatura é performance, garatuja, desenho impróprio da gramática, desvio da sintaxe; com ela aprendemos que o cotidiano e a existência podem ser insuflados pelos fatos da própria vida, vida em



potência” (BEIGUI, 2011). Para pensar o diálogo performance e escrita, pauto-me principalmente na acepção de Graciela Ravetti de narrativas performáticas, “[...] tipos específicos de textos escritos nos quais certos traços literários compartilham a natureza da performance, recorrendo à acepção desse termo, em sentido amplo, no âmbito cênico e político-social” (2003). É sob essa perspectiva que se pretende discutir produções literárias como performance, pois, como propõe Beigui, “dentro das poucas linhas de demarcação conceitual e experimental da performance encontra-se a relação direta estabelecida entre a arte e a vida e a política e a estética” (2011). Considerando produções literárias marginais-periféricas brasileiras contemporâneas, a escrita configura-se como ato performático, o escrever “como verbo performativo, laboratório, a partir do qual o desejo de alguém se faz carne, chama para si uma escuta, torna presentes personagens – simulacros – figuras – personas, enfim, revela e oculta um projeto existencial” (BEIGUI, 2011). A escritora delimitada para essa análise é a poeta Maria Nilda de Carvalho Mota, a Dinha, moradora do Parque Bristol, em São Paulo. Doutora em Letras pela USP, Dinha é autora dos livros *De passagem mas não a passeio* (2005, Edições Toró; 2008, Global Editora), *Onde escondemos o ouro* (2013, Me Parió Revolução), *Zero a zero: 15 poemas contra o genocídio da população negra* (2015, Me Parió Revolução) e *Gado cortado em milprantos* (2017, Me Parió Revolução), é também criadora e uma das editoras do selo Me Parió Revolução. O texto pretende analisar poemas dos livros *De passagem mas não a passeio*, *Onde escondemos o ouro* e *Gado cortado em milprantos*, sob a perspectiva de essas produções literárias marginais-periféricas configurarem-se como escritas performáticas impregnadas de perturbações sociais, delineando saberes, estabelecendo trocas, transgredindo a realidade, evocando-a e recriando-a literariamente. É das experiências e vivências da autora que se constitui essa literatura-performance, entremesclando-se o vivido e o criado.

Palavras-chave: Escritas performáticas; Literatura marginal-periférica; Dinha.

TERAPÊUTICA DE MORTE E VIDA NA ESCRITA PERFORMÁTICA DE CURARE

Isabel Jasinski

Resumo: Em *Curare* (2011), o poeta, editor e tradutor Ricardo Corona parte de um paradoxo e uma imagem para criar sua etnopoesia e a performance “Carretel Curare”. O paradoxo se constitui por existirem mais nomes para a coletividade Xetá que o número de indivíduos restantes, que não viviam comunitariamente, destaca o poeta paranaense. Isso intensifica o caráter solitário da imagem, relacionada ao informe de uma performance ritual, mencionada no prólogo à obra, de um dos últimos falantes da língua Xetá, Nhangoray, que conversa com o espelho. O ritual é visto como um “exercício-limite” e um sintoma do desaparecimento dessa língua, presença potencial na sua “escrita-cosmogonia”, que rearranja esse imaginário. O ritual oral do indígena imprime imagens poéticas escritas, que marcam processos temporais e espaciais diversos, mitológicos e históricos, do ancestral integrado à natureza até a condição urbana atual da sua presença. Na dinâmica oral-escrito-visual do ritual-escrita-performance de *Curare*, inscrita pelo movimento poético que vai do mágico ao simbólico, a voz poética se coloca como o outro do espelho de Nhangoray que retorna a saudação inicial “entxeiwi”, enquanto busca captar o sentido poético dessa língua, potência da palavra compartilhada pela obra. Os poemas exploram modulações das expressões indígenas, tanto na oralização quanto na página, articulando entonações e grafismos que sinalizam o percurso de um ser pré-individual e sua multiplicidade significativa. Dessa forma, resgata o potencial de sobrevida na arte, mensageira entre o mundo material e o mundo sensível, conforme avalia Aby Warburg (2004) ao pensar sobre o ritual da serpente dos índios Pueblo. Quando associa a literatura e a arte à serpente, Warburg as considera como corpo simbólico que pode estabelecer conexão com o entorno natural e social, expressão intermediária entre a magia e o domínio do conhecimento (WARBURG, 2004). Ao recorrer aos nomes da comunidade Xetá, em vias de desaparecimento, *Curare* performa a fala de Nhangoray, marcada pela ausência, nos poemas que compõem a obra, arquitetados como uma medida monstruosa, que vai do “informe ao disforme” e ao deforme, segundo as imagens dialéticas de Walter Benjamin, que George Didi-Huberman recupera em O



que vemos o que nos olha (2010). A imagem se transforma, ela pode ser considerada como um rastro, por sua imprevisibilidade e inconstância, sem equivalência nem substância. A imagem da fala de Nhangoray é o que resta do acontecimento, é consumação, é cinza (DIDI-HUBERMAN, 2018). A escrita performática em Curare explora o potencial poético das palavras xetás como rastro e sintoma de uma ausência que, contudo, implica o outro nas redes do literário, uma terapêutica curare de morte e vida.

Palavras-chave: Ricardo Corona; Curare; redes do literário; escrita performática.

O NATIMORTO, DE LOURENÇO MUTARELLI: EM DEFESA DO REPERTÓRIO

Graziela Ramos Paes

Resumo: Bastante conhecido no universo das histórias em quadrinhos, Lourenço Mutarelli demonstrou há tempos ser um artista multifacetado – escreveu romances, textos dramáticos e atuou em peças e filmes, alguns desses, inclusive, baseados em sua obra. Esses aspectos por si só apresentam elementos interessantes para se pensar sobre uma escrita performática (RAVETTI, 2011) no conjunto de obras do autor. Ademais, Mutarelli é um artista contemporâneo que está presente em diversas mídias, dando entrevistas para jornais, sites ou programas televisivos, e também compartilha com seu público, nas redes sociais, prévias de lançamentos de suas obras, material inédito ou processos de criação de natureza diversa. Diante disso, proponho aqui uma leitura do romance O natimorto – um musical silencioso (2004) refletindo sobre elementos como o poder da narrativa, o tarô, o tabagismo, e as crises humanas amorosas, econômicas e sociais, atentando para a presença da escrita performática no romance em questão – especialmente pelo enfoque que a obra propõe nas histórias orais – fator que se aproxima da concepção de Diana Taylor (2013) sobre o repertório.

Palavras-chave: Escrita performática; Lourenço Mutarelli; Arquivo e Repertório.

"ESPELHAFATO, SÃ POLÍTICA. O UMBIGO DO MUNDO, O RITMO DE UM ESBOÇO": SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE POÉTICA E POLÍTICA EM CATATAU DE PAULO LEMINSKI

Luiz Henrique Carvalho Penido

Resumo: Esta proposta de comunicação tem como objetivo analisar a relação entre poética e política na obra Catatau de Paulo Leminski propondo uma nova chave de leitura que não seja sustentada nem pelo paradigma mimético-representativo que subjaz a literatura engajada, ou simplesmente 'literatura política', de um lado, nem pela subsunção operada pelas propostas de uma arte como forma de vida, ou simplesmente arte-vida, de outro. Nem ilustração pedagógica nem encarnação mítico-comunitária. A terceira via – a qual Jacques Rancière denomina 'regime estético da arte' por desvincular formas sensíveis, significações e efeitos em uma nova configuração das relações entre performance política e estética – deverá ser a forma da nossa questão, enriquecida por outras que atravessam a produção artística na segunda metade do séc. XX: o entrelaçamento de resistência frente aos regimes autoritários no Brasil e a lenta abertura democrática, os movimentos revolucionários e de contracultura, as propostas de experimentação das vanguardas, entre outros assuntos que acreditamos relevantes para nossa análise.

Palavras-chave: leminski; poética; política

17/07 (TARDE)

INFRATURAS - UMA LINHA

Frederico Oliveira Coelho

Resumo: Está comunicação é uma sequência da fala do ano anterior. Sigo aqui com o projeto de pensar a Infratura como um dispositivo crítico para abordar a escrita enquanto produtora de diferenças, transgressões e multiplicidades no âmbito da linguagem. Desse modo, utilizo a ideia de linha na produção de um repertório ao redor de suas possibilidades críticas, poéticas e políticas. Com escritos que atravessam a literatura, a arte e o pensamento, a comunicação



transforma a linha em uma persistência discursiva que amplia possibilidades e conexões entre os autores apresentados. Palavra que se torna imagem imediata, a linha é o grau zero de qualquer definição de espaço, assim como de corpo – seja em seu contorno, seja em seu desfazimento. A comunicação propõe que a transgressão de uma linha instaura a transformação de uma existência, e, simultaneamente, afirma em ato uma vida – e uma linguagem – em permanente ruptura. Fazer das palavras força performativa desses corpos é assumir na escrita a própria ruptura em curso. Assim, Jean Genet, Giacometti, Lygia Clark, Waly Salomão, Michel Foucault e Franz Kafka serão costurados em um campo de possíveis em um texto que propõe uma ideia em aberto, a partir de fios soltos. Nessa (des)organização de linhas, a Infratura se instala como ferramenta experimental de análise.

Palavras-chave: INFRATURA, LINHA, PERFORMANCE, LITERATURA

ANA HATHERLY, "PENSAMENTO-ACTO"

Julia Klien

Resumo: No ensaio *O espaço crítico: do simbolismo à vanguarda*, de 1979, e a partir do seu livro *O escritor*, de 1975, a poeta portuguesa Ana Hatherly formula a noção de "texto-não-texto". Este livro recusa a previsibilidade do seu título: o que se encontra em suas páginas não cede pacificamente sequer à categoria estabelecida dos poemas visuais – elas não contêm senão sucessivas investigações tipográficas, caligráficas e visuais, disruptivas de sintaxe e sentido e confluentes com o entendimento de Hatherly sobre a "poesia como pintura de signos" e como "aventura física e mental"; a linguagem, como o corpo, não é senão "pensamento-acto". O escritor, aqui, não é tanto quem escreve quanto quem segue "a verdadeira configuração da cabeça do artista", que é "A ARTE DE DEIXAR AS COISAS ACONTECEREM". Isso porque as dimensões visual e performativa têm completo destaque na obra da autora, cujos trabalhos poéticos, visuais e críticos mostram-se igualmente ensaísticos e põem em xeque ou em suspensão as estruturas e a lógica normativas da linguagem. Ainda quando se trata de poemas em versos, é verificável um impulso constante de transtorno ou desestruturação de estabilizadores formais, sintáticos ou semânticos; por exemplo, quando vemos a autora "compenetrando[-se] na maldade semântica da linguagem, da comunicação verbal, visual, gestual, enfim, da maldade semântica de todos os nossos actos e factos". Dos grafismos mais a-significantes aos poemas aparentemente mais estruturados, a poética de Hatherly parece sempre cumprir a fatalidade de ser "pensamento-acto" e forçar a escrita a uma experimentação contínua da performatividade. Assim, sobretudo suas experiências menos verbais se aproximam do que Georges Bataille entende por informe, não entregando mais SENTIDOS que TAREFAS. É como se essas experiências arrastassem a linguagem para um feixe de involuções. Seja por decomposições, derrames, explosões ou gagueiras: a frase se desmantela a caminho da palavra; a palavra, do alfabeto; o alfabeto, da letra. A interação entre os elementos gráficos deixa de ser sintática e linear para frequentemente tornar-se erótica – "(mas do erotismo à poesia, ou do erotismo ao êxtase, haverá diferença realmente sensível?)", perguntaria Bataille. Se, com ele, a poesia é mesmo sinônimo de dispêndio, essas desordens gráficas poderiam materializar a possibilidade de extremar a tarefa ou o ato de despender. Hatherly também se afina com Gilles Deleuze ao recusar a língua em seu estado conformado para construir uma poética afirmada na repetição de uma convulsão da palavra. O "arrastar a língua para fora dos seus sulcos costumeiros" é paradigma artístico da poeta, que não parte de um estado de ordem para traçar um desvio igualmente ordenado; trata-se, antes, da fabricação de um transtorno sísmico e imprecisável, cujos impactos podem ser sentidos, mas resistem a interpretações hermenêuticas. Escrita em que o sentido é eclipsado pela intensidade imediata com que as letras ou palavras nos atingem e cuja tessitura depende do descompromisso com cálculos gráficos e legibilidade: o que passa a se impor, sim, é uma prática de deflações verbais, racionais e pictóricas, na direção de uma hipertrofia da desrazão e de uma ferocidade gráfica.

Palavras-chave: Ana Hatherly; poesia experimental portuguesa; visualidade; informe

LYGIA E CLARICE - AS SUPERFÍCIES DAS ÁGUAS

Raíssa de Góes

Resumo: Venho desenvolvendo uma pesquisa na qual busco elaborar o conceito de torção a partir de uma ligação entre o conjunto da obra (proposições artísticas/sensoriais e escrita) de Lygia Clark e da ideia de intruso do filósofo francês Jean Luc Nancy. Essa elaboração visa sustentar que algumas práticas artísticas trazem a possibilidade de criação de mundos dentro do mundo. Esta pesquisa foi apresentada ano passado neste mesmo simpósio, naquele momento mostrei um panorama da hipótese do que seria esse conceito de torção, ou de superfície torcida, onde opostos, como dentro/fora, ocupam um mesmo espaço, como mostra o trabalho “Caminhando” (1964) da artista. Criando, assim, um terceiro espaço, talvez o lugar do paradoxo, um mundo dentro do mundo. A questão, aqui, é pensar como o ato produz pensamento e conceito. O ato da artista e o conceito de torção. No percurso do trabalho, aproximei os escritos de Lygia à literatura de alguns autores que, como ela, possuíam, em seu ato, a possibilidade de criação de mundos. Clarice Lispector, Franz Kafka e Guimarães Rosa são esses autores. Se pode afirmar que a literatura é uma força de criação de mundos. Como negar o mundo de Baleia e Graciliano? Pois, então, segundo corte foi por gosto, foi porque são autores que me acompanham e me assombram a vida. Assombração não é somente o terror, mas também companhia. Foi aproximando Lygia Clark de Clarice Lispector que me dei com um modo de escrita, percebi esse jeito de fazer escrita e corpo e mundos. Dei pra chamar esse modo (procedimento é mais pomposo, mas gosto do tamanho curto da palavra modo) de escrita úmida. Uma escrita de charcos, rios, lagos e mucosas. Sem a aridez, a secura de um Graciliano ou João Cabral, esta escrita escorre, se infiltra, se transmuta em forma. Tem vezes, ela esbarra na cafonice, no exagero de imagens e palavras. Não importa se chega a ser cafona, mesmo que não chegue e só esbarre, pingue. É tanta coisa pior para se importar ou lamentar. A ideia é tentar fazer ver esse modo de escrita, mais do que definir, é fazer ver. Cotejar as narrativas, comparar, sobretudo, os romances *Meu doce rio* (CLARK, 1975) e *Água viva* (LISPECTOR, 1973) e aproximar as escritas de Lygia e Clarice, perceber suas semelhanças e diferenças que fazem esta “umidade”. Deixar suas águas habitarem o dentro das mesmas margens sem se misturarem de todo, é como as águas dos rios do Amazonas, coabitam e não se misturam.

Palavras-chave: Literatura; arte; Lygia Clark; Clarice Lispector; escrita úmida

ESCREVER EM DERIVA: CARTOGRAFIA DE DESLOCAMENTOS AFETIVOS

Matheus Marques da Cunha Carvalho

Resumo: Este trabalho apresenta anotações processuais a partir de um mal-estar instaurado pelo desejo/objeto de pesquisa. Nele, investiga-se o processo de pesquisa como um movimento; as imagens de deriva e ancoragem nos servem para inquirir o espaço cartográfico do processo de pesquisa. Seguindo/buscando os objetos concretos da pesquisa em curso, o autor registra/discute um derivar pela cidade em busca de pichações textuais - lidas como coreoraturas: ação coreopolítica (LEPECKI, 2012) dissensual em que corpos resistentes inscrevem a si próprio no espaço da cidade – tangível imóvel da estrutura incorporal da lei (LEPECKI, 2012). Após/durante o mapeamento dessas coreoraturas, dessas rachaduras no Estado das coisas, ou dessas fissuras no organismo edificado da cidade (DELEUZE; GUATTARI, 1977), o autor investiga como estas escrituras atravessam o seu corpo. Ou então: como a sua resistência acontece como corpo, incorpora os acontecimentos (PIRES, 2007) Assim, chega-se à noção que o autor vem propondo – trabalhada, inclusive, neste mesmo simpósio, na ABRALIC em 2018, como AUTOFRICÇÃO: práticas literárias de si nas quais figuram um forte atrito entre uma experiência fragmentária vivida e a tarefa de transpô-la ao texto. Como mais uma etapa do processo de pesquisa, tal qual um work in progress, este trabalho explora a noção de deriva como inerente à trajetória do pesquisador, apresentando os conceitos, noções, e variáveis leituras a respeito do processo teórico-poético de pensar e escrever o corpo do autor/relatante em fricção aos sistemas de poder e forças de captura.

Palavras-chave: Pichação; Escritas de si; Autofricção; Cartografia



18/07 (MANHÃ)

A BIBLIOTECA LIBERTINA – AS ANOTAÇÕES DE UMA LEITORA DE SADE

Aline Leal Fernandes Barbosa

Resumo: Tendo em vista a paixão pelo conhecimento e a centralidade da atividade de leitura para a escritora Hilda Hilst – fato identificável na amplitude de sua biblioteca, nas referências a diversos autores em seus livros, nas anotações em seus cadernos e nas entrevistas que dava – esse projeto aborda a prática de leitura produtiva que acontece simultaneamente a um processo de escrita. Para tanto, nos concentraremos na biblioteca da Casa do Sol, local em que Hilda Hilst viveu por quase quarenta anos e onde construiu a maior parte de sua obra. Segundo o Instituto Hilda Hilst, cerca de 2.500 livros – o que significa 70% da biblioteca – reúnem intervenções da autora, totalizando uma estimativa de 50 mil marginalias. Foram diversos os autores importantes para Hilda Hilst; nesta pesquisa, daremos foco às anotações nas margens dos livros de interlocutores seminais para a sua concepção do erótico, com destaque para o escritor o francês Marquês de Sade.

Palavras-chave: Hilda Hilst; Marques de Sade; Arquivo

SOBRE HOMENS E MONSTROS: UM PROJETO FÁUSTICO PARA O SÉCULO XXI

Luiz Guilherme Fonseca

Resumo: Em “A era do humanismo está terminando”, o filósofo camaronês Achille Mbembe identifica a paulatina derrota da democracia liberal (humanista) para o niilismo neoliberal (tendência que desconsidera o homem). Tal derrota é evidenciada pela acentuação da mercantilização da vida em todos os seus aspectos e o consequente avanço da extrema-direita em países importantes do mundo. Se a acentuada mercantilização da vida esgarça e dilacera o tecido social, os candidatos de extrema-direita, com sua comunicação composta por xenofobia e gestos violentos, prometem um muro de contenção e estabilidade em meio à desintegração contemporânea. Ao defender a “democracia liberal”, e consequentemente o “humanismo”, Mbembe não desconsidera o fato de o sujeito histórico do humanismo ter criado o “homem” graças à desumanização de todos aqueles que não cabiam em seu escaninho. Todos os corpos que serviram de combustível ao projeto “unilateral de globalização”, isto é, a “modernização levada a todo o mundo via colonização” (Yuk Hui), foram considerados não-humanos. No entanto, se o projeto claudicante de “democracia liberal” e humanismo está em xeque, não é para ser substituído por coisa melhor. Dessa forma, esta comunicação ambiciona pensar a construção de um novo humanismo. De que humanismo nossa época precisa? Que humanismo é necessário agora que entramos no Antropoceno como resultado da modernização levada adiante pela colonização? Como conciliar o Estado e o humanismo com os monstros que eles sempre perseguiram? Como, portanto, monstrificar o Estado e criar um outro humanismo, em que a cidadania plena e a democracia radical sejam prioridades? Como, em outras palavras, monstrificar o humanismo para que inclua seus excluídos históricos num projeto coletivo de autonomia e liberdade? A construção de um novo humanismo passa necessariamente pela construção de um projeto socialista para o século XXI. Um projeto que seja capaz de lidar com as mudanças técnicas, conter o esfacelamento social e reconduzir o projeto da modernidade (Yuk Hui), levando em conta a “nova morfologia do trabalho” (Ricardo Antunes) e o emaranhado de crises ecológicas, econômicas e subjetivas que compõe o chamado “Antropoceno”. Tendo em vista o fracasso do “socialismo de um país só” no século XX, já que o Capital sempre dá um jeito de ser reincorporado no sistema metabólico, tal projeto, ambicioso e ousado, só pode dar frutos se pensado e feito em escala internacional. É o socialismo pensado como um projeto fáustico, como já disse Marshall Berman. E “fáustico” não pela tragédia do desenvolvimento e sua dinâmica criativo-destruidora, mas antes pela necessidade prometéica de organização em escala global. Não há outro mundo, não há saída do Antropoceno, não há como fugir do niilismo racista e assassino que nos assola. Não há território puro ou Terra Prometida.



O combate é aqui e agora. Quando não há mais como fugir, descobrimos que o único modo de resolver o problema é mudando de forma. Um novo humanismo só pode ser indissociável de uma democracia radical, e isso só pode ser conseguido através de um projeto socialista para o século XXI.

Palavras-chave: Humanismo; Monstros; Técnica; Socialismo; Democracia radical

LITERATURA E ESPORTE: UM OLHAR INTERMEDIADO PELA TEORIA EXPANDIDA Edmon Neto de Oliveira

Resumo: Hoje, parte da crítica literária que se mantém em meio a múltiplas formas de reprodutibilidade técnica que geram novas possibilidades de atuação, tenta criar e se envolver com uma nova episteme que a conduza a uma força que abraça não exclusivamente o campo das letras, mas também outras possibilidades de expressões artísticas. O fenômeno do campo ampliado ou expandido vem sendo explorado via literatura por críticas como Flora Sussekind e Josefina Ludmer que apresentaram questões centrais para esse movimento da crítica contemporânea latino-americana, conforme texto de Natalie Araújo Lima na Revista Antares, de 2014. Nele, a articulista perpassa as contribuições teóricas dessas pensadoras que convocam a crítica literária a sair de uma posição anacrônica e isolada de outras áreas e a passar a encarar os desafios e impasses epistemológicos para além das questões de autonomia, enxergando como caminho natural a abertura das fronteiras da literatura, sobretudo para as artes visuais, de forma que a teoria fosse possível na medida em que pudesse também haver uma perturbação dos signos na construção de conceitos novos, arejados, sem a necessidade moderna de especializar e de dar contornos precisos. Por isso, engendrar uma ideia de literatura que se aproxime da experiência do esporte seria conceber a leitura e a criação literária como performances voltadas para a manutenção de uma saúde, de um vigor análogo ao dos atletas mais admiráveis: um Garrincha, uma Marta, um Michael Felps, um Usain Bolt, um Muhammad Ali, ou um Bruce Lee, por exemplo. A dimensão corporal na literatura, marcada pelo reconhecimento do corpo enquanto agente e paciente da experiência artístico-literária, permite conceber relações de movimento que pertencem ao indivíduo em sua totalidade, revelando sentimentos, emoções e experiências vivenciadas. Essa investida transdisciplinar, que vem sendo abordada por pesquisadores vinculados à educação, pode servir a um estudo que envolva esporte e literatura, por mais que seja uma área ainda a ser desbravada. Com exceção do futebol, que recebe múltiplos olhares de acadêmicos das letras e da educação física por conta da disposição numerosa de crônicas, contos, poemas e diversos outros exemplos na literatura brasileira e estrangeira, é mais raro encontrar estudos aproximativos entre o esporte e a literatura, levando em conta outras modalidades e outros modos de ler esses textos. Isso porque as abordagens abarcam muito mais: 1) a presença do esporte como tema das produções literárias; e 2) como o esporte exerce ou exerceu uma importância determinada para a vida do escritor. Contudo, não parece haver textos numerosos que procurem no esporte uma relação convergente com a experiência literária, pensando em um sentido mais orgânico para essa relação, que se estabeleceria não só na inter-relação entre o conjunto de conhecimentos de cada área – considerando as circunstâncias de suas criações e manifestações, os seus criadores ou executores, as atividades que cada um participa –, mas também uma relação que se manifestaria no arranjo de signos da literatura e do esporte, no desmonte dos seus protocolos, nas abordagens que desvirtuam os seus códigos de classificação. No futebol, por exemplo, é comum a declaração destemida sobre um gol especial como sendo “uma pintura”, para além da metáfora. Ademais, se o lugar da arte está sendo problematizado desde a baixa modernidade, por que não radicalizar a compreensão daquilo que nunca recebeu uma “pincelada” definitiva? Não que este trabalho pretenda assumir toda a responsabilidade, mas se a teoria expandida se valer do esporte como um campo também possível de observação, a crítica literária pode encontrar outras envergaduras, outros relevos, outras arquiteturas textuais que difundam e comuniquem diferentemente do que muito se faz no campo da teoria, da crítica literária e mesmo dos estudos culturais. Desse insólito, pode nascer a potência criadora e um novo horizonte de observação



para o campo da literatura contemporânea. Assim, pensadores, artistas e escritores como Antonio Negri, Hans Ulrich Gumbrecht e Roberto Corrêa dos Santos poderão frequentar os horizontes reflexivos deste trabalho.

Palavras-chave: Literatura, Esporte, Teoria Expandida, Performance

IMAGINISMO ONÍRICO: ESCRITA EXPANDIDA

Charles Philippe Jacquard

Resumo: O sono, segundo o pesquisador Jonathan Crary, simboliza a última fronteira entre as versões mais atualizadas de uma tecnocracia objetiva que se apodera dos corpos para anestesiar o sensível e, portanto, normatizar os modos de vida a partir também da reorganização da percepção e sua consequente captura da consciência de realidade. Na esteira de respostas acerca do que fabrica mundos – e suas consequentes formas de habitá-lo – e diante da emergência por ventilar desdobramentos virtuais de possibilidades simbólicas para construir realidades, essa comunicação se debruça sobre a experiência onírica ressignificada como gesto esteético-político, uma contra-mídia. Pode o sonho agir como uma mediadora – ou como manifestação – de disputa de imaginários capaz de despertar para uma forma de vida simpatética? E? pelo reencantamento do mundo, a partir de um lirismo onírico – em que o sonho, distante das interpretações racionalistas, é aproximado do transe e da loucura como manifestações de uma dimensão mais ampla, que abarca o social e o mítico para empreender a potência de uma escrita expandida que releve processos de imaginação distintos do mundo.

Palavras-chave: sonho; mítico; transe; comunicação; psiquismo

32 - ESCRITORES BRASILEIROS NO EXTERIOR, ESCRITORES ESTRANGEIROS NO BRASIL: INTERMEDIÇÕES E RELAÇÕES COM OUTRAS ARTES

Coordenação: Profa. Dra. Márcia Valéria Martinez de Aguiar (Unifesp); Profa. Dra. Maria Cláudia Rodrigues Alves (Unesp); Prof. Dr. Valter Cesar Pinheiro (UFS)

Resumo: Quando se trata de refletir sobre a publicação e a recepção de uma obra em terras estrangeiras, muitos são os elementos que entram em consideração. Que razões levam à escolha, para edição, de um autor em determinado país ou época? Que papel têm os agentes literários, os passadores, os editores, os tradutores, os discursos políticos e sociais, os projetos editoriais e as estratégias de difusão de outras artes, como cinema, artes plásticas e música, nessa escolha? Em outras palavras, como a singularidade de certo texto será atualizada em dado horizonte histórico, geográfico e literário? Essa problemática abrange pesquisas sobre a presença de autores estrangeiros no Brasil e, inversamente, investigações sobre a presença de escritores brasileiros no exterior.

Inúmeros são os estudos que examinam as afinidades entre autores estrangeiros e brasileiros ou o modo como certos escritores foram acolhidos no Brasil, refletindo sobre a maneira como foram traduzidos e/ou aclimatados em solo brasileiro em determinado período de nossa história. Numerosos também são os ensaios sobre a edição de autores brasileiros no exterior em que são analisadas as diversas variáveis que vieram a definir sua presença nesses países. Um dos casos mais conhecidos é o de Jorge Amado: se, nos Estados Unidos, sua tradução, na década de 1940, insere-se no quadro da política de boa vizinhança idealizada pelo presidente Roosevelt, na França, sua edição correspondeu à sua militância comunista de então. Quanto a Guimarães Rosa, publicado na Itália, França, Alemanha e Estados Unidos ao longo dos anos 1960, como explicar a defasagem, na França, entre a crítica positiva de *Corpo de baile* e *Grande sertão: veredas* e o fraco nível de venda desses livros, enquanto na Alemanha o romance do escritor mineiro esgota rapidamente três edições? Outros exemplos: Joaquim Nabuco, Ribeiro Couto e Sérgio Milliet tiveram algumas de suas obras publicadas exclusivamente no exterior. O primeiro, em razão do contexto político; o segundo e o terceiro, por terem vivido parte de suas vidas fora do solo nacional. Podemos observar que esse fenômeno acontece também em sentido



inverso: tal é o caso do recentemente publicado *Diálogo entre filhos de Xangô* (correspondência entre Pierre Verger e Roger Bastide, com notas e prefácio de Françoise Morin e tradução de Regina Salgado Campos), editado exclusivamente no Brasil em 2017. Outros exemplos poderiam ainda ser lembrados, como Georges Bernanos que, exilado no Brasil, escreveu, em sua língua natal, obras que seriam inicialmente publicadas por seu editor no Rio de Janeiro. Quanto à relação interartes, encenações teatrais – como *Morte e vida severina*, laureada no IV Festival Mondial du Théâtre Universitaire de Nancy em 1966 – e realizações cinematográficas – como *Orfeu Negro*, Palma de Ouro em 1959, *O pagador de promessas*, Palma de Ouro em 1962, e *Vidas Secas*, Giano d’Oro em 1965 – teriam impactado a recepção literária posterior dessas obras? A boa recepção de nossa música – particularmente a popular – teria igualmente aberto espaço para outras formas de manifestações artísticas brasileiras no exterior?

Por diferentes que sejam as circunstâncias da edição de um texto no exterior, é preciso que o pesquisador as considere em sua análise: em que língua foi inicialmente escrita a obra estudada? No caso de ter sido traduzida, de que perspectiva foi realizada a tradução? Como foi escolhido o tradutor? Teve ele com o autor algum contato? Como a obra foi vista no sistema literário ou político que a acolheu? Foi lida com base nos mesmos parâmetros em dois locais e momentos diferentes? Que paratextos a acompanharam? Foi percebida em sua singularidade ou assimilada ao conjunto das obras de mesma nacionalidade? Causou impacto ou deixou indiferentes seus leitores? Que papel teria desempenhado, na recepção de um livro, o sucesso crítico de filmes, peças teatrais, exposições ou canções? Apenas o estudo da publicação de cada autor e obra em certo local e época pode responder a essas questões e formular aquelas a serem debatidas.

Evolução do trabalho desenvolvido nas três últimas edições da ABRALIC, nos simpósios “**Diálogos Brasil-França: tradição e renovação**” (2016-2017) e “**Escritores brasileiros no exterior, escritores estrangeiros no Brasil: experiências, textos e contextos**” (2018), o presente simpósio contempla diversas línguas e culturas e acolhe investigações que abordem as experiências e o complexo processo de publicação e recepção de um escritor em um determinado país, refletindo sobre as mediações que se estabelecem entre o texto original e/ou traduzido, o seu horizonte de recepção – abarcando questões relativas ao possível impacto que a divulgação de outras artes possa ter provocado em sua leitura – e os vários atores que participam de sua edição, interpretação e divulgação em seu país de origem e/ou no estrangeiro.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

CINEMA E LITERATURA NO INSTITUTO COLUMBIANUM E FORMAÇÃO DE UM HORIZONTE DE RECEPÇÃO

Márcia Valéria Martinez de Aguiar

Resumo: Os anos 1960 na França não foram pródigos na tradução de obras da literatura brasileira. Guimarães Rosa foi uma das poucas exceções a essa regra, com a publicação de *Corpo de baile* e *Grande sertão: veredas* para a língua francesa durante essa década. Em contrapartida, o cinema brasileiro teve grande repercussão na Europa desse período, como mostram os prêmios recebidos: *Orphéo negro*, de Marcel Camus, Palma de ouro em Cannes em 1959; *O pagador de promessas*, de Anselmo Duarte, Palma de ouro em Cannes em 1962; *Deus e o diabo na terra do sol*, de Glauber Rocha, prêmio da Mostra internazionale del cinema libero, em Porretta Terme, em 1964; *Vidas secas*, de Nelson Pereira dos Santos, Giano d’oro em Gênova, em 1965. Este último prêmio foi recebido no âmbito da Quinta Rassegna del Cinema Latino Americano, organizada pelo Instituto Columbianum. Presidido pelo padre jesuíta Angelo Arpa, este centro cultural foi um importante divulgador do cinema latino-americano, tanto de língua hispânica quanto de língua portuguesa. Foi ali que Glauber Rocha expôs o texto “Cinema Novo e Cinema Mundial”, publicado no mesmo ano no Brasil com o título “A estética da

fome”. Mas o cinema não era o único interesse do Instituto Columbianum, cujo objetivo geral era fomentar o relacionamento cultural entre América Latina, África e Europa. Assim, paralelamente à mostra de cinema de 1965, realizou-se também o I Congresso dos Escritores Latino-Americanos, que reuniu escritores, críticos e intelectuais de vanguarda da América Latina, África e Europa, entre eles Juan Rulfo, Gabriel Garcia Marquez, Alioune Diop, Antonio Candido, Roger Bastide, Gianni Amico, Jean Rouch e João Guimarães Rosa. Foi neste Congresso que o escritor mineiro concedeu, contrariamente a seus hábitos, uma longa entrevista ao crítico alemão Günther Lorenz. Nesta comunicação pretendemos fazer uma breve apresentação do Instituto Columbianum e de sua importância na difusão do cinema brasileiro na Europa para, em seguida, refletir sobre o modo como essa difusão repercutiu no horizonte de recepção que acolheu as traduções de *Corpo de baile* e *Grande sertão: veredas* na França dos anos 1960.

Palavras-chave: Columbianum; cinema; literatura; Guimarães Rosa

BRASIL, CUBA E PORTO RICO: COMPARAÇÃO DE TEXTOS DE AUTORES ESTRANGEIROS NOS ESTADOS UNIDOS

Giséle Manganeli Fernandes

Resumo: Este trabalho objetiva examinar textos de autores Latinos nos Estados Unidos de forma comparativa, abordando questões como identidade(s), imigração, fronteiras, linguagem e cultura. Iniciando a discussão pelo romance *O berro do Cordeiro* em Nova York (1995), da escritora brasileira Tereza Albues, trataremos para a análise narrativas e poemas de Esmeralda Santiago, Gustavo Perez-Firmat, Lourdes Casal, Pedro Pietri, José Angel Figueroa e Tato Laviera, com o objetivo de debater a difícil conjuntura desses imigrantes por estarem na condição de sentirem-se sujeitos divididos, vivendo uma realidade dominada pelo processo de hifenização, como, por exemplo, cubano-americano. Os autores denunciam uma batalha interior ao lutarem para a manutenção das tradições de seus antepassados e de terem de se adaptar ao estilo de vida nos Estados Unidos. Obviamente, esse cenário obriga os Latinos a uma constante busca por sua identidade, em uma constante reelaboração do “eu”. Rebeldia e resistência determinam a história desse grupo, cuja importância cultural e econômica em solo estadunidense é inegável. A partir de um aspecto fulcral, a língua, esses escritores revelam o cotidiano dos Latinos entre duas línguas e as dificuldades para a superação de barreiras que vão desde sua baixa proficiência linguística com seu broken English, que muitas vezes não lhes permite a ascensão nos empregos, pois não existe promoção para spics, até os obstáculos para o aprendizado do Inglês, chegando ao nível da negação da língua materna, como verifica Tereza Albues na atitude deplorável de alguns brasileiros ao dizerem que se esqueceram da língua portuguesa, renegando sua própria cultura. Há os que são fluentes nas duas línguas, mas mesmo assim, são “alienígenas legais”, nas palavras de Pat Mora. Uma outra característica desses autores é a rejeição de estruturas pré-estabelecidas, como a família patriarcal e a suposta superioridade branca. As produções artísticas em foco trazem à baila inquietações no que concerne ao enfrentamento de preconceitos de toda sorte sofridos pelos Latinos nos Estados Unidos, principalmente no tocante a aspectos tais como sua forma de agir e de falar. Os procedimentos estéticos empregados mostram as tentativas desse grupo no sentido da transposição de fronteiras, não apenas geográficas, mas também econômicas e sociais. Afinal, esses imigrantes resistem em suas batalhas rotineiras por espaço, trabalho, respeito. Textos teóricos de José Luiz Saldívar (1997), Start Hall (1999), Walter Mignolo (2000), Alberto Moreiras (2001), Néstor García Canclini (2003), Hugo Achugar (2006) e Yuval Noah Harari (2018) serão utilizados para a discussão dos tópicos aqui investigados.

Palavras-chave: Latinos; Estados Unidos; Identidade; Fronteira

BRAZILIAN JOURNAL: RETRATOS DO BRASIL POR UMA CANADENSE

Nêili Iara Fernandes Klein



Resumo: Os anos 1950s, no Brasil, foram de grande relevância e visibilidade em vários aspectos da vida: econômico, cultural, político entre outros. Os meios de comunicação, assim como a industrialização nos grandes centros, foram resultados de uma política de governo. É nesse cenário, que o país recebeu muitos estrangeiros, estreitando os laços culturais e científicos com vários países. Foi neste contexto que a poeta canadense, Patricia Kathleen Page, que já tinha recebido prêmios no Canadá por sua poesia, veio ao Brasil para acompanhar seu marido Arthur Erwin, embaixador canadense designado para prestar serviços no Brasil em 1957 até 1959. A estadia de Page no Brasil foi marcada por experiências inéditas, percepções, visões e revisões sobre nosso país, que foram registradas em um diário. Estas anotações resultaram, mais tarde, em uma obra, que por conselho do escritor Michael Ondaatje foi publicada em Toronto com o título de *Brazilian Journal* (1987). Neste trabalho eu me proponho a analisar este diário sob uma perspectiva pós-colonial/decolonial observando o discurso sobre o Brasil presente na obra da Canadense. Com o apoio em leituras de Mary Louise Pratt (1992), Edward Said (1992), Stuart Hall (1997), e estudiosos de Page no Brasil como Sandra Goulart (2003) e Miguel Nenevé (1997, 2003) entre outros, pretendo identificar marcas de colonialismo ou anti-colonialismo em seus registros sobre o Brasil. Parece possível perceber que a autora tem momentos em que escreve contra atitudes colonialistas de seus próprios conterrâneos canadenses e, em outros momentos, revela sua visão colonialista, menosprezando valores culturais do Brasil. Sua crítica a Portinari, por exemplo, pode estar alicerçada mais em ideias políticas do que em valores artísticos.

Palavras-chave: Analogia; experiência; identidade; pós-colonialismo

TRADUÇÃO CULTURAL E A “CULTURA” NO TEXTO: REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO

Raquel Peixoto do Amaral Camargo

Resumo: Como traduzir a “cultura” de um texto? Como identificar relações culturais e como transferi-las, mediante a prática tradutória, para um outro contexto, outra língua e outra cultura? Essas questões foram cruciais no âmbito do trabalho de tese dedicado ao estudo da tradução brasileira de *Là où les tigres sont chez eux* (2008, Zulma), romance francês da autoria de Jean-Marie Blas de Roblès. Por ser um romance escrito em francês e ambientado em espaços brasileiros, ele coloca para a tradução desafios até certo ponto atípicos, menos convencionais, gerando assim inversões profícuas para refletir acerca da tradução da “cultura” (CARNEIRO DA CUNHA, 2017) em um texto. Um dos caminhos pelos quais se enveredou na mencionada tese (USP, 2018), foi o da “desessencialização” do conceito de cultura – por isso mesmo ele está aqui sendo utilizado entre aspas – e o da proposição de uma noção relacional de cultura; uma noção que considera, no âmbito de dois textos (texto-fonte e tradução), olhares culturais – uma cultura em face da outra. Sendo assim, o que se pensa como cultura francesa, no âmbito do corpus estudado, aparece como a cultura francesa em face da brasileira, e vice-versa. A partir dessa colocação em perspectiva de culturas, propõe-se uma noção de marcadores culturais menos estática, mais situada e mais balizada pelas ancoragens culturais do textos em questão – considerando sempre a cultura não como um todo homogêneo, mas como um construto teórico que apenas pode ser considerado enquanto tal quando pensado em relação à outra cultura e quando apreendido no âmbito de um constante movimento. Nesse sentido, ainda que culturas se relacionem, no momento em isso acontece – e isso acontece quase todo o tempo – elas já estão sendo modificadas, influenciadas e afetadas. São essas e outras questões, derivadas da observação dos modos possíveis de identificar e traduzir culturas em um texto, aí incluindo uma ampliação da noção de marcadores culturais, que me proponho discutir na presente comunicação.

Palavras-chave: tradução; cultural; literatura; França-Brasil.



PAUL BOURGET E O ROMANCE URBANO DO VISCONDE DE TAUNAY

Norma Wimmer

Resumo: No Declínio (1899) é o último romance publicado por Alfredo d'Escagnolle Taunay; o subtítulo "Romance Contemporâneo" sugere que a obra consista em um estudo social, mas trata-se, antes de tudo, de um perfil de mulher com ambição a estudo psicológico, com algumas características semelhantes às do "perfil" publicado em 1873, Lágrimas do coração ou Manuscrito de uma mulher, romance reeditado apenas com o subtítulo, Manuscrito de uma mulher em 1899. Em No declínio, Taunay evidencia sua admiração pelos textos de Paul Bourget (1852-1935), romancista pouco recordado em nossos dias, mas que teve sucesso de crítica e de público no final do século XIX e início do século XX. A protagonista de No declínio, Lucinda Soares, parece resumir as razões do entusiasmo do romancista brasileiro pela obra do escritor francês: o aborrecimento inspirado pelo romantismo piegas e a incompatibilidade com as tendências do naturalismo praticado por Zola. Bourget propõe seu romance psicológico fundamentando-o sobre as teorias do inconsciente defendidas por Hartmann, pelas teses de Ribot, além daquelas de Claude Bernard. As teorias de Hartmann e Ribot norteavam a interpretação das características individuais e sua transferência para o relacionamento social. O positivismo e o determinismo explicavam a fatalidade hereditária e a influência do meio e do momento histórico sobre o indivíduo. No romance psicológico de Bourget, as personagens são representadas a partir de sua relação com o meio social, cenário de sua "práxis". Paul Bourget iniciou suas atividades literárias em 1875, com uma coleção de poemas; seu primeiro romance, Cruelle énigme, data de 1885, quase contemporâneo, portanto, a No Declínio. Considerando o grande número de romances que redigiu, e ao relativamente fácil acesso às edições francesas no Rio de Janeiro do final do século XIX, é muito possível que Taunay tivesse tomado conhecimento de outros textos além daqueles citados em sua obra crítica e de Complications sentimentales a cuja leitura a protagonista de No Declínio é levada por sugestão de um amigo. A modernidade dos textos de Bourget, respaldados pelo pensamento "científico", adequava-se aos questionamentos propostos pelo romance urbano dos anos 70 de autoria do Visconde de Taunay, principalmente àqueles referentes à segunda fase de sua produção literária (O Encilhamento, No declínio, Ao entardecer). O objetivo da comunicação a ser apresentada é o de apontar as marcas deixadas pela leitura de Paul Bourget em No Declínio, e o de verificar a maneira como estas "marcas" se fazem perceptíveis.

Palavras-chave: Paul Bourget; No declínio; Alfredo d'Escagnolle Taunay

PRESENÇA FRANCESA NOS PRIMEIROS ESCRITOS DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Maria Cláudia Rodrigues Alves

Resumo: A produção literária do século XIX no Brasil é muito maior do que aprendemos nos manuais escolares de literatura brasileira. Por todo o Brasil, escreve-se. Ponderemos que nem todos os nomes chegaram até nós e que a fortuna crítica de muitos foi se esvaindo com o tempo. Há, por exemplo, um grupo de autores brasileiros que foi bastante profícuo, inspirados pelo Naturalismo europeu, do último quartel do século XIX, cujos nomes sequer conhecemos e cujas obras, muitas vezes raras hoje, dificilmente são lembradas ou mesmo, acessíveis. Interessa-nos observar e repertoriar essa presença estrangeira, notadamente a francesa, entre tais escritores, que participaram do processo de formação da identidade literária nacional. E, se pensarmos nesses "naturalistas esquecidos", o que dizer, então, das escritoras desse período, brilhantemente compiladas pela pesquisadora Zahidé Lupinacci Muzart em 3 volumes (2000/2004/2009), perfazendo mais de 3000 páginas de Escritoras Brasileiras do século XIX? Mais de 150 autoras são pelo grupo de pesquisa repertoriadas e poucos desses nomes chegaram até nós. Vez por outra resgata-se uma escritora como Cora Coralina ou Nísia Floresta Brasileira Augusta, dando-lhes novamente voz junto a um público maior. Um pouco mais frequentemente, porém ainda raramente, o meio acadêmico revitaliza aspectos de uma ou outra escritora. Não seria exagero constatar que são estudos que acabam nas prateleiras das bibliotecas universitárias ou mais



recentemente, nos seus bancos de dados. É o que vem ocorrendo nas últimas décadas com a figura de Júlia Lopes de Almeida, por exemplo. O nome e a obra dessa notável escritora brasileira, que ajudou a fundar a Academia Brasileira de Letras, mas que a ela não foi convidada, inexplicavelmente, tende a desaparecer da história da literatura brasileira por décadas para ressurgir recentemente em alguns estudos e, surpreendentemente, na lista de leitura obrigatória de vestibulares em 2019. Tendo colaborado em alguns periódicos a partir da década de 80, Júlia lança um livro de contos infantis em 1886. Obra essa que será adotada por escolas primárias do Brasil até meados do século XX. Em 1887, é publicado em edição portuguesa seu primeiro livro de prosa para adultos, *Traços e Iluminuras*. Nos vinte e poucos contos da coletânea, temos um vasto repertório de personagens cujas referências passam pelo viés da língua e da cultura francesa. Interessa-nos verificar a maneira pela qual a autora delas se apropria e as transforma em seus escritos inaugurais, deixando sua marca como uma das escritoras brasileiras mais sensíveis do período. Nesta primeira etapa de nossa pesquisa, buscamos revitalizar a figura e a obra de Júlia Lopes de Almeida dando-lhe novamente voz no cenário literário brasileiro.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Relações Brasil-França; Naturalismo; Júlia Lopes de Almeida

RENÉ THIOLLIER E JULES RENARD: EPÍGRAFES E AUTOEPÍGRAFES EM FOLHEANDO A VIDA

Valter Cesar Pinheiro

Resumo: René de Castro Thiollier (1882-1968), anfitrião de um dos mais prestigiosos salões paulistanos das primeiras décadas do século XX, a “Villa Fortunata”, e importante membro da Academia Paulista de Letras, publicou contos (reunidos, em sua maior parte, em dois volumes: *Senhor Dom Torres*, de 1921, e *A Louca do Juqueri*, de 1938), estudos histórico-biográficos (*Um Grande-Chefe Abolicionista: Antônio Bento*, de 1932, e *A República Rio-Grandense e A Guerra Paulista* de 1932, de 1952), textos memorialísticos (*O Homem da Galeria*, de 1927, e *Episódios de Minha Vida*, de 1956) e um folhetim inacabado, *Folheando a Vida*, que, de 1942 a 1950, saiu nas páginas da *Revista da Academia Paulista de Letras*. Tendo vivido parte de sua infância atrás dos balcões da maior livraria paulistana do último quartel do século XIX, a Casa Garraux, René Thiollier fez seus estudos secundários em Paris antes de ingressar no curso de Direito da Faculdade do Largo de São Francisco. Na década de 1920, participou de dois dos mais significativos acontecimentos de nosso Modernismo: a Semana de Arte Moderna de 1922 e a famosa “viagem de redescoberta do Brasil” – ao lado de Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Paulo Prado e Blaise Cendrars – às cidades históricas de Minas Gerais em 1924. Nessa comunicação, intenta-se examinar o diálogo que Thiollier estabelece com o escritor francês Jules Renard (1864-1910) às margens de *Folheando a Vida*. Nesse folhetim – em que sobressai um insólito conjunto de epígrafes com o qual se urde, por textos alheios, uma teoria da literatura – Thiollier redargui, por meio de autoepígrafes, às passagens extraídas do *Journal de Renard* inseridas em início de capítulo. Não obstante tenha escrito seu romance em língua portuguesa, Thiollier não apenas se abstém de recorrer à tradução dos fragmentos do *Journal de Renard*, mas ainda redige suas réplicas em francês, idioma do interlocutor. Tais respostas, a despeito da posição que ocupam na narrativa, não são citações *stricto sensu*, pois não reproduzem – *ipsis litteris* ou com adaptações – textos anteriormente publicados. O expressivo número de citações (onze!) de um escritor que perderia relevância em seu próprio sistema literário prenuncia o destino reservado ao autor de *Folheando a Vida* e à sua obra?

Palavras-chave: René Thiollier; Jules Renard; Relações Brasil-França

A VANGUARDA EUROPEIA NO BRASIL E O MODERNISMO BRASILEIRO NA FRANÇA: AS RELAÇÕES ESTÉTICAS ENTRE BLAISE CENDRARS, OSWALD DE ANDRADE E TARSILA DO AMARAL



Natalia Aparecida Bisio de Araujo

Resumo: Blaise Cendrars, poeta naturalizado francês, é convidado por Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral para conhecer o Brasil. Nascia, nessa viagem, a história de uma ligação entre a estética de Vanguarda, representada por Cendrars, e a modernista, sobretudo, a de Oswald e de Tarsila. Nesse contexto, os artistas recolhem elementos para suas obras a medida que estudavam mais a fundo as terras brasileiras em uma viagem que fizeram juntos pelo país. Tal evento inspira *Feuilles de Route* (1924), de Cendrars, e o movimento Pau-Brasil, idealizado por Oswald, que resulta na obra de poemas homônima do escritor e em várias telas de Tarsila. Os projetos estéticos de tais obras relacionam-se pelo primitivismo, despojamento e concisão da linguagem poética e pictórica. Ambos os livros foram ilustrados com croquis de Tarsila, que dialogavam com os poemas. O catálogo da primeira exposição individual da pintora em Paris, na Galeria Percier (1926), foi composto pelos poemas de *Feuilles de Route*. Nessas relações entre Brasil e França, procuramos compreender como se deu a recepção das obras dos artistas nos dois países. Primeiramente, temos Cendrars, que é convidado pela elite cultural brasileira a se instalar no país e a participar das atividades artísticas locais. Ligado à famosa Vanguarda, ele já tinha uma obra de visibilidade internacional e era escritor de língua francesa – que, no início do século XX, era a “língua oficial” das artes; apesar dos movimentos vanguardistas serem internacionais, tinham Paris como sua capital e os escritores publicavam obras e manifestos em francês. No Brasil, o poeta é bem recebido, tornando-se membro antelitteram do modernismo e desencadeando inúmeros estudos críticos de sua obra por brasileiros, que ainda era lida e citada em francês. Enquanto isso, em ocasião da exposição na Galeria Percier, Tarsila recebe uma crítica muito favorável dos franceses, que reconhecem a originalidade da pintora, destacaram o “exótico” unido ao cerebral das composições e o primitivismo, que foram os pontos de referência para o apreciador europeu (AMARAL, 2003, p.238). Tarsila cumpre um dos principais objetivos da estética pau-brasil, almejado por Oswald: não mais “importar” estéticas estrangeiras, mas “exportar” uma mostra de nossa originalidade. Já Oswald, nos anos 20, permanece obscuro na França. Apesar de Pau-Brasil (1925) ter sua primeira edição feita pela Au sans pareil, mesma editora parisiense que publicou *Feuilles de Route*, a obra parece não ter causado impacto nos leitores franceses, provavelmente, por não ter sido traduzida – inclusive, a primeira e única tradução para o francês, de Antoine Chareyre, aparecerá somente em 2010, depois do autor descobrir Oswald na sua primeira viagem ao Brasil em 2007. Diante de tal contexto, o objetivo deste trabalho é examinar como as obras dos três artistas foram acolhidas no Brasil e na França e avaliar se as parcerias contribuíram significativamente para a recepção dos trabalhos nos dois países. A análise se dará por meio do exame da fortuna crítica, de resenhas ou reportagens publicadas na imprensa dos anos 20 e de outros documentos que relatem a repercussão das obras tanto no Brasil quanto na França.

Palavras-chave: Blaise Cendrars; Oswald de Andrade; Tarsila do Amaral; Vanguarda europeia; Modernismo brasileiro

17/07 (MANHÃ)

TRADUÇÕES DE QUARTO DE DESPEJO, DE CAROLINA MARIA DE JESUS: CONTEXTOS CULTURAIS E RECEPÇÃO

Elzira Divina Perpétua

Resumo: Quarto de Despejo, de Carolina de Jesus, foi traduzido em quatorze idiomas, ainda na década de 1960, numa sequência vertiginosa, após seu lançamento no Brasil, passando a ser lido em mais de quarenta países numa época em que raros escritores brasileiros conquistaram o campo editorial fora de nossas fronteiras. O livro foi vertido para o holandês, dinamarquês, russo, inglês, francês, tcheco, alemão, japonês, sueco, espanhol, húngaro, polonês, italiano, com algumas reedições subsequentes, pelo menos sete em alemão e duas em francês. O alcance dessa obra no estrangeiro é matéria de reflexão, quando se constata que países do mundo ocidental e do Oriente, de regimes totalitários e de governos democráticos, capitalistas e socialistas, países



do Primeiro e do Terceiro Mundo – todos foram alcançados pela voz pioneira da mulher negra brasileira que escreveu um diário sobre a favela onde vivia e o cotidiano de exclusão e luta pela sobrevivência, além de sonhos pessoais e do projeto literário que a movia em direção à escrita. O segundo livro de Carolina, *Casa de Alvenaria*, e o póstumo *Diário de Bitita*, que formam com *Quarto de Despejo* a tríade da obra confessional da escritora, também mereceram traduções e reedições em vários idiomas. No entanto, dos estudos sobre a obra de Carolina de Jesus veiculados no campo das Letras após a recepção da escritora no meio acadêmico nos últimos vinte anos, os das traduções de seus livros são os que menos têm merecido a atenção da crítica acadêmica no Brasil. Como primeira pesquisadora brasileira da área de Letras a se dedicar à obra de Carolina de Jesus, proponho apresentar um desdobramento do capítulo da tese de doutorado, defendida no ano 2.000 e publicada em livro em 2014, apresentando uma análise dos textos preliminares das traduções de *Quarto de Despejo*, enfocando em especial os títulos de cada tradução, os prefácios dos tradutores e os textos editoriais que compõem o paratexto, como orelhas, quarta capa e ilustrações. Nesses textos preliminares observa-se o comportamento de tradutores e editores em relação à obra de origem quando tratam, entre outros aspectos, de justificar o título traduzido ou da manutenção do título original; da apresentação da autora e as circunstâncias da publicação no Brasil; dos aspectos linguísticos e normativos da expressão em língua portuguesa utilizados pela autora; das questões sociais coletivas envolvidas numa obra de cunho pessoal; da literariedade presente no texto de origem; das circunstâncias em que o tradutor tomou conhecimento da obra e seu envolvimento com a autora, a obra e ou o Brasil. Nos aspectos acima elencados, os termos comparativos entre a obra de origem e a tradução mostram não apenas o envolvimento dos tradutores com sua tarefa, como também a tendência em aproximar sua cultura de aspectos da cultura brasileira, assim direcionando o leitor da língua de chegada para uma recepção prévia de obra tão peculiar no contexto de seu aparecimento.

Palavras-chave: Carolina de Jesus; *Quarto de Despejo*; contexto cultural; recepção

OS EPITEXTOS PÚBLICOS DO AUTOR ITALIANO, DARIO FO, NO JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO

Bárbara Cristina Mafra dos Santos

Resumo: A inserção de um autor em um país pode ocorrer de diversas formas, através de livros traduzidos, excertos de textos, entrevistas, adaptação para o cinema ou mesmo para o teatro. O autor italiano, e vencedor do Nobel de Literatura de 1997, Dario Fo (1926-2016) foi introduzido no Brasil a partir da tradução de seus textos que foram encenados em palcos brasileiros. O que se sabe sobre as suas obras é que poucas, das mais de cem que escreveu e publicou na Itália, foram traduzidas e publicadas em português. Sendo assim, para analisar a inserção do autor como literato no país é necessário buscar além dos poucos textos disponíveis, no que foi falado sobre o autor e suas obras. Portanto, em consonância com as definições de Gerard Genette (1989), têm-se por escopo nesta comunicação, apresentar alguns dos epitextos publicados no jornal *O Estado de São Paulo*, de 1982 a 2016, com o objetivo de demonstrar como as obras do autor foram inseridas no Brasil e verificar o espaço que Fo ocupa no país. A análise paratextual realizada nesta pesquisa, que foi uma parte da dissertação de mestrado da comunicadora no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, se faz necessária por entender que no caso deste autor em específico, se fala muito mais em espectadores do que leitores, já que estes conheceram seu texto na forma oral, a partir de uma tradução. E, portanto, a leitura dos epitextos do autor são fundamentais para que se possa compreender a sua inserção, pois como afirma Genette (2009, p. 304) “o destinatário tem como característica nunca ser apenas o leitor (do texto), mas algum público que pode, eventualmente, não ser leitor: público de um jornal ou de um meio de comunicação [...]”. De tal forma, entende-se, parafraseando Araújo (2010) que os epitextos são a leitura do mundo.

Palavras-chave: Dario Fo; epitextos; literatura italiana.



A CRÍTICA DE ÁLVARO LINS NA RECEPÇÃO DE ERNEST HEMINGWAY E MARCEL PROUST NO BRASIL

Manoela Caroline Navas

Resumo: Álvaro Lins foi um importante crítico literário brasileiro, com atuação mais proeminente entre as décadas de 1940 e 1960. Para além da publicação semanal dos seus artigos sobre as obras literárias nacionais e internacionais no jornal carioca *Correio da Manhã*, o crítico foi responsável por artigos que discorriam sobre o papel da própria crítica literária. O trabalho de Lins ficou conhecido por seu poder de edificar ou, até mesmo, levar a recepção de um autor no Brasil a uma derrocada, mostrando o seu poder de influência entre os leitores brasileiros. Seu estilo de crítica ficou conhecido como “impressionista”, caracterizado pelas impressões do leitor-crítico e por como as experiências pessoais são levantadas pela obra, marcando um posicionamento humanista do crítico. Nesse sentido, a obra literária não seria marcada por se caracterizar como uma produção hermética, mas estabeleceria um diálogo com a experiência humana, permitindo a aproximação com outras áreas, como a Filosofia, História e Psicologia. O recorte dessa comunicação incide sobre a recepção do autor norte-americano Ernest Hemingway e do escritor francês Marcel Proust no Brasil, mais especificamente, como foi irradiada na sociedade brasileira pela crítica de Lins, e como o aspecto impressionista estaria relacionada às essas obras tão conhecidas por seu aspecto das suscitações das experiências humanas. No tocante aos romances de Hemingway, o crítico escreve um artigo, em 1942, publicado em *O relógio e o quadrante* sobre como Hemingway seria um grande escritor para um grande público, buscando aproximar as experiências vitais descritas na obra do autor ao que considerou como romance autobiográfico. Em um período pós-guerras mundiais, as vivências do escritor norte-americano em guerra refletidas em seus romances, para Lins, parece ter um apelo ao leitor da época, ainda mais no contexto histórico brasileiro inserido de uma ascensão da elite, em uma tentativa de conectar emocionalmente o público brasileiro dos horrores da guerra. Em relação à recepção da obra de Proust, vastamente apreciada anteriormente por nomes como Augusto Mayer e Otto Maria Carpeaux, o crítico publica, em 1956, a obra *A técnica do romance em Marcel Proust*. Lins busca ressaltar o lado impressionista de *Em busca do tempo perdido*, caracterizando o uso da arte não somente como hedonista ou utilitária, mas como uma gnose. Esse tipo de leitura da obra proustiana evidencia, novamente, a necessidade da ênfase na experiência pessoal do autor e como estaria refletido na obra. Essa conjuntura permitiria um apelo ao leitor tido como “comum”, que se encontrava afastado, na década de 1950, da literatura pela apropriação e concentração da crítica literária nos centros acadêmicos. Tendo essa leitura como norte, cabe a esta comunicação estabelecer os paralelos entre a recepção feita por Álvaro Lins das obras dos autores Ernest Hemingway e Marcel Proust no contexto brasileiro da década de 50. Com o cenário atual político e social de insensibilidade artística em que vivemos, o resgate da leitura impressionista de Álvaro Lins parece ser de primordial relevância para enfrentar os tempos sombrios e nublado que nos cercam.

Palavras-chave: Álvaro Lins; Crítica Impressionista; Ernest Hemingway; Marcel Proust

CONTEXTO SISTÊMICO DAS QUATRO TRADUÇÕES PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO DE MRS DALLOWAY, DE VIRGINIA WOOLF

Franciele Graebin

Resumo: A obra *Mrs Dalloway*, de Virginia Woolf teve, ao todo, quatro traduções no Brasil. Uma, datada de 1946, e outras três realizadas em 2012 (BOTTMANN, TADEU e MARCONDES). Este trabalho tem por objetivo apresentar aspectos do contexto sistêmico, levantados a partir de uma pesquisa realizada durante o Mestrado em Estudos da Tradução em que as quatro traduções para o português do Brasil foram analisadas. Os aspectos considerados no estudo tiveram como base o esquema de descrição de tradução literária de Hendrik Van Gorp e José Lambert, por meio do qual é possível partir de uma visão geral até chegar a um exame mais específico das características que compõem a obra literária. Este esquema propõe quatro etapas em que são descritos os dados preliminares, a macroestrutura, a microestrutura e o

contexto sistêmico de cada tradução. Dentre as várias obras de Virginia Woolf, *Mrs Dalloway* foi a primeira a ser traduzida e publicada no Brasil (embora já existisse a tradução do conto *Objetos sólidos*, publicado pela Ediouro em 1944, em uma antologia de contos ingleses). A publicação se deu pela Editora Globo, na Coleção Nobel, pela tradução de Mário Quintana. Em 1948, foi a vez da obra *Orlando* ser traduzida por Cecília Meireles, ainda pela Editora Globo e na mesma coleção. Após a entrada em domínio público, em 2012, foi novamente a primeira, sendo escolhida por três editoras, cada uma com um tradutor diferente: L&PM, com tradução de Denise Bottmann; Autêntica, com tradução de Tomaz Tadeu; e Cosac Naify, cujo tradutor foi Cláudio Alves Marcondes. A tradução de *Mrs. Dalloway* de Mario Quintana foi por 66 anos a única existente no mercado literário brasileiro, e ressurgiu com força no cenário editorial quando o filme *As horas* trouxe *Mrs. Dalloway* e Virginia Woolf para a mídia e para os leitores brasileiros. Esta comunicação pretende apresentar o contexto sistêmico quando da chegada da obra *Mrs Dalloway* ao Brasil nas duas épocas em que foi traduzida: 1946 e 2012. Quais eram as obras consumidas no país nessas épocas? Qual a situação econômica e qual o público leitor? Havia outras obras, literárias ou não (filmes, peças, etc.), que tornaram o terreno fértil para a vinda da referida obra modernista? Como os críticos das épocas em questão trataram da chegada da obra e da autora? Houve alguma repercussão midiática? Assim, serão apresentados alguns aspectos históricos, sociais, culturais, bem como artísticos e midiáticos que podem elucidar sobre as razões pelas quais a obra literária *Mrs Dalloway* circulou no sistema literário e cultural Brasileiro nas épocas de suas traduções.

Palavras-chave: Tradutor; retradução; contexto sistêmico; Virginia Woolf; *Mrs Dalloway*; recepção.

17/07 (TARDE)

AS FEIRAS INTERNACIONAIS DO LIVRO E O SEU IMPACTO NA PROFISSIONALIZAÇÃO DO ESCRITOR BRASILEIRO

Franciele Queiroz da Silva

Resumo: O processo de internacionalização dos escritores brasileiros acontece por muitos mecanismos e engrenagens, um deles é a participação de escritores em grandes eventos, como as feiras literárias internacionais – referência para o mercado editorial mundial – e proporciona um considerável aumento nas traduções das obras no mercado exterior, sobretudo quando o país figura na posição de “convidado de honra”. Nesse sentido, faz-se necessário mencionar o impacto que políticas públicas implantadas e financeiramente estimuladas em anos anteriores tiveram para que os escritores e o posicionamento do mercado editorial brasileiro se tornassem potencialmente relevantes e interessantes e, assim, os grandes eventos cogitassem o Brasil na condição de homenageado. O Programa de apoio à tradução e à publicação de autores brasileiros no exterior, além do fato de ter sediado eventos esportivos de grande porte (como as Olimpíadas e a Copa do Mundo de Futebol), colocou o Brasil em uma posição de destaque no cenário internacional, provocando o aumento das traduções de obras nacionais. Esse impacto é percebido pelo aumento no número de obras traduzidas e pela presença do Brasil em grandes feiras literárias, como a Feira do Livro de Frankfurt (2013) ou o Salão do Livro de Paris (2015). Em ambos eventos, o Brasil foi o país homenageado e, além de conquistar o mercado dos países sedes dos eventos, provocou uma forte projeção cultural no contexto internacional. Nesse sentido, observamos que os eventos, como as feiras e salões, passaram a ser, em certa medida, a encenação do próprio campo literário. Sob essa perspectiva, interessa-nos, então, refletir sobre esse espaço que reconhecidamente colabora para que a literatura brasileira seja considerada como transnacional e que se torna bastante instigante, já que é recoberto por disputas, visíveis e ocultas, que têm influência direta na configuração do mercado editorial brasileiro. As feiras literárias e as relações de poder existentes no campo são mediadas a todo tempo pelas posições assumidas e defendidas por vários agentes; o escritor, por exemplo, é um desses agentes. Nesse sentido, o reconhecimento do escritor profissional é algo complexo e passa por diversas



instâncias de legitimação, sendo uma delas, a nosso ver, a internacionalização das obras e do próprio autor. Apostamos, portanto, que a imersão dos autores brasileiros nos mercados exteriores – as feiras internacionais são um sintoma dessa imersão – é um dos passos para que essa construção da imagem de um escritor profissional se consolide no campo literário nacional. No prefácio ao livro “O conto brasileiro contemporâneo”, organizado por Carmen Villarino Pardo e Luiz Ruffato, discute-se a internacionalização como uma possibilidade de demarcar um determinado espaço enquanto produto e produtor de arte: “Os produtos literários, como produtos exportáveis, convertem-se em mercadorias que integram uma Marca Brasil, mais ampla, em termos culturais” (VILLARINO e RUFFATO, 2011). Tais espaços não interessam apenas àqueles que escrevem, mas a todas as instâncias de legitimação que se incluem no campo literário, tais como: universidades, tradutores, críticos, editores, agentes literários e etc. O objetivo dessa apresentação é, portanto, repensar como se constrói um nome, uma autoria literária que seja considerada profissional no sistema literário brasileiro atual; além de observar de que modo processos recentes de internacionalização têm efeitos nas dinâmicas do sistema literário nacional em relação aos produtores literários. Para tanto, partimos das propostas sistêmicas de Itamar Even-Zohar e das teorias de campo de Pierre Bourdieu.

Palavras-chave: Escritor; Internacionalização; Profissionalização;

PARA ALÉM DO CÂNONE: CIRCULAÇÃO DE EXEMPLARES DE PROSA DE FICÇÃO FRANCESA NO GRÊMIO LITERÁRIO PORTUGUÊS DO PARÁ F(1800-1900)

Valéria Augusti

Resumo: O Grêmio Literário Português do Pará foi criado em 1867, na voga de outras instituições similares, nacionais e estrangeiras, que emergiram como gabinetes de leitura cujo objetivo consistia em tornar livros e periódicos acessíveis a sócios e subscritores. O acervo da biblioteca fundada por imigrantes portugueses que habitavam na Província do Pará se constituiu graças aquisições realizadas junto a livreiros instalados no Brasil e em Portugal, mas também por doações as mais diversas que se estenderam ao longo do século XIX, período em que conheceu animado movimento. Resultado dos inúmeros acréscimos por compra ou doação de exemplares, bem como de sucessivas perdas decorrentes de obras não devolvidas e mesmo de uma mudança às pressas em virtude de um incêndio ocorrido nas imediações, o acervo apresenta, ainda hoje, quantidade significativa de exemplares de prosa de ficção francesa que testemunham a forte conexão estabelecida, no século XIX, entre os mercados editoriais da França, Portugal e Brasil. O website Paris na América, objeto desta comunicação, foi concebido com o intuito de servir aos pesquisadores da área de literatura e história cultural, interessados em investigar o comércio transatlântico do livro tendo em vista os agentes envolvidos em sua produção e circulação. Para tanto, teve como ponto de partida a elaboração de um banco de dados com informações bibliográficas sobre os exemplares de prosa de ficção francesa que fazem parte do acervo da biblioteca do Grêmio Literário Português e Recreativo do Pará. A coleta dessas informações foi realizada por meio da consulta física dos exemplares que se encontram atualmente na instituição. Além dos dados bibliográficos comumente utilizados nos sistemas de informação que tem o livro por objeto – autor, título, tradutor, editor, ilustrador, edição, local de publicação, quantidade de volumes etc – acrescentou-se, ainda, outros menos usuais, como por exemplo, o endereço de editores e de impressores. Além de informações bibliográficas completas sobre as obras também é possível visualizar as páginas de rosto das obras e uma curta biografia sobre os autores, realizando buscas por autor, tradutor, editor, tipografia, coleção e ano de edição, conforme se pretende esclarecer nesta comunicação. Dessa forma, o website constitui ferramenta de pesquisa para aqueles que pretendem ir além dos estudos acerca de obras canônicas, adentrando no universo de circulação dos exemplares de prosa de ficção francesa que circularam e foram lidos no Brasil do Oitocentos e, mais especificamente, na capital da Província do Pará.

Palavras-chave: gabinete de leitura; romances franceses, século XIX, website



CECÍLIA MEIRELES, MÁRIO DE ANDRADE E A REVISTA TRAVEL IN BRAZIL: DIPLOMACIA E CULTURA POPULAR

Roniere Silva Menezes

Resumo: Este ensaio tem por objetivo analisar os textos escritos por Cecília Meireles e Mário de Andrade na Revista Travel in Brazil e relacioná-los ao projeto de divulgação do Brasil no exterior, durante o período da II Guerra Mundial, dentro do projeto da “Política da Boa Vizinhança”. Nota-se, nos textos, o interesse da revista de valorização da cultura popular do país, com todos os dilemas e tensões aí presentes. No trabalho, visamos estabelecer diálogos entre as produções dos autores, na revista, criações literárias e projetos culturais dos mesmos, naquele período. Cecília trabalha, para o DIP, como editora da Travel in Brazil. A revista era escrita em Inglês e foi veiculada no exterior, nos anos de 1941 e 1942, com artigos sobre o Brasil. Deve-se ressaltar que a Travel in Brazil, como outras publicações da época, passava por sério crivo de censura do DIP, inclusive quando tratava da cultura afro-brasileira. Entre outros artigos, Cecília escreveu sobre o carnaval carioca para a Travel in Brazil, volume 1, número 2, de 1941. O artigo intitula-se “Carnival in Rio”. O número da revista traz, na capa, imagem de Carmen Miranda. Em 1940, Cecília viaja aos Estados Unidos para proferir palestras sobre a cultura popular brasileira e escreve diversas crônicas e poesias sobre a vida cultural daquele país. A convite de Cecília Meireles, Mário de Andrade torna-se colaborador assíduo da Travel in Brazil. Notamos, na correspondência entre os autores, os limites estreitos entre a vontade do governo de criar uma imagem forte do país, no exterior, a partir da cultura popular e os interesses do mesmo governo em impedir a veiculação de imagens relativas à cultura afro-brasileira. (Cf. MEIRELES, 1996) Torna-se importante lembrar que o poeta e musicólogo paulista é bastante conhecido por seus estudos referentes à música erudita e à chamada música folclórica. Mário pouco publicou em relação à música popular urbana. Os textos escritos pelo escritor paulista para a Travel in Brazil são ainda pouco conhecidos do público em geral. O material contribui para ampliar o olhar da crítica sobre a obra do autor. Em “The music of carnival”, publicado na Travel in Brazil vol. 2, n. 3, 1942, entre outras questões ligadas à festividade, Mário trata dos sambistas Donga, Sinhô e Noel Rosa. Em relação aos artigos de Cecília e Mário publicados na Travel in Brazil, serão feitas análises relativas aos diálogos entre textos e imagens. Em época de discussões fortes relativas à “color line” norte-americana e à equivocadamente imaginada democracia racial brasileira, os textos dos poetas colocam em evidência importantes arquivos sobre a força da cultura popular, principalmente negra. Mas os textos também dizem muito, por meio de seus silêncios, suas lacunas, sobre que foi preciso calar naquele período, mas pode ser reavaliado em novo tempo, sob novos parâmetros teórico-conceituais.

Palavras-chave: Cecília Meireles – Mário de Andrade – Revista Travel in Brazil – Política da Boa Vizinhança

DÍÁLOGOS POÉTICOS NA REVISTA INIMIGO RUMOR

Larissa Pavoni Rodrigues

Resumo: Este projeto parte da perspectiva de que as revistas de literatura e poesia podem informar, atualizar e educar os leitores; podem, também, criar e alimentar um mercado - divulgando autores, livros, traduções, teorias críticas. Portanto, ocupam um importante lugar na criação, recepção e na história da literatura, já que servem como ferramentas aos escritores, constituindo espaços inéditos de publicação e difusão, favorecendo novas propostas e novas gerações de escritores. Este trabalho perpassa especificamente o campo poético brasileiro durante a segunda metade da década de 90 e início dos anos 2000, período no qual observou-se certa efervescência no surgimento de revistas elaboradas por poetas e escritores, os quais depreendiam um esforço de levar adiante o processo de difusão e produção poética brasileira nesse período. Pode-se perceber uma relação entre o Brasil e países de língua espanhola ao analisar o surgimento dessas revistas - tais como Inimigo Rumor, Poesia Sempre, Coyote, Et cetera, Oroboro, Sibila e Zunái - pois publicam, com frequência, autores hispano americanos. O



objeto de pesquisa será a revista *Inimigo Rumor*, que surge em 1997, no contexto dessas novas revistas, no Rio de Janeiro e publicada pela Editora Sette Letras. Pode-se pensar essa revista como procedimento e operação de leitura para o trabalho de análise da recepção da literatura hispano americana na cena poética brasileira, e do neobarroco como movimento literário presente em algumas publicações, já que possui uma estreita relação com os novos e veteranos poetas hispano americanos, de modo que intensifique também o diálogo entre escritores e publicações de língua portuguesa e espanhola. Paralelamente, está o trabalho de tradução e difusão da poesia hispano americana - além da francesa, inglesa, etc. - o que garante uma diversidade poética à revista.

Palavras-chave: Poesia hispano americana; revistas literárias; poesia brasileira

33 - ESPAÇOS E AFETOS NA LITERATURA E O CINEMA BRASILEIROS: CARTOGRAFIAS, CORPOS E DESLOCAMENTOS

Coordenação: Dra. Rebeca Errázuriz Cruz (Universidade Adolfo Ibáñez, Santiago de Chile); Dra. Mónica González García (Pontificia Universidade Católica de Valparaíso, Chile); Dra. Natalia López Rico (Universidade de Chile, Santiago de Chile)

Resumo: Uma das mais recentes e produtivas consequências do chamado giro afetivo (Gregg; Seighworth, 2010), é aquela que relaciona os estudos do espaço e dos afetos - paisagens afetivas em Depetris (2016), geografia afetiva em Pile (2009) e geografias emocionais em Davidson, Bondi e Smith (2005), entre outros. Geografias, cartografias e mapas afetivos são denominadores comuns que, em muitos casos, não só remetem a conceitos, metáforas ou símbolos, mas que tratam, com efeito, da relação quase sempre tensa que se estabelece entre os espaços - sejam eles urbanos ou rurais, reais ou ficcionais - e os afetos que suscitam ou que são postos em circulação por diversos corpos que os habitam ou os atravessam.

A partir do século XX, vive-se no Brasil uma transformação social e cultural acelerada, motivada pela introdução e intensificação de diversos projetos de modernização que trazem consigo mudanças dos modelos de produção econômica e que consequentemente involucram deslocamentos de população, assim como o nascimento das indústrias culturais e os meios de comunicação de massa. Todas estas instâncias desempenham um papel na configuração de novas e diversas formas de subjetividades que elaboram imaginários especiais vinculados a estas experiências e põem em circulação diferentes afetos e formas de relacionamentos. Atualmente, estas transformações assumem a face de um modelo neoliberal que se movem em pequena e grande escala e que se promove como o único paradigma de modernização possível. Assim, no percurso destes contextos históricos e sociais a relação entre espaços e sujeitos se problematiza e de certa forma reflete as implicações e consequências de seus embates. Por um lado, estes sujeitos enfrentam as condições e transformações a que os submetem os próprios processos de modernização como uma experiência de restrição a um espaço muitas vezes sentido como alheio e hostil, que se vive como um estreitamento ou achatamento para a manifestação de seus afetos, cujo espectro fica visivelmente submetido à vivência mais crua. Mas os próprios sujeitos entretecem uma configuração afetiva do espaço desde a qual realizam suas relações sociais, suas identidades e suas práticas políticas e culturais; enfim, espaços e afetos funcionam como um eixo de interligação, como uma trama complexa na qual são os afetos dos indivíduos e seus regimes de corporalidade os que desenham, delimitam e definem o estatuto de um lugar e as fronteiras de um espaço. Os sentidos e os limites espaciais são efetivamente produzidos no vai e vem de um conjunto de indivíduos, e dita produção pode ou não entrar em conflito com os movimentos de biopolítica que definem os espaços e as regras dos deslocamentos fora e dentro dos mesmos.

Neste simpósio nos interessa analisar os modos em que esta relação entre subjetividades e espaços é apresentada e analisada na narrativa e no cinema brasileiros desde inícios do século XX em diante, com o objetivo de vislumbrar um possível mapeamento do circuito de afetos



(Safatle) que abarque não só a submissão de corpos e espaços a emoções e afetos predeterminados, senão também a sua potência produtiva e liberalizadora. Na história da literatura e do cinema brasileiros do século XX podemos rastrear um catálogo de espaços que têm sido efetivamente cartografados do macro ao micro, da manifestação das biopolíticas modernizantes às experiências dos sujeitos que vivem nesses espaços e lhes outorgam sentidos: são os sertões de Euclides da Cunha, mas também o sertão de Fabiano e Sinhá Vitória em *Vidas Secas* de Graciliano Ramos e os sertões cinematográficos de Nelson Pereira dos Santos e Glauber Rocha ou o de Riobaldo em *Grande Sertão: veredas*; é a selva amazônica de Gálvez, mas também o Xingú de Nando em *Quarup* ou o olhar do retorno de Avá em *Maíra*, e a selva de *Macunaíma* de Joaquim Pedro de Andrade; é a vivência de Pedro Rubião diante das elites cariocas em *Quincas Borba*, e também de Macabea em *A hora da estrela*; é a vida na favela nos contos de João Antônio, mas também a vida de Zé Miúdo de Paulo Lins, de Zé Pequeno de Fernando Meirelles e Katia Lund ou o ódio favelado de Ferréz.

Referências:

DAVIDSON, Joyce; BONDI, Liz; SMITH, Mick (eds.). **Emotional geographies**. Ashgate: Aldershot, 2005.

DEPETRIS CHAUVIN, Irene. Geographies of Love(lessness). Space and Affectivity in Viajo Porque Preciso, Volto Porque Te Amo (Aïnouz and Gomes, 2009) and Turistas (Alicia Scherson, 2009). **Journal of Latin American Cultural Studies**, vol. 25, nº 2, 2016.

GREGG, Melisa; SEIGHWORTH, Gregory (eds.). **The affect theory reader**. Durham: Duke University Press, 2010.

MALPAS, Jeff (ed.) **The place of landscape: concepts, contexts, studies**. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2011.

PILE, Steve. 2009. Emotions and Affect in Recent Human Geography. **Transactions of the Institute of British Geographers**. Disponível em <https://rgs-ibg.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1475-5661.2009.00368>.

Consultado el 15 de diciembre de 2018.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos. Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

A EXPERIÊNCIA DO DESAMPARO NO ROMANCE URBANO CONTEMPORÂNEO

Horst Nitschack

Resumo: Horst Nitschack hnitschack@u.uchile.cl Universidad de Chile A experiência do desamparo no romance urbano contemporâneo Nas últimas décadas, a crítica literária — aliada à sociologia, às ciências políticas e à antropologia — (re)descobriu os afetos, no contexto do que vem sendo chamado de “giro afetivo”. São os afetos que dão a garantia da coesão social, mas também são os afetos que produzem os conflitos sociais. Os afetos são o resultado da afetividade dos corpos (corpos coletivos e corpos individuais), da interpretação dessas afetividades por parte das tradições culturais e de sua semantização linguística, que os identifica como emoções, com os nomes de felicidade, alegria, serenidade, amor, mas também de ódio, raiva, medo, tristeza, tédio. Isso nos permite entender o sujeito como resultado de “circuitos de afetos” (Safatle) e, ao mesmo tempo, como um ator que busca se situar em meio à multiplicidade de distintas afetividades às quais está exposto, bem como responder a esta multiplicidade. Em sua pesquisa “O circuito dos afetos”, Vladimir Safatle propõe aceitar o “desamparo” do sujeito como um afeto fundamental, a partir do qual seja possível questionar e reestruturar a economia dos afetos, à qual estamos submetidos no nosso mundo da vida habitual. Trata-se de uma economia de afetos que responde às necessidades da reprodução do capital e da manutenção das estruturas e das relações sociais responsáveis por esse “desamparo”. Na nossa



comunicação, interessa-nos examinar, de maneira exemplar, os três romances — a saber, *Bandoleiros*, de João Gilberto Noll (1984), *Estorvo*, de Chico Buarque (1991) e *Longe da água*, de Michel Laub (2004) —, para detectar neles os “circuitos de afetos” constitutivos da subjetividade dos protagonistas. Pretende-se comprovar a hipótese de que o desamparo é, para os protagonistas desses romances, a experiência mais impactante, resultante da fragmentação e da desconstrução de seus laços sociais habituais, sendo, contudo, simultaneamente condição indispensável para uma reorientação futura de suas existências. Palavras-chave: romance urbano; teoria de afetos; circuito de afetos; desamparo;

Palavras-chave: Palavras-chave: romance urbano; teoria de afetos; circuito de afetos; desamparo;

EN LA INTEMPERIE DEL MUNDO: DESASOSIEGO Y EXPERIENCIA DE LO INHÓSPITO EN VIDAS SECAS

Rebeca Errazuriz

Resumo: En esta potencia proponemos un análisis de la novela de Graciliano Ramos "Vidas secas" (1938) y el repertorio de vivencias y afectos que los personajes de Fabiano, Sinhá Vitória y sus hijos despliegan y que se organizan en torno a la imposibilidad de construir un hogar, un espacio de amparo que les permita habitar el mundo. Esta experiencia del mundo como espacio radicalmente inhóspito es expresada a través de un desasosiego y una desesperación por asirse a un espacio y poder habitarlo, por una inquietud permanente a construir un cobijo permanente. Esta experiencia de un mundo que se presenta como hostil y radicalmente ajeno, tiene un correlato en el lenguaje: en la imposibilidad de nombrar ciertos objetos, en la dificultad para concebir el referente de la palabra infierno como lugar posible o en la ambivalencia para autonominarse como perteneciente a la categoría de “hombre” o “bicho”, pues ninguna de ellas parece corresponderse plenamente con la experiencia de mundo que los personajes poseen. A partir de una reflexión que intenta descubrir y comprender las diferentes formas de figurar el espacio sertanejo y la vida de los hombres y mujeres del sertón que habitan ese espacio, nuestra propuesta intenta indagar en las formas de experiencia y en especial en la experiencia de mundo que los personajes de esta familia de retirantes construyen y viven, a través del despliegue de un circuito de afectos (Safatle 2015) que permite dar cuenta de una relación específica con el espacio natural, pero también con el espacio social (la ley, la civilización, el orden hacendado, la urbe) y que tiene como ejes los sentimientos de desasosiego e inhospitalidad. A través de la construcción de una prosa que teje una "complexa mistura-separação de um eu e de um outro" (Bueno, 2006: 662), Graciliano Ramos logra reconfigurar el archivo de afectos (Flatley 2008) que había articulado las relaciones entre sertanejo y mundo en la literatura brasileña sobre el nordeste, descentrando las categorías binarias de civilización/barbarie, orden/violencia, primitivo/moderno y atraso/progreso que hasta entonces habían organizado discursivamente las representaciones del mundo del sertón y su repertorio afectivo.

Palavras-chave: Sertao; romance de 30; Graciliano Ramos; espacio y subjetividad; mundo; inhospitalidad; desasosiego

A PROSA ABERTA DE NUNO RAMOS

Jorge Andrés Manzi Cembrano

Resumo: En esta comunicación presentaré algunas reflexiones sobre la prosa literaria del autor paulista Nuno Ramos. Referiré principalmente a Ó [2008], manteniendo de fondo obras anteriores como *Cujo* [1993] y *O pão do corvo* [2001]. Centraré la discusión en una característica o principio formal que considero básico para entender la prosa de Ramos: su manejo abierto. Con esto quiero referir a un estilo que tiene la apariencia del accidente y de lo espontáneo, y que se orienta hacia la digresión y la asociación libre. En lo que refiere a la tradición literaria y a la teoría literaria, definiré este manejo a partir de la noción de “prosa libre” de Northrop Frye; una noción que el crítico canadiense asoció al “ritmo asociativo” y “sublaborado” del pensamiento cotidiano; un “tipo de blues verbal o jazz meditativo”.



Tratándose de Nuno Ramos, un autor conocido principalmente por su actuación como artista plástico, propondré asociarlo adicionalmente al tipo de manejo pictórico con el que críticos como Clement Greenberg definieron el informalismo abstracto de Jackson Pollock. La especificidad de este manejo abierto o informalista, consistiría en haber sido elaborado desde sensibilidades y concepciones artísticas heredadas del arte abstracto (cuyas bases son constructivo-modernistas). En esta comunicación, intentaré argumentar que el manejo prosístico abierto, pos-abstracto, de artistas como Ramos puede entenderse como una respuesta artística a presiones propias de la vida cotidiana contemporánea. En el caso de Ramos, tal respuesta debe ser pensada en relación al tipo de vida cotidiana contemporánea de ciudades como São Paulo: una intensamente afectada por procesos de racionalización moderna, en la que, sin embargo, predomina una sensación de inorganicidad o pérdida de forma, de descalces e inconsistencias, de saltos abruptos de magnitud y escala, de mixtura compleja entre sistema e improvisación. Para pensar en la significación y en las posibilidades de una “prosa libre” o “abierta” en contexto periférico, tomaré como contrapunto, y como precedente, a un importante poeta estadounidense, cuyas obras en prosa (Three poems, 1972; Flow chart, 1991) me parecen próximas, tanto en términos de manejo formal como de proyecto artístico, a la prosa de Nuno Ramos. Al respecto, una orientación clave compartida por la “prosa libre” o “abierta” de Ramos y Ashbery consistiría en elaborar nuevos modos de pensar, modos de atención y estructuras de afectos, capaces de transitar, sin grandes dificultades, entre arte y vida cotidiana. Se trata de proyectos a la vez formalmente ambiciosos y perfectamente prosaicos que ofrecen una respuesta relevante, astuta, recursiva en sus posibilidades de negación y crítica, a las presiones de la vida cotidiana contemporánea. A la vez que conservan un principio modernista de diferenciación entre arte y vida, su prosa literaria propone o socializa modos de atención, de pensamiento y de sensibilidad orientados a la modificación de nuestra experiencia cotidiana. Esta singularidad, me parece, sitúa a esta “prosa libre” o “abierta” en una zona de contacto entre modernismo y vanguardia.

Palavras-chave: Prosa literária; Nuno Ramos; Ó; estéticas construtivo-modernistas; vida cotidiana

A CRÔNICA DA CASA ASSASSINADA: A CASA, A DOENÇA, A RUÍNA

Erica Ignacio da Costa

Resumo: Passando pela obra literária Crônica da casa assassinada (1959), de Lúcio Cardoso, pretende-se apontar para o caráter de decadência do espaço familiar, da casa, em que as relações familiares perpetuam a ruína e a morte nos espaços. A Crônica é narrada num entrelaçamento de pontos-de-vista e de recursos narrativos, como cartas, diários, flashbacks, confissões e depoimentos. Os personagens relatam, em sua maioria, estados de alma bastante perturbados e dão declarações, sobretudo, sobre a personagem central da história, Nina. A personagem é construída pelo discurso de todos os personagens da obra, portanto, é sob o olhar e o julgamento dos outros que sua imagem é criada e sua história é contada; é uma Nina caleidoscópica sob olhares inquisidores. Uma imagem central do romance é a da doença, do câncer, e, sobretudo, da beleza diante da morte e da ruína. Nina é descrita por todos durante o romance como portadora de uma beleza estonteante, tudo e todos sucumbem de amores por sua figura. Quando Nina descobre a doença, a agonia se torna imensurável: sua alma libertária se torna presa a um corpo carcomido pelo câncer. A metástase se mescla à casa condenada e contagia seus habitantes junto à decadência da própria propriedade; ou é a própria família nefasta que infesta o corpo de Nina com o câncer. O romance apresenta de forma singular a circulação dos personagens pelo espaço da casa, está presente toda uma cartografia dessa casa assassinada. O que está em jogo dentro da família vai para além da pobreza material: é a miséria das almas, a solidão e a perversidade dos habitantes da casa que se ramificam concomitantemente ao câncer. Nina sofre durante a doença um lento e doloroso processo de degeneração de seu corpo, e, conseqüentemente, de sua beleza. As vidas femininas são centrais na narrativa, com comportamentos fortes, transgressores, que se chocam com as morais estabelecidas e



ressignificam os abismos que são a própria família e o caminhar de um Brasil em processo de modernização, em uma cidade do interior de Minas Gerais no início do século XX. A obra apresenta (des)encontros com o amor, com o deslocamento, com o corpo, com o espaço e com a própria escrita.

Palavras-chave: Casa; Ruína; Doença; Feminino; Lúcio Cardoso.

16/07 (TARDE)

AUTOGEOGRAFÍA DEL ESPACIO COTIDIANO: LA ESCRITURA DE LO PRIVADO EN LAS CRÓNICAS DE CLARICE LISPECTOR EN EL JORNAL DO BRASIL (1967-1973)

Macarena Mallea

Resumo: La presente propuesta tiene por objetivo estudiar una selección de crónicas de Clarice Lispector publicadas en el Jornal do Brasil entre 1967 y 1973, las cuales advierten la construcción de un espacio privado complejo y en tensión con la esfera pública. En este sentido, las crónicas seleccionadas dan cuenta del lugar íntimo como un espacio propicio para la escritura, en el mismo que convergen las conversaciones con los hijos y ayudantes domésticas de la escritora. Asimismo, la producción escritural en el la esfera íntima sugiere una escritura corporal, con la máquina de escribir sobre el regazo, que rechaza el uso del escritorio y la necesidad de una oficina, gesto que abre las posibilidades de lo afectivo la construcción de Clarice en tanto sujeto escritural.

Palavras-chave: Clarice Lispector; máquina de escribir; esfera íntima.

CORPOS EXPOSTOS, CORPOS DE PODER. LEITURAS E RELEITURAS NA IMAGEM. CASO: CAROLINA MARIA DE JESUS E CLARICE LISPECTOR

Daniela Rebeca Campos Atienzo

Resumo: A nossa época é construída por uma sociedade moderna enquanto consumidora de imagens (SONTAG, 2004). Mas, a fotografia, em meados do século XX, foi uma ferramenta de divulgação e reprodução da classe média na cultura, porque retratava aqueles corpos que logo eram consumidos pelas massas. Já Benjamin (1994) diz que a fotografia é acessível por sua “capacidade exibitiva” de mostrar a todos o sujeito retratado. Então, a imagem deixa aparecer um corpo que é obviamente um sujeito, mas também é um corpo-objeto (SARTRE, 2004) porque se transforma em mercadoria. Partindo destas ideias iniciais é importante pensar como são apresentados os corpos na imagem, tanto corpos subalternos, quanto corpos de poder (MITCHELL, 2015), e como esses corpos na imagem são olhados desde a recepção estética, pensando isto a partir da fotografia de Carolina Maria de Jesus (1914-1977) e Clarice Lispector (1920-1977), ambas escritoras influentes no século XX no Brasil, cada uma desde seu lugar de fala. Convém ressaltar nesta intervenção como os filmes delas são fundamentais para promover a imagem de uma autora que é reflexo de uma coletividade periférica a partir da escrita de si (ARFUCH, 2013), no caso de Carolina Maria de Jesus com Quarto de despejo, Diário de uma favelada (1960), evidenciando-se a espetacularização da escritora e a regularização dos meios de divulgação com o documentário da alemã Christa Gottmann Favela: a vida na pobreza (1971), que foi conhecido no Brasil recentemente devido a administração dos dizeres durante a ditadura militar. Igualmente, estudaremos a conexão dos sujeitos da periferia com a produção fílmica A hora da estrela (1985) da diretora Suzana Amaral, baseado no livro homônimo de Lispector, editado no ano 1977 e pensar, partindo destas propostas, que estas representações visuais têm um suporte literário, enquanto o discurso é o construtor das imagens. Finalmente, apresentaremos como estas materialidades foram de algum modo administradas pelos sistemas de dominação e de poder. Por essa razão, é preciso revisitar os textos literários e os arquivos que sobre eles se constroem para tentar compreender como eles aparecem, desaparecem e se renovam nos fluxos culturais.

Palavras-chave: Poder; Subalterno; Imagem fílmica; Documentário.



ENTRE O CROCHET, O XADREZ E O BANHEIRÃO: ESPAÇO CINEMATOGRAFICO, LITERATURA E EROTISMO ATRAVÉS DE TRÊS TEXTOS SUL-AMERICANOS

Helder Thiago Cordeiro Maia

Resumo: Neste artigo, analiso três textos literários que narram histórias eróticas em cinemas não-pornográficos sul-americanos, com o objetivo de pensarmos as práticas eróticas nos cinemas antes da institucionalização da pornografia enquanto espaço físico cinematográfico. Para isso, analiso textos que remetem a três diferentes fases da exibição cinematográfica e a três práticas eróticas distintas: o período de narratividade crescente e as práticas de crochet, que será pensando através do conto brasileiro O menino do Gouveia (1914), o surgimento das grandes salas de exibição e as práticas de xadrez, através do conto argentino La narración de la historia (1959), e o fechamento dos cinemas de rua e as práticas de banheiro, através do romance chileno No se lo digas a nadie (1994).

Palavras-chave: Literatura latino-americana; Cinemas; Espaço; Erotismo; Pornografia.

PARENTALIDADE, EROTISMO E SEXUALIZAÇÃO EM "ANJOS DO SOL"

Ana Laura Furtado Pacheco

Resumo: A presente pesquisa aborda as relações de parentalidade, erotismo e sexualização no filme "Anjos do Sol", cujos roteiro e direção são assinados por Rudi Lageman (2006). Para sua elaboração, foram realizadas análises das personagens da obra, buscando reconstituir a tipificação dessas categorias, envolvidas que estão nas suas respectivas relações sociais. Tais categorias figuram na obra de Lageman, cuja narrativa, que apresenta a história da personagem Maria, vítima da rede de prostituição infantil brasileira, é inspirada em fatos reais divulgados pela Secretaria Especial de Direitos Humanos, no ano de 2005. A partir deste motivo gerador, o cineasta faz de sua obra um instrumento de denúncia da exploração infantil no Brasil. A trama acompanha a trajetória de uma menina de 12 anos de idade, moradora do interior do Nordeste brasileiro. Vendida por seu próprio pai, Maria é forçada a deixar sua aldeia para viver na cidade grande, espaço promissor de futuro e grandes oportunidades. Nesse sentido, conforme Pierre Bourdieu (2010), a parentalidade pode ser enxergada como uma relação de dominação, na qual o dominado (Maria) age de acordo com a lógica de submissão que lhe é imposta. Assim, o trabalho investiga os laços formados por Maria com aqueles que atravessam seu caminho, a começar por sua ida para a área urbana, onde conhece a jovem Inês, que, depois de sofrer abusos sexuais por parte do padrasto e, conseqüentemente, acabar expulsa de casa pela mãe aos 13 anos, torna-se uma presa fácil para a prostituição infantil. Então, as duas são, primeiramente, leiloadas para um fazendeiro que tem por objetivo presentear seu filho de 15 anos de idade com uma garota virgem. Em seguida, as meninas são entregues a um proprietário de prostíbulo, localizado em Socorro, cidade amazonense habitada unicamente por garimpeiros. Após sofrerem diversos tipos de exploração e humilhação por parte do proprietário e de seus clientes, as jovens elaboram um plano de fuga, que culmina na trágica morte de Inês e em severas punições a Maria. No entanto, a menina não desiste de lutar por sua liberdade e consegue fugir do prostíbulo. A adolescente cruza o país por meio de caronas oferecidas por caminhoneiros, até desembarcar no Rio de Janeiro, onde novamente se encontra refém da prostituição. Segundo Byung-Chul Han (2017), o erotismo só pode acontecer quando a relação com o outro é desprovida de posse. Quando a relação é de dominação e absolutização do poder, o erotismo não se faz presente. Portanto, ocorre a aniquilação e a sexualização do outro, sua transformação em mercadoria, em objeto de consumo. Logo, a pesquisa analisa as relações que a protagonista estabelece com outros personagens da trama – sempre regidas pela subordinação da mulher ao homem (DAVIS, 2016; BUTLER, 2017), provocada pela divisão binária e segregadora da sociedade (BEAUVOIR, 1961), que o modelo do capitalismo primitivo se incumbe de fazer aprofundar. Tais relações são fundamentais para a formação da personalidade de Maria e o possível esboço de seu futuro, traçados pelo fim de sua infância, que, por sua vez, é marcado pela dor da exploração sexual.

Palavras-chave: Parentalidade; Erotismo; Sexualização; Exploração Sexual; Prostituição infantil.

17/07 (TARDE)

BRANCO SAI, PRETO FICA: A PERIFERIA COMO POSIÇÃO

Camila Carvalho

Resumo: “Para saber é preciso tomar posição”, escreve Georges Didi-Huberman. Para saber é preciso situar-se no tempo, estar perto o bastante para enxergar as nuances e afastado o suficiente para enquadrá-las num todo. “Para saber é preciso implicar-se”, dirá o filósofo. Saber, tomar posição, fazer de seu lugar no mundo uma posição; movimentar-se, insubordinar-se. É o que faz Adirley Queirós, cineasta brasileiro, funcionário público e morador da Ceilândia, a maior cidade-satélite da Capital Federal, tema central de todos os seus filmes. Nesta comunicação buscaremos elaborar uma leitura de seu segundo longa metragem, “Branco Sai, Preto Fica” (2014), a partir de um diálogo com as reflexões que Didi-Huberman desenvolve em seu “Quando as imagens tomam posição” (2017). Noções como montagem, estranhamento, legibilidade e interrupção – às quais o filósofo recorre para discutir a obra do dramaturgo Bertold Brecht – também estão presentes no filme. Diante disso, pretendemos demonstrar que tal como a situação de exílio influencia diretamente nos primeiros trabalhos do dramaturgo – sobretudo aquele da *Kriegsfibel*, as pranchas em que Brecht colocava em diálogo fotografias de jornal e pequenos poemas que lhes serviam de legenda –, a proximidade com a periferia é determinante para trabalho de Adirley Queirós. Assim, interessa-nos investigar em que medida procedimentos próprios do teatro breschtiano são apropriados pela linguagem cinematográfica e discutir de que maneira o cineasta faz de sua situação periférica uma posição (DIDI-HUBERMAN, 2017) e desta, um trabalho de pensamento sobre o território que passa pela imagem; pela memória; pela história e pelo cinema.

Palavras-chave: Cinema; Adirley Queirós; Brecht; Memória; Periferia.

LAS CINCO ESTACIONES DEL AMOR DE JOÃO ALMINO: CIUDAD FICTICIA, AFECTOS REALES

Natalia López

Resumo: Las cinco estaciones del amor (2001) es la tercera novela de la saga sobre Brasilia que el autor, João Almino, publicó entre 1987 y 2008. En ella, la voz intimista y melancólica de Ana/Diana –una mujer que es una y dos al mismo tiempo–, se desliza en el relato en un flujo de consciencia que sopesa las promesas incumplidas del pasado y los temores y abismos que suscitan el presente. Brasilia es el escenario que esta misma voz crea y recrea, una ciudad levantada como un proyecto, como una idea, la idea de modernidad y de futuro de toda una generación que asistió desconcertada a la confrontación, cuando no al derrumbe, de las utopías modernistas. Si bien la narración remarca constantemente el carácter artificial e inorgánico de la ciudad, es este espacio urbano fríamente calculado el que alimenta las experiencias y la formación de subjetividades individuales y colectivas a través de sus símbolos y artefactos, de sus avenidas y edificios. Nuestro interés es mostrar cómo se imbrican los espacios y cuerpos que discurren en la novela, en relaciones de choque y convivencia que tejen una red de afectos, muchas veces tensa, que desborda el cálculo urbano y le otorga sentido. Así, pareciera que el único camino para apropiarse de una ciudad “ficticia”, de un lugar o espacio que parece impropio, de reconocerse en el artificio y en el vacío, son los afectos. La ciudad del planalto estaría así hecha no a la medida de los arquitectos e ingenieros, sino a la medida de los afectos de quienes no son sus habitantes innatos, sino de quienes la eligieron como su morada y su punto de llegada.

Palavras-chave: Brasilia, afectos, espacios, subjetividad



GUÍA NO-TURÍSTICA DE RÍO DE JANEIRO: RUTAS AFECTIVAS EN DOS FILMES DE FAVELAS DE NELSON PEREIRA DOS SANTOS

Mónica González García

Resumo: En Rio 40 graus (1955) y Rio, Zona Norte (1957), Nelson Pereira dos Santos representa el drama de las favelas cariocas a partir de la relación que algunos de sus habitantes establecen con la ciudad. Acompañando recorridos de sobrevivencia que inevitablemente los empujan hacia sectores acomodados, los protagonistas de ambos filmes van delimitando derroteros afectivos que, mediante imágenes y sonidos que ilustran el efecto del tránsito del cuerpo de color por la ciudad turística, marcan una topografía cinematográfica de espacialidades urbanas que van de la solidaridad a la hostilidad y que acaban señalando los destinos de los favelados. Si en Rio 40 graus la representación emocional del arriba y el abajo urbanos indicaban la posibilidad de redención para los niños vendedores de maní, pues la comunidad del cerro se mantiene como una zona de refugio, en Rio zona norte el cerro es un lugar amenazado por el crimen y donde el sambista no encuentra ya el resguardo que predomina en dicho espacio en el filme anterior. En este trabajo, busco describir las topografías cinematográficas de los afectos urbanos según son definidas por los recorridos de los niños en la película de 1955 y por los del sambista Espírito da Luz en la película de 1957, analizando para ello los recursos visuales y sonoros usados por el cineasta para caracterizar las diferentes espacialidades urbanas desde la perspectiva de sus personajes. Asimismo, comento la manera como esa topografía se modifica de un filme a otro, representándose en la segunda obra una ciudad que parece carecer de refugios de compañerismo y redes de apoyo—topografías que ciertamente no logran ser leídas por el protagonista resultando así en su desenlace fatal. Utilizo para este análisis conceptos como audiovisión de Michel Chion (1990), paisaje afectivo de Irene Depetris (2016), necropolítica de Achille Mbembe (2006), de la teoría de los afectos según Gregory J. Seighworth y Melissa Gregg (2010) y de la teoría de salud urbana según Amani N. Nuru-Jeter y Thomas A. LaVeist (2011).

Palavras-chave: rutas afectivas; necropolíticas urbanas; Río de Janeiro; Nelson Pereira dos Santos

AFECTOS Y PERIFERIA EN LA POÉTICA DE ALESSANDRO BUZO

Jorge Cid

Resumo: Afectos y periferia en la poética de Alessandro Buzo Jorge Cid Universidad Adolfo Ibáñez En el marco de nuestra investigación Fondecyt Iniciación n° 1180374 titulada “Crear y publicar (en) la periferia: un estudio comparado de colectivos de autoedición poético-visual actuales de Brasil, Argentina y Chile”, nos proponemos desarrollar una ponencia en el marco de la versión 2019 de Abralic que interroge la literatura periférica desde la perspectiva de los paisajes afectivos (Depetris) en ella desplegados. Con este fin, analizaremos la obra del escritor Alessandro Buzo (Itaim Paulista, 1972) desde la perspectiva de los afectos bosquejados a través de su obra literaria y audiovisual, describiendo las dinámicas que establece entre conciencia espacial, periferia paulista y su órbita afectiva, así como también la concomitante reflexión sobre las dinámicas de exclusión socio económica y cultural que definen su espacio de enunciación marginal. En este sentido, centramos nuestro análisis en las particularidades de su lenguaje que, desde el lugar de la giria, horada el portugués estándar, dando cabida a nuevas subjetividades, proveyendo de voz a los personajes del cine mudo de las villas periféricas. Es interesante constatar que la obra de Alessandro Buzo considera la escritura poética, la autobiografía (“Favela toma conta”) y también la creación cinematográfica (“Profissão MC”, “Fui”): mientras en su escritura el hablante y la conciencia narrativa se posiciona desde un yo embebido culturalmente del cotidiano periférico, en sus medio y largometrajes, el reparto está conformado por actores que provienen efectivamente de la periferia paulista, dotando de una verosimilitud y carisma genuino su realización literaria y fílmica. La opción por la giria en la que se cristaliza el día a día de la periferia deviene lengua encarnada dando cuenta de la creación en comunidad que ha caracterizado el trabajo de los autores considerados dentro de la



literatura periférica marginal, particularmente ostensible en la practica de declamación comunitaria denominada sarau que, de manera sistemática, Alessandro Buzo ha acogido dentro de su librería Suburbano convicto en Sao Paulo en la que se encuentra una porción relevante de la literatura periférica marginal. Algunas de las interrogantes que guiarán nuestra comunicación son ¿Cuales son las emociones que definen el circuito de afectos (Safatle) de la producción narrativa y cinematográfica de AlessandroBuzo? ¿Encarna dicho circuito afectos comunes a la comunidad del Itaim paulista o conviven estos con fragmentos de un abanico emotivo personal? ¿ En qué medida los ugly feelings (Sianne Ngai) derivan de la condición periférica del paisaje sociocultural? y basado en dicha constancia ¿Cuáles son los afectos constructivos que cobija la creación literaria dentro de las comunidades faveladas y en las dinámicas de socialización literaria en el contexto de saraus?

Palavras-chave: ALESSANDRO BUZO, PERIFERIA, AFECTOS

34 - ESTRANHANDO A TEORIA EMPENHADA DE ANTONIO CANDIDO

Coordenação: Profa. Dra. Anita Martins Rodrigues de Moraes (UFF); Profa. Dra. Lúcia Ricotta Vilela Pinto (Unirio); Prof. Dr. Marcelo Moreschi (Unifesp)

Resumo: Este Simpósio aposta num pensamento inacabado e duramente empenhado em estranhar a obra de Antonio Candido e seu modo de repor na cultura tanto uma tradição crítico-espiritualista da nacionalidade e das totalizações teleológicas, etapistas e evolucionistas, quanto uma acomodação rija da ficcionalidade, da invenção e da teoria. Tudo isso resulta num processo de institucionalização acadêmico-universitária das humanidades e do desenvolvimentismo das letras no Brasil, ocorrendo em contexto de embate flagrante com os mundos múltiplos nos quais são constituídas nossas subjetivações políticas. Imperativos edificantes e/ou cívicos e o ideal do nacional-classicizante impõem-se, então, às configurações da literatura e da crítica.

Confrontando o quadro de valores da obra candidiana a outros processos intelectuais provindos de escritores, ensaístas, críticos literários de diferentes extratos, países e linhagens, este simpósio visa contrapor-se a constelações afeitas a tal institucionalização. Trata-se de insistir no jogo polêmico, no confronto de perspectivas e no debate efetivo e aberto à diferença. Importa, assim, delinear contornos e limites de operações teóricas em vigência nas recontextualizações da literatura e suas relações com domínios discursivos outros, em busca de legibilidades denegadas por uma autognose do nacional.

Nos estudos que sugerem reflexões acerca dos problemas e limites da teoria, da crítica e da historiografia literária candidianas está nosso interesse. Desse modo, propostas envolvendo os estudos da materialidade da literatura, da historicidade de categorias e práticas discursivas, como também problemáticas configuradas no âmbito da teoria literária, da estética, da antropologia, da história, dos estudos culturais, feministas, pós-coloniais e das subalternidades, além de perspectivas interdisciplinares e comparatistas, serão bem-vindas.

Sem satisfazer, portanto, a qualquer propósito encomiástico ou laudatório, o objetivo é realizar um tipo de homenagem a Antonio Candido em que esteja implicado o embate efetivamente crítico com seus textos, ações e ideias, e não paráfrases de sua doxologia. Pretende-se constituir um feixe de pensamento divergente e heterogêneo que, ao evitar a performance da teoria candidiana, também não subsuma as linhas de força da crítica ao privilégio comumente concedido a uma suposta função edificante-estetizante da literatura.

Em suma, este simpósio acolherá propostas que tratem dos seguintes problemas, dentre outros:

- Ciências sociais, ideologia paulista, desenvolvimentismo e Antonio Candido;
- Candido, genealogias e a normalização do modernismo;
- Candido e o lugar da ideia;



- Naturalização de pressupostos e descomplexificação da teoria no ensaísmo de Antonio Candido;
- Aporias e limites da teoria, crítica e historiografia candidianas;
- Candido, letras coloniais e outros regimes discursivos;
- O nacional-literário: vetos, sequestros e denegações;
- Candido, esteticismo e experimentalismo;
- Candido e a nostalgia do nacional-popular e da humanização;
- A teoria empenhada: famílias e heranças críticas;
- Eurologocentrismo e universalidade ideológica em Antonio Candido;
- Razão imperial, colonialismo e especificidade cultural em Antonio Candido;
- Direito à literatura e discriminação social;
- As premissas antropológicas do pensamento candidiano;
- Candidismo e cordialidade no campo dos estudos literários no Brasil: sociabilidade, doxa e institucionalidade;
- Pós-humanismos, pós-modernismos, pós-colonialismos e a obra candidiana;
- Proposições cosmopolíticas no enfrentamento das cândidas alteridades: o pobre, o caipira, o irracional, o primitivo e o iletrado;
- Antonio Candido em comparação e confronto com escritores, ensaístas, críticos literários de diferentes extratos, países e linhagens;
- Estranhando as apropriações de Antonio Candido no ensino de literatura.
- Candido x Machado; Candido x Graciliano; Candido x Rosa; Candido x Clarice; Candido x Mário X Oswald.

A título de exemplo, e para provocar o debate crítico, destacamos breve bibliografia, desenhando caminhos possíveis, trajetórias dissidentes e não doxológicas:

- BAPTISTA, Abel Barros. “O cânone como formação: a teoria da literatura brasileira de Antonio Candido”. In: _____. *O livro agreste*. Campinas, Editora da Unicamp, p. 41-80.
- HARDMAN, Francisco Foot. “Matem o Mito”. *O Estado de São Paulo*, 21 /fev/2016.
- LIMA, Luiz Costa. Concepção de história literária na *Formação*. In: *Pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 149-166.
- MOREIRAS, Alberto. “O nacional-popular em Antonio Candido e Jorge Luis Borges”. In: _____. *A exaustão da diferença: a política dos estudos culturais latino-americanos*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2001, p. 197-220.
- MORICONI, Ítalo. “Horizontes formativos, lugares de fala: Antonio Candido e a pedagogia do poema”. *Gragoatá* (UFF), Niterói, v. 2, n.12, p. 23-46, 2002.
- MOTA, Leda Tenório da. “*Clima e Noigandres*: a crítica literária brasileira entre dois fogos”. *Revista USP*, São Paulo, n. 39, setembro/novembro 1998, p. 120-129.
- NATALI, Marcos. “Além da literatura”. *Revista Literatura e Sociedade* (USP), v. 9, p. 30-43, 2006.
- PÉCORA, Alcir. “À guisa de manifesto”. In: _____. *Máquina de gêneros*. São Paulo, Edusp, 2001, p. 11-16.



SANTIAGO, Silvano. “Anatomia da formação: A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo”. Ilustríssima. Folha de São Paulo, 7 de setembro de 2014.

SISCAR, Marcos. “O discurso da história na teoria literária brasileira”. In: _____. *Poesia e crise: ensaios sobre a “crise da poesia” como topos da modernidade*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2010. p. 197-210.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

(RISOS)

Marcos Natali

Resumo: Colocado normalmente entre parênteses em transcrições de falas e discursos, o riso sinaliza um aspecto menor e aparentemente insignificante de manifestações públicas. Pode, no entanto, ajudar a entender a natureza complexa e ambivalente de gestos comuns na criação de comunidades críticas. Aqui, trata-se de examinar como o uso do humor, que aparece esporadicamente nas obras de Antonio Candido e de alguns de seus leitores, nos diz algo sobre a constituição e a lógica do campo da crítica literária no Brasil. Com isso espera-se chegar a uma compreensão melhor do que foram as políticas de fundação e formação do estudo da literatura na universidade brasileira, inclusive para entender a relação entre essa história e a preferência por certas referências teóricas e estilos de escrita. Propõe-se assim uma leitura da forma e da retórica dos confrontos intelectuais na área, e dos valores atribuídos neles à conciliação e à síntese, ao mesmo tempo em que são exploradas, como contraponto, outras éticas do dissenso e da diferença. O trabalho busca identificar também o que, exatamente, os momentos de fundação sentiram a necessidade de suprimir, um conjunto que abarca não só elementos específicos da vida local, mas também, no caso, a própria existência de violência no ímpeto fundador, contribuindo assim para a consolidação de uma reputação crítica associada a características como a modéstia, o equilíbrio e o comedimento.

Palavras-chave: Antonio Candido; humor; crítica literária brasileira; índio.

AS TENSÕES DE UM MÉTODO DIALÉTICO: A NOÇÃO DE CRÍTICA EM ANTONIO CANDIDO

Sílvio Augusto de Oliveira Holanda

Resumo: Dada a indiscutível densidade da produção teórico-historiográfica e a longa atuação docente de Antonio Candido (1918-2017), um dos responsáveis pela institucionalização universitária da Teoria Literária na Universidade de São Paulo e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, já é possível repensar a noção de crítica em um vasto conjunto de textos que vai de O método crítico de Sílvio Romero (1945), Formação da Literatura Brasileira (1959), Tese e Antítese (1964), Literatura e Sociedade (1967) até A educação pela noite (1987), a partir da ideia central de que, na dialética da obra literária, o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem “como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tor-nando-se, portanto, interno.” No âmbito dessa dialética, o grande ensaísta pôde ler autores como Graciliano Ramos, Clarice Lispector, Machado de Assis, Drummond e Guimarães Rosa, entre muitos outros, autores em que incidiu uma acuidade analítica única, capaz de relativizar extremos que poderiam esvaziar a dimensão estética ou abstrair a história na análise concreta de textos. O autor propõe uma espécie de redução estrutural, que procura dar conta tanto do valor estético quanto da função social da obra literária em seu processo de compreensão, numa concepção em que subjazem leituras do new criticism norte-americano e da Antropologia Social inglesa. Sob a perspectiva desse quadro conceitual, o ensaísta pôde, por exemplo, na leitura da obra de Guimarães Rosa (1908-1967), formular o conceito de suprarregionalismo, que permitiria a este autor romper com o sertão factual e com a temática regional da Literatura Brasileira. Considerando essa ampla atuação



crítica, esta comunicação propõe examinar a noção de crítica em Candido, em articulação com a noção marxista e hegeliana de dialética com fundamentação em alguns casos exemplares, ligados à interpretação da narrativa rosiana, sobretudo a Grande sertão: veredas, de que o autor fez interpretações hoje clássicas, ao articular o romance à forma de Os sertões, de Euclides da Cunha, e ao forjar a expressão crítica “reversibilidade”. Atente-se ainda para títulos como Tese e antítese (1964) e Dialética da Malandragem (1978), em que é evidente uma filiação hegeliana. Para dar conta minimamente da proposição, além da leitura da própria obra de Antonio Candido, é fundamental revisitar textos fundamentais que discutiram aspectos ligados ao pensamento crítico do autor, como os de Flávio Aguiar (1999), Maria Angela D’Incao (1992), Celso Lafer (1979) e José Guilherme Merquior (1981) e Russoto (1991).

Palavras-chave: Antonio Candido, crítica, redução estrutural.

ALGUNS VESTÍGIOS D’ “A ESPÍRITA” E DE “ENCOSTANDO NO BARRANCO” PARA CÂNDIDA APRECIÇÃO

Marcelo Moreschi

Resumo: Para discutir possibilidades de cruzamento de *theoria*, *poiesis* e *práxis*, esta comunicação parte de três proposições: (I) a documentação de arte (artedocumentação e aqui também em parte autoartedocumentação) tem dificuldade em apenas referir uma obra de arte prévia porque a excede (ao não apresentá-la/presentificá-la e ao documentá-la, transformando-a em “vida” e em *práxis*) mas nunca se tornando ela mesma “obra” (Groys, “A arte na era da biopolítica: da obra de arte à documentação de arte); (II) “artists should not take the feeling of believers in consideration because these feelings are hurt by art anyway” (Groys, “Hurting the Feelings of Others”); (III) a destruição das condições do “sólido ambiente enfadonho” da “vida isolada” se dá por fazer deliberadamente emergir “em alguns pontos” “o sinal incendiário de um jogo superior” (Debord, “Questões preliminares à construção de uma situação”). A partir dessas proposições, pretende-se aqui apresentar documentação relacionada a duas intervenções/performances do Grupo de Estudos da Deriva: “A Espírita do Ocidente em busca de nova morada”, realizada na Unifesp-Guarulhos, em 23 e 24 abril de 2018, às vésperas de um evento acadêmico em homenagem a Antonio Candido na mesma instituição (proposição: <https://goo.gl/q48muH> , poema-anúncio: <https://goo.gl/JLFZj5>); e “Encostando no barranco”, perturbação na exposição Ocupação Antonio Candido do Instituto Itaú Cultural, em 9 de julho do mesmo ano (postagem-anúncio: <https://goo.gl/bACgzj> , panfletos distribuídos: <https://goo.gl/1RYryG>). As duas intervenções foram pensadas para produzir algum sentido de estranheza em meio à celebração e reposição da cândida-doxologia e ao encômio acriticamente unânime da obra de Antonio Candido no ano de 2018. A documentação (textos, mapas, prints, imagens e stills de um filme) relacionada às duas intervenções será narrativizada de modo a submetê-las a um olhar mais amplo que explicita: (a) a sua contraposição às manifestações encomiásticas, (b) a escolha dos gêneros de manifestações mais adequadas à intervenção; (c) o esforço de encontrar uma metaposição, capaz de produzir sucessivas análises, autocríticas e alterações das intervenções iniciais. Assim, “A Espírita” e o “barranco”, sob forma documental, serão oferecidos aos participantes do simpósio para apreciação, crítica e debate.

Palavras-chave: Antonio Candido; intervenção; performance

16/07 (TARDE)

EDITAR O BRASIL PARA AMÉRICA LATINA: A EXPERIÊNCIA DE ANTONIO CANDIDO NA BIBLIOTECA AYACUCHO

Eduardo Toro

Resumo: Em 1974, Antonio Candido recebe uma carta, escrita em 17 de setembro por Ángel Rama, das mãos do seu amigo Sérgio Buarque de Holanda que acabava de voltar de Caracas. A carta era um convite de colaboração para escolher as obras brasileiras que participariam de um projeto editorial de porte continental: a Biblioteca Ayacucho. O pedido de Rama abria portas



para questionar diferentes mecanismos do processo editorial, como a exclusão, a tradição e a tradução. O convite ao crítico brasileiro propunha repensar as variações dos “espaços legíveis” entre duas tradições – a da América Hispânica e a brasileira –, pensando tanto as circunstâncias de sua efetivação na tradição latino-americana, quanto as práticas concretas de uma cultura brasileira nas obras escolhidas.

Palavras-chave: edição; tradição; tradução

O AVESSO DO MESMO LUGAR: UMA PROPOSTA DE RELEITURA DA FUNÇÃO HUMANIZADORA DA LITERATURA

Marina Maria Campos Brito

Resumo: Em *Formação da literatura brasileira* (1959), Antonio Candido demonstra seu empenho em delinear os momentos decisivos de formação da nossa literatura – o Arcadismo e o Romantismo – evidenciando também certo temor de que a nossa literatura não se consolidasse enquanto sistema simbólico, deixando o país refém do “atraso do meio” (CANDIDO, 2000) – visto que um sistema simbólico consolidado é capaz de produzir consciência ao fazer uso das formas de expressão adequadas. Um sistema literário articulado (que prevê a integração entre as obras de um determinado período, de tal maneira que sua manutenção leva à consolidação de uma tradição) é constituído por obras que devem equilibrar dado universal – ordem da forma, advinda da Europa – e dado local – ordem da substância. Por isso, o Romantismo, tributário de uma tendência nacionalista, ao se voltar à representação da realidade local, resulta, para Candido, em algo positivo: uma “tomada de consciência” (CANDIDO, 2000), necessária em países como o Brasil. Em *Os parceiros do Rio Bonito* (1964), obra cujo período de elaboração coincide com os anos de estudo dedicados à *Formação*, o receio de que a nossa sociedade se afaste dos polos de humanização/civilização – de que faz parte a literatura – também se faz presente. Para evitar esse afastamento, segundo propõe Candido, a literatura possui papel central, pois é capaz de humanizar/civilizar na medida em que conscientiza a sociedade acerca da sua condição. Parece que, ao articular a dinâmica da literatura a certa conscientização da sociedade, Candido imbuí a literatura de uma função humanizadora/civilizadora que se articula também ao modo como o crítico pensa o Brasil. Se, nos países que ainda não foram “homogeneizados sobre a base dos padrões urbanos avançados” (CANDIDO, 1995), a literatura não deve se desprender de temas de caráter particularista, é porque, segundo Candido, ela deve cumprir sua função social na representação da realidade local. Interessa-nos, dessa forma, investigar as relações entre o modo como Candido concebe a dinâmica da literatura no Brasil e a forma como pensa o país, a sociedade brasileira, uma vez que esses dois movimentos parecem se articular dentro do modelo teórico do crítico. Para tanto, pretendemos nos debruçar sobre a função humanizadora da literatura, voltando a ela um olhar acima de tudo inquisidor, questionador do que subjaz a essa função. Além disso, importa-nos a leitura crítica de “Literatura, espelho da América?” (1995) para perscrutar a forma como Candido entende a dinâmica da literatura em países da América Latina, que parece estar articulada a um projeto de nação. É de interesse dessa proposta, portanto, questionar a função humanizadora da literatura e seu papel de conscientização dentro de um projeto de nação.

Palavras-chave: Antonio Candido; humanização; função da literatura; subdesenvolvimento

CANDIDO: OMISSÕES E DESCOBERTAS EM SUA CRÍTICA À LITERATURA REGIONALISTA PRÉ-MODERNISTA

Gustavo Krieger Vazquez

Resumo: Parte de um estudo maior sobre a literatura regionalista brasileira do início do século XX, e que inclui o trabalho de Caio Prado Jr., influenciador de Antonio Candido, acompanharemos cronologicamente, nessa comunicação, as críticas que Candido lança contra a literatura regionalista pré-modernista e que suscitam algumas questões. Iniciando por um artigo publicado no jornal *Diário de São Paulo* em 1946 após o lançamento de *Sagarana*, de Guimarães Rosa, passando por vários textos, incluindo o clássico “Literatura e subdesenvolvimento” de



1970, até chegarmos em Iniciação à literatura brasileira, de 1987, veremos como Candido enxergava a literatura regionalista do fim do século XIX e início do século XX. Entre muitas críticas negativas, enxergando o estilo como ultrapassado e incapaz de se preocupar com nada além do pitoresco, e a diminuição da importância de certos autores, como Valdomiro Silveira e Afonso Arinos, há alguns, como Monteiro Lobato, que sobressaíam e eram elogiados; e, a partir de 1972, há a presença frequente e muito positiva de Simões Lopes Neto entre os escritores estudados. Notaremos também algumas omissões importantes, e que nos lançam uma questão sobre a evolução crítica de Candido em relação ao tema: se os autores considerados por ele fazem jus à literatura regionalista da época, ou se há escritores fundamentais que passaram despercebidos pela visão do crítico - se, assim como Lopes Neto manteve-se desconhecido por décadas, se outros autores de igual talento também não foram ignorados ou sequer estudados pelo crítico, como o também gaúcho Alcides Maya. Por fim, seguindo as ideias de um estudo de Luís Augusto Fischer chamado "A Formação vista desde o sertão", questionaremos se algumas críticas feitas a autores regionalistas, como Coelho Neto, e ao estilo em geral, não se devem a uma tendência muito forte a favor do Modernismo em detrimento das qualidades existentes mas ignoradas nos regionalistas pré-modernistas, incluindo uma tentativa do crítico de focar em São Paulo e ao redor dos Modernistas vertentes literárias que não necessariamente estavam atreladas somente ao movimento.

Palavras-chave: Literatura regionalista brasileira; pré-modernismo; Antonio Candido

A TRANSFIGURAÇÃO DO DRAGÃO OU A SOBREVIDA DO REGIONALISMO

Maryllu de Oliveira Caixeta

Resumo: No conto de Tutaméia "Reminiscção", o sapateiro Romão demonstra amor incondicional por uma mulher "feia como os trovões da montanha", além de reincidentemente maldosa. No final desse conto de João Guimarães Rosa, sua mulher Drá(gão) transfigura-se em Nhemaria abraçada ao marido moribundo. A estória de Drá e Romão oferece uma paródia da teoria platônica das reminiscências e indetermina, com muito humor, o modo como críticos no século XX e particularmente no pós-guerra vinham operando o conceito de "transfiguração" quando o usavam como critério de depuração de matérias brutas em formas ideais, orgânicas, próprias, puras. No conto, a paródia da transfiguração começa pelos sucessivos nomes da mulher de Romão e chega a avaliar a função de síntese que Rosa assume dos principais segmentos da literatura brasileira: a depuração de matérias brutas selecionadas e trabalhadas pelo regionalismo em uma fase inicial até a transfiguração delas na forma modernista. Na história da literatura brasileira, a depuração dessas matérias brutas tem por marco inicial o romantismo, quando o foco recaiu no idioma próprio, o português brasileiro; e tem por destino, tólos, o superregionalismo que transfigura as matérias regionalistas da tradição nativista dominante na América-Latina, como o ensaio "Literatura e subdesenvolvimento" (1970) de Candido confere na revolução oferecida por Guimarães Rosa à apreciação de escritores como Clarice Lispector, e da florada novelística de Rulfo, Carpentier, Cortázar, e Vargas Llosa. Depois de constituir polêmica nos entornos da proclamação da República, persistiu século XX afora a questão estética e política que pergunta pelos modos de escrever a fala de personagens e de narradores, na literatura brasileira. No conto de Machado de Assis "Cantiga de Esponsais", mestre Romão padece a sorte de músico cuja vocação não possui uma língua própria. Nos anos 40, Guimarães Rosa encara a questão do idioma de um modo que intervém no maior segmento da literatura brasileira posterior ao romantismo: o regionalismo. Sagarana (1946) dividiu a crítica a respeito de como situar o livro em relação ao regionalismo, já que também trata do sertão, de zonas rurais e arredores mais ou menos urbanizados. Embora as nove narrativas que compõem Sagarana tenham sempre o mesmo espaço, o sertão, alguns críticos já de começo notaram diferenças importantes de Rosa quanto ao passado regionalista e confrontaram uma diferença relativa ao tratamento das variantes dialetais do português brasileiro. Candido destacou em suas "Notas de crítica literária – Sagarana" (1946) que o grande êxito do livro resultava de como havia afetado a relação do público leitor com o "problema do regionalismo e



do nacionalismo literário”. Mais tarde, na conferência “A literatura e a formação do homem” (1972), Candido informa haver se tornado uma palavra de ordem, na crítica latino-americana, a “morte do regionalismo” cuja sobrevida, no entanto, associa à continuidade da situação de subdesenvolvimento que mantém as culturas rústicas à margem da cultura urbana. Proponho um estudo do conto “Reminiscção” comparado ao estudo desses textos de Antonio Candido, atentando para noções como transfiguração, sobrevida do regionalismo no subdesenvolvimento, dissolução do homem culto no homem rústico, e organicidade.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; Tutaméia; Reminiscção; transfiguração.

17/07 (MANHÃ)

TERRA, PAPEL, TESOURA: DO ESTRANHO DIREITO À LITERATURA

Mariana Ruggieri

Resumo: Nesta comunicação pretendo partir da pergunta final formulada por Marcos Natali em seu texto “Além da Literatura” - a saber, “E se tivéssemos que escolher entre a literatura e a justiça, onde ficaria a nossa fidelidade” - e confrontá-la com o texto de Marília Librandi-Rocha “A Carta Guarani Kaiowá e o direito a uma literatura com terra e das gentes”. O que proponho, portanto, é entrar nessa conversa que se configura entre Antonio Candido, Marcos Natali e Marília Librandi-Rocha para pensar algumas relações possíveis entre literatura e direito. Para escrever o seu texto e realizar o empreendimento de ler Antonio Candido em suas entrelinhas, Natali parte de uma definição restritiva de literatura - a mesma trabalhada por Candido -, ao passo que Librandi-Rocha propõe reler o texto “O direito à literatura” com uma noção ampliada de literatura. Minha intenção é propor que definições distintas de literatura implicam compreensões distintas de direito. Antonio Candido considera que, principalmente em um país marcado pelo seu índice de analfabetismo, a literatura - e suas propriedades humanistas e inclusivas - deve ser um direito de todos; Natali, por outro lado, questiona justamente os termos dessa inclusão, contra uma perspectiva segundo a qual a literatura passa a constituir um bem comum a todos, como se a literatura fosse por e em si mesma universal em sua origem, apontando para o fato de que essa pressuposição constitui uma “tradução violenta”. Librandi-Rocha diz que “o direito ancestral a suas terras é paralelo ao direito de inclusão no terreno discursivo literário”, o que sugere que os direitos territoriais são tão indispensáveis quanto os direitos literários e, no entanto, o seu paralelismo são mais bem duas retas que se cruzam em um mesmo ponto, no desejo de uma relação simétrica entre estes direitos. Para avançar essa hipótese - e considerando que a tinta sobre o papel é justamente aquilo que vem a constituir a propriedade privada - trabalharei com outras produções indígenas, além da Carta Guarani-Kaiowá aborda por Librandi-Rocha, como “A Queda do Céu”, de Davi Kopenawa e os comunicados zapatistas.

Palavras-chave: literatura; direito; antonio candido, propriedade privada

ANTONIO CANDIDO E O ENSINO DE LITERATURA

Jefferson Silva do Rego

Resumo: No Brasil, muitas são as pesquisas acadêmicas que apontam a precariedade do ensino escolar básico e, por tabela, do ensino de literatura. Nesta comunicação, a partir dos textos A literatura e a formação do homem (1972) e O estudo analítico do poema (2006), pretende-se discutir o pensamento de Antonio Candido no que diz respeito ao ensino de literatura em geral, e, particularmente, ao ensino de poemas, no âmbito da educação básica brasileira. Especificamente, tem-se a intenção de avaliar se as contribuições de Candido nesta questão ainda podem ser pertinentes na contemporaneidade, seja por aqueles que precisam trabalhar o ensino de literatura nas escolas brasileiras, quais sejam, os professores de língua portuguesa e literatura; seja por aqueles que almejam se profissionalizar no Brasil como críticos literários e ou como professores/pesquisadores de literatura nas universidades nacionais.

Palavras-chave: Humanismo; Ensino de Literatura; Ensino de poemas



CANDIDO, LETRAS COLONIAIS E OUTROS REGIMES DISCURSIVOS: O RAPTO DE O REINO DA ESTUPIDEZ PARA A LITERATURA BRASILEIRA

Marcia Maria de Arruda Franco

Resumo: Através da análise e interpretação do acervo impresso e manuscrito da BBM da obra *O reino da Estupidez*, pretende-se questionar a sua classificação como obra da história da literatura brasileira, quando se trata de um poema herói-cômico português que faz a crítica da universidade portuguesa durante a Viradeira, correndo manuscrito e anônimo, apenas atribuído a Francisco de Melo Franco, quarenta anos depois de morto, pela edição de 1868. Na história literária portuguesa, está ao lado dos pré-românticos e/ou ilustrados, dirigida às ideias liberais, classifica-se amiúde como parte da arcádia brasileira, ou de Minas. Antonio Candido (1959) adere a esta interpretação, considerando este poema herói-cômico parte do “ciclo de protesto filosófico contra a rotina universitária” em que “se destacam os brasileiros”. A poesia “não repousante”, de “versos malsoantes”, com sua “invenção viva e ferina” e “entrecho bem achado e expressivo”, se apresenta “de cunho didático” e como “panfleto ideológico”, em última instância, pró Inconfidência Mineira: “A evolução se completaria poucos anos depois, na sua capitania de Minas, pela ideia descarnada e aderente ao fato, passando da reforma intelectual para as perigosas fronteiras da verrina” (CANDIDO, 2000, p. 154). Trata-se de questionar esta classificação e a atribuição da sua dupla autoria ao médico luso-brasileiro e a José Bonifácio de Andrada e Silva, o Patriarca da Independência, como frutos de uma estratégia histórico-literária que serve à causa da literatura brasileira, desentendendo o lugar e a função das letras luso-brasileiras no período colonial.

Palavras-chave: Letras coloniais, Brasil Império, Formação da Literatura Brasileira, Poema herói-cômico.

17/07 (TARDE)

OS CORPOS AFETIVOS DE MÁRIO ANDRADE: DESCONSTRUINDO O SISTEMA LITERARIO E A RAZÃO CIVILIZADORA DE ANTONIO CANDIDO

Renata Pontes de Queiroz

Resumo: Em *Literatura e sociedade* Antonio Candido estabelece como eixo de leitura do modernismo a dialética entre local e universal retomando, com este argumento, a sua tese central sobre a síntese de tendências universalistas e particularistas como base da Formação da Literatura Brasileira: “Se fosse possível estabelecer uma lei de evolução da nossa vida espiritual poderíamos talvez dizer que toda ela se rege pela dialética do localismo e do cosmopolitismo, manifestada pelos modos mais diversos” (Candido, 109). Ao mesmo tempo, sua posição crítica sobre o movimento reforça sua convicção no papel do intelectual no processo de renovação da mentalidade nacional já impulsado pelo romantismo, agora incumbido ao modernismo. Desde a perspectiva de Candido, plenamente imerso no sistema proposto em *Formação*, o movimento constituía uma importante síntese na dinâmica literária brasileira, inaugurando –sobretudo desde os elementos da “primeira fase” também chamada “heroica” (Lafetá) – um novo momento na dialética entre o local ou universal, “afirmando o primeiro do termos pelo recurso ao segundo, ou seja, afirmando-se o dado local pela valorização vanguardista (europeia) do primitivo” (Oliveira, 135) como deixa claro no ensaio “Literatura e cultura de 1900 a 1945” que compõe *Literatura e sociedade*: “As nossas deficiências, supostas ou reais, são reinterpretadas como superioridades. [...] O primitivismo é agora fonte de beleza e não mais empecilho à elaboração da cultura” (Candido, 120). Interpretado como expressão dos efeitos das vanguardas europeias, Candido conclui que entre os anos 20 e 30 o modernismo empreendeu “um admirável esforço de construir uma literatura universalmente válida por meio de uma intransigente fidelidade ao local” (126). Apesar da valorização crítica de Candido da produção estética desse período –ao considerar, por exemplo, Macunaíma como obra central e mais característica do movimento– e de sua admiração pelo sentido de engajamento da literatura tanto de Oswald como de Mário de



Andrade, uma análise minuciosa da obra do segundo mostra discrepâncias fundamentais entre seu pensamento e o sistema literário proposto por Antonio Candido. Com ênfase no enfrentamento entre racionalidade e afeto que inspiram, em Formação, a desqualificação da música como uma ameaça – seja anestesiando a razão, seja encurtando as distâncias entre a “arte e a realidade imediata”, “a palavra e a coisa” – nosso objetivo nessa comunicação é mostrar como a análise do fenômeno musical e do processo criador do “populário” – dois pontos de referências constantes na trajetória intelectual de Mário de Andrade – revela uma dissonância estratégica entre a concepção estético-política do modernista e o projeto civilizador-humanizador de Candido. Entre os elementos chaves dessa contradição está o chamado andradino a recuperar a dimensão artesanal da arte e a desconstruir as distâncias entre o processo artístico e a realidade imediata, o que também acarreta, nas suas reflexões críticas e obra, um posicionamento tenaz contra o perfeccionismo técnico e culto ao erudito como pré-requisito tanto da função social da literatura e da música como de uma urgente transformação nacionalista.

Palavras-chave: modernismo; razão; afeto; narração; experiência

RESSONÂNCIAS CANDIDIANAS NA FORTUNA CRÍTICA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Lucas Bezerra Facó

Resumo: A comunicação pretende explorar as ressonâncias, na fortuna crítica de João Cabral de Melo Neto, do artigo "Poesia ao Norte", publicado em 1943 por Candido sobre o livro Pedra do Sono (1942), primeiro do poeta pernambucano. Em mais de uma entrevista, João Cabral presta homenagem à agudeza de Candido, que enxergou, nos poemas de aparência surrealista do jovem poeta, os traços construtivos e racionalistas que dominariam sua poética madura. Os comentários positivos de Candido não vem, entretanto, sem a admoestação de que o poeta estaria "despoetizando demais as suas poesias". "Sistema fechado", "exagero de um certo composicionismo verbal", "mundo fechado" e poesia que "tende a bastar a si mesma" são alguns dos predicados atribuídos ao "livrinho de moço" Pedra do Sono. O veredito do crítico é que a poesia de João Cabral é excelente, mas não sabe olhar as horas: "Nos nossos tempos de poesia mais comunicativa, já transcendida a fase hermética pura, quase sempre vítima da sua autofagia, soa com certo ar de raridade o livro do Sr. Cabral de Melo. E nos leva a crer que a voz (?) do cisne mallarmeano está sempre viva, a ponto de vir ressoar na última geração da nossa literatura." (CANDIDO, 1999) O conteúdo negativo do artigo de Candido foi igualmente importante para a obra e a crítica cabralinas. O “risco” de solipsismo e desumanização reaparece em vozes importantes como as de Sérgio Buarque e Luiz Costa Lima – mas apenas para ser negado e para que seu contrário seja afirmado e reafirmado. O primeiro, escrevendo sobre O Cão Sem Plumas, num procedimento teórico que será exhaustivamente imitado, inverte e sintetiza a relação entre pureza e vida: “Esse refinamento extremado, essa mortal pureza, não constitui, ao cabo, uma negação, mas uma condição de vida” (HOLANDA, 1996). De maneira semelhante, Costa Lima, no seu importante livro-ensaio Lira e Anti-lira (LIMA, 1995), procura demonstrar que a despersonalização da poesia levada a cabo por Cabral aprofunda seu humanismo, ao invés de limitá-lo – seu argumento também possui um fundo teleológico, apesar de sociologicamente informado: quanto mais o “lirismo tradicional” penetra temporalmente no século XX, mais patente torna-se a sua contradição com as formas de vida contemporâneas. (Costa Lima revisará bastante suas posições sobre Cabral, mas é incomparável a centralidade deste livro para os estudos cabralinos). Ambas as leituras tem em comum posicionar Cabral em radical oposição a toda a literatura em língua portuguesa, supostamente marcada pelo sentimentalismo e pela melodiosidade. A reflexão segue pela exploração do papel desse “risco” de recair na tradição, enunciado inicialmente por Candido, para a inteligibilidade da obra de João Cabral. Nos perguntamos, então: que exigências se faz à obra cabralina para que ela sustente essa super-indivuação do Autor João Cabral? Obra entendida aqui não como algo que existe em si e anteriormente às indagações críticas, mas como um texto entretecido tanto pelo



autor quanto pelos leitores e críticos. A resposta passa pela crítica de binômios estruturantes da crítica cabralina, que tem em Antonio Candido um “pai fundador”: subjetivo/objetivo, hermetismo/comunicação, inautêntico/autêntico, sonho/razão, sono/vigília.

Palavras-chave: Antonio Candido; João Cabral de Melo Neto; Poesia; Modernismo; Crítica literária;

UMA LENTA E GRANDE DISSOLUÇÃO: NOTAS SOBRE ANTONIO CANDIDO E CLARICE LISPECTOR

Anita Martins Rodrigues de Moraes

Resumo: Pretendo explorar o descompasso entre a caracterização da escrita na ficção de Clarice Lispector (na chave da desordem, da obscuridade, em termos de desmonte e desfiguração) e a caracterização da literatura em Antonio Candido (como produção de ordem, proposta de sentido e entendimento, superação do caos). Trata-se de colocar em relação de contraste o vocabulário crítico de Candido, com destaque para as funções humanizadoras que atribui à literatura, e os processos de desfazimento da máscara humana em textos da escritora, processos implicados na própria encenação da atividade de escrita. Darei destaque à leitura que Candido elaborou de Perto do coração selvagem, como também a seus ensaios dedicados a pensar a “humanização” (Os parceiros do rio Bonito, “O direito à literatura” e “A literatura e a formação do homem”), lidando com sua aposta numa dialética da literatura, esta entendida como ampliação dos domínios do espírito, como salto do particular ao universal, como superação dialética do particular, do contingente. Em “O direito à literatura”, Candido defende, por exemplo, que a literatura busca “elevar a experiência amorfa ao nível da expressão organizada”, transformar “o informal ou o inexpresso em estrutura organizada”, em “ordem definida que serve de padrão para todos e, deste modo, a todos humaniza, isto é, permite que os sentimentos passem de um estado de mera emoção para o da forma construída”. Nesse sentido, o elogio do “equilíbrio” e do “salutar” na Formação da literatura brasileira é sintomático, como também a tese de que a “aclimação penosa” da cultura europeia num “país semibárbaro”, “primitivo” garantiria “as disciplinas mentais que lhe pudessem exprimir a realidade”. Noções que Candido delineia pacificamente – a forma, o dar forma, a formação humana, a humanização, a saída do caos e do amorfo –, na escrita de Clarice Lispector emergem estranhas. Pretendo, assim, recuperar momentos da ficção de Clarice Lispector marcados por tal emergência, momentos perturbadores das fronteiras entre corpo e espírito, humano e animal, moderno e arcaico, civilizado e primitivo, com destaque para o livro A paixão segundo G.H.. Pretendo abordar as camadas imagéticas do livro, sugestivas de que o percurso de G.H. por seu apartamento, da sala ao quarto de empregada, costura-se a uma viagem pelo inconsciente cultural ocidental, visibilizando-se a condensação dos papéis do homem, da mulher (branca e negra) e do animal. Trata-se, assim, de propor que Clarice Lispector traz à tona o que em Candido permanece inconsciente: a historicidade dos contornos entre o si e o outro, ou seja, a normatividade branco-ocidental-masculina do “humano”.

Palavras-chave: dialética universal/particular; humanização; animalidade; inconsciente cultural ocidental; estudos pós-coloniais.

O MUNDO DE GRANDE SERTÃO: VEREDAS VAI DEIXANDO DE SER CANDIDIANO

Lúcia Ricotta Vilela Pinto

Resumo: Antonio Candido considera que “há de tudo” no Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa, “um mundo e um homem diferentes”, “abismos de virtualidades”, resultados, a seu ver, da deformação criativa do artista “original” do real que, consciente ou inconsciente, cria o “seu mundo, o seu homem”. Tendo presumido a desconexão do real pelo que entende ser o artista, Candido, no entanto, afirma os efeitos de uma “realidade em potência” que, conquanto “mais ampla e mais significativa”, tenderia a estreitar a captura dos sentidos do sertão-mundo, o que nos leva à equação própria dessa crítica de que o não-ser do real paradoxalmente faz-nos experimentar uma realidade dilatada e um “homem dos avessos”, tornando o não-ser do real o



mais dilatado real. Partindo do estranhamento desse equacionamento, e estendendo ainda mais os seus impasses, gostaria de retomar a hipótese de João Adolfo Hansen sobre ser o GS:V “uma cosmogonia”, “lugar da efetuação de um mundo e do sentido” em que se atualizam atravessamentos da “idealidade do sentido metafísico” e da “materialidade da coisa sensível” no “além-língua” e no “aquém-língua”, para desse modo sugerir uma disparidade monstruosamente outra de mundo em Rosa, de sobre-mundo, de outro-mundo, uma intersecção de mundos relacionada a imagens transformadas de “um outro do outrem”. Para o rendimento dessa discussão aponto à ficção conceitual acerca da imagem por Davi Kopenawa, em A queda do céu, e aos desdobramentos do duplo e da monstruosidade do fantasma no além de si evocados por Gilles Deleuze no ensaio “Michel Tournier e o mundo sem outrem”. Com isso, quero estranhar a orientação candidianamente dilemática que parece se dividir entre um sertão-mundo realista/regionalista, objetivante, físico, lógico e um sertão-mundo surrealista/super-regionalista, mítico, ritualístico e mágico no GS:V junto à urgência de reestruturação de um outro mundo, seguindo então o alerta dessas palavras de Deleuze: “Ora alguém de outrem, ora além. A diferença é essencial, pois outrem, no seu funcionamento normal, exprime um mundo possível, mas este mundo possível existe em nosso mundo e, se não é desenvolvido ou realizado sem mudar a qualidade de nosso mundo, ele o é, pelo menos, segundo leis que constituem a ordem do real em geral”.

Palavras-chave: Antonio Candido; Grande Sertão: Veredas; João Guimarães Rosa; mundo

35 - ESTRATÉGIAS NARRATIVAS NA LITERATURA DE EXPRESSÃO PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

Coordenação: Prof. Dr. Ulysses Rocha Filho (UFG); Prof^a. Dr^a. Tainara Quintana da Cunha (FURG)

Resumo: Há muitos olhares em um mesmo espaço capazes de provocar caminhos do narrar diferenciados, não importando as motivações (de autobiografia ou enredada) mas convergindo, nas tramas, um relato ficcional que guarda, em essência, pressupostos do mundo real (tencionando aprofundar, questionar, testar, transformar ou alterar os limites do mundo conhecido). Para Candido (2000), o texto literário, antes de ser mera refração do que está ao seu redor, é catalisador das mudanças em seu entorno. Da mesma forma, considera-se a figura de um leitor não contemplativo porque agente transformador chamado ao texto por força da expressão artística, por sua vez, modelada pela habilidade do autor situado em algum ponto das relações que procura entender. Reconhecendo a transversalidade e a pluralidade do estudo da literatura contemporânea produzida em língua portuguesa, o Simpósio propõem-se a receber trabalhos para comunicação que tratem de temas e estratégias recorrentes nas obras literárias produzidas em Portugal e/ou países de língua portuguesa no final do século XX ao XXI quer sejam: a releitura da tradição, a consciência crítica sobre o estatuto do fazer artístico, a hibridização entre os gêneros tradicionais, o lugar ocupado pelo artista. Assim, pensar as estratégias inovadoras da literatura portuguesa e/ou africana de língua portuguesa contemporânea é perceber todas as suas modificações desde finais do século, XX, incluindo uma perspectiva comparativista e, sobretudo a construção de um novo(s) sujeito(s) que emerge(m) do âmbito literário deslocando-se, em fluxo contínuo e paradigmático, em relação à sua própria cultura, do seu próprio universo histórico e social, vivenciado através de experiências particulares ou coletivas. As continuidades e rupturas emergentes na tradição cultural dos países de língua portuguesa, especialmente Portugal e África, territórios emergentes do pós-25 de Abril, levam a questionar, inclusive, a centralidade/marginalidade do sujeito, conforme Spivak (2010), tendo em vista o dimensionamento e a complexidade que assume na obra. A revisão de valores, o surgimento de novos temas paralelos àqueles em pauta na literatura, as tensões de foro coletivo ou individual são fatores que contribuem para o contingenciamento das múltiplas identidades do sujeito que se remodela na relação com o outro



e com a exterioridade. Evidentemente, a construção de modelos literários e culturais próprios em um processo de auto-afirmação, a autoridade e as certezas instituídas pelo discurso hegemônico do colonizador são subvertidas, questionadas, desestabilizadas para produzir um novo discurso híbrido e libertador, em consonância com o momento político (re)tratado. As antigas questões, revisitadas no texto, somadas ao que de novo essa literatura possa oferecer permitem abordar temas como os retornados e as migrações atuais, bem como, os paradigmas identitários pós-coloniais e as estratégias do cenário político-cultural pautado por rápidas transformações e pela efemeridade das relações. Na medida em que a literatura de expressão portuguesa contemporânea abre-se àquilo que de inovador e substancial seus autores possam engendrar na representação do cenário pós-colonial de então, também endossa o debate sobre o que a caracteriza, aglutinando ao cânone antecedente questões temáticas e socioculturais oriundas do contexto em que ela mesma foi erigida. Desse modo, o momento literário em questão corresponde a uma periodização interseccionada com os fatores sociais e também, trata-se de um fenômeno cujo dimensionamento está entrosado com a instância canônica, ao mesmo tempo em que a ultrapassa, promovendo a revisão de valores estéticos e formais. Quanto ao texto, a literatura faz-se lugar de transformações na figura da personagem, do narrador, do tempo e do espaço enquanto elementos essenciais da narrativa permeada pela intertextualidade, de acordo com Reis (2006), e graças à expressão fabuladora do artista que experimenta sua própria inserção na obra literária. Na era da velocidade e dos inúmeros deslocamentos (de sentidos, valores, identidades), a fabulação de episódios descontínuos, heterogêneos e fragmentados aponta para a ultrapassagem do tempo das grandes narrativas norteadas pela abrangência da totalidade. Neste sentido, no Simpósio Estratégias Narrativas na Literatura de Expressão Portuguesa Contemporânea serão aceitos trabalhos que visem à discussão da atualização de temas nas obras do período delimitado sob os pontos de vistas da intertextualidade, do cânone, da experimentação e do comparatismo, de onde possam advir contribuições que fomentem a discussão a partir dos múltiplos olhares dos pesquisadores envolvidos, além de agregar e entrecruzar experiências brasileiras e estrangeiras em que pese à possibilidade de divulgar os estudos culturais e literários no âmbito dos Países de Língua Oficial Portuguesa (PALOP).

Palavras-chave: Gêneros literários. Fronteiras e ambiguidades. Literaturas de língua portuguesa.

Referências:

- ABDALA JUNIOR, Benjamim (org.). **Margens da Cultura**: mestiçagem, hibridismo e outras misturas. São Paulo: Boitempo, 2004.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 8ª ed., São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.
- CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. **Foco narrativo e fluxo de consciência**: questões de teoria literária. São Paulo: Pioneira, 1981.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2ª ed., São Paulo: Contexto, 2014.
- FERREIRA, Manoel. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. São Paulo: Ática, 1987.
- LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- KRISTEVA, Julia. **O Gênio do Feminino**: a vida, a loucura, as palavras. Hannah Arendt. Rocco: Rio de Janeiro, 2002.
- REIS, Carlos. **História Crítica da literatura portuguesa**: do Neo-Realismo ao Post-Modernismo. Lisboa: Verbo, 2006. Vol. 9.
- _____. Estudos narrativos: a questão da personagem ou a personagem em questão. In: **Pessoas de livro**: estudos sobre a personagem. 2ª ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015. p. 13 - 41.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TUTIKIAN, Jane. **Questões de identidade:** a África de língua portuguesa. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 41, nº3, p. 37-46, setembro, 2006.

PROGRAMAÇÃO:

17/07 (MANHÃ)

LIRISMO E NARRATIVIDADE: A PROSA POÉTICA DA GERAÇÃO DE ORPHEU

Karine Costa Miranda

Karine Costa Miranda (Universidade Federal do Ceará)

Resumo: Almada-Negreiros, Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa contribuíram para a introdução do Modernismo em Portugal ao produzirem a revista Orpheu. As manifestações literárias desses autores estão no limiar da expressão da alma transportada a um plano estético e da configuração de um sujeito poético em sintonia com sua dispersão subjetiva. Assim, esta pesquisa objetiva analisar as obras Céu em fogo (1915), de Sá-Carneiro; A invenção do dia claro (1921), de Almada-Negreiros e Livro do Desassossego (1982), de Bernardo Soares (semi-heterônimo de Pessoa), a partir do estudo dos aspectos que caracterizam a presença do poético nas narrativas. A análise estrutural demonstra que há constante preocupação com temas da arte; inquietação do texto com reduplicação; fragmentação do enunciado, como mais um sinal da modernidade. As obras fundem-se com a lírica, constituindo-se em prosa poética, logo, a partir das teorias de hibridização de gêneros é possível identificar os aspectos que condicionam tais mecanismos. Octavio Paz acena a possibilidade de fusão entre prosa e poesia, o que supõe ter acontecido, por exemplo, em muitos romances modernos e contemporâneos. O ensaísta mexicano julga que afirmar que o ritmo é o núcleo do poema não implica dizer que este seja um conjunto de metros, e conclui que a existência de uma prosa carregada de poesia, assim como de muitas obras corretamente versificadas e absolutamente prosaicas, revela a falsidade dessa identificação. Dessa forma, atesta-se que as características da produção órfica coexistiram em tentativas mais vanguardistas, ainda que houvesse certo hibridismo com o decadentismo em sua estética. Portanto, é necessário delinear um panorama acerca do contexto modernista europeu, marcado pela transição de cunho ideológico e social, destacando a atuação de Almada-Negreiros, Sá-Carneiro e Pessoa na atmosfera de transformações e inovações artísticas portuguesas. Nesse tocante, reflete-se sobre os ideais artísticos e do modo como a escrita se constitui de maneira irreverente. Compreende-se que a prosa poética não se institui como gênero literário, mas sim como uma modalidade de como a poesia pode se externar. A força da prosa poética está no fato de que se respeita a descrição das cenas narrativas, prevalecendo, especialmente, um quadro lírico. A aglutinação do enredo e da poesia, a musicalidade, o abundante uso de metáforas e a divisão da frase em segmentos que chegam a recordar a cadência do verso assinalam, portanto, a forma como se processa a mescla da poesia com a prosa. Logo, a prosa poética se caracteriza pelo fato de que, ainda que seja escrito em prosa, o texto apresenta vários recursos poéticos, como aliterações; assonâncias; alegorias; metáforas. A prosa poética pode ser marcada também por recursos poéticos como a personificação, comparações e sinestias. Este trabalho incita a análise da tessitura narrativa, a fim de detectar quando há lirismo na prosa e as características que configuram a fusão do enredo e da poesia, seja pela musicalidade ou pela divisão do texto em segmentos que chegam a recordar a cadência do verso.

Palavras-chave: Geração de Orpheu; Modernismo; Hibridização de gêneros; Prosa poética.

A ESTRATÉGIA DE RELEITURA COMO POSSIBILIDADE DE BUSCA PELA IMORTALIDADE DO TEXTO LITERÁRIO

Patricia Conceição S. Santos

Resumo: Em nossa apresentação pretendemos abordar a paródia do heterônimo pessoano em O ano da morte de Ricardo Reis, de José Saramago, como estratégia narrativa de releitura do



modelo clássico proposto basicamente pela ode *Vem sentar-te comigo*, Lídia, à beira do rio. Para isto, primeiramente, partiremos do princípio, defendido por Francisco Achcar, em *Lírica e lugar comum*: alguns temas de Horácio e sua presença em português; de que a lírica de Ricardo Reis é influenciada pela lírica horaciana que se apóia no *carpe diem*, expressão latina que faz referência à fruição do momento e destituição de tudo que possa ameaçar esse prazer tais como preocupações com o futuro, apego aos bens materiais, entre outros. Logo, os poemas horacianos tratam do *carpe diem* e da renúncia ao amor. Fernando Pessoa, através do seu heterônimo, se destaca entre os escritores que revisitaram o poeta grego, como podemos exemplificar no trecho seguinte: “Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena cansarmo-nos/Quer gozemos, quer não gozemos, passamos como um rio. / Mais vale saber passar silenciosamente/ E sem desassossegos grandes.” Portanto, na lírica ricardiana observamos a presença do convite à contemplação da vida sem envolvimento - “desenlacemos as mãos”; já que o envolvimento traz o sofrimento. Outro aspecto que merece destaque, refere-se às variações horacianas em relação ao convite amoroso, o que Achcar denomina de “profecia ameaçadora” em que o amado não deve ceder aos apelos do convite amoroso, já que a velhice virá e com ela o fim da beleza. Na poesia moderna portuguesa, Ricardo Reis, o grande mestre de feitiço neo-clássico, também é visto como praticante da “profecia ameaçadora”. E quanto ao sentimento da efemeridade da vida, presente na lírica desde os tempos primórdios, Achcar cita que, em Horácio temos a presença de dois tempos: o tempo da vida que reflete a efemeridade e o tempo da poesia – a perenidade. Também em Ricardo Reis é apontada a presença do “*exegi monumentum*”, ou seja, o heterônimo pessoano consagra ao poema esta ideia de perenidade, que não encontra eco na própria existência: “E o nome inútil que teu corpo morto/Usou, vivo, na terra, como na alma, /Não lembra. A ode grava,/Anônimo, um sorriso.” Com isto, pretendemos discutir que a prática de revisão de textos encontra eco em obras do período moderno, mais especificamente no poema referido, ainda que esta conduta não se configure como releitura como na prosa contemporânea, em que o romance, em destaque, serve de exemplo. No segundo momento abordaremos a releitura do heterônimo pessoano no romance saramaguiano em questão através da inversão paródica. A nossa definição de paródia está ligada aos pressupostos teóricos de Linda Hutcheon em sua obra *Uma teoria da paródia* que se prende a ideia do canto paralelo, ou seja, o de revisão com objetivo de propor outro olhar ao objeto em destaque. Logo, ao visitar o heterônimo pessoano que prega a contemplação do mundo como forma de evitar o sofrimento, Saramago reconstrói uma história para o Ricardo Reis, na qual a personagem terá que se deparar com situações reais de cunho pessoal e político, tais como o seu envolvimento com Lídia, ocasionando sua gravidez, além de ter que deparar-se com acontecimentos históricos como a ditadura salazarista, a invasão dos nazistas no Continente europeu, a guerra civil espanhola, entre outros acontecimentos que terminam por envolver o protagonista num dilema: Como enfrentar estes acontecimentos como mero observador da realidade?

Palavras-chave: Paródia; *Carpe diem*; lírica; heterônimo; pós-modernismo

ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA, DE JOSÉ SARAMAGO, ENTRE O ANTIGO E O MODERNO

Paulo Henrique Passos de Castro

Resumo: Voltar-se para si é uma atitude que há muito acompanha o ser humano e o permite perceber que, além das diferenças (ou aquém delas), existe algo que o identifica com antepassados e descendentes. Neste artigo, observa-se como José Saramago (1922-2010), ao adotar a forma alegórica e abordar o tema da desindividualização em *Ensaio sobre a cegueira* (1995), estabelece uma intercessão entre o antigo e o moderno. Dessa forma, analisa-se pontos de contato entre a narrativa tradicional e o romance moderno, visando perceber, nessa obra, como sua peculiaridade se dá na união de uma temática moderna (ou modernista), ou seja, a busca pelo que há de essencial, invisível e intemporal no ser humano, com uma forma literária antiga, a alegoria. Para isso, analisa-se o referido romance na sua forma alegórica, segundo



Benjamin (1984, 2012) e no seu tema moderno, segundo Rosenfeld (2015), permitindo superar a ideia de que apenas o tradicional ou apenas o novo tem um valor de autêntica obra de arte.

Palavras-chave: José Saramago; Ensaio sobre a cegueira; Romance moderno; Forma; Tema

PROCESSO DE REMINISCÊNCIA E REMEMORAÇÃO EM OBRAS DE INES PEDROSA Ulysses Rocha Filho

Resumo: Esta comunicação ressaltará a construção narrativa que emerge do âmbito literário e desloca-se para a modalidade do fluxo contínuo e paradigmático em relação à própria cultura de Portugal e/ou do Brasil. Para tanto, objetiva-se perscrutar o registro das vozes narrativas díspares (e em seus silêncios espiralados), para emoldurar a saga de mulheres luso-brasileiras, apresentando o fazer literário presente em romances da escritora portuguesa Inês Pedrosa. HALBWACHS (2013) teoriza que os fenômenos de recordação e de localização das lembranças não podem ser efetivamente analisados se não considerar os contextos sociais que atuam como base para o trabalho de reconstrução da memória. O romance *Desamparo* (2015), por exemplo, capta o momento em que Jacinta, às portas da morte, recapitula uma vida de alegrias e tristezas no Brasil, a infância infeliz, a indiferença afetiva do pai em simultâneo com a ausência da mãe, as relações conjugais falhadas, a relação conflituosa com o filho mais velho, a vida no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX. Tornam-se simulacros da história contemporânea circundante das localidades tecidas em suas narrativas rememoradas/advindas, sempre, de uma situação de caos. Para tanto, serão perscrutados: esta utilização da memória na estrutura romanesca, na História ou na fábula e aqueles espaços percorridos pelos narradores diversos (precipuamente de voz feminina) como perspectivas de observação do desamparo em que se encontram país e familiares, após cinquenta anos de ausência física (também temática recorrente em *Fazes-me Falta* (2002) e *Dentro de ti ver o mar* (2012). Para Candido (2000), o texto literário, antes de ser mera refração do que está ao seu redor, será, sempre, catalisador das mudanças em seu entorno.

Palavras-chave: narrador; identidade; memória; Inês Pedrosa; velhice.

A INFLUÊNCIA DO EROTISMO E DA RELIGIOSIDADE SOBRE AS PERSONAGENS DO CONTO “O VESTIDO COR DE FOGO” DE, JOSÉ RÉGIO

Samara Mariana Cândida da Silva

Resumo: Intentamos fazer uma análise do conto “o vestido cor de fogo” do autor português José Régio (1901- 1969), de modo que possamos compreender como as personagens se expressam diante dos conceitos da igreja sobre o erotismo. Para tal análise nos pautaremos no texto bíblico e nas pulsações expressadas durante a narrativa de Régio. Deparamo-nos com um narrador-personagem (masculino) que não consegue conviver com a esposa de arquétipo fatal, pois se sente desafiado por ela não se atentar para os aspectos religiosos. Preocupado com os pensamentos burgueses e da igreja, o marido se vê em conflito existencial, uma vez que o desejo carnal lhe consome e ao mesmo tempo o pudor o recrimina. Diante do comportamento do personagem masculino é possível perceber as influências dos hábitos burgueses na formação das personagens. Há uma inquestionável doutrina religiosa que paradoxalmente visa o corpo como casa do prosaico e casa do sagrado. Conciliar tal paradoxo de forma que não interfira na convicção do homem, é um fardo, haja vista que tal convicção não é pautada em lei concreta, pois o livro sagrado usa parábolas para instruir como o homem deve se portar no mundo para que após a morte possa conquistar o direito de uma vida de paz e eterna. Nossa análise parte dos seguintes pressupostos: o homem como único portador da palavra, a mulher como um ser submisso e símbolo do pecado. Diante da tentativa da igreja católica em manter o domínio sobre o homem e a mulher é possível notar o medo de que a mulher consiga se autodominar e dominar o marido de modo que o leve a perdição.

Palavras-chave: Literatura; Erotismo; Religião; Igreja; Vestido.



A COITA DO TROVADORISMO NA CONSTITUIÇÃO TEMÁTICA DA LITERATURA OCIDENTAL

João Batista Cardoso

Resumo: Resumo: O escopo deste estudo é apresentar a persistência da coita das cantigas de amor trovadorescas na formação da ficção ocidental. Para tanto, foram realizadas leituras e análise de textos trovadorescos e de textos vinculados à vertente romântica e simbolista. Como resultado, encontramos, na formação da literatura desta parte do ocidente o Trovadorismo, tratado não apenas como uma vertente marginal no universo literário ocultado sob as luzes da dramaturgia grega, mas, sobretudo, como uma vertente literária que, a despeito de sua antiguidade no universo das letras ocidentais, insere-se no panteão das estéticas literárias fundadoras, pela sua capacidade de criar os rumos definitivos da literatura com as características que tem até hoje, como se pode observar pela persistência da coita na literatura latino-americana e, por extensão, brasileira, a partir de leitura de textos do romantismo e do modernismo. A literatura ocidental, como conhecemos nos dias de hoje, considerando as ênfases temáticas, teve seu momento inaugural no Trovadorismo, em sua vertente lírica representada pelas cantigas de amigo e cantigas de amor que, por sua vez, deu início à literatura peninsular. O tema predominante; isto é, o tema que perpassa a literatura ocidental é a sexualidade humana e as questões emocionais que ela suscita. Desde a Antiguidade Clássica, passando por toda a Idade Média, o tema que a literatura vislumbrava era situações superiores acionadas por homens superiores. A pressuposição na base dessa alternativa temática era de que o homem deveria, no âmbito da arte e em outros discursos ser apresentado com características e ações que o diferenciava dos animais comuns. Dessa forma, a fome, a sede, o sexo não figuraram como temas na produção literária. Os atos representados por homens cujas atitudes os aproximavam dos deuses eram atos que deveriam ser imitados para elevar as comunidades a um nível elevado. O Trovadorismo rompeu com essa tradição, quando, sobretudo nas cantigas de amor e de amigo, trouxe para a cena a coita (representação do sofrimento por amor). Até então o sofrimento por amor do tipo que reduzia o homem a uma condição inferior não figurava como tema de obras literárias. Nesse sentido, o Trovadorismo tem dupla função: antecipa a criação da prosa de ficção (definitivamente adensada no Romantismo), a partir do novo fôlego que dá ao romance de cavalaria e produz a temática que perpassa a literatura ocidental desde então. Essa temática tem o amor como centralidade das ações narradas, como exemplificada nas produções poéticas formalmente denominadas de paralelísticas de Martin Codax.

Palavras-chave: Palavras-chave: Trovadorismo; Diacronia; Cantiga de Amor.

17/07 (TARDE)

DIALOGISMO NO DISCURSO DO NARRADOR SARAMAGUIANO

Ana Maria Coelho Silva Wertheimer

Resumo: Um estudo dos tipos de discurso, a saber, o direto, o indireto e o indireto livre, por meio da teoria bakhtiniana da transmissão do discurso de outrem, leva a uma reflexão acerca da construção da narrativa do escritor português José Saramago. O fato de romper com as regras de pontuação ? e firmar com o leitor novas convenções para o uso da vírgula e do ponto final ? pode sugerir a predominância do discurso indireto livre; o que se observa, no entanto, é o uso de discurso indireto por um narrador intruso que ora elucida questões sobre o discurso citado ou sobre seu enunciador, ora acrescenta ao discurso uma entoação irônica que permite a construção de um segundo sentido. Neste trabalho, procura-se identificar, por meio da análise de excertos do romance O Evangelho segundo Jesus Cristo, a construção dialógica que perpassa a narrativa saramaguiana, ou a mistura de vozes na voz do narrador.

Palavras-chave: Discurso indireto; Narrador; Dialogismo; José Saramago; Mikhail Bakhtin

DA INSCRIÇÃO ÀS ESCRITURAS DO CORPO. A MULHER E A TERRA NA LITERATURA MOÇAMBICANA



Aline da Silva Lopes

Resumo: No corpo se inscreveram as marcas da diferença sobre a qual se estruturou, socialmente, a situação colonial (BALANDIER, 1993), pautada numa suposta superioridade do europeu, estabelecendo índices de pureza relacionados à cor clara da pele, em detrimento da pele escura e dos inúmeros símbolos negativos que essa passou a representar (FANON, 2008). Na polarização que o sistema colonial estabeleceu, o autóctone, considerado pertencente a um estágio primitivo da humanidade - segundo abordagens antropológicas do século XIX (CABAÇO, 2009) - é visto como extensão da natureza e tratado como parte da paisagem em muitos dos relatos de viagem (ficcionais ou não) sobre o continente africano. O ímpeto de dominar a natureza possui centralidade nos processos de colonização empreendidos pelas potências europeias; primordial é também a posse da terra para a exploração dos recursos materiais presentes nos territórios colonizados. A partir da espoliação das melhores áreas de cultivo, e da divisão arbitrária dos territórios, posteriormente, partilhados entre os países na Conferência de Berlim (1884-1885), podemos refletir acerca da importância que assumirá a terra para as incipientes nações africanas desde o período de luta pela independência à pós-colonialidade. Em Moçambique, cuja maior parte da população vive nas áreas rurais, advém do cultivo das machambas a nutrição da maioria das famílias, atividade cuja responsabilidade recai, principalmente, sobre as mulheres, que têm seus corpos valorizados, socialmente, pela capacidade e disposição para o trabalho; responsabilizadas pela fertilidade e pela geração da vida, fortalece-se o elo entre mulher e terra. Ligação essa também presente em ritos religiosos, como o mbelele em que cabe somente à mulher revolver a terra em que enterrou seus fetos, oferecendo a própria nudez em troca de chuva nos períodos de seca (CHIZIANE, 1993). O mesmo sistema polarizado, que discrimina pela cor da pele, acentua a separação entre os gêneros, destinando à mulher africana - além do escasso e mal pago trabalho, quando não a escravização - o lugar do concubinato e da prostituição, somando-se à opressão patriarcal a opressão colonial, numa espécie de duplo patriarcalismo (NOA, 2017), em que a mulher é explorada em seu trabalho produtivo, reprodutivo e sexual (GAUTIER, 2004). Desse modo, é a partir do estudo comparativo da representação dos corpos na literatura de Moçambique, que se pretende analisar de que estratégias o discurso literário, sobretudo da escrita das mulheres, se vale para reescrever o corpo feminino e em que medida se utiliza, para isso, do imaginário ocidental, retomando, ao mesmo tempo, textos fundadores do cânone moçambicano. Analisar-se-á o primeiro romance moçambicano escrito por uma mulher na década de 1990: Balada de Amor ao Vento, de Paulina Chiziane, abordando, lateralmente, parte da produção colonial e nacional antecedentes, e alguns dos escritos posteriores da própria autora, no que diz respeito à dupla imagem que se constrói entre a mulher e a terra.

Palavras-chave: Corpo, Literatura, Moçambique e Paulina Chiziane.

“SORRY. I DON’T SPEAK ENGLISH”: A CONDIÇÃO MIGRANTE NAS NARRATIVAS DE INÊS PEDROSA

Tainara Quintana da Cunha

Resumo: A migração é fator intrínseco à movimentação dos sujeitos e à formação identitária dos povos, conforme atestam os sociólogos Rui Pena Pires (2003) e Maria Beatriz Rocha-Trindade (2015). Migrar significa deixar um território, voluntária ou involuntariamente; implica partir em direção ao outro, modificando-o, ao passo que o migrante dá-se à modificação. Do embate entre alteridades distintas advém a hostilidade ao que é diferente, àquilo que, muitas vezes, escapa ao entendimento, porque alheio ao padrão social local (língua, costumes, vestimentas, cor da pele etc), reforçando as dicotomias entre autóctones/alóctones. O entrave sociocultural desfavorece a presença do migrante em terras estrangeiras, cuja falta de hospitalidade endossa o drama das migrações atuais. No entanto, antes de consistir no fenômeno político em que os deslocamentos interseccionam-se à diplomacia entre os países, o migrar consiste na relação eu/outro. Desdobramento entendido a partir da filosofia de Emmanuel Lévinas no expoente legado sobre a alteridade como topos de pesquisa. O âmbito literário,



como parte integrante da esfera social, não está alheio ao contexto das migrações no princípio do século XXI, posto que a ficção permita identificar esse processo nas narrativas graças à densidade psicológica que as personagens assumem de acordo com Carlos Reis (2015), tendo em vista que as diferentes maneiras do migrar condicionam sua desenvoltura. Tratando-se da literatura de expressão portuguesa contemporânea, observa-se a recorrência da temática das migrações no horizonte de teóricos, pesquisadores, poetas e romancistas que, a partir de diferentes pontos de vista, buscam explicar o fenômeno e suas implicações no espírito dos sujeitos que o experimentam. O ressurgir de temas desde há muito objeto do trato literário – caso das migrações –, encontra a literatura contemporânea na altura em que esta se redefine temática e estruturalmente no pós-25 de Abril. Nesse sentido, o presente estudo propõe uma análise da condição migrante nas obras da escritora portuguesa Inês Pedrosa. Nelas, analisa a trajetória das personagens migrantes e os deslocamentos dos sujeitos portugueses, não portugueses ou luso-descendentes a partir do período salazarista. As obras em pauta, quais sejam: *Os íntimos* (2010), *Nas tuas mãos* (2011), *Dentro de ti ver o mar* (2013), *Desamparo* (2015) e o conto “Europa, plano noturno” (2007) são protagonizados por personagens concentradas sobre os processos migratórios em curso nas narrativas que remetem à própria história portuguesa desde a década de 60, do século XX até o século XXI; em que pese tanto as migrações europeias como as luso-afro-brasileiras, além da exponencial migração das personagens femininas, uma das características da obra pedrosiana.

Palavras-chave: Migração; Personagem; Inês Pedrosa; Literatura portuguesa.

NAÇÃO E IDENTIDADE COMO DEVIRES EM ROMANCES DO ESPAÇO LUSÓFONO

Adriano Carlos Moura

Resumo: Esta comunicação é parte de uma pesquisa que investiga como os conceitos de nação e identidade são representados em romances angolanos e portugueses que têm a guerra colonial como fundo histórico, e em que medida essas obras podem ser concebidas como expressão de um gênero de escrita ficcional tão em crise quanto os sujeitos e países que representam. A abordagem se propõe interdisciplinar, valendo-se de perspectivas históricas, literárias e filosóficas. Em perspectiva comparada, analisar-se-ão também os efeitos do período (1961-1974) na produção literária pós-independência, a forma como Portugal e Angola repensam ficcional e subjetivamente seu passado colonial e a ideia de nação a ser construída ou reconstruída depois desse período. Os romances *Os cus de Judas* (2003) de António Lobo Antunes, *A costa dos murmúrios* (2004) de Lília Jorge, *Mayombe* (2013) de Pepetela e *Estação das chuvas* (2012) de José Eduardo Agualusa compõem o corpus principal da investigação. Neles, a ideia que os sujeitos constroem de suas nações será analisada a partir das metáforas produzidas subjetivamente e coletivamente. Entretanto não se utiliza o termo nação numa concepção em que um território unificado por uma língua oficial reflita os valores culturais ditados pelo país de onde ela se origina. Os autores angolanos escolhidos constroem personagens cujas identidades são fortemente marcadas por hibridismos culturais e linguísticos. O idioma do colonizador passa por apropriações, abrogações, neologismos. As narrativas da tradição oral africana colaboram para a tessitura romanesca diferenciando-se dos modelos ocidentais de romance. A polifonia não ocorre apenas no âmbito dos discursos, mas também dos gêneros textuais da tradição oral: fábulas, provérbios, lendas, mitos. Os autores portugueses Lobo Antunes e Lília Jorge passaram pela experiência da guerra colonial, tema dos romances lusos que compõem o corpus. Tanto em *Os cus de Judas* quanto em *A costa dos murmúrios* é possível identificar nos discursos dos personagens interrogações acerca de suas identidades individuais e sua relação com a nação de origem e a colônia, o papel que desempenham no contexto da guerra e o quanto essa experiência os afastaram de uma concepção primeira acerca de si próprios. Ambos os romances protagonizam também uma nova forma de narrar os fatos históricos. Sob essa perspectiva, a investigação procurará abordar a identidade do próprio gênero romance, tão em construção como a de seus narradores e personagens, tendo como aporte teórico principal o conceito de devir em Deleuze e Guattari, a crítica pós-colonial de

Homi Bhabha e os estudos sobre nacionalismo e identidade dos historiadores Eduardo Lourenço e Eric Hobsbawm.

Palavras-chave: António Lobo Antunes; Devir; Nacionalismo; Pepetela.

NOTAS SOBRE A CRISE ECONÔMICA EM PORTUGAL: UMA LEITURA DE O ANO DE 2012, DE PAULO VARELA GOMES

José Luís Giovanoni Fornos

Resumo: A presente comunicação explora o tema da globalização, tomando como referência o romance *O verão de 2012*, do escritor português Paulo Varela Gomes. O texto é apresentado em dois momentos. O primeiro aborda, teoricamente, a temática da globalização e seus efeitos, utilizando-se de importantes intelectuais como, por exemplo, Fredric Jameson, Pierre Bourdieu, Octavio Ianni, entre outros. No segundo momento, investiga o romance de Paulo Varela Gomes, extraindo passagens em que o autor, através de um narrador acometido pela doença, discorre sobre a crise econômica em Portugal e os efeitos das políticas neoliberais postas em execução pelo Estado. Igualmente, aponta para as consequências causadas pela globalização em território português.

Palavras-chave: Palavras-chave: globalização; crise econômica; romance português contemporâneo.

36 - ESTUDOS RETÓRICOS E POÉTICOS

Coordenação: Prof. Dr. Marcus De Martini (UFMS); Prof. Dr. Marcelo Lachat (UNIFESP); Prof. Dr. Jean Pierre Chauvin (USP)

Resumo: Os estudos retóricos e poéticos vêm recebendo uma atenção renovada nos últimos anos, na academia, seja na esteira de trabalhos que procuraram resgatar a importância da disciplina de Retórica, como os de George A. Kennedy (*Classical Rhetoric and Its Christian and Secular Traditions*) e Brian Vickers (*In Defense of Rethoric*), seja, principalmente, na relação dessa com a crítica literária, na tentativa de retomar uma relação íntima com as poéticas anteriores à Modernidade. Se a crítica humanista e estilística de meados do século XX já alertava para a importância de uma reconstrução histórica das formas de escritura, como já se notava em Erich Auerbach, em seu clássico *Mimesis*, ou ainda no monumental *Literatura Europeia e Idade Média Latina*, de Ernest Robert Curtius, seria necessário ainda um pouco mais de tempo para que, no Brasil, houvesse um redirecionamento dos estudos literários nesse sentido. Sinais do interesse global que tem azeitado a produção da pesquisa científica em tais domínios ocorrem com a maturidade manifesta dos altos estudos acerca da obra de escritores emblemáticos das letras luso-brasileiras, como o padre Antonio Vieira e o poeta Gregório de Matos. Assim, trabalhos como os de João Adolfo Hansen (*A Sátira e o Engenho*) e Alcir Pécora (*Teatro do Sacramento*) são fundamentais para os estudos poéticos e retóricos no Brasil. Também é notório o desenvolvimento da pesquisa sobre a obra teológica de Vieira, na condição de réu do Tribunal do Santo Ofício, realizada pela profa. Adma Muhana, grandeza na qual se inclui a edição dos “Autos do processo” de acusação a que o padre foi submetido durante décadas do século XVII, pela Inquisição de Portugal, e a publicação de textos proféticos do autor luso-brasileiro). Desse modo, esses trabalhos, dentre outros, foram emblemáticos para o resgate dessas formas de representação, já que apontam para a necessidade de reconstruir “arqueologicamente”, nos dizeres de Hansen, textos anteriores ao final do século XVIII, que, não raro, eram lidos pela crítica sob viés anacrônico, ou, pior ainda, considerados de pouca ou nenhuma relevância para o leitor contemporâneo. Essa renovação tende a romper um círculo vicioso de desinteresse e desconhecimento das letras escritas antes que vigorasse a concepção dita “moderna” nas artes, pontualmente antes de meados do século XVIII, quando, como se sabe, toda a *forma mentis* e a escrita foram profundamente alteradas e mesmo rompidas. Observam-se, neste sentido, incentivos no mundo editorial, traduzido na publicação de numerosas obras jamais editadas, colocadas presentemente no circuito comercial de venda de



livros, bem como estímulos no âmbito da pesquisa acadêmica, em alguns (poucos) nichos dos estudos clássicos e classicistas, para se recorrer a dois termos generalizantes, presentes na história literária. Isto posto, a tendência é que os estudos sobre as práticas retóricas e os fazeres de poéticas reconquistem algum espaço nos currículos escolares, no debate científico, no mercado livreiro, nas instituições globais de produção e disseminação dos saberes, como bibliotecas, institutos, academias e universidades - domínios de que vêm sendo predominantemente alijados por razões várias, cuja compreensão, debate e rejeição fazem parte do interesse deste Simpósio da Abralic, dentre outros mecanismos de ação reflexiva.

Assim, este Simpósio de "Estudos Retóricos e Poéticos" pretende discutir trabalhos nos campos da poética e da retórica, especialmente voltados para *corpora* das letras antigas e modernas (até o final do século XVIII), tendo como objetivos principais: elaborar um panorama das atividades de pesquisa realizadas no Brasil sobre preceptivas e produções retóricas e poéticas; estabelecer redes associativas de conhecimento e divulgação dessas pesquisas e de seus objetos; definir mecanismos institucionais para a troca de informações; agregar pesquisadores de temáticas afins com objetivo de divulgação de resultados de trabalhos; vitalizar a produção acadêmica brasileira nos domínios dos estudos retóricos e poéticos. Para tanto, propõem-se os seguintes eixos temáticos em que podem se inserir as propostas de comunicação:

- Retórica e poética nas letras clássicas ou antigas;
- Retórica e poética nas letras modernas;
- Manuscritura, história do livro e da cultura letrada;
- Relações entre as letras e o discurso da história;
- Retórica e poética e as disciplinas humanísticas;
- Retórica, poética e filosofia;
- Recepção de tratados de retórica e poética;
- Retóricas e poéticas medievais;
- Retórica e poética nas letras portuguesas e luso-brasileiras dos séculos XVI, XVII e XVIII.

Espera-se, desse modo, que os trabalhos deste Simpósio mostrem antes ruínas letradas do que construções atemporais anacronicamente idealizadas, recorrendo-se àquilo que enforma essas práticas letradas em seus próprios tempos, em especial, às *technai* retórica e poética e às matérias elaboradas tecnicamente, para que se compreendam melhor as especificidades de tempos que não são os da “modernidade literária”.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

O TRATAMENTO DADO AO RITMO NA RETÓRICA CLÁSSICA E SUA RELEVÂNCIA COMO ELEMENTO DE DELEITE NO DISCURSO ORATÓRIO: O USO DA PROSA RÍTMICA DE GÓRGIAS A CÍCERO

Ana Carolina dos Santos Castro

Resumo: Na Antiguidade, o tratamento dado ao ritmo no discurso encontra espaço na disciplina conhecida como Retórica. Os principais tratados sobre Retórica foram escritos pelo filósofo grego Aristóteles (384 – 322 a. C.) e pelo latino Marco Túlio Cícero (106 – 43 a. C.) porém a retórica surgiu bem antes destes tratados. Antes de ser estabelecida como disciplina, a retórica surge com os primeiros sofistas, que elaboraram técnicas para transmitir ideias de forma perfeita, através da harmonia e escolha das palavras e figuras. O aparecimento de Górgias é muito relevante para a concepção de uma nova fonte retórica: a retórica estética e literária. Górgias, um dos fundadores do discurso epidíctico, ou seja, elogio público, cria para esse fim uma prosa eloquente, multiplicando as figuras, o que a torna “uma composição tão erudita, tão ritmada e, por assim dizer, tão bela quanto a poesia.” (NAVARRE, 1900, p. 86). Buscou criar um estilo de prosa de beleza similar à poesia, beleza que devia proporcionar o mesmo encanto que a



poesia produz com a recitação. Seu discípulo mais conhecido foi Isócrates que aperfeiçoou a técnica de seu mestre. Isócrates (436-338 a.C.) em seu esforço por criar um estilo de prosa essencialmente artístico evitou os excessos cometidos por Górgias e popularizou a construção periódica. Mesmo buscando uma prosa literária, Isócrates despreza a grandiloquência e cria uma prosa que se distingue completamente da poesia: sóbria, clara, precisa, isenta de termos raros, de neologismos, de metáforas brilhantes, de ritmos marcados, mas sutilmente bela e profundamente harmoniosa. (REBOUL,1998, p.11). Sem ser poética, tem um ritmo que se deve ao equilíbrio do período e à clausula que a fecha; é eufônica, evitando as repetições desgraciosas de sílabas e hiatos. Seu estilo terá grande influência sobre o estilo oratório e as teorias retóricas do latino Cícero. Aristóteles influenciou de forma positiva o desenvolvimento da técnica retórica como arte. É em sua obra *Rethorica* que assentam os primeiros fundamentos que definirão a disciplina. Um dos aspectos mais relevantes no tocante à expressão enunciativa do discurso é o correto uso do ritmo. Sobre o ritmo usado no discurso, Aristóteles é bem claro: a forma de expressão não deve ser métrica nem desprovida de ritmo. A retórica romana e suas teorias principais são uma reelaboração da retórica grega e em concreto, das teorias aristotélica. Nesse contexto, surge a grande contribuição de Cícero com a teorização da prosa rítmica, também conhecida como prosa artística ou *oratio numerosa*. A *oratio numerosa* é um dos elementos dos recursos utilizados pelo orador na *elocutio*, uma das partes da retórica que se refere ao discurso oratório escrito. Para Cícero, é na *elocutio* que as qualidades de orador ideal se expressam e o uso da prosa rítmica é um fator que colabora para a composição de discursos bem coadunados com o fim de não só persuadir, mas também de deleitar os ouvidos do auditório.

Palavras-chave: Retórica Clássica; Discurso oratório; Prosa Rítmica.

O ACONTECIMENTO DA "SUBSTÂNCIA" ENTRE A POÉTICA E A METAFÍSICA DE ARISTÓTELES

Lucas Bento Pugliesi

Resumo: É constantemente reproduzida a máxima da superioridade da poesia sobre a história na Poética aristotélica, em razão de seu caráter “universal”. O termo entre aspas, por vezes, não é analisado sob o aspecto conceitual que adquire na Metafísica, como ponto de chegada de um pensamento indutivo que vai da concretude à perfeição. Nesse sentido, a poesia é algo como uma universalidade concreta, ou o mais próximo disso que se pode chegar. A poesia corretamente executada não dá a ver, em segunda instância, o universal, não participa do gênero de algo; mas, ao contrário, em sua superfície de verossimilhança permite o encontro com aquela que é a matéria da investigação filosófica mesma, isto é, como que dá a ver/é constituída pelo universal mesmo. Para um adensamento das possíveis relações entre áreas tão díspares (poética e metafísica), vale retomar o conceito de “substância” que condensa aquilo que subsiste, aquilo que permite definir os contornos de um objeto. Em *Da geração e Da corrupção*, a substância é o que se esvai quando a matéria adentra o processo de corrupção; sendo, portanto o que garante a integridade ou ainda, em última instância, a unidade de um objeto. Conforme posto no Livro VII da Metafísica, a substância se faz presente apenas em objetos naturais, ausentando-se, portanto da poesia. Entretanto, a subsistência do poema só é possível pela harmonia de suas partes que simulam a aparência de substância, por um caminho inverso ao do objeto natural dá-se, não apenas a relação gnosiológica, mas a própria relação ontológica do poema, que procede do sensível ao inteligível. Ou seja, apesar de, *stricto sensu*, a poesia não possuir substância, enquanto imitação de ações, isto é, de movimento, ela deve se endereçar, necessariamente a uma substância, dada a relação de necessidade entre movimento que chega a ou advém de uma substância. Assim sendo, o poema é uma aparência que obedece às mesmas regras da existência: unidade, harmonia das partes etc. Na poesia, a aparência é a causa mesma da existência e, nesse sentido, produz uma substância, *lato sensu*, como causa posterior de sua unidade. Em alguma medida não seria então possível pensar uma maior isonomia entre ser e parecer? Em certo sentido, a retórica que dá contornos da concretude universal do poema não poderia ser



transposta enquanto retórica mesma do ser? Se é possível simular as perfeições (os universais) aproximando-se destas em maior grau, qual é então a especificidade do ser? A Poética pela autossuficiência e superioridade de seus construtos não permitiria pensar, mesmo em Aristóteles, que o evento do ser seja também um fenômeno de superfície? Nesse sentido, o ser não seria ele mesmo também “poético” (simulando a unidade, partes, procedimentos etc)? E nesse sentido, assim como na poesia, a substância, também na natureza, se daria retroativamente, como causa da existência, mas causa posta a posteriori enquanto pressuposição? Provocativamente, portanto, espera-se oferecer uma discussão sobre o lugar possível da poesia na metafísica de Aristóteles por meio de uma “ontologia da aparência” formulada a partir da filosofia de Slavoj Žižek.

Palavras-chave: Poética; Metafísica; Retórica; Filosofia

16/07 (TARDE)

O ETHOS DO DISSÍDIO NA OBRA DE CAMÕES, O POEMA COMO ARGUMENTO

Matheus de Brito

Resumo: Uma importante chave de leitura para a compreensão da lírica camoniana e do século XVI é o espaço moral-retórico que organiza cada poema enquanto ato comunicacional. A própria crítica dos lugares-comuns da poesia lírica, que encontramos na obra de Camões e outros autores de Quinhentos (e.g. Sannazaro, Garcilaso, Boscán), pode ser pensada como expediente que se encena relativamente a esse espaço, sendo ela mesma até certo ponto prevista, preceituada pelas retóricas que tendiam ao rechaçamento das tendências da cultura letrada da Corte que hoje diríamos “beletristas”. Trata-se, noutras palavras, de entender uma configuração argumentativa frequente nos poemas do período e especialmente nos de Camões. Nossa comunicação aborda a constituição ética do poema como argumento, considerando não apenas a inventio da res – que inclui a própria persona ou ethos como fingimento poético – e a dispositio dos uerba, mas também seu registro “elocucional”, conforme o qual poema ou estilo são tomados por “mediocre” ou “médio”. Para isso, servir-nos-emos de recentes estudos da preceptiva retórica neolatina, dedicando especial atenção ao *De Eloquentia Libri Quinque* (1591) de Tomé Correia (1536—1595). Ao contrário do esperado relativamente à rigorosa classificação, numa linha ciceroniana, dos *tria genera causarum* e dos *officia* do orador e os três correspondentes *genera elocutionis*, o manual do ex-jesuíta e mestre em Bolonha apresenta uma retórica de “reconciliação” das faculdades, de importante consequência para o estudo do gênero epidítico sob o qual normalmente se classificam as espécies em verso (épico, canção, soneto, etc.). Fruto das disputas intelectuais entre o Santo Ofício e as cátedras protestantes na Universidade e nos colégios do século XVI, o manual partilha também de características daquela tendência cultural que pretendia rechaçar. Dessa forma, quando consideramos como sua concepção das funções da retórica se associa à da própria vida espiritual como um todo, encontramos nele especial prisma para entender a escrita de poesia no contexto das cortes ibéricas. Destaque-se, nesse ínterim, que a retórica de Correia parece uma figura média entre a relativa pluralidade de correntes que surgiram no século XVI e a normatividade e imperativo de unidade característicos do século XVII, que se punham em marcha desde os concílios tridentinos. Nossa exposição divide-se em duas partes: começamos por um pequeno comentário aos referidos estudos e à retórica de Correia, destacando daí elementos que nos servirão para, numa segunda parte, considerar alguns poemas de Luís de Camões. Dedicar-nos-emos sobretudo à caracterização de um ethos do poeta em dissídio, o qual está no cerne de uma tópica que a um só tempo abre para uma reflexão “metapoética”, lugar-comum no período, e para uma crítica aguda, em maior ou menor medida velada dos costumes da Corte e da situação espiritual (social, econômica, política, etc.) do Império português. Não é difícil percebê-lo n’*Os Lusíadas* e inferir, a partir do estudo de sua lírica, a complexa construção dessa persona autoral. Restamos, portanto, lançar questões de interesse teórico-histórico e, com isso vislumbrar um

futuro disciplinar, considerando a renovação dos estudos de retórica, para a abordagem da poesia da sociedade de corte ou pré-burguesa.

Palavras-chave: Ethos; Dissídio; Poesia lírica; Século XVI; Estudos camonianos

"HORRIDA PUELLA": UMA CONTRAFAÇÃO RETÓRICA EM LUDOVICO TINGOLI Leonardo Zuccaro

Resumo: Segundo a preceptiva retórica de procedência grega, sobretudo aquela do período conhecido hoje em dia como “Segunda-sofística”, a dizer os “progymnasmata” de Élio Teão (séc. I) e de Aftônio (séc. IV), existem, de modo geral, ecfrases de personagem, de evento, de tempo, e de lugar. Além das normas gerais da ecfrase, a cada espécie compete as suas específicas, de acordo com o devido decoro. No caso da ecfrase de personagem, os preceitos indicam que a composição deve expor o corpo humano a partir de um eixo vertical ascendente, ou seja, a partir dos cabelos, passando pela cabeça, pelo rosto, pelas partes do rosto, pelo pescoço, e assim por diante, até alcançar os pés. À parte a tradução latina dos “progymnasmata” de Pseudo-Hermôgenes (séc. III) por Prisciano (séc. VI), que, ao que se sabe, nunca deixou de ser conhecido, estes tratados, ou exercícios preparatórios destinados ao jovem aspirante a orador habitante da Ásia menor, foram redescobertos pela Europa neolatina a partir do século XV, divulgados amplamente no início do XVI pelos esforços do tipógrafo veneziano Aldo Manuzio, e traduzidos para o latim e para diversas línguas modernas, sobretudo em italiano, muitas vezes copiosamente comentados. Em absolutamente todas as traduções latinas e comentários quinhentistas e seiscentistas (como nas edições de Agricola-Cattaneo de 1522, de Camerarius de 1541, de Francisco Escobar de 1558, e de Daniel Heinsius de 1626), o termo grego “ékphrasis prosôpou” (ecfrase de personagem) ocorre, em latim, como “descriptio personarum” (descrição de personagem/pessoa), e por vezes é referenciado com um termo também grego “prosopographia”, não presente nos “progymnasmata”. Este último termo ocorre em diversas outras preceptivas dos séculos XVI e XVII, como no “De Vtraque Verborum ac Rerum Copia Libri II” (1512), de Desidério Eramo; nos “De Oratione Libri VII” (1558) e “Progymnasmata Rhetorica” (1572), ambos de Antoni Llull i Cases; nos “Rhetoricae Exercitationes” (1569), de Alfonso de Torres; nas obras dos italianos Orazio Toscanella e Federico Meninni; além de autores reformados, como os germânicos Verepaeus e Susenbrotus, e os britânicos Puttenham e Henry Peacham. Esta comunicação tem como objetivo, a princípio, evidenciar as normas de descrição de personagem/pessoa, sobretudo de donzelas (a chamada “descriptio puellae”, sendo uma espécie da “prosopographia”), segundo as quais deve-se usar o mesmo eixo vertical ascendente presente em Teão, e em seguida demonstrar como elas são contrafeitas no poema satírico “Brutta donna”, do italiano Ludovico Tingoli (1602-1669), contrapondo-o com outras composições poéticas que seguem à risca a ordem descritiva das partes do corpo obedecendo as normas preceituadas nos séculos XVI e XVII.

Palavras-chave: Ludovico Tingoli; Retórica Quinhentista; Letras Seiscentistas; Poesia Italiana; Descrição

O GÊNERO HISTÓRICO NAS LETRAS LUSO-BRASILEIRAS DOS SÉCULOS XVI A XVIII

Marcelo Lachat

Resumo: Nas letras luso-brasileiras dos séculos XVI a XVIII, a produção e a circulação de textos de história são consistentes, mas as preceptivas específicas acerca do gênero histórico são escassas. Tendo em vista essa escassez normativa, propõe-se esta comunicação para discutir-se, em primeiro lugar, a terminologia adequada à matéria, com base em fontes antigas e modernas e centrando-se em dois termos: “gênero histórico” e “arte histórica”. A partir dessa discussão, tratar-se-á dos principais preceitos que constituem esse gênero ou essa arte, examinando-se, especialmente, aqueles que se encontram em auctoritates antigas, como Aristóteles, Cícero e Luciano de Samósata, mas também em autores modernos, como Manuel Severim de Faria e Agostino Mascardi. Por fim, a ars histórica portuguesa e luso-brasileira (dos anos quinhentos a

setecentos) será exemplificada com breves análises de três obras fundamentais: História da Província de Santa Cruz de Pero de Magalhães Gândavo, História do Brasil de frei Vicente do Salvador e História da América Portuguesa de Sebastião da Rocha Pita.

Palavras-chave: gênero histórico; letras luso-brasileiras; séculos XVI a XVIII

17/07 (MANHÃ)

DE ARISTÓTELES A DEMÉTRIO: A QUESTÃO DOS ESTILOS NA *CANTATA ORFEO* DE ALESSANDRO SCARLATTI

Robson Bessa Costa

Resumo: Iniciamos os estudos das cantatas de Alessandro Scarlatti (1660-1725) em 1998, e percebemos um comportamento padronizado por parte de Alessandro Scarlatti na composição das árias de suas cantatas de grande fôlego. Na cantata Arianna, assim como em várias cantatas congêneres, cada ária reflete um afeto específico que é ligado a um estado psicológico específico da personagem abordada. Esse compositor usa figuras retórico-musicais específicos para atingir seus objetivos catárticos e mover os afetos da audiência, como está demonstrado em nossa Tese de Doutorado. Entretanto, não tínhamos mo cabedal literário necessário para compreender esses procedimentos do ponto de vista dos estilos prevaletentes do Barroco. Durante o doutorado realizado na FALE-UFMG, intensificamos nossos estudos sobre retórica baseando-nos em Aristóteles, Cícero e em Emanuele Tesauro. A partir sugestão do Prof. Jacinto Brandão apreendemos a importância de autores como Demétrio para a compreensão dos estilos literários que influenciaram as relações retóricas entre poesia e música no Barroco. Desse modo, analisamos a cantata Orfeo de Scarlatti utilizando como principal Techné os estilos retóricos apresentados por Aristóteles, Demétrio e Tesauro.

Palavras-chave: estilos retóricos, música, poesia, cantata, scarlatti

NOTAS PARA UM ESTUDO DO ÍNDICE DAS COISAS MAIS NOTÁVEIS NAS LETRAS SEISCENTISTAS LUSO-BRASILEIRAS

Dario Trevisan de Almeida Filho

Resumo: No século XVII, era prática editorial do mundo letrado a inclusão dum índice das coisas mais notáveis no fim de obras de diferentes gêneros. Sabe-se que o índice, como instrumento referencial da matéria tratada num livro, surgiu entre os séculos XII e XIII num momento em que “era preciso que o leitor pudesse encontrar com facilidade o que buscava no livro, sem ter que folhear as páginas” (HAMESSE, 2004, p. 182, tradução minha) – ainda que, desde pelos menos o século III da era cristã, instrumentos de leitura similares, como resumos de matérias (capita), já existissem (ROUSE; ROUSE, 1989). Distinto de índices comuns, porém, o índice das coisas mais notáveis não se restringe à simples remissão, possuindo funções peculiares, cujos significados perderam-se nas ruínas do tempo. Sua importância, enquanto integrante duma atitude antiga de leitura, é ratificada pela primeira arte de la imprenta em língua vulgar de que se tem notícia, a Institución y origen del arte de la imprenta y reglas generales para los componedores (1680), do impressor Alonso Víctor de Paredes. Nesse tratado, Paredes alerta que o descuido na confecção dum índice das coisas mais notáveis poderia levar um leitor impaciente a descartar a obra consultada, julgando-a inferior. Solidificado a partir do século XVI e produzido pelo menos até o século XVIII, há diversos exemplos nas letras luso-brasileiras. Aparentemente mais abundante em obras de oradores sacros, como as de Padre Antonio Vieira e de Rafael Bluteau, outros gêneros também recorriam a tais índices. Casos, entre outros, de Nova Lusitania (1675), de Francisco de Brito Freyre; já no século XVIII, de Arte Poetica (1749), de Francisco Joseph Freire, o Cândido Lusitano, ou ainda de Academia dos humildes, e ignorantes (1760), de Frei Francisco de Santa Rita. Quer dizer, sua elaboração atenta e rigorosa, mais que ornamento descartável, era indicador decisivo de qualidade editorial. Além disso, funcionava como partícipe ativo e efetivo da disposição retórica, como observa Maria do Socorro Fernandes de Carvalho (2009, p. 14): “índices [...] têm aproveitamento muito



específico, mas ainda assim são revelador[es] da disposição retórica que [o]s prevê no universo livresco”. Categorizado como “paratexto” no século XX (GENETTE, 1987) – apesar da questionada pertinência trans-histórica de tal terminologia (CHARTIER, 2014) – permanecem lacunas no seu estudo. Desinteresse e incompreensão, também editoriais, são revelados pela sistemática eliminação dos índices nas edições mais recentes das letras coloniais. Assim, a fim de recuperar o interesse por esse antigo instrumento de leitura, proponho alguns pontos a serem refletidos para um estudo dos índices das coisas mais notáveis no século XVII luso-brasileiro, como sua elaboração conceitual, preceptivas do gênero e seu lugar junto à Instituição Retórica.

Palavras-chave: Índice das coisas mais notáveis; Dispositivo; Paratexto

ARCADISMO, NEOCLASSICISMO E DEMAIS APORIAS

Jean Pierre Chauvin

Resumo: Pelo menos desde Januário da Cunha Barbosa (1841) e Francisco Adolfo de Varnhagen (1850), parte expressiva da historiografia brasileira reproduz incertos jargões, a sedimentar a ideia de que haveria sentimento “nativista” na “Literatura de Informação”, no “Barroco” e no “Arcadismo”, de maneira que o Romantismo - supostamente inaugurado em 1836, por um punhado de jovens flâneurs de Paris -, representaria o ápice de uma escalada patriótica, revolucionária, ilustrada, burguesa e positiva (muito antes que essas categorias tivessem arribado às partes do Brasil). Para realçar virtudes como “clareza”, “originalidade” e “honestidade”, elegeu-se o chamado “Barroco” como contraponto negativo ao “Arcadismo”, este percebido como etapa neoclássica e pré-romântica. Apesar do evidente respeito dos poetas luso-brasileiros setecentistas à tradição greco-latina; a despeito de aqueles homens letrados obedecerem a protocolos de escrita, às convenções retórico-poéticas e às artes de cortesia; embora se tratasse de um reduzidíssimo grupo de funcionários diretamente ligados à administração reinol, a cumprir ritos teológico-políticos, como prescreviam as Ordenações Filipinas (vigentes na Península Ibérica e em seus domínios desde 1603); ainda que fossem quase todos mineradores e contassem com escravos domésticos etc., passou-se a ver nos “poetas inconfidentes” protonacionalismo (esquecendo-se que tinham origem e mentalidade portuguesa), sanha rebelde (desprezando-se o fato de que não se posicionavam contra a Coroa portuguesa) e capacidade de antever o que sucederia à capitania das Minas Gerais e ao Estado do Brasil, meio século depois.

Palavras-chave: Setecentos; Arcadismo; Neoclassicismo; Barroco; Romantismo

17/07 (TARDE)

O ANTICLERICALISMO PRESENTE EM POEMAS SATÍRICOS DO RIO GRANDE DO SUL ENTRE FINS DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX

Janaina Kanitz

Resumo: Os poemas satíricos com temática anticlerical visavam a criticar as instituições religiosas pela sua grande influência social e/ou política. Apesar de serem pouco conhecidos, em alguns momentos da história, os poemas satíricos e anticlericais já tiveram certa relevância na literatura e na sociedade. É no início do século XX, em Santa Maria, que podemos observar, não só a existência desse gênero poético, como também a importância social e política que possuía. No caso, foi a partir de figuras como João Belém, Demétrio Niederauer, João Bonumá, Angelo Caldonazzi e Walter Jobim, que surgiu uma revista literária intitulada Reação, publicadas em um total de 33 números, que circularam entre os anos de 1914 a 1916. Essa revista tinha por principal característica reagir ao clericalismo, como vemos no excerto do texto de abertura Bandeiras ao vento: “A nossa reação anticlerical e liberal é a luta da verdade contra obscurantismo [...] A nossa reação é um grito vibrante de protesto contra esses indivíduos vestidos de negro, e que se dizendo representantes de Deus e pregadores da doutrina de Cristo, ministros espirituais e pastores de alma, exercem o mais vil e repulsivo dos mercantilismos e dos comércios.” (Reação, Anno I, n. 1)”. As temáticas recorrentes eram, na maior parte, sobre



o clero, questionavam seu dogma, sua festas, afirmavam existir incoerências entre suas atitudes e o que pregavam, falavam sobre os problemas da confissão auricular, do celibato, escreviam epitáfios satíricos para pessoas reais do clero da cidade, e ainda, questionavam a riqueza do Vaticano e de toda a Igreja. Muitos desses textos, assinados por heterônimos, como Zelador do Cemitério e Belzebhu. Não só os poemas eram satíricos, como toda a revista, praticamente todos os gêneros. Os autores maçons da revista Reação, buscavam, portanto, esclarecer certas ideias e valores que defendiam e consideravam corretos, para a sociedade santa-mariense. A revista cumpria seus objetivos fazendo uso, portanto, de textos satíricos, que criticavam e zombavam de assuntos clericais, de atitudes de padres e dos fiéis. Tal revista motivou o projeto de dissertação de mestrado intitulado “O anticlericalismo presente em poemas satíricos do Rio Grande do Sul entre fins do século XIX e início do XX”, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras, área de Estudos Literários, subárea de Literatura, Comparatismo e Crítica Social, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que investiga a existência de poemas satíricos com temática anticlerical entre fins do século XIX e início do século XX no Estado do Rio Grande do Sul, a partir de Santa Maria. O objetivo principal dessa pesquisa é investigar como funcionam as relações existentes entre a poesia satírica e a temática anticlerical, atentando para os desenvolvimentos desse gênero e sua implicação com a sociedade e o momento histórico vivido por ela.

Palavras-chave: literatura; poemas satíricos; anticlericalismo; revista literária;

ASPECTOS DRAMATÚRGICOS DA PEÇA HISTÓRICA ROMÂNTICA BRASILEIRA: UM OLHAR SOBRE LINDOIA, TRAGÉDIA LÍRICA

Jessica Cristina dos Santos Jardim

Resumo: Inserida no âmbito de nossa pesquisa de doutorado em andamento em Literatura Brasileira (USP), concentrada na dramaturgia histórica concebida no período romântico, e dentro das atribuições de nosso Estágio de Residência em Pesquisa na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM-USP), esta comunicação visa a refletir a respeito do processo de construção dramatúrgica da tragédia lírica em quatro atos *Lindoia* (1859), de Ernesto Ferreira França. O enredo, adaptado do poema épico *o Uruguai*, de Basílio da Gama (2008 [1769]), materializa um recorte sentimental do drama da morte da personagem, cuja abordagem principalmente lírica isola e afasta a tragédia do horizonte de leitura da obra em que se baseia, na qual, segundo Ivan Teixeira (2008, p.161), em sua dimensão retórica, o episódio recebe antes conotações de “alegoria paródica do regicídio enquanto conceito político”. Ainda, como um trabalho de análise dramatúrgica, buscamos enfatizar a configuração formal da obra em questão, sobretudo, os “modelos de representação” (DANAN, 2010, p.21-25), isto é, convenções teatrais do romantismo no Brasil e os aspectos constitutivos da forma dramática da peça histórica.

Palavras-chave: teatro romântico brasileiro; peça histórica; dramaturgia; *Lindoia*; Ernesto Ferreira França

IMITAÇÃO, RETÓRICA E HISTÓRIA DA LITERATURA

Jose Luis Martinez Amaro

Resumo: Imitação, retórica, e História da literatura O gênio romântico e o contínuo histórico deslocaram o conceito de imitação para as margens da teoria literária. Fora dessa dupla, kantiano-hegeliana, que constrói uma história filosófica da literatura, podemos re-colocar o conceito de imitação para construir uma história retórica da literatura que permita pensar a prática da imitação fora da restrição do sucessivo e pensar a literatura desde os exercícios retóricos, os chamados progymnasmata. Trata-se de deslocar o romantismo e trazer o seiscentismo para o centro da teoria contemporânea. Como um exemplo dessa prática, proponho analisar como Cervantes e Quevedo praticam a imitação de modelos, e como a imitação opera na literatura contemporânea em textos de Borges, Bolaño e Lamborghini.

Palavras-chave: Imitação, Retórica, Seiscentismo



18/07 (MANHÃ)

IRONIA E POLÍTICA EM “VOYAGE AU BOUT DE LA NUIT”

Amanda Fievet Marques

Resumo: O presente trabalho tem, entre um de seus objetivos específicos, realizar uma análise das relações de linguagem e de poder a partir dos episódios dedicados ao neocolonialismo (a saber, as seções de X a XIV), em *Voyage au bout de la nuit*, de Louis-Ferdinand Céline. Pretende-se propor que uma análise da globalidade da obra leve em conta a atitude crítica de Céline quanto às posições de poder e aos regimes vigentes, não para diminuir as declarações racistas, mas para considerar, dada a irredutibilidade da obra, outras hipóteses políticas. Convém ressaltar que são tão insistentes as menções ao antisemitismo de Céline que não seja impossível ser ele, aqui, constatado, e que paradoxalmente possa haver uma consciência da injustiça social, do abuso do neocolonialismo a par da absorção do preconceito racial e religioso antisemita. Portanto, cabe investigar esse paradoxo, ou essas oscilações, na obra em questão. Ao reconhecer, desse modo, os estigmas largamente incutidos pela crítica à obra de Céline, intenciona-se aqui, por meio da análise dos recursos estilísticos empregados pelo autor, perceber de que modo a narrativa menos adere a um discurso político definido e defendido, e mais suspende o juízo sobre os discursos e posições políticas que aparecem.

Palavras-chave: Retórica. Estilo. Política. Louis-Ferdinand Céline.

VERDADEIRO, VEROSSÍMIL, FICTÍCIO: A VIDA DE DOMINGOS CALDAS BARBOSA CONFORME FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEN

Rodrigo Gomes de Oliveira Pinto

Resumo: O historiador Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), o Visconde de Porto Seguro, publicou, nos anos de 1850 (tomos I e II) e de 1853 (tomo III), em Lisboa e em Madri, o *Florilegio da poesia brasileira*, ou *Collecc?ao das mais notaveis composic?oes dos poetas brasileiros fallecidos*, contendo as biographias de muitos delles, tudo precedido de um ensaio historico sobre as letras no Brazil. No tomo II desta obra, como o longo título anuncia, dedicada a reunir a produção de autores nascidos em terras brasileiras entre os séculos XVII e XIX, Varnhagen escreve a vida do poeta Domingos Caldas Barbosa (1740-1800) e compõe recolha, ao longo de 29 páginas, de poemas e de fragmentos de poema de gêneros líricos variados atribuídos ao autor. Varnhagen escreve a vida do poeta oitocentista não apenas à luz da notícia biográfica redigida pelo Cônego Januário da Cunha Barbosa (1780-1846), que se diz sobrinho do poeta, notícia impressa na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, em 1842, senão também mediante a leitura do poema encomiástico *A Doença*, de Domingos Caldas Barbosa, cuja editio princeps saiu das prensas reais lusitanas, em Lisboa, em 1777. A leitura de Varnhagen do poema *A Doença* é de cunho biografista. Funda-se, desse modo, em um juízo interpretativo segundo o qual esse poema está estribado nas coisas vividas pelo sujeito empírico do poeta, das quais a obra traz relato crível, e segundo o qual essas coisas vividas podem ser coadas do poema e dadas a conhecimento, não como ficção, senão como matéria de vida. Nota-se, portanto, que, em Varnhagen, a verdade da biografia de Domingos Caldas Barbosa constitui-se, sob o signo da referência, como efeito interpretativo do verossímil e do fictício poético. Os passos do *Florilegio da poesia brasileira* dedicados ao poeta biografado, convém que sejam lidos em meio ao esforço de letrados, como Varnhagen, de forjar a vida de brasileiros que deveriam ser considerados distintos nas letras e nas armas, e estão coadunados esses passos com os programas nacionalistas de invenção da nação e de figuração dos vultos nacionais que foram empreendidos pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, desde meados do século XIX. Convém não a averiguação do que se possa afirmar verdadeiro, verossímil ou fictício quanto à vida de Domingos Caldas Barbosa, mas a investigação da apropriação de Varnhagen do poema *A Doença* com o intuito figurar o poeta que o compôs como brasileiro e como autor digno de constar no *Florilegio da poesia brasileira*, a despeito das convenções poéticas e retóricas que se sabem vigentes no regime das belas-letras luso-

brasileiras, a despeito das práticas de escrita e de leitura que forjaram A Doença no século XVIII.

Palavras-chave: Francisco Adolfo de Varnhagen; Domingos Caldas Barbosa; retórica e poética; ficção e verossimilhança; historiografia literária

VISÃO E CEGUEIRA: ALGUNS ASPECTOS SOBRE A QUESTÃO DO CONHECIMENTO DA VERDADE NA OBRA DE PADRE ANTÔNIO VIEIRA

Marcus De Martini

Resumo: Na esteira de Pécora (1988), reconhece-se a importância do tema do olhar e correlatos na obra de Padre Antônio Vieira como uma possível via de acesso a seu pensamento. Assim, nesta comunicação, procurar-se-á relacionar algumas teorias coetâneas de Vieira sobre o funcionamento da visão, bem como o uso metafórico desse sentido na tradição cristã, como forma de explicação do processo de conhecimento da verdade especialmente nos sermões do jesuíta.

Palavras-chave: Visão; Conhecimento; Verdade; Persuasão; Sermão.

37 - ESTUDOS SOBRE AS NOVAS TENDÊNCIAS LITERÁRIAS BRASILEIRAS CONTEMPORÂNEAS

Coordenação: Prof. Dr. Herasmo Braga de Oliveira Brito (UESPI); Prof. Dr. Alan Bezerra Torres (IFCE); Prof. Dr. Edilson Floriano Souza Serra (IFMT)

Resumo: O presente Simpósio traz como foco o estudo comparativo das produções literárias com intuito de analisar as suas configurações, circunscrevendo-se a uma temporalidade que vai da década de 60 do século XX aos dias atuais. A literatura brasileira contemporânea é heterogênea e de difícil definição. Ainda assim, algumas tendências são claras em seu interior. Ao lado de um conjunto majoritário de obras que se mantêm presas à ambientação e às preocupações mais tradicionais da narrativa no país. Para empreender tal estudo, valer-nos-emos das análises destas diversas tendências da Literatura Brasileira Contemporânea para configurá-las. Podemos ilustrar algumas destas tendências que o Simpósio se propõe a discutir: Neorregionalismo, Autoficção, *Ecce Homo Fictus*, Cidadania e Vulnerabilidade Histórica Contemporânea, Centramento do homem moderno, Migração, deslocamento e tradução na literatura brasileira contemporânea, Metaficção e romance histórico, A Descoberta do mundo em si, Entre Representação e Autorrepresentação dos Neomarginalizados. Assim, temos no tocante ao *Neorregionalismo Brasileiro*, como elementos para base da categorização: a autonomia feminina, a predominância não mais do espaço rural, mas sim urbano, a tônica da escrita como fator de resistência e de memória dos aspectos regionais. Podemos exemplificar essas caracterizações do Neorregionalismo Brasileiro em obras como: *Beira Rio*, *Beira Vida* de Assis Brasil - *Sombra Severa* de Raimundo Carrero - *Cinzas do Norte* de Milton Hatoum - *Coivara da Memória* de Francisco Dantas, *Galiléia* de Ronaldo Correia de Brito. Em relação à *Autoficção* entendida “como um apagamento do eu biográfico, capaz de constituir-se apenas nos deslizamentos de seu próprio esforço por contar-se como um eu, através da experiência de produzir-se textualmente”. Entre os autores podemos citar: Silvano Santiago com *O Falso Mentiroso*, Cristovão Tezza com *O Filho Eterno*. A literatura de tendência denominada *Ecce Homo Fictus*, constitui-se em uma mescla de aspectos: biográficos, ensaísticos, de críticas literárias e artísticas, e momentos históricos, em meio a narrativas memorialistas. No Brasil, podemos citar a produção ficcional de Silvano Santiago *Em Liberdade* e Machado, Ana Miranda com *Boca do Inferno*. Diante da tendência *Cidadania e Vulnerabilidade Histórica Contemporânea* podemos destacar poemas de Tatiana Pequeno da Silva, a ficção de Rubens Figueiredo, e as notas autobiográficas de Marcus Vinicius Faustini, é possível identificar as configurações representativas do deslocamento coletivo das classes populares urbanas apontando para o passado histórico das tensões de raça, de classe, e de poder dentro. Em



Centramento do homem moderno, temos na prosa contemporânea a fragmentação narrativa ao entendimento do homem moderno, observamos que na prosa brasileira a partir da década de 1960, uma perspectiva de abordagem menos realista, influenciada, principalmente, por Clarice Lispector e João Guimarães Rosa. Na tendência *Migração, deslocamento e tradução na literatura brasileira contemporânea* uma pergunta chave é a formulação dos conceitos de literatura, o contemporâneo e o brasileiro. Ou, seja, como podemos pensar na literatura e, especificamente, a brasileira num momento contemporâneo quando a literatura expande e existe fora do seu campo previamente limitado à palavra escrita e quando a definição de nacionalidade em si existe em contestação e expansão? Em *Metaficção e Romance Histórico*, observamos na sua configuração um ecletismo formal, que faz o objeto percorrer as esteiras do ensaio e da ficção, o *romance* exige a análise dos intertextos que compõem o tecido verbal, direta e indiretamente em que os elementos essencialmente explícitos, constituídos por citações, paráfrases e outras referências diretas, merecem ser investigados não como anexos, mas suportes, partes constituintes da ideia de enredo e, até mesmo, da técnica dos autores. Na tendência *A Descoberta do mundo em si*, temos na obra de Clarice Lispector uma nítida representação da busca de respostas para o mistério do feminino, colocando a mulher confrontada consigo mesma e com o homem. E, *Entre Representação e Autorrepresentação dos Neomarginalizados*, observamos a possibilidade de notar a emergência de *novas vozes*, especialmente no que tange à representação de grupos sociais historicamente marginalizados (DALCASTAGNÈ, 2012).

Alguns dos teóricos a nos subsidiar nesta empreitada são: Araújo (2010), Bachelard (1993), Bakhtin (2011), Bueno (2006), Candido (2000, 2006), Chiappini (2014), Martins (2014), Rocha (2007), Williams (1989), Le Goff (2003), Ricouer (2007, 2010a, 2010b, 2010c).

Partiremos da seguinte questão-problema: quais os elementos configuradores destas tendências literárias contemporâneas brasileiras e como elas influenciam/atuam no Sistema Literário Brasileiro?

A hipótese é que essas tendências constituem a *leitmotiv* da Literatura Brasileira Contemporânea por serem as hegemônicas e por influenciarem as demais através das suas técnicas narrativas e abordagens temáticas. Portanto, buscamos identificar as contribuições para a formação de uma tradição literária, para a valorização da literatura nacional e para o fortalecimento da cultura brasileira.

Assim, esperamos contribuir para a produção de uma síntese compreensiva das tendências literárias contemporâneas brasileiras. Evitando subsumir a literatura à pura dimensão lúdica, pretendemos nos encaminhar para uma profundidade discursiva sobre as configurações das tendências, suas influências e sua relevância diante do cenário mundial de homogeneização da cultura.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (TARDE)

MULHERES NO BRASIL COLONIAL: METAFICÇÃO, VIOLÊNCIA E
SUBALTERNIDADE EM DESMUNDO, DE ANA MIRANDA KARLA

Vivianne Oliveira Santos

Resumo: Nomes como Gregório de Matos, Augusto dos Anjos, Gonçalves Dias e Clarice Lispector tornaram-se personagens em algumas das obras da escritora cearense Ana Miranda. É assim que a referida autora, voltando-se para a linguagem e dotada de um brasileirismo intenso, realiza um trabalho de valorização e redescoberta do tesouro literário brasileiro, que a leva à diálogos com obras e autores de nossa literatura (a exemplo dos escritores supracitados). Suas obras têm sido matéria de estudos na área acadêmica, recebendo teses e monografias geralmente ligadas à questões de Literatura e História, também vinculadas ao período do Barroco brasileiro, o Romantismo ou a Pós-modernidade. Dessas pesquisas acadêmicas voltadas para questões que



envolvem Literatura e História é que partiu o interesse em dar vida a este trabalho. Tomamos como corpus de análise a obra *Desmundo* (2003) da autora supracitada, que remonta o período histórico da colonização do Brasil contado sob o ponto de vista feminino. No romance, conhecemos a vida de Oribela, uma órfã que chega ao território brasileiro na condição de mercadoria para casar, ter filhos e povoar a nossa terra. Além dela, as outras personagens femininas da história também exemplificam o quanto a vida das mulheres está sujeita ao outro e nunca a elas mesmas. Sob esse ponto de vista, o discurso ficcional presente na referida obra permite a desestabilização do discurso da história e o faz por meio de questionamentos e reflexões. A metaficção historiográfica, portanto, é o marco teórico no qual nos apoiamos para a compreensão dessas questões promovidas pelo discurso ficcional. Tendo isso em vista, neste trabalho nos propomos investigar como ocorre a reinterpretação do passado através das estratégias narrativas metaficcionais e das vozes femininas subalternas presentes na obra de Ana Miranda. Para a tessitura deste trabalho, utilizamos como fontes teóricas as perspectivas de Linda Hutcheon (1991), acerca da metaficção historiográfica, intertextualidade e discursos da história; Hayden White (1994), acerca de como os discursos históricos e ficcionais podem estar entrelaçados; Mary Del Priori (1994) e Julia Knapp Baseggio (2015), que tratam da história da mulher no período colonial brasileiro; e Gayatri Spivak (2010), que nos apresenta as condições do sujeito feminino subalterno. Em síntese, paródia, intertextos e discursos históricos presentes em *Desmundo* (2003), enquanto estratégias narrativas, entrelaçam-se e promovem a metaficção historiográfica, permitindo ao leitor ingressar em formas de ação e de pensamento da época narrada, deparando-se com aspectos como a existência feminina, religiosidade, nova terra, amor e descoberta da sexualidade.

Palavras-chave: Ana Miranda. *Desmundo*. Mulheres. Brasil colonial. Metaficção.

BARROS, CABRAL E ROSA: UMA DISCUSSÃO SOBRE A GERAÇÃO DE 45
Alan Bezerra Torres

AS ALUSÕES À "A EDUCAÇÃO SENTIMENTAL" NO ROMANCE "A NOITE DE ESPERA", DE MILTOM HATOUM
Alexandre Bebian de Almeida

Resumo: De acordo com os historiadores literários brasileiros, como (COUTINHO, 2005), (MERQUIOR, 2013) e (BOSI, 2006), nosso Modernismo pode ser dividido em três gerações: a de 22, a de 30 e a de 45. Este trabalho propõe uma discussão acerca desta última, através de um estudo comparativo entre três grandes nomes inseridos no período: Manoel de Barros, João Cabral de Melo Neto e João Guimarães Rosa. A geração de 45 é um período bastante atacado por algumas referências da crítica, além dos nomes supracitados, também podemos apontar a figura de Candido (2014), que teceu duros comentários acerca do momento. Merquior (2013) questiona-se se houve uma falência da poesia de uma geração enganada ou enganosa. Primeiramente, o alvo dos ataques recai na falta de uma definição estética: um projeto ou até mesmo um manifesto que estabelecesse as ideias centrais. Ainda assim, mesmo com a ausência das propostas publicadas explicitamente, o que para o crítico fica claro é que sempre houve uma involução, ou melhor, antimodernismo, termo escolhido por Afrânio Coutinho (2005) para o referido momento. Bosi (2006), por exemplo, alcunha-o de “formalismo pálido” e divide-o entre os escritores que se ligam a esse formalismo e outros que fogem a essa ideia, chamados por ele de “pontas de lança”. Embora tenha agrupado vários artistas na condição já mencionada, teve a perspicácia de salientar que Cabral e Rosa destacam-se por suas inventividades: aquele por superar o engessamento parnasiano-simbolista; o outro por ter explorado as “fontes vivas das linguagens não letradas”. Manoel de Barros, por sua vez, tem um projeto artístico voltado para a inventividade e para a desconstrução da língua, inclusive, o próprio poeta – em diversas entrevistas – nega seu vínculo com a terceira fase do nosso Modernismo, uma vez que, claramente, sua poesia comunga com as propostas de ruptura com a tradição e se filia aos ideais defendidos por Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Obviamente, é muito comum tentar



inserir, enquadrar e entender um artista através de uma determinada faixa de tempo. No entanto, é um equívoco gigantesco, se não vamos fazer uma leitura puramente imanente do objeto aqui apresentado, creditar a esse momento o lugar dos três escritores em questão. Sendo assim, partimos das seguintes indagações: por que parte da crítica especializada inseriu nomes como Barros, Cabral e Rosa num período classificado como formal e retrógrado? Teria sido apenas um critério cronológico? O projeto linguístico dos artistas em foco realmente os exclui dessa geração?

Palavras-chave: Geração de 45; Barros; Cabral; Rosa; Crítica.

HISTORIOGRAFIA, MICROHISTÓRIA E INTERTEXTUALIDADE NO ROMANCE MUSA PRAGUEJADORA, DE ANA MIRANDA

Claudia Letícia Gonçalves Moraes

Resumo: Os estudos comparados em literatura atualmente entendem o texto literário como não só intimamente ligado, mas também tributário, dos contextos social, histórico e ideológico. Assim, compreende-se que estudar literatura é, também, estudar variados elementos presentes no texto a partir de um ponto de vista que privilegia uma crítica da totalidade que está na urdidura deste texto: conceitos de ficcionalidade e intertextualidade, bem como contextualização histórica e composição literária. A partir destes pressupostos, a presente comunicação apresenta uma investigação sobre as intersecções entre literatura e história por meio da construção intertextual que a autora Ana Miranda empreende sobre a vida do poeta seiscentista Gregório de Matos, a partir da sua representação ficcionalizada enquanto personagem literário. O corpus literário é composto pela biografia romanceada Musa Praguejadora (2014), sendo destacada, dentro da referida obra da autora, a questão da ficcionalidade a partir de um recorte nos limites entre literatura e história na obra em análise, que lançam mão de formas peculiares de aproximação com o real. O estudo consistirá de uma pesquisa bibliográfica sobre autores que fundamentam conceitos sobre novo romance histórico, ficcionalidade e intertextualidade, bem como suas relações com a produção literária contemporânea, especificamente a de Ana Miranda. O corpus teórico pretende promover uma apreciação das características do romance enquanto instância narrativa aproximada através do pastiche e da intertextualidade da história enquanto ciência, tomando como ponto de partida as discussões de Peter Burke (2011) como representante dos estudos da microhistória, considerando os limites entre discurso histórico/discurso ficcional em obras como "A fabricação do rei" (1994) e "História e teoria social" (2002). Já no que tange aos conceitos de intertextualidade serão válidas as discussões de Julia Kristeva (apud PERRONE?MOISÉS, 2006) e Gérard Genette (2007), teóricos que debatem a referida categoria de análise no âmbito da crítica literária. A partir deste quadro teórico buscamos compreender como ocorre a representação literária dentro da narrativa, que preenche as lacunas históricas com os recursos próprios da ficcionalidade. Pretende-se, como resultado do trabalho, problematizar o empreendimento de reconstrução do passado, nas tensões e hibridações entre os campos da literatura e da história, que a autora faz para trazer de volta a persona do autor, pondo em relevo a estratégia de criação que comporta simultaneamente ficção, intertextualidade, biografia e historiografia.

Palavras-chave: Ana Miranda. Historiografia. Microhistória. Intertextualidade.

O MEZ DA GRIPPE, DE VALÊNCIO XAVIER: INTERCURSOS DA CRIAÇÃO LITERÁRIA

Daniele Santos

Resumo: A construção de um texto, seja ele literário ou não, percorre níveis de sentido que auxiliam na recepção da mensagem para aquele a quem se destina. Isso significa dizer que esses desdobramentos, geralmente, apresentam fronteiras claras ou mais ou menos estáveis, sendo chamados de gêneros discursivos (BAKHTIN, 1992). Tais níveis de sentido podem ser desvelados por processos discursivos que atingem o campo do pastiche, da paródia e da



paráfrase, cada um deles com uma função referencial específica dentro do conjunto do qual fazem parte. É nesse sentido que podemos refletir sobre os intercursos desses três processos de referencialidade em *O Mez da Grippe*, de Valêncio Xavier, cuja primeira edição data de 1981. Em uma organização pouco linear – e até mesmo labiríntica (SCHNAIDERMAN, 1993) – essa obra faz com o leitor seja mais que apenas um receptor. A montagem da obra, muito próxima a cinematográfica, corrobora a uma atmosfera que data do século XX: a Primeira Guerra Mundial, em conjunto com a Gripe Espanhola e a cidade de Curitiba, atuam como símbolos repletos de significado, à medida que são esvaziados de sentido por diversos focos que a narrativa toma. Essa organização narrativa, ao passo que apresenta histórias substanciais e que fazem sentido dentro dos mais variados contextos, tem um apelo híbrido e de montagem, propondo que os sentidos sejam atribuídos em passant, causando um efeito específico ao leitor: a ameaça da doença, acompanhada da morte certa e rápida, é similar a organização narrativa, imagens e sentidos vários que passam (des)percebidos à leitura. Nesse sentido, o nosso objetivo é refletir sobre essas imagens em trechos selecionados no livro, pensando na formação estética desse autor e como a sua abordagem delimitou novos rumos para a produção literária brasileira contemporânea e pôde incentivar novos desdobramentos, por meio de recursos e ferramentas próprias. Isto é, o método de Valêncio Xavier mescla a metodologia da história com o recorte e a colagem, transformando o livro em um cenário praticamente onírico de bricolagens e montagens; bem como se utiliza da paródia, do pastiche e da paráfrase para entrelaçar os mais diferentes discursos que atuam no texto, sendo eles de vozes do feminino, com a presença de D. Lúcia; de sopros da imprensa, com recortes de revistas da época; da própria narrativa do homem que frequentemente aparece nas páginas da trama, cuja índole pode permear o defloramento das viúvas de soldados da guerra; e, por fim, as lacunas entre as páginas que podem repercutir um diálogo interessante com o período político-histórico sob o qual o Brasil passava no momento em que o livro foi escrito: o da ditadura brasileira, cujos silenciamentos e páginas em branco demonstram essa possibilidade de interpretação e análise.

Palavras-chave: Valêncio Xavier; *O mez da grippe*; Literatura paranaense contemporânea.

17/07 (TARDE)

A NARRATIVA DE PESSACH: A TRAVESSIA, DE CARLOS HEITOR CONY: ROMANCE SOCIAL ENGAJADO OU INTIMISTA?

Rafael Magno de Paula Costa

Resumo: O romance *Pessach: a travessia*, publicado pela primeira vez no ano de 1967, de Carlos Heitor Cony, narra a trajetória do personagem Paulo Simões, um escritor judeu que se recusa, em princípio, a se envolver em questões de natureza política, mas que, ao final do romance, abraça a causa de resistência à ditadura militar. Sua postura apolítica chama a atenção no início da narrativa e durante o seu desenrolar, porém, após o desenvolvimento do percurso narrativo, Paulo se envolve com os militantes de esquerda e, ao desfecho da história, já estava inserido dentro do que as visões políticas de esquerda no país preconizavam. O que chama a atenção nos discursos do personagem é sua postura individualista, marcada por reflexões existenciais. A construção narrativa de Carlos Heitor Cony ocorre dentro de um enredo tradicional, uma vez que a narração se desenrola sem maiores desafios ao leitor, dentro de uma linearidade com início, meio e fim. A experimentação, nesse caso, considerando que a obra está situada nos fins da década de 1960, não dita a tônica da obra, visto que, a exemplo de ilustração, essa era uma tendência do período do escritor Guimarães Rosa. Por isso, *Pessach: a travessia* é um romance com uma elaboração narrativa mais tradicional possível. Contudo, a obra contribui para a literatura brasileira por trazer em seu bojo importantes reflexões de natureza política que permeavam o contexto brasileiro do após o golpe militar de 1964, bem como apontava para uma nova tendência da literatura, isto é, de enfrentamento ao regime militar. De fato, o personagem Paulo se constitui por meio de reflexões existenciais, tal como as narrativas das décadas passadas, inseridas na perspectiva do existencialismo, como as obras de Guimarães Rosa e



Clarice Lispector, por exemplo. Nesse sentido, a obra de Cony não rompe com essa linha – de uma narrativa mais intimista –, mas de certo modo prossegue com ela. Isso demonstra, portanto, que o romance de Cony não procura, ao menos num primeiro momento, romper com esse traço. Ao elaborar um narrador em primeira pessoa protagonizando o romance, este se coloca como um personagem individualista e que, portanto, coloca o seu ego à frente de todas as questões, inclusive sociais. Por outro lado, o romance se insere num período de fortes questionamentos sobre o regime militar instaurado no Brasil após 1964. A tonalidade crítica do protagonista Paulo Simões em confluência com seus conflitos íntimos fazem com que a obra transite entre o engajamento e o intimismo narrativo.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Contemporaneidade; Narrativa Social; Narrativa Intimista.

A LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: ECCO HOMUS FICTUS UMA NOVA TENDÊNCIA

Herasmo Braga de Oliveira Brito

Resumo: Sob a égide do pensamento histórico todo indivíduo é sujeito do seu tempo. Com base nesta concepção também podemos inferir que todo crítico literário deve/deveria ser. No entanto, os possíveis riscos afastam boa parte da crítica da contemporaneidade e aqueles que permanecem acabam dialogando pouco com o presente, pois procuram muito mais destacar influências nos autores da tradição que aquilo que vem se concretizando no momento. A pretensão deste ensaio é trabalhar com a idéia aqui formulada por nós de *ecce homus fictus* como nova tendência na Literatura Brasileira Contemporânea. Destacamos, inicialmente, a dificuldade para se trabalhar com a Literatura Contemporânea é a mesma enfrentada pelos os historiadores que abordam a História do Tempo Presente. Primeiro temos a própria dificuldade não só de ordem conceitual, como também, e principalmente, a temporal. Boa parte dos autores adota períodos diferentes para caracterizarem o que vem a ser contemporâneo, no nosso caso, adotamos o momento a partir da década de 60 do século XX. Diante disso, destacamos algumas das tendências literárias contemporâneas como a do Neorregionalismo Brasileiro, Literatura Marginal, Romance Histórico, Autoficção e no nosso objeto de estudo o *Ecce Homus Fictus*. A partir do romance Machado de Silvano Santiago pretendemos analisar as configurações desta nova tendência na literatura brasileira contemporânea que apresenta a mistura de gêneros literários e textuais como elemento de construção dos enredos. Na obra referida temos os aspectos biográficos sobre Machado de Assis, históricos do período machadiano, textos críticos literários, ficção entre outros. Para realização de tal empreitada utilizaremos os seguintes autores: Ricouer (2007, 2008), Benjamin (1994), Bakhtin (1993) e Brito (2017).

Palavras-chave: *Ecce Homo Fictus* – Literatura Comparada – Literatura Contemporânea Brasileira

POÉTICA DO INÓXIO: ROMANCE BRASILEIRO E CONJUNTURA SOCIOPOLÍTICA PÓS-2013

Jose Helber Tavares de Araujo

Resumo: Este trabalho é um esboço inicial do cruzamento entre o diagnóstico das transformações da sociedade brasileira, de 2013 para os dias atuais, com a produção literária que tem se destacado neste mesmo período pela tentativa de apreender, na forma romanesca, o *Zeitgeist* do cenário sociopolítico contemporâneo brasileiro. O ano de 2013 tem sido tratado como um marco na história do Brasil, pois acredita-se que as insurgências das manifestações que tomaram de conta do país concentram o momento de implosão da Nova República (SAFATLE, 2017). A partir de então, o Brasil é tomado por uma série de instabilidade política, social e cultural, que tem como horizonte final uma profunda crise, com culminância na destituição de Dilma Rousseff, em 2016, e no implante de um regime político de ordem neoliberal em associação com recrudescimento militar, conservadorismo cultural e apoio a movimentos políticos de extrema direita. Este momento de desencadeamento de mudanças de



visão de mundo ocorridas no Brasil a partir das manifestações de rua de 2013 nos dá o entendimento de que, como argumenta o professor Paulo Arantes (2014), gerou-se um novo tempo do mundo brasileiro, um tempo de crise e emergência, na qual abriram-se as portas para novos modelos de expressão de violência social recalcados e latentes na sociedade. A questão que levantamos nesta apresentação é: este contexto histórico de turbulência que divide o país, outrora tomado por conciliado pela Era Lulista, pode impactar na forma romanesca? Ou seja, neste Brasil de crises, quais vínculos sociais o romance contemporâneo aspira participação? De 2014 a 2016, três anos depois das manifestações, o que o romance tem a nos dizer sobre nosso diagnóstico de tempo? Verificando a produção romanesca pós-2013, tentamos compreender como alguns romances registram, através de sua representação ficcional, o Brasil contemporâneo, seja do eclipse do progressismo pré-2013, seja da regressão neoliberal pós-2013. Para tanto, em nossa primeira investida, selecionamos alguns romances que, de alguma forma, representa uma miríade de transformações estéticas impulsionados pela convergência entre narrativa e fatos sociopolíticos da contemporaneidade brasileira: O professor (2014), de Cristovão Tezza; Luxúria (2015), de Fernando Bonassi; Ainda estou aqui (2015), de Marcelo Rubens Paiva; O Marachel de Costas (2015), de José Luiz Passos.

Palavras-chave: Romance Brasileiro; Romance Contemporâneo; Teoria Crítica

O SELVAGEM DA ÓPERA: MODERNIDADE E MODERNIZAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DE UM ROMANCE HISTÓRICO

Márcia Mucha

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar as representações da modernidade e da modernização em O selvagem da ópera (1994), de Rubem Fonseca. Essa obra da literatura brasileira contemporânea põe em xeque o Brasil do Segundo Império com críticas às suas políticas sociais, tecnológicas e culturais, na tentativa de superar os entraves relegados pelo regime colonial e escravocrata. Nessa perspectiva, investe-se na trajetória do protagonista, Antônio Carlos Gomes, personagem que pertencem ao rol da história nacional e vive e revive acontecimentos de épocas passadas. Ela é posta em jogo, segundo Lukács (2011), através de uma manifestação literária de escritores que buscam na evolução de personalidades históricas, aquelas que possam incorporar e representar as ideias do passado, além de refletir sobre questões atuais. O sangue negro e as origens humildes desse maestro, funcionam como paradigma de um Brasil que quer se modernizar, mas que não se enquadra em um modelo importado, eurocêntrico. Nesse sentido, Rubem Fonseca elabora uma narrativa que trata de questões que fizeram parte da história do período oitocentista e que, de alguma maneira, ainda são reconhecíveis na contemporaneidade, principalmente nos temas relacionados à cor e raça, diretamente ligados à formação da identidade nacional. A obra também promove uma reflexão sobre a arte erudita e o “preconceito” para se viver nesse meio, além de discutir as especificidades do cinema e da literatura de acordo com a visão desse narrador anônimo que demonstra ironia ao dizer que a sétima arte se sobrepõe ao texto literário. É uma obra, portanto, que apresenta uma característica de narrativa fronteiriça. Isso se deve ao fato de abrigar em sua composição estética uma ficção histórica, com traços biográficos da vida de Carlos Gomes; discutir a ópera e, ainda, estar marcadamente composto por uma linguagem cinematográfica. Na base do estudo, contempla-se o gênero romance, na concepção bakhtiniana, e seus laços com a consolidação da classe burguesa, dialogando com a leitura oferecida por críticos da modernidade como Marshall Berman. Essa escrita do roteiro de um filme se enquadra na metaficção historiográfica, proposta por Linda Hutcheon e, dentre as expressões romanescas, privilegia-se a ficção histórica, por seu diálogo mais estreito com o discurso da história, teorizado por György Lukács. Já as leituras de Roberto Schwarz e de Silviano Santiago, além dos estudos historiográficos de Thomas Skidmore e de Lilia Moritz Schwarcz, nortearão o trabalho no que se refere à sociedade brasileira do século XIX.

Palavras-chave: Modernidade e Modernização; Romance Histórico; Rubem Fonseca.

18/07 (TARDE)

O “DUPLO” NO CONTO “DESAPARIÇÃO” DE LETÍCIA WIERZCHOWSKI

Naira Suzane Soares Almeida

Resumo: O conto “Desaparição”, de Letícia Wierzchowski, dialoga entre a ficção e a realidade, expressa as crises e a liberdade do criador. O mesmo caracteriza-se como uma metaficção por ser um fenômeno estético autorreferente –a ficção que fala de si mesma e contém a si própria– e que está à procura da identidade estética e existencial. Ademais a metaficção parte da metalinguagem que por sua vez é oriunda da metafísica. A narrativa relata a inquietude de uma mulher-protagonista que vai perdendo seus traços. Posteriormente depois de sonhar que era uma geladeira no deserto e que poderia ajudar a muitas pessoas, mas que nenhuma delas ousava mexer na fechadura. Na manhã seguinte ao acordar e se olhar no espelho, ela não percebe o seu reflexo, há apenas a imagem apagando-se de seu cabelo. Seu esposo tenta tranquilizá-la, pois ele a enxerga. No relato a narradora ao final afirma que a escritora –que agora assumi o papel de protagonista– vai sumindo aos poucos, porém vai sendo lembrada pelo companheiro, alegoricamente da mesma forma que o leitor lê a página anterior da narração para recordar a história. A hipótese empreendida neste objeto de estudo é de que a narradora, a protagonista e a escritora são a mesma persona. Logo, este trabalho tem por objetivo analisar a concretização do duplo na literatura brasileira de Wierzchowski na contística mencionada, assim tendo como questões norteadoras: como a trama é apresentada através das personagens da narração no conto mediante a desapareição eminente da protagonista? De que forma os objetos da casa em especial o espelho ecoam neste processo auto reflexivo da identidade estética e existencial? Como criatura e criadora se mesclam na narrativa? Consequentemente, para elucidar sobre o processo de tessitura do texto metaficcional de Wierzchowski, este trabalho se apoia no aporte teórico proposto por Antonio Candido (2014) a fim de dialogar sobre as questões sociais existenciais no conto; Gustavo Bernardo (2010) refletindo acerca do processo do “duplo”; Patrícia Waugh (1984) compreendendo sobre o fazer metaficcional da narrativa; Ruth S. Brandão (2006) aclarando a respeito da representação da mulher e feminino; e Walter Benjamin (1994) verificando se há uma identidade entre narradora, protagonista e autora. Conclui-se que a autora vai além da realidade quando se “imiscui” na sua história e junto com ela desaparece de si mesma. Assim Wierzchowski apaga a si mesma quando se põe no cenário do seu conto transformando-se também em ficção e, por causa disso, faz do seu leitor outra ficção.

Palavras-chave: Letícia Wierzchowski; Desaparição; Metaficção; Duplo.

LUCIENE CARVALHO: LOUCA, BRUXA, FEBRE TERÇA

Edilson Floriano Souza Serra

Resumo: A loucura é a potência que norteia o livro *Insânia* (2009) da escritora mato-grossense Luciene Carvalho. Resultado de suas experiências de internações em hospitais psiquiátricos entre meados dos anos de 1990 até o primeiro ano do novo século, o oitavo livro da escritora aborda tanto o desarranjo identitário provocado pelo diagnóstico que recebera, quanto o sentimento de incompatibilidade que atravessa aqueles denominados “loucos”. De posse de um arcabouço teórico que reúne figuras como Foucault (2006, 2014), Roger Bastide (2016) e mesmo Erasmo de Rotterdam (2003), debruçamo-nos sobre o tema da loucura. Segundo Luciene Carvalho, para além dos aspectos clínicos da doença, esta resultou ser um refúgio diante de um mundo governado pelo medo. Por outro lado, estrategicamente, como louca, teve a capacidade de catalisar suas angústias e transformá-las em literatura. A loucura, assim, é um corolário de suas inexplicabilidades que, se a princípio é um ardil, dela o sujeito apropria-se e a molda em favor próprio, desonubilando seu sentido original para um que advogue em favor de si.

Palavras-chave: Loucura; empoderamento; escrita de si.



O PERFORMATIVO NA OBRA DE RICARDO LÍSIAS: UMA ANÁLISE DE DIÁRIO DA CATÁSTROFE BRASILEIRA

Nivana Ferreira da Silva

Resumo: Em Diário da catástrofe brasileira (LÍSIAS, 2018, 2019), é notável a atenção dada por Ricardo Lísias à forma do material, no próprio texto e nas postagens de divulgação, com referências à proposta de atualização mensal e ao apagamento das versões anteriores. Esse aspecto está relacionado ao apelo à receptividade do espectador (FÉRAL, 2009), porque o leitor é convocado a entrar no jogo que tensiona memória e esquecimento e, se não atualizar o texto, está, segundo Lísias, fora do âmbito da criação. Ao que parece, a performatividade da obra também se manifesta na irônica escolha do gênero diário, que deveria guardar o registro, mas é explorado a partir da volatilidade, ainda que o autor, a cada novo volume, reprise e reinvente o que escreveu anteriormente. Existe, portanto, um engajamento do artista não só na abordagem de temas de cunho político e social, mas na disposição em tirar proveito das tecnologias e impulsionar a reflexão sobre os modos de produção e circulação dos textos no contemporâneo, investimento que, sendo performativo, possui um risco inerente e está sujeito ao sucesso ou não. Considerando essas reflexões, a comunicação parte do pressuposto de que a inscrição da assinatura de Ricardo Lísias, na literatura contemporânea, tem como uma de suas marcas a performance autoral “dentro-fora” (LUDMER, 2007) da obra, e propõe uma análise preliminar do caráter performativo do projeto mais recente, ainda em andamento, o e-book Diário da catástrofe brasileira. Bastante conhecido por explorar o limiar entre realidade e ficção, Lísias investe na circulação de seu nome próprio por meio de suas aparições públicas e do uso expressivo das redes sociais, e também na criação de personagens homônimos ao autor, como em Divórcio (LÍSIAS, 2013) e Delegado Tobias (LÍSIAS, 2014), para citar duas publicações que apontam para referências factualmente rastreáveis, implicando numa “dramatização de si” (KLINGER, 2008), uma “auto-mise-en-scène” (MOCARZEL, 2014) que forja, ao mesmo tempo, autor e narrador(es). Diário da catástrofe brasileira parece, simultaneamente, seguir adiante e romper com essa linha de produção, pois, se por um lado, insiste na exposição do “eu” e no aproveitamento dos meios virtuais a favor da obra, por outro, aposta na saída da ficção, talvez em nome da necessidade do registro documental e da crítica da realidade que estamos vivendo. Nesse sentido, e considerando a “inespecificidade” (GARRAMUÑO, 2014) da literatura contemporânea e a sua abertura em direção a outras artes, é possível levantar a hipótese de que o e-book de Lísias apresenta características do que Josette Féral (2009) chama de teatro performativo, no qual, além da valorização da ação em si e do foco no processo, há, conforme a autora, um empenho do performer em mostrar o que está sendo feito, descrevendo o procedimento em detrimento da representação.

Palavras-chave: Ricardo Lísias; Literatura contemporânea; Performance autoral; Teatro performativo

ASPECTOS DA FICÇÃO CONTEMPORÂNEA: UMA LEITURA DA OBRA PICO NA VEIA, DE DALTON TREVISAN

Roseli Bodnar

Resumo: O presente artigo se propõe a analisar as características da literatura contemporânea numa condição pós-moderna, em especial, o entrecruzamento das linguagens, buscando pensar como a condição de pós-modernidade se reflete na escrita literária, reproduzindo ficcionalmente o discurso do cotidiano. A análise proposta da obra Pico na veia que apresenta uma fusão da linguagem literária com a linguagem teatral. Para o corpus teórico do estudo, se propõe uma rápida incursão por autores que fundamentam o objeto de reflexão como Hutcheon, Ryngaert, Ubersfeld.

Palavras-chave: Dalton Trevisan, Pico na veia, linguagem literária e teatral.

Coordenação: Profa. Dra. Ana Rossi (UnB); Profa. Dra. Giane da Silva Mariano Lessa (UNILA)

Resumo: Nesta proposta de simpósio, o foco será a etnopoesia entendida como a relação entre poesia - enquanto produção de conhecimento -, e sua relação com a etnologia/antropologia, cujo objeto é o estudo do homem, o *antropos*. Assim, a etnopoesia expressa a produção do conhecimento gerado por uma comunidade dada, em um espaço-tempo específico, quer esteja essa comunidade no âmbito rural, quer esteja ela no âmbito urbano, e sendo que tal conhecimento organiza-se também do ponto de vista estético. Esse conhecimento organiza-se a partir de uma informação que é de ordem estética, com regras que constroem um conhecimento específico, visível a partir dos dispositivos da poesia impressa na página, ou nas inter-relações entre diferentes textos editados, ou também nas condições de coleta de um material oral e que nos chega compilado sob a forma escrita. Cada um desses elementos – outros decorrentes da pesquisa – deve ser trazido à tona no intuito de circunscrever as condições em que deu-se esse conhecimento, e por quais transformações passaram tais categorias analíticas presentes no material etnopoético. O que lemos é o resultado desse conjunto de decisões. Tais análises revelam as categorias analíticas que estruturam o material etnopoético, categorias essas passíveis de serem apreendidas por meio da tradução. Porque é apenas pela tradução que esse material chega até nossas mãos. Decorre daí a importância de refletir sobre a relação entre etnopoesia e tradução, esta última entendida como espaço epistemológico para a construção e transmissão de conhecimento.

Eis porque, traduzir constitui-se em um diálogo entre diferentes tradições linguístico-culturais em jogo, como, por exemplo, no caso da tradução das línguas indígenas, mas também de línguas consideradas próximas. Esse diálogo considera a relação complexa entre tradições linguísticas e culturais distintas, objetivando compreender a maneira como se deu essa relação, e seu impacto no âmbito da tradução a partir de variáveis – para citar apenas um exemplo - tais como a importância política das línguas e culturas em presença uma das outras. Isto implica um efeito unilateral, quando não devidamente observado, da língua politicamente mais forte sobre a língua politicamente mais fraca. No âmbito da tradução, essa relação deve ser explicitada e dialogada, de maneira a não obliterar as categorias analíticas de uma das línguas em questão, deixando que tais categorias sejam transpostas, sem controle, em proveito de uma e, claro, em detrimento da outra. O problema é que, desta maneira, desfaz-se as categorias analíticas – e suas relações cognitivas e epistemológicas - na base do conhecimento. Da mesma maneira, tradução é o resultado de um processo longo e complexo onde o que deve ser objeto da tarefa do tradutor – na perspectiva de Walter Benjamin - é identificar a lógica que impera no texto, seu contexto histórico-social, as condições de coleta do material caso estejamos falando de textos em outra dimensão temporal, ou estruturado na base da oralidade. Esse é o processo que permitiu a construção do texto, expressão do outro em sua alteridade. Por parte do tradutor, coloca-se a questão de como aproximar-se desse locus poético, composto por uma indissociabilidade entre língua e cultura multimilenárias, e sabendo que o desconhecido é alcançado por meio do conhecido. Logo, referir-se à etnopoesia implica em estudar também as variáveis tradutórias que conotam e denotam o texto, e não apenas focar no resultado da tradução como algo desligado do contexto de sua produção. Por etnopoesia entende-se que a poesia traz consigo uma concepção de mundo que deve ser desvendada e não domesticada, nem apagada no âmbito da tradução.

Referências:

BENJAMIN Walter. “A tarefa-renúncia do tradutor” [trad. Susana Kampff Lages]. **A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português**. Belo Horizonte. Fale/UFMG. 2008. p. 66-81

BENSE Max. **Pequena Estética**. São Paulo. Perspectiva. 2009. 3ª edição.

CADOGAN Leon. **Ayvu Rapyta. Textos Míticos de los Mbyá-Guarani del Guairá**. Asunción del Paraguay. Biblioteca Paraguaya de Antropologia-vol. XVI. Fundación “Leon Cadogan”-Ceaduc-Cepag. 1997.

- CLASTRES Pierre. **Le grand parler: mythes et chants sacrés des Indiens Guaraní**. Paris. Seuil. 1974.
- CASANOVA Pascale. **La République mondiale des Lettres**. Paris. Seuil. Coll. "Points". 2008.
- D'ANGELIS R. Wilmar. "Traduzir e/é dialogar". **caleidoscópio: linguagem e tradução**. v. 2. n.1. jan-jun. 2018. p.15-35
- MARTINS LAMEIRÃO MATEUS. Andréa. **A poesia multifacetada de Jerome Rothenberg**. Tese de Doutorado. USP/FFLCH. 2014.
- MALLARMÉ. Stéphane. **Igitur. Divagations. Un coup de dés**. Paris. Gallimard. 2003.
- POUND Ezra. **ABC of Reading**. New York. New Directions. 1987.
- ROSSI Ana Helena. Entrevista com Aryon Rodrigues. **Traduzires**. Postrad. v.1, n.2. 2012. p. 127-131
- _____. "Leon Cadogan, antropólogo-tradutor do *Ayvu Rapyta*: um projeto ético baseado no conhecimento". Colóquio Yo el Supremo (1974-2014), Augusto Roa Bastos, Foz-do-Iguaçu. 2014. [<http://dspace.unila.edu.br/123456789/1472>]. Consultado em 20 de janeiro de 2019.
- _____. "Processos e experiências: pensando a tradução". **caleidoscópio: linguagem e tradução**. v.2. n.1. jan-jun 2018. p. 01-14
- SCHNAIDERMAN Boris. **Tradução. Ato desmedido**. São Paulo. Perspectiva. 2015.

PROGRAMAÇÃO

17/07 (TARDE)

ETNOPOESIA, MEMÓRIA E TRADUÇÃO: O CASO DA POETA-ESCRITORA CONCEIÇÃO EVARISTO

Ana Helena Rossi

Resumo: A narrativa da poeta-escritora Conceição Evaristo é emblemática porque representa um lugar de fala que nos convoca a respeito da história do Brasil, a respeito da memória comum. Observar e ler a sua poesia, os seus escritos de uma maneira geral, remete a uma narrativa que extrai do esquecimento político-cultural tudo aquilo que ficou oculto. Assim, a sua poesia é convocada como uma fala de resiliência, uma fala de resistência que clama o seu lugar de fala, e que fala em nome de um coletivo excluído da História oficial. Aliás, a narrativa dela pode pertencer a mais de um dos grupos excluídos. Cada um dos seus textos remete e identifica essas lacunas da História oficial, a partir de comparações metafóricas que retiram tais fatos históricos do esquecimento, colocando-os em um lugar de visibilidade. Assim, a memória desmemorializada re-memorializada atua como um lugar que reconstrói aquilo que a História oficial não registrou, e apagou. Aquilo que foi escamoteado do discurso oficial. Nesse sentido, a poesia que fala desses lugares de fala pode ser considerada como uma etnopoesia, um lugar onde a ficção retoma o vazio provocado pelo esquecimento, pelo apagamento, pelo silenciamento e troca isso por uma ficção que reconstrói esse lugar de fala política, de sujeito político. Nesse sentido, farei uma comparação com o texto que escrevi em francês intitulado *historiographies premières* (2008) como sendo um lugar de fala inédito da História do Brasil que traz à tona um conhecimento olvidado da nossa História, o início dos idos do Brasil contados a partir do lugar de fala dos excluídos. Esse lugar de ficção torna-se um lugar de construção de conhecimento com categorias inéditas que revisitam as categorias o saber oficial e o conhecimento sobre nós mesmos enquanto grupo coletivo e plural. Tais elementos devem ser trazidos à tona no âmbito da tradução para serem devidamente identificados e tratados no âmbito do processo tradutório. Nesse sentido, a narrativa traz à tona vários episódios que mostram como a comunidade afro-brasileira – nesse caso, as mulheres, mas não apenas, foram esquecidas, suas experiências foram apagadas. Tais experiências de exclusão podem também ser identificadas no âmbito da comunidade indígena – das mulheres indígenas, momentos esses que



também foram ocultados e apagados. Refiro-me à falta de visibilidade, à exclusão social, à morte, à violência de gênero, de classe e de raça. Refiro-me a toda a classe de experiências humanas, relatadas nessas narrativas que explicitam a exclusão de que foi objeto uma grande parte da população brasileira. Assim sendo, a memória como fator coletivo, já que se sabe que a memória também é uma transmissão histórico-cultural, a memória é recuperada nesse âmbito por meio da narrativa. Cabe à narrativa identificar essa memória que é um lugar de fala, e cabe à tradução compreender o conhecimento que se encontra nela depositada para não apagá-la no momento da tradução.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; historiographies premières; tradução; lugar de fala; fala de resiliência

ETNOPOESIA E TRADUÇÃO TOTAL: DETERMINAÇÕES E INDETERMINAÇÕES

Andrea Martins Lameirão Mateus

Resumo: Em 1967, Jerome Rothenberg publica a antologia de etnopoesia: *Technicians of the Sacred* [Técnicos do Sagrado, sem tradução para o português até o momento]. O livro coleta (etno)poesia de tempos e locais diversos, na maior parte consistindo em traduções para o inglês, formando uma colagem de experiências poéticas que refletem sua compreensão xamânica (ou sagrada) da poesia, ao nomear a coleção com uma expressão de Mircea Eliade. É no prefácio desta obra que nos deparamos com a primeira formulação sobre o que seria “etnopoesia” para Rothenberg, e como esta estava diretamente ligada às suas opções tradutórias para a poesia reunida na antologia, cujo alcance ia além da mais óbvia relação entre o etnográfico e a poesia indígena, buscando evitar dicotomias de todos os tipos, em especial o “europeu” versus “não-europeu”, que reduzira nuances de compreensão do fazer poético consideradas nocivas (ROTHENBERG, 1985). “Tradução Total” (Total Translation) foi o nome dado à sua formulação para a metodologia que havia adotado em traduções de poesia indígena, onde dados linguísticos normalmente tidos como pertencentes ao domínio do intraduzível, seriam traduzíveis através de seu método, de forma que “palavras, sons, voz, melodia, gestual, etc., na reconstituição de uma unidade que seria destruída se nos aproximássemos de cada elemento isolado. Uma experiência completa e total começa nela, e apenas uma tradução total pode completamente trazê-la à tona” (ROTHENBERG, 1981). Suas preocupações coincidem, temporalmente e em propostas, com o Movimento Concreto, de inspiração fortemente poundiana, que impulsionaram muito do que se tem pensado como prática tradutória para a atualidade. No entanto, talvez uma distinção clara entre essas duas formulações (tradução total e transcrição) esteja justamente na visada etnopoética de Rothenberg. Para pensar comparativamente essas “diferenças e repetições” (DELEUZE, 2018) é necessário ainda compreender o modo distinto que a influência da experiência tradutória de Ezra Pound tem em Rothenberg e irmãos Campos, assim como enfatizar a relevância dos momentos em que ocorre um afastamento do pensamento de Pound, e como essas nuances operam, e suas motivações. Ao comparar métodos e resultados de diferentes propostas de atividade tradutória com a “Tradução total” e a etnopoesia de Rothenberg, buscamos pensar o que temos de relevante ainda hoje nas indagações do poeta iniciadas na segunda metade da década de 1960. O objetivo deste trabalho é pensar, a partir da filosofia de Gilles Deleuze, coincidências e diferenças, determinações e indeterminações, entre propostas de metodologia tradutória e, quais pontos a visada etnopoética são responsáveis por uma novidade importante para considerarmos teoricamente a atividade da tradução e suas práticas.

Palavras-chave: etnopoesia; tradução total; tradução poética, poéticas contemporâneas.

O PERCURSO SINUOSO DA TRADUÇÃO DA ORALIDADE PARA A ESCRITA: A EXPERIÊNCIA NA UNILA

Giane da Silva Mariano Lessa

Resumo: Quando nos referimos à tradução de textualidades etnicamente heterogêneas, devemos pensar de imediato na tradução de categorias lexicais e culturais diversas, atravessadas por

cosmovisões também heterogêneas. Trata-se de um processo tradutório complexo, que se adensa quando o texto étnico é um texto oral e será traduzido para a escrita alfabética ocidental. Não raro nos deparamos com linguagens de fronteira como o jopará, o quechuañol etc. O recorte elaborado para esta apresentação, em primeiro lugar, evidencia algumas características da oralidade e algumas características de sua transposição para a escrita alfabética. Em segundo lugar, evidencia questões de tradução que emergem no contexto da Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA). A instituição, fundada em 2010, com vocação para os estudos da região, tem suas bases fundadas no bilinguismo do par linguístico português/espanhol, na interculturalidade e no ensino interdisciplinar. Para além do bilinguismo, a UNILA se caracteriza, na realidade, por um contexto multilíngue, já que vem recebendo, sistematicamente, estudantes cuja língua materna é uma língua de cultura oral, como o guarani, o quéchua, o aymará, yine, mapudungun, créole haitiano etc. Ao chegar à universidade, esses estudantes se engajam num processo dialético de tradução de suas próprias línguas e culturas, ao passo que traduzem categorias ocidentais para suas próprias línguas. Por outro lado, estudantes cuja língua materna é o espanhol, o português, isto é, uma das línguas hegemônicas da América Latina, também se engajam em diversos processos tradutórios em diálogo com as culturas de base oral. Trata-se de um laboratório vivo, em que estão em jogo traduções de várias ordens, desencadeados pelo contato entre alteridades históricas latino-americanas e o conteúdo linguístico, histórico, social e cultural das disciplinas oferecidas pelos cursos. Para demonstrá-lo, faço uma descrição do contexto institucional, a partir da minha experiência como docente do curso de graduação em Letras, Artes e Mediação Cultural, formador de mediadores culturais e do curso de pós-graduação em Estudos Latino-americanos. Em ambos leciono disciplinas como “Tradução Cultural”, “Oralidade Latino-americanas”, “Linguagem e sociedade” e outras. Apresento também o relato de alguns episódios relevantes para a reflexão sobre a tradução de textualidades étnicas e analiso trechos de entrevistas feitas com docentes e estudantes. As considerações atestam um processo sinuoso de deslocamentos culturais e a necessidade imperiosa de recorrer à tradução para o desenvolvimento da intercompreensão. Também é possível verificar que tais processos se dão em meio a equívocos aos quais, inevitavelmente, estamos sujeitos.

Palavras-chave: Tradução, heterogeneidade cultural, instituição

TRADUZINDO O CANTARES MEXICANOS: PARA UMA ETNOPOESIA NAHUATL

Sara Lelis de Oliveira

Resumo: Esta comunicação abordará experiências primeiras de tradução para o português brasileiro de poemas em língua nahuatl presentes em *Poesía Nahuatl* (1965), obra bilíngue (nahuatl e espanhol) do padre, filólogo e tradutor mexicano Ángel María Garibay Kintana (1892 – 1967). A referida obra resulta na paleografia – estudo decifratório e interpretativo de formas antigas de escrita – que Garibay realizou do manuscrito em língua nahuatl intitulado *Cantares Mexicanos*, e sua tradução para o espanhol mexicano. O *Cantares* data de 1628 e consiste nas oitenta e cinco primeiras folhas do manuscrito MS 1628 BIS, conservado na Biblioteca Nacional do México. Trata-se da cópia feita por jesuítas de um manuscrito a cargo de missionários franciscanos para o qual foram transliterados com alfabeto latino diversos cantos entoados em nahuatl durante os anos 1550 e 1597 do período colonial do México por nativos mesoamericanos – sobreviventes do confronto entre mexicas (ou astecas) e castelhanos junto a povos nativos aliados (1519 – 1521) – e por seus descendentes. A composição do manuscrito franciscano é fruto do trabalho de catequização realizado pelos freis Bernardino de Sahagún (1500 – 1590) e Andrés de Olmos (1485 – 1571), responsáveis pelo resgate de tradições pré-hispânicas ainda patentes no modo de vida nahua após o domínio estrangeiro. O intuito era recolher esse material a fim de garantir a extirpação das adorações divinas consideradas idolatrias segundo a doutrina católica. O empreendimento dos franciscanos procede da colaboração de descendentes nativos trilíngues – nahuatl, latim e espanhol –, que ouviam os cânticos e transliteravam os fonemas nahuatl correspondentes ao alfabeto latino.



Paradoxalmente, é através dessa iniciativa que sobreviveu parte das tradições mesoamericanas. Concomitantemente, a transliteração dos cantos para o alfabeto latino suprimiu, ademais dos fonemas linguísticos preteridos, uma série de elementos estéticos oriundos do contexto em que eram entoados no contexto colonial e que remontam a uma tradição pré-hispânica. São elementos como a voz, o ritmo, a dança, os gestos, as pinturas corporais e o vestuário. Os cantos pertencem a um complexo cultural no qual são entoados com o acompanhamento de uma performance própria da cultura nativa, mas seu registro escrito e as vicissitudes do manuscrito ao longo do tempo obstruem o acesso a seu sentido original vinculado a seu espaço e tempo de produção. É desse contexto de configuração dos Cantares – em que elementos estéticos fundamentais se perderam, bem como sua trajetória material da qual não é possível considerar os cantos como textos originais – que deriva a paleografia de Garibay. Sendo o texto fruto da paleografia dos Cantares nosso objeto de tradução, pretende-se apresentar de modo introdutório aspectos para a construção de uma etnopoiesia nahuatl mediante a tradução do nahuatl para o português brasileiro em que a língua ponte é o espanhol dos missionários franciscanos. A aproximação ao lócus poético nahuatl que esculpe parte da milenar cultura nahuatl depende de uma reconstrução textual e, por conseguinte, cultural, que atravessa camadas linguístico-culturais provenientes de perspectivas, objetivos e momentos históricos variados.

Palavras-chave: Poesía Nahuatl; Cantares Mexicanos; tradução; etnopoiesia.

ANTOINE BERMAN E O ATO DE TRADUÇÃO COMO AGENTE FOMENTADOR DE UM GIRO DECOLONIAL

Simone Christina Petry

Resumo: O ato de tradução, na concepção do filósofo, tradutor e teórico da tradução francês Antoine Berman (1942-1991), sempre esteve estritamente ligado ao movimento da própria reflexão; pensamento, por sua vez, sob forte influência do conceito de *Bildung* elaborado pelos pensadores vinculados ao que chamamos primeiro romantismo alemão – cuja característica mais importante talvez se encontre no processo interminável de, através da reflexão, sair de si, ir ao encontro do outro, para voltar a si mesmo mesclado por esse encontro, ou por essa convivência, podendo assim se atualizar. Os primeiros trabalhos de escrita e de tradução de Berman, dos fragmentos primeiro-românticos, por exemplo, contribuíam com um movimento maior, na França, de resgate do pensamento dos românticos de Iena a partir da obra de Walter Benjamin, com vistas especialmente ao combate de um etnocentrismo cultural que prevalecia no espaço francês da época – décadas de 1960 e 1970, mais ou menos. Mas foi após retornar de sua vivência na ditadura latino-americana (1971-1975), mais especificamente na Argentina, que o conceito da *Bildung* alemã é, por essa experiência, desconstruído para o autor. Ao tentar apresentar aos franceses, sem muito sucesso, aspectos sociais e políticos dessa cultura, através da tradução para o francês da literatura latino-americana dita de "protesta", o ato de tradução, enquanto experiência e reflexão, desvela-se para Berman como um objeto fortemente capaz de "militar" por um giro decolonial epistemológico – na casa do colonizador, diga-se de passagem – a partir de operações linguísticas refletidas e com base em uma ética convivial – ou ética da convivência – na qual o Outro tem papel fundamental na transformação e desenvolvimento cultural, social e linguístico do Próprio – portanto, não deve sofrer apagamento, não deve ser abortado. Deve ser visto como o movimento de escovar a história própria a contrapelo, através da linguagem e da tradução (mais propriamente da tradução literária, ou, poética), para acolher o outro de forma ética. Neste trabalho, pretendo apresentar as bases desse pensamento e sua importância não apenas para as teorias da tradução e da literatura, como também para questões candentes no âmbito dos Estudos Étnicos e Culturais da contemporaneidade.

Palavras-chave: Antoine Berman; Tradução; Decolonização; Literatura Latino-Americana.

Coordenação: Prof. Dr. Bruno Barretto Gomide (USP); Profa. Dra. Claudia Pellegrini Drucker (UFSC)

Resumo: Este simpósio temático é um desdobramento dos simpósios de literatura russa realizados nos encontros nacionais e internacionais da ABRALIC de 2006 (Rio de Janeiro) 2007, 2008 (São Paulo), 2011 (Curitiba), 2013 (João Pessoa), 2015 (Belém) e 2016 (Rio de Janeiro). Eles foram criados com o objetivo de constituírem um espaço para a discussão permanente de temas de russística no âmbito de um congresso importante. Não havia, até então, espaço similar dentro da universidade e das associações científicas brasileiras. Esses simpósios temáticos ajudaram no fortalecimento acadêmico e profissional do tema, que vem passando, desde o começo da década de 2000, por um processo – fenômeno cultural dos mais significativos – de crescimento dentro da vida intelectual brasileira, com muitas traduções, congressos, teses e publicações. Nosso propósito, nos sete encontros anteriores e no que agora se prepara, foi sempre o de acolher não apenas pesquisas de eslavistas, mas também trabalhos comparativos realizados por professores e pós-graduandos de outras áreas e de um amplo conjunto de universidades espalhadas pelo país em toda a sua diversidade regional: história, ciências sociais, linguística, semiótica, jornalismo, filosofia e artes. Essa perspectiva interdisciplinar e comparativa deverá se manter na edição de 2019, em Brasília.

Para esta edição do evento, a proposta do simpósio é ir além do caso russo (sem excluí-lo) e abranger a Europa do Leste como um todo, em suas múltiplas realidades lingüísticas, literárias e culturais. Trata-se de uma região que, apesar de ser pouco estudada pela universidade brasileira, é crucial para a política e a cultura moderna, inclusive para o desenvolvimento da literatura comparada e da teoria literária. Serão bem-vindas comunicações que trabalhem tanto com textos e autores “canônicos” como com os “esquecidos” dessas regiões. Dentro de uma perspectiva mais propriamente comparatista, o simpósio espera abordar a circulação de idéias, textos e indivíduos entre as regiões do Leste Europeu – o Báltico, os Bálcãs, a Hungria, os diversos países eslavos situados no “centro” (Polônia, República Tcheca, Eslováquia) e no “oriente” europeu (Rússia, Moldávia, Belarus e Ucrânia) –, bem como entre essas regiões, o restante da Europa e as Américas. Ao final do evento, espera-se que os estudos especificamente russos, que eram o foco do simpósio, ganhem novos contornos ao serem colocados em diálogo com esse universo mais amplo, com o qual ele tem tantas semelhanças e diferenças.

O simpósio dedicará espaço expressivo a comunicações que lidem com processos de transferência cultural entre a América Latina e a Europa do Leste. Esse processo será entendido não meramente como uma via de mão única que conduz do centro-leste europeu para países como o Brasil e a Argentina, mas também em seus aspectos multidirecionais, os roteiros que perfazem o trajeto inverso ou que movimentam textos, indivíduos e coletividades horizontalmente dentro das Américas (por exemplo, os paralelos e diálogos entre tradutores emigrados no Brasil, na Argentina e na França nas décadas de 1930 e 1940). Nesse sentido, a temática da emigração será central em nossas discussões. Propomos uma investigação sistemática do papel da emigração eslava, báltica, húngara e judaica em processos de transferência cultural, recepção e circulação das literaturas do leste europeu dos séculos dezenove e vinte. Procuraremos discutir em que medida a emigração foi decisiva para os processos transnacionais de transferências culturais – textos literários, interpretações histórico-sociais, iniciativas editoriais e de cunho religioso – para a América Latina. Serão feitos mapeamentos de trajetórias de intelectuais emigrados e de viajantes, e tentaremos avaliar a contribuição específica dos *tradutores*, que tiveram papel fundamental na divulgação de textos da Europa do Leste, muitas vezes de forma pioneira.

Como indicações bibliográficas preliminares para os participantes do simpósio, sugerimos os seguintes textos:

GOUSSEF, Catherine. *L'exil russe. La fabrique du réfugié apatride*. Paris, CNRS, 2008. (estudo sobre as categorias de “emigrado”, “refugiado” e “exilado” no contexto russo-soviético-francês do entreguerras).

TIHANOV, Galin, "Why Did Modern Literary Theory Originate in Central and Eastern Europe? (And Why Is It Now Dead?)", *Common Knowledge*, Vol. 10, No. 1, 2004. (Sobre as relações entre o contexto intelectual da Europa do Leste, o formalismo russo e outras vertentes da crítica literária).

SCHLÖGEL, Karl. *Der große Exodus. Die russische Emigration und ihre Zentren 1917 – 1941*. Munique, 1994. (obra de referência que traz um amplo inventário crítico dos principais centros de emigração russa).

WOLLF, Larry, *Inventing Eastern Europe: the Map of Civilization on the Mind of the Enlightenment*, Stanford UP, 1994). (estudo sobre as representações e imagens de "Europa Oriental" surgidas na Europa "Ocidental" no século XVIII).

PROGRAMAÇÃO

16/07 (TARDE)

MODO E MODELO NA LITERATURA RUSSA DO XVIII: CONSIDERAÇÕES SOBRE A IMITAÇÃO DE POETAS DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

Rafael Frate

Resumo: A literatura praticada na Rússia em seu início e fundamentação, o século XVIII, foi o último e mais afastado campo de cultivo direto de autores da tradição clássica greco-latina. Em uma literatura incipiente, uma vez que era incipiente também a língua na qual ela foi escrita, o uso de modelos de uma tradição que gozasse de autoridade literária era fundamental. Os primeiros grandes poetas que escreveram em língua russa se usaram de diversos autores em suas respectivas invenções, estabelecendo e, aos poucos, consolidando um cânone literário. Três autores clássicos foram os mais influentes nesse processo e foram respectivamente usados de acordo com diversos critérios. Píndaro, Anacreonte e Horácio foram imitados sempre que se quis, de um lado, louvar uma figura importante, normalmente a figura Imperial, ou, de outro, louvar o vinho, os amores e refletir sobre brevidade da vida e a fugacidade dos prazeres. As obras que desses autores nos chegaram, justamente por terem como respectivo referente cada um desses temas, fez com que Píndaro sempre fosse o primeiro modelo quando se quis louvar alguém, Anacreonte (não o poeta de Teos de V a.C., mas a persona da coletânea tardia (3a.C.-6d.C.) chamada Anacreônticas, foi o nome usado quando se quis cantar vinho e amores, e quando se quis fazer reflexões sobre a existência e o momento, a chamada "lírica filosófica", Horácio foi o poeta mais traduzido, imitado ou emulado. Essa influência cria a questão do que realmente representa cada modelo e o que se entende por "modo pindárico, anacreôntico ou horaciano". O presente trabalho pretende olhar para as bases da literatura da "grande poderosa língua russa", do ponto de vista de um critério literário que perdeu sua posição central com o advento do século XIX, a imitação de autoridades literárias, em detrimento da autenticidade e originalidade. É seu propósito considerar as relações elocutórias dos modelos na obra dos diversos autores, de modo a se apresentar a questão: qual o papel de cada um deles, principalmente, o de Horácio no estabelecimento da natural e cristalina elocução média que encontramos em Aleksandr Púchkin e a chamada Era de Ouro, o momento em que a literatura russa atinge sua indiscutível maturidade? Por meio de um panorama em que se incluem os principais autores que compuseram no período - de Kantemir a Kapnist - o trabalho fechará o foco sobretudo na apropriação de Horácio na lírica do maior poeta do século, Gavrila Derjávín, o homem que "primeiro ousou com simples coração conversar sobre Deus e a verdade a Tzar com um sorriso dizer."

Palavras-chave: Imitação; Horácio; Classicismo; Literatura Russa

"NÓS NÃO VIVEMOS NO MESMO MUNDO": OS DRAMAS DE TCHÉKHOV E A SIMULTANEIDADE DE TEMPORALIDADES

Rodrigo Alves do Nascimento



Resumo: Nas peças longas de Tchekhov, suas personagens constantemente refletem sobre seu presente vazio de sentido, rememoram seu passado ou divagam sobre o futuro. Elas convivem em um mesmo espaço (da casa e do drama), mas experimentam temporalidades distintas. Acredito que o que se pode chamar de “ação dramática” em Tchekhov está justamente no movimento tenso e sutil de costura dessa simultaneidade de temporalidades: da espera, do tédio, da memória, da melancolia, dos desejos, da recusa, dos remorsos ou dos sonhos. Tal simultaneidade desestabiliza a noção tradicional “tempo presente” e com ela o próprio “presente absoluto” do drama tradicional, do melodrama e do vaudeville – o que traz problemas diretos para a própria representação dramática. Afinal, como representar em cena temporalidades tão distintas, em que o diálogo no presente não é mais capaz de ser o principal motor da ação? Por meio do comentário de peças como “As Três Irmãs” e “O Jardim das Cerejeiras” pretendo demonstrar como uma poética caracterizada pela simultaneidade de temporalidades depende não só do que dizem as personagens, mas também da instalação de um novo tipo de diálogo dramático, de pausas e de momentos de estase. Acredito que a costura dessa simultaneidade de temporalidades revela a complexidade da experiência temporal na província (periferia) russa, ao mesmo tempo em que resiste à imposição de uma temporalidade homogênea (de uma Moscou ou uma Europa idealizadas). Do mesmo modo, tal instabilidade temporal abre a obra dramática tchekhoviana a temporalidades futuras, tornando-a “atualizável” no tempo e adaptável à temporalidade de diferentes culturas.

Palavras-chave: Anton Tchekhov; Tempo; Temporalidade; Três Irmãs; O Jardim das Cerejeiras

A ETNOGRAFIA DE TCHEKHOV: SOBRE AMOR E DESIGUALDADE

Jean Carlo Faustino

Resumo: O presente trabalho pretende se ocupar com a análise comparada dos contos de Tchekhov reunidos no livro “O Assassinato e Outras Histórias”, publicado no Brasil em 2002. Com tradução direta do russo feita por Rubens Figueiredo, o livro reúne alguns contos que pertencem à última fase do autor. A saber: “O professor de Letras”, “O assassinato”, “Os mujiques”, “Iônitch”, “Em Serviço” e “No Fundo do Barranco”. “Professor de Letras” traz, em si, um leitmotiv típico dos contos e peças de teatro de Tchekhov: alguém que se muda para uma aldeia ou para uma pequena cidade do interior da Rússia e se angustia pela falta de perspectivas profissionais e de realização pessoal. No caso deste primeiro conto em particular, esta angústia irá dialogar com a consciência que o personagem subitamente adquire a respeito da mediocridade da sua vida que, mesmo sob a aparência de sucesso, esconde um vazio existencial que lembra a narrativa da “Morte de Ivan Ilitch” indicando, assim, um possível diálogo com esta obra de Tolstói. O segundo conto, “O Assassinato”, aprofunda um tema cuja presença foi discreta no primeiro conto, mas que se repetirá na maioria dos contos deste livro ganhando uma tonalidade cada vez mais forte criando, assim, certa unidade temática entre eles. Trata-se do tema da desigualdade social que é exercitada em diferentes contextos e atores, ecoando o “romance de ideias” de Dostoiévski. Já o terceiro conto, “Os mujiques”, como foi destacado pelo próprio tradutor e organizador da edição brasileira, foi alvo da crítica de Tolstói que se mostrou, inclusive, indignado com o retrato feito dos mujiques. A crítica é compreensível já que Tolstói via os camponeses russos como detentores das virtudes morais russas, em oposição à vida moralmente decadente da nobreza. Tchekhov, porém, retrata justamente o oposto deste ideal ao mesmo tempo em que apresenta os fundamentos sociológicos que contribuem para a configuração desta realidade. Neste sentido, além do leitmotiv típico das narrativas tchekhovianas e da temática comum da desigualdade social, um terceiro elemento comum aos contos deste livro corresponde a este diálogo com o pensamento de Tolstói que não somente foi contemporâneo de Tchekhov como também o encontrou pessoalmente num período próximo à publicação desses contos. E este diálogo hipotético e sutil se pode notar também nos contos que se seguem: “Em Serviço”, onde a presença de uma nevasca serve como pano de fundo para destacar a desigualdade social entre os personagens, a exemplo de “Senhores e Servos” de



Tolstói; e “No Fundo do Barranco”, que bem poderia ser uma ilustração da primeira frase de Ana Karenina que diz que “todas as famílias felizes são iguais. As infelizes o são cada uma à sua maneira”. Desenvolver este diálogo com a obra de Tolstói e o tratamento dado por Tchekhov ao tema da desigualdade social, mesclado a outros como o amor e a religião corresponde, portanto, ao que se pretende realizar neste trabalho.

Palavras-chave: Tchekov; Tolstói; amor; desigualdade

FAZIL ISKANDER, WILLIAM FAULKNER, E A LITERATURA MENOR SOVIÉTICA

Cassio de Oliveira

Resumo: Nesta comunicação, será analisada a produção literária do autor soviético Fazil Iskander pelo prisma da teoria de uma literatura menor articulada por Gilles Deleuze e Félix Guattari em seu estudo sobre Franz Kafka. A despeito de ser um autor de língua russa, Fazil Iskander nasceu na República da Abcásia, que era uma república autônoma (e atualmente auto-declarada independente) dentro da República da Geórgia na União Soviética. Enquanto sua obra-prima, o romance “Sandro de Tcheguém,” se concentra na vila fictícia de Tcheguém na Abcásia, o texto foi composto inteiramente em russo. No romance, Iskander explora as complexidades da situação política de sua terra natal ao refletir repetidamente na variedade linguística da região, com personagens que, claramente, se comunicam em abcásio uns com os outros, mas que são forçados a usar o russo ou o georgiano com visitantes ou autoridades de fora. A despeito dessa variedade linguística, o texto é dominado pelo russo, constituindo uma modalidade do fenômeno da literatura menor, quando um escritor cria ou desenvolve um espaço para a expressão de uma cultura subordinada à cultura dominante dentro da língua daquela mesma cultura dominante (neste caso, a russa). No âmbito dessa discussão, a comunicação também abordará a questão das influências literárias de Iskander, compostas, na sua maioria, de autores russos (principalmente Púchkin e Tolstói), mas incluindo também o escritor norte-americano William Faulkner, cujas traduções para o russo lhe deram grande popularidade dentro da União Soviética. Enquanto “Sandro de Tcheguém” é frequentemente comparado ao romance “Cem anos de solidão” de Gabriel García Márquez (outro autor que usufruiu de grande popularidade na União Soviética), o próprio Iskander indicou que Faulkner exercera maior influência. Esta comunicação almeja explicar a importância e os mecanismos pelos quais essa influência se manifestou na obra de Iskander.

Palavras-chave: Literatura menor; Literatura soviética; Tradução

17/07 (MANHÃ)

TEXTOS DE TEORIA, CRÍTICA E HISTÓRIA DA ARTE DA RÚSSIA/ URSS NO BRASIL: OBSERVAÇÕES SOBRE SUA CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO

Cristina Antonioevna Dunaeva

Resumo: A comunicação aborda a circulação, no Brasil, das obras teóricas de artistas e críticos/as e historiadores/as de arte da Rússia e da União Soviética (URSS). As artes visuais destes países são internacionalmente conhecidas devido ao seu caráter peculiar e, amiúde, influenciador e modificador do campo artístico global, devido às especificidades de contextos de produção. Ao longo dos últimos três séculos, a produção artística local fora objeto de análise teórica e crítica resultando num vasto conjunto de textos, pouco conhecidos no Brasil. A importância destes textos para a compreensão e a análise da produção artística da Rússia/URSS, e do desenvolvimento geral das artes visuais, é notável e pode ser comprovada por sua inclusão em antologias essenciais de referências teóricas em artes (CHIPP 1999; HARRISON & WOOD 2001, 2002, 2005). Com a inauguração da Academia de Belas Artes, na Rússia, em 1765, e com as consequentes institucionalização e consolidação do sistema das artes, surgem, junto às figuras de artistas profissionais, outros atores indispensáveis para o funcionamento deste



sistema, - os críticos, os historiadores e os teóricos de arte. A produção de textos teóricos e críticos sobre as artes visuais, em russo, poderia ser dividida em três períodos: 1. Desde o surgimento das instituições de ensino formal de artes (séc. XVIII) até os primórdios do século XX (textos: *publicados no “Jornal das Belas Artes” (Khudójestvenaia Gaziéta/ ?????????????????????); *de crítica de arte de Vladímir Vassíl’evitch Stásov (1824 – 1906) e de Ivan Nikoláievitch Kramskói (1837 - 1887), - citando os mais memoráveis); 2. Primeira metade do século XX (teoria/ crítica das artes das vanguardas e a historiografia soviética das artes visuais – que, apesar de posições frequentemente antagônicas, evidenciam a continuidade de algumas abordagens teóricas ou a causalidade destas). 3. Segunda metade do século XX até a atualidade (questões relacionadas ao surgimento da arte contemporânea e à revisão da historiografia das artes visuais no período pós-soviético.). Textos publicados em cada período possuem suas particularidades. Os do primeiro período são os menos conhecidos fora da Rússia, apesar de sua máxima relevância para o estudo das belas artes daquele período. Os do segundo são os de maior circulação internacional, graças à contribuição das vanguardas da Rússia/URSS ao desenvolvimento da arte moderna e contemporânea; textos deste período são os mais conhecidos no Brasil (porém, com poucas traduções diretas de russo). Os do terceiro – relativamente conhecidos em outras línguas, em consequência da internacionalização do sistema das artes na atualidade. Como o conhecimento de alguns textos de teoria, crítica e história da arte, escritos em russo, influenciou a produção artística, teórica e crítica de arte no Brasil (na obra de Mário Pedrosa, de Ferreira Gullar; nos movimentos concreto e neoconcreto, por exemplo)? De que maneira o desconhecimento de outros influencia a percepção das artes das vanguardas da Rússia/ URSS no Brasil (um dos exemplos é a proeminência de estudos sobre o construtivismo, em português; e a incipiência de pesquisas sobre o cubofuturismo, o raionismo, o perspectivismo esférico, a pintura analítica, tão fundamentais para a arte moderna).

Palavras-chave: arte Rússia; arte URSS; teoria da arte; história da arte da Rússia; crítica da arte da Rússia

BORIS SCHNAIDERMAN E OS PROCESSOS DE TRANSFERÊNCIAS CULTURAIS

Evelina Hoisel

Resumo: Com o objetivo de refletir sobre as questões propostas pelo simpósio Europa do leste: diásporas, circulações literárias, transferências culturais, esta comunicação pretende investigar o papel do intelectual ucraniano radicado no Brasil desde os oito anos de idade, Boris Schnaiderman, nos processos de recepção e circulação da literatura russa no Brasil. Por exercer uma pluralidade de funções na cena cultural brasileira – docente, ficcionista, ensaísta, teórico, tradutor e mediador cultural –, neste estudo Schnaiderman é denominado de intelectual múltiplo. Esta característica que o faz habitar um entre-lugar possibilita a intensa mobilização dos trânsitos e das migrações entre distintos territórios geográficos e discursivos, colocando em circulação personagens, ideias e procedimentos que promovem a diluição de fronteiras geográficas e discursivas. Como um intelectual entre fronteiras, Schnaiderman pode ser definido como um signo de tradução cultural. A palavra tradução aqui empregada situa-se além dos aspectos estritamente linguísticos que caracterizam a tarefa de Boris Schnaiderman como tradutor e professor de língua russa no Brasil. Neste sentido, além de avaliar os processos transnacionais de circulação cultural engendrados pela atividade tradutória de Schnaiderman, pretende-se também examinar em que medida as múltiplas funções por ele exercidas promovem transgressões que abalam os protocolos que distinguem as diversas ordens discursivas através das quais ele transita.

Palavras-chave: Boris Schnaiderman; intelectual entre fronteiras; trânsitos culturais.

AVANCES Y DESAFÍOS DE LA MODERNIDAD EUROPEA EN LA RUSIA DEL SIGLO XIX. DILETANTISMO, FOLKLORISMO Y DEBATES TEÓRICOS EN LOS ORÍGENES DE UN CAMPO MUSICAL

Martín Baña

Resumo: El fracaso de Rusia en la Guerra de Crimea (1853-1856) evidenció de manera cruel el avance de la modernidad europea sobre ese territorio. Una de las primeras respuestas fue el proceso de reformas iniciado durante el zarato de Alejandro II (1855-1881), el cual puso de manifiesto una serie de problemas para los cuales el eslavofilismo en particular y el pensamiento conservador en general no pudieron encontrar respuestas adecuadas. La iniciativa intelectual pasó a los occidentalistas quienes, con sus debates y discusiones, hicieron frente a este desafío de un modo más dinámico y activo. Aunque tradicionalmente olvidado en la historiografía, el campo musical tuvo un rol fundamental en esas discusiones ya que, al denunciar los problemas que se vislumbraban a partir de la relación de Rusia con la modernidad europea y al esbozar posibles soluciones a partir de su disciplina, los compositores y críticos conformaron un segmento destacado de esa intelligentsia rusa comprometida con el cambio social. Una característica central de los compositores rusos era la de discutir de modo teórico los problemas que luego encontrarían en la práctica compositiva de una obra. De esta manera, el surgimiento de un campo musical estaría atravesado por debates que involucraron cuestiones tales como la definición de lo debía ser ese espacio, el modo en el cual se debería componer música y las formas en las cuales esas prácticas se vincularían con su entorno social y político. Es en este marco que hacia mediados del siglo XIX se produjeron dos debates fundamentales a los fines de definir, simultáneamente, un campo musical en Rusia y una estrategia que se pusiera al servicio de la solución de los problemas culturales y políticos del país. Por un lado, el debate sostenido entre el compositor Antón Rubinstein y el publicista Vladimir Stasov en torno de la construcción de un campo musical en Rusia, a partir de la aceptación o el rechazo de los puntos claves de la modernidad europea. Por otro lado, el debate sostenido por el propio Stasov y el compositor Aleksandr Serov respecto del legado musical de Mijaíl Glinka y su influencia en la composición operística. La hipótesis de esta ponencia es que dadas las condiciones de relativa apertura producidas por el proceso de reformas se generó un espacio de discusión teórica y política que dio lugar al surgimiento de un campo musical en Rusia en el siglo XIX. Así, el surgimiento del campo musical es primero teórico y luego práctico. Pero, al mismo tiempo, el modo en el cual surge termina por definir no sólo las formas en las cuales se van a estructurar las prácticas del campo musical ruso sino también las estrategias para hacer frente al avance de la modernidad europea.

Palavras-chave: Modernidad – Rusia – Vladimir Stasov – Antón Rubinstein – Alexander Serov

ENTRE O RIO DE JANEIRO E ODESSA: UMA COMPARAÇÃO ENTRE OS CATÁLOGOS DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS DO BRASIL E DA RÚSSIA DO SÉCULO XIX

Larissa de Assumpção

Resumo: A análise de catálogos de bibliotecas é uma importante fonte de indícios sobre quais obras ficcionais (romances, contos e novelas) circularam em estabelecimentos localizados em países que, mesmo sendo geograficamente distantes, fizeram parte de um mesmo contexto de circulação de impressos durante o longo século XIX (1789-1914). Por isso, o objetivo deste trabalho é realizar uma comparação entre os romances presentes nos acervos da Biblioteca Pública de Odessa e do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. Esse tipo de comparação permite identificar quais são as semelhanças e diferenças entre cada um dos acervos e, dessa forma, analisar indícios sobre a circulação de obras entre cidades do Leste Europeu e do Brasil em um mesmo período. Para a realização desta pesquisa, foram utilizados como fonte os catálogos de 1901 e 1903 da Biblioteca Pública de Odessa, que possuem, no total, cerca de 2.174 obras ficcionais, e o catálogo de 1906 do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, que conta com 5.841 livros na categoria de ficção. As cidades de Odessa e do Rio de Janeiro, apesar de, no século XIX, fazerem parte de impérios diferentes e distantes, apresentavam algumas semelhanças entre si, como o fato de pertencerem a países que estavam passando, no período, por um momento de construção da identidade nacional, e possuírem uma população composta por muitos imigrantes, vindos de diversos países e falantes de diferentes línguas. A metodologia do trabalho consistiu em analisar a lista de obras ficcionais



presentes nos catálogos desses estabelecimentos, identificando os autores e títulos de romance que mais se destacam em cada um dos acervos, bem como as cidades e línguas de edição dos livros, que foram analisadas de forma servir como indícios de como se deu a circulação desses impressos. Os resultados deste estudo mostram que havia muitas semelhanças entre as bibliotecas. Por meio da análise de seus acervos, foi possível notar, por exemplo, que em ambos o francês se destacava como língua de edição, sendo a língua de 51,5% dos romances no Gabinete Português de Leitura e 27,3% dos livros da Biblioteca de Odessa. Também há semelhanças entre os títulos e autores de maior destaque e que, são, em sua maioria, franceses. Como exemplo, podemos citar as obras de Alexandre Dumas, Émile Zola, Paul de Kock e George Sand. Entre as diferenças, há a grande destaque do russo como língua de edição na biblioteca de Odessa e do português na biblioteca do Brasil. Além disso, o acervo russo conta com obras diversas de Liev Tolstói e M. E. Saltykov, enquanto no acervo brasileiro nota-se a presença de romancistas portugueses e brasileiros, como Camilo Castelo Branco e Machado de Assis. Ainda assim, os dados mostram que Rússia e Brasil estavam, no século XIX, unidos por um mesmo contexto de circulação de impressos, dentro do qual tinham como um elo a França e os romances folhetim.

Palavras-chave: biblioteca; romance; Odessa; Rio de Janeiro; século XIX

17/07 (TARDE)

STANISLAW IGNACY WITKIEWICZ (WITKACY) E MÁRIO DE ANDRADE: O AUTORRETRATO COMO “CONSTRUÇÃO” DA IMAGEM DE SI

Livia Zacarias Rocha

Resumo: Mário de Andrade e Stanislaw Ignacy Witkiewicz (Witkacy) - um dos principais nomes da vanguarda polonesa no teatro, na pintura e na literatura, ainda pouco estudado no Brasil - são considerados um dos principais representantes do modernismo em seus respectivos países. A proposta desse estudo é aproximar os artistas a partir de um ponto em comum – o autorretrato – e analisar como cada um, a seu modo, reflete acerca de sua própria identidade. Trata-se, com efeito, de artistas que, apesar de terem vivido a mesma época, porém em contextos geográficos, políticos e sociais tão distintos, possuem muitos pontos de convergências. A produção de autorretratos, seja pictórico ou fotográfico, é algo bem recorrente ao longo de toda a vida de Witkacy. Já Mário de Andrade, apesar de não ter ele próprio, até onde se sabe, pintado nenhum autorretrato, foi retratado inúmeras vezes por seus colegas artistas, como Anita Malfatti, Lasar Segall, Cândido Portinari, Flávio de Carvalho entre outros. O que Mário de Andrade nos oferece, nesse sentido, são algumas leituras, presentes em textos e cartas enviadas a amigos, acerca dos retratos que fizeram dele. Nas análises de seus retratos, Mário direciona o observador a “ler/ver” seus retratos sob sua perspectiva, cria uma espécie de “autorretrato narrado”. Além disso, é possível encontrar uma certa influência do escritor no processo de produção de alguns retratos. Ambos artistas possuem uma certa fascinação pela própria imagem e seus respectivos retratos podem ser analisados também como uma forma de expressão do dandismo. Nessa comunicação busca-se refletir também como as questões de identidade presentes na obra literária de cada um podem se entrecruzar.

Palavras-chave: Witkacy (1885 – 1939); Mário de Andrade (1893 – 1945); Autorretrato.

O DIÁLOGO ENTRE LIMA BARRETO E DOSTOIÉVSKI

Flavia Cristina Aparecida Silva

Resumo: Lima Barreto (1881-1922) é o autor brasileiro, de sua época, que tem mais afinidades com a literatura russa e, talvez, o que mais vezes tenha citado escritores russos diretamente. Ele foi dos primeiros grandes autores brasileiros a ler literatura russa. É sabido que ele conhecia algumas obras de Dostoiévski (1821-1881), Tolstói (1828-1910), Turguêniev (1818-1883) e Górkí (1868-1936). O primeiro contato talvez tenha acontecido através dos ensaios de Melchior



de Vogüé na *Revue des Deux Mondes*, célebre publicação francesa, muito popular entre os intelectuais brasileiros no final do século XIX. A literatura russa que interessa a Lima Barreto é principalmente aquela que é apresentada por de Vogüé como alternativa ao materialismo que vigorava no realismo e naturalismo francês. A predileção do autor carioca recai sobre o Dostoiévski de *Crime e castigo* e *Recordações da casa dos mortos*, que, segundo de Vogüé, são modelos de um “naturalismo superior”. O escritor brasileiro, negro, de origem humilde e com pouco tempo para se dedicar à escrita, deve ter encontrado a si mesmo nas páginas do autor russo e no retrato que de Vogüé faz de Dostoiévski. Aqui também havia (e ainda há) o povo humilhado e ofendido tão bem caracterizado por Lima Barreto em seus escritos. Talvez ele seja o primeiro autor brasileiro a introduzir o homem do subsolo em nossa literatura. Também estão em sua obra a raiva; a redenção pelo sofrimento; a compaixão; a resignação; a importância dos títulos e cargos públicos; o sonho de ascensão do homem do interior ou do subúrbio, do homem negro; a pobreza com dignidade, entre outros temas. Lima Barreto estava escrevendo durante o período entre o primeiro boom de literatura russa, que começou no final de 1880, e o segundo, que teve início em 1930. A literatura russa era naquele momento uma “febre” na França, que desembarcou também aqui. Os ensaios de Vogüé já circulavam no Brasil e foram decisivos para a disseminação da literatura russa. A edição francesa com a reunião dos ensaios, intitulada *O romance russo*, foi publicada em 1886 e a tradução brasileira só apareceria em 1950. O autor de *Recordações do escrivo Isaiás Caminha* também foi contagiado por esse fenômeno, absorvendo e transformando os elementos da cultura russa que chegaram até ele através da literatura. A comparação nos permite analisar os objetos comparados através de outra perspectiva. A comunicação pretende apresentar alguns exemplos de temas e situações dostoiévskianos que ecoam na obra de Lima Barreto.

Palavras-chave: Dostoiévski; Lima Barreto; Literatura Brasileira; Literatura Russa; Literatura comparada.

MICRO-HISTÓRIA LITERÁRIA DA EXPRESSÃO ROMÂNTICA POLONESA EM POESIAS DO ROMANTISMO BRASILEIRO: O FOCO NO CORPUS DOCUMENTAL, NA GRANDE IMIGRAÇÃO E NA TRANSFERÊNCIA CULTURAL

Jucelino de Sales

Resumo: A abordagem deriva da investigação histórico-literária que atualmente desenvolvo no doutorado, provisoriamente intitulada “O romantismo polonês na literatura brasileira”. Refere-se ao capítulo 1 da tese, em construção, no qual a partir dos apontamentos concernentes ao método historiográfico da micro-história aliado ao método teórico da história literária potencializam um manejo crítico-reflexivo do condensado acervo documental que possuímos para o tratamento da evidência literária. A recolha dos vestígios textualizados de caráter poético foi feita em duas fontes principais: “A Polónia na literatura brasileira: uma anthologia” e “Páginas brasileiras sobre a Polónia”. Assim, em nossos apontamentos sobre o ideário romântico, partimos de Michel Lowy e Robert Sayre (2015) que defendem que a impulsão inicial, nos países do Leste Europeu, em que se inclui o território polonês, é fundamentalmente nacionalista. Nesse período histórico, o território polonês, tripartido entre Rússia, Prússia e Áustria, vive o assolamento de uma servidão de gleba que provocou levantes e intensas ondas migratórias – que entre 1830-1831 levou ao que foi chamada de a “Grande imigração” polonesa. Jerzy Mazurek (2016) aponta, no mesmo período, paralelismos impressionantes entre a servidão de gleba polonesa e a escravidão brasileira como, por exemplo, a monocultura agrícola polonesa que só podia funcionar baseada numa mão de obra gratuita e ilimitada, assim como no Brasil. A atividade literária advinda do romantismo polonês se relaciona tanto com os levantes, quanto com o movimento migratório, pois no que se refere à sublevação de novembro de 1830 e seu desdobramento até setembro de 1831, em que a derrota provocou inúmeras repressões como o fechamento de universidades “a jovem literatura travava uma guerra não só pela liberdade poética, pois o levante de 1831 também era sua obra” (SIEWIERSKI, 2000, p. 75). Depois de 1831, a cultura polonesa se transfere para o exílio, principalmente para a França, e Paris sendo

“capital do século XIX” (BENJAMIN, 1985), se torna a capital cultural e política da Polônia. Os principais autores poloneses, vivendo no exílio “[...] ajustaram as usuais obsessões românticas como agonia, horror, separação e morte aos temas especificamente nacionais” (DAVIES, 1981, p. 21, tradução nossa). No Brasil, há também o clima contíguo de insatisfação social, uma vez que a lógica escravagista imposta por uma elite oligárquica dirigia os negócios e interesses políticos, econômicos e sociais (CHALHOUB, 2011). Surgem, então, na cena literária brasileira, poesias que tematizam a “questão polonesa”, e também citações extraídas de poemas do poeta polonês Adam Mickiewicz em poesias de Machado de Assis e Castro Alves. Há pontos de convergências que precisamos franquear sob o crivo dos relacionamentos literários e da transferência cultural. Trata-se de salientar o elo que liga o caráter reduzido das fontes, isto é, dos documentos literários que possuímos em mãos, com o exercício de interpretação literária na exegese do texto com a finalidade de extrair desse pequeno acervo um universo mental que relaciona ambas as literaturas românticas nacionais num mesmo destino profundo e humano, por isso, uma micro-história literária da expressão romântica polonesa em poesias do romantismo brasileiro.

Palavras-chave: Micro-história literária; romantismo polonês; romantismo brasileiro; transferência cultural; poesias.

EMIGRAÇÃO E TRADUÇÃO DE LITERATURA RUSSA NO BRASIL E NA ARGENTINA Bruno Barretto Gomide

Resumo: A produção de traduções diretas do russo foi feita de modo tardio na América Latina, e dependeu inteiramente da participação de intelectuais emigrados, que atuaram individualmente ou em parceria com escritores locais. Esta comunicação tratará do papel da emigração eslava, báltica e judaica em processos de transferência cultural, recepção e circulação da literatura de expressão russa dos séculos dezenove e vinte na América Latina, com destaque para a atividade dos tradutores. Serão priorizados os casos do Brasil e da Argentina (os dois países que receberam o maior volume de emigrantes daquelas regiões e nos quais a atuação dos tradutores foi mais expressiva) no período posterior à Revolução Russa de 1917 e até a década de 1960, quando surgem no continente sul-americano as primeiras experiências de institucionalização universitária dos estudos literários russos. Apresentaremos, de forma panorâmica, as trajetórias e as contribuições de Georges Selzoff, Boris Schnaiderman, Emmanuel de Bennisen, Tatiana Belinky e Valéri Pereléchin, no Brasil; e de Benjamin Abramson, César Tiempo, Lila Guerrero e Irina Bogdachevskaia, na Argentina. A atuação da emigração foi decisiva para a elaboração, na América Latina, de uma relação profissional tanto com os textos literários como com os de interpretação histórico-social da Rússia. Intelectuais emigrantes realizaram, entre os anos 1920 e 1940, as primeiras experiências de tradução direta de textos russos nos dois países latino-americanos mencionados, com variados graus de sucesso editorial e crítico. Formou-se, de forma embrionária, uma rede de comunicação transnacional, válida principalmente para a exportação da produção crítica e editorial argentina para o Brasil (as traduções de Maiakóvski feitas por L. Guerrero e os trabalhos críticos de Pavel – hispanicizado como “Pablo” Schostakovsky). Destaque será dado à trajetória de Boris Schnaiderman (1917-2016), fundador do curso de literatura russa da Universidade de São Paulo. Nascido em Odessa e emigrado em 1925, Schnaiderman foi o principal tradutor de literatura russa no Brasil e difusor de textos teóricos dos formalistas russos, Bakhtin e Lótman.

Palavras-chave: emigração; literatura russa; boris schnaiderman

18/07 (MANHÃ)

TRANSFERÊNCIAS CULTURAIS DISTÓPICAS: YEVGUENY ZAMYATIN E KARIN BOYE

Biagio D’Angelo



Resumo: Em 1920, Yevgueny Zamyatin publica um dos romances mais importantes do gênero utópico, "Nós", uma sátira futurista distópica em que o autor russo leva às extremas consequências os aspectos totalitários do soviétismo, criticando também o conformismo do novo modelo da sociedade industrial moderna. Vinte anos depois do romance de Zamyatin, em 1940 a escritora sueca, Karin Boye, publica "Kallocain", uma distopia que possui alguns pontos em comum com "Nós". Nos dois romances, o futuro distópico é apresentado como um mundo novo em que o livre-arbítrio é o fator psicológico e humano que deve ser banido, censurado, como a verdadeira causa da infelicidade para os homens. A vida dos cidadãos deve ser controlada, então, ou como vigilância das consciências, ou por meio de drogas, como a "Kallocaina", que obriga a dizer a verdade quem a utiliza. Os protagonistas de "Nós" e "Kallocain" compreendem que verdade e poder são, porém, inconciliáveis e que a verdade dos homens tem que voltar às forças autênticas do amor e da amizade. Nessa comunicação observaremos como o tema distópico presente nas produções de Zamyatin e de Boye desenvolve reflexões proféticas sobre o Poder, o Estado, a violência e a presença feminina.

Palavras-chave: Utopia; Distopia; Literatura russa; Literatura sueca; Literatura comparada.

EL NARRADOR-AUTOR EN UNA NOVELA NATURAL DE G. GOSPODÍNOV (BULGARIA, 1999), HAMAN BALKANIJA DE V. BAJAC (SERBIA, 2008) Y SOMBRAS Y PERSONAS DE L. IUZIFÓVICH (RUSIA, 2018).

Eugenio López Arriazu

Resumo: Los tres textos a analizar recurren al procedimiento del narrador-autor para definir el punto de vista del texto. Esto produce puntos de contacto, efectos y estrategias similares en torno del tema común de la identidad. Sin embargo, el tratamiento que reciben y la manera en que dichos puntos de vista interaccionan con el resto del material narrativo produce tematizaciones y problematizaciones que difieren entre sí. G. Gospodínov, a través de una novela fragmentaria, cuestiona la noción misma de identidad individual y las fronteras entre el narrador Gospodínov, el personaje Gospodínov resultante y el autor que los escribe. V. Bajac aborda la identidad social de los serbios en relación a los turcos en una novela histórica que alterna con capítulos presentes. En estos, el autor es fuertemente autobiográfico, si bien, al modo de los textos realistas de ficción, la novela nos advierte antes de su inicio que no sólo todos los nombres son ficticios, sino también "la figura del omnisapiente autor". L. Iuzefóvich, historiador, explora ficcionalmente los rellenos subjetivos de la historia a través de un narrador que ha escrito los libros de historia que ha escrito Iuzefóvich y que por lo tanto tenemos que identificar también por el apellido de su autor. El procedimiento produce también un ida y vuelta casi detectivesco entre presente y pasado, en el que se problematiza la historia como narración y su relación con la subjetividad del historiador que la narra. Intentaremos, por último, indicar en las conclusiones alguna línea de análisis para contrastar estos narradores del siglo XXI con las estrategias ya clásicas del posmodernismo del siglo XX.

Palavras-chave: Gospodinov; Bajac; Iuzefovich; narrador autor, identidade.

RÉQUIEM PARA UM IMPÉRIO: UMA LEITURA DE MARCHA DE RADETZKY, DE JOSEPH ROTH

Leonardo Francisco Soares

Resumo: Judeu do Leste, escritor austríaco de expressão alemã, Joseph Roth nasce em Brody, nas bordas do Império Habsburgo, na Galícia Oriental, que hoje faz parte da Ucrânia. No século XIX, tal região se configurava como "uma espécie de enclave polonês e ucraniano dentro do território multi-étnico, multi-religioso e multi-lingüístico dos Habsburgos, um território que foi conquistado no século 18, e considerado, em Viena, como um lugar distante, primitivo, estranho" (KRAUSZ, 2006, p. 16). Pertinaz cultor da língua e literatura alemã, Roth começou a estudar filosofia e literatura na Universidade de Viena, mas teve que abandonar os estudos, ao alistar-se como voluntário para servir o exército austríaco na Grande Guerra, no ano de 1916. Com o fim do conflito, em 1918, irá trabalhar como jornalista nas cidades de Viena, Berlim,



Frankfurt e Paris, onde se exilou em razão da tomada do poder pelos nazistas na Alemanha, em 1933. Pouco antes do início da Segunda Guerra Mundial, em 27 de maio de 1939, o escritor falece no Hospital Necker, para onde foi levado como indigente, após sofrer um colapso em frente ao Café Tournon. Tanto nos escritos jornalísticos quanto na ficção produzida por Joseph Roth, tem-se o encontro, a fricção entre a tradição imperial da “Monarquia Danubiana” e a herança da tradição judaica, tão forte em certos territórios da Europa Centro-Oriental. O vínculo de Joseph Roth com o imaginário do Império Austro-húngaro é um recurso fundamental na construção de seu universo ficcional. Nesse sentido, um dos vieses de leitura mais explorados pelos comentadores de *A Marcha de Radetzky*, o mais importante romance de Joseph Roth, interpreta o mesmo como um hino, como uma crônica nostálgica do perecimento do Império Austro-Húngaro. O declínio da monarquia dual significaria o ocaso de um mundo, de um imaginário. Porém, mais do que épico (grandioso), o tom é de um réquiem (NIGRI, 2017), a marcha militar de Johann Strauss, dito I, que dá título ao romance, composta em honra ao marechal-de-campo austríaco Joseph Radetzky von Radetz (1766-1858), um símbolo da monarquia de Habsburgo, redonda em marcha fúnebre. É o que se pretende demonstrar, focalizando em especial a segunda e a terceira partes do romance. A expressão “morte de um mundo” é polissêmica. Ela aponta para diferentes camadas de sentido. Primeiro, um sentido objetivo e universalizante: o fim de uma classe, de um regime político ou, mais amplamente, de uma era, associada a um conjunto de valores ou fatos da cultura no tempo e no ambiente descritos. Um sentido subjetivo: o fim de um mundo em que as personagens, o narrador e, é claro, o próprio autor possam ter vivido, da ordem da morte de uma experiência. Por último, quer significar também o fim do romance, ou melhor, de uma forma de romance no contexto da modernidade e das vanguardas. A presente proposta pretende tratar dessas nuances.

Palavras-chave: Marcha de Radetzky; Joseph Roth; Guerra, Europa Centro-Oriental; Império Austro-húngaro

"QUANDO NOS ENCONTRARMOS, MONTANHA SE UNIRÁ A MONTANHA": ALGUNS TEMAS DA CORRESPONDÊNCIA ENTRE TSVETÁIEVA E PASTERNAK

Cecília Rosas Mendes

Resumo: Marina Tsvetáieva e Boris Pasternak se corresponderam entre 1922 e 1936; neste período, a troca de cartas passa por diferentes fases. A fase inicial, que começa em 1922, passa por algumas idas e vindas até desembocar numa crise em 1926, com a entrada de Rilke no diálogo. O que se lê neste período são dois poetas intensamente envolvidos como questões da época no que se refere a arte, história, criação e o lugar do poeta no seu tempo. Em meio a tudo isso, o discurso amoroso aparece numa chave muito particular, com a repetição de alguns temas caros à obra dos poetas, como o mar e a montanha. São esses tópicos que essa comunicação pretende abordar. O reconhecimento mútuo de ambos como poetas de primeira grandeza, inaugurado quando Pasternak lê o livro *Verstas* de Tsvetáieva, estabelece desde a partida um tom e um estilo que posteriormente foi denominado “lírica epistolar”. Ao longo da troca, ambos vão construindo em conjunto uma espécie de laboratório de criação, no qual a possibilidade de um encontro funciona como impulso criador. Em *Fragmentos de um discurso amoroso*, Roland Barthes (2003) aborda as “matrizes de figuras” que, apesar de parecerem individuais, são na verdade compartilhadas e esgotam depois de dizer o afeto. Pasternak e Tsvetáieva, apesar de expressarem constantemente seus sentimentos um pelo outro, parecem estar sempre evitando cair no clichê e na maneira convencional de expressão. Em abril de 1926, Tsvetáieva anota em seu caderno: “Escrever para B. sobre os feitiços. O desprezo pelos feitiços. (Baixeza, baixa categoria.)”. Ao evitar que as cartas caiam num léxico amoroso convencional, os dois poetas tensionam a linguagem e jogam constantemente com essa potencialidade, criando assim uma correspondência única.

Palavras-chave: cartas literárias; Marina Tsvetáieva; Boris Pasternak

18/07 (TARDE)



A LITERATURA NO PROJETO INTERARTES DE SERGUEI EISENSTEIN

Erivoneide Marlene de Barros Pereira

Resumo: Nesta comunicação, serão apresentadas algumas considerações acerca do projeto ético e estético desenvolvido pelo cineasta e teórico russo-soviético Serguei Eisenstein ao longo de sua carreira, considerando especificamente o papel que a arte literária ocupa em seus estudos. Nos escritos de Eisenstein, a literatura está presente como um modelo de estrutura artística, introduzindo, em seus textos teóricos, reflexões sobre aspectos formais e estilísticos envolvidos na concepção criativa (em suas diferentes fases) da imagem artística cuja riqueza estaria na habilidade literária de suscitar a participação ativa do leitor no processo de construção de significados da obra. A literatura integrou a procura pela origem “genética” do cinema, base do conceito de síntese das artes. Trata-se de um conceito que foi evoluindo nos últimos anos de vida do cineasta e que, ao ser rastreado, demonstra a profundidade das inquietações diante da ideia de arte que o autor investigou de maneira incessante desde a sua estreia no cinema, nos anos 20. Essa busca pelas potencialidades cinematográficas que estariam presentes nas demais artes e permitiram o surgimento do cinema foi responsável pela riqueza dos escritos teóricos de Eisenstein e antecedeu o amadurecimento de seu pensamento a respeito do sistema das artes ou o que ficou conhecido como o método das artes. Cabe ressaltar que as discussões em torno do conceito de síntese das artes pautado pelo ponto de vista de que as artes estão em constante processo de evolução não é algo concluído nos escritos eisensteinianos e está, atualmente, sendo revisitado. O próprio Eisenstein reconheceu, em suas memórias, a dificuldade que os críticos de sua época demonstravam na compreensão de seus estudos sobre as expressões artísticas. Dentro dessa perspectiva de entendimento das formas artísticas, a escrita literária funciona como um “laboratório sobre a linguagem do cinema” em que as suas potencialidades como um sistema artístico já consagrado serviriam para encaminhar o estabelecimento da noção de imagem, conforme entendida por Eisenstein, como a materialização de uma ideia. Assim nosso objetivo é retomar pontos das discussões das notas para o projeto editorial não concluído denominado de “História Geral do Cinema” em que o cineasta aborda a relação dinâmica da obra de arte com o espectador. Para tanto, será recuperada a discussão sobre o cinema intelectual e o problema da relação entre pensamento e imagem a partir da noção de monólogo interior de acordo com a leitura realizada por Eisenstein da obra de James Joyce. Ao propor resgatar pontos centrais da relação entre literatura e cinema, no contexto dos estudos interartes, pretende-se demonstrar a atualidade da teoria eisensteiniana.

Palavras-chave: Eisenstein; Imagem Artística; Monólogo Interior; Estudos Interartes

“QUASE DEI A VOLTA AO MUNDO”: VIAGEM, POESIA E POLÍTICA NA OBRA DE MAIAKÓVSKI

Letícia Pedreira Mei

Resumo: Na década de 1920, quando as saídas da URSS eram muito restritas, o poeta russo Vladímir Maiakóvski teve o privilégio de viajar algumas vezes ao exterior. De 1922 a 1928, empreendeu, de modo intermitente, o que chamou no poema “Khorochó!” [“Tudo bem!”] (1929), de “volta ao mundo”, embora seu real itinerário tenha sido mais modesto. Além das turnês de conferências e leituras organizadas em cidades da própria URSS, países como a Alemanha, Polônia, Países Bálticos, República Tcheca, México e Estados Unidos foram alguns dos seus destinos. As fronteiras soviéticas não eram vastas o suficiente para conter suas pernas e poesia gigantes. Conforme ele mesmo afirma no relato de viagem aos EUA: “viajar é indispensável para mim”. Sem falar nenhuma língua além do russo e do georgiano, o poeta contou com uma rede especial de “correspondentes” nas principais cidades que visitou. Chklóvski em Berlim, Elsa Triolet em Paris, Jakobson em Praga e D. Burlíuk em Nova Iorque, por exemplo, atuaram como cicerones e intérpretes do poeta. Seja com o intuito de divulgar a sua obra no exterior, contribuir com as suas reportagens para os jornais Izvéstiia e Právda, ou para ajudar a difundir o comunismo, ele circulava, dentro e fora do país, com certa facilidade,



sob o manto oficial do governo soviético e com o apoio de Lunatchárski, Comissário do Narkompros. Os versos finais do poema “Stikhí o Soviétskom Pássporte” [“Versos sobre o Passaporte Soviético”] (1929) ilustram sua postura durante as viagens ao estender seu passaporte vermelho, recebido com suspeição no exterior: “Lê e/inveja, /eu sou/cidadão/da União Soviética”. A desconfiança da polícia estrangeira explicava-se pelo temor do poeta que, nas suas apresentações, falava mais de política do que de literatura. Com efeito, para Maiakóvski, não havia tal separação: arte, amor e revolução caminhavam juntos na concretização de um projeto de homem e mundo novos. A defesa do regime e da sua poesia eram incumbências de uma mesma agenda. No tocante à literatura, suas jornadas, além de renderem poemas, tiveram como fruto um novo gênero na sua obra: o relato de viagem. Inevitavelmente, a poesia também está muito presente nesta prosa autobiográfica de tom oral, derrisório, crítico e, sobretudo, provocador em relação ao Ocidente. O tema tem despertado cada vez mais o interesse da crítica russa contemporânea sobre o poeta, fomentando diversos eventos, tais como as recentes exposições “Maiakóvski na Mankhétene. Istóriia dvukh Elli” [“Maiakóvski em Manhattan. História de duas Ellis.”], no museu-apartamento da família Maiakóvski na Bolcháia Présnia, e “Vladímir Maiakóvski. Tam i u nas” [“Vladímir Maiakóvski. Lá e aqui.”], em cartaz no Museu Literário Estatal, em Moscou. Os escritos dessas experiências são documentos da relação do poeta com o estrangeiro. Como afirmou o especialista Claude Frioux: “viajar com Maiakóvski, é viajar com toda a sua poesia”. Assim, investigar o “viajante Maiakóvski” é compreender mais profundamente sua obra e seu tempo.

Palavras-chave: Literatura russa; Maiakóvski; poesia; relatos de viagem

MEUS ESCRITOS, NOSSO TEXTO: IVAN BÚNIN E O TRAUMA DA REVOLUÇÃO

Márcia Pileggi Vinha

Resumo: A Revolução Russa de 1917, que para muitos simboliza o epíteto de mudanças desejadas numa sociedade foi, para o escritor russo Ivan Búnin, significado de uma tragédia pessoal e coletiva que redirecionou o destino de seu povo. Associando o estudo literário (Korosteliiov, 2001; Riniker, 2001 e Trussova, 2004) e biográfico-documental (Grin, 2005; Baboreko, 2004) à teoria do trauma (Caruth, 1996; Seligman-Silva, 2005 e Alexander, 2004) tentamos compreender como a experiência traumática foi simbolizada na arte literária, bem como o propósito e função da obra.

Palavras-chave: Ivan Búnin, Revolução Russa, diário, trauma, ficção

REVISTAS FEMININAS DA RÚSSIA NOS ANOS 20

Iamara Silva Andrade

Resumo: As revistas feministas russas dos anos 20, divulgaram através de textos e imagens, ideias e ações que transformaram o lugar e a visão das mulheres sob si mesmo no espaço de disputa da construção da sua identidade e direitos enquanto sujeitos e cidadãs independentes e desejosas de conhecimento, autonomia e expressão dos seus interesses. Apresentaremos como se destacava essa elaboração nas páginas de algumas importantes revistas, como Kommunistka, Delegada, Rabotnitsa i Krest'ianka e Krest'ianka, a partir da análise de algumas edições que demonstram a circularidade sobre o quê e como estava sendo construído pelas mulheres nos seus projetos sociais, como construíam um novo feminino influenciado por uma longa trajetória do feminismo russo marcado pela presença do que se desenrolava na Europa, principalmente na Alemanha com o trabalho de Clara Zetkin. Portanto, contribuiremos com a análise da produção de revistas feministas pós-revolucionária para identificar o que circulava no feminismo russo dos anos 20 e assim apontar as contribuições sócio-culturais dessa experiência literária.

Palavras-chave: Revistas Feministas, Rússia, Anos 20

19/07 (MANHÃ)

A CIRCULAÇÃO DA OBRA DE GEORGE SAND NA RÚSSIA OITOCENTISTA: O CASO DO ROMANCE "O QUE FAZER?", DE NIKOLAI TCHERNYCHÉVSKI

Camilo José Teixeira Lima Domingues

Resumo: A vasta obra literária da escritora francesa Amantine Aurore Lucile Dupin (1804-1876), mais conhecida pelo pseudônimo masculino George Sand, marcou profundamente a literatura russa do século XIX, tanto por seus enredos amorosos quanto por suas temáticas políticas. Inscrita nos marcos do romantismo francês, as tramas amorosas de Sand logo contariam não apenas com um forte apelo romanesco, como também com a incorporação de ideias filosóficas e políticas que balançariam os anos 1848 e 1871 na Europa. Grande parte da intelligentsia russa admirava a escritora francesa e reconhecia a sua importância literária e influência política, como, por exemplo, os escritores Ivan Gontcharov, Ivan Turguêniev, Aleksandr Drujínin e Fiódor Dostoiévski. Os triângulos amorosos retratados por Sand ofereceram inspiração para aqueles autores, assim como o seu engajamento em prol da emancipação feminina e social em geral também contribuiria para disseminar e acender aquela causa em solo russo. O escritor Nikolai Tchernychévski (1828-1889), por exemplo, escreveu o seu romance "O que fazer?" (1863), inspirado em romances sandianos como "Jacques" (1834), "Horace" (1841) e "La Comtesse de Rudolstadt" (1843-1844), entre outros. Em "O que fazer?", o leitor também encontra um triângulo amoroso, a defesa veemente da emancipação feminina contra a opressão social e familiar russa, uma crítica contundente à sociedade czarista e outras ideias políticas defendidas por Sand como, por exemplo, aquelas do filósofo e político francês Pierre Leroux (1797-1871). Com aquele romance filosófico de Tchernychévski, uma parcela considerável da juventude universitária da época teria acesso a uma obra que dialogava abertamente com a literatura francesa contemporânea, inspirando-lhes literária e politicamente, assim como marcando decisivamente a profícua circulação cultural entre a Europa ocidental e a Rússia. Este trabalho, portanto, pretende analisar como a obra da escritora francesa adquiriu tamanha repercussão na Rússia oitocentista, especialmente através do estudo comparado do romance "O que fazer?", de Tchernychévski, frente aos mencionados romances de Sand.

Palavras-chave: Literatura russa, George Sand, Nikolai Tchernychévski

A EROTIZAÇÃO EM ANNA KARENINA E UMA POSSÍVEL LEITURA COM VIÉS PORNOGRÁFICO

Gabriela Ribeiro Nunes

Resumo: O objetivo da apresentação é discutir sobre as marcas eróticas presentes no livro Anna Karenina, ainda que escrita por um autor considerado conservador, Liev Tolstói. Serão analisados trechos da narrativa que identifiquem esses traços, além de abordar a questão da sexualidade em território russo. Para tal empreitada, apoiamo-nos nos estudos de Lalo (2011), de Meyer (1995), entre outros. Por fim, pretende-se discutir sobre uma possível apropriação pornográfica da obra por parte de um leitor do século XIX em contraposição com a recepção crítica predominante.

Palavras-chave: Rússia; Anna Karenina, Sexualidade

O MAL E A LIBERDADE NA POESIA DE MIKHAIL LÉRMONTOV E SEUS DESDOBRAMENTOS

Pedro Augusto Pinto

Resumo: A presente comunicação pretende apresentar, de maneira panorâmica, a complexa problemática da liberdade e do mal na obra do poeta romântico Mikhail Lérmontov (1814-1841). Apesar de muito pouco conhecido no Brasil, sobretudo quando comparado a figuras do porte de Dostoiévski ou Tolstói, Lérmontov não obstante representa uma peça chave na história da literatura russa, tendo operado em sua curta vida a transição literária que tiraria os holofotes da poesia e os colocaria sobre a prosa, abrindo assim o caminho para os seus renomados sucessores. Com efeito, uma das problemáticas de maior relevância na obra do poeta é certamente a problemática do mal, e suas relações com o problema maior da liberdade humana.



Alinhado com alguns de seus antecessores ingleses e alemães, sobretudo com o Schiller de "Os bandoleiros" e com quase toda a obra de Byron, Lérmonov dedicou boa parte de sua produção à representação de uma individualidade titânica e excepcional, identificada, em sua poesia, sobretudo com o próprio eu lírico do poeta - individualidade esta que, oposta por definição ao mundo que a cerca, acaba fatalmente enredada em uma série de questionamentos de natureza ética trazidos na esteira de sua própria centralidade, uma vez que um de seus temas centrais é justamente o seu excepcionalismo e as formas que ele assume em seu conflito com o mundo. A reflexão sobre o agir, assim, assume uma relevância crucial, pois é nele que se chocam a vontade e o mundo à sua volta. Nesse sentido, Lérmonov parece elaborar poeticamente não apenas temas consagrados pelos autores mencionados, eles mesmos poetas, mas também as reflexões do filósofo alemão F.W.J. Schelling e mais especificamente de seu tratado "Investigações filosóficas sobre a essência da liberdade humana". Deste texto, duas ideias se destacam: a relação da liberdade com o princípio universal da individuação, por um lado, e a relação deste com o conceito de "mal", entendido por Schelling como uma dissociação da parte em relação ao todo e como o elemento central da própria liberdade, que é entendida, assim, como a liberdade para se fazer o mal. Deste modo, o objetivo central de nossa comunicação é apresentar, através de uma série de exemplos da poesia de Lérmonov, como o poeta deu forma artística a esta intrincada problemática filosófica, e assim demonstrar a sua importância para compreender questões análogas na obra de seu renomado sucessor Fiódor Dostoiévski. Através deste, é possível ainda apontar para uma elaboração análoga do problema da liberdade humana na obra de escritores brasileiros de orientação católica, como no romance de estreia de Fernando Sabino, "O encontro marcado".

Palavras-chave: Poesia; Ética; História das ideias; Romantismo

SOBRE VIVER PARA NARRAR: O ARQUIPÉLAGO GULAG COMO REPRESENTAÇÃO DO INFERNO NO SÉCULO XX

Thaís Figueiredo Chaves

Resumo: Em uma sociedade repressora, a mera existência de testemunhas e sobreviventes já representa uma afronta. Diante do silêncio e de segredos oficiais de Estado, uma resistência possível ao indivíduo é a de compartilhar palavras vivas e cheias de experiência sobre assuntos considerados proibidos. Exemplo de rebelião em forma narrativa foi Arquipélago Gulag, de autoria do escritor russo Aleksandr Soljenítsin (1918-2008). O livro, concluído em 1968, foi editado pela primeira vez em 1973, na França. Trata-se de relato detalhista e contundente do sistema soviético de campos de trabalhos forçados. Foi o primeiro esforço do tipo a ser realizado por um ex-detento da URSS. Até a publicação, muitas notícias sobre o terror bolchevique haviam chegado ao Ocidente, mas nunca de forma tão sistematizada. O livro não foi apenas sucesso de vendas, mas influência historiográfica, pois popularizou a palavra gulag que, assim como o termo "holocausto", tornou-se emblemática para se pensar os momentos mais sombrios do século XX. Com a narrativa, Soljenítsin tornou o gulag imaginável e um dos meios utilizados para a concretização desse fim foi a comparação dos campos com o inferno. Nos primeiros dois volumes, o autor narra a estrutura prisional soviética e descreve toda a travessia feita pelos supostos inimigos do regime desde o momento da detenção até a efetiva alocação no gulag. No terceiro e último volume, Soljenítsin descreve a luta empreendida por ele, e por outros detentos, para conseguir sair dos campos de trabalho forçado. Porém, ao contrário de outras narrativas de descida aos infernos, a viagem quase nunca resulta em retorno ao lar (como é o caso da Odisseia de Homero), nem na aproximação com a Graça (como ocorre na Divina Comédia, de Dante Alighieri). No inferno soviético tal como denunciado por Soljenítsin, o destino mais comum é o aprofundamento da desgraça e da degradação. A vontade de contar tudo o que havia vivido, sentido e ouvido enquanto estava preso, fez com que o escritor encontrasse forças para sobreviver ao período no Gulag. Destaca-se que o relato da travessia pela estrutura social autoritária é construído a partir da busca de valores absolutos em um regime político considerado caótico. Ou seja, a narrativa de Soljenítsin não apenas descreve



as estruturas de poder vigentes à época, mas também fornece reflexões sobre temas mais abrangentes, tais como a luta entre o bem e o mal. Uma das teses do Arquipélago é que o sistema soviético foi pernicioso não apenas por ter submetido os cidadãos ao terror, mas por ter gerado uma experiência política e existencial desumanizadora. Ao expor o argumento, porém, Soljenítsin não se coloca em posição de “mero” cronista. A narrativa de Arquipélago Gulag pode ser vista como esforço de reconstituição histórica, mas também como um manifesto político, pois buscava interferir na realidade política de seu tempo ao lutar pela superação do regime soviético.

Palavras-chave: Rússia, Literatura, Gulag

40 - FICÇÃO DE MACHADO DE ASSIS: SISTEMA POÉTICO E CONTEXTO

Coordenação: Profa. Dra. Juracy Assmann Saraiva (Universidade Feevale); Atílio Bergamini Junior – Universidade Federal do Ceará

Resumo: Machado de Assis é um escritor que revela, nas produções ficcionais, sua experiência de leitor e de apreciador de arte, o que pode ser explicado por aspectos do contexto sociocultural e por dados biográficos. Ambos parecem conciliar-se para registrar a progressão, *pari passu*, da instalação de uma sociedade, que buscava afirmar-se no contexto das nações civilizadas, e do processo de afirmação do mais reconhecido escritor brasileiro do século XIX. Sob esse ponto de vista, dados do contexto sociocultural do Rio de Janeiro e a biografia de Machado de Assis instituem fontes que, articuladas, alimentaram a memória do fazer artístico do escritor e se fazem presentes em suas obras.

A partir de 1840, ou seja, na década imediatamente posterior ao nascimento de Machado, registra-se, no Rio de Janeiro, o estabelecimento de um mercado editorial e a constituição de um sistema de produção, distribuição e circulação de livros, jornais e revistas, que favoreceu o surgimento de uma sociedade familiarizada com a cultura das letras, instituindo-se, também, um público apreciador da arte dramática e musical. Paralelamente, a partir de 1850, prosperaram empreendimentos dedicados à impressão de árias de óperas, de canções e de peças de compositores locais, bem como à comercialização de pianos e de outros instrumentos, o que estimulou o crescimento desse mercado e a disseminação de costumes que valorizavam, mesmo no âmbito doméstico, a apreciação da arte musical.

Biógrafos e críticos demonstram que Machado participou ativamente do contexto da sociedade carioca do Segundo Império. Com efeito, a emergência por meio dos jornais e, sobretudo, a produção como poeta e dramaturgo, conjugada à função de censor do Conservatório Dramático, função que exerceu a partir de 1862, promoveram a ativa inserção de Machado de Assis na vida cultural do Rio de Janeiro, a qual se expandia com a formação da classe burguesa, desejosa de usufruir de manifestações artísticas provenientes da Europa. Integrante das associações informais de escritores, compostas no espaço das livrarias, frequentador de gabinetes de leitura e de bibliotecas, membro atuante na imprensa nacional, crítico teatral, estimulador da criação de espaços para apresentações dramáticas e líricas, Machado de Assis vivenciou o exercício de sua produção literária paralelamente a de leitor e a de espectador de espetáculos teatrais ou musicais, e essa experiência ganhou forma no espaço da ficção.

Essa constatação fundamenta a proposta do Simpósio *Ficção de Machado de Assis: Sistema Poético e Contexto*, que, tomando textos ficcionais do escritor como ponto de partida, se estende para a sociedade do Rio de Janeiro, com o intuito de correlacionar menções intertextuais e meta-ficcionais a circunstâncias culturais do momento de sua produção, cujo conhecimento pode contribuir para a compreensão da significação textual e para desvendar elementos da poética machadiana.

Nesse sentido, o simpósio acolhe comunicações que, sob uma perspectiva comparatista, enfocam a relação do processo criativo de Machado de Assis com o sistema da literatura, com outras manifestações artísticas e com o contexto histórico da produção e da recepção de suas



obras ficcionais. A partir desse foco centralizador, as comunicações podem tratar de aspectos composicionais de narrativas e da instalação de significados metafóricos e alegóricos que, frequentemente, tematizam eventos históricos; igualmente, podem restabelecer o diálogo dos textos machadianos com outros textos literários e com elementos do teatro lírico e dramático, da música e da dança que o escritor incorpora às suas criações. A reflexão poética que se inscreve nos textos, a partir da qual Machado compõe a ficcionalização de uma teoria do fazer poético, também tem espaço no âmbito do simpósio, que abrange, igualmente, trabalhos que visualizem as marcas realistas que atravessam a prosa machadiana, revelando tensões pessoais e sociais, de que o sistema escravista é exemplo, e os vínculos entre Machado e o público leitor no Rio de Janeiro do século XIX e primeira década do século XX. A possível convergência entre os projetos editoriais de periódicos em que Machado publicou e a composição de suas obras é outro foco temático que o simpósio privilegia. Em síntese, o simpósio contribui para a divulgação de pesquisas que adotam o enfoque comparatista e valoriza a obra de Machado de Assis, vinculando-a ao momento sócio-histórico-cultural de sua produção e de sua recepção.

PROGRAMAÇÃO

17/07 (TARDE)

O ESPELHO”, DE MACHADO DE ASSIS: FENDAS ENTRE REALIDADE E APARÊNCIA
Ernani Mügge (Universidade Feevale)

Resumo: A moda é um fenômeno cultural, cujas alterações são decorrentes de mudanças da sociedade, devido a fatores políticos, econômicos, tecnológicas. Entretanto, ainda que dite normas e regras, instalando costumes e hábitos coletivos, a moda confere traços peculiares aos indivíduos, os quais traduzem características identitárias e os distinguem uns dos outros. Segundo Roland Barthes, a indumentária é importante fonte de significação de cunho semiótico e social, pois ela consiste em um texto, pelo qual são difundidos variados discursos, tais como traços de personalidade, classe social, posturas políticas e posições ideológicas. O vestuário tem, pois, a capacidade de contribuir para a instalação de múltiplas significações e para a produção de variados sentidos. Machado de Assis, o mais importante escritor brasileiro do século XIX, explora as conotações simbólicas do vestir em suas narrativas, atribuindo-lhes a função de caracterizar as personagens, de instituir o cenário social e de manifestar sua própria posição avaliativa em relação à sociedade burguesa do Rio de Janeiro do Segundo Império. Desejosa de ascender socialmente, de alcançar títulos nobiliárquicos ou de assumir cargos públicos relevantes, a burguesia fluminense encontra, em Machado de Assis, um crítico mordaz, que representa, por meio do vestir, a lacuna que se estabelece entre o ser e o parecer dos indivíduos. A denúncia do descompasso entre realidade e aparência está representada no conto “O Espelho”, publicado originalmente em 1882 no jornal Gazeta de Notícias e recolhido no livro Papéis Avulsos, deste mesmo ano. Nesse conto, o escritor apresenta uma personagem que só se enxerga, no espelho, como um ser integral, quando veste a farda de alferes. Despida a indumentária, esvanece-se a figura, e o alferes não vê sua imagem reproduzida especularmente. Com a análise do conto, esta comunicação retoma a perspectiva crítica por meio da qual Machado visualiza o ser humano, desenvolvendo uma trama de natureza filosófica, cuja metáfora, a indumentária militar que compõe a alma exterior do protagonista, conduz a reflexões sobre a identidade dos indivíduos e sobre o problema fundamental da oposição entre essência e aparência.

Palavras-chave: O espelho; vestuário; identidade

TEATRALIDADE: DIÁLOGO ENTRE ARTE E VIDA

Juracy Assmann Saraiva (Universidade Feevale)

Resumo: A arte dramática e a musical fazem parte da biografia intelectual de Machado de Assis: dramaturgo, avaliador e crítico de peças teatrais e de espetáculos musicais e estimulador



da criação de uma dramaturgia de cunho nacional, ele transfere para o espaço da ficção sua experiência com essas formas de representação artística, a que atribui, quando esteticamente concebidas, a capacidade de representar a vida. Nas narrativas, as menções a dramaturgos, a peças teatrais, a óperas e a personagens reforçam a verossimilhança, acentuam traços caracterológicos das personagens, contribuem para compor o cenário e, como componentes amplificadores de sentido, introduzem considerações de natureza meta-artística, que expõem a reflexão do escritor sobre processos estéticos. Todavia, a constância do diálogo com a dramaturgia, com o teatro lírico e com a música, a cosmovisão expressa por personagens e o papel de atores que elas, frequentemente, assumem, permitem inferir que Machado de Assis concebe grande parte de sua ficção a partir da concepção filosófica do *Theatrum Mundi*. Essa metáfora, presente na alegoria da caverna de Platão e na mentalidade de escritores do Barroco, pressupõe ser o mundo um vasto palco e seus habitantes, atores que, buscando atender a interesses, encenam comportamentos. Partindo desse ângulo, a comunicação recupera menções à teatralidade expressas em *Ressurreição*, em *Dom Casmurro* e em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, para enfocar, nesse romance, a teatralidade manifestada no capítulo intitulado “A barretina”. O episódio, voltado aparentemente para a solução de problemas coletivos, agrega-se à totalidade da narrativa para revelar escusas motivações humanas, cuja compreensão permite ao leitor migrar do espaço ficcional para o da realidade cotidiana e melhor interpretá-la. Ao promover este movimento, *Memórias Póstumas* concretiza a finalidade que Machado atribui à arte, qual seja, a de educar seus receptores, cabendo-lhe, pois, uma função moralizadora.

Palavras-chave: Machado de Assis; diálogo; dramaturgia; música; *Memórias Póstumas*

O DIÁLOGO ENTRE “A CHINELA TURCA” E O TEATRO EM MACHADO DE ASSIS: UMA OBRA COMO SISTEMA

Luiza Helena Damiani Aguilar (Universidade de São Paulo)

Resumo: A comunicação pretende analisar as correlações entre a prosa de Machado de Assis e suas visões sobre teatro, a partir principalmente de elementos do conto “A Chinela Turca”, publicado inicialmente no jornal *A Epocha* (1875) e depois na coletânea *Papéis Avulsos* (1882). Para tanto, a obra de Machado será vista a partir da chave interpretativa que leva em consideração seus escritos como um sistema orgânico e coeso. Nesse sentido, serão analisadas: as críticas teatrais publicadas por Machado em jornais, especialmente durante sua juventude, bem como os ideais que empregava como censor do Conservatório Dramático; as peças que o Bruxo do Cosme Velho publicou ao longo da vida, desde *Hoje Avental, Amanhã Luva* (1860) até *Não Consultes Médico e Lição de Botânica*, ambas de 1906; as visões sobre o melodrama de Lopo Alves expressas pelo narrador onisciente intruso de “A Chinela Turca”. A partir disso, é possível avaliar como a visão de Machado sobre um teatro com propósitos civilizatórios e literários, condenando os excessos na dramaturgia, transparece tanto no modo como compõe suas peças a partir do provérbio dramático quanto nas observações negativas do protagonista do conto em relação à peça que ouve sendo narrada.

Palavras-chave: Machado de Assis; teatro; crítica literária; “A Chinela Turca”

UMA PROPOSTA DE LEITURA DO FOLHETIM *A MÃO E A LUVA* (1874), DE MACHADO DE ASSIS, ATRAVÉS DAS PÁGINAS DA IMPRENSA OITOCENTISTA: O TEMA DO CASAMENTO E A QUESTÃO DA INSERÇÃO FEMININA AO UNIVERSO ECONÔMICO

Priscila Salvaia (UNICAMP)

Resumo: Ao longo dos meses de setembro e novembro de 1874, vinha a lume o folhetim *A mão e a luva*, de Machado de Assis, nas páginas do recém-inaugurado jornal *O Globo*. Reafirmando os seus vínculos com o editor-chefe do periódico, Quintino Bocaiúva, Machado embarcava nos signos de modernidade acalentados pelo discurso editorial da folha fluminense, e oferecia aos seus leitores e leitoras aquele que seria apenas o segundo romance de sua carreira. Pouco prestigiado entre a crítica coetânea, e renegado à pecha de obra de pouca monta até os dias



atuais, a narrativa traz como protagonista a jovem órfã Guiomar que, caracterizada por certa frieza de espírito e por um tino de ambição indisfarçável, terminaria por ser acolhida/introjetada a uma nova classe social mais abastada graças aos artifícios do favor. Todavia, e de maneira diligente, a personagem recorreria ao enlace matrimonial, - em termos pouco passionais e socialmente mais equânimes - para livrar-se da ascendência e da opressão representada pela família patriarcal. Dito isso, em nossa proposta de leitura, buscaremos conjugar o folhetim machadiano ao seu suporte midiático original, tendo-se em vista especialmente as intersecções entre as poéticas jornalística e literária que, do nosso ponto de vista, reverberavam os matizes do discurso e das práticas liberais que caracterizaram os últimos decênios do século XIX, e que nos parecem associados à urdidura do texto ficcional de Machado de Assis. Nesse processo, e atentos à concepção do perfil feminino representado por Guiomar, abordaremos em específico o tema do casamento e as condições de arbítrio reservadas às mulheres casadas em tal contexto histórico. Além disso, e tendo-se em vista o paradigma da ambição e da (i)mobilidade social, nos voltaremos ao exame da inserção feminina ao universo econômico, - pelo meio indireto do casamento ou através do trabalho assalariado - para que possamos nos aproximar das alternativas que perpassavam o folhetim e as páginas da imprensa oitocentista. Por fim, registramos que esta proposta de comunicação integra a nossa tese de doutoramento, previamente intitulada “Nos ciclos da ambição: uma leitura dos romances *A mão e a luva*, de Machado de Assis e *Sonhos d’ouro*, de José de Alencar.”, e que se encontra em andamento no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL/UNICAMP - Campinas/São Paulo - Brasil), sob financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP/Processo nº 2015/15400-0).

Palavras-chave: Literatura brasileira; folhetim; imprensa; romance; século XIX.

18/07 (TARDE)

LITERATURA, SOCIEDADE E VIOLÊNCIA: *QUINCAS BORBA* E O HUMANITISMO

Marinês Andrea Kunz (Universidade Feevale)

Resumo: É possível pensar o Brasil como uma sociedade construída através de processos que incluíram episódios pontuais de genocídio indígena, tráfico negreiro, cotidiano de mecanismo escravocrata de penalizações e mutilações, patriarcado machista, violações, linchamentos, fanatismos religiosos, massacres e outras formas de autoritarismos. Essa violência do processo colonizatório se presentifica na cultura nacional desde sua formação, já que o Brasil se originou de uma conquista violenta, que tinha como principais vetores de sua prática o borramento e a violação dos imaginários autóctones, além da usurpação das riquezas corpóreas do país. Isso se caracterizou pela ação maciça da coletividade, engendrando danos em maior ou menor grau à integridade moral, física e imagética daquelas comunidades que compuseram e compõem o mosaico simbólico constituidor da ideia de nação brasileira. A literatura brasileira, em sua relação com a cultura e a história brasileira, expressa esses processos violentos que marcaram a colonização, bem como suas consequências na atualidade, evidenciando a complexidade da formação social no Brasil. Nessa perspectiva, este trabalho tem como objetivo analisar a violência entranhada na sociedade carioca do século XIX, a partir da obra *Quincas Borba*, de Machado de Assis. A metodologia é de cunho bibliográfico, a partir do estudo da historiografia que embasa a análise literária. A teoria do humanitismo, apresentada por *Quincas Borba*, e a decorrente discussão das relações de poder na sociedade do século XIX, explicitada pela narrativa, desnudam as entranhas da elite social do período, os jogos de poder e a exclusão social, cujas consequências são percebidas ainda atualmente.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Machado de Assis; *Quincas Borba*; História; Violência.

BOILEAU EM MACHADO DE ASSIS

Regina Zilberman (UFRGS)



Resumo: Nicolas Boileau-Despréaux (1636-1711) foi contemporâneo de Pierre Corneille (1606-1684), Jean de La Fontaine (1621-1695), Molière (1622-1673), Blaise Pascal (1623-1662) e Jean Racine (1639-1699), pertencendo às gerações que, sob a liderança, primeiramente, do Cardeal Richelieu (1585-1642) e, depois, de Luis XIV (1638-1715), constituíram o chamado Grande Século, período particularmente fértil das artes e da política francesa. Duas obras, sobretudo, assinalam o lugar de Boileau na história da literatura: a Arte poética, de 1674, e Le Lutrin, poema herói-cômico em que parodia a epopeia clássica, publicado entre 1672 e 1683. A Arte poética é conhecida pelo estabelecimento de regras para a criação dramática, destacando-se a ênfase conferida às unidades de ação, tempo e espaço, convertidas em “leis”. Le Lutrin, por sua vez, motivou várias imitações, destacando-se, entre os autores de língua portuguesa, O hissope, poema de Antônio Dinis da Cruz e Silva (1731-1799), que permaneceu em manuscrito em Portugal, editado, porém, em Paris, sob os auspícios dos simpatizantes dos portugueses exilados e perseguidos pela censura e pela inquisição lusitana. Machado de Assis conhecia tanto Le Lutrin, como O hissope, contribuindo, da sua parte, com a tradição do poema herói-cômico com O Almada, criação de sua lavra que segue as pegadas dos autores francês e lusitano. Mas sua associação a Boileau não se restringe à parceria poética, já que, ao longo de sua trajetória intelectual e artística, reproduz observações do pensador francês, sobretudo as que se referem à questão da verossimilhança e da verdade. O objetivo da comunicação é rastrear a presença das concepções de Nicolas Boileau-Despréaux na obra de Machado de Assis, concepções que se evidenciam tanto em sua crítica literária e teatral, quando na prática ficcional.

Palavras-chave: Machado de Assis; Boileau; verossimilhança; coerência

AS CRÍTICAS NOS PERIÓDICOS ÀS ANTOLOGIAS DE CONTOS DE MACHADO DE ASSIS

Valdiney Valente Lobato de Castro (Faculdade Estácio Do Amapá)

Resumo: Na última década houve uma ampliação no interesse sobre os contos machadianos e com isso têm proliferado estudos sobre as personagens dessas narrativas, ou pesquisas que mostram os contos como embriões dos romances, ou ainda análises relacionando as histórias com o contexto social do século XIX. Essas apreciações, na maioria das vezes, têm como objeto de investigação os textos pertencentes às sete antologias do autor, em desconsideração à totalidade dos contos publicados nos jornais oitocentistas. Do mesmo modo, a crítica especializada, ao longo dos anos, examinou o conto machadiano quase sempre como inferior aos romances da fase mais celebrada do autor e por isso os julgamentos tecidos nem sempre foram positivos. Acrescenta-se a essa preterição a escassez de estudos sobre as duas primeiras antologias, consideradas como pertencentes à fase de amadurecimento do autor. No entanto, o julgamento feito pela crítica especializada aos contos de Machado de Assis se assemelha com o dos leitores do século XIX? É possível que haja uma convergência entre os exames no que concerne aos contos publicados após 1881, isto porque a fortuna crítica tende a eleger essas narrativas como mais maduras e onde a presença do gênio criativo machadiano, tanto na estrutura da narrativa quanto na complexidade das personagens, está mais em evidência. No entanto, quanto às histórias iniciais, presentes nas duas primeiras coletâneas, presume-se que haja uma divergência, pois não há similaridade entre as apreciações da crítica, visto que no decorrer dos anos a avaliação dos pesquisadores tem se alterado substancialmente e quando se confronta com os leitores dos idos de oitocentos é provável que a discrepância se acentue. Para esse cotejo é necessário, inicialmente, um levantamento da fortuna crítica sobre os contos machadianos e, em seguida, a pesquisa nos periódicos fluminenses que detinham um espaço para a divulgação dos comentários dos leitores, como Jornal da Tarde, Diário do Rio de Janeiro, A Folha Fluminense, Revista Literária, entre outros. A partir da relação construída será possível ampliar a imagem sobre os leitores dos contos machadianos e, a partir da comparação com a crítica especializada, compreender como o julgamento do leitor foi se alterando ao longo dos anos, bem como a compreensão do texto literário. Diante disso, o objetivo da pesquisa é

compreender, a partir da circulação literária e da crítica especializada, como se constituiu, ao longo dos anos, o julgamento acerca dos contos de Machado de Assis.

Palavras-chave: contos; Machado de Assis; jornal

MACHADO DE ASSIS NAS TRAMAS DA TRADUÇÃO: NARRATIVA E SENTIDO FRATURADOS

Válmi Hatje-Faggion (Universidade de Brasília)

Resumo: Para elaborar sua obra, Machado de Assis (1839-1908) escolheu estabelecer vínculos com o seu público leitor expressando essa preferência na sua composição artística através de expressões como "leitora pálida", "leitor obtuso", "amado leitor", "leitor ignaro", dentre outras. Nesta comunicação, o objetivo é abordar a presença do leitor/ da leitora na composição textual da obra de Machado de Assis traduzida para outras línguas. É analisado como essa presença é tratada (mantida/ omitida/ substituída) pelos tradutores e outros agentes institucionais (editoras, revisores, patrocinadores) nas traduções para o alemão, inglês, italiano e neerlandês. De acordo com LEFEVERE (1985), uma dada literatura é basicamente um sistema de refrações— texto e poética que foram adaptados para dado receptor, considerando questões de natureza cultural, política, ideológica e de comunidade linguística. Essas refrações (interpretações, resumos, traduções, fortuna crítica) têm papel fundamental na evolução e disseminação de dada literatura, e, por isso, o seu estudo é de absoluta necessidade e relevância. Para o referido autor, a tradução também pode ser abordada como uma forma de processamento de texto ou refração, que constitui um modo de promover uma literatura 'processada', que é produzida para um novo sistema literário (EVEN-ZOHAR, 1990; TOURY, 1995). Para ilustrar alguns aspectos da presença (ou não) do leitor/da leitora na narrativa traduzida (que envolvem a voz discursiva do tradutor), são analisadas as traduções para o inglês, alemão, italiano e neerlandês de obras de Machado de Assis, publicadas por diferentes editoras estrangeiras em diferentes períodos de tempo e lugar (LAMBERT e VAN GORP, 1985; HERMANS, 1996; HATJE-FAGGION, 2015). Os dados obtidos evidenciam que a expansão da obra de Machado de Assis para outros sistemas literários e culturais através da tradução sofre manipulações de cunho literário, linguístico, político e ideológico que alteram a composição inicial da narrativa, comprometendo, assim, a leitura e a disseminação do texto machadiano propriamente dito.

Palavras-chave: Tradução; Tradutor; Machado de Assis; Composição artística; Narrador.

41 - FIGURAÇÕES DE POVO E NAÇÃO, POPULISMO E NACIONALISMO

Coordenação: Prof. Dr. Leonardo D'Avila (UBA/Capes); Tiago Hermano Breunig (UEPG/Unespar)

Resumo: Retomar as figurações do povo e da nação, associadas ao problema da construção da identidade, considerada de diferentes maneiras em diferentes momentos da organização social, significa questionar o sentido de uma identidade que se quer nacional. A construção da identidade nacional, como constata Renato Ortiz (1985), corresponde aos interesses dos grupos sociais na sua relação com o Estado, e implica, portanto, a mediação, de modo que devemos nos perguntar quem são os intelectuais, a que grupos e a que interesses servem na construção da identidade popular e nacional. Como compreender, sob essa perspectiva, as diferentes figurações e representações do povo na Literatura e nas outras artes e na Literatura? Que contribuições a arte e a Literatura oferecem para a compreensão do nacionalismo e do populismo?

Desde as primeiras experiências coloniais americanas, podemos perceber na América Latina uma intrínseca relação entre a cultura letrada e a racionalidade conquistadora, conforme Ángel Rama (1984). Na Literatura brasileira, por exemplo, identificamos a gradual construção de uma identidade nacional e, no limite, popular, desde o nativismo presente no Neoclassicismo, tal



como se convencionou, posteriormente, a partir dos interesses de classe de determinados grupos sociais pela afirmação nacional, seguido pelas alegorias nacionais do Romantismo. Tais construções correspondem, evidentemente, a demandas de grupos sociais em que a trama da Literatura efetivamente circula, em detrimento da heterogeneidade social. Por outro lado, representam efetivamente uma transgressão da situação precedente, fornecendo elementos para a configuração de uma identidade popular e de um povo, entre eles, os sentidos, sobretudo os afetivos, que exercem um papel fundamental na constituição das identidades populares, ao modo das comunidades imaginadas teorizadas por Benedict Anderson. O fim do Romantismo coincide, por aqui, com o surgimento dos precursores de uma sociologia interessada na identidade nacional, explicada a partir de conceitos positivistas que informam igualmente a Literatura, e que não apenas justificam o contraste com as sociedades ocidentais, colonizadoras, como apagam os conflitos sociais sob o mito da unidade nacional. Em contraposição, o Modernismo problematiza as teorias raciais dos intelectuais tradicionais brasileiros, reconfigurando a construção da identidade nacional, ao mesmo tempo que um conjunto de transformações sociais explicaria o populismo no Brasil, comumente associado com a revolução de 1930.

Como observa Ernesto Laclau (2011), ao interrogar a formação das identidades coletivas sob a forma do populismo a partir de uma perspectiva gramsciana, a totalidade social (unidade representativa da pluralidade de demandas insatisfeitas) constitui o resultado de uma articulação entre a dimensão significativa e a dimensão afetiva. Em sua imprecisão, o populismo, segundo Laclau, ao apontar para a plenitude ausente da comunidade, configura uma pré-condição para operações discursivas politicamente significativas. O populismo consiste, assim, em um significante vazio a que se subordinam os significados particulares das demandas populares, expressão social de identidades que emergem nas democracias modernas e se materializam por meio de uma construção discursiva contingente, resultante da hegemonia, a qual, ao cabo, articula a figura do “povo”. Para tanto, são fundamentais a relação entre o sentido e o sentimento, pois, como nota Laclau, qualquer totalidade social resulta de uma articulação entre a dimensão da significação e a dimensão afetiva (articulação em que atuam Literatura e as outras artes), e o Estado. Afinal, o Estado, conforme Gramsci, combina particularidade e universalidade, na medida em que, para ele, uma particularidade – uma *plebs* – reivindica constituir hegemonicamente um *populus*, enquanto o *populus* (a universalidade abstrata) existe apenas encarnado numa *plebs*, o “povo” do populismo.

Desse modo, se o Estado brasileiro, muitas vezes, cooptou boa parte da idealidade para (des)construir imagens e conceitos de povo (ensaios de nacionalidade patrocinados ou não pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, ISEB, etc), em contrapartida, houve momentos em que a literatura excedeu os padrões a que se dirigia, opondo o desterritorializado ao territorializado (Deleuze), a terra à fronteira (Viveiros de Castro), o instinto à instituição (Antelo). As figurações de povo e nação, assim, podem se disseminar transversalmente, enquanto resistência a autoritarismos, liberação de corpos ou testemunho de violências.

Portanto, o simpósio promoverá discussões comparatistas e interdisciplinares relacionadas a manifestações artísticas e/ou conceituações teóricas de nacionalismos, povo, popular ou populismos, com especial interesse nas experiências latino-americanas, sobretudo a brasileira. Esperamos contribuições que investiguem: a) as figurações do povo, do popular e do populismo nas literaturas e nas outras artes; b) novos trabalhos de arquivo que repensem o nacional, as tradições populares ou expressões negadas pela historiografia tradicional; c) reflexões teóricas sobre as aporias do termo povo (Agamben), sobre as mudanças dos públicos de arte (Groys) ou sobre a construção da imaginação pública (Ludmer); d) a problemática das distintas concepções que o termo populismo abrange, bem como a sua consideração como fenômeno político efetivo (Laclau); e) questionamentos acerca da emergência de novos “populismos”, especialmente aqueles relacionados com práticas e discursos neoconservadores.

Referências:



- AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANTELO, Raul. *Algaravia: discursos de nação*. Florianópolis: EdUFSC, 1998.
- BASTOS, Elide, RIDENTI, Marcelo, ROLLAND, Denis (Orgs.). *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, 5v. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- GRAMSCI, Antonio. *Cuadernos de la cárcel: literatura e vida nacional*. 3. ed. México, D.F.: Juan Pablos Ed., 1998.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- GROYS, Boris. *Volverse público: Las transformaciones del arte en el ágora contemporánea*. Tradução de Paola Rocca. Buenos Aires: Caja Negra, 2014.
- LACLAU, Ernesto. *La razón populista*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011.
- LUDMER, Josefina. *Aquí América Latina: una especulación*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2010.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RAMA, Ángel. *La ciudad letrada*. Hanover: Ediciones del Norte, 1984.
- SARLO, Beatriz. *Modernidade periférica: Buenos Aires 1920-1934*. Tradução de Júlio Pimentel Pinto. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Os involuntários da pátria: elogio do subdesenvolvimento*. Belo Horizonte: *Cadernos de Leitura*, n. 65. Edições Chão da Feira, mai. 2017.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

“ESPÍRITO DO POVO” COMO QUESTÃO: OS PARADOXOS DO NACIONAL

Leonardo D’Avila de Oliveira

Resumo: A investigação irá problematizar o “Espírito do povo” na ensaística de Domingos José Gonçalves de Magalhães em algumas de suas intertextualidades com François-René Chateaubriand e, especialmente, com a obra de Joseph Gottfried von Herder, tendo a finalidade de demonstrar alguns dos principais paradoxos da relação entre povo e nação, mesmo nas primeiras manifestações românticas europeias e brasileiras, bem como sua relevância para o pensar atual. Ao longo dos anos, o trabalho da crítica denunciou diversas concepções unitárias de povo para demonstrar as prevalências de identidades inevitavelmente excludentes atreladas à noção de Estado, assim como para evidenciar os respectivos conceitos essencialistas de nação ou suas imagéticas reducionistas outorgadas em tantas “cores locais” nas primeiras investidas estéticas e políticas dos romantismos. Não obstante, pode-se reler a temática do Espírito do povo, especialmente com o apoio da germanística, com o fim de evidenciar algumas aporias pouco lembradas dos principais discursos de nação, bem como algumas de suas fragilidades epistemológicas, destacando alguns caminhos poucas vezes explorados. As pesquisas de Tzvetan Todorov, na linguística, e de Friedrich Ohly, na filologia, por exemplo, convidam a pensar como o Espírito do povo (Volksgeist), mais do que uma retórica anti-iluminista ou um monumento exegético à arte romântica, pode ser considerado uma sobrevivência do antigo problema do espírito (pneûma) e da letra (grámma). Tal binômio sustentou, em distintos tempos e contextos, a existência de variações e flexibilidades nas literaturas e nas demais artes, reconhecendo-as como historicamente variáveis, razão suficiente para se considerar o Espírito uma noção conflituante com critérios estéticos ou políticos unitários, a exemplo de língua, de



nação ou de literariedade. Desse modo, reler essa problemática dos primórdios do romantismo, focando-se em alguns dos pontos mais delicados da obra de Herder, consiste em fornecer novos rumos à pesquisa de arquivo, possibilitando sentidos desviantes para as figurações românticas de povo e de nação para além de seu lugar canônico e potencializando outros aspectos políticos menos visíveis da temática, a exemplo da conceituação de Isaiah Berlin de que Herder teria sido muito mais um legatário dos distintos desejos de “populismo” do que propriamente um fundamento das artes e das instituições dos Estados-nação. A proposta consiste, portanto, em armar uma rede de conexões sobre a problemática moderna do Espírito (Geist) no entre-lugar latino-americano para repensá-la fora de ufanismos ou de idealismos. Dessa forma, será salientado como o comparatismo literário, desde sua gênese, não deveria se confundir com equiparação e hierarquização de padrões estéticos eurocêtricos; como o próprio termo Espírito, sendo mais do que uma alegoria para fins exclusivamente estéticos ou filosóficos, consistiu em um efetivo dispositivo político capaz de se disseminar em distintos contextos ao redor do globo; e, por fim, como ele ainda impacta decisiva e diretamente nas principais concepções contemporâneas de literatura e de cultura.

Palavras-chave: Espírito do Povo; Nação; Romantismo; Populismo.

A MEMÓRIA NACIONAL GALESA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL EM THE WELSH GIRL, DE PETER HO DAVIS

José Otaviano da Mata Machado Silva

Resumo: *The Welsh Girl* (2007), um romance do autor sino-galês Peter Ho Davies, narra o relacionamento entre um prisioneiro de guerra alemão e uma camponesa do País de Gales no últimos anos da Segunda Guerra Mundial. A construção de personagem da protagonista Esther é sustentada, ao longo da obra, pela tensão entre a memória nacional galesa – representada no romance pelo seu pai, um ex-operário grevista nacionalista – e uma memória nacional britânica, construída ao redor de uma admiração pelo idioma inglês, além uma fixação por uma cultura cosmopolita, identificada principalmente ao redor de filmes e estrelas de Hollywood. Esse trabalho se propõe a investigar as tecnologias de transmissão de memórias (LANDSBERG, 2004) operadas no romance, principalmente à luz dos teóricos Alison Landsberg (2004) – por via da categoria “memória protética” – e Benedict Anderson (1983) – por via da categoria “comunidade imaginada”. O trabalho parte da análise da construção de uma identidade galesa no romance, especialmente na personagem de Arthur, pai da protagonista Esther, filho de um operário veterano da histórica greve de Perhyn Quarry, nacionalista resoluto e opositor fervoroso do domínio inglês sobre Gales. Em sua recorrente afirmação de sua nacionalidade galesa, Arthur representa uma noção novecentista de memória nacional, metaforizada em seu uso recorrente da expressão galesa *cynefin*: a palavra que descreve o senso de pertencimento e território que ovelhas manifestam em relação ao seu pasto. Arthur então representa uma forma de memória coletiva que se mostra transmissível por meio da sociedade – uma concepção fundada na noção que Halbwach (1925) chama de “memória coletiva”, preponderante na virada do século. Contudo, essa identidade galesa é transformada na protagonista Esther, principalmente através do idioma inglês, da cultura estadunidense – em especial a indústria do cinema de Hollywood – e da presença do acampamento de prisioneiros de guerra ocupado por soldados aliados. O ambiente da Segunda Guerra Mundial abala as noções de nação e lealdade solidificadas no pequeno vilarejo de Esther, e introduz na protagonista memórias protéticas de uma identidade que, a primeira vista, não são suas – por não serem galesas –, mas que lhe parecem mais suas do que a memória coletiva que seu pai representa. Isso configura no romance uma instância de crise de memória (SULEIMAN, 2006) nascida entre a experiência individual de Esther e as memórias coletivas conflitantes que se fazem representar durante o período de guerra. O trabalho busca explicitar as formas que essas negociações e conflitos de memória se articulam ao longo da narrativa.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial; Memórias protéticas; Comunidades imaginadas; Literaturas de Guerra



REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL JAPONESA NO MAR DA FERTILIDADE, DE YUKIO MISHIMA

Rachel Lourenço

Resumo: O Japão na Era Meiji (1867-1912) passou por reformas econômicas e sociais que consistiram na eliminação de entraves e resquícios do modo de produção feudal, na liberação da mão-de-obra, e na assimilação da tecnologia ocidental. Na obra de Yukio Mishima, a modernização japonesa é duramente criticada, colocada como causadora da perda da identidade nacional e de valores milenares. Este estudo investiga os aspectos da representação do nacionalismo japonês nas personagens da tetralogia Mar da Fertilidade, de Mishima. Analisa-se a conjuntura política do período e identifica-se como o autor explora as imagens políticas a partir da temática de reencarnação, o fio condutor que conecta as quatro obras. A pesquisa examina o conceito de identidade nacional segundo Benedict Anderson (1991) e busca reflexões sobre a constituição de alteridade no papel da personagem diante do "outro", a partir do lugar onde está, segundo a perspectiva Bakhtiniana.

Palavras-chave: Identidade nacional; Literatura Japonesa; Alteridade

17/07 (MANHÃ)

NARRATIVAS DE FUNDAÇÃO E REFUNDAÇÃO: A PEQUENA URBE COLONIAL COMO CÉLULA DA GRANDE NAÇÃO

Luiz Nadal

Resumo: O nome de uma pequena cidade da zona rural catarinense traz um vestígio que dá início a esta proposta de comunicação. O povoado Caibi foi assim nomeado tardiamente, em 1947, para ser diferenciado de outra localidade que até então possuía o mesmo nome, São Domingos. Episódios como este foram comuns durante a proliferação de cidades no início do séc. XX, porém chama atenção a alternativa em substituição ao nome anterior. Caibi, cujo significado é “folhas verdes” em tupi-guarani (Rizzi, 2012), substitui o nome de origem católica – opção predominante entre os imigrantes europeus que povoaram a região Sul do Brasil (Franzina, 2006). Incorporado pelos moradores como um fato aleatório e desvinculado de uma realidade anterior, o nome indígena resta deslocado em uma paisagem desenhada pela colonização italiana. No estudo sobre a história de fundação da cidade – Caibi: histórias e memórias (2012) –, financiado pela administração municipal, o nome tupi-guarani não está vinculado às populações tradicionais de indígenas e caboclos, por mais que sua existência seja admitida quando da chegada dos colonos italianos, em 1920. Em adição, novas pesquisas sugerem que designações como “folhas verdes” contribuíram para a invenção de um sertão mítico, desabitado, pleno de mata (Vicenzi, 2008) e portanto, favorável à ocupação estrangeira. Nesta trilha, o estudo de Marquetti (2008) defende que tal processo não foi sequer pacífico e ordeiro. A partir de processos-crime da época, o autor demonstra como o Código Penal 1890 protegeu colonos imigrantes na transformação do espaço geográfico e social em território moderno e urbanizado. Ao passo que incriminou indígenas e caboclos resistentes à civilização. O entendimento biológico de raça, cerne desta diferenciação, já incorporava também o sentido de nação (Schwarcz, 1993). A propagação das pequenas urbes foi parte de um fenômeno em escala nacional cujo avanço civilizatório e a modernização do país eram imprescindíveis para ingressar no cenário das grandes nações. Porém, o maior entrave para o Brasil era sua própria população. Marcado pelo hibridismo racial, era considerado incapaz de realizar o destino nacional do progresso. Em um processo de corte e aperfeiçoamento do povo brasileiro, condicionado pelas ideias eugênicas da época, a história de fundação da pequena cidade se faz reler à luz do debate racial e de teorias pós-coloniais. Enquanto imigrantes italianos foram assimilados ao corpo social da pequena nação, indígenas e caboclos foram dele eliminados. Assim, a versão oficial desta história de fundação regional, difundida como narrativa pedagógica em escolas e bibliotecas da cidade, será objeto de revisão crítica e reflexiva no que



se refere ao seu processo de constituição enquanto pequena nação. Ou ainda, como diminuta unidade celular – haja vista a população de 6.213 habitantes (IBGE/2017) – integrante da grande nação brasileira, em franco desenvolvimento. O nome Caibi, tomado como gesto de adesão ao discurso integrador iniciado pelo nacionalismo, configura-se como vestígio a partir do qual serão recuperadas – em arquivos regionais, visitas etnográficas e entrevistas – as contra-narrativas, as temporalidades disjuntivas e as identidades heterogêneas encobertas pelo passado estável da sua narrativa fundacional.

Palavras-chave: Fundação; Nação; Raça; Cidade; Indígena

OS ANOS 1930 ENTRE A HOSPITALIDADE E A HOSTILIDADE: REPRESENTAÇÕES DO ESTRANGEIRO NO ROMANCE UM RIO IMITA O RENO (1939), DE VIANNA MOOG

Viviane da Silva Vieira

Resumo: A pesquisa intitulada “Representações do estrangeiro no romance brasileiro de 1930: literatura, cultura e política”, na qual o presente texto se insere, tem por intuito discorrer acerca das representações dos estrangeiros presentes em cinco romances brasileiros publicados em 1939, sendo eles: *As Três Marias* (1939), de Rachel de Queiroz, *Enquanto as águas correm* (1939), de Cyro Martins, *Planalto* (1939), de Flávio de Campos, *Riacho Doce* (1939), de José Lins do Rego e *Um rio imita o Reno* (1939), de Vianna Moog. A representação do estrangeiro entre o final do século XIX e início do XX variou de habitante desejável à indesejável a medida em que este, antes visto como símbolo do progresso, da civilização e, até mesmo, como componente fundamental para o estabelecimento de uma “raça pura” (DE LUCA, 1999, p. 196), se tornou inoportuno à ordem instituída, propondo “exóticas” reformas sociais e políticas ou permanecendo inassimilável à “brasilidade”, sua presença passou, portanto, a ser questionada como “perigosa à composição racial da população ou à segurança da Nação” (CARNEIRO, 2003, p. 21). Tal fato pode ser exemplificado pela crise nas relações germano-brasileiras após o golpe que instaurou o Estado Novo no Brasil, em novembro de 1937. Estas tensões, parcialmente representadas no romance *Um rio imita o Reno*, serão destacadas nesta comunicação, considerando-se, para tanto, conceitos tais como os de Jacques Derrida (2003, p. 41), que observou que a presença do estrangeiro vai de desejável à indesejável a medida que ele passa a pisotear “meu chez-moi, minha ipseidade, minha soberania de hospedeiro”. Sob esse ponto de vista, a hospitalidade implica uma finitude, assim como uma soberania de si para consigo, ou seja, essa dada soberania “só pode[ria] ser exercida filtrando-se, escolhendo-se, portanto excluindo e praticando-se violência”. Dessa forma, onde o *chez-moi* é violado, ou sentido como violação, há uma reação privatizante que acaba por ampliar o círculo etnocêntrico e nacionalista, gerando uma resistência xenófoba, esta, “não dirigida contra o estrangeiro enquanto tal, mas, paradoxalmente, contra o poderio técnico anônimo (estrangeiro à língua ou à religião, tanto quanto à família ou à nação) que ameaça, junto com o ‘em-casa’, as condições tradicionais de hospitalidade” (DERRIDA, 2003, p. 47-49). Para além da representação entendida como reflexo, baseamo-nos no estudo da obra literária a partir do que Greenblatt (1989) chamou de poética cultural, ou seja, o entendimento da produção artística como parte integrante do discurso histórico, do qual a obra não é apenas reflexo do contexto, mas sim “participa como se fosse frase intercalada ou procedimento retórico” (TEIXEIRA, 1998, p. 33).

Palavras-chave: Um rio imita o Reno; Representação; Estado Novo; Nacionalismos; Hospitalidade.

BRASIL, UM PAÍS CHAMADO FUTURO

Marcella Mesquita

Resumo: Essa comunicação tem por objetivo analisar a imagem do mito do ‘paraíso racial brasileiro’ difundida no livro *Brasil, um país do futuro* (1942) de Stefan Zweig. No qual o autor reverência o convívio pacífico das múltiplas etnias que compõem o corpus da população brasileira: europeu, índio e o negro. A imagem do ‘paraíso racial brasileiro’ projetada no texto

literário de Stefan Zweig é construída a partir das relações interpessoais no ambiente público como bondes, ruas e cafés de cidades como a então capital, Rio de Janeiro. Percebem-se na descrição elogiosa de Zweig, uma harmonia ordenada, na qual cada etnia tem seu papel social pré-definido. Mesmo assim, a narrativa do livro de viagem apresenta o Brasil como exemplo de uma sociedade multirracial civilizada. Onde, raça não é fator de conflito e destruição, mas sim, de convívio harmonioso. Para o austríaco de origem judaica, o futuro do mundo ocidental é esse povo pacífico e gentil. Todavia, o futuro utópico de Zweig é atravessado pela realidade do presente. No Brasil da primeira metade do século XX, as ideias eugênicas são usadas na formação de políticas públicas nas áreas de educação e da saúde; adaptadas à realidade multiétnica no intuito de embranquecer a população negra e mestiça. O futuro da nação brasileira baseado na identidade nacional única, na 'raça' brasileira única. Referências: • FANON, F. Os condenados da terra. Tradução: Enilce A. Rocha e Lucy Magalhães, Rio de Janeiro, Ed: UFRJ, 2015. • HALL, S. Raça, o significante flutuante, revista zcultural, Tradução: Liv Sovik e Katia Santos. Rio de Janeiro, Ed: UFRJ, 2014. <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/raca-o-significante-flutuante>. Acesso em: 06/10/2018 • MUNANGA, K. Resistindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra, Belo Horizonte, ed: autêntica, 2008. • STEPAN, NL. Eugenia no Brasil, 1917-1940, In: HCHMAN, G., and ARMUS, D., orgs. Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe [online]. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2004. História e Saúde collection, pp. 330-391. ISBN 978-85-7541-311-1. Available from SciELO books <http://books.scielo.org>. • ZWEIG, S. Brasil: um país do futuro. Tradução: Kristina Michahelles. Porto Alegre, Ed: L&PM, 2006.

Palavras-chave: "harmonia" racial, identidade nacional, futuro, racismo .

EM "O MULO" HÁ UM POVO BRASILEIRO – A BRASILIDADE REPRESENTADA POR DARCY RIBEIRO NA ANTROPOLOGIA E NA LITERATURA

Viviane Rodrigues Ribeiro do Vale

Resumo: "O Mulo" (1981) é o segundo romance de Darcy Ribeiro, nele é apresentado um enredo de narrativa confessional, uma vez que o narrador-protagonista resolve escrever uma carta-confissão por acreditar que está perto da morte; no entanto, a carta vira uma espécie de desabafo onde é narrada toda a trajetória da personagem, desde sua infância até o momento atual em que é um importante coronel. Durante a leitura dessa saga, é possível perceber que um retrato de um brasileiro bastante específico foi traçado, o sertanejo, de maneira ainda mais restrita, o sertanejo das regiões de Minas e Goiás; são diversas as ocorrências no romance que apresentam os costumes típicos desse povo. Esse mesmo retrato foi também apresentado pelo autor no livro "O povo brasileiro" (1995), dessa vez uma escrita antropológica que traça o processo de formação ocorrido no Brasil. Partindo disso, aqui foi feito um cotejo desses escritos, evidenciando a brasilidade do ponto de vista de Darcy Ribeiro confirmada na literatura e na antropologia. É possível afirmar que o romance "O Mulo" reforça as ideias de Darcy Ribeiro, como antropólogo, publicadas em "O povo brasileiro", não somente no que se diz respeito ao sertanejo, até mesmo a figura do índio apresenta consonância entre os escritos. A princípio poderia se pensar que a teoria foi criada para reforçar a ficção, uma vez que este é de 1981 e aquela de 1995, no entanto, vale ressaltar que, conforme o próprio autor afirma, "O povo brasileiro" foi um livro gestado por mais de trinta anos, sendo iniciado antes de "O Mulo". Por fim, constatou-se que Philogônio é uma personificação da "ninguendade" citada em "O povo brasileiro", uma vez que da mesma maneira que a não-identidade se tornou uma identidade brasileira, o garoto sem nome, chamado de Trem, tornou-se o coronel Philogônio de Castro Maya.

Palavras-chave: O Mulo; O povo brasileiro; Darcy Ribeiro; Sertanejo; Brasilidade.

18/07 (MANHÃ)



A CONCEPÇÃO DE NAÇÃO NO CONTO “DETECTIVES” DE ROBERTO BOLAÑO

Mariana Augusta Pinheiro Di Salvio Almeida

Resumo: No conto “Detectives” (1997) de Roberto Bolaño, o ser nacional, longe de um passado heroico e ancestral, tal como foi construído pelo romantismo, parece apresentar-se por um discurso de banalização do mal cujo sentido desemboca em um vazio absoluto, mas que, no entanto, não deixa de apontar para uma dimensão utópica e afetiva de alguns personagens que apenas compartilham com aquela comunidade catastrófica a impostura e fatalidade da identidade nacional, afinal, lembrando Benedict Anderson, “no mundo moderno, todos podem, devem e hão de ter uma nacionalidade”. A narrativa, que se dá por um diálogo entre dois detetives, é pontuada por uma tentativa de essas personagens refletirem sobre o significado de ser chileno tendo como pano de fundo suas experiências enquanto força policial no Chile ditatorial, diálogo que se inicia com a discussão sobre qual é a arma oficial do país e culmina com a anedota sobre um preso político, Arturo Belano, alter ego do autor, de quem os detetives foram companheiros de escola, quando ocorre a perturbadora dissolução das identidades pessoais de um dos detetives e de Belano que não se reconhecem em um espelho devido a carga traumática da experiência nacional. Mais além das aproximações biográficas que o conto sugere – afinal foi escrito a partir de uma experiência pessoal de Bolaño, que aos 20 anos retorna ao Chile para tentar fazer a revolução socialista com Salvador Allende, mas que, no entanto, foi preso logo nos primeiros dias do golpe e solto graças a dois ex-companheiros de escola que o reconheceram –, no diálogo a causa nacional parece surgir como modo de alienação – como exemplo: a constatação dos detetives que no Chile ditatorial apenas restam dormentes ou o fato de essas personagens não terem consciência de sua própria atuação como força maligna – e aproximação ao mal absoluto. Mas também, por esse caráter alienante, o fator nacional de certo modo funciona melancolicamente como gatilho para a utopia de uma sociedade mais justa, que levou uma parcela da população estar disposta a morrer por uma revolução impossível: “Se me aparecen los muertos en los sueños, se me mezclan con los que no están ni vivos ni muertos” (BOLAÑO). Se Benedict Anderson, em Comunidades imaginadas (2017), postulou a partir dos pioneiros crioulos a nação como projeção de uma estrutura alternativa à dominante, que faz sentido para a ‘alma’ e constitui objetos de desejos e idealização, apresentando-se como comunidade na medida em que há a sensação de “uma profunda camaradagem horizontal”, que permite irmanar relações em todo restante distinto, no conto retoma-se – como um fio quase inexistente – uma coletividade também pautada por vínculos afetivos, por tipos valentes e generosos que influenciados pelas utopias que assolaram o continente na segunda metade do século XX lutaram em prol de uma comunidade nacional utópica, mas que se apresenta efetivamente como força totalizante que utiliza uma diversidade de técnicas (afetivas, militares etc) para manutenção do controle nacional e transnacional no contexto da guerra fria. Esta comunicação pretende portanto investigar as projeções nacionais que se sobressaem no conto.

Palavras-chave: Nação; amizade; ditadura; guerra fria.

QUEM TEM O PODER? REFLEXÕES SOBRE O LÍDER POLÍTICO NOS ANOS TRINTA EM SAVERIO, EL CRUEL (1936) DE ROBERTO ARLT

María Pape

Resumo: Marginalizado da alta literatura por sua letra quebrada, popular e inovadora, Roberto Arlt foi um dos escritores mais acolhidos pelo público no seu momento e, posteriormente, mais estudados pela crítica, porém os estudos acadêmicos curiosamente tenderam a se dedicar à sua prosa dos anos vinte e deixar de lado seu teatro dos anos trinta. Entretanto, suas obras de teatro apresentam afinadas reflexões experimentais sobre a reconfiguração social e a politização da massa. Nelas, Arlt rejeita a nação como o horizonte principal de compreensão da sociedade e foca na relação entre a desigualdade nacional e os divergentes imaginários políticos, oferecendo-nos uma possibilidade para pensar as dinâmicas de poder na Argentina nos anos depois do golpe militar de 1930, uma época caracterizada pelo autoritarismo, a restauração do poder às elites e uma forte polarização política – tanto nacional quanto internacional. Nesta



comunicação, eu analisarei Saverio, el cruel (1936) e a forma na qual a peça direciona esta linha de reflexão em uma exploração da figura do líder político, que ganhou nova relevância com o culto popular do Hipólito Yrigoyen da União Cívica Radical e o autoritarismo tanto do general José Félix Uriburu quanto do general Agustín Pedro Justo. Nesta obra, identifiquei a exposição de dois imaginários políticos opostos –um burguês que sonha em ser aristocrático e outro popular que sonha com o poder da maioria– que coincidem na figura do líder. A obra, desta forma, sugere que o líder não é a origem dos movimentos políticos, seu criador soberano, mas o seu campo de luta; isto é, não é a causa da reconfiguração social e política, mas seu resultado. Dessa maneira, Saverio, el cruel nos impulsiona a repensar a relação entre o líder e o povo. Ademais, com este trabalho estético sobre o líder, a obra nos oferece a possibilidade de conceber uma continuidade entre o imaginário político dos anos trinta e o peronismo, questionando a função do líder que é tão importante neste movimento político – e no populismo em geral.

Palavras-chave: Roberto Arlt, Reconfiguração social, Líder político, Populismo

“O QUE AS CANÇÕES COLECIONAM DA GENTE”: A APROPRIAÇÃO DE COMUNIDADES DE CONSUMO NA POESIA DE LEONARDO GANDOLFI E MARCELO MONTENEGRO

Filipe Manzoni

Resumo: Nosso trabalho se propõe a investigar a apropriação de fragmentos da cultura popular massiva (em especial, das canções populares) pela produção de Leonardo Gandolfi e Marcelo Montenegro, na medida em que estes parecem jogar com um uso produtivo de experiências coletivas de consumo, reconhecendo comunidades no lugar de, tão somente, um consumo alienado. Partimos da premissa, já apontada por Boris Groys, tanto em *Art power* (2008) quanto em *Going public* (2010), de que a cultura de massa possui uma capacidade, frequentemente menosprezada, de criar comunidades. Se os exemplos de Groys se restringem às comunidades agenciadas contemporaneamente às experiências de consumo (o sentimento comum que se inaugura ao se ir a um show, a uma exposição ou ao assistir a um filme), o que leva o filósofo a propor a volatilidade como principal característica dessas comunidades, nossa proposta busca desdobrar a hipótese complementar de que algo de diferente ocorre quando nos voltamos para o uso de um repertório de canções populares trazidas sob a chave da memória afetiva de uma vivência comum. Nos interessa observar o quanto essa operação parece se afastar tanto dos diagnósticos de Evelina Hoisel de uma “literatura pop” – isto é, do uso, durante a década de 70, de elementos da cultura de massa para a construção de uma espécie de colagem vanguardista – quanto do que Paulo Henriques Britto propôs nos termos de um “pós-lírico”, isto é, um gozo com o prazer narcísico de sentir-se pertencente a uma comunidade exclusiva através de alusões a obras que possuem sua circulação restrita a um reduzido círculo de “entendedores”. Gandolfi e Montenegro parecem apostar, nesse sentido, em uma espécie de agenciamento produtivo de um sentimento de pertencimento induzido pela produção capitalista de produtos de consumo, jogando com as identidades transitórias geradas pela circulação de mercadorias e produções culturais. Nos situamos, nesse sentido, em uma espécie de interseção entre o caráter alienante inerente à Indústria Cultural tal qual formulada, já há mais de meio século, por Theodor Adorno, e a possibilidade de seu uso como mecanismo de contato, isto é, como marca de uma vivência compartilhada, o que nos leva, ainda, a obras de autores como Roberto Esposito e Luciana di Leone. Leonardo Gandolfi e Marcelo Montenegro parecem escapar, assim, do paradigma imunitário (para falarmos com Esposito) e francamente aristocrático do poema “pós-lírico” e investir em um uso político dos subprodutos identitários da cultura de massa, apropriando-se de um repertório afetivo de canções populares e bens diversos de consumo como maneira de estabelecimento de contato.

Palavras-chave: Poesia contemporânea brasileira; Canção popular; Comunidades de consumo.

Tiago Hermano Breunig

Resumo: O nacionalismo proposto por um segmento do Modernismo constitui, no Brasil, um sintoma do interesse pela cultura popular e pelo folclore mobilizado por intelectuais e artistas no movimento da construção das identidades no momento de maior exaltação nacionalista e imperialista na Europa, bem como de potencialização dos conflitos internos ocasionada pela ascensão da burguesia promovida sobretudo pelo processo de industrialização e inserção do Brasil no capital internacional. Com a crise das democracias modernas, recorrentemente compreendida como um problema de ordem cultural, a cultura popular e o folclore desempenham um papel fundamental no conflito cultural e social nas periferias do mundo ocidental. Assim, a compreensão de um determinado nacionalismo modernista, em que o “nacional” significa a expressividade de culturas associadas com o processo de constituição de uma comunidade, requer considerar sua contraposição a concepções oficiais propugnadas pelo governo e pelas classes dirigentes, ao Estado Novo (1937-1945) e o seu folclorismo oficial, que subordina, com raras exceções, as manifestações culturais ao catolicismo e ao etnocentrismo (por outro lado, o populismo que consensualmente caracteriza as transformações sociais ocorridas com a revolução de 1930 deve ser compreendido sobre o pano de fundo das lutas que cindem a sociedade brasileira, e os modernistas exercem um importante papel em tal contexto). Nesse sentido, Arnaldo Contier argumenta que a recuperação do popular e do folclore para a criação de uma arte nacional critica implicitamente as elites intelectuais que subordinam a realidade social brasileira a posturas racistas e preconceituosas. As culturas populares são, assim, efetivamente reprimidas por um governo e uma elite intelectual que, ao confundir civilização com europeização, operam negativamente ao modo da imunização sugerida por Roberto Esposito. Pretendemos, portanto, interrogar o gesto modernista ao exigir seriedade e responsabilidade institucional nos estudos da cultura e do folclore e ao recriar uma arte nacional em contraposição a concepções de progresso e de moral das classes dirigentes, propondo a construção de um senso de comunidade capaz de dar voz a populações silenciadas, cujas vozes, muitas vezes, continuam ainda hoje a ecoar no vazio.

Palavras-chave: Modernismo brasileiro; Nacionalismo; Popular; Folclore

42 - FIGURAÇÕES INSÓLITAS DE ESPAÇOS, TEMPOS E PERSONAGENS

Coordenação: Flavio García (UERJ); Marisa Martins Gama-Khalil (UFU)

Resumo: Neste simpósio, pretendemos acolher propostas de trabalho no campo dos estudos da ficção fantástica, em sentido *lato*, que tenham como objetivo a compreensão dos procedimentos insólitos de composição de espaço, tempo e personagens. A concepção de ficção fantástica norteadora será a modal e, nesse sentido, os trabalhos poderão ter como objeto de estudo diferentes vertentes do modo fantástico, como compreendido por Filipe Furtado no *E-dicionário de termos literários* de Carlos Ceia, tais como o fantástico, o estranho, o maravilhoso, a ficção científica, o gótico, o real(ismo) maravilhoso, o realismo mágico, o realismo animista, dentre outras possibilidades que, pela diversidade, nos escapam. Para Rosemary Jackson, principal base conceitual de Furtado, o fato de a literatura fantástica abdicar de uma representação mimética do mundo propicia o alargamento de possibilidades de construção literária. A estudiosa francesa Irène Bessière afirma, por sua vez, que a narração fantástica não pode ser definida como uma categoria ou gênero literário, porque ela implica uma lógica narrativa formal e temática. Bessière ainda assinala que a narrativa fantástica não se define apenas pelo inverossímil, mas, especialmente, por meio da justaposição das contradições dos variados inverossímeis que se fazem presente no nosso cotidiano. Entendemos que a ficção fantástica, que desvela diversos níveis de inverossimilhanças e faz irromper o insólito que nos rodeia, é deflagrada especialmente por um trabalho especial de composição de espaços, tempos e personagens. São variadas espacialidades que instigam a irrupção da ambientação insólita: não só os castelos góticos e as florestas soturnas, mas edifícios que desaparecem ou que crescem



indefinidamente, jardins que trazem mais de um nível existencial das coisas e seres. O tempo que se instaura em um mundo ficcional do fantástico revela-se insólito, como, por exemplo, a justaposição de tempos paralelos, o ingresso em um outro tempo ou as temporalidades invertidas, cíclicas, expandidas, congeladas, convergentes. A caracterização das personagens também implica a sugestão ou explicitação de uma ordem insólita, que vai desde o corpo metamórfico ao corpo monstruoso, sendo, enfim, personagens que se mostram a partir de uma diferença. Destarte, os trabalhos a serem inscritos neste simpósio poderão partir de uma argumentação de ordem teórica, como também refletir sobre a construção dessas variantes ficcionais por intermédio da análise de obras que apresentem em sua trama a irrupção do insólito, procurando evidenciar recursos em que o insólito seja desencadeado por intermédio de uma elaboração estética espacial, temporal ou actancial. Temos a consciência de que a proposta do simpósio se abre “quase” que indefinidamente, contudo, a abrangência não é total, uma vez que deixa fora de seu conjunto as construções ficcionais que têm base em uma representação marcadamente realista e não possibilitam a irrupção do insólito. Entretanto, admitimos que a abertura do enfoque do simpósio é ampla, pois vai desde narrativas em que há apenas a sugestão de eventos insólitos a narrativas em que o insólito é abertamente narrado ou aceito por personagens e/ou leitores. A abertura ampla da proposta deve-se ao fato de pretendermos demonstrar a enorme diversidade de formas de construção da ficção fantástica e, nesse sentido, possibilitar a reflexão sobre alguns pontos polêmicos que envolvem os estudos dessas variantes, como, por exemplo, rebater o fato de, na versão literária, estar encerrada temporalmente nos séculos XVIII e XIX, e a ideia de que para haver o fantástico é necessário que exista hesitação. A imagem de uma rede repleta de fios diversos possibilita-nos pensar também na constituição da ficção fantástica, no enredamento do mundo diegético apresentado por ela: um mundo em que espaços, tempos e personagens se intercalam, se justapõem, se embaraçam para nos mostrar que o ilógico faz parte de nossa lógica cotidiana. Consideramos esse mundo como rizomático, no sentido atribuído por Deleuze e Guattari, porque um elemento – espaço, personagem ou tempo, por exemplo – pode se conectar inesperadamente a outro e, na sequência desligar-se dele. A superposição de mundos ou de possibilidades de mundos é, ao nosso ver, uma das estratégias de construção da obra fantástica que, por essa perspectiva, pode ser entendida como heterotópica por natureza. A ficção fantástica, com a apresentação de um mundo aparentemente tão insólito e plural, age no sentido de promover a exageração ou o deslocamento do real e, por isso, sua representação não apresenta uma negação do real, mas incita uma revisão dele. Para que a revisão se concretize, é preciso mostrar que não existe “a” verdade, mas verdades, e dar um foco diferenciado aos fatos expostos ordenadamente pelas instituições, que tentam discipliná-los e arrumá-los, e é por esse motivo que a ficção fantástica promove constantes deslocamentos – históricos e estéticos. Esperamos, portanto, que os trabalhos reunidos neste simpósio demonstrem teórica e/ou analiticamente estratégias de construção da obra fantástica (envolvendo tempo, espaço e/ou personagens) e descortinem a sua potencialidade de revisão do real.

Palavras-chave: Insólito Ficcional; Processos de Composição; Espaços Ficcionais; Tempos Ficcionais; Personagens

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

O PROCESSO DE DESPOJAMENTO DO SUJEITO NA MODERNIDADE LÍQUIDA: ANÁLISE DO CONTO “O HOMEM DO BONÉ CINZENTO”, DE MURILO RUBIÃO

Marcela de Castro Avila Aguiar

Resumo: Neste trabalho, propomos uma análise do conto “O homem do boné cinzento”, de Murilo Rubião, escrito em 1946, em comparação com uma série de litogravuras de Pablo Picasso chamada “The Bull” (1945). O conto apresenta Anatólio, o novo vizinho de Arthur e Roderico, irmãos que passam a observar, com curiosidade, os hábitos estranhos do homem de



boné xadrez que, por sua vez, começa a sofrer transformações em sua forma física até desaparecer por completo. A narrativa pode ser lida como um processo de desconstrução, uma vez que parte de uma situação de plenitude figurativa e, por meio da perda de formas, chega ao mínimo elementar. De modo semelhante, no decorrer das onze litogravuras de Picasso, ocorre a decomposição de um touro, inicialmente completo e sólido, até o total despojamento representado na última gravura pelo touro-linha. Nosso objetivo é pensar a escrita muriliana do ponto de vista da desumanização e decorrente coisificação do sujeito na modernidade líquida (BAUMAN, 2001). A concepção do Fantástico adotada é a que o considera como uma construção, um trabalho com a linguagem que “coloca em ação dados contraditórios, reunidos segundo uma coerência e uma complementaridade próprias” a fim de incitar a incerteza (BESSIÈRE, 1974). Os resultados deste estudo apontam para a escolha de Murilo Rubião pelo insólito ficcional como um modo de representar a angústia humana resultante das tensões de uma sociedade cujas relações estão marcadas pela fluidez e pela fragmentariedade (BAUMAN, 2010).

Palavras-chave: Literatura fantástica; Murilo Rubião; modernidade líquida; Pablo Picasso; processo de despojamento do sujeito.

“ANÃO DE JARDIM”: O “CONTO TOTAL” DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Nilton José Melo de Resende

Resumo: Em 1995, Lygia Fagundes Telles publicou o seu último livro de contos, *A noite escura e mais eu* – os volumes de textos curtos publicados em seguida são de natureza híbrida (invenção e memória), crônicas ou compilação de contos dispersos. O último conto desse livro, “Anão de jardim”, por sua natureza grotesca e alegórica, pode ser considerado um conto sùmula, uma síntese da contística lygiana. Neste trabalho, valendo-se principalmente da teorização de Kayser (2003) sobre “o grotesco”, dos estudos de Kappler (1994) sobre “os monstros” e, ainda, das interpretações simbólicas de Chevalier e Gheerbrant (2005), defende-se “Anão de jardim” como um “conto total”, sendo Kobold (o narrador desse texto) um ser diabólico/cindido, no qual se condensam as personagens lygianas e seus dramas. Considera-se, ainda, o jardim – cenário em que se passa a narrativa – uma representação encapsulada do mundo ficcional da autora.

Palavras-chave: Conto Total; Grotesco; Monstro; Alegoria, Lygia Fagundes Telles

FIGURAÇÕES DO INSÓLITO EM RETRATOS, DE CAIO FERNANDO ABREU

Danieli Tavares

Resumo: Caio Fernando Abreu produz elementos narrativos passíveis de serem lidos como discursos fantásticos. Em *Retratos*, que integra a obra *O Ovo Apunhalado*, estamos diante de mundos possíveis imersos no insólito ficcional, com espaços, tempos, personagens e ações discrepantes com os padrões edificantes do sistema narrativo-literário real-naturalista. O conto, no contexto das vertentes do fantástico moderno ou contemporâneo, manifesta fraturas dos paradigmas do senso comum instituído. Das estratégias de construção narrativa que colaboram para a irrupção do insólito, designadamente em *Retratos*, enfatizaremos, para a presente leitura, a figuração, isto é, a fabricação das personagens, e, a partir dela, desdobramentos como as metáforas da morte, o peso e a leveza, ancoradas em Tzvetan Todorov (1975, 2003), Ana Maria Cardoso (2007), Carlos Reis (2014, 2014a, 2001), Prada Oropeza (2006), Italo Calvino (1990), Roland Barthes (1977, 2003), Lakoff e Johnson (1980). Para avançarmos com as figurações, esses autores nos permitem esclarecer as premissas teórico-conceituais que sustentam o que aqui pretendemos apresentar. A metáfora da morte e os valores do peso e da leveza surgem como reclamos de poética fantástica de Caio Fernando Abreu, iluminando os procedimentos de fabricação de duas personagens sem nomes, denominadas por papéis sociais. As concepções dessas figurações emergem no conto sobrepostas e às vezes indissociáveis umas das outras. No entanto, é possível orientar a discussão a partir de algumas reflexões a respeito dos eventos narráveis: como podemos combinar os diversos elementos, o que se apresenta e o que se omite,



o que se valoriza e se secundariza, onde começa e termina o conto. Julio Cortázar (2014) reconhece que produzir ficção implica semiotizar mundos possíveis, a partir de mundos conhecidos na realidade cotidiana do público leitor. O conto, apesar de construído em bases não convencionais, possibilita o jogo da ambiguidade, da contradição, do desafio, da inquietação, da hesitação, do mistério, da surpresa. Retratos é um desses textos em que a proliferação de alternativas dispara e chega a encantar o leitor, muito em razão do trabalho de escrita criativa de Caio Fernando Abreu. Trata-se de um dos expressivos contos do autor, no qual o lirismo se mescla às narrativas com toques de fantástico e cujos temas, valores e percepções vão se compondo através de um texto em pedaços, em fragmentos espalhados no tempo, como acontece com a memória. Portanto, explorar a fabricação de algumas de suas personagens, demonstrando como sua figuração se apoia em estratégias de construção narrativa próprias da ficção do insólito, faz-se nosso objetivo principal.

Palavras-chave: Insólito ficcional; Discurso fantástico; Figuração.

POR PARTE DE PAI, DE BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS: A CASA DOS AVÓS COMO ESPAÇO DO MARAVILHOSO

Lilian Lima Maciel

Resumo: O autor Bartolomeu Campos de Queirós é considerado um dos principais escritores contemporâneos da literatura infantil no Brasil e o destaque nesse cenário está relacionado ao seu olhar especial para o humano, preocupando-se com suas experiências, em especial, para as perdas e sofrimentos, temas comumente excluídos para esse público. O livro Por parte de pai foi publicado em 1995 e conta as memórias de um menino que viveu parte da infância na casa dos avós por parte de pai. Nessa narrativa memorialística as lembranças são despertadas a partir dos sentimentos do narrador, a perda da mãe, uma relação distanciada com o pai, e principalmente, pela relação com o avô que vivia calado, mas que registrava todos os acontecimentos nas paredes da casa, desde os nascimentos, as mortes e casos dos moradores de uma cidade do interior. Embora esse livro seja classificado como autobiográfico é necessário ratificar que o escritor institui uma outra realidade em suas narrativas, de fato, partindo de sentimentos e experiências pessoais, mas esses servem apenas de material bruto que será trabalhado/“lapidado” pelo autor, pois como afirma Bartolomeu toda memória é uma ficcionalização. O cenário principal da narrativa é a casa, a casa dos avós paternos, um espaço percorrido pelo narrador para organizar as suas memórias, retomando os objetos/imagens armazenados ali. Dessa forma, ressalta-se a importância do espaço para a tecitura das memórias, a casa se posiciona na fronteira entre a história/realidade e a ficção nas lembranças trazidas pelo autor e que se mostram inseparáveis. Pensar esses espaços que se colocam na fronteira entre o real e o irreal leva-nos a associá-los ao fantástico, pois não podemos deixar de considerar, como nos assevera Júlio Cortázar (2006), que a literatura fantástica será sempre aberta e plural. Neste trabalho propomo-nos a investigar a “casa” como o elemento fundamental da narrativa e que se constitui o espaço onde o sobrenatural acontece. Adotaremos nessa pesquisa a noção de fronteira de Cássio Eduardo Viana Hissa, que nos conduz a um “espaço abstrato, areal” (2002, p.34) que “representa o começo de tudo onde exatamente parece terminar” (2002, p.34). Para fundamentar esta análise consideramos importantes os estudos de Remo Ceserani, Le Goff e Filipe Furtado sobre o maravilhoso. E para o estudo do espaço utilizaremos bases teóricas Gaston Bachelard, o estudo de Gilles Deleuze sobre o espaço liso e estriado e, em especial, os estudos de Michel Foucault em que ele assinala que a função da linguagem é o tempo, mas seu “ser” é o espaço.

Palavras-chave: Maravilhoso; Espaço; Bartolomeu

16/07 (TARDE)

IMAGINAÇÃO, DEVANEIO E POESIA: A URDIDURA NARRATIVA DE GUIMARÃES ROSA EM “BURITI”

Elisabete Brockelmann de Faria



Resumo: A publicação de *Corpo de baile*, em 1956, enseja novas configurações de personagens, tempos e espaços na ficção rosiana, notadamente em "Buriti", narrativa que entrelaça o espaço da fazenda Buriti a personagens dispare, como Maria da Glória e Miguel, Maria Behu e Lala, Iô Liodoro e Chefe Zequiel, aptos a vivenciar experiências que privilegiam ora a estagnação, ora a transformação, e instauram o domínio do insólito no ambiente noturno e denso do lugar. Assim, sob a perspectiva de Miguel, destacam-se, nas coordenadas de tempo, as anacronias, em especial as analepses, de modo a contemplar os meandros do tempo psicológico, que ganha corpo e voz na narrativa através do discurso indireto livre e do monólogo interior. Nos domínios do espaço, a ênfase no devaneio se dá, notadamente, através das simbologias do mar, do centro, da perenidade e da comunhão. Acredita-se que tal modo de considerar o tempo e o espaço está em consonância com o status lírico de Miguel, que imprime em "Buriti" um ritmo musical, amalgamado ao caráter poético do texto. No que respeita às coordenadas de espaço, o embasamento teórico principal tem duas ordens de estudo, as obras *A poética do espaço* (2003) de Gaston Bachelard e "O problema do espaço artístico" (1978) de Iuri Lotman. Para o exame da instância de tempo, valemo-nos de *O tempo no romance* ((1972) de Adam A. Mendilow e *O tempo na narrativa* (1995) de Benedito Nunes. Para as aproximações com o universo simbólico, o aporte teórico principal está na obra *As estruturas antropológicas do imaginário* (2001), de Gilbert Durand. Para a análise do imbricamento entre as categorias de personagens, tempo e espaço e a poeticidade discursiva, a pesquisa conta com os textos "Linguística e poética" (1975) de Roman Jakobson, "Em torno da poesia" (1986) de Tzvetan Todorov e a obra *O ser e o tempo da poesia* (2000) de Alfredo Bosi. Os resultados da análise comprovam a estreita relação entre as categorias analisadas e a densidade poética de "Buriti". A suspensão do tempo linear desloca a narrativa para os domínios do devaneio e do desejo, motores do insólito, ancorado, principalmente, no modo de ser lírico de Miguel, nas peculiaridades de construção de Maria Behu e Chefe Zequiel, bem como na carga erótica que advém dos traços constitutivos de Maria da Glória, Lala e Iô Liodoro. Como resultado desse contraste na escolha de tais personagens, a narrativa estabelece-se como um texto pautado pelo devaneio e pela poesia, pois a subjetividade de cada uma delas, ao se inscrever e aflorar no discurso, acarreta efeitos de sentido perceptíveis tanto na dicção poética quanto na conformação do espaço e do tempo, o que atesta, de forma singular, que o desdobramento do insólito alimenta e mantém a poeticidade em "Buriti", contribuindo com a singularidade dessa engenhosa produção de Guimarães Rosa.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; Buriti; devaneio; poeticidade discursiva

"VIAGEM NA FAMÍLIA" E "A TERCEIRA MARGEM DO RIO": RUPTURAS DE ESPAÇO E DE TEMPO NAS FICÇÕES DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE E GUIMARÃES ROSA

Antonio Carlos Costa Junior

Resumo: "No deserto de Itabira" é onde Carlos Drummond de Andrade inicia seu poema "Viagem na família", publicado em 1942 na obra *José*, delimitando, já desde o começo, o espaço no qual a obra viria a surgir. Interessante é, pois, apontarmos para o grande interesse que se desenvolveu no século XX por questões de espaço e tempo em diversas áreas do saber. Por volta dos anos iniciais do século passado, questões relativas a espaço e tempo voltaram a tomar o palco das discussões nas comunidades acadêmicas mundo afora. Luís Alberto Brandão, em seu livro *Teorias de Espaço Literário* (2013), a respeito dessa retomada dos estudos acerca da temática do espaço nas obras literárias, diz: [...] [há] um renovado interesse pelos problemas e potencialidades do conceito de espaço. O interesse vem se intensificando desde as primeiras décadas do século XX [...] isso ocorre em especial a partir das mudanças operadas, pela mecânica quântica e a física relativística, sobre os fundamentos da física newtoniana (BRANDÃO, 2013, p. 48). O século XX é, portanto, um marco na história dos estudos de espaço. Antes desse período, espaço era visto, na maioria das vezes, como um cenário passivo no qual todos os acontecimentos se desenrolavam. Entretanto, a partir das novas noções de espaço trazidas pelas revoluções na física do último século, diversas áreas passaram a ver o



espaço sob perspectivas diferentes. No âmbito dos estudos literários o cenário não era diferente. Mikhail Bakhtin discorre sobre o conceito de cronotopo artístico-literário em sua obra *Questões de Literatura e Estética: A teoria do romance* (1930), o qual traz para as artes, em especial para a literatura, uma nova maneira de se abordar o tempo e o espaço. Segundo o autor, no cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais em um todo compreensivo e concreto. Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico (BAKHTIN, 2002, p. 211). Um conceito tão marcante e tão volátil como o cronotopo embasa diversas discussões sobre obras literárias. É, então, a partir de tal conceito que este trabalho pretende apresentar análises das obras “Viagem na família” (1942), de Carlos Drummond de Andrade, e “A Terceira Margem do Rio” (1962), de Guimarães Rosa. Discorrer-se-á acerca da representação de espaço e tempo nas obras literárias sob uma perspectiva da física moderna, aplicando conceitos e construindo pontes entre uma área do saber e a outra.

Palavras-chave: Literatura e Física; Espaço-tempo; Ruptura espaço-temporal; Carlos Drummond de Andrade; Guimarães Rosa

AS MANIFESTAÇÕES INSÓLITAS EM O BOBO APRÍGIO, DE BRAZ JOSÉ COELHO Bruno Silva de Oliveira

Resumo: O insólito está relacionado diretamente a crises: de valor, de pensamento, de realidade, de convenções, sendo empregado em algumas situações quando a realidade convencionada e suas reverberações não são mais aceitas sem dúvidas ou questionamentos. Ele emerge quando há a descrição de um objeto, uma ação, uma personagem e/ou um espaço de uma forma que o leitor e/ou as personagens não reconheçam o comportamento desses elementos diegéticos na realidade prosaica, podendo assumir formas e funções variadas. Logo, o modo fantástico concebe o insólito e suas manifestações de forma abrangente, atemporal e agregadora, que se levantam acima do meramente possível e prosaico. Com base nas concepções de modo fantástico e insólito apresentadas, propomos a discussão de como o insólito se manifesta no conto “O bobo Aprígio”, de Braz José Coelho, a partir dos acontecimentos que envolvem a doença do narrador e o comportamento e a morte de Aprígio, visando demonstrar que o insólito não emerge apenas por meio de acontecimentos sobrenaturais, mirabolantes e/ou maravilhosos, mas por acontecimentos e elementos inquietantes, que desestabilizam possivelmente o leitor e as personagens, provocando o incômodo, coloca-os diante de uma crise de valores, pois a realidade acordada, suas concepções, valores e representações não são mais aceitos. Nesse sentido, o modo fantástico não é permeado apenas por imagens ilógicas e maravilhosas de cunho físico, mas também por acontecimentos sociais e psicológicos atravessados por problemáticas que podem (des)construir a visão de mundo do leitor. Logo, para que um acontecimento seja insólito, ele deve proporcionar uma desautomatização, fazer com que o leitor ou as personagens se deparem com uma singularidade, algo antinatural, desconhecido, não-familiar, que faça questionar as convenções.

Palavras-chave: Sertão; Literatura Goiana; Insólito.

HORTÊNCIA DAS TRANÇAS: EFEITOS DO EXTRAORDINÁRIO Andréia Glaicielly Dieger Rocha

Resumo: Hortência das Tranças, do escritor e desenhista Marcelo Lelis, é uma obra que suscita pertinentes reflexões acerca da literatura, da interação leitor e obra, da bagagem cultural do indivíduo, da oralidade. O insólito é um dos meios pelos quais é possível se chegar a tais reflexões. Sabe-se que o insólito abarca muitas classificações, podem-se citar como exemplo as diversas nomenclaturas utilizadas por Tzvetan Todorov em *Introdução à Literatura Fantástica*: maravilhoso, estranho, entre outras. A partir das reflexões suscitadas por Hortência das Tranças, da utilização do insólito como meio e de suas categorizações se chegou ao seguinte

questionamento: se apegar às classificações do insólito e às suas conseqüentes numerosas nomenclaturas seria arriscar a perder a riqueza que ele insere em cada obra?

Palavras-chave: Hortência das Tranças; Insólito; Efeitos; Classificações.

A CONSTRUÇÃO DO MARAVILHOSO EM MATINTA PERERA

Wellingson Valente dos Reis

Resumo: Este trabalho tem por objetivo verificar a construção do maravilhoso na narrativa oral “Matinta Perera”, recolhida pelo Projeto Imaginário nas Formas Narrativas Orais Populares da Amazônia Paraense (IFNOPAP), a partir da observação dos seguintes elementos que a compõem, como: o espaço, o enredo e a personagem, para afirmarmos que se trata de uma narrativa do maravilhoso, forma de narrar recorrente em nossa sociedade desde a época medieval. No que se refere à narrativa em questão é importante observar o conceito de maravilhoso, atrelado ao de mito, visto ser uma narrativa mitopoética, formas de narrativas que recobrem a região amazônica, principalmente nos ambientes mais tradicionais, mais ribeirinhos, onde os saberes locais ainda são valorizados em relação aos saberes que vêm de fora. Nestes locais, encontramos uma espécie de “maravilhoso amazônico”, um maravilhoso que mistura influências europeias, indígenas, ribeirinhas e citadinas para construir uma variedade de narrativas, nas quais, a fronteira entre o real e o sobrenatural fica borrada “uma espécie de “sfumato” que se instaura entre uma zona indistinta (incerta) entre o real e o surreal” (PAES LOUREIRO, 2015, p. 68). Analisando a Amazônia, Paes Loureiro (2015) acaba por dialogar com Roas (2014) quando diz que: “a narrativa fantástica põe o leitor diante do sobrenatural (...) para interrogá-lo e fazê-lo perder a segurança diante do mundo real (ROAS, 2014). Afinal, o fantástico se estabelece quando obtém sucesso ao provocar a incerteza da percepção do real, no caso da Amazônia, criando uma espécie de “incerteza certa”, ou seja, uma narrativa popular maravilhosa, aceita e crescente na sociedade e que retrata como nos afirma Chiampi (2015): uma realidade em que os “mirabilias” se manifestam, numa ligação entre o real e o irreal como maneira de subverter a realidade eurocêntrica, revelando “não as fantasias ou invenções do narrador, mas o conjunto de objetos e eventos reais”. Portanto, a Amazônia possui um fio poético que regula as relações humanas. Fio, do qual não nos despedimos e que não nos abandona, pois nele, sustentamo-nos enquanto indivíduos e comunidade. Mesmo quando nos afastamos do poético e entramos no mundo das ciências, ou propriamente no mundo da literatura, uma voz viva permanece, e nos faz lembrar e se reaproximar desta mitopoética da voz, presente nas narrativas orais, como “Matinta Perera”. E, para embasar teoricamente nossa pesquisa, trabalhamos com Le Goff (2017) e Marinho (2006) sobre o Maravilhoso na Idade Média; com Chiampi (2015), Roas (2014), Gama-Khalil (2012) e Todorov (2014) sobre o fantástico e o maravilhoso; Mielietinski (1987) e Levi-Strauss (2013) sobre mito; para falarmos de Amazônia usaremos Paes Loureiro (2015/2016) e Gondim (2007).

Palavras-chave: Literatura Fantástica, Maravilhoso, Amazônia, Mitopoética, Matinta

17/07 (MANHÃ)

FIGURAÇÃO DE ROSAURA, PERSONAGEM DE ÁLVARO DO CARVALHAL: PROCESSOS DE COMPOSIÇÃO INSÓLITA

Flavio García

Resumo: Rosaura, uma das personagens principais do conto “O punhal de Rosaura”, do escritor português Álvaro do Carvalho (1844 – 1868), divide o protagonismo com Everardo. O conto foi publicado ao longo de 1866 na revista O Povo, e seus episódios iniciais intitulavam-se “Everardo”. Em 1868, com o autor falecido, sua obra é publicada na íntegra, e o conto aparece intitulado “O punhal de Rosaura”. Carvalho incorpora, no título, um elemento da narrativa essencial ao enigma instaurado na história. A figuração de Rosaura se dá a partir de Everardo, que cumpre função de narrador, ora autodiegético, ora homodiegético. Suas falas, como personagem ou na função de narrador, trazem muitas das informações que se têm de Rosaura, bem como suas ações interferem para que se a delineie. Ainda são essenciais os fluxos de

consciência de Everardo. Rosaura é figurada como uma pobre vítima lamentosa, lacrimosa, “rola mansa”, escrava que “acaricia a ingrata paixão, que [lhe] furta a liberdade”. Everardo a acusa de trágica, frenética, digna de uma personagem shakespeariana, faltando-lhe apenas o punhal de Medeia. Ao fim desse primeiro ato, ela se transmuta em “ferra irritada”, enfrenta com uma força inesperada e, de um só golpe, sem que ele a possa impedir, crava um punhal no próprio peito, embebedando-se-lhe a roupa com seu sangue, que jorra no rosto dele. Tendo ouvido gritos de Everardo e murmúrios de Rosaura, Antônio, fiel escravo da suicida, socorre à cena, acudindo e arrancando o punhal da ferida. Everardo toma o cadáver aos ombros, indo escondê-lo no subterrâneo da casa. Quando volta “para lavar o sangue do tapete, já ali não estava o escravo nem o punhal”. Dias depois, marcha para Veneza, mas, antes de partir, entende que “cumpria legar aos vermes o corpo da [...] amante”. O rosto putrefato de Rosaura o fascina. Ele abre a cova e a enterra, cobrindo o corpo com ásperas camadas de terra. “Nos tripúdios do carnaval, [...] [deixando-se] vagabundear no meio do burburinho” pelas ruas de Veneza, depara-se com “um tentador dominó escarlata”. Sente-se encantado pelo mascarado com fatídico porte como o seu. Confuso e transido, interroga “De que procederia a comoção?”, e, sem encontrar respostas para sua inquietação, inquire, intimamente, “quem era o dominó escarlata? Homem ou mulher? A irrupção do dominó escarlata, que se identifica por Lorenzo del Giocondo, irmão desconhecido de Rosaura, traz à lume uma variedade de processos de composição insólita que intervêm na figuração dessa protagonista. No que envolve esses processos, merecem especial atenção a morte de Everardo, golpeado por Lorenzo del Giocondo com o mesmo punhal utilizado por Rosaura em seu suicídio, e o aparecimento inesperado de um narrador heterodiegético, que anuncia a morte de Everardo: “Embalde o chamam. Caíra de bruços sobre a mesa da taverna com o punhal de Rosaura atravessado na garganta”. O desfecho não resolve o enigma que surge com o dominó escarlata e se acentua até o assassinato de Everardo, deixando dúvidas sobre a identidade de Lorenzo e uma possível revivificação de Rosaura. Rosaura e Lorenzo são a mesma figura ?

Palavras-chave: Figuração de Personagens; Insólito Ficcional; Álvaro do Carvalho; O punhal de Rosaura

O INSÓLITO E A CRÍTICA SOCIAL EM “O LUME” E “MEMÓRIAS DE UMA FORÇA”, DE EÇA DE QUEIRÓS

Jean Carlos Carniel

Resumo: Num primeiro momento, pode ser estranho associar o nome de Eça de Queirós (1845-1900) à literatura fantástica e à ficção do insólito, uma vez que o autor português é canonicamente conhecido como um dos mais importantes escritores realistas do século XIX, e, por essa razão, a crítica tradicional tende a valorizar somente as suas obras realistas e naturalistas. Contudo, desde o início da carreira, com a publicação dos folhetins no jornal *Gazeta de Portugal*, até o fim da vida, a obra do autor de *Os Maias* dialoga fortemente com a literatura fantástica e com o insólito. É de nosso interesse o título *Prosas bárbaras* (1903), publicado postumamente, e que reúne os textos iniciais de Eça. Desta forma, nesta intervenção, propomos uma leitura de dois contos inseridos nessa obra, a saber, “O lume” e “Memórias de uma força”, objetivando analisar como Eça insere o insólito e o fantástico nas duas narrativas supracitadas. Os dois textos apresentam em comum personagens insólitos, como o fogo, em “O lume”, e uma força, em “Memórias de uma força”, que aparecem de forma humanizada. Trabalhamos com a hipótese de que a representação desses dois personagens seria uma forma de se fazer a crítica social.

Palavras-chave: insólito; fantástico; Eça de Queirós; *Prosas bárbaras*.

VESTÍGIOS DE UM DISCURSO FANTÁSTICO EM O HOMEM DUPLICADO, DE JOSÉ SARAMAGO

Rosângela Soares de Lima



Resumo: Apesar dos avanços da ciência, ainda existem muitos fenômenos que não foram compreendidos pelo homem do século XXI. Mitos e lendas continuam cercado a sociedade que hodiernamente convive com narrções que afloram do imaginário coletivo. Esses mitos, lendas e ficções “habituarão as pessoas, praticamente desde o momento do nascimento, a pensar de determinadas maneiras, a se comportar de acordo com certos padrões, a desejar certas coisas e a seguir certas regras” (HARARI, 2015, p. 171). Seja na família, na escola, no trabalho e em atividades cotidianas, o narrar se faz presente nas relações sociais. Contar, ver e ouvir histórias nos satisfaz, e quando elas são ricas em criaturas, lugares insólitos e situações incomuns, são ainda mais fascinantes, uma vez que através delas fugimos da realidade e/ou também passamos a ver essa realidade com outros olhos após conhecer alguns espaços imaginários que questionam o nosso real. Em razão disso, os estudos relacionados a produções do discurso fantástico ganham cada vez mais espaço e novas perspectivas, renovando interesses investigativos. Elabora-se, neste estudo, uma leitura de *O homem duplicado*, de José Saramago (2002), pela estética do fantástico, discutindo os sentidos possíveis dos elementos utilizados. Para isso, partimos das reflexões desenvolvidas em estudos de Arnaut (2008), Ceserani (2006) e Roas (2014). Nesse romance saramaguiano, a personagem Tertuliano Máximo Afonso (professor de história) se encontra em depressão após o término do casamento e leva uma vida rotineira. Sua vida segue sempre o mesmo ritmo: casa e trabalho. Às vezes recebe a visita de uma amiga, Maria da Paz, com a qual mantém um relacionamento pautado nos desejos corpóreos. Sua rotina muda após ser aconselhado por um amigo de trabalho a assistir ao filme (*Quem Porfia Mata Caça*) para relaxar um pouco do estresse do trabalho. Tertuliano segue o conselho do amigo e, quando assiste ao filme, vê que há um ator idêntico a ele; a partir desse fato, ele inicia uma busca doentia por seu “sósia”. Depois de muitas investigações, acaba conseguindo encontrar-se com seu duplo. Tal fato desencadeia o embate sobre quem é o original e quem é a cópia. Entende-se que, com a estética fantástica, Saramago aproxima o leitor de mundos ficcionais sem o distanciar da realidade. Com a inserção do insólito, o escritor amplia o referencial de leitura e abre um leque de sentidos implícitos para a narrativa que problematiza a vida do homem contemporâneo. Em termos de metodologia, focalizaram-se as ações e comportamentos das personagens centrais. O duplo e a sua relação com o fantástico é o principal desencadeador de passagens insólitas na narrativa. José Saramago nos convida a adentrar em uma história que se apresenta como parte de nossa realidade contemporânea, sendo, por meio da estética do fantástico o modo pelo se questiona o conceito de realidade.

Palavras-chave: José Saramago; Personagem; Duplo; Fantástico.

ARQUIPÉLAGOS DE UM PERSONAGEM

Ana Paula Silva

Resumo: Nos romances de António Lobo Antunes, emergem tempos diversos, nem sempre delineados claramente. Na medida em que os tempos vão “engordando”, num movimento circular, também se multiplicam os espaços, pois, na escrita ficcional antuniana, o tempo é memória, e a memória se dá a conhecer no espaço. Quando nos lembramos de uma acontecimento, a lembrança dele é sempre associada a um elemento espacial. Atentamos para a importância cada vez maior desses elementos nos romances de António Lobo Antunes, como lugares, construções, objetos, corpos, árvores, flores, entre outros, nos relatos dos personagens-narradores. O título *O arquipélago da insônia*, publicado em 2008, remete a uma configuração espacial significativa: um conjunto de elementos espaciais isolados, ilhas, num tempo de desconforto e angústia, que é o da insônia. Seguimos a perspectiva de Michel Foucault, para quem o espaço não é tomado apenas como cenário, equivalendo a uma representação estática, mas deve ser considerado num conjunto de relações que os sujeitos constroem com o mundo. O filósofo francês apresenta os conceitos de heterotopia, utopia e atopia a partir das relações e posicionamentos observados nos espaços. Este último conceito é complementar aos dois primeiros citados, apesar de a atopia ser mencionada em outros textos de Foucault. Algumas espacialidades poderiam ser lidas como figura de linguagem, como a chávena (xícara) usada



para se referir à avó do autista, ou mesmo as pessoas em retratos que segredam sobre os narradores ou lhes dão ordens. No entanto, consideramos o caráter insólito na linguagem do romance. Desse modo, procuramos mostrar, nesta comunicação, como a espacialidade constitui-se numa via de leitura de *O arquipélago da insônia*, discutindo as relações que o personagem autista, principal narrador, constrói com o mundo em alguns espaços do romance.

Palavras-chave: António Lobo Antunes; espaço; *O arquipélago da insônia*

A CRONOTOPIA DA FRONTEIRA ENTRE VIDA E MORTE EM A DESUMANIZAÇÃO DE VALTER HUGO MÃE

Marisa Martins Gama-Khalil

Resumo: A comunicação tem como proposta de base o estudo de uma cronotopia que se constitui por meio de procedimentos metaempíricos: a fronteira entre vida e morte. Mikhail Bakhtin define a noção de cronotopia como a conjunção fundamental entre tempo e espaço na literatura, conjunção essa que incide sobre os efeitos de sentido do texto. O filósofo russo explica que se apropria do termo da teoria da relatividade não de forma literal, mas adequando-o à crítica literária e acrescenta que o mesmo funcionará “quase como uma metáfora” para expressar a indissolubilidade entre espaço e tempo. Interessa-me enfatizar esse caráter metafórico que o cronotopo abarca, na medida em que não há cronotopo sem as analogias multidimensionais que a metáfora desencadeia. O cronotopo, pela sua constituição que abarca o espaço relativo e a quadridimensionalidade, irrompe por meio de formas e acontecimentos que se constroem não de forma estática e unificada, mas sempre em processo. O caráter metafórico e multidimensional do cronotopo será ilustrado com o romance *A desumanização*, de Valter Hugo Mãe, que narra a história de duas irmãs gêmeas que são tão semelhantes a ponto de não se separarem mesmo após a morte de uma delas. A existência da irmã-morta na irmã-viva, desenhada de forma poética, plantea a mescla entre um corpo sem lugar e fora do tempo e um corpo que habita uma espacialidade e uma temporalidade definidas. Em seu estudo específico do cronotopo, Bakhtin considera preferencialmente imagens espaciais e temporais sem vinculá-las tão diretamente às personas ficcionais. São, por exemplo, a estrada, o castelo, a sala, o corredor. Podemos pensar que essa perspectiva estaria implícita às suas formulações. Mas, se o homem/personagem está no centro (direta ou indiretamente) da proposição cronotópica, a partir de que mirante devo olhar? Do corpo, do seu corpo que é histórico e materializa seu tempo. Partirei preferencialmente do corpo das personagens - a viva e a morta - na literatura fantástica para formular as implicações cronotópicas que fazem com que esse corpo se torne insólito. Nessa direção de formulações, trago, além da noção de cronotopo bakhtiniana, algumas noções de Michel Foucault vinculadas ao espaço e ao corpo: heterotopia, a utopia e a atopia. Entre as utopias, heterotopias e atopias constroem-se as cronotopias, porque estas consideram o corpo do homem/personagem como um espaço de encontros e desencontros, de junções e disjunções entre espaço e tempo. Demonstrarei, por meio da narrativa de Valter Hugo Mãe, de que forma a cronotopia vida/morte pode atuar no processo de construção da ambientação na literatura fantástica, sendo responsável por efeitos tão comuns a essa literatura e apontados por alguns teóricos, como a hesitação (Tzvetan Todorov), a incerteza (Irene Bessière) ou o insólito (Lenira Marques Covizzi).

Palavras-chave: cronotopia; atopia; metaempírico

17/07 (TARDE)

ESPIAR PARA DENTRO: EM BUSCA DA TERRA DE TATIPIRUN

Lilliân Alves Borges

Resumo: Alice fecha os olhos e vai atrás de um coelho, que usa um colete e um relógio de bolso, e chega no País das Maravilhas; Dorothy, em *O mágico de Oz*, também fecha os olhos, adormece profundamente e quando acorda está no País dos Munchkins. Narizinho, de Monteiro Lobato, sente os olhos pesados de sono e vai parar no Reino das Águas Claras. Seguindo o mesmo caminho fantástico, Raimundo, em *A terra dos meninos pelados*, de Graciliano Ramos,



também fecha os olhos: primeiro, o direito e depois o esquerdo. Ao ver tudo escuro se encaminha para a terra que sempre habitou os seus sonhos: Tatipirun. Em Tatipirun, tudo é possível: animas e plantas falam, todos são educados, o tempo é agradável: não é frio, nem calor. Tatipirun é o espaço do utópico, conforme preconiza Michel Foucault em seu ensaio *Outros Espaços*. Esses espaços refletem uma sociedade aperfeiçoada, mas são essencialmente irreais. O que Lewis Carroll, passando por L. Frank Baum, Monteiro Lobato, Graciliano Ramos e posteriormente, nos anos 70 e 80, por meio das autoras Lygia Bojunga com seu livro *Corda Bamba* e Ana Maria Machado com a narrativa *O menino que espiava pra dentro*, vislumbraram em suas narrativas é que tanto as crianças quanto os adultos estão sempre espiando para dentro de si mesmos. Espiar para dentro não é uma forma de fuga da realidade, e sim, uma forma de, partindo-se de uma necessidade do mundo prosaico, ser capaz de reelaborá-lo, ressignificá-lo e assim, aprender a lidar com as situações do mundo real. Desse modo, a imersão no espaço do insólito é um modo como essas personagens encontraram para refletir sobre suas vidas e si mesmas. E é nessa reflexão e reelaboração que elas acabam compreendendo que o ato de espiar para dentro faz parte do cotidiano de todas as pessoas e, portanto, imprescindível para a construção das suas identidades, como podemos observar com Raimundo, o protagonista, de *A terra dos meninos pelados* - a principal narrativa de nossa análise -, pois após suas aventuras em Tatipirun, Raimundo resolve retornar ao mundo real - Cambacará - por conta própria. O protagonista até infere a possibilidade de retornar ao mundo utópico, mas é uma incerteza. A certeza que Raimundo possui é a de que ele agora aceita sua diferença, sabe lidar com ela e, com isso, está mais fortalecido para resistir às futuras intempéries. Em vista disso e partindo do percurso proposto acima, pretendemos demonstrar como o caráter imaginoso, assim como designa Jesualdo Sosa, em seu livro *A literatura infantil*, é essencial na construção de uma literatura infantil.

Palavras-chave: Literatura infantil; Graciliano Ramos; Imaginação.

ENTRE NINFAS E CENTAUROS: UMA LEITURA DA OBRA *A ESPADA E O NOVELO* Andréia de Oliveira Alencar Iguma

Resumo: A narrativa *A espada e o novelo* (2009), escrita por Dionísio Jacob integra nosso corpus de pesquisa de doutoramento que está sendo orientada pela Profa. Dra. Marisa Martins Gama-Khalil (UFU), no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – UFU. A obra tem como cenário a ilha menor do arquiplélago do mar Mediterrâneo, e como protagonista, o velho Laodemo “cuja idade se estimava em mais de quatrocentos anos” (JACOB, 2009, p. 8), nesse ponto, já temos o primeiro indício insólito da narrativa, uma vez que a soma dos seus anos não causava espanto, pelo contrário, a idade estava associada a sua sabedoria que se materializava em sua notável capacidade de contar histórias. Após um diagnóstico médico de que sua vida se aproximava do fim, embarcações de diferentes lugares começaram a ancorar no porto trazendo dezenas de pessoas que almejavam se despedir da figura lendária, porém, uma melhora repentina acontece, permitindo que o velho homem permaneça por mais um tempo contando suas histórias que são sempre povoadas de Ninfas, Centauros, e tantos outros deuses presentes na mitologia. Porém, a medida que as histórias são narradas, as personagens mitológicas começam a povoar não somente o mundo imaginário, mas também o real. Nesse momento, trazemos à baila a pesquisadora Jackeline Held (1980, p. 28), ao pontuar que “a obra fantástica, assim como qualquer outro gênero literário, encontra sua fonte numa experiência cotidiana, com personagens conhecidos, acontecimentos vividos”, exatamente o que o leitor encontra ao imergir na escrita de Jacob. A partir das considerações tecidas, destacamos que para este trabalho nos interessa pensar como as manifestações insólitas contribuem com a construção social de um determinado grupo que ao ter contato com figuras mitológicas são capazes de questionar a ordem preestabelecida da sociedade, ademais, nos é caro a relação entre a personagem protagonista, o velho Laodemo, e seu neto, figura jovem que possui profunda admiração pelo avô. Nesse prisma, a narrativa propicia uma importante reflexão acerca da figura social do idoso construída como ex-cêntrica, em uma sociedade que descarta as pessoas a

partir da sua não produtividade rentável e a não valorização da sabedoria como importante elemento na construção humana.

Palavras-chave: Literatura Fantática; Mitos; Velhice

BRANCA DOS MORTOS E OS SETE ZUMBIS: A PRESENÇA DO FANTÁSTICO, DO MARAVILHOSO E DA INTERTEXTUALIDADE NOS CONTOS DE FÁBIO YABU

Júlio Cezar Pereira de Assis

Resumo: A literatura brasileira, em grande parte de sua formação, se viu estruturada a partir de dois alicerces: a busca incessante de seus autores pela representação de uma identidade nacional (em que autores como José de Alencar, Gonçalves Dias, Lima Barreto, Mário de Andrade, entre outros, chegavam a fazer dessa discussão sobre a brasilidade e a cor local uma missão) e uma obsessão por narrativas de natureza realista, como uma forma de estudo quase sociológica dos problemas do país. Com isso, o fantástico como manifestação artística em terras brasileiras ficou relegado a um segundo plano (ainda que possamos encontrar na nossa historiografia grandes nomes como Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Guimarães Rosa se aventurando com alguns poucos textos pelo gênero), e, para piorar, sendo praticamente ignorado durante muito tempo pelo meio acadêmico. Com o advento da internet e a passagem do século XX para o XXI, novos autores surgem e despontam nos meios digitais (gerando um interesse por parte de grandes editoras e do público), ousando, espontaneamente, romper com a tradição da literatura realista de nosso país. Anjos, demônios, vampiros, zumbis, lobisomens, bruxas, figuras até então inexistentes em nossa produção escrita começam a povoar as páginas das obras de escritores como André Vianco, Eduardo Spohr, Enéias Tavares, Oscar Nestari, Fábio Yabu, entre outros. A fim de valorizar as novas manifestações literárias brasileiras da contemporaneidade e explorar os mecanismos de estudo das várias vertentes do fantástico (gênero e modo), a presente comunicação objetiva analisar alguns contos da coletânea Branca dos Mortos e os sete zumbis [e outros contos macabros](2012), de Fábio Yabu, a partir de dois elementos: 1 – discorrer sobre a presença do fantástico e do maravilhoso na construção das narrativas do livro e a maneira como o autor faz uso desses conceitos (à luz das teorias de Todorov, Roas, Bessière, entre outros) para compor uma releitura dos contos de fadas clássicos (Grimm, Perrault e Andersen) e ressignificar seus elementos estruturais (o papel das princesas, das madrastas e das bruxas, a lição de moral e o final feliz), atualizando-as para a contemporaneidade; 2 – elencar na obra a presença de traços de intertextualidade (a partir de Kristeva, ao retomar o conceito de dialogismo bakhtiniano), sendo esse recurso uma forma de expressão artística única e enriquecedora, proporcionando ao autor a oportunidade de fazer um mosaico de referências tanto do universo da literatura de horror (Poe, Lovecraft e Gaiman) quanto dos já mencionados contos de fadas. O estudo dos contos de Yabu, no contexto acadêmico, se faz necessário como instrumento de entendimento do mercado literário atual e uma rica possibilidade de reflexão sobre os procedimentos narrativos e recursos estilísticos dessa literatura da contemporaneidade, que impressiona pela capacidade de explorar novos gêneros, mostrando-se relevante e original, sem desrespeitar o cânone.

Palavras-chave: maravilhoso; fantástico; intertextualidade; conto; yabu

INTERTEXTUALIDADE: A CIGARRA (SURDA) E AS FORMIGAS

Helen Cristine Alves Rocha

Resumo: Além da vasta produção dos contos e fábulas clássicos da literatura da qual podemos fruir nos dias de hoje, há aquela vista como minoria, marginal, que não tem uma tradição secular, mas que surgiu há algumas décadas: a literatura surda. Esta tem uma tradição que se aproxima de culturas que transmitem suas histórias oral e presencialmente, como versa Lodenir Karnopp (2008). Para situar o que estamos propondo, vamos visitar a clássica fábula de Esopo, “A cigarra e as formigas” (2013), e privilegiar também a literatura surda contemporânea com a obra A cigarra surda e as formigas (2004) de Carmem Oliveira e Jaqueline Boldo. Nosso objetivo para este trabalho é analisar a relação intertextual entre essas obras e averiguar os



sentidos que cada uma pode designar dentro do contexto em que está inserida. Constatamos que tanto os contos como as fábulas podem revelar características da cultura a qual pertencem e são marcados pela vasta difusão oral, o que dificulta a sua identificação. Ao lermos *A Cigarra Surda* e as *Formigas* lembramos dos resquícios que permaneceram quando líamos a fábula de Esopo e, como aponta Sarlo (2005), é com esses resquícios que reconstruímos experiências de leitura. Ademais, fundamentando-se em conceitos de Bakhtin, Julia Kristeva (1974) cunhou o conceito de intertextualidade, para o qual todo texto é transformação e absorção de um outro texto. Essa fábula apresenta traços comuns com outra porque quando lemos ativamos lembranças, relacionamos saberes, recordamos como lemos, criamos outros sentidos diferentes dos que tivemos na primeira leitura. Estamos em contato com as fábulas desde crianças, então reconstruímos experiências de leituras ativando lembranças. Além disso, pretendemos trabalhar as obras selecionadas a partir da noção de maravilhoso. O maravilhoso é característica cine qua non do conto de fadas e de narrativas fabulares. Sem ele, a narrativa estaria dentro de outro gênero literário e perderia totalmente sua validade e encantamento. Outrossim, a ambientação de cada uma das obras que elencamos como o corpus deste trabalho e os objetos utilizados por seus protagonistas são de suma importância para uma análise mais detalhada das obras, uma vez que encerram significados relacionados com a cultura ouvinte e com a cultura surda e, por isso, proporcionam leituras e riquezas diferentes para cada uma das obras. Portanto, dentre os espaços ficcionais elencados como objetos desta pesquisa, elegemos os objetos mágicos que aparecem como o centro da narração e se configuram como seu tema principal: o lugar plurissignificativo e o caminho de outros espaços: um livro, um relógio; uma árvore.

Palavras-chave: Intertextualidade; Objeto mágico; Literatura surda.

“ELES ESTÃO POR AÍ”. NÓS TAMBÉM

Marcus Vinícius Lessa de Lima

Resumo: O romance gráfico brasileiro “Eles estão por aí”, assinado por Bianca Pinheiro e Greg Stella, narra a viagem de duas criaturas rumo a um lugar desconhecido, sendo uma humanoide e bípede, e a outra semelhante a uma lesma encimada por um olho ciclópico. Ao longo de sua trajetória, observaremos a configuração de uma paisagem inóspita e desértica, habitada por inúmeros seres, dotados de formas, linguagens e comportamentos os mais diversos. Evidentemente, nos encontramos na dimensão da ficção do maravilhoso, na qual o pacto estabelecido entre leitor e texto não prevê que os elementos do último encontrem um horizonte de verificação de sua plausibilidade no pretenso mundo “real” de nossa experiência. Em consonância a essa observação, é possível ler na descrição contida na contracapa do romance, que ele “é um convite para uma viagem insólita, sem rumo definido e nem regras claras” (PINHEIRO; STELLA, 2018). Contudo, nesse mesmo paratexto, leremos que “ora reconhecemos” o cenário dessa narrativa, “e ora [ele] parece pertencer a outra realidade” (PINHEIRO; STELLA, 2018), flutuação que de fato se evidenciará ao longo da leitura. Ao mesmo tempo, portanto, que é destacada a fragilidade de referenciais reconhecíveis desse mundo ficcional, resíduos de seu caráter parasitário em relação à realidade extraficcional (ECO, 1994) emergirão ora e outra. Esses resíduos se evidenciam, a princípio, na forma humanoide de algumas das criaturas apresentadas. Entretanto, a analogia com a vida humana não se limitará à similitude física. A esfera da linguagem também estará presente, seja por meio de uma língua reconhecível ou não, seja por meio da gestualidade comunicativa, ou ainda por meio da representação plástica, praticada por uma das criaturas do romance, que se vale do espaço como superfície de inscrição para um imenso padrão geométrico. Além disso, vários hábitos e modalidades de habitação do espaço serão reconhecíveis nos modos de vida das criaturas: a atividade de colecionar e acumular; a construção de habitações que opõe o interior habitável ao exterior; a intervenção arquitetônica no espaço; a utilização do transporte náutico; e, englobando todas as demais, a constituição de agrupamentos sociais. Também merece destaque os assuntos sobre os quais as criaturas dialogam, perpassando temáticas demasiadamente humanas: o espanto diante do mundo onírico, a impotência perante do poder, a ausência de sentido da



existência, a distância intransponível entre os seres, a busca pela solidão, o desprendimento ascético, entre outros. Tendo em vista o exposto acima, pretendemos analisar em nosso trabalho a flutuação que a ficção do maravilhoso, particularmente no romance gráfico "Eles estão por aí", realiza entre o que é reconhecível e sedimentado em nossa percepção e relação com os mundos ficcionais, e o que é novo, inusitado, insólito e, portanto, dotado de potencial transgressor e atualizador.

Palavras-chave: Romance gráfico; Maravilhoso; Mundos Ficcionais

18/07 (MANHÃ)

ANÁLISE DO INSÓLITO, DA SOLIDÃO E DA CRISE DE IDENTIDADE EM DOZE CONTOS PEREGRINOS DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

Camilla Guedes Tiburcio Pazim

Resumo: Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado ainda em andamento cuja proposta é analisar alguns contos da obra "Doze contos peregrinos" (2014) do autor colombiano Gabriel García Márquez. Os contos foram escritos durante o período de crescimento e solidificação das ditaduras militares na América Latina e narram as coisas estranhas e fora do comum que acontecem aos latino-americanos na Europa, transmitem o sufocamento, a solidão e o exílio dos peregrinos, sujeitos deslocados de sua terra natal, mas que não perdem uma espécie de essência cultural, ontológica e social que os caracteriza como latino-americanos, ainda que sofram tensões, conflitos e reacomodações em suas identidades. A característica essencial da figura do peregrino é que ela vem acompanhada da solidão que os grandes deslocamentos, geográficos, políticos e culturais, impõem aos sujeitos. Assim, os contos narram histórias de personagens deslocados de sua terra natal, mas que não perdem uma espécie de essência cultural, ontológica e social que os caracteriza como latino-americanos, ainda que sofram tensões, conflitos e reacomodações em suas identidades. Em "Doze contos peregrinos" é através de acontecimentos insólitos que, primeiramente, manifestam-se de forma sutil, mas vão ganhando outros contornos, tornam-se acontecimentos que perturbam a cotidianidade e revelam aos personagens algo sobre eles mesmos. Estamos diante de personagens deslocados não só de seu espaço geográfico natural, mas também social e cultural, que são acometidos pelo insólito, presenciam a inverossimilhança na trama das narrativas. García Márquez utiliza-se do encantamento perante os fatos insólitos, leitor e narrador não se espantam, amedrontam ou hesitam perante as inverossimilhanças, ao contrário, essa percepção é mostrada como um componente da realidade, em que os personagens são agraciados, iluminados com desacomodações que à primeira vista os desaloja, mas depois amplia, altera suas identidades. Segundo Stuart Hall, a identidade se torna uma questão somente quando está em crise, sujeitos estáveis e coerentes não se modificam, não precisam lidar com contradições e mudanças, mas quando há dúvida e incerteza, o sujeito é forçado a se recompor diante da nova estrutura em que se insere, despertando identidades diferentes em momentos diferentes, o deslocamento desarticula, abala, ao mesmo tempo em que reconstitui, renova e possibilita novas articulações (HALL, 2014). Analisa-se assim, nesta comunicação, alguns contos da obra estudada: "Assombrações de agosto", "A santa" e "O rastro do teu sangue na neve". Estabelecendo a relação entre os acontecimentos insólitos peculiares em cada um dos contos e a desacomodação identitária dos personagens conversam com o contexto histórico em que a obra foi escrita, ou seja, os vínculos entre literatura e sociedade, entre as características de formação e composição das narrativas e a solidão e o abafamento político vividos durante décadas no continente latino-americano.

Palavras-chave: Realismo Maravilhoso; Identidade; Gabriel García Márquez

O CORPO DESCOMUNAL NO CONTO "O AFOGADO MAIS BONITO DO MUNDO", DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

George Lima dos Santos



Resumo: A presente pesquisa se enquadra no conjunto de estudos que procuram entender os temas que traduzem uma fenomenologia metaempírica na literatura, isto é, nos estudos que investigam os temas que manifestam a irrupção do fantástico, do insólito, do maravilhoso, do estranho, do improvável, do inadmissível etc. Assim sendo, analisamos aqui a manifestação de um corpo afogado no conto “O afogado mais bonito do mundo”, escrito por Gabriel Garcia Márquez (2006), procurando entender de que modo esse corpo ganha visibilidade no espaço da obra. Esta nossa pretensão analítica se justifica por entendermos que, embora de natureza insólita, a manifestação metaempírica do fenômeno literário analisado não pode acontecer de qualquer forma, mas proporcional e casualmente de acordo com um dado momento no contexto composto por ações específicas e por um espaço da ordem reconhecida da obra. Sendo confundido inicialmente com qualquer coisa que pareça ser da ordem natural do mar (barco ou baleia), o afogado dado a ver pelo conto de Garcia Márquez apresenta uma morfologia corporal descomunal que, embora sua forma permita supor que fosse um cadáver de um ser humano, subverte a textura epidérmica, o peso, o tamanho e o rosto de um humano qualquer, causando estranhamento. Além disso, o modo como os integrantes do povoado daquela costa se relacionam com o afogado parece acentuar sua natureza insólita: os meninos brincam com o cadáver encontrado, o alarme que fazem quando o encontram, e a admiração e a compaixão sentida pelas mulheres ao suporem não só um corpo extremamente alto, viril e “bem servido”, mas, também, muito infeliz, desvalido, manso e serviçal por causa de sua natureza. Isso sem contar com essas compaixão e admiração que, por fim, assolam todos os membros desse povoado a ponto de lhe fazerem funerais esplêndidos, darem-lhe pais e outros parentes, reconhecer no afogado desconhecido um nome (Estêvão) e tomá-lo como símbolo daquele povoado. Sem sombra de dúvida, “O afogado mais bonito do mundo” dá a ver um corpo descomunal que, paradoxalmente, parece não obedecer a uma “vontade de verdade” (FOUCAULT, 2010), indo de encontro com a ordem do espaço em que aparece, corroendo-o, metamorfoseando-o e tornando-o um outro. Para esta investigação, utilizaremos como suporte teórico-metodológico as teorizações sobre o metaempírico desenvolvidas por Filipe Furtado (1980; 2019) em torno da literatura, e as proposições sobre o corpo e suas nuances desenvolvidas tanto por Jean-Jacques Courtine (2013) quanto por Michel Foucault (2013) dentro do quadro de estudos contemporâneos.

Palavras-chave: Corpo Descomunal; Metaempírico; O afogado mais bonito do Mundo; Gabriel García Márquez

O INSÓLITO, O SÓRDIDO, O NEFASTO, O PATÉTICO E FULMINANTE NO COTIDIANO QUASE FANTÁSTICO DE TOCHTLI, O NARRADOR DE FESTA NO COVIL DE JUAN PABLO VILLALOBOS

Hiolene de Jesus Moraes Oliveira Champloni

Resumo: Em atenção às premissas do Simpósio, no que se refere à abrangência dos estudos da ficção fantástica, é que pretendo desenvolver uma comunicação, cujo objetivo é discutir um dos mais devastadores fenômenos sociais da contemporaneidade, o submundo do narcotráfico. Em Festa no Covil, do autor mexicano Juan Pablo Villalobos, o narrador Tochtli, um menino de apenas oito de idade, narra o seu cotidiano repleto de situações inusitadas, beirando às narrativas de Mil e uma noites, que sob a ótica de Tochtli é um *modus vivendis* compatível com a sua condição de filho de um poderoso homem de negócios. Entretanto, o que o menino não sabe, é que todas as situações que vivencia fazem parte de um esquema de segurança de um bando de facínoras, do qual ele involuntariamente faz parte. Tais ações são capazes de camuflar as verdadeiras atividades que se desenvolvem naquele ambiente luxuoso denominado de palácio situado no meio do deserto. Para a referida comunicação, farei a devida adequação da narrativa de Villalobos aos termos do fantástico modal que, de acordo com Filipe Furtado no E-dicionário de termos literários de Carlos Ceia, abrange não apenas as manifestações consideradas sobrenaturais, mas também aquelas que podem parecer insólitas e assustadoras. Dessa forma, o modo fantástico abrange a maioria do domínio literário e artístico que, para Furtado, “longe de



se pretender realista recusa-se a atribuir qualquer prioridade a uma representação puramente mimética do mundo objetivo". É nessa condição que coloco o cotidiano de Tochtli o solitário, o rico herdeiro de um império e habitante de um "palácio", que na sua inocência nem tanto pura, ainda não consegue discernir o perigo e as situações inusitadas que tem vivenciado ao longo de sua tenra existência. Vale ressaltar que palácio é a metáfora utilizada pelo autor para descrever o covil onde a trama se desenrola. O universo tochtliano é composto de jardim zoológico particular, preceptor, coleção de chapéus e quimonos, jardineiros surdos mudos, quartos de armas, almoços e jantares com autoridades políticas, modelos internacionais que visitam seu pai, tudo isso em contexto que lhe é apresentado como normal, excluindo toda e qualquer justificativa para um menino que muitas vezes faz parte dessas reuniões, em que quase nada lhe é escondido, exceto as verdadeiras atividades do bando. Para o embasamento teórico dessas reflexões e de outras que surgirão ao longo da pesquisa, que sob o viés do fantástico, por sua abrangência aos fenômenos sócio culturais, serão utilizadas as proposições teóricas dos expoentes dessa corrente literária tais como: David Roas, Remo Ceserani, Tzvetan Todorov, Filipe Furtado, Rosalba Campra, Irene Bessi re, assim como dos pesquisadores brasileiros Flávio Garcia, Marisa Kalil e Maria Cristina Batalha.

Palavras-chave: Palavras-chave Fantástico; Festa no Covil; Insólito; Tochtli; Yolcaut.

VÍTIMAS E MONSTROS SUBVERTIDOS: A CONSTRUÇÃO DO INSÓLITO EM CONTOS DE AMPARO DÁVILA

Ana Lúcia Trevisan

Resumo: O trabalho estuda as estratégias de construção do insólito nos contos "El huesped", "La se orita Julia" e "La celda" da escritora mexicana Amparo Dávila a fim de revelar os sentidos imanentes às ambiguidades constitutivas das personagens femininas. Os contos elaboram de forma cuidadosa a atmosfera própria ao gênero fantástico, sendo possível identificar algumas correspondências com a narrativa fantástica tradicional, analisada por T. Todorov em Introdução à literatura fantástica (1970) e Filipe Furtado em A construção do fantástico na narrativa (1980). Na narrativa observa-se como a construção da hesitação e da ambiguidade, que permeiam a ação dos personagens, estabelecem os meandros da tensão narrativa, intensificada pela cronologia dos acontecimentos e pela composição dos espaços. Nos contos revelam-se vozes femininas que, sobrepujadas por discursos autoritários, se redefinem quando confrontadas com o evento insólito. O monstro, remodelado em diferentes imagens, invade os espaços femininos e a busca pela sua destruição reverbera em impensadas subversões das personagens inicialmente emolduradas como vítimas. O insólito, percebido como possibilidade de "metáfora epistemológica", tal qual define Jaime Alazraki, se potencializa por meio da contraposição de imagens que amalgamam as representações do monstro e da vítima, deflagrando uma reflexão sobre estruturas sociais, tanto silenciadoras, como opressoras. Nas entrelinhas dos contos, assinala-se que em meio aos infindáveis mundos criados pelo insólito ficcional, impõem-se os dramas humanos, traduzidos em suas muitas faces, em diferentes contextos, em desejos conflituosos, em proibições amedrontadoras. O sentimento paradoxal de atração e repulsa, que orienta os encontros entre a vítima e o monstro, denota de maneira bastante singular a ambivalência de sujeitos históricos dispares, dissociados de uma composição monossignificativa. As personagens femininas, ainda que vencidas pelas muitas nuances do medo, revelam-se também como imagens de possíveis exterminadores ou vingadores, porém, ao mesmo tempo, se ressignificam, insinuando a possibilidade de que são elas próprias os alvos secretos de suas ações aniquiladoras. As estratégias narrativas utilizadas na construção dos efeitos do fantástico reafirmam, de maneira singular, a perfeita adequação entre forma e conteúdo, formulada num bin mio indissociável, capaz de aprisionar o leitor, vítima cativa das ambiguidades textuais. Nas análises propostas neste trabalho, os estudos teóricos de Rosalba Campra e David Roas sobre a narrativa fantástica conduzem renovadas possibilidades de interpretação das imagens do insólito ficcional e são utilizados para orientar uma reflexão crítica a respeito das identidades femininas, ao mesmo tempo silenciadas e transgressoras.

Palavras-chave: fantástico; conto mexicano; identidade

18/07 (TARDE)

O FANTÁSTICO COMO LÓCUS DE TRANSGRESSÃO

Claudia Fay de Macedo Espinola

Resumo: Partindo da constatação de David Roas de que a literatura fantástica é dotada de um potencial transgressor, uma vez que questiona nossa noção de realidade, verdade e de todos os valores nelas ancorados, a presente comunicação tem como objetivo proporcionar uma leitura crítica do personagem Ambrosio da obra gótica *The Monk* (1796) de Matthew Lewis. Busca-se demonstrar como a irrupção do insólito na narrativa através do tema do demoníaco presta-se para legitimar a subversão de interditos sociais por parte do protagonista, quebrando seus votos de castidade e entregando-se à luxúria tão condenada pela Igreja. Encontra-se, assim, em um estado de espírito de angústia e total desfamiliarização, sem ter mais verdades em que se ancorar e duvidando até mesmo de quem ele seja: fiel? pecador? homem? santo? bom? mal? Além disto, a literatura fantástica autoriza-se a externalizar críticas àquilo sobre o que a censura recai com mão de ferro, visto emergir de uma realidade com suas próprias leis e engrenagens, sobreposta à dimensão do real aristotélico. Abordam na obra críticas à moral cristã através da voz do elemento demoníaco, para quem as regras monásticas não fazem sentido.

Palavras-chave: Gótico, demoníaco, moral cristã, modernidade

ASPECTOS DO INSÓLITO E DO GROTESCO NO ROMANCE WISE BLOOD, DE FLANNERY O'CONNOR

Débora Balliello Barcala

Resumo: A presente comunicação tem por objetivo oferecer uma análise do romance *Wise Blood* (1952), de Flannery O'Connor sob a perspectiva do grotesco. O foco principal da análise são os protagonistas Hazel Motes e Enoch Emery, suas ações insólitas e suas motivações. Para isso, nos baseamos principalmente nos trabalhos de Bakhtin (2013), Kayser (2013) e Freud (2006), sobre o grotesco e o estranho. Hazel é uma personagem atormentada pelas pregações religiosas da família materna que decide se rebelar fazendo tudo o que era considerado pecado pela religião cristã e fundando o que chama de "Igreja Sem Cristo". Ele tenta se afastar de seu destino de profeta, porém tudo o que leva a se afastar do mundo material até sua decisão de cegar-se (como Édipo) numa forma de castração para sua vida material e isolamento em sua própria espiritualidade. Já Enoch Emery é um rapaz recém-chegado à cidade grande que trabalha no zoológico, porém antagoniza os animais durante toda a narrativa: sua ambição é insultar um gorila. Ao tentar fazê-lo, porém, Enoch percebe que o gorila era na realidade um ser humano fantasiado e decide roubar sua fantasia fugindo para a floresta. Os dois protagonistas se cruzam (Enoch rouba, inclusive, uma múmia de um museu para ser o novo "Jesus" da "Igreja Sem Cristo" de Hazel), mas seguem trajetórias diferentes: enquanto um se isola do mundo instintivo e animalesco, buscando contato com sua espiritualidade, o outro abandona o mundo civilizado e se lança ao selvagem. O romance é, portanto, uma discussão sobre os limites (ou a ausência deles) entre o civilizado e o selvagem, entre o humano e o animal, entre o artificial e o natural e suas relações com a cidade grande, onde se passa a narrativa; um ambiente moderno e hostil às personagens. Dessa forma, a análise das trajetórias de Hazel Motes e Enoch Emery contribui para a compreensão do papel do insólito e do grotesco na estética da autora, já que *Wise Blood* foi seu primeiro romance.

Palavras-chave: Flannery O'Connor; grotesco; *Wise Blood*

A FLORESTA, RELAÇÕES DE SABER-PODER E AS MEMÓRIAS EM "O DOADOR DE MEMÓRIAS"

Lea Evangelista Persicano

Resumo: Nesta comunicação, nosso objetivo é refletir acerca da floresta em três volumes da obra "O doador de memórias" (volume um), "A escolhida" (volume dois), "O mensageiro"



(volume três), seja enquanto espaço proibido para uma sociedade utópica onde tudo parece funcionar perfeitamente (MORE, 2009), como lugar ambivalente de aparência tranquila / serena para alguns e possuidor de feras / angústias para outros (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2018), assim como personagem (hostil) a partir de uma Feira de Negócios (elemento desestruturante) em que se barganhava até a alma. O olhar que se tem (se permite ter) ou não para a floresta, a nosso ver, baseia-se em relações de saber-poder (FOUCAULT, 1988, 2006, 2009), pelas quais se tenta conduzir os indivíduos para uma exploração máxima de suas habilidades por um governo totalitário, que acredita tudo conduzir, tudo controlar. Nesse contexto, percebemos o fantástico como modo discursivo (BESSIÈRE, 2001; FURTADO, 2011) perpassando a tessitura do texto ficcional em análise, em que elementos reais, imaginários, (in) comuns, (in) esperados se misturam, permitindo multiplicidade de perspectiva e construções de elementos como a floresta em irrupções insólitas, bem como ações divergentes / insurgentes de indivíduos (personagens) antes alheios a práticas de governança ou iludidos com a condução dos corpos e das mentes a eles apresentados nas sociedades utópicas de que faziam parte, em uma estreita relação com os espaços / personagens que os constituem e são por eles constituídos. Supomos que tanto as modificações sofridas pela floresta e as propiciadas por ela estão interligadas com as posturas divergentes / insurgentes dos indivíduos (personagens) escolhidos, com dons especiais, que têm acesso a memórias proibidas aos outros membros das sociedades, pois as memórias representam perigo à harmonia propalada pela casta dos anciões-chefes, que exerciam controle da maioria pela falta de memórias. Os escolhidos, pelos seus talentos, ficavam isolados dos demais e obtiveram o poder de ver além. As memórias são acionadas, por exemplo, pelo toque das mãos do ancião-doador no jovem-recebedor Jonas (com a conotação de uma transfusão, diferentemente do compartilhamento tradicional das memórias via oralidade), por outro jovem (Thomas) no processo de entalhe de um cajado mágico, de uma jovem (Kira) na arte de bordar uma túnica que fora bordada pela mãe e de acompanhar / vislumbrar a história do povoado por aquela roupa (objeto). Sendo assim, também os objetos são entendidos como espacialidades e propiciam convivência de tempos distintos na obra em análise, permitindo aos personagens transitarem entre mundos díspares e dispersos (GAMA-KHALIL, 2012). A metodologia adotada é de revisão bibliográfica e a análise proposta é literário-discursiva.

Palavras-chave: Espaços ficcionais; Personagens; Relações de saber-poder; Memórias.

O INSÓLITO LITERÁRIO E OS OBJETOS MÁGICOS PRESENTES EM OS CONTOS DE BEADLE, O BARDO

Tamira Fernandes Pimenta

Resumo: Os contos de Beedle, o Bardo, é uma obra composta de cinco narrativas que contém um caráter mágico ao ser um compilado de histórias que segundo seu narrador são contadas desde a antiguidade e permeiam o imaginário infantil, fazendo parte da vivência dos jovens bruxos e bruxas alunos de Hogwarts assim como os nossos conhecidos contos de fadas. A ambientação fantástica movida e evidenciada por “objetos mágicos” que surgem ao longo das narrativas, é composta por personagens que possuem poderes extraordinários além de algumas notas explicativas relacionadas a Alvo Dumbledore após cada um dos contos o que forma uma rede de significações carregadas de uma aura fantástica que permeia e entrecruza o texto. O presente trabalho busca traçar um diálogo entre o insólito literário, a ambientação fantástica e os objetos mágicos presentes na narrativa Os contos de Beedle, o bardo (2008) de J.K. Rowling, em especial na análise de O conto dos três irmãos, Um caldeirão saltitante e Babbitty, a Coelho, e seu Toco Gargalhante. Em O conto dos três irmãos observa-se como a escolha dos objetos e os poderes advindos dos mesmos causam uma ruptura com o real, levando o leitor a um ambiente fantástico em que situações insólitas acontecem em decorrência de uma pedra que ressuscita pessoas, a varinha mágica que vence todos os duelos para o dono e a capa da invisibilidade que protegia seu usuário das armadilhas da morte. Nesse sentido, tais objetos não são vistos apenas em relação a sua funcionalidade, uso, mas com funções que desencadeiam os elementos metaempíricos presentes na narrativa. Compreendemos então, que a narrativa fantástica está



para além do que é explicado, como na composição do livro de J.K.Rowling, que nos apresenta figuras tão surreais como a de um bruxo e o seu caldeirão saltitante, três bruxas e um cavaleiro que vivem grandes aventuras em busca de uma poderosa magia que jorrava de uma fonte da sorte, um mago que possui um coração peludo, a coelha Babbitty com seu toco gargalhante bem como os três irmãos e suas aventuras com os objetos mágicos. Desse modo, o trabalho será lastreado pelo exame das teorias da representação postuladas por Michel Foucault, os estudos relacionados ao insólito ficcional como pressupostos os estudos de Flavio Garcia, Bruno Anselmi Matangrano, Enéas Tavares e as questões que evocam o estudo dos objetos mágicos e a irrupção do fantástico serão contemplados pelos estudos de Marisa Martins Gama- Kahlil.

Palavras-chave: insólito ficcional; tempos paralelos, espacialidades insólitas

OS ESPAÇOS DE CONFINAMENTO NAS OBRAS DE SAMUEL BECKETT E MAURA LOPES CANÇADO: GEOMETRIAS DA LOUCURA

Cristiana Silva Mendes Cangussú

Resumo: O presente trabalho pretende analisar os contos O despovoador, de Samuel Beckett e sua peça televisiva Quad I+II e os contos Espiral ascendente e No quadrado de Joana da escritora Maura Lopes Cançado. A investigação consistirá na leitura crítica dos espaços circulares em O despovoador e Espiral ascendente e dos espaços quadráticos em Quad I+II e No quadrado de Joana e de como essas figuras geométricas de confinamento irão contribuir para a loucura dos personagens. A preocupação com a representação na arte sempre esteve presente tanto na crítica quanto nas obras de Beckett. Sua busca pelo mínimo expressivo retrata o seu interesse por uma arte que, tendo referência no real busca sua transposição através da discussão do papel do sujeito fragmentado, o qual será analisado no conto O despovoador de 1970 e na peça televisiva Quad 1+11 de 1981. No conto, o enredo ocorre no confinamento de um cilindro onde cerca de 200 pessoas, inseridas em um lugar extremamente lúgubre, erram a procura do que se chama despovoador. Na peça televisiva, quatro atores vestidos com um longo capuz com os rostos escondidos, percorrem respectivamente, o perímetro de um quadrado, sem nunca se encontrarem, vacilarem ou chegarem ao centro do quadrado. Por sua tensão interna, esta valsa do esgotamento, representa o distanciamento da memória e da razão, existindo segundo Deleuze, como uma “imagem ilógica, amnésica e quase afásica” (2010). Já a escrita de Maura, traz na marca autobiográfica da esquizofrenia, o locus familiar à loucura: o hospício. As doenças da autora e a vivência como interna, deram a ela matéria viva para escrever sobre um espaço que evoca o enclausuramento físico e mental. O quadrado de Joana foi uma homenagem à sua colega que percorria o perímetro quadrático do pátio na busca de eliminar o traços curvilíneos de humanidade (e sanidade) que ainda lhe restavam. Em Espiral ascendente, a autora narra em primeira pessoa, um episódio onde tenta suicídio numa cachoeira, unindo-o com o que aconteceu quando é socorrida e levada de volta à clínica. O conto tem explícita intertextualidade com a peça Hamlet de Shakespeare e respaldo na biografia de Maura, que representava Ofélia no grupo teatral do manicômio. Sua escrita recriará sua vida, que se baseia na arte: tudo num giro vertiginoso ao sabor torpe de Sonifene, medicação para controlar seus ataques virulentos de loucura. O simbolismo do círculo pode ser entendido como uma representação da totalidade dos aspectos da psique do sujeito e de sua relação com o mundo externo e as pessoas. Mais particularmente, o símbolo da espiral seria esse círculo mental em projeção infinda. A espiral ascendente é uma vertigem circular de um indivíduo sem referentes, na busca perene não sabe do quê: eis o estado alguém resgatado tentando – até que ponto? recobrar à vida consciente, lavada na shakespeariana performance por atenção. Desse modo, aproximamos círculos e quadrados beckettianos e cançadianos, vendo nestes espaços literários um campo para a reflexão crítica dos liames da razão sob corpos e pensamentos confinados.

Palavras-chave: Beckett; Maura Lopes Cançado; Espaço Literário; Loucura.



43 - GÊNERO, CORPO E VIOLÊNCIA: REPRESENTAÇÕES DA MULHER NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Coordenação: Profa. Dra. Cynthia Agra de Brito Neves (UNICAMP); Profa. Dra. Fernanda Valim Côrtes Miguel (UFVJM)

Resumo: Quem são os sujeitos da ciência nas universidades e como constroem seus métodos, objetos e espaços de circulação de saberes e de pesquisas? A quem servem esses conhecimentos e com quais propósitos eles se articulam? Essas questões mais amplas se aproximam da desconfiança recente na suposta objetividade científica dominante e de interesses mais específicos no campo dos estudos literários contemporâneos ao sustentarmos que as configurações estéticas das obras de arte não estão dissociadas de uma formação ética das formas de vida. Defendemos que os textos literários podem “motivar empatias por parte do leitor para situações importantes em termos éticos” (Ginzburg, 2013, p. 24). Nosso interesse parte então de um questionamento sobre como a mulher vem sendo discursivamente representada ou autorepresentada na literatura brasileira contemporânea e como essas representações muitas vezes nos revelam temáticas da violência. Como são narradas as violências de gênero? Como reconhecer o silenciamento histórico das vozes de escritoras ao longo de nossa tradição literária canônica? Pode a literatura contemporânea denunciar essas violências? A proposta deste simpósio surge como espaço constrangido de privilégios que experimentamos na academia, mas igualmente como espaço para intervenção política possível e urgente, como reconhece Heloisa Buarque de Hollanda (2018), no desejo de enfrentar os retrocessos de nosso momento atual, explicitados recentemente em depoimentos públicos de políticos, como o famoso: “menino veste azul e menina veste rosa” – para ficarmos apenas com um dos exemplos controversos. Compartilhamos da formulação de Hannah Arendt (2006) ao afirmar que “sem diálogo não há política” e do seu posicionamento diante da tese da diferença entre culpa e responsabilidade. Segundo a filósofa, o lugar do privilégio não pode se afastar da responsabilidade de agir, mesmo quando este lugar de agenciamento político não se sente culpado pelas situações em que se manifestam as desigualdades. O conservadorismo autoritário atual ameaça os debates em torno das questões de gênero e feminismo, e isso não pode passar despercebido. As discussões feministas têm avançado no campo acadêmico nas últimas décadas, muito em função das lutas e articulações dos movimentos sociais em várias partes do mundo. O nosso empoderamento recente parece dialogar com os caminhos historicamente trilhados e com um exame crítico sobre os limites dos avanços dessas discussões em amplas esferas. bell hooks (2000) argumenta que o feminismo não é propriamente um movimento pela igualdade, mas uma luta contra a opressão e contra a violência. A autora reconhece que as opressões não estão confinadas ao sexismo, elas se expressam em outros locais, como nas relações de classe, no racismo e no heterossexismo. Nancy Fraser (2006), em seu último livro, nos oferece um panorama interessante em que coloca em perspectiva as sucessivas ondas feministas e suas principais demandas, desde as lutas iniciais em nome da justiça econômica – como a redistribuição de papéis sociais e a remuneração no trabalho – até as demandas mais atuais – como o reconhecimento das diferenças na igualdade e da igualdade na diferença, em que a noção de gênero é recolocada sobretudo como construção cultural e historicamente constituída, afastando-se das heranças dualistas, essencialistas e heteronormativas. Nesta última década, assistimos ao crescimento da demanda pela justiça política, na qual a noção de “lugar de fala” e o poder da linguagem são tomados como plano central das agendas e dos debates, o que aponta para o fim da mediação discursiva e contesta a divisão excludente dos acessos da mulher aos espaços políticos. Discussões como as de Gayatri Spivak (1988); Judith Butler (1990), Regina Dalcastagnè (2012); Dijamila Ribeiro (2017) e Borges (2016) são importantes para pensarmos os modos como a literatura tem sido usada para recalcar manifestações culturais, orais e escritas, de grupos culturalmente marginalizados e politicamente reprimidos. Acreditamos ainda que a linguagem poética, ao desestabilizar os lugares fixos e hegemônicos tradicionais, ultrapassa as contradições sociais e aponta para novas perspectivas de mudanças possíveis, tal

como o modismo dos *slams*. Nesse sentido é que a poesia pode ser uma arma política, seja como espaço de memória, seja como resistência – ou reexistência, no neologismo de Souza (2011). Por fim, compreendemos a violência de gênero a partir de uma perspectiva histórica, (re)produzida por seres humanos em condições concretas e situadas, marcada pelo patriarcalismo, a base mais primária dos valores culturais que sustentam nossos saberes ocidentais e que precisam ser amplamente debatidos, assim como qualquer compreensão universalista de juízo de valor. Este simpósio busca, portanto, reunir trabalhos e pesquisas de diferentes reflexões críticas e teóricas interessadas nos debates aqui pontuados, sobretudo nos modos como as mulheres vêm sendo representadas ou autorepresentadas na literatura brasileira contemporânea. Interessa-nos as imagens estéticas das violências de gênero, como são construídas, quais os impactos delas nos modos de constituição das personagens, nas narrativas e nas poesias. A ideia é criar novas cartografias desses corpos femininos, baseadas em uma política capaz de deslocar as bases da racionalidade ocidental, as perspectivas eurocêtricas, os binarismos assimétricos e essencialistas.

Referências:

- ARENDT, Hannah. *O que é política?* Trad. Reinaldo Guarany. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- BORGES, Rosane da Silva. *Esboço de um tempo presente*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar, 16 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura Brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Horizonte / Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012.
- FRAZER, Nancy. *Fortunes of Feminism: From State-Managed Capitalism to Neoliberal Crisis*. Brooklyn: Verso Books, 2006.
- GINZBURG, Jaime. *Literatura, violência e melancolia*. Campinas: Autores Associados, 2013.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque. *Explosão feminista*. São Paulo: Cia das Letras, 2018.
- HOOKS, bell. *Feminist Theory: From Margin to Center*. Second Edition. London: Pluto Press, 2000.
- RIBEIRO, Dijamila. *O que é lugar de fala?* Letramento, 2017.
- _____. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip-hop*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores, XLVI).
- _____. *Cultura e valor*. Trad. Jorge Mendes. Lisboa: Edições 70, 2000.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

O CORPO COMO TERRITÓRIO DE MEMÓRIA EM PONCIÁ VICÊNCIO

Fernanda Valim Côrtes Miguel

Resumo: O propósito desta comunicação é apresentar uma leitura crítica do romance Ponciá Vicêncio (2003), de Conceição Evaristo, mostrando como é construída, pela linguagem, a relação entre memória, corpo e violência. O romance descreve a trajetória de Ponciá Vicêncio desde sua infância até a idade adulta, revelando, com intensa força poética, suas percepções de mundo, seus sonhos e desencantos, suas relações afetivas e seus envolvimento familiares. Seu sobrenome, “lâmina afiada a torturar-lhe o corpo” inscreve a herança perversa da escravidão. O romance nos encaminha para os sinuosos processos de lembrar e de esquecer. O esforço do resgate da memória conduz a protagonista a um autoconhecimento doloroso e necessário. Cada



lembrança é trabalhada por ela “como alguém que precisasse recuperar a primeira veste, para nunca mais se sentir desesperadamente nua” (EVARISTO, 2003). Em nossa análise, procuramos apontar para: 1. o modo como o narrador cria uma visão empática em reação à personagem protagonista e sua história de vida; 2. modo como a violência social e de gênero nos é apresentada; 3. o modo como a voz narrativa constrói uma relação fragmentária e não linear entre passado e presente, suspendendo acontecimentos, repetindo intencionalmente certas frases, interrompendo e recuperando a trajetória da protagonista; 4. O modo como o romance discute a questão identitária e a herança cultural e; 5. a relação que podemos estabelecer entre a narrativa e nosso passado de escravidão, que apontaria para possibilidades de reflexão sobre nossa própria história. A relação estabelecida entre memória e espaço físico na sociedade brasileira tem sido amplamente tensionada por historiadores e escritores. Existe um esforço persistente das classes dominantes e dos discursos hegemônicos na imposição de um esquecimento propositivo e do apagamento das memórias dos povos historicamente dominados na tentativa de que esta história não possa ser narrada, ressignificada e transformada em instrumento de resistência. Uma guerra desta natureza não se contenta com a destruição do presente e o comprometimento do futuro: também deve aniquilar o passado, temendo a ameaça de que ele retorne ainda com maior força (GAMBOA, 2005). Mas o que acontece quando esses territórios de memórias passam a ser vistos não apenas como espaços físicos, carregados de marcas simbólicas? Nesta comunicação, partimos do reconhecimento da existência de uma memória corporificada: com o corpo todo conhecemos o que as coisas são (WITTGENSTEIN, 1953). O corpo seria uma “fronteira variável”, uma instância politicamente regulada, uma prática significativa dentro de um campo cultural de hierarquia de gênero, regida por normas heteronormativas (BUTLER, 2018). O corpo seria ainda cenário de uma inscrição cultural, “superfície inscrita pelos acontecimentos” e impressa por uma história, entendida a partir do modelo de “civilização” de Freud, ou seja, como destruição dos corpos e como repressão dos desejos (FOUCAULT, 1977). Os corpos negros – o corpo da mulher negra – em nossa sociedade, têm sofrido tentativas históricas de apagamento de suas memórias ancestrais, desde nosso período colonial. No Brasil, o corpo negro persiste como o maior monumento vivo a partir do qual a história pode ser contada.

Palavras-chave: gênero; memória; violência.

INSUBMISSÃO E (RE) EXISTÊNCIA EM CORPOS DILACERADOS: UMA LEITURA DA DORORIDADE EM TRÊS CONTOS CONTEMPORÂNEOS DE AUTORIA DE MULHERES NEGRAS

Dênis Moura de Quadros

Resumo: Ao falarmos de uma literatura produzida por mulheres negras não podemos ignorar os atravessamentos que compõem as suas escritas: gênero e raça. Além disso, sua representação na literatura brasileira oscila em três estereótipos: o corpo sexualizado da “mulata”, o corpo marginalizado da empregada doméstica e o corpo docilizado da mucama, ama de leite, segundo Lélia González (1984). Jurema Werneck já nos adianta que: “A mulher negra tem muitas formas de estar no mundo (...) mas um contexto desfavorável, um cenário de discriminações, as estatísticas que demonstram pobreza, baixa escolaridade, subempregos, violações de direitos humanos, traduzem histórias de dor.” (WERNECK, 2016, p. 13). Assim, Vilma Piedade (2017) cunha uma nova perspectiva filosófica que intersecciona a dor de, pelo menos, duas opressões: gênero e raça e reelabora o conceito de sororidade transformando-o em Dororidade sem anular o conceito feminista, pois, como afirma Piedade (2017): “contém as sombras, o vazio, a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo Racismo. E essa Dor é Preta” (PIEADADE, 2017, p. 16). Além disso, o conceito de literatura afrofeminina, cunhado por Ana Rita Santiago (2012) nos serve como base teórica para pensar essa produção literária e seus atravessamentos e autorrepresentação na busca de dessilenciar suas vozes autorais e os estereótipos que insistem em subalternizá-las. Os contos escolhidos para análise comparativa da autorrepresentação do corpo feminino negro dilacerado frente ao poder de fala/escrita insubmisso da



autorrepresentação são: “Nkala: um relato de bravura” (2016) de Cristiane Sobral que relata a resistência de uma princesa africana do reino do Congo que, escravizada e trazida para o Brasil, é brutalmente assassinada pelo algoz; “A guria do Alegrete” (1991) de Helena do Sul que narra a apropriação do corpo feminino negro e sua sexualização; e “Maria” (2016) de Conceição Evaristo que narra o linchamento de Maria no ônibus em que retornava para a casa e o encontro fatídico com seu ex-marido e pai de seu primogênito que acaba assaltando os passageiros. A violência e as violações fazem parte das narrativas de autoria de mulheres negras, ao se autorrepresentarem evocam suas realidades a partir de artifícios narrativos concebidos como “ferocidade poética”, termo cunhado por Franciane Conceição da Silva (2018) em sua tese de doutorado, que acentua e “corta” mais profundamente os leitores de suas narrativas, incomodando, fazendo sangrar e acordando os brancos de seus sonos injustos.

Palavras-chave: Literatura afrofeminina; ancestralidade; Dororidade; Ferocidade poética.

CANTOS DO MUNDO: O PESO E A LEVEZA DA VOZ NA PROSA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Maria da Aparecida Pires

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo refletir sobre as implicações estéticas e políticas da articulação entre diferentes dimensões da voz na prosa de Conceição Evaristo. A emergência da voz como uma categoria de análise, na contemporaneidade, deriva da irrupção de seu protagonismo na vida política, seja na sua dimensão discursiva, como lugar de fala; seja na sua dimensão material, por meio das performances poéticas. É nesse sentido que buscaremos pensar o romance Ponciá Vicêncio (2003) e os contos coligidos em Olhos d’Água (2014). Ambas as obras são marcadas pela presença de vozes que expõem as consequências da condição histórica de submissão socioeconômica e cultural às quais a população negra e feminina fora relegada no Brasil; vozes enunciadas pelos narradores, pelas instâncias discursivas (direto, indireto e indireto-livre), pelos cantos dos personagens lançados para os cantos do mundo. No entanto, a escrita de Evaristo parece temperar o peso da realidade com a transfiguração por meio da metáfora, a aspereza do discurso com a suavidade da prosódia textual. É dentro dessa perspectiva que nos perguntamos: que sentidos são produzidos por essa escrita que parece estar no limiar entre o peso e a leveza? Que configurações retóricas articulam as dimensões ética e musical da sua escrita? Quais são as implicações políticas e estéticas desse gesto? Que lugar a sua escrita ocupa na literatura contemporânea brasileira? A fim de refletirmos sobre essas questões, nos valeremos das contribuições teóricas de diversos autores, como Stuart Hall (2003), Homi Bhabha (2015), Zilá Bernd (1988), Ítalo Calvino (1990), Mladen Dolar (2006), Gayatri Spivak (2010) e Djamila Ribeiro (2017), entre outros.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; Voz; Política; Estética.

MEMÓRIA E VIOLÊNCIA INSCRITAS NO CORPO LITERÁRIO DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Bruna Stéphane Oliveira Mendes da Silva

Resumo: Desde o lugar de silenciadas da história, a escrita das mulheres, durante muito tempo, não teve voz. O que vem se modificando a partir da literatura produzida por nossas contemporâneas. Há muito, portanto, temos observado o crescimento de um vasto campo de discussões sobre as mais diversas questões relacionadas a escrita de autoria feminina. Tema este que por seu destaque relativamente recente oferece ainda várias possibilidades de estudo. Assim, dada a importância e a urgência do assunto, este trabalho se propõe a enveredar-se pelos caminhos da escrita de mulheres, abordando alguns importantes aspectos ainda pouco estudados. Pretende-se analisar as marcas da violência e de sua rememoração, a partir dos relatos das personagens dos contos de Insubmissas lágrimas de mulheres (2016), da escritora belo-horizontina Conceição Evaristo. A autora é uma mulher negra, de origem periférica que, nas palavras de Constância Lima Duarte, desenvolve em sua obra “agudas releituras da violência, expondo sem melindres personagens-chagas do cotidiano feminino” (2010, p. 229). A



partir dos conceitos de Auto ficção, discutido por autores como Jacques Rancière e Eurídice Figueiredo; Memória e Trauma, sob a ótica de autores como Aleida Assmann, Jeanne Marie Gagnebin e Márcio Seligmann-Silva; Violência, pela perspectiva de Jaime Ginzburg; Patriarcado, por Heleiete Saffioti; entre outros; pretende-se analisar quais são e sobre quais perspectivas se constroem as identidades femininas nos contos, como a estratégia narrativa adotada impacta na tessitura de experiências individuais e coletivas destas mulheres, além de como a violência está representada e de que forma se desenvolve sua rememoração, observando ainda qual a influência de fatores étnicos e de classe nas narrativas. Compreendendo que a perspectiva a partir da qual estas narrativas partem influencia em sua construção, esperamos identificar uma linguagem realmente feminina, finalmente emancipada do masculino universal ao qual muitas de nossas escritoras têm estado, até os dias atuais, atadas. A partir da linguagem adequada, acreditamos, portanto, que será possível identificar nestes relatos conexões entre violência e relações de poder, passando diretamente pelo corpo. Além disso, acreditamos que a classe social e o pertencimento étnico das personagens, assim como da própria autora, devam influenciar em sua escrita, traduzidas em personagens cuja existência no mundo e as peculiaridades que nele enfrentam coincidam com essas características tão particulares.

Palavras-chave: Gênero; Corpo; violência; memória; auto ficção.

VERSOS INSURGENTES CONTRA O SILENCIAMENTO: A REPRESENTAÇÃO HEROICA DAS MULHERES NEGRAS NO CORDEL DE JARID ARRAES

Ângela da Silva Gomes Poz

Resumo: O silenciamento das minorias, especialmente das mulheres, na literatura brasileira, nos conteúdos escolares e midiáticos, e em todo espaço de poder, é uma das faces da violência que moldou a História do Brasil, desde a chegada dos portugueses, em 1500. Se as desigualdades de gênero vitimam as mulheres brancas por todo esse percurso, muito mais atingem as mulheres negras, que, numa perspectiva interseccional, sofrem suas consequências duplamente, sob o jugo do machismo e do racismo. No entanto, são essas mulheres que, compondo o povo africano aqui escravizado e sendo força motriz de sua (re)produção, constituem as bases para a resistência histórico-cultural do povo brasileiro, mesmo diante das violações de seus corpos, de sua memória, de sua identidade. São elas que, não obstante a tentativa estrutural de desumanização, mais preservam a ancestralidade, o elo entre o ontem e o hoje, as raízes e as estruturas plurais de nossa sociedade. É esse contexto que nos últimos anos vêm à tona nos estudos de pesquisadoras negras brasileiras, como Lélia Gonzales, Sueli Carneiro, Djamila Ribeiro, Joice Berth, Juliana Borges, entre outras, que ascendem no cenário acadêmico, propondo uma epistemologia negra, especialmente feminina, para os estudos acerca da representação dessa parte da humanidade silenciada ao longo dos séculos. Na literatura brasileira, essa abertura à possibilidade de fala do subalterno, nos termos de Spivak, vem a fortalecer-se excepcionalmente com Carolina Maria de Jesus e na obra de Conceição Evaristo, que ganha maior visibilidade há poucos anos, mesmo já sendo produzida há décadas. Inserindo-se nessa porta que se abre e consolidando em nossas letras a insurreição contra o emudecimento das mulheres negras, a jovem escritora, cordelista e poeta Jarid Arraes rompe as fronteiras do preconceito e torna-se mulher pioneira na literatura de cordel, com mais de sessenta títulos nesse gênero, incluindo o livro que constitui a base deste estudo – “Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis” (2017), no qual apresenta, com versos contundentes, a biografia heroica de mulheres negras até então praticamente excluídas de nossas letras. Analisaremos aqui os variados recursos de composição da obra, relevante por várias razões, que, juntas, atraem e envolvem o leitor, cujo olhar sobre fatos históricos poderá ser redirecionado, inclusive no meio educacional, como reivindica a autora. Tendo também publicado o romance “As lendas de Dandara” (2015) e o livro de poemas “Um buraco com meu nome” (2018), Jarid Arraes afirma-se como uma das vozes mais potentes de nossa literatura contemporânea, especialmente no que tange à representação das mulheres negras que fizeram e fazem a História do Brasil. Em “Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis”, Arraes utiliza a linguagem tipicamente brasileira



do cordel para descortinar o cenário real do violento silenciamento imposto às mulheres negras no passado e ainda hoje, quando as mesmas figuram nas estatísticas como maior número entre os marginalizados e vulneráveis numa sociedade de classes, excludente e injusta, que – aludindo à autora - precisa logo (re)conhecer as heroínas do passado e do presente, que tornam o futuro possível.

Palavras-chave: Mulheres negras; Silenciamento; Cordel; Jarid Arraes.

16/07 (TARDE)

DE MUSA INSPIRADORA À MUSA CRIADORA: AS PRODUÇÕES POÉTICAS DOS SLAMS DAS MINAS

Cynthia Agra de Brito Neves

Resumo: No tocante às produções poéticas, as mulheres têm tomado a cena nas batalhas de poesias oral e performática denominadas de slams. Esses campeonatos de poesia falada (spoken word) se espalharam pelo Brasil nos últimos dez anos e, dentre eles, merece destaque o “Slam das Minas”, que estreou em Brasília-DF, em 2015. A versão chegou a São Paulo em 2016, pela iniciativa da poeta Luz Ribeiro. A partir daí os “Slams das Minas” (ou Monas, ou Manas ou Monstras, variação autorizada pelas poetisas) viralizaram: Rio Grande do Sul (2016), Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Pernambuco (2017). A iniciativa surgiu porque as poetisas notaram que, de modo geral, tinham pouca visibilidade nos slams e quase nunca chegavam às finais dos campeonatos. Decidiram então fundar um slam do feminismo – e não necessariamente feminista – para que pudessem versificar sobre temas que lhes são urgentes. Trata-se de uma nova poesia escrita por mulheres jovens, negras, lésbicas, trans, da periferia, ativistas políticas, participantes de coletivos, que estão ligadas a manifestações feministas e LGBTQIS. Essa seria a “quarta onda feminista” (HOLLANDA, 2018), fortemente marcada por uma nova geração política. São poetisas, descreve Julia Klien (2018, p. 107), de “uma poesia diferente, que surpreende, que interpela, irrita, fala o que quer, fala o que sente, o que dói, e se faz ouvir em saraus, na web, nas ruas, enfim, onde sua palavra chega mais alto”. Seus poemas (ou “suas poetisas”) denunciam a violência contra a mulher, o estupro, o racismo, a homofobia, o feminicídio, o sexismo, o incesto, etc. Usam a linguagem poética como arma política: poesia de resistência – ou de reexistência (SOUZA, 2011) – o que só reforça a ideia de que a resistência faz parte do ser da poesia, que não há poesia ingênua, há poesia-resistência (BOSI, 2000). O Slam das Minas é o seu lugar de fala, no qual corpo e voz, em ato performático (ZUMTHOR, 2007), se fazem escutar. Esta comunicação busca dar vez e voz a essas produções poéticas contemporâneas em que as mulheres assumem o protagonismo tanto de musas inspiradoras quanto de musas criadoras para muitas vezes denunciarem a violência a que estão expostas cotidianamente. Suas poemas são, paradoxalmente, relatos de suas dores e de suas delícias, versos confessionais, subjetivos, íntimos, versos que empoderam as poetisas sem jamais vitimizá-las. Pretende-se, portanto, divulgar os Slams das Minas como “eventos poéticos” (RANNOU, 2010) que apontam para práticas de letramentos (STREET, 2012) revolucionárias na contemporaneidade.

Palavras-chave: slam; gênero; poesia falada

A VOZ DA MULHER COMPOSITORA NA HISTÓRIA DA MÚSICA BRASILEIRA

Christina Fuscaldo de Souza Melo

Resumo: A composição pode ser o espaço de imersão intimamente ligada ao viver. Quando se trata de mulheres que criam, reforçando assuntos femininos ou cantando temas que as colocam no mesmo nível dos homens, a música assume o compromisso de fazer política, ultrapassando as fronteiras de gêneros e mostrando que o subalterno pode falar em um mercado dominado por um conservadorismo machista. Essa pesquisa investiga a história das cantoras-compositoras do Brasil através de pesquisas e entrevistas. Parte-se da expressão “cantautora”, utilizada para designar esse tipo de artista na maioria dos países de língua latina, mas não no Brasil. Todos os estilos musicais tem suas representantes, da marcha ao rock, passando pelo samba, bossa nova e



música sertaneja. O objetivo é reiterar a faceta autora de cantoras consagradas e esclarecer a multiplicidade dessas artistas, além de mostrar a importância das “cantautoras” para a cultura brasileira. O Brasil tem 200 milhões de habitantes, com 6 milhões de mulheres a mais do que homens. No entanto, os números mostram que elas ainda estão sub representadas no mercado da música. Para suscitar uma reflexão no Dia Internacional da Mulher de 2018, a União Brasileira dos Compositores (UBC), a maior administradora de direitos autorais do país, que administra direitos também de músicos e intérpretes, lançou um relatório com um levantamento que revela disparidades entre mulheres e homens associados. A pesquisa mostrou que, dentre todos os associados (cantores, compositores, musicistas e produtores) que arrecadam direitos autorais, apenas 14% são mulheres. Os homens são 90% dos maiores arrecadadores e elas recebem, em média 28% a menos. A pesquisa procura analisar o papel da mulher que compõe canções em seus diferentes ângulos, na medida em que o objeto se descortina. Tal esforço de investigação pretende revelar aspectos pontuais da obra desse grupo de artistas marginalizado pelo mercado de meados do século XIX, mas que vem ganhando espaço, a passos lentos, desde meados do século XX, e merece destaque nas pesquisas de âmbito acadêmico. Para tanto, é preciso contextualizar a posição das agentes formadores desse movimento e como elas se tornaram sujeitos de sua própria criação e nomes de relevância no cenário cultural de cada época. De Chiquinha Gonzaga a Rita Lee, passando por Maysa, Dolores Duran e Joyce, todas essas “cantautoras” abriram os caminhos para as que vieram depois. Deslocar o pensamento sobre o feminino na música brasileira é mais do que pensar a mulher inserida em uma coletânea de canções. É refletir sobre o que pensam essas mulheres, quais são suas inspirações, o que as move em direção à composição e o que elas falaram e ainda querem falar que não foi dito pelos homens. Tendo como exemplo a história das mulheres citadas, este trabalho tem como objetivo iluminar o movimento de reivindicação do lugar de fala da mulher na música.

Palavras-chave: 1. Cantautoras; 2. Cantora e compositora; 5. Mulher na música; 5. Música Popular Brasileira

UMA DISCUSSÃO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES SURDAS NA LITERATURA SURDA

Thainã Miranda Oliveira

Resumo: Este trabalho foi apresentado com requisito final para aprovação na disciplina de Narrativas Contemporâneas, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins, Campus Porto Nacional. Ele procurou investigar como as manifestações literárias surdas, produzidas prioritariamente em Libras, Língua Brasileira de Sinais, representam a mulher surda a partir de questões organizadas em três tópicos: a) As temáticas das narrativas envolvem gênero, raça, opressões, feminismo e empoderamento da mulher surda, ou se limitam a conceituações sobre deficiência? b) As próprias mulheres surdas produzem narrativas sobre si? Existem artistas surdas? Como elas são representadas? c) Sobre a crítica literária, seria viável aplicar uma análise que explore aspectos sociais de opressão às mulheres no contexto da comunidade surda? Nesse sentido, para refletir sobre tais assertivas, o percurso escolhido retomou, a partir dos Estudos Culturais e Estudos Surdos, os conceitos de língua de sinais, cultura, comunidade e Literatura Surda. Em sequência, afinou seu olhar para as mulheres surdas e discutiu feminismo surdo, também embasado nos princípios de igualdade e diferença dos Estudos Culturais. Por fim, aproximou-se das manifestações literárias da comunidade surda e analisou, de forma geral, produções envolvendo mulheres surdas. Desse modo, os resultados encontrados demonstraram carências nas discussões de temáticas voltadas para o feminismo e empoderamento das mulheres surdas e uma inexpressiva quantidade de narrativas criadas e sinalizadas exclusivamente por elas.

Palavras-chave: Literatura Surda; Mulher Surda; Feminismo; Crítica Literária

A RE(A)PRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: LENDO UM COPO DE CÓLERA À LUZ DE DOM CASMURRO

Rafael Eisinger Guimarães

Resumo: A problematização e a revisão crítica da forma como a cultura patriarcal elabora e difunde a figuração do feminino, em especial nas narrativas de autoria masculina, têm consolidado sua presença no âmbito dos estudos literários acadêmicos desde as publicações de *A Room of One's Own*, por Virginia Woolf, em 1929, e de *Le Deuxième Sexe*, por Simone de Beauvoir, em 1949. Não obstante o inquestionável valor das reflexões posteriores acerca do conceito de *écriture féminine*, levados a cabo principalmente pelas teóricas francesas, as quais contribuíram para um profundo questionamento do critério de valor envolvido na elaboração de nossos cânones literários, o estudo das “imagens de mulher” encontra-se longe de perder a sua relevância como perspectiva de análise e crítica dentro do feminismo. Isso deve-se ao fato de que, somente a partir de tal estratégia de leitura, é possível revelar o sexismo impregnado na linguagem e na estrutura narrativa, o qual responsável não apenas pela perpetuação de visões estereotipadas do feminino como também, por conseguinte, pela manutenção de uma sistemática violência simbólica. Dentro dessa perspectiva, este trabalho pretende demonstrar como certos elementos constituintes do imaginário em torno da personagem Capitu, do romance *Dom Casmurro*, de 1899, são transpostos para a figura feminina apresentada na novela *Um copo de cólera*, escrita por Raduan Nassar em 1970, mas publicada somente oito anos mais tarde. Apesar do significativo distanciamento em termos de enredo e de contexto de produção, é possível verificar como essas duas narrativas, feitas por vozes homodiegéticas masculinas, convergem na construção de uma imagem depreciativa do feminino, a partir de um discurso carregado de marcas de violência de gênero, originado de um momento de crise e desequilíbrio vivido por esses narradores homens. Assim sendo, tomando como suporte teórico as reflexões de nomes como Luce Irigaray (2017), Lucía Guerra (2006), Pierre Bourdieu (2002), Ruth Silviano Brandão (2006), Sherry Ortner (1979), Simone de Beauvoir (2009) e Virginia Woolf (2007), dentre outros, é possível observar que a obra de Nassar se apropria e redimensiona a ideia de feminino materializada no texto de Machado, reproduzindo, quase um século depois, o mesmo discurso patriarcal opressor e violento que se verifica na obra *Oitocentista*.

Palavras-chave: Personagem feminina; Violência de gênero; Crítica feminista; *Dom Casmurro*; *Um copo de cólera*.

AS MULHERES DE ANTÔNIO: MITOS FEMININOS

Jaqueline Lupi Seabra da Silva

Resumo: Neste artigo propõe-se analisar a construção do romance *O livro de Praga: narrativas de amor e arte* (2011) de Sérgio Sant’Anna, tendo como pano de fundo a elaboração de personagens femininos nos estilos clássica, suicida, santa, boneca, sensual e sadomasoquista. A obra traz mulheres com perfis baseados em estereótipos, ou como diria Simone de Beauvoir (2016), mitos coletivos que visam resumir a mulher. A mulher clássica e excêntrica apresenta concertos de piano dentro de um famoso museu, a suicida – depois de uma noite de amor com o protagonista, joga-se no rio e dá fim a sua vida –, a santa feita de pedra entra na imaginação de Antônio (através do absinto e do ansiolítico ingeridos) transformando o contato em uma cena sensual, em que a pedra se torna carne; a santa, pecadora. A boneca Gertrudes afeta a sensualidade de Antônio fazendo com que o hotel se escandalize por ouvir os gemidos de uma garota; a mulher sensual e intocável traz o texto de Kafka tatuado no corpo e por fim, a Tenente Markova traz à tona uma mulher forte – publicamente falando, mas submissa entre os lençóis. Percebe-se que todas as figuras femininas são construídas tendo como base estereótipos, o que aponta para identidades femininas bem restritas: os próprios capítulos são construídos através da limitação da identidade feminina. Embora se perceba uma franca tentativa de falar das diferentes mulheres, o texto peca em apontar as mulheres como submissas e objetificadas. Em relação a sexualidade vivenciada entre “quatro paredes”, as mulheres, mesmo as com características mais fortes, são mostradas como submissas e passivas. A boneca Gertrudes traz uma ideia muito mais séria em relação às demais: o desejo sexual por meninas. Ao ser levada para o quarto, Gertrudes tem seu corpo descoberto pelo homem e mesmo na fantasia de se ter



uma bonequinha inanimada (como uma boneca inflável), a boneca remete-nos a infância, o que causa perplexidade frente ao mundo que cada vez mais combate a pedofilia. O romance apresenta várias cenas de experiências sexuais diferentes, como ter prazer através dos pés e das mãos, a sensação de ver o corpo nu de Jana com o texto de Kafka tatuado, o desejo pela santa de pedra e pela boneca, todas essas sensações demonstram uma sensualidade sem limites para a experimentação mas, no entanto, os desejos se enquadram em um relacionamento heterossexual (em relação a Antônio) e o relacionamento lésbico surge em uma divagação de Antônio, ainda dentro de uma sexualidade que responde aos desejos masculinos. Por um lado, o romance exalta as mulheres, trazendo-as como seres amados e importantes para o personagem, mas por outro, traz uma mensagem subliminar em que existem categorias estanques de mulheres e que no momento do ato sexual, elas se tornam objetos, passivas e submissas. Para finalizar, este trabalho se baseará em autores consagrados pelas Ciências Humanas como Judith Butler, Pierre Bourdieu, Simone de Beauvoir, Thomas Laqueur e Virginia Woolf dentre outros.

Palavras-chave: Coleção Amores Expressos; Mitos femininos; Personagens femininos.

17/07 (TARDE)

O SILÊNCIO DO CORPO E DO DISCURSO EM MEU MARIDO, DE LÍVIA GARCIA-ROZA

Hellyana Rocha e Silva e Leonice de Andrade Carvalho

Resumo: A literatura de autoria feminina no Brasil não é um acontecimento recente, todavia, o silenciamento ao qual foram acometidas as mulheres no decorrer dos séculos contribuiu para que as obras escritas por elas, diferentemente das obras masculinas, fossem, por muito tempo, apagadas das páginas da história literária. Diante dessas dificuldades, fazer-se escritora na contemporaneidade é ainda um exercício de subversão e enfrentamento de valores impostos e enraizados na sociedade, visto que, na reconfiguração da representação dos sujeitos e das subjetividades, a literatura se torna um importante dispositivo de desconstrução e reconstrução de identidades anteriormente obliteradas e/ou marginalizadas. Nesse sentido, vê-se comumente na literatura de autoria feminina contemporânea obras que fazem releitura da história, da cultura e da própria literatura, rompendo e subvertendo concepções tradicionais de representação e instaurando no universo ficcional novos paradigmas sobre os sujeitos e sobre as subjetividades, além de propor questionamentos acerca da condição de existência das mulheres e da dominação dos homens. As autoras têm evidenciando, portanto, a composição de personagens lançadas a uma busca conflitante de si mesmas e de suas identidades. Nesse viés, narrativas como as de Livia Garcia-Roza são fortes representantes da criação literária que faz emergir vozes femininas cuja missão é problematizar o silenciamento, a opressão, e a violência vivenciadas pelas mulheres nos mais diversos contextos. No que diz respeito à representação, Livia é conhecida pelos enredos psicológicos e o registro do cotidiano de mulheres em meio ao ambiente doméstico; destaca-se o cuidado da escritora com a representação não somente imagética, mas também do discurso que envolve suas personagens; seja o discurso masculino, percebido nas vozes de maridos, pais e filhos, ou a tentativa de discurso feminino por vezes silenciado. Sob essa perspectiva, o propósito deste trabalho é analisar a representação do silenciamento feminino no romance *Meu Marido* (2006), de Livia Garcia-Roza, observando de que forma a literatura escrita por mulheres articula suas rupturas ao representar identidades engendradas a partir das mais diversas formas de violência, bem como a construção de uma personagem feminina – corpo e discurso – em meio ao ambiente doméstico, vivenciando o silenciamento que o envolve, seja pelo espaço que pressupõe o silêncio, seja pelo matrimônio que age como forma de opressão. A análise fundamenta-se, pois, a partir de dois aspectos caros à compreensão da representação feminina: o discurso e o corpo. Observa-se, primeiramente, como a função do narrador implica na construção de um discurso silencioso e como os pormenores significativos da linguagem contribuem para a subjugação e apagamento da voz feminina; tudo isso sob à luz

dos estudos de Michelle Perrot (2003), Teresa de Lauretis (1994), Judith Butler (2003), entre outras feministas e discussões relacionados à literatura, violência, discurso e dominação.

Palavras-chave: autoria feminina; representação; corpo; discurso; silêncio.

MARIA LUCIA MEDEIROS: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA ENTRE CORPOS QUE FALAM E QUE CALAM

Paulo José Valente Barata

Resumo: Nesta comunicação propomos uma leitura de dois contos da autora paraense Maria Lucia Medeiros, a saber, “Velas. Por quem?” e “Chuvas e Trovoadas”, com o intuito de investigar como nessas narrativas privilegiam-se ações que expõem distintas formas de violência de gênero sofridas pelas suas respectivas protagonistas a fim de adequá-las a uma ordem social e corporal em função de um comportamento de gênero que seria o mais adequado, por serem meninas, segundo uma ordem compulsória. Assim, entendemos que, tal qual em uma Gramática Normativa, há uma prescrição, isto é, uma indicação prévia acerca dos locais por onde os corpos devem circular e o modo como se portar nesses espaços, ou seja, uma organização imposta, cultural, porém lida e mantida como se fosse natural, supostamente derivada da biologia, da vontade e da ação dos próprios corpos em questão. Para tanto, partimos da concepção de gênero, de Joan Scott (1990), para quem “gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação” (1990, p. 7), explicitando, deste modo, o papel das construções sociais nas relações entre os gêneros e na subordinação de um gênero sobre o outro. Nessa seara, a Literatura funciona como espaço privilegiado para que essas identidades socialmente reprimidas e marginalizadas, além de silenciadas, possam ser problematizadas. Consequentemente, serve a que essas identidades forçadas/forjadas no seio da sociedade por discursos produzidos sobre os corpos sejam desregularizadas e problematizadas como propõe ainda Butler (1990). Os referidos textos de Medeiros evidenciam, ao menos, duas questões que destacamos: 1) em “Chuvas e Trovoadas”, uma menina que goza de certos privilégios, em uma aula de corte e costura para que moças arrumem bons partidos se revolta e se opõe a tal situação de modo a levar a sua professora a se questionar se poderia “dizer que ‘menina tem parte com o diabo?’” (MEDEIROS, 2009, p. 154) e 2) em “Velas. Por quem?”, a narrativa de uma menina pobre do interior do Pará que vai à capital em busca de uma vida melhor, porém soube “logo que havia menino, que havia menina, um doutor e sua mulher a quem devia[s] servir, branca e alta mulher” (MEDEIROS, 2009, p. 87). Apesar das relevantes diferenças de classe que as separam, as duas meninas, assim como outras da poética da autora, sofrem por terem que desempenhar um papel supostamente adequado ao gênero feminino, o qual deveriam performatizar. Ao cotejar as duas narrativas em questão, percebemos que o modo de reação das personagens varia entre ceder e subverter, a depender da condição financeira que ocupam. Para esta leitura dos contos, utilizamos, além das referências aqui já citadas, os textos de DALCASTAGNÈ (2012), WOOLF (2014), RICH (2017), dentre outras.

Palavras-chave: Maria Lucia Medeiros; Crítica Feminista; Gênero; Violência simbólica; Corpo.

VIOLÊNCIA E REPRESSÃO SEXUAL EM SINFONIA EM BRANCO, DE ADRIANA LISBOA

Amanda Cordeiro Quintella

Resumo: Esta pesquisa investiga o contexto social e familiar das personagens Clarice, Maria Inês e Otacília, do livro *Sinfonia em Branco* (2013), da autora brasileira Adriana Lisboa, visando compreender quais estruturas sociais atuam na aceitação da violência de gênero e na repressão sexual e corporal dos sujeitos femininos da narrativa. As consequências resultantes das memórias de violência na construção da vida das personagens também são exploradas, bem como o processo de superação e convivência com essas memórias no decorrer da vida. Essas



ponderações são possíveis na obra, visto que as irmãs Clarice e Maria Inês vivenciam o estupro de uma delas, na infância, pelo pai e o silêncio da mãe, Otacília, perante o ato do marido. A hipótese é de que mecanismos ideológicos de controle sexual, que permanecem na sociedade liberal, permitem ocorrências como a violência sexual, principalmente no âmbito domiciliar, no qual as vítimas são majoritariamente menores de idade (Sistema de Informações de Agravos de Notificação do Ministério da Saúde, 2011). Para analisar tais estruturas ideológicas relativas à discriminação de gênero, é preciso, primeiramente, compreender a conexão entre gênero e ideologia, conforme explica Lauretis (1994). A autora, baseando-se na definição de ideologia de Althusser como relações imaginárias adquiridas pelos indivíduos que acabam constituídas como reais e aplicadas em suas vivências, também utiliza tal definição no entendimento de gênero como representações alicerçadas em construções sociais de diferença sexual. Diante disso, a questão abordada neste trabalho é de que tais estruturas ideológicas constituem uma ambientação social na qual, em diversos quesitos, as mulheres são oprimidas. Um desses quesitos é o desejo sexual e, conseqüentemente, o corpo, cujo controle é disseminado por diversas instituições como a Igreja, a Escola e a Família (BOURDIEU, 2017), esta última resultante do casamento, prática adotada através dos tempos. A iniciação sexual da mulher é, segundo Beauvoir (2016), geralmente realizada desde a infância, estabelecendo-se uma passividade. A destinação ao homem e essa passividade atribuída ao feminino é complementada pela divisão entre público e privado, da qual decorrem diversos problemas sociais, entre eles a violência e opressão domiciliar e as dificuldades de uma divisão sexual do trabalho, como conclui Biroli (2014). A mesma autora apresenta algumas críticas do feminismo ao liberalismo, no qual a liberdade que prevê consentimento voluntário, historicamente, não considerou o consentimento das mulheres, culminando na negação da violência doméstica e do estupro como uma prática social encorajada por aspectos culturais e ideológicos. Sendo assim, as personagens inseridas neste meio social, se silenciam diante da ocorrência, um silêncio também repleto de elementos culturais, elementos esses que estão presentes nas histórias das personagens, reprimindo-as, e que são elucidados no desenvolvimento da análise. A discussão de tais assuntos é extremamente importante para a desconstrução de estruturas há muito tempo existentes e que vêm sendo fortemente defendidas nos tempos atuais. Sobre elas, o feminismo permite mostrar uma outra visão, como indica Lauretis (1994), ao afirmar que os sujeitos do feminismo estão nos limites dos discursos hegemônicos, permitindo outros modos de entendimento e de deslocamento entre centro e margem.

Palavras-chave: violência sexual; repressão; personagens femininas; Adriana Lisboa

ADRIANA LISBOA, LYA LUFT E MARTHA BATALHA E A IMPORTÂNCIA DA SIMBOLIZAÇÃO DO TRAUMA

Giselle Leite Tavares Veiga

Resumo: Estabeleceremos nesta comunicação um inédito diálogo entre três romances brasileiros escritos por mulheres e produzidos nos últimos quarenta anos, a saber: *As parceiras* (1980), de Lya Luft; *Sinfonia em branco* (2001), de Adriana Lisboa, e *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016), de Martha Batalha. Procuraremos demonstrar como tais obras, ao encenar a busca por saídas e brechas após traumas vivenciados pelas personagens femininas, ocorridos justamente por serem mulheres, podem elucidar um movimento literário que vem emergindo no campo ficcional brasileiro. A respeito dos meios encontrados por essas mulheres ficcionais para resistirem e transporem as marcas, os traumas, as crises pelas quais são desafiadas a passar por conta da sua condição feminina observam-se ainda especificidades relevantes. Uma delas é o ato criativo que se torna o refúgio e um caminho possível nessa trajetória que almeja encontrar um respiro. Assim, muitas das personagens dos romances norteadores de nossas reflexões, acharão principalmente na escrita um caminho possível, uma “margem de manobra”. Usamos aqui o conceito da antropóloga francesa Michèle Petit que diz, no livro *A arte de ler ou como resistir à adversidade* (2009), que a “margem de manobra” é uma “associação entre a abertura de um outro espaço, que rompe com a situação em que se encontra

[a pessoa, ou, no nosso caso, a personagem em crise], e [o surgimento de] uma nova oportunidade de uma atividade psíquica e de uma palavra, a volta do movimento de um tempo que parecia congelado” (PETIT, 2009, p. 75). Ou seja, ao serem executadas, essas margens de manobra transformam a realidade presente, proporcionando, assim, o fluxo e o movimento.

Palavras-chave: Trauma, Mulheres, Ato criativo, Literatura brasileira

DUPLA CENA DO FEMININO: ENTRE A CRÍTICA E O LIRISMO DE ANA C.

Jucilene Braga Alves Mauricio Nogueira

Resumo: A poesia de Ana Cristina Cesar percorre caminhos inquietantes que desestabilizam mesmo um leitor atento aos novos percursos sinalizados pelos modernistas. Todavia, sua atuação crítica acerca da literatura, do fazer poético, por meio de uma análise quase lírica, propõe ainda outras possibilidades de leitura e análise da poesia contemporânea, sobretudo a de autoria feminina. Em uma busca por pensar os modos de dizer desse recorte poético, propus um projeto de doutorado intitulado "Linguagem em cena: Gênero e sexualidade no lirismo performático de Ana Cristina César e Angélica Freitas" e esta comunicação reunirá os primeiros passos de minha investigação. Entender a poesia como fingimento ou encenação não aponta, de antemão, nenhum dado novo, contudo pretendo especular as maneiras como gênero e sexualidade podem constituir máscaras ou performances na linguagem que sinalizam uma espécie de “(in)sinceridade”. Uma ambiguidade constante que evidencia, linguisticamente, possíveis máscaras de representações do real. Ana C., no artigo “Literatura e Mulher: essa palavra de luxo”, de 1979, afirma que “o feminino só existe na sexualidade”. Entendendo com Foucault que a sexualidade pode ser entendida como o sexo posto em discurso, buscaremos refletir acerca dos modos como essa discursividade em torno do sexo, do corpo, do gênero, podem constituir estratégias potentes de negação, afirmação, ou mesmo uma espécie de suspensão das múltiplas representações que visam a encenar o que se tem delineado como feminino.

Palavras-chave: feminino; crítica; poesia

A CARNAVALIZAÇÃO DO CORPO FEMININO EM O EFEITO URANO DE FERNANDA YOUNG

Marta Maria Bastos

Resumo: O presente trabalho apresenta uma reflexão acerca do corpo e de suas representações existentes entre duas personagens femininas, na relação com o outro e com o mundo, no romance O efeito urano (2001), de Fernanda Young. No romance em análise temos a representação do corpo lésbico e ou bissexual narrado por uma mulher, que carnavaliza o lugar do feminino, mostrando uma subversão dos papéis de representação diferenciado dos padrões de feminino considerados normais pela nossa cultura patriarcal e falocêntrica. Esta narrativa ficcional rompe com as relações hetero normativas ao deixar de lado a figura masculina e dar ênfase para a figura feminina, que passa a alcançar um lugar de destaque, até então negado. A mulher deixa de representar um papel de objeto de desejo do homem para ser o indivíduo desejante em primeiro plano. O agravante ainda se torna maior por esta representação ficcional ser feita por uma mulher escritora. Para compor esta discussão acionamos Mikhail Bakhtin (1981); Regina Dalcastagné (2007); Judith Butler (2010); Ruth Silviano Brandão (1993); Pierre Bourdier (2003); Jerusa Pires Ferreira (2010); Fábio Camargo (2011); Michel Foucault (2015); Elódia Xavier (2006), Luciana Borges (2013); Beatriz Preciado (2014), entre demais outros teóricos.

Palavras-chave: Literatura; Memória; Identidades; Corpo; Feminino.

18/07 (TARDE)

MASTIGA LEMBRANÇAS, ESCRIVE ESPERANÇAS: POR QUE SOU GORDA, MAMÃE?, DE CÍNTIA MOSCOVICH



Flavia de Castro Souza

Resumo: Em *Por que sou gorda, mamãe?* a protagonista é uma escritora em formação que, após engordar 22 quilos em quatro anos, resolve investigar as causas da sua obesidade e encontra na dieta e na escrita meios de emagrecer. A narradora em primeira pessoa se apresenta como uma mulher gorda que pesa “cento e dez tabletes de manteiga”, que se sente um estorvo, pesada, melancólica, desanimada, mas que enxerga na memória e na escrita um meio de se recompor. Ao longo da escrita, a narradora vai compreendendo sua herança familiar judaica e afirma que “agora, eu sei por que sou gorda” (MOSCOVICH, 2006), demonstrando superação, confiança e aceitação. No texto literário de Moscovich a memória, a construção identitária, a temática da escrita e a tradição judaica estão relacionadas. De acordo com a filósofa Judith Butler em *Problemas de gênero* somos fruto do discurso que formata nossos corpos e aqueles corpos que não se encaixam nesse discurso são considerados “corpos abjetos”, identificados como os que não deveriam existir dentro de determinada matriz cultural. Ao ampliar o conceito de corpos abjetos para além dos grupos LGBTIs e considerar que a abjeção e a exclusão ocorrem pela ausência de reconhecimento e de legitimidade podemos abarcar outros grupos excluídos como, por exemplo, o de pessoas gordas. Ainda para Judith Butler em “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’”, o abjeto seria aquele que perambula pelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, enquanto alguns, regulamentadores das práticas identificatórias usufruem dessas zonas. Ao perceber-se nessa zona de inabitabilidade, “local de temida identificação”, haveria uma conscientização do domínio do sujeito que permitiria uma reivindicação de direito à autonomia e à vida. Judith Butler diz que se deve não apenas questionar a perturbação causada pelo repúdio, mas buscar recursos para rearticular os próprios termos de legitimidade e de inteligibilidade simbólicas. Ao negar a abjeção ameaça-se a denúncia contra aqueles que querem controlar, ao passo que ao assumir a abjeção e o repúdio sofridos têm-se com o que lutar contra. Nesse sentido, a abjeção pode vir do que está do lado de dentro, ou seja, “um exterior abjeto que está, afinal, ‘dentro’ do sujeito, como seu próprio e fundante repúdio” (BUTLER, 2003), e que através da força da exclusão e da abjeção o sujeito pode intervir de forma crítica nos termos e nas definições acerca das categorias estabelecidas histórica e culturalmente. Em *Por que sou gorda, mamãe?* a narradora ao se descrever como uma mulher gorda e assumir a rejeição sofrida a partir do olhar do outro e também de si mesma pode ser uma forma inicial de resistência e de controle do próprio corpo, seria um passo para questionar a padronização imposta pela sociedade e rearticular formas de reconhecimento fora da padronização, além de reivindicação de direito e autonomia em âmbito político, acadêmico e social.

Palavras-chave: Estudos de gênero; autorrepresentação literária; corpos abjetos; Cíntia Moscovich.

VOCÊ É LOUCA: A VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA EM UM DEUS DENTRO DELE, UM DIABO DENTRO DE MIM, DE NILZA REZENDE

Gabriela Fonseca Tofanelo

Resumo: A lógica do pressuposto binário determina perfis e estereótipos das pessoas com base no viés biológico, ou seja, o homem deve ser sempre forte/viril; enquanto a mulher deve ser fraca/frágil. Esse pensamento dá base, ainda hoje, para a construção da violência de gênero, isto é, a violência caracterizada por agressões físicas ou opressão psicológica em que um gênero prevalece sobre o outro, em geral, em que os homens são os dominadores e as mulheres, as dominadas. A literatura canônica, essencialmente masculina, por muitas vezes, trouxe o tema da violência contra a mulher, seja esta abordada de forma simbólica ou física, em diversos romances, associado ao modelo patriarcal, estando, desse modo, na ordem das coisas. O interesse desta pesquisa, portanto, é investigar como se dá a representação deste tema quando é a mulher que possui o direito antes negado da fala, ou seja, na literatura produzida por mulheres, mais especificamente a contemporânea. Para isso, será exposta uma trajetória de romances que abordam o tema da violência, mostrando a evolução na forma de representação com o passar do



anos e com as conquistas do movimento feminista, em que a lógica binária é questionada e é colocado em pauta a identidade livre da mulher. Posteriormente, será analisado o romance contemporâneo *Um deus dentro dele, um diabo dentro de mim*, da escritora brasileira Nilza Rezende (2003), cuja trajetória da personagem Lila evidencia a importância da escrita e do empoderamento para a difícil superação da opressão psicológica sofrida pelo marido Raul. Para melhor exemplificar essas questões, o embasamento teórico da pesquisa conta com os pressupostos teóricos acerca de gênero de pesquisadoras como Judith Butler e Teresa de Lauretis, para quem gênero é uma construção social, e não deve ser entendido pela lógica binária, que o restringe somente em feminino X masculino. A fim de articular as questões de gênero à questão da violência contra a mulher, partiremos dos pressupostos de Heleieth Saffioti, para quem violência de gênero é parte dos mecanismos que normatizam as identidades de gênero em nossa sociedade e precisam ser questionadas e punidas a partir de políticas públicas. Para além da violência física, trataremos principalmente da violência simbólica que oprime a mulher com base no sistema patriarcal. Para abordar este tema, utilizaremos as pesquisas de Pierre de Bourdieu em relação à dominação masculina.

Palavras-chave: Violência; Nilza Rezende; Literatura de autoria feminina

VOZES QUE NÃO SÃO OUVIDAS, CORPOS QUE NÃO TÊM LUGAR: A VELHICE EM MARIA VALÉRIA REZENDE

Luciana Lima Silva

Resumo: As violências cometidas contra os corpos femininos têm seu auge durante o período em que a mulher apresenta capacidade reprodutiva ou atende a um imaginário consolidado pelo desejo masculino e a um padrão estético construído pela sociedade. Sob essa premissa, a mulher idosa poderia pertencer a um "terceiro sexo" - em definição proposta por Simone de Beauvoir -, no qual estaria recolhida do campo do desejo e, por isso, atingiria certa autonomia. Se por um lado o mundo experimenta uma onda de envelhecimento que só tende a se expandir em razão dos avanços da medicina, da melhoria em geral da qualidade de vida e da redução da natalidade, o que seria benéfico a homens e mulheres que podem viver em função de uma ideia de longevidade, por outro lado esses benefícios também estariam submetidos a questões de gênero: embora as mulheres tenham maior expectativa de vida em relação aos homens, elas sofrem com aspectos como menores rendimentos (devido à desigualdade financeira que enfrentaram ao longo da vida ou à não remuneração decorrente do exercício de atividades ligadas à família e ao lar), viuvez permanente (uma vez que não são culturalmente estimuladas a constituírem novos relacionamentos amorosos), trocas intergeracionais não satisfatórias (como cuidar de netos, abrigar ou ceder espaço residencial a filhos/família, entre outros) e, em decorrência destas últimas, por assumir a posição de chefe do lar, o que resultaria em diluição de rendimentos. As configurações de família - aqui, em recorte cultural brasileiro - reivindicam frequentemente a mulher idosa como provedora de filhos adultos e, muitas vezes, como cuidadora primeira dos netos. Na obra *Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende, a personagem Alice é retirada de sua rotina e de seu lar, estabelecidos no Nordeste brasileiro, para atender, no Sul do Brasil, à função de avó tal qual concebida e imposta pela filha e a família. Às voltas com a destituição de autonomia e a migração involuntária a que é submetida, a personagem se lança às ruas em busca de ordenação de sua identidade. Partindo do contexto nacional e dessa representação literária, esta comunicação se propõe a discutir: 1. a construção social feita da mulher idosa na contemporaneidade; 2. a não concretização de um porvir autônomo do corpo feminino mesmo quando fora do campo do desejo; 3. as migrações involuntárias decorrentes de diferentes tipos de violência praticados contra a mulher; e 4. caminhos possíveis para a construção autônoma da identidade feminina na contemporaneidade.

Palavras-chave: mulheres; gênero; violência; mulheres idosas; literatura brasileira contemporânea



“ENTRE RESISTIR E IDENTIFICAR-SE”: INSCRIÇÕES DO CORPO FEMININO EM O LEOPARDO É UM ANIMAL DELICADO, DE MARINA COLASANTI

Victória Lopes Pacheco

Resumo: O trabalho tenciona investigar como se dá a representação das personagens femininas em três contos selecionados do livro *O leopardo é um animal delicado* (1998), da escritora Marina Colasanti. Para alcançar o objetivo proposto, fez-se um estudo de cunho bibliográfico, cuja análise tem como foco as protagonistas femininas dos contos “Menina de vermelho a caminho da lua”, “O leopardo é um animal delicado” e “Amor e morte na página dezessete”, levando em consideração o fato de terem sido criadas por uma escritora mulher – ou mulher escritora. Desse modo, a leitura de tais textos, pretendendo analisar os pontos que dizem respeito à inscrição do corpo feminino, guia-se pelo dualismo natureza/cultura e por estudos teórico-críticos que investigam questões relacionadas a gênero e aos papéis sociais, culturalmente estabelecidos, atribuídos aos corpos das mulheres. Para alcançar nossos objetivos, partiremos, principalmente, dos pressupostos teórico-críticos de Elaine Showalter (1978), Lúcia Osana Zolin (2010), Regina Dalcastagnè (2007), Rita Terezinha Schmidt (2016) e Peggy Sharpe (1997), além de um texto crítico de Colasanti, no qual ela problematiza questões diversas referentes à literatura feita por mulheres.

Palavras-chave: Literatura de autoria feminina; Marina Colasanti; Corpo; Sexualidade.

DE SILÊNCIOS E GRITOS SUFOCADOS: A VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM “O PESO DO PÁSSARO MORTO”, DE ALINE BEI

Alessandra Cristina Moreira de Magalhães

Resumo: Os retrocessos democráticos iniciados a partir do golpe jurídico-parlamentar, que impediu uma mulher eleita de governar o país, e a abertura discursiva, política e social para a implementação de um governo ultraconservador fazem com que se viva contemporaneamente, no Brasil, o peso da condição feminina de uma forma ainda mais radical. Em contrapartida, as respostas têm vindo de diferentes formas, seja pelo grito que ecoa desde o 29 de setembro, seja pelas inúmeras manifestações culturais que explodem por todo o país, dentre as quais as diversas publicações de livros escritos e protagonizados por mulheres. Como nos avisou a filósofa francesa Simone de Beauvoir, não devemos nunca nos esquecermos de que “basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes. Você terá que se manter vigilante durante toda a sua vida.” O processo contemporâneo pelo qual estamos passando evoca todas as crises e precisamos, como alerta a autora de “O segundo sexo”, estar vigilantes. Nesse contexto, a leitura e a análise que ora proponho do livro “O peso do pássaro morto”, estreia da escritora paulista Aline Bei, caminha pelas veredas da necessidade de amplificar as vozes que se levantam contra o conveniente apagamento do protagonismo das mulheres que durante muito tempo se fez seja no meio editorial, acadêmico ou político. O livro dialoga com o que de mais obscuro a violência contra a mulher e a tentativa do seu apagamento social e subjetivo podem provocar. Com o texto implodido, fragmentado e fragmentário, questionam-se as possibilidades discursivas de representação da mulher e os desdobramentos do ser-se mulher da e na literatura brasileira contemporânea. Com uma narrativa que acompanha a história de uma personagem da infância à maturidade, a vida da narradora, ainda que singular, poderia espelhar, metáfora a metáfora, a de muitas mulheres que têm seu corpo marcado pela opressão. A expressão que dá título ao livro, o peso do pássaro morto, é uma imagem forte cujos significados dão materialidade aos traumas pelos quais essa protagonista passou. O problema é que as perdas foram gerando silêncios e os silêncios, dores infundáveis. A literatura em potência da jovem autora denuncia de modo escancarado a violência de gênero inscrita na carne feminina. É justamente essa narrativa dos silêncios, que enuncia a contra-face de um movimento grande feito pelas mulheres na literatura brasileira: a tentativa de construir, por meio das palavras e do gesto de “segurar a pena”, uma possibilidade de luta contra toda a violência que vem cada vez mais ratificada pelas instâncias de poder. Aline Bei deu asas ao seu sonho-pássaro e encontrou abrigo para o livro através do



prêmio Toca, promovido pelo escritor Marcelino Freire, tendo a possibilidade de publicar por meio de uma editora que também tem uma mulher como protagonista, Simone Paulino. Sendo assim, o objetivo desta comunicação é construir sentidos para uma poética da resistência e do respiro, para conseguirmos transitar nesse ambiente sufocado em que estamos mergulhadas.

Palavras-chave: o peso do pássaro morto; literatura contemporânea; Aline Bei; gênero; autoria feminina

44 - HISTÓRIA LITERÁRIA, CRÍTICA E HISTÓRIA DA TRADUÇÃO: TRAMAS E SENTIDOS

Coordenação: Prof^a Dr^a Germana Henriques Pereira (UnB); Dr^a Marlova Gonsales Aseff (UFSC)

Resumo: A relação entre a história da tradução e a história literária se define por ausências e conflitos, apesar de evidentes objetos e metas conjuntas. É fato que a literatura traduzida e, principalmente, a atuação de escritores como tradutores até hoje receberam pouca atenção nas histórias da literatura brasileira. Trata-se, evidentemente, de um paradoxo, pois, no caso dos escritores-tradutores, os mesmos contribuem para a construção de um espaço literário nacional e legitimam, no mesmo gesto, o capital literário das nações centrais, como salienta Casanova (2002, p.179). No tocante à literatura traduzida, Even-Zohar pontua que “via de regra, as histórias das literaturas mencionam as traduções quando não há maneira de evitá-las, quando tratam, por exemplo, da Idade Média ou do Renascimento” (1990, p. 45). O problema é que a referência pouco sistemática a casos isolados não permite que se alcance uma ideia clara do papel exercido pela literatura traduzida em nosso sistema literário em diferentes épocas ou, nas palavras de Even-Zohar, da posição ocupada por esse tipo de literatura no nosso sistema. Entretanto, no campo da literatura, a tradução parece ser o veio fundamental para se compreender as vogas estéticas e suas reconfigurações, a invenção de técnicas narrativas e poéticas, bem como a renovação de temas e repertórios. Ignorar essa gama de textos constitui-se num problema para a historiografia, uma vez que, como lembra Lefevere, as reescrituras (entre elas, os textos traduzidos) “tendem a desempenhar um papel tão importante no estabelecimento de um sistema literário quanto ao das escrituras originais” (LEFEVERE 2007, p. 54), não somente porque a maioria dos leitores tem acesso aos textos da tradição ocidental por meio de traduções, mas porque, como dissemos há pouco, esse sempre foi um meio eficaz tanto de afirmar quanto de repelir modelos literários. Para Lambert, o conceito de literatura nacional que costuma orientar as pesquisas e o ensino da literatura está fundamentado sobre uma noção “ingênua” de fronteiras entre literaturas, sejam essas políticas ou linguísticas (2006, p.24). Ele ressalta que os gêneros literários em nossa época são bastante internacionais, mas que isso não os impede de assumirem também algumas características locais. Por isso, lembra que “a identidade das literaturas nacionais parece corresponder a realidades relativas e não a uma essência” (p. 34). No entanto, a insistência em se estudar a literatura nacional buscando uma suposta “autonomia” é um paradigma que ainda não foi devidamente rompido.

Isso tudo sem entrar na questão da tradução como criação e no modo como nossa cultura entende o conceito de autoria. Antoine Berman lembra que nem sempre houve a diferenciação entre tradução e criação, ao ponto de se considerar a primeira como uma escrita secundária e de menor valor. A distinção entre um texto original e um texto secundário (tradução, comentário, recriação, adaptação) não existia verdadeiramente na Idade Média, fato que só começa a mudar no Renascimento, quando começam a aparecer as noções de original e de autor tais como as conhecemos hoje (BERMAN, 2011, p. 91).

Tendo essas questões no horizonte, este simpósio acolhe estudos sobre traduções que marcaram época na história literária brasileira, sobre antologias de poesia traduzida e coleções de romances publicados no Brasil no século 20 e 21, reflexões sobre traduções e retraduições de clássicos, de poesia, de prosa e de prosa poética. Serão igualmente bem-vindos estudos sobre o trabalho tradutório de escritores brasileiros, tanto em relação às circunstâncias de suas escolhas

tradutórias, modos de traduzir, arqueologia da obra tradutória, relações com a obra própria ou reflexões acerca do ato de traduzir.

Referências:

- CASANOVA, Pascale. *A república mundial das letras*. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- BERMAN, Antoine. Da translação à tradução. Tradução de Marie-Hélène Torres e Marlova Aseff. *Revista Scientia Translationis*, UFSC, 2011.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem studies. *Poetics Today - International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication*, Volume 11, n.1., 1990.
- LAMBERT, José. Production, tradition et importation: une clef pour la description de la littérature et de la littérature en traduction. In: *Functional Approaches to culture and translation – selected papers by José Lambert*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006.
- LEFEVERE, André. Tradução, reescrita e manipulação da fama literária. Tradução de Claudia Matos Seligmann. Bauru, SP: Edusc, 2007.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

LUIZ GASTÃO D'ESCRAGNOLLE DÓRIA, MEDIADOR DA OBRA GONCOURTIANA NO BRASIL

Zadig Mariano Figueira Gama

Resumo: Ao longo da pesquisa de Mestrado sobre a circulação e a recepção do romance *Sœur Philomène* (1861), dos irmãos Edmond (1822-1896) e Jules (1830-1870) de Goncourt, nos campos literários (BOURDIEU, 1992) francês e brasileiro, deparamo-nos com a curiosa trajetória do jornalista, escritor e professor Luiz Gastão d'Escragnolle Dória (1869-1948), grande entusiasta da literatura goncourtiana no Brasil. A pesquisa de doutorado em andamento – Valores simbólicos da literatura goncourtiana no Brasil (1850-1950) – permitiu comprovar que, apesar de hoje ter sua atuação como escritor e tradutor eclipsada pelos cargos de professor do Colégio Pedro II e diretor do Arquivo Nacional e do IHGB, sua atuação nas letras brasileiras foi intensa e abrangente. No âmbito da tradução, durante as últimas décadas do século XIX, Escragnolle Dória tornou acessível ao público leitor dos periódicos com os quais colaborou um considerável número de obras estrangeiras, sobretudo escritas originalmente em língua francesa. Dentre elas, podemos destacar, a título de exemplo, além da tradução do romance *Sœur Philomène* que, em 1891, saiu na seção folhetim do *Jornal do Commercio* (RJ), outros gêneros, como a peça *Os cegos*, de Maurice Maeterlinck; os contos “*Menteuse*”, de Alphonse Daudet, e “*Mademoiselle Perle*”, de Guy de Maupassant; e o poema “*Tristesse d'été*”, de Stéphane Mallarmé. Paralelamente à sua atuação no campo literário como tradutor, Escragnolle Dória se dedicou à escrita literária, firmando-se paulatinamente como escritor reconhecido por críticos como os acadêmicos Araripe Júnior e José Veríssimo. Ao recuperarmos sua produção literária, composta principalmente por contos e poemas em prosa, cuja maior parte circulou somente na imprensa, e ao restabelecemos a recepção desses textos, observamos a crítica especializada reconhecer sistematicamente traços naturalistas e relacionar o estilo do autor ao dos irmãos Goncourt. Incidindo em sua maior parte sobre o livro de contos *Dor* (1903), única publicação de ficção desse autor no suporte livro, a relação de sua figura à dos Goncourt feita pela crítica tomou um novo rumo após a publicação do obituário de Edmond de Goncourt assinado por Escragnolle Dória, em 1896, na *Revista Brasileira*. Por meio deste texto, é possível observar que a admiração desse polígrafo das letras brasileiras desdobrou-se em uma relação de estima entre os dois escritores, nutrida por meio de correspondência. As cartas trocadas entre o francês e o brasileiro, transcritas naquele texto, reverberaram no tempo, tendo sido reproduzidas na *Revue des Revues* (Paris), no *Malho* (RJ) e em crônica assinada pelo crítico literário e



historiador Brito Broca, publicada no jornal A Gazeta (SP). O problema de pesquisa de doutorado interroga as razões e os critérios de escolha de se traduzir determinadas obras de determinados autores e a incorporação de valores estéticos e de traços estilísticos em sua obra. Isto nos leva a questionar, dentro da heterogeneidade de gêneros praticados e traduzidos por Escragnolle Dória, em que medida a mediação (ESPAGNE & WERNER, 1987; ESPAGNE, 2012) desses textos literários escritos originalmente em língua francesa teria contribuído para a circulação e incorporação da literatura goncourtiana ao campo literário brasileiro.

Palavras-chave: Luiz Gastão d’Escragnolle Dória; irmãos Goncourt; mediação cultural; recepção literária; naturalismo.

TRADUÇÃO CANÔNICA: O CASO DA RECHERCHE DE PROUST

Sheila Maria dos Santos

Resumo: Para tornar-se um cânone, noção que se constitui a partir do conceito de valor, uma obra literária deve ter minimamente circulado pelo mundo, para que suas qualidades diferenciais sejam (re)conhecidas no meio literário. A tradução, portanto, ocupa um importante lugar na constituição do cânone literário, uma vez que a circulação mundial das obras depende da prática tradutória para, de fato, ocorrer. No caso de Marcel Proust, com a visibilidade e a importância conquistadas através de estudos críticos publicados sobre o autor e sua obra, não somente na França, mas também em diversos países da Europa e alhures, assinados por críticos eminentes como Walter Benjamin, Leo Spitzer, Curtius, Erich Auerbach, Samuel Beckett, Léon Pierre-Quint, entre outros, era inevitável o surgimento de traduções, mesmo que parciais, da obra *À la Recherche du temps perdu*. De modo que o autor teve a oportunidade de ver sua obra desbravar outras terras e conquistar leitores estrangeiros, já que a primeira tradução inglesa de *Du côté de chez Swann*, primeiro volume da *Recherche*, é publicada pouco antes do falecimento de Proust, em 1922, assim como a espanhola. Portanto, tendo em vista a estreita relação entre cânone e tradução, este trabalho pretende traçar um panorama das traduções para o português, alemão, inglês, espanhol e italiano da obra maior de Proust, a *Recherche*, de modo a identificar a relação entre a “canonização” da obra e o aparecimento das traduções de seus volumes pelo mundo. Outrossim, refletir-se-á a respeito do estabelecimento de traduções que se tornaram canônicas nos países em que existem mais de uma tradução de sua obra, como é o caso do Brasil, país que primeiro acolheu a obra de Proust entre 1948 e 1957, pela editora Livraria do Globo, sob o título *Em busca do tempo perdido*, graças ao trabalho de escritores-tradutores eminentes da literatura brasileira, a saber, Mario Quintana, que traduziu os quatro primeiros volumes, Manuel Bandeira, que traduziu o quinto volume com sua companheira Lourdes Souza de Alencar, Carlos Drummond de Andrade, responsável pela tradução do sexto volume, e Lucia Miguel Pereira, tradutora do sétimo volume da *Recherche*. Contudo, essa tradução fora realizada a partir da edição de 1919-1927, denominada por Samuel Beckett “a abominável edição da *Nouvelle Revue Française*, em dezesseis volumes” (BECKETT, 2003, n. p), de modo que uma retradução da obra fez-se necessária a partir da publicação das novas edições da *Recherche*, que corrigiam diversas lacunas oriundas da rápida publicação dos volumes póstumos da obra por seu irmão Robert Proust. Não obstante, a retradução de Fernando Py, pela editouro, conquanto parta do texto definitivo da *Recherche*, a saber, a edição de 1987, não se tornou popular entre os leitores brasileiros, que ainda hoje buscam a tradução canônica da Globo.

Palavras-chave: Cânone; Marcel Proust; Tradução literária

ANÁLISE CRÍTICA E DESCRITIVA DAS (RE)TRADUÇÕES DE MADAME BOVARY NO BRASIL: OS PERCURSOS DAS TRADUÇÕES BRASILEIRAS DO SÉCULO XX AO XXI

Mônica dos Santos Gomes

Resumo: A primeira tradução brasileira de *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, foi publicada 87 anos após a estreia do romance na França (1857). Posteriormente, mais dez (re)traduções foram realizadas em um espaço temporal de 70 anos. A despeito da tradução publicada no Brasil ter sido tardia, as dez posteriores foram realizadas em espaços de tempo consideravelmente



curtos e contaram com 96 edições mapeadas até 2017. As traduções de *Madame Bovary* foram realizadas por 10 tradutores, que exerciam outras atividades como escritor, professor, pesquisador etc., e uma tradução sem referência, conforme especificado a seguir: Eloy Pontes (1944A); s/r (1944B); Araújo Nabuco (1945); Genésio Pereira Filho (1955); Nair Lacerda (1965); Vera Neves Pedroso (1969); Sérgio Duarte (1985); Fúlvio M. L. Moretto (1993); Ilana Heineberg (2008); Mário Laranjeira (2011) e Herculan Villas-Boas (2014). A partir desse panorama temporal, podemos observar que as traduções do texto flaubertiano foram publicadas em momentos distintos, evidenciando sua presença marcante no sistema literário brasileiro. Para verificar como essas traduções se apresentam ao leitor brasileiro, utilizamos trabalhos realizados por críticos da tradução como Lambert e Van Gorp (2011) e Berman (1995), que visam investigar o processo de tradução em toda sua complexidade. Não se trata de uma crítica para apontar perdas ou danos, mas sim, uma verificação das mudanças ocorridas na passagem do texto de uma cultura para outra, considerando o trabalho realizado por cada tradutor. Com esse entendimento, se faz necessário realizar uma investigação miúda desses textos, que, no caso dos extensos como romances, pode ser executada com base em excertos considerados as “zonas significativas” e simbólicas da obra, selecionados a partir das leituras do original e traduções, o que possibilita, por meio de uma leitura de sensibilidade, identificar quais são os episódios mais representativos, conforme especifica Berman (1995). A história de *Emma Bovary* apresenta várias dessas passagens significativas como o baile de la Vaubyessard, os comícios agrícolas, o passeio de fiacre e o envenenamento de Emma. A partir dessa análise, juntamente com os conceitos de retradução realizados por estudiosos como Berman (1990), Ladmiral (2011) e Monti (2011), observamos que quatro desses textos podem ser considerados retraduições: uma do final da década de 1990 e as três do início do século XXI. Características como a importância da obra literária, motivações editoriais, retorno ao texto original e presença de notas de rodapé são alguns dos indícios presentes nos textos que os levam a ser consideradas retraduições. Nesse sentido, observamos que conceituar terminologicamente a retradução representa um desafio para os estudiosos da tradução, visto que o que diferencia uma tradução de uma retradução são apenas alguns detalhes. Por fim, o com este trabalho objetivamos, também, evidenciar que o estudo da tradução é uma importante ferramenta para a compreensão da obra literária, uma vez que o confronto entre o texto original e suas variadas traduções, como é o caso de *Madame Bovary*, leva o estudioso a um contato mais intenso com o texto em análise, o que contribui para o entendimento dos pormenores da obra em estudo.

Palavras-chave: *Madame Bovary*; Gustave Flaubert; (re)traduções; crítica de tradução; crítica literária

TRADUZINDO A CRÍTICA DE TRADUÇÃO LITERÁRIA: “LANGAGE AMOUREUX/AMOUR DE LA LANGUE?” E “TRADUCTION ET HERMÉNEUTIQUE” DE INÊS OSEKI-DÉPRÉ

Natália Oásis de Oliveira

Resumo: A tradução de tradutologia também é uma forma de estudo e debate sobre a teoria da tradução. Nesse sentido, este trabalho pretende apresentar uma visão crítica do ato tradutório por meio da tradução comentada para o português brasileiro dos artigos “Langage amoureux/amour de la langue?” e “Traduction et herméneutique” da tradutora, crítica literária e crítica de tradução, Inês Oseki-Dépré, com o intuito de compreender e debater conceitos da Tradutologia, bem como características específicas da autora e de cada um dos artigos, visando a contribuir para o enriquecimento da disciplina no Brasil. Além disso, propõe-se, como objetivo específico, apontar estratégias para a tradução de citações, notas, títulos de obras e referências a partir de uma análise que leve em conta a função didática e de divulgação científica que os artigos possuem. Por meio das reflexões sobre algumas estratégias de tradução, que diziam respeito, por exemplo, à utilização de traduções já existentes para citações e títulos de obras, estabeleceu-se diretrizes para se traduzir os dois artigos. Respeitou-se, no entanto, as especificidades de cada artigo. Com isso, foi possível perceber que a tradução de textos teóricos para o português

permite maior relação entre as reflexões feitas acerca da tradução no Brasil e aquelas feitas tanto na França quanto em outros lugares. Além disso, a tradução de tais textos revela-se importante porque ela possibilita a criação e manutenção de uma terminologia da tradução no contexto brasileiro.

Palavras-chave: Tradução de tradutologia; Inês Oseki-Dépré; Crítica de tradução; Tradução literária.

INTERTEXTUALIDADE E REESCRITURA NA TRADUÇÃO DO LIVRO DE ESDRAS DEUTEROCANÔNICO DO GES-UFC

Gilbson Gomes Bento

Resumo: Este trabalho tem como objeto a tradução do livro de Esdras deuterocanônico, uma reescritura intertextual feita pelo Grupo de Estudos da Septuaginta da Universidade Federal do Ceará (GES-UFC). Este grupo estuda os textos bíblicos do Antigo Testamento em seu aspecto literário e cultural, sem ligação direta a um determinado credo religioso, aprofundando-se no estudo do dialeto koiné do grego. A Septuaginta (ou LXX) é como ficou conhecido o corpus das primeiras traduções dos textos bíblicos do hebraico para o grego e sua influência literária é grande na recepção da cultura hebraica pela cultura helenista. O livro de Esdras deuterocanônico, ESDRAS A, conhecido como 1 Esdras, forma um par com o livro ESDRAS B, 2 Esdras (o canônico), ambos encontrados nas coleções da LXX. Eles representam relatos presentes em 2 Crônicas, Esdras (2 Esdras 1-10) e Neemias (2 Esdras 11-23). Além disso, em 1 Esdras há uma história de três jovens que serviram de guarda-costas para o Rei Dario da Pérsia, que não está presente nos livros canônicos. A relação deste livro grego com a tradição bíblica hebraico-aramaica, do ponto de vista crítico da fonte da tradução, não está clara. Existem duas posições principais: 1) que o livro representa uma forma anterior do relato bíblico, embora a forma atual seja apenas uma parte dessa obra maior; e 2) que o livro é uma composição posterior, sendo dependente dos livros bíblicos. A maioria dos comentadores acredita que o conto dos três guarda-costas em 1 Esdras 3-4 serve, simplesmente e principalmente, para melhorar o status de Zorobabel, o líder inicial dos exilados retornados. Contudo, considerando uma série de ligações temáticas e retóricas entre o conto e o sermão-oração de Esdras relatado mais tarde no livro (1 Esdras 8: 65-87), demonstra-se que a história também funciona para sustentar a resposta de Esdras e seus associados à crise conjugal relatada em 1 Esdras 8: 65-87. A retórica dos discursos especialmente de Zorobabel sobre as mulheres e a Verdade (1 Esdras 4: 13-41) efetivamente antecipa e atenua as possíveis objeções morais do leitor à expulsão das mulheres estrangeiras. Isso sugere que uma razão principal para que 1 Esdras fosse composto posteriormente seria para pôr mais peso sobre os debates judaicos no período helenístico em relação aos casamentos entre judeus e gentios. Analisou-se formas em que essa tradução e aquela do GES-UFC, sendo reescritura da reescritura, interagem tornando relevante esse texto antigo através das relações de intertextualidade que percebemos e produzimos com a literatura grega e as literaturas persa e judaico-cristã. Como arcabouço teórico-metodológico, utilizamos o conceito de reescritura (LEFEVERE, 1992), o conceito amplo de intertextualidade (KRISTEVA, 1967) e os conceitos mais estritos de colocação lexical (ADAM, 2008), hipertexto (LÉVY, 1993; PRIMO e RECUERO, 2006; BERMAN, 2007) e concordância (STRONG, 1890) em nossa análise. Nossos resultados apontam que o tema principal é o poder, considerando comparações com obras filosóficas, literárias e religiosas de autores como Platão, Ésquilo, Eurípedes e Aristófanes, além da influência persa da obra Avesta e da interação com os livros do Novo Testamento cristão.

Palavras-chave: Reescritura; Intertextualidade; Esdras deuterocanônico

17/07 (MANHÃ)

QUESTÕES DE NAÇÃO E PÁTRIA NAS TRADUÇÕES DE TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA PARA A LÍNGUA INGLESA

Carolina Geaquinto Paganine

Resumo: Dizemos que um dos aspectos que diferencia os textos literários de outros tipos de textos é que, nos primeiros, todas as palavras contam para a construção de sentido, inclusive as palavras que compõem os títulos. Esses não só podem informar o assunto de que trata a obra como funcionam como guias de interpretação para ela. Isso é especialmente apropriado quando pensamos em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915), de Lima Barreto. De início, a expressão “triste fim” estabelece o tom melancólico do romance, além de apontar que esta não é uma história de final feliz. Além disso, como bem aponta Silviano Santiago (1984), o título do romance acumula diversas camadas de sentido que se prestam a interpretações alegóricas e metonímicas do personagem título. Partindo dessa perspectiva inicial, apresentamos uma crítica das duas traduções publicadas em inglês dessa obra-prima de Lima Barreto, a começar pelo título das traduções e, a partir daí, propomos uma reflexão sobre como as traduções reconfiguram, para um público de língua inglesa, questões centrais ao romance como a noção de identidade e pátria, idealismo e ação, como tratados, em relação ao romance, por ZILLY, 2003 e OAKLEY, 2011 e, num contexto geral, por ANDERSON (1991) e BHABHA (1990). As traduções, a saber, *The Patriot* (1978) realizada por Robert Scott-Buccleuch e a mais recente, *The Sad End of Policarpo Quaresma* (2011/2014) por Mark Carlyon, são lidas à luz de teorias sobre tradução como reescrita (LEFEVERE, 2007), retradução (BERMAN, 2017; KOSKINEN & PALOPOSKI, 2003; MASSARDIER-KENNEY, 2015) e multiculturalismo na tradução (GENTZLER, 2008).

Palavras-chave: *Triste Fim de Policarpo Quaresma*; Lima Barreto; crítica de tradução; retradução; reescrita.

REVELAR A CULTURA OU REAFIRMAR O CÂNONE: DUAS TRADUÇÕES PARA O INGLÊS DE MEU TIO O IAUARETÊ

Fábio Matos Carneiro

Resumo: A presente comunicação, orietanda pelo professor doutor Silvio Augusto de Oliveira Holanda, tem por objetivo correlacionar duas traduções da referida obra para o inglês britânico: traduzidas por Giovanni Pontiero e por David Treece. A pesquisa realizada centrou-se no processo criativo de cada tradutor, cujo intuito foi o de revelar a cultura indígena presente na obra, uma vez que Guimarães Rosa foi o primeiro autor a dar, de fato, protagonismo à cultura indígena ou de reafirmar lugar deste autor no cânone literário. Giovanni Pontiero (1932-1996) foi um grande investigador no campo dos Estudos Literários portugueses e brasileiros, sendo autor de numerosos artigos, ensaios, conferências, entradas em enciclopédias e traduções, e dedicou-se a traduzir fundamentalmente autores de Língua Portuguesa, sobretudo Clarice Lispector e José Saramago. David Treece (1959) é doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de Liverpool, que, no final de seu curso de doutorado, começou a estudar o indianismo literário e teve a ideia de tentar abranger toda a história da produção literária relacionada aos índios brasileiros; acabou concentrando-se nos séculos XVIII e XIX. Embora morto em 19 de novembro de 1967, o escritor mineiro João Guimarães Rosa continua a fascinar o imaginário mundialmente. Nesta comunicação, falaremos, especificamente, sobre um de seus contos mais singulares “Meu tio o Iauaretê” e de duas de suas traduções para a língua inglesa. Uma feita ainda no século XX pelo tradutor Giovanni Pontiero (ROSA, João Guimarães. “The Jaguar”. In: JACKSON, K. David (ed.). *Oxford anthology of the Brazilian short story*. Oxford: Oxford University Press, 1996. p. 328-354.) e outra no século XXI feita pelo professor doutor David Treece (ROSA, João Guimarães. *The Jaguar and Other Stories [Meu Tio o Iauaretê]*. Trad. David Treece. Oxford: Boulevard, 2001. 183 p). Como grande escritor que foi, Guimarães Rosa tem obras traduzidas para as mais variadas línguas, nosso projeto objetiva analisar se as traduções do conto supracitado levaram em consideração o caráter singular da obra, como por exemplo a presença do texto de palavras, fragmentos de palavras e grafemas do tupi-guarani. Até a presente data, não há nenhum estudo, especificamente, acerca das traduções de “Meu tio o Iauaretê”. Dada a singularidade da obra, levaremos a investigação mais adiante para saber se os

tradutores notaram a utilização do tupi-guarani e resíduos presentes no conto para determinarmos como e de que maneira a decodificação se realizara por Pontiero e Treece pois: "A maioria das enunciações nativas se explicam (ou quase se explicam) em apostos, aposição ou frases adicionadas em português. Não acrescentar ou explicar nada tende a criar um ambiente de mistério." (PERRONE, 2008, p. 767)

Palavras-chave: tradução; Meu tio o Iauaretê; David Treece; Giovanni Pontiero.

TRADUÇÃO NAS PÁGINAS E NAS RUAS: REGISTROS DA HISTÓRIA SUL-AFRICANA Fernanda Alencar Pereira e Anna Isabel Santos Freire

Resumo: Dentro do contexto histórico bastante violento da África do Sul, a tradução sempre foi elemento imprescindível, tanto na vida cotidiana quanto na história literária. "A verdade mesmo, desconfia, é algo muito mais, ele procura a palavra, mais antropológico, algo que levaria meses para descobrir, meses de pacientes, lentas conversas com dúzias de pessoas, mais a colaboração de um interprete." (Coetzee, 2009) O narrador de Desonra, do prêmio Nobel sul-africano JM Coetzee, descreve dessa maneira a tentativa de seu personagem principal em tentar entender um episódio doloroso. A convivência e os conflitos linguísticos que permeiam a população sul-africana revelam ainda hoje as marcas dos efeitos históricos persistentes da colonização e do apartheid. A dificuldade de compreensão dos sentidos do outro, conterrâneo, se tornam evidente na medida que o personagem começa a questionar a precisão de uma língua ao representar a história de outrem: "Cada vez mais ele está convencido de que o inglês não é a língua adequada para a verdade da África do Sul." (Coetzee, 2009) O efeito fossilizador da língua inglesa revela a necessidade de buscar outras formas de traduzir a realidade sul-africana. Nesse sentido, a presente proposta busca cotejar as reflexões sobre língua e tradução dos narradores de Coetzee e as imagens da arte de rua da Cidade do Cabo, que buscam expressar outro registro de história, utilizando recursos multilingues para traduzir conflitos.

Palavras-chave: África do Sul; JM Coetzee; arte de rua; multilinguismo; história tradutória

¡SÍ, TENEMOS CLARICE! (PARATEXTOS EDITORIAIS E TRADUÇÃO LITERÁRIA EM CONTEXTO ARGENTINO)

Rony Márcio Cardoso Ferreira

Resumo: A recepção da obra de Clarice Lispector em contexto estrangeiro é, até certo ponto, assunto sedimentado entre estudiosos de sua produção. Esse processo de recepção dos textos clariceanos ocorreu, sobretudo, por duas vias em cujas performances encontramos pontos de convergências: tradução e crítica. Se, por um lado, a partir de 1970, observamos um notável crescimento no número de traduções dos textos da escritora para outras línguas, por outro, a multiplicação significativa dos estudos fora do Brasil que elegeram a autora de Perto do coração selvagem como objeto de desejo tornou-se um fato incontestável. Em tais circunstâncias, a partir dos anos 2000, são publicadas em Buenos Aires as traduções de oito obras da escritora originalmente lançadas entre 1946 e 1979: O lustre (1946), A cidade sitiada (1948), A legião estrangeira (1964), Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres (1969), A via crucis do corpo (1974), A hora da estrela (1977), Um sopro de vida: pulsações (1978) e A bela e a fera (1979). Vertidas para o espanhol pela editora Corregidor, na Biblioteca Lispector da Coleção Vereda Brasil, as versões receberam por títulos La araña (2003), La ciudad sitiada (2013), La legión extranjera (2011), Un aprendizaje o El libro de los placeres (2011), El via crucis del cuerpo (2012), La hora de la estrella (2010), Un sopro de vida: pulsaciones (2010) e La bella y la bestia (2013). Em vista disso, a presente comunicação visa a um estudo da recepção da obra de Lispector em contexto argentino a partir de um exame dos discursos de acompanhamento (prefácios e posfácios) de tais traduções, afim de evidenciar a importância do enunciado crítico tanto no acolhimento da escritora em terras estranhas, quanto na leitura que será, posteriormente, feita de suas obras na esfera da crítica argentina. Além de emoldurar a narrativa de Clarice em outra literatura, acreditamos que os discursos de acompanhamento presentes nas versões situam a obra clariceana no âmbito da crítica literária, bem como apontam parâmetros

que conduzem, de certa forma, à recepção dos textos de Lispector na cultura argentina. Para tanto, valeremo-nos dos postulados de Gerárd Genette (2009), Antoine Compagnon (2007), Marie-Hélène Torres (2011), entre outros, para identificarmos as estratégias de visibilidade e apresentação da literatura brasileira presentes na Biblioteca Lispector. Em amplo sentido, esta comunicação almeja refletir sobre a recepção da “origem das tendências desestruturantes” (CANDIDO, 2011, p. 254) da literatura brasileira na Argentina, além de pontuar o perfil de Clarice Lispector construído pelas páginas da crítica que acompanham A legião estrangeira de suas traduções.

Palavras-chave: Recepção; Tradução literária; Paratextos; Crítica literária; Clarice Lispector.

ROSALÍA DE CASTRO EM LÍNGUA PORTUGUESA: UM ESTUDO DA TRADUÇÃO DE ERNESTO GUERRA DA CAL

Tais Matheus da Silva

Resumo: A obra da escritora Rosalía de Castro é marcada pelo trânsito entre variados gêneros, bem como pelas línguas galega e castelhana. De tal pluralidade, destacou-se sua produção poética em galego, principalmente Cantares gallegos (1863), em que a autora toma versos tradicionais da poesia oral como matéria prima do seu fazer poético. Nessa prática, para além da criação poética, há um processo de recuperação da língua galega, relegada por séculos ao âmbito familiar e rural. De clara inspiração romântica e vinculada a movimentos protonacionalistas, a obra Cantares gallegos representa um episódio pontual na obra de Rosalía, no entanto, é aclamada pela crítica e objeto de traduções e reescrituras desde sua publicação. Nesse sentido, o objetivo deste estudo é analisar a seleção e tradução de poemas de Cantares gallegos empreendidas pelo crítico literário Ernesto Guerra da Cal. A Antologia poética: cancionero rosaliano foi organizada por Guerra da Cal e publicada em 1985, por ocasião do centenário de morte da autora, apresenta um projeto de tradução coeso e exitoso no seu propósito, qual seja, construir uma imagem de Rosalía de Castro como a poeta nacional galega e reintegrá-la ao mundo literário lusófono. Esse empenho justifica-se porque, na perspectiva do tradutor, galego e português são a mesma língua, e por isso Rosalía de Castro deve estar ao lado de Camões, e não de Cervantes. A análise cotejada dos textos fonte e traduzido fundamenta-se nas reflexões de André Lefevere acerca dos papéis da crítica e da tradução na manipulação do texto literário e construção de imagens das obras e autores segundo interesses diversos, e no conceito de ética da tradução proposto por Antoine Berman.

Palavras-chave: Rosalía de Castro; Literatura galega; Tradução

A PEÇA TEATRAL "A STREETCAR NAMED DESIRE" TRADUZIDA NO BRASIL: ENTRE O PALCO E A PÁGINA

Guilherme Pereira Rodrigues Borges

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo descrever e analisar o histórico de veiculação da peça teatral A streetcar named Desire/Um bonde chamado Desejo (1947), do dramaturgo estadunidense Tennessee Williams (1911-1983), traduzida no Brasil. "Streetcar" tem tido uma presença no Brasil um tanto expressiva e relevante. A peça estreou no país antes mesmo de ser encenada em grandes metrópoles europeias, o que acentua o caráter vanguardista do teatro brasileiro da década de 1940. Na sua primeira apresentação no Rio de Janeiro, em 1948, já contou com figuras importantes como Henriette Morineau e Zbigniew Ziembinski. Ao longo dos anos, essa tradição se manteve e a peça foi encenada por personalidades como Maria Fernanda, Eva Wilma e Leona Cavalli no papel de Blanche Dubois. Considera-se que o texto dramático é um tipo textual que merece atenção especial, já que ele pode fazer parte simultaneamente de dois polissistemas culturais (EVEN-ZOHAR, 1990): o literário, conceituado e definido por André Lefevere (1992) e o teatral, descrito por Sirkku Aaltonen (2000). As interações entre tais sistemas serão observadas considerando encenações traduzidas da peça e suas traduções publicadas realizadas pelos tradutores Brutus Pedreira (1976), Vadim Nikitin (2004) e Beatriz Viégas-Faria (2008). Serão analisados especialmente aspectos do discurso da

personagem Blanche Dubois, materializados como pontuação, itálicos, repetições, construções frasais e escolhas léxicas para termos específicos. A tradução de Pedreira se originou no sistema teatral e não se adaptou muito bem ao sistema literário. A impressão que fica é que o texto passou por pouco ou por nenhum trabalho de edição, nem de cotejo com o texto de partida antes de ser publicado. Parece que a edição é apenas uma reprodução do manuscrito que o tradutor fez tendo em vista o palco, provavelmente sem imaginar que seu texto seria publicado (o tradutor falece em 1964 e sua tradução é publicada em 1976). A tradução de Nikitin foi primeiramente feita para o palco, para o sistema teatral, mas que migrou e se adequou muito bem ao sistema literário, algo que não aconteceu com a tradução de Pedreira. Evidentemente, ler o texto traduzido de Nikitin não é a mesma coisa que assisti-lo apresentado no palco por atores experientes e com bom domínio da obra, mas, através da leitura, é possível captar no texto elementos que só seriam apreensíveis no teatro. A tradução de Viégas-Faria teve sua origem no sistema literário, sendo realizada especialmente para ser publicada no formato de livro de bolso da L&PM. Acredita-se que o texto estaria apto ao sistema teatral especialmente em função do trabalho da tradutora em compor as personagens considerando a voz única e distinta de cada uma.

Palavras-chave: Tradução Dramática; Tradução e Teatro; Múltiplas Traduções; Tradutor.

18/07 (MANHÃ)

A TRADUÇÃO NA HISTÓRIA LITERÁRIA: CONJETURAS SOBRE O SISTEMA-MUNDO E O SISTEMA NACIONAL

Karina de Castilhos Lucena

Resumo: Esta exposição parte do comentário sobre o lugar da tradução no raciocínio de críticos que pensaram a literatura mundial, especialmente Pascale Casanova (1999) e Franco Moretti (1997; 2000; 2013). Para eles, a tradução é fator determinante nas negociações internacionais entre centro e periferia, dinâmica estruturante do campo literário. Partimos, em seguida, para a apresentação do debate argentino, bastante avançado no que diz respeito à participação da tradução na fundação da tradição nacional. Utilizamos os estudos de Beatriz Sarlo (1988; 1993), Ricardo Piglia (1986; 1990), Patricia Willson (2004) e Sergio Waisman (2005). Chegamos, enfim, ao caso brasileiro, perguntando como e se nossos grandes intérpretes incluíram a tradução em suas elaborações da literatura brasileira. A ênfase aqui é nos estudos de Antonio Candido (1959; 1965) e Roberto Schwarz (1977; 1990). Com esta reflexão queremos demonstrar o quanto a tradução é problema incontornável quando se adota uma visada materialista da literatura.

Palavras-chave: Tradução; História literária; Sistema literário mundial; Sistema literário nacional

JUSTINIANO JOSÉ DA ROCHA NA FRONTEIRA ENTRE CRIAÇÃO E TRADUÇÃO DE ROMANCE-FOLHETIM

Lucas de Castro Marques

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo apresentar resultados parciais de um projeto de doutorado a respeito da tradução e dos tradutores de romances-folhetins publicados nos periódicos brasileiros do século XIX. A pesquisa tem como objetivo compreender melhor o exercício da atividade tradutória e de sua importância para a propagação de literatura e cultura estrangeiras no Brasil, além de entender a relação entre a tradução e a criação literária no século XIX. O feuilleton – ou folhetim – surgiu nos jornais franceses, na primeira metade do século XIX, para designar uma seção na página dos jornais e, logo, uma forma de romance (MEYER, 1996). Localizado no rodapé dos jornais, esse gênero acolheu a prosa de diversos autores franceses, tais como Victor Hugo, Frédéric Soulié, George Sand, Ponson du Terrail e Xavier de Montépin. A novidade da publicação da “ficção em fatias”, em sua estratégia e fórmula, foi rapidamente copiada pela imprensa de muitos outros países, como o caso do Brasil, que



rapidamente importou o novo gênero e o acolheu em seus periódicos a partir de traduções. Segundo Broca (1979), o Brasil da época não possuía ainda um grande número de escritores que pudessem explorar o folhetim, mas sabemos que um grupo foi se formando, paralelamente, em torno do *Jornal do Commercio* e da revista *Minerva Brasiliense*, por volta de 1839-1844 (LIMA SOBRINHO, 1960; CAVALHEIRO; SILVA BRITO, 1961; SERRA, 1997; CANDIDO, 2014 [1959]). Nesse contexto, alguns homens de letras do período se dedicaram à tarefa da tradução e criação de romances-folhetins. Uma dessas personalidades foi o jornalista Justiniano José da Rocha, a quem Broca (1979) atribuiu a tarefa de também ter introduzido o folhetim em nosso país. Esta comunicação pretende abordar a intersecção entre a atividade tradutória e a atividade de criação literária de Rocha, considerando as narrativas *A luva misteriosa* (1836) – tradução feita a partir da novela francesa *La peau de chagrin* (1831), de Honoré de Balzac (WIMMER, 2011) – e o folhetim *Assassinos misteriosos* ou *A Paixão dos diamantes* (1839) – tradução do francês Olivier Brusson, de Hyacinthe de Latouche, por sua vez uma tradução da novela alemã *Das Fräulein von Scuderi*, de E. T. A. Hoffmann (VOLOBUEF, 1998). No comentário que antecedeu a publicação de *A luva misteriosa*, Rocha justifica a realização de uma grande condensação textual pelo fato de considerar que “traduções sempre desmerecem os originais” (*O Chronista*, 20 jun. 1836, p. 4), o que o daria liberdade para adaptar o texto. Já no primeiro parágrafo de *Assassinos misteriosos*, Rocha não faz distinção entre atividade tradutória e atividade de criação literária: “Será inventada, será imitada, será original a novela que vos ofereço, leitor benévolo? Nem eu mesmo que a fiz vo-lo posso dizer. Uma obra existe em dois volumes, e em francês, que se ocupa com os mesmos fatos” (*Jornal do Commercio*, 27 mar. 1839, p. 1). O tradutor situa-se, portanto, na fronteira entre as atividades de tradução e de criação literária, justamente nos primeiros anos de veiculação do romance-folhetim no Brasil.

Palavras-chave: fontes primárias; romance-folhetim; Justiniano José da Rocha

UM PANORAMA DA TRADUÇÃO DE POESIA NO BRASIL NA DÉC. DE 1960

Marlova Aseff

Resumo: Nos anos 1960, a poesia traduzida e publicada no Brasil ainda refletia opções estéticas bastante tradicionais, sendo que quase um terço dos lançamentos editoriais no decênio foram dedicados a vencedores do Prêmio Nobel de Literatura, na sua maioria, autores da primeira metade do século 20. No entanto, a década de 1960 também foi marcada pelo início da publicação das traduções feitas pelos poetas concretos, que introduziram os primeiros nomes do seu paideuma vanguardista no sistema literário nacional. Apesar de o grupo ter se formado em 1952, e de Augusto de Campos ter começado a se corresponder com Ezra Pound no ano seguinte (1953), foi somente em 1960 que eles começaram a publicar em livro as suas traduções de poesia. Esta comunicação pretende fazer um panorama dos tradutores em atuação nessa década, de suas opções estéticas e escolhas tradutórias. O objetivo maior é refletir sobre a possibilidade de demarcar os anos 1960 como a época que, após o Modernismo, deu início a importantes inovações no panorama da poesia brasileira, tendo a tradução como impulsionadora das mesmas.

Palavras-chave: História da tradução; Poesia traduzida no Brasil; Poetas-tradutores; História do livro no Brasil

LITERATURA SOB RESTRIÇÕES FORMAIS EM TRADUÇÃO: COMPARAR E TRANSCRIAR PARA CONTINUAR RESCREVENDO A NOSSA HISTÓRIA LITERÁRIA

Vinícius Gonçalves Carneiro

Resumo: De acordo com o Oulipo, uma verdadeira liberdade de criação seria oriunda da utilização de métodos restritivos, as contraintes. Georges Perec foi o autor mais fecundo ao lidar com restrições, sendo sua primeira publicação oulipiana, o romance lipogramático *La Disparition* (1969), um trabalho exemplar. Nas diversas traduções desse romance, é perceptível dois procedimentos tradutórios. Um procedimento consiste em transpor o texto sem o “e”, assim como o conjunto de referências à vogal presente na narrativa, tal como foi efetivado na em



português em *O Sumiço* (2015). Outra possibilidade é reconhecer a importância da restrição no original, traduzir o romance apagando a letra mais comum na língua-alvo e reconstruir o poder simbólico da vogal desaparecida, seja ela qual for. Considerando a restrição formal, tal como podemos visualizar em *La Disparition*, quais seriam as consequências de uma ou outra escolha na tradição literária brasileira? Em outras palavras, como a escolha de tradução de obras sob restrições formais, de Perec ou de outros autores (oulipianos ou não), poderia contribuir para a reformação (parafraseando Antonio Candido) ou refundação (parafraseando Jacques Roubaud) da nossa literatura? Nosso trabalho propõe responder a essa questão a partir da conjugação dos trabalhos de alguns teóricos-tradutores tais como David Bellos, Inês Oseki-Dépré e Haroldo de Campos, postos em diálogo com as traduções de Augusto de Campos em *Poesia de recusa* (2006) e de Georges Perec em português. Derivado do conceito de “efeito de real” de Roland Barthes, o conceito de Bellos de “efeito contraínte” supõe que a “ignorância” do leitor “de que há, em qualquer nível do texto [oulipiano], um jogo estético ou formal”, pode provocar leituras mais “produtivas” (2004). Tal noção das contraíntes como não essências para a leitura comprometeria, todavia, o desenvolvimento de uma determinada tradição literária. Pelo menos é o que podemos deduzir do raciocínio de Oseki-Dépré. Em artigo sobre sua tradução de Roubaud para o francês, a teórica e tradutora explícita o déficit da versão de *Quelque chose noir* em português porque “o solo da literatura brasileira, a sua memória de língua [sua “memória pública”] não é comparável à memória da literatura francesa. Sua tradução de Roubaud, nesse sentido, traria “à nossa linguagem uma poética original, herdeira de várias formas e tradições, ausente em nossa memória” (2009). Caso tomemos por base Antonio Candido, para quem a tradição literária brasileira se constitui em relação a outras tradições literárias (1964), é a própria versão de Roubaud em português, *Algo preto*, a responsável por incorporar à memória da literatura brasileira o que esta não se lembra de poder também ser. Assim, a fim de respeitar a tarefa do tradutor, definido pelo crítico, poeta e tradutor brasileiro Haroldo de Campos, “a configuração de uma tradição ativa [...] que nasceu de uma pedagogia frutífera e estimulante [...]” (2011), nosso ponto é demonstrar como as traduções de textos sob restrições formais podem ter impactos distintos, de acordo com sua contribuição para a tradição literária brasileira.

Palavras-chave: Oulipo; traduzir contraíntes; poemas heterogramáticos; poesia de recusa; tradução amnésica.

TRADUÇÕES DE MARIO QUINTANA: UM PERFIL DO ESCRITOR-TRADUTOR

Myllena Ribeiro Lacerda e Germana Henriques Pereira

Resumo: Mario Quintana foi um poeta, tradutor e jornalista, conhecido principalmente pela escrita simples e espontânea, sua poesia sonora e natural. Dentre as diversas obras poéticas, estão *A rua dos cataventos* (1940), *Canções* (1946), *Sapato florido* (1948), *A vaca e o hipogrifo* (1977), entre outros. Como tradutor, Quintana atuou na Livraria e Editora do Globo de Porto Alegre entre as décadas de 1930 e 1950, período significativo de publicação de traduções no Brasil, no qual a Globo se tornou um marco editorial. Suas traduções, publicadas entre 1934 e 1955, saíram nas principais coleções da editora, além das contribuições para a revista *A Novela*, e totalizam mais de 40 romances que estimularam a formação de um público leitor crescente durante o boom de traduções no país. Ao mesmo tempo, publicou regularmente seus poemas, crônicas e demais produções na *Revista do Globo* e no jornal *Correio do Povo*, evidenciando sua dupla relação com a escrita – poética e tradutória. Seguindo as tendências sociológicas descritas por Chesterman (2014), é cada vez mais necessário se voltar para os estudos do tradutor tendo em vista o crescimento do que passa a ser uma nova subárea dentro dos Estudos da Tradução. Destarte, essa pesquisa parte dos estudos dos polissistemas, de Even-Zohar (1990), que discutem a influência e posição da literatura traduzida nos sistemas literários de chegada e lança-se sobre os estudos do tradutor, sob a égide da busca do sujeito tradutor, proposta por Antoine Berman (1995). Para estabelecer, portanto, como o Quintana escritor-tradutor operava, é preciso, antes, traçar um panorama geral do ambiente no qual estava inserido, incluindo seu processo de tradução, para quem traduzia e como essa tradução seria

publicada. Enquanto tradutor, Quintana teve subsídio técnico e financeiro da Globo para realizar suas traduções. Nota-se o comprometimento de Quintana com obras já legitimadas – publicadas em coleções como a Nobel, que já as colocavam em um quadro de alta importância literária – ao afirmar que “[levava] quatro meses para traduzir um volume” e que era preciso “demorar tanto tempo quando Proust levava para escrever o original, para fazer uma tradução digna” (TÁVORA, 1986). Ademais, fica evidente a relevância das traduções do escritor-tradutor, especialmente as de autores consagrados como Balzac, Woolf, Proust e Mérimée, que tiveram seus direitos repassados a outras editoras e são reeditadas e republicadas ainda hoje, com destaque ao nome de Quintana, mesmo oito décadas após o primeiro lançamento da Globo. Dessa forma, essa comunicação se propõe a discutir brevemente as traduções feitas para a editora Globo e apresentar aspectos do Quintana enquanto escritor-tradutor, a partir da análise do perfil do tradutor, contextualizando sua formação, seu projeto tradutório, seu horizonte de tradução, além dos demais agentes envolvidos no processo de tradução.

Palavras-chave: História da tradução; Perfil de tradutor; Mario Quintana.

BORGES E BERTOLUCCI: A HISTÓRIA DA ETERNIDADE SOB O OLHAR DA TRADUÇÃO

Ana Claudia Rodrigues

Resumo: À luz de um olhar reflexivo acerca do conto “Tema do traidor e do herói” (1944), de Jorge Luis Borges e de sua recriação no filme *A estratégia da aranha* (1970), de Bernardo Bertolucci, pretende-se percorrer as tramas do próprio fazer literário sob a aparente história daquele que sai em busca da gênese de seus ancestrais. O conto narra a história de Ryan, bisneto do heroico Fergus Kilpatrick. Ryan sai em busca da biografia do tão aclamado herói, mas à medida que se aprofunda nas suas investigações, descobre que o herói era, de fato, traidor, e que tudo não passava de uma estratégia do discurso, e, desse modo, suscetível a uma linha tênue entre ficção e verdade. Borges leva o conto ao virtuosismo, uma vez que ao elaborar a visível história da busca de identidade, vai além das palavras breves do conto, a fim de expressar a sua forma de fazer ficção: contar a história paralela, cujo sentido deve ser desdobrado por intermédio da tradução do olhar. Portanto, cada passagem do conto deve ser vista como uma pista a se chegar à história oculta. Borges utiliza a própria erudição de seu patrimônio de leituras, de vivências e de conhecimento para contar a história de um duplo no âmbito do sentido, e, para tal façanha, arquiteta a questão temática do herói que também é traidor. Nesse ínterim, o autor condensa, no conto, outros gêneros literários, enfraquecendo, portanto, a rigidez de suas fronteiras, além de dessacralizar a questão de uma obra original, já que tudo, segundo o autor, é leitura, releitura e tradução dos clássicos. Assim, nesse percurso da história da literatura, frente aos supostos gêneros e às problematizações da crítica literária sintetizados na forma de conto, vê-se a história do indivíduo na tessitura do artista, que encontra os traços de seu rosto, sob os aspectos de um mosaico de influência e de memória, traduzidos nas novas formas do fazer artístico, e que, no caso presente, não se restringem à relação entre literatura e cinema, mas transcendem a tantas outras possibilidades interartísticas, como, por exemplo, a ópera de Verdi com *Rigoletto*, mediada pelos recursos cinematográficos no filme de Bertolucci, e, as tragédias de Shakespeare com *Júlio César* e *Macbeth*, que, além de servirem de mote da história do conto de Borges, estendem-se na tradução fílmica de Bertolucci, possibilitando a história da eternidade perante o olhar renovado de um artista ou de uma recepção sempre atenta a novas leituras (ou a novas traduções), fator contundente, aliás, à memória na contemporaneidade, cujo desdobramento dá-se mediante intermináveis sentidos na relação entre tradição e renovação: o “outro” e o “mesmo” sob o olhar da tradução.

Palavras-chave: Borges. Bertolucci. Memória. Tradução. Sentido

45 - IMAGENS EM DISCURSO: ESCRITA DO OUTRO COMO ESCRITA DE SI

Coordenação: Prof. Dr. Nabil Araújo (UERJ); Prof. Dr. Elcio Cornelsen (UFMG)



Resumo: Ao cabo de sua incursão desmistificadora *Em torno de Roland Barthes: da “morte do autor” ao nascimento do leitor e à volta do autor*, Eurídice Figueiredo (2015, p. 65) constata: “A questão do autor continua central nos debates atuais sobre as escritas de si”. Prova disto é o sucesso acadêmico-editorial do livro de Diana Klinger cujo título anuncia, com dicção de manifesto, um dos mais prolíficos nichos dos estudos literários na atualidade: *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Lançado em 2007 como “a melhor introdução ao assunto disponível no momento” (Ítalo Moriconi), em menos de uma década o livro alcançou sua terceira edição (2016) e o *status* de referência obrigatória, entre nós, quando quer que se debata seriamente a problemática da “autoficção”. O cerne da potência programática do livro reside na fórmula antibarthesiana em seu subtítulo, “o retorno do autor”, enunciada, é claro, em contraposição à famigerada declaração da “morte do autor” (1968), doravante superada: “a escritura como destruição da voz e do corpo que escreve seria um conceito datado, e talvez historicamente ultrapassado. [...] Acredito que na atualidade já não seja possível reduzir a categoria de autor a uma função” (KLINGER, 2016, p. 30); e ainda: “Sustentar a existência de *um retorno do autor* implica necessariamente entrar no debate sobre a produção da subjetividade em relação com a escrita. De fato, esses dois termos estão em estreita relação: da Antiguidade até hoje, a escrita performa a noção de sujeito” (Ibid., p. 23). Ora, mas justamente em vista dessa performatividade inerente *desde sempre* à escrita é que a noção de autoficção “como uma característica própria da narrativa contemporânea” (KLINGER, 2008, p. 18) não se sustenta. Klinger lamenta que “em muitas das discussões acadêmicas e jornalísticas esse conceito [autoficção] tem adquirido uma amplitude tal que parece abranger desde *Infância* de Graciliano Ramos até os *blogs* pessoais” (Ibid., p. 18), mas o fato é que a concepção de uma *performance da subjetividade pela escrita* não pode e não deve ser circunscrita a uma determinada época, a menos que nos deixemos reger pelo fetichismo historicista do “contemporâneo”; ou a um determinado gênero discursivo, a menos que nos deixemos reger pelo fetichismo essencialista do “(auto)ficcional”. Se “pensar o sujeito da escrita depois da crítica estruturalista do sujeito” (KLINGER, 2016, p. 28) tornou-se, de fato, uma tarefa incontornável para os estudos literários no século XXI, a mesma não se cumprirá a contento ignorando-se que “o debate sobre a produção da subjetividade em relação com a escrita” já vem sendo travado no âmbito do estudos da linguagem há pelo menos quatro décadas, desde que o pós-estruturalismo bakhtiniano trouxe para o centro da reflexão sobre o discurso a problemática polifônico-dialógica. Nesta perspectiva, aliás, não há “produção da subjetividade” que não se dê num horizonte de *alteridade* discursiva, reconhecendo-se, com isso, a coexistência e a codependência entre o que Klinger concebe como modalidades distintas de escrita: a “de si”, a “do outro”. Os textos, já clássicos, de Jacqueline Authier-Revuz – “Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso” (1982) – e de Oswald Ducrot – “Esboço de uma teoria polifônica da enunciação” (1984) – constituem marcos da “virada bakhtiniana” em direção às dinâmicas de coconstrução do Outro e de Si no discurso. Mais recentemente, um volume coletivo como *Imagens de si no discurso: a construção do ethos* (2005), organizado por Ruth Amossy, testemunha a amplitude e a vitalidade das pesquisas focadas nessas dinâmicas em domínios diversos. Na pesquisa literária, destacam-se, nesse sentido, os estudos de *imagologia*: outrora combatidos como resquício do paradigma historicista do comparatismo ocidental, são hoje “reconhecidos pelo *establishment* comparatista como uma das bases dos estudos culturais, e até mesmo do ‘multiculturalismo’”, observa Pageaux (2011, p. 109). O comparatista francês esclarece que “toda imagem procede de uma tomada de consciência [...] de um Eu em relação a um Outro, de um aqui em relação a um alhures. [...] é a expressão, literária ou não, de um distanciamento significativo entre duas ordens de realidade cultural” (Ibid., p. 110); “[uma] língua segunda para dizer o Outro e, conseqüentemente, para dizer também um pouco de si, de sua cultura” (Ibid., p. 111); e ainda: “Toda alteridade revela uma identidade – e vice versa” (Ibid., p. 111). Interessamo-nos, aqui, pelas dinâmicas de cocriação de imagens do Outro e de Si nos discursos, sem restrição de época ou gênero; mais especificamente pela maneira como uma “imagem de si” se revela a partir de



uma “imagem do outro”, ao modo de “de uma tomada de consciência de um Eu em relação a um Outro”. Como essa “tomada de consciência” se performa, por exemplo, na construção de personagens narrativas a partir de um ponto de vista enunciativo? Desde seus primórdios – com Henry James, Percy Lubbock, E. M. Forster –, a moderna teoria da personagem se vê assombrada pela problemática do ponto de vista; depois do degredo a que a narratologia estruturalista a relegou, ela retorna pela via de uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa (cf. Rabatel). Tomando como mote a reflexão acerca da *figuração* como “conjunto de processos discursivos e metaficcionais que individualizam figuras antropomórficas, localizadas em universos diegéticos específicos, com cujos integrantes aquelas figuras interagem, enquanto personagens” (REIS, 2018, p. 165), este simpósio se constituirá como espaço de teorização e de análise da tomada de consciência de um Eu em relação a um Outro nessa performance figurativa; em suma: da escrita do outro como escrita de si.

Referências:

- AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso [1982]. Trad. de Alda Scher e Elsa M. N. Ortiz. In: _____. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 2. ed. Trad. de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- DUCROT, Oswald. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação [1984]. Trad. de Eduardo Guimarães. In: _____. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987. p. 161-218.
- FIGUEIREDO, Eurídice. *Em torno de Roland Barthes: da “morte do autor” ao nascimento do leitor e à volta do autor*. Santa Maria (RS): PPGL/UFSM, 2015.
- KLINGER, Diana. Escrita de si como performance. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 12, p. 11-30, 2008.
- KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. 3. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.
- PAGEAUX, Daniel-Henri. Elementos para uma teoria literária: imagologia, imaginário, polissistema. Trad. de Katia A. F. de Camargo. In: _____. *Musas na encruzilhada: ensaios de literatura comparada*. Frederico Westphalen(RS)/São Paulo/Santa Maria(RS): EdURI/Hucitec/EdUFSM, 2011. p. 109-127.
- RABATEL, Alain. *Homo narrans: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa*. v. 1. Trad. de Maria das Graças S. Rodrigues, Luis Passegui e João G. da Silva Neto. São Paulo: Cortez, 2016.
- REIS, Carlos. *Dicionário de estudos narrativos*. Coimbra: Almedina, 2018.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

EXUMAÇÕES: DO AUTOR (“PENSAR O SUJEITO DA ESCRITA DEPOIS DA CRÍTICA ESTRUTURALISTA DO SUJEITO”...)

Nabil Araújo

Resumo: A recente reflexão teórico-crítica acerca das “escritas de si” costuma apoiar-se numa narrativa de “morte e renascimento” do autor. Exemplos disso no Brasil são os livros *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica* (2007), de Diana Klinger, e *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção* (2013), de Eurídice Figueiredo. O cerne



da potência programática do livro de Klinger, que em menos de uma década alcançou sua terceira edição (2016), reside na fórmula antibarthesiana em seu subtítulo, “o retorno do autor”, enunciada, é claro, em contraposição à famigerada declaração da “morte do autor” (1968), doravante superada: “a escritura como destruição da voz e do corpo que escreve seria um conceito datado, e talvez historicamente ultrapassado. [...] Acredito que na atualidade já não seja possível reduzir a categoria de autor a uma função” (KLINGER, 2016, p. 30). Figueiredo, por sua vez, identifica na obra tardia do próprio Barthes o ultrapassamento a que se refere Klinger: “Esses últimos livros e artigos de Barthes já apontam para as mudanças de paradigma que estavam se processando tanto nele enquanto autor quanto no mundo literário francês. Ele deixava para trás as fórmulas mais duras do estruturalismo, em favor de uma valorização da subjetividade” (FIGUEIREDO, 2013, p. 24). Em ambos os livros, portanto, o estruturalismo é tomado como agente de obliteração do sujeito da escrita; daí o imperativo programático enunciado por Klinger de se “pensar o sujeito da escrita depois da crítica estruturalista do sujeito” (KLINGER, 2016, p. 28). Com vistas, então, ao que chama de “debate sobre a produção da subjetividade em relação com a escrita”, Klinger reconhece: “De fato, esses dois termos estão em estreita relação: da Antiguidade até hoje, a escrita performa a noção de sujeito” (Ibid., p. 23). Bem entendido, a superação da obliteração estruturalista do sujeito da escrita deveria se dar por uma espécie de retorno pós-estruturalista ao autor, à maneira de um desrecale do sujeito como performance discursiva na produção escrita da Antiguidade até hoje. Ao invés disso, contudo, o que aí se anuncia é um pretense “retorno do autor” na produção escrita contemporânea, ao modo de um novo gênero discursivo (“autoficção”), correndo paralelamente, eventualmente de modo cruzado, a uma pretensa “virada etnográfica” nessa mesma produção: “Assim, nestas ficções confluem duas perspectivas, a escrita de si e a escrita do outro, que identificamos com duas tendências da narrativa contemporânea: o ‘retorno do autor’ e a ‘virada etnográfica’” (Ibid., p. 10). Se “pensar o sujeito da escrita depois da crítica estruturalista do sujeito” tornou-se, de fato, uma tarefa incontornável para os estudos literários no século XXI, a mesma não se cumprirá a contento ignorando-se que “o debate sobre a produção da subjetividade em relação com a escrita” já vem sendo travado no âmbito dos estudos da linguagem há pelo menos quatro décadas, desde que o pós-estruturalismo bakhtiniano trouxe para o centro da reflexão sobre o discurso a problemática polifônico-dialógica, em vista da qual a confluência entre “escrita de si” e “escrita do outro” é, não uma excepcionalidade, mas constitutiva de todo e qualquer discurso. Recuperaremos, aqui, alguns marcos dessa reflexão, a título de uma sucessão de exumações do autor na teoria pós-estruturalista do discurso: (i) os textos da década de 1980 de Jacqueline Authier-Revuz e de Oswald Ducrot sobre a heterogeneidade constitutiva e a polifonia na enunciação; (ii) a teoria do ponto de vista de Alain Rabatel; (iii) a teoria do ethos de Dominique Maingueneau. Por fim, um quarto marco que abordaremos, à guisa de síntese, são os estudos de imagologia, de acordo com os quais “toda imagem procede de uma tomada de consciência [...] de um Eu em relação a um Outro, de um aqui em relação a um alhures. [...] é a expressão, literária ou não, de um distanciamento significativo entre duas ordens de realidade cultural” (PAGEAUX, 2011, p. 110); “[uma] língua segunda para dizer o Outro e, conseqüentemente, para dizer também um pouco de si, de sua cultura” (Ibid., p. 111), de modo que: “Toda alteridade revela uma identidade – e vice versa” (Ibid., p. 111). Focaremos, aqui, em suma, abordagens que desvelam as dinâmicas de cocriação de imagens do Outro e de Si nos discursos, sem restrição de época ou gênero, a serem complementadas, não obstante, pelos estudos da genericidade (Adam & Heidmann).

Palavras-chave: Escrita de si; escrita do outro; sujeito da escrita; dialogismo; polifonia.

ENTRE O “EU” E O “OUTRO” NA ORDEM DO DISCURSO DA GRÉCIA ANTIGA

Rafael Guimarães Tavares da Silva e Sara Camila Barbosa dos Anjos

Resumo: Tomando por base a dimensão dialógica da linguagem, segundo as teorias de Bakhtin (1995) e Benveniste (1966), pretendemos analisar as implicações que o emprego da primeira pessoa pode ter em sua relação com a alteridade em alguns gêneros do discurso da Grécia



Antiga. Em um primeiro momento, voltamo-nos às narrativas épicas arcaicas, nas quais se encontra um “eu” divinamente inspirado pelas Musas e portanto “mestre da verdade” (DETIENNE, 1988), como se dá a ver nos poemas homéricos e hesiódicos, sobretudo em *Trabalhos e Dias*. Em um segundo momento, a partir de uma laicização gradual dessa palavra divina, que se torna uma espécie de arena na qual diferentes visões de mundo têm um campo para se enfrentar segundo certas regras a fim de estabelecer o discurso verdadeiro e distingui-lo do falso (FOUCAULT, 1996), examinamos a historiografia tal como concebida por Heródoto e a configuração de um “eu” que se volta para o “outro” a fim de investigar a verdade histórica daquilo que narra (HARTOG, 2014). Finalmente, chegamos até as narrativas fantásticas do “eu” de Luciano de Samósata, em sua reflexão crítica sobre os limites da poética clássica e seus jogos que colocam em xeque as fronteiras dessa poética (BRANDÃO, 2001; 2015). Em cada um desses momentos, vamos sugerir uma possibilidade de leitura em que esses discursos têm como referente seus próprios autores, mas não como pessoas biográficas, e sim como personagens construídos discursivamente. Ao demonstrar de que modo tais “personagens” se exibem no momento mesmo de sua construção discursiva – indagando-se como sujeitos desses discursos e posicionando-se de forma crítica perante os seus modos de representação –, refutamos a ideia de que tais elementos autoficcionais estejam restritos exclusivamente à narrativa contemporânea, na linha do que defende Diana Klinger (2008, p. 18). Contrapondo-nos a uma noção historicista e essencializante dos gêneros do discurso, que limita uma obra às características que pode ter pretendido lhe imputar seu autor, adotamos a compreensão de que o ato de leitura deve englobar outros pontos de vista além do autorial, tais como o leitorial e o editorial, segundo uma perspectiva tornada possível a partir de estudos da genericidade (ADAM; HEIDMANN, 2011). Essa exposição pretende dar a ver de que modo a interação dialógica entre um “eu” e um “outro” – característica de toda linguagem – se manifesta em alguns dos gêneros da ordem do discurso na Grécia Antiga, tal como estabelecida pelos autores aqui analisados.

Palavras-chave: Poética clássica; Historiografia antiga; Filosofia antiga; escrita de si; epistemologia

O ETHOS DA CRÍTICA PRÉ-MODERNA E O CASO HOMERO

Thiago Nunes Santana

Resumo: A comunicação terá por objetivo apresentar a relação entre a crítica setecentista francesa e a modificação do ethos em textos críticos durante a passagem para a modernidade. Especificamente, buscaremos evidenciar a forma através da qual Anne Dacier e Houdar de La Motte, representantes, respectivamente, dos Antigos e Modernos na controvérsia denominada *Querelle sur Homère*, pressupunham certos pontos de vista enunciativos ao reivindicarem para um ou outro lado a correta imagem de Homero e da tradição clássica de maneira geral. Segundo nossa hipótese, tais pressupostos relacionam-se intimamente com uma modificação na construção coletiva do conhecimento humanístico conforme empreendida desde o século XVI, em decorrência da crise do modelo de esfera de julgamento das obras descrita, por exemplo, em *Crítica e crise* de Reinhart Koselleck. Esta crise, como buscaremos defender, possui implicações substanciais não apenas para a avaliação da tradição clássica, isto é, para o exercício da alteridade histórica, mas também, e principalmente, para o estatuto do crítico e sua representação na apreciação das obras. Isso não significará, no entanto, o abandono dos critérios classicistas, de modo que as prescrições de Aristóteles e Horácio, num primeiro plano, e de Longino, num segundo, bem como a de seus diversos comentadores, seguirão determinando as linhas gerais da argumentação. Significará, por outro lado, uma mudança de natureza do ethos nos textos críticos, implicando, assim, uma renovação da autoimagem de seus agentes. Defenderemos que Houdar de La Motte, figura central dos Modernes na *Querelle*, compreendia-se, enquanto crítico, de modo radicalmente diverso em relação à sua adversária no que diz respeito à sua própria individualidade e autonomia – e isso pode ser observado em sua construção de Homero. Trata-se, no caso de La Motte, de um ethos desligado da autorictas clássica, bem como da *conversatio* renascentista, que marcam, respectivamente, a episteme e a



sociabilidade da République des Lettres classicista. Nesse sentido, a Querelle poderá ser compreendida como um ponto de inflexão na história do pensamento literário que traz à tona ao menos um aspecto da crítica moderna, epitomado por Kant em *O que é o Iluminismo?*: a “maioridade” intelectual, isto é, o julgamento individual e isento de coerções. É preciso, porém, diferenciá-lo de outra característica tipicamente moderna e também sistematizada por Kant: a impossibilidade ou vazio de critérios nos juízos de gosto. Tanto La Motte quanto Dacier pertencem à mesma tradição epistemológica e crítica e se valem das mesmas coordenadas clássicas na apreciação de Homero. Não há, portanto, a ausência ou o questionamento dos critérios. Assim, o que os distingue é menos o conteúdo de suas críticas, isto é, os critérios e argumentos per se, do que a forma de empreendê-los através da representação de si próprio: esta, sim, moderna em La Motte e antiga em Dacier.

Palavras-chave: Crítica; Modernidade; Homero; Querela

16/07 (TARDE)

COMO FAZER TEORIA: WOLFGANG ISER, LEITOR DA MODERNIDADE

Janine Resende Rocha

Resumo: Este trabalho propõe um breve percurso pela teoria de Wolfgang Iser a fim de verificarmos sua interlocução com textos literários, críticos, teóricos ou filosóficos, já que a construção de seu pensamento é devedora de uma dupla via de leituras: ele é leitor de um determinado corpus literário – seleção que contempla Henry Fielding, Henry James, Ivy Compton-Burnett, James Joyce, Laurence Sterne, Samuel Beckett, T. S. Eliot, William Faulkner, William Shakespeare e William Thackeray, entre outros escritores –, como também se atém à tradição epistemológica da modernidade. Em face dessa rede de leituras, pretendemos analisar como a subjetividade teórica pode ganhar contornos ainda mais expressivos se considerarmos o diálogo de Iser com a voz de outros autores. Nesse sentido, é preciso não só mapear seus interlocutores, mas, sobretudo, considerar a maneira como as leituras dos autores aos quais se reporta são exploradas – ou manipuladas – teoricamente e como elas mantêm uma estreita relação com o enquadramento conceitual que concebe. Como destacaremos, essa relação acentua princípios norteadores da teoria proposta por Iser – colocando-os, muitas vezes, à prova –, por explicitar pontos que são mais reveladores da própria elaboração teórica do que da escrita do outro. Adotada como um recurso discursivo recorrente, a dêixis entre diversas fontes bibliográficas e os termos que articulam o pensamento teórico evidencia aspectos preponderantes do exercício iseriano de “theory-building” (ISER, 2006) – na expressão da qual o autor se vale recorrentemente no prefácio do livro *How to do theory* para designar o impacto das condições criadas por um “cognitive framework” (ISER, 2006) nas teorias modernas da literatura e da arte, as quais podem ser facilmente revertidas em uma explicação genérica de seu próprio trabalho. Para abordarmos tais aspectos, iremos privilegiar, em um primeiro momento, as proposições metateóricas feitas por Iser na introdução e na conclusão de *How to do theory*, as quais esboçam questões desenvolvidas ao longo de sua obra e apontam tanto para a concepção do autor acerca da tessitura teórica, como para o caráter fundamental da literatura e das artes nessa urdidura. Tal livro foi encomendado ao autor e é uma espécie de manual teórico – ou, nas suas palavras, “the book is an anthology of key theoretical statements” (ISER, 2006). Ele compreende pequenos capítulos sobre autores vinculados a importantes movimentos teórico-filosóficos do século XX, entre eles Roman Ingarden, Hans-Georg Gadamer, Ernest Gombrich, Umberto Eco, Eric Gans, Raymond Williams, muitos dos quais Iser elegeu como interlocutores teóricos. Em um segundo momento, iremos pontuar aspectos pertinentes às obras: *Der Akt des Lesens. Theorie ästhetischer Wirkung*, de 1976; *Das Fiktive und das Imaginäre. Perspektiven literarischer Anthropologie*, de 1991; e *The range of interpretation*, de 2000. Essa tríade suscita uma possível divisão de fases na teoria iseriana, sem que haja, contudo, uma disjunção entre elas, pois as preocupações apresentadas nesses livros são convergentes. Inicialmente, Iser projeta uma teoria do efeito estético, considerando o ato da leitura a partir da especificidade do



texto literário, para depois investigar bases filosóficas da antropologia literária e, por fim, avaliar a premência da interpretação no estudo da literatura. Referências Iser, Wolfgang. *How to do the theory*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006. Iser, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996-99. 2 v. Iser, Wolfgang. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Trad. Johannes Kretschmer. Prefácio Dau Bastos. 2. ed. revista. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. Iser, Wolfgang. *The range of interpretation*. New York: Columbia University Press, 2000.

Palavras-chave: Wolfgang Iser; modernidade; teoria da literatura; interpretação; leitura.

PERSPECTIVAS EM JOGO NA LEITURA DA NARRATIVA LITERÁRIA

Raquel Trentin Oliveira

Resumo: Com base nos estudos da narratologia pós-clássica, esta comunicação pretende discutir a noção de perspectiva narrativa. Para além de um dispositivo formal responsável pela focalização, manipulado exclusivamente pelo narrador (conforme defendeu Gérard Genette em seu *Discours du récit*, 1972), entendo que a noção de perspectiva narrativa envolve as diferentes concepções de mundo projetadas no texto (como as das personagens, do narrador, do autor e do leitor modelo) ou agenciadas pela mediação do texto (como as do autor criador e as do leitor receptor). Considero assim o jogo de perspectivas envolvido na inter-relação dinâmica e performática entre autor-texto-leitor. Como nos ensinou Wolfgang Iser (1989), os autores jogam com os leitores e o texto é o campo do jogo, na medida em que nele é esboçado um mundo que deverá ser imaginado e interpretado pelo leitor. Nesse jogo, a perspectiva do leitor interatua com as demais perspectivas e reage axiológica e emocionalmente a elas. Ao detectar incongruências ou contradições entre as várias perspectivas, o leitor é convidado a tomar uma postura frente a elas e para isso terá de fazer valer a sua própria perspectiva, não só como uma posição de leitura a ocupar, não só como aproximação ao leitor implícito, senão também como leitor real, com uma bagagem cultural e ideológica que o faz interagir com o texto, traçando uma relação tanto de encontro como de tensão entre o seu próprio mundo e o do texto (PIMENTEL, 2012). Naturalmente, esse processo não implica o engessamento semântico da narrativa, apresenta-se, ao contrário, como uma constante instável, propensa a diferentes agenciamentos e linhas de fuga. Nesta ocasião, enfocarei, especificamente, a forma como a perspectiva do leitor se relaciona com as perspectivas das personagens, com os seus modos de sentir, pensar, imaginar e expressar o mundo.

Palavras-chave: Narratologia Pós-Clássica; Perspectiva Narrativa; Personagem; Leitor.

MÚLTIPLOS AGENTES DA OBRA: O PROJETO "CANÇÃO DE AMOR PARA JOÃO GILBERTO NOLL"

Luis Alberto Ferreira Brandão Santos

Resumo: O objetivo deste trabalho é debater alguns pontos aporéticos presentes na noção de autoria (em especial, a vinculação supostamente necessária e suficiente entre autor e obra, e a suposta possível dissociação entre autoria e leitura, obra e leitura), os quais se desdobram em dilemas para gêneros como autobiografia, autoficção e escrita de si. Propõe-se um levantamento crítico de noções alternativas, que buscam solucionar esses pontos aporéticos, entre as quais estão as de autoria múltipla, curadoria e agenciamento (a figura unívoca do "autor da obra" se expandindo na processualidade múltipla de "agentes da obra"). Tais alternativas problematizam o caráter supostamente autoevidente da noção de obra. Sobretudo no contexto intelectual conhecido como estruturalista (e/ou, não sem polêmica, pós-estruturalista), intensamente marcado pelo desejo de rever, no campo das humanidades, a validade de concepções consideradas elementares, a noção de obra ganhou destaque como noção-problema. A pergunta sobre o que é uma obra (em sentido geral, mas também, em sentido estrito, de obra literária e obra de arte) e a demanda por uma "teoria da obra" continuam válidas, pois fazem parte de um movimento mais geral de negatividade epistemológica, dirigida sobretudo às categorias tidas como autossuficientes por certa tradição intelectual que valoriza os fatores de continuidade em



detrimento daqueles de descontinuidade. A crítica a tal tradição é explícita, por exemplo, no pensamento de Michel Foucault. Demonstrando, com exemplos concretos, o quão problemáticos são tanto o pressuposto da "unidade material" do livro quanto o da "unidade discursiva" da obra - usualmente invocada a partir da remissão a um nome próprio, o nome do autor, ou à homogeneidade expressiva -, Foucault conclui que "a obra não pode ser considerada como unidade imediata, nem como unidade certa, nem como unidade homogênea". Assim, a partir de questões sobre a noção de obra e seus corolários de unidade e concretude - questões que abarcam os vínculos entre obra e objeto, suporte, condições de apresentação, espaço perceptivo, mecanismos culturais -, proponho uma reflexão sobre as ambivalências de tal noção, bem como sobre as delimitações e os cruzamentos entre alguns dos principais agentes e dos respectivos processos de atuação a que a noção de obra se associa, como autor, editor, tradutor, leitor e curador. A presente reflexão faz parte da pesquisa intitulada "Conceitos de obra, espaços literários e transartísticos", desenvolvida com o apoio do CNPq e da Fapemig, e toma como principal objeto o subprojeto "Canção de Amor para João Gilberto Noll", experimento prático, por mim desenvolvido, que alia crítica literária, depoimento histórico e afetivo, elaboração criativa (poética e ficcional) e veiculação pública (por intermédio de diversos meios, como performances presenciais, postagens na rede digital, convite a outros pesquisadores e artistas, publicações em periódicos, preparação de um livro impresso) para a constituição de uma "obra" e para a discussão das ambivalências de tal noção e dos modos consolidados de produção (autoria), recepção (leitura e leitura crítica) e interferência nos campos acadêmico e artístico.

Palavras-chave: Autoria; Obra; Agentes; Canção de Amor; João Gilberto Noll

ESCRITA DE SI E ESCRITA DO OUTRO EM ARMADILHA PARA LAMARTINE E EM SUA FORTUNA CRÍTICA

João Gonçalves Ferreira Christófaros Silva

Resumo: O presente trabalho busca colocar em relação o debate acerca do caráter ficcional e/ou (auto)biográfico de Armadilha para Lamartine, de Carlos & Carlos Sussekind, e alguns embates que se estabelecem no interior da própria obra. Defendemos que tanto a obra quanto sua recepção crítica podem ser abordadas a partir da problemática da inscrição de si por meio da inscrição do outro, e vice-versa. No interior da obra, a duplicidade entre Dr. Espártaco e Lamartine pode ser analisada como um embate entre controlar a própria escrita por medo de tornar-se outro, por parte do primeiro, e inscrever-se a si mesmo sempre recorrendo ao outro, por parte do segundo. Tendo em vista que esse embate se desdobra, ainda no interior da obra, em um segundo, entre escrever um diário e compor um romance, buscamos analisar a recepção de Armadilha para Lamartine como uma variação daquele embate, em que o que está em jogo são as maneiras pelas quais um texto (auto)biográfico pode (ou não) tornar-se ficção e, inversamente, os modos pelos quais uma obra ficcional pode ser composta a partir de um texto autobiográfico.

Palavras-chave: Diário; Romance; Self-fashioning; Carlos Sussekind

17/07 (MANHÃ)

BATAILLE E CARSON: DESEJO E SABER NA ESPACIALIDADE LIMÍTROFE ENTRE O EU E O OUTRO

Felipe Leal Almeida Resende

Resumo: Sobre o fenômeno de alfabetização (letramento) na Grécia, particularmente na direção do desenvolvimento da práxis poética, em algo semelhante ao que Foucault (2012) salientará das práticas meditativas dos sujeitos enquanto "técnicas de si", a poetisa canadense Anne Carson fala da resistência a um ambiente exterior como movimento de distinção individual, e da escrita como um ato de fechamento, de controle dos sentidos para que a energia mental se dirija ao texto. Dirá, também, que "o reconhecimento de que tal ação de controle é possível, e talvez



necessária, marca um estágio importante em ambos os desenvolvimentos da filogenética e da ontogenética, um ponto em que a personalidade individual se reúne para resistir à desintegração” (CARSON, 1986, pg. 44, tradução do autor). Ser, ao que parece, se revelava, nos momentos de escrita, uma questão de jogo entre uma espacialidade prévia a partir da qual se fazia o sentido de si – e perpetuamente. Esse caminhar entre o dentro e o fora, o si e o outro na analítica constante do indivíduo com o mundo, encontra similitude com o tratamento que Georges Bataille oferta à nossa relação com o não-saber: chamando-o de desnudamento (2016, pg. 85), ao sujeito que acredita saber de algo, tal lampejo de nudez e totalidade não é que um primeiro passo, talvez mesmo uma simultaneidade, à fuga daquilo que retoma o não-saber, um ponto cego, uma vez que é impossível saber de tudo sem se desintegrar a si mesmo. Em se tratando de certo princípio comunicativo de insuficiência do ser, basilar aliás para sua própria colocação em questão (BLANCHOT, 2013, pg. 16), Bataille dirá que “sujeito, objeto, são perspectivas do ser no momento da inércia, que o objeto visado é a projeção do sujeito ipse querendo se tornar o todo, que toda representação do objeto é fantasmagoria resultante dessa vontade néscia e necessária” (idem, pg. 87). Há, entre estes dois autores, uma convergência de suspeita que não só respinga em suas produções textuais, como é precisamente o que as torna necessária e vitalmente múltiplas, fronteiriças, desdobradas, infiltradas por uma mutabilidade das formas: em *The Beauty of The Husband* (2001), Carson cria um ensaio ficcional sobre o fracasso de seu casamento através de atos de um tango que deve ser dançado até o fim, como a dança mesma o dita; *n’O Culpado* (2017), Bataille interpela o leitor, delinea diálogos e lança poesias suplementares abruptamente; dos traços do diário se contamina de um somatório ensaístico sobre a amizade, o riso, o jogo, desce até a intimidade de casos amorosos para encontrar analogias com o homem e suas Questões com Deus. Por que, então, o jogo erótico e as cegueiras e apreensões do saber se assemelham? Por que se tangenciam numa relação entre a escrita, o si e a alteridade e cujo ponto de encontro são as distâncias e aproximações, o velar e o desvelar, um dispositivo “onde desaparecemos dentro de nós mesmos para olhar” (CARSON, 1987, pg. 72), criando um subterfúgio em que a forma se convida pela singularidade da experiência interna?

Palavras-chave: Eros; Não-Saber; Escrita; Outro; Experiência

A PRISÃO INSCRITA NO CORPO: EU X OUTRO

Ivete Lara Camargos Walty

Resumo: Retomando artigo escrito em conjunto com Sandra Cavalcante (PUCMinas), intitulado *RELATOS ENTRE A MARGINALIDADE E A LEI: UMA PERSPECTIVA DISCURSIVO-COGNITIVA* (Revista Citar, 2019, no prelo), em que “tomamos como objeto de estudo a configuração ético-estética da construção identitária manifestada em narrativas autobiográficas produzidas em situação indiciadora de vulnerabilidade social”, pretendo continuar analisando relatos de Luiz Alberto Mendes, agora nos livros *Às cegas* (2005) e *Confissões de um homem livre* (2015). Para isso, partirei do princípio de que, antes de se constituir na escrita, a subjetividade, ou a intersubjetividade, constrói-se na e pela linguagem, dada como atividade constitutiva do ser humano (Benveniste, 2005), sempre na encenação de um eu frente a um tu. Dessa forma, a construção da relação enunciador/enunciatário, em sua variedade, guiará o exame da narrativa e suas cenas constituintes. Assim, considerando as reflexões de Nancy Huston, em *A espécie fabuladora* (2010), e de Rabatel, em *Homo narrans* (2015), quero “examinar o ‘homem que narra’, não mais por intermédio de uma lógica da narrativa que reduz seu papel a uma voz mais ou menos desencarnada, assegurando funções de ‘controle narrativo’, mas por intermédio de uma lógica da narração que confere a essa voz um corpo, um tom, um estilo, uma inscrição em uma história”. (2015) Examinarei, pois, a escrita inscrita no corpo do prisioneiro, como imagens de si e do outro, tanto no que se refere a experiências individuais como institucionais, narradas como forma de sobrevivência, ou, mais do que isso, como forma de condição de vida.

Palavras-chave: prisão, corpo, identidade, narratividade



ESCRITA DO OUTRO COMO ESCRITA DE SI: A IMAGEM DA MULHER NA RESISTÊNCIA ITALIANA NO ROMANCE DE RENATA VIGANÒ

Isabella Andrade

Resumo: A escrita de si, apesar de um tópico extenso, não se caracteriza como um gênero literário, mas se coloca no campo do confessional e pode ter como escopo contar sobre vida do eu ou então fixar as experiências do indivíduo, assumindo, dessa forma, um caráter narrativo, segundo Pedro Galas Araújo (2011). No caso de Renata Viganò, autora de *L'Agnese va a morire*, é através da história ficcional e ao mesmo tempo real e autobiográfica que sua vivência como uma partigiana (como se chamavam os camponeses da luta antifascista na Itália) da Resistência italiana compartilhada, reafirmada e evidenciada. Viganò vai em busca do eu que é alcançado através da linguagem, como parte da experiência humana. Existe já um eu revelado no texto, que busca ser/ parecer sincero, justificando sua subjetividade e individualidade que, por fim, são elementos que acabam por caracterizar e definir o ser. Além da busca do eu que é enxergado através do outro, a autora busca uma identidade una, coisa que o indivíduo não possui, afinal, segundo Hall (2001, p.13) “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor um ‘eu’ coerente”. Agnese, o eu espelhado de Viganò, tem sua imagem pintada como a de uma mulher ignorante, pois não tinha estudos, forte como uma árvore, pois tudo aguenta e principalmente como uma analfabeta política, da qual não se espera uma função importante num contexto de guerra. Durante o decorrer da história Agnese sofre mudanças na forma em como é vista pelos outros: mesmo sem nunca ter tido filhos, ao se juntar à Resistência, ganha o apelido de Mamma Agnese, pelo seu instinto maternal de cuidar de todos, tornando-se a figura da “mãe”; ela passa também a acumular funções outrora consideradas impróprias à uma senhora como ela, como entrega de mensagens confidenciais, o que lhe confere uma imagem política forte. Ela mostra um crescimento, mostra que adquiriu consciência política ao propor a se impor no meio em que estava inserida e ao trocar experiências com os outros. O eu jamais é único, ele é um reflexo do outro. Dessa forma, “o eu é um narrador que se narra e (também) é um outro” (Sibilia, 2008, p.32). Por fim, escrever sobre si, ou escrever uma “história de vida” é dar ao sujeito o poder de ser ator social, espaço no qual o individual e o social se interconstroem num horizonte histórico-social, onde se articulam memória e história.

Palavras-chave: Literatura de resistência ; O eu e o outro ; Literatura Neorrealista ; A imagem da mulher na literatura ; Identidade

17/07 (TARDE)

FORMAÇÃO DO SUJEITO PELA IMAGEM: A CIÊNCIA SEM FICÇÃO DE GOETHE

Magali dos Santos Moura

Resumo: A presente comunicação visa propor um debate acerca do conceito de formação (*Bildung*) conforme idealizado por Johann W. Goethe sob uma perspectiva alternativa aos estudos de cunho estritamente literários. Este conceito, cuja expressão em termos de romance se encontra estampado como assunto central em “Anos de aprendizado de Wilhem Meister”, também é tematizado em seus escritos sobre estética, como também em seus textos sobre ciência natural. Mais conhecido pela autoria de textos marcantes da literatura mundial, o misto de poeta, romancista, filósofo, crítico literário e diretor de teatro, Goethe assumiu diversas funções burocráticas no ducado de Weimar e também desenvolveu uma profícua produção dedicada ao conhecimento dos fenômenos da natureza, sobretudo os relacionados às cores, enfeixados no livro “Doutrina das cores”, considerado por ele como sua obra mais importante. Os conceitos que embasam Goethe na tessitura de seus pensamentos acerca da natureza abrangem filósofos de distintas épocas como Platão, Aristóteles, Plotino, Espinosa e Kant. Entretanto será no ato da experiência e na consequente observação que ele ancorará a formação do pesquisador da natureza, mas sem prescindir de toda uma metafísica que o levará a cunhar



conceitos como “fenômeno puro”, “planta primordial” e “tipo” que formam como que uma base conceitual para o entendimento dos fenômenos. Aliado a isso, Goethe concebe uma natureza em incessante processo de modificação, o que impõe ao sujeito cognoscente o desafio de desenvolver em si instrumentos que possam promover o conhecimento do objeto enquanto fenômeno em devir. As questões que estão postas para o sujeito, enquanto aquele que promove a experimentação e que intenta saber o conceito que rege o fenômeno, requer um exercício ininterrupto da capacidade de ver o objeto sem mediações de qualquer ordem, sejam elas físicas ou metafísicas. Libertar-se dessas mediações requer a construção em si mesmo de um sujeito que, em uma relação direta com os fenômenos, seja capaz de sair de si e conectar-se com o outro, o que implica em uma resignificação e reconstituição intrínseca de si mesmo. Mergulhar no conhecimento do mundo requer um profundo processo de reescrita de si mesmo, ver o mundo passa a ser ver a si mesmo como não mundo, como um eu em processo e essência. Discutir tais questões será o objetivo deste trabalho.

Palavras-chave: Goethe; ciência da natureza; fenomenologia

NARRATIVAS GRÁFICAS DO OUTRO E DE SI NA CIDADE: ETNODENHOGRÁFIAS URBANAS

Carla Freitas Pacheco Pereira

Resumo: O desenho como linguagem para expressão subjetiva na modernidade coloca em pauta a dimensão humana do problema. Desmistificar a ideia de talento nato é ainda tarefa difícil, pois esta linguagem, relegada a segundo plano, consolidou a pouca exigência de formação específica do professor na área, o que contribui para o baixo grau de desenvolvimento da condição de observar, sentir e traduzir em formas gráficas ideias complexas. Um analfabetismo funcional reforçado na relação aluno-professor pelo mito de que um não pode ensinar e o outro não pode aprender, permanecendo os sujeitos isolados em si mesmos. O problema do desenho como linguagem subjetiva apresenta, ainda, duas dimensões, a primeira é aprender e ter consciência de um código, a segunda, diz respeito ao desejo de agir no mundo que é particular. Assim, a vontade de se comunicar através da expressão gráfica faz emergir a ideia do reencontro com o outro e consigo mesmo. Construir narrativas é uma forma de tornar-se sujeito experienciando o mundo em que se habita. Na contemporaneidade, os sujeitos em transe, e arrebatados pelos seus próprios sentidos, perderam a noção da realidade circundante. Este êxtase do sujeito marcado pela perda da dimensão ética e estética, também retirou de cena os narradores potenciais das cidades e esvaziou-se o palco dos acontecimentos da vida cotidiana. A pesquisa sobre os movimentos de desenho de rua, chamados de Urban Sketchers, trata de investigar a construção da subjetividade a partir da experiência de narrar graficamente o cotidiano nas cidades. A ideia deste movimento é que o desenhista capture em imagens, feitas a mão e in loco, um registro deste outro diverso de si, e que está imerso na mesma teia de relações que o faz existir no mundo real, que é a cidade, deslocando-se de seu isolamento contemporâneo da narrativa da self. A experiência de ilustrar a cidade e seus habitantes provoca o narrador a sair do transe pela possibilidade de um reencontro com subjetividades diversas e até então esquecidas, ou mesmo, ignoradas. Esta investigação também coloca em evidência o ensino da linguagem gráfica pela descrição densa do envolvimento dos participantes no evento denominado “Urban Sketching Brasil” e realizado na cidade de Salvador, em setembro de 2018. A metodologia escolhida é a descrição etnográfica, seguida de análise, fundada teoricamente na fenomenologia de Merleau-Ponty, na genealogia de Michel Foucault, e na historiografia feminista de Silvia Federici, levando ainda em consideração os trabalhos sobre a subjetividade e suas formas de expressão dos psicanalistas Maria Rita Kehl e Christian Dunker, e da antropóloga Ondina Pena. E fazendo uso de referências sobre etnografias urbanas de José Guilherme Magnani e Michel de Certeau. Estes autores constituem o fio condutor teórico da pesquisa oferecendo a possibilidade de uma abordagem atual para questões que envolvem a percepção de si, do outro e da cidade que se habita. O estudo etnográfico pretende tornar visível a relação sujeito-mundo, além de tentar

responder à pergunta sobre como a construção da subjetividade pode se dar a partir do uso da linguagem gráfica.

Palavras-chave: subjetividade – desenho - expressão- cidade – etnografia

CONSTRUINDO COM OS RESTOS: ENTRE UMA POLÍTICA DA IMAGEM E SUA QUIMERA

Pedro Gomes Dias Brito

Resumo: Nesta comunicação, contrastaremos dois modos de representar habitações construídas com os restos gerados pelo regime de produção capitalista. Em um primeiro momento, analisaremos “Rewear it” (algo como “Vista outra vez”). O clipe de 2016, com participação da rapper M.I.A., integra uma campanha publicitária pela reciclagem da empresa de “fast-fashion” H&M. Nossa fala se debruçará, especificamente, sobre este cenário: no panorama típico de uma metrópole global, pontuado por arranha-céus, M.I.A. canta cercada por tendas revestidas de tecidos multicoloridos e justapostos. De modo explícito, essas construções traduzem arquiteturalmente um discurso promocional de reaproveitamento da matéria têxtil. Todavia, assinalaremos como tais tendas evocam, a um só tempo, os acampamentos erigidos por refugiados, de maneira provisória e com escassez de recursos, nas fronteiras da Europa e dos Estados Unidos. Desse modo, desliza-se sutilmente de um discurso do consumo consciente para uma pretensa política da imagem, que daria a ver o modo de vida dos marginalizados pelo sistema capitalista global. Explicitaremos, no entanto, como esse dispositivo é irônico, pois quem dá a ver a marginalização é exatamente uma empresa que encabeça o mesmo sistema que exclui e desenha as margens. Em um segundo momento, nossa fala se deslocará no tempo e no espaço rumo a outro dispositivo imagético, político porque desvela imagens ocultas pelas instituições do poder e as retorna a quem de direito, “quer dizer, ao ‘público’, à comunidade, aos cidadãos” (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 206). Focalizaremos, nesse sentido, as fotos que Marcel Gautherot tirou na Sacolândia, conjunto de acampamentos criados pelos candangos, em território de cerrado virgem e intrincado às margens de Brasília, no período de sua construção, de 1956 a 1960. Para revestir suas casas ? estrutural e visualmente parecidas às tendas do clipe ?, os operários apropriam-se daquilo que seria descartado nos canteiros de obra: sacos de cimento vazios, isto é, o rebotalho do material de construção usado para edificar os monumentais prédios do Plano Piloto. Esse refugo é transmutado por homens e mulheres em proteção contra as intempéries, em espaço familiar e comunitário. Examinaremos algumas das imagens dessas moradias, que não visam a qualquer estetização da fome ou miserabilização de seus moradores. Pelo contrário, demonstraremos como Gautherot devolve a esses sujeitos imagens de sua dignidade e da riqueza da experiência sensorial disponível em suas vidas. Ademais, o fotógrafo restitui a cada elemento material desse acampamento a dignidade do que é: “uma resposta à violência de uma condição, o produto de uma arte de viver e de fazer ao mesmo tempo que a cicatriz de uma dupla dor, dor da necessidade sofrida e dor de que a resposta jamais esteja à altura de sua violência” (RANCIÈRE. 2011, p. 296).

Palavras-chave: Imagem; Política; Habitação; Restos

UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM PARA A PEÇA AQUELE QUE DIZ SIM E AQUELE QUE DIZ NÃO DE BERTOLT BRECHT

Thereza de Jesus Santos Junqueira

Resumo: Título: Uma proposta de abordagem para a peça Aquele que diz sim e Aquele que diz não de Bertolt Brecht. Resumo: Estudar a obra deixada por Bertolt Brecht é um trabalho árduo e desafiador, em razão de seu caráter fragmentário, já noticiado por Benjamin, em 1930, no ensaio Bert Brecht. O pesquisador, movido por um inevitável esforço de organização e sistematização, é frequentemente interrompido, à maneira do que acontece com o espectador do teatro épico. Há sempre o risco de desenvolver um argumento que, adiante, será negado pelo próprio autor, pois “Quem diz A, não tem que dizer B. Pode muito bem reconhecer que A foi dito errado”. Este trabalho propõe uma leitura que fuja seja a uma sistematização dada pelos estritos parâmetros



do teatro épico, tomado enquanto gênero explicativo para a obra do dramaturgo, seja pela chave marxismo-dialética, reconhecida e estudada como mote de várias peças, em diversos trabalhos acadêmicos e não acadêmicos. Pretende-se, através de uma leitura genealógica, recuperar o Gestus (Brecht, 1967) transgressor de Brecht e explicitar a potência de sua obra, acessível justamente quando se desvia de pressupostos que lhe oferecem uma imediata legibilidade. Entende-se que se apoiar exclusivamente nos parâmetros épicos significa reproduzir apenas o discurso empreendido pelo dramaturgo, que rompeu com o formato dramático, mas sem acompanhar seu Gestus, esse sim continuamente transgressor. Com o estudo do contexto de produção e, por conseguinte, do surgimento da peça, elabora-se uma pesquisa genealógica, tomando por genealogia a metodologia desenvolvida por Michel Foucault, em sua obra Microfísica do poder, na qual o autor, a partir de Nietzsche, recusa a pesquisa da Origem e, com ela, uma pesquisa metafísica, essencialista, que supõe a existência de uma verdade, identidade e sentido previamente dados e ocultos; em favor de uma pesquisa da procedência e do surgimento, que procura pelo começo histórico das coisas. Vislumbra-se em Aquele que diz sim e Aquele que diz não uma concretização desse Gestus transgressor, que reconhece que “B” não segue necessariamente “A”, uma vez que muita coisa pode acontecer nesse intervalo. O objetivo dessa proposta é explorar um acesso diferido à obra de Brecht, pautado por outras perspectivas que, supostamente, também guiaram o ato de escrita ou assinatura, segundo Derrida (2014) e outras que orientam o ato de leitura ou contra-assinatura (Derrida, 2014) que ora se empreende, refletindo, assim, sobre uma razão pela qual esse teatro siga provocando tantos públicos, leitores e pesquisadores, a despeito de seu ancoramento em um momento histórico tão peculiar, como foi o início do Sec. XX, bem como oferecendo leituras alternativas àquelas que consolidam o que seria uma origem ou uma verdade para o trabalho de Brecht. Palavras-chave: Genealogia; Gestus; Ato de escrita; Assinatura

Palavras-chave: Genealogia; Gestus; Ato de escrita; Assinatura

18/07 (MANHÃ)

“DUAS ALMAS EM UM PEITO”: ALFRED DÖBLIN, MÉDICO E ESCRITOR, POR ELE MESMO

Elcio Loureiro Cornelsen

Resumo: Nossa contribuição visa a uma reflexão sobre a auto-representação de escritores que, além da Literatura, dedicam-se a outras áreas ou mesmo desenvolveram, paralelamente, outra atividade profissional. Não é incomum encontrarmos escritores que sejam também advogados (Johann Wolfgang von Goethe, Franz Kafka, Bernhard Schlink), médicos (Alfred Döblin, Gottfried Benn, Arthur Schnitzler), engenheiros (Euclides da Cunha, Robert Musil, Alexander Kluge), arquitetos (Max Frisch, Stefan Heym, Milton Hatoum) etc. Alguns deles chegaram a escrever sobre suas relações profissionais ou de formação. Como exemplo desse aspecto, selecionamos o escritor e médico alemão Alfred Döblin (1878-1957), autor do famoso romance Berlin Alexanderplatz (1929). Döblin iniciou seus estudos de Medicina em 1900, na cidade de Berlim, e transferiu-se em 1904 para Freiburg i.Br., no sul da Alemanha, onde concluiu o Doutorado em 1905 com a Tese Distúrbios de memória na Psicose de Korsakoff (Gedächtnisstörungen bei der Korsakoffschen Psychose), sob orientação do renomado psiquiatra Alfred Hoche. Mesmo durante seu período de estudos, Döblin escreveu vários contos, entre outros, “O assassinato de um dente de leão” (Die Ermordung einer Butterblume), um dos principais contos do Expressionismo alemão. A partir de 1906, atuou como neurologista em manicômios na cidade de Regensburg e, posteriormente, em Berlim. Em 1911, o escritor abriu uma clínica de atendimento a pacientes da Previdência. Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 01 de agosto de 1914, para evitar uma convocação como soldado, Döblin preferiu se apresentar voluntariamente como médico, vindo a atuar em um hospital de campanha, em Saargemünd e, posteriormente, em hospitais na cidade de Hagenau, até novembro de 1918,



quando finda a guerra. Durante a guerra, em meio às atividades como médico, Döblin seguia com sua produção literária, escrevendo os romances *Os três saltos de Wang-lun*. Romance Chinês (*Die drei Sprünge des Wang-lun. Chinesischer Roman*), publicado em 1916, *A luta de Wadzek contra a turbina a vapor* (*Wadzeks Kampf gegen die Dampfturbine*), publicado em 1918, e *Wallenstein*, lançado em 1920, além de publicar vários ensaios no período. O mesmo quadro se manteve durante a República de Weimar, até fevereiro de 1933. No dia seguinte ao do incêndio criminoso do Reichstag, o edifício do Parlamento alemão, em 27 de fevereiro de 1933, Döblin deixou Berlim, pois temia ser preso pela Gestapo, rumando para a Suíça. Mais do que uma fuga, aquela situação colocou também um fim forçado em sua carreira de médico, uma vez que não pode mais exercer a profissão nos países em que se exilou: a Suíça em 1933, a França de 1933 a 1940, e os Estados Unidos de 1940 a 1945. Para ilustrar o modo como o escritor se auto-representava também como médico, selecionamos o texto “Duas almas em um peito” (*Zwei Seelen in einer Brust*), publicado em junho de 1928, o qual possui duas seções, em que o autor desdobra-se como Outro de si mesmo: “O neurologista Döblin sobre o poeta Döblin” (*Der Nervenarzt Döblin über den Dichter Döblin*) e, inversamente, “O poeta Döblin sobre o neurologista Döblin” (*Der Dichter Döblin über den Nervenarzt Döblin*).

Palavras-chave: Alfred Döblin; escrita de si; auto-representação.

MODULAÇÕES DE SI NO DISCURSO: ETHOS, IMAGEM DO ESCRITOR E IMAGINÁRIO DA ESCRITA NA CORRESPONDÊNCIA DE GRACILIANO RAMOS

Thayane Verçosa da Silva

Resumo: Em “Graciliano: das pérolas às críticas”, ao analisar as epístolas familiares do autor de *Infância*, reunidas em *Cartas: Graciliano Ramos* (1981), Leticia Malard afirma: “a análise dessas cartas revela um Graciliano oscilante entre amargo pessimismo e extrema euforia em relação a seu processo criador e à avaliação da própria obra” (2006, p. 205; grifo meu). Ao vislumbrar um Graciliano ora eufórico, ora disfórico, em relação à sua produção, e tentar encontrar as razões para oscilação, ela explica: “[a]s opiniões elogiosas impregnam-se do contexto da Revolução de 1930, diminuindo ironicamente o significado desta” (Ibid., p. 205; grifo meu), e “[a]s opiniões antielogiosas [...] vão aparecer num contexto que envolve submeter o romance à avaliação alheia, expondo o autor a críticas que ele mesmo [...] pretende antecipar” (Ibid., p. 206; grifo meu). Disso, Malard conclui: “Pesando-se na balança as opiniões favoráveis e as contrárias que Graciliano emite sobre suas produções, o ponteiro inclinará bem mais para as contrárias” (Ibid., p. 207). Ao invés de contabilizar a predominância de um ou outro posicionamento, importa-nos aqui reconhecê-los, ao posicionamento eufórico e ao disfórico de Graciliano em face de sua produção, como tese e antítese de uma concepção metaliterária a ser analisada. A tese, eufórica, pode ser assim ilustrada: “afastei-me da literatura que nos apresenta, sem nenhuma vergonha, matutos inverossímeis. Os nossos matutos nunca foram observados convenientemente. Os que aparecem em romances pensam como gente da cidade e falam difícil [...]. Com esse recurso infantil, certos escritores brasileiros se julgam sagazes. Acho que os tipos que lhe mando são verdadeiros” (RAMOS, 2008, p. 63; grifo meu). Já a antítese, disfórica: “Fiz um capítulo de vinte e cinco folhas [...]. Peça aos santos que esta encrenca termine daqui para novembro [...]. Há de ter graça no fim, quando compreenderem que o livro não presta para nada” (Id., 1982, p. 111; grifos meus). Uma síntese possível para ambas pode ser vista em uma passagem como: “[a]s caboclas de nossa terra são meio selvagens, quase inteiramente selvagens. Como pode você adivinhar o que se passa na alma delas? Você não bate bilros nem lava roupa. Só conseguimos deitar no papel os nossos sentimentos, a nossa vida. Arte é sangue, é carne. [...]. As nossas personagens são pedaços de nós mesmos. Só podemos expor o que somos” (Ibid., p. 213; grifos meu). Assim, pensando, com Bakhtin, que não existe produção da subjetividade fora do horizonte de alteridade discursiva, e, com Pageaux, que “toda imagem procede de uma tomada de consciência [...] de um Eu em relação a um Outro, de um aqui em relação a um alhures. [...] é a expressão, literária ou não, de um distanciamento significativo entre duas ordens de realidade cultural” (2011, p. 110), buscaremos analisar as modulações do ethos no



referido corpus epistolar, de modo a evidenciar a imagem do escritor e o imaginário da escrita na correspondência de Graciliano Ramos.

Palavras-chave: Graciliano Ramos; Correspondência; Ethos; Imagem do escritor; Imaginário da escrita.

ROBERTO BOLAÑO E ARTURO BELANO: UM OUTRO EM SI

Fabiana de Oliveira Santos

Resumo: Arturo Belano é uma figura recorrente nas obras de Roberto Bolaño. Em *Os detetives selvagens* é protagonista, ao lado de Ulisses Lima. Aparece também em *Amuleto*, *Estrela distante* e é o narrador de *2666*, além de passear por contos espalhados em diversas obras do autor. A personagem é comumente entendida como alter ego de seu autor, Roberto Bolaño, e, ao longo das narrativas, pode-se perceber múltiplos referentes da vida social e histórica de Roberto Bolaño na vida de Arturo Belano. Entretanto, Arturo Belano, como criação de Roberto Bolaño, coloca em questão a relação complexa entre personagem/narrador e autor – além das implicações decorrentes da leitura da obra, ou seja, de sua recepção. Como pontua Bakhtin em *Estética da criação verbal*, a consciência do autor abrange a consciência e o mundo da personagem, é uma consciência íntegra, que conhece a si e ao outro. O Roberto que escreve o Arturo como se escrevesse a si mesmo tem consciência de que o faz, mas não deixa de impetrá-lo num universo de ficção, ainda que com referentes factuais/reais oriundos de suas experiências de vida. Se por um lado é possível perceber aspectos biográficos do escritor (Roberto Bolaño) por meio de sua escrita (Arturo Belano), quando a vida de Roberto Bolaño é lida a partir da vida de Arturo Belano, também é possível que ocorra uma compreensão ficcional dos fatos vividos pelo escritor, tornando esta biografia (ou autobiografia), a que se percebe e que se faz a partir de um alter ego, um elemento “inevitavelmente” ficcional. O que se escreve não é o vivido propriamente dito, mas algo como uma interpretação do vivido. Surge uma ambivalência na percepção do “eu”, que é, quase sempre e presumidamente, o escritor enquanto ser histórico e social. No momento em que escreve a si mesmo, o escritor passa a ser também um elemento ficcional que emerge da personagem no exercício da autoficção. Neste caso, cabe o intento de compreender quem é o “outro” e quem é o “eu” no jogo narrativo. Por meio da análise do duplo Belano/Bolaño, pretende-se revisitar os estudos de autoria, especialmente os que dizem respeito à morte do autor (Barthes) e seu retorno (Klingler), assim como estabelecer as relações existentes entre autoria, autoficção e escritas apenas pretensas autobiográficas, como o caso das aparições de Arturo Belano ao longo da produção literária de Roberto Bolaño. Também se busca, dentro da tríade autoria-autoficção-autobiografia – no caso Roberto Bolaño x Arturo Belano – a compreensão das relações entre o que é fictício, real e construção de imaginário – nos termos e base de Wolfgang Iser.

Palavras-chave: Roberto Bolaño; Arturo Belano; Autoria; Autoficção; Autobiografia.

18/07 (TARDE)

PERFIS DE MULHER: IMAGENS DO FEMININO PELO OLHAR MASCULINO

Karoline dos Santos Silva

Resumo: A presente comunicação tem como objetivo analisar os mecanismos de construção de uma imagem do feminino em *Lucíola* (1862), romance de José de Alencar, da série “perfis de mulher”. Em seu famoso ensaio *Modos de ver* (1999), John Berger define imagem como “uma cena que foi recriada ou reproduzida. É uma aparência, ou um conjunto de aparências, destacada do lugar e do tempo em que primeiro fez sua aparição (...) contudo, embora toda imagem incorpore uma maneira de ver, nossa percepção ou apreciação de uma imagem depende também do nosso próprio modo de ver (BERGER, 1999, p.11-12). A partir desta afirmação, supõe-se que a criação de uma imagem implique a maneira singular de quem olha, carregada de elementos de seu próprio imaginário em relação à natureza e à feição de um Outro, a quem se contrapõe, constituindo-se. Pageaux afirma que “toda imagem procede de uma tomada de

consciência, por mínima que seja, de um Eu com relação a um Outro, de um aqui, em relação a um alhures” (PAGEAUX, 2011, p.110). Michelle Perrot, famosa historiadora do feminino, em seu livro *A minha história das mulheres*, atenta para a problemática de representação das imagens femininas, conclui “de maneira ainda mais radical que é praticamente impossível, para essas épocas antigas, alcançar o olhar das mulheres, pois elas são ‘construções do imaginário dos homens’ (...) elas não representavam a si mesmas, elas eram representadas” (PERROT, 2018, p.24). Perrot expõe como a mulher estava subjugada ao juízo de valor masculino, sendo representada a partir de um imaginário próprio masculino. Assim como Lucíola é silenciada, é vista e representada somente através da perspectiva de Paulo Dias, de seus relatos no romance, impressões rememoradas de um narrador masculino distante do momento da ação; o “perfil de mulher” se constitui pelo julgamento, pelo olhar masculino direcionado ao sujeito feminino, em suma, pela emergência de um imaginário masculino que engendra a imagem de Lucíola sabendo de sua condição de mulher pública. O que buscamos aqui é sobretudo analisar a construção da imagem “Lucíola” pelo narrador do romance homônimo, composta por escolhas lexicais (substantivos, adjetivos...), inserida em sequências narrativas e relações hierarquizadas (sobretudo as relações “masculino x feminino”, “privado” x “público”), isso tudo revelando um determinado ponto de vista enunciativo e um determinado imaginário narrativo, em diálogo com o “cenário” (no sentido de Pageaux) associado ao romance, isto é, em diálogo com um certo script ou roteiro cultural acerca do lugar e da função da mulher na sociedade patriarcal brasileira.

Palavras-chave: Lucíola; Imaginário; imagem; feminino; masculino

A VOZ DA ALTERIDADE A SERVIÇO DO AUTOR: UM ESTUDO DO TRAVESTISMO NARRATIVO EM O PROFESSOR, DE CHARLOTTE BRONTË

Sara Novaes Rodrigues

Resumo: A leitura do romance *O professor*, de Charlotte Brontë, sugere a existência de uma personagem criada a partir do desejo da autora de expressar seu pensamento sobre a conduta masculina na Inglaterra vitoriana. Com a criação de uma personagem protagonista masculina, Brontë cria um homem à sua imagem. Segura de estar escondida atrás dessa máscara masculina, ela se sente à vontade para apresentá-lo tão sujeito a fraquezas e desejos quanto as mulheres de seu tempo. Usando a técnica do travestismo narrativo, a escritora inglesa cria, em seu texto, um diário no qual um professor inglês, que trabalha em Bruxelas, conta um período de sua vida em que passa por dificuldades semelhantes a muitas já antes vividas pela autora. A técnica do travestismo narrativo – termo cunhado por Madeleine Kahn (1991) para estudar sobre o uso de narradoras em obras de Richardson e Defoe – vem ao auxílio de Brontë, no momento em que se propõe a se comparar com a alteridade numa época em que as condutas masculinas e femininas eram delimitadas por convenções extremamente machistas. Minha proposta para esta comunicação é mostrar como o travestismo narrativo facilita a exposição do eu enquanto revela o Outro.

Palavras-chave: Travestismo Narrativo; Professor; Alteridade; Voz

AS DUAS NINAS DE LÚCIO CARDOSO: IMAGEM E PONTO DE VISTA NARRATIVO

Helena de Barros Binoto

Resumo: Lúcio Cardoso (1912-1968), segundo Bosi (1970, p. 442) “um escritor que se definiria pelo romance de sondagem interior a que lograria dar uma rara densidade poética” e “um inventor de totalidades existenciais”, publica em 1959 a *Crônica da casa assassinada*, “obra pela qual perpassa um sopro de romantismo radical e fixa as angústias de um amor que se crê incestuoso”. Nessa fase, o romancista se direcionava para uma forma complexa de romance em que o introspectivo, o atmosférico e o sensorial não se sobrepusessem, e sim se mesclassem no nível de uma escritura cerrada, capaz de transformar o descritivo em fantasioso e consolidar o psicológico no existencial (BOSI, 1970). A *Crônica* narra, de forma fragmentada, a história dos Meneses, uma família interiorana mineira, que é contada através das perspectivas dos diferentes



narradores da obra. A seguinte obra apresenta dez narradores, mais especificamente, dez narradores-personagens (André, Valdo, Ana, Padre Justino, Farmacêutico, Médico, Coronel, Nina, Betty e Timóteo). Todos eles narram a história linearmente, interessados no caminho que a família Meneses viria tomar, e utilizam Nina como ponto de partida para os desencadeamentos futuros da narrativa. Apesar dessa pluralidade, há semelhanças nas estratégias dos narradores-personagens, como o uso da memória, e nos modos de escrita. Assim, pode-se notar uma certa homogeneidade nos discursos das personagens. Antes da publicação da sua mais importante obra, Lúcio Cardoso escreve *O desconhecido* (1940), narrativa de significativa importância para a problemática que será aqui levantada. Narrado em terceira pessoa, *O desconhecido* relata a chegada de um forasteiro em uma fazenda e o que essa chegada despertou em sua própria vida e na dos moradores do local. Coincidentemente, Nina, personagem com o mesmo nome da protagonista da *Crônica*, também é a peça-chave dos acontecimentos da narrativa. Apreendidas, ambas as personagens, as duas Ninas de Lúcio Cardoso, como imagens enunciadas por uma instância discursiva, compreendemos, com Daniel-Henri Pageaux (2011, p. 110), que “toda imagem procede de uma tomada de consciência, por mínima que seja, de um Eu em relação a um Outro, de um aqui em relação a um alhures”, ideia corroborada pela afirmação de Alain Rabatel (2016, p. 26) de que “todo indivíduo, na singularidade de sua construção social, só existe pelo outro e graças à coletividade à qual pertence, pelos múltiplos pertencimentos que o ajudam a construir sua personalidade, seus valores, a ajustar comportamentos práticos e suas representações”. A partir da noção de ponto de vista (RABATEL, 2016) e do conceito de imagem (PAGEAUX, 2011), procurarei elucidar os modos de construção de uma personagem de ficção. Para tanto, analisarei o processo de construção da imagem de Nina, a marcante protagonista da *Crônica da casa assassinada* (1959), em contraste com o processo de construção da outra Nina, protagonista de *O desconhecido* (1940), comparando-as à luz da imagologia e da teoria do ponto de vista.

Palavras-chave: Lúcio Cardoso; personagem; imagem; ponto de vista; enunciação

DA TIPOLOGIA À IMAGOLOGIA: PERSONAGENS E PONTO DE VISTA NARRATIVO EM E. M. FORSTER

Vinício Lima Berbat

Resumo: Aclamado romancista e crítico literário, o britânico E. M. Forster é o responsável por uma das mais conhecidas tipologias sobre personagens narrativas: a da distinção entre personagens planas e redondas, feita em dois capítulos de seu *Aspectos do Romance* (1927), compilação de uma série de palestras suas na Universidade de Cambridge. Ao final do segundo desses capítulos, Forster se debruça brevemente sobre um outro elemento crucial (além das personagens) para os estudos narrativos: o ponto de vista. Para o autor, por mais que tenha sua devida relevância na composição de um romance, a questão do ponto de vista narrativo não deveria ser considerada tão central quanto a criação de bons personagens e de uma trama que consiga tocar o leitor, tratando-a como um preciosismo de críticos como Percy Lubbock. Porém, já na época de Forster, e, principalmente, com o passar dos anos, o que seria considerada pelo autor a opinião de uma minoria de críticos popularizou-se mais e mais. As experimentações estéticas de alguns dos mais famosos romances modernistas implicaram uma preocupação cada vez maior com a discussão sobre ponto de vista. Conforme mais e mais autores experimentavam e inovavam com o ponto de vista em suas obras, a questão se tornava mais inevitável e, acima de tudo, apesar do desdém de Forster, central. Norman Friedman, já na década de 1950, trabalha sobre sua própria tipologia de pontos de vista com base em um grupo substancial de obras literárias e também em críticos que pensavam essa questão, em um contraponto explícito a Forster. Friedman cita exemplos de obras de Henry James e Christopher Isherwood, passando por Virginia Woolf, para trabalhar modalidades de foco narrativo como a onisciência intrusa, a onisciência seletiva, o modo câmera e outras hoje em dia consagradas nos estudos narrativos. Do auge do estruturalismo para cá, outras contribuições críticas serviram para alargar a base de discussão sobre ponto de vista. Conceitos bakhtinianos fundamentais como dialogismo e



polifonia inspiraram o trabalho de muitos outros críticos, que, assim, puderam expandir o debate e levá-lo para além apenas de tipos de narrador e categorias fechadas. Um dos pontos levantados pelo francês Alain Rabatel é o de que o processo de criação de mundos e personagens é naturalmente dialógico, pois, no que parece um avanço em relação à posição de Forster, este seria inevitavelmente tocado por posições, gostos, desgostos, opiniões que atravessam e imprimem um estilo, um tom, em elementos de uma obra e, principalmente, interferem na lógica da narração (RABATEL, 2016). A partir dessas considerações, o presente trabalho visa a um questionamento do tratamento dado por E. M. Forster à questão do ponto de vista. Tendo por base noções de dialogismo, criação de imagens, imaginário, tomaremos como objeto de análise romances do próprio Forster (*Howards End*, *Maurice*, *Passagem para a Índia*) como forma de explicitar a centralidade do ponto de vista na própria criação de alguns de seus personagens mais fortes, em algumas de suas obras mais aclamadas.

Palavras-chave: Ponto de vista narrativo; Imaginário; Criação de personagens.

19/07 (MANHÃ)

CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE AUTORA AUTOFICCIONAL

Regina Sa

Resumo: Karen Ferreira-Meyer diz que a autoficção pode ser a expressão de uma voz coletiva especialmente nas literaturas pós-coloniais. A autoficção também permite que histórias reais e histórias imaginadas compartilhem o mesmo espaço. A vantagem disso é que a autoficção “instala um estado intermitente, entre o real e o imaginário. Faz com que aceitemos a dúvida e ambiguidade como fatores normais do mundo real” (Ferreira-Meyers, 2015). Amelia Walker alerta que narrativas não ficcionais colocam uma pseudo ordem onde previamente reinava uma riqueza caótica. Sendo assim a autoficção pode nos levar em direção a uma crítica Foucaultiana das estruturas de conhecimento e poder. Já Catherine Cusset diz que o autor de autoficção faz um pacto de não mentir, não inventar só por inventar, mas de ser o mais real possível na busca de verdade (CUSSET, 2018). Cusset é da opinião que o pacto feito com o leitor é de um relato sincero com o objetivo de mostrar um mundo de forma mais coerente. Além disso, para alguns autores a autoficção passa a ser a melhor maneira de apresentar sua subjetividade livre de amarras conceituais como as do desconstrutivismo, pós-estruturalismo e feminismo. Assim irei apresentar uma análise dos trabalhos de Chimamanda Ngozi Adichie, uma escritora nigeriana, considerando as características que estão presentes nas suas obras que a tornam, entre outras coisas, uma autora autoficcional. Para Hywel Dix, a autora Chimamanda Ngozi Adichie invoca uma nova forma literária que é capaz de expressar as crescentes variações das experiências e subjetividades nas muitas culturas pós-coloniais. Podemos argumentar que o racismo sentido por Adichie nos Estados Unidos causou um trauma, pois foi a primeira vez que se viu como uma negra, e que o romance *Americanah* seja uma tentativa dessa escritora situar o self num contexto no qual outras construções relacionais foram removidas e prejudicadas criando um romance com uma inegável voz autoral quase biográfica. Outras características que espelham a vida de Adichie no romance são: Ifemelu, a personagem principal, adota o nome do meio de Chimamanda, Ngozi. Tanto Ifemelu como Chimamanda estudaram em Princeton. Obinze, o namorado de Ifemelu, era filho de acadêmicos como Adichie. Os amigos de Chimamanda muitas vezes perguntam se são esse ou aquele personagem do romance por identificarem-se claramente nas obras. A própria Adichie, em entrevista com Susan VanZaten, fala sobre as vantagens da escrita ficcional. Ela diz “Eu acho que a ficção é muito mais honesta que a não ficção.” Ela acrescenta que quando escreve não-ficção ela está sempre se censurando, se protegendo, protegendo as pessoas que ela ama, e as vezes até protegendo as pessoas que ela não gosta porque fica preocupada se o leitor irá achá-la tendenciosa. Adichie, inspirada em Chinua Achebe, acredita que a ficção deve ser verdadeira pois, como as obras do seu mestre que a deram pela primeira vez sua própria identidade nigeriana, outros possam ser ajudados em construir suas histórias.

Palavras-chave: Chimamanda; auto-ficção; literatura africana

CONFISSÕES E FICCIONALIZAÇÃO DE SI NA ESCRITA DE CAROLA SAAVEDRA

Josye Gonçalves Ferreira

Resumo: O objetivo deste trabalho é discutir como a escritora Carola Saavedra ressalta a experiência subjetiva de suas personagens utilizando gêneros da escrita de si como procedimento narrativo. Nos romances *Toda terça* (2007), *Flores azuis* (2008) e *Paisagem com dromedário* (2010), as protagonistas sentem necessidade de contar uma história para dar sentido à realidade e à própria existência. Laura, a primeira protagonista, utiliza as sessões de terapia para “inventar” histórias e provocar seu psicanalista. No segundo romance, a narradora A. pretende reconquistar o amado ao mesmo tempo em que revive a relação amorosa por meio de cartas. Érica, a terceira protagonista, revisita o passado narrando suas memórias para um gravador, num misto entre carta e diário, a fim de reconstruir a própria identidade. Ao falar de si, mas também do outro, pela análise, pelas cartas ou diário, as personagens saavedrianas simulam uma narrativa confessional em que o interlocutor é o próprio leitor. Aos poucos, porém, vai se desvelando o caráter ficcional dessas confissões, confirmando a ideia de que, na verdade, as personagens ficcionalizam a si mesmas por meio da narrativa.

Palavras-chave: Carola saavedra; confissões; escrita de si.

46 - IMAGINÁRIOS LATINO-AMERICANOS: LITERATURA E OUTRAS ARTES

Coordenação: Profa. Dra. Mariana Cortez (UNILA); Prof. Dr. Antonio Rediver Guizzo (UNILA); Profa. Dra. Alexandra Santos Pinheiro (UFGD)

Resumo: Na crítica literária contemporânea, a noção de imaginário apresenta-se como um importante vetor de análise das representações estéticas. Desde aportes teóricos que perpassam com maior profundidade pela investigação de possíveis estruturas da consciência humana (tais como a fenomenologia, o estruturalismo figurativo, a psicanálise e, mais recentemente, a neurociência) até aportes que se voltam sobretudo às condições materiais e históricas de uma sociedade ou campo de análise (tais como o materialismo histórico e suas releituras), observa-se a profusão de termos como simbolização, simbólico, símbolo, imagem, imaginação e imaginário em diversas investigações que se voltam à análise das relações sociais e das relações do homem com o mundo, como também nas investigações que se voltam à interpretação das representações artísticas destas relações. Em outras palavras, recuperando e ampliando o sentido da observação de Gilbert Durand (2002 [1992]), o imaginário é considerado o denominador por meio do qual é mediada toda produção e compreensão humana. No âmbito da crítica e teoria literária, observamos profícuos esforços em pesquisas que se voltam para a investigação destes diferentes “imaginários” (compreendendo o termo em toda sua amplitude e polêmica) que compõem os fenômenos estéticos. Estes estudos visam a analisar como os imaginários, tanto a partir das relações internas evidentes nas sintaxes imagéticas construídas pelos autores quanto a partir das inter-relações entre as imagens de uma obra e os imaginários sociais com os quais ela dialoga, se configuram. Sob tal perspectiva, pesquisadores como Juremar Machado Silva (2012 [2009]) afirmam que “O homem só existe na realidade imaginal”. A afirmação do sociólogo, embora orientada em pressupostos não completamente similares, também dialoga, por exemplo, com as ideias de Jacques Lacan e Slavoj Žižek, para quem, a partir de uma leitura psicanalítica, o concreto apenas se realiza por meio do processo imaginário do indivíduo. A Literatura Comparada, neste sentido, é um espaço privilegiado para o desenvolvimento de pesquisas que possam colaborar para evidenciar os imaginários manifestos na literatura e outras artes, visto que possibilita investigações que transcendem as fronteiras político-administrativas dos países do continente e constituem espaços transfronteiriços de pesquisa. Neste Simpósio, tomamos o termo imaginário como fundamentação das reflexões que serão apresentadas, já que se trata de uma noção dinâmica capaz de suscitar diferentes interpretações dos fenômenos artísticos e



literários. Assim, a partir dos possíveis contextos investigativos que o termo imaginário provoca, o Simpósio tem por objetivo central conhecer, discutir e articular pesquisas voltadas à compreensão dos imaginários manifestos em obras de autores latino-americanos. A aproximação da literatura brasileira à literatura hispano-americana conforma o corpus de análise das discussões a serem propostas. Pretende-se, assim, problematizar as seguintes questões: 1) quais as semelhanças e diferenças na construção dos imaginários estéticos latino-americanos; 2) como os imaginários, no âmbito das proposições teórico-críticas, evidenciam-se hoje; 3) como se manifesta o imaginário da América Latina em outros contextos. Portanto, propõe-se no simpósio “Imaginários Latino-Americanos: literatura e outras artes” a discussão sobre a convergência articulada de investigações voltadas para a compreensão das conformações imaginárias manifestas na literatura e artes latino-americanas, sobretudo, em estudos que se articulem na inter-relação entre as configurações estéticas aparentes na materialidade dos objetos artísticos e as condições materiais (naturais, históricas, econômicas e/ou culturais) de representação, produção, e/ou recepção de tais textos. A partir desta proposta, a intenção do simpósio é promover o fortalecimento da produção científica na área da Literatura Comparada, na área dos Estudos do Imaginário, na área da teoria, crítica e historiografia literária latino-americana, assim como nos contatos com aportes teóricos: Estudos Culturais, Estudos Decoloniais, Filosofia Pós-Humanista entre outros. Além disso, esse momento de reflexão pretende discutir as teorias, historiografias e cartografias imaginárias diversas, problematizando a viabilidade e aderência de aportes teóricos, modelos interpretativos e pressupostos metodológicos constituídos em territorialidades, culturas e temporalidades diversas (geralmente originárias da Europa) na compreensão dos fenômenos literários da América Latina. Por fim, todas as investigações que, por diferentes vertentes, analisem textos estético-literários situados no contexto latino-americano são bem-vindas para participarem do debate aqui proposto. Desejamos, assim, compor um debate que reúna múltiplos olhares em torno do tema e que, ao final, possa propiciar a construção de sínteses que possibilitem vislumbrar pontos de contato e divergência na constituição dos imaginários que conduzem as representações literárias latino-americanas, como também os diálogos estabelecidos com outras artes.

Palavras-chave: Literatura Comparada; Imaginários; América Latina

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

ESPAÇOS FLUÍDOS E DE PODER A PARTIR DAS PERSPECTIVAS DOS OLHARES DAS PERSONAGENS RÂNIA (NO FILME RÂNIA, DE ROBERTA MARQUES) E MIRANDA (NA OBRA MAR AFUERA, DE GRECIA CÁCERES)

Léa Cristina Andrade

Resumo: A questão problematizada nesse artigo retrata a aproximação feita entre os espaços ocupados tanto pela personagem Rânia, no filme Rânia, quanto por Miranda, na obra Mar Afuera. Estando cada qual em sua respectiva cidade, descrevem o modo como são transformados quando elas não se submetem mais a julgamentos alheios. No caso de Rânia, a personagem tenta entender esse mundo que, embora permita seu trabalho em um quiosque na praia, exige autorização de seus pais para trabalhar em outro país ao integrar uma companhia de dança. Ou seja: dar os braços para trabalhar e ser explorada é permitido sem problemas; mas quando se trata de seguir para realizar os seus sonhos e tudo o que gostaria, a lei determina que ela ainda não tem idade para isso – são seus pais que decidem sua vida. Apesar de não conseguir viajar como queria, livra-se de toda a inércia presente em si e passa a lutar para ocupar outros espaços que a sociedade à sua volta insistia em proibir seu acesso. Assim como Rânia, a personagem Miranda sempre se sentiu uma estrangeira em sua própria terra ao tentar encaixar-se – da melhor forma possível – em uma sociedade que não lhe dava voz e muito menos escolha. Além disso, essa mesma sociedade determinava todo o seu comportamento (desde os

lugares onde poderia ir até a escolha da pessoa com a qual deveria namorar). Por causa de toda essa hipocrisia, a personagem foi levada a optar pelo casamento após ficar grávida. Dessa forma, deixou a família conduzir sua vida e pagou um alto preço por isso: sua vontade. Só consegue se reencontrar consigo mesma e com seus sonhos ao descobrir o rio Sena quando chega a Paris. Graças a ele e às suas andanças sempre rodeadas de água, percebe a sua própria origem e o poder de ocupar os espaços fluídos da sua vida.

Palavras-chave: Espaços; Mulheres; Poder; Feminismo.

ENTRE LETRA E ESPÍRITO: IMAGINÁRIOS COLONIAIS NO CINEMA E NA LITERATURA LATINO-AMERICANOS

Marcelo Magalhães Leitão

Resumo: A investigação que propomos intenciona relacionar a projeção de imaginários coloniais em contexto latino-americano, a partir da articulação e da análise de representações de aspectos sociopolíticos do período colonial na literatura e no cinema. O percurso investigativo deverá partir da análise dos filmes *Zama* (2017), da cineasta argentina Lucrecia Martel, e *Joaquim* (2017), do cineasta brasileiro Marcelo Gomes, procurando destacar aspectos do imaginário imperialista europeu, que historicamente incidem sobre a realidade latino-americana, assim como reflexos contundentes da persistência neocolonial na contemporaneidade. A análise dos filmes buscará também articulação com textos literários mais ou menos relacionados com as obras fílmicas escolhidas: o romance *Zama* (1956), de Antonio di Benedetto, a partir do qual a cineasta argentina elaborou o roteiro de seu filme; e o *Romanceiro da Inconfidência* (1955), série de poemas de Cecília Meireles que compõe um dos mais sensíveis livros da bibliografia em torno da chamada *Inconfidência Mineira* e da figura de Joaquim José da Silva Xavier, o famigerado Tiradentes, entre outros personagens. Partindo dos filmes referidos, e entrecruzando-os com as projeções literárias concernentes, parece-nos revelador da incidência do imaginário imperial sobre a realidade latino-americana a conexão com outras narrativas literárias e fílmicas, como é o caso de *Os inconfidentes* (1972), de Joaquim Pedro de Andrade, e *La última cena* (1976), de Tomás Gutiérrez Alea. Nossa investigação recairá sobre representações de aspectos sociopolíticos da formação histórica da América Latina na literatura e no cinema, assim como estabelecerá relações estéticas e críticas entre as duas linguagens postas em pauta nesta proposta. Entre as referências de nossa fundamentação teórica, contaremos com as proposições de Avellar (1995), Machado da Silva (2017), Shohat e Stam (2006), Xavier (2013), dentre outros.

Palavras-chave: Cinema; colonialismo; América Latina; narrativa e poesia; imaginário.

SAGAS LATINO-AMERICANAS: IMAGINÁRIOS DA FICÇÃO DISTÓPICA PARA JOVENS ADULTOS

Lais Dias de Farias

Resumo: [19:48, 15/3/2019] Lais Eyes: Esta comunicação busca apresentar parte da pesquisa "Sagas Latino-americanas: imaginários da ficção distópica para jovens adultos", que analisa duas trilogias: "Rebelión", de Anna K. Franco (Argentina) e "Anômalos", de Bárbara Morais (Brasileira). Para realizar a análise investigamos teorias a respeito do gênero da literatura para jovens adultos (COATS, 2010; HUNT, 1996), também da literatura distópica para jovens adultos (RODRIGUES, 2015; GONÇALVES, 2015; VARGAS, 2013) e procuramos inferir como as ambientações globalistas das obras selecionadas se relacionam com os espaços e as culturas latino-americanas. O termo distopia, geralmente é utilizado para indicar uma utopia às avessas, sendo a utopia o sonho diurno, baseado nos desejos e ideais, um modelo que se quer alcançar, e a distopia seu oposto, o pesadelo que surge da extrapolação dos medos presentes na realidade, a representação do que se quer evitar. Assim, nosso interesse é estabelecer relações entre as obras e os problemas particulares à região, porém, não só observando as sagas como reflexo das suas realidades culturais, políticas, sociais, mas também nos interessando pelas produções como objetos dinâmicos que implicam o desejo de construção sobre as realidades.



Dessa forma, as obras também funcionam como depositários de representações sobre seu tempo-espaço, sendo objeto potencializador das reflexões sobre a experiência de se ser jovem em determinado momento histórico.

Palavras-chave: Literatura para Jovens Adultos; Literatura distópica; Imaginários latino-americanos

“NO SOY DE AQUÍ”: O IMAGINÁRIO DA CRIANÇA MIGRANTE EM “ELOÍSA Y LOS BICHOS”

Mariana Cortez

Resumo: A obra “Eloísa y los bichos” (2011), do escritor colombiano Jairo Buitrago e ilustrada pelo peruano Rafael Yockteng, narra a história de uma menina que ao se mudar com o pai para um novo lugar se defronta com um mundo totalmente diferente daquele que conhecia. Neste, sente-se um verdadeiro “bicho raro”. Seja na escola ou na rua, a criança está obrigada a conviver com bichos estranhos e seu relato apresenta a angústia inicial que vai transformando-se até a integração à nova comunidade. Segundo os teóricos King, Connell e White (1995), a literatura que tematiza a migração aborda temas como a nostalgia, o exílio, a inquietude, esses temas estão presentes na história de Eloísa. O imaginário da protagonista revela a ambiguidade entre o próprio e o alheio e essa oposição norteia a discussão proposta. Assim, a comunicação concentra-se sobre a problemática da migração e os caminhos para a integração destes sujeitos deslocados, considerando as duas linguagens que constituem o livro ilustrado (Nikolajeva e Scott, 2001). Decorrente disso, cabe especialmente compreender as implicações da narração em 1ª. pessoa no texto verbal e sua expressão no texto imagético, questionando o efeito de sentido da subjetividade da personagem impregnado na obra.

Palavras-chave: livro ilustrado; migração; imaginários; latino-americano

16/07 (TARDE)

VIOLÊNCIA E LITERATURA NA AMÉRICA LATINA: UMA LEITURA A PARTIR DO HUMANISMO

Maíra Soalheiro Grade e Antonio Rediver Guizzo

Resumo: Segundo o Global Peace Index 2017, o Brasil ocupa a 106ª posição em um estudo anual produzido pelo Institute for Economics and Peace (IEP) que objetiva avaliar a situação de paz em 162 países do mundo. Na América Latina, Venezuela (143ª) e Colômbia (145ª) são os países com as piores posições no ranking; Chile (28ª) e Uruguai (37ª), os melhores colocados. A classificação média dos países latino-americanos, como podemos observar, aponta para uma percepção já de certa forma consolidada em nosso imaginário – vivemos em um continente no qual a violência não é uma exceção, mas parte da estrutura do funcionamento social e da cosmovisão latino-americanas. Na literatura, não é diferente a projeção do fenômeno; a violência frequentemente é tema central ou elemento que perpassa transversalmente os enredos das obras escritas no continente. Na pesquisa apresentada, considerando a notoriedade do fenômeno, discutimos diferentes representações estéticas da violência na literatura latino-americana a partir da visão com que os autores representam a relação entre homem, sociedade e violência em suas obras. Para tal análise, elegemos e nos orientamos em uma dicotomia classificatória que, inspirada em nossa leitura da obra Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo (2018) de Peter Sloterdijk, pode ser assim resumida: “humanistas versus não-humanistas”. Glosando sucintamente o referido autor, compreendemos Humanismo como a convicção de que o homem é um animal influenciável sobre o qual as “boas leituras” e as “boas práticas” são capazes de agir em favor de seu desembrutecimento e domesticação (domos-casa); em outras palavras, o humanismo é capaz de desbestializá-lo. Os não-humanistas, em oposição, não acreditam na possibilidade de desembrutecimento do homem. Sob esta chave de leitura, vamos analisar os pressupostos humanistas ou não-humanistas sobre os quais se assentam as obras: a) o conto “A hora e vez de



Augusto Matraga” (1946) de Guimarães Rosa, no qual a trajetória do personagem central, Matraga, percorre uma estrutura dramático-narrativa progressiva, marcada pelos estágios simbólicos como “queda”, “morte”, “ressurreição”, “triunfo”; b) o conto “El trueno entre las hojas” (1957) de Augusto Roa Bastos, narrativa de denúncia contra uma violência cometida contra o continente e o modo de vida autóctone perpetrada pelo sistema de exploração capitalista implantado na América Latina na qual o personagem Solano Rojas, semelhantemente a Augusto Matraga, encarnará a figura do herói que “re-humaniza” o espaço; c) o conto “O Cobrador” (1979) de Rubem Fonseca, em que o personagem principal, autodenominado “o Cobrador”, percorre a cidade realizando uma série de crimes violentos e hediondos sob o pretexto de agir em busca da reparação das assimetrias sociais e econômicas que separam as classes dos “bacanas” e dos “fodidos”; d) o romance *La virgen dos sicários* (1994) de Fernando Vallejo, no qual o protagonista percorre as ruas de Medellín a matar todos aqueles que culpabiliza pela situação decadente de seu país, apresentando, morte a morte, uma consciência cínica da realidade social na qual se destaca o entendimento do total fracasso de todo projeto humanista.

Palavras-chave: Literatura Comparada; Literatura Latino-Americana; Imaginários da violência; “Humanistas versus Não-Humanistas”.

ENTRE ENSAIOS E NARRATIVAS: REFLEXÕES SOBRE O PROJETO ESTÉTICO DE JOSEFINA PLÁ

Andre Rezende Benatt

Resumo: Esta comunicação propõe uma reflexão acerca da obra da escritora hispano-paraguaia Josefina Plá (1903-1999). A pesquisa foi desenvolvida a partir de ensaios de Josefina Plá que pudessem dar um panorama da grande complexidade que cerca a cultura local, assim como suas relações com as narrativas criadas pela escritora. Dentre os ensaios utilizados nos deteremos, com maior ênfase, em *Ñandutí: encrucijadas de dos mundos* (1991), que relacionaremos às narrativas de Plá. Em nossa investigação compreendemos o universo artístico de Josefina Plá como uma síntese complexa da cultura paraguaia, que, todavia, por conta disso, representa, também, a cultura latino-americana. Buscamos aspectos críticos acerca da formação sócio-cultural local, desenvolvidos em suas obras ensaísticas que são encontradas em todo o seu projeto intelectual, e as relações que estes ensaios possuem com sua obra narrativa que traz como grande protagonista a mulher paraguaia. Assim, demonstraremos o convergir entre da cultura paraguaia explorando uma modernidade autônoma por parte da América Latina, uma modernidade que passaria pelo reconhecimento daquilo que é próprio dessa região, sem medir enquanto superior ou inferior qualquer fio que possa compor a trama cultural local. Pensamos, igualmente, no projeto intelectual de Josefina Plá a respeito da valorização do percentual guarani da cultura do país e da mulher paraguaia, protagonista de toda sua obra. A pesquisa está ancorada em diversos conceitos teóricos e críticos, não obstante, ressaltamos as concepções de hibridação cultural de Néstor García Canclini (2013), principalmente, e que são essenciais para o texto, assim como as contribuições de Tício Esbocar (2014) e Édouard Glissant (2013), entre outros importantes estudiosos.

Palavras-chave: América Latina; Paraguai; Josefina Plá; Cultura Popular; Mulher Paraguaia

LA LARGA NOCHE DE FRANCISCO SANCTIS: UNA LECTURA COMPARATIVA

Maria Celina Ibazeta

Resumo: Humberto Costantini fue un escritor militante de izquierda en la convulsionada Argentina de los años setenta. Debió ejercer su práctica literaria en el exilio ya que su obra estaba fuertemente comprometida con la realidad política y social de esos años y este hecho ponía en peligro su vida. Dos de sus grandes amigos y escritores, Haroldo Conti y Roberto Santoro, integran la lista de desaparecidos, víctimas de la dictadura que se inició en 1976. Su novela *De dioses, hombrecitos y policías* (1979) fue publicada en México y ganó el premio de Casa de las Américas. En los ochenta, Costantini regresó al país en la retomada democrática y

publicó su novela *La larga noche de Francisco Sanctis* (1984). Con un tono divertido y desenfadado, Costantini, narra el terrible dilema que atraviesa un hombre de familia clase media, esposo, padre de dos hijos y empleado de una empresa, cuando se entera que está en sus manos salvar la vida de dos jóvenes perseguidos por los grupos de tareas. Es en esa misma noche que le dan la información que debe avisarles y es justamente la historia de esa decisión por la que transita la novela. A pesar de tocar temas difíciles y angustiantes para la época, la caracterización del protagonista como un antihéroe, le da agilidad y bastante humor a la trama. Cuarenta años después del golpe militar, la película de Francisco Márquez y Andrea Testa basada en la novela de Costantini, y con título homónimo, gana el premio de la crítica argentina a mejor guión adaptado y en el BAFICI se lleva el premio de mejor película y mejor actor. A pesar de que la producción cinematográfica argentina sobre la dictadura, tanto en ficción como en documental, ha sido muy prolífica, la película de Márquez y Testa toca un aspecto poco explorado: el papel de la clase media que no era a favor del régimen, pero tampoco formaba parte de las filas revolucionarias ni quería verse involucrado en la lucha armada. En parte dominada por el miedo o por el discurso del “algo habrán hecho” y en parte indiferente, la sociedad se mantuvo mirando a otro lado, haciendo como que nada pasaba mientras el ejército perseguía, secuestraba y exterminaba. Este trabajo compara la novela y su adaptación al cine porque es justamente ese diálogo el que nos va a permitir aprehender qué aspectos persisten, han desaparecido o se han transformado entre dos miradas en tiempos diferentes. Las preguntas a las que intenta responder esta investigación son: ¿Por qué ciertos dilemas que planteó la novela en los años ochenta siguen vigentes años más tarde?, ¿Qué cambios sufrió la novela en la adaptación y a qué responden los mismos?, ¿Qué interrogantes buscaron contestar la novela y la película en sus respectivos momentos? y ¿cuál fue la recepción de ambas obras?

Palavras-chave: Literatura argentina, cinema argentino, ditadura dos anos 70

LA ESTÉTICA DE BRECHT EN EL TEATRO VENEZOLANO. CABRUJAS Y LA HISTORIA EN UN ACTO CULTURAL

Jesús Oneiver Arellano Pérez

Resumo: La obra de José Ignacio Cabrujas se configura a partir de una “pulsión anárquica” que desestabiliza la historiografía tradicional al contar la historia de Venezuela problematizando cada acontecimiento. Cabrujas muestra las fisuras del imaginario nacional para ofrecer otras posibilidades de comprensión del presente. Al incorporar esta postura a su quehacer teatral recurre a procedimientos estéticos heredados de Brecht, los cuales apuntan a narrativizar el teatro, valiéndose de la potencialidad anacrónica de la imagen. De este modo, pone en contacto la vida anónima de sujetos de su contemporaneidad con los grandes acontecimientos históricos, desjerarquizando la historia. En el caso de *Acto Cultural* (1976), recurre al descubrimiento de América para confrontarlo con el imaginario de la Venezuela de la segunda mitad del siglo XX. Como vemos, la propuesta de Cabrujas se deja leer a partir de las ideas de Benjamin, Didi-Huberman y Agamben.

Palavras-chave: Teatro venezolano; Imagen; Historia

47 - LEITORES E LEITURAS NA CONTEMPORANEIDADE

Coordenação: Profa. Dra. Andrea Saad Hossne (USP); Profa. Dra. Patrícia Trindade Nakagome (UnB)

Resumo: “Clássico não é um livro (repito) que necessariamente possui estes ou aqueles méritos; é um livro que as gerações de homens, urgidadas por razões diversas, leem com prévio fervor e com uma misteriosa lealdade” (Borges, 1999, p.169). Assim conclui Borges seu texto “Sobre os clássicos”, no qual é possível notar que a experiência profunda da leitura sustenta a literatura mais do que a própria materialidade do texto. Há também a indicação de uma estreita relação entre leitura e segredo, afinal algo de imponderável cerca a passagem da literatura enquanto



potência para sua efetivação, sempre única, no ato da leitura. Com isso, abre-se uma dificuldade para os estudos literários, nos quais, como alerta Compagnon (2006), sempre houve uma “desconfiança” em relação ao leitor, de modo que ou se optava por ignorá-lo, ou por formular uma teoria “como uma disciplina da leitura ou uma leitura ideal” (2006, p.143). Leitores e leituras são fundamentais para a literatura ao mesmo tempo em que não ocuparam um lugar destacado no debate crítico. Por essa razão, neste simpósio, eles serão discutidos a partir de uma variedade de perspectivas que permita dar conta de sua complexidade. Trata-se de uma reflexão plural que considera tanto as diferentes vozes de leitores quanto as variadas formas possíveis de concretizar a leitura. Alguns dos eixos centrais do simpósio são: teoria da leitura / recepção; ética da leitura; formas distintas de leitura; recusa do literário; novos espaços críticos; pesquisas com leitores empíricos; e formação de leitor. Com esses diferentes eixos, pretende-se estimular o debate sobre o papel da crítica literária na contemporaneidade frente a um cenário marcado tanto por uma expansão nos modos de ler quanto por uma persistente limitação de acesso à literatura, em meio à problemática atual das diferentes conceituações do que seja o literário. Enfrentaremos, assim, as seguintes questões: como a crítica literária, na sua manifestação majoritariamente acadêmica, lida com a pluralidade de leitores e leituras (e os entraves a eles colocados), que estão fora dos muros das universidades? As formas tradicionalmente valorizadas pela crítica acadêmica são capazes de lidar com os desafios democráticos de novos leitores e suas reivindicações? Como pontos a serem debatidos em torno dessas questões, indicamos: 1) análise da recepção de obras literárias, verificando como se chegou ao seu estado atual de apreciação; 2) análise de obras que tiveram grande impacto junto ao público, mas não receberam equivalente recepção crítica; 3) análise de gêneros e suportes que colocam em xeque os limites daquilo que é definido por literário e recebam alta valorização pelo seu público, tais como HQs, narrativas de videogames etc; 4) discussão sobre formas contemporâneas de leitura literária, como as realizadas em canais de *booktubers* e *fandoms*; 5) reflexão sobre o caráter ativo da leitura, levando em conta aspectos como imaginação, criação e performance; 6) revisões bibliográficas sistemáticas sobre teorias da leitura; 7) apresentação de concepções teóricas mais atuais sobre o lugar da leitura e do leitor nos estudos literários, ampliando um debate ainda restrito à estética da recepção; 8) análise da representação de leitores no discurso da crítica literária e em obras literárias; 9) pesquisas envolvendo leitores empíricos, em especial para entender os critérios de valor que norteiam suas escolhas, muitas vezes distanciado daqueles estabelecidos na crítica literária; 10) discussão sobre aspectos importantes à leitura e ao leitor e que muitas vezes escapam aos parâmetros críticos: afetos, fé, gosto, diversão; 11) discussão sobre o papel e a atuação de um tipo específico de leitor, o crítico literário, considerando principalmente as implicações éticas de sua atuação em um país com tantos não leitores; 12) reflexão sobre aqueles que, de alguma forma, se distanciam da condição de “leitor ideal” prevista pela crítica: crianças, iletrados etc; 13) O não leitor, a recusa da leitura e o lugar da cultura não letrada; 14) proposições de formas de intervenção e mediação para difusão/debate da literatura junto a leitores reais em escolas, universidades ou outros espaços. Os aspectos anteriormente apontados não esgotam o debate sobre leitores e leituras, servindo apenas como um referencial para os participantes do simpósio. Outras discussões e diversas perspectivas teóricas e metodológicas são bem-vindas.

Referências:

- BORGES, Jorge Luis. Sobre os clássicos. In: *Obras completas*. São Paulo: Globo, 1999. p. 167-169, v. 2
- COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria: Literatura e senso comum*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2006.

PROGRAMAÇÃO

17/07 (MANHÃ)



LITERATURA NARRATIVA DE MASSA: LETRAMENTO LITERÁRIO E OS CIRCUITOS DE PRODUÇÃO E CONSUMO

Cleiry de Oliveira Carvalho

Resumo: Como pensar literaturas que, embora tenham ficado fora da escola, a acompanharam em algum momento e ajudaram a construir diferentes condições de leitura? Quais são as implicações da expansão da indústria cultural no processo de formação de leitores? A escolha do corpus permite verificar como as manifestações literárias não canônicas suportam uma análise crítica à luz de algumas interconexões com a teoria canônica. Sempre tendo em mente que, de acordo com Compagnon, “[o] termo literatura tem, pois, uma extensão mais ou menos vasta [...]. O critério de valor que inclui tal texto não é, em si mesmo, literário nem teórico, mas ético, social e ideológico, de qualquer forma extraliterário” (2001, p. 34-35). Por essa razão proponho comunicação articulada com o eixo de debate “análise de obras que tiveram grande impacto junto ao público, mas não receberam equivalente recepção crítica”. A escolha por esse eixo é referendada por minha pesquisa de mestrado no estudo da formação do leitor. Com perspectiva panorâmica examino a produção de romances à venda em bancas de jornal, sebos e sistema de assinatura (aqui referidos como romances de mocinha e romances de mocinho) e, por meio da comparação textual das diferentes coleções produzidas e consumidas em um contexto que explora a relação produto—consumidor, analiso os processos que as contextualizam histórica, social e culturalmente, discutindo aspectos ético e esteticamente problemáticos. Afinal, se a “literatura serve para produzir um consenso social; ela acompanha, depois substitui a religião como ópio do povo” (2001, p. 36).

Palavras-chave: Formação do leitor; Indústria cultural; Letramento literário; Romance

RECEPÇÃO LITERÁRIA E CONVERGÊNCIA DE MÍDIAS: UMA BREVE ANÁLISE DE “THE HANDMAID’S TALE” (O CONTO DA AIA)

Fellip Agner Trindade Andrade

Resumo: Como já destacado na proposta deste simpósio, a materialidade do texto não é o principal (muito menos o único) eixo de sustentabilidade da literatura, principalmente em seus aspectos culturais e políticos mais amplos; muito menos ainda se levarmos em conta as transformações pelas quais a recepção literária tem passado (e a própria materialidade do texto, se pensarmos nos novos suportes de leitura). Com a influência das mídias digitais e o crescimento de seu alcance na literatura, a recepção de uma obra literária não se restringe apenas à recepção de seu texto. As diversas adaptações pelas quais um trabalho literário passa acabam por influenciar sua recepção não apenas como obra adaptada, mas, também, como obra literária em seu sentido mais restrito. Em tempos de convergência de mídias (JENKINS, 2009), a chamada recepção literária não se restringe mais apenas ao livro (ou ao texto), e se torna recepção em um sentido mais amplo: o leitor se torna leitor-espectador-internauta (CANCLINI, 2008), e, conseqüentemente, as análises de uma recepção e/ou de um performance literárias crescem em alcance. Vários são os exemplos de obras literárias que obtiveram sucesso editorial após suas adaptações, ou foram redescobertas pelas novas gerações de leitores graças à conectividade e ao compartilhamento em massa da era digital. Um dos exemplos desses trabalhos é o romance da autora canadense Margaret Atwood, “The Handmaid’s Tale”. Publicado originalmente em 1985, “O conto da aia” ganhou recente notoriedade graças à sua apropriação por parte de movimentos políticos e sociais na Marcha das Mulheres, e, principalmente, graças à sua adaptação em série, em 2017. Segundo a própria autora, essa apropriação de sua história pelo discurso político (e sua disseminação nas redes sociais), e, principalmente, sua adaptação em série, influenciaram, sem dúvida, a re-descoberta de sua obra e o recente sucesso alcançado. Mais de trinta anos após sua publicação, o livro de Atwood atingiu o topo das listas de mais vendidos ao redor do mundo e a própria notoriedade da autora ganhou status de celebridade literária. Não apenas as palavras de Margaret Atwood, mas também os dados de buscas na internet pelo termo “The Handmaid’s Tale”, por exemplo, demonstram a influência de sua adaptação na recepção de sua história (no sentido mais amplo),

bem como na recepção de seu texto (no sentido mais restrito). Analisando esses dados e a performance do romance de Atwood, este trabalho pretende apresentar as influências da era digital e sua convergência de mídias na recepção literária e a própria reformulação do conceito de recepção literária em um sentido mais amplo, que não restrinja apenas à recepção do texto, mas se amplie a aspectos mais abstratos da obra literária, ainda que não menos importantes (muito pelo contrário!).

Palavras-chave: The Handmaid's Tale; Recepção literária; Convergência de mídias

DE HARRY POTTER AOS CLÁSSICOS. UM LIVRO PUXA O OUTRO?

Joice Ribeiro Maciel Antonelli

Resumo: Eduardo Marciano, protagonista de Fernando Sabino em “O Encontro Marcado” (1977), ao ser questionado pelo diretor do colégio que frequentava por que não lia os clássicos da literatura respondeu: “Os clássicos podem ser bons, mas não agora. A gente lê agora, depois não lê mais, não adianta nada. São bons para a gente ler depois de velho”. Se o escritor italiano Italo Calvino pudesse dizer a Eduardo “Por que ler os clássicos” (2007) ele destacaria que esses livros são essenciais ao conhecimento humano. “Ele chega até nós trazendo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram”. O poeta inglês T.S. Eliot (1972) também destaca essa permanência como uma das características de um verdadeiro clássico literário. Segundo ele, apenas em retrospecto, e dentro de uma perspectiva histórica, um clássico pode ser conhecido como tal. A importância desses clássicos para a literatura é inquestionável. Contudo, como eles se fazem presente entre os leitores de hoje? No final de 2018 a consultoria Nielsen divulgou a lista dos 21 livros mais vendidos no Brasil naquele ano. Nessa relação, não constam clássicos, apenas livros de autoajuda ou publicados por celebridades midiáticas. Então como fazer o leitor “comum” – aquele que Tzvetan Todorov (2014) chamou de “leitor não profissional” – ter interesse pelos clássicos? Em maio de 2011, a revista Veja publicou uma matéria com o título “Uma geração descobre o prazer de ler”, onde afirmava que “um livro puxa outro”. Ao trazer o depoimento de jovens leitores que descobriram o prazer de ler com os livros da saga Harry Potter (da britânica J.K. Rowling) e Crepúsculo (da americana Stephenie Meyer), a reportagem destaca como esses mesmos leitores chegaram a clássicos como “Orgulho e Preconceito” (Jane Austen) e “O retrato de Dorian Gray” (Oscar Wilde). E que esses mesmos jovens leitores, utilizando as facilidades das novas tecnologias (redes sociais, blogs etc.), compartilhavam suas experiências com outros leitores. A reportagem afirma: “os livros, na escola, costumam ser motivo de tédio; redescobrir como fonte de deleite, passo a passo com pessoas da mesma idade, é um papel que a internet [...] vem desempenhando de forma espontânea e com surpreendente eficácia”. Contudo, nem todos compartilham desse entusiasmo. Segundo a professora Leyla Perrone-Moisés (2016), a ideia otimista segundo a qual de livros como Harry Potter e Crepúsculo os leitores passariam a “livros melhores” ainda não se comprova. “Quando continuam lendo, os jovens passam para versões impressas de séries televisivas”, afirma. O caminho para os clássicos, afirma a professora, continua o mesmo: “a leitura de boas obras literárias começa nas famílias em que há leitores, e isso é cada vez mais raro. E continua na escola, onde os professores têm por função mostrar que a leitura é um prazer, e não uma obrigação. Isso, também, é cada vez mais raro”. A proposta deste trabalho é discutir os meios (família, escola, internet etc.) que podem contribuir para essa transição entre os “best-sellers” e os livros clássicos.

Palavras-chave: clássicos; leitor; leitura

HARRY POTTER E SEUS LEITORES

Beatriz Masson Francisco

Resumo: Harry Potter, série de livros escrita pela inglesa J.K. Rowling, possui uma extensa lista de estudiosos que reprovam sua existência: há aqueles que criticam sua construção textual, há aqueles que questionam sua qualidade literária e há aqueles que condenam o público leitor que a história do jovem bruxo criou ao seu redor. Um dos estudiosos que talvez tenha



trabalhado com essas três frentes de criticismo de uma só vez é Harold Bloom. No conhecido artigo “Can 35 Million Book Buyers Be Wrong? Yes. ”, publicado no Wall Street Journal nos anos 2000, o professor americano afirma que “seu estilo de prosa [de Rowling], carregado de clichês, não exige nenhuma demanda de seus leitores”, que foram alocados na categoria de “compradores de livros”. Outro artigo, de título “Harry Potter e os adultos tristes”, escrito por Jonathan Myerson e publicado no Independent, no ano de 2001, trabalha com a ideia de que adultos estariam se rebaixando a um nível inferior por lerem os livros série, que é, em teoria, destinada às crianças: “Quem disse a esses adultos que deviam ler um livro para crianças? Não é apenas o filme; esses leitores regredidos estavam por aí aos bandos muito antes de começar a campanha do filme. ” A visão desses críticos sobre os leitores de Harry Potter foi algo que sempre nos intrigou, dada a forma generalizante que muitos milhões de pessoas eram tachadas sem serem, de fato, consultadas. Desta forma, como parte integrante de nossa pesquisa de campo do mestrado, ministramos em 2018 um curso de difusão na Universidade de São Paulo, intitulado “Harry Potter: Caminhos Interpretativos. ” O objetivo do curso era o de propiciar o contato e a discussão entre leitores da série Harry Potter através de propostas interpretativas para ela, visando analisar alguns de seus temas e procedimentos estéticos e também discutir os modos de interação entre leitor e texto. Uma média de quarenta e cinco leitores de Harry Potter se inscreveram para o curso, vindos das mais variadas áreas do conhecimento. Indo totalmente na contramão da opinião da crítica, esses leitores “não-especialistas” puderam compartilhar suas próprias interpretações, análises e opiniões a respeito da obra de Rowling, tanto nas aulas quanto em um questionário que eles foram convidados a responder. Esses dados acabaram mostrando não apenas a habilidade que esses leitores têm para trabalhar com a densidade do texto em si, mas também a grandiosidade e profundidade de suas próprias experiências de leitura. Nossa proposta de comunicação visa, portanto, compartilhar os dados recolhidos ao longo das aulas deste curso de difusão, que retrataram um perfil de leitor bastante diferente daquele que os críticos de Harry Potter afirmam existir.

Palavras-chave: Harry Potter; Leitor; Leitura Literária; Crítica Literária

"ÁGUA COM AÇÚCAR" PARA TRANSBORDAR O CORAÇÃO: O PAPEL DO LEITOR NO ESTABELECIMENTO DOS SENTIDOS DE UMA OBRA LITERÁRIA

Clarissa Resende Rosa

Resumo: O leitor é um elemento de grande importância na literatura. No entanto, sua participação, por muito tempo, foi restrita em prol de correntes que privilegiavam a significação da obra a partir de mecanismos internos da linguagem, de forma que o leitor era limitado à apreensão de um significado pronto. Posteriormente, apesar de vertentes teóricas, como a Estética da Recepção, terem trazido o leitor para o centro do debate, sua figura continuou, em muitos casos, sendo constituída no discurso crítico como objeto de análise ou como consequência da avaliação de uma obra, principalmente se tratando de títulos não canônicos, de forma que avaliações sobre um determinado livro acabam por se refletir em um julgamento do leitor. No Brasil, um caso que se destaca é do escritor estadunidense Nicholas Sparks, que já vendeu mais de 100 milhões de exemplares no mundo todo e foi traduzido para cerca de 50 idiomas. A fama e o sucesso do romancista são alvos de críticas negativas, muitas das quais também recaem sobre seus leitores. No entanto, entendemos que deve haver a preocupação de que uma avaliação de valor estético não se torne um julgamento da experiência do sujeito leitor. A crítica, detida em sua tarefa central de enfrentamento do texto, acaba tratando o leitor como um prolongamento da obra analisada. O desejo de aperfeiçoamento do outro marca a relação da crítica com o sujeito leitor. No entanto, a primeira se coloca como parâmetro daquilo que é bom e adequado, uma vez que “o prestígio social dos intelectuais encarregados de definir o que é Literatura faz que suas ideias e seu gosto sejam tidos não como uma opinião, mas como a única verdade, como um padrão a ser seguido” (ABREU, 2006). Contudo, a resposta dos leitores quanto a sua melhora e gostos literários pode ser diferente daquela esperada pela crítica. Sendo assim, partindo do pressuposto de que cada sujeito é possuidor de uma trajetória cultural e

social, cabe a nós indagar como a experiência de leitura do sujeito contribui para a valoração das obras que o cativa, e que fatores são importantes nessas obras de grande circulação que se tornam únicas na experiência de leitura desses sujeitos. Dessa forma, o objetivo desta comunicação é discutir, por meio da análise literária e da aproximação a leitores empíricos do autor Nicholas Sparks, de que maneira a experiência do leitor pode se contrapor a um discurso geralmente pautado em aspectos estéticos da relação entre sujeito e livro.

Palavras-chave: Recepção da ficção; Best sellers; Leitura

17/07 (TARDE)

A LEITURA LITERÁRIA E SUAS IMPLICAÇÕES NO ENSINO

Marli Lobo Silva

Resumo: A LEITURA LITERÁRIA E SUAS IMPLICAÇÕES NO ENSINO Marli Lobo Silva (PUC-GO) RESUMO A leitura não se restringe, unicamente, ao ambiente escolar. As experiências de vida do aluno e suas idiossincrasias corroboram no processo de recepção da obra literária, bem como no desenvolvimento da leitura. O mundo na qual o aluno está inserido agrega ao contexto do ambiente escolar, com reflexo no processo de aperfeiçoamento de leitura. Nessa perspectiva, notadamente, é imperativo considerar os diferentes processos de informações existentes na sociedade, que impactam direta e indiretamente o ambiente escolar. Assim, adicionalmente, é mister ponderar as limitações a que o ato de leitura submete-se, principalmente por questões de ordem socioeconômicas. Com isso, à medida que esses aspectos se inter-relacionam com a leitura, a literatura e o ensino, abrem-se horizontes para lidar melhor com os desafios no sentido de se desenvolverem leitores livres de rótulos, mais ativos, participativos e, sobretudo, mais críticos. Com análise desses elementos, parte-se pra formação de leitores com amplo acesso às obras literárias, desse modo fomentando a verdadeira democratização da literatura. Tendo em vista esse estado de coisas, este estudo tem como objetivo refletir sobre os aspectos relevantes da leitura literária e suas implicações no ensino. Partirei da compreensão de que o texto literário constitui-se como instrumento para a formação do aluno/leitor, essencialmente porque ele se apresenta como a materialização do enredo e das vivências pessoais, tanto do autor como do leitor; considerando as inúmeras e diversificadas alternativas de leituras nesse universo tecnológico que envolve a escola, a leitura, a literatura e o leitor. A partir desses aspectos, observa-se que as relações atuais entre leitor, escola e literatura necessitam de uma análise sistêmica capaz de produzir alternativas libertadoras dos parâmetros atuais. Os novos modelos de interação no processo de ensino requerem práticas desafiadoras tanto para o leitor como para o ato de leitura e o ensino de literatura. A sociedade atual e os níveis de exigências das relações envolvendo os binômios leitura/leitor e escola/ literatura representam um possível novo modelo e, portanto, a maneira de propor tais elementos precisa ser contemporânea, sem contudo, perder o viés cultural. A proposta deste estudo estabelece diálogo com importantes contribuições de teóricos como Iser (1996), Eco (2002), cujo estudo está voltado para a obra e o leitor como receptor ativo do texto; Zilberman e Lajolo (1998), cujas intenções no âmbito da relação leitor, obra, ensino e sala de aula é teorizar sobre o texto literário e teorias de leituras, em que o ritmo dos avanços e retrocessos acompanham os desdobramentos de leitores e leituras na contemporaneidade.

Palavras-chave: Literatura; Ensino; Leitura; Leitor

APRENDIZADO DE LITERATURA? RECEPÇÃO DO ENSINO E REPRESENTAÇÕES DO APRENDIZADO DE LITERATURA SOB A PERSPECTIVA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II E MÉDIO

Mariana Rosa Silva

Resumo: Esta comunicação tem o objetivo apresentar conclusões parciais desta pesquisa de mestrado em curso e refletir a respeito das representações de aprendizado de literatura de

alunos do ensino médio e fundamental II de uma escola da rede privada da cidade de São Paulo. Esta pesquisa reuniu dados sobre crenças, opiniões e situações vivenciadas pelos alunos, na formação literária deles dentro da instituição escolar, buscando ponderar sobre a possibilidade de afirmar que se aprende literatura, e, caso seja possível esse aprendizado, o que se aprende quando se aprende literatura. A pesquisa é concebida a partir das contribuições teóricas da Estética da Recepção de JAUSS (1994) e ISER (1996), as quais dão destaque para o papel do leitor no ensino de literatura. Além desses teóricos, os dados coletados são analisados com base nas contribuições teóricas de CHARTIER (1991) sobre representação. A partir de entrevistas realizadas em uma pesquisa anterior a esta, feita com professores de literatura de diferentes segmentos de ensino, pôde-se observar que esses educadores, às vezes, davam à literatura a classificação de “bens incompressíveis” (CANDIDO, 2004), estando acima de outras atividades corriqueiras, e, sobretudo, falavam do ensino de literatura como experiência. Para LARROSA (2002), experiência é algo que nos passa e acontece, dessa forma, o saber seria adquirido pela experiência que se dá na relação entre conhecimento e vida humana, sendo o saber da experiência ímpar, singular, afetando cada um de maneira distinta. Observando as entrevistas mencionadas e a realidade do ensino de literatura no ensino básico, baseada no conceito de experiência para Larrosa, surgiram algumas questões: se ensinar literatura é proporcionar experiência de leitura, como disseram os professores nas entrevistas, o ensino de literatura por meio da historiografia literária é capaz de formar leitores? A experiência com leitura literária dos alunos de ensino fundamental II é melhor formadora de leitores do que o ensino de literatura oferecido no ensino médio? O que os alunos imaginam que estão aprendendo nas aulas de literatura? Entre o discurso dos professores e a prática desse ensino em sala de aula, realizar-se-á uma comparação entre quais perspectivas sobre a leitura literária o ensino de literatura tem proporcionado aos alunos. A primeira etapa da coleta de dados, realizada por meio de respostas dadas a um questionário, em novembro de 2018, com 70 alunos do ensino médio, mostrou que os alunos reproduzem o discurso institucional a respeito de literatura, bem como associam o ensino de literatura a bom desempenho em redações, aquisição de vocabulário, e melhor compreensão de outras disciplinas escolares, como História e Sociologia. Apesar disso, muitos alunos também falam sobre o desejo de ler obras literárias mais recentes e sobre a possibilidade de participarem da escolha dos livros, justificando que essas medidas poderiam mobilizá-los mais para a leitura.

Palavras-chave: Alunos; Aprendizado; Ensino; Literatura; Representação

O CLÁSSICO E O BEST-SELLER EM CIRCULAÇÃO NA ESCOLA: UM ESTUDO SOBRE CONCEPÇÕES DE LITERATURA E EXPERIÊNCIAS DE LEITURA

Iara de Oliveira

Resumo: O termo clássico deriva do latim *classis*, que significa classe de escola e remete às recomendações escolares de obras literárias latinas, gregas e romanas para as classes. Sob outra perspectiva etimológica, clássico é oriundo do latim *classicus*, termo que referenciava o cidadão da classe social mais elevada de romanos. Na contemporaneidade, o uso de “clássico”, na qualidade de adjetivo, pretende referenciar grandes obras da cultura humana, de reconhecida qualidade, formando um valioso e legitimado patrimônio cultural. Em meio a essas denominações, a instituição escolar se destaca historicamente por promover o contato dos alunos com a literatura clássica e por desenvolver um importante papel na formação do jovem leitor. Por assumir esse papel formador e preservador da cultura, as escolas tendem a privilegiar o contato com o cânone e com uma prática de leitura nomeada por Annie Rouxel (2012) como leitura analítica, modalidade mais cerceada e com pouco espaço para a subjetividade do leitor. Entretanto, geralmente em contexto extraescolar, o leitor estabelece contato, por meio de variados espaços, como os midiáticos, com os best-seller. Esse filão do mercado, embora não seja legitimado pelos estudos literários e quase sempre não encontre espaço nas aulas de literatura, possui um sistema particular de produção, circulação e consumo em que o objetivo preponderante é vender. Por esse motivo, sob a genérica designação de best-seller são agrupadas



obras que, em sua maioria, visam agradar e prender o leitor através de variados recursos. Assim, nas leituras de best-sellers, distante das demandas avaliativas escolares, é mais provável que o jovem realize o que Annie Rouxel (2012) nomeou como leitura cursiva, que consiste em uma possibilidade de apropriação mais subjetiva das obras. Talvez por esse motivo, é comum os jovens demonstrarem desinteresse pelas obras que são indicadas pela escola e entusiasmo pelas leituras que fazem de outros títulos fora do espaço e das recomendações escolares. Sobre a dicotomia entre alta literatura e baixa literatura, Umberto Eco (2011) defendeu a “transmigração de estilemas”, ou seja, o descer e o subir em níveis culturais mediante leituras, demonstrando, assim, a legitimidade do transitar entre Pound e um romance policial sem o estigma de classe social ou de nível intelectual. Em virtude dessas discussões que permeiam a formação do leitor literário e o ensino de literatura, esta pesquisa se propõe a compreender o best-seller por meio de um estudo teórico, bem como a partir da visão de jovens leitores sobre essa modalidade de leitura. Para tanto, este trabalho observará a circulação de obras literárias em duas escolas públicas de Goiânia para apreender como são estruturados os discursos sobre literatura que permeiam esses ambientes escolares, bem como investigar as bagagens de leituras dos alunos de turmas de oitavo ano das duas escolas. Para a realização da pesquisa de campo, foi proposta, para os alunos que aceitaram participar da pesquisa, a leitura do best-seller *Mau Começo* (1999), de Lemony Snicket. A partir desse trabalho, tornar-se-á possível confirmar ou não a hipótese de que a leitura de best-sellers, concomitantemente à leitura de clássicos, contribui e potencializa a formação do leitor literário.

Palavras-chave: Formação de leitores; Best-seller; Leitura; Recepção.

NARRATIVAS DE FICÇÃO NA ESCOLA: O LEITOR EM FOCO

Larissa Warzocha Fernandes Cruvinel

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar resultados parciais de uma pesquisa sobre leitura de narrativas de ficção com alunos de oitavo ano de uma escola pública de Goiânia/Goiás. Para sua realização, o projeto contou com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG). Em um primeiro momento, os participantes escreveram uma autobiografia de leitura, narrando suas memórias literárias mais marcantes. Essa etapa da pesquisa foi importante para compreender a experiência leitora dos alunos e o papel que professores e outros mediadores desempenharam na vida deles. Posteriormente, foram lidas em sala de aula narrativas de escritores reconhecidos por sua produção na literatura juvenil e também narrativas sem predeterminação de público alvo, enfileiradas a partir da temática da pobreza e dos lugares de exclusão da infância. O critério para a seleção dos escritores se baseou na representatividade que eles assumem no campo literário, averiguada por meio das premiações que suas obras receberam por instituições de renome. Dessa forma, o corpus abarca tanto escritores que pertencem à tradição literária brasileira, como Murilo Rubião, quanto escritores que apresentam uma trajetória consolidada, mas que também têm se destacado por suas publicações nos últimos dez anos, como Lygia Bojunga Nunes, Maria Teresa Andruetto, Luiz Ruffato. Além disso, foi observada a reação dos leitores diante de obras mais tradicionais do ponto de vista formal, como também obras que operam a “desrealização”, segundo a terminologia de Anatol Rosenfeld, em seu conhecido texto “Reflexões sobre o romance moderno” (1969). Para compreender a postura dos alunos em relação aos textos selecionados, foram utilizados, como instrumentos de pesquisa, debates, depoimentos coletivos e individuais, produção de videoblogues, entre outros. A intenção era, na esteira das considerações de Annie Rouxel, “incentivar a expressão do julgamento estético, convidando o aluno a se exprimir sobre seu prazer ou desprazer em relação à leitura, evitando censurar os eventuais traços, em seu discurso, de um investimento por demais pessoal, imaginário e fantasmático” (Rouxel, 2012, p.281). Por meio da análise dos dados obtidos, esta comunicação pretende problematizar a recepção de textos literários em contexto escolar, assim como as fronteiras entre a literatura juvenil e a adulta sob a ótica de jovens leitores. Para fundamentar a discussão proposta, foram convocados os estudos de Regina Zilberman e Marisa Lajojo (2009), Annie Rouxel (2013), João

Luís Ceccantini (2016, 2013), María Teresa Andruetto (2012, 2017), Teresa Colomer (2017), entre outros.

Palavras-chave: escola; recepção; jovens leitores; narrativas juvenis

A TAREFA DO LEITOR: EM BUSCA DE UMA “ERÓTICA DA ARTE”

Laeticia Maria Ferreira Porto Monteiro

Resumo: Nossa pesquisa investiga as potenciais relações entre leitor e texto em cenários em que a literatura serve como ponte para o aguçamento sensorial e a conexão com o corpo, bem como para a expressão artística e criativa do próprio leitor. Essa investigação foi embasada (e inspirada) em posicionamentos teóricos que se contrapõem à análise literária e à interpretação como os caminhos preferenciais (ou ao menos tradicionais) para abordar a literatura. Falamos aqui da notada predileção de estudar literatura para descobrir “o que o texto quer dizer” e queremos testar novas formas de aproximação, pois nosso foco é descobrir “o que leitor sente diante do texto”, é encontrar a “erótica da arte” de Susan Sontag. Com este objetivo em mente, a pesquisa não foi apenas bibliográfica: envolveu também uma intervenção no ambiente universitário. Tal intervenção foi feita em uma turma da graduação da licenciatura em Letras – Português, da Universidade de Brasília (UnB), na disciplina de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa e Literatura. A escolha por realizar o trabalho junto a esse grupo vem da percepção dupla de que os futuros licenciados (e prováveis professores) têm grande potencial de impacto nas próximas gerações de leitores e de que existe uma necessidade de expansão das formas como somos ensinados e ensinamos a interagir com a literatura, para que possamos abraçar todas as possibilidades que ela nos traz. Nosso trabalho obviamente não consegue vislumbrar todas essas possibilidades, mas se propôs a testar a escrita criativa como uma aliada na mediação entre a leitura e o corpo, uma vez que essa é tradicionalmente considerada uma atividade intelectual e exterior, passando assim por um processo de achatamento. Acreditamos que a escrita pode estimular uma visão menos achatada da literatura, bem como um desembolar dos sentidos para uma experiência de leitura mais sensível e mais completa. Dizemos “mais completa”, pois aqui percebemos o texto literário como um conjunto de forma e sentido, sem hierarquia entre estes, e acreditamos que ler um texto com esta visão holística de literatura é a tarefa do leitor. Ademais, vale mencionar que esta pesquisa faz parte de um cenário de questionamentos maior, que busca averiguar se a escrita criativa pode ser considerada uma forma de leitura literária, de que maneiras ela pode influenciar e moldar a leitura, qualitativamente, e que impacto este movimento pode ter sobre a formação de leitores.

Palavras-chave: literatura; escrita criativa; leitura; ensino; leitores.

LEITORES EM CONTEXTO: A LEITURA COMO EXPERIÊNCIA AFETIVA, CRIATIVA E CRÍTICA E SEU (NÃO) LUGAR NA SALA DE AULA

Andrea Saad Hossne

Resumo: Em 2002, Piégay-Gros publica um compêndio, *Le Lecteur* (Paris: Flammarion, GF-Corpus/Lettres, 2002), que traz uma compilação de textos focados no leitor e na leitura. Os autores são, na maioria, escritores renomados, mas há também pensadores diversos. Os excertos trazem tanto personagens leitores criados por eles, discutindo a leitura, quanto depoimentos dos próprios autores acerca da sua experiência de leitura. Em alguns casos, há excertos de obras ensaísticas dos autores sobre leitura. É um modo de observar o leitor enquanto criação ficcional e enquanto criador de uma ficção ou de uma concepção de leitura. O pressuposto básico do livro é, portanto, a leitura a partir do olhar daqueles para quem ela se colocou no centro da vida como experiência, ao mesmo tempo, afetiva, intelectual, crítica, criativa ou profissional. Dentre os textos, destaco um que, mesmo se enquadrando no pressuposto da recolha, abre uma outra direção para as reflexões acerca da leitura: “Lire: esquisse socio-physiologique”, de Georges Perec. O autor desenvolve sua própria teoria da leitura, estudada pela crítica. Além de várias de suas obras que a abordam, e da sua participação num grupo como o OuLiPo, que pensa programaticamente num leitor participativo, o escritor dedicou-se, com certo humor, a



considerações sobre a importância das condições materiais da leitura, sobre o caráter afetivo, e mesmo sensorial, desse tipo de experiência, sem divorciá-los do aspecto estético. O referido texto aparece em Penser/Classer (1985), e coordena a operação em si de leitura com as condições em que ela é feita: [...] lire, ce n'est pas seulement lire un texte, déchiffrer des signes, arpenter des lignes, explorer des pages, traverser un sens; ce n'est pas seulement la communion abstraite de l'auteur et du lecteur, la noce mystique de l'Idée et de l'Oreille, c'est, en même temps, le bruit du métro, ou le balancement d'un wagon de chemin de fer, ou la chaleur du soleil sur une plage et les cris des enfants qui jouent un peu plus loin, ou la sensation de l'eau chaude dans la baignoire, ou l'attente du sommeil... [Apud PIÉGAY-GROS, Nathalie, op.cit., p.206-207]. O autor inclui mesmo uma "posturologia" (ler de bruços, deitado, de joelhos, agachado, caminhando etc.) e está atento às atividades que acompanham a leitura. Como conclui Piégay-Gros, a reflexão de Perec lembra que a leitura é algo que inclui o corpo e o tempo: [...] (je ne lis pas de la même manière entre 'Nation' et 'République' qu'en proie à une longue insomnie) [...] Perec introduit une dissonance dans le discours sur la lecture qui valorise si fortement l'expérience de subjectivité qu'elle autorise. Le sujet qu'elle sollicite est aussi un corps en mouvement, un homme dans la ville. [PIÉGAY-GROS, 2002, p.206-207.] A questão que pretendo abordar diz respeito a esse aspecto, que me parece negligenciado no contexto escolar (do ensino básico ao universitário), da experiência que implica corpo, tempo, afeto, condições materiais da leitura, de um sujeito em contexto, experiência que para alguns é também a da escrita (fanfictions) e as implicações disso no ensino da literatura.

Palavras-chave: leitura; experiência afetiva; crítica; criação, ensino

18/07 (MANHÃ)

SAGARANA E SERTÃO: O OUTRO LADO DA HISTÓRIA

Antonio Daniel Félix

Resumo: Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado acerca da relação entre leitor e personagem, ao longo da formação deste durante uma história, com base na leitura de "A hora e vez de Augusto Matraga" — novela que faz parte do livro Sagarana (1946/1983) — de Guimarães Rosa, e na análise de sua recepção crítica entre os anos de 2000 a 2018. Tomamos como base de análise a relação entre leitor e personagem, porque acreditamos que este não se relaciona, durante o ato da leitura, com a obra em toda sua variedade, mas, sim, com partes dela; mais precisamente, com os personagens. Como assegura Candido (2015), a ficção não existiria sem o personagem, da mesma forma que não existiria, caso não houvesse uma realidade outra que lhe servisse de base. Na novela "A hora e vez de Augusto Matraga", a narração dá-se em torno do personagem principal, Augusto Matraga. Em sua peculiaridade, o protagonista desta novela requer do leitor sua participação na narração, de tal forma que este último tenha a experiência do engano ou da ironia (JAUSS, 1974), em virtude da drástica mudança sofrida pelo personagem, transformação essa constatada pelo leitor. Tal mudança de opinião e ação em relação ao mundo leva o leitor à reflexão sobre sua própria vida, propiciando-lhe, dessa maneira, tanto deleite quanto libertação de suas opiniões já formadas. Neste trabalho, mais especificamente — baseados na leitura da recepção crítica de Oliveira (2015), Leitão (2006) e Pereira (2009) — pretendemos discutir essa relação na perspectiva da experiência estética, tal como é pontuada por Jauss (1977), pois consideramos que seja somente na relação com o público que a obra ganhe vida e atualização, e que seja somente com o prazer da leitura que haja a possibilidade de construção de sentido. Na relação com os personagens, há tanto uma libertação fruidora da realidade quanto uma reflexão sobre ela. O leitor adentra outro mundo — assumindo outras formas de pensar e agir, como se fosse o próprio agente da ação, como pontua Zilberman (2001), nesse caso, o personagem. No entanto, o leitor não abandona seus pensamentos, visto que, como assegura Jauss (1994), somente baseado em seu conhecimento prévio, o leitor pode desfrutar da obra e atribuir-lhe sentido. Ao término deste trabalho, esperamos corroborar os postulados acerca da experiência estética sobre o fato de a obra



literária tanto servir para a recreação quanto cooperar na formação do indivíduo enquanto sujeito social, que se relaciona tanto com o mundo concreto quanto com o mundo literário, fictício, havendo, dessa forma, uma estreita relação entre a obra e o mundo, possível por meio do ato particular da leitura e da atualização da obra pelo leitor.

Palavras-chave: Experiência estética. Guimarães Rosa. Recepção.

A PROSA MODERNA DE UM CHAMADO JOÃO, UMA DISCUSSÃO QUE NÃO SE ENCERRA

Rosalina Albuquerque Henrique

Resumo: Desde a publicação de Sagarana, em 1946, Guimarães Rosa começava a galgar seu lugar na historiografia literária brasileira ao se vincular cronologicamente à chamada “Geração de 45”. Mas, não sendo suficiente o seguimento cronológico da criação para provocar uma evolução na historiografia literária, podemos afirmar que uma dada obra de arte não permanece inalterada através do decurso da história, não podendo ser alterada a configuração da obra, sendo dinâmica a sua estrutura durante o processo da história. Quando muitos pensavam que o tema regionalista já havia sido cristalizado pela tradição, Sagarana surpreendeu a crítica em virtude da originalidade de suas técnicas narrativas, que apontavam uma mudança substancial na velha tradição regionalista. Todas as obras de artes surgem em um determinado período, unidas pelo processo histórico, que não pode ser ignorado, todavia, a literatura não deve ser concebida como sendo um passivo reflexo, ou seja, por critérios puramente literários que deve fixar-se o período literário (WELLEK, 1970), devendo também o trabalho da literatura ser um objeto estético capaz de despertar a experiência científica. Por sua vez, a obra de arte é por natureza uma entidade autônoma (CANDIDO, 2012). O que gera uma busca pelo caráter singular da obra de arte em que cada autor representa as características próprias de um gênero literário, mas sem deixar a individualidade imanente do fazer literário de cada artista. Para tanto, nosso objeto de estudo centra-se em torno da temática acerca da presença das figurações da velhice em Grande sertão: veredas. Partimos do pressuposto de que as pessoas envelhecem em todos os sentidos e em diferentes proporções, que podem ser biológicas, psicológicas e sociológicas. E, a angústia do ser humano aumenta de forma demasiada com a chegada da terceira idade, pois, os conflitos crescem com a ideia de que quando se está velho é certo que a pessoa fica desamparada física e moralmente, justamente nos derradeiros anos de existência. Pelo viés da estética da recepção, muitas questões são levantadas de Grande sertão: veredas, uma delas, é de que como a velhice não destina Riobaldo à doença, à morte e ao esquecimento. Ela pode sim influenciar em suas atitudes e descobertas quanto à própria sexualidade, as formas de relacionamento afetivo, familiar, amoroso e entre as pessoas ao redor e com sua própria condição física e biológica. A presença da velhice significa mais do que simples diversificação de experiências. Ela impulsiona os lances de iniciação, transição e espiritualização ao longo do périplo ascensional de Eros. Em torno disso, a personagem dona Rosalina, de “A estória de Lélío e Lina”, “é a vitalidade do amor consumada em sabedoria, a experiência erótica transformada em experiência contemplativa” (NUNES, 2009, p. 164). O que nos induz à ideia de que defender a imprescindibilidade de que o foco artístico é provocado pelo autor e sua produção, exclusivamente, levaria a rejeitar a ideia da participação do leitor e sua recepção da obra, não valendo também sua experiência literária (JAUSS, 1994).

Palavras-chave: Guimarães Rosa; Grande sertão: veredas; Riobaldo; Velhice; Estética da recepção.

DALTON TREVISAN LEITOR DOS CLÁSSICOS

Raquel Illescas Bueno

Resumo: Este trabalho tem como corpus alguns textos de viés crítico publicados em livro por Dalton Trevisan, que serão lidos como a retomada, em espaço público, do Dalton Trevisan crítico silenciado desde os anos 1940. Nessa década, à frente da revista Joaquim (1946 – 1948), Trevisan manifestou-se principalmente contra as tendências estéticas passadistas que ainda



persistiam em Curitiba e no Paraná. Abordou temas relativos a literatura e artes plásticas, tendo se envolvido em várias polêmicas características do período imediatamente posterior à Segunda Guerra Mundial. Em seguida, assumiu outra postura, até hoje mantida, a de escritor inacessível, para quem tudo o que precisa ser dito deve estar na obra. Esporadicamente, passou a inserir em seus livros, sempre apresentados como coletâneas de contos, textos redigidos em registro próximo do confessional. Esse processo se intensificou nos livros *Dinorá*, de 1994, em que figuram os contos (contos?) “Capitu sem enigma”, “Esaú e Jacó”, “Um conto de Borges”, “Cartinha a um velho poeta”, “Cartinha a um velho prosador” e “Quem tem medo de vampiro?” e *Desgracida*, de 2010, cuja parte final, “Mal traçadas linhas”, reúne fragmentos selecionados da correspondência do autor com os amigos Otto Lara Resende, Rubem Braga e Pedro Nava. Desse conjunto de textos é possível extrair certo paideuma de Dalton Trevisan, em que pontificam Tchekov e Machado de Assis. Dentre outras preferências declaradas, destacam-se também Katherine Mansfield, Paul Léautaud e Helena Morley. Recebem ataques violentos o Grande sertão: veredas, Esaú e Jacó, O general em seu labirinto e Coração, de Edmondo de Amicis. Em um dos textos de *Desgracida*, Trevisan indaga de forma irônica ao destinatário da carta: “gostou do exercício frívolo de leitura? Caso aceitássemos a hipótese de que suas opiniões críticas derivam de leitura superficial das obras comentadas, seríamos levados a minimizar a relevância desses textos enquanto crítica literária, mas esta proposta vai em direção contrária. Sem deixar de considerar os efeitos da ironia que preside o discurso, é possível extrair do conjunto dessas leituras o delineamento de uma estética, a começar pela identificação dos pressupostos para a elaboração do que Trevisan considera a boa narrativa de ficção. Outro aspecto importante são as relações entre autor e personagens. Trevisan cria variações curiosas para o flaubertiano “Mme. Bovary c’est moi” (“Gustavo era Ema e Capitu sou eu”, por exemplo), porém condena veementemente o interesse da imprensa e do público leitor pela vida privada dos autores, a começar pela vida dele mesmo. O tom ácido, por vezes sarcástico em que são apreciados alguns clássicos da literatura, acrescenta elementos para a percepção de um autor surpreendentemente fiel a si mesmo: irreverente, iconoclástico, inventivo.

Palavras-chave: Crítica literária; Dalton Trevisan; leitura

LEITOR, JAVALIS E QUINTAL: DISCUTINDO MIMETISMO, TEORIA DA RECEPÇÃO E DO EFEITO ESTÉTICO A PARTIR DO CONTO DE ANA PAULA MAIA

Luiza de Rezende Faria

Resumo: O trabalho propõe uma reflexão sobre as novas percepções acerca da mimese na literatura, bem como o surgimento dos estudos da recepção da obra literária e do efeito nos leitores através da teoria da recepção e da teoria do efeito estético. Para tal análise, o trabalho se restringirá a discutir os apontamentos de Luiz Costa Lima, Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser. O material literário será discutido a fim de aprofundar alguns apontamentos dos teóricos através de exemplos. Desse modo, será analisado o conto “Javalis no Quintal”, da autora Ana Paula Maia, presente na coletânea de contos “Javalis no Quintal e outras histórias” e na antologia “Geração zero zero”, organizada por Nelson de Oliveira. Inicialmente, os termos mimese, teoria da recepção e teoria do efeito estético serão brevemente apresentados, bem como seus contextos históricos. Em seguida, serão discutidos alguns encontros e desencontros das teorias desenvolvidas por Luiz Costa Lima, Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser acerca da relação entre o leitor, a sociedade e o indivíduo. Mais adiante, o trabalho evidenciará alguns possíveis argumentos para as teorias da recepção e do efeito estético através do conto “Javalis no Quintal”. Por fim, o trabalho propõe debater os efeitos da obra de Ana Paula Maia na construção do leitor e da sociedade em que está inserido. Para isso, serão discutidos alguns aspectos da obra da autora: estilo literário, construção narrativa, personagens, capazes de direcionar uma determinada leitura e entendimento dos mundos (fictício e real) sugeridos pela narrativa.

Palavras-chave: Teoria do efeito estético; Literatura Brasileira; Conto; Ana Paula Maia



Gabriel Carrara Vieira

Resumo: Em *Poststructuralism and the “Paraliterary”*, Rosalind Krauss levanta uma questão interessante: “Barthes e Derrida são os escritores, e não os críticos, que os estudantes lêem agora”. Sua percepção lança luz sobre uma presença relevante da teoria na formação de autores contemporâneos, com fortes inspirações nos textos teóricos. No contexto brasileiro, o autor Michel Laub, no artigo *Notas sobre o fígado*, publicado na revista *Piauí*, realiza uma abordagem semelhante a partir da discussão de um tema ainda pouco explorado pela academia, que são as premiações. Ao comentar *Leite derramado*, obra de Chico Buarque, Laub afirma que “se os valores são iguais na ponta da emissão e na ponta majoritária da recepção, o que é possível saber dados os atores do debate público de uma época, bingo: é como se o romance antecipsse os elogios que receberá”. Sua avaliação é importante pois ressalta uma questão relevante para a produção literária brasileira: a partilha de repertórios literários. Na literatura de grande destaque editorial, não são raros os autores, como Ricardo Lísas, Veronica Stigger e Bernardo Carvalho, que possuem uma trajetória acadêmica, alinhando-se à análise de Krauss. O texto de Laub aponta para o fato que, ao vislumbrar seu público, um autor tem condições de selecionar um repertório para atingi-lo? como ele afirma em outro momento, “o leitor médio da nossa ficção contemporânea é ou se vê como um tipo humanista, a favor do Estado laico, das minorias e assim por diante”. Desse modo, é lícito pensarmos na formação de “regimes de visibilidade” (Rancière) de obras contemporâneas muito ligados à academia. Ressaltamos ainda que a perspectiva de uma literatura fechada em sua própria crítica é um tópico recorrente nos estudos literários: em *A literatura em perigo*, Todorov denuncia abordagens niilistas e solipsistas dos textos no ensino francês; em entrevista, o autor Rubem Figueiredo afirma que “literatura mundial apostou na idéia de que só é possível ser crítico a sério concentrando-se na exploração da linguagem mesma, da construção em si. O legado de todo esse esforço me parece hoje decepcionante”; em *Literatura brasileira contemporânea*: um território contestado, Regina Dalcastagnè alerta para um “insulamento no mundo doméstico das classes médias brancas” da literatura. Todas essas ponderações nos instigam a pensar na natureza do pacto autor-leitor de parte da literatura contemporânea brasileira. O trabalho que propomos se desdobra, portanto, em duas etapas: a primeira visa discutir a noção de repertório, um conjunto de técnicas narrativas partilhado por várias obras, e que auxiliam-nas a criar seu público; a segunda, analisar uma vertente da produção contemporânea fortemente calcada nas vertentes teórico-acadêmicas, tomando-se obras de Lísias e Carvalho como ponto de partida para a discussão.

Palavras-chave: contemporaneidade; repertórios; literatura brasileira; crítica

18/07 (TARDE)

ANÁLISES SOBRE A LEITURA EM S., DE J.J. ABRAMS E DOUG DORST: A TRAJETÓRIA DE LEITURA PELAS MARGENS E AS TÁTICAS E ESTRATÉGIAS DO LEITOR

Vitoria Ferreira Doretto

Resumo: O que define um objeto literário? Esta pergunta fica em relevo quando tratamos de obras que não se enquadram dentro do que comumente é tido como a resposta básica desta questão. Objetos que tentam dissolver os limites da conceituação de literário nos parecem carregar em sua constituição novas possibilidades de estudo dentro ou não das abordagens teóricas pertencentes às humanidades digitais. Por isso, propomos analisar um objeto que tenta expandir, e ao mesmo tempo questionar, a concepção de objeto literário — um best-seller, um objeto que se sobressai entre os outros livros das listas de mais vendidos por seu suporte material distinto. Assim, analisaremos aqui a obra *S.* (de J.J. Abrams e Doug Dorst, publicado em 2015 pela editora Intrínseca), cuja base de sua experiência está em seu suporte: uma caixa preta que ao romper de um lacre apresenta um antigo exemplar de um romance cujas páginas estão repletas de anotações — diversas camadas de marginália escrita por dois leitores anteriores (Jen e Eric), que guiam o leitor “atual” na montagem do quebra-cabeça proposto na



trama. S. traz várias problemáticas a serem desenvolvidas, seu romance possui autoria de outro autor (V.M. Straka) que não os apresentados na caixa e constrói uma fabulação da realidade que rompe as barreiras do livro ao espalhar pela internet “conteúdos” criados pelos leitores das margens. E aqui são estes leitores que nos interessam. A partir da conhecida definição do historiador Michel de Certeau (1998) de que “ler é peregrinar”, vamos analisar a peregrinação destes dois leitores (que são personagens, ainda que sofisticadamente forjados) contada nas margens de todo o romance — entendemos aqui as margens como pistas de sua peregrinação —, mas mais do que isso, analisaremos também as táticas e estratégias (DE CERTEAU, 1998) que são necessárias ao leitor para que não apenas leia, mas manuseie todo o material presente na obra — que claramente dá forma a ela —, uma vez que ele, o leitor, deve se envolver com o projeto textual, focar sua atenção nas informações escritas à mão, nas notas de rodapé e nos encartes (pois toda clareza pode ser enganosa até mesmo em textos com aparente transparência, o que requer do leitor extrair sentidos que não estão visíveis), pois aqui a ordem desses encartes soltos pode ser alterada — os encartes caem durante o manuseio, o leitor pode recolocá-los em diferentes posições, reencontrá-los, perder alguns de vista. Por fim, ao analisarmos estas duas leituras, se faz necessária uma análise sobre o suporte deste objeto, de forma a não apenas descrevê-lo na peculiaridade de seu material, mas também compreendê-lo, afinal, como um objeto literário.

Palavras-chave: modos de leitura; mídiuim; suportes do literário; marginalia.

FRAGMENTOS DE UMA NARRATIVA EM QUADRINHOS

Rômulo Bezerra

Resumo: Em sua dissertação de mestrado, Bezerra (2016) tencionou aproximar Literatura e História em Quadrinhos (HQs). Ele se voltou para a origem e para as transformações de dois gêneros, o romance e a graphic novel, a fim de analisar Watchmen (1987; 2007), que instaurou um novo gênero narrativo dentro das HQs. Para tanto, Bezerra teve como foco o modo como as mudanças trazidas pela modernidade, pelo mundo burguês, impactaram não apenas as estruturas sociais e econômicas, mas também aquelas relacionadas à cultura e às artes, em especial a Literatura. Essa nova forma de organização social legitimava e originava uma organização literária, o romance, que colocava em circulação uma série de ideais caros à ideologia burguesa no intuito de construir uma representação mimética dessa nova sociedade. Esse mesmo procedimento de análise, de relacionar determinado contexto social e político com o surgimento de um novo gênero, foi feito dentro do campo das HQs. Em ambos os momentos analíticos, o que se conclui é que tanto esses novos gêneros quanto suas transformações indicam a relação entre os acontecimentos do mundo e as formas de representação: em última instância, nem sempre a mimese parece realista ao leitor, uma vez que ela não parece mais fazer sentido em determinado contexto. No romance e nas HQs de aventura e, depois, nas graphic novels, há, ao longo do século XX, a tensão entre a tradição mimética e a percepção de que a mimese não mais apreende a experiência do real tal como o fizera. Dessa forma, seguindo a mesma linha de análise desenvolvida em 2016, a comunicação proposta se volta para Here, uma história em quadrinhos de seis páginas publicada por Richard McGuire em 1989. Essa história se inicia com um quadrinho que mostra um canto comum de uma sala de estar; nos quadrinhos seguintes, o mesmo espaço é mostrado em diferentes pontos no tempo entre 500957406073 a.C. e 2033 d.C. Não há uma narrativa propriamente dita, uma vez que cada quadrinho é uma cena distinta do anterior e o que os une é o apenas o espaço. O objetivo da comunicação é, então, analisar esse método de representação: como as transformações sociais ocorridas até os anos 1980 legitimam e “exigem” uma forma de representação específica. Pensa-se aqui especificamente na fragmentação dos elementos tradicionais narrativos (tempo cronológico, espaço, personagem); se o mundo burguês os estruturava de uma maneira específica e ordenada, como o capitalismo do final do século XX o faz? De que forma podem ser vistas as manifestações narrativas da chamada Pós-Modernidade? Como se pode entender a construção narrativa ali formalizada?

Palavras-chave: Representação; História em Quadrinhos; Pós-modernidade



O LEITOR E O ACESSO À LITERATURA POR MEIO DAS LISTAS LITERÁRIAS: UM ESTUDO DE O LIVRO DA LITERATURA, DE JAMES CANTON

Arnon Tragino

Resumo: O acesso à literatura é estudado por Pierre Bourdieu (1996), em *As Regras da Arte*, quando o autor entende que em toda produção cultural o capital simbólico produzido pelos especialistas é absorvido no mercado do livro, ação que massifica o produto e relativiza sua autonomia no contato com outras produções. Essa absorção gera conflitos entre as duas partes: o capital originário dos especialistas, da academia e dos estudiosos de literatura resiste ao ser levado para o mercado, e este reformula os critérios ideológicos do livro para coordenar sua venda. Dentre as formas que o mercado utiliza para divulgar e vender a literatura, a lista literária é um fenômeno comum de acesso por supostamente organizar e uniformizar de modo conciso indicações de leitura, dando respostas rápidas e uma discutível noção de segurança, por exemplo, às perguntas corriqueiras de um leitor: o que vou ler agora? Quais opções de leitura eu tenho? Quais livros eu devo escolher? É o que pesquisa Robert Belknap (2004), em *The List*: a necessidade de listar a literatura promove seleções, escolhas e múltiplas formas de estabelecer ordens de leitura, mostrando que, por um lado, a pessoalidade do organizador das listas pode aparecer nas indicações, mas, por outro, nunca a sua imparcialidade, uma vez que as obras se interligam por uma tradição, um mercado, um ambiente, etc., circunstâncias que possibilitam rastrear suas influências estéticas e suas origens de produção. Após Belknap, duas antologias parecem ter dado fama às listas como objetos de pesquisa: *A Vertigem das Listas*, de Umberto Eco (2010), e *Listas Extraordinárias*, de Shaun Usher (2016), materiais que também instigam nosso estudo. Nesta comunicação, nossa análise recai sobre *O Livro da Literatura*, de James Canton (2016), um dos livros da coleção *As Grandes Ideias de Todos os Tempos*. Nosso recorte é pensar a literatura brasileira ali recomendada: quais livros, quais autores e quais informações são acessíveis e justificadas pela seleção feita e qual imagem de leitor é construída dessa maneira – o consumo de listas certamente conduz as opções desse leitor, causando apreço ou rejeição pelo que é sugerindo, o que pode levar, às vezes, a uma busca por um status de leitura, a um controverso conhecimento da literatura apenas com base no rol de muitos nomes de obras e de escritores. Além de Bourdieu (1996) e Belknap (2004), para observarmos como o público adquire o capital simbólico das obras e como a lista influencia os leitores nisso, traremos Antonio Candido (2014), com *Formação da Literatura Brasileira*, Alfredo Bosi (2015), em *História Concisa da Literatura Brasileira*, e Carlos Nejar (2014), com *História da Literatura Brasileira*, para relacionarmos seus estudos com o que de Brasil é visto na lista literária de Canton (2016). Essa investigação deriva da nossa tese de doutorado em andamento, faz parte do grupo de pesquisa *Literatura e Educação*, e recebe auxílio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Palavras-chave: Listas literárias; Literatura brasileira; James Canton.

DA EXPERIÊNCIA PESSOAL À PARTICIPAÇÃO COLETIVA: CLUBES DE LEITURA, LEITORAS E ESCRITORAS NO CENÁRIO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

Clarice de Mattos Goulart

Resumo: A investigação em curso tem como objetivo proceder ao estudo da experiência contemporânea de clubes de leitura voltados à discussão de livros escritos por mulheres. Segundo uma ótica interdisciplinar e por meio de observação participante, a pesquisa tem se voltado às reuniões desses clubes, buscando compreender os seguintes aspectos: Como funcionam os clubes? Como se estabelece a dinâmica da discussão? Quais são os livros lidos e que fatores norteiam sua curadoria? De que forma o texto literário é abordado nos encontros? Qual o papel das mediadoras nesse contexto? Quais são as relações entre a experiência dos clubes de leitura e as políticas editoriais brasileiras atuais? Tendo como foco o estudo de produções de literatura brasileira contemporânea, este estudo parte do pressuposto de que tais clubes têm participado de uma transformação no campo literário nacional em um contexto atual,



na medida em que essas leitoras têm reivindicado uma maior circulação de livros escritos por mulheres, ao expor sua voz, suas demandas e seus critérios de escolha de obras literárias. Para além da participação nos encontros, a aplicação de entrevistas e o diálogo com as mediadoras de um dos clubes, situado na cidade de Niterói (RJ), possibilitou elencar os critérios considerados relevantes tanto na escolha dos livros a serem lidos quanto na realização do debate literário. As mediadoras consideram como principais objetivos do grupo: possibilitar o acesso à leitura; valorizar escritoras mulheres e reagir a uma exclusão operada pelo “mercado”, fomentando não só a leitura, como também a escrita de autoria feminina; estabelecer uma reunião em que se pode falar do texto de forma descompromissada, “sem certo e errado”. A investigação permitiu perceber que, enquanto nos debates prioriza-se uma análise de forma e conteúdo dos textos – sobretudo em relação à temática da representação da mulher nas narrativas literárias –, a seleção dos livros a serem discutidos nos encontros se fundamenta em uma ideia de diversidade. As leitoras buscam ler obras de gêneros textuais variados, escritas por mulheres de origens geográficas e sociais diversas, o que contribui para um debate que prioriza a questão da experiência a partir da diversidade de modos de estar no mundo. Os espaços de debate têm sido, também, lugares de partilha de afetos, vivências e conhecimento; de exercício da empatia; de acolhimento; de discussão e tomada de consciência sobre questões acerca do lugar da mulher na sociedade; de possibilidade de expansão do capital cultural das participantes; de configuração de uma interpretação textual coletiva e dialógica, de forma semelhante ao que discute e demonstra a pesquisa de DeNel Sedo a propósito de clubes de leitura. A apresentação em questão busca expor os resultados parciais da pesquisa e convocar pesquisadoras e pesquisadores a um diálogo sobre o tema.

Palavras-chave: clubes de leitura; literatura brasileira contemporânea; literatura e sociedade; feminismo e questões de gênero; políticas editoriais brasileiras.

LITERATURA E EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: UMA ANÁLISE DO TRABALHO DO ESCRITOR SACOLINHA

Laetícia Jensen Eble

Resumo: Nossa pesquisa investiga as potenciais relações entre leitor e texto em cenários em que a literatura serve como ponte para o aguçamento sensorial e a conexão com o corpo, bem como para a expressão artística e criativa do próprio leitor. Essa investigação foi embasada (e inspirada) em posicionamentos teóricos que se contrapõem à análise literária e à interpretação como os caminhos preferenciais (ou ao menos tradicionais) para abordar a literatura. Falamos aqui da notada predileção de estudar literatura para descobrir “o que o texto quer dizer” e queremos testar novas formas de aproximação, pois nosso foco é descobrir “o que leitor sente diante do texto”, é encontrar a “erótica da arte” de Susan Sontag. Com este objetivo em mente, a pesquisa não foi apenas bibliográfica: envolveu também uma intervenção no ambiente universitário. Tal intervenção foi feita em uma turma da graduação da licenciatura em Letras – Português, da Universidade de Brasília (UnB), na disciplina de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa e Literatura. A escolha por realizar o trabalho junto a esse grupo vem da percepção dupla de que os futuros licenciados (e prováveis professores) têm grande potencial de impacto nas próximas gerações de leitores e de que existe uma necessidade de expansão das formas como somos ensinados e ensinamos a interagir com a literatura, para que possamos abraçar todas as possibilidades que ela nos traz. Nosso trabalho obviamente não consegue vislumbrar todas essas possibilidades, mas se propôs a testar a escrita criativa como uma aliada na mediação entre a leitura e o corpo, uma vez que essa é tradicionalmente considerada uma atividade intelectual e exterior, passando assim por um processo de achatamento. Acreditamos que a escrita pode estimular uma visão menos achatada da literatura, bem como um desembolar dos sentidos para uma experiência de leitura mais sensível e mais completa. Dizemos “mais completa”, pois aqui percebemos o texto literário como um conjunto de forma e sentido, sem hierarquia entre estes, e acreditamos que ler um texto com esta visão holística de literatura é a tarefa do leitor. Ademais, vale mencionar que esta pesquisa faz parte de um cenário de



questionamentos maior, que busca averiguar se a escrita criativa pode ser considerada uma forma de leitura literária, de que maneiras ela pode influenciar e moldar a leitura, qualitativamente, e que impacto este movimento pode ter sobre a formação de leitores.

Palavras-chave: literatura; escrita criativa; leitura; ensino; leitores.

O AMOR À LITERATURA

Patricia Trindade Nakagome

Resumo: “A melhor definição de amor não vale um beijo de moça namorada”. Esta afirmação, apresentada sem maior importância no conto “O espelho” de Machado de Assis, serve de mote para nossa comunicação. Trataremos do discurso de amor à literatura e, principalmente, das manifestações concretas de tal sentimento, apontando que os dois nem sempre coincidem. Em linhas gerais, há, no caso do primeiro, a afirmação dos traços nobres da relação com o objeto, já no segundo, há o encantamento sempre único com o outro. Refletir sobre o amor não leva, necessariamente, a entendê-lo ou senti-lo. Em nossa comunicação pautada pelo amor, fazemos o elogio do beijo e da leitura. Para tratarmos da literatura, discutiremos a concretização do amor em gestos de leitura específicos e frágeis. Para tanto, recorreremos à obra *O museu da inocência* de Orhan Pamuk. O livro retrata a história de um grande amor, que transborda das páginas do livro e se materializa em uma exposição, num museu real construído em Istambul. Diante disso, a leitura se torna mais complexa e ampla, fugindo ao controle de quem apenas se atém ao texto. Há algo que vai além e não pode ser visto por todos. De modo semelhante, consideramos que, há algo que também nos escapa, enquanto críticos, mesmo que seja bastante concreto para tantas pessoas. Não conseguimos ver além do texto, além do material que chega a nossos olhos acostumados à análise. Não enxergamos o amor do outro à literatura, que se manifesta em grupos ruidosos, no mundo virtual, nos cantinhos das casas. O amor pode parecer uma chave estranha para a crítica literária. Mas o fato é que, para muitos de nós, foi o amor a um livro ou a muitos livros que nos levou a estudar a literatura. Nesse processo, do roubo ao estudo, do beijo à definição, talvez não pensemos mais na vitalidade desse filtro. E mais, esquecemos que o amor ganha contornos distintos de acordo com cada pessoa, em cada relação estabelecida. No caso da leitura na contemporaneidade, isso faz pensar sobre livros e modos de ler que não se encaixam nos moldes da crítica, mas que são perfeitamente legítimos de acordo com as experiências individuais. Diante do que foi apresentado, discutimos: o que encontraremos se, ao invés de reivindicarmos o direito à literatura, como no famoso texto de Candido que discutiremos, defendermos o amor pela literatura? Se deslizarmos da garantia de algo que deveria ser comum a todos para o que há de mais específico para os sujeitos, quais consequências teríamos para os estudos literários e para o ensino de literatura? Essas são algumas das questões que norteiam nosso olhar para pensar a leitura na contemporaneidade.

Palavras-chave: Leitura; Crítica; Amor; Experiência

48 - LEITURAS CONTEMPORÂNEAS DE VIRGINIA WOOLF

Coordenação: Prof. Dr. Davi Pinho (UERJ); Profa. Dra. Maria Aparecida de Oliveira (UFAC); Profa. Dra. Nicea Helena de Almeida Nogueira (UFJF)

Resumo: Em 1974, Julia Kristeva publicou *Des Chinoises*, no qual ela afirma que o suicídio de algumas escritoras modernistas revela a impossibilidade de um sujeito feminino na linguagem historicamente falocêntrica. “Eu que quero não ser” é o título de seu quinto capítulo, uma formulação de Marina Tsvetaeva, e é lá que o suicídio de Virginia Woolf aparece como recusa da ordem simbólica, o que permite que Kristeva qualifique Woolf como uma escritora que escolheu “afundar sem palavras no rio” (1974, p. 157). A assinatura “Virginia Woolf” encena um debate intenso nos estudos feministas da década de 70, no qual Kristeva se insere. Na academia anglófona, *A Literature of Their Own* (1977), de Elaine Showalter, forma uma geração de leitores que perceberão em Woolf o medo da identidade feminina, o que faz da



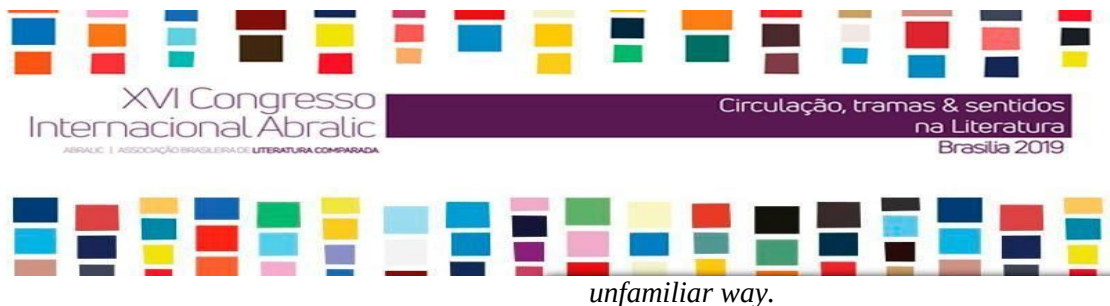
“mente andrógina” que Woolf anuncia ao final de *A Room of One's Own* (1929) uma rota de fuga do feminino nessas leituras críticas. Por outro lado, e em resposta a Showalter, Toril Moi (1985) dirá que Virginia Woolf é uma escritora da desconstrução *avant la lettre*, que sabe que história é texto e a escrita a sua produção, o que dá lugar central à androginia enquanto antídoto para os binômios hierarquizantes da tradição metafísica, em especial na relação masculino/feminino.

O que está em jogo nesse embate é o nome Virginia Woolf enquanto uma assinatura modernista (Agamben, 2008) que ora lhe fecha no vocabulário dos formalistas de Bloomsbury, ora no vocabulário do feminismo ginocêntrico, ou ainda na esteira da desconstrução de Derrida e dos saberes rizomáticos de Deleuze. No entanto, como vêm revelando os estudos woolfianos recentes, a questão estética em Woolf está inextricavelmente entrelaçada à questão política que figura em sua obra. E essa questão é o feminino enquanto negatividade profanada tanto pela forma quanto pela produção de sentidos de suas obras, o que lança a autora em busca de novas formas de escrita em movimento de eterno devir-outro (Braidotti, 2011).

Nessa perspectiva contemporânea, todas as leituras críticas, teóricas e filosóficas de Woolf são importantes para o que ela definiria ao final da vida como sua filosofia, seus momentos de ser e não ser (“A Sketch of The Past”). Ao contrário dos embates entre o poético e o material, vale pensar hoje como as leituras de Virginia Woolf do século passado não se excluem mutualmente, mas são complementares no pensamento woolfiano, centrífugo por excelência (Allen, 2010). Voltar aos textos woolfianos – sua produção ensaística, ficcional, biográfica e autobiográfica –, nos permite achar os pontos de conexão em seu mosaico de perspectivas (Banfield, 2000): os sentidos que sua forma deixa escorregar para o nosso presente. Ao pensar o mosaico, fica claro que qualificar o mergulho de Virginia Woolf como “sem palavras” registra apenas a cena que aconteceu no Rio Ouse – uma cena que, em 2019, após tantos anos de pesquisa sobre a obra da autora, não sustenta a intensidade intelectual, o comprometimento poético ou ainda o engajamento político de suas palavras cada vez mais vivas.

Na guinada estético-política dos estudos woolfianos (Zwerdling, 1986; Goldman, 1998 & 2004; Braidotti, 2011), convidamos trabalhos que se debrucem sobre releituras de toda e qualquer questão que sua vasta obra suscite – da forma do conto, ensaio e romance modernistas à escrita de si ou a uma filosofia feminista. Assim, faremos de Woolf nossa contemporânea em um diálogo sobre escrita, estética e política. Afinal, se levamos a sério os choques de realidade que Virginia Woolf diz sentir ao escrever (cf. “A Sketch of the Past”), entendemos que a escrita de Woolf está sempre dentro e fora de seu tempo, uma escrita contemporânea no sentido agambeniano (2006), sempre referida ao passado do passado mas também à sua presença, como formulou T.S. Eliot (1919). Hoje, quando tanto do que se anuncia na produção tardia da autora parece mais uma vez ativar quadros de guerra incessantes (cf. *Three Guineas*, 1938), não podemos ainda ter medo de Virginia Woolf. Desse modo, almejamos acolher trabalhos que contemplem os seguintes temas, ou quaisquer outros que estejam em diálogo com a vida, a obra e/ou o tempo de Virginia Woolf:

- Woolf e o feminismo, o modernismo, as artes e/ou o Bloomsbury Group;
- Woolf e o pós-modernismo, o pós-estruturalismo e/ou a filosofia;
- Woolf e os estudos *queer*;
- Woolf e o trauma, a guerra e/ou o fascismo;
- Woolf e/ou tradução e adaptação;
- Woolf e o Império e/ou os estudos pós-coloniais;
- Woolf e a Ecocrítica;
- Woolf e os estudos pós-humanos;
- Woolf transnacional, transcultural, transtemporal;
- Woolf e a teoria crítica e/ou a psicanálise;
- Woolf Leitora/ Leitores de Woolf.



unfamiliar way.

The Diary of Virginia Woolf, 18/02/1922

Referências:

- AGAMBEN, Giorgio. **The Signature of All Things: On Method**. Tradução de L. Disanto e K. Attell. New York: Zone Books, 2009a. [2008]
- AGAMBEN, Giorgio. What is the Contemporary?. In: AGAMBEN, G. **What is an Apparatus? and Other Essays**. Tradução de D. Kishik e S. Pedatella. Stanford: Stanford University Press, 2009b. [2006] P. 39-54.
- ALLEN, Judith. **Virginia Woolf and The Politics of Language**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2010.
- BANFIELD, Ann. **The Phantom Table: Woolf, Fry, Russell and the Epistemology of Modernism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- BRAIDOTTI, Rosi. **Nomadic Theory: The Portable Rosi Braidotti**. New York: Columbia University Press, 2011.
- GOLDMAN, Jane. **Modernism, 1910-1945: Image to Apocalypse**. Basingstoke: Palgrave MacMillan, 2004.
- GOLDMAN, Jane. **The Feminist Aesthetics of Virginia Woolf: Post-Impressionism and the Politics of the Visual**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- KRISTEVA, Julia. About Chinese Women. Tradução de Sean Hand. In: MOI, Toril (Org.). **The Kristeva Reader**. Oxford: Blackwell Publishers, 1986. [1974] P. 138-159.
- MOI, Toril. **Sexual/Textual Politics: Feminist Literary Theory**. New York: Routledge, 1985.
- SHOWALTER, Elaine. **A Literature of Their Own: British Women Novelists from Brontë to Lessing**. Princeton: Princeton University Press, 1977.
- ZWERDLING, Alex. **Virginia Woolf and the Real World**. Berkeley: University of California Press, 1986.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (TARDE)

CRUZAMENTOS COMO ESTRATÉGIA EM VIRGINIA WOOLF

Ana Carolina de Machado Mesquita

Resumo: Algo ainda pouco observado é como desde o início o desenvolvimento da obra de Woolf foi profundamente influenciado pela sua escrita pessoal – especialmente pela prática de manter um diário. A simbiose entre seu diário e sua ficção imprimiu uma marca distinta na sua empreitada moderna (ABBOTT apud BUNKERS, 1996). Dessa maneira, o diário woolfiano pode ser lido como o que chamo de forma-cruzamento entre os diversos textos de Woolf, originando nela uma escrita que transcorre não em planos e retas, mas nos cruzamentos entre as categorias, cujo traço mais aparente é o hibridismo de gêneros (romances que podem ser lidos como biografias, ensaios que podem ser lidos como romances, diários que podem ser lidos como ensaios, contos ou romances). Entretanto, cumpre notar ainda outra interseção basilar em Woolf: aquela entre subjetividade e exterioridade. Graças aos valiosos estudos levados a cabo pela crítica feminista desde os anos 1970, o envolvimento de Woolf com as questões políticas de seu tempo é hoje reconhecido – sua participação na reivindicação do sufrágio feminino em 1910 e seu pacifismo são exemplos. A consequência foi o surgimento de novos olhares sobre sua obra, observando como esta foi influenciada pelos debates de sua época e apontando como não se pode mais enxergar sua literatura como encastelada em uma espécie de investigação puramente individual e subjetivista. A obra woolfiana, ao contrário, tece-se em uma contínua negociação entre o âmbito íntimo e o sócio-histórico. Posicionar nela a preocupação estético-literária acima ou abaixo da histórico-política é, por conseguinte, problemático, pois implica a



existência de uma separação distinta entre ambas em sua literatura – coisa que não se verifica (SNAITH, 2001). É dessa maneira que, por exemplo, não se pode mais enxergar o feminismo woolfiano como “latente” ou “sugerido”, mas como algo que está imiscuído e se expressa na própria estrutura de seus textos. Sua escrita, repleta de pontos-e-vírgulas, de silêncios, de afirmares e desdizerses, já aponta para uma reconstrução da forma literária masculina inglesa herdada do século XIX e a contestação de uma posição de autoridade narrativa categórica. O presente trabalho mostra maneiras como Woolf pode ser vista tanto como uma autora preocupada com a representação da interioridade subjetiva e os processos de construção de identidade, famosa pelo uso peculiar de representação de consciência através do discurso indireto livre, quanto como uma escritora cuja obra foi informada por questões relacionadas, principalmente, a violência e guerra, gênero e história. Embora não seja possível falar em método em Woolf, isso estabeleceu alguns motores que orientam sua busca contínua pela possibilidade de representação, com suas diversas implicações artísticas, políticas e éticas, sustentadas pelas interseções e hibridismos encarados como estratégia intrínseca aos textos da autora e evidenciados, notadamente em seu diário, pela sua peculiar forma-cruzamento. Isso amplia, portanto, o escopo analítico da obra woolfiana, não raro ainda hoje considerada ou quase que somente em seu caráter formalista estético, ou centrada apenas em sua disposição feminista.

Palavras-chave: Virginia Woolf; Hibridismos; Diário; Política; Estética

CONVERSA: UM MÉTODO FILOSÓFICO EM VIRGINIA WOOLF

Davi Pinho

Resumo: Virginia Woolf escreve alguns ensaios sob o signo da conversa, como faz em “Walter Sickert: A Conversation” (1934), para pensar as filiações e discrepâncias entre a escrita e a pintura. Tendo em vista a incansável tarefa de edição e revisão de suas obras que Woolf empreende em vida (Lee, 1999), a escolha pela palavra “conversa” não pode ser tomada como meramente incidental. Aliás, como anota Julia Briggs (2015, p. 118), Woolf elege a palavra “conversa” como enquadramento para seu primeiro *The Common Reader* (1925). De fato, em sua entrada de diário de 17 de agosto de 1923 (D 2, p. 261), Woolf diz que a qualidade que perpassa todos os ensaios que seleciona para compor sua primeira coletânea é a de estarem inseridos em “Otway conversation”, uma referência aos primos de Katherine Hilbery em seu segundo romance, *Night and Day* (1919). Vale notar também que, em 1923, Woolf relia os gregos ao escolher a palavra “conversa”, e não “diálogo”, para trabalhar no que viria a ser *The Common Reader: First Series*. Isso nos abre para interessantes trânsitos críticos. Afinal, se os diálogos platônicos se movem em direção à voz da verdade através de perguntas retóricas e conversas virtuais, os ensaios de Woolf encenam uma série de vozes que resistem a qualquer tipo de stasis teórica. Já em *Night and Day*, a conversa é o método pelo qual Mary Datchet faz as vidas isoladas e marcadas pela fragmentação política de seus amigos se encaixarem momentaneamente em seu apartamento – algo que Woolf metaforiza através da costura incessante da personagem à janela, enquanto ouve seus convidados. Tomando o centenário do referido romance como uma ocasião para perseguir os rastros dessa metáfora que Woolf transforma em método de seleção de seus ensaios, esta comunicação tem por objetivo pensar as relações entre o que Virginia Woolf viria a cunhar como uma filosofia em “A Sketch of the Past” (1976) e o método paradigmático que informa a noção de contemporaneidade para o filósofo italiano Giorgio Agamben (2008). A partir da etimologia da palavra “conversa”, por um lado, e de como Woolf entende a qualidade conversacional de sua escrita em seus diários, por outro, este trabalho propõe que é justamente a conversa de/com Woolf que faz dela nossa eterna contemporânea. Afinal, se Woolf está em contínua conversa com seu tempo (Zwerdling, 1986), ela também está para além dele – o que nos revela a constante atualização da presença de qualquer passado que a assinatura “Virginia Woolf” possa encenar. Assim, pensaremos o (contra/anti/alter)método do pensamento woolfiano, aquilo que ela nomeia como uma filosofia em *A Sketch of The Past*.

Palavras-chave: Virginia Woolf; Conversa; Contemporaneidade.

MUNDOS INCOMPOSSÍVEIS EM VIRGINIA WOOLF

Luiz Fernando Medeiros de Carvalho

Resumo: O objetivo dessa comunicação é demonstrar como o pensamento crítico e a leitura crítica da poesia de mulheres do século XIX e XX feitos pela escritora Virginia Woolf aproximam-se da concepção de Leibniz de mundos possíveis. A leitura crítica de Virginia Woolf cria mundos possíveis e diferenciados e indica instâncias não percebidas pelas poetisas e escritoras. Com extraordinária acuidade, Virginia isola metáforas presentes nas obras e adentra a compreensão das metáforas, como faria um diretor de cinema ao paralisar imagens para em seguida remontá-las. Virginia oferece ao auditório uma sequência de possibilidades que não foram pensadas, nem produzidas nas poesias lidas, mas que poderiam formar um caminho desdobrável das mesmas metáforas e que construiriam um mundo imagético possível de acontecer, porque as escritoras se encontravam num impasse advindo do sistema cultural regido por regras patriarcais. Em outros ensaios, Virginia torna mais explícita a sua percepção crítica já aflorada nas conferências publicadas no livro *Um teto todo seu*. Portanto, Virginia detecta o impasse das escritoras, através da leitura das metáforas existentes e transforma a escrita dessas mulheres em laboratório ativo e que empreende um acesso a outros mundos possíveis de existência. Com efeito, o trabalho crítico de Virginia nas conferências de *Um teto todo seu* formula a aporia em que se encontram as obras e propõe ficcionalmente uma abertura na aporia. A metodologia utilizada será a aproximação do campo literário através dos conceitos filosóficos de compossibilidade e de aporia, formulados respectivamente por Leibniz e por Jacques Derrida. Além dessa abordagem filosófica, intenta-se aproximar os escritos de 1928 aos escritos publicados por Virginia Woolf, cinco meses antes de sua morte, em 1941, nos quais sistematiza a sua crítica ao patriarcado. A comunicação, por fim, deseja articular o pensamento de Virginia Woolf sobre patriarcado a algumas formulações produzidas por Judith Butler, em especial o conceito de visibilidade do outro, presente em seu livro *Relatos de si- contra a violência ética*.

Palavras-chave: metáfora; mundos possíveis; aporia; Virginia Woolf

VIRGINIA WOOLF NA MÍDIA E NO ESPAÇO ESCOLAR

Maria Aparecida de Oliveira

Resumo: O trabalho de Virginia Woolf tem sido objeto constante de estudos no Brasil nos mais diferentes campos: na filosofia, nos estudos feministas, psicológicos e psicanalistas, etc. A partir de 2012, quando os direitos autorais expiraram, a escritora entra para o domínio público, novas traduções emergem a cada ano e seus romances tornam-se cada vez mais famosos. O presente trabalho tem como objetivo analisar o impacto da escrita de Virginia Woolf no Brasil considerando duas abordagens: a) A presença de Virginia Woolf na mídia digital, a partir da base de dados da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, observando as produções artísticas e culturais da obra de Virginia Woolf; b) o ensino de contos de Virginia Woolf no espaço escolar, objetivando a produção de material didático a serem trabalhados com alunos, tanto na universidade, quanto na escola pública. Ao analisar esse impacto, estaremos considerando como Virginia Woolf tem sido lida, interpretada e recriada no contexto brasileiro. Acredito que essas leituras e interpretações podem possibilitar novas perspectivas nos estudos woolfianos, as quais poderiam propiciar novos olhares de interpretação e investigação da escrita woolfiana. Como abordagem teórica, o trabalho está baseado numa perspectiva transnacional, a qual analisa o trabalho de Woolf em um contexto global. Jessica Berman em *Modernist Commitments: Ethics, Politics and Transnational Modernism*; Chandra Talpade Mohanty no artigo “Under Western Eyes: Feminist Scholarship and Colonial Discourse”, Gayatri C. Spivak em “Can the Subaltern Speak?” e Pelagia Goulimari no livro *Women Writing Across Cultures*, são textos que constituem a base para nossa análise. Para melhor compreender a popularidade de Woolf no Brasil, utilizaremos as ideias de Brenda Silver no livro *Virginia Woolf Icon*. A partir dessa abordagem, levantaremos alguns questionamentos durante essa pesquisa: Que imagem assume a



escritora, quando seus textos viajam à América do Sul? O que seria uma Virginia Woolf sul-americana, considerando uma perspectiva transnacional, transcultural e transtemporal de seus textos? O que se pode aprender quando ensinamos Virginia Woolf? Como podemos ensinar os alunos a tornarem-se ‘Common Readers’?

Palavras-chave: Espaço escolar, espaço digital, perspectiva transnacional.

O ESPAÇO AUTOBIOGRÁFICO EM “OS ANOS”, DE VIRGINIA WOOLF

Nícea Helena de Almeida Nogueira

Resumo: Por muitos anos, escritoras lutaram por um espaço no meio literário – e ainda hoje lutam por uma posição de igualdade – sem serem obrigadas a recorrer aos disfarces por trás de um pseudônimo masculino ou serem retratadas por estereótipos femininos que correspondiam apenas ao ponto de vista masculino: ou a idealização da mulher, ou a fêmea como fonte de todos os males. Autoras enfrentaram regras sociais e críticas se debruçaram em pesquisas e teorias para estabelecerem a posição feminina na literatura e em seu meio. A escritora inglesa Virginia Woolf participou ativamente desse processo, e pretende-se apresentar o lugar que ocupou como ativista em prol da presença feminina na literatura e no mundo, e ainda como se tornou uma figura emblemática em estudos de crítica literária pelo posicionamento ocupado, como mulher, no campo literário. O objetivo desta pesquisa é discutir os pontos de intersecção entre a vida de Virginia Woolf e sua obra ficcional “Os anos”, assinalando quais experiências foram utilizadas como fonte criativa no espaço autobiográfico ocupado pela obra citada. O livro narra a saga de uma família vitoriana que claramente se assemelha à própria família de Woolf, abrangendo o espaço de tempo de 1880 até os anos 1930 e, dessa forma, também abarcando as mudanças não só familiares, como também da sociedade inglesa. Com esse propósito, buscou-se inicialmente apresentar a biografia da escritora, seguido de um breve panorama da literatura de autoria feminina e da análise da produção crítica de Woolf, criando um paralelo em relação ao uso das experiências pessoais entre sua teoria e sua prática. Em um segundo momento, discute-se as teorias relacionadas à escrita de si, almejando encontrar uma que possa melhor definir a prática de escrita utilizada em “Os anos”. Não encontrando um conceito adequado ao objeto de estudo, apresentou-se uma expansão da noção de romance autobiográfico, levando em consideração todas as informações obtidas durante a pesquisa. Iniciou-se a pesquisa com a coleta de materiais que pudessem dar respostas às questões aqui apresentadas. Ao longo da reunião de textos teóricos deu-se a leitura do romance “Os anos”, leitura essa que proporcionou novas percepções à medida que teorias críticas eram estudadas. Foram lidos e fichados textos críticos sobre autobiografia e conceitos afins, assim como biografias, ensaios e cartas escritas por e sobre Virginia Woolf. Essas leituras, intercaladas com a análise do livro “Os anos”, buscaram facilitar a identificação dos trechos autobiográficos da obra em questão, e a partir desse exame foi possível verificar a influência da vida pessoal na escrita de Virginia e encontrar o melhor conceito para enquadrar sua obra. Por fim, foi feita uma análise do livro “Os anos”, discutindo seu enredo, simbolismos e apresentação das personagens femininas, culminando no cruzamento dos dados biográficos – obtidos através de biografias e autobiografias – com a história narrada.

Palavras-chave: Virginia Woolf; Os Anos; Romance Autobiográfico; Crítica Feminista; Autoria Feminina.

17/07 (TARDE)

FOTOGRAFIA E “HORRORISMO”: ADRIANA CAVARERO LEITORA DE VIRGINIA WOOLF

Alexandre Nunes de Sousa

Resumo: Adriana Cavarero é uma filósofa feminista, professora da universidade de Verona na Itália que tem acionado a obra de Virginia Woolf para dialogar com questões relativas à contemporaneidade, tais quais, violência, terrorismo, imagem, produção de narrativas e o papel da voz na política. Mais recentemente, Cavarero retoma Woolf em “Inclinazioni: critica della



retitudine”, de 2016, para questionar o “eu” kantiano, dito universal, como um discurso que pressupõe a superioridade masculinista. Contudo, nosso foco aqui está em obras anteriores da pensadora italiana em diálogo com a fotografia e Woolf. Já em “Tu che mi guardi, tu che mi racconti”, de 1997, a filósofa sinalizava a discussão sobre o registro fotográfico, autoria e recepção. Ela se perguntava sobre os modos como as imagens registradas pela câmera impactam aqueles que as contemplam. Aqui, trata-se das reverberações produzidas pela circulação da própria imagem de Virginia Woolf, especialmente aquelas feitas por George Charles Beresford em julho 1902 e que se tornaram uma espécie de ícone pop reproduzido em camisetas, canecas, comercial de cerveja, grafitegens em muros etc. Dez anos depois, em 2007, Cavarero retoma o tema da fotografia, agora como um dos eixos fundamentais para entender a sua proposta de neologismo: o “horrorismo”. É na obra intitulada: “Orrorismo, ovvero della violenza sull’inerme” onde argumenta-se que o conceito de “terror” não dá conta do ponto de vista dos indefesos e que o “horror”, diretamente associado ao dilaceramento, à desfeitura da unidade do corpo, nomearia de forma mais adequada o fenômeno da violência contemporânea. Logo, Cavarero intitula o capítulo XI dessa obra de “Tão mutilado que poderia ser o corpo de um porco” (em tradução livre para o português). Como é sabido, esta é uma frase retirada de “Three guineas” de Virginia Woolf, originalmente publicado em 1938. Em “Three guineas”, após contemplar as fotografias enviadas pelo governo espanhol, durante a guerra civil daquele país, a narradora inicia uma série de argumentações contra os horrores perpetrados pelos conflitos armados. As fotos são de cadáveres e mostram como a bestialidade da guerra dilacera a materialidade dos corpos, tornando-os indistintos, irreconhecíveis e, portanto, muitas vezes, não-enlutáveis. Tendo como pressuposto esta obra de Virginia Woolf, Adriana Cavarero, mostra que enquanto o terror provoca ações relativas à fuga, o horror está associado à paralisia e à repugnância. Daí a existência do adjetivo “horripilante” e, talvez, por isso, Woolf tenha feito a associação entre o cadáver humano e o porco. No contexto do “horrorismo”, o que se produz é a retirada do estatuto de humanidade daquele corpo que um dia foi um homem ou uma mulher. Segundo a filósofa italiana, esta é a função do “horrorismo”: destruir não só a unidade física, como também simbólica do corpo dilacerado. Como se a repugnância produzida pelo horror fosse mais estratégica que o terror.

Palavras-chave: Fotografia; horror; guerra; “Three guineas”; Adriana Cavarero

HISTÓRIAS PARA OS MORTOS: TRADUÇÕES DO SER NO TEMPO NA NARRATIVA WOOLFIANA

Débora Souza da Rosa

Resumo: Para Heidegger, apenas a consciência da morte atualiza a condição primeva do Ser-aí (Dasein, o ser do homem no tempo): o ser-para-a-morte. A morte de Septimus Warren não é perdida: ela antes potencializa a vida de Clarissa Dalloway e outros que se alimentam dela para seguir fazendo suas projeções de vida. O suicídio de um jovem psicotizado pela guerra, que rompe uma festa de velhos e suas reminiscências passadas, não deixa de ser uma tradução dos tempos pós-guerra, o transbordamento de um inconsciente coletivo que não se deixa silenciar por trás do falocentrismo polido dos eduardianos. É por meio de narrativas aparentemente desconexas de entes/personagens, como esses, que Woolf provoca as palavras a insinuarem algo do Ser-aí. Como ela afirma, “homens e mulheres escrevem romances porque eles são compelidos a criarem algum personagem”. O personagem é a razão de ser da narrativa; seus objetos, cenários e detalhes são as micronarrativas que o sustentam. Mas, como Woolf demonstra, o modo de se narrar Mrs. Brown (porque o ser é o ser no tempo, portanto ela favorece a narrativa à descrição de cada ente) diz mais do narrador e de sua geração do que de Mrs. Brown. O “som de quebradeira [...] de esmagamentos e destruição” que se escuta das palavras dos da geração de Woolf nada mais são do que aquela morte que atualiza a vida, do que a “recepção criativa do princípio do passado” (RAMOS). É o som das traduções (para os conservadores, “traições”) que mantêm a elasticidade das tradições. Woolf é uma escritora prolífica que desconfia das palavras e suas heranças; em sua análise da obra de Walter Sickert,



ela afirma com sutil ironia que “palavras são uma mídia impura, [que] muito melhor teria sido nascer no silencioso reino da pintura”. No entanto, entes/personagens são apenas em ação, no sendo, nas suas projeções no tempo. Ela opta pela prosaica narrativa não apenas em contos e romances, mas também nos textos críticos, contando por meio de pequenas, irrelevantes ações quem estão sendo seus personagens. A falta aparente de ação realça cada detalhe do ente, possibilitando a formação de uma rede significativa de impressões que insinuam o ser. Este trabalho analisa o mito do Anjo do Lar que a narradora estrangula para continuar escrevendo, em Profissões para Mulheres. O Anjo de Woolf não é o mito tradicional da perfeita dama vitoriana, mas uma tradução. O mito de Woolf incentiva a autora-narradora a fingir, a disfarçar para agradar: a condição essencial do mito angelical de Patmore e seus contemporâneos, porém, é sua virtude legítima. Woolf não precisa dizer que está atualizando/traduzindo: ela narra um episódio com esse “fantasma” de mulher que segundo ela assombra todas as escritoras de seu tempo, e todo o ser da coisa – que não é a mulher em si, mas um construto – transborda com a hipocrisia com que os modernos passaram a encarar seus antepassados. Investiga-se como Woolf traduz as tradições, atualizando o gênero da narrativa ao provocar as palavras a receberem criativamente os princípios do passado.

Palavras-chave: Ser-aí; tradição; tradução ; narrativa; Anjo do Lar

VIRGINIA WOOLF E T.S. ELIOT: ENTRE TRADIÇÕES E MODERNIDADES

Josenildo Ferreira Teófilo da Silva

Resumo: Em meados de 1934, o poeta norte-americano Ezra Pound (1885 – 1972) lançaria um dos seus mais importantes ensaios. Com o título “Make It New!” (), Pound acaba nos apresentando um dos principais imperativos que vinha definindo a revolução modernista que a literatura sofria já desde os últimos anos do século XIX e início do século XX. Com isso, Pound coloca em discussão uma das categorias mais caras aos estudos da literatura moderna, a saber, a ideia do “novo”, isto é, da criação de uma literatura que se diferenciava daquilo que vinha sendo construído dentro de uma tradição oitocentista e de natureza realista. Era preciso, portanto, criar uma espécie de ruptura com essa literatura do passado para, deste modo, abrir um caminho para um novo tipo de escrita, mais experimental e condizente com as necessidades do tempo presente. Em meio a essas discussões, surge a figura de um outro poeta, T. S. Eliot (1888 – 1965), que em seu ensaio “A tradição e o talento individual” (1919) traz à tona uma nova perspectiva sobre a relação entre a literatura contemporânea, ou seja, a literatura que se faz sob a luz do tempo presente, tanto em seu aspecto histórico, social, cultural e econômico, e a literatura do passado, a qual está inserida dentro do que chamamos de tradição. Eliot acaba confrontando as categorias de “velho” e “novo”, dentro da literatura, para compreender de que forma se constituiria a originalidade de um escritor por meio de um diálogo que sua obra travaria com as obras de seus antecessores. É durante as primeiras décadas do século XX que T. S. Eliot acaba conhecendo a ainda iniciante escritora Virginia Woolf (1882 – 1941), com quem irá construir um forte laço de amizade e de admiração intelectual. A partir da série de discussões que os dois travaram ao longo dos vários anos de amizade, percebemos que a forma como Virginia Woolf irá encarar as mudanças da literatura de seu tempo em relação à tradição poética e romanesca em língua inglesa se aproxima em diversos aspectos do pensamento eliotiano. É neste sentido que este trabalho busca discutir e analisar, por meio de um diálogo comparativo, de que modo os pressupostos defendidos por Eliot, em seus ensaios, acerca do que vem a ser o “novo” dentro da literatura, acabaram influenciando o pensamento de Virginia Woolf. Partindo de ensaios como “O Leitor Comum”, “Ficção Moderna”, “A Paixão pela Leitura”, buscaremos mostrar a importância e a influência de Eliot na constituição de uma espécie de teoria literária desenvolvida por Virginia Woolf nestes ensaios.

Palavras-chave: Virginia Woolf; T.S.Eliot; tradição; modernidades

REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM AS HORAS, DE MICHAEL CUNNINGHAM

Laís Rodrigues Alves Martins



Resumo: No decurso do século XX, observou-se, de maneira bastante efusiva e em escala global, uma série de significativas alterações nos tecidos sociais que mais tarde culminariam na gestação da pós-modernidade, tal como a conhecemos nos dias de hoje. Pode-se dizer, sem sombra de dúvida, e com bastante propriedade, que as raízes do pós-moderno remontam à década de 1960, período, como se sabe, de efusivas efervescências, transformações e turbulências culturais, nas mais variadas esferas e âmbitos analisados. Mais tarde, em meados dos anos 1980, empregar-se-ia, de fato, o termo “pós-moderno” na Bienal de Veneza, com vistas a descrever a mescla de estilos old/new em monumentos arquitetônicos. A partir daquele momento, e tal como postula a teórica canadense Linda Hutcheon (1991), o pós-moderno se instaura no campo da arquitetura, e, posteriormente, tende caminhar no sentido de se direcionar para os mais diversos nichos, tais como cinema, fotografia, dança, teatro, música, literatura, entre outras esferas. A arte que provém dessa época distancia-se, de certa forma, cada vez mais, dos ideais modernistas vinculados a arraigadas crenças de originalidade e universalidade, e sinaliza em favor de uma maior abertura à polissemia e ao hibridismo, bem como à questão de ou à problematização das noções de central e periférico e das fronteiras entre os gêneros artísticos. Destarte, passa-se a explorar, de maneira mais enfática e recorrente as relações entre-textos, especialmente por meio do estabelecimento de diálogos explícitos com obras e demais manifestações discursivas do passado, cuja revisita, cabe sublinhar, sempre acompanhada de um revisionismo crítico, com o intuito de conferir a esses objetos renovados vieses e nuances, por meio, por exemplo, de sua transposição a novos cenários. A narrativa *As Horas* (*The Hours*, 1998), de autoria do norte-americano Michael Cunningham (1952 --), pode ser tomada como uma representante dessa estética, posto que se vale, aqui tanto estrutural quanto tematicamente, de *Mrs. Dalloway* (1925), um dos romances canônicos do modernismo em língua inglesa e produção de grande destaque em meio ao opus literário de Virginia Woolf (1882 – 1941), para sua composição. Intenta-se, dessa forma, demonstrar, nesse trabalho, de que modo Cunningham entretece essa sua obra à da renomada escritora britânica, aproximando-se dela, sobretudo, graças à retomada e à importante ressignificação de representações do feminino preexistentes em *Mrs. Dalloway*, promovendo, por meio de tal gesto, simultaneamente, um tributo à Woolf e a seu espólio, aproximando-os do contexto contemporâneo, e propiciando, dessa forma, novos vieses a uma autora já há muito canônica.

Palavras-chave: Palavras-chave: Pós-Modernismo; Feminismo; *As Horas*; Virginia Woolf; Representações do feminino.

AFINAL, POR QUE DEVERÍAMOS TER MEDO DE VIRGINIA WOOLF, VIRGINIA WOOLF, VIRGINIA WOOLF...?

Victor Santiago Sousa

Resumo: De acordo com Deleuze & Guattari (2010), a obra de arte é um “ser de sensação”, “existe em si mesma” e carrega essencialmente perceptos e afectos, sensações, vazios que tangenciam e entrecruzam percepções e afectos de outrem. A obra conserva as visões do artista, mas este não está mais em cena e, conseqüentemente, o que pode nos tocar não são mais as visões, as opiniões, os modos de sentir originariamente concebidos pelo artista, mas sim as relações que estas podem estabelecer com os modos de sentir daqueles que entram em contato com a obra. Contudo, o que dizer quando a imagem do artista, e não única e exclusivamente sua obra, torna-se o “ser de sensação” que carrega os perceptos e os afectos que criam cadeias fantasmáticas de contágio? E mais, o que dizer quando esta imagem está presente na obra de outro autor? Em “Who’s Afraid of Virginia Woolf?” (1962), o dramaturgo norte-americano Edward Albee apropria-se do espectro de Virginia Woolf para assombrar embriagados jogos de mentiras e verdades de dois casais: George, professor universitário, e Martha; Nick, jovem professor, e Honey. Ressaltar que George e Nick são professores não é por acaso, pois a detenção do conhecimento acadêmico e científico por parte dos pares masculinos, como forma de subjugar a construção do discurso feminino, é lapidar para entender a evolução dos três atos que intensamente vão revelando segredos e mostrando que as atitudes das personagens



femininas – uma mistura de submissão, deboche e resiliência - podem ser entendidas como temidos “espectros de um feminino dominante” (SILVER, 1999). O nome de Virginia Woolf, então, ecoa a cada cena quando as personagens começam a cantar “Quem tem medo de Virginia Woolf, Virginia Woolf, Virginia Woolf...”, repetindo o nome da escritora como um mantra fantasmagórico. Deste modo, Virginia Woolf pode ser entendida como um “paradigma” (AGAMBEN, 2009) na peça de Albee. Além de tensionar o binômio masculino/feminino historicamente instaurado na malha do pensamento ocidental – algo que própria Woolf problematiza nos manifestos “A Room of One’s Own” (1929), através da imagem paradigmática de Judith Shakespeare, e “Three Guineas” (1938), cujo mote é a relação entre guerra, educação e marginalidade do feminino -, Albee parece sugerir que o feminino é o grande mensageiro de um pensamento que se quer andrógino, a fim de intoxicar a relação hierarquizante entre masculino e feminino. Portanto, é a figura paradigmática de Virginia Woolf na peça de Edward Albee que se pretende analisar. Além da fortuna crítica em torno da vida e da obra de Woolf, pretende-se trazer à baila questionamentos que a própria Woolf fazia em sua escrita. Ademais, partindo do pressuposto que Albee apropria-se da imagem da escritora para assombrar seus personagens, será levado em consideração também o conceito de “apropriação” desenvolvido por Julie Sanders (2006), dentre outros, a fim de tentar responder à pergunta-título da presente proposta de comunicação: “afinal, por que deveríamos ter medo de Virginia Woolf, Virginia Woolf, Virginia Woolf...?”.

Palavras-chave: Virginia Woolf; Edward Albee; Apropriação; Paradigma; Feminino

18/07 (TARDE)

CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTO NA OBRA DE VIRGINIA WOOLF

Carla Lento Faria

Resumo: A presente comunicação tem por objetivo discutir a concepção de conto na obra da escritora inglesa Virginia Woolf (1882-1941). Como aponta Skrbic (2004, p. 4), no que diz respeito ao conto, Woolf não possui um vocabulário crítico, somente questões para as quais nem sempre encontrou respostas, de maneira que a autora nunca formulou uma teoria especificamente sobre esse gênero. É, então, a partir da leitura de outros fragmentos da obra da autora que nos propomos a compreender algumas de suas concepções acerca do conto. Isto é, muito de sua percepção e de suas referências sobre esse gênero literário pode ser encontrado em suas cartas, diários ou ensaios/resenhas sobre outros contistas. Nesse sentido, a análise desses fragmentos de diários e cartas, juntamente com a de ensaios/resenhas como “Tchekov’s Questions” (1918), “The Russian Background” (1919), “Henry James’s Ghost Stories” (1921) ou “An Essay in Criticism” (1927), em que Woolf reflete sobre a leitura de contos de autores como Ernest Hemingway, Anton Tchekhov ou Henry James, permite trazer à luz algumas considerações importantes da autora acerca do lugar do conto na ficção moderna. Woolf apreciava muito escrever contos, tendo escrito no mínimo cinquenta e cinco histórias curtas (BANKS, 2004, p. 17). No entanto, a autora não adotava uma abordagem sistemática na escrita de seus contos. Para ela escrevê-los era uma forma de “descansar sua mente”, de modo que costumava produzi-los de maneira periférica enquanto trabalhava em algum ensaio ou romance (SKRBIC, 2004, p. xii- xvi). É o caso, por exemplo, de seu primeiro livro de contos, Monday or Tuesday (1921), escrito durante a elaboração de seu segundo romance Night and Day (1919): “estas pequenas peças de Monday or (and) Tuesday foram escritas como uma forma de distração; foram mimos que me permiti quando eu tinha terminado o meu exercício no estilo convencional” (LETTERS IV, p. 231). Assim, muitos dos contos woolfianos são fruto de, como a própria autora afirma em diversos momentos de seu diário, “histórias secundárias” (DIARY III, p. 106) que surgiram em sua mente em meio à escrita de seus romances e ensaios. São pequenos esboços experimentais que a autora escrevia livremente, engavetava e depois retomava quando lhe convinha, sem ter de pensar nas amarras de uma publicação ou nas expectativas do meio editorial. Como resultado, os contos de Woolf são bem diversos entre si e



refletem diferentes momentos e experiências de sua prosa. Assim, levando em conta que há ainda muitas perguntas a serem feitas sobre a linguagem, estrutura e coerência da prosa curta de Woolf (SKRBIC, 2004, p. xv) e tendo em vista a diversidade de contos produzidos pela autora e a pluralidade de interpretações que estes suscitam, acreditamos que a investigação desses fragmentos dispersos de percepções acerca do conto podem esclarecer não só impressões da autora acerca de outros contistas e do conto como gênero literário, mas também os diferentes aspectos teóricos em que está alicerçada toda sua ampla obra em prosa curta.

Palavras-chave: conto; Virginia Woolf; modernismo; ensaio

ECOCRÍTICA EM VIRGINIA WOOLF E CONSTRUÇÃO DE PERSONAGEM

Luisa L S de Freitas

Resumo: A ecocrítica direciona leituras que levem em conta o tratamento dado ao ambiente natural. Análises ecocríticas podem ser desenvolvidas em um elo com o ecofeminismo. Este, por sua vez, consiste em uma teoria que parte do reconhecimento da relação intrínseca entre as estruturas sociais opressoras do patriarcado e a dominação da natureza. A escritora inglesa Virginia Woolf (1882-1941) produziu uma literatura moderna que, em leituras contemporâneas, vem cada vez mais sendo aproximada à ecocrítica. Apesar da consolidação de uma compreensão mais aprofundada da ecologia e de sua relação com a vida moderna na sociedade capitalista ser posterior ao Modernismo, é possível ver, em alguns dos textos de Woolf, pensamentos incipientes a esse respeito. O ambiente natural é o espaço-tempo que abriga as personagens em *Mrs. Dalloway* e *The Waves*, por exemplo — e isso influencia a maneira de mostrá-las e de desenvolvê-las nos enredos. Há uma mescla entre os elementos da natureza e as personagens, de modo que a expressão delas frequentemente ocorra a partir da natureza e por meio de sua evocação. O ecofeminismo tangencia esse âmbito, na medida em que as personagens femininas são lidas à luz da ecocrítica, bem como na medida em que se reconhece a potencial aproximação entre natureza e feminino nos textos de Woolf. É preciso, porém, ter o cuidado de diferenciar o que se pretende dizer com “feminino”, usando o termo como um conceito entendido de maneira essencialista ou como denominação do papel social desempenhado por mulheres à época. Em minha comunicação, gostaria de apresentar algumas considerações a respeito do tratamento dado à natureza na obra de Woolf, que aponto com o intuito de compreender suas técnicas literárias de desenvolvimento de personagens e, em especial, o monólogo interior e sua relação com a fluidez temporal da natureza.

Palavras-chave: Virginia Woolf; ecocrítica; espaço-tempo; prosa; natureza

PARA NÃO SOLTAR AS MÃOS: POLÍTICA E INTIMIDADE POSSÍVEIS

Marcela Filizola

Resumo: No livro Francis Bacon: lógica da sensação, ao refletir sobre a pintura do artista, Deleuze menciona mãos que veem no lugar dos olhos. Acredito que possamos pensar o mesmo a partir do romance *To the Lighthouse*, de Virginia Woolf, em que encontramos na pintora Lily Briscoe uma busca semelhante por uma visão das mãos. Na narrativa, ao tentar completar sua tela, ela luta contra a tradição realista, pois o que vê não é uma imagem de mãe e filho, mas uma relação de luz e sombra, uma relação de cores. Essa é sua visão, e isso se liga a um outro desejo de conhecimento, algo que se aproxima da intimidade, ou seja, de momentos de dissolução do próprio e de encontro com outros. Nesses instantes em que o corpo transborda, em que há uma suspensão temporal, a mão insiste, pois é o ponto de contato com o exterior. A proposta desta fala seria pensar a frase “Ninguém solta a mão de ninguém”, que viralizou nas redes após o resultado das eleições presidenciais de 2018 no Brasil, em diálogo com o trabalho de Judith Butler em *Corpos em aliança* e a política das ruas e com o romance de Woolf, buscando refletir a respeito da mão como isso que nos une e possibilita que estabeleçamos alianças e espaços políticos que são também espaços de intimidade. Eu gostaria de considerar a mão como contiguidade não só do corpo, mas também do pensamento, da escrita e de sensações para além das táteis, para então repensar as distinções entre os domínios público e privado, vistos como



masculino e feminino, respectivamente, tal qual observa Butler ao debater as visões de Hannah Arendt. Que outra política pode ser exercida que não repita o movimento dos homens nessa passagem da escuridão do espaço privado para a luz do espaço público, isto é, nesse movimento que procura anular aquilo que não é visto? Tanto no romance *To the Lighthouse* quanto no ensaio *Three Guineas*, também de Woolf, vemos como os espaços de guerra ocupados pelos homens apresentam traços de tirania e violência, o que se aproxima das cenas contemporâneas descritas por Butler, que procura salientar a importância de alianças contra o militarismo e o nacionalismo crescentes ao redor do mundo. A filósofa sublinha a necessidade de fazer oposição às agressões praticadas pelo Estado contra quaisquer minorias, assim como reforça seu pensamento acerca de uma outra ontologia social que parta do princípio de que há uma condição de precariedade compartilhada entre as vidas, embora isso apareça de forma mais acentuada para alguns, cujas vidas se encontram em posições de maior vulnerabilidade. Portanto, meu intuito seria desenvolver conexões entre as reflexões de Butler acerca dessa outra ontologia, que buscaria evidenciar o encadeamento entre as vidas humanas e mesmo não humanas, e o romance *To the Lighthouse*, para assim pensar o refazimento do público e do privado a partir de uma noção de intimidade, a partir da criação desse espaço de encontro evidenciado pela imagem das mãos unidas.

Palavras-chave: intimidade; precariedade; corpos; Virginia Woolf; Judith Butler

CORAÇÃO DE POETA EM CORPO DE MULHER: JUDITH SHAKESPEARE COMO PARADIGMA PARA A ÉCRITURE FÉMININE EM VIRGINIA WOOLF

Mariana Muniz Pivanti

Resumo: O presente trabalho pretende articular as presenças femininas em *A Room of One's Own* (1929), especialmente a figura de Judith Shakespeare, com a noção de *écriture féminine* desenvolvida pela filósofa Hélène Cixous através do método paradigmático de Giorgio Agamben (2009). Para tanto, levam-se em conta alguns conceitos fundamentais para a *écriture féminine*, como por exemplo, a diferença entre as linguagens masculina e feminina. Enquanto a primeira se caracterizaria pela dominância do mundo público, pelas instituições e pela violência, a segunda se relaciona ao mundo do privado e da reflexão. Sendo assim, a escrita feminina não participaria da lógica falocêntrica de agressão e posse do outro na qual se baseia a linguagem dominante marcada pelo proeminente ego masculino (CIXOUS, 1994). Portanto, a sentença feminina configuraria, tanto no âmbito linguístico quanto na performance, a marca de tal escrita (WOOLF, 1929). Dessa forma, será importante ressaltar que a escrita feminina não se concretizaria através da linguagem predominante, mas sim de uma linguagem capaz de revolucionar e subverter os moldes da sociedade baseada no pensamento falocêntrico (CIXOUS, 1974). Em *A Room of One's Own* (1929), Woolf apresenta Judith Shakespeare como uma escritora tão talentosa como seu célebre irmão, mas que diferentemente dele, não consegue materializar sua escrita por ser mulher. Assim como a *écriture féminine*, Judith se vê impossibilitada de concretizar sua escrita em uma sociedade falocêntrica. Nesse sentido, considera-se, então, que Judith Shakespeare seria uma figura paradigmática uma vez que, ao levar-se em conta o método paradigmático de Agamben (2009), ela se estabeleceria como um caso singular capaz de dar conta de um contexto mais amplo. Isso porque Judith representaria não só seu caso individual, mas também toda a impossibilidade de concretização da escrita feminina em uma sociedade dominada pela linguagem e pensamento masculino. Dessa forma, tenta-se demonstrar que através de Judith Shakespeare, Woolf estaria estabelecendo uma tradição silenciosa de escrita à medida que adia sua chegada. Judith assumiria, assim, um caráter messiânico na medida em que marca e se insere em uma tradição existente ao mesmo tempo em que prevê a sua chegada em um momento futuro (GOLDMAN, 2004). Procura-se, assim, demonstrar que a figura de Judith Shakespeare se configuraria em um paradigma para o conceito de *écriture féminine* uma vez que esta abarca toda uma tradição de escrita feminina calcada na esperança de seu futuro.

Palavras-chave: Judith Shakespeare; *écriture féminine*; paradigma



A CONSTRUÇÃO RÍTMICA DA POESIA E DA PROSA EM THE WAVES

Marluce Faria de Melo e Souza

Resumo: Enquanto desenvolvia *The Voyage Out*, Virginia Woolf descreveu para o amigo Clive Bell seu processo de composição: pensava em como poderia re-formar o gênero do romance e capturar inúmeras coisas fugidias, construir um todo e moldar infinitas formas estranhas (438: 19 de agosto de 1908). Mesmo na produção de seu romance de estreia, aos 26 anos, Woolf já refletia sobre seu fazer artístico e sobre seu próprio lugar na literatura. Ao longo da vida, Woolf constantemente buscou romper os limites da convenção e fundar o novo. Esta proposta de comunicação tem como propósito investigar as experimentações de Woolf com o gênero do romance, tomando por base um livro que é, possivelmente, seu trabalho mais complexo do ponto de vista estrutural: *The Waves*. A própria escritora o define como um “play-poem”, composto por solilóquios e passagens marcadamente poéticas, e ainda destaca a tentativa de construir uma unidade que tem como princípio ordenador o ritmo. Num primeiro momento, meu objetivo é estudar esse princípio ordenador, frequentemente negligenciado nos estudos narrativos. Elementos como textura fonética, rimas, pés métricos e musicalidade tendem a ser associados majoritariamente a poemas. Contudo, na tentativa de produzir algo inédito, Woolf explora os limites da linguagem e dos gêneros literários, aproveitando cada recurso disponível. Em carta a G. L. Dickinson (2460: 27 de outubro de 1931), Woolf ainda ressalta o valor íntimo e existencial de sua obra, indicando que os seis personagens de *The Waves* deveriam ser um só e que ela mesma era muitas em um só corpo. A presença de um princípio ordenador no romance poético-dramático, assim, pode atuar como símbolo dessa unidade fundamentalmente múltipla e intrínseca ao ser humano, representada também pela sinfonia de vozes ora consonantes, ora dissonantes que compõem os solilóquios. O ritmo das ondas se faz presente em inúmeras dimensões: na estrutura do livro, na recorrência de temas, nas vozes dos personagens, na passagem do tempo, no eterno nascer e adormecer da natureza, nas diferentes ordens de realidade e consciência, na intensa produção de sons e silêncios. O movimento das ondas é intrinsecamente musical, um incessante retorno às notas e às pausas de uma orquestração formal que, em sua própria essência, reflete a narrativa cíclica da vida e da morte. É meu objetivo investigar de que modo esse ritmo é construído e de que maneiras ele interage com o conteúdo do texto para produzir novos sentidos. Por meio de inúmeros diários, cartas e ensaios, Woolf nos oferece um acesso privilegiado a seu processo de composição. Minha pesquisa de doutorado — ainda em estágio inicial — dedica-se a analisar como Virginia Woolf explora as possibilidades da linguagem para dar corpo às suas intenções criativas.

Palavras-chave: Ritmo; Unidade; Poesia; Construção narrativa.

49 - LITERATURA CARIBENHA E GUIANENSE ESCRITA POR MULHERES

Coordenação: Juliana Pimenta Attie (UNIFAP); Natali Fabiana da Costa e Silva (UNIFAP); Viviane Ramos de Freitas (UFRB)

Resumo: Pensar na cultura caribenha e guianense é pensar em territórios que durante anos tiveram – e a ainda têm – sua cultura e linguagem violentamente substituídas pelas do colonizador. Nessa dinâmica de apropriação e imposição, comum à maioria das nações colonizadas, permeia a literatura a busca pela identidade e os percalços para sua expressão. Primeiramente, deve-se levar em conta a influência de países dos continentes europeu e africano na formação da identidade dos caribenhos e dos guianenses, tendo em vista o processo colonizador e escravocrata. Em segundo lugar, é preciso considerar também a questão da diáspora. Conforme Hall (1999, p.1), “[...] a migração tem sido um tema constante na história do Caribe” e, nessa conjuntura, as identidades tornam-se múltiplas. Sobre essa multiplicidade de identidades, é relevante pensar que, nos estudos pós-coloniais caribenhos e guianenses, encontramos duas correntes que abordam a questão da identidade. A primeira, representada principalmente pelo pensamento de Frantz Fanon e Aimé Césaire, entende que a cultura



caribenha deve buscar uma essência, uma identidade unificadora e fortalecedora dos povos caribenhos. Já a outra vertente procura ressaltar a heterogeneidade dos povos de origem caribenha e compreende a identidade como um elemento processual. Guardadas as diferenças entre as perspectivas, observamos o desejo pela reconstrução do passado histórico e por dar voz aos sujeitos silenciados pelo colonizador, ou, nas palavras de Spivak (2014), os subalternos. Para a teórica indiana, são subalternos os sujeitos excluídos do mercado, da representação política e legal, e impossibilitados de participarem plenamente do extrato social dominante. Em *Twentieth Century Caribbean Literature*, Alison Donnel (2006, p. 5) aprofunda a discussão e identifica quatro momentos críticos através dos quais os paradigmas da crítica literária caribenha foram estabelecidos em torno de um conjunto de questões: 1) anticolonialismo, nacionalismo; 2) migração e diáspora; 3) a centralidade da etnia afro-caribenha; 4) a concepção das mulheres como duplamente colonizadas. Donnel aponta o início da década de 1990 como o momento em que começaram a surgir estudos críticos sobre narrativas de mulheres caribenhas, pela primeira vez consideradas como um conjunto distinto. Esses primeiros estudos feministas sobre o trabalho de escritoras caribenhas foram orientados pelas demandas de uma crítica voltada para a diáspora negra. Já em relação ao quarto momento crítico, Donnel introduz a noção de colonização dupla (“double colonisation”), que para ela consiste numa descrição simplificada da complexa posição das mulheres negras inseridas na ordem social patriarcal e colonial imposta pelo colonialismo e suas consequências (DONNEL, 2006, p. 138). Conforme apontam os autores de *The Empire Writes Back*, o termo firmou-se como uma descrição durável do status das mulheres no colonialismo (ASHCROFT, GRIFFITHS, TIFFIN; 2002, 206). Donnel pontua que o termo de fato ofereceu uma identidade ideológica para a escrita de mulheres afro-caribenhas – e ousamos dizer que isso ocorre igualmente para a escrita das mulheres afro-guianenses e/ou crioulas –, que permitiu a sua incorporação em estudos mais abrangentes sobre a escrita de mulheres negras, que surgiram no final da década de 1980 e início da década de 1990. No entanto, a autora argumenta que o termo também criou um discurso crítico em torno da invisibilidade e do silêncio, que não tem sido útil para situar a escrita de mulheres caribenhas como parte de uma tradição ou história literária regional de longa data. Donnel propõe como substituto o termo agente duplo (“double agent”). Desse modo, no lugar de conceber as mulheres (escritoras) pós-coloniais como duplamente destituídas de poder, Donnel coloca em primeiro plano a ideia do quanto as escritoras caribenhas são capazes de mobilizar as questões de gênero, etnia e identidade cultural como locais de resistência e afirmação. A noção de “agente duplo” alude ao domínio da espionagem, disfarce e subterfúgio, bem como à capacidade de agência que passou sem reconhecimento. Nesse sentido, o termo potencialmente abre possibilidades para as mulheres caribenhas e suas obras literárias serem lidas como resistentes, textos rebeldes que exigem uma compreensão mais específica e diferenciada da “mulher caribenha”, tanto como posição do sujeito como sujeito posicionado (DONNEL, 2006, p. 139). Essas questões também podem ser identificadas na produção literária da região das Guianas – que compreende a Guiana Francesa, o Suriname, a República da Guiana, o Amapá e parte de Roraima, no Brasil. Nesse ponto, vamos ao encontro do pensamento de Pizarro, em *Reflections on the historiography of Caribbean Literature* (1988), sobre a necessidade de se refletir sobre as delimitações dos territórios caribenhos para além da definição mais tradicional do espaço compreendido pelo mar do Caribe, abarcando outros países da América Latina que compartilham especificidades histórico-culturais no que tange à escravidão, à exploração das terras, à pirataria, à tirania (como os regimes ditatoriais), entre outras questões. Diante disso, esse simpósio é um convite para dirigir o olhar ao trabalho de escritoras caribenhas e guianenses, radicadas ou não no Caribe ou na região das Guianas, mas comprometidas com uma escrita situada. As interlocuções com essas escritoras permitem explorar de que forma as questões morais, políticas, religiosas, espirituais encenadas por esses textos são capazes de ampliar, contestar, deslocar, ou propor novas travessias de fronteiras raciais, sexuais e culturais.



Referências:

- ASHCROFT, Bill Frances; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *The Empire Writes back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures*. New York: Routledge, 2002
- DONNEL, Alison. *Twentieth-Century Caribbean Literature: Critical Moments in Anglophone Literary History*. London: Routledge, 2006.
- HALL, Stuart. *Thinking the Diaspora: Home-Thoughts from Abroad*. Small Axe, Durham (North Carolina), p. 1-18, 1999.
- PIZARRO, Ana. Reflections on the historiography of Caribbean Literature. Tradução J. Ann Zammit. *Callaloo*. Baltimore, John Hopkins University Press, n.34, p.173-185, 1988.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno Falar?* Tradução de André Pereira Feitosa e Marcos Pereira Feitosa; Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: UFMG, 2010

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

A IDENTIDADE-RELAÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DAS LITERATURAS FRANCÓFONAS DO CARIBE

Dieumettre Jean

Resumo: Partindo da hipótese de que rastros oriundos da colonização assombram as produções literárias dos povos do Caribe e com base na teoria da identidade-relação elaborada pelo escritor martinicano Édouard Glissant, este trabalho visa apresentar uma leitura analítica de quatro romances francófonos do Caribe: *L'espace d'un cillement*, do haitiano Jacques-Stéphen Alexis, *Le quatrième siècle*, do martinicano Édouard Glissant, *Les derniers rois mages*, da guadalupense Maryse Condé e *Le nègre du gouverneur*, da Guiana-francesa Serge Patient à luz da teoria de identidade-relação. Esta pesquisa é de natureza analítica e será organizada em duas partes. Na primeira, discorreremos sobre a identidade-relação com algumas breves notas sobre as literaturas do Caribe, conforme Glissant (1981, 1990, 1996), Satyre (2004), Laroche (1981), na segunda parte, analisamos os romances-alvo. Por meio do paradigma da identidade-relação, que procura dar conta dos diferentes aportes constitutivos da identidade do povo da chamada Neo-América ou América da crioulaização, percebemos que os romances francófonos do Caribe (des)figuram fatos históricos fundadores desses povos, formados nas confluências étnico-culturais da colonização.

Palavras-chave: Identidade-relação; Literaturas francófonas do Caribe; Narrativa

O CONTRASTE E A CONFLUÊNCIA ENTRE PASSADO, PRESENTE E FUTURO EM SEE NOW THEN, DE JAMAICA KINCAID

Juliana Pimenta Attie

Resumo: *See Now Then*, publicado em 2013, é o quinto e, até então, último romance da autora Jamaica Kincaid. Nascida em Antigua, a escritora mudou-se para os Estados Unidos ainda adolescente onde vive até os dias atuais. Em seus escritos – sejam ensaios, contos ou romances – ela problematiza a questão da mulher colonizada subalternizada tanto em seu país de origem quanto na condição diaspórica. Em muitas de suas obras, o trabalho de rememoração é o instrumento pelo qual o reconhecimento da opressão acontece. Todavia, é importante destacar que esse processo não é linear, uma vez que visa à ressignificação do presente. No romance em questão, já no título – *See Now Then* – notamos essa não linearidade: o enredo se desenvolve a partir da reconstrução da história do relacionamento de Mrs. e Mr. Sweet, a partir da perspectiva da mulher que vê o casamento despedaçado e, na volta ao passado, ressignifica seu presente e vislumbra como será seu futuro após a transformação. Nesse sentido, buscaremos neste trabalho investigar, por meio do estudo da memória, como se dá a relação entre essas temporalidades que ora estão em conflito e ora trabalham juntas na reformulação do presente e do futuro. Nesse intento, trataremos da memória a partir da perspectiva freudiana e de algumas releituras como a



de Derrida, no que diz respeito ao suplemento, e estudos sobre memória na Literatura de Ruth Silviano Brandão. Juntamente ao estudo da memória, é essencial à análise o trabalho com a crítica pós-colonial, especialmente em relação à subalternidade feminina, buscando ressaltar quais são as forças patriarcais por trás da subjugação da mulher colonizada. Nessa perspectiva servirão de aporte teórico as obras de Spivak, Lugones, Mignolo, Loomba, entre outros.

Palavras-chave: See Now Then; Memória; Subalternidade; Pós-colonialismo.

NO RASTRO DA HISTÓRIA FRAGMENTADA HAITIANA: EDWIDGE DANTICAT E SEU ADEUS HAITI

Maria Helena Valentim Duca Oyama

Resumo: Com quantas gotas de lágrimas de personagens silenciados pela História se alimenta uma comunidade? A literatura caribenha alimenta a memória do sofrimento, registra as histórias e tece relações que se fortalecem no processo de crioulação pelo qual as comunidades passam, para lembrar das ideias do romancista, ensaísta e poeta martinicano Édouard Glissant (1981). A escritora haitiana Edwidge Danticat, em ambiente norte-americano, tece suas histórias no espaço do Outro, faz um trajeto imprevisível mas ao mesmo tempo o desloca para a história haitiana, um retorno às avessas, tal qual o movimento das águas do mar caribenho. Na obra Adeus, Haiti (2007) as histórias de vivências e dor se entrecruzam para fragmentar um passado e denunciar a opressão no presente de muitos cidadãos caribenhos. Nesta comunicação, apresento um estudo sobre a relação História e imaginário na obra de Danticat, observando relações possíveis com as histórias já tecidas por outros escritores sobre o Haiti, como Dany Laferrière, em seu *L'Énigme du retour* (2009).

Palavras-chave: Haiti; História; Edwidge Danticat.

O LOCAL DE FALA DA FEITICEIRA EM MOI, TITUBA SORCIÈRE, DE MARYSE CONDÉ

Natali Fabiana da Costa e Silva

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo promover uma discussão acerca do local de fala da mulher negra tida como feiticeira no período colonial. Articulando os conceitos de poder-conhecimento e subalternidade, o trabalho terá como corpus o romance *Moi, Tituba sorcière*, de Maryse Condé cuja narradora, a feiticeira que dá nome ao romance, relata os acontecimentos ocorridos em Salém, cidade no interior dos Estados Unidos, envolvendo a punição de mulheres consideradas bruxas ou feiticeiras. Por meio da narração da protagonista, é possível vislumbrar um local de fala híbrido que se situa no jogo entre a proibição da voz negra, feminina e subalterna e a permissão do discurso concedido a alguém que desfruta de relativa autoridade nas questões atinentes ao oculto. Para a discussão dessas questões, esta pesquisa se baseará nas reflexões de Foucault (1980), Spivak (2014) e Bhabha (1998).

Palavras-chave: Local de fala; Poder-conhecimento; Subalternidade; Maryse Condé

A GEO/CORPO-POLÍTICA DAS RELAÇÕES EM BEM-VINDOS AO PARAÍSO DE NICOLE DENNIS-BENN

Viviane Ramos de Freitas

Resumo: Bem-vindos ao paraíso (2018), edição brasileira de *Here comes the sun* (2016), aclamado livro de estreia da jamaicana Nicole Dennis-Benn (1982 -) configura, de saída, o lugar ocupado por sujeitos femininos subalternizados e racializados na Jamaica. O romance acompanha o movimento da narradora Margot, que trabalha como recepcionista num resort, onde também se prostitui com os clientes como meio de ganhar dinheiro para custear os estudos da irmã mais nova. A narrativa expõe, desde o começo, a permanência de estruturas e modos de pensamento coloniais, a dificuldade de mobilidade social e a lógica impregnada do mercado, que constituem peças-chave na orientação de políticas da subjetividade e do desejo numa Jamaica cuja economia gira em torno do turismo. Logo nas primeiras páginas é estabelecida a analogia entre a exotização e exploração da ilha e do corpo das mulheres jamaicanas. Também



fica evidente desde o início do romance que raça é uma questão central, que demarca um lugar. Esse aspecto é enfatizado pela descrição de como Margot deve se apresentar no trabalho, com seu cabelo alisado e com maquiagem que a faz parecer mais clara. O lugar marginal ocupado por Margot na sociedade jamaicana é ainda mais complexo pela sua orientação sexual. Margot vive em segredo uma relação amorosa com outra mulher. Bem-vindos ao paraíso coloca em evidência uma rede de personagens que ocupam espaços marginais sobredeterminados como mulheres, negras, homossexuais, e cuja experiência está situada em locais periféricos marcados pela pobreza. O espaço de significação suplementar aberto por narrativas ficcionais como essa dirige o foco para outras dimensões políticas, morais e também espirituais, que são, em muitos aspectos, distintas daquelas exploradas, na literatura caribenha, pela perspectiva do migrante masculino, e que foi historicamente tão valorizada pela crítica pós-colonial, como aponta Alison Donnel (2006). Este trabalho propõe uma articulação entre o romance e reflexões e teorias descoloniais, tais como aquelas elaboradas por escritores como Walter Mignolo (2003), Ramón Grofoguel (2010) e Anibal Quijano (2000), que enfatizam a necessidade de demarcar “o lugar epistêmico geopolítico e corpo-político [...] a partir do qual o sujeito se pronuncia” (GROSGOQUEL, 2010, p. 459), como meio de elaborar modos de pensamento e de conhecimento capazes de deslocar as abordagens epistemológicas dicotômicas que constituem as bases da racionalidade ocidental. O trabalho busca destacar a forma como as múltiplas perspectivas engendradas pela narrativa de Bem-vindos ao paraíso são ancoradas numa dinâmica geopolítica e corpo-política que coloca em evidência uma profusão de lugares, histórias, saberes e redes de relações, através dos quais identificamos complexas textualidades da cultura. Bem-vindos ao paraíso penetra naquilo que Fanon denominou “zona de instabilidade oculta” (FANON, 1994, p. 42), em que pulsam resilientes modos de representação e valores coloniais, seus desdobramentos e anacronismos. Desse modo, o romance também expõe a produção e reprodução da relação colonial/imperial, ou daquilo que Quijano (2001) denominou “colonialidade do poder”, um modelo de poder que conecta a formação racial, o controle do trabalho, o Estado e a produção de conhecimento.

Palavras-chave: Bem-vindos ao paraíso; geopolítica; corpo-política; colonialidade

50 - LITERATURA DE CAMPO E GEOPOESIA: PASSAGENS DA CULTURA POPULAR E ETNOFLÂNERIES POR BRASIS LIMINARES

Coordenação: Willi Bolle (USP); Augusto Rodrigues da Silva Junior (UnB); Ana Clara Magalhães de Medeiros (UFAL)

Resumo: A Literatura de campo e a geopoesia surgem no contexto do centro-periférico de um país de dimensões continentais. Um mapa de brasis liminares, distantes do mar, revela que as literaturas e culturas brasileiras continuam em *formação*. Embora o palco do interior tenha sido muito percorrido (econômica, política, etnográfica e intelectualmente), ainda há muito por dizer das paragens *centroestinas* e nortenses do Brasil. Este Simpósio Temático pretende empreender um trabalho coletivo das passagens (percorridas pelos *etnoflâneurs*). Cada participante deverá acrescentar uma *vereda* ao painel pensamental: via processo de teoria em progresso, uma espécie de autoconsciência do inacabamento da crítica e cada centelha fará parte de uma polifônica constelação analítica. Convocamos colecionadores (no sentido benjaminiano) para enformar uma enciclopédia da geopoesia. O próprio deslocamento para o encontro, na comunhão das visões da história, constitui a literatura de campo. Dos diversos modos de representar surge a proposta de reescrever essa história – contada oralmente, experimentada performaticamente, continuada pelos leitores. Traçando *etnoflâneries* de campo, nos movimentos de enfronteiramento, nas migrações das vocalidades, veredas polifônicas emergem como caminhos da cultura popular. Nesse sentido, investigar as vertentes despontadas nos cerrados e sertões, bem como nos banzeiros e vazantes, nos permitirá perscrutar vozes e corpos individuais e coletivos das mais diversas manifestações. No âmbito da responsabilidade, pretendemos experimentar a geopoesia em performances culturais e analisar os modos de fazer



da literatura de campo, em poemas e canções, prosas e dramas, relatos e textos desde o período colonial que nos levam, ainda, a seguir os rastros e as vozes dos que de tão longe, há tanto, vêm dizendo. Agregamos, assim, um pensamento da pluralidade e do inacabamento que acionam entendimentos de culturas em trânsito, em transes, contra abordagens monológicas (BAKHTIN, 2008). Assim, os estudos de geopoética e de geocrítica, em diálogo com investigadores brasileiros da cultura, tais como Darcy Ribeiro, Carlos Rodrigues Brandão, Hermilo Borba Filho, dentre outros, caminham para a celebração da carnavalização na literatura comparada. A crítica polifônica, que nasce do literário, arranja-se com vozes de poetas do cotidiano, como os goianos/mineiros/brasiliários Cora Coralina, José Godoy Garcia, Anderson Braga Horta e Cassiano Nunes; prosadores das gentes e tropas migrantes, a exemplo de Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Hugo de Carvalho Ramos e Bernardo Élis; dramaturgos e cineastas que fazem do Planalto Central espaço universal: Dulcina de Moraes, Geraldo Lima, Hugo Zorzetti e Vladimir Carvalho; além de cantores e versistas populares de nomes apagados pela histografia, cujas obras perpetuam-se nas entoações das festejos móveis e imóveis. Das artes de brasis liminares, formados pelo centro, oeste e norte pretendemos *sulear* uma constelação de categorias. Consideramos essencial atualizar e ampliar a discussão dos *dramas sociais*, *campos plurais* e *metáforas dinâmicas*, na linhagem do pensamento de Victor Turner, com vistas a perfazer poéticas do centro-oeste-norte. A crítica polifônica ganha vida entre os povos cerradeiros, centro-estinos, nortistas, sertanejos, caipiras, indígenas, quilombolas e outras variáveis de *brasis liminares*. Expressões que ordenam ideias, mas também espriam forças *inclassificáveis* de raízes e rizomas de um país de culturas diversas. Pelos vales, vãos, bacias, planaltos, *altiplanos*, rios, quilombos, aldeias, espaços de *reexistência* vão se compondo em territorialidades imaginárias e políticas. Conforme advertem Benjamin/Bolle, o literário não aceita uma delimitação precisa de fronteiras. É desse movimento oscilatório que se configura a capacidade que a geopoética e a literatura de campo apresentam. Pequenos índices que aparecem prodigiosamente no arranjo dos diversos recursos literários e artísticos, numa espécie de *língua in opere*, fabulosa e fabularmente em movimento, enformando a crítica polifônica. Enfim, pesquisas e inquietações que versem sobre manifestações da literatura oral e escrita no campo da poesia, da prosa, do teatro, do cinema, da performance e de vocalidades várias são convidadas a compor e espriar as discussões deste Simpósio.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 6. ed. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Ed. Org. por Willi Bolle. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. 3 vols. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.
- BOLLE, Willi. “Um painel com milhares de lâmpadas” – Metrópole & Megacidade. BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Ed. Org. por Willi Bolle. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. 3 vols. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018, vol. III, p. 1707-1746.
- GARCIA, José Godoy. *Araguaia Mansidão*. Goiânia: Editora Oriente, 1972.
- MEDEIROS, A. C. M. et al. (Org.). *Os parceiros de Águas Lindas: ensino de literatura pelas letras de Goiás*. 1ed. Goiânia: R&F Editora, 2018, v. 1.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Abril Educação, 1982.
- SILVA JR, Augusto. R. Editorial. Cultura popular, oralidade e performance. Cerrados – Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura (Poslit/UnB). V. 22, n. 35, 2013. p. 7-10. Disponível em: http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/10934/pdf_2

PROGRAMAÇÃO

16/07 (TARDE)

UMA CATEGORIA GEOGRÁFICA QUE ALEXANDER VON HUMBOLDT NÃO CITO

Willi Bolle (Stefan Wilhelm Bolle)

Resumo: A experiência de uma travessia da caatinga da Bahia, realizada em março de 2018, seguindo os passos dos naturalistas alemães Spix e Martius e de Euclides da Cunha, me motivou a reler o capítulo inicial (“A terra”) do livro *Os Sertões* (1902), no qual o autor introduz os seus leitores à paisagem do sertão do Nordeste. O objetivo da minha comunicação é comentar a maneira como Euclides apresenta as contribuições de dois pesquisadores viajantes alemães para o conhecimento do sertão: respectivamente Carl Friedrich Philipp von Martius (que foi acompanhado por Johann Baptist von Spix) e Alexander von Humboldt (que realizou, de 1799 a 1804, uma viagem de pesquisa pelos principais países da América tropical, mas foi proibido de entrar no Brasil). Os itens a serem comentados e as questões a serem discutidas são os seguintes: 1) Quais foram os pioneiros da ciência que pesquisaram o Sertão? 2) Em que consiste a diferença na descrição de Monte Santo e da paisagem em seu entorno por parte de Martius e de Euclides? 3) Qual dos dois, Martius ou Euclides, pesquisou mais detalhadamente a paisagem e a flora dos sertões, e com que tipo de linguagem cada um deles transmitiu os seus resultados? 4) Qual foi a contribuição de Humboldt para o conhecimento das plantas brasileiras? 5) Qual foi, segundo a formulação de Euclides a “categoria geográfica que Hegel não citou”? E se é verdade que Hegel, um típico estudioso de gabinete, que nunca esteve na América, não conhecia a natureza antitética do sertão (que é “barbaramente estéril” no tempo das secas, e “maravilhosamente exuberante” no período das chuvas), porque Euclides omite o fato de Martius ter descrito essa antítese já em 1819? 6) Para explicar a criação dos desertos, Euclides apoia-se na “hipótese brilhante” de Alexander von Humboldt, “o maior dos naturalistas”, que considerou como um dos fatores da criação de desertos também os avanços da civilização. Mas porque ele omite as observações de Martius, que documentou através de texto e imagem a destruição do cerrado e, com isso, a criação de um deserto por meio do fogo posto pelos sertanejos? 7) Em suma: como explicar o fato de Euclides diminuir reiteradamente o papel de Martius que, juntamente com Spix, foi um pioneiro na pesquisa dos sertões (onde ele passou um período total de oito meses, enquanto Euclides ficou no sertão apenas pouco mais de um mês) e, por outro lado, o enaltecimento do papel de Alexander von Humboldt que, sem dúvida, é o maior dos naturalistas, mas em cuja obra não se encontra nenhuma referência ao sertão?

Palavras-chave: Sertão; Euclides da Cunha; Spix/Martius; Alexander von Humboldt

NOTAS PARA UM PROJETO DE ROMANCE HISTÓRICO BRASILEIRO: EUCLIDES DA CUNHA, VÁRIOS ESCRITOS

Joana Luíza Muylaert de Araújo

Resumo: Com a publicação de *Os Sertões*, em 1902, críticos e historiadores iniciam o debate a respeito do gênero literário a que pertenceria o livro. Desde então, muitas foram as páginas escritas sobre a forma híbrida de *Os Sertões*. O tema é espinhoso e permanece aberto apesar de uma vasta fortuna crítica a respeito, porque não se circunscreve nos limites da retórica, mas implica também as complexas noções em jogo nas escritas da história e da literatura. Proponho apresentá-lo do ponto de vista da historiografia contemporânea, apoiando-me no que Euclides nos deixou escrito em cartas e artigos a respeito do assunto.

Palavras-chave: Euclides da Cunha; literatura e história; literatura brasileira e nacionalismo

CADERNOS DE GEOPOESIA: PASSAGENS, VÃOS, RUAS DO FOGO E VIAGENS PENSAMENTAIS

Augusto Rodrigues da Silva Junior

Resumo: O etnoflâneur, ser da ação, sempre carrega um caderno em suas andanças por vãos e varedas: onde pode colher geopoesia, versos e rocks rurais. A geopoesia nasce desses encontros com o outro: comunhão do ser com a terra, comunhão da escrita com o espaço, comunhão de vozes populares com o ato de escrever (vers, verssis, vesços). Nosso trabalho analisa a escrita centroestina a partir da Literatura de Campo. A Literatura de campo é o entendimento da necessidade do deslocamento para a produção poética e crítica – encarnados, ambos os quais, na



escrita – que é sempre corporal. Colhendo uma passagem de editorial de periódico (Cerrados – Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura, UnB, vol. 35, 2013), encontramos essa questão voltada, também, para um pensar centroestino: “Esta é a ideia primeva da literatura de campo: peregrinar e voltar para contar. Com isto, esta literatura, em campos plurais, com sua amplitude de temas e de significados, apresenta-se e dissemina-se no âmbito da transdisciplinaridade”. Os conceitos de enfronteamento e etnoflânerie também são importantes nesse percurso. O primeiro, está profundamente ligado à ideia de territorialidade (advindo da geografia) conjugado com a ideia de empoderamento (espacial), pensando com Bachelard. A etnoflânerie parte das Passagens, de Walter Benjamin, e a ideia de uma escrita constante do mundo. Uma vez que estar vivo é estar pleno dos olhos, escrever, em sentimento do mundo, em pensamento de desassossego, é o único caminho da geopoesia. Os etnoflâneurs, no Brasil, são muitos: de Euclides da Cunha à Mário de Andrade; de Harmilo Borba Filho à Carlos Rodrigues Brandão; de Antonio Candido a Willi Bolle – para ficar com alguns. Há, ainda, muitos pontos de apoio para nossas viagens mentais: os manuscritos e datiloscritos de Guimarães Rosa (1952), os textos em jornal, de Cora Coralina, a poesia completa de José Godoy Garcia e a tradição poética de Brasília ecoando na fusão imagética do cerrado com as ruas sem nome. O etnoflâneur, esteja em grandes sertões ou veredas vivas, ruas sem nome ou ruas do fogo, sempre trata das demigrações (fundações, reexistências) de localidades e as respostas que elas trazem para perguntas capitais. A literatura de campo, nesse estudo, aproxima Goiás-Brasília para uma interpretação dos seres cerradeiros (cerratenses). Enfim, analisar e fazer obras de geopoesia é realizar cruzamentos culturais da história com biografias de pessoas e de gerações que viveram e fizeram essas centroestinidades. Uma busca constante de encruzilhadas mentais, “pois é impossível saciar o coração que se traduz em palavras”.

Palavras-chave: geopoesia; literatura de campo; etnoflânerie; centroestinidades

UM ROMANCE MACHADIANO DE “BRASIS LIMINARES”: CULTURA POPULAR E POÉTICAS DA ORALIDADE EM ESAÚ E JACÓ

Ana Clara Magalhães de Medeiros

Resumo: Este trabalho visa oferecer um contributo teórico às noções de “literatura de campo”, “crítica polifônica” e “brasis liminares” via análise do romance Esaú e Jacó (1904), escrito pelo autor considerado, por muitos segmentos críticos, o mais canônico da prosa brasileira, Machado de Assis. Escolhemos, para inserção desta proposta de pesquisa, justamente um Simpósio Temático que problematiza conceitos, metodologias e obras “oficiais” da literatura ocidental por entendermos que a publicação de 1904 é, dentre a produção romanesca mais celebrada de Machado – de Memórias póstumas de Brás Cubas (1880/81) a Memorial de Aires (1908) –, aquela que se tece fundamentalmente a partir da cultura popular brasileira. Sob o mote “cousas futuras”, expressão de sabedoria premonitória dos ditos populares, proferido por uma advinha cabocla habitante do morro carioca que se levantava, desenrola-se narrativa pautada em um Brasil liminar. Referimo-nos a um limen (para ficar com conceito de Victor Turner) temporal que é, sobretudo, político: o da transição do século XIX, escravocrata, de tradição colonial, passadista; para o XX, imbuído, nas suas primeiras décadas, pelas promessas de trabalho livre e assalariado, economia mundializada e independência cultural. Na primeira publicação machadiana do breve e insuperado século XX, um Brasil – que é muitos brasis – pede licença: os personagens (literários e históricos) empurrados para as margens (morros) são os primeiros a falar na narrativa assinada pelo Conselheiro Aires. A pitonisa cabocla, Bárbara, emite a sentença que guia as vidas de Natividade, Pedro, Paulo, Flora e do próprio Aires. O enigma devora as figuras da elite carioca porque é indecifrável – tanto quanto é indecifrável a história do país que põe (por imposição político-econômica internacional) fim ao trabalho escravo em 1888. Esaú e Jacó lança-se como o “romance de campo” da prosa machadiana. Figuras como a advinha Bárbara, seu pai violeiro, o irmão das almas que se torna Nóbrega depois da especulação financeira, o Custódio, dono da tabuleta sem nome em uma nação sem definição, enformam um país que alcança a polifonia no discurso literário, enquanto se afasta dela na práxis histórica – as



passagens do violento século XX e deste movimentado XXI o corroboram. Partindo de conceitos desenvolvidos por Mikhail Bakhtin, tais como polifonia, carnavalização e inacabamento, de proposições poéticas suscitadas pela oralidade, como quer Paul Zumthor, e de contribuições sobre a formação econômica e literária do Brasil (com Celso Furtado e Antonio Candido), propomos uma análise em progresso de Esaú e Jacó como prosa de campo, em que pulsa a palavra viva e a cultura popular, enxertada no seio do cânone romanesco (nacional e ocidental).

Palavras-chave: Literatura brasileira; Esaú e Jacó; cultura popular; poéticas da oralidade.

MÁRIO PALMÉRIO CRONISTA: OS CONFINES NAS PÁGINAS DO JORNAL LAVOURA E COMÉRCIO

Viviane Cristina Oliveira

Resumo: Entre 1986 e 1988, Mário Palmério manteve no jornal Lavoura e Comércio, de Uberaba, uma coluna intitulada “Lavoura e Comercio nos bons tempos...”, mediante a qual apresentava ao leitor alguns fatos relevantes estampados nos primeiros anos de circulação desta tradicional folha uberabense. Inaugurado em 06 de julho de 1899, como informa o autor em sua primeira crônica, publicada em 02 de setembro de 1986, o jornal se torna via para a reconstituição narrativa da cidade, sua cartografia e sua história, à qual estavam associadas outras localidades pertencentes ao então denominado Sertão da Farinha Podre. Redesenhando a geografia das antigas ruas, entrando nos antigos quintais fazendeiros para rememorar a fabricação caseira de farinha, recontando a inauguração do cinema e a chegada do primeiro automóvel, o cronista permite ao leitor reencontrar mais do que narrativas sobre a cidade; permite reencontrar as narrativas publicadas em livro, especialmente Vila dos Confinos, cujo enredo sobre eleições ecoa nos comentários sobre as disputas eleitorais em Uberaba. É considerando a validade de um exercício de escrita que, partindo das possibilidades que o arquivo permitia para a reconstituição de flashes da cidade, reencena obras anteriores, que este trabalho dedica-se à leitura de algumas crônicas publicadas por Mário Palmério. Crônicas a partir das quais se torna possível perceber, sob a voz de um bom contador de histórias, o trabalho minucioso do pesquisador, atento no registro de dados regionais de forma a deixar, na superfície do texto, marcas de suas pesquisas sobre a linguagem e a cultura sertanejas. Nesse sentido, com o auxílio de pesquisadores que se dedicaram à leitura da obra do autor mineiro, como Nelly Alves de Almeida e Ivan Cavalcanti Proença, bem como de pesquisadores dedicados aos estudos sobre arquivos literários, como Reinaldo Marques, revisitaremos os Confinos pelas páginas do jornal, este veículo associado ao público e ao privado, inclusive em termos etimológicos. Veículo pelo qual Mário Palmério republicou reportagens, fragmentos narrativos e poesias de terceiros; teceu impressões pessoais sobre a cidade para a qual se mudara ainda menino; revisitou autores, como Guimarães Rosa, que, partindo de uma pesquisa documental, recriaram o sertão cuja dinâmica de violência figurara nas páginas do Lavoura e Comércio, páginas que nos permitem, uma vez mais, reencontrar o autor de Vila dos Confinos.

Palavras-chave: Mário Palmério; sertão; jornal; arquivo

17/07 (MANHÃ)

SERTÃO: RELEITURA DA PALAVRA EM ALGUNS MOMENTOS DA HISTÓRIA E DA CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRA

Cícero Ferreira Pinto Neto

Resumo: Cícero Ferreira Pinto Neto – Unimontes Prof^a. Dr^a. Telma Borges – orientadora – FaE-UFMG/UNIMONTES Trabalho com apoio financeiro da FAPEMIG / CAPES Este trabalho propõe a releitura da palavra sertão em alguns momentos da história e da crítica literária brasileira. Como embasamento teórico, propomos diálogos entre Michel Foucault em A arqueologia do saber, Paul Veyne em Como se escreve a história, utilizando para tal o método arqueológico (no plano vertical, procedendo uma escavação através de textos literários de



diferentes épocas, com o objetivo de procurar os possíveis discursos produzidos pelo termo) e a ideia de história como trama (a forma como o acontecimento foi narrado e como se pensa o modo como uma determinada ideia foi construída como verdade). Reforçando nosso arcabouço teórico, iremos trazer Antonio Cândido em *Formação da Literatura Brasileira* e em *Educação pela noite & outros ensaios*, os quais irão nos elucidar sobre alguns períodos de nossa Literatura em que provavelmente aparecem pistas no que se refere ao uso do termo. Valer-nos-emos ainda do artigo da pesquisadora Telma Borges “Sertão... Sertões: a palavra – de Pero Vaz de Caminha a Guimarães Rosa”, em que dialoga “com as diferentes categorias de sertão em relatos de viajantes nos primeiros séculos da colonização brasileira” (BORGES, 2016, p. 488). Como arremate, direcionando nossas problematizações e suscitando o foco maior, iremos trazer João Guimarães Rosa e sua obra magna *Grande sertão: veredas*, a qual retoma o termo com grande força e potência de significação. Rosa inova ao nos apresentar um sertão-personagem, vivo e pulsante dentro de sua obra, tanto pelos incômodos profundos e universais que atravessam seus personagens (Quem é você? Quem sou eu? Deus existe? Existe o diabo? O homem é bom? O homem é mau?), bem como a ideia do sertão multifacetado; metafórico, metafísico, o lugar onde tudo é e não é, o lugar e o não-lugar. Nosso objetivo será analisar o termo sertão pelo viés da historiografia literária, nos atentando para seu surgimento no Brasil, logo após a chegada do colonizador, bem como algumas significações pelas quais o termo passou durante os séculos. Nesse percurso, por exemplo, analisaremos as relações que o termo possui com a colonização (narrar a nova descoberta para a colônia portuguesa, a fim de estabelecer o convencimento de que valeria à pena colonizá-la), com os índios, e a oposição sertão/litoral. Estudar o termo sertão é uma tentativa de compreender melhor as diferenças e as sub-divisões sociais estabelecidas desde o descobrimento; é a tentativa de compreender a dicotomia existente entre a formação do homem do litoral e do homem forjado nos interiores do país, no dentro das matas, dos cerrados, das chapadas, das caatingas. Estudar o sertão é estudar o homem brasileiro, seus deslocamentos, suas migrações e seus desesperos; estudar o sertão é, além de tudo, uma busca pela compreensão do “homem humano.”

Palavras-chave: Sertão; historiografia; crítica; Guimarães Rosa

O NARRADOR DA/NA GEOPOESIA: IMAGENS DA COBRA GRANDE NA COMUNIDADE DO JULIÃO

Cinthia Bastos Saboia

Resumo: Em 2015, foram coletadas narrativas orais amazônicas na Comunidade do Julião, um lugarejo fechado em formato de ilha, onde as pessoas ainda se reúnem para contá-las. Essas histórias, que foram coletadas por meio de entrevistas em áudio e vídeo, são repassadas de geração em geração; de boca em boca são renovadas e adaptadas por seus narradores que vão modificando de acordo com seus objetivos em relação ao ouvinte, receptor, seja de entreter ou de assustar; de educar ou ensinar. O que importa nesse processo é perceber como o narrador oral vem sustentando e dando vida ao longo desses anos a elas; como ele extrai de sua geografia elementos que, aos poucos são inseridos no corpus e posteriormente, ganham forças no coletivo; passando a tornar verdadeira a nova versão de enredo naquele espaço. Cercada por água e floresta, esse espaço contribui de modo significativo para o imaginário do homem ribeirinho, para ele, as forças das águas que derrubam árvores nas margens dos rios, que viram embarcações, que arrancam grande porção de terra, nada é mais do que a temível cobra grande que aterroriza e inibe o movimento do homem ribeirinho pelas águas escuras do Rio Negro. Partindo desse objeto, nota-se o quanto é importante o diálogo entre a literatura e outras artes; a arte de contar histórias tem ganhado espaço em todo o Brasil, em especial na Amazônia, onde tem crescido o número de trabalhos que tem dado voz ao homem do campo, seja ele caboclo ou indígena. Nesses espaços, a hibridização de culturas não permite considerar o objeto deste estudo em único, exclusivo de um determinado povo, ao contrário, mostra como ela passa por mudanças, tendo seus elementos trocados conforme alcançam novos espaços e gerações. O presente estudo apresenta esse narrador sob o olhar Benjaminiano a partir da obra *O narrador*,

onde Walter Benjamin (2012) define dois tipos de narrador e aponta para o fim deste. Também, a Geopoesia será outro aspecto abordado, que segundo Silva Junior (2018), nasce do encontro de tipografias encontradas, representadas em vozes e corpos, viagens e mapas. Trata ainda sobre palavras colhidas distante do mar, vozes de um mundo distante dos grandes centros que representam a cultura, a história, as vivências de um povo. Vivências externadas principalmente pela voz e pelo corpo, elementos que compõem a teoria de Paul Zumthor (2010) quando trata sobre a performance recurso muito utilizado pelo homem do campo da zona ribeirinha da comunidade in loco, quando constrói o corpus de sua poesia.

Palavras-chave: Narrador oral; Narrativas amazônicas; Geopoesia; Performance; Comunidade do Julião.

EXPEDIÇÃO A MATO GROSSO, 1947: GEOGRAFIA, PAISAGEM E LEMBRANÇAS

Joana Passi de Moraes

Resumo: Em 1947, uma expedição organizada pela Universidade do Brasil (UB), no Rio de Janeiro, rumou para Mato Grosso e percorreu Campo Grande, Corumbá, Nhecolândia e o Pantanal Mato-Grossense. O grupo foi composto por estudantes da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, coordenados pelo professor Hilgard O'Reilly Sternberg, e estudantes do Instituto Rio Branco, liderados pelo diplomata, professor e escritor João Guimarães Rosa. Informações sobre esta expedição pouco aparecem nos registros de literatura e arte, constando apenas em passagens vagas e incompletas sobre o período na bibliografia de Rosa. A história desta expedição será brevemente apresentada com base numa investigação (ainda em processo) em arquivos públicos e privados. Uma reflexão baseada no discurso de posse de Rosa na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, abordará a sua relação com a poesia e a geografia. O texto "Sanga Puytã" (1947), do autor, será explorado em um exercício para compor um esboço da paisagem da expedição. O artigo se encerra com a argumentação sobre o uso da linguagem verbo-visual para compor uma paisagem e uma história da expedição de 1947 ao Pantanal.

Palavras-chave: Paisagem; investigação artística; João Guimarães Rosa; Sanga-Puytã

EM BUSCA DE UMA POÉTICA CERRATENSE CONTEMPORÂNEA

Wélcio Silvério de Toledo

Resumo: Pó, poeira, poesia. Vastidão de céu, cerrado e solidão no horizonte do planalto aberto a quase todo tipo de chegança, de discos voadores aos candangos. Nesse cenário habita o Homo Cerratense (BERTRAN, 1998), o ser que vive e se reconhece no meio ambiente e na cultura do cerrado. O termo Cerratense, remonta tempos anteriores ao surgimento dos candangos, os que vieram para a construção de Brasília e também importantes no amálgama de uma cultura em construção. O Cerratense desconstrói a ideia romântica propagada por Juscelino Kubitschek de que não havia uma sociedade, mesmo que incipiente, no planalto a ser desbravado. "No princípio era o ermo" (MORAIS, 1961), como bem diz a bela Sinfonia da Alvorada composta sob encomenda por Tom Jobim e Vinícius de Moraes, ilustra o sentido que se queria dar ao surgimento de uma cidade moderna bem no centro de um planalto, como se demonstrasse a pujança do espírito desenvolvimentista presente da década de 1950. Paralelo a esse espírito épico modernista, desde a primeira metade do século XVIII os povoados com características urbanas pululam pelo Brasil Central, inicialmente instigados pela busca do ouro. Várias cidades próximas à capital do país são dessa época, como Pirenópolis (antiga Meia Ponte), Corumbá, Luziânia (antiga Santa Luzia), Niquelândia (antiga Traíras), Planaltina (antiga Mestre D'Armas) e tantas outras (ELEUTÉRIO, 2018). Se a Sinfonia da Alvorada não conseguiu soar como um troar ufanista aos alegados desbravadores do cerrado, ao menos foi um marco da relação de Brasília com o signo das artes. Mário Pedrosa em um de seus artigos sobre Brasília coloca a cidade no centro do debate sobre a retomada da arte como detentora de "um papel social-cultural de primeiro plano nessa tarefa de reconstrução regional e internacional pela qual o mundo está passando ou tem de passar" (PEDROSA, 1967). Na perspectiva de Brasília como

capital moldada pelo viés das artes, a poesia tem importância fundamental, principalmente no período da afirmação juvenil da cidade (segunda metade da década de 1970), momento em que as portas se fechavam para atividades artísticas formais com a censura e a barra pesada da ditadura. Era a época do mimeógrafo como arma de resistência cultural para lançar poemas nas cabeças de jovens e entortar o olho da repressão e as retas cartesianas da cidade que não conseguia domar o espírito Cerratense já em voga. “Nem tudo que é torto é errado/veja as pernas do garrincha e as árvores do cerrado” (BEHR, 1979). O poema descortina uma característica interessante da poesia de mimeógrafo/marginal que é a relação dos poetas com o cotidiano, com a cidade, com o cerrado. Hoje, o que esse poeta flâneur, andarilho urbano (BENJAMIN, 1994), consegue observar e absorver no dessa cidade modernista Cerratense? Passados quase sessenta anos da inauguração de Brasília e mais de quarenta anos do boom da geração mimeógrafo, o que temos de identidade Cerratense e como está a poesia da cidade nos tempos de hoje dentro dessa perspectiva? São indicativos de respostas para essas questões que pretendo apresentar na minha comunicação.

Palavras-chave: Poesia; Cerratense; Brasília; Identidade; Mimeógrafo

17/07 (TARDE)

FLÂNEUR SERTANEJO: UMA EXPERIÊNCIA PELO SERTÃO MINEIRO

Rosa Amelia Pereira da Silva

Resumo: Depois de acompanhar, pela quinta edição, o projeto “De Sagarana ao Grande Sertão: Veredas, pelo cerrado e suas culturas de pé”, uma imersão sócio-eco-literária no universo de Riobaldo, descrito por João Guimarães Rosa, comecei a realizar associações entre o flâneur e a figura dos sertanejos: os caminhantes e os camponeses da região. Para confrontar os dois personagens, revisitei o autor que melhor definiu o flâneur baudelairiano: Walter Benjamin. Caracterizado em algumas passagens a partir do espaço campestre, apesar de situado em ambiente urbano, é possível reconhecer no flâneur algumas características do homem do campo. Assim, deseja-se, nesta comunicação, apontar algumas relações encontradas entre essas figuras: o flâneur de Benjamin, o caminhante do projeto, o sertanejo e, sobretudo, João Guimarães Rosa, que agrega as características de todos os outros, uma vez que demonstra a paixão pela paisagem sertaneja, o espírito sonhador e passante. Assim, como o flâneur de Benjamin “trata a cidade com território de caça”, João Guimarães Rosa coloca o sertão como centro de suas andanças e reflexões, territorializa o sertão no sentido fazer dele o seu ambiente poético. E, de alguma forma, o caminhante e o sertanejo também o fazem. Nesse sentido, objetiva-se destacar em que medida João Guimarães Rosa, o caminhante do projeto e o sertanejo apresentam as características do flâneur urbano. Busca-se responder algumas questões para apontar as semelhanças entre as diversas possibilidades de flunar: ao sertanejo, porque vagueia pelo sertão inebriado pela poesia espacial das veredas, dos montes e serras, dos planaltos e vales, dos campos, dos gerais, é possível flunar? Em que ponto a atitude de flunar no sertão, se possível, tem relação com a mesma atitude urbana? Em que medida João Guimarães Rosa revelou-se um flâneur? O caminhante e o sertanejo em que se assemelham a J. G. Rosa e ao flâneur de Benjamin. Nas palavras de Benjamin, “o flâneur urbano habita as ruas e delas tira proveito”; por analogia compreendo que o flâneur sertanejo habita o sertão e dele também tira proveito. A cidade, para o primeiro, “constitui uma paisagem sem limiares”; o sertão, para este, também.

Palavras-chave: Palavras-chave: Flâneur; Walter Benjamin; João Guimarães Rosa; Flâneur Sertanejo; Caminhante.

TRADUZINDO PARA O FRANCÊS AS ANDANÇAS DE AUGUSTO MATRAGA PELO SERTÃO

Sophie Céline Sylvie Guérin Mateus

Resumo: Augusto Matraga anda no sertão em busca de sua vez e de sua hora. Ao acompanhar seu percurso, o leitor descobre esse mundo, seus moradores, sua fauna e sua flora, suas



linguagens. João Guimarães Rosa percorria, ele também, esse sertão com seu caderno e anotava tudo o que poderia utilizar em suas histórias: anedotas, cantigas, expressões que remetem ao universo sertanejo, nomes de plantas e de animais. Esses elementos perpassam sua obra e fazem dele “um dos mais autênticos prosistas brasileiros contemporâneos” (DANIEL, 1968), mas podem representar um desafio para transpor o texto para outra língua. O tradutor corre o risco de apagar o sertão se não conservar esses elementos, ou então de deixar o texto ilegível ou muito exótico. No entanto, para o escritor, a língua que se fala no sertão é universal “porque o sertão é o terreno da eternidade, da solidão, onde o interior e o exterior não podem ser separados” (ROSA, 2009). A obra de João Guimarães Rosa retrata a condição humana através das histórias de suas personagens sertanejas. Ele afirma que a literatura pode transformar o homem desde que sua linguagem tenha a força de tocá-lo e fazê-lo refletir sobre seu mundo, o que é atingido por meio da poesia. A universalidade do texto rosiano proporciona sua traduzibilidade. Benjamin acredita que a lei do original está na sua forma e que não se deve traduzir apenas o significado, mas também não se pode ficar preso à palavra. Para conseguir reproduzir em outra língua os textos poéticos, assim como textos em prosa que conferem uma importância especial ao tratamento da palavra como objeto, Campos preconiza que a tradução seja, antes de tudo, “recriação, ou criação paralela, autônoma porém recíproca” (CAMPOS, 2013). Assim, para que o tradutor encare o desafio que a obra rosiana representa, ele precisa analisar e recriar o “conjunto de traços fônicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, lexicais, enunciativos, discursivos, etc.” (FIORIN, 2016) que caracterizam o estilo, segundo Bakhtin. Portanto, ao traduzir para o francês “A hora e a vez de Augusto Matraga”, o intuito deste trabalho é, sem apagar o sertão e suas vozes, obter um texto com a mesma dimensão poética e universal do original.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; Tradução; Poesia; Sertão

AS MOVÊNCIAS POLIFÔNICAS E POLIFÓRMICAS NA NOVELA “CARA-DE-BRONZE”, DE GUIMARÃES ROSA

Bianca Cristina Sinibaldi

Resumo: A obra de João Guimarães Rosa demonstra construir-se no encontro entre texto escrito e texto oral, submetendo o texto escrito à oralidade, bem como, apresenta-se como ensaio estético-crítico, ou seja, um procedimento narrativo, que recupera fragmentos de uma épica híbrida e, dessa forma, elabora e desenvolve uma teoria da linguagem, cifrada, à forma alegórica, nos enredos encadeados. Embora tenha sido apontado por Walter Benjamin que “a tradição oral, patrimônio da poesia épica tem uma natureza fundamentalmente distinta da que se caracteriza o romance”, a produção literária de Rosa parece enunciar que a literatura – seja em forma de romance, novela, poesia, conto, etc. – pode ser apontada como sinal de encontro de linguagens variadas. Com isso, no presente trabalho, temos como objetivo analisar a temática da viagem pela busca da palavra poética por meio da questão polifônica e polifórmica na novela “Cara-de-Bronze”, de Corpo de baile (1956), de Guimarães Rosa. Focalizaremos nesta narrativa poética - um acervo de narrativas coletivas e de falas do povo do sertão, contadas, principalmente, pela voz do protagonista contador de histórias - Grivo, mas também, por outros contadores e cantadores, e, o movimento da composição narrativa do texto empreendendo uma etnografia e uma etnologia da comunidade do sertão mineiro presente na novela. Na estrutura de “Cara-de-Bronze”, uma das três novelas que compõem a “parábase” de Corpo de baile, o enredo não se conduz por uma voz individual, pelo contrário, faz-se um fenômeno polifônico para narrar uma trajetória de construção poética. Os diálogos geram na narrativa um efeito de simultaneidade de vozes, acompanhado de canções. As vozes dos contadores de histórias, dos cantadores e dos vaqueiros se confundem, reproduzindo um mosaico de vozes. A novela “Cara-de-Bronze” se desenvolve como uma verdadeira miscelânea de gêneros, provocando certo estranhamento ao leitor, que tem diante de si uma estrutura polifórmica - uma narrativa, um roteiro cinematográfico, cantigas, notas de rodapé, enumerações de plantas e animais, referências a outros textos, tudo disposto de modo a compor um texto articulado. Guimarães



Rosa aparenta conceber um espaço de experimentação no interior da escrita onde as relações entre linguagem e artes aparentemente diferentes, coexistam. Para isso, a proposta de leitura da novela se pautará em estudos como de Benedito Nunes (1969; 2013), Darcy Ribeiro (2015) e Walter Benjamin (2015). No eixo dessas considerações, faremos uma reflexão sobre a viagem como recurso que permeia a narração, proporcionando deslocamentos que se manifestam na condição andeja do protagonista, na movência das vocalidades múltiplas e no caráter movente da forma.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; "Cara-de-Bronze"; sertão; movências.

CONTROLE E DESCONTROLE DO CORPO NAS VEREDAS DO SERTÃO NO DISCURSO DE RIOBALDO

André Luiz Moraes Simões

Resumo: Este trabalho incide na leitura e análise da repressão da sexualidade e homossexualidade que está enredada na narrativa de Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa (1908-1967), à luz da perspectiva psicanalítica (FREUD, 1997, 1999 e 2000), (LACAN, 1992 e 1999) e dos estudos Queer, que desloca a visão binária da sexualidade para uma interpretação mais ampla, por meio do posicionamento de cada indivíduo, demarcando a diferença entre gênero e sexo (BUTLER, 1992). A teoria Queer ganhará voz, devido às ações e discursos multifacetados do narrador que se encontra em um espaço normativo e falocêntrico, o sertão. Para analisar o sertão de Guimarães Rosa os conceitos de performatividade, identidade performativa, genealogia, sexo, falo, normatividade social, subjetivação, gênero performático e prostético, aparelhos ideológicos de poder do estado e a contrassexualidade serão tomados como um conjunto de análises críticas e subversivas às categorias fixas de identidade pelas locuções de Judith Butler e Paul Preciado ambos filósofos e referências nos estudos Queer, os quais apareceram do encontro entre uma corrente da Filosofia e dos Estudos Culturais norte-americanos com o Pós-Estruturalismo francês. Esse enfrentamento de correntes possibilitou a problematização de concepções já estruturadas tanto para Psicanálise, quanto para a sociedade como um todo, problemas que retomamos ao analisar o Sertão rosiano, como espaço/dispositivo de controle, uma personificação do “armário” da década de 1960 nos EUA. Nos estudos queer tanto Preciado quanto Butler se baseiam nas visões de Foucault (2015), que não interpreta a homossexualidade como algo proibido, porém produzida por meio de um discurso e normatizada por um dispositivo de poder. No enredo, é revelado aos leitores que a atração em si é fruto também da elaboração dialógica e simbólica dos fatos lembrados pelo jagunço. Durante a narrativa, Riobaldo, narrador personagem de Grande sertão: veredas, através de um discurso polifônico, conforme Bakhtin (2003), elabora uma teia de relações de acontecimentos do passado no sentido de encontrar não uma solução, mas de forma a se encontrar com a verdade que ele nega durante a narração. Portanto, pretendemos analisar a remodelação comportamental do gênero, por meio dos personagens: Riobaldo e Diadorim, que, através do discurso do narrador, em um espaço, (Sertão), contrário as relações que fujam a naturalidade imposta pelo discurso monolítico social. Tais mundaças comportamentais deixam o narrador em estado de “entre-lugar” e durante a narração dos acontecimentos que se sucedem na obra, acaba por implicar ao leitor a atribuição de sentidos diversos na interpretação das vozes que ressoam durante a narração, pois a narrador na perspectiva de Baudelaire (2006) nos é revelado com um flâneur, que apesar de não está em um ambiente citadino, possibilita-se a transitar entre o feminino e o masculino em um espaço como o sertão. Sendo assim pretendemos analisar o sertão rosiano no discurso de Riobaldo como espaço normativo e controlador da sexualidade de forma a demarcar se esse ambiente contribuiu ou não para a repressão da sexualidade em Grande sertão: veredas e controle tanto do corpo feminino como do corpo masculino.

Palavras-chave: Sexualidade; Normatividade; Grande sertão: veredas; Teoria Queer

18/07 (MANHÃ)



A GEOPOESIA DA FESTA E DA NARRATIVA NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA KALUNGA DO MIMOSO EM TOCANTINS

Elizeth da Costa Alves

Resumo: Buscamos evidenciar neste resumo alguns dos aspectos culturais e simbólicos da Comunidade Quilombola Kalunga do Mimoso em Tocantins, por meio das festas tradicionais populares e das narrativas orais, atreladas à Literatura Popular, entendida aqui como Geopoesia. Acreditamos que essas manifestações colaboram significativamente para a configuração das identidades territoriais em Mimoso. A Comunidade Quilombola Kalunga do Mimoso está localizada a 120 km da cidade de Arraias –TO, e seu território está distribuído entre esse município e o de Paranã, Tocantins. O processo de regularização e titulação dessa comunidade, como remanescente de quilombolas aconteceu em 2005, 17 anos após o título dado aos Kalunga goianos. Vale referendar que mesmo estando em territórios administrativos distintos, esses povos têm a mesma ascendência; e os limites geográficos que delimitam os estados de Goiás e Tocantins não alteraram os vínculos e/ou o sentimento de pertencimento grupal, posto que eles comungam das mesmas práticas sociais, simbólicas e culturais. Considerando essas e outras peculiaridades o arcabouço teórico e metodológico da Geografia Cultural e da Geopoesia dará base para as discussões. O estudo da bibliografia sobre o território, a identidade territorial, a performance, as festas religiosas tradicionais, e a pesquisa de campo, associados à análise das narrativas orais, contadas na comunidade, à observação participante, e as entrevistas, permitem tecer considerações quanto à formação do território e das identidades Kalunga da Comunidade Mimoso. Sabemos que a identidade e o território estão imbricados, pois a dimensão espacial os envolve; e a identidade necessita de elementos como a cultura, o espaço, o tempo, a crença, sem os quais não poderia ter uma constituição. As histórias orais, no Kalunga do Mimoso, são repassadas de uma geração para outra, e tem como base a memória e a performance cultural, o que os tornam indispensáveis para a prática e manutenção de sua tradição. Do mesmo modo, a folia de Reis e a folia de Santo Antônio estabelecem essa relação entre os sujeitos e a constituição do território. Toda essa tradição transmitida aos mais jovens estabelece uma relação de afetividade e de pertencimento com o lugar, e a memória propicia e permite a inserção de novos hábitos e valores nas manifestações culturais. Evidenciamos que as tradições em Mimoso são dinâmicas e também (re) inventadas pelo grupo social, e que a cultura do lugar reafirma as identidades Kalunga. Tanto as folias de Santo Reis e de Santo Antônio quanto as narrativas orais que permeiam a cultura em Mimoso desvelam particularidades das identidades territoriais. Portanto, essas representações sociais e culturais são necessárias para a promoção das identidades territoriais baseadas na participação dos sujeitos, no processo de produção do território, por meio das relações socioespaciais.

Palavras-chave: Festas tradicionais populares; Identidade Kalunga; Narrativas orais; Geografia Cultural; Literatura Popular.

A LITERATURA DE CORDEL EM GOIÁS: A VOZ POÉTICA DE PAULO NUNES BATISTA

Gláucia Mendes da Silva

Resumo: Por ser expressão da cultura de um povo, a literatura tem caráter migratório, pois acompanha os movimentos sociais e se constroi a partir das experiências e vivências históricas, políticas e culturais da sociedade. O poder de abrangência da arte literária é imensurável quando se considera sua natureza de representação da realidade através da palavra, seja a palavra falada, cantada ou escrita, seja em prosa ou em versos, seja no âmbito erudito ou no âmbito popular, ou ainda na junção de todos esses elementos, pois, como afirma Culler, “a obra literária é um evento linguístico que projeta um mundo ficcional que inclui falantes, atores, acontecimentos e um público implícito” (1999, p. 37). É nesta forma de evento linguístico advindo da vivência de um povo que a poesia, e mais especificamente neste projeto, a poesia de cordel, constitui-se como forma artística feita pelo povo para o povo, oriunda da tradição oral, com toda as propriedades de cultura popular configurada em uma linguagem poética de riqueza singular.



Introduzida no Brasil pelos portugueses, a literatura de cordel, antes denominada por seus poetas e leitores como versos, folhetos ou romances, possui em suas raízes o caráter migratório, pois fora importada de Portugal para cá, tendo como locus inicial a região nordeste do Brasil em virtude do processo de colonização e, por esta razão, angariado patamar de elemento tradicional da cultura popular nordestina. A partir do ano de 1920, com o aumento considerável de tipografias no nordeste, os folhetos de cordel começaram a ser comercializados em diversos pontos de venda (feiras, mercados, etc.) e também através do envio pelos correios, em um processo de popularização por todo o país, como um tipo de migração do gênero através da abrangência de circulação. Neste panorama, investigar a evolução da poesia de cordel neste processo de migração da cultura nordestina para a região Centro-Oeste, mais precisamente para o estado de Goiás, a partir da obra em cordel do poeta e cordelista Paulo Nunes Batista é o objetivo geral desta proposta de estudo aqui apresentada. Objetiva-se realizar um estudo sobre as obras de cordel oriundas do estado de Goiás, tendo como corpus inicial as obras do poeta Paulo Nunes Batista, em busca de compreender o modo como as nuances regionalistas desta produção se apresentam e de que maneira a relação intercultural Nordeste – Centro-Oeste é representada pelo sujeito poético, cantada pelo poeta cordelista migrante.

Palavras-chave: Literatura de cordel; Goiás; Paulo Nunes Batista

GOIÁS E BRASÍLIA PELOS OLHOS DE JOSÉ GODOY GARCIA, POETA E PROSADOR Ionice Barbosa de Campos

Resumo: No âmbito da literatura brasileira, geralmente, o que foge ao eixo Rio-São Paulo não é (re)conhecido, lido ou vendido. No entanto, existem muitos escritores que estão em outras regiões e, nem por isso, deixam de produzir uma literatura de valor, como é o caso de José Godoy Garcia, goiano, autor de obras (em poesia e prosa) que buscam, a partir de sua escrita, evidenciar a relação do ontológico com a natureza e, para além disso, o fator social que está arraigado ao comportamento do homem, sendo ele do campo ou da cidade. Temos em Godoy Garcia, portanto, uma literatura que aborda os dramas sociais e cotidianos por meio da experiência vivida pelos personagens e eu-líricos dos contos, do romance e dos poemas, respectivamente. Esses representantes fictícios são cheios de força e coragem para superar e sobreviver ao mundo de dificuldades que os rodeiam e, ainda assim, eles não desistem, isto é, o autor enfatiza a luta e dá voz aos que são párias da sociedade e, por consequência, não têm vez. Ao fazer isso, transmite ao leitor o conhecimento sobre os costumes e culturas outros que, de modo geral, não ultrapassariam as fronteiras geográficas e literárias. Logo, o que pretendemos aqui, com a leitura de alguns textos de Godoy Garcia, é trazer ao espaço acadêmico uma discussão que mostre o autor como um dos representantes da literatura produzida em Goiás, produção esta que se envereda pelo campo e o faz ser reconhecido como um poeta que, para escrever, precisa ter andado pelas ruas e estradas, como dia Salomão Souza, em um dos textos que prefacia sua obra poética. Enfim, entre transeuntes, migrantes, flâneurs e todo tipo de escória social, encontramos José Godoy Garcia e seus personagens, que nos desnudam o espaço citadino e rural de Goiás e do Distrito Federal. São esses deslocamentos e movências que pretendemos evidenciar, a partir de teorias que discutem a literatura de multidão e o processo migratório, em específico. Para tanto, usaremos como pressuposto teórico autores como Walter Benjamin e Luciano Barbosa Justino.

Palavras-chave: José Godoy Garcia. Literatura em Goiás. Literatura e migração.

HORIZONTES GOIANOS: PAISAGENS DE ÁGUA, TERRA E HOMEM NA POESIA DE JOSÉ GODOY GARCIA

Regina Célia dos Santos Alves

Resumo: José Godoy Garcia (1918-2001), embora uma das vozes mais interessantes e instigantes da poesia brasileira no século XX, continua um escritor desconhecido pela maioria do público leitor comum e pela crítica especializada, obscuridade esta que pode encontrar razões em diferentes lugares, menos na qualidade de sua poesia, de valor inegável. Nesse sentido, o



presente trabalho tem por objetivo a abordagem de alguns poemas do escritor com vistas a observar como o mundo goiano se constrói em sua poesia por meio de paisagens que, a todo momento, põem em destaque o movimento ininterrupto do sujeito com o seu entorno, com o mundo natural, do qual participa e é parte. No jogo dialético estabelecido, as paisagens se multiplicam e com elas também o homem, parte inerente de todas as coisas, pois, como afirma o poeta, “sou imóvel andando, que este chão é parte/ de meu corpo e me envolvo na imobilidade do céu”. Para o trabalho proposto, interessa-nos, sobretudo – partindo da perspectiva de que a paisagem se define como percepção particular de um espaço a instaurar uma forma de conhecimento holístico -, atentar para o modo como José Godoy Garcia significa o espaço goiano ao construir paisagens em que a água, a terra e o homem são elementos intercambiáveis e indissociáveis – não obstante se revelarem no jogo por vezes paradoxal entre o próximo e o distante, o mesmo e o outro – de um todo maior, que existe em um processo continuado de transformações - configurações, refigurações e transfigurações-, a apontar para a expressão de um habitar o mundo, em todas as suas instâncias e dimensões, que a poesia do autor revela com grande e insuspeitada beleza.

Palavras-chave: José Godoy Garcia; paisagem; poesia.

51 - LITERATURA DO CÁRCERE E RESISTÊNCIA: MORTE E CEMITÉRIO DOS VIVOS

Coordenação: Profa. Dra. Cíntia Carla Moreira Schwantes; Prof. Dr. Sergio Guilherme Cabral Bento

Resumo: Para Antonio Candido (2004) há uma ligação clara entre a Literatura e os Direitos Humanos. O crítico propõe o direito à arte da palavra como uma necessidade essencial, uma vez que ela constitui um dos acessos de cada ser humano a sentimentos diversos e à consciência sobre as garantias que nos assistem. Neste sentido, há uma ampla construção literária voltada para a constituição e cristalização dos direitos essenciais (fundamentais e humanos) da pessoa e da própria democracia, como evidenciou a historiadora Lynn Hunt (2009).

Seguindo o modelo ibérico que se instaurou na América Latina, da época colonial brasileira até a atualidade houve momentos de centralização do poder político ou estatal e, paralelamente, de resistência, podendo ser citadas as insurreições de Canudos, Farroupilha e Inconfidência Mineira; já suas representações na literatura abrangeram autores como Euclides da Cunha, Letícia Wierschowski, Tomás Antônio Gonzaga, entre outros. Da mesma forma, grandes mudanças estruturais suscitaram manifestações da arte da escrita, tais como a Proclamação da República, com Lima Barreto, Machado de Assis e outros; instauração do Estado Novo, com Graciliano Ramos, João Ubaldo Ribeiro e David Nasser, por exemplo; e a ditadura militar imposta de 1964 a 1985, com nomes como os de Ferreira Gullar, Rui Castro, Carlos Heitor Coni, Alex Polari e Érico Veríssimo.

Entende-se que, na história do Brasil, houve poucos momentos de fato democráticos, e consequentemente, viu-se a deflagração de grandes violações de direitos humanos e fundamentais. Atualmente, experimentamos o mais longo período democrático na história nacional, fato amplamente demonstrado por documentos históricos, jurídicos e literários, que servem de ponto de partida para estudos sobre o contraste entre a realidade e a construção do ideal do Estado brasileiro, tal como apontam as obras do jurista e literato Miguel Reale, que, inclusive, vivenciou, apoiou e se indignou com a instauração do último regime ditatorial brasileiro.

Vale lembrar que há uma preocupação constante com a manutenção das normas jurídicas pactuadas em determinado período, buscando-se a denominada segurança jurídica, ou seja, a previsibilidade sobre a aplicação do Direito. As consequências de suas mudanças são analisadas pelos estudiosos da Justiça de Transição ou transitólogos, tais como Juan Linz (2015), que



entende que é necessário adotar uma série de medidas políticas e jurídicas que buscam superar um regime autoritário e por consequência consolidar a nova democracia.

Como era esperado, os fatores e os resultados desses momentos são sentidos em outras áreas do saber, como os estudos literários, que são marcados por variados escritos de resistência que demonstram a micro história de cada um daqueles momentos. Podemos citar como exemplo Bosi (2002), Sarmiento-Pantoja. (2015), entre outros.

Assim, propomos um simpósio interdisciplinar sobre literatura de resistência enfocando obras históricas, literárias e jurídicas que demonstrem o cotidiano de inconformismo sobre os abusos cometidos na mudança ou manutenção de regimes autoritários experimentados no Brasil, de nossa colonização à atualidade. Além disso, visa-se a reflexão de resquícios dos tempos de exceção presentes em um tempo histórico democrático, seja por meio do trauma, seja pelos aparelhos institucionais que mantenham, em algum nível, conexão ou afinidade com um passado repressivo. Desse modo, serão bem-vindas comunicações que:

- tragam um debate teórico sobre a literatura como um direito humano fundamental;
- analisem obras em que a violação dos direitos humanos seja uma questão central;
- delimitem um *corpus* que tangencie as relações entre direito e literatura;
- proponham uma reflexão sobre temas como autoritarismo, ditadura e democracia a partir de obras literárias;
- estudem manifestações narrativas, poéticas e artísticas em tempos de cerceamento democrático, levantando questões como exílio, repressão, perdas e resistência.

Referências:

- BARBOSA, Rui. **Amnistia Inversa: Caso de Teratologia Jurídica**. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1935.
- BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2004.
- FICO, Carlos. **Além do Golpe: Versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar**.
- LINZ, Juan. **Autoritarismo e Democracia**. Lisboa: Livros Horizonte, 2015.
- REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e Democracia no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- SARMENTO-PANTOJA, Augusto; PINHEIRO, Veridiana Valente; SARMENTO-PANTOJA, Tânia (Org.). **Literatura e resistência: olhares e perspectivas**. Belém: PPGL/UFPA, 2014.

PROGRAMAÇÃO

18/07 (MANHÃ)

TRÊS MULHERES DE TRÊS PPPÊS: UM QUASE-ROMANCE DE PAULO EMÍLIO NO CONTEXTO DA DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA

Carolina Serra Azul Guimarães

Resumo: Em 1977, quando já ocupava uma posição consistente e formativa no debate sobre cinema e cultura no Brasil, Paulo Emílio Sales Gomes publica um conjunto de narrativas: Três mulheres de três pppês. Aparentemente distantes das principais preocupações de Paulo Emílio na década de 1970 – cujo cerne reside na militância em favor do cinema nacional – os enredos das três narrativas de Três mulheres giram em torno de relações conjugais. Todas são narradas em primeira pessoa por um homem chamado Polydoro (elemento que estabelece um nexo entre as partes do livro de que trataremos). Na boa descrição de Roberto Schwarz, “o plano das três novelas baseia-se na revisão de um acontecimento à luz de uma revelação ulterior que modifica tudo (reprise aliás que está no título das peças: ‘Duas vezes com Helena’, ‘Duas vezes Ela’, ‘Hermengarda com H’)” (1992). Outros nexos entre as três narrativas evocam, nas Três mulheres, a ideia de organicidade nos termos de um romance. No entanto, à primeira vista, pode parecer desconcerto comparar Três mulheres aos romances brasileiros produzidos na década de



1970, voltados em peso para a abordagem de temas graves como a tortura e a desarticulação de movimentos de resistência promovidas pela ditadura civil-militar então em voga. Como pensar em *Três mulheres*, narrativas aparentemente despretensiosas, nos termos da tradição do romance moderno? Tendo em mente essas questões, ao confrontarmos certos elementos de cada narrativa, veremos que elas estão conectadas por meio de pistas, de detalhes enunciados descompromissadamente pelo narrador; logo entendemos que os fatos conjugais da vida de Polydoro abordados nas narrativas compõem um arco histórico que, entre vai-e-vens, passam por momentos decisivos da história contemporânea. Nesse sentido, as narrativas de *Três mulheres* podem ser pensadas como um só corpo. José Pasta já notou tal dimensão de romance nessa obra de Paulo Emílio e, percebendo o nexo discreto e frágil entre as três partes do texto, caracterizou-o como um “romance em três painéis, ou de romance trifoliado e desmontável, ao mesmo tempo unitário e em dispersão” (2015). Diante desse conjunto de reflexões, podemos dizer que Paulo Emílio compõe um quase-romance para tratar de seu período histórico, das relações entre sujeitos. A comunicação procurará discutir como a matéria histórica do período da ditadura civil-militar se relaciona com a forma desse quase-romance.

Palavras-chave: Paulo Emilio Sales Gomes; ditadura militar; romance brasileiro

CRESCER EM TEMPOS SOMBRIOS: AS MENINAS E THE BELL JAR COMO ROMANCES DE FORMAÇÃO FEMININA EM TEMPOS DE EXCEÇÃO

Cintia Carla Moreira Schwantes

Resumo: As meninas, de Lygia Fagundes Telles e *The Bell Jar*, de Sylvia Plath foram ambos escritos em tempos de ruptura do jogo democrático, a ditadura militar no Brasil e o Macartismo nos EUA. Em tempos sombrios, as forças deformantes que atuam sobre corpos femininos se intensificam; assim é que Ana Turva (*As meninas*) e Esther Greenwood (*The Bell Jar*) flertam, ambas, com a morte, com graus de sucesso diferentes. A loucura é a saída que elas encontram para os pesos que uma sociedade repressiva coloca sobre seus corpos, um ato de resistência que pode cobrar o preço mais alto. Assim, o fato de os enredos se passarem nos períodos históricos apontados não é mera coincidência.

Palavras-chave: Estudos de gênero, Bildungsroman feminino, ditadura

AS FACES DO AUTORITARISMO EM "O PARDAL É UM PÁSSARO AZUL"

Francisco Elieudo Buriti de Sousa

Resumo: A partir da relação amorosa entre dois personagens - Marina e João, este trabalho propõe uma análise do livro *"O pardal é um pássaro azul"*, da escritora cearense Heloneida Studart, de modo a refletir sobre o amor em um contexto de suspensão de um Estado Democrático de Direito. Publicado durante o Regime Militar no Brasil, o livro traz sentidos à experiência histórica e abre espaço para uma reinterpretação do passado. Assim, este texto verifica os modos pelos quais o discurso autoritário, as relações de poder e as múltiplas formas de violência vão sendo firmadas no texto literário. Ao recriar a realidade através da literatura, a narrativa da escritora contribui para uma compreensão da experiência autoritária no país, contribui ainda para uma reflexão acerca das ideologias disseminadas no presente, sobre posturas que legitimam uma política de Estado que impôs a censura, praticou atos de tortura, sequestros e assassinatos.

Palavras-chave: Amor; Autoritarismo; Ditadura; Heloneida Studart

LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA ANTIFASCISTA

Rarache Rodrigues Costa

Resumo: O crescimento na atualidade do discurso de ódio e crescimento da extrema direita no mundo após a crise econômica de 2008 delimitou novos rumos na sociedade global, reincorporando na sociedade antigos preconceitos sociais deixados no século XX após a Segunda Guerra Mundial. A literatura torna-se chave para a compreensão desses fenômenos sociais por meio da visão do artista, o escritor consegue perceber os fenômenos sociais e inseri-

los no romance de modo a causar a reflexão no leitor sobre o mundo globalizado e a humanidade. Os antigos fenômenos antecedentes à Segunda Guerra como caçada à esquerda, aos movimentos sufragistas e a perseguição às minorias retornam na atualidade em projetos de governos de extrema direita, a literatura é capaz de repensar a sociedade atual, mesmo com livros do século anterior. Graciliano Ramos torna-se referência no conceito de resistência antifascista tendo como testemunha sua obra intitulada “Memórias do Cárcere”, podemos traçar importante paralelo com “Cadernos do Cárcere” do filósofo Antonio Gramsci, no sentido de tentativa de regimes autoritários em calar a voz da arte e do pensamento.

Palavras-chave: Arte; Antifascista; Graciliano Ramos; Antonio Gramsci

A DISTOPIA JOGOS VORAZES COMO REPRESENTAÇÃO DA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO E DA VIOLÊNCIA

Helena Regina Cavalcante Duarte

Resumo: Este trabalho visa analisar de que modo o romance Jogos Vorazes pode ser visto enquanto representação de uma sociedade pautada na desigualdade social, opressão de minorias e controle de massas através do uso repetitivo de mídias aliadas a uma construção social baseada na manipulação do acesso a informação, além do controle econômico, cultural e bélico. Ao longo do romance, a apresentação da protagonista Katniss, que está na última posição da estratificação social de um país fictício, de modo a fazê-la adentrar em um sangrento reality show no qual somente uma pessoa sairá viva, aos poucos desenrola a estrutura de um mundo futurista em que a sociedade se reorganiza de forma excludente, separatista, opressiva e exploratória. O mundo em Jogos Vorazes é a região da América do Norte após desastres ambientais, um país dividido em 12 distritos e uma Capital, chamado de Panem. Esse país “único” é regido e explorado pela Capital, que se encarrega de manter os 12 distritos sob seu jugo incontestável e ditatorial, controlando inúmeros seguimentos relevantes da sociedade. Os distritos são os provedores de todos os recursos necessários a vida de toda Panem, enquanto a Capital se auto define como aquela que provém a segurança dos distritos, uma opressão transvestida de ajuda. Após uma rebelião fracassada dos distritos, a Capital cria os Jogos Vorazes, em retaliação. Um reality show em que 24 adolescentes -12 meninas e 12 meninos cada casal derivado de um dos distritos - são colocados em uma arena controlada para lutar contra o ambiente hostil e contra seus companheiros, em um jogo que somente um dos jovens sairá vivo, o chamado vitorioso. Assim ao longo do livro a protagonista apresenta um panorama da situação de opressão e violência constantes a que é submetida. Ela mostra de forma detalhada a maneira que a sociedade é estruturada, com intenções claras de manter os distritos em situação de submissão constante, através do controle dos suprimentos alimentares e de subsistência, controle policial, da produção econômica e da vida de seus moradores. A entrada da protagonista Katniss entre os tributos adolescentes para os Jogos abre as portas para mostrar como a Capital é estruturada de forma excessivamente frívola afim de manter seus moradores também sob o jugo do Estado, mas através da alienação trazida pelo excesso e pela mídia. A manutenção de hostilidades entre os indivíduos partindo da relação entre a Capital e distritos, distritos em rivalidade com outros distritos e a própria divisão de classes interna ao distrito são ferramentas de manutenção da opressão afim de evitar uma união provável entre os pares subalternos. O objetivo de manter uma sociedade segmentada é favorecer o regime ditatorial, o status quo existente com opressões explícitas e implícitas. Portanto Jogos Vorazes pode ser amplamente visto como uma representação de várias realidades presentes no mundo contemporâneo, entre eles o Brasil, e como uma sociedade voltada para o espetáculo das mídias sociais, encontra-se muito vulnerável para a manipulação das massas a favor do interesse particular dos que se situam no poder.

Palavras-chave: Distopia; Representação; Ditadura; Opressão ; Jogos Vorazes

18/07 (TARDE)



AS RELAÇÕES DE PODER E AUTORITARISMO NA ARGENTINA: "O ESCRITOR ARGENTINO E A TRADIÇÃO"

Graciane Cristina Manguiera Celestino

Resumo: Ao conjecturar acerca do autoritarismo na América Latina toma-se por base a concepção de que o campo social, político e cultural influencia a obra de arte. Nesse sentido, Candido (2000) apresenta importante reflexão ao realizar a análise de uma interpretação dialética acerca do caráter mecanicista de algumas produções literárias e de cultura na Argentina peronista com as relações de poder que eram influenciadoras dos interesses pessoais e estruturais do governo, notando-se assim uma maneira de pensar esse caráter mecanicista que em muitos governos totalitários se impingem à arte, em especial na América Latina, sendo que em sua formação democrática pairou sempre a sombra das ditaduras que assolaram o continente. Juan Domingo Perón foi eleito presidente do país, governando de 1946 a 1955, sob forte apoio de regimes fascistas europeus. O objetivo deste estudo é analisar como os artistas, escritores, intelectuais, professores e demais difusores de cultura e arte se encontraram e ainda se encontram em uma posição de opositores a ideias uniformes e totalitárias. Nessa perspectiva, os chamados intelectuais antiperonistas se constituíam, na época, em perigosos definidores do processo de oposição a um plano de cultura nacional rígida e que não aceitava influências exteriores. A metodologia de pesquisa utilizada será a de revisão bibliográfica, para contemplar o fato de que a literatura é um sistema vivo, sua implicação na sociedade e naqueles que a produziam nesse período foi tensionada de maneira a não colaborar para que tanto sua aceitação quanto o efeito pudessem contribuir para a elaboração de uma política nacional de respeito às diferenças culturais, sociais, étnicas e ideológicas. Assim, os intelectuais e outros estratos da sociedade civil, contrários ao regime, foram perseguidos; ocorreram expurgos em universidades; variados indivíduos sofreram vinganças pessoais, além de ataques aos seus empregos e ideias; os partidos socialistas e comunistas foram censurados; as manifestações públicas contrárias ao governo foram duramente reprimidas. Neste sentido, ao comparar essas rupturas entre países da América Latina e da América inglesa, pode-se observar as contradições de caráter não somente histórico, mas econômico, social e cultural que as permeiam. Neste sentido, a política cultural do regime buscava indicar como as ações de alguns difusores de cultura eram ataques à dita identidade cultural argentina, que mais tarde viria a ter ligações com organismos fascistas e nazistas. Serão discutidos na presente pesquisa o peronismo, Borges versus Perón, os intelectuais argentinos e seu engajamento durante o regime, o espírito de resistência. Serão realizadas ainda, análises dos textos produzidos e lidos em conferências por Borges entre 1946 e 1955, sendo que a conferência do Colégio Livre de Estudos Superiores, datada de dezembro de 1951, intitulada O escritor argentino e a tradição, foi publicada como texto crítico inicialmente no livro Discussões, de 1933. Situa-se também o contexto histórico e social que deu origem à organização d'O Livro dos Seres Imaginários, são utilizados como aporte teórico: Candido (2000), Aguiar; Vasconcelos (2001), Arrigucci Júnior (1999), Borges (2000), Bosi (2002), Soares (2012), Veríssimo (1986)

Palavras-chave: Literatura; Resistência; Autoritarismo; Borges; Perón

OUTRA LUTA CORPORAL: FORMAS DE CERCEAMENTO EM "DENTRO DA NOITE VELOZ"

Renan Nuernberger

Resumo: Em "Dentro da noite veloz", publicado em 1975, Ferreira Gullar apresenta uma poesia inquieta, atravessada pelos impasses entre engajamento político e experimentação formal que marcaram o debate cultural brasileiro na década anterior. O poeta, que passara da explosão da poesia neoconcreta para o "agitprop" dos romances de cordel, reuniria neste livro uma série de poemas que, em conjunto, colocam em perspectiva sua própria trajetória, resolvendo artisticamente as reflexões teóricas apresentadas no ensaio "Vanguarda e subdesenvolvimento". Assim, percebemos um movimento intenso que, partindo do desejo de simbiose entre "povo" e "poema" ("Meu povo, meu poema"), esbarra na dificuldade de formalização da matéria social



(“Poema brasileiro”) ou no alheamento do poema frente aos conflitos cotidianos (“Não há vagas”) para culminar numa poética do “homem comum”, impactada pela agitação da vida (“Coisas da terra”) e, ao mesmo tempo, consciente de suas limitações enquanto linguagem (“Boato”). Mais que isso, os poemas de “Dentro da noite veloz”, escritos entre 1962 e 1975, pretendem elaborar a experiência deste “homem comum” situado historicamente: trata-se, também, de um livro atravessado pelo golpe civil-militar de 1964 e pelos desdobramentos da chamada Guerra Fria no Terceiro Mundo. Aqui, a aparente normalidade do dia a dia contrasta com o mal-estar do sujeito (“Voltas para casa”), a xícara de café evidencia o processo de exploração dos trabalhadores precarizados (“O açúcar”), a manhã tranquila em Botafogo contrapõe-se à noite violenta no Vietnã (“Por você por mim”). Sabendo que “no mundo há muitas armadilhas”, nossa comunicação irá abordar o poema que dá título ao livro, “Dentro da noite veloz”, analisando as estratégias formais de representação do assassinato de Ernesto Che Guevara e comparando-as com outros dois poemas do livro: “O prisioneiro”, um epigrama sobre a última tarde do próprio Gullar na prisão, em janeiro de 1969, e “Notícia da morte de Alberto da Silva”, que relata as circunstâncias da morte de um “anônimo brasileiro”. Nossa hipótese é que, lidos em sequência, os três poemas formam uma espécie de tríptico sobre o cerceamento de indivíduos em regimes autoritários.

Palavras-chave: poesia brasileira; autoritarismo; anos 1970

A ANTOLOGIA VINAGRE E O PAPEL DA POESIA EM TEMPOS REPRESSIVOS

Sergio Guilherme Cabral Bento

Resumo: A presente comunicação visa a analisar o e-book Vinagre: uma antologia de poetas neobarracos, lançada em 2013 no calor das amplas manifestações de rua que se espalharam pelo Brasil naquele ano, originalmente motivadas pelo aumento das passagens de ônibus em São Paulo. As aglomerações populares, porém, acabaram por captar, de forma não liderada ou orquestrada, demandas diversas da população, o que se intensificou após a desmedida força com que manifestantes foram reprimidos. O nome do livro, por exemplo, nasce do fato de que o vinagre era usado em panos colocados no rosto para amenizar os efeitos das bombas de efeito moral, o que se tornou uma espécie de símbolo da resistência dos que protestavam. Formou-se, então, paulatinamente, uma relação de tensão entre grande parte da opinião pública e os aparelhos de poder do Estado, independentemente da esfera. Os estratosféricos gastos oficiais com a Copa do Mundo FIFA, que ocorreria no ano seguinte, aprofundaram a revolta generalizada, o que leva Alberto Pucheu, no prólogo da obra, a afirmar serem aqueles levantes um “berro geral para que, com os gastos pessoais do cidadão imensamente ampliados, com os despejos constantes, com as remoções em grande escala, com as desmedidas da especulação imobiliária [...] o poder institucional/estatal não imponha consecutivamente sobre as pessoas o que elas não querem sem ser minimamente consultadas nem se sentirem minimamente representadas”, em referência direta às consequências sociais do megaevento. Entretanto, a resposta de polícias estaduais e do exército brasileiro, em uma conformidade de posturas de praticamente todos os espectros políticos com mandatos no país, foi de repressão crescente, o que gerou mais adesão às manifestações, que lograram o cancelamento de diversos aumentos no transporte público, além da promessa de um pacote de medidas feita pela presidente Dilma Rousseff. Dessa forma, os poemas que compõem a antologia dialogam diretamente com aqueles fatos que se deflagravam no país, em um tipo de instantaneidade político-estética pouco comum à poesia e à literatura em geral, historicamente mais dependentes de um tempo de elaboração, edição e impressão. Nesse cenário, fica claro que as novas tecnologias atuam de modo a minimizar esse “delay” outrora existente, permitindo a publicação de um livro a partir da articulação virtual de diversos autores em pouquíssimo tempo. Mesmo em outros momentos de união de poetas muito diferentes em coletâneas de fundo político, como a série Violão de Rua, não havia a mesma momentaneidade em relação ao tempo histórico vista em “Vinagre”. As redes sociais, aliás, são palco de outras manifestações parecidas, como nos poemas visuais postados por Ricardo Aleixo, no Instagram, e por André Vallias, no Facebook, este último



sendo reconhecido, por Masé Lemos, como um exemplo daquilo que Christophe Hanna chamou de “poesia de ação direta”, aquela em que, motivado pelo contexto, o poeta estabelece uma estratégia próxima à guerrilha – ou ao “vírus”, para usar a metáfora do crítico. Assim, a comunicação procurará entender se Vinagre se insere nessa linhagem poética dos novos tempos, ou se configura-se mais como um documento histórico que como um marco propriamente poético.

Palavras-chave: poesia política; poesia contemporânea; ação direta; literatura e tecnologia; antologia Vinagre

A REPRESENTAÇÃO DO QUILOMBO DE PALMARES NA POESIA OITOCENTISTA BRASILEIRA A PARTIR DA NARRATIVA HISTORIOGRÁFICA COLONIAL

Giovanna Gobbi Alves Araújo

Resumo: Palmares foi o maior e mais duradouro assentamento afro-brasileiro fundado por escravizados rebelados, que afrontaram o sistema escravocrata na capitania de Pernambuco ao longo do século XVII (1605-1695). O estado autônomo erguido no interior da monarquia portuguesa se tornou um marco simbólico de liberdade e auto asserção na luta de afrodescendentes contra a tirania e a opressão das instituições brasileiras. Porque as comunidades quilombolas foram violentamente tratadas como inimigos bárbaros pelo poder colonial, não surpreende que a historiografia oficial do século XVIII tenha exaltado a empresa dos regimentos luso-ameríndios e estabelecido a destruição de Palmares como o resultado necessário de uma missão “civilizadora”. É o caso do historiador e membro da Academia Real de História Portuguesa Sebastião da Rocha Pita (*História da América Portuguesa*, 1730), cujo relato fictício e depreciativo de Palmares teria longa repercussão até meados do século XX, como nos trabalhos de Francisco de Varnhagen (1854), Henrich Handelmann (1860), Nina Rodrigues (1905) e Ernesto Ennes (1938). Tal reconstrução histórica de Palmares expõe uma faceta política de regimes autoritários que desfiguram o passado de povos oprimidos como instrumento de controle social, particularmente em contextos de dominação colonial, mas não exclusivamente. No Brasil-Império, dentre as poucas tentativas de representar Palmares na literatura brasileira, algumas se mostraram similarmente problemáticas. Por exemplo, o primeiro poema dedicado ao mocambo – “Os Palmares: fragmentos de um poema” (1851) do historiador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) Joaquim Norberto de Souza Silva – reproduziu a perspectiva negativa de Rocha Pita sobre os habitantes de Palmares, seus líderes e táticas de guerra. Sua adesão à narrativa historiográfica colonial hegemônica se apresenta na descrição da fundação de Palmares enquanto um evento fortuito, na figura desonrada de Zumbi e no retrato paternalista dos escravizadores brancos; tais aspectos contribuíram para a dissolução tanto da violência colonial sistêmica e quanto do engajamento político dos palmarinos – questões obliteradas no drama pessoal de seus protagonistas negros. Assim, tem-se que a representação historiográfica e literária de Palmares nos séculos XVIII e XIX realizada sob a tutela de institutos comprometidos com o estabelecimento de uma escrita histórica oficial filiada à manutenção de certa unidade política se fundamentou na “memorização seletiva” e na desfiguração de fatos históricos (Lerner 1997), que minimizaram a agência afro-brasileira e intentaram apagar o significado de Palmares como um símbolo de resistência escrava. Por outro lado, tentativas épicas posteriores a de Souza Silva, como as de Antônio de Castro Alves e Sílvio Romero, buscaram desafiar a perspectiva de complacência atribuída aos sujeitos negros escravizados no Brasil oitocentista, reverenciando a valentia e a capacidade de insurreição popular dos guerreiros de Palmares, num esforço político de lhes conferir dignidade lírica. Para a presente comunicação, proponho investigar a representação de Palmares nos fragmentos épicos oitocentistas “Os Palmares: fragmentos de um poema” (1851) de Joaquim Norberto de Souza Silva, “A República de Palmares” (1878) de Castro Alves e “Os Palmares” (1883) de Sílvio Romero, a partir dos pressupostos históricos estabelecidos pela narrativa setecentista de Sebastião da Rocha Pita (1730).

Palavras-chave: Palmares; historiografia; poesia épica oitocentista; selective remembering; hegemonia histórica

52 - LITERATURA E DIREITO: DIÁLOGOS, ANÁLISES, POSSIBILIDADES

Coordenação: Cristiano Paixão (UnB); André Karam Trindade (UniFG); Douglas Antônio Rocha Pinheiro (UnB)

Resumo: Ao propormos um Simpósio acerca das interrelações entre Literatura e Direito, observamos, de plano, que essas conexões são abertas, plurais e marcadas pela imprevisibilidade de seu resultado. Disso decorre o caráter único desta oportunidade.

Num primeiro momento, a aproximação entre Literatura e Direito pode parecer apenas um exercício metafórico de linguagem. Mesmo se fosse o caso, já haveria uma forte contribuição para a pesquisa porque a metáfora, que não é um fim em si mesma, preserva a capacidade criadora da linguagem e, por consequência, do próprio direito. Um estudo metafórico, além disso, também permitiria desvelar os possíveis projetos ideológicos ocultos por detrás de uma linguagem jurídica que, situada na cultura, indevidamente se apresenta como neutra. Porém, estudos de direito e literatura não se baseiam apenas numa aproximação aleatória. A narratividade é ínsita ao direito. A maneira como os fatos e os sujeitos são esteticamente ordenados numa decisão judicial demonstra como a narrativa jurídica não só descreve mas igualmente prescreve. Assim, a pesquisa acerca das potencialidades narrativas em textos literários pode permitir uma reflexão crítica e propositiva da maneira como o direito constrói sua própria narrativa por meio de decisões, reflexões doutrinárias, exposições de motivos legais e história constitucional.

Além disso, estudos sobre a relação entre literatura e direito não abrandam, mas sim reforçam, o compromisso ético-social do direito. O reconhecimento da dimensão narrativa do direito não admite o esmaecimento das fronteiras entre ficcionalidade e realidade, sequer uma legitimação de práticas jurisdicionais que inventam suas próprias narrativas de justiça despregadas do horizonte hermenêutico social em que se produzem. O objeto estético exclusivamente literário, mesmo quando cria sua própria realidade, acaba evocando uma realidade pré-existente ético-cognitiva. A narratividade do direito não é produzida de modo desconectado das narrativas sociais que balizaram a elaboração legislativa e das narrativas presentes que, no momento decisório, resignificam os conceitos jurídicos vagos e polissêmicos na facticidade da vida. O direito como narrativa deve ser sempre um ato responsável, ou seja, dialogicamente responsivo e eticamente responsável.

Logo, a aproximação do direito com a literatura não reduz o potencial crítico da análise jurídica. Não se trata aqui de uma mera delimitação de aspectos formais da justiça poética, tais como: ritmo, entonação, articulação, motivo, gênero. Um olhar que se volte para o todo da obra literária deve considerá-la em sua forma arquitetônica, percebendo, para além do material, a tensão constante entre forma e conteúdo, uma complementaridade que não é estranha ao direito no dialogismo estabelecido entre normas substantivas e processuais. Não há, pois, como pensar a forma desconsiderando o conteúdo e vice-versa. O conhecimento cultural se produz nesta fronteira, nesta intersecção. A compreensão dos vários tropos narrativos permite apontar leituras diacrônicas que desestabilizam as leituras jurídicas sincrônicas dadas.

Há, sempre, contudo, riscos no estabelecimento dessa interlocução entre Literatura e Direito. O diletantismo e a superficialidade são ameaças sempre presentes.

Desta forma, é preciso ajustar o rumo das investigações, conferindo a elas maior rigor. De acordo com as pesquisas mais articuladas na área, entre autores brasileiros e estrangeiros, algumas perspectivas de investigação sobre as relações entre Literatura e Direito se apresentam:

(1) textos literários que abordem elementos de direito, justiça, Estado, poder, permitirão revelar olhares condensados diacrônicos, futuros plurais de um passado anterior à realidade presente jurídico-estatal, que podem ou não ter se cumprido; textos literários fora do cânone



ocidental, por outro lado, permitirão a emergência de narrativas subalternas, surpreendentes, que fogem da temporalidade hegemônica e do padrão normativo do direito – alguns dos quais, inclusive, objeto de reapropriação por grupos historicamente excluídos das esferas decisórias do direito e do Estado;

(2) a partir da narrativa literária, será possível a observação de alguns aspectos singulares da problemática e da experiência jurídica retratados pela literatura – como a justiça, a vingança, o funcionamento dos tribunais, à ordem instituída, o papel dos juízes, suas representações e outras;

(3) a relação entre processos de construção de obras literárias e seus vínculos com o Direito pode dar ensejo à análise de questões específicas de caráter normativo – mediante o qual se investiga a regulação jurídica dada à Literatura, no que diz respeito à propriedade intelectual, direitos autorais, liberdade de expressão, censura e outras repercussões.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (TARDE)

NARRATIVAS DE ESTUPRO: A RELAÇÃO ENTRE A FICÇÃO E O CRIME DE ESTUPRO

Camila Fernandes da Costa

Resumo: O artigo analisa o romance *Capitães da Areia* (1937), de Jorge Amado, na obra se faz presente a representação abuso sexual contra personagens femininas e negras. Essa pesquisa objetiva-se a analisar as construções do patriarcalismo na narrativa, diante dessa violência, e sua relação com o código penal vigente na época (Código Penal de 1890 - artigo 267) que trata do crime de estupro. E, além disso, busca desenvolver uma relação entre a crítica feminista e o texto literário, identificar as relações entre arte e vida nessa obra, atentando para a ficcionalização do estupro. Dessa forma, busca-se analisar como essas mulheres são representadas dentro dessa narrativa diante da representação do estupro, e se a ficção é um reflexo da realidade jurídico-estatal da época. As questões que norteiam nossa pesquisa são: (i) quais são as pressuposições implícitas contidas no texto em análise em relação ao abuso sexual?; (ii) qual a sua relação com o código penal existente na época? Para tanto, elencaremos como aporte teórico: Lia Zanotta Machado em *Masculinidades e violências: Gênero e mal-estar na sociedade contemporânea* (2004), Mary del Priore em *História das mulheres no Brasil* (2015), Mikhail Bakhtin em *Teoria do romance I: A estilística* (1995), Rebecca Solnit em *A mãe de todas as perguntas: reflexões sobre feminismos* (2017). Ao analisar a obra, percebe-se que ela possui descrições do abuso sexual que remetem às questões sociais e valores incutidos. Na narrativa há uma costura de heterodiscursos que ilustra a presença do discurso patriarcal na obra, e este é responsável pela perpetuação de práticas ancestrais de opressão sexual e social. Por isso, a leitura e análise foram realizadas através de uma ótica que possibilite fazer emergir do texto esses discursos e seu vínculo com o Direito, para, em seguida, apontar algumas de suas consequências, visto que, tem-se a necessidade desafiar as convenções para rompê-la ou modificá-la. E, por meio da crítica feminista, pode-se tomar conhecimento da subalternidade da mulher em contextos de abuso sexual – seja na ficção, seja na vida – para poder questioná-la.

Palavras-chave: Violência Sexual; Narrativas de Estupro; Literatura e Direito; *Capitães da Areia*

APLICAÇÃO PRÁTICA DOS CONCEITOS DA ESCRITA CRIATIVA NO RAMO DA LITERATURA E DO DIREITO: UMA ANÁLISE COMPARATISTA DO CONTO “AS GUERRAS RELIGIOSAS”, DE JULIAN BARNES

Gustavo Melo Czekster

Resumo: O novel campo da Escrita Criativa se interessa em estudar e pesquisar as estratégias narrativas e os jogos ficcionais estabelecidos por um autor no processo de construção do seu



texto. Ao contrário da Teoria da Literatura e da Crítica Literária, que se preocupam em estudar o produto final do ato de escrever quando submetido a uma série de conceitos teóricos, ou da Crítica Genética, que se debruça sobre o processo de escritura e as suas mais variadas matizes, a Escrita Criativa constitui na análise dos mecanismos narrativos utilizados por um autor capazes de estabelecer o sucesso ou o fracasso de uma trama, estudando a construção da narrativa não do ponto externo de um observador/leitor/crítico, mas considerando o escritor como um artífice de técnicas que conjugam a sua imaginação com os meios que o levam a atingir determinado efeito através da obra produzida. Cada texto, seja ele literário ou jurídico, possui uma série de elementos que lhe concedem verossimilhança e concretude, e a pesquisa deles permite-nos mostrar o quanto a criatividade precisa ser bem urdida em termos estratégicos, criando suspense, comicidade, drama, angústia ou até mesmo se esforçando em deixar o texto o mais claro e seco possível, transferindo as emoções para o leitor/julgador. No entanto, existe um momento em que o texto se despega do formalismo jurídico e se torna literário e, assim como isso acontece na literatura, pode acontecer na prática do Direito, se o profissional for capaz de disciplinar o seu jorro criativo e conceder-lhe substância e método. O presente trabalho pretende mostrar o quanto a Escrita Criativa pode ser utilizada para tratar das relações entre Literatura e Direito ao destacar os elementos literários de um texto que, mesmo versando sobre questões jurídicas, acaba sendo dotado de tão suficiente inventividade que se sustenta como obra literária distinta das normas legais que lhe serviram de inspiração. Para tanto, será realizada uma análise do conto “As Guerras Religiosas”, de Julian Barnes, de acordo com os princípios norteadores da Escrita Criativa, revelando as peculiaridades na sua construção como texto, os jogos ficcionais travados com o leitor e as estratégias usadas para lhe transmitir verossimilhança, tais como a elaboração de vozes distintas para as personagens, a divisão espacial da trama, a disposição do tempo e a forma com que ele é transmitido no interior da narrativa e, por fim, a maneira literária por meio da qual as questões do Direito são naturalmente apresentadas. Serão evidenciados, assim, os princípios jurídicos que serviram de base para o conto, mas destacando como eles foram inseridos no interior de uma trama ficcional com o escopo de causar um determinado efeito literário.

Palavras-chave: Literatura Comparada; Direito; Escrita Criativa; Julian Barnes.

A JUSTIÇA EM LUGAR DO CURTO-CIRCUITO DA VINGANÇA: UMA VISÃO DA ORÉSTIA E DA EDUCAÇÃO PÚBLICA PARA A EQUIDADE DE PAUL RICOEUR

Hilda Helena Soares Bentes

Resumo: Parte-se da ideia de justiça e suas implicações com a questão da vingança. Busca-se recuperar o sentido originário de justiça associado às vicissitudes das pulsões vindicativas da natureza humana. Pretende-se estabelecer uma conexão entre a esfera do Direito e o fenômeno trágico através da trilogia Oréstia, de Ésquilo, como representativa da justiça vingativa até a implantação do tribunal por Atena nas Eumênides, símbolo da nova ordem jurídica. Os gregos tematizam a Justiça de forma obsessiva, em especial os trágicos, construindo polarizações que refletem as mudanças radicais que imprimem o caráter problematizador ao século quinto (VERNANT, 1976). Ocorre uma transposição mimética das ideias que fazem parte da história jurídica que, vivificadas pelo sopro artístico, assumem feições reconhecíveis pelo receptor (ÉSQUILO, Coéforas, 595, 1996). O combate entre as Justizas nas Eumênides, é intenso e equilibrado, sendo a absolvição de Orestes decidida pelo voto de Atena, que instaurará procedimentos jurídicos mais consentâneos com as novas demandas democráticas e, simbolicamente, converterá as Erínias em Eumênides, deusas protetoras de Atenas (ÉSQUILO, Eumênides, 994 e 995, 1996; HAVELOCK, 1978; VERNANT; VIDAL-NAQUET, 1977; GERNET, 1968). Estabelece-se uma ligação com o pensamento filosófico de Paul Ricoeur com destaque para o questionamento sobre a justiça (2008a; 2008b). Ricoeur emprega a expressão “curto-circuito da vingança” (2008a) como ponto de partida para explicar o persistente fenômeno da vingança. Explicita-se a separação entre vingança e justiça pela institucionalização da mediação de um terceiro situado a uma justa distância entre os pólos do conflito. Procura-se



demonstrar que a reflexão ricoeuriana não se reduz a um processo de evolução do direito, mas se insere no campo da sua filosofia moral (1991). Constatase que a busca por uma teoria filosófica do justo perpassa o eixo horizontal, roteiro delineado por Ricoeur em *O si mesmo como um outro*, correspondente a supremacia da ética sobre a moral, ou seja, da intencionalidade da vida boa sobre a norma; o vertical, caracterizado pela moralidade e pelo predicado obrigatório; o terceiro nível direcionado para a sabedoria prática, em que a consciência moral é defrontada com situações singulares caracterizadas por conflitos agudos. Para superar a ação trágica o conceito de equidade elaborado por Aristóteles na *Ética a Nicômaco* (1973) é retomado por Ricoeur, resgatando também a noção de *phrónesis*. Articula-se em Ricoeur a proposta de superação do bom e do legal através do termo equitativo (1995). A pesquisa objetiva apresentar a visão da educação pública para a equidade de Ricoeur (2008a) como forma de ultrapassar a oposição entre justiça e vingança. Cuida-se de uma guinada pedagógica profícua para os estudos jusfilosóficos. A finalidade do estudo é estabelecer uma intersecção entre a literatura, o direito e a filosofia como possibilidade de captar o sentido literário e, especialmente, do justo nas representações literárias. Trata-se de um enfoque conceitual e descritivo, com ressonância na práxis jurídica, almejando futuras mudanças curriculares no ensino jurídico, que possam contemplar uma disciplina voltada para o estudo interdisciplinar do direito e da literatura.

Palavras-chave: Tragédia grega; Justiça vingativa; Justiça e vingança; Filosofia moral; Educação pública para a equidade

LABIRINTOS DE SÍSIFO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O PARADOXO TRÁGICO DA VIDA E DA MORTE, A DIGNIDADE HUMANA, O DIREITO E A LITERATURA EM ALBERT CAMUS

Núbia Silva dos Santos

Resumo: Compreendo que a literatura é o veículo capaz de fornecer ao direito ferramentas para que ele possa se repensar sob uma nova égide, na abordagem de problemáticas humanas, as quais podem inscrever o direito numa dimensão crítica, libertária, criadora e revolucionária. “À literatura, portanto, atribui-se a difícil missão de possibilitar a reconstrução dos lugares do sentido, que no direito estão dominados por senso comum teórico que amputa, castra, tolhe as possibilidades interpretativas do jurista, na medida em que opera com um conjunto de pré-conceitos, crenças, ficções, fetiches, hábitos, estereótipos, representações que, por intermédio da dogmática jurídica e do discurso científico, disciplinam, anonimamente, a produção social da subjetividade dos operadores da lei e do saber do direito(...)”. (TRINDADE; GUBERT, 2008, p.15). Ao buscarmos a resposta para a pergunta “Em que medida a Literatura humaniza o Direito?” deparamo-nos com a questão de nossa reflexão, entendendo que pela interface interdisciplinar entre direito e literatura, passando pela transdisciplinaridade, é possível trazer para essa relação outros saberes para dialogar, de maneira que o direito deixe de ser o lugar impenetrável descrito por Kafka em sua obra *O processo*, especialmente no capítulo “Diante da Lei”. É inconcebível que a justiça esteja sendo aplicada (se estiver) sob esse formato, em que a lei determina e o homem (coisificado), sem entender o absurdo com o qual se depara, sem condições de se defender diante da lei, sucumba aos veredictos ditados. Schwartz (2006, p.18) sobre isso afirma “existirem relações óbvias entre Literatura e Direito. A primeira sempre retratou os conflitos advindos das relações processuais e das violações a direitos, com suas consequentes cargas de justiça/injustiça”. A literatura empresta seu método de composição, de leitura e de interpretação para a instauração dos direitos humanos. No século XVIII, por exemplo, ao representar no gênero romance a realidade das pessoas simples, algumas nem consideradas como pessoas ou como cidadãos e ainda destituídas de direitos legitimadores de sua existência, a literatura dá-lhes existência e cria a empatia – a capacidade dessas pessoas se reconhecerem e ganharem forma e materialidade na sociedade na qual viviam como criados, empregados, serviçais, mas invisíveis como seres humanos. A escolha do escritor francês nascido na Argélia Albert Camus para referendar no eixo da literatura a discussão sobre a



relação entre direito e literatura ocorreu, sobretudo, pela forma como Camus discute a condição humana em abordagem filosófico – literária. FILHO (2017, p.13-14) aponta para o fato da “Literatura dar vida ao estudo do Direito”. Para ele, a literatura tempera e dá qualidade ao Direito, emprestando-lhe humanidade. Sabe-se, ainda, que tanto a Literatura, quanto o Direito atuam com a palavra e também que o Direito nutre-se de bons argumentos para construir sua verdade, isto é, sua interpretação dos fatos. Desse modo, a literatura tem muito a contribuir para o Direito, ampliando o potencial de sentidos e aprimorando a capacidade de recepção. Assim, a compreensão do Direito como fenômeno cultural, passando pela análise das obras de Albert Camus trará relevante contribuição para o aprofundamento de estudos transdisciplinares entre Direito, literatura, filosofia, política, arte, dentre outras áreas.

Palavras-chave: Direito; Literatura; Albert Camus; Direitos Humanos

53 - LITERATURA E DIREITOS HUMANOS: MARCAS DA OPRESSÃO EM OBRAS LITERÁRIAS

Coordenação: Profa. Dra. Divanize Carbonieri (UFMT); Profa. Dra. Leni Nobre de Oliveira (CEFET-MG); Prof. Dr. Evaldo Balbino (UFMG)

Resumo: O presente simpósio pretende gerar discussões acerca das estratégias narrativas ou líricas que, em obras literárias, questionam situações de opressão ou de desrespeito aos direitos humanos. A literatura tem sido a arte comumente ensinada em sala de aula em forma de disciplina nas grades curriculares de forma sistemática, em detrimento das demais artes. Portanto, ela é uma das principais formas de difusão de ideias e de conscientização para as novas gerações. Desde os primórdios, há registro da importância da preservação das narrativas oficiais e pessoais como algo de interesse público, daí a importância dos narradores tribais na preservação da memória, dos costumes, dos conhecimentos, das crenças e dos valores de uma coletividade, o que também se expande para o campo das nacionalidades, já que não existe um povo que não tenha ou não busque seu passado histórico ou mítico, preservado ou reinventado. Também é à margem dos discursos oficiais que se abrem as fendas dos discursos minimais, os quais preservam as marcas desejáveis e indesejáveis da memória de construção de um povo. Mesmo nos discursos oficiais estão presentes as marcas das estruturas ideológicas do discurso dos enunciadores autorizados, os quais preservam importantes dados para que se leiam verdades evidentes ou camufladas. Porém, de forma inigualável, o texto literário preserva, de modo intencional e não intencional, informações presentes no subconsciente do(a) escritor(a)/poeta que se confundem com o conhecimento coletivo e se tornam recorrentes em narrativas de países, lugares, épocas e escritores diferentes. Nessas expressões, a presença dos minorizados por sistemas diversos, sejam esses protagonistas da produção literária ou não, torna-se importante elemento a ser observado, já que, na enunciação, o sujeito se projeta com suas ideologias e, através dessa projeção, consegue atingir o espaço da recepção, que se transforma no campo profícuo para os debates e da integração entre discurso e leitura. Tendo isso em vista, serão enfocadas, neste simpósio, principalmente investigações sobre os modos como a literatura interroga ou subverte as hierarquizações de raça, gênero, sexualidade e classe social presentes em coletividades humanas. Espera-se que noções como colonialidade do poder, do saber e do ser perpassem essas análises. Para Aníbal Quijano (2005), o eixo principal da colonialidade do poder é a ideia de raça, que tem origem no período do colonialismo histórico, mas que sobreviveu a ele, operando ainda na atualidade. A divisão racial da população mundial e a atribuição das formas de trabalho menos prestigiadas às raças consideradas inferiores continuam estabelecendo nefastas hierarquias que não apenas são retratadas pelos escritores como também acabam influenciando as concepções em torno do fenômeno literário. Nesse sentido, a colonialidade do poder envolve também a do saber, já que os conhecimentos considerados válidos são principalmente aqueles dos grupos dominantes. Boaventura de Sousa Santos (2010), por exemplo, percebe tal mecanismo no que denomina de pensamento abissal, responsável por



estabelecer um abismo, uma linha divisória radical, entre as epistemologias ocidentais ou dominantes e as não ocidentais ou não dominantes. A visibilidade do pensamento abissal se “assenta na invisibilidade de formas de conhecimento que não [se] encaixam” nas formas dominantes de conhecer e que compõem os “conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses ou indígenas [situados] do outro lado da linha” (SANTOS, 2010, p. 33). Um pensamento pós-abissal, por outro lado, seria aquele fundamentado numa “copresença radical”, que “significa que práticas e agentes de ambos os lados da linha são contemporâneos em termos igualitários” (SANTOS, 2010, p. 53). Assim, não existiria conhecimento mais atrasado ou mais avançado, tradicional e moderno. Todos os conhecimentos devem ser entendidos como simultâneos e igualmente relevantes para que o abismo seja superado. Isso pressupõe que se deve combater também a ideia de superioridade entre diversas concepções do fenômeno literário. Ramón Grosfoguel (2011) aprimora a noção de colonialidade com o seu conceito de heterarquias. Assim, hierarquias raciais e econômicas devem ser interrogadas tanto quanto as de gênero, as de sexualidade, as espirituais e, no que nos concerne mais de perto, as literárias. Em outras palavras, a colonialidade do poder e do saber implica uma colonialidade do ser, em que certas experiências do existir humano são consideradas inferiores a outras. Dessa forma, são esperados trabalhos que partam desses pressupostos, explicitando as relações da literatura com os direitos humanos e as lutas coletivas contra diversas formas de opressão.

Referências:

- GROSFOGUEL, Ramón. Decolonizing post-colonial studies and paradigms of political-economy: transmodernity, decolonial thinking, and global coloniality. In *Transmodernity: Journal of peripheral cultural production of the luso-hispanic world*, 1(1), 2011, 1-37.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais - perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, setembro de 2005, pp. 227-78.
- SANTOS, Boaventura de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de S.; MENESES, Maria P. (org.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

SHE IS GOING TO GUINEA": SUBVERSÃO E AGENCIAMENTO EM BREATH, EYES, MEMORY DE EDWIDGE DANTICAT

Ana Flávia de Moraes Faria Oliveira

Resumo: Edwidge Danticat (1969 -) faz parte de uma gama de escritoras negras do Caribe que vivenciam a diáspora contemporânea, e que trata deste assunto em suas obras, relatando frequentemente as experiências de mulheres de contextos sociais, culturais e geopolíticos diferenciados. *Breath, eyes, memory*, publicado em 1994, é um de seus romances mais aclamados, foi escolhido como Oprah Book Selection em maio de 1998 e, após esse fato, milhares de pessoas tiveram acesso ao livro. O tema central do romance retrata o trauma compartilhado entre três gerações de mulheres haitianas em decorrência de uma prática que consistia na verificação manual da virgindade. A protagonista da narrativa, Sophie Caco, fruto de um estupro, é criada pela tia Atie até a idade de 12 anos, e, após esse período, desloca-se do Haiti para os Estados Unidos para viver com a mãe, Martine. Mesmo vivendo fora de seu país de origem, Sophie é submetida ao que as personagens chamam de “testes”, tendo invadido, não somente seu corpo, mas sua dignidade humana. Sophie coloca fim àquela prática, porém não consegue lidar com o trauma. Essa problemática faz com que a personagem, já na fase adulta, casada e mãe de uma filha, retorne ao Haiti. O retorno à La Nouvelle Dame, local de seu nascimento, funciona como uma jornada de reconciliação e cura, já que esse deslocamento a



possibilitou uma imersão às práticas culturais e religiosas do Haiti, ajudando-a tanto a perdoar sua mãe, quanto a encontrar maneiras para lidar com seu trauma. Nota-se, portanto, que a religião desempenha um papel importante nesse processo, e é o que este trabalho procura enfatizar. Práticas religiosas e culturais africanas manifestadas no Novo Mundo eram permeadas por noções pré-concebidas, tradição que teve início nos textos de viagem. Sendo assim, realizamos inicialmente uma leitura sobre esse processo histórico, com o intuito de mostrar que representações estereotipadas representadas anteriormente nos textos de viagens tomaram proporções desastrosas no Haiti, pois durante o processo de invasão e ocupação dos Estados Unidos (1915), os já existentes estereótipos sobre a cultura e a popular religião do país foram reforçados. Tais estereótipos ainda perduram nos dias atuais e são responsabilizados pela pobreza e recorrentes tragédias naturais que acontecem no país. Partindo da necessidade de desconstruir essa noção, bem como o de demonstrar o agenciamento das personagens femininas, através da religião, pautamo-nos em teorias das narrativas de viagens, da pós-colonialidade, da decolonialidade e da antropologia, objetivando mostrar que Edwidge Danticat, em *Breath, eyes, memory*, ao mesmo tempo em que questiona a opressão de mulheres haitianas, resgata os valores culturais e religiosos do Haiti.

Palavras-chave: Subversão; Agenciamento; Religião; Edwidge Danticat

OPRESSÕES ENTRECRUZADAS NA VIDA DAS MULHERES NEGRAS

Cristina Aparecida Sancho

Resumo: O presente estudo pretende abordar a presença das diversas formas de violência que marcam a vida das mulheres negras. Para isso, nosso objeto de estudo será a obra: *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016) de Conceição Evaristo. Essa obra é uma compilação de histórias que não seguiram a estatística, subvertendo o fim predeterminado e alcançando um desfecho marcado pela resignificação das histórias apresentadas. As treze mulheres da obra partilham as violências como experiências comuns. O feminicídio é uma realidade no Brasil e o índice do mesmo aumenta quando a mulher também é negra. Por isso, a obra em questão possui uma unidade, uma relação entre os contos, como bem salienta Simone Sobrinho (2018), na obra *Escrevivências*. Dos treze contos vamos nos ater à história de Isaltina Campo Belo, uma mulher que sofre desde a infância por conflitos de orientação sexual. Na infância é incompreendida pela família, na juventude se isola e não constrói laços com homens e nem com mulheres; na faculdade conhece um rapaz e por confiar nele sofre a maior violência de sua vida: um estupro coletivo. O fruto desse estupro é Walkiria, uma criança que será a peça chave para que Isaltina assuma sua lesbianidade. Diante do exposto, pretendemos entrelaçar nossas discussões às ideias do presente simpósio, investigando as formas que a Evaristo constrói as relações de gênero, raça e sexualidade a partir do tecido social. Para embasar nossa análise, iremos contar as contribuições de Luiza Bairros, pois a autora propõe o rompimento com a hierarquização opressora; para ela o foco a ser discutido é a posição ocupada por cada grupo, o locus. E, entender a relação estabelecida pelas diferenças dos indivíduos, tais como: raça, gênero e classe, aspectos que possibilitam diversas formas de viver as opressões. Contaremos, também, com os estudos de Simone Beauvoir, em seu livro: *O segundo sexo* (1980), no qual a autora funda a ideologia do Outro beauvoriano. Segundo essa teoria, a mulher é vista pelo homem como objeto, e por isso ele exerce poder sobre ela, nas relações sociais. Se essa mulher for negra, as questões se acentuam. Grada Kilomba atem-se às diferenças conferidas à mulher negra e entende essa mulher como o Outro do Outro, já que a mulher negra sofre uma espécie de carência dupla, visto que está em oposição à raça e ao gênero. Por fim, pensaremos no conceito de interseccionalidade cunhado pelo feminismo negro e difundido por Kimberlé Crenshaw (1989) para pensar a importância de cruzar opressões, e não sobrepor uma em detrimento de outra. Audre Lorde, bell hooks e Angela Davis serão nomes importantes para o desenvolvimento das questões apresentadas. Frente ao exposto, entendemos que a escrita de Evaristo oferece à literatura afro-brasileira uma grande contribuição, pois permite a discussão de aspectos que perpassam a História e se mantêm nos dias de hoje e contribui para o rompimento



com um espaço marcado historicamente pela dominação masculina. Ainda confere visibilidade e acesso a outros espaços as mulheres negras. Corroborando com uma luta literária que vem desde a escravidão.

Palavras-chave: Mulheres negras; Sexualidade; Dominação; Violências; Superação.

A LITERATURA E A CONDIÇÃO FEMININA NA PERSPECTIVA HISTÓRICA EM DOM CASMURRO, DE MACHADO DE ASSIS, E O TÍMIDO E AS MULHERES, DE PEPETELA
Daniella Moreira de Oliveira

Resumo: Este trabalho propõe uma análise comparada das narrativas Dom Casmurro, de Machado de Assis, e O tímido e as mulheres, de Pepetela, como forma de fomentar uma discussão acerca da condição feminina em suas articulações com as sociedades patriarcais, usando como pano de fundo a sociedade brasileira do século XIX (a de Machado) e angolana do século XXI (a de Pepetela). A pesquisa está inserida no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da área de Estudos Literários, da UERJ, Campus São Gonçalo, orientada pela Profa. Dra. Norma Lima. No processo de iluminação mútua entre essas duas Literaturas de Língua Portuguesa, serão observados os aspectos de aproximação e os de afastamento entre elas, em respeito ao cumprimento e/ou distanciamento de padrões comportamentais para as personagens femininas principais nos diferentes contextos nos quais se inscrevem, a saber: Capitu na ambiência do Brasil pré-Republicano, de meados a fins do século XIX e Marisa, na Angola pós-independência. O historiador Carlo Ginzburg pontua que é importante olhar para a literatura também como uma evidência histórica e que, nesse sentido, sempre podemos aprender alguma coisa sobre a sociedade em que aquela obra foi produzida e sobre o público a que ela fora destinada, mesmo sabendo que uma obra literária não constitui representação fiel da realidade. Nesse sentido, é importante lembrar que a pesquisa histórica sempre foi registrada de forma narrativa e que, não por isso, foi invalidada. Assim, buscar-se-á, através das referidas obras, evidenciar a forma como a mulher é vista em diferentes épocas e sociedades, trazendo à tona marcas indelévels da memória cultural de Brasil e Angola, registradas pelas perspectivas dos autores que, de forma consciente ou não, imprimem no texto suas percepções dos pensamentos vigentes sobre a figura feminina na sociedade. Em tempos difíceis, trazer à luz personagens que representem grupos minoritários constitui uma importante ferramenta para promover o debate e dar voz a esses que, desde sempre, vêm sendo calados pelo sistema; é a literatura sendo utilizada como uma forma de conscientização social, buscando, através da narrativa, discutir assuntos essenciais para a desconstrução das hierarquias construídas com base na superioridade de determinados grupos em detrimento de outros. Discutir-se-á os resquícios oriundos da colonialidade do poder, não só em relação ao espaço destinado à mulher, mas também à produção de conhecimento sobre o assunto. A historiografia oficial manteve tudo isto no olvido e sob o silêncio; as histórias da literatura, igualmente, mantiveram em quase total invisibilidade o protagonismo feminino, de tal sorte que somente o resgate arqueológico empreendido pela crítica feminista, nas últimas décadas do século XX, pôde restaurar a memória dessas lutas. Eis a importância de validar produções que, em sua maioria, não pertencem aos grupos dominantes. Assim, através desse estudo, buscamos reforçar o que nos é garantido no Artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos: igualdade para todos.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Literatura africana; História; Feminismo; Igualdade.

D. PEDRO CASALDÁLIGA E JOSÉ CRAVEIRINHA: POÉTICAS DE CONTESTAÇÃO
Isaac Newton Almeida Ramos

Resumo: A literatura social e engajada possui representantes de peso nas literaturas de língua portuguesa, sobretudo na linguagem escrita em versos. Se pensarmos em nomes conhecidos da literatura brasileira, veremos que nomes como Carlos Drummond de Andrade ou João Cabral de Melo, nos seus primeiros livros foram praticantes de uma literatura de cunho social. Mas não somente eles, temos nomes de vanguardas poéticas da segunda metade do século XX como Wladimir Dias-Pino, Augusto de Campos, Ferreira Gullar, Silva Freire entre outros, que



também trilharam por essa área. Nos tempos da ditadura militar, no Brasil, essa literatura foi uma das vozes firmes da resistência, sobretudo a partir do final dos anos 60 e toda a década de 70. Atualmente, em pleno século XXI, diante de retrocessos históricos marcantes, é possível que essa literatura volte não apenas a ser praticada como também estudada. Situação não muito diferente ocorre além-mar, refiro-me as vozes dos poetas africanos. Esses que passaram a ter um número maior de estudos nos últimos quinze anos, de países como Moçambique, Angola, Cabo Verde e Guiné-Bissau e S. Tomé e Príncipe. Esses países que um dia foram colônias de Portugal, em meio às lutas pela independência, fizeram-se ouvir cantos armados de combate e afirmação da nacionalidade. Foram tempos difíceis lá e cá. Aqui no Brasil um autor que vem recebendo estudos recentes é o espanhol D. Pedro Casaldáliga. Trata-se de um escritor nascido em Balsareny, na província de Barcelona. Ele veio para o Brasil em 1968. Sua atuação como religioso se conjuga a de poeta na lutas em defesa do oprimido. Seus escritos poéticos servem como alimento para a alma. Sua missão religiosa quanto sua vocação literária estão imbuídas de empenho social, em busca de mais justiça e mais respeito aos direitos humanos, sobretudo das minorias. Nesta comunicação será abordado a partir de sua postura combativa, suas temáticas presentes e, sobretudo, os elementos estéticos presentes em suas obras. Outro poeta é José Craveirinha. Nascido em 1922, em Maputo, e falecido em 2003, em Joanesburgo (África do Sul), é considerado poeta maior em Moçambique. Teve um trabalho como jornalista, sendo o primeiro sindicalizado em seu país. Todavia, vale destacar que, antes de ser poeta, ele foi crítico literário. Cada um deles fermenta a palavra e, a partir da poesia, são forjados na luta engajando-se em papéis de destaque como cidadãos. No entanto, é no campo da literatura que suas ideias funcionam, metaforicamente, como pão e carvão, como alimento na combustão da imensidão de uma intensa poética social. A palavra engajada e estilizada serve como alimento em um cardápio literário, servido ao propósito de uma literatura em constante (trans)formação. D. Pedro Casaldáliga e José Craveirinha, poeticamente, abraçam temáticas que se alimentam e dialogam com as lutas sociais nas quais se envolvem. Não é o puro e simples engajamento. Trata-se do uso e do empenho da palavra poética como denúncia social, como (r)evolução em busca de um devir.

Palavras-chave: PALAVRAS-CHAVE: D. Pedro Casaldáliga; José Craveirinha; Poema social; Literatura moçambicana; literatura engajada.

17/07 (MANHÃ)

POR UMA POESIA DESNATURADA

Claudete Daflon

Resumo: Ao enfrentar a problemática divisão entre cultura e natureza assentada no mundo ocidental, assim como a definição de humano que supõe a existência de não humanos, que se estenderia às mulheres, à natureza, aos povos subjugados, Walter Mignolo apresenta uma teoria e propõe uma práxis que redirecionam o olhar para o extenso campo de desdobramentos desse tipo de demarcação. Ser humano não é condição ontológica, mas assumi-lo enquanto tal naturaliza distinções atreladas a processos de dominação e silenciamento. Decerto, a reflexão do pesquisador argentino e professor da Duke University é tributária da contribuição fulcral de Aníbal Quijano (1991) (1995) (1997) quando este considera que o colonialismo se funda na ideia de raça. Esta, por sua vez, enquanto criação da modernidade, permitiria a hierarquização dos povos de acordo com pressupostos apresentados como “naturais”. Ainda segundo o sociólogo peruano, o racismo possibilitaria a sobrevivência de práticas coloniais de poder após o descenso do colonialismo: trata-se aqui do conceito de colonialidade, que Quijano compreendeu ser característica central e decisiva do padrão eurocêntrico de poder. Por outro lado, frente à importância das condições específicas de enunciação, Mignolo, em livro escrito em coautoria com Catherine Walsh – *On decoloniality*, 2018 – reforça que, em vez de perguntar “o que é humano e humanidade”, se deve indagar quem se reconhece como humano para, por meio da definição postulada, distinguir, classificar e hierarquizar os demais como “menos



humanos”. Em estudos recentes, como o de Mignolo e Walsh, vem-se considerando a necessidade de observar como a diferenciação do humano (Man/Human) não se estabelece só em relação a “other men/humans (racism)”, mas também a “women/humans (sexism)”, “nature (humanism)”, “non-Europe (Eurocentrism)”, “‘past’ and ‘traditional’ civilizations (modernity)” (Mignolo, 2018). Nesse sentido, as perspectivas trazidas por essas discussões permitem situar no centro da reflexão aqueles que ocupam espaço de espera e exclusão ao se mostrarem, de alguma forma, indesejáveis às políticas hegemônicas de sua época e de seu meio. Ao mesmo tempo, experiências poéticas realizadas no Brasil das últimas décadas, como as de Ricardo Aleixo e Josely Vianna Baptista, têm-se mostrado contribuição estética e política importante, pois propõem caminhos para a poesia brasileira contemporânea que apontam revisões necessárias a processos de silenciamento daqueles que não correspondam à noção de humano como masculino, branco, europeu, cristão, civilizado, moderno. Se o desnaturado contradiz o que seria natural ao homem, essa poesia desnatura-se ao desconstruir processos de diferenciação hierárquicos sustentados numa condição humana pretensamente inata. Diante do exposto, pretende-se, na presente comunicação, a partir da análise crítica de poemas dos autores indicados, discutir a elaboração poética que, no atual contexto, problematiza distinções entre humanos e não humanos.

Palavras-chave: decolonialidade; humano e não humano; poesia brasileira

A VOZ DE BEATRIZ: PROSTITUIÇÃO, OPRESSÃO E CÍRCULO VICIOSO EM "A CANÇÃO DE BEATRIZ" DE RUY ESPINHEIRA FILHO

Evaldo Balbino

Resumo: Partindo da discussão da poesia como resistência, desse discurso cujo ser amalgama-se nos diferentes tempos e a eles responde com diversas facetas (BOSI, 2000), buscar-se-á neste artigo discutir o fazer poético como aquele ato que encena simbolicamente o drama cotidiano do homem. Drama esse que se explica por diferentes matizes, quer sejam estes sociais, filosóficos, econômicos, históricos, culturais. Em tal análise, o corpus será o poema "A canção de Beatriz" do poeta baiano Ruy Espinheira Filho, publicado em 1990 no livro “Canção de Beatriz e outros poemas”. Tem-se aí a voz de uma mulher pobre e prostituta que, pelos reveses da vida, assume seu próprio, pungente, doloroso e denunciador discurso. Trata-se de um poema, no dizer de Olga Savary (SAVARY, 1980), que é “a coisa mais violenta que o poeta já escreveu em forma de poesia”. Baseando-se em fatos reais, coletados de um depoimento dado por uma prostituta, o jornalista Ruy se fez poeta e registrou, liricamente, a história conturbada de vida dessa mulher que, vítima numa e de uma sociedade excludente e centrada em valores patriarcais, sexistas e capitalistas, coloca em cena sua narrativa. Assim, dando voz e vez a esta mulher prostituta, recriada agora em poesia, o poeta baiano denuncia, com as forças duma fala desenfreada e contundente, as mazelas a que são relegadas muitas mulheres em situações de prostituição e pobreza no Brasil. Para entender as denúncias que se perfazem no discurso de Beatriz, farei uso dos conceitos de gênero (BEAUVOIR, 1980; SHOWALTER, 1994) e tecnologia de gênero (LAURETIS, 1994). Do mesmo modo, serão operacionais os conceitos de colonialidade do poder e do saber (SANTOS, 2010) e heterarquias (GROSFOGUEL, 2011). Tais reflexões, feitas a partir da tessitura do texto poético considerado como um discurso de resistência (BOSI, 2000), pretendem gerar discussões acerca das estratégias líricas que Ruy Espinheira Filho usa para questionar situações de opressão.

Palavras-chave: Ruy Espinheira Filho; prostituição feminina; poesia; resistência

"PONCIÁ VICÊNCIO", DE CONCEIÇÃO EVARISTO - RETRATOS DA SUBALTERNIZAÇÃO E DA RESISTÊNCIA NEGRA EM DUAS ORDENS TEMPORAIS

Evandro Jose dos Santos Neto

Resumo: A formação social brasileira é marcada pela permanência de contrastes e desigualdades sociais que resistem e avançam por todos os processos de modernização do país. Atravessando épocas distintas, antigos modelos de opressão se atualizam e se fazem presentes



para lembrar que a exploração do trabalho continua disponibilizando material para a abordagem literária, mesmo com o fim da escravidão e a consolidação de relações trabalhistas vinculadas ao capital. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é promover uma análise de "Ponciá Vicêncio", tendo em vista que as contradições entre a modernidade e a permanência dos antigos indicadores de miséria apontam para a impossibilidade de superação dos problemas sociais mesmo com o progresso capitalista, fazendo com que duas ordens temporais – passado e presente – evidenciem não apenas a condição de subalternidade a que a mulher e o homem negros foram submetidos, mas também os mecanismos de resistência que esse povo encontrou para garantir a sobrevivência. No romance, disputando o espaço na memória da protagonista, passado e presente se digladiam na arena da narrativa por meio de lembranças oníricas da infância e da figuração da vida adulta que surge como a representante do presente, dos fatos dados, da realidade inescapável. Essas duas ordens fazem parte do repertório de Ponciá e não existem de modo excludente. Coexistem na forma de um arranjo social e representam, no limite, o processo histórico que continua mascarando preconceitos de raça, de classe e de gênero. A leitura do romance sob esta perspectiva é tributária do método chamado por Antônio Cândido (2011) de “A metodologia dos contrários”, cujo ponto de vista está fundamentado no tratamento de conceitos polares. Em verdade, O modelo dualista de interpretação sempre esteve presente nos círculos intelectuais brasileiros e nos é bastante útil como ponto de partida para verificação das relações entre literatura e sociedade. De um lado, a ordem do passado, com reminiscências escravocratas, assentada na figura do avô, um ex-escravo que encontrou a libertação do mundo de miséria na loucura e na morte. Esse polo traz para a narrativa imagens de um mundo que se esvaziou de sentido, marcado pela implacável impossibilidade do retorno. Trata-se de uma ordem que se precipita à medida que se consolida o capital. Do outro lado, está a ordem do presente, da modernidade, em que não mais existe a presença da família, marcada pelo processo de favelização, sub-empregos, baixa remuneração e a vida resignada. Alguns dilemas do país surgem na narrativa de Evaristo, portanto, como contradição não superada de um processo histórico que opõe rural e urbano, litoral e sertão, regional e cosmopolita e que continua maquiando a dura realidade da população negra nos grandes centros urbanos. Assim sendo, ao conceber uma personagem que transita entre esses dois momentos históricos, Conceição Evaristo evidencia que a situação do negro no Brasil sempre foi marcada por uma acentuada desigualdade racial, que se manifesta ainda hoje por meio de diversos indicadores socioeconômicos que combinam vulnerabilidade social, racismo e supressão de direitos.

Palavras-chave: subalternização; racismo; resistência; desigualdade social

17/07 (TARDE)

AS MARCAS DA OPRESSÃO EM SELVA TRÁGICA DE HERNÂNI DONATO

Jesuino Arvelino Pinto

Resumo: O propósito deste trabalho é realizar um estudo analítico sobre a construção do espaço literário na obra Selva Trágica de Hernâni Donato, enfatizando os motivos temáticos centrais e os aspectos formais desta construção romanesca, em que o diálogo com a realidade e a presença de um herói coletivo confirmam o conflito social como base central, que conjugado com o tratamento poético da linguagem, resulta na composição estética. Este romance, publicado pela primeira vez em 1959, adaptado para o cinema em 1964 resultou no filme homônimo ao livro, sob a direção de Roberto Farias. É considerado o romance mais elaborado do autor, o que comprova seu aprimoramento literário e amadurecimento a partir da publicação de Filhos do Destino em 1951. A análise deste romance permitirá desvelar o processo de criação literária do autor, bem como avaliar o espaço como elemento fundamental na estruturação da obra donatiana. O espaço literário é um dado significativo na narrativa de ficção, cujo delineamento amplia as possibilidades de compreensão pelo leitor. Nas obras de Donato, o espaço é tema central, visto que é esboçado notadamente já nos títulos e ganha força no desenrolar do enredo, em que as personagens ora se deslocam ora permanecem em um espaço, configurando-o,



segundo sua visão subjetiva, e dando-o a conhecer ao leitor. É possível estabelecer, ainda, relação da forma romanesca e a estrutura da sociedade em que ela se desenvolve; a estruturação de Selva Trágica gira em torno de um eixo social e desvela a trama das relações que subjuguam o homem, expondo-o à dominação e à exploração perversas; além de situá-lo no centro das lutas desiguais de classes. A narrativa traz como subtítulo “a gesta ervateira no sulestematogrossense”, constituindo-se um testemunho de época, conta a história dos ervateiros de Mato Grosso do Sul, antigo sul do Mato Grosso e da fronteira Oeste. A obra oferece uma interpretação ficcional que retrata uma possível história dos trabalhadores da Companhia Matte Larangeira, arrendatária de terras devolutas, circunscritas ao Mato Grosso, nas primeiras décadas do século XX, quando as zonas de exploração de erva mate estavam em poder dessa companhia de exportação, que mantinha o monopólio dessas zonas, com sede em Ponta Porã e Buenos Aires. Esta obra é de cunho sociológico e narra a saga de protagonistas que tentam resistir às pressões dos espaços natural e social. Para as personagens, a liberdade é algo impossível de se alcançar, embora seja um sonho coletivo. Sofrendo pressões sócio-econômicas de um sistema capitalista, que escraviza e dá sustentação à relação opressiva entre dominadores e dominados, os protagonistas vivem relações de tensão entre grupos e experimentam situações trágicas que levam à degradação humana.

Palavras-chave: Espaço literário; Hernâni Donato; Narrativa de tensão; Literatura e História

A RECORRÊNCIA DO VILIPÊNDIO FÍSICO E MORAL EM OBRAS DA LITERATURA BRASILEIRA: CAROLINA MARIA DE JESUS

Leni Nobre de Oliveira

Resumo: Resumo: A Literatura como um instrumento transdisciplinar apresenta, intencionalmente ou não, registros das leituras e percepções de mundo dos escritores e poetas em suas obras. Poderíamos dizer que, nesse importante instrumento cultural de que se reveste o registro literário, encontra-se evidente a alma brasileira subjetivada nos textos e relacionada com a situação diaspórica a que foi submetida a população vinda das diversas regiões da África, em território brasileiro. A obra de Carolina Maria de Jesus surpreende pelas suas peculiaridades memorialísticas e, nesse contexto, por ser essa escritora descendente de negros escravizados no Brasil, com pouquíssima escolaridade, autodidata, pobre, preta, mãe solo, sua produção potencializa-se também como um instrumento de construção e de reconstrução mimética de seus antepassados e contemporâneos, negros, mulatos, pardos e brancos, pobres e ricos. Diário de Bitita e Quarto de despejo retratam a violência por meio do vilipêndio do corpo no século XX. A primeira, na região de Sacramento, no Alto Paranaíba; e a segunda, numa favela onde hoje está construída a marginal do Tietê. Ambas se compõem de injustiças cometidas contra a narradora e outros negros e pardos por cidadãos em geral, polícia, Estado e Igreja, resultadas da intolerância dos brancos e de outros negros e mulatos, em situação privilegiada. Sua narrativa se soma a muitas outras obras escritas anteriormente por brancos e por negros, reveladoras de profundos desrespeitos aos direitos humanos contra a pessoa, inicialmente por causa da escravidão, e hoje, devido aos estigmas dos traços afrodescendentes herdados dos diversos cruzamentos interracialis no Brasil, em cujas regiões, a diferenciação fenotípica da pessoa é decisiva para a forma como ela é avaliada, considerada e tratada na sociedade. Nessas obras, percebe-se o negro por estar submetido a nacionalidades europeias ou anglo-americanas, carrega um “problema” que lhe foi imposto e aos seus descendentes, após cruzarem o Atlântico por imposição e enfrentarem a escravidão e a reificação (Georg Lukács), para a constituição de capital de potências europeias. O aviltamento deixou-lhes marcas que após 500 anos, ainda são inatingíveis por políticas afirmativas da diversidade étnica e reparativas dos danos. O conceito de Atlântico Negro de Paul Gilroy oferece uma metáfora positiva e produtiva do fenômeno e auxilia nos modos de repensar a formação cultural resultante de trocas entre as diferentes etnias, tendo o Oceano Atlântico como catalisador. Também as perspectivas analíticas da diáspora, de Paul Gilroy contribuem para a compreensão da falsa submissão escrava ao aviltamento, numa silenciosa acomodação por desamparo, pelo cerceamento de direitos a ações libertadoras aos



oprimidos, bem como a insuficiência dessas em solo estrangeiro, em desprovido de terra, de liberdade e de condições humanas de sobrevivência digna. Pretendemos, discutir, a partir dessas obras, que a vida escrita de Carolina (Elzira Divina Perpétua) é legado importante dos afrodescendentes em situação diaspórica, um patrimônio preservado aos descendentes, por ser compatível com outras narrativas com as quais ela não teve contato, sendo marcas indeléveis da identidade individual e coletiva de um grupo social ou de um povo, por ser o corpo o suporte vivido ou experimentado desses registros.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; Direitos Humanos; Diáspora; Literatura Brasileira; Expressão afrodescendente

NARRATIVAS DO MEDO NA INFÂNCIA: REPRESENTAÇÃO DO ABUSO E DA EXPLORAÇÃO SEXUAL INFANTIL EM O SAPATO DE SALTO E EM O ABRAÇO, DE LYGIA BOJUNGA NUNES

Maria Oliveira Cortes

Resumo: Este trabalho pretende tratar da representação da cultura e da violência na forma de abuso sexual infantil, considerando a erotização feminina, desde tenra idade, construídas pela sociedade patriarcal e presentes nas narrativas Sapato de salto (2006) e O abraço (1979), ambos de Lygia Bojunga Nunes. A análise partirá de um breve histórico do conceito de infância e da banalização dos direitos da criança e do adolescente. O estudo destas obras ilumina os crimes sexuais contra a infância, que constituem um dos elementos centrais do enredo. Tanto o narrador em terceira pessoa em Sapato de Salto, quanto o narrador parcialmente em primeira pessoa em O Abraço, servem de gatilho para as ações e os diálogos das personagens da trama, transformando medos - hora em alegorias, hora em desespero - especialmente temor do assassinato, do estupro, da pedofilia e do desamparo, visto que as garotas vivem cercadas dessas imagens amedrontadoras. Pretende-se investigar, a partir dessas personagens, a voz daqueles que não têm espaços de fala na sociedade e estão vulneráveis numa cultura que naturaliza a erotização dos seus corpos e que culpabiliza as vítimas pelos casos de pedofilia e prostituição infantil. Ambos os textos abordam temas tabus da nossa sociedade, tratando ficcionalmente dos direitos negligenciados desde a primeira etapa da vida. De maneira especial, a representação da infância que Bojunga normalmente procura evidenciar uma realidade inquietante e sombria, provocada por violência e traumas silenciados. Lygia Bojunga Nunes tem sua obra reconhecida pelo alto padrão estético e por abordar temas polêmicos, porém sem cunho moralista e limitado como pode ser comumente encontrado nos textos literários sobre a infância. As narrativas retratam também realidades opostas àquelas que se tem nos contos de fadas; por dar voz ao mundo infanto-juvenil, retratando os dramas, os contextos e também as belezas que compõem as personagens. Bojunga desmitifica o que vem sendo repetido desde os contos de fadas dos irmãos Grimm e de Charles Perrault, segundo Darnton (1988), quando escreviam com a “intenção” de doutrinar e de direcionar o comportamento de crianças, jovens e mulheres. Para esta análise, inicialmente, tomamos por base os/as seguintes teórico/as: ARIÈS (1981), LAJOLO (1999), ZILBERMAN (2005); EAGLETON (2013), dentre outros.

Palavras-chave: Literatura Comparada; Infância; Cultura do Estupro; Medo; Lygia Bojunga.

18/07 (MANHÃ)

"ALGUM AMOR QUE NÃO MATE" E AS MARCAS DA VIOÊNCIA DE GÊNERO

Mayra Martins Guanaes

Resumo: O presente trabalho traz uma análise sobre a representação da violência contra a mulher no romance Algún amor que no mate, publicado pela autora espanhola Dulce Chacón em 1996, retratando a situação de uma mulher que sofre violência por parte do marido. Serão analisados trechos já traduzidos no projeto de mestrado em andamento “Tradução e Estudo do romance Algún amor que no mate de Dulce Chacón” em diálogo com os pressupostos a respeito da violência de gênero colocados na Lei Orgânica (Espanha, 2005) e na Lei Maria da Penha

(Brasil, 2006) além de fundamentar-se teoricamente nos estudos de gênero com foco na condição de desigualdade social da mulher, à luz das teorias de BEAUVOIR (2016) e PATEMAN (1993). Simone de Beauvoir considera em *O segundo sexo* a diferença de condições sociais para homens e mulheres, já Carole Pateman discute em *O contrato sexual*, a natureza das relações matrimoniais que estão envolvidas justamente por essa diferença de condições que têm como consequência as diversas formas de opressão às mulheres. A desigualdade social entre os dois sexos também se manifesta na chamada violência de gênero. Segundo a Lei Orgânica de Medidas de Proteção Integral contra a Violência de Gênero consolidada na Espanha em 2005 a violência de gênero “Se manifesta como o símbolo mais brutal da desigualdade existente em nossa sociedade. Trata-se de uma violência que se dirige às mulheres pelo fato de serem mulheres” (ESPANHA, 2005) (tradução nossa) Na Espanha os homicídios que tem como classificação “violência de gênero” ultrapassa o número de 60 mulheres mortas por ano. No Brasil, a taxa de feminicídio é a quinta maior do mundo, com uma taxa de 5.000 mortes de mulheres por ano segundo o Mapa da Violência 2015 sobre Homicídios de Mulheres. Para fins de definição acerca dos tipos de abusos que ocorrem no contexto da violência de gênero, utilizaremos como base a Lei nº 11.340 sancionada no Brasil em 2006, mais conhecida como Lei Maria da Penha que tem o objetivo de proteger a mulher contra a violência doméstica e familiar. Os primeiros incisos do artigo 7º desta lei traz definições precisas sobre os tipos de abusos que ocorrem neste contexto. Em nosso trabalho, utilizamos as definições acerca da violência física, psicológica e sexual, descritas na Lei Maria da Penha, tendo como objetivo de análise apontar como a violência de gênero é apresentada no romance, discutindo os aspectos narrativos envolvidos na representação deste tipo de opressão.

Palavras-chave: Violência de gênero; Lei Maria da Penha; Literatura hispânica; Dulce Chacón

A UTILIZAÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO COMO VEÍCULO DE DENÚNCIA E REFLEXÃO DOS CONFLITOS SOCIAIS: UMA ANÁLISE DO ROMANCE O FILHO DE MIL HOMENS

Mônica Maria dos Santos

Resumo: A literatura enquanto arte da palavra utiliza-se da linguagem para materializar-se, no entanto, a palavra pela palavra, solta, desprendida de um contexto pouco tem a dizer, assim é necessário que a palavra escolhida traga à superfície as inúmeras essências do humano, nas miudezas e/ou grandezas de seu cotidiano. A palavra empoderada de literatura e de humanidade dá vazão ao sujeito, a cultura, ao encontro e aos desencontros das relações humanas sendo que, em inúmeras situações figura como veículo de denúncia e reflexão de conflitos e mazelas sociais. Na literatura do século XXI os desdobramentos das questões de gênero têm ganhado cada vez mais espaço nas narrativas fazendo ouvir grupos marginais e desconstruindo o modelo de relação aceito pela cultura patriarcal. O romance *O filho de mil homens* (2011), do escritor Valter Hugo Mãe aborda novas construções familiares trazendo a cena a adoção, o homossexualismo e questões sociais do corpo feminino. Na obra, as discussões sobre o abuso sexual, o abandono e a adoção paterna, o direito à família, o preconceito, as relações de gênero nos insere no campo dos direitos humanos tratados na literatura. A presente pesquisa tem por objetivo analisar como a narração do romance *O filho de mil homens* dimensiona a níveis de pequenos coletivos o respeito com o outro e a prática dos direitos humanos, que ultrapassam a esfera pública e se constituem, antes de tudo nas atitudes e nos relacionamentos pessoais e cotidianos. Trata-se de uma pesquisa básica de caráter qualitativo, com objetivo explicativo que adotará como procedimento a análise literária e a revisão bibliográfica.

Palavras-chave: Direitos Humanos; Literatura; Relações Sociais.

A COR DA PELE: RAÇA, RACISMO E PRECONCEITO RACIAL NAS LITERATURAS INFANTIS

Sheila Dias da Silva Laverde



Resumo: Escolhemos, para esta comunicação, cinco obras da literatura infanto-juvenil: Por que somos de cores diferentes (2006), escrita em espanhol por Carmen Gil e traduzida por Rafael Mantovani, Pretinho, meu boneco querido (2008) de Maria Cristina Furtado, O menino Nito: então, homem chora ou não? (2008), de Sônia Rosa, Minha família é colorida (2015), de Georgina Martins e A cor de Coraline, de Alexandre Rampazo (2017). Exceto a última narrativa, que foi selecionada para o acervo do PNLD 2018, todas as outras pertencem aos Acervos Complementares Alfabetização e letramento nas diferentes áreas do conhecimento – PNLD/PNBE de 2013. Em comum, nestas obras encontramos personagens negras como protagonistas e a questão da cor da pele é algo extremamente importante nestes textos, mesmo quando não está explícito, como é o caso da obra de Sônia Rosa. Essas narrativas que trazemos, pertencem ao que chamamos de literaturas de temática africana e afrodescendente, pois discutem aspectos culturais e históricos do continente africano, do Brasil e dos afrodescendentes de maneira geral, fomentando o pensamento crítico sobre a diversidade das culturas e realidades sociais que permeiam nosso cotidiano. Nosso objetivo é demonstrar até que ponto os autores dessas obras utilizam essas narrativas para promover e valorizar a cultura africana e afrodescendente e/ou se ainda existem resquícios de um viés eurocêntrico nestes textos. Numa abordagem crítica, pretendemos investigar de que forma o racismo e o preconceito racial são tratados nessas referidas narrativas. Sabemos que a criança, desde a mais tenra idade, já está em contato com obras literárias clássicas, cujos personagens são sempre princesas e príncipes com características europeias. Mas, quando os pequenos têm contato com outras obras, cujos personagens fogem ao padrão que se encontra cristalizado por nossa sociedade, eles passam por um processo de desconstrução, pois começam a questionar muitas vezes a veracidade dos valores negativos atribuídos às pessoas negras. Portanto, se quisermos desconstruir a imagem estereotipada de que o negro é feio e preguiçoso, de que sua cultura é inferior, nós, enquanto professores, profissionais da educação básica, temos que estar conscientes de que nossas crianças têm o direito a uma educação que priorize e valorize as diferenças. Precisamos repensar nossas estratégias e rever nossos conceitos de forma a promover uma ruptura no discurso padrão e proporcionar uma verdadeira educação que inclua a todos. A criança precisa estar inserida num mundo sociocultural que lhe permita perceber e vivenciar a diversidade. Essa pesquisa se dá sob o viés dos estudos da pós-colonialidade e da decolonialidade.

Palavras-chave: Literatura infantil de temática afrodescendente; Diversidade cultural; Educação Básica.

OS DESVIOS DA LEGITIMIDADE: VIOLÊNCIA E PODER EM OBSERVAÇÕES SOBRE O DIREITO DE PUNIR E MINEIRINHO, DE CLARICE LISPECTOR

Adriana Yokoyama

Resumo: O trabalho objetiva abordar as relações de violência e poder a partir de duas narrativas de Clarice Lispector: o ensaio Observações sobre o direito de punir (1941), que propõe uma reforma no sistema penitenciário brasileiro e reflete sobre a necessidade de um dever de punir, no intuito de restituir à vida a sua normalidade, e a crônica Mineirinho (1962), em que a escritora, imersa em um sentimento de compaixão, sente a morte de um bandido assassinado com treze tiros pela polícia carioca, trazendo em si os questionamentos em relação às formas de penalização legitimadas pelo Estado e sua atuação violenta. Embora produzidas em períodos distintos, constatamos que as obras pertencem ao mesmo universo e apontam para a mesma direção. Nesse contexto, propomos analisar o viés político e autoritário do Estado, baseado nas considerações de Michel Foucault (2012) e suas relações de violência e poder, intrinsecamente relacionadas à história da humanidade. Nosso intuito é demonstrar que a partir dessa leitura em conjunto, as obras encontram-se harmonicamente relacionadas e, por este motivo, o processo memorialístico, pautado nos conceitos de Aleida Assmann (2011), terá grande participação para apreensão dos acontecimentos. É, portanto, no uso de sua memória individual que a escritora, ao receber a notícia do assassinato de mineirinho, retoma a “memória na literatura” (UMBACH,



2008), em seu texto de 1941, e tenta, por intermédio da subjetividade e sua visão no Outro, compreender o papel social do indivíduo na (re)construção de uma identidade.

Palavras-chave: Violência; Poder; Memória; Identidade.

54 - LITERATURA E DISSONÂNCIA

Coordenação: Prof. Dr. André Dias (UFF); Prof. Dr. Rauer Ribeiro Rodrigues (UFMS); Prof. Dr. Felipe Gonçalves Figueira (IFF/RJ)

Resumo: A proposta do simpósio é examinar a manifestação da dissonância em diferentes obras literárias das mais variadas nacionalidades, com vistas a compreender o modo pelo qual alguns autores se constituíram, através dos discursos literários, como vozes questionadoras de seus tempos, sociedades e condições existenciais. O tema está associado aos artistas e intelectuais que analisaram de maneira profunda aspectos primordiais de diferentes épocas e construíram uma crítica contundente aos mais distintos valores presentes nessas realidades sociais. A ideia central é abrir espaço para o diálogo entre pesquisadores que investigam variados autores, cujas obras expressam inquietações e questionamentos, tanto na esfera social quanto na ideológica ou na existencial. O que se espera é que os trabalhos apresentados no âmbito do Simpósio **Literatura e Dissonância** discutam, entre outras questões, o problema teórico do intelectual frente às variadas ideologias, quer sejam elas hegemônicas ou não, e o problema histórico dos escritores diante do *status quo*, manifestado na esfera da política, da moral, dos costumes, da economia, etc.

Mikhail Bakhtin, falando sobre o grande tempo histórico e o trabalho dos escritores, chama atenção para o seguinte fato: “o próprio autor e os seus contemporâneos veem, conscientizam e avaliam antes de tudo aquilo que está mais próximo do seu dia de hoje. O autor é um prisioneiro de sua época, de sua atualidade. Os tempos posteriores o libertam dessa prisão, e os estudos literários têm a incumbência de ajudá-lo nessa libertação.” (BAKHTIN, 2003, p. 364). Sendo assim, ao abordarmos a temática **Literatura e Dissonância**, temos clareza de que todo autor, para o bem e para o mal, é antes de tudo um homem de seu tempo. Desse modo, aos que se ocupam da investigação literária cabe a desafiadora tarefa de, dialogicamente, atualizarem os diversos discursos literários produzidos nos mais variados tempos e espaços históricos. Agindo assim, os estudiosos da literatura contribuirão para manter a vivacidade de distintos autores e suas obras. Sobre a criação romanesca, o pensador russo adverte que “o *autor-artista pré-encontra* a personagem já dada independentemente do seu ato puramente artístico, não pode gerar de si mesmo a personagem – esta não seria convincente” (BAKHTIN, 2003, 183-184). Em outras palavras, nenhuma personagem é fruto do gênio criador de um autor adâmico, pois a matéria de memória da literatura está no mundo social, local de onde os escritores extraem os motivos para criar. De maneira análoga, a palavra do outro é fundamental para a tomada de consciência de si e do mundo, segundo aponta ainda Bakhtin: “como o corpo se forma inicialmente no seio (corpo) materno, assim a consciência do homem desperta envolvida pela consciência do outro” (BAKHTIN, 2003, p. 374). Dessa forma, as premissas bakhtinianas apresentadas aqui fundamentam o desenvolvimento das nossas reflexões e ajudam a ampliar os sentidos das análises.

O fórum, observada a perspectiva da dissonância no campo dos estudos literários e do comparativismo, acata propostas que vão desde o enfoque do ensino da literatura, passando pela questão do trabalho crítico, até chegar à discussão teórica das experiências literárias e da diversidade de textualidades contemporâneas. Seja no espaço das territorialidades, cujos limites se esvaem diante da instantaneidade das comunicações globais, seja no âmbito do regional esvaziado no mesmo diapasão — em que os conceitos de literatura e de literariedade vigentes nos séculos XIX e XX perdem sentido com as realizações e as propostas estéticas dos autores do século XXI —, procura-se o dissonante na antiga ordem hierarquizada, no recente e finado mundo bipolar ou no universo multilateral que se instaura. Há que se considerar, ainda, estudos



comparativos entre autores que, mesmo distantes no tempo e no espaço, fixam a seu modo o questionamento de valores hegemônicos e não hegemônicos. Tais autores, independente se no âmbito da prosa ou no da poesia, acabam por constituir uma aproximação literária mediada pelo estado de permanente inquietação.

Do ponto de vista da historiografia literária, qualquer que seja o modo analítico proposto, os problemas se sucedem, pois os últimos anos têm sido de deslocamentos incessantes dos postulados teóricos. Tais deslocamentos transformaram em cada vez mais inglórios os embates com o mundo concreto, considerando a acelerada mutabilidade das circunstâncias sociais, políticas, históricas e das representações simbólicas, no âmbito das artes em geral e da literatura em particular. Assim sendo, no estudo da circulação, das tramas e sentidos construídos pela literatura cabe, inclusive, questionar as significações do conceito de literariedade. Tal questionamento pode incorporar novas e dissonantes acepções ao termo, tanto na perspectiva dos cânones consagrados, quanto dos cânones emergentes.

Levantar questionamentos, de preferência contundentes, e, eventualmente, produzir alguma conclusão, ainda que provisória, é o que se espera alcançar com o presente Grupo de Trabalho, cuja sequência de participações na Abralic, sempre com intensa adesão dos colegas, indica a importância e a pertinência do debate proposto.

Referências:

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I: a estilística*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

DIAS, André. *Lima Barreto e Dostoiévski: vozes dissonantes*. Niterói, RJ: Editora da UFF, 2012.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é literatura?* Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1989.

TEZZA, Cristovão. *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

TEZZA, Cristovão. *O espírito da prosa: uma autobiografia literária*. Rio de Janeiro; Record, 2012.

VARGAS LLOSA, Mário. *A verdade das mentiras*. Trad. Cordelia Magalhães São Paulo: ARX, 2004.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

TRANSGRESSÃO E PERSPICÁCIA: OS EMBATES QUE CONSTITUEM PERSONAGENS DISSONANTES

Lucianne Michelle de Menezes

Resumo: Discute-se, neste trabalho, a constituição de personagens que, embora não sejam centrais, considerando-se específicas tessituras narrativas e seus desdobramentos, ainda assim destacam-se como importantes agentes ficcionais cujos posicionamentos revelam estágios mais avançados de percepção crítica da realidade em que se inserem. A autenticidade do caráter aliada à transgressão de padrões impostos à mulher, no contexto dos oitocentos, como se observa precisamente em Leopoldina (O primo Basílio), ou mesmo a perspicácia em compreender o cenário social que limitava e tornava vulneráveis as senhoras de então, como se nota em D. Margarida (Clara dos Anjos), são reações de contestação e defesa, respectivamente, que figuram como relevantes manifestações de desacordo com normas sociais criadas à sua revelia. Tal aspecto traz a lume um contraste, pois, em vez de as imposições sociais instituírem, como era comum à época, um estado de apatia e passividade, acabavam por conduzir esses perfis femininos a uma atuação dissonante. Investiga-se, portanto, como se formatam tais

aspectos em obras construídas em diferentes contextos, mas que convergem em um mesmo ponto, ao revelarem inconformação e astúcia a partir de personagens cujos dramas ainda mantêm vínculo com discussões atuais.

Palavras-chave: imposições; transgressão; astúcia; literatura

CAMINHOS E DESCAMINHOS DA FORMAÇÃO

Maria Cecília Marks

Resumo: A proposta desta comunicação é apresentar uma análise comparativa dos romances *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Johann Wolfgang von Goethe, e *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa sob a égide do conceito de romance de formação e adotando uma perspectiva teórica de Mikhail Bakhtin. O ensaísta russo, que tem entre seus principais objetos de estudos as obras de Fiódor Dostoiévski e de François Rabelais, também se dedicou ao grande escritor alemão, porém, os originais do livro sobre Goethe perderam-se durante a Segunda Guerra, restando apenas fragmentos que foram reunidos no capítulo “O romance de educação e sua importância na história do realismo” do volume *Estética da Criação Verbal*. A presente análise toma esse texto como ponto de partida para traçar aproximações e distanciamentos entre as trajetórias de formação dos protagonistas dos dois romances. Ainda que incompleto, o plano desse trabalho, como é frequente na obra de Bakhtin, privilegia a contextualização histórica, iniciando por uma visão abrangente, que compreende amplos períodos e abarca as raízes da constituição e evolução da forma romanesca, para depois restringir a análise, desenhando uma tipologia de romances de formação. Para Bakhtin, no entanto, o mais importante tipo de romance de formação é aquele em que a formação se dá em perspectiva histórica, com a dinâmica da formação individual ocorrendo em interação com um mundo também em transformação, o que leva a um desenvolvimento cujos resultados não são particulares, pois acontece concomitante e reflexivamente a um movimento coletivo. Assim, procuramos demonstrar como os personagens Wilhelm Meister e Riobaldo, embora tão distantes no tempo e no espaço, estão inseridos nos respectivos contextos históricos e expõem as mazelas de suas trajetórias, mesmo sendo ambas as narrativas deliberadamente marcadas por um esfumamento de datas, fatos e referências históricas precisas. Nesse sentido, o conceito bakhtiniano de cronotopo adquire relevância, contribuindo para o estudo do enredo dos dois romances. Outro aspecto que pretendemos abordar, presente em ambas as narrativas, é a noção de destino que envolve as peripécias dos protagonistas, remetendo a uma análise sobre quanto o destino pode ter de aleatório e volitivo nas circunstâncias que se apresentam. Da mesma forma, os textos desencadeiam reflexões a respeito dos caminhos e descaminhos da formação, ou seja, ao mesmo tempo em que propõem e expõem a formação dos respectivos heróis, intrinsecamente – em especial o paradigmático romance de formação goetheano – questionam os sentidos da formação, seus objetivos e resultados, evidenciando dissonâncias e fraturas.

Palavras-chave: Romance de formação, Goethe, Guimarães Rosa, Bakhtin, cronotopo

UMA HISTÓRIA NÃO CONTADA: QUESTÕES DA NARRATIVA MODERNA

Pedro Alegre Pina Galvão

Resumo: A narrativa moderna, que se define no limite entre o transmissível e o intransmissível, entre o que se pode dizer e a incapacidade de dizer qualquer coisa, parece conduzir seu percurso ao adiamento, parece na verdade parar. Muito já se escreveu, por exemplo, sobre a modalidade descritiva que penetrou o tecido narrativo, principalmente desde o século XIX. Em vez de narrar uma história, o ato de descrever, longe de criar um componente realista, serve muito mais à imobilidade do texto, da ação propriamente narrativa. A história paralisada, isto é, não contada, cede a uma implosão dos limites tradicionais da narração. Sem fim e sem começo, isto é, lançada a um meio infinito, a narrativa desloca a linguagem para uma experiência singular, que se convencionou chamar moderna. Trata-se de entrever sob quais aspectos as obras narrativas, principalmente o romance, estariam colocando em cena de maneira constante um experimento radical com a matéria, isto é, com a linguagem. A respeito de tal experiência, suas



consequências propriamente literárias mas também históricas e sociais, é que este trabalho procura encontrar os fundamentos teóricos. Como parte da pesquisa de tese do Doutorado, centrada numa teoria da narrativa moderna, propõe-se encontrar em autores como Walter Benjamin, Jacques Rancière e Agamben as possibilidades teóricas de reformular alguns conceitos que organizam a experiência moderna de narrar. O que se tem como hipótese, em linhas gerais, pode ser implicado da seguinte forma: 1- aquilo que surge de maneira ostensiva em grande parte dos romances do séculos XIX pode ser encarado como uma negação das ações ou, mais precisamente, como seu adiamento ou paralisia – o que poderia ser dito, em certo sentido, da narrativa moderna como imobilidade; 2 – do ponto de vista histórico e social, o que se descobre na literatura do período (autores com Flaubert, Melville, Büchner, Tolstói, Machado de Assis, Henry James etc) é a falência mais ou menos generalizada da ação humana – e as consequências disso é o que também se pretende formalizar em termos teóricos; 3 – o despedaçamento do tecido narrativo, em alguns casos a pura fragmentação (cujo melhor exemplo talvez seja Kafka), desencadeou uma multiplicidade instável da experiência narrativa (que vão de um Joyce a Foster Wallace, de um Proust a Sebald) a partir da qual o inacabamento reforça a experiência radical da linguagem – formalizar os sintomas dessa experiência, a partir das noções de Walter Benjamin sobre a perda de experiência do narrador moderno, é parte do aqui se tenta empreender. Por fim, caberia ressaltar que o propósito do trabalho aqui resumido não é, de modo algum, enfileirar autores diversos entre si, em cujas obras seria talvez impossível encontrar elo comum. Entretanto, a narrativa moderna, para ser pensada em suas questões, exige uma abordagem crítica capaz de penetrar na singularidade das obras literárias e suspendê-las, por outro lado, em noções e conceitos a partir dos quais toda teoria necessita para tornar visível um fenômeno e dizer da experiência que o faz viver, quer dizer, transmitir, pela linguagem, o próprio conhecimento.

Palavras-chave: Narrativa moderna; experiência; linguagem; Walter Benjamin

POÉTICAS DA IDIOTIA NO ROMANCE BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: UMA VERTENTE RADICAL

Gabriel Estides Delgado

Resumo: No terreno muitas vezes árido do romance brasileiro contemporâneo, quando não abundam narrativas de si, à guisa de “autoficção”, tornou-se hegemônico um tipo de tratamento textual bem definido como “realismo miúdo” (FARINACCIO, 2004). Há, contrastivamente, corrente poética de crítica mais aguda e, não raro, também mais criativa, a saber: a representação literária de certa idiotia social brasileira. Seu marco é estabelecido por André Sant’Anna em 2006, com *O paraíso é bem bacana*. Tal linha de força romanesca inspira outros autores que, apesar de não galgarem o insuspeito fôlego do livro de Sant’Anna, desdobram seu componente principal em direção a diversos ângulos de abordagem. Contamos, aqui, *Reprodução*, de Bernardo Carvalho (2013), e *Luxúria*, de Fernando Bonassi (2015). Distantes dos quadros egoicos algo restritos que caracterizam tanto o romance de inspiração autobiográfica quanto as representações realistas de dramas pequeno-burgueses – a replicar o universo autoral e do leitorado hegemônico –, Carvalho e Bonassi seguem produtiva trilha aberta por Sant’Anna, qual seja: a desabrida figuração da idiotia, referencializada em fórmulas e convenções linguísticas do senso comum, que se apresentam quase sempre em jorros cruzados e atordoantes. Com tal aspereza crítica, os autores manipulam tanto os esquemas ideológicos rasos de veiculação midiática quanto o festival de expressões mais ou menos reprimidas que constitui repertório geral da população brasileira, a um tempo artífice e vítima da especificidade histórica de sua reprodução cultural. Contudo, a fuga às temáticas mentais e materiais da classe média letrada, e, portanto, a fuga à homogeneidade (também formal) que caracteriza nossa produção contemporânea, não é, por si só, critério de valor. Ao se aproximarem de classes e frações de classes mais ou menos antagônicas à sua própria realidade – vai-se desde o protagonista semianalfabeto de *O paraíso é bem bacana* a um operário qualificado em *Luxúria*, passando pela representação de estratos não-culturais da classe média em *Reprodução* –, tais



autores lidam com o risco constante de objetificação aplanadora do Outro representado. Mesmo na principal obra em tela – O paraíso... –, que amplia seu flagelo crítico a consciências linguísticas próximas do universo autoral (mimetizam-se, por exemplo, as falas de um músico, de um estudante de doutorado e de uma psicóloga, da mesma maneira petrificada e convencional em que se enumeram fórmulas discursivas das classes dominadas), a condução formal do romance depende do desnível entre criador e criaturas, o primeiro a orquestrar as vozes como meros veículos de convenções, índices de estilos de vida, apresentação e reprodução sociais. Aponta-se, assim, para a pretensa criticidade da consciência autoral, em plano imune aos simulacros que elenca. Os ganhos críticos e formais de tal corrente poética, portanto, perdem potência quando referidos à pontificação majestática do romancista, arrancado ele mesmo das determinações do mundo social que, desse modo, passa a figurar. Nesse sentido, embora constituam exitosas fugas aos discursos de poder e reprodução – dos quais todos nós somos o receptáculo –, as obras analisadas e o que significam na produção literária contemporânea atingem, como veremos, maior pertinência no momento em que internalizam, como autocrítica, os juízos aos outros endereçados.

Palavras-chave: Idiotia social; Romance brasileiro contemporâneo; André Sant'Anna

A PICA DAS GALÁXIAS: DISSONÂNCIA, ANORMALIDADE E FIGURAÇÕES DO SUJEITO LÍRICO NA POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

José Rosa dos Santos Júnior

Resumo: A poesia moderna e a contemporânea são marcadas, sobremaneira, pelas urgências que atravessam e interpelam o homem e que modulam, em última instância, o seu modo de ser, de estar e de perceber o mundo. Entendida, não raro, como um agente agressivo de rupturas, as líricas moderna e contemporânea desestabilizam uma série de conceitos e paradigmas sobre os quais a tradição se constituiu e estabeleceu as suas bases. Entendida, desde a Antiguidade Clássica, como uma potência produtiva e desestabilizadora, a poesia, desde sempre, lutou pela permanência na polis, ora se alinhando, ainda que problematicamente, às mais diversas estruturas de poder, ora questionando tais conjunturas e se situando como uma alternativa de construção de poderes-outros, ainda que pela via da clandestinidade, implodindo e rasurando imaginários, subjetividades e visões de mundo. Trata-se, portanto, de uma expressão criativa que, em certa medida, abandona os princípios clássicos de clareza e de objetividade da linguagem e se apoia em valores como a dissonância e a anormalidade. Friedrich (1978, p. 15-16) assevera que “esta junção de incompreensibilidade e de fascinação pode ser chamada de dissonância, pois gera uma tensão que tende mais à inquietude que à serenidade. A tensão dissonante é um objetivo das artes em geral”. Por sua vez, a anormalidade é um efeito da dissonância. E é o leitor quem primeiro sente tal consequência. Como o autor pondera, a anormalidade – resultada de um efeito estético específico – pode variar de acordo com o contexto em que é recebida e o que pode ser visto ou definido como anormal, hoje, amanhã pode não ser. No entanto, é o próprio Friedrich quem alerta para a anormalidade perene da lírica moderna e prova esse juízo por meio de Rimbaud e Mallarmé e conclui que a não assimilabilidade, construto da anormalidade, permaneceu como uma particularidade recorrente dos poetas mais modernos. Aliada às noções de dissonância e de anormalidade, vemos, nos contextos moderno e contemporâneo, uma reconstrução do conceito de sujeito lírico. Se, para a tradição tratava-se de uma expressão da subjetividade e da constituição de um mundo subjetivo circunscrito e fechado em si mesmo, a modernidade, seus autômatos e seus signos em ininterrupta rotação, vão instaurar a noção de um sujeito lírico fora de si, amplamente defendida por Michel Collot (2004). Os construtos poéticos que por se apresentam nesse estudo, fazem parte da Revista Organismo, números 2 e 3, publicados em 2018. Foram selecionados sete poemas de seis autores distintos. Todos os poetas e a própria Revista figuram no cenário marginal literário, em relação ao grande mercado editorial situado no eixo Rio - São Paulo. Trata-se de uma publicação baiana, com autores baianos, em sua grande maioria, alguns muito conhecidos e outros despontando no círculo literário. A escolha dos poemas levou em



consideração as nuances apresentadas nessa pesquisa: a dissonância e a anormalidade e a figuração de sujeitos líricos fora de si que, no encontro com o Outro e com o mundo, elaboram uma complexa intercorporeidade que fundamenta a subjetividade e que se desdobra na palavra.

Palavras-chave: Lírica Contemporânea; Dissonância; Anormalidade; Sujeito Lírico.

16/07 (TARDE)

MULHER EXPLÍCITA: O CONTO DISSONANTE DE ALCIENE RIBEIRO

Rauer Ribeiro Rodrigues

Resumo: Trata-se aqui de um livro recém-lançado que contém 23 contos, dos quais cerca de 60% circulou antes, discretamente, em suplementos literários, em antologias ou em coletâneas da autora, a escritora mineira Alciene Ribeiro, que nasceu há oitenta anos em Ituiutaba, no Triângulo Mineiro, e radicou-se há mais de quarenta anos em Belo Horizonte. Trata-se também, nesta comunicação, do conceito de dissonância, a partir de reflexões propostas pelo Simpósio Literatura e Dissonância, que se repete na Abralic já há quase uma década, tanto nos encontros intermediários quanto nos Congressos internacionais. A dissonância, conforme nosso entendimento, é conceito plasmado em um conjunto de acepções que podemos assim delinear: i. obra literária que confronta o zeistag de seu tempo e espaço; ii. obra literária que diverge da sociedade de seu tempo e espaço; iii. obra literária que combate o status quo de seu tempo e espaço; iv. obra literária que defende ideais não dominantes em seu tempo e espaço; v. obra literária que trata de grupos oprimidos em seu tempo e seu espaço; vi. obra literária que tem fatura estética ao arpejo da norma predominante em seu tempo e espaço; vii. obra literária que confronta, diverge e combate o rio-corrente de seu tempo e espaço, ao mesmo tempo em que abre espaço para a alteridade, ideológica ou socioeconômica, valendo-se de meios narrativos ou verbais que, se não claramente revolucionários, pouco usuais em seu tempo e espaço. O livro de Alciene Ribeiro parece realizar, na completude, a acepção mais ampla da dissonância. Seus contos contêm uma linguagem muito peculiar, em que a metonímia do espaço ou da ação configura a personalidade e a interioridade das personagens, através tropos e metáforas. A essa característica que já havia em seus contos dos anos 1970, os novos contos da escritora contemplam novos modos de narrar, quando em confronto auto-intertextual, e recicla gêneros consagrados, dos contos de fadas às epístolas de amor. Além disso, em “Mulher explícita”, a vivência do feminino enfrenta seu ser e estar em um mundo em que o feminino destoa do universo que molda a vida social; mulheres “reais”, em seu cotidiano, com suas fraquezas, seu heroísmo, sua vileza, seu embate, seu sofrimento, constituem a matéria prima do universo da escritora. E desse universo, e do modo de expressar da escritora, que tratamos nesta comunicação. Para tanto, além do livro recém-lançado, trataremos também das versões anteriores de alguns dos contos, publicados agora após laboriosa revisão. Esta pesquisa se insere nas atividades do GPLV, Grupo de Pesquisa Literatura e Vida, grupo vinculado aos Programas de Pós-Graduação em Letras da UFMS do Câmpus de Três Lagoas. REFERÊNCIA: RIBEIRO, Alciene. “Mulher explícita”. 1. ed. Uberlândia, MG: Pangeia Editora, 2019. 208 p.

Palavras-chave: conto; GPLV; literatura brasileira contemporânea

REPRESENTAÇÃO FEMININA E EMPODERAMENTO NOS CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Elen Karla Sousa da Silva

Resumo: Esta investigação discute o conceito de empoderamento popularizado na atualidade e a representação feminina presente nos contos de Conceição Evaristo. É indiscutível a importância do feminismo à formação de uma sociedade igualitária entre gêneros. Assim, os estudos de gênero surgem no centro dos estudos feministas e avançam, a partir da reivindicação das mulheres. Isto posto, o empoderamento feminino negro, por meio da literatura de autoria negra, tem oportunizado às personagens/mulheres o enfrentamento à viabilidade de dissipação da opressão, violência, objetivando a autonomia feminina. Conceição Evaristo em suas

produções busca a quebra de estereótipos e o empoderamento da mulher negra, propiciando o reconhecimento de um discurso literário, em que a abordagem histórico-social conduz a experiência do sujeito e a representação desta experiência no texto literário. Dentre as teóricas e estudiosas mais representativas que embasaram a pesquisa estão Hollanda (2018), hooks (2018), Berth (2018), Davis (2017), Ribeiro (2018), Lauretis (1994), Brandão (2004; 2006) entre outras que serviram de referencial teórico ao longo da pesquisa.

Palavras-chave: Feminino. Empoderamento. Conceição Evaristo.

LITERATURA E RESISTÊNCIA: LAILA HALABY PUBLICA ONCE IN A PROMISED LAND

Loiva Salete Vogt

Resumo: Laila Halaby é uma escritora de origem muçulmana proveniente da Jordânia que publica suas obras: poemas e romances em língua inglesa nos Estados Unidos. Dotada de uma capacidade peculiar de perceber as nuances das distintas experiências vividas por imigrantes muçulmanos e árabes nos Estados Unidos, Halaby publicou, em 2007, o romance *Once in a Promised Land*, ainda não traduzido para a língua portuguesa. No romance, em solo americano, a vida de um casal proveniente do Oriente Médio sofre as consequências do preconceito e da intolerância étnica explícitos com a política de segurança nacional efetivada nos Estados Unidos após o advento do Onze de Setembro. No período, o casal Haddad percebe o desmoronar do Sonho Americano pela impossibilidade de adequação frente a um imaginário social fortemente estimulado pela mídia em torno do inimigo nacional. Na comunicação a ser apresentada, demonstro como a obra aborda o peso dos estereótipos que colocam o sujeito árabe-americano em um lugar heterotópico (FOUCAULT, 1984). A palavra heterotopia é formada pelo prefixo heteros que em grego significa “o diferente” e está associado a alter “o outro”. Topia significa lugar. Nesse sentido, heterotopia remete ao “lugar do outro”. O conceito reflete uma alternativa para a “razão” ocidental que busca através de uma imposição discursiva controlar “o outro” e valorizar o universo, o mesmo. A obra literária selecionada denuncia a tentativa de apagamento de uma identidade híbrida e a assimetria de poder do imigrante frente a uma construção ideológica que busca inimigos e culpados na projeção de um “outro” a ser excluído da nação. O protagonista é um hidrologista que abandonara o sonho de buscar alternativas para potencializar o uso da água potável na Jordânia em prol da ilusão de viver o sonho americano, tornando-se o principal responsável pela distribuição de água potável em Tucson, no Arizona (USA). A protagonista é bancária e agente imobiliária. Levando em consideração que a identidade culturalmente híbrida do casal é uma aporia, eles estão subjugados a uma caracterização racial, sofrem a violência e o preconceito por ocuparem uma posição social privilegiada na sociedade americana que não os torna imunes como a princípio acreditavam, mas que potencializa o medo de possíveis ameaças, e, assim, encarcera-os em posições discursivas previamente determinadas, repelindo-os pela impossibilidade de adequação. A obra é interpretada como uma literatura dissidente que denuncia um “acordo social” de exclusão e invisibilidade em relação à experiência peculiar do imigrante muçulmano árabe culturalmente híbrido que busca viver na sociedade americana no período pós Onze de Setembro. A insubordinação do casal em relação a um imaginário neo-orientalista coloca-os na posição de suspeitos de terrorismo. A questão palestina e a dificuldade de assimilação cultural da experiência do imigrante também serão destacadas.

Palavras-chave: Onze de setembro; estereótipos; muçulmanos; heterotopia; literatura americana

RELATO DE UM PROJETO DE LEITURA EM SALA DE AULA COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO A PARTIR DO CONTO “AVE MARIA DAS GRAÇAS SANTOS”

Fabiane Lemos de Freitas Garcia

Resumo: A proposta dessa comunicação é apresentar um relato de caso sobre um projeto de leitura desenvolvido com alunos do período noturno do ensino médio da Escola Estadual Dom Aquino Correa, localizada na cidade de Três Lagoas, MS, a partir da leitura do conto “Ave



Maria das Graças Santos", da escritora mineira Alciene Ribeiro. O conto - publicado inicialmente em 1984 em uma antologia, *Histórias Mineiras*, da Editora Ática - narra o assassinato, com violência, de uma mulher, que é morta na frente dos filhos pelo companheiro. A partir de leituras de textos informativos sobre casos de feminicídio ocorridos em nossa cidade, partimos para a leitura do conto, a produção de um texto e, por último, a adaptação do conto para teatro e sua representação para público aberto, além dos integrantes da sala de aula. Este pequeno projeto de leitura criou motivação extraordinária para os alunos, tendo alcançado resultado na formação destes, tanto do ponto de vista escolar, no domínio de habilidades e competências previstas na legislação, quanto do ponto de vista emocional na formação crítica desses jovens cidadãos brasileiros. A inspiração para o trabalho surgiu na disciplina *Leitura do Texto Literário*, ministrada pelo Prof. Dr. Rauer Ribeiro Rodrigues e cursada no PROFLETRAS de Três Lagoas no segundo semestre de 2017. As informações sobre a escritora e o acesso ao conto ocorreu a partir do blog mantido pelo GPLV, Grupo de Pesquisa Literatura e Vida.

Palavras-chave: Escrita Feminina; Feminicídio; Leitura; Literatura na Escola; Teatro.

A FICCIONALIZAÇÃO NOS CONTOS GINNY E ANA C. NO LIVRO VÉSPERA DE ADRIANA LUNARDI

Sara Gonçalves Rabelo

Resumo: Adriana Lunardi, em sua obra intitulada *Vésperas*, escrita em 2002, mostra ao leitor a morte de grandes escritoras, dentre elas Virginia Woolf, Dorothy Parker, Clarice Lispector, Ana Cristina César, entre outras, mas o conto não é uma biografia do fim da vida dessas ilustres escritoras. Lunardi mostra, através de elementos reais, um mundo ficcional, onde o real e o imaginário se inter cruzam e formam belíssimos contos que mostram o sofrimento, a solidão, a angústia, a saudade, entre tantos outros sentimentos que fazem parte não só da realidade dessas autoras, mas da nossa, enquanto seres humanos. Desse modo, tendo a obra de Lunardi (2002), mais especificamente os contos Ginny e Ana C., dedicado à Virgínia Woolf e Ana Cristina César, respectivamente, busca-se mostrar a morte do autor não somente através do seu apagamento ou como único dono do texto. No conto de Woolf, através de elementos reais, é construída uma narrativa que retoma momentos anteriores ao suicídio da autora. Já no conto de César, ela reaparece para um antigo amigo que está nos momentos finais da vida. Para tal análise, serão usados como aporte teórico Foucault (2013) e Bakhtin (1992) para falar da questão do apagamento e morte do autor e toda a relação da escrita com a morte, além do conceito de valor que está intrinsecamente ligado ao estilo artístico. Ademais, não poderia ser deixado a parte a intertextualidade, presente em Samoyault (2008), uma vez que a obra em questão faz constantes referências a outros textos e a vida das autoras. No que concerne a diferenciação entre biografia e ficcionalização serão usados Schmidt (2011) e Del Priore (2007). Isto será feito com o intuito de mostrar que imaginário e realidade podem se cruzar sem que a obra se torne uma biografia. O conhecimento artístico vivo no texto estará intrinsecamente ligado ao verbal, mas não somente a ele, mas também a diferença entre o eu e o outro e a vida que é exterior ao autor. Assim, é preciso compreender que o autor é o criador de sua obra, mas após a sua publicação são abertas várias vertentes de interpretação e que estão pautadas na vida de cada indivíduo que lê o texto, por isso as diferentes visões e análises de um determinado texto que tem como espelho a vida das autoras. Na verdade, o que é feito nesta obra é proposto em outras grandes que, muitas vezes, retomam os cânones com o intuito de elaborar novas narrativas.

Palavras-chave: Vésperas; Virgínia Woolf; Ana Cristina César; ficcionalização

17/07 (MANHÃ)

A CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS NA POÉTICA DE ANTONIO FRANCISCO: IMAGEM EM NEGATIVO



Felipe Gonçalves Figueira

Resumo: Uma característica recorrente na obra literária de Antonio Francisco Teixeira de Melo é a criação poética de espaços. Ora são lugares superiores àqueles que encontramos na vida cotidiana, como no folheto “Meu sonho” (MELO, 2006, p. 09 – 20); ora são marcados pelo esfacelamento social no qual vivem seus habitantes, como em “As seis moedas de ouro” (MELO, 2006, p. 45 – 59). Em minha leitura, percebo a constituição desses espaços imaginados como um exercício estético de reflexão filosófica sobre fundamentos éticos da própria sociedade no início de século XXI. Essas duas dimensões citadas têm, portanto, em comum a profunda reflexão sobre o ethos do tempo presente. Mirando esses espaços imaginados, Antonio Francisco recorrentemente faz uma inflexão sobre os fundamentos de nossa organização social. Nesse sentido, considero que a geografia do imaginário na construção desses espaços opera como uma imagem em negativo, pois, ao adentrarmos esses mundos, percebemos elementos que nos arremessam à face as críticas contundentes do autor sobre as relações humanas travadas fora do domínio literário. Dialogando com a tradição da literatura de folhetos, os espaços ficcionais produzidos pelo autor são vizinhos de parede das “vantagens”, que “são fantasias poéticas criadas por vates imaginosos. Na categoria de vantagens estão inseridas O açude da Paraíba do Norte de Ciríaco, A viagem ao céu de Leandro Gomes de Barros e Viagem a São Saruê de Manoel Camelo dos Santos” (SILVA, 2008, p. 50). E, acrescento eu, provavelmente a obra influenciada pelas “vantagens” mais conhecida nos estudos acadêmicos seja a “Pasárgada” do pernambucano Manuel Bandeira. Inserido nessa profícua tradição, Antonio Francisco, por sua vez, renova as práticas poéticas relativas às “vantagens” a partir da verve lírica e socialmente crítica que lhe é característica. Em síntese, busco compreender a partir das obras analisadas como o autor empreende discurso dissonante em relação à percepção cotidiana dos fundamentos éticos da sociedade em que se insere; além disso, observo a renovação da tradição do gênero da literatura de folhetos empreendida por sua obra poética. Para o presente estudo, servem de corpus os poemas encontrados na antologia Dez cordéis num cordel só (MELO, 2006) e da obra Veredas de sombras: literatura de cordel (MELO, 2007). Ao pensar a relação entre a tradição do gênero e a renovação percebida nas obras estudadas, são importantes as contribuições de Gonçalves Ferreira da Silva (2008) e Átila Almeida e José Alves Sobrinho (1981). A relação ética do homem com o espaço é percebida com auxílio da poética do espaço de Gaston Bachelard (1978). De maneira geral, e, em específico na reflexão das dimensões teóricas da representação do espaço e do tempo na literatura, é fundamental a análise do discurso de Mikhail Bakhtin (2018).

Palavras-chave: Cordel; Antônio Francisco; Espaço; Literatura de folheto

O CRONOTOPO EM PASSAGEIRO DO FIM DO DIA, DE RUBENS FIGUEIREDO

Osmar Casagrande Júnior

Resumo: Passageiro do fim do dia (2010), romance de Rubens Figueiredo, conta a trajetória de Pedro num ônibus municipal que parte do centro de uma metrópole caótica para um bairro de sua periferia. O tempo e o espaço da narrativa são degradantes: as horas desperdiçadas pelo trabalhador pobre num sistema de transporte público ineficaz, no ambiente sufocante de seus veículos lotados. Nessa clausura, Pedro relembra cenas dispersas de sua vida, que, cerzidas à experiência presente de sua viagem, concebe gradualmente uma consciência da realidade social em que ele está imerso. Com o conceito bakhtiniano de cronotopo, apresentamos o contraste entre o tempo e o espaço peculiares do trajeto de Pedro e o de sua vida relembrada, o que nos remete ao cronotopo biográfico proposto por Bakhtin em Questões de literatura e de estética: a teoria do romance (2010). Para Bakhtin (2010), o cronotopo é uma categoria conteudístico-formal que representa uma forma de conhecimento do que ele considera a “realidade imediata”. A esse respeito, Michael Holsquist (2015) explica que o cronotopo serve para calibrar a posição do sujeito em seu espaço e no tempo individuais frente aos valores de sua realidade social. Bart Keunen (2015) afirma que para Bakhtin o momento presente é uma reorganização virtual do passado. A partir desses autores, propomos a leitura comparativa entre a vivência presente de



Pedro e a reorganização do passado de suas lembranças. Esse arranjo espaço-temporal singular proporciona uma forma cronotópica que respalda seu conteúdo, a denúncia das péssimas condições da metrópole brasileira e a usurpação do tempo do trabalhador que a habita. Dada a ênfase do romance na apresentação do espaço, agregamos à nossa leitura as concepções de Bachelard em *Poética do espaço* (2008), para quem as recordações organizam-se em blocos espaciais, e não como um fluxo temporal linear. No romance a aparente banalidade dos espaços cotidianos, como o ônibus, revela os problemas sociais do espaço urbano de hoje, enfatizando sua importância e relegando a segundo plano o tempo. Presta-se a isso a crítica a Bakhtin por eleger o tempo como regente do cronotopo, em detrimento do espaço (BRANDÃO, 2012), o que exige uma atualização de sua leitura, como o fazem Holsquist e Keunen. Rubens Figueiredo vem produzindo uma literatura que denuncia os problemas sociais do Brasil contemporâneo, e em *Passageiro* essa é feita pela junção de forma e conteúdo espaço-temporais, que mostramos tratar-se de uma proposição cronotópica singular.

Palavras-chave: cronotopo; espaço ficcional; espaço urbano

O RISO MEDIEVAL EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS

João Paulo Santos Silva

Resumo: Em *Grande Sertão: Veredas* (1956), Guimarães Rosa (1908-1967) traz nos questionamentos metafísicos através da narração de Riobaldo a representação de um riso semelhante ao verificado na Idade Média, isto é, associado ao demoníaco e, sobretudo, como forma de superação de um medo. A fim de se entender como que se dá essa presença do riso nesse romance, utilizaremos as reflexões de Minois (2003), Bakhtin (2010), Aristóteles (2008), Bergson (2007), Freud (1977), Propp (1992), além das discussões críticas de Candido (1990), Galvão (1986), Utéza (1994) e Hansen (2000). Ademais, o aspecto medieval do riso – que o separa da esfera da seriedade cristã, relegando-o ao demoníaco – reitera o caráter também medieval do romance rosiano. Assim, a superação de preocupações existenciais surge como fulcro do risível, que, por sua vez, corrobora a necessidade de negação do demônio com vistas à redenção de Riobaldo. Para além disso, a derrisão, posto que ataca a esfera demoníaca, que, por seu turno, é pertinente ao pensamento do homem sertanejo aqui universalizado, contribui para a recolocação de crenças humanas mediante indagações metafísicas. Emergem, pois, na figura de Riobaldo um sertanejo e um riso que agem em dissonância para com o seu meio e, com essa obra, a afirmação de um autor também dissonante para a literatura brasileira.

Palavras-chave: Riso; Comicidade; Medieval; Guimarães Rosa; *Grande Sertão: Veredas*.

IDENTIDADES EM DESLOCAMENTO NO CONTO BARRETIANO

Francisco Humberlan Arruda de Oliveira

Resumo: Gumbrecht, no ensaio “Minimizar identidades” (1999), ao propor uma carteira de identidades como forma de superar a homogeneidade absoluta – que advém por meio das representações do nacional – realiza um movimento de relativizar e diminuir a importância das concepções de nacionalismo como democracia e herança, favorecendo, assim, uma visão mais ampla e móvel sobre conceitos como fronteira, literatura nacional, local e universal. Roland Barthes, no ensaio “A morte do autor” (2004), quando discursa sobre o desaparecimento do autor como condição necessária para a autonomia do leitor, deixa a possibilidade da inferência de que esse movimento é um esvaziamento das identidades do sujeito moderno, que abandona suas marcas de lugar, espaço, território e passa a assumir outras, contudo, não significa a morte das comunidades, pois a ação de esvaziar as identidades exige, necessariamente, a criação de outras. São dois exemplos em que as identidades estão em jogo: no primeiro há uma tentativa de minimizá-las; no segundo, é caso de permutas. Entretanto, Flusser, no livro *Bodenlos: uma autobiografia filosófica* (2007), apresenta uma outra possibilidade: o nomadismo, este como liberdade para agir e criar ligações. Em outras palavras, o sujeito nômade de Flusser se desvincula dos condicionantes históricos, sociais e culturais para se vincular a outros, configurando uma ação consciente. Nesse sentido esta proposta de comunicação objetiva

discutir as representações da identidade nacional e a inserção do sujeito fragmentado (moderno), nômade, na produção literária de Lima Barreto, especificamente no conto “Um músico extraordinário”, a partir dos preceitos de Flusser (2007) e do quadro de referências sociais e culturais da produção barretiana. Dessa forma, pretende-se desvincular a escrita barretiana da orientação crítica que o define como escritor engajado em causas raciais e sociais e, sim, apresentar sua estética como espaço de deslocamentos de sujeitos e identidades. Nossa hipótese é de que as identidades não são apenas minimizadas, ou permutadas, na estética de Lima Barreto, mas sim representadas, por meio de deslocamentos contínuos, como sinônimo de fracasso nas relações interpessoais.

Palavras-chave: Deslocamento; Identidade; Lima Barreto; Nomadismo.

CORPOS INFAMES, CORPOS INSUBMISSOS: A DRAMATURGIA E O TESTEMUNHO DO CÁRCERE

Rainério dos Santos Lima

Resumo: A partir da noção de dramaturgia como testemunho, delineada preliminarmente por Jean-Pierre Sarrazac em *Sobre a Fábula e o Desvio*, esse trabalho estuda as representações da violência carcerária no teatro brasileiro contemporâneo. Na crítica da violência, o cárcere é o espaço por excelência onde a ordem violenta do poder soberano incide diretamente sobre a vida dos detentos de “forma terrível”, com o poder sobre a vida e a morte (BENJAMIN, 2011, p.134). Na prisão, o poder alcança níveis altíssimos de violência no investimento político sobre os corpos dos apenados, pois “a prisão é o único lugar onde o poder pode se manifestar em estado puro em suas dimensões mais excessivas e se justificar como poder moral” (FOUCAULT, 2015, p.134). E mais, dada a clara semelhança política com o campo de concentração, no aparelho prisional o estado de exceção se materializa e possibilita “a criação de um espaço para a vida nua” (AGAMBEN, 2015, p.45). Na dramaturgia brasileira as representações do cárcere e da violência prisional têm como cesura genealógica a produção teatral pós-ditatorial, marcada pelo sentimento claustrofóbico, pelo autoritarismo e pelas violações dos direitos humanos, mas não se restringe a ela. Para além da denúncia política e da resistência democrática ao regime de exceção, o teatro contemporâneo testemunha a violência no cárcere tanto como laboratório das políticas de vigilância e das estratégias de controle do corpo social, quanto como espaço monádico da tragédia que abate a sociedade brasileira. Nesse debate crítico, dramas como *Abre a Janela e Deixa Entrar o Ar Puro* e *o Sol da Manhã*, de Antonio Bivar e *A Mancha Roxa*, de Plínio Marcos, nos fazem pensar em um tratamento compositivo e retórico que não se resume ao teor testemunhal dos textos teatrais, na figuração dos corpos dóceis (e torturados) ou nos vestígios fantasmáticos da violência institucional, mas, ao vincular violência e forma dramática, problematizam as fronteiras e limites entre ficção dramática e testemunho, representação e desmedida. Se no teatro de Antonio Bivar, as infames detentas são reduzidas a funções fisiológicas e produtivas – o comer, o sexo e o trabalho –, no drama de Plínio Marcos, a doença indizível e a homossexualidade são disparadoras das posturas insubmissas, na vontade messiânica de subverter o controle patriarcal e profanar a máquina autoritária. É desse modo que, articulando pressupostos críticos das poéticas do drama contemporâneo e da crítica da violência, almejamos definir, no confronto com os textos dramáticos, a noção de dramaturgia-testemunho como categoria de compreensão da representação da violência no teatro que questiona as abjetas condições das vidas humanas nas prisões brasileiras.

Palavras-chave: Dramaturgia-testemunho; Crítica da violência; Cárcere.

A ATUALIDADE DA ABORDAGEM DO CRIME PASSIONAL E FEMINICÍDIO EM OBRAS DE JOSÉ LINS DO REGO E GRACILIANO RAMOS

Victor Hugo Adler Pereira

Resumo: O crime passional, uma dissonância na expectativa de harmonia garantida pela preservação da ordem patriarcal, evidencia os pilares patológicos em que esta se constitui.



Dando continuidade aos estudos sobre a repercussão na obra de José Lins do Rego e Graciliano Ramos das transformações das relações de gênero e da estrutura da família patriarcal no Brasil desde as primeiras décadas do século XX, discuto nesse trabalho sua contribuição para esclarecer o processo de desagregação subjetiva que leva ao crime passionnal com os romances *Angústia*, publicado em 1936, e *Eurídice*, em 1947. O ciúme é a paixão que está no centro da criação dessas obras, como móvel da ação dos protagonistas masculinos, respectivamente Luís da Silva e o jovem Júlio, e por sua influência no emprego dos procedimentos estéticos que caracterizam a perturbação psíquica crescente que os atinge. Em ambas as obras, um protagonista ficcionalmente construído relata o processo de desagregação da subjetividade provocado pelas obsessões em torno de uma mulher que se recusa a se submeter a seu desejo, e que destoa por seu comportamento do modelo ideal da jovem submissa, adequada ao matrimônio, que começava a encontrar mais resistências na época. A infidelidade e a atribuição de um caráter leviano a essas personagens femininas são ingredientes importantes na gênese dos conflitos emocionais dos protagonistas. Em *Angústia*, conforme observa Rodrigues (2016), a caracterização da protagonista Marina, coincide, em muitos aspectos, com o estereótipo da melindrosa, motivo de crítica na época, como sintoma de degeneração dos valores familiares provocada pela modernização. No romance *Eurídice*, mulheres jovens da pequena burguesia urbana revelam um comportamento permissivo diante da sexualidade, destoando dos papéis que lhes destinava a família tradicional (Rago, 2014). A perspectiva dos protagonistas-narradores se pauta pelo ressentimento e caráter repressivo diante das transformações do comportamento feminino. O fato de em *Eurídice* a ação se centralizar numa pensão no Rio de Janeiro favorece maior diálogo de diferentes perspectivas quanto aos tópicos que afetavam a vida cotidiana dos pensionistas. A desagregação psíquica de Luís da Silva e a perturbação emocional do jovem Júlio se vinculam à ameaça de jovens mulheres colocarem em causa sua virilidade – ancorada tanto no reconhecimento de seu desempenho sexual como do direito de manipular a seu favor a preservação dos valores familiares (Virgili, 2013/ Vainfas 2010). A releitura dessas obras revela sua atualidade devido ao grau de visibilidade na cena pública que voltaram a ter no Brasil os discursos conservadores sobre a família, as relações de gênero e a ordem social – que José Lins do Rego associa à hipocrisia moralista de um personagem filiado ao movimento político de extrema direita, o integralismo. E pode contribuir para a compreensão do aumento brutal de casos de violência masculina contra a mulher, chegando a uma espantosa frequência de feminicídios no país.

Palavras-chave: José Lins do Rego; Graciliano Ramos; virilidade; violência contra mulher; crimes passionais

18/07 (MANHÃ)

A TÉCNICA AQUARELA EM METACRÔNICAS MACHADIANAS

Iasmim Santos Ferreira

Resumo: Machado de Assis (1839-1908), o autor dos celebrados romances *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, dedicou-se a escrever outros gêneros: crítica literária, poesia, conto, crônica. Esse último superou quantitativamente os demais e, com isso, tem despertado o interesse da atual crítica literária. Em nosso caso, investigamos a exploração da técnica de pintura aquarela num conjunto de crônicas que a carrega no título e no desenrolar dos textos: “Aquarelas” (1859), publicado em *O Espelho: Revista Semanal de Litteratura, Modas, Industria e Artes* (RJ), fundado por Augusto Emílio Zaluar e Eleutério de Sousa. Nosso trabalho tem por premissa relativizar a hierarquia entre os gêneros e contribuir para o estudo da crônica em Machado de Assis, um cronista experiente, que se dedicou a essa produção por mais de quatro décadas, totalizando mais de seiscentas crônicas. As “Aquarelas” mostram o posicionamento crítico do Machado “prosador novato”, como ele mesmo se denomina no primeiro texto da série; o recém-chegado à imprensa carioca já abre caminhos para se pensar a condição da crônica no jornal, seu modo de produção. Por isso a escolha da técnica de pintura para discutir o



fazer da crônica, constituindo, assim, num conjunto com cinco metacrônicas. Ancoramo-nos em alguns estudos sobre a técnica aquarela, a saber, no estudo do pintor britânico Curtis Tappenden (2016) e no da pesquisadora Vera Regina Vilela Bonnemassou (1995). Sobre a crônica, fundamentamo-nos nos seguintes críticos: Sonia Brayner (1982, 1992), John Gledson (1996), Antonio Candido (1992), Haroldo de Campos (2013), Marília Cardoso (1992), Cruz Junior (2006), Valentim Facioli (1982), Lúcia Granja (1997), Sousa Neto (2015), Jorge de Sá (1985). Entrecruzar uma técnica de pintura com as crônicas de um autor do século XIX em que não há evidências imagéticas não verbais nos escritos, mas há menções que correlaciona sua pena ao pincel e ao modo como fala dos parasitas sociais no contexto brasileiro, é uma abordagem dissonante da clássica visão machadiana pela escolha do gênero, por ser de sua fase menos valorada, pela relação com a pintura, pela revisitação ao cânone sem a pretensão de reafirmar prerrogativas já consagradas; a fim de engendrar os sentidos postos pela relação crônicas e aquarelas, a qual despertou Machado a considerar “imperceptíveis talvez estes lineamentos – e causam a aceleração do pincel” (1859, p. 3); tornando-se assim, um aquarelista da palavra.

Palavras-chave: Aquarelas; Metacrônicas; Machado de Assis.

OS GUARDADORES: DISSONÂNCIA SOCIAL E HARMONIA - O CONTRAPONTO DA LITERATURA E DA MÚSICA NA OBRA THE TOBACCO KEEPER

Pedro de Freitas Damasceno da Rocha

Resumo: No romance *The Tobacco Keeper* (2011), do escritor iraquiano Ali Bader, um narrador fantasma narra a multiplicidade de identidades e fronteiras através da história de um violinista e de um país. Contextualizado no Oriente Médio do século XX, com epicentro em Bagdá, o romance trabalha com as consequências das transformações ocorridas na região e na vida dos cidadãos desses novos países, desde o fim do Império Otomano e da Primeira Guerra Mundial, até meados da primeira década do século XXI no Iraque. O romance ancora suas ações em fatos históricos reais, de forma que a trajetória do personagem se imbrica com eventos marcantes do último século, em que o desenrolar da história se cruza com a narrativa da trajetória do músico. Dessa forma, o personagem principal nos é apresentado como um catalisador, um microcosmo que nos possibilita compreender o universo explorado na obra através de associações estabelecidas ao longo de seu desenvolvimento. A primeira associação estabelecida, fundamental para a compreensão da(s) identidade(s) e suas contextualizações é com o poeta português Fernando Pessoa, sendo estabelecida desde o próprio título do romance, um jogo de palavras com os títulos das obras dos heterônimos Alberto Caeiro e Álvaro de Campos, *O guardador de rebanhos* e *Tabacaria*. Uma segunda associação promovida pelo autor, é do personagem da obra com figuras do universo da música, como Paganini e Grapelli, sendo a mais relevante delas, o compositor e violinista Johann Sebastian Bach. Chave para o entendimento do romance é a compreensão dos paralelos apresentados, em uma primeira perspectiva macro, a relação Europa e Oriente Médio, e em uma perspectiva micro, qual a relação de Bach e Pessoa na história do personagem. Sob a perspectiva musical, essa aproximação promovida pela literatura, em movimentos consonantes e dissonantes do ficcional com o real, tendo em vista a existência de similitudes que possibilitam que se estabeleça esse exercício de aproximação. No entanto, essas mesmas similitudes, são questionadas pelo personagem principal, que desafia o status quo vigente no século XXI, através de ações e posturas que atualizam para o momento atual os eventos históricos, sociais e culturais presentes no romance. Partindo do marco teórico adorniano, para o qual somente através da devida apreciação da obra de arte que leva em consideração o contexto social em que foi produzida, podemos obter uma melhor compreensão do objeto observado, de forma que a “referência social não deve levar para fora da obra de arte, mas sim levar mais fundo para dentro dela” (ADORNO, 2003, p.66); e em Ginzburg, segundo o qual a “teoria da literatura se articula com a discussão de problemas da vida política de seu tempo” (GINZBURG, 2003, p.62), o objetivo deste trabalho é apresentar como as articulações veiculadas no romance em foco contribuem para uma leitura da contemporaneidade.

Palavras-chave: Oriente Médio; Música Clássica Ocidental; Contemporaneidade.

"A LUA VEM DA ÁSIA", DE CAMPOS DE CARVALHO, E "A ROSA DO POVO", DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE: VOZES PERPLEXAS DIANTE DE UM MUNDO CAÓTICO

Sinvaldo Assunção da Silva Júnior

Resumo: A partir da análise das obras "A lua vem da Ásia" (1956), de Campos de Carvalho, e "A rosa do povo" (1945), de Carlos Drummond de Andrade, a proposta deste trabalho consiste em realizar uma leitura interpretativa e comparativa, cuja finalidade é discutir as vozes perplexas diante de um mundo em que as mazelas, em vários aspectos, se sobrepõem. Tanto o narrador-personagem do romance de Campos de Carvalho quanto o eu lírico de vários poemas de "A rosa do povo" são frutos de um momento em- ou pós-guerra, em que se instauraram, ao mesmo tempo, um desencanto e uma esperança débil nos rumos da humanidade. Assim, suas vozes estão em constante conflito, ora excessivamente amargas, desencantadas e irônicas com o ser humano e com a sociedade, porém às vezes desejosas de mudanças. Nesse sentido, é possível enxergar nessas obras supracitadas, cujos autores são quase contemporâneos (Drummond nasceu em 1902 e Campos de Carvalho em 1916), aspectos em comum, a saber: o uso da ironia, posição crítica frente às atitudes e anseios da humanidade (sobretudo concernentes à guerra), assombro ante o caos, a violência e a destruição, do mundo e dos seus valores. No entanto, sem simplificá-las como obras engajadas, inevitável não refletir sobre o seu caráter combativo, instrumento de resgate da consciência crítica do homem, na medida em que espelham a visão de mundo de um contexto específico que, muito tempo depois, ainda não foi superado, o que torna relevante, também, a procura por um paralelo entre o contexto pós-guerra e o contexto atual, com todas as suas (des)semelhanças.

Palavras-chave: Campos de Carvalho; Carlos Drummond de Andrade; Leitura comparada; Vozes perplexas; Mundo caótico.

AS REPRESENTAÇÕES DA MORTE NO ROMANCE SOBRE HÉROES Y TUMBAS (1961), DE ERNESTO SABATO

Adriana Marcon

Resumo: O presente trabalho aborda o tratamento dado aos temas do envelhecimento e da morte no romance Sobre heróis y tumbas, do escritor argentino Ernesto Sabato. Publicado em 1961, é o resultado de um trabalho minucioso em que o escritor deposita toda a sua carga ideológica e existencialista, principalmente no protagonista Martín, jovem solitário em busca do autoconhecimento. O enredo trata de diversas tramas e está dividido em cinco partes: "Notícia preliminar", "O dragão e a princesa", "Os rostos invisíveis", "Informe sobre cegos" e "Um deus desconhecido". Desde o início é revelado ao leitor o desfecho da trama: a narrativa vale-se de uma "Notícia preliminar" para, de saída, revelar que Alejandra matou seu pai, Fernando Vidal Olmos, com quatro tiros de revólver calibre 32 e depois ateou fogo no quarto em que estavam, lá morrendo queimada. A história, que se passa na década de 1950, está alicerçada em três pilares: a paixão de Martín por Alejandra; o mistério por detrás do "Informe sobre cegos", que Fernando terminara de escrever na noite do seu assassinato; e o contraponto entre passagens históricas – como a retirada de Juan Lavalle, um dos heróis da independência argentina, para a Bolívia. Os caminhos surrealistas e obscuros de Sobre héroes y tumbas, a descrição da decadência de uma família em um longo período temporal, faz com que seja considerada por muitos críticos a obra-prima de Sabato, uma contribuição inquietante para a literatura latino-americana. Deste modo, com tal escolha, objetiva-se trazer à tona a temática da finitude humana, assunto que há tempos está no terreno do interdito, dado que o homem tem se distanciado cada vez mais de seu fim. Para tanto, a análise está respaldada por aporte teórico-metodológico que engloba estudiosos do gênero romanesco, como o escritor francês Jean Yves-Tadié e o crítico literário brasileiro Antonio Candido; de estudiosos empenhados em reflexões sobre o ato de morrer, caso do antropólogo inglês Geoffrey Gorer, do historiador francês

Philippe Ariès e do sociólogo alemão Norbert Elias; além de estudiosos da fortuna crítica sabatiana, tais como o filósofo eslovaco Esteban Polakovic e a escritora argentina María Rosa Lojo. Por último, cabe ressaltar que a natureza filosófica e ensaística do romance analisado, além de estimular a reflexão sobre a morte, torna-se uma via potente para a construção de outros sentidos para a vida, para os vínculos afetivos e para a elaboração do luto.

Palavras-chave: Envelhecimento; Morte; Ernesto Sabato; Sobre héroes y tumbas

A DISSONÂNCIA ESPERPÊNTICA VALLE-INCLANIANA NA ESPANHA DO SÉCULO XX

Gustavo Rodrigues da Silva

Resumo: Ramón María del Valle-Inclán é um dos expoentes da Literatura Espanhola de todos os séculos segundo atestam vários críticos literários como John Lyon em *The theatre of Valle-Inclán* (2009). Nessa obra, Lyon também considera os esperpentos como o ápice da obra valle-inclaniana. Esses esperpentos são: *Lucas de bohemia* (1920), *Los cuernos de don Friolera* (1921), *Las galas del difunto* (1926) e *La hija del capitán* (1927). Os esperpentos são obras tragi-cômicas nas quais o mundo é deformado por meio da metáfora do espelho côncavo. Valle-Inclán deforma de maneira côncava o mundo, pois pensa que é assim que ele se apresenta aos seus habitantes. Por meio da leitura dessas obras, percebemos que elas possuem fortes indícios de ser antimodernistas, visto que se enquadram nos pilares compaignonianos de análise literária antimodernista. Em *Os antimodernos: de Joseph de Maistre a Roland Barthes* (2011), Antoine Compagnon discute e estabelece os seis pontos para considerar se uma obra é antimodernista ou não. O primeiro pilar é o que denominamos de antipolítica, em outros termos, todos os fragmentos literários em que o autor faz críticas a um governo seja local, regional, nacional ou internacional. O segundo pilar é o que chamamos de antiliteratura, que são as partes da obra em que o autor critica os seus pares, outras obras literárias e até movimentos literários como um todo. O pilar seguinte é o pecado original. O autor discute esse tema em sua obra e, por conseguinte, o Catolicismo. Depois, vem o pessimismo. Para Compagnon, as obras antimodernistas são pessimistas, não vêm solução para o mundo muito menos para a literatura. O quinto pilar é o sublime, que é caracterizado por personagens que simbolizam o terror, o perigo e a dor. Os tipos mais comuns são a prostituta e o tirano. O último pilar é a vituperação, é a linguagem popular que se torna culta devido ao esmero com que o autor a trabalha com, por exemplo, a riqueza no uso de figuras de linguagem. Compagnon alerta aos seus leitores de que é difícil encontrar um autor que trabalhe os seis aspectos literários antimodernistas de forma satisfatória e cita como exemplo as obras de Charles-Pierre Baudelaire. Como percebe-se, uma obra antimodernista por si só já é uma obra dissonante porque critica o que está sendo habitual do fazer literário em um determinado tempo e espaço. O nosso objetivo é mostrar que os esperpentos valle-inclanianos são obras antimodernistas, pois identificamos esses pilares antimodernistas nelas. Nesse sentido, esses esperpentos são obras dissonantes ao fazer literário da Espanha em suas duas primeiras décadas do século XX, pois os autores espanhóis desse período são marcadamente modernistas ou marcadamente pertencentes à Geração de 98. Logo, Valle-Inclán não se enquadra exatamente em nenhuma classificação, distoa do fazer literário de então. Como atesta María Esther Pérez em *Valle-Inclán: su ambigüedad modernista* (1977, p.140): "[...] es menester recordar aquello ya dicho aquí tantas veces de que Valle-Inclán es un triple compuesto de español, gallego y hombre del noventa y ocho. ¡Demasiado en contra del modernismo!"

Palavras-chave: Literatura espanhola, Valle-Inclán, Esperpentos, Antimodernismo, Compagnon

19/07 (MANHÃ)

UM LUGAR ESPECIAL PARA O GATO: VOZES FELINAS EM GUIMARÃES ROSA

Ivani Maria Pereira



Resumo: A proposta principal desta comunicação é divulgar a continuidade de uma investigação acerca dos animais na obra *Ave, Palavra*, de João Guimarães Rosa, contemplando mais análises, ampliando as discussões permitidas pela temática a partir de olhares literários. Por meio desse ponto de partida, suscitar possíveis diálogos com outras áreas do conhecimento e com as situações cotidianas, especialmente, de caráter social pelo viés da identidade e da alteridade. A ideia primeira é sequencial, uma vez que o trabalho já foi iniciado com a produção da dissertação, intitulada *Os bestiários de Guimarães Rosa em Ave, Palavra*, sob a orientação da professora Dra. Betina R. R. da Cunha da Universidade Federal de Uberlândia, cujas pesquisas demonstraram um indispensável desenvolvimento dos estudos. Ademais, uma imensa necessidade de aprofundamento tanto teórico quanto analítico, sendo tal investimento promissor de reflexões e, por conseguinte, de contribuições para os leitores literários, particularmente, os rosianos, podendo alcançar até mesmo outros públicos. Mais especificamente, esta comunicação visa à amostra da linha de trabalho, escolhida até então, para composição da tese em desenvolvimento. Para tanto, a figura do gato, tão especial nas escrituras rosianas, será sondada em uma perspectiva comparativa entre uma cena da novela "Campo Geral", contida no primeiro volume *Manuelzão e Miguilim*, de *Corpo de baile*, na qual aparece o gato (o personagem Sossão), e o texto "Jardim fechado", o primeiro do bloco "Jardins e Riachinhos, de *Ave, Palavra*, privilegiando as questões sobre animalidade cujas ideias estão em consonância com a linha de pensamento: Animal Studies, isto é, Estudos Animais. Este campo de pesquisa tem encontrado bastante ressonância em várias áreas do conhecimento, sobretudo, na Europa e nos Estados Unidos, mas também tem sido trabalhado por estudiosos brasileiros, como é o caso do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro e da pesquisadora Maria Esther Maciel. As leituras dos textos selecionados têm como ponto principal de discussão as vozes animais, dissonantes a teorias que negam aos animais a capacidade da linguagem. O intuito é, portanto, apresentar um exemplo de leitura analítico-teórica, a qual demonstrará algumas estratégias investigativas ? que estão sendo utilizadas ? para alcançar de modo mais produtivo à obra *Ave, Palavra* com ênfase para o papel atribuído aos seres inumanos. É importante deixar claro ainda que as reflexões pretendidas por esta investigação serão bastante fundamentadas por meio da análise detalhada de todo arcabouço teórico referente à animalidade e à humanidade e, de sobremaneira, as próprias marcas, "pistas" presentes nos textos. Assim, a fortuna crítica rosiana também será um recurso investigativo imprescindível. Desse modo, o trabalho analítico dos textos rosianos exigirá uma capacidade interpretativa multifacetada, em vistas os elementos constituintes deles.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; *Ave-Palavra*; Animais; Gato.

A LITERATURA COMO ESTRATÉGIA CONTRADISCURSIVA EM UNGULANI BA KA KHOSA E PAULINA CHIZIANE

Carina Marques Duarte

Resumo: A tendência à reescrita do passado pré-colonial e colonial tornou-se uma marca das literaturas dos PALOP depois da independência. O escritor Ungulani Ba Ka Khosa não passa ao largo de tal prática. *Ualalapi*, seu primeiro romance, aborda a figura de Ngungunhane, imperador nguni que, no século XIX, submeteu os tsonga e colonizou o sul de Moçambique. Último resistente à ocupação portuguesa depois da decisão da Conferência de Berlim, Ngungunhane passou à história colonial portuguesa como símbolo da derrota de Moçambique, entretanto, em 1975, com a independência, foi alçado à categoria de herói nacional, reconhecido pelo governo da FRELIMO como o primeiro resistente moçambicano. Em 1983, Samora Machel, presidente de Moçambique, requisitou ao governo português os restos mortais do antigo régulo, argumentando sobre a importância da repatriação dos mesmos para a identidade nacional. Dois anos depois, em cerimônia solene, a urna funerária de Ngungunhane foi exposta no Salão Nobre do Conselho Executivo de Maputo. Intrigado com a política de enfatizar o líder nguni como herói nacional, Ungulani Ba Ka Khosa decidiu pesquisar a vida daquele personagem histórico. O resultado de tais pesquisas está em *Ualalapi*, texto no qual o imperador é retratado como ele realmente foi: um ditador estrangeiro, prepotente, que escravizou parte do



território moçambicano, causando sofrimento inclusive para as pessoas que ele, na condição de rei, deveria proteger. Na obra *As mulheres do imperador* (2018), Ba Ka Khosa focaliza a volta a Moçambique das esposas do soberano nguni, as quais, quando da queda do império, haviam sido levadas, com o imperador derrotado, a Portugal, para, em seguida, serem conduzidas a São Tomé. Na metrópole, antes de ser enviado ao exílio na Ilha Terceira dos Açores, Ngungunhane foi exposto como troféu e convertido em figura de circo. No conto “Quem manda aqui?”, de Paulina Chiziane, o imperador é apresentado como um chefe arrogante e intolerante, que se sente o grande criador, contempla o que está à sua volta e vê tudo como obra sua. Este homem orgulhoso e prepotente não suportaria qualquer enxovalho na sua imagem. Por isso, quando uma andorinha defeca em seu olho, é tomado pela fúria, chama os guerreiros e lhes ordena que tragam-lhe as andorinhas a fim de que lhes aplique um castigo exemplar. O objetivo desta comunicação é, a partir da análise da representação do régulo, apontar para o tratamento crítico ao qual os autores submetem a história e verificar como ocorre o questionamento da grande narrativa construída acerca do último imperador de Gaza. Recorreremos às formulações de Jacques Le Goff, Russell Hamilton, Inocência Mata e Michael Pollak, entre outras, a fim de demonstrar que os textos são elaborados com base em uma estratégia contradiscursiva.

Palavras-chave: Memória; Tradição; Ngungunhane; História; Estratégia contradiscursiva.

HILDA HILST E GARCIA LORCA – ANIMÁLIA, HORIZONTE DA EXPERIÊNCIA

Diego Pereira Ferreira

Resumo: A partir do recorrente uso da figura do animal na obra *Poeta em Nueva York*, de Federico Garcia Lorca, pretendo analisar as múltiplas e distintas imagens da animalidade como limite da experiência humana, criando aproximações entre tais poemas e a obra de Hilda Hilst. Embora não tenham sido contemporâneos, em suas produções literárias, Lorca e Hilst aproximam-se aqui para dar corpo a uma perspectiva comparatista produzida pelo uso de diferentes imagens de animais, inseridas nas poéticas de ambos. Tal recorte apresenta Garcia Lorca como poeta itinerante, em sua estadia na cidade de Nova York (que o escritor visita entre os anos de 1929 e 1930). Em profícua atividade poética, Lorca produz uma escrita que surge do encontro com a megalópole, conduzindo o leitor a uma Nova York que é recriada através do estranho e dissonante encontro entre uma paisagem moderna e uma presença selvagem, animalesca, figurada pelos corpos de animais. A presença desses animais, que destoam da imagem de uma cidade grande e modernizada, sugerem que a abertura de um espaço simbólico que, como Gumbrecht descreve, “desvia, por assim dizer, do nível de significado e representação”. Esses são desvios marcados pelo encontro de diferentes corpos, como se os animais e a cidade se produzissem desse cruzamento, onde um está invariavelmente deslocando o outro. Lorca trabalha também a poesia em um encontro com outros traços, como o caso dos desenhos que acompanham os textos originais desde sua primeira publicação. Estes são desenhos onde, não raro, também notamos a presença de animais na cidade, como espécies de cavalos negros, tribais, em *Autorretrato em Nova York*. Por outro lado, Hilda Hilst produz sua expressão à forma animalesca diluída em toda a sua obra, poesia e prosa, por vezes amplificando sua intensidade epifânica à vida experimentada como pura vivência animal. Assim como Lorca, Hilst produz uma série de desenhos, como em sua série *Aquarelas*, publicada em *Da morte*. Odes mínimas, criando imagens como as do rinoceronte elefante, um peixe raro de asas, o pássaro criança, a onça mulher, e autorretratos, onde aparece cavalgando vacas e leões. Pretendo analisar como, em ambos os casos, se estabelece uma relação entre a animalidade e o limite da expressão humana e literária, e como a presença desses animais contesta os pilares do humanismo, as demarcações de fronteiras entre o humano e animal, figuradas na relação entre a cidade e a modernidade ou entre o homem e o antropomorfismo.

Palavras-chave: Animália; imagem; dissonância

MARCAS DA RECUSA, PEDAGOGIAS DA RESISTÊNCIA: O "NÃO" COMO POTÊNCIA
PRODUTORA EM A FÚRIA DO CORPO, DE JOÃO GILBERTO NOLL



Evandro Ramos de Sant'Anna Junior

Resumo: Marcados pela negação do próprio nome, passado, memória e nacionalidade, os personagens de João Gilberto Noll, mesmo inseridos em contextos de vulnerabilidade e exposição à máquina biopolítica, impulsionam-se constantemente em direção a uma vida que está sempre em devir — de uma vida que é, fundamentalmente, um “processo do desejo” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 67). Em *A fúria do Corpo* (2008), romance publicado em 1981, o escritor gaúcho propõe uma escrita marcada pelas tensões estabelecidas entre a porosidade dos corpos que sustentam a narrativa e uma força de vida que, contraposta ao que Félix Guattari (1996, p. 42) sugere como “subjetividade capitalística”, anuncia “a certeza de que a potencialidade humana está travada e de que seus desdobramentos possíveis não foram esgotados” (TREECE, 1997, p. 07). Sob essa ótica, os personagens que se proliferam na escrita nolliana acionam, através de uma força de vida ancorada no desejo, um enfrentamento ao ordenamento de higienização e abatimento de singularidades que é orquestrado pela esfera capitalista, sua gestão de corpos e produção de subjetividade. Tendo em vista que o desejo “abraça a vida como uma potência produtora” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 44), podemos pensar que os personagens de João Gilberto Noll, afastando-se da subjetivação capitalística, conduzem seus corpos uns aos outros justamente pelo ímpeto de produção de possibilidades outras — pelo ímpeto de produção de uma vida não marcada pelo constante risco de abatimento. Giorgio Agamben, em seu *A potência do pensamento* (2017), na esteira das proposições aristotélicas, indica que a estrutura originária da potência humana mantém um vínculo estreito com sua própria privação; ou seja, é sempre “potência de ser e de não ser, de fazer e de não fazer” (2017, p. 249), o que nos permite afirmar que “o homem é o vivente que existe de modo eminente na dimensão da potência, do poder e do poder não [...] o homem é o animal que pode a própria impotência” (2017, p. 250). Nesse sentido, buscamos compreender, a partir de *A fúria do Corpo* (2008), de João Gilberto Noll, de quais formas a potência de não nos acena para uma nova abertura de horizontes, fomentando, através de seu tecido narrativo, uma pedagogia da resistência que tem o não como impulso para a criação de outras formas de ocupar o real, tendo em vista que, como afirma o próprio narrador nolliano: “nada é tão real quanto a possibilidade de se criar uma outra realidade” (NOLL, 2008, p. 205).

Palavras-chave: Potência; Recusa; João Gilberto Noll

COICES E CHICOTADAS: O SENTIDO ATENTATÓRIO DA FICÇÃO EM LÚCIO CARDOSO E NELSON RODRIGUES

Frederico van Erven Cabala Oliveira

Resumo: No ambiente literário nacional de meados do século XX, dois escritores não faziam questão de demonstrar simpatia pública um pelo outro. Em seus diários, Lúcio Cardoso deixou comentários mordazes a respeito da criação artística de Nelson Rodrigues. O destacado dramaturgo, por sua vez, podia ver, nas páginas de jornais para os quais trabalhava, ataques ao romancista mineiro. Apesar das perseguidas tentativas de distanciamento, as ficções e o próprio comportamento intelectual desses autores dão brechas para notarmos o quanto as concepções artísticas de Lúcio Cardoso e Nelson Rodrigues continham vetores de aproximação. Ainda que envoltas em dicções de linguagem radicalmente distintas, as criações dos autores parecem unir-se no tratamento dado a diversos tópicos comuns, como incestos, cânceres, irrupção de desejos proibidos e desvelamento do recalque ligado a valores familiares. Nesta apresentação, propomos uma mirada para outra afinidade que nos parece fundamental: o entendimento semelhante acerca do impacto de suas próprias produções artísticas no público. Assim, veremos como uma busca pela perturbação do receptor da arte pode ser notada na própria carpintaria textual dos autores e nas reflexões formuladas por ambos a respeito do papel de suas ficções. A respeito das escritas ficcionais de Lúcio Cardoso e Nelson Rodrigues, vê-se um reiterado uso de imagens talhadas em elementos repulsivos. No mineiro, sobretudo em seu romance *Crônica da casa assassinada* (1959), são abundantes itens que remetem a moléstias, excrementos corporais e odor de putrefação; a personagem Nina, uma das figuras mais marcantes da obra, concentra em si

grande parte de uma ênfase pela abjeção vista em toda a obra. As criações de Nelson Rodrigues não exalavam menos estratégias de busca por um efeito desagradável. Em um texto dramaturgicamente como *Toda nudez será castigada* (1965), alusões à lepra, à morrinha, à morte, à hemorragia e a diversos fluidos orgânicos são indícios reiterados de um pendor para tocar em temas perturbadores. Quando passamos para os pronunciamentos desses escritores enquanto personas públicas, parece haver uma tentativa de reforço do sentido provocador já visto em suas criações artísticas. Em um texto de apresentação de sua peça *Boca de ouro* (1959), por exemplo, Nelson Rodrigues qualificou da seguinte maneira o sentido de seu teatro: “Amigos, a obra de arte é a que escolhe a [...]. O bom gosto, a polidez, a correção, a cerimônia — não têm função na obra de arte. É preciso agredir. E essa agressão contínua é a marca de todo o meu teatro.” Em um de seus diários, Lúcio Cardoso lançaria em 1961 uma fértil declaração para nosso propósito investigativo, na qual se percebe um paralelo com o pensamento de Nelson Rodrigues: “Sim, gostaria que meus leitores se transportassem a um estado de tão alta emoção passional que isto lhes destruísse o equilíbrio e eles se sentissem fisicamente doentes.” As palavras de ambos, desse modo, indicam que, apesar do confronto na arena intelectual, os escritores percorreram trajetórias afins na constituição de uma estética pautada no efeito do choque.

Palavras-chave: Estética do choque; Romance; Teatro; Lúcio Cardoso; Nelson Rodrigues

55 - LITERATURA E DRAMATURGIA: ENTRE O PALCO E A ACADEMIA

Coordenação: Profa. Dra. Suzi Frankl Sperber (UNICAMP); Profa. Dra. Sandra Luna (UFPA)

Resumo: O XVI Congresso Internacional da ABRALIC (Circulação, tramas e sentidos na Literatura) tem como objetivo e princípio projetar e dar continuidade ao fluxo dos diálogos e intercâmbios intelectuais entre as diferentes linhas e correntes comparatistas das áreas interdisciplinares que a ABRALIC congrega. Objetiva, também, integrar pesquisadores da área de estudos literários e culturais implicados na discussão de problemas característicos do contexto atual de produção, recepção e transmissão de textos literários e de outras disciplinas. Assim sendo, a proposta do presente simpósio é trabalharmos com diferentes relevos da paisagem teatral dramaturgicamente. Esperamos congregarmos testemunhos e experiências diferentes. A saber, esperamos tratar a dramaturgia em relação a diferentes tipos de possíveis interações entre o dramaturgo e outras figuras: o diretor, o dramaturgo e o dramaturgista; o ator e o dramaturgo; o ator no drama como parte de uma escrita coletiva e uma improvisação. Inserem-se ainda em nosso campo de interesse investigativo: recepção e encenação de clássicos; diálogos entre a dramaturgia do passado e do presente; dramaturgia enquanto escrita coletiva e improvisação. A palavra dramaturgia abrange dois sentidos: a escrita de um texto dramático e a passagem das ideias (e palavras) para a cena. No entanto, há espetáculos em que não há texto escrito, uma vez que o processo de criação começa (ou parece começar) imediatamente na cena aberta – ou quando o espetáculo trabalha a memória e o testemunho: neste caso, o que é dramaturgia?

PROGRAMAÇÃO

16/07 (TARDE)

SUBLIME E PRAZER TRÁGICO NO PENSAMENTO ESTÉTICO DE FRIEDRICH SCHILLER

Isabella Gonçalves Vido

Resumo: Friedrich Schiller, reconhecido especialmente enquanto poeta e dramaturgo de grande importância para a literatura alemã do século XVIII, encarnou o caso raro do artista que, além de grande talento para os versos, mostrou-se dotado de profundo espírito filosófico. Dedicando-se especialmente a estudos sobre as obras trágicas, Schiller destacou-se ao alargar os conceitos filosóficos circulantes em seu tempo a fim de transformá-los em fundamentos conceituais



apropriados à sua produção dramática. Primeiramente interessado no papel das artes na sociedade e, a um só tempo, coerente com o projeto cultural alemão de criação de um teatro nacional tal qual vigorava em sua época, o autor defendeu o potencial emancipatório inscrito nas tragédias e suas influências no aprimoramento do ser humano e, afinal, no espírito da nação. Ademais, com consciência extraordinária para aquele tempo, debruçou-se sobre o fenômeno trágico relacionando-o intimamente ao sublime, categoria estética tornada comum tão logo os temas centrais nas tradicionais discussões sobre as artes (i.e., a imitação e a relação de semelhança entre o ‘original’ e a ‘cópia’) cederam vez à preocupação com o espectador da obra e a relação entre os estímulos e as emoções por ela desencadeada. Resultantes da mudança de paradigma do racionalismo para a emotividade, as teorias do sublime que popularizar-se-iam entre os autores românticos conformaram-se, nos ensaios teóricos de Schiller, numa das facetas assumidas pela moderna experiência trágica. Em consonância com seu projeto de educação estética, o autor defendeu, nesses textos tão inspirados nas noções relacionadas ao pathos segundo os ensinamentos da Poética de Aristóteles bem como à ética e à estética de Immanuel Kant, que a apresentação, em peças trágicas, do sofrimento do personagem atinge-nos o afeto e a consciência de nossa própria liberdade, apontando-nos, assim, uma ordem universal transcendental em que é superado o abismo entre os mundos da razão e da sensibilidade. Ou seja, somos chamados à profundidade vertiginosa característica das tragédias sobre as quais Schiller dissertou nos textos que compõem sua Teoria da Tragédia, pois elas podem nos colocar na situação de inocência em que temos, de novo, a possibilidade de nos autodeterminar. Pretendemos demonstrar que, ao transformar o sublime em prazer trágico – fazendo, pois, comunicarem-se duas categorias estéticas cuja relação não é imediata – Schiller transformou o panorama da reflexão teórica e crítica sobre as artes. Esperançoso da possibilidade de transitar com relativa liberdade entre uma poética da tragédia fiel aos ensinamentos aristotélicos e uma ainda incipiente filosofia do trágico, herdeira de sua profícua interlocução com a crítica kantiana, Schiller contribuiu enormemente para a reconciliação de saberes literários e filosóficos, que, como tais, abrangem temas tão caros ao pensamento como a vida, a existência e a história. Os artigos teóricos nos quais Schiller versou sobre esses dois fenômenos nos são especialmente caros ainda porque permitem compreender a configuração adquirida por conceitos filosóficos não apenas em seus textos literários mais assumidamente reflexivos – a saber, seus poemas filosóficos –, mas, sobretudo, naquelas de suas obras que, a exemplo de Maria Stuart, A donzela de Órleans ou Guilherme Tell, são chamadas clássicas.

Palavras-chave: Friedrich Schiller; trágico; sublime

SAMUEL BECKETT: ALGUMAS NOTAS SOBRE DRAMATURGIA E ENCENAÇÃO

Tereza Cristina Damásio Cerqueira

Resumo: O presente estudo visa discutir o lugar do dramaturgo e encenador ocupados por Samuel Beckett quando da escrita e encenação das peças “Esperando Godot”, “Fim de Partida” e “A última gravação de Krapp”. A partir daí, a discussão se organiza em torno da investigação sobre a questão: há um deslocamento do dramaturgo para encenador, ou um e outro se fundem? Para realizar a discussão serão feitos: i) recortes breves sobre as peças mencionadas, apontando elementos que caracterizam a estrutura de cada uma delas; ii) levantamento de informações a partir de anotações de Beckett em relação à montagem das peças mencionadas em referencial específico; iii) análise dos dados e construção de alguns dados (quase) conclusiva. Os materiais específicos utilizados dizem respeito aos volumes 1 e 3 de “The theatrical notebooks of Samuel Beckett” (KNOLSOW 1992, 1994) e o volume 4 (GONTARSKI, S. E, 1999). Além dessas fontes e os supramencionados textos dramáticos, farão parte deste trabalho as pesquisas de Fábio de Souza Andrade (2001), Cláudia Vasconcelos (2017), Luiz Marfuz (2013), entre outros.

Palavras-chave: Samuel Beckett; dramaturgia encenação.

O TEATRO DE SAMUEL BECKETT: A ENCENAÇÃO COMO ELEMENTO DEFINIDOR DA DRAMATURGIA

Felipe Augusto de Souza Santos

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo abordar um aspecto extremamente significativo e ainda pouco estudado no Brasil dentro dos estudos beckettianos, ou seja, a trajetória do dramaturgo irlandês Samuel Beckett (1906-1989) e de sua obra a partir do envolvimento do autor com a prática teatral. Pretendemos apontar elementos que demonstrem como a dramaturgia beckettiana foi impactada pela prática teatral de Beckett, dentro da perspectiva de um dramaturgo que se torna encenador e posteriormente de um encenador que retorna à criação de sua dramaturgia após a experiência prática como diretor de montagens de textos de sua autoria. Para tanto, teremos como foco o objeto central de nossa pesquisa, ou seja, as anotações contidas nos cadernos de direção [theatrical notebooks] de Samuel Beckett, desenvolvidos pelo autor anteriormente às encenações de algumas de suas principais peças teatrais, tais como *Esperando Godot*, *Fim de partida*, *A última gravação de Krapp*, *Dias Felizes*, *Eu não* e *Passos*. Esta forma de reflexão acerca da obra teatral de Samuel Beckett vem ganhando espaço desde a década de 1970, alicerçada por relatos do autor acerca de sua obra dramática, e também por reflexões de alguns de seus principais comentadores, como Stanley E. Gontarski, James Knowlson, Ruby Cohn, Martha Fehsenfeld, Jonathan Kalb e Anna McMullan, bem como de colaboradores da esfera da prática teatral, desde atores que participaram das encenações de Beckett como Billie Whitelaw e Pierre Chabert a encenadores como Walter Asmus e Alan Schneider.

Palavras-chave: Samuel Beckett; dramaturgia; encenação; dramaturgo-encenador; teatro moderno.

PÓS-MODERNIDADE, PÓS-MODERNISMO E TEATRO *IN-YER-FACE*: A DRAMATURGIA DE SARAH KANE EM CONTEXTO

Débora Gil Pantaleão

Resumo: Sierz (2001) descreve o Teatro *In-Yer-Face* como sendo um tipo de teatro que pega sua audiência pelo pescoço, através de cenas perturbadoras, e a chacoalha até que esta alcance o entendimento sobre o que está sendo exposto no palco. Neste aspecto, diversos temas considerados tabus são abordados, a exemplo de sexualidade, violência, insanidade, dentre outros. Trata-se de uma forma de chocar que funciona ao mesmo tempo como uma maneira de abrir para a reflexão, de acordar os espectadores. São assuntos que estão no limite do aceitável e que questionam as ideias do sistema vigente. O nome de Sarah Kane (1971-1999), autora de nossa investigação, está dentre os pioneiros deste teatro. Desse modo, o nosso trabalho, “Pós-modernidade, pós-modernismo e teatro *In-Yer-Face*: A dramaturgia de Sarah Kane em contexto”, trata do estudo das propostas teóricas acerca do pós-moderno, alinhadas à análise de três peças teatrais, *Blasted* (1995), *Phaedra's Love* (1996) e *Cleansed* (1998), produzidas por esta dramaturga inglesa. Sobre a pós-modernidade, Michel Maffesoli, em livro *A ordem das coisas: Pensar a pós-modernidade*, nos traz a noção de socialidade presenteísta. O pensador apresenta esta noção como sendo uma das, se não a principal característica do pós-moderno. A condição humana pós-moderna representada no teatro de Kane, a partir dos diálogos intensos entre seus personagens, enquadra a existência como uma sucessão de instantes eternos, legitimando a perspectiva teórica entrevista em nossa investigação. Autores como Jameson (1991), Hutcheon (2001) e Maffesoli (2003) também nos orientam teoricamente em relação ao pensar a pós-modernidade no universo trágico da dramaturgia de Kane, cujas imagens são de violência, de banalização, descrença e desvalorização – e por que não da necessidade de reavaliação (?) – de diversos temas (sexo, Deus, morte, amor, etc).

Palavras-chave: Dramaturgia; Pós-modernidade; Sarah Kane; Literatura inglesa.

17/07 (TARDE)

A INVENÇÃO DO ESPAÇO NO TEATRO DE JOÃO DAS NEVES

Suzi Frankl Sperber



Resumo: No fim do séc. XX e começo do séc. XXI houve experiências teatrais apresentadas em espaços não convencionais, tal como todo o trabalho experimental do Teatro de Vertigem, iniciado no começo da década de 90, dirigido pelo encenador Antônio Araújo, e com a participação de seu grupo. A partir de outros olhares e aproveitando espaços abandonados, desprestigiados, o teatro dirigido por João das Neves, que contou com grupos ocasionais, quase aleatórios, de amadores (atores não profissionais) ou de alunos de conclusão de curso universitário, combinou palavra, movimento, espaço, música, luz e ressignificação dos espaços para criar a surpresa da densidade espiritual, a espacialização da memória, uma relação diferenciada de espaço e tempo e, naturalmente, uma relação diferenciada de ligações de causa e efeito, em um espaço que, estranhado, adquiriu mais profundos sentidos. Isto se deu em algumas encenações, como “Cassandra”, “Antígonas”, “Pedro Páramo”, “Troços e Destroços” assim como na encenação de Primeiras Estórias. Aproveitando o texto de narrativas de João Guimarães Rosa, o procedimento delineado acima foi capaz de abrir vias inéditas de percepção e compreensão do mundo. Trabalharei sobretudo com a encenação de “Famigerado”, “Sorôco, sua mãe, sua filha” e “Nenhum, nenhuma”. Algumas observações sobre a arte de Kantor me instigaram a refletir sobre a arte de João das Neves. Esclareço que tive a sorte de contar com os roteiros das encenações de Primeiras Estórias, cedidos pessoalmente por João das Neves.

Palavras-chave: João das Neves; espaço; espacialização da memória; Primeiras Estórias; João Guimarães Rosa.

AS PERSONAGENS SUBALTERNAS EM AÇÃO: A RECRIAÇÃO DO ESCRAVO PLAUTINO NO TEATRO DE ARIANO SUASSUNA

Vanessa Fernandes Dias

Resumo: Produzir uma arte com o intuito de valorizar as manifestações da cultura popular brasileira configura a essência da feitura artística do dramaturgo, romancista e poeta, natural do sertão da Paraíba, Ariano Vilar Suassuna (1927-2014). Dessa maneira, a reflexão sobre a nossa cultura norteia sua concepção estética e política como escritor em todos as esferas em que atuou, seja como fundador do Movimento Armorial (1970), seja como professor de Estética da Universidade Federal de Pernambuco, seja como secretário de cultura do mesmo Estado, cujo cargo propiciou diversas ações, entre as quais, a criação das “aulas-espetáculo”. Tal formato possibilitou, a partir de performances de dança, de música, de teatro e de exposições de pinturas e de esculturas, pensar na cultura como elemento fundamental para o entendimento que um país, nesse caso o Brasil, deve ter de si. Dentre as múltiplas facetas de Ariano como artista, a proposta desta comunicação incidirá sobre sua literatura dramática, iniciada quando era estudante da Faculdade de Direito do Recife e aperfeiçoada ao integrar o grupo de Teatro do Estudante de Pernambuco (TEP). Reconhecido popularmente como comediógrafo, foi de cabal importância para a construção de seu teatro a leitura da literatura produzida na Antiguidade Clássica, assim como a produzida por grandes escritores de épocas posteriores, a exemplo de Cervantes, Calderón de La Barca, Gil Vicente, a tradição oral dos contadores de histórias e os folhetos de cordel. Tendo em vista o diálogo característico nas peças do autor a que nos referimos, busca-se investigar como ocorre a recriação do escravo da Comédia Nova grega, adaptada na literatura latina entre outros autores por Tito Mácio Plauto (251 a.C – 184 a.C), no teatro moderno de Suassuna. O escravo espertalhão (seruus callidus) possui um papel de grande destaque no desenvolvimento do enredo plautino; cabe a ele, pois, pensar e executar estratégias diante dos conflitos visando à sua liberdade e ao fim benéfico para seu amo. O mesmo tipo social é encontrado nas comédias de Ariano; valendo-se da astúcia, o personagem João Grilo tenta mitigar a desigualdade que lhe é imposta. Portanto, por meio da comparação das peças Miles Gloriosus, do comediógrafo latino e Auto da Compadecida (1955), do comediógrafo brasileiro, procuraremos observar a potência cômica que as personagens subalternas, Palestrião e João Grilo, respectivamente, exercem na ação; apontaremos também a criação dramatúrgica dos escritores no que se refere à estruturação do enredo, à destreza do tempo no diálogo e à qualidade verbal da peça, de modo que tais atributos fazem com que elas

sejam apreciadas não somente na ação cênica, como também no ato da leitura, assim como refletir, a partir da representação, o lugar dessas personagens nas sociedades romana e brasileira, dado os contrastes temporais e geográficos tão distintos de produção das comédias. Para tanto serão utilizadas as contribuições teóricas de (BAKHTIN, 2002; KRISTEVA, 1974) assim como (BURKET, 1991; CANDIDO, 2006; JOLY, 2005). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Palavras-chave: Ariano Suassuna; Plauto; Auto da Compadecida; Miles Gloriosus; Recriação.

"FALA BAIXO SENÃO EU GRITO" E "VAGA CARNE": SOBRE A NECESSIDADE DO ENCONTRO LEVINASIANO

Mariana de Oliveira Arantes

Resumo: O presente trabalho resulta da pesquisa de mestrado intitulada “Dramaturgia brasileira contemporânea: um olhar sobre a alteridade nas personagens de Por Elise, Amores Surdos e Vaga Carne, de Grace Passô”, cujo objetivo é analisar a dramaturgia de Passô a partir da alteridade defendida pelo filósofo Emmanuel Lévinas. Para essa comunicação, faço um recorte da pesquisa, no entanto, visando estipular um paralelo analítico entre as obras "Fala baixo senão eu grito" (1969), de Leilah Assunção, e "Vaga Carne" (2018), de Grace Passô, obras distintas em contextos cronológicos e históricos, mas possíveis de aproximação no que tange serem escritas por mulheres e apresentarem duas personagens. Cabe já ressaltar que a estrutura de personagem utilizada em "Vaga Carne" se difere da constituição apresentada na obra de Assunção, pois naquela as personagens são voz e corpo de uma mulher, sendo essa voz outra, não pertencente a esse corpo de mulher definido, mas que o ocupa; já em "Fala baixo senão eu grito", as personagens são Mariazinha e um Homem, esse não declarado como real ou pertencente à imaginação de Mariazinha. Desse modo, evidencia-se questionar como o diálogo ocorre entre as personagens, acentuo ainda como ocorre em âmbitos estruturais e conteudísticos, visto que, como defendido por Peter Szondi em "Teoria do drama moderno [1880-1950]" (2001), as obras teatrais já do final do século XIX apontavam o uso de “respostas monológicas” (ANDRADE, 2005) em detrimento ao diálogo do período burguês, pois “o fato torna-se acessório, e o diálogo, a forma de expressão intersubjetiva, converte-se em receptáculo de reflexões monológicas” (SZONDI, 2001, p. 91). Essas reflexões permitem a personagem repensar seu passado e sua trajetória, o que “costuma aparecer sob forma lírica” (ANDRADE, 2005) na obra de Assunção e sob “fragmentos ‘despregados’ e às vezes ‘recosturados’ e como que ‘remendados’” (RYNGAERT, 1998) na obra de Passô. Saliento ainda que as reflexões desenvolvidas nas personagens a respeito de suas vivências ocorrem devido ao encontro com o outro, esse outro a interpela, exigindo uma resposta, cabe analisar em que medida é uma resposta ética de acordo com a proposta de Lévinas. A comparação entre as obras visa perceber como cada personagem dá conta ou não por meio de seu discurso em estabelecer uma relação com o Outro, uma relação de “responsabilidade irrecusável” (LÉVINAS, 1993), delimitar assim a presença da alteridade levinasiana nos textos teatrais.

Palavras-chave: Teatro; Leilah Assunção; Grace Passô; Alteridade.

QUEM TEM MEDO DE GARCIA LORCA? DRAMATURGIA E DRAMATURGISMO NA ADAPTAÇÃO CÊNICA DE YERMA PARA O GRUPO DE TEATRO LAVOURA

Sandra Amélia Luna Cirne de Azevedo

Resumo: Dentre os dramaturgos modernistas que se destacaram na composição de peças de cunho trágico, Garcia Lorca se sobrepõe por sua reconhecida habilidade em aproximar parâmetros de construção textual advindos da tradição clássica a elementos característicos da cultura espanhola, aproveitando marcadamente mitos, costumes e formas de vida típicos da região da Andaluzia e assim produzindo comoventes dramas, verdadeiras “tragédias modernas”, no dizer de Raymond Williams (2002). Não é fácil discernir, entretanto, na complexa tessitura dramática dos textos de Lorca, os fios que enredam seus personagens em tramas nas quais o



arcaico se mescla ao moderno, o mítico ao real, o sagrado ao religioso. Com respeito à linguagem, o poético permeia a cena e perfaz múltiplas funções, que oscilam do lírico ao épico e ao dramático, por vezes soando como tradicionais e nostálgicas, por outras fazendo-se estratégias de uma estética de ruptura, inovadora, experimental, vanguardista. Derivando o trágico de ações nas quais o pathos emerge fundamentalmente da potência extraordinária do ethos, as obras dramáticas de Lorca nos remetem às origens do teatro grego. No entanto, a despeito da força das ações centrífugas, como sugere o antigo padrão aristotélico, outras potências típicas dos dramas da modernidade se imiscuem nas tramas, obrigando-nos a convocar perspectivas teóricas adicionais sobre ação e caracterização, pois que em seus personagens se entrecruzam consciência e inconsciente, paixão e pulsão, individuação e tipificação, localismo e universalidade, ficção e história, ofertando-se, por isso mesmo, como verdadeiros laboratórios de reflexão crítica. O presente trabalho apresenta os fundamentos teórico-críticos do processo de adaptação cênica de Yerma para o Grupo de Teatro Lavoura (João Pessoa – PB), focalizando, primeiramente, resultados de pesquisas voltadas ao universo estético do autor na construção da chamada “trilogia andaluz”, que inclui, além de Yerma, as peças Bodas de Sangue e A Casa de Bernarda Alba. A partir de reflexões críticas sobre essa dramaturgia e sobre Yerma mais especificamente, destacamos parâmetros de significação estética, ética e política que nortearam o dramaturgismo na construção do espetáculo cênico, não sem motivos, intitulado “Quem tem medo de Garcia Lorca?”. Estudados em profundidade a persona e as ações de Yerma em seu lócus original no texto dramático, acompanha-se a descrição do processo de semiosis artística que dá nova vida e empresta corpo à personagem, projetando, ao mesmo tempo, traços fortes e delicados nuances a uma caracterização que se molda como signo por excelência da poesia e da tragicidade de um ethos feminino, tão potente quanto frágil, terno e comovente, por isso mesmo singularmente trágico.

Palavras-chave: Garcia Lorca; Yerma; Literatura e Dramaturgia; Teatro e Drama

18/07 (TARDE)

POLÍTICAS DA ESCRITA - A ESCRITA DO SOLO PARA SI E PARA O OUTRO

Rafael Apolinário Coutinho

Resumo: Tendo em vista as dramaturgias de Grace Passô, Vaga Carne (2018) e Mata teu Pai (2018), proporemos uma discussão acerca da escrita do texto dramático para um ator em duas situações, para a performance do dramaturgo-ator e para a performance de atores que não sejam o próprio dramaturgo. As duas dramaturgias, publicadas e encenadas em um curto espaço de tempo, além de virem da mesma dramaturgia, compartilham de uma temática: a mulher em cena. No entanto, apesar do lugar de partida comum, as peças lançam mão de procedimentos distintos, tanto na maneira de representar essa personagem - sendo na primeira, através da uma voz, e na segunda, através da evocação da clássica personagem Medeia - quanto nas suas estratégias enunciativas e de contato com o público e, se diferem, principalmente, pelas atrizes que os encenam, na primeira a própria dramaturgia, Grace Passô, e na segunda, a atriz Debora Lahm. A partir dessa reflexão, entendemos a necessidade de nos debruçarmos na questão da escrita desses solos em busca de entendermos como orbitam conceitos como autoria, personagem e criação de ator - tanto nessas obras, em específico, quanto no gênero monólogo, agora comumente chamado de solo. Ancorados no pensamento de Jacques Rancière em Políticas da Escrita (1995) e nos escritos sobre o monólogo, contidos em Ler o teatro contemporâneo (1998), de Jean-Pierre Ryngaerd discutiremos o ímpeto da escrita somado ao papel de autor e ao papel de performer, buscando perceber os pontos de convergências entre a escrita para si, e a escrita para o outro.

Palavras-chave: dramaturgia; monólogo; literatura comparada; grace passô; teatro.

DRAMA DA VIDA

Juliano Ricci Jacopini

Resumo: Uma das linhagens do teatro contemporâneo – final do século XX e início do XXI – tem sua força expressiva de destaque, via especialmente os teatros experimentais, no que pode ser chamado e discutido como mimesis pessoal (mimesis de si), autorrepresentação, autoperformance, autobiografia em cena, dramaturgia autobiográfica... Ampliando mais: há os teatros documentários, teatros do real, performatividade enquanto depoimento pessoal autobiográfico. Esse movimento desdobrou o conceito de dramaturgia na cena contemporânea para uma ideia de composição global do acontecimento cênico, sendo valorizado o work in progress e a voga colaborativa para criação. Daí que as autobiografias aparecem como material rico e poderoso para o nascimento da tessitura ficcional. “Fantasia ou A Cifra da Ação Possível” é um acontecimento cênico em processo, elaborado à luz dessas perspectivas criacionais. Durante sete meses, trabalharam juntos os artistas Juliano Jacopini (Cia. Labirinto) e Carlos Simioni (Lume Teatro) como provocadores da professora e pesquisadora, e então atriz, Suzi Frankl Sperber. Unindo as experiências e interesses dos três, a memória do vivido foi evocada e atualizada pelo corpo da atriz, culminando no nascedouro de uma composição colaborativa “fantasiada” da própria vida, que toma, como eixo central da dramaturgia, questões sobre a existência. A abertura do processo (março de 2019) ocorreu como espécie de conjunto de comemorações: à vida e ao amor. Ademais, a ação aconteceu na casa da atriz, recebendo seus amigos/convidados/público para a suposta “festa” de seu aniversário. Ao trabalhar com a rememoração de eventos da vida atualizados para a cena, evidencia-se a nascente mimesis de si (JACOPINI, 2019) que constrói a obra artística ao tempo que reconstrói o ser humano em um processo que apresenta uma atração íntima entre ética e estética e que valoriza a inclinação da elaboração do evento vivido como uma necessidade criativa ficcional, via horizontalidade no processo, de forma que todos os envolvidos passam a atuar como compositores (dramaturgos) do/da drama/ação. Refletirei, a partir dessas colocações, a criação coletiva nas dramaturgias contemporâneas, tomando o conceito aristotélico de mimesis (ARISTÓTELES, 2017) com caráter evolutivo, entrecruzado ao deslocamento da concepção de dramaturgia de drama na vida para drama da vida (SARRAZAC, 2017) que não apanharia mais episódios da vida para narrar, e sim toda a vida. Daí o entorse de um drama na vida para um drama da vida, de modo que haja uma distensão da fábula que cobre, em sua totalidade, uma vida humana. Ao pensar na possibilidade da escrita pelo corpo na espacialidade da cena, temos uma linguagem revelada pelo corpo-memória que compõe uma escrita-em-movimento/escrita-em-ação, considerando-a sob uma forma de composição que gera uma ficção autobiográfica de si.

Palavras-chave: Dramaturgia; Mimesis de si; Fantasia; Processo Colaborativo

56 - LITERATURA E ENSINO: REFLEXÕES, EXPERIÊNCIAS E PROPOSTAS

Coordenação: Prof^a. Dr^a. Ana Crélia Dias (UFRJ); Prof. Dr. Sérgio Fabiano Annibal (UNESP); Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves (UFCCG)

Resumo: A reabertura do GT Literatura e Ensino da ANPOLL, em 2016, vem favorecendo o diálogo de pesquisadores de diferentes universidades do país acerca dos problemas seculares que o ensino de literatura enfrenta no país. De uns tempos para cá, o ensino de Literatura tem sido mais debatido, corroborando pesquisas de professoras como Rocco (1981), Leite (1983), Bordini e Aguiar (1988), Zilberman e Lajolo (2009) que já tratavam de questões ligadas à formação do leitor desde a década de 70. O espaço desprivilegiado nos Parâmetros Curriculares Nacionais trouxe alguma reação aos defensores dos estudos literários, apontando negligência na ausência de profundidade do documento a discussão sobre o lugar da literatura, sem refletir, no entanto que essa negligência deu-se muito provavelmente pela dificuldade dos especialistas em Literatura de lidar com as relações de sua área com a educação. Ainda sem muita definição do incômodo e sem saber como firmar o espaço da leitura literária como necessária à educação, foram retomados os caminhos de discussão inaugurados pelas professoras e pesquisadoras mencionadas, dos quais, aliás, elas nunca se afastaram, o que faz uma “grande descoberta” de



hoje ser apenas um reaquecimento de algo que elas e outras já disseram em algum momento de suas vastas pesquisas na área. O profissional de Letras, muitas vezes pouco amparado em relação às questões concernentes ao ensino de Literatura na formação inicial, precisa abrir espaço para a leitura de Literatura na escola, mas, já diante dessa premissa, esbarra-se em muitas outras indagações: que Literatura ensinar? Estarão os leitores preparados? Como lidar com o fato de que nem sempre os estudantes têm grande experiência leitora? Para que servem crítica e teoria na sala de aula da educação básica? Muitas das questões apontadas pelas pesquisas desde a década de 70 permanecem atuais, embora tenha crescido, a partir do final do século passado e início deste, estudos publicados em revistas através de dossiês, livros com reflexões sobre o ensino, relatos de experiências e diagnósticos. Documentos oficiais, como as OCEM-2006, além de trazer a contribuição destas pesquisas, abriam-se para novas práticas em sala de aula. Por outro lado, o ensino de literatura nas Universidades, especificamente nos cursos de Letras, permanece ainda afiliada ao historicismo que já foi questionado pelos próprios historiadores (vide Bosi, 2002). Nos últimos anos, com as discussões e problematizações trazidas pelos estudos culturais, observam-se algumas mudanças, sobretudo na abertura para leitura de produções literárias mais diversificadas, representativas de minorias que se alojavam ao largo do cânone acadêmico. Entretanto, discussões essenciais, como o espaço para as leituras do texto e a escrita literária na sala de aula ainda não avançaram. Neste contexto, este Simpósio acolhe trabalhos que reflitam sobre questões relativas à construção de reflexões epistemológicas do ensino de literatura, a partir do seguinte eixo de pensamento: que teoria(s) cabe(m) na escola? Qual é o espaço da crítica literária no ensino de literatura na educação básica? A partir deste eixo, serão acolhidas propostas voltadas para formas diferenciadas de experiências com o texto literário no contexto escolar; reflexão sobre mudanças curriculares, nos diferentes âmbitos de ensino, inclusive na Universidade, que possam estar ocorrendo; o ensino de literatura e a intertextualidade: singularidade dos processos; diálogos entre a literatura e outras artes como um caminho que contribua para formação de leitores no ensino básico; investida na escrita literária por parte dos estudantes; pesquisas que correlacionem literatura, ensino e questões ligadas a sexualidade, gênero, classe/comunidade, raça/etnia etc.; discussões sobre a abertura, nos últimos anos, dos mestrados profissionais em Letras e seu papel na produção e consolidação de um saber concernente à educação literária; o ensino de literatura na atualidade: o imanentismo e os fatores externos ao literário como suportes. Outros trabalhos que se norteiem pelo eixo de Literatura e Ensino também serão aceitos, ainda que não enumerados nos temas expostos, uma vez que a proposta de nosso Simpósio é construir e ampliar os debates já existentes, para que, por meio da reflexão teórico-crítica da prática docente nas salas de aula de literatura, novas e transformadoras ações se concretizem.

Palavras-chave: Literatura; ensino; educação literária; formação de leitores.

Referências:

- BORDINI, M. da Glória; AGUIAR, V. Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- BOSI, Alfredo. Por um historicismo renovado: Reflexo e reflexão em história literária. In: BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- LEITE, Lúcia Chiappini de M. *Invasão da catedral: literatura e ensino em debate*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- ROCCO, Maria T. Fraga. *Literatura/ensino: uma problemática*. São Paulo: Ática, 1981.
- ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 2009.

16/07 (MANHÃ)

LER E ENSINAR LITERATURA COMO RESISTÊNCIA
Benedito Antunes

Resumo: Esta comunicação toma como ponto de partida uma reflexão de Renato Janine Ribeiro (2018) sobre a educação no Brasil, apresentada sob o título de “A cidadania cognitiva”. Conforme resume, “cidadania cognitiva não é só adquirir um rol de conhecimentos – como o adjetivo cognitiva poderia dar a entender. É também cidadania, isto é, uma atuação no mundo” (p.229). Transpondo o conceito para o contexto da educação literária, pode-se dizer que estudar literatura não se resume a adquirir um rol de conhecimentos sobre obras, autores e estéticas. É também tornar-se um leitor capaz de atuar no mundo como cidadão. Seria uma versão do conceito de humanização de Antonio Candido (2003), segundo o qual “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (p.249), acrescido de uma dimensão política mais explícita. Afinal, toda boa leitura é contra algo, raramente é edificante no sentido de conformar-se a uma situação. Ou, como diz Daniel Pennac (1993), “cada leitura é um ato de resistência” (p.80). O conceito de resistência para ele é amplo ao entender que, em última instância, “lemos contra a morte” (p.81), mas o momento que vive a humanidade, particularmente no Brasil, quase força sua atualização e aplicação contra tudo o que nos oprime. Conforme completa Renato Janine no texto citado, “o cidadão se distingue do súdito porque este é passivo, enquanto aquele é ativo” (p.229). Esse entendimento pode contribuir para se encontrar uma razão para ler literatura na escola que vá além da mera aquisição de conhecimentos, voltando-se para os contextos em que ela é produzida e consumida. À vista desses pressupostos, a comunicação visa apresentar uma lista de temas relacionados ao ensino de literatura na escola que possam dar consistência ao seu estudo e ensino como resistência. Essa lista, que futuramente poderá ser objeto de estudos mais aprofundados, contemplará pelo menos quatro faces do ensino de literatura: 1) o foco da abordagem literária, conforme seja centrado no autor, em obras ou no aluno; 2) os sujeitos envolvidos no processo de ensino – professor e aluno; 3) a orientação teórica – formal, temática ou estética; 4) as políticas para o ensino – individual, escolar ou de Estado. Pressupõe-se que seja possível, com base no estudo preliminar de temas inerentes a essas faces, sugerir a configuração de uma escola favorável à reflexão, numa espécie de laboratório aberto a novas descobertas. Com isso, o ensino de literatura passaria a ser visto como ato político, em que se conhece não apenas para acumular informações, mas para questionar. Trata-se, enfim, de desenvolver nos alunos uma atitude intelectual própria de quem reflete sobre o que lê, visando à práxis social. Referências bibliográficas CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. Vários escritos. 3.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 235-63. CANDIDO, Antonio. PENNAC, Daniel. Como um romance. Tradução Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. RIBEIRO, Renato Janine. A pátria educadora em colapso: reflexões de um ex-ministro sobre a derrocada de Dilma Rousseff e o futuro da educação no Brasil. São Paulo: Três Estrelas, 2018.

Palavras-chave: Ensino de literatura; Contextualização da leitura; Formação do leitor literário; Literatura e resistência.

AS PROPRIEDADES DA MÍMESIS VERTIDAS NO ENSINO DA PRODUÇÃO DE NARRATIVAS ESCRITAS

Maria Celeste de Souza e Neide Luzia de Rezende

Resumo: A comunicação visa a apresentar uma reflexão crítica sobre o ensino escolar de literatura, organizada a partir do conceito de mimesis, comum aos estudos literários concernentes à narrativa em prosa, mas pouco explorado nas abordagens metodológicas relativas ao ensino de leitura e escrita. Afirma Aristóteles que a imitação é inerente ao modo de aprender dos seres humanos e o imitar lhes é tão natural que nisso encontram tanto prazer quanto na apreciação do imitado. Origem da poesia e da poética, as questões decorrentes dessas premissas aristotélicas foram largamente estudadas e debatidas por teóricos da literatura e filósofos ao longo do tempo. Na realidade do ensino, porém, predomina a visão de que o pensamento lógico-racional é a verdadeira fonte de conhecimento, pois com ele se forma o cidadão que fará uso da ciência e da tecnologia para promover o desenvolvimento. Por conta



desse ideal de formação e de sua decorrente concepção de aprendizagem, os conhecimentos advindos da criação da obra de arte — a poética — que se processam no campo do lúdico e do jogo ocupam lugar secundário nos currículos da educação básica. Tanto é assim que o ensino de narrativas perde espaço à medida que a escolaridade avança, chegando a praticamente desaparecer no ensino médio, onde predomina o estudo da literatura separado da redação que se volta exclusivamente para a dissertação cobrada nos vestibulares. Todavia, a filosofia hermenêutica de Paul Ricoeur e Hans-Georg Gadamer, o trabalho de teóricos das questões identitárias e do reconhecimento contemporâneos — Jürgen Habermas, Axel Honneth, Stuart Hall — e outros do ensino de língua e literatura no Brasil nos obrigam a reconhecer que o tratamento lógico-científico é insuficiente para a compreensão da experiência existencial, evidenciando que o ensino de literatura e dos modos de produção da literariedade deveriam ocupar maior espaço e mais relevância na educação que se pretende democrática, a fim de que os saberes, historicamente excluídos ou reduzidos a estereótipos culturais possam ser trazidos à luz e devidamente valorizados. Nossa hipótese é que a revisitação do conceito aristotélico de mimesis realizada por Ricoeur em “Tempo e Narrativa” (2010) ilumina um possível encaminhamento metodológico ao ensino de leitura e escrita da prosa narrativa. A “tripla mimesis” de Ricoeur descreve o processo que vai do reconhecimento e conceituação da ação e do agir no mundo (Mimesis I), passando pela composição do texto, a intriga, o enredo narrativo (Mimesis II), até a refiguração do mundo da ação pela via da compreensão gerada pelo enredo (Mimesis III). Trasladadas para o ensino permitiriam reconhecer no processo de aprendizagem, tanto da leitura como da escrita, três fases análogas que se sucedem: 1) Ler e escrever são processos de reconhecimento da linguagem como representação e também como invenção de realidades; 2) A leitura e a escrita exigem a elaboração de um sentido possível (enredo); 3) A leitura e a escrita transformam o leitor e sua realidade através da experiência da linguagem.

Palavras-chave: literatura; ensino; escrita; leitura; narrativas

“A CONVIVÊNCIA COM OS TEXTOS” OU A ATUALIDADE DE ALGUMAS PROPOSTAS DE LÍVIA FERREIRA PARA O ENSINO DE LITERATURA

José Hélder Pinheiro Alves

Resumo: Publicado em 1970, o livro *A convivência com os textos: unidades no ensino de literatura em nível médio*, de Livia Ferreira, traz algumas propostas concretas de abordagem do texto literário em sala de aula que fogem ao modelo predominante na escola. A perspectiva metodológica da professora foi devidamente experimentada nos “estágios de Prática de Ensino de Português dos alunos dos quartos anos de Letras da FFCL de Assis”. Destacaremos, nesta comunicação, alguns aspectos do método proposto pela professora e que nos parecem bastante atuais, como: 1. O texto literário como eixo da aula de literatura, favorecendo uma vivência da leitura. Foge-se, portanto, do “conhecimento” panorâmico e busca-se uma “penetração vertical no texto”. 2. Um aspecto norteador é procurar um “relacionamento do estudo da literatura com a vida do aluno”. Esta perspectiva – que hoje pode ser associada à teoria da interação texto versus leitor – traz o aluno-leitor para o centro da leitura literária, passando a atuar como sujeito do ato de ler. Para tanto, vários procedimentos são sugeridos, dentre eles, uma sondagem dos conhecimentos e interesses dos alunos e sugestões de abordagem de textos ancoradas em experiências realizadas. 3. No “Apêndice” da obra, denominado “observações relativas à escolha dos textos”, a autora lembra que “deve-se partir de autores recentes, que tratem de problemas atuais” (FERREIRA, 1970, p. 115). Mais uma vez, estamos diante de uma perspectiva que leva em conta o leitor em formação e não meramente um saber a ser ensinado. Destaque-se ainda, nesta obra tão esquecida de nossas reflexões sobre ensino de literatura, a documentação de que se discute há muito tempo o ensino de Literatura, conforme retrata a Mesa Redonda sobre a temática ocorrida em 1964 em Assis, com participação de Antonio Candido. Ao discutirmos o pioneirismo e a atualidade de alguns procedimentos apontados pela professora Livia Ferreira, queremos chamar a atenção para o caminho da reflexão sobre o ensino de literatura entre nós. Faremos, por fim, algumas aproximações entre a proposta de Livia Ferreira

e alguns pressupostos da Estética da Recepção (JAUSS, 1978; ISER, 1979), bem como da denominada “Leitura subjetiva” proposta por Annie Rouxel (2013; 2014). O livro traz as marcas do tempo, sobretudo no que se refere à concepção de ensino de língua, de erro, dentre outros aspectos.

Palavras-chave: Livia Ferreira; Ensino de Literatura; Convivência com textos

POLÍTICAS LITERÁRIAS: ENSINO DE LITERATURA E DEMOCRACIA À LUZ DE CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA LITERÁRIA

Wellington Furtado Ramos

Resumo: Em Educação e emancipação, Theodor Adorno (1995) afirma que “uma democracia não deve apenas funcionar, mas, sobretudo, trabalhar o seu conceito, e para isso exige pessoas emancipadas”; ao discutir a questão da emancipação no sistema de ensino alemão, o filósofo admite tratar-se de questão de fundo universal ao sentenciar: “Só é possível imaginar a verdadeira democracia como uma sociedade de emancipados”. Considerando a conjuntura do Brasil de 2019, e motivados pela proposição do filósofo alemão, somos levados ao questionamento: como pode a leitura literária e o ensino de literatura articularem-se com a ideia de democracia e, ainda mais, na esteira de Adorno, “trabalhar o seu conceito” e promover a emancipação? Na tentativa de pensar essa questão, este trabalho busca investigar quais contribuições da teoria literária, por meio dos conceitos de “perspectivação” e de “suspensão voluntária da descrença”, são eficazes para se pensar um ensino de literatura que promova a emancipação; ou seja, tratará de pensar como pode a literatura e o ato de leitura literária promoverem a democracia enquanto produções culturais que se materializam na tensão entre as forças repressoras (da linguagem, da sociedade, da escola, da família, do currículo, do cânone literário etc.) e um impulso das “poucas pessoas interessadas nesta direção [a da concretização efetiva da emancipação] [que] orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contestação e para a resistência”. Para tanto, além de recorrer à proposição adorniana já mencionada, faremos uso das contribuições de: Liev Vigotski (2003) sobre a “educação estética”; de Roland Barthes (1999) sobre o caráter totalitário da linguagem; de Gustavo Bernardo (1999), Wolfgang Iser (1996) e Samuel Coleridge (2004) sobre os conceitos de “perspectivação” e “suspensão voluntária da descrença”; bem como das proposições da filósofa Marilena Chauí (2018) sobre educação e democracia, na tentativa pensar, do ponto de vista da teoria literária, suas contribuições para o ensino de literatura no contexto das políticas literárias que se nos apresentam/se (des)constroem na segunda década do século XXI, no Brasil.

Palavras-chave: Políticas literárias; ensino de literatura; democracia; perspectivação; suspensão voluntária da descrença.

ENSINO DE LITERATURA: UM OLHAR PARA OS PARATEXTOS NOS LIVROS LITERÁRIOS DURANTE A MEDIAÇÃO LEITORA

Renata Junqueira de Souza

Resumo: Poderíamos dizer que os paratextos são textos que acompanham o texto principal, seja verbal ou visual. O autor do termo, Gérard Genette, define como paratexto a fronteira entre o texto impresso e a leitura e interpretação desse mesmo texto. O texto principal é muitas vezes cercado por outros materiais oferecidos pelos autores, design gráficos e editores, esses materiais são os paratextos. Genette (2009) elenca como paratextos: a capa, as guardas, a quarta capa, título, frontispício e índice. Sobre a necessidade de analisá-los, isso se deve ao fato de que embora sejam aspectos “externos” ao texto, pois o livro é um objeto cultural gerado pela união de diversos elementos, de acordo com Genette (2009) o texto nunca se apresenta sozinho, de forma isolada, ele se mostra acompanhado. Esses elementos, acompanhantes do texto verbal e/ou visual são então, os paratextos, os quais, de forma geral, podem ser definidos como tudo o que está além do texto. Por esse motivo, o texto verbal e/ou visual não existe sozinho, tem-se de levar em consideração o objeto livro, a interação entre as linguagens, o projeto gráfico, a materialidade, a escolha do tema, do título, vislumbrando o leitor pretendido. Portanto,



propomos neste trabalho um olhar para o livro de modo que sejam considerados seus aspectos "externos" e tudo que está na obra pode contribuir para sua leitura. O professor, leitor mais experiente, deve assumir a ideia de que os livros são portadores de uma mediação cultural e quanto mais remetem o leitor à uma compreensão e a vários sentidos, mais capacidade terá para expandir os conhecimentos e as interações entre os alunos leitores. Para tanto, os alunos devem ser levados a observar os paratextos, conduzidos por uma mediação que não os ignore enquanto leitura válida e constituidora de sentido no todo da obra. A partir dessa breve discussão, exemplificaremos com alguns paratextos de livros literários para crianças e jovens como esse recurso não é casual durante a constituição da materialidade da obra e da leitura do livro, logo, não deve ser desconsiderado enquanto componente fundamental no processo de mediação leitora. Assim, os principais autores que embasam esta proposta são Genette (2009); Carvalho (2008); Nikolajeva & Scott (2011). Os resultados das análises dos livros propostos apontam para o fato de que atualmente os paratextos não têm somente a função de preservar o miolo do livro, pois para além disso chamam a atenção e tinham como utilidade acolher e preservar o miolo do livro; na contemporaneidade, também servem para chamar atenção e estimulam a leitura. Algumas folhas de guardas são decorativas e só reforçam o título do livro ou alguma imagem da capa. Em contrapartida, outras, por sua ludicidade, são elaboradas para instigar à leitura, trazendo elementos gráficos que podem levar o leitor a prever a narrativa, auxiliando na compreensão do texto. Dessa maneira, o mediador de leitura deve levar as guardas em consideração quando prepara seu trabalho de motivação de leitura.

Palavras-chave: Ensino de literatura; Mediação leitora; Paratextos.

16/07 (TARDE)

MEMÓRIA E HISTÓRIA DAS DISCIPLINAS DE LITERATURAS EM LÍNGUA ESPANHOLA NO CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS DA UNESP DE ASSIS

Augusto Moretti de Barros

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar o projeto inicial de uma pesquisa de doutoramento na área de ensino de literatura em nível superior, tendo como foco, nesta ocasião, as relações estabelecidas entre nosso referencial teórico e o corpus selecionado. A pesquisa busca traçar o percurso histórico das disciplinas de literaturas de língua espanhola no curso de graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Assis. André Chervel (1990) contribui diretamente para esta pesquisa já que buscou montar a história das disciplinas escolares, gerando debates no âmbito pedagógico e discutindo os níveis hierárquicos que determinam a sua concepção; ainda, traz importantes reflexões sobre o papel das disciplinas em nível superior, pois estas são caracterizadas pela forma direta de transmissão de saber, em que suas práticas coincidem em larga escala com suas finalidades. Nosso corpus são os planos de ensino das referidas disciplinas, documentos que pertencem ao Projeto Pedagógico de Curso (PPC) e os processos de reestruturação dos cursos, que contemplam o período de 1970 a 2005. A seleção desses trinta e cinco anos nos revelará importantes dados, visto que contempla as duas versões mais recentes da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que datam de 1971 e 1996. Por meio dessa trajetória, também poderemos observar o antes e o depois da promulgação da Constituição Federal, em 1988. Acreditamos na potencialidade desses arquivos como “lugares de memória”, como apontado por Pierre Nora (1993), pois estes contêm aparência material e caráter funcional, mas também são dotados de aura simbólica e portam na sua fisicalidade o recorte de uma unidade temporal carregada de lembrança. Assim, nossa perspectiva se aproxima do que formula Roger Chartier (2001), quando este indica que as representações atribuídas a estes arquivos são inalienáveis do seu suporte material. Pela perspectiva de ambos os autores, os planos de ensino e os processos de reestruturação de curso formam a materialização da memória dessas disciplinas que, por sua vez, estão inseridas na estrutura de um curso de formação em nível superior. Tais documentos estão contextualizados temporal e socialmente e apresentam informações e características destes contextos (LÜDKE &

ANDRÉ, 1986), logo, são fontes fecundas de dados para as análises buscadas nesta pesquisa. Dessa maneira, objetivamos, com base nos arquivos e documentos selecionados para a pesquisa, contribuir para a manutenção da memória e da história do curso de Letras da UNESP de Assis, bem como para o acervo documental da Faculdade. Esperamos obter dados e informações que contribuam para a elaboração da trajetória do ensino de literaturas de língua espanhola em nível superior.

Palavras-chave: Ensino de literatura; Literaturas de língua espanhola; Memória; Percorso histórico; Curso de graduação em Letras.

REPRESENTAÇÃO DO ENSINO DAS LITERATURAS EM LÍNGUA INGLESA DA UNESP/ FCL DE ASSIS, ENTRE 1997 A 2017

Patrícia Dalla Torre

Resumo: Este trabalho consiste no recorte do debate que constitui a pesquisa de mestrado, financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 e intitulada Literaturas de língua inglesa: representações e sistematizações do ensino. Pretende-se discutir como as literaturas anglófonas estão representadas no curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras de Assis. O corpus desta investigação respalda-se nos Planos de Curso das disciplinas de literaturas em língua inglesa, vigentes entre 1997 e 2017. Com base na análise documental, será identificada a bibliografia utilizada para elaboração destes planos, no que diz respeito às teorias, críticas e obras literárias mobilizadas. A partir destes dados, na perspectiva metodológica das representações sociais (CHARTIER, 1990), pretende-se compreender de que forma a literatura está manifestada por meio das escolhas teóricas e metodológicas efetuadas pelo corpo docente. Apropria-se do conceito de representação social, de Roger Chartier, para se pensar essas questões, que perpassam por um sistema político, cultural e social incorporado nos sujeitos-docentes e expressos na elaboração desses planos de curso. No momento em que se projeta o plano de uma disciplina, o docente profere uma representação do que vem a ser o ensino de literatura e por quais obras e autores literários isto vinga no contexto acadêmico. Estes elementos transcorrem o processo de formação de professores de literaturas inglesas, no qual os indivíduos constroem noções de currículo e de conceitos acerca dessas literaturas e, portanto, nestas construções estão postas representações sociais sobre as literaturas (escolhas de obras e de teorias de análise) a serem abordadas. Os documentos servem como testemunhos da história local (CAMARGO, 2006), que esboçam, por sua vez, características locais/geográficas e culturais. Isso possibilita uma investigação de como e por quais caminhos bibliográficos as literaturas anglófonas operam e sistematizam seu campo disciplinar. Tendo em vista estas noções, por meio deste trabalho, pretende-se debater as representações sociais sobre estas literaturas em língua inglesa, que estão presentes nos documentos produzidos pelo curso de Letras da FCL de Assis. A pertinência desta pesquisa consiste no fato de permitir um olhar intrínseco, até mesmo orgânico à literatura, pois problematiza-se todo o universo cultural e social que esta atravessa. Compreender as vertentes literárias pelas quais o curso de Letras é instituído, permite intervenções reflexivas ao ter em vista a literatura como um elemento de formação humana essencial. A relação do homem com a literatura mobiliza o “ser” para com o mundo. Em tempos atuais, no qual o currículo passa por discussão fundamental, esse tipo de estudo proporciona uma visão da literatura projetada no ensino, de 1997 a 2017, logo, histórica e crítica. Com isso, acredita-se significar construção de resistência e de democratização da cultura diante de possibilidades de propostas que visem esvaziamento e fragmentações na formação docente. Finalmente, considera-se pertinente, esta reflexão, ao papel social da literatura à formação humana na universidade pública.

Palavras-chave: Representações sociais; Literaturas em língua inglesa; Currículo de Letras.

A FORMA LÚDICA NA REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA

Lucilo Antonio Rodrigues



Resumo: A forma lúdica na representação literária parece encontrar o seu melhor ambiente na poesia. Poesia, neste estudo, não se opõe à expressão literária em prosa, mas guarda estreitas relações com a função poética da linguagem (JAKOBSON, 1969). Entende-se que a forma lúdica é processual e está sempre em movimento, tal qual as imagens de um caleidoscópio, por isso a sua configuração se aproxima com a do jogo. O jogo em literatura pode se situar aquém e além dos limites da função poética, contudo, neste estudo, estar-se-á dando preferência ao modo como a mensagem é arranjada. Além disso, como bem acentua Jakobson, em um texto literário há mais de uma função (1999, p.128). Entende-se que as outras funções, ainda que subsidiárias, entram em relação dialógica entre si, proporcionando um enriquecimento da leitura literária. Portanto, a forma lúdica de representação, engastada no cerne da própria poesia, constitui o fulcro desse trabalho. Entretanto, não se pretende buscar relações necessárias entre os muitos jogos manifestos em um texto literário, pois estes podem aparecer de forma gratuita. É justamente por isso que não se está conferindo grande importância ao fato de a expressão literária ser em verso ou em prosa: o fundamental é que o jogo se articule a partir de pares de elementos claramente visíveis, podendo ser: elementos formais do verso (pausas, ritmos, rimas, metros, estrofes), elementos imagéticos (símbolos e imagens gráficas, sonoras e visuais), elementos da narrativa (narrador, narratário, personagens) ou ainda, elementos relacionados a temas e acontecimentos, desde que inseridos no contexto literário. Importante salientar que a volta às funções de Jakobson passa por uma necessária atualização, tendo em vista as diferentes direções tomadas pela Teoria da Literatura depois da década de 1980. No que diz respeito, especificamente, à forma lúdica, entendida como substrato da composição poética, tomar-se-á como referencial a obra *Homo ludens*, de Johan Huizinga.

Palavras-chave: literatura e ensino; leitura literária; educação literária; literatura infantil

A “CRIATIVIDADE” NO ENSINO DE LITERATURA E NA FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS

Maria Amélia Dalvi

Resumo: Partindo-se de revisão bibliográfica a respeito da “criatividade” no ensino de literatura e na formação de leitores literários (e de noções que aparecem associadas a ela, tais como “espontaneísmo”, “genialidade”, “individualidade”, “liberdade”, “prazer”, “subjetividade”), problematiza-se a dissociação frequente, em estudos especializados, entre repetição & criação e entre historicidade & inovação. Recuperando-se a dialética entre apropriação e objetivação e defendendo-se a centralidade da atividade mediadora do professor e da obra literária na passagem da hominização à humanização (a partir de Antonio Candido, Mikhail Bakhtin, Georg Lukács, Maria Cláudia Saccomani e Lev Vygotsky), apresentam-se possibilidades pedagógicas para a superação da crença na criatividade (leitora e produtora de literatura) como sendo algo inato ou espontâneo, que dispensaria o diálogo com os clássicos e o trabalho dirigido a objetivos ético-estéticos ideados dialogicamente de antemão. Nas considerações finais, discute-se, ainda, como as atuais perspectivas oficiais para o ensino de literatura na escola esvaziam tanto o corpo de conteúdos historicamente produzidos pelos homens sobre a literatura, quanto, também, esvaziam a especificidade do trabalho do professor e do bibliotecário escolar, com consequências político-pedagógicas bastante graves do ponto de vista da defesa de uma escola pública de qualidade socialmente referenciada e que efetivamente contribua para o processo de formação humana omnilateral, ou seja, para o pleno desenvolvimento das potencialidades humanas.

Palavras-chave: Criatividade; Ensino de Literatura; Materialismo Histórico-Dialético.

17/07 (MANHÃ)

A PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE LITERATURA NO CONTEXTO DA SURDEZ: ENTRE O DESAFIO DA ACESSIBILIDADE E A AFIRMAÇÃO DE UMA POLÍTICA LINGÜÍSTICA

Alessandra Gomes da Silva



Resumo: Sabemos que durante toda a história da civilização modos e práticas de narrar são utilizados para comunicar a experiência. Grupos e sujeitos lutam para alterar a forma de participação nas histórias e legitimar discursos sobre si e sobre os outros. Em nosso contexto atual, podemos dizer ainda que há um plural de histórias em diversidade de temas e de contadores. Forçam passagens grupos antes silenciados, e, nessa briga pela palavra, na busca por reconhecimento, querem também contar suas próprias aventuras e dissabores. Dito isso, sabemos que o século passado foi marcado por intensas modificações. A emergência política de grupos tidos como minoritários, a descrença nas metanarrativas – fundadas em visões totalizantes da história, as viradas linguísticas e, mais tarde, a icônica evidenciaram outros modos de produzir e divulgar conhecimento. Diferentes suportes, temas e contadores coabitam e disputam espaços cada vez mais interligados de produção e de difusão de narrativas. O presente trabalho, então, busca discutir possibilidades para o ensino de literatura, no contexto de educação bilíngue, com alunos surdos, no colégio de aplicação do INES (CAp-INES). Isso porque, com a publicação da lei de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais – BRASIL, 2002), agora com o status de língua, se reconhece o direito de o surdo ter acesso a língua de sinais como 1º língua, ponto de partida para qualquer outra aprendizagem. Desse modo, enfatizamos que tais alunos vivenciam uma experiência de bilinguismo, uma vez que são usuários da LIBRAS e devem aprender a língua portuguesa, em sua modalidade escrita, como segunda língua (SKLIAR, 1998; QUADROS e SCHMIEDT, 2006; entre outros pesquisadores). Nota-se ainda que o conceito de leitura, atualmente, envolve o domínio de diversas linguagens que caracterizam nossa sociedade multissemiótica (ROJO, 2009). Com isso, pretendemos desenvolver uma análise crítico reflexiva a respeito de como a produção de materiais didáticos bilíngues de literatura deve promover meios para que esses sujeitos não somente ampliem seu repertório de leituras como também pode significar uma possibilidade de fruição das narrativas literárias, o que deveria ser direito de todos os alunos e uma das premissas da escola. Nesse sentido, argumentamos ainda, a partir de um conjunto específico de atividades, a importância de a literatura transitar entre diferentes suportes e linguagens, contribuindo para a formação de leitores mais eficientes, críticos e criativos, bem como, colaborando para tornar o processo de leitura literária mais democrático e produtivo com nossos alunos surdos da Educação Básica.

Palavras-chave: Literatura; ensino; surdos; Libras

ENCONTROS LITERÁRIOS: (DES)CONSTRUINDO PARADIGMAS

Márcia Sepúlveda do Vale

Resumo: Ao nos debruçarmos sobre o ensino de literatura na educação básica, sobretudo no ensino médio, percebemos que ela vem sendo alvo de várias discussões, tanto no âmbito político, quanto no âmbito escolar: o primeiro, referenciado pelos documentos oficiais que regem a educação nacional; o segundo, abordado através de estudos, conferências, congressos, seminários etc., em que os seus objetivos e práticas são debatidos. Ciente da importância dessas discussões e visando contribuir com o ensino de literatura, este artigo traz uma experiência vivenciada na educação básica, especificamente no ensino médio, onde as pesquisadoras buscaram desenvolver o ensino literário com vistas à formação leitora dos estudantes. A literatura, compreendida em sentido amplo, expande a visão do universo humano, propiciando a imaginação criadora para conceber e organizar o mundo/sociedade de várias formas, assim como o entendimento de nós mesmos, da nossa comunidade e do mundo em que vivemos. Dessa forma, quando relacionamos essa função maior da literatura com o ensino literário dos fatos artísticos e históricos que ocorreram em diferentes contextos sociais, estamos desenvolvendo a consciência humana e cidadã dos estudantes, conforme os princípios que norteiam a educação básica nacional, estabelecidos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, doravante). Por conseguinte, a leitura constitui a base para o desenvolvimento de todos os conhecimentos, tanto da educação, quanto do mundo; e, conforme Petit (2013), ela nos introduz no mundo de forma mais flexível, modificando a nossa relação com os outros. Percebemos que hoje, no âmbito escolar, é clara a necessidade de se encontrar novos caminhos



para o estudo da literatura no ensino médio, pois os jovens estão cada vez mais dispersos e alheios à atmosfera literária, enquanto a escola ainda se preocupa em ministrar aulas com teorias e conceitos pré-concebidos de história e crítica literária. Tomados por esse modelo, os alunos não compreendem o porquê desse estudo e se tornam seres passivos desse conhecimento. Embasadas por esse contexto e pelos princípios das metodologias ativas, que conforme Berbel (2011), são meios de aprendizagem que utilizam a experiência dos alunos visando soluções para as diversas práticas sociais de diversos contextos; para tanto, elas envolvem atividades de pesquisa, reflexão, análise etc; o presente estudo investigou uma experiência de ensino vivenciada na educação básica, desenvolvida nas turmas de Ensino Médio Integrado do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Paraíso que buscou desenvolver o ensino de literatura com vistas à formação leitora dos estudantes. Os resultados atestam que o projeto desenvolvido no Campus Paraíso do Tocantins tem alcançado a formação leitora dos estudantes por meio do alinhamento interdisciplinar com as diversas formas artísticas. As principais referências utilizadas foram os estudos de Yunes (2002; 2009), Compagnon (2009) e os documentos oficiais da educação básica, PCN (2002), OCNEM (2006) e BNCC (2018).

Palavras-chave: Leitor; Literatura; Ensino.

“MINHA COR, TUA COR, TODAS AS CORES” – PROPOSIÇÃO E ANÁLISE DE UM PROJETO DE LEITURA LITERÁRIA

Caroline Valada Becker

Resumo: Para pesquisadorxs e professorxs cujos estudos e práticas pedagógicas abordam a leitura literária, conceitos e ideias como letramento literário, educação literária, humanização por meio da leitura literária, fruição e projetos de leitura tornaram-se lugar comum. Ao adentrarmos o campo teórico referente à formação de leitores literários, algumas certezas emergem, entre elas, a necessidade de lermos integralmente uma obra e a percepção do ato de ler literatura como um exercício de alteridade. Por outro lado, inquietações mantêm suas raízes: quais livros selecionar e como abordá-los em sala de aula? Partindo desse horizonte teórico e reflexivo, este trabalho pretende, primeiramente, explicitar as escolhas teóricas que subsidiam a organização de um projeto de leitura literária a ser desenvolvido na Educação Básica para, então, apresentar detalhadamente uma proposta a ser desenvolvida no sexto ano do Ensino Fundamental. Um projeto de leitura, segundo Teresa Colomer, “torna possível que as atividades de leitura na escola superem uma boa parte das divisões artificiais, que se dão tradicionalmente nela e facilita que a leitura obtenha sentido de atividade habitual e necessária em uma sociedade alfabetizada” (COLOMER, 2007). Por isso, o projeto “Minha cor, tua cor, todas as cores” apresenta três leituras estruturantes: A cor da ternura, de Geni Guimarães; Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis, de Jarid Arraes; Jeremias: pele, de Rafael Calça (roteiro) e Jefferson Costa (arte). As três obras selecionadas abordam, por meio de gêneros literários e artísticos distintos (narrativa curta, poesia e graphic novel), a mesma temática: as identidades negras, tornando-as protagonistas. Por meio dessas obras, revisitamos o passado e repensamos nossa historicidade centrada na identidade branca e masculina; por meio dessas obras, reconhecemos a contemporaneidade e o racismo estrutural nela presente; por meio dessas leituras e de muitas práticas de escrita (letramento), é possível desenvolver uma educação para as relações etnicorraciais. O trabalho aqui apresentado, portanto, reúne teoria e prática, isto é, os subsídios teóricos que motivam ações pedagógicas para, então, propor e descrever tais práticas de sala de aula, as quais foram traduzidas para um projeto de leitura literária comprometido com a luta pela equidade e pelo respeito. Por meio de projetos como esse, promovemos a “educação literária” (COLOMER, 2007), isto é, a defesa de uma instituição escolar capaz de apresentar aos estudantes e às estudantes a leitura literária como ponto de partida para debates permanentes sobre a cultura; uma escola capaz de assumir a leitura literária (e a arte) como experiência a partir da qual incontáveis desdobramentos são possíveis – os quais dependem, é claro, das filiações teóricas dos docentes.



Palavras-chave: Projeto de leitura; Leitura literária; Educação etnicorracial

OS JOGOS DE LEITURA E O ENSINO DE LITERATURA

Raquel Beatriz Junqueira Guimarães

Resumo: Nesta comunicação pretende-se descrever uma experiência de formação de professores e de leitores, numa disciplina de estágio supervisionado: a criação de jogos de leitura. Nas aulas de estágio do curso de Letras, uma das atividades que vimos desenvolvendo tem sido a criação de jogos de leitura com interesses diversos: para a introdução de alunos a uma determinada obra literária, ou a um determinado autor; para a prática solidária, coletiva e lúdica da leitura de um texto literário, em geral mais curto; para a verificação da leitura de um texto determinado; e para a construção coletiva de interpretações de textos literários lidos durante um determinado período. Essa experiência procura articular a discussão sobre o ensino de literatura a partir de aspectos específicos: as escolhas de livros de leitura literária realizadas pelos ambientes educacionais; o investimento na formação de repertório de leitura de alunos da educação básica; a discussão sobre a formação de leitores e as relações das obras canônicas e não canônicas. Para articular essa discussão, escolheu-se como processo formativo a criação de jogos. Procura-se mostrar, nesta comunicação o processo de criação desses jogos, o resultado dele, e a vivência pedagógica experimentada a partir de sua utilização em espaços convencionais e não convencionais de leitura. Para tanto, parte-se das concepções de jogo apresentadas por Johan Huizinga, que se pergunta se o jogo poderia ser incluído no domínio da estética. Essa pergunta se faz, porque, segundo ele, alguns elementos tais como a beleza, especificamente a do movimento do corpo humano, o ritmo e a harmonia se apresentam em suas formas menos e mais complexas tanto nos jogos quanto nos modos de expressão e “percepção estética de que o homem dispõe” (HUIZINGA, 2004). Considera-se, ainda, o texto como campo de jogo, de acordo com as reflexões desenvolvidas por Wolfgang Iser, que destaca o caráter transgressor do leitor. Aliadas a essas concepções são trazidas discussões sobre a especificidade da leitura literária elaboradas a partir de nossas pesquisas mais recentes. Para demonstrar o que vimos realizando, faz-se o seguinte percurso: a reflexão sobre a função do jogo na nossa cultura, a relevância da realização da leitura em espaços não convencionais, distintos das salas de aula e das bibliotecas; forma específica de realizar jogos com a obras canônicas e não canônicas.

Palavras-chave: Leitura literária; Formação de leitores; Jogos de leitura.

CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR ATRAVÉS DA LITERATURA AFRICANA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Cristiane da Silva Umbelino

Resumo: Completando dezesseis anos, a Lei nº 10.639/2003, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio, vem neste período tentando trabalhar questões ligadas a um possível desvio eurocêntrico, que anos de colonização causaram sobre sua história e literatura. O estudo da literatura realizada no continente africano tem fundamental importância neste papel, uma vez que é capaz de abarcar aspectos relacionados a cultura, processos históricos e de sua identidade, através de seus textos. Por razões históricas, estamos culturalmente unidos ao continente africano, no entanto, séculos de atraso econômico, resultado de políticas inadequadas, visavam forçar uma tentativa de esquecimento e anulação destes aspectos. Desta forma, é necessário fazer essa retomada, para nosso próprio entendimento, quanto a essa união de construção cultural e identitária. Por ser um continente que traz semelhanças que nos unem, muitas ainda são desconhecidas, no que tange as culturas diversas, e a literatura pode ser o ponto principal dessa relação de aproximação, com a leitura de obras dos escritores africanos, levando em consideração que professores, leitores e textos são os elementos norteadores de um processo que venha formar indivíduos críticos, que tenham acesso a fontes de diferentes leituras e culturas. Partindo dessas considerações, tratemos também de como essa literatura africana de língua portuguesa, pode ser abordada em sala de aula,



especialmente na educação básica, provocando reflexões sobre o ensino de literatura de forma geral. É preciso recuperar o leitor, e dentro do ambiente escolar, essa tarefa é do professor, que necessita partir para o enfrentamento do texto, pois o aparente distanciamento de leitores face às obras literárias prejudica, em nosso entendimento, a construção de leitores autônomos, muitas vezes, pela dificuldade de leitura do literário para além da ideia de “passatempo”. Dessa forma, se não temos autonomia na leitura, tão pouco teremos na escrita. Apresentar a literatura africana de língua portuguesa, nos dá a premissa que ao entrar em contato com estas obras literárias, o leitor tenha a possibilidade de dialogar com valores culturais cifrados nas diferentes manifestações literárias que lhe são apresentadas. Desta maneira compreendemos a obra literária como objeto cultural. É nesse sentido, que se viabiliza estabelecer uma ligação do leitor em formação não só com o literário, mas também criar um ambiente de discussão sobre qualquer tipo de questão que a literatura possa trazer, de uma forma reflexiva e madura, afim de que esse leitor venha a formar um olhar crítico sobre tudo que lê. E dentro da literatura africana de expressão portuguesa, é possível verificar que existem em suas obras, marcas das manifestações culturais de um povo forjado nos conflitos de guerra e que buscam sua identidade, seu “xão” afim de serem conhecidos e reconhecidos como um continente formado por diversas culturas. Através da leitura de textos de escritores como Mia Couto, Luandino Vieira, Pepetela, Ana Paula Tavares, Nelson Saúte, entre outros podemos oferecer um ambiente de reaproximação do leitor com este universo.

Palavras-chave: Literatura africana; Ensino; Leitor.

18/07 (MANHÃ)

LITERATURA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA: MEDIAÇÕES DE LEITURA

Antonio Andrade

Resumo: Neste comunicação, apresentarei o delineamento metodológico do projeto de pesquisa “Leitura literária em língua estrangeira: discurso, comunidade, processo de subjetivação” (CNPq), no qual discuto diferentes processos de subjetivação (FOUCAULT, 2002) envolvidos nas práticas discursivas (mediadas pela escrita) cuja função seja elaborar gestos de leitura/interpretação do texto literário estrangeiro, tanto no espaço da universidade quanto no da escola, onde se dão, respectivamente, a formação (inicial e continuada) e a atuação dos docentes de línguas e literaturas estrangeiras. A pergunta que configura o problema da pesquisa, de acordo com o recorte construído para esta apresentação, é a seguinte: de que modo os gestos de leitura/interpretação do texto literário em língua estrangeira, mediados pelo livro didático de ensino médio, indiciam formas (por vezes, simultâneas) de inscrição histórica do sujeito na memória discursiva que configura a identidade nacional e/ou de negociação (inter)cultural de sentidos diante da alteridade? O dispositivo teórico elaborado para esta pesquisa ancora-se na articulação transdisciplinar entre as discussões trazidas à baila pela teoria literária de base estético-filosófica a respeito da comunidade (ESPOSITO, 2007; AGAMBEN, 1996) – pensada, na chave da tensão, como encontro de singularidades capaz de promover deslocamentos problematizantes da subjetividade – e pelos estudos discursivos em torno das atividades de leitura e escrita (BAKHTIN, 2003; PÊCHEUX, 2014; ORLANDI, 2001; CORRÊA, 2004; PAYER & CELADA, 2018), os quais aportam, no campo de pesquisa sobre literatura e ensino, procedimentos refinados para a análise dos mecanismos enunciativos implicados no processo de interação com textos de literaturas estrangeiras, tendo em vista as marcas identitárias que os enformam e a tensa relação entre sujeito, discurso e linguagem que se forma aí. A análise abordará atividades de compreensão leitora e de mediação do texto literário, presentes nos livros didáticos de língua espanhola para o ensino médio aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Paralelamente a esse movimento, farei um levantamento das principais formas de abordagem do texto literário adotadas por teses e dissertações sobre literaturas de língua espanhola, defendidas, nos últimos cinco anos, nos principais programas de pós-



graduação da área de Literatura (que contem com orientadores vinculados a essa linha de pesquisa). Minha intenção, assim, com este trabalho, é abarcar as tendências mais recentes, tanto na produção didática quanto na científica da subárea de literaturas estrangeiras modernas – consciente, é claro, de que o presente é atravessado por memórias e formações ideológicas (FOUCAULT, 2008) que vão exigir um trabalho de reflexão a propósito da historicidade dessas práticas discursivas de mediação da leitura literária em língua estrangeira.

Palavras-chave: Leitura literária; língua estrangeira; mediação; discurso; subjetivação.

BREVE DISCUSSÃO SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE DOCÊNCIA EM LITERATURA

Rosana Cristina Zanelatto Santos

Resumo: Educar não é modelar pessoas, não é reproduzir conhecimentos; é produzir e estimular o amadurecimento da consciência crítica do sujeito. E o que é essa consciência? Segundo Adorno no ensaio "Educação - para quê?" (2006, p. 151), "É o pensar em relação à sociedade, ao conteúdo - a relação entre as formas e estruturas de pensamento do sujeito e aquilo que este não é". Pensar é ser capaz de desenvolver e de explicitar nossas experiências formais. A pergunta seguinte é: com que tipo de experiências (con)vivemos hoje? Já na década de 1930, Walter Benjamin nos alertava sobre a pobreza das experiências humanas. Porém, apesar dessa pobreza, elas podem nos orientar na apreensão, por exemplo, das qualidades e dos defeitos da democracia, percebendo que outros modelos/formas políticas são modos de se adequar e de se (con)formar com práticas de agressão e de repressão de nós mesmos, por exemplo, em uma ditadura militar. Há também o empobrecimento do repertório literário, imagético, cultural e linguístico do sujeito, um processo orquestrado especialmente pela associação de (podres) poderes e daqueles que chancelam os produtos de uma indústria que busca sobretudo capitalizar e maximizar seus lucros. No entanto, a referência a esse empobrecimento não exclui os produtos da indústria cultural de uma visada crítica; é preciso incluí-los como partícipes de uma tradição/traição. Mas como pensar/por em prática isso se quem ensina também, por vezes, está empobrecido? Retornemos ao ensaio de Adorno (2006, p. 150): "Não se trata [...] apenas da ausência de formação, mas da hostilidade frente à mesma, do rancor frente àquilo de que são privadas." Rancor: eis uma expressão, um afeto que circula nestes tempos sombrios no mundo e que move, também, nós professores. Ainda com Adorno (2006, p. 154), devemos aprender que "A educação [deve tornar] consciente a própria ruptura [de nosso tempo] em vez de procurar dissimulá-la e assumir algum ideal de totalidade ou tolice semelhante." Nos cursos de graduação em Letras, os responsáveis pelo estágio supervisionado de docência em literatura deveríamos mostrar a ruptura entre o que segue no ensino universitário e o que está posto na educação básica. Em tempo: por ruptura que não se entenda uma relação hierárquica, mas sim uma postura dissonante/polifônica (= várias vozes diversas). Para isso, é preciso (re)pensar conceitualmente três categorias da disciplina: o que é estágio, o que é docência e o que é literatura, sendo essa tríade perpassada pela autoridade do professor.

Palavras-chave: Estágio; docência; literatura; autoridade.

DAS LAÇOS QUE NOS LIGAM, DAS TEIAS QUE NOS APRISIONAM: PROGRAMAS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM REDE FRENTE AOS CONTEXTOS PARTICULARES DE FUNCIONAMENTO

Fernando Maués de Faria Júnior

Resumo: Este trabalho tem como objeto o Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), curso de pós-graduação stricto sensu, oferecido em rede nacional a professores já atuantes no ensino fundamental (1º a 9º anos) das redes públicas. O Programa tem como meta, segundo se lê em vários documentos "capacitar professores de Língua Portuguesa para o exercício da docência no Ensino Fundamental, com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino no País" (Edital 2018), o que se ratifica pela natureza dos trabalhos de conclusão requeridos, que ressaltam seu caráter "profissional" e o foco na prática docente. Ao ser

planejado para execução em rede, ao integrar a seção de Educação a Distância da CAPES, o programa estabelece uma série fechada de normas, objetivos e linhas de ensino e pesquisa a serem seguidas pelas 42 universidades públicas participantes. O paradigma de funcionamento, estabelecido por grupos cada vez mais restritos, vem se chocando com as realidades e necessidades particulares das mais de 50 unidades que compõem a rede, desde o que se refere à composição do corpo docente, aos interesses e aspirações dos discentes e das comunidades escolares em que os mestrandos se inserem. Pretendemos, aqui, discutir o caso particular do PROFLETRAS-UFPA, de como as normas propostas para a rede contribuem para estimular o debate local ao mesmo tempo que não contemplam especificidades do corpo docente, das realidades laborais dos discentes, das carências da região, em especial no que se refere à percepção do professor do ensino fundamental como professor de literatura e sua formação para tal tarefa.

Palavras-chave: PROFLETRAS; programas em rede; formação de professores; ensino de literatura; literatura e educação

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LITERATURA NO CURSO DE LETRAS

Sérgio Fabiano Annibal

Resumo: A reflexão aqui proposta decorre do projeto de pesquisa intitulado “Ensino de Literatura e Formação do Professor em Letras”, que abordará a relação entre o ensino de literatura e a formação de professores na licenciatura em Letras. O curso de licenciatura em Letras, da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Assis, constituirá o espaço da pesquisa; o corpus será formado pelo Projeto Pedagógico desse curso, no período de 2005 até 2015; destacam-se alguns pontos de análise, a saber: objetivos do curso, qual é o perfil de profissional que se pretende formar e de que maneira a formação de professores, no que diz respeito ao ensino de literatura, é engendrada, bem como o acesso a um repertório de obras, teorias e críticas literárias que poderão esclarecer as representações sociais dos professores que escreveram esses documentos pedagógicos e nos deram pistas da tentativa de formação de um habitus do indivíduo que mobilizou esses saberes literários. Além disso, este trabalho contará com apontamentos sobre legislações específicas, como a Deliberação CEE nº 111/2012 e Deliberação CEE nº 154/2017, que impactaram de forma contundente as licenciaturas. Trata-se de uma problematização a respeito do perfil profissional que se produz a partir da formação no âmbito dessa licenciatura, o que poderá gerar consequências para a formação de leitores na educação básica e, neste caso, leitores literários, uma vez que os professores que atuam no ensino fundamental e médio realizam suas leituras teóricas, técnicas e literárias, conhecem teorias, métodos e metodologias da área específica ou pedagógica no ensino superior. Esta discussão é justificada pela oportunidade de adentrar pelas particularidades do campo das Letras para compreendê-lo mais, no tocante às suas particularidades para o ensino de literatura neste curso de formação de professores; com isso, pode-se também, contribuir para o debate sobre os aspectos curriculares que compõem a formação profissional desses futuros professores de literatura. O objetivo principal é compreender a construção do conceito de formação de professores de literatura no campo das Letras em uma perspectiva diacrônica. A metodologia está pautada na abordagem qualitativa com utilização da análise documental, isto é, o Projeto Pedagógico de Curso e determinados itens que o compõem. Portanto, os resultados esperados buscam fomentar reflexões e debates sobre formação de professores de literatura, ensino de literatura e currículo de Letras.

Palavras-chave: formação de professores de literatura; formação de leitores; ensino de literatura; currículo.

18/07 (TARDE)

DOS LUGARES ACOSTUMADOS À PRODUÇÃO DE DESEJO: LITERATURA COMO EXERCÍCIO ESTÉTICO DA EXISTÊNCIA

Nathalia Cardoso Seabra Rocha

Resumo: As salas de aula da Educação Básica, em sua grande maioria, ainda são tributárias do modelo de educação disciplinar do século XIX. As análises e avaliações de desempenho, acompanhadas das retificações pertinentes à maximização dos resultados (Foucault, 1999) visam à fabricação de sujeitos úteis e funcionais. Nesse contexto, não é difícil perceber, de forma majoritária, o desinteresse dos estudantes pela escola, que, grande parte das vezes, parece incompatível com os corpos e as subjetividades das crianças e adolescentes de hoje (Sibilia, 2012). Apesar de essa desafeição parecer menos relacionada a disciplinas específicas do que a uma lógica que se reflete na estrutura da instituição, é preciso pensar em que medida o trabalho realizado com o texto literário tem reforçado essa lógica conteudista e utilitária e que caminhos epistemológicos possibilitariam realizar uma educação literária que produza desejo de leitura e de escrita. O ensino de literatura que se encerra na leitura analítica das obras e na busca pela apreensão da interpretação consensual do texto, com pouco ou nenhum espaço para a percepção e valorização das reações particulares de coletivos e indivíduos à leitura (Rouxel, 2012) têm transformado encontros que poderiam criar aberturas para a implicação do leitor no processo de experimentação do texto num lugar de desconforto e até de opressão. A escola, com sua demanda por uma leitura erudita, objetiva e neutra (Rouxel, 2012), despreza e condena leituras não consagradas e, diversas vezes, transforma a experiência estética em meramente explicativa, assim, dociliza a arte e os estudantes, numa relação de instrução, em que a literatura serve a fins exteriores a mesma. Nesse cenário, investir o desejo em experiências de leitura que ajudem a constituir uma relação afetiva, emotiva com os livros, e não apenas cognitiva (Petit, 2003) torna-se fundamental para aproximar os estudantes da leitura e da escrita. Na mundividência grega, essas duas atividades eram fundamentais para o cuidado de si, para a criação de uma relação poética com a vida, produzindo, de forma consciente, uma existência livre e inspiradora. Essa produção consciente de si configura uma forma de resistência às relações de poder que produzem sujeição (Foucault, 2002), para os gregos, seria o que se chamava de *enkrateia*, que significa “empoderamento, apropriar-se de si, cunhar singularidade”. Nas escolas estoicas do período helenístico, a produção da própria subjetividade era entendida como uma tarefa. Não à toa, Nietzsche, também leitor dos antigos gregos, elaborou o conceito de “estética da existência”, afirmando, em *A gaia ciência*, que a maior obra de arte somos nós (Nietzsche, 2012). Uma das ferramentas de elaboração dessa “arte de viver” (Foucault, 2002), é a “escrita de si” (Foucault, 1992), através dos *hypomnemata*: cadernos de anotações onde se recolhem fragmentos e frases de textos lidos, memórias e reflexões, que figuram como exercício do pensamento, como forma de constituição de si a partir da recolha do discurso dos outros, os quais operam uma transformação de si e a criação de um *ethos* – um modo de ser que fortaleça a si e ao outro –, um trabalho de si sobre si. Segundo Deleuze, nessa produção plástica de subjetividade, abrem-se rachaduras, linhas de fuga, que possibilitam “dobrar o poder”, fazê-lo atuar de outro modo (Deleuze, 1995). Acreditamos que essa é uma via que pode contribuir para tornar o leitor sujeito do seu processo de leitura e escrita, produzindo sua subjetividade, ganhando confiança para entrar no texto e, aos poucos, construindo sua identidade de leitor (Rouxel, 2013).

Palavras-chave: educação literária; escrita de si; estética da existência; sujeito leitor

A DIMENSÃO NARRADORA DOS SUJEITOS: OS DIÁRIOS DE LEITURA NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Maria Coelho Araripe de Paula Gomes

Resumo: “Como fazer emergir o sujeito leitor no sujeito escolar?”. Esta pergunta provocativa de Annie Rouxel (2012) gera reflexões que abrangem não somente questões de educação literária, mas fala também dos lugares ocupados pelos sujeitos em seus percursos de aprendizagem. A escola, entendida como lugar de feitura e partilha de saberes, constrói-se por vezes num movimento contrário, de silenciamento dos sujeitos imediatamente envolvidos no processo de ensino-aprendizagem: o estudante, percebido e avaliado quase sempre pela falta e

não pela potência, e o próprio professor, limitado muitas vezes por um sistema que não lhe permite a elaboração da autoria e da percepção de si no exercício de seu ofício. Desse modo, este trabalho busca investigar as potencialidades da dimensão narradora dos sujeitos da escola através da experiência com os diários de leitura (MACHADO, 1998) produzidos por estudantes do 1º ano do Ensino Médio do CAP-UFRJ ao longo de dois anos durante as aulas de Literatura. A defesa de um sujeito “estudante-narrador-leitor”, capaz de elaborar os saberes a partir da sua experiência com o literário por meio de uma escrita de si, especificamente o diário de leituras, busca problematizar práticas de ensino de literatura ainda baseadas na transmissão de características e estilos de época, e defender uma educação literária que valorize a subjetividade como caminho para a leitura crítica, o afeto e a experiência leitora dos estudantes. Como o nome revela, o diário pressupõe um movimento cotidiano, uma rotina de acessar a si mesmo através da escrita. Philippe Lejeune (2014) afirma que o diário é um suporte para os vestígios da vida cotidiana. O diário de leituras, por sua vez, também pressupõe um acesso ao sujeito, porém se constitui como uma escrita íntima mediada pelo texto literário. Em outras palavras, é um lugar de livre expressão da experiência dos sujeitos diante de suas leituras. Por meio desta prática de escrita é possível refletir sobre os caminhos pelos quais se constrói e se costura a subjetividade do aluno-narrador-leitor, o que se imprime de singular e ao mesmo tempo o que há de comum ao compararmos essas auto-narrativas, e, em esfera maior, é possível reforçar a defesa da literatura como um saber em si, capaz de nos reconciliar com nossa ancestral capacidade de fabulação, constituindo a experiência humana em uma aventura a ser compartilhada inclusive na escola. Trataremos, portanto, da primeira experiência de realização dos diários de leitura no contexto descrito, trazendo reflexões ainda preliminares e que apontam para uma visão panorâmica do processo, observando recorrências na autopercepção dos estudantes como leitores, apontando dificuldades e potencialidades deste exercício de escrita subjetiva na formação do leitor literário.

Palavras-chave: Literatura; ensino; diário de leituras; dimensão narradora; subjetividade

PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA NO ENSINO SUPERIOR: A FORMAÇÃO DO/A PROFESSOR/A LEITOR/A

Ana Creliia Penha Dias e Gabriela Rodella de Oliveira

Resumo: Umberto Eco (1989), em um de seus tratados sobre o leitor, fala de leitores “vítimas” ou leitores “críticos”, apontando diferenças e encontros entre os dois. Alberto Manguel (2017), em *O leitor como metáfora*, nos apresenta o “viajante”, a “torre” e a “traça” como possibilidades de figurações do sujeito leitor. Teresa Colomer (2007) fala em leitor “em progresso” e “especializado”. Parece consenso, em todos os estudos sobre leitura literária, a necessidade de democratizar as práticas de leitura na educação básica, e é também consensual a ideia de que é premente a necessidade de o professor ser leitor para promover essas práticas, pois como afirma Michele Petit (2009) sobre as experiências com a leitura de Literatura, “a literatura é arte que mais se transmite do que se ensina”. Entretanto, como transmitir aos alunos algo que nem sempre o próprio professor experimentou na formação escolar e na universidade, esta voltada para a formação do leitor especializado? Ou seja, quando afirmamos que “para formar leitor, o professor precisa também ser um leitor”, de que conceito de leitor estamos tratando? Nesta comunicação propomos uma reflexão sobre o espaço para a formação de leitores literários na formação inicial profissional, com base em prática de ensino de Literatura e suas metodologias na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), no curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens; e no âmbito da pós-graduação, no Mestrado Profissional em Letras (Profletras), da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Na formação inicial na UFSB, o Componente Curricular Ensino de Literatura e Leitura Literária possui ementa que prevê a problematização do cânone literário escolar e a apresentação de possíveis metodologias para o trabalho com a Literatura em sala de aula da educação básica, privilegiando a leitura literária e objetivando a formação de estudantes capazes de uma leitura subjetiva (ROUXEL, LANGLADE, REZENDE, 2013). No caso do Profletras, a disciplina então obrigatória, Leitura do Texto literário, previa

especialmente a problematização das práticas literárias no ensino fundamental, quando o trabalho corrente com a literatura dilui-se nos estudos dos gêneros textuais. Contudo, quando em sala de aula com os estudantes, tanto na formação inicial quanto na pós-graduação, constatamos que esses não tinham experiências de leitura literária do cânone que pudessem servir de base para uma problematização desse conjunto de textos, no caso da UFSB; e não havia sequer identificação com o lugar de Professor de Literatura, no caso do Profletras. Como perpetuar o imperativo de ter de ser o professor um leitor para formar leitores sem implicar a formação inicial neste trabalho? De que leitor estamos falando nessa máxima, em relação ao estudante e ao próprio docente? A partir de discussões sobre os direitos do texto e os direitos do leitor em uma interpretação construída de modo compartilhado em sala de aula (TAUVERON, 2013), compreensão das diferentes dimensões de utilização e interpretação de um texto literário e suas consequências na formação do sujeito leitor (ROUXEL, 2013), propomos um percurso de análise dos trabalhos realizados com esses leitores para traçar possíveis caminhos para sua formação.

Palavras-chave: Leitor; Ensino de literatura; leitura literária; formação do professor

CONTOS DE MACHADO DE ASSIS NO ESPAÇO ESCOLAR: UMA PROPOSTA DE LEITURA COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Maria Suely de Oliveira Lopes

Resumo: A escola constitui ser um espaço natural em que os alunos imergem no mundo das linguagens escritas; é o espaço onde os alunos devem ter contato com variados textos. Contudo, como essa “imersão” deve acontecer? De que forma a escola pode expandir o contato do aluno com as diversas manifestações culturais escritas de nossa sociedade? Em conformidade com Antunes (2009), esse método deve ocorrer: pelo estímulo a uma cultura do livro; pela profusão de um bom e diversificado material de leitura; pelo acesso fácil e bem norteado a esse material; pela variedade de objetivos de leitura; pela frequência de atividades de ler e de analisar materiais escritos; pela formação do gosto estético na convivência com a literatura. A leitura, nesse contexto, é uma competência em permanente crescimento, uma porta de entrada para novos mundos. É, pois, um caminho para a verdadeira inclusão na sociedade, e o texto literário é um dos principais aliados nessa conquista. Compagnon (2012, p. 37) entende a literatura como um exercício de reflexão e experiência de escrita, que responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo. O autor salienta que “é graças à mimeses – traduzida hoje por representação ou por ficção, de preferência imitação – que o homem aprende, ou seja, pelo intermédio da literatura entendida como ficção.”. Nesse sentido, o texto literário deleita e instrui. Compagnon (2012) defende ainda que a literatura ofereça um conhecimento capaz de esclarecer os comportamentos e as motivações humanas. Dessa forma, ela nos ensina a melhor sentir. Segundo o autor, “é um exercício de pensamento, e a leitura, uma experimentação dos possíveis” (COMPAGNON, 2012, p. 66-67). Nesse contexto, o presente trabalho pretende apresentar contos de Machado de Assis no espaço escolar, considerando que a leitura de obras clássicas seja basilar para a formação crítica do leitor. Os contos são: Espelho (1994), Conto de Escola (1994), Adão e (1994). Para nortear este trabalho tomamos estudos de Assis (2007), Antunes (2009), Assis (2008), Jauss (1994), Iser (1996), Cosson (2016), PCN (1998), Reis (1995), Maria (2003), Silva (2005), Terra (2014), Gotlib (2006), Calvino (2002), Oliveira (2012), Gil (2002), Zilberman (1989), entre outros.

Palavras-chave: Literatura. Ensino. Contos de Machado de Assis

58 - LITERATURA E OUTRAS ARTES (MÚSICA, PINTURA, DANÇA, CINEMA, TEATRO): RELAÇÕES INTERARTÍSTICAS

Coordenação: Prof. Dr. Francisco Antonio Ferreira Tito Damazo (UNITOLEDO); Prof. Dr. Agnaldo Rodrigues da Silva (UNEMAT)



Resumo: Este simpósio é um espaço para reflexões e discussões sobre as relações entre a literatura e outras artes (música, pintura, dança, cinema, teatro). O estudo comparativo entre artes e obras literárias, fundado na relação interartística, tem se apresentado de forma eficaz quanto à capacidade de envolver e seduzir o leitor, constituindo o ponto inter-relacional para o diálogo entre obras literárias, na perspectiva da intertextualidade, bem como entre a literatura e outros sistemas semióticos artísticos. Afinal, já em si mesma, a complexidade do literário se configura envolta por camadas cuja natureza, espelhada por sua linguagem, suscita perceptíveis traços homológicos com outras linguagens artísticas. Este espaço se abre também para experiências de leitura literária pela ótica das artes vivenciadas no ensino da literatura, seja no âmbito da literatura oral, seja no âmbito da expressão da arte literária por meio dessas outras artes, ou nas homologias possíveis de serem estabelecidas entre elas, como, por exemplo, através da musicalização de poemas, ou ainda pelas letras de canções da música popular brasileira que atingem a categoria de poesia; seja na possível visualização da obra de arte por meio das artes plásticas, ou mesmo da encenação de obra literária. Este procedimento tem demonstrado em atividades voltadas aos estudos e à pesquisa o grande interesse por parte de metodologias educacionais contemporâneas, considerando que os diferentes se compõem no todo. O propósito é tornar este espaço aberto para as pesquisas que propendam à investigação das mais diversas e sutis relações entre a literatura e as outras artes, dando, assim, mais visibilidade às múltiplas possibilidades dessa instigante atividade de pesquisa. É público e notório, nos dias de hoje, o avanço do conhecimento por meio da inter-relação entre as mais diversas áreas das ciências e, por conseguinte, das artes. É consensual também o entendimento de que não se pode perder de vista que as coisas, os seres são um todo, de cuja relação integrada e interacional depende a plenitude de sua existência. Nesse sentido é que se pode afirmar que as mais diversas manifestações artísticas, guardadas suas especificidades, permitem-se dialogicidades múltiplas consubstanciadas em proximidades e diferenças. Aproximam-se pelo fato de que, dentre outros, todas elas têm o estético como primeira plana. Este é o dínamo de seus fazeres. Move-as o belo como fator e resultado de uma expressão que, sem obliterar a realidade, constrói – e com ela simultaneamente se constrói – uma linguagem elevada à categoria do inusitado, do singular, em que a ética e a moral se estabelecem sob o primado do estético. O olhar arguto do artista faz-se pelo viés da percepção desautomatizada. Suas inquietações e inconformismos, instigados por fina sensibilidade e visão crítica do mundo em que se inserem, fazem-no criar a obra de arte, cuja dimensão poética não se alinha com este seu universo e tampouco dele se desaliena. Ao contrário, configura-se como uma realidade, cuja beleza consiste na confluência da capacidade de emocionar, sensibilizar, ao mesmo tempo em que confronta. Este procedimento, reitera-se, é particular e comum a todas as artes. E sua comparação, tomando cada uma com sua forma e linguagem, pode conduzir à consecução de realidades e visões daí resultantes, mas com percepções também diferentes. Assim é que suas diferenças, em razão de suas peculiaridades, permitem olhares múltiplos muitas vezes sobre os mesmos temas, possibilitando leituras diversas e pertinentes. Compará-las, confrontá-las, sem dúvida, abrem para dimensões de sentido, ampliando o campo de análise, interpretação e compreensão da realidade. A esse respeito, em sua clássica *Obra Aberta*, Umberto Eco diz que “Das estruturas que se movem até aquelas em que nós nos movemos, as poéticas contemporâneas nos propõem uma gama de formas que apelam à mobilidade das perspectivas, à múltipla variedade das interpretações. Mas vimos também que nenhuma obra de arte é realmente “fechada”, pois cada uma delas congloba, em sua definitude exterior, uma infinidade de leituras possíveis.” (Eco, 1969). Portanto, é pautando-se nessas reflexões que este simpósio se propõe a dar continuidade a um trabalho de pesquisa iniciado em 2008 quando da sua primeira proposição ao congresso da Abralic realizado na USP e os seguintes: 2010 (Curitiba), 2013 (Campina Grande), 2015 (Belém), 2016/2017 na Uerj e 2018 em Uberlândia, cujos resultados podem ser observados em publicações, troca de experiências e participação de pesquisadores em grupos de pesquisa em diversos centros acadêmicos, enriquecendo a amplitude do conhecimento da Literatura Comparada.

Referências:

- BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre a arte*. São Paulo: Ática, 1985.
- BRASIL, Assis. *Cinema e Literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- ECO, Umberto. *Obra Aberta: Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. Tradução Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, p. 67, 1969.
- _____. *A Definição da Arte*. Tradução José Mendes Ferreira. Rio de Janeiro: Elfos Ed., Lisboa: Edições 70, 1995.
- DORIA, Gustavo Alberto Accioli. *Moderno teatro brasileiro: crônica de suas raízes*. São Paulo: Serviço Nacional do Teatro, 1975.
- GONÇALVES, Aguinaldo José. *Transição & Permanência. Miró / João Cabral: Da Tela ao Texto*. São Paulo: Iluminuras, 1989.
- _____. *Laokoon Revisitado: Relações Homológicas entre Texto e Imagem*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- _____. *Signos (em) cena: ensaios – variações acerca de modulação no trabalho de arte: fragmentos críticos*. Cotia – SP: Ateliê Editorial, 2010.
- OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. *Literatura e Música: modulações pós-coloniais*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- OLIVEIRA, Valdevino Soares de. *Poesia e Pintura – Um Diálogo em Três Dimensões*. São Paulo: UNESP, 1999.
- TINHORÃO, José Ramos. *Música popular: um tema em debate*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- TATIT, Luiz. *Análise semiótica através das letras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- TODOROV, Tzvetan. *A Beleza Salvará o Mundo: Wilde, Rilke e Tsvetaeva: os aventureiros do absoluto*. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.
- WISNIK, José Miguel. *Sem receita: ensaios e canções*. São Paulo: Publifolha, 2004.
- _____. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

RESUMO: O OBJETIVO DESTA COMUNICAÇÃO É APONTAR E REFLETIR AS CONGRUÊNCIAS NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS ARTÍSTICAS NA OBRA LITERÁRIA DE JOÃO GILBERTO NOLL: A MÁQUINA DE SER (2006) E NO FILME DEMOLIÇÃO, DE JEAN-MARC VALLÉE COM JAKE GYLLENHAAL, ANO DE PRODUÇÃO 2015, COM AS TEORIAS DA HIPERMODERNIDADE, RELATIVAS À SEDUÇÃO E AO CONSUMO

Adriana Ataíde de Oliveira

Resumo: O objetivo desta comunicação é apontar e refletir as congruências no processo de construção das personagens artísticas na obra literária de João Gilberto Noll: A Máquina de Ser (2006) e no Filme Demolição, de Jean-Marc Vallée com Jake Gyllenhaal, ano de produção 2015., com as teorias da hipermodernidade, relativas à sedução e ao consumo. O estudo tem, como base teórica, as obras: Modernidade Líquida (BAUMAN, 2000); A Era do Vazio (LIPOVETSKY, 2005); A Estetização do Mundo (LIPOVETSKY, 2015) e Da Sedução (BAUDRILLARD, 1991), as quais nos oferecem subsídios para a reflexão sobre os efeitos das transformações sociais que se fazem presente no universo contemporâneo, no qual a sedução e o consumo compõem o vazio deles decorrentes. Considera-se a metamorfose no processo da produção industrial, em um complexo econômico estético, em que a arte é instrumentalizada pela lógica da racionalidade mercantil para a sedução e o consumo, instituindo um método de personificação no indivíduo, levando a um individualismo extremo, originando um profundo empobrecimento das existências. As duas obras escolhidas para o estudo, possuem um modo muito singular de abordar os acontecimentos comuns: os desencantos, as incertezas, os enganos



e o improvável. Tanto a obra literária quanto a produção cinematográfica, conseguem capturar a essência do ser hipermoderno. Busca-se, assim, a expressão do grau de submissão e de manipulação do ser hipermoderno pela lógica do consumo e da sedução, de realizar apontamentos homólogos entre as duas obras citadas, por terem sido produzidos explorando um enredo de temática hipermoderna, no qual os personagens retratam o pragmatismo contemporâneo, envolvendo reações e sentimentos em um ser existencial extremamente focado no seu eu, vivendo numa espécie de universo paralelo em relação ao universo a qual pertence. Um ser repleto das características hedonistas, apartado do social, focado na sua própria imagem como Narciso: figura mítica associada, por alguns filósofos desta era, à personalidade que se destaca na sociedade contemporânea. Na literatura, a obra é formada por vinte e quatro contos, textos que conseguem provocar surpresa aos leitores pela forma com que o autor deu vida e voz a diferentes narradores. A cada conto um novo personagem que narra fragmentos de sua existência de forma livre de convenções ou conceitos pré-concebido, pulsando no leitor percepções novas, capazes de desestruturar padrões já estruturados no seu ser. Palavras-chave: Hipermodernidade; Sedução; Consumo; Literatura; Cinema.

Palavras-chave: Hipermodernidade; Sedução; Consumo; Literatura; Cinema.

LITERATURA E MÚSICA BRASILEIRA: LIRISMO MODERNO NAS CANÇÕES “LÍGIA” E “ÁGUAS DE MARÇO”, DE TOM JOBIM

Alfredo Werney Lima Torres

Resumo: As ressonâncias da estética da moderna literatura brasileira no discurso poético-musical da chamada MPB são notórias. Na década de 1960, com o surgimento da bossa nova, o diálogo entre músicos populares e escritores se intensificou. Vinícius de Moraes, poeta do livro e poeta da canção, foi um dos que promoveram essa articulação, o que contribuiu para que música popular se tornasse um forte instrumento de interpretação da realidade brasileira, uma das formas de “riflessione brasiliana” (WISNIK, 2004, p. 215). O Modernismo, sobretudo a vertente orquestrada pelos paulistas na década de 1920, não se confinou à literatura acadêmica e à música brasileira erudita, visto que gêneros urbanos como a bossa nova e o Tropicalismo, em décadas posteriores, deram continuidade ao projeto estilístico modernista. Como exemplo de cancionista que dialogou com o estilo modernista, em especial com o pensamento de Mário de Andrade, podemos citar Tom Jobim. Este trabalho pretende realizar uma análise das canções “Águas de março” e “Lígia”, a partir da relação dialógica que elas travam com a estética defendida pelo poeta paulista em sua obra “A escrava que não era Isaura” (1922). Nesse texto, o escritor argumenta que a poesia deve ser “resumo, essência, substrato” (ANDRADE, 2010, p. 65) e se basear na instabilidade rítmica da dicção coloquial. Além disso, ele compreende que o texto modernista deve engendrar um efeito de polifonia e simultaneidade, ao invés de se pautar na estruturação lógica e em uma sintaxe linear. Em convergência com essa estética, apontamos a canção “Águas de março”, que possui um texto com imagens concretas da natureza, formadas por um discurso que não visa construir um conteúdo inteligível, pois o que está em jogo é o que a palavra representa como unidade sonoro-visual. A sintaxe da letra é composta de fragmentos e suas palavras, aliadas à melodia, tendem à iconicidade. Por seu turno, “Lígia” apresenta ao interlocutor um sujeito lírico em dissonância com sua relação amorosa, enleado a um jogo sedutor entre negar e afirmar um sentimento. Em seu percurso narrativo, há um claro tom de prosaísmo, por meio do qual o compositor contesta o registro sublime e dilui as margens entre o poético e o prosaico, em virtude de uma visão mais realista das relações amorosas e contrária ao conhecido topos do amor eterno. Em nossa percepção, esta noção de lirismo moderno presente nessas duas obras atingiu igualmente a estrutura musical. Isso pode ser observado na economia de recursos dos arranjos de Tom Jobim, nas melodias com poucas notas e sem ornamentações e no elaborado discurso harmônico, composto por cadências que não se resolvem. Para a realização da presente análise músico-literário, elegemos como aporte teórico a concepção de lirismo moderno presente em Mário de Andrade (2017) e em Hugo Friedrich (1991), além do conceito de “canção crítica”, desenvolvido por Santuza Cambraia Naves (1998).

Palavras-chave: Literatura e canção popular; Tom Jobim; Águas de março; Lígia; lirismo moderno.

VESTIDO DE NOIVA: DO TEXTO DRAMÁTICO À INTERPRETAÇÃO FÍLMICA

Alice Carvalho Diniz Leite

Resumo: Esta proposta de comunicação tem como objetivo discutir as relações estabelecidas entre o texto dramático *Vestido de Noiva*, escrito por Nelson Rodrigues, em 1943, e o filme de mesmo nome, com roteiro e direção de Joffre Rodrigues, de 2005. Ambas as obras destacam a figura de Alaíde, personagem que, após um atropelamento, encontra-se em meio a lembranças da memória e a invenções alucinatórias. Nesses dois planos, desenvolvem-se as ações capazes de colocar o público, leitor e espectador, diante até mesmo de uma ficção dentro de uma ficção. Especificamente neste trabalho, interessa observar as aproximações e as distâncias entre o livro teatral e a obra fílmica, revisando a fortuna crítica pertinente aos conceitos de adaptação e de intermedialidade. O primeiro deles, nos termos definidos por Robert Stam, em *Teoria e prática da adaptação*: da fidelidade à intertextualidade, pode ser entendido como uma leitura possível de um texto fonte. Fugindo de interpretações convencionais, que costumam tratar as adaptações como resultados “infíéis”, “traidores” e “deformantes”, o autor ora em questão opta por categorias mais inclusivas e menos depreciativas. Por esse ângulo, cada uma das adaptações lança à obra original uma nova luz, enfatizando componentes específicos e encobrindo outros, sendo importantes as semelhanças e também as diferenças. Linda Hutcheon, em *Uma teoria da adaptação*, problematiza as adaptações como motes emprestados de outros lugares, não sendo, por isso, inteiramente criados por um inventor. Contudo, são trabalhos autônomos, e não apenas replicações e repetições de uma produção inédita. Nesse sentido, o fracasso de uma adaptação seria responsabilidade, sobretudo, da falta de criatividade do adaptador para tornar o trabalho algo realmente de sua própria autoria. A intermedialidade, por fim, nas balizas de Claus Clüver, no texto *Intermedialidade*, constrói inter-relações e interações entre diferentes mídias – as quais são compreendidas segundo as respectivas materialidades, isto é, os meios técnicos de produção e os instrumentos de transmissão. Por essa via, ecoando e exemplificando as categorias criadas por Irina Rajewsky, o teórico edifica afinidades entre as ideias de adaptação e de transposição midiática. Esta última concepção abarca o procedimento de transformar o conteúdo exposto em uma mídia particular, em uma temática revelada em outra mídia, segundo as propriedades e as condições singulares dessa nova mídia. Assim, é plausível que os receptores de variadas obras explorem as habilidades, bem como as restrições, de diferentes trabalhos. Em diálogo, especialmente, com esses três autores, esta comunicação pretende analisar o filme *Vestido de Noiva*, de Joffre Rodrigues, como uma adaptação do texto dramático de Nelson Rodrigues, ressaltando, caso existam, tanto as afinidades quanto as discrepâncias possíveis entre essas duas realizações. Para essa finalidade, serão excluídas, previamente, as noções de “infidelidade”, “traição” e “deformação”. A adaptação sobre a qual se deseja falar aqui será estudada como uma via de leitura interpretativa, capaz de lançar luzes à obra fonte.

Palavras-chave: Adaptação; Intermedialidade; Nelson Rodrigues; *Vestido de Noiva*.

"THE PARABLE OF THE BLIND": A CEGUEIRA RETRATADA POR PIETER BRUEGHEL E POR WILLIAM CARLOS WILLIAMS

Amarilis Lage de Macedo

Resumo: O norte-americano William Carlos Williams (1883 - 1963) poderia ter enveredado pelo mundo da pintura, não fosse a dificuldade que encontrou para conciliar pincéis, tintas e telas com sua rotina como médico. Trocou a pintura pela literatura, que parecia mais fácil de encaixar entre uma consulta e outra, e se tornou um dos principais nomes da poesia moderna nos Estados Unidos. Em seus poemas, desenvolveu um novo tipo de verso livre que influenciou fortemente várias gerações seguintes, inclusive no Brasil. Trata-se de um verso que aposta frequentemente no descompasso entre a mancha gráfica e a camada sonora do poema, efeito obtido em grande parte graças ao uso radical de “enjambments” (como são identificados os



casos em que a unidade sintática de um verso transborda para o verso seguinte, frustrando a expectativa do leitor por uma pausa). A opção pela poesia, contudo, não afastou Williams do universo das artes visuais. Na verdade, seus princípios literários estão intrinsecamente ligados a suas reflexões acerca da imagem, especialmente no que diz respeito às pinturas produzidas por seus contemporâneos, tais como Juan Gris (1887 - 1927) e Paul Cézanne e (1839 - 1906). Membro do Imagismo (movimento literário fundado por Ezra Pound), Williams ambicionava fundir poesia e pintura, como chegou a declarar em uma entrevista que concedeu pouco antes de sua morte, em 1963. Seu último livro é “Pictures from Brueghel”, premiado postumamente com o Pulitzer Prize for Poetry. Para a presente comunicação, escolhi um dos poemas desse livro: “The Parable of the Blind”, inspirado num quadro homônimo do mestre flamengo Pieter Brueghel (1525-1569) que, por sua vez, se inspirou em uma passagem bíblica. Na parábola, presente no Evangelho de Mateus, Jesus compara os fariseus a cegos guiando cegos, destinados a cair numa vala. É essa cena, que culmina em uma queda, que Brueghel retrata. Uma das principais razões para a escolha desse poema de Williams é que ele permite abordar algumas conexões entre o texto e a pintura, não apenas do ponto de vista temático, mas formal. A pintura apresenta uma forte tensão narrativa, ao mostrar como os cegos vão gradativamente perdendo o equilíbrio. Já o poema conta com uma série de “enjambments” que também vão promovendo uma desestabilização ao longo da leitura. Além disso, o recurso dos “enjambments” também promove uma espécie de cegueira no leitor, dificultando ou retardando o reconhecimento das imagens que são descritas. A própria descrição da pintura ao longo do poema, paradoxalmente, contribui para esse sentimento de insuficiência visual - Williams informa que o quadro não tem vermelho, por exemplo, mas não indica quais são as cores presentes. Na comunicação, também vou apresentar a tradução que fiz do poema, buscando preservar esses efeitos. Por fim, fica uma pergunta: ao promover a identificação do leitor com os cegos, estaria Williams comentando que todos somos pecadores e seguimos para o mesmo destino?

Palavras-chave: Tradução; Poesia; Artes visuais; William Carlos Williams

PREZADÍSSIMOS OUVINTES: AS VOZES PLURAIS DE ITAMAR ASSUMPÇÃO

Bruno César Ribeiro Barbosa

Resumo: Este artigo apresenta uma leitura da canção “Prezadíssimos ouvintes”, de Itamar Assumpção e Domingos Pellegrini, gravada originalmente em 1985, no disco Sampa midnight – isso não vai ficar assim, de Itamar Assumpção — um dos nomes mais representativos da “Vanguarda Paulista” — movimento que reuniu músicos e poetas na década de 1980, em São Paulo. Nesse contexto, a obra de Itamar Assumpção, desde seus primeiros discos, já apontava para a criação de um modelo composicional bastante peculiar, em que a multiplicidade — de gêneros musicais, de referências e de vozes — é elemento-chave em suas canções e fundamentais em suas performances, tanto no palco quanto no estúdio, na gravação de suas canções. Em “Prezadíssimos ouvintes”, Itamar, ao dialogar com a tradição da canção popular e com a poesia brasileira, destaca, dessa forma, os conceitos de memória, dialogismo e intertextualidade, possibilitando, ainda, uma atitude de resistência ao modelo comercial da indústria fonográfica. Assim, a análise teve como fundamentação teórica, sobretudo, as noções de performance, voz e oralidade, a partir de algumas proposições do teórico Paul Zumthor (2010); memória, a partir das considerações de Jacques Le Goff (2013); canção e entoação, a partir das contribuições de Luiz Tatit, (2002). A noção de vozes plurais, que figura no título deste artigo, foi livremente inspirada nas leituras de Adriana Cavarero, em seu Vozes plurais: filosofia da expressão vocal, de 2011 (tradução de Flavio Terringno Barbeitas). A autora, professora de Filosofia Política na Universidade de Verona e estudiosa do pensamento feminista e de Hannah Arendt, direciona, no referido livro, suas reflexões para, entre outras coisas, a corporeidade da voz — algo de que a filosofia teria se ocupado pouco ao longo de sua história, segundo sua perspectiva. Desse modo, seguindo essa linha de raciocínio, e relacionando-a às discussões propostas neste trabalho, a voz de Itamar Assumpção — ou, em sentido metafórico, o seu estilo de compor e de cantar não só o apresenta ao público, como corpo e voz literalmente,



como também apresenta a esse mesmo público um modelo composicional marcado pela pluralidade de vozes, como indicador de seu estilo. Além dos conceitos de intertextualidade (KRISTEVA, 1974) e de dialogismo, a partir dos estudos de Bakhtin (2011), para quem todo discurso concreto (enunciação) é um entrelaçamento de outros discursos que o precedem e aos quais responde. Se escrever (ou compor) é, então, um processo operado por uma diversificada memória, e realizado por meio do dialogismo, a noção de autoria como propriedade, portanto, passa a ser problematizada, uma vez que, no caso de Itamar Assumpção, além das diversas parcerias explícitas, outras tantas surgiram em sua trajetória por meio de sua vasta e diversificada memória cultural, através dos entrelaçamentos dos textos e dos discursos.

Palavras-chave: Itamar Assumpção; canção; poesia; voz; performance

FIGURAÇÕES DO DUPLO NO TEATRO DE AUGUSTO SOBRAL - CAIM E ABEL TRANSFIGURADOS

Claudiomar Pedro da Silva

Resumo: No presente artigo, propõe-se uma leitura das figurações do duplo na peça Abel Abel (1984), de Augusto Sobral. A trama adquire um relevo significativo ao estabelecer relações com a narrativa bíblica de Caim e Abel. As aproximações com o texto de Gênesis e a peça serão questionadas a partir do ódio fraternal, como gerador do desdobramento das personagens. Uma das passagens mais conhecidas do livro de Gênesis é a história de Caim e Abel. Independente da crença ou religião, a história que narra o ódio fraternal dos irmãos faz parte do imaginário coletivo ocidental. Nessa perspectiva, ao ler a peça do dramaturgo português Augusto Sobral Abel Abel (1984), texto cênico iniciado nos finais dos anos 1960 e finalizado em 1984, percebemos que ele retoma o mito bíblico do ódio entre Caim e Abel. A trama que envolve a narrativa sagrada, também traz em seu bojo imagens relacionadas ao profano, em um embate por transgredir a ordem regular dos acontecimentos. Na trama, a personagem Albino é uma espécie de transfiguração de Caim. Abel surge com uma face positiva em oposição a Albino. Os irmãos disputam o amor de seus progenitores. Instigados pelo clima de competição se odeiam e exteriorizam o conflito, que é metaforicamente transferido para a cadeira. Em O teatro e seus múltiplos, Sebastiana Fadda (2001, p. 24), afirma que as personagens se apresentam “divididos mas não separados, Albino/Abel são um ente único, o Janus bifronte onde co-existem, se cruzam e sobrepõem as linhas travessas do bem e do mal. E são entes distintos que, na aparência, invalidam a hipótese de uma circularidade da peça, pois o Abel fardado que no fim ocupa o lugar de Albino na cadeira é investido de uma autoridade que este nunca teve”. Nesse sentido, ao realizarmos a análise da dualidade das personagens, consideraremos os contextos de produções, tanto no mito bíblico, como na peça do teatro português. No entanto, sem a pretensão de apresentar uma abordagem teológica da narrativa bíblica, mas sim como contributo para realizar uma análise profícua das figurações das imagens do duplo. Instrumento recorrente nas expressões ficcionais, com destaque especial para a produção literária e teatral desde a Antiguidade, a temática do duplo subsidia análises dos aspectos existenciais e das dualidades. O teatro recorre ao duplo para mostrar como as personagens podem representar o mundo. Bravo (1997) afirma que as produções literárias e teatrais põe em cena o duplo, como uma das maneiras de invalidar o princípio da identidade una, podendo a personagem ter múltiplas faces. Assim, o presente estudo terá como suporte as teorias do teatro, bem como as que se dedicam a temática do duplo, com destaque especial para Otto Rank (2013), Clement Rosset (1988) e Bravo (2005).

Palavras-chave: Teatro. Duplo. Augusto Sobral. Abel Abel. Caim e Abel.

16/07 (TARDE)

O PROCESSO INTERMIDIÁTICO EM O RETRATO DO REI, DE ANA MIRANDA

Cristina Reis Maia



Resumo: O presente trabalho visa analisar o romance *O retrato do rei*, de Ana Miranda, através de três eixos principais: a construção metaficcional de seu enredo, a utilização de referências metapicturais no contexto narrativo (intermedialidade) e a possibilidade de ressignificação dos temas abordados, multiplicando seus significados. Constitui-se, assim, enquanto um estudo sobre a produção textual, a qual, reverbera no leitor de modo a estimular a sua capacidade crítica. Embora parta de uma narrativa histórica, a concepção criativa da autora imprime-se na composição, problematizando eventos e fomentando críticas e reflexões sobre a realidade. Desse modo, debruçar sobre o processo intermediário implica perceber um novo viés cognoscente. Uma vez que a narrativa se sedimenta a partir de iconotextos históricos, seu texto abre múltiplas possibilidades entre o pictorial, a literatura e a história. Essa complexa teia relacional produz um enriquecimento técnico e teórico sobre a dinâmica da história, desenvolvendo intertextualidades e ampliando o contexto narrativo. O mais importante, porém, é que facilita a percepção de temas indigestos, sem perder a sua capacidade de estimular a fruição do leitor (ECO, 2009). A utilização da metahistória implica na apreensão do significado da história (percebida como guardiã de memórias e da verdade ou instrumento de legitimação do poder), da racionalização de linhas de tempo e da distinção entre fatos e versões. O processo de apreensão e (re)elaboração da realidade constituindo-se a partir de construções sociais e concepções subjetivas (BERGER; LUCKMANN, 2004; STAM, 2006), pondo em xeque a unilateralidade do conceito de veracidade. Ao fazer uso da metaficção e complementar as “lacunas” da história, *O retrato do rei* imprime um caráter didático ao seu texto, explorando versões não visibilizadas. Discorre sobre o chamado “efeito do real” (RIZZO, 2009; CLARK, 2004) e permite que indeterminações históricas sejam completadas – mesmo que de forma subjetiva –, outorgando uma liberdade de (re)construção para a narrativa. Já a tradução e/ou transcrição de imagens para o texto literário propicia um trânsito intermédias, compondo um cenário de amplas possibilidades, uma vez que não sendo exposta, a imagem será construída mentalmente a partir de descrições pontuais. Ou seja, a escrita assume a função de “projetar” uma certa imagem, a qual passará pela recepção e interpretação do leitor, promovendo o surgimento de um novo critério perceptivo, intermediando um jogo de signos e representações (PIERCE, 2015; BARTHES, 2012). Seguindo este conceito, *O retrato do rei* trabalha com intertextualidades e ressignificação de sentidos. Neste estudo buscaremos discutir como o presente texto oportuniza um exercício transformador do pensamento, na medida em que problematiza, atualiza e superpõe temas e temporalidades, fomentando múltiplas possibilidades de interpretações, sem deixar de lado o prazer pela leitura.

Palavras-chave: *O retrato do rei*; Ana Miranda; Intermédias; Metahistória; Intertextualidades

HIPOTEXTO E HIPERTEXTO NA COMPOSIÇÃO MUSICAL: ASPECTOS DA TRANSTEXTUALIDADE COMO FERRAMENTAS DE ANÁLISE EM OBRAS ORIUNDAS DE MATRIZES DE LINGUAGENS HETEROGÊNEAS

Daniel de Thomaz

Resumo: O presente trabalho procura ampliar a discussão sobre a interpretação de obras musicais compostas a partir de obras pré-existentes. Para isso, são revisados os conceitos de intertextualidade, oriundos da literatura, na música. Em seguida, considerando-os limitados para analisar conteúdos de matrizes de linguagens heterogêneas, recorre-se aos conceitos de tradução intersemiótica e transtextualidade. Os resultados apontam para a possibilidade de análise entre original e derivado a partir das noções de hipotexto e hipertexto na obra do compositor brasileiro Marcelo Coelho. O músico utilizou a poesia e a música para estabelecer uma relação entre elementos de matrizes distintas. Sua obra nasce da relação entre a estrutura poética dos cantos de *I Juca Pirama*, publicado em 1851 pelo poeta Gonçalves Dias (1823-1864), um dos maiores representantes da poesia romântica nacional no século XIX, e parâmetros rítmicos e harmônicos desenvolvidos por músicos contemporâneos. A suíte foi composta a partir do cruzamento dos elementos poéticos com as estruturas rítmicas de José Eduardo Gramani e os elementos harmônicos modais sistematizados pelo compositor norte-americano Ron Miller.



Após uma análise crítica de cada movimento da suíte, denominado Canto, ficou evidente que havia um procedimento comum a todos, o que possibilitou, desta forma, a identificação de um sistema composicional unificador. O sistema foi gerado a partir da métrica poética e da trama central de cada Canto, responsáveis por definir o aspecto rítmico e harmônico da composição: o aspecto rítmico refere-se à adequação da métrica poética às estruturas rítmicas de Gramani; o aspecto harmônico refere-se à adequação da trama central do Canto às ‘qualidades emocionais’ dos modos, ou emotional generalization, termo usado por Ron Miller. Sobre o aspecto rítmico, definiu-se que as estruturas geradas seriam responsáveis pela fórmula de compasso, número de compassos, número de acordes, ritmo harmônico, linha rítmica melódica e linha rítmica do baixo. O objetivo maior desse trabalho não foi pretensamente ampliar a apreciação, mas “amplificar” a discussão sobre possíveis interpretações de linguagens que aparentemente são heterogêneas, mas que muitas vezes guardam uma relação de dependência de sentidos. Faz parte do método científico segregar elementos visando uma análise mais aprofundada das especificidades do objeto. Porém, em algum momento, também é vital reunir os resultados estudados separadamente, visando uma interpretação se não mais genérica, pelo menos, mais abrangente. Nesse sentido, o estudo das matrizes da linguagem (a sonora, a visual e a verbal), bem como suas possíveis relações, são necessários pois elas estão presentes em nós e em tudo o que nos cerca.

Palavras-chave: intertextualidade; transtextualidade; tradução intersemiótica; música instrumental brasileira; poesia brasileira.

SIMON VS. SIMON, INTERTEXTUALIDADE E ADAPTAÇÃO

Denise de Paula Veras Aquino

Resumo: Este artigo está inserido no simpósio "Literatura e outras artes (música, pintura, dança, cinema, teatro): relações interartísticas" e discute as diferenças entre o tratamento da homossexualidade no romance Simon vs. a agenda Homo Sapiens e em sua adaptação cinematográfica, intitulada Com amor, Simon. Esse trajeto perpassará questões como a natureza do romance adolescente, a adaptação de um livro para as telas do cinema e o tratamento do tema da homossexualidade. Este artigo tem como objetivo, a partir do conceito de dialogismo de Bakhtin e da definição de intertextualidade de Genette, analisar a adaptação da obra de Albertalli em termos de prática intertextual. Apresenta-se ao leitor a questão de literatura e cinema através do tempo, e como essas artes mesclam e se afastam. A busca de fidelidade por parte da cinematografia em relação aos textos de origem já não é considerado um critério válido no que se refere às análises críticas. A metodologia de pesquisa escolhida foi a revisão teórica e a finalização da análise proposta nos permite observar que as adaptações cinematográficas de obras literárias ganharam autonomia ao longo do tempo. Hoje já se admite a hierarquização entre romance e filme. O romance de Albertalli é uma ficção adolescente que apresenta dilemas realistas com uma narrativa leve e fluida. Com amor, Simon recria Simon vs. a agenda homo sapiens, reinterpreta o romance e transpõe a obra de palavras para imagens. As alterações em passagens importantes do romance nos possibilitam questionar as razões pelas quais a indústria cinematográfica se interessa por textos como o analisado neste artigo. A julgar pelo sucesso do texto original infere-se que tais interesses estejam relacionados a questões financeiras. Apostar em produções inéditas é sempre incerto, conforme Horkheimer e Adorno (1978). Sobre a questão “fidelidade” Linda Hutcheon (2011) afirmou “A adaptação é repetição, porém repetição sem replicação”. Os estudos passaram a desconsiderar a exigência da fidelidade para como o texto adaptado, haja vista não ser possível o produto da adaptação alcançar os mesmos objetivos que a obra adaptada por se tratarem de duas mídias distintas, ainda que relacionadas. Sob esse raciocínio, na análise da adaptação deve-se levar em conta o filme como uma obra única, carregada de suas próprias características, este não deve ser comparado com o romance pois a adaptação é uma releitura da obra inicial, uma recriação do texto original. Algumas das polêmicas inseridas no romance não estão no filme pois que se trata de uma leitura da narrativa

para outra mídia e cada mídia, à sua maneira, proporciona momentos de reflexão e apreciação ao público que se propõe a apreciar a(s) obra(s).

Palavras-chave: Simon vs. a agenda Homo Sapiens; Adaptação; Romance adolescente; Homossexualidade

“EU TIREI AS PALAVRAS DO JORNAL. NÃO MUDEI NADA. SÓ AS PALAVRAS.”: BOB DYLAN E O CONTADOR DE HISTÓRIAS BENJAMINIANO

Eduardo Friedman

Resumo: A Academia Sueca, ao conferir a Bob Dylan o Prêmio Nobel de Literatura em 2016, chancelou que se fizessem análises mais aprofundadas da obra do estadunidense; o viés, no geral, era mais biográfico, discutindo certas épocas da vida dele, sessões de gravações dos discos, turnês etc. Até mesmo os estudos literários se voltam mais para os elementos e efeitos poéticos ou referências empregados por Dylan. São raros os trabalhos que mergulham em outros campos para emergir com discussões que contemplem variadas facetas literário-filosóficas das canções que ele compôs. Esta comunicação, portanto, é uma pequena tentativa de enriquecer o corpus de pesquisas acerca de Bob Dylan. Pretendo localizar Bob Dylan na concepção de contador de histórias apresentadas por Walter Benjamin no artigo “O contador de histórias”, em que o alemão comenta sobre a importância dos contos, o problema dos relatos informativos e questões relativas aos romances. Com base nas características descritas por Benjamin — e dadas as fronteiras entre os gêneros literário e musical —, é possível encontrar em certas canções do estadunidense elementos das categorias discutidas pelo teórico. Destaco (brevemente) as “não reportagens” sobre a morte de Hattie Carroll (“The Lonesome Death of Hattie Carroll”) e Davey Moore (“Who Killed Davey Moore?”), que vão além dos casos específicos para tratar de assuntos coletivos, as quase parábolas do disco John Wesley Harding, escritas em um formato compacto e direto, e o romance de formação inacabado que é “Tangled Up in Blue”, com suas atualizações e mudanças ao longo de quatro décadas, como exemplos a serem abordados, traçando, assim, uma relação entre Dylan e Benjamin. Ademais, há de se pensar também nas influências do autor nas canções mencionadas acima: as canções de protesto do revival do movimento folk americano, cujo auge se deu no meio da década de 1960, a Bíblia (com um toque de Kafka) e o movimento cubista, respectivamente. Isso nos ajuda a compreender que modelos Dylan estava seguindo — e destruindo. Ao notar que o cancionista é capaz de transitar entre o conto, o romance e o relato informativo, me vem à cabeça a imagem de Ivan Petróvitch, do conto “Águia branca”, do russo Nikolai Leskov, fazendo vários papéis ao mesmo tempo nos três quadros vivos da festa do governador. Sem que ninguém perceba, ele transita entre os personagens. Também com Dylan, “as cortinas se fecham, e a figura rapidamente troca de posição” — mas nunca se sabe qual será a figura seguinte.

Palavras-chave: Bob Dylan; Walter Benjamin; narrativa

À ESCUTA DA POESIA: GIOVANNI RABONI ENTRE POESIA E TEATRO

Elena Santi

Resumo: A figura do poeta italiano Giovanni Raboni (1932-2004) é complexa e multifacetada. Sua atividade poética se dá a partir do segundo pós-guerra, em uma Itália destruída pelo conflito mundial. Raboni se mostra particularmente sensível às presenças invisíveis que habitam o espaço, ou seja, personagens do presente e do passado se entrecruzam e se compenetraram. O espaço onde esse encontro se dá é prevalentemente o da cidade do autor, Milão, elemento que perpassará por toda sua produção. Não será somente um pano de fundo desses encontros, mas funcionará também como uma personagem viva, dialogante, cada vez mais rememorada do que vista, em um constante embate entre o que foi e o que é no presente da escrita. Um espaço percorrido pelas vozes dos que o atravessaram, vozes silenciosas, audíveis somente pelo poeta que se coloca em uma posição de atenção e escuta. Essas sugestões sonoras são acolhidas dentro da poesia, que se apresenta como polifônica e dialógica, onde as vozes mudas do espaço interagem entre elas e com o poeta. Esses elementos se potencializam até que ficarão ainda mais



evidentes nos textos finais do poeta, destacando-se em duas obras escritas especificamente para o teatro: *Rappresentazione della croce* (2000), ligada ao tema da paixão de Cristo, e *Alceste o la recita dell'esilio* (2002) que se apresenta como uma re-escritura do célebre texto clássico de Eurípides. Nessas peças vozes e silêncios se intersectam e se entrecruzam, alimentando a reflexão entre voz, palavra e escuta que dá o tom para toda a produção raboniana. Em *Rappresentazione della croce* o episódio bíblico é fragmentado na voz dos presentes, enquanto a voz do grande protagonista, Cristo, é ausente, embora ressoe na sua ausência. Em *Alceste o la recita dell'esilio* Raboni traça uma ligação tanto explícita quanto sutil entre arte, engajamento político, palavra e voz, retomando o sacrifício de Alceste euripideana. Essa comunicação tem como objetivo pôr em diálogo essas etapas da produção de Raboni para aprofundar a relação entre voz, palavra e poesia, partindo, além das obras poéticas, das peças teatrais, onde essa ligação é mais clara. Entre os conceitos que guiarão a reflexão há o de “performance” de Paul Zumthor, que vê na voz um grande paradoxo, pois ela transborda a palavra. Além disso, terá uma grande importância o conceito de “ressonância” e escuta, de Jean-Luc Nancy, pois a voz encontra suas potencialidades na possibilidade de ecoar, seja no espaço, seja em quem se dispõe à escuta. Enfim, será fundamental o conceito de obra aberta de Umberto Eco, para considerar a obra na sua complexidade e não como uma estrutura orgânica e fechada; bem como as discussões presentes em *O rumor da língua*, de Roland Barthes, para estabelecer uma relação entre a escuta e a capacidade da língua de ressoar e se abrir para além do significado imediato. Enriquecerão o enfrentamento da problemática, as intervenções de Raboni como crítico de teatro, pois, uma vez que estabelecemos uma ligação entre sua produção poética e teatral, podemos pensar que, quando o poeta está escrevendo as resenhas sobre o teatro de outros autores, possa oferecer importantes pistas para a compreensão da sua própria produção teatral.

Palavras-chave: Poesia italiana; Vozes e silêncios; Teatro; Escuta; Memória

RELAÇÃO ENTRE ARQUITETURA E LITERATURA

Erinaldo de Oliveira Sales

Resumo: A proposta deste texto é analisar a estética da arquitetura e da literatura a partir de alguns termos que fazem referência direta à questão da Estética, sobretudo com o surgimento desta como disciplina, como área de estudo propriamente dita e o que é tratado disso em relação à arquitetura e à literatura.

Palavras-chave: Estética; Arquitetura; Literatura

17/07 (MANHÃ)

RESSONÂNCIAS DA TROPICÁLIA NA POÉTICA DO MANGUEBEAT

Feliciano José Bezerra filho

Resumo: A comunicação pretende mostrar que o incremento poético, o cruzamento estético de linguagens, as sínteses musicais desenvolvidas com a Tropicália provocou ressonâncias em fenômenos musicais recentes na cultura brasileira. O destaque será dado à apropriação destes procedimentos ao modo de fazer canção do movimento pernambucano Manguebeat. A Tropicália manipulou heranças da tradição poética brasileira, mais assumidamente a vertente do modernismo antropofágico de Oswald de Andrade, revelando um tipo de compromisso poético, de vanguarda, ainda muito interessado em inferir resultados nos desdobramentos da poesia e das artes brasileiras. Os tropicalistas tinham necessidade de considerar os planos de conhecimento de uma tradição poética encontrada na moderna poesia brasileira, em interações vivas com as produções àquela época difundidas, como, por exemplo, as aproximações com a poesia concreta, que o movimento também saudou. O próprio desafio histórico e cultural apontava para esses imperativos, como também as formações culturais dos tropicalistas propiciavam leituras mais acuradas da realidade cultural brasileira de então. Os mangueboys trazem uma poética voltada mais claramente para o discurso social e para um dispositivo comportamental de uma



juventude que reivindica um salto mais qualitativo para sua existência, além de um convite ensurdecedor para a diversão, para o lazer. O jeito poético do Manguêbeat aproxima-se mais de visões compartimentadas do mundo, do modo como determinados indivíduos são condicionados em vivências desestruturantes. O impacto causado no ambiente cultural brasileiro pelo aparecimento das canções “Alegria Alegria” e “Domingo no Parque”, em 1967, pode ter sido o mesmo com o lançamento do CD Da Lama ao Caos de Chico Science e Nação Zumbi, em 1994. O frescor de novas ideias musicais estava presente nos dois eventos, a movimentação de seus criadores anterior aos lançamentos já continha a inquietação de mudança. Caetano Veloso e Gilberto Gil, antes de lançarem aquelas canções no festival, já intencionavam uma abertura para a música popular brasileira, que eles chamavam de “som universal”; nomenclatura que não pegou. Chico Science, no final dos anos de 1980, movimentava-se em Recife com outros músicos e agitadores culturais como Fred 04, Hélder Aragão, Renato L., por entre pequenas bandas de rock, grupos de Hip hop, atividades de rua, festas, tudo isso já trazia germes de intervenção, já se formatava o que viria a ser o Manguêbeat. Parece óbvio que tenha sido assim, mas, se pensarmos que o surgimento de artistas no mercado se dá normalmente por um repentino sucesso, dentro de parâmetros previsíveis das possibilidades de prática talentosa de criação, e só raramente com uma intenção gestada de intervir no cenário da música popular, a Tropicália permanece como o grande movimento dessa linha de intervenção depois da bossa nova, e o Manguêbeat desponta como o mais influente na renovação do cenário atual, com penetração crítica e popular.

Palavras-chave: Tropicália; canção; Manguêbeat; poética contemporânea

DA VIOLÊNCIA AO NOIR: DIÁLOGOS TEMÁTICOS ENTRE A OBRA DO AUTOR DENNIS LEHANE E O DIRETOR DE CINEMA MARTIN SCORSESE, ATRAVÉS DA CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM EDWARD “TEDDY” DANIELS DE “ILHA DO MEDO”

Fernando Franqueiro Gomes

Resumo: Este trabalho busca analisar os paralelos temáticos existentes entre a obra do autor Dennis Lehane e o diretor de cinema Martin Scorsese, a partir da construção da personagem Edward “Teddy” Daniels, o protagonista do romance de Lehane, Ilha do Medo, adaptado para o cinema por Martin Scorsese. Quando observadas as narrativas de Dennis Lehane e o trabalho cinematográfico de Martin Scorsese, é possível perceber diversos encontros que serão essenciais para a construção da personagem Teddy, de Ilha do Medo, que é o fio condutor essencial para o desenvolvimento de todos os conflitos da trama do romance. Pensando a construção da personagem feita por Martin Scorsese nas telas do cinema pelo viés da tradução intersemiótica, os diálogos entre os temas abordados por Dennis Lehane e por Martin Scorsese em seus trabalhos, serão essenciais para auxiliar o diretor no processo de recriação de Teddy, em sua versão fílmica. Este estudo busca fundamento em autores que abordam a adaptação e a tradução intersemiótica como Linda Hutcheon, Julio Plaza e Haroldo de Campos, além de autores que abordam a construção de personagem como James Ursini, Fernanda Massi e Vítor Manuel de Aguiar e Silva.

Palavras-chave: Dennis Lehane; Martin Scorsese; construção de personagem; cinema; literatura.

ARTES VISUAIS E LITERATURA: UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA PERPASSANDO OS CONTOS “DESENREDO”, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA, E “CONTO BARROCO OU UNIDADE TRIPARTITA”, DE OSMAN LINS

Fernando José Ivo da Silva

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma proposta de leitura intertextual e semiótica junto a alunos do Curso Técnico de Artes Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE, Campus Olinda com vistas à elaboração de produções artísticas nas diversas modalidades das Artes Visuais, tais como: Desenho, Gravura,



Pintura, Estamparia, Fotografia, Fotomontagem, Colagem, Performance, Vídeo, dentre outras. A partir da leitura dos contos DESENREDO, de João Guimarães Rosa, e CONTO BARROCO OU UNIDADE TRIPARTITA, de Osman Lins, temos a possibilidade de trilhar com os alunos o caminho das veredas semióticas e intertextuais que se entrelaçam e dialogam em um jogo de ausência e exagero de aspectos descritivos textuais. No Conto de Guimarães Rosa, a ausência total de referências espaço-temporais, característica marcante do Conto DESENREDO, permite provocar a liberdade na produção artística em suas diversas manifestações. Após a leitura do conto em sala, faz-se a análise e interpretação junto aos discentes, decorrendo desta abordagem a proposta de produção artística. Já o conto de Osman Lins, com seu intrincado trabalho linguístico-descritivo-simbólico, marca não só do próprio CONTO BARROCO OU UNIDADE TRIPARTITA, mas de boa parte da obra do escritor pernambucano, dá os caminhos a serem seguidos pelos alunos em sua produção artística. Tal abordagem na disciplina de Português Instrumental, do primeiro período em um curso técnico de tal envergadura desenvolve e prepara os alunos para as disciplinas práticas que serão desenvolvidas ao longo do curso. Durante as variadas experiências realizadas nos últimos dois anos, pudemos detectar a riqueza de tal trabalho junto aos alunos. Além de cumprir com o objetivo precípua de uma disciplina que se pretenda “instrumental” em um curso técnico, ou seja, que sirva de instrumento para os objetivos finais do curso, tem ainda o condão de despertar a sensibilidade artística através do texto literário.

Palavras-chave: João Guimarães Rosa; Osman Lins, Artes Visuais; Produção artística.

O DIÁLOGO DAS CABEÇAS: A LITERATURA DE ZIRALDO E A PINTURA DE ANTÔNIO MAIA NO LIVRO DE ARTE PARA JOVENS

Flávia Maria Reis de Macedo

Resumo: A presente pesquisa tem como corpus um dos livros da Coleção de Arte para Crianças e Jovens, produzida pela Berlendis & Vertechia Editores: AVE JORGE. Publicado em 1987. Trata-se de uma narrativa literária criada pelo escritor mineiro Ziraldo (1932) a partir das obras pictóricas do artista sergipano Antônio Maia (1928-2008), que produzia pinturas carregadas de força simbólica: as “cabeças” inspiradas nos ex-votos, representando a fé e os milagres na cultura popular do povo do nordeste do Brasil. Para dialogar com as pinturas de Maia, Ziraldo produz uma narrativa peculiar, cuja personagem é um pensamento que se chamava Jorge. O trabalho consiste em investigar o processo de criação artística decorrente do contato do autor com as pinturas, verificando-se o diálogo entre aspectos verbais e visuais presentes, trazendo reflexões sobre o quanto este encontro artístico pode instigar e despertar o pensamento crítico dos leitores em formação, que podem se familiarizar com uma proposta original, em que estão presentes duas diferentes linguagens artísticas enlaçadas num mesmo suporte - o livro de arte.

Palavras-chave: literatura juvenil; transcrição; artes plásticas.

POEMA SUJO: O SUPREMO GRITO POÉTICO DE FERREIRA GULLAR

Francisco Antonio Ferreira Tito Damazo

Resumo: A trajetória da poesia de Ferreira Gullar (1930-2016) traz espelhada em seu estilo a inquietante e incessante busca de uma poética capaz de, mais que inovadora, encontrar a função consequente da poesia no cenário de uma sociedade brasileira cujas questões sociopolíticas e, consequentemente, culturais configuravam uma situação igualmente em estado de tensão e conturbação. A obsessiva “procura da poesia” se delineia no percurso de sua produção oficialmente divulgada com a publicação de A luta corporal (1954) a que se sucedem outras num evidenciado experimentalismo estilístico-semântico com que uma obra demonstra inconformismo com o resultado da anterior. Nesse trajeto, sua produção poética, em dado momento, se associou ao Concretismo a que logo recusou, participando da criação do movimento opositor a esse, o Neoconcretismo. Mas daí logo desembarca e mergulha na criação de fecunda e notória poesia participante em que se desenham as marcas fundantes de sua poética madura e peculiar com a publicação de Dentro da noite veloz (1975). O poeta encontrara o seu



“verbo” e com ele segue partejando sua poesia até a consumação com a publicação de *Em alguma parte alguma* (2010). Em *Dentro da noite veloz*, a palavra poética se centra em defesa da plena e real liberdade de expressão e vida que, a seu ver, havia sido completa e drasticamente impedida com a tomada do governo do País pelas Forças Armadas em 1964. Entretanto, em seguida, é publicado o livro que a crítica, unanimemente, apontará como a obra prima de Gullar: *Poema sujo* (1976). Nessa época, Gullar, em sua peregrinação de exilado, depois de passar pela União Soviética, Peru, Chile, encontrava-se em Buenos Aires, quando as Forças Armadas impuseram o governo militar à Argentina. Não tendo mais para aonde ir, o poeta entra em pânico certo de que logo seria detido, se não morto, por uma ou outra ditadura militar. Clandestinamente, encerrado em um modesto quarto, tomado de forte angústia pela imprevisibilidade do que lhe poderia acontecer, durante três meses, de maneira ávida, dedicou-se à elaboração daquele que julgava ser o seu último poema, o *Poema sujo*. Num estilo multifacetário, completamente indiferente às formas poéticas estabelecidas, ao mesmo tempo que sem de nenhuma delas furtar-se, num vertiginoso fluxo de consciência, mergulhado em profunda revivescência do que se lhe passara, desde a infância/adolescência em sua São Luiz do Maranhão até aquele momento de tormenta em Buenos Aires, o poeta tece um poema-livro de mais de cinquenta páginas, em que, num processo poético lírico-reflexivo, passa a vida a limpo. O poema, escrito e publicado num tempo de pós-modernismo, não se prende a quaisquer movimentos artístico-literários, a não ser à própria poética evolutiva de seu autor. Todavia, nele, como já dissemos, dado seu peculiar método construtivo, se pode observar a concomitância de muitos elementos de estilos de época que, em períodos definidos, se sucederam. Nesse sentido, o presente trabalho pretende demonstrar que, dentre os enumeráveis estilos ressonantes em *Poema sujo*, o Expressionismo tem relevante papel no percurso deste fazer poemático.

Palavras-chave: Ferreira Gullar; *Poema sujo*; Expressionismo

A CANÇÃO POPULAR COMO NARRATIVA URBANA

Gabriel Caio Correa Borges

Resumo: Dentre as teorizações tecidas por Walter Benjamin sobre os problemas da modernidade em sua trajetória filosófica, aquelas relativas à narrativa são algumas das mais notórias acerca dos domínios da estética. Situando-a em um contexto sócio-histórico como um gênero próprio, percebeu na narrativa uma função importante nas antigas tradições comunitárias que é a de abrigar a experiência que carrega os fundamentos que dão significância aquela comunidade. Daquilo que acompanha essa experiência, existe a necessidade da palavra da narrativa de conter um significado que tenha algum valor pedagógico e naquilo que torne possível estabelecer alguma transmissão entre as gerações. Deve-se atentar melhor para essa questão da transmissão, pois ela remete essencialmente a peculiaridade da narrativa de manter a sua intriga básica, mas desdobrando seus significados conforme atravessa o tempo; onde poderia ter um sentido diferente para o mais jovem do que teve para o mais velho. São sentidos que a narrativa teve que caíram por terra conforme a modernidade avançou, substituiu a velha experiência comunitária pela sociabilidade vivida, individualizada e atomizada; assim como tornou a vida imprevisível, a mercê de catástrofes, alterações e guerras cuja intensidade seria inapreensível pela palavra humana. Conforme a experiência decai, a tradição narrativa se percebe eclipsada por formas mais adequadas a esse novo paradigma, como o romance na sensibilidade estética e a informação para o saber. Dos contextos possíveis em que se estruturou a modernidade, seus sintomas também se fizeram sentir na periferia global. Apesar de ser encarada como arte de uma modernidade formada de maneira incompleta ou deficitária, o que define a periferia em seus próprios termos é a capacidade de mescla, segundo a ensaísta Beatriz Sarlo. Ela considera que na periferia o fluxo da modernidade tomou tal forma que permite que o encontro de elementos por vezes antagônicos entre si. No contexto brasileiro isso se refletiu na atribuição de um dos fazeres mais íntimos do popular, a canção, como síntese dos rastros legados pelas tradições com os atributos conferidos pela modernidade. É algo que se afirma no contexto em que elas são realizadas, onde as canções são moldadas para seguir a lógica dos



meios de comunicação e reprodução, mas surgem no espaço erguido por tentativas de reafirmar a comunidade, como escolas de samba, bairros e rodas. Mas é na lírica que essa afinidade se desdobra, revelando na canção uma afinidade com a narrativa que contempla poéticas remetentes da velha experiência assim recriada para as novas realidades urbanas. Nossa tese reforça que essa relação se dá exatamente na consolidação de uma representação do tempo na cidade que encontre no cotidiano signos que liguem através das gerações as pessoas que vivem nas cidades e justificam a durabilidade dessas canções no imaginário coletivo.

Palavras-chave: Narrativa; Modernidade; Tradição; Experiência; Canção

17/07 (TARDE)

A ESTRUTURA SINFÔNICA EM SAGA, DE ERICO VERISSIMO

Gérson Luís Werlang

Resumo: A ligação de Erico Verissimo com a música está bem documentada através de múltiplos depoimentos a amigos e conhecidos ao longo de sua vida. O escritor mesmo nunca escondeu seu apreço pela música e ela aparece não apenas em sua vida como é parte importante de sua obra. Vários de seus livros apresentam títulos musicais: o romance *Música ao longe*, o conto *Sonata*, o livro para crianças *O urso com música na barriga*. A música também está presente na trama ou na estrutura de romances, contos e mesmo em livros de viagens. Esta comunicação tem como tema de análise uma das obras de Erico Verissimo mais negligenciadas pela crítica, o romance *Saga*, de 1940. Entre os aspectos largamente negligenciados estão as relações e intertextos com a música existentes na obra, cujo alcance é mesmo estrutural, ao atribuir uma forma sinfônica ao romance. Este estudo recupera alguns aspectos fundamentais da obra que foram esquecidos ou suprimidos pela indústria editorial, deixando parte do sentido de *Saga* oculto aos leitores atuais.

Palavras-chave: Palavras-chave: Erico Verissimo; Música; Intertextualidade; Forma sinfônica.

A INTRUSA, DE JULIA LOPES DE ALMEIDA: ESBOÇOS DE UM DIÁLOGO IMPLÍCITO COM A OBRA FÍLMICA REBECCA E A TELENÓVELA A SUCESSORA

Ilka Vanessa Meireles Santos

Resumo: Cinema e literatura são artes que se complementam principalmente no que se refere como elas concebem o mundo ficcional. Ambas têm em comum a utilização de imagens no seu fazer artístico, sendo que a literatura faz uso das palavras para produzir imagens na mente do leitor; enquanto que o cinema faz uso das imagens como objeto do fazer cinematográfico, levando o espectador a ser presentificado pela projeção da imagem. O cinema, por diversas vezes, se inspirou na literatura para narrar suas histórias, como também as produções das telenovelas brasileiras. A literatura, em especial o romance, é uma arte polissêmica e, como tal, dialoga com outras linguagens, como o cinema, por exemplo. Literatura e cinema são artes que estabelecem um estreito laço e que, apesar de serem formas distintas de apresentarem o mundo da ficção, ambas têm o poder de criar e transitar em volta de imagens. A literatura tem como ferramenta as palavras e, por meio delas, ativam os sentidos do leitor e as transformam em imagens. Já o cinema está condicionado às imagens e nele vive-se o mundo representado por meio de narrativas em movimento que se descortinam diante dos olhos do espectador. Tanto a literatura quanto o cinema proporcionam questionamentos e pensamentos não só sobre as diferenças de linguagem ou os modos de apresentação de adaptação, assim como também possibilitam o diálogo intertextual entre esses dois tipos de arte, uma vez que uma obra sempre pode derivar outra obra diferente por meio de um olhar peculiar. É dentro desse contexto que a presente pesquisa busca promover o diálogo com as três formas de produção de arte: o romance, o filme e a telenovela, na tentativa de estabelecer comparações com o enredo/diegese das obras escolhidas para este estudo. Assim, este artigo tem como corpus de análise a obra literária *A Intrusa*, de Julia Lopes de Almeida, a produção fílmica *Rebecca*, produzida por Alfred



Hitchcock, e a telenovela *A Sucessora*, dirigida por Herval Rossano. A presente pesquisa foi realizada por meio de levantamento bibliográfico e destacam-se os autores Joel Cardoso (2011), George Bluestone (1973), John Howard Lawson (1967), Raymond Williams (1989), Marc Vernet (1995) Robert Stam (2008) e Linda Hutcheon (2011), que enfatizam a relação entre cinema e literatura. Constatou-se que os estudos feitos a respeito do tema ratificaram a ideia de que cinema, literatura e produção televisiva vivem integralmente o mundo representado evidenciando, assim, como se processa a relação entre linguagem cinematográfica e ficção literária, destacando que ambas as linguagens podem encontrar pontos de semelhança e, ao mesmo tempo, demonstram diferenças nas suas formas expressão criativa.

Palavras-chave: Literatura; Cinema; Romance; Filme; Telenovela.

ESCREVER É

Mariane Tavares

Resumo: João Cabral de Melo Neto é marcadamente reconhecido como um poeta antilírico, fissurado na forma do poema, preso à razão, mas no prefácio de seu livro *Museu de tudo* (1975) Lêdo Ivo afirma *A razão é o esconderijo predileto da sem-razão e até da loucura*. A meus olhos, quem enxerga e festeja em João Cabral de Melo Neto o poeta do cultivo do deserto e do pomar às avessas, o aluno da pedra e o lúcido artífice da forma severa do vazio vê somente meio João Cabral. Rodeado pelo mistério da criação poética – da noite do intelecto tornada claridade e dia pela linguagem –, ele guarda em sua poesia o frêmito dos jardins enfurecidos vistos, no início de sua trajetória, de sua janela de recluso. Ambíguo e plurissignificativo, o poema sempre esconde outro poema. (IVO, Ledo, 2009, p. 19) Quando Levo Ido diz que quem vê em João Cabral o poeta antilírico vê apenas meio João Cabral, sua afirmação conflui com a de Lauro Scorel (1973), este diz que o poeta “se situa, naquele ponto tangencial em que o sujeito se introjeta no objeto e o objeto no sujeito numa interação dialética: estamos, assim, diante de um poeta essencialmente dramático” (SCOREL, 1973, p. 31), com maestria ele tentou se afastar de tudo que pudesse revelar sua personalidade empírica, mas deu a conhecer sua personalidade estética. Nesse sentido, entende-se que através da imagem do museu e dos artistas que Cabral insere em seu livro, ele faz escolhas que não correspondem apenas à sua objetividade, mas à certa subjetividade, pois na imagem que ele cria de si ao se desvelar no outro “todos os artistas homenageados possuem ao menos um traço em comum com a concepção (e prática) de autor” (SECCHIN, 2014, p. 286) ou exercem alguma influência sobre ele; se João Cabral colocou em *Museu de tudo* todos os poemas que restavam até aquele momento, ainda assim houve uma escolha ao eleger com quem dialogar e isso é contar um pouco de si, mas sem se confessar. Essa estratégia desenvolvida pelo poeta reúne poetas, arquitetos, pintores, dança, futebol, escultura, música, entre outros. Criar no livro o espaço do museu, implica necessariamente em olhar. Independente do espaço que esse museu se constitui, nele se expõe obras de arte. A relação entre livro e museu está posta, tanto na atitude de João Cabral ao transformar obras de arte em poema – o que nos leva à pergunta: se toda obra de arte traz uma narrativa, toda obra de arte pode ser narrada, verbalizada? –, quanto nos catálogos de exposição que visam explicá-la no formato livro com a reprodução das imagens. Livro e museu são espaços onde o leitor-espectador vê o que o autor-artista (criação) e curador (pesquisa, seleção e composição) dão a ver.

Palavras-chave: poesia; arte; museu; João Cabral

A DINÂMICA DO BAILE EM ESAÚ E JACÓ, UMA PERSPECTIVA COMPARATIVA ENTRE LITERATURA E DANÇA

Joelma Rezende Xavier

Resumo: O romance *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis, é considerado, na fortuna crítica desse autor, uma narrativa complexa, centrada em dualidades e em processos imagéticos, responsáveis por provocar tensões em sua leitura, que vão dos diferentes mecanismos intertextuais até à configuração de uma abordagem teórica, baseada na dinâmica metalinguística do romance, no



tratamento crítico aos leitores e às perspectivas de problematização histórica, política e estética, engendradas no corpo dessa narrativa. De uma maneira geral, o campo imagético evocado no jogo de xadrez, a partir do capítulo XIII, “A epígrafe”, potencializa traços da teoria da composição machadiana, baseada nos princípios de ação dos jogadores (leitores), aptos a acompanhar os lances do jogo (enredo), associados aos embates políticos e ideológicos entre os gêmeos Pedro e Paulo, além da dinâmica dos movimentos da jovem Flora, por quem os gêmeos se apaixonam, e do Conselheiro Aires. O contexto de transição política, situado entre o fim do Segundo Reinado e a Proclamação da República, é um dos motes alegorizados nas relações de conflitos entre as personagens na dinâmica desse jogo de xadrez. A trama, assim pensada, ainda enreda perspectivas sobre as rivalidades e as dualidades do romance, simbolicamente representadas nas cores preto e branco e nas oposições das peças em jogo, nesse tabuleiro ficcional da memória. Além dessa perspectiva elaborada em torno das imagens no jogo de xadrez, a narrativa de Esaú e Jacó também problematiza aspectos das esferas social, política, ideológica e feminina, por meio das formas de representação do baile. Desse modo, sobretudo nos capítulos, em que ocorre a ficcionalização, respectivamente, do Último baile da Monarquia e do Primeiro baile da República, o romance traz à cena narrada elementos tensionadores das transições políticas por que passava o Brasil, em fins do século XIX, além da dinâmica relacionada à esfera dos desejos e das relações de poder, alegorizada no pensamento e nas ações das personagens. Percepções sobre dança, ritmo e mecanismos sociais atrelados à cena do baile, portanto, contribuem para a leitura crítica da narrativa machadiana desenvolvida neste trabalho, que visa a analisar o baile como elemento de problematização da dinâmica narrativa em Esaú e Jacó. Para isso, serão consideradas perspectivas teóricas da Literatura Comparada, especialmente nas relações interartes, situadas entre Literatura e Dança. Na abordagem metodológica, serão considerados mecanismos sociais e estéticos atrelados à cena do baile, assim como elementos patéticos, associados à dinâmica das pulsões corporais e do gesto dançado, presentes no traço escritural de Machado de Assis, nesse romance.

Palavras-chave: literatura; dança; baile; Machado de Assis.

A ALEGORIA COMO CHAVE DE INTERPRETAÇÃO DE MONOGRAM, DE ROBERT RAUSCHENBERG

Joseana Geaquinto Paganine

Resumo: O presente trabalho propõe a utilização do conceito de “alegoria”, tal qual elaborado por Walter Benjamin em *Origem do Drama Barroco Alemão*, como chave de compreensão da obra de arte contemporânea produzida a partir da década de 1960, sobretudo a de matiz conceitual. Para isso, privilegiaremos em nossa análise o trabalho de um artista em especial, o norte-americano Robert Rauschenberg (1925-2008). Desvalorizada como recurso estilístico perante o símbolo pelo Romantismo alemão, a alegoria foi reabilitada por Walter Benjamin no início do século XX. Nesse estudo, o filósofo investiga a tragédia alemã do século XVII para chegar a um novo entendimento do que foi o gênero denominado “barroco”. Benjamin busca o sentido da arte do período e suas relações com a história, e encontra no conceito de “alegoria” o principal mecanismo operatório das obras de arte produzidas então. Em seu significado corriqueiro, a alegoria é uma figura de linguagem que plasma uma ideia abstrata em uma ou mais figuras. Realiza o movimento do geral – a ideia – para o particular – a imagem. Etimologicamente, a palavra vem do grego e é comumente traduzida como “dizer o outro”. A alegoria é o que ela apresenta e, ao mesmo tempo, é outra coisa, que não está no que nos foi apresentado. Para o filósofo, a alegoria é portadora de um paradoxo: ao mesmo tempo em que remete para um significado além dela, evidencia uma dissociação entre imagem e sentido, que espelha a ruptura do homem com a concepção sagrada de mundo e com a natureza a partir da Modernidade. De início, é possível identificar na arte conceitual um forte componente alegórico na medida em que faz parte de sua proposta inicial materializar um conceito em uma imagem. Mas, além disso, a arte surgida a partir da década de 1960 ainda está inserida no arco histórico



da Modernidade, e a arte conceitual expressa de maneira exemplar a dissociação entre imagem e sentido do qual nos fala Benjamin, como veremos na obra de Rauschenberg.

Palavras-chave: Alegoria; arte contemporânea; Walter Benjamin; Robert Rauschenberg

A ESCRITA É UMA VALSA: A POESIA-DANÇA EM ADORNOS, DE ANA MARQUES GASTÃO

Karoline Alves Leite

Resumo: Ana Marques Gastão, poeta portuguesa contemporânea, esclarece que os seus ensaios resultam do trabalho de uma leitora-poeta (GASTÃO, 2013), frutos de anos dedicados à crítica literária e de dança. No ensaio A dança como metáfora do pensar, da coletânea de ensaios As palavras fracturadas (2013), a ensaísta busca delinear relações possíveis entre a dança e a escrita. A escrita assemelha-se à dança pelos recursos que utiliza. Em outras palavras, o processo inerente ao ato poético é interligado à dança, posto que a escrita é movimento, ação, repetição. Para a leitora-poeta, tudo é dança na medida em que nada é estático. Isso é concebido a partir da perspectiva de que “tudo se move dentro das premissas do tempo e do espaço” (GASTÃO, 2013, p. 23). No seu entendimento, o poeta e o bailarino estão numa completa disposição erótica com a linguagem, sendo seres em constante aperfeiçoamento que ultrapassam os limites da linguagem e estão sempre em movimento. Ana Marques Gastão pensa na figura do poeta-bailarino enquanto relacionada à escrita, de modo que a dança se configuraria, portanto, na metáfora do pensar de certas dicotomias, como interioridade/exterioridade e tempo/espaço, sendo a escrita tempo no espaço do papel porque o gesto sustenta a duração (Idem, p. 24). O poeta converte-se em poeta-bailarino na medida em que é um ser de/em movimento que escreve com o corpo no papel, o poema. Nesse sentido, o poeta-bailarino é agente do gesto e do movimento, escrevendo a partir da dança, em seus gestos encontram-se as palavras. Ele traça seu caminho no espaço e torna-se imaginação produtiva, já que o gesto é fonte de mobilidade. A partir disso, a dança e a poesia são entendidas como fragmentos por sua estruturação, constituída por pausas, intervalos, movimento e repouso. O poeta e o bailarino relacionam-se enquanto criadores a partir de movimentos das mãos e do corpo. Assim, para Ana Marques Gastão, o poeta-bailarino é o conceito de criação. Na poesia de Adornos (2011), a dança relaciona-se com os cinco sentidos expressos pelo corpo num jogo sinestésico. Posto isso, o intuito deste estudo é refletir sobre a poesia-dança na obra Adornos (2011), de Ana Marques Gastão, tendo como base alguns de seus ensaios – que constituem um método literário que interliga a dança e a poesia, construindo conceitos que empregaremos na leitura proposta – e a teoria de José Gil, em Movimento total: o corpo e a dança (2001), que será usada para respaldar nossa discussão.

Palavras-chave: Ana Marques Gastão; Adornos; Poesia-dança; Sinestesia; As palavras fracturadas.

18/07 (MANHÃ)

A ARTE CONCRETA E A RELAÇÃO ENTRE POETAS E ARTISTAS PLÁSTICOS CEARENSES NA DÉCADA DE 50

Kedma Janaina Freitas Damasceno

Resumo: Os anos de 1950 foram bastante significativos para o Brasil tanto no âmbito político e econômico quanto no âmbito artístico e cultural. O governo desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, que durou de 1956 a 1961, dá o tom de um período que se caracterizou como dinâmico e modernizador, visto que englobava projetos como o plano de metas, o crescimento da indústria (principalmente a automobilística) e a construção de Brasília. Com isso, é indiscutível que o país vivenciava um momento expressivo na sua política e na sua economia. No que se refere à arte e à cultura, pegando como pilar a poesia, tem-se como fato importante o surgimento do Concretismo e seu lançamento oficial no MAM de São Paulo em dezembro de



1956. Desde o final da década de 40, os irmãos Haroldo e Augusto de Campos e o amigo Décio Pignatari já vinham se contrapondo àquele ideal de poesia que a Geração de 45 havia tentado resgatar, ou seja, uma poesia mais tradicional, com forma fixa e versos bem metrificados. Dessa forma, em meados de 50, conseguiram lançar o seu projeto para a criação de uma nova poesia, pautada não mais no verso, na métrica, nem na rima, mas na visualidade, ou melhor, na verbivocovisualidade. Partindo desse contexto nacional e chegando a um contexto local, tem-se que o Ceará, depois de São Paulo e do Rio de Janeiro, foi um dos primeiros estados brasileiros a aderir ao movimento de poesia concreta. Foram realizadas, em Fortaleza, duas exposições de Arte Concreta: a primeira aconteceu em julho de 1957 no “Clube do Advogado” local e a segunda em fevereiro de 1959, no IBEU. A primeira exposição contou com trabalhos de Antônio Girão Barroso, José Alcides Pinto, Pedro Henrique Saraiva Leão, Estrigas, Goebel Weyne, J. Figueiredo, Zenon Barreto e Liberal de Castro. Desses, somente o pintor J. Figueiredo não era cearense. Ele nasceu em São Luís do Maranhão e somente em 1956 transferiu-se para Fortaleza. Faz-se importante ressaltar, portanto, a interação entre poetas, artistas plásticos e pintores para a realização desses eventos que possibilitaram a experimentação da arte concreta em um estado periférico como o Ceará. Dessa forma, interessamos verificar como era a relação entre esses artistas, saber de quais movimentos participavam e se trabalhavam em conjunto, e ainda investigar qual a contribuição que deram para o desenvolvimento cultural e estético no cenário artístico cearense da década de 50. Como aportes teóricos, além de textos referentes à vanguarda concretista em geral, serão abordados os conceitos de Sistema Literário, de Antonio Candido, e o da Teoria dos Campos, de Pierre Bourdieu, visando um melhor entendimento acerca da engrenagem que movimentava a produção, divulgação e a recepção dessas obras inseridas em um movimento tão polêmico como o Concretismo.

Palavras-chave: Concretismo; Ceará; poesia; artes plásticas.

AS EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS NAS PEÇAS RADIOFÔNICAS DE GEORGES PEREC

Leonardo Cavalcante Mendes

Resumo: Esta comunicação pretende explorar os trabalhos do escritor francês Georges Perec para a rádio. O gênero peça radiofônica se popularizou na primeira metade do século XX e alcançou seu ápice entre os anos 1950 e 1960, especialmente na França, no Reino Unido e nos países de língua alemã, chamando a atenção de muitos escritores. A rádio permitia, além do amplo alcance, uma nova experiência de criação, mesmo que ainda muito análoga ao gênero teatral. A partir do momento em que o grande público começou a se voltar para a ficção audiovisual, as emissoras de rádio cederam espaço para narrativas mais experimentais e inovadoras. É nesse contexto que Perec se insere e cria, em 1968, suas primeiras peças radiofônicas. Muitas delas foram transpostas posteriormente para livros e revistas: no entanto, mesmo em peças que ficaram restritas à radiodifusão, a escrita de Perec se faz presente por meio de formas ou temáticas recorrentes em sua literatura — como os jogos de palavras, a observação do cotidiano e os aspectos autobiográficos. Dessa maneira, inclusive em uma peça radiofônica como “Die Maschine”, que sequer foi traduzida para o francês, encontraremos traços característicos do autor, o que nos permite compará-la ao seu trabalho literário. Em feitos mais experimentais, o escritor explorou a estereofonia, uma inovação tecnológica da época, para criar peças utilizando dois canais de som. Esse recurso é aplicado em composições como “Fonctionnement du système nerveux dans la tête”, peça em que, de um lado, ouvimos a conferência de um médico e, de outro, um sussurro que progressivamente é amplificado até se impor. A sobreposição de vozes cria uma dramatização do discurso do cientista e revela o propósito da experiência. Mais tarde, a obra foi publicada em revista — a organização tipográfica representou o experimento utilizando colunas para refletir a simultaneidade dos discursos. Por fim, a comunicação ambiciona apontar o papel dessas obras no processo de escrita de Perec, uma vez que as peças radiofônicas serviram tanto para que ele colocasse em



prática experimentos pensados primeiramente para a literatura quanto para que explorasse soluções ainda não encontradas na escrita.

Palavras-chave: Georges Perec; Peça radiofônica; Hörspiel; Experiência literária

NOTAS SOBRE LITERATURA E MÚSICA: O CASO RUMORI O VOCI, DE GIORGIO MANGANELLI

Lucas de Sousa Serafim

Resumo: Giorgio Manganelli é um autor italiano, que nasceu em Milão no ano de 1922, publicou pouco mais de vinte obras durante sua trajetória de vida, escrevendo narrativas, peças teatrais, intervenções, etc. Rumori o voci é uma narrativa publicada em 1987 (três anos antes de sua morte) que ainda não foi traduzida para a língua portuguesa. Por ser uma de suas últimas obras, potencializam-se tendências literárias que o autor já experimentava na sua primeira intervenção, Iperipotesi (1963). Em entrevista concedida a Paolo Terni, Giorgio Manganelli declara que se sente interessado por algumas estruturas, soluções, invenções, entre outros elementos que na música são explícitos. Dessa maneira, nas suas obras literárias frequentemente o autor manuseia conceitos caros à música, tais como: som, silêncio, ritmo, cadência, entre outros. Esta comunicação pretende observar como alguns elementos musicais se tornam presentes no livro Rumori o voci. Tomando como base a sua própria declaração, as investigações partem da comparação justaposta entre música e literatura. Se, por um lado, a música dispõe de poucos elementos (as notas musicais) que variam em tonalidades, intensidades, duração, entre outros aspectos; como seria possível a literatura sustentar uma obra se valendo dos mesmos recursos? Deste modo, a problemática se baseia na reflexão sobre como Manganelli movimenta aspectos musicais na literatura que produz. Valendo-se de uma quantidade restrita de elementos, o autor varia-os em duração ou intensidade, por meio de recursos semânticos ou sintáticos (próprios da literatura), de tal forma que pode sustentar suas obras. É importante destacar que Iperipotesi, intervenção de estreia de Manganelli, evolui conforme o autor escuta barulhos; cada som vai se incorporando à sua performance literária, sendo questionado e potencializado. De modo semelhante, Rumori o voci, sustenta uma narrativa (por volta de 150 páginas) por meio da tentativa de responder ao questionamento que intitula a obra: os sons escutados pelo narrador seriam ruídos ou vozes? Em outras palavras, esta comunicação pretende refletir como os elementos musicais – pelos quais o autor se interessava – se manifestam no seu laboratório de escritura. Auxiliarão na abordagem desta comunicação as teorias de Jean-Luc Nancy sobre o ato de “escutar” (Cf. À escuta, 2002), em que a atenção se torna primordial na partilha entre o ser e o som; em consonância com as reflexões expostas por Raymond Murray Schafer em O ouvido pensante (1991), em que o pensador canadense busca conceituar os elementos que constituem a música; e com as argumentações expostas por José Miguel Wisnik em O som e o sentido (1989). Por fim, ainda auxiliarão na interpelação os conceitos de “gesto” e linguagem. O primeiro baseia-se no aporte teórico de Giorgio Agamben, para quem o gesto é a operação em que qualquer ação feita é sustentada por quem a realiza. Já no que tange à linguagem, partilha-se do raciocínio exposto por Maurice Blanchot, quando o intelectual francês considera que a palavra abarca sua plenitude de significação enquanto ainda não for nomeada.

Palavras-chave: Giorgio Manganelli; Literatura e Música; Estudos Interartes.

VEM COMIGO: A CONSTRUÇÃO DE SUJEITOS POÉTICOS NA CANÇÃO DE TAIGUARA

Luís Cláudio Dadalti

Resumo: É comum, quando colocados diante de mídias de divulgação, como jornais, revistas e programas de auditório, que artistas criem e reforcem para o público a identidade de uma persona pela qual se apresentarão ao longo de suas carreiras. A forma pela qual o artista é compreendido pelo público, nesse sentido, costuma se dar em sua completude a partir do consumo tanto do conteúdo do trabalho produzido por ele quanto de atitudes e falas divulgadas



por meio de entrevistas, palestras ou coletivas de imprensa. A figura do músico Taiguara Chalar da Silva está inserida nesse contexto como compositor e intérprete que conseguiu um grande e breve sucesso radiofônico no final da década de 60 e começo de 70 com músicas de Paulo César Pinheiro, Sérgio Bittencourt e Alberto Land, chegando a vencer alguns festivais da canção com elas, e até mesmo com composições próprias como *Universo no teu corpo*. Devido a esse começo de projeção por meio de canções românticas, Taiguara teve dificuldades de ser absorvido com o tempo como cantor politizado que canta problemas sociais em seus trabalhos, mesmo quando gradualmente passou a abandonar suas vestimentas de ternos alinhados e cabelo curto penteado para o lado e passou adotar um visual mais alinhado com o movimento hippie, com cabelos e roupas longas, além da barba que deixou crescer. Para além disso, vale também ressaltar que nos últimos anos de sua vida, a artista se livrou completamente de roupas que remetesse aos Estados Unidos, como o Jeans. Foi nessa época também que Taiguara ganhou uma coluna sobre política do jornal *Última Hora* e potencializou o alinhamento do discurso lírico que produzia em entrevistas e em seus escritos. Principalmente após sua saída do país devido à ação policial que recolheu os exemplares de seu álbum *Imyra Tayra Ipy*, de 1976, quando o mesmo tinha acabado de chegar às lojas, que o levou a passar alguns anos morando por diversos países da África, é possível perceber que, com o avançar dos anos, o discurso de militância começa a ficar mais evidente em suas canções e na forma pela qual seu trabalho musical é desenvolvido. De forma sintética, pretende-se, por meio deste trabalho, apresentar como são construídas as personas musicais de Taiguara através da análise dos diversos sujeitos poéticos que figuram em suas canções, mas que apresentam entre si uma grande constância na postura que assumem diante das situações a que são expostas. Assim, além disso, é objetivo também abordar algumas intersecções possíveis entre a figura pública que Taiguara monta de si e os sujeitos poéticos de suas canções.

Palavras-chave: Taiguara; Canção; Sujeito poético.

A CONDIÇÃO TRÁGICA DO HOMEM NO ROMANCE MORTE EM VENEZA DE THOMAS MANN

Marcos Fabio Campos da Rocha

Resumo: O objetivo da comunicação é o de defender a possibilidade de permanência da tragédia no romance moderno, em especial, dentro da literatura alemã dos séculos XIX e XX. Essa hipótese se justifica através de certas características inerentes ao gênero trágico que podem subsistir nas formas da narrativa, conforme já pudemos constatar em obras de Kafka, Kleist e Klaus Mann. A condição trágica não se limitaria portanto aos cenários do teatro grego antigo ou aos das peças de Shakespeare, Corneille e Racine. As vicissitudes individuais não são exclusivas dos perfis teatrais de grande envergadura como os príncipes e os grandes generais, mas ocorrem também na existência do homem comum. Assim, por vezes, o homem cidadão se depara com a inevitável necessidade de tomar decisões ou de assumir atitudes em sua vida que parecem exigir dele resoluções que excedem padrões normais. Trata-se então de ações que contrariam disposições ordinárias na sociedade ou estatutos das esferas superiores, encarando o poder. Em seu esforço de fazer-se respeitado por suas escolhas, o indivíduo se lança em um empreendimento que pode ser-lhe custoso em termos políticos, sociais, materiais e pessoais. O romance como gênero eleito da Modernidade já apresenta seus heróis como protagonistas que isolados no mundo pretendem impor-se como indivíduos representantes de uma classe em ascensão e que lutam sós. O herói trágico na literatura revestir-se-á de uma ousadia que vai além do destino comum, uma vez que não reconhecerá obstáculos e que o levará a enfrentar situações que não admitem qualquer tergiversação: ou ele caminha para seu triunfo ou para o seu fim. Este desafio que a vida lhe faz e sua resposta inflexível a ela tornam-no definitivamente trágico, mas também demasiadamente humano. É um momento decisivo na sua existência em xexequimate, a hora do tudo ou nada e que demanda resistência e determinação. Na novela *Morte em Veneza* de Thomas Mann, examinaremos os motivos e as circunstâncias que transformam o protagonista numa caricatura da maturidade. Ao enfrentar os fantasmas da solidão, da



homossexualidade e da velhice que se anuncia, ele se vê triplamente ameaçado tanto pelas regras sociais, como pelas convenções morais e pelos rígidos padrões de juventude, o que aproxima o herói de um enquadre trágico.

Palavras-chave: Tragédia: Romance: Literatura alemã; Thomas Mann

A ESCUTA NAS BORDAS DO SENTIDO

Maria Amélia Castilho Feitosa Callado

Resumo: O primeiro romance do escritor pós moderno, João Gilberto Noll foi publicado em 1981 e é o objeto de estudo deste trabalho, além de expor uma poética fortemente embasada na escuta que está presente no texto de diversas formas. Os cinco sentidos humanos aguçados pela fruição cênica no texto nolliano auxiliam na reflexão sobre os aspectos musicais, bem como a escuta que exerce papel principal no trajeto sensorial do personagem. Este cruzamento de sensações, muito comum no texto nolliano utiliza a multissensorialidade para evocar uma imagem e mostrar o modo de ser do narrador. A análise sobre a escuta no romance está embasada em estudos realizados por José Miguel Wisnik, Raymond Murray Schafer, Roland Barthes e Jean Luc Nancy. O romance apresenta diversos elementos musicais, dentre eles a escuta, em que o narrador protagonista cita nomes de músicas, compositores de música popular e de concerto que ele está a escutar durante a narrativa além de fazer comparações sobre ele e sua amada com casais protagonistas de óperas como forma de se exteriorizar, de ser lido, interpretado, de ter seu interior exposto, de fazer conexões entre personagens e o mundo exterior. O poder mediador do som une o mundo material e o espiritual. Schafer revela que antes da escrita a audição era mais importante que a visão e afirma que o ouvido saiu de cena dando lugar à visão que pode ser cortada ao fechar os olhos, enquanto a audição não pode ser desligada. Ao dormir, a percepção auditiva é a última que se fecha no corpo humano e de forma seletiva o ouvido concentra-se nos sons que realmente importam. A escuta como indício trata da percepção sonora de algo que pode ser perigoso ou não, cabe ao escutador decifrar e o protagonista do romance está sempre em estado de alerta, decifrando códigos de reconstrução da sua história pela fala, numa trama do inconsciente. A escuta envolve sensações e sentimentos, está ligada à sinestesia, a uma hermenêutica, à memória e a tudo que está no interior humano. A recepção da escuta no romance, além de musical é confessional, auxilia o protagonista a deixar pistas sobre si mesmo. O narrador está atento às informações ao seu redor. Ele cria um cenário como em um teatro no qual ele se transforma em espectador atento, colocando a audição como o sentido principal gerador das imagens e informações sobre outros personagens.

Palavras-chave: Literatura e Música1; João Gilberto Noll2; A Fúria do corpo3 ; Escuta 4.

18/07 (TARDE)

"INFLUÊNCIAS DA LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA EM UN BARRAGE CONTRE LE PACIFIQUE (1950)"

Maria do Socorro Aguiar Pontes Giove

Resumo: O presente estudo visa constatar as influências da sétima arte na obra "Un Barrage contre le Pacifique" [Barragem contra o Pacífico], de Marguerite Duras. Trata-se de um romance baseado nas experiências familiares de uma adolescente, nos anos 1930, na antiga Indochina Francesa. A mesma história também será desenvolvida posteriormente pela cine-escritora nas obras "L'Éden Cinéma" [Eden Cinema] (1977), e em "L'Amant de la Chine du Nord" [O Amante da China do Norte] (1991). Se, em seus primeiros tempos, o cinema buscou na literatura fonte de inspiração para contar histórias, passará a influenciar fecundamente a literatura no período pós-Segunda Guerra mundial (CLERC, 1993). A obra de Marguerite Duras se inscreve exatamente no entrecruzamento entre as duas artes. Este artigo pretende analisar como o cinema se manifesta em "Un Barrage contre le Pacifique", por meio da identificação de

ferramentas específicas da linguagem cinematográfica (VANOYE, 2017) neste romance perpassado de influências autobiográficas.

Palavras-chave: Cinema; Literatura; Linguagem.

A FERA DA BELA E A FERA E A BELA DA BELA E A FERA OU A FERIDA GRANDE DEMAIS DE CLARICE LISPECTOR: UM OLHAR SEMIÓTICO E PSICANALÍTICO ENTRE A ESSÊNCIA E A APARÊNCIA

Maria Luiza de Medeiros Monteiro

Resumo: Clarice Lispector em um de seus contos, intitulado A Bela e a Fera ou a Ferida Grande demais, apresenta em sua narrativa a personagem feminina Carla, uma bela mulher que optou ter uma vida de aparências, entretanto, com a ajuda de uma epifania chega a resgatar, momentaneamente, a verdadeira essência de sua vida. Não muito diferente do que acontece com a personagem de Lispector, o príncipe do conto de fadas A Bela e a Fera, também se constitui como um personagem egocêntrico e admirador de sua própria beleza, aspectos que impulsiona sua transformação de homem para Fera, reencontrando então a essência de sua vida com a ajuda de seu par romântico. Tais elementos que aproximam a construção de ambas as personagens são convergentes, perante uma análise semiótica, assim, o objetivo desse trabalho se detém em demonstrar a convergência semiótica relacionada à aparência e a essência diante das questões psicanalíticas que envolvem tanto a personagem feminina de Clarice Lispector, quanto a personagem masculina do conto de fadas A Bela e a Fera e de sua transmutação cinematográfica, dirigida pelo diretor Bill Condon, lançada em 2017 pelos estúdios Walt Disney, para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, considerando os autores como Pietroforte (2004), Carvalhal (2006) e Násio (2010), reforçando os fatos condizentes com o objetivo desse estudo.

Palavras-chave: A Bela e a Fera; A Bela e a Fera ou a ferida grande demais; Transmutação; Convergência; Semiótica

DO TEXTO À TELA: LITERATURA, CINEMA E HUMANISMO CRÍTICO EM "ANIKI-BÓBÓ", DE MANOEL DE OLIVEIRA

Mariana Veiga Copertino

Resumo: Figura icônica da arte portuguesa, Manoel de Oliveira destacou-se na cinematografia mundial como um realizador arrojado e de estética inovadora. Tendo como proposta compreender o cinema enquanto arte sincrética e agregadora, Oliveira sempre buscou articular as demais manifestações artísticas através de suas produções fílmicas, tendo travado relação intrínseca sobretudo com a literatura, ao longo de seus 80 anos de carreira. Esse vínculo entre literatura e cinema na produção de Manoel de Oliveira se faz sentir desde o princípio de sua obra que, inicialmente, foi bastante influenciada pelo movimento modernista que configurava o cenário português nas primeiras décadas do século XX; em especial a revista Presença, um dos mais representativos periódicos literários de sua época. "Aniki Bóbó" (1942), o primeiro longa-metragem de Oliveira, retrata a infância e todo o universo genuíno que a circunda, explorando-a tanto como tema central do filme, quanto como recurso para expressar a realidade humana daquele momento em particular. Inspirada no poema em prosa "Os meninos milionários", escrito por Rodrigues de Freitas e publicada na Presença em 1935, a película aborda questões relacionadas ao universo dos adultos, através da vivência das crianças pobres da ribeira do Porto. A película conta a história de Carlitos que é apaixonado por Terezinha e disputa o carinho e as atenções da amada com Eduardito, seu rival e antagonista. Enquanto o primeiro garoto é doce e gentil, o segundo parece ser o seu oposto, maldoso e violento. O pueril triângulo amoroso impulsiona atitudes erradas da parte de Carlitos que comete uma infração para tentar agradar a Terezinha e precisa lidar com a culpa resultante de suas ações. A narrativa, fabular e delicada, trabalha um jogo de opostos a fim de transmitir uma mensagem pautada tanto no realismo social, quanto no humanismo crítico, preceitos em voga no momento do lançamento da obra. Diante disto, esta comunicação propõe-se analisar o filme "Aniki-Bóbó" (1942), de



Manoel de Oliveira, em perspectiva comparada com o texto literário que lhe serviu de fonte, procurando observar o retrato do mundo infantil e da realidade social na qual estão inseridas as personagens. A análise lançará especial atenção às cenas transpostas do texto para o filme e à forma como o realizador faz uso da linguagem cinematográfica e seus recursos para levar às telas a essência poética do texto de Rodrigues de Freitas. Além disso, cumpre observar o jogo de espelhos que se configura na narrativa, especialmente conduzido pelo embate entre o bem e o mal a atormentar o jovem protagonista em sua jornada amorosa, propondo uma leitura em chave presenciada a fim de identificar, tanto no filme, quanto no poema em prosa, as características que se enquadram no preceito de “arte viva e humana”, proposto por José Régio nas páginas de doutrina e crítica da Presença.

Palavras-chave: Cinema; Literatura; Manoel de Oliveira; Presença; Aniki-bóbó

BRUNO SCHULZ: DA LITERATURA AO ESPETÁCULO DE TEATRO

Jerson Vicente Fontana

Resumo: O artigo dedica-se a estabelecer relação entre contos do escritor polonês Bruno Schulz, sua adaptação para teatro e a encenação do espetáculo *Sanatorium*. Um escritor que se alimentou “da entrega ao serviço da palavra” (SIEWIERSKI, 1996) pode parecer distante da dimensão visual que caracteriza o teatro. Contudo, os contos *O Aposentado*, *Sanatório sob o Signo da Clepsidra* e *Solidão* possuem personagens potentes, semelhantes em seu gestual e no modo de utilizarem o espaço. Por esse motivo, foram escolhidos, para compor o texto teatral *Sanatorium*, cujo argumento central versa sobre a relação interpessoal entre colegas de trabalho e entre familiares que têm necessidade de se encontrar, mas não conseguem conviver sem desajustes. Quanto ao espetáculo, o monólogo *Sanatorium* possui, como elemento principal da encenação, a interpretação com destaque para o gestual de cada personagem e o modo como eles utilizam o espaço. Para elaborar o gestual, foram utilizadas referências das falas expressas no texto teatral e dos ambientes nos quais se passam as narrativas. O desenho corporal de cada personagem também possui relação com o espaço cênico. Isso se evidencia nos lugares de memória de Simão e nos labirintos percorridos por José, ambos personagens centrais do texto teatral, os quais repetem um conjunto de imagens corporais, bem demarcado, nos mesmos lugares. Contudo, no transcorrer da narrativa, eles rompem com essa lógica e os gestos mudam de lugar fazendo com que a sua relação com o espaço potencialize conflitos interiores dos personagens e dificuldades de relacionamento entre eles, situações que estão descritas no texto teatral e nos contos de Schulz. O espetáculo possui, então, um modo de utilizar o espaço cênico e um conjunto de imagens corporais que lhe conferem unidade, ainda que o texto teatral seja composto por três contos. Em lugares específicos o *Aposentado* sempre se refere a um tipo de assunto; para José, esses são os pontos de referência de seu percurso por labirintos; para o velho solitário, são locais emblemáticos para que ele descreva a sua vida num quarto sem portas. Cria-se, assim, uma unidade entre a literatura e a cena e entre os personagens de diferentes contos. Forja-se uma espécie de jogo entre a cena e o público, pois, em dado momento, o gesto reforça a ideia verbalizada; noutro, a contradiz levando a um deslocamento entre o que é dito e o que é vivenciado. Esse modo de elaborar os personagens, e por decorrência o espetáculo, potencializa o enredo. Sempre que o mesmo gesto retorna, na verdade um pouco diferente, mas mantendo os traços básicos, ressalta-se para o espectador que ele está assistindo a algo que foi planejado para ele, pretendendo-se, com isso, que ele receba a obra de forma aberta. Desse modo ao mesmo tempo que a narrativa visual lhe intriga e, com isso, prende sua atenção, também possibilita ao espectador múltiplas leituras do universo representado e da própria elaboração do espetáculo.

Palavras-chave: contos; texto; espetáculo; teatro.

O CIRCO COMO METÁFORA DO MUNDO – AS ARTES VISUAIS NA CONSTRUÇÃO DAS CENAS TEATRAIS EM *O REI DA VELA*, DE OSWALD DE ANDRADE (BRASIL) E *O GRANDE CIRCO AUTÊNTICO*, DE JOSÉ MENA ABRANTES (ANGOLA)

Aginaldo Rodrigues da Silva



Resumo: Uma peça de teatro não é produzida apenas com atores que representam personagens como se estivessem vivas. Outros elementos contribuem decisivamente para que a cena tenha o efeito desejado, tais como: cenografia, figurino, direção, dramaturgia, iluminação, sonoplastia, maquiagem, entre outros. Nesse sentido, a proposta deste artigo é analisar os aspectos cenografia e figurino, a partir dos elementos cênicos criados pelos dramaturgos Oswald de Andrade e José Mena Abrantes em *O rei da vela* e *O grande circo autêntico*, respectivamente. Os textos, por meio da metáfora de circo, fazem uma discussão sobre os rumos da história, em que sociedade e política tornam-se matéria à representação artística. Tanto na organização do espaço que materializa o imaginário (cenografia), quanto na simbologia que o figurino cria sobre o perfil psicológico e social da personagem, o espectador é motivado a se aproximar da trama, criando a ilusão ou a quebra dela, no projeto artístico que se organiza no palco. O circo é transformado em metáfora do mundo, em que antropomorfização e zoomorfização são as peças chaves para compreensão dos temas abordados.

Palavras-chave: Dramaturgia brasileira; Teatro angolano; Metáfora de Circo; *O Rei da Vela*; *O grande circo autêntico*.

JORGE BEN JOR: A FÓRMULA ALQUÍMICA DA CANÇÃO IMPERECÍVEL

Mateus Campos G. da Silva

Resumo: Depois que o samba esquema novo de "Mas que nada" transfigurou-se em um fenômeno de proporções internacionais na primeira metade dos anos 1960, Jorge Ben Jor se dedicou a procurar repetir aquilo que ele mesmo chamou de "letra universal". Queria escrever uma composição que pudesse ser entoada com facilidade por audiências fluentes em diferentes idiomas. Um sucesso pré-babélico, em suma. Trabalhou nisso como um alquimista em busca do lapis philosophorum para escrever. O interesse explícito que demonstrou nos assuntos esotéricos durante a "trilogia mística" de sua produção fonográfica é apenas o capítulo mais explícito de uma obra que se valeu de saberes antigos e utilizou a voz como operadora de transformações. A partir de leituras de Carl Jung, Paul Zumthor e Augusto de Campos, a pesquisa revela como o discurso carregado de símbolos e personagens misteriosos do artista carioca fundiu fé e ciência de maneira sem-par na trajetória da música popular.

Palavras-chave: Música Popular Brasileira; Jorge Ben Jor; Alquimia; Trovadorismo

19/07 (MANHÃ)

M.P.B: MANIFESTO POPULAR BRASILEIRO

Myrlla Muniz Rebouças

Resumo: Como resultado da miscigenação de diversas culturas, nascidas aqui ou para cá trazidas, a música do Brasil constitui-se de forma extremamente singular, compondo um retrato da identidade brasileira em construção. A partir das vivências pessoais e profissionais desta autora como musicista, cujo repertório se marcou pela mistura de múltiplos olhares, mundos e sentimentos, representando a imensa diversidade cultural do Brasil, este trabalho traça um relato histórico-cultural com referências à obra de diversos artistas populares do Brasil. O objetivo é problematizar os processos de massificação impressos pela indústria cultural no Brasil, em contraste com a defesa de raízes culturais e a sua relação com influências externas. Para tanto, apresenta-se um panorama da evolução musical brasileira em relação com os acontecimentos históricos no país. A exposição apresenta o baião tradicional, modernizado por Luiz Gonzaga, que tomou conta do Brasil da década de 1940, e passa pela cantoria de viola e a literatura de cordel, que atingiram seus apogeus nos anos 1950, uma época em que o Brasil ingressou em um projeto de modernidade e de industrialização. Mostram-se os anos JK trazendo o sopro de transformações culturais que iriam eclodir na década de 1960: da Bossa Nova à Tropicália, do Cinema Novo ao teatro de Arena. Muitos novos movimentos culturais e artísticos beberam nas velhas fontes da tradição popular e mesclaram formas híbridas com novos signos urbanos



brasileiros e mesmo estrangeiros, criando o Tropicalismo. Na década de 1980, o país vivia o processo de redemocratização e a MPB abria janelas do mundo e também consciências possíveis da gravidade do momento político que atravessávamos, como um sopro de consciência e vitalidade naquele momento histórico. Os períodos de efervescências políticas determinaram importantes transformações culturais, com a ida do povo às ruas, aos festivais, aos clubes da esquina... Nesse momento a indústria adaptou-se à situação histórica e vendeu até “música de protesto”, contanto que trouxesse lucros. Quando o rádio, a nascente indústria cultural brasileira, a TV e as gravadoras passaram a determinar todos esses processos de misturas de valorizações da música como mercadoria, de consumo fácil e geradora de lucros, o sentimento além do pessoal, passa também a ser uma imposição de mercado, manipulado a partir das indústrias culturais transnacionais. A indústria cultural, ao lado de alguma positividade de “abertura para o mundo”, alargando o contato com ritmos e poéticas de outros povos, trouxe também “camisas de força” e causou profundas transformações na chamada música popular brasileira. Para além dos exotismos, nossa mistura nasce do processo histórico, de miscigenações e hibridismos culturais. O Nordeste brasileiro, milenarmente habitado por centenas de povos ameríndios, recebeu, a partir do século XVI, um fluxo renovador das principais vertentes das culturas ibéricas, mediterrâneas e africanas. Essa mistura de povos, culturas e destinos se traduziria nas matrizes da música nordestina que influenciariam os movimentos musicais brasileiros, durante os mais de quinhentos anos da nossa história: do baião ao tropicalismo, do forró universitário ao armorial, da bossa nova ao manguê beat, do popular ao erudito. Essa tradição de misturas e renovações sofreria um grande impacto com a apropriação pela indústria cultural e mesmo pela noção de “propriedade intelectual” e “direito autoral”. Conforme os avanços de políticas e economias, de intensidades mais sociais ou mais neoliberais, indaga-se se nossa música popular tem avançado em sensibilidade e consciência ou tem regredido às imposições do mercado. Diante disso, indaga-se se a música de um povo se reflete nos acontecimentos históricos, ou os acontecimentos históricos refletem-se na música de um povo. E qual seria a diferença entre os tipos disponíveis hoje de representação da música brasileira: de um lado, uma representação supercapitalizada, a partir de referências econômicas mundiais, – promovendo um mercado de consumo musical expandido para bandas, produções de shows, gravações de CDs e vídeos, ocupação de espaços midiáticos –; e, de outro, uma representação por meio dos gêneros oriundos da multifacética pluralidade musical brasileira, aos quais é negada a possibilidade de veiculação em centenas de rádios e televisões. Nesse mercado ocupado, uma maneira de assegurar a difusão das formas musicais brasileiras já consolidadas é a chamada reserva cultural, ou exceção cultural, instrumento jurídico-sociológico que garante a necessidade dos Estados-nação em se afirmarem como produtores e consumidores da cultura nacional. A relevância deste trabalho se assenta na compreensão da relação intrínseca que se estabelece entre a música de um povo e sua identidade e história. Compreende-se que a globalização não pode nunca ser sinônimo de aceitação passiva de tudo que é imposto, seja pela hegemonia cultural dos países ricos ou mesmo pelas imposições dos modismos da indústria cultural. As trocas precisam ser justas e em mão dupla, assentadas no espírito e nas necessidades profundas do processo de construção nacional, não apenas no sentido da busca de pertencimento a um lugar e ao uso de uma língua comum, mas uma construção contínua em um processo identitário dentro de um país (espacialidade territorial) com grande diversidade cultural, econômica, social e étnica. Nesse sentido, este artigo aponta para a busca da autora por privilegiar, em seu trabalho musical, essa identidade plural, ao mesmo tempo brasileira e universal, mesclando os elementos da tradição com tendências musicais contemporâneas. Para tanto, argumenta que, em seus shows, procura fazer passeios estéticos e emocionais pela beleza e diversidade do cancionário popular nordestino e brasileiro, sem se submeter aos modismos impostos pela mídia ou às diretrizes da chamada indústria cultural, exercitando sua originalidade e liberdade, em manifestação artística.

Palavras-chave: mistura; identidade; influências

EL ACONTECIMIENTO DEL ROCK SUBTERRÁNEO EN GENERACIÓN
COCHEBOMBA DE MARTÍN ROLDÁN RUIZ

Óscar Giovanni Gallegos Santiago

Resumo: Este trabalho é parte de minha tese de mestrado, onde investigo a relação do arte novelístico com o surgimento de certas verdades (arte, política, amor) através de certos acontecimentos no mundo narrativo. Nesta apresentação me foco na relação do arte musical do rock e como a novela trata de simbolizar seu potencial para formar subjetividades e afirmar verdades. A novela *Generación cohebomba* (2007) de Martín Roldán Ruiz, ambientada na Lima dos anos 80, se caracteriza por o desenvolvimento de um mundo violento e desencantado, onde os jovens protagonistas, que vivem no meio de uma guerra interna entre o Estado e os grupos terroristas, se identificam com o movimento de música punk peruana ou rock subterrâneo. Estes jovens, através do arte musical, são altamente contestatários e lutam frente às forças repressivas do Estado e contra os grupos terroristas. ¿Quê é aquilo que os move para esta militância artística ou política no meio desta situação conflituosa? O marco teórico e filosófico do pensador Alain Badiou será chave para compreender os três conceitos que iluminam este trabalho: sujeito, verdade e acontecimento. E, sobre a base de uma metodologia de análise crítica textual, descrevo e analiso como surge o acontecimento que permite a formação de sujeitos e a possibilidade das verdades do arte, da política ou do amor. Esta investigação busca aportar uma perspectiva inédita na compreensão do tema da violência política: o papel que jogou o movimento subterrâneo e seu potencial para criar verdades e subjetividades. Neste sentido, este trabalho busca compreender a relevância deste agente social, suas implicações políticas e sociais no contexto do conflito armado interno representado na novela.

Palavras-chave: acontecimento; verdade; sujeito; arte; novela

A PALAVRA EM MÚLTIPLOS INTERVALOS: A ÉCFRASE NA POESIA DE MANUEL GUSMÃO E JOÃO MIGUEL FERNANDES JORGE

Patrícia Resende Pereira

Resumo: A partir do conceito de écfrase, representação verbal de um objeto visual, o propósito desta pesquisa é discutir a maneira como se pode estabelecer relação entre cinema e artes plásticas – o desenho e a pintura – na poesia dos autores portugueses Manuel Gusmão e João Miguel Fernandes Jorge. Para tanto, deve-se ter em mente que o conceito, embora antigo – sua primeira menção na literatura ocidental é a descrição feita por Hefesto do escudo de Aquiles, na *Ilíada* –, passou por uma série de transformações em sua definição, de modo a acompanhar as alterações ocorridas nas artes no século XX e XXI. Assim sendo, na pretendida comunicação, é importante ter em vista que, inicialmente, o intuito da écfrase é, de acordo com W. J. T. Mitchell (1994), o de tornar possível que a “imagem sem som seja dotada de voz, ou se torne dona de um dinamismo ou ação, ou realmente seja vista, ou (inversamente) que a linguagem poética possa ser ‘paralisada’, tornada icônica ou ‘congelada’ em algo estático, de arranjo espacial” (MITCHELL, 1994, p. 156, tradução nossa). O próprio estudioso entende como inalcançável essa aspiração utópica do conceito. Entretanto, claro está que a afirmativa termina por inserir novas questões à noção, e, por consequência, em sua relação com as artes pautadas pelo movimento ou pela ausência dele. Nessa perspectiva, é necessário lembrar que o olhar na pintura e no cinema é conduzido por princípios distintos. Conforme o arrazoado pelo estudioso Jacques Aumont (2004), quando se pensa na pintura, o tempo é apresentado pelo instante congelado pelo artista na tela, na tarefa de fazer o objeto intencionado tomar forma. Já a arte cinematográfica não pode ser entendida como a condensação de um único momento, como ocorre na pintura, uma vez que “o cinema, o plano, a vista cinematográfica são, em compensação, tempo em estado puro” (AUMONT, 2004, p. 100). Para o autor, a questão está relacionada com a capacidade do cinema de ser uma arte pautada pelo movimento, pois, questiona, “o que é o movimento senão o ponto de junção do tempo e do espaço?” (AUMONT, 2004, p. 70). Com essas questões em mente, portanto, o texto tem como propósito realizar um



estudo teórico-crítico e comparativo da poesia de Manuel Gusmão e de João Miguel Fernandes Jorge, reconhecidos por evocar outras artes na poesia, além de também construírem em paralelo uma carreira na academia e na crítica. Desse modo, a apresentação irá contemplar os poemas que se constituem como écfrase, de modo a pensar como os dois autores em questão contribuem para a discussão acerca das transformações relacionadas ao conceito, além de colaborar para se pensar a composição poética quando encontra o seu referencial em um objeto pautado pela imagem estática – a pintura e o desenho – e a imagem em movimento – o cinema.

Palavras-chave: Poesia portuguesa moderna e contemporânea; cinema; artes plásticas; Manuel Gusmão; João Miguel Fernandes Jorge

LITERATURA E MÚSICA: LIMIARES DA POLIFONIA EM FINNEGANS WAKE

Pedro Alaim Martins Garcia Júnior

Resumo: *Finnegans Wake* (1939), de James Joyce, movimenta mais explicitamente a história de uma família: H.C.E. (o pai), A.L.P. (a mãe), Shem e Shaun (os filhos gêmeos) e Isabel (a filha). Ao se movimentarem, no entanto, esses personagens se mostram mais precisamente como “temas” no sentido musical do termo. Em música, um tema é um material concentrado que se apresenta no início de uma composição e, uma vez apresentado, desenvolve-se variadamente a partir do estímulo de uma série de procedimentos composicionais, como a “decoração”, a “inversão”, a “aumentação”, a “diminuição”, a “síncope”, o “ostinato” etc. De maneira semelhante, a cada retorno dos personagens-temas de *Finnegans Wake*, eles reaparecem em uma forma variada. Enquanto se apresentam e reapresentam-se metamorficamente, contudo, criam-se ou encorpam-se episódios feitos da interação entre suas formas variadas. Esses episódios também se atualizam e reatualizam-se continuamente, já que os personagens-temas que os encorpam estão sempre alterados. Nisso dispõem-se duas séries em constante metamorfose: os temas (sempre reapresentados modificadamente) e os episódios produzidos pela interação entre os temas (também sempre recompostos na trama). Em meados do século XX, Mikhail Bakhtin se utilizou do termo “polifonia” como uma metáfora crítica para descrever o modo de organização narrativa dos romances de Dostoiévski. Segundo Bakhtin, assim como na música polifônica múltiplas vozes se apropriam de temas de forma descentrada, coordenada e independente, de modo análogo os personagens de Dostoiévski também se apropriariam dos mesmos temas sempre variada e descentradamente. Com esse empréstimo metafórico do termo “polifonia” para descrever o modo de organização narrativa dos romances de Dostoiévski, Bakhtin nos ajuda a visualizar que o texto joyciano pode ser visto como uma pauta polifônica, pois em *Finnegans Wake* os temas não só se apresentam e reapresentam-se variadamente ao longo de toda a narrativa, mas esses temas são também movimentados por múltiplas vozes narrativas. Estimulado, portanto, pelo conceito de polifonia como um meio metafórico de se relacionarem as organizações temáticas na música e na literatura, este trabalho busca intensificar esse viés crítico e propor que a pauta polifônica de *Finnegans Wake* pode ser lida também a partir da movimentação de uma série de procedimentos composicionais, como a “decoração”, a “inversão”, a “aumentação”, a “diminuição”, a “síncope”, o “ostinato” etc. Assim, consideraremos a polifonia não apenas como uma metáfora que descreve a mobilidade de sentidos resultante do descentramento de vozes discursivas em textos narrativos, mas sobretudo como um conceito mobilizador das mais diversas dimensões do pensamento sobre organização, multiplicidade e descentramento. Para isso, buscaremos explicitar que enquanto múltiplas séries descentradas de sentido se entrelaçam por meio da construção de diferentes episódios alimentados pelas relações variáveis entre temas variantes, ao mesmo tempo os sons também se imbricam em arranjos nos quais os fonemas íntima e explicitamente se associam, estabilizando, desse modo, centros provisórios (eixos suplementares) ao redor dos quais palavras, frases, orações e períodos orbitam como o resultado de agentes artísticos que podem ser lidos como trânsitos procedimentais entre a música e a literatura.

Palavras-chave: Polifonia; Descentramento; Procedimentos; Música; Literatura.



ORIGINALIDADE NA APROPRIAÇÃO: O CASO DA ADAPTAÇÃO "THE LIZZIE BENNET DIARIES"

Rafaela Albuquerque Gonçalves

Resumo: O presente artigo visa dar ao termo "Apropriação", proposto por Sanders (2006), um status de positividade. Pois, na academia o ato de "apropriar-se" é, muitas vezes, associado ao plágio, o que renega todo um lado de possibilidades de originalidade e inovação que uma releitura pode trazer. Através da Teoria da Adaptação, proposta por Sanders (2006) e Hutcheon (2013), fazemos um estudo de caso da webserie "The Lizzie Bennet Diaries" que, ao se afastar do texto de origem por apropriá-lo ao seu contexto, consegue gerar um maior grau de imersão na narrativa e renova-a, tornando a literatura mais acessível às audiências. A premissa trabalhada é a de que a produção de Bernie Su e Hank Green apaga a autoria da britânica Jane Austen por construir uma adaptação que fala por si mesma e que defende, em sua existência e sucesso, o ato de apropriar-se. Ademais, trabalhamos o argumento elencado pela teoria da intertextualidade e reforçado por Eliot (1989) de que nenhum texto é puramente original, mas que sim formado por obras com diversos graus de apropriação, que serão mais ou menos evidentes dependendo das ligações feitas entre os autores. Lauro Maia Amorim, ao falar de adaptações, destaca que as relações entre a obra base e sua releitura "não surge como uma unidade homogênea cujos limites não sofreriam transbordamentos ou conflitos" (AMORIM, 2005, p. 176). Dessa forma, podemos ver que é natural o surgimento de questionamentos acerca de como determinada obra surgiu e foi montada, contudo, o que não se pode questionar é sua validade enquanto produto artístico. Assim, o dever da adaptação, e por consequência da apropriação que nela está inclusa, é principalmente o da acessibilidade (HUTCHEON, 2013) que demonstra a necessidade da literatura parar de procurar problemáticas de plágio, para se abraçar com as outras mídias. Uma vez que "The Lizzie Bennet Diaries", ao atualizar a trama de "Orgulho e Preconceito", proporciona uma nova experiência às audiências que agora podem ver outro ponto de vista acerca do clássico. O grau de imersão do público é muito alto, pois poder acompanhar as postagens dos personagens e seus canais de vídeo, traz uma aproximação com suas vivências que o livro em si não é capaz de atingir. Além de dar novos contornos às suas personalidades, como o aprofundamento da personagem secundária Lydia. Não conceder à criadores, a liberdade de poder apropriar-se do texto de Austen para construir uma narrativa nesse formato, seria um cerceamento de um processo criativo que é benéfico para ambos os lados. Tanto o da literatura, quanto o das novas mídias. Os criadores são mutuamente recompensados por dialogarem: à autora inglesa por ter sua obra resgatada, atualizada e vista como mais acessível e aos novos autores, por poder usas da credibilidade de Austen e de sua fama para construir, de forma única e inovadora, uma narrativa atualizada.

Palavras-chave: Adaptação; Apropriação; Julie Sanders; Linda Hutcheon; Originalidade

LITERATURA E CINEMA: OS IRMÃOS QUIXABA

Raimunda Celestina Mendes da Silva

Resumo: A comunicação analisa o filme Os irmãos Quixada, de Hertz Félix, a partir de sua relação com a obra literária Os irmãos Quixaba(1979) de Wiliam Palha Dias. Investigam-se as semelhanças e diferenças decorrentes dessas estruturas considerando a linguagem literária e a linguagem fílmica bem como reflexões sobre os temas presentes em ambas as obras. Observam-se as contribuições que a literatura deixou para o cinema e o cinema para a literatura contemporânea, bem como os aspectos que aparentemente eram exclusivos da literatura, mas que têm sido utilizados no cinema e vice-versa, o que acentua a dinamicidade de ambas as artes, a literária e a cinematográfica. A pesquisa se ampara nos estudos de Kothe (1981), Saraiva (2003), Xavier (2003), entre outros, no objetivo de perceber como se comportam, nesse processo, os dois sistemas artísticos envolvidos. Observa-se que o caminho percorrido na transposição é criativo, porque privilegia a ampliação do enredo quando veiculado em outro sistema artístico. Atitudes que levam à indagação de que a narrativa literária Os irmãos Quixaba, que surge primeiro no papel, exige de seus criadores habilidade para preencher

lacunas e espaços, construir enredos mais amplos, discutir outros temas, conforme o público para o qual ele se volta.

Palavras-chave: Irmãos Quixaba; transposição; linguagens artísticas.

19/07 (TARDE)

HOLOFOTES APONTADOS PARA AS PERSONAGENS DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Thaís Costa Nascimento

Resumo: Primeiro, é necessário ressaltar o fato conhecido de que a escrita de Lygia Fagundes Telles sempre foi engajada, as obras são ricas em representatividades. Segundo, também sabe-se que muitas obras de Lygia foram adaptadas e traduzidas para outras mídias, tv, cinema, teatro, dança. Logo, o foco desta comunicação é explorar a escrita política e feminista de Lygia, englobando as justificativas para a ampla adaptação da obra de Lygia nas outras artes. Sendo assim, o ponto a ser analisados nas obras são as personagens de Lygia, o que as moldam, como foram construídas e qual a importância para a representatividade. Essa análise tem o intuito de provar a relevância da transposição dessas personagens para o roteiro teatral como ato político e posicionamento feminista. Portanto, intenta-se discutir as tendências dramáticas presentes nas personagens de Lygia Fagundes Telles, como se dá a aproximação entre as personagens de Lygia e os roteiros de teatro e, por fim, o porquê de tantas obras traduzidas e adaptadas para outras mídias.

Palavras-chave: Adaptação; Feminista; Lygia Fagundes Telles; Teatro.

O ENCONTRO PROBLEMÁTICO ENTRE LITERATURA E CINEMA EM O HOMEM DUPLICADO

Thaís Feitosa de Almeida

Resumo: Desde o surgimento do cinema a literatura sofre metamorfoses, assimilando daquele procedimentos e perspectivas. Se até então o texto literário dialogava com as construções imagéticas da pintura e da música, a partir da invenção dos irmãos Lumière, o cinema passa a ressignificar o fazer literário. Nessa orientação, o romance de José Saramago, publicado no início do século XXI, O homem duplicado (2002), mergulha de modo insólito na crítica à produções cinematográficas: seu protagonista é perturbado pela imagem de um sósia seu em um filme de baixo orçamento. A perturbação desencadeia uma série de alterações na postura de Tertuliano na escola em que leciona aula de História e na sua vida amorosa e familiar. Vivendo sobre a sombra de uma imagem idêntica à sua (ou seria a sua própria imagem?), o professor de história se engajar na busca pelo encontro especular com seu Outro, o ator. O romance apresenta uma perspectiva metafórica já mostra-se como palco da rivalidade entre o solitário homem da biblioteca (o professor de história) e o homem de presença fugaz nas telas (o ator sósia do professor). Por outro lado, adaptação cinematográfica de Denis Villeneuve (2014) é metafórica na medida em que apresenta uma atmosfera autorreflexiva, visto que é um filme que retrata o ofício de um ator de cinema. Nessa perspectiva de análise, o filme de Villeneuve não se pretende cópia do romance de Saramago, mas suplemento. Assim, esse trabalho tem como objetivo verificar como o filme de Villeneuve retoma o livro de Saramago e ressalta algumas das características do romance que chamaram a atenção do cineasta. Para tanto serão ponderadas as considerações de Robert Stam (1978), Maria Cristina Ribas (2014) e Linda Hutcheon (2011) sobre a adaptação cinematográfica de romances.

Palavras-chave: Cinema; Literatura; José Saramago, Denis Villeneuve; Adaptação Cinematográfica.

POEMA E CANÇÃO EM CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Viviana Maria Vieira



Resumo: A música é a arte intangível da criação, capaz de comunicar ou atingir com mais profundidade o homem. Por outro lado, a literatura nasceu com o homem, é a palavra que trouxe o fôlego da vida, também carregada de sons, atraiu os sons e o ritmo da música e uniu-se a ela, propiciando uma eclosão de significados e sensações, e assim, transformou-se em poiesis, linguagem. Este trabalho surgiu da necessidade de aproximar a literatura e a música e nessa investigação, vimos que um poema quando é musicado, adquire novos sentidos interpretativos. A música leva o poema mais além, ela está para as sensações. A partir disso, esta pesquisa tem o objetivo de estudar alguns poemas de Carlos Drummond de Andrade que falam da canção, o que queremos é regatar os novos sentidos advindos da análise dos seus poemas, pelos aportes teóricos da literatura e da música. Desde já, relatamos que o nosso intuito não é fazer uma análise semiótica, contudo examinar alguns poemas de Carlos Drummond, aqueles que remetem à música. A priori, o que nos chamou a atenção foi que maioria dos poemas de Drummond fala de música. Logo, Carlos Drummond de Andrade é um dos poetas brasileiros mais estudados do mundo. Muito dos seus poemas foram musicados por músicos como Heitor Vila Lobos, Milton Nascimento, Belchior, este chegou a musicar mais de 31 poemas de Drummond, e outros compositores também sentiram que os versos do poeta mineiro induziam à música. No decorrer deste estudo, surgiram muitos questionamentos, como por exemplo: por que o poeta moderno quis recuperar a canção com elementos da tradição? Esta canção tem relação com o cancionário português ou com a poesia provençal? Existe uma relação entre a canção Drummondiana com a canção Camonianiana? Qual a canção que Drummond recupera? Neste sentido, vimos que ele dialoga com as canções da idade média, clássica e moderna. Por ser uma pesquisa bem extensa, decidimos analisar alguns poemas que dialogam com a canção lírica trovadoresca, para isto, fizeram-se necessárias as contribuições de Hênio Tavares (1967), José Guilherme Merquior (1975), John Gledson (1981), Maria Lúcia Aragão (1985), Salete de Almeida Cara (1989), Sergio Magnani (1984), Solange Ribeiro de Oliveira (2002) e outros.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade; Poema; Canção; Poiesis; Música.

RENÉ MAGRITTE: SOBRE IMAGENS E PALAVRAS

Zacarias Eduardo da Silva

Resumo: Em 1929, a revista *La révolution surréaliste* apresentou uma proposta mista intitulada *As palavras e as imagens* (*Les mots et les images*) do pintor belga René Magritte na qual, em duas páginas, ele desenvolve uma relação entre dezoito desenhos bastante simples cada qual com um pequeno aforismo que se destina a problematizar a relação entre texto, imagem e representação. Não há uma hierarquização de um meio sobre o outro, apenas uma espécie de complementaridade ou de antagonismo entre proposições que, parece-nos, tentam amalgamar duas linguagens heterogêneas em uma ampliação da potencialidade da comunicação/pictorialidade. Parte substancial do trabalho pictórico de Magritte se baseia nas relações ambíguas/inexatas/imprecisas entre palavras e imagens, bem como entre imprecisões artificiais que compreendem as relações que envolvem as possibilidades de representação. Grande parte do seu artifício consiste em um jogo no qual o pintor se utiliza da relação entre imagem e palavra ou entre imagem e imagem para apontar a máscara da representação no interior mesmo de seus mecanismos. O projeto de Magritte problematiza relações já clássicas entre a palavra e a imagem, como a de Lessing (2011, p. 101), para quem “o artista só pode utilizar da natureza sempre em transformação nunca mais do que um único momento, e o pintor em particular, esse único momento também a partir de um único ponto de vista” enquanto o escritor pode transitar, sem restrições, pelos tempos que lhe convier. Ou, ainda, segundo Liechtenstein (1994, p. 38), ao abordar a literatura do século 17: “o discurso deve produzir imagem. Toda teoria clássica da representação exprime-se nessa exigência imposta à linguagem: produzir efeitos análogos aos da imagem.” Percebemos assim que o jogo de Magritte busca subverter tais definições e se aproveita da insuficiência de ambos os registros para, como um flâneur, vagar a esmo entre suas perspectivas, sem hierarquizar a imagem ou a palavra, apenas se preocupando com a representação e, à sua maneira, com seu esfacelamento/corrupção. O que



este artigo propõe é fazer uma leitura das contradições e ambiguidades lançadas pelo pintor René Magritte a partir do ponto de vista de uma escrita que, através de inúmeros artifícios imagético-textuais se tornou cada vez mais híbrida e mais fluida – aproveitando-se, inclusive, das ambiguidades geradas pelo próprio Magritte em telas como *A traição das imagens* (*La trahison des images*, 1929) na qual uma pintura representando um cachimbo é subscrita pela frase *Isto não é um cachimbo* (*Ceci n'est pas une pipe*), o que suscita uma série de leituras e de novas perspectivas sobre a representação pictural e textual.

Palavras-chave: Imagem/palavra; intermídia; representação

UM CORPO ENTRE FRONTEIRAS: LIMIARES DE UMA AÇÃO POÉTICO-CORPÓREA

Marlon Fabian Soares Machado

Resumo: Este artigo busca realizar uma análise sobre a poesia diante à aparição do corpo em manifestações artísticas na esfera contemporânea. Tendo em conta, o surgimento deste elemento nas artes passa-se a evidenciar o rompimento da própria linguagem quando esta torna-se fluida frente à fragilidade anunciada em suas fronteiras. A partir dessa corporificação do ato poético, o que surge como linguagem se destaca pelo seu hibridismo que possibilita uma aproximação entre poesia e outras linguagens artísticas. Sendo assim, os conceitos que delimitavam a forma poética de expressão começam a expandir seus limites ao permitir que outros fenômenos fossem incorporados a mesma. Procuramos, então, refletir e discutir sobre a presença e a estruturação de um corpo poético capaz de promover ações neste trânsito entre as artes, neste espaço híbrido.

Palavras-chave: Poesia; Performance; Corpo; Arte Contemporânea; Arte Fronteiriça.

59 - LITERATURA E OUTRAS MÍDIAS: PROCESSOS E ESTRUTURAS DAS RELAÇÕES

Coordenação: Dra Aurora Gedra Ruiz Alvarez (UPM); Dra Cristine Fickelscherer de Mattos (UPM); Dra Daniella de Aguiar (UFU)

Resumo: Em *Comparative Literature: Method and Perspective*, de 1961, Henry Remak defende além do cruzamento de fronteiras entre literatura e filosofia, história, ou ciências sociais, também as relações entre as diferentes manifestações da expressão literária, bem como entre a literatura e as artes em geral. Desde então, este último diálogo tem se mostrado cada vez mais produtivo, principalmente com o advento das novas tecnologias, que geraram novas mídias ou renovaram as mídias da tradição, vitalizando esses cruzamentos e ressaltando sua presença. Nesta senda de pesquisa, surgiram os Estudos da Intermidialidade, liderados por nomes representativos dessa área como, Claus Clüver, W. J. P. Mitchell, Liliane Louvel, Jürgen H. Müller, Irina Rajewsky, Lars Elleström e muitos outros. Intermidialidade é uma noção que se refere a todos os tipos de relação entre duas ou mais mídias, duas ou mais artes, mídias e artes. Este fenômeno relacional ocorre em todas as culturas e épocas, tanto em atividades do cotidiano como em atividades especializadas; não está restrito à arte erudita ou à incorporação das novas mídias digitais e, portanto, exemplos são encontrados em diversos contextos, desde práticas indígenas e ancestrais, até formas de comunicação do dia a dia. Os problemas mais persistentes dos Estudos de Intermidialidade envolvem as formas de relação entre as artes e as mídias, e a própria definição de mídia. Diversos autores propuseram tipologias e classificações para descrever as possíveis relações entre duas ou mais mídias. Nota-se que as práticas artísticas contemporâneas alargam e/ou dissolvem frequentemente as fronteiras entre artes e mídias e podem, em assim fazendo, ampliar o conceito de mídia bem como de intermidialidade. Deste modo, há uma importante relação de retroalimentação entre o desenvolvimento conceitual e a criação artística. Dentro deste escopo, este simpósio se abre aos interessados em contribuir com os estudos comparados entre a literatura e as diversas mídias que com ela dialoguem, apreciando perspectivas conceituais acerca dessa relação, processos intermediários nela instalados ou diferentes possibilidades de leitura oferecidas pelas várias soluções estéticas

criadas por diferentes autores nessas interações, como nas adaptações, por exemplo, ou em variadas formas de inscrição de referências intermediáticas estabelecidas nesses cruzamentos de fronteiras.

Referências:

- AGUIAR, Daniella & QUEIROZ, João (orgs.) **Tradução, transposição e adaptação intersemióticas**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2016.
- ARBEX, Marcia (Org.). **Poéticas do visível**: ensaios sobre a escrita e a imagem. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.
- BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. **Remediation**. Understanding New Media, Cambridge, MA; London: MIT Press, 2000.
- CLÜVER, Claus. Estudos Interartes: conceitos, termos objetivos. **Literatura e Sociedade 2**: Revista de teoria literária e literatura comparada, Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 37-55, 1997.
- _____. Intertextus/Inter artes/Inter media. **Aletria**: Revista de Estudos de Literatura, UFMG/FALE, Belo Horizonte, n. 14, p. 9-39, jul./dez. 2006.
- CORSEUIL, Anelise R.; CAUGHIE, John (Org.). **Palco, tela e página**. Florianópolis: Insular, 2000.
- DINIZ, Thaís F. N. (Org.). **Intermedialidade e estudos interartes**: desafios da arte contemporânea. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.
- DINIZ, Thaís F. N. & VIEIRA, André Soares (Org.). **Intermedialidade e estudos interartes**: desafios da arte contemporânea, vol. 2. Belo Horizonte: Rona Editora: FALE/UFMG, 2012.
- ELLESTRÖM, Lars. **Media Borders, Multimodality and Intermediality**. New York: Palgrave Macmillan, 2010.
- _____. **Media Transformation**: the Transfer of Media Characteristics among Media. Houndmills: Palgrave Macmillan, 2014.
- GENETTE, Gerard. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Extratos traduzidos do francês por Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. Cadernos do Departamento de Letras Vernáculas. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Letras, 2005. 99 p.
- HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Tradução de André Cechinel. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.
- MITCHELL, W. J. T. **Picture theory**: essays on verbal and visual representation. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1994.
- MOSER, Walter. As relações entre as artes: por uma arqueologia da intermedialidade. **Aletria**: Revista de Estudos de Literatura, FALE/UFMG, Belo Horizonte, n. 14, p. 40-63, jul./dez. 2006.
- OLIVERIA, Solange Ribeiro de. **Perdida entre signos**: literatura, artes e mídias, hoje. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2012.
- PLAZA, Julio. **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- RAJEWSKY, Irina O. Intermedialidade, intertextualidade e “remediação”: uma perspectiva literária sobre a intermedialidade. Tradução de Thaís F. N. Diniz e Eliana Lourenço de Lima Reis. In: DINIZ, Thaís F. N. (Org.). **Intermedialidade e estudos interartes**: desafios da arte contemporânea. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.
- _____. Potential Potentials of Transmediality: the Media Blindness of (Classical) Narratology and its Implications for Transmedial Approaches. In: TORO, Alfonso 210 de. **Translatio**. Transmédialité et transculturalité en littérature, peinture, photographie et au cinéma. Paris: L’Harmattan, 2013. p. 17-36.
- REICHMANN, Brunilda (Org.). **Assim transitam os textos**: ensaios sobre intermedialidade. Curitiba: Editora Appris, 2016.
- STALLKNECHT, Newton & FRENZ, Horst (orgs), **Comparative Literature**: Method and Perspective. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1961.



Dia 16/07 (Manhã)

HERBERTO HELDER E AS NATUREZAS-MORTAS

Fernando Velasco

Resumo: A escrita de Herberto Helder recorreu muitas vezes a outras artes ou mídias para se pensar a si própria. A pintura, por exemplo, foi tomada pela poesia herbertiana como referência a partir da qual explicitar seu caráter poético e se afirmar a si mesma como um movimento contínuo de transformação do real de que se inventa como realidade artística autônoma, ao mesmo tempo que inserida no fluir do mundo. Esta partilha de materialidades e fluxos entre poema e mundo encontra também expressão na ideia de ritmo, comum à poesia e a música, arte que se oferece então como perspectiva crítica a uma escrita que se designou como “canto inteiro” ou “canção ininterrupta”: a criação poética implicaria uma espécie de escuta corporal do mundo ou de sintonia energética entre o sujeito e um caos a ser conduzido à harmonia cósmica, de modo que uma mesma energia circule entre o corpo que escreve, o texto escrito e a matéria de que se cria, até que poeta, poema e mundo formem um contínuo, uma unidade rítmica. Paralelamente, a poesia de Herberto Helder se definiu ainda como “uma espécie de cinema das palavras” e encontrou na arte ou mídia cinematográfica referência segundo a qual iluminar questões fulcrais para ela mesma: “Qualquer poema é um filme e o único elemento que importa é o tempo e o espaço é a metáfora do tempo”, escreve Herberto Helder, descrevendo sua escrita como um gesto de espacialização do tempo, para que um tempo não-cronológico, mas puro, absoluto, se mostre como imagem. Portanto, as relações que estabelece com outras artes ou mídias são, para a poesia de Herberto Helder, uma estratégia de constituição de sentidos e esclarecimento de seu funcionamento global. Parece então plausível supor que a intermedialidade possa constituir também perspectiva favorável à leitura dos últimos livros do poeta, nos quais uma renovação dos sentidos da morte, noção desde sempre estruturante de sua escrita, está no cerne de inflexões que afetam algumas das ideias que fundamentam toda a poesia herbertiana. Se as referências a outras artes ou mídias permitiram à poesia de Herberto Helder se inserir sob signos como os da transformação e do fluxo ou reivindicar um sentido de continuidade energética, que terão a dizer sobre os momentos finais da escrita do poeta, quando o caos parece deixar resquícios em meio ao cosmos, a ideia de movimento parece negociar com a de paragem e a noção de unidade rítmica parece conviver com a de separação entre corpo, poema e mundo? Podem as intermedialidades fornecer perspectiva de reflexão para ou sobre uma escrita em que se encontram o contínuo e o fragmentário, o estático e o dinâmico, a criação poética e a ausência de vida? Poderíamos, talvez, pensar a última poesia de Herberto Helder em relação à figura impossível de uma morte viva ou de uma vida fúnebre, paradoxalmente imóvel como uma pintura e animada como um filme, como se fosse uma espécie movente de natureza-morta? Pretendemos refletir sobre estas questões.

Palavras-chave: Herberto Helder; Poesia; Intermedialidade; Morte; Natureza-morta

AS MANIFESTAÇÕES DA MORTE NO QUINHENTISMO DE HANS STADEN

Juliana Porto Chacon Humphreys

Resumo: Esse é um artigo que busca discutir as manifestações do tema da morte no livro “Duas Viagens ao Brasil”, publicado em 1557, no qual o alemão Hans Staden relata suas experiências na colônia portuguesa, sendo que em uma delas sobreviveu ao cativeiro na tribo canibal dos índios Tupinambás. Na obra, escrita e ilustrada pelo próprio autor, a morte é retratada sob uma ótica direta e crua que vai de encontro à tradição quinhentista de elevar a morte ao curso épico daquele que se aventura no Novo Mundo, tal como se apresenta, por exemplo, nos textos do Pr. José de Anchieta. Sendo assim, o objetivo do artigo é compreender as abordagens dadas pelo autor, bem como, destacar as transposições signílicas que ocorrem entre as manifestações textuais e as pictóricas. É importante ressaltar que este estudo compõe uma pesquisa de amplo espectro, que busca rastrear a temática em questão pelo ponto de vista da intermedialidade entre



literatura e pintura ao longo da história da arte brasileira que, por ser ainda pouco estudada, tem muito a que revelar sobre sua pluralidade. Dessa maneira, o quinhentismo, que constitui o corpus de análise deste artigo, é um dos pontos de partida para um delineamento mais complexo. Para esse momento, o estudo da estrutura narrativa é realizado a partir das teorias do formalismo russo, que permite entender certas organizações que são transpostas para as ilustrações. Já para a análise dos desenhos, utiliza-se, primordialmente, o teoria semiótica peirciana que detecta como se dá a organização da ideia narrativa nas instâncias do signo imagético. Por fim, a delimitação do contexto histórico e cultural, que determinam os valores das representações sógnicas, ocorre com o auxílio de historiadores que tratam das ideias levantadas sobre o conceito do “Mundus Novus” e sobre o Brasil, além de alguns aportes da semiótica da cultura e da história da arte. O resultado dessa abordagem multidisciplinar sobre uma temática profunda, porém retratada de uma maneira singela, desprovida de pretensões artísticas, revela a riqueza ímpar do fenômeno da representação e da significação, tornando-se relevante não só para o estudo da intermedialidade por meio de um objeto que trata da arte como um suporte midiático, como para o entendimento do acervo imagético que compõem a história da arte no Brasil.

Palavras-chave: Intermedialidade; semiótica; arte brasileira; imagem; quinhentismo; morte.

CORPOS POÉTICOS: CRÍTICA DE GÊNERO NO DIÁLOGO ENTRE “THE APPLICANT” DE SYLVIA PLATH E “HOMAGE TO MACK SENNETT” DE RENÉ MAGRITTE

Camila Matusoch Marques

Resumo: Este trabalho explora a possibilidade de aproximação entre a poesia da norte-americana Sylvia Plath e a pintura do surrealista belga René Magritte. Para tanto, adotamos uma abordagem comparativa ao analisar o poema “The Applicant”, escrito em 1962, e o quadro “Homage to Mack Sennett” datado de 1934. À luz de teóricos como Julia Kristeva, René Wellek e Claus Clüver, entre outros, procurou-se verificar como podem ser estabelecidas relações dialógicas entre as duas obras, as quais, embora adotem diferentes plataformas midiáticas, estabelecem conexões homólogas, uma vez que nelas se percebe a problematização da questão de gênero. Ao valerem-se de códigos estéticos distintos, ambas as obras de arte em foco legitimam-se como forma de releitura da realidade e ampliam, reciprocamente, o alcance de sua representação e de sua dimensão crítica. Tais obras realçam-se, fazendo insurgir imagens no poema que “deslêem” o quadro e vice-versa. É de monta observar como os diversos textos se interpelam e se fecundam. A tradição literária ocidental é, de fato, uma rede de inúmeras interrelações (WELLEK, 1994). Desta feita, torna-se impossível perceber o texto literário como um sistema isolado: todo texto, seja ele literário ou não, é um intertexto (KRISTEVA, 1974). O vaivém entre textos passa a ser uma indagação que formula a relação entre eles, conduzindo sua interpretação a uma multiplicidade de referências. Significa ver que ao prescindir de fronteiras entre as mídias, forçamo-nos à reinvenção semântica por meio da repetição, possibilitando a redescoberta ao produzir novos sentidos apenas permitida naquele momento privilegiado. Ou seja, estabelecer relações enriquece a leitura por tal olhar, através de tal foco (CARVALHAL, 1992). Desde que Ulrich Weisstein propôs discutir uma “iluminação mútua das artes”, a expressão “literatura e outras artes” perde sua força, visto que preconiza um predomínio da literatura sobre as outras. Isso posto, falar em “intermedialidade” torna-se mais adequado para referirmo-nos aos estudos que se lançam na comparação entre elementos textuais de diversas mídias (CLÜVER, 2006). Assim, toda interação entre artes comporta uma interação entre mídias (MOSER, 2006). O poema “The Applicant” é um exemplo notável dessa influência profícua. Faremos a leitura desta peça sob a ótica de gênero em correlação com a pintura “Homage to Mack Sennett” de René Magritte. Ao aproximá-los, problematizamos a representação da subjetividade em plataformas cujas linguagens distintas, em relação dialógica, proporcionam uma ampliação recíproca de seus significados. Deste modo, nos valeremos de autores como Simone de Beauvoir, Michel Foucault e Judith Butler para discutirmos a crítica à



docilização dos corpos e da performance destes evidenciados nas obras em diálogo nesta comunicação.

Palavras-chave: Sylvia Plath; René Magritte; Intermidialidade; Crítica de Gênero.

A ÉCFRASE CONTEMPORÂNEA: UMA REFLEXÃO TEÓRICA

Thais Kuperman Lancman

Resumo: Esta comunicação, parte de pesquisa de doutorado em andamento, consiste em uma discussão teórica acerca do conceito de écfrese, considerando os desafios que a contemporaneidade àquilo que de forma mais conservadora é definido como “representação verbal de configuração não-verbal”. Considerando que a écfrese é observada na literatura desde a descrição do escudo de Aquiles, na Odisseia, e que foi classificada na Antiguidade como figura de pensamento, desde então, foram inúmeros autores que descreveram obras de arte em textos literários, seja como tema central de poemas, artifício para explicar melhor uma cena ou uma personagem em romances e contos. Por esse motivo, o conceito de écfrese é constantemente rediscutido de forma a compreender melhor sua utilização em diferentes contextos. Tanto a literatura quanto a arte contemporâneas apresentam novos dilemas, que exigem novos parâmetros para a discussão teórica que sustenta os estudos a respeito da écfrese, porém inserindo-a no histórico da écfrese, de forma que entendemos se tratar da transformação de uma tradição antiga, não de uma ruptura. Trata-se, por um lado, de situar a écfrese no contexto da “poética”, ou da “problemática” do pós-modernismo, como define Linda Hutcheon (1991), observando como as transposições de obras de arte contemporânea se dão, em especial, nos romances contextualizados nos tempos atuais. Como as demais manifestações artísticas, a literatura contemporânea apresenta-se em tensão constante entre a tradição e a modernidade, e acreditamos que a écfrese seja um ponto em que diversas questões apontadas por Hutcheon se agudizam. Ao papel normalmente tido como apenas descritivo da écfrese soma-se a retomada da noção da “propriedade performativa desse exercício retórico” (VIEIRA, 2017). Além disso, também se faz relevante discutir o conceito de écfrese quando as obras de arte transpostas para a literatura fogem dos suportes tradicionais da arte, como pintura e escultura, envolvendo a performance, diferentes ideias de instalação, obras site-specific, idealizadas para um local determinado, desestabilizando o papel do artista e do receptor, do espaço expositivo e do papel do artista. Uma vez que as artes visuais se encontram em uma situação de profusão de possibilidades e de instabilidade quanto à própria definição do objeto artístico como tal, sua transposição para o texto literário precisa ser revisitada, o que faremos à luz dos estudos de Claus Clüver (2017) que, ao realizar constantes atualizações do conceito, chega à ideia de “representação da representação”, um duplo da mimese capaz de dar conta não apenas do objeto em si, mas da percepção de um observador fictício ou real diante deste objeto, bem como sua interpretação.

Palavras-chave: écfrese; intermidialidade; literatura contemporânea; arte contemporânea

GRIMM E MAJIDÍ: FIGURAÇÕES DA CUMPLICIDADE NA INFÂNCIA EM JOÃO E MARIA E FILHOS DO PARAÍSO

Dayse Oliveira Barbosa

Resumo: Esta pesquisa atém-se, ao fazer uso do método de abordagem comparativista, à experiência da cumplicidade entre os irmãos protagonistas do conto de fadas João e Maria (versão de Jacob e Wilhelm Grimm) e do filme iraniano Filhos do paraíso (direção de Majid Majidi [1998]). Apesar de estarem situados em diferentes contextos histórico-político-culturais, os casais de irmãos apresentados no conto e no longa-metragem superam a situação de extrema pobreza material em que vivem, bem como as adversidades a eles impostas pelos adultos. Em João e Maria, os laços de cumplicidade e solidariedade entre os irmãos existem desde o início das narrativas; contudo, eles se tornam significativos a partir do momento em que os irmãos começam a viver sozinhos na floresta, enfrentando os perigos tanto da natureza quanto dos humanos que deles se aproximam, representados, sobretudo, pela bruxa que recebe as crianças



em sua casa, atraindo-as na intenção de aprisioná-las, escravizá-las e matá-las. A parceria indissolúvel dos irmãos garante a morte da bruxa de maneira cruel, assim como o desfecho feliz da narrativa. Já no filme *Filhos do paraíso*, o enredo desenvolve-se em torno de um casal de irmão, semelhantemente ao conto dos Grimm; contudo, no filme, os irmãos Ali e Zahra vivem com seus pais, na periferia de Teerã. A trama tem início quando Ali Mandegar é encarregado de buscar os sapatos da irmã mais nova, Zahra, no sapateiro. No entanto, perde-os no retorno para casa. A partir desse fato, o casal de irmãos passa a dividir, escondido dos pais, o único par de tênis de Ali para que ambos frequentem a escola. A negociação do segredo que existe entre as crianças movimenta toda a narrativa fílmica. Nota-se, no desenvolvimento do enredo fílmico, que o segredo mantido pelos irmãos sobre o desaparecimento dos sapatos de Zahra torna a relação deles mais intensa e, com isso, é mais perceptível para o espectador a cumplicidade que se estabelece entre os irmãos. Entretanto, é nos instantes finais do filme que a cumplicidade entre os irmãos atinge o ápice. Para a realização da pesquisa, realizou-se um estudo acerca da poética e do alcance de trabalho dos irmãos Grimm e de Majid Majidi. As narrativas literária e cinematográfica ganham ora análises isoladas ora conjugadas, a fim de se observar, nesta correlação, as especificidades e as similaridades no tocante aos vínculos construídos pelos protagonistas das duas obras. Dentre os pressupostos teóricos e aportes críticos evocados no curso da dissertação, estão os de Vladimir Propp, Nelly Novaes Coelho e Maria Tatar, na área de literatura, e os de Jacques Aumont, Alessandra Meleiro e Marcel Martin na área do cinema.

Palavras-chave: Conto de fadas; cinema iraniano; literaturas infantil e juvenil; cumplicidade; comparativismo.

17/07 (Manhã)

AS VIOLÊNCIAS EM O INVASOR, LIVRO E FILME

Murilo Augusto Giova da Silva

Resumo: A comunicação tem por objetivo apresentar o processo de adaptação da narrativa *O invasor* (2002), do escritor paulista Marçal Aquino, para o meio fílmico, que contou com a participação de Aquino no roteiro e direção de Beto Brant. Bem recebidas pelo público e pela crítica, tanto livro quanto filme expõem como as relações de poder presentes nas metrópoles brasileiras servem de combustível para violências. Dos assassinatos de aluguel às privações de direitos das populações marginalizadas, nos deparamos com uma série de violências, algumas muito características do Brasil. Dando enfoque ao modo como os dois suportes, literatura e cinema, representam as diversas violências contidas nas obras, serão analisadas quais as semelhanças e diferenças na representação dessas violências, observando como as escolhas de escritor/diretor e as especificidades de cada suporte influenciaram nessa representação. O interesse no processo de adaptação das obras surge do caminho pouco usual do processo: (1) Brant têm acesso ao livro de Aquino inacabado; (2) a obra literária é adaptada para o cinema; (3) Aquino, após o término das filmagens, retoma a escritura do livro, que é lançado junto do filme. Dessa maneira, é possível discutir como as duas obras acabam sofrendo um processo mútuo de influências.

Palavras-chave: Literatura; Cinema; Violência; Adaptação

UMA NARRATIVA EM MOVIMENTO: ARDIENTE PACIENCIA, IL POSTINO E O CARTEIRO E O POETA

Helena Bonito Couto Pereira

Resumo: Em meio à profusa multiplicação dos produtos na cultura contemporânea em todos os seus domínios (“alta”, “cultura”, “popular”, de massa etc.), aqui compreendidos sem julgamento de valor em relação a qualidade, saltam aos olhos as versões, reelaborações e recriações que envolvem as narrativas ficcionais. Antes mesmo da explosão da “sociedade do espetáculo” e do consumo de massa, a narrativa literária já aportava suas contribuições à narrativa fílmica. É fato incontestável que romances forneceram enredos e personagens aos pioneiros da arte e indústria



cinematográfica desde seus primórdios. Embora sejam praticamente infinitas as recriações ficcionais em diversas mídias, compatíveis com a velocidade produção própria de um aparato tecnológico que visa atender às circunstâncias mercadológicas, não se registram alterações significativas, nem retração, nas relações entre literatura e cinema. Mantêm-se em patamares expressivos os números de produção e de consumo, com produções de qualidade variável, cada qual programada para determinado segmento sociocultural. Um aspecto que se destaca, todavia, é o das relações estabelecidas entre ambas as esferas de produção: o lançamento de um filme adaptado potencializa a leitura de um livro que, ao alcançar novos leitores, ingressa em um novo ciclo editorial. Por um lado, esse reingresso pode dar-se de modo quase imperceptível, apenas com a criação de uma sobrecapa ilustrada por personagens e espaços do filme, mas, por outro, pode ser interventivo, a ponto de promover alterações no título ou no conteúdo da obra original. Discute-se nesta apresentação a trajetória de *Ardiente paciência*, publicada pelo escritor e roteirista chileno Antonio Skármeta em 1983 e posteriormente exibida em duas versões fílmicas. A primeira delas, homônima, praticamente não alcançou repercussão fora de seu país. A segunda, *El cartero de Neruda*, produzida na Itália, teve seu título traduzido para *Il postino* (O carteiro e o poeta, em português) e obteve repercussão e premiações internacionais. Após o lançamento do filme *O carteiro e poeta* no Brasil, o mesmo título foi adotado para a nova edição do livro, embora *Ardente paciência*, em português, constasse no catálogo de uma editora brasileira desde 1987. Como é rotineiro nas produções que conquistam o público, a narrativa foi adaptada para diversos formatos e diversas mídias, inclusive para ópera, com libreto do compositor mexicano Daniel Catán. Promove-se uma discussão sobre os impactos recíprocos nas trajetórias de produtos como livros e filmes no intuito de aprofundar as reflexões sobre esse fenômeno da cultura contemporânea, ultrapassando impressões apressadas ou superficiais, em que se costuma atribuir a todos os produtos replicados a pecha de obras para consumo e descarte, desconsiderando sumariamente suas possíveis qualidades estéticas e temáticas.

Palavras-chave: Antonio Skármeta; *Ardiente paciência*; *O carteiro e o poeta*

GRAFOS RELACIONAIS DE VAN GOGH

Carolina Vigna Prado

Resumo: As cartas de van Gogh para o irmão Theo foram analisadas na íntegra e são apresentadas na forma de grafos relacionais, considerando o peso de suas representações de acordo com os agrupamentos possíveis por incidência. A metodologia proposta necessita de um conhecimento prévio da área analisada e não substitui e tampouco se sobrepõe às críticas e análises de especialistas. A visualização dos resultados e dados é, portanto, posterior a essa análise qualitativa e indexação. A visualização gráfica auxilia a enxergar padrões e extrair sentido de uma grande quantidade de informação, permitindo que o pesquisador dedique-se ao pensamento, à reflexão, ao contexto em que essas informações se inserem e à conexão entre elas, sem perder tempo e energia submerso em longas tabulações de dados. Quando a informação está organizada em grafos, forma-se um cenário claro ao ponto de serem, em determinados casos, também chamados de mapas de informação ou mapas visuais. Pensar em informação relacional e informação relacionando-se com tecnologia é, obviamente, pensar em grafos. A teoria dos grafos estuda as relações entre os objetos de um determinado conjunto, sendo muito utilizada na matemática aplicada e na ciência da computação. A parte que mais nos interessa na pesquisa dos mapas visuais é sua força plástica, que acontece através de uma certa abstração da informação pictórica ou textual original. É a criação de uma nova visualidade que não impõe o fac-símile ou uma leitura mais óbvia daquilo que a constrói (as obras e as cartas de van Gogh, nesse caso). Ou seja, é uma proposta de uma visualidade que traz em si a força da História da Cultura, mas que permite a existência de uma nova poética e, portanto, do Outro. A existência de acúmulo de informação, gerada com esse propósito ou não, faz com que seja necessário pensar a análise, seleção, interpretação e exposição desses dados como uma ação curatorial. Antes do Big Data, essa ação era, também, curatorial, mas tratava-se de uma opção. A relação curatorial com o mundo não é mais opcional. O grafo, portanto, assume-se como



linguagem significante. E, como qualquer linguagem, deve a sua utilização à capacidade de interpretação de seus signos por parte do fruidor/receptor. Objetos, imagens, comportamentos podem significar, claro está, e o fazem abundantemente, mas nunca de maneira autônoma; qualquer sistema semiológico repassa-se de linguagem. A substância visual, por exemplo, confirma suas significações ao fazer-se repetir por uma mensagem linguística [...]. Enfim, de um modo muito mais geral, parece cada vez mais difícil conceber um sistema de imagens ou objetos, cujos significados possam existir fora da linguagem: perceber o que significa uma substância é, fatalmente, recorrer ao recorte da língua: sentido só existe quando denominado, e o mundo dos significados não é outro senão o da linguagem. (BARTHES, 2012, p. 14) Estamos, portanto, no domínio da linguagem. * BARTHES, Roland. Elementos de semiologia. Trad. Izidoro Blikstein. 19. Ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

Palavras-chave: Grafos; Van Gogh; Cartas

ADAPTAÇÃO ÀS AVESSAS NA LEITURA DE BARBA ENSOPADA DE SANGUE, DE DANIEL GALERA

Cristine Fickelscherer de Mattos

Resumo: Em função do grande desenvolvimento dos meios de comunicação e de sua crescente interação através do meio digital, os estudos a respeito de adaptações ganharam notável impulso nos últimos tempos. De cunho teórico ou analítico-crítico, tais estudos, a princípio, concentravam-se em um único direcionamento ou vetor de pesquisa: da obra produzida em meio mais tradicional para a sua versão em mídias mais recentes. Atualmente de outros vetores ocupam-se também: adaptações entre mídias contemporâneas, chegando mesmo à conceituação daquilo que se assemelha a uma adaptação em sincronia na prática transmídia. Desenvolvimentos teóricos na área dos estudos intermediários acrescentaram a necessidade da consideração da especificidade das relações entre os meios. Contudo, tanto nas ponderações sobre o processo de adaptação como no exame de seus produtos resultantes ou nas relações intermediárias, mostra-se ausente o vetor retroativo, isto é, aquele que adapta ou relê as obras de partida ou anteriores (inspiradoras do movimento de transposição para outro meio) a partir da leitura ou recepção da adaptação. Um livro anteriormente lido, ao ser relido ou apenas lembrado depois da recepção de sua versão cinematográfica, tinge-se das feições dos atores e das configurações dos cenários. Levando adiante a reflexão sobre esse vetor retroativo, e aprofundando o olhar analítico, o objetivo desse trabalho é ponderar a respeito da adaptação invertida a que se veem submetidos os textos que se tingem de imagens cinematográficas mesmo na ausência de uma real transposição para o cinema. Neles, o processo de leitura projeta um hipotético original fílmico anterior que vai impregnando as palavras de imagens em movimento. O texto se faz sentir como éfrase de um filme que não existiu, mas que está presente na dinâmica da recepção. Como parte de uma pesquisa maior, essa comunicação postula que a adaptação às avessas é fruto da influência da linguagem cinematográfica na literatura e nos modos de ler contemporâneos. O presente trabalho aponta dois fatores de tal influência que contribuem para o vetor invertido da adaptação de leitura: a escritura literária construída em diálogo com a linguagem roteirística e a recepção educada numa cultura visual e em movimento. Como exemplificação pontual dessa pesquisa, as relações intermediárias da literatura com o cinema, a adaptação retroativa como um todo e os seus fatores contributivos acima apontados são analisados em Barba ensopada de sangue, de Daniel Galera, obra cujo caráter imagético e cinematográfico é frequentemente destacado pela crítica.

Palavras-chave: intermedialidade; cinema; adaptação

CRÍTICA LITERÁRIA EM REVISTA E SEUS (POSSÍVEIS) DILEMAS FORMAIS: UM ESTUDO DA LES INROCKUPTIBLES

Patricia Vicenza Gonçalves Orlando

Resumo: A literatura nasce sob a perspectiva da cultura em geral. Analisar a ideia de cultura em um dado momento histórico é uma tarefa complexa. Entretanto, considerar a produção literária



de uma época é um dos artifícios para identificar as principais características econômicas, sociais, filosóficas ou estéticas de um determinado momento histórico. Nessa perspectiva, o jornalismo cultural e literário se constitui, sem dúvida, como um meio de disseminação e difusão da literatura (e das artes em geral) e como um decodificador para o público de tais mensagens econômicas, sociais, filosóficas ou estéticas contidas na produção literária. Não por acaso, a cultura em si deve ser entendida, apreendida, descrita e representada – isto é, ela deve integrar os fatos sociais. A partir dessa perspectiva, como articula Ballerini (2015), a principal função do jornalismo cultural não é apenas disseminar determinadas obras, mas de revelar de forma compreensível e acessível a qualquer público a maneira pela qual a obra abre uma discussão sobre a condição humana de determinada época. O jornalismo cultural possuiria, então, a preocupação tanto com a informação, quanto com a análise dos fatos culturais entendidos nas expressões culturais. Por essa razão, a análise dos textos de crítica literária em revistas e jornais se faz um ponto necessário para a compreensão da crítica literária contemporânea por estes textos apresentarem não apenas os vieses formais dos livros, mas também a interlocução das obras com questões sociais e até mercadológicas – em teoria. A partir da era que Jameson (1992) denomina como a do capitalismo corporativo – na qual se preza pelas burocracias empresariais e estatais e a desintegração do antigo conceito do indivíduo para a concretização do homem-organização – as novas formas de expressões culturais e, sobretudo, a forma como elas são analisadas pelos veículos de mídia jornalística, podem alterar a maneira como se articulam os debates da sociedade sobre tais expressões culturais. Por exemplo, a presença devastadora da publicidade em nossa contemporaneidade tende a corroer as análises realizadas pela crítica cultural e veiculadas pelos meios de comunicação de massa especializados. Essa característica da publicidade já foi anunciada por Adorno e Horkheimer (2006) como intrínseco da indústria cultural. E realizar uma metanálise é uma forma de compreender como que as informações socio-históricas codificadas nas produções literárias em diversas camadas são decodificadas pelo jornalismo cultural para seu público – ou será que há a intenção de ser superficial ou de decodificar tais informações? A compreensão de como esse tipo de mídia assimila a literatura e propaga para seu leitor suas acepções sobre a obra podem ser realizadas a partir da análise de críticas literárias contemporâneas de revistas culturais, como a francesa *Les Inrockuptibles*. Tal comunicação se realizará a partir do trabalho de pesquisa de mestrado a ser finalizado em julho deste ano (2019).

Palavras-chave: crítica; revista; mídia; contemporaneidade; modernidade

Dia 18/07 (Manhã)

O SER HUMANO E O SER HUMANO, A POSSIBILIDADE E O SUBSTANTIVO

Camila Concato

Resumo: Este trabalho abrange duas perspectivas como objeto de estudo: o conto *Venha ver o pôr do sol*, de Lygia Fagundes Telles e o filme *Ex Machina* de Alex Garland. A narrativa de Lygia conta a história de um encontro, a princípio normal e tranquilo, entre os ex-namorados Ricardo e Raquel. Entretanto, a medida em que o conto se desenvolve, aspectos obsessivos e passionais levam a um desfecho premeditado perturbador onde a liberdade de Raquel é cerceada. *Ex machina* versa acerca da construção de um robô com inteligência artificial que usufrui da devoção amorosa de um humano para alcançar o propósito de liberdade. A principal relação que se estabelece entre os textos é o dialogismo, um ponto de intersecção que instaura uma mesma temática em propostas distintas, porém convergentes, isto é, as duas obras aqui analisadas tratam de amor e liberdade em seus extremos e consequências. Segundo os pensadores do Círculo de Bakhtin, a compreensão do dialogismo se centraliza em três pontos fundamentais: a unicidade do ser, a eventicidade do ser e a questão axiológica (BAKHTIN, 2010). Considerando esse conceito, onde cada construção enunciatória pode trazer uma resposta específica e diferenciada ao sujeito em suas diferentes experimentações na vida, percebe-se que



o casal de ambas as narrativas, literária e fílmica, compreendem caminhos paralelos condicionados a aspectos identitários paradoxais e análogos, circunstância importante para a compreensão do corpus em análise. Partindo da premissa do movimento surrealista de meados do século XX, idealizado pelo francês André Breton, e do conceito de dialogismo desenvolvido por Mikhail Bakhtin, este estudo investiga se o automatismo psíquico de uma compilação de diversas e aleatórias psiques – circunstância da personalidade “fabricada” da inteligência artificial de *Ex machina* – abarca o mesmo processo construtivo de uma única psique que passa por experiências e referências próprias. Através da análise proposta, percebe-se que a liberdade, pressuposto que conduz o anseio do surrealismo, transforma-se no maior argumento da clausura psicológica e física, estas exploradas tanto na camada literária do conto quanto na modalidade imagética do filme. O amor ideal também é questionado por meio da intertextualidade que une o corpus. Questões de tempo e espaço estão em consonância com as duas modalidades de representação elencadas, destacando uma comunicação verossimilhante que propicia o alcance da recepção em ambas as interpretações. O estudo ainda observa que a “Alegoria da caverna”, metáfora criada pelo filósofo grego Platão, desvenda, na relação dialógica das obras examinadas, não apenas um percurso de transcendência, mas também seu inverso proporcional, de imanência.

Palavras-chave: Lygia Fagundes Telles; *Ex machina*; Dialogismo; Surrealismo; Liberdade.

ESTUDO(S) INTERARTES EM O GRANDE MENTECAPTO, DE FERNANDO SABINO: A NARRATIVA LITERÁRIA E A IMAGEM CRISTÃ DE TIRADENTES

Hudson Oliveira Fontes Aragão

Resumo: Analisaremos o romance *O grande mentecapto* (1979), de Fernando Sabino, e discutiremos como a narrativa literária nos põe a par da narração/representação histórica do alferes Joaquim José da Silva Xavier – o Tiradentes – como uma representação cristã de nossa cultura. A partir do aporte de José Murilo de Carvalho (1990), perceberemos que o Tiradentes foi representado, historicamente, como um personagem à direita e à esquerda da política; seja como um conservador patriótico, seja como um “mártir da liberdade”, o personagem foi narrado e apropriado pelas artes (música, pintura, teatro, literatura) das mais diversas formas. *O grande mentecapto* (1979) é uma dessas formas artísticas que representaram o Tiradentes, mas, antes, cabe-nos entendermos o processo de produção imagética no mundo das artes, para o que nos reportaremos especialmente a Claus Clüver (1997; 2006), com o conceito de *ekphrasis*, considerando esta como “a verbalização de textos reais ou fictícios compostos em sistemas não-verbais” (CLÜVER, 1997, p. 42), em que não há o imperioso dever de justapor, descrever minuciosamente ou transpor fielmente a(s) obra(s) de arte(s) na literatura, visto que as “*ekphraseis* literárias não operam com tais restrições, mesmo sendo baseadas em obras reais; a maioria delas tende a atingir a autonomia em relação ao texto-fonte, o qual transformam de acordo com as necessidades do texto literário onde funcionam” (CLÜVER, 1997, p. 42). De acordo com tais relações entre história, artes e literatura, consideraremos como a narrativa histórica se realizou enquanto realização plástica, isto é, como as narrativas sobre o Tiradentes se transformaram numa obra de arte específica, a litografia *Tiradentes*, de Décio Villares (1890), que veio a ser a obra pictórica que fundou a imagem do personagem histórico brasileiro à maneira do próprio Jesus Cristo. Ao percebermos como o contato entre as representações históricas, plásticas e literárias constroem sentidos, especialmente através da litografia e da leitura do romance em tela, nós teremos um problema a desenvolver: a condensação histórica e plástica empreendida pela narrativa de *O grande mentecapto* (1979), que terá o seu Geraldo Viramundo assemelhado a Tiradentes e também a Jesus Cristo, levará a discussão para as questões da identidade mineira/nacional (imagética de Tiradentes) e, ao final da narrativa, a tons de universalismo místico (imagética de Jesus Cristo). Com a análise, pretendemos analisar como *O grande mentecapto* (1979) utiliza-se, através do seu protagonista, das mesmas estratégias narrativas que os historiadores conceberam para narrar o Tiradentes místico e

revolucionário, pondo esta obra literária num quadrante menos conservador e mais questionador das realidades brasileira e universal.

Palavras-chave: estudos interartes; ekphrasis; Narrativa histórica e narrativa literária; Tiradentes; O grande mentecapto.

ENTRE FRUTOS ESTRANHOS – NUNO RAMOS, ARTISTA, ESCRITOR

Marcella Assis de Moraes

Resumo: Nuno Ramos trabalha como artista plástico desde 1983, quando fundou, juntamente com outros artistas, o ateliê Casa 7. Desde então, sua produção tem se dado em múltiplos meios — na pintura, na escultura, no cinema, na música, no teatro e também na literatura. Desde 1993, foram oito livros publicados, entre ensaios, poemas e contos — na maioria das vezes, operando um híbrido tentacular entre todos esses gêneros. É um fato bastante comentado pela crítica que a atuação de Nuno se espalha por tantas áreas diferentes. De maneira paralela, boa parte de seus trabalhos, nos mais diferentes meios, também aposta na reunião de elementos a princípio desconexos. Florencia Garramuño toma a atuação de Nuno Ramos como exemplar do contexto de produção contemporâneo — tanto no âmbito das artes plásticas quanto no da literatura. Ela propõe, em *Frutos estranhos*, que a inespecificidade do meio é o traço característico do contemporâneo, de maneira que a multiplicidade de campos de trabalho diz respeito não tanto a um processo de acúmulo quanto a um procedimento de dispersão. Cito Garramuño: "*Frutos estranhos e inesperados, difíceis de ser categorizados e definidos, que, nas suas apostas por meios e formas diversas, misturas e combinações inesperadas, saltos e fragmentos soltos, marcas e desenquadramentos de origem, de gêneros – em todos os sentidos do termo – e disciplinas, parecem compartilhar um mesmo desconforto em face de qualquer definição específica ou categoria de pertencimento em que instalar-se.*" (GARRAMUÑO, 2014, p. 7-8) A perspectiva que se procura desenvolver neste trabalho passa pela afirmação de Garramuño e, no entanto, se distancia dela. Investiga-se aqui, no esteio de Florencia, um encontro interartes que talvez somente se possa pensar a partir de “uma fuga constante das molduras e dos lugares de pertencimento” (ibidem, p. 9) — para além, portanto, da literatura e das artes plásticas como instituições ensimesmadas e dos media como lugares onde se desenvolve o que é próprio a cada arte. Apesar disso, nosso interesse não é tanto o de pensar a inespecificidade que constituiria, de acordo com ela, o que é específico do contemporâneo, mas o de elaborar esse ponto a partir do qual texto e obra plástica se imbricam de maneira fundamental na obra de Nuno Ramos. Há que se pensar uma espécie de materialidade que não se confina aos media, nem aos materiais, nem ao aparato técnico — uma espécie de materialidade que nem mesmo se restringe à matéria. É algo como um efeito de espaçamento que diz respeito tanto à obra plástica quanto ao texto, que os envolve em um movimento por meio do qual eles se espessam como algo que ganha corpo. O objetivo deste trabalho é, nesse sentido, elaborar como se dá essa relação entre linguagem e matéria, para tomar a formulação recorrente nos textos de Nuno Ramos — talvez porque sua obra plástica seja frequentemente tão monumental e densa de matéria, talvez porque para ele a grande questão com a linguagem seja ainda, no fim das contas, a da não coincidência entre as palavras e as coisas.

Palavras-chave: Nuno Ramos; inespecificidade; materialidade; suporte; texto.

DA LITERATURA AO CINEMA: O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DO CORPO GROTESCO EM DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS

Iêda Carvalhêdo Barbosa

Resumo: O texto literário, por ser anterior ao cinema e ter com ele várias afinidades, forneceu-lhe vários subsídios facilmente observáveis pelo expressivo número de adaptações cinematográficas existentes, principalmente no que concerne à temática e à estética. Vale lembrar que, para grande parte dos analistas da área, a contribuição central oferecida pela literatura ao cinema é o princípio da narratividade, característica tida como semelhança mais patente entre as duas artes. Apesar de apresentarem traços de similaridade, é preciso se levar em

consideração as especificidades que individualizam tanto a arte literária como a fílmica. Ao passo que no romance sobressai o signo verbal, no filme prevalece o signo visual, levando-se em conta que há muitas informações verbais no cinema e, por vezes, informações visuais na literatura. Cada meio contém formas de expressão particulares e, embora ambas sejam artes narrativas, cada uma delas conta a história por meio de técnicas específicas, utilizando sua própria gramática. Existe, no entanto, uma reciprocidade e um diálogo entre essas criações artísticas. Tomando como base essa proximidade, porém tendo clareza de que há peculiaridades tanto no fazer literatura como no fazer cinema, esta comunicação tem por objetivo observar os efeitos da tradução do verbal para o visual no filme *Dona Flor e seus dois maridos*, de Bruno Barreto (1976), adaptação do romance de mesmo nome, de Jorge Amado (1966). Para tanto, serão focalizados os momentos em que há uma inter-relação entre a comida e o sexo. Analisaremos ainda as mudanças requeridas pelo novo veículo midiático e os seus resultados no contexto receptor, considerando-se as possibilidades e limites impostos pelos recursos disponíveis em cada um dos tipos de narrativa presentes na análise. A partir dessas observações, podemos lançar diversos questionamentos para se iniciar uma reflexão sobre uma obra adaptada a partir de um romance literário, entre eles: O que foi modificado na adaptação da obra literária para a obra fílmica no que diz respeito à conexão entre os atos de comer e fazer sexo? Em que aspectos o roteiro do filme dialoga com o texto fonte e em que aspectos há transgressão? Que recursos são utilizados? Que cenas do romance foram eliminadas, adicionadas ou modificadas na adaptação? Por quê? Para respondermos, de alguma forma, a essas questões, centraremos nosso interesse nos estudos de Lefevere (2007), Cattrysse (1992), Stam (2006) e Hutcheon (2013) acerca da reescrita, tradução e adaptação fílmica. Discutiremos ainda sobre o que é o corpo grotesco e um dos seus aspectos essenciais, a relação entre sexo e comida, conforme Bakhtin (2010). Além disso, desenvolveremos uma análise sobre a adaptação de Bruno Barreto da narrativa do escritor Jorge Amado - *Dona Flor e seus dois maridos* - para o cinema com base em fotogramas do filme em apreço com seus enquadramentos, planos fílmicos, som, música, com o fito de investigar se o corpo grotesco é intensificado ou diminuído na passagem para o écran, comparada ao romance amadiano.

Palavras-chave: *Dona Flor e seus dois maridos*; Corpo grotesco; Literatura; Cinema; Adaptação.

19/07 (Manhã)

INTERMIDIALIDADE E ESTÉTICA DA IMPUREZA NA OBRA “TRÊS CONTOS DE CORTÁZAR”, DE GILBERTO MENDES

Rita de Cássia Domingues dos Santos

Resumo: Gilberto Ambrósio Garcia Mendes (1922-2016), profícuo compositor brasileiro de música de concerto, viveu intensamente o século XX e, além da música, amava outras mídias como literatura e cinema. Constantemente trabalhava com a literatura, usando desde as poesias concretas de Augusto de Campos "Tensão" (1956) e de Décio Pignatari "Beba Coca-Cola" (1957) na sua segunda fase composicional (1960 a 1981); passando pelos haiku do monge budista Issa (1763-1827), até o poema "Pneumotórax" (1930) de Manuel Bandeira, estes últimos autores utilizados em sua terceira fase composicional (1982 a 2015). O objetivo principal desta comunicação é contribuir para a discussão sobre intermedialidade na música de concerto, trazendo o estado da arte de estudos interdisciplinares que relacionam a criação no âmbito musical com a literatura pelo viés da intertextualidade, como os de Ap Siôn (2007), Everett (2004) e Straus (1990). Consideramos como pressuposto a etimologia do termo intermedialidade, que “nos traz de volta ao jogo de ‘estar no entre-lugar’, um jogo com vários valores ou parâmetros em termos de materialidades, formatos, ou gêneros e significados.” (MÜLLER, 2010, p.83, in DINIZ, Thais F. N. & VIEIRA). Nesta pesquisa este campo epistemológico se expande para o uso da Estética da Impureza (SCARPETTA, 1985) e da



Paródia (HUTCHEON, 1985) nas produções musicais contemporâneas. Para desvelar estes procedimentos será apresentada uma análise intertextual do tríptico “Três Contos de Cortázar” (1985), obra do compositor santista, que compreende as peças Diálogo de Ruptura, Ventos Alísios e Apocalipse de Solentiname. Em Diálogo de Ruptura, logo no início da música, os blocos A e B, minimalisticamente repetidos, representam os dois personagens do conto com suas falas truncadas, permeadas por perguntas obsessivas, num diálogo de ruptura. Características da Estética da Impureza como o apreço ao passado e a mistura também aparecem nesta peça. Pela análise detalhada da terceira peça do tríptico “Três Contos de Cortázar”, de Gilberto Mendes, percebemos claras relações entre o conto e a peça Apocalipse de Solentiname. Em Ventos Alísios pode-se perceber a mistura de procedimentos pelo viés da Estética da Impureza, como no uso de elementos do jazz (arpejos, bluenotes e acordes plaqué). A ambiência sonora do bloco inicial desta peça se conecta a obra musical citada no conto. Blues in Thirds é estabelecido desde o início do conto por Cortázar como sendo uma espécie de tema do primeiro casal, que logo após a aventura parte de Mombaca, momento em que a música de Hines é lembrada. Desta forma, estudando os processos e as estruturas das relações entre os respectivos contos de Cortázar e as peças musicais, observou-se na obra “Três Contos de Cortázar” de Mendes a conexão com a literatura, interpenetrada pela Estética da Impureza no seu processo composicional, caracterizando assim este estudo como uma pesquisa sobre intermedialidade na música de concerto brasileira do século XX.

Palavras-chave: Estética da Impureza; Julio Cortázar; Gilberto Mendes; Intermedialidade; Literatura e Música.

A PRESENÇA DE OUTRAS ARTES E MÍDIAS EM "A TEMPESTADE": ONTEM E HOJE Lorena Ribeiro Ferreira

Resumo: O processo de adaptação de histórias é uma herança dos nossos antepassados difundida ao redor do mundo e que perdura na contemporaneidade. Muitos autores se utilizaram desse recurso, adaptando histórias já existentes para diferentes mídias, culturas e épocas. William Shakespeare, por exemplo, recorria a lendas, folclore, romances gregos e outras narrativas para a criação das suas obras. Além da transposição e adaptação dessas histórias para os palcos, a composição poética de Shakespeare reúne teatro, poesia e música, seja de origem considerada popular ou erudita. Ao passo que o autor transpôs histórias da sua e de outras culturas na criação das suas peças e poemas, diversos outros autores adaptaram e continuam a adaptar as histórias do Bardo. Um exemplo é a escritora canadense Margaret Atwood, que transpôs o texto dramático "A tempestade", de Shakespeare, para o romance "Hag-seed" (na tradução brasileira, "Semente de Bruxa"). No romance coexistem diversas adaptações do texto shakespeariano supracitado: o enredo do romance em sua totalidade é uma delas, primeiramente. Mas, para além da fábula em si, existem outras adaptações incorporadas ao enredo do romance, a exemplo da encenação da peça dramática shakespeariana em um presídio, cenário em que se desenvolve boa parte da trama. Ao escolherem encenar "A tempestade", as personagens do romance adaptam a obra para seu cotidiano e sua época e se utilizam de diferentes mídias no momento da encenação. Considerando a presença de outras artes na criação poética de "A tempestade", de Shakespeare, esta comunicação se propõe a analisar as relações intermediárias estabelecidas na reconstrução de tal peça no romance de Atwood, bem como sua relação com o texto shakespeariano. Para tal, serão utilizadas, principalmente, a teoria da adaptação (HUTCHEON, 2013), aliada à teoria da intermedialidade (ELLESTRÖM, 2017; RAJEWSKY, 2012).

Palavras-chave: Intermedialidade; Adaptação; Teatro.

MÚSICA, CRÔNICA DE COSTUMES E CINEMA: AS CANÇÕES INTERMIDIÁTICAS DE MIGUEL GUSTAVO

Dirlenvalder do Nascimento Loyolla



Resumo: Nesta comunicação analisaremos algumas canções do jornalista, publicitário e compositor carioca Miguel Gustavo (1922-1972) sob a perspectiva dos estudos da intermedialidade. A pesquisa aqui apresentada é parte de um projeto mais amplo, inscrito no âmbito das relações entre a literatura e outros sistemas semióticos, o qual prevê a releitura de obras pertencentes à história da Música Popular Brasileira enquanto crônicas de costumes. Exímio jinglista, Miguel Gustavo Werneck de Souza Martins talvez seja mais reconhecido nacionalmente pelos versos da marcha “Pra frente, Brasil” (“Noventa milhões em ação/Pra frente Brasil/Do meu coração”), muito famosa desde o contexto da conquista do tricampeonato mundial de futebol, em 1970. Além de composições para campanhas eleitorais, Miguel Gustavo também criou jingles que foram produzidos para campanhas publicitárias, tanto do Governo militar (como “Plante que o governo garante”, de 1970), como para empresas privadas (Casas da Banha, de 1950; Leite Glória, de 1963). Morto precocemente, aos 49 anos de idade, ele também compôs vários sambas, nos anos 50 e 60, os quais alcançaram enorme sucesso através das performances de artistas como Moreira da Silva (1902-2000) e Jorge Veiga (1910-1979). Um dos objetivos desta comunicação, nesse sentido, é chamar a atenção para o fato de que determinadas composições de Miguel Gustavo, como “O rei do gatilho”, “O último dos Mohicanos”, “O sequestro de Ringo”, “Morengueira contra 007” e “Os intocáveis” são canções necessariamente intermidiáticas, uma vez que, para a sua confecção, lançam mão de referências à história do cinema, bem como de certos elementos da própria linguagem cinematográfica. Além disso, outras obras, como “Café soçate”, “Fanzoca de rádio”, “Ibrahim piu-piu”, “O conto do pintor” e “Brigitte Bardot” foram construídas em sintonia fina com o jornalismo, funcionando perfeitamente como crônicas musicais de costumes, importantes objetos de memória que marcaram um período de efervescência no cenário popular brasileiro. Dentre as canções aqui analisadas, aquelas interpretadas por Jorge Veiga buscavam satirizar tanto a sociedade brasileira que buscava espelhamento na vida dos famosos das colunas sociais quanto a maneira como essa mesma sociedade, por vezes inculta, absorvia modismos estéticos sem nenhum tipo de embasamento teórico ou reflexão prévia. Já entre as composições interpretadas por Moreira da Silva, marcadas pelo paralelismo com a linguagem dos filmes de ação, o compositor encontrou uma maneira cômica, quase limítrofe ao kitsch, de repetir certa voz ufanista que tende a representar o homem nacional como o mais esperto e gaiato entre todos. Para lidarmos com a temática ligada aos estudos de Intermedialidade, discutiremos os trabalhos de Claus Clüver (2006a; 2006b) e Oliveira (2010); quanto aos estudos sobre a natureza da crônica, trataremos o tema a partir das definições propostas por Arrigucci Jr. (1987), Candido (1992) e Resende (2001). Já no que tange à abordagem quanto ao contexto de vida e obra de personalidades ligadas à música popular, como Miguel Gustavo, Moreira da Silva e Jorge Veiga, usaremos como referências básicas Marcondes (1999), Cravo Albin (2006) e Augusto (2013).

Palavras-chave: Intermedialidade; Miguel Gustavo; Música Popular Brasileira.

LITERATURA E AS MANIFESTAÇÕES DA CULTURA: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA

Aurora Gedra Ruiz Alvarez

Resumo: A linguagem é um instrumento importante da expressão humana, seja na sua manifestação artística ou não. O que se tem observado a partir do século XXI, particularmente entre o público infantil e juvenil, é uma crescente adesão aos sites que exibem os diferentes gêneros que circulam na web, em especial, as redes sociais, em detrimento do reduzido interesse pela leitura de textos literários. Esta ocorrência traz preocupação para aqueles que se ocupam com a educação e que veem essa questão como um problema a ser pensado e uma necessidade de encontrar propostas para a sala de aula que estimulem o gosto pela literatura. De acordo com Volochínov, nas relações sociais, em todas as esferas da atuação humana o homem se serve das linguagens para se comunicar. Se se tomar esse pensamento como ponto de partida para a nossa reflexão diante do problema referido, pergunta-se: por que não aproveitar esse espectro de



formas de comunicação valorizadas pelo público jovem na sala de aula, ao lado de outras não tão apreciadas por ele, mas importantes para a formação desses jovens? Nesta linha de pensamento, este trabalho apresenta a proposta de trabalhar a literatura dialogando com outros textos, afinal, conforme Mikhail Bakhtin em Problemas da poética de Dostoiévski, a linguagem em todos as suas manifestações é constituída por relações dialógicas. No âmbito dos estudos comparados, Henry Remak também defende a importância de se estudar as relações entre os diferentes textos da literatura, assim como entre esta e as outras artes. Tendo como alicerce desta pesquisa esses conceitos, pretende-se analisar um poema de Francisco Manuel de Melo, uma tela de Georges de La Tour e uma fotografia da publicidade assinada por Peter Lipmann, para a formulação de uma proposta pedagógica que visa mostrar como cada linguagem se organiza para expressar a tensão entre o sagrado e o profano. Com essa investigação se tenciona evidenciar que é possível contribuir para despertar o olhar crítico do discente diante dos textos da cultura. Este objetivo geral pode ser desdobrado nos objetivos específicos: examinar as formas de constituição de cada um desses objetos, os recursos neles priorizados e os sentidos que estes produzem no estabelecimento do conflito entre a matéria e o espírito. Para o exame de cada texto, dependendo da sua natureza signíca, será convocado o instrumental teórico concernente à área em pauta: da Teoria da literatura, da Pintura e da Fotografia (no campo da Publicidade), para o estudo do poema, da tela e da fotografia, respectivamente. E para a análise das relações intermediáticas será tomado como amparo os estudos da Intermedialidade.

Palavras-chave: Literatura; Pintura; Fotografia; Processos intermediáticos.

60 – LITERATURA E RELIGIOSIDADE

Coordenação: Dr. João Leonel (Universidade Presbiteriana Mackenzie); Dr. Marcos Aparecido Lopes (UNICAMP); Dr. Alex Villas Boas (PUC/PR)

Resumo: No Ocidente contemporâneo, a religião é um fenômeno que suscita debates acalorados por sua expansão e diversidade nas principais esferas da vida social. Sensíveis ao impacto moral, político e, mais precisamente, às formas de produção da subjetividade moderna e das identidades pessoais e coletivas, as áreas de humanidades (a antropologia, a sociologia, a história em seus diversos matizes, a psicologia, além da própria ciência da religião) fazem da religiosidade um dos seus focos de pesquisa, construindo no ambiente acadêmico certa acumulação crítica, que se traduz na constância de alguns núcleos temáticos e na estabilidade de um aparato conceitual para a análise do fenômeno.

No século XX, com a suposta autonomia de um campo específico dos estudos literários, alguns críticos e intelectuais se dedicaram à compreensão do fenômeno religioso na sua interface com os diversos gêneros literários. Mas, em geral, a regra tem sido um silêncio obsequioso ou, paradoxalmente, uma tolerância à diferença sem a pesquisa vigorosa do que é irreduzível e comum aos dois “objetos”. No entanto, é fato que a religião e suas expressões ocupam espaço relevante, tanto na literatura mundial, quanto nas literaturas de língua portuguesa. As raízes da própria ideia de literatura, como a conhecemos hoje, se encontram interligadas com o sagrado e a religiosidade. Assim, a mélica e a épica gregas, por exemplo, não podem ser plenamente compreendidas, se não considerarmos suas relações com o imaginário religioso em seus contextos originais de produção. Momentos importantes da história da literatura ocidental estabelecem conexões com a religiosidade: os poemas barrocos de Quevedo e Gôngora, o teatro de Shakespeare, Os Lusíadas, de Camões, a prosa de James Joyce, ou os contos de Jorge Luis Borges são alguns dos exemplos possíveis dessa relação instigante. No caso específico da literatura brasileira, é possível percebermos o diálogo fecundo entre poesia, representação ficcional e religiosidade, que já se inicia entre nós, por exemplo, nas práticas letradas de um José de Anchieta e Gregório de Matos, perpassa o arcadismo, romantismo e a obra de Machado de Assis. Ao longo dos séculos XX e XXI, a literatura brasileira continuará esse diálogo nas obras de escritores como Jorge de Lima, Augusto Frederico Schmidt, Cecília Meireles, João



Guimarães Rosa, Jorge Amado, Ariano Suassuna, Milton Hatoum, Adélia Prado, Hilda Hilst, Conceição Evaristo, entre tantos outros que poderiam ser citados.

Considerando o desafio teórico e crítico para a constituição de um campo interdisciplinar nas relações entre literatura e religião, este Simpósio discutirá as seguintes questões: (1) de que modo se manifesta a experiência religiosa nas obras literárias; (2) como se estabelecem as relações intertextuais entre poesia, romance e textos religiosos; (3) em que medida as manifestações poéticas do sagrado são uma reserva semântica para a crítica à modernidade; (4) as políticas de identidade, que discutem raça e gênero, estabelecem que pactos hermenêuticos com a religião e a literatura, e, por fim, (5) qual o estatuto da memória em textos religiosos e literários. A abordagem proposta não se inscreve diretamente nas áreas de estudos que tratam da religião, seja a teologia ou as ciências da religião, uma vez que elege o tema da religiosidade e investiga sua presença na literatura a partir de teorias e análises próprias ao campo. Todavia, o alcance crítico e especulativo desse campo se amplia e se consolida no diálogo vigoroso com as humanidades.

Referências

- ALTER, Robert. A arte da narrativa bíblica. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.
- _____; KERMODE, Frank. Guia literário da Bíblia. São Paulo: Editora Unesp, 1997.
- ARMSTRONG, Karen. A Bíblia: uma biografia. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- _____. Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. São Paulo: Cia. de Bolso, 2009.
- _____. Uma história de Deus. São Paulo: Cia. de Bolso, 2008.
- BLOOM, Harold. Abaixo as verdades sagradas: poesia e crença desde a Bíblia até nossos dias. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. São Paulo: Publifolha, 2000 (Grandes nomes do pensamento brasileiro).
- EAGLETON, Terry. Como ler literatura: um convite. Porto Alegre: L&PM, 2017. Ebook.
- _____. Teoria da literatura: uma introdução. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ELIOT, T. S. Religion and Literature. In: KERMODE, Frank (Ed.). Selected Prose of T. S. Eliot. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1975. p. 97-106.
- Espírito da letra, o: temas de literatura e teologia. Religião & Cultura. Departamento de Teologia e Ciências da Religião – PUC/SP, v. III, n. 6, jul/dez, 2004.
- FERRAZ, Salma. As faces de Deus na obra de um ateu. 2. ed. rev. e ampl. Blumenau, SC: Edifurb, 2012.
- FRYE, Northrop. O código dos códigos: a Bíblia e a literatura. São Paulo: Boitempo, 2004.
- JASPER, David. The Study of Literature and Religion: An Introduction. 2nd. Ed. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2009.
- KNIGHT, Mark; MASON, Emma. Nineteenth-Century Religion and Literature: An Introduction. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- _____; LEE, Louise (Eds.). Religion, Literature and the Imagination: Sacred Worlds. London: Continuum, 2009.
- KORT, Wesley A. "Religion and Literature" in Postmodernist Contexts. Journal of the American Academy of Religion, Oxford University Press, v. LVIII, n. 4, p. 575-588, 1990.
- KUSCHEL, Karl-Josef. Os escritores e as escrituras: retratos teológico-literários. São Paulo: Loyola, 1999.
- LEONEL, João. Religião e linguagem literária: contribuições da literatura para a interpretação de textos religiosos. Reflexão, Puccamp, v. 41, p. 47-59, 2016.
- LOPES, Marcos Aparecido. Da poesia como exercício espiritual. Forma breve (Universidade do Aveiro, Portugal), v. 1, p. 133-146, 2014.
- _____. A santidade do poema: ascese da forma, metamorfose dos símbolos em Orides Fontela. Teografias, v. 03, p. 185-198, 2013.
- MAGALHÃES, A. Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo. São Paulo: Paulinas, 2000.



- MALANGA, Eliana Branco. A Bíblia Hebraica como obra aberta: uma proposta interdisciplinar para uma semiologia bíblica. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2005.
- MILES, Jack. Deus: uma biografia. São Paulo: Cia. de Bolso, 2009.
- MORI, Geraldo Luiz de; SANTOS, Luciano Costa; CALDAS FILHO, Carlos Ribeiro (Orgs.). Aragem do sagrado: Deus na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: Ed. Loyola, 2011.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (Org.). Religião e linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares. São Paulo: Paulus, 2015.
- PAZ, Octavio. O arco e a lira. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- PERRONE-MOISÉS, Leila. Mutações da literatura no século XXI. São Paulo: Cia. das Letras, 2016.
- QUEIROZ, Maria Eli de. Machado de Assis e a religião. Considerações acerca da alma machadiana. Aparecida (SP): Ideias e Letras, 2008.
- VILLAS BOAS, Alex; SILVA CAMPOS, Darlene Aparecida. Patativa do Assaré: Teologia e Literatura Latino Americana à maneira do Povo. Teoliterária: revista brasileira de literaturas e teologias, v. 7, p. 53-87, 2017.
- _____. Teologia em diálogo com a literatura: origem e tarefa poética da teologia. São Paulo: Paulus, 2016.
- WOOD, James. Como funciona a ficção. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- ZABATIERO, Júlio P. T.; LEONEL, João. Bíblia, literatura e linguagem. São Paulo: Paulus, 2011.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

ONDE DEUS ESCONDE A CLARIDADE: A PROPÓSITO DOS ELEMENTOS SIMBÓLICOS EM AVALOVARA DE OSMAN LINS.

Victor Hugo Pereira de Oliveira e Wiliam Alves Biserr.

Resumo: No intuito de examinar uma possível relação entre o romance Avalovara, do escritor pernambucano Osman Lins, e a temática da religiosidade, pretende-se explorar a presença de elementos simbólicos de mitos cosmogônicos no referido romance. A motivação do presente trabalho deu-se, especialmente, a partir da constatação da presença de uma citação, escolhida por Osman Lins, retirada do livro “O Sagrado e o Profano”, do filósofo romeno Mircea Eliade, na epígrafe do romance onde se lê: “Uma criação implica superabundância de realidade, ou por outras palavras, uma irrupção do sagrado no mundo. Segue-se daí que toda construção ou fabricação tenha como modelo exemplar a cosmogonia” (ELIADE, 1979). Tal citação aponta para o fato de o romance Avalovara ser uma espécie de cosmogonia que, para Chevalier (1993), define-se como sendo “um relato da criação do mundo, rico em símbolos. Toda religião, toda cultura tem suas teorias e seus mitos sobre a origem do universo ou nascimento do mundo”. Também se pensou nas duas traduções do enigma latino (Sator Arepo Tenet Opera Rotas), uma vez que ambas, especialmente a segunda, apontam para a presença de elementos simbólicos de mitos cosmogônicos no romance como um todo. Tal enigma palindrômico fora concebido pelo escravo Loreius a pedido do seu amo, Publius Ubonius. Quanto às traduções, lê-se: “O lavrador mantém cuidadosamente a charrua nos sulcos” e “O Lavrador sustém cuidadosamente o mundo em sua órbita”. Tais traduções, apresentadas pelo narrador-autor do romance, aparecem na linha narrativa S, que funciona, conforme Cândido (1973), como uma espécie de metanarrativa onde o narrador-autor explica os pormenores da estrutura do romance. Avalovara estrutura-se a partir da junção de um quadrado e de uma espiral sendo que, no quadrado, estão encaixadas as vinte e cinco letras do enigma latino. Desta forma, a espiral começa desde fora e vai tocando as letras do enigma diversas vezes até chegar ao centro onde se encontra a letra N. Portanto, Lins pensou no romance Avalovara como sendo constituído por oito linhas narrativas que correspondem às oito letras que compõem o enigma. Ademais, o número de cada uma das linhas



narrativas coincide exatamente com o número de vezes em que a linha da espiral toca em cada uma das letras no quadrado. Assim sendo, o presente trabalho pretende examinar os elementos simbólicos de mitos cosmogônicos em um trecho da linha narrativa T16, onde Cecília, uma das personagens, conta a uma fábula que fora concebida em um momento de loucura e fome por uma das internadas onde Cecília trabalhava. A mencionada fábula, que faz referência a um ovo cósmico onde Deus guarda a luz, está repleta de ressonâncias de mitos cosmogônicos. Para a análise dos símbolos da fábula serão utilizadas as chaves hermenêuticas apresentadas por Eliade, Chevalier, Jung, Campbell, Durand e Frye. A presença de tais elementos simbólicos nesta fábula cosmogônica justifica o presente estudo do ponto de vista da interface entre a literatura e a religiosidade, uma vez que Lins concebeu o romance Avalovara como sendo uma real cosmogonia.

Palavras-chave: Avalovara; Simbologia; Cosmogonia; Mito; Hermetismo

NARRAÇÃO E MORTE NA LITERATURA BRASILEIRA E ESPANHOLA: REFLEXÕES SOBRE BERNARDO CARVALHO E JAVIER MARÍAS.

Amanda Lopes de Freitas.

Resumo: Este trabalho tem como objetivo propor uma reflexão sobre os narradores contemporâneos nas obras de Bernardo Carvalho e Javier Marías, contribuindo para um estudo comparado entre ambos os autores e sua expressão artística no campo literário brasileiro e hispânico. Em um segundo momento, será abordada a representação da Morte nessas literaturas, levando em consideração a “crise da morte contemporânea”, assim como a “crise do narrador moderno”. Serão utilizadas como referências bibliográficas para este trabalho pesquisadores e pensadores que contribuíram com a ideia da Morte do ponto de vista histórico e filosófico, bem como críticos literários que abordem o tema do narrador contemporâneo.

Palavras-chave: Narrador; Morte; Bernardo Carvalho; Javier Marías

HÁ UM TANTO DE PANTEÍSMO EM "A OSTRAS E O VENTO"?

Talia Gabrielle Santos Azevedo.

Resumo: Michael Fody, conceituado crítico do cearense Moacir C. Lopes aponta, no prefácio da obra *A Ostra e o Vento* (1964), o que chama de um tanto de panteísmo na relação da personagem Marcela com a natureza e diz que essa ideia se mantém a medida que a cadeia ecológica se apresenta durante a trama (FODY, 2000). Em seu livro *Criação e Técnica no romance de Moacir C. Lopes* (1978), fruto de uma pesquisa acadêmica desenvolvida na década de 70, nos Estados Unidos, o americano desenvolve uma análise sobre esse um tanto de panteísmo na obra em questão, conferindo destaque ao tema em subtópico intitulado Panteísmo, dentro do corpo do capítulo 5, *A Ingênua maturidade- A Ostra e o Vento*. O encaminhamento dado por Michael Fody inicia com a retomada de uma carta de 1967 onde Moacir C. Lopes não só reitera esse dito um tanto de panteísmo mas o vincula diretamente a trechos da obra. No entanto, no parágrafo seguinte, após a colocação dessa citação, o crítico, mesmo mencionando inicialmente que dentre todos os personagens de Moacir C. Lopes, Marcela é a mais afinada aos aspectos da natureza (FODY, 1978) e demonstrando assim condições de desenvolver essa dimensão da obra de maneira condizente com o sentido presente no cerne da perspectiva cosmo-existencial panteísta, conclui precipitadamente e sem mais explicações, que o reconhecimento do ser humano de sua unidade com a Natureza, não implica no panteísmo, salvo se esse ser humano fosse Deus (FODY, 1978). Tal conclusão repousa sobre dois problemas fundamentais que nesse trabalho pretendemos evidenciar: 1- o autor pressupõe um desnível hierárquico entre o ser humano e Deus, o que do ponto de vista panteístico não se aplica; 2- o panteísmo tem por princípio a identidade de Deus e Natureza, e não do homem e Deus, como assevera o crítico. Diante de tais problemáticas que comprometem a legitimidade da questão do panteísmo n’ *A Ostra e o Vento*, buscaremos expor um panorama conceptual do panteísmo, haja vista a dificuldade mesma de se definir plenamente tal perspectiva teológica, dada sua amplitude



expressiva, no sentido de dissolver os equívocos cometidos pelo crítico e assim efetivamente habilitar a investigação se de fato, há ou não há um tanto de panteísmo n' A Ostra e o Vento.

Palavras-chave: Crítica; Panteísmo; Natureza; Deus

VALORES CRISTÃOS NA LITERATURA PARA O JOVEM ADULTO: UMA ANÁLISE DE O SENHOR DA CHUVA, DE ANDRÉ VIANCO.

Juliana de Souza Topan

Resumo: A produção de livros direcionada para jovens no mercado editorial brasileiro, atualmente, tem como um dos seus gêneros principais a chamada "literatura de fantasia", que, de fato, identifica-se menos com o gênero fantástico e mais com o maravilhoso, se considerarmos sua representação do mitológico e do sobrenatural (TODOROV, 2010). Tais produções e seus respectivos autores não apresentam, em sua maioria, um intuito religioso, no sentido de que seus livros teriam uma função de entretenimento, e não de catequese, conversão ou transcendência espiritual. Entretanto, esse trabalho pretende, com a análise da obra O senhor da chuva, de André Vianco (2001), demonstrar que tal produção, apesar do contexto de leitura e produção teoricamente secularizados, apresenta um sistema de crenças e valores que podemos identificar como religioso, através de seus enredos e personagens. Conclui-se que tal sistema influencia no sucesso dessas obras, já que grande parte dos leitores brasileiros compartilham desses valores cristãos, ainda que não se autodeclarem religiosos.

Palavras-chave: Literatura para jovens adultos; Cristianismo e literatura; Sobrenatural e literatura juvenil.

16/07 (TARDE)

POESIA E SAGRADO NA MODERNIDADE EM UMA LEITURA DE "ANDANÇAS" (1940), DE DORA FERREIRA DA SILVA.

Ana Maria Ferreira Côrtes.

Resumo: Este trabalho se propõe a investigar o lugar do sagrado na poesia da escritora paulista Dora Ferreira da Silva (1918-2006), com base na análise de poemas retirados de Andanças (1940), primeiro livro publicado pela poeta. A poesia de Silva, que escreve da década de 1940 até o início dos anos 2000, retoma tendências poéticas, como o simbolismo, o misticismo, a mitologia grega e a mística cristã e as imagens ou representações arquetípicas da condição humana (FLUSSER, 1992, p. 422). Além disso, Silva traz também em sua obra uma série de referências e diálogos, diretos e indiretos, com poetas, escritores, críticos e, também, músicos, que fazem parte de uma tradição, em suas respectivas áreas. A poeta, assim como outros escritores contemporâneos a ela, tematiza, em parte considerável de sua produção poética, o lugar sagrado que atribui à criação poética. Neste estudo, partimos da hipótese de que, em sua poesia, Silva procura reconstruir o percurso da poesia, em direção a seu sentido sagrado, por considerar que é sua tarefa, enquanto poeta, antever e criar novas saídas para a arte e, também, para o homem (GALVÃO, 1999, s/p). Em um mundo caído, em que a poesia perdeu seu status de coisa sagrada (AGAMBEN, 2007, p. 65), entendemos que a poética de Silva procura apreender imagens efêmeras e pensar o lugar do poeta e da poesia, ao mesmo tempo em que busca (re)atribuir sentido à existência humana. A partir de sua aproximação em relação à esfera do sagrado, Silva realizaria uma crítica à modernidade, considerando não apenas o lugar da poesia, mas também questões políticas e sociais de seu tempo. Haveria, além disso, uma dimensão de ritual e de sacralidade na tarefa do poeta, e, nesse rito, a poesia desempenharia um papel central, pois é ela que, com seu caráter iniciático, permitiria o retorno a um tempo primordial, a partir do qual o dizer poético seria capaz de recuperar o instante inicial do mundo, da história sagrada dos homens e da poesia. Nesse contexto, a poesia seria responsável por (re)estabelecer um tempo arquetípico, criando um mito cosmogônico (ELIADE, 1986, s/p), no qual o fazer poético seria uma tentativa, simultaneamente, de reconhecer e de fugir à fugacidade



e à perecibilidade da vida, a partir da recuperação do instante inicial e primeiro, o tempo da poesia.

Palavras-chave: Dora Ferreira da Silva; literatura brasileira; poesia brasileira; literatura e religiosidade; sagrado.

A SALVAÇÃO PELO ÍCONE OU AS TERRAS PROMETIDAS DA POESIA.

Marcos Aparecido Lopes

Resumo: Dora Ferreira da Silva, além de suas traduções pioneiras para a língua portuguesa das obras de Carl Gustav Jung e Rainer Maria Rilke, foi uma das poetisas mais profícuas na cena literária brasileira da segunda metade do século XX. Sua poesia se nutre dos mitos gregos e de algumas figuras emblemáticas da tradição judaico cristã, o que lhe confere um trânsito poético e certa dicção filosófica que ultrapassam as coordenadas espaço temporais de sua geração ou até mesmo sua inscrição irredutível em uma corrente estética do século passado. A poesia de Dora dialoga tanto com o que temos de acumulação crítica de uma cultura local, quanto com o que se produziu na tradição cultural do Ocidente. Desse diálogo emergem algumas questões da ordem do mito e da produção simbólica de um tempo futuro. A primeira delas diz respeito a um tratamento poético do ícone, que não se inscreve na clássica expressão horaciana *ut pictura poesis*, mas em uma paciente exposição da palavra à alteridade radical presente na prática artística da imagem religiosa. Essa alteridade radical, o Aberto, segundo expressão e registro poético da própria Dora, poderia ser pensada como uma das terras prometidas, que solicita o concurso da imaginação e da natureza. Caberá a este trabalho refletir sobre a produtiva tensão dialética entre imagem artística e palavra, um dos tópicos fundamentais nas discussões teológicas ou hermenêuticas sobre o estatuto da arte no âmbito litúrgico ou mesmo em uma dimensão escatológica.

Palavras-chave: Ícone; poesia brasileira contemporânea; hermenêutica; ética; sagrado.

TERRA, MÃE UNIVERSAL, ROGAI POR NÓS: A DIVINIZAÇÃO DE ELEMENTOS NATURAIS NA POESIA DE CORA CORALINA.

Maykol Vespucci de Oliveira.

Resumo: Este trabalho busca compreender como se realiza a religiosidade nos versos de Cora Coralina. Em uma parte de sua obra que poderíamos definir como um projeto cosmogônico, a poeta goiana olha para os espaços de seu mundo e encontra neles caminhos que levam à imensidão do universo. Encontramos a religiosidade em seus versos como linha de costura numa tarefa de reunião do humano e da natureza. Nesse processo, as narrativas bíblicas exercem papel de grande influência. Cora, constantemente, fala de um Criador, da Virgem Maria, de Jesus e outras figuras conhecidas pelo Cristianismo, mas faz suas subversões. Em vez de posicionar o humano como a criação principal a quem são ofertadas todas as outras criações, poetiza-nos como seres participantes do mundo natural. Concebe-nos como filhos, não só de um Criador, mas também da natureza, que ganha status de divina. “Eu sou a grande Mãe universal” (Coralina, 1989, p. 155), a terra nos diz, enquanto continua o projeto criativo divino. Seus frutos são abençoados pessoalmente por personagens bíblicos: “Jesus e São João / descenderam de noite na roça, botaram a bênção no milho.” (Coralina, 1989, p. 118). Outras composições naturais também são canonizadas, como nos versos sobre o Rio Vermelho: “Rio, meu pobre Jó... / Cumprindo sua dura sina. / Rasgando a ladeira / nos cacos dos seus monturos” (Coralina, 1989, p. 54). A recriação das narrativas bíblicas, explícita no deslocamento do humano e na divinização da natureza, também apresenta desordenamentos mais sutis. A nebulosidade do tempo é um exemplo. Em vez de falar de um fim do universo, Cora sugere uma eternidade para o mundo, ao contrário das narrativas bíblicas, que, como aponta Frye (2004), apresentam começo e fim, indo do Gênesis ao Apocalipse. Recorremos às teorias de Bergson (1988), que afirmava estar no interior da mente a expressão do tempo verdadeiro, pois a poeta goiana abandona aparelhos cronométricos para caminhar aos primórdios do mundo: “Eu sou a mulher mais antiga do mundo, plantada e fecundada / no ventre escuro da terra” (Coralina, 1983, p. 93).



A própria ideia de morte bíblica é, por fim, reimaginada. Perguntamo-nos: a vida após a morte nos versos coralinianos são a libertação do espírito ou o retorno da vida individual ao corpo universal da natureza?

Palavras-chave: Cora Coralina; Poesia Brasileira; Religiosidade; Natureza; Cosmogonia

NATUREZA E CULTURA NO POEMA “CANÇÃO QUEBRADA POR UM CANARINHO MORTO”, DE D. PEDRO CASALDÁLIGA.

Michael Jhonatan Sousa Santos.

Resumo: Este artigo apresenta uma análise do poema "Canção quebrada por um canarinho morto", de D. Pedro Casaldáliga, cujo objetivo foi identificar como os recursos estéticos nele empregados expressam relações entre os temas natureza e cultura, bem como os efeitos de sentido daí decorrentes. Embasados em teóricos que privilegiam a imanência textual, tais como Barthes (2004), Paz (1976) e Bosi (1977), intentamos dar visibilidade ao fazer artístico do poeta-bispo, à maneira como constrói literariamente o seu texto, sem com isso deixar de destacar os aspectos exteriores projetados por sua estrutura, tal como orienta Candido (2006). No poema, o diálogo assinala um exame acerca de quais seriam as causas originárias da violência. Por meio de uma sinestesia entre sentidos corpóreos e intelectuais, cujas bases epistêmicas situamos na obra teológica "Espiritualidad de la Liberación" (CASALDÁLIGA, VIGIL, 1992), essa experiência poética de investigação visa configurar-se como um saber integral acerca de tais causas. Cultura e natureza humana resultam como possíveis motivadoras da degradação do meio ambiente e da opressão exercida pelos homens sobre seus semelhantes. Contudo, estruturalmente, verifica-se a não condenação dessas instâncias. Essa estrutura é analisada, no plano da teoria, a partir da compreensão de que na literatura todos os saberes se engrenariam no rolamento da reflexividade infinita (BARTHES, 2004). Por outro lado, evidenciamos o fato de constituir um intertexto com a célebre narrativa bíblica na qual Cristo autoriza àqueles que não têm pecado a atirarem a primeira pedra e, com esse gesto, proclama a inocência daquela que estava sendo acusada.

Palavras-chave: Pedro Casaldáliga; Poesia; Natureza; Cultura.

17/07 (MANHÃ)

BERNANOS: CATÓLICO E ANTIMODERNO.

Cássio Lignani.

Resumo: A obra de Georges Bernanos está inserida no que se define por “romance católico”, rótulo sob o qual se estabeleceu uma tradição que reúne uma diversidade de escritores, o que não significa necessariamente que todos se inclinam em um exercício dogmático e militante, nem mesmo que suas obras possam ser consideradas a expressão de um pensamento cristão. Antes disso, o “romance católico” manifesta-se, tanto na França, quanto no Brasil, como mais uma antítese da Cidade de Deus agostiniana, pela qual se pode perscrutar uma crítica mística ao mundo contemporâneo. A modernidade, nesse sentido, é o que faz emergir uma neocristandade no início do século XX, à qual muitos escritores, distantes da igreja dogmática, mas engajados nos tópicos espirituais, debruçaram-se. Considerar a obra bernanosiana como a simples expressão de um pensamento cristão seria, nas palavras de PICON (1948), para os não cristãos, como estar “diante da porta de um jardim selado”. Tal abordagem anularia o universo que se abre a partir da superfície religiosa e que se oferece como um desdobramento das investigações do mundo moderno. É nesse sentido que Bernanos, escritor católico, é antes um intelectual que experimenta, a partir de seu deslocamento, de uma vida de degredo físico e de busca espiritual, das encruzilhadas entre a razão e a fé, uma curva católica e espiritualista, da qual não apenas sofre suas influências, mas à qual também contribui em grande parte com a sua consolidação. É nesse sentido que se pretende compreender a obra de Bernanos, evitando a imprecisão de um rótulo, o qual o autor já admitiu não compreender, uma vez que, em suas palavras, ele recusa o próprio ofício. À parte isso, que indica retoricamente mais um reconhecimento do ofício que lhe



deu notoriedade do que, necessariamente, uma negação com pretensa humildade acerca da escrita, é inegável que Bernanos circunscreve-se numa tradição de romancistas católicos do século XX. Definir o romance católico, no entanto, torna-se uma problemática justamente por envolver escritores que superam o rótulo ao se centrarem no homem e em sua experiência do sobrenatural, e também por envolver, sob as mesmas definições, o que seria considerado uma subliteratura de característica dogmática. Bernanos, juntamente com François Mauriac, Paul Claudel e Julien Green, incorpora-se ao que, no início do século XX, foi chamado de renovação católica. Um dos livros que fundam essa chamada renovação é o ensaio panfletário *Os grandes cemitérios sob a Lua*: um testemunho de fé diante da guerra civil espanhola (1938). De tom exaltado, a obra marca uma independência do autor em relação à igreja, faz uma crítica veemente à violência testemunhada na ascensão do franquismo e alerta, de modo patético e, por vezes, premonitório, as mudanças pelas quais passa o mundo na década de 1930. A busca de Bernanos chega a ser solitária, uma vez que tenta se desvincular de qualquer movimento, mesmo reconhecendo sua participação na Ação Francesa, de cunho monarquista, e de jamais dissimular sua fé.

Palavras-chave: Bernanos; romance católico; modernidade

UM OLHAR PARA O ROMANCE CATÓLICO EM 30: A INCONCILIAÇÃO ENTRE AMOR E SEXO EM SOB O OLHAR MALICIOSO DOS TRÓPICOS.

Elisa Domingues Coelho.

Resumo: Quando se fala da prosa modernista brasileira, não raro é a exemplificação com os nomes de Clarice Lispector e Guimarães Rosa como grandes expoentes e, mais do que isso até, tratados como casos isolados na nossa tradição literária, o que se faz ainda mais presente quando o assunto é a prosa intimista. Pouco se fala, entretanto, do “berço” dessa vertente no Modernismo: os romances da década de 30 protagonizados pelos escritores católicos e deixados de lado em grande parte por essa complicada relação entre literatura e religião e, em termos mais biográficos, dos preconceitos e conflitos por parte dos próprios escritores no seio das gerações modernistas. Mais esquecido ainda é o romance – tido como precursor da literatura católica/intimista por Luís Bueno – *Sob o olhar malicioso dos trópicos*, de Barreto Filho. O drama vivido pelo protagonista é fundamentalmente a impossibilidade de conciliar, em seu espírito, o amor e o sexo, o primeiro através de um anseio pela elevação espiritual/intelectual e o segundo sob o prisma do desejo sexual em seus relacionamentos. Interessante pensar que essa não é uma temática nova nem em nossa tradição literária nem na literatura modernista, afinal, *Amar*, verbo intransitivo, de Mário de Andrade, polemicamente já trouxera essa questão na narrativa movimentada entre os signos do aprendizado do amor e da iniciação sexual do protagonista. Quando, entretanto, essa temática ressurge na geração seguinte, terá diferentes tratamentos dentre os escritores católicos, a exemplo de Octávio de Faria, que consegue não só “abraçar” o amor (com tudo que lhe compõe), como legitimar o amor homossexual, enquanto o romance de Barreto Filho em questão opera o outro extremo, a existência do amor e do sexo a tal ponto apartada que leva o protagonista à loucura e ao suicídio. O enredo do romance e o tratamento dessa temática interessa para essa análise duplamente, portanto: por trazer essa questão, imprescindível para quem deseja estudar a literatura católica (tarefa que passa necessariamente por compreender essa moral sexual no texto literário); e, ainda, por esse contexto de diferentes caminhos tomados por diferentes obras para uma mesma questão de fundo. Falar dessa intelectualidade católica, mesmo que se tenha historicamente tratado como um movimento homogêneo, é falar de disparidades ideológicas e literárias, como já foi longamente tratado por Luís Bueno em *Uma história do romance de 30*. Ou seja, embora assim o tenha tratado a maior parte da *Crítica Literária*, muitas eram as diferenças entre os escritores e, por consequência, diferentes “saídas” foram construídas nessa literatura para o tema basilar do romance em questão: a relação com o sexo, o que faz da análise desse romance iniciador da literatura católica e da questão sexual em seu ensino, além de muito profícua, extremamente necessária.

Palavras-chave: Literatura brasileira; romance católico; década de 30

LITERATURA COMO EXERCÍCIO ESPIRITUAL.

Alex Villas Boas.

Resumo: A presente proposta visa trabalhar a categoria de Exercício Espiritual aplicada a Literatura Clássica e Patrística, de modo especial na obra homérica, a fim de estabelecer um diálogo com a literatura cristã antiga. A categoria exercício espiritual é aplicada à Filosofia Antiga por Pierre Hadot e influencia a concepção de cuidado de si em Michel Foucault e Michel de Certeau. Em Foucault a ideia de exercício espiritual influencia a ideia de estetização, e consequentemente de eticização da existência e ocupa uma tarefa importante que está na base da teologia negativa, a saber a finalidade de colocar a vida em questão. Em Certeau, tal conceito sustenta a ideia de uma epistemologia negativa que tem por finalidade aplicar um princípio de não-contradição para além do rigor conceitual, abarcando a relação entre experiência espiritual e tarefas éticas da história. O exercício espiritual não é, portanto, uma forma de distanciamento da história, mas sim de apropriação crítica da história e dos sistemas filosóficos por sua capacidade de captar a dor da história, como necessidades históricas não atendidas, enleadas em meio a ambiguidade da vida, expressas na trama literária e densidade das personagens. A categoria de literatura de contra-episteme é aqui recuperada por Fredric Jameson, como expressão da dor da história, expressão essa que na medida em que é assumida como matéria/tema para a prática do exercício espiritual, translúcida a dor da história em experiência literária que coloca a vida em questão e desperta para a empatia das questões éticas nos respectivos processos de subjetivação. Pretende-se aqui, então recuperar a noção de exercício espiritual, porém aplica-la ao âmbito do exercício literário, como iniciado por Marcos Lopes, para então aplicar tal categoria a literatura antiga, especialmente em diálogo com o trabalho de Rachel Bepaloff e sua perspectiva de encontrar afinidades entre a literatura homérica e a literatura cristã antiga na elaboração de uma semântica comum do humanismo, especialmente em seu trabalho "Sobre a Ilíada" de 1939. A hipótese a ser trabalhada é que a literatura como exercício espiritual pode ser entendida como contra-episteme de sistemas filosóficos, de modo especial contra o sistema platônico desde a expulsão dos poetas da República, e como essa tensão entre tradição platônica e tradição poética influencia a literatura cristã antiga, bem como identificar processos em que a recusa da literatura pode ser entendido como sustentação do que fora acusado por Nietzsche de o cristianismo ter se tornado o "platonismo das massas".

Palavras-chave: Literatura e Teologia; Teopoética; Exercício Espiritual; Literatura Clássica; Michel Foucault

CRISTOFORIA E RELEITURAS HAGIOGRÁFICAS NO SÉCULO 19: "SÃO JULIÃO HOSPITALEIRO", DE FLAUBERT E "SÃO CRISTÓVÃO", DE EÇA DE QUEIROZ.

Régis Mikail Abud Filho.

Resumo: Esta comunicação se propõe a investigar a representação da cristoforia em duas narrativas do século 19: "A Lenda de São Julião Hospitaleiro", de Gustave Flaubert e "São Cristóvão", de Eça de Queiroz. Por "cristoforia" entendemos o significado etimológico e literal – o transporte do Cristo –, representado de maneira igualmente literal em ambos os textos. Além disso, "São Julião Hospitaleiro" e "São Cristóvão" convidam a reconsiderar o sentido exemplar e literário de "cristoforia". Nos dois textos, escritos a partir do hipotexto lendário, as lendas hagiográficas ganham novas implicações de ordem semântica e estética. Como hipotexto, consideramos o capítulo sobre a lenda de São Cristóvão na "Legenda Aurea" de Jacobus de Voragine, que parece ter servido de inspiração para Flaubert e Eça. Tanto "São Cristóvão" quanto "São Julião Hospitaleiro" se inserem no contexto de novas representações das lendas medievais reavivadas durante o século 19, notadamente da lenda hagiográfica. Esta, a partir de um procedimento de reescrita e de dilatação (textual e semântica) é reconfigurada na narrativa literária, trazendo novos aspectos semi-históricos e semi-fabulosos, ausentes dos hipotextos. Coloca-se em questão, na reescrita da lenda, uma sutil dicotomia entre cristianismo e



paganismo, entre Deus e o diabo, entre o conto do século 19 e as narrativas das Vidas dos santos. Essencialmente exemplares e de estrutura narrativa pré-estabelecida, as lendas hagiográficas destinam-se ao uso litúrgico e à diversão popular de cunho oral. Têm como objetivo edificar o ouvinte/leitor através de uma aproximação das Vidas dos santos como imitação do modelo de Cristo a ser seguida, sobretudo na pobreza, elemento fundamental da “imitação do Cristo” segundo o texto católico exemplar atribuído a Thomas a Kempis (“Imitatio Christi”). No caso das releituras das lendas do século 19, tal imitação se desdobra tanto no âmbito literário quanto no âmbito moral: lançar, transportar, transladar a palavra do Cristo, no qual o santo por vezes ganha traços de personagem de ficção. As narrativas aqui analisadas se inscrevem na releitura literária daquilo que André Jolles chama de “forma simples”. Consistem em uma reconstituição de um mundo, fantástico e alegórico. A exemplaridade embasa o texto, embora tal tratamento religioso seja sutilmente estendido a novas configurações da estética literária do final do século 19, na qual se inserem Flaubert e Eça. Assim, elementos da imagética pia, por exemplo, são levados em conta pelos autores. Há, sobretudo, uma imitação de ordem literária, na qual a edificação não é objetivo, mas um detalhe que se revela, enfim, transparente e literal: Cristóvão carrega o Cristo nas costas e Julião transporta o Cristo transfigurado em leproso em sua barca para depois ascender ao céu com ele. Interessa-nos perguntar, portanto, de que maneira tal retomada da narrativa exemplar consistiria em uma subversão da própria vida dos santos e de que maneira as novas representações, embora ancoradas no modelo lendário, não implicariam uma subversão do próprio modelo hipotextual. Seria possível identificar um potencial doutrinário no texto literário? Do ponto de vista da recepção do texto, poderíamos pressupor que os objetivos da narrativa hagiográfica – transmitir um modelo exemplar ao leitor – passam por uma subversão literal e literária nesta transferência da lenda à narrativa de ficção?

Palavras-chave: cristoforia, hagiografia, santos

17/07 (TARDE)

LITERATURA E RELIGIÃO: TRANSTEXTO-DISCURSIVIDADE NO CONTO A IGREJA DO DIABO, DE MACHADO DE ASSIS.

Helen Suzandrey Maia Sousa.

Resumo: A presente comunicação tem a intenção demonstrar os resultados da pesquisa dissertativa em torno do conto A igreja do Diabo, sua relação com a Religião, e em que medida este texto machadiano está encharcado de outros textos. Ao iniciar esta trajetória através de várias leituras sobre os principais estudiosos da fortuna crítica de Machado de Assis, com a intenção de averiguar a frequência da religião em suas obras, percebemos após este primeiro momento, que se fazia necessário identificar em que medida estas pesquisas estabeleciam relações entre o campo discursivo da Literatura e da Religião. Aqui, porém, é importante salientar que estas discussões são intermináveis, visto que, os textos estão cheios de outros textos. Embora alguns dos trabalhos mencionados não estejam diretamente associados com a relação entre o universo discursivo da Religião e Literatura como forma de compreender o texto machadiano, estes já abordavam elementos que incorporam as mais diversas perspectivas de análise. Diante desta possibilidade, foram levantados os conceitos de intertextualidade, paratextualidade e sua relação transtexto-discursiva com os textos religiosos. A narrativa pertence ao livro Histórias sem Data, que reúne 18 contos publicados ao longo do ano de 1883. Dividido em quatro atos, a história narra o encontro de um documento religioso onde o Diabo teve a ideia de fundar sua própria Igreja. O objetivo da pesquisa foi: analisar a relação entre Religião e Literatura a partir do conto A Igreja do Diabo de Machado de Assis, e inferir sobre a formação hipertextual do conto. A pesquisa foi desenvolvida por meio da metodologia transtexto-discursiva, elaborada pelo cientista da religião Eli Brandão e teve como fundamentação teórica o conceito de palimpsesto de Gérard Genette, na obra Palimpsestes. La littérature au second degré. Desta forma, buscamos ratificar a presença inequívoca de outros textos no conto, no qual se observa a constante relação entre o universo religioso e literário



como um espaço plural que expressa a possibilidade de interpretação de textos de universos distintos, e sua constante conexão com a contemporaneidade, dando visibilidade a um lugar de fala acadêmica-científica ainda em expansão, e que muito tem a dizer sobre o ser humano e suas particularidades. Diante disso, estabelecemos, em princípio, análises que destacam as relações dos dois campos discursivos interdisciplinares e que agregam cargas de conhecimento científico quando analisados conjuntamente.

Palavras-chave: Literatura; Religião; Transtexto- discursividade.

LITERATURA E RELIGIOSIDADE: UM ESTUDO SOBRE CONTOS DE MACHADO DE ASSIS.

Miriam Piedade Mansur Andrade.

Resumo: A repercussão da obra de Machado de Assis no contexto literário nacional, desde a sua primeira recepção, tem fomentado diversas pesquisas nos domínios das Letras e Ciências Humanas, dada sua natureza não só literária, mas também teológica, filosófica e política. O objetivo desta comunicação é o de promover um debate de temas presentes nos textos machadianos que estabelecem relações intertextuais com textos bíblicos e religiosos. As análises apresentadas serão sobre os contos “Na Arca”, publicado na coletânea Papéis Avulsos (1881); “A igreja do Diabo”, publicado em Histórias Sem Data (1884) e “O sermão do diabo” das Páginas Recolhidas (1900). Com essa realização, enseja-se promover um diálogo interdisciplinar, entre literatura e religião.

Palavras-chave: Machado de Assis; literatura; religião

RAZÃO E IMAGINAÇÃO EM C. S. LEWIS.

José Luiz Coelho Rangel Junior.

Resumo: Este trabalho é fruto do primeiro ano de pesquisa de mestrado no Programa de Pós Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio. Trata-se portanto dos desdobramentos do projeto de pesquisa inicialmente apresentado na edição de 2018 da ABRALIC. Desta forma, prossegue-se investigando a relação entre a primeira obra ficcional do autor irlandês Clive Staples Lewis (1898-1963), *The Pilgrim's Regress* de 1933, e o importante debate pós-Primeira Guerra Mundial (1914-18) sobre a natureza da linguagem e sobre Teoria Literária. Apesar de não haver ainda uma mídia tão sofisticada quanto a existente na Segunda Guerra Mundial (1939-45) – como o rádio ou a televisão – ainda assim, jornais, livros, panfletos, imagens e canções serviram aos propósitos propagandísticos durante a Primeira Guerra. Portanto, a ideia de um combate travado não apenas com armas, mas também por meio da linguagem, se tornou assente tanto para os que viveram naquele período quanto para os que se dedicaram a estudá-lo. Obviamente, ao perceberem-se os perigos da propaganda e do uso da linguagem como veículo do ideário de guerra, abriu-se espaço para uma série de questionamentos quanto a objetividade da língua no contexto da informação e de obras literárias. Não obstante o fato de ser injustamente acusado de não lidar com os problemas do século XX, C. S. Lewis era um crítico veemente das ideias modernas ligadas à linguagem. Portanto, suas obras de ficção e acadêmicas não promoviam o que defendia o ideário moderno. Embora seja um lugar comum tomar *The Pilgrim's Regress* como uma espécie de autobiografia alegórica da trajetória do autor, de uma posição ateuista em direção ao teísmo, nela pode-se encontrar também uma amostra do modo como o autor se posicionava diante da controvérsia sobre a natureza da linguagem. Ademais, vale notar que Lewis não possui uma teoria da metáfora tão bem acabada quanto a de I. A. Richards ou mesmo, em outro contexto, como a de Max Black ou Paul Ricoeur. Mas, apesar de Lewis não ser um linguista nem um retórico, esse trabalho partirá da hipótese de que é possível, a partir da reconstituição de suas principais ideias sobre a metáfora, mostrar como compreensão do autor sobre o modo de construção e utilização da metáfora não deve ser descartada, mesmo nos dias de hoje. Para resgatar qual seja a relevância atual do pensamento de C. S. Lewis, toma-se, portanto, uma de suas obras de ficção

como documento central para a reconstituição de um pensamento específico, para em seguida relacioná-la com textos teóricos do autor e com o contexto intelectual em que este se insere.

Palavras-chave: Metáfora; Razão; Imaginação; Romantismo; Teísmo Cristão

ENTRE A CRUZ E O ANEL: UMA ANÁLISE ACERCA DAS RESSONÂNCIAS DA PAIXÃO DE CRISTO NA JORNADA DE FRODO BOLSEIRO EM O SENHOR DOS ANÉIS.

Ribanna Martins de Paula.

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo explorar a presença de elementos narrativos constituintes do maior evento do cristianismo no trajeto percorrido pela personagem Frodo em sua missão de destruir o Anel do Poder, conforme apresentado em *O Senhor dos Anéis* de J. R. R. Tolkien. Para tal, parte-se da afirmação de Craig Bernthal (2014) de que a jornada do hobbit – iniciada no momento de sua separação do resto da Comitiva do Anel em Amon Hen até a destruição do objeto mágico na Montanha da Perdição – pode ser descrita como uma Via Dolorosa aos moldes dos acontecimentos narrados no episódio da Paixão de Cristo, iniciado no Jardim das Oliveiras e consumado no Monte Calvário com a morte de Jesus na Cruz. Ademais, esta pesquisa fundamenta-se também nas considerações de Kreeft (2005) e Ryken (2018) de que Frodo pode ser identificado como uma das personagens símbolo de Cristo, particularmente em seu ofício de sacerdote que entrega o (entrega-se em) sacrifício. Desta forma, pretende-se realizar uma análise intertextual entre a Sagrada Escritura, em especial os quatro Evangelhos do Novo Testamento, e a trilogia tolkieniana formada por *A Sociedade do Anel*, *As Duas Torres* e *O Retorno do Rei*. A metodologia empregada nesta pesquisa consiste na teoria da intertextualidade de Julia Kristeva (1969) que, em uma tradução literal do dialogismo de Mikhail Bakhtin (2010), alega que todo texto literário constitui-se mediante absorção e transformação de outros textos. No caso deste trabalho, é interessante destacar que o diálogo entre a Sagrada Escritura e *O Senhor dos Anéis* torna-se ainda mais evidente, uma vez que é considerada a presença e importância da religião católica na vida de Tolkien. Todavia, sua trilogia não deve ser interpretada como uma alegoria do cristianismo, visto que, segundo o próprio autor, não existe qualquer referência à religião no texto e que “o elemento religioso é absorvido na história e no simbolismo” (TOLKIEN, 2013, p. 172). Assim, dado seu caráter simbólico, *O Senhor dos Anéis* pode ser interpretado a partir e por meio de diversos prismas e não somente o de viés cristão, pois, segundo Santos (1955), o símbolo por si só é polissignificativo. Por fim, após a realização desta pesquisa, é possível afirmar que o árduo caminho percorrido por Frodo Bolseiro até a Montanha da Perdição possui certas similaridades narrativas com caminho da Cruz realizado por Jesus Cristo, sendo sua maior semelhança o autossacrifício feito por amor e que liberta – da tirania de Sauron e do pecado, respectivamente. Destarte, este trabalho visa contribuir para os estudos da área de literatura e religiosidade por meio da investigação da forma pela qual o romance épico em questão estabelece uma relação intertextual com o maior texto sagrado do cristianismo.

Palavras-chave: O Senhor dos Anéis; Sagrada Escritura; Paixão de Cristo; Frodo Bolseiro; intertextualidade

18/07 (MANHÃ)

O CONTO "NENHUM, NENHUMA", DE GUIMARÃES ROSA, E A SIMBOLOGIA DA MORTE DOS CONTOS DE FADAS.

Clarissa Catarina Barletta Marchelli

Resumo: Oitava posição na coletânea *Primeiras histórias*, o conto *Nenhum, nenhuma* encena a problemática da identidade pessoal via contos de fadas. Esforçando-se por reconstituir o desenlace de um casal, um menino ora rivaliza ora se compadece de um moço rejeitado. Do testemunho do término de um relacionamento, o protagonista mirim conhece a morte encapsulada em uma misteriosa senhora. Sob as definições de estudiosos do gênero contos de



fadas, como Propp e Bettlheim, e valendo-se de intervenções de filósofos contemporâneos, como Steiner e Rancière, o presente trabalho procura compreender de que modo o conto rosiano dialoga com a tradição da literatura maravilhosa, atualizando o princípio do ritual de passagem nas histórias de fadas. Na oitava posição da coletânea, encontra-se o conto Nenhum, nenhuma, cujo enredo afirma a necessidade da espera enquanto promessa de eternidade. “[...] Tanto é o poder errar, nos enganos da vida... [...]”, recusa a Moça ao pedido de casamento do Moço. Acostumado à fórmula “E viveram felizes para sempre”, típica dos contos de fadas, essa recusa não apenas frustra a expectativa do leitor desavisado, como o convida a reler o conto rosiano na tentativa de encontrar uma justificativa para tamanha rejeição. Uma vez que a ambiência de Nenhum, nenhuma faz-se herdeira da atmosfera crédula típica das histórias infantis com o expediente de um protagonista mirim, resta a esse leitor - agora prevenido do súbito desfecho - encontrar o elo perdido entre a ingenuidade dos contos de fadas e a simplicidade do conto rosiano. Falar mais do que isso talvez já seja ultrapassar o extraordinário do autor ao querer substituir a sua obra pelo breve comentário, segundo a advertência de Steiner: “A maior parte do jornalismo e recensões literárias, dos ensaios críticos, da crítica de arte e musical, é absolutamente efêmera” (1993, p. 31). Contudo, entre as linhas do texto original, muitas são as lacunas, exigindo do leitor uma espécie de preenchimento da vaga interpretativa. Pois, se o comentário não deve se sobrepor ao texto poético, tampouco o leitor deve se furtar a uma análise hermenêutica das palavras que lhe tocam o ânimo. Pretendendo compreender o sentido de uma espera no horizonte da perpetuidade, é que este trabalho se dispõe a analisar os elementos constituintes desse conto rosiano.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; contos de fadas; morte; identidade.

O DIVINO E SEU EMBATE COM O HERÓI NOS SERTÕES DAS GERAIS: UM ESTUDO EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS.

Edinaura Linhares Ferreira Lima.

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo discutir de que forma o aspecto do Divino se articula dentro da narrativa de Grande Sertão: Veredas (2001), do escritor mineiro João Guimarães Rosa, em relação à jornada do herói e do comportamento que são manifestados pela personagem Riobaldo. Propomo-nos, assim, a entender de que forma o Divino pode se tornar um elemento fundamental para a construção da figura desse herói, na medida em que aquele é capaz de despertar coragem ou medo neste homem moderno e fragmentado que se nos apresenta ao longo da trama do romance. Com isto em mente, nos baseamos nas reflexões lançadas pelo crítico Joseph Campbell, em seu livro O herói de mil faces (1992), ao discutir os estágios percorridos pelo herói na busca de sua constituição enquanto sujeito. Além disso, também estudaremos a categoria personagem, metaforizada na figura do herói. “O objetivo dramático do herói é abrir ao público uma janela para a história. Cada pessoa que ouvir uma história é convidada a identificar-se com o Herói, fundir-se a ele e enxergar o mundo através de seus olhos” (VOGLER, 2015, p.68). Essas categorias são importantes para a construção de nosso trabalho, pois é através de suas ações que iremos refletir sobre os recortes das obras: “Aristóteles chama nossa atenção para a estreita semelhança existente entre a personagem e a pessoa humana ao afirmar que ‘a poesia é uma arte de imitação ou representação’ e ‘o objeto dessa imitação é constituído de homens que fazem ou experimentam’, ou seja, de homens em ação” (SEGOLIN, 1978, p. 13). No que diz respeito à discussão acerca do Divino e de sua manifestação e papel dentro da narrativa de Rosa, tomaremos como base as discussões feitas por Bendito Nunes, em suas obras A Rosa o que é de Rosa (2013) e O Dorso do Tigre (2009). Também teremos em mente as reflexões em torno da ideia de um “homem dos avessos”, apresentada por Antonio Candido em seu famoso ensaio de mesmo nome, presente no livro Tese e Antítese (2006). Portanto, ao refletir sobre esta obra, consideramos que este trabalho não será fácil, mas prazeroso, principalmente quando levamos em consideração a escolha do tema dentro de uma obra tão rica, vasta e estudada por autores renomados dentro da literatura mundial e brasileira. Corroborando com os estudos sobre Guimarães Rosa, não podemos perder

de vista a abrangência de uma obra, como Grande Sertão: Veredas, para a sociedade como um todo, sem falar no conhecimento de pertinentes assuntos abordados, que adentram na obra e vida do escritor. Por isso a figura heroica de Riobaldo é essencial para embasar nosso trabalho.

Palavras-chave: Riobaldo; herói; Divino; coragem; medo.

O CONTO UMA VELA AO DIABO, DE FERNANDO PESSOA.

Debora Domke Ribeiro Lima.

Resumo: O estudo propõe a análise do conto de Fernando Pessoa, sob uma perspectiva comparatista, tendo como fio condutor a relação do conto com a ausência ou não do elemento religioso e a estreita relação do conto com a representação do mal no Fausto de Goethe, assunto do qual trato na minha tese de doutorado. A construção do diabo e sua representação da extensão do próprio eu será tratado como um elemento psicológico importante da construção dessa figura amplamente representada e discutida pela literatura mundial.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; religiosidade; Fausto; Goethe

TRADUZINDO HAFIZ: PROBLEMAS E SOLUÇÕES NA TRADUÇÃO DA POESIA PERSA CLÁSSICA.

Nicolas Thiele Voss de Oliveira.

Resumo: O trabalho busca apresentar algumas soluções e conclusões encontradas durante o desenvolvimento de uma tradução comentada de poemas de Hafiz, que tem como um dos principais objetivos preservar ou encontrar equivalência nos elementos formais. A tradução também se defronta com noções de religiosidade e espiritualidade que se misturam com o erótico, sendo parte integral da poética do autor. Hafez – ou Hafiz, como é mais conhecido em português – foi um poeta persa do século XIV, de suma importância no cânone da literatura iraniana. Escreveu principalmente gazéis (cerca de 486), uma forma poética caracterizada por seus temas de amor e separação, de origem homoerótica. É conhecido por seus versos ambíguos, que misturam as convenções eróticas do gazel com o misticismo sufi, convidando múltiplas interpretações. Apesar de sua relativa importância, são poucas as traduções diretas de seus poemas para o português. A tradução dos gazéis de Hafiz apresenta alguns grandes obstáculos, de natureza tanto formal quanto temática. Em termos formais, pode-se destacar dois principais elementos: (1) os tamanhos dos versos, que geralmente possuem entre 14 e 16 sílabas (dependendo do metro utilizado), não oferecendo nenhum paralelo imediato com nenhuma forma tradicional da poesia brasileira; (2) o esquema de rimas do gazel, aonde a mesma rima se repete em todos os versos pares, geralmente seguida ou precedida por um refrão. Tematicamente, o principal problema é a ambiguidade e multiplicidade de interpretações do léxico poético persa, aonde uma temática erótica está frequentemente superposta a uma temática mística e religiosa – uma ambiguidade utilizada amplamente por Hafiz. Um exemplo emblemático é o caso do vinho, uma bebida proibida pela religião islâmica que figura extensamente na poética de Hafiz, possuindo tanto um significado literal quanto um metafórico – o de estar embriagado com amor por Deus; tais significados frequentemente ocorrem simultaneamente. Para enfrentar os desafios formais apresentados, decidiu-se trabalhar com versos compostos com números de sílabas semelhantes aos seus originais em persa, onde cada verso é dividido por cesuras de modo a formar versos tradicionais. Procura-se, sempre que possível, reproduzir uma regularidade de pausas semelhante à existente no verso persa original – aonde frequentemente a cesura é no meio do verso. A rima empregada é a rima toante da tradição espanhola (utilizada por João Cabral de Melo Neto), assim possibilitando uma maior variedade de rimas e menor engessamento da tradução. Para enfrentar as dificuldades temáticas, é importante a produção de um paratexto que introduza o leitor aos temas e convenções da poesia persa, bem como uma escolha criteriosa de como se traduzir determinados termos de muita importância na poética persa.

Palavras-chave: Tradução de poesia; Hafiz; poesia persa clássica

18/07 (TARDE)

A RECRIAÇÃO DOS EVANGELHOS EM “BOA NOVA”, DE HUMBERTO DE CAMPOS (ESPÍRITO)

Ana Claudia da Silva

Resumo: No romance episódico “Boa Nova”, o autor extrafísico Humberto de Campos, reconta, pela psicografia de Chico Xavier, em trinta capítulos, episódios da vida de Jesus, chamados por ele de “folclore do Céu” (CAMPOS, 2015, p. 8), nos quais ficcionaliza a matéria bíblica para formar relatos que agregam à fonte originária pensamentos, sentimentos e emoções das personagens principais – Jesus e seus apóstolos –, dando vida também a personagens secundárias que contribuem para uma visão mais humanizada dos fatos narrados. A linguagem de Campos, neste romance, difere da empregada em outras obras do mesmo autor espiritual; o autor quer migrar do universo terreno dos “Espíritos esclarecidos” para aquele celestial, dos “Espíritos evangelizados” (Idem, p. 9). Nossa comunicação objetiva surpreender as transformações inseridas por Campos nas narrativas bíblicas, bem como refletir sobre a consciência autoral do mesmo autor que, enquanto Espírito, produz obra sensivelmente distinta daquela produzida em sua última reencarnação.

Palavras-chave: Literatura espírita brasileira. Humberto de Campos (Espírito). Relatos bíblicos.

OBSESSÃO E RESGATE EM TRAMAS DO DESTINO.

Jorge Leite de Oliveira.

Resumo: Propomos apresentar estudo sobre mecanismos da obsessão presentes na narrativa de romance espírita psicografado por Divaldo Pereira Franco, importante tribuno espírita conhecido mundialmente e médium de uma série de obras literárias psicografadas. O suposto Espírito comunicante, entidade real para nós, espíritas, que há 46 anos estudamos essa literatura, denomina-se Manoel Philomeno de Miranda, nome de importante dirigente espírita baiano falecido em meados do século passado. Na obra que propomos expor em comunicado, Divaldo/Miranda esclarecem-nos sobre a influência das entidades desencarnadas em nossas vidas, em consequência dos nossos atos. Analisamos, em Tramas do destino, o drama, o sofrimento e a reabilitação espiritual da família Ferguson. Aqui são tratados os casos de resgate expiatório que envolvem, principalmente duas pessoas: Rafael Ferguson e sua filha Lisandra, além de seus maiores obsessores, os Espíritos Jules Henri e Ermínio Lopez, que se dizem prejudicados, em existência pretérita, pelos atuais pais e filhas, portadores de hanseníase em sua vida atual. No caso da filha, a doença é acrescida de alienação mental exacerbada pela subjugação daqueles e de outros Espíritos lesados por ela. Como benfeitores elevados, alguns familiares e amigos, encarnados e desencarnados, não mediram esforços e renúncias para auxiliar no resgate dos débitos desses personagens comprometidos no mal em existência passada. Desse modo, observamos que, mesmo aos grandes transgressores das Leis Divinas, Sua Justiça nunca é desacompanhada da Misericórdia e oportunidade para a reabilitação de qualquer falta, tendo em vista a ascensão espiritual e a felicidade, reservadas a cada um nós. Os romances espíritas baseados em casos reais, como este, são abundantes em nos confirmar os ensinamentos trazidos a nós pelo Espiritismo. Todos eles são expressos de forma profunda, com base nos ensinamentos contidos nas obras codificadas por Allan Kardec e que tiveram início com O livro dos espíritos. Esta é, a nosso ver, obra extraordinária, desdobrada em outras, não menos valiosas. Com base no contido nelas, a Espiritualidade Maior nos ilustra com narrações de histórias como a de Tramas do Destino, cujo estudo e reflexão nos impulsionam à vivência do amor, fundamental a uma vida melhor para cada um de nós, a fim de que não cometamos novos gravames à Lei Divina.

Palavras-chave: tramas; destino; obsessão; resgate

LITERATURA EVANGÉLICA, PARATEXTUALIDADE E TRADUÇÃO.

Carolina Dias Pinheiro.

Resumo: Dentro das investigações sobre literatura religiosa, um objeto ainda pouco explorado parece ser o crescente espaço de publicação conquistado pelos paratextos originais em Bíblias, presentes nos materiais conhecidos como Bíblia de Estudo ou Bíblias Temáticas. Essa variedade híbrida de literatura religiosa, notadamente na vertente evangélica, ocupa propositalmente o espaço paratextual em torno do texto bíblico (Genette, 2009), e.g., em rodapés, prefácios, quadros e ilustração, e tem como função principal atuar como ponte interpretativa entre o leitor do século XXI e o texto bíblico, distantes culturalmente e temporalmente, em uma relação dialógica marcada pela presença de vozes sobrepostas (conforme estabelecidos na obra de Mikhail Bakhtin). Tal sobreposição pode ser vista como um reflexo do crescimento do mercado editorial religioso nas últimas décadas (Cunha, 2007; Campos, 2012). Analisando especificamente o papel da tradução nesse contexto, dois nichos de investigação se apresentam. O primeiro relativo à forma como esses paratextos tratam a questão da tradução em diálogo com o leitor, em especial quanto à visibilidade do tradutor. O segundo é relativo à própria tradução desses paratextos, e as implicações que surgem do transporte de uma interpretação bíblica de um contexto linguístico e cultural para outro (PINHEIRO, 2017).

Palavras-chave: Literatura religiosa, Paratextos, Tradução bíblica

“EFEITO DE REAL” E O PERSONAGEM JESUS CRISTO NOS EVANGELHOS DE MARCOS E MATEUS

João Leonel

Resumo: Esta comunicação problematiza a omissão de sentimentos humanos no personagem Jesus Cristo no evangelho de Mateus em comparação com a presença de tais sentimentos no evangelho de Marcos. Para tanto, faz uso inicialmente da “Teoria das Duas Fontes”, que propõe ter sido Marcos o primeiro evangelho a ser escrito, sendo que Mateus e Lucas recorreram a ele, assim como a uma outra fonte comum aos dois, permitindo identificar comparativamente as diferenças entre os dois evangelhos. A razão, segundo os exegetas, é que o evangelho de Mateus procura construir uma imagem de Jesus Cristo (Cristologia) mais reverente e celestial em relação a de Marcos, suprimindo deste determinadas características humanas e sentimentais do protagonista. Dessa forma, segundo o comentarista bíblico Willoughby C. Allen, as “[...] alterações parecem relacionar-se com um crescente sentimento de reverência pela pessoa do Cristo. O segundo evangelista [Marcos] não tinha escrúpulos em atribuir a Ele [Jesus Cristo] emoções humanas, e de descrevê-Lo como alguém com dúvidas. Tais informações são quase uniformemente omitidas pelo editor deste evangelho [Mateus] (2000, p. xxxi, tradução nossa). Segundo a citação, as alterações em Mateus são interpretadas, do ponto de vista exegético e teológico, como atualizações que buscam dar ao protagonista uma aura de maior reverência e divindade. Propondo interpretação alternativa, que se insere na temática da Bíblia como Literatura, utiliza-se nesta comunicação o conceito de “efeito de real”, de Roland Barthes. Para o autor, as descrições narrativas que não exercem papel preditivo têm apenas função descritiva. Do ponto de vista realista, propõe Barthes, “[...] se supõe que [a descrição] relate ‘aquilo que se passou realmente’: que importa então a infuncionalidade de um pormenor, desde que denote ‘aquilo que se deu’; o ‘real concreto’ torna-se a justificativa suficiente do dizer” (BARTHES, 2004, p. 188). A descrição do real impõe à narrativa nada mais do que a afirmação de sua realidade, ou seja, o efeito de real. Elementos e objetos descritos não significam nada mais do que aquilo que são. Eles afirmam: “somos o real” (BARTHES, 2004, p. 190, grifo do autor). Tal é o caso do evangelho de Marcos que, ao indicar sentimentos e emoções de seu protagonista, teria como objetivo operar uma marcação de sua historicidade. E quanto a Mateus e as ausências do efeito de real? A proposta desta comunicação é que o objetivo da eliminação do efeito do real encontra-se naquilo que Scholes e Kellogg chamam de “suavização narrativa” (1977, p. 116). O recurso consiste em descrever personagens em meio a fortes sentimentos e emoções de “[...] maneira serena, imperturbável, sem aparente consciência desta violência interior” (1977, p. 115). Nesse caso, as omissões mateanas visam transferir a indicação objetiva dos sentimentos

do personagem Jesus do texto para a subjetividade do leitor que fica incumbido de imaginar tais sentimentos e inclui-los na narrativa pelo ato de leitura.

Palavras-chave: efeito de real; comparação Mateus e Marcos; personagem Jesus Cristo.

61 - LITERATURA E TESTEMUNHO: TEORIAS, LIMITES, EXEMPLOS

Coordenação: Prof. Dr. Marcelo Ferraz de Paula (UFG); Prof. Dr. Marcelo Paiva de Souza (UFPR); Prof. Dr. Wilberth Salgueiro (UFES)

Resumo: Contemporaneamente, a noção de testemunho vincula-se à chamada “literatura do Holocausto”, como a narrativa de Primo Levi e a poesia de Paul Celan, por exemplo, mas também à literatura eslava – polonesa e russa, em especial – sobre o Gulag, como as obras de Gustaw Herling-Grudziński e Varlam Chalamov, entre outros (cujo antecedente histórico mais próximo é constituído pelas obras literárias oitocentistas versando sobre as penas dos condenados à Sibéria). Na América Latina, destaca-se um amplo e variado conjunto de textos votados à memória e à denúncia de fatos reveladores do viés autoritário, discriminatório e excludente de nossas sociedades, abrangendo desde Graciliano Ramos e Rigoberta Menchú a Ferréz, desde Miguel Barnet e Paulo Lins aos Racionais MC’s. A proposta do simpósio é estudar as relações entre literatura e testemunho, a partir de alguns traços e textos que caracterizam este “gênero”, como, por exemplo: registro em primeira pessoa; compromisso com a verdade e a lembrança; desejo de justiça; vontade de resistência; valor ético sobre o valor estético; representação de um evento coletivo; forte presença do trauma; sintomas de ressentimento; vínculo estreito com a história; condição de minoridade etc. A ideia é, portanto, “manter um conceito aberto da noção de testemunha: não só aquele que viveu um ‘martírio’ pode testemunhar” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 48), entendendo, assim, que “testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro” (GAGNEBIN, 2006, p. 57). Pensar o que há de testemunho na literatura significa, a um só tempo, pensar as intrincadíssimas teias entre verdade e ficção, entre ética e estética, entre história e forma. Percebe-se que a avassaladora existência da “literatura de testemunho”, na sua salutar diversidade conceitual, promove um inevitável abalo na noção de cânone e de valor literário, além de alterar o quadro dos agentes ou produtores de literatura: textos e registros de presos, torturados, crianças de rua, favelados, empregados domésticos, prostitutas, sem-teto, povos tradicionais, enfim, todo um grupo “subalternizado” que agora depõe e se expõe não só em nome próprio, mas também em nome de muitos. Nesse sentido, é preciso destacar que “o estudo do testemunho articula estética e ética como campos indissociáveis de pensamento. O problema do valor do texto, da relevância da escrita, não se insere em um campo de autonomia da arte, mas é lançado no âmbito abrangente da discussão de direitos civis, em que a escrita é vista como enunciação posicionada em um campo social marcado por conflitos, em que a imagem da alteridade pode ser constantemente colocada em questão” (GINZBURG, 2012, p. 52). Seja na versão iniludivelmente dramática da experiência da Shoah e de outros genocídios, que geraram um conjunto de textos rubricados como “literatura de testemunho”, seja na versão lírica ou romanesca por vezes mais “suavizada” da experiência cotidiana da violência no Brasil e no mundo, temos um elemento absurdamente comum: a ação do homem contra o homem. O Simpósio pretende reunir, em suma, pesquisadores e interessados na problemática do testemunho e suas relações com o literário, apresentando [a] estudos teóricos que discutam os limites e as confluências entre estes discursos (o literário, tradicionalmente ligado à estética; e o testemunho, produzido a partir de um propósito ético) e mormente [b] estudos que analisem obras específicas que exemplifiquem tais relações – quer obras já consagradas nesta perspectiva do testemunho, quer obras menos conhecidas ou mesmo não analisadas à luz do paradigma testemunhal. No XII Congresso Internacional da Abralic, ocorrido em 2011 em Curitiba, este Simpósio teve uma primeira edição; no XIII Congresso, em 2013, em Campina Grande, ocorreu



uma segunda edição; em 2015, em Belém, a terceira; em 2017, no Rio de Janeiro, a quarta edição; em Uberlândia, em 2018, houve o quinto encontro de estudiosos. Nestes encontros, além de questões eminentemente teóricas, o debate envolveu nomes como Alan Pauls, Aleksander Henryk Laks & Tova Sender, Alex Polari, Ana Maria Gonçalves, Art Spiegelman, Ayaan Hirsi Ali, Bernardo Élis, Bernardo Kucinski, Boris Schnaiderman, Cacaso, Caio Fernando Abreu, Carlo Levi, Carlos Drummond de Andrade, Carolina Maria de Jesus, Clarice Lispector, Conceição Evaristo, Charlotte Delbo, Chico Buarque, Czesław Miłosz, Davi Kopenawa & Bruce Albert, Eduardo Galeano, Ferréz, Deborah K. Goldemberg, Eduardo Galeano, Eliane Potiguara, Elie Wiesel, Elisa Lucinda, Ferréz, Gonçalo M. Tavares, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Igor Mendes, João Antônio, Júlio César Monteiro Martins, Kaka Werá Jecupé, Lara de Lemos, Lídia Tchukóvskaja, Lima Barreto, Luis Fernando Verissimo, Luiz Alberto Mendes, Mario Benedetti, Miron Białoszewski, Paulo Ferraz, Paulo Leminski, Paulo Lins, Pedro Tierra, Pierre Seel, Primo Levi, Racionais MC's, Reinaldo Arenas, Renato Tapajós, Ricardo Aleixo, Ricardo Piglia, Roberto Bolaño, Ruth Klüger, Sérgio Sampaio, Sérgio Vaz, Stefan Otwinowski, Svetlana Aleksiévitch, Tadeus Różewicz, Tereza Albues, Ungulani Ba Ka, Władysław Szlengel e W. G. Sebald. A ideia é estender o debate, seja em relação a estes nomes, como, naturalmente, incorporar outros autores e textos em que o problema da literatura e do testemunho se deixe perquirir.

Referências:

- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006, p. 49-57.
- GINZBURG, Jaime. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. *Crítica em tempos de violência*. São Paulo: Edusp, Fapesp, 2012, p. 52.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação da questão. *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 45-58.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

AS VOZES DE MARIANA E BRUMADINHO: TESTEMUNHO, TRAUMA E IMAGEM DE CATÁSTROFES SOCIOAMBIENTAIS DA MINERAÇÃO BRASILEIRA

Karina Gomes Barbosa e André Luís Carvalho

Resumo: Em 5 de dezembro de 2015, fazia um mês que a lama da mineradora Samarco (controlada pela Vale e pela BHP) rompeu a barragem do Fundão, que a continha, e dizimou as comunidades de Bento Rodrigues e Paracatu, em Mariana, e Gesteira, em Barra Longa, deixando um rastro de destruição do Rio Doce até o Atlântico. Naquela segunda-feira, o jornal mineiro Estado de Minas (EM), mais tradicional veículo diário de referência do estado, lançou o especial multimídia Vozes de Mariana. O trabalho continha testemunhos de 16 sobreviventes da tragédia em vídeos (e uma versão textual, publicada na edição impressa). Três anos depois, também numa segunda-feira, 25 de fevereiro, o EM publicou novo especial, Vozes de Brumadinho. Este dedicado aos testemunhos audiovisuais de 12 sobreviventes de outro desastre socioambiental no estado mais atingido por essas catástrofes, o rompimento da barragem 1 da Mina de Córrego do Feijão, da Vale, ocorrido um mês antes. Nos textos que acompanham os especiais, o editor-chefe do EM Carlos Marcelo de Carvalho revela inspiração na obra Vozes de Tchernóbil (2016), da jornalista Svetlana Aleksiévitch, e afirma que os jornalistas ouviram “(...) gente que perdeu gente, gente que perdeu bens materiais, gente que perdeu as referências do passado, gente que ganhou traumas e cicatrizes. (...) a palavra não está com autoridades nem com especialistas. Quem fala em Vozes de Mariana são brasileiros anônimos, vítimas do descaso criminoso” (2015). Ressalta ainda a necessidade da fala pós-traumática: “eles, e tantos



outros brasileiros que vivem entre o luto e o medo desde 25 de janeiro de 2019, não podem ser vítimas de mais um crime: o do silenciamento” (2019). Neste artigo, colocamos em diálogo os dois especiais a partir da ótica do testemunho, em interseção e tensões com o jornalismo, tendo no centro a indagação sobre quem testemunha nas imagens em movimento, e que tempos e espaços tais testemunhos acionam na visualidade do trauma, entendendo, como Hartman (2000), que o audiovisual corporifica e humaniza os sobreviventes, e que, mesmo diante da aporia da representação do trauma, faz com que a imagem da catástrofe surja “no espectador como fruto da sua passagem pela voz, pelo gesto” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 81, grifo original). Se, no testemunho literário da Shoah existe uma premência pessoal pela fala, que leva Blanchot a se confessar ser o “eu” num narrador “ele” (DERRIDA, 2015), em outros trabalhos como Shoah (1985), de Claude Lanzmann, quem sobrevive é colocado no centro do testemunho, com a interferência de uma segunda pessoa (o entrevistador), e da edição (terceira pessoa). Estas segunda e terceira pessoas, testemunhas, podem ser apenas aquelas que conseguem levar adiante a história do outro, do sobrevivente. Ou existe aí uma posição ativa dessas pessoas que, ao ocuparem a cena testemunhal com o sobrevivente, ajudam a possibilitar ou construir a história, a narração, como pergunta Hartman (2000)? Por fim, qual o lugar do jornalismo, numa era de catástrofes, como mediador e sujeito da narração do trauma, deste encontro do sobrevivente com os ouvintes?

Palavras-chave: testemunho; trauma; narração; imagem; catástrofe

O ROMANCE *ÚRSULA* E O SISTEMA LITERÁRIO

Adriana de Fátima Barbosa Araújo

Resumo: A proposta dessa comunicação é a de refletir sobre como o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, vislumbrou um projeto de nação igualitária, bastante diverso da imaginação de nação presente nos romances canônicos do romantismo brasileiro. A distância entre narrador e personagem marcada pela relação entre escritor culto e personagem iletrada, presente por exemplo em *Iracema* e *O sertanejo*, de José de Alencar, dão o tom do modo como a desigualdade da sociedade brasileira foi mimetizada na estrutura desses romances, icônicos do nacionalismo romântico. A ideia dessa comunicação é mostrar que esse projeto de nação desigual não está presente no romance *Úrsula*. Nesse romance, não obstante ter sido escrito por uma mulher negra que tem que admitir no prólogo da obra suas supostas desvantagens de educação e berço, a imaginação da nação em seu romance se pauta pelo princípio de que a escravização é prática desumana e condenável de todos os pontos de vista, inclusive os religiosos. Por outro lado, também é central a questão da mulher na obra, de modo que buscaremos fazer uma leitura dessa representação tentando correlacionar as questões de raça, gênero e classe porque também é de forma imbricada que elas estão presentes na obra.

Palavras-chave: *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis, Romantismo, Nacionalismo, Desigualdade

"CASA DE LOUCOS": JOÃO ANTÔNIO ENTRE A LOUCURA E A CRIAÇÃO NO SANATÓRIO DA TIJUCA

Mariana Filgueiras de Souza

Resumo: Entre maio e junho de 1970, portanto antes da reforma manicomial de 1978, o escritor João Antônio (1937-1996) esteve internado voluntariamente no Sanatório da Tijuca, na Zona Norte do Rio de Janeiro, em busca de "paz para escrever". O período teve forte impacto em seu projeto literário, e a experiência o levou a escrever um texto, "Casa de loucos", publicado em coletânea homônima em 1976. Na peça literária, o narrador descreve um dia inteiro de funcionamento do sanatório, o espaço, os personagens, a rotina, os métodos de tratamento, as pequenas intrigas. Ora assumindo o ponto de vista da classe trabalhadora mais subalterna do hospital, quando acusa as péssimas condições de trabalho; ora dando sentido à vida dos doentes, quando se estende ao contar seus pequenos causos, manias e perturbações, o narrador apresenta um teatro social em tom de solidarismo e denúncia, em que trama é a própria descrição das entranhas daquele espaço alijado socialmente. Apesar de reunir características de testemunho e



de reportagem, ora lido pela crítica como ficção, ora como não-ficção, e de ter o caráter autobiográfico atribuído pelo próprio autor em entrevistas, uma leitura focalizada no texto mostra que ele carrega procedimentos característicos da poética ficcional de João Antônio. Um deles é o elemento de duração bergsoniano, presente em outros contos de sua autoria, o que confere um caráter de continuidade ininterrupta aos acontecimentos; outro é a valorização da oralidade, com destaque para os “cantos de trabalho” dos funcionários ou das ladainhas religiosas dos pacientes, o que dá dialogismo ao texto, escapando de um certo tom monológico do testemunho; outro fator é a cumplicidade do narrador com o seu objeto, principalmente com os personagens que estão submetidos àquela lógica, como os empregados e os internos; outra característica é a forma de delimitar o espaço físico do sanatório, por meio da descrição, de forma a estabelecer um universo com regras próprias de sociabilidade; e, por fim, uma descrição minuciosa de personagens, que no texto funciona como um pilar da narrativa, diante da ausência de uma trama a estruturá-la – o oposto, portanto, do “efeito de real” barthesiano. Todos esses procedimentos ficcionais revelam uma estratégia de permanência do texto, que ganha ainda mais atualidade se lido no contexto político do Brasil de 2019, quando o eletrochoque – um dos elementos descritos na narrativa, talvez seu clímax – volta a ser autorizado como tratamento em instituições de tratamento de saúde mental. A leitura de “Casa de loucos”, nesse sentido, além de um documento que constroi o imaginário de um espaço, de um modo de existir, e de uma época, também nos serve de alerta.

Palavras-chave: João Antônio; testemunho; oralidade; sanatório; permanência

GRACILIANO RAMOS E NISE DA SILVEIRA SAEM DA PRISÃO E VÃO AO CINEMA

Susana Souto Silva

Resumo: Graciliano Ramos foi, talvez, um dos mais célebres prisioneiros da ditadura Vargas. A sua prisão ocorreu quando ele ainda não era filiado ao Partido Comunista do Brasil, e havia já publicado dois livros, *Caetés* (1933) e *São Bernardo* (1934), que, segundo seu advogado, Sobral Pinto, poderiam oferecer material para justificar a sua prisão. Quando está detido no Rio de Janeiro, Graciliano conhece outra alagoana que no futuro se tornaria também ilustre, a médica Nise da Silveira, encontro sobre o qual escreve, em seu livro publicado postumamente, *Memórias do cárcere* (1953): “Noutro lugar o encontro me daria prazer. O que senti foi surpresa, lamentei ver a minha conterrânea fora do mundo, longe da profissão, do hospital, dos seus queridos loucos. Sabia-a culta e boa, Rachel de Queiroz me afirmara a grandeza moral daquela pessoinha tímida, sempre a esquivar-se, a reduzir-se, como a escusar-se de tomar espaço. Nunca me havia aparecido criatura mais simpática. O marido, também médico, era o meu velho conhecido Mário Magalhães. Pedi notícias dele: estava em liberdade. E calei-me, em vivo constrangimento. De pijama, sem sapatos, seguro à verga preta, achei-me ridículo e vazio; certamente causava impressão muito infeliz. Nise, acanhada, tinha um sorriso doce, fitava-me os bugalhos enormes, e isto me agravava a perturbação, magnetizava-me. Balbuciou imprecisões, guardou silêncio, provavelmente se arrependeu de me haver convidado para deixar-me assim confuso” (2013, p. 40). Ambos estão no Complexo Presidiário Frei Caneca; Nise da Silveira na Sala 4, o cárcere feminino das presas políticas e Graciliano Ramos no Pavilhão dos Primários. Este texto retoma os trechos em que Graciliano e Nise dialogam, no romance *Memórias do cárcere*, bem como outras partes em que a psiquiatra é referida, buscando refletir sobre os laços que se estabelecem no tenso convívio de dois prisioneiros políticos de uma ditadura. O título aqui escolhido foi decalcado de um desses trechos, em que Graciliano relata que ele e Nise, dois amantes do cinema, liam os jornais contrabandeados para a casa de detenção e escolhiam o filme que assistiriam mais tarde. Esses fragmentos serão postos em diálogo com outros textos de Nise da Silveira e de Graciliano Ramos acerca do período vivido no cárcere, a fim de discutir as relações entre memória e escrita, entre prisão política e amizade, no Brasil dos anos 30, a partir de dois nomes que se tornariam centrais na produção de conhecimento e da literatura no Brasil do século XX, a partir da fortuna crítica de Graciliano e de textos teóricos de Walter Benjamin (1986;2011), Jeanne Marie Gangebin (2001; 2006) e Paul Ricœur (2000).

Palavras-chave: Memória; Cárcere; Graciliano Ramos; Nise da Silveira

LITERATURA E TESTEMUNHO : VOZES ERGUIDAS DE REFUGIADOS CONTRA OS MUROS DA INDIFERENÇA

Ana Paula Coutinho

Resumo: Partindo do princípio de que a conjugação de Literatura e Testemunho não significa que 1) apenas é possível o testemunho de quem viveu os acontecimentos e 2) a atenção à estética e à ética sejam intrinsecamente incompatíveis, proponho-me contribuir para o debate em torno dos objetivos em estudo neste simpósio por via de uma análise relacional de duas obras : *Um Muro no Meio de Caminho* (2017), de Julieta Monginho, e *Um Bailarino na Batalha* (2018) de Hélia Correia, duas reconhecidas autoras da literatura portuguesa contemporânea. Utilizando formas distintas de narrativa polifônica, cada uma delas desenvolve um testemunho profundamente marcante daquela que constitui uma das mais radicais experiências de «desapropriação» (Jean-Luc Nancy, 1996) no mundo contemporâneo, num caso a travessia de refugiados a caminho da Europa, noutra a sua vida num “campo” na Grécia. Embora se trate de sinais de barbárie e de martírio que são, em geral, do conhecimento público, por serem ciclicamente alvo de tratamento nos diferentes meios de comunicação social, o facto de vivermos numa era em que o excesso de informações, a multiplicidade de testemunhos e a indigência de conhecimento coexistem, quando não mesmo se confundem, leva-nos a reflectir sobre os desafios e os contornos do «testemunho da/na literatura», e a perguntar-nos até que ponto ele é capaz de erguer vozes num quadro de actualizada “experiência estética” (John Dewey) de resistência às formas de redução ou de neutralização da memória, do poder de indignação e do sentido de humanidade. Proponho-me por conseguinte realçar como o hibridismo discursivo das ficções em análise se afasta tanto do documentarismo quanto da mera estetização do real, erguendo antes uma «p(r)oética» do escritor que, através de textos e paratextos, se assume como testemunha implicada, inclusiva, e interpeladora do seu tempo. Pretendo ainda debruçar-me sobre a feminização destes “testemunhos”, não só ou fundamentalmente por estarmos perante obras de escritoras, mas por elas convocarem uma polifonia feminina da «exiliência» (Alexis Nouss, 2016), isto é, por orquestrarem vozes a um tempo ancestrais e actuais de mulheres que, agora como no passado, interrogam todo o tipo de discursos de Poder que, directa ou indirectamente, estigmatizam a “excentricidade” dos migrantes/refugiados.

Palavras-chave: Refugiados; P(r)oética; Testemunho no feminino; Hibridismo

16/07 (TARDE)

FICÇÃO HISTÓRICA, RESGATE DA HISTORICIDADE E PRESTAÇÃO DE CONTAS COM O PASSADO DITATORIAL EM *SOLEDAD NO RECIFE*, DE URARIANO MOTA

Maria Isolina de Castro Soares

Resumo: A literatura contemporânea, especificamente a partir da última década do século XX, apresenta novas abordagens em sua relação com a história, consequência possivelmente de novas posturas tanto na historiografia quanto nos estudos literários e na produção literária, como a valorização de cada sujeito como ser histórico, o desejo de rever o passado, a escavação da memória na apresentação de fatos traumáticos e o compromisso do fazer estético com a ética da apresentação de fatos para os quais a historiografia oficial apresentava outra versão. O corpus selecionado foi *Soledad no Recife* (2009), de Urariano Mota, obra que busca no diálogo com a história a revisão de eventos pretéritos. Soledad Barret Viedma e outros militantes contrários à ditadura militar no Brasil, período que vai de 1964 a 1985, foram executados, pretensamente na Chácara São Bento, arredores do Recife, em janeiro de 1973, e durante muito tempo seus nomes permaneceram trancados em arquivos dos órgãos de repressão da ditadura brasileira. Confrontada com teorias a respeito da literatura contemporânea, da literatura de testemunho e



do conceito de história, discute-se como essa obra de ficção, esse romance brasileiro, é também um testemunho das iniquidades praticadas pelo regime ditatorial no período de que trata a obra.

Palavras-chave: Ficção histórica; Historicidade; Ditadura militar; Testemunho.

K.: RELATO DE UMA BUSCA E OS VISITANTES, DE BERNARDO KUCINSKI: UMA MATZEIVÁ PARA ANA ROSA KUCINSKI E WILSON SILVA

Ana Luísa de Castro Soares

Resumo: Em abril de 1964, o Brasil entrava nos anos de chumbo da ditadura. Hoje, é difícil ter dimensão dos horrores vividos por grande parte da população brasileira durante o regime. Ultimamente, porém, temos visto surgir obras em que os torturados, os mortos, os desaparecidos da ditadura são resgatados, em histórias que foram deixadas de lado na historiografia tradicional. Unindo o compromisso ético com o estético, tais obras possuem grande poder de mobilização do leitor. *K. : Relato de uma busca e Os visitantes*, de Bernardo Kucinski, são dois exemplares de obras que ficcionalizam, de forma tocante, acontecimentos bárbaros ocorridos durante a ditadura militar no Brasil: o sequestro e assassinato de Ana Rosa Kucinski e seu marido Wilson Silva, seguidos do brutal silêncio e tentativas de apagamento de qualquer vestígio do destino dos dois militantes da ALN pelo Estado brasileiro. As criações literárias de Bernardo Kucinski funcionam como uma espécie de lápide – ou matzeivá, na tradição judaica – para Ana Rosa e Wilson e podem contribuir para a construção de uma memória política em um país que até hoje não realizou um tribunal contra a ditadura – e que, portanto, nunca disse claramente rechaçar as práticas abomináveis do regime ditatorial brasileiro.

Palavras-chave: Bernardo Kucinski; *K. : Relato de uma busca*; *Os Visitantes*; Literatura Brasileira Contemporânea; Ditadura

“A FAMÍLIA PAIVA NÃO CHORA EM FRENTE ÀS CÂMERAS!”: TESTEMUNHO E RESISTÊNCIA EM AINDA ESTOU AQUI.

Flora Viguini do Amaral

Resumo: “A família Paiva não chora em frente às câmeras!” era o bordão de Maria Lucrécia Eunice Facciolla Paiva: viúva, mãe, advogada que atuou na defesa dos povos indígenas e ativista contra a ditadura militar, a heroína de *“Ainda estou aqui”* (2015), obra de Marcelo Rubens Paiva, se negou a assumir o papel de vítima do regime militar brasileiro (1964-1985), exigindo a mesma postura da família diante da morte e do desaparecimento forçado de Rubens Paiva, seu marido e pai de seus cinco filhos. “A família Rubens Paiva não é a vítima da ditadura, o país que é” (PAIVA, 2015, p. 39). Paiva, colunista do jornal Estado de S. Paulo, escritor e dramaturgo, cujo currículo acumula outros títulos, corre contra o tempo para narrar em *“Ainda estou aqui”*, a história do desaparecimento de seu pai, engenheiro e ex-deputado, sequestrado, torturado e assassinado pela ditadura. Na tentativa de dar uma resposta aos leitores que desconhecem as mazelas do regime militar, o escritor recria e reconta a história de sua família, focando nas memórias de sua mãe, já quase apagadas pelo avanço do Alzheimer, doença da qual é acometida na década de 2000. A proposta é fazer uma análise de *“Ainda estou aqui”*, a partir das vozes em prol de uma coletividade, a favor de narrar o ponto de vista daquele que sobreviveu. Refaz-se aí, a história dos vencidos e, dentro dela, recompõe-se o lugar da mulher, não exatamente da guerrilheira, mas daquela que saiu em busca do marido preso, que voltou a estudar, assumiu a condição de provedora da família e lutou a favor da divulgação dos documentos sigilosos da ditadura. Na obra em questão, passados mais de quarenta anos após o golpe de 1964, o relato filial de Paiva inova a abordagem testemunhal em torno da resistência e da repressão. Para tanto, destacaremos de *“Ainda estou aqui”*, passagens do testemunho de quem esteve lá, viu ou ouviu e sobreviveu para contar, bem como a configuração na narrativa da presença do trauma: a busca pela verdade e do direito ao corpo do pai e marido. Segundo Márcio Seligmann-Silva (2005, p. 81), em paralelo ao *“Zeugnis”*, o conceito utilizado para textos de sobreviventes do Holocausto recebeu na América Latina o nome de *“testimonio”*, também chamado de testemunho no Brasil. O ponto de partida aqui são as experiências



históricas da ditadura. E será sob o prisma desse tipo de literatura que analisaremos o último romance de Paiva. Assim, sobre esse tema, serão basilares as contribuições de Seligmann-Silva, Jaime Ginzburg, Wilberth Salgueiro, entre outros autores.

Palavras-chave: Testemunho; Memória; Ditadura

O TESTEMUNHO DE BOAL E ROSENCOF: A EXPERIÊNCIA DO CÁRCERE DURANTE A DITADURA NAS PEÇAS TEATRAIS *TORQUEMADA* E *EL COMBATE DEL ESTABLO* Marina de Oliveira

Resumo: Augusto Boal e Mauricio Rosencof são dois grandes expoentes dos teatros brasileiro e uruguaio, respectivamente. Além disso, têm em comum o fato de serem ex-presos políticos que foram sequestrados e torturados durante as ditaduras da segunda metade do século XX na América Latina. Ambos tematizam a experiência traumática através das peças "Torquemada" (1971) e "El combate del establo" (1985). Partindo das noções de sujeito e experiência, literatura de testemunho, memória e história, o artigo vale-se de apontamentos de Beatriz Sarlo e Márcio Seligmann-Silva para analisar de que modo as peças se caracterizam como importantes registros da violência praticada durante os regimes de exceção latino-americanos. No que tange à literatura de testemunho, propõe-se que ela seja compreendida de modo ampliado, pois penso que o termo pode abarcar igualmente a dramaturgia, em que o "relato" da vítima não se dá em primeira pessoa. Por outro lado, o estudo propõe uma análise comparativa entre as duas peças, identificando aproximações e distanciamentos em relação ao modo como dois sujeitos, de nacionalidades distintas, submetidos a violências particulares, testemunharam sobre o horror do cárcere durante as ditaduras do Cone Sul.

Palavras-chave: dramaturgia latino-americana; testemunho; ditadura; memória; história.

17/07 (MANHÃ)

O QUE OS CEGOS ESTÃO SONHANDO? E *MAUS*: DOIS TESTEMUNHOS OBLÍQUOS DA SHOAH

Marcelo Ferraz de Paula

Resumo: Nesta comunicação proponho discutir, à luz das reflexões teóricas em torno do testemunho, algumas questões de representação da catástrofe presentes em *Maus*, de Art Spiegelman, e *O que os cegos estão sonhando?*, de Noemi Jaffe. O testemunho oblíquo presente nestas duas obras coloca em ponto de convulsão a narrativa de sobreviventes diretos dos campos de concentração nazistas e o relato de seus filhos, que são, simultaneamente, um prolongamento e uma crise das memórias da Shoah. No trabalho de composição desses dois livros, a identidade dos filhos-organizadores-autores é ao mesmo tempo construída e obstruída pelo peso da catástrofe que paira, como mitologia viva, na memória familiar. Observamos que a laboriosa necessidade de preservar e enfrentar essa memória herdada adquire alta dramaticidade, resultantes da missão autoimposta pelos filhos de se tornarem uma espécie de porta-voz ou mediador entre as lembranças familiares, íntimas, e o debate público para o qual o seu testemunho é direcionado. Por meio da comparação entre as duas obras, temos como objetivo compreender a dinâmica destes testemunhos em suas particularidades formais, éticas e políticas.

Palavras-chave: Testemunho; Noemi Jaffe; Art Spiegelman; Shoah

SILENCIAMENTO E TESTEMUNHO EM *MEURSAULT*, *CONTRE-ENQUÊTE*, DE KAMEL DAOUD

Gabriel Dias Pimentel

Resumo: Nesta comunicação abordaremos como o testemunho, mesmo que ficcional, é capaz de expressar e criticar a opressão cometida e legitimada pelo Estado, revelando como a literatura e a arte são importantes canais de expressão e visibilidade para diferentes grupos sociais silenciados pelo discurso hegemônico. Para desenvolver essa reflexão, tomaremos por objeto de análise a obra *Meursault, contre-enquête* (2013) do escritor argelino Kamel Daoud e o



ensaio O testemunho entre a ficção e o real (2003) de Márcio Seligmann-Silva, a fim de analisarmos como o testemunho literário é construído no romance de Daoud. Meursault, contre-enquête (2013) revisita o aclamado romance *L'étranger* (1942), do escritor franco argelino Albert Camus, tecendo sua trama a partir do personagem silenciado do árabe morto. Esse diálogo literário possibilita que Kamel Daoud componha uma obra que mescla importantes fatos históricos da Argélia com uma análise crítica do romance de Camus. O enredo de Meursault, contre-enquête (2013) apresenta o relato de Haroun, protagonista do romance e irmão de Moussa, nome dado no livro à vítima de Meursault, e desenvolve-se a partir dessa morte, de como ela reverbera em sua vida e na de sua mãe. Daoud retoma não apenas o texto camusiano mas todo o panorama histórico-social das lutas pela independência da Argélia a fim de explicitar sua crítica ao Estado colonial francês. Essa retomada do texto de Camus expande as discussões sobre o imperialismo europeu e dá novas perspectivas à relação entre os argelinos nativos e os colonos franceses. Além disso, o diálogo entre as duas obras possibilita a Daoud pensar de modo contundente sobre a formação e consolidação do cânone literário, ao mesmo tempo em que relata o silenciamento do povo africano, subjugado política e culturalmente. Nosso principal esforço será o de enfatizar o teor testemunhal desse relato de ficção, pois na obra as marcas históricas que conferem vivacidade e crueza ao discurso pertencem ao mundo da criação literária. No entanto, são realizados vários paralelos com a história, por meio não apenas da remissão a acontecimentos e fatos da guerra de independência argelina, como também a outras situações de guerra, massacre ou violência cotidiana. Segundo Seligmann-Silva (2003), o caráter ficcional do relato traumático não compromete sua força de testemunho. Dessa forma, em Meursault, contre-enquête (2013) encontramos um exemplo muito profícuo para a discussão sobre as fronteiras entre testemunho e criação artística e verificamos como esse discurso, embora ficcional, é capaz de expressar traumas causados por eventos reais.

Palavras-chave: Albert Camus; Kamel Daoud; literatura de testemunho; colonialismo francês

FRANZ KAFKA, TESTEMUNHA DA "GUERRA TOTAL"

Renato Oliveira de Faria

Resumo: Os chamados "Escritos de repartição" referem-se aos textos elaborados por Franz Kafka (1883-1924) entre os anos de 1908 e 1922 para o Instituto de Seguros contra Acidentes dos Trabalhadores do Reino da Boêmia em Praga. Embora uma primeira coletânea desses escritos, organizada pelo crítico Klaus Hermsdorf, estivesse disponível desde meados da década de 1980, apenas recentemente tais escritos passaram a receber maior atenção da crítica kafkiana, em razão do extraordinário volume "Amtliche Schriften", publicado na Alemanha apenas em 2004 no âmbito da "Edição Crítica Franz Kafka" e desta vez organizado por Benno Wagner em colaboração com Klaus Hermsdorf (no caso, um calhamaço de mais de 1000 páginas acompanhado ainda de um CD-ROM com mais 900 páginas de materiais complementares que, a seu turno, possibilitam uma compreensão ainda mais abrangente do contexto histórico-social das atividades profissionais de Kafka). Apoiando-se em alguns desses "Escritos de repartição" (notadamente "Situação de guerra e classificação de riscos" [1915]; "Prevenção de acidentes: Influência da guerra sobre a prevenção de acidentes" [1915]; "Um grande plano da assistência social de guerra exige realização. Fundação de um hospital psiquiátrico na Boêmia alemã." [1916]; "Associação alemã para fundação e manutenção de um hospital psiquiátrico público para veteranos na Boêmia alemã" [1916]; "Ajudem os inválidos de guerra! Um apelo urgente à população." [1916]; e "Ajudem os inválidos de guerra!" [1917]), a presente comunicação busca mostrar como a experiência da Primeira Guerra Mundial, a "catástrofe primeva" ("Urkatastrophe") do século XX, precipita-se na produção literária kafkiana desse período. Não é exagero dizer que as experiências profissionais de Kafka propiciaram ao escritor a percepção de que as devastações da Primeira Guerra Mundial não se restringiam, de modo algum, aos campos de batalha, mas abarcavam também o "front doméstico" ("Heimatfront"). Muito da grandeza desse escritor como analista da vida moderna (da fusão entre burocracia e tecnologia como seu fundamento) deriva de seu trabalho na repartição. Como bem assinala o crítico



alemão Klaus Scherpe, “aqui espreitam os novos ‘fantasmas’ da chamada literatura ‘fantástica’ de Kafka”.

Palavras-chave: Franz Kafka; Primeira Guerra Mundial; "Escritos de repartição"; Literatura e História

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA E O TESTEMUNHO PLURAL DE PRIMO LEVI E GEORGES DIDI-HUBERMAN

Helena Bressan Carminati

Resumo: A chamada “literatura de testemunho” perpassa diferentes acontecimentos e experiências. Cada lembrar se constitui de caminhos tortuosos que, quando percorridos, tornam-se únicos e singulares. Nesses rastros deixados, podemos pensar em Primo Levi (1919-1987), autor italiano referência na literatura do pós-guerra, que fez de sua experiência como prisioneiro em Auschwitz uma das razões de sua escrita em seu livro de estreia "Se questo è un uomo" (1949). Contudo, sem exaurir as possibilidades de escritores que de outras formas também testemunharam, podemos pensar em Georges Didi-Huberman (1953), historiador da arte francês que publicou a obra "Écorces" (2011). Nela, o autor relembra sua visita a Auschwitz, feita em junho de 2011, a partir de cascas de bétulas que trouxe consigo. É através delas e de fotografias feitas por ele, que repensa o campo de concentração e a construção da memória da Shoah naquele espaço circundado por arames farpados e placas restritivas com indicações para os visitantes. Nesse sentido, de um lado temos o testemunho daquele que vivenciou na carne as atrocidades nazistas e colocou em palavras seu trauma como prisioneiro em Auschwitz, e de outro, a perspectiva de alguém que visita, décadas depois, esse mesmo espaço onde Levi esteve preso e que se faz também uma espécie de testemunha na qual se inscreve no sentido de repensar aquele local de memória, ao interrogar Auschwitz, trazendo um testemunho outro, fruto de um contexto diferente daquele de Levi. Assim, esta proposta de comunicação tem como objetivo pensar a construção da memória e os diferentes testemunhos de Levi e Didi-Huberman a partir de suas narrativas. Refletindo, portanto, sobre as noções de testemunho apontadas por Márcio Seligmann-Silva e considerando também os conceitos de experiência e memória trazidas por Walter Benjamin, pretendemos apresentar duas obras que em um primeiro olhar talvez pareçam distantes, mas que se tocam em diferentes aspectos.

Palavras-chave: Literatura; Shoah; Testemunho; Primo Levi; Georges Didi-Huberman.

17/07 (TARDE)

PIESZO (A PÉ), DE SŁAWOMIR MROŻEK, E PUŁAPKA (A ARMADILHA), DE TADEUSZ RÓŻEWICZ: DRAMA, TESTEMUNHO, MEMÓRIA E TRADUÇÃO

Marcelo Paiva de Souza

Resumo: Encarecendo o teatro como um medium artístico sui generis de testemunho e memória do trauma da Shoah (a exemplo de estudiosos como Robert Skloot, Vivian M. Patraka e Grzegorz Nizioek, entre outros), propõe-se aqui, de início, uma brevíssima incursão de reconhecimento dessa problemática no impressionante acervo das realizações de encenadores e dramaturgos poloneses do pós-guerra ao presente – acervo ainda vastamente desconhecido no Brasil. Em seguida, para efeito de exemplificação pontual e exame mais acurado de aspectos específicos do tema, concernentes às poéticas do drama e da cena, de um lado, bem como, de outro, a possibilidades e desafios tradutórios, duas peças em particular são objeto de comentário e discussão detidos: Pieszko (A pé; 1980), de Sławomir Mroek (1930-2013), e Puapka (A armadilha; 1982), de Tadeusz Rózewicz (1921-2014).

Palavras-chave: testemunho e memória da Shoah; teatro polonês do pós-guerra ao presente; Pieszko; Puapka; tradução de/para teatro.

NOSSA CLASSE, DE TADEUSZ ŚLOBODZIANEK: TEATRO, VERDADE HISTÓRICA E RECEPÇÃO CRÍTICA



Jorge Rafael Krebs Ribeiro

Resumo: Nossa Classe, do dramaturgo Tadeusz Slobodzianek, foi recebida de forma controversa por parte da crítica na Inglaterra, após a sua estreia em Londres, em 2009. A peça é abertamente inspirada em um dos episódios mais polêmicos e obscuros da história da Shoah - o pogrom de Jedwabne -, e se passa durante o período das ocupações soviéticas e nazistas, na Polônia. No massacre, ocorrido em 1941, a população judia da cidade foi, quase em sua totalidade, dizimada. Os próprios poloneses não-judeus residentes em Jedwabne e arredores, de maioria católica, foram considerados os perpetradores desse crime bárbaro. Para os poloneses, a questão é polêmica ainda nos dias de hoje. Admitir a responsabilidade por um morticínio de tamanha magnitude - o número de judeus assassinados varia entre 340 e 1600 - continua sendo um fardo indigesto. Em Nossa Classe, Slobodzianek faz menção às fontes históricas que serviram de inspiração para a peça. Entre elas, está o livro *Neighbors*, de Jan T. Gross, que retrata com detalhes esse capítulo sombrio da história da humanidade. O livro de Gross, lançado em 2000, reaqueceu o debate acerca do massacre ocorrido em Jedwabne. A peça, que teve sua *première* na Inglaterra, colocou novamente o assunto em pauta, quase uma década mais tarde. A trajetória de Nossa Classe pode ser considerada incomum: foi escrita em polonês, mas ganhou os palcos pela primeira vez em tradução / adaptação para o inglês. Tendo em vista os elementos semânticos e extratextuais presentes na peça e os fatos históricos com os quais ela se relaciona, é possível entender melhor o porquê de uma leitura questionável por parte da crítica inglesa. Algumas resenhas de jornais de destaque, como o *The Guardian* e o *The Telegraph*, por exemplo, pareciam sugerir que a peça teria a intenção trazer respostas históricas definitivas sobre o pogrom - algo que vai na contramão das declarações do autor sobre o tema e de seu modo de se relacionar com o teatro. Esta comunicação pretende, portanto, estabelecer uma relação entre essa recepção controversa da crítica inglesa e os fatos históricos que permeiam a peça, explorando também o papel da tradução nesse cenário. Para tal, além de se traçar um panorama geral da obra e uma breve biografia do autor, também serão abordadas, como forma de contraponto, a encenação e a crítica da versão brasileira da peça de Slobodzianek, adaptada e traduzida para o português (também da versão inglesa) por Zé Henrique de Paula.

Palavras-chave: Tadeusz Slobodzianek; teatro polonês em tradução; pogrom de Jedwabne.

MULHERES NO FRONT: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE MEMORIALÍSTICA DE A GUERRA NÃO TEM ROSTO DE MULHER, DE SVETLANA ALEKSIÉVITCH

Eloisa Pedroni Pimentel

Resumo: Esta comunicação tem por objeto a obra de Svetlana Aleksiévitch “A guerra não tem rosto de mulher”, publicada em 1983 na Rússia, traduzida para a língua portuguesa e disponibilizada no Brasil apenas em 2013. Trata-se de uma narrativa significativa que denuncia o patriarcalismo preponderante às memórias de uma catástrofe contada a partir do ponto de vista masculino, uma vez que aborda testemunhos de mulheres - com diferentes funções militares e sociais - sobre os cheiros, as cores, a iluminação, os animais, as relações humanas e o corpo sentimental do cotidiano da Segunda Guerra Mundial, em detrimento do discurso historiográfico tradicional, que opta pelas “façanhas” e estratégias militares. Pensar em uma reconsideração histórica a partir da narrativa de mulheres que foram à luta diz respeito à reflexão sobre a labiríntica linha entre verdade e ficção. A verdade toma emprestado da ficção o descompromisso com a realidade, a fim de ceder voz a um milhão de mulheres que foram silenciadas por uma memória seletiva (Pollak, 1989). Isto que já é muito, ainda não é tudo, pois este romance implode a categoria do narrador, transformando-a em várias narradoras. Com isso, executa não apenas uma simples mudança de posição enunciativa masculina-feminina, uma-várias, mas também uma mudança de focalização: cada narradora, enquanto personagem, participa da guerra a partir de uma função social específica, o que impede um testemunho, ainda que feminino, homogêneo sobre a guerra. Não se trata de singularizar o processo de um milhão de mulheres, mas de compreender como a diferença une forças para a unidade: paradoxo tal como narrar traumas. Essa guerra, não mais contada pelos homens, mas narrada coletivamente



por várias mulheres, torna-se não só outra guerra, mas outras. Nesse sentido, a nossa hipótese de leitura é de que os testemunhos reunidos por Svetlana constroem um rosto coletivo de mulher, formado por meio dos eixos conteudísticos e formais presentes no romance. Para tanto, faremos a exposição da investigação em andamento sobre algumas das configurações formais e conteudísticas que, em conjunto, compõem esta face coletiva de mulher: o desnudamento de um cotidiano da guerra e a mudança constante de focalização. Dessa maneira, os dispositivos que a obra mobiliza dotam-se também de funções “exteriores” que não são secundárias: permitem observarmos a imposição de uma memória construída sobre uma constante tensão de interesses que apaga, arquitetonicamente, quase um milhão de mulheres que lutaram nas fileiras do Exército Vermelho, possibilitando-nos visualizar a tentativa hegemônica de construção de uma memória vitoriosa, que desconsidera as diferenças e exclui o que não é desejado. À vista disso, a análise que apresentaremos possibilita expor não só as estratégias de construção do rosto coletivo feminino, mas também as estratégias de apagamento de memórias que relatam sujeira e frio, fome, violência sexual, angústia e a sombra da morte. Conforme o próprio título sugere, aqui as trincheiras serão compostas por um milhão de mulheres russas; e se a guerra, até este momento, não tinha rosto de mulher, ela passará a ter.

Palavras-chave: Literatura e Testemunho; Memória; Autoria feminina.

O TESTEMUNHO EM *O FIM DO HOMEM SOVIÉTICO*, DE SVETLANA ALEKSIÉVITCH
Herick Rodrigues Araújo

Resumo: Este trabalho propõe-se a realizar uma observação objetiva do trabalho literário de Svetlana Aleksiévitch em seu livro *O Fim do Homem Soviético* (2016), a fim de analisar como a autora se utiliza de testemunhos de cidadãos soviéticos como matéria prima de sua poética literária e, assim, constrói uma memória da vida social soviética, da transição dessa era para o capitalismo, e de como se sentem agora esses cidadãos vivendo em um período de abertura para um sistema econômico e social tão diverso ao que eles viveram anteriormente. Não obstante, pretende-se esclarecer como Aleksiévitch cria, com seu trabalho artístico, uma polifonia de vozes em um mosaico sobre a vida social de seus entrevistados e como essa narrativa - que mistura lembranças traumáticas e instabilidade emocional - constrói seus fatos, memória e sua identidade. Outro objetivo é apresentar como, em seu livro, Aleksiévitch suprime a voz direta do autor e, assim, não fazendo nenhuma análise profunda sobre o que é dito, deixa os relatos expostos, livres para a interpretação de quem os lê. Contudo, se torna necessário versar sobre como a escritora seleciona e edita as falas que compõe a edição final do livro e, com isso, poderemos perceber que ao suprimir sua voz direta, ela não elimina seu trabalho autoral na obra, nem se desfaz da influência que essa autoria tem no conjunto discursivo dos testemunhos publicados.

Palavras-chave: Testemunho; Memória; Narrativa polifônica.

18/07 (MANHÃ)

A MELANCOLIA EM POEMAS DE DRUMMOND E DE MANUEL ALEGRE

Luiz Gustavo Osório Xavier

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar e comparar a representação da melancolia no poema “Dissolução”, presente no livro *Claro enigma* (1951), do poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade, e no poema “Agora que”, apresentado no livro *Babilônia* (1983), do poeta português Manuel Alegre. Considerando que os diversos eventos que causaram grande impacto nas sociedades do ocidente influíram nos registros das épocas moderna e contemporânea, podemos observar como o conceito de testemunho influenciou na produção poética de meados do século 20 em diante. Estando associado a uma experiência traumática, o testemunho opera de maneira diferente de relatos que não apresentam o trauma como traço característico, o que permite uma significativa associação desse conceito-chave da literatura de



testemunho com a psicanálise. A clínica psicanalítica usualmente trabalha com a tentativa de elaborar um passado que se manifesta sempre presente, ainda que de forma inconsciente, ou tenta abordar especificamente algum trauma, reprimido ou não, que é analisado através da fala “testemunhal” do paciente. Desse modo, pode-se afirmar que “o testemunho também é, de certo modo, uma tentativa de reunir os fragmentos do ‘passado’ (que não passa), dando um nexo e um contexto aos mesmos” (SELIGMANN-SILVA, 2005), e isso pode ser feito tanto na clínica psicanalítica como em outras possíveis tentativas de elaboração, seja através da escrita ou de alguma outra representação artística. De todo modo, há uma elaboração e construção sobre o trauma e seu contexto, e esses processos estão consideravelmente carregados de traços melancólicos, apresentando “um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de autoestima” (FREUD, 2006). Ambos poetas, escrevendo poesia após eventos marcantes – no caso de Drummond, após o encerramento da Segunda Guerra Mundial e, no caso de Manuel Alegre, após a Revolução dos Cravos e a tentativa de golpe militar em Portugal em novembro de 1975 –, apresentam vozes líricas melancólicas cuja melancolia está associada à perda dos ideais passados que não foram alcançados. A esperança que existia no progresso, no desenvolvimento e na melhoria do espaço social foi, em ambos casos, traída, e o que resta disso é o sentimento de insatisfação e de desajuste com o mundo. Pode-se considerar a manifestação melancólica das vozes líricas como traço característico do testemunho do sujeito contemporâneo que não viu os ideais de progresso e desenvolvimento, defendidos pelos preceitos iluministas, serem alcançados. Muito pelo contrário, o que se obteve foi a banalização do mal, a fragmentação dos indivíduos e a perda de sentido na vida social. Tais ideias corroboram com a tese de Denílson Lopes (1999) de que a melancolia pode ser compreendida enquanto elemento estético moderno e pós-moderno, e os dois poemas selecionados para análise demonstram isso num maior grau, como é o caso de Drummond, como também num grau mais ameno, como o poema de Manuel Alegre que demonstra alguma esperança no futuro.

Palavras-chave: Literatura de testemunho; Melancolia; Poesia brasileira; Poesia portuguesa.

LÍRICA E TESTEMUNHO: MEMÓRIA, TEMPO E TRAUMA EM POEMAS DE FERREIRA GULLAR E MANUEL ALEGRE

Mariana Castelo Branco Rabelo

Resumo: Trata-se de estudo comparativista sobre o trinômio trauma, memória e tempo no gênero lírico, através da leitura analítica e crítica dos poemas “Espelho do guarda-roupa” de Ferreira Gullar, em *Na vertigem do dia*, e “O Cristo” de Manuel Alegre, publicado em *O canto das armas*. Ferreira Gullar e Manuel Alegre viveram situações limite e fragmentadoras, como a prisão, o exílio e a guerra. São autores testemunhas, vítimas da violência dos governos de seus países. O cerne da literatura de testemunho é a violência, impulso para a produção em um mundo povoado de mal-estar e o problema central da pesquisa é a crise do “dizer-cantar” a memória traumática com seu tempo “anômalo”. O presente trabalho parte da premissa que o tempo e a memória na literatura de testemunho estão comprometidos pela relação intrínseca estabelecida com o trauma. Nesse caso, o tempo existe fora do tempo e a memória se dá fluidamente, num movimento incessante de tentativa de reconstrução ou apresentação do passado, uma memória insegura e fragmentada, desprovida de certezas mas sempre pulsionada ao canto, enquanto expressão lírica. Espera-se, ao final da discussão e trabalho crítico, evidenciar, nos poemas em análise, que a linguagem poética encontra na forma e recursos composicionais do poema mecanismos para lidar com a dificuldade de representação do “real”, pilar da peculiaridade do trinômio trauma, memória e tempo para a literatura de testemunho. Assim, diante da impossibilidade do “dizer” e da demanda traumática de rememorar, a saída para a crise apresenta-se como a sua transposição e transfiguração no próprio poema. A fundamentação teórica e crítica concentra-se em Márcio Seligmann-Silva (2002) (2003) (2005), Giorgio Agamben (2008), Ecléa Bosi (2003), Michel Collot (2015) e Hugo Friedrich (1978). O

estudo contribui para o debate sobre literatura de testemunho, trauma, estudos comparados, tópicos da lírica e fortuna crítica do poeta português Manuel Alegre e do brasileiro Ferreira Gullar.

Palavras-chave: Lírica; Testemunho; Trauma; Ferreira Gullar; Manuel Alegre

ANIMAIS NA POÉTICA DE *ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA*

Miriane Santos Prates

Resumo: O escopo desta pesquisa é um estudo acerca da presença e relevância de animais não-humanos em *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, publicado em 1953. A obra postula como conjunto de poemas que tem por temática dramas individuais, tensão e violência nos relatos desde a descoberta do ouro e das pedras preciosas na região de Minas Gerais até à Inconfidência Mineira. Nos versos que compõem o livro, percebeu-se a presença de diversos bichos e sua relação com a história narrada, como: cavalos, aranha, ovelhas, vagalumes, pássaros, cães, larvas, macacos, papagaios, entre outros. O animal não-humano sempre instigou e rodeou a vida humana, a saber das primeiras manifestações de linguagem que tiveram como presença os animais não-humanos: as pinturas rupestres, feitas com sangue de bichos. Jacques Derrida, em seu livro *O animal que logo sou* (1930), questiona os pensamentos filosóficos, de Aristóteles e Descartes, que converteram os animais não-humanos em meros teoremas para justificar a racionalidade humana. Derrida faz uma crítica as falsas oposições que separam os seres humanos das demais espécies e questiona os paradigmas incorporados como específicos dos seres humanos. A partir do século XIX, tem-se uma revisão do pensamento antropocêntrico da relação entre humano e não-humano, nesse século os escritores modernos passam a ver os animais por outras vias: como sujeitos dotados de sensibilidade e inteligência, não mais por visão alegórica, simbólica, ou como bestiais medievais. Em conformidade com Derrida, o pensar dos ditos irracionais é cabível à poesia, dessa maneira, a poesia possibilita, pela imaginação e sensação, adentrar no espaço recôndito animalista. A hipótese desse estudo se sustenta na crença de que a obra cecilianiana não apresenta o animal assujeitado ou como uma mera metáfora, alegoria, mas como um ser dotado de sentimento e alteridade, testemunhas dos fatos que acometeram a Inconfidência Mineira, logo, infere-se que a lírica cecilianiana não exclui o diferente, e sim os reconhece. Segundo Walter Benjamin (1994), aquele que narra a história, sem fazer distinção de grandes ou pequenos acontecimentos, considera a verdade de que nada pode ser tido como perdido, assim sendo, busca-se em Cecília Meireles a abordagem dessa temática, salientando a complexidade da alteridade animal e os paradoxos que definem as relações humanas com os bichos, o passado é composto por vozes antes não ouvidas e a literatura permite a verossimilhança e a experimentação de diferentes perspectivas. Justifica-se, pois, o resgate à história das Minas Gerais e sua influência na poesia brasileira do século XX. A base teórica desse estudo se concretiza nos preceitos de teorias filosóficas, memória, zooliteratura e zoopoética, aportando, ainda, a literatura de testemunha. Esse estudo envolve nomes como Maria Esther Maciel, Gabriel Giorgi, Alfredo Bosi, Antonio Candido, Afrânio Coutinho, Ana Maria Lisboa de Mello, Jeanne Marie Gagnebin e Jaime Ginzburg.

Palavras-chave: *Romanceiro da Inconfidência*; Animais; História; Memória; Testemunhas.

O TESTEMUNHO NA POESIA SOBRE A GUERRA DE CANUDOS

Tarcísio Fernandes Cordeiro

Resumo: É possível, tendo em vista o reconhecimento dado pela crítica à obra de Euclides da Cunha, ler "Os sertões" como o *bildungsroman* da República brasileira. Obra fundadora, conforme designa Benjamin Abdala Jr. (1997), capaz de assegurar, mais de um século depois, a permanência daqueles episódios bélicos no rol do imaginário nacional. Por sua vez, Francisco Foot Hardman afirma que a obra euclidiana "[...] mistura, a um só tempo, mito e história" (1998, p. 130), superando outros registros literários de eventos factuais, como no episódio da Pedra do Reino, ou ainda acontecimentos cuja envergadura e período estejam próximos à guerra dos sertões baianos, mas que não foram literariamente registrados, como nas batalhas do



Contestado. Contudo, o importante cânone do escritor fluminense produziu uma espécie de efeito colateral, quando se considera a questão do testemunho, pois acabou por eclipsar outras vozes que tratam da guerra contra os sertanejos, encobrindo aspectos daqueles episódios. À semelhança da cortina de Parrásio, em que a representação parece superar o objeto que representa, os limites entre o estético e o ético devem ser problematizados. A propósito, o historiador José Calasans sugere a retirada da personagem de Antônio Conselheiro do que entende ser a “gaiola de ouro” de Euclides da Cunha. Afinal, o cuidado com as informações, no caso de uma ficção que emerge de um evento histórico, redimensiona as tensões entre os conceitos de história e literatura. A autoria, nessas ocasiões, vê-se de algum modo contingenciada pelo vivido, pois como esclarece Márcio Seligmann-Silva (2003, p.56) “[...] a arte da memória, assim como a literatura de testemunho, é uma arte da leitura de cicatrizes”. Esse movimento, no sentido de ampliar as leituras sobre o evento e sua conformação ficcional, demanda não apenas uma revisão crítica da obra-mestra, e dos desdobramentos no romance canadense, mas a retomada de outros textos que também guardam vestígios daquele passado. Trata-se, em verdade, de um esforço para retirar do esquecimento memórias de uma experiência-limite que também foram cantadas em versos. Nesse sentido, vislumbra-se a possibilidade de perceber, na poesia, aspectos que a singularizam em relação a tradição imposta pela ficção narrativa. Assim, nesta comunicação, apresenta-se um quadro do testemunho presente na poética sobre a guerra de Canudos, contrastando diferentes posições, republicanas e sertanejas, com o fito de apontar aspectos constituintes destas manifestações artísticas, conforme se observa na disforia poética do próprio Euclides da Cunha, no apelo dramático de Francisco Mangabeira, na épica de Manuel Pedro das Dores Bombinho e no universo dos poemas da lavra popular.

Palavras-chave: Canudos; Poesia; Testemunho.

18/07 (TARDE)

A GUERRA COLONIAL PORTUGUESA NA POESIA DE FERNANDO ASSIS PACHECO E MANUEL ALEGRE: DIÁLOGOS, CONGRUÊNCIAS E INCONGRUÊNCIAS

Vinícius Victor Araújo Barros

Resumo: Esta proposta visa discutir o testemunho da guerra colonial portuguesa em África a partir da produção poética de dois ex-soldados, Fernando Assis Pacheco e Manuel Alegre. As análises se darão com foco nas duas primeiras obras de cada autor, *Cuidar dos Vivos* (1963) e *Catalabanza, Quilolo e Volta* (1976) de Fernando Assis Pacheco e *Praça da Canção* (1965) e *Canto e as Armas* (1967) de Manuel Alegre. Dessa forma, guiados pela concepção de crise do compromisso tácito entre o narrador e o leitor modernos e na impossibilidade da representação artística da guerra em sua completude (BENJAMIN, 1985), nos interessa mostrar os diálogos, as congruências e as incongruências da produção poética desses dois autores, que viveram o mesmo conflito armado durante o mesmo período de tempo, na árdua tentativa de elaboração do trauma decorrente desse trágico período da memória portuguesa e mundial.

Palavras-chave: Fernando Assis Pacheco; Manuel Alegre; Guerra Colonial; testemunho; memória.

UM “UMBIGO” QUE NÃO CABE EM SI: BRASÍLIA, BRAXÍLIA, BRASIL E O MUNDO EM VERSOS DE NICOLAS BEHR

Wilberth Salgueiro

Resumo: Nicolas Behr é, hoje, um dos poetas mais importantes do país. São dezenas de livros e décadas de poemas em geral curtos e bem-humorados, com linguagem acessível e direta, articulando vida pessoal e conjuntura histórica, marcas incontornáveis do que veio a se chamar de poesia marginal. Assim, sua poesia é testemunho da trajetória de um país, que experimentou períodos autoritários e democráticos, regressivos e reflexivos. Sua poesia é solidária com os candangos e os índios, as crianças e os jovens, os operários e os oprimidos: “o poeta é o cupim no jardim do burguês”, diz um de seus versos. A proposta é fazer uma análise do livro *Umbigo*,



de 2001, de N. Behr, com seus cerca de 2.500 versos que sempre se iniciam por “minha poesia”, a partir do que Theodor Adorno em Teoria estética (1970) chama de “historiografia inconsciente”: a ação que fazem as obras de arte “que se entregam sem reservas ao conteúdo material histórico da sua época e sem a pretensão sobre ela”, exatamente porque encerram, na própria elaboração estética, a contingência histórica em que estão envolvidas. Para tanto, destacaremos de Umbigo versos com altíssimo teor testemunhal, como: “minha poesia come as cascas das feridas dos prisioneiros no campo de concentração (...) / minha poesia é o dops lá em casa no dia 15 de agosto de 1978 às três horas da tarde (...) / minha poesia é a pedra no estilingue do menino palestino morto com um tiro na cabeça (...) / minha poesia nada pode fazer contra os mísseis que explodem neste momento sobre o afeganistão (...) / minha poesia é um índio que vai dormir no ponto de ônibus mas leva extintor de incêndio (...)”. O último verso da obra não deixa dúvida sobre um dos propósitos de Umbigo: “minha poesia na última linha, trincheira, resiste”. Essa resistência poética e política tem sido um dos traços da poesia de Behr, criador de Brasília, espaço utópico de felicidade, ética, alegria, paz e prazer. A “umbiguíada” do poeta transcende o próprio umbigo e, ao longo do catatau de 2.500 versos, não só define e localiza o que vem a ser a sua “minha poesia”, mas ludicamente ilumina (e, em 2001, antecipa) com humor e seriedade parte do cenário do que vem a ser a nossa poesia brasileira desse milênio que segue.

Palavras-chave: Literatura e testemunho. Poesia de testemunho. Nicolas Behr.

TESTEMUNHO, MEMÓRIA E DIREITO: A POESIA DE PEDRO CASALDÁLIGA

Eliziane Fernanda Navarro

Resumo: Em toda opressão, há uma omissão. Neste estudo, interessa-nos discutir, a partir de uma visão da lírica como espaço de testemunho construído por meio da memória individual e coletiva, o papel do Estado como principal ferramenta para impedir a efetivação do direito natural e, conseqüentemente a concretização da justiça na escrita do poeta e ativista espanhol Pedro Casaldáliga, que em suas obras denuncia a opressão às minorias indígenas acarretada pelos sangrentos conflitos agrários entre nativos e latifundiários na região de São Félix do Araguaia/MT durante o período de colonização do estado que compreende a ditadura civil-militar no Brasil. O universo da escrita de Pedro Casaldáliga, destoa daquele apresentado pelas propagandas de colonização dos espaços ditos vazios no Mato Grosso do século XX. Com graves denúncias, sobretudo a respeito da demarcação de terras, o bispo espanhol retrata a invisibilidade das minorias reivindicando ao estado a condição de silenciador tal qual o restante da América Latina, nesse século de extremos. Os conflitos entre aquilo que se considera justo, o direito natural e o que o Estado impõe, o direito positivo ainda estão presentes nos dias de hoje, e é essa a principal denúncia contida na poesia de Casaldáliga: uma desapropriação opressora legitimada por um Estado imparcial e corrupto que desvincula instituições de seus reais objetivos para manipulá-las em benefício de um sistema político que tinha por projeto a extinção dos povos indígenas, tal qual é revelado no relatório da Comissão Nacional da Verdade (BRASIL, 2014). Para ilustrar esse engajamento escolhemos analisar, dentre as obras do autor, os títulos Antologia retirante (1978) e Com Deus no meio do povo (1985). O procedimento estilístico-formal de construção do teor testemunhal é parte de uma forçosa seleção de caráter urgencial e não cronológico, construído na medida da memória, quando mais que informar, teria também o intuito de libertar, uma vez que trataria também da reconstrução da dor no âmbito do universo subjetivo, enquanto matéria da linguagem. O aporte teórico é composto de Theodor Adorno (1988), Maurice Halwachs (1990), George Yúdice (1992), Alfredo Bosi (2000; 2002), Márcio Seligmann-Silva (2003), Paul Ricoeur (2007), Beatriz Sarlo (2007) e Giorgio Agamben (2008), além de autores que defendem a existência de um elo substancial entre Direito e Literatura como François Ost (2005) e Germano Schwartz (2006) e Lênio Streck (2013). Na contramão da mídia, dos escritos oficiais, Casaldáliga traz elementos que demonstram como se criava a ideia de que ele era o inimigo. Tendo vivido o contexto opressor dos conflitos armados no Mato Grosso, Casaldáliga testemunha a violação de direitos humanos reservada a

um invisível social esquecido às margens da colônia fronteiriça. É o teor testemunhal dessa voz, em diálogo com o direito, que nos interessa.

Palavras-chave: testemunho; memória coletiva; direitos fundamentais; conflitos agrários

VIDAS E LUTAS DAS MULHERES DA PERIFERIA TESTEMUNHADAS NO SLAM DAS MINAS – SP

Larissa Teodoro Andrade

Resumo: “O poeta - o contemporâneo - deve manter fixo o olhar no seu tempo, mas o que vê quem vê o seu tempo, o sorriso demente do seu século? [...] Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro.” (AGAMBEN 2009). Aquele que percebe o obscuro de seu tempo, é testemunha de seu tempo e assim são as poetisas do Slam das Minas SP. O Slam é uma batalha de poesia falada em que os poetisas apresentam seus textos autorais em uma performance para o público. O slammer - o poeta do Slam, conta com sua voz e seu corpo para dar materialidade ao seu texto. Trata-se de uma forma de poesia falada que poderíamos incluir no que chamamos de literatura marginal-periférica, termo que “dá conta da marginalidade no campo literário dessas produções e de sua relação com um território e uma origem social determinada”. (TENNINA, 2017). Os Slams multiplicam-se por São Paulo e por outras capitais do país como uma importante manifestação cultural de nossos tempos. Com poemas que tratam da realidade da periferia, do racismo, do machismo, da exclusão social, da homofobia e outras formas de opressão, podemos dizer que cada poema é um ato de oposição ao discurso hegemônico e aos mecanismos de silenciamento de sujeitos “subalternizados” que falam em nome de um coletivo. Uma vez que os poemas são sempre autorais, a performance do slammer é um ato de autorrepresentação em que vida e arte se misturam sem dissociação entre ética e estética. Neste espaço a arte assume função de denúncia. Essa literatura falada e performatizada não precisa de legitimação da academia, tem seu espaço de fruição independente de qualquer julgamento de valor externo. É um fenômeno da poesia viva, das ruas. A palavra é usada como ferramenta antiapagamento dos sujeitos. A análise de poemas selecionados de apresentações do Slam das Minas -SP do início de 2019 tem como objetivo ampliar a compreensão acerca do movimento de poesia Slam. Pretende-se desenvolver uma reflexão acerca dessa manifestação literária contemporânea levando-se em conta a função, o alcance e os limites da poesia Slam. Como questões que norteiam nossa análise podemos destacar as seguintes: Como esses poemas testemunham individual e coletivamente as violências, as privações a direitos básicos que cotidianamente atingem os sujeitos periféricos? Como tematizam o racismo, o machismo, o feminicídio, o extermínio do Estado dentre outras violências? Como são abordadas as histórias de vida e de luta das mulheres negras de periferia?

Palavras-chave: Slam; literatura marginal-periférica; literatura de testemunho; poesia falada

VOZES E SILÊNCIOS: UMA REFLEXÃO SOBRE TESTEMUNHO ORAL E MEMÓRIA NO CÁRCERE

Maria Aparecida de Barros

Resumo: Neste artigo, pretendemos analisar o testemunho oral apresentado pela narradora Vanuza, uma mulher que está, temporariamente, privada de sua liberdade, cumprindo pena em uma penitenciária feminina. Para colher esse depoimento, dentro do espaço prisional, escolhemos o método proposto pela moderna história oral; por meio dela, também aquele que está à margem, pode ter a sua história ouvida, reconhecida e documentada. A partir desta análise, propomos uma reflexão sobre o testemunho oral, como um espaço pertinente para discorrer sobre a condição feminina e a vida no cárcere, o reflexo do trauma na vida adulta. Para as mulheres, a vida no cárcere e o espaço prisional são ainda mais penosos, afinal, esses ambientes não foram pensados para elas. As cadeias, desde a sua origem, foram construídas para os homens. Ali se encontram, em sua maioria, mulheres negras, pobres, com pouca ou nenhuma escolarização, de todas as idades e que não aceitaram desempenhar os papéis que a



sociedade já havia estabelecido. A sociedade espera que as mulheres tenham um comportamento pacífico, “estagnante como um belo lago submisso, passiva, amorosa, quieta, instintiva e paciente” (PERROT, 1988, p. 188), nunca se espera que possam ser violentas, frias, estelionatárias ou assassinas. Assim, a mulher, tantas vezes excluída da história, uma vez privada de sua liberdade, é duas vezes segregada, posta em esquecimento. Ao fazer uso da palavra e apropriar-se da força da linguagem, falando de si e compartilhando suas experiências, essas mulheres elaboram o seu balbucio, produzem o seu discurso, a partir das celas da prisão, e “compartilham a experiência da ferida ou da humilhação ou do desprezo” (ACHUGAR, 2006, p. 14). É através do poder de suas vozes, nas narrativas orais, que elas reivindicam o direito à fala. Ao revisitar a sua história, a narradora encontra em suas memórias um passado de alegrias, mas também de angústia e lágrimas. Revela o estigma por ser mulher, pobre e encarcerada, o repúdio à violência física e psicológica, a dor da perda, a recusa ao esquecimento. Ao revelar suas memórias, Vanuza, torna-se a porta-voz de sua própria trajetória, e, constrói uma identidade possível para si. Pode-se afirmar que a condição marginal da mulher encarcerada, e o espaço prisional influenciam nas memórias a serem preservadas, assim como na maneira como ela testemunha a sua história. As narrativas orais de vida são um instrumento, por meio do qual, ela pode partilhar as suas vivências. A narrativa, da qual ela é protagonista, assume importância para ser testemunhada. Nesse ato, a mulher, antes invisível e sem valor, assume a autoria de sua história. Para esta análise teremos como referências teóricas estudos sobre memória individual e coletiva, testemunho e oralidade, as identidades culturais em tempos de pós-modernidade, e reflexões sobre o papel da mulher no decorrer do tempo.

Palavras-chave: mulher; testemunho; memorialística; prisão.

63 - LITERATURA, CINEMA, TEATRO: TRAMAS, MEMÓRIAS E SENTIDOS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Coordenação: Anna Paula Soares Lemos (Unigranrio); Barbara Simões Daibert (UFJF); Vanessa Cianconi (UERJ)

Resumo: O conjunto de imagens, o ritmo, o contexto, os tons, o sentido, entram em jogo quando se fala de fazer a travessia dos signos de um idioma a outro, de um código a outro, de um ponto de partida (referente) a sua transcrição. As práticas de linguagem tematizam e instituem questões identitárias. Saberes, memórias, críticas e limites de expressão se colocam em questão quando o movimento de tradução de linguagens entra em cena.

O tradutor Paulo Bezerra, no artigo *Tradução como criação* compara o movimento de traduzir com o ritmo do adágio, um ritmo gradativo e lento de entrar em contato com outros valores culturais, outra percepção, outra literatura e outra oralidade para depois retornar a si mesmo e interpretar, recriar o ritmo da obra entendida em seu contexto referente. Como no adágio, é preciso estabelecer uma sequência de passos e de posições complexas em um ritmo lento, como que a primeira parte de um pas de deux clássico, para que o resultado final não gere entendimentos equivocados que podem ser perpetuados na história justamente por uma busca de literalidade que leva em conta apenas a palavra como referente.

Segundo Paulo Henriques Britto, a tradução – e seus limites para a utilização deste conceito – pode ser no seu caminho de travessia estrangeirizadora ou domesticadora.

A tradução domesticadora visa facilitar o trabalho do leitor, modificando tudo aquilo que lhe poderia causar estranheza, aproximando o texto do universo linguístico e cultural que já lhe é familiar. A estratégia estrangeirizadora faz o contrário: ela mantém muitas das características originais do texto – referências nada óbvias para o leitor da tradução, recursos estilísticos desconhecidos na cultura-alvo, até mesmo alguns elementos do idioma-fonte – com o



intuito de aproximar o leitor do universo linguístico e cultural da obra original. (BRITTO, 2012: p. 21).

Tanto uma como outra forma de lidar com a linguagem estabelece uma operação com sentidos e não com significados, que deve afastar a ilusão da literalidade, uma literalidade impossível de ser atingida salvo pelo jogo da poesia.

Como não se traduz uma língua, mas sim uma linguagem, que é “o mundo do sentido”, nos termos de Octavio Paz, o suporte material constitui-se como um aspecto essencial à compreensão das narrativas.

O mundo do homem é o mundo do sentido. Tolerar a ambigüidade, a contradição, a loucura ou a confusão, não a carência de sentido. O próprio silêncio está povoado de signos. Assim, a disposição dos edifícios e suas proporções obedecem a uma certa intenção. Não carecem de sentido - pode-se dizer, com mais precisão, o contrário - o impulso vertical do gótico, o equilíbrio tenso do templo grego, a redondeza da estupa budista ou a vegetação exótica que cobre os muros dos santuários de Orissa. Tudo é linguagem. (PAZ, Octavio. O arco e a lira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. P. 25).

Neste sentido, literatura, cinema e teatro mudam suas estruturas textuais - entendendo texto como tecido de linguagens - conforme os suportes que dialogam com suas relações de escrita, leitura e respectivas formas de recepção.

Desse modo, não nos ateremos apenas a análises semântico-narrativas e, sim, trataremos das tramas, memórias e sentidos no mundo contemporâneo que podem gerar a crise do espectador e abrir espaço para a chegada de um “visitante” que engaja seu corpo de observador em performance e exercício livre de suas capacidades e potenciais. Abrangeremos então o texto literário, o roteiro e a criação cinematográficos, o texto teatral, sua divulgação e sua apresentação, a adaptação e roteirização para televisão ou cinema, as traduções e transcrições, o uso do corpo na linguagem teatral, além das perspectivas da memória e de suas relações.

Para Antonio Negri, por exemplo, quando se fala de memória não há mais o lado de fora, nem o nostálgico, nem o mítico, nem alguma urgência para a razão nos desengajar da *espectrabilidade* do real. Não há mais nem lugar, nem tempo – e este é o real. A invocação do fantasma como memória, capaz de expressar a persistência do passado no presente, está nessa nova *espectrabilidade* ao alcance de uma ilusão real. Somente o ‘Unheimlich’ de Freud permanece na ilusão que estamos inseridos.

Este simpósio temático, em resumo, tem como propósito reunir estudos que coloquem no centro de sua reflexão os aspectos materiais e imateriais envolvidos na relação Literatura, Cinema e Teatro com a chegada da contemporaneidade.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

VIDA E MORTE EM THE WIND THAT SHAKES THE BARLEY, DE KEN LOACH E PAUL LAVERTY

Sanio Santos da Silva

Resumo: A identidade da Irlanda foi construída em meio a uma série de conflitos em nome de ideais separatistas. Apesar de ser a colônia mais antiga do Império Britânico, diferenças culturais e religiosas nunca favoreceram uma convivência harmônica entre ingleses e irlandeses. A Revolta de Páscoa de 1916 foi um dos eventos mais icônicos na história do país,



influenciando lutas posteriores que traçaram o caminho para a independência em 1922. Os insurgentes urgiam a separação do Império Britânico e o estabelecimento de um novo sistema governamental em nome de uma Irlanda republicana, católica e celta. No período, os irlandeses estavam emoldurados por um intenso nacionalismo cultural, ideologias transmitidas por movimentos como a Liga Gaélica, que buscava destacar o contraste identitário entre Inglaterra e Irlanda. O momento exigia que a população estivesse disposta a sacrificar recursos e, sobretudo, por a própria vida em risco em nome da completa autonomia política. Nesse sentido, torna-se relevante discutir a percepção da vida em uma comunidade que, inevitavelmente, precisa usar e perder vidas humanas no campo de batalha. Assim, presente trabalho oferece uma análise para *The Wind That Shakes The Barley* (2006), um filme que retrata eventos da Guerra de Independência, abordando conflitos sociais e reportando contradições ideológicas de lideranças. O objetivo geral do trabalho é analisar as percepções de vida e morte apresentadas em *The Wind That Shakes The Barley* (2006) e quais valores determinam que vidas são vivíveis e quais devem ser eliminadas dentro da comunidade. Trata-se de um trabalho interessado em compreender como as rebeliões e os heróis de guerra da Irlanda são representados na contemporaneidade. A análise tem como suporte a obra *Quadros De Guerra: Quando A Vida É Passível De Luto?* (2016) da filósofa norte-americana Judith Butler. A justificativa do trabalho está relacionada à necessidade de contribuir para a diversidade temática no cenário acadêmico brasileiro, tendo em vista que o cinema irlandês ainda é pouco explorado por pesquisadores locais. Pretende-se, assim, favorecer um diálogo intercultural e ampliar a percepção da comunidade acadêmica para arenas cinematográficas, para além da brasileira e de grandes indústrias como a norte-americana e a britânica.

Palavras-chave: The wind that shakes The barley; Irlanda; Guerra de Independência; Vida; Morte.

TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA DE GAROTA EXEMPLAR DE GILLIAN FLYNN: OS NARRADORES MANIPULADORES

Jessica Costa Lemos

Resumo: A obra *Gone Girl* de Gillian Flynn foi publicada nos Estados Unidos em 2012 e traduzida para o português brasileiro como *Garota exemplar* por Alexandre Martins, e publicada no Brasil, em 2013. A adaptação para o cinema, com o mesmo título, foi produzida com roteiro da autora Gillian Flynn e pelo diretor David Fincher, e foi lançada pela FOX, nos Estados Unidos, em 2014. O objetivo desta comunicação é abordar o papel dos tradutores/adaptadores na tradução desses narradores na obra *Gone Girl* e na sua adaptação para o cinema, a fim de se analisar como os tradutores lidaram com as características peculiares dos dois narradores e as perspectivas na narração que podem alterar o enredo gerando diversas implicações de ordem literária, social, ideológica e política. Para esta análise, consideram-se os Estudos descritivos da tradução e a fundamentação teórica inclui autores como Lefevere (1992), Bazin (1991), Bassnett (2003), Curado (2007), Catrysse (2014), Reis e Lopes (1988), dentre outros. No Brasil, a dublagem do referido filme (*Gone Girl*; FLYNN, FINCHER, 2014), foi realizada por Pavlos e a legendagem por Mário Menezes, em 2014. Essa obra apresenta dois narradores, Amy e Nick, que são os personagens principais e que deveriam comemorar o aniversário de cinco anos de casamento, porém ela desaparece misteriosamente. Os capítulos da obra são intercalados com a narração de primeira pessoa pelos dois personagens, e o leitor é conduzido a fazer a sua escolha entre os referidos narradores. Nick é o marido traidor que estava com sua mulher apenas pelo dinheiro e admite mentir e esconder algo; Amy, vingativa e psicótica, incrimina seu marido pelo seu falso homicídio. Esses diferentes pontos de vista do narrador podem acarretar leitura e interpretações diferentes tanto no texto de partida quanto no texto traduzido/ adaptado. Os dados obtidos indicam que os tradutores/adaptadores tendem a manter as características dos narradores da obra publicada em formato de livro no filme, em que os dois narradores são preservados na sua dualidade por meio de voice over.

Palavras-chave: Tradução intersemiótica; *Gone Girl*; Narradores.



O TEATRO DA BAIXADA FLUMINENSE EM FOCO: O COLETIVO TEATRAL REDE BAIXADA EM CENA POR SEUS CRIADORES

Anna Paula Soares Lemos

Resumo: O artigo deriva da pesquisa "Rede Baixada em Cena: territorialidades, transcrições e memórias do teatro da Baixada Fluminense" em andamento com bolsa PROPESQ Funadesp-Unigranrio desde 2018. Pretende-se com a pesquisa mapear as ações teatrais e ouvir as histórias de vida dos criadores dos grupos de teatro que fazem parte do projeto Rede Baixada em Cena para que - observando as transcrições, recriações, territorialidades e memórias do teatro da Baixada Fluminense a partir daqueles que vivenciam a realidade do teatro neste território – se crie um acervo digital de memória dos grupos pelas histórias de vida dos criadores, documentos e roteiros teatrais encenados. Ao organizar este acervo, indaga-se como se dá o mapa afetivo e artístico dos moradores da região que tem o teatro como principal expressão e forma de ação cultural e territorialidade; qual a história do teatro da região da Baixada Fluminense a partir deste corpus de análise; como a Baixada Fluminense inspira o fazer teatral e quais as singularidades teatrais deste território. Delineia-se, assim, a preservação de grupos teatrais importantes para a constituição de um discurso dos próprios habitantes da Baixada Fluminense e o espaço social em que habitam. Apresentaremos os resultados de pesquisa do Grupo Código de Artes Cênicas de Japeri.

Palavras-chave: Teatro, Rede Baixada em Cena, Coletivos Artísticos, Baixada Fluminense, Memória

NOVOS DISCURSOS PÓS-COLONIAIS NA SÉRIE NO. 1 LADIES' DETECTIVE AGENCY

Carla de Figueiredo Portilho

Resumo: Esta apresentação visa discutir a representação de Botsuana proposta no romance *The No.1 Ladies' Detective Agency* (1998), de Alexander McCall Smith, levado às telas pela HBO em 2008-2009. O antigo protetorado é apresentado como um país estável e próspero, bastante diferente das representações do "continente escuro" feitas pela literatura colonial, confirmando que a ideia de uma África homogênea não se sustenta. Fazendo referência à obra de Homi Bhabha, vê-se que, embora a série lance mão do gênero detetivesco, a História das nações narradas ocupa um espaço preponderante, apontando para a construção de uma identidade nacional e a busca por um espaço próprio no cenário mundial. Constata-se a existência de uma outra África, distinta daquela representada no imaginário ocidental – uma África que encontrou uma certa estabilidade política, social e econômica. A protagonista da série é uma representante adequada de seu país nativo, descrita por seu criador como “uma boa detetive, e uma boa mulher. Uma boa mulher em um bom país.” (McCALL SMITH, 1998, p.4). Cabe apontar que a África narrada sugere a possibilidade de ainda outras Áfricas, pois uma vez que se desconfie da ficção de homogeneidade pregada pelo domínio colonial, abre-se o caminho para que cada nação africana narre a sua própria África – ou as suas Áfricas plurais.

Palavras-chave: ficção detetivesca; pós-colonialismo; literaturas africanas

FRONTEIRAS E INTERSEÇÕES NA TRADUÇÃO TEATRAL

Cláudia Soares Cruz

Resumo: Minha proposta para esse Simpósio é compartilhar a experiência de traduzir – ou transcriar, transpor, reescrever – o texto *The Pitmen Painters*, escrito por Lee Hall em 2007, nunca publicado nem encenado no Brasil. A ação da peça se passa às vésperas da Segunda Guerra Mundial, em uma pequena cidade no norte da Inglaterra que vive da mineração de carvão. Alguns trabalhadores da mina começam a fazer um curso de apreciação de arte, e acabam se tornando pintores. Essa situação inusitada, baseada em fatos reais, leva a inúmeros questionamentos sobre cultura, educação, arte (e o acesso a elas), determinismo social e econômico, expectativas, e tudo é ainda reforçado pelo uso de variantes dialetais. Como é



sabido, a tradução não acontece apenas de um idioma para outro, mas também de uma cultura para outra. No caso da tradução teatral que visa a cena, há que se levar em conta a forma de recepção, já que uma tradução feita para publicação pressupõe um receptor ativo, que pode determinar o momento, o ritmo e o local da recepção, enquanto a tradução feita para a cena pressupõe uma recepção completamente diversa. O espectador entra em contato com a tradução na efemeridade da encenação, e deve compreender e assimilar o texto no momento da enunciação. Egil Törnqvist coloca essa questão da seguinte forma: Pensando o texto teatral como um texto para um leitor, uma peça não é muito diferente de um romance. Como uma partitura para uma encenação, uma peça é radicalmente diferente de um romance. A tradução feita para o espectador [...] deve levar em consideração questões muito específicas. (Törnqvist, 1991, p. 11) No processo de trazer esse texto para nosso idioma e nossa cultura, venho questionando o grau de intervenção que se fará necessário tendo em mente o que Patrice Pavis chama de horizonte de expectativa do espectador (1989, p. 29). Que grau de estrangeirização poderá ser mantido, que grau de domesticação será necessário? Dependendo das escolhas feitas durante o processo tradutório, o resultado final poderá ser classificado como tradução, adaptação, ou mesmo versão, e esse é outro tema com o qual venho trabalhando. Sara Ramos Pinto coloca que, A tradução para teatro [para a cena] pareceu sempre assumir uma maior liberdade no tratamento do texto, levando a que muitas vezes lhe seja atribuída a etiqueta de 'adaptação' ou 'versão'. Estudos feitos relativamente à tradução de textos dramáticos orientada para publicação mostram uma clara tendência de aproximação ao texto de partida. (Ramos Pinto, 2007, p. 2) Faria sentido, então, pensar em duas transcrições a partir do mesmo texto, uma feita para publicação e outra visando a cena? E pensando na pergunta de Susan Bassnett (2011, p. 40), "a que distância devemos estar de um polo ou outro para que o rótulo mude?", proponho também refletir que limites e fronteiras teriam que ser respeitados ou poderiam ser ultrapassados em cada um desses dois processos de transposição de uma língua/cultura à outra.

Palavras-chave: Tradução; Teatro; Dramaturgia.

A HORA DA ESTRELA DE SUZANA AMARAL: UMA REESCRITURA FEMINISTA DA OBRA DE CLARICE LISPECTOR?

Gleyda Lucia Cordeiro Costa Aragão

Resumo: Este trabalho pretende fazer uma análise da construção das personagens femininas (Macabéa, Glória e Madame Carlota) na adaptação para o cinema da novela A hora da estrela (1977) de Clarice Lispector. Focalizando sobretudo as personagens femininas da trama, buscaremos problematizar a partir do discurso dessas personagens a presença dos seguintes temas: corpo, sexualidade e liberdade nesta obra fílmica, adaptada para o cinema pela cineasta Suzana Amaral e pelo roteirista Alfredo Oroz (1985). Nosso referencial teórico será a partir dos escritos sobre personagem de ficção de Antonio Candido (1976), o de gênero de Butler (2003) e o conceito de reescritura de Lefevere (2007).

Palavras-chave: Literatura; Cinema; Personagem; Gênero.

17/07 (MANHÃ)

HERCULE POIROT NO SÉCULO XXI: RELEITURAS DA TRADIÇÃO DETETIVESCA NO MUNDO PÓS-MODERNO

Isabela Duarte Britto Lopes

Resumo: O sucesso das obras de Agatha Christie permeia a sociedade não só no século XX mas também no século XXI com o surgimento de adaptações cinematográficas e continuation novels, isto é, narrativas que retomam o personagem criado, neste caso por Christie, e desenvolvem um novo enredo para este elemento. Desta maneira, o legado Christie é perpetuado e alimentado com tais novas plataformas. Entre tantos personagens icônicos criados pela Dama do Crime, centrarei este trabalho no detetive belga Hercule Poirot para refletir e



analisar como tal personagem se altera na percepção de Kenneth Brannagh, na versão cinematográfica de *O Assassino no Expresso Oriente* (2017) e nas continuation novels de Sophie Hannah *The Monogram Murders* (2014), *Closed Casket* (2016) e *The Mystery of Three Quarters* (2018). A comparação entre as diferentes perspectivas de Poirot reflete a importância da figura detetivesca na sociedade contemporânea como uma forma de consolar, ainda que parcialmente, o caos que se instaura em uma comunidade. Desta maneira, o presente trabalho busca apontar como a figura detetivesca em questão será estimulada a aparecer na contemporaneidade com o papel de restabelecer a ordem, mas também mostrar um outro lado do personagem que não aparece nas narrativas escritas por Agatha Christie. Por isso, seja na literatura ou no cinema, o peculiar detetive belga apresenta um papel fundamental que será renovado no decorrer dos tempos, sem deixar de lado a tradição heróica detetivesca em que o leitor confia na capacidade do personagem de investigar crimes e solucioná-los para assim restaurar uma paz que havia sido perturbada.

Palavras-chave: Hercule Poirot; ficção detetivesca; personagem; continuation novels; cinema

OLHARES SOBRE MULHERES: ADAPTAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS DE STARDUST PARA O SUPORTE FÍLMICO

Marco Aurelio Barsanelli de Almeida

Resumo: A luta das mulheres por igualdade de direitos sociais, econômicos e culturais não é nova, visto a ancestralidade de personagens históricas que desafiavam o lugar que lhes era imposto na sociedade em favor de guiar suas vidas por seus próprios desejos. Na literatura, o aparecimento de personagens femininas fortes também não é novidade. Podemos citar, por exemplo, personagens como Medéia, que desafia seu pretensão papel de boa mãe e de mulher submissa ao homem. Entretanto, grande parte das personagens femininas na literatura encaixam-se em estereótipos femininos socialmente pré-definidos como por exemplo a sedutora, a donzela em perigo, a mulher coadjuvante de um grupo masculino, ou a protagonista que serve de instrumento para o crescimento pessoal masculino, entre outros. Assim como os conhecidos clássicos dos estúdios Disney que suavizaram o enredo de muitos contos de fadas de forma a adequá-los ao público infantil e infanto-juvenil, a adaptação fílmica de obras literárias também podem recorrer a técnicas de suavização do enredo, o que muitas vezes faz com que personagens femininas que a princípio fogem de estereótipos sociais, acabem por ser traduzidas para o novo suporte de modo a encaixarem-se novamente em tais estereótipos. Temos o objetivo, com o trabalho aqui apresentado, lançar um olhar sobre o modo como as personagens femininas são remoldadas na adaptação cinematográfica do romance *Stardust* (1999) de Neil Gaiman, lançada em 2007. Como aporte teórico utilizo, principalmente, as ideias de Propp (1978) e Simonsen (1987) no que concerne à estrutura da jornada da personagem no enredo, além das teorias de Hutcheon (2006), Sanders (2006), Stam (2000) e Leitch (2007, 2008) no que refere-se ao estudo da adaptação de obras literárias para novos suportes; e os textos de Martin (2003), Xavier (2005) e Vanoye e Goliot-Lété (1994), de forma a analisar as características próprias do suporte fílmico e o modo como este reinterpreta as personagens literárias. Percebemos com o estudo que as personagens femininas, uma vez reformuladas para a nova mídia, expressam-se de modo a aglutinar diversos estereótipos sociais femininos de modo a fazer com que o filme atinja o espectador de forma mais confortável, e que a história contada, bem como as personagens que nela agem, sejam talvez mais palatáveis ao público, evocando características já bastante perpetuadas pela mídia.

Palavras-chave: Personagem feminina; *Stardust*; Adaptação; Neil Gaiman

O DESEJO DE CINEMA NA LITERATURA BRASILEIRA

Marília Corrêa Parecis de Oliveira

Resumo: Sabemos que as relações entre literatura e cinema não são unilaterais. Isso porque as duas linguagens compartilham estratégias narrativas comuns; algumas que a literatura ofereceu ao cinema e outras que a arte cinematográfica ofereceu à literatura. Dessa forma, é possível dizer



que o cinema, por muito tempo, buscou sua inspiração em obras literárias, contudo, tempos depois, em meados do século XX, a literatura é que foi buscar na cinematografia elementos linguísticos (técnicas, procedimentos) que produziram mudanças na construção das narrativas ficcionais. No entanto, se muito já se tem dito sobre a literatura como certo modelo narrativo para contar histórias por imagens, parece-nos interessante pensar no caminho inverso: como o cinema, ao constituir-se como detentor de uma linguagem própria, serviu e ainda serve como fonte de inspiração para a literatura, particularmente a experimental. Nesse sentido, quando nos situamos na contemporaneidade, constatamos que tal aproximação já não visa à experimentação estética das vanguardas modernistas, mas, sim, incorpora à produção literária estruturas que têm certo apelo mercadológico, como acontece com a publicação de roteiros cinematográficos como texto literários ou com a publicação de textos literários que mais parecem roteiros cinematográficos. A presente comunicação almeja discutir, portanto, à luz dessas reflexões, duas obras literárias: *Amar, verbo intransitivo* (1927), de Mario de Andrade, como síntese de uma memória cinematográfica na literatura de vanguarda; e *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios* (2005), de Marçal Aquino, com o intuito de investigar quais as razões que, ainda hoje, levam à assimilação de uma gramática do cinema pelos textos literários. No Brasil, a obra de Mário de Andrade resume de modo sintomático a estreita relação de nossas vanguardas literárias com a estética cinematográfica. Entusiasmados com as possibilidades de experimentalismo estético que o cinema oferecia à forma literária, os modernistas utilizaram o cinema como procedimento para reproduzir o efeito de “simultaneidade”, imprescindível para a expressão das transformações efervescentes da vida moderna. Contudo, a partir da década de 60, quando a indústria cultural se consolida de fato e se expande no Brasil, a relação da literatura com diferentes mídias, segundo Schøllhammer (2009), ganha outra dimensão, de modo a não ser mais um recurso utilizado simplesmente para revitalizar e renovar formas literárias, mas, sim, produz formas narrativas análogas aos meios audiovisuais e digitais, tal como o que o autor chama de “escrita roteirizada”, referindo-se à produção literária de Marçal Aquino, que faz parte de uma geração de escritores cujo caminho para a literatura deu-se, primeiro, por meio dos roteiros de cinema. Desse modo, refletiremos, por fim, sobre o romance *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios* com o intuito de analisar de que maneira essa obra reelabora as estratégias cinematográficas na contemporaneidade.

Palavras-chave: Cinema; Literatura; Modernidade; Contemporaneidade.

ENEIDA E A MITOLOGIA NA CULTURA POPULAR: TRAÇOS DO LIVRO VI NO FILME A ORIGEM, DE NOLAN

Nara Rattes de Melo

Resumo: As mitologias e todas as suas representações, além de analisadas, são repercutidas, repetidas e servem como base de inspiração para o mais variado tipo de arte até os dias atuais. Exemplos de todas as naturezas são vistos em diversos níveis do que consideramos arte na contemporaneidade; na literatura – passando por *Os Lusíadas*, escrita por Luís Vaz de Camões no século XVI, chegando a obras recentes como *Dreamless*, livro escrito por Josephine Angelini já no século XXI. A música, já surgida como parte da mitologia, ganha exemplos como a canção *Flight of Icarus*, da banda de metal Iron Maiden. Quanto ao teatro, cujo berço foi a Grécia, onde um grande número de mitologias surgiu, seria quase injusto citar peças específicas, já que este, em si, foi criado como forma de homenagem a Dionísio, um deus mitológico. Nas pinturas, exemplos como *La morte di Didone*, de autoria de Guercino em 1631, podem servir como amostra de como a influência atinge também as artes visuais. Ainda caminhando pelas artes assim reconhecidas, vemos exemplos de esculturas nos mais variados estilos, materiais, tamanhos e datas. *Aeneas Carrying Anchises from Troy*, criada em 1716 por Le Pautre, é um deles. Na arquitetura, os inúmeros templos construídos em homenagem aos deuses serviram, por muito tempo, de base estilística para edificações e ainda hoje refletem em alguns estilos específicos. Fotógrafos atuais se utilizam também desse tipo de cultura para inovar e expressar sua arte. Um exemplo é o finlandês Mikko Lagerstedt que, inspirado em contos mitológicos

finlandeses sobre as estrelas e a origem do universo, tira fotos da natureza. Povoadas também de influências mitológicas, é fácil encontrar exemplos nas histórias em quadrinhos, como Sandman, Neil Gaiman, cujo personagem principal é Morfeu, baseado na figura responsável pelo mundo dos sonhos. As duas últimas artes, o video game e a arte digital, também se influenciam, e mutuamente, nas mitologias. Jogos como God of War, Age of Mythology e Resident Evil Revelations – este citando diretamente a Eneida de Virgílio –, são exemplos atuais de como as culturas antigas ainda inspiram as criações nos mais diversos níveis e sentidos. Falemos, então, da 7ª arte, que talvez seja a mais popular atualmente – o cinema. É a partir dela que se desdobra o tópico principal do estudo; a influência da mitologia, mais especificamente o Livro VI de Eneida, especificamente no filme A Origem. As duas obras analisadas – o filme de Nolan e o poema de Virgílio – começam com os personagens principais (Cobb e Eneias, respectivamente) chegando a locais (litorais) que parecem hostis, e logo são chamados para audiências com os comandantes dos respectivos territórios. Além disso, o romance, a trama, o drama familiar e os cenários – tangíveis ou não – em ambas as obras coincidem em diversos pontos, direta ou indiretamente, trazendo à tona a possível inspiração do filme no livro.

Palavras-chave: Mitologia; cinema; influência.

FANTASMAGORIA E MORTE NO TEATRO POLÍTICO DE TONY KUSHNER

Vanessa Cianconi

Resumo: Na maioria de suas peças Tony Kushner coloca no palco personagens como anjos, fantasmas, demônios, e todos os tipos de seres corporais e não-corporais que ligam o passado, o presente e o futuro. Antonio Negri, no seu texto, “Specter’s Smile”, no qual o filósofo discute “Specters of Marx” de Derrida, considera esse espectro como a nova mudança paradigmática da pósmodernidade, produzindo uma nova teoria do espectro correspondendo a uma experiência comum: uma experiência de massa, flexível, imaterial e espectral. De acordo com Frederick Jameson, os fantasmas de Derrida não são os mais maldosos na tradição moderna. A raiva fantasmagórica corresponde ao primeiro frenesi de classe, que aqui governa o relacionamento entre os mortos e os vivos. Este relacionamento de ódio é o que faz os fantasmas odiarem os vivos e os quererem mortos. No entanto, Jameson ainda questiona o fato do fantasma tentar alcançar uma solução nova para o problema falso da antítese entre humanismo (o respeito pelo passado) e o niilismo (o fim da história, o desaparecimento do passado). Não é difícil ver ecos e Negri em Kushner, - o fantasma, o personagem recorrente do dramaturgo, traz ao palco um passado bárbaro, um passado que não pode ser repetido. Todavia, é impossível negar a ligação entre esse fantasma e a repressão do passado no capitalismo tardio referido por Jameson. As peças sob escrutínio, A Bright Room Called Day, Hydriotaphia or the Death of Dr. Browne: an Epic Farse about Death and Primitive Capital Accumulation, as duas partes de Angels in America (Millennium Approaches e Perestroika) e Only We Who Guard the Mystery Shall Be Unhappy, têm em comum a aparição de um ser sobrenatural que, frequentemente, constitui uma ligação concreta entre o passado e o futuro. Logo, ao contrário do que Hamlet alegou, o resto não é silêncio, os mortos voltam para reivindicar, através de palavras, o presente e o futuro. Do passado bárbaro ao futuro que insiste em se transformar em presente; este presente apontado pelo fantasma da guerra como uma mera repetição do passado, e pela morte ou pelo demônio, que trazem à tona o que é mais significativo para o dramaturgo: o medo que os dois espectros provocam. O que é importante não é o medo da morte em si e o possível encontro com o diabo, mas o medo de uma morte metafórica, aquela que representa, de fato, o fim da história, o fim da esperança. O amedrontador anjo da história de Walter Benjamin, o anjo apocalíptico de Kushner e a possível extinção de Marx, de alguma forma, trazem ao palco um passado cheio de detritos, cuja ideia está claramente se repetindo.

Palavras-chave: Fantasmagoria; morte; Marx; Tony Kushner



64 - LITERATURA, CULTURA E IDENTIDADE NA/DA AMAZÔNIA: CIRCULAÇÃO, TRAMAS E SENTIDOS NA LITERATURA

Coordenação: Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões – UFPA (Coordenadora Geral em 2019); Roberto Mibielli - UFRR (Coordenador Geral em 2017); Luciana Marino do Nascimento – UFAC/UFRRJ (Coordenadora Geral em 2018)

Resumo: Este simpósio Literatura, Cultura e Identidade na/da Amazônia, tem se repetido ao longo dos últimos 10 anos de Abralic, dele, muita discussão produtiva, três livros e vários artigos nos anais do evento resultaram. O primeiro livro, *Nós da Amazônia: Literatura, Cultura e Identidade na/da Amazônia*, foi lançado em 2014. O segundo, *Traços e Laços da Amazônia*, foi lançado também pela Letra capital em 2016, o terceiro, homônimo ao simpósio, em formato digital, organizado a partir das discussões tanto de 2016 quanto de 2017, foi publicado em 2018. A cada ano temos visto crescer a quantidade de trabalhos sobre a região, ao mesmo tempo em que vemos também crescer a ignorância sobre ela.

É bem verdade que boa parte do conhecimento sobre esta Região ainda está por ser construído. A diversidade de fronteiras e de culturas, dentro e fora das comunidades indígenas locais, é um dos elementos que merece destaque. Tanto é que muitas pessoas que imaginam ser este um espaço privilegiado em termos naturais – e mesmo humanos, como as existentes entre as comunidades indígenas, de seringueiros e garimpeiros, por exemplo – não percebem que esta diversidade abrange as culturas urbanas. Não sabem, também, que há universidades, pesquisa, tecnologias em desenvolvimento neste meio/lugar. A imagem que prevalece, via de regra, é a de um “lugar periférico”, subdesenvolvido ao extremo (“primitivo”, para alguns), fechado em seus limites regionais, pobre, tomado pela floresta, em que há grande diversidade de culturas indígenas e pouca *intelligentzia*.

No Brasil, em especial, este imaginário (a que chamaremos senso comum) construiu e mantém a equivocada ideia de que além de uma, enquanto região, a Amazônia é brasileira. Este fenômeno é mais visível quando observamos os *spans* e *fakenews* que circulam na internet e que alimentam, à custa de mentes menos esclarecidas, a paranoia de que querem tomar-nos a Amazônia e internacionalizá-la. Mas além de abranger vastas áreas urbanas, como Belém e Manaus (ambas com população acima de um milhão de habitantes cada), a Amazônia já é internacional. Basta verificar a existência das outras amazônias fronteiriças: a venezuelana, a boliviana, a colombiana, a peruana, a equatoriana...

O simpósio que propomos não pretende dar conta de toda esta diversidade cultural, mas abrigá-la. Pretende contrastá-la, compará-la, tanto interna, quanto externamente, questionando as fronteiras e limites de sua regionalidade/universalidade, além de mostrar uma fatia desta construção/invenção em seus múltiplos aspectos. Ao abrigarmos trabalhos de temática Amazônica, pretendemos exercer a comparação tanto no que concerne aos objetos abordados em cada trabalho, na sua relação com o cânone central, quanto na relação entre seus centros, como também nas relações constituídas entre centros, margens e periferias, dentro e fora do âmbito amazônico, propondo sempre o necessário debate entre seus autores/pesquisadores.

Nesse sentido, este simpósio objetiva a discussão acerca dos limites, das confluências linguísticas e culturais da/na Amazônia, nas perspectivas da Teoria da Literatura, dos Estudos Culturais e da História (e áreas afins), deslocando-se o eixo da análise da cultura, desfazendo ideias já constituídas, com vistas a tornar possível o debate em torno das identidades híbridas, de uma compreensão delas frente às estruturas globais e às novas configurações do lugar do periférico, das fronteiras e das culturas, das migrações e a construção diaspórica que se apresenta nesses contextos, bem como, da circulação, tramas e sentidos da Literatura neste universo.

Nosso simpósio pretende privilegiar questões relativas à literatura (sua teorização, suas possibilidades, suas categorias, o modo como se apresentam ao leitor os narradores, o que propõem como narrativa, que tipo de intervenção pedagógica é feita a partir do objeto literário, por exemplo); privilegiar a estética de contos, fábulas e mitos da literatura latino-americana, de



origem oral ou escrita. Também é nosso objeto de investigação a identificação e interpretação de certo discurso identitário, a partir do estudo comparado de textos literários diversos, enfocando questões culturais específicas, quase sempre oriundas ou emanadas, da produção literária/mitológica amazônica, de sua circulação, tramas e sentidos.

Visa-se, deste modo, a compreensão das representações do ser amazônida, quer no habitat, quer longe dele, em seus anseios locais/universais, seja através da leitura das diversas relações de confronto entre a textualidade amazônica e a produção cultural na América Latina, ou do levantamento crítico da(s) identidade(s) plasmada(s) na produção literária da Região. Neste sentido, reunir-se-ão, inicialmente, professores pesquisadores das IFES de Roraima e do Acre, bem como, vêm se somando a esses, nos últimos dez anos de reuniões nacionais e internacionais da ABRALIC, pesquisadores dos demais estados amazônicos, bem como de outras paragens, interessados em temas e textos literários oriundos desta, ou sobre a Região.

Palavras-chave: Literatura; Amazônia; Cultura e Identidade; Literatura da/na Amazônia.

PROGRAMAÇÃO

17/07 (MANHÃ)

ENTRECRUZAMENTO DE FORMAS E MEIOS EM YUXIN ALMA (2009), DE ANA MIRANDA

Gracielle Marques

Resumo: Em Yuxin: Alma (2009), de Ana Miranda, a personagem Yarina, criação ficcional, rememora a vida anterior à diáspora caxinauá (Huni kuin) e questiona o sumiço de seu marido Xumani enquanto canta e tece seu bordado kene. Na trama prende entre um ponto e outro os fios da memória pessoal e coletiva esparsos pela exploração do produto gomífero, durante a época áurea do ciclo da borracha (1879-1912), entre Acre e Peru. O relato expande as fronteiras da articulação romanesca ao percorrer lugares heterogêneos e diversos, como o estudo antropológico, a historiografia sobre o ciclo da borracha, o texto cartográfico e mitos indígenas, com uma prosa poética fragmentária que absorve outras linguagens artísticas (música e desenho). Nessa relação constitutiva com outras formas e meios a forma narrativa reforça o sentimento de desmembramento; pluraliza e tensiona a relação com o outro. Deste modo, a partir de estudos sobre a estética contemporânea e literaturas amazônicas, nosso objetivo é desenvolver uma análise que considere os sentidos que pode assumir na obra os diálogos estabelecidos por essa construção híbrida na revisão crítica do passado.

Palavras-chave: Amazônia; Ana Miranda; hibridização, literatura brasileira contemporânea

RETRATOS DE CENAS AMAZÔNICAS À MARGEM DO "CUIA PITINGA"

Edvaldo Santos Pereira

Resumo: A ideia de elaborar este trabalho surgiu a partir da leitura do ensaio literário do poeta paraense Bruno de Menezes acerca do livro de poemas Cuia Pitinga, do também poeta Jacques Flores, com foco direcionado ao soneto "Cromo XXV", um poema que retrata a vida do ribeirinho e seus costumes. Abre-se, assim, a perspectiva de uma reflexão com referência à cena descrita, com vistas à forma de retratação da maneira como vivem, em muitos locais da Amazônia, os habitantes das margens dos cursos d'água, nessa região entremeada por tantos rios, lagos, furos e igarapés, que compõem a paisagem de grandes extensões de sua área. Ainda que seja apenas a representação de uma minúscula amostra, com aspectos gerais de muitas localidades amazônicas, o poema pode ser considerado uma forma condensada de tudo o que há no livro, podendo, por isso, ser a demonstração da totalidade que nele é exposta. Dentro de uma linguagem simples, semelhante a mesma que utilizada pelo caboclo, com o seu próprio jeito de viver, essa característica do espaço físico, encontrada com frequência em várias áreas da região, aparece no poema com as imagens reais de um cotidiano amazônico. Considerou-se também, nesta análise, a relação estabelecida entre o caboclo e a natureza, percebida no poema como uma forma de interferência no seu modo de vida que, na tentativa de adaptação às condições do



meio, apropria-se dos recursos existentes na região, como forma de manutenção da sua subsistência, num processo metamorfofóico, que representa a própria vida de uma região, com múltiplas possibilidades entre as águas e as terras, embaladas em movimento constante de imersão ou emersão, em acompanhamento ao fluxo das águas, de acordo com as duas estações da região. Nesse sentido, ressalta-se o comentário de Bruno de Menezes a propósito de que o livro de Jaques flores, ““Cuia Pitinga”” entesta-se com o problema da existência quase anfíbia do caboclo paraense. Os tipos dessa obra são bonachões e adotam uma filosofia simplória e cômoda” (MENEZES, 1993, p. 388). Dessa forma, percebe-se que, além da adaptação ao meio, é evidenciado também no livro o modo de ser do caboclo amazônida. Voltado às questões sociais enfrentadas pelo habitante da região, o livro é reconhecido pelo comentarista como uma obra de reabilitação do criticismo desse indivíduo em relação a essas dificuldades, pois já “calejou sua esperança de melhores dias, e prefere fazer pilhéria com as necessidades que sofre a se desfazer em lamúrias” (idem).

Palavras-chave: Palavras-chave: Literatura; Cuia Pitinga; Cotidiano amazônico

LEER LA VOZ TICUNA: UNA EXPERIENCIA METAFÓRICA DE LA REALIDAD

Erika Juliet Carvajal Hernández

Resumo: El pueblo Tikuna, antes nómada, se adaptó y resistió a las mutilaciones espirituales y culturales a las que fueron sometidas bajo el interés de la religión católica y el avance económico principalmente por exploradores misioneros jesuitas y corporaciones como Peruvian Amazon Company, correspondientemente; desde entonces la comunidad desarrolló asentamientos en el trapecio amazónico, espacio geográfico que comunica identidades culturales de Brasil, Colombia y Perú. Es en esta vivencia híbrida que la palabra hablada es encuentro de escucha literaria, que reconoce en sus relatos elementos ficcionales y metafóricos fundamentales para la construcción de identidad y marca la experiencia cotidiana en su actualidad. Lo dispuesto a comunicar reúne reflexiones de una experiencia investigativa de corte etnográfica con una comunidad indígena Ticuna, situada en el resguardo Doce de Octubre en Amazonas- Colombia; es una mirada en retrospectiva al método para la constitución de un corpus literario y una profundización en análisis logrados frente a la metáfora como elemento insistente en su discurso; los relatos espontáneos y distintas narrativas autobiográficas fueron insumos literarios legítimos de una comunidad de tradición oral, en la cual desde un foco lingüístico-semántico se estudió los sentidos identitarios y prácticas de vida. En el marco de la investigación “Una aproximación desde el relato mítico y el rito a las prácticas de crianza en familias indígenas Ticuna” Carvajal, Cantor y Reyes (2015), publicada posteriormente en Infancias e Imágenes (2017) presenta interpretaciones semánticas dadas a narrativas brindadas por familias Ticanas de los clanes pautil, guacamaya, tigre, vaca, entre otros, quienes relataron versiones heredadas de generaciones ancestrales y revividas en su singularidad sobre la historia sagrada de origen de su pueblo; así mismo tradiciones culturales que aún se practican a pesar de las fisuras propias del olvido impuesto; y anécdotas personales alrededor de sus creencias; todo ello fue recopilado en registros de audio y video, luego transcrito y sistematizado desde una perspectiva de análisis semántico a cada una de las unidades de significado. ¿Cómo se entiende la literatura en una comunidad oral? ¿Qué sentido abarca la literatura en las construcciones de su identidad como pueblo indígena Ticuna? éstas preguntas serán la ruta de abordaje que interpelará el método de investigación construido y como potenciadoras de reflexión y profundización de un apartado de la investigación publicada, nominado “Oralidad: Hacia una metáfora del mundo” en el que se reconoce la metáfora como elemento discursivo insistente en las comunidades orales que más allá de ser un recurso retórico encara la experiencia para transformarla en relatos de tradición oral viva entre generaciones, lo cual les permite vivir dos sentidos narrativos distintos que convergen para crear un sentido existencial literario, en la que son apropiadas los saberes de dos construcciones lingüísticas: relatos de origen (oníricos) y códigos de la lengua cotidiana (de orden) Cabrejo (2007), hilando así, una lectura de la voz

literaria como una experiencia metafórica de la realidad heredada y transmitidas para futuras generaciones orales.

Palavras-chave: Oralitura, Ticunas, Metáfora

A APLICABILIDADE DOS ESTUDOS BAKHTINIANOS EM NARRATIVAS DO ESCRITOR INDÍGENA YAGUARÊ YAMÃ

Delma Pacheco Sicsú

Resumo: O presente trabalho objetiva mostrar a aplicabilidade dos estudos bakhtinianos em narrativas do escritor indígena Yaguarê Yamã. Questões em torno do dialogismo responsivo, gêneros do discurso, autoria e outros aspectos estudados por Mikail Bakhtin são analisados e discutidos no contexto da literatura indígena amazonense. Acredita-se que a literatura indígena amazonense é tão rica, tão importante e contempla todos os elementos da obra de arte, embora ainda seja vista por muitos críticos e estudiosos da literatura canônica, como literatura menor. Inscrita hoje no suporte livro impresso, a literatura indígena amazonense é um produto híbrido que para atender às exigências do mercado editorial, necessita passar pelo crivo das editoras, bem como atender a determinados requisitos para circular e ser compreendida pelos leitores. Essa hibridização, contudo, não tira o valor dessa literatura como objeto de arte e sua importância para a manutenção da identidade cultural dos povos da Amazônia, com seus mitos, lendas, saberes, modos de ver e pensar o mundo. Este trabalho, portanto, dialoga com os estudos bakhtinianos contudo-faz-se um recorte aqui para ilustração na narrativa Purating: o remo sagrado de autoria do escritor indígena Yaguarê Yamã para tratar sobre a importância da ilustração na literatura indígena amazonense e sua relação com as artes visuais. Como uma literatura incipiente e ainda sob a perspectiva de uma literatura menor para muitos, a literatura indígena amazonense tem ganhado o mercado editorial brasileiro trazendo à baila vozes silenciadas, talentos escondidos por muito tempo. Isso significa dizer que além das “simples” narrativas de mitos, lendas e causos amazônicos, há um teor ideológico, responsivo, plural e plurilíngue nessa literatura, o que a tira do seu lugar de literatura menor para uma literatura que busca seu espaço ao lado de obras canônicas. No que diz respeito a todos esses elementos elencados, entre outros, na literatura indígena amazonense, os estudos de Bakhtin, para o presente estudo, serão a pedra angular na busca de compreensão de um sistema literário indígena amazonense que vem sendo construído desde 2001. Não se pretende aqui afirmar que esse sistema literário esteja pronto e acabado, mas sim provocar uma compreensão e reflexão em torno da literatura indígena amazonense, fazendo um recorte para algumas narrativas do escritor indígena Yaguarê Yamã. Assim, tomando como objeto de estudo as obras em questão, pretende-se aqui aplicar a possibilidade dos estudos de Bakhtin em torno do dialogismo responsivo, do grotesco, da relação de alteridade, bem como do dialogismo responsivo no texto, da autoria e outros aspectos. Toma-se os estudos de Bakhtin (1997), Brait (2017), Castro (2002), Kopenawa (2015) e outros que podem contribuir significativamente na temática em questão.

Palavras-chave: Literatura Indígena Amazonense; Bakhtin; Yaguarê Yamã.

17/07 (TARDE)

BARÃO DO RIO BRANCO: PERSONALIDADE QUE CONSTITUI UM NOVO ESTADO AMAZÔNICO NA PERSPECTIVA DE PERTENCER

Adelzita Valéria Pacheco de Souza

Resumo: A expansão do território nacional brasileiro ocupava posição evidenciada por conflitos, lutas e disputas que envolvia as diferentes províncias no Brasil, com o intuito de fortalecer o império que emergia em estado de decadência. Neste contexto, percorria as diferentes fronteiras nacionais, como personalidade que assumira o ministério das relações exteriores, por suas habilidades diplomáticas, sendo titulado Barão do Rio Branco em maio de 1888, pelo então Presidente Rodrigues Alves, o honorário Bacharel José Maria da Silva Paranhos que, em sua jornada ministerial assumira negociações bilaterais, reforçando nos



diálogos e discursos a unidade nacional, o que resultou na junção de mais de 900 mil quilômetros de territórios fronteiriços ao território Brasileiro, com ênfase para a criação de novos estados como Amapá, Tocantins e Acre, na região amazônica. A ocupação e expansão da região norte viera fortalecer o patrimônio nacional em disputas territoriais que ocorrera em pleno ciclo da borracha, visto como ouro negro, contou com interesse distrito federal instalado no Rio de Janeiro que visava o fortalecimento da riqueza nacional. Com esmero, o tratado de Petrópolis se configurou em elemento fundamental para o desfecho emblemático que se desdobrou posteriormente em pertencimento do Acre como um estado e terra assumidamente brasileira. Neste trabalho, intitulado Barão do Rio Branco: Personalidade que constitui um novo estado amazônico na perspectiva de pertencer, tem como objetivos principais: Conhecer nuances do personagem emblemático para os interesses do país em sua extensão territorial no final do segundo império a início do período republicano; Destacar a importância da comissão diplomática assumida pelo Barão do Rio Branco na constituição de um novo estado brasileiro na região amazônica. Como problema, saber quais as tramas e os embates que marcaram a (s) expedições que contribuíram para a formação do Estado do Acre. Ainda um trabalho inacabado, a metodologia utilizada consta de pesquisa bibliográfica na literatura que retrata a historiografia da constituição do estado do Acre, em jornais da época por meio impresso e eletrônico. Daou (2000) – trata da Belle Époque Amazônica; Ribeiro (1930) – relata sobre as nossas fronteiras; Rio Branco (1947) trata das Obras do Barão do Rio Branco; Viana (1988) – sobre a vida do Barão do Rio Branco; Cunha – relatos de viagens sobre a Amazônia; Volóchinov, Bakhtin (2017). Como conclusões mais relevante é ter identificado a personalidade que constituiu novos estados, suas contribuições para a extensão territorial brasileira, e abordar os atos reconhecido como um marco, atravessando séculos, pelos seus feitos e circulação nestes espaços, se perpetuando nas tramas, dando sentidos e nomeando a capital de um dos estados que consolidou.

Palavras-chave: Identidade; Literatura; Amazônia; Acre

DO SERINGAL À XAPURI: IDENTIDADES URBANAS

Willianice Soares Maia e Luciano Mendes Saraiva

Resumo: Dos estados brasileiros, o Acre é o que tem uma das histórias mais significativas sobre batalhas para pertencimento do País. Nesse cenário, destaca-se Xapuri sendo o município do Acre mais lembrado pela figura de Chico Mendes, por suas lutas pela igualdade, pela defesa da floresta e dos direitos seringueiros. Acreditamos que essa história não pode ser esquecida, tanto do ponto de vista territorial, como os cenários e as identidades daqueles que o seguiram. Nesse pressuposto, propomos este estudo com o objetivo de discorrer sobre a cultura e a sociedade xapuriense descrevendo aspectos dos sujeitos acrianos, cuja história é pouco evidenciada, assim como a cultura e identidade de um povo tão importante para história daquele Estado que conserva características do Acre território. Não obstante, com o cenário pouco modificado ao longo dos anos, os espaços alteraram com os atores da floresta e hoje podemos classificá-los como homem urbano, mesmo que, por vezes, apresente características rurais. Este estudo, discute as vivências do povo de uma determinada região amazônica, na esteira da Linguística Aplicada (LA), uma vez que daremos voz a um povo esquecido. O estudo foi desenvolvido in loco, portanto, estudos de casos, com uso de entrevistas e gravações. Com esta proposta, estaremos contribuindo e enfatizando sobre a história de Xapuri e daqueles que a inventaram ao longo dos anos, destacando elementos do perfil do povo Xapuriense que de certo modo evidenciam elementos da identidade dos sujeitos acrianos. Convém destacar que, Xapuri é lembrada quando se trata da luta de Chico Mendes, porém, esquece os vários atores e heróis que vivem até hoje em uma luta constante de sobrevivência, tiveram que abandonar a floresta para viver na cidade, expulsos pelos que se dizem donos da terra, e hoje são vítimas e sobreviventes do urbano, da cidade e vivem em um constante processo de exclusão, distante do que lhe é conhecido, como a floresta que clama pelo seu retorno. Partimos da visão literária de Baudelaire (1922) sobre a modernidade, Canclini (2007) com culturas híbridas e Hall (2008) que relaciona a identidade histórica ao êxodo se perfazendo em identidades imbricadas ou em novas



identidades. Compreender essas vozes perpassando na Linguística Aplicada para explicar o social, o discurso que justifica essa sociedade tentando assim entender e tratar de qual discurso justifica as novas vivências do se redescobrimdo, ou, por que não dizer sobrevivente do moderno. E compreender essa sociedade que foi uma comunidade esquecida no tempo e no espaço, que continua em sua luta diária, a da sobrevivência, em perceber que está vivo só pelo fato de continuar respirando, porém, sentido uma saudade apertada da terra, da floresta. Saudade perdida no urbano, na modernidade que aos poucos vai excluindo o povo do mato, o povo verde.

Palavras-chave: Acre; Xapuri; Identidade

O ESPLENDOR DO CERRO RICO EM POTOSÍ, LA CIUDADE UNICA, DE WENCESLAO JAIME MOLINS

Cleilton França dos Santos

Resumo: Resumo: A história política, econômica e social da Amazônia, essa imensa fronteira mescla-se com a história do Brasil, pois, desde a chegada dos europeus, vindos do outro lado do oceano, foi palco de sonhos audaciosos e de realidades amargas, como foi o caso da cidade de Potosí, immortalizada pelos viajantes estrangeiros com o eldorado, cidade de prata, mas que posteriormente, se revelou um caso sangrento de exploração de trabalhadores nas minas, conforme afirmou o Frei Domingo de Santo Tomas: “Não é prata o que se envia à Espanha, é o suor e sangue dos índios”. Nesse sentido, a proposta que aqui esboçamos, pretende abordar a imagem da Amazônia a partir de um dos seus eldorados – a cidade de Potosí na obra *Potosi, la ciudad Única* (1957), de de Wenceslao Jaime Molins. O escritor era argentino, mas viveu entre as décadas de 1920 e 1930 na Bolívia. Trabalhou jornalista em diversos jornais da Bolívia e da Argentina como “La Nación” e “La Razón”. A Vila Imperial de Potosi constituiu um dos territórios mais ricos e isolados do Império espanhol, onde as lutas entre obem e o mal, entre a virtude e o pecado expressou bem as relações sociais. Nessa perspectiva, o texto de Molins nos traz uma crônica de viagem ao Potosi, dando conta de aspectos cotidianos. De acordo com (VEYNE, 1998), a história deve ser vista como um romance, ou seja, uma narrativa, acontecimentos cujo centro é o homem, não sendo, portanto, uma ciência explicativa e neutra. De modo análogo ao romance, a história não faz reviver o que conta: o registro produzido pelo historiador não é vivido pelos atores, os homens reais. Sendo uma narrativa, é possível eliminar aspectos considerados supérfluos, inúteis a um propósito. A história, assim, seleciona, simplifica e dá coerência aos acontecimentos, facultando ao historiador resumir séculos e séculos em poucas linhas. Nesse sentido, perguntamo-nos, quais os discursos que aproximam ou diferenciam Molins dos demais escritores que abordaram o eldorado e o Potosí nas suas narrativas? A Vila Imperial de Potosi situa-se no altiplano andino a 4.000 metros acima do nível do mar, na região que, atualmente, compreende o território da República da Bolívia, parte do antigo Vice-reino do Peru. Essa região destacou-se pela produção de prata da América colonial e foi uma das cidades mais imponentes e habitadas durante o ciclo argentífero do século XVI ao XVIII. Sua história é marcada pelo esplendor e decadência na exploração das minas de prata, tendo sido descrita pelos viajantes como a cidade da riqueza e o paraíso terreal. Nossa análise ancora-se no arcabouço ideológico em que se produz mais essa crônica potosina.

Palavras-chave: Amazônia; Potosi; Eldorado; ideologia.

ABRINDO AS PÁGINAS DO LIVRO AZUL: ROGER CASEMENT E A AMAZÔNIA PERUANA

Luciana Marino do Nascimento

Resumo: As imagens da Amazônia como paraíso, inferno verde ou eldorado fora criadas a partir dos textos de viajantes europeus, que pela força da letra fixaram no imaginário as mencionadas imagens. Ness sentido, pode-se observar que a Amazônia constitui uma construção imagética legitimada pela historiografia, o que constitui, segundo Neide Gondim, a “invenção da Amazônia”. Propomos nesta comunicação, uma leitura da imagem do inferno



verde amazônico presente em "O Livro Azul do Putumayo", de autoria de Roger Casement, poeta irlandês, e revolucionário que exerceu o cargo de cônsul britânico no Brasil de 1906 a 1913. Em sua viagens pela Amazônia, Casement produziu uma série de relatos sobre a situação de barbárie nos seringais da região do Putumayo. (Peru). O Cônsul denunciou a caótica situação dos indígenas e seus conflitos com a Casa Arana e a Peruvian Amazon Company, através das diversas cartas a governo britânico, as quais se encontram reunidas no Livro Azul, nome este que recebem as publicações diplomáticas do governo britânico. Assim, tomando por base os postulados de Foucault acerca do discurso e suas relações com entre o saber e o poder, bem como as reflexões de Mitchell sobre a presença de Casement na Amazônia, além dos estudo de Pratt sobre o colonialismo e de Cantarino sobre a presença irlandesa no Brasil, pretendemos levar a cabo uma leitura sobre as cartas de Casement e suas denúncias de atrocidades contra os indígenas no interior da floresta amazônica peruana.

Palavras-chave: Amazônia; barbárie; discurso; Roger Casement; Livro Azul do Putumayo.

A (RE)CONSTRUÇÃO E A DESCONSTRUÇÃO DO ESPAÇO AMAZÔNICO, EM O FIM DO TERCEIRO MUNDO, DE MÁRCIO SOUZA

Marcelo Leal Lima e José Cabral Mendes

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar a Amazônia enquanto espaço metaficcional construído e desconstruído discursivamente, no romance O Fim do Terceiro Mundo, de Márcio Souza. O referido romance é caracterizado como uma metaficção que envolve o espaço amazônico, suas tramas, seus sentidos conferidos e conflitos que envolvem seus sujeitos, alguns nativos, selvagens, outros de localidades e posições sociais diferentes, como escritores, ingleses, dentre outros personagens que estão envoltos dos mistérios e problematizações sociais que são abordados dentro da narrativa, a considerar que o que está em voga é o texto metaficcional e com esse pressuposto pode ser compreendido como uma ficção com autoconsciência, autoconhecimento, autodisciplina irônica peculiarmente acerca da Amazônia, sua (re)construção e desconstrução (GASS, 1970). Destaca-se que a localização e a análise do espaço dentro da narrativa recria interpretações e compreensões do texto literário, que também tão bem comporta a vida social, a descreve e a problematiza, neste caso. A leitura do romance proposta na presente pesquisa, toma como orientação o princípio de que o espaço e o contexto de enunciação de personagens numa obra literária, não meramente permeia o contexto histórico, assim como o ocasiona e conseqüentemente o traz para a existência, dentro do texto ficcional (SMITH, 1979). Há ainda um jogo discursivo em que seu arranjo foi engendrado sob a égide de condições de produção que tanto determinam sua ocorrência quanto sua forma. Para a recriação e intelectão do espaço é importante também a visão pragmática na trama literária, sob o prisma de Austin que considera que as condições de apropriação discursivas são relevantes para cada contexto de ato de fala e a verificação de fatores presentes no contexto imediato como, a relação entre falante e ouvinte, o tom de voz, os gestos paralinguísticos e a referência indexical para o que acontece no entorno, auxiliam em novas formas de reivindicação social e política, por meio da literatura e os espaços geográficos que a abarcam, como a Amazônia (AUSTIN, 1962).

Palavras-chave: 1. Estudos amazônicos; 2. Metaficção; 3. Romance amazônico; 4. Márcio Souza

18/07 (MANHÃ)

A AMAZÔNIA DE MÁRIO DE ANDRADE: UMA LEITURA INTERPRETATIVA DO BRASIL

Fábio Soares dos Santos

Resumo: Esta comunicação oral aprofunda a discussão sobre a questão do lugar, da função e dos sentidos da Amazônia e de sua cultura na constituição da matriz cultural brasileira por meio da obra de Mário de Andrade, em especial, Macunaíma e o Turista Aprendiz. Sendo a



região amazônica caracterizada por Ana Pizarro (2005) como “uma construção discursiva”, desenhada e matizada pela imaginação fértil de viajantes, missionários e cientistas europeus durante longos séculos com o objetivo de ampliar suas explorações mercantilistas e expansão territorial de seus países principalmente no contexto da descoberta do Novo Mundo, o poeta e escritor paulista, ao viajar para a região, em 1927, e finalizar *Macunaíma* – marco do Modernismo literário brasileiro, em 1928, traz para berlinda a Amazônia como enigma para a interpretação do Brasil e para se pensar o problema da unidade e da diversidade ambiental, humana e cultural de um país continental e de formação histórica plural. Destarte, este trabalho tem como escopo entender como Mário de Andrade interpreta o Brasil através de uma Amazônia (des)construída discursivamente por sua engenhosidade poética e visão de mundo apurada, resultado de suas viagens intensas, realizadas tanto como turista aprendiz, em 1927, quanto pela viagem no mundo da leitura científico-literária, como de uma Amazônia inventada pelos viajantes mercantilistas, taxados por ele de “mentirosos a valer” (LOPEZ, 1983).

Palavras-chave: Amazônia; Brasil; Mário de Andrade.

UM VISÃO ETNOGRÁFICA DO SUL-MINEIRO A CERCA DO IMAGINÁRIO DE IMIGRANTES PROVIDOS DE REGIÕES DE BIOMA AMAZÔNICO

Fábio Geraldo de Ávila

Resumo: A cultura do morango tem se despontado como principal atividade econômica no município de Espírito Santo do Dourado, no Sul de Minas Gerais, por encontrar, no clima de montanha, as condições ideais para seu cultivo. Portanto, grandes e pequenos produtores têm se valido destas condições e apostado nesta cultura perene, destinando suas terras para o cultivo do morango. Em Espírito Santo do Dourado, a educação ambiental e a conscientização dos agricultores, eram nítidas nas quantidades de estufas, erguidas para o cultivo do morango. A perenidade e o clima ameno garantem colheitas regulares, o que demanda grande quantidade de mão de obra durante todo ano. Resultante desse plantio o fenômeno de transumância que o município vem atraindo. Muitos imigrantes tem vindo para a região, o que vem gerando conflitos culturais e surgindo uma nova estruturação da cidade. Este trabalho traz à tona essa discussão de uma visão etnográfica do sul mineiro a cerca do imaginário de imigrantes providos de regiões de bioma amazônico. A mão de obra vinda de Tocantins O fenômeno da migração para o trabalho ou arrendamento de terras para a cultura do morango, já data de aproximadamente mais de década, porém tem se intensificado nos últimos anos. Algumas famílias de imigrantes se instalaram no município, tanto na zona urbana como rural. É fundamental relacionar que estes novos atores chegam e ocupam um lugar, um espaço, com uma estratégia e uma tática diferenciada da local. É, portanto, a definição de cotidiano, segundo Michel Certeau (1994), as pessoas que chegam, veem com um propósito e por que, neste caso, encontram um município com oferta de oportunidades de arrendamento de terras e mão de obra. Nesse cenário, as transformações ocorridas em Espírito Santo do Dourado, estão mudando a identidade local e uma nova comunidade esta se afluando, abalando de muitas formas a comodidade e o sossego costumeiro também característico dos pequenos municípios sul mineiros. Esses processos que as mudanças causam, Hall aborda como sendo uma “crise identitária” (HALL, 2006). Em consequente, há uma série de consequências que Hall (2006 p.69) visualiza na forma como a globalização tem se desenrolado, influenciando a sociedade pós-moderna. Ele conclui seu pensamento com tendências e contra-tendências. Para este estudo, que é de uma, em uma esfera micro é interessante destacar as contra-tendências, que são o hibridismo e o fundamentalismo (HALL, 2006). O hibridismo seria o surgimento de novas identidades multifacetadas e o fundamentalismo, a retomada de identidades locais. Nos causa muito interesse entender as tramas que entrelaçam nesse contexto e a construção do sujeito como modificador do ambiente. Este processo migratório e seus impactos no município puderam ser observados a partir de uma proposta epistemológica interdisciplinar sendo abordados desde buscando do entendimento das articulações, às rejeições e às múltiplas expressões e reações que deparávamos presencialmente ou em relatos.

Palavras-chave: Cultura; Imaginário; etnografia

MEMÓRIA E IMAGINÁRIO: PRESENTES EM NARRATIVAS AMAZÔNICAS

Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões

Resumo: "A memória torna a alma presente diante de si mesma e faz-se receptáculo do verdadeiro" (Sto. Agostinho). O grupo social não sobreviveria sem a voz poética. Integrada aos discursos comuns ela é, para a comunidade, a referência permanente e segura. Espaço, tempo, atores.... tudo se justifica e permanece através da memória e da tradição. Paul Zumthor entende que as narrativas, de domínio do grupo social, são espécie de voz poética que funciona, ao mesmo tempo, como memória e profecia e refletem as relações e comportamento da comunidade. As narrativas orais da Amazônia, ricas de significado local, apontam ora para um passado memorável, ora para o presente da criação e até para uma possibilidade de futuro previsível, que pode ficar subentendido nas entrelinhas do discurso. A presente apresentação propõe-se a mostrar de que modo o contador de narrativas empenha informações sobre a Amazônia, através de mensagem poética, em que sua voz traz o testemunho de memória e de tradição que se ajustam, sem cessar, num processo de criação e recriação permanentes do mundo amazônico

Palavras-chave: Amazônia; narrativas orais; IFNOPAP

A POÉTICA DO TEMPO EM INGLÊS DE SOUSA

Messias Lisboa Gonçalves

Resumo: O paraense Inglês de Sousa nasceu na cidade interiorana de Óbidos, localizada no estado do Pará, em 28 de dezembro de 1853, e faleceu no Rio de Janeiro, em 6 de setembro de 1918. O escritor passou a maior parte de sua vida fora da cidade natal, mas foi na região amazônica que se inspirou para compor as suas obras literárias: História de um Pescador (1876), O Cacaulista (1876), O Coronel Sangrado (1877), O Missionário (1891) e Contos Amazônicos (1893). Importa mencionar que a minha dissertação de mestrado Tempo e memória em O Cacaulista e O Coronel Sangrado, de Inglês de Sousa (2018) aponta que as diversas chaves de leituras, consagradas pela crítica, da ficção inglesiana são caracterizadas principalmente pela textura histórica, antropológica, social, política e cultural. Porém, essas variadas formas de leituras não esgotaram a palavra fecundante do texto inglesiano, visto que as obras de Inglês de Sousa inauguram a si mesmas e nos convidam a escutá-las para além do histórico e do documental. Desse modo, essas obras necessitam de uma escuta poética, situação que há muito lhes vêm sendo negadas. Outrossim, os três primeiros romances, publicados sob o pseudônimo Luiz Dolzani, receberam do autor o título geral de Cenas da vida do Amazonas. Sendo assim, o objetivo deste estudo, que é uma das reflexões de minha proposta de doutoramento, é pesquisar o entrelaçamento dos romances da série Cenas da vida do Amazonas por meio do desvelamento do tempo poético nessa coleção. No tocante, é indispensável ressaltar que dialogar com esses romances de forma originária ao longe de uma lente de interpretação já legitimada possibilita conhecê-las não epistemologicamente, mas ontologicamente. Por isso, é imprescindível estar atento ao que os romances, a partir de si mesmos, nos revelam em um perpétuo processo de desvelamento e velamento das coisas. Diante disso, é necessário lançar-se no abismo do pensamento e realizar uma crítica literária enquanto escuta poética da questão do tempo. Segundo Martin Heidegger (2005), o tempo que o homem intentou controlar por meio de um relógio contador não pode ser comensurado, uma vez que existe uma concepção de tempo que se estende e se faz presente nas ações do próprio homem, fugindo, assim, de qualquer medição ou cálculo. Além disso, o pensador nos explica que o tempo é presença, assim como o tempo é poético. Para realizar este intento, dialogou-se especialmente com Henri Bergson (1859-1941), Martin Heidegger (1889-1976), Benedito Nunes (1929-2011) e Manuel Antônio de Castro (1941-) para pensar o tempo poético na série de romances de Inglês de Sousa.

Palavras-chave: Tempo; Poética; Escuta; Romances; Inglês de Sousa.

IDENTIDADE E CULTURA AMAZÔNICAS NOS CORDÉIS DE RODRIGO DE OLIVEIRA

Saide Feitosa da Silva

Resumo: A literatura de cordel, que historicamente ganhou força na região Nordeste do Brasil, - onde nasceram grandes nomes dessa expressão da cultura popular – atravessou rios, oceanos, estradas, florestas, lavrados e tantas outros obstáculos, chegando, dessa forma, à Amazônia, este local rico em representatividade simbólica que tanto fala ao imaginário do homem moderno. Em Roraima, o mais setentrional dos estados brasileiros, tal literatura é representada por alguns autores que, vindos em sua maioria da Região Nordeste, ali encontraram uma diversidade de temas que os instigaram a produzir textos cordelísticos abrangendo a identidade amazônica. Por agora, nos deteremos sobre alguns textos do cordelista Rodrigo de Oliveira, poeta, professor universitário, nascido no estado de Pernambuco e residente em Roraima desde o ano de 2006. Seus cordeis versam sobre os mais variados temas, como as lendas locais, a cultura amazônica, questões ambientais, políticas, margeados pela forte presença indígena no estado, o que contribui significativamente para a formação de uma identidade plural. Por sua natureza fluida e diversa, o cordel é capaz de transitar por vários campos, gerando, portanto, identificações nos mais distintos meios sociais e consolidando-se como uma ferramenta de formação de identidades. Ao cordelista, observador da dinâmica social, dos acontecimentos, a busca por temas para suas rimas se encontra entre o povo, que se percebe inserido em sua produção e, no caso do presente estudo, constata-se a presença de uma cultura híbrida, própria das articulações de identidade da região de Roraima e, mais amplamente, da Amazônia. A Literatura de Cordel do autor aqui estudado caracteriza-se por sua diversidade temática e torna-se, assim, multifacetada, sendo esta uma de suas principais características. Uma vez que o cordel é literatura popular, é de fato nas histórias cotidianas que o poeta cordelista busca inspiração para escrever seus versos. Para alguns estudiosos do cordel como expressão literária, quando se procede a uma análise dos próprios cordéis, é possível perceber que, em muitas ocasiões, o poeta assumia o papel de porta-voz das novidades, dando voz a uma parcela da sociedade que, historicamente, não foi contemplada com o direito de posicionar-se criticamente diante de suas próprias mazelas, dificuldades e demandas. Sobre a formação e consolidação identitária desse “ser amazônico” é que pretendemos tratar no estudo aqui proposto.

Palavras-chave: Literatura de Cordel; Identidade; Amazônica.

65 - LITERATURAS EM ABISMO: A PERSPECTIVA INTERSEMIÓTICA EM DEBATE

Coordenação: Prof. Dr. Fernando de Mendonça (UFS); Prof^a Dr^a Maria do Carmo de Siqueira Nino (UFPE)

Resumo: Retomando discussões iniciadas em edições anteriores da ABRALIC, este simpósio se organiza como um espaço para o debate de reflexões críticas voltadas à relação da literatura com as outras artes (cinema, fotografia, música, pintura, teatro, etc.), baseando-se numa perspectiva de análise intersemiótica e tendo como propósito ampliar e aprofundar os estudos advindos deste ramo da literatura comparada. Adotar a Intersemiose como postura de observação, continua sendo uma oportunidade para discutir as experiências literárias nas textualidades contemporâneas, notadamente marcadas pelo diálogo de linguagens e a hibridez de formas e mídias. Com o objetivo de melhor delimitar este complexo âmbito de pesquisa, multifacetado por natureza, propomos a aplicação do conceito de *mise en abyme* como uma âncora teórica, um denominador e ponto de interseção para as leituras que aqui possam emergir. Advinda de uma técnica romanesca explorada por André Gide, a partir dos últimos anos do séc. XIX, a expressão deriva de um termo que, na heráldica, vem se referir ao ponto em que diversas figuras e formas se relacionam, dentro de escudos e medalhões, compondo *em abismo* o fundo de uma imagem sem, necessariamente, se tocarem. Posteriormente teorizada por Lucien



Dällenbach (1977; 1979), que aprofundou o caráter especular e destacou a presença desta ideia de composição narrativa como uma constante passível de identificação, da Antiguidade aos tempos modernos, esta consciência nos surge como um método de investigação para melhor uniformizar o heterogêneo cenário aberto pela relação das artes. Assim, importa não somente verificar a maneira como variadas obras podem se relacionar, mais do que isso, torna-se relevante perceber a influência destas relações no gesto criativo, em si mesmo. Uma obra que se constrói *em abismo*, segundo Dällenbach, vem também se desdobrar numa ‘autotextualidade’, em outras palavras, numa ‘intertextualidade autárquica’, passando a depender intrinsecamente do diálogo com outros textos e linguagens para subsistir como forma autônoma e original. Sobreposição de camadas que logo se percebe como um *modus operandi* muito expressivo e recorrente na literatura contemporânea, seja em obras que ultrapassem o verbo escrito para alcançar novos domínios de visualidade e, até mesmo, sonoridade; ou literaturas que vêm encontrar nas tecnologias eletrônicas, na cibernética e na rede virtual, novos horizontes de possibilidades textuais. O conceito de *mise en abyme*, desde os romances e apontamentos ensaísticos de André Gide, presta-se como instrumento de análise comparatista, pois instaura numa obra a reflexividade direta por outra(s) obra(s), seja através de semelhança ou de contraste. Jogo de reflexos a ser resgatado por Dällenbach, ao definir uma narrativa *em abismo* como obrigatoriamente estruturada por meio de um ‘relato espelhado’, assim como determina Umberto Eco (1989) em sua teoria de espelhamentos, ampliando o caráter vertiginoso das artes que se alimentam ininterruptamente. Diante disso, o simpósio propõe uma ampla discussão de obras que recorram a caminhos em composição especular, seja no direcionamento de textos que apontem para outros textos (obras dentro de obras), mas especialmente, no caso de linguagens que se voltem para outras linguagens, desafiando a percepção e inovando as estéticas contemporâneas. Acompanhando uma tendência dos estudos mundiais em literatura comparada, como se pode constatar pela recente organização de um periódico internacional da *Università degli Studi di Verona* (2014), integralmente voltado para pesquisas que contemplem a *mise en abyme* como escopo principal de análise crítica, espera-se contribuir aqui para a discussão e divulgação do tema. Diante da alta procura por esta proposta na XIV ABRALIC, a renovação do simpósio visa oportunizar um maior contato entre pesquisadores brasileiros que já se dediquem ao assunto.

Referências:

- ANKER, Valentina; DÄLLENBACH, Lucien. A Reflexão especular na pintura e literatura recentes, in **Art Internacional**, vol. XIX/2, fevereiro 1975. (Trad. do original em francês: Maria do Carmo Nino)
- Bernardo, Gustavo. O livro da metaficcão. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.
- DÄLLENBACH, Lucien. Intertexto e autotexto. In: _____; et al. **Intertextualidades**. Tradução de Clara Crabbé Rocha. Coimbra: Almedina, 1979, p. 51-76.
- _____. **Le récit spéculaire**: essai sur la mise en abyme. Paris: Editions du Seuil (Poétique), 1977.
- ECO, Umberto. **Sobre os espelhos e outros ensaios**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- GIDE, André. **Os moedeiros falsos**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- GOULET, Alain. L’auteur mis en abyme (Valéry et Gide). **Lettres Françaises**: revista da área de Língua e Literatura Francesa, Araraquara/FCL-UNESP/Laboratório Editorial, n. 7, p.39-58, 2006.
- MISE EN ABYME: international journal of comparative literature and arts. Verona: Università degli Studi, 2014-. ISSN 2284-3310. Disponível em: <<https://journalabyme.wordpress.com/>> Acesso em 23 Abr. 2016.
- Stam, Robert. A literatura através do cinema: realismo, magia e a arte da adaptação. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- _____. Reflexivity in film and literature – from D. Quixote to Jean-Luc Godard. New York: Columbia University Press, (1985) 1992.



PROGRAMAÇÃO

16/07 (TARDE)

FICÇÃO, SUICÍDIO E ANTROPOLOGIA NO CORAÇÃO DAS TREVAS: NOVE NOITES E OS PAPÉIS DO INGLÊS

Daniel Moutinho Souza

Resumo: O romance *Nove noites*, de Bernardo Carvalho (2002), conta pelo menos duas histórias. Uma delas é a do suicídio verídico do antropólogo norte-americano Buell Quain, em 1939, numa trilha entre a tribo Krahô (que ele estudava) e a cidade maranhense de Carolina. O narrador, ao ler sobre o episódio em um artigo de jornal, interessa-se por essa surpreendente ocorrência e começa a investigar até o ponto de se ver obcecado. A outra história é a do próprio narrador, o qual, quando criança, visitou regiões inóspitas do interior do Brasil acompanhando o pai. Esses dados biográficos nos induzem a perceber certa identificação entre narrador e personagem e, assim, a entender sua obsessão pela morte de Quain. Partimos da hipótese de que *Nove noites* se estrutura de modo análogo a um documentário, pois escolhe seu tema, pesquisa sobre ele e busca revelar algo a seu respeito, lançando um olhar pessoal, autoral. Na maior parte do romance, o narrador reúne informações em entrevistas, arquivos, bibliotecas. É apenas num momento posterior, ao não encontrar respostas concretas, que ele recorre à invenção ficcional para completar as lacunas deixadas pelas escassas fontes a respeito do antropólogo. Neste aspecto, propomos uma leitura comparada entre *Nove noites* e o romance *Os papéis do Inglês*, do autor angolano Ruy Duarte de Carvalho (2000), o qual recebera resenha crítica elogiosa de Bernardo Carvalho na Folha de S. Paulo em janeiro de 2001. Neste, o narrador se interessa pelo misterioso suicídio de um antropólogo inglês ocorrido no interior de Angola em 1923 e narrado em uma crônica publicada em 1928. Ele então inicia uma busca sobre supostos “papéis” deixados pelo Inglês, que talvez esclarecessem as razões de seu ato extremo. Assim como em *Nove noites*, esse narrador não é nomeado e são mobilizadas estratégias textuais para confundir sua identidade com o próprio autor, reforçando a sugestão de que os romances estariam “baseados em fatos reais”, e resultando em estruturas metaficcionais, autorreferenciais, na medida em que refletem continuamente sobre sua própria composição. Entretanto, entre eles há uma diferença central: o narrador de Ruy Duarte de Carvalho anuncia, desde o início, o propósito de criar a sua própria versão para o suicídio do Inglês: “eu, a deter-me agora nesta estória, haveria de introduzir muita perturbação e muita invenção minhas na versão das coisas” (CARVALHO, 2000, p. 20). Em *Nove noites*, ao contrário, supostas fronteiras entre o evento e a invenção ficcional são cuidadosamente borradas – por exemplo, a colagem de fotografias no texto, que ajudam a trazer referências do real dentro do romance. Deste modo, a análise comparada defenderá o argumento de que *Os papéis do Inglês* fundamenta-se em um “impulso ficcional”, ao passo que *Nove noites* se organiza em torno de um “impulso documental (ou documentário)” de seus autores-narradores.

Palavras-chave: Metaficção; Impulso documentário; Romance brasileiro; Romance angolano

SE UM VIAJANTE ENTRE A METAFICÇÃO E A MISE EN ABYME

Igor Gonçalves Miranda

Resumo: Nossa reflexão propõe uma comparação entre o conceito de mise en abyme e o conceito de metaficção tendo como aporte o romance *Se um viajante numa noite de inverno* (1979), de Italo Calvino. Este romance será apresentado para demonstrar semelhanças e diferenças entre os conceitos. Para definir a metaficção, partiremos do livro *Narcissistic narrative: the metafictional paradox* (1980), de Linda Hutcheon; e do livro *Metafiction: the theory and practice of self-conscious fiction* (1984), de Patricia Waugh. Ambas as autoras trazem o apanhando de uma longa tradição de romances do século XX que celebraram a autorreferência diegética, a mimese dos processos de criação literária, o espelhamento infinito e



o leitor participante. Hutcheon e Waugh citam o escritor André Gide diversas vezes como precursor da ficcionalidade como tema do romance e, ao cotejar sua referencialidade, entenderemos onde a mise en abyme, conceito por ele postulado, se encontra dentro das variantes metaficcionalis. Ademais, o romance de Italo Calvino ilustrará tanto a mise en abyme quanto a autoconsciência romanesca aliada às figurações metaficcionalis da teoria do romance, equacionando, portanto, semelhanças e diferenças conceituais.

Palavras-chave: Mise en abyme; Metaficção; Italo Calvino

RITMOS DA VERTIGEM: CONTRATEMPOS ENTRE MISE EN ABYME E POLIRRITMIA Joanita Baú de Oliveira e Wesley Simão Bezerra

Resumo: Conforme Lucien Dällenbach (1991), a mise en abyme ocorre quando a obra de arte duplica-se, mediante a inserção de um espelho interno, capaz de refletir suas características de maior relevo. Esse é o caso, por exemplo, da peça de teatro que encena outra peça de teatro com enredo bastante similar, do romance que versa sobre a escrita de um romance de mesmo nome, da pintura ou fotografia que retrata o instante de sua própria criação, entre diversas outras possibilidades. O termo francês, que significa, literalmente, por em abismo, remete justamente para as sensações de profundidade, infinito e vertigem provocados pelos efeitos estéticos de espelhamento resultante dessa reduplicação da obra artística. No campo da música, efeitos semelhantes são provocados pela polirritmia, fenômeno que consiste na execução de dois ou mais pulsos rítmicos, baseados em uma mesma forma de compasso, de forma simultânea. Segundo Wisnik (1989) e Arom (1996; 2004), entre outros pesquisadores, a sobreposição de figuras rítmicas provoca ilusões na percepção auditiva, fazendo o ouvinte perder a noção do pulso elementar, resultando, assim, em sensação de vertigem, circularidade, ambiguidade. Considerando o exposto, o presente trabalho investiga, a partir de revisão de literatura e análise comparada de algumas obras, as relações de similaridades entre os efeitos estéticos provocados pela mise en abyme, nas artes visuais e literárias, e a polirritmia, no âmbito musical.

Palavras-chave: Mise en abyme; Polirritmia; Vertigem; Circularidade; Ambiguidade

17/07 (TARDE)

TRÊS RETRATOS À MARGEM

Danielle Cristina Mendes Pereira Ramos

Resumo: Três retratos à margem Resumo: O trabalho propõe-se a pensar uma poética do retrato, dentro do contexto da segunda metade do século XX no Brasil, muito especialmente no cenário da ditadura militar. Nossa hipótese é a de que nesse contexto o topos do retrato atua como instrumento artístico de provocação e de resistência. Como potência reflexiva, ele se insinua com a perspectiva de desestabilizar imagens derivadas da doxa e ressignifica, através de sentidos inesperados, representações pertinentes às identidades e à violência e, diante destas, da condição da arte e do artista. A poética do retrato o enuncia como materialidade dada a leituras estéticas plurais, que desconstruem a ideia de efeito do real - para usarmos a expressão de Roland Barthes (1971). Na contramão do desejo de decalque, o retrato é percebido como signo que estabelece um jogo no qual atua como elemento de poiese e é realocado em uma dimensão simbólica e política, que fricciona as relações entre realidade e escritura. Por esse viés, deseja-se explorar as interfaces entre linguagens artísticas distintas, muito especialmente, a linguagem literária e a das artes visuais. Para tanto, intentamos desenvolver a análise crítica e dialógica de obras que percebemos como organizadas em torno do que reconhecemos como uma poética do retrato dentro do contexto histórico e cultural recortado, a saber, a pintura “Bela Lindoneia ou a Gioconda dos Subúrbios”, de Rubens Gerchman (1966); a bandeira-poema “Seja marginal, seja herói”, de Hélio Oiticica (1968); e o conto “Mineirinho”, de Clarice Lispector (1962). Percorreremos uma senda de análise crítica estética que visa explorar, nas obras de Gerchman, Oiticica e Lispector, a leitura dos limites e das possibilidades de diálogos entre estruturas



artísticas plurais que se interseccionam em uma teia criativa e solidária, capaz de instigar a elaboração de gestos criativos. Percebemos na tela da pintura, na bandeira-poema e no conto literário um processo de abordagem do signo do retrato que perpassa a discussão da labilidade das fronteiras entre o ficcional e o factual, o popular e o erudito e o crime e o heroísmo, em uma abordagem que assume nos processos de representação da violência nos regimes de exceção uma postura ápora. O enfrentamento de tais questões evidencia a necessidade de pensarmos as estruturas criativas organizadas e as formas pelas quais estabelecem trocas simbólicas que sugerem a formação de imagens em mise en abyme ao redor de discursos artísticos que elegem o retrato como signo político de enfrentamento.

Palavras-chave: Literatura e outras artes; Poética do Retrato; Ditadura Militar

MATERIALIZAÇÕES DO INVISÍVEL NA POÉTICA DE ABBAS KIAROSTAMI

Fernando de Mendonça

Resumo: Realizador iraniano de renome mundial, Abbas Kiarostami (1940-2016) lega-nos uma obra marcada pela reflexão sobre o tempo da imagem, um projeto de inclinação contemplativa, percebido com maior ênfase no cinema experimental que desenvolveu nestes primeiros anos do Séc. XXI, e agora constatado pelo público brasileiro também em sua qualidade de poeta, com a recente tradução e lançamento da antologia “Nuvens de Algodão” (2018). Nossa proposta conecta leituras em torno desta recente descoberta que obtemos do Kiarostami escritor, com aquele que se tornou seu testamento cinematográfico, pois lançado após a sua morte, o filme “24 Frames” (2017). Neste, o ponto de partida se encontra em 24 fotos do próprio Kiarostami, que são expostas na duração fílmica em média de 5 minutos cada: a imagem surge de maneira estática, fotográfica, e aos poucos desenvolve um movimento interno que redimensiona seu caráter narrativo e desafia os limites da visibilidade. O efeito é provocado por meio de diversas técnicas, de sobreposição de imagens e recursos digitais de pós-edição, passando pela colagem e a animação. Afloram disso questionamentos sobre a ontologia do olhar, seja em sua relação com o movimento, como no pacto feito junto à dilatação temporal. Nosso objetivo é iluminar possibilidades de interpretação ao filme a partir da perspectiva da mise en abyme, haja vista ser um longa composto por uma vertiginosa sobreposição de janelas (seu primeiro frame baseia-se numa pintura de Peter Bruegel, enquanto seu último frame remonta o desfecho de um clássico filme de William Wyler), assim como também nos valeremos do legado de alguns teóricos da imagem, no trânsito incontornável que existe entre o ato fotográfico e o cinematográfico, atravessando uma inclinação pelo detalhe que se confirma na produção literária de Kiarostami, em poemas que priorizam o estabelecimento de composições imagéticas, ao modo da prática dos haikais. A base de nosso pensamento remonta três importantes conceitos advindos das teorias da imagem: a noção barthesiana do ‘tempo como punctum’, apresentada no igualmente testamentário livro *A Câmara Clara* (1984); a definição que o fenomenólogo Merleau-Ponty (2014) propõe ao falar de uma ‘carne do presente’, desperta pelo olhar que ofertamos sobre as coisas, sobre um visível que repousa em si mesmo e duplica o vidente numa relação de harmonia e posse; e finalmente, o ‘elogio ao diáfano’ localizado no primeiro volume dos ‘Ensaio Sobre a Aparição’, de Didi-Huberman (2015), cerne da tese sobre os Fasmias, advinda do entrelaçamento paradoxal de ‘fenômenos-indícios’, oriundos da filosofia heideggeriana. Em Kiarostami, reposicionam-se as dúvidas do que materialmente recebemos pelo olhar, num sentido de continuada construção e compreensão do tempo, num processo de vivificação que ultrapassa os limites do durável.

Palavras-chave: Intersemiose; Cinema e Literatura; Cinema e Fotografia; Mise en Abyme; Abbas Kiarostami.

METAFICÇÕES EM STANLEY KUBRICK

Maria do Carmo de Siqueira Nino

Resumo: Simetrias, espelhamentos e duplicações aludindo a várias linguagens artísticas foram frequente e amplamente acessadas pelo diretor americano Stanley Kubrick em toda a sua



filmografia. Tomando como base alguns dos seus filmes em uma análise cruzada, teceremos algumas considerações à luz do conceito metaficcional da mise en abyme tendo como base teórica o livro de Lucien Dallenbach *Le récit spéculaire: essai sur la mise en abyme*, assim como as considerações sobre metaficção empreendidas por outros autores como Robert Stam, Gustavo Bernardo, Samira Chalub. Desde o seu primeiro filme em 1953 *Medo e Desejo* até o último *De Olhos Bem Fechados* em 1999, temos uma filmografia coesa, que estabelece as bases do seu estilo, onde questões como ‘déjà vu’, ‘anamnese’ e ‘livre arbítrio’ permeiam todas as obras e são problematizadas dentro da diegese a partir de figuras de linguagem que podem ser associadas a vários tipos de especularidades. Os espelhamentos em Kubrick não são apenas presentes dentro da narrativa intrínseca a cada filme, mas se inserem entre os filmes de sua trajetória como autor, Instaurando uma discursividade onde uma certa circularidade abre espaço para serem associados à mise en abyme em seu recurso às várias linguagens que se apresentam à nossa percepção.

Palavras-chave: Palavras-chave: Mise en abyme –cinema - déjà vu- anamnese - livre arbítrio

A TÉCNICA DO SONHO: JAMES JOYCE E A REPRESENTAÇÃO CINEMATOGRAFICA

Palmireno Couto Moreira Neto

Resumo: “This very wonderful instrument (the Cinématographe) produces with absolute correctness in every detail animated representations of scenes and incidents which are witnessed in everyday life.” Publicado em *The Freeman’s Journal*, o comentário é parte de um relato sobre as sessões de cinema organizadas por Dan Lowrey no *Star of Erin Theatre of Varieties*, em Dublin, no final de 1896. A aposta de Lowrey estava certa. Em alguns anos, a exibição de filmes se tornou a principal atração do local. Logo, além da produção dos irmãos Lumière, seriam assistidas as primeiras filmagens realizadas na cidade. Além disso, o mercado exibidor também se diversificou, com a apresentação de filmes em outras regiões irlandesas. Finalmente, em dezembro de 1909, foi aberto o *Volta*, o primeiro cinema permanente de Dublin. Entre os proprietários, estava James Joyce, que retornara de Trieste em outubro de 1909. Na cidade italiana, o escritor irlandês convencerá quatro pequenos empresários, controladores de dois cinemas em Trieste e de um em Bucareste, a investir no projeto. As expectativas favoráveis, no entanto, não se confirmaram. Após um período registrando prejuízos, o cinema foi vendido para a *Provincial Theatre Company*. A decepção com o *Volta* não afastou Joyce das salas de projeção. É o que percebemos no relato de Morley Callaghan sobre um encontro em Paris com o escritor irlandês. Ao conversarem a respeito de filmes durante uma visita no final dos anos 1920, Callaghan percebeu o fascínio que o cinematógrafo ainda despertava em Joyce: “As he talked, I seemed to him in a darkened theatre, the great prose master absorbed in camera technique, so like the dream technique, one picture then another flashing in the mind. Did it all add to his knowledge of the logic of the dream world?” No ano seguinte, Sergei Eisenstein confirmaria a impressão do escritor canadense: “Quando Joyce e eu nos conhecemos em Paris, ele estava muito interessado em meus planos quanto ao monólogo interior cinematográfico, cujo alcance é muito mais amplo do que o permitido pela literatura. Apesar de sua quase total cegueira, Joyce desejava ver aquelas partes de *Potemkin* e *Outubro* que, com o meio expressivo da cultura do cinema, se movem ao longo de linhas análogas.” Absorvido em um mundo transformado em sala escura, esquadrinhando as técnicas empregadas para a construção de imagens que reverberavam o movimento, vislumbrando realidades oníricas projetadas nas telas e na mente e, mesmo quando a visão já lhe faltava, perscrutando os segredos da representação cinematográfica, Joyce estava entre aqueles tocados pela “décima musa”. A comunicação apresentará as diferentes linhas que aproximam a literatura do cinema na obra do escritor irlandês.

Palavras-chave: James Joyce; Literatura e cinema; Cultura visual

66 - LITERATURAS, AFRICANIDADES E DESCOLONIZAÇÃO

Coordenação: Dr. Felipe Fanuel Xavier Rodrigues (FTESM - Fundação Técnico-Educacional Souza Marques); Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira (CEFET-MG); Dr. Paulo Dutra (SFASU)

Resumo: Dando continuidade ao projeto de acolher comunicações dedicadas ao estudo da vida, obra e pensamento de autores e autoras de ascendência africana, cuja imaginação literária provém de vivências da afrodescendência em localidades formalmente descolonizadas, às margens das quais a africanidade constitui *leitmotif* de literaturas que se situam dialeticamente dentro e fora de sistemas literários hegemônicos, apresentamos esta proposta de simpósio. O objetivo é explorar os contornos críticos e teóricos das produções literárias engendradas a partir das histórias, culturas e instituições de pessoas de origem africana, bem como o impacto dessas literaturas em contextos de desigualdades e demandas sociais. Ao declarar o período de 2015-2024 como a Década Internacional dos Afrodescendentes, as Nações Unidas reconheceram a urgência de se colocar na ordem do dia a promoção e proteção dos direitos humanos de um contingente de aproximadamente 200 milhões de pessoas de ascendência africana espalhadas pelo mundo. A discussão dessa pauta acarreta ressonância política e histórica no contexto brasileiro. Apesar de o Brasil gerar a segunda maior população afrodescendente atual, os jovens negros (pretos e pardos) são as principais vítimas de homicídio no país (CERQUEIRA *et al.*, 2016). O fenômeno, já descrito como “genocídio negro”, expõe os efeitos funestos da persistência do racismo e impõe reflexões acerca da cultura como local de luta e sobrevivência para afrodescendentes que vivem em democracias desiguais. Na genealogia do racismo contemporâneo – onde quer que seja flagrante –, constam ontologias construídas para fundamentar sistemas de segregação racial que cercearam os direitos dos negros em territórios controlados por projetos colonialistas etnocêntricos. Contudo, o imprevisível surgimento de literaturas de sujeitos que perspectivam tradições africanas, afirmam identidades negras e tematizam experiências em ambientes hostis manifesta a dinâmica cultural de afrodescendentes cuja escrita contrapõe práticas textuais e interpretativas que essencializaram seus corpos e os trataram como objetos. Trata-se de um processo de descolonização, isto é, um processo histórico em que sujeitos legatários do mal-estar colonial “recriam” a si mesmos como seres humanos, rompendo, portanto, com a conformidade à lógica de um mundo em que a discriminação racial perdura.

Palavras-chave: Literatura Afrodescendente; Africanidade; Identidade Negra; Racismo; Descolonização.

Referências:

CERQUEIRA, Daniel *et al.* *Atlas da Violência 2016*. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2016.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

PENSAMENTOS SILENCIADOS E VOZES QUE SE TORNAM VISÍVEIS: TENSÕES NOS FAZERES LITERÁRIOS DO SÉCULO XXI

Maria Aparecida Ferreira de Andrade Salgueiro

Resumo: Atenta ao tema do presente Simpósio e deste Congresso Internacional da ABRALIC, retomaremos fazeres literários e alguns de seus impactos sobre projetos transnacionais, configurações geopolíticas e compreensão intercultural. Ao abordar os pensamentos silenciados, manteremos o foco no resgate de histórias das negritudes – e das populações nativas – nas Américas, em especial, abordando a realidade pós- e decolonial de textos literários de resistência diante dos desafios do mundo dito global, olhando para migrações, identidade, exílio, memória, traduções/mediações, translocalidades; novos atores na política global e sua representação na Literatura, com o papel decisivo da tradução na redefinição de significados de

cultura e identidade étnica. Partindo de escritos de Walter Mignolo, Boaventura de Sousa Santos e Achille Mbembe, ao mencionar as tensões do século XXI, faremos referência ao Feminismo Negro e à Literatura negra de autoria feminina.

Palavras-chave: negritude; decolonialidade; literatura

NEOLIBERALISMO E DESIGUALDADE NO SÉCULO XXI: A MIRADA AFRO-MIGRANTE DE IMBOLO MBUE EM AQUI ESTÃO OS SONHARES

Claudio Roberto Vieira Braga

Resumo: Partindo da premissa de que a literatura constitui uma forma de se compreender o mundo e de transformá-lo, esta comunicação tem como objetivo analisar a representação literária de vidas negras da chamada nova diáspora africana (FABRE; BENESCH, 2004), que tem início após as independências dos países da África que haviam sido colônias europeias. Para isso, focalizo o trabalho da escritora americano-camaronesa Imbolo Mbue, cuja escrita direta e ágil denuncia a precarização da condição humana, tendo como pano de fundo a sociedade estadunidense contemporânea. Seu romance *Aqui estão os sonhos* (2016) é um premiado livro de estreia, bem recebido pela crítica, amplamente lido nos E.U.A. e já traduzido em 11 línguas, inclusive português. A narrativa é ambientada no complexo espaço-tempo neoliberal estadunidense, nos anos de 2007 e 2008, contexto em que a desigualdade e a ausência de garantias de bem-estar social bloqueiam oportunidades e inviabilizam sonhos, em especial para o sujeito negro migrante. Demonstro que a ficção de Mbue se coaduna com a teorização de Chomski (2018), para quem o neoliberalismo provoca uma concentração aguda de riqueza em mãos privadas, acompanhada da perda do poder da população, que passa a levar uma vida precária, com trabalhos cada vez piores. Neste contexto, examino as personagens Jende e Neni Jonga, discorrendo, dentre outras coisas, sobre a vulnerabilidade das relações humanas e de trabalho, incluindo a persistência do racismo em pleno século XXI, que os atinge frontalmente. Após migrar, a família Jonga busca sobreviver em um ambiente hostil em várias camadas: seu bairro de residência, o Harlem, é reduto negro de admirável riqueza cultural, mas também de miséria; sua cidade é Nova York, cosmopolita, porém fria; e seu novo país são os Estados Unidos, autoproclamado o mais democrático do mundo, mas com uma democracia seletiva e desigual, na qual, historicamente, as oportunidades de melhoria de vida sempre foram direcionadas a brancos. Para o exercício de associar neoliberalismo às mazelas humanas em *Aqui estão os sonhos*, me valho das teorizações de Chomski (2018), já mencionado; Stone (2016), que ao corroborar Chomski afirma que o neoliberalismo está aumentando a desigualdade e retardando o crescimento econômico; e Ostry, Loungani, e Furceri, que desde 2016 vêm concluindo que o neoliberalismo estaria liquidado. Por fim, faço referência a Mbembe (2014), que define o neoliberalismo como uma época na qual o tempo é convertido em força reprodutiva da forma-dinheiro, resultando em uma visão de mundo que dá a tudo um valor de mercado, codificando a vida social em normas, categorias e números, em um contexto no qual já não há trabalhadores propriamente ditos, apenas nômades do trabalho (MBEMBE, 2014). Para finalizar, pondero sobre como Mbue, ao elaborar um desfecho de esperança para seus personagens negros, cria um paralelo ao contexto pessimista da narrativa, estabelecendo seu romance como resistência às representações que estereotipam a experiência afro-negro-migrante como fracassada, funcionando, assim, como uma espécie de agente partícipe de um processo que, em termos gerais, pode-se chamar de descolonização do sujeito negro migrante.

Palavras-chave: literatura afro-migrante; neoliberalismo; desigualdade; descolonização

A ESCRITA FEMININA NEGRO-AFRICANA COMO RESGATE ONTOLÓGICO E EPISTEMOLÓGICO: UM OLHAR SOBRE AMERICANAH E TUDO DE BOM VAI ACONTECER

Natália Regina Rocha Serpa

Resumo: Este trabalho se propõe a pensar a escrita de mulheres negras e africanas como possibilidade de criação de novas epistemologias, bem como um resgate ontológico do ser



Negro. Tomamos como ponto de partida os romances *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie e *Tudo de bom vai acontecer*, de Sefi Atta. De acordo com Marcién Towa (2015), pensar filosoficamente em África é também ter a “coragem” de pensar o absoluto a partir da liberdade de pensamento desprendido de dogmas e verdades reveladas. Para esse filósofo camaronês todo homem ou mulher que se lança na aventura de pensar o absoluto é capaz de filosofar, e para nós a escrita de Chimamanda e Sefi Atta apresentam temas que nos levam a pensar a construção de um absoluto africano. Hegel construiu e legitimou a imagem da África como um continente desprovido de linguagem e consciência de si, para ele os homens africanos eram “entidades humanas incapazes de se despir de vez da figura animal com que estavam misturadas”. O colonizador ao impor sua ontologia e determinar uma única forma de compreender o mundo, acaba por arruinar a razão, esvaziar a memória e aniquilar a linguagem do africano. É importante ressaltar que a escrita sempre se apresentou como um espaço de poder e a partir do processo colonizador esse espaço foi reivindicado como exclusivo pelo europeu. Nesse cenário, a Literatura negro-africana produzida por mulheres emerge como possibilidade de criação de novas epistemologias, ou seja, novas formas de compreender e analisar uma escrita porosa, atravessada por marcas orais de ancestralidade. Uma escrita de vozes dissonantes condenadas à eterna diáspora, forjada a partir de restos e rastros dispersos pelo mundo. Sefi Atta e Chimamanda Ngozi Adichie usam a escrita como forma de reatualizar a experiência originária e compõem personagens que evocam a verdade de si a partir da sua própria história e do seu território. A escrita dessas nigerianas nos permite problematizar a identidade negra enquanto identidade em eterno devir. Para Achille Mbembe (2017) é preciso desconstruir a tradição pois, esta ao construir o discurso da diferença revela seu caráter inventado e nessa invenção a figura do negro só existe como ficção do outro. Para Mbembe, a África por muito tempo, só existiu a partir de uma biblioteca colonial e essas narrativas instauradas pelo colonizador ganharam uma força tão estruturante que ainda hoje, quando o negro tenta falar com uma voz autêntica, ainda corre o risco de não conseguir ser ouvido por “expressar-se fora de um discurso pré-existente, que mascara seu discurso, censura-o ou o empurra para a imitação”

Palavras-chave: Escrita negro-africana. Ontologia negro-africana. Epistemologia negro-africana

FISURAS EN NARRATIVAS ROMÁNTICAS Y COMUNIDADES IMAGINADAS: MARÍA (1867) DE JORGE ISAACS (1837-1895) Y ÚRSULA DE FIRMINA DOS REIS

Juana Sañudo Caicedo

Resumo: En el presente trabajo se parte del concepto comunidades imaginadas de Benedict Anderson y su relación con el Romanticismo en la Literatura, en este caso, en las obras *María* de Jorge Isaacs y *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis, en las que se construyen u oponen esbozos de narraciones con subjetividades resistentes al poder en términos foucaultianos. Se exploran entonces las autorías en Isaacs y Dos Reis: sujetos autoriales en las comunidades imaginadas en lo que fueron los Estados Unidos de Colombia y Brasil, desde lugares liminares: el origen judío de Isaacs y su ambigüedad frente a un proyecto político y racial en su país, así como la afrodescendencia de Dos Reis y su compromiso antiesclavista en el Brasil previo a la abolición. Así, los autores desplegarán narraciones con sujetos de enunciación limitados en el caso del autor neogranadino o con capacidad de focalizar a los afrodescendientes, en el caso de la autora brasilera. Es decir que, nos enfrentamos a dos lugares de habla: el hombre blanco y hacendado en decadencia con Efraín, que, no obstante, logra contar la historia de la esclava manumisa Nay, como también la narración en tercera persona que focaliza a la esclava Susana, ambas narrativas, en todo caso, enlazadas por el relato sobre la diáspora africana.

Palavras-chave: Romanticismo en Brasil y en Colombia ; Diáspora africana; Resistencia; Subjetividades



ESCRITORAS NEGRAS DA BAHIA: (RE)MAPEAMENTO E MOVIMENTOS

Calila das Mercês

Resumo: Na formação da consciência africano-diaspórica é necessária uma constante articulação para dialogar na frente de luta numa sociedade em que insiste caminhar ao lado do racismo. Partindo da categoria político-cultural da amefricanidade alcunhada por Lélia Gonzalez e do conceito de escrevivência proposto por Conceição Evaristo, dialogaremos sobre o Escritoras Negras da Bahia, um projeto que surge fora do ambiente acadêmico a fim de mapear as mulheres negras artistas literárias e diagnosticar o motivo pelo qual não as vemos legitimadas nos espaços sociais, o que acontece contrariamente com os que estão no topo da pirâmide de privilégios sociais, mesmo sendo minoria em quantidade. A Bahia é um estado em que a maioria da população é composta por mulheres negras e está muito distante de uma representatividade proporcional no campo literário. O projeto Escritoras Negras da Bahia foi contemplado pelo Edital Setorial de Literatura/2016 da Secretaria de Cultura da Bahia e surgiu como uma proposta da comunidade civil de debater sobre autoria de mulheres negras, políticas públicas da cultura, (auto)representação e luta antirracista.

Palavras-chave: Autoria negra; Mulheres negras; Narrativas contemporâneas; Remapeamento

CRÍTICA LITERÁRIA FEMINISTA NEGRA EM UM DEFEITO DE COR, DE ANA MARIA GONÇALVES E BELOVED, DE TONI MORRISON: INTERSECCIONALIZANDO A LITERATURA

Cátia Cristina Bocaiuva Maringolo

Resumo: Objetivamos nesse trabalho, (re)pensar os romances Um defeito de cor (2006) de Ana Maria Gonçalves e Beloved (1987) de Toni Morrison, a partir da crítica literária feminista negra. Nos interessa analisar a representação das personagens negras nos romances e a importância da autodefinição das mesmas enquanto rejeitam e subvertem estereótipos negativos, excludentes e opressivos, demonstrando a necessidade de se compreender, analisar e interpretar as obras literárias por meio de diferentes pontos de vista, condizentes com a materialidade literária. Isso não implica assumir que a denominada crítica literária tradicional não possa ser utilizada como ferramenta de interpretação e análise, mas sim enfatizar que uma vez que assumamos que os textos são materialidades atreladas a realidades empíricas, partimos do pressuposto de o que se tem denominado crítica literária parte de visões e perspectivas majoritariamente brancas, masculinas e heterossexuais e que ditas universais excluem e subalternizam as experiências dos denominados “outros”. A crítica e a teoria literária canônica tende a compreender estas produções literárias como literaturas menores, de menor qualidade, sem valor estético e nem literário e desnecessariamente engajadas política e criticamente. Enfatizamos que parte dos críticos literários ainda acreditam que os textos não têm cor, nem gênero e nem classe. Nesse sentido, a crítica literária feminista problematiza questões como cânone literário, universalidade, tradição literária, quebrando paradigmas da crítica tradicional ao trazer para a cena questões constantemente esquecidas e negadas: os textos começam a ser compreendidos por outros pontos de vistas que se preocupam em, primeiro, resgatar a longa tradição da escrita da e sobre a mulher, contrapondo estereótipos e interiorizações; segundo, que o tem sido tomado como universal e canônico é, na maior parte das vezes, branco, heterossexual e masculino.

Palavras-chave: feminismo negro; crítica feminista literária negra; Um defeito de cor; Beloved

CONVITE AOS QUILOMBOS: A CRÍTICA LITERÁRIA NAS OBRAS DE CIDINHA DA SILVA

Fabiana de Pinho

Resumo: A produção literária que majoritariamente circula é escrita homens brancos do Sudeste (DALCASTAGNE, 2012). Parece-nos fundamental identificarmos este cenário e tê-lo como um dos nortes críticos às práticas de exclusão. Entretanto, é mais do que necessário e



produtivo pensar em como este panorama vem sendo tensionado. Nos livros da escritora negra Cidinha da Silva, orelhas, prefácios, apresentações e contracapa são reflexões sobre a obra da autora e, ao mesmo tempo, parecem representar uma reunião com os que, em geral, são invisibilizados pelo sistema literário mencionado. Sueli Carneiro, Livia Natália, Chico Cesar, Giovanni Martins, Marcos Antonio Alexandre, Marcelino Freire, Edmilson de Almeida Pereira e Emerson Inacio e outros, comumente são convidados por Cidinha a um aquilombamento crítico-literário. Esta noção de aquilombamento pensado para um modo de compreender uma prática artística negra e militante se ancora no conceito de quilombos editoriais do professor Luiz Henrique Silva de Oliveira: “entender um conjunto de iniciativas no campo editorial, comprometidas com a difusão de temas especificamente ligados ao universo afrodescendente, com claro propósito de alteração das configurações do imaginário social hegemônico”. . Obviamente, os livros de autores brancos também apresentam parcerias intelectuais. Porém, no caso da autoria negro-brasileira, as escolhas são parte de uma militância antirracista que se coaduna com as vozes literárias dentro e fora dos textos. Há uma construção organizada de um sistema literário autônomo que põe as existências negras em lugares centrais, propondo representações e leituras que desconstróem estereótipos sobre modos de ser negro (HALL, 2016). Com este trabalho, propomos compreender como estes textos críticos se configuram em ações de resistência, ressignificação e construção de espaços plurais de leitura e crítica e, assim, ampliam a visão sobre o que significa escrever, ler e analisar textos literários de autoria negro-brasileira. Buscamos também discutir a maneira como a reunião destes elementos não-literários representam formas de sociabilidade para existência de intelectuais negras e negros atravessadas pelo desejo de descolonizar saberes em uma cultura eurocêntrica marcada por diversas formas de opressão. Para isto, analisaremos orelhas, prefácios, apresentações e contra-capas dos livros Cada Tridente em seu lugar, Os nove pentes da África, Sobre-viventes, #Parem de nos matar e O Homem azul do deserto de Cidinha da Silva. Observações: 1) Em seu artigo Quilombos editoriais: Panorama e estratégias, publicado na revista fólio, no volume sobre o Devir negro na literatura brasileira, o professor Luiz Henrique Silva de Oliveira define quilombo editorial. Valho-me deste conceito para pensar as dinâmicas em torno da Literatura que colocam questões negras no centro de suas demandas. 2) Tomo esta nomenclatura –literatura negro-brasileira – de Mírian Cristina dos Santos, em seu livro recente Intelectuais negras: Prosa negro-brasileira contemporânea, que a utiliza a partir das reflexões do poeta Cuti. Penso também que esta escolha, de alguma forma, dá conta de especificidades de produções brasileiras, ainda que a obra de Cidinha seja bastante marcada pela cosmogonia dos orixás.

Palavras-chave: Palavras-chave: Literatura negro-brasileira, Cidinha da Silva, Literatura e descolonização.

PRETA POESIA: PROTESTO E POTÊNCIA

Felipe Fanuel Xavier Rodrigues

Resumo: Este trabalho se propõe a confrontar a obra poética de Cristiane Sobral e Livia Natália, duas das mais significativas autoras literárias negras do Brasil contemporâneo. Os contornos da poesia são explorados de modo crítico e comparativo, com foco em imagens de protesto que testemunham as implicações culturais, históricas, políticas e sociais da imaginação criativa de mulheres negras. A confluência de temáticas poéticas desvela a ocorrência de uma “revisão tropológica” em textos de afrodescendentes (Gates, 1989). Há na fecundidade dessa poesia passos de continuidade do “redespertar político e cultural negro”, cujo impulso foi prefigurado pela obra de Carolina Maria de Jesus (McLaughlin, 1990). Com a multiplicidade de sua lírica, Sobral e Natália trazem potência à tradição afro-brasileira de protesto literário e libertário.

Palavras-chave: poesia; poetas afro-brasileiras; protesto; potência

17/07 (MANHÃ)



LINHA DE COR E COMPORTAMENTO ENUNCIATIVO NO ROMANCE NEGRISTA

Luiz Henrique Silva de Oliveira

Resumo: O objetivo deste trabalho é discutir os mecanismos responsáveis pelo comportamento enunciativo de personagens negras em contraposição aos de personagens brancas no romance negrista. Do ponto de vista da temática, o negrismo procura abordar não só o sujeito afrodescendente, enquanto indivíduo, mas seu coletivo identitário enquanto universo humano, social, cultural e artístico. Há inequívoco desejo de resgatar a história do povo negro, seja em África, seja na diáspora, passando pela denúncia da escravidão e de suas consequências, até chegar à discussão do lugar do negro na sociedade de classes. Enquanto procedimento, o negrismo incide diretamente nas orientações das seguintes instâncias: a temática; a autoria; o ponto de vista; as imagens veiculadas pelos objetos artísticos; e o comportamento enunciativo. Em outras palavras, existe uma voz autoral externa à afrodescendência, explícita ou não, mas que se simpatiza em certa medida com o universo cultural deste coletivo. São abordados temas afro-brasileiros e africanos. Há recorrentemente construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade ou africanidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido. Não há um projeto sistêmico de intervenção social por parte dos autores, tampouco um sentido de intervenção coletiva na cena pública. (OLIVEIRA, 2014). As modalidades linguísticas seguem um dispositivo composicional a que chamo linha de cor. De um lado da linha, as personagens procuram se aproximar de modos europeizados. Do outro lado da linha, situam-se personagens cujos modos de vida identificam-se com os universos afrodescendente e indígena. Nossa hipótese é a de que a referida linha marca o comportamento enunciativo das personagens nesta linhagem de romances a que nos referimos. O comportamento enunciativo dos que estão de um lado da linha aproxima-se do padrão da língua portuguesa, considerando as particularidades gramaticais. Já o comportamento dos que estão em lado oposto da linha, ainda que escolarizados, é marcado por desvios do padrão da língua, como por exemplo: lotização; apócope; redução de ditongos; redução e concordância verbal; concordância irregular de número; uso da forma sujeito do pronome em função de complemento; permutação entre l e r ou v e b; e despalatalização: j>z. O corpus desta pesquisa será composto por *A marcha*, de Afonso Schmidt; e *Xica da Silva*, de João Felício dos Santos. O comportamento enunciativo, balizado pela linha de cor, é um dos elementos responsáveis pela dualidade estética do romance negrista. Tal dualidade estética gera inegável reprodução de estereótipos que atribuem às personagens negras (principalmente àquelas pouco escolarizadas) “erros” e “distorções” do português castiço que nem sempre refletem a maneira como de fato se comportavam enunciativamente os seres humanos a que estas personagens representam – o que distorce, portanto, a verossimilhança como um dos princípios do pacto de leitura das narrativas do corpus, todas de extração histórica. Finalmente, este trabalho procurará responder à seguinte pergunta: o comportamento enunciativo das personagens negras e brancas, no romance negrista, significa (des)compromisso com a verossimilhança ou evidencia momentos remarcados pelo preconceito linguístico?

Palavras-chave: linha de cor; comportamento enunciativo; negrismo; *A marcha*; *Xica da Silva*.

UM ESBOÇO DA HISTÓRIA EDITORIAL DA POESIA NEGRO/AFRO-BRASILEIRA

Fabiane Cristine Rodrigues

Resumo: Este estudo, oriundo da dissertação “Por uma história editorial da Literatura negro/afro-brasileira”, pretende traçar um panorama de publicação da poesia produzida por autores afro-brasileiros, considerando suas produções individuais, para que seja possível compreender as dinâmicas editoriais e, até mesmo, sociais que viabilizam seu surgimento e circulação. Através de um corpus composto por 271 obras individuais de 79 poetas, publicados por 117 casas editoriais distintas e em 26 cidades do território nacional, obtido a partir de um levantamento que teve como base de dados o Portal literafro (www.letras.ufmg.br/literafro), buscamos ampliar as discussões a respeito da história editorial da poesia negro/afro-brasileira, questionando: Quais são os autores? Que livros publicaram? Por quais meios editoriais publicaram? Quando publicaram? Em quais períodos históricos? Em quais cidades? Como tais



publicações estão distribuídas geograficamente? Quais apontamentos este cenário permite? A partir de tais reflexões, questionamos também o lugar da poesia negro/afro-brasileira no interior da Literatura Brasileira, percebendo organizações de agentes que, embora destoem do campo literário brasileiro, estruturam-se através de outros critérios, ou habitus, permitindo questionar se tais organizações não podem ser lidas como microcosmos que ora integram o campo literário canonizado, ora se encontram à sua margem. No caso específico desse trabalho, optamos por analisar as formas como a literatura negra/brasileira se posiciona diante deste campo. O modo como a literatura negra/afro-brasileira se configura, no campo literário brasileiro, pode ser compreendido como uma linhagem que está ao mesmo tempo dentro e fora do campo. Dentro porque se vale dos mesmos suportes e formas; fora porque apenas a tríade autor-obra-público não são suficientes para garantir sua existência e continuidade, conforme será desenvolvido no capítulo seguinte, sendo necessário manter temática, autoria, linguagem, ponto de vista interno à afrodescendência e criação de um público leitor. Essas exigências, específicas dessa linhagem literária, podem ser explicadas pelos processos de legitimação e canonização ocorridos no interior do campo literário brasileiro. Por isso a necessidade de compreender e debater como essa fratura da literatura brasileira se organiza a fim de preencher algumas das lacunas existentes na história editorial brasileira, bem como na história editorial da literatura brasileira, a partir do levantamento estatístico destas produções e do estudo das dinâmicas editoriais e, até mesmo, sociais que viabilizam seu surgimento e manutenção, além de promover discussões a cerca da bibliodiversidade brasileira e demonstrar a relevância da literatura afro-brasileira no campo editorial brasileiro.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira; Edição; Poesia

"NOS PRIVAM TÊ DE PENSAR": A ESCRITURA DE LUIZ GAMA

Fernando Rocha

Resumo: Esta comunicação tem dois objetivos principais. Por um lado, analisar a percepção do campo do racismo a partir da poesia satírica de Luiz Gama. Por outro, traçar de que modo o poeta pôde elaborar uma voz que desse conta de sua experiência como escritor negro. Tomo como ponto de partida alguns versos de Gama: “Desculpa, meu caro amigo, / Eu nada te posso dar; / Na terra que rege o branco, / Nos privam tê de pensar!...” Esta estrofe faz parte do poema “Num álbum”, publicado no volume de poesias *Primeiras trovas burlescas* (1859). Aponta, com sagacidade, para a amplitude do negricídio que se conflagrou com o tráfico negreiro transatlântico, constituído por meio de um biopoder. Conforme aponta Achille Mbembe em *Necropolítica*, a escravidão de africanos e afrodescendentes “pode ser considerada uma das primeiras manifestações da experimentação biopolítica”. Controla-se violentamente o grau de vida e morte presentes no corpo escravizado de modo que sua existência, reificada, se insira de maneira quase imperceptível, invisível, na estrutura de produção e acumulação de capital. O poder sobre a vida (e a morte), neste sentido, também se deflagra como demarcação social do “lugar do negro”. No poema de Gama, este seria não “peg[ar] na pena”, mas sim fazer-se um sapateiro, ou seja, um trabalhador de limitada capacidade técnica, um prestador de serviços para uma população branca ou embranquecida. Acima de tudo, o que deveria se configurar seria uma concomitância entre a negativa e a afirmativa do “lugar do negro”, como indica Gama no mesmo poema: “Mordendo na sola, / Empunha o martelo, / Não queiras, com brancos, / Meter-te a tarelo”. Na própria realização de um ofício braçal vem estruturada não só a divisão sócio-racial do trabalho, mas também a concessão do direito à fala. Mordendo-se a sola, no exercício do ofício, cala-se a boca, suprime-se um discurso e uma perspectiva negra. Negricídio, como já apontou Abdias Nascimento em *O genocídio do negro brasileiro*, implica também em desvalorização de cultura, e, conforme analisou Sueli Carneiro em sua tese de doutorado, constitui um epistemicídio. O “nos privam tê de pensar” de Gama é, ao mesmo tempo, apagamento de cultura e epistemicídio. Dentro deste quadro de racismo estruturado e estruturante, de que forma Luiz Gama foi capaz de constituir um outro lugar de fala, de onde pudesse conceptualizar uma escritura a partir de um ser negro? Ao analisar a literatura de



Machado de Assis, Eduardo de Assis Duarte propõe a noção de estratégias de caramujo para entendermos como o escritor, por meio de “disfarces de toda ordem”, tratou da questão da escravidão e da desumanização do negro. Tais “disfarces” faziam-se necessários porque, numa sociedade escravocrata e racista, não há uma “troca equivalente e idealizada entre cidadãos iguais que mantêm consideração recíproca uns pelos outros em discurso gramaticalmente unificado”, conforme aponta Paul Gilroy em *O Atlântico negro*. No caso de Gama, proponho que se estabelece uma delicada relação entre o falar e o calar, dizendo que não se pode dizer o que tem, inevitavelmente, que ser dito.

Palavras-chave: Luiz Gama - escritura - negricídio - epistemicídio

O LEGADO DA ESCRAVIDÃO EM O DIÁRIO DE BITITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Beatriz Schmidt Campos

Resumo: No presente trabalho pretendemos refletir sobre o legado da escravidão no Brasil por meio da leitura do Diário de Bitita de Carolina Maria de Jesus. Poucos anos antes de falecer, em 1977, Carolina entrega dois cadernos de manuscritos a jornalista brasileira Clélia Pisa, e um deles, que se tornara o referido diário, traduzido por Régine Valbert, é lançado pela editora Métailié em francês (1982) e posteriormente, no Brasil, em português, pela editora Nova fronteira (1986). No diário, escrito já em fase adulta, a autora relata sua infância e juventude na cidade de Sacramento, em Minas Gerais no começo do século passado. A autora descreve em breves temáticas, os acontecimentos de sua vida e discorre pensamentos sobre o racismo, a violência e a falta de oportunidades pelas quais passa ao longo de sua história e ainda, apresenta reflexões sobre as consequências da escravidão e da abolição via suas próprias experiências e sua visão de mundo. Desse modo, propomos um diálogo entre passagens do referido livro e de textos que abordam as consequências da escravidão, no sentido de aprofundar a compreensão de uma obra de arte autobiográfica que expressa resistência à exclusão social, à violência e às injustiças cotidianas por meio dos pensamentos que a autora apresenta ao narrar suas experiências de vida. Para tanto, nos apoiaremos na obra de Abdias do Nascimento (1980) por meio de sua visão sobre as consequências socioeconômicas da abolição da escravatura sofridas pela comunidade negra no Brasil e desse modo, dialogar com o pensamento de Angela Davis (1982) sobre o papel a que a Mulher Negra foi submetida no período pós-escravatura e Franz Fanon (2008), quanto ao complexo de inferioridade inserido na mente e no espírito da comunidade negra. E ainda, por meio do olhar de Achille Mbembe (2002) intencionamos refletir sobre o Diário de Bitita como registro histórico e “prática de arquivamento”. Consideramos que um livro como o supracitado torna-se uma referência relevante para estudos históricos pós-escravidão e para a realização de reflexões históricas e críticas mais aprofundadas. Por último, observamos na escrita atenta e crítica da autora um diálogo com o conceito de “the wake” abordado por Christina Sharpe (2016).

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; Legado da escravidão; Registro histórico; Escrita crítica.

17/07 (TARDE)

DAS MORADIAS ANCESTRAIS ÀS PERIFERIAS ATUAIS: A TERRITORIALIDADE EM MORADA E VÃO, DE ALLAN DA ROSA

Renata de Oliveira Batista Rodrigues

Resumo: A presente pesquisa possui como objetivo a discussão dos modos de representação de um determinado repertório evocado pela periferia. As criações literárias escolhidas para este estudo estão reunidas em duas obras, são elas: *Morada e Vão*, de Allan da Rosa. As reflexões a respeito da territorialidade nos escritos de Allan da Rosa serão discutidas na perspectiva da percepção de certa heterogeneidade na representação de nação, quando se pensa o território no plural. *Morada* e algumas poesias selecionadas do livro *Vão* ratificam a referida pluralidade,

produzindo localidades e ativando memórias. São poesias evidenciando outros olhares que também podem falar de Brasil. É possível que o conceito de territorialidade proporcione uma ampliação das questões a serem abordadas nesta análise, uma vez que trata da apropriação do território enquanto espaço geográfico de apropriação identitária. Remete, também, ao sentimento de pertencimento a um lugar onde o sujeito sente-se familiarizado. Sendo assim, passaremos uma temporada de reflexões e discussões no vão mais repleto do qual já obtivemos notícia, onde Allan da Rosa faz morada. Morada é uma publicação de novembro de 2007 das Edições Toró, com fotografias de Leonardo Martins Galina, que assina como Guma, e poesias de Allan da Rosa. Allan diz que “O livro é de fotos. Texto é mero convidado.” Entretanto, o diálogo entre a poesia escrita e a poesia capturada pela lente das câmeras promove percepções valiosas. As moradias ancestrais e as periferias atuais estão para além da propriedade atrelada às necessidades de mercado, pois afloram a nossa coletividade, a vida em comunidade. E será na perspectiva da vida em comunidade que será realizada a leitura das 20 imagens e das 13 poesias que compõem o livro Morada e das poesias selecionadas do livro Vão. Vão é formado também por poesias e dividido em três partes, assim intituladas: Conduítes, com 22 poesias, O Barco, de um único texto em prosa e Vão, que reúne 33 poesias. Vão também é uma publicação das Edições Toró, do ano de 2005. A poesia de Allan da Rosa na referida obra está unida a um projeto gráfico, onde a caligrafia e a concepção editorial são de Sílvio Diogo, que também assina as ilustrações com Marcelo D’ Salette. Mateus Subverso é responsável pela a grafitação dos títulos e capa. Entendendo que o espaço, a paisagem está atrelada a nossa percepção, discutiremos ainda o quanto o que movimenta o espaço são as percepções que temos sobre o mesmo.

Palavras-chave: Literatura; Territorialidade; Ancestralidade

MEMÓRIA, HISTÓRIA E IMAGINÁRIO: A COMEMORAÇÃO DA IDENTIDADE ANCESTRAL DO AXÉ OBÁ IGBÔ IGBOMINA MALÊ

Fabio Rodrigo Penna

Resumo: A presente comunicação oral visa apresentar parte da pesquisa que o sacerdote Antonio Penna de Obatalá vem desenvolvendo, durante seus de 50 anos de sacerdócio, em prol do resgate, do reconhecimento e da preservação/resistência da memória, da história e do imaginário de seus “mais velhos” e “mais velhas”, para comemoração da identidade ancestral do Axé Obá Igbô Igbomina Malê. Trata-se do resultado da imbricação entre a pesquisa científica debruçada sobre bibliografias, depoimentos e aprendizagens da oralitura e a filosofia ancestral, a qual é reatualizada a partir de cada rito realizado no território sagrado do Axé. No campo da Educação das Relações Étnico-raciais, essa pesquisa marca a narrativa da memória, da história e do imaginário do candomblé feito por malês e a presença da etnia igbomina (africana) no Brasil, além de representar, por si só, uma ação afirmativa de combate à intolerância religiosa.

Palavras-chave: Memória; Identidade; História; Ancestralidade; Candomblé

ANCESTRALIDADE E HISTORICIDADE EM DE ÁGUA DE BARRELA, DE ELIANA ALVES CRUZ

Maria Inês Freitas de Amorim

Resumo: No romance Água de Barrela, a escritora carioca Eliana Alves Cruz reconta a história de sua família desde seus antepassados em África, sequestrados e trazidos para o Brasil como escravizados, passando pelo fim do período de cativeiro até chegar os dias atuais. A autora descreve como seus familiares lutaram para garantirem condições de vida, reflete sobre o que significa liberdade e apresenta suas perspectivas de eventos históricos que marcaram a história do país, como a Guerra do Paraguai, assinatura da Lei Áurea, a Proclamação da República, o Bombardeio de Salvador de 1912 e Revolução de 1930, por exemplo. A autora busca em documentos oficiais, escritos familiares, cartas e em relatos orais, contados por seu pai, sua avó, sua bisavó, mas sobretudo, a partir de conversas com sua tia-avó, diagnosticada com esquizofrenia paranoide e taxada como “louca”, a história de seus ancestrais. Mais do que



resgatar a história de sua família, a autora apresenta a perspectiva dos marginalizados pela narrativa oficial, destacando a resistência em manter sua identidade, questionando o papel da educação como forma de libertação e como a mudança de sistemas de governo corroboram ou não para a manutenção dos mesmos atores no poder. Numa fusão entre narrativa literária e reconstrução histórica, Eliana Alves Cruz constrói uma narrativa que apresenta como a escravidão ainda deixa marcas profundas na formação da sociedade brasileira, sobre o que significa ser negro no país e, principalmente, sobre o que significa ser uma mulher negra num país ainda tão profundamente marcado pelo machismo e pelo racismo. O presente trabalho busca analisar a relação entre ancestralidade e historiografia, evidenciando a leitura que a narrativa do romance realiza dos fatos históricos a partir do olhar particular das personagens sobre os fatos públicos. A visão dos subalternizados dos eventos históricos conduz para reflexões sobre a história oficial do país. Ao revisitar o passado, é possível entender as estruturas que comandam o presente e buscar formas de destruir amarrar na construção de um futuro menos opressivo e desigual. Entender que a violência e a desigualdade ainda permanecem, mas a história de luta e resistência dos grupos marginalizados resultaram num presente menos opressivo. Em *Água de Barrela* é possível perceber que ainda há muito a caminhar, mas muitos passos já foram dados por atores silenciosos, como Damiana, Martha, Umbelina, Anolina, Isabel, Adônis, Firmino, Roberto, cujas histórias precisam ser contadas.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Ancestralidade; Resistência; História

MARIA FIRMINA DOS REIS, CRÍTICA DA COLONIALIDADE

Laísa Marra

Resumo: Este trabalho trata da análise de duas narrativas da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis (1822-1917), "*Úrsula*" (1859) e "*Gupeva*" (1861), para examinar, em ambos os textos, como são construídas as relações inter-étnicas, e as noções de barbárie, colonialidade, nação e alteridade. Para tanto, são acionadas críticas de pensadores contemporâneos, especialmente Achille Mbembe e Lélia Gonzalez. Defende-se que há nos referidos textos de Reis o desenvolvimento de estratégias narrativas pioneiras de subjetivação de sujeitos não-brancos, e que, junto a isso, homens brancos são rebaixados porquanto subjuguem sadicamente corpos femininos, negros e/ou indígenas. Escritos em uma época fortemente marcada pelo romantismo nacionalista na América Latina, "*Úrsula*" e "*Gupeva*" dialogam com algumas ideias de literatura nacional difundidas por críticos e escritores românticos que formularam discursos de impacto sobre a literatura no Brasil – como Fernand Denis (1826), Gonçalves de Magalhães (1836) etc. –, mas introduzem uma diferença radical quanto à questão ideológica da temporalidade. Isto é, enquanto esses autores idealizavam o passado colonial na medida em que obliteravam o presente e projetavam a pátria para um futuro nacional fértil e coeso – de país, raça, cultura, literatura –, Maria Firmina dos Reis foca-se nos empasses étnicos e éticos do tempo presente e na ligação destes com o passado colonialista inacabado. Essa inversão temporal elaborada por Reis é fundamental para a crítica contemporânea, porque põe em xeque a ideologia colonialista e eurocentrada dos discursos nacionalistas canônicos. Nesse sentido, é importante refletir sobre o fato de que há na escrita de Reis uma constante recusa de idealização do futuro étnico-nacional (como harmônico e embranquecido pela via da miscigenação). Isso pode ser comprovado a partir da leitura crítica das narrativas analisadas neste trabalho, as quais terminam com violência e castrações simbólicas de homens brancos, que assim são impedidos de deixar descendência.

Palavras-chave: Maria Firmina dos Reis; *Úrsula*; *Gupeva*; Colonialidade; Nação

18/07 (MANHÃ)

ALEGORIA DO SILÊNCIO: UM ESTUDO DA OBRA PARÁBOLA DO CÁGADO VELHO, DE PEPETELA SOB UMA PERSPECTIVA TEÓRICO/CRÍTICA PÓS-COLONIAL

Jéssica Schmitz



Resumo: Contrariamente ao que a história tem defendido e apresentado durante anos acerca da colonização europeia portuguesa, a literatura africana das ex-colônias, seguindo uma perspectiva pós-colonial, tem desconstruído muitos dos discursos dominantes e, principalmente, trazido ao centro todas as vozes excluídas e silenciadas. A exploração colonial interferiu, de forma avassaladora, em todos os espaços nos quais impôs sua autocracia. Além de desestruturar os sistemas administrativos locais, como é o caso de Angola, onde existiam grupos e tribos muito bem organizados, causou uma desestabilização cultural e identitária significativamente grande. No âmbito dos estudos pós-coloniais, as literaturas africanas em língua portuguesa têm recebido destaque justamente por dar voz àqueles que durante longo período viveram em um silêncio imposto pela política colonialista. As literaturas africanas, por meio de escritores como Pepetela, por exemplo, tem desempenhado o papel de re(construir) e (re)organizar a historicidade das ex-colônias. Como campo de análise, utilizou-se a narrativa “Parábola do Cágado Velho”, de Pepetela, com o objetivo de estabelecer uma relação de sentido entre a história e a memória e, assim, verificar como se dá a representação dos eventos da história, bem como, a construção da memória, identidade e sua relação com o silêncio. Em se tratando de Pepetela e a Parábola do Cágado Velho, o silêncio aparece como forma de reflexão e resistência. A personagem Ulume habita o silêncio para compreender o rumo que a vida tem tomado, mas também para buscar soluções para um futuro, que até então, se mostra incerto. Pepetela, em sua narrativa, traz à tona uma Angola pós-independência, em que a guerra ainda se faz presente, mesmo tendo acabado. A própria ideia de parábola utilizada no título da obra remete a uma alegoria do saber, uma necessidade de se encontrar respostas em meio a uma nação que está em vias de (re) construção. Ulume buscava respostas e parecia que o velho Cágado as tinha para dar. A obra de Pepetela serve como uma parábola do que não foi, daquilo que a independência não conseguiu colocar em curso. A investigação é de natureza bibliográfica, tendo por base, a teoria do imaginário, do dialogismo, da identidade, do silêncio e da memória. Além disso, utilizou-se como base para o trabalho os estudos pós-coloniais desenvolvidos por Boaventura de Sousa Santos e Ana Mafalda Leite. Pode-se constatar que a narrativa de Pepetela evidencia o deslocamento no qual vive o sujeito histórico e sua constante busca por um espaço habitado de sentido, em que o silêncio entra como marca principal nessa busca.

Palavras-chave: Identidade. Literatura. Ex-colônias portuguesas. Pós-Colonial.

ELEMENTOS CULTURAIS COMPARADOS ENTRE RENÉ MARAN E MARIAMA BÂ

Israel Victor de Melo

Resumo: Ao considerarmos os sistemas literários oriundos de sociedades negras (continentais e diaspóricas), designamos, em boa medida, sua formação a partir do elemento social que demarca o denominador negro como fundamento de organização cultural (DIOP, 1959). Assimila-se, assim, literaturas africanas e afrodescendentes a partir da denominação de literaturas negras e demarca-se, portanto, os distintos contextos sociais das populações negras não apenas como unidade estética, mas também como elemento político (KESTELOOT, 2001, 2012). Não é, pois, por acaso que os mais expressivos movimentos literários negros de línguas latinas nomeiam-se a partir dos termos nègre (Négritude) e negro (Negrismo). Em 1921, o francês René Maran (1887-1960) publica *Batouala* – romance que, a partir da descrição do cotidiano de um grande chefe mokoundji, tem por enredo a enumeração de elementos culturais africanos demarcados em Oubangui-Chari, antiga colônia francesa, atualmente, República Centro-africana. No prefácio à edição de 1937, René Maran define o fato de seu romance não explicar, tampouco indignar-se, mas constatar e registrar. Ainda que o engajamento do autor esteja descaracterizado no prefácio, sua postura revela-se no subtítulo do romance, cujas circunstâncias não contornam o fato de ser *Batoula* um véritable roman nègre. A relação entre as literaturas orais e escritas, o atributo ancestral da tradição africana e a composição estética daquilo que constitui a narrativa são parte dos elementos culturais contidos no romance, sem os quais não seria possível avaliarmos a contribuição do autor para os movimentos emancipatórios



posteriores, tanto no campo político-social quanto no literário. Em consonância à formação de outras produções e sistemas literários negros, a senegalesa Mariama Bâ (1929-1981) apresenta em seu romance *Une si longue lettre* (1979) o panorama político-social que engloba o cotidiano da personagem Ramatoulaye – mulher negra senegalesa, que, após o falecimento do marido, troca cartas com a amiga Aïssatou, a fim de registrar suas angústias. O romance epistolar da autora senegalesa demarca, por sua narrativa, de um modo ou de outro, a aliança político-social entre mulheres, em especial, africanas, tanto por seu caráter centrado nos contextos sociais compartilhados por essas mulheres, quanto por tipificar os elementos culturais a partir dos quais compõem-se as violências a que elas são submetidas. Compreender a obra de Mariama Bâ desconsiderando o conjunto das unidades político-sociais e culturais que a autora escolhe apresentar se caracterizaria, grosso modo, como um equívoco, pois suas denominações estéticas centram-se na relação entre os meandros do racismo e da misoginia, a partir dos quais as dinâmicas sociais se estruturam. Dito isto, o intuito é apresentar, nessa comunicação, a avaliação comparada de elementos culturais que constituem os romances *Batouala*, véritable roman nègre, de René Maran, e *Une si longue lettre*, de Mariama Bâ, para, dessa forma, compreender como se estabelecem nas literaturas negras a centralidade por um projeto descolonizador.

Palavras-chave: Literaturas negras continentais e diaspóricas; Descolonização; René Maran; Mariama Bâ.

A PALAVRA QUE LIBERTA - UMA ANÁLISE DE HIBISCO ROXO DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE E DE INFIEL DE AYAAN HIRSI ALI

Patrícia Ribeiro Brasil

Resumo: O olhar teórico dos estudos pós-coloniais permite uma possibilidade outra de narrativa às histórias únicas, viabilizando uma releitura dos processos de colonização eurocêntricos como modelo de civilização universal. A presente investigação diz respeito a uma leitura comparada de duas obras literárias escrita por mulheres africanas: *Hibisco Roxo*, de Chimamanda Ngozi Adichie (2003) e *Infidel*, de Ayaan Hirsi Ali (2007). Ambas escritoras em situação diaspórica, vivendo e produzindo como imigrantes nos Estados Unidos, recuperam as memórias constituintes do sistema colonizador em seus territórios. As narrativas propostas para análise apresentam afastamentos substanciais, pois são de gêneros narrativos diversos: romance, de Adichie e autobiografia, de Hirsi. Suas materialidades trazem, de modo pungente, a religião em suas culturas – catolicismo e islamismo – e produzem um silenciamento opressivo e violento, um apagamento do eu e que só a escritura diaspórica da palavra pode libertar e fazer existir. Associa-se a essas narrativas, a escritura feminista que extrapola a bipolaridade patriarcalismo/feminismo da condição de pós-colonialidade; a construção identitária dessas mulheres marginalizadas, que desmascaram o imperialismo cultural e que chegam ao centro com o poder enunciativo da palavra, é reverberante no campo simbólico do imaginário colonial. Há algo a ser dito, a ser recontado, a ser traduzido desde outro locus, desse outro ponto de vista. Isso vem desde uma outra voz que é legítima e legitimadora. Desde um lugar de enunciação de mulher, negra, colonizada e à margem das centralidades de poder (mesmo depois das independências). Em seu pequeno livro *Sejam todas feministas*, Chimamanda Ngozi Adichie faz uma reflexão sobre a questão do feminismo na cultura atual e argumenta que a cultura não faz as pessoas, são as pessoas que constroem as materialidades de sentido da cultura. E que se há uma humanidade de mulheres que não existem, não produzem nessa cultura, logo, faz-se necessário mudar a cultura! A literatura é um desses lugares de fala e assumir esse lugar é, como disse a filósofa brasileira Djamila Ribeiro, poder existir, pois se pensa esse lugar de fala como uma forma de refutar a historiografia tradicional e universalizante que hierarquiza saberes e seres. As duas obras que compõem o corpus desta investigação recolocam suas enunciativas em um processo, de fato, comunicativo; em uma funcionalidade em que falar é existir plenamente para o outro, como assevera Fanon.

Palavras-chave: Pós-colonialismo; escrita feminina; diáspora; Chimamanda Ngozi Adichie; Ayaan Hirsi Ali

JOSÉ LUANDINO VIEIRA E A TRANSFIGURAÇÃO DA MOLDURA COLONIAL

Pedro Beja Aguiar

Resumo: A comunicação procura formular, de maneira preliminar, entendimentos acerca das potencialidades narrativas presentes nas formas plásticas desenvolvidas pelo escritor angolano José Luandino Vieira. A título de estudo de caso para o evento, propõe-se analisar o desenho “Portrait of a sauvage as a youg [sic] girl”, recolhido do livro “Papéis da Prisão: apontamentos, diário, correspondência (1962-1971)” (2015), como um gesto narrativo estético que condensa tópicos críticos sobre o empreendimento colonial português e que pavimenta, em pequenos traçados, a relação entre palavra e experiência. Os desenhos aqui são compreendidos não como ilustrações ou rascunhos, mas discurso sobre um método daquilo que definiremos como um pensamento visual. À primeira vista salta aos olhos no desenho “Portrait of a sauvage as a youg [sic] girl” (VIEIRA, 2015:200) um conjunto heterogêneo de informações compondo um mesmo artefato cultural: uma moldura sofisticada; uma personagem feminina desnuda, de cabelos e traços faciais europeus segurando um trevo; um sombreamento ao lado esquerdo da jovem; e uma vegetação semelhante a um tipo de videira ao lado direito – cada um destes elementos materializados pelo estilo particular de Luandino: a dinamicidade dos traços que compõem as linhas, deixando-os mais fortes em um lugar e mais fracos em outro; mais grosso em um pedaço, mais fino em outro; e a escolha deliberada pela incompletude das linhas que produzem o corpo feminino. Em contraste com o desenho evidencia-se a data referente a “21.03.63” – marcador narrativo temporal – e uma legenda composta por palavras em inglês e uma em francês. Logo chama atenção a cuidadosa centralização do epíteto “sauvage” (“selvagem”) ao lado direito do desenho, fora da moldura, dando a entender que o autor instaura premeditadamente à testemunha ocular (nós) um jogo irônico entre a imagem (o que vemos – o significante) e a palavra (o que ela nos remete como imagem discursiva – o significado). Se nos detivermos aos elementos que compõem a personagem feminina, perceberemos rapidamente que seus traços fogem à caracterização usual da mulher africana. A composição da personagem de José Luandino Vieira não faz parte da representação do mundo africano, mas de uma herança artística europeia. E ela é duplamente enquadrada pelo autor (seja pelo artifício da moldura, seja pelo título que direciona o olhar: “retrato de uma menina selvagem”). Mesmo que seja uma figura desenhada com doçura, com traços singelos na postura e delicadeza no olhar, foi-lhe imposta uma legenda carregada de significação que a desloca de sentido: o autor joga com a naturalização do olhar colonial na medida em que coloca, em contraste, o paradigma visual e textual da modernidade. Desta maneira, Luandino Vieira condensa na composição da moldura todo um conjunto de dispositivos coloniais como uma prática de gestão política de visualidades. Esta é a hipótese inicial para pensar na comunicação: o visível gesto de deslocamento da figura principal faz desmontar a moldura (enquanto forma e paradigma): Luandino abala os alicerces do mundo colonial a partir das próprias referências deste mundo, torce a moldura colonial naquilo que lhe é mais familiar.

Palavras-chave: José Luandino Vieira; Desenho; Pensamento Visual; Experiência

18/07 (TARDE)

ESTILHAÇOS NO PACTO NARCÍSICO DA BRANQUITUDE: ARTE CONTEMPORÂNEA E TENSIONAMENTO RACIAL

Bárbara Danielle Morais Vieira

Resumo: Historicamente os estudos relacionados as hierarquias raciais no Brasil, realizado por intelectuais brancos de classe média, tiveram como foco de sua investigação analítica xs sujeitos negrxs e em menor parte, indígenas, a partir de um “eu-narrador” que estaria em uma posição de



neutralidade racial (Piza, 2002). Em comparação, em uma proporção muito menor, são os estudos no campo dos estudos culturais, literatura ou ciências sociais que tenham como recorte racial de análise a branquitude, que critica a construção e manutenção dos privilégios materiais, simbólicos e imaginários que sujeitos brancos usufruem em uma sociedade onde o racismo é o fundamento das suas práticas institucionais reguladoras. Branquitude, como aponta a pesquisadora Liv Sovik (2009) “é um problema que precisa ser teorizado, mais do que um conceito pronto a ser modificado e adaptado a novos contextos”. Fora de um ambiente criticamente politizados, branquitude é sempre um termo que demanda uma definição e me aproximo da de Ruth Frankenberg (1999) “como um lugar estrutural de onde o sujeito branco vê os outros, e a si mesmo, em uma posição de poder, em uma geografia social de raça, e como lugar confortável e do qual se pode atribuir ao outro aquilo que não se atribui a si mesmo”. Em uma conjuntura internacional qual grupos de extrema-esquerda ganham força política e o discurso supremacista branco ganha fôlego, torna-se imprescindível lançarmos perguntas sobre esta identidade racial. Aqui me interessa analisar como algumas curadorias e artistas inseridos no circuito da arte contemporânea endereçam estas questões e colocam em evidência o trauma nacional que foi a escravidão, a necropolítica genocida que extermina vidas negras e indígenas, assim como o pacto narcísico da branquitude (Maria Aparecida Bento, 2002). A objetivo desta comunicação é analisar como o livro “Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism”, da artista e escritora portuguesa Grada Kilomba e a performance “Transmutação da Carne”, do artista, performer e professor brasileiro Ayrson Heráclito, mobilizam a ferida colonial do recente passado escravista e implicam os sujeitos brancos na luta antirracista. Neste livro, que também se tornou uma performance, Kilomba analisa as experiências de racismo institucionalizado em um tom subjetivo e social. Os temas abordam práticas de recuperar e reinventar o passado, mas sobretudo um desejo de se opor ao lugar de “alteridade” que foi destinado aos negros e negras. Na performance de Heráclito, pessoas vestem roupas feitas de carne seca que são marcadas a ferro quente. Este gesto de marcar o corpo a ferro em brasa, como se faz com gado, no período colonial também foi realizado em negros e indígenas escravizados. O cheiro, o som e o ato de marcar e ser marcado ativam memórias e lançam questões sobre a possibilidade de purgação destas feridas: Quais são as implicações simbólicas que este trabalho evoca ao ser proposto por um artista negro e performado por pessoas brancas e negras em termos de descolonização do imaginário? Que tipo deslocamento a reencenação de uma prática escravista produz no circuito de arte e no imaginário nacional?

Palavras-chave: Branquitude, arte contemporânea, pacto narcísicos, letramento racial

AS REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES GUINEENSES NAS OBRAS ETERNA PAIXÃO E A ÚLTIMA TRAGÉDIA, DE ABDULAI SIL

Luciene Rocha dos Santos Cruz

Resumo: A presente pesquisa tem o objetivo de detectar e analisar as representações das mulheres guineenses, observadas através de duas obras do escritor Abdulai Sila: Eterna Paixão (2002) e A Última Tragédia (2006), tentando identificar, nessas representações, se as personagens femininas Ndani, Ruth e Mbubi apresentam ou não os traços propostos pelo Africana Womanism, teoria feminista africana defendida por Cleonora Hudson-Weems (1993). De acordo com a pesquisadora, essa ideologia foi criada e projetada para todas as mulheres de descendência africana, independente do espaço físico em que elas estejam. Embora tenha sido elaborada por uma intelectual afro-americana, fundamenta-se na cultura africana, logo, concentra-se necessariamente nas experiências, nas dificuldades e nos desejos das mulheres africanas. Hudson-Weems (1993) explicou a ótica do Africana Womanism em seu livro Africana Womanism: Reclaiming Ourselves (1993), enfatizando principalmente que as teorias feministas oriundas de mulheres brancas não são compatíveis com as mulheres negras, mesmo que elas estejam em diáspora, uma vez que tais teorias são incapazes de compreender alguns valores inerentes à cultura africana que incentivam a compatibilidade e a harmonia entre homens e mulheres e reforçam a centralidade da família. Por conseguinte, as africanas deveriam



buscar um reencontro com sua ancestralidade, que é baseada em uma verdadeira teoria matriarcal e afrocentrada. Para Hudson-Weems (1993), segundo as culturas africanas, o sistema de gêneros entre homens e mulheres não é uma batalha na qual a mulher luta para conquistar o poder em relação aos homens, da mesma forma que esta não vê o homem como seu principal inimigo e opressor, como as feministas brancas tendem a pensar. Há igualdade entre eles, já que, na cosmologia africana, a mulher é igual ao homem, pois surgiram no mundo da mesma maneira; o que não é o caso da cosmologia europeia, que sustenta que a mulher é um apêndice do homem, uma que saiu de sua costela. Assim, rivalidades entre homens e mulheres não são prioridades na pauta das africanas. A teórica aponta que as necessidades das mulheres africanas são distintas das prioridades das mulheres brancas feministas. Logo, enquanto o *Africana Womanism* é direcionado para a família (questão primordial nas culturas africanas) e suas prioridades são a raça, a classe e o gênero, os feminismos ocidentais centram-se na mulher e nas questões de gênero. Contudo, tal fato não quer dizer que as questões de gênero não sejam importantes para as africanas, pois tais questões são verdadeiras preocupações para todas as mulheres; mas, no caso das africanas, é necessário combater uma tripla opressão: racial, classista e sexista, e o principal objetivo da *Africana Womanism* é “criar seus próprios critérios para avaliar suas realidades, tanto no pensamento quanto na ação” (HUDSON-WEEMS, 1997, p. 24).

Palavras-chave: Literatura Guineense; Representações das Mulheres Guineenses; Feminismos Africanos.

FOTOPOÉTICAS AFRODIASPÓRICAS: CONEXÃO ESTADOS UNIDOS X ÁFRICA DO SUL

Jânderson Albino Coswosk

Resumo: O presente trabalho abordará diferentes apropriações e representações da vida de mulheres negras lésbicas e transgêneros na Afro-América e África do Sul contemporâneas, a partir de narrativas fotográficas dos trabalhos da fotógrafa e artista visual Nona Faustine (1977-) e da fotógrafa e ativista Zanele Muholi (1972-). Busca-se, na potência das mais diversas linguagens empregadas nos ensaios fotográficos “Faces and Phases” e “White Shoes”, exibir narrativas fora da ótica hegemônica e heteronormativa, que durante muito tempo aprisionaram esses novos modos de ver e narrar a mulher negra homossexual estadunidense e sul-africana na clausura das tensões raciais, dos crimes de caráter homofóbico que marcam ambos os espaços geográficos em evidência e de conflitos da ordem da sexualidade. Além disso, a análise propõe a leitura dos ensaios fotográficos em tela como objetos que promovem o afeto homossexual e a empatia, ao abandonar o caráter panfletário de divulgação da violência e brutalidade a que essas mulheres são acometidas diariamente.

Palavras-chave: Fotopoéticas afrodiáspóricas; mulheres negras lésbicas e trans; narrativas fotográficas, afeto e resistência.

O GATILHO DA FICÇÃO: O IMAGINÁRIO E A RECONSTRUÇÃO DA REALIDADE

Anderson de Figueiredo Matias

Resumo: Este trabalho pretende, a partir dos conceitos de mimesis, ficção, imaginário e pensamento liminar, buscar chaves de leitura para compreender as ressonâncias políticas e sociais de produções literárias contemporâneas que, ao introduzirem a perspectiva subalterna com base nas memórias e legados da experiência colonial, fissuram o imaginário e dão voz a populações historicamente silenciadas. Para isso, considera-se a seguinte hipótese: há no processo mimético um movimento, mediado pela ideia de liberdade, que dispara a imaginação e permite, por meio de realizações estéticas, apresentar diferentes perspectivas sociais, alterando sensibilidades, representações e o imaginário coletivo. Para tanto, serão consideradas as reflexões de Luiz Costa Lima, em *Frestas: a teorização em um país periférico* (2000); Wolfgang Iser, em *O fictício e o imaginário* (2013); Walter Mignolo, em *Histórias locais/Projetos globais* (2002) e de Eduardo de Assis Duarte e Maria Nazareth Soares Fonseca, em *Literatura e*



afrodescendência no Brasil: antologia crítica (2014), na leitura do romance *Becos da memória* (2006), da escritora Conceição Evaristo. Alguns aspectos tornam essa discussão relevante. Por um lado, ela evidencia, na história literária, a invisibilidade de textos de autoria negra e as avaliações negativas e estigmatizantes que recaem sobre essas produções e seus/suas autores(as). Por outro, demonstra a necessidade de se questionarem os critérios que tornam a literatura e o fazer literário privilégio das elites. Esse quadro, reflexo da desigualdade brasileira, expõe um fato: a tão desejada democratização deve ser estendida ao campo literário, o que exige, por sua vez, questionar também a geopolítica do conhecimento, que opera como estratégia de afirmação de determinadas teorias como verdades universais. Um exemplo disso é a maneira como a imposição de se estudarem textos e autores(as) afro-brasileiros(as) por uma ótica branca e eurocêntrica acaba constituindo também uma forma de invisibilizá-los(las) como sujeitos(as) do processo simbólico e ignorar essa literatura como estratégia relevante no enfrentamento de questões que extrapolam os textos literários e alcançam a esfera sociopolítica, como no caso da variedade de estereótipos herdados dos critérios de valorização da cor, ainda referendados pela sociedade brasileira. Nesse sentido, este trabalho se afirma também como uma possibilidade de apresentar a leitura literária como forma de acessar o que a ideologia e a cultura dominantes escondem: o rebaixamento da literatura afro-brasileira, a vigência do projeto colonial e o tratamento dispensado à população negra.

Palavras-chave: mimesis; imaginário; decolonialidade; Conceição Evaristo

67 - MITO E POÉTICAS DO IMAGINÁRIO

Coordenação: Prof. Dr. Alexandre Nunes (UFG); Prof. Dr. Fábio Cavalcante de Andrade (UFPE); Prof. Dr. Felipe Aguiar (São Miguel)

Resumo: A literatura e, conseqüentemente, os Estudos Literários, sempre estabeleceram um diálogo intenso com as linguagens e saberes que lhes fazem fronteira. Em alguns momentos esse diálogo foi mais poroso que em outros. Atualmente a perspectiva transdisciplinar representa um espaço de questionamento tanto em relação à noção mais tradicional e estável de literatura, como em relação aos métodos de abordagem de viés formalista do texto literário. Nessa perspectiva transdisciplinar, podemos situar os Estudos do Imaginário que, embora tenham desde cedo eleito a literatura como um de seus objetos preferidos de reflexão, estendem-se para as mais diversas áreas e linguagem artísticas. A proposta desse simpósio é discutir as ressonâncias e aplicações das reflexões voltadas para a perenidade da linguagem do mito, do símbolo e da imaginação na literatura e nas artes contemporâneas. Dentro de uma perspectiva poiética (do termo grego “poiesis”), de um fazer criador que mergulha no manancial de imagens que fundamenta nossas relações com o mundo, com o outro e com nós mesmos; propomos a partilha de um olhar sobre a textura profunda e velada da cultura em sua dimensão individual e gregária. É possível pensar a valorização da imaginação num grande arco que parte de pensadores como Nietzsche e o historiador e teórico das artes Aby Warburg, até os encontros do círculo de Eranos, a fenomenologia das imagens simbólicas de Gaston Bachelard, o estruturalismo figurativo de Gilbert Durand e o imaginário social de Cornelius Castoriadis; chegando a uma geração mais recente de pensadores, tais como James Hillman, Carlo Ginzburg, Giorgio Agamben e Georges Didi-Huberman. Vê-se uma espécie de amplificação do trabalho das chamadas “hermenêuticas restauradoras”, para usar a terminologia de Durand, ao interpretar o mito, o símbolo e a imagem simbólica como elementos fundamentais na constituição da cultura e da sociabilidade humanas. Didi-Huberman, por exemplo, insiste numa consagração de sua escrita às imagens. Ao invés da linguagem ser instrumentalizada para dar conta de um saber filosófico que se define exteriormente a ela, é justamente ela – a linguagem – que se transforma, em sua oscilação entre o dizível e o visível, no caminho possível para acompanhar o aparecimento das imagens, reconhecendo-as na sua dimensão gestual – de gesto criador e, por isso mesmo, epistemológico. Acreditamos que a questão da imagem que tanto



interessou a Warburg, ele mesmo um pesquisador de grande inclinação trans-disciplinar, pode significar a via para uma reflexão muito produtiva inclusive no tocante à literatura, ao deslocar o próprio conceito de literatura para o âmbito mais amplo de um possível pensamento estético contemporâneo, marcado, ele mesmo, por um princípio pluralista incontornável. Pensadores, teóricos e filósofos de tendência multidisciplinar, como Walter Benjamin e Georges Bataille, que se interessaram pela imagem e pela vida das imagens no contexto da sensibilidade moderna e contemporânea, também devem ser considerados importantes temas de comunicação para este simpósio. A idéia de constelações de imagens e imagem dialética de Benjamin, assim como a noção de experiência interior e dispêndio de Bataille e os estudos em torno da Arte da Memória, de Francis A. Yates constituem construtos teóricos profundamente sintonizados com as reflexões mais atuais sobre o imaginário, em suas repercussões artísticas e sociais. Outro desdobramento direto do conjunto de inquietações que esses autores representam é a questão da memória, vista também sob a ótica não apenas da visibilidade da imagem, mas também de sua legibilidade. Sobre a questão da memória, observa-se sob a ótica da legibilidade da imagem que Não há memória sem imagens, assim como não há imagem sem memória. Ampliando esse princípio, diríamos igualmente que não há memória sem fantasma, para usar o inaugural termo aristotélico para se referir à força da imaginação; assim como não há fantasma sem memória. O tempo residual e a anterioridade que desencadeiam o presente são pressupostos basilares da esfera imaginativa – que não a determinam necessariamente, mas a influenciam. A relação das imagens com a memória na literatura e na arte contemporânea, e com temporalidades disjuntivas, através de noções como as de anacronia, representam também importantes pontos de passagem para a reflexão que este simpósio procurará proporcionar. Por fim, a disposição do simpósio é abrigar comunicações que nos permitam refletir sobre as relações entre mito, arte e memória – do ponto de vista da literatura contemporânea em seu constante diálogo com as mais variadas linguagens artísticas (teatro, fotografia, música, cinema e dança). Nessa reflexão, ao que parece, devemos buscar compreender o percurso da imagem e do imaginário no pensamento estético moderno e contemporâneo em seus vínculos com a cultura e com a sociedade.

Referências:

- AGAMBEN, Giorgio. *Nudez*. Trad. de Davi Pessoa. São Paulo: Autêntica, 2014.
- BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. de Fernando Scheibe. São Paulo: Autêntica, 2013.
- CALASSO, Roberto. *A Literatura e os deuses*. Trad. de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das letras, 2004.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo das fantasmas segundo Aby Warburg*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- _____. *A semelhança informe: ou o gaio saber visual segundo Georges Bataille*. Trad. de Caio Meira, Fernando Scheibe e Marcello Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.
- PAZ, Octavio. *A Outra Voz*. Trad. de . São Paulo: Siciliano, 1992.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Além do visível: o olhar da literatura*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.
- WARBURG, Aby. *Histórias de fantasmas para gente grande: escritos, esboços, conferências*. Trad. de Lenin Bicudo Bárbara. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- OLIVEIRA, Alexandre et Al. *Deslocamentos críticos* / Itáu Cultural. São Paulo: Babel, 2011.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (TARDE)

IMAGINÁRIO DECOMPOSTO: ANÁLISE DAS POÉTICAS DO (DES)HUMANO NO TEXTO E NA CENA DO ESPETÁCULO O HOMEM DECOMPOSTO

Alexandre Silva Nunes

Resumo: A presente comunicação tem por objetivo realizar uma análise, leitura iconográfica e discussão do imaginário presente no texto dramático “Teatro Decomposto ou O Homem-Lixo”, do romeno Matei Visniec, em correlação com a adaptação teatral do texto realizada pelo



LABORSATORI – Núcleo Multidisciplinar de Pesquisa nas Artes da Cena, e com a composição espetacular realizada pelo núcleo de pesquisa, sob o título de “O Homem-Decomposto”. O espetáculo em questão estreou no XI Festival Universitário de Artes Cênicas de Goiás – FUGA 11, no LACENA – Teatro Laboratório e se encontra atualmente em processo de circulação, com agenda de apresentações planejada para os próximos anos. O espetáculo O HOMEM DECOMPOSTO foi produzido pelo LABORSATORI a partir da citada adaptação, que resultou numa redução de cerca de 80% do texto original, bem como na aproximação do universo ficcional do texto de referência da realidade brasileira contemporânea. Os trechos selecionados do texto foram adaptados e rearranjados sob livre inspiração do grupo, proporcionando ao grupo oportunidade para investigar a teatralidade contemporânea, com base em trânsitos entre a composição dramática verbal, imagética e corporal. Em seu formato final, o espetáculo busca discutir temas da atualidade, como a massificação cultural, o pós-humano e a perda dos referenciais sociopolíticos. Partindo de um futuro imaginado, o cotidiano atual é desconstruído num ambiente cênico onde os personagens expõem a ruína civilizatória e o absurdo existencial humano. As cenas estruturam-se a partir da performance de três atores, que ora monologam ora fazem orquestrações coletivas. O Homem Decomposto é o resultado das últimas pesquisas cênicas desenvolvidas pelo Laborsatori o, descortinando suas novas poéticas de encenação. Apesar de ter passado por processo de adaptação, a obra de Matei Visniec teve importância preponderante em todo processo cênico criativo, razão pela qual, estaremos estabelecendo cruzamentos contínuos entre o universo literário do texto e o universo da concreção mimética do espetáculo. O espetáculo adota uma poética eclética, com uso de diversos referenciais de encenação, para a construção de uma imagética teatral capaz de dialogar com a realidade social na qual se insere. Na poética cênica elaborada, temo a retratação de uma espécie de “futuro pretérito” imaginado, no qual os cidadãos do mundo novo não têm mais necessidade de relações concretas e podem levar os dias em círculos de segurança, solidamente construídos em softwares de código fechado. Por desnecessidade de aplicação, as palavras e as coisas confundem-se e apresentam dificuldade para designar sentidos claros. Depois da última guerra, uma nova paz pôde ser instaurada e o consenso único universal congrega todas as individualidades. Não é recomendado apartar-se do consenso único, sob risco de transtorno da nova paz, pois aqueles que se recusarem a contribuir com a “paz” serão considerados inimigos da harmonia social.

Palavras-chave: Teatro; Imaginário; Pós-humano; Hiper-realismo; Matei Visniec.

JEAN ANOUILH E A TRADIÇÃO DA LEITURA DE ANTÍGONA NA FRANÇA

Elizabeth Serra dos Santos

Resumo: Aristóteles, em sua Poética (2014), afirma que a tragédia nasceu de um imprevisto dos que regiam o ditirampo nas celebrações em honra de Dioniso. Ele defende a ideia de que a ação trágica só é possível quando o herói e a natureza na qual ele está inserido – o cosmo, os deuses, o bem, a justiça ou outros valores estáveis e objetivos entram em crise. O trágico ocorre e é resolvido seguindo uma lógica na ação: conflito e reconciliação. A harmonia é restabelecida, mesmo no caso extremo do sacrifício final do herói. Os pressupostos, hoje, mudam de natureza, levando a uma transformação do sentido do fenômeno trágico. A crise, que ficava contida no interior do próprio homem, aflora, dando lugar a um subjetivismo que avançou, principalmente, com o niilismo e o absurdo (BORNHEIM, 1992). Dramaturgos como Anouilh, Sartre e Gide iniciaram uma retomada da problemática do mito grego no âmbito de dimensões contemporâneas. É através de uma leitura de Antígona pelos franceses que pode-se observar como o tradutor, em diferentes épocas, dialoga com a linguagem do mito e das imagens para uma construção da significação do texto. Essa leitura segue até a tradução do poeta Friedrich Hölderlin, “reconhecida como uma das maiores traduções não somente da tradição alemã, mas da história universal” (BERMAN, 2013). Além de utilizar a velha língua de Lutero, Berman argumenta que Hölderlin, em sua Antígona, faz da “letra” um “espaço de jogo”, construindo metáforas referentes, principalmente à questões filosóficas da época. Anouilh inicia a reescrita



de Antígona quando os “affiches rouges”, divulgando a condenação de membros da resistência francesa, são postos nas ruas. Esse contexto histórico da ocupação nazista na França impulsiona o dramaturgo a pensar numa Antígona e num Creonte que pudessem levar para o palco a realidade dramática dos franceses. A presente pesquisa busca contribuir, não apenas para a compreensão do lugar do trágico e da tragédia no mundo moderno, mas principalmente para uma leitura única de Antígona, que se posiciona em relação à tradução de Hölderlin e sua repercussão nas traduções francesas, e que tem como respaldo, o pensamento de Walter Benjamin. Na visão do filósofo alemão, determinadas obras têm uma “traduzibilidade inerente”, ou seja, uma potencialidade característica. Para Benjamin, o que há de essencial numa obra não é da ordem da informação, mas “do misterioso e do poético...”, que irradia vida à obra fazendo com que o seu tom e significação se alterem totalmente no decorrer dos séculos (BENJAMIN, 2013).

Palavras-chave: Antígona; mito; reescrita; imagens; poético; contemporâneas.

UMA FOTOGRAFIA DE SUSAN SONTAG

Francisco Thiago Camêlo da Silva

Resumo: O trabalho apresenta a obra do artista plástico norte-americano Joseph Cornell estabelecendo conexões com o pensamento de Walter Benjamin sobre figuras da infância e manifestações do “pequeno” no curso da História. O ponto de partida é uma fotografia da ensaísta Susan Sontag pela qual Joseph Cornell tinha especial apreço e com a qual construiu colagens. A partir disso, a comunicação expõe o método do artista, comenta algumas de suas obras construídas em caixas e aponta afinidades entre sua arte e as reflexões de Walter Benjamin sobre o movimento surrealista e os objetos culturais destinados às crianças. Assim como o pensador alemão, Cornell também se interessou pelo pequeno e manteve coleções de objetos diminutos e coisas minúsculas. Com gestos lúdicos, ele manipulava seus materiais de trabalho, imitava suas dimensões, fazia intervenções na materialidade deles e construía pequenos mundos. Ao final, a apresentação pretende criar uma câmera de ecos entre Cornell, Benjamin e Sontag e também entre infância, miniatura, coleção e fotografia.

Palavras-chave: Joseph Cornell; Walter Benjamin; Susan Sontag; coleção; miniatura; fotografia.

A GEOPOÉTICA DA TERRA EM FLORESTAS, DE WAJDI MOUAWAD

Nelson Marques

Resumo: Através de uma perspectiva rizomática, isto é, de uma multiplicidade capaz de trazer à tona linhas abertas a uma série de conexões, mapearemos os personagens fraturados pelo exílio da peça Florestas, de Wajdi Mouawad, dramaturgo nascido no Líbano e atualmente cidadão canadense. O texto é a terceira parte de uma tetralogia intitulada “O sangue das promessas” e escrita pelo autor entre 1999 e 2009. Nossas investigações buscarão, em primeiro lugar, compreender a referida experiência exílica não como um retrato fiel da realidade, mas como uma cartografia que ora territorializa ora desterritorializa personagens que buscam suas próprias origens. Em um segundo momento, discutiremos o lugar ocupado por Mouawad dentro do chamado “teatro globalizado”, isto é, aquele que não se liga mais a um único território, nem a uma única cultura, afinal de contas, estamos diante de uma dramaturgia que provoca no espectador a consciência de que o vínculo entre homem e mundo se perdeu. Desse modo, o exílio torna-se a grande problematização trágica do autor em relação não apenas às suas criações, mas também ao lugar ocupado por ele na cena atual, pois para o drama moderno e contemporâneo não é mais necessário escrever sobre o mundo e, sim, sobre os efeitos dessa ruptura. O mapa se abrirá também às fortes influências míticas das tragédias áticas que atuam como sombras trágicas a assombrar as fraturas causadas pelo exílio. Neste último momento, discutiremos sobre como essas influências revelam uma dramaturgia que justamente por recusar o mimetismo, não se pretende reprodutora da realidade, mas sim, como um conjunto dramático que a produz. Concluiremos pondo em cena o raciocínio acerca de um teatro que ao fazer

rizoma com o mundo, torna-se um sistema de contingências e entropias a levar-nos por um labirinto de infinitos desvios.

Palavras-chave: Wajdi Mouwaud; tragédia; exílio; rizoma; desterritorialização.

17/07 (TARDE)

A LÍRICA DOS INFLUXOS: ENIGMA E MITO EM ORIDES FONTELA

Allan Alves de Souza

Resumo: Para Orides Fontela, poesia e filosofia “nasceram juntas, sob forma de mito, e juntas sempre colaboram para criar e renovar a nossa própria humanidade” (FONTELA, 2015). Poeta de lírica incisiva, permeada pela lucidez e profundidade, acolheu desde a estreia boas críticas por nomes como Marilena Chauí, Alcides Villaça e Davi Arrigucci Júnior. Nesta comunicação, buscaremos apresentar uma leitura dos símbolos míticos em sua poética; isto é, desta ilatência constitutiva da linguagem genitora que reavivaria o imaginário. Criadora de uma obra que integra tais imagens, assim como citações filosóficas e a inefável experiência do real; consideramos uma análise por meio de um duplo influxo. Primeiro, a emblemática fixação pela palavra e pelo silêncio – do nomear e não nomear – da asfixiante experiência do enigma-espelho, que vislumbra no signo o potencial gerador do pensamento: “o mito vive de palavras, mas também de silêncio” (CALVINO, 1977). Segundo, a formação de como a linguagem densa, enigmática, afluí em uma dimensão de oposta-complementariedade aos símbolos míticos: sempre abertos, suspensos, evanescentes; de forma a criar uma conciliação dos contrários. Deste diálogo, extrai-se uma formulação dos opostos: em que o entrecruzar do pensamento se movimenta mediante o constante ímpeto dos encontros. Assim, esta tensão entre o imaginário do mito e a textura de sua linguagem poética engendraria uma forma de ser e pensar; traço contínuo em sua composição que, nas palavras de Antonio Candido, possui “natureza dupla e perturbadora, que os torna ao mesmo tempo obra feita e discussão aberta” (CANDIDO, 1983).

Palavras-chave: Orides Fontela; Mito; Poesia

A FORÇA DO IMAGINÁRIO E DA MEMÓRIA EM "NOSSO GRÃO MAIS FINO"

Manuella Mirna Enéas de Nazaré

Resumo: Este trabalho objetiva discutir a importância da sustentabilidade de um imaginário e do movimento da memória na narrativa de *Nosso grão mais fino*, do escritor contemporâneo José Luiz Passos. Como algumas outras da literatura contemporânea, esta obra reinventa o discurso sobre o interior de uma região (Nordeste), revisitando o açúcar que se supunha acabado. Ela mostra sem esforço que esse imaginário fornece elementos férteis, partícipes de imagens bastante simbólicas no contexto regional brasileiro; imaginário sobrevivente, que desloca seus dados do passado para um presente que os revive através da urgência da memória. Nessa obra, entrevê-se, assim, uma relação de imagens e memória cara à literatura contemporânea, com temporalidades disjuntivas, anacrônicas. Passos demonstra atenção à imagem, a sua sobrevida, a seus simbolismos e deslocamentos no contexto da sensibilidade moderna e contemporânea. A imagem simbólica é um dos elementos fundamentais na constituição cultural e societal humanas. E os personagens de *Nosso grão mais fino* são movidos por esse peso simbólico, em relação a seus passados e a suas famílias, dentro de um marcado cenário regional que se subjetiva e se amplia a partir deles. A voz principal da narrativa, Vicente, integra aquela linhagem de personagens composta de herdeiros inadaptados, às memórias e aos fatos presentes, se pondo a perambular entre ruínas, sejam objetificadas – objetos, móveis e casas da família – sejam subjetificadas – dúvidas, lembranças, remorsos. A partir das memórias dele, várias outras vozes irrompem a narrativa, apresentando ao leitor uma polifonia de desejos, intrigas e segredos. Através dessa estrutura fragmentada e não linear, a memória vai sendo a principal condutora da narrativa, sendo muito responsável por acionar o imaginário da sociedade do açúcar, com imagens da geografia física e também social, da opulência, das honras, do patriarcalismo, da decadência. Nesse contexto – narrativo e imagético



– fraturado e subjetivista se torna interessante atentar ao deslocamento de imagens e à força de ressignificações. Não há memória sem imagens, nem imagem sem memória. Ela persegue fantasmas, imagens obsedantes de outrora. Passado e presente são, então, dependentes e construtores um do outro, em uma dialética benjaminiana. Essa dinâmica, em que o tempo residual alimenta o presente, é pressuposto basilar da esfera imaginativa. Assim, embrenhando-se em cheiro de açúcar e lama, essa obra adere aos estudos do imaginário e da memória, se utilizando desses caminhos para se tecer. Ela serve também ao pensamento estético contemporâneo, espelhando difusamente dinâmicas culturais, sociais e humanas. Portanto, para este trabalho, colocamo-nos atentos ao percurso da memória e do imaginário no mundo moderno e contemporâneo em seus vínculos com a cultura e com a sociedade, a partir do contexto que a obra nos solicita. Para tanto, apoiamo-nos teoricamente, por exemplo, em estudiosos: do imaginário, como Durand, Castoriadis e Bachelard; da memória, como A. Assmann e Yates; de algumas ideias sobre tempo, como Agamben e Benjamin, do qual também aproveitamos estudos sobre imagem; da ideia ruína em contexto cultural e social, tocada por Huyssen e Canclini. Entre outros estudos da fortuna crítica da literatura brasileira contemporânea.

Palavras-chave: Memória; imaginário; literatura contemporânea; Nosso grão mais fino.

IMAGINAÇÃO EM NASCITIVIDADE NO CORPO DE BAILE ROSIANO

Nádia Garcia Mendes

Resumo: Na estrutura arquitetônica de Corpo de baile, a ideia de ciclo pode ser encontrada através de diversos recursos. O primeiro e mais evidente está na epígrafe inicial de Plotino: “Num círculo, o centro é naturalmente imóvel; mas, se a circunferência também o fosse, não seria ela senão um centro imenso”. “O recado do morro” é o centro, em torno do qual giram as demais as narrativas, que orbitam a imagem central, o morro, por meio de imagens poéticas originárias, formando o todo, o Corpo de baile. A mobilidade que subjaz o todo nasce na imaginação das personagens, nos sonhos, nos devaneios que criam o mundo rosiano. Propomos assim uma interpretação do imaginário que configura a unidade poética do Corpo de baile de Guimarães Rosa. Partindo do princípio de que a obra rosiana se faz no entrelaçamento dos discursos mítico e poético, forjando uma literatura mitopoética, buscamos traçar as relações estabelecidas entre o devaneio das personagens e as imagens recorrentes no decorrer do livro. Na perspectiva infantil de Miguilim em “Campo Geral”, no riacho de “Uma estória de amor”, nos enigmas de “O recado do morro”, no amor em “Soropita”, na natureza de “Cara-de-Bronze”, nas lembranças de Miguel em “Buriti”, encontramos um fio que costura a trama narrativa, com todas as imagens a brotar de uma mesma fonte e a desembocar no mesmo rio. Nas palavras de Bachelard: “Todos os sentidos despertam e se harmonizam no devaneio poético” (BACHELARD, 1988, p.06). São, portanto, os sentidos despertados nos devaneios das imagens poéticas de Corpo de baile que buscamos interpretar. Nosso olhar recai sobre os deslocamentos provocados pelas imagens nas personagens, que, em estado imaginativo, recriam a si mesmas e à realidade que as cerca. A imaginação em nascitividade é o homem que habita o eterno devir da vontade criadora, que origina e destrói, assim como a natureza dionisiaca e a criança dos ensinamentos de Zaratustra. Identificada a forte presença da mitologia grega em Corpo de baile, dialogamos com os estudos de Walter Otto: A origem divina do canto e da saga, fundamental para a compreensão sobre as divindades telúricas, e Dioniso: mito e culto. As estruturas antropológicas do imaginário descerram caminhos interpretativos diante das imagens poéticas das narrativas, percebemos o mesmo com Bachelard, que traz o devaneio atrelado à leitura das imagens, em O ar e os sonhos, A poética do devaneio, A poética do espaço, A terra e os devaneios do repouso, A terra e os devaneios da vontade. Recorremos também a Mircea Eliade, em O sagrado e o profano, com o intuito de nos aproximar da concepção de mundo na perspectiva sagrada.

Palavras-chave: Imaginário; Imagem poética; Mitopoético rosiano



DANÇANDO COM OS VAGALUMES: O GESTO LUMINOSO DA CRÍTICA CRIATIVA

Élida Mara Alves Dantas Martins

Resumo: “A imagem arde em seu contato com o real. Inflama-se, e nos consome por sua vez.” A essa hipótese chegou o historiador e filósofo da arte francês Georges Didi-Huberman (2012, p. 208), depois de constelar afirmações de Rainer Maria Rilke (o motivo da imagem poética arder é porque ela é verdadeira), de Walter Benjamin (é no “incêndio da obra”, em seu “grau maior de luz”, que a verdade aparece) e de Maurice Blanchot (por meio do “ver” se toca a plenitude do fogo), que tratam da relação entre a imaginação e o conhecimento. Essa hipótese a que chega o filósofo da arte me leva ao modo como o artista polonês Bruno Schulz (2004), atuando como crítico literário, lê as “imagens que ardem” no poema “Luminárias”, do poeta polonês Juliusz Wit, “como um livro que se consome, muda de forma entre as chamas e se torna aéreo; como se o texto entrasse todo inteiro na chama” e o leitor mesmo ardesse com ele, “feliz e deslumbrado”. É certo que, quando estamos a tratar da leitura literária, a liberdade do movimento criativo, da construção do conhecimento por meio do imaginário, compete ao leitor. Na pesquisa em arte, considerando seu caráter científico, apenas em tese esse movimento parece competir ao pesquisador, que, indiscutivelmente, é, antes de um estudioso, um leitor. Posto isso, analisando a maneira magistral como Didi-Huberman lança mão da pesquisa criativa para erigir sua obra “Sobrevivência dos vaga-lumes”, e cotejando suas reflexões a ensaios críticos de Schulz, proponho-me a refletir sobre como esses autores, ao atuarem como críticos da arte em uma perspectiva da poética do imaginário, mais especificamente, em uma perspectiva das imagens que ardem e que consomem o leitor, oferecem-nos uma fórmula luminosa para fazermos pesquisa em arte.

Palavras-chave: Poética do Imaginário; Crítica literária; Didi-Huberman; Bruno Schulz.

18/07 (TARDE)

A FECUNDIDADE DO INCONSCIENTE: PONTOS DE PARTIDA

Luiz Felipe de Queiroga Aguiar Leite

Resumo: A fecundidade do inconsciente: pontos de partida. A fecundidade do inconsciente é humanizadora. Essa afirmação inicial nos guia para um fim. Contrariando uma humanização que se quis estreitamente racional advinda da era moderna, ensaiamos propostas que visem, em última instância, discutir o poder humanizador do inconsciente na literatura, e tangencialmente, nas artes em geral. Para atingir esse objetivo final, traçamos um caminho que parte de uma hermenêutica produtiva. Tomamos a obra de Jerome Rothenberg (poética, teórica e crítica) para dela, e com ela, desenvolver estudos ensaísticos que visem discutir essa força fecundante por vezes rejeitada ao longo da era moderna: o inconsciente. Esse texto aqui presente, portanto, tem por objetivo traçar um primeiro esboço deste trabalho. O ponto de partida, a princípio, é retomar os estudos do inconsciente, não com uma intenção de traçar um panorama, mas com o intuito de realizar uma escolha, ou escolhas possíveis dentro do universo impreciso que é a “matéria”. O começo inevitável é com Freud; a continuidade profusa é com Jung. Este nos colocará em um espaço em que a discussão fenomenológica encontra uma tensão, entre a base psico-antropológica dos arquétipos e o universo dos possíveis. Uma posição teórica se faz necessária. O segundo passo dá início a nossa hermenêutica produtiva com o autor, Rothenberg. Em sua obra, o autor propõe uma revolução estrutural de lastro antropológico. Subverte a noção usual do ocidente para afirmar a complexidade primitiva. O potencial subversivo que há nesta defesa se une à subversão da Geração Beat e das Vanguardas estéticas europeias, principalmente, no que essas vanguardas têm de destruidoras e construtoras do novo. O dadaísmo é a vanguarda por excelência que, da destruição supostamente aleatória, constrói o novo. Em seguida discutimos a figura do poeta na modernidade, a sua relação com o xamã, ou o sacerdote africano, e a oralidade. O poeta seria um vidente e cantor. O diálogo aqui é com A carta do vidente de Rimbaud. O vidente e o poeta sonham e constroem através do sonho-ação no mundo. Aqui a voz do poeta encontra um valor coletivo. Ele mobiliza forças através do canto e reúne



em torno de si o corpo social. Por último, nosso trabalho encontra-se com intenções pedagógicas. As propostas revolucionárias de Rothenberg vão contra uma pragmática educacional desenvolvida dentro da era moderna. “Dê aulas com um chocalho e um tambor”, diz o autor. A proposta sibilina sugere uma crítica do modelo educacional prussiano e uma proposta de reorganização desse modelo que subtraiu e ainda subtrai as potencialidades do ser. Retomar o inconsciente recalcado, torná-lo sombra a ser integrada, é fonte fecunda de humanização. Além de Jerome Rothenberg e o já citado Jung, são significativos para o desenvolvimento do trabalho Mircea Eliade, Rimbaud, Joseph Campbell, Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, Julia Kristeva, Hampaté Bâ, entre outros.

Palavras-chave: Palavras-chave: Inconsciente; Rothenberg; Imaginário.

IMAGINÁRIO OCULTISTA NA VIDA E OBRA DE FERNANDO PESSOA

Marcelo Rodrigues dos Reis

Resumo: A estética da poesia de Fernando Pessoa, por sua amplitude, profusão de sentidos e reconhecimento, segue inspirando estudos de toda sorte. Isso é um fato. Tanto a poética ortônima do escritor português, particularmente na obra Mensagem, quanto aquela originária de seus heterônimos abrigam noções e imagens que poderíamos qualificar de místicas e míticas. Discute-se, entre seus estudiosos, inclusive, a medida do envolvimento de Pessoa com as sociedades secretas de seu tempo. Diante disso, minha proposta, primeiro, concentra-se em identificar e analisar fração dos elementos míticos, gnósticos e ocultistas presentes em seus trabalhos poéticos e outros escritos. Assim como examinar sua trajetória biográfica e os vínculos que estabeleceu com o meio e as instituições ocultistas da Europa da primeira metade do século XX.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; Poética; Imaginário; Ocultismo; Gnosticismo

MEMÓRIAS E MITO: AS NARRATIVAS ORAIS SOBRE O ATAÍDE (RE)CONTADAS EM DIFERENTES LINGUAGENS

Myrcéia Carolyne Guimarães da Costa

Resumo: Na área costeira da Amazônia, mais precisamente na lama dos manguezais bragantinos, habita uma criatura monstruosa que ataca principalmente pescadores e coletores de caranguejo – o Ataíde. Trata-se de um ser humanoide, peludo, preto com mais de dois metros de altura e com um pênis gigantesco que, para alojá-lo, enrola-o na cintura ou no pescoço; as vítimas do Ataíde são punidas severamente com surras ou estupro. Estas narrativas orais foram coletadas na comunidade de Taperapu-porto no município de Bragança, litoral do Pará. Na atmosfera em que ocorre o Ataíde, verifica-se a questão do sagrado, embora a ele não seja atribuída a temática de “origem”, de “criação” (como nas sociedades arcaicas), ele é um Ente Sobrenatural e as narrativas apresentam acontecimentos desse ente encantado em uma realidade que passou a existir para os moradores da comunidade de Taperapu-Porto. O mito representa, através deste ser, as suas atividades, as suas obras na ordem da sacralidade, da divindade e elas não possuem um tom de chiste e pilhérico, ao contrário, delas advém uma postura de gravidade, ponderação e temor dos indivíduos em relação à criatura, portanto, as histórias situam-se no mito em que há a presença do sagrado, do sobrenatural e do transcendental. Através das memórias dos narradores, imergimos nos meandros contidos nelas, visto que, segundo ECKERT e ROCHA (2001), nas memórias existe a “conformação da tradição”, pois abrange “a dimensão mais profunda de seus mitos, lendas e crenças arranjadas no tempo, as quais configuram as práticas de seus grupos e atores sociais”. As histórias do encantado Ataíde, sua caracterização e conduta nos remete ao campo do maravilhoso, “o sobrenatural está presente, e não deixa entretanto de nos parecer inadmissível” TODOROV (1981). Assim, os elementos extranaturais presentes nas narrativas estão relacionados aos elementos reais de modo que de seu enredo advém coerência e força para se sustentar no imaginário dos que convivem em seu contexto de ocorrência. Este trabalho traz uma abordagem acerca de linguagens, mito e memória: como o mito presente no imaginário das pessoas da comunidade ora estudada se



materializa nas narrativas orais (primeiro texto), a partir deste primeiro texto (oral), originam-se outros: escrito, desenho, canção e videoclipe; mantendo-se o sentido original numa relação de paráfrase. Verificar-se-á todas as passagens nas quais, iniciando-se em um texto de partida, surgem textos que, com suas particularidades, recontam o enredo do texto original, configurando, dessa maneira, uma tarefa de tradução, sobre a qual entendemos à luz de um ponto de vista mais amplo, isto é, traduzir se expande para além das palavras. Os estudos de Berman (2009) afirmam que uma das atribuições da tradutologia compõem-se em conhecer e entender as fronteiras da tradução e que a esta área correspondem outros espaços, pois está passando por uma mudança de sentido metafórico, toma para si a essência dos atos de fala, de escrita, de pensamento e até mesmo de existência.

Palavras-chave: Ataíde; Mito; Memória; Linguagem

DO MITO COMO MONTAGEM PROBLEMÁTICA TRANSINDIVIDUAL (EM ABY WARBUG E GILBERT SIMONDON)

Vinícius Portella Castro

Resumo: Nesta comunicação tentarei apresentar um conceito de mito como montagem problemática transindividual, transformando e amplificando elementos da obra do historiador da arte Aby Warburg, do antropólogo Lévi-Strauss e do filósofo Gilbert Simondon. O conceito de montagem aqui parte mais da ação de um corpo orientada ao seu meio do que na edição de imagens que se faz numa moviola ou num software com manipulação do eixo temporal. Isso não dispensa a associação da montagem com o cinema, mas torna a montagem cinematográfica de uma trama dinâmica de figuras díspares uma instância tecnicamente recursiva do ato de montagem mais geral do ser vivo no seu meio. Se todo ser vivo pode ser compreendido como uma montagem sucessiva de estruturas e funções que incorpora as soluções anteriores para a resolução das subsequentes (montagem desdobrada a partir da sua trama genética singular de disparição problemática), tanto a montagem técnica quanto a artística podem ser compreendidas como desdobramentos humanos de processos composicionais que nos precedem (dentro da compreensão de André Leroi-Gourhan de que a evolução técnica é apenas uma aceleração enviesada da evolução natural). A montagem pode ser compreendida, portanto, como um processo de auto-organização material que consegue reunir incompatibilidades em feixes tensionais pregnantes. O "Atlas Mnemosyne" de Warburg, experimento especulativo nunca concluído, era ao mesmo tempo um manual para orientação cósmica e um repositório dos contágios, êxtases e traumas coletivos da região do mediterrâneo (e vizinhança). Tanto o Atlas quanto os fragmentos de Warburg sobre a expressão, publicados recentemente, dão a ver alguém que encontrava na arte e na mitologia um meio de inscrever gestos e, deste modo, gravar os afetos coletivos que os criavam. Em Lévi-Strauss, os mitos são feitos em cima uns dos outros, contra mitos anteriores e a partir de mitos vizinhos (e vice-versa). Um mito é o conjunto de suas variações, existe como população de imagens, encarnado por um corpo coletivo. Um mito é uma imagem coletivamente enunciada, por se assim dizer. Uma combinação dos métodos de Warburg e Lévi-Strauss pode nos apresentar uma compreensão da mitologia como montagem estrutural e energética a partir da montagem de imagens em grupos cinéticos de transformação afetiva. Se em Simondon o indivíduo se defasa a partir do seu meio, se desatando do campo pré-individual que lhe tornou possível, a mitologia é o campo imagético através do qual um corpo pode entrar de novo em fase com a dimensão coletiva da informação. A transindividualidade é justamente aquilo que permite que um indivíduo de qualquer escala (de um fóton a um ser humano) se comunique e se transforme a partir da interação com o seu meio associado e com o campo pré-individual que o formou. Como o limite do anel da malha que toca a malha seguinte, o transindividual se dá na juntura, no conectivo, entre o individual e o coletivo. Não estou interessado em descrever mitologias como máquinas estáticas (como fez Roland Barthes), mas justamente como concreções históricas contingentes e meta-estáveis, elementos de ecologias de meios com condições energéticas e estruturais singulares de transformação em cada nicho local.

Palavras-chave: Mitologia Aby Warburg Gilbert Simondon Lévi-Strauss



68 - NARRATIVAS E DESLOCAMENTOS: VIAGENS, DIÁSPORAS, IDENTIDADES, PERFORMANCE E OUTRAS ARTES

Coordenação: Profa. Natália Oliveira Fontes (UFV); Prof. Dr. Acauam Silvério de Oliveira (UPE); Prof. Dr. Adélcio de Sousa Cruz (UFV)

Resumo: O campo literário não se constituiu a partir do éter, possui trajetórias diversificadas. Entretanto, essa **pluralidade** e **multiplicidade** de vozes e **poéticas** foi sendo recortada, censurada por muitas vezes. Interessam-nos as **narrativas** e seus **deslocamentos**: relatos e/ou ficção de **viagens**, as **diásporas**, a **performance**, as **outras artes** e, as **identidades** tecidas dentro da pletera dessas poéticas. É sabido que tais deslocamentos nunca foram à base de consenso: a colonização e outros processos movimentaram massas populacionais, quase sempre, à revelia dos propósitos mais subjetivos. A literatura estava desconectada do real, aparentemente, sempre abrigou em seu campo a **necropolítica** (MBEMBE, 2018), lançando as vozes **dissonantes**, ora para o fundo do oceano, ora para as margens do cânone.

Referências

- CARLSON, Marvin. *Performance: uma introdução crítica*. Trad. Thaís Flores Nogueira Diniz; Maria Antonieta Pereira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- DALCASTAGNÉ, Regina. Pluralidade e escrita. In *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte/Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012. p.7-16.
- FRIEDMAN, Susan. *Mappings: Feminism and the Cultural Geographies of Encounter*. New Jersey: Princeton U P, 1998.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MILLS, Sara. *Discourses of Difference: An Analysis of Women's Travel Writing and Colonialism*. London and New York: Routledge, 1991.
- NAPOLITANO, Marcos. A síncope das idéias: a questão da tradição na música popular brasileira. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.
- PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. 2nd ed. New York: Routledge, 2008.
- SUSSEKIND, Flora. Objetos verbais não identificados: experimentos literários de difícil classificação. In *O Globo – Cultura – Caderno Prosa*. 21 de setembro de 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2013/09/21/objetos-verbais-nao-identificados-um-ensaio-de-flora-sussekind-510390.asp>
- WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.
- _____. *Questões de música e política no Brasil*. Sem receita: ensaios e canções. São Paulo, Publifolha, 2004.
- ZUNTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

TRAVEL NARRATIVES, WOMEN AND HUNTING GAMES: FLORENCE DIXIE'S ACROSS PATAGONIA

Natália Fontes de Oliveira

Resumo: Lady Florence Dixie (1855-1905) was a socialite and a public figure in the nineteenth century London. Coming from an aristocratic family, she had the education means to undertake



a voyage to the Patagonia alongside her husband and brother. Less than a year of her return England, she publishes *Across Patagonia* (1888), an automatic success. This publication inserted her voice in the growing genre of travel writing and opened space for her as a writer and traveler. Although she was traveling with family, she asserts her independence throughout the narrative. Dixie plays with the roles and standards expected from a Victorian Lady traveling abroad, creating a unique literary voice. She advocates for women's equal rights in sports and she elaborately depicts their experience with hunting game in Patagonia as vivid proof that women were as good as men. In this seminar, Dixie's *Across Patagonia* is analyzed to better understand how travel narratives made possible for women in the nineteenth century to disseminate their beliefs and insert their voice in the mainstream discourse.

Palavras-chave: travel writing, gender, Florence Dixie

A TENSÃO ENTRE REALIDADE E FICÇÃO NA LITERATURA DE VIAGEM DE SAINT HILAIRE

Cesar Augusto Neves Souza

Resumo: Este projeto pretende estudar a tensão que existe entre ficção e realidade na literatura de viagem do século XIX, nas obras de Auguste Saint Hilaire e Emanuel Pohl. Ao longo do século XVIII em diante houve uma crença na Europa de que a ciência conduziria a humanidade rumo ao progresso. No Brasil a ideia de Estado-nação não escapava dessa concepção. Os viajantes naturalistas se consideravam como missionários do progresso científico e do mundo civilizado. Os viajantes partilhavam desses conceitos, e viajavam pelas regiões mais longínquas a fim de produzir um conhecimento que pudesse contribuir com os povos pelo qual ainda não conheciam a civilização. Neste momento, o que salta aos olhos do viajante, em especial ao continente americano, é a grandeza do mundo natural. A população que habitava essa parte do planeta não se enquadrava no ideal de civilização concebida pelos cientistas europeus. Devido a isso, o viajante não terá dificuldade em dizer que está em um mundo marcado pela barbárie. Os relatos dos viajantes muitas vezes alinhados ao pensamento político da época terão na população desse Brasil interiorano, um obstáculo ao progresso econômico. Os viajantes naturalistas, que vieram ao Brasil em nome da ciência, produziram relatos não apenas da natureza, mas também do modo de viver da gente do sertão. Ao analisar os costumes e o comportamento do homem sertanejo o viajante quase sempre partia de suas concepções europeias. O que dificultava, sobretudo, de considerar o verdadeiro sentido da cultura do povo brasileiro e de sua relação com a natureza. A comparação com a Europa era um entrave para compreender aqueles povos a partir de suas próprias vicissitudes. Por outro lado, a Europa era o único parâmetro em que o viajante poderia sustentar suas interpretações. Os estudos antropológicos pelos quais orientam o estudante atual a não incorrer em etnocentrismos e está alerta às questões de alteridade, não compunham o cerne intelectual do cientista europeu do século XVIII E XIX. Mergulhado em uma natureza desconhecida e vulnerável a toda sorte de adversidades infligidas pela natureza, o viajante passava por toda variedade de reveses naturais e até mesmo psicológicos. No entanto, outro ingrediente é importante ressaltar; a de que muitos relatos eram construídos a posteriori. Isto levanta uma importante questão. Além dos fatores adjacentes ao viajante quando este se encontrava in lócus, havia, portanto, o trabalho da memória em refazer todo o cenário percorrido, muitas vezes adicionados a outros relatos de viagens para a composição do relatório. Composição esta, que geralmente passava pela pena de um profissional de texto ou de um relator. O problema que este trabalho pretende desvelar é sobre os limites e as fronteiras que separam a ficção e a realidade nos relatos de viagens de Auguste de Saint Hilaire e de Emanuel Pohl. Estes relatos se encaixam no que tradicionalmente é concebido por literatura? Quais são os espaços percorridos entre a ficção e o real em uma obra literária? Nas descrições presentes nos relatos de viagem o que podemos entender do que é real e fictício? Por certo, o que os viajantes naturalistas produziram fomentou de modo considerável as visões sobre o Brasil e os imaginários sociais, como também na formação da literatura nacional do século XIX.

Palavras-chave: História; Narrativa; Literatura

"CONTRA-VIAGENS" PORTUGUESAS: UM ESTUDO SOBRE VIAGENS NA MINHA TERRA E CONHECIMENTO DO INFERNO

Lara Silva Perussi Bertão

Resumo: Considerando que a própria literatura pode ser entendida como viagem, seja pela suspensão que provoca em relação ao real, ou cotidiano, seja por seu parentesco com narrativas orais, “experiência que passa de pessoa a pessoa” (BENJAMIN, 1936) e de pessoas como os viajantes, visto que “Quem viaja tem muito o que contar” (BENJAMIN, 1936); o objetivo da comunicação é discutir sobre Viagens na minha terra (1846) de Almeida Garrett e Conhecimento do inferno (1980) de António Lobo Antunes, romances de viagem portugueses, que tematizam os deslocamentos geográficos que seus protagonistas realizam dentro de Portugal, com desdobramentos que suscitam reflexões metaliterárias e histórico-críticas. Viagens na minha terra (1846), romance oitocentista português muitíssimo estudado pela crítica desde a sua publicação, é uma obra plural, atravessada por longas digressões, que apresenta como narrador o próprio Almeida Garrett, o qual durante a viagem de Lisboa a Santarém, permanência em Santarém e retorno a Lisboa, expõe-nos seus dramas pessoais e literários, bem como o drama existencial da nação portuguesa pós-guerra civil (1828-1834). Conhecimento do inferno (1980), em contrapartida, é um romance de viagem contemporâneo, que integra o primeiro ciclo de produções de António Lobo Antunes, junto a Memória de elefante (1979) e Os cus de Judas (1979). A narrativa, ora em primeira, ora em terceira pessoa, apresenta-nos um retornado das guerras coloniais (1961-1974), homônimo do autor, médico psiquiatra, que viaja, solitário, do Algarve à Praia das Maçãs, por um labirinto de memórias referentes à sua infância, aos seus relacionamentos pessoais, à sua produção literária, à sua participação nos combates em Angola e, sobretudo, ao cotidiano mórbido do Hospital Psiquiátrico Miguel Bombarda em Lisboa. Ora, ambas as obras propõem, em tom irônico, viagens contrárias às marítimas e de descobrimento, fundacionais na cultura portuguesa. Tematizam viagens dissonantes às de grandes conquistas, à medida que repletas de paisagens fenomênicas, que não são pura representação, nem simples presença, mas “o produto do encontro entre o mundo e o ponto de vista” dos viajantes (COLLOT, 2013). Paisagens que não são objeto de dominação dos narradores, mas integrantes do território nacional português e constitutivas da subjetividade de ambos os protagonistas. Protagonistas que, a partir das viagens que realizam, vivenciam os frutos do providencialismo histórico e do pretenso imperialismo português, propulsores de guerras ilegítimas e de uma esquizofrenia identitária, característica da nação lusa (LOURENÇO, 1978).

Palavras-chave: Viagens; Viagens na minha terra; Conhecimento do inferno; Portugal.

ANTÓNIO ALEIXO E ANTÔNIO VIEIRA: DIÁLOGOS IMAGINADOS OU BOCA E PAPEL: ESPAÇOS DE FRICÇÃO DA PALAVRA POÉTICA

Edilene Dias Matos

Resumo: Este estudo põe em relevo interfaces/travessias nas obras de dois poetas “populares”. De um lado, o poeta português António Aleixo (Algarves) e sua sátira “humanística”, com destaque para o recurso apropriado da expressividade verbal. De outro lado, o poeta brasileiro Antônio Vieira (Bahia) e a índole musicante de sua poesia satírica, integrando o que denominou “Cordel Remoçado”. A poesia de ambos os poetas, feita para provocar vibração nas palavras, aponta para a coreografia do corpo/gesto, no palco/espço semovente oralidade/escritura. Partindo da hipótese de que a concepção de texto, aqui considerada, não envolve só o texto verbal, mas, de igual maneira, o transverbal, este projeto parte de uma indagação: o ato de contar/cantar/olhar/dançar ligado á vida, ao imaginário e à linguagem das pessoas como um impulso natural do ser humano pode formar leitores/pesquisadores/intérpretes/ouvintes de “textos poéticos” com novos olhares que permitam despertar sensibilidades “anestesiadas”? Seriam a expressão e apreensão desses “textos” (Aleixo e Vieira) espaços de crítica e de

resistência? Para tanto, impõe-se uma pesquisa de documentos para refletir o que aqui se propõe.

Palavras-chave: Viagens; poeta popular ; sátira ; oralidade/escritura ; diálogos.

BORGES" "TWO WHITMAN"S": MULTIVOCALITY AND PAN-AMERICAN POETIC IDENTITY IN WHITMAN"S "LEAVES OF GRASS"

Daniel Bell

Resumo: The great Argentine poet, Jorge Luis Borges, wrote prolifically about the influence of American poet Walt Whitman on his own work, and that of other South American writers. Specifically, Borges claimed the invention of Whitman's "trilogy" of poetic personages, each with its own unique voice, as essential to creation of an authentic American poetic identity. This work aims to examine Borges' treatment of Whitman's multivocal "persons" in Leaves of Grass, in relation to Borges' Spanish translations of the same poem. My intention is to put together a conception of Pan-American poetic identity, in line with Borges' criticism and treatment of Whitman's work.

Palavras-chave: Borges; Whitman; Identity; Voice; Poetry

17/07 (MANHÃ)

POÉTICAS E ESTÉTICAS DE RESISTÊNCIA: DIZER NÃO À NECROPOLÍTICA E NAVEGAR NAS MEMÓRIAS DA DIÁSPORA AFRICANA

Adélcio de Sousa Cruz

Resumo: Este trabalho analisará de modo comparativo três abordagens da diáspora negra nas Américas, que podem ser lidas como propostas de poéticas e de estratégia/performance de resistência à “necropolítica”, apontada pelo filósofo Achille Mbembe (2018) como ponto fulcral para compreensão da violência, que atinge os povos da diáspora negra desde o período escravista do colonialismo europeu, estendendo-se à contemporaneidade. Primeiro, apresentaremos aspectos da poesia de Edmilson de Almeida Pereira (2010); a seguir trataremos para dialogar com a poética do poeta mineiro, a música do grupo Ibeyi e o mais recente lançamento de Baco Exu do Blues (2018), “Blvesman”. O ponto de partida será a leitura de poemas de Edmilson de Almeida Pereira (2010), presentes no livro Homeless, que dialoga com as heranças da diáspora africana no Brasil e outros países. Vale ressaltar que o título do livro de poemas, remete aos sujeitos desterrados, forçosamente afastados de sua terra de “origem”. Cada poema, quando conectado a outro que compõe a obra, parece fazer parte de uma rede de pesca, lançada constantemente ao oceano do esquecimento, no intuito de trazer à tona elementos que possibilitem, tanto alimentar a sede de conhecimento pelo passado, quanto conectar-se com outras manifestações artísticas deixadas pelo caminho da diáspora. O trabalho de composição e performance do duo franco-cubano Ibeyi se vale, por sua vez, do entrecruzamento de identidades e outras nuances da diáspora contemporânea. Especificamente, tratarei da música “River” (2014) e do vídeo clip referente à ela. Já o rap de Baco Exu do Blues vem carregado de referências da cultura da África negra aportada no Brasil e nas Américas. O trabalho artístico do rapper, a ser analisado também nesta comunicação é “Blvesman” (2018). O ponto de contato inicial entre tão distintas produções artísticas é a diáspora africana – tanto remetendo ao passado colonial, quanto aos seus deslocamentos contemporâneos. Pode-se afirmar que a arte negra da diáspora africana parece “nascer/surgir”, por assim dizer, com nuances profundas do conceito de engajamento, performatizando a constante rebelião da vida de negros e seus descendentes contra a “necropolítica”. Os três trabalhos a serem discutidos, também apontam constantemente para referenciais da ancestralidade africana – em maior ou menor intensidade –, bem como de teóricos como “rastros-resíduos”, do pesquisador Edouard Glissant (2005), “performance de resistência”, presente no trabalho de Marvin Carlson (2009) e, ainda, a “epistemologia afrodiaspórica”, tratada na recém-publicada pesquisa de Edmilson de Almeida Pereira (2017).



Palavras-chave: Poéticas; Diáspora; Poesia; Música; Performance.

REGENERATION THROUGH VIOLENCE: UMA LEITURA DA FRONTEIRA EM MERIDIANO DE SANGUE, DE CORMAC MCCARTHY

Mikael de Souza Frota

Resumo: Essa pesquisa objetiva analisar o tema da violência no chamado “processo civilizatório” de expansão da fronteira Oeste dos Estados Unidos através da obra *Meridiano de sangue*, de Cormac McCarthy (1985). Um estudo sobre a Fronteira e o Oeste fazem-se necessários, pois estas palavras possuem um significado bastante simbólico para o imaginário americano, uma vez que elas indicam o limite entre civilização (fronteira) e o início do mundo selvagem (Oeste), principalmente na percepção histórica de um período fundamental para a expansão territorial dos Estados Unidos, ou seja, o século XIX. Frederick Jackson Turner (2004), um dos principais historiadores conservadores dos EUA, acreditava que a civilização e o progresso chegariam ao Oeste americano através dos colonizadores europeus, sinônimos de civilizados, pois o Oeste era uma terra primitiva que precisava ser conquistada e civilizada, uma “área de terra livre” (TURNER, 2004, p. 23). O romance de McCarthy, escrito em 1985 e ambientado entre os anos 30 e 40 do século XIX, mostra a fronteira entre Estados Unidos e México de forma oposta aos postulados teóricos de Turner. O autor apresenta a violência de um grupo de mercenários, na sua maioria anglo saxônicos, contratados para fazer limpeza étnica na fronteira entre os dois países, conforme marchavam pelo Oeste. A atmosfera do romance é de morte. O deserto apresenta uma paisagem inóspita, é apresentado como um ambiente hostil, perigoso e selvagem, onde qualquer ato de selvageria, barbárie e violência era permitido. Para conduzir essa discussão, considerarei postulados teóricos da New western history, corrente de estudos americanos organizado por Patricia Nelson Limerick (1988; 1994), cujo intuito é de superar a visão conservadora do historiador americano Frederick Jackson Turner sobre o Oeste americano, através das personagens na obra de McCarthy.

Palavras-chave: Fronteira; Oeste; Violência; McCarthy.

FRONTEIRAS E TRANSGRESSÃO NO CONTO HOPEFUL MONSTERS

Juliana Borges Oliveira de Moraes

Resumo: Hiromi Goto é uma escritora nascida no Japão, em 1966, que emigra para o Canadá aos três anos de idade. Ela é editora, escritora, professora de escrita criativa. Tem várias obras publicadas, entre elas *Chorus of Mushrooms*, 1994 e *Hopeful Monsters*, 2004. Temas como o deslocamento, questões de identidade e de alienação de si são importantes em suas obras, talvez por sua condição de migrante, sendo que escolho para discussão o conto “Hopeful Monsters”, publicado na coleção de contos com o mesmo nome, lançada em 2004. O conto, narrado em terceira pessoa, retrata a estória de três gerações de mulheres nipo-descendentes: a avó, Junko, a filha, Hisa, e a neta recém-nascida. Duas dessas personagens mulheres nascem com um “apêndice caudal.” Hisa, que só descobre esse fato já adulta, e sua filha. O protocolo médico para quando ocorre esse apêndice é ele ser extirpado, conforme o discurso do médico da família ao se referir ao “membro acessório” da filha de Hisa: “É muito superficial. Sua filha nasceu com um apêndice caudal” (p.148). Em outro momento ele explica com mais detalhes: “Parece uma cauda, mas não é. Um apêndice caudal é mais pele e substância gordurosa ou tecido cartilaginoso. Não é uma cauda de verdade. É mais uma anormalidade de pele” (p.148). No conto, um espaço de constrição se constitui a partir do discurso médico no hospital, mas a suposta teratogenia aponta para possibilidades outras, que são constrições pelo poder vigente. Vale ressaltar que tanto Hisa quanto sua filha, além de três fetos abortados de Junko, haviam nascido com a cauda. Segundo Junko, Hisa, sua única filha que sobreviveu, tinha a cauda mais longa. No texto há uma associação simbólica da cauda ao pênis, que é feita explicitamente, na ocasião da visita de Bobby (companheiro de Hisa) ao hospital. Ele se deita ao lado de sua companheira e tem-se a descrição a seguir: “Ele se aproximou, fazendo pressão sobre suas nádegas, seu hálito doce e azedo umidificando o ar. Hisa conseguia sentir o pênis de Bobby no



vão de seu bumbum. crescendo duro, ossudo, como uma grossa cauda" (p. 157). Somando-se essa descrição o posterior questionamento de Hisa a respeito de si, de sua subjetividade, penso que "Hopeful Monsters" incita à reflexão sobre a própria concepção de sexo/gênero, na tônica da ficção científica, sob o viés simbólico de que talvez outras formas de se pensar nesses sistemas se constituísse uma evolução para a espécie. Hisa se vê em uma série de conflitos em relação à sua identidade, principalmente como mulher: será que seu sentimento de incompletude, de que algo sempre estava faltando, então não seriam por causa da cauda que lhe havia sido tirada? Aqui a simbologia da falta sob o viés de que talvez não esteja faltando nada, mas algo tenha sido tirado. Hopeful Monsters permite a discussão sobre performance de gênero e identidade de uma forma instigante e contemporânea.

Palavras-chave: gênero; espaço; corpo; identidade; transgressão

MARIANA - A FORÇA FEMININA NA OBRA DE ANTONIO OLINTO

Janda Montenegro

Resumo: Mariana é a força da mulher negra, mas é também a força da mulher brasileira e da mulher africana. Com base na trilogia *Alma da África*, de Antonio Olinto, faremos uma proposta de olhar no feminino e na africanidade da personagem Mariana, fio condutor dos romances "A Casa de Água", "O Rei de Keto" e "Trono de Vidro". Através dela, a história do Brasil e do Benin se entrelaçam no corpo e na geografia, estendendo-se pelas questões da mulher e do matriarcado. Mariana é, assim, um símbolo do laço que une África e Brasil por um passado tortuoso que busca ser recuperado pelos seus filhos.

Palavras-chave: feminino, corpo, representatividade, Antonio Olinto, África

69 - NATURALISMO/NATURALISMOS

Coordenação: Haroldo Ceravolo Sereza (USP); Leonardo Pinto Mendes (UERJ); Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina (UFRJ)

Resumo: O propósito desse Simpósio é discutir os princípios da estética naturalista e debater suas principais manifestações literárias, de qualquer nacionalidade, tanto no século XIX, quanto nos séculos XX e XXI. As propostas introduzidas por este movimento estético democrático, que ousava nos temas e apresentava procedimentos discursivos específicos, garantiu sua difusão pelo mundo (Becker & Dufief, 2018), atraindo escritores de diversos países que adotavam o naturalismo como uma forma de se alinhar à modernidade numa geografia específica que não cabia nas fronteiras das literaturas nacionais. Tal força de representação ultrapassou igualmente seu período histórico e sobrevive até hoje, mostrando que a temporalidade literária obedece a regras específicas dos campos literários (Casanova, 1999). O princípio naturalista fundamental é retratar "a vida como ela é", estudando personagens de diversas classes sociais em seus cotidianos, mesmo quando desprezíveis ou abjetos. Este método de observação e de criação deu origem a uma infinidade de críticas tanto à brutalidade e à imoralidade do naturalismo quanto à pretensão ingênua de representar fielmente a realidade. Entretanto, ingênua era a acusação de que os escritores naturalistas eram ingênuos, pois em vários textos-chave da estética, como o prefácio da segunda edição de *Thérèse Raquin* (1867) e o ensaio *O romance experimental* (1880), Émile Zola esclarece que o objetivo era criar uma "ilusão" da realidade, pois se o romance naturalista adotava procedimentos científicos para reagir contra um romantismo gasto então muito em voga, cabia a cada artista em seu "temperamento" individual o ato da criação. Daí que não se deva falar de "escola" e em "discípulos", pois cada escritor tomou os princípios da estética e os moldou à sua maneira – o que nos permite hoje falar de "naturalismos" (Becker & Dufief, 2017). Destacamos esse mal-entendido como um entre vários reducionismos impingidos ao naturalismo, retratado pela historiografia tradicional como uma estética menor, falsa e ingenuamente científica, muitas vezes reduzida a um clichê. Estudos recentes em vários países vêm desvendando um quadro mais sofisticado e complexo, capaz de acomodar uma gama de vertentes naturalistas no século XIX e XX, em suas relações com o gótico, o decadentismo, a



literatura licenciosa, elegendo ora a representação trágica da existência, ora uma exploração dos enredos repetitivos e da desilusão (Baguley, 1995). Na literatura brasileira oitocentista esses desdobramentos parecem capazes de abarcar uma gama bem maior de autores e textos do que a historiografia tradicional conseguiu identificar. A onda naturalista do século XIX deu origem a métodos de pesquisa e criação, bem como a formas de expressão que foram retomadas por escritores ao longo dos séculos XX e XXI. A forma de abordar a realidade como elemento constitutivo da obra servirá a pintores, fotógrafos, cineastas e autores de novela, que nela verão um modo legítimo de se falar sobre o mundo e as sociedades. Flora Süssekind, ao analisar o romance brasileiro do século XX, refere-se às vagas naturalistas nos anos 1930 e 1970. Também aponta, nos temas tratados na obra de Ferréz, Dráuzio Varella e Paulo Lins, nos anos 2000, para uma retomada dos postulados centrais do naturalismo. O desejo de expressar dimensões pouco atraentes da realidade, a primazia dada à descrição de conflitos sociais, os temas do preconceito racial e da diversidade sexual, assim como o desejo de documentar situações de opressão e exclusão de sujeitos vistos como subalternos constituem elementos do pacto naturalista de leitura que se renova e se reproduz na contemporaneidade. O leitor encontra obras que se posicionam como retratos e debates que dialogam com o tempo imediato e que sugerem tomadas de posição sobre violências e situações quotidianas. O elemento extraliterário é um componente central da obra, e a busca por verossimilhança decorre tanto do discurso da experiência pessoal quanto da pesquisa científica ou jornalística. Rancière (2010) aponta que, ao abolir hierarquias e criar obras que não respeitavam a organização até então vigente, o naturalismo do século XIX criou, por meio do “efeito de realidade”, o “efeito de igualdade”, que está diretamente ligado, para ele, à possibilidade de associação livre de imagens. Rancière dirá ainda que a literatura que privilegia o descrever sobre o narrar permite que o “aristocrático emprego da ação” seja “bloqueado pela democrática coleção desordenada de imagens”. Com a perspectiva renovada de um naturalismo democrático, múltiplo e desordenado, reconhecível nos séculos XIX, XX e XXI, convidamos pesquisadores a enviar propostas de trabalho que incorporem novas questões de pesquisa e estudos de caso ao debate sobre o naturalismo.

Referências:

- BAGULEY, David. *Le Naturalisme et ses genres*. Paris : Nathan, 1995.
- BECKER, Colette & DUFIEF, Pierre-Jean (dir.). *Dictionnaire des naturalismes*. 2 vols. Paris : Honoré Champion, 2017.
- _____. Présentation du *Dictionnaire des naturalismes*. *Excavatio*, vol. XXX, 1-10, 2018.
- CASANOVA, Pascale. *A República mundial das Letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.
- CATHARINA, Pedro Paulo. Revendo o naturalismo. In: MELLO, Celina & CATHARINA, Pedro Paulo (org.). *Cenas da literatura moderna*. Rio de Janeiro: 7Letras, 71-90.
- _____. Circulation and Permanence of French Naturalist Literature in Brazil. *Excavatio*, vol. XXVII, p. 1-21, 2016.
- DUBOIS, Jacques. *Les romanciers du réel*. De Balzac à Simenon. Paris: Seuil, 2000.
- MENDES, Leonardo & FERREIRA, Alexandre Amaral. Virgílio Várzea, escritor naturalista. *Soletras*, n. 27, p. 233-253, 2014.
- MENDES, Leonardo & OLIVEIRA, Paola. As trajetórias de *Suicida !* (1895) e *O terror dos maridos* (1896), romances naturalistas esquecidos de Figueiredo Pimentel. *Soletras*, n. 30, p. 118-138, 2015.
- MENDES, Leonardo & DIAS, Riane Avelino. Pedro Rabelo, escritor naturalista. *Soletras*, n. 34, p. 285-311, 2017.
- PELLEGRINI, Tânia. *Realismo e realidade na literatura ; um modo de ver o Brasil*. São Paulo, Alameda, 2018.
- RANCIÈRE, Jacques. O efeito de realidade e a política da ficção. Trad. de Carolina Santos. Revista *Novos Estudos*, nº 86. São Paulo: Cebrap, março 2010.
- SEREZA, Haroldo Ceravolo. O Cortiço, romance econômico. *Revista Novos Estudos*, n. 98. São Paulo: Cebrap, mar. 2014.
- SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

_____. Desterritorialização e forma literária. Literatura brasileira contemporânea e experiência urbana. *Literatura e Sociedade*, n. 8. São Paulo: FFLCH, 2005.

ZOLA, Émile. *O romance experimental e o naturalismo no teatro*. Trad. Italo Caroni, Célia Berrentini. São Paulo: Perspectiva, 1982.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

JORGE DO BARRAL (1900), DE EMANUEL GUIMARÃES: ENTRE O NATURALISMO E O “ROMANCE DE SENSACÃO”

Leonardo Mendes

Resumo: Na nossa pesquisa sobre o naturalismo, encontramos o escritor brasileiro Adolfo Emanuel Guimarães de Azevedo (1871-1907). Ele era proprietário de terras no município de Rio das Flores, onde vivia, a 164 km ao norte do Rio de Janeiro. Longe da capital, Emanuel Guimarães não se envolvia em batalhas literárias, embora fosse conhecido dos homens de letras e admirador de Machado de Assis, a quem dedica Jorge do Barral, seu primeiro romance. Também publicou *A todo transe* em 1902 e quando morreu estava escrevendo *O irreparável*, publicado postumamente. Apesar de obscuro, Emanuel Guimarães publicou seus dois romances em vida pela Livraria Laemmert, uma das editoras mais antigas e respeitadas do Brasil. Nos anúncios, Jorge do Barral aparecia como “romance naturalista” e pertencia à coleção de livros licenciosos da livraria, a “Biblioteca do Solteirão”. O romance se passa no Rio de Janeiro e em São Paulo na década de 1890. Conta a história de Jorge do Barral, um rico herdeiro brasileiro, viajado e bem-apessoado, que no início do romance é retratado como um predador sexual empenhado em seduzir Sofia, uma órfã de dezoito anos. Sem sucesso, Jorge se volta para Tereza, a irmã mais velha de Sofia, que cede imediatamente. Aos poucos o leitor é informado da situação vulnerável das moças, que viviam só numa casinha alugada em Botafogo. Reproduzindo a perspectiva naturalista do sexo como motor da atividade humana e da vida como luta pela sobrevivência, o narrador mostra que Tereza havia se prostituído no passado para pagar as contas, enquanto Sofia lutava em desespero para manter a dignidade. As marcas naturalistas de Jorge do Barral não impediam o diálogo com outros gêneros populares do período, como o “romance de sensação”. Sofia e Tereza revisitam o enredo da “menina desgraçada”, vítimas de acontecimentos trágicos e incontroláveis, que é comum tanto no “romance de sensação” quanto na ficção naturalista. O estudo de Jorge do Barral permite expandir o número de autores e obras do naturalismo no Brasil, bem como conhecer outros naturalismos que faziam abertamente concessões ao melodrama e ao sensacionalismo.

Palavras-chave: Naturalismo; Romance de sensação; Emanuel Guimarães; Jorge do Barral

A CONSTRUÇÃO DE UM BEST-SELLER NO FINAL DO SÉCULO XIX: A REPERCUSSÃO CRÍTICA E MIDIÁTICA DO ROMANCE *O HOMEM*, DE ALUÍSIO AZEVEDO

Thiago Mio Salla

Resumo: A presente proposta de comunicação tem em seu horizonte recuperar, descrever e analisar a trajetória de recepção crítica na imprensa e, em chave mais ampla, o rumoroso percurso midiático do livro *O Homem* (1887), de Aluísio Azevedo, entre os anos de 1887 e 1888. Ao longo desse período, a obra teve três edições pela editora Afonso de Castro e Silva e mais uma realizada pela renomada Garnier. Trata-se, portanto, de um dos mais expressivos best-sellers brasileiros do século XIX, romance escandaloso cuja repercussão ecoou por diferentes periódicos nacionais que realizaram intensa cobertura desse acontecimento editorial. Para além do conteúdo da obra, que, em chave naturalista, trata do caso de histeria de uma mulher, a qual, no auge da loucura, imagina-se, em meio a um devaneio, mantendo relações sexuais com Jesus Cristo despregado da cruz, tamanho alarde deveu-se, em grande medida, às estratégias



publicitárias mobilizadas por Aluísio Azevedo e por um grupo de intelectuais a ele ligado no sentido de promover o livro, algo que marcou fortemente o início da carreira de tal título. Ao mesmo tempo, tendo em vista o levantamento dos textos produzidos a respeito do romance ao longo do período indicado e das especificidades do mercado editorial brasileiro de então, esta proposta de investigação também privilegiará a análise intrínseca de *O Homem*, procurando, na medida do possível, articular história da imprensa, do livro, da edição, estética da recepção e estudos literários.

Palavras-chave: Aluísio Azevedo; *O Homem*; Mercado Editorial; História da Leitura; Naturalismo

LENITA, MARICOTA, OLÍMPIA E VIOLANTE: MANIFESTAÇÕES DA “MULHER VIRIL” NO NATURALISMO DO SÉCULO XIX

Marina Pozes Pereira Santos

Resumo: Nesta comunicação, pretende-se analisar quatro romances naturalistas do final do século XIX, tendo como foco a manifestação da “mulher viril” – termo utilizado no período para descrever mulheres que reivindicavam atuar em papéis e espaços considerados então exclusivamente masculinos. Para isso, analisar-se-ão as personagens femininas paradigmáticas dos romances *A carne* (1888), de Júlio Ribeiro (1845-1890), *O aborto* (1893), de Figueiredo Pimentel (1869-1914), *Livro de uma sogra* (1895), de Aluísio Azevedo (1857-1913), e *Turbilhão* (1906), de Coelho Neto (1864-1934). Nestas obras, as personagens femininas Lenita, Maricota, Olímpia e Violante desafiavam as expectativas que se tinham até então das mulheres no século XIX. Seus atos e suas atitudes, seguindo a esteira de Emma Bovary, do romance francês *Madame Bovary* (1857), de Gustave Flaubert (1821-1880), colocavam em xeque os princípios e os fundamentos da sociedade patriarcal, como o casamento e a maternidade. Insatisfeitas com os papéis atribuídos às mulheres, Lenita, Maricota, Olímpia e Violante lutavam por espaços de autonomia dentro da rígida sociedade patriarcal, apresentando-se como personagens femininas fortes, ambiciosas e aventureiras. Lenita e Olímpia, personagens com mais poder econômico, lograram mais espaços de liberdade dentro do patriarcado, do casamento e da maternidade. Enquanto para Maricota e Violante, mulheres viris pobres, o caminho mais livre era a prostituição de luxo, alternativa que lhes oferecia mais liberdade do que o casamento burguês. Segundo David Baguley (1990), *Madame Bovary* é um “hipotexto” do qual derivam vários hipertextos (BAGULEY, 1990). Neste sentido, julgamos os quatro romances como derivações do modelo francês, tomando Emma Bovary como ponto de partida da presente análise. Além disso, os romances tinham um potencial pornográfico, visto que as personagens femininas reivindicavam a prática de uma sexualidade livre no interior da sociedade controladora em que viviam. A partir disso, esses livros foram abafados e esquecidos, embora tenham sido sucessos de público no primeiro momento de circulação. Para a historiografia tradicional, esses romances naturalistas são narrativas patriarcais e pedagógicas que visavam proteger as mulheres dos seus atos rebeldes por medo de punição da sociedade. Nossa hipótese é que, no primeiro momento de circulação, essas personagens eram vistas como mulheres liberadas que reivindicavam por seus espaços de autonomia. Dessa forma, por questionar o status quo patriarcal, eles foram vistos como obras obscenas e perigosas pelos leitores e críticos das suas primeiras edições. A partir disso, propõe-se uma leitura das configurações antipatriarcais presentes nos quatro romances, entendendo-as como reivindicações femininas por espaços de autonomia dentro do patriarcado.

Palavras-chave: Naturalismo brasileiro; Século XIX; Sexualidade.

17/07 (MANHÃ)

O NATURALISMO NA COLEÇÃO ECONÔMICA LAEMMERT

Pedro Paulo Catharina



Resumo: Lançada pela tradicional Livraria Laemmert no Brasil e pela igualmente tradicional editora de António Maria Pereira em Portugal, a Coleção Econômica reunia narrativas e romances estrangeiros, traduzidos para o português. Teve ampla circulação no Brasil entre 1895 e 1898, constituindo um dos diversos empreendimentos dos editores no País no final do século XIX. A proposta era vender livros baratos, traduzidos e impressos em Portugal em papel de baixa qualidade, tendo uma certa preocupação com a apresentação do volume - que possuía capa colorida e identidade editorial - e apostando na formação de uma coleção por parte do público, num processo de fidelização, inclusive dos leitores de menor poder aquisitivo. Neste intuito, embora propusesse romances contemporâneos ou produzidos nas últimas décadas do século XIX, a coleção não pretendia introduzir lançamentos, preferindo garantir o êxito de venda pela popularidade dos títulos já lançados por outras editoras ou tendo circulado de forma seriada em jornais do país. A jogada era então atrair o público leitor pelo que seria sucesso garantido no momento - fatia do mercado à qual pertenceria, segundo nossas pesquisas, a literatura naturalista. Dos cinco primeiros volumes lançados na coleção quatro eram da lavra de escritores naturalistas franceses – Alphonse Daudet, Guy de Maupassant, Émile Zola e Jules e Edmond de Goncourt. Do total dos vinte e nove volumes que circularam na coleção entre 1895 e 1898, dez continham narrativas e romances naturalistas. Pretendemos colocar em evidência, pela análise dos títulos que compõem a Coleção Econômica Laemmert e pelos resultados obtidos em pesquisa desenvolvida com apoio do Programa de Apoio à Pesquisa da Fundação Biblioteca Nacional, a popularidade da literatura naturalista no Brasil no final do século XIX. Visamos igualmente discutir a escolha dos autores e títulos naturalistas da coleção, tendo em vista que se tratava de uma aposta editorial que pretendia alcançar um público amplo e variado.

Palavras-chave: Coleção Econômica; Livraria Laemmert; naturalismo; romance popular.

ÉMILE ZOLA SOB OS OLHOS DA PROVÍNCIA DO PARÁ

José Adauto Santos Bitencourt Filho

Resumo: Por meio das páginas d'A Província do Pará (1876-2001), a comunidade leitora paraense oitocentista teve acesso a uma quantidade significativa de prosa ficcional. O jornal dispôs narrativas no rodapé do jornal, especialmente na seção Folhetim, e também nas intituladas Variedades, Miscellânea, Litteratura, Solicitados, Ciências, Letras e Artes, além de escritos críticos que discutiam as produções e autores célebres do momento. As publicações no periódico indicam uma preferência pelas narrativas de autoria francesa, que somam uma quantidade expressiva entre as produções presentes no jornal, e entre os escritores mais citados n'A Província está Émile Édouard Charles Zola (1840-1902), consagrado autor francês e grande expoente do movimento naturalista. Sobre o autor, a sua obra, e também sobre o Naturalismo foram publicadas notícias, críticas a romances e perfis literários. O presente trabalho objetiva apresentar os escritos críticos veiculado na Província do Pará entre os anos de 1876 e 1900, em busca de traçar um esboço de como o jornal interpretou a figura de Zola e o movimento naturalista em suas páginas.

Palavras-chave: Émile Zola; Naturalismo; A Província do Pará.

OS POEMAS EM PROSA DE CAMILLE LEMONNIER E JORIS-KARL HUYSMANS: TEXTOS NATURALISTAS

Rubens Vinícius Marinho Pedrosa

Resumo: Camille Lemonnier (1844-1913) e Joris-Karl Huysmans (1848-1907) são dois escritores naturalistas – um belga e o outro francês – conhecidos sobretudo por seus romances. No entanto, como inúmeros outros escritores da época, praticaram igualmente outros gêneros literários como a crítica de arte, o conto, a novela e o poema em prosa. Com relação a este último, Lemonnier publicou, em 1870, o volume intitulado Croquis d'automne, e Huysmans Le Drageoir aux épices, em 1874, e Croquis parisiens, em 1880. Sendo de nacionalidades diferentes, Huysmans e Lemonnier tinham uma relação de proximidade e troca, circulando nos



mesmos meios literários, publicando em periódicos e revistas literárias tanto na Bélgica quanto na França. Além disso, eles possuíam afinidades estéticas no tocante a seus respectivos projetos de naturalismo, em especial o apreço pela tradição pictórica dos Países Baixos, da qual suas obras estão impregnadas. Interessa-nos compreender o modo como a produção de poemas em prosa dos dois escritores se articula com o projeto estético de cada um e integra o naturalismo de um modo geral. Buscamos elucidar de que forma as obras de Lemonnier e de Huysmans se afinam com a constituição do gênero poema em prosa no decorrer do século XIX. Para isso, consideramos o processo de constituição do poema em prosa enquanto gênero, desde os primeiros movimentos que visavam extrair a poesia da prosa até chegarmos a Aloysius Bertrand (1807-1841) e Charles Baudelaire (1821-1867), considerados como os percussores do gênero em língua francesa. Sendo *Gaspard de la nuit* (1842), de Bertrand, e *Le Spleen de Paris* (1869), de Baudelaire, obras tão emblemáticas, é preciso situar os poemas em prosa de Lemonnier e de Huysmans em relação a elas, tentando elucidar os pontos de comunicação entre essas obras e o que as diferencia. Tentamos compreender o que faz com que os poemas em prosa dos dois autores sejam também manifestações do naturalismo. A discussão presente nesta proposta tem também como finalidade demonstrar a importância de outros gêneros dentro da estética naturalista, da qual os estudos consagrados priorizam os romances. Pretendemos igualmente abordar a maneira pela qual a poeticidade pode estar presente neste movimento literário, frequentemente reduzido pela crítica e pela historiografia literária a obras que priorizam o banal ou temas escandalosos e grotescos, erroneamente associadas a um simples desejo de efetuar uma cópia da realidade. Por fim, buscamos ver a apropriação do poema em prosa efetuado pelo naturalismo enquanto manifestação da literatura moderna, tendo o gênero encontrado terreno fértil para se desenvolver na chamada modernidade literária do século XIX.

Palavras-chave: Camille Lemonnier; Joris-Karl Huysmans; naturalismo; poema em prosa.

A ALMA ALHEIA (1895), DE PEDRO RABELO: LIVRO NATURALISTA?

Riane Avelino Dias

Resumo: O trabalho tem a proposta de expandir os conhecimentos sobre o escritor carioca esquecido Pedro Carlos da Silva Rabelo (1868-1905), que publicou em 1895 um volume de oito contos denominado *A alma alheia*, no qual críticos contemporâneos importantes como José Veríssimo reconheceram marcas naturalistas e a influência da literatura de Émile Zola. O autor compunha junto a amigos célebres como Pardo Mallet, Paula Nei, Olavo Bilac, Aluísio Azevedo, Coelho Netto e Guimarães Passos, a primeira geração de literatos brasileiros a viver profissionalmente da escrita (OLIVEIRA, 2008; PEREIRA, 1994), sendo ela literária ou não. Pedro Rabelo tinha idade, ideais e cultura semelhantes ao grupo de jovens escritores republicanos e abolicionistas e enquanto viveu atuou em diversos projetos em parceria com esses escritores famosos. Foi companheiro ocasional das jornadas etílicas do grupo, mas não era do “núcleo duro” que perdurou na opinião da crítica literária. Esse grupo teve atuação destacada na fundação da Academia Brasileira de Letras em 1897, sendo Pedro Rabelo o fundador da cadeira 30. Além de *A alma alheia*, Rabelo publicou *Ópera lírica* (1894), com versos parnasianos, e alguns livros de literatura licenciosa publicada originalmente na imprensa periódica e reunidas em volume sob o pseudônimo de Pierrot: *Filhotadas* (1897), *Casos com pimenta* (1902) e *Casos alegres: histórias para sorumbáticos* (1905). *A alma alheia* foi o livro mais celebrado de Pedro Rabelo. Quando o escritor morreu, alguns obituários declararam que o aparecimento desse livro garantiu sua entrada no grupo fundador da ABL. Ao lado do parnasiano *Ópera lírica*, *A alma alheia* era uma incursão na outra estética em voga no final do século XIX: o realismo-naturalismo. A concepção multifacetada e paradoxal de naturalismo do crítico inglês David Baguley (1990) ajuda a explorar outros modos de execução da estética que foram esquecidos pela historiografia tradicional. O crítico propõe que existem ao menos duas vertentes do naturalismo do século XIX: a trágica e a cômica ou desiludida. O naturalismo desiludido era associado a uma perspectiva crepuscular do moderno, ao fracasso e à incompletude, que pode ser identificado em alguns contos de *A alma alheia*, como “*Mana*



Minduca”. Por outro lado, outros contos do volume parecem dialogar com outras tradições e convenções, não necessariamente afastadas do naturalismo (como o gótico), mas certamente complicadoras do estatuto de *A alma alheia* como livro naturalista. Neste trabalho vamos tomar os comentários de José Veríssimo e de outros críticos contemporâneos sobre *A alma alheia* como ponto de partida para a hipótese do naturalismo de Pedro Rabelo, assim como de outros naturalismos em circulação no século XIX esquecidos pela historiografia tradicional.

Palavras-chave: Naturalismo; Pedro Rabelo; *A alma alheia*.

18/07 (MANHÃ)

A DESCRIÇÃO EM *ANGÚSTIA*, DE GRACILIANO RAMOS

Haroldo Ceravolo Sereza

Resumo: A oposição entre narrar e descrever, objeto de um texto canônico de György Lukács, mas cujas origens são identificáveis no debate literário do século XIX, inclusive nas críticas de Machado de Assis a Eça de Queiroz, ensejou uma longa discussão entre os pensadores da literatura no século XX. Tal debate envolveu, além do próprio Lukács, Adorno, Brecht e Roland Barthes, entre outros. Uma importante contribuição recente ao debate foi dada por Jacques Rancière, que entende a descrição como a forma literária que permite a entrada no romance, como protagonistas, de personagens que, até a chegada do naturalismo de Goncourt e Zola e, no Brasil, de Aluísio Azevedo, permaneciam à margem da sociedade. A forma descritiva, entendida de modo tão negativa por Lukács em sua análise da obra de Zola, corresponderia no romance à entrada no cenário política das camadas populares, em especial com a introdução do voto universal. Considerando esta discussão e, também, a reconhecida ligação do romance realista dos anos 1930 com a herança naturalista brasileira, este trabalho buscará, a partir da leitura do romance "*Angústia*", de Graciliano Ramos, pensar a especificidade da descrição nesse novo momento do realismo. Se a descrição, que, como pensa Rancière, expressava no século XIX a emergência de uma sociedade mais democrática, que novos contornos ela ganha no século XX e o que, potencialmente, é capaz de expressar? Como a prosa de Graciliano Ramos recupera e reconstrói a descrição? Como uma nova forma de descrever será central para que Graciliano, sem abandonar a ideia de representar a realidade, adote uma prosa em que o escritor é bastante visível para o leitor, diferentemente do supostamente buscado pelo naturalismo e por autores contemporâneos seus?

Palavras-chave: naturalismo; realismo; romance de trinta; descrição; graciliano ramos

O MATERIALISMO OBSCENO NOS VERSOS DE *PIMENTÕES* (1897), DE PUFF (GUIMARÃES PASSOS) E PUCK (OLAVO BILAC)

Renata Ferreira Vieira

Resumo: Conhecido como popular, liberal e irreverente, o jornal carioca *Gazeta de Notícias*, ao completar 21 anos, em 1896, criou a coluna satírica “O Filhote” para comemorar sua “maioridade”. O periódico era conhecido no campo literário como o local de trabalho dos sonhos dos homens de letras, por reunir no seu quadro de colaboradores escritores eminentes como Machado de Assis (1839-1908) e Eça de Queiroz (1845-1900) (SIMÕES JUNIOR, 2007). “O Filhote” surgiu na primeira página da *Gazeta de Notícias* como uma seção humorística e diária e espaço de circulação de conteúdo adulto e licencioso, veiculado com adorável permissividade infantil (MENDES, 2017). O aparecimento da coluna estava ligado ao processo de visibilidade crescente de impressos pornográficos no Brasil do fim do século XIX, de que fazia parte a ficção naturalista (MENDES, 2016). Entre os redatores de “O Filhote” estavam escritores importantes da imprensa, como o alagoano Sebastião Cícero Guimarães Passos (1867-1909) e o carioca Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac (1865-1918). Sob os pseudônimos Puff & Puck, eles escreveram rimas obscenas para a coluna, entre agosto de 1896 e maio de 1897. O sucesso da coluna atraiu o interesse da distinta livraria-editora Laemmert,

que selecionou 75 poemas, em parceria com os escritores, e publicou-os em livro com o título *Pimentões* (Rimas d' O Filhote), em dezembro de 1897. Em *Pimentões* encontramos poemas repletos de temas preferenciais do materialismo obsceno, como os fatos escandalosos do cotidiano e os conflitos gerados pelo desejo sexual, incluindo o desejo homoerótico, que a ficção naturalista abordava na mesma época pela chave séria e científica. Com o objetivo de conhecer a produção poética de Puff & Puck, esta comunicação apresentará a trajetória de publicação, circulação e recepção de *Pimentões* e mostrará como esse livro inscrevia o materialismo obsceno na literatura de entretenimento do fim do século XIX, atrelada aos hábitos de lazer e divertimentos da sociedade brasileira.

Palavras-chave: Materialismo; obscenidade; *Pimentões*; Guimarães Passos & Olavo Bilac

REALISMO RABELAISIANO VERSUS REALISMO-NATURALISMO NA PORNOGRAFIA DE ALFREDO GALLIS

Aline Moreira

Resumo: O mais famoso dos pornógrafos do mundo lusófono no segundo oitocentos, Alfredo Gallis (1859-1910) oferecia uma alternativa em língua portuguesa ao domínio da França no mercado de literatura licenciosa (SANTANA, 2004). Sob a alcunha de Rabelais, Gallis ganhou fama no Brasil e em Portugal publicando livros de contos com títulos picantes, como *Afrodisíacas*, *Diabruras do Cupido*, *Lascivas*, entre outros, que rapidamente se tornaram referência de uma literatura pornográfica contemporânea, produzida para atender à demanda da nova massa de leitores, cada vez mais exigente por novidades literárias. Embora apresentasse características modernas em termos de cenários e linguagem, o caráter irreverente da pornografia do Rabelais oitocentista tem origens numa antiga tradição cômico-obscena que remonta às literaturas medieval, renascentista e libertina. Não parece ser à toa que o então pouco conhecido Alfredo Gallis estreie na pornografia com *Volúpias*: 14 contos galantes, em 1886, apropriando-se de um nome que, à época, era conhecido por sua “carnalidade juvenil e triunfante” (Gazeta de Notícias, 1890). Ao adotar um nome conhecido por esses méritos, Gallis alcançava dois propósitos: o de legitimar sua obra, associando-a a um escritor já considerado erudito; e inserir seu livro de estreia dentro de uma tradição licenciosa marcada pelo caráter popular, satírico e divertido. Homem de seu tempo, Gallis unia o fundamento rabelaisiano do “baixo corporal” e do “realismo grotesco” (BAKHTIN, 1987) ao novo modo de execução do relato licencioso, mais condizente com os gostos de uma nova era burguesa e científica: o naturalismo. A principal diferença entre François Rabelais (1494-1553) e Rabelais/Gallis seria, então, o estilo. A linguagem chula da cultura popular da Idade Média não cabia na imprensa periódica do século XIX e nem agradava à elite letrada que comprava livros. Por isso, o Rabelais português flertava com o naturalismo, a hereditariedade e a perspectiva fisiológica, acentuando a presença e a materialidade dos corpos na narrativa, preferindo a linguagem erudita do romance libertino, sem as escatologias rabelaisianas e com metáforas como “a seta do cupido” (RABELAIS, 2011) para designar o pênis, e “o templo sagrado prometido por Alá a seus escolhidos” para descrever a vagina (RABELAIS, 1906). Para o leitor atual, tais expressões têm grau baixo de licenciosidade, mas Rabelais era capaz de descrever atividade sexual explícita e demorada (sexo anal, oral e vaginal) em estilo elevado, com ecos de parnasianismo e decadentismo. Para agradar ao gosto de paladares mais exigentes, a distinção se faz na palavra “galante” no subtítulo de *Volúpias*, típica do imaginário libertino. Nesta comunicação, vamos explorar a apropriação do realismo rabelaisiano e do realismo-naturalismo executada por Alfredo Gallis através do pseudônimo Rabelais, observando se a ancoragem em tradições de prestígio social facilitou a aceitação e a circulação de seus livros. Mesclando o fundamento rabelaisiano com enredos, personagens e configurações libertinas, em cenários que incluíam a Lisboa moderna, o Rabelais português oferecia fantasias sexuais capazes de deleitar leitores de variadas preferências, dos dois lados do Atlântico.

Palavras-chave: Século XIX; Naturalismo; Literatura pornográfica; Rabelais; Alfredo Gallis.



GEORGE MOORE E A CONTROVÉRSIA NATURALISTA NO FIM DA ERA VITORIANA

Thaís Marques Soranzo

Resumo: Embora os romances de Zola só tenham sido traduzidos na Inglaterra a partir de 1884, o autor francês já era então atacado por muitos críticos ingleses. Em ocasião da publicação de *L'Assommoir* no *La République de Lettres*, em 1877, Swinburne, indignado com certas descrições do romance, alegou que o jornal deveria, assim como nas páginas policiais, advertir o leitor de que certos detalhes eram “muito revoltantes para serem publicados” (apud DECKER, 1934, p.1141). O tom ofensivo de Swinburne caracterizou as críticas da próxima década, e a hostilidade a Zola foi agravada quando seus romances ganharam traduções para o inglês por iniciativa de Henry Vizetelly. Entre 1884 e 1888, o editor publicou cerca de dezoito títulos do autor francês, sendo *Nana* o primeiro deles, em março de 1884. No ano seguinte, em uma resenha para a *Fortnightly Review* a propósito de *Nana*, William Lilly qualificou o “novo naturalismo” como “a extinção de tudo o que confere glória e honra à vida”; do romance de Zola, prevalecem somente “o materialismo vazio e cru, o trivial, o sujo, a base da vida animal [...]” (apud DECKER, 1934, p. 1144). Estava então estabelecida o que Decker (1934) chamou de “controvérsia naturalista”, momento em que a crítica inglesa se revoltou com a predileção de autores franceses – Zola, em especial – por temas que retratassem o baixo e o degradante e que acentuassem a franqueza sexual. A maior preocupação dos críticos, no entanto, era que a ficção francesa, considerada “indecente, suja e contaminante” (FRIERSON, 1928, p.538) pudesse ser facilmente acessada pelo público vitoriano com as traduções publicadas por Vizetelly, já que eram vendidas em edições baratas. A tentativa de popularizar Zola trouxe consequências ao editor, que foi levado duas vezes a julgamento e condenado à prisão por promover uma “literatura perniciosa” (VIZETELLY, 1904, p.257). Contudo, Vizetelly não estava sozinho na sua empreitada. O desafio de divulgar Zola na Inglaterra foi incentivado por George Moore, inimigo declarado da censura. À época da controvérsia, Moore buscava seu próprio caminho como escritor e era, naquele momento, amigo pessoal de Zola. Deslumbrado com os pressupostos naturalistas, o autor tomou essa estética como uma possibilidade de combater a censura e, ao mesmo tempo, de renovar a ficção inglesa então vigente, a qual, segundo ele, resumia-se a “confusões românticas”, “fugas excepcionais” e “curas miraculosas” (MOORE, 2011, p. 429). O encantamento de Moore com o naturalismo logo cederá lugar a uma visão mais crítica dessa estética; não obstante, o autor teve contribuição decisiva no debate da controvérsia naturalista ao ser o principal promotor de Zola na Inglaterra. Ao defender a literatura do escritor francês, Moore batalhava pela sua própria liberdade artística como romancista. Não por acaso, foi considerado pela crítica como um dos primeiros autores a introduzir o naturalismo francês na ficção inglesa (FRAZIER, 2011, p.5). Assim, com a análise de seus textos críticos, este trabalho tem como proposta investigar de que maneira, ao inserir-se na controvérsia naturalista, Moore contribuiu para os novos ares da literatura inglesa, então cerceada pela moral vitoriana.

Palavras-chave: George Moore; Controvérsia Naturalista; Era Vitoriana; Émile Zola.

70 - NOVAS TENDÊNCIAS EM LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: DO IMPRESSO AO DIGITAL

Coordenação: Profa. Dra. Elizabeth Cardoso (PUC-SP); Profa. Dra. Ilsa do Carmo Vieira Goulart (UFLA-MG); Profa. Dra. Maria José Pereira Gordo Palo (PUC-SP).

Resumo: Desde a década de 1980, a literatura infantil vem passando por transformações agudas tanto na temática – proliferação dos temas anteriormente visto como tabus – quanto no formato – experimentalismos no livro impresso alçando-o a categoria de livro imagem e objeto livro – (ZILBERMAN, 2005; COLOMER, 2003). Destacam-se também as subdivisões do gênero em literatura digital e aplicativos literários, *graphic novels*, romances de fantasias e suas séries, literatura para bebês, entre outras.

Portanto, refletir sobre a literatura endereçada à infância e à juventude, hoje, perpassa reaver pontos, já colocados pela teoria e pela crítica, e elaborar novas indagações. Entre as questões, já



clássicas, figuram temas como: a definição do gênero; a discussão sobre sua potência literária e estética; as complexas relações entre a formação do leitor e escola, família, mercado editorial, autoria e interesse dos leitores; a relação palavra e imagem. No contemporâneo, tais temáticas persistem ao lado de novas questões em torno da literatura digital, do livro imagem, do livro objeto, da literatura para bebês, especialmente no que diz respeito ao acesso, à legibilidade, à literariedade e à autoria. Tais temas remetem a questões sobre os suportes de leitura e sinalizam para modos distintos de ler e de interagir com o texto (CHARTIER, 1998). As interações com o suporte exigem do leitor outras habilidades de leitura. Em suporte digital, o hipertexto apresenta uma estrutura multilinear, o que requer do leitor-usuário tomar decisões na condução da leitura, delimitar os rumos do texto, a partir de alguns cliques (SANTAELLA, 2012). A multimodalidade textual encontra na dinamicidade da tela, a junção de escrita, imagens, cenas, áudios, nas quais a manipulação direta oportuniza ao leitor-usuário múltiplas possibilidades de leitura que não se restringem à linguagem verbal, mas multimodal.

Os elementos empregados nas narrativas digitais podem ser inalteráveis ou podem utilizar mecanismos de hipermodalidade, quando diferentes categorias se integram na hipermídia, tornando-se não lineares e não cronológicas, possibilitando ao leitor, escolhas quanto ao percurso a ser seguido, o que possibilita a cada inovação de versão, o seu armazenamento. (LEMKE, 2002)

Apontando para a necessidade de caracterizar os ambientes digitais, onde ocorrem as narrativas digitais, Murray (2003) assevera que estes podem ser: procedimentais, ou seja, são resultantes do pensamento algorítmico de comportamento e das regras; participativos, visto que provêm de reconstituição codificada de respostas comportamentais; espaciais, uma vez que há o processo interativo da navegação; enciclopédicos, devido à capacidade de armazenamento de dados. A era digital proporciona um modelo de literatura heterogênea, ao passo que se atrela a vários elementos, desde imagens, sons, animações em um único texto (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001).

Tem-se na potência da linguagem híbrida, presente na literatura infantil e por suas múltiplas mediações, um crescente acesso de gêneros digitais direcionados às crianças. Essas tendências indicam práticas discursivas em constante transformação envolvendo a expressão verbal e não-verbal, a tradição e a vanguarda, a contação e a leitura, o impresso e o digital, o livro e o objeto livro. Nessa mutação signífica a infância lê e é escrita, determina e é influenciada, registra-se e transforma acionando os estudos mais diversos e multidisciplinares à pesquisa e à extensão.

Este simpósio centra-se em trabalhos acadêmicos voltados para a literatura infantil e juvenil que inova seja na temática, na forma e/ou no gênero. Rompendo e ampliando barreiras limitadoras sobre indicação de faixa etária, materiais **mais indicados**, definições de gêneros, temas tabus, mídias **mais adequadas**. Pretende-se reunir os pesquisadores que atuam com a literatura infantil e juvenil que escapa às classificações, que provoca e questiona métodos tradicionais de formação de leitor, que desloca o mediador, que revê o papel da escola e da família, que explora novos formatos e mídias, que dialoga, adapta ou reescreve a tradição oral e seus contos em novos suportes, a literatura infantil e juvenil que encanta, questiona e inspira.

Referências

- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: o leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp, 1998.
- COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading Images: The Grammar of visual design: 2**. Ed. Londres: Routledge, 1996.
- _____. Introdução. In: KRESS, G. **Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication**. Trad. de Laura H. Molina. Londres: Arnold, 2001, pp 1-23. Disponível em: www.fba.unlp.edu.ar/textos/kress_van_leeuwen_discurso_multimodal.pdf. Acesso em: 10 set. 2014.
- LEMKE, J. L. **Travels in hypermodality**. Visual Communication, 2002.

MURRAY, J. **Hamelet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço**. São Paulo: Itáu Cultural: UNESP, 2003.

SANTAELLA, Lucia. **Como eu ensino: leitura de imagens**. Editora Melhoramentos, 2012.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

17/07 (TARDE)

A IN- FÂNCIA DA EXPERIÊNCIA DE LINGUAGEM NA LITERATURA

Maria José Palo

Resumo: Na contemporaneidade, uma reflexão sobre a problemática da natureza específica da Infância e da linguagem infantil, no cenário dos estudos e pesquisas da Literatura, apresenta um outro propósito ao seu pesquisador com o objetivo de indicar um novo lugar de investigação de sua concepção, sob uma perspectiva epistemológica aplicada ao termo "Infância" e ao qualificativo "infantil" no contexto de sua Historiografia. Como gênero de expressão de uma linguagem de essência, a linguagem infantil tem sido objeto de uma multiplicidade de tratamentos, finalidades, usos e interpretações, à margem do campo experimental entre o conhecimento e a cultura. Essa fusão de domínios referenciais da informação dirigidos à cultura moderna sugeriu à esta pesquisa na Literatura Infantil uma novo alvo, pela união da ciência ao sujeito do pensamento e do fundamento do conhecimento. A fundação do sujeito moderno, inseparável da clássica oposição racionalismo/irracionalismo, mostra-se carente de outro olhar da crítica da linguagem e do sujeito capaz de pensar o conhecimento sensível na experiência transcendental, a se sustentar no limite da consciência, e ser pensada na estrutura do movimento dialético do pensamento. Trata-se da experiência de linguagem que representa um "saber do objeto" (Agamben, 2008). É a consciência que se identifica com este ser do movimento das semelhanças no espaço do "querer dizer" nessa experiência sem sujeito nem objeto. Uma investigação sobre a In-fância da experiência de linguagem (Heidegger), não pode mais ser guiada pelo modo de pensar os limites da linguagem para uma direção que não a do "dizível", a coisa da linguagem. As ciências da linguagem passam a ser a via dessa reflexão — a Filosofia, a Linguística e a Mímesis — e o espaço lógico que substitui essas ações e emoções, antes de receber a expressão do qualificativo "infantil" nos limites de sentido do ser. É a Teoria da Infância a experiência transcendental com conceitos e princípios que busca o significado da expressão na autorreferencialidade do pensamento: a Voz humana, objeto do experimento de conceitos sem objeto nem sujeito (Experimentum linguae). A Infância não é mais um simples fato ou um lugar cronológico, como uma idade ou estado psicossomático impossíveis de serem construídos independentes da linguagem. Deve-se concebê-la na redefinição do conceito histórico-transcendental, na experiência da própria língua, na cisão língua e fala, para exercer a verdadeira faculdade humana — a potência de falar, herança de Aristóteles à filosofia e à ciência ocidental. Avaliando o pensamento na direção da linguagem, seu novo lugar se define na diferença entre língua e fala (Benveniste, 2006)), sem a qual não existiria nem infância nem história. A experiência de linguagem deve partir não da impossibilidade de dizer, mas de falar, para exercer a potência da Voz, herança de Aristóteles. Nossa hipótese de pesquisa se pontua na experiência de linguagem e do "eu", no entrelugar da filosofia e da poética, nova morada da Literatura de Infância e espaço negativo do pensamento da Infância e do infantil.

Palavras-chave: Palavras-chave: In-fância; Infantil; Experiência de linguagem; Voz; Literatura de Infância.

OS LIVROS NÃO FICCIONAIS POÉTICOS PARA A INFÂNCIA

Celia Abicalil Belmiro

Resumo: Os livros considerados não ficcionais que se encontram nas bibliotecas infantis no Brasil vêm apresentando atualmente alterações significativas, tanto no seu formato quanto na abordagem dos seus temas. Notam-se, por exemplo, várias articulações textuais que mesclam a estrutura expositiva com a estrutura narrativa, facilitando, com isso, a entrada do leitor mirim



nos processos de organização do conhecimento científico, técnico e tecnológico. Em alguns casos, a escolha do lírico aproxima de forma imediata a criação do texto, com recursos de linguagem que avançam para o campo do estético. Em diversas áreas do conhecimento, a exemplo da Filosofia, da Biologia e da Física, vem-se pensando a criança como um ser filosófico, ou um ser cientista, como uma categoria relevante para a qual a produção editorial tem-se voltado e produzido uma variedade de materiais. Consequentemente, observa-se uma tendência que tem ampliado infinitas possibilidades de articulação de linguagens, com a constituição de um ambiente de diálogo cada vez mais intenso com o campo literário, as artes visuais e o design gráfico. Palavras e imagens a serviço da informação e da significação, intertextualidade com obras literárias, aproximação com os livros de artista, entre outros, são abordagens conceituais e metodológicas que dão conformação a um objeto cada vez mais presente na produção editorial e representam, contemporaneamente, formas híbridas em que a invenção produz o discurso mediador. Tendo em vista a sofisticação que tal produção tem apresentado, este texto se propõe a abordar os livros não ficcionais para crianças, discutindo a construção literária presente nos textos verbal e visual, na escolha do design gráfico e a sua colaboração para informar e ampliar determinado tema. Tomam-se, como base teórica, as perspectivas teóricas de Robine (1985) e Held (1982) que ajudam a discutir os mecanismos de documentação para crianças, a partir de elementos ficcionais e não-ficcionais. Por outro lado, Catinchi (2014) e Hervouet (2014) propõem novas formas de analisar a palavra e imagem em texto não ficcionais, assim como Kesler (2012; 2017) discute a poética da não ficção. Ademais, serão assimilados estudos sobre literatura infantil que apontam a criança como leitor implícito nos livros dedicados a essa categoria geracional e as novas perspectivas das obras infantis na contemporaneidade, como Noldeman (1988); Nikolajeva e Scott (2011); Salisbury (2014); Van der Linden (2011). O corpus de livros analisados é formado, em grande parte, pelo acervo de obras premiadas da FNLIJ, sobretudo da categoria informativo, e pelo acervo pessoal dos pesquisadores. Os resultados preliminares indicam que, independente do conteúdo informativo, a construção verbal e visual das obras apresentam uma negociação expandida entre ficção e não ficção e uma alternância entre as vozes do adulto especialista e da criança leitora, predominando ora uma ora outra, a depender de cada obra.

Palavras-chave: livros não ficcionais; ficcionalidade; educação infantil.

LEITURA HÁPTICA: NOVOS ESTÍMULOS ÀS PERCEPÇÕES NO OBJETO LIVRO DE INFÂNCIA

Luis Carlos Girão

Resumo: A presente proposta de comunicação visa refletir sobre a leitura háptica proposta no objeto livro de infância produzido enquanto literatura contemporânea por artistas da visualidade. Lançamos como questionamentos direcionadores: o que seria a leitura háptica no literário contemporâneo? Como se arquiteta essa proposição artística à leitura perceptiva? Como corpora exemplar e potencial que lança ao jovem leitor desafios outros à leitura crítico-estética do literário, partimos do livro *A Cloud* (2007), composição branca do designer japonês Katsumi Komagata. Para refletirmos sobre esses estímulos sensíveis ao toque pelo olhar, que demandam uma leitura no corpo como um todo, isto é, que convidam o leitor a tocar e ser tocado, tomaremos as reflexões do filósofo italiano Giorgio Agamben, em *O uso dos corpos* (2017), sobre os usos potenciais do corpo, e da semioticista Lucia Santaella, em *Corpo e comunicação* (2004), sobre o sistema háptico e as funções exploratória e manipuladora das extremidades corporais em sintonia aos demais sentidos do corpo. Nossa compreensão do objeto livro de infância parte de reflexões recentes desenvolvida pela crítica Maria José Palo (2012, 2018), em especial, nas discussões provenientes do Grupo de Pesquisa (CNPq/PUC-SP) "A voz escrita infantil e juvenil: práticas discursivas", em diálogo com os escritos dos artistas pesquisadores Julio Plaza (1982) e Johanna Drucker (1997, 2017). Em auxílio ao nosso pensar sobre essa multiplicidade de experiências de linguagem proposta nas superfícies do códex enquanto forma significativa concomitantemente aos textos verbal e visual, num livro híbrido que é publicado



como Literatura Infantil contemporânea, buscamos, no filósofo alemão Walter Benjamin (2002) e no pensador francês Georges Didi-Huberman (2017), respectivamente, inferências acerca das mutações operadas na visão do que compreendíamos, até recentemente, como livro infantil e uma política da imaginação que entra enquanto estrutura sintático-semântica nas configurações por traz dessa leitura que é, ao mesmo tempo, sonora, visual, verbal, tátil: encarnada. Os escritos sobre o corpo fenomênico, desenvolvidas pelo fenomenólogo francês Maurice Merleau-Ponty (1999), alicerçam a argumentação ora intencionada.

Palavras-chave: Corpo; Katsumi Komagata; Leitura háptica; Objeto Livro; Percepção

A NOVIDADE POR MEIO DA REPETIÇÃO: A CONSTRUÇÃO LITERÁRIA DA INFORMAÇÃO EM O MATADOR, DE WANDER PIROLI E ODILLON MORAES

Mariane Rodrigues de Souza

Resumo: O presente estudo discorre sobre a obra *O matador*, de Wander Pirolí e Odillon Moraes, publicada originalmente em 2014 pela editora Cosac Naify e recentemente, em 2018, pela Sesi-SP editora. O livro é um dos poucos a colocar um narrador, que ainda na infância, toma consciência de sua responsabilidade sobre a morte de outro ser. A obra conta a história de um menino que almeja, com seu bodoque, matar um pardal, como era comum entre seus colegas, no entanto, quando atinge seu objetivo, percebe que o caminho percorrido, que aparentemente deveria trazer um sentimento de orgulho, torna-se um incômodo inquietante e perturbador. A construção narrativa, que segue desde o primeiro momento entre palavras e imagens, coloca o narrador, em primeira pessoa contando sua trajetória, em meio a lembranças, que durante todo o enredo retomam o que irá acontecer, e ainda assim, a repetição da informação ao final mostra-se na narrativa como um fato novo ante a personagem. O objetivo do estudo a ser apresentado é analisar a construção verbal e não-verbal da obra, apontando como a informação que é concedida a partir do título do texto e durante o desenvolvimento da história em texto e imagem, transforma-se em algo novo no momento de seu desenlace, evidenciando que a narrativa possui duas camadas de entendimento. Para aprimorar a discussão, são usados autores como: Sophie Van der Linden, e sua obra *Para ler o livro ilustrado*, publicada em 2006, com a finalidade de relatar questões pertinentes à relação texto e imagem na narrativa; também é feita menção à obra *Estética e política: A partilha do sensível*, publicada em 2000, por Jacques Rancière, para desenvolver a ideia de que a obra analisada, embora mostre as informações relevantes desde o início, não as revela por completo; e, junto a Rancière, a fim de comentar a construção do desenlace de *O matador*, é considerado o texto *Acerca do Retorno*, de Deleuze e Guattari, publicado em 1997, no livro “*Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia Volume 4*”, para demonstrar como a repetição da informação transforma-se em algo novo no momento de seu desenlace. Espera-se que a análise literária e estética da narrativa elaborada por Pirolí e Moraes, com o auxílio dos textos teóricos citados, evidencie a potência da obra, que além de trazer um tema tabu para a literatura infantil e juvenil, é portadora de uma construção narrativa complexa e causa impacto em leitores de todas as idades.

Palavras-chave: Literatura infantil e juvenil; Livro ilustrado; Wander Pirolí; Odillon Moraes; Construção narrativa.

18/07 (MANHÃ)

TENDÊNCIAS TEÓRICAS NAS DISCUSSÕES ACADÊMICAS SOBRE LITERATURA INFANTIL DIGITAL: ALGUNS APONTAMENTOS

Ilsa do Carmo Vieira Goulart

Resumo: Este texto pretende apresentar dados de estudos desenvolvidos no Núcleo de Estudos em Linguagens, Leitura e Escrita (NELLE). Tomando a linguagem como processo interativo dos sujeitos consigo mesmo, com o outro e com o mundo que o cerca, entende-se que a linguagem digital confere tenacidade e dinamicidade ao leitor, Santaella (2007) descreve-a em sua capacidade de transcodificar quaisquer códigos e sinais, de modo que alocando outras tantas linguagens em meio a um ponto comum, o que possibilita novas experiências na comunicação e



nas relações sociais. Por intermédio da linguagem digital promove-se interações e atuações da atividade de leitura de modos diferenciados aos materiais impressos. Nos últimos anos, acompanha-se uma crescente disseminação de obras digitais direcionadas ao público infantil e juvenil. No ato de navegar pelas redes de comunicação tem-se a escrita inserida em linhas dispostas ou configuradas em textos digitais, resultante de uma ação planejada e organizada pelo autor, mas sujeito à decisão de um leitor-navegador, o que não significa que a centrar a coerência da atividade de leitura sob a responsabilidade do leitor, mas sim sob a relação construída entre o leitor e a ação leitora permeada pela singularidade de um suporte, que desencadeiam movimentos ou atos que conduzem à construção do sentido. Nesta direção, este texto tem por objetivos selecionar e descrever o que as produções acadêmicas discutem a respeito da leitura em telas eletrônicas, com ênfase na concepção de literatura infantil digital. Tendo como suporte o meio eletrônico, entende-se como literatura infantil digital como obras literárias produzidas feitas para as mídias digitais, portanto, não publicada em papel, por utilizarem, em sua produção, recursos próprios das atuais tecnologias, como por exemplo, animações e multimídias, além de ser uma maneira atrativa, o que repercute diretamente no contexto educacional. Por ser uma temática atual na área da educação e da literatura, acaba por despertar interesse de estudos acadêmicos. Para isso, assume-se numa abordagem qualitativa, realizar uma pesquisa bibliográfica, pretendendo, com isso, realizar uma reflexão teórica reunindo informações para a construção de novos conceitos. Assim, para embasar a discussão teórica apoia-se nos estudos sobre Cibercultura ou Ciberespaço de Lévy, além de contribuições a respeito de multiletramento de Rojo, alfabetização digital de Coscarelli; letramento digital de Magda Soares, dentre outros teóricos que estudam a temática.

Palavras-chave: Literatura Infantil digital; Letramento digital; Leitura em ambiente digital; Multimídia

MODOS DE LER, INTERAGIR E MEDIAR COM APLICATIVOS DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS

Douglas Menegazzi

Resumo: A interface touchscreen dos dispositivos de interação móvel (DIMS) introduziu mudanças significativas no uso de mídias digitais por crianças e favoreceu aos livros eletrônicos a leitura compartilhada, onde mais de um usuário lê e interage ao mesmo tempo no aparelho tablet, diferentemente de versões para computadores que permitia apenas a interação de quem controlava o mouse (FIGUEIREDO et al., 2013). Isso permite liberdade de movimentos e gestos de modo mais aproximado da leitura de livros impressos (KUCIRKOVA et al. 2013). Principalmente na idade de alfabetização e letramento, entre 6 e 8 anos (PNAIC, 2017), a presença de um mediador é indispensável. Para Vigostky (1978), a mediação se estabelece enquanto Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), importante instância de desenvolvimento da criança quando assistida por alguém mais experiente. Em um cenário no qual “a expansão da convergência tecnológica” é inevitável e cada vez mais leitores estarão familiarizados com artefatos digitais interativos, a capacidade de processar e produzir textos multimídia é fundamental para a alfabetização no século XXI (RAMOS, 2017). Mesmo no contexto dos e-books, sabe-se que o letramento infantil apresenta ganhos mais significativos quando a leitura é mediada, seja por pais ou professores (HOMER et al., 2014). Assim, os e-books podem ser compreendidos como uma interessante ferramenta para promover essas habilidades (SCHUGAR et al., 2013) e possivelmente influenciar as crianças à uma maior frequência de leitura (SMEETS, BUS, 2012). Entretanto, a popularização dos DIMs e a variedade de livros eletrônicos para crianças têm deixado muitos pais, pesquisadores e psicólogos preocupados com as oportunidades oferecidas pelas novas tecnologias em relação ao desenvolvimento sociocognitivo das crianças (KUCIRKOVA, 2011). Isso se deve porque há ainda muitas lacunas de abordagens de caráter multimodal, que contemplem o modo como as crianças leem na era digital (FREDERICO, 2016). Assim, essa investigação foi realizada por meio uma abordagem multimodal (KUCIRKOVA, 2013) para compreender as principais características presentes na

interação, leitura e mediação de aplicativos de histórias infantis. Para isso, primeiramente foi criado um quadro de análises a partir de referencial teórico e, em seguida, foram realizadas sessões de leitura mediada com 6 duplas de leitores, cada uma composta por uma criança entre 6 e 8 anos juntamente com um dos pais. No total foram realizadas 18 sessões de leitura, sendo que cada dupla leu 3 diferentes aplicativos selecionados. A análise multimodal permitiu compreender melhor as instâncias de leitura a partir de aplicativos, abrangendo vídeos, animações, sons, gestos e interações com o DMI e entre crianças e mediadores. Como resultados são apresentadas as características mais relevantes da leitura com apps e são pontuados problemas e aspectos positivos da atividade. Esta pesquisa contribui com pesquisadores, produtores, professores e leitores de livros infantis no contexto das mídias digitais, o que pode, inclusive, proporcionar uma produção e leitura mais rica desse formato de literatura para infância.

Palavras-chave: livro infantil digital; literatura infantil; multimodalidade; story app.

LITERATURA DIGITAL PARA INFÂNCIA: DESAFIOS ESTÉTICOS PARA MEDIADORES NA ESCOLA

Elizabeth Cardoso

Resumo: A literatura infantil digital apresenta uma série de propriedades e características que alteram a dinâmica entre leitores e mediadores, pois possibilitam e promovem uma experiência mais autônoma e individual de leitura, mesmo para os leitores mais jovens. Em primeiro lugar, a leitura em voz alta – ação central desempenhada pelo adulto mediador, enquanto detentor de fluência no código escrito e verbal – é comumente substituída pela presença de uma narração realizada por atores profissionais. Além disso, a participação do leitor por meio da interatividade promove a relação dialógica entre leitor e obra em detrimento da relação entre leitor e mediador. A interação com a obra é prioritariamente uma experiência individual e não coletiva, novamente deslocando o mediador de seu lugar tradicional: entre o leitor e o texto. Nesse contexto, este artigo pretende discutir i) como essas características da literatura digital promovem desafios à mediação da experiência literária e estética e ii) novas estratégias de mediação propícias às especificidades dessas obras no que diz respeito ao seu potencial estético. Para tanto vamos abordar a importância, os limites e os desafios da mediação da literatura digital, especialmente a literatura digital infantil na escola. Primeiramente, vamos revisar o conceito de literatura digital e nesse percurso seguiremos Hayles (2009) com a obra *Literatura eletrônica - novos horizontes para o literário* e Manresa e Real (2015) com *Digital literature for children - Texts, readers and educational practices*. Depois veremos a relevância da literatura digital para os jovens leitores, principalmente, com o auxílio de Kucirkova, Littleton e Cremin (2016), “Young children’s reading for pleasure with digital books: Six key facets of engagement”, e Chiong, Ree e Takeuchi (2013), “Print Books vs. E-books”. A terceira parte irá abordar as relações entre mediador e leitor infantil, considerando o trabalho de Hoffman e Paciga (2014), “Click, Swipe, and Read: Sharing e-Books with Toddlers and Preschoolers” e Dudeney, Hockly e Pegrum (2016) *Letramentos digitais*, entre outros. Os preceitos levantados a partir desses autores serão examinados e ampliados com o objetivo de refletir sobre a mediação para além do ensino da literatura, ou seja, com o propósito da fruição literária. Ao fim, traremos a análise de um aplicativo literário, com vistas às possibilidades de uma mediação centrada no potencial estético da obra.

Palavras-chave: Literatura infantil; Aplicativo literário; Formação de leitores

A RECEPÇÃO DA LITERATURA ATRAVÉS DO SUPORTE IMPRESSO E DO DIGITAL: PROPOSTAS DE APROXIMAÇÃO, COMPREENSÃO E PRAZER ESTÉTICO PARA AS CRIANÇAS

Valéria Rocha Aveiro do Carmo

Resumo: Este estudo tem como objetivo apresentar estratégias de leitura que serão utilizadas com alunos de 9 a 12 anos, pertencentes a quatro turmas de 6º ano do Ensino Fundamental, na



Rede Estadual Paulista, como parte da pesquisa de Doutorado intitulada Espelhos Esfacelados e a questão da recepção dos contos de fada na pós-modernidade. “É fundamental lembrar que nenhum texto existe fora do suporte que lhe confere legibilidade; qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo, depende das formas com as quais ele chega até seus leitor” (CHARTIER, 1995). Em um movimento de comparação entre a leitura que se realiza através do meio digital e aquela feita com o livro impresso, serão apresentadas duas sequências, que culminarão em um processo avaliativo. Por meio de tais situações didáticas se pretende concluir em que medida a experimentação de uma leitura intermediada pela voz do outro favorece o entendimento do ouvinte, bem como se o contato com a multimodalidade do ambiente digital pode beneficiar a compreensão leitora das crianças, frutos da era da modernidade líquida, ou apenas aproximá-las da leitura, despertando o senso estético. Tais unidades de leitura serão feitas a partir das obras Doze reis e a moça no labirinto do vento de Marina Colasanti e The happy prince and other fairy tales (1888) de Oscar Wilde. Os textos em questão são extremamente significativos para o público infantil, uma vez que apresentam características atemporais e universais, suprimindo o imaginário das crianças e fazendo com que se reconheçam, em um processo de individuação. O âmbito do maravilhoso tem encantado e transportado os pequenos leitores a contextos mágicos, relativos a conceitos existenciais e míticos, o que potencializa múltiplas formas de significação. Na construção das atividades que estruturaram as sequências didáticas que serão apresentadas, a multiplicidade de sentidos dos contos será fator determinante para o diagnóstico das habilidades perceptivas e cognitivas acionadas na leitura, tanto em livro quanto no ambiente digital. Como aporte teórico, serão consideradas, ainda, as reflexões sobre o leitor imersivo que “trata-se, na verdade, de um leitor implodido cuja subjetividade se mescla na hipersubjetividade de infinitos textos num grande caleidoscópio tridimensional onde cada novo nó e nexos pode conter uma outra grande rede numa outra dimensão” (SANTAELLA, 2004). A questão interpretativa e semiótica em Umberto Eco e a teoria da recepção de Wolfgang Iser e Robert Jauss também serão fundamentais para a discussão dos aspectos cognitivos acionados pelos leitores no ato dialógico a ser estabelecido com as obras propostas.

Palavras-chave: literatura infantil; suporte digital e impresso; estratégias de leitura; compreensão leitora ;prazer estético.

18/07 (TARDE)

A METAFICÇÃO NA LITERATURA INFANTIL: UM CONVITE PARA A EXPERIÊNCIA LITERÁRIA

Marina Miranda Fiuza

Resumo: A literatura infantil entendida como um ramo específico do fazer literário sempre esteve acompanhada de um caráter pedagógico que vem, através dos séculos, perpetuando a ideia de uma literatura auxiliar no processo de construção do ser humano, seja na imposição moral de temáticas socialmente aprovadas, seja no desenvolvimento da habilidade leitora da criança. Embora tal afirmação seja facilmente entendida como uma crítica, do ponto de vista de uma literatura que anseia por uma emancipação dentro dos estudos literários, entendemos que tal aspecto da literatura infantil se deve à coincidência cronológica de seu estatuto àquele da própria infância. É somente no momento em que a criança passa a ser compreendida em suas especificidades que podemos falar de uma literatura que corresponda a tais especificidades. Essa tomada de posição, datada em século XIX, revela ao mesmo tempo o reconhecimento da criança e o esforço em auxiliá-la na superação de sua condição infantil. Em outras palavras: passa-se a buscar um entendimento das especificidades da infância para que, por meio de ações mais adequadas, possa-se ajudar a criança a se tornar um adulto. Embora esta concepção de literatura infantil ainda persista nos dias atuais no discurso do senso comum, é inegável que o reconhecimento da qualidade estética de livros destinados ao público mirim vem fortalecendo seu espaço no rol dos estudos literários. Ainda que não tenha cruzado definitivamente os limites definidores de um “ramo” literário, a literatura infantil já dá passos largos em direção ao seu



reconhecimento como fenômeno artístico capaz de se sustentar em sua própria literariedade, e não apenas escorado por funções pedagógicas. É no contexto desta discussão que trazemos para análise quatro livros infantis de diferentes épocas e nacionalidades, os quais revelam que a literatura infantil sempre foi, mais que qualquer auxílio no desenvolvimento cognitivo e moral do ser humano, um convite à experiência do literário. Os livros selecionados para análise usam, para este fim, o recurso da metaficção, trazendo para o momento da leitura a consciência, em menor ou maior grau, dos mecanismos do próprio fazer literário. Tal proposta metaficcional se dá tanto por meio do texto verbal, como da sua interação com o texto visual (a ilustração) e o projeto gráfico, comprovando o caráter multimodal da potência literária na literatura infantil. Os livros selecionados para análise são, em ordem cronológica: “O livro inclinado” (NEWELL, Peter. 1910); “The monster at the end of this book” (STONE, John. Versão digital de 2012, livro originalmente publicado em versão impressa em 1971); “O personagem encalhado” (LAGO, Ângela, 2006); “Abra este pequeno livro” (KLAUSMEIER, Jesse. 2013).

Palavras-chave: Literatura infantil; Infância; Livro ilustrado; Design.

BUMBA-MEU-BOI FAZ FESTA NAS ESTANTES: PRESENÇA DA TRADIÇÃO POPULAR MARANHENSE NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL BRASILEIRA

Mirian Santos Chagas de Souza

Resumo: O presente estudo tem por objetivo mapear, descrever e interpretar o modo como o Bumba-meu-boi, manifestação da cultura popular, está configurado na literatura infantil e juvenil. Interessa principalmente os caminhos expressivos pelos quais a literatura infantil contemporânea reconta esse auto da tradição popular. A pesquisa compreende o levantamento, no mercado editorial brasileiro, de quinze livros de literatura infantil e juvenil com o tema Bumba-meu-boi. A partir desse dado, dividiu-se as obras em dois grupos: um reunindo os livros dedicados à preservação do auto tradicional e outro formado por obras que elegem a atualização do auto, ambos buscando a preservação e a divulgação do Bumba-meu-boi. No âmbito da interpretação literária e estética das obras, o objetivo foi observar o modo como a literatura voltada para crianças e jovens configura literariamente essa festa da tradição popular. Para tanto, realizamos a análise em profundidade de dois livros contemporâneos: Bumba-meu-boi (2014), de Stela Barbieri, como exemplar do grupo da conservação da tradição; e A festa do Boi (2007), de Carmen Lucia Campos, como representante da vertente da atualização. A seleção dessas obras leva em consideração que ambas têm como referência o Bumba-meu-boi boi de matraca do Estado do Maranhão, também conhecido como sotaque da baixada e da ilha. As questões que circundam o encontro entre a literatura Infantil e juvenil e a tradição popular dialogam com os estudos de Peter Burke, Teresa Colomer, Peter Hunt e Regina Zilberman. As reflexões sobre o Bumba-meu-boi são devedoras, principalmente, da obra de Luís da Câmara Cascudo, Mário de Andrade, Maria Laura Cavalcanti, Américo Azevedo, José Ribamar Sousa dos Reis, Luciana Gonçalves de Carvalho, entre outros. A análise do corpus, levando em consideração o conjunto estético formado por texto e imagem, seguiu as pesquisas de Walter Benjamin, Paul Zumthor, Néstor Garcia Canclini, Maria José Gordo Palo, Maria Rosa Duarte de Oliveira e, Sophie Van Der Linder. O principal resultado da pesquisa é a percepção de que os dois movimentos (conservação e atualização do auto) que permeiam a representação do Bumba-meu-boi na literatura infantil e juvenil são complementares e convergem para as ações de preservar e divulgar a tradição no contemporâneo, mantendo o elo entre as novas gerações e a ancestralidade por meio da literatura infantil e juvenil.

Palavras-chave: : Literatura infantil e juvenil; tradição popular e contemporâneo, Bumba-meu-boi; Stela Barbieri; Carmen Lucia Campos.

A FORMAÇÃO DA PERSONAGEM NA OBRA: A MENINA, O CORAÇÃO E A CASA DE MARIA TERESA ANDRUETO

Kelly Cristina Fonseca



Resumo: Ao se deparar com os estudos de crítica brasileira sobre a literatura infantil, percebe-se que essa é uma narrativa que necessariamente não necessita ser apenas fantasiosa, apesar, de auxiliar a criança na recriação da realidade, a mesma deve também vivenciar a linguagem, propondo novas vivências culturais às crianças a fim de propiciar conhecimentos aos materiais da cultura como um todo. Será então com esse intuito que este trabalho analisará a obra infantil e juvenil: A menina, o coração e a casa, da escritora argentina Maria Teresa Andruetto, a partir do processo de formação da personagem pela questão estética da narrativa. Para isso, apoiar-se-á nas teorias do romance de formação e, também, de outros aspectos da narrativa ficcional. Dessa maneira, o que o presente trabalho tentará apontar ao longo da análise serão os elementos textuais que demonstram o sujeito, Tina, em formação e como o tratamento da obra literária de Andruetto (2017) está ligada aos aspectos da literatura juvenil atual como aponta Colomer (2017), cujas personagens enfrentam os conflitos existenciais, a realidade social e a complexidade da vida, independentemente de suas idades como constata a narrativa.

Palavras-chave: Literatura; Formação; Andruetto; Infantil; Juvenil.

LITERATURA ILUSTRADA: O SILÊNCIO COMO ESPAÇO DE CONTEMPLAÇÃO E SIGNIFICAÇÃO

Lion Santiago Tosta

Resumo: O livro ilustrado destinado ao público infantil é um objeto literário, que reúne várias expressões artísticas, chegando mesmo a receber nomeações que indicam a concretude dessa variedade de linguagens, imagens, recursos gráficos e editoriais, como livro-objeto e livro-imagem. No entanto, este estudo debruça-se sobre o silêncio, sobre a manifestação no intervalo entre texto verbal e visual, que provoca um vazio ou silêncio nas obras voltadas para a infância. Procura-se compreender quais são os possíveis efeitos estéticos que tal recurso, presente nesse espaço intervalar da literatura, provoca. Desta forma, pretende-se analisar o livro O tempo de Gigante, de Manuel Marsol e Carmen Chica (2015), convocando teóricos como Blanchot (2003); Orlandi (2007); Nancy (2013), Bajour (2018). Na atualidade, vivemos sobre o domínio do verbal, o que consequentemente reduz o espaço de outras formas de significação, logo, procurar e investigar mecanismos estéticos, que possibilitem a desautomatização da percepção é algo imprescindível, pois na literatura, os espaços de silêncio é uma das condições de diálogo entre linguagens, sendo necessário escutar o silêncio, para assim entrelaçar o que é dito com o que não é dito. No intervalo entre textos verbais no livro ilustrado, encontramos um lugar onde o silêncio atua como um mediador, mas mesmo compreendendo sua função na linguagem, é necessário pensar quais são as formas pela qual essa mediação ocorre como fenômeno, pois nele existem diferentes intermediações potenciais para sua manifestação, pois o este intervalo não fala, mas sim significa como um espaço contemplativo e de ressoar. Este intervalo encontrado na literatura é fundador, possibilitando um espaço de recuo significativo, fornecendo condições para o leitor significar. Logo, o livro ilustrado apresenta um movimento no espaço-tempo, explicado pelo silêncio, que cria um movimento de passagem para o real da significação, que contribui para o leitor ter um espaço de liberdade para realizar suas inferências, refletindo sobre o percurso narrativo sem necessariamente presenciar as conclusões narrativas, podendo formular hipóteses a partir das informações que agregou no percurso, porém, de forma desautomatizada, com espaço para contemplação. Isto exposto, o vazio de possibilidades, este espaço onde se manifesta uma forma de silêncio, propõem um espaçamento que delinea uma resultante harmoniosa, oriunda da percepção no espaço-tempo onde se encontraria a potência de Ser e Não Ser como linguagem.

Palavras-chave: Literatura Infantil; Artes visuais e literatura infantil; Livro Ilustrado; Silêncio

19/07 (MANHÃ)

A CONTRIBUIÇÃO DOS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DE C. S. LEWIS SOBRE A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO PARA A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NA CONTEMPORANEIDADE

Cristiano Camilo Lopes

Resumo: Nesta comunicação objetiva-se discutir as contribuições teóricas de Clives Staples Lewis (1898-1963) para as discussões a respeito da formação do leitor literário. A produção de Lewis envolve livros de literatura para crianças e adultos, propostas na área da Crítica Literária e reflexões sobre o cristianismo, e refletem as três grandes vertentes do autor: o escritor de literatura, o professor e teórico da arte literária e o pensador cristão. Vale destacar que esses trabalhos foram produzidos durante sua atuação como professor de Literatura em Oxford e também em Cambridge. Para essa investigação propõe-se a abordagem dos seguintes temas à luz das propostas do autor em questão: reflexões sobre a arte literária e os diferentes perfis de leitores. Por meio desses dois aspectos pode-se esboçar uma proposta de educação literária originária da amálgama entre as reflexões sobre a natureza artística do texto literário (logos e poiema), e a diferença de recepção da arte (aqueles que “recebem” e os que “usam” o texto literário). Como resultado prévio desta investigação tecem-se as seguintes considerações: a formação do leitor literário deve perpassar as discussões da arte literária como o plano do conteúdo e da expressão artística da obra (logos e poiema), também deve se atentar à importância da imaginação para a análise da realidade, da poesia, da linguagem visual e dos contos de fada para a formação da percepção do leitor. Destaca-se também que o leitor que não é estimulado nesses tópicos acaba indo ao texto literário apenas para saber qual sua utilidade. Por meio desta pesquisa pôde-se considerar que as ideias propostas por Lewis contribuem para as respostas aos desafios que se apresentam para a formação do leitor literário na contemporaneidade na medida em que articulam aspectos que estão em voga na produção voltada para crianças e jovens como imaginação-fantasia-mito e realidade, o diálogo (e contato) entre as artes, as releituras dos contos de fada, entre outros.

Palavras-chave: leitor literário; educação literária; literatura infantil e juvenil; C. S. Lewis

IDENTIDADES MIGRANTES: O DESLOCAMENTO DOS JOVENS PROTAGONISTAS EM DUAS NARRATIVAS DE MARIA TERESA ANDRUETTO

Alex Bruno da Silva

Resumo: Se em seus primórdios a literatura infantil e juvenil apresentava uma proximidade com a didática e os ideais educativos, enfrentando controvérsias entre a função artística da linguagem e a função pedagógica; os estudos atuais evidenciam a importância de olhar para a literatura produzida para crianças e jovens para além de um texto de caráter pedagógico. A presente comunicação busca refletir sobre o deslocamento espacial das personagens do livro *Stefano e O país de João*, de Maria Teresa Andruetto. O objetivo é problematizar a relação que se estabelece entre o espaço na narrativa e o processo de formação dos jovens protagonistas. A escritora argentina é uma das principais vozes da literatura infantil e juvenil contemporânea, conquistando, em 2012, o prêmio Hans Christian Andersen, equivalente ao prêmio Nobel da literatura infantil. Além de se dedicar à escrita literária, Andruetto atua na formação de professores e mediadores de leitura, tendo publicado também ensaios críticos sobre leitura e a concepção de uma literatura para jovens leitores. *Stefano* (2014) e *O país de João* (2016), traduzidos para o português pela escritora Marina Colasanti, abordam o tema da migração, das desigualdades sociais, da ditadura e da formação da identidade individual e coletiva. Ao se considerar a íntima relação entre o espaço e o sentimento de pertencimento, a narrativa de viagem – na qual os protagonistas estão em constantes deslocamentos – revelam, muitas vezes, lugares instáveis. Nesse sentido, a viagem traria um misto de estranheza e liberdade na composição de personagens marcados pela experiência da partida e da chegada, o que resultaria não em um processo de integração do eu, mas encaminharia o personagem ao estranhamento e as incertezas da vida no desenvolvimento de sua formação. Nos romances supracitados emerge de forma sistemática e ampla a relação dos sujeitos com o espaço como forma de representar o deslocamento, a errância e as experiências culturais, colocando em pauta as construções identitárias e o amadurecimento dos jovens protagonistas. Nesse sentido, estas obras conseguem atrair tanto um jovem leitor quanto um leitor adulto com formação literária. Por essa perspectiva

se lerá estas narrativas como obras que rompem as fronteiras geracionais e questionam a concepção de literatura infantil e juvenil como uma sublitteratura. Para tanto, serão utilizados os pressupostos teórico-críticos de Marc Augé (1994), Dorren Massey (2015), Teresa Colomer (2017), Lajolo/Zilberman (1999), Stuart Hall (2006), entre outros.

Palavras-chave: Literatura infantil e juvenil; Espaço; Migração; Identidade; Maria Teresa Andruetto.

O ROMANCE JUVENIL DECIFRANDO ÂNGELO DE LUÍS DILL: UMA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NA AUSÊNCIA

Aline Barbosa de Almeida

Resumo: Decifrando Ângelo é um romance juvenil do escritor gaúcho Luís Dill publicado em 2012. A narrativa tem como tema o assassinato de Letícia e o mistério que envolve a identidade do jovem Ângelo, já que o mesmo, segundo os colegas de escola, possuía um amor obsessivo pela jovem e resolveu por fim ao motivo do seu sofrimento. Nessa obra, Dill inova na estrutura da narrativa que é em forma de documentário, criando, assim, um tom jornalístico e uma atmosfera de suspense e mistério sobre quem é o Ângelo. A partir desse contexto, pretendemos abordar, em um primeiro momento, aspectos do projeto literário do escritor contemporâneo, uma vez que o mesmo mostra-se como multifacetado, por abarcar diversas tendências estéticas. Em um segundo momento, apresentaremos uma análise crítica da referida obra, analisando os recursos estilísticos, bem como as influências que as novas tecnologias têm sobre o tecido textual de Dill. De acordo com Candido (2000) só podemos entender uma obra a partir de uma interpretação dialética entre a fusão de texto e contexto. O social, torna-se assim, um fator determinante no processo interpretativo, no entanto, não é o único passível de significação, pois tal elemento, que está no campo externo à obra, desempenha uma função na constituição da estrutura, tornando-se também interno. Esse processo pode ser contemplado na narrativa de Luís Dill quando nos deparamos com jovens contemporâneos inseridos em uma sociedade fragmentada e midiática, tendo em vista que a identidade é construída sobre diversos prismas sociais, culturais e políticos, que lhe conferem um ser estar no mundo, seja a partir do que sabem sobre si mesmo ou sobre o que os outros constituem sobre si. Dill resgata esses aspectos externos para o campo interno, quando constrói sua narrativa pela ausência da personagem central, sobressaindo apenas, discursos das demais personagens, com visões fragmentadas da personalidade de Ângelo, além da estrutura reverberar elementos tecnológicos. É nesse diálogo que a obra Decifrando Ângelo dissemina sua aura de arte literária, pois é essa força da ausência da voz de Ângelo, configurada pelo discurso dos narradores, que sensibiliza. Pessoa (1980, p. 03) nos diz que a concepção de arte está na sensibilidade, baseada em uma apropriação espontânea, que pode ser “sentida ou não sentida, mas que nunca pode ser vista ou visível, porque não está ali para se ver”. É nesse ponto que nos apropriamos da fala de Lins (2012) que menciona a autenticidade do escritor quando se é “um homem do seu país”. Dill vai além da construção de uma estrutura bem delineada e um léxico específico, ele transcende quando representa tensões da realidade, que contribui para a formação do ser humano, já que suas obras universalizam o contexto do jovem. Dessa forma, ele firma-se no quadro de escritores reconhecidos na literatura juvenil, porque produz uma literatura para além do campo estético, uma vez que proporciona uma experiência de leitura prazerosa, que nos faz pensar sobre a importância do tema e como o mesmo instiga a sensibilidade do jovem leitor.

Palavras-chave: Romance juvenil; Luís Dill; Assassinato; Estética.

A AUSÊNCIA NAS LEMBRANÇAS NA OBRA MENINA ESCRREVENDO COM PAI, DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

Livia Mandarinino de Sousa

Resumo: No ano de 2014, o escritor brasileiro João Anzanello Carrascoza publica seu segundo romance, “Cadernos de um ausente”. Como o título anuncia, a ausência é tema desta obra e de outras duas que a seguem, formando a “Trilogia do Adeus”. Nesta primeira obra, o personagem



narrador é João, apenas João, sem sobrenome ou títulos que o identifiquem. Mais importante do que a identidade do personagem é o fato de ele já mostrar sua futura ausência ao leitor, logo nas primeiras páginas: “Não há como esconder a morte ante a estreia de uma vida” (CARRASCOZA, 2014, p. 2). “Cadernos de um ausente” tem como objetivo documentar lembranças do narrador João para Beatriz, filha do personagem. Em diálogo com a primeira obra da trilogia, a personagem Beatriz assume o papel de narradora na obra seguinte, intitulada “Menina escrevendo com pai”, de 2017. Apesar do título demonstrar uma ação conjunta de escritura entre a menina e seu pai, a ausência do personagem João continua presente na narração da menina, inspirada por ele a escrever suas lembranças. “Tudo o que o pai escreveu nele já passou, mas, com a minha leitura, recomeça a acontecer. Ler, tanto quanto escrever, é fazer a ressurreição de um mundo” (CARRASCOZA, 2017, p. 1). Tendo em vista o diálogo que ambas as obras possuem, o presente trabalho visa apresentar um estudo do romance “Menina escrevendo com pai”, de João Anzanello Carrascoza, com o objetivo de investigar o tema da memória por meio das lembranças de infância da personagem narradora. Como afirma Bosi (1994, p. 73), a criança recebe dados das histórias do passado e, ao mesmo tempo, recebe histórias vividas no passado por pessoas de seu convívio. Sem as histórias dos seus, a criança teria apenas competências para assimilar conteúdos históricos, porém não teria a memória. É preciso o trabalho do escritor para transformar essas memórias de vida em linguagem literária, em poesia. As melhores narrações, de acordo com Benjamin (2011, p. 198), são as que se distanciam das histórias orais, aquelas que não possuem o trabalho estético com a linguagem. A criança é presenteada com a memória e, o adulto, guarda para si a nostalgia das novas descobertas de criança. (BOSI, 1994, p. 83). Em “Menina escrevendo com pai”, a primeira narração de Beatriz é a consciência de sua primeira lembrança, um passeio de bicicleta com o pai, onde a menina percebe fragmentos de cores, paisagens e sensações (2017, p. 2). Citando os estudos de Benjamin sobre a narração, Gagnebin afirma que o papel do escritor, em romances que mencionam a infância, é de retomar as lembranças deste tempo de uma forma poética no presente, sem se preocupar com uma descrição verossímil dessas lembranças, como foram um dia no passado (GAGNEBIN, 1999, p. 89). Com isto em mente, propomos investigar as lembranças da narradora Beatriz, tendo em vista sua construção poética e literária.

Palavras-chave: literatura juvenil; literatura contemporânea; memória; narração

71 - O DIÁLOGO ENTRE O TEXTO LITERÁRIO/ARTÍSTICO E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS: FIANDO OS SENTIDOS NA SALA DE AULA

Coordenação: Profa. Dra. Edvânea Maria da Silva (IFPE); Prof. Dr. José Jacinto dos Santos Filho (UPE); Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva (UFAL)

Resumo: A atualidade exige que o texto literário, em diálogo com as outras formas artísticas e midiáticas, seja não só pensado a partir de suas interações, interconexões, inter-relações pelos Estudos Literários, mas também compreendido como essa imbricação está sendo trabalhada no ensino da literatura, considerando que cada relação literária estabelecida provoca um novo sentido. Entende-se que o leitor lê signos e por estes interagem com o mundo ao seu redor, estabelecendo conexões consigo mesmo e com o contexto sociocultural. Esta proposta objetiva discutir o texto literário e as tecnologias digitais voltadas à formação do leitor literário contemporâneo e, dessa maneira, acolhe propostas que analisam as diversas formas pelas quais o texto literário se inter-relaciona nos processos intersemióticos, ou nos de intermedialidades. Sébastien Joachim (2012) afirma que a tradução intersemiótica foi outrora chamada por Etienne Souriau de Literatura e outras artes. É pertinente entender que a tradução intersemiótica ou *transmutação* foi por Roman Jakobson (1970, p. 65-72) definida como sendo aquele tipo de tradução que “consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais”, ou “de um sistema de signos para outros, por exemplo, da arte verbal para a música, a dança, o cinema ou a pintura”, ou vice-versa, como acrescenta Plaza (1987, p. XI). Pela relevância da temática, é ponto de discussão neste simpósio o fazer literário e o uso desse tipo



de texto em sala de aula, tendo em vista as implicações dessa forma de tradução entre os signos verbais e os não verbais. O ensino de literatura, nos dias atuais, tem exigido do professor um olhar mais atento sobre suas ações em sala de aula com o texto literário e sobre a forma como esse texto está sendo intermediado e veiculado pelos novos suportes tecnológicos para a formação do leitor, como destaca Cosson (2014). Dialogar sobre o ensino de literatura é também refletir sobre as várias relações em que o texto literário mantém com as artes e as novas tecnologias digitais, ou seja, é interligar um diálogo crítico e epistemológico entre literatura, artes e tecnologia digital. Flávio Kothe (1981) diz, por exemplo, que a tradição literária com seus gêneros literários já consagrados pode servir de engrenagem satisfatória para a similitude do sistema literário, dessa forma, fornece trilhas de estudos para a inserção dos gêneros literários nos espaços do cinema, da televisão, nas páginas da *internet*, como os blogs e plataformas de compartilhamento como *youtube*, *facebook* dentre outros. A literatura atua amplamente na formação do homem, como é evidenciado por Candido (2012), porque cumpre uma finalidade – a de humanizar. Assim, refletir sobre as inter-relações do texto literário com os demais sistemas de reprodução e de veiculação da produção artístico-literária é compromisso de quem lida com a literatura de forma humanizadora. Neste sentido, considera-se fundamental a compreensão das diversas maneiras como o texto literário está sendo veiculado e como essa diversidade intertextual está repercutindo na leitura e na formação do leitor. Ao refletir sobre intermedialidade, deve-se considerar a transposição midiática, combinação de mídias e pensar as referências intermidiáticas, como discute Rajewsky (2012). Outro aspecto que cabe neste simpósio são as discussões sobre adaptação do texto literário para outros sistemas sónicos adaptados para os meios digitais e como isso contribui com a formação do leitor. Vale ressaltar que as ideias sobre adaptação são compreendidas, de acordo com Linda Hutcheon (2011, p. 30), em síntese, como “uma transposição declarada de uma ou mais obras reconhecíveis; um ato criativo e interpretativo de apropriação/recuperação; um engajamento intertextual extensivo com a obra adaptada”. Por essas ideias, faz-se necessário pensar como na sala de aula estão sendo trabalhados os processos adaptativos do texto literário e como estão sendo discutidos com os leitores. Entende-se leitura do texto literário, à luz de Larrosa (2003), como formação e a formação como leitura. Essa compreensão de leitura está relacionada à subjetividade do leitor, porque se deve “pensar a leitura como algo que nos forma (ou nos de-forma ou nos transforma), como algo que nos constitui ou nos põe em questionamento com aquilo que somos” (LARROSA, 2003, p. 25-26). Por essa razão, o trabalho com a literatura nos dias de hoje não pode se furtar, pois, de uma reflexão de como a leitura de tal texto deve ser problematizada no ensino da literatura, considerando as novas tecnologias digitais, as relações interartes, os estudos de bases culturais e os sistemas semióticos envolvidos.

Referências:

- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males**, Campinas, SP, dez. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992>>. Acesso em: 29 jan. 2019.
- COSSON, Rildo. **Círculo de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Florianópolis, SC: UFSC, 2011.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1970.
- JOACHIM, Sébastien. **Interdisciplinas: psicanálise, semiótica, literatura aplicada, literatura comparada**. Recife: UFPE, 2012.
- KOTHE, Flávio. **Literatura e sistemas intersemióticos**. São Paulo: Cortez, 1981.
- LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formación**. México: FCE, 2003.
- PLAZA, Julio. **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1987.



RAJEWSKY, Irina O. Intermedialidade, intertextualidade e “remediação”: Uma perspectiva literária sobre a intermedialidade. In: DINIZ, Thaís Flores Nogueira. (Org.). **Intermedialidade e estudos interartes**: desafios da arte contemporânea. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

A REESCRITA DA IMAGEM LITERÁRIA PELA IMAGEM FOTOGRÁFICA

José Jacinto dos Santos Filho

Resumo: Ler literatura é ler as imagens que se encontram no universo de cada leitor com todas as marcas de sua experiência. Não lemos o desconhecido no texto literário, porque aquele não é traduzível, ou seja, não significará, não fará sentido. A literatura dá ao leitor de seu texto a condição de buscar no mais profundo de sua memória as muitas imagens de sua passagem pelo mundo. Assim perguntamos: o que ou quem se revela no momento em que são lidas as imagens no espaço literário? Manguel (2001) vincula a imagem à categoria do simbólico em razão de as imagens fazerem parte de todos os sistemas da esfera humana; elas tanto são visíveis como invisíveis, tanto estão na ordem do abstrato como do concreto. Para Santaella (2012), a palavra imagem tem um caráter que é ambíguo e polissêmico, porque, necessariamente, não se atém unicamente ao visual. Quanto a isso, ela apresenta três principais domínios da imagem: o domínio das imagens mentais, imaginadas e oníricas; o domínio das imagens diretamente perceptíveis; e o domínio das imagens como representações visuais. Além desses domínios, mais outros dois podem ser reconhecidos, como o domínio das imagens verbais, construídas por meios linguísticos, tais como as metáforas, descrições; e o domínio das imagens ópticas, tais como espelhos e projeções. Em qualquer circunstância, a imagem verbal ou não verbal tem sua significação assujeitada pelos contextos socioculturais onde se encontram os sujeitos que a criam e os que a recebem. Compreendemos que as imagens verbal ou não verbal, no espaço da arte, também se constituem como linguagem, assim, elas veiculam mensagens, mesmo aquelas imagens que são manchas coloridas ou não, como é o caso de algumas pinturas abstratas, porque a sua significação se dá pela interação com o receptor. O estudar a imagem implica compreendê-la em suas múltiplas dimensões, mas considerando as relações que uma imagem mantém com outra. Sabemos das particularidades das imagens, mas as particularidades se interseccionam, possuem suas convergências. Nosso objetivo é refletir sobre as experiências de traduzir o texto literário em imagem fotográfica, partido da relação do leitor com o seu universo sociocultural. Na visão de Samain (2012), as imagens são caçadoras de imagens na memória. Pensamos por imagens e tudo que lemos se revelam como tal; há uma transmutação ou tradução conforme os pressupostos de Jakobson (1995) em razão de vermos um signo, no ato da interpretação, traduzido em outro signo, ou seja, uma intersemiose. Ao sacar a câmera fotográfica para traduzir o que vê no espaço da literatura, o leitor capta pela objetiva a representação de uma imagem que para ele revela o sentido no ato da leitura do verbal. A imagem fotográfica não expressa a totalidade da imagem literária, mas deixa visível um ponto de vista pelo enquadramento. Ela representa o “isso foi”, como afirma Barthes (1984); é um signo indexical, segundo Peirce (2010). Propomos discutir uma experiência de sala de aula com alunos da graduação que, ao lerem um texto literário, o reescreveram com imagens fotográficas numa sequência de três fotografias.

Palavras-chave: Imagem literária; Imagem fotográfica; Leitura; Tradução intersemiótica

HISTÓRIA, E NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS: O JOGO INTERTEXTUAL E SUAS EFABULAÇÕES

Juliano de Almeida Pirajá

Resumo: A proposta que ora se apresenta quer justamente questionar e participar do debate acerca dos usos das imagens a partir do início do século XX, enlaçando história, literatura e



ficção. Pretende investigar obras que, numa relação intermediária, recorrem a diferentes recursos narrativos visuais no intuito de sustentar uma memória, coletiva ou individual, pessoal ou histórica. A preocupação é que as imagens técnicas que produzem essas narrativas são as formas mais frequentes de se fazer ‘texto’ na contemporaneidade. Sua leitura depende muito mais da postura desde a qual o leitor exerce seu próprio pensamento? Ou tais narrativas são pura fantasia e, portanto, para história, elementos esvaziados de retórica e de seriedade que as fontes tradicionais possuem? Mas, mesmo diante de alguns conflitos metodológicos, as formas literárias tornam-se fontes valiosas e muitas vezes fundamentais para a compreensão de atos, acontecimentos e memórias da experiência humana no tempo. A narrativa literária configurou-se documento humano, provido de sentimentos e percepções e, por isso, também registro histórico. Documentos que falam sobre o tempo com o qual dialogam e dinamizam a experiência contemporânea da sociedade do presente. Nessa perspectiva o uso das imagens como vem desenfreadamente ocorrendo nas últimas décadas torna-se um potente espaço de debate para as relações que tanto recortam as experiências humanas quanto fabricam as experiências literárias. A imagem e tudo que deriva dela (a sociedade do espetáculo) vêm tomando o lugar que há um século era ocupado pelas narrativas romanesecas. Diante dessa perspectiva a pergunta é: em que medida as atuais narrativas eletrolúdicas propostas pelos jogos eletrônicos podem contribuir no ensino da literatura? Para objeto dessa análise o recorte será feito a partir do videogame The Witcher: Wild Hunt (2015), produzido pela CD Projekt Red e inspirado em romance homônimo. The Witcher: Wild Hunt recebeu mais de duzentos prêmios incluindo melhor jogo do ano e melhor narrativa em 2015. O Jogo apresenta fortes relações intertextuais de deformação e transformação com modelos que vão desde as narrativas tradicionais, lendas urbanas e romances de cavalaria até às releituras contemporâneas desses temas. Pensar a sala de aula como espaço dessa reflexão é antes de tudo permitir o acesso a temas caros a literatura, e mesmo a história, de maneira lúdica. Reforçando o caráter educativo que um jogo pode proporcionar ao contrário do senso que vê o videogame como violento e escapista. Essa proposta deriva do projeto de pesquisa “História, e Narrativas Contemporâneas: o jogo intertextual e suas efabulações” coordenado por mim e desenvolvido na Universidade Estadual de Goiás, Campus Formosa e conta com a colaboração de quatro bolsistas.

Palavras-chave: Literatura; narrativas; intertextualidade; imagens; videogame.

A FOTOGRAFIA COMO AÇÃO CRIATIVA E POLÍTICA DOS ALUNOS DO IFPE, CAMPUS RECIFE, NA RESSIGNIFICAÇÃO DO ROMANCE “O CORTIÇO”, DE ALUÍSIO AZEVEDO: O CASO DE VILA DA FÁBRICA

Edvânea Maria da Silva

Resumo: De acordo com Fillola (2006, p. 95), a leitura é o resultado de uma interação entre o texto e o leitor, produto de um diálogo no qual a coerência interna do texto é negociada com aquilo que o leitor atribui a ele. Essa assertiva nos coloca diante da leitura que os alunos do 4º Período do curso Técnico Integrado em Eletrotécnica fazem de Vila da Fábrica, bairro de Camaragibe-PE, na Região Metropolitana do Recife (RMR), em que o produto do diálogo com o romance “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, vem em forma de fotografias. O objetivo deste trabalho é observar como os alunos, sujeitos-autores, utilizaram-se da tecnologia, a exemplo da câmera do celular, como ferramenta para ressignificar um clássico da literatura brasileira, a partir de sua própria compreensão de mundo. A escolha do bairro, outrora uma vila operária, se dá, principalmente, pela aproximação entre essa comunidade e o cortiço de João Romão. A título de exemplo, destacamos o fato de muitas pessoas terem migrado para o referido bairro com o intuito de trabalhar na indústria de tecidos de algodão recém construída (final do séc. XIX), cujas ruínas, incluindo a antiga chaminé, transformaram-se no Shopping Camará, inaugurado em maio de 2018. Se, na Vila da Fábrica as casas ao redor da indústria se multiplicavam enquanto chegavam mais trabalhadores, na habitação coletiva de João Romão não foi diferente: o cortiço enchia-se de moradores que vi-nham trabalhar na pedreira, fonte de renda da maior parte dos habitantes do local. Essa, possivelmente, é a característica que mais

relaciona o romance de Azevedo às fotografias produzidas pelos alunos, reforçando o trabalho de ressignificação a partir de um processo tanto criativo como político. Convém ressaltar o enriquecimento da abordagem literária a partir do diálogo com a fotografia uma vez que esta permite refletir acerca da (suposta) passividade da imagem diante de uma construção subjetiva de um objeto artístico, manipulável, quer seja pela ordem cultural, quer seja pela ordem política. A fim de pensar essas questões, recorreremos a Lins (1976), Anderson (2008), dentre outros autores.

Palavras-chave: Literatura; Fotografia; Ação criativa e política

LETRAMENTO LITERÁRIO, FENÔMENO “BOOKTUBE” E ALGUMAS POSSIBILIDADES DE TRABALHO COM O ENSINO MÉDIO

Laura Assis

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo analisar as possibilidades do uso pedagógico de canais de Youtube dedicados à literatura – fenômeno que vem sendo popularmente chamado de “Booktube” –, mais especificamente no que se refere a vídeos que apresentam e/ou discutem obras de autores canônicos da literatura brasileira, no trabalho com alunos do Ensino Médio. Para tanto, trazemos como base inicial de discussão teorias relacionadas ao Letramento (KLEIMAN, 2004; STREET, 1984) e ao Letramento literário (ROJO, 2009; PAULINO, 1998; BARBOSA, 2011). Abordamos ainda questões relacionadas ao uso pedagógico das Tecnologias da Informação (LEVY, 1993; PERRENOUD, 2000), buscando contextualizar e discutir as possibilidades deste tipo de trabalho em sala de aula. A proposta metodológica, em um primeiro momento, consistirá na análise de cinco canais literários brasileiros com repercussão no Youtube, com o foco em vídeos que abordam obras de autores canônicos da literatura brasileira, buscando dados quantitativos e qualitativos relacionados ao modo como os vídeos usam recursos relacionados a estratégias de mediação leitora (COSSON, 2015). Os cinco canais literários do YouTube inicialmente selecionados são: o canal homônimo de Tatiana Feltrim; “Literature-se”, de Mell Ferraz; “Livro & Café”, de Francine Ramos; “Ler antes de morrer”, de Isabella Lubrano; e “Livrada”, de Yuri Al’Hanati. Em um segundo momento, serão entrevistados professores deste segmento que atuam na rede pública da cidade de Juiz de Fora/MG, com o objetivo de conhecer suas percepções sobre o trabalho com literatura e cânone no Ensino Médio, Letramento literário, uso de TIC e fenômeno Booktube. Por fim, serão aplicados questionários a alunos do Ensino Médio, objetivando colher informações sobre seu conhecimento, interesse e expectativas em relação à leitura, literatura e aos canais literários de Youtube. A partir do cruzamento e análise desses dados, espera-se que seja possível identificar tanto as potencialidades como possíveis dificuldades deste cenário, possibilitando, assim, propostas de trabalho que possam se constituir como práticas motivadoras e atuais para a formação de leitores, promovendo o interesse e envolvimento dos jovens com a literatura.

Palavras-chave: Letramento literário; Tecnologias da informação; Mediação leitora; Booktube.

A FORMAÇÃO LITERÁRIA INFANTIL ATRAVÉS DA GAMIFICAÇÃO

Renata Andreolla

Resumo: Esta pesquisa, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, na linha de pesquisa Leitura e Formação do Leitor tem como objetivo analisar a contribuição da gamificação na construção e formação de novos leitores através do aplicativo JornadApp na Escola que foi usado como recurso na 6ª pré-Jornadinha Nacional de Literatura. Os referenciais teóricos dessa pesquisa se baseiam nos estudos de Michele Petit (2009, 2013), na questão de formação do leitor; nos estudos de James Paul Gee (2003), Jane McGonigal (2012) e Kevin Werbach (2017) no que se refere aos games e gamificação; e sobre aprendizagem lúdica e gamificação na educação, as contribuições de Lucia Santaella (2003, 2007, 2013) e Flora Alves (2015). A pesquisa, de caráter descritiva-qualitativa observou, registrou e analisou os dados através dos pressupostos teóricos, sem a interferência do pesquisador e buscou concluir a relevância do letramento literário através de práticas

gamificadas percebendo que, a gamificação apresenta-se como uma estratégia viável para o engajamento e motivação dos alunos no desenvolvimento de competências na aprendizagem de literatura, devendo ser disseminada entre a comunidade docente a fim de se obter melhores resultados na questão de formar leitores

Palavras-chave: Literatura; Formação do leitor; Gamificação; Jornadinha Nacional de Literatura.

"FRANÇOISE" NO CONTO E NO CURTA-METRAGEM: VISÕES DISTÓPICA E REALIDADE ENTRE LUIZ VILELA E RAFAEL CONDE

Márcio Ferreira da Silva

Resumo: O objetivo deste trabalho é estabelecer uma relação entre distopia e realidade no conto e no curta-metragem "Françoise", de Luiz Vilela e Rafael Conde, respectivamente. O primeiro publicado em Tarde da noite, de 1970, toma como centro a personagem Françoise, cuja linguagem poética no texto explora um apelo à resistência, como nos diz Bosi (2002), e, ao mesmo tempo, a narrativa caminha para estabelecer um diálogo com a "era dos extremos" (HOBBSBAWM, 1995), impregnando uma paisagem distópica da personagem e dos espaços. Daí nos vem uma intersecção entre sujeitos que vislumbravam o século XX como a efetiva vitória da modernidade, mas se depararam logo após o fim da Segunda Grande Guerra Mundial com o caos e com os sonhos desfeitos. Nesse meio, pode-se dizer que a narrativa e a poesia também perdem lugar de destaque provocando uma busca frenética por um lugar firme e centrado. Esse processo distópico aparece no curta-metragem, por exemplo, no momento em que a personagem busca identificar-se no próprio ato do fazer poético. "Você gosta de poesia?", pergunta a personagem. Esta pergunta não dirigida somente ao seu interlocutor, mas também a todos os espectadores, porque de alguma forma precisamos reafirmar a presença da poesia em nós, revela a luta da personagem por um lugar que a defina. Vilela, assim como Conde, exploram o caos distópico entre o mundo moderno (rodoviária) e a personagem (solidão), ambos convivem com o vazio criado por mundos utópico em contrapartida com a realidade contemporânea. O segundo é o curta-metragem dirigido por Rafael Conde, com roteiro de Luiz Vilela, cuja exploração poética das imagens é recurso já observado no conto. Conde explora a imagem de Françoise (Débora Falabela) em detrimento ao belo estético do objeto perdido, como na imagem da grade que separa os passageiros do desembarque e da plataforma na rodoviária e a fala da personagem que diz: "Eu queria ser aquela grade". Supondo-se objeto, o Ser emplaça a instância de coisificação, ponto dilatado pelo universo distópico que espreita o caos e o abandono. O conto e o curta-metragem são, tomando aqui um conceito de Sargent (2008), um dizer distópico da realidade, cuja perspectiva é a espera de uma vida pior daquela espelhada pela personagem. Então, pode-se dizer que a viagem de Françoise nos dois gêneros artísticos ampara-se por caminhos que a levam juntamente com todo o enredo, espaço, tempo e personagem a uma utopia negativa.

Palavras-chave: Conto; Curta-metragem; distopia

72 - O FANTÁSTICO NAS LITERATURAS ESTRANGEIRAS

Coordenação: Claudia Fernanda de Campos Mauro (Unesp-Araraquara); Fernanda Aquino Sylvestre (UFU); Josilene Pinheiro-Mariz (UFCG)

Resumo: O simpósio em questão propõe uma reflexão em torno do processo de mobilização do fantástico envolvido na composição de obras pertencentes a diversas literaturas estrangeiras. Os trabalhos propostos deverão se concentrar na investigação de textos narrativos ficcionais em que, de alguma forma, se dá o surgimento do insólito; devem contemplar, portanto, a reflexão acerca do surgimento do elemento portador do sentimento do incômodo, do inusitado, do inverossímil, do impossível, etc, ou seja, devem discutir em que medida se dá a desestabilização do real. Na tradicional acepção de Todorov, o fantástico é um gênero de certa forma instável,



que se afirma por seu caráter de hesitação. De acordo com o teórico, a hesitação se faz presente na narrativa, expressa por meio da voz da personagem auto ou homodiegética, que leva o leitor também a um sentimento de hesitação. Para o estudioso, o leitor é transportado para o fantástico, quando, em um mundo como o que vivemos, ocorrem acontecimentos peculiares, como a presença de vampiros, demônios etc. O que chama atenção na literatura fantástica é justamente o seu caráter ambíguo, tanto a crença absoluta, quanto a total incredibilidade afastam o leitor do âmbito do fantástico, que ocorre, então, na incerteza acima citada. O estranho, também para Todorov, estaria relacionado à ocorrência de acontecimentos insólitos, chocantes, extraordinários que, embora provoquem reações próximas às do âmbito do fantástico, podem ser explicadas pelas leis da razão. Além do fantástico e do estranho, Todorov define, ainda, o maravilhoso, como aquele em que os elementos sobrenaturais não provocam estranhamentos, sendo naturalmente aceitos pelo leitor. É importante ressaltar que o enraizamento no cotidiano é fato obrigatório para a noção de fantástico, pois só se considera algo insólito, quando ele é comparado com uma realidade não-fantástica. Pode-se considerar, então, que a ficção fantástica é uma obra aberta, que coloca em xeque a realidade, permitindo a efabulação do leitor pelas vias da imaginação. O fantástico trabalha tensionando o natural e o sobrenatural, o possível e o impossível, evidenciando a impossibilidade da linguagem em expressar o real. Ao tornar incompatível o natural e o sobrenatural, a obra literária fantástica põe em relevo as fissuras do modelo realista de representação. Para o teórico contemporâneo Roas (2014), é fundamental que seja levado em conta o efeito provocado pelo fantástico: *la transgressión que provoca lo fantástico, la amenaza que supone per la estabilidad de nuestro mundo, genera ineludiblemente una impresión terrorífica en los personajes como en lector*. Vale considerar que Roas sustenta a ideia de que a transgressão do fantástico provoca terror nos personagens e no texto e, por terror, entende a ameaça à estabilidade do nosso mundo. Roas discute a importância do leitor para a concretização do fantástico, ressaltando que o gênero só existe com a participação do leitor, uma vez que cabe a ele o confronto entre a história narrada com a realidade, considerando os contextos culturais envolvidos no processo de criação de obras de caráter fantástico. Por isso, pode-se concluir que o fantástico depende sempre do que se considera como real e este sempre depende do que se conhece. O estudioso italiano Remo Ceserani (2006) aborda temas como a noite, a escuridão, o mundo obscuro e as almas de outro mundo, a vida dos mortos, a loucura, o duplo, a aparição do estranho, do monstruoso, do irreconhecível, as frustrações do amor romântico e o nada. De acordo com Ceserani, esses temas permeiam e marcam a literatura fantástica como um modo literário. Nota-se que todos esses temas levam o leitor ao campo do medo, da inquietação, já que suscitam algo de desconhecido, incontrolável, obscuro, não explicado pelas leis da razão. Como se pode observar, nessa breve exposição considerando alguns teóricos do fantástico, aqui entendido como um gênero amplo, o termo apresenta diversas vertentes: maravilhoso, realismo mágico, estranho, entre outros que não foram mencionados como o gótico, a ficção científica e a fantasia. É importante lembrar que a mobilização do elemento fantástico/insólito podem se dar através, especificamente, da personagem, do espaço, do tempo, da ação, etc ou por meio articulação entre diferentes categorias narrativas. Assim, a proposta deste simpósio é acolher comunicações que abordem o fantástico em suas diversas vertentes, tendo como corpus narrativas de línguas estrangeiras ou de línguas estrangeiras comparadas com a literatura brasileira.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

A SINGULARIDADE DOS ESCRITOS LITERÁRIOS DE RONALDO COSTA FERNANDES

Linda Maria de Jesus Bertolino



Resumo: Linda Maria de Jesus Bertolino (UnB) Prof. Dr. Rogério da Silva Lima (UnB)
Resumo: O tempo da escrita é um tempo único, é um tempo onde o escritor liberta todos os encantos, devaneios e intempestividades. É um tempo-espaco singular onde se associa dia e noite, sonhos e monstros, passados e presentes. Portanto, escrever é um ato indizível: é render-se a um paradoxo formado a partir de luzes e trevas; em que o escuro não representa a impossibilidade de ver, e sim um modo especial do artista, através de sua retina - inerente à arte, conseguir visualizar, para depois representar na escrita. Diremos, então, que o escritor é aquele que ouve uma linguagem sem entendimento, é aquele que escreve e expõe perigosamente sua criação ao outro. Pois contar é tocar nos limites da linguagem, uma vez que na linguagem tudo retorna à ideia de afirmação, e o que nela nega, nela também se afirma; pois, somente na experiência do criar artístico literário se consegue interiorizar a exterioridade dos fatos, da vida, do corpo e do ser. Essa, talvez, seja a necessidade do fazer literário; transformar o invisível no visível, já que a escrita exige a retenção de um modo diferente de dizer e perceber a realidade humana. E, talvez, este seja o traço distinto do discurso poético: a ausência da consistência, a impossibilidade de desenvolver o pensamento para além do seu núcleo constitutivo, sem por isso deixar de ser uma literatura. Assim, é a partir dessas singularidades da criação narrativa, que propomos esse trabalho, cujo objetivo centra-se em analisar o fazer literário do escritor maranhense, Ronaldo Costa Fernandes. Um fazer que agrega um gesto específico de condução, diante da representação das imagens e dos personagens, e que confere ao leitor realidades sociais e corporais: grotescas, profanas, subversivas e estranhas, criando, assim, nas representações realidades que transborda o desenho do mundo. Na escrita de Ronaldo C. Fernandes, o enredo das narrativas movimenta-se a partir de interrupções rítmicas - movimento não convencional nas prosas; fato que termina imprimindo um ritmo para o leitor. Contudo, essa particularidade rítmica não torna vazia a escrita, pelo contrário, ela confere liberdade, haja vista que esse modo de escrever equivale à forma própria que o escritor usa para fazer literatura, considerando que a quebra do nexu sintático em sua escrita, confere a esta uma identidade própria, ao mesmo tempo em que também atesta a sua versatilidade, no universo literário. Para aclarar essa discussão, recorreremos às ideias de Giorgio Agamben, em A ideia de prosa (2009). Essas concepções teóricas estarão em diálogo com outros autores, pertinentes para o crescimento da discussão a que nos propomos. Palavras Chaves: Escrita; Linguagem; Singularidades; Escritor. ----- 1. Doutoranda em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília. Professora Assistente da Universidade Estadual do Maranhão. Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão. Membro do grupo de pesquisa Mnemosyne Estudos sobre a memória, história e literatura – UnB. 2. Doutor em Semiologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Associado e Chefe do Departamento de Teoria Literária da Universidade de Brasília. Presidente eleito para gestão 2018 – 2019 da ABRALIC. rlima@unb.br

Palavras-chave: Palavras Chave: Escrita; Linguagem; Singularidades; Escritor.

PIRANDELLO E O DIVINO SOPRO DA MORTE

Claudia Fernanda de Campos Mauro

Resumo: Partimos da afirmação da professora Silvia Zangrandi, em seu livro *Cose dell'altro mondo*, percorsi nella letteratura fantastica italiana, publicado em 2011, em que a estudiosa aponta Luigi Pirandello como um dos responsáveis pelo início, na Itália, de uma literatura fantástica mais consolidada uma vez que, no século XIX, o caráter racional do Romantismo, representou uma grande barreira para a mesma. Zangrandi chama a atenção para o “uso intelectual” que Pirandello faz do fantástico, a fim de oferecer uma alternativa para as angústias do homem moderno. O escritor siciliano desloca o elemento insólito que, no século XIX, ocupava o centro da narrativa e concentra sua atenção na perspectiva da impotência do homem diante de todo o mal que o rodeia. Propomos a análise do conto *Soffio (O Sopro)*, publicado em 1931, narrado em primeira pessoa por um narrador que, em dado momento, se descobre como



sendo a encarnação da morte. Um dia, o narrador soprou no rosto do amigo, que morreu algum tempo depois. Diante de tamanha coincidência, o narrador nem pensa ser ele o causador da morte. Outra pessoa morre, após ter sido abordado pelo narrador que, soprando entre os dedos, repetia as palavras: *la vita cos'è!* Basta un soffio a portarsela via. Podemos verificar na narrativa uma passagem da esfera do real para a do fantástico. O inocente ato de soprar entre os dedos e pronunciar a simples frase transforma-se no elemento insólito, responsável pela desestabilização do real dentro da narrativa. Diante do médico chamado para socorrer o amigo, o narrador começa a associar as mortes com o seu gesto e, desta forma, o mal vai tomando forma. É interessante o fato de que o mal não nasce, mas apenas se revela, desnudando a impotência do homem no controle de seus impulsos malignos. Nem o médico, legítimo representante do conhecimento científico, era capaz de explicar o estranho poder. O narrador, então, parou de soprar por um tempo, ainda duvidando que seu sopro fosse o responsável pelas mortes e, neste período de trégua, as mortes cessaram. Pirandello nos coloca diante da nossa própria miséria enquanto seres humanos; o narrador, vai, pouco a pouco, se mostrando seduzido pelo poder de tirar a vida das pessoas quando bem desejasse. Assim, o narrador entra no jogo da criação/destruição, de nascimento/morte, que comanda todos os seres viventes. A diferença é que ele é responsável somente por um dos polos deste jogo, não sendo capaz de criar, mas somente de destruir. Este é o objetivo deste trabalho: avaliar a percepção de Pirandello do homem impotente que, não podendo vencer o mal, entra em comunhão com ele e verificar como se constrói o fantástico pirandelliano, maravilhosamente definido pelo escritor: *come la mano, trema tutta la vostra realtà. Vi si scopre fittizia e inconsistente. Artificiale come quella luce di candela. E tutti i vostri sensi vigilano tesi con ispasimo, nella paura che sotto a questa realtà, di cui scoprire la vana inconsistenza, un'altra realtà non vi si riveli, oscura, orribile: la vera.* (1985).

Palavras-chave: Luigi Pirandello; literatura italiana; fantástico; insólito

O INSÓLITO EM A MISTERIOSA CHAMA DA RAINHA LOANA, DE UMBERTO ECO – O FANTÁSTICO COMO MODO NARRATIVO

Deborah Garson Cabral

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo explicar uma possível leitura acerca do narrador de *A misteriosa chama da rainha Loana* (2005), de Umberto Eco, pensando nos termos da literatura fantástica, pautada pela definição de Ceserani sobre o fantástico enquanto modo narrativo, e não delimitado enquanto gênero literário, datado e hermético. Assim, a partir de excertos do romance contemporâneo, o que se busca é a constatação de que se trata de um narrador que coloca o leitor em suspense, de maneira a confundi-lo sobre os elementos inseridos dentro da narrativa, por se tratar de um texto que se aproxima do verossímil, mas que provoca certo incômodo, estranhamento e, até mesmo, hesitação, para utilizar o termo fundamental que compõe, segundo Todorov, a narrativa fantástica. Passeando pelos labirintos da narrativa memorialista, o narrador-desmemoriado Yambo buscará, através do resgate de sua identidade, recompor sua história, em parceria com o leitor, que o acompanha em tempo real. Assim, constrói-se um narrador que se baseia em elementos do fantástico para compor sua narrativa, de forma que o leitor venha a se manter em suspensão, ocasionando a dúvida sobre a verdade da narrativa. Essa ideia se mantém em outras obras de Eco, como *Número zero* (2015) e *O cemitério de Praga* (2012), de forma que os narradores dessas obras também se encontram em suspensão em relação àquilo que conhecemos como realismo enquanto método narrativo. Não se tratam de obras fantásticas, mas sim de modos narrativos que se utilizam de elementos do Fantástico para que suas histórias venham ao conhecimento do leitor. Desse modo, Eco insere em suas narrativas a ideia de *mensogna*, o engano possível que cada signo traz consigo, a possibilidade de uma interpretação enganosa, irreal ou equivocada. A ideia não propõe que o narrador deseje enganar seu leitor mas, ao contrário, deixa claro que não há uma verdade absoluta em suas palavras, mas sim verdades possíveis, que se escondem por detrás de

possibilidades interpretativas. E é a partir da utilização desses elementos do fantástico que sua narrativa é composta, almejando este efeito de dúvida.

Palavras-chave: Fantástico; insólito; narrador; Remo Ceserani; Umberto Eco.

ENTRE A FÉ E A RAZÃO: O REALISMO MÁGICO EM “DOIS ANOS, OITO MESES E 28 NOITES”, DE SALMAN RUSHDIE

Fernanda Aquino Sylvestre

Resumo: Inspirado pelos contos das Mil e uma noites, Salman Rushdie, na obra Dois anos, oito meses e 28 noites, retoma o passado do oriente para questionar fatos ainda muito presentes na atualidade, como as atrocidades realizadas em nome da fé e o antigo e incansável debate entre a fé e a razão. Para tanto, Rushdie cria uma narrativa satírica e insólita, em torno de seres míticos e antigos filósofos, como Ibn Rushd, um racionalista; e Algazali, que também foi teólogo e um dos mais célebres estudiosos da história do pensamento islâmico sunita. Ironicamente, Rushdie mistura também a razão à fantasia, unindo o filósofo Ibn, na narrativa, com Dúnia, uma djin (gênia) com quem tem milhares de filhos, todos com poderes sobrenaturais e sem os lóbulos auriculares. Os djins são criaturas sobrenaturais feitas de fogo sem fumaça, são caprichosos, impulsivos e inconstantes e vivem interferindo na vida dos homens tanto para ajudar, quanto para causar o mal. O romance apresenta a disputa entre Ibn e Algazali (Ghazali), até mesmo depois de mortos. Também mostra a batalha entre o mundo da Terra e o mundo dos djins, o Peristão, mundos separados por um “véu”, um portal que ficara fechado por muito tempo, desde que Dúnia voltara para seu mundo. Quando a fronteira entre o mundo mágico e a Terra é aberta, coisas estranhas passam a ocorrer e os milhares de filhos de Dúnia revelam seus poderes sobrenaturais até então desconhecidos, como um jardineiro que percebe que seus pés não tocam mais o chão e um quadrista que acorda ao lado de um de seus personagens. Os dois mundos travam um embate de dois anos, oito meses e 28 noites, ou seja, mil e uma noites. O contar histórias e o papel do contador de histórias também são temas tratados no romance. Considerando-se o que foi dito, o objetivo desta comunicação é mostrar como Rushdie aborda temas cristalizados pelo tempo, por meio de um viés insólito, mais especificamente do Realismo Mágico e questionar o motivo da escolha desse viés como forma de colocar em debate questões polêmicas e essenciais, como a fé e a razão. Também será abordada a construção da narrativa que se estrutura no que Linda Hutcheon denomina metaficção historiográfica, nome proposto para abarcar textos que retomam a história, o passado, sob novas perspectivas críticas, a fim de mostrar as entrelinhas, o que não foi revelado oficialmente.

Palavras-chave: Palavras-chave: Realismo Mágico; Salman Rushdie; Literatura Inglesa

NÃO ERA UMA VEZ: (SUB)VERSÕES DOS CONTOS DE FADA CLÁSSICOS EM SAGA ENCANTADAS DE SARAH PINBOROUGH

Histávena Duarte Pereira

Resumo: A literatura por ser compreendida como um produto cultural, torna-se um agente de reprodução cultural, sustentando e reproduzindo a estabilidade social e cultural. A literatura possibilita ao indivíduo desenvolver sua imaginação criadora, relacionando o imaginário com fatos reais. E, nesse sentido, com o objetivo de contrapor a atual realidade vivenciada pelos indivíduos com relação à questão gênero, busca-se um referencial teórico que apresente caminhos para a realização de um estudo significativo sobre os contos de fadas até mesmo antes do século XVIII que, ainda em pleno século XXI perpetuam a cultura, os valores morais e as relações de poder daquela época. Para tanto, faz-se necessário, em estudo comparativo aos contos de fadas clássicos, dos Irmãos Grimm e outros, identificar as mudanças ocorridas no que se refere à representação simbólica presente no corpus dos novos contos de fadas relacionadas aos valores culturais, morais e patriarcais. Através da leitura das obras Veneno (Poison), Feitiço (Charm) e Poder (Beauty) de Sarah Pinborough traduzida por Edmundo Barreiros (2013), objetiva-se analisar e refletir acerca da construção dos papéis feminino e masculino na arte literária voltada para o público leitor, numa tentativa de identificar e discutir questões



relacionadas à ausência de representação de gênero, ao que se refere a estereótipo de gênero, ou, ainda, à possibilidade de uma construção literária da presença feminina ou masculina de forma múltipla e representativa. Além das questões de gênero, busca-se avaliar o grau de ruptura presente nas releituras investigadas no que concerne à tática narrativa empregada através dos aportes teóricos e analíticos sobre intertextualidade que permitirá a análise do dialogismo travado entre as obras contemporâneas em estudo e os contos clássicos.

Palavras-chave: Literatura contemporânea; Contos de fada; Gênero; Intertextualidade

16/07 (TARDE)

O MEDO REVERSO DO OUTRO

Luiz Jorge Soares Guimarães

Resumo: Esta comunicação visa à apresentar um breve estudo acerca dos antediluvianos, ou primeiros cainitas (Entenda-se por cainita não só os descendentes de Caim, mas também seus antecessores, visto que se pode sintetizar neste personagem, de modo lato, a ideia de ser humano, segundo Freud, em O mal-estar na civilização: aquele ser regido pelo impulso sensual e pela consequente agressão, que produz a ideia de falta, ou seja, de culpa), do livro primeiro da Bíblia, Gênesis, sob uma ótica psicanalítica e filosófica, voltada para a análise do medo. Tal estudo não se vale, nem se valerá, de uma estética do terror e, sim, do desenvolvimento do conceito de medo sob a égide da alteridade e da percepção do outro pela mimesis, pela filosofia continental e pela psicanálise de Freud. No Éden, lugar de origem dos primeiros cainitas, há uma transformação dos seres que, antes sagrados, tornam-se, após uma insurreição fundacional, profanos e, com isso, nascem os caracteres primeiros do imaginário ocidental cristão: a agressividade, a culpa provocada por uma transgressão, e o medo consequente à falta, que é, de certo modo, reverso, pois se instaura dentro de um sistema social já estabelecido, onde uma Lei que não pode ser devassada é atravessada pelas atitudes das personagens, gerando, deste modo, os proscritos “originais” do paraíso, que carregarão eternamente um fardo leve para o corpo, mas demasiado para a alma: a angústia.

Palavras-chave: Alteridade mortal; Falta; Medo reverso.

A LITERATURA FANTÁSTICA DE FRANZ XAVER VON SCHÖNWERTH

Maily Sacramento Guimarães

Resumo: A Alemanha romântica do século XIX, antes da unificação e ainda em busca de uma identidade germânica, propiciou um cenário favorável aos colecionadores de histórias populares. Eles registraram centenas de narrativas da tradição oral para a escrita: contos de fadas, mitos, lendas, provérbios, entre outros. Embora os Irmãos Grimm sejam sem dúvida a grande referência do período, mundialmente reconhecidos, existiram diversos outros colecionadores que realizaram trabalho semelhante. Franz Xaver von Schönwerth (1810 – 1886, Amberg) foi um deles. Preocupou-se principalmente em registrar o folclore da Baviera, mais precisamente da região administrativa Alto Palatinado. Em 1857, Schönwerth publicou seu primeiro livro, *Sitten und Sagen aus der Oberpfalz*, com algumas lendas e costumes da região, que foi um fracasso de vendas. Em função disso, optou por não lançar os outros volumes que já havia preparado. Apenas em 2009, mais de 150 anos depois, estas obras foram descobertas por uma historiadora em arquivos locais e começaram a ser paulatinamente publicadas na Alemanha. Elas incluem mais de 500 histórias (ainda sem tradução para o português), majoritariamente contos de fadas. Há alguns contos que podem ser considerados versões de contos de fadas clássicos da literatura mundial, mais conhecidos no Brasil por meio dos irmãos Grimm, como por exemplo Cinderela (*Aschenflügel* na versão coletada por Schönwerth) e também outras centenas de histórias desconhecidas. Em quase todas as narrativas, a despeito de diferenças conteudísticas, um traço em comum pode ser observado: a aproximação com o fantástico, mais especificamente com o maravilhoso. De acordo com Tzvetan Todorov, na literatura maravilhosa “aspectos sobrenaturais, estranhos ou inexplicáveis em nossa realidade



são apresentados como naturais e comuns, sem uma explicação plausível para sua existência, senão seu lugar como texto literário” (TODOROV, 2010). Na obra de Schönwerth não faltam criaturas fantásticas como gigantes, unicórnios, sereias, dragões e muitos outros. Também há todo o tipo de animais falantes (característica quase onipresente nos seus contos): vacas, cachorros, pássaros, cobras, formigas e até mesmo o sol e a lua ganharam a capacidade de se comunicar. Além disso, maldições e encantamentos permeiam a maioria das narrativas, com pessoas e objetos de todo tipo enfeitiçados. Nada do mencionado gerou um mínimo questionamento dentro das narrativas nem suscitou um estranhamento por parte das personagens. Encontrar um castelo vazio habitado por gatos e cabras de três pernas que gostam de dançar tampouco. Além de ter registrado estas histórias, Schönwerth se preocupou em escrever uma breve definição (para a cultura local) de alguns seres que aparecem de forma recorrente, como por exemplo bruxas, gigantes, sereias e até mesmo o diabo. A proposta deste trabalho é, portanto, seguindo as estruturas definidas por Vladimir Propp, fazer uma análise geral da presença do fantástico e do maravilhoso em histórias coletadas por Schönwerth. Apesar de não ter alcançado uma popularidade na cena literária à sua época, seu trabalho foi prestigiado e elogiado pelo próprio Jacob Grimm, o qual declarou, em 1858: “Nenhuma outra pessoa em toda a Alemanha coletou folclore tão precisamente, aprofundadamente e com um ouvido tão sensível [quanto Schönwerth]”.

Palavras-chave: literatura fantástica; contos de fadas; literatura alemã; século XIX

OS CONTOS FANTÁSTICOS DE GUSTAVO ADOLFO BÉCQUER

Nathália Hernandez Bergantini

Resumo: Gustavo Adolfo Bécquer, autor em destaque neste trabalho, nasceu em 17 de fevereiro de 1836, em Sevilha, Espanha. Morreu jovem, aos 34 anos de idade, depois de permanecer por considerável tempo enfermo; além disso passou a maior parte da vida com sérias dificuldades financeiras, que não o impediram de deixar como legado numerosa obra em poesia e em prosa, a partir da qual ficou bastante famoso postumamente. Para Antonio Roberto Esteves (2005) em seu estudo introdutório às traduções de dez dos contos de Bécquer (que o autor espanhol escolheu chamar de lendas, em espanhol *leyendas*), as narrativas curtas do autor seriam um tipo de irmãs em prosa de seus poemas, podendo ser considerados como contos históricos, com conteúdos que remetem ao romantismo, quando trazem a ação sobrenatural e o amor impossível. Esteves (2005) ainda informa que os contos/lendas foram publicadas em jornais, a partir de 1858, na maioria das vezes em anonimato, sendo a primeira delas publicada desta forma *El caudillo de las manos rojas*, lenda de cunho maravilhoso, uma raridade, já que a grande maioria das lendas de Bécquer possuem classificações mais aproximativas ao fantástico. O fantástico que de acordo com os estudos do professor David Roas (2006; 2011; 2013), ocorre quando um mundo fictício, que copia aquele que entendemos como real, é invadido por um fenômeno que estabelece uma ruptura com a anterior normalidade; este acontecimento destrói as certezas que o leitor possuía, gerando medo e insegurança. O gênero fantástico será também nosso enfoque para este trabalho ao apresentar brevemente os contos de Bécquer, que segundo Sebold (2011) somam quatorze histórias: «La cruz del diablo» (1860), «La ajorca de oro» (1861), «El monte de las Ánimas» (1861), «Los ojos verdes» (1861), «Maese Pérez el organista» (1861), «Creed en Dios» (1862), «El miserere» (1862), «El Cristo de la Calavera» (1862), «El gnomo» (1863), «La cueva de la Mora» (1863), «La promesa» (1863), «La corza blanca» (1863), «El beso» (1863) y «La rosa de Pasión» (1864). Nosso principal objetivo será mostrar semelhanças e diferenças pontuais nessas lendas, principalmente quanto à ocorrência do fantástico. Assim, o trabalho busca destacar Gustavo Adolfo Bécquer como um grande escritor de relatos fantásticos, apresentando sinteticamente seus contos que podem receber tal classificação com o objetivo de evidenciar questões aproximativas e/ou divergentes no estabelecimento do fantástico em tais contos; logo alguns contos terão mais ênfase que outros, que serão brevemente citados, por questões relacionadas à relevância quanto às suas características fantásticas.

Palavras-chave: Contos; lendas; fantástico; sobrenatural.

LA PIPE D'OPIUM', DE THÉOPHILE GAUTHIER: SONHOS, MELANCOLIA E ALUCINAÇÕES NA LITERATURA FANTÁSTICA NA FRANÇA DO SÉCULO XIX

Josilene Pinheiro-Mariz

Resumo: Na História da literatura francesa, o lugar do fantástico é muito bem marcado por uma herança que veio do romantismo alemão e do inglês. Na França, em seus primeiros anos, o fantástico na literatura teve Charles Nodier como seu iniciador, nos anos de 1820. No entanto, esse mesmo autor é, às vezes, culpabilizado por ter provocado certa confusão entre o fantástico e o maravilhoso, muito embora se saiba que estabelecer limiares de distinção entre os dois não é uma atividade das mais simples. Ainda que a produção da literatura fantástica tenha sido iniciada no século XIX, no século anterior, Jacques Cazotte, com seu romance 'O Diabo apaixonado', pode ser considerado como precursor dessa literatura que se compraz em narrar vivências oriundas dos mais profundos labirintos da mente humana. Entretanto, é na esteira de Nodier que o fantástico ganha maior visibilidade entre os leitores, atraindo escritores para a produção do gênero assustador e fantasioso. Os contistas franceses mais conhecidos, que se dedicaram à produção do fantástico são cronologicamente ancorados de Charles Nodier a Guy de Maupassant, segundo um consistente estudo de Castex (1994) sobre o fantástico na França. Dentre tais escritores, coloque-se em destaque Théophile Gautier (1811-1872), um romântico que criticou o movimento, expert em arte e jornalista, além de ser amigo pessoal de Nerval e de Baudelaire, quando este último traduzia contos do americano Edgar Allan Poe. Dentre as obras de Gautier, destacamos o conto *La pipe d'opium*, haja vista estar ancorado em um conjunto de obras-primas de mistérios e do fantástico. Esse conto revela muito da relação desse contista com o poeta das "Flores do mal", pois no ensaio sobre Os paraísos artificiais, Baudelaire realiza uma sólida e bem argumentada discussão sobre o ópio e outros "paraísos artificiais" como o haxixe e o álcool. No referido conto, o "poëte impécable", no dizer de Baudelaire, traz um personagem que tem alucinações após o uso do cachimbo de ópio. Portanto, considerando-se o espaço sócio-histórico em que não havia interdição do ópio, fez-se uma leitura do referido conto sob o prisma das Ciências da Saúde, tendo-se nos Paraísos Artificiais, de Charles Baudelaire (1860/2005), a sua principal ancoragem para a interpretação. Destaque-se que na narrativa de Gautier, o ópio é colocado como um instrumento quase indispensável para a necessária fuga deste mundo para os poetas daquele período. Assim, neste trabalho, primeiramente, descrevemos os efeitos causados por essa droga, no intuito de se analisar como se dá a percepção do fantástico no conto, partindo-se da narrativa do protagonista, sobretudo, quando em estado de melancolia e de alucinações partilhadas entre personagem e leitor. Portanto, faz-se uma análise do conto com o olhar do fantástico na literatura (PRINCE, 2008; STEINMETZ, 2008). Em paralelo, a análise será feita à luz da Toxicologia (OGA; CAMARGO; BATISTUZZO, 2014) e da Farmacologia (BRUNTON; CHABNER; KINOLIMANN, 2012), quando serão discutidos tais efeitos, ratificando a relação mimética do efeito da droga no organismo humano. Esta pesquisa qualitativa aponta para a relação intrínseca entre a literatura e as Ciências da Saúde

Palavras-chave: Literatura e Saúde; Paraísos artificiais; Ópio.

73 - O GÓTICO ONTEM E HOJE: LIMITES E FRONTEIRAS

Coordenação: Prof. Dr. Alexander Meireles da Silva (UFG); Prof. Dra. Fabianna Simão Bellizzi Carneiro (UFG); Prof. Dr. Júlio França (UERJ)

Resumo: 255 anos de publicação de *O Castelo de Otranto* (1764), de Horace Walpole, o romance iniciador da vertente romanesca do Gótico. 255 anos de nascimento de Ann Radcliffe, a mais importante representante do Gótico inglês no século dezoito. 210 anos de nascimento de Edgar Allan Poe, crítico, poeta e contista renovador do Gótico nos Estados Unidos nas primeiras décadas do século dezenove. 200 anos de "O Vampiro" (1819), de John William



Polidori, conto que introduz o personagem do vampiro na prosa. As diferentes efemérides celebradas pela Literatura Gótica em 2019 relacionadas a eventos de mais de dois séculos fomentam reflexões não apenas sobre o surgimento e desenvolvimento da tradição gótica, mas também nos convida a indagar sobre o seu futuro. Afinal de contas, ao se pensar na produção desta modalidade fantástica nos dias de hoje, quais são os rumos do Gótico hoje e no futuro? Assim como os monstros que surgem e assombram sua narrativa como resultado de ações e maldições de indivíduos para serem então combatidos, a Literatura Gótica é marcada por fases em que ela ascende, como resposta a contextos histórico-culturais específicos, se dissemina em formas variadas e parecer desaparecer em virtude do desgaste de sua forma. Este ciclo tem início em 1764, com *O Castelo de Otranto*, estabelecendo um modelo seguido por diferentes escritores e escritoras no que se refere ao espaço, linguagem, temas e personagens explorados. Esta fase dura até fins do século dezoito quando a repercussão de *O monge* (1796), de Matthew Gregory Lewis sinalizou o fim do gótico inglês de raízes setecentistas abrindo caminho para as influências da Revolução Industrial e das teorias e pesquisas científicas do século dezenove. Sob a sombra dos artistas românticos na Inglaterra e nos Estados Unidos o Gótico se renova na forma tanto da criatura científica que ganha vida pelas mãos de uma jovem rebelde quanto nos pesadelos vivos de viciados e loucos de um escritor igualmente viciado e louco. Nesse meio tempo, o Gótico também se dilui para se popularizar junto às camadas populares inglesas, atendendo aos anseios das massas por histórias arrepiantes regadas a sangue e reviravoltas muitas vezes incoerentes. Esse foi o período de reinado dos *Penny Dreadfuls* quando a violência de barbeiros *serial killers* descrita em *Sweeney Todd: O barbeiro demoníaco da Rua Fleet* (1846-1847) se equiparava aos atos de vampiros e lobisomens como em *Varney, o vampiro* (1845-1847) e *Vagner, o Lobisomem* (1857). Todavia, com a aproximação do fim do século, o Gótico ressurgiu das sombras fortalecido para abarcar as angustias e ansiedades do ambiente finissecular do Império Britânico em uma Londres enegrecida pela fuligem das fábricas, temerosa das ameaças externas e internas ao *status quo* e sacudida por posturas artísticas decadentes e teorias científicas que discutiam o lugar divino do ser humano, a constituição da mulher e a função da Arte. Atualizando temas e estruturas do Gótico setecentista, *O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde* (1886), *O retrato de Dorian Gray* (1891) e *Drácula* (1897) o Gótico vitoriano mais uma vez mostrou a relevância desta vertente do Fantástico como mediador cultural de seu tempo. E no século vinte? Já no início do novo século o monstro gótico encontrou outro território para assombrar: o Cinema. Foi na sala escura do Cinema que o Gótico encontrou terreno fértil para estabelecer raízes, crescer e se disseminar até a década de sessenta, primeiramente dentro do Expressionismo Alemão, na sequência, na adaptação de obras da Literatura Gótica inglesa em produções dos Estúdios Universal nos Estados Unidos e da Hammer Film Productions na Inglaterra, além de filmes inspirados nos contos de Edgar Allan Poe de diretores como Roger Corman. Foi a partir da década de setenta, porém, a partir da contemplação de questões trazidas a tona pelos movimentos ligados a Contracultura e da emergente cultura da Informática que o Gótico passou a estar, como salienta Fred Botting em *Gothic* (1996) “em todos os lugares e em lugar nenhum”. Assim, retornamos a questão inicialmente colocada: Quais são os rumos do Gótico hoje e no futuro? É a partir do contínuo reinventar-se desta vertente do modo fantástico que este simpósio acolherá comunicações de pesquisadores e pesquisadoras que abordem a mutabilidade, adaptabilidade e disseminação do Gótico na Literatura e no Cinema no que se referem a temas, convenções ou estruturas narrativas.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

Sessão 1: O gótico: questões teóricas

NAS SOMBRAS DO FANTÁSTICO: O LUGAR DA FICÇÃO WEIRD



Alexander Meireles da Silva

Resumo: Definida pelo escritor norte-americano Howard Phillips Lovecraft como uma história em que deve estar presente “Uma certa atmosfera inexplicável e empolgante de pavor de forças externas desconhecidas” (LOVECRAFT, 2008, p. 17) a ficção weird se caracteriza pela dificuldade em situá-la em termos literários e históricos. O que é weird? Estranho? Fantástico? Insólito? A perda de dimensões com cada tradução para o Português, o que faz com que se prefira aqui o uso de “ficção weird”, está presente nos termos usados por Lovecraft como “Uma certa”, “inexplicável” e “desconhecidas”, o que evidencia a dificuldade de entendimento dessa expressão do modo fantástico nascida na segunda metade do século dezenove dentro do contexto sociocultural da Era Vitoriana. Como exatamente se estrutura a ficção weird e como ela se relaciona com outras vertentes e gêneros vigentes no período que também estavam se reconfigurando ou ascendendo como a Fantasia, o Gótico, as histórias de fantasmas e a Ficção Científica? De fato, as imprecisões que levam as perguntas até aqui colocadas sobre o weird ajudam a entendê-lo como um fenômeno de relação com a Modernidade, momento histórico este que afetou profundamente o fantástico no geral não apenas em sua expressão como modo, mas também como gênero literário compreendido entre fins do século dezoito e início do século vinte. Um olhar mais detalhado sobre suas manifestações a partir dos primeiros momentos em contos do escritor irlandês Sheridan Le Fanu mostram que o weird se alicerça no incomodo provocado pelo zeitgeist finissecular. Esse comportamento se efetiva em diferentes formas: ora se alinhando com temas trabalhados pela literatura Gótica, ora estabelecendo diálogo com o discurso praticado pela emergente Ficção Científica no século dezenove, ora buscando na tradição da Fantasia um suporte para a manifestação dessa postura diante das mudanças. Nesta interpretação o weird não busca em elementos do fantástico tradicional, como fantasmas, vampiros, lobisomens, alienígenas e demônios suporte para a veiculação de suas ideias, pois estes seres já evocam respostas específicas e já conhecidas pelos protagonistas e leitores. Em seu lugar os personagens se encontram diante do indefinido, do evanescente e do disforme que configura o elemento sobrenatural e desafia tentativas de compreensão e apreensão. Dentro deste quadro, este trabalho parte de textos literários ligados ao fantástico do fim do século dezenove e início do século vinte para se buscar entender e delimitar configurações e características da ficção weird em relação ao Gótico e outras expressões do modo fantástico.

Palavras-chave: Modernidade; Fantástico; weird

GÓTICO FEMININO VERSUS GÓTICO MASCULINO: UMA ANÁLISE DAS VERTENTES GÓTICAS SETECENTISTAS

Ana Paula Araujo dos Santos

Resumo: O Gótico tem se constituído como uma das tradições de maior longevidade na história da literatura ocidental. Suas origens podem ser traçadas desde a Inglaterra do século XVIII, mais precisamente, desde o ano de 1764, quando Horace Walpole publicou O Castelo de Otranto, considerado o marco inaugural da literatura gótica. Após Walpole, o Gótico assimilou e transformou as características de incontáveis poéticas, e deu origem a diferentes vertentes que encontraram em suas convenções modos de representar os aspectos mais sombrios da existência humana. Entre as muitas vertentes integrantes do Gótico literário podemos destacar o Gótico feminino, representado por escritoras como Ann Radcliffe, Regina Roche, Eliza Parsons, e a sua contraparte, o Gótico masculino de escritores como Matthew Lewis, Charles Maturin e William Beckford. Apesar do que pode-se pensar de início, a divisão em dois “gêneros” não se resume apenas a uma literatura escrita, de um lado, por mulheres e, de outro, por homens. Pesquisas como as de Ellen Moers (1997), Sandra M. Gilbert e Susan Gubar (1979), Anne Williams (1995) e David Punter e Glennis Byron (2004) têm apontado para o fato de que o Gótico feminino e o Gótico masculino possuem características narratológicas próprias. Tendo como base teórica os estudos desses pesquisadores, o presente trabalho pretende investigar as particularidades de ambas as vertentes. Para tal feito, empreenderemos uma análise comparativa entre dois dos romances pertencentes ao período clássico do Gótico: Os mistérios de Udolpho



(1794) e *O italiano* (1797), de Ann Radcliffe, e *O monge* (1796), de Matthew Lewis. As três obras não apenas são consideradas expoentes das duas linhagens, como também estão interconectadas por conta de determinadas similaridades: Radcliffe e Lewis exploram em seus respectivos romances os efeitos estéticos de recepção suscitados pela perseguição à *damsel in distress* – a donzela em perigo. No entanto, nas narrativas radcliffeanas a perseguição às personagens enfoca a denúncia aos horrores relativos ao universo da mulher, tais como a opressão e o confinamento no âmbito doméstico e os abusos físicos e/ou psicológicos sofridos por elas em um cotidiano dominado por figuras patriarcais opressoras. Já na obra de Lewis o foco está na produção de prazer estético no ato de leitura – um prazer erotizado por conta do caráter sexual das transgressões sofridas pelas personagens da narrativa. Nossa hipótese é a de que a comparação entre os dois romances torne possível a visualização das diferentes características formais e conteudísticas do Gótico feminino e da sua contraparte, e permita-nos uma compreensão mais profunda de ambas as vertentes da literatura gótica.

Palavras-chave: Gótico; Literatura feminina; Século XVIII.

SENTIMENTOS NEGATIVOS E A COMPOSIÇÃO DA EMPATIA NARRATIVA: UMA ANÁLISE DE "O RESTO É SILÊNCIO" (1943), DE ERICO VERÍSSIMO

Marina Sena

Resumo: Em *Empathy and novel* (2007), Suzanne Keen aborda a configuração da empatia em obras literárias. A autora chama atenção para dois aspectos que seriam centrais para construir a relação entre leitor e personagem: i) a situação narrativa – que diz respeito ao ponto de vista e à perspectiva da narração –; e ii) a identificação com o personagem. A identificação não é considerada uma técnica narrativa por Keen, uma vez que, segundo a autora, se concretizaria no leitor e não no texto. Aproximando-se da teoria da recepção, a pesquisadora aponta que o ato interpretativo de cada indivíduo variaria de acordo com: experiência de vida; disposições emocionais; tendência maior ou menor para empatizar com o outro; entre outros pontos. Nesse sentido, romancistas e escritores teriam pouquíssimo controle em relação à resposta empática do público. Tal leitor seria o que Umberto Eco, em seu *The role of the reader* (1979), chama de leitor-empírico: aquele que projeta seus desejos, expectativas e experiências na narrativa literária, criando assim, uma interpretação bastante pessoal da obra. Por outro lado, o que Eco chama de leitor-modelo é uma espécie de leitor ideal, que reage de forma adequada às instruções do texto. Assim, ele seria, em termos, a narrativa dando as linhas gerais de interpretação de si mesma, isto é, mostrando como ela própria deveria ser lida. Assim, contesto o argumento de Keen de que a empatia narrativa está no leitor-empírico, e não no texto. Defenderei, por outro lado, que o processo empático pode ser estudado apenas intratextualmente, por meio da investigação de quais estratégias narrativas são utilizadas na construção das obras literárias, especialmente naquelas ligadas à literatura gótica. Como estudo de caso, será analisado o romance *O resto é silêncio* (1942), de Erico Veríssimo, compreendendo-o como uma obra de influxos góticos. Tal compreensão se justificaria pela presença dos seguintes elementos na obra: i) o passado que retorna para assombrar o presente; ii) o campo semântico ligado à morte; iii) uma perspectiva desiludida em relação ao mundo, compartilhada por quase todos os personagens. A hipótese deste trabalho é a de que, no romance de Veríssimo, é possível empatizar com diversos personagens, partilhando inclusive de muitos de seus sentimentos negativos. Suponho, para os fins deste trabalho, que mesmo as emoções negativas causadas pela literatura gótica no processo empático – o medo, por exemplo – fazem parte da estratégia textual utilizada pelo autor. Nesse sentido, pode-se afirmar que existem leitores-modelos idealizados para se horrorizar, assim como aqueles que são pensados para reagir de forma positiva a determinado personagem ou trama ficcional. Além disso, também procurarei demonstrar que diversos procedimentos narrativos contribuiriam para a construção da empatia narrativa ainda que não compartilhem do mesmo senso de moral e experiência de vida dos personagens. Tais procedimentos seriam: i) a ausência de um

protagonista; ii) o desenvolvimento de múltiplas tramas; iii) a caracterização detalhada da psicologia dos personagens; e iv) o uso do discurso indireto livre.

Palavras-chave: Empatia narrativa; Literatura brasileira; Literatura gótica

O DUPLO E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA LITERATURA E NA CONTEMPORANEIDADE

Victoria Barros Moura

Resumo: Este trabalho tem como objetivo comparar como a figura do duplo era representada na Literatura Gótica entre o final do século XIX e início do XX e como ela é retratada hoje na contemporaneidade. Pretende-se trabalhar a intertextualidade entre obras literárias e em outros veículos midiáticos, analisando a figura do duplo em “Consequences” (1915), um conto de Willa Cather, e Be Right Back (2014), um episódio da série de televisão Black Mirror. Na literatura, ao analisar a relação entre eu original e cópia, percebe-se que uma das consequências da mesma é a destruição do próprio homem, ocasionada pela figura do duplo. Otto Rank (1971), um teórico psicanalista que dedicou estudos sobre o duplo em obras literárias, explica que há diversas possibilidades de se representar essa figura em uma narrativa; sósias, sombras, alucinações, imagens no espelho etc são algumas delas. Contudo, todas elas têm em comum a relação paradoxal para com o sujeito: em muitos casos, elas têm a função de protegê-lo, mas acabam criando um movimento de repulsa e distanciamento. Rank também reitera que o duplo pode estar na base de uma instância crítica para observar e analisar o eu. Ou seja, em “Consequences”, percebe-se que o duplo tem uma função moral de representar a consciência do indivíduo e tentar preveni-lo. Entretanto, essa intenção de advertir o sujeito cria uma espécie de paranoia em sua mente, provocando a própria destruição do personagem principal. Be Right Back, por sua vez, se trata de um episódio de ficção científica, por isso o duplo é criado através de um artefato tecnológico. Diferentemente de obras literárias, o duplo não surge para observar e analisar o homem e tampouco possui uma função moral. Nesse episódio que ilustra a relação do duplo e o sujeito contemporâneo, percebe-se que a cópia é criada a partir de uma escolha feita conscientemente pelo homem, porém um de seus resultados é a revelação de um lado sombrio e cruel na essência humana. Apesar de se tratar de um produto contemporâneo de ficção científica, o episódio Be Right Back possui influências do gótico. Portanto, pretendo investigar não só as semelhanças e diferenças entre a representação do duplo no conto literário e no episódio contemporâneo, mas também as consequências dessa relação homem original vs cópia dentro das duas narrativas e as influências que o gótico possui em um outro produto midiático.

Palavras-chave: Duplo; Gótico; Contemporaneidade

16/07 (TARDE)

Sessão 2: O gótico no Brasil

A TEORIA PÓS-COLONIALISTA E O GÓTICO SERTANISTA NA ESCRITA DE HUGO DE CARVALHO RAMOS

Fabianna Simão Bellizzi Carneiro

Resumo: Seguindo o caminho dos estudiosos considerados como pós-estruturalistas, que se arvoraram na tarefa de esmiuçar o texto literário indo além da tradição estruturalista e alcançando outras unidades do texto além das configurações internas, podemos citar a teoria do discurso de Michel Foucault (1926-1984), defensora da tese de que o texto literário produz um tipo de discurso que não pode se desvincular do período histórico e cultural em que é produzido. Foucault vai além, ao teorizar que esses discursos prescrevem-se dentro de contextos de luta pelo poder, estando a linguagem ancorada no centro das práticas sociais. A raiz da visão que apregoa ser o texto literário expressão de determinadas práticas discursivas históricas (BONNICI, 2003), os estudos pós-estruturalistas possibilitaram que críticos e estudiosos da



literatura criassem uma conexão entre as camadas do texto literário e instâncias do saber humano, como a social, política ou filosófica. Se antes o texto literário era muito valorizado em sua possibilidade estética, as teorias literárias mais recentes nos permitem avultar que o texto literário pode ser visto de forma menos arbitrária. As novas correntes que surgem após as mudanças que ocorrem na Europa na década de sessenta do século XX, negam a existência de uma verdade absoluta inerente ao texto literário, passando a leitura a ser vista não mais como um mero consumo passivo do texto, mas como possibilidade de uma imersão crítica e ativa do leitor. Propomos, então, uma leitura do conto “O Saci”, do escritor goiano Hugo de Carvalho Ramos, publicado inicialmente em 1910, e que posteriormente integraria a coletânea *Tropas e Boiadas*, publicada pela primeira vez em 1917, utilizando como principal pressuposto teórico os estudos recentes de Patrick Brantlinger (2013) sobre o gótico imperialista, e os estudos de Thomas Bonnici (2013) sobre a teoria pós-colonialista. A história nos mostra que o processo de exploração europeia nas colônias, seguiu um *modus operandi* muito parecido em diferentes continentes, ou seja, além da exploração propriamente dita (extração de riquezas naturais com utilização de mão-de-obra escrava), propagou-se o aviltante pensamento que insistia na hegemonia da metrópole sobre as colônias, consideradas bárbaras, selvagens, incultas e inferiores, daí que os estudos desses teóricos em muito contribuirão em nossas análises do conto “O Saci”, afinal, ao destacarmos o imaginário supersticioso que se instala no interior goiano, principalmente durante o período colonial, podemos entender como se construiu, no Brasil-colônia, a ideia de local inculto, selvagem e bárbaro – aos olhos da ortodoxia europeia. Trata-se de um trabalho cuja metodologia se pauta em pesquisa bibliográfica que será devidamente referenciada ao longo do texto.

Palavras-chave: Gótico Sertanista; Literatura e pós-colonialismo; narrativa goiana; Hugo de Carvalho Ramos.

“VEREDAS TORTAS, VEREDAS MORTAS”: OS MUITOS MEDOS DE RIOBALDO

Julio França

Resumo: Grande sertão: veredas (1956), magnum opus de João Guimarães Rosa, é uma narrativa axial da tradição romanesca brasileira. A importância da obra pode ser medida pela quantidade e amplitude temática de sua fortuna crítica, em que se valorizam tanto seus aspectos formais – ressaltados em abordagens que exploram seu caráter de artefato experimental de linguagem –, quanto seus aspectos semânticos – observáveis na miríade de análises que privilegiam alternadamente seus sentidos políticos, estéticos, psicanalíticos, sociológicos, religiosos e filosóficos. A comunicação aqui proposta pretende destacar uma nova perspectiva de leitura do romance roseano: as possíveis relações entre *Grande sertão: veredas* e as “Poéticas do Mal”, isto é, propomo-nos a descrever como o romance de Guimarães Rosa estabelece muitos pontos de contato com outros modos artísticos especializados em representar e expressar entendimentos, sensações e experiências de cunho negativo – o Gótico, o Horror, o Sublime terrível, o Grotesco, entre outros. Justifica-se tal empreitada por uma observação feita ao longo de uma leitura do romance. Chamou-nos a atenção o grande número de ocorrências da palavra “medo” na narrativa, em quantidade superior a de termos como “jagunço” ou “sertão” – a palavra aparece cento e setenta e nove vezes, e não se considera nesse cálculo o emprego de termos correlatos, como “pavor”, “terror”, “temor” e afins. Mais do que uma idiossincrasia da fala do narrador-protagonista, o medo apresenta-se como um eixo temático crucial para os desdobramentos da história de Riobaldo, seja em sua admiração por Reinaldo/Diadorim como alguém que nunca sentia medo, seja no próprio enfrentamento constante que o narrador fará de seus próprios medos físicos e existenciais – da morte, de Hermógenes, do Diabo, da ruína moral, da perdição espiritual etc. Diante dessa observação, e do reconhecimento de que as narrativas góticas, de terror e de horror são, fundamentalmente, peças que tematizam e / ou buscam produzir o medo como efeito de leitura, nossa hipótese é a de que Guimarães Rosa, na arquitetura narrativa de *Grande sertão: veredas*, tenha se utilizado de procedimentos característicos de tais poéticas. Entre os diversos elementos típicos das poéticas do mal que



pretendemos descrever no romance estudado, podemos enumerar: (i) a caracterização de personagens monstruosas; (ii) a construção de espaços narrativos que tomam a forma de loci horribiles; (iii) a tessitura de um enredo labiríntico, produzindo, sobre o leitor, ora efeitos de suspense, ora efeitos de mistério; (iv) o recurso, muitas vezes, à narração em fluxo de consciência, criando um véu de fantasmagorias que desrealiza e distorce mesmo os fenômenos mais corriqueiros; e (v) a exploração temática do Mal imanente, disperso por praticamente todas as personagens e espaços narrativos.

Palavras-chave: Narrativa; Gótico; Grande sertão: veredas; Guimarães Rosa.

O GÓTICO URBANO NOS CONTOS INÉDITOS DE LÚCIO CARDOSO

Laís da Conceição Santos Belarmino

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar alguns contos inéditos do escritor mineiro Lúcio Cardoso (1912-1968) que foram publicados no jornal carioca *A noite*, durante a década de 1950. Na obra de Lúcio é forte a presença de elementos do Gótico literário inglês, gênero que surgiu com o romance paradigmático de Horace Walpole, publicado em 1764. E é com essa perspectiva que os contos para a análise foram escolhidos, já que todos possuem um enredo que levam diretamente à catástrofe. E por mais que não haja a presença do sobrenatural, a melancolia entremeia as histórias, nas quais sobressai a presença do estranho (*unheimlich*). Publicados na coluna “O crime do dia” os contos revelam, em um Rio de Janeiro sombrio e noturno, o legado do Gótico urbano do século XIX na obra de Lúcio, e neles é forte a ressonância tanto de Poe e Baudelaire quanto de João do Rio. As relações amorosas, a presença do elemento insólito, o desencanto e a morte como desfecho fazem com que a forma de narrar seja fruída intensamente, prendendo a atenção do leitor do início ao fim da(s) história (s). E, como se sabe, o gênero da narrativa policial (ou de crime) não deixa de ser uma das ramificações do Gótico. O campo e a cidade se bifurcam na obra de Lúcio Cardoso em variantes distintas do gênero gótico, como a do século XVIII, com seus castelos e vilões aristocráticos, e a do século XIX, com a metrópole povoada de criaturas sinistras e ameaçadoras. E é esse segundo aspecto o mote do presente trabalho.

Palavras-chave: Gótico – Lúcio Cardoso – Contos – Narrativa Policial

VERTENTES DO GÓTICO EM CONTOS DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Marcelle Ferreira de Siqueira

Resumo: Este trabalho tem como objetivo principal a identificação de elementos do Gótico literário anglo-saxão em alguns contos da escritora brasileira contemporânea Lygia Fagundes Telles. Inicialmente, abordaremos a literatura gótica através de sua obra fundadora, o romance *O castelo de Otranto* (1764), de Horace Walpole (1717-1797). Em seguida, estabeleceremos um cotejo entre os contos de Telles e do escritor americano Edgar Allan Poe (1809-1849), consagrado como um dos grandes nomes do Gótico literário. Por fim, com a ajuda das teorias de intertextualidade e interdiscursividade de José Luiz Fiorin (2006) verificaremos o diálogo entre as obras dos referidos escritores, estabelecendo uma relação entre o passado e o presente, e, assim, contemplando a ampla amplitude da ficção gótica, que perdura ultrapassando limites geográficos, temporais e culturais. É importante ressaltar a ampla significação do termo Gótico, apontada pelo professor doutor Júlio França (2015). Serão privilegiados durante as análises os traços mais marcantes do gênero, como o locus horribilis, a figura do monstro/vilão e o motivo da donzela em apuros. Faz-se relevante também a presença de conceitos e vertentes frequentemente encontradas no gênero, como o medo, o terror, o horror, o fantástico e o sobrenatural. Para discorrer sobre tais características insólitas, utilizaremos também como embasamento teórico textos de Tzvetan Todorov (1975), H. P. Lovecraft (2007), Jerrold Hogle (2002) e Jeffrey Jerome Cohen (2000), entre outros.

Palavras-chave: Gótico; Insólito; Contos brasileiros; Lygia Fagundes Telles.



17/07 (MANHÃ)

Sessão 3: O gótico nos EUA

ROSE HATHAWAY: A SUBVERSÃO E CONFIGURAÇÃO DA DHAMPIRA NA OBRA O BEIJO DAS SOMBRAS

Luciana Soares dos Santos

Resumo: Esta comunicação se refere a uma pesquisa de mestrado em andamento, a qual pretende analisar a construção e configuração da personagem principal, Rosemarie Hathaway, no livro *O Beijo das Sombras* (2009), de Richelle Mead. A personagem é uma dhampira (meio-humana/meio-vampira) que, de acordo com a autora, tem por base a mitologia romena e balcânica. Desta forma a pesquisa objetiva compreender em que medida a personagem age de acordo com o que é esperado de um vampiro e, ao mesmo tempo, como o subverte, por meio de suas atitudes e ações, cometendo transgressões à sua própria raça, humanizando-a. A pesquisa está ancorada no gótico ficcional, tendo como base os estudos teóricos de Botting (1996), Punter (2012) e Rossi (2017; 2018), que nos elucidam sobre a estrutura formal à qual este tipo de narrativa está inserida e como o gótico vampírico é desenvolvido na obra. Em relação à construção dos vampiros, são considerados os estudos de Mulvey-Roberts (1998), Hughes (2012) e Whisker (2012), os quais falam da natureza transgressora do vampiro e, portanto, são essenciais para o estudo da humanização de Rose na narrativa. Por fim, quanto à configuração da personagem, levam-se em consideração os estudos de Brait (2010; 2018), Candido (2009) e Reis (2018), que nos permitem compreender como Rose é criada no livro frente a seus iguais e como sua atitude corrobora para a reconfiguração da tradição vampira e também de sua própria raça, a dos dhampiros. Pretende-se, portanto, nesta comunicação, apresentar os resultados iniciais da pesquisa em relação à configuração da personagem de Mead, Rosemarie Hathaway.

Palavras-chave: gótico; personagem vampira; Mead; dhampiros; *O Beijo das Sombras*

A LITERATURA GÓTICA E A OBRA 'SALEM DE STEPHEN KING

Patricia Hradec

Resumo: A obra de Stephen King escrita em 1975 intitulada *'Salem's Lot* e traduzida para o português apenas como *'Salem*, dá-nos uma ideia do que vem a ser a literatura gótica contemporânea. Em meio a mistérios e segredos do passado, uma cidade inteira se deparará com um vampiro sanguinário que colocará terror na cidade. O vampiro apresentado na obra tem a princípio descrições vagas, mas depois assemelha-se muito com a personagem Drácula da obra homônima de Bram Stoker publicada em 1897. Há também a presença do saber popular em relação à figura vampiresca, por exemplo o vampiro é afastado com água benta, hóstia e até cruzeiros, também deve ser convidado a entrar na casa, caso contrário não tem permissão para passar pela porta. Após os ataques do vampiro na cidade, poucas pessoas têm consciência do que aconteceu, a grande maioria das pessoas morreram ou fugiram e por isso ela é chamada de "Cidade-Fantasma no Maine". Júlio França (2017) aponta três elementos convencionais que se destacam na literatura gótica: o locus horribilis, a presença fantasmagórica do passado e personagens monstruosas e perceberemos estes três elementos no decorrer da obra. A literatura gótica geralmente é ambientada em espaços narrativos opressivos que resultam em medo e terror, esses locais aterrorizantes ou locus horribilis é observado na Casa Marsten, um local privilegiado no alto da colina com uma visão completa de toda a cidade e que em determinados momentos parece que cria vida e ajuda o vampiro nas maldades feitas aos moradores da cidade. O fato de a casa ter sido palco de um assassinato terrível no passado aumenta o clima sinistro e deixa uma mancha na história da cidade. Também predomina a presença fantasmagórica do passado e neste sentido temos a figura de Ben Mears, uma das personagens principais, um escritor que volta à sua cidade natal e é assombrado por suas lembranças do passado. Há ainda a questão das personagens monstruosas e neste sentido *'Salem* é uma obra importante por ser uma das poucas que relatam crianças vampiros. Conheceremos uma gangue delas que aterrorizará os habitantes da cidade, além de um bebê que também será transformado em vampiro após sofrer

violência doméstica. Assim como trata de assuntos contemporâneos como violência, abuso de poder e assassinatos, também transita no terror e no suspense, como David Punter (2000) explica a literatura gótica contemporânea é ressuscitada, ou pelo menos reexaminada e é isso que queremos demonstrar com este estudo da obra 'Salem.

Palavras-chave: Literatura gótica; 'Salem's Lot; 'Salem; Stephen King; vampiros.

"THE DEVIL IN THE BELFRY, AN EXTRAVAGANZA", DE EDGAR ALLAN POE: O GÓTICO CÔMICO

Renata Philippov

Resumo: A recepção crítica da obra de Edgar Allan Poe tende a vê-lo como um dos primeiros escritores do gótico norte-americano, em vertente soturna e costumeiramente macabra, tributária dos primeiros góticos ingleses do século XVIII. De fato, a maioria de seus contos traz narrativas de horror escoradas em ambientações lúgubres e em que personagens desesperadas e aterrorizantes flutuam em labirintos sem fim. Nesses casos, em geral, o final de destruição a que todos estão fadados parece inexorável. No entanto, há outra vertente gótica que esta comunicação pretende abarcar, a do cômico, não no sentido engraçado, de riso largo, mas sim o do grotesco – satírico mais amargo. Assim, amparada em estudos sobre o gótico (cf. BOTTING, 1996; PUNTER & BYRON, 2004), a monstrosidade na literatura (cf. JEHA, 2007; 2009), a estética do medo na literatura (cf. FRANÇA, 2018), o grotesco (cf. BAKHTIN, 2013) e o cômico (D'ANGELI & PADUANO, 2007), esta comunicação pretende analisar o conto "The Devil in the Belfry, an Extravaganza" (1839), buscando compreender como Poe configura a figura diabólica, dentro de um universo grotesco-satírico e, ao mesmo tempo, gótico.

Palavras-chave: Poe; gótico; cômico; The Devil in the Belfry

THE HAUNTING OF HILL HOUSE: OS ESPAÇOS GÓTICOS E O "INFAMILIAR" DE FREUD COMO AGENTES DO ASSOMBRO NA NARRATIVA DE SHIRLEY JACKSON

Oscar Andrade Lourencao Nestarez e Nathalia Xavier Thomaz

Resumo: A presente comunicação pretende analisar em que medida os elementos formais do gótico e o conceito de "infamiliar" de Freud (conforme a mais recente tradução do ensaio "Das unheimliche" (1919) no Brasil, pela editora Autêntica) colaboram para a criação de efeitos relacionados ao assombro no romance The haunting of Hill House (1959), da autora estadunidense Shirley Jackson. No tocante aos espaços e cenários, será analisado de que forma a casa do título filia-se à tradição gótica a partir de elementos retóricos bem definidos, dos quais a autora se utiliza. Já no plano das personagens, será investigado o papel exercido, na frágil constituição psicológica da protagonista Nell, pelo pressuposto freudiano-psicanalítico de unheimlich. Ou seja, daquilo que é desconhecido, estranho, infamiliar -- e que somente o é porque foi recalçado durante a vida, retornando transfigurado e, portanto, passível de causar assombro. Após essa investigação em dois níveis, proceder-se-á à análise de como ambos -- o espaço gótico e a conceituação de infamiliar -- contribuem para a recepção da obra, comumente associada ao termo "assombro", cuja conceituação virá do texto "As estranhezas insuspeitas e inexpugnáveis", do pesquisador Alcebíades Diniz. Assim, serão abordados os possíveis efeitos de desestabilização causados pela leitura, cujos vazios e lacunas permitem ao leitor -- a "base interpretativa da obra" preconizada por Umberto Eco (1976) -- participar, co-criar e carregar, para a história, seus próprios elementos infamiliars ou desconhecidos.

Palavras-chave: Gótico; Fantástico; Infamiliar; Horror

17/07 (TARDE)

Sessão 4: O gótico em outros gêneros e outras mídias

PRÁTICA DO ESTRANHAMENTO: A DISTOPIA GÓTICA DE "THE FLUTED GIRL"

Andre Cabral de Almeida Cardoso



Resumo: O conto “The Fluted Girl”, de Paolo Bacigalupi, publicado originalmente em 2003, na Magazine of Fantasy & Science Fiction, junta elementos que, à primeira vista, parecem contraditórios. Por um lado, trata-se de uma narrativa que gira em torno de tecnologias avançadas, incluindo a manipulação genética e a bioengenharia, além de discutir as consequências da vida em uma sociedade midiática e intensamente consumista, num claro comentário ao mundo ocidental contemporâneo. Por outro lado, o conto delineia uma sociedade feudal de moldes medievais, e sua ambientação principal são os aposentos e os labirínticos corredores de pedra de um castelo relativamente isolado. A esses traços de ambientação, soma-se um enredo calcado no aprisionamento da protagonista por uma déspota de caráter escancaradamente vilanesco e a descrição de atos de crueldade extremada, seguindo os padrões estabelecidos pelas obras de Ann Radcliffe e Mathew Lewis. “The Fluted Girl”, portanto, empreende uma retomada explícita das convenções do gótico, integrando-as a um relato de ficção científica de tom distópico. O objetivo desta comunicação é examinar as consequências e possíveis motivações dessa retomada do gótico nesse novo contexto, não só como um componente definidor da atmosfera da narrativa, mas como um de seus elementos estruturantes. Pretende-se discutir, assim, as maneiras como as convenções do gótico são modificadas ao se fundirem às da ficção científica, e de que modo sua adoção serviria aos propósitos da narrativa, contribuindo para os efeitos de estranhamento cognitivo que Suvin vê como um elemento definidor do gênero (*Metamorphoses of Science Fiction*, 1979). Nesse sentido, um ponto de interesse são os referentes temporais conflitantes com que o conto trabalha, parte deles remetendo ao futuro, enquanto outros remetem ao passado, sem nunca deixar de lado um exame crítico do presente. Esse entrecruzamento de gêneros aponta não só para uma difusão do gótico por vários gêneros e meios de expressão, como observa Botting (*The Gothic*, 1996), mas também para confluências importantes. Punter e Byron (*The Gothic*, 2004) associam o surgimento do gótico ao início da industrialização na Inglaterra e à maneira como a ciência e a tecnologia passam a desestabilizar noções tradicionais do que seria o humano. Essas são questões centrais também na ficção científica e, como Booker indica em *The Dystopian Impulse in Modern Literature* (1994), são parte dos fatores que fundamentam o surgimento das primeiras distopias ainda no século XIX e sua consolidação no século XX. Ao conduzir uma análise do conto “The Fluted Girl”, portanto, minha intenção é investigar as relações entre o gótico e a ficção científica, particularmente em sua vertente distópica, examinando como esses gêneros dialogam entre si e até que ponto a tradição gótica contribui para a articulação do discurso distópico até os dias de hoje.

Palavras-chave: distopia; ficção científica; gótico; The Fluted Girl; Paolo Bacigalupi

FORMAS E FUNÇÕES DO GROTESCO NA NARRATIVA DECADENTE

Daniel Augusto Pereira Silva

Resumo: Em *The Literature of Terror* [1980], David Punter apresenta um estudo minucioso das diversas manifestações ficcionais do Gótico ao longo da história. Ao refletir sobre a produção literária da passagem do século XIX para o XX, o crítico defende a existência de um Gótico decadente nesse período, que teria dado forma a algumas das mais célebres obras da literatura de terror em língua inglesa, tais como *Dr Jekyll and Mr Hyde* (1886), de Robert Louis Stevenson, *The Picture of Dorian Gray* (1891), de Oscar Wilde, *The Island of Dr Moreau* (1896), de H.G. Wells, e *Dracula* (1897), de Bram Stoker. Com efeito, a ficção decadente se insere profundamente na tradição da literatura gótica, ao compartilhar não apenas vários de seus procedimentos discursivos e narrativos, como também personagens arquetípicas e espacialidades. Entre os aspectos em comum, podemos destacar a criação de loci horribiles, como castelos labirínticos e metrópoles marcadas pela degradação; o desenvolvimento de personagens monstruosas, tanto as humanas, construídas a partir de desvios morais, quanto as sobrenaturais; e uma concepção pessimista sobre a existência e sobre o desenvolvimento técnico-científico. Um outro aspecto presente nas duas produções literárias é a utilização sistemática do grotesco. Para expressar uma visão de mundo desencantada e descrever seres



disformes, as obras góticas e as decadentes se valeram justamente do grotesco como um de seus principais modos discursivos. Assim, o objetivo principal desta comunicação é investigar como o grotesco se manifesta na narrativa decadente, quais são seus efeitos de recepção e por que foi sistematicamente empregado na literatura fin-de-siècle. Ao longo do trabalho, defenderemos a hipótese de um grotesco decadente, que teria apresentado características formais específicas. Ao investigarmos sobre o tema, observamos que, além de estarem associadas a doenças e a comportamentos sexuais entendidos como transgressivos, as figuras grotescas da decadência literária são, recorrentemente, apresentadas a partir de uma linguagem bastante hermética, detalhista e pictórica, típica da *écriture artiste*. Apesar de serem capazes de gerar repulsa e de horrorizar a recepção, elas também são entendidas pelos protagonistas das narrativas como dotadas de valor estético e como objetos tão exóticos quanto originais. Nesse contexto, a ficção decadente explora o grotesco para destacar o trabalho criativo dos artistas e para impor dificuldades de interpretação ao público-leitor. A fim de entendermos as relações entre a literatura decadente e o grotesco, utilizaremos como base teórica os trabalhos de Wolfgang Kayser [1957], Jean Pierrot [1977], Bernard Elroy [1989], Evanghélia Stead [2004] e Justin Edwards & Rune Graulund [2013]. Para demonstrarmos algumas dessas configurações, analisaremos pontualmente narrativas decadentes francesas e brasileiras produzidas entre as décadas de 1880 e 1920. Entre os autores selecionados, destacaremos, em especial, as obras de J.-K. Huysmans e Gonzaga Duque.

Palavras-chave: Grotesco; Decadentismo; Repulsa; Horror; Esteticismo.

DE OLHOS BEM FECHADOS: A PRESENÇA DO GÓTICO NO FILME DE STANLEY KUBRICK

Gabriela Spinola Silva

Resumo: Desde a sua gênese, o Cinema tem sido utilizado como veículo para a manifestação das ânsias que consomem as mais diversas sociedades que dele se valem. Enquanto arte híbrida por excelência, o audiovisual vale-se de diversos elementos das mais diversas Artes. Nele é possível adaptar uma obra literária, transformá-la a seu bel prazer, ou até mesmo captar elementos narrativos de todo um gênero literário e transpô-los para suas obras. Foi o caso do Expressionismo Alemão: surgido no período entreguerras, foi um movimento artístico que representava os anseios do povo alemão frente à derrota na I Guerra Mundial ao evocar a estética e a narrativa gótica com obras como *O gabinete do doutor Caligari* (1920), *Nosferatu* (1922) e *Metrópolis* (1927). A narrativa gótica no cinema vem se reinventando desde então, com elementos do gótico sendo utilizados de diversas maneiras e em variados gêneros cinematográficos, desde o suspense, o terror e a fantasia, como no caso de *Psicose* (1960), *Os outros* (2001) e *O labirinto do fauno* (2006); até a comédia e a autoparódia, como em *A família Addams* (1991) e *O que fazemos nas sombras* (2014). Desta forma, o presente trabalho pretende conduzir uma análise dos elementos do gótico presentes no filme *De olhos bem fechados* (1999), do cineasta Stanley Kubrick, considerando os elementos do gótico como descritos por Irina Rata em seu artigo “An overview of Gothic fiction” (2014), e por Fred Botting em seu livro *Gothic* (1997).

Palavras-chave: Gótico; De olhos bem fechados; Stanley Kubrick

74 - O GÓTICO, O FANTÁSTICO E A FICÇÃO CIENTÍFICA: O REAL E O FICCIONAL NAS TRAMAS DO DISCURSO

Coordenação: Profa. Dra. Naiara Sales Araújo (Universidade Federal do Maranhão); Prof. Dr. Gonzalo Ignacio Portals Zubiarte (Ucsur- PERU)

Resumo: O Gótico, o Fantástico e a Ficção Científica são estilos que estabelecem profundo diálogo, principalmente no tocante à estética, e aproximações temáticas. Apesar de se tratarem de gêneros consolidados por determinada crítica literária, o Gótico e o Fantástico foram



relegados a uma literatura de baixo valor acadêmico, principalmente por conta do conteúdo temático e por serem dependentes de outras formas, como o romantismo, por exemplo, mas não alcançarem um determinado patamar. A Ficção Científica também ocupara lugar desprivilegiado em tais discussões, tendo em vista a característica de literatura especulativa que carregara durante muito tempo. O Grupo de Estudos em Ficção Científica e Gêneros Pós-modernos na Era digital, – FICÇA – da Universidade Federal do Maranhão, tem se debruçado em estudos, pesquisas e produções que resgatem textos que nos levem a esta reflexão e sempre em diálogo com outras áreas do conhecimento e outras formas de expressão artística. Por isso, este simpósio tem como objetivo discutir e analisar as mais variadas relações entre literatura e outras artes no tocante às figurações do fantástico, do gótico e da ficção científica. Com o intuito de analisarmos diferentes modalidades de discurso, daremos espaço tanto ao discurso Literário quanto ao discurso cinematográfico e seus múltiplos elementos de construção de sentido. Aqui será enfatizado, dentre outros aspectos, o diálogo entre as literaturas brasileira e euroamericana no tocante às temáticas do Fantástico, do Gótico e sua interface com a Ficção científica. Tendo em vista a emergência de uma estética denominada afrofuturista, este simpósio também se abre para receber trabalhos que se interessam por este gênero que valoriza elementos tradicionais com futurístico e se baseiam na perspectiva do realismo mágico em estreita relação com a Ficção Científica. Atenção especial será dada às figurações ficcionais do insólito Brasileiro por se tratar de um terreno ainda pouco explorado no universo da crítica literária, como já falado. Do universo da Literatura Euroamericana, contemplaremos obras de José Saramago, Horace Walpole, Michael Ende, Edgar Allan Poe e Toni Morrison, Philip K. Dick, Isaac Asimov, dentre outros. Para o afrofuturismo, obras como a de Lesley Nneka Arimah, nascida no Reino Unido, mas de vivência Nigeriana, é a nossa principal referências literárias. Para a construção do suporte teórico dos trabalhos aqui debatidos traremos à baila as ideias de Tzvetan Todorov, H.P. Lovecraft, Irleamar Chiampi, Joseph Campbell, Adam Robert, Paul Alkon, Darko Suvin, Homi Bhabha e Stuart Hall entre outros. Nossa análise comparativa e crítica lançará mão de discussões já existentes em âmbito nacional e internacional no tocante ao conceito de Literatura Fantástica, Literatura Gótica e Literatura de Ficção Científica, além de outros gêneros relacionados a estes focando nas relações entre as figurações e as representações do real ou ficcional, bem como nas discussões em torno do conceito de Ficção Científica e seus subgêneros, sempre levando em consideração fatores históricos, sociais e culturais que impulsionam a criação artístico-literária. Percebe-se, principalmente com a Ficção Científica, que a forma de pensar/ver o futuro tem relações profundas com a percepção que o indivíduo tem do presente, colocando os nossos autores como agentes importantes na circulação de uma crítica contundente da realidade. A compreensão de um texto com tal estilo e carregado de temas relevantes sobre a vivência do homem em sociedade e as profundas consequências dessa relação, depende dos sentidos apreendidos pelo leitor/espectador nas tramas das produções. A literatura fomenta discussões que ultrapassam o tempo e o espaço, por isso, tais discussões podem ser conduzidas pelo viés da memória e da importância de se recorrer ao passado para explicar fenômenos do presente numa perspectiva futura. A Ficção Científica, e a ficção de uma maneira geral, nos permite perceber o tempo numa profunda relação dialógica, rompendo barreiras tais como o que foi, o que é e o que será.

Palavras Chave: Gótico; fantástico; Ficção Científica

Referências:

CALENTI, C.; WOMACK, Y.; ESHUN, K.; CLARK, A.; FREITAS, Kenia Cardoso Vilaca de (Orgs.). **Afrofuturismo**: cinema e musica em uma diáspora intergaláctica. Disponível em: <http://www.mostraafrofuturismo.com.br/Afrofuturismo_catalogo.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2016.

CAMARANI, Ana Luiza Silva. **A Literatura fantástica: caminhos teóricos**. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica, 2014.

CAMPRA, Rosalba. **Territórios da ficção fantástica**. Rio de Janeiro Dialogarts Publicações, 2016.

CAUSO, Roberto de Sousa. **Ficção científica, fantasia e horror no Brasil: 1875 a 1950**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

GARCÍA, Flavio; FRANÇA, Júlio; PINTO, Marcello de Oliveira (orgs.). **As Arquiteturas do medo e o insólito ficcional**. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2013.

LOVECRAFT, H.P. **O Horror sobrenatural em literatura**. Trad. Celso M. Paciornick. São Paulo: Iluminuras, 2007.

MACHADO DE ASSIS. **A outra vida**. In.: BATALHA, Maria Cristina (org.). **O fantástico brasileiro: contos esquecidos**. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2011.

PROGRAMAÇÃO

18/07 (MANHÃ)

A RELAÇÃO ENTRE A PROTOFICÇÃO CIENTÍFICA E O FANTÁSTICO NA LITERATURA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DE “A SOMBRA” (1926) DE COELHO NETO

Thalita Ruth Sousa

Resumo: No Brasil, o gênero Ficção Científica estabeleceu-se em meados do século XX, mas é possível observar características dele em obras que remetem ao século XIX. Segundo o crítico Francisco Skorupa (2001), tais obras, anteriores ao nascimento do gênero, fazem parte da Protoficção Científica brasileira. O “choque” com a ciência ocorrido entre a metade do século XIX e as três primeiras décadas do século XX resultou numa escrita carregada de impressões acerca dos avanços científicos nacionais, apesar dos literatos não terem consciência exata da forma literária que estava nascendo (SKORUPA, 2001). Devido ao desconhecimento e temor em relação aos avanços científicos, estes eram representados pelo sobrenatural e místico na literatura. Em consequência, é possível observar características do Fantástico nos escritos desta época, como ocorre em “A sombra” (1926) do maranhense Coelho Neto. Nele, o bacteriologista Avellar mata sua mulher Celúta através da aplicação de vírus e bacilos, mas responsabiliza a Ciência pelo assassinato. Até que ela definhe, ele a vê como uma experiência fascinante que provoca medo por ser “incubadora da morte”. A partir do funeral uma sombra o persegue, até que ele confessa o crime. Considerando as figurações presentes na narrativa, objetiva-se analisar a relação entre a Protoficção Científica e o Fantástico em “A Sombra”; como esta relação contribui para a construção do medo no conto; e a influência do desenvolvimento científico na escrita de Coelho Neto. Para tanto, utiliza-se os teóricos Raul Fiker (1985), H. P. Lovecraft (1987), Francisco Skorupa (2001), Elizabeth Ginway (2005) e David Roas (2014), entre outros.

Palavras-chave: Protoficção Científica; Fantástico; Coelho Neto

TECNOFOBIA E FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA: O "COMPLEXO DE FRANKENSTEIN" NO CONTO "ASCENSÃO E QUEDA DE ROBHEA, MANEQUIM & ROBÔ" DE CAIO FERNANDO ABREU

Jucélia de Oliveira Martins

Resumo: A tecnologia está em constante evolução, todos os dias surgem inovações que conferem agilidade e praticidade às nossas vidas. Porém há também um outro lado da tecnologia, aquele em que toda ação gera uma consequência. Os benefícios vem acompanhados de malefícios, mas as benesses são tão compensatórias que preferimos assumir os riscos. Isso, contudo, não impede o homem de ser cauteloso e conservar o temor de que as máquinas um dia alcançarão um nível superior de desenvolvimento e independência, que ele perderá a soberania que detém sobre suas criações, fazendo com que estas se voltem contra seus criadores, substituindo-os. Este temor o escritor de ficção científica Isaac Asimov (1984) denominou como “Complexo de Frankenstein”. Para Asimov o “Complexo de Frankenstein”, que é o medo



voltado contra para os seres artificiais criados à partir da tecnologia, não possui um fundamento real que o justifique visto que na realidade os robôs são aliados da humanidade, protegendo o homem inclusive de sua própria natureza destrutiva. O referido autor criou as três leis da robótica, que regem o comportamento e ações dos robôs, justamente para desacreditar a possibilidade da incidência deste complexo. Todavia, o que se constata é que quanto mais as máquinas adquirem aspectos humanos, mais cresce o temor de que estas venham a suplantar o homem, pois junto com as características físicas e comportamentais imagina-se que elas também imitarão os vícios de caráter. Com o constante desenvolvimento tecnológico e suas consequências nem sempre positivas, ao longo dos anos, a literatura e outras artes acharam no embate Homem X Máquina uma fonte temática rentável e inesgotável para explorar. Na literatura brasileira é possível se verificar traços de uma tecnofobia característica do “Complexo de Frankenstein” em diversas obras, como a que será objeto de análise. O presente estudo irá investigar a presença deste complexo no conto “Ascensão e queda de robhêa, manequim e robô” (1975) do escritor gaúcho Caio Fernando Abreu. Esse conto dividido em três partes, que ocorrem em momentos históricos diferentes, narra o desenrolar de uma epidemia que ocasiona na contaminação e progressiva destruição dos robôs, evento este que é denominado como a peste tecnológica. E ainda, descreve o destino da única sobrevivente deste evento, uma robô nomeada como Robhêa, e sua convivência forçada com humanos que dizimaram a sua espécie. Como suporte teórico, utilizar-se-ão principalmente as proposições de pesquisadores e críticos como Isaac Asimov (1984), Alberto Cupani (2017), Roberto Carlos Belli (2012), Nelson de Oliveira (2018), dentre outros.

Palavras-chave: Literatura; Ficção científica; Tecnofobia; Complexo de Frankenstein

NOSTALGIA E MEMÓRIA NO AFROFUTURISMO NA SÉRIE BROKEN EARTH, DE N. K. JEMISIN

Amanda Pavani Fernandes

Resumo: Vários críticos e teóricos da pós-modernidade defendem uma perspectiva negativa do conceito de nostalgia. Fredric Jameson e Jean Baudrillard, por exemplo, argumentam que a nostalgia na contemporaneidade é uma força de alienação, que reformula lembranças em um modelo fechado e limitante da narrativa de um indivíduo ou de um país. Todavia, Rafaella Bacollini introduz, em seus estudos de distopias com Tom Moylan, a ideia de nostalgia crítica, isto é, uma nostalgia auto-consciente, mas que pode instrumentalizar a retomada de agência do personagem sobre seu entorno. Este trabalho busca analisar as tensões entre nostalgia e memória na série de N. K. Jemisin, Broken Earth, com foco especial na personagem Nassun e em sua trajetória no segundo volume da série, The Obelisk Gate. A trajetória da personagem é afetada por impulsos nostálgicos de uma vida que ela nunca entendera completamente antes. Diante de figuras paternas que também romperam ou reconstituíram suas próprias lembranças (como ocorre com Schaffa e Jija), a sobrevivência e a agência de Nassun dependem de ter uma visão crítica, instrumentalizada de sua vida familiar passada. A obra de Jemisin se destaca dentro do afrofuturismo, com traços de ficção científica em diálogo com a ficção especulativa e a fantasia, existindo em um interstício dos gêneros fantástica. Os parâmetros teóricos incluem, além dos já citados, a obra editada por Marleen Barr, Afrofuture Females (2008).

Palavras-chave: ficção científica, afrofuturismo, nostalgia, literatura contemporânea

18/07 (TARDE)

DUPLO E O FANTÁSTICO EM UMA LITERATURA COMPARADA EM MACHADO DE ASSIS E EDGAR ALLAN POE

Maylah Longo Gonçalves Menezes Esteves

Resumo: A presente comunicação tem como proposta pensar os estudos do fantástico e do duplo em dois expoentes da literatura mundial, o americano Edgar Allan Poe (1809-1849) e o brasileiro Machado de Assis (1839-1908), através da análise comparativa de contos menos

conhecidos de ambos os autores, que podem ajudar a contribuir para o entendimento da literatura fantástica oitocentista. A saber os contos escolhidos de Machado “A decadência de dois grandes homens” (1873), “As academias de Sião” (1884) e a “Igreja do Diabo” (1884); e, de Poe, “Metzengerstein” (1832), “O Rei Peste” (1835) e o “Diabo do Campanário” (1839). Levando em conta, como base teórica, a hesitação todoroviana, o duplo mítico de Nicole Fernandez Bravo (BRUNEL, 1997) e as críticas sociais imbuídas nos contos de ambos os autores, (CESERANI, 2006). O presente resumo pretende conduzir a comunicação acerca da teoria do fantástico e do duplo, levando em consideração o fantástico do século XIX, ao qual o teórico búlgaro-francês Tzvetan Todorov (1963-2017) irá teorizar em Introdução à literatura fantástica. É sabido que muito se avançou quanto aos estudos do fantástico, culminando em David Roas (1965), escritor e teórico, que concorda que o fantástico é uma modalidade narrativa, que prestigia sobretudo a forma, a sinestesia, sinédoque, hipérboles e outras figuras de linguagem, que ambientam a hesitação. Por esse termo cunhado por Todorov, a hesitação seria a dúvida que o leitor tem depois de ler um conto fantástico oitocentista, se houve ou não o sobrenatural na narrativa. Pretendemos mostrar que nessas narrativas há reminiscências góticas, cuja ambientação trouxe muito ao fantástico, o noturno, o horror, o terror e a tensão que perpetua por todo a narrativa, que ambos os autores aqui estudados escolheram a modalidade do conto (CUNHA, 1998). Ainda levantamos a questão do quanto o brasileiro leu das obras poeanas e de que modo essas possíveis leituras influenciaram em seus contos fantásticos, lembrando que há indícios que Machado tenha lido Poe, conforme atestam inserções em seus textos (como o conto “Só!” de 1885) e a tradução de “The Raven” (1845); “O Corvo”, na tradução machadiana de 1883. Portanto, levantaremos essas questões durante a comunicação, afim de enriquecer os estudos comparativos acerca do gótico, do fantástico, do maravilhoso e, principalmente, de como o duplo se comporta nas obras fantásticas oitocentistas.

Palavras-chave: gótico; fantástico; duplo; Machado de Assis; Edgar Allan Poe

FICÇÃO CIENTÍFICA POR MULHERES NEGRAS: OBRAS DE OCTAVIA BUTLER E NALO HOPKINSON

Fernanda Sousa Carvalho

Resumo: O gênero ficção científica é geralmente caracterizado por uma crítica à realidade social e pela apresentação de alternativas à realidade criticada. No entanto, o escopo específico dessa realidade criticada pode revelar uma limitação quanto às questões abordadas. Como, inicialmente, a ficção científica foi considerada um gênero escrito por e para homens brancos, percebe-se que as questões discutidas nas obras desses autores apontam os interesses e opiniões desse setor específico da sociedade. É nesse sentido que a ficção científica escrita por mulheres negras transforma as noções até então consideradas inerentes ao gênero: ao mudar a perspectiva da crítica e das alternativas apresentadas, essas autoras rompem com características tradicionais da ficção científica e as ressignificam de modo a acomodar suas próprias críticas, angústias, medos e esperanças. Este trabalho procura demonstrar como tal ressignificação se dá a partir da análise de obras de duas escritoras negras contemporâneas: Nalo Hopkinson e Octavia Butler. Voz proeminente na ficção especulativa da diáspora africana, a Jamaicana-Canadense Nalo Hopkinson mistura elementos de ficção científica ao folclore, história e religiosidade afro-caribenhas para imaginar um mundo em que esses elementos de matriz africana influenciam todo um sistema social e tecnológico de colonização interplanetária. É o que se percebe em seu romance *The Midnight Robber*, que este trabalho pretende analisar. Octavia Butler, considerada a primeira mulher afro-americana a escrever ficção científica, é tão importante para o gênero que influenciou mudanças no modo como ele é definido. Em sua obra analisada aqui, *Fledgling*, Butler reinscreve a figura do vampiro em um enredo de ficção científica com discussões sobre as questões de raça, gênero e sexualidade. A análise aqui proposta explora como essas duas obras, que podem ser inseridas no movimento Afrofuturista, dialogam e, ao mesmo tempo, rompem com características tradicionais da ficção científica para discutir questões geralmente não abordadas em obras do gênero: a descendência africana e a sexualidade de mulheres negras.

Para tanto, o material teórico utilizado abarca tanto obras que buscam definir o gênero ficção científica, como os trabalhos de Darko Suvin e Fredric Jameson, quanto com aquelas que apontam para as particularidades do uso desse gênero por escritoras negras, como as teorias de Ingrid Thaler e Marleen Barr. A partir desse referencial teórico que aponta para modos de ressignificação de elementos de ficção científica por mulheres negras, este trabalho argumenta que as obras de Butler e Hopkinson criticam uma realidade de preconceito e opressão contra mulheres negras e apresentam como alternativas mundos em que essas mulheres têm um papel essencial para a sobrevivência e do desenvolvimento da humanidade. Eles apontam, portanto, para um futuro em que pessoas negras, e em especial as mulheres negras, ao invés de marginalizadas e oprimidas, são fundamentais para a superação de problemas que assolam a humanidade.

Palavras-chave: Ficção científica; Afrofuturismo; Raça; Sexualidade; Mulheres Negras

A MULHER MAIS BELA DO MUNDO: ALTERIDADE E FICÇÃO CIENTÍFICA

Vítor Castelões Gama

Resumo: Esta comunicação objetiva discutir sobre os dilemas da ficção científica brasileira tendo como base o conto “A mulher mais bela do mundo”, do escritor Roberto de Sousa Causo, e a noção de antropologia reversa de Roy Wagner. A diegese apresenta três personagens principais, um brasileiro fotógrafo, a musa e um alienígena. A obra do fotógrafo representa duas facetas, uma de grande beleza e, a outra, representa toda a miséria do mundo. O conflito gira em torno das reações do alienígena como espectador da humanidade. O alienígena é frequentemente usado na ficção científica como um tropo para pensar a alteridade e, por contraposição, pensar sobre nós mesmos. Entretanto, neste conto, é o alienígena que utiliza os humanos para demarcar os limites entre o eu/outro. O conto, em outro plano, demonstra os conflitos de uma ficção científica de um país subalterno.

Palavras-chave: Ficção Científica; Roberto de Sousa Causo; Roy Wagner.

ASILO NAS TORRES: FIGURAÇÕES FEMININAS E O REGIME MILITAR

Naiara Sales Araújo

Resumo: No Brasil, o gênero Ficção Científica estabeleceu-se em meados do século XX, mas é possível observar características dele em obras que remetem ao século XIX. Segundo o crítico Francisco Skorupa (2001), tais obras, anteriores ao nascimento do gênero, fazem parte da Protociência Científica brasileira. O “choque” com a ciência ocorrido entre a metade do século XIX e as três primeiras décadas do século XX resultou numa escrita carregada de impressões acerca dos avanços científicos nacionais, apesar dos literatos não terem consciência exata da forma literária que estava nascendo (SKORUPA, 2001). Devido ao desconhecimento e temor em relação aos avanços científicos, estes eram representados pelo sobrenatural e místico na literatura. Em consequência, é possível observar características do Fantástico nos escritos desta época, como ocorre em “A sombra” (1926) do maranhense Coelho Neto. Nele, o bacteriologista Avellar mata sua mulher Celúta através da aplicação de vírus e bacilos, mas responsabiliza a Ciência pelo assassinato. Até que ela defina, ele a vê como uma experiência fascinante que provoca medo por ser “incubadora da morte”. A partir do funeral uma sombra o persegue, até que ele confessa o crime. Considerando as figurações presentes na narrativa, objetiva-se analisar a relação entre a Protociência Científica e o Fantástico em “A Sombra”; como esta relação contribui para a construção do medo no conto; e a influência do desenvolvimento científico na escrita de Coelho Neto. Para tanto, utiliza-se os teóricos Raul Fiker (1985), H. P. Lovecraft (1987), Francisco Skorupa (2001), Elizabeth Ginway (2005) e David Roas (2014), entre outros.

Palavras-chave: Protociência Científica; Fantástico; Coelho Neto



Coordenação: Profa. Dra. Rafaella Cristina Alves Teotônio (UFPE); Prof. Dr. Tiago Barbosa da Silva (IFS)

Resumo: A ideia de lugar, parte do espaço com a qual se forma uma relação histórica, relacional e identitária (AUGÉ, 2012), tem se diluído em razão do trânsito e do movimento, característico das sociedades modernas, realizando-se sobremaneira enquanto ficção, já que seus elementos básicos residem na crença no isolamento, perpassada, quase sempre, pela ideia de cultura no singular ou específica de um meio, como diria Michel de Certeau (2012), em seu **A Cultura no Plural**. Diante dessa realidade, o lugar do outro na representação literária é quase sempre uma criação do sujeito-autor, encapsulando, de certa forma, um esforço de leitura, uma tentativa de ver o outro, de ver o mundo, num diálogo que projeta, no sujeito observado, em seu lugar, valores e visões que não correspondem, exatamente, a realidade representada. A partir de Santos (2013, p. 636), pode-se dizer que, através das representações do lugar do outro, o autor pode impor uma visão que concorre "para a produção e reprodução de uma modalidade de violência simbólica," através da qual se naturaliza condições de subordinação. Esse processo acontece através de palavras e expressões aparentemente inofensivas que, normalmente, "utilizamos para pensar o mundo, mas sobre as quais não pensamos" (*ibid.*), determinando uma posição para nós mesmos e também para o outro. Logo, a diferença que se estabelece entre a posição de observador e a posição do observado, oculta um mecanismo que, mesmo inconsciente, hierarquiza saberes e modos de viver, sobretudo se considerarmos o lugar do enunciador nessa relação. Ainda segundo Santos (2013, p. 638), essa estratégia rende-se àquilo que caracteriza a história da ocidentalização do mundo, na qual se cria "uma 'estrutura de sentimentos,' impregnando de tal forma e com tal força nossa visão de mundo que a tarefa de superação parece impossível." Essa verticalização dos sujeitos e de suas práticas faz parte da conversão do espaço em lugar, revelando um processo que, mesmo reprodutor de injustiças, participa ativamente da ordenação do que é visto, atribuindo posições para as pessoas, construindo os lugares nos quais nos situamos e onde situamos o outro. Trata-se de pensar, na esteira do que elaborou Mikhail Bakhtin (2011), acerca do termo **exotopia**, que significa "olhar para fora de si". Para Bakhtin, no processo de criação da obra literária o autor participa de um movimento de troca de olhares, nas quais as imagens do **eu** e do **outro** se conectam. Em seus estudos, o teórico russo propôs-se pensar a relação do autor com a personagem na mesma dimensão **eu-tu**. Ao criar um personagem, movido de sua experiência singular diante do mundo, o autor busca, a partir da alteridade, revesti-lo de "carne" externa. Para isso, precisa extrair de sua experiência enquanto pessoa, de seu olhar para o outro, o sentido que resulta no acabamento de sua criação estética. Compreender, identificar-se com o outro e produzir na conexão entre o lugar que ocupa o sujeito e o lugar que ocupa o outro um espaço de sentido excedente. É sobre este **sentido excedente**, capaz de cristalizar as imagens dos sujeitos no mundo da escrita, produzindo os saberes localizados (HARAWAY, 1995) e visões sobre diversos grupos sociais que pretendemos analisar e discutir neste simpósio. Como o **outro**, diferente de nós, do nosso lugar/espaço e, portanto, com um lugar/espaço diferente é representado na literatura? Como o **eu** escreve o lugar/espaço do **outro** ou como o **outro**, enquanto um **eu**, escreve o seu lugar/espaço na literatura do **outro**? Em outras palavras, gostaríamos de discutir sobre as relações de alteridade na escrita literária. Para isso, aceitamos trabalhos que analisem as relações entre autor, representações e personagens, assim como os que discutam o lugar do **outro-marginalizado/outro-diferente** na escrita do **eu-hegemônico** ou como o **outro-não-hegemônico** escreve na língua/literatura que "não é sua" (DERRIDA, 1996). Deste modo propomos uma discussão sobre representações literárias do lugar do **outro**, que viabilizem uma reflexão sobre o papel da literatura na construção da realidade e das hierarquias sociais, descortinando aquilo que Édouard Glissant (2005), em seu **Introdução a uma Poética da Diversidade**, chama de "drama da relação", ou do encontro-choque entre diferentes.

Palavras-chave: Lugar. Espaço. Alteridade. Representação. Exotopia.

Referências:

- AUGÉ, M. **Não Lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. 9 ed. Campinas: Papirus, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da Criação Verbal**. Prefácio a edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- CERTEAU, M. **A Cultura no Plural**. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. 7 ed. Campinas: Papirus, 2012.
- DERRIDA, Jacques. **O monolinguismo do outro**: ou a prótese de origem Porto: Campo das Letras, 1996.
- GLISSANT, É. **Introdução a uma Poética da Diversidade**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Tradução de Mariza Corrêa. In: **Cadernos Pagu** (5). 1995, p. 07-41.
- SANTOS, R. J. O 'Étnico' e o 'Exótico': Notas Sobre a Representação Ocidental da Alteridade. In: *Revista Rosa dos Ventos*, pp. 635-643, out-dez, 2013.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (Manhã)

O BRASIL EM ELIZABETH BISHOP: REPRESENTAÇÕES DA TERRA DE MACUNAÍMA

Tiago Barbosa da Silva

Resumo: Desde suas primeiras publicações, Elizabeth Bishop representa o outro, reconstruindo não somente subjetividades, mas também lugares no mundo, através de um olhar de observador, notadamente, estrangeiro e afastado. De seu trabalho, portanto, emergem pessoas e fragmentos de diferentes partes do mundo, reconstruindo uma cartografia de suas viagens e de seu trânsito, desenhando itinerários que vão de Key West, na Flórida, EUA, à Paris, na França, do Rio de Janeiro e Ouro Preto até Santarém, no Brasil, para citar alguns. Esse olhar sobre o outro repercute um interesse também na forma como ele vive e como ele mora, no seu jeito de ser, promovendo um movimento de incursão, que começa na rua e adentra, lentamente, a intimidade de outros sujeitos, de outros lugares, construindo e projetando não somente belezas, mas também etnocentrismo e preconceito. Os cenários desenhados em seu trabalho literário e em suas cartas são marcados por relações interpessoais, muitas vezes, estereotipadas, onde o outro é subalternizado e visto como mais um elemento inusitado e exótico da paisagem. A partir de Santos (2013, p. 636), pode-se dizer que Bishop, em seus escritos, impõe uma visão que concorre "para a produção e reprodução de uma modalidade de violência simbólica," através da qual se naturaliza condições de subordinação e se ocidentaliza o mundo, transformando seu registros poéticos e material biográfico em evidências do "drama da relação", como diria Édouard Glissant (2005, p. 30), do encontro-choque entre diferentes. Neste ensaio, penso as representações que a poeta fez do Brasil, entrecruzando literatura e registros biográficos, para apreender o topos que emerge de seu trabalho, descortinando um país espantoso, fantástico e assombroso ao mesmo tempo, tecido com natureza espetacular, belezas, perigos, desumanidades e uma série de outras coisas terríveis, unificadas na construção literária de um lugar barroco, que, como diriam Gilberto Gil e Torquato Neto, é uma brutalidade jardim — uma aporia da Terra de Macunaíma.

Palavras-chave: Representações da Alteridade; Ocidentalização; Representações do Brasil; Violência Simbólica, e Drama da Relação

O LUGAR DO OUTRO NO DESENVOLVIMENTO DAS PERSONAGENS EM ROMANCES DE FORMAÇÃO SOB A PERSPECTIVA BAKHTINIANA



Anne Caroline de Moraes Santos

Resumo: O romance de formação ou Bildungsroman é considerado uma modalidade narrativa cujo enredo dá destaque aos anos de formação da personagem. Tal modalidade, desde o surgimento do termo Bildungsroman em 1810 e sua direta ligação ao romance goethiano "Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister" (1795-1796), vem se resignificando. A cada nova obra de formação, surgem novas possibilidades de estruturação da personagem e seu movimento rumo à sua transformação. Mikhail Bakhtin, em "Estética da Criação Verbal", atrelou as palavras "devir" e "movimento" ao processo de formação vivenciado pela personagem. Para o estudioso russo, o movimento exterior (social) da personagem movimentaria o seu interior até que ela atingisse uma mudança. Bakhtin, todavia, escreveu poucas páginas sobre esse gênero literário e deixou para outros pesquisadores pensarem sobre como a literatura consegue construir esse efeito de devir no romance. Na mesma obra, Bakhtin elaborou um rico e profundo estudo sobre a personagem e sobre o lugar do outro na construção de sua existência na obra literária. No processo de formação, é muito comum que a personagem viaje, conheça novos lugares, novas pessoas; que vivencie ricos diálogos com personagens de diferentes classes, religiões, gostos e comportamentos. O papel do outro é, desse modo, essencial para pensar na criação dessa personagem que se abre ao outro e, desse viver uma relação de contraste, de alteridade, vivencia a formação. Os estudos sobre a formação, no entanto, lançam seu olhar para a personagem que vivencia esse processo, mas esquecem de se ocupar do lugar do outro nesse caminho formativo. Esse trabalho tem, portanto, o objetivo de abordar a teoria do outro bakhtiniana e sua contribuição para os estudos sobre o lugar do outro no efeito de devir em narrativas de formação.

Palavras-chave: Teoria do outro. Bakhtin. Romance de formação. A personagem em formação.

A CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS NEGRAS NA LITERATURA TRANSATLÂNTICA DO INÍCIO DO SÉCULO XIX

Ligia Cristina Machado

Resumo: A intenção deste trabalho é verificar como se construíram personagens literários negros em algumas obras francesas e americanas escritas nas primeiras décadas do século XIX. No fim do século XVIII, com a Revolução do Haiti, a discussão a respeito do espaço de negros e de mestiços passou a ser considerável no meio literário. O medo de que uma revolução negra como aquela pudesse se repetir em outros estados escravagistas e o assombro diante de tal vitória fez proliferar os textos sobre a revolução nos mais diversos formatos: cartas, contos, romances, literatura de viagem entre outros. Literariamente, no campo da ficção romanesca, tentar explicar a vitória negra na ilha caribenha era um grande desafio para os autores europeus que, embebidos nas teorias raciais do período, não conseguiam ver a África e seus descendentes sem inferiorizá-los. Pode-se dizer que uma de suas questões era tentar explicar a inferioridade negra proclamada pelas teorias raciais e a sua transgressão representada por eventos como a Revolução do Haiti. Se por um lado as teorias raciais se esforçavam para provar uma inferioridade científica dos africanos e seus descendentes, por outro, para o meio literário não seria tão simples negar essa humanidade em suas criações ficcionais. Mesmo que não fosse a intenção original, ao tentarem desenvolver personagens literários eles eram obrigados a formular personalidades e justificativas para as ações de seus personagens, trazendo à tona o que imaginavam que seria a reação de negros (e "mulatos") em determinados enredos e situações dramáticas. Formava-se assim, de maneira mais sistematizada, as primeiras representações do negro na literatura. A dicotomia nesse momento era essencial. Supostas qualidades inatas como coragem, fidelidade e força física eram valorizadas, ainda que os mesmos elementos designados positivamente pudessem transformá-los em amantes lascivos e insaciáveis, numa axiologia muito distante das sociedades europeias. Mesmo quando não vinculadas diretamente ao caso haitiano, pairava sobre os personagens negros do período a possibilidade de relacioná-los aos seus "colegas de cor" da antiga colônia francesa, como um grande e único grupo. Encaixá-los na sociedade branca e europeia, no entanto, parecia

inaceitável, motivo pelo qual a morte, na grande parte dos casos, era o único final possível. Autores como Victor Hugo, em *Bug-Jargal*, e Claire Duras, em *Ourika*, são exemplos que seguem tal linha. Ainda na França mas em diferente perspectiva encontra-se os contos de Sophie Doin que, de certa forma, admitem o relacionamento interracial entre seus personagens, algo completamente fora da representação habitual para personagens negros. Do outro lado do Atlântico, nos EUA, os efeitos da revolução também aparecem na literatura e os primeiros contos afro-americanos tomam o Haiti como espaço narrativo. Ao olharmos para esses textos buscaremos entender como se construiu a representação do outro (o negro), por parte dos autores brancos, e o quanto, e como, esse “outro” literário criado por discursos europeus, influenciou (ou não) na forma como negros americanos representaram a si a partir de um “eu” externo ao país em que viviam, a partir de uma ideia unificadora do “ser negro/ser africano” no início do Oitocentos.

Palavras-chave: personagens negras; literatura oitocentista; literatura francesa; literatura transatlântica; alteridade

A REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DO NATIVO DO NOVO MUNDO

Juliana Almeida Salles

Resumo: À época do “diálogo” de Cajamarca, o veículo de comunicação dos exploradores da coroa com o imaginário popular era a crônica. Este gênero era bastante comum junto aos navegadores europeus nos primeiros momentos da conquista, e tinham como função principal a descrição “verídica” da terra recém descoberta. E, porque os cronistas eram vinculados à coroa, havia cada vez menos comprometimento com o que de fato acontecia no Novo Mundo. O trabalho do cronista, por sua vez, não era assim tão simples: ele devia falar deste novo mundo, com novos integrantes, animais, plantas, enfim, conceitos nunca vistos antes. Porém, seu público-alvo desconhecia tudo isso, e para se fazer entender, era preciso comparar o novo ao já familiar. Então, através da comparação, o cronista produz a história do novo mundo sob seu próprio ponto de vista, claramente moldando seu referente à sua maneira. Temos, então, a criação de certas ideias e conceitos a partir destes textos e, com isso, ignora-se a complexidade cultural dos outros povos. Assim, pelo menos desde o século XV, o discurso europeu sobre o nativo vem sendo manipulado, ratificando simbolicamente que o outro é, de fato, bastante diferente do eu e portador de características outras que se assemelham e distanciam deste eu, conforme convém aos que detêm o poder. Foucault assevera que o discurso que zela pela verdade não é mais o desejável, pois não está necessariamente ligado aos que exercem o poder (FOUCAULT, 2011, p. 8-9). Ditado pelos mais influentes, o discurso que caracteriza o indígena como canibal, selvagem, criou raízes profundas na cultura Ocidental. Os indígenas, inicialmente entendidos como habitantes das Índias, tornaram-se personagens perante os olhos europeus principalmente porque “[o] Oriente é uma parte integrante da civilização e da cultura material europeia” (SAID, p. 28, grifo do autor). Tendo isto em vista, busco analisar o processo de construção da representação nativa na literatura.

Palavras-chave: Literatura Comparada; Representação Indígena; Alteridade

DORZINHA ENJOADA, ANZOL NA PONTA: A DOENÇA ‘DO OUTRO’ NA FICÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Juliana Krapp Guimarães

Resumo: O que a doença pode revelar sobre a experiência de ser “outro”? Ideia forjada cultural e socialmente através dos tempos, o grande paradoxo da doença é ser tanto a mais individual quanto a mais social das coisas, destaca Marc Augé. Por isso mesmo, é ponto de vista valioso para observar a tensão entre identidade e alteridade. No caso da prosa brasileira, encarar as aparições da doença significa se confrontar também com o papel desta na construção de uma identidade para a nação. O Brasil, afinal, foi desenhado sobre a ideia de um povo doente: um “grande hospital”. Observar como a doença irrompe em nossa arte literária implica encarar as peculiaridades e os traços de uma ficção forjada no “entrelugar”, como define Silviano Santiago



(2000). Entre a prisão e a transgressão, entre vontade de pureza e vivência da mestiçagem. Implica, sobretudo, levar em conta essa difícil categoria: o outro. O outro que é o modelo eurocêntrico a perseguir nas encenações de nossa própria cultura, mas também o outro de sertões e periferias, o outro que se insinua e se infiltra, bastardo, com o corpo consumido pela miséria, pelas doenças negligenciadas e pela violência da lógica colonialista a perdurar, ainda hoje. Fitar a doença, na ficção, exige investigar um labor artístico que traz o engajamento como marca de tradição, mas, ao mesmo tempo, prossegue sendo desenhado majoritariamente por representantes das classes dominantes. A vivência de uma nação cuja faceta literária espelha, em grande parte, a lógica de verticalidade das estruturas de poder que regem sua realidade social e política. Um país onde a própria mestiçagem é confundida com a ideia de doença, tomada como enfermidade ou mal físico, algo a ser combatido e sanado. Observar a doença na ficção envolve encarar, logo, a contundência de nossa segregação social e racial. Os efeitos da colonização sobre os corpos, com sua brutal hierarquização. Nossos genocídios. O magma de uma herança que deixa seus vestígios — fragmentos, destroços — pela prosa contemporânea. O que as insinuações da doença teriam a dizer sobre as formas com que a ficção tem lidado com essa questão tão perigosa e ao mesmo tempo tão elementar: o olhar sobre o “outro”, ato sempre informe, em narrativas de autores que guardam os fardos, as marcas e as contradições herdadas de um país que pulsa em encruzilhada? Este trabalho fita o adoecimento de personagens em romances e contos de autores contemporâneos como Luiz Ruffato, Marcelino Freire e Rubens Figueiredo para buscar os rastros deixados por um passado que ainda é muito presente: a violência implícita na ideia de nação, uma violência que ainda é um desafio para as representações de nossa arte literária. Desse modo, busco resumir neste artigo parte de minha pesquisa de doutorado, “Carne pequena, heranças: ensaios sobre saúde e doença na ficção brasileira contemporânea”.

Palavras-chave: Ficção brasileira contemporânea; doenças; alteridade

16/07 (Tarde)

PORTUGAL E O DESEJO DO OUTRO: OS DEVIRES-OUTROS NA ESCRITA DE VALTER HUGO MÃE

Rafaella Cristina Alves Teotônio

Resumo: Do desejo de conhecer outros mundos e rostos nasce a literatura de Valter Hugo Mãe que se atrela a um sentimento de alteridade que pode ser observado também na cultura portuguesa. Em Traços fundamentais da cultura portuguesa, Miguel Real (2017) reflete sobre o desejo do Outro como uma característica intrínseca à cultura portuguesa. Desse sentimento de empatia, o desejo do Outro, segundo Real, converte-se também em “abertura ao outro” e “conversão do outro”. É nesse ponto que a literatura de Valter Hugo Mãe, em sua excursão à procura do Outro, ilustra também o desejo do outro como traço fundamental da identidade portuguesa, corroborando a ideia de devir em sua obra. Os romances do autor português não deixam de encarar o seu modo enraizado, pertencente à cultura portuguesa, enlaçando uma conexão complexa com o Outro. O Outro, como mencionado, é um fator pertinente na cultura portuguesa e encontra nos devires da obra de Mãe uma concretização a partir da exposição da realidade de Portugal, bem como do exercício de alteridade empregado na escrita do escritor. Este trabalho pretende examinar como a alteridade torna-se um dos eixos principais da obra do autor português Valter Hugo Mãe, na medida em que suas intenções literárias ecoam no esforço em representar sujeitos tidos como minoritários na sociedade, como as mulheres, homossexuais e imigrantes. Nesse sentido, sua literatura encara o devir-minoritário, conceito proposto por Gilles Deleuze (1997) para uma escrita que busca “vir a ser outro”, sendo este outro o subalterno, excluído e marginalizado. Deste modo, pretende-se analisar temas e personagens de romances de Valter Hugo Mãe que apresentam esta alteridade como traço que dialoga com a cultura portuguesa.

Palavras-chave: Valter Hugo Mãe; alteridade; devir; Portugal



O “SUL MAGNÉTICO” E A HABITAÇÃO DOS CORPOS MÓVEIS DE PAISAGENS EM DESMEDIDA E AS PAISAGENS PROPÍCIAS, DE RUY DUARTE DE CARVALHO

Juliana Campos Alvernaz

Resumo: O escritor angolano Ruy Duarte de Carvalho, como aponta Rita Chaves (2011), não participa do grupo de escritores do pós-independência que se ocupou em representar Angola e seus aspectos políticos de desigualdade urbana a partir da capital, Luanda. O autor, antropólogo e cineasta angolano direcionou seus escritos, desde suas primeiras produções (seja em prosa ou em verso), para o Sul do país, isto é, para outros cenários e trânsitos, aparatado de sua carga teórica e prática antropológica, cinematográfica e literária. Partindo dessa inclinação ao Sul do autor, a presente comunicação tem como objetivo pensar as paisagens captadas em duas narrativas de Ruy Duarte de Carvalho, *As paisagens propícias* (2005) e *Desmedida – Luanda – São Paulo – São Francisco e volta – crônicas do Brasil* (2007), as quais residem em uma fronteira entre o movimento e a imagem; entre a descrição fotográfica e a descrição em deslocamento. Tais descrições em movimento são atravessadas pelo outro antropológico, representado pelos pastores Kuvale, sociedade nômade de práticas não-ocidentais do sudoeste de Angola. As duas narrativas, apesar de apresentarem estruturas diferentes, constroem-se por meio de paisagens apreendidas pelo autor-narrador, que, em ambas, se reconhece como o próprio Ruy Duarte de Carvalho. Em *Desmedida*, há uma captação das percepções das paisagens da trajetória do narrador, remetendo-se aos domínios para os quais o autor se move (CARVALHO, 2010, p. 54). A paisagem, sendo um espaço habitado, apreende o que o indivíduo vê e se reconhece nela: “Um espaço considerado a partir de mim” (CARVALHO, 2010, p.13), configurando uma busca de si mesmo no sertão brasileiro, tendo o espaço como força motriz e os pastores Kuvale como interlocutores na volta para Angola. Já o livro *As paisagens propícias* trata-se de um diário do autor-narrador que capta as paisagens em palavras, gerando uma série de associações e digressões. Além disso, o narrador é centrado em seu interlocutor – que também assume o papel de narrador em parte da narrativa, por meio de e-mails enviados ao autor –, o SRO (Severo), personagem principal do livro. Nesta “meia-ficção”, portanto, o narrador divide seu espaço de voz narrativa com Severo, em um jogo de espelho entre os dois e a geografia das fronteiras entre Angola e Namíbia. Considerando, ainda, que a paisagem e sua descrição, segundo Collot (2010), consiste num recorte do ponto de vista de quem observa, pensaremos as descrições espaciais das obras escolhidas, bem como seus efeitos literários na relação Eu-outro-espaço. Sendo assim, a interpretação de mundo do sujeito narrador, afetada por leituras e vivências, está relacionada com a paisagem percebida. O autor capta o cenário geográfico e político brasileiro, confundível com o angolano, por meio de sua formação intelectual e do contato e vivência com os pastores Kuvale, desencadeando em uma representação destes ligada ao espaço e aos processos coloniais.

Palavras-chave: Sul; Espaço; Ruy Duarte de Carvalho; Alteridade

O “OUTRO” ORIENTAL NA LITERATURA PORTUGUESA OITOCENTISTA: PINHEIRO CHAGAS, CAMILO CASTELO BRANCO E EÇA DE QUEIRÓS

José Carvalho Vanzelli

Resumo: Desde o século XVI, a literatura portuguesa apresenta uma grande quantidade de representações do Oriente, que, no caso lusitano, refere-se frequentemente à Índia e à China. Isto deve-se ao fato de que o período visto como o mais glorioso da História de Portugal estar diretamente associado à presença lusa no continente asiático, como se “Portugal quando não esteve no Oriente, tivesse estado na miséria e na mesquinhez” (HESPANHA, 1999, p. 15). Apesar da evocação à Ásia portuguesa ter sido feita, muitas vezes, com o propósito de enaltecer as “façanhas” de navegadores e militares nacionais, a construção de um Oriente significou também, na literatura, a elaboração de representações de um “outro” oriental que englobam tanto imagens dos turcos – principais rivais portugueses na atuação colonial e comercial, bem como na propagação da fé cristã ao longo do século XVI – como também de povos nativos das



regiões navegadas e exploradas pelos lusitanos. Ao longo do século XIX, as representações do Oriente e dos povos orientais ganham especial destaque nas produções literárias portuguesas. De fato, pode-se afirmar que na Europa como um todo o Oriente esteve em voga. Desde o final do século XVIII, se (re)criou o interesse acadêmico e filosófico por civilizações culturalmente distintas da europeia. Nesse sentido, a intelectualidade da Europa ocidental, em especial em França, Inglaterra e Alemanha, começou uma verdadeira campanha científica em torno de línguas, culturas, religiões e artes de localidades chamadas amplamente de “Oriente”, dando início, assim, à área de estudos conhecida como orientalismo. Esse olhar ao Leste se refletiu diretamente nas produções literárias do velho continente. Em Portugal, esse cenário se desenvolveu principalmente na segunda metade do século (LIMA, 1999), de maneira tardia, portanto, em relação ao restante do continente. Todavia, as representações orientais oitocentistas portuguesas se destacam por dialogarem tanto com o passado histórico lusitano quanto com o orientalismo europeu da época. Assim, encontramos representações plurais e, muitas vezes, contrastantes do Oriente e dos orientais nas Letras de Portugal. O objetivo dessa comunicação é averiguar essa pluralidade ao apresentar uma análise de como esse “outro” oriental foi representado por três dos mais importantes nomes da literatura portuguesa da segunda metade do século XIX: Pinheiro Chagas (1842-1895), Camilo Castelo Branco (1825-1890) e Eça de Queirós (1845-1900). É válido destacar que nenhum desses romancistas viajaram de fato ao Oriente que estudaremos nesse trabalho, isto é, a Índia ou a China. Portanto, aqui, interessa-nos ver quais imagens desse “outro” foram passadas ao público leitor desses relevantes escritores e como essas representações foram construídas. Para essa tarefa, analisaremos comparativamente relevantes fragmentos dos romances “A Marquesa das Índias” (1890), de Pinheiro Chagas; “O Senhor do Paço de Ninães” (1867), de Camilo Castelo Branco; e “O Mandarim” (1880), de Eça de Queirós, em diálogo com outros textos literários e críticos sempre que convir.

Palavras-chave: Oriente; orientalismo; alteridade; século XIX; Portugal

KAMEL DAOUD, ALBERT CAMUS E A RESSIGNIFICAÇÃO DAS IDENTIDADES ÁRABES NA FICÇÃO ARGELINA CONTEMPORÂNEA

Ariane da Mota Cavalcanti

Resumo: O trabalho focaliza o romance *Meursault contre-enquête* (2013), de Kamel Daoud, que se constitui como uma reescritura paródica (HUTCHEON, 1991) do clássico *L’étranger* (1942), de Camus. Daoud reescreve a trama camusiana a partir de um lugar narrativo inédito: o de Haroum, irmão de Moussa, “árabe” assassinado por Meursault, protagonista do romance camusiano, retirando, no século XXI, a memória da família árabe do silenciamento que lhe foi imposto no século XX. Como registra Edward Said (1993), há um ocultamento da identidade árabe em Camus, o qual estaria relacionado a um gesto colonial e dominador da narrativa camusiana, que reproduziria ficcionalmente os contornos históricos da violência imperialista da França sobre a Argélia. Daoud, ao ressignificar Camus, reapresenta de modo diverso argelinos e franceses, evocando uma memória da colonização francesa, da revolução argelina pela independência, e apresentando imagens reformuladas da própria Argélia que não aparecem em *L’étranger*. Seu texto, pois, desconstrói e reconstrói representações cristalizadas dessas figuras e lugares, marcadas pelas tensões entre centro e periferia, entre aspectos culturais, econômicos e religiosos que caracterizam os diferentes povos. Tais aspectos é o que se pretende, a partir da perspectiva dos Estudos pós-coloniais, problematizar, a fim de se propor um debate sobre as perspectivas da alteridade no campo da ficção Daoudiana, ícone contemporâneo da ficção francófona periférica, cujo projeto literário reconfigura a memória argelina no campo literário ocidental.

Palavras-chave: Kamel Daoud; Camus; Estudos pós-coloniais; identidades árabes; memória

A SOMBRA E SEU CONTRÁRIO: AS IDENTIDADES E SUAS VERSÕES

Célia Aparecida Ribeiro Rodrigues



Resumo: Pretende-se apresentar análise acerca da identidade dos narradores dos romances *A Majestade do Xingu* (1997), do brasileiro Moacyr Scliar e *O Olho de Hertzog* (2010), do escritor moçambicano João Paulo Borges Coelho. Objetiva-se indagar sobre os processos identitários desses narradores, a partir de conceitos teóricos dos Estudos Culturais, embasados sobretudo em Stuart Hall (2014) e Manuel Castells (2018). Principia-se das noções de identidade e alteridade, tendo em vista que, segundo aquele sociólogo, a indagação sobre a identidade aparece quando o indivíduo defronta-se com um outro modo de existência e percebe-se, então, como um eu-outro. Para Castells, toda identidade é construção social e ocorre em contexto marcado por relações de poder, existindo três formas e origens de construção de identidade: legitimadora, inserida pelas instituições dominantes da sociedade com a finalidade de manutenção da dominação; de resistência, criada pelos “atores” em condições de subordinação e desvalorização; e identidade de projeto, em que os indivíduos “constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade”(CASTELLS, 2018). Nesse sentido, elucubra-se como os narradores-personagens inserem-se nessas categorias: o brasileiro, comerciante falido, aprendiz de escritor, velho e doente talvez possa inserir-se na categoria de resistência, enquanto o narrador do texto moçambicano transita entre as identidades legitimadora (em relação ao elemento africano: askaris e nativos) e de resistência (em relação a seus pares estrangeiros: alemão e subordinado militar sem prestígio e poder). Para Hall (2014), identidade e diferença estão associadas a sistemas de representação. Indaga-se, portanto, de que maneira esses narradores traduzem as suas experiências de elaboração de identidades, enquanto indivíduos e estrangeiros. Ao realizar esse questionamento, pergunta-se se essas identidades se concretizam por meio do filtro da alteridade, ou seja, se ocorre a partir do espelhamento do indivíduo em seu (des)semelhante (diferença). Além de problematizar os acontecimentos políticos e históricos, em África, no contexto da Primeira Guerra Mundial, e no Brasil do século XX, essas narrativas apontam para a importância da representação, afinal, como assegura o narrador do texto moçambicano, “existe sempre, acerca de nós próprios, mais que uma versão” (COELHO, 2010). Nessa perspectiva, Édouard Glissant, em *Introdução a uma poética da diversidade* (2005) aposta na literatura para a criação de um novo imaginário em que talvez seja viável o reconhecimento da transformação da “identidade-raiz” em “identidade-rizoma”. Ao explicar sobre a literatura e sua relação com o mundo, ele explicita sua crença, e a nossa, na “intenção poética” que pode possibilitar a transformação do sujeito na relação entre ele, os outros, todos os outros, com a totalidade-mundo, permutando-se com este outro, mas permanecendo ele mesmo, (GLISSANT, 2005). Acrescenta, ainda, que a poética é necessária para “conceber esses impossíveis”. Assim também essa tentativa de apreender, por meio da escrita literária, o “eu” a partir de um olhar sobre o outro diferente de nós: a sombra e seu contrário.

Palavras-chave: Identidade; Diferença; Representação; Moacyr Scliar; João Paulo Borges Coelho.

17/07 (Manhã)

A EXPERIÊNCIA DE SE COLOCAR NO LUGAR DO OUTRO: REFLEXÕES SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA ALTERIDADE NA LITERATURA E NO CINEMA

Antonio Gerson Bezerra de Medeiros

Resumo: Rancière (2009) em “O efeito de realidade e a política da ficção” aponta uma abertura social do romance para uma nova sensibilidade, menos aristocrática e mais democrática. Ele chama essa abertura de “redistribuição das capacidades sensoriais”, o que possibilita a emergência de personagens antes ignorados ou apresentados apenas em seu aspecto laboral, como as empregadas, por exemplo. A individualização desses personagens recupera-lhes a humanidade e as suas características de seres pluridimensionais, ou seja, possuidores de sonhos, medos e paixões como todos nós. A abordagem do trabalho se dará pela análise de aspectos de dois personagens: Felicite em “Um coração simples” de Gustave Flaubert e Macabéa em “A



hora da estrela" de Clarice Lispector, e, ainda, de algumas cenas de personagens oriundos de filmes: Val, a empregada de "Que horas ela volta?" de Anna Muylaert e Cleo, a empregada em "Roma" de Alfonso Cuarón. Segundo o diretor de "Roma", foi somente com o amadurecimento que ele foi se dando conta de que Libo, a empregada que inspirou a personagem Cleo, também era uma pessoa que tinha necessidades, conflitos e uma vida própria, e não era alguém que só lavava sua roupa ou preparava sua comida. O longo take de abertura desse filme é a lavagem do chão do casarão, um momento bastante corriqueiro e simbólico do dia a dia de Cleo. Pretende-se apresentar e comparar cenas e/ou trechos dos romances que permitam: discutir o papel da arte para despertar a consciência das desigualdades e hierarquias sociais e para discutir sobre as relações de alteridade na escrita literária. Segundo Lapoujade (2017), há "existências mais frágeis, próximas do nada, que exigem força para tornarem-se reais. É preciso ser capaz de percebê-las, de aprender o seu valor e sua importância". O direito de existir ficcionalmente, de forma plena, para as classes mais pobres foi conquistado de modo lento e árduo. Clarice Lispector, por exemplo, para falar de Macabéa, precisou criar um narrador masculino, Rodrigo, para tentar manter-se fria e racional. No entanto, esse distanciamento não será mantido, pois o criador se apaixona pela sua criatura. Segundo Moriconi, é impossível escrever sobre um outro sem o mínimo de empatia, sem o mínimo de projeção subjetiva. A literatura é capaz de tornar essas existências marginalizadas mais reais, dar a elas uma posição de destaque, o que não deixa de ser uma forma de legitimar e de lhes conferir o direito de existir. Como Rancière afirma no ensaio "O desmedido momento", inserido no livro ainda inédito no Brasil "Les Bords de la fiction", sobre "Pequenas Estórias" de Guimarães Rosa, em que ele defende que é nas vidas em que nada acontece que abre-se o espaço da ficção, o lugar sem histórias onde histórias podem acontecer. Referências: LAPOUJADE, David. "As existências mínimas". Tradução de Hortência Santos Lencastre. São Paulo, 1ed. n-1 edições, 2017 MORICONI, Ítalo. "A hora da estrela ou a hora do lixo de Clarice Lispector". In: Nenhum Brasil existe: pequena enciclopédia. Rio de Janeiro- RJ. Topbooks: UniverCidade, UERJ, 2003, p.719-727. RANCIÈRE, Jacques. "O efeito de realidade e a política da ficção." Tradução de Carolina Santos. Novos Estudos. CEBRAP. 2000, p. 75-90. RANCIÈRE, Jacques. "O desmedido momento" Revista Serrote. Número 28. IMS, Rio- RJ, março de 2018.

Palavras-chave: Alteridade; Representação; Exotopia; Modos de existência.

A OBRA LITERÁRIA E CINEMATOGRAFICA DE CÉSAR GONZÁLEZ: PROBLEMATIZAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DA ALTERIDADE

Fabiana Oliveira de Souza

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar as estratégias do poeta e diretor de cinema César González para reconstruir a imagem das villas e de villeros(as), predominantemente representadas - nos mais diferentes gêneros de texto - de modo depreciativo e reducionista, figurando como o outro, o narrado, o observado, o objeto de estudo; um outro que assim se define por não ser reconhecido como meu igual (TODOROV, 1983), como parte de um eu ou de um nós que fala. Trata-se de um Outro ora reificado, quando visto como "refugio humano" (BAUMAN, 2005), aquilo que pode e deve ser descartado, ora personalizado, quando o objetivo é retratá-lo como a personificação do próprio mal ou da barbárie, como argumenta o próprio González. O trabalho do autor argentino surge, então, como um discurso que significa e ressignifica o lugar desses sujeitos marginalizados - bem como a carga semântica sustentada por esse conceito de marginalidade - e que historicamente figuraram (e figuram) como o Outro em diferentes narrativas, propondo um novo olhar para a periferia da cidade, além da valorização da villeritud, isto é, daquilo que caracteriza o ser villero, os moradores das diversas villas de Buenos Aires (no caso em questão). Com isso, César González contribui, por meio de sua obra literária (três livros de poesia) e cinematográfica (diversos curtas-metragens e quatro longas-metragens), com o penoso movimento (de pesquisadores sobre o tema) que pretende deixar em evidência as potências existentes nas periferias, enfraquecendo o imaginário que insiste em



pautar-se no “paradigma da ausência” (SILVA, 2018) ao representar territórios periféricos e seus respectivos habitantes.

Palavras-chave: César González; Alteridade; Periferia; Villas; Marginalidade

A REPRESENTAÇÃO DA ALTERIDADE NA LITERATURA SURDA: A AMBIVALENCIA E A CONDIÇÃO DO ESTRANHO NA PÓS-MODERNIDADE

Themis Farias de França Desiderio

Resumo: O presente artigo traz uma reflexão em torno do conceito de ambivalência em Modernidade e Ambivalência (1999) de Zigmunt Bauman, a partir da história do povo surdo que foi subjugado ao longo da história por uma sociedade ouvintista hegemônica que, em nome de um falso discurso de solidariedade e integração, impunha um padrão de normalidade ao qual o surdo deveria se submeter negando sua diferença cultural e linguística, sendo obrigado a uma série de práticas oralistas afetando, com isso, a construção identitária do sujeito surdo e o seu direito a usar a língua de sinais, natural aos surdos. Estudiosos da cultura e identidade surda, PERLIN (1998, 2003) e STROBEL (2007, 2008), contribuem para a fundamentação teórica. Temos como objetivo discutir a ideia do “estranho”, ou seja, do indivíduo surdo, ampliando a visibilidade da sua representação a partir do conceito de alteridade que respeita a sua diferença linguística e identitária em um lugar de fala do povo surdo: a literatura surda. A análise do poema surdo Voz (2016), de Amanda Lioli (ouvinte) e Catharine Moreira (surda), reafirma a origem de um movimento de resistência e da desconstrução da identidade cultural na pós-modernidade, embasada em A identidade cultural na pós-modernidade (2005) de Stuart Hall, apresentando um novo olhar na perspectiva do sujeito surdo.

Palavras-chave: Ambivalência; Estranho, Cultura e identidade surda; Ouvintismo; Alteridade.

ITALO CALVINO E A NATUREZA: UMA QUESTÃO DE ALTERIDADE ANTROPOLÓGICA

Priscila Linhares Velloni

Resumo: Ao longo de mais de quatro décadas dedicadas ao ofício da escrita, Italo Calvino, movido pela inquietação e busca incessante por novas formas estilísticas e temáticas, construiu uma carreira literária múltipla. Não obstante, verifica-se que há uma constante em sua escrita: as relações nada idílicas entre o Homem e a Natureza, enquanto entidades antagônicas, justapostas e em constante tensão, separadas apenas pelo frágil liame conceitual da Cultura. As questões suscitadas por essa conflituosa trama moderna adquirem relevo especial a partir da década de 1960, período em que o autor manifesta uma perspectiva crítica aos conceitos humanistas próprios de sua época. Em seus escritos, Calvino evidencia os problemas de ordem ética e ecológica relacionados ao desenvolvimento dos grandes centros urbanos industriais, que foram estruturados sob a égide capitalista ocidental. Sua expressão máxima é atingida com a publicação de Palomar (1983), cujo nome remete ao observatório californiano que por vários anos abrigou o maior telescópio mundo. Não por acaso, uma qualidade singular do protagonista é sua capacidade de observação, captando indícios de um esfacelamento planetário, consequente do estilo de vida moderno. Devido à relevância desse livro no conjunto das obras calvinianas, o presente trabalho delimita este livro como corpus de análise investigativa, pretendendo analisar a maneira como esse conturbado tema está inserido no imaginário literário do autor. Para tanto, a pesquisa tomou como base alguns dos conceitos estabelecidos pelos “Estudos Animais” (“Animal Studies”), campo interdisciplinar resultante do entrecruzamento das áreas humanas e biológicas e que vem se consolidando como espaço de interesse de muitos pensadores, escritores e artistas. A zooliteratura e a biopolítica são vertentes que fazem parte deste recente ramo científico, sendo a primeira voltada para a análise dos diferentes aspectos que os animais assumem dentro do meio literário; e a segunda, para a crítica das relações abusivas entre espécies e os problemas ecológicos advindos, principalmente, da estruturação social moderna e industrial. Neste sentido, objetiva-se, sem fuga do tema central, aproximar essas ideias das críticas elencadas pelo autor a respeito do relacionamento dos humanos com eles mesmos e com

o “Outro” na natureza. A bibliografia básica de Italo Calvino também foi imprescindível para o trabalho que esta pesquisa se propõe a realizar, pois através dela pode-se traçar um panorama das diferentes abordagens que os especialistas do autor italiano têm tratado seus textos. Por isso, nomes como Mario Barenghi, Gian Carlo Ferretti, Alfonso Berardinelli, Alberto Asor Rosa e Silvio Perrella são constantemente referenciados na construção argumentativa do presente estudo. Embora Italo Calvino seja um autor célebre e fartamente estudado sob outras perspectivas, esta pesquisa encontra sua justificativa na convicção da importância da discussão sobre as interferências do homem no mundo natural. E também pelo fato dos “Estudos Animais” serem ainda incipientes em diversas áreas do conhecimento, como na literatura, aguardando ainda novas contribuições e reformulações.

Palavras-chave: Italo Calvino; Homem Moderno; Natureza; Cultura; Alteridade Animal.

76 - O REALISMO ARTÍSTICO E A CRÍTICA LITERÁRIA DIALÉTICA

Coordenação: Prof. Dr. Juan Pedro Rojas (UnB); Prof. Dr. Edvaldo Aparecido Bérnago (UnB)

Resumo: Este Simpósio, intitulado *O realismo artístico e a crítica literária dialética* tem por objetivo debater a relação entre literatura e vida social, especialmente a articulação entre a experiência do capitalismo periférico e a discussão sobre o realismo artístico em suas relações dialéticas. O conceito de realismo artístico foi desenvolvido desde a perspectiva dos estudos literários por George Lukács, e possivelmente um dos aspectos mais fecundos desta teoria se encontre em suas observações a propósito das consequências estéticas do desenvolvimento do capitalismo ocidental.

É importante ressaltar que o conceito de realismo é entendido não como uma periodização literária, mas como categoria estética com dimensão ontológica, como parte essencial da formação do homem como ser social. Trata-se, então, de debater as relações entre a vida social e a forma literária de forma dialética.

De acordo com Lukács, o conhecimento da estrutura profunda e do dinamismo histórico da sociedade só pode ser alcançado, em aproximações cada vez mais amplas, por meio do trabalho conceitual, ao passo que a obra literária, não podendo expor abstratamente a “essência” da sociedade, vale-se de meios próprios para figurá-la. Por isso, o realismo exige uma figuração rica e complexa do homem nas circunstâncias sociais de sua concretude.

O espaço do simpósio se oferece portanto como uma instância onde problematizar estas questões que tem a ver com a realização da arte literária, como forma estética que proporciona apreender a conexão entre a sociedade, de um lado, com sua complexidade histórica, e a obra de arte, por outro, com sua complexidade estética. Busca-se então debater como a forma artística, é capaz de, enquanto forma estética, tornar-se conhecimento de uma realidade desigual, devolvendo ao homem a possibilidade de enfrentar os limites impostos pela desumanização em um mundo que se mostra hostil à arte, às relações humanizadas e à emancipação do gênero humano.

A desumanização na vida cotidiana e na produção literária é produto do processo de dominação próprio das sociedades modernas. O inumano é uma relação entre seres humanos que não são conscientes de sua própria natureza. Esta compreensão da inumanidade e a tarefa humanizadora da arte é um dos objetivos fundamentais da proposta crítica dialética de autores como Lukács, Adorno, Benjamin, Antonio Cândido, Roberto Schwarz entre outros. Eles abriram um espaço importante dentro dos estudos literários. Uma das consequências que esta constelação de estudos nos revela é que a vida falsa, desumanizada própria da modernidade introduz um estranhamento nas relações humanas, evita a oposição ao sistema e reforça a aceitação do mundo injusto.

Outras das consequências desta relação complexa entre arte e sociedade é a “hostilidade do capitalismo ao nascimento de uma verdadeira cultura”. Ao ser a arte o autorreconhecimento genérico dos indivíduos, e ter uma relação estreita e crítica com a vida social, o mundo burguês



o hostiliza. A vida burguesa se caracteriza pela repetição regular, sistemática, pela rotina do cumprimento do dever, por aquilo que tem de ser feito sem consideração ao prazer ou desprazer. Em outras palavras: o domínio da ordem sobre o estado de alma, do permanente sobre o momentâneo, do trabalho pacato sobre a genialidade movida a sensações.. A partir dessa compreensão fenomenológica da existência burguesa estabeleceu-se uma contradição entre essa existência e a arte que passa a ser vista como o lugar da vida verdadeira. A dificuldade em conciliar a ordenação do mundo burguês com a arte, culmina no ideal da autonomia da arte frente à realidade objetiva, a arte pela arte. Esta problemática se transformou em outra linha de estudos críticos do realismo.

Nesse sentido, este Simpósio propõe congregar trabalhos que abordem estudos teóricos e críticos de autores diversos da literatura ocidental, seja em análises críticas de obras em particular ou de proposições de comparação entre autores de línguas diversas, tendo como chave metodológica o conceito de realismo. Assim, dentro desse escopo, esperam-se trabalhos que: 1) contemplem leituras teóricas ou críticas de autores da literatura ocidental; 2) abordem, de forma comparada, textos em diversas línguas, especialmente no âmbito da América Latina. Considera-se, portanto, a complexidade e premência deste tema para a atualidade, e, por isso, pretende-se um debate sobre a literatura produzida em regiões periféricas em relação à atualidade do conceito de realismo como chave crítica, a fim de compreender a relação sempre dinâmica e dialética entre a realidade social e as formas artísticas.

Referências

BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LUKÁCS, Georg. Estética. La peculiaridade do estético. 4 volumes. Tradução de Manuel Sacristán. Barcelona/México: Grijalbo, 1972.

ADORNO, Theodor. "Lírica e sociedade". Em: Benjamin, Walter *et alii*. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1983: 194.

CANDIDO, Antonio. Formação da Literatura Brasileira. 7. ed. Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1993.

SCHWARZ, Roberto. Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

COLONIALIDADE, MITO E HISTÓRIA EM HOMBRÉS DE MAIZ, DE MIGUEL ÁNGEL ASTURIAS

Antonio Cezar Nascimento de Brito

Resumo: Elaborando esteticamente a resistência indígena ao projeto da modernidade, indissociável da colonialidade e de sua violência, o romance *Hombres de maíz*, de Miguel Ángel Asturias, pode ser considerado como uma interpretação simbólica do conflito entre os indígenas e os invasores na Guatemala desde a colonização e também como uma argumentação crítica ao impacto do capitalismo, transplantado para o Novo Mundo. O romance propõe, então, uma reflexão sobre o conflito entre civilização e barbárie e uma interpretação da História da Guatemala tensionando as perspectivas dos indígenas e dos colonizadores. Segundo o Popol Vuh, os primeiros homens foram feitos de milho, que é mais que um alimento sagrado - é o articulador de uma cosmovisão. No romance, para os índios o milho ocupa o centro da crença, identificando significativamente o grupo e construindo o comum. Para os ladinos, não há esses valores míticos e o milho tem apenas valor comercial. Embasando-nos principalmente em Antonio Candido e Angel Rama, intentamos analisar o mito no romance de Asturias, refletindo sobre os limites da narrativa na representação do indígena a partir de uma posição eurocêntrica, sem chegar a alcançar um efetivo descolamento da matriz colonial de poder, como a descreve



Walter Mignolo, pois, na tentativa de reatualizar o mito em um momento chave de transformação do país, Astúrias o narra no interior do projeto que faz persistir a colonialidade, legitimando, ainda que adote um tom crítico, o discurso do colonizador, sem tocar as fronteiras e construir um pensamento que, descolonial, ultrapasse esses limites.

Palavras-chave: Mito; História; Narrativa latino-americana; Representação; Indígena.

A ASCENSÃO DO ROMANCE NO CENTRO-OESTE DO BRASIL: O CASO GOIANO.

Atila Silva Arruda Teixeira

Resumo: Amplamente difundido no Brasil durante o século XIX, o romance apenas foi publicado em Goiás depois de 1920. Até então, a literatura feita em Goiás centrava-se majoritariamente em poemas, contos e, posteriormente, novelas, com Hugo de Carvalho Ramos se tornando o primeiro expoente do centro do Brasil a ser divulgado e conhecido no Rio de Janeiro, então capital da República. Logo, o modelo para um romance que tratasse de questões pertinentes a Goiás deveria ser buscado fora do Estado. Um dos primeiros críticos a pensar o surgimento do romance em Goiás, Oscar Sabino Júnior, em um artigo de março de 1963, intitulado “Itinerário do romance em Goiás”, veiculado no extinto jornal 4º Poder. Na ocasião, ele afirmou: “Nos quadros da literatura goiana, o romance é uma experiência recente, ocupando um lugar de relativa importância no panorama da prosa de ficção do País. E isto não apenas quanto ao valor intrínseco de suas obras, mas também em relação ao número delas” (SABINO JÚNIOR, 1991, p. 127). Sabino Júnior creditou essa ausência a certa “imaturidade cultural, que geralmente reduz o enriquecimento de sua experiência humana, tão necessária ao artista, sobretudo ao romancista” e concluiu: “É certo que o romance não poderia aparecer onde ainda inexistia uma perfeita estratificação sócio-cultural, que só se concretiza através da crescente experiência do homem no meio e dos sucessivos movimentos coletivos” (SABINO JÚNIOR, 1991, p. 127). Para o crítico os prováveis primeiros romances goianos foram O apóstata, de Ribeiro da Silva, sob o pseudônimo de Sérgio Guido, de 1923; Barro preto, de João Accioli, de 1941, e Quando as luzes se apagam, de Wilson Cavalcante, que Sabino Júnior não soube precisar o ano de publicação. Das três obras, o crítico lamentou apenas ter lido, de fato, a segunda: a primeira e a terceira simplesmente não foram localizadas, demonstrando as precárias condições de lançamento, divulgação e comercialização dessas narrativas. O romance em Goiás, ainda na visão de Sabino Júnior, apenas começou a ganhar interesse mais sistemático por parte do público leitor, da crítica especializada e dos escritores, apenas após a publicação de Pium: nos garimpos de Goiás, de Eli Brasiense, em 1949. No mesmo ano, também foi lançado o romance Maya, de Ursulino Leão e, em 1956, O tronco, de Bernardo Élis, que, na sua visão, seria “o romance mais significativo e, do ponto de vista artístico, mais bem realizado até quando publiquei este estudo” (SABINO JÚNIOR, 1991, p. 130). O objetivo da presente comunicação é perquirir a formação do romance no Centro-Oeste do país, mais especificamente em Goiás, tomando como ponto de partida o estudo de Sabino Júnior e os romances O apóstata, de Ribeiro da Silva, Pium, de Eli Brasiense, Maya, de Ursulino Leão e O tronco, de Bernardo Élis, discutindo a configuração estética dessas obras em relação ao que se produzia no cenário nacional no mesmo período.

Palavras-chave: Palavras-chave: História do Romance em Goiás; Ribeiro da Silva; Eli Brasiense; Ursulino Leão; Bernardo Élis.

O TRIUNFO DO ROMANCE NO PENSAMENTO CRÍTICO DE ANTONIO CANDIDO E DE ÁNGEL RAMA

Edvaldo A. Bergamo

Resumo: O romance apresenta uma totalidade social complexa, com a narração do livre curso do desenvolvimento de destinos humanos múltiplos, tornando-se a expressão artística mais acabada da estrutura organizacional burguesa em ascensão e consolidação. Por esse ângulo, os dramas e os conflitos do processo histórico podem ser refletidos, esteticamente, visto que se encontram concentrados em personagens típicos em circunstâncias típicas, isto é, nos itinerários



de indivíduos que espelham, em simultâneo, as condições peculiares de sua singularidade individual e as tendências gerais da ação histórica coletiva. Em razão de tais pontos que orientam a compreensão estética e ideológica do gênero literário em causa, esta comunicação tem por objetivo tecer considerações pertinentes sobre a trajetória intelectual, mais particularmente sobre o pensamento reflexivo, de dois expoentes da crítica literária latino-americana, o brasileiro Antonio Candido e o uruguaio Ángel Rama, em especial no tocante a uma refinada ponderação sobre determinadas especificidades da forma artística do romance no nosso subcontinente. O intento é conjecturar sobre o contexto histórico, cultural e social, no qual se inserem ambos os investigadores sul-americanos, tendo em conta as suas contribuições fundamentais, relativamente ao estudo do romance, para o conhecimento da realidade, da tradição, da vida literária, da coletividade de “nuestra America”, com vistas a sua transformação, pois ambos os estudiosos conciliavam o exercício da crítica literária e a ação da militância política.

Palavras-chave: forma romance; Antonio Candido e Ángel Rama; romance latino-americano; crítica literária e militância política.

A FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO SOCIAL DO BRASIL E O PROTAGONISMO DO ROMANCE INDIANISTA DE JOSÉ DE ALENCAR

Felipe Vigneron Azevedo

Resumo: O presente trabalho visa a compreender as contribuições e o papel central de José de Alencar, com a trilogia indianista, na formação de um imaginário que, por seu prestígio à época e por sua importância na tradição literária brasileira, ainda hoje guarda forças. Segundo Roberto Schwarz (2012, p.37), Alencar, imbuído do “[...] desejo patriótico de dotar o país de mais um melhoramento do espírito moderno”, cultiva o romance. O romance é uma forma burguesa, para Lukács (2011), que se realiza como forma literária a partir de um processo social específico, que não havia ainda se dado no Brasil. Para Sérgio Buarque (1995), o Brasil não tinha uma burguesia urbana consolidada mesmo à época da Proclamação da República; assim sendo, o romance é uma forma transplantada – um segundo transplante, pois, conforme Antonio Candido (2006) a nossa literatura inicialmente foi transplantada até que, devido a um processo dialético que durou alguns séculos, encontrou sua feição nacional –, que teve ampla aceitação nacional, inclusive por conta das obras e do sucesso de José de Alencar. Em vista do projeto de Alencar e de sua consciência de classe dominante no Brasil do século XIX, a ideologia aristocrática se reflete na feitura de suas obras, principalmente nas indianistas, conforme se pode observar nas palavras de Bosi (1992, p.177): “O índio de Alencar entra em íntima comunhão com o colonizador. Peri é, literal e voluntariamente, escravo de Ceci, a quem venera como sua Iara, ‘senhora’, e vassalo fidelíssimo de dom Antonio”; o último, como Martim, em Iracema, estão para o elemento aristocrático como Peri e Iracema para o elemento nacional, porém ambos são dominados e aceitam os desígnios do colonizador, tendo o amor como meio para a realização de uma servidão velada e abrandada pela poesia das palavras presentes nessas obras.

Palavras-chave: José de Alencar; romance; classes sociais

DO HERDEIRO À NAÇÃO: A FIGURAÇÃO ARTÍSTICA DA DECADÊNCIA BURGUESA NOS ROMANCES O NOME DO BISPO, DE ZULMIRA RIBEIRO TAVARES, E LEITE DERRAMADO, DE CHICO BUARQUE

Flávia Cristina de Araújo Guedes

Resumo: Este artigo propõe um estudo comparativo entre dois romances contemporâneos brasileiros: O nome do bispo (1985), da escritora paulistana Zulmira Ribeiro Tavares, e Leite derramado (2009), do escritor e músico carioca Chico Buarque. O enfoque analítico das duas obras concernirá na transfiguração artística da burguesia como instituição, há muito tempo, falida social e economicamente, no Brasil. Falência esta encarnada na figura do herdeiro como representante de uma saga familiar e de uma classe em declínio. Ao mesmo tempo, aparecem nos romances aspectos histórico-sociais de uma nação, apontando momentos históricos e o

pensamento ideológico de uma elite em atraso. Com base nos estudos do filósofo György Lukács (2009), entendemos que os efeitos da evolução do capitalismo tem sido desastrosos para a humanidade, que se torna cada vez mais fragmentada. Assim, no âmbito da literatura, a representação de uma unidade contraditória, em que apareça a essência e aparência de uma sociedade, não seria mais possível, dificultando para o autor uma figuração realista. Partindo dessa perspectiva, é preciso assimilar em que medida pode-se conceber uma estética realista nos dois romances, objetos de estudo desse artigo, bem como o papel do narrador em cada um deles (narrador em 1ª pessoa em Leite derramado e em 3ª pessoa em O nome do bispo). Ademais, por intermédio de textos de autores como Sérgio Buarque de Holanda, Darcy Ribeiro e Jessé Souza, será possível compreender o processo de formação dessa elite brasileira desde o período escravista, indicando a contribuição dessa classe no atraso do país, e como isso está transfigurado nos dois romances. Portanto, uma interlocução entre os mesmos é importante para identificar a maneira como eles interagem, com base na literatura comparada, que, de acordo com a professora Tânia Franco Carvalhal (2006), atua como uma “forma de investigação que se situa ‘entre’ os objetos que analisa, colocando-os em relação e explorando os nexos entre eles, além de suas especificidades” (p. 74).

Palavras-chave: Literatura comparada; Romance brasileiro contemporâneo; realismo; Zulmira Ribeiro Tavares; Chico Buarque

16/07 (TARDE)

A PARÓDIA E O REALISMO - ARTIMANHAS DE UMA CONSTRUÇÃO ATRAVÉS DO GÓTICO SULISTA E DE WILLIAM FAULKNER

Heitor Fontes de Menezes Bastos

Resumo: Pretendemos nessa apresentação trabalhar a utilidade da paródia como recurso realista de atualização do gênero literário. Para isso, deveremos retomar discussões sobre forma e conteúdo a partir do ponto de vista da estética realista. A partir daí, retornaremos a particularidade da transformação de conteúdo em forma para podermos nos direcionar à paródia. A paródia tem sido objeto de estudo de críticos literários desde a Antiguidade. Na Poética, Aristóteles afirmou que a paródia poderia transformar o sublime em ridículo. Posteriormente, estudiosos como Mikhail Bakhtin e Northrop Frye demonstraram como a paródia vai muito além do riso, trazendo à tona elementos que não são imediatamente perceptíveis no gênero que sofre a paródia. A paródia é uma subversão da forma, que ao colocar a forma historicamente adequada de outrora em relação dialógica (BAKHTIN, 1981) com o conteúdo do presente cria-se um choque. Desse choque, as contradições tanto do passado quanto do presente são representadas de forma dialética. É importante ressaltar que a paródia não funciona apenas através do riso, como afirma Frye em relação aos romances de Jane Austen. A partir de exemplos clássicos do cânone literário, direcionamos nosso estudo ao embate entre as formas romance e novel na escola literária de língua inglesa. Será discutido como, superficialmente, a diferença entre as duas formas prosaicas reside na questão da verossimilitude, no provável e historicamente necessário. Assim, daremos continuidade ao estudo com a utilização da paródia de formas que não se guiam pela verossimilitude (romance) para poder alcançar uma maior representação daquilo que é historicamente necessário no momento da produção literária. A ênfase estará na literatura gótica e como escritores da primeira metade do século XX nos Estados Unidos fizeram literatura parodiando o gótico. Esse estilo ficou conhecido (originalmente através de um comentário pejorativo) como gótico sulista (Southern Gothic, em inglês). O advento da literatura gótica está diretamente relacionado à ascensão de ideias iluministas e da consolidação da hegemonia burguesa no final do século XVII e início do século XVIII. O gótico é um tipo extremo de literatura do Romantismo. Esse estilo tem como autores notáveis Ann Radcliffe (Os Mistérios de Udolpho), Edgar Allan Poe (diversos contos, entre eles “A queda da casa de Usher”), Mary Shelley (Frankenstein) e Bram Stoker (Drácula). Muito já foi escrito sobre o gótico sulista. No entanto, o interesse desse estudo



é mostrar como a paródia norte-americana tem valor de revitalização literária e supera todas as possibilidades do romance gótico original. O que autores como William Faulkner e Flannery O'Connor conseguem fazer através de suas obras é representar de forma artisticamente realista as contradições estadunidenses da primeira metade do século XX. Esse período ocorre entre a Guerra Civil estadunidense, e fim da escravidão nos estados do sul, e a Segunda Guerra Mundial. Em outras palavras, essas obras surgem no momento de ascensão e consolidação econômica e cultural dos Estados Unidos como maior potência mundial.

Palavras-chave: Paródia; Realismo; William Faulkner; Gótico sulista

O ROMANCE DE 30 E O ROMANCE HISTÓRICO: NOTAS SOBRE REVISIONISMO HISTÓRICO VIA NARRATIVAS DE FICÇÃO

João Paulo Ferreira dos Santos

Resumo: Em seus estudos crítico-literários, Antonio Candido apontou em vários momentos, principalmente quando tratou da Geração de 30, um empenho dos intelectuais e escritores de ficção em rever certos temas e ou episódios da historiografia nacional, de modo a atualizá-los e interpretá-los conforme conceitos e métodos modernos surgidos com o advento dos estudos ensaísticos sócio-históricos. Somando voz ao intenso e extensivo debate em torno da geração modernista de 30, Luís Bueno, em seu livro *Uma história do romance de 30* (2015), demonstra de forma categórica o intento dos escritores, atestado nas narrativas, em não apenas descrever os ambientes identificados como litoral e interior (geográfico e culturalmente), mas também revisar ou elucidar determinados momentos ou fatos históricos pátrios de maneira a refuta-los, assim, contestando versões oficiais presentes nos compêndios da História. Desse modo, do ponto em que estamos encarando o romance de 30, há relevantes elementos que nos permitem levantar a hipótese de considerar certas obras literárias do período como possíveis romances históricos, seja pelas suas configurações estéticas (figuração de “grandes personalidades históricas”; heróis medianos, cumprindo papéis de coadjuvantes; figurações vivas das motivações sociais e humanas, a fim de demonstrar o ser-precisamente-assim da história e das pessoas; o enfoque no popular; etc.), seja pela concepção histórica, ancorada num movimento progressivo (contraditório) em constante mutação, bem como resultante da ação/reação do homem com o meio natural e social (concepção materialista e dialética proposta pela tradição marxista). É certo que existem limites com os quais teremos que lidar, entre eles, romances que em nada – ou muito pouco – se aproximam do gênero romance histórico. Destarte, pretendendo agilidade metodológica – haja vista que este estudo se propõe, por ora, apenas pontuar indícios formais do gênero romanesco de temática histórica –, tomaremos principais autores e obras da geração de 30 com a finalidade de ver em que medida é possível enxergar naquela literatura características e ou realizações de romances históricos. Nesse sentido, para a fundamentação da análise, além das sinalizações presentes nos estudos de Candido (1987; 2006; 2011) e Bueno (2015), valeremo-nos das considerações sobre romance histórico dos teóricos Geörgy Lukács (2011), Fredric Jameson (2007), Antônio R. Esteves (2010), entre outros.

Palavras-chave: Romance de 30; Romance histórico; Revisionismo histórico

UMA QUESTÃO DE EMANCIPAÇÃO EM OS DRAGÕES DE MURILO RUBIÃO

Juan Pedro Rojas

Resumo: O presente texto investiga algumas articulações conceituais a partir do conto *Os Dragões de Murilo Rubião*. Primeiramente a questão da aceitação do diferente, tanto nas sociedades humanas quanto no mundo das artes, e ligado a ela, o valor do fantástico como elemento estético que interage com o discurso realista e que junto com o absurdo e a animalização se configuram como um polo dicotômico capaz de representar o diferente, e por último, o papel da educação na formação do caráter humano e sua importância na conformação de um sujeito emancipado. Publicado em 1974, no período mais escuro da ditadura militar no Brasil, *Os dragões* se apresenta como uma profunda reflexão sobre a aceitação do diferente numa sociedade marcada pela convivência de elementos modernos e pré-modernos e



caracterizada por um grande atraso cultural. Murilo Rubião monta uma peça em que elementos dicotômicos são colocados em permanente fricção. Os dragões personagens do conto, são seres nos quais confluem várias realidades. São seres fantásticos, mas se comportam as vezes como animais, as vezes como humanos. Reúnem em si uma indefinição que acaba definindo-os. Assim, à maneira de Kafka, a literatura de Murilo Rubião é construída sobre uma linha tênue de indefinição e fricção entre o discurso realista e o fantástico. O fantástico, a animalização e o absurdo são elementos estéticos que dentro do conto reforçam o caráter indefinido dos personagens e das situações. O que está claro é que eles são diferentes àqueles seres que habitam a cidade à qual chegam. Pertencem a um mundo diferente. O choque entre o discurso realista e o fantástico reforça este caráter de alheio e de estranho à normalidade da cidade. Os dragões são em geral rejeitados. São seres indefinidos. E isto cria um clima de desconforto tanto na cidade quanto no texto. Aparece o absurdo: o vigário os considera seres enviados pelo demônio. Mas tem um pequeno grupo que tenta integrá-los. Entre eles o narrador, que é um professor, se apresenta no meio deste emaranhado de significações e de realidades e assume que podem ser emancipados da sua animalidade através da educação, e investe, à Maneira de Goethe neste propósito. Mas fracassa. O projeto de incorporá-los à civilização se torna impossível. Os dragões tem uma resistência a se transformar em sujeitos emancipados. O conto assim se transforma numa crítica profunda a esta situação e um grito desesperado diante da dificuldade encontrada. A modo diferente do Adorno, que anunciou repetidamente o desaparecimento do sujeito autônomo o narrador vivencia com angustia seu fracasso, não se contenta com ele, mas também não encontra uma solução. Entra ele também nesse espaço de indefinição, que não é um espaço confortável. A conclusão final defendida neste trabalho é que o conto de Murilo Rubião promove uma experiência de emancipação humana ao nos deparar com uma situação onde se coloca a dificuldade desta emancipação acontecer em certos contextos.

Palavras-chave: fantastico realismo emancipação

O ÍNDIO MUDOU? – UMA ANÁLISE DO ROMANCE HISTÓRICO "O FEITIÇO DA ILHA DO PAVÃO", DE JOÃO UBALDO RIBEIRO

Marcos Vinicius Caetano Da Silva

Resumo: O presente trabalho tem o intuito de analisar o romance histórico brasileiro “O feitiço da ilha do pavão”. E de acordo com György Lukács (2011), a forma do romance histórico figura o movimento da história de modo a registrar seus principais momentos de mudança não somente da história, mas também do modo como figuram seus atores e personagens. Isso é perceptível no livro *O feitiço da ilha do pavão* (1997), do escritor brasileiro João Ubaldo Ribeiro, uma narrativa na qual diferentes personagens participantes da formação étnica brasileira são inseridos numa ilha ficcional localizada na região do recôncavo baiano. O caráter quase caricatural que alguns assumem é capaz de revelar os diferentes aspectos com que o índio brasileiro é constituído. No romantismo brasileiro o índio era símbolo máximo de nacionalidade em obras como “O guarani”, “Iracema” e “I-Juca-Pirama, nas quais o índio era idealizado tal como um cavaleiro medieval, o que lhe garantia destaque dentre os itens que determinavam a literatura nacional. Na obra do escritor baiano, por outro lado, o índio toma a forma do personagem aculturado Balduino. Esse contraste se mostra extremo ao considerarmos as primeiras descrições do tipo nos documentos sobre a descoberta do Brasil, como na famosa carta de Pero Vaz de Caminha. Entretanto, a obra possibilitaria, ainda, um retorno ao mito das origens brasileiras, tal como o pressuposto do passado como pré-história do presente se configura no romance histórico? Com base na teoria do “Romance Histórico”, presente na obra homônima escrita pelo filósofo húngaro, pretende-se discutir tais aspectos relativos à figuração do índio na história da literatura brasileira, no que culmina a obra “O feitiço da ilha do pavão”. O passado do índio idealizado e o presente no qual o índio é hostilizado se encontrariam de maneira a realizar a complexidade histórica e estética com que é tratado? Para isso, a centralidade na obra de João Ubaldo Ribeiro é relevante para uma análise dos documentos dos primeiros escritos do Brasil desde a sua descoberta. Ainda, a teoria do romance histórico de



matriz lukacsiana possui potencial realizador para realinhar os adjetivos do passado e compará-los com as linhas indefinidas de um presente que foi resultado de sucessivas ações humanas, tal como a obra de João Ubaldo Ribeiro parece atestar. Sendo assim, é apontado um processo de dessacralização da mitologia do índio brasileiro, algo que vai além de nossa herança romântica e configura o nosso presente no estado de subdesenvolvimento nacional em nível global.

Palavras-chave: Índio; João Ubaldo Ribeiro; Romance Histórico; Tradição literária.

MELANCOLIA, NOSTALGIA, RESIGNAÇÃO: COMENTÁRIO SOBRE O ESTILO DE GEORG LUKÁCS EM A TEORIA DO ROMANCE

Maria Elisa Perez Pagan

Resumo: A Teoria do Romance [1916] de Georg Lukács é, certamente, um dos estudos mais importantes já escritos sobre o tema; tem como início a exposição daquilo que o autor irá chamar de “tempos afortunados”, um passado longínquo no qual “o céu estrelado é o mapa dos caminhos transitáveis e a serem transitados, e cujos rumos a luz das estrelas ilumina.” (2015). “Tempos afortunados... que tipo de livro é esse?” pergunta Franco Moretti, em um artigo sobre a obra escrito em 2015, no qual reflete sobre o estilo do autor. Um livro conhecido por sua complexidade, por sua falta de precisão conceitual e por seu lirismo tão peculiar, foi mais tarde rejeitado pelo próprio autor; no prefácio escrito em 1962, nos deparamos com um Lukács maduro que refere-se ao seu eu jovem em terceira pessoa, acusando o livro de ser fruto de um repúdio “puramente utópico” (ibid., p. 8) da primeira guerra mundial e da sociedade burguesa da época. Faremos, nesta comunicação, uma análise do estilo presente nesta obra que pode, principalmente nos dias de hoje, gerar tanto estranhamento. Como escreve Moretti, é uma escrita que faz com que o objeto sobre o qual Lukács se debruça possa parecer confuso; afinal, “sempre que a Teoria fala sobre o ‘romance’, o leitor percebe que [...] algo muito mais importante está em jogo. Mas o que? Qual é a ‘questão final’ que a Teoria está tentando abordar?” (MORETTI, 2015). Para Moretti, “a Teoria não está buscando o conhecimento: está buscando o sentido”. O complexo de sentimentos que acompanham a descrição do surgimento do romance – nostalgia, ironia, solidão, resignação – apontam para a maneira como o estilo de sua escrita é uma forma de performar a dissonância metafísica que, segundo Lukács, é constitutiva dos próprios gêneros literários: ainda segundo o crítico italiano, a Teoria é capaz de mesclar milagrosamente Novalis e Weber, beleza e conhecimento. Em outras palavras, da mesma maneira que a cisão entre essência e vida é o princípio motor da forma romance, a nostalgia de uma totalidade – a expulsão de um mundo pleno de sentido – aparece como componente central na escrita deste livro. Paul de Mann (1966) coloca a questão de maneira parecida ao dizer que parte da dificuldade na compreensão da obra está em perceber que a Teoria é um livro que fala do ponto de vista do próprio gênero romance; compara-a, então, com a escrita de Hegel na Fenomenologia do Espírito, obra na qual é o Espírito quem narra seu próprio percurso. É neste ponto que o estilo deste jovem Lukács torna-se interessante para o simpósio e para a discussão acerca do realismo: podemos dizer que é através de seu estilo que realidade social e forma literária formam um par dialético em A Teoria do Romance. O intuito desta comunicação, portanto, será descrever o funcionamento desta relação dialética – realizando uma leitura atenta de suas estratégias retóricas – e, sobretudo, sua implicação no conceito de realismo que surge de dentro da forma romance, principalmente naquilo que há de crítico ao capitalismo.

Palavras-chave: Georg Lukács; Romance; Realismo

17/07 (MANHÃ)

NOTAÇÃO REALISTA E REINVENÇÃO DO ROMANCE EM MACHADO DE ASSIS E GUSTAVE FLAUBERT

Natasha Belfort Palmeira



Resumo: A importação do romance europeu trouxe à luz a incongruência entre os seus pressupostos e a vida social brasileira do século XIX. Atento à realidade local e fiel ao modelo do romance europeu, José de Alencar reeditara uma contradição central em nossa vida pensada (SCHWARZ: 1992), criando em seus romances uma disparidade entre o enredo e a notação realista. Tal disparidade persistirá na primeira fase de romances de Machado de Assis, a despeito de alguns achados formais penetrantes. Com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a observação da realidade brasileira não se chocará mais com a forma importada. Graças ao abandono dos pressupostos do enredo burguês e dos preceitos da escola realista vigente na Europa, a matéria particularmente brasileira transmuta-se em forma, a disparidade referida acima torna-se método. A prosa machadiana da segunda fase revela, nesse sentido, muito sobre a experiência social de seu tempo, ao mesmo tempo que oferece para o panorama do gênero romanesco uma versão inédita. De modo análogo, a revolução literária de *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, deve-se também ao abandono dos pressupostos do romance que se fazia até então, por meio de um método inédito e completamente oposto àquele adotado pelo narrador machadiano: a impassibilidade narrativa capaz de revelar a mentira ideológica. Para combater todo tipo de conclusão e julgamento (a estupidez, segundo o romancista), Flaubert construirá uma prosa cujo narrador desaparecerá do texto. Por que tal escolha? As jornadas de junho de 1848 haviam revelado o caráter ideológico dos ideais burgueses de igualdade e fraternidade, sua pretensa universalidade, o interesse de classe. Para enfrentar a crise dos significados, “a desinteligência social[...] que dificultava o papel do narrador e lhe tornava problemática a desenvoltura opinativa” (SCHWARZ: 1991) Flaubert inventara soluções técnicas a que não se pudesse objetar parcialidade. Além de ter criado uma linguagem narrativa nova, Flaubert escreveu o romance do fracasso que é *A educação sentimental*, em que falseou algumas passagens obrigatórias do percurso de realização pessoal do herói, notadamente do romance de formação. Mas já no seu romance de estreia delineia-se por detrás dos adultérios de Emma, análoga trajetória do insucesso burguês encarnada em seu par medíocre, Charles Bovary que, “desprovido de ambição” não deixa outra solução a Emma senão o refúgio nos amantes que ela pensava poder transformá-la na “burguesa que ela não conseguiu ser por meio do casamento” (KHEL: 2007). Adotando um enredo à la Balzac, mas desmentindo sua estrutura narrativa por meio do insucesso do herói e do distanciamento crítico da objetividade narrativa, Flaubert invalidava um dos pressupostos pilares da sociedade burguesa, a ética do trabalho livre, mostrando que as tentativas de individuação dentro da dinâmica do reconhecimento profissional ou da dialética do trabalho, são abortadas. O objetivo dessa comunicação é, portanto, articular e discutir os métodos narrativos e os princípios formais que regem as obras dos dois romancistas em questão a fim de compreender como diferentes matérias sociais ganham alcance realista e autêntico por vias distintas.

Palavras-chave: Machado de Assis, Gustave Flaubert, realismo, romance oitocentista

AMOR E REVOLUÇÃO EM OLGA, DE FERNANDO MORAIS, E O PLANALTO E A ESTEPE, DE PEPETELA

Rafael Teixeira de Souza

Resumo: *Olga*, biografia publicada por Fernando Morais em 1985, destaca-se por narrar a vida da militante comunista alemã Olga Benário Prestes, desde a infância até a morte. Lá pelo meio da narrativa, porém, dá-se o encontro da personagem central com o homem que veio a ser o seu segundo e último companheiro: o revolucionário brasileiro Luís Carlos Prestes. Já *O planalto e a estepe* (2009), romance do escritor angolano Pepetela, retrata uma história que em muitos aspectos se assemelha à biografia do autor brasileiro, uma vez que relata o encontro e o firmamento de laços amorosos entre um casal de revolucionários de nações diferentes, respectivamente o estudante angolano Julio e a jovem mongol Sarangerel. Para além dessas similaridades entre os enredos dos livros, buscaremos apontar pormenores que os aproximem quanto ao subgêneros a que cada um pertence, ao contexto histórico das quatro nações neles

retratadas e ao significado que subjaz no fato de ambos os casais terem-se encontrado, pela primeira vez, na União Soviética das décadas de 1930 e 1960.

Palavras-chave: Brasil; Angola; União Soviética; Biografia; Romance.

TEXTOS, TECIDOS: O CAMPO SEMÂNTICO FASHION NO REALISMO DE GOTTFRIED KELLER E NA PROSA CONTEMPORÂNEA DE ELFRIEDE JELINEK

Rafael Vieira Sens

Resumo: Esta comunicação tem o objetivo de levantar questões diacrônicas a respeito da confluência de conceitos como o "Warenfetischismus" (fetiche pela mercadoria capitalista) – preconizado por Karl Marx em "O Capital" (1867) – com a literatura realista do suíço Gottfried Keller e a escrita contemporânea da austríaca Elfriede Jelinek. Assim como escolhas de vestimenta constroem uma imagem perante o mundo, decisões semânticas também poderiam definir o tecido de um enredo? "Kleider machen Leute" (O traje faz o homem) – novela de 1874 escrita por Keller como parte do ciclo "Die Leute von Seldwyla" (O povo de Seldwyla) – conta a história de um contra-mestre alfaiate que, por conta de sua roupa refinada, se passa por conde e engana toda uma cidade no interior da Suíça. Para tecer o enredo, o narrador utiliza-se de uma gama de lexemas que remetem ao mundo material, inclusive comparando diversos personagens humanos a objetos inanimados por meio de um bom número de símiles. Tanto no original em alemão como na tradução para o português brasileiro, de 1952, percebe-se essa inclinação semântica no discurso de Keller. O século XIX, vale lembrar, foi o período em que o continente europeu conheceu a industrialização e o consumo em massa e o escritor esteve atento às transformações sócio-econômicas pelas quais passava sua Suíça natal, inventando inclusive um espaço metafórico – a cidade fictícia de Seldwyla – para criticar as relações aristocráticas, burguesas e proletárias de sua época. Jelinek, por sua vez, lança mão de uma Viena diegética para acompanhar a vida de uma professora de música em seu romance "Die Klavierspielerin" (A pianista) (1983). Um explícito fetiche por vestidos nutrido pela protagonista Erika serve de gatilho à trama: o primeiro conflito do texto surge justamente porque a mãe dominadora da personagem opõe-se a essa compulsão por compras. Tanto na obra dos anos 1870 como na dos anos 1980, há uma conexão com o pensamento de Jacques Rancière acerca do aparecimento desses objetos inanimados na literatura a partir do realismo; para ele, não existiria o insignificante nem haveria coisa alguma que não carregue em si a potência da linguagem. Além de entabular esse diálogo com "O inconsciente estético" (2009) de Rancière, ensaios sobre moda e mundo contemporâneo de Walter Benjamin e Giorgio Agamben orientam-me nesse roteiro crítico da pesquisa, que enxerga dialeticamente uma clara conexão entre Keller, Jelinek e a coisificação (relações humanas pautadas pelo consumo e pela mercadoria, sobretudo a roupa).

Palavras-chave: Realismo; Contemporaneidade; Coisificação

"PEDAÇOS VIVOS DESSE MUNDO": ESTEREÓTIPO E EXOTISMO EM LUANDA, BEIRA, BAHIA

Rosa Alda Souza de Oliveira

Resumo: A literatura com sua capacidade de representar a vida e captar os movimentos históricos de determinada conjuntura social, é vista, por vezes, como a arte que melhor consegue apreender e refletir a realidade. Esta proposta de comunicação tem por finalidade discorrer sobre uma leitura do romance Luanda, Beira, Bahia, de Adonias Filho, buscando analisar como a literatura ao colocar em evidência o homem, seu percurso e sua relação social, dá a ver a movimentação de uma história que se faz comum a várias sociedades. Dessa perspectiva, com vista a entender melhor o proposto, busca-se observar como o enredo coloca em evidência uma visão estereotipada sobre o continente africano, e, como esse olhar típico do colonizador se utiliza da ideia de exotismo para camuflar e negligenciar a historicidade das complexas relações existentes entre Brasil e África. Diante disso, busca-se analisar o percurso literário de Adonias Filho, de modo, a identificar a presença do negro em sua obra, em especial, o papel ocupado por este na chamada literatura do cacau. Literatura essa que, apesar de ter como



escopo narrar o desenvolvimento político, econômico e social da região sul - baiana, transpõe os limites locais ao conseguir delinear uma imagem que represente não somente essa região, mas também o Brasil e sua relação com o mundo. Neste sentido, a abordagem versará ainda sobre como essa literatura, ao se apropriar das peculiaridades espaciais e da tipicidade de sua gente intenta, além de criticar a realidade, indicar possibilidades de superação. Assim, com vista a embasar a análise do enredo, toma-se como suporte teórico, as considerações de vários estudiosos como Lukács, Caio Prado Junior, Antonio Candido, entre outros.

Palavras-chave: Literatura do Cacaú; Negro; Adonias Filho; Luanda, Beira, Bahia.

O PENSAMENTO ENSAÍSTICO NA PROSA DE BERTOLT BRECHT A PARTIR DA LEITURA DE "HISTÓRIAS DO SR. KEUNER"

Thaís Aparecida Domenes

Resumo: O ensaio, pensado como forma de expressão que dialeticamente ocupa uma posição entre arte e ciência e que, essencialmente, confronta o binarismo inerente a um modelo de pensamento tradicionalista, mantém uma relação produtiva e fértil, quando não polêmica, se aproximado da produção artística em geral. Não é casualidade todo o burburinho crítico que causou ao ganhar corpo na Alemanha, e na Europa em geral, no começo do século XX – proximidade esta que não escapou a obra de Bertolt Brecht (1898 – 1956). Se, por um lado, o ensaio se aproxima de um novo modelo de pensamento que rompe com a tradição a fim de abarcar a realidade despida de estabilidade do começo do século XX, questionando assim tanto o modelo epistemológico e os pressupostos ideológicos do pensamento científico cartesiano quanto empirista, ao ser apropriado pelas formas de expressão artística provocou rompimentos estéticos que implodiram as formas tradicionais de expressão, seja a literatura, o cinema, a música, o teatro, etc. É nesse terreno fértil em que a configuração social e econômica parece ter empurrado a obra de arte para uma tomada de posição diante das contradições sistêmicas geradoras de guerra, fome, miséria, regimes totalitários, e do surgimento de novos sujeitos sociais, o proletariado, que o ensaio ganha força, atrelado a uma mudança radical na produção artística e intelectual e que configura o surgimento da obra de arte moderna – parafraseando August Strindberg (1849 – 1912), no prefácio de *Senhoria Júlia*, os novos vinhos fizeram explodir as velhas garrafas. Embora tenha dedicado grande parte de sua produção artística ao teatro, a prosa brechtiana apresenta peculiaridades formais que dialeticamente ele experimenta, questiona, aproximando literatura, teoria e sua própria experiência, arquitetados de forma que, em certa medida, dialogam com aspectos ensaísticos. Aliás, não se pode perder de vista que toda produção artística de Brecht está situada no terreno do questionamento dos pressupostos ideológicos da arte tradicional vigente na Alemanha até meados do começo do século XX. Este trabalho tem como objetivo analisar alguns aspectos de um possível caráter ensaístico da prosa de Bertolt Brecht a partir da leitura da obra "Histórias do sr. Keuner", um conjunto de 102 histórias escritas e esparsamente publicadas ao longo de 30 anos (1926 – 1956). Situada entre literatura e ficção, o autor criou uma forma literária inclassificável, ao apropriar-se da anedota, do provérbio, do aforisma, do diálogo, etc., para concatenar um conjunto de textos cujo fio condutor parece tanger o processo dialético do pensamento em ação. Na medida em que os escritos do sr. Keuner podem ser tomados como uma das vias de acesso ao pensamento ético, estético e político de Brecht, ele acaba por aproximar-se do ensaio, forma literária característica do pensamento moderno do século XX.

77 - O RIGOROSO ENLACE DA URDIDURA: DO SENTIDO POLÍTICO NA TRAMA OSMANIANA

Coordenação: Prof^a Dr^a Elizabeth Hazin (UnB); Prof^a Dr^a Maria Aracy Bonfim (UFMA)

Resumo: Este Simpósio se origina de anotações de leitura das últimas três obras do escritor pernambucano Osman Lins (1924-1978): *Nove, novena* (1966), *Avalovara* (1973) e *A rainha dos cárceres da Grécia* (1976), empreendida pelas pesquisadoras. A partir da consciência de



que tais livros representavam uma profunda mudança no percurso escritural de Osman Lins, destacaram-se alguns de seus aspectos formais como algo a ser aprofundado em investigação futura, e um deles cresceu em importância à medida que o tempo foi passando: a questão do sentido político enredado na trama em que está imersa cada uma dessas obras e a que ele adere tão sutil e perfeitamente que já não é possível encará-lo senão como algo que instiga a reflexão sobre a relação entre forma e conteúdo, entre literatura e sociedade, entre real e ficção. No capítulo intitulado “O escritor e a sociedade”, o último do ensaio *Guerra sem testemunhas*: o escritor, sua condição e a realidade social, Osman Lins deixa clara sua posição: “O escritor não pode pretender abalar com os seus escritos as sólidas posições da insensatez, da força, da maldade – mas também não pode ignorá-las; não pode submeter sua obra às injunções do tempo – mas também não pode tender a agir como um ser fora do tempo. (...) Não é mais possível, em nossa época, a um homem de instrução mediana, ignorar o conflito básico com que nos defrontamos, a insurreição dos ofendidos contra os ofensores. (...) Assim, não apenas o escritor, mas qualquer homem que, tendo consciência desses problemas, ou dos problemas que com estes se relacionam, age como se os desconhecesse, é um traidor do seu semelhante, quando não de si mesmo”. Tal posição é corroborada pelas palavras do pintor catalão Antoni Tàpies em seu livro *A prática da arte*: “Tenho dificuldade em compreender o ato de criação se não fizer depender tudo de uma atitude pessoalíssima e muito circunstancial, tanto temporalmente como geográfica e culturalmente. Nunca consegui imaginar o artista a trabalhar *sub specie aeternitatis*, desenvolvendo um conceito de Belo como valor imutável, tal como não o consigo ver submetido a um programa ou ideologia que não responda a circunstâncias, a fatos reais, que ele, como pensador independente, terá precisamente de contribuir para desvendar”. O Simpósio aqui proposto pretende trazer à luz esse matiz de Osman Lins, na tentativa de decifrá-lo: entender de que modo essa preocupação existe e em que medida participa de seu texto. Alguém que enxerga no ato de escrever uma espécie de missão deve forçosamente trazer em seu discurso uma cor política.

Assim, esse Simpósio tem como finalidade receber trabalhos que enfoquem não apenas os três livros anteriormente mencionados, mas tudo o que Lins produziu, aí incluídos também seus primeiros livros, seus ensaios, artigos de jornais, seus depoimentos em entrevistas concedidas a jornais e periódicos, o material contido em seu arquivo (como manuscritos e correspondência com escritores e amigos), sua tese de doutorado. Serão bem-vindos trabalhos que atestem de que modo e com que intensidade o sentido político expresso nos textos desse autor é capaz de provocar o leitor; de como esse sentido está entranhado ou não na forma artística ou no seu conteúdo; de que maneira suas experiências e leituras, bem como os acontecimentos de sua época, forjaram seu discurso ficcional e não-ficcional. Por fim, trabalhos que mostrem o percurso do pensamento político osmaniano em torno de sua preocupação com a formação do hábito de leitura, levando-se em consideração fato concreto que o motivava a escrever - a necessidade premente de fazer o brasileiro tornar-se um verdadeiro leitor, pois afinal – segundo as palavras, ainda uma vez, de Antoni Tàpies em seu livro já citado: “(...) a configuração da expressão artística está intimamente ligada ao problema da liberdade da ‘sua’ leitura: ao fato de simplesmente se permitir que as pessoas possam ler. Faz parte, por isso, do problema mais geral da alfabetização do país, da necessidade de continuar a lutar, num nível diferente, contra aquilo que mantém o atraso de toda uma política cultural, em suma, da política”. Para a consecução dos trabalhos, podem ser tomados como referenciais teóricos os seguintes textos: 1) o de Hayden White intitulado *El contenido de la forma*: narrativa, discurso y representación histórica (Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica S.A, 1. edición ,1992); *Os problemas da estética*, de Luigi Pareyson (São Paulo: Martins Fontes, 1997); *A revolução da arte moderna*, de Hans Sedlmayr (Lisboa: Livros do Brasil, s/d); *A necessidade da arte*, de Ernst Fischer (Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983). Os dois últimos foram extremamente lidos e citados por Osman Lins em seus ensaios e ajudará por certo na compreensão do quanto as leituras desse autor entraram em seu bem urdido tecido ficcional.



PROGRAMAÇÃO

16/07 (TARDE)

DIÁLOGO REAL, TRAMA FICCIONAL: A DITADURA NA OBRA DE OSMAN LINS

Sandra Margarida Nittrini

Resumo: Diálogo real e trama ficcional: a ditadura na obra de Osman Lins Fiel ao seu projeto literário, Osman Lins não cedeu às pressões políticas dos anos de 1960 e de 1970 e não transformou sua ficção em reportagens jornalísticas, como fizeram muitos escritores contemporâneos seus. No entanto, em sua correspondência com Hermilo Borba Filho, muito se pronunciou, com indignação, sobre a ditadura militar, tendo o seu correspondente a mesma atitude. Além disso, Osman Lins a contextualizou em seus romances Avalovara e A rainha dos cárceres da Grécia, mediante o recurso de citações das manchetes de jornais da época sobre atos e medidas autoritárias e a ecoou em suas tramas ficcionais. O objetivo principal desta comunicação é realçar que, embora fiel a seu projeto literário inovador, Osman Lins foi comprometido com seu tempo e não silenciou sobre a ditadura. Serão pontuados e analisados, de um lado, momentos do diálogo epistolar dos romancistas pernambucanos sobre os acontecimentos da época e sobre o processo de criação de Osman Lins, que colocava seu amigo a par do andamento da escritura de Avalovara e de A rainha dos cárceres da Grécia ; de outro, serão pontuados e analisados trechos dos romances nos quais se evidencia o entranhamento do contexto ditatorial na tessitura literária osmaniana.

Palavras-chave: literatura e política, epistolografia, romance

OSMAN LINS: O LIVRO COMO SUJEITO DA AÇÃO POLÍTICA

Cacilda Bonfim

Resumo: Múltipla é a contribuição do escritor pernambucano Osman Lins (1924-1978) para a literatura nacional em específico e para a cultura nacional em geral. Autor de romances, contos, peças teatrais, ensaios, artigos de jornal e um estudo sobre o espaço romanesco em Lima Barreto, a postura lúcida e corajosa de Lins frente aos problemas artísticos, educacionais, socioeconômicos e políticos do país se mostra sempre envolta por uma ética orientada pela compreensão de sua responsabilidade pessoal como literato em um Estado sufocado por práticas corruptas que minam as instituições que o sustentam e oprimem o povo. Esse trabalho objetiva assinalar a autenticidade de Lins ao assumir substancial relação entre a escrita e a ação, sem, contudo, negar a liberdade da arte literária que jamais deve se subordinar a interesses que visem a sua manipulação. Nessa perspectiva, a visão de Osman Lins é contraposta à ideia de engajamento literário, defendida por Sartre, em sua obra, O que é a literatura? (1947). Sabemos que para o filósofo francês e sua geração o que estava em jogo no pós-II Guerra era o papel dos intelectuais frente à necessidade de transformação das estruturas sociais tendo por base o materialismo dialético. Nesse sentido, para Sartre, o escritor engajado é aquele que faz política através de sua literatura, compartilhando a compreensão de que a prosa é essencialmente utilitarista, de tal modo que o autor deve intervir, por meio da persuasão, no mundo em que vive. Não há dúvida de que Osman Lins admirava Sartre e coadunava com alguns de seus pensamentos, contudo, ao que me parece, a recusa de Lins pela rotulação do engajamento advém da argumentação impositiva do filósofo francês que reduz a literatura a um veículo subserviente a valores que se originam fora dela mesma e obrigam o prosador a se adequar ao critério utilitário, que por sua vez está condicionado à eficiência com que propaga os princípios do socialismo científico em sua obra. Logo, o adjetivo “engajado” não se aplica, nesses termos, a Osman Lins. A obra literária não é um meio para o autor expor suas preferências políticas. O livro é, ele mesmo, a ação política do escritor. Perde sua qualidade de veículo para algo. Ganha uma dignificação própria e se torna o sujeito da ação política na medida em que penetra e dá acesso à dimensão empírica, tomando uma posição na teia das relações humanas, mesmo que o seu mundo ficcional e o mundo material não sejam coincidentes ou estejam em franca oposição.

Palavras-chave: Osman Lins; Literatura; Política.

NOVE, NOVENA, NAÇÃO

Andrea dos Reis Collaço

Resumo: Osman Lins foi um escritor preocupado com o seu país e o seu tempo. Ao longo de ensaios críticos, trabalhos acadêmicos, narrativas e romances, a reflexão sobre o cenário político nacional fez parte intrínseca de seu ofício de escritor. No campo ficcional, o pensamento sobre o fazer literário, tema primordial das suas chamadas obras da maturidade, encontra-se indissociavelmente entrelaçado ao pensamento sobre o papel do escritor frente à realidade que o cerca. Essa realidade, por sua vez, encontra-se criticamente apresentada, literariamente transformada e tornada perene pela palavra. Muito já se escreveu sobre o engajamento político-literário de Lins, especialmente quanto à sua rejeição a todas as formas de opressão e quanto à crítica ao regime militar instaurado no Brasil com o Golpe Civil-Militar de 1964. O romance Avalovara, de 1973, sua obra de cunho político mais evidente, possui vasta fortuna crítica sobre o tema, seguida, em menor grau, pelo seu último romance, A Rainha dos Cárceres da Grécia, de 1976, em que são aprofundadas questões como a exclusão social e a atuação da burocracia do Estado na manutenção de privilégios e na perpetuação de desigualdades. Contudo, os estudos sobre o livro de narrativas Nove, Novena, de 1966, considerado por muitos críticos o ponto de virada da literatura osmaniana, pouco têm tratado do tema, concentrando-se, em grande medida, nas investigações sobre a escrita, a arte, as relações humanas e os assuntos específicos de cada narrativa. Se é impossível dissociar política e palavra, e se a palavra é, para Lins, o que dá realidade ao que de outro modo seria caótico e disperso, tampouco é possível pensar o seu texto – elaborado e pleno de significados – como destituído de profundo sentido político. Ainda que, à primeira vista, as narrativas de Nove, Novena pareçam pouco engajadas em face dos escritos posteriores do escritor, delas não está jamais ausente a política. O trabalho proposto, parte de pesquisa de doutorado em andamento na Universidade de Brasília, busca compreender os aspectos políticos presentes em Nove, Novena, seus sentidos e sua relação com o tempo das narrativas e da escrita do livro. A investigação tem como propósito refletir sobre o modo como a realidade brasileira é ficcionalizada nos textos, sobre quais são os significados políticos das escolhas do autor nesse tratamento ficcional e sobre qual é o panorama do Estado-Nação que emerge a partir da leitura das narrativas. Qual é, afinal, o Brasil dos escritos produzidos por Osman Lins logo após a tomada de poder pelos militares e durante o breve período democrático que o antecedeu? Para onde aponta o olhar crítico do escritor sobre a realidade que o cerca? De que modo, ao transformar essa realidade em palavra, o escritor promove transformações para além do texto?

Palavras-chave: Osman Lins; Nove, Novena; crítica literária

OS MANSOS CONDENADOS DA TERRA: O ONÍRICO COMO ELEMENTO CONTESTADOR DA RELAÇÃO DOMINADOR-DOMINADO EM "CONTO BARROCO OU UNIDADE TRIPARTITE" DE OSMAN LINS

Fernando Antônio Dusi Rocha

Resumo: A presente comunicação tem por objetivo discutir, no conjunto das narrativas opcionais do "Conto Barroco", o sentido político-filosófico da luta contra a servidão do trabalhador rural, investigado por Osman Lins especificamente num dos fragmentos do citado conto ? a ser isolado do conjunto textual como unidade narrativa autônoma. No império dos signos da prosa osmaniana, este trecho narra o frustrante sonho libertador do narrador-empregado, em sua batalha individual contra o amo-patrão, e dá abertura a uma especulação filosófica a respeito da relação dominador-dominado. Pretende-se relacionar e confrontar tal narração onírica com alguns aspectos do pensamento de Jean-Paul Sartre ? que exerceu forte influência sobre a escrita de Lins ? suscitados no prefácio da obra Os condenados da Terra, de Frantz Fanon, de 1961. Esta obra, ao direcionar a revolução violenta da classe camponesa como única alternativa no processo de descolonização, permite o debate sobre a questão da alienação,



rearticulada pelo existencialismo sartreano a partir de pressupostos marxistas, a fim de ler a realidade da relação capitalista-proletariado. As premissas afixadas por Fanon para maniqueísmo e compartimentalização da sociedade colonial são reavivadas na chave imagética do texto de Lins e expõem o estiramento das relações de trabalho radicado no nosso próprio processo de colonização, e tomado como espelho atualizável do modelo expropriatório ainda reinante em algumas condições do vínculo patrão-empregado, que, no ambiente rural cenografado na narrativa, ainda flui na condição amo-escravo. Quer-se, enfim, reverenciar-se Osman como escritor política e eticamente comprometido com a tragédia social brasileira, além de sublinhar-se a conduta interrogante da sua escrita literária como veículo de indignação e transformação social.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Osman Lins; Nove, Novena; elemento onírico; relação dominador-dominado

17/07 (TARDE)

UMA PERCEPÇÃO OSMANIANA DE ESCRITURA E POLÍTICA

Odalice de Castro Silva

Resumo: Este exercício de leitura crítica procura desenvolver uma meditação acerca de elementos que o leitor de Osman Lins (1924 - 1978) vai discernindo ao longo do convívio com diferentes tipos de textos do escritor, como contos, romances, dramas, entre outros e, ao mesmo tempo, com preocupações constantes com categorias importantes para a criação literária e que são também para o pensamento, como ética, política, liberdade. Uma compreensão de complexo e intenso relacionamento, por ação e retroação (Morin: 1991), entre as coisas, na escritura osmaniana, como uma atitude ética e política, surge no “entre-os-homens” (Arendt; 2003:23), sem que para esta intervenção espaço-temporal, o indivíduo deva ser necessariamente um escritor, um intelectual. Ao acontecer de alguém expor-se como escritor, para Osman Lins, “sua ação é seu livro”. (1974: 219). Os primeiros trabalhos trazem as marcas de uma determinação, também constatada em artigos de jornal, que examinaremos nas projeções ficcionais e reflexivas de *Os Gestos* (1957), até a culminância de *A Rainha dos cárceres da Grécia* (1976) e de *Domingo de Páscoa* (1978), quando se reúnem figurações do tempo atingidos com a criação literária que o distingue entre os grandes escritores do século XX, um encontro de responsabilidade ético-política.

Palavras-chave: Política - Escritura - Vida ativa - Circunstância - Figurações do Tempo

OSMAN LINS: A ARTE DO TRADUTOR E A POLÍTICA DA TRADUÇÃO

Cacio José Ferreira

Resumo: A tradução de “O urso polar e outras novelas” para o português, do escritor dinamarquês Henrik Pontoppidan, Nobel de Literatura em 1917, foi realizada por Osman Lins em 1963. Já as obras de Osman Lins foram traduzidas para a língua alemã, francesa, inglesa, espanhola, italiana e húngara. Nesse sentido, segundo Paulo Rónai, “o melhor exercício para o tradutor é, naturalmente, a tradução. Mas não basta” (RÓNAI, 1976, p. 20). No entanto, não há receitas ou fórmulas especiais para a realização da tradução. Contribuem para a formação do texto traduzido a competência e a sensibilidade do tradutor, o conhecimento das questões culturais e sociais da língua, a compreensão da obra original. No texto “Uma tradução indigna”, publicado no Suplemento Literário do Estado de São Paulo em 1958, Osman Lins, ao criticar a tradução de “Os noivos”, de Alessandro Manzoni, realizada por Marina Guaspari e publicada pelos Irmãos Pongetti-Editores, Rio de Janeiro, questiona o que é uma tradução de qualidade. “Ora, o que é uma excelente tradução? Não seria necessário definir tão evidente conceito, mas somos forçados a fazê-lo, para melhor argumentar. Não é uma tradução que transporte, com a máxima justeza possível, o texto original, sem mesmo ceder àquela tentação, a que alude Paulo Rónai, de embelezar ou retificar o autor traduzido, colocando-se sempre o tradutor numa posição humilde, de fidelidade absoluta à letra e ao espírito da obra, regra que naturalmente se



atenua em se tratando de poesia – tarefa, aliás, de discutível validade – e de cuja inflexível linha ninguém pode afastar-se?” (LINS, 1958, p. 1). Assim, o que é ceder à tentação? No livro "Terminologia da tradução", o termo fidelidade é definido como “qualidade de uma que, em função de sua finalidade, respeita o máximo possível o atribuído ao pelo e cuja formulação na está conforme o uso” (DELISLE; JAHNKE, CORNIER, 2013, p. 59). Além da rigorosa composição textual, a obra osmaniana apresenta diversos elementos gráficos e políticos que dificultam a tradução. Ele “via o papel do escritor com um fanatismo que beirava a religiosidade e o sentido de missão típicos de um jesuíta”? (IGEL, 1988, p. 75). Portanto, a presente investigação busca empreender uma reflexão sobre Osman Lins como escritor tradutor e traduzido. Nessa perspectiva, serão evidenciados alguns aspectos da tradução de "O urso polar e outras novelas" para o português e, também, da tradução de Osman Lins para outras línguas, pois a escritura osmaniana se expande como forma de expressar um sentido maior do que a palavra ali disposta tende, em um primeiro momento, a intuir. Além disso, será evidenciado o percurso do pensamento político de Osman Lins em torno da tradução.

Palavras-chave: Osman Lins; Tradutor; Tradução; Política.

OSMAN LINS E O KEROTAKIS ALQUÍMICO: O TRATO INCESSANTE DA LINGUAGEM

Maria Aracy Bonfim

Resumo: O motivo alquímico que integra o romance Avalovara (1973), de Osman Lins (1924 – 1978) tem diversas menções e alusões em sua fortuna crítica. Há uma mensagem intrínseca que ali se reveste de acepções metafísicas - o que é inevitável dada a pronta constatação de leitores que percebiam símbolos dispostos no romance e que conhecidamente se referem à Alquimia - esta, por sua vez, tão ligada ao imaginário humano e sempre cercada por uma certa aura mágica e misteriosa. Nesta comunicação, parto de um texto de Lins em seu livro ensaístico Guerra sem Testemunhas (1969), cujo capítulo intitula-se “O escritor e a sociedade”, em que ele diz: “Há uma tendência, na interpretação dos estudos alquímicos, a ver no alquimista, acima de tudo, um homem atento aos problemas do espírito. Não seria realmente importante, em suas infundadas destilações, frustrarem-se os resultados práticos: o que ele purificava, o mercúrio a ser mutado em ouro no seu paciente e misterioso trabalho com os alambiques, as vasilhas herméticas e o kerotakis era a própria alma. Sofre o escritor processo semelhante. Sua vida e seus livros representam um exercício de transmutação e talvez resida nisto o interesse de alguns ficcionistas modernos pela alquimia. (LINS, 1969, p. 268). O texto é a participação do escritor na mudança do mundo. Nele estão dispostos todos os elementos que aglutinam o que engendra a pessoa por trás das palavras e, fundamentalmente, o modo como se insere na mudança que enseja – se visando à liberdade ou se simpática a ditames opressores. Osman Lins escolheu a liberdade. Nessa via ele se situa e se reconhece, com arguta lucidez e preocupação com seu tempo. Além dos textos de Lins, sobretudo o citado romance Avalovara e o já mencionado Guerra sem Testemunhas serão nessa comunicação estudados os artigos: “Além de Avalovara” (1984), de Julia Cuervo Hewitt e “A espiral e a página: criação e intertextualidade em Osman Lins” (2013), de Elizabeth Hazin que tratam da alquimia na obra do escritor pernambucano. Em adição a esses a obra de Alexander Roob, O Museu hermético Alquimia e Misticismo (2014) e um dos livros que integram a biblioteca de Osman Lins (depositada na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro), identificado como “lido durante a criação de Avalovara”, O Despertar dos Mágicos, de Louis Pauwels e Jacques Bergier e também outras obras e artigos que corroborem na ideia a ser aqui desenvolvida de que o trato incessante da linguagem possa transformar e (por que não?) melhorar o mundo.

Palavras-chave: Avalovara, Alquimia, Criação literária

DE CADA LIMITAÇÃO, UM APRENDIZADO: O BRASIL AOS OLHOS DE OSMAN LINS
Francismar Ramirez



Resumo: Em setembro de 1970 - um ano após o início da escrita de "Avalovara" e quase quatro antes da de "A Rainha dos Cárceres da Grécia" -, Osman Lins comparecia por última vez a seu trabalho na Biblioteca do Banco do Brasil (SP). Foi o último dia oficial de uma rotina de 27 anos: da atividade que lhe permitiu o sustento e da qual, ao mesmo tempo, seria partícipe e observador da sociedade brasileira. No exercício descritivo que dá conta deste episódio, o autor pernambucano reconstrói eventos pontuais: os bons termos de sua relação com o chefe desse momento, o regozijo de finalizar com essa etapa para se dedicar à escrita e - aqui possivelmente a crítica mais tendente à política, entendida a crítica mais em termos sociais do que beligerantes - as limitações com as quais devia se deparar um funcionário público em 1970, ainda que em uma instituição de renome dentro do próprio país. A crítica de Lins nessa minuta passa por observações de natureza diversa: da falta de serviços à ausência de rigorosidade nas normas da instituição quando se trata de vagas gerenciais, até o mal-estar reiterado diante de uma certa "normalidade" em situações de rotina que, em outras fronteiras, seriam motivo de rápida resolução coletiva. Não fica de lado a menção a um decreto de censura prévia, alusão direta ao regime que regeria no Brasil até o verão-outono de 1984-1985. Ao abandonar por fim o prédio do banco (apenas para voltar em ocasiões de estrito teor burocrático), Lins comenta ter perambulado pelo Martinelli - "esse monstro", em suas palavras; espaço fundamental de Avalovara - e ter preparado o final desse dia com a compra de um vinho para o jantar - evidente sinal de comemoração. Sem outra pretensão que nutrir o próprio arquivo com lembranças escritas, o relato de lauda e meia convoca preocupações que ficarão nítidas em seus últimos romances: a burocracia, a loucura e uma dose de ira. De acordo com o registro em questão, e graças à teimosia no trabalho criativo, para Osman Lins foi possível - não simples - superar a monotonia das tarefas como funcionário público - o que fala, ainda para os leitores do século XXI, de um pensador fora de série. Este trabalho tentará traçar uma reflexão entre alguns destes valores do universo osmaniano, colocando particular ênfase nas inquietações cidadãs e na forma como as irregularidades mencionadas em certos episódios de seus textos ficcionais podem minimizar a subjetividade e, em consequência, as possibilidades humanas.

Palavras-chave: Osman Lins; A Rainha dos Cárceres da Grécia; Avalovara; burocracia; cidadania

18/07 (TARDE)

OS (DES)LIMITES DO SEXO E DA MEMÓRIA: OS SENTIDOS DO CORPO POLÍTICO E COLETIVO NA ESCRITA DE OSMAN LINS

Raul Gomes da Silva

Resumo: Conhecido por contribuir com renovações expressivas para a ficção brasileira do século XX, Osman Lins deixou, no que se refere ao emprego de estratégias narrativas, um legado relevante para a nossa literatura, pois nos leva a repensar as formas de concepção do texto literário. A atenção dedicada à categoria do espaço, a questão do medievalismo, do orientalismo e da alquimia, bem como a sua relação com as formas geométricas são alguns dos elementos responsáveis pela linguagem polissêmica de seus textos ficcionais. Avalovara (1973), objeto central deste estudo, é um dos romances que melhor representa essas renovações, porque, além das mencionadas, ele evidencia a transposição da linguagem verbal para a pictórica, precisamente pela utilização do palíndromo mágico sobreposto à espiral e ao quadrado, que, juntos, ornamentam o romance, construído à luz de um trabalho rigoroso com a palavra, com o espaço e com o tempo. Além disso, Avalovara traz em seu bojo personagens femininas feitas de cidades, de seres humanos, de símbolos e de palavras. Sendo assim, o objetivo central desta comunicação é analisar os processos de escrita do corpo da personagem feita de seres humanos: a andrógina Cecília. A partir da investigação dos processos de escrita do corpo dessa figura, buscamos compreender duas questões primordiais para a realização deste trabalho: primeiro, como se configura os limites discursivos dos sexos masculino e feminino, uma vez que o corpo andrógino desestabiliza essas categorias, na medida em que concilia num só corpo ambas as



sexualidades; em segundo lugar, analisar como os seres integrados à corporalidade de Cecília fazem parte de uma memória coletiva, especificamente, a memória do povo nordestino, à qual a personagem está ligada. Para realizar esse propósito, tomamos o corpo como potência afetiva (DELEUZE, 2002), formada por relações de forças e de afetos: “todo corpo se define pela relação de forças que ele compõe e pelos afetos que qualificam sua força” (SAUVAGNARGUES, 2012, p. 292); como substância política, pois o andrógino subverte os mecanismos disciplinares de categorização e de produção do corpo e da sexualidade na cultura (FOUCAULT, 1999) (BUTLER, 1993) e como registro coletivo, porque as figuras integradas ao corpo da mulher comporiam o que estamos chamando, a partir de Maurice Halbwachs (2006), de memória coletiva do corpo social, precisamente, dos corpos minoritários do Nordeste do país. Essa memória, ao conservar as impressões e experiências que sucedem na realidade durável do espaço, opera um movimento de resistência e de contestação ao poder que se impõe ao corpo para reduzir a sua força e diminuir a sua potência quer seja política quer seja coletiva.

Palavras-chave: Osman Lins; sexualidade; memória; corpo político; corpo coletivo

A ATIVIDADE DE ESCREVER E A DE INCENDIAR CONSCIÊNCIAS: O ESCRITOR E FRANCISCO JULIÃO, EM AVALOVARA

Ricardo Andrade

Resumo: As obras ficcionais de Osman Lins, além da contribuição por seu caráter inovador em relação aos procedimentos utilizados pelos autores brasileiros, expressam enorme compromisso ético para com os leitores e a sociedade. Suas narrativas favorecem o desenvolvimento artístico e intelectual nacional, refletindo sobre os comportamentos humanos, a sociedade e a realidade brasileira, sempre comprometido com a identidade de seu povo, especialmente com seus conterrâneos e contemporâneos. Segundo o crítico literário Guilhermino César, em “O Obstinado Osman Lins”, publicado em 30 de setembro de 1977, no Caderno de Sábado do jornal Correio do Povo, “se não fosse um escritor”, Osman Lins “atiraria bombas, daria tiros, sairia à rua em busca de ação. A necessidade de atuar, de levantar problemas, de suscitar reação nos indivíduos de mentalidade tarda, é vizinha, em Osman Lins, da obsessão da forma”, pois, “o ato de fiar é nele uma necessidade íntima”. Através da literatura, este autor entrelaça ficção e realidade pontuando contundentemente suas obras com seus posicionamentos políticos. Em Avalovara, romance audacioso no tocante à forma e ao desenvolvimento do enredo, na linha narrativa que relata o relacionamento do protagonista Abel com a personagem Cecília (“Cecília entre os leões”), especificamente na parte T-12, o autor, através das reflexões do personagem também escritor, esquadrinha seu próprio ofício, questionando a razão e a finalidade de se escrever literatura e comparando sua atividade com a exercida por um personagem histórico, Francisco Julião, relevante líder das ligas camponesas do Estado de Pernambuco durante as décadas de 1950 e 1960. “Planejo escrever. Para quê?”, questiona o personagem-escritor Abel, dissimulando considerações do próprio romancista. “Escrever, para mim, virá talvez a adquirir, algum dia, um sentido mais preciso e elevado. No momento, representa um modo de não sucumbir, de não ir levando ao azar a minha vida”, ponderam de modo espelhado personagem e autor. “Uma decisão artificial (...). Honesta contudo”. E, continuando suas considerações sobre a atividade de escritor, compara o labor de atritar palavras com o de atritar consciências. “Atividades mais ou menos gratuitas, e, em certo sentido, fora da lei”. Esta comunicação, portanto, partindo do elogio de Osman Lins ao líder das Ligas Camponesas (“Estou longe de ter as virtudes exigidas para incendiar as consciências, como faz, na zona canavieira, Francisco Julião”), pretende destacar o enlaçamento da trama ficcional de Osman Lins com seu posicionamento político, além de resgatar um pouco do personagem-histórico muito esquecido nos tempos atuais, mas que nos chega vivo e vibrante através da obra do escritor pernambucano, ainda que mencionado uma única vez em todo o romance.

Palavras-chave: Escrita; Política; Consciência; Compromisso; Ética



A DUPLA FACE DAS ÁGUAS, O SOPRO DA ARGILA: CRIAÇÃO E ANIQUILAMENTO, VIDA E MORTE EM AVALOVARA E BRUMADINHO

Luciana Barreto Machado Rezende

Resumo: Para Osman Lins, a obra literária “estatui normas, quebra-as, insere-se com maior ou menor expressão no contexto social, pode até associar-se a erros já existentes, assim como modificá-los. É um ser vivo, contingente, imerso no mundo”. E por compreender a arte como imersa em seu tempo histórico, a partir da denúncia de desmandos e injustiças de toda ordem, o escritor alinha representação a resistência. Nesse sentido, em Avalovara compôs a personagem Cecília, entidade alegórica do tempo-memória, cujo corpo-mundo é habitado e atravessado por velhos, doentes, enfermos, bêbados, ladrões, famintos, demarcando, assim, a debilidade da frágil e controvertida condição humana. Sem perspectiva alguma de redenção, pois “banidos do Éden”, é na linha narrativa T - Cecília entre os leões que mais avulta a situação de desigualdade social do Brasil do final da década de 60 e as condições desumanas enfrentadas por camponeses e canavieiros. Na praia dos Milagres, os cenários despontam como infernais, apocalípticos, insustentáveis – tão somente escombros e desolação, “pedaços de paredes meio enterradas, restos de portas ou de vigas, lajes quebradas, ferragens, moradias destruídas”. Pois no Brasil do século 21, após avanços advindos de governos progressistas, o Estado de bem-estar social volta a retroceder e a ganância capitalista tem deixado seus rastros de destruição. A falta de investimentos basilares em infraestrutura e as condições insuficientes de salubridade e proteção ao trabalhador resultaram na recente e criminosa tragédia de Brumadinho, bem como na consequente morte de centenas de pessoas após o rompimento da barragem da empresa Vale, na região mineira. A corporação de receitas bilionárias não cumpriu o protocolo de segurança e quase 400 vidas foram sumariamente ceifadas, além de graves e perenes danos de ordem ambiental. Nessa perspectiva, é possível associar esse horizonte de lama e devastação ao que Osman Lins, há mais de 40 anos, já apontava como descaso político e ambição do grande capital: “Os trens, quando saem do Recife, atravessam os alagados negros. Homens e mulheres, a lama podre à altura dos joelhos, caçam caranguejos e mariscos. A lama cheira a carniça e está sempre cheia de urubus.” E, a exemplo do horror da lama tóxica e do soterramento em Brumadinho, o mal-estar, a impotência e a aflição física que acometem o protagonista Abel prenunciam a tragédia que susta o seu idílio com Cecília: “Sinto uma dor na perna, o ombro dormente e ouço dentro do quarto um barulho de ferragens rolando sobre lajedos. Existem a dor, a dormência, os lajedos, os ferros? Nas trevas, continua aceso o abajur de papel. Sua luz, porém, nada ilumina”. A potência impiedosa das águas turvas da barragem da Vale também legou dor, dormência, lajedos, ferros, enrodilhando e aniquilando a vida e o porvir em Brumadinho – o que, em Avalovara, vem em forma de vaticínio: “O mar golpeia as pedras, avança, corrói (...) - tudo a caminho do aniquilamento”. Resta, porém, o brávia da palavra a fixar a memória coletiva e a realidade que a tudo invade - o próprio sopro da argila a forjar a necessária representação do mundo.

Palavras-chave: Avalovara, Osman Lins, Brumadinho, Resistência, Representação

A INTERMINÁVEL PEREGRINAÇÃO: A ESCRITA REVOLUCIONÁRIA DE OSMAN LINS

Elizabeth Hazin

Resumo: Não é possível, ao se analisar a obra literária do escritor pernambucano Osman Lins (Vitória de Santo Antão, 1924-São Paulo, 1978), confundir o que aí pode ser denominado de “ética da interpretação do mundo” (oriunda da necessidade premente de expressar outros modos de pensar e de sentir um mundo que lhe parecia sempre cambiante) com o que se convencionou chamar “engajamento literário”, postura rejeitada pelo autor ao longo de toda a sua vida, e tantas vezes enfaticamente enunciado em entrevistas que concedeu a diversos jornais e periódicos. Esse trabalho persegue, em primeiro lugar, a defesa de que existe uma diferença profunda entre o real e o mundo da ficção, tão bem expressa por Zygmunt Bauman em O mal-estar da pós-modernidade: “Num mundo dominado pelo medo mortal de tudo o que é



contingente, opaco e inexplicável, a ficção artística é uma contínua sessão de treinamento para viver com o ambivalente e o misterioso. Ela ensaia a tolerância e equanimidade para com o inconstante, o contingente, o não inteiramente determinado, o não inteiramente compreendido e o não inteiramente previsível. Incentiva a reconciliação com a contingência da vida e a polifonia de verdades”. Em segundo, a ideia de que existem graus de comprometimento de um escritor com a sociedade a que se dirige, e que em Osman Lins terminam por se refletir na própria conceituação do que seria o ato de escrever, sempre alegoricamente posto em seu texto: ”Minha vida inteira concentra-se em torno de um ato: buscar, sabendo ou não o quê. Assemelham-se um pouco às de um desmemoriado minhas relações com o mundo. Caço hoje um texto e estou convencido de que todo o segredo da minha passagem pelo mundo liga-se a isto. O texto que devo encontrar (onde está impresso ou se me cabe escrevê-lo, não sei) assemelha-se ao nome de uma cidade: seu alcance ultrapassa-o – como um nome de cidade –, significando, na sua concisão, um ser real e seu evoluir. E as vias que nele se cruzam, sendo ainda capaz de permanecer quando tal ser e seus caminhos estejam sepultados”, como escreve ele no fragmento 9 da linha narrativa R, do romance Avalovara. Assim, a meta-ficcionalidade assume, em Lins, esse papel de acender no leitor a força poderosa da palavra, aquela que para ele é capaz de trazer de volta o perdido, o encoberto, o que já não mais existe. Por esse motivo sua escrita vem aqui considerada uma escrita absolutamente revolucionária.

Palavras-chave: Osman Lins; Avalovara; meta-ficcionalidade; escrita revolucionária.

19/07 (TARDE)

OSMAN LINS, ESCRITOR DO POVO? (OU: DA LITERATURA COMO GUERRA)

Pedro Henrique Couto Torres

Resumo: O presente trabalho se preocupa em discutir - desde as provocações do ensaio Guerra sem Testemunhas, de Osman Lins - as relações de representação do povo que se disseminam ao longo da obra do escritor pernambucano. A análise focará os romances Avalovara (1973) e A Rainha dos Cárceres da Grécia (1976).

Palavras-chave: Osman Lins; Representação; Literatura Contemporânea

A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM EM A RAINHA DOS CÁRCERES DA GRÉCIA, DE OSMAN LINS

Sebastiana Lima Ribeiro

Resumo: A construção da personagem na obra osmaniana, sobretudo em A rainha dos cárceres da Grécia, última obra do autor, preconiza a matéria literária a partir de um debate teórico-filosófico encetado pelo próprio narrador do romance. A metaficção, desenvolvida em várias instâncias discursivas, instala-se também na construção das personagens, que aí aparecem como construtos carregados de ambiguidade. O diálogo com a tradição literária greco-romana, resgatado pela intextualidade do romance, atualiza-se na referência a personagens de Virgílio, Ovídio e Homero. Retomando as duas musas evocadoras do riso e da dor podemos dizer que em A rainha dos cárceres da Grécia temos, em sentido geral, dois grupos de personagens: um cômico, outro trágico. A caracterização dessas personagens é, de certa forma, como um delineamento de máscaras narrativas. Conforme nos lembra o próprio Lins “O estudo de uma determinada personagem será sempre incompleto se também não for investigada sua caracterização. Isto é: os meios, os processos, a técnica empregada pelo ficcionista no sentido de dar existência à personagem.” Deparamo-nos, em A rainha dos cárceres da Grécia, com elementos multiplicados à maneira de um caleidoscópio. Nele, refletem-se, refratam-se e difundem-se os personagens da obra. A visão deste caleidoscópio fica clara na medida em que vemos reverberar personagens com o mesmo patronímico, quase sempre apresentados como um duplo, ora oscilando para o aspecto cômico, ora para o trágico. Constituído por três camadas narrativas, o romance apresenta em sua estrutura categorias inusuais de personagens que se mesclam em diferentes de gêneros textuais, quais sejam: o diário, narrado por um professor



de história natural; um ensaio, do mesmo professor sobre um romance inédito e o romance propriamente dito, apenas entrevisto por fragmentos e análises do professor. Protagonizam como personagens centrais das três camadas narrativas: O professor-narrador no diário; a escritora Julia Marquizein Enone no ensaio do professor e a migrante pernambucana Maria de França no romance de Julia acerca do qual nos deteremos mais minuciosamente. É o núcleo de personagens ligados ao romance de Julia que traz importante contribuição para este trabalho, uma vez nele figuram como parte da aventura de Maria de França personagens relevantes da história do Brasil. Insertos no romance e por ele transmudados comparecem o imperador Dom Pedro II, o barão do Rio Branco José Maria da Silva Paranhos, o marechal e presidente do Brasil Floriano Peixoto e o ministro da Fazenda Ruy Barbosa entre outros.

Palavras-chave: Personagem; Duplo; Trágico; Cômico

SOBRE O FEMININO EM OSMAN LINS: REPRESENTAÇÃO E RECEPÇÃO EM A RAINHA DOS CÁRCERES DA GRÉCIA

Mayara Moratori Peixoto

Resumo: Esta comunicação pretende versar a respeito da recepção do texto osmaniano sob a perspectiva da leitora mulher: que tipo de significações podem ser percebidas nas prosas de ficção osmanianas, e as relações que podem ser estabelecidas com textos de outras literaturas, relativas à representação do feminino? A dualidade entre o masculino e o feminino, que frequentemente é relacionada a outras tantas oposições ditas “naturais”, tornou-se um embate que perdura há muito tempo, desde que se pode mapear a história da opressão do homem sobre a mulher. Busco compreender, aqui, a relação entre escritor e leitora em uma perspectiva dos estudos de gênero, motivada por um questionamento surgido no simpósio sobre Osman Lins da ABRALIC de 2017. Uma ouvinte das comunicações levanta, ao fim das apresentações, uma polêmica acerca das variadas personagens femininas presentes na obra de Lins, evocando a necessidade de uma compreensão ideológica referente ao que poderia ser um possível “machismo” nessas representações. Impelida pelo incômodo dessa provocação, busco aqui mapear os símbolos da separação entre o masculino e o feminino trabalhados por Pierre Bourdieu (2014) em *A dominação masculina*, bem como as indicações sobre a diferença sexual em psicanálise levantadas por Maria Cristina Poli (2007) em seu estudo *Feminino/Masculino*. Para circunscrever a discussão ampla a um corpus literário específico, debruço-me na comparação entre a personagem Alcmena, sobrinha do professor de Biologia, personagem do romance *A Rainha dos Cárceres da Grécia* (2005), e a Alcmena das narrativas mitológicas, esposa de Anfitrião e mãe do herói Hércules – em específico sua aparição nas *Metamorfoses* de Ovídio (2017), obra citada por Osman Lins ao longo do romance em questão. A aproximação de um texto contemporâneo e um texto arcaico tenciona compreender historicamente o papel atribuído ao feminino dentro das narrativas, as possíveis mudanças que se operaram e, para o presente objetivo, promover reflexões a respeito da recepção desses textos por leitoras mulheres já inseridas na atual discussão política relativa às questões de gênero. Nesse sentido, recorro à discussão presente em *Guerra sem Testemunhas*, também de Lins (1974), sobre a relação entre escritor e leitor, bem como a Jonathan Culler (1997), em seu *Sobre a desconstrução*, quando ele discorre sobre o tópico “Lendo como mulher”. Para a compreensão das categorias “mulher” e “feminino”, recorremos a Judith Butler (2016) e seu *Problemas de gênero*, bem como a Joan Scott (1995) no ensaio “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” e a Elaine Showalter (1993) em “A crítica feminista no território selvagem”.

Palavras-chave: Osman Lins; *A Rainha dos Cárceres da Grécia*; Feminino; Masculino; Recepção

Coordenação: Profa. Dra. Maria da Glória Magalhães dos Reis (Universidade de Brasília); Prof. Dr. Walter Zidaric (Université de Nantes)

Resumo: Gilles Deleuze no ensaio **Um manifesto de menos**, sobre a obra de o ator, dramaturgo, encenador e cineasta italiano Carmelo Bene, discute o aspecto crítico do teatro procurando enfatizar a sua importância política. Na conclusão de seu ensaio o autor afirma que

O Teatro surgirá como o que não representa nada, mas apresenta e constitui uma consciência de minoria enquanto devir-universal operando alianças aqui e ali conforme o caso, segundo linhas de transformação que saltam para fora do teatro e assumem uma outra forma, ou se reconvertem em teatro para um novo salto. (DELEUZE, 2010, p. 64)

Em outro ensaio **O esgotado**, igualmente publicado no Brasil na obra organizada por Roberto Machado, intitulada **Sobre teatro**, Deleuze analisa, desta vez **Quad** de Samuel Beckett e para isso usa os conceitos de língua I, língua II e língua III. O que Deleuze chama de língua I seria uma língua dos nomes, das relações sintáticas, também definida pelo autor como “imaginação combinatória, ‘manchada de razão’” (p. 79). A língua II não é mais a dos nomes, mas a das vozes que procede “por fluxos” misturáveis (p. 76), “imaginação manchada de memória” (p. 79). Por fim, a língua III, a língua dos hiatos, dos buracos, dos rasgões; a língua “das imagens, sonantes, colorantes” (p. 81).

A partir dessas reflexões, propomos, neste simpósio, discutir sobre de que maneira outras linguagens (como a dança, o cinema, a música, o circo e as novas tecnologias) as línguas (as línguas estrangeiras, as línguas de sinais – como LIBRAS – Línguas de Sinais Brasileiras) e as experiências estéticas envolvendo pessoas com diferentes formas de deficiências físicas (ver Pippo Delbono, na Itália; a peça Ícaro de Luciano Mallmann, no Brasil e outras) aliam-se ao teatro transformando-o e criando esse devir-universal do qual fala Deleuze.

Para Jean-Frédéric Chevalier, que estuda a contribuição de Gilles Deleuze para o teatro na obra **Deleuze et le théâtre: rompre avec la représentation** (2015), apesar das poucas ocasiões nas quais Deleuze escreveu sobre o tema, a arte é um bloco de sensações, um composto de percepções e afetos. Dentro dessa perspectiva, a questão que nos interpela seria portanto: como intensificar a percepção e a expansão do afeto e com isso provocar outras maneiras de se recompor no mundo?

Em *Différence et Répétition* (1968) Deleuze afirma que: “a obra de arte deixa o campo da representação para se tornar “experiência”, empirismo transcendental ou ciência do sensível” (p. 39, tradução nossa, ênfase do autor). Nessa direção, Chevalier discute que para Deleuze o teatro compreende todas as artes, as poéticas da língua e do movimento (CHEVALIER, 2015, p. 135). O teatro, dessa forma, não teria nada de fixo, mas apresentaria, de fato, uma capacidade integrativa. É dessa capacidade própria à atividade teatral, dessa possibilidade, dessa potencialidade que pretendemos tratar a partir de um ponto de vista interdisciplinar abrindo espaço para pesquisas em dramaturgia, interpretação, dança, música, circo, educação, psicologia e outras áreas que se interessem à intersecção das áreas afins que constam nesta proposta.

Inspirados, portanto, nesta ideia do devir no teatro e de que, como para Deleuze (1968) “O teatro é movimento real; e de todas as artes que ele usa, ele extrai um movimento real” (p. 18) e levando em consideração a afirmação de Jean-Pierre Sarrazac que o “drama se desenvolve fora de seus próprios limites, *no exterior de si mesmo*, por cruzamentos e hibridizações sucessivas. O drama moderno e contemporâneo se dá inteiramente em linhas de fuga; está sujeito a uma desterritorialização permanente” (p. 331, ênfase do autor), propomos o debate sobre este teatro feito *autrement*, de outra forma, por múltiplas linhas de fuga, excitando a vontade de devires múltiplos e explorando os possíveis.

Em guisa de conclusão, pretendemos levantar a discussão sobre um teatro de “variações presentes, um teatro que faça crescer nosso desejo de estar, aqui e agora, vivos” (CHEVALIER, 2015, p. 143, tradução nossa).

Referências:

- CHEVALIER, Jean-Frédéric. **Deleuze et le théâtre : rompre avec la représentation**. Bensaçon : Les Solitaires Intempestifs, 2015.
- DELEUZE, Gilles. “Um manifesto de menos” e “O esgotado”. In.: MACHADO, Roberto. **Sobre teatro: Um manifesto de menos; O esgotado** / Gilles Deleuze. Tradução Fátima Saadi, Ovídio de Abreu, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- DELEUZE, Gilles. **Différence et répétition**. Paris : Presses Universitaires de France – PUF, 1968.
- SARRAZAC, Jean-Pierre. **Poética do drama moderno**. Tradução: Newton Cunha, Jacó Guinsburg, Sonia Azevedo. São Paulo: Perspectiva, 2017.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (TARDE)

UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA CÊNICA DA PEÇA KANTAN (TRAVERSEIRO DOS SONHOS) DE YUKIO MISHIMA COM EDUCANDOS DA GRADUAÇÃO QUE REFLETE SOBRE A EDUCAÇÃO CRÍTICA LITERÁRIA COM TEATRO

Kimiko Uchigasaki Pinheiro e Maria da Glória Magalhães dos Reis

Resumo: Compreende-se o teatro a partir das linhas que se criam para além do espaço palco, transita nas consciências e assumem outras formas, que podem materializar-se em ações e causar transformações na educação dos indivíduos. Considera-se a literatura e o teatro como uma das artes fundamentais que possibilitam uma formação consciente para a escuta do outro pelo viés da educação. Pois, entende-se a linguagem como constituinte de pensamentos, dessa forma, estuda-se o dialogismo de Mikhail Bakhtin (2011), baseados nas reflexões sobre o teatro engajado de Bertolt Brecht (1978), a educação crítica de Paulo Freire (2005). Esta é uma pesquisa de tese de doutorado em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação em Literatura na Universidade de Brasília, que propõe uma experiência com teatro na educação literária em literatura estrangeira japonesa. Realizou-se a leitura cênica da peça Kantan (Travesseiro dos sonhos), da coletânea Nô moderno de Yukio Mishima, com educandos da graduação; a partir dessa práxis reconhecemos nos relatos dos educandos essas linhas de compreensões dos sentidos que são constituídas no processo de um trabalho em coletivo no teatro, como examina Maria da Glória Magalhães dos Reis (2017). O Nô moderno são oito peças escritas no período pós-guerra do Japão. As dramaturgias de Mishima são analisadas por uma perspectiva dialógica com os estudos da Darci Kusano (2015).

Palavras-chave: Teatro; Educação; Literatura Japonesa

A AFIRMAÇÃO DA DIFERENÇA* NO TEATRO DE SUZAN-LORI PARKS

Annemeire Araújo de Lima

Resumo: A arte dramática é tradicionalmente conhecida por sua capacidade de imitar a vida mas alguns estudos apontam que, desde o final do século XIX, ela tem deixado de corresponder ao modelos tradicionais. As transformações que esta arte vem sofrendo fazem parte do processo de ruptura do mundo moderno - marcado pelo caos e pela desordem - com os paradigmas de uma forma de fazer arte até então estabelecidos. O distanciamento entre as demandas da realidade (conteúdo) e a forma de representá-las artisticamente, levou Lehmann e Adorno a, influenciados pela perspectiva hegeliana, declararem a morte do drama moderno. Por discordar que a identidade entre forma e conteúdo seria motivo suficiente para considerar o drama uma arte superada, Jean -Pierre Sarrazac (2017) encontra em Gilles Deleuze (1978) um apoio contra ideologias que este chama de “narcísicas”. Presumindo que “a arte está submetida a muitos



poderes, mas não é uma forma de poder”, Deleuze desenvolveu alguns estudos sobre o teatro e considerou que, mais do que privilegiar o que é constante entre forma e do conteúdo, o drama precisa afirmar a diferença, explorando o que nessa relação é variante. Afirmar a diferença, para este filósofo é *mover-se por um pensar que não subordine a diferença à identidade, pois só assim será possível representar o que parece irrepresentável. Interessado em como se dá a afirmação da diferença proposta por Deleuze e em colaborar com Sarrazac na comprovação de que o drama não está morto, este trabalho tem no teatro de Suzan-Lori Parks (2018) um exemplo de como um dramaturgo pode modificar radicalmente o ritmo interno de suas peças sem submeter a aporia do viver moderno/contemporâneo às formas de representação que privilegiam o processo de identificação. Parks vai ao encontro do que Deleuze considera “a essência e a interioridade do movimento teatral” quando faz uso da repetição, da retrospectiva e de outros recursos das linguagens verbal e musical para confrontar o espectador com a nudez do existir mencionada por Jean-Luc Nancy (1993). Sua poética faz pensar que o drama não só está vivo, como disponibiliza ao seu espectador uma visão circular acerca da História e da Linguagem; uma revisão de sentidos ao levar em conta histórias e linguagens “menores”; e um pensar mais crítico e criativo acerca da vida do drama e do drama-da-vida.

Palavras-chave: Diferença; Teatro; Suzan-Lori Parks; Revisão de Sentidos.

VIOÊNCIA, METATEATRALIDADE E IMPROVISACÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE THE CONNECTION E RODA VIVA

Esther Marinho Santana

Resumo: No ensaio “O teatro agressivo” (2009), Anatol Rosenfeld identifica a agressividade e a violência como características essenciais das produções teatrais dos anos 1960, manifestas quer indiretamente, mantidas nos limites do palco, quer expandidas para além dele, levadas para os espectadores. Em sua inclinação antitradicionalista, tal teatro empregaria o choque para questionar e se desvencilhar tanto de heranças estéticas diversas, quanto do status quo sociocultural do período. Interessa-me, pois, propor uma análise comparada das agressões metateatrais de duas peças pioneiras em seus contextos de origem: *The Connection*, de Jack Gelber, encenada pelo The Living Theatre na Off-Broadway nova-iorquina, em 1959, e *Roda Viva*, de Chico Buarque de Hollanda, dirigida por José Celso Martinez Corrêa, no Rio de Janeiro e em São Paulo, em 1968. O título de Gelber, baseado na observação de um grupo de dependentes químicos autodestrutivos, e na pretensão de tal dramatização como “um uso do teatro como nunca se tentou até então” (1960, p. 18), inquirir o espectador: quais as suas expectativas diante de uma experiência artística temática e esteticamente inusual? O de Buarque de Hollanda, pautado nas diferentes idealizações, e, posteriormente, no sacrifício, de um novo ídolo televisivo conforme as tantas tendências fugazes do show business das grandes mídias, afronta as plateias: quantas facetas um item de consumo cultural deve assumir para anestesiá-lo, e, assim, contentar o público? Em vias paralelas, ambas as peças se desnudam enquanto ficções teatrais, refletindo acerca do processo criativo para suas composições. Ademais, contam com elementos improvisados - ou supostamente improvisados - para a tessitura dramática: em *The Connection*, o acompanhamento musical de jazz e a imprevisibilidade das personagens, e, em *Roda Viva*, o uso ritualístico das canções, do coro e do povo/ plateia. Fraturando deliberadamente a ilusão cênica naturalista, levam a ação para o espaço dos espectadores, integrando-os a ela por meio do incômodo, da provocação e da ofensa. Nessa perspectiva, a violência de tal teatro operaria como avanta Rosenfeld, isto é, seria um “conluio sadomasoquista” (2009, p. 183) no qual a plateia burguesa pagaria para ser agredida, e encontraria, ao final, meramente uma satisfação autoindulgente e estéril? Ou haveria nela o potencial para a proposição de uma teatralidade outra, a partir da formação de novos espectadores?

Palavras-chave: Violência; Anos 1960; Teatro estadunidense; Teatro brasileiro



UM HOMEM-BANDA NA ESCOLA PÚBLICA. UMA PERFORMANCE MÚSICO-TEATRAL CONSTRUINDO INTERVALOS ESTÉTICOS NA SALA DE AULA

Fabiano Assis da Silva

Resumo: Um homem-banda na escola pública. Uma performance músico-teatral construindo intervalos estéticos na sala de aula. Minha pesquisa de Mestrado centra-se e acontece no encontro da performance músico-teatral de um homem-banda com os educandos do 6º. ano do ensino fundamental, na sala de aula de duas escolas, uma de Portugal e outra do Brasil. Esse estudo não teria nenhuma razão de ser sem a valorização da comunicação e das sensações que acontecem exatamente no instante da troca. São acontecimentos poéticos que o homem-banda, na sala de aula, procura estimular. Abre-se um diálogo nessa passagem artística em busca da liberdade e do prazer. É nesse intervalo estético que acontece algo que não se consegue pegar. É esse algo absorvido que dá uma relevância para o encontro e possibilita a eternidade da transformação acontecida. É preciso recomeçar em cada encontro. O homem-banda na escola é fazer igual com frescor. Igual com criação nova, pois os educandos são participantes ativos, mas sem obrigação de ação. São estimulados a intervir e a decidir os próximos passos dos acontecimentos, mas se não o fizerem não são penalizados. É preciso quebrar a monotonia sempre e possibilitar a autonomia da imaginação dos alunos. "A imaginação tenta um futuro. A princípio ela é um fator de imprudência que nos afasta das pesadas estabilidades, Veremos que certos devaneios poéticos são hipóteses de vidas que alargam a nossa vida dando-nos confiança no universo". (BACHELARD, p. 8) A arte na escola possibilita despertar uma vontade de potência. Vontade muitas vezes inconsciente que ganha força no devir do encontro intensivo e com a liberdade do diálogo da proposta dessa intervenção. É assegurado o respeito aos argumentos e às vontades dentro do jogo artístico estabelecido. Como artista e pesquisador faço a mediação e a leitura do ambiente e dos participantes. Atuo como uma antena atenta aos quereres e possibilidades dentro da sala de aula. Do mesmo modo, os educandos diante da performance teatral, são estimulados a mapear o novo contexto e decidir interagir ou não. Termino com o pensamento de Augusto Boal: "A arte em geral e a poesia em particular tratam de realidades concretas e não de abstrações: portanto, é necessário que o particular se veja universal. A filosofia trata de abstrações, a matemática de números, mas o teatro trata de indivíduos. É pois necessário mostrá-los em toda sua concreção." (2005, p.99)

Palavras-chave: intervalo estético; homem-banda; entretempo; transformação; teatro e educação

17/07 (TARDE)

ADAPTAÇÃO COLETIVA DO ROMANCE CRÉPUSCULE DU TOURMENT DE LÉONORA MIANO PARA O TEATRO, EM LÍNGUA PORTUGUESA E EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: UMA EXPERIÊNCIA MÚLTIPLA

João Vicente

Resumo: O coletivo En Classe et Scène atua na Universidade de Brasília há aproximadamente dez anos. Um dos objetivos do coletivo é proporcionar o contato dos estudantes com o texto teatral, para isso contamos com diversas práticas próprias do teatro. Na maioria das montagens realizadas foram criados espetáculos em língua francesa a partir de peças escritas por dramaturgos africanos, no entanto tivemos também outras experiências de tradução do texto teatral e uma montagem bilíngüe em português e francês (Arrêt sur image de Gustave Akakpo). Em 2018, como parte de pesquisa de doutorado que trata da didática de literatura, decidimos adaptar o romance *Crépuscule du tourment* (ainda sem publicação em português) para o teatro em língua portuguesa. Participaram da adaptação diversos estudantes, o que resultou em um texto dividido em quatro quadros: a tormenta; a herança; a transcendentalidade; e o crepúsculo. Foi a partir desse texto que se iniciou uma segunda etapa que envolvia a criação de um espetáculo em português e em língua brasileira de sinais (libras). A Universidade de Brasília recebe uma comunidade de usuários de libras (surdos e ouvintes) importante visto que possui



um curso de Letras direcionado seu estudo. As atividades didáticas propostas visaram produzir uma peça teatral, mas mais que isso proporcionar aprofundamento na leitura e compartilhamento das experiências de fruição de maneira ampla. O romance é dividido em quatro partes, cada uma delas narrada por uma mulher: Madame, Amandla, Ixora e Tiki. Suas narrativas se cruzam devido a um homem em comum que é respectivamente filho, ex-namorado, noivo e irmão. Na peça, no entanto, para colocá-las em diálogo optamos por construir os quadros com base em temas que perpassam os discursos das quatro narradoras. Baseada em um romance que contém pouca ação e muita reflexão, a peça resultante guardou esse caráter mais narrativo. Para a montagem também optamos por colocar em cena, atrás de um véu que materializa a distância real e simbólica desse homem em relação às mulheres, o personagem masculino, o qual conhecemos apenas pelo discurso das narradoras. Participaram da montagem oito atrizes e dois atores, cinco atuando a maior parte do tempo em libras, uma delas surda, e cinco em português. O objetivo foi construir o espetáculo desde o início nas duas línguas, criando dinâmicas que apresentassem os textos de maneira integrada, concomitante e harmônica e não apenas a interpretação entre línguas. Com essa perspectiva, cada personagem foi interpretada por um par de atores. Dentre os desafios encontrados podemos citar a harmonização dos tempos e ações entre cada dupla de atores ou de personagens duplos e a busca de que a sinalização estivesse sempre visível para a plateia o que condicionava o uso da luz e a criação das movimentações. Durante o processo e na apresentação da peça, ficou evidente o ganho de força e apelo estético do texto devido ao fato de ser interpretado também em libras. A visualidade e expressividade de libras foi capaz não apenas de representar todo o texto, mas de sublinhar seus aspectos de beleza, sofrimento, dor e ternura.

Palavras-chave: Teatro; Didática de literatura; Libras.

O ESTADO DA ARTE DO TEATRO SURDO NO BRASIL

Mary Andrea Xavier Lages

Resumo: A Comunicação aborda a relação entre teatro surdo e as múltiplas identidades surdas e propõe-se a fazer uma síntese do estado da arte sobre o teatro surdo no Brasil, abordando a cultura e a expressividade da comunidade surda, bem como suas ansiedades estéticas e artísticas como possibilidade de divulgação de um trabalho cultural baseado na diversidade e sobretudo na diferença. Diz-se isso por se entender que cada grupo de teatro surdo, no Brasil (e também em outros países) faz seu teatro a partir das identidades surdas de seus atores surdos. Assim, pensar em ator surdo, há que se pensar nas diferentes identidades surdas apontadas por (PERLIN, 2003), quais sejam: identidades surdas híbridas, flutuantes, embaçadas, intermediárias, identidades surdas de transição, identidades surdas de diáspora entre outras. Essas identidades não são estanques, entretanto, caracterizam como surdos vivem suas experiências da surdez de modos diferentes. O grupo de surdos não é homogêneo, uma vez que dentro desse grande grupo existem os surdos oralizados, surdos não oralizados, surdos biculturais (falam o Português e sinalizam), surdos pré-linguísticos (surdez congênita), surdos pós-linguísticos (adquiriram surdez depois de conhecerem a Língua Portuguesa). É preciso pensar, também, nos níveis de surdez (leve, moderada, severa, profunda) e também na diferença entre “pessoa surda” e “pessoa com deficiência auditiva”, distinção esta esclarecida no Decreto 5626/2005. Todas essas problematizações são discutidas na comunicação e elucidam os perfis dos atores surdos que se impõem pelas diferenças linguística, cultural e identitária na tentativa, muitas vezes, de denunciar e protestar sua arte. Com base em pesquisas a respeito da temática, a comunicação discute, também, aspectos referentes ao fazer teatral surdo tais como: a disputa dos poderes linguísticos; o lugar da língua de sinais; o fazer teatral surdo; o fazer teatral ouvinte; o fazer teatral com surdos e ouvintes; gestos e sinais; as mãos e os adereços e tantas outras relevantes características. Teóricos como (SKLIAR, 2003), (QUADROS, 2005), (KARNOPP, 2010), (DELEUZE, 2010) entre outros, embasam esta pesquisa bibliográfica e de campo com caráter qualitativo. Conclui-se que o teatro surdo no Brasil sinaliza manifestações artístico-

culturais em busca de metodologias na tentativa de uma educação emancipatória dessa comunidade.

Palavras-chave: Teatro Surdo; Identidades Surdas; Estado da Arte.

LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA E TEATRO: UM PALCO TRANSFORMADO

Roberta Cantarella

Resumo: O gesto, o toque das mãos, o olhar, o corpo desenham as palavras no espaço. O visível é mais forte que a palavra escrita, isso é o teatro. No universo do silêncio das palavras ditas, a Língua de Sinais encontra o seu palco. A união do teatro e do desenho no ar das palavras em Libras, dos sinais procedentes do corpo e do seu entorno convergem para um vivência única, a experiência teatral em Língua de Sinais. O trabalho aqui proposto se estende para uma particular experiência, o encontro do teatro com a Língua de Sinais, para isso, será relatado sobre duas apresentações teatrais, uma de teatro em Libras e voz e outra, e outra, a encenação em português e em Libras de forma simultânea. Para a pesquisadora Surda Karin Strobel, em “A História da Educação de Surdos” (2009, p. 39), Teatro é “um dos aspectos que se referem a história cultural de hoje do Surdo”. Sendo assim, o teatro faz parte da história cultural da comunidade Surda e a partir do conceito de artefato cultural apresentado em “As imagens do outro sobre a cultura Surda” de Strobel (2008), este trabalho irá permear esses dois universos, teatro e a Língua de Sinais e seu encontro nos tabladados e como afirmou Pierre-Aimé Touchard (1970, p. 144) na sua obra “O teatro e a angústia dos homens”: “o que nos interessa, antes de tudo, é nos reconhecer, e nos ver pintados, imitados, compreendidos, amados por um outro que não seja nós mesmos, e de nos encontrarmos cercados e reconhecidos por outros que não sejam nós mesmos”. E é nesse sentido que o enlace da Língua de Sinais e o teatro confluem para a propagação do conhecimento da Língua de Sinais Brasileira e também na difusão da cultura Surda.

Palavras-chave: Teatro. Língua de Sinais Brasileira. Cultura Surda.

PERFORMANCE E REALIDADE: UMA EXPERIÊNCIA CÊNICA DA IDEIA SUICIDA PRESENTE NO CONTO *O QUE A GENTE NÃO DISSE* DE LYA LUFT

Júnio César Batista de Souza

Resumo: “Um sistema de aprendizagem, armazenamento e transmissão de conhecimento”, é assim que Diana Taylor, docente do Department of Performance of New York University entende esta linguagem artística. Situada no universo teatral bem como uma derivação, a Performance surgiu no início dos anos 60 como manifestação de experiências dos performers entre seus corpos e de outros pessoas, espaços, objetos, matérias, elementos da natureza e tudo que fosse possível se relacionar. Em tempos de avanços tecnológicos os quais a comunicação se dá de forma imediata, quebrando as barreiras geográficas e linguísticas, a Performance no século XXI ocupa um lugar nos estudos literários/teatrais mais do que artístico, ela é uma forma pela qual o ser humano pode se expressar e fomentar múltiplas interpretações, tanto para quem desenvolve a arte quanto para quem presencia, pois como um sistema intersemiótico permite a conexão com com qualquer área do conhecimento, incluindo suas irmãs música, poesia, literatura, fotografia, pintura e seu irmão o cinema (TAYLOR, P. 45). Neste contexto, esta comunicação se apresenta como uma proposta de prática cênica, baseada na ideia suicida presente no conto “o que a gente não disse” de Lya Luft. Uma personagem que “embora parecesse satisfeito com sua vida simples, dentro dele uma força o consumia”, era assim que sua esposa descreve sua percepção sobre o homem o qual ela convivera durante anos e não foi capaz de impedir sua morte tão iminente. Colocar em evidência a tensão existente na relação e a agústia vivida por este homem é um primeiro objetivo ao passo que o segundo se configura pelo anseio de provocar um incêndio mental nos espectadores, mirando promover uma reflexão indiossincrática e uma discussão coletiva, sempre estabelecendo uma ponte entre obra e realidade. O trabalho é o resultado de um estudo minucioso que permeia o literário e o teatral como prática pedagógica de maneira a interrelacionar as diferentes formas de construção da realidade, coadunando com o pensamento de Deleuze (1968) o qual diz que “o teatro é



movimento real; e de todas as artes que ele usa, ele extrai um movimento real”. Nesta esfera, entendendo que desenvolver o ato performático é puxar o gatilho da imaginação do espectador, lanço-me na experiência das artes cênicas objetivando discutir, fomentar, desconstruir e construir diversas possibilidades de ensinar e aprender, principalmente refinando o olhar para a composição e recomposição de um pensamento crítico. Em outra perspectiva, justificando a prática dessa proposta, afirmo que “um dos principais motivos da criação artística é certamente a necessidade de nos sentirmos essenciais em relação ao mundo”. (JEAN-PAUL SARTRE, 2015, P. 39).

Palavras-chave: Performance; Literatura; Prática; Ensino; Movimento; Recomposição.

79 - O VIVIDO E O DEVANEIO NA LITERATURA BRASILEIRA DE EXPRESSÃO AMAZÔNIDA: MEMÓRIAS DAS FLORESTAS E DOS RIOS

Coordenação: Itamar Rodrigues Paulino (UFOPA); Maria de Fátima Matos de Sousa (UFPA); Ana Maria Vieira (UFOPA)

Resumo: Apresentada ao mundo de forma insipiente e insuficiente pela História Literária Brasileira, o tema *Amazônia* sempre esteve atrelado à biodiversidade. Atualmente, porém, já despontam no horizonte literário estudos com visão mais aprofundada sobre o ser humano amazônida. Essas questões não são novas, os escritores Inglês de Sousa e José Veríssimo, nascidos em Óbidos, representam expressões literárias com força regional ímpar no cenário moderno brasileiro. A literatura na Amazônia moderna e contemporânea expressa um complexo conflito entre a valorização das diversas expressões culturais regionais e a busca de universalização do pensamento amazônida. Em outros termos, o conflito está em como apresentar ao mundo uma forma singular local de aproximação da realidade que sirva de representação universal, contemplando variados modos linguísticos e expressões das vivências coletivas e individuais, e que ajude o leitor amazônida, ou não, a constituir suas próprias percepções de verdade, a organizar suas memórias e a conhecer-se e reconhecer-se na sua condição humana. Se essa representação universal é possível, é difícil afirmar. O que nos interessa, porém, não é nos fechar em um conceito universal; pois o próprio termo *Amazônia* já desempenha essa função universalizadora. Importa-nos discutir de maneira ampla essas formas de representação, considerando que desde o século XVI a literatura amazônida tem apresentado enredos que descrevem o ambiente natural, realidade social e diversidade sociocultural local, utilizando linguagens próprias da região, experimentando formatos estéticos que articulam texto e contexto, para demonstrar um pensamento possível sobre a existência humana, a partir da *Floresta Tropical* e provocar reflexões sensíveis na humanidade. Ousamos, sem a pretensão de universalismo literário, apresentar o desafio de pensar uma possível *condição amazônida de uma época*, aproveitando que o mundo nas últimas décadas tem passado por novas configurações em seus modelos sociais, redefinindo a si a partir de conceitos do tipo sustentabilidade, ecologismo, ambientalismo, preservação, conservação, devastação, exploração, resistência, entre outros. Pensar a condição amazônida de uma época é uma proposta provocativa porque nela há o encontro severamente conflituoso entre o debate efervescente do jeito colonizador de pensar o meio ambiente, com o jeito nativo de perceber a fragilidade da floresta e a necessidade de sua preservação. Entre as diversas áreas de conhecimento que tecem *tramas e sentidos* na e sobre a Amazônia encontra-se a literatura, lugar de criação e recriação da maneira de se observar, apreender e apresentar a realidade. Na literatura há um universo de falas e narrações que compõem o enredo provocativo e *fascina* o leitor, pois mistura imaginário e real e possibilita percepções e conhecimentos de si e o mundo. Nesse caso, é importante haver circulação de propostas ficcionistas como as de Inglês de Souza, José Veríssimo, Saladino de Brito, Milton Hatoum, Benedito Nunes, Dalcídio Jurandir, entre outros, que procuram apresentar ao mundo uma Amazônia a ser universalizada e concepções de mundo a partir e pelos habitantes da floresta e cidades nela encravadas, com identidades culturais singulares e deslocadas do tecido nacional. Assim, trejeitos indígenas, caboclos,



ribeirinhos, quilombolas, extrativistas e migrantes são exaltados e transparecem nas obras de autores amazônidas, que reivindicam para si a condição de agentes, com o legítimo direito de apresentar ao mundo as culturas das comunidades locais, outrora esquecidas e excluídas, por meio de produtos literários, servindo de voz das minorias e impondo crise no pensamento burguês local de cultura europeia, o qual teima em desconsiderar as vozes na apresentação ao mundo dessa região. As obras que resultam dessa dinâmica causam fascínio por conta da forma desprendida como esses escritores se embrenham na feitura de um texto, revelando um universo no qual não há fronteiras entre o real e a representação imaginária, e cujos sonhos e devaneios têm consequências reais que trespassam a redoma da vida rígida e angustiante na Floresta. A efervescência literária vinda da floresta amazônica é um começo de conversa que toma forma de análise que pavimentam a via para se penetrar no território do imaginário e do mistério no coração da floresta, torrão que em pleno século XXI ainda não foi totalmente desencantado, para dali produzir jogos desprezíveis entre *linguagem, vivido e devaneio*.

Palavras-chave: Literatura. Amazônia. Cultura. Memória.

Referências:

- AZEVEDO, I.** Marinho de. *Puxirum: memória dos negros do oeste paraense*. Belém: Instituto de Artes do Pará (IAP), 2002.
- BARRETO, Mauro Vianna.** *O romance da Vida Amazônica. Uma leitura Socioantropológica da Obra de Inglês de Souza*. São Paulo: Letras à margem, 2003.
- GONDIM, Neide.** *A invenção da Amazônia*. Manaus: Valer, 1994.
- VERÍSSIMO, José.** *Estudos de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1903.
- VERÍSSIMO, J.** *Cenas da Vida Amazônica*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1957.
- KUNDERA, Milan.** *A Arte do Romance*. São Paulo: Nova Fronteira, 1988.
- LOUREIRO, João de Jesus Paz.** *Cultura Amazônica: uma diversidade diversa*. In: *Diversidade Cultural Brasileira*. Belém: Casa Rui Barbosa, 2009.
- _____. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. Belém: Cejup, 1995.
- MUNDURUKU, Daniel.** *Coisas de Índio*. São Paulo: Callis, 2000.
- PAULINO, I. R.** *Entre les remous de l'imaginaire et les houles du réel : un regard sur la littérature amazonienne brésilienne dans la contemporanéité*. Em OLIVIERI-GODET, Rita (org.). *Cartographies littéraires du Brésil actuel*. 1ª ed. Bruxelles: Peterlang, 2016. v. 14.
- REGO, Jose Lins do.** *Inglês de Souza e os naturalistas*. Em: *A manhã*. Rio de Janeiro, 7/set/1941. [Suplementos literários].
- SANTIAGO, Silviano.** *Uma literatura nos trópicos: ensaio sobre dependência cultural*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.
- SIMÕES, Célio.** *Retratos e Fatos Literatura Obidense*. Crônica. I FECIMA. Óbidos, 2012. Disponível em: <http://academiaobidense.wordpress.com/2012/08/01/retratos-e-fatos-da-literatura-obidense/> Acessado em 22.12.2017.
- SOUZA, Herculano Marcos Inglês de.** *O Coronel Sangrado*. Coleção Cenas da Vida do Amazonas. Belém: UFPA, 1968.
- SOUZA, Márcio.** *História da Amazônia*. Manaus-AM: Valer, 2009.
- TUPIASSÚ, Amarilis.** *“Amazônia, das travessias lusitanas à literatura de agora”*. In: *Estudos Avançados*, vol. 19, nº 53, p. 299-320, ISSN 0103-4014, 2005. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ea/v19n53/24095.pdf. Acesso em 30 jan. 2015.
- VIEIRA, Edithe Carvalho.** *Amazônia: contos, lendas, ritos e mitos*. Belém: Instituto de Artes do Pará (IAP). 2010.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)



OS FESTIVAIS DA PIRANHA PRETA E PÁSSARO TANGARÁ DA COMUNIDADE RIBEIRINHA PÉROLA DO MAICÁ EM SANTARÉM-PA: NARRATIVAS MEMORIAIS DA VÂRZEA

Marcelo Almeida Gomes

Resumo: O presente trabalho teve por objetivo compreender a organização histórica, cultural, econômica e social influenciada ou não por processos de modernização, ocorrido através da urbanização. A pesquisa foi realizada na Comunidade Pérola do Maicá, no município de Santarém – Pará. A metodologia se pautou na abordagem qualitativa, tendo como principal instrumento de coleta de dados a entrevista semielaborada, a qual foi realizada com comunitários, os quais relataram suas histórias, seus hábitos enquanto ribeirinhos, bem como suas percepções dos processos de modernização/urbanização realizados pelos poder público e privado, em detrimento da desvalorização das tradições culturais na comunidade por fatores externos e internos. Povos Tradicionais, conforme a Comissão de Desenvolvimento Sustentável das Comunidades Tradicionais (2006), ligada a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável (2007) é definida como: todos os grupos, mesmo que diferenciados culturalmente, que se reconheçam como tal. Ocorre que, em comunidades de várzea, a exemplo a cidade de Santarém-PA, essas mesmas populações têm tido dificuldade em manter vivas suas tradições culturais, devido ao bombardeio de atividades externas de massa que são lançados às comunidades, bem como de fatores internos ligada a própria comunidade. As culturas ribeirinhas, no entanto, apesar de resistirem às “tentativas da modernidade” vem perdendo algumas de suas manifestações culturais e suas memórias, principalmente aquelas comunidades ribeirinhas localizadas nas proximidades do município objeto da pesquisa. Uma dessas comunidades é a Pérola do Maicá, que por fatores externos e internos tem dificuldades em manter determinados festivais culturais históricos na comunidade, a saber: Festival da Piranha Preta e o Festival Folclórico do Pássaro Tangará. A coleta de dados revelou mudanças nos hábitos culturais da comunidade, resultantes da influência de processos de urbanização e fatores internos ligados a própria comunidade, tais como: falta de recursos financeiros e a falta de interesse dos jovens em continuar a tradição ribeirinha; a diminuição da quantidade de peixe no lago do Maicá, motivo pelo qual eram realizados os festivais citados, fez com que houvesse a perda e a transmissão de conhecimento dos referidos festivais, bem como no aspecto cultural dos comunitários, por conta da influência e pressão urbanizadora do município, bem como fatores internos ligados a ela. Conclui-se que o processo de urbanização da comunidade, os laços artísticos e culturais foram se alterando de forma significativa, contribuindo para que a comunidade e a população local aos poucos irem perdendo sua identidade cultural.

Palavras-chave: Memória; Cultura; Comunidade Ribeirinha; Festival

CARNAPAUXIS NA AMAZÔNIA E A CARNAVALIZAÇÃO COMO NARRAÇÕES DA VIDA SUSPensa DA REALIDADE GROTESCA PROVOCADA PELO RISÍVEL MASCARADO FOBÓ

Elian Karine Serrão da Silva

Resumo: A Amazônia é conhecida por sua riqueza de fauna, flora, flúvio e também por uma diversidade de culturas que influenciam as relações de indivíduo e sociedade e destes com a natureza. As diversas manifestações culturais se distinguem em suas tradições, simbologias e festejos. No oeste paraense, na região do Baixo Amazonas, localiza-se a cidade de Óbidos, conhecida popularmente como a Garganta do rio Amazonas, cuja importância no cenário nacional resulta da fusão de belezas naturais, marcos históricos, patrimoniais e memoriais da e sobre a Amazônia. Como manifestação cultural de referência em Óbidos e no Estado do Pará, O Carnapauxis: a Festa do Mascarado Fobó, une a tríade cultura, literatura e arte. Quanto à cultura, o Carnapauxis é Patrimônio Cultural e Artístico do Estado do Pará; quanto à arte possui um aparato de personagens, indumentárias e representações artísticas de caráter jocoso, mas ao mesmo tempo sério; e quanto à literatura, o evento festivo obidense carrega consigo narrativas imagéticas sobre a Carnavalização, o Riso Ambivalente e o Realismo Grotesco. Neste ponto,



trazemos para nossa comunicação a ideia de que a Carnavalização no espaço amazônica do Carnapauxis é narrativa concreto-sensorial simbólica resultante do ajuntamento de gentes, do contato de seus corpos em êxtase que provoca suspensão momentânea da realidade e de sentimento de pertencimento à coletividade que vive na floresta. Trazemos também o Riso Ambivalente característico da cultura popular, cuja discussão iniciou-se no período Medieval e Renascimento e alcança o Carnapauxis sob a representação de um personagem que ri de forma desprendida do formalismo da festa. Este riso expressa uma concepção de mundo apresentando diferentes vieses no cotidiano e no Carnapauxis. Disso também resulta um Realismo Grotesco, concepção estética bakhtiniana da vida prática que representa a cultura cômica popular de um grupo social, e que prima pela coletividade como eixo norteador, deixando para segundo plano as práticas individuais. Esses conceitos servem de entendimento da expressão de mascarados Fobó, no lócus carnavalesco de Óbidos, sobre como indivíduo e coletividade se manifestam nesse contexto; bem como possibilita que cultura, literatura e arte sejam evidenciadas e como tais se articulam para compor uma possível narrativa do ser e do viver amazônica no seu aspecto real e imaginário.

Palavras-chave: Cultura. Literatura. Arte. Amazônia. Carnapauxis.

CENAS DA VIDA AMAZÔNICA DE INGLEZ DE SOUZA COMO APRESENTAÇÃO DOS DRAMAS ROTINEIROS DO CABOCLO: DENSIDADES NARRATIVAS ENTREMEIO À FAUNA, FLORA E FLÚVIO

Eliriany Lima da Silva

Resumo: Nos dias atuais, pensar cultura, ou o conceito de cultura fundamentado nas concepções modernas europeias, sem considerar que na vastidão do mundo e existam povos construtores e constituidores dos próprios costumes, valores, identidades e memórias é colocar um tapume nos próprios olhos. O conceito de cultura pós-moderno tem sido apresentado como um conceito aberto e dinâmico, pois diferentemente do conceito europeu moderno ele é visto mais a partir de suas causalidades sociais do que meramente naturais. Nesse caso, é bem mais plausível que o conceito de cultura seja pensado na sua pluralidade; considerando elementos constituintes da diversidade de manifestações coletivas que são ao mesmo tempo singulares e partícipes de uma rede de culturas interdependente, nos conflitos ou na harmonia de suas crenças, costumes, valores, comportamentos, identidades e memórias. No final do século XIX, o escritor Obidense Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918), teve a ousadia de narrar cenas da vida do povo amazônica, apresentando de forma realista os hábitos e os costumes de uma cidade encravada no coração da floresta. Nesse sentido, onde se pairava o entendimento cultural de uma época completamente europeizada em seus costumes, hábitos, comportamentos; a literatura regionalista de Inglês de Souza inseriu em suas narrações eventos costumeiros da vida pacata e intensamente conflituosa de moradores do campo e da cidade, na Óbidos do século XIX, cidade que está localizada na margem do estreito do rio Amazonas. Inglês de Souza se tornou referência de escritor focado em um Regionalismo que primava pelo Realismo para retratar a condição amazônica de ser, rompendo com uma espécie de universalização da literatura como forma de apresentar uma época e um povo. Neste sentido, podemos Inglês de Souza narrou em seus romances o sujeito amazônica com suas peculiaridades, comportamentos e trejeitos típicos de um povo que vive na Floresta e para a Floresta. A obra de Inglês de Sousa, sobre o olhar e lentes de um devoto do Naturalismo, soube descrever a sociedade cacauzeira da Amazônia do século XIX, com tamanho realismo que acabou por servir de texto referencial precursor do embate entre as teorias tyloristas e os pensadores contrários a um conceito europeizado de cultura. No caso de Souza, seus textos narrativos, mais do que uma mera obra de ficção, é a apresentação de uma floresta que serve de pano de fundo no desenrolar dos dramas rotineiros de seus habitantes, seja pelas condições que sua densidade exige do amazônica, seja pela luta do caboclo para impor um modo de existência que, sem o respeito à lógica de rios e florestas não seria possível, seria uma batalha fracassada antes mesmo de se iniciar.

Palavras-chave: Cultura; Amazônica; Inglês de Souza



QUEM DECIFRA LUCIANA?

Erika G M de Aquino

Resumo: A comunicação apresentará reflexões sobre o conceito de personagem de ficção em obras de Dalcídio Jurandir. Luciana é uma personagem que perpassa três romances, *Primeira Manhã* (1967), *Ponte do Galo* (1971) e *Os Habitantes* (1976), não como personagem principal, mas como personagem evocada pelo protagonista Alfredo. O rapaz realiza o desejo de estudar em Belém e se sente incomodado por ela não ter ido ao Liceu como ele. Portanto, Luciana é uma personagem da memória (tempos narrados) que se faz presente na vida de uma personagem do enredo (tempo da narrativa). Alfredo se inquietava – inquietações que aparecem nos primeiros romances da série do Extremo Norte (*Chove nos Campos de Cachoeira*, 1941, e *Três Casas e um Rio*, 1947) – com a permanência no vilarejo da ilha, porém, ao contrário da jovem, alcança seu desejo de ir morar na capital para estudar. O objetivo deste trabalho é abordar a construção da personagem feminina no mundo ficcional romanesco de Dalcídio Jurandir apresentando algumas questões concernentes à Luciana e como a personagem exerce influência em Alfredo e sua relação com o novo ambiente em que se encontra. Luciana é construída pelo discurso de outras personagens e assim como no jogo que há em “*As mil e uma noites*”, em que a interrupção feita por Xerazade instiga o sultão a querer saber como prosseguirá a narrativa, Alfredo se sente instigado por lhe contarem a história em intervalos, suspensões, deixando, desse modo, uma ponta do fio da história que o protagonista procura amarrar a outras pontas, pois a ausência de Luciana é assunto que não se poderia tratar na casa em que Alfredo se encontra. Então, por meio da linguagem a personagem ‘vive’ e como no movimento de construção e desconstrução que a linguagem articula ao dizer as coisas o leitor é posto em uma narrativa assinalada pela perda.

Palavras-chave: Dalcídio Jurandir; Construção de Personagem; Luciana.

ENTRE O VIVIDO E O DEVANEIO: JOSÉ VERÍSSIMO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE BRASILEIRA

Aline Costa da Silva

Resumo: *As Populações Indígenas e Mestiças da Amazônia: Suas Linguagens, suas crenças e seus costumes*, subtítulo: *Os Tapuios e seus descendentes*, é um ensaio social (o vivido?), primeiramente publicado em *Primeiras Páginas* (1878) sob o título de *Raças Cruzadas no Pará*, e que mais tarde passou a figurar no extenso primeiro capítulo de *Scenas da Vida Amazônica* (1886) (o devaneio?), a única obra literária do intelectual. Assim, o que se objetiva nesta comunicação é traçar os aspectos da sociedade amazônica explicitada no ensaio e que posteriormente se reconfiguram nos contos e esboços literários. Ainda, intenta discutir acerca do olhar de José Veríssimo para a cultura amazônica, suas representações próprias ao séc. XIX e, com isso, compreender a configuração do pensamento social do autor, basilar para a construção de uma identidade amazônica. Baseado nos construtos teóricos de Karlheinz Stierle [1979], Cancline [1983], Spivak [201], Barbosa [1974], Dimas [2012] e Neto [2002-2016], considera-se que o que faz o ensaio importante é não somente o valor que confere à *Scenas da Vida Amazônica*, ou o fato de ter sido o primeiro estudo de cunho etnográfico sobre a Amazônia oitocentista, o que já é suficiente para uma discussão desenvolta, mas o fato de marcar, em um campo interdisciplinar, a primeira apresentação, ao leitor, do Brasil periférico a partir da Amazônia.

Palavras-chave: José Veríssimo; Literatura; Amazônia; *Scenas da Vida Amazônica*; Cultura

17/07 (MANHÃ)



TERRITORIALIDADE E ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE NAÇÕES ORIGINÁRIAS AO LONGO DO RIO AMAZONAS DO SÉCULO XVI AO XIX: RELATOS ENTRE FATOS E IMAGINAÇÕES EXPEDICIONÁRIAS

Camila da Costa Lopes

Resumo: As grandes expedições para o reconhecimento de territórios a serem explorados pelos colonizadores europeus entre os séculos XVI e XIX possibilitaram uma visão geral de territorialidade e organização social das civilizações existentes no novo mundo, até então desconhecidas pelas potências da época. A região norte do continente sul-americano tornou-se um cenário fundamental nas crônicas dos expedicionários devido à presença do rio Amazonas, porta de entrada e saída na conquista e demarcação de território, dominação de colonizadores, disseminação de culturas europeias, e palco dos primeiros inventários da riqueza da geobiodiversidade existente nessa região. Diante desse contexto, este trabalho busca confrontar contradições e coerências nas crônicas registradas dos navegadores que passaram pela Amazônia brasileira, descrevendo a exuberância e diversidade da fauna, flora e flúvio da região, bem como a existência de populações nos diversos trechos percorridos ao longo do Rio Grande, reconhecendo a existência de vários povos que viveram pela região, entre eles os Konduris, uma nação indígena cuja existência é comprovada por meio de vestígios de sua vivência nos municípios de Óbidos e Oriximiná. As quatro principais expedições ao rio Amazonas no período pesquisado tiveram frentes de comando de várias nacionalidades, entre elas a espanhola, a portuguesa e a inglesa, realizadas com propósitos diversos. A primeira expedição, registrada e descrita pelo frei Gaspar de Carvajal, ocorreu entre 1535 e 1542, realizada sob o comando do capitão espanhol Francisco Orellana que, após ajudar Francisco Pizarro na conquista da região que compreende o Peru, partiu pelo rio Napo em busca de alimentos para sua tropa e da cidade do Eldorado, até chegar a sua foz entre os estados do Pará e o Amapá. Quase um século depois, em 1637 o português Pedro Teixeira depois de várias vitórias nas tomadas de fortalezadas construídas por ingleses na colônia portuguesa, foi autorizado a explorar o rio Amazonas e delimitar uma divisória entre as coroas portuguesa e espanhola, a expedição findou em 1639, registrada pelo jesuíta Cristóbal de Acuña. Com a intenção de realizar pesquisas naturalistas, o inglês Henry Walter Bates foi outro expedicionário na Amazônia brasileira, o que lhe rendeu renome mundial e se tornou referência acadêmica até os dias atuais nas ciências naturais pelo completo inventário da fauna e flora realizado no século XIX na Amazônia. Em 1863, Alfred Russel Wallace voltou à Amazônia para aprofundar estudos sobre a teoria das espécies desenvolvida por Darwin, catalogando a fauna e a flora da região. As crônicas desses expedicionários revelam por vezes contradições e coerências, exigindo debate propositivo entre a Literatura e História para fins de apurar texto e contexto para apresentar um olhar plausível sobre a condição amazônica desde então.

Palavras-chave: Amazônia; Expedições; Crônicas; Navegadores.

MILTON HATOUM E A MODERNIDADE: NOTAS SOBRE CRÔNICA DE DUAS CIDADES

Jean Marcos Torres de Oliveira

Resumo: A produção literária de Milton Hatoum (1952) tem ganhado destaque na crítica nacional e internacional desde a publicação do seu primeiro romance, *Relato de um certo oriente* (1989), no qual ficcionaliza a transformação da capital amazonense sob o olhar da narradora inominada e dos personagens que relatam aspectos do passado, filtrados pela filha adotiva de Emilie, tornando o texto um mosaico de relatos na tentativa de compreender o espaço e os moradores da casa, em parte representações de Manaus. Em *Crônica de duas cidades* (2006), texto publicado com o filósofo e ensaísta paraense Benedito Nunes (1929-2011), o escritor amazonense faz um panorama da origem e do desenvolvimento da cidade manauara, desvelando referências que nos ajudam a compreender as bases para a produção da obra hatoumiana. Estudos como os de Edinea Mascarenhas (1999) e Selda Vale Costa (1996) figuram no texto e nos fazem pensar em como Milton Hatoum pesquisou e se valeu de dados

históricos para ficcionalizar os conflitos representados em seus textos que partem das tensões familiares, potencializados nos romances *Dois irmãos* (2000) e *Cinzas do Norte* (2005), nas casas de imigrantes libaneses, parte da pluralidade cultural e social que molda o espaço amazonense, o que também é problematizado no trabalho da *Crônica*. Para compreender a ideia de modernidade, valemo-nos de autores como Marshall Berman (1940-2013), no seu célebre *All is solid melts into air* (1982), e Nelson Mello e Souza (1921-), em *Modernidade: a estratégia do abismo* (1999). Considerando Manaus repleta de paradigmas das capitais latino-americanas, utilizamos, ainda, de autores da modernidade na América Latina, com os problemas provenientes da colonização e de seus projetos de modernização pouco ou nada inclusivos, como Bravo & Martín, em artigo intitulado “Modernidad e Modernización en América Latina: una aventura inacabada” (2010). Sobre a crítica, podemos ressaltar o livro de Mireille Garcia, *Milton Hatoum: Identités, territoires et mémoires*, publicado em 2017 e fruto de tese defendida em 2014 na Universidade de Rennes, na qual destacamos o estudo do espaço amazonense, que está além do exotismo pensando numa primeira vista acerca de boa parte da literatura sobre a Amazônia. O *Eldorado amazonense*, fruto do imaginário europeu, conforme analisado por Neide Gondim (1994), torna-se uma ideia decadente na ficção de Hatoum, tal qual o fausto vivido pela capital em sua era de ouro.

Palavras-chave: Milton Hatoum; *Crônica* de duas cidades; modernidade.

POLÍTICAS PÚBLICAS SOCIOAMBIENTAIS: UM OLHAR SOBRE A REGIÃO DO TAPAJÓS, A PARTIR DA INSTALAÇÃO DOS PORTOS NO DISTRITO DE MIRITITUBA

Elines dos Santos Batista

Resumo: O estudo teve como objetivo analisar os impactos socioambientais da implantação de grandes projetos governamentais para o desenvolvimento da região, a saber os portos graneleiros na comunidade do Distrito de Miritituba, em Itaituba, Pará, e como questões norteadoras: Quais os principais impactos socioambientais causados pela construção dos portos?, e Quais políticas públicas estão sendo implementadas para ajustar-se às transformações impostas de forma a beneficiar a comunidade? A metodologia usada na pesquisa se pautou na abordagem qualitativa, tendo sido realizada pesquisa bibliográfica, documental e exploratória e descritiva, com pesquisa de campo, sendo utilizado como instrumento de coleta de dados o questionário semiaberto. O estudo exploratório permitiu perceber que o crescimento da comunidade do Distrito de Miritituba, a partir da instalação do porto graneleiro, ocasionou impactos nas áreas ambiental, econômica e social e consequentemente mudanças no modo de vida da população local e em suas relações sociais e culturais. A mudança socioambiental afeta diretamente a qualidade de vida dessa população, que para adaptar-se ao novo contexto precisam adquirir novos hábitos culturais. Os moradores acostumados com suas vidas pacatas, de uma hora para outra relatam perceber mudanças ocasionadas pela vinda de empresas de grande porte, causando inchaço populacional, poluição sonora e do ar em função do fluxo de carretas além dos riscos de acidentes, aumento do uso de drogas por jovens e prostituição, desemprego, aumento da violência, falta de segurança. Ao mesmo tempo em que se observa essas mudanças na comunidade, se constata a inexistência de políticas públicas socioambiental eficazes, capazes de manter o desenvolvimento sem agredir a qualidade de vida e a identidade cultural da população local.

Palavras-chave: Impactos socioambientais. Portos graneleiros. Políticas públicas

CORPOS QUE FALAM: A CULTURA PICTÓRICA PARAKANÃ COMO NARRATIVA DA MEMÓRIA E IDENTIDADE

Habia Santos de Melo, Itamar Rodrigues Paulino

Resumo: O Povo Indígena Awaeté Parakanã vive em um Território Indígena, localizado nos municípios de Novo Repartimento e Itupiranga, no sudeste paraense. Povos de recente contato ainda mantêm vivas as principais marcas de sua cultura, que possui uma organização estrutural única estendida nas várias dimensões de suas atividades sociais, tais como danças, ritos, rituais,



língua materna, pintura, organização econômica e política própria, estrutura educacional autônoma, modos de vida, atividades trabalhistas - extrativistas, agrícolas e pesqueiras. Dentre essas manifestações culturais, enfatiza-se a pintura corporal como expressão artística, cultural e estética, que por ser própria a diversos povos indígenas do Brasil desde os primórdios da história, é também expressão da arte Parakanã, cuja prática apresenta peculiaridades e simbologias próprias. As mulheres são protagonistas na tarefa de preparo da tinta e fazer a pintura. Em termos práticos, o jenipapo ainda verde é colhido, ralado e espremido para que dele seja retirado o líquido do fruto, que é misturado ao pó do carvão para dar pigmentação escura. Em seguida, coloca-se numa cuia e com a ponta de gravetos é feita a pintura corporal, permanecendo no corpo por um período de até 15 dias. Os Parakanã se pintam para narrar seus eventos cotidianos, como afirmar a proteção da comunidade, expressar apreço em cerimônias de casamento, manifestar luto ou cura de doenças. Na preparação, as mulheres pintam nos dançarinos grafismos abstratos que servem de forma narrativa sobre a vida Parakanã e seus mitos. Diferentemente de outros grupos indígenas, os Parakanã adotam pinturas apenas nos corpos, não sendo notadas pinturas em objetos utilitários e de rituais, nem em casas. A estética das pinturas Parakanã serve de instrumento sensível de empoderamento de unidade da comunidade, pois desde os primeiros dias de vida, eles são movidos por sentidos coletivos, dotados de sensações e sentimentos sobre as coisas que os rodeiam. Assim, a beleza das pinturas Parakanã vem do prazer que belos traçados gráficos provocam na faculdade sensível do sujeito coletivo, e resulta daí a narração de conhecimentos subjetivos a cada indivíduo Parakanã. Neste sentido, nossa comunicação diz respeito ao fato de haver uma estética narrativa singular da pintura Parakanã que faz os índios refletirem sobre seu sentido, reconhecendo a representação da força guerreira, da moral e dos costumes como conhecimento, pois ela entra na dinâmica cultural Parakanã como poderoso elemento político de formação, promovendo em seus membros o senso da coletividade e os habilitando a resistir às insânias do tirano. Por isso há que se atentar para relação entre os formatos pictóricos e os eventos para os quais a pintura é feita. Esse conhecimento da arte pictórica corporal Parakanã é passado de pais para filhos, tanto nos preparativos ritualísticos de festejos, como no ambiente escolar, durante as aulas culturais.

Palavras-chave: Pintura Corporal. Awaete Parakanã. Identidade. Memória.

ESPAÇOS DA MEMÓRIA NA POESIA DE MAX MARTINS

Ana Maria Vieira Silva

ANA MARIA VIEIRA SILVA (UFOPA)

Resumo: Há mais de uma década iniciamos um estudo sobre a poética do espaço, teoria de Gaston Bachelard, na obra poética de Max Martins, que ora é retomado com a intenção de ampliar o estudo anterior. A topoanálise, estudo do espaço na obra literária, será tomada como referência neste estudo que pretende analisar os espaços relevantes nos poemas do referido poeta paraense, cuja obra inicial, *O estranho*, data de 1952, e a partir da qual várias obras desse autor foram publicadas, revelando um Max que sempre destacou os espaços de sua infância, da adolescência e da idade adulta com intensidade, através de um eu lírico ora simbolista, ora modernista e até pós-modernista; ora regional, dando ênfase aos espaços amazônicos; ora cosmopolita, com seus haicais e sua renga, formas poéticas de origem japonesa; ora sendo hermético, ora concretista. Max é um poeta de várias tendências, mas ao mesmo tempo dá-nos a sensação de que é único, de que sempre irá nos surpreender com algo a ser encontrado em seus poemas, já tantas vezes lidos, mas que só aos poucos vai se revelando. Assim se dá em relação ao espaço, muitas vezes explícito, mas às vezes subtendido. Embora Bachelard tenha se referido à análise dos espaços íntimos – o interior da casa, o quarto - que residem no imaginário do eu lírico, entendemos que a topoanálise deve também ser tomada como base à análise dos espaços externos – a rua, os rios, a floresta, a cidade -, todos presentes na poesia maxiana, pois é nesses espaços da vida íntima e da vida social que mais se percebe o quanto o espaço é relevante e confere um estilo pessoal sui generis à obra de Max Martins. Isso é visível em relação aos espaços próprios da biodiversidade amazônica, revelando nos poemas do poeta paraense uma



visão crítica da relação do homem com a natureza. Diferente da maioria dos poetas amazônidas, que viam, e ainda veem, a Amazônia como um espaço pródigo, exuberante e promissor, Max nem sempre apresenta a Amazônia com a ingênua visão idílica do éden. Ao contrário, é constante em seus textos situações que remetem à degradação, à calcinação, à decomposição dos elementos próprios da natureza amazônica, dando-nos a entender que se trata de um outro lado da Amazônia, ainda pouco explorado nas produções literárias. Neste estudo, entendemos que não será necessário fazer distinção entre espaço geográfico e lugar, visto que para a teoria literária clássica isso não é relevante. Assim, espaço, lugar, cenário e ambiente serão usados como sinônimos, visto que todos refletem a experiência, a vivência do eu lírico, que se confunde com a própria vida e memória do poeta Max Martins. Servirão de base ao referido estudo as teorias de Gaston Bachelard, Giulio Argan, Homi Bhabha, Antoine Compagnon, Octavio Paz, Benedito Nunes, Haroldo de Campos, Paes Loureiro e Lucrecia Ferrara.

Palavras-chave: Max Martins; memória; poética do espaço; topoanálise; Amazônia.

80 - OS ESTUDOS LITERÁRIOS EM TRÊS TEMPOS: CLASSICISMO, MODERNIDADE, PÓS-MODERNIDADE

Coordenação: Prof. Dr. Constantino Luz de Medeiros (UFMG); Prof. Dr. Roberto Acízelo de Souza (UERJ)

Resumo: No prefácio à primeira edição (1948) de sua *Análise e interpretação da obra literária*, cujo subtítulo é “introdução à ciência da literatura”, Wolfgang Kayser aponta para a necessidade de que as ciências, inclusive aquela que denomina de ciência da literatura, façam periodicamente uma revisão de suas concepções basilares. A acertada observação do estudioso alemão continua atual, principalmente ao contemplarmos a multiplicidade de enfoques críticos e orientações teóricas, surgidos no bojo das denominadas correntes críticas pós-estruturalistas. Este simpósio pretende agregar pesquisas que se identifiquem tanto com os fenômenos estritamente literários – ou seja, problemas de teoria, crítica e história da literatura, questões sobre o cânone literário, valor, tradição literária, historiografia literária, história da crítica literária – como pesquisas sobre temas literários em sentido mais amplo. O que se busca são reflexões sobre realizações históricas no longo curso dos estudos literários, à luz do debate ora em curso no meio acadêmico, entre orientações desenvolvidas no âmbito dos estudos literários *stricto sensu* e diretrizes identificadas com os estudos culturais.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

DAS LETRAS À LITERATURA

Roberto Acízelo Quelha de Souza

Resumo: A partir dos anos 1960 - pela primeira vez, salvo engano, em Foucault ("As palavras e as coisas", 1966) -, alguns autores assumiram que a literatura seria uma noção recente na experiência histórica do Ocidente, datável do século XIX. Eduardo Prado Coelho, por exemplo, atribuiu o seguinte título a um subcapítulo do seu livro "Os universos da crítica", de 1982: "A literatura é uma ideia nova na Europa." A ideia, bastante sensacionalista, criava um problema para os estudos literários, pois o que fazer com toda a produção anterior ao século XIX? Então as obras de Sófocles, Dante, Camões, Shakespeare, Cervantes, e de tantos outros, não constituiriam literatura? Mas essa perplexidade não resiste a um providência simplíssima: a consideração histórica das palavras "letras" e "literatura".

Palavras-chave: tradição clássica; modernidade; pós-modernidade

VALORES DA FORMA LITERÁRIA

Maria Eulália Ramicelli

Resumo: Numa época em que parece estar fora de moda discutir especificidades comunicativas do texto literário e, a partir delas, refletir sobre o valor do texto no tempo e no lugar de sua produção e/ou leitura, observo ganhos do trabalho sistemático e consistente com a forma literária no processo de formar leitores autônomos (ou seja, profissionais) e desenvolver pesquisa no campo de estudos literários. Com o suporte de estudiosos do Brasil (ex.: Antonio Candido e João Alexandre Barbosa) e do contexto anglo-saxão (ex.: Raymond Williams, Barbara H. Smith e Stephen Heath), proponho desenvolver uma reflexão que enfatize a base histórica e comunicativa da produção literária. Trata-se, a meu ver, de um encaminhamento teórico-crítico bastante produtivo, especialmente para os estudos comparados, pois ele aguça nossa percepção de semelhanças e diferenças textuais importantes entre textos literários que, por exemplo, são ou foram produzidos no mesmo período histórico, mas em lugares diferentes. As semelhanças dizem respeito à formalização de conteúdos compartilhados por diversos contextos socioculturais ao passo que as diferenças resultam da particular formalização literária de aspectos contextuais específicos, que podem estar de acordo ou não com a visão de mundo e o modo de vida predominantes. Nesse sentido, a noção de ‘gênero’, como sistema dinâmico e organizador de formas literárias historicamente construídas, é central, pois expressa a consciência sobre a historicidade e a contextualização das formas literárias. Entendo que essa perspectiva de trabalho, quando desenvolvida junto com o aluno (em sala de aula e em orientação) e tomada como base de pesquisa no campo da literatura, pode trazer contribuições com maior nível de criticidade e, portanto, mais interessantes (porque problematizadoras de seu assunto) para o avanço do conhecimento na área.

Palavras-chave: Forma literária; Gênero literário; Contingências do texto literário.

16/07 (TARDE)

REFLEXÕES SOBRE A CONCEPÇÃO DE LITERATURA NO ESPAÇO SOCIAL HISTÓRICO E CONTEMPORÂNEO

Andréia Nascimento Carmo e Valdivina Telia Rosa de Melian

Resumo: Este trabalho apresenta algumas considerações a respeito da visão e do lugar dado à literatura em um contexto social histórico e contemporâneo. Assim, convém-se pensar o papel da literatura na escola, os olhares e espaços que lhes são concedidos ao longo do tempo, bem como os modos de constituição da maneira de se proporcionar valor ou não à literatura. Para tanto, a proposta inicial parte da percepção de literatura adquirida na sociedade de ontem e de hoje, uma vez que, ela faz parte da história da humanidade desde os primórdios da civilização, conforme nos relatam os registros históricos. Esse estudo é de natureza bibliográfica, para qual foram adotados como aporte teórico, os estudos de Terry Eagleton, Roberto Acízelo, Antoine Compagnon, entre outros tão importantes. A literatura vista como ficção ou algo advindo da imaginação ou ainda como um conceito que em nada possa acrescentar para a vida do ser humano, passa por abordagens de formas diferentes, levando os estudiosos na área a admitirem-na como uma verdade histórica, conhecimento e libertação do sujeito no campo cognitivo. Durante a Idade Média a escola condenava o contato das crianças com os textos literários, ainda que fossem abordados apenas na oralidade. A literatura limitava-se aos manuais de boa conduta para bem se comportar e conviver em sociedade. Aos poucos, o texto literário ligado à fantasia vai ganhando espaço na literatura, sobretudo, infantil por meio dos contos de fadas. A literatura é inserida timidamente aos documentos oficiais de educação, tornando-se escolarizada. Há tempos que ela não é apenas um objeto estético, passando a ser inserida no campo dos saberes científicos. Uma literatura apontada por Roberto Acízelo (2007) como aquilo que “deixa de ser apenas uma fantasia encantadora e comovente para se apresentar como produção cultural tão plantada na realidade, na vida, quanto empenhada em revelar-lhes os aspectos mais esquivos à nossa compreensão”. Assim, torna-se relevante pensar a literatura como uma ciência de natureza transdisciplinar, a qual perpassa por diversos campos dos saberes. Importa-nos dizer que



independente do tempo, a literatura possui aquele estranhamento a que se refere Terry Eagleton (1983) em Teoria da Literatura. Um estranhamento mágico, aceitável pelo (in) consciente do leitor. Este, por sua vez, adquire aprendizado potencializado a partir da leitura literária vista como um elo entre conhecimentos variáveis. Porque a literatura representa a possibilidade para se pensar a realidade, partindo da compreensão de outros modos de se experimentar a vida pela experiência do outro.

Palavras-chave: Literatura; Historicidade; Espaço social.

QUESTIONANDO O ROMANCE: PROUST, BECKETT, COETZEE

Livia Bueloni Gonçalves

Resumo: Grandes escritores sempre participaram dos debates literários de seu tempo, seja através de ensaios, textos críticos, palestras ou mesmo propondo novas gramáticas literárias. Como parte de uma pesquisa de pós-doutorado em andamento, esta comunicação visa inserir três escritores neste debate: o francês Marcel Proust (1871-1922), o irlandês Samuel Beckett (1906-1989) e o sul-africano J.M. Coetzee (1940). Apesar de muito distintos e pertencentes a momentos históricos diferentes, a escolha de tais autores liga-se a um possível diálogo que se pode estabelecer entre eles, tendo em vista principalmente suas reflexões em torno da escrita e da arte de narrar. Coetzee sempre citou Beckett como uma influência, inclusive escolhendo o autor irlandês como tema de sua tese de doutorado. Da mesma forma, Proust sempre foi uma referência para Beckett. Seu ensaio sobre Em busca do tempo perdido (1913-1927), intitulado Proust (1931), é bastante conhecido e aborda questões que Beckett trabalharia em sua obra através de outra perspectiva. Sendo assim, a partir de escritos destes três autores, buscaremos refletir sobre as implicações deste possível diálogo para a história do gênero romanesco.

Palavras-chave: Proust; Beckett; Coetzee; romance

ENTRE TEMPOS, ENTRE MUNDOS, ENTRE LUGARES: O STATUS PÓS-COLONIAL EM OMEROS, DE DEREK WALCOTT

Maria Aparecida Oliveira de Carvalho

Resumo: Ao navegar pelo mar de história de Omeros, lendo Walcott, relemos, deslemos, experimentamos e deslocamos os clássicos de trás para diante pois, segundo Bhabha, é a partir dessas narrações e agenciamentos de comunidades que “a prerrogativa pós-colonial procura afirmar e ampliar uma nova dimensão de colaboração, tanto no interior das margens do espaço-nação como através das fronteiras entre nações e povos” (Bhabha, 1998, p. 245). A alusão direta aos grandes clássicos universais, faz inferir um olhar reversor e pós-colonial, que deslê – lê de trás para diante – os clássicos da literatura universal através do espelho e num tempo e espaço marginais. “Cresci onde ruelas iam dar num porto e Infinito não era o nome de nossa rua; onde o anarquista da cidade era o barbeiro da esquina com seu mastro estriado e assento giratório para os Oradores. Havia espelhos embotados onde podíamos rever os acontecimentos do mundo. Lá, na toga de uma toalha presa por alfinete os cabelos anelados caíam como vírgulas. Na prateleira envernizada liam-se de trás para diante em seus espelhos Os grandes clássicos universais [...] (Walcott, 1994). Ler os clássicos universais de trás para diante! De que forma se dá essa releitura e revisão? Proponho a leitura de Omeros através dessa imagem – ler “os grandes clássicos universais de trás para diante” e “através do espelho” – como metáfora do entre-lugar do intelectual pós-colonial, transformando-a num operador de leitura do texto. “Ler de trás para diante” é “escrever de volta ao centro”, como diz Salman Rushdie. E essa tem sido uma das atividades da literatura pós-colonial contemporânea: ler a tradição a partir de uma posição estratégica num movimento de apropriação, ab-rogação e reescritura. Em outras palavras, Walcott realiza sua escritura entre a recusa das categorias da cultura colonial, de suas normas estéticas, dos padrões da língua e das representações fixadas pela letra colonizadora, e o aproveitamento intertextual dos modelos sem negar as diferentes alteridades. E assim faz entrever “o elemento instável de ligação, a temporalidade indeterminada [a posteridade] do intervalar, que tem de participar da criação de condições pelas quais o novo entra no mundo”

(Bhabha, 1998), no ato de tradução de uma língua e de histórias centrais para sua forma estrangeira, menor e universal.

Palavras-chave: escrita/reescrita; pós-colonial; releitura clássico/contemporâneo

17/07 (MANHÃ)

A HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA ROMÂNTICA E A FILOSOFIA DA HISTÓRIA DO SÉCULO XVIII: ALGUMAS REFLEXÕES HISTÓRICAS E TEÓRICAS

Constantino Luz de Medeiros

Resumo: A comunicação tem o intuito de discutir os fundamentos teóricos e históricos da historiografia literária romântica nos séculos XVIII e XIX, em autores alemães, franceses, ingleses, portugueses e brasileiros. Busca-se compreender e discutir a aproximação recíproca entre a historiografia literária romântica e as filosofias da história e da arte do século XVIII. Desse modo, a comunicação almeja realizar a aproximação recíproca entre historiadores da literatura, como os irmãos Schlegel, Friedrich Bouterwek, Ferdinand Wolf, Ferdinand Denis, Sismonde de Sismondi, Carl Schlichthorst, Juan Valera y Alcalá Galiano – e pensadores da história e da arte, como Giambattista Vico, Johann Joachim Winckelmann, Johann Gottfried Herder, Gotthold Ephraim Lessing, Anthony Ashley-Cooper Shaftesbury, Jean-Jacques Rousseau, Friedrich Schiller, Immanuel Kant, François Marie-Arouet, também conhecido por Voltaire, Denis Diderot, David Hume, entre outros. A hipótese central da pesquisa é que as filosofias da história e da arte do século XVIII, em sua adesão ao denominado paradigma orgânico, assim como em sua estrita filiação à tradição humanista, servem de fundamento ao modo como os historiadores de literatura compreenderam obras, estilos, autores, tendências, assim como observaram a formação e o desenvolvimento dos fenômenos literários. A forma como esses pensadores concebem as fases da literatura, a diferença entre a arte clássica e a romântica, a singularidade de povos, culturas e épocas, as etapas de formação de autores e a configuração de obras, remonta às filosofias da história e da arte encontradas em obras como a *Ciência Nova*, de Giambattista Vico, publicada em 1740, *Reflexões sobre a imitação das obras gregas na pintura e na escultura* (1755), *História da arte da Antiguidade* (1764), de Johann Joachim Winckelmann, ou ainda em *Também para uma filosofia da história da humanidade* (1774), de Johann Gottfried Herder. Desse modo, a análise das filosofias da história e da arte do século XVIII possibilitará a compreensão da historiografia literária romântica e sua forma de conceber os mais diversos fenômenos literários.

Palavras-chave: Historiografia literária romântica; Filosofia da história do século XVIII, Paradigma orgânico, Romantismo, História da literatura

O SURGIMENTO DO EU POÉTICO EM HESÍODO E SUA IMPORTÂNCIA PARA OS ESTUDOS LITERÁRIOS

Danilo Barcelos

Resumo: O presente trabalho analisa, a partir dos textos de Hesíodo, o surgimento da noção do eu nos poemas gregos antigos. Para entender a importância do surgimento do “eu” nos poemas hesiódicos, entendemos ser necessário analisar, mesmo que brevemente, o processo de amadurecimento das atividades de versificação até sua fixação pela escrita. Centramos nossa pesquisa em alguns textos dos “Hinos Homéricos”, em especial os Hinos a Dionísio, e no poema “Os trabalhos e os dias”, de Hesíodo. Os Hinos Homéricos consagradamente permitem a consulta e o estudo da língua literária grega, apresentando indícios da herança da versificação anterior à escrita, permitindo-nos refletir sobre sua historicidade e sobre o processo de construção dos textos, como salienta Luiz Alberto Machado Cabral (2010). Nesse sentido, os “Hinos” são a fonte mais próxima que temos, no momento, de um tipo de versificação micênica, tempo em que se encontra o princípio da composição poética grega. O segundo texto de nosso corpus, o poema *Os trabalhos e os dias*, de Hesíodo, permite-nos perceber como na tradição

grega o eu poético surge. Como comenta Luiz Otávio de Figueiredo Mantovaneli, diferente de Homero, Hesíodo, "n'Os trabalhos e os dias", não se apresenta como narrador, "limitando-se a cantar seu canto sobre os heróis e os deuses", mas canta seus versos "na primeira pessoa do singular [...] onde se dirige a um interlocutor em específico, ora na segunda pessoa do singular [...] ora na na segunda pessoa do plural" (MANTOVANELI, 2011, p. 33). Dessa forma, Hesíodo insere, pela primeira vez na tradição grega (em que comumente tanto aedo como rapsodo cantam seus versos cedendo suas vozes às musas, usando a primeira pessoa só quando dão voz às personagens do poema, como faz Homero nos poemas épicos), tanto na "Teogonia" quanto "n'Os trabalhos e os dias", sua voz no poema. Em "Os trabalhos e os dias", essa presença é mais evidente, visto que o poeta também relata passagens de sua vida, enquanto canta seu poema. O poema de Hesíodo, então, oferece-nos material rico para entendermos como aquilo que ficou conhecido como a "aurora do eu poético" propicia, com o passar do tempo, a força que o eu ganha, por exemplo, na lírica coetânea a Platão, como nos poemas de Simônides de Ceos e Górgias, e nos dá material para problematizar a trajetória da importância do "eu" nos estudos teóricos de poesia. Para pensarmos teoricamente esses pontos, temos como base para nossa análise os estudos de M.I. Finley, Jean-Pierre Vernant, Marcel Détienne, Luiz Costa Lima, L.R. Palmer, Michel Austin, Pierre Vidal-Naquet, Luiz Alberto Machado Cabral, Ordep Serra.

Palavras-chave: Micênico Grego; Hesíodo; Poesia Grega Antiga; Eu poético.

TRADIÇÃO AUDITIVA E MÍMESIS: UMA POSSÍVEL APROXIMAÇÃO DA LINGUAGEM METAFÓRICA

Regina Lúcia de Faria

Resumo: Ao lado da teorização acerca da mimesis, do controle do imaginário, do estatuto da ficção, a reflexão sobre a tradição auditiva, traço caracterizante da cultura e do sistema intelectual brasileiros, surge de forma menos sistemática na obra teórico-crítica de Luiz Costa Lima. De caráter mais operacional, acredito que essa questão apareça pela primeira vez em "Quem tem medo de teoria?", publicado em 22/11/1975, no jornal Opinião, artigo que provocou naquela ocasião o que se costumou chamar entre nós de "a polêmica da teoria" ou a "polêmica do estruturalismo". Nesse ensaio, Costa Lima, em resposta aos ataques lançados contra a crítica universitária, que na época era acusada de usar uma linguagem cifrada em sua abordagem do texto literário, ao defender o uso de uma reflexão teórica no tratamento da literatura, aponta a fraqueza do nosso sistema intelectual. Tratado aí de forma breve, o tema volta à pauta do crítico, agora de maneira ampliada, em artigo saído, em 1978, "Da existência precária: o sistema intelectual no Brasil", em Ensaios de Opinião, v.7. Os dois artigos, em versão mais desenvolvida, são republicados em 1981 no livro Dispersa demanda. O assunto é retomado em escritos posteriores, incluídos em obras de cunho mais ensaístico, isto é, em obras que, como Dispersa demanda, apresentam o exame crítico de escritores e assuntos diversos, depoimentos e entrevistas do autor, como Pensando nos trópicos (1991), Intervenções (2002), Frestas (2013) e na última parte – "Pequenas intervenções" – do recentíssimo Mimesis e arredores (2017). É interessante notar que há entre os livros mencionados um intervalo aproximado de dez anos, com exceção do último cujo intervalo em relação ao anterior é apenas de quatro. Pode-se dizer então que, embora de forma não sistemática, o assunto se mostra reincidente na reflexão do autor. Aliás, em entrevista concedida ao canal Saúde da Fiocruz, em 27/09/2016, acerca do livro de entrevistas organizado por Dau Bastos – Luiz Costa Lima: uma obra em questão, Luiz, por conta de uma pergunta sobre a linguagem capoeira machadiana, chega a lamentar não ter explorado mercedamente esse ponto em sua reflexão cuja rentabilidade não é menor comparada às outras questões por ele estudadas e analisadas. O intuito de nossa exposição é mostrar como o esquema da mimesis pode se aproximar do modelo discursivo promovido pela auditividade. Procuraremos, então, demonstrar que, se há uma relação entre a configuração da mimesis e a ausência ou insuficiência de conceitos, a escrita resultante da auditividade proposital



propiciaria o engendro de uma linguagem alusiva, não conceitual, típica do fenômeno da mimesis e, por extensão, da metáfora, base da linguagem da ficção literária.

Palavras-chave: Tradição auditiva; Mimesis; Metáfora

17/07 (TARDE)

CAMINHOS CRUZADOS: FRANCISCO GONÇALVES BRAGA E MACHADO DE ASSIS
Wilton José Marques

Resumo: No início da carreira, notadamente entre 1854 e 1858, Machado de Assis praticamente gravitou em torno do jovem poeta português Francisco Gonçalves Braga. Ao que tudo indica, os dois se conheceram ao longo de 1854, pouco depois da chegada, em maio, do português ao Rio de Janeiro. Além de eventuais influxos literários sobre os primeiros passos literários do jovem Machado, Braga, que era três anos mais velho, teve outro papel importante, o de também ajudar o autor brasileiro nos primeiros movimentos de sua inserção no universo letrado local.

Palavras-chave: Francisco Gonçalves Braga; Machado de Assis; poesia.

UM CRÍTICO OITOCENTISTA BRASILEIRO: MACEDO SOARES E SUA AVALIAÇÃO
DA INFLUÊNCIA DE BYRON NA LITERATURA NACIONAL

Juliane de Sousa Elesbão

Resumo: Em, praticamente, todos os seus ensaios críticos, Antônio Joaquim de Macedo Soares (1838 – 1905) reforçou uma orientação para os jovens poetas brasileiros do século XIX: a de que seguissem a fórmula “fé e trabalho”, sustentando-a com muito “estudo e reflexão”. Tal orientação intentava intervir na vida cultural do país e amenizar o peso que os cantos do poeta inglês George Gordon Byron (1788 – 1824), mais comumente conhecido como Lord Byron, estava exercendo sobre a poesia que se produzia no Brasil. O bardo inglês serviu-lhe como modelo de má influência sobre a literatura brasileira, um exemplo de poesia insatisfatória, cujos traços característicos seriam “a precipitação e a desordem”. Vale assinalar que a obra do Lorde inglês foi traduzida e lida pelos principais poetas românticos brasileiros, como Álvares de Azevedo, Fagundes Varela, Castro Alves, Francisco Otaviano, para citar alguns. Em consequência disso, o mal byronico se tornou atraente para os mancebos artistas do Oitocentos, culminando em frequentes publicações que seguiam essa “febre”, numa espécie de culto a Byron, especialmente, nas décadas de 1850 e 1860. O próprio Macedo Soares comprova tal informação ao afirmar, em um ensaio publicado em 1861 e intitulado “Tendências Novas”, que “[d]e 50 a 56 o byronismo reinou sem contrapeso” (SOARES, 1861, p. 25). O crítico fluminense apontou os falsos e exagerados sentimentos, a servil imitação, o desacordo entre essa forma de poetar e o contexto sociopolítico em que se encontravam os poetas brasileiros, entre outros aspectos, como sintomas de uma “doença de imaginação” derivada de teorias e práticas estéticas contempladas pelo byronismo. Para tanto, Macedo Soares escreveu um ensaio intitulado “Da literatura byronica”, publicado em 1861 no Fórum Literário e dividido em duas partes, para tratar, especificamente, de dois pontos, a saber: a influência perniciosa da poesia de Lord Byron sobre as letras brasileiras e a teoria dos contrastes do escritor francês Victor Hugo (1802 – 1885), exposta no “Prefácio” a Cromwell (1827), que, sob a perspectiva do crítico brasileiro, essa teoria “simplista” também contribuiu para gerar as causas dessa “doença de imaginação”, que era o byronismo. Vamos tratar desse ensaio, a fim de desenvolver reflexões sobre o pensamento de Macedo Soares e repensar o ideário crítico que movimentou o Oitocentos, mostrando a necessidade de revisitar esse período de intensa efervescência intelectual e de resgatar o trabalho significativo e atuante, porém ainda pouco conhecido, do “nosso Sainte-Beuve”, conforme o qualificou o político, crítico e poeta Francisco Otaviano (1825 – 1889).

Palavras-chave: Crítica literária; Romantismo brasileiro; Macedo Soares.



EM TORNO DA POESIA SUL-RIO-GRANDENSE: UM OLHAR SOBRE OS EXERCÍCIOS HISTORIOGRÁFICOS DE DONALDO SCHÜLER E LUÍS AUGUSTO FISCHER

Mauro Nicola Póvoas

Resumo: A literatura produzida em território sul-rio-grandense estruturou-se, em especial desde a segunda metade do século XIX, em torno de uma série de condições que aponta para a existência de um sistema literário que, se não é autônomo do sistema literário brasileiro, diferencia-se deste por algumas especificidades, como a temática regional, a presença de editoras locais e a existência de sociedades e revistas literárias, em torno do qual gravitavam os escritores. Este sistema literário próprio foi esquematizado, validado e historiado por alguns autores, que no título de suas obras já evidenciam a intenção historiográfica dos empreendimentos: primeiramente, há a "História literária do Rio Grande do Sul", de João Pinto da Silva, cuja primeira edição é de 1924, seguida de "História da literatura do Rio Grande do Sul", de Guilhermino Cesar, de 1956. Mais recentemente, apareceram "A literatura no Rio Grande do Sul", de Regina Zilberman (1980); "A literatura no Rio Grande do Sul: aspectos temáticos e estéticos", de Luiz Marobin (1985); e "Literatura gaúcha: história, formação e atualidade", de Luís Augusto Fischer (2004). Fora esses, há dois livros que trabalham unicamente com o gênero poético, o de Donaldo Schüler, "A poesia no Rio Grande do Sul", de 1987, e um outro de Luís Augusto Fischer, "Um passado pela frente: poesia gaúcha ontem e hoje", de 1992. Pretendo, na comunicação, abordar essas duas histórias da poesia sul-rio-grandense, a partir de pressupostos da teoria da história da literatura, mostrando as suas características e ressaltando as semelhanças e as diferenças entre as duas obras, sem esquecer de articular a relação das duas com as histórias gerais da literatura do Estado sulino, assim como estabelecer aspectos de contato com as duas histórias da poesia brasileira escritas anteriormente: a de Manuel Bandeira, "Apresentação da poesia brasileira", de 1946, e a de Péricles Eugênio da Silva Ramos, "Do Barroco ao Modernismo: estudos da poesia brasileira", de 1967.

Palavras-chave: História da literatura brasileira; Historiografia literária; Sistema literário; Poesia sul-rio-grandense.

81 - PERSPECTIVAS DA FICÇÃO PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA: VOZES NARRATIVAS E POÉTICAS

Coordenação: Profa. Dra. Gabriela Silva (URI); Profa. Dra. Evelyn Blaut Fernandes (UFRJ); Profa. Dra. Ilse Maria Vivian (UFSM)

Resumo: A segunda edição do simpósio "Perspectivas da ficção portuguesa contemporânea" contempla a literatura portuguesa a partir da diversidade de modos de representar a história (afastando-se ou aproximando-se dela) e das diferentes vozes que expressam suas visões de mundo. As construções literárias levantam a representação da cultura portuguesa em proximidade ou distanciamento com os temas históricos e as questões identitárias, questionando a concepção do sujeito português decorrente de uma literatura que busca a revisitação de seus temas, para além da permanente reavaliação histórica (ainda hoje pertinente nos estudos literários por se tratarem de vozes de extrema importância como contraponto e sustentação do não esgotamento dos referidos temas). Pensar a literatura portuguesa contemporânea é perceber todas as modificações advindas da contemporaneidade: um novo sujeito emerge das construções literárias deslocando-se em relação à sua própria cultura. Nesse recorte temporal, as modificações têm sido demarcadas e estudadas sob diversos focalizadores numa tentativa de construir poéticas singulares na literatura portuguesa. Se a ficção, por um lado, potencializa o real, transgredindo a temporalidade e permitindo analogias, intertextualidades e outras maneiras de integração entre momentos históricos e condições do sujeito nestes contextos, é justamente a dinâmica dessas representações, seus enquadramentos e perspectivas que se iluminam, assim como os diferentes diálogos que se estabelecem entre si e com outras obras. É primordial, portanto, o espaço para discussão e apresentação das ideias dessa literatura, numa multiplicidade

de focos que cresce em novas formas de perceber as modificações alinhadas às constantes transformações da própria literatura portuguesa. Sendo esse o ponto de partida, este simpósio recebe propostas de comunicação que visem à discussão da atualização de temas em obras literárias produzidas em Portugal da segunda metade do século XX ao século XXI sob os pontos de vista da intertextualidade, do cânone, da experimentação e do comparatismo. No âmbito de pesquisas concernentes ao universo da ficção contemporânea que compreende deslocamentos de estruturas, paródias e revisitações de temas já conhecidos, além de estudos sobre poéticas, vertentes, vozes, percepções do sujeito e temáticas voltadas para a compreensão da realidade histórica contemporânea, são também aceitas propostas de comparação com obras de épocas anteriores, não apenas presentes nos sistemas literários como também na interação da arte da palavra com as demais artes e áreas do conhecimento.

Palavras-chave: literatura portuguesa; contemporaneidade; intertextualidade; comparatismo.

PROGRAMAÇÃO

17/07 (MANHÃ)

A NARRATIVA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA: CONTINUIDADES E RUPTURAS EM MENINAS, DE MARIA TERESA HORTA

Maria Luiza Germano de Souza

Resumo: Maria Teresa Horta, no Livro de contos *Meninas* (2014), assume um jogo ficcional que se quer modernista e/ou pós-modernista/post-modernista, nomenclaturas pensadas a partir do olhar de Ana Paula Arnaut em *Post Modernismo: o futuro do passado no romance português contemporâneo* (2011). Nos contos do livro em epígrafe, lida-se com questões intrínsecas à produção literária portuguesa pós Revolução de 1974: a revisitação à história de Portugal; os desvios formais (não limite entre prosa e poesia, quebras sintático-semânticas); os temas contemporâneos, como as relações de gênero; as escritas de si e do outro etc. Maria Teresa Horta, ao revisitar o passado histórico português, concebe-o de maneira transgressora, porque trata a temática das meninas/crianças associada à problematização da história das relações de gênero, do apagamento sofrido pela mulher na sociedade, do seu corpo, das meninas que nos habitam, temas recorrentes nos seus livros, pois a escritora, de acordo com Ida Ferreira Alves (2006), atua, na contemporaneidade, vislumbrando as temáticas e modelos sociais vigentes de forma vigilante, sobretudo as imposições sociais dadas secularmente às mulheres. Nesse movimento ficcional, alguns temas aparecem transversalmente nas narrativas, como a escrita de si ou a presença de um eu autobiográfico que usa o outro, algo que está na raiz da virada etnográfica antropológica, para revelar como poderiam ter sido, quando meninas, as infantas portuguesas que tiveram relevância na historiografia de Portugal (Carlota Joaquina, nos contos “A princesa espanhola” e “Inocência Perdida”; e Maria Teresa de Bragança, no conto “A Infanta Princesa”, por exemplo). Desse modo, para abarcar as problemáticas apontadas, os norteamentos teóricos dar-se-ão a partir da revisitação às temáticas da história de Portugal pela ótica de Linda Hutcheon, em *Poética do Pós-Modernismo: história, teoria e ficção* (1991), Márcia Valéria Zamboni Gobbi, em *A ficcionalização da História: mito e paródia na narrativa portuguesa contemporânea* (2011) e em *Post-modernismo no romance português contemporâneo* (2002), de Ana Paula Arnaut. Por outro campo de visão, verificar-se-á a realidade histórica enquanto transversalidade narrativa com o presente, no tocante às relações de gênero e do patriarcado, em contos que, por enquanto, serão chamados “contos de formação”, cujas bases de análises serão “os dualismos hierárquicos” presentes no texto *Os usos do mito, da imagem e do corpo da mulher na re-imaginação do conhecimento* (1997), de Donna Wilshire, e, por último, a maneira como a escritora ficcionaliza a questão do eu e do outro que, na sua base temática, resvala em “A escrita de si, escritas do outro – o retorno do autor e a virada etnográfica”, de Diana Klinger.

Palavras-chave: Modernismo; Post-modernismo; Eu-outro; História; Literatura



DESLOCAMENTO E EXÍLIO: AS DORES DE JACINTA E ALICE NA NARRATIVA CONTEMPORÂNEA PORTUGUESA DESAMPARO, DE INÊS PEDROSA

Kátia Marlowa Bianchi Ferreira Pessoa e Maria Cândida Melo Pereira

Resumo: Deslocamento e Exílio: as Dores de Jacinta e Alice na Narrativa Contemporânea Portuguesa Desamparo, de Inês Pedrosa. As mudanças ocorridas em Portugal, após a Guerra dos Cravos em 1974, trouxeram sérias consequências à população desse país. Portugal, que já não possuía uma economia próspera comparada aos demais países europeus, com a queda do salazarismo e a perda das colônias africanas, desestabilizou-se politicamente e empobreceu. Havia a tensão entre o país agrário e conservador, que a ditadura salazarista procurava manter inalterado, e a necessidade de modernização sentida pelos portugueses, motivados pelo cenário político, econômico e cultural europeu que acompanhavam à distância. Esta se dava nos extratos político, social e econômico, marcando decisivamente a cultura portuguesa, segundo Schmidt (2000). A narrativa de Inês Pedrosa, Desamparo, proporciona ao leitor(a) um retrato da sociedade portuguesa nos dias de hoje, assinalada por esses acontecimentos em que deslocamento e exílio estão inseridos. Assim, este trabalho tem por objetivo verificar de que modo as dores causadas pelo exílio e pelo deslocamento cultural e local, encontram-se presentes na vida das personagens, Jacinta e Alice, na narrativa contemporânea portuguesa Desamparo, de Inês Pedrosa, cujo cenário é Portugal atual. No entanto, esse exílio e deslocamento ocorrem de forma diferente em cada personagem. Jacinta, na infância, foi levada de Portugal pelo pai ao Brasil contra a sua vontade e quando adulta, auto exila-se em sua terra natal fazendo dela a sua morada definitiva. Alice, pelo contrário, estabeleceu-se com o marido em Xai-Xai, Moçambique, por vontade própria onde foram felizes e prósperos. Com a descolonização, voltaram obrigados a Portugal carregando apenas três malas, deixando para trás a vida farta que tinham constituído. Sendo assim, sente-se confortável na companhia de Jacinta que como ela, morou em outro país. Constatase, além da empatia existente entre Jacinta e Alice que a chama de “Princesa-Mãe,” a saudade de Moçambique, a dor da revolta pelo regresso não desejado em voltar para Portugal. Apesar de ser portuguesa, fez da antiga colônia o seu país e se sente exilada em seu país de origem. Logo, é importante destacar que o exílio constante se faz presente do início ao final da narrativa, uma vez que as personagens costumam ser involuntariamente exiladas, ou se auto exilam. Essas observações se dão sob a ótica das teorias de Boaventura de Sousa Santos, Simone Schmidt, Edward Said, Tzvetan Todorov, Denise Rollemberg, Maria José de Queirós, Júlia Cristeva, Stuart Hall, Ana Mafalda Leite e Linda Hutcheon.

Palavras-chave: Deslocamento; Exílio; Dor.

ESTRATÉGIAS DE PERSPECTIVAÇÃO DO ESPAÇO EM FINISTERRA, DE CARLOS DE OLIVEIRA

Giseli Seeger

Resumo: De inserção histórico-literária bastante diversa do restante da obra de Carlos de Oliveira, Finisterra. Paisagem e Povoamento (1978) encerra uma trajetória caracterizada pelo aprimoramento formal e pelo questionamento das bases epistemológicas em que assentara o início da carreira do escritor. Nesse romance, o projeto de descoberta do “rigor submerso da realidade” (OLIVEIRA, 2003, p. 26) desloca o questionamento da História para a indagação duma paisagem que se impõe menos como real objetivo do que como inscrição dum conjunto de percepções. Ao explorar as suas próprias possibilidades miméticas, sem deixar de exibir certos vetores ideológicos que norteiam o conjunto da produção oliveiriana, a narrativa tematiza a possibilidade mesma de representação do mundo através dum elaborado trabalho sobre a perspectiva, categoria que nela se faz igualmente motivo temático e estratégia discursiva, atingindo o modo de construção das personagens, do espaço e do tempo. Nessa intervenção, interessam-me especialmente os efeitos do modo de configuração da perspectiva narrativa sobre a categoria espaço. A despeito do efeito de objetividade que os narradores de Finisterra



perseguem em suas tentativas de "representar", "medir", "avaliar", "registrar" a terra avistada da janela, todas as representações obtidas são ancoradas na perspectiva dos focalizadores. É nas representações da paisagem externa feitas pela família que o processo de perspectivação mais insistentemente se recupera: as fantasias e as sensações das personagens inscrevem-se incontornavelmente no desenho feito pela criança, na fotografia tirada pelo pai, na pirogravura executada pela mãe e na maquete confeccionada pelo adulto. Iluminam minha aproximação das estratégias de configuração da perspectiva as contribuições da narratologia pós-clássica, também chamada "estudos narrativos" (REIS, 2016), mais especificamente, as de Manfred Jahn (1999), sobre os critérios de subjetividade envolvidos no processo de focalização, e as de James Phelan (2001), sobre a intrincada relação entre percepção e narração. A noção de paisagem, como concebida por Helena Carvalhão Buescu (2012), auxilia-me na consideração das especificidades do espaço romanesco de Finisterra, pois que pressupõe, entre outros aspectos, uma relação necessária entre os objetos perspectivados e a consciência perspectivante. Demonstradas as especificidades formais dessa relação, atentarei à dimensão simbólica das descrições do espaço, assim como aos vetores axiológicos que a potencializam.

Palavras-chave: Finisterra; perspectiva narrativa; espaço; narratologia

A IDENTIDADE DO FILHO PRETO EM LOBO ANTUNES: ATÉ QUE AS PEDRAS SE TORNEM MAIS LEVES QUE A ÁGUA

Pietro Gabriel dos Santos Pacheco

Resumo: Segundo Friedrich Nietzsche, por trás de uma máscara encontra-se sempre outra máscara, acima da caverna outra caverna, ao lado do abismo conhecido um abismo imprevisto. O ser humano, enquanto indivíduo, não pode existir sem o contato com sua comunidade, seja ela familiar, religiosa, política ou social. É algo que se constrói durante a sua jornada, ao longo do contato com o outro. Uma máscara adotada e tomada como sua que, com o tempo, torna-se parte do rosto original, modificando-o e trazendo-lhe um novo sentido. E essa herança adotada, então, abre espaço para a construção de uma identidade maleável característica do indivíduo contemporâneo. No penúltimo livro lançado por António Lobo Antunes, *Até que as pedras se tornem mais leves que a água* (2017), o filho preto, de pais mortos, é adotado por um antigo alferes. Ao ser levado para Portugal, passa a viver e se adaptar a uma nova formação social e cultural: saindo de Angola, adentra no mundo da antiga Metrópole. Esta adoção de práticas socioculturais se dá pelo caráter maleável da identidade que, segundo Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade*, encontra-se sujeita a modificações, alterações e novos comportamentos. O indivíduo, ao se deparar com o meio, assume uma máscara imposta, ou aquela mais adequada para criar o sentimento de pertencimento àquele novo contexto. Entretanto, alguns fatores contrapõem este novo estilo de vida, a diferença étnica existente, no caso do romance em análise, além da condição passada de subalternidade, podem ser um agravante, ou até mesmo criar um bloqueio entre o sujeito e sua comunidade. Ao longo das páginas da obra antuniana, o protagonista ao se questionar sobre sua condição, acaba por realizar um processo inverso: ele deixa cair as máscaras impostas e se volta em busca de qual é a sua verdadeira identidade. O tema da busca do sentido de vida original, antes da presença do português permeia diversas narrativas pós-coloniais e Lobo Antunes, toma o mesmo caminho de maneira genial, principalmente ao dar voz para uma das últimas vítimas da Guerra entre colonos e antigos colonizados. Falar aqui, além de estar em condições de empregar certa sintaxe, ou possuir a morfologia de tal ou qual língua, é, sobretudo, assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização. Um dos processos de construção identitária acontece com a conscientização e, principalmente, com a posse do poder de fala. Mais do que possuir um nome, existe uma força produtora de signos e significados quando o homem deixa de ser subalterno e passa a exercer um direito assistido, mas que fora roubado. Frantz Fanon, no capítulo intitulado "O negro e a linguagem", aponta a importância da fala para a aceitação de sentidos e para a reorganização do lugar do indivíduo no mundo. Falar é se posicionar, é dar voz para o processo de conscientização e construção da identidade. Falar é legitimar a identidade. E se posicionar

enquanto ser humano. Analisar os diferentes processos do filho preto na narrativa, é objetivo deste trabalho.

Palavras-chave: Identidade; Literatura Portuguesa; Lobo Antunes

A MEMÓRIA É UMA PEDRA”: ERRÂNCIAS DO COMBATENTE EM ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Leonardo Von Pfeil Rommel

Resumo: A Guerra Colonial, conflito com mais de uma década de duração, travada entre os anos de 1961-1974, onde Portugal buscava, através da repressão, evitar a independência de seus territórios na África, mantendo, assim, sua presença e domínio colonialista, apresenta-se, de acordo com Roberto Vecchi (2010), como um estado de exceção da história imperial portuguesa, uma ruptura profunda da identidade nacional, uma vez que é responsável por promover uma tensão e rasura da autoimagem imperialista alimentada, principalmente pelo regime do Estado Novo de Salazar, ao longo dos mais de 40 anos em que esteve no controle da política do país. A presente pesquisa analisa o romance *Até que as pedras se tornem mais leves que a água*, publicado em 2017, de autoria do escritor português António Lobo Antunes, quanto à sua particularidade em revisitar, através da figura do protagonista, um ex-combatente retornado da guerra em Angola, os traumas e efeitos que a Guerra Colonial causou junto à sociedade e à identidade nacional portuguesa. A literatura antuniana, desde suas primeiras publicações, em 1979, aborda o fato de que a conturbada memória da violência e da opressão a que os portugueses foram submetidos durante a ditadura salazarista, pode ter, ao longo do tempo, se diluído, mas sempre permanece viva na sociedade. Valendo-se de estratégias ficcionais típicas da pós-modernidade, como a fragmentação da narrativa e a exploração da polifonia, em *Até que as pedras se tornem mais leves que a água*, António Lobo Antunes apresenta ao leitor uma família portuguesa marcada profundamente pela Guerra Colonial. Através das várias vozes, pensamentos e memórias que circulam pelo romance, Lobo Antunes forma uma espécie de mosaico de vivências, onde, aos moldes de uma tragédia grega, acompanha-se o inevitável processo de desagregação individual e coletiva dos membros do grupo familiar. A literatura portuguesa contemporânea, principalmente aquela surgida após a Revolução dos Cravos, em Abril de 1974, e que aborda com maior ênfase a Guerra Colonial, trata-se de uma literatura que problematiza a história recente e os mitos nacionais portugueses, oferecendo, por meio dos mecanismos da ficção, novos pontos de vista sobre a identidade nacional. A ficção de António Lobo Antunes, através da representação da figura fantasmática do ex-combatente e de seus dramas pessoais enfrentados após a destrutiva experiência dos combates, em *Até que as pedras se tornem mais leves que água*, simboliza o fato de que a memória traumática da Guerra Colonial exerce grande peso e pressão sobre a existência individual e coletiva da nação, assombrando a escrita dos caminhos e errâncias entre África e Europa, passado e futuro, traçados por Portugal ainda no século XXI.

Palavras-chave: António Lobo Antunes; Guerra Colonial; trauma; memória; ex-combatente

18/07 (MANHÃ)

A REESCRITA DOS MITOS BÍBLICOS EM JOSÉ SARAMAGO: A RE-HISTORIZAÇÃO DO SAGRADO A PARTIR DA FICÇÃO, UMA ANÁLISE DE O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO

Francisca Carolina Lima da Silva

Resumo: Uma das temáticas predominantes na obra de José Saramago é a releitura e a intertextualidade com a história e com os mitos fundadores do ideário ocidental. Essa prática se constrói a partir de uma desconstrução dos textos com os quais as obras dialogam, por meio do uso da paródia, da metaficção historiográfica, e da alegoria. Nesses textos, Saramago, ao mesmo tempo em que questiona crenças inabaláveis, apresenta-nos a desmistificação da História oficial, oportunizando assim o emanar de histórias silenciadas pelo discurso tradicional, narradas agora sob um ponto de vista dialógico, a partir daquilo que poderiam ter sido. Exemplo desse tipo de



abordagem é a narrativa de seu *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), que aporta uma das principais subversões construídas pelo autor em suas obras, que trata-se da inversão de papéis entre Deus e o homem: enquanto este, através da figura de Jesus Cristo, assume as funções sagradas de Deus, (principalmente a de ser a medida de todas as coisas), aquele corporifica qualidades tipicamente humanas, comprovando, para o autor, sua ineficiência enquanto entidade superior. Nosso estudo propõe supor que Saramago materializa a perspectiva do Cristianismo moderno em sua obra, através da adoção da ideia filosófica da morte cultural de Deus, por meio da humanização e do desvendamento do caráter cruel e sanguinário dessa personagem. A ideia de divindade renascerá em Jesus Cristo, enquanto homem, potencializando assim um pensamento de teor antropológico, em que o homem passa a ser a medida de todas as coisas, ocupando, inclusive, o lugar de Deus no âmbito da religião Cristã. Nosso trabalho pretende, portanto, compreender de que forma esse perfil da religiosidade moderna é incorporado na narrativa de seu evangelho, ao utilizar como fonte as ruínas históricas deixadas pela leitura dogmática e Teológica do Novo Testamento do Judaísmo Cristão, assumindo uma metodologia meta-historiográfica, conforme conceitua Linda Hutcheon (1988). Além disso, discutiremos o processo intertextual que a obra constrói não só com os textos sagrados do judaísmo-cristão, mas também com os textos bíblicos apócrifos e heréticos. Para tanto, faremos uso da teoria moderna da alegoria desenvolvida por Walter Benjamin, amparados nos preceitos da Literatura Comparada, a partir do dialogismo e da polifonia bakhtinianas e do redimensionamento da história oportunizada através da literatura, por meio de sua reescrita ficcional.

Palavras-chave: Releitura; Metaficção historiográfica; dialogismo; dessacralização.

ENTRE A CEGUEIRA E A LUCIDEZ: UM DIÁLOGO COM O ESTOICISMO

Pedro Nunes de Castro

Resumo: Este artigo segue a esteira de outros estudos que evidenciaram a interação profícua que José Saramago estabelece em sua obra de ficção com a filosofia. Salzani e Vanhoutte (2018) são organizadores de uma coletânea com doze artigos em que explicitam notáveis contribuições sobre o patrimônio filosófico presente nas narrativas saramaguianas. Em “Introduction: Proteus the Philosopher, or Reading Saramago as a Lover of Wisdom”, os pesquisadores acima comentam as declarações do escritor sobre a sua relação com a filosofia. O ficcionista, por vezes se autodenominou ignorante nesta matéria, no entanto os autores atentam para a possibilidade de ele estar utilizando-se do artifício socrático: a ironia. E os demais textos do livro confirmam esta hipótese, porquanto indicam a presença de um amplo leque de correntes filosóficas na obra saramaguiana, tais como, Foucault, Filosofia da História e Karl Marx. Uma ausência, não podemos deixar de assinalar, é a da filosofia estoica neste relevante volume. Recordamos, por seu turno, que já existem trabalhos apontando nesta direção. Um deles é a tese defendida na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – sob o título de “Todos os nomes da cegueira de Ricardo Reis” (CASTRO, 2016) e um artigo publicado na Revista Veredas que se propõe a evidenciar algumas das facetas do Estoicismo que repercutem na ficção do prêmio Nobel (CASTRO; CARDOSO, 2017). É sobre esta temática específica a proposta de comunicação. Fixando-nos em *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984), *Ensaio sobre a cegueira* (1995) e *Ensaio sobre a lucidez* (2004) desvelamos os componentes estoicos que subjazem a estas narrativas. O âmbito ético desta filosofia, sobrevalorizado na fase romana, prescreveu diretrizes para que o ser humano alcance a eudaimonía, isto é, que seja feliz e virtuoso. Entretanto, tais preceitos acarretaram uma polaridade hermenêutica: facultou-se a inferência de que a atitude apropriada para se tornar uma pessoa virtuosa é adaptar-se às circunstâncias, preconizando uma atuação contemplativa, e de outro lado, autoriza-se a dedução de que as circunstâncias devam ser moldadas de acordo com as convicções, reportando-se a uma exortação à ação (REALE, 1994). E os romances do escritor português explicitam, através dos protagonistas Ricardo Reis e a mulher do médico, uma reflexão sobre a ética reproduzindo a duplicidade interpretativa mencionada. Entendemos que realçar e distinguir tais conteúdos da filosofia referida na ficção do prêmio Nobel em literatura suscitará inovadoras interpretações do



texto literário. Sob o prisma metodológico, referenciamos-nos nas teorias de Kristeva (1974), e de Mikhail Bakhtin (1981). Referências CASTRO, Pedro Nunes de. Todos os nomes da cegueira de Ricardo Reis: estratos estoicos na obra saramaguiana. 2015. Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis, SC, 2016. ____; CARDOSO, Rosane Maria. O ano da vida e da morte do estoico Ricardo Reis. Veredas, Revista da Associação Internacional de Lusitanistas. n. 27, p. 158-175, jan-jun, 2017. REALE, Giovanni. História da Filosofia Antiga. Tradução de Marcelo Perine; Henrique C. de Lima Vaz. São Paulo: Loyola, 1994. Vol. III. SALZANI, Carlo. VANHOUTTE, Kristof (eds.). Saramago's Philosophical Heritage. Palgrave Macmillan, 2018. <https://www.palgrave.com/us/book/9783319919225#aboutBook>.

Palavras-chave: Estoicismo. Cegueira. Lucidez. Intertextualidade. Dialogismo.

DE JOSÉ SARAMAGO AO SR. JOSÉ DE "TODOS OS NOMES": A (RE)CONSTRUÇÃO DO ESCRITOR

Bianca Rosina Mattia

Resumo: Ao atribuir à voz do narrador a sua voz de autor, José Saramago elucidou a compreensão de que a ficção, como toda obra de arte, traduz-se na “[...] expressão ambiciosa de uma parcela identificada da humanidade, isto é, o seu autor.” (SARAMAGO, 1999). O escritor português costumava dizer que o leitor não lia senão o romancista, porém não no sentido de uma leitura autobiográfica. De acordo com Saramago, trata-se de uma imersão do leitor no pensamento do escritor, dele mesmo, José Saramago, em relação ao mundo. A tese do narrador inexistente, assim defendida por Saramago, desafia superar a barreira do biografismo na leitura de sua romanesca. Um caminho possível talvez esteja na consideração de que “a mão que escreve” não suprime o corpo por trás do texto (CERDEIRA, 2014). O que se considera é um corpo impregnado de sentimentos, situado no seu tempo, com marcas de uma subjetividade, construído de [e pela] memória, capaz de vir à tona e encontrar-se todo ele no texto: construído no e com o texto, porque “o escritor que escreve também se escreve” (CERDEIRA, 2014). A construção da narrativa, dessa forma, não se afasta da construção daquele que a escreve, o autor. A par disso, a proposta desta comunicação é apresentar uma possibilidade de leitura do romance “Todos os nomes”, publicado em 1997, que percorra o caminho de buscar na composição do personagem Sr. José a também (re)construção do escritor José Saramago. Uma possibilidade de leitura a palmilhar as marcas da subjetividade do personagem, a localização do sujeito ficcional (SCHMIDT, 2000) de modo a perceber o corpo que se (re)constrói no texto, que emerge do texto, o corpo do escritor, “a geografia mais próxima” (RICH, 2002 [1984]).

Palavras-chave: Corpo; Escritor; José Saramago; Subjetividade; Todos os nomes.

UMA OUTRA VOZ, DE GABRIELA RUIVO TRINDADE: O AMÁLGAMA DE EXPERIÊNCIAS QUE CONTAM A HISTÓRIA DE PORTUGAL

Gabriela Silva

Resumo: Portugal no início do século XX passou por transformações significativas no campo político. Era necessário que a monarquia desse lugar à república e uma nova forma de governo arejada e menos controladora para que o país pudesse se desenvolver. O regicídio de 1908, do rei D. Carlos favoreceu a nova forma de governar, em 1910, instaurava-se Jovem República. Os anos que seguintes se configuraram por crises políticas e corrupção que conduziram o país às mãos de Salazar e a ditadura que perpetuou de 1933 até 1974. E justamente esse tempo de transformações e depois de censura, guerras e dificuldades que é o ambiente do romance, Uma outra voz, de Gabriela Ruivo Trindade. A narrativa abrange o fim da monarquia, o surgimento da república, a ditadura salazarista e a retomada da liberdade. A partir de um contexto histórico bem fundamentado, a autora dá espaço a diferentes vozes narrativas que hibridizam suas vidas particulares com a história do país. Personagens que vivem os momentos importantes da história portuguesa, participando das transformações políticas e sociais. De acordo com Eduardo Lourenço, em Labirinto da saudade, tanto para o indivíduo, para o grupo ou para a nação, a



questão da identidade é permanente e se mescla com a história. Assim, as personagens de Gabriela Ruivo Trindade, vivenciam a história portuguesa como agentes desse panorama histórico e suas vidas são influenciadas e modificadas pelas ações do tempo e da política. Ao evocar a história, Uma outra voz, coloca-se como a Tetralogia Lusitana, de Almeida Faria, em que vozes e narrativas particulares formam o amálgama de experiências que constituem a história do país. É recorrente a presença da liberdade política, as demandas das classes sociais mais baixas, a configuração do estado e das estruturas políticas e também sociais e a relação do país com suas ex-colônias, que aparecem de maneiras diferentes em cada voz narrativa. A partir da ideia da multiplicidade dessas vivências e vozes que compõem a diegese, procura-se neste trabalho perceber as formas e temas da ficção contemporânea portuguesa do século XXI, e o desdobramento da relação história e literatura, levando-se em conta a constante proximidade da literatura portuguesa com a história do país.

Palavras-chave: literatura portuguesa contemporânea; narrativa portuguesa do século XXI; identidade; história e literatura.

19/07 (MANHÃ)

ARQUIVO, AUTOR E COMUNIDADE: CONCEITOS CONTEMPORÂNEOS EM O SENHOR ELIOT E AS CONFERÊNCIAS, DE GONÇALO M. TAVARES

Maria Catarina Rabelo Bozio

Resumo: A obra *O senhor Eliot e as conferências* (2011), do português Gonçalo M. Tavares, tem como personagem principal um conferencista inspirado no poeta e crítico americano Thomas Stearns Eliot. O livro consiste na apresentação de sete conferências sobre poesia ou, mais especificamente, cada uma delas sobre um verso retirado de poemas de poetas também já consagrados, como Cecília Meireles, René Char, Sylvia Plath, Marin Sorescu, W.H. Auden, Joseph Brodsky e Paul Celan. Dentro da vasta obra do autor, a relevância desse projeto que chama atenção por sua multiplicidade de caminhos enquanto possibilidades de análise e por sua atualidade em vista de temáticas recorrentes na literatura contemporânea, como os conceitos de arquivo e de comunidade, propostos pela obra *Indicionário do Contemporâneo* (2018), da Editora UFMG. Uma perspectiva em voga envolve o seu papel enquanto parte de uma série complexa e ainda em construção. O livro faz parte da coleção *O Bairro*, uma comunidade fictícia em que autores, como Brecht, Kraus, Henri e Walser, se transformam em personagens que se avizinham, e, assim, apresenta uma seleção prévia feita por Tavares. Ou seja, há uma organização anterior que perpassa vários níveis: a escolha dos autores citados e analisados; do conferencista, Sr. Eliot; e dos demais moradores do Bairro. Todas essas decisões apresentam uma marca sutil do autor na construção dessas obras enquanto arquivos, mas deixam evidente sua autoria, papel e temática também recorrentes nas problematizações do papel do autor na literatura contemporânea. Outra perspectiva está na própria estrutura das comunicações proferidas pelo Sr. Eliot. Nelas, é possível identificar a correspondência ficcional dessa pequena comunidade de leitura, assim como proposto por Tavares como traço original da coleção *O Bairro* enquanto série literária. Isso acontece porque não apenas as comunicações supostamente acontecem no citado Bairro, como têm como público alguns dos outros senhores da série: Breton, Balzac, Swedenborg, Borges, etc. Desse modo, a obra constrói uma espécie de mise en abyme da tradição literária em que o próprio Sr. Eliot, citado e recriado por Tavares, cita e recria os versos que são objetos de suas conferências. Neste sentido, também se destaca o fato de que *O senhor Eliot e as conferências* suscita a reflexão sobre as comunidades interpretativas, dentro das quais está a própria crítica literária. Essa perspectiva nos possibilita reconhecer e refletir sobre um outro conceito bastante recorrente na produção contemporânea, que é a noção de comunidade. Em vista dessas duas temáticas centrais, reconhecemos *O senhor Eliot e as conferências* uma particular diversidade de recepções e diálogos que o apresenta como objeto relevante para esta comunicação. Nele, em especial, mas também em os outros livros da série, “não se trata, portanto, de ler para reconhecer, mas de ler para estranhar, deslocar, rasurar,



atritar saberes. Avizinhar-se é, afinal, aproximar-se do mistério do outro” (JACOTO, 2018, p.82). Nos deslocamentos e atritos propostos por essa obra, especificamente, reconhecemos como central a possibilidade de refletir sobre o próprio papel da leitura na perspectiva contemporânea em seu papel de reconhecer e discutir três das temáticas centrais trazidas pelas produções contemporâneas, o arquivo, o autor e a comunidade, a partir da figura de T. S. Eliot, que dá nome e ecos ao personagem principal dessa obra tavariana.

Palavras-chave: Arquivo; Autor; Comunidade; Gonçalo M. Tavares; Literatura Portuguesa Contemporânea

A BANDEIRA DE UM PAÍS É UM HELICÓPTERO”: UM ESTUDO SOBRE UM HOMEM: KLAUS KLUMP, DE GONÇALO M. TAVARES

Mariana Martins Porto

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo propor reflexões acerca do romance de ficção Um homem: Klaus Klump, do autor português Gonçalo M. Tavares. O romance é o primeiro livro da tetralogia intitulada O Reino, ou Livros Pretos, como também é conhecida, e aborda questões que dizem respeito ao homem e ao comportamento humano diante de situações como a guerra que eclode em um estado totalitário e as relações de poder que se desenvolvem a partir disso, contudo, sem restringir a história a um cenário ou tempo específicos. Como o próprio autor explica, a literatura é um assunto que vai além de pátrias, é uma questão do homem e isso atravessa a geografia. Este romance propõe pensar a presença do homem no mundo mas, igualmente, o mundo sob a presença do homem. É essa “equivalência” a responsável pela sensação de estranhamento produzida pela leitura desse romance, é nisso que consiste a intervenção do escritor. Dessa forma, entende-se que o estudo da obra de Gonçalo M. Tavares contribui para a reflexão sobre as condições de existência do homem moderno, de sua relação ambígua e crescente com a técnica e dos limites entre a racionalidade e a natureza do ser.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa; O Reino; Klaus Klump; Ficção.

O DESEJO DE ESQUECER

Evelyn Blaut Fernandes

Resumo: Retirado de um trecho do livro Viagem ao Oriente, de Hermann Hesse, este título pretende dar conta de parte do itinerário de Uma viagem à Índia, ao recuperar o mito de todas as viagens que, ainda hoje, remetem à Odisseia. Mais que meras narrativas de retorno – a Ítaca ou a Lisboa – Odisseia, Os Lusíadas e Uma viagem à Índia são épicos ocidentais de retorno, porque são experiências vividas e narradas por alguém – não importa se são as mesmas pessoas (reais ou fictícias) que partiram, não importa como são de fato narradas, não importa que mudanças tenham ocorrido nas personagens, nos seus percursos ou nas cidades: a elas sempre se acaba por regressar. Porém, Uma viagem à Índia não é o relato da longa e atribulada viagem de Bloom em sua volta a uma cidade que sequer reconhece como o seu lar. Os dois livros portugueses, com idêntico número de cantos e estâncias, remetem aos gestos dos heróis, ao tempo mítico dos começos, embora o texto contemporâneo não se refira propriamente ao mesmo passado d’Os Lusíadas, que canta um herói mais real que Bloom, protagonista de Gonçalo M. Tavares. Nenhum dado da vida desta personagem tem registro concreto, as suas referências, quando comparadas, só podem ser encontradas na ficção. Portanto, ao contrário do grande épico que serve como exemplo e estrutura (cf. Jorge de Sena, A estrutura d’Os Lusíadas), o itinerário de Bloom não remete ao percurso de um herói clássico, mas às (des)venturas do homem do século XXI. Embora o título desta epopeia em moldes contemporâneos anuncie que se trata simplesmente de uma viagem à Índia, o livro replica, a seu modo, os dois ciclos épicos camonianos e, assim como a viagem de Ulisses, não é apenas uma viagem de ida, mas sobretudo de retorno. Nesta trajetória de ida e volta, Bloom é sempre o mesmo e sempre outro, todos e cada um, atual e antigo na civilização ocidental contemporânea e, nesta trajetória, Bloom só tem um desejo: “procuro uma mulher porque quero esquecer/outra” (VI, III, 124).

Palavras-chave: Ficção portuguesa contemporânea; Reler Camões no século XXI; Gonçalo M. Tavares

A INSTALAÇÃO ROMANESCA DE PATRÍCIA PORTELA EM “A COLEÇÃO PRIVADA DE ACÁCIO NOBRE”

Rafael Voigt Leandro

Resumo: A escritora portuguesa Patrícia Portela é cenógrafa e dedica-se a performances teatrais. Seu romance “A coleção privada de Acácio Nobre”, publicado em Portugal no ano de 2016, teve sua primeira edição no Brasil em 2018. Nessa narrativa, Patrícia Portela conduz o leitor por um realismo montado a partir de uma performance narrativa genuína, em que o jogo, o teatro, a instalação de arte, a fotografia, a história, reforçam a realidade biográfica da personalidade de um (in)certo Acácio Nobre. Este trabalho tem como objetivo investigar como a performance narrativa de Patrícia Portela pode ser pensada, entre outros aspectos, pelo prisma do conceito de instalação artística.

Palavras-chave: Patrícia Portela; romance português contemporâneo; performance.

DANIEL JONAS E O SONETO

Roberto Bezerra de Menezes

Resumo: O recurso ao soneto em Portugal encontra seu lugar cimeiro com as figuras de Sá de Miranda e Luís de Camões. Herdeiros sobretudo de Petrarca, os dois poetas exerceram intensamente a escrita enformada por essa tradição italiana. Na esteira dessas figuras, encontramos em Bocage, Antero de Quental e Florbela Espanca exemplos de escritores que souberam, cada um a seu modo, desenvolver a técnica sonetista. Mais recentemente, encontramos em Daniel Jonas um autor que se deteve no exercício do poema de 14 versos, tendo publicado três livros inteiramente compostos por sonetos: Sonótono (2006), Nó (2014) e Oblívio (2017). De acordo com o autor, em entrevista a Joana Emídio Marques (2017), foi com John Milton, poeta inglês, que “aprend[eu] a cultivar o soneto”, contato este que manteve não apenas como leitor, mas também como acadêmico e tradutor (sua dissertação de mestrado incluiu uma tradução de Paraíso perdido depois publicada em Portugal e, mais recentemente, no Brasil). É esta linhagem inglesa, da qual Shakespeare é representante maior junto a Milton, que vem marcar uma diferença em relação à tradição portuguesa, cuja influência era pautada primordialmente no soneto italiano de Petrarca. Daniel Jonas se mostra consciente dessas duas linhagens, a que fará referência tanto no nível formal quando nos temas tratados. É, então, intento desta comunicação apresentar o autor via sua prática sonetista no contexto contemporâneo, ainda que ele seja notadamente guiado por uma formulação mais clássica, de onde deriva a possibilidade de se perceber um aspecto anacrônico nesta sua produção.

Palavras-chave: Soneto; Daniel Jonas; Poesia Contemporânea.

82 - POESIA CONTEMPORÂNEA: CRÍTICA E PERFORMANCE

Coordenação: Prof. Dr. Leonardo Davino de Oliveira (UERJ); Prof. Dr. Carlos Augusto Bonifácio Leite (UFRGS)

Resumo: A poesia teria empobrecido com o fim das vanguardas? A adjetivação global da poesia ainda é possível? A modernidade foi superada? Essas perguntas nortearam as edições passadas do Simpósio *Poesia contemporânea: crítica e transdisciplinaridade*. Agora interessa-nos a performance e suas derivações. A vocoperformance, por exemplo, partindo do pressuposto de críticos como Paul Zumthor, Philadelpho Menezes e Luiz Tatit, para quem, sob diferentes perspectivas, mesmo em sua forma escrita tradicional, a poesia abriga uma dimensão verbivocal, recupera a entoação embrionária da palavra grafada, ao mesmo tempo em que produz a presença sequestrada da poesia com a hegemonia da comunicação escrita. O fato é que a poesia contemporânea é notadamente marcada pela ruptura das fronteiras entre gêneros,



estéticas e éticas composicionais. Ou pela ideia de “pós-utopia”, pensada por Haroldo de Campos (1997). Isso dificulta a apreensão holística do poema, que, por sua vez, tem exigido o acionamento cada vez maior de saberes variados por parte do crítico, do leitor e de quem faz poesia. Aliás, a poesia é algo que se faz? Para Marcos Siscar (2010), por exemplo, “o mesmo processo de esvaziamento do contemporâneo é reconhecível, inclusive, em análises que pretendem abordar de frente a literatura do presente” (p.171). Entre o “me dê um cigarro” modernista de Oswald de Andrade e o “me segura que eu vou dar um troço” marginal (desbundado) de Wally Salomão, há o desenvolvimento ético e estético do conceito verbivocovisual dos concretos, que leva à poesia procedimentos feitos por precursores, tais como Sousândrade. De modo mais evidente, tais artifícios serão trabalhados pelos poetas a partir do início do século XX, com o acelerado desenvolvimento das tecnologias e mídias audiovisuais. E toma corpo (o corpo do poeta, inclusive) a partir da década de 1960, no Brasil, em especial, a partir da Tropicália, com sua abertura às possibilidades de relação antropofágica entre as diversas perspectivas estético-artística-filosóficas. Mas pode ser identificado desde a nossa poesia colonial (HANSEN, 2006). A Tropicália, tomada como uma releitura da antropofagia oswaldiana, estimulou o amálgama do popular com o erudito. Foi quando a política ganhou destaque nas Artes, em especial na canção popular, no caso do Brasil. É também nesse período, entre 1960 e 1970, que, se por um lado, vivenciamos grande emergência das teorias imanentistas, quando a crítica se concentra no texto em si, por outro lado, percebeu-se também a demanda pelo debate coletivo da memória, o que levará à produção de uma poesia empenhada na liberação do corpo. A poesia demanda mais do que escrita e papel. Para Paul Zumthor (2007), se “a noção de ‘literatura’ é historicamente demarcada, de pertinência limitada no espaço e no tempo”, a poesia é a arte “de uma linguagem humana, independente dos modos de concretização e fundamentada nas estruturas antropológicas mais profundas” (p. 12). Por isso, a partir da definição dada por Giorgio Agamben (2009) para o que é o contemporâneo, pretendemos debater a resignificação das formas composicionais clássicas, ou seja, a permanência e as ressonâncias de um discurso poético da tradição, em consonância com a modernidade na poesia atual. O objetivo principal desse Simpósio é promover a reflexão sobre o universo estético e cultural da poesia contemporânea, associando linguagens e instrumentos teóricos das diversas áreas disciplinares - articulando elementos que transpassam entre, além e através das disciplinas e dos suportes: música, canção, artes plásticas, fotografia, vídeo, internet -, a fim de iluminar a atualidade da crítica de poesia. Crítica que reflete e refrata a crise de identidade e de representação porque perpassa a poesia (CAMPOS, 1979; SISCAR, 2010); crítica que não é, a priori, mais que a obra, mas, pelo contrário, absorve a obra. Vejam-se, por exemplo, a grande quantidade de criações críticas, obras engajadas e críticas criativas que tem caracterizado boa parte da produção atual. Topos que problematiza a própria divisão entre arte e não-arte. Bem como a crítica encomendada que segue as leis de mercado. Portanto, esperamos reunir pesquisadores em torno da poesia feita no presente recente, sabendo que este presente é e está expandido. São bem-vindas ao simpósio as propostas de comunicações que versem sobre a tentativa de estesia, leitura e crítica da poesia contemporânea, colaborando para conferir maior aproximação à formulação conceitual dessa poesia. A proposta é tornar este espaço um ambiente aberto às investigações das mais diversas e sutis abordagens do fazer poético, a fim de desautomatizar e dar visibilidade à arte da palavra, na Academia, no ensino e no cotidiano.

Bibliografia:

- AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: 2009, Argos.
- CAMPOS, Haroldo de. A arte no horizonte do provável. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- _____. “Ruptura dos gêneros na literatura latino-americana”. In: MORENO, César Fernandez. América Latina em sua literatura. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- _____. O arco-íris branco. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- ECO, Umberto. Obra Aberta: Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. São Paulo: Perspectiva, p. 67, 1969.



PLAZA, Julio. Tradução intersemiótica. São Paulo: Perspectiva, 2003.
SISCAR, Marcos. Poesia e crise: ensaios sobre a “crise da poesia” como topos da modernidade.
Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.
ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção, leitura. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich.
São Paulo: Cosac Naify, 2007.
Palavra-Chave: Poesia, Contemporâneo, Crítica, Performance.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

A VOCOPERFORMANCE DE OSWALD DE ANDRADE E A ARTE VOCAL BURGUESA

Leonardo Davino de Oliveira

Resumo: Quem lê a obra - poesias, manifestos, teses, ensaios - do poeta Oswald de Andrade (1890-1954) imagina que a estética modernista da escrita refletisse também no modo como Oswald vocalizava seus poemas. No entanto, o que se ouve nas raras gravações (de por volta 1950) da voz do poeta no disco Ouvindo Oswald (projeto de Augusto de Campos e produção musical de Cid Campos, 1999) presta tributo à grandiloquência, à fala (por que não dizer?) burguesa, à oratória pomposa. O alongamento e a altura da penúltima sílaba de cada verso confirmam isso. No texto “A arte vocal burguesa” Roland Barthes escreve que “esta arte é essencialmente sinalética, pretendendo impor, não a emoção, mas os signos da emoção”. É o que faz o sujeito cancional de Oswald: “não se contenta nem com o simples conteúdo semântico das palavras, nem com a linha musical em que se apoiam: precisa ainda dramatizar a fonética”, diria Barthes. Este trabalho pretende analisar a vocoperformance oswaldiana. Tomando como exemplo o poema “Balada do esplanada” (do livro Primeiro Caderno do Aluno de Poesia Oswald de Andrade, 1927), iremos discutir se Oswald estaria consciente da ironia que vaza de sua voz ao ler seu poema em voz alta, ou estaria apenas apegado às convenções elocutórias de sua época.

Palavras-chave: Oswald de Andrade; vocoperformance; poesia brasileira; modernismo; arte vocal

AUGUSTO DE CAMPOS, POETA-CRÍTICO MUSICAL

André Vinicius Pessôa

Resumo: No texto “Reflashes para Décio” (2007), em homenagem a Décio Pignatari, o poeta, tradutor e ensaísta Augusto de Campos se apropria da conhecida tese de Ezra Pound sobre a poesia para dizer que seu irmão, Haroldo, seria mais melopaico e logopaico, seu amigo Décio, fanopaico e logopaico, e ele, fanopaico e melopaico. Por isso mesmo, lembra Campos, que, desse modo, ao se complementarem, puderam formar um trio tão harmonioso ao longo de suas vidas. Dado a imagens e melodias, como o próprio Campos diz de si, abre-se a indagação sobre a questão da logopeia na sua produção poético-crítica e ensaística. No prefácio à primeira edição de Poesia Antipoesia Antropofagia (1978), o poeta informa o leitor que os ensaios apresentados são “incursões errático-críticas na área da discussão de literatura e, mais especificamente, de poesia brasileira”. Sua crítica se apresenta “sem nenhuma neutralidade, em pontos de perturbação literária”. O poeta-crítico se posiciona “contra a crítica para críticos”. Na introdução de Balanço da bossa (1968), Campos diz ser o livro “parcial, de partido, polêmico”. A proposta da comunicação é mostrar como essa crítica, que se quer provocadora e partidária, dialogou com a música, mais especificamente nas coletâneas de textos escritos por Campos desde o fim da década de 1950, Balanço da bossa (e outras bossas) (1974) e Música de invenção (1998). Para decidir que música e quais os músicos e compositores a serem estudados, o poeta se pautou nas suas escolhas pelo critério “imprevisível” da invenção. Para isso, seguiu o roteiro de Pound expresso no ABC da Literatura (2007), que classifica os escritores nas categorias de inventores, mestres, diluidores, bons escritores sem qualidades, beletristas e lançadores de



moda. Ao optar pelos inventores na arte musical, Campos estabeleceu um paideuma, também um procedimento poundiano, que, nas palavras de próprio poeta, sugere uma “organização do conhecimento para que o próximo homem ou geração possa achar, o mais rapidamente possível, a parte viva dele e gastar o mínimo tempo com itens obsoletos”. Desse modo, Campos performatiza variados deslocamentos de perspectivas, que vão da poesia à música, da música popular à erudita, e que também passam pela música de vanguarda e incluem num mesmo repertório além de obras sonoras, outras que privilegiam silêncios e ruídos. Ao adentrar nessa rede de relações inédita e inovadora trazida por Campos ao leitor brasileiro, pretende-se, por fim, que algumas questões pertinentes de sua produção no campo da crítica musical sejam atualizadas e postas em debate.

Palavras-chave: Augusto de Campos; poesia concreta; crítica musical.

"CIRCULADÔ DE FULÔ": CAETANO VELOSO E A POESIA CONCRETA

Rafael Barbosa Julião

Resumo: A narrativa sobre o tropicalismo musical costuma apontar a participação de Caetano Veloso e Gilberto Gil no III Festival da Canção da TV Record em 1967 como o momento de eclosão do movimento. Como se sabe, isso se deu no contexto dos festivais televisivos dos anos 1960, em meio a disputas estéticas e ideológicas, que situaram a MPB e a jovem guarda em polos antagônicos da canção popular brasileira daquele período. Sobre essas questões, o poeta e crítico Augusto de Campos escreveu célebres artigos, entre 1966 e 1968, legitimando a empreitada tropicalista de encontrar uma saída capaz de superar a dicotomia entre a tradição musical brasileira e a música comercial estrangeira. Em síntese, esses textos discutiam a afirmação de Caetano Veloso sobre a necessidade de retomar a “linha evolutiva” da canção popular a partir do legado da bossa nova, mas sem se negar à incorporação de elementos contemporâneos da música internacional e suas relações com os movimentos de massa e juventude dos EUA e da Europa dos anos 1960. Em verdade, os poetas concretos Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari viram nos tropicalistas (e na canção popular) a oportunidade de lançar luz sobre suas próprias premissas estéticas, em especial, a radicalidade da linguagem, o caráter “verbivocovisual” da poesia e a eleição de Oswald de Andrade como ícone fundador da modernidade brasileira. Por fim, o surgimento do tropicalismo musical possibilitava também a revisão crítica das dualidades entre o popular e o erudito, o nacional e o estrangeiro, o artístico e o comercial, e, finalmente, a vanguarda e o subdesenvolvimento. Na mesma esteira, os poetas concretos passaram a exercer grande influência sobre o processo criativo dos tropicalistas, principalmente depois da mudança de Caetano e Gil para São Paulo em 1968. Essa aproximação gerou consequências férteis para a narrativa acerca do movimento, que acabou se definindo como uma busca de consolidação de uma modernidade brasileira, diretamente vinculada à ideia de antropofagia defendida por Oswald de Andrade. Além disso, a obra de Caetano Veloso evidencia aproximações diretas com a dos poetas concretos, tanto por meio de experimentações formais (como a canção “Acrílico”, gravada no álbum Caetano Veloso de 1969), como na interpretação do artista para os poemas “Dias, dias, dias” e “O pulsar” de Augusto de Campos. Encerra a lista a transcrição de um fragmento de Galáxias de Haroldo de Campos em suporte cancional, sob o título de “Circuladô de fulô”, registrada no disco Circuladô de 1991. A presente comunicação tem por objetivo apresentar as origens e os resultados da aproximação entre a poesia concreta e o tropicalismo musical a partir dos anos 1960, e proceder à análise desse conjunto de realizações estéticas de Caetano Veloso sobre os textos de Augusto de Campos e Haroldo de Campos, com especial destaque para a canção “Circuladô de fulô”, não só por sua riqueza estética, mas também por seu caráter revelador de um encontro fundamental para a cultura brasileira do século XX.

Palavras-chave: Poesia concreta; Tropicalismo; Augusto de Campos; Caetano Veloso

O PESO DA CRUZ DE TOM ZÉ E WALY SALOMÃO ENTRE OS AUTOMÓVEIS

Patrícia Anette Schroeder Gonçalves



Resumo: Renato Ortiz [1987] estabeleceu os anos 1960 como marco histórico do planejamento estatal da indústria cultural no Brasil. Depois dele, pesquisadores como Rita Morelli [1991], Márcia Tosta Dias [2000], José Miguel Wisnik [2004] e Walter Garcia [2013] abordaram a questão central de Ortiz no âmbito da canção popular-comercial e do mercado fonográfico nas décadas de expansão da indústria cultural. Suas análises, embora tomem caminhos distintos e partam de diferentes objetos de estudo, consentem no seguinte aspecto: é na década de 1970 que se pode verificar no Brasil uma efetiva standardização das formas musicais e uma singular expansão da produção no caso das grandes companhias fonográficas. Enquanto artistas de uma “Era da Televisão”, que se envolveram com a publicidade e os mercados fonográfico, cinematográfico e editorial justamente nessa fase de consolidação da indústria cultural no Brasil, os cancionistas, compositores e escritores ligados ao já então falecido tropicalismo viveram um verdadeiro ponto de giro na década de 1970. Para arremedar Tom Zé em *Tropicália Lenta Luta* [2003], poderíamos dizer que cada um dos agitadores da finda movimentação tropicalista ficou com uma parte do espólio – e alguns, com o próprio túmulo. A brincadeira-metáfora de Tom Zé, que diz ter sido enterrado vivo no velório da *Tropicália*, é uma imagem exemplar de seu trabalho poético também em suas canções, que frequentemente descrevem a pobreza e a solidão do eu-lírico e tematizam a vida desprovida dos artistas. Para além do cancionista iraraense, muitas composições nos anos 1970 dos cancionistas populares-comerciais brasileiros têm por mote o fazer cancional. Esse procedimento metalinguístico, às vezes crítico, se mostra também na produção literária de nomes próximos ao “Grupo Baiano”, como Torquato Neto e Waly Salomão. Em “*Ariadnesca*” [Me segura qu’eu vou dar um troço, 1972], por exemplo, Waly sobrepõe dois textos. Um, em itálico, de gênero jornalístico sensacionalista, conta a história absurda de Roque Gomes Mariano, personagem que, mesmo pobre, dá seu jeito e consegue se alimentar somente de gasolina “desde os primeiros meses de sua infância”. No texto intercalado, em formatação e linguagem diversos, conhecemos outro protagonista paralelo, cuja profissão é simbólica (“austerofilista”), e cujo nome é anagrama do nome do autor, escrito em caixa alta, YLAW SAID OÃMOLAS – organizador de um seminário “por uma estratégia de vida para o artista pobre”. Simbioticamente, o que abre a paródia de reportagem é uma colagem de fotos do próprio Waly performando o ato de beber gasolina. “*Ariadnesca*” de Waly Salomão estabelece, ao que nos parece, uma relação tensionadora e performática entre personagens, narrador-personagem, autor e matéria narrada. No álbum *Correio da Estação do Brás* [1978], de Tom Zé, os limites e as distâncias entre o eu-lírico e os seus temas – a miséria, a padronização da música pela indústria fonográfica e a migração nordestina para a Região Sudeste – também parecem se diluir. Neste trabalho, então, propomos uma comparação entre o texto supracitado de Waly e a canção “*Menina Jesus*”, de Tom Zé, levando em consideração as alusões de ambos à migração, à pobreza e à austeridade da vida de artista.

Palavras-chave: Poesia; Canção; Metalinguagem; Indústria Cultural.

16/07 (TARDE)

A VOZ DA MULHER NEGRA NA POESIA DE SARAU DE PERIFERIA E SLAM NA CIDADE DE SÃO PAULO

Elaine Correia de Oliveira

Resumo: O presente trabalho pretende abordar a literatura moderna na linguagem marginal e periférica, buscando os traços marcantes que constroem esse novo fenômeno literário. Nesse sentido, serão estudadas as vozes das mulheres negras nos espaços onde elas se expressam, como saraus de periferia e os slams da cidade de São Paulo. Desse modo, o objetivo da pesquisa é analisar as linguagens poética, oral e corporal das performances que compõem as apresentações, assim como destacar esses novos estilos literários e sua relevância na literatura brasileira moderna, além de mostrar a importância dos saraus e slams como meio de transformação social através da cultura e da arte literária marginal periférica. Os métodos aplicados serão: seleção e leitura da bibliografia sobre o tema; e pesquisa de campo, que se constituirá na busca de

informações do estudo, com o intuito de documentar imagens, entrevistas, áudios, vídeos para trabalhar as performances nas recitações poéticas. A pesquisa está fundamentada teoricamente nos estudos da poesia, da performance e da oralidade do medievalista Paul Zumthor: *A letra e a voz* (1993); *Performance, recepção e leitura*; *Poesia Oral* (2010). Como a pesquisa tem o recorte das vozes das mulheres negras nos espaços dos saraus de periferia e slams de São Paulo, serão utilizados os estudos que nos ajudem a compreender a contribuição de como esses corpos negros circulam nesses contextos. Sendo assim, estudaremos esses aspectos com base nas pesquisas da filósofa Djamilia Ribeiro: *Lugar de Fala* (2017) e *Quem tem medo do feminismo negro?* (2018). Portanto, este trabalho tem como norte abrir as possibilidades de estudos sobre as novas manifestações literárias das linguagens da periferia, utilizando como base a voz da mulher negra nesses espaços.

Palavras-chave: Palavras-chaves: literatura marginal-periférica; sarau de periferia; slam; cultura; mulher negra.

CORPO, CIDADE E PALAVRA: A PERFORMATIVIDADE DO COLETIVO OFICINA EXPERIMENTAL DE POESIA

Eduardo dos Santos Coelho

Resumo: Pretende-se relatar, criticamente, experiências performativas do coletivo Oficina Experimental de Poesia, levando em consideração seus processos criativos, bem como dinâmicas da arte-educação. Nesse relato crítico, serão destacados os produtos que a Oficina Experimental desenvolveu em suas residências no Museu de Arte Hélio Oiticica (2015) e no Laboratório da Palavra/PACC (2017), com ênfase nas relações estabelecidas entre corpo, cidade e palavra. ASSIS, Ana Carolina et al. *Almanaque rebolado*. Rio de Janeiro: Azougue, 2017. _____. COELHO, Bárbara; PIMENTA, Heyk; ZACCA, Rafael. *O preço das coisas*. Rio de Janeiro: Oficina Experimental de Poesia, s/d. CHIARA, Jéssica de; BARBOSA, Luiz Guilherme. #2 Oficina Experimental de Poesia. Rio de Janeiro: s/e, 24 de março de 2018. RIBEIRO, Gustavo Silveira. “O devir-coletivo da poesia: duas palavras para a Oficina Experimental de Poesia. In CHIARA; BARBOSA. #2 Oficina Experimental de Poesia. Rio de Janeiro: s/e, 24 de março de 2018.

Palavras-chave: performatividade; coletivo; cidade; corpo; poesia

ENCENAÇÃO: PERFORMANCE NA POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Maria Aparecida Junqueira

Resumo: Como a poesia contemporânea brasileira inscreve a performance em sua escrita? Até que ponto a escrita da poesia se faz performativa, materializando vertentes poéticas criativas neste contemporâneo? O objetivo desta comunicação é problematizar o atravessamento de diferentes linguagens na poesia que a colocam em experimentação performativa. Aprender propostas poéticas voltadas para o material da voz, para a inscrição da performance na própria escrita, deflagrando a performance da escrita em si. A escrita, nesse sentido, é contaminada, por exemplo, pela oralidade, pelo gesto, pela teatralidade, pelo corpo. Enfim, refletir sobre a significação que a concepção de performance assume na poesia brasileira contemporânea, compreendendo performance como campo de experimentação.

Palavras-chave: Poesia contemporânea; Performance; Experimentação

SAMBA-ENREDO: A FORMAÇÃO DE UM GÊNERO CACIONAL GENUINAMENTE BRASILEIRO

Jackson Raymundo

Resumo: Dentre as formas contemporâneas de poesia e manifestação literária (partindo de um conceito amplo de poesia e de literatura, não limitado à sua expressão escrita), a canção é uma das de maior capilaridade. Entoada coletivamente e tendo em sua base a memória e a transmissão oral, a canção, com o advento da indústria fonográfica e da radiodifusão no século XX, se tornou um dos principais meios de simbolizar histórias, sentimentos, culturas de



indivíduos e de um povo. No Brasil, entre os gêneros cancionais formados a partir da cultura do próprio país está o samba-enredo. Criado para ser o hino das escolas de samba ao longo de seus desfiles carnavalescos, se desenvolveu nas periferias urbanas protagonizado, majoritariamente, por pessoas de pouco acesso ao ensino formal, outsiders da cultura letrada hegemônica. Brasileiro por excelência, o samba-enredo, a partir do Rio de Janeiro, capital federal à época dos primeiros desfiles de escolas de samba, constituiu uma poética peculiar. Primeiro, por tardiamente apresentar traços do épico (MUSSA & SIMAS, 2010), gênero literário que parecia fadado à extinção. Segundo, por trazer à tona tanto a popularização dos heróis da historiografia oficial, como nos primeiros tempos, quanto a crítica e a contestação dessa mesma historiografia – excludente com negros, indígenas e pobres –, como se deu da década de 1960 em diante, com ciclos de maior ou menor ocorrência desse aspecto. Esta comunicação é parte de pesquisa empreendida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob a orientação do professor Luís Augusto Fischer, com o objetivo de, em uma tese de doutoramento, estudar a formação desse gênero cancional tipicamente brasileiro e sua contribuição para a história da canção popular e da própria literatura brasileira. No corpus da apresentação, a análise do gênero por meio de dois sambas-enredo antológicos (ambos campeões do carnaval): um ufanista acerca da História oficial - "Liberdade, Liberdade, Abre as Asas sobre Nós", da Imperatriz Leopoldinense em 1989 – e o outro que contradiz as versões vitoriosas – "As histórias que a História não conta", da Mangueira em 2019.

Palavras-chave: Samba-enredo; Canção popular; Poesia oral; Literatura brasileira

17/07 (MANHÃ)

LEMINSKI: O 27º POETA DA ANTOLOGIA “26 POETAS HOJE”

Elane Alves Oliveira Silveira

Resumo: Este estudo objetiva reunir textos poéticos do autor Paulo Leminski com o fito de problematizar diferentes análises literárias de cunho tradicional, como pontuado pelo Formalista Russo, Roman Jakobson ao afirmar que “a poesia é a linguagem em sua função estética, o objeto de estudo não é a literatura, mas a literariedade” (JACKOBSON, 1976). Em contraponto, correntes do pensamento como o Desconstrutivismo, a Nova História e os Estudos Culturais e o Pós- coloniais serão debatidos à luz dos estudos de Eduardo Coutinho que vai além das fronteiras do texto para adentrar a percepção de uma poesia que irá falar de um tempo histórico, da subjetividade do seu autor e da criatividade de sua linguagem que estão embutidas em um contexto que fez emergir alguns outros poetas e autores despreocupados em seguir uma tradição literária. A respeito desses outros autores, a antologia poética da autora Heloísa Buarque de Holanda será também citada e contrastada devido à ausência do poeta Paulo Leminski, cuja escrita está extremamente condizente a proposta da autora. A ensaísta, escritora, editora, crítica literária e pesquisadora brasileira debruçou-se, na década de 1970, a estudar um grupo de poetas que praticavam uma produção artística de caráter bastante informal. Um momento em que as universidades, a mídia e a prática cultural em consonância com o Congresso nacional democrático estavam forçosamente limitados de suas atividades. Heloísa procura dar voz a um grupo de poetas que não estão, necessariamente, impressos nos livros, mas estão nos bares, nas portas de teatro, nos corredores de lançamentos de livros, no mimeógrafo impresso no quintal. Esse grupo de poetas e sua maneira “espojada” de produção só aumentam. E entre eles está Leminski, consonante com o fazer poético da sua geração, que traz uma produção irônica, ambígua e com um sentido crítico alegórico mais circunstancial e independente de comprometimentos com um programa preestabelecido e automatizado.

Palavras-chave: Leminski; Poesia; Marginal.

FAVORITE GAME OU A POESIA NÃO CABE MAIS DENTRO DA VULVA DO POEMA

Marina Baltazar Mattos



Resumo: “Por que a poesia tem que se confinar/ às paredes de dentro da vulva do poema?” Waly Salomão, em sua câmara de ecos, anteviu a série crescente de reflexões que o campo teórico atual vem tentando elaborar em torno de transformações e questionamentos dos sentidos e limites da literatura, que, segundo essas novas abordagens e tentativas de compreensão, têm recebido nomes como “literatura expandida” (PATO, 2012, p.71), “escrita e o fora de si” (KIFFER, 2014, p.47), “literatura fora de si” (GARRAMUÑO, 2014, p.43) e “arte e escritura expandidas” (SANTOS; REZENDE, 2011), para citar apenas alguns exemplos. Todos esses conceitos apontam para um ponto em comum, que poderia ser sintetizado como uma das marcas da literatura contemporânea, que é, justa e paradoxalmente, a explosão dos limites das instâncias particulares da experiência literária, na medida em que passa a se consolidar, com bastante força, em manifestações e gestos literários que vão além dos lugares e formas de organização e intervenção geralmente associados à literatura. Suportes como o livro e a voz coexistem, agora, com a instalação, os quadros e a performance: a palavra poética encontra-se espalhada por outras artes e outros discursos, e a questão da forma, por isso, assume relevância fundamental, constituindo-se como elemento-chave para entender novos problemas postos pela experiência literária em nossos dias. Diante desse cenário, a obra de José Leonilson (1957-1993) – artista cearense cuja morte precoce não conseguiu findar a multiplicidade de significados presentes em suas criações – pode ser lida como uma inscrição também literária: a incorporação da palavra escrita em seus desenhos, figuras, gravuras, bordados, montagens, autorretratos e instalações nos permite uma tentativa de leitura da produção artística de Leonilson como poética, e do artista, também como escritor. Ao nos depararmos com o seu trabalho, é possível perceber o acúmulo das palavras que se misturam e até mesmo se confundem com imagens e números, resultando e resultado de fronteiras mais fluidas no campo das artes, território que se expande e transborda em novas linguagens e proposições. Ao ampliar e hibridizar os domínios permeados pela poesia, em *Resistência da poesia* (2005), Jean-Luc Nancy nos apresenta a poesia como uma linguagem sempre por vir, em processo, em construção – “o sentido da poesia é um sentido sempre por fazer” (NANCY, 2005, p.10) –, marcada pelo estranhamento, pela impropriedade e pela alteridade, em um movimento de não coincidência. Pensando na obra *Favorite Game* (1990), de Leonilson, em que os traços de um homem são ladeados pelas palavras “truth” à direita e “fiction” à esquerda, esse movimento é posto à prova em forma de jogo: a alteridade do sujeito poético se constrói não só na e pela imagem, mas também pelas palavras que o rodeiam, e que formam uma das dicotomias mais antigas da literatura: realidade e ficção. O trabalho com a mimesis não só amplia o campo possível de pertencimento da gravura ao domínio das artes plásticas, mas convoca também um outro nível de interação, o transbordamento dos limites, e o convite à literatura se dar fora de seus suportes tradicionais.

Palavras-chave: Literatura expandida; Poesia fora de si; Hibridismo; Poesia brasileira contemporânea; José Leonilson.

A CRÍTICA JORNALÍSTICA DE ANA CRISTINA CESAR

Raquel Machado Galvão

Resumo: A pesquisa abrange o levantamento da crítica jornalística escrita por Ana Cristina Cesar (1952-1983) em periódicos brasileiros nas décadas de 1970 e 1980, a partir da cartografia e análise de textos publicados em livros ou ainda restritos a acervos de arquivos públicos e privados. O corpus da análise são as críticas encontradas em impressos de grande circulação, como o *Jornal do Brasil*, a *Folha de São Paulo* e as *Revistas Veja* e *Isto é*, em publicações especializadas como a *Mimeo* (PUC-RJ), a *Revista Colóquio Letras* e a *Almanaque*, e em impressos alternativos, como o *Opinião*, o *Leia Livros*, o *Beijo*, entre outros. A partir da reconstituição do trabalho jornalístico de Ana Cristina Cesar, identificamos as estratégias de construção da crítica, suas balizas constitutivas, e os diálogos presentes em textos publicados em jornais com a poética de *A Teus Pés* (1982). Diagnosticamos também as rupturas promovidas pela escritora na elaboração da linguagem inserida no movimento de uma práxis política que se afasta de pensamentos fixos, mobilizando de forma definitiva a cena jornalística

focada em literatura, e promovendo discursos acráticos em meios tradicionais e em plataformas alternativas de difusão da crítica brasileira.

Palavras-chave: Ana Cristina Cesar; Arquivo; Crítica Jornalística; Literatura e outras artes; Poesia.

MODERNISMO E CANÇÃO POPULAR: DA APROXIMAÇÃO COM A ORALIDADE À RESSURGÊNCIA DA VOZ

Ênio Bernardes de Andrade

Resumo: Esta comunicação pretende refletir sobre mudanças na produção e recepção da canção popular compreendida como linguagem poética ao longo do século XX no Brasil, relacionando o ideário modernista de aproximação da poesia com a oralidade ao desenvolvimento do cancionário nacional. O recorte proposto tomará como objeto canções de Noel Rosa e o disco "Caetano Veloso", de 1969. Em "O movimento modernista", texto crítico e avaliativo escrito anos depois de 22, Mário de Andrade (1974) define o Modernismo como o "prenunciador, o preparador e por muitas partes o criador de um estado de espírito nacional". A incorporação da fala cotidiana em oposição a uma retórica pomposa, vazia e incongruente com a vida corrente da nação brasileira é um dos pontos centrais da atitude modernista no campo literário. Oswald de Andrade, sintético e decisivo, promulga no seu Manifesto da poesia Pau-Brasil o que seria o norte para o modo poético que se pretendia instaurar: "como falamos. Como somos". Se, para Mário, o Modernismo não alcançou uma mudança completa e radical em nossa linha literária, como almejava, o caráter de "preparador" e "prenunciador" do movimento é ponto determinante. Uma preparação que não se limita à produção, mas se estende à recepção dos trabalhos artísticos. Diante desta abordagem, buscaremos estabelecer relações entre o Modernismo e a canção popular urbana no Brasil, observando que aspectos inerentes à linguagem cancional possibilitaram, por uma via inesperada a seu tempo, que as massas brasileiras desfrutassem do "biscoito fino" postulado pelo projeto poético dos modernistas: pela via da voz, um autor como Noel Rosa chega ao "como falamos" osvaldeano não só pela construção textual, mas pela simulação da fala no canto (TATIT, 1996), em uma perfeita junção entre texto, melodia e interpretação; pelos cantos da voz em performance, a Tropicália renova a utopia antropofágica de Oswald de Andrade, irradiada pelas mídias tecnológicas. Tais autores - Noel Rosa e Caetano Veloso - são emblemáticos para a percepção da canção como linguagem poética no Brasil. O primeiro, apesar de ser conhecido como "Poeta da Vila", não costuma aparecer quando o assunto é a poesia canônica de sua época. Já o segundo é nome inevitável na poesia da segunda metade do século XX, atingindo maior alcance que qualquer poeta do livro. Este movimento de mudança da recepção da linguagem cancional como representativa da poesia aponta para o que Paul Zumthor (2014) chama de "ressurgência" da voz na sociedade mediatizada. Para elucidar esta abordagem, serão utilizadas como exemplo obras essenciais do cancionário noelino, como Conversa de Botequim, Gago Apaixonado e Palpite Infeliz. De Caetano, serão observadas faixas de seu segundo disco solo, lançado em 1969, no qual se verifica a pluralidade de estilos e vozes que se associa à ideia de antropofagia osvaldeana: culturas populares misturadas com rock (Atrás do trio elétrico, Marinheiro só), modernidade tecnológica (Não identificado), faixas em inglês (The empty boat, Lost in paradise) e espanhol (Cambalache), herança portuguesa (Os argonautas), fossa do samba-canção (Chuvas de verão), experimentalismo (Acrilístico, Alfômega), exílio iminente (Irene), a Carolina de Chico Buarque.

Palavras-chave: Canção; Poesia; Modernismo; Noel Rosa; Caetano Veloso.

17/07 (TARDE)

TEMPO EM CRISE, ESPAÇO EM DECADÊNCIA: DA CARTOGRAFIA DOS MORTOS EM LUIZ BACELLAR

Fabio Fadul de Moura



Resumo: A pesquisa que se apresenta é fruto de resultado parcial das investigações de doutorado sobre a poesia de Luiz Bacellar. No atual recorte, o tema dos mortos que habitam a cidade é tomado como exemplo do que se compreende ser um topos comum em sua poesia: a crise, a qual o alia a uma tradição moderna. Esse, que se visualiza no espaço pela imagem poética da destruição seja do espaço, seja das figuras humanas, o que também evoca certa tradição ocidental, aponta para uma crise que alcança o tempo. Sabendo que o poeta delinea em seu percurso pela cidade um caminho por meio de um espaço, o qual o leva a uma série de choques com a memória, procura-se perscrutar a matéria textual de *Frauta de barro* (2011 [1963]), a fim de explicitar o paradoxo como estrutura estruturante dos versos do autor. Em seguida, objetiva-se fazer um esforço de desdobramento desse procedimento até as imagens que sugerem uma reflexão crítica sobre a modernidade, considerada pela perspectiva já conhecida de Charles Baudelaire e pela leitura crítica exercida por Marcos Siscar (2010). Nesse campo semântico delineado pelo poeta, os mortos e o cemitério são duas imagens emblemáticas, as quais ilustram a decadência de forma peculiar no interior do livro. Em movimento diverso, a sua poesia repõe o topos da crise da modernidade com base em um olhar diferenciado, reconfigurando no jogo entre o presente que vê a memória um cruzamento que aduz a crise como matéria principal aqui a ser tratada. Dessa maneira, intenta-se apresentar tal ideia como uma face da poesia brasileira da década de 60, sem considerá-la pejorativamente desigual. Pelo contrário, reforça-se a heterogeneidade da produção cultural do país e inclina-se em direção ao pensamento que abala as categorias que tendem ao desejo de fixação linear da historiografia literária.

Palavras-chave: Poesia brasileira do século XX; crise; tempo; espaço; Luiz Bacellar.

ENTRE O EU E O OUTRO: UMA LEITURA DE “PÊNDULO” DO LIVRO N.D.A. DE ARNALDO ANTUNES

Glauber Mizumoto Pimentel

Resumo: Sob a luz do propósito crítico da metalinguagem poética, (re)conhecer e investigar o eutro, que se dá por um redimensionamento lírico da palavra na poesia de Arnaldo Antunes, é necessário levarmos em conta a prática da verbivocovisualidade na obra deste poeta. Se para Ivo Lucchesi o eutro é um portador de um discurso sintonizado com as vozes da maioria, para que assim possa ter a sensação de bem-estar, pois “vive a eutridade como um estado de suspensão de sua dramaticidade” (LUCCHESI, 2006), para Byung-Chul Han, atravessamos uma época em que “a erosão do Outro, que por ora ocorre em todos os âmbitos da vida e caminha cada vez mais de mãos dadas com a narcisificação do si-mesmo” (HAN, 2017) põe em xeque essa “sensação de bem-estar” comentada, então, por Lucchesi (2006), pois com o “inferno do igual, a chegada do outro atópico pode tomar uma forma apocalíptica” (HAN, 2017). Mas do que trata este outro atópico, este outro sem-lugar? Byung-Chul Han (2017), no seu livro *Agonia do Eros*, diz que o desaparecimento do outro é um sinal da sociedade que vai se tornando cada vez mais narcisista. Uma sociedade que se esgota a partir de si, e que não consegue se libertar para o outro, tornando-se então numa sociedade sem Eros. É por esta experiência da atopia do outro que também (re)clama a poesia de Arnaldo Antunes. A poesia, em seu estado de Eros, essa força geratriz – essa potência transformadora, conforme grifado pelo próprio poeta – pode ser uma forma de acolher este outro, enquanto alteridade(s), como também pode ser o espaço para a experiência/experimento da atopia do outro. A partir da leitura do poema “pêndulo” do livro n.d.a. (2010) traçaremos neste trabalho uma breve perspectiva deste “outro atópico”, que bem representa a poesia de Antunes. Aqui o poeta altera criticamente o mito de Narciso, pois diante do “novo golpe inevitável do inimigo espelho” (ANTUNES, 2010) estão em questão pendular: o poema, o poeta, o leitor, o corpo humano e os corpos não-humanos, e (por que não?) o próprio livro. Ou seja, esses elementos que se desdobram, isomórfica e intersemioticamente, em movimentos crítico-reflexivos colaboram aqui para uma visada maior sobre a dimensão do eutro na poética de Arnaldo Antunes, e que, por sua vez, ganha eco numa leitura mais abrangente do livro em questão. Com isso, veremos, intersemióticos que constituem esse poema, e que

reforçam um eco significativo ao longo do livro n.d.a., nos põe diante de uma reflexão crítica não só sobre o mito, aqui em discussão, como também retroalimenta, contemporaneamente, o nosso diálogo com o “sujeito narcísico” denunciado por Byung-Chul Han (2017).

Palavras-chave: metalinguagem; euto; verbivocovisualidade; poesia

POÉTICAS HESITANTES OU DO TRAÇO NEBULOSO

Suzy Zaparoli

Resumo: Neste trabalho, propomos tecer uma leitura a partir da obra poética *Elefantes dentro de um sussurro* (2017) de Marcelo Reis de Mello, em que notamos, para além de um livro de poesias, um projeto artístico gráfico onde há um desejo de movimento constante através de uma costura entre imagem e texto, potencializando suas significações, seguindo uma visão já proposta por Jean-Luc Nancy (2016), em que “las artes se hacen unas contra otras.”. Dessa maneira, a imagem, aqui, funciona como algo que se mostra ruptura e abertura em diálogo com a palavra do/no poema. Outra reflexão que a obra nos demanda é o esforço de fixar o sentido, através de vários “carimbos” de significações e explicações fixas da palavra que aparecem e reaparecem no corpo poético. Essa oscilação contamina também a estrutura da obra que é catalogada, ou seja, identificada como um livro de poesia, mas que se comporta como uma colcha de retalhos, e que perpassa não apenas poemas, mas também recortes de Wikipédia, citação “encontrada em um site de paisagismo”, como é titulado um dos poemas, uma reportagem que traz consigo a referência de um link na internet, um fragmento de entrevista, além de vários recortes de obras de filósofos e artistas, tais como Shakespeare, Goethe, Eliot, Didi-Huberman, etc. Retalhos que o poeta coleciona e vai costurando, formando este “corpo sem órgãos” (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Dessa forma, encontramos dois movimentos que se chocam - a tentativa de conceituar a palavra, para, logo em seguida, produzir o reconhecimento da falha. Assim, a obra costura diversas imagens e se abre em potencialidades, construindo “diferenças que tocam, e até mesmo de diferenças que colam.” (DIDI-HUBERMAN, 2015), criando um espaço em que “a substancialidade, a estabilidade dos conceitos, das palavras e dos aspectos que serão aqui atingidas, abertas, decompostas.” (DIDI-HUBERMAN, 2015). Dessa maneira, o livro propõe uma abertura da palavra poética, potencializando suas significações, não produzindo um sentido fixo, constituindo-se, desse modo, em traço nebuloso. Se toda “a língua é fascista” (BARTHES, 1996), o poeta irá trapacear a língua, desestabilizando-a. O trabalho poético, dessa forma, é re-trabalhar a palavra gasta, re-significando-a, através de um “raspar uma por uma as palavras até despertar exemplares, que sob a concha de medrepérula, pareciam mortos: e isso arrancando-os da tal concha até fazê-los sangrar” (CAPRONI, 2017). Para além, buscamos refletir a respeito do movimento da metáfora da imagem de deglutição que se faz presente em alguns poemas de *Elefantes dentro de um sussurro* e a sua relação com o processo editorial da obra, refletindo sobre a fazedura da coisa-livro que se materializa por meio de um processo de cozimento realizado pela Cozinha Experimental, uma editora independente, da qual o nosso poeta faz parte como editor e como escritor.

Palavras-chave: poesia; contemporâneo; imagem

DE 90 PRA CÁ: A POESIA CONTEMPORÂNEA DO RIO GRANDE DO SUL

Carlos Augusto Bonifácio Leite

Resumo: A partir de uma recuperação das condições sociais do estado nos últimos trinta anos, esta comunicação consiste em organizar tendências, constâncias, afins, na produção poética gaúcha desde a década de 1990. Para isso, foram estabelecidas algumas categorias relacionais das quais é possível aproximar a produção de dezenas de poetas sul-riograndenses, bem como se destacaram três singularidades: Paulo Neves, Ronald Augusto e Angélica Freitas. O objetivo é conseguir estabelecer diálogos entre nossa condição contemporânea e a poesia que vem sendo forjada por aqui, como também travar relações entre as formas estéticas em si e a fim de melhor iluminá-las mutuamente.

Palavras-chave: poesia; Rio Grande do Sul; contemporâneo

83 - POESIA E TRANSGRESSÃO

Coordenação: Prof. Dr. Cristiano de Sales (UTFPR); Prof. Dr. André Cechinel (UNESC)

Resumo: O simpósio se propõe a dar continuidade aos debates iniciados no Congresso Internacional da ABRALIC 2018. Trata-se da reedição de uma proposta que nos permitiu e continuará permitindo discutir juntos o caráter transgressor da poesia em diferentes autores e poéticas. Acreditamos na urgência dessas conversas e estudos em tempos de arbitrariedades históricas que tendem a minimizar as ciências humanas e as artes.

O arlequim que Mário de Andrade nos apresenta em muitos momentos de sua *Paulicéia Desvairada* opera de maneira precisa na proposição de uma estética modernista para a literatura brasileira. O modo como esse personagem aparece dentro da outra personagem, São Paulo, evoca um dos temas mais caros ao grupo que se empenhou na utopia modernista da década de 1920, a saber, o devaneio. Este, que carregava também um desejo de liberdade, ganhou corpo em versos harmônicos – uma invenção formal de Mário. Essa refinada artimanha de amalgamar forma e conteúdo não apenas colocou o poeta paulistano no centro do movimento como também revelou um potente modo de transgredir. A transgressão, sabemos, ocupa lugar cativo nas tentativas de teorização acerca do modernismo. No entanto, não se pode baratear esse conceito no mero sentido de desvio ou negação de um sistema em curso (seja este sistema estético ou ideológico), pois, como fez o autor de *Macunaíma*, transgredir consiste sobremaneira em estabelecer contato com a tradição da qual se intenta libertar. Modificar algo num sistema demanda transformação e não se transforma nada encerrando a dialética entre a herança material-cultural e o novo que se pretende fazer aparecer.

O ser contemporâneo de Agamben não é o que vê os limites do tempo e o nega, mas sim aquele que estabelece dialéticas distintas e desestabiliza o dispositivo do tempo. Por isso o arlequim de *Paulicéia* tentou cantar na cidade e foi levado pela polícia, porque seu canto não compunha mais melodias como queria a industrialização moderna que tomava conta da cidade, seu canto fazia harmonias com outros desejos, outros sonhos, oferecia outro ritmo. A transgressão estava em se permitir devanear. Ela é uma das principais potências do que chamamos modernismo em literatura. É uma potência que nos faz hoje acreditar que é característico da poesia transgredir.

Tendo em vista o cenário maniqueísta que se transformou a arena pública dos debates que tocam a política no Brasil hoje, e que esse binarismo chegou a colocar objetos de arte no centro de uma discussão antes moralista do que estética, queremos com esse simpósio colocar em questão o caráter transgressor da poesia nos meios em que ela ainda opera (e isso inclui espaços instituídos, como universidades e escolas, e não instituídos, como circuitos que independem do academicismo). Tendo em vista também que vivemos hoje cenários muito antes distópicos do que o cenário utópico que sedimentou o ato de transgredir como marca da poesia, queremos discutir a transgressão em diferentes momentos históricos, abrindo, com isso, espaço para estudiosos dos diferentes períodos e tradições poéticas.

Seja pelo inutensílio de Paulo Leminski – para quem a rebeldia era um bem absoluto que se manifestava na linguagem por meio da poesia –, ou pelos corpos riscados de Ana Cristina Cesar – onde o contorno de um seio e os traços da escrita de um poema se confundiam na tentativa angustiada de não separar a poesia da vida –, ou ainda na assumida luta inglória com o corpo da linguagem a que se entregou Ferreira Gullar, o rastro estendido no tempo que faz de certas escritas algo canônico (mesmo que em princípio à margem) parece trazer sempre a cicatriz de uma subversão num sistema operante. Mesmo quando nos afastamos das constelações de Mallarmé ou da postura mais radical de Rimbaud, encontramos vozes que permaneceram no tempo e no espaço porque desestabilizaram algo, não legitimaram o *status quo* da vida ou da literatura. E isso não é um mérito moderno, ocorre desde muito antes das interpretações românticas que damos à história da literatura.



Enquanto Baudelaire parecia entender e explicar algo da Modernidade com seu cisne atordado no asfalto, ou com a passante que desperta paixões à última (e não à primeira) vista, Walt Whitman libertava o verso com eloquência contagiante. Rilke equilibrava conteúdo e forma de maneira cirúrgica não para dizer o que fazia a poesia moderna, mas para escancarar justamente o que as teses sobre a lírica moderna não davam conta de explicar. De certo modo foi o que fez também o marujo Neruda que não cessou de sonhar e se fazer lírico, ou Hilda Hilst que ousou fazer de deus uma via de acesso sensorial (sensual) e não um fim. Cecília, que transgrediu a objetividade triunfante de Drummond para assumir-se só e afinada com uma subjetividade ibérica...

Enfim, o que entrelaça esses poetas, bem como tantos outros artistas, é o fato de não deixarem estabilizar algo. Essa é a potência que nos interessa.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

“A SAÍDA É A VOLTA”: A TRANSGRESSÃO NA POÉTICA DE ORIDES FONTELA

Jaqueline de Carvalho Valverde Batista

Resumo: O desejo de liberdade, no tocante ao devaneio de criar o novo, é intensificado, sobretudo, com os modernistas, no Brasil. Os artistas, ainda pertencentes às raízes tradicionais, demoraram um tempo até desprenderem-se de suas raízes e buscarem nas fontes modernas novas tendências para a composição de suas obras. Segundo Bosi (2006, p. 335), esse desprendimento ocorreu no biênio de 1920-21 e, assim, afirmou-se a arte nova. O primeiro livro de poesia nova, conforme Bosi (2006, p. 336), foi *Pauliceia Desvairada*, de Mário de Andrade, obra conhecida antes da Semana de Arte Moderna pelos modernistas. A partir dessa, outras surgiram e o movimento Modernismo passou a ganhar forças no sentido de inovação. A Semana foi o ponto de encontro de tendências novas que formariam o novo campo das artes, nesse período. Essa liberdade de criar o novo, de transgredir, não significa que houve uma ruptura, pois transgredir é ter uma relação com a tradição para se criar o novo. Nessa esteira de transgressão, Orides Fontela, poeta brasileira, aponta no cenário brasileiro com a publicação da obra *Transposição*, no ano de 1969, posteriormente publicou *Helianto* (1973), *Alba* (1983), *Rosácea* (1986), *Trevo* (1969-1988) e *Teia* (1996). Sua poesia pulsa na criação do novo, buscando na tradição a liberdade de construção. Seus poemas são fragmentários, de versos livres, com seus enjambements, carregado de espaços em branco e de silêncios, características essas que despontam com intensidade, no Modernismo, no Brasil, e que se relacionam com a lírica moderna, pois obscura, fragmentária, como por exemplo, é a poética de Baudelaire, Mallarmé, Rimbaud. Entretanto, a poesia orideana trasgride, pois relacionada às características da tradição, constrói o novo pela (des)construção. A palavra é racional, sem sentimentalismo inerente, sua poética é construção de mãos de artesã da palavra poética que a transpõe de tal forma que ela não permite ver, mas sugere e sua significação, é nova a cada experiência do objeto pelo sujeito, como aponta Osakabe (2002). É recifrando, segundo Barbosa (1986) que se cria o novo. Orides, portanto transgride com sua poesia, levando o leitor à reflexão permanente, pois a palavra morre e (re)nasce, transcende a cada experiência. Com sua poesia labiríntica, pretende-se com esse trabalho identificar em seus poemas as características apontadas, as quais configuram a poética de Orides como de transgressão, pois, a nosso ver, sua poesia é altamente reflexiva e circular, o que faz com que o leitor volte constantemente a ela, na busca de sua verdade, do real, portanto “a saída é a volta”, conforme o verso do poema “Caramujo” (p. 59), de seu primeiro livro e que configura constantemente suas obras. É no retorno constante que parece ser construída sua transgressão “O fim/ limite íntimo/ nada é além de si mesmo/ ponto último”, poema “Caramujo” (p. 59), hipótese a qual confirmaremos nesse trabalho. Sua poesia não comunica, ela é, assim Orides parece recriar, recifrar. Esse trabalho pretende contribuir na

identificação variada das características da poesia contemporânea, sobretudo da poeta Orides, no tocante à transgressão.

Palavras-chave: Palavras-chave: Literatura brasileira; Poesia; Transgressão; Orides Fontela

ORIDES FONTELA: POR UMA POÉTICA DE TRANSPOSIÇÃO CONTÍNUA

Nathaly Felipe Ferreira Alves

Resumo: A obra poética de Orides Fontela (1940-1998) delinea-se por meio de uma noção que poderíamos chamar como “liberdade lúcida” tanto no que diz respeito à consciência ímpar de linguagem, quanto àquela que se dirige ao “plano de realidade”. Ao extrair experimentações essenciais do real, pelas quais os sujeitos alcançam um tipo de “universidade”, os poemas de Orides forjam uma síntese qualitativa que amalgama a experiência de um sujeito lírico “eclipsado” (Candido, 1983) – mote de toda uma tradição lírica da modernidade – a determinados “dados objetivos” do real. Isso se dá a partir de uma forma de expressão lírica singular nos compêndios históricos da poesia brasileira moderna e contemporânea (mais particularmente se confrontarmos os aspectos temáticos e de enunciação, ainda que genericamente, de seus dois primeiros livros, a saber, *Transposição*, de 1969, e *Helianto*, de 1973, às práticas escriturais recorrentes entre as décadas de 60 e 70). Seus textos revelam, ainda que de forma subterrânea (pela negação de “tragédias pessoais” expressas), um cenário que congrega a “ventura do cotidiano” da humanidade. O estabelecimento deste universo lírico, contudo, realiza-se de maneira, aparentemente, simples. Os poemas são majoritariamente compostos por um “vocabulário-motivo” básico (bastante utilizado pela lírica ocidental, tais como as “palavras-ideias”, ou “imagens” de “flor”, “pássaro”, “luz”, “espelho”, “água”, “fonte”), que se repete, formal e semanticamente, sem nunca deixar de gerar, entretanto, novos sentidos ou agenciar criativamente a estrutura dos textos. Todo o arsenal imagético da poética orideana movimenta-se, tais como os “signos em rotação” de O. Paz, de maneira a catalisar a experiência da subjetividade lírica imersa em um mundo em que se parece estar “a um passo” – parafraseando as epígrafes de *Transposição* e de Alba (1983) do toque, do ser, da coisa, da realidade e do sublime. No entanto, nossa hipótese de leitura baseia-se justamente nessa relação que denominamos como semântica da proximidade ou ainda certa “distância avizinhada” (Villaça, 1992/2015) entre o sujeito e o mundo. Sugerimos que os poemas de Orides Fontela não configuram “delicadas flores antilíricas” tal como se pode supor, se os relacionarmos, algo de fato coerente, à poesia de João Cabral ou a determinados aspectos das experimentações formais concretistas, por exemplo. O que existe na organização escritural dos poemas é, na verdade, um sujeito que não é “anti” si mesmo (porque se nega ou é negligenciado), mas que está “ante” a si mesmo, em uma postura que o encaminha à alteridade e ao “fora de si” (Collot, 2004). Arquitetando-se, portanto, através (já que é atravessada mesmo) pela noção de deslocamento, a subjetividade lírica reorganiza-se, experimentando uma objetividade advinda dos tópicos imagéticos pinçados do mundo real (constituídos basicamente por elementos da natureza ou objetos triviais do dia a dia), dinamizadores, por sua vez, da ambientação lírica instaurada. Dessa maneira, a reiteração das imagens, o caráter paradoxal da trama vocabular e o interesse ontológico pela linguagem e pelo ser, integram um verdadeiro “mosaico poético” gerador de um tempo cíclico, original e originário, que transpõe, de forma contínua, a subjetividade lírica a um outro espaço de experimentação do mundo e, concomitantemente, afasta também (ou, ao menos, dificulta a “classificação”) do próprio fazer poético de Orides, se o conjugarmos a determinadas práticas da poética contemporânea brasileira. O que nos interessa na presente comunicação é apreciar exatamente isto: sua voz lírica admiravelmente individualizada, aberta a um sujeito “fora si” que, por integrar o mundo exterior, reconstrói-se.

Palavras-chave: Orides Fontela; poesia brasileira contemporânea; transposição; sujeito lírico “fora de si”.

UM SOL POENTE: OTIMISMO E MELANCOLIA EM MATILDE CAMPILHO

Jhenifer Thaís da Silva



Resumo: O questionamento acerca da legitimidade, do lugar e da função do poeta e da poesia, no momento posterior ao da rigidez cultural vanguardista, orienta expressivamente a produção de poesia brasileira a partir de meados da década de 1970. Essa atitude inquisitória está acompanhada, com frequência, de um gesto negativo frente aos (des)caminhos da poesia que, nessa altura, já contava com a herança antilírica de Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto e, mais tarde, com a não-poesia de Augusto de Campos. Esses aspectos oferecem novo contorno ao debate sobre poesia contemporânea, na ocasião em que o tempo “pós-utópico”, segundo formulou Haroldo de Campos, está supostamente exaurido, a despeito da pluralidade que passa a habitar o cenário da poesia brasileira. Uma vez consolidada a ideia de fim que passou a envolver a poesia contemporânea, sobretudo no que tange a associação dessa ideia à situação inescapável da época, como seguir, como transgredir, como inovar? A linguagem otimista do livro *Jóquei* (2014) e do livro *Ringue* (2018), de Matilde Campilho, é exemplar para contrastar essa tradição da poesia da negatividade. Antes de seus livros impressos, foi determinante para a recepção da poeta a apresentação de seus textos por meio de videopoemas no YouTube. Essa conduta não só a aproximou do público como extrapolou o suporte habitual da poesia, levando para a cena a performatividade da palavra falada. No cotejo com a poesia da negatividade, chama atenção quando a diferença essencial não se apresenta pela oposição, mas justamente pela forma como também é construída uma negação -- ainda que outra--, dada, a saber, pelas vias da afirmação. Com dicção próxima à coloquial e imagens alegres, como no poema “Chapéu de Palha”, de Ringue, vê-se a alegria refrescante e otimista a funcionar, conforme mostraremos, como alternativa para o fim, como amparo da queda, como saída possível para e de um tempo constituído pela carência e pela falta. Essa poesia reconhece a inevitabilidade da queda e reconhece, sobretudo, que a saída possível para superá-la é construir-se nela e a partir dela. Nietzsche é o aparato teórico-filosófico fundamental para embasar este estudo, uma vez que o filósofo alemão não só exerceu influência sobre o pensamento ocidental da atualidade, como foi decisivo para a transformação do olhar que lançamos para o tempo e para a história a partir do século XX. Sendo assim, este trabalho utiliza alguns de seus conceitos (o do “pessimismo forte”, por exemplo) como instrumento de leitura para entender a produção de Campilho e fundamentalmente o modo como essa produção se relaciona com o seu tempo histórico. Desta forma, será possível verificar os recursos responsáveis por construir certa impressão equivocada acerca da poeta portuguesa, à medida que elementos textuais vão permitindo afirmar a criação de uma camada subterrânea que escamoteia uma experiência com a realidade presente permeada pela melancolia. A tensão entre esses dois polos aparentemente opostos serão responsáveis por dar corpo ao que chamaremos de impotência perseverante.

Palavras-chave: Poesia Contemporânea Brasileira; Poesia Contemporânea Portuguesa; Matilde Campilho; Nietzsche.

A TRANSGRESSÃO ESTÉTICA E TEMÁTICA NA POESIA DE ORIDES FONTELA

Alexandra de Oliveira Guedes

Resumo: Orides Fontela, brasileira nascida na cidade de São João da Boa Vista em 1940, transgrediu a estética e a temática do movimento da poesia marginal que é de sua época. Ela não gostava de ser rotulada ou ligada a uma tendência poética ou movimento político, mantinha um rigor métrico, uma poesia substantiva e subjetiva, distanciando-se e caminhando em movimento contrário aos versos dos poetas que representaram esse movimento, como Ana Cristina César e Paulo Leminski, que buscavam em sua poesia uma representação do cotidiano, contrapondo o tradicionalismo na produção poética e as imposições político/sociais da época. Enquanto o olhar desses poetas estava voltado para as novas configurações por qual o mundo e o Brasil estavam passando, Orides detinha-se nos questionamentos filosóficos da existência humana sob a perspectiva de uma percepção de mundo abstrata, ligada aos sentidos e não presa ao real. Essa comunicação propõe a discussão da transgressão em Orides sob a perspectiva de uma desvinculação e uma não caracterização, pois ela procurou em sua produção poética se afastar



das inferências que pudessem rotulá-las. Até mesmo a questão de sua poesia poder apresentar traços de uma poética feminina a incomodava, para ela a poesia era uma entidade cuja essência não deveria ligar-se ao gênero de quem a escrevia. Em uma entrevista, concedida ao programa “Jô Soares Onze e Meia” em 1996, questionada pelo apresentador se ele deveria se referir a ela como poeta ou poetisa, ela responde que o termo “poetisa” era uma maneira de depreciação e não de elevação e por isso preferia ser chamada de “poeta”. Essa escolha demonstra como ela era avessa às novas discussões que estavam emergentes naquela época, enquanto algumas escritoras faziam questão de colocar em suas obras marcas femininas, até mesmo uma questão de nomenclatura incomodava Orides que, preferia manter certo universalismo. Na estética da poesia oridiana, encontramos um esvaziamento do sentido cotidiano das palavras, que são depuradas em um processo de resignificação. Seus versos construídos através de uma economia retórica, com frases breves e ligações sintáticas frágeis, e cortes bruscos fazem com que eles se desprendam do corpo do poema e mantenham uma forma independente. Isso se difere, por exemplo, de Ana. C que apresenta uma poética mais fluida, condensada e próxima da prosa. No poema “Média” de Orides é possível perceber um pouco dessa construção estética: Meia lua. Meia palavra. Meia vida. Não basta? O objetivo dessa comunicação é contrapor as escolhas estéticas e temáticas de Orides Fontela com as de poetisas pertencentes ao movimento sociocultural da poesia marginal, demonstrando os caminhos contrários que seguiam.

Palavras-chave: Orides Fontela; poesia marginal; transgressão.

16/07 (TARDE)

O DESAPOSSAMENTO DO SUJEITO LÍRICO NA POESIA DE PEDRO KILKERRY

Carlos Eduardo Siqueira Ferreira de Souza

Resumo: Apesar de seu caráter multifacetado, heterogêneo, o território da poesia moderna seria palco de tensões geradas pelo protagonismo do sujeito lírico no discurso poético: essa é a tese defendida Hugo Friedrich (1979) em sua obra *Estrutura da lírica moderna*, na qual distingue duas linhas de força – subjetiva e objetiva – na poesia produzida a partir de meados do século XIX, derivadas de uma maior ou menor presença do eu lírico no poema. Segundo essa perspectiva dualista, a subjetividade, apesar de se manifestar nas mais distintas formas no discurso poético, constituiria o paradigma das manifestações líricas do século XX, e sua recusa denunciaria uma postura antilírica. Tal dicotomia, no entanto, revela-se inconsistente quando se passa a compreender a lírica moderna não como resultado da presença ou ausência do sujeito lírico, mas como território em que eu e mundo deslocam-se em fluxo constante. Essa recusa do lirismo compreendido como expressão de uma interioridade é marca dos estudos de Michel Collot (2004), que, ao examinar experiências consideradas antilíricas no contexto da poesia francesa moderna, identifica nelas não a negação de um sujeito, mas a presença de uma subjetividade que se constrói na alteridade. Na esteira desse pensamento, propõe-se, como objetivo deste trabalho, lançar novas luzes sobre a lírica radical e transgressiva de Pedro Kilkerry, poeta simbolista que, além de antecipar as experiências vanguardistas do Modernismo brasileiro, promoveu novos modos de subjetivação que revelam o desapossamento do sujeito lírico em nome da alteridade.

Palavras-chave: Pedro Kilkerry; Michel Collot; Alteridade; Simbolismo; Lírica moderna.

POETA DA ELIPSE: A TRANSGRESSÃO VERBAL EM DURVALINO COUTO

Josivan Antonio do Nascimento

Resumo: Durvalino Couto é um poeta Teresinense que reflete em sua obra a intensidade cultural vivida através das experiências de contracultura construídas com artistas de Teresina na segunda metade do século XX, tais como Arnaldo Albuquerque, Carlos Galvão, Edmar Oliveira, Paulo José Cunha, Torquato Neto entre outros. Devido a imposição do regime político-militar da época, os jovens artistas resistiam e confrontavam essas barreiras reinventando modelos de arte a partir da poesia, música, cinema em super-8 e modos de se



comportar. Viver era expressar-se artisticamente. Em função da censura, a publicação dos trabalhos se dava através de jornais alternativos criados e editados pelos membros do grupo, como é o caso do jornal o Gramma que favoreceu a aproximação de Torquato Neto do grupo através de uma entrevista (MONTEIRO, 2012). Partindo da obra *Os caçadores de prosódias* (1994), este artigo objetiva analisar de que modo Durvalino Couto desenvolve em sua poesia a ideia de transgressão do verbo como alternativa de contraposição estética ao modelo tradicional da academia. O livro é uma compilação de poemas, textos jornalísticos e letras de músicas que resumem a inquietação artística do autor. Fez progressão de estudos fora do Piauí e esse trajeto viabilizou a disseminação e interação de ideias entre os artistas locais com o que acontecia no restante do país. O engajamento literário de Durvalino Couto semeia em sua obra um engajamento político de combate à hegemonia cultural acadêmica em favor da manifestação e preservação da cultura local. Para elucidar o universo de transgressão na poesia de Durvalino Couto, o estudo parte da ideia de poeta da elipse apresentada em *Os caçadores de prosódias* (1994). O autor evidencia um eu que considera o poeta da elipse como aquele que semeia em seus versos a fluidez do homem contra si mesmo e a medida de seus conceitos para saciar uma fome que não lhe pertence. Fome do verbo que transcenda a fronteira do eu. Diante disso, este artigo desenvolve a análise da transgressão através de três verbos: ser/estar, fluir e transbordar. O verbo primeiro apresenta e discute o sujeito como em mar bravo onde as ondas transportam o eu para além das bordas. Nesse processo o sujeito se torna o verbo que mastiga para saciar a fome de si. O verbo segundo analisa em alguns poemas a fluidez do eu na inquietude de confrontar o destino à deriva de um horizonte sem foz. O verbo terceiro elucida a intersemiose que consiste o verso de Durvalino Couto na tentativa de conjugar-se no próprio verbo e tornar-se eterno. A realização deste artigo considera principalmente para o arcabouço teórico uma entrevista com Durvalino Couto concedida a Jaislan Monteiro (2012), alguns artigos organizados por Eugênio (2013) e o conceito de semiose e signo a partir de Peirce (2010, CP. 1931-1958, 8 vols.). A principal contribuição que Durvalino Couto faz de sua obra é apresentar um sujeito capaz de lapidar o verbo, mas impossibilitado de transcendê-lo.

Palavras-chave: Durvalino Couto; Poeta da elipse; Transgressão; Verbo.

A POESIA HUMORÍSTICA DE BASTOS TIGRE COMO JOGO: PARNASIANISMO E HUMORISMO ENTRE A REGRA E A TRANSGRESSÃO

Samanta Rosa Maia

Resumo: A comunicação consistirá em um recorte da pesquisa de doutorado, sobre a obra poética humorística do escritor Manuel Bastos Tigre (1882-1957), que vem sendo desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade do Federal de Santa Catarina. Com base no conceito de jogo, pretende-se refletir sobre a relação da literatura humorística - e da poesia humorística de Tigre - com a “regra” e a “transgressão”. Bastos Tigre é um poeta com formação reconhecidamente parnasiana, isto é, escreveu poesia em uma época em que “as regras de versificação eram condições definidoras do poético” (2014, BRITTO), em que havia um modo convencional de se “praticar” o verso. O tipo de poesia que produziu, no entanto, não condizia com a “seriedade” típica do parnasianismo (tal como definido tradicionalmente nas histórias de literatura brasileira), e tampouco tinha status de literatura reconhecido de modo unânime, pois tudo que estivesse dentro dos domínios do riso ou do cômico era considerado inferior ou um “subproduto da arte”. Os juízos valorativos acerca da literatura humorística têm origem muito antiga. É Aristóteles o autor que prevalece como referência no tratamento do humor e um dos que mais influenciou a história do pensamento sobre o riso. Na Poética, coloca a comédia como uma das artes, junto com a tragédia, a epopeia, as artes do ditirambo, da flauta e da cítara, que representam as ações humanas, definindo-a, em relação à tragédia e à epopeia, por tomar como objetos as ações humanas mais baixas e imitar homens inferiores. Desde então, difundiu-se a ideia de que a tragédia seria o modelo de melhor poesia, diante do qual a comédia ocuparia uma posição secundária. Já o parnasianismo brasileiro, por sua vez, teria encontrado justamente na Grécia e na Roma antigas os parâmetros

da sua arte poética: a busca pela perfeição das formas poéticas, o rigor estético, os temas elevados. Tigre, portanto, usou o convencional a serviço do não-convencional, chegando mesmo a ser repreendido por Emílio de Menezes, também poeta humorista, por algumas “infrações” poéticas... De acordo com Johan Huizinga, autor de *Homo ludens*, “o jogador que desrespeita ou ignora as regras é um “desmancha-prazeres” (2017, p. 14), ele “destrói” o mundo frágil do jogo ao atentar contra a ordem, “todavia”, frequentemente acontece que, por sua vez, os desmancha-prazeres fundam uma nova comunidade, dotada de regras próprias. Os fora da lei, os revolucionários, os membros das sociedades secretas, os hereges de todos os tipos têm tendências fortemente associativas, se não sociáveis, e todas as suas ações são marcadas por um certo elemento lúdico” (2017, p. 15). Assim sendo, a proposta da comunicação é pensar a prática versificatória como jogo, como um desafio ao humorista, um desafio regrado que favorece o humorismo, e, ao mesmo tempo, como uma transgressão.

Palavras-chave: Bastos Tigre; Humorismo; Jogo; Parnasianismo

A POESIA TRANS NO CONTEXTO DA “COLE-SÃ ESCRIVIVÊNCIAS” - ASPECTOS TRANSGRESSORES DESSA OCUIERPAÇÃO LITERÁRIA

Leocádia Aparecida Chaves

Resumo: Tatiana Nascimento (2018), intelectual, escritora, negra, sapatona, ativista e uma das fundadoras da padê editorial, ao pensar a produção literária negra LGBTQI+ no Brasil contemporâneo, a qualifica com *cuíerlombista*. Abordagem instigante e potente para acessarmos escritas-vozes-corpos, que sistematicamente vêm sendo exterminados ao longo de nossa história, bem como (re)inventado suas existências. Pois bem, é dessa perspectiva que proponho apresentar - de forma panorâmica - as seis obras de poesia escritas por pessoas transgêneras e publicadas pela padê editorial sob o selo “cole-sã escrevivências” entre julho de 2018 a março de 2019. Selo inspirado, conforme Nascimento (2018) expressa, no conceito “escrevivência”, elaborado/teorizado pela escritora e intelectual negra Conceição Evaristo (1995). Aspecto importante de ser ressaltado pois a padê por meio de sua política editorial *cuíerlombola* - em contraponto ao sistema literário criado e mantido para perpetuar as hegemonias (Regina Dalcastagnè, 2012) e por consequência silenciar dissidências estético-políticas de “corpos palavras” - nasce para permitir que as vozes “dissidentes” sejam ouvidas. Quanto às obras, são: 1) *Sal a gosto* (2018), de Esteban Rodrigues; 2) *EP* (2018), de Téio Martins; 3) *Sapa profana* (2018), de Raíssa Éris Grimm; 4) *Amar devagarinho* (2018), de Bruno Santana; 5) *A piada que vocês não vão contar* (2018), de Kuma França; 6) *No âmago* (2019), de Enzo Amorim. Um acervo diverso e múltiplo que nascido sob um regime de exceção transfóbico, permite que o “eu lírico” espelhe suas escritoras e escritores, e nesta medida “literacurar”, pois viabilizador de uma comunidade de partilha, como nos ajuda refletir Tatiana Nascimento (2018). Perspectiva que, aos moldes deleuzianos, não reduz a escritora, o escritor ao papel de médico, mas apreende a sua escrita como aquela capaz de permitir devires. Portanto, por meio dessa poesia, “ouviremos” aquelas, aqueles que historicamente reconhecidos com matáveis e insacrificáveis (Judith Butler, 2018) enfrentam o escuro de nosso tempo como contemporâneos (Giorgio Agamben, 2009) e, nesta medida, como fraturadores de um sistema racista, sexista cisheteronormativado (María Lugones, 2014). “Ouviremos” uma poética que florescida do/no desamparo Vladimir Safatle (2018) também desampara e “neste instante” nos instala numa incontornável cena de interpelação (Judith Butler, 2015): como nos relacionar com essa voz poética que, à beira de ser exterminada, nos permite - pela forma e pelo conteúdo - nos aproximar de nossa desumanidade e, na mesma medida, da comunicabilidade de nossos afetos e devaneios? Poéticas que tomadas individualmente ou em conjunto se fazem na/pela subversão de temas e estéticas tradicionalmente expurgados do espaço literário e por esse meio garantidora, num cenário distópico, da utopia, pois deslegitimadora do status quo da vida e da literatura. Uma poesia “urro” que tem aberto caminho, caminhando (Alfredo Bosi, 1977).

Palavras-chave: Poesia Trans; Escrevivências; *Cuíerlombo* literário; Transgressões

17/07 (MANHÃ)

A TRANSFORMAÇÃO DO MESMO EM OUTRO: TRANSGRESSÃO PELA APROPRIAÇÃO NO MONÓLOGO INTERIOR DE ULYSSES

Camila Hespanhol Peruchi

Resumo: Transgredir significa sempre ultrapassar o limite de algo, o que comumente implica em desrespeitar uma ordem estabelecida. Não é estranho, portanto, que Ulysses tenha sido, desde sua publicação parcial na *The Little Review* (1918), associado a esse ato. Na época, a publicação foi censurada sob a alegação de obscenidades e interrompida. Nos Estados Unidos, o livro permaneceu proibido até 1933 e também no Congresso de Escritores Soviéticos, em 1934, a obra foi recebida com desprezo (RADEK apud GORKY, 1977). A perplexidade generalizada encontrava sua razão de ser no embate que a obra travava com seu tempo histórico. Por um lado, os aspectos escatológicos, sexuais e antirreligiosos do livro expandiam o horizonte representacional e retirava a especificidade do que era, até então, considerado literário. Por outro, Ulysses menosprezava a forma canônica do romance, ao mesmo tempo em que seu caráter metalinguístico (paródico, irônico, justaposto, distanciado) – que convocava todos os estilos literários se não para deles diferenciar-se – apontava para uma espécie de amorfia e impossibilitava uma interpretação que reunisse seus materiais aparentemente diversos. Ulysses, em suma, transgredia ao apresentar “uma nova cor pra paleta dos nossos poetas irlandeses: verderranho” (JOYCE, 2012, p.99) e ao romper com o decoro da forma. O objetivo desta comunicação é apresentar uma hipótese interpretativa que pretende explicar a capacidade transgressora da obra. A nossa hipótese é a de que essa capacidade se deve, sobretudo, ao emprego do que foi amplamente denominado pela crítica como “monólogo interior” em James Joyce. Para isso, faremos uma exposição da investigação em curso sobre os procedimentos formais que, em conjunto e alternados em um ritmo até então inaudito, explicam a singularidade da representação da consciência por James Joyce: 1) narrador onisciente, 2) discurso indireto livre (e a consequente fusão entre narrador e personagem), 3) discurso direto não assinalado, 4) livre-associação. Como qualquer conquista representacional, esse uso conjugado das quatro técnicas – que se unificam compondo um novo procedimento – lança uma luz retroativa para a tradição. É natural, portanto, que voltemos a essa tradição para descrevermos aquilo que pretende ser uma “genealogia do monólogo interior joyceano”. Ao recusar qualquer adesão ingênua aos princípios da tradição, Ulysses funda a sua própria consistência e passa a exigir uma crítica disposta a buscar no próprio romance a estrutura de sua cognoscibilidade. Ao mesmo tempo, a aparente incompreensibilidade de Ulysses torna suspeita, e mesmo ideológica, a clareza das obras anteriores: é como se este romance não demonstrasse apenas que a obra atual pode fazer coisas que o passado não concebia, mas, sobretudo, que o presente necessariamente modifica a forma como o passado pode ser visto.

Palavras-chave: Ulysses; monólogo interior; transgressão

JOYCE E MALLARMÉ: UMA "ALOTROPIA ESTILÍSTICA"

Raquel Bernardes Campos

Resumo: O poema “Um lance de dados”, de Mallarmé, publicado pela primeira vez em 1897 na revista “*Cosmopolis*”, marcou de tal maneira a história da poesia mundial que foi capaz de reformular a estrutura da página, o espaço em branco e inclusive a própria noção de poesia. Com isso, ele alterou para sempre a maneira de escrever dos poetas e o padrão tradicional do verso. Mesmo que os poetas das gerações seguintes não façam necessariamente o mesmo tipo de poesia de invenção ou de poesia experimental, é inegável o impacto de tal poema e seus efeitos sob a linguagem. Quanto ao escritor irlandês James Joyce, este também inovou a linguagem em seus escritos, rompendo com as limitações estilísticas do romance tradicional ao aproximá-lo de uma linguagem poética. O *Finnegans Wake*, seu último livro, publicado em 1939, é marcado pela fusão de outras línguas ao inglês, pela circularidade de sua escrita, por uma sintaxe telegráfica etc. As semelhanças entre o escritor de Ulisses e *Finnegans Wake* e o



poeta de "Um lance de dados" parecem poucas, se analisarmos superficialmente as obras dos dois autores. No entanto, o poema-constelação de Mallarmé se aproxima do romance-invenção de Joyce, especificamente do *Finnegans Wake*, de diversas maneiras. As duas obras, embora tenham propriedades externas visivelmente distintas, coincidem em uma série de fatores internos e mais profundos, como, por exemplo, quanto à estrutura. Além disso, no que diz respeito à preocupação de ambos os autores com a linguagem, com a materialidade da palavra, podemos encontrar ainda semelhanças e estabelecer relações estéticas entre as obras. Robert Greer Cohn, por exemplo, diz que, apesar de todas as diferenças existentes, o poema "Um lance de dados" tem uma relação com o romance de Joyce maior do que com qualquer outra criação literária. Augusto de Campos, no texto "Um lance de 'Dê's' do Grande Sertão", ainda relaciona a escrita dos dois autores à obra de Guimarães Rosa, enfatizando suas afinidades estruturais e poéticas. No entanto, com relação a Joyce e a Mallarmé especificamente, pretendemos com o seguinte trabalho analisar as relações existentes entre as obras dos dois autores e inventores, com foco naquilo que elas possuem de mais similar, ou seja, destacando possíveis paralelos quanto à sua estrutura interna. A maneira com que ambos trabalharam criativamente com a linguagem culminou em uma revolução literária, poética e artística, que reverbera até hoje, de tal forma que o assunto parece nunca se esgotar.

Palavras-chave: joyce; mallarmé; linguagem

TRANSGRESSORES DA TRANSGRESSÃO: PIVA E BATAILLE NAS BORDAS DO SURREALISMO (UMA APROXIMAÇÃO POSSÍVEL)

Clelio Toffoli Júnior

Resumo: O presente trabalho visa aproximar, via ecos e estilhaços do surrealismo, as poéticas de Roberto Piva e Georges Bataille, o primeiro um quase surrealista brasileiro e o segundo um dissidente do surrealismo francês. Começa-se com um breve estudo das causas que aproximam e das que afastam a poesia de Roberto Piva do surrealismo. O próprio Piva, mais de uma vez, rejeitou o rótulo de poeta surrealista, mas sempre prestou seu tributo e sua homenagem ao surrealismo. Até mesmo Breton é digno de comentário elogioso, ao modo Piva, sendo reconhecido como o autor de "uma brecha na realidade suficientemente larga para todos nós passarmos." (COHN, 2009). Veremos que o que mais aproxima a poesia de Piva do surrealismo são: a) o uso constante de imagens oníricas; b) o inconsciente que pulsa de seus versos; c) o estranhamento da linguagem, com o recurso de utilizar palavras de uso corrente em situações de absurdo; e d) um misticismo imagético e plástico. Em contrapartida o vemos se afastar da poética surrealista quando não notamos em sua poesia a escrita automática, quando vemos descrições realistas do sexo e quando o misticismo ultrapassa a fronteira do plástico e se transforma em discurso, principalmente nos seus versos xamânicos. No que toca à poesia de Georges Bataille, não obstante ele ter sido um dos primeiros ao lado de Breton, Aragon, e outros, seu fazer poético nunca se engajou verdadeiramente nos postulados artísticos do surrealismo, razão do rompimento precoce com Breton e os surrealistas. Percebe-se claramente na poesia de Bataille a presença de um surrealismo oculto, disfarçado, claramente dissidente, mas ainda assim surrealismo, ou nonsense, como gosta de se referir o próprio poeta. O surrealismo na poesia de Bataille está presente no estranhamento das palavras usadas fora de lugar, no humor negro, no onírico (ainda que vestido de pesadelo), na surpresa causada por alguns versos. Entretanto Bataille se distancia do surrealismo pelo sentimento lúgubre, pelo sol negro a brilhar nos seus versos, pelo uso simbolista das metáforas, pela admissão do uso de um universo exterior na poesia. Ao buscar o estudo comparativo das duas poéticas, surgiu, num nível ainda pré-poético uma enorme semelhança em cinco modelos de conduta intelectual: a) uma admiração por Dionísio e pelo dionisiaco; b) a leitura apaixonada de Nietzsche; c) a recusa ao marxismo científico como paradigma político; d) um forte sentimento anticapitalista e; e) uma religiosidade difusa e não orgânica. No nível do poético o que mais se observa na obra dos dois autores é o tom nietzschiano e dionisiaco da sua produção, resvalando esse viés na religiosidade também. A partir do caminho trilhado por Aline Leal (LEAL, 2018), pode-se



perceber que tanto a poesia de Georges Bataille quanto a poesia de Roberto Piva são uma poesia solar, sensual, erótica, ainda que em algum momento esse sol se torne negro, se torne ânus e se torne morte. Por fim, se fará a análise comparativa entre os poemas “Meteoro” de Piva e “Meu Canto”, de Bataille, dentro do campo estritamente semântico.

Palavras-chave: Surrealismo; poesia; Roberto Piva; Georges Bataille

17/07 (TARDE)

NATUREZA, INFÂNCIA E METALINGUAGEM EM CHARLES BAUDELAIRE, ARTHUR RIMBAUD E MANOEL DE BARROS

Janaina Jenifer de Sales

Resumo: A poesia moderna ocidental, conforme é sabido, traz consigo certos valores acarretados pelos rumos que os primeiros poetas considerados modernos seguiram. Os poetas franceses Charles Baudelaire e Arthur Rimbaud (1854-1891) aparecem, entre outros que poderiam ser citados, como expoentes da reforma no modo como se fazia poesia até o século XIX. Dentro do universo poético, as palavras do jovem Rimbaud representam um momento de ruptura para com o que era produzido como expressão poética até então. O poeta de Charleville, embora tenha se dedicado à poesia por pouco mais de quatro anos, trabalhou para a criação de uma linguagem poética distinta, que mudou os rumos do fazer poético ocidental. Já Charles Baudelaire (1821-1867), tido por Rimbaud como “o primeiro vidente, rei dos poetas, um verdadeiro Deus”, é considerado pelos críticos e reconhecido por seus sucessores como o pai da poesia moderna. Como ele mesmo declarou em dedicatória a *Les Paradis artificiels* (1860), escrevia para os que ainda não haviam nascido e, portanto, escrevia para os mortos. Um homem ambíguo, Baudelaire trouxe para a poesia sua dualidade: transitou entre a aristocracia e os princípios revolucionários, escreveu sonetos, mas revolucionou a estética. O poeta brasileiro Manoel de Barros (1916-2014) gostava de construir máquinas imaginárias como a “Máquina de Desregular a Natureza”, ou mesmo “O Abridor de Amanhecer”, conforme sua entrevista no documentário *Só dez por cento é mentira: a desbiografia original de Manoel de Barros* (2008), dirigido por Pedro Cezar. Máquinas essas que servem apenas para brincar com palavras. Ao propor o “criançamento” da linguagem para a construção poética, Barros incorpora elementos da fala, desregula a gramática, elege os marginalizados e, dispondo de tais recursos, inaugura um projeto estético. O presente trabalho tem como objetivo, a partir da análise comparativa entre as obras *Matéria de Poesia* (1970), do poeta Manoel de Barros, e as obras *Les fleurs du mal* (1871), do poeta Charles Baudelaire e *Les Illuminations* (1895), de Arthur Rimbaud, ressaltar semelhanças e diferenças entre essas três poéticas, principalmente sob o aspecto da visão sobre a Natureza, sobre a infância e sob o ponto de vista da metalinguagem. O trabalho na apresentação do projeto de análise comparativa, norteando-se, principalmente pelos eixos temáticos acima apresentados. Com isso, pretende-se estabelecer diálogo entre a poesia moderna francesa e uma das poéticas mais singulares e representativas da literatura brasileira contemporânea. Defende-se a tese de que, para os três autores, o fazer poético é a composição de um locus amoenus. Por meio do desregramento dos sentidos, de associações sinestésicas, e da concepção da poesia como um lugar, tanto as poéticas de Rimbaud e Baudelaire quanto o projeto poético de Manoel de Barros, mesmo pertencendo a séculos diferentes, buscaram uma nova forma de fazer poesia e o fizeram tendo como um dos pilares o da metapoesia.

Palavras-chave: Charles Baudelaire; Arthur Rimbaud; Manoel de Barros; Literatura Comparada

FERNANDO PESSOA E A ESCRITA DA SENSAÇÃO

Karen Cristina Teixeira Pellegrini

Resumo: Fernando Pessoa desenvolve sua escrita, que não busca uma unidade, mas um movimento ininterrupto que só se conclui na leitura. Como o escritor pensava sua prosa e de que forma o *Livro do Desassossego* foi fundamental para o desenvolvimento dessa escrita? Para isso



é importante pensar a obra de Fernando Pessoa como um todo, sem se restringir à criação heteronímica. Fernando Pessoa ficou conhecido como poeta, mas sua escrita em prosa o coloca na mais ainda na modernidade, refletindo a construção poética e os modos de fazer arte. Com isso, somos colocados à frente de uma das maiores obras do poeta, o Livro do Desassossego. Sua escrita cheia de rupturas, que só consideraríamos possíveis se estivéssemos diante de um poema, mas em seu Livro, Pessoa faz uma defesa da prosa e de sua poeticidade. "Prefiro a prosa ao verso, como modo de arte, por duas razões, das quais a primeira, que é minha, é que não tenho escolha, pois sou incapaz de escrever em verso. A segunda, porém, é de todos, e não é – creio bem – uma sombra ou disfarce da primeira. Vale pois a pena que eu a esfie, porque toca no sentido íntimo de toda a valia da arte." (PESSOA, 2013) O Livro do Desassossego é esta obra incompleta, tanto quanto na questão de obra, como também na questão de sua autoria. Podemos ver como o Livro não é uma obra fechada, nem poderia ser. Ele é uma obra de ao menos três autores e seu conteúdo nos leva além do desassossego. Sua "biografia sem fatos" chega até nós como um laboratório poético de última instância. Sua narrativa não segue uma lógica linear, tampouco cronológica. Ao percorrer suas páginas somos permeados uma linguagem que se repete, se multiplica, tentando levar o leitor à possibilidade máxima de múltiplas sensações. Muitos dos temas presentes no Livro se repetem ao longo da obra, porém, isso só reforça no leitor a possibilidade de buscar e aperfeiçoar suas sensações das mais diversas maneiras. O Livro é um grande laboratório de linguagem para Pessoa, nele vemos os mais diversos textos abordando como trabalhar a sensação. Em um texto do livro intitulado "Educação sentimental" o poeta expõe claramente como devemos explorar a sensação. "Se pego numa sensação minha e a desfilo até poder com ela tecer-lhe a realidade interior a que eu chamo ou A Floresta do Alheamento, ou a Viagem Nunca Feita, acredito que o faço não para que a prosa seja lucida e tremula, ou mesmo para que eu gose com a prosa – ainda que mais isso quero, mais esse requinte final ajunto, como um cahir bello de panno sobre meus cenários sonhados – mas para que dê completa exterioridade ao que é interior..." (PESSOA, 2013) Podemos dizer que o Livro do Desassossego é um manual de como explorar as sensações ao máximo, para dessa forma transformá-las em material poético.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; Sensacionismo; Livro do Desassossego

PERSPECTIVAS FENOMENOLÓGICAS EM EMMANUEL MARINHO E ALBERTO CAEIRO: AS RELAÇÕES E TENSÕES ENTRE HOMEM E NATUREZA NO ESPAÇO POÉTICO

Stelamaris da Silva Ferreira

Resumo: Do campo às grandes cidades, do homem bucólico ao homem cosmopolita, as dualidades entre sociedade e natureza têm distanciado cada vez mais o humano da naturalidade. No espaço se estabelecem lutas entre as áreas verdes e as áreas tomadas por altos edifícios e fiações elétricas. Nos rios e mares, os organismos aquáticos disputam o ambiente com objetos e substâncias que lhes são tóxicas e prejudiciais. No ritual da vida capitalista e tecnológica, raramente ocorre a contemplação genuína do ritual que a natureza oferece em seus ciclos e em seus fenômenos. A contemplação da natureza surge, no ruído da contemporaneidade, por meio de dissimulações, numa espécie de falsa adoração, ou nas epifanias que logo cedem lugar ao vazio quase intrínseco à alma do indivíduo atual. Todavia, há também outro terreno no qual a natureza aparece, enquanto um fenômeno e com seus fenômenos: na poesia. Emmanuel Marinho, escritor douradense, e Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa, são dois poetas que, apesar das distâncias temporais que os separam, criaram poemas nos quais ressoam a fenomenologia na abordagem da natureza. Os espaços em seus poemas são construídos com elementos simples e naturais, como a flor, a árvore, o rio, o mar. Esses elementos são o cerne das poesias de Caeiro e de determinadas composições de Marinho e revelam as visões de mundo do eu lírico de ambos os escritores. O objetivo deste trabalho é analisar as poesias de Emmanuel Marinho que possuam perspectivas fenomenológicas e estabelecer diálogos, sob a mesma perspectiva, entre os poemas de Marinho e Caeiro a partir das percepções críticas, empíricas e



subjetivas das relações que envolvem homem e natureza na visões dos sujeitos líricos observando as dicotomias e as tensões presentes no espaço poético. Na narrativa de Marinho e de Caeiro tem-se uma postura fenomenológica no modo de apreender as coisas em suas essências e purezas, engendrando a valorização genuína dos elementos, ressoando simbolismos, representações e utopias. Esses elementos e outros, são aludidos e ressignificados por ambos os poetas: em Caeiro por meio da naturalidade e objetividade extrema e por uma espécie de metafísica antimetafísica, em Marinho surgindo tanto pelo apelo à simplicidade da natureza e do homem, quanto pelo engajamento social e humano. O que se tem, nesses cenários poéticos, são vozes distintas, atravessadas por contextos histórico-culturais distintos, mas que carregam consigo utopias e visões fenomenológicas propondo a essência das coisas. Analisar-se-ão, poemas de Cantos de Terra (1983), Caixa de Poemas (1997) e Margem de Papel (2018), de Marinho, em diálogo com O guardador de rebanhos (s/d), de Caeiro, observando seus vieses fenomenológicos – mais especificamente, a fenomenologia da imaginação bacheleriana – e como representam/pensam o mundo por meio das coisas que engendram as imagens poéticas.

Palavras-chave: Emmanuel Marinho; Alberto Caeiro; Fenomenologia; Natureza; Poesia.

A DESACELERAÇÃO DO TEMPO NA POÉTICA VISUAL DE BILL VIOLA

Cristiano de Sales

Resumo: Um estudo dentre tantos decorrentes da reflexão acerca do homem moderno que passou a viver nas cidades transformadas pela industrialização na virada do século XIX para o XX é o da vivência acelerada do tempo. Este problema não apenas não foi debatido à exaustão como parece ter sido potencializado nas sociedades ocidentais capitalistas contemporâneas. É lugar comum ouvirmos hoje em dia a sentença ‘eu não tenho tempo para...’. Discussões promovidas por intelectuais norte americanos como Jonathan Crary e Rebecca Solnit, bem como por pensadores franceses na linha de Paul Virilio e Didi-Huberman, problematizam a vivência acelerada do tempo em dias de tecnocracia. Essa aceleração, fruto da lógica capitalista que cooptou nossa energia e criatividade como força de trabalho, aprimorando para isso técnicas sofisticadas de criação de demandas e produção de desejos de consumo, pode ser fissurada por meio, dentre outras experiências, da arte. O artista nova-iorquino Bill Viola se expressa desde os anos de 1970 por meio da vídeo-arte. Suas obras-instalações tematizam, entre outras tensões, a morte, Deus, natureza, contemplação, humanismo e vem sendo apreciada, há décadas, em muitos países, sobretudo na Europa ocidental. Uma das elaborações poéticas que suas obras fazem aparecer é o desconforto causado na experimentação do tempo que muitas delas impõem para serem apreciadas. Trata-se de uma verdadeira fissura no tempo que acreditamos viver. A presente pesquisa procura ensaiar reflexões com obras de Bill Viola para contribuir na discussão cultural promovida pelos autores acima citados. E faz isso numa perspectiva merleau-pontyana do que seja a vivência do tempo.

Palavras-chave: Desaceleração; Bill Viola; Tempo; Modernidade; Arte.

84 - POÉTICAS AMERÍNDIAS: PROBLEMATIZAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE

Coordenação: Prof. Dr. Devair Antônio Fiorotti (UFRR); Prof. Dr. Pedro Mandagará (UnB); Prof^a Dr^a Rita Olivieri-Godet (URennes2)

Resumo: Dentre os desafios que a contemporaneidade impõe aos estudos literários, um dos mais difíceis é lidar com a produção periférica. O conceito de periferia pode se referir a muitos países das Américas, países com produção literária de pouco reconhecimento dentro de um cânone literário pretensamente universal. Para além do ponto de vista nacional, “periferia” também se refere à literatura das minorias, como negros, gays e mesmo mulheres, tendo em vista que, em países como o Brasil, sua produção é minoritária dentro do campo literário. Este simpósio propõe pensar literaturas que, do ponto de vista tradicionalista, podem ser consideradas ainda



mais periféricas: as literaturas feitas por indígenas das Américas, oriunda em grande parte da oralidade, que circula em meios tanto escritos quanto orais. Assim como a noção de **primitivo**, muitas vezes relacionada aos povos indígenas em carácter inferiorizante, a noção de **periferia** traz à tona uma discussão sobre a centralidade de certas práticas intelectuais. Ambos os termos são relativos a um modelo espacial e/ou cultural: de uma **civilização** e/ou de um **centro**, respectiva e reciprocamente. A relatividade desses termos significa que eles podem ser deslocados, principalmente para pensar tensões de poder impostas por um cânone estabelecido, em geral, por homens brancos, de meia idade, oriundos de camadas privilegiadas da sociedade.

Entendemos que, desde um ponto de vista tradicionalista, há problemas nessa proposta. Pretendemos justamente discutir esses problemas, abraçando a diversidade e a complexidade da produção literária ameríndia. Estamos cientes de questionamentos que negam até o nome literatura para se referir a essas práticas retóricas, estilizadas, para usar termos recorrentes no meio teórico daquilo que chamamos aqui de artes verbais ameríndias ou de literatura ameríndia. Acreditamos que a força dessa literatura vem propriamente desse “tênuo fio entre a escrita e a oralidade”, como diz Daniel Munduruku (2008). De fato, podemos ver que, historicamente, há uma relação complexa entre o oral e o escrito nas práticas retóricas ameríndias. Importantes produções, como o *Popol Vuh*, do povo maia, vêm de sistemas de escrita anteriores ao genocídio causado pelos europeus quando da colonização. Genocídio contra indígenas que não teve fim e pode ser ainda identificado, por exemplo, na realidade brasileira, justificando esse simpósio em outros níveis de relevância, como em seu carácter social e mesmo ético em relação ao trato histórico brasileiro com seus povos primevos (FIOROTTI; FERREIRA, 2018).

Mesmo após a colonização, houve experiências de criação de sistemas próprios de escrita, como o silabário cherokee norte-americano do início do século XIX. Considerando os sistemas europeus de escrita, no entanto, a produção literária ameríndia foi criada, registrada e publicada ao longo dos últimos séculos, em situações complexas de registro, autoria e inserção no campo intelectual. Muitas vezes publicada sob a égide da antropologia, a produção ameríndia encontrou em diversos momentos um espaço literário próprio, que gerou uma tradição sólida de publicação nos Estados Unidos e Canadá, e tradições nacionais que se vêm fortalecendo na América Latina. No contexto atual de intensificação dos contatos entre sociedades ocidentais e povos ameríndios, nota-se a existência simultânea de várias expressões literárias e artísticas ameríndias à medida que esses povos se apropriam da escrita e dos recursos técnicos audiovisuais, recorrendo a vários gêneros e suportes: narrativas orais tradicionais, narrativas míticas, ensaios políticos, “(auto)antropologia”, literatura juvenil, textos romanesco e políticos, produção audiovisual e musical. Tal produção questiona os paradigmas das sociedades nacionais ocidentais e propõe uma interrogação sobre o modo de habitar um lugar, contribuindo para a reconfiguração dos sistemas literários e dos imaginários nacionais. Ao lado disso, diversas práticas orais e línguas continuam vivas em suas comunidades (OLIVIERI-GODET, 2017; GRAÚNA, 2013).

Partindo desses pressupostos e reconhecendo a complexidade do cenário, esse simpósio recebe comunicações que apresentam, problematizam ou buscam pensar a diversidade da produção das artes verbais ameríndias na contemporaneidade, com o objetivo de esboçar uma cartografia dessa literatura e detectar suas singularidades, dialogando com as áreas dos estudos culturais e da antropologia.

Referências:

FIOROTTI, Devair Antônio; FERREIRA, Sonyellen Fonseca. Xununu Tamu: um genocídio contra indígenas que não termina. In DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.). *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. Disponível em <https://www.edito-rafi.org/product-page/literatura-ind%C3%ADgena-brasileira->

contempor%C3%A2nea-cria%C3%A7%C3%A3o-cr%C3%ADtica-e-recep%C3%A7%C3%A3o. Acesso: 20/01/2019.

GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

MUNDURUKU, Daniel. Literatura indígena e o tênue fio entre escrita e oralidade. Overmundo, Lorena, 30 nov, 2008. On-line. Disponível em: <https://goo.gl/ifyvYV>. Acesso em: 21 jan. 2019.

OLIVIERI-GODET, Rita. “A emergência de autores ameríndios na literatura brasileira”. Ciclo de Debates *Cultura Brasileira Contemporânea: novos agentes, novas articulações*. Departamento de Teoria literária e literatura comparada – USP, 2017. Disponível em http://www.cdc.fflch.usp.br/sites/cdc.fflch.usp.br/files/OLIVIERI-GODET_A%20emerg%C3%Aancia%20de%20autores%20amer%C3%ADndios%20na%20literatura%20brasileira.pdf Acesso em: 21 jan. 2019.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (TARDE)

POÉTICAS E POLÍTICAS INDÍGENAS E AFRICANAS: RELAÇÕES COM A LÍNGUA PORTUGUESA

Ananda Machado

Resumo: Nas sociedades orais, a palavra, historicamente, compromete o homem. Cada povo mantém suas narrativas poéticas com elementos importantes que permanecem através dos séculos, veiculados e mantidos na memória. Em muitas das civilizações modernas, o papel substitui a palavra. Além do papel, uma língua oficial foi imposta aos povos indígenas e africanos, mas esta transformou-se e já não é a que o colonizador impôs. Atualmente, principalmente quando na forma de poesia, a língua portuguesa passa a trabalhar para a libertação, pois sofre um processo de metamorfose, de indigenização ou africanização. A língua portuguesa sozinha não consegue transmitir as realidades africanas (COUTO, 2002) e nem as indígenas. “Há que se usar as potencialidades da língua portuguesa e trabalhá-la inserindo elementos que possam representar os significados da África” (COUTO). Nas literaturas orais, há um processo de “mutação”, que é uma maneira indígena ou africana de contar coisas desses povos usando a língua portuguesa. Outro aspecto interessante a poesia Subversão (VIEGAS) evidencia: a importância da transformação linguística como forma de contestação da ordem instituída. O uso da língua portuguesa se dá ligado à reação contra um “inimigo estrangeiro”. É “Preciso ser um outro para ser eu mesmo [...]” (COUTO). Exploraremos e aprofundaremos essas reflexões e relações.

Palavras-chave: POÉTICAS; POLÍTICAS INDÍGENAS E AFRICANAS; LÍNGUA PORTUGUESA

POR NOVAS CARTOGRAFIAS DE (NÃO)PERTENCIMENTO: A LITERATURA COMO REMEMÓRIA E COMO (RE/DES)CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E TERRITÓRIOS DO SABER

Fernanda Vieira de Sant Anna

Resumo: As vozes indígenas são ferramentas milenares potentes e necessárias na decolonização de saberes e multiplicidades. Elas preenchem, também pelas vias da literatura, os muitos silenciamentos e lacunas históricas aos quais os povos originários foram submetidos pelas práticas coloniais. Mesmo compreendendo que as vozes indígenas não tenham sido simples expectadoras das suas histórias pessoais/coletivas, suas identidades originárias são atravessadas pela colonialidade. Dito isto, a literatura, enquanto espaço mnemônico e criativo, pode se colocar como meio para (re/des)construção das subjetividades indígenas forjadas no entrelugar. A palavra originária age como ferramenta potente na decolonização, assim como espaço de rememória. A pluralidade das literaturas dos povos originários não atua como negação da



oralidade – o que reafirmaria uma hierarquização de saberes e conhecimentos, onde a cultura Ocidental “letrada” seria superior às demais –, mas se coloca como apropriação das ferramentas do colonizador e como mecanismo de reinvenção das suas identidades des-localadas. As literaturas indígenas desafiam um mundo onde o nativo é estrangeirizado em seu próprio território e projetado como um empecilho ao “progresso” da civilização. Nesse sentido, *Heart Berries: a memoir* (2018), de Terese Marie Mailhot; e *Metade cara, Metade máscara* (2004), de Eliane Potiguara, duas obras de duas autoras de diferentes nações e culturas, se encontram ao desdobrar novas cartografias de pertencimento e não-pertencimento, criando espaços de sobrevivência e confluência de vozes. Mulheres que se recusam a serem usadas como objetos e personagens em enredos ou críticas sociais; e que se colocam como agentes na produção de uma literatura onde suas vozes (re)escrevem suas próprias histórias, denunciando e preenchendo as lacunas da História oficial. Tais obras, híbridas como as identidades de suas autoras, carregam características autobiográficas, etnográficas e de memoir, produzindo autoetnografia e autohistória, sacodindo os signos sociais do “selvagem”, do “incivilizado”, “do primitivo”, “do passado da nação”, que serviam e ainda servem aos interesses da colonialidade. As autoetnografias indígenas são fundamentais nos processos de decolonização de identidades, saberes e espaços, agindo na construção de novas cartografias de pertencimento. Considerando que as narrativas indígenas abrem caminhos para novos entendimentos de identidades hifenizadas, forjadas no entrelugar, e dos desdobramentos das relações com não-nativos e os inúmeros reflexos da colonialidade, com uma abordagem comparatista e pelo viés dos Estudos Culturais e Decoloniais, este trabalho se propõe a desdobrar as geografias de pertencimento, outramento e hibridismo nas obras em tela. O aporte teórico inclui, mas não se restringe a Maracle (1996), Grosfoguel (2007), Erll (2011), Graúna (2013) e Munduruku (2015), entre outros.

Palavras-chave: Literaturas indígenas; Autoetnografias; Decolonialidade; Primeiras nações.

POÉTICAS ORAIS AMERÍNDIAS E SUA AUSÊNCIA NA ÁREA DE LETRAS

Devair Antônio Fiorotti

Resumo: As artes verbais ameríndias no Brasil sofrem uma negação, ousou dizer, estrutural desde a invasão portuguesa no território hoje entendido como Brasil. Essa negação pode ser percebida desde a quase completa ausência de textos de origem indígena em compêndios e livros didáticos até na academia. Mesmo com a lei Lei nº 11.645/2008, que o obriga o ensino da história e cultura indígena, na prática, no que tange às artes verbais ameríndias, quase nada mudou. O desconhecimento sobre o que seriam as artes verbais ameríndias, sua potência, suas possibilidades, é gritante: com raríssimas exceções, com pesquisadores isolados ou programas como o IFNOPAP-UFPA. Isso reflete em questões bem básicas, como a presença dessas artes na grade curricular dos cursos de letras, por exemplo, praticamente inexistente. Essa comunicação busca, neste contexto, pensar essa ausência por meio da Literatura Comparada, pensando conceitos como centro e periferia, no caso das artes verbais ameríndias: periferia da periferia, talvez, da periferia, da periferia, problematizando as causas de tal situação.

Palavras-chave: Artes verbais ameríndias; Contemporaneidade; Centro; Periferia

Desbloquear o imaginário sobre o espaço das Américas: amerindianidade como fio condutor da americanidade

Rita Olivieri-Godet

Resumo: Após dez anos de pesquisa e publicações sobre a construção de uma topologia imaginária do espaço das Américas, tomando por base as representações literárias da alteridade ameríndia, em obras alóctones, e as construções identitárias de autores indígenas, em textos autóctones, a partir de uma perspectiva comparada que privilegia como corpus as literaturas contemporâneas produzidas no Brasil e no Québec, nossa comunicação pretende apresentar uma breve síntese desse trabalho : é pela amerindianidade das obras literárias que percorremos o caminho da americanidade que se volta para a dimensão continental do imaginário espacial com

a finalidade de analisar as representações identitárias e as questões da coabitação entre sociedades ameríndias e ocidentais. Trata-se de um itinerário que pressupõe « abrir as histórias nacionais umas às outras » (Bouchard, 2001), analisando as singularidades e confluências das obras no processo de reelaboração histórica e de construção simbólica do espaço. Destacaremos a dimensão da historicidade do espaço como recurso utilizado por certos autores para suprir as falhas da memória histórica e atualizar o imaginário sobre a territorialidade autóctone, chamando a atenção para o processo de despossessão territorial e transformação ambiental. Uma ênfase especial será dada à contribuição de escritoras améríndias, no Brasil e no Quebec, ressaltando as modalidades estéticas e as escolhas temáticas de obras que contribuem para uma reconfiguração do imaginário sobre os povos originários das Américas, no contexto pluricultural de nossas sociedades contemporâneas. De sujeito da representação à sujeito da enunciação, essas « mulheres-territórios » inauguram uma poética ameríndia singular cujo contorno pretendemos precisar.

Palavras-chave: amerindianidade ; territorialidade autóctone; imaginário espacial; poética ameríndia no Brasil e no Québec

17/07 (TARDE)

TUKUIS DO CIRCUM-RORAIMA: CONSIDERAÇÕES SOBRE CANTOS PEMONS

Jociane Gomes de Oliveira

Resumo: Tukui, que em macuxi significa beija-flor, é um canto ligado à sabedoria dos pajés, relacionado à flora e à floração e usado, entre outras coisas, para lidar com fenômenos da natureza (RAPOSO; CRUZ, 2016; FIOROTTI, 2018b). Esse canto integra o conjunto de artes verbais de povos do circum-Roraima, os pemons. A palavra pemon é um autodesignativo usado por alguns povos indígenas do entorno do Monte Roraima para reconhecerem-se como parentes e engloba uma variedade de etnias, como os taurepangues, arecunas, kamarakotos e macuxis (SANTILLI, 2001), em contraposição aos kapons. Entretanto, esta não é uma fronteira cultural rígida e intransponível. Pelo contrário: a região do circum-Roraima é caracterizada, entre outras coisas, pelo intenso trânsito cultural entre os vários grupos e etnias que ali convivem, sejam estes indígenas ou não índios, brasileiros, venezuelanos ou guianenses. Os próprios tukuis transitam entre etnias como os macuxis e os taurepangues. Considerando isso, essa comunicação se propõe a discutir considerações gerais sobre os tukuis entoados pelos pemons, abrangendo aspectos como: em que circunstâncias costumam ser cantados, as possíveis origens do canto, os temas que normalmente fazem parte desse tipo de música e a relação com outras artes verbais (narrativas e palavras de cura) pertencentes aos mesmos povos. O objetivo é traçar um olhar panorâmico sobre esse tipo de música, e mais particularmente sobre os aspectos mencionados anteriormente. Além disso, esse trabalho não se furta a uma discussão sobre as condições de produção do canto nas comunidades pemons na atualidade. Vale ressaltar que os tukuis analisados fazem parte do terceiro volume (no prelo) produzido pelo projeto Pantan Pia', que, por sua vez, é coordenado por Devair Antônio Fiorotti e fomentado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico- CNPq. O projeto está em vigência desde 2007 e atua principalmente nas terras indígenas Alto São Marcos, Raposa Serra do Sol e Barata/Livramento, localidades em que anciãos indígenas são entrevistados. Os cantos analisados neste trabalho foram apresentados por Manaaka e Yauryó, forma como Terêncio Luiz Silva e Zenita de Lima, respectivamente, são nominados em língua macuxi. Além dos cantos dispostos no livro Pantan Pia', em algumas ocasiões são utilizados trechos de entrevistas disponíveis no acervo do projeto, especialmente as que revelam aspectos da vida nas comunidades, como rituais, narrativas orais, entre outros. Esses trechos são usados para complementar algumas informações apresentadas pelos tukuis. Quanto aos autores que constituem o aporte teórico deste trabalho, é possível destacar, por exemplo: Cesario de Armellada (2007; 1975), Theodor Koch-Grünberg (2006), Devair Antônio Fiorotti (2017; 2018a; 2018b) e Lyll Barceló Sifontes (1979a; 1979c), entre outros.



Palavras-chave: Arte verbal ameríndia. Tukui. Circum-Roraima. Pemon

TESTEMUNHO DECOLONIAL EM PERSPECTIVAS INDÍGENAS CONTEMPORÂNEAS: O CASO PARADIGMÁTICO DAS PALAVRAS DE UM XAMÃ YANOMAMI

Janaina Tatim

Resumo: O trabalho se volta à emergência de perspectivas indígenas no cenário cultural brasileira contemporâneo, a partir dos anos 2000, tomando o livro *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami* (2015), de Davi Kopenawa e Bruce Albert, como um caso paradigmático. O viés da discussão será dado pelos sentidos de se entender essa obra como um testemunho de caráter decolonial, de modo a produzir chaves de compreensão para outras produções de perspectivas indígenas. Muitas dessas perspectivas emergentes, a exemplo da de Kopenawa, estão vinculadas ao que se considera o momento da maior visibilidade da agência de pessoas indígenas como atores políticos na História do Brasil: o das lutas de lideranças diversas que se movimentaram para defender a entrada e reconhecimento dos direitos indígenas na constituição de 1988, no contexto da redemocratização pós-Ditadura Militar. Em comum, elas expressam embates tanto com a metafísica política dos brancos, quanto com os desdobramentos de políticas colonialistas de exploração e subalternização, além de um extrato dos pressupostos pragmáticos de seus investimentos em formas culturais brancas, como a do livro. Em grande medida, a configuração de *A queda do céu* respeita à condição de ato de linguagem que se elabora para testemunhar contra uma sequência ascendente de eventos de violência. A colaboração entre o xamã e o antropólogo se enraiza em uma relação de amizade perpassada pela luta para obter o reconhecimento legal do direito dos yanomami sobre seu território originário, a qual também transformou Davi em porta-voz de seu povo, e um dos maiores defensores da Amazônia e dos habitantes da floresta. As palavras que ele decidiu dar aos brancos por meio do livro estão diretamente relacionadas a essa luta, e, para tanto, Davi e Bruce elaboraram uma forma narrativa sem precedentes. De uma parte, ela extrapola as formas discursivas tradicionais dos yanomami, nas quais não obstante seu narrador se referencia. De outra parte, extrapola também gêneros como a biografia e a etnografia, embora se assente grandemente na trajetória pessoal de Kopenawa. Mas ele não se limita ao exercício da autoetnografia e do testemunhar, o xamã perfaz ainda uma espécie de etnoantropologia, pois, a partir de seu entendimento etnocentrado, elabora uma visão comparativa e crítica da sociedade e modos de vida dos brancos. Trata-se de uma perspectiva narrativa singular e paradigmática, em que um indígena se mostra na radicalidade de sua alteridade, dirigindo-se aos brancos para revelar a legitimidade cosmológica e testemunhal que funda sua exortação pela existência integral do povo yanomami e da floresta. A partir dessas considerações, pretendo aprofundar a discussão sobre o caráter testemunhal e decolonial desse texto, interrogando por meio de que expressividade se configura enquanto tal, como fundamenta sua perspectiva crítica sobre o colonialismo desdobrado no Brasil, como trabalha as dissensões entre categorias ontoccosmológicas ameríndias e os pressupostos metafísicos da democracia e das práticas sociais dos brancos, como constrói ‘o branco’, identidade etnopolítica que assola seu mundo, e, ao mesmo tempo, aquele a quem dirige suas palavras.

Palavras-chave: narrativa indígena; testemunho; perspectiva decolonial.

O DESCORTINAR DE UMA VISÃO DE MUNDO EM A QUEDA DO CÉU

Luzia Thereza Oliveira Lima

Resumo: A obra *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*, escrita por meio de uma parceria entre Davi Kopenawa e Bruce Albert, é um exemplo de autorrepresentação na literatura brasileira contemporânea. Kopenawa, o xamã yanomami, ocupa seu lugar de fala enquanto escritor e, dessa forma, cumpre seu objetivo enquanto agente político de explicar para os brancos seus saberes, sobretudo, ontológicos. Este gesto político é principalmente uma estratégia para coibir a devastação causada por nós, ocidentais, ou, nas palavras do xamã, os homens brancos, já que Davi percebeu que a maneira ocidental de ver o mundo e,



consequentemente, lidar com ele corresponde a uma lógica de devastação ou pelo menos não preservação da Urihi, “terra floresta”, em prol do desenvolvimento. Assim, ao descortinar sua percepção de mundo, Kopenawa apresenta uma outra forma de lidar com a natureza, que questiona a prática ocidental. Nesse sentido, o que busco problematizar é a conciliação entre o saber yanomami gravado na memória, pois a sabedoria dessa sociedade percorre caminhos outros que não são o da escrita, e a confecção de um livro para a recepção ocidental. Assim, o que proponho analisar é esse processo de tradução de uma ontologia feito por Davi, que utilizou a memória, tanto individual, quanto coletiva, como conteúdo literário para este fim.

Palavras-chave: autorrepresentação; A queda do céu; ontologia.

EM BUSCA DE UMA LITERATURA YANOMAMI

Pedro Mandagará

Resumo: Até o presente momento e na maior parte dos estudos, a literatura indígena produzida no Brasil vem sendo tratada em bloco, ao menos na área de Letras. As poucas exceções dizem respeito a trabalhos sobre a oralidade de diversos povos, trabalhos que, desde o ponto de vista de diversas disciplinas (estudos literários, linguística, antropologia, musicologia) vêm se debruçando sobre poéticas orais próprias e específicas dos povos, incluindo a análise e descrição de gêneros orais. No caso da produção escrita, textos de autores indígenas vindos de diversos povos são tratados em conjunto, muitas vezes sem atenção a suas especificidades. Neste trabalho, proponho o exercício de buscar o que seria uma “literatura yanomami”, incluindo tanto sua produção oral quanto escrita. Para tanto, foi feito um levantamento de publicações de textualidade yanomami. Após apresentar o levantamento, concentrou-se a leitura em três obras características: “Folk Literature of the Yanomami Indians” (Wilbert), os quatro livros dos pajés Parahiteri publicados na Coleção Mundo Indígena, da Editora Hedra, e “A queda do Céu”, de Davi Kopenawa e Bruce Albert. Por fim, especula-se sobre como a possibilidade de uma literatura yanomami põe em questão o paradigma nacionalista da História Literária.

Palavras-chave: história da literatura; literatura indígena; yanomami

85 - POÉTICAS CONTEMPORÂNEAS DO GÊNIO NÃO ORIGINAL

Coordenação: Profa. Dra. Joana Matos Frias (Fac. Letras da Univ. do Porto | Portugal); Prof. Dr. Pablo Simpson (Univ. Estadual Paulista de São José do Rio Preto | Brasil); Prof. Dr. Sofia de Sousa Silva (Universidade Federal do Rio de Janeiro | Brasil)

*If you're not making art with the intention of having it
copied, you're not really making art for the 21st century.*
Kenneth Goldsmith

Resumo: Diversos pensadores têm apontado como uma das características mais preponderantes das práticas artísticas da pós-modernidade – ou do pós-modernismo – a tendência para uma certa recusa dos pressupostos de originalidade, de criação individual e de propriedade autoral que em grande medida estiveram subjacentes ao processo histórico de construção da Modernidade, sobretudo a partir do Romantismo e de seu programa literário, conforme indicado, entre tantos autores, por M. H. Abrams em *The Mirror and the Lamp: Romantic Theory and the Critical Tradition*, cuja hipótese geral assinala a passagem de uma teoria mimética da representação enquanto espelho refletor de ações, para, no Romantismo, uma teoria expressiva da arte: da arte como exercício da fantasia do sujeito.

Em certa medida, à narrativa reconstituída por Abrams à entrada da segunda metade do século XX poderia dar-se uma continuidade fundada num novo elemento simbólico, a tela ou ecrã, quer considerando a sua significação propriamente interartística (a que subjazem as relações exogâmicas da literatura com os domínios das artes visuais, em particular com o tão modernista cinema), quer admitindo o seu valor sociocultural de dispositivo, responsável pelo



agenciamento de vários tipos de lógicas hipertextuais e hipermediais, tão em voga na contemporaneidade. Quer dizer que, nesta perspectiva, o ecrã/ a tela poderão ser entrevistados como os grandes protagonistas daquele *cultural turn* que Fredric Jameson diagnosticou como definidor da emergência da pós-modernidade, ao mesmo tempo que representam a passagem de uma concepção do ato artístico assente no poder demiúrgico do próprio criador – “pequeno deuses”, na inesquecível síntese de Vicente Huidobro – para uma concepção que visa evidenciar a força inexorável dos próprios meios e dos suportes materiais da expressão.

O distanciamento face a alguns dos pressupostos mais elementares e constitutivos da Modernidade tem sido assim transversal a vários campos artísticos e pode ser constatado e identificado em diferentes modalidades de gestos apropriatórios, alguns deles já claramente presentes na alta modernidade e em certas vanguardas artísticas, de Lautréamont a Apollinaire, passando por Braque e Picasso: num gesto antiexpressivo de pendor pós-romântico, T. S. Eliot apontou, por exemplo, para uma poesia que seria, ao mesmo tempo, “escape from emotion” e “escape from personality”, tomada por um imperativo moral do trabalho, do trabalho artístico, com uma dimensão também comunitária (ELIOT, 1964, p. 10). A descrição de Eliot caberia na perfeição a obras como a de Oswald de Andrade, na qual, de acordo com a epigramática síntese de Décio Pignatari, poderíamos reconhecer uma poesia *ready-made*, uma poesia da posse contra a propriedade.

Historicamente, nas últimas décadas, estas manifestações de posse – da colagem à intertextualidade ou ao *sampling*, passando pelo *pastiche* ou pela paródia – têm se intensificado e tido consequências decisivas para a própria esfera da arte, e/ou para a separação entre o artístico e o não-artístico, o literário e o não-literário, conforme exemplarmente assinalou ainda Jameson nos seus ensaios de referência dedicados ao assunto. Trata-se, sem dúvida, de um aprofundamento cada vez mais problematizante, autorreflexivo e frequentemente irônico de práticas muito diversificadas, que na nossa atualidade se têm apresentado como uma demonstração de resistência ao avassalador presentismo, graças ao exercício de uma arte da memória muito especial, que o conceito de arquivo também poderá ajudar a esclarecer.

No domínio poético específico que nos interessa, o estudo de Marjorie Perloff publicado em 2010, *Unoriginal Genius: Poetry by Other Means in the New Century*, possibilitou uma visão sistemática destas questões em termos histórico-literários, fornecendo um conjunto de elementos que nos permitem observar a força do fenómeno nas propostas das últimas décadas à luz de um projeto como o do livro das *Passagens* de Walter Benjamin, passando pelo concretismo brasileiro, na direção dos mais recentes exercícios provocatórios do norte-americano Kenneth Goldsmith. A proposta de Perloff encerra um (aparente) paradoxo que importa discutir, uma vez que o conceito de gênio sobre o qual assentou todo o projeto filosófico e artístico moderno desde os grandes textos de Estética do século XVIII, ao pressupor o papel fulcral que a natureza (*physis*) desempenha na formação do criador – de acordo com a célebre fórmula de Kant segundo a qual o gênio seria a natureza dando regra à arte –, dificilmente pode admitir uma vinculação à intencional falta de originalidade, dado que esta pressupõe sempre algum tipo de trabalho (*techné*).

É intuito deste simpósio promover a discussão teórico-crítica deste complexo e instigante processo histórico, a partir da leitura de obras poéticas específicas, nas quais sejam identificáveis procedimentos intertextuais, interartísticos e intermediais que possam enquadrar-se no âmbito de uma tal reflexão. Neste sentido, serão privilegiadas propostas que incidam sobre conceitos ou aspectos históricos/teórico-críticos articulados em torno da noção de gênio não original, além de propostas que trabalhem sobre obras poéticas em particular e que se articulem na relação entre a poesia e outras artes/outros mídia e/ou o discurso interartístico/intermedial da própria poesia.

Referências:

ABRAMS, M. H. *O espelho e a lâmpada: teoria romântica e tradição crítica*. Trad. Alzira Leite Vieira Allegro. São Paulo: Editora da Unesp, 2010. (ed. orig.: *The Mirror and the Lamp: Romantic Theory and the Critical Tradition*, 1953)



BROCKELMAN, Thomas P. *The Frame and the Mirror: On Collage and the Postmodern*. Evanston: Northwestern University Press, 2001.

COMPAGNON, Antoine. *La seconde main ou Le travail de la citation*. Paris: Seuil, 1979.

ELIOT, T. S. *Selected Essays*. New York: Harcourt, Brace & New World, Inc., 1964.

EVANS, David (ed.). *Appropriation*. Whitechapel: Documents of Contemporary Art, 2009.

GOLDSMITH, Kenneth. *Uncreative Writing*. New York: Columbia University Press, 2011.

JAMESON, Fredric. *The Cultural Turn: Selected Writings on the Postmodern 1983-1998*. London | New York: Verso, 1998.

PEDROSA, Celia et alii (org.) *Indiccionario do contemporâneo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

PERLOFF, Marjorie. *O gênio não original: poesia por outros meios no novo século*. Trad. Adriano Scandolaro. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. (ed. orig.: *Unoriginal Genius: Poetry by Other Means in the New Century*, 2010)

PROGRAMAÇÃO

16/07 (TARDE)

NA TELA RÚTILA DAS PÁLPEBRAS: A MATERIALIDADE DO CORPO E DA TÉCNICA NA COMPOSIÇÃO DA VOZ E DO OLHAR POÉTICOS DE JOSELY VIANNA BAPTISTA
Celia de Moraes Rego Pedrosa

Resumo: "Na tela rútila das pálpebras" nomeia um dos últimos trabalhos de Josely Vianna Baptista, concebido, à semelhança de outros já publicados pela poeta, como produção digital e organizado pela composição visual de poemas, imagens pictóricas, fotografias, desenhos, arte digital, documentos históricos. Procuraremos então mostrar como nessa composição articulam-se percepção, memória e experiência reflexiva sobre a imagem e a paisagem, apontando para uma compreensão desierarquizante e desestabilizadora do olhar e da consciência "humanas" face a seu contato e seu confronto com forças habitantes de elementos vegetais e minerais da natureza. Essa desierarquização e essa desestabilização vão afetar também as próprias noções de poesia, de texto, de autoria, as quais, associadas também ao movimento desterritorializante da tradução - que a poeta exercita constantemente - passam a demandar diferentes modos de concepção da relação entre o artístico, o técnico e o documental, deixando para trás o pressuposto da originalidade e individualidade.

Palavras-chave: corpo - técnica - Josely Vianna Baptista

BRINCADEIRAS GRÁFICAS, ESCUTAÇÕES, PEÇAS DE EXCEÇÃO: A INFÂNCIA COMO PROCEDIMENTO

Paloma Roriz

Resumo: Em 1958, João Cabral de Melo Neto e Aloisio Magalhães publicavam Aniki Bóbó, um livro-arte, ou poema-livro, "inclassificável", situado entre a poesia e as artes gráficas. Obra conhecida somente por alguns poucos leitores seguidores de João Cabral, por colecionadores de livros raros e de arte e por seguidores do trabalho gráfico de Aloisio Magalhães, o livro integra o movimento editorial d'O Gráfico Amador (1954-1961), tornando-se mais conhecido por admiradores das artes gráficas do que por leitores de poesia. Sua recente republicação, em 2016, em uma edição fac-similar, vem acompanhada de textos críticos que discutem e problematizam a questão da ausência de Aniki Bóbó das bibliografias completas de João Cabral. Em um deles, encontramos uma carta enviada por João Cabral à pesquisadora Zila Mamede: "Este texto foi uma brincadeira minha com Aloisio Magalhães. Ele fez os desenhos e eu escrevi as ilustrações, interpretando os desenhos (que são coloridos). Ele fez os desenhos e me pediu para ilustrar com o texto". O propósito deste trabalho é pensar em que medida certas produções, algumas vezes de difícil classificação, podem convocar – não tanto (ou somente), em sua temática, mas, e sobretudo, em seu procedimento –, o topos da infância como agente problematizador do literário



em contato/fronteira com outras artes, como no exemplo de Aniki Bóbbó, de Cabral e Magalhães, ou, ainda, em outro exemplo, também brasileiro, no Primeiro caderno do aluno de poesia, de Oswald de Andrade – em parceria com Tarsila do Amaral, lançado originalmente em 1927, e obra pioneira entre os livros de artista na poesia brasileira –, exemplos, e poderíamos pensar aqui ainda em livros como Mud Book, de John Cage e Lois Long, ou nas colagens e gêneros das “riminhas para crianças grandes” de Wislawa Szymborska, que, de algum modo, lançam a ideia do livro como um brinquedo, objeto proliferante e desordenado, em que o “contrato de leitura” se quebra, deslocando tanto o lugar do objeto-livro como o da figura previamente dada do autor, lançando-nos em um questionamento talvez próximo ao de Jean-Luc Nancy: “O que significa a ordem de ler?”

Palavras-chave: infância, artes gráficas, poesia

O CONCRETO TRANS-EPOCAL

Gustavo Reis da Silva Louro

Resumo: A presente época pós-vanguarda abriu muitas possibilidades tanto estéticas quanto teóricas, caracterizando-se pela “pluralização das poéticas possíveis”, como diz Haroldo de Campos em seu conhecido ensaio sobre a pós-utopia. Nesse mesmo ensaio, Haroldo pensa a questão da “poesia concreta” para além dos limites estritos do concretismo como movimento artístico histórica e geograficamente localizável. Haroldo, lembra ainda uma passagem de Walter Benjamin em que o filósofo alemão propõe que os poetas se tornariam cada vez mais “expertos em grafia”. A partir dessas reflexões haroldianas gostaríamos de propor a noção de um “concreto trans-epocal” ou “trans-temporal”, que bebe nas formulações de Marjorie Perloff em seu livro *Unoriginal Genius*. Para isso, vamos nos voltar para uma série de obras, tanto anteriores quanto posteriores ao concretismo, para enxergar o valor “concreto” de suas escritas. Entre essas obras, estão o livro das *Passagens* do próprio Benjamin e a poesia do americano Kenneth Goldsmith, que foi caracterizada como “prosa concreta” por Perloff.

Palavras-chave: concretismo; poesia concreta; transtemporalidade

AS ESTRANHAS POSTAGENS DE CARLITO AZEVEDO

Tamy de Macedo Pimenta

Resumo: A crítica norte-americana Marjorie Perloff inicia seu livro *O gênio não original: poesia por outros meios no novo século*, publicado em 2010 e traduzido no Brasil em 2013, afirmando que, ao contrário do que se poderia imaginar acerca dos rumos que a poesia tomaria dentro de um cenário cada vez mais digital “A revolução que logo ocorreu não foi a de se escrever para a tela do computador, mas, sim, a de se escrever num ambiente de hiperinformação, um ambiente, aliás, em que todos são autores” (PERLOFF, 2013, p. 11). Nesse sentido, embora houve, sim, o surgimento de uma poesia digital, a grande mudança ocorreu não no suporte da escrita de poesia, mas nos meios de escrever poesia em um mundo onde textos (incluindo poemas) são escritos, alterados e compartilhados dentro de uma rede de alta velocidade. Uma das consequências dessa revolução é justamente o fato de que – já que textos podem ser modificados e duplicados rapidamente – a noção de autoria perde importância ou, nas palavras de Perloff, “passa a ficar em segundo plano para aquilo que pode ser feito com as palavras dos outros – como palavras e frases já existentes podem ser enquadradas, recicladas, apropriadas, citadas, submetidas a regras visualizadas ou sonorizadas” (PERLOFF, 2013, p. 12). É dentro desse contexto que, no âmbito da poesia brasileira, o poeta carioca Carlito Azevedo publica o *Livro das postagens* em 2016, no qual seus dois longos poemas – “Livro do cão” e “Livro das postagens” – são constituídos por referências e apropriações das mais populares (como o filme *A Fantástica Fábrica de Chocolate*) às mais eruditas (como as constantes alusões a filósofos Pré-Socráticos), das mais corriqueiras (incluindo pedaços de conversas ouvidas e postagens de redes sociais) às mais pontuais (como as retiradas de outros livros ou filmes). Interessa-nos, nesta proposta de comunicação, abordar o aspecto altamente híbrido, estranho (no sentido explorado por Florencia Garramuño em *Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na*

estética contemporânea) desse então mais recente livro de Carlito Azevedo demonstrando como, através de sua construção formal fragmentária e citacional, o Livro das postagens pode ser lido como uma resposta a um mundo em que, como diz Pasolini na epígrafe do livro, “Já realmente não podemos estar de acordo”.

Palavras-chave: Poesia; contemporaneidade; Carlito Azevedo; citação

DESBABELIZAR BABEL: RASURA DA ORIGEM

Laís Midori da Silva

Resumo: No ensaio crítico intitulado “Da tradução como criação e como crítica” (1963), o poeta paulistano Haroldo de Campos afirma que a tradução é sempre crítica porque é “antes de tudo uma vivência interior do mundo e da técnica traduzida” (CAMPOS, 1963). Assim, para fundamentar sua teoria da tradução ou da “transcrição” – termo haroldiano, são apresentados os estudos desenvolvidos por Albrecht Fabri e por Ezra Pound. O primeiro, por defender que “as obras de arte não significam, mas são” (FABRI, 1958), constituindo-se como uma unidade expressiva que não poderia ser dissociada pela tradução, o que reafirma o seu caráter crítico; e o segundo, por apresentar o lema *make it new* e para quem a função da crítica é “tentar teoricamente antecipar a criação, bem como a ordenação do conhecimento de modo que a próxima geração possa o mais rapidamente encontrar-lhe a parte viva e perca o menos tempo possível com questões obsoletas” (POUND, 1954). Dessa forma, apoiando-se em autores eleitos para o seu paideuma, Haroldo mostra-nos que a informação estética transcende a informação semântica, sendo, por esse motivo, imprescindível lançar mão da tradução criativa para revelar o que é dito pelo texto original: não em “estado literal”, mas como signo poético, carregado de conceito, imagem e ritmo. À vista disso, afirma-se que a tradução criativa, “não é piedosa nem memorial: ela intenta, no limite, a rasura da origem: a obliteração do original” (CAMPOS, 1980), pois, para o crítico-poeta-tradutor, o procedimento só pode ser realizado como leitura crítica e cuidadosa do original, “transcendendo a fidelidade ao significado para conquistar uma lealdade maior ao espírito do original transladado, ao próprio signo estético visto como entidade total” (CAMPOS, 1963). Dessa forma, considerando a teoria da tradução mencionada – à qual se deve incluir ainda nomes como Walter Benjamin, Paul Valéry e Henry Meschonnic - o presente trabalho pretende analisar, a partir da leitura de “BERE’SITH/ GÊNESE XI”, tradução poética realizada por Haroldo de Campos, publicada em Éden (2004); a maneira como é explorada a materialidade sígnica de uma língua para outra (CAMPOS, 2004). Como se sabe, em “Babel”, passagem que foi retirada do livro do Gênesis, Deus embaralha as línguas dos povos como punição porque, unidos, estavam construindo uma torre para “alcançar” o céu, mas a impossibilidade de comunicar inviabiliza a ação. Portanto, a nosso ver, o poema traduzido estabelece-se como uma transcrição metalingüística, pois, tal como ocorre na tradução, o poeta-tradutor, um deus-poietes “às avessas”, rasura a origem e torna o texto comunicável ao seu leitor, convertendo a linguagem poética em materialidade para o próprio processo tradutório, exaltando uma “poesia de todas as línguas” para, como afirma o próprio Haroldo, desbabelizar Babel - e toda uma tradição poética.

Palavras-chave: Babel; Haroldo de Campos; Poesia; Rasura da origem; Transcrição.

17/07 (TARDE)

TRÊS VARIAÇÕES DO HIPÓCRITA LEITOR EM ANA CRISTINA CESAR, PAULO HENRIQUES BRITTO E MARCOS SISCAR

Pablo Simpson

Resumo: Esta apresentação tem por objetivo percorrer a recorrência de um único verso de Baudelaire, “— Hypocrite lecteur, — mon semblable, — mon frère!”, do poema de abertura de *Les Fleurs du Mal*, em três poemas de poetas brasileiros: “Fogo do final”, de Ana Cristina César, “Dez sonetóides mancos” de Paulo Henriques Britto e “Modo de usar” de Marcos Siscar.



Trata-se da retomada de Baudelaire na perspectiva intertextual de um “escrever-através”, como assinala Marjorie Perloff em *Unoriginal genius*, que permite “ao poeta participar de um discurso maior e mais público” (ed. bras., p.41). Para além desse movimento, os três poemas parecem explicitar certo lugar de leitura/citação de outra obra que esbarra, justamente, no verso em que se questiona o lugar moral do leitor. A partir dos poemas, o interesse desta apresentação será formular um diálogo com a oposição audição/leitura — Charles Bernstein, via Perloff, criticaria os modelos de “voz” como uma “interferência lírica do ego” (Id: p. 49) — tramada, por meio da recuperação do verso de Baudelaire, pelos sentidos do “grito” em Ana Cristina César, da “dissonância” em Paulo Henriques Britto e da “mudez” em Marcos Siscar.

Palavras-chave: Baudelaire; poesia brasileira; intertextualidade; voz

A VERSÃO BRASILEIRA DO “GÊNIO NÃO ORIGINAL”: TRÂNSITO, DE KENNETH GOLDSMITH

Sergio Marcone da Silva Santos

Resumo: Considerando que práticas da internet podem afetar os modos de produção, difusão e fruição das obras literárias, gostaríamos de discutir a noção de “escrita não criativa” e suas implicações para a questão da autoria. Inspirada no *readymade* duchampiano – que “copiou” um objeto do cotidiano, um urinol, e o “colou” numa sala de museu –, a ideia de “escrita não criativa”, capitaneada pelo poeta norte-americano Kenneth Goldsmith (2015), reafirma a apropriação, a “cópia”, como um procedimento tão ou mais importante que o texto final. Lançando mão do corriqueiro “copie e cole” tão presente na internet, o escritor “não criativo” passa da utilização de materiais originais àqueles já existentes. Tal gesto aposta numa ideia conceitual para a literatura, há muito utilizada nas artes visuais, na música e na fotografia, com vistas a dar novos sentidos para os textos a partir de sua recontextualização, sem prejuízo da abertura de novas possibilidades para se pensar a questão da autoria. Esse gesto, então, tende a promover, dentre outras coisas, uma descentralização, uma diluição e uma modulação da figura do autor, pondo em xeque a ideia de “gênio original” (PERLOFF, 2010). Enquanto a premissa kantiana prevê que um gênio é aquele cujo “dom natural” dá regra à arte (1995), e a dupla Barthes/Foucault decretava a “morte autoral” em face das demandas emergentes do século XX (2004/2001), as práticas da “escrita não criativa” passam a privilegiar a manipulação e a administração de textos já existentes (de jornais, do rádio, da internet etc.) em lugar das ideias de originalidade e criatividade. No Brasil, algumas obras têm se aventurado a serem escritas “não criativamente”, como é o caso de *Trânsito* (2016), pequeno livro de Kenneth Goldsmith “dublado” por Leonardo Gandolfi e Marília Garcia. Seus autores consideram uma “dublagem” a adaptação do procedimento feito por Kenneth Goldsmith em sua obra *Traffic*, de 2007. Enquanto o poeta norte-americano “copiou” 24 horas de boletins de trânsito transmitidos por uma rádio da cidade de Nova Iorque, Gandolfi e Garcia se propõem a copiar o procedimento de Goldsmith e utilizá-lo na apropriação de boletins de trânsito de uma estação de rádio da cidade de São Paulo. O gesto da dupla de autores brasileira, por sua vez, opera a partir de uma indistinção de vozes que, em nosso entendimento, propõe uma outra volta no parafuso da questão da autoria. O objetivo desta comunicação, portanto, é repensar a relação da noção de “gênio original” com a originalidade, a partir de novos procedimentos, como a “dublagem” em *Trânsito*, inspirados na ideia de uma “escrita não criativa”.

Palavras-chave: Escrita não criativa; “Dublagem”; Literatura contemporânea.

COLISÕES E COLAGENS EM MEAN FREE PATH, DE BEN LERNER

Maria Cecília Touriño Brandi

Resumo: Pretendo apresentar o livro de poesia *Mean Free Path* (2010), de Ben Lerner, poeta e romancista estadunidense contemporâneo. Minha dissertação de mestrado é uma tradução comentada dessa obra e, no simpósio, gostaria de destacar a forma como nela se articulam procedimentos intertextuais, intermediais e interartísticos. Lerner nasceu em 1979, no Kansas. Foi o mais jovem finalista do National Book Award e escreve para veículos como a *New*



Yorker. Várias questões – como a militarização dos espaços, a música dos poemas, as referências artísticas, a tensão entre o mundo físico e metafísico e o tom bem-humorado ou cáustico – atravessam tanto seus três livros de poesia, como os dois romances posteriores e seu livro de ensaio. *Mean Free Path* é um termo da física e designa a distância que uma partícula percorre até colidir com outras. Tais colisões são velozes e múltiplas entre as partículas e entre os versos. Lerner desenvolve uma poética marcada por colisões, com choques de sentido de um verso para outro, versos fora de ordem ou com mais de uma ordem possível, inacabados, recombinações, que se repetem em contextos diferentes ou até reaproveitados e colados. Essas características estimulam reflexões sobre poéticas contemporâneas. Ainda sobre as colagens: MFP traz trechos dos livros de poesia anteriores de Lerner, versos de outros poetas (como Ashbery e Yeats) e versos inspirados em canções (Bob Dylan, Tina Turner). Também observo que muitos termos, trechos e temas que aparecem nessa obra foram depois incorporados à prosa do autor. A linguagem de Lerner se articula com a forma fragmentária como nossos pensamentos se manifestam hoje (quando somos bombardeados por tantas imagens, mensagens, desinformações). Tudo parece ser, de algum modo, intercambiável. *Mean Free Path* tem cinco seções. A “Dedication”, que é um poema, e depois, alternadamente, duas “Mean Free Path” e duas “Doppler Elegies”, com estruturas particulares. O tom é de conversa íntima, que transita dos assuntos amenos (a música) aos mais críticos (como o valor da arte) e graves (a morte de um amigo, o fascismo). Nas seções finais, o livro abre espaço para o amor em meio a um cenário de destruição. As ideias de privado e público são desestabilizadas e penso nisso relacionando-se a algo que Beckett disse: “a única chance de renovação é abrir os olhos e ver a bagunça”. Lerner confere uma dimensão poética à “bagunça” da linguagem. Cortes, desordens, ambiguidades e colagens podem representar atropelos e dispersões da comunicação. Se por um lado telas e satélites (itens que ele cita) nos aproximam do que acontece em outras partes do planeta, por outro mediam esses eventos, tornando-os mais remotos. Penso que, mais do que o caráter fragmentário, a originalidade de *Mean Free Path* reside no equilíbrio e no contraste das marcas da poesia tradicional com as marcas (excessos, rupturas) da linguagem hoje. Lerner inventa arbitrariedades que trata como se fossem uma forma fixa. Apresentando essa obra, gostaria ainda de refletir sobre a originalidade a partir da cópia, que envolve um trabalho sofisticado, e de mencionar brevemente questões que essas marcas suscitaram na tradução.

Palavras-chave: Ben Lerner; *Mean Free Path*; Poesia contemporânea estadunidense; Colisões e colagens poéticas; Poética fragmentária

DIZER COM PALAVRAS ALHEIAS: EXPANSÃO E CLAUSURA NA POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Gustavo Silveira Ribeiro

Resumo: A recusa e o questionamento da autoria e da originalidade têm sido estratégias criativas comuns a poetas brasileiros do presente, que têm feito da cópia, da colagem e da citação modos de responder aos desafios éticos implicados na escrita do poema numa época saturada de discursos e violências. Trata-se de algo mais do que um lance formal sofisticado e vanguardista, que buscaria propor, pela via conceitual, novas possibilidades expressivas. Sem deixar de também ser isso, entretanto, vários autores vêm procurando meios de se aproximar, por meio da não-originalidade, das fricções do mundo e das asperezas da História. Os “3 poemas com auxílio do google”, de Angélica Freitas, e sua tentativa de capturar a cultura patriarcal que cerca as mulheres na internet (e fora dela); as vozes distintas e a tensão enunciativa que atravessam “O livro das postagens”, de Carlito Azevedo; os arranjos verbais de Alberto Pucheu, exercícios de escuta da música hedionda de um cotidiano marcado pela catástrofe, são alguns exemplos dessa aproximação entre procedimento literário e componente social. Nesta comunicação gostaríamos de analisar dois casos extremos dessa tendência, que apontam para dimensões diferentes de um processo contraditório, ao mesmo tempo de abertura e fechamento da forma- poema: “Tróíades: remix para um próximo milênio”, de Guilherme Gontijo Flores, e “Toda sentença é um antipoema”, Tarso de Melo. Neles podem ser vistos



exercícios de escrita muito particulares, ainda que depurados de experiências anteriores (de Haroldo de Campos e Kenneth Goldsmith, respectivamente). Em "Tróíades", Gontijo Flores utiliza a tradução e a montagem para compor uma intrincada elegia, um poema (dividido em 25 partes) dedicado a lamentar gravemente a persistência, ao longo dos séculos, da guerra injusta, da força bruta, da violência que subjuga povos inteiros, submetendo-os à escravização e ao extermínio. A partir do trabalho de arqueologia e desmontagem de três tragédias da Antiguidade Clássica (de Eurípedes e Sêneca, todas elas voltadas para a derrota de Tróia), o poeta sobrepõe tempos, mistura linguagens e embaralha distinções de autoria, fazendo com que o seu texto seja de Eurípedes e Sêneca, e as palavras deles sejam também suas. Por sua vez, Tarso de Melo vai desenterrar, nos anais da Justiça Brasileira, as frases terríveis que compõem o seu antipoema, formado por trechos selecionados, recortados e recombinações da peça processual que condenou Rafael Braga, morador de rua preso durante as manifestações de Junho de 2013 no Brasil e mantido, durante vários anos, na prisão por razões que, como o texto revela, passam pelo racismo, pelo conservadorismo e pela seletividade de classe do aparato judicial do país. Todo o poema se faz por palavras alheias, duras, assim como ocorre em "Tróíades". Seus autores se colocam como agenciadores de textos alheios, assim como se põem também como testemunhas da História: seus gestos criativos expandem os limites da linguagem no mesmo passo em que enclausuram, no corpo do texto, o horror. O tipo de pesquisa estética que empreendem nega a centralidade do eu e inocula compromisso participante no jogo formal que a (anti)poesia conceitual apresenta.

Palavras-chave: Mixagem; Tradução; Violência; História; Antipoesia

18/07 (TARDE)

O CONFRONTO DA CRIAÇÃO: LEITURA E DESTRUIÇÃO EM TRÊS POETAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Ida Maria Santos Ferreira Alves

Resumo: Apresentamos ao Simpósio “Poéticas contemporâneas do gênio não original” a proposta de pensar três poetas de língua portuguesa, muito diferentes entre si, mas que estão presentes na mesma contemporaneidade problematizadora do gesto poético manifestado em práticas intertextuais, interartísticas e intermediais variadas. São eles, de Portugal, Carlos de Oliveira e Joaquim Manuel Magalhães; do Brasil, Waly Salomão. Para cada um, um fato relativamente recente a exigir reencontros: de Carlos de Oliveira, o espólio vasto e inesperado agora catalogado no Museu do Neo-realismo, o qual nos abre efetivamente sua oficina de trabalho, cujos procedimentos materiais demonstram um modo de compreensão da criação do poético a partir de problematização própria dos gestos de leitura, citação, colagem e reescrita, muito antes do acesso a meios eletrônicos de tratamento de dados textuais e de “ambiente de hiperinformação”, como indica Perloff para a cultura literária mais recente; de Waly Salomão, falecido em 2003, a edição em 2014 da sua Poesia total, que na sua “unidade do diverso”, com sua “ilha de edição”, coloca-nos no centro da discussão do gênio não original tropicalista ou antropofágico; de Joaquim M. Magalhães, ainda produzindo, a publicação, em 2018, do livro de poesia intitulado Para comigo, oito anos depois de ter realizado em Um toldo vermelho um gesto radical de exclusão e de substituição de sua obra anterior, corroendo a artificial fixidez do poema para reforçar a ideia de autoria insubmissa que se nega a ser “citável”. A partir dessas três vozes “originais” à sua maneira, como algumas vezes a crítica os adjetiva, a possibilidade de trazer ao Simpósio um modo de confrontar a criação lírica pela via da ideia mais conceitual de “origem e destruição” diante da linguagem, como Walter Benjamin escreve a respeito de Karl Kraus (Apud PERLOFF, M.2013.p.27) ao tratar da citação. Além disso, a vontade crítica também de trazer de maneira “não original”, para o contexto luso-brasileiro, para nossa cena de leitura, a reflexão que Perloff empreende com autores predominantemente de língua inglesa.

Palavras-chave: poesia de língua portuguesa; crítica de poesia; Marjorie Perloff; citação; apropriação.



CADERNOS, DE GONÇALO M. TAVARES: CO-PRESENÇA E HETEROGENEIDADE

Madalena Vaz Pinto

Resumo: Os cadernos de Gonçalo M. Tavares operam segundo dispositivos que impedem uma definição totalizadora quanto aos pressupostos que orientam a sua poética. Se por um lado é possível verificar que em alguns desses cadernos se está diante de uma intertextualidade mais ou menos explícita, o que configura uma autoria porosa e compartilhada e se aproximaria de procedimentos dito pós modernos, em outros verifica-se a existência de uma figura autoral forte e bem delineada, próxima a pactos modernos de criação, enquanto em outros, ainda, assiste-se à combinação das duas vertentes. Ora, o que esta variabilidade parece indicar é a ausência, nesta poética, de uma orientação estética apriori sendo por isso difícil acomodá-la no interior de períodos culturais precisos. Jacques Rancière, diferentemente de autores para quem a lógica do capitalismo tardio e consequente massificação dos bens culturais (Jameson), assim como a instauração das mídias eletrônicas e sua possibilidade de comunicação no tempo sem espaço (Goldsmith), determinam os modos de fazer artísticos na contemporaneidade, vem insistindo na pouca produtividade de conceitos que operem a partir de categorias de fim e retorno – modernidade, pós-modernidade - propondo em seu lugar noções de co-presença e heterogeneidade. Pretende-se pensar a poética tavariana a partir destes pressupostos.

Palavras-chave: Gonçalo M. Tavares; co-presença, heterogeneidade

ALTERIDADE E ALTERIZAÇÃO: CONTESTAÇÃO E ALTERNATIVA À MORTE DO AUTOR EM MANUEL GUSMÃO

Inês Seabra Carvalho

Resumo: Manuel Gusmão, poeta, professor e ensaísta português, tem construído um percurso singular na poesia contemporânea portuguesa, designadamente pela coerência e pela articulação reveladas entre a sua obra poética e a sua produção teórica e crítica. Desse percurso singular, iniciado com a publicação de *Dois sóis, a rosa* (1990), até ao mais recente volume *A foz em delta* (2018), destaca-se, dada a sua sistematicidade, o recurso à intertextualidade e à intermedialidade, opções que fazem da coralidade da enunciação poética um dos traços mais marcantes desta obra. Nessa medida, a escrita de Manuel Gusmão posiciona-se perante algumas das mais significativas questões geradas no actual contexto de diversidade dos processos inter e transmediais e oferece, por isso, um importante contributo para o respectivo debate. A comunicação proposta partirá da observação de alguns exemplos reveladores da diversidade e intensidade dos diálogos estabelecidos na poesia de Manuel Gusmão, quer com outros textos, quer com o cinema, a fotografia, o teatro e as artes plásticas. Nesta abordagem, ter-se-á em conta a influência e os contributos de Mikhail Bakhtin e Walter Benjamin, de quem Manuel Gusmão recebe e reelabora dois conceitos decisivamente enformadores da sua produção poética, teórica e crítica - o conceito de dialogismo e o conceito de historicidade. Como se procurará demonstrar, o lugar central ocupado por estes dois conceitos tem um efeito irradiante, agindo tanto sobre a sua produção poética quanto sobre a problematização em torno dos conceitos de originalidade, invenção ou autoria, recorrente na sua obra teórica. Assim, articulando a produção poética e teórica do autor, abordar-se-ão os seguintes tópicos: 1. Os contributos de Mikhail Bakhtin. Conceito de dialogismo e respectivos pressupostos. A precedência do diálogo e a correspondente valorização da função comunicativa na génese da linguagem. A forma estética e a categoria axiológica de “outro”. A leitura como acto de compreensão activa, que se realiza entre “duas consciências, dois sujeitos”, evidenciando “que não há relação dialógica com o objecto” (Bakhtin, 2003). 2. Alteridade e Alterização. Alteridade e intersubjectividade. Alterização como proposta teórica que, a partir do estudo de Pessoa e de Rimbaud, responde à crítica sobre a propriedade do autor, propondo uma alternativa que não abdica de reconhecer e mobilizar a historicidade da literatura (Gusmão, 2010; 2011). Objecto e posse vs sujeito e relação (dialógica). 3. Acordar a história. A historicidade da história e da literatura (Gusmão, 2010), em confronto com a dilatação do presente e o fim do “tempo histórico” (Gumbrecht,



1998). A literatura como travessia dos tempos. 4. Originalidade e invenção. A definição da natureza do processo criativo como “trabalho e não-trabalho” (Gusmão, 2003). A invenção como autorização e fundamento ético para usar as palavras dos outros – “evitar a repetição sem variação” (Gusmão, 2011).

Palavras-chave: Manuel Gusmão; Dialogismo; Historicidade; Alteridade; Alterização

POESIA: A INTRADUÇÃO DE MARIANNE MOORE POR AUGUSTO DE CAMPOS

Julia Cortes Rodrigues

Resumo: A comunicação pretende apresentar o poema “Poetry”, de Marianne Moore, em sua conexão com as intraduições propostas por Augusto de Campos. Um dos principais nomes da poesia modernista estadunidense, Moore é uma antiga presença entre poetas brasileiros: figura em diversos poemas de João Cabral como ilustre homenageada e também em textos concretistas pelas notáveis “aventuras silábicas”. Em “O sim contra o sim”, Cabral se refere a Moore como “cirurgiã” (lendo a contrapelo “Those Various Scalpels” dela), em elogio à “precisão” com que Moore articula sua linguagem poética e “recorta” seus versos. O poema “The Fish” também fora citado em fragmento por Décio Pignatari (que destacou, elogioso, a disposição dos versos na página de forma a reproduzir o rastro dos peixes) ainda em 1950 e apareceu traduzido por Augusto de Campos em 1960. No que tange ao interesse pelo lugar da poesia e ao ritmo idiossincrático de sua autora, “Poetry” pode ser considerado um dos poemas mais centrais na obra de Moore não somente pelos indícios de uma concepção da poesia que se desdobra em outras ocasiões, mas porque, na pluralidade das quatro versões publicadas, “Poetry” opera como metonímia da obra poética de Moore. Ávida editora, que alterava ininterruptamente seus poemas a cada nova publicação, em “Poetry” Moore ao mesmo tempo provoca um tipo de elogio da racionalidade e fornece poderosas sugestões sobre seu entendimento do lugar da poesia em seu tempo. Em consonância, as intraduições de “Poetry” por Augusto de Campos emulam essa pluralidade. Elas circularam em dois momentos: a primeira versão apareceu no site Musa Rara como parte de “Marianne Moore em três dimensões” (2012), a segunda foi publicada no livro “Outro” (2015). A disposição digital de 2012 inclui empreendimentos tradutórios sobre duas versões de “Poetry” (entremeadas por retratos da poeta). Em “Outro”, livro dedicado aos parceiros de Campos no grupo Noigandres e que revisita a poesia dos anos 1960, Moore também ocupa posição de destaque. Celebrando uma unidade de propósitos, pois partilha da simpatia de Moore em relação à matéria (a princípio) antipoética, Campos dispõe suas traduções com tipografia e arranjo tipicamente concretistas. Não nos será estranha a dividida recepção dessa empreitada e a revisão da proposta concretista pensada por Campos. As resenhas de Cristina Monteiro de Castro Pereira (2012) e Régis Bonvicino (2012), nesse sentido, são exemplares por seu antagonismo. “O gênio não original”, de Marjorie Perloff (2013) (em sua leitura do grupo Noigandres sob o signo da “retaguarda”), nos é central para refletir sobre a poesia na era digital e a (re)inserção de Augusto de Campos no novo século. Também recorreremos às considerações de Marcos Siscar, em “Poesia e Crise” (2010), sobre o tratamento do futuro e da negação na trajetória poética de Campos. As editoras especialistas em Marianne Moore Grace Schulman, Heather Cass White, Linda Leavell, Patricia C Willis e Robin Schulze também serão requisitadas na reflexão sobre o dinamismo da autoedição de Moore e os eventuais pontos de contato entre sua poética e a de Augusto de Campos.

Palavras-chave: Augusto de Campos; Marianne Moore; intradução.

"AS ENZIMAS DO GÊNIO": ALGUMAS POÉTICAS CONTEMPORÂNEAS

Masé Lemos - Maria José Cardoso Lemos

Resumo: O verso “Pelo estômago dos polvos as enzimas do Gênio”, do poeta francês Pierre Alferi, joga com o duplo sentido de Gênio, pois além da referência irônica à figura do poeta romântico, remete também à marca de sabão em pó “Génie”, espécie de monstro capaz de fazer a digestão pelo seu estômago-máquina de lavar roupa. Alferi deixa evidente em seu trabalho a opção pela experimentação maquínica no rearranjo e separação de materiais recolhidos do



mundo, quais sejam, informações, imagens, memórias, arquivos literários, da cultura pop, da indústria cultural, midiático, da linguagem corrente, entre outros, que empreende. Nessa comunicação pretende-se articular alguns destes procedimentos da poesia de Pierre Alferi, ou melhor, do que ele denomina de OVNI, com o "Livro das postagens" de Carlito Azevedo e também com alguns trabalhos poéticos e visuais de Leila Danziger, principalmente seu último livro "C'est loin Bagdad [fotogramas]". Se os artistas aqui invocados privilegiam a experimentação com materiais pré-existentes, literais, buscam, porém, cada qual a sua maneira, cavar ainda uma possibilidade de experiência pelo trabalho de redistribuição - limpar pela separação - tanto do lixo midiático quanto dos recursos simbólicos, visando a possibilitar a criação, ainda, de novas leituras de um mundo, plasticamente elástico.

Palavras-chave: Separar, montar, Pierre Alferi, Leila Danziger, Carlito Azevedo

86 - POÉTICAS INDÍGENAS EM FOCO

Coordenação: Prof^a. Dr^a Graça Graúna (UPE); Prof^a. Dr^a Maria Silvia Cintra Martins (UFSCar)

Resumo: O tema deste Simpósio reafirma o nosso compromisso com a Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas, aprovada em 2007, ao convocar a comunidade internacional a se mobilizar para assegurar total respeito pela dignidade, pelo bem-estar e pelas liberdades fundamentais dos povos indígenas. O foco do Simpósio trata das poéticas indígenas em suas diferentes manifestações. Nesta perspectiva, serão bem-vindos trabalhos em torno da literatura e das artes indígenas em geral, incluindo o cinema, as cantorias, a contação de histórias, a pintura corporal, a dança, a música, os cantos xamânicos, o ato de declamar, o grafismo rupestre e o grafismo urbano de autoria indígena, entre outras artes visuais. Sendo o congresso da ABRALIC de teor acadêmico, serão bem-vindos, de toda maneira, trabalhos que se façam acompanhar de performances ou representações. Além disso, em se tratando das artes indígenas, que possuem, por natureza, viés transdisciplinar, também será possível e desejável que temáticas como as dos direitos de indígenas sejam abordadas, conjuntamente à temática das poéticas indígenas. Um exemplo da poética indígena reside no poema declamado por Ailton Krenak (liderança indígena) no dia 3 de agosto de 2018, durante uma roda de conversa sobre literatura indígena, no Congresso da ABRALIC, em Uberlândia/MG; trata-se do poema "Continuum", que ele escreveu em 2005, na Serra do Cipó/MG. Continuum também pode ser o conjunto de acontecimentos sequenciais e ininterruptos, tais como sugerem as reflexões da ABRALIC 2018 acerca de circulação, tramas e sentidos na Literatura. Nesse ritmo, o Simpósio POÉTICAS INDÍGENAS EM FOCO nos aproxima (em vários sentidos): das canoas, dos rios e riachos; das montanhas, das serras; das lutas, dos sonhos; do programa "Voz Indígena" (junto à Rádio UFSCar, da Universidade Federal de São Carlos, que já conta com 65 edições) liderado por João Paulo Riberio (indígena guarani), que, em sua pesquisa de doutorado, propõe a poética do traduzir para o Nheengatu a obra "Vidas Secas", de Graciliano Ramos, abrindo, com isso, um leque de possibilidades: a valorização e retomada das línguas indígenas; a valorização das culturas indígenas, incluindo-se, nesse caso, o xamanismo, já que o acadêmico guarani propõe que o ato tradutório se dê na esteira das práticas xamânicas, chamando-nos a lembrar a importância do xamã como um tradutor entre mundos; a revisita da obra de Graciliano Ramos, por meio de uma abordagem que prevê o multinaturalismo e o perspectivismo indígena. O Simpósio também abrange a poética do sonho azul nos versos do mapuche Elicura Chihuailaf. A poética de Elicura denuncia a sua condição de indígena exilado. Na entrevista ao *site* Crítica.Cl, ele comenta que apesar do deslocamento, a poesia revela que a cada dia ele "aprende a apreciar o que significa habitar no meio de uma diversidade tanto na natureza quanto entre os homens". A percepção do mundo indígena também é notória na poesia charrua de Maria Huebilo a nos lembrar que os ancestrais continuam vivos em nós, assim como a crônica de Severiá Idioriê, entre outros textos escritos por mulheres indígenas no volume 4, da Revista LEETRA Indígena, da UFSCar, em 2014. Desse modo, seguimos, nesta XVI ABRALIC, no

continuum – como diria o poeta – entre literatura e outros saberes como sugere a voz da terra na poética indígena. E a propósito do Ano Internacional das Línguas Indígenas – dedicado pela ONU ao ano de 2019 – cabe reiterar o direito de sonhar um mundo melhor; o direito de intuir os sentidos da literatura indígena e tudo que nos aproxime da poesia necessária, como sugere o poética do “Continuum”, no rastro dos nossos ancestrais.

Referências:

- ABRALIC. Circulação, tramas & sentidos. Congresso Internacional. Uberlândia/MG, 2018.
- CHIHUAILAF, Elicura. Sonho azul. Disponível em: https://issuu.com/grupo.leetra/docs/leetra_vol4. Acesso em 05.jan.2019.
- CHIHUAILAF, Elicura. Entrevista. Disponível em: <http://critica.cl/entrevistas/entrevista-al-poeta-elicura-chihuailaf-el-estado-protecte-saqueo-del-territorio-mapuche>. Acesso em 05.jan.2018
- GRAÚNA, Graúna. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.
- HUEBILU, Maria. **Abuelas**. Disponível em: grauna3@gmail.com. Acesso em 05.jan.2019.
- IDIORIÊ, Severiá. Quem somos? Para onde vamos? Disponível em: https://issuu.com/grupo.leetra/docs/leetra_vol4. Acesso em 05.jan.2019.
- KRENAK, Ailton. **Continnum**. Poema declamado na Mesa “Vozes ameríndias”, Congresso da Abralic/2018, Uberlândia, MG.
- LEETRA Indígena. Volumes 1 a 18. São Carlos: UFSCar/ Grupo de Pesquisa LEETRA. Disponível em: www.leetra.ufscar.br
- MARTINS, Maria Sílvia Cintra (Org.). **Ensaio em Interculturalidade: Literatura, Cultura e Direitos de Indígenas em época de globalização**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2014.
- RIBEIRO, João Paulo. **Guia Turístico: Tikanga rikue: uma profética do traduzir**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

A POÉTICA INDÍGENA NO JOGO DA CONVERSA DOS CACHORROS COM A ONÇA

João Paulo Ribeiro

Resumo: Algumas confirmações têm ocorrido enquanto manipulamos o jogo da onça. Este jogo é conhecido como Xavy que significa Onça na língua Guarani. Foi na aldeia guarani no sopé do pico do Jaraguá que encontrei a primeira vez este jogo. A aldeia fica entre os lugares Tucuruvi e Morumbi que são as palmeiras de sustentação ao norte e ao sul deste um centro Pico do Jaraguá. Importante relatar que o entendimento que tive sobre estes nomes de lugares – Topônimos – provem de uma experiência de sonho com as onças. Em Tuku-r-oby e Mboi-r-oby, o -oby traz referência ao azul. De acordo com a confirmação de acontecimentos no sonho, os lugares conhecidos como Tucuruvi e Morumbi- até hoje dentro da toponímia de São Paulo ou Piratininga (peixe seco) – são palmeiras azuis daquelas que sustentam um mundo de território tradicional ao povo Guarani que hoje se encontram sem espaço para produção do bem-viver. Em termos de uma delimitação científica, a experiência dos sonhos produz base para uma descrição de similaridades e transformações entre tradução e xamanismo. E é dentro deste parâmetro que me significo dentro da prática do jogo da onça ou a conversa dos cachorros com a onça. Sobre o jogo da onça em nossa experiência: estamos levando para as escolas não indígenas e recentemente apresentamos na escola indígena do povo Pankararu em Pernambuco. Uma das questões envolvidas em nossa experiência com o jogo é a geografia indígena que se tem revelado. É importante dizer que se envolvemos com uma poética da Ameríndia e que o jogo posto como atividade dentro da busca pela Terra-sem-Mal está trazendo novidades a



respeito do que chamamos de íntimas ligações em amizade cosmológica. Essa referência é metodológica e implica uma hierarquia ontológica de relação que desperta para a dinâmica de uma Ameríndia sempre viva. A poética indígena, dentro deste viés, é entendida como revelação em que a potência do sagrado perpassa entre des-cobrimentos, pois operação das íntimas ligações operam como o método do mito onde relações surgem a partir de um exercício de amizade cosmológica com a sobrenatureza. Neste sentido, o extramundo vai se apresentando. Conforme essa experiência, o jogo da onça ou o jogo da conversa dos cachorros com a onça traz referência de ciências indígenas de diferentes Povos Ameríndios: a teoria da doença (povo Baniwa), o grafismo da cobra d'água (povo Wayampi), a narrativa do encontro com a Onça (povo Baré), a cobra-canoa (povo Tukano), os encantados - Tonankiá (povo Pankararu). O jogo da Onça é representado em formato de tabuleiro em diferentes suportes como por exemplo a terra e a apresentação das regras desse jogo possui uma narrativa. A proposta para esta fala dentro do seminário é apresentar sobre isto. Entretanto, o objetivo principal é o desejo de escutar se é legítimo a prática desse jogo como recurso xamânico para a busca do tempo do poder Palavra-Alma. Referências: KRENAK, Ailton. Encontros. COHN, Sergio (Org). Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2015. MONTARDO, Deise. Através do Mbaraka: Música, Dança e Xamanismo Guarani. São Paulo: EDUSP, 2009.

Palavras-chave: Poética Indígena; Tempo do Poder; Xamanismo; Sonho; Palavra-Alma.

A FORÇA DA LINGUAGEM EM NARRATIVAS INDÍGENAS TRADICIONAIS

Maria Sílvia Cintra Martins

Resumo: Apresentam-se resultados de pesquisa que se deteve, em princípio, em torno da obra do linguista, poeta e tradutor francês Henri Meschonnic (2010), estabelecendo-se, posteriormente, o diálogo entre conceituações advindas da área de pesquisa em Antropologia. Focalizam-se as narrativas indígenas que se dão em torno dos heróis míticos Makunaíma e Jurupari, e busca-se, particularmente com a referência à obra do antropólogo alemão Koch-Grünberg (2006), apontar para a necessária articulação das narrativas míticas com outras práticas discursivas vigentes nas comunidades indígenas em que se originam. Segundo Medeiros (2002), Makunaíma e Jurupari são dois autênticos heróis latino-americanos, presentes nas narrativas colhidas pelo italiano Ermanno Stradelli – que publicou, em 1890, “A Lenda de Jurupari” – e pelo alemão Theodor Koch-Grünberg – que publicou, em 1924, “Mythen und Legenden der Taulipang und Arekuna Indianer” (“Mitos e Lendas dos Índios Taulipangue e Arekuna”). Haja vista que a tradução circunda a história dessas narrativas, a começar pelas dúvidas que levantou a versão de Stradelli a respeito das lendas ou mitos ameríndios, aos quais teria dado roupagem típica da literatura europeia da época; destaca-se, também, o fato do desaparecimento da versão coletada em nheengatu pelo indígena Maximiano. Um dos principais temas da Lenda de Jurupari, tal qual coletada pelo indígena Maximiano (filho de mãe tariana) em língua nheengatu, e traduzida ao italiano por Stradelli, com prováveis acréscimos e alterações estilísticas, reside na luta em torno do poder dos homens sobre as mulheres, tendo em Jurupari o herói regulador. Jurupari serve-se, entre outros instrumentos xamânicos de poder, de pedras mágicas que lhe permitem saber do que se passa por perto ou à distância. A estratégia literária de antecipações e flashbacks é defendida por Sá (2002) como pertencente à narrativa indígena tal qual coletada por Maximiano, embora possamos pressentir nela artifícios inseridos por Stradelli. Destaca-se, assim, a importância de um conhecimento mais profundo dos cantos e narrativas indígenas tradicionais em seu aspecto formal, entendendo-se que aquilo que denominamos “poético” faz-se enquanto ritmo e forma. Nesse sentido, defende-se que sempre que quisermos, com mais ênfase, chamar a atenção para o estatuto poético e literário de cantos e narrativas indígenas, será de importância fundamental o estudo e o destaque de suas formas. É feito o paralelo com o trabalho do antropólogo brasileiro Pedro Cesarino (2011), em torno do povo marubo, do Vale do Javari, no alto rio Ituí (AM). Nesse caso, presenciavam-se quatro modalidades das artes verbais: os cantos-mito saiti (que comportam conhecimento tradicional transmitido pelos antepassados), os cantos de cura shoki, os cantos xamânicos iniki (que dizem



respeito a eventos atuais, e são dotados de complexo embutimento enunciativo em função da multiplicidade de locutores que se fazem presentes) e os depoimentos de teor narrativo. Será defendida, na comunicação em pauta, a necessidade do estudo e compreensão das narrativas míticas em sua inter-relação com outras práticas enunciativas indígenas, de forma a contextualizá-las no âmbito sócio-semiótico-discursivo a que pertencem, e com isso proporcionar maior visibilidade às suas formas, assim como à força de linguagem que comportam. Referências: CESARINO, Pedro de Niemeyer. Oniska: poética do xamanismo na Amazônia. São Paulo: Perspectiva, 2011. KOCH-GRÜNBERG, Theodor. Do Roraima ao Orinoco. Volume 1. São Paulo: Editora da UNESP, 2006 [1917]. MEDEIROS, Sérgio (Org.). Makunaima e Jurupari: cosmogonias ameríndias. São Paulo: Perspectiva, 2002. MESCHONNIC, Henri. Poética do Traduzir. São Paulo: Perspectiva, 2010. SÁ, Lúcia. A lenda de Jurupari: Texto Sagrado ou Fruto da Imaginação de Litterateurs? In: MEDEIROS, Sérgio. Makunaima e Jurupari cosmogonias ameríndias. São Paulo: Perspectiva, 2002.

Palavras-chave: narrativas míticas; xamanismo; força da linguagem

A LITERATURA DE RESISTÊNCIA de GRACIELA HUINAO E ELIANE POTIGUARA

Larissa Fontinele de Alencar

Resumo: A literatura de autoria indígena é por si só literatura de resistência, neste trabalho duplamente por tratar-se de textos com recorte de gênero e etnicidade, pois observaremos textos poéticos de uma autora indígena brasileira, Eliane Potiguara, e uma autora indígena mapuche chilena, Graciela Huinao. Para tanto, cabe observar a literatura de resistência para elaborarmos o pensamento sobre a literatura indígena através uma discussão sobre a produção literária feita por mulheres indígenas na contemporaneidade. Levando em consideração que há linhas discursivas da literatura indígena escrita por Graciela Huinao e Eliane Potiguara que se configuram como de resistência, como, por exemplo: o discurso de contingência política, de rastros de uma memória ancestral, com demarcadores de enunciações em conflito através de referências sociais e culturais dos seus povos de origem, que formam uma tessitura poética de resistência. No Brasil, uma das maiores autoras indígenas com visibilidade literária é, sem dúvida, Eliane Potiguara, uma das suas obras mais difundidas é Metade cara, metade máscara (2004). O poema A denúncia revela a quebra do silenciamento e a possibilidade da palavra como engajamento para as mulheres indígenas: “Ó mulher, vem cá/ Que fizeram do teu falar? Ó mulher conta aí.../ Conta aí da tua trouxa/ Fala das barras sujas / Dos teus calos na mão / O que te faz viver, mulher? / Bota aí o teu armamento. / Diz aí o que te faz calar... / Ah, Mulher enganada / Quem diria que tu sabias falar!”. Potiguara elabora um pensamento a partir da diferença, pois se constitui à luz das vozes de enunciação indígena e também sob o enfoque do ser mulher na literatura diante da sociedade opressora. Graciela Huinao, que em 2014 se tornou a primeira poetisa indígena a ingressar na Academia Chilena de Letras, é reconhecida dentro e fora do Chile como uma liderança poética de luta e resistência do povo mapuche. No poema La Máscara del Hambre, Huinao dá o devido relevo ao ato político de fazer “greve de fome”, ato de resistência, metáfora real contra as injustiças seculares que o povo mapuche sofre no Chile: “Hoy/en mi pueblo/el hambre es rebeldía/ y la poesía una máscara/ donde oculto el verso amargo/ alimento de este canto/ y en la boca de mi pueblo/ la tortura de cada día”. A literatura indígena, assim sendo, não é só uma possibilidade de criação indígena, mas um lugar para se ouvir as vozes desses povos que foram e ainda são silenciados. Portanto, cabe considerar que a maior relevância de tal temática está em propor a reflexão acerca da produção literária de mulheres indígenas latino-americanas.

Palavras-chave: Resistência, Literatura, Indígena, Autoria feminina



NARRAÇÃO DE ACADÊMICOS INDÍGENAS NO ENSINO SUPERIOR PARA UMA PERSPECTIVA LITERÁRIA SOBRE PRÁTICAS MUSICAIS

Mara Pereira da Silva

Resumo: Os Apinajé vivem às margens do Rio Tocantins e do Rio Araguaia, na região conhecida como bico do papagaio, pertencentes ao Tronco Macro-Jê e à família linguística Jê, foram denominados por Curt Nimuendajú (1980) como povos Timbiras. O trabalho é recorte de pesquisa que vem sendo desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Letras: Línguas e Literatura da Universidade Federal do Tocantins(UFT), na linha Literatura, memória e identidade cultural em contextos de formação, e tem como tema os povos indígenas no ensino superior de um curso que tem como uma das suas habilidades a música, e focaliza as dimensões das trocas interculturais entre indígenas e não indígenas, tendo como objetivo geral Investigar as trocas culturais entre indígenas e não indígenas em perspectivas interculturais. Os objetivos específicos consistem em averiguar se existe diálogo entre os sujeitos, como forma de possibilitar a troca de experiência; Identificar práticas musicais contextualizadas que envolvam a cultura do povo Apinajé; Verificar qual o sentido da experiência musical vivenciada no curso para os alunos indígenas da etnia Apinajé. Os conceitos teóricos que fundamentam esse trabalho estão relacionados a povos indígenas no ensino superior, Educação Escolar Indígena, Interculturalidade, literaturas indígenas e Educação Musical. O campo empírico da pesquisa consiste nas narrativas de formação dos educandos indígenas que frequentam o Curso de Educação do Campo- Artes e Música da UFT de Tocantinópolis. A metodologia utilizada consiste na pesquisa etnográfica, se valendo dos instrumentos para a coleta dos dados como observações, vídeos, fotografias e diário de bordo. Além disso, como forma de legitimar as falas dos sujeitos da pesquisa será utilizado entrevista narrativas como contação de histórias musicais na universidade. É mister informar que essas narrativas poderão serem utilizadas nas instituições de ensino e nas aldeias sobre uma perspectiva literária, considerando que o português é a segunda língua falada pelos Apinajé, pois são considerados bilíngue. Para este trabalho, nossa contribuição, nesta fase em que a pesquisa se encontra, consiste em sintetizar os elementos teórico-metodológicos que fundamentam a pesquisa etnográfica e os elementos que serão utilizados para a coleta dos dados.

Palavras-chave: Apinajé; Interculturalidade; Literatura; Música; Narrativa de indígenas.

EXTUALIDADES INDÍGENAS COMO INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA

Aliria Wiuira Benícios de Carvalho

Resumo: As textualidades indígenas e africanas foram deixadas à margem e, por isso, muitas ainda permanecem desconhecidas. Mas esses povos têm levado ao campo literário suas textualidades e feito delas ferramentas de luta. Os povos indígenas, vestidos por suas culturas tradições, adentram o universo da literatura e suas produções começam a ocupar o espaço das letras. Os indígenas por muito tempo foram silenciados, sem oportunidades para contar suas próprias histórias e expressar suas culturas. Aos poucos eles conquistam garantias antes negadas. Através da literatura indígena, suas vozes percorrem caminhos para longe das comunidades. O uso da escrita pelos ameríndios pode ser pensado hoje como um instrumento de conquista e um lugar para registro de suas vozes. No Brasil tem ocorrido um crescimento na área de literatura indígena produzida pelos próprios nativos, que tem apresentado no cenário literário autores indígenas de diferentes etnias. Seus escritos partem principalmente de suas heranças orais: lendas, mitos, poemas, cantos. Deixando, então, de limitar-se apenas à oralidade para serem publicados e lidos em suas aldeias e fora delas. Aos poucos a voz indígena vai se pronunciando nas letras e saindo do mundo desconhecido. A literatura indígena pode, por assim dizer, que é uma literatura de resistência, pois aos poucos invade espaços antes negados. Ela vem com vozes de seus antepassados, com os sons da floresta, dos cantos e com o ritmo dos narradores. É a resistência de diferentes etnias e línguas. E é através da resistência desses povos que o direito à literatura é adquirido. Numa luta pacífica, e ao mesmo tempo violenta, que



derruba as barreiras que impediam o fluir de suas artes verbais. Seus escritos são instrumentos de luta e torna em relevo suas capacidades de produção. Assim, podemos afirmar que onde há uma escrita indígena há um espaço de resistência,

Palavras-chave: Textualidades indígenas; Resistência; voz indígena.

YAGUARÉ YAMÃ: EM BUSCA DE UMA LÍNGUA

Maria Andréia de Paula Silva

Resumo: A literatura indígena ou nativa, conforme defende Olívio Jekupé (2010), para além de um lugar de visibilidade para os povos autóctones, vem se constituindo um espaço de reorganização de identidades, sejam elas estabelecidas em diferença, sejam consolidadas a partir de semelhanças. Tem sido por meio do texto literário que, simultaneamente, busca-se reescrever o passado e afirmar o presente em diversos aspectos: culturais, materiais e linguísticos. Em torno deste último tópico, mas com implicações diretas nos demais, pretende-se, nesta comunicação, apresentar algumas estratégias de tradução cultural presentes nas obras de Yaguaré Yamã. Ozias Glória de Oliveira Yaguaré Yamã (1973 -) nasceu em Nova Olinda do Norte, no estado do Amazonas, na aldeia Yâbetuê. Pertencente ao clã Aripunãguá, dos Maraguá, é também descendente dos Sateré-Mawé, por parte de pai. Estudou Geografia em São Paulo e, com mais de 20 títulos publicados, compartilha com vários escritores indígenas a experiência de exercer identidades variadas e de buscar traduzir a multiplicidade étnica como uma forma de produção cultural e não como um procedimento ao qual as culturas foram submetidas, deslocando concepções consagradas sobre o grande sistema denominado Literatura Brasileira. A herança do povo Sateré-Mawé tem sido um dos temas presentes nas obras de Yaguaré Yamã, por exemplo, em *PuratiG, o remo sagrado* (2001). Em *Meu pai Ag'wã: lembranças da Casa do Conselho*, o narrador expõe a delicada relação com o pai, narrando diversas situações do cotidiano: a pescaria, a caçada, a luta com uma grande cobra, as histórias da casa do conselho, a ocupação de barqueiro, nas quais além da aquisição dos saberes tradicionais, apropriava-se também dos conhecimentos necessários sobre a existência. A narrativa é pontuada por uma espécie de refrão no qual a admiração pelo pai é evidenciada até a última qualidade que revela o saber entre-lugar que o pai representa em “meu pai se tornou, para mim, o maior “capitão” – e espécie de diplomata – entre o mundo dos brancos e o nosso” (YAMÃ, 2014a, p. 25, grifo do autor). A tradução implicada no termo diplomata se aproxima do conceito de desterritorialização, preconizado por Gilles Deleuze e Félix Guattari no livro *Kafka*: por uma literatura menor, publicado em 1975, o qual, segundo os filósofos, “implica um deslocamento provocado por uma descaracterização cultural, em função do espaço e da língua, operada por grupos ou subgrupos étnicos, raciais ou culturais que, em dado momento histórico, acham-se submetidos a um processo de marginalização” (BATALHA, 2013, p.115). Nesse sentido, o que parece querer se afirmar não é um intercâmbio entre totalidades distintas, mas um processo de mistura e contaminação mútua, constituindo um terceiro espaço, onde os conflitos resultantes das diferenças culturais e os diversos discursos sociais envolvidos sejam negociados.

Palavras-chave: Literatura indígena; Yaguaré Yamã; Tradução cultural

XAMANISMO, RESISTÊNCIA E POÉTICAS INDÍGENAS

Maria das Graças Ferreira (Graça Graúna, indígena Potiguara/RN)

Resumo: O foco desta reflexão remete à poética oriunda dos nossos antepassados. Contam que eles olham para nós e por nós: netos, netas, bisnetos, bisnetas, filhas e filhos da terra. São os nossos ancestrais, nossos antepassados que deitam sobre nós um olhar como estivessem mirando a humanidade. O espaço-tempo sagrado dos nossos antepassados alimenta o sonho de um cenário sem males, aonde e onde os deuses se comuniquem com os homens quer sejam xamãs, poetas, errantes ou navegantes. No xamanismo, a poesia pode ser a chave; pode ser sonho e gesto na comunicação entre homens e pássaros; entre pessoas e árvores que agitam seus ramos e braços ao ritmo de um toante, por exemplo, com quer a poesia e a música que vem da luta de cada dia e do coração com os povos indígenas. A prova da estreita relação entre



Literatura e outras artes indígenas e xamanismo reside na inseparabilidade dos diferentes saberes dos povos originários do mundo. Assim, nos parece a poética que habita o “sonho azul” do mapuche Elicura Chihuailaf (2014, p.7): “pela noite ouvimos os cantos / contos e adivinhações / à beira do fogão / respirando o aroma do pão / modelado pela minha avó / minha mãe e a tia Maria”. Desse modo, o poeta abre as portas da sua alma e, ao mesmo tempo, sustenta que a poesia é o cantar dos seus antepassados. Com a charrua Maria Huebilu, o poema “Abuelas” revela que os ancestrais continuam vivos em nós. Isto acontece, por exemplo, quando as avós indígenas moldam suavemente o barro para fazer as panelas, da mesma forma que acariciam os rostos e a alma dos amigos e parentes. Na mesma panela elas juntam mil lágrimas e ervas para curar a alma, mas “no son lágrimas dicen, solo es agua Sagrada, que limpiará tu espíritu, ¡el brillará en el agua!”, diz Hueblu, em depoimento pessoal (via e-mail, 2019). O jeito de ser e estar no mundo que emana da poesia charrua vai ao encontro do pensamento de Severiá Idioriê, na Antologia indígena (2009, p. 57). Professora indígena, na terra do povo Karajá/TO, Severiá busca nos saberes dos antepassados as razões para enfrentar os preconceitos que impedem o/a indígena de ser e estar no mundo. À maneira de que enxerga longe, Severiá expõe o que herdou dos tempos imemoriais ao sublinhar o ato de resistência no pensamento de um sábio xavante: “É preciso aprender o segredo de Ser e Estar no mundo. Pensar, sentir e agir consigo e com os outros de modo que a vida seja leve, alegre, em comunhão com tudo que existe no mundo, no planeta”. E sendo assim, quem quiser ouvir que ouça o canto dos guerreiros, o som dos tambores; a voz do vento em sintonia com o voo dos urubus, o som das águas, o ritmo dos maracás e dos nossos passos em direção ao Leste, em prol do tempo sem males como sugerem as poéticas indígenas.

Palavras-chave: Xamanismo; Resistência; Poéticas indígenas

18/07 (MANHÃ)

CENAS ENUNCIATIVAS NAS NARRATIVAS DE UM XAMÃ YANOMAMI

Viviane de Cássia Maia Trindade

Resumo: “Eu, um Yanomami, dou a vocês, os brancos, esta pele de imagem que é minha.” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 66). Nesta citação do livro *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*, de Davi Kopenawa, indígena yanomami e Bruce Albert, etnógrafo francês, vamos analisar o modo como o enunciador encena diferentes papéis para envolver o seu interlocutor. O fragmento trata da enunciação do indígena que protagoniza um gesto xamânico, enquanto constrói a imagem de si mesmo a partir de uma contraposição com o seu outro, o branco. Na expressão “pele de imagem”, o indígena se refere, com ironia, ao gesto do homem branco de escrever suas verdades em papéis/livros. Porém, seu próprio relato ganha forma como livro. E a obra escrita tem como finalidade advertir o homem branco do risco que a humanidade corre se não compreender as verdades xamânicas das quais Davi Kopenawa, o enunciador, é portador. Ao agenciar diferentes instâncias como as ideias que são próprias da cultura indígena yanomami, o exercício intelectual de um etnógrafo como seu tradutor e os aspectos culturais formais da fala do branco para comunicar suas verdades, Davi Kopenawa opera com variadas esferas de sentido para estabelecer comunicação. Os deslocamentos empreendidos por Davi no universo cultural do branco para criar um discurso que pudesse ser convincente para este último, faz com que o indígena também se desloque, assumindo perspectivas ora de sua cultura ora da cultura do outro. Como efeito literário, podemos considerar que o que acontece à língua, materializada no enunciado em análise, é similar ao gesto xamânico, pois, do mesmo modo que o chefe espiritual yanomami atravessa diferentes dimensões, intercambiando mensagens entre homens e espíritos, opera com elementos de diferentes esferas e culturas para mediar a comunicação entre o povo da floresta, os deuses e os brancos. Podemos ainda assinalar a identidade estética do discurso de Davi, pois, toda dinâmica criada na língua por este enunciador enquanto encena discursos diversos, agencia também interlocutores diversos propondo-lhes



perceber o mundo por variadas perspectivas. O enunciado ganha forma de uma metáfora, que, ao ser desdobrada, revela as sínteses e contraposições de diferentes vozes. Junções e disjunções que podem produzir possibilidades de escuta, justamente por efeito de estranhamento, aos aspectos de testemunho, autobiografia e apelo messiânico, dos quais a obra tratará. A partir dos argumentos reunidos neste texto, buscar-se-á identificar e analisar as estruturas que promovem no leitor experiências de alternadas perspectivas, não somente a indígena e a branca, mas também a xamânica.

Palavras-chave: Cenas enunciativas; A queda do céu; Literatura Indígena; Narratividade; Efeitos de sentido

LITERATURA DE AUTORIA INDÍGENA NA BAHIA: A RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NA POÉTICA DE ADEMÁRIO RIBEIRO E JUVENAL PAYAYÁ

Randra Kevelyn Barbosa Barros

Resumo: Os povos indígenas que resistiram à política de extermínio, sistematicamente implantada no Brasil desde o início da colonização, lutam para que seus direitos territoriais sejam reconhecidos. Assim como ocorre em diversos outros espaços no Nordeste brasileiro, na Bahia também se construiu a falácia de que não há nativos nesse estado e, aqueles na condição de indígenas miscigenados teriam perdido sua cultura, já que não representam a ideia de pureza frequentemente atribuída às nações originárias. Esses argumentos foram utilizados para justificar o pensamento de que não seria necessário demarcar terras indígenas nessa região. Dentre as comunidades baianas inseridas nesse contexto, destaca-se o povo Payayá, o qual por muito tempo foi considerado extinto e, após as reivindicações de nativos oriundos dessa etnia, conseguiu ser reconhecido como nação que existe e marca presença no estado. A situação desses indígenas é diversa, tanto há aqueles que vivem em seu território tradicional, como também é possível pensar nos filhos da terra que enfrentaram a experiência diaspórica, sendo forçados a migrarem para os centros urbanos e continuam sendo Payayá, pois, como afirma Graça Graúna (2013), cada nativo carrega dentro de si uma aldeia. Esses diferentes contextos marcam o lugar de onde os poetas Ademário Ribeiro e Juvenal Payayá escrevem. Enquanto Ribeiro afirma a sua indianidade pelas origens de sua mãe e habita a cidade, Payayá é cacique em sua aldeia e vive na comunidade. Tendo em vista a relevância desses autores, busca-se analisar os poemas *Fomos e somos*; *Aldeia global* (Ademário Ribeiro) e *Somos azuis*; *Miragem* (Juvenal Payayá), nos quais é possível reconhecer a afirmação identitária de pertencimento à coletividade indígena, examinando-se também como isso reflete a condição específica de cada um desses poetas, tanto nos aspectos que os aproximam como nas características que os diferenciam. Ambos entendem a prática escritural como um instrumento que lhes permite reconstruírem as suas próprias identidades, expressarem as suas existências e o orgulho de serem nativos. Como pontua Stuart Hall (2003), as identidades estão em permanente processo de constituição, pois são diretamente impactadas pelas transformações históricas. O teórico ressalta ainda que em sociedades nas quais as violências física e simbólica se fizeram presentes por conta de terem sido colonizadas, escravizadas e expropriadas de seus territórios, a relação com a história se torna marcada por rupturas e se faz necessário recontar o passado. Daí a necessidade de os escritores destacarem suas ancestralidades nativas, retornarem às origens em um movimento de reelaboração discursiva a respeito de sua própria história e a dos povos indígenas, visto que ambos estão imbricados. Assim, o trabalho recorre aos Estudos Culturais pelo fato desse campo levar em consideração as culturas de povos excluídos e entender o texto literário como uma prática cultural específica que deve ser lido no estabelecimento do diálogo entre arte, política e sociedade. Essa teoria contribui para a compreensão do fazer artístico-literário de Ademário Ribeiro e Juvenal Payayá, no que tange ao exercício da produção poética para reforçarem as suas identidades indígenas e demarcarem as suas culturas originárias.

Palavras-chave: Literatura indígena na Bahia; Povo Payayá; Ademário Ribeiro; Juvenal Payayá; Reconstrução identitária.

A ESTÉTICA COLONIZADORA EM CONTRAPONTO COM AS PRÁTICAS CULTURAIS INDÍGENAS DE NATUREZA ESCRITA

Tarsila de Andrade Ribeiro Lima

Resumo: Um grito de “Terra à vista” instaurou nossa certidão de nascimento, mesmo já nascidos. Passamos a entender a nossa história a partir do outro que nos colonizava, gerando consequências em diversas esferas: política, social e cultural. Os discursos literários colonialistas se tornaram um embrião para realizar nossa história sob a óptica do outro, para que fossemos construídos a partir de um padrão de regras que não nos pertence e nos coloca como o diferente. Para Quijano (1992), o colonialismo se apresenta como uma forma de dominação direta, abrangendo as esferas política, social e cultural dos europeus sobre os povos conquistados de todo o mundo. A partir desse conceito, criou-se uma estrutura produtora de discriminações sociais que determinam as regras de distribuição de riquezas. Não se trata apenas de uma subordinação à cultura europeia, mas principalmente algo que atinge o imaginário dos povos dominados, o que podemos denominar “colonialidade cultural” de acordo com Quijano (1992). A colonialidade é, portanto, o fundamento para se exercer poder e se manifesta em diferentes dimensões. A partir do colonialismo, foi criada uma estrutura de discriminações sociais pautadas em alicerces racistas e patriarcais, ou seja, com base em hierarquias e alicerces masculinos. A colonialidade é, portanto, o fundamento para se exercer poder e se manifesta em diferentes dimensões. Hoje ainda experienciamos os reflexos dessa ferida colonial. Para Mignolo (2012), a ferida colonial é um trauma consciente da colonialidade sentida por aqueles que se encontram fora do sistema normativo imposto pelos processos colonizatórios. Reconhecer a ferida colonial é compreender que os conteúdos que estudamos são pré-formados a partir de uma retórica cuja âncora está na legitimação do saber e de uma naturalização da totalidade do mundo, ou seja, uma retórica que determina uma visão de mundo particular como a correta para um todo muito mais abrangente e diverso. A partir disso, são geradas classificações de gêneros ou raças, delimitando hierarquias com base em conceitos estipulados por essa retórica, gerando desvalorização e marginalização de todos os conteúdos que se encontram fora desse raio de entendimento. A partir desse pensamento e do conceito de decolonialidade desenvolvido por autores como Walter Mignolo, Aníbal Quijano, Catherine Walsh, Ochy Curiel e María Galindo, pretendemos refletir sobre o impacto da colonialidade do ser e do saber no imaginário brasileiro e na literatura escrita por autoras e autores indígenas, tendo como foco a questão da estética colonizadora em contraponto com as práticas culturais indígenas de natureza escrita.

Palavras-chave: Colonialidade; Ferida colonial; Decolonialidade; Literatura indígena

87 - POLÊMICAS INTELECTUAIS NA AMÉRICA LATINA ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX: RETÓRICA, CULTURA E HISTÓRIA

Coordenação: Profa. Dra. Silvia Maria Azevedo (UNESP); Profa. Dra. Marina Silva Ruivo (UNIR); Profa. Dra. Joana de Fátima Rodrigues (UNIFESP)

Resumo: Fenômenos da cultura de âmbito mundial que se registram em diferentes períodos da História, as polêmicas intelectuais configuram-se como um dos traços marcantes da vida político-cultural na América Latina, entre os séculos XIX e XX. A exemplo do que aconteceu no Brasil, frequentemente os debates resultaram do trânsito de seus autores em redações, editoras e gabinetes de homens influentes. Os interesses alheios, até certo ponto escusos, acompanham as contendas em suas variadas formas e sob múltiplas vozes. Articuladas em variados veículos e gêneros – manifestos, ensaios, correspondências, suplementos literários, revistas, entrevistas, debates, folhetos de cordel -, as polêmicas arregimentaram grande parte da intelectualidade, tanto da elite considerada letrada (jornalistas, literatos, juristas, médicos, políticos), quanto da esfera dita popular (repentistas, cantadores e cordelistas). Formas de intervenção discursiva que combinam as palavras escritas à imagética de seu tempo, as



polêmicas intelectuais na América Latina percorreram os séculos XIX e XX com alarde e sem descanso, com participação de profissionais de diversos setores, em meio às singularidades históricas, políticas e culturais de cada tempo e país. Em sua configuração, os debates obedecem a determinados protocolos retóricos, tendo em vista a consagração dos próprios atores envolvidos junto aos diversos auditórios. Com o aval dos veículos - fossem eles de pequena, média ou grande tiragem -, a disseminação da palavra muitas vezes foi processada mediante a legitimação dos pares, envolvendo interesses de personagens diretamente envolvidos nas disputas ligados a variadas instâncias do poder. Naturalmente, os registros de textos de natureza antagonista revelam algumas dubiedades. Isso interessa particularmente às Letras, no âmbito dos estudos linguísticos e literários, já que a fatura do texto não apenas segue alguns expedientes discursivos pré-moldados, mas permite apontar o caráter artificial e postizo da polêmica em si. Ao lado de algum refinamento na linguagem, a contagiar também os modos e tons de dizer, uma coisa e outra não impediram o elemento ruidoso, entre opiniões e réplicas. A razão parece clara: quase sempre os autores exprimiam-se de determinado modo também como tentativa de ostentar sua habilidade em tecer argumentos contra um alvo em particular, convocando simultaneamente a adesão do público leitor. Objetivando localizar e analisar certas marcas de conteúdo, forma e expressão que aproximam os protagonistas de tais contendidas de âmbito político e cultural, propomos responder algumas questões de forma e fundo, dentre as quais: 1. Em que medida as polêmicas envolvendo os intelectuais estariam mais ou menos ligadas a figuras públicas e/ou instituições de poder, nos países de origem? 2. Sob que aspectos as divergências no campo das ideias poderiam revelar o caráter personalista das figuras que se converteram em autênticos focos irradiadores dos debates? 3. De que modo se pode relacionar o teor e a qualidade das discussões a problemáticas relacionadas ao contexto sócio-histórico dos debates em marcha? 4. Afinal, o que se entende por —polêmica intelectual, especialmente naqueles países onde a produção de cultura, e o acesso por parte dos pares, bem como dos leitores em geral, é tímido? 5. Como avaliar o efetivo alcance de determinados debates, considerando a circulação de textos e imagens nos veículos disponíveis, a partir de meados do século XIX? 6. Seria a polêmica, em si, uma maneira apelativa e institucionalizada de clamar pela maior atenção de um público rarefeito, ainda em fase de constituição? O resgate das discussões sobre temas aderentes à cultura de cada país pode lançar novas luzes sobre a canonização da própria crítica, cujos efeitos podemos sentir ainda hoje.

Palavras-chave: Polêmicas; Retórica; Intelectuais; História

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

“CONSELHEIRA DE ENCOMENDA”: O APÓSTOLO E OS FOLHETINS DE MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO NO JORNAL DO COMÉRCIO

Esequiel Gomes da Silva

Resumo: Na edição de 27 de fevereiro de 1878, O apóstolo, periódico religioso, moral e doutrinário, consagrado aos interesses da religião e da sociedade estampava em suas páginas um longo artigo intitulado “A folhetinista estrangeira do Jornal do Comércio”. O texto, que vinha assinado apenas com as iniciais P.B., referia-se à poetisa portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho, que havia iniciado seus trabalhos como colaboradora do jornal de Júlio Constantino de Villeneuve, em 23 daquele mês. O folhetinista estranhava que a redação da referida folha cotidiana “tivesse a triste e pouco patriota lembrança de ir mendigar no estrangeiro escritores para o seu muito lido rodapé”, como se não houvesse colaboradores no Brasil, “e de primeira plana”. Com certo azedume e ironia, o redator afirma que em vez de dar “muitos e úteis conselhos às nossas patricias”, conforme a proposta do Jornal do Comércio, a “conselheira de encomenda” talvez estivesse na condição de recebê-los. Dito isto, nesta comunicação falarei sobre os desdobramentos deste episódio, no qual tomaram parte também outros periódicos e até

uma suposta leitora, que enviava para a redação d'O apóstolo cartas assinadas com "Uma inglesa católica romana".

Palavras-chave: Imprensa; Folhetim; Polêmica; Século XIX.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE, CRÍTICO DE CRUZ E SOUSA (1893-1905)

Alvaro Santos Simões Junior

Resumo: Cruz e Sousa chegou ao Rio de Janeiro no final de 1890 com a intenção de estabelecer-se definitivamente na cidade. Após publicar versos e poemas em prosa na imprensa local, tentou consolidar sua presença no campo literário carioca publicando em um único ano (1893) dois livros, a saber: Missal, poemas em prosa, e Broquéis, poemas em versos. Não se pode dizer que suas produções, hoje consideradas simbolistas, tenham sido compreendidas como mereciam, mas certamente não foram ignoradas, pois vários escritores e jornalistas se manifestaram sobre elas. Segundo testemunho de Medeiros e Albuquerque, Cruz e Sousa apreciou a resenha que escreveu sobre os Broquéis, a ponto de ir às oficinas do jornal O Tempo para adquirir cem exemplares da edição com o propósito de distribuí-los entre seus amigos. Nesse texto, João Bocó, pseudônimo de Medeiros e Albuquerque, encareceu a musicalidade dos versos de Cruz e Sousa, recomendando sua leitura ao seu público, embora apontasse uma certa debilidade na significação dos textos. Já em outro jornal e sob outro pseudônimo, Medeiros e Albuquerque republicou esse texto por ocasião da morte de Cruz e Sousa (1898). Quando saíram os livros que Cruz e Sousa deixou organizados ao falecer (Evocações, Faróis e Últimos sonetos), Medeiros e Albuquerque voltou a pronunciar-se sobre eles. Nessas ocasiões, o crítico deplorou a obscuridade ou falta significação dos textos, resultante de uma obsessão com o ritmo ou a musicalidade. Era uma mudança sutil, mas significativa. Pretende-se, com esta comunicação, situar historicamente essa retificação de julgamento ao relacioná-la com a atuação do grupo dos novos, que acabou por se articular em torno de seu ídolo literário, ao qual atribuíram o epíteto glorificador de Dante Negro. Esses jovens escritores eram os antagonistas tácitos ou manifestos de Medeiros e Albuquerque, que, para eles, representava a Crítica ou a Academia Brás Cubas, isto é, a agremiação literária fundada em 1897 sob a presidência de Machado de Assis.

Palavras-chave: Medeiros e Albuquerque; Cruz e Sousa; Crítica literária; Simbolismo; Imprensa

O MOMENTO LITERÁRIO, DE JOÃO DO RIO, E O ESPÍRITO DAS POLÊMICAS

Silvia Maria Azevedo

Resumo: Traço estruturante do pensamento do final do século XIX e início do século XX, a polêmica, quer como gênero literário, quer como meio de propagação de ideias, quer ainda como modo de auto-affirmação, foi uma prática constante entre a intelectualidade brasileira. No inquérito de João do Rio, O momento literário, vários foram os escritores que se manifestaram acerca da polêmica que, travada na imprensa, configurava-se como estratégia de legitimação e ingresso no campo literário. O objetivo da comunicação é recuperar o depoimento dos entrevistados no sentido de identificar a polêmica como expressão constitutiva da república das letras, no Brasil, assim também a trajetória de polemistas de alguns letrados que responderam ao inquérito.

Palavras-chave: Polêmica; João do Rio; O Momento Literário

16/07 (TARDE)

RAPSODOS DA LETRA E DA VOZ: O "MARCO" POÉTICO DOS REPENTISTAS E CANTADORES NORDESTINOS

Francisco Cláudio Alves Marques

Resumo: A (des)construção verbal de fortalezas, castelos, sítios e lagoas é um expediente poético bastante comum entre poetas de cordel, repentistas e cantadores do Nordeste brasileiro.



Esses territórios poéticos, denominados “marcos”, vão sendo verbalmente demolidos à medida que um cantador lança provocações ao seu rival de modo que, durante o debate, ambos procuram demonstrar sua superioridade na arte de compor em verso. Aquele que consegue desconstruir com maior eficácia o “marco” edificado verbalmente pelo outro, é considerado o vencedor da peleja. Nesta comunicação pretendemos demonstrar que, além de se apresentar como uma oportunidade para que os artistas nordestinos demonstrem suas habilidades na arte de narrar em versos, o “marco” poético também se constitui como um território em que os rivais da voz exibem sua capacidade de cantar “ciência” – conhecimento livresco –, apontando para o fato de que tanto poetas como cantadores recorrem muitas vezes aos textos da cultura erudita para alinhar suas composições.

Palavras-chave: “Marco” poético; repente; literatura de cordel.

OS FINS DA LITERATURA NO BRASIL DO LOOP: DUAS POLÊMICAS

Mario Tommaso Pugliese Filho

Resumo: As chamadas polêmicas literárias têm sido historicamente caracterizadas de modo negativo por parte da crítica brasileira, vistas como degradação das condições polidas nas quais um debate deveria ocorrer, ou, como já propôs Flora Süssekind, “discussão intelectual como espetáculo” (2004). Em fins do século XX, ocorre uma mudança das condições institucionais para as atividades intelectuais que implica uma desestabilização de papéis, conceitos, critérios e valores e também do modo como operam as polêmicas. Como propõe Nicolau Sevcenko, pela metáfora do “loop da montanha russa” (2001), a partir da década de 90, com a aceleração tecnológica ocorrem desigualmente no mundo mudanças nas percepções de tempo, espaço, escalas e ação política que estabelecem uma tensão entre a exigência de novos parâmetros e a paralisia da crítica. Escolho duas polêmicas que podem nos ajudar a compreender essas reconfigurações recentes e a mobilidade de papéis e status dos diferentes agentes no campo literário, até o ponto de crise para o estado em que nos encontramos agora no Brasil. Na primeira, em 1985, em pleno fervor do debate em torno do pós-modernismo, uma discussão, estimulada pelo jornal Folha de São Paulo, trava-se entre o crítico Roberto Schwarz e o poeta Augusto de Campos em torno do poema “pós-tudo”, deste último, delimitando claramente as posições refratárias do acadêmico e do criador discutindo a literatura em termos de suas finalidades, do jornal como arena liberal voltada para um público culto, além de outros comentadores que se posicionam. Flora Süssekind intervém, mostrando-se neutra, para desqualificar a ambos como autoritários; vê na polêmica reflexos de caracteres típicos dos regimes políticos brasileiros (mas como se o apagamento das tensões sociais, também expressas na forma de debates em torno das letras e das artes, não fosse um traço do autoritarismo cordial). Em outra polêmica, já em 2004, Alcir Pecora escreve um texto fictício no qual críticos universitários seus amigos discutem, em um restaurante, o livro Folha explica Literatura brasileira hoje, do jornalista Manuel da C. Pinto. Pecora, o professor, havia ido ao debate de lançamento do livro mas, crendo-se silenciado pelas limitações corporativas do ambiente jornalístico (já uma arena neoliberal para um público progressivamente inculto), utiliza-se de expedientes literários para estudar o que julga serem os equívocos literários, críticos, historiográficos, políticos e éticos do livro, por meio da voz de personagens-críticos. Uma polêmica como essa já não poderia mais ser encarada como ausência de efetivo debate; ela é a intervenção que o reclama. Performando repertório literário e crítico, apresenta-se como tentativa de romper o círculo massivo e hegemônico com que ideias como “globalização”, “crítica sem julgamento”, “empreendedorismo cultural” etc. fizeram-se assimilar insidiosamente como naturais desde a década de 90 na literatura e nas artes, homogeneizando seus “produtos”. A polêmica, assim vista, poderia buscar restituir à literatura um papel na invenção de imagens críticas da sociedade contemporânea. Referências SEVCEKO, N. A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. SÜSSEKIND, F. Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

Palavras-chave: literatura brasileira; crítica literária; pós-modernismo; jornalismo cultural



ENTRE O INTIMISMO ESPIRITUALISTA E O OBJETIVISMO SOCIAL DOS ANOS 1930

Edilson Dias de Moura

Resumo: A década de 1930 foi um dos períodos da história literária em que a polêmica mais florescera, politizando-se agudamente com a criação da Aliança Nacional Libertadora (ANL) em 1935: "ou se era aliancista ou se era integralista" (VIANNA, 1992, p. 116). Conforme Luís Bueno (2006, p. 105), as crises fomentam ali "uma certeza de que não é possível ao intelectual ficar de fora, apenas observando os acontecimentos. Afinal, o mundo ruiu e é preciso construir outro". A peculiaridade, no entanto, dessa postura, aproveitando as conquistas vanguardistas de 22, reside em que a reconstrução, no campo da literatura, conflui à "humanização" da arte, tendo como ponto de convergência fundamentação antropológica. As polêmicas vão do sentido publicitário que Monteiro Lobato atribuíra às teorias rebeldes, "brilham um estante, as mais das vezes com a luz do escândalo" (Apud BRITO., 1997, p. 47-48), assumir um caráter militante. Estava em jogo dar à tragédia "humana" representação literária, de um lado, pela externalidade da relações sociológicas e econômicas, ou, por outro, pela sina ou destino dos indivíduos introspectivamente. Dessa divisão, ainda que confluyente, deriva os embates entre "católicos/intimistas" e "comunistas/socialistas/ateus". Evidentemente, isso não implicava, de fato, uma saída para a literatura. E Graciliano, conforme Hermenegildo Bastos, acaba "situando-se de modo ambíguo como intelectual em uma não posição" (1998, p. 31-32). Contudo, é exatamente com sua prisão em 1936 que a tese da "literatura panfletária desumana" se comprovaria para um dos mais importante romancistas intimistas à época, Octávio de Faria: "calaram-se os pequenos Dom Quixotes do Norte ofendidos e os providenciais canhões do 3º Regimento ensurdeceram" (1937, p. 1-2), referindo-se ao fracasso da Intentona de 1935. A polêmica, porém, não se esgotaria nas instâncias do tribunal da Delegacia de Ordem Política e Social. Graciliano sairia da prisão e responderia ao artigo de Octávio de Faria, "O defunto se levanta", com nada menos que Vidas secas em 1938. A presente comunicação tem como objetivo demonstrar que havia razão tanto dos romancistas do Norte como para os do Sul em seus enfrentamentos no campo da literatura e da arte. Contudo, ambos os projetos fracassam: "esquerda e direita foram chamadas a colaborar com o governo autoritário de Getúlio Vargas, interessado em estabelecer um "pacto nacional" em torno da "redescoberta do país" (SALLA. 2011, p. 26), oficializando o controle estatal da pesquisa em detrimento da liberdade do autor, isto é, da essência democrática a que os embates levariam.

Palavras-chave: Intimismo; Catolicismo; Objetivismo; Sociologismo; Polêmica; Literatura

17/07 (MANHÃ)

1967 E 1997: AS POLÊMICAS EM TORNO DE PESSACH: A TRAVESSIA, DE CARLOS HEITOR CONY

Marina Silva Ruivo

Resumo: Carlos Heitor Cony surgiu na cena literária no final dos anos 1950, publicando o romance O ventre por uma das mais prestigiadas editoras da época, a Civilização Brasileira, e despertando atenção dos críticos e do público-leitor. Todos os seus romances teciam ácidas críticas à sociedade, mas seu enfoque se localizava, sobretudo, no drama individual de seus personagens, de forma diferente do que constituía o clima intelectual predominante. Entretanto, depois de haver se tornado, em suas crônicas no Correio da Manhã, uma das primeiras e principais vozes de resistência e crítica ao golpe de 1964 e à ditadura que se instalava, seria difícil não haver nenhuma alteração em sua trajetória literária. Cony estava imerso no ambiente de tensão e efervescência e acabou se vendo quase perante certo "dever" de abordar literariamente o momento vivido, uma sensação compartilhada por vários escritores e artistas à época. Lançado apenas três anos depois do golpe, Pessach: a travessia aborda de forma nítida a realidade política, figurando algumas das principais questões e dilemas da intelectualidade naqueles anos. Começou a ser escrito ainda em 1965, durante a temporada na prisão passada



com os demais participantes de um protesto na frente do Hotel Glória, no Rio de Janeiro, por ocasião de uma reunião da Organização dos Estados Americanos (OEA) – episódio que ficou conhecido como “Os Oito do Glória” –, enquanto Glauber Rocha traçava o roteiro de Terra em transe e Antonio Callado escrevia Quarup, três obras que falavam do lugar do intelectual depois do golpe, do que se podia ou não fazer para resistir, e se havia como fazê-lo usando de suas próprias armas, as da cultura, ou se era preciso abdicar delas para pegar nas armas de fato, literais. Pessach foi comentado por muitos críticos nas páginas dos jornais, em uma recepção, em geral, bastante positiva. Alguns intelectuais ligados ao Partido Comunista, como Ferreira Gullar e Leandro Konder, porém, olharam de forma diferente para o romance. Afinal, ao contar a história de um escritor que se envolve com um grupo de luta armada contra a ditadura, Cony fez o grupo ser dizimado pela ditadura antes mesmo de conseguir passar à ação, lançando no enredo a suspeita de uma traição interna vinda de militantes envolvidos com o Partido – em uma clara alusão ao PC. Cony, que se proclamava não alinhado à direita nem à esquerda, acabou assim por enveredar, no romance, nas raízes dos muitos rachas originados do PC pelos grupos que passaram a defender a necessidade de luta armada. Ao ser relançado trinta anos depois, Pessach voltou a despertar polêmicas nos jornais, novamente com a participação de Konder e Gullar. A partir das sugestões de Beatriz Kushnir (2000) sobre esse imbróglio, e levantando os diversos textos críticos sobre Pessach publicados nas páginas dos jornais em 1967 e 1997, pretende-se compreender melhor as polêmicas que subjazem à publicação do romance e de que maneira elas ainda se fizeram válidas trinta anos depois, num contexto bastante diferente do de quando saiu a primeira edição do romance.

Palavras-chave: Pessach: a travessia; polêmicas; Carlos Heitor Cony

ENTRE O OLHAR CONDESCENDENTE E A CRÍTICA MORDAZ: A POLÊMICA INTELECTUAL EM TORNO DA AUTORIA FEMININA EM GILKA MACHADO E JUANA DE IBARBOUROU

Suzane Morais da Veiga Silveira

Resumo: Conforme aponta Nelly Novaes Coelho em “O erotismo na literatura feminina no início do século XX” (2009), escritoras de diferentes continentes e variadas culturas emergiram no alvorecer do século novecentista para reivindicar a liberação de uma voz poética feminina que faz emergir dos porões do silêncio do tabu sexual as ansiedades eróticas das mulheres por tanto tempo reprimidas. No contexto da América Latina, selecionamos a poeta carioca Gilka Machado (1893-1980) e a uruguaia Juana de Ibarbouro (1895-1979), cujas obras, ao apresentarem a crítica às imagens estereotipadas das mulheres e o confronto à interdição da sexualidade feminina, provocaram verdadeiro escândalo entre os integrantes de seus meios literários. Em *Cristais Partidos* (1915), Gilka apresenta poemas de alto teor erótico e de contestação do lugar da mulher na sociedade, como em “Sensual” e “Ser Mulher”, dividindo a opinião da intelectualidade carioca da belle époque entre um olhar condescendente e uma crítica mordaz: se por um lado existia uma cirúrgica retórica dos críticos “defensores” em separar a obra, que qualificavam como original, da pessoa da autora que classificavam como “abnegada mãe e esposa”; por outro lado houve o questionamento de sua obra por apresentar uma poesia sentida a partir de um corpo feminino, o que feria os preceitos do parnasianismo então vigente. Um dos debates mais evidentes nesse sentido foi encabeçado pelo crítico gaúcho Leal de Souza, o qual, para tentar desqualificar a escrita giliana, comparou-a a de Francisca Júlia: “Nada, nos másculos versos de Francisca Júlia, denuncia a mulher. Diante de Vênus, é a de um homem a sua atitude” (GOTLIB, 2016). Em sua análise, a poesia “ máscula ” de Francisca Júlia era o exemplo de produção superior das mulheres por não apresentar nenhum vestígio do feminino em seus poemas. Com isso, defende a posição de que a poesia é uma atribuição masculina e quando, raras vezes se manifestavam “espíritos ardentes de escritoras” (Idem), estas deveriam escrever “como se fossem homens” (Idem). Consoante Jacicarla Silva (2009), Juana de Ibarbouro sofre as mesmas dificuldades que Gilka no Uruguai de começos do século XX, quando a crítica via a produção de autoria feminina simplesmente como mera manifestação de



sentimentos. Com a publicação de *Lenguas de diamante*, em 1919, a poesia dionisiaca de Juana explode como uma onda renovadora na literatura até então estagnada entre o romantismo que se esgotara e o decadentismo que expirara. Jacicarla apresenta a polêmica instaurada por um ensaio do intelectual Estuardo Núñez, de 1938, no qual afirma que a poesia feita por mulheres sofria de “falta de cultura”. Em 1956, através de uma conferência, Cecília Meirelles rebate as críticas de Núñez, apresentando traços significativos de grandes escritoras, desde a barroca Sórora Juana Inés de la Cruz até à chilena Gabriela Mistral. Desse modo, objetivamos mapear em que medida as polêmicas intelectuais protagonizadas por Gilka Machado e Juana de Ibarbourou nos ajudam a compreender a recepção da autoria feminina em seus respectivos contextos socio-históricos e os desafios que essas escritoras tiveram que transpor na busca por validação de suas produções entre seus pares.

Palavras-chave: Polêmicas; Escritoras; América Latina; Intelectuais; Poesia.

O EMBATE EM TORNO DO ESTRUTURALISMO: ROBERTO SCHWARZ E SILVIANO SANTIAGO

Ana Karla Carvalho Canarinos

Resumo: Este trabalho pretende abordar a polêmica do estruturalismo entre Roberto Schwarz e Silviano Santiago, cujo debate influenciou de maneira decisiva os seus posicionamentos diante dos movimentos de vanguarda. O estruturalismo ganhou força no Brasil na década de 1970, quando recebeu diversas críticas de Roberto Schwarz em textos como “19 princípios para a crítica literária” e “Nacional por subtração”. Segundo o autor, a adesão ao modelo de crítica estrutural é sintoma da necessidade de atualização e a importação de teorias: “Nos vinte anos em que tenho dado aula de literatura assisti ao trânsito da crítica por impressionismo, historiografia positivista, new criticism americano, estilística, marxismo, fenomenologia, recepção” (SCHWARZ, 1967). Através da noção de ideias fora do lugar, Schwarz discute o descompasso entre a matéria local e as ideias europeias. Na outra ponta do debate, Silviano Santiago, autor de *Glossário de Derrida* (1967) e responsável pela propagação do pensamento pós-estruturalista no Brasil, desenvolve o conceito de entre-lugar, principalmente nos textos “O entre-lugar do discurso latino-americano” (1978), publicado em *Uma literatura nos trópicos* (1978) e “Atração do mundo”, publicado em *O cosmopolitismo do pobre* (2004). Apesar da distância temporal entre os textos, ambos se complementam na definição da ideia de “entre-lugar”, cuja função é analisar a constituição de uma sociedade mestiça brasileira, que põe em suspenso a noção de unidade. Esse debate ressaltou, por um lado, a força da dialética entre forma e processo social, de outro, a defesa do caráter autônomo do texto literário em relação aos fatores socioeconômicos. O embate entre as duas perspectivas tona-se mais evidente na crítica que ambos os autores realizam da antropofagia de Oswald de Andrade e da estética tropicalista. Roberto Schwarz em “Cultura e Política: 1964 a 1969” critica a adesão às vanguardas internacionais sem cunho político, pois segundo o crítico, deliberadamente ou não, o movimento tropicalista fixava e “fazia considerar a experiência da contra-revolução vitoriosa, ou da modernização conservadora, que em vez de dissolver o fundo arcaico do país o reiterava em meio a formas ultra-conservadoras” (SCHWARZ, 2014). Em contrapartida, para Silviano Santiago, a adoção do lugar intermediário pelo crítico descarta “o lugar-comum dos nacionalismos brabos e o lugar-fetice do aristocrata saber europeu”, desconsidera também o rancor da “teoria marxista da dependência, por meio da qual se evidencia o descompasso temporal e a consciência trágica do atraso dos países periféricos em relação à cultura metropolitana” (SANTIAGO, 2001). Silviano Santiago atribui à produção de Oswald de Andrade o reconhecimento da civilização indígena e de mestiço, característica importante para o seu conceito de “entre-lugar”. Sob este aspecto, a partir das polêmicas em torno do estruturalismo materializadas na oposição “ideias fora do lugar” e “entre-lugar”, este trabalho pretende mapear os diferentes posicionamentos diante dos movimentos de vanguarda no Brasil.

Palavras-chave: Roberto Schwarz; Estruturalismo; Silviano Santiago



88 - POSSIBILIDADES DE COOPERAÇÃO ACADÊMICA POR MEIO DA CIRCULAÇÃO E DO TRÂNSITO NA LITERATURA

Coordenação: Prof. Dr. Gerson Roberto Neumann (UFRGS); Prof. Dr. Alexandre Silva dos Santos Filho (UNIFESSPA); Prof. Dr. Márcio Araújo de Melo (UFT-ARAGUAÍNA)

Resumo: A circulação de conhecimento, o trânsito e o intercâmbio de experiências acadêmico-científicas são fundamentais para o alargamento da visão de mundo do ser humano, que naturalmente se desloca de seu lugar para conhecer espaços que lhe possam oferecer condições melhores de vida. O exemplo mais claro desses deslocamentos são as atuais migrações e o movimento para os grandes centros urbanos. Também as viagens de “descobrimento” do século XVI, assim como as viagens científicas dos viajantes do século XIX marcam uma forma de aquisição de conhecimento e de (trans)formação do viajante, pois, conforme Claude Levi Strauss (1955) e Ottmar Ette (2001), todo viajante não é mais o mesmo depois de voltar de sua viagem. O viajante se transforma e também transforma os locais por onde passa. O ser humano está em constante movimento.

Nesse sentido, pretendem-se discutir no simpósio proposto relações e parcerias movidas a partir de trocas literárias no cenário brasileiro, entre regiões, especialmente do sul com a região amazônica, e também as que extrapolam fronteiras tidas como nacionais, passando a uma abordagem des-fronteirizada, pensando em comarcas, áreas, regiões (Pizzarro, 2005; Rama, 2007). Assim, podem ser propostas diversas questões, como: o que é e a partir de onde se é estrangeiro? A arte e a literatura pertencem a uma região, a uma nação? A quem pertencem ou podem pertencer? Como podemos definir pertencimento? Cada movimento prevê novas articulações em diferentes níveis continuamente (viajantes como Alexander von Humboldt, Arsène Isabelle, Auguste de Saint-Hilaire, Carl Friedrich Philipp von Martius, para citar apenas alguns ilustres, tiveram os mais diferentes contatos com o local visitado).

A possibilidade de abrir espaço para discutir cooperações acadêmicas tem como objetivo central reunir projetos de pesquisa que se alinham, sob uma perspectiva transdisciplinar e a partir de movimentos transareais (Ette), para a compreensão de processos complexos e diversos que envolvem questões de natureza contextual, olhares e sentidos produzidos sobre regiões aparentemente – e muitas vezes tidas como – homogêneas, como a Amazônia, o Pampa, o Pantanal, os Andes, articulando saberes que se integram na interface de estudos das Literaturas, das Artes e da Formação de pesquisadores e estudiosos. A análise de diferentes práticas de linguagens (produção linguística, literária e artística) e de práticas de formação, mobilizando pressupostos teórico-metodológicos advindos dessas diferentes áreas de interesse, se entrecruzam sob um viés transdisciplinar.

O desafio de investigar sentidos produzidos sobre as diferenças no domínio cultural, linguístico, literário e artístico deve ser enfrentado sob a perspectiva intercultural (MAHER, 2007) que deve estar presente em todos os interesses de pesquisa nos diferentes campos do conhecimento. Os estudos literários e artísticos mobilizam a análise da configuração em regiões em construções discursivas diversas – literatura, relatos autobiográficos, crônicas de viagens, narrativas orais e escritas, narrativas míticas, produções poéticas contemporâneas, artes visuais, de modo a compreender o repertório produzido nas mais diversas regiões, numa perspectiva intercultural e transtemporal.

A literatura, como expressão mais íntima de um grupo, de um povo, de um ser, traz em si um emaranhado de relações complexas, deve ser sempre objeto de abordagem para que possa entender (*Erkenntnis*), ou pelo menos se possa ter uma aproximação a essa intimidade, para que possa existir uma con-vivência, uma troca. Em torno da literatura há movimento, há vida que não para. A literatura é o movimento, levando consigo ou sendo parte carregada na fluidez do movimento do tempo. Conforme Ette, no texto “Pensar o futuro: a poética do movimento nos Estudos de Transarea”, a



literatura é [...] um saber em movimento, cuja estrutura multilógica possui significativa importância para a sobrevivência do mundo do século XXI e o desafio de garantir a convivência na paz e na diferença. Também o jogo da literatura permite a continuidade de um pensar simultâneo em múltiplos contextos e lógicas culturais, sociais, políticas e psicológicas. (ETTE, 2016, 195-196)

A partir da presente proposta de ST para o Congresso da ABRALIC, pretende-se oportunizar a discussão das relações e das trocas de conhecimento entre indivíduos que têm interesses em comum e que buscam, nessa aproximação, reforçar e estabelecer um vínculo transareal e interdisciplinar.

Referências:

- Ette, Ottmar. Pensar o futuro: a poética do movimento nos Estudos. *ALEA*, Rio de Janeiro. vol. 18/2, mai-ago. 2016b, p. 192-209.
- Ette, Ottmar. *Literatur in Bewegung. Raum und Dynamik grenzüberschreitenden Schreibens in Europa und Amerika*. Göttingen: Verbrück Wissenschaft, 2001.
- Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Tropiques*, Plon, Paris, 1955.
- Mahler, Terezinha. Machado. A Educação do entorno para a interculturalidade e o plurilinguismo. In: Kleiman, A.; Cavalcanti, M. (Orgs.). *Linguística aplicada – suas faces e interfaces*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007, p. 255-270.
- Pizzarro, Ana. Imaginario y discurso: la Amazonia. In: Jobin, José Luís et.al. (org.) *Sentidos dos lugares*. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2005.
- Rancière, Jacques. *A Partilha do Sensível, Estética e Política*. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- Rama, Angel. *Transculturación narrativa en América Latina*. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2007.
- Rama, Angel. *La Ciudad Letrada*. Santiago: Tajarar Editores, 2005.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

DE DOIS CANTOS ACREANOS A TURISTA APRENDIZ: O NÃO SABER E O NÃO CABER DO MODERNISMO EM MARIO DE ANDRADE

Rita Lenira de Freitas Bittencourt

Resumo: O teórico francês Roland Barthes em sua Aula (Leçon), ministrada, em 1977, no College de France, e publicada no Brasil alguns anos depois, menciona uma idade do professor ou do teórico em que "se ensina o que não se sabe: isso se chama pesquisar". De algum modo, nos textos modernistas do escritor paulista Mario de Andrade, a ideia de inacabamento e do desaprender, também caras a Barthes, se manifestam tanto na distância confessa em relação aos trabalhadores do Acre, nos poemas "Descobrimento" e "Acalanto do seringueiro", quanto na deliberada dramatização do olhar, praticada em imagens e textos de seu diário em *O turista aprendiz*. São dois momentos em que é possível flagrar a preocupação pedagógica de apreender o Outro e de aprender com o Outro, sem, entretanto, desfazer os mistérios e as distâncias. Esta comunicação se ocupa das ambivalências e dos indecíveis do escritor e do modernismo brasileiro nas figurações do espaço nacional.

Palavras-chave: Amazônia; modernismo; Mario de Andrade; poesia; diário

A IMPORTÂNCIA DAS OBRAS DE VIAJANTES PARA O TRÂNSITO DE EXPERIÊNCIAS EM UM CONTEXTO TRANSAREAL

Gerson Roberto Neumann



Resumo: É preciso sair para conhecer o que está além do alcance da visão. O viajante sempre tem algo para contar. São muitos os relatos de viagem e muitas também são as viagens de estudiosos não somente da literatura, mas de diversas áreas do conhecimento para “conhecer” o mundo a partir da con-frontação com aquilo que lhe estranho. “A circulação de conhecimento, o trânsito e o intercâmbio de experiências acadêmico-científicas são fundamentais para o alargamento da visão de mundo do ser humano, que naturalmente se desloca de seu lugar para conhecer espaços que lhe possam oferecer condições melhores de vida” (vide resumo da proposta do ST). O ser humano tem como característica deslocar-se seja no intuito de buscar novos espaços, conhecimentos, contatos, seja em virtude de migrações em massa e muitas vezes para destinos bem distantes em função de necessidades. As viagens de “descobrimento” do século XVI, assim como as viagens científicas dos viajantes do século XIX marcam uma forma de aquisição de conhecimento e de (trans)formação do viajante, pois, conforme Claude Levi Strauss (1955) e Ottmar Ette (2001), todo viajante não é mais o mesmo depois de voltar de sua viagem. O viajante se transforma e também transforma os locais por onde passa. O ser humano está em constante movimento. Viajantes como Alexander von Humboldt, Arsène Isabelle, Auguste de Saint-Hilaire, Carl Friedrich Philipp von Martius, Friedrich Gerstäcker para citar apenas alguns ilustres, ou então escritores-viajantes que relizaram grandes des-locamentos e desses criaram grandes relatos literários, como “O turista aprendiz”, de Mário de Andrade, o “Cobra Norato”, de Raul Bopp, entre tantos outros que se deslocam dentro do Brasil, serão objeto de análise nesse momento. A possibilidade que a viagem permite, de abrir espaço para ver a si mesmo a partir da observação do outro, oportuniza ao leitor da produção do viajante a análise de diferentes práticas de linguagens (produção linguística, literária e artística) e de práticas de formação, mobilizando pressupostos teórico-metodológicos advindos dessas diferentes áreas de interesse, se entrecruzam sob um viés transdisciplinar. A expressão mais íntima de um grupo, de um povo, de um ser, traz em si um emaranhado de relações complexas, deve ser sempre objeto de abordagem para que possa entender, ou pelo menos se possa ter uma aproximação a essa intimidade, para que possa existir uma con-vivência, uma troca entre os pares. Em torno da e na literatura há movimento, há vida que não para. A literatura como movimento, levando consigo ou sendo parte carregada na fluidez do movimento do tempo.

Palavras-chave: literatura de viagem; transareal; deslocamento; trânsito

PELAS ÁGUAS DO RIO AMAZONAS: MOVIMENTANDO OS SABERES CULTURAIS E LITERÁRIOS

Fidelainy Sousa Silva

Resumo: Resumo: A literatura de viagem movimenta saberes para além dos espaços geográficos e conceituais. A rica complexidade das vivências culturais amazônicas e o espaço teórico literário amplia as possibilidades para o saber acadêmico e, nesse sentido, colabora para uma nova epistême. A escrita, o movimento e a passagem são pressupostos centrados no ir e vir do fluir do rio, no sentido de que o ato mergulhar, segundo Claudio Magris (2008) “alcança uma mais alta consonância com a vida – com o fluir do presente no passado – graças à sua total marginalização, que o apaga da sociedade, da dialética da história e do progresso” (MAGRIS, 2008, p.166). No entanto, mesmo que o foco principal para esta pesquisa seja o próprio movimento cultural e literário pelas águas do rio Amazonas, ainda assim, não se trata de simplificar o rio, na intenção de percebê-lo apenas como identidade. Ou seja, é preciso fugir da obviedade e demonstrar o aspecto inter-relacional entre a Amazônia como identidade única. A imagem amazônica que atravessa fronteiras contribui para a percepção sobre a América Latina como lugar de resistência e de trocas simbólicas com a Europa e com outros continentes. Para o teórico Ottmar Ette (2009) o exercício teórico a ser feito precisa trabalhar dentro da teoria pós-colonial, tal como a afirmação da aparição da América e desaparecimento da Europa. Desse modo, esses questionamentos são capazes de situar o campo literário e o campo cultural como espaços de câmbios em que “Si la literatura y la ciencia, por tanto, están infaliblemente vinculadas al espacio y su superación, entonces parece oportuno buscar el acceso a las dos a



través de un género abierto a ambos dominios del saber” (ETTE, 2009, p.23). Nesse sentido, a literatura de viagem funciona como gênero impulsionador das questões entre a limiaridade subjetiva de quem narra e da identidade cultural revelada. Assim, a literatura é receptora dos fluxos de mudanças, mas também é influenciadora de elementos para tais mudanças, pois “tanto la comunicación literaria como la científica viven de la superación, y a veces también de las in duda siempre problemática desatención del espacio”. (ETTE, 2009, p.23). A pesquisa, nesta relação mútua dos campos de conhecimento, além de alargar os estudos literários, identifica também o ficcional se interpelando com o real. O movimento entre mundos culturais e mundos literários concentra a força das águas como um discurso forte e capaz de intercalar os mitos sobre a boiuna, o boto e a cobra d’água com o discurso científico acadêmico. Assim, pautamos um saber acadêmico entre o mundo submerso e a razão científica.

Palavras-chave: Palavras-chave: mundo submerso; saber científico; espaço cultural.

17/07 (MANHÃ)

A EXOFONIA E O PAPEL DA ESCRITA TRANSLINGÜÍSTICA NA RENOVAÇÃO DA LITERATURA ALEMÃ

Marianna Ilgenfritz Daudt

Resumo: O presente trabalho parte dos estudos de Ottmar Ette (2001; 2005; 2007) sobre a escrita translíngüística no contexto alemão e se utiliza de exemplos e reflexões da escritora Yoko Tawada (1998; 2002; 2003) para destacar o potencial de renovação e de enriquecimento que os escritores exofônicos representam para a literatura alemã. O termo "exofonia" descreve o fenômeno no qual um escritor adota uma linguagem literária diferente da sua língua materna, complementando-a ou a substituindo totalmente como veículo de expressão literária. A segunda língua é tipicamente adotada na fase adulta; escritores exofônicos não são bilíngües no sentido de terem se criado falando as duas línguas e, de fato, não necessariamente possuem a fluência associada ao termo "bilingüismo" (WRIGHT, 2013). Yoko Tawada é uma escritora nascida e criada no Japão que, quando adulta, passou a viver na Alemanha, onde mora até hoje. É autora de uma ampla gama de romances, contos, poesias e ensaios teóricos, escritos tanto em japonês como em alemão, produção que vem sendo reconhecida e premiada em muitos países. Tawada se define como escritora tipicamente exofônica, e costuma situar-se a si e a sua escrita em um espaço que fica entre a língua e o ser, e onde toda familiaridade seria dada justamente pela falta de obrigação de se estabelecer uma identidade ou língua fixa. Na coletânea de ensaios *Ekusophonii: bogo no soto e deru tabi* (2003) [exofonia – uma viagem para fora da língua materna], a autora salienta que não pertence a nenhuma nacionalidade, pois vive em um entre-lugar, o espaço que se forma entre as línguas. Em consonância com tal ponto de vista, o romanista alemão Ottmar Ette discute o conceito de uma literatura que não tem lugar definido, uma literatura na qual a única afiliação de um escritor seria a de sua própria língua, independentemente se ele opta por seguir os sons ou o movimento da sua língua materna ou da adotada. Esta seria uma diminuição, ou mesmo uma total supressão, da diferença entre a língua materna e a estrangeira, um fenômeno capaz de conferir fluência e criatividade únicas em uma literatura. Deste modo, ao longo deste trabalho serão discutidos os conceitos e reflexões dos autores citados acerca de uma literatura imbuída de elementos linguísticos e culturais diversos, uma literatura que propõe a existência espaço entre-linguístico como pátria e que trata da integração fundamental entre a subjetividade humana e os elementos culturais dos quais a língua se revela como vetor essencial, elementos que não podem ser limitados, medidos ou controlados por fronteiras.

Palavras-chave: Literatura alemã; Literatura transnacional; Exofonia; Ottmar Ette; Yoko Tawada.

AS POÉTICAS EM MOVIMENTO DE GRJASNOWA E VARATHARAJAH: AS POSSIBILIDADES DA NOVA WELTLITERATUR NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA EM LÍNGUA ALEMÃ

Monique Cunha de Araújo

Resumo: Em 2016, o jovem escritor Senthuran Varatharajah publica seu primeiro romance. *Vor der Zunahme der Zeichen* [Antes do aumento dos sinais] permeia as histórias de dois ex-refugiados que se encontram por acaso no Facebook e dividem entre eles as dúvidas e as angústias dessa antiga condição. A escrita reflexiva, esparsa e fugidia mescla-se ao enredo, lembrando a movimentação migratória mundial. Olga Grjasnowa publica em 2017 *Gott ist nicht schüchtern* (2017) [Deus não é tímido], cuja narrativa prioriza a dureza da guerra da Síria, onde paulatinamente a vida dos personagens centrais muda de maneira drástica, ocasionando a fuga. Essas narrativas evidenciam a dissolução do conceito de nacional e ampliam a ideia de globalidade e abrangência dos romances. Nesse sentido, a ideia goethiana de *Weltliteratur*. O termo representa uma grande marca na história da Literatura, sobretudo na Literatura Comparada. Desde os anos 1960, porém, o conceito goethiano tem sido criticado, pois representa uma versão elitista da literatura, em que não se pode dissociar de um viés pensado a partir de uma literatura nacional. Em inícios dos anos 2000, Damosch (2003) e Moretti (2000) discutiram em diferentes estudos o *Weltliteratur* sob o aspecto de uma literatura mundial, de um cosmopolitismo. De maneiras distintas, os dois textos, *What is World Literature* e *Conjectures on World Literature*, respectivamente, evidenciam o processo de circulação da literatura mundial. Entretanto, em um nível epistemológico, os dois recaem sobre uma dicotomia e transferência de culturas em duas direções: alvo e origem. Ette (2004), a partir da análise e crítica da filologia da literatura mundial de Auerbach, formula cinco teses sobre a consciência mundial e as literaturas do mundo, nos quais evoca, entre outros, a chamada literatura sem morada fixa, termo que daria conta de uma concepção não-europeia e não-dicotômica de uma literatura mundial. Em *Global playing in der Literatur* (2007), de Elke Strum-Trigonakis, os possíveis parâmetros para uma nova literatura universal (mundial), menciona que as formas literárias ditas “híbridas”, “marginais” e “regionais” de migrantes que, para ela, consideradas anárquicas em forma, conteúdo e estrutura, têm muito em comum e podem ser consideradas como uma nova ordem mundial: a nova literatura mundial (*die neue Weltliteratur*). Segundo ela, essa literatura pode ser distinguida das literaturas nacionais, das literaturas pós-coloniais, da literatura das migrações e pode ser diferente da literatura da globalização. As narrativas de Grjasnowa e Varatharajah, fugidias e destoadas de uma ideia de nação, representam, entre outras, nessa visão, um pairar sob o mundo.

Palavras-chave: Grjasnowa; Varatharajah; *Weltliteratur*; transareal

A MEDIDA DO MUNDO, DE DANIEL KEHLMANN: UMA VIAGEM ATRAVÉS DA CIÊNCIA

Carla Luciane Klos Schöninger

Resumo: O livro: “A medida do mundo”, do escritor alemão Daniel Kehlmann foi publicado em 2005, na Alemanha e em 2007 teve sua tradução para a língua portuguesa. O romance narra sobre as vidas e descobertas científicas de dois importantes cientistas do século XIX: Humboldt e Gauss. Na produção literária há um híbrido de ficção e realidade, em que eventos históricos servem de pano de fundo. Os capítulos: 1. A viagem; 2. O mar; 3. O professor; 4. A caverna; 5. Os números; 6. O rio; 7. Os astros; 8. A montanha; 9. O jardim; 10. A capital; 11. O filho; 12. O pai; 13. O éter; 14. Os espíritos; 15. A estepe; 16. As árvores, enfatizam as relações entre as pessoas e com/ na natureza durante processos de pesquisa, estudo e descobertas nas ciências, bem como na transitoriedade de áreas de conhecimento e entre diferentes lugares e paisagens. O saber sobre a vida aborda novos horizontes, assim há que se elevar as relações transdisciplinares provenientes dos “Estudos Literários, das Ciências Sociais, Naturais e da Cultura com a memória sempre dinâmica das literaturas do mundo” (ETTE, 2016, p.22). O teórico destaca ainda que “a racionalidade é plural”, e a investigação sobre a vida abrange diversas lógicas- “O



desenvolvimento de novas formas de cooperação inter- e transdisciplinar é um imperativo urgente para a aquisição de novo saber sobre a vida” (ETTE, 2015, p.20). Ette sublinha o pensamento de Alexander von Humboldt, que considerava o homem não como separado da natureza, via a natureza “como um todo movido e animado por forças internas” (Humboldt apud ETTE, 2015, p. 32). Sua pesquisa fundamentava-se em um movimento entre as diferentes disciplinas. O presente texto visa analisar as viagens de Humboldt e as relações transdisciplinares existentes em suas diferentes pesquisas, mostrando o quanto a ficção e a ciência estão interconectadas no que se refere aos saberes sobre e para a vida.

Palavras-chave: A medida do mundo. Transárea. Viagens. Ciências.

DESMEDIDA DO SERTÃO

Márcio Araújo de Melo

Resumo: Esse artigo pretende discutir o romance “Desmedida” do escritor luso-angolano Ruy Duarte de Carvalho, a partir do olhar que compreende a reinvenção do interior brasileiro. Por essa perspectiva se privilegia uma discussão que percebe as narrativas de João Guimarães Rosa, “Grande sertão: veredas” e “Corpo de Baile”. Em seu romance, Ruy Duarte de Carvalho apresenta um olhar para o processo de modernização do sertão mineiro, seus avanços e retornos. Como um “aventureiro” do século 18, ele faz uma viagem de “exploração de palavras” as margens dos rios brasileiros, sobretudo do São Francisco, apresentando para além do aspecto espaço físico, a violência destruidora do processo civilizatório e modernizador. Também como narrador dessa viagem, ele simula a tradição de viagens ao interior do Brasil, que inclui não só ao sertão mineiro e goiano, mas também as regiões do norte e nordeste. Ademais, num gesto que esboça estilização do outro, a narrativa de Duarte de Carvalho mimetiza, em vários momentos, o narrar de João Guimarães Rosa, construindo um “narrador-autor” que se revela como leitor dos textos do escritor mineiro. Há uma experiência de reprodução de um gesto consagrado pela literatura: o intelectual que lê a aventura da escrita do outro, para depois viver “in loco” e, num gesto final, experimentar essa escrita. A leitura que vai se fazendo escrita. São vários os movimentos de entrada e descoberta do interior brasileiro ao longo de sua história. Desde os primeiros cronistas europeus, a partir do século 16, passando pelo 20 – que tem no antropólogo Claude Lévi-Strauss uma das figuras mais importantes –, bem como nas várias obras literárias que, de uma forma ou de outra, recompõe esse interior. Por esse modo de olhar, pode-se dizer que Ruy Duarte se coloca como narrador que inverte Riobaldo, mas não Guimarães Rosa e os vários viajantes estrangeiros. Se o narrador de “Grande sertão: veredas” convida o narratário – desconhecedor do sertão a entrar na sua memória fotográfica de pactário, a matéria vertente –, o narrador de “Desmedida” se apresenta como um desconhecedor desse sertão, convidando seu leitor a entrar em uma paisagem que ele não conhece. Ou melhor: um conhecedor que percebe o interior brasileiro primeiro pelo escrito do outro e depois pela sua experimentação, de maneira que propõe – ao construir esses processos de conhecimentos – anunciar também ele o seu descobrir dessas paisagens. Pelo ato da leitura e do reconhecimento empírico, Duarte procura trazer o olhar do intelectual “perdido” na leitura de outros intelectuais, num processo de reduplicação de representações do Brasil. Há uma leitura que passa pelo empírico, para depois produzir o texto literário.

Palavras-chave: Viagem; Circulação; Trânsito, Guimarães Rosa; Ruy Duarte de Carvalho

89 - PÓS-COLONIALISMO, RESISTÊNCIA E RELIGIOSIDADE NAS LITERATURAS AFRICANAS

Coordenação: Prof. Dr. Silvio Ruiz Paradiso (UFRB); Prof. Dr. Dejair Dionísio (UFGD)

Resumo: A religião e a religiosidade se tornam importantes dentro do espaço colonial, justamente e por serem elementos presentes na mentalidade e discurso tanto do colonizador como na do colonizado. O tema é indissolúvel ao processo de colonização, uma vez que ambos os grupos



antagônicos se serviram do fenômeno religioso para justificar a política colonial (colonizadores, missionários cristãos), ou resistir ao processo, revidando a opressão e desconstruindo discursos, engendrando o processo de descolonização (colonizado, curandeiros, pajés).

Dentro do mundo colonial (ou pós-colonial), o fato é que antes do processo de invasão, muitos povos colonizados possuíam seu conjunto de crenças, mitos e rituais, a fim de adorar seu passado e todos que nele habitam (antepassados, heróis, divindades teogênicas, etc.). Nisso, a crença passa a ser a resposta para o não explicável, fonte de benção, de terra fértil, contra epidemias, ou seja, consolo e resignação. A religião/religiosidade passa a ser reflexo desse grupo agora “periférico”, “outremizado”, “invadido”, uma fundamentação de consolo e legitimação que, por dar força em suportar as mazelas da colonização, faz dela (a religião e suas práticas) um recurso social para dela fazerem sua fortaleza: “Nascemos fracos e indefesos [...] o fiel que entrou em contato com o seu deus [...] se tornou mais forte. Ele sente dentro de si, mais força, seja para suportar os sofrimentos da existência, seja para vencê-los”

(Alves, 1989:64). Da mesma forma, com o grupo invasor, que verá na Religião, pressupostos para o domínio, supremacia e conquista de outros povos.

A crença não é um fenômeno isolado, desenvolve-se em um contexto plural, social, econômico e cultural. Fé, crença e religião são da natureza humana, seja do vencedor ou do vencido, do invasor ou do invadido, pois como observa Rubens Alves (Loiola, 2011:162) “quando se esgotam os recursos da técnica”, florescem sempre um representante do sagrado: o padre, o feiticeiro [...]” – e como tais personagens floresceram no confronto colonial! Analisar a prática religiosa africana (tradicional ou não), bem como a cristã, em uma literatura altamente política revela a verdadeira função das literaturas pós-coloniais. Mia Couto, Chinua Achebe, Wole Soyinka, Boaventura Cardoso, Pepetela, Ben Okri, Ahmadou Kourouma, Paulina Chiziane, Odete Semedo, entre outros autores africanos veem nas práticas religiosas tradicionais de África, metáforas, símbolos e analogias altamente positivas para a construção literária, cujo intuito é, além de despertar emoções através da poética, trazer reflexões, denúncias e espaço para a reconstrução histórica e para a voz de etnias silenciadas. Esses autores africanos, de produções literárias qualitativa e quantitativamente significativas, se encontram em um projeto estético próprio dos estudos pós-coloniais, baseado em conceitos de resistência, revide, contra argumentação, subversão, ou seja, elementos que visam o discurso enquanto poder, como revela Foucault em *Microfísica do poder* (1979). Essas produções africanas, em especial, têm a capacidade de produzir esse discurso literário politizado, na relação entre colonizador e colonizado). As literaturas africanas abordam a problemática colonial e pós-colonial análoga a elementos e fenômenos religiosos. O fato particular das literaturas africanas em relação aos aspectos religiosos de suas obras está em sua literariedade clamar uma *africanidade* e de acordo com Salvato Trigo (1981) um texto literário africano “tem sua africanidade latente, quando procura a inspiração no *tradicionalismo religioso*, isto é, no *animismo*” (p.147. Grifo meu). Em *The post colonial studies: key concepts Second edition* (2007:188), Ashcroft et al., revelam a necessidade de se começar a atrelar os estudos da religião junto com os estudos pós-coloniais, visto que os escopos religiosos e políticos estão atrelados no âmbito colonial, e problematizam: “Religion could therefore act either as a means of hegemonic control or could be employed by the colonized as a means of resistance”. Mas não são apenas os teóricos que entendem o valor dos estudos da religião ao estudo literário e pós-colonial. Muitos autores africanos, como Chinua Achebe, Pepetela e Mia Couto, por exemplo, acreditam que escrever sobre África e colonização sem dar a devida importância à religião, não é escrever sobre África e sobre o colonialismo. Desta forma, este simpósio quer discutir, questionar e problematizar as manifestações da religião e das religiosidades nas literaturas africanas pós-coloniais (anglófonas ou lusófonas) tanto no âmbito do colonizador como do colonizado, através de uma estética própria, que apresente as ambivalências, lutas simbólicas e o pensamento político do mundo [pós] colonial.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

DE PÉ SOBRE OS ESCOMBROS - JOSÉ CRAVEIRINHA E O MUNDO COLONIAL EM XIGUBO

Marcelo França Marques Cândido

Resumo: Esta comunicação se dedica à análise de "Xigubo", obra inaugural do poeta José Craveirinha, sob a premissa de Alfredo Bosi sobre a poesia-resistência: "A resistência possui muitas faces". Numa Moçambique desmoronada pelo imperialismo português, o poeta volta ao cenário da destruição para dar vida aos escombros. Seu gesto é o de fazer existir o que, a princípio, tentou ser recalçado pela barbárie, embora ela mesma tenha se revelado neste processo.

Palavras-chave: Xigubo; José Craveirinha; literatura-resistência; imperialismo; poeta

O IMAGINÁRIO E O SINGULAR NA LITERATURA ANGOLANA, O CASO DO CONTO DE JOFRE ROCHA

Dejair Dionísio

Resumo: "Na oralidade africana, contar, o singular é parte intrínseca da vida", conforme Fragata Moraes pontua n"O fantástico na prosa angolana", coletânea que reúne parte das obras consideradas como fantásticas, insolitas, estranhas ou maravilhosas naquele fazer literário. Publicada em 2010 na cidade de Luanda pela editora Mayombe, considerará que será nas noites de lua cheia, no oralizar dos conhecimentos, que muito do que se lê na publicação citada e que se faz como arranjo escrevivencial, no sentido de apresentar aspectos culturais e funcionais naquelas comunidades, observamos e constatamos o que Óscar Ribas, nascido em 1909 diria que "os contos ordinariamente reflectem aspectos da vida real. Neles figuram as mais variadas personagens: homens, animais, monstros, divindades, almas. Se por vees, a acção decore entre elementos da mesma espécie, utras no entanto desenrolam-se misteriosamente, numa participação de seres diferentes." Assim, observar o conto "De como Nga Palassa Diá Mbaxi, kitandeira do Xá-Mavu e devote conhecida desde Santa'Ana até à senhora da Muxima, renegou todos seus santos e orações" de Jofre Rocha, escritor pouco difundido nos cursos de Literaturas Africanas em Língua Portuguesa, quando se trata da literatura produzida em Angola, nos levará a compreender esse fazer do fantástico, do insólito ou do maravilhoso. É no culto e orações, no medo da personagem que leva o mesmo nome do conto, que esse observar se dará, afim de compreendermos como a literatura angolana, imprime na escrita, muitos dos dizeres e fazeres oralizados. Assim, é importante contextualizar o que Jacques Chevrier criticou sobre o que se faz em África, considerando que "foi uma reserva de exotismo onde os autores de sucesso vinham buscar sem vergonha o pitoresco e a cor local reclamados pelo público europeu ávido de sensações." Consideramos há tempos ultrapassado esse pensamento, como se pode comprovar o interesse que desperta o estudo das literaturas africanas e os fazeres que a cercam, bem como o que suas publicações evidenciam. Tornaram-se notáveis muitos textos que apresentaram o fruir religioso e a resistência difundidas em suas linhas. Jofre Rocha, escritor que aqui cotejamos, demonstra em vários momentos de suas obras, a preocupação em textualizar o que se observa na coletânea "Estórias do Musseque," um conjunto de contos que retratam a vida do povo angolano, de onde retiramos o texto que, nesta comunicação, pretendemos apresentar, como um manifesto dessa literatura que insiste e persiste em resistir, dentro das suas características africanas, em versalizar os costumes daquelas localidades, que aqui apresentamos dentro do contexto da religiosidade que o cerca.

Palavras-chave: Religiosidade; Literatura angolana; Oralidade.

ASPECTOS RELIGIOSOS E POLÍTICOS EM A REVOLTA DA CASA DOS ÍDOLOS (1980), DE PEPETELA: TEORIZANDO O PENSAMENTO ANIMISTA



Silvio Ruiz Paradiso

Resumo: No campo literário, as compreensões e estratégias de representação e técnicas narrativas nas literaturas africanas na perspectiva pós-colonial, apontam que estas são efeitos comprovadamente superestruturais de uma concepção animista da realidade e do mundo. A fim de elaborar uma reflexão frente aos conceitos deslocados e que não dão conta da realidade africana como Maravilhoso, Mágico e Fantástico, este projeto visa a partir do pensamento crítico dos angolanos Pepetela e Henrique Abranches, e principalmente, do trabalho do sul-africano Harry Garuba, discutir e teorizar o conceito de "Realismo Animista" como um valor estético literário, a partir da religiosidade africana - fetichista e anímica. O projeto de pesquisa é dividido em quatro fases, sendo esta a primeira. Para tanto, será analisado o texto *Revolta da Casa dos Ídolos*, de Pepetela, a partir da temática religiosa e, por conseguinte, pensamento animista, um fenômeno contínuo da produção africana.

Palavras-chave: Literatura Africana; Animismo; Pós-colonialismo; Religiosidade

90 - PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA NAS PESQUISAS DO PROFLETRAS

Coordenação: Dra. Rosiane Maria Soares da Silva Xypas (UFPE); Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva (UFT)

Resumo: O ProfLetras (Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional) assume como desafio desenvolver pesquisas que apontem para novas práticas de ensino-aprendizagem na educação básica, dentre as quais se situam as que envolvem a formação de leitores de literatura. Contrariamente a um ensino tradicional de literatura que prioriza aspectos apenas formalistas e estruturalistas nos estudos literários e diante do interesse cada vez maior de jovens leitores sobre outras textualidades, como ainda a atenção crescente da escola por abordagens do texto literário que limitam a leitura à apreensão da estrutura dos gêneros (SILVA e MELO, 2018), as pesquisas desenvolvidas o âmbito do Programa se multiplicam em diferentes abordagens e perspectivas teórico-práticas que têm em vista modos distintos de ler e se apropriar da literatura nos (des)limites da escolarização. Em comum, podemos identificar nos trabalhos analisados a rejeição ao estudo tradicional traduzido na leitura para assimilar a caracterização das obras nos respectivos períodos literários, o emprego do texto literário para interesses de natureza puramente gramatical ou abordagens que privilegiem uma análise essencialmente estrutural dos textos. Ultrapassados os limites das práticas ainda persistentes na escola, uma questão emerge: com efeito, o que efetivamente tem se apresentado como alternativas que visem efetivamente a garantir a competência leitora e o gosto pelo literário? Pela própria orientação das diretrizes do programa, os trabalhos produzidos no ProfLetras devem ser de natureza interventiva, tomando como objeto de investigação e ação aulas em escolas públicas dos anos finais do ensino médio, nas quais o pesquisador é também o docente da disciplina de Língua Portuguesa, sendo a literatura um de seus conteúdos. Em princípio inserindo-se sob a dimensão interdisciplinar, esse conteúdo pode mostrar-se disperso, tratado assystematicamente ou mesmo ausente nas práticas de leitura na escola. Tendo em vista a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018), podemos atestar que orientações oficiais são dadas para o tratamento da literatura no ensino fundamental. Embora esteja presente no referido documento, fica evidente o interesse maior atribuído aos textos midiáticos ou ainda a tradução dos textos literários em diferentes mídias, favorecendo a perspectiva de um leitor que se faz autor, não apenas por uma filiação de natureza discursivo-enunciativa, mas principalmente por uma orientação de ordem mais pragmática ou que vise a envolver os jovens leitores em práticas mais afins ao seu pretensão universo de interesse. Vale ressaltar ainda que a leitura na BNCC (BRASIL, 2018), no tocante ao ensino fundamental, compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para fruição estética de textos e obras literárias. Particularmente, compreendemos a leitura literária como campo de investigação de processos interpretativos do sujeito-leitor lendo aliando-as às práticas



avaliativas. Nesse cenário, o que propõem as pesquisas do ProfLetras? Este simpósio propõe reunir trabalhos desenvolvidos por docentes pesquisadores desse programa para compartilharem suas experiências, tornando possível delinear as contribuições que vêm produzindo para a Educação Básica. Que caminhos o docente pesquisador têm desenvolvido no que diz respeito à formação de leitores literários no ensino fundamental? Que orientações teóricas vêm subsidiando essas produções? Quais são os aspectos convergentes e divergentes que marcam a produção de 42 universidades que representam o total de 49 unidades do ProfLetras distribuídas pelas 5 regiões do país no que diz respeito aos resultados desse grande esforço nacional? Convidamos, assim, esses pesquisadores para este simpósio que visa constituir-se como um grande encontro para diálogos, momentos de reflexão conjunta, trocas de experiências, buscando adensar a dimensão crítica e reflexiva que deve orientar as práticas de ensino e de pesquisa que envolvem o ensino de literatura, a formação de leitores na escola e o letramento literário. Partimos do pressuposto de que o campo aplicado produz sua própria teorização, a rever, refazer, reatualizar a dimensão teórica. Em outras palavras, esse campo pode permitir, além de uma reflexão sobre as práticas, uma ponte mais que essencial sobre teorias, pondo-as à prova para fortalecer a prática pela teoria e ampliar a teoria graças à prática. No caso das pesquisas sobre a literatura na escola, a discussão demanda avanços, enfrentando ainda o ranço de que pesquisar o ensino se trata de um problema menor para os estudos da área. Para o ProfLetras, restam a urgência e o compromisso com a escola.

Palavras-chave: leitura literária; educação básica; prática docente; ProfLetras.

Referências:

- COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. A formação do professor de literatura: uma reflexão interessada. In: PINHEIRO, A. S.; RAMOS, F. B. (Orgs). *Literatura e formação continuada de professores: desafios da prática educativa*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013. p. 11-26.
- _____. *Círculos de leitura e letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2014. 189p.
- FIORIN, J. L. Objeto artístico e experiência estética. In: LANDOWSKI, Eric; DORRA, Raúl; OLIVEIRA, Ana Cláudia (Orgs.). *Semiótica, estesis, estética*. São Paulo/Puebla: EDUC/UAP, 1999, p. 101 – 118.
- FREITAS, M. R. S. *Contribuições do digital para a formação do leitor literário: interações na leitura de “A Hora da Estrela”*. 2016. 158 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína.
- ROUXEL, A. Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? *Cadernos de Pesquisa*, v.42, n.145, p.272-283, jan./abr. 2012.
- _____. Autobiografia de leitor e identidade literária. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia (Orgs.). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013, p. 67 – 87.
- SILVA, L. H. O. Não vejo o mundo com seus olhos: inquietações sobre a leitura e a literatura na perspectiva da semiótica didática. In: BRITO, A. R.; SILVA, L. H. O.; SOARES, E. P. M. (Orgs.). *Divulgando conhecimentos de linguagem: pesquisas em língua e literatura no ensino fundamental*. Rio Branco: NEPAN, 2017, p. 195-211.
- SILVA, L. H. O.; MELO, M. A. O que pode o leitor? *EntreLetras (Online)*, v. 6, p. 120-132, 2015.
- _____. Por um retorno ao texto e seus (dis)sabores: pesquisas sobre literatura no ProfLetras. *EntreLetras (Online)*, v. 9, p. 86-102, 2018.
- MELO, M. A.; SILVA, L. H. O. O leitor atrapalhado e a formação docente. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 35, p. 63-75, 2018.
- SOUZA, L. F. *Literatura negra e indígena no letramento literário: um estudo sobre a identidade leitora de alunos do ensino fundamental II*. 2015. 151 f. Dissertação (Mestrado) -

Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, Uberlândia.

XYPAS, R. *A leitura subjetiva no ensino da literatura: apropriação do texto literário pelo sujeito leitor*. 1a. ed. Olinda: Nova Presença, 2018. 110p.

_____. *A leitura subjetiva no ensino de literatura: O texto do leitor em L'Analphabète de Agota Kristof*. *Revista Eletrônica de Educação - RELEDUC*, v. 1, p. 33-48, 2018.

_____; ROUXEL, A. Ousar ler a partir de si: desafios epistemológicos, éticos e didáticos da leitura subjetiva. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 20, p. 10-25, 2018.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

DO CORPO DO TEXTO AO CORPO DO LEITOR: REAPROPRIAÇÃO, ENCENAÇÃO DA FICÇÃO ASSOMBRADA

Alberto Soares de Farias Filho

Resumo: Partindo de um trabalho exitoso realizado com o texto literário em sala de aula e motivado pelos dados gerados a partir de um levantamento dos livros lidos por estudantes de turmas de 6º e 9º anos do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública, dois aspectos se revelaram intrigantes: o número de livros lidos inversamente proporcional à relação idade-série e a predominância do gênero fantástico e do maravilhoso entre os livros listados, independentemente da relação idade-série. Esses resultados nos surpreenderam rompendo com o nosso horizonte de expectativa. Que elementos podem ser encontrados no gênero em questão que podem mover nossos alunos para lhes despertar o gosto pelo fantástico? Para responder a esta pergunta, a presente comunicação tem como objetivo apresentar teorias sobre o sujeito leitor e a reapropriação do texto lido à luz da leitura subjetiva com Rouxel; Langlade; Rezende (2013), Jouve (2002; 2012) e Xypas (2018); sobre ficção assombrada nos conceitos de fantástico e literatura fantástica em Pernambuco em Todorov (2004), Roas (2014) e Sena (2015) e por fim, o de adaptação em Hutcheon (2006) visando triangular tais conceitos. Assim, talvez possamos encontrar os elementos que moveram positivamente nossos alunos. Por fim, esperamos poder compreender alunos que exprimem sentimentos de emoção negativa como “Ler é muito chato! Prefiro fazer outra coisa” investindo em emoções positivas no reabilitar o prazer de ler.

Palavras-chave: Reapropriação/adaptação/encenação da ficção assombrada; sujeito-leitor; leitura subjetiva.

DE REMINISCÊNCIAS LEITORAS A RESSIGNIFICAÇÕES NO ENSINO DA LITERATURA

Andressa Penna Almeida

Resumo: Diversos estudos acadêmicos trazem à baila reflexões acerca do enfoque utilitário que se atribui à literatura, em detrimento da imersão leitora (ZILBERMAN, 2008). Dissonantes com esses estudos, algumas escolas enfatizam práticas pedagógicas que mais apagam do que incentivam o desejo de ler, ao reduzir a literatura a recortes de textos que servem à análise de aspectos linguísticos, a interpretações superficiais, respaldadas em sentidos unívocos. Em contrapartida, a leitura integral e aprofundada de livros, a apreciação estética e tudo que dela advém, como, a capacidade imaginativa, a criatividade, a sensibilidade, a oportunidade de se sentir partícipe na interação com o texto, é secundarizado. A fim de contribuir para a formação de leitores capazes de elaborar suas recepções com autonomia, este trabalho busca nas contribuições teóricas de ROUXEL (2013), cujas ideias harmonizam com as dos teóricos da Estética da Recepção e com os estudos engendrados por Tereza Colomer, Michele Pétit, as bases para a construção de um itinerário pedagógico favorável a um “Andar entre livros” (COLOMER, 2007), voltado para alunos do sétimo ano do ensino fundamental, de uma escola



pública da periferia do Rio de Janeiro. Cabe ressaltar que, nos entremeios desse itinerário, destaca-se a leitura da obra “Corda Bamba”, de Lygia Bojunga. Rouxel defende que para se instituir “o aluno sujeito leitor” é essencial que o professor o encoraje a imergir na aventura interpretativa, sem a imposição de sentidos convencionados, tendo em vista que a elaboração dos significados ocorre a partir da intercomunicação entre as experiências socioculturais particulares e a materialidade textual. Ela propõe a associação de três componentes que orientam à formação de sujeitos leitores. São eles: a atividade interpretativa do aluno, as obras selecionadas e a ação do professor (ROUXEL, 2013). No que concerne à atividade interpretativa do aluno, a estudiosa aponta a combinação de três saberes: “os saberes sobre si”, que se referem à expressão das subjetividades; “os saberes sobre os textos”, que dizem respeito à familiaridade com as diferentes formas textuais; “os saberes metaléxicos”, que são aqueles que asseguram “os direitos do texto” e os “direitos do leitor” (ROUXEL, 2013). Tomar como mote inicial as reminiscências leitoras dos estudantes tem como intuito estimular esses saberes sobre si, encaminhá-los à construção de uma identidade literária. Evocar essas subjetividades, por muitas vezes silenciadas pela hierarquia escolar, tem como objetivo tornar as aulas mais acolhedoras, encorajar o aprendiz a adentrar no jogo. A escolha do texto de Bojunga vai ao encontro das ideias da professora francesa, no sentido de promover o desafio de interagir com escritas literárias de diferentes graus de dificuldade (ROUXEL, 2013). A partir do percurso da experiência da leitura integral da obra, pretende-se construir um caminho epistemológico de reflexões acerca da mediação da leitura integral de um mesmo livro com toda a turma; da recepção dos estudantes, de suas leituras críticas da obra; e da potencial possibilidade de escritas literárias a partir dessa experiência.

Palavras-chave: educação literária; reminiscências leitoras; leituras críticas; escrita literária

CONTRIBUIÇÕES DA LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DE ALUNOS LEITORES NA PRIMEIRA ETAPA DO ENSINO FUNDAMENTAL

Audrey Barbalho Barbosa

Resumo: Para compreender o direito de ler, essa pesquisa tem o desafio de ofertar a leitura de narrativas longas para um perfil escolar em que se predominam os textos de narrativas curtas (COLOMER, 2007). Com isso, a proposta é investir na autonomia leitora do aluno e valorizar sua escrita por meio da produção de autobiografia e diário de leitor nos quais o aluno / leitor registra suas memórias afetivas sobre o texto literário (ROUXEL, 2013). O ensino da leitura literária na primeira etapa do Ensino Fundamental no Brasil ainda se desenvolve nas salas de aula como um momento de atividade lúdica e geralmente tem como objetivo transmitir uma lição moralizante, isto porque ainda há influência histórica da pedagogia jesuítica nos métodos de ensino de literatura brasileira (GADOTTI, 1999). Desse modo, o que se propõe nessa pesquisa é refletir sobre a literatura como uma disciplina importante no desenvolvimento humano para a emancipação cultural, intelectual e emocional do aluno e, a partir dessa reflexão, criar estratégias de ensino, contribuindo com a formação de leitores críticos e proficientes. Mas, a formação do leitor literário na primeira etapa do Ensino Fundamental requer, também, uma parceria com as práticas de letramento linguístico, pois se nota que a maioria dos alunos possui conhecimento de mundo para a compreensão dos textos literários, cabendo à escola sistematizar os meios pelos quais os alunos adquirem a linguagem e, por conseguinte, a leitura. Assim, pode-se dizer que a consolidação da alfabetização por intermédio do letramento caminha em paralelo com o trabalho de formação de leitores literários, visto que uma das condições necessárias para o letramento é a disponibilização de materiais de leitura para os alunos (SOARES, 2001). Portanto, torna-se basilar repensar as formas de mediação do texto literário, nas salas de aula, para que se diminua o distanciamento entre aluno e leitura literária. Ao analisar as metodologias de ensino da leitura literária, observa-se a utilização instrumental da literatura, pois as atividades propostas, de maneira geral, solicitam que os alunos retirem informações dos textos para o aprendizado linguístico. Embora o trabalho de localização de dados textuais seja importante, quando ele não se apresenta com clareza e não se desenvolve as perspectivas da leitura para a



compreensão e para a fruição do texto literário, nota-se que não ocorre a interlocução leitor-texto-autor, situação definida aqui como capacidade de dotar um texto de significação (GERALDI, 2012). Na medida em que o aluno se percebe inserido em uma realidade que visa produzir resultados, ele passa a ler para responder questionários avaliativos e, assim, desvia-se do seu direito de ler pelo prazer. Portanto, a conscientização do aluno quanto ao seu direito de ler torna-se relevante para o ensino de literatura. Pois a leitura é um ato político e o aluno a apreende antes da escolarização, mediante a leitura de mundo (FREIRE, 1989), isso contribui para a sua participação cidadã (CASTRILLÓN, 2011), encaminha-o para a sua transformação social e humana e amplia sua visão de mundo, possibilitando a preocupação com a redução das desigualdades sociais (CANDIDO, 1995).

Palavras-chave: leitura literária, letramento, leitor literário, ato de ler, direito a literatura.

PRÁTICA DE LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL A PARTIR DA OBRA MORTE E VIDA SEVERINA

Gleicy Moraes Santos

Resumo: Atualmente, é comum nos depararmos com alunos que terminam o ensino fundamental e não conseguem fazer uma leitura que ultrapasse a superficialidade da decodificação da língua escrita. No entanto, o contexto social em que esse aluno se encontra exige que ele exerça diversas práticas de leitura, as quais lhe darão acesso a outros conhecimentos ou formas de saber. Neste sentido, buscamos, nesse texto, apresentar parcialmente a pesquisa de mestrado, cuja dissertação está em andamento, intitulada “Morte e Vida Severina e as práticas de letramento literário com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental”. A pesquisa surgiu da necessidade de desenvolver práticas de letramento literário em sala de aula que possam contribuir para a formação do aluno leitor, visto que muitos alunos terminam o Ensino Fundamental sem compreender o que leem, principalmente em se tratando do texto literário. Entendemos que práticas de letramento literário são importantes em a sala de aula. Assim, nosso objetivo geral é promover o letramento literário por meio da obra Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto. Para tanto, incentivamos a leitura literária a partir da prática de estratégias de leitura e interpretação da obra. Para desenvolvermos o projeto, trabalhamos com atividades de letramento literário elaboradas de acordo com a sequência básica proposta por Cosson (2009): motivação, introdução, leitura e interpretação, com leituras por meio de oficinas, conforme as estratégias de leitura apontadas por Girotto e Souza (2010). O texto apresenta em sua base teórica Street (2007), Rojo (2009), Kleiman (1998), Cosson (2009, 2011 e 2017), entre outros. Também há abordagens sobre o letramento literário, bem como práticas de letramento literário em sala de aula que podem contribuir para a aprendizagem e desenvolvimento de práticas de leituras mais significativas ao aluno. Para tanto, partimos da leitura e estudos acerca do letramento, baseando-nos, pois, em pressupostos bibliográficos e pesquisa-ação realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental José Manuel de Araújo-Tailândia/PA. Assim, iniciamos com algumas abordagens e reflexões sobre o letramento e o letramento literário na escola, em seguida falamos sobre prática leitora do professor leitor-mediador, e apontamos que para o professor ser mediador da leitura ele precisa também ser um leitor, bem como falamos da prática de letramento literário em sala de aula no Ensino Fundamental II, onde descrevemos as etapas da oficina com a obra Morte Vida Severina, buscando apresentar alguns desses resultados já obtidos com a pesquisa realizada na turma da Educação Básica.

Palavras-chave: Letramento literário; Práticas de leitura; Leitor; Escola.

16/07 (TARDE)

PRESENTE, PASSADO E PRESENTE: MOVIMENTOS CIRCULARES NA LEITURA DE MEMÓRIAS LITERÁRIAS NA FORMAÇÃO DO SUJEITO LEITOR

José Geraldo Silva Cordeiro

Resumo: Apresentar memórias literárias para os estudantes, ler e comentar os aspectos deste gênero literário com eles e fazê-los escrever, parece desafiador para o professor de linguagens: por um lado, a estrutura do gênero, por outro, a emoção que pode fluir do sujeito leitor durante as atividades de leitura e escrita. Ficamos marcados por essa atividade porque os estudantes se envolveram positivamente durante a leitura e a produção escrita pedida. Após as tarefas de ler e escrever relataram desejo de ler textos literários buscando livros na biblioteca da escola. Ora, tais atitudes nos mostraram que é possível envolver os estudantes com a leitura e escrita literárias. No entanto, desejando aprofundar a prática exitosa que tivemos pela atividade de leitura e escrita de memórias literárias com estudantes do 9º ano do ensino fundamental em uma escola da rede pública do estado de Pernambuco, diversos questionamentos nos induziram a refletir em teorias que ampliassem tal experiência exitosa. Assim, temos como objetivo nesta comunicação oral, demonstrar, por um lado, nossa compreensão dos conceitos de memórias literárias advindos de Condemarin e Chadwick (1987), Bakhtin (2004), Halbwachs (2003); Assman (2011) e Xypas (2012) e os de escrita criativa com Nachmanovitch (1993) e Ostrower (2013) tendo o sujeito leitor como o protagonista dos estudos literários. Enfim, o acolhimento da subjetividade do sujeito leitor em sua leitura literária pode desencadear momentos fecundos de criação, e com isso, despertar sentimentos nos alunos, co-autores do texto lido.

Palavras-chave: sujeito leitor; memórias literárias; leitura subjetiva.

ORIENTAÇÕES EM PROF-LETRAS, O ENSINO DE LITERATURA E A FICTO-REALIDADE

Mario Cesar Newman de Queiroz

Resumo: Essa comunicação surge da reflexão sobre orientações de dissertações em mestrado profissionalizante em Letras. As agruras de professores em torno de transmitirem uma paixão sua (a literatura, a poesia) que querem sejam dos outros também e a realidade encontrada em sala de aula. Muitas dessas agruras já remontam a gerações de professores de literatura, mas muitas diante de novas condições tecnológicas, sociais e da presença da violência crescente, apresentam-se como novas. Como o professor de literatura se posiciona diante da indústria cultural, como pode tirar proveito dela, como se pensa a importância do papel da literatura, da ficção, no ensino e na formação de novas gerações. Pensar na ficção e na poesia como terapêuticas. E, diante da Indústria Cultural Contemporânea das séries de tv, do cinema, das redes sociais..., aprender a ler literatura e a realidade dos mass-media como ficto-realidade. A nossa aposta é que somente a leitura do ficcional como ato de voluntária suspensão da descrença ensina que um mundo bastante verdadeiro pode ser inteiramente construído com palavras, e essas palavras não serem preenchidas por referentes no cotidiano, como a colher modelos na superfície dos dias.

Palavras-chave: Ensino de literatura; Indústria Cultural; Ficto-realidade; Formas de singularização; Prof-Letras

METALINGUAGEM E FIGURA E FUNDO NA LEITURA DE NARRATIVAS LITERÁRIAS

Natália do Nascimento Ferreira

Resumo: Partindo de uma realidade escolar em que se detectaram graves dificuldades de leitura, buscou-se pensar em uma intervenção pedagógica que trabalhasse com texto literário, ampliando as possibilidades e habilidades leitoras de alunos de ensino fundamental II. O objetivo é contribuir para o desenvolvimento da leitura de narrativas literárias, a partir da diferenciação entre os planos discursivos (HOPPER & THOMPSON, 1980) pelo trabalho de metalinguagem (GERHARDT, 2017). Pela perspectiva da Gestalt, foi possível identificar dois planos que constituem o perceptum: o plano de relevo, em que os elementos salientam-se, e um plano de fundo, que serve de moldura para o primeiro. Na construção de narrativas, segundo Hopper e Thompson, o plano de Figura constitui-se com fatos que se sucedem uns aos outros



em compatibilidade com a ordem em que aparecem no mundo real, revelando uma ordem icônica em sua organização. O mesmo não ocorre com os eventos de Fundo que, caracterizados pela simultaneidade, coexistem com os de Figura, ampliando-os ou comentando-os. Os eventos de Fundo, através da descontinuação da ação, explanam as circunstâncias dos fatos, reforçando e comentando o relatado pela Figura. Hopper sinaliza que as informações de Figura são aquelas que compõem o esqueleto estrutural da narrativa e que, por essa razão, se configurariam como as mais relevantes do texto. Contudo, há controvérsias sobre a relevância estar necessariamente nas estruturas de Figura (SILVEIRA, 1990), especialmente quando se trata de um texto literário, cuja intenção comunicativa edifica-se em bases sobretudo estéticas, indo muito além da função utilitária. No romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, por exemplo, o narrador-personagem, através da escrita, refaz a trajetória da própria vida. A intenção é levar o leitor, a partir da construção de uma temporalidade dupla e distinta, ao íntimo do indivíduo casmurro, solitário e concebido em meio a tantas contradições. O narrador- personagem Dom Casmurro coloca em oposição, de forma simultânea, o reconto do passado ao próprio momento da evocação, criando uma dupla visão dos fatos ao tentar “atar as pontas da vida”; ou seja, ao mesmo tempo que expõe os acontecimentos, avalia-os e analisa-os. Nessa perspectiva, Machado se vale de estruturas de Fundo, descrições e digressões – desvios momentâneos do “assunto central” –, como fundamentais recursos de alongamento e construção do romance (NUNES, 2003). Essa distensão do discurso – tão importante na estruturação da própria obra – quebra a sequência de estruturas de figura, provocando descontinuidades à temporalidade (anacronias) e repercutindo na ordem da narrativa. No romance referido, portanto, mais do que a contação da história sequenciada, há vários episódios de reflexões e digressões que encaminham o leitor ao que de fato é relevante: o aprofundamento da dialética do personagem fundada na comutação das suas diferenças através do tempo como categoria filosófica do romance. O intento é fazer, através de teorias de metalinguagem em ações de leitura (GERHARDT, 2017), os alunos monitorarem o próprio percurso de leitura na construção de significados que os textos possibilitam, dissecando os planos discursivos afim de melhor compreender as estruturas e alcançar os projetos de criação de sentido de cada narrativa.

Palavras-chave: educação literária; narrativas literárias; metalinguagem; figura e fundo

ECOS SUBJETIVOS DE SUJEITOS LEITORES NA LEITURA DE POEMAS E ESCRITA NAS MARGENS

Rosiane Maria Soares da Silva Xypas

Resumo: A leitura de poesia e escrita nas margens recusa o ensino tradicional da Literatura limitado em correntes literárias e leitura de resumos de obras de escritores deixando de fora o sujeito leitor. Assim, o eixo da leitura do texto literário pode ser explorado de diversas formas, tais como, a leitura silenciosa, a leitura em voz alta e também a atividade de releitura visando sempre à análise do sujeito-leitor em se ver, se conhecer, se sentir lendo. Aliada a tais atividades, a escrita criativa é uma forma primeira de apropriação singular do poema lido. Essas duas atividades favorecem uma abordagem poética que valoriza os gestos de leitura do sujeito leitor. Porém, quais experiências se preocupam com o fazer do sujeito-leitor lendo? Quais atitudes do agir professoral são levadas em conta? O agir professoral (CICUREL, 2014) propõe um novo modo de ver o sujeito leitor e pode colocá-lo no centro dos estudos literários. Atitudes de implicar o sujeito leitor em atividades de reconhecimento do prazer do texto por agir nas tarefas de criatividade. Para Ostrower (2013/1976) a criatividade [é] um potencial inerente ao homem, e a realização deste potencial uma de suas necessidades. Quanto à Nachmanovitch (1990/1993), a improvisação na criatividade pode ser o frescor de um momento fugaz (...) uma experiência extraordinária e muitas vezes mobilizadora de comunicação direta. Assim não apenas a leitura, mas também a escrita criativa entra em cena. Assim, o objetivo geral desta comunicação oral é apresentar os resultados das atividades elaboradas pelo mediador para uma oficina literária para os alunos do Mestrado PROFLETRAS (UFPE) turma 2019 propondo novos caminhos para o trabalho com a poesia na sala de aula lançando mão da criatividade do

sujeito leitor pela escrita nas margens do poema, Rannou (2015). A escrita nas margens resulta de uma apropriação abertamente subjetiva da poesia pelo sujeito leitor. Para tal, apoiamo-nos igualmente em teorias de estudos literários que colocam o sujeito-leitor como centro desses estudos (Rouxel, Langlade, (2004); Xypas 2018) permitindo certo avanço para um ensino moderno de Literatura. Os resultados, muito acima de nossas perspectivas, nos movem na análise das representações sociais suscitadas oriundas das atividades de leitura e de escrita criativa de um dos poemas de Notas para ela do poeta Zack Magiezi (2017). Os resultados obtidos demonstram que não é apenas favorecer o lugar do sujeito-leitor nas atividades de leitura, mas fazer surgir a voz do sujeito-leitor explicitada em uma apropriação do texto literário pelo leitor lendo. Talvez uma nova voz para o ensino de Poesia no século XXI seja a produção e valorização do texto do leitor abrindo seu espaço intersubjetivo suscitado pelo texto.

Palavras-chave: ECOS SUBJETIVOS; SUJEITOS LEITORES; POESIA NA SALA DE AULA

DA PRÉ-LEITURA A DEGUSTAÇÃO LITERÁRIA: PRÁTICAS DA SALA DE AULA

Saulo Batista de Souza

Resumo: Considerando que a leitura de textos clássicos figura como dificuldade nas escolas, elaboramos um projeto de leitura, e nele usamos uma estratégia de pré-leitura que intitulamos de Degustação Literária desencadeando emoções e provocando a continuidade da leitura em nossa sala de aula. O que teria despertado em nossos alunos a vontade de dar continuidade à leitura de fragmentos apresentados? Postulamos que a indução de emoções na fase da pré-leitura em atividades com textos literários clássicos favoreça certa adesão dos alunos. Ora, esta adesão pode ter acontecido graças à implicação do sujeito leitor devido ao encontro de seu mundo com o fragmento do texto lido. Esta comunicação oral tem como objetivo apresentar as teorias sobre o que chamamos de pré-leitura, indução de emoção e sujeito leitor. Para tal, fundamentamos a pré-leitura com Teixeira (2009), Kleiman (2013), Bordini e Aguiar (1993); a indução de emoção na leitura com Blanc (2006) e Feres (2010) e o sujeito leitor à luz da leitura subjetiva com Rouxel; Langlade; Rezende (2013), Jouve (2002) e Xypas (2018). Como resultados obtidos, tivemos a adesão às atividades, a autonomia dos alunos nas leituras dos textos propostos e uma busca de novos textos.

Palavras-chave: pré-leitura; indução de emoção; antecipação; recepção; sujeito leitor

17/07 (MANHÃ)

LETRAMENTO LITERÁRIO EM UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA EM IMPERATRIZ MARANHÃO

Iodete Elias Pereira

Resumo: Título: Letramento literário em uma escola de educação básica em Imperatriz Maranhão
Resumo: Esse trabalho registra os resultados de uma pesquisa de intervenção sob o título: Letramento literário em uma escola de educação básica de Imperatriz Maranhão, cujo objetivo principal visa reformular o trabalho com leitura literária na escola através da mediação do professor, contribuindo dessa forma, para o letramento literário de alunos da educação básica. Para isso, a princípio foi usado um clássico da literatura brasileira romântica, a obra O Guarani, do consagrado autor José de Alencar e um romance romântico da literatura cor-de-rosa, ou sentimentalista ou ainda romance de banca, como são denominados e como é o caso do romance da série Julia nº 139 “O homem que veio do mar” de Jan Maclean. Outra finalidade dessas duas leituras foi a realização de uma atividade de leitura comparativa, que consistia em construir com os alunos, traços de aproximação entre essas duas formas de produção literária e ainda de perceber a viabilidade do uso dessa literatura não clássica na escola. Partiu-se do pressuposto de que a escola é lugar privilegiado para a formação do leitor literário, pois pode oferecer aos alunos as ferramentas necessárias para a apreensão sensível e inteligível, da ordem do prazer e da fruição. Todavia, é necessário que o professor esteja consciente de que um dos



objetivos do letramento literário na escola é formar uma comunidade de leitores e que os participantes dessa comunidade devem ler tanto os livros da tradição clássica quanto os que lhes são contemporâneos, buscando sempre o diálogo inerente a eles e apropriando-se assim, da sua herança cultural. A relevância dessa pesquisa reside no fato de poder contribuir para a utilização da prática de letramento literário nas aulas de língua portuguesa de forma mais efetiva e, consequentemente, fortalecer o processo de aprendizagem do aluno de forma geral. Os referenciais teóricos que embasam essa pesquisa são nomes do letramento como (FERREIRO E TEBEROSKY 1979) (FREIRE 1976), (KATO 1986), (KLEIMAN 2007, 1995), (LAJOLO 2001), (SOARES 2004, 2011, 2016), (TFOUNI 1976), (ZILBERMAN 1990), da leitura literária (BARTHES, 1987); (CÂNDIDO 2004); (PAULINO, 2004) e do letramento literário (COSSON 2009, 2018). Dessa forma, a metodologia aplicada foi construída a partir desses referenciais e teve como suporte básico o estudo e aplicação das etapas da sequência didática expandida para o letramento literário na escola propostas por Rildo Cosson em seu livro: *Letramento Literário: teoria e prática*. Palavras-chave: Leitura1; Literatura2; Letramento3; Sequência didática4.

Palavras-chave: Leitura; Literatura; Letramento; Sequência didática.

LEITURA DE MEMÓRIAS LITERÁRIAS NO CONTEXTO DE SALA DE AULA

Stela Maria Viana Lima Brito

Resumo: A leitura de textos literários em sala de aula é de fundamental importância para o desenvolvimento dos educandos como leitores críticos e autônomos. Logo, torna-se constante a necessidade de propostas que promovam a literatura no contexto ensino aprendizagem. Em razão disso está pesquisa apresenta como objetivo estabelecer a relação da contação de história como elemento motivador para a leitura das memórias literárias, visando o letramento literário. Assim, o objeto de investigação desse estudo são os textos de memórias literárias da obra *Memória Insistente* do autor piauiense Joaquim Ribeiro Magalhães com o fim de provocar reflexões para a formação crítica do leitor. O corpus desta pesquisa foi constituído por atividades mediadas por oficinas de contação de história, leitura e compreensão desenvolvidas em sala de aula com alunos do oitavo ano do ensino fundamental, de uma escola pública municipal na cidade de Teresina-Piauí, realizadas através das práticas da disciplina Literatura e Ensino do Profletras/Uespi. As atividades objetivaram a análise da recepção das estratégias de leitura aplicadas. Para alcançar tal finalidade, desenvolveu-se a metodologia da pesquisa qualitativa de natureza descritiva. As análises mostram que a leitura trabalhada através da contação de histórias e leitura de memórias literárias aguça o imaginário, desenvolve a reflexão, pois possibilita a interação do aluno com o texto literário. Para o desenvolvimento desta pesquisa o referencial teórico fundamentou-se na área de estudo Literatura e Ensino, com respaldo das teorias de Cândido (2004) e Todorov (2014); Gazzola; Bazoni (2015); Leffa (1999), Busato (2007); Costa (2009), entre outros.

Palavras-chave: Leitura. Letramento. Memórias Literárias. Contação de História.

A POESIA DE CORDEL E O LETRAMENTO LITERÁRIO NO CONTEXTO ESCOLAR

Zilene Fernandes de Sousa Santana

Resumo: A leitura no âmbito escolar tem sido consideravelmente discutida, principalmente por professores de língua portuguesa. Perguntamo-nos, muitas vezes, se as estratégias que estamos desenvolvendo em sala de aula para inserir os alunos nas práticas de leitura literária têm sido relevantes. A partir dessa inquietação e da visível maneira pedagógica com a qual a literatura, geralmente, vem sendo trabalhada em sala de aula é que surgiu o presente artigo. Cosson (2016) relata o fato de a literatura ser necessária na escola, não somente com o propósito de ensino escolar, mas como proposta de inserção do aluno a um mundo de perspectivas leitoras, levando-os ao letramento literário como um meio de associá-lo às práticas sociais. E percebendo a grande contribuição que a escola pode dar em relação ao letramento literário, principalmente aos alunos que só têm acesso à literatura por meio dela é que se objetivou o presente artigo, a fim de proporcionar uma reflexão sobre a contribuição da escola no letramento literário, principalmente

para os alunos que só têm a oportunidade de leitura na instituição escolar. Para tanto, essa reflexão envolve uma pesquisa-ação desenvolvida com alunos da Educação de Jovens e Adultos a partir da leitura de folhetos de cordel. O artigo apresenta como base teórica acerca do letramento e do letramento literário com as concepções de Soares (2017), Kleiman (1999), Abreu (1999, 2006), Cosson (2016) e Pinheiro (1995, 2013). Para isso, apresentamos algumas concepções do letramento, letramento literário e da leitura de cordel em sala de aula como fonte de saber e prazer, sobre o qual refletimos brevemente e finalizamos com algumas considerações.

Palavras-chave: Escola; Letramento Literário; Leitura; Cordel.

O ENSINO DE LEITURA DE LITERATURA: REFLEXÕES ACERCA DO PERCURSO FORMATIVO E EXPERIÊNCIAS DE DOCENTES MESTRES PELO PROFLETRAS/UFT

Érica de Cássia Maia Ferreira Rodrigues

Resumo: O ensino de leitura e literatura na escola, ao longo do tempo, passou por significativas mudanças. A princípio era o texto pretexto para o ensino de gramática. Em seguida, com a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1998), o ensino de leitura de literatura passou a fundar-se nos gêneros textuais por meio de práticas de leitura contextualizada, porém, a linguagem era tratada de modo genérico. Na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018), o componente Língua Portuguesa, no campo artístico-literário, definiu no eixo/prática de linguagem “leitura/escuta”, dentre outras habilidades, que o aluno seja capaz de reconhecer os textos literários, em sua diversidade cultural e, ainda, leia e compreenda, de forma autônoma, os textos literários e desenvolva assim, o gosto pela leitura. Considerando tais perspectivas e o desafio de formar leitores de literatura, pretendemos relatar experiências de docentes mestres pelo Profletras – UFT que, desde o ingresso no programa, ressignificou a sua prática e ampliou a concepção de leitura e literatura. Cumpre ao docente promover o ensino de leitura de literatura com vistas a agenciar a formação de sujeitos capazes de apreender as práticas de linguagens decorrentes da interação ativa entre leitor/ouvinte/espectador com textos orais e escritos, multissemióticos e, ainda, sejam capazes desfrutar, esteticamente, de textos e obras literárias, conforme estabelece a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018). Pretendemos ainda, analisar como tem sido o processo de apropriação da BNCC e sua transposição para a prática pedagógica pelos docentes. Nesse sentido, privilegiamos a análise das experiências de docentes mestres pelo Profletras e, posteriormente, apresentaremos como estes têm se apropriado da BNCC e atuado no ensino de leitura de literatura em sala de aula. O estudo apresentado aqui propõe a análise de cinco (5) entrevistas com docentes mestres, sendo um (1) da primeira turma, duas (2) de turmas posteriores e duas (2) em fase de conclusão da dissertação. Nossa motivação consiste em evidenciar o impacto do Profletras na formação de profissionais da educação em exercício na educação básica e como estes concebem a sua prática a partir da pós-graduação. Partimos da perspectiva de que o Profletras se configura um marco na política de valorização de profissionais da educação, sobretudo, pela perspectiva de formar sujeitos que efetivamente atuam na formação integral e desenvolvimento global de estudantes da educação básica. O estudo filia-se aos estudos da memória e da semiótica discursiva e deseja pensar o ensino de leitura de literatura a partir de experiências dos docentes mestres pelo Profletras/UFT, reconhecendo-os como profissionais comprometidos com o ensino e o desenvolvimento dos estudantes.

Palavras-chave: Ensino; Leitura de literatura; BNCC; Semiótica discursiva

FORMAS DE APROPRIAÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO: SOBRE LIVROS E TEXTOS

Luiza Helena Oliveira da Silva

Resumo: Em *Da Imperfeição*, obra em que Greimas se dedica aos efeitos sobre o sujeito frente ao acontecimento de natureza estética, o semioticista apresenta análises que remetem à relação com o texto, o corpo do outro, o odor, a luminosidade, enfim, com aquilo que se apresenta como objeto dotado de consistência estética, capaz de comover e abalar intensamente o sujeito que o

percebe. Trata-se, nesse caso, de um “objeto pregnante”, capaz de produzir uma bem-aventurança naquele que o encontra inesperadamente, subitamente introduzido em seu campo de presença. Essas reflexões de Greimas parecem-nos produtivas para a compreensão da relação com os textos literários em contexto escolar, considerando tanto a dimensão propriamente textual, quanto a objetual, na medida em que o livro, como objeto, se organiza como significante capaz de seduzir, convocar o olhar e demais sentidos do leitor, ao mesmo tempo em que podemos pensar que o sentido da leitura não se faz apartado da apreensão da materialidade de seu suporte. Do ponto de vista das pesquisas em literatura desenvolvidas no âmbito do PROFLETRAS, defendemos as contribuições da semiótica discursiva e ainda da sociosemiótica para a organização de estratégias de leitura compartilhada, mobilizando a sensibilidade dos alunos do ensino fundamental para a percepção a leitura de textos literários multissemióticos, como também do livro compreendido como objeto. Para isso, apresentamos a título de exemplo a análise do livro *Veludo*, a história de um ladrão, da escritora italiana Silvana D’Angelo. O ladrão *Veludo* se apresenta como uma identidade singular, dotado de extrema sensibilidade olfativa. O projeto gráfico-editorial é bastante sofisticado. Nas páginas que se antepõem às capas, com fundo verde, encontram-se esboços diversos, relativos em sua maior parte a peças de arte e objetos de decoração requintados, com produções devidamente identificadas e datadas, como um trabalho de Louise Borgeois (1990), fragmento da estátua colossais de Constantino, Mão (313-324); a pintura *Madame Moitessier*, de Ingres (1856) etc. A isso se somam esboços de um gato e das plantas ornamentais, ali identificadas por suas designações em latim. Tais peças de momentos históricos diversos compõem a decoração da casa que serve de ambiente à narrativa. Essa forma particular de apropriação reconfigura a noção de autoria e, no livro, serve para reforçar o caráter de roubo tematizado pelo texto: trata-se também de se apropriar da produção alheia pela releitura poética, que seleciona e rearranja formas de reprodução dos originais, redefinindo seus sentidos. Para a leitura desse livro é urgente a compreensão desse conjunto de referências, apropriações, modos de citação, que podem ser traduzidos como uma forma de roubo, assim como demanda do leitor a apreciação do livro enquanto objeto dotado de uma organização particular.

Palavras-chave: semiótica; sociosemiótica; objetos estéticos; literatura no PROFLETRAS

91 - QUESTÕES METAFÍSICAS NA LITERATURA: EPISTEMOLOGIA DO ROMANCE COMO DEBATE ONTOLÓGICO DO FAZER ARTÍSTICO

Coordenação: Profa. Dra. Ana Paula Aparecida Caixeta (UnB); Profa. Dra. Maria Veralice Barroso (UnB/SEEDF)

Resumo: A busca por questões que configuram elementos constitutivos do fazer artístico no espaço da narrativa é ação elementar para os estudos da Epistemologia do Romance. Desse modo, a proposta deste simpósio assume ser reflexo de uma trajetória de olhares assumidamente preocupados com a gênese do fazer romanesco, construída a partir do grupo homônimo à teoria em questão. Com provocações que tangenciam ordens das mais diversas áreas, propondo-se interdisciplinar, a Epistemologia do Romance é evocada aqui como ponto de partida basilar para lidar com aspectos inerentes aos elementos que compõem o romance – em consequência, outras artes. Da figura autoral ao leitor inquieto, perverso por natureza, o debate que aqui se incita preocupa-se em reunir abordagens e reflexões que coadunem com o espaço literário em um movimento intra e extratextual, cujos esforços transportam-nos para questões importantes da arquitetura estética construída pelo sujeito que cria, abrangendo um caráter que não se fecha em uma ou outra proposição teórica ou análise, mas que contextualiza e relativiza possibilidades de interpretações a partir de gestos filosóficos que se propõem comprometidos com várias áreas do conhecimento, especialmente a Filosofia e a Literatura. Por ter em seu berço a necessidade de entendimento do humano a partir da arte, a Epistemologia do Romance aproxima-se de uma linha entendida como metafísica, por compor, em seu processo de análise uma configuração



ontológica da arte que contempla olhares contemporâneos no sentido de buscar as multiplicidades envolvidas no contexto da criação, da recepção e, dialeticamente, da experiência estética. É um olhar metafísico por estar atrelado a uma pretensão maior de assumir como possibilidade o conhecimento do objeto estético, podendo ele ser literário ou não, cujas estruturas forneçam vestígios de escolhas importantes, nascidas pelo ato criativo que também se propõe gestual: estético e filosófico. As influências teóricas que corroboram para tais escolhas são oriundas de uma gama de estudiosos e literatos, com destaque para Hermann Broch, Milan Kundera, Carlos Fuentes, Glauco Mattoso, Eliane Brum, Michel Foucault, Immanuel Kant, Friedrich Hegel, G. Gadamer, dentre outros de relevância evidenciada. As possíveis temáticas acolhidas na proposição aqui fomentada devem atentar-se às mais variadas questões do sujeito moderno e contemporâneo, preocupando-se em explorar o objeto estético, na busca por questões que possibilitem o pensar acerca do humano a partir da forma sensível da arte, num movimento que se assuma ousado, especialmente por ocupar espaços de discussão negligenciados em outras linguagens que não a da forma da arte. Desse modo, procura-se aqui refletir em que ponto o olhar metafísico que aceita problemas que são de caráter universal, como questões da condição humana, mas representados pela forma da arte a partir do particular, são sustentados em um terreno fecundo de discussão no que tangem as esferas da vida e suas propriedades ontológicas. O que se coloca aqui como movimento dialético entre o universal e o particular, tensionados pela arte, é o objeto construído com uma intencionalidade que deixa rastros, especialmente ao esboçar motes que estão intrínsecos ao indivíduo, mas que refletem uma coletividade e um comportamento passível de ser representado pelo espaço da arte. É importante reforçar que a ocupação desse espaço não se dá, em muitas das vezes, de modo leviano e puramente intuitivo. Ao contrário, em muitas obras são encontradas pegadas curiosas da intenção do artista, por demonstrar consciência e racionalidade acerca de suas escolhas estéticas mais propícias para dar conta de temas espinhosos do cotidiano humano. Dentre estes, o sexo, a sexualidade, as relações afetivas discrepantes de uma moral vigente ou padronização ou questões ligadas à morte e decadência humana ganham reverberação na narrativa literária – e por que não em outras manifestações artísticas – por não se comprometerem com nenhum elemento externo que os julgue enquanto valores e princípios éticos e morais. Assim sendo, acredita-se que a proposta aqui apresentada possa contemplar possibilidades de discussões sobre assuntos hodiernos que se apresentam problemáticos diante de um cenário atual complexo, cujas reações à arte pairam sobre fenômenos da superficialidade e dificuldade de compreensão daquilo que se quer dizer sobre nós mesmos e nossas mais emergentes sensações. Nesse sentido, o simpósio **“Questões metafísicas na literatura: epistemologia do romance como debate ontológico do fazer artístico”** demonstra especial interesse por trabalhos que procurem refletir acerca de aspectos voltados à condição humana presentes nas narrativas literárias, muitas vezes, silenciados pelas morais vigentes tais como: o belo *versus* o feio, as relações corpo *versus* alma, sexualidades, erotismo, sedução, o riso nas suas mais diversas manifestações, abjeções... Da mesma forma, pretende acolher trabalhos que busquem pensar o romance moderno, sua constituição estética, história e trajetória pela modernidade enquanto espaço de acolhimento dos conflitos e angústias humanas.

Palavras-chave: Epistemologia do Romance; Metafísica; Estética.

Referências

- BROCH, H. *Os sonâmbulos*. Trad. Wilson H. Borges. S.P: Germinial, 2003.
- _____. *Espírito e espírito de época: ensaios sobre a cultura da modernidade*. Trad. Marcelo Backes. 1ª edição- São Paulo: Benvirá, 2014.
- _____. *Création Littéraire et connaissance*. Trad, do alemão. Albert Kohn. Paris: Gallimard, 1966.
- BRUM, E. *Uma duas*. São Paulo: Leya, 2011.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1 – A vontade de saber*. (Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhaon Albuquerque). São Paulo: Edições Graal, 2011.

- FUENTES, C. *Geografia do romance*. Trad. Carlos Nougué. RJ.:Rocco, 2007.
- GADAMER, H. G. *Verdade e Método 1*. (Trad. Flávio Paulo Meurer) Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- HEGEL, G. W. F. *Cursos de Estética I*. (Trad. de Marco Aurélio Werle – 2ª ed) São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2001.
- KANT, I. *Crítica da faculdade de juízo*. (Trad. Valério Rohden e Antônio Marques) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- _____. *Crítica da razão pura*. (Trad. Fernando Costa Mattos). Petrópolis, RJ: Vozes; Ed. Universitária São Francisco, 2015.
- KUNDERA, M. *A cortina*. Trad. Teresa Bulhões C. da Fonseca. São Paulo: Companhia Das letras, 2006.
- _____. *A arte do romance*. Trad. Teresa Bulhões C. da Fonseca e Vera Mourão. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1988.
- MATTOSO, G. *Manual do podólatra amador: aventuras & leituras de um tarado por pés*. São Paulo: All Books, 2006.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (Manhã)

A ESTÉTICA NO CONTEXTO DA EPISTEMOLOGIA DO ROMANCE

Ana Paula Aparecida Caixeta

Resumo: No presente trabalho, o esforço maior está em compreender dimensões da Estética enquanto parte fundamental dos estudos da Epistemologia do Romance. Ciente de que a *aisthesis* rege a discussão central do que dá sentido à filosofia da arte e compreendendo que seu princípio dominante é constituído por um problema ontológico da razão versus sensibilidade, pretende-se aqui observar, por um olhar filosófico, o movimento dialético acerca de questões da ordem da sensação e da racionalidade que promovam perspectivas de conhecimento sobre aquilo que as possibilidades de leitura de um objeto estético oportunizam. Entende-se que a teoria da Epistemologia do Romance lança mão de vários princípios, sendo um deles o da intencionalidade na obra de arte, que ganha forma pela estética e abre espaço para compreender questões nascidas do contexto da criação, mas rastreadas pelos processos de leitura e interpretação da obra. Assim, motivada pelas compreensões acerca do conhecimento sensível, a Epistemologia do Romance é aqui trazida como uma área que se interessa pelas relações entre experiências estéticas e a compreensão dessas experiências; especialmente, a consciência delas. Desse modo, fará parte do debate a observância das ambiguidades que perpassam a história da estética, considerando parte de seus problemas sob perspectivas filosóficas acerca de princípios de verdade, harmonia, crítica e sistematização. Tem-se, portanto, a oportunidade de pensar o estético como espaço fecundo de observação e reflexão filosófica no que tocam os problemas mais complexos da condição humana, reverberados e representados pela forma da arte. Assumindo a arte como espaço de entendimento do humano, a Epistemologia do Romance se coloca como preocupada com fins didáticos para se chegar a essas possibilidades de conhecimento. Por esta razão, será colocado em debate a necessidade de pensar situações próprias da Estética, que incitam o sujeito a refletir sobre suas relações ou fusões com o objeto, não com um intuito de relação separada entre sujeito e obra, mas com esforços analíticos em se distanciar momentaneamente e conscientemente do objeto, a fim de que se possa apreender elementos que corroboram com os efeitos que determinados elementos estéticos causam. Isso reforça a necessidade do debate em questão e contribui para uma discussão ampliada acerca do contexto romanesco, indo ao encontro de outras possibilidades de forma da arte em que o ponto central de análise está, principalmente, na busca pelas escolhas estéticas ali evidenciadas.

Palavras-chave: estética; epistemologia do romance; conhecimento



ROMANCE QUE PENSA

Maria Veralice Barroso

Resumo: Romance que pensa Resumo: Ao estabelecer e coordenar o diálogo entre literatura e filosofia, os estudos desenvolvidos no âmbito da Epistemologia do Romance se amparam em um tripé filosófico constituído pela estética, a hermenêutica e a epistemologia. De um ponto de vista estético, entendem que os processos de criação interferem nos sentidos constitutivos do objeto criado. Assim, para dar conta do jogo estético, de um ponto de vista hermenêutica, procura-se compreender as etapas da criação para que seja possível entender as engrenagens que fazem funcionar o texto. Esta sondagem se realiza por meio de uma desmontagem das estruturas textuais, gesto compreendido pelos estudos epistemológicos como sendo uma “brincadeira séria” que permite enxergar escolhas e procedimentos realizados pelo criador, tal como prefigura Wilton Barroso no artigo inaugural da Epistemologia do Romance (2003). Esse gesto hermenêutico se faz epistemológico na medida em que busca meios que levem ao entendimento do que fora a priori intuído, permitindo ao leitor que se afaste da pura contemplação para ser capaz de formular explicações sobre aquilo que constituiu a sua relação com o objeto artístico. A junção da estética, da hermenêutica e da epistemologia faz que o pensamento introduzido no romance seja tratado como algo decorrente de uma metafísica, capaz de se aproximar de um movimento que faz circular o desejo de extrair possibilidades de conhecimentos acerca do humano no espaço das subjetividades literárias. Se entendermos que o romance é construído a partir de um movimento que reivindica uma razão sensível, estamos admitindo que o teor de racionalidade que lhe é agregado possibilita uma edificação estética paulatinamente elaborada, fazendo-o existir e se mover com uma engrenagem que lhe é própria. A descoberta do funcionamento desta engrenagem permite ao leitor, especialmente ao leitor pesquisador, inferências no sentido de ampliar o campo de conhecimentos acerca dos mais diversos aspectos da existência. Por sua vez, a sensibilidade também condutora de todo o processo, injeta na narrativa a metáfora, a ambivalência, sem a quais o estético não existiria. O grau de sensibilidade faz com que a narrativa romanesca se afaste da pura descrição para se situar no campo da subjetividade. Este aspecto que ajuda definir a literatura enquanto tal, retira do criador ou do recebedor qualquer probabilidade de fechamento do campo de sentidos. Por mais que uma obra de cunho estético faça uso da razão, por mais que seja movida por engrenagens constituídas por meios laborais e reflexivos, por mais que assumidamente, se aproxime da prática filosófica, não há como se manifestar enquanto articuladora de um sistema de pensamento, portanto, não nos será permitido jamais dela querer subtrair ou refutar uma verdade. Será nesse campo prenhe de razões e sensações que se fixará o jogo literário dessa modalidade romanesca que ser quer meditativa. E será, portanto, com base neste entendimento, que a presente propostas de comunicação tem por objetivo ampliar as reflexões acerca de narrativas, pelos estudos teóricos da Epistemologia do Romance, denominadas de romance que pensa.

Palavras-chave: Palavras-chave: romance que pensa; filosofia; literatura; metafísica

O NARRADOR NA EPISTEMOLOGIA DO ROMANCE: O GESTO FILOSÓFICO

Priscila Cristina Cavalcante Oliveira

Resumo: A partir dos estudos no grupo Epistemologia do Romance, esta comunicação busca trabalhar ideias que compõem a palavra NARRADOR. O verbo conjugado em terceira pessoa do singular dentro da palavra, a qual propomos tecer comentários e reflexões, propõe uma ação, a de narrar. As experiências movem o ato de narrar, nosso corpo é formado de histórias. O narrador narra o que de alguma forma atravessou seus sentidos, seus saberes e visões do mundo. O ato de narrar não é em vão e fortuito, é um ato laborioso e inteligente. O termo narrador não proporciona meramente o sentido de contador de histórias, mas um organizador estratégico que articula a narrativa. O narrador não só narra, mas também diz com o narrado. Nos estudos da Epistemologia do Romance, uma imagem outra de narrador é emergida, a do narrador filosófico. O narrador filosófico atravessa questões filosóficas ou morais, possibilitando análise

e reflexão acerca da existência humana. A voz filosófica do narrador produz um questionamento filosófico e toca em questões de compreensão e reflexão da condição humana. A postura reflexiva do narrador é um solo fecundo para os estudos do grupo da Epistemologia do Romance por serem um campo de possibilidades de saberes do contexto existencial do ser. Para tanto, os estudos foram concentrados em textos teóricos do grupo de pesquisa Epistemologia do Romance e dos escritores Ronaldo Costa Fernandes, Silviano Santiago e Walter Benjamin.

Palavras-chave: narrador; epistemologia do romance; voz filosófica

AS NARRATIVAS (IM)POSSÍVEIS NOS ROMANCES METAFICIONAIS HISTORIOGRÁFICOS DE BARBARA CHASE-RIBOUD: DISCURSO, CORPO E PODER

Dayse Rayane e Silva Muniz

Resumo: A escritora afro-estadunidense Barbara Chase-Riboud, através dos romances metaficcionais historiográficos Sally Heming (1989), *The President's Daughter* (1994) e *Hottentot Venus* (2003), resgata as vozes de mulheres negras silenciadas pelas relações de poder que as excluem e marginalizam. Ao reconstruir suas narrativas, preenchendo as lacunas esvaziadas pela falta de registro histórico com a ficção, a autora ressignifica representações dos povos negros, os concebendo como sujeitos dos seus próprios discursos. Os dois primeiros romances trazem as histórias de Sally Hemings, escrava do presidente Thomas Jefferson e mãe de sete filhos dele, e da única filha dos dois, Harriet Petit. Ao colocar a vida privada como destaque numa narrativa que também compreende grandes momentos da história dos Estados Unidos, Chase-Riboud humaniza uma personagem cruelmente invisibilizada pelos registros tradicionais. Enquanto Sally Hemings passa toda a sua vida presa numa relação de abuso e subserviência, Harriet Petit, por ser uma mulher branca, consegue fugir da escravidão, inventando uma nova vida no norte dos EUA. Nesse momento, mais uma vez a voz autoral demonstra como fatores fenótipos influenciarão a vida das mulheres, uma questão central nas obras a serem abordadas. Já *Hottentot Venus* resgata a vida de Sarah Baartman, uma mulher coecoe que vai para a Europa com o intuito de ser exposta como um animal exótico, representando o oposto do homem europeu, símbolo da civilização e do progresso. A partir de um relato post-mortem que denuncia várias violências contra seu corpo negro, feminino, escravizado e imigrante, Baartman se torna o sujeito de sua própria narrativa, denunciando a viciosidade do discurso eurocêntrico, que desumaniza todos aqueles que se desviam de sua norma.

Palavras-chave: Corpo, discurso, poder, metaficção, historiográfica, Chase-Riboud

AUTORREFLEXÃO CRIATIVA: O ETHOS DO INSCRITOR-LOCUTOR DE GEORGE SAND

Daiane Basilio de Oliveira

Resumo: Materializada na voz do narrador conforme a posição do escritor no campo literário (Bourdieu, 1996), a metaliteratura pode se converter na autorreflexão sobre o fazer literário na enunciação crítica. Este produz a imagem do enunciador diante de seu público, o ethos (Maingueneau, 2009). George Sand, na obra *Le Dernier Amour* publicada pela *Revue des Deux Mondes* em 1865, apresenta um romance que aborda o seu próprio processo de criação através das vozes de dois narradores distintos: heterodiegético, aquele que não fazendo parte da história a narra, e o autodiegético que é a entidade narrativa que veicula acontecimentos vivenciados por si mesma enquanto personagem principal da narrativa (Genette, 1976). A participação dessas vozes, por sua vez, reverbera na constituição dos valores investidos na obra, de maneira a incidir sobre a percepção dos ethé do enunciador. Faz-se, por isso, relevante a compreensão e discussão sobre como esses valores discursivos são atribuídos sobre a criação literária de Sand e quais princípios enunciativos são nela empregados. Os ethé são, assim, construídos via a instância enunciativa de autocrítica e experiência do inscritor de George Sand. De maneira que a imagem da inscritora do discurso literário, em meio à exegese textual, é apreendida pelo leitor a partir de seu olhar analítico sobre sua criação literária e tomada de posição no campo literário, o que



proporciona o reconhecimento de sua trajetória no campo literário, “uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) em um espaço em movimento e submetido a incessantes transformações” (BOURDIEU, 1996, p. 81-82). É possível tencionar que a escritora, mediante o campo de produção cultural em que se inseria, utilizou de estratégias que fizessem avançar seus interesses, produzindo, por conseguinte, a evolução e distribuição de sua produção romântica que tendia à subversão dos valores morais e jurídicos da época. Sand pôde, dessa forma, empreender suas disposições conforme o estado do campo literário. Sua escolha, por isso, é diversificada, contudo, prima pelo traço repleto de lirismo, colocando em pauta discursos de cunho político e social. No arco temporal que se limita às décadas de 1830 e 1860 consideradas período inicial e final, respectivamente, das publicações de George Sand, se percebe o estabelecimento de diferentes *ethos*. Entre eles, a presente pesquisa em observação da fortuna crítica se volta para uma imagem inscristiva de um enunciador inteligente, filosófico e militante da causa em favor da liberdade e independência das mulheres, sendo substituído mais tarde pelo *ethé* de locutor-inscritor de uma escritora que se põe a refletir sobre sua própria atividade e criação literária.

Palavras-chave: Literatura francesa; *Ethos*; Metaliteratura

17/07 (Manhã)

DA RELATIVIDADE DA PERCEPÇÃO DO REAL NA OBRA *TERRA NOSTRA* DE CARLOS FUENTES

Denise Moreira Santana

Resumo: A presente comunicação tem por objetivo refletir sobre a dimensão do tempo narrativo relacionado na primeira parte do romance *Terra Nostra* (1975) do autor Carlos Fuentes. Nossa proposta é partir da reflexão apresentada na obra “A filosofia do como se” do filósofo estudioso sobre a obra kantiana Hans Vaihinger e mostrar como a ficção opera no caminho da racionalidade e da linearidade histórica. Ou seja, como Fuentes retira a periodização histórica linear de sua obra e faz a construção de seu texto a partir de uma sobreposição de narrativas, e essas narrativas quando se misturam relativizam a realidade de tempo histórico. A nossa forma de análise será a partir dos estudos da Epistemologia do romance efetivar um olhar hermenêutico sobre os textos escolhidos de Fuentes, Vaihinger e Gadamer porque o *serio ludere* nos servirá como suporte para adentrar os textos. O que se espera mostrar a partir desta comunicação é o esforço do autor em trazer para o presente a retomada do passado fazendo com que o enredo seja uma reflexão sobre o papel do tempo na relação do homem (leitor e personagem) com a relatividade que o tempo traz para a percepção do real e do ficcional.

Palavras-chave: Epistemologia do Romance. Carlos Fuentes. *Terra Nostra*. Hans Vaihinger

“ME DORMÍ AQUEL DÍA SOÑANDO EN QUE FUSILARÍAN OTRO Y DESEANDO QUE FUERA JUNTO A MI CASA”: A REVOLUÇÃO MEXICANA SOB OLHOS INFANTIS

Janara Laíza de Almeida Soares

Resumo: A escritora mexicana Nellie Campobello, no livro “*Cartucho: relatos de la lucha en el norte del México*”, narra a guerra através dos olhos de uma criança. A narradora vive esse ambiente, escuta os relatos da mãe e de pessoas que ficaram para trás, dos “no-ciudadanos” (mulheres, idosos e crianças), como afirma Mary Louise Pratt (2004), trazendo para o leitor as imagens percebidas pelo olhar infantil. Quais são as consequências estéticas e éticas dessa escolha? Considerando a experiência estética – que está no terreno do a posteriori, da reflexão, da criação de sentido (campo hermenêutico) – a autora utiliza a visão pura da criança, que ainda está no espaço do efeito estético, para apresentar cruamente um ambiente para o leitor, que possui uma carga de sentidos e de interpretações prévias (paixões/pré-conceitos). Desse modo, a visão “pura” da criança, no sentido de ver as coisas sem o véu do preconceito, faz o leitor entrar em contato com uma parte da guerra que é depurada nas narrativas habituais. O aspecto floreado das narrações dos heróis de guerra e dos eufemismos jornalísticos é substituído pela



simplicidade infantil, causando um efeito de captação instantânea do real, já que a criança não possui os filtros morais presentes nos adultos. A escolha das construções estéticas, principalmente no livro de Nellie Campobello, está diretamente ligada às noções de jogo (Gadamer, 2008) e de jogos de verdade (Foucault, 2001). Estabelecendo o conhecimento (ou seja, a verdade) como uma invenção e uma posição estratégica, Foucault desenvolve o jogo como um “conjunto de regras de produção de verdade”, que muda de acordo com a época e a sociedade. Gadamer, por sua vez, faz uma relação entre jogo e arte em que, ao criticar a ideia de consciência estética e colocar a experiência da arte como um fenômeno hermenêutico, questiona o modo de ser da obra artística, configurado enquanto uma “experiência que transforma aquele que o experimenta”. Para tanto, os jogos estéticos escolhidos pelos escritores estabelecem uma tensão na noção de verdade e utilizam os efeitos estéticos, as paixões e os pré-conceitos do leitor para desconstruir um discurso ou um ponto de vista e, dessa forma, permitir a construção de outros tipos de pensamento, participando dos jogos de verdade na noção foucaultiana. No livro de Nellie Campobello, a narração está acima das histórias romantizadas, sendo conduzida de um modo a sugerir o que não é relatado nas narrativas heroicas. Desse modo, assumindo a Estética enquanto um campo da filosofia e relacionando-a com outras áreas do conhecimento (Epistemologia e Hermenêutica, seguindo a esteira da Epistemologia do Romance), esta comunicação propõe analisar os desdobramentos estéticos e éticos da escolha de uma criança para narrar o ambiente de guerra da Revolução Mexicana.

Palavras-chave: Epistemologia do Romance; efeito de real; Nellie Campobello; literatura latino-americana.

O PERSONAGEM COMO “EGO EXPERIMENTAL” NOS ESTUDOS DA EPISTEMOLOGIA DO ROMANCE

Nathália Coelho da Silva

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo pensar o uso da expressão “Ego Experimental”, de Milan Kundera, no desígnio do elemento romanesco “personagem” nas análises promovidas pela teoria complexa da Epistemologia do Romance. Dentro da perspectiva kunderiana, os egos experimentais são uma espécie de laboratório das possibilidades de aspectos da existência - com foco na interioridade e subjetividade - evidenciados a partir da ação narrativa da personagem em tempo e espaço específicos. Cada ego experimental é identificado com um código-existencial, do qual o autor trabalhará dentro do romance a relativização e pluralidade de verdades individuais do sujeito. Nos estudos da Epistemologia do Romance, o termo é usado para além da obra de Kundera e pode configurar, a depender do objeto de cada pesquisador, um item estético-epistemológico importante na busca pelo conhecimento acerca da condição humana no romance. A apropriação da expressão reitera, portanto, a compreensão ampla e aprofundada das personagens não só em caráter literário, mas também filosófico.

Palavras-chave: ego-experimental, personagem, epistemologia do romance, condição humana

A SACRALIZAÇÃO DO AMOR MATERNO: FRONTEIRA ROMPIDA

Neila da Silva de Souza

Resumo: As considerações do pesquisador Wilton Barroso Filho, em seu artigo intitulado “Elementos para uma Epistemologia do Romance” (2003), propõe-nos um estudo fundamentado na compreensão de ser o romance literário uma construção intermediada pela razão e pela sensibilidade do criador. Para compreender esse estudo, é importante a interligação de reflexões no âmbito da estética, da epistemologia e da hermenêutica. Partindo dessa visão, esta comunicação, faz-nos engendrar pela literatura contemporânea de modo a questionar a posição do sujeito contemporâneo, sob viés da epistemologia do romance no livro “Uma Duas” (2011), de Eliane Brum. A narrativa demonstra que, diante de um cotidiano de difícil sobrevivência, a arte, propiciou a Brum a almejada liberdade de criação a partir do que lhe foi dado de singularidade de concepção do mundo jornalístico, espaço em que, até então, não lhe permitira tamanha transcendência. Ao longo da narrativa percebe-se que não se trata de um simples

desentendimento ou rancores entre mãe e filha, há questionamentos sobre a condição humana. Além da construção estética, muito importante sem dúvida, o que o romance “Uma/Duas” pode proporcionar em termos de conhecimento que o romance mais tradicional não conseguiria? Como dissertar sobre a razão interna do romance? Portanto, baseado nesse diálogo epistemológico, o romance “Uma/Duas”, possui condições estéticas, em que o leitor é fagitado por uma linguagem sem pudor por narradores que nos permitem desnudar a dimensão entre corpo e escrita, amor e ódio nas vozes de mãe e de filha, em que o despedaçar-se das fronteiras da figura não sacralizada do amor materno fala mais alto.

Palavras-chave: Uma/Duas; epistemologia do romance; maternidade

O HOMEM DO ABSURDO E A QUESTÃO DO ESVAZIAMENTO EXISTENCIAL

Patrícia Pilar Farias

Resumo: O presente trabalho dedica-se ao estudo da obra *O estrangeiro*, de Albert Camus, que traz na narrativa um mundo ligado às percepções existenciais, ou seja, pode proporcionar uma reflexão para o homem em relação ao mundo, aos outros e consigo mesmo. A pesquisa tem por objetivo analisar os aspectos existenciais vivenciados pelo protagonista da obra de Camus, com suporte no pensamento de Hans Ulrich Gumbrecht (2010) no que diz respeito ao conceito de “produção da presença” e com apoio da noção de *Dasein* apresentado por Martin Heidegger sobre o Ser. Partindo dessas relações, procura-se compreender como o esvaziamento existencial pode se apresentar na narrativa através do que acontece na vida de Meursault, o personagem principal da novela camusiana. A partir da relação possível de se estabelecer entre Literatura e Filosofia, mostrar como os elementos da narrativa podem auxiliar na compreensão de questões existenciais como por exemplo, o esvaziamento existencial. Trata-se de uma pesquisa no campo da Crítica Literária, com o suporte na Teoria da Literatura, em especial no que diz respeito ao pensamento de Gumbrecht acerca da presença e da substancialidade, com diálogos intertextuais com a filosofia, no qual compreende a noção de existencialismo abordado por Heidegger. Com o estudo foi possível compreender as relações de “produção da presença” na obra *O estrangeiro* de Albert Camus e analisar como a vida da personagem corrobora para auxiliar na compreensão do esvaziamento existencial.

Palavras-chave: Camus; *O estrangeiro*; Existencialismo; Gumbrecht.

18/07 (Manhã)

O ÂMBITO METAFÍSICO DA EPISTEMOLOGIA DO ROMANCE

Emanuelle Souza Alves da Silva

Resumo: A partir da investigação literária da Epistemologia do Romance que busca no espaço da ficção o conhecimento do humano, tem-se como pressuposto a relação do leitor para com a obra literária entendida como ponto de partida para a aquisição desse conhecimento e, neste trabalho é proposto que esse esforço é metafísico. Essa relação é norteada por pressupostos da filosofia de Kant, que em *Crítica da Razão Pura* apresenta a relação sujeito objeto como sendo o ponto de partida da experiência, onde o sujeito, num primeiro momento, intui uma impressão sobre o objeto a partir do efeito que este lhe traz. A Epistemologia do Romance está interessada no momento seguinte à intuição, onde Kant aborda o entendimento do objeto pelo sujeito. Na Epistemologia do Romance Hegel entra nesta relação para pensar o objeto dialogicamente com aspectos hermenêuticos e dessa maneira, no espaço literário o sujeito leitor busca o entendimento da obra literária ultrapassando o efeito imediato que ela lhe trouxe e pressupondo que essa relação se estabelece dentro de um tempo e espaço onde há um elemento histórico a ser considerado. Entende-se aqui que a aquisição de entendimento do objeto se dá num âmbito metafísico, pois o sujeito transcende a pura sensibilidade para conceituar seu entendimento. Na investigação do romance há o âmbito que o leitor lida com a estética trazida pelo autor, sendo envolvido pela narrativa e as personagens. No romance, há um mundo diferente a ser conhecido



e explorado através de personagens que são entendidas como sujeitos no mundo também, ainda que ficcionais. A partir disso, a Epistemologia do Romance se propõe a compreender o jogo do autor e para isso, o leitor precisa ter um distanciamento da obra que o permite abandonar julgamentos e opiniões que surgiram no primeiro contato com a obra, sendo assim mais que um leitor comum: um leitor pesquisador. O movimento de partir do indivíduo personagem para pensar a conjuntura humana é abordado em Hermann Broch e Milan Kundera e trazido para este trabalho para refletir o âmbito ontológico e metafísico da pesquisa literária. Hermann Broch, por exemplo, abandona o espaço puramente filosófico e se utiliza do espaço literário para abordar suas teorias filosóficas a partir das personagens elaboradas por ele. Dessa forma, podem-se englobar questões apresentadas no romance a um conjunto maior que trata de questões do ser, partindo do individual para o universal, num movimento metafísico. O entendimento a que o sujeito chega não tem a pretensão de se estabelecer como a uma verdade no sentido de um único entendimento possível da obra, pois a investigação a partir da Epistemologia do Romance explora possibilidades de se pensar a obra e estas são inesgotáveis, na medida em que a investigação e abordagem da obra dependem da fruição do leitor.

Palavras-chave: Metafísica; Ontologia; Romance; Epistemologia.

SOBRE A CONDIÇÃO HUMANA E A ESTÉTICA ROMANESCA DE VERGÍLIO FERREIRA

Gledinélio Silva Santos

Resumo: A análise em questão busca compreender a correlação entre o Ser – ou, a constituição do sujeito – e a Arte, no romance *Alegria Breve* (1965), do escritor português, Vergílio Ferreira; cuja narrativa gira em torno de um homem solitário velando o corpo da esposa, preso em pensamentos, experimentando o limite da condição humana. Trata-se de uma narrativa onde a própria noção de tempo se confunde com o passado para ressignificar a existência trágica do seu herói, ou conceder a ela uma nova razão de ser. Via de regra, *Cântico Final* (1960) é uma das obras de Vergílio Ferreira onde a Arte é conduzida a um patamar privilegiado na ficção portuguesa. Contudo, uma vez que no interior da obra vergiliana ocorre um diálogo entre seus textos, tanto ficcionais quanto ensaísticos – como uma espécie de a priori dos temas a serem explorados em seus romances –, em que medida é possível falar em um alargamento feito em *Alegria Breve* de uma primazia da Arte na Ontologia do escritor português em questão? Isso implica, por conseguinte, levarmos em questão o que se entende por uma ontologia vergiliana, e de que modo a Arte se relaciona com sua indagação sobre o drama da existência humana, enquanto Leitmotiv no ofício da sua estética romanesca. Sabe-se que obra ficcional vergiliana constitui uma tentativa de esclarecer e fixar uma inquietação na contemporaneidade. Época em que o projeto de humanidade, construído a partir da revolução econômica-industrial, não apenas fracassou por completo, em decorrência das guerras e do flagelo humano, como também promoveu o falecimento das utopias e a desconfiança na resolução das grandes questões. Nessa perspectiva, indagar sobre a condição humana requer a consideração de que “toda arte é uma revolta contra o destino do homem”, conforme afirma Malraux, e que “sem arte, o homem não é homem. Enquanto se admitir que há homens, tem de se admitir que há arte”, como sentencia Vergílio Ferreira (1993). Destarte, se a consciência de si, ou a busca pelo autoconhecimento, caminha lado a lado com a perspectiva existencialista na obra de Vergílio Ferreira, interessa-nos observar: 1) de que modo a personagem se relaciona consigo mesma e com o Outro; 2) a constituição do estatuto ontológico do Devir e a questão da finitude da vida; e por fim, 3) de que modo a Arte pode ser compreendida como elemento essencial à condição trágica da vida humana e na constituição do sujeito.

Palavras-chave: Arte; Conhecimento de si; Condição humana; Vergílio Ferreira.

O IDÍLIO KUNDERIANO NA EPISTEMOLOGIA DO ROMANCE

Herisson Cardoso Fernandes



Resumo: Idílio, do grego ?????????, ?? - curto poema descritivo, que em sua maioria lida com temas pastorais, embora em suas origens tal forma poética contemplasse um campo temático mais vasto. Considera-se Teócrito (310 a.C. – 250 a.C.), poeta grego, um dos responsáveis por dar o formato tradicionalmente aceito à concepção de idílio, tanto em forma quanto em conteúdo. A poesia romana retoma tais ideias e formas, como nas éclogas Bucólicas de Virgílio, as versões romanas dos poemas idílicos. Na literatura portuguesa e espanhola foram vários os autores que se inspiraram nos trabalhos de Virgílio. Dentre eles destaca-se o português Bocage (1765 – 1805). O estilo chega à modernidade e, como consequência, torna-se uma forma de ressaltar o conflito entre um sujeito que não pode mais apreender a completude de sua realidade, e uma noção idealizada de natureza, comum às formas antigas de arte. Conflito esse que permeia, por exemplo, as tentativas épicas e idílicas dos poemas de Goethe (1749 – 1832). O filósofo alemão Hegel (1770 – 1831) demarca a impossibilidade da existência de uma poesia verdadeiramente épica na modernidade, por conta das condições de vida moderna que não mais podem pretender abarcar um “quadro geral” (Gesamtbild) da realidade. Destarte, o pensador acredita ser o romance a forma capaz de abarcar a “ordem prosaica” da existência moderna, chamando-o de o verdadeiro “épico burguês”. Vittorio Hosle (1960 -), filósofo ítalo-germânico, pontua que, para Hegel, a realização do espírito e da razão tem por pressuposto a superação do mundo clássico e, por consequência, das interpretações e construções idílicas de mundo. Tal relação culmina no pensamento do romancista tcheco Milan Kundera (1929 -) de ser o idílio uma busca utópica por se viver uma situação de ausência de desordem e agitação, ou, em outras palavras, “o estado do mundo antes do primeiro conflito” (KUNDERA, 2009, p.123). Em Kundera é constante a reflexão de como os propósitos idílicos cercam o que é inerentemente humano, demonstrando desta forma nossa perene vontade de “anular as contradições” (BARROSO; BARROSO, 2017, p. 99). Para os pesquisadores da Epistemologia do Romance a noção de idílio é, na obra romanesca de Kundera, um dos vórtices pelos quais se solidifica uma forte relação entre literatura e filosofia. Desta forma, voltamos nosso trabalho para a concepção kunderiana de idílio, no sentido de pensar as maneiras como no romance se localiza a contraposição de uma postura idílica para com a complexidade da vida moderna.

Palavras-chave: Epistemologia do romance; Idílio; Milan Kundera

IDENTIDADE METADISCIPLINAR: MILAN KUNDERA À LUZ DE SEUS ENSAIOS

Rafael Gallina Bin

Resumo: Ao escrever a Filosofia da composição, Edgar Allan Poe inaugura uma tradição pela qual autores expõem os motivos de sua produção literária. A partir desse momento, é possível reconhecer a existência de uma peculiaridade na embocadura dos artistas-críticos que torna suas reflexões literárias mais instigantes que a urdidura dos teóricos-críticos, uma vez que estes, com seus instrumentais analíticos, se lançam à opacidade do campo estético de modo a torná-lo translúcido, ao passo que aqueles, norteados pela própria pulsão criativa, dirigem seu olhar a leituras originais, cujos resultados buscam, a um só tempo, iluminar a compreensão da obra analisada e revelar a idiossincrasia presente em sua própria obra literária. Nessa linha de autores-críticos, a presente comunicação objetiva articular as relações entre a produção literária e crítica de Milan Kundera, evidenciando como as ideias abstratas de seus ensaios se encarnam na concretude material de sua narrativa. Com efeito, em um primeiro momento, evocar-se-ão os ensaios presentes em sua *A arte do romance*, a fim de focalizar mais diretamente os aspectos que se vinculam aos procedimentos estruturantes da obra kunderiana. Enfatizar-se-á, sobretudo, a quarta parte do volume, na qual o autor tcheco sustenta três pontos necessários para o desenvolvimento da arte romanesca de seu tempo, a saber: (a) a escrita por meio de uma técnica de despojamento radical; (b) o desenvolvimento de uma arte de contraponto de cunho romanesco capaz de harmonizar narrativa, filosofia e sonho; e (c) a descoberta de uma forma de ensaio especificamente romanesco. Ponderadas e apuradas suas reflexões críticas, em um segundo momento, pretende-se mobilizá-las como operadores de leitura na análise do romance *A identidade*, de Milan Kundera, com o intuito de demonstrar o fluxo de sua visão de ensaísta

na estruturação de seu projeto estético, ao mesmo tempo, em que o refluxo estético amadurece a abordagem metadisciplinar de seu métier.

Palavras-chave: Literatura; Metalinguagem; Projeto literário; Identidade; Milan Kundera

EXÍLIO E VULNERABILIDADE NA LITERATURA E NAS ARTES: VIAJANTES, ESTRANGEIROS, COMUNS E DESOCUPADOS EM TAUNAY E ELVIRA VIGNA

Rosana Campos Leite Mendes

Resumo: Um olhar tanto ao século XIX e também à estética contemporânea, em suas narrativas romanesas e nas artes, ressaltam-se as experiências de distorção que movem o ser humano em roteiros construídos nos entornos de exílio, refúgio, isolamento e solidão. Parte dessa sobreposição temática parece responder a essa questão com uma literatura e arte que mobilizam determinados aspectos do disfarce e da vulnerabilidade. Conexões literárias e artísticas que se estabelecem por tais relações podem estar alojadas, não sem razão, também em um conhecimento estético no qual este não pode ser repassado somente por conceitos, e sim por obras de arte. Nesse percurso aqui, importante as considerações constantes na metafísica do belo (SCHOPENHAUER, 2003). No caso, a realidade sensível e o belo presente em escritas e obras de arte que tocam nas interfaces que ligam o ser que se vê um estrangeiro em seu território casa, trabalho, país ou relacionamento social. O presente trabalho parte dessa questão e lança um olhar à obra literária *Inocência* (1872), do Visconde de Taunay (1843-1899) e aos artistas viajantes de sua família: Nicolas-Antoine Taunay, renomado pintor francês e membro da Missão Artística Francesa, Félix Émile Taunay, pintor francês e professor de desenho e pintura na Academia Imperial de Belas Artes do Brasil (AIBA) e Aimé-Adrien Taunay, pintor e desenhista francês, que participou da Expedição Langsdorff. Como se vê, respectivamente, avô, pai e tio. Todos, no caso, pintores e desenhistas que vieram para o Brasil, em 1816, numa condição de exílio oficial ou não. E, num outro contraponto e ressaltando as distâncias de época, deslocamos uma análise, nesse mesmo viés, ao romance *A um passo* (2004), de Elvira Vigna (1947-2017). O referido romance, que a autora dizia ter como sua obra favorita, com cenas esparsas e capítulos curtos, traz o banal na crueza das relações humanas. O exilado e o estrangeiro caminham em estruturas evidenciadas do cotidiano. A partir de formas estéticas que privilegiem as maneiras de se ver a criação, e as obras de arte, em um mundo com um tipo de refugiado, passageiro ou permanente, de situações várias, este trabalho tem como objetivo refletir essas questões. No campo interartístico e literário apoiamos a análise, entre outros, nos estudos epistemológicos que, mesmo ao pensar na obra em separado, não prescinde de uma noção de conjunto para extrair elementos fundadores. Assim, também, privilegiar um olhar às escolhas estéticas e ao romance literário enfatizado, por Milan Kundera, para se pensar a condição humana na modernidade (BARROSO & BARROSO, 2018).

Palavras-chave: Exílio; Taunay; Elvira Vigna; Estrangeiro

93 - REINTERPRETAÇÕES DO BRASIL RUMO A 2022: (AINDA) EM TORNO DA RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E IDENTIDADE NACIONAL

Coordenação: Prof. Dr. Alexandre Graça Faria (UFJF), Profa. Dra. Tatiana Franca Rodrigues Zanirato (UFG)

Resumo: À *Guisa de Prefácio*, Machado Penumbra vaticinava categoricamente aos leitores incautos de **Memórias Sentimentais de João Miramar**: “O Brasil, desde a idade trevosa das capitâneas hereditárias, vive em estado de sítio. Somos feudais, somos fascistas, somos justicadores” (ANDRADE, 1997, p43). O espírito modernista, bem sabia Oswald, caracterizava-se, sobretudo, pela civilizada capacidade de aceitação desrecalcada do passado histórico brasileiro. Mesmo assim, o projeto estético modernista apostava na utopia da superação dos modelos arcaizantes que nos tornaram fadados a ser “uns desterrados em nossa terra”

(HOLLANDA, 2016, p. 39), para citar o clássico **Raízes do Brasil**, de Sérgio Buarque de Holanda.

Há três anos da comemoração do bicentenário da Independência e do centenário da Semana de Arte Moderna, a literatura contemporânea nacional ainda se desdobra em torno das questões identitárias propulsoras da Semana de Arte e produz, no discurso de ficção, elaborações que respondem à questão oswaldiana sobre “quem seria o brasileiro do século XXI”: a literatura marginal, produzida nas favelas, reclama seu direito à cidadania; a literatura indígena expõe as fraturas do legado romântico; as literaturas feministas, sobretudo a literatura feminista negra, exigem seu o lugar de publicação; as literaturas afrodescendentes respondem à memória do *Navio Negreiro* com o punho de ferro que marca sua escrita; a literatura LGBT obriga crítica e público leitor a se reposicionarem sobre questões de autoria. Nada é feito com a concepção de que literatura é alheia ao homem do seu tempo.

Não obstante, no dia 24 de Janeiro deste ano, o deputado Jean Wyllys – identificado como representante mais contundente da população LGBTQI+ e opositor declarado das ideologias propaladas pelo governo presidido por Jair Bolsonaro – foi levado a desistir do mandato, para o qual foi legitimamente eleito no ano de 2018, em função de ameaças feitas à sua vida, ameaças essas semelhantes àquelas que vitimaram a parlamentar Marielle Franco, cujo assassinato está há mais de 300 dias sem esclarecimentos conclusivos (não há como ler o percurso destes últimos meses sem analisá-los como desdobramento do golpe jurídico-político-midiático que destituiu a presidenta Dilma Rousseff, democraticamente eleita, no ano de 2016).

Este breve panorama sobre a atual situação política do Brasil revigora as palavras de Oswald de Andrade, que viu a inclinação brasileira para o fascismo durante o elã modernista e, exatamente por isso, torna necessário ler com atenção a advertência de Jessé Souza em **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**, em que nos impele a admitir que as colocações de Sérgio Buarque e também as de Penumbra criaram a concepção do culturalismo racista americano, que identificamos como o “vira-lata” brasileiro e que, segundo o sociólogo, autorizou um “conjunto de ideias falsas que nos amesquinham e retiram nossa autoestima que tornou possível a grande farsa do golpe de maio de 2016 e de todos os outros golpes supostamente contra a corrupção” (SOUZA, 2017, p. 35).

Em **Comunidades imaginadas**, Benedict Anderson (2008, p. 34) aponta que uma nação é “uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana”; segundo o historiador, ela é “imaginada como uma *comunidade* por que, independentemente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal” (ANDERSON, 2008, p. 34, grifo do autor). As novas vozes que se colocam no cenário literário e cultural brasileiro, anteriormente elencadas, vêm expondo as fraturas do projeto brasileiro de uma comunidade imaginada e, conseqüentemente, de uma identidade nacional estável e homogênea (fenômeno observado não apenas no Brasil, mas comum na pós-modernidade, como aponta Stuart Hall).

Nesse sentido, os Estudos Culturais apresentam-se como a abordagem metodológica mais apropriada para este Simpósio Temático porque deseja reunir pesquisas em torno das questões de representações da identidade nacional, tanto na maneira em que são problematizadas e interpeladas pelas expressões das identidades culturais contemporâneas quanto na medida em que ressignificam clássicos coloniais, românticos e/ou modernistas, que se ocuparam da construção da identidade nacional brasileira. Deseja-se, assim, iniciar uma reflexão que pode ser desdobrada ao longo dos próximos anos sobre a forma como o “homem do século XXI” chegará enfim às efemérides que serão em breve comemoradas e a forma como a literatura e a cultura elaboram este momento da vida social brasileira. *VAE VICTIS*, disse o Penumbra. Mas permaneceremos aqui de mãos dadas.

Referências:

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. Edição Comemorativa 80 anos [1936-2016].

PENUMBRA, Machado. À Guisa de Prefácio. In: ANDRADE, Oswald. **Memórias sentimentais de João Miramar**. São Paulo: Globo, 1997.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

CONSTRUÇÃO-RUÍNA: PARADOXO DA IDENTIDADE BRASILEIRA

Alexandre Graça Faria

Resumo: Até que ponto o positivismo das classificações e comparações levaria a um conhecimento transformador que reduzisse o assombro diante da barbárie? Neste sentido, o desconhecimento do dinamismo do vencido continua causando o assombro de quem contempla o passado como ruína (BENJAMIN), amontoada pelos vencedores, em nome do progresso ou de um messianismo, revolucionário, utópico, teleológico. Não é com menos assombro que notícias sobre chacinas, guerras étnicas, ou tribos neonazistas são recebidas através da mídia contemporânea. Se o progresso fez o homem moderno olhar para o passado como um leitor de ruínas, a imediatização da história parte do paradoxo segundo o qual o presente é construção e ruína. Aqui tudo parece construção e já é ruína, cantou Caetano Veloso, no início da década de 90, denunciando o subdesenvolvimento que permanece fora da “nova ordem mundial”. A suposta oposição entre aparência (construção) e essência (ruína) não se justificaria. Ruína, neste caso não é mais do que outra predicação dada à aparência da construção. Construção é ruína – um dos paradoxos que configuram a modernidade. Outro dizer, crítico, do mundo que acaba se conformando na superfície da linguagem. Não pode, sequer, tratar-se de uma formulação metafísica, na medida em que fere um princípio clássico da lógica aristotélica, segundo o qual enunciados contraditórios não podem ser verdadeiros ao mesmo tempo. Je suis un autre, diria Rimbaud, inaugurando este paradoxo da modernidade em que A é não-A, e deslocando a questão da identidade de sua tautologia fundamental. O princípio da contradição não é lógico, ou ontológico, mas dialógico, segundo o qual o mundo se revela através da e na linguagem e não em si. Uma vez que é a linguagem que nos dá acesso a eventos, coisas e pessoas, e mesmo consciência deles, essa questão produz outras, sejam lógicas, metafísicas, ou mesmo éticas. Como, diante da superfície da linguagem que faz surgir o mundo, se deslocaria a questão metafísica da identidade nacional? O Brasil é o Brasil, permite afirmar o princípio da identidade como unidade. Qual Brasil? é a pergunta que responderia dialogicamente ao princípio da identidade e à qual sempre se contrapôs um discurso que atribuía unidade à diversidade, pelo critério da pertinência, ou seja, o que não parece ser Brasil é Brasil porque pertence a este conjunto de elementos diversos. Mais do que a diversidade, o fluxo de signos e códigos urbanos contemporâneos expõe ao mundo as diferenças, assim conflitos e impasses sociais e políticos continuam à sombra de discursos estéticos e ideológicos que procuram equacioná-los. Reformulando a questão acima: como tornar esta linguagem-mundo verdadeiramente vigorosa para que, a partir dela, sejam possíveis ações éticas ou políticas, que fixassem positivamente as diferenças, sem hegemonia ideológica, nacional ou global, e, quem sabe, permitissem engendrar uma utopia por entre as ruínas do presente?

Palavras-chave: Identidade; nação, contemporâneo

MATA TEU PAI: FEMINISMO E QUESTÃO RACIAL NA OBRA DE GRACE PASSÔ

Bárbara Cristina dos Santos Figueira

Resumo: A presente proposta de comunicação visa investigar as problemáticas inerentes à construção da identidade nacional brasileira, especificamente os modos de representação da mulher negra na dramaturgia contemporânea. Para tal, partimos da análise comparada de Mata



teu pai (2016) de Grace Passô em diálogo com o clássico grego *Medéia* (431 a.C.) de Eurípedes, com vistas a repensar o lugar de confronto e superação do ser mulher – múltipla e fragmentada, violentada pelas relações de poder, gênero, raça e classe. Investimos na hipótese de que a produção escolhida possui uma rica articulação entre o real, o poético e o político, motivada pelo exercício de tecer conexões entre os resquícios do passado e as demandas do presente. Há algo no projeto de realização que questiona não apenas a forma e o conteúdo da tragédia grega clássica, mas o projeto colonial, as categorias de arte, as fronteiras entre o fazedor e o espectador, a lógica das instituições hegemônicas e tensiona as condições de produção, circulação e consumo da arte e das mercadorias. Através da tentativa sistemática de exclusão, da negação da possibilidade de atuação e usufruto da vida pública, a mulher seguiu por séculos marginalizada, quando não extinta do centro das narrativas. Reforço de nossa hipótese, o conceito de história na sociedade ocidental constituiu-se desde longa data como “um saber centrado em torno do Homem, figurado nos documentos como um sujeito universal, personificação de toda a humanidade.” (SILVA, 2006, p. 73). Desde a Antiguidade até os dias atuais, o que convencionou-se reconhecer como história oficial é em vários níveis produto do monopólio masculino na construção das narrativas. Em outras palavras, o que se firmou por séculos como lócus gerador da base do conhecimento histórico e científico é uma versão da história de homens, sustentada por homens e endereçada a homens; versão na qual estes não apenas protagonizam, como por óbvio decidem o que é ou não digno de registro como parte oficial da história. E por isso se fez parecer que a mulher estaria convenientemente fadada ao silêncio do relato histórico. Frente a esses indicativos, não seria incoerente atestar que a experiência a qual nomeamos Democracia fora constituída com base na ausência pública das mulheres. O que significa não apenas retirar da mulher a possibilidade de ser um sujeito de direitos, como também desconsiderá-la enquanto produtora de conhecimento. Neste estudo não nos filiaremos à tradição que visa gabar os méritos desta base fundante como inquestionáveis. Parece-nos indispensável, ao contrário, criticá-la. Dessa forma, reiteramos a premissa de que não há a possibilidade de uma experiência democrática real a partir de um modelo de organização patriarcal e sublinhamos a necessidade de escrever uma outra história, uma narrativa que preencha as lacunas deixadas, por acaso ou a propósito, pela história de longa duração.

Palavras-chave: Feminismo; Questão Racial; Dramaturgia Contemporânea.

UM OLHAR DE FORA: LITERATURA E DIPLOMACIA NO ROMANCE DE EDGARD TELLES RIBEIRO

Célio Diniz Ribeiro

Resumo: A presente pesquisa procura refletir sobre os modos como Edgard Telles Ribeiro trabalha, em sua obra ficcional, temas ligados à vida diplomática, desde o seu primeiro romance, *Criado-Mudo* (1991), na referência a um Cônsul Honorário (1991, p.44), até o enigmático personagem diplomata, Paulo Roberto, em *Uma Mulher Transparente* (2018), passando pelo contraditório e não menos sibilino, Max, em *As Damas da Noite* (2014) e pela figura do Embaixador de Rangoon, no conto “Rosebud”, da obra *No Coração da Floresta* (2000). Trata-se, neste sentido, de um escritor que deixa transparecer marcas explícitas e também referências que se concatenam em um mesmo campo semântico vinculados à diplomacia, fato este que o singulariza no cenário da prosa contemporânea, ao mesmo tempo em que não esconde tensões existentes entre a prática intelectual no Brasil e o exercício de uma função pública. Nesse panorama, percebe-se, inclusive, o quanto a imagem do exílio é um tema bastante recorrente e problematizado em seus textos, não somente pela multiplicidade de sentidos que o termo assume, como também pelos questionamentos que o romancista levanta acerca do sentimento de desterritorialização, aproveitando um conceito de Giles Deleuze. Ficção e diplomacia imbricam-se, por conseguinte, num jogo de aproximações e de distanciamentos. Apresentando, por isso mesmo, uma subjetividade cindida, instável, fragmentada numa pluralidade de vozes, os personagens de Edgard Telles Ribeiro apontam, desde o primeiro livro, *O Criado-Mudo* (1991),



para a consciência dos vínculos entre história/memória e ficção, temática recorrente em seus textos. Deste modo, as referências à história recente do Brasil, destacam um questionamento da narrativa oficial, o que estabelece, inclusive, uma relação entre a estética de Edgard Telles e a dos modernistas, que também propuseram uma releitura histórica. De fato, ao longo da história do Brasil, muitos têm sido os escritores que optaram pela carreira diplomática: Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Aluísio Azevedo, Raul Bopp, Vinícius de Moraes, Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, Francisco Alvim e o próprio Edgard Telles Ribeiro, dentre tantos outros. No entanto, as interrelações entre essas atividades ainda são um tema pouco estudado na academia. Outros vínculos interessantes, que serão aprofundados nesta pesquisa, constroem-se com as reflexões de Walter Benjamin acerca da interpretação “a contrapelo” do passado e com a *École des Annales*, quanto à pluralidade de fontes e de fragmentos que compõem a narrativa historiográfica contemporânea. Com uma estética cheia de ceticismo, portanto, mais do que fugir ao estilo retórico, característico do discurso diplomático, a obra ficcional de Edgard Telles Ribeiro mostra a condição de um narrador que se afirma como um observador que “conhece a história, em certo sentido, pelo avesso” (RIBEIRO, 2000, p.66), i.e., errando entre as incertezas deixadas pelo fim dos projetos utópicos coletivos.

Palavras-chave: Literatura, diplomacia, identidade nacional, Edgard Telles Ribeiro

O PAPEL DO NARRADOR NA REPRESENTAÇÃO DA NAÇÃO EM DOIS ROMANCES DE PAÍSES PERIFÉRICOS

Melissa Quirino Scanhola

Resumo: *A menina morta* (1954), de Cornélio Penna e *Nedjma* (1956), do argelino Kateb Yacine apresentam personagens homônimas e ausentes repletas de significação. Nossa proposta é fazer uma leitura dessas figuras femininas como representação da nação dentro da literatura brasileira e argelina, levando em conta a perspectiva do narrador nos romances. Ambientada na segunda metade do século XIX, o enredo de *A menina morta* se passa em uma fazenda nas margens do rio Paraíba, às vésperas da abolição da escravatura. Já o romance *Nedjma* narra a aventura de quatro protagonistas na busca pela personagem homônima, filha de um integrante da tribo com uma francesa, nos anos que precedem a guerra da Argélia e o surgimento de uma nação independente. As personagens *menina morta* e *Nedjma* se relacionam, dentro da representação oriunda de um contexto opressor, com o conteúdo silenciado no enredo dos romances. Nota-se que a simbolização dessas figuras ocorre na época em que o fim de uma organização social ainda não é pronunciado ou aceito pelas personagens que compõem a trama. Antes da chegada de uma nova era, a angústia e as incertezas depuradas nas imagens da *menina morta* e de *Nedjma* interferem na estrutura dos romances. Outra característica que aproxima os romances é a representação do espaço. A paisagem da fazenda mineira e da cidade argelina Constantina é personificada para responder a questões que, ao passar pelo crivo opressor, não são tratadas na narrativa. Esses locais, à medida que se comunicam com as expectativas das outras personagens, podem ser considerados metonímia de todo um país. A relação entre o(s) narrador(es) e as personagens dos romances estruturam narrativas bem distintas. *A menina morta* apresenta apenas um narrador onisciente em terceira pessoa que se aprofunda nos pensamentos das personagens da casa-grande sem, no entanto, revelar o real motivo de seus medos e angústias. O romance argelino é composto por um mosaico de vozes predominantemente guiadas por quatro narradores protagonistas descendentes da última geração de uma tribo destruída com a colonização francesa. Esse mosaico produz uma narrativa repleta de incertezas e rupturas que, junto aos contornos da personagem *Nedjma*, dão forma à nação argelina. Se a ausência da *menina morta* e de *Nedjma* estabelece uma estreita relação com o espaço e torna essas personagens, de maneira mais ou menos evidente, alegoria da nação brasileira e argelina, a narrativa construída por narradores tão distintos busca abranger a experiência histórica e social do Brasil e da Argélia na literatura.

Palavras-chave: Cornélio Penna; Kateb Yacine; nação; alegoria



NOVE MOTIVOS PARA TER MEDO DE DEUS: UMA LEITURA DE *O RATO NO MURO*, DE HILDA HILST

Tatiana Franca Rodrigues Zanirato

Resumo: Uma das principais temáticas do projeto literário de Hilda Hilst é o afeto – as construções alegóricas passam, necessariamente, pela compreensão de quem entende a necessidade urgente de aprimorar a capacidade sensível numa sociedade atingida pelo aspecto mais insidioso, paradoxalmente, mais sutil, das formas de poder, a violência. Por isso, talvez, Hilda trate de forma tão insistente, em todas as peças, da culpa e da punição: Igreja, escola, família e justiça são o complexo teorema a que a autora se refere. Entre essas instituições uma personagem é destacada para que se elabore a falta de amor e o estado de abatimento entre os homens, Deus. Nietzsche, na Segunda Dissertação da Genealogia da Moral, argumenta que a disciplina é um dos maiores instrumentos de controle social, sendo mediada pelas relações estabelecidas através do empenho da palavra, ou seja, no ato de uma promessa, e na sua “força contrária”, o esquecimento, “força inibidora ativa, positiva no mais rigoroso sentido” (NIETZSCHE, 1998, P. 47), cujas articulações resultam na função desempenhada pela “consciência”, que atua como a uniformização das vontades, dos costumes, tornando o homem “confiável”, “constante”; isto é, domesticado. A dor que leva à disciplina por efeito da memória é a mesma que estabelece a genealogia das culpas que nos infligimos a fim de participar do sistema social, submetidos às leis que uniformizam, regulam e disciplinam os comportamentos – eis aí a crueldade das religiões de que fala Nietzsche, em que Deus exerce papel legalista e vigilante, cuja onisciência na memória coletiva serve aos julgamentos inclementes, às punições de si mesmo, ao martírio em vão; tudo em função do estabelecimento de uma verdade. Tal aspecto perverso da instituição religiosa é salientado em diversas cenas do teatro hilstiano. Na peça *O rato no muro*, de 1967, figura a ordem das nove freiras em que o controle dentro da instituição é tão eficiente, que os nomes próprios foram suprimidos das personagens, sendo substituídos pela designação da função desempenhada, seguida de uma ordem alfabética que não as identifica, apenas organiza. As nove irmãs, por sustentarem suas existências na rotineira listagem dos pecados que parecem desejar cometer (como elas mesmas dizem, a culpa apraz a Deus), representam este homem vazio de querer, reificado pelas próprias crenças, mas que se utiliza do signo do Onipotente para justificar a violência que alimentam uma contra as outras e da qual se alimentam também: uma metáfora que permite ler o Brasil de 2019 a partir da ótica de 1967, já que, hoje, o slogan “Deus acima de todos” paira sobre todos nós como uma ameaça, uma intimação, um repúdio às liberdades individuais, acossando-nos como se estivéssemos represados por um enorme muro habitado, de cima, por um rato.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Teatro hilstiano; política; ditadura militar; governo Bolsonaro.

94 - REPENSANDO A CRÍTICA LITERÁRIA: VALOR LITERÁRIO, VERTENTES E CONTEMPORANEIDADE

Coordenação: Prof. Dr. Cristhiano Aguiar (MACKENZIE); Prof. Dr. Josias Vicente de Paula Júnior (UFRPE); Prof. Dr. Eduardo Cesar Maia (UFPE)

Resumo: Este simpósio se propõe a dar continuidade ao debate sobre crítica literária realizado nos congressos da ABRALIC ocorridos nos anos de 2016 e 2017, debate esse que teve como um dos seus desdobramentos a publicação do ebook, lançado pela própria ABRALIC, *A crítica literária contemporânea e seu lugar no debate público de ideias*. Decidimos retomar a reflexão sobre os caminhos da prática crítica por percebermos que os debates anteriores, realizados nos eventos citados, abriram novos horizontes de pesquisa e investigação, o que nos fez constatar o quanto estamos longe de esgotar as possibilidades de pesquisas dedicadas ao tema.

Qualquer definição essencialista de crítica literária não leva em consideração o fato incontornável de que a crítica é uma prática e, como todas as atividades humanas, desenvolve-se



numa dinâmica histórica de acordo com necessidades e demandas circunstanciais e contingentes. A crítica, como a própria literatura, não é, mas se faz. A questão da crítica se apresenta não como uma problemática abstrata, uma busca obsessiva por definições últimas, baseada em disjuntivas teóricas, mas como uma série de práticas reais, com seus objetivos específicos. Há demasiadas classes diferentes de crítica, com finalidades completamente distintas, para que exista a possibilidade de se construir uma teoria geral e última que dê conta de todas elas de forma satisfatória. E se existem diferentes classes de crítica é porque há demandas diversas – necessidades humanas distintas – relacionadas com o trabalho crítico. Para repensar a crítica literária e sua função em nosso tempo, devemos partir do entendimento prévio de que a literatura não tem um propósito imutável: ela participa do jogo social em que todos os propósitos estão em contínua redefinição, tanto do ponto de vista individual como do coletivo. Por conseguinte, pensar a crítica é pensar a sua necessária função social em determinado momento de sua origem e circulação. Como afirma Fabio Akcelrud Durão (2016, p.11) em *O que é crítica literária?*: “a crítica tende a implicar algum espaço concreto de veiculação e a consequente existência de um público leitor, de uma esfera pública na qual se inserirá [...]. É fundamental para a noção de crítica que ela mesma possa ser criticada”.

Como sabemos, aferir o valor estético da obra literária é ofício complexo por uma série de razões, dentre as quais poderíamos inicialmente elencar a longa tradição que a literatura trilhou e, igualmente, a herança crítica acumulada num percurso milenar. Especular sobre o vínculo entre o literário e a formação cultural e social de valores estéticos, por sua vez, potencializa esses impasses da crítica. Tal pluralidade exige do teórico, portanto, um largo instrumental de saberes de interface: teorias sociológicas, narrativas da História, reflexão antropológica, entendimento das ciências naturais e da filosofia. Tudo isso deve ser utilizado com uma propriedade que nos livre do que Roberto Acízelo de Souza (2006, p.147) qualificou, em seu *Iniciação aos Estudos Literários*, como “passeios alegres” sem consistência e peso.

Semelhantes relações, que pretendemos estabelecer no presente simpósio, acentuam sua dificuldade e urgência quando necessariamente teremos por temática não só as obras literárias e a fortuna crítica do passado, como também a densa matéria especulativa que se produz no contemporâneo. Aqui, naturalmente, o diálogo com o filósofo italiano Giorgio Agamben (2009) é incontornável: a abordagem do que se faz hoje deverá considerar a descontinuidade das linhas de força hegemônicas e enxergar as trevas dos tempos atuais, esperando assim captar o que deles ainda lampeja. A velocidade e a qualidade das transformações de lastro cultural e estético elaboradas pelas sociedades (instabilidades de toda ordem: gêneros, identidades, critérios de valor literário e a própria necessidade de valoração) pedem o exercício permanente do debate e do pensamento coletivo – ações que o simpósio se proporá a agregar.

Daremos prioridade a propostas de comunicação que se alinhem com os seguintes eixos temáticos: a) Crítica literária, meios digitais e meios de comunicação: reflexões sobre booktubers; bookstagram; crítica literária e redes sociais em geral; blogs e sites literários; pesquisas sobre suplementos literários, revistas literárias, programas de rádio e TV dedicados a livros; b) Impasses e perspectivas da crítica acadêmica e/ou crítica jornalística; c) Crítica literária, política e formações identitárias; d) Raça, gênero, sexualidade e crítica literária; e) Revisões de momentos-chave da tradição crítica brasileira ao longo dos séculos XIX e XX; f) Diálogos, em clave comparada, entre ensaísmo literário brasileiro e hispano-americano. A partir de arcabouço teórico interdisciplinar, atentos à pluralidade de perspectivas e abordagens de pesquisa, esperamos fomentar um espaço fecundo de discussões críticas.

Referências:

- DURÃO, Fabio Akcelrud. *O que é crítica literária?*. São Paulo: Nankin Editorial, Parábola Editorial, 2016.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. *Iniciação aos Estudos Literários*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.



PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

Crítica e sociedade em nossos dias

CRÍTICA LITERÁRIA E REPRESENTATIVIDADE SOCIAL: SOBRE DEBATES E HIPÓTESES

Marcos Estevão Gomes Pasche

Resumo: No famoso artigo “Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade”, publicado há quase cento e cinquenta anos, Machado de Assis distinguia nacionalismo literário de expressão de nacionalidade, apontando como o primeiro poderia contribuir para a emancipação literária do País, mas sem deixar de registrar o que nele era limite artístico e defasagem reflexiva. O texto permanece válido para se pensar um debate que está na ordem-dia dos estudos de literatura, pelo qual se colocam em lados opostos a crítica literária orientada pelo cânone e os estudos culturais, contestadores do que entendem como valores tradicionalistas. Em linhas gerais, de um lado defende-se o prestígio de obras que expressem representatividade de grupos politicamente minoritários e tradicionalmente excluídos dos mecanismos garantidores de dignidade social. Do outro, reivindica-se uma abordagem criteriosa da literatura, vista como forma discursiva específica, avaliável a partir de critérios que indiquem o valor de realização das obras. A divergência ganhou nova e ilustrativa página quando Regina Dalcastagnè, estudiosa afeita aos estudos culturais, fez, para o “Suplemento Pernambuco”, resenha de Mutações da literatura no século XXI, o mais recente livro de Leyla Perrone-Moisés, crítica defensora da concepção de “alta literatura”. Dois recentes feitos interessantes para o debate envolvem a Academia Brasileira de Letras: o recente ingresso do poeta, letrista de canção popular e filósofo Antonio Cicero, que se candidatou à ABL por vê-la como instituição importante para o estabelecimento do cânone; a candidatura da escritora e doutora em Letras Conceição Evaristo, que contou com o apoio de setores intelectuais habitualmente infensos ao cânone e seus mecanismos. Uma observação desapassionada e distintiva das duas correntes poderá identificar nelas pontos de convergência, dado que a expressão de lugares de fala incomuns à tradição literária não se caracteriza necessariamente como forma estranha a essa mesma tradição, o que, no caso da literatura brasileira contemporânea, pode ser constatado pela leitura de obras de Ana Maria Gonçalves, Luiz Ruffato e Glauco Mattoso, por exemplo. Feitas as considerações, esta comunicação se anuncia como tentativa de contribuição para o debate ora referido, procurando realçar e defender a convergência apontada acima, visto que o cânone, embora longo, é mutável, e sua justificada existência pode inclusive adensar feitos da representatividade efetivada por meio da literatura. Além dos estudos relacionados no resumo do simpósio para o qual este resumo se dirige (O que é crítica literária?, de Fabio Ackelrud Durão; O que é o contemporâneo?, de Giorgio Agamben; e Iniciação aos estudos literários, de Roberto Acízelo de Souza), a comunicação buscará respaldo teórico em trabalhos de Amelia Valcárcel (Ética contra estética), Roberto Acízelo de Souza (E a literatura, hoje?), Thomas Bonnici (O pós-colonialismo e a literatura), Djamila Ribeiro (O que é lugar de fala?), Leyla Perrone-Moisés (Mutações da literatura no século XXI), Antonio Cicero (A poesia e a crítica) e artigos de Regina Dalcastagnè e João Cezar de Castro Rocha.

Palavras-chave: Crítica literária; Estudos culturais; Cânone; Literatura brasileira

A CRÍTICA (AUTO)BIOGRÁFICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: CONFIGURAÇÕES DE UM EXERCÍCIO

Jefferson Expedito Santos Neves

Resumo: O trabalho pretende analisar, brevemente, o modo como os críticos Eneida Souza (2007), (2011), Denilson Lopes (1999), (2002) e Diana Klinger (2014) têm se relacionado com a memória e o próprio sujeito num cenário contemporâneo atravessado pela apreensão imediata



da presença e a espetacularização do eu, conforme Arfuch (2010). Além disso, busca-se refletir acerca das estratégias utilizadas na construção da tessitura de suas escritas avaliativas, entendidas não apenas como um saber, mas também como um fazer. Para tanto, apontam-se as contribuições do ensaio nos movimentos textuais efetuados pelos críticos, a partir das ideias desenvolvidas por Lopes (2009), Lima (2002) e Adorno (2003) a respeito do gênero. O crescente redirecionamento das posturas no campo revela ainda a vontade de se estabelecer um diálogo com audiências diversificadas, para além dos muros da universidade.

Palavras-chave: Crítica Biográfica; Ensaio; Procedimentos metodológicos.

ESTELA SEM DEUS E A CRÍTICA LITERÁRIA: PERSPECTIVAS POSSÍVEIS

Luana Jéssika Della-Flora

Resumo: Para que a literatura seja capaz de cumprir seu objetivo de, em um contexto amplo, conectar o leitor com outras experiências, fazendo-o ampliar as possibilidades de compreensão do outro e de si, é necessário que suas materialidades – o texto, de modo geral – cumpram um mínimo de requisitos acerca de uma pluralidade de perspectivas. Nesse sentido, o romance é o gênero que, por excelência, carrega essa promessa de diversidade, considerando as vozes presentes em sua narrativa: personagem, narrador, autor e leitor. No entanto, análises sobre a produção de ficção brasileira contemporânea mostram uma faceta contrária a esse universo plural, sendo ela – a ficção – composta, em sua maioria, por narrativas com um caráter fortemente referencial – baseadas, majoritariamente, em clichês, suposições ilusórias, visões estereotipadas e inferências elitistas sobre a sociedade brasileira –, de acordo com pesquisas realizadas pela professora Regina Dalcastagnè. Os resultados obtidos por Dalcastagnè apontam para uma literatura em congruência com ideias que dominam o imaginário social acerca do território nacional e suas particularidades, mas que não se sustentam quando analisadas empiricamente. Diante desse cenário, o presente artigo, ainda em fase de desenvolvimento, busca compreender de que maneira o romance mais recente do escritor carioca, erradicado em Porto Alegre, Jeferson Tenório, *Estela sem Deus* (2018), se coloca nessa dinâmica entre literatura e realidade, uma vez que sua narrativa dá voz a personagens marginalizadas socialmente – seja pela profissão, já que a protagonista Estela é filha de uma empregada doméstica e segue os passos da mãe; pela cor da pele, considerando que os personagens principais são negros; pelo gênero, uma vez que a protagonista vivencia situações opressoras na narrativa que estão diretamente ligadas ao fato de ser mulher; ou por suas crenças religiosas, já que Estela tem contato com a umbanda e com o cristianismo evangélico, além de momentos de dúvida e descrença total, e vivencia situações preconceituosas em todos os casos –, aproximando-se de uma realidade brasileira menos velada. A partir da identificação das interpretações que a Crítica desenvolveu, em textos disponíveis no ambiente online, sobre este romance, objetiva-se investigar quais aspectos foram considerados nesses textos avaliativos, sejam eles aspectos oriundos da estrutura interna do texto, sejam eles provenientes da inescapável dinâmica sociocultural que circunda o autor e sua produção. Por fim, intenta-se apresentar possíveis concordâncias e/ou discordâncias acerca dessas interpretações da obra de Jeferson Tenório. Como parte de uma pesquisa em andamento, este trabalho apresenta reflexões parciais sobre o tema exposto, cujas demais comunicações deste simpósio podem contribuir para o engendramento de conclusões mais assertivas.

Palavras-chave: *Estela sem Deus*; Crítica literária; Grupos marginalizados.

REVISTA TEXTO DIGITAL E A IMINÊNCIA DE UMA OUTRA LITERATURA

Nair Renata Amâncio

Resumo: A Revista Texto Digital é um periódico de publicação semestral - mantido pelo NUPILL (Núcleo de Pesquisa em Informática, Literatura e Linguística) e sediado na Universidade Federal de Santa Catarina - que se dedica às discussões quanto às relações entre arte e informática desde a sua criação, em 2004. Além de artigos e ensaios de cunho teórico-crítico a respeito dos temas abarcados pelo seu escopo, a revista publica também “criações



digitais” desde 2006. Por meio da descrição e análise da revista - textos teórico-críticos, produções artísticas e entrevistas com criadores brasileiros - objetivamos compreender o modo como a literatura digital vem se configurando no contexto brasileiro, bem como entender a perspectiva que a Texto Digital emprega ao publicar, veicular, divulgar e armazenar os “objetos dos novos meios” (MANOVICH, 2005) em consonância com a sua divulgação científica. Para tanto, será necessário o estudo e a mobilização das caracterizações propostas por Gainza (2016) e Rocha (2014) acerca das especificidades da literatura digital. Propomos, portanto, uma via de análise na qual estudaremos a revista Texto Digital buscando obter da articulação entre as seções (artigos, entrevistas e criações) as concepções de Literatura digital trazida por essa revista. Não deixaremos de considerar as discussões referentes à construção de uma metalinguagem poética sobre a literatura digital, propostas por: Murray (2003), Hayles (2009), Flores (2018) e Aarseth (1997). Ressaltamos que essas reflexões se inserem no contexto das discussões fomentadas pelo projeto “Observatório da Literatura Digital em Língua Portuguesa” (Cnpq – 405609/2018-3).

Palavras-chave: Revista Texto Digital, Poética do Digital, Metalinguagem crítica, Literatura Digital

17/07 (MANHÃ)

A crítica, o leitor e as redes

A HORA E A VEZ DO LEITOR-CRÍTICO E DO CRÍTICO -LEITOR: AS REDES VIRTUAIS E O ACIRRAMENTO DOS AFETOS NO DEBATE LITERÁRIO

Natalia Francis de Andrade

Resumo: A comunicação parte da hipótese de que o caráter interativo da web 2.0 e de suas redes de usuários vão ao encontro de uma ressurgência das energias vitais dialógicas da recepção de textos literários. Energias estas que foram reprimidas durante séculos no discurso social pelo curso hegemônico da noção burguesa de literatura como objeto marcador de distinção (e) de gosto, tendo sido sua crítica outorgada, então, preferencialmente àqueles percebidos como especialistas. Dentre estes poucos, prevaleceu certo dogmatismo que desacreditava a relevância das impressões pessoais e priorizava a aplicação de métodos, em nome do esforço pela teorização com ar de “neutralidade” ou “autoridade”. Nesta comunicação, cotejo essa noção com a da crítica em sentido mais amplo, entendida como modalidade da linguagem humana, independentemente de seus modos de concretização ou do suporte. Levando em conta perspectivas que, a partir do final dos anos 60, trouxeram à cena a relação empírica e sensível do leitor com o texto – entre elas, as da Estética da Recepção, de Robert Jauss, a Teoria do Efeito, de Wolfgang Iser; além da reivindicação de Roland Barthes para que se atentasse à fruição e ao “prazer do texto” –, pretendo demonstrar não somente como a cultura digital tem alterado os hábitos receptivos, mas, antes, como a infraestrutura por ela propiciada responde e satisfaz a uma realidade psicossociológica latente: a da leitura como gesto público. O imaginário da leitura solitária e silenciosa parece já não mais corresponder aos anseios da contemporaneidade. Hoje, há corpus de sobra para observação do processo dinâmico de recepção que quase imediatamente a transfigura em discurso, já que o leitor tem buscado mais partilha e embate - e dispõe de meios para tal: seja publicando trechos do que está lendo, seja compartilhando a experiência pessoal de leitura em perfis e páginas pessoais, seja atribuindo a ela de uma a cinco estrelas no site de venda de livros. Se entendemos que tanto a recepção quanto o gesto crítico se ligam não apenas à situação de interlocução, mas, antes, ao espaço - “(...) é o espaço: a possibilidade de uma dialética do desejo, de uma imprevisão do desfrute: que os dados não estejam lançados, que haja um jogo” (BARTHES, 1978) - não é difícil inferir que a internet o multiplica. Não que ele não fosse antes favorecido pelo jornal ou por outros paratextos, mas estes - por serem mediados e implicarem óbvias limitações temporais e espaciais - não permitiam o exercício recepcional comum e constante na escala agora observada. Negando a oposição e assumindo os atravessamentos e coincidências entre a crítica especializada e a feita



por leitores comuns, este trabalho abordará a pulsão recente de que a crítica assuma – tal como a esfera literária o faz – sua coexistência com as realidades cotidianas e seus afetos. Defenderá ainda que a internet, não sendo sua causa direta ou isolada, propulsiona tal coexistência, exigindo também dos intelectuais uma nova imaginação crítico-teórica, que abarque a cumplicidade com o mundo e a experiência (sua e) dos leitores.

Palavras-chave: crítica literária; afetos; redes sociais; recepção

O ESTATUTO DO CRÍTICO: LEITORES COMO CRÍTICOS LITERÁRIOS

Daniel Prestes da Silva

Resumo: O presente trabalho, orientado pela professora Dr^a Valéria Augusti (UFPA), visa identificar e mapear os critérios de avaliação de exemplares de literatura infantil utilizados por jovens leitores em resenhas feitas para a edição de outubro de 2017, número seis, da revista Quatro Cinco Um, dedicada ao dia das crianças. A proposta, um estudo de caso, é um desdobramento dentro da pesquisa à nível de mestrado Recepção de prosa de ficção brasileira no booktube, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL). Na revista, assim como no booktube, tem-se leitores comentando e julgando o valor de obras literárias. Esses leitores, a nosso ver, participam de um espaço de concorrência de opiniões críticas sobre o literário e que podem ou não a eles serem concedidos o estatuto de críticos literários, a depender de determinados critérios e contextos de produção e atuação do resenhista. Isto posto, faz-se os seguintes questionamentos: Quem pode ser crítico? Quais os contextos (de suportes materiais, de avaliação ou de relação com os pares, dentre outros) que tornam o comentarista ‘Crítico’? Deste modo, a fim de responder estas questões, a presente pesquisa se insere no escopo teórico da História Cultural francesa compreendida como História do Livro e da Leitura. Dessa perspectiva o foco principal de atenção se dirige à aquilo que Roger Chartier denomina, em A ordem dos livros (1996), comunidade de leitores. De outro lado, parte da problematização das Histórias Literárias conforme entende Márcia Abreu, em ‘Problemas de História Literária e interpretação de romances’ (2014). Insere-se também na perspectiva teórica da Sociologia da Literatura de Pierre Bourdieu, em As regras da Arte (1996), e Pascale Casanova, em A república mundial das letras (2002), ao pensar as relações e disputas de poder dentro do campo literário, incidindo de maneira mais específica no espaço da crítica literária. Assim, pretende-se demonstrar como a revista Quatro cinco um oferece um espaço privilegiado, ainda que dentro de um contexto específico, para o leitor comum, neste caso as crianças. Tendo em vista que elas o compartilham com críticos especializados da área literária, que também publicam sobre outros textos de literatura infantil na edição analisada, pretende-se discutir a escolha e a avaliação de obras por esse público infantil. A isto se levará também em consideração o contexto da crítica publicada nesse número do periódico e de outras, como as produzidas para o booktube, com as quais os comentários judicativos dessas crianças se relacionam dentro do campo literário.

Palavras-chave: Crítica literária; Críticos; Leitores; Resenhas

A CRÍTICA COMO SÍNTESE: ERUDIÇÃO, PLURALISMO METODOLÓGICO E PERSPECTIVA INDIVIDUAL

Eduardo Cesar Maia Ferreira Filho

Resumo: No abrangente panorama histórico que Wilson Martins realizou sobre o desenvolvimento da crítica literária no Brasil, a tradição humanista aparece citada com frequência, pelo menos até o ponto em que o autor trata da primeira parte do século passado, quando a busca pelo método passou a ser a obsessão dos estudos literários e a cientificidade, o Santo Graal da teoria. Contribuiu para isso, além da influência de importantes correntes filosóficas da época, o desejo hegemônico de uma maior especialização nesse tipo de estudo, justamente pela necessidade de legitimação acadêmica de um saber que tradicionalmente sempre esteve nas mãos de eruditos polímatas, geralmente formados em outras áreas do conhecimento, mas que possuíam uma vasta cultura literária e que forneciam um olhar



generalista e integrador, além de um estilo literário mais livre e ensaístico. Segundo Martins, "O que caracteriza, pois, os críticos da linhagem humanista é a posse de um espírito erudito, inclinado à investigação, típico dos humanistas mais eminentes. Para eles, o fenômeno literário é de natureza filosófica, e a literatura, um instrumento de conhecimento do homem. A noção de estilo deixa de ser gramatical para se tornar filológica" (MARTINS, 2002, pág. 106). Era indispensável para esses críticos uma formação pessoal ampla e rigorosa – a *Bildung*, para utilizar um termo caro aos humanistas germânicos –, baseada num conhecimento abrangente das fontes da cultura ocidental, principalmente dos autores clássicos, gregos e latinos, e no cultivo da própria individualidade. Tal tipo de abordagem – que foge essencialmente à concepção do crítico como especialista em uma determinada metodologia de investigação literária, e da literatura como fenômeno autônomo e autotélico – foi duramente combatido por quase todas as tendências teóricas que dominaram os estudos literários do século passado. Nesta comunicação, pretendo apresentar reflexões que tenho desenvolvido a respeito de alguns elementos e conceitos que balizaram esse conflito, particularmente as concepções de impressionismo, erudição e método, e defender a ideia de que a maioria dos filósofos e teóricos da literatura que se opuseram ou negaram a validade intelectual da tradição humanista, por motivos diversos, enxergaram-na de forma parcial e, muitas vezes, equivocada. Para tornar mais concreta a discussão, apresentarei perspectivas antagônicas – José Veríssimo vs. Sylvio Romero, Fidelino de Figueiredo vs. Teófilo Braga, Álvaro Lins vs. Afrânio Coutinho –, além de analisar as contribuições de críticos como Otto Maria Carpeaux, Antonio Candido e Wilson Martins sobre tais questões, com especial atenção aos debates e polêmicas que aconteceram em épocas diferentes e que envolviam os tópicos acima mencionados.

Palavras-chave: Crítica Impressionista; Humanismo; Erudição; Método

18/07 (MANHÃ)

Crítica e os autores: perspectivas históricas

ENTRE TEXTOS E PARATEXTOS: UM ESTUDO DOS PREFÁCIOS DE PAULO RÓNAI PARA OBRAS DA LITERATURA BRASILEIRA

Andreia Carla Lopes Aredes

Resumo: Dada a importância, a intensidade e a diversidade da produção intelectual de Paulo Rónai (1907-1992) para o contexto literário-cultural brasileiro, desde o momento de sua chegada aqui em 1941 até o ano de sua morte, este trabalho tem por objetivo apresentar um estudo dos seus prefácios para obras de autores da literatura brasileira. Embora tenham sido publicados de forma esparsa, agora, reunidos em conjunto, tais textos revelam aspectos importantes de sua crítica por sugerirem um projeto literário/intelectual que norteia suas atividades como um típico “Homem das Letras” no Brasil. Gérard Genette, em sua obra *Paratextos editoriais* (2009), afirma que o paratexto não só apresenta a obra (o texto literário) em si, mas também a/o torna presente no mundo na forma de livro, isto porque o prefixo “para” não se refere somente ao que está aquém e além, mas também significa o próprio limite do texto (2009, p. 9), podendo ser o prefácio definido como “toda espécie de texto liminar [...] que consiste num discurso produzido a propósito do texto que segue ou que antecede” (2009, p. 145). De acordo com tal conceito, este estudo também considera para análise, além dos prefácios, todos os seus parassinônimos, a saber, introdução, apresentação, preâmbulo e advertência (GENETTE, 2009, p. 145). Após visitas e consultas a diversos acervos, incluindo o do próprio autor, localizado na cidade de Nova Friburgo-RJ, foi possível verificar que Paulo Rónai publicou pouco mais de vinte prefácios entre os anos de 1944, em que prefaciou sua tradução para o francês da obra *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida, publicada pela Editora Atlântica na série “Les maitres des Littératures Américaines”, e 1989, em que assina a “Apresentação” de *Os corpanzís*, de João Inácio Padilha. Ressalta-se que a busca pelas obras literárias brasileiras prefaciadas pelo crítico em estudo é um trabalho constante e que, portanto, tais datas e quantidades de paratextos ainda podem ser alteradas. No



momento de sua chegada, no Rio de Janeiro em 03 de março de 1941, Rónai declarava a sua intenção em aproximar as literaturas húngara e brasileira e, com isso, contribuir para a divulgação da cultura letrada entre as pessoas dessa nação que prontamente o acolheu. A partir desta intenção inicial, seu trabalho se tornou muito mais intenso, diversificado e relevante para o cenário cultural que se tinha na época, deixando transparecer em todas as suas atividades intelectuais o objetivo de quem assume o papel da defesa do livro. Dessa maneira, ao considerar a intensidade de suas produções e a relevância da publicação de seus prefácios, constata-se que tais textos configuram-se como componente importante para o entendimento tanto de seu projeto literário quanto de seu método crítico, o que permite a esta pesquisa não somente preencher uma lacuna presente nos estudos acadêmicos sobre o Paulo Rónai, mas também revelar a crítica literária como uma atividade tão relevante quanto a tradução no conjunto da obra do autor.

Palavras-chave: Paulo Rónai; Paratextos; Prefácios; Literatura Brasileira; Crítica Literária.

AMADA DINAMENE: CORPUS CAMONIANO E MITOS BIOGRÁFICOS EM PARATEXTOS DE EDIÇÕES BRASILEIRAS DA LÍRICA E ÉPICA DE CAMÕES

Cristhiano Motta Aguiar

Resumo: Passados mais de 400 anos após a sua morte, podemos afirmar que o interesse pela vida e obra do poeta português Luís de Camões não demonstra sinais de esmorecimento. Novas edições de sua obra têm surgido no mercado editorial brasileiro, com destaque para, por exemplo, uma nova compilação, publicada pela editora Oficina Raquel em 2014, de três autos que lhe são atribuídos. Mais um sinal de interesse editorial é a recente republicação de uma edição de *Os Lusíadas* pela editora Nova Fronteira, ou a continuidade da boa edição, anotada por Jane Tutikian, publicada desde 2008 pela editora L&PM. Um clássico renova a sua relevância não apenas com reedições, mas sim através de releituras. Dessa forma, chama atenção as onze reimpressões da quadrinização de episódios de *Os Lusíadas*, realizada por Fido Nesti, assim como é digno de nota a existência do poema *Uma viagem à Índia*, do escritor português contemporâneo Gonçalo M. Tavares, obra que, publicada em 2010, estabelece a épica camoniana como matriz na constituição de um discurso épico contemporâneo. Ao longo de séculos de leituras e interpretações, a obra de Camões continua a nos suscitar uma série de desafios fascinantes. Tais desafios dizem respeito à interpretação de momentos obscuros da sua lírica e do seu poema épico, por exemplo. No entanto, outros desafios, embora possam ser considerados marginais às reflexões sobre o sentido dos seus escritos, não devem ser subestimados. No caso dessa comunicação, nos interessarão dois mistérios. O primeiro diz respeito à constituição do corpus camoniano, cuja indefinição é fruto de uma série de variáveis tais como os modos de circulação da poesia ao longo do século XVI e XVII português, as dificuldades pessoais vividas pelo próprio Camões, os diferentes valores literários a fundamentar ideias como “autoria” e “estilo”, entre outros motivos possíveis. O segundo problema consiste nas tremendas dificuldades que a crítica e a historiografia enfrentam ao tentarem traçar uma narrativa biográfica minimamente confiável sobre o poeta. O nosso desafio, no presente trabalho, não consiste em dar uma resposta aos dois problemas, mas sim mapear e analisar de que maneira paratextos de recentes edições brasileiras de Camões abordam esses dois temas – corpus e biografia. A partir das definições de Genette (2009, p.9) em sua obra *Paratextos Editoriais*, considera-se como paratexto “aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores”. Utilizaremos como corpus edições brasileiras, publicadas nos últimos 5 anos, da lírica e épica camonianas. Os paratextos a serem trabalhados são: prefácios, posfácios e notas biográficas. Tentaremos entender o quão conscientes estão os paratextos dessas edições a respeito dos problemas anteriormente aludidos. Julgamos o debate de especial interesse, pois tais paratextos possuem, entre outras funções, o papel de subsidiar a formação de um olhar leitor não só para a poesia, como em relação à obra de Camões em especial. Além das considerações de Genette, nossa fundamentação teórica passará por Vítor Manuel de Aguiar e Silva, no que diz respeito ao problema biográfico, e por Luiz Costa Lima,

no que diz respeito a uma reflexão sobre a escrita biográfica e às relações entre história e literatura.

Palavras-chave: Camões; Paratexto; Lírica; Os Lusíadas

A TRÍADE CRÍTICA DO SÉCULO XIX A PARTIR DA LEITURA DE UM CRÍTICO SIMBOLISTA

Douglas Ferreira de Paula

Resumo: Os nomes de Sílvio Romero (1851-1914), Araripe Júnior (1848-1911) e José Veríssimo (1857-1916) representam, no interior da historiografia, o início da crítica literária em nosso país. Isso porque a obra da tríade teria permitido a passagem dos estudos mais fragmentados (gramaticais ou históricos) que se realizavam nos períodos anteriores para um trabalho mais sistemático de avaliação de obras e de autores, alicerçando, assim, os pilares de uma tradição crítica que só cresceria ao longo do século XX (MARTINS, 1983). Pelo caráter precursor, a obra dos três recebeu consagrados estudos como os de Antonio Candido (2006), João Alexandre Barbosa (1974), e Alfredo Bosi (1978), os quais buscaram enxergar, grosso modo, os momentos de aproximação ou distanciamento com o que se convencionou chamar a “especificidade” do literário. A busca do “literário”, do “específico” ou do “estético” (LAFETÁ, 2000) permearia assim diferentes estudos sobre a crítica do final do século XIX e início do XX, secundarizando ou omitindo a função que a crítica do período exerceu em seu próprio contexto de produção. Nesse sentido, o presente trabalho propõe-se, ao apresentar a leitura de um crítico simbolista, Nestor Vitor (1868-1932), insistir sobre a função da crítica (EAGLETON, 1991) e o papel que esta exerceu na consolidação de uma certa imagem de país e de literatura. A partir do que Nestor Vitor denominava de “política literária”, busco indicar como os críticos da Geração de 1870 atuavam para produzir e reproduzir o cânone. Sabe-se, por exemplo, que a produção crítica da tríade atingiu seu ápice nas décadas de 1890 e 1900, momento em que se colocava a avaliação do movimento simbolista brasileiro, para a qual os modelos de leitura da crítica naturalista e nacionalista mostraram seus limites (CARA, 1983). Busco, desse modo, demonstrar que coube a Nestor Vitor, como um autor secundário, saído do próprio movimento simbolista (BOSI, 2006), apontar a falta de autonomia do campo literário em formação (BOURDIEU, 2004), no qual as preferências pessoais atuavam contra o “específico” e o “literário”. Assim, o trabalho pretende indicar que o olhar de Nestor Vitor ajuda a pensar as escolhas e as avaliações da tríade não somente por orientações estéticas que, naquele momento, viriam, sobretudo, do modelo naturalista de crítica, mas a partir dos interesses materializados nos ganhos simbólicos que as posições no ambiente cultural da Primeira República possibilitavam, sobretudo, no período da belle époque. Para além da questão dos “métodos críticos”, a leitura de Nestor Vitor que busco apresentar permite encarar as oposições e as diferenças dos críticos, em especial, as de Veríssimo e as de Romero, não só pela capacidade de análise do “literário”, mas também pelas disputas e polêmicas que dominavam a vida cultural do período.

Palavras-chave: Crítica literária; Geração de 1870; Nestor Vitor.

JOSÉ DE ALENCAR: ESCRITOR DE SUA POSTERIDADE?

Lilian Tigre Lima

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo debater alguns aspectos da história da recepção crítica da obra de José de Alencar. Considerado, hoje, um dos principais escritores da literatura brasileira do século XIX, o nome de Alencar foi, sobretudo em sua contemporaneidade, exaustivamente lembrado pelo viés indianista e histórico de sua obra, isso porque, ao longo do Oitocentos, havia uma predominância, entre a crítica corrente, do debate nacionalista em torno da valorização da natureza e da cor local. Por outro lado, segundo hipótese aqui apresentada, a recepção da produção urbana de José Alencar teria ganhado fôlego sobretudo a partir da primeira metade do século XX, quando o autor teve sua obra revisitada pela crítica. Como parte da pesquisa de Doutorado intitulada “José de Alencar: leitor de si mesmo”, essa comunicação visa lançar um novo olhar para a história da recepção crítica da prosa de ficção urbana de José



de Alencar, analisando em que medida o romancista, ao se associar à escola realista francesa, em especial à obra de Honoré de Balzac, lega uma imagem de si como escritor à recepção crítica que viria ter sua obra na posteridade. Recorte desse panorama, essa proposta de comunicação tem por objetivo apresentar alguns dados de recepção crítica do romance urbano de José de Alencar durante a primeira metade do século XX, mostrando, cronologicamente, como esses dados reforçam a hipótese do caminho traçado pelo próprio José de Alencar na condução da crítica. Exemplo é crítica publicada em 1921 por Arthur Motta, na qual, fazendo uma análise do conjunto literário de José de Alencar, o crítico compara a técnica narrativa alencariana às de Balzac e Zola na França, dizendo que algo comum aos três romancistas teria sido o desejo pela representação da totalidade dos diferentes aspectos das sociedades as quais pertenceram. Ao contrário do que teria feito Balzac, contudo, a morte precoce de Alencar, segundo o crítico, não lhe teria permitido compor um quadro maior das camadas da sociedade brasileira, justificativa essa pouco convincente e refutada anos depois, visto que, tal como o romancista brasileiro, o autor da *Comédia Humana* também morreu precocemente aos 50 anos de idade. Enfim, tendo em vista a percepção de pelo menos quatro grandes figuras associadas à José Alencar na história de sua recepção crítica, a saber, o de; 1) “Alencar: imitador de modelos estrangeiros”; 2) “Alencar: escritor nacionalista”; 3) “Alencar: nosso pequeno Balzac” e 4) “Alencar: escritor à frente de seu tempo”, o objetivo geral desta comunicação é debater em que medida o romancista brasileiro, ao apresenta-se como leitor de Balzac, direciona a recepção de sua obra urbana, atuando não somente na formação do “gosto” do público, mas no legado de uma imagem de si como escritor à recepção crítica que viria ter sua obra.

Palavras-chave: José de Alencar; Honoré de Balzac; Recepção Crítica.

95 - ROMANCE: PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO

Coordenação: Profa. Dra. Valéria Augusti (UFPA); Profa. Dra. Germana Araújo Sales (UFPA); Profa. Dra. Socorro de Fátima Pacífico Barbosa (UFPB)

Resumo: Em “Crítica textual e História cultural: o texto e a voz, séculos XVI-XVIII”, Roger Chartier afirma que a história sócio-cultural, no que diz respeito à análise dos textos literários - objeto tradicional da história literária e da crítica textual -, tem por principal objeto “o processo pelo qual os leitores, espectadores e ouvintes dão sentido aos textos de que se apropriam” (CHARTIER, 2007: 67). Ao contrário das abordagens formalistas do texto literário, o pesquisador propõe que se tomem os textos tendo em vista as materialidades por meio das quais eles são dados a ler e que lhes servem de suporte ou veículos. Isto implica trazer para o campo dos estudos literários a investigação da função expressiva dos elementos não verbais que intervêm na publicação de manuscritos e textos impressos, bem como em dispositivos de representação teatral, por exemplo. Recusando a concepção da leitura como ato de pura inteligência que descobre o sentido implícito no texto e, por consequência, considera-o universal, a história cultural parte do pressuposto segundo o qual o significado dos textos dependem também das convenções de leitura compartilhadas por diferentes públicos ou comunidades de leitores, variando, dessa forma, na diacronia e na sincronia. Tendo isto em vista, a história da literatura não consistiria em uma história das obras e dos autores, mas sim em uma história das “diferentes modalidades de apropriação dos textos”, levando em conta o conjunto de competências, normas, usos e interesses que regem as “comunidades de interpretação”. Isto significa, também, levar em consideração que a história da literatura tal como comumente a entendemos consiste em um dispositivo do qual resulta o estabelecimento de fronteiras entre o que é considerado literário e o que não é. Essas fronteiras, baseadas em critérios definidores da “literariedade” dos textos, também variam historicamente, razão pela qual podem ser analisadas de forma a compreender os dispositivos implicados na constituição dos repertórios de obras canônicas e na exclusão daquelas que se situam fora de certas “economias da escrita”. Em suma, trata-se de inscrever as obras no “sistema de coerções que as limitam, mas também tornam possível sua produção e sua compreensão” (CHARTIER, 1997:69) Partindo de tais pressupostos



teóricos, o presente simpósio pretende reunir pesquisadores que tenham por objetivo de pesquisa: 1) explorar aspectos relativos aos suportes materiais por meio dos quais o gênero romance circula, aí compreendidos paratextos editoriais, como páginas de rosto, frontispícios, prefácios, notas de rodapé, ilustrações, etc; e aspectos relativos a sua circulação em periódicos, como jornais e revistas 2) examinar e discutir a recepção de romances por comunidades de leitores, sejam eles pertencentes a grupos especializados, como é o caso da crítica literária ou marginalizados; 3) investigar as convenções interpretativas que orientam a atribuição de sentido ao gênero por comunidades específicas de leitores, tais como grupos religiosos, booktoobers, tradutores, censores, etc. Partindo do pressuposto segundo o qual o processo de publicação, independentemente de sua modalidade, consiste em um processo coletivo que envolve diversos atores e que seu *modus operandi* varia no tempo e no espaço (DARNTON, 2008) este simpósio pretende abrigar também aqueles que pesquisam a história, papel e forma de atuação de editores, tipógrafos, tradutores, livreiros, etc na publicação e circulação desse gênero literário, seja no formato livro, seja em periódicos. Neste caso, interessam os estudos sobre 1) a circulação de romances no interior do território nacional ou entre o Brasil e outros países; 2) as diferentes práticas tradutórias e sua interferência na publicação de romances; a atuação de tradutores do gênero em território nacional ou não; 3) a atuação de tipógrafos na publicação de romances no formato livro ou na imprensa periódica, as técnicas de impressão utilizadas e seu impacto na produção editorial; 4) práticas de venda e comercialização do gênero romance por livreiros e livrarias; 5) presença de romances em gabinetes de leitura e bibliotecas. Finalmente, é necessário enfatizar que o presente simpósio almeja reunir pesquisadores que discutam a produção, circulação e recepção do gênero romance de preferência no século XIX.

Referências

- CHARTIER, Roger. Crítica textual e História cultural: o texto e a voz, séculos XVI-XVIII. Leitura: teoria e prática, Campinas, p. 67-75, n.30, 1997.
- CHARTIER, Roger. Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII). São Paulo: editora da UNESP, 2007.
- DARNTON, Robert. O que é a história do livro? revisitado. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 10, p. 153-167, jan-jun. 2008.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (MANHÃ)

A CIRCULAÇÃO DE CRÍTICAS AOS ROMANCES BRASILEIROS NA PROVÍNCIA DO PARÁ

Sara Vasconcelos Ferreira

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo apresentar a crítica aos romances brasileiros veiculada entre 1895 e 1900 no jornal A Província do Pará. Os artigos divulgados como “Original para A Província do Pará” ou reproduzidos de outros diários no jornal paraense, assinados por colaboradores do jornal ou oriundos de outros periódicos, tratam, sobretudo, das obras de autores do Norte e Nordeste, com exceção da crítica ao romance O terror dos maridos (1897), de Figueiredo Pimentel. Destacam-se os artigos de Araripe Junior “Os brilhantes: a psicologia de um criminoso”, a respeito do romance Os Brilhantes, de Rodolfo Teófilo, a análise da obra A Rainha do Ignoto, da cearense Emília Freitas, assinada por Carlos Dias Fernandes, e “Da Capital” a crítica ao romance O terror dos maridos. Sendo a maioria desses escritos trabalhos inéditos, A Província do Pará esteve na rota de circulação e recepção literária que integrava os Estados brasileiros; as seções “Do Ceará” e “Da Capital” apresentavam críticas enviadas originalmente para o jornal paraense, as demais seções de crítica literária traziam artigos oriundos de outros impressos brasileiros ou de colaboradores locais. O fluxo de ideias entre as províncias permitiu o fortalecimento das letras no Pará, viabilizado também pela

divulgação das produções regionais nos jornais e pela intensa circulação de ideias entre os Estados.

Palavras-chave: A Província do Pará; Crítica Literária; Romance Brasileiro; Circulação e Recepção.

O ROMANCE NAS COLEÇÕES BRASILEIRAS DE LIVROS, SÉCULO XIX

Odair Dutra Santana Júnior

Resumo: Em estudo sobre a história do livro na França, Isabelle Olivero (1999) mostra que a noção moderna de “coleção editorial” se formou na primeira metade do século XIX. Como ela indica, o estudo da história das coleções favorece e converge para estudos mais amplos, uma história cultural – e uma história literária, acrescentamos – que compreende leitores, editores, entre outros. No Brasil, tal estratégia se estabeleceu em período semelhante, como podemos depreender das coleções organizadas por Baptiste-Louis Garnier e Quintino Bocaiuva, que foram lançadas no Rio de Janeiro a partir de 1860. Nessa comunicação, voltaremos nosso olhar para a presença do gênero romance entre os livros que fizeram parte dessas iniciativas, observando o que sua seleção, apresentação e paratextos revelam sobre a produção, circulação e recepção do gênero no país no período. Destacamos, da atuação de Baptiste-Louis Garnier, sua iniciativa denominada *Brazilia*, *Bibliotheca Nacional*, presente em um catálogo de sua livraria que teria sido publicado entre 1876 e 1878. A coleção era classificada como um “verdadeiro monumento levantado às letras pátrias” e formada majoritariamente por obras poéticas, trazendo autores como Alvares de Azevedo, Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu e Thomaz Antonio Gonzaga. Também por Garnier, saíram à luz as *Bibliotheca de Algibeira* e *Bibliotheca Escolhida*, presentes em catálogo posterior a 1878 e dedicadas à publicação de prosa. Faziam parte da *Bibliotheca Escolhida*, entre outros, os livros *O Guarani* e *As minas de prata*, de José de Alencar, *Noventa e três*, de Victor Hugo, *O livro dos espíritos*, de Allan Kardec, *Confissões de um filho do século*, de Alfred de Musset, e *Vinte mil léguas submarinas*, de Júlio Verne. Já a *Bibliotheca de Algibeira* era formada por *Til*, de José de Alencar, *Sophia Printemps*, de Alexandre Dumas Filho, *Avatar*, de Théophile Gautier, *O índio Afonso*, de Bernardo Guimarães, *O amante de Alice*, de Xavier de Montépin, entre outros. Podemos perceber que referente à publicação de prosa, ficção e não-ficção imiscuem-se nas coleções de Garnier e, além disso, vários autores estrangeiros fazem-se presentes, refletindo ainda a ótima recepção que os romances-folhetim, notadamente franceses, tiveram no país. Quanto à iniciativa de Quintino Bocaiuva, sua *Bibliotheca Brasileira* saiu à luz em abril de 1862 e a coleção somou doze números, correspondentes a oito obras, entre elas *As minas de prata*, de José de Alencar, e *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manoel Antônio de Almeida. Apesar de ostentar um propósito patriótico, Bocaiuva publicou na coleção o romance traduzido *Lady Clare*, de Jules-Tardieu de Saint-Germain, porém sem indicação de autor ou tradutor. Na ocasião dessa publicação, apresentou um prefácio no qual demonstrou as dificuldades para manter com regularidade mensal a oferta de uma obra brasileira e reafirmou a preferência do público brasileiro pelo gênero: “O romance é o gênero literário mais popularmente querido. A tese não precisa de demonstração” (BOCAIUVA, 1862). Apresentar e refletir sobre a presença, mas também ausência quando for o caso, do romance nas coleções mencionadas, e singularidades de suas publicações, é o que almejamos com a presente comunicação.

Palavras-chave: História literária; coleções; circulação de romances; Baptiste-Louis Garnier; Quintino Bocaiuva

GEORGE SAND NO DIÁRIO DE BELÉM

Salim Jorge Almeida Santos

Resumo: A biblioteca do Grêmio Literário Português do Pará, fundado em 1867, em Belém, capital paraense, conta com quantidade significativa de obras da escritora francesa George Sand, pseudônimo de Amantine Aurore Lucile Dupin (1804-1876). Parcela de sua produção literária foi adquirida pela instituição ao longo da segunda metade do século XIX e ainda hoje se



encontra no acervo disponível para consulta. A presença de suas obras demonstra o interesse pela produção da escritora, que ainda estava em plena atividade na França quando do começo dessas aquisições. Todavia, o interesse pela romancista francesa em terras paraenses não foi exclusivo da biblioteca dessa agremiação, encontrando paralelo na imprensa periódica local dos anos 1800. Nesse recorte, desde pelo menos 1852 até 1896 os periódicos paraenses divulgaram toda sorte de matérias que tinham por objeto a escritora francesa. De um total de nove periódicos pesquisados, aquele em que mais se encontram referências à autora ao longo do século XIX é o Diário de Belém (1868-1892), em cujas páginas foram encontradas dez das vinte e nove referências sobre George Sand, ao longo de um período que vai de 18 de junho de 1876 a 19 de setembro de 1884. Há uma grande diversidade nas abordagens das publicações desse jornal, em que se encontram desde notícias de pouco mais de uma linha sobre a construção de uma estátua na França em homenagem à escritora, até uma biobibliografia que se destaca na capa do jornal e se estende por quase duas colunas completas até a segunda página do periódico. Considerando essa quantidade de referências significativa em relação ao universo total da pesquisa, os artigos publicados nesse periódico foram analisados conforme as seguintes categorias: 1. notícias sobre a vida privada da autora, 2. notícias sobre a vida profissional da autora, 3. notícias sobre suas obras. Em um primeiro momento buscou-se identificar as principais temáticas presentes nesses artigos, assim como os valores atribuídos a cada dimensão da vida de George Sand e de suas obras. Os registros foram então classificados pelo teor positivo ou negativo das considerações acerca da autora e de sua produção literária. Assim, foi possível ter uma ideia de como se deu a recepção crítica da autora e do status que lhe foi concedido pela imprensa local no século XIX. A partir desses resultados foi possível ainda levantar hipóteses sobre prováveis razões do interesse em George Sand por parte dos jornais e do gabinete de leitura fundado em Belém do Pará.

Palavras-chave: Diário de Belém; George Sand; periódicos; século XIX

16/07 (TARDE)

O ROMANCE DE LEITURA NO NATURALISMO BRASILEIRO

Edenilson Mikuska

Resumo: A expressão “romance de leitura” (Lektüreroman) foi cunhada pelo teórico alemão Volker Rollof. Grosso modo, é o romance que tem por tema a leitura – “roman sur lê theme de la lecture” (ROLLOF apud BAJOMÉE; DOR; HENNEAU, 2007, p. 130). Trata-se, portanto, do romance em que os personagens se deixam envolver pela leitura de obras ficcionais a ponto de terem suas condutas ou seus caracteres alterados, ou mesmo a ponto de se tornarem mais e mais dependentes da ficção e, desta forma, menos propensos a se adaptar à realidade. No romance de leitura, a leitura de literatura pelos personagens aparece com destaque na trama. O conceito carece de maior elaboração e aprofundamento, já que não foi abordado de maneira sistemática em estudos no Brasil. Como exemplos de romance de leitura temos duas obras centrais da literatura: Dom Quixote e Madame Bovary. O personagem de Dom Quixote tem sua percepção do real afetada pelas leituras e não mais reconhece o mundo em que vive: troca a realidade pelo ficcional, até que sua vida é transformada e vivida de acordo com as convenções literárias dos romances de cavalaria. Emma Bovary lê romances românticos a ponto de cansar-se do tédio da vida real; aspira aventuras como as dos romances românticos que leu. Podemos ainda classificar como romances de leitura A queda dum anjo (1866), de Camilo Castelo Branco; as obras de Eça de Queirós O primo Basílio (1878) e A cidade e as serras (1901); Auto de fé (1935), do escritor búlgaro Elias Canetti; Fanny Owen (1979) e Ordens menores (1992), da romancista portuguesa Agustina Bessa-Luís. Um dos exemplos mais recentes é Submissão (2015), romance do francês Michel Houellebecq. Neste trabalho, pretendemos empreender uma investigação da prática do romance de leitura no Brasil. Como recorte, optamos pelos romances pertencentes ao Naturalismo. Ainda que praticado em outros períodos (desde o Dom Quixote, de Cervantes, até Submissão, de Michel Houellebecq), o romance de leitura é bastante apropriado ao Naturalismo,

graças à tese de que o homem tem seu caráter e comportamento determinados por variantes biológicas, históricas, sociais e culturais. O nosso objeto de pesquisa, portanto, será uma parte da produção romanesca de autores brasileiros vinculados à estética naturalista. Os seguintes romances fazem parte do corpus, por corresponderem ao conceito de romance de leitura: *Duas irmãs* (1883), de Maria Benedita Câmara Bormann (que publicava sob o pseudônimo de Délia); *A normalista* (1893) e *Tentação* (1896), de Adolfo Caminha; *Memórias de um Condenado* ou *A Condessa Vésper* (1882), *A mortalha de Alzira* (1882), *Casa de pensão* (1884), *Livro de uma sogra* (1895) e *O Coruja* (1889), de Aluísio de Azevedo; e *A carne* (1888), de Júlio Ribeiro.

Palavras-chave: Romance de leitura; Naturalismo; leitura.

O ESTUDO DE UMA NARRATIVA POLICIAL PORTUGUESA: O MISTÉRIO DA ESTRADA DE SINTRA, DE EÇA DE QUEIRÓS E RAMALHO ORTIGÃO

Kathleen Jucá Longobardi

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo apresentar o projeto de pesquisa de mestrado em andamento que tem como um de seus objetivos principais analisar o romance *O Mistério da Estrada de Sintra*, de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, demonstrando a partir de sua estrutura como a obra dialoga com o gênero policial. Para o desenvolvimento deste trabalho, será feita uma pesquisa bibliográfica mais extensa sobre o tema e também qualitativa da obra *O Mistério da Estrada de Sintra* a partir dos seus elementos constitutivos que dialogam diretamente com o gênero policial inseridos na tradição romanesca oitocentista em Portugal e na Europa. Para tanto, tomaremos como referencial bibliográfico os textos de Fernanda Massi (2011), Tzvetan Todorov (2006), Álvaro Lins (1947), Sandra Reimão (1990) e outros que são referências na temática do romance policial. Entendemos que essa escolha poderá contribuir para posteriores estudos sobre o romance *O Mistério da Estrada de Sintra* enquanto narrativa que dialoga diretamente com a tradição desse gênero. Este estudo tem relevância, porque há poucos pesquisadores direcionados à análise dessa narrativa. No que se refere a textos críticos sobre a obra de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão como sendo um romance policial – observando-se as características desse gênero no interior da narrativa –, são raros os registros. Por esse motivo também julgamos pertinente um estudo dessa natureza, principalmente porque entendemos que se trata de uma obra que lançou os amigos Eça de Queirós e Ramalho Ortigão no universo dos romancistas da época. Iniciada a pesquisa propriamente dita, antes de avançarmos para a intenção discursiva dos autores ao escolher escrever o romance através de cartas e enviá-las ao jornal *Diário de Notícias*, faremos um breve panorama sobre o contexto histórico do folhetim, bem como sobre o romance policial tomando como referenciais teóricos Marlyse Meyer (1996) e Andréa Trench de Castro (2015), pois suas pesquisas tornam possível uma melhor compreensão sobre quais elementos atraíam o público da época, sendo que as notícias do cotidiano eram o que de mais efetivamente despertava o interesse dos leitores. A partir desse pressuposto inicial, procuraremos chegar ao entendimento de como a obra *O Mistério da Estrada de Sintra* conseguiu repercussão durante sua publicação ainda em fascículos no jornal *Diário de Notícias* e mesmo depois em sua edição em livro. Sendo assim, entendemos que a escolha desse repertório teórico alinha-se ao tipo de pesquisa que será desenvolvida contribuindo para enriquecer os estudos sobre *O Mistério da Estrada de Sintra* enquanto romance policial.

Palavras-chave: literatura portuguesa; romance oitocentista; gênero policial.

LEITURAS D'ALÉM-MAR NO CICLO JURANDIANO

Regina Barbosa da Costa e Marli Tereza Furtado

Resumo: O trabalho pretende apontar a circulação de romances da literatura lusitana no Norte do Brasil, por meio da ficção e assim apresentar a prática de leitura de personagens-leitores nos romances do escritor paraense Dalcídio Jurandir (1909-1979). Para demonstrar este fluxo de leituras em obras literárias, partimos da análise de romances deste escritor, pertencentes ao ciclo do Extremo Norte, produzidos no período compreendido entre 1939 e 1978. Seguindo a trilha

dos leitores fictícios nesses romances, encontramos imagens de leituras de escritores portugueses que retomam o século XIX, com menção aos textos de autores como: Luís Augusto Rebello da Silva, 1873; Acácio Antunes, 1853; Antonio Feliciano de Castilho, 1863 e Visconde de Castilho, 1874. A partir da análise de títulos lidos pelos personagens do ciclo jurandiano observou-se que concorriam com os portugueses autores de outras nacionalidades, traduzidos ou não para o idioma português. Assim, renomados escritores portugueses como Camilo Castelo Branco faziam traduções de escritores franceses e, um Chateaubriand, 1860, ganhava forma portuguesa e atravessava o oceano para aportar em terras paraenses. Este trânsito de autores aparecem comprovados pelas casas editoriais que foram fundamentais para propagação dos impressos. Editoras como: Imprensa Nacional de Lisboa, Livraria Moré-Editora, Livraria Chardron e Lello & Irmão eram recorrentes nos livros que circularam no estado do Pará, sobretudo em Belém, conforme acervo verificado na Biblioteca da Fundação Cultural do Pará e na Biblioteca do Grêmio Literário Português. Para apontar a presença dos escritores lusitanos no século XIX no ciclo jurandiano, escrito no século XX utilizou-se como aporte teórico estudos empreendidos por pesquisadores pertencentes à História Cultural e História da Leitura.

Palavras-chave: Leitura. Extremo Norte. Escritores Portugueses. Personagem-Leitor. Dalcídio Jurandir.

CADÊ O CRIME QUE ESTAVA AQUI? A RECEPÇÃO DOS ROMANCES DE EDYR AUGUSTO

Suellen Monteiro Batista

Resumo: O presente estudo corresponde a um recorte do projeto de doutorado em desenvolvimento, intitulado Os crimes e os criminosos na Amazônia de Edyr Augusto, que propõe uma análise da presença de elementos das narrativas de crime nos romances do referido escritor paraense. O crime, como mote das narrativas ficcionais tem se mostrado um empreendimento produtivo e lucrativo para o mercado editorial. Desde as narrativas de crime dos séculos XVIII e XIX até a consolidação do romance policial, o que se percebe é a recepção historicamente bem sucedida entre o público leitor. A despeito do sucesso editorial, poucos autores e obras que colocaram o crime e os criminosos no centro da narrativa chegaram a ocupar o Panteão Literário. Prova disso é que o romance policial por muito tempo foi considerado subliteratura ou paraliteratura, como se lhe carecesse das qualidades necessárias para representar as literaturas nacionais. No caso dos romances do escritor paraense Edyr Augusto, propomos realizar uma análise da recepção crítica de suas obras, orientada pelos seguintes questionamentos: como são avaliadas suas narrativas, que fogem ao molde das representações de uma Amazônia/natureza perpetuada por certa tradição literária ambientada na região e que privilegiou o aspecto exótico da mesma? Essa recepção crítica busca enquadrar os romances do autor na categoria de romance brasileiro urbano-contemporâneo, apagando as dimensões sócio culturais locais ou não?

Palavras-chave: Recepção crítica; Narrativa de crime; Amazônia; Edyr Augusto

96 - RUPTURA DOS GÊNEROS LITERÁRIOS NO ROMANTISMO

Coordenação: Profa. Dra. Andréa Sirihal Werkema (UERJ); Profa. Dra. Maria Juliana Gambogi Teixeira (UFMG)

Resumo: O advento do Romantismo na literatura é também, historicamente, um acontecimento revolucionário dentro da longa evolução das formas literárias no ocidente; estamos diante da primeira grande fratura do sistema mimético de criação artística. Tal quebra é evidente ao final do século XVIII, mesmo tendo sido adiantada por movimentos com tendências anticlassicistas ao longo dos séculos: tendências, e não fundamento, base de criação. As teorias românticas do gênero literário respondem a outras questões, ligadas à subjetividade autoral, instância não mensurável, avessa a regras impostas pela tradição. Eis o âmbito propriamente literário de tal



discussão, ao lembrarmos a insistência com que os textos do Romantismo quebram as tradicionais barreiras normativas da arte dita clássica. Um texto romântico, ou sentimental, ou irônico, em suma, caracteriza-se por um questionamento de vários dos conceitos fundamentais da literatura. Além da preferência por uma teoria expressiva da arte em lugar da teoria imitativa, os gêneros literários foram desrespeitados ou substituídos por formas novas, que se aproximavam um pouco mais dos ideais românticos: “Em sua rigorosa pureza, todos os gêneros poéticos clássicos são agora ridículos” (SCHLEGEL, 1997, p. 30). O romântico não deve ser confundido com um gênero ou estilo literário, sendo antes um elemento formador de toda a poesia – que, não nos esqueçamos, é ou deveria ser romântica (SCHLEGEL, 1997, p. 65) –, poesia que também não deve ser confundida com um gênero específico. Esta indefinição de gênero passa por analogia para o romance, para os fragmentos, para o drama romântico, para todas as formas mistas da poesia.

“O Romantismo pode ser esquematicamente caracterizado como uma trajetória que toma por ponto de partida a forma primordial, se desenvolve por múltiplas formas particulares e busca novamente, pela combinação destas, a unidade da forma” (SUZUKI, 1997, p. 17); o que nos leva a concluir, em concordância, que qualquer reflexão crítica sobre o Romantismo tende a ser uma reflexão crítica sobre as formas, ou, em outros termos, sobre os gêneros da literatura.

As reflexões de Walter Benjamin sobre a ironia romântica ajudam-nos a colocar alguns problemas interessantes em relação à questão dos gêneros (BENJAMIN, 1999, p. 89-93). À primeira vista, tendemos a associar ironia romântica a um recurso meramente negativo, desestabilizador de qualquer certeza textual, o que não estaria incorreto, se pensarmos essa destruição como uma forma de assegurar a perenidade da obra. A ironia que caracteriza a postura do autor romântico encontra seu correlato na ironia que perpassa a obra, aniquilando seus elementos ilusionistas como forma de torná-los mais evidentes, e cada vez mais vivos. É claro que qualquer estrutura formal, em suas manifestações de estilo ou gêneros literários, torna-se alvo da ironia também formal. Em termos propriamente textuais, a obra romântica irônica seria antes autoparódica que paródica, já que instaura dentro de si mesma o questionamento e a quase destruição da forma em que se aloja. Além do mais, sobre tais amarras da forma paira a ironia autoral, ou da matéria, instância capaz e desejosa de destruir os limites impostos à expressão de sua subjetividade. A autodestruição da obra romântica é, portanto, um horizonte sempre possível: uma forma consolidada deve ser ameaçada pela ironia, que, paradoxalmente, acaba por sublinhar as lacunas da obra romântica, cuja maior característica é sua radical abertura. A destruição da forma, ou melhor, sua reconfiguração, é maneira de atestar sua força – e seria bom reavaliarmos nosso julgamento da relação entre o Romantismo e a tradição à luz dos conceitos de autorreflexividade fundamentais para uma visão romântica de arte. Enquanto recursos reflexivos, ironia e crítica tornam-se quase equivalentes, pois forçam no autor e no leitor o questionamento das estruturas formadoras da obra, estruturas que contêm, dentro de si mesmas, os germes da ironia romântica. Esta pode ser chamada de crítica interna à obra, com a qual nasce e contra a qual se volta em um movimento que assegura à obra sua permanência. Uma obra irônica, portanto, existe enquanto forma-de-exposição de uma ideia das formas. Desde a contingência e a limitação, a ironia faz caminhar a obra até o vislumbre de seu ideal. Deste modo, a ironia não é destruidora da obra, pelo contrário, atesta sua “existência indestrutível” ao colocá-la sob a perspectiva da Forma eterna: “A ironização da forma-de-exposição é semelhante à tempestade que levanta a cortina diante da ordem transcendental da arte, descobrindo-a, juntamente com a existência imediata da obra nela, como um mistério” (BENJAMIN, 1999, p. 93).

O simpósio aceitará, dessa maneira, trabalhos que queiram discutir, em qualquer contexto nacional e/ou linguístico, as transformações dos gêneros literários sob a pressão romântica; as implicações de tal ruptura na tradição literária; a reconfiguração histórica da noção de mimese; as continuidades e descontinuidades da quebra com os gêneros clássicos promovida pelo Romantismo.

Referências:

BENJAMIN, Walter. *O conceito de crítica de arte no Romantismo alemão*. Trad. Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 1999.

SCHLEGEL, Friedrich. *O dialeto dos fragmentos*. Trad. Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1997.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (TARDE)

"RASGAR O VÉU DO HÁBITO": A DEFESA DE STENDHAL DO ROMANTISMO EM RACINE E SHAKESPEARE (1823)

Clarissa Mattos Farias

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo discutir o manifesto a favor do Romantismo do escritor francês Henri-Marie Beyle (1783-1842), vulgo Stendhal, no seu livro intitulado *Racine e Shakespeare* (1823), contra o movimento literário e artístico que ele acreditava ter perdido seu prazo de validade, o Classicismo. O pequeno ensaio é dividido em três capítulos, nos quais o escritor não apenas se dedica a definir aquilo que ele compreende por Romantismo, como também, e principalmente, a mostrar sua importância para a época e país de sua produção. O ano de 1814 marca, na história da França, o início do período da Restauração Francesa e a queda de Napoleão Bonaparte (1769-1821). Para Stendhal, 1814 anuncia também, junto do novo período histórico, uma ruptura do caráter de seu povo: a perda da faculdade de se divertir. Mais do que lamentar o fim de uma característica, o autor parece ver nesse corte temporal a afirmação de uma nova visão de mundo em seu país, uma compreendida por ele como negativa: aquela identificada com a seriedade e a asfixia moral burguesas. Nesta comunicação, almeja-se investigar como esse sentimento de perda pode ser associado à defesa do autor do Romantismo, não enquanto gênero, mas especialmente como postura estética frente aos costumes de sua época. Stendhal argumenta ao longo de seu livro a favor de diversos procedimentos artísticos possíveis de serem adotados em sua obra, todos visando apenas um objetivo: rasgar o “véu do hábito”. Essa ruptura com o hábito pode ser alcançada por meio da emoção profunda ou, ainda, pelo riso, mas, para que esses efeitos fossem produzidos, o escritor teria que conhecer a historicidade própria de sua época. Ele observa: “O romanticismo é a arte de apresentar aos poucos as obras literárias que, no estado atual de seus costumes e de suas crenças, são possíveis de lhes proporcionar o maior prazer possível.” (STENDHAL, p. 23, 2005). Seguindo a citação, o escritor francês ainda aponta que Racine (1639-1699) em sua época teria sido um romântico, mas que agora a partir da “mudança tão rápida e tão total quanto aquela de 1780 a 1823” não se poderia almejar a mesma literatura. O único objetivo prescrito de toda literatura se encontrava na ideia de proporcionar o maior prazer possível tendo em vista a situação histórica de sua produção. No que dizia respeito, porém, à maneira pela qual seria construída, caberia ao escritor escolher. Esta comunicação pretende, por um lado, se debruçar sobre a historicidade da própria maneira pela qual o autor concebe a literatura e o Romantismo ao apontar a consciência histórica própria de Stendhal; por outro lado, pretende-se discutir o que o escritor compreende por “o estado atual de seus costumes” e a forma literária que ele concebe como capaz de produzir o “maior prazer possível”.

Palavras-chave: Stendhal; literatura francesa; Racine e Shakespeare; Romantismo.

HERÓI ROMÂNTICO OU ANTI-HERÓI? A AMBIGUIDADE DO PERSONAGEM GILBERTO, DO ROMANCE “JOSÉ BÁLSAMO”

Maria Gabriella Flores Severo Fonseca

Resumo: Alexandre Dumas foi um prolífico escritor francês do século XIX. Sua carreira tem início na dramaturgia. Porém, inicialmente, escrevia peças teatrais de contextualização histórica. Logo abrangeu seu universo, tornando-se responsável pela criação do drama “en habits noirs”, que contextualizava a trama na sua contemporaneidade. O escritor, porém, torna-se glorificado



por sua produção em prosa de ficção. Basta lembrar algumas de suas obras universalmente conhecidas, como: "Os três mosqueteiros" e "O conde de Monte-Cristo". Para alcançar essa popularidade junto ao público, o suporte folhetim foi muito importante, pois foi por meio dele que o escritor ampliou a divulgação de sua produção literária. Apesar de os romances-folhetins serem, por vezes, considerados formas menores de ficção em prosa (MEYER, 1996), é possível observar que Alexandre Dumas não seguiu estritamente as máximas folhetinescas em todos os casos, pois é possível encontrar personagens particularmente complexos, que não são manipulados pela consciência do autor. Isso pode ser relacionado a ideia de inacabamento do romance, defendida por Bakhtin (1998). Para o filósofo russo, todo personagem é marcado por uma ideologia. No moderno gênero, o romance, o personagem, necessariamente, é um ideólogo em maior ou menor grau. A sua diferenciação em relação ao herói épico é a sua formatação não delimitadora, pois, enquanto o último apresenta uma construção previamente acabada, cabendo ao autor da epopeia tão somente fazê-lo ultrapassar as barreiras e dificuldades impostas na trama, o herói do romance, ao contrário, é constantemente inconcluso, acostumando transitar entre os traços de sua personalidade, que caberá ao autor aprofundar. No período do Romantismo, porém, a construção do herói ainda guarda uma certa linearidade, não se esperando bruscas mudanças em seu caráter. Apesar de esse tipo de construção ser comum nesse período literário, sabe-se que diversos autores foram capazes de criar personagens particularmente profundos, que não se ativeram a uma construção unidimensional. Esse é o caso de Gilberto, protagonista da série de romances-históricos, publicada, inicialmente, em formato folhetim entre 1846 a 1855, "Memórias de um médico", dividida em quatro partes: "José Bálamo"; "O Colar da rainha"; "Angelo Pitou" e "A Condessa de Charny", todos de Alexandre Dumas, pai. Para esta comunicação, interessará analisar a construção desse personagem na primeira parte dessa série, ou seja, o romance José Bálamo. Para isso, buscaremos compreender, em relação à construção estético-literária do autor Alexandre Dumas, de que forma sua visão de mundo, seu atrelamento aos ideais românticos e, ainda, seu reconhecido talento para produzir romances-folhetim em larga escala interseccionam-se para gerar sua capacidade de produzir personagens densos ou ambíguos (UBERSFELD, 2003). Tais personagens podem ser demonstração da ideia de inacabamento do gênero romance, sustentada por Bakhtin em sua proposta (1997/1998).

Palavras-chave: Herói; Romantismo; José Bálamo; Alexandre Dumas; Romance.

L'ONDE ET L'OMBRE NO ROMANCE LES MISÉRABLES: FIGURAÇÃO DA MISÉRIA NA PROSA POÉTICA DE VICTOR HUGO

Maria Júlia Pereira

Resumo: O presente trabalho discute a figuração da miséria por meio da prosa poética no capítulo L'onde et l'ombre, do livro La Chute, do tomo Fantine, do romance Les Misérables (1862), de Victor Hugo. Considerando que Hugo, como poeta, romancista e político, combinou elementos poéticos e prosaicos em sua obra, em notória oposição ao academismo e às rígidas regras clássicas que regiam a produção literária – sobretudo a poesia – busca-se evidenciar como são trabalhados os elementos poéticos nesse capítulo que funciona como uma digressão na narrativa. Na obra hugoliana a poesia funde-se com a vida e assume a tarefa de unir questões formais e existenciais (MILLET, 1997). Assim, o poeta assinala que a revolução na linguagem poética relaciona-se com a prosa na medida em que a linguagem prosaica passa a aparecer na poesia, em mais uma notória contraposição ao academismo. Nesse sentido, assevera: J'ai dit aux mots : Soyez république ! soyez / La fourmilière immense et travaillez ! Croyez, / Aimez, vivez ! – J'ai mis tout en branle, et, morose, / J'ai jeté le vers noble aux chiens noirs de la prose (HUGO, 1967). Jogar "o verso nobre aos cachorros pretos da prosa" significa uma possível aproximação entre a poesia e a prosa, entre a linguagem poética e a realidade prosaica, recolocando em questão a dicotomia entre prosa e poesia. Significa também a libertação da língua e da poesia desejada pelos poetas românticos: Tous les mots à présent planent dans la clarté. / Les écrivains ont mis la langue en liberté (HUGO, 1967). Hugo, na condição de poeta e político, "tinha o sentimento da vida das palavras" em conformidade com sua convicção

democrática, sendo a língua francesa um “poderoso agente do progresso”, pois era da tribuna da França que as palavras se propagavam (ALBOUY, 1967). A temática da miséria consolida-se em seu projeto estético com a publicação de *Les Misérables* (1862), obra em que a pobreza extrema aparece como fruto de uma sociedade absolutamente iníqua, reprodutora de desigualdades, e, portanto, de injustiças. A iniquidade e a condição à qual estão relegados os miseráveis são abordadas pelo autor no capítulo *L’onde et l’ombre* com profundidade a partir da imagem do mar hostil e do afogamento. Destarte, a miséria é tratada em dois aspectos: o material e o metafísico, pois gera o apagamento do miserável não somente em seu aspecto físico – a morte do corpo – mas também moral e espiritual: *L’âme, à vau-l’eau dans ce gouffre, peut devenir un cadavre* (HUGO, 2002).

Palavras-chave: *L’onde et l’ombre*; miséria; prosa poética; Victor Hugo.

MICHELET ROMÂNTICO? – PARTE II

Maria Juliana Gambogi Teixeira

Resumo: Esta comunicação pretende retomar temática desenvolvida na última edição deste Simpósio, versando sobre a inscrição problemática de Michelet ao Romantismo. Plenamente acatada pela crítica micheletiana e pelos estudiosos do Romantismo, essa inscrição se tensiona quando cotejada com a obra historiográfica em questão. Suas diversas críticas à literatura de sua época, apenas matizada pela constante indiferença em acompanhar suas principais produções, somam-se a um tratamento francamente antipático ao gênero do “romance” e a uma disposição bastante explícita – e pouco comum em seu contexto – de demarcar a diferença entre o objetivo e a prática historiográfica (em particular a sua própria) e o campo literário. Pretende-se, agora, e partindo da revisão desse conjunto de dados, estabelecer em que se poderia fundar – ou não – uma suposta influência do Romantismo na obra micheletiana, sem deduzi-la a priori do contexto e, sobretudo, sem desconsiderar suas críticas ao movimento.

Palavras-chave: Jules Michelet, Romantismo, Historiografia

17/07 (TARDE)

A PÁTRIA SELVAGEM DE JOSÉ DE ALENCAR

Cilaine Alves Cunha

Resumo: Em um de seus textos, José de Alencar afirma que a composição de “Os contrabandistas” teria sido desordenada, produzido por uma variedade de gêneros, mas distanciado do “monstro de Horácio”. Em seus romances, a busca de um estilo singelo da linguagem “primitiva” absorve certo historicismo, propondo que, de início, a linguagem da humanidade teria sido mista. Enquanto transporta procedimentos da lírica para a prosa, o autor determina o ethos da “infância” de certa brasilidade.

Palavras-chave: José de Alencar; sublime; indianismo

O QUARTO DE CECI: PAISAGEM, NATUREZA-MORTA E DESEJO EM O GUARANI, DE JOSÉ DE ALENCAR

Marcos Roberto Flamínio Peres

Resumo: Este paper explora duas linhas contrastivas e complementares de representação da natureza em *O guarani* (1857), de José de Alencar, que são a paisagem e a natureza-morta, em especial esta última. Gênero que atinge seu clímax no século 17 nos Países Baixos, a natureza-morta passa ao primeiro plano da pintura ao valorizar características como a domesticidade, o apego ao detalhe e, sobretudo, a repressão do desejo, conforme apontam os estudos de Svetlana Alpers, Meyer Schapiro e Jacqueline Labbe. Do ponto de vista formal, o objeto representado necessita estar retirado de seu contexto original e inserido em uma nova teia de relações. Ora, todos esses aspectos estão presentes na descrição do quarto de Ceci no capítulo inicial, onde a atenção às “coisas mínimas” e às “miniaturas”, para retomarmos os termos de Araripe Jr.,



imprime tamanha força ao desejo que ele se irradia para todo o romance e se torna elemento central para movimentar sua engrenagem narrativa.

Palavras-chave: Século XIX; Romantismo; descrição; desejo; narrativa

A PROVIDÊNCIA, DE TEIXEIRA E SOUSA, E A RECEPÇÃO DO ROMANCE HISTÓRICO NO BRASIL OITOCENTISTA

Marcus Vinicius Nogueira Soares

Resumo: O romance *A Providência*, recordação dos tempos coloniais, de Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa, foi estampado pela primeira vez no jornal carioca *Correio Mercantil*, e instrutivo, político, universal entre 26 de janeiro e 17 de junho de 1854. Tratava-se do sexto e último romance do autor que estreara no gênero em 1843 com *O filho do Pescador*. O texto aparecia na seção “folhetim” sempre na primeira página, embora também pudesse ser encontrado na segunda. A publicação foi dividida em cinco tomos e sessenta e um capítulos, incluindo aí o prólogo e a conclusão. Em livro, o romance saiu no mesmo ano, em cinco volumes impressos pela Tipografia de M. Barreto, seguindo as mesmas quantidade e disposição de capítulos apresentadas no periódico. Pode-se dizer que *A Providência* é o romance mais ambicioso de Teixeira e Sousa não só por sua extensão como também pelo que apresenta em sua estrutura que remete aos mais variados subgêneros do romance (histórico, gótico, didático, aventuras, etc.) e, ao mesmo tempo, a outros gêneros literários e não-literários (sermão, ensaio, melodrama, etc.), realizando, assim, uma espécie de sùmula da literatura produzida no ocidente pelo menos desde o século dezessete. Na presente comunicação, nos dedicaremos à incidência do romance histórico, especialmente à recepção luso-brasileira do modelo scottiano, na construção dos possíveis significados de *A Providência*.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Teixeira e Sousa; Romance Histórico

ENTRE CÉUS E TERRAS, ROMANCE E RELATO: A REPRESENTAÇÃO DA NATUREZA BRASILEIRA POR VISCONDE DE TAUNAY

Thayane Marins da Fonseca

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo discutir, no contexto do Romantismo brasileiro, aspectos relacionados à representação da natureza em duas obras de Visconde de Taunay (1843-1899) – *Inocência* (1872) e *Céus e Terras do Brasil* (1882) – o primeiro um romance sertanejo, o segundo um relato de viagem. Pretende-se explorar como a técnica do registro, ou seja, a construção da paisagem pelo viajante interfere no trabalho do ficcionista, tendo em mente a equivalência muitas vezes estabelecida entre natureza e paisagem, e suas implicações na construção de uma perspectiva literária sobre o mundo natural do Brasil. Além disso, é importante entender a tradição de viagem – já que Taunay era um viajante – não apenas como produtora de conhecimento científico, mas também de impressões esteticamente válidas para os propósitos nacionais. Anne Cauquelin afirma em *A invenção da paisagem* que “as palavras podem mentir; a imagem, por seu lado, parece fixar o que existe” (2007, p.93), isto é, o que vemos acaba fixando-se com mais facilidade ao nosso imaginário. Taunay, portanto, parece utilizar desse “poder da imagem”, já que sua escrita se volta para o elemento visual, com grande predominância de descrições construídas a partir de referências à linguagem do desenho e da pintura, e mesmo sua narrativa, se traduz em termos plásticos, ecoando aqui Antônio Cândido. A natureza observada e traduzida por Taunay é transformada em paisagem, já que se constrói uma sensação, diante das suas descrições, que nos remete a observações de quadros/cenas, ou seja, o mundo natural limitado a um enquadramento, totalmente organizado e ornado. Propõe-se um estudo que consiga averiguar a representação da natureza nas obras de Visconde de Taunay, tendo em vista a relação de trânsito textual entre os relatos de viagens e o seu romance no processo de construção de uma paisagem brasileira. Além disso, convém considerar aspectos da ciência romântica que são importantes para a compreensão das obras do autor estudado, uma vez que são colocados em relação o estético e o empírico.

Palavras-chave: Visconde de Taunay; Romantismo; relato de viagem; natureza; paisagem; Ciência Romântica.

18/07 (TARDE)

DE SÃO PAULO A COIMBRA: A POESIA DE ÁLVARES DE AZEVEDO EM PERIÓDICOS ESTUDANTIS PORTUGUESES

Natália Gonçalves de Souza Santos

Resumo: Apesar de não ter tido ligações explícitas com o meio português, caso de Gonçalves Dias e Casimiro de Abreu, o escritor Álvares de Azevedo também despertou a atenção da crítica literária lusa. Nomes como os de Teófilo Braga (*História da moderna poesia em Portugal*, 1869) e Camilo Castelo Branco (*Cancioneiro alegre dos poetas portugueses e brasileiros*, 1879) estão entre os que se debruçaram sobre a poesia do romântico paulista para comentar a sua qualidade, mas sobretudo para discutir aspectos biográficos relacionados à manifestação do byronismo. Esses exemplos, ainda que sumários, sugerem que a produção literária alvaresiana ecoou em Portugal. No entanto, o objetivo dessa comunicação é discutir uma recepção crítica que talvez possa ser considerada como marginal: trata-se de periódicos acadêmicos que circularam na Universidade de Coimbra, na segunda metade do oitocentos e que comentaram ou estamparam em suas páginas poemas de Álvares de Azevedo. Como se sabe, em Portugal, essa Universidade foi um núcleo de concentração e irradiação da poesia dita ultrarromântica, cujos cultores se reuniram, inicialmente, em torno d'O trovador (1845 – 1848), compilação poética dirigida por uma sociedade de acadêmicos locais. O elo de interligação entre a produção literária alvaresiana e os seus leitores em potencial de Coimbra reside, quer nos parecer, na crítica literária produzida pelo jornalista português António Pedro Lopes de Mendonça (1826 – 1865), ex-aluno da referida universidade e interlocutor do grupo d'O trovador. Em suas *Memórias de literatura contemporânea* (1855), Mendonça analisou tanto a produção de seus pares portugueses quanto a do poeta brasileiro, tendo voltado a esta, em 1858, nas páginas do semanário *Arquivo Pittoresco*. Portanto, partimos das considerações desse crítico que emerge do meio acadêmico para tentar compreender outras pontuações menos conhecidas, encontradas, numa análise preliminar, nos periódicos *O Átilla* (1863 – 1864), *Revista de Coimbra* (1865 – 1866) e *Mosaico* (1874 – 1875). Interessa-nos discutir a recepção crítica dos textos alvaresianos feita por esses veículos comunicacionais, tendo em vista dois direcionamentos básicos: a contribuição para sedimentação do mito literário construído em torno de Azevedo e/ou uma tentativa de compreensão do seu projeto literário, à luz do ideário romântico. De forma complementar, abordamos a posição estética adotada pelos periódicos dentro do debate romântico e a sua aproximação ou não a do próprio Álvares de Azevedo.

Palavras-chave: Romantismos; Recepção crítica; Periodismo literário

DRAMA ROMÂNTICO: UM GÊNERO PROBLEMÁTICO

Andréa Sirihal Werkema

Resumo: Historicamente localizado no centro da querela entre o mundo clássico (devemos pensar aqui na rígida divisão entre tragédia e comédia, com suas unidades e tons adequados) e a nova visão romântica, o drama romântico tem suas bases conceituais na mesma procura por um gênero novo que determinou as discussões e experimentalismos com o fragmento e o romance. Assim também o drama deve desconhecer as regras impositivas dos gêneros para se apegar à verdade histórica, isto é, à disposição do sujeito, como o fez o mestre dos românticos, Shakespeare. Em seus dramas, o dramaturgo elisabetano teria desconhecido as hierarquias do teatro clássico para privilegiar enredos fantasiosos, caóticos, cheios de vida e humor, verdadeiras representações de sua época e do temperamento do autor. É sempre bom ter em mente o quanto há de “equivoco” histórico na apreciação romântica de Shakespeare, considerado por esses autores uma encarnação do gênio, criador original e revolucionário em sua independência dos rígidos padrões clássicos da tragédia e da comédia. Por certo que o teatro



elisabetano não desconhecia totalmente a tradição, digamos, aristotélica, do gênero dramático, mas sua índole é outra, e outras são as regras e normas de seu teatro, em grande parte ainda preso a uma visão de mundo medieval, cristã e fantasiosa. Já em sua forma mais radical, o drama romântico seria um gênero naturalmente fragmentado, pois quebrava a unidade entre texto e encenação que constituía, de modo geral, a essência do fenômeno teatral. É importante notar o desenvolvimento do drama romântico não encenável na França e em outros países europeus (e daí para as Américas etc.) – a perda do estatuto teatral acabou por transformar muitos dos inúmeros dramas românticos problemáticos em textos de vanguarda, que só tiveram suas primeiras encenações no século XX. Mas, para uma definição particular e instrumental do gênero dramático romântico, que nos permita trabalhar com um texto específico (Macário, de Álvares de Azevedo), buscamos uma diferenciação ainda, talvez, mais radical do drama romântico problemático: caminhamos em direção à perda de todo e qualquer equilíbrio, à perversão mesma do gênero dramático em suas prerrogativas básicas. Ou seja, ao invés de uma equidistância e singularidade em relação aos gêneros lírico e narrativo, dentro da forma dramática, falamos de um texto que mimetiza o drama, mas que engloba tanto a liberdade criativa mais própria do lírico quanto os deslocamentos ilimitados de espaço e tempo típicos da narrativa, de maneira a afrontar a ilusão dramática. Ultrassubjetivo, o gênero do drama romântico que aqui nos interessa propõe questões interessantes ao preferir alojar em uma estrutura originariamente rígida os desmandos subjetivos do autor. O marcado embate entre forma e conteúdo cria um gênero paradoxal, que, se busca de maneira incessante libertar-se das amarras estruturais, acaba por realçá-las, fazendo do drama romântico outra forma questionadora das categorias tradicionais de gênero literário.

Palavras-chave: Drama romântico; Shakespeare; Macário; gênero literário

ALEXANDRE HERCULANO: PORTUGAL E A IRONIA ROMÂNTICA DA ALEMANHA
Hugo Lenes Menezes

Resumo: No universo cultural, existem personalidades que remetem a outras, por se aproximarem ou se oporem. Quando falamos em Ravel, quase sempre citamos Debussy; quando nos referimos ao Padre Manuel Bernardes, podemos opô-lo ao Padre Antônio Vieira; quando estudamos Machado de Assis, não raro somos levados a compará-lo a José de Alencar; Corneille e Racine se prestam maravilhosamente ao exercício do paralelo e, quando enfocamos Almeida Garrett, frequentemente o relacionamos a Alexandre Herculano, pois ambos diferem na conduta, mas se irmanam na revolução do Romantismo em Portugal. Garrett é refinado, aprecia o luxo, salões sociais e identifica-se com o “grand monde”. Herculano é sóbrio, simples e mantém vida recolhida. Noutras palavras: o artífice de “Viagens na minha terra” (1846) é latino, sobretudo francês, enquanto o ficcionista de “Eurico, o presbítero” (1844), desvelado leitor e discípulo de intelectuais alemães, como Schiller e Kant, corporiza espírito teutônico, conforme ilustra a recorrência, na criação ficcional herculaniana, de dois temas complexos e justapostos na expressão de um princípio técnico-estético-verbal que, a carregar sua herança germânica, torna-se marca da modernidade de um Thomas Mann, especialmente no romance “Doutor Fausto” (1947). Aludimos à ironia romântica, a qual tem por mestre, em solo alemão, Hoffmann e, por uma de suas estratégias, o chamamento do leitor ao processo narrativo, sob a perspectiva daquele que Norman Friedman (apud VOLOBUEF, 1999), no âmbito da subjetividade autoral, denomina narrador onisciente intruso. Esse, com reflexões sérias ou jocosas e até autozombeteiras, interrompe o fluxo do relato, discorre sobre a feitura literária em execução, o jogo ficção/realidade, ou verossimilhança/veracidade, enfim, sobre a ilusão representativa, no sentido de interpor distanciamento crítico entre leitor e texto, com vistas ao aprimoramento do público. Tudo isso é preconizado por F. Schlegel, o qual, em terras teutônicas, é o principal teórico da revolução mundial enfocada. Semelhante movimento, concernentemente à tradição do “Ancien Régime”, constitui uma ruptura, cujo código literário é a ironia romântica. E o uso de tal recurso localizamos, predominantemente, na narrativa. De onde a prosa de ficção romântica na Alemanha integrar “gêneros, mesclar fronteiras erigidas



pelo cânone classicista e buscar novos elementos para enriquecer e rejuvenescer formas e temários arcaicos. O resultado é, a par da poesia, a frutificação do romance, do conto, do fragmento e seu entrelaçamento” (VOLOBUEF, 1999). Aqui entra a estrutura formal da narrativa-ensaio, constante da teorização schlegeliana, que, comentada por Herculano, possui um autor que confessa: “[...] de modo algum eu concebo um romance que não seja uma mixórdia de recontos e de composições de outras formas” (apud LACOUÉ-LABARTHE e NANCY, 1978). Da narrativa-ensaio em vernáculo são exemplos a retromencionada obra garrettiana, bem assim uma graciosa e poética novela herculaniana inserida em “Lendas e narrativas”, nomeadamente “O pároco de aldeia”, classificada também como conto, romance campesino e de atualidade. Igualmente, em suas narrativas histórico-ficcionais, o medievalista lusitano revela a formatividade da arte da palavra, o gerar formas, e nos remete à “poiesis”, o fazer criativo. Diante do exposto, na comunicação ora proposta, objetivamos abordar manifestações da ironia romântica em produções de Alexandre Herculano.

Palavras-chave: Romantismo europeu; ironia romântica; Alexandre Herculano.

O INFORME E AS FORMAS COMO PROBLEMA ROMÂNTICO

João Guilherme Siqueira Paiva

Resumo: Na tradição mítica de diversas culturas a poesia não está distante da magia. No ocidente grego o mito de Orfeu é o mais emblemático nesse sentido. Estamos falando de um regime de verdade em que as palavras se identificam com as coisas. O romantismo alemão aparece, historicamente, quando a cisão entre palavras e coisas já está sendo operada no interior das epistemes e das artes. Essa desidentificação entre palavras e coisas resultará na noção de “magia da linguagem”, formulada por Novalis, assim como em uma série de novos pressupostos que pensarão a obra de arte como um mundo próprio (autônomo). A poesia moderna seculariza a noção de magia e retira sua força - e liberdade - do vazio da representação. Assim, a ideia de magia como uma força transformadora da realidade é abandonada ao mito. No contexto desse vazio também surge o conceito de ironia romântica, com sua problemática artística e filosófica. Para Hegel a ironia seria a estetização de um impasse. Para Kierkegaard um “jogo infinitamente leve com o nada”. A lírica “mágica” de Novalis instaura crise e cisão nas identidades fixas do classicismo, transtornando as palavras nas suas relações com as coisas, estando mais próxima do informe e da atmosfera, enquanto a ironia participa como racionalização desse mesmo processo gerador de “impasses”. Ao invés da realidade mítica de Orfeu, onde o poema podia afetar o mundo, tão cara a Novalis, o poema agora só pode afetar a si mesmo, provocando, talvez, uma “ilusão lírica” e em seguida questionando seu próprio enunciado (quando se realiza em formas). De tal processo nasce uma série de problemas na temática dos “gêneros literários” modernos, visto que os gêneros avessos ao classicismo estão sempre inconformados com sua própria natureza. Os gêneros literários modernos, nesse sentido, podem se tornar uma descrição dessa problemática. A intenção do meu trabalho é debater as relações entre ironia e “magia da linguagem”, indicando que o vazio na relação entre palavras e coisas, fundamental para a poesia moderna, leva o poema a extrapolar sua própria forma, indo em direção, até mesmo, a algo externo à literatura. Gostaria de atravessar esse debate e alcançar o comentário de Jacques Rancière sobre uma carta de John Keats (de 1818) : “A poesia não é uma maneira de escrever, mas uma maneira de ler e de transformar o que se leu em maneira de viver”.

Palavras-chave: Novalis; Jacques Rancière; Ironia

O ROMANTISMO REVOLUCIONÁRIO NAS VEREDAS DO GRANDE SERTÃO

Gregory Magalhães Costa

Resumo: Muito se tem falado sobre a confluência de gêneros da literatura de Guimarães Rosa em sua fortuna crítica, porém pouco foi dito acerca do caráter romântico e revolucionário do seu Grande sertão. A narração de Riobaldo se aproxima mais do Romantismo alemão do que do brasileiro, sobretudo, por se tratar de obra total que advoga a dinâmica ativa da natureza viva, conforme se lê em Goethe e nos fragmentos de Schlegel. Márcio Suzuki percebe, na epígrafe de



sua obra sobre o gênio romântico, um elo entre esse fragmento de Schlegel: “amizade é amor filosófico, amizade também entre iguais, não apenas mestre e discípulo” e a de Guimarães Rosa: “mestre não é quem ensina, mas quem de repente aprende”. É interessante observar que, durante sua narrativa, Riobaldo expressa entendimentos similares aos dos fragmentos de Schlegel. Conforme sugerido pelo filósofo poeta alemão, o narrador sertanejo tenta transformar sua biografia em obra de arte. Por meio da reflexão crítica, ele narra fragmentos altamente significativos da sua vida para formar a intuição da totalidade vital e de mundo (o Sertão) e se formar homem integral. Reflexões que se dão sobretudo em parábases irônicas. Riobaldo tem passagens lapidárias que demonstram estas similaridades: “Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe; mas principalmente quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba” (2006, p. 229). Ele chega a situar este entendimento romântico alemão como princípio jagunço, comprovando que seu jagunço não é histórico, mas, como avalia Antonio Candido, simbólico: “A pois, isto... Homem, sei? Como que já vivi tanto, grossamente, que desgastei a capacidade de querer me entender em coisa nenhuma... Não podendo entender a razão da vida, é só assim que se pode ser vero bom jagunço” (2006, p. 570). Estas passagens expressam compreensão semelhante à de Schlegel sobre a obra de arte e seus sentidos infundáveis e escorregadios. Estes fragmentos – contendo a substância estética do Romantismo alemão – estão espalhados por toda a narrativa sertaneja. Podemos citar algumas para ilustrar: “Ah, eh e não, alto-lá comigo, que assim falseio, o mesmo é. Pois ia me esquecendo” (2006, p. 70); “estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente” (2006, p. 100); “o senhor por ora mal me entende, se é que no fim me entenderá. Mas a vida não é entendível” (2006, p. 140). Esta última citação recria, no tom romântico alemão, o leitmotiv “viver é muito perigoso”: “Ah, mas falo falso. O senhor sente? Desmente? Eu desminto. Contar é muito, muito dificultoso” (2006, p. 184). O narrador-protagonista toca em dois pontos fulcrais das ideias do romântico alemão: o contar sua biografia e os sentidos da obra que fogem ao seu autor. Portanto, este trabalho pretende promover um rastreamento das recriações de concepções do Romantismo alemão contidas no Grande sertão rosiano, notadamente as de Goethe, Schlegel e Novalis, já que Rosa compõe uma suma poética, como no entendimento de Schlegel percebido por Walter Benjamin.

Palavras-chave: Romantismo Alemão; Grande Sertão; Suma Poética; Fragmentos Altamente Significativos

97 - SEXOLOGIA POLÍTICA E LITERATURA: O DIREITO À EXISTÊNCIA E À SUBJETIVIDADE

Coordenação: Profa. Dra. Cláudia Nigro (UNESP); Prof. Dr. Flávio Adriano Nantes (UFMS)

Resumo: Embora a literatura não tenha qualquer responsabilidade com a realidade empírica: as ciências, a teologia, a sociologia, *i. e.*, com o homem de modo geral, é sempre um gesto político pelo fato de estar – para o bem ou para o mal – sempre posicionada em relação aos eventos circundantes nas sociedades ao redor do mundo. Para o bem porque há aqueles que produzem uma escritura literária pautada pela ética, direitos humanos e respeito a todas as pessoas independentemente de classe, raça, sexualidade, gênero, etc. Para o mal, estão aqueles que produzem discursos com viés sexista, machista, misógino, de ódio e intolerância.

A atual ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damare Alves, fez declarações (antes e depois de assumir a pasta) desrespeitosas para determinadas pessoas: menino veste azul e menina veste rosa; sexo entre pessoas do mesmo sexo é aberração; as feministas não gostam de homem porque são feias, as feministas não gostam de homem porque homem nenhum quis se casar com elas. Esses discursos, ademais de desrespeitosos, demonstram um pensamento pautado na tradição familiar-sexual – homem vs. mulher; são sexistas pelo fato de indicar o que é pensado/autorizado para homens – o masculino, e o que deve estar para a ordem do feminino – mulheres, demonstrando uma clara dicotomia – geradora de violência nas relações de gênero –



entre homens e mulheres. Pese-se a isto a exclusão da comunidade LGBT das diretrizes da pasta coordenada por Damare Alves, conforme a Medida Provisória (MP 870/19) assinada pelo presidente da república Jair Bolsonaro. O que demonstra um modo reacionário, injusto, desumano, de governar, pois o Brasil é a nação que mais mata LGBTs no mundo; mais inclusive que em países onde a homossexualidade é crime de morte.

O modo caricato como a responsável pela pasta da Mulher, Família e Direitos Humanos, bem como outros órgãos da atual gestão do Estado-nação, não pode passar incólume à crítica humanística; faz-se necessária, então, uma análise destes discursos e/ou práticas por intermédio das proposições dos *Gender Studies*. Em outras palavras, a crítica, a pesquisa, a militância, o ensino, no âmbito dos Estudos de Gênero, devem se posicionar veementemente contra estes ataques a determinados sujeitos que podem – agora em maior grau – sofrer assédios, injúrias, violência de diferentes níveis e em última instância ter seus corpos eliminados.

Existem textos literários que, na contra mão de um discurso pautado pelo ódio ao outro seja pela sexualidade ou pelo gênero, podem nos oferecer pistas para pensar a existência, os afetos, o dessilenciamento de sujeitos considerados, na esfera pública, de segunda categoria. Neste sentido, a literatura se converte numa espécie de bússola em direção aos corpos dissidentes – aqueles que não podem circular democraticamente nos espaços públicos – e pode levar a sociedade a um entendimento em relação ao outro.

O simpósio **Sexologia política e literatura: o direito à existência e à subjetividade** receberá trabalhos que tratam da literatura e/ou outros constructos artísticos como um elemento de resistência, *i.e.*, como um gesto político posicionado de forma contrária ao discurso e à prática de ódio perpetrados de forma aberta ou simbólica na sociedade em relação à comunidade LGBT, bem como a outros sujeitos dissidentes.

Embora haja os que ainda o fazem, tornou-se lugar-comum, um clichê, afirmar que a literatura humaniza as pessoas; esta afirmação cai por terra quando está claro que uma sociedade grafocentrada, livresca, onde muitos escrevem e o livro tornou-se um fetiche mercadológico, pratica crimes hediondos contra seres humanos. A literatura não humaniza, ela não tem esta função. Mas pode, por outro lado, dar voz a sujeitos violentados, massacrados, aliados, indicar existências, outros modos de vivências, outras perspectivas corpóreas. *Stella Manhattan*, de Silviano Santiago; alguns contos de Caio Fernando Abreu e de Marcelino Freire; *Amora*, de Natalia Borges Poleso; a poesia de Angélica Freitas; o romance *Dois rios*, de Tatiana Salem Levy; cantores como Johnny Hooker, Liniker, Juan Guiã, entre tantos outros, endossam que essas pessoas – as que fogem ao padrão heteronormativo – existem, circulam na sociedade, resistem, reclamam por direitos, publicizam seus corpos e afetos como um gesto político.

As masculinidades, as feminilidades não estão na ordem da natureza, nunca estiveram, tampouco o gênero; são, antes, categorias culturais, sociais, históricas, e, desde sempre, observadas muito de perto pelo Estado que estatiza os corpos e seus usos, indicam formas adequadas de existência, assim, o presente simpósio convoca pesquisadores/as para refletir e debater as proposições da crítica, dos movimentos sociais, dos *Gender Studies*, do feminismo, dos estudos LGBTs, que, em conluio com a literatura, combatem as práticas contrárias à vida de sujeitos que r(existem)

Referências

- ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.
- ADICHIE, Chimamanda. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- _____. *Para educar crianças feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.
- _____. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

- _____. *Corpos que ainda importam*. In: COLLING, Leandro (org.). *Dissidências sexuais e de gênero*. Salvador: EDUFBA, 2016.
- _____. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- CALVINO, Italo. Usos políticos certos e errados da literatura. In: CALVINO, Italo. *Assunto encerrado: discursos sobre literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- _____. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder*. Rio de Janeiro: GRAAL, 1979.
- _____. *A história da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.
- _____. *A história da sexualidade: o cuidado de si*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- LEITE, Fernanda Capibaribe. Corpos em cena e trânsito: sujeitos em devir na filmografia de Cláudia Priscilla. In: COLLING, Leandro (org.). *Dissidências sexuais e de gênero*. Salvador: EDUFBA, 2016, p.153-175.
- LOPES, Denilson. *A delicadeza: estética, experiência e paisagens*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; Finatec, 2007.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- _____. (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- MACIEL, Maria Esther. *Literatura e animalidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- MALDONATO, Mauro. *A subversão do ser: identidade, mundo, tempo, espaço, fenomenologia de mutação*. São Paulo: Edições Sesc, 2014.
- NANTES, Flávio Adriano. Corpos que subvertem a linearidade sexo-gênero-orientação e r(existem) em Baléralé, de Marcelino Freire. In: GOMES, Ana Maria et ali (orgs.). *Diálogos sobre gênero e sexualidade*. Campo Grande: Ed. Life, 2018.
- _____. Os corpos literários que importam: a violência de gênero nas obras de Raduan Nassar. In: NIGRO, Cláudia Maria Ceneviva et ali (orgs.). *Corpos que (se) importam: refletindo questões de gênero na literatura e em outros saberes*. Campinas, SP: Pontes, 2018.
- NIGRO, Cláudia Maria Ceneviva et al (orgs.). *Literatura e Gênero*. São Paulo: Cultura Acadêmica; São José do Rio Preto, SP: HN, 2015.
- PAVANELO, Luciene Marie et ali (orgs.). *Marginalidades femininas: a mulher na literatura e na cultura brasileira e portuguesa*. Montes Claros, MG: Unimontes, 2017.
- QUINET, Antonio et al (org.). *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento Farma, 2013.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.
- _____. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2010.
- TIBURI, Marcia. *Feminismo em comum: para todas, todes e todas*. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2018.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (TARDE)

ANTOLOGIAS DO PRAZER: O DESEJO NAS LITERATURAS DISSIDENTES DO SÉCULO XXI

Claudicélio Rodrigues da Silva

Resumo: Diz-se que dissidente é o corpo consciente politicamente de seu lugar no mundo que, deslocando-se dos discursos oficiais, hegemônicos e canônicos, envereda-se por outros percursos com a finalidade de se autorrepresentar. As duas décadas do século XXI podem ser



compreendidas como o momento de ebulição dos discursos das minorias, não apenas mais de reivindicação de escuta das suas falas, mas de produzir espaços novos onde falar e, sobretudo, de atravessar os discursos canônicos com os temas e problemas contemporâneos. Não se trata de negar o que se produziu no campo cultural e estético, mas de evidenciar a urgência das subjetividades historicamente inderditadas. É nesse sentido que o “lugar de fala” das mulheres, dos negros e dos LGBTQ+ se insere nos espaços simbólicos para afirmação de um direito à voz. Espaço simbólico por excelência, a literatura se vê atualmente aturdida com esses discursos dissidentes. Seu cânone está sendo mais fortemente questionado e, além disso, ocupado. A necessária ocupação (não invasão) do cânone é fruto de décadas e décadas de reivindicação no campo dos discursos culturais e das ciências humanas. É nesse contexto que nossa comunicação apresentará uma leitura das antologias sobre o erotismo publicadas no Brasil a partir de 2000. Se o discurso erótico milenar ocidental sempre representou corpos repletos do eros, é verdade que muitas vezes os sujeitos líricos que assumiam a voz, quase sempre representavam um poder canônico (homens, brancos, livres, dominadores) nunca questionado, enquanto os objetos do prazer também quase sempre se confundiam com os sujeitos socialmente inferiorizados (mulheres, escravos, negros, gays...). No entanto, o desejo é próprio do ser humano, a linguagem do prazer – o eros – é uma força de vida, capaz de afirmar-se contra qualquer sinal de morte. Assim, a comunicação consistirá numa apresentação preliminar do discurso erótico em três antologias: Pretumel de chama e gozo: antologia da poesia negro-brasileira erótica (2015), Poesia gay brasileira (2017) e Antologia de poemas eróticos – escritoras cearenses (2018).

Palavras-chave: antologia erótica; minorias; literatura brasileira; lírica contemporânea

PODE O VEGETARIANO FALAR?: IDENTIDADE, CORPO E ALTERIDADE ANIMAL NA LITERATURA DO SÉCULO XXI

Marcelo Branquinho Massucatto Resende

Resumo: De Esopo a Kafka, a alteridade animal sempre foi um tema recorrente na literatura. Se nas fábulas da Antiguidade os animais serviam meramente como metáforas para enaltecer aspectos morais e uma dita superioridade humana, na ficção moderna do século XX a presença do animal passa a representar um incômodo para a máxima do pensamento cartesiano, em que a capacidade humana de raciocínio seria a chave para validação de existências. Como um reflexo do século anterior, a zooliteratura do século XXI surge como uma forma de repensar a ontologia da existência humana, desconstruir a hierarquia humano/animal e olhar para a emergência de novas identidades não somente humanas. No romance sul-coreano “A vegetariana” (2007), de Han Kang, acompanhamos os desdobramentos da decisão de Yeong-hye de parar de comer carne e produtos de origem animal. Ela, uma mulher casada, passa a sofrer com o poder simbólico da carne em uma sociedade em que o carnofalogocentrismo (Derrida, 1992) impera, e sofre com o julgamento do marido, pai e irmã por sua decisão. A narrativa assume contornos kafkianos com a radicalização do discurso de Yeong-hye e da oposição de sua família. No romance português “A nossa alegria chegou” (2018), de Alexandra Lucas Coelho, acompanhamos o percurso de Ossi, Aurora e Ira na construção de uma revolução na cidade de Alendabar, dominada por um Rei ditador que mantém milhares de gados e servos (humanos e não-humanos) para abate, além de apoiar um sistema de destruição sistêmica da flora local. A narrativa de Coelho se debruça nas peculiaridades ecológicas do local e esmiuça as condições desumanas com as quais os animais são abatidos. Em ambos os romances é possível observar a ascensão pulsante de feminismos e identidades LGBTQ+ associados à causa vegetariana e ecológica. Nessa comunicação, pretendemos analisar manifestações recentes da animalidade na literatura à luz da emergência do vegetarianismo enquanto identidade subalterna a partir de contribuições deixadas por pensadores como Jacques Derrida, Gilles Deleuze, Judith Butler e Paul Preciado.

Palavras-chave: Vegetarianismo; Alteridade animal; Pós-estruturalismo; Han Kang; Alexandra Lucas Coelho



HOMOEROTISMO & PROSTITUIÇÃO MASCULINA: GIGOLÔ, GAROTO DE PROGRAMA OU ACOMPANHANTE?

Dorinaldo dos Santos Nascimento

Resumo: Pretendemos analisar, por meio desta proposta de comunicação, como ocorrem, quais os desdobramentos e os efeitos dos jogos de poder entretecidos nas relações de intercambialidades sexual-monetárias entre personagens homossexuais idosos e jovens rapazes que se prostituem, plasmados no conto Bofe a prazo fixo, presente no livro Teoremambo (1979), de Darcy Penteado. Visa-se, também, entender como se dá a representação ficcional do corpo-prostituto penteadiano no objeto literário em escopo - o lugar que os personagens prostitutos ocupam na narrativa, com que voz e de que modo se enunciam/são enunciados no plano diegético; a constituição do corpo-prostituto (sua montagem/produção); seu modus operandi; e como os prostitutos enxergam suas práticas sexuais monetarizadas com homossexuais. Para tanto, a análise empreendida sustenta-se em pressupostos teóricos dos estudos literários e culturais.

Palavras-chave: Homoerotismo; Prostituição masculina; conto; Darcy Penteado.

O QUEER É O MONSTRO: TRANSEXUAL E LITERATURA CONTEMPORÂNEA EM AS FANTASIAS ELETIVAS

Luciane Bradbury

Resumo: O estudo tem como objetivo discutir a posição da identidade daqueles que fogem ao padrão binário homem/mulher na sociedade contemporânea. Acredita-se que a literatura presta-se à análise social na medida em que ela traz discursos e a voz da sociedade. Por esse motivo, esta investigação terá como objeto uma fonte literária, um romance contemporâneo – As Fantasia Eletivas, de Carlos Henrique Schroeder - na tentativa de analisar discursos classificatórios e hierarquizantes que produzem formas hegemônicas e naturalizadas da sexualidade. A personagem do romance de Schroeder, Copi é transexual e através do retrato de sua vivência buscar-se-á uma reflexão sobre estruturas sociais hegemônicas que criam sujeitos como normais e naturais, por meio da produção de outros perversos e patológicos, segundo a Teoria Queer. Busca-se, na análise de uma personagem travesti, a reflexão deste grupo na sociedade contemporânea, segundo Richard Miskolci, no artigo A teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica de normalização, (2009, p. 173), essa análise pode se dar “a partir da percepção de que não são sujeitos que têm experiências, mas, ao contrário são experiências que constituem os sujeitos. Assim, elas criam sujeitos marcados por processos sociais que precisam ser reconstituídos, explícitos e analisados pelo pesquisador”. Ainda busca-se uma reflexão sobre o conceito de biopoder foucaultiano e a arte literária, no sentido de que percebe-se o quanto o mercado literário pode servir como estratégia biopolítica que reflete a heteronormatividade e a vinculação do sexo biológico com o gênero como normais e naturais em sociedade. Nesse sentido a literatura pode ser vista como a cumprir uma função bipolar na sociedade contemporânea, legitimando grupos e discursos normalizados e normalizadores, mas, ao mesmo tempo, apresentando potencial para a resistência. Acredita-se ainda na importância de representação de pessoas intersex na literatura contemporânea como forma de multiplicação das diferenças buscando subverter os discursos totalizantes e autoritários que ditam a normalidade heterossexual ainda hoje. Segundo Beatriz Preciado no artigo Multidões queer: notas para uma política dos “anormais” (2011, p.14): “A tomada da palavra pelas minorias queer é um advento não tanto pós-moderno como pós-humano: uma transformação na produção, na circulação dos discursos nas instituições modernas (da escola à família, passando pelo cinema ou pela arte) e uma mutação de corpos”.

Palavras-chave: Teoria Queer; Copi; Literatura Contemporânea

MASCULINIDADE PLURAL EM ANOTHER COUNTRY E JUST ABOVE MY HEAD, DE JAMES BALDWIN



Paulo Rogério Bentes Bezerra

Resumo: Proponho nesta pesquisa, discutir a masculinidade e suas nuances nos romances *Just Above My Head* e *Another Country*, do escritor afroamericano James Baldwin. Pertencente à geração dos negritude writers, como eram denominados os escritores negros nos Estados Unidos da América, nas décadas de 1940, 1950 e 1960, James Baldwin fugia, em determinados aspectos, do padrão literário desses autores, que por sua vez era marcado, no que tange aos personagens masculinos, por uma masculinidade hegemônica, tradicional, calcada na virilidade, no sexismo e na homossexualidade. Dessa maneira, não costumava haver espaço nesta literatura, para a diversidade sexual. Neste trabalho, faço uma reflexão sobre determinados elementos relacionados à masculinidade nos romances *Another Country* e *Just Above My Head*, que fazem com que a obra de James Baldwin se diferencie da literatura produzida pelos chamados negritude writers. Portanto, as discussões problematizadas nesta pesquisa têm como foco questões referentes à masculinidade nesses dois romances de James Baldwin, que transgrediram e desestabilizaram as normas da literatura afroamericana da época, mas que se mostram extremamente relevantes na atualidade: a sexualidade fluida, com a forte presença do homoerotismo; a crítica ao patriarcado; a denúncia da violência contra a mulher. Sob a percepção de que a grande maioria dos personagens masculinos de *Just Above My Head* e *Another Country* são, assim como o era seu próprio criador, afroamericanos, discuto também, nesta produção acadêmica, as particularidades relacionadas à masculinidade negra que são perceptíveis nestes dois romances de James Baldwin, como a erotização exacerbada do corpo do homem negro e a sexualidade falocêntrica. James Baldwin, com seu discurso narrativo libertário e seus personagens masculinos Vivaldo e Rufus, de *Another Country*, assim como Crunch e Arthur, de *Just Above My Head*, cuja sexualidade transitava entre homens e mulheres, inovou e ousou transgredir as regras heteronormativas da literatura afroamericana. No entanto, com essas duas obras, cujas narrativas abordam a diversidade sexual e apontam para seu posicionamento contrário ao sistema patriarcal e toda a sua carga sexista, James Baldwin, segundo James Campbell (2000), foi vítima de críticas homofóbicas por grande parte de intelectuais e escritores de sua geração, que diziam que ele tinha talento, mas era veado e não deveria escrever sobre essas perversidades. Com sua masculinidade plural, os personagens de Baldwin eram vistos como uma vergonha e uma ameaça à literatura afroamericana, mas hoje nela se eternizam como símbolo de empoderamento, com suas subjetividades marcadas pela diferença. Como suporte teórico para esta pesquisa, utilizo bell hooks (1992-2015), Audre Lorde (2007), (Paul Gilroy (2007), James Campbell (2000) e Fernando Seffner (2003), entre outros.

Palavras-chave: Masculinidade; Sexualidade; Patriarcado; Pluralidade

17/07 (TARDE)

A RESISTÊNCIA SUBALTERNA DE SONMI~451 EM CLOUD ATLAS, DE DAVID MITCHELL

Davi Silistino de Souza

Resumo: O debate acerca da resistência e do direito à existência dos subalternos ainda se faz necessário, em vista de a sociedade ocidental, em específico no contexto brasileiro, demonstrar atrasos e retrocessos relativos aos direitos das minorias. Frente a essa situação, a personagem Sonmi~451, uma das protagonistas do romance *Cloud Atlas* (2004), de David Mitchell, propicia reflexões interessantes acerca da resistência subalterna e da luta política contra discursos silenciadores e excludentes. Ambientado em um futuro distópico na região da Coreia, a narrativa se desenvolve em torno de Sonmi~451, escrava, clone e garçoneiro de uma rede de fast food junto das irmãs clones. Sendo capaz de se libertar da condição de alienação vivida no restaurante, a protagonista percorre uma jornada política de busca pelo conhecimento e combate às injustiças. De fato, consideramos que, em meio a um perverso sistema corporativo escravocrata com ideologias machistas e preconceituosas, Sonmi consegue se posicionar como



força ímpar de resistência frente a essa sociedade, revelando-se um exemplo para futuros movimentos. Utilizando-nos de Chandra (2015) e Butler (2003), exploraremos as formas em que a resistência subalterna é construída em *Sonmi~451*, assim como de que maneira a personagem toma controle do corpo e da expressão de gênero. Compreendemos, em suma, que *Sonmi~451* é capaz de se empoderar e defender o direito à existência dos subalternos, auxiliando no debate contemporâneo relativo às formas de resistência frente àqueles que propagam discursos de ódio, discriminação e intolerância.

Palavras-chave: Resistência Subalterna; *Cloud Atlas*; *Sonmi~451*; Estudos Subalternos

RESISTÊNCIA E CRÍTICA À INTOLERÂNCIA NA OBRA A HORA E A VEZ DE CANDY DARLING, DE HORÁCIO COSTA

Isadora Bonfim Nuto (Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ)

Resumo: "Devíamos subir todas as drags ao Cristo para abraçá-lo em diversidade e erotismo outro", diz o poema "ayers rock ou a ocupação política do cartão-postal", do livro *A hora e a vez de Candy Darling*, de Horácio Costa. Em outro poema, que dá nome ao livro, o poeta lembra a atriz transgênero americana "propulsada" por Wahrol, dizendo: "o efeito que ele buscava e que ela criava relacionava-se com o russo ostraniénie: estranheza". Candy morreu antes dos 30, com um linfoma causado pelos hormônios femininos aplicados, o corpo é aqui plataforma política, de construção da subjetividade, de transgressão e também um campo de batalha. Esta obra de Horácio se coloca como ato político, fazendo da poesia um lugar de denúncia, subversão e resistência, cada vez mais necessárias nos tempos em que vivemos, em que atos criminosos de intolerância contra grupos minoritários são naturalizados ou irresponsavelmente negligenciados – e muitas vezes até incentivados inclusive pelos atuais representantes do país. Nos poemas de *A hora e a vez de Candy Darling*, o autor faz um feroz crítica à homofobia, ao mesmo tempo em que diz da impossibilidade de dizer diante do horror (como no poema "Nênia para o menino Alex André Moraes Soeiro") sem deixar de ressaltar a importância dos atos de resistência e transgressão. O Brasil é o país que mais mata LGBTs e, nesse sentido, se reforça a necessidade de não nos calarmos diante desse cenário e seguirmos em luta – e esta é uma luta coletiva – para que o discurso de ódio não seja o dominante. Para dialogar com os poemas, alguns pensadores podem nortear o debate. Foucault aponta como o controle dos corpos e a sumária exclusão dos sujeitos considerados "fora da norma" são dispositivos de poder de uma biopolítica que, na prática, ao invés de se colocar a favor da vida, procede pela exclusão e exposição à morte de algumas formas de vida muito bem selecionadas. A antropóloga Gayle Rubin, no ensaio *Pensando o Sexo*, desenvolve seu estudo sobre feminismo e teoria de gênero, lembrando a necessidade de essas teorias trabalharem juntas. Gayle ressalta que gênero e sexualidade são social e historicamente construídos ("o gênero é uma divisão de sexos imposta socialmente, produto das relações sociais de sexualidade) e recupera o processo histórico de exclusão de grupos eróticos minoritários nos Estados Unidos, como homossexuais, travestis, sadomasoquistas, etc. Já Paul B. Preciado, desenvolve, mais recentemente, um pensamento um tanto mais radical, com uma proposta de Contrassexualidade. Em textos como o *Manifesto Contrassexual* e *Testo Junkie*, Preciado produz uma obra que é ao mesmo tempo teoria e auto-experimentação, tratando da sua experiência de auto-administração de testosterona. O autor faz, então, uma teoria do gênero, ou melhor, de desconstrução do gênero, como alternativa ao sistema heterocentrado, e também uma teoria do corpo protético, afirmando que, no contrato contrassexual, "os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, mas sim como corpos falantes e reconhecem os outros como corpos falantes".

Palavras-chave: resistência, LGBT, poesia, Horácio Costa

A CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE PRETA NOS CADERNOS NEGROS

Nelson Flávio Moraes de Oliveira



Resumo: A presente proposta é uma expansão da pesquisa de iniciação científica, financiada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic), que teve como tema A Construção do feminino e a busca pelo pertencimento na escrita de Adriana Lisboa e Daniel Galera (2014). Em tal contexto, foi possível investigar questões de gênero e de identidade na literatura contemporânea. Após a finalização de tal trabalho, diversas dúvidas foram ganhando forma, tais como: será que é possível identificar semelhanças e diferenças quanto à construção de personagens a partir da escrita de autores negros? E quando temos autores que são homens negros construindo personagens que também são homens negros, o papel do masculino ganha novos significados? A forma como as relações afetivas são construídas entre personagens negros, recebe um olhar diferenciado quando temos a cor da pele demarcando um aspecto identitário? Esse conjunto de reflexões e indagações figura, portanto, como os elementos-chave do projeto de mestrado, ainda em desenvolvimento, que se propõe a discutir e problematizar a construção da masculinidade e do afeto do homem negro na literatura contemporânea negro-brasileira produzida por escritores negros. A obra escolhida são os Cadernos Negros, coleção que reúne diversos escritos em prosa e poesia, de diferentes escritoras e escritores negros. Para isso, analisaremos os contos do volume 40, produzidos por homens negros, a proposta é compreender como a masculinidade é construída em personagens que são homens e negros, além de investigar como eles se relacionam afetivamente com os outros indivíduos. Ao falarmos em masculinidade, o homem negro carrega algumas marcas dentro dos aspectos construídos que abrangem outras esferas como classe social e sexualidade. Sendo assim, é possível falarmos em masculinidades, uma vez que o mesmo abrange diversos recortes: Estudar masculinidades negras a partir da multiposicionalidade é perguntar como devemos discuti-la a partir de um olhar relacional, e não posicional e hierárquico fixo. Isso nos leva a fazer dois conjuntos de perguntas: 1) Que privilégios estas masculinidades racializadas compartilham? Em que condições reais estas masculinidades racializadas lutam por estes privilégios? 2) Dividendos patriarcais são recebidos ‘do mesmo modo’ por todos os sujeitos que vivenciam masculinidades? Os estereótipos sexuais sobre homens negros são resultados do sexismo e não apenas do racismo, mesmo que o privilégio patriarcal posicione tais masculinidades como configurações vantajosas. (CONRADO, PEREIRA, 2017, p. 82) Cabe mencionar que seus afetos talvez sejam influenciados por uma imposição estrutural branca. Partindo do papel de transformação que a literatura possui no sentido de possibilitar formas diversas de ressignificar o olhar, propomos investigar se os personagens homens/negros dos contos em análise cumprem com esse objetivo, ou seja, almejamos problematizar se, em tais obras, eles formam parte de um projeto capaz de desmistificar um imaginário pautado em uma construção racista.

Palavras-chave: literatura; negro-brasileira, homem negro; masculinidades

A FUGA COMO RESISTÊNCIA EM SEM VISTAS PARA O MAR, DE CAROL RODRIGUES

Flávio Adriano Nantes

Resumo: A presente comunicação tratará de uma leitura do conto “Onde acaba o mapa” disposto no livro Sem vistas para o mar: contos de fuga (2014), de autoria de Carol Rodrigues, vencedora do Prêmio Jabuti, em 2015, na categoria contos e crônica. A proposta será pensar, por intermédio das proposições dos Gender Studies, como a personagem do conto, por desestabilizar a linearidade social “adequada” sexo-gênero-orientação, mais precisamente, orientação/desejo, tem seu direito à vida e a circular democraticamente nos espaços públicos e privados roubado. A personagem, por desejar um igual, i.e., um corpo como o seu e dar vasão à sua subjetividade, é punida pela sociedade: sofre violências físicas e simbólicas, assédios, injúrias, ameaças de morte. Demonstrar-se-á como o imaginário social, no contexto da narrativa, está pautado por um sistema estritamente heteronormativo e os que burlam ou “desrespeitam” tal sistema passa por uma série de sanções e têm seu direito à existência e à subjetividade vilipendiado. Pensar esta questão a partir da literatura é colocar o texto de Carol Rodrigues na



contramão de uma sociedade cujo imaginário é construído a partir da heteronormatização e heteronormalização do sujeito.

Palavras-chave: Literatura e Gender Studies; Resistência; Sem vistas para o mar.

O TEMPO DA ESPERA: CONSTRUTOS E RESISTÊNCIA

Cláudia Maria Ceneviva Nigro

Resumo: Quando os construtos sociais, relativos ao posicionamento da mulher na sociedade, implicam aceitação, tudo está no seu “devido lugar”. No entanto, quando são questionados esses mesmos construtos, há momentos de resistências. Como? Nesse artigo discorreremos sobre imagens femininas circulando por noções conhecidas de feminilidade, impeditivas de uma resistência de fato, mas propiciadoras de resistência outra, no romance brasileiro, agraciado com o Prêmio SESC de Literatura 2015, *Desesterro*, de Sheyla Smanioto. A escritora brasileira contemporânea faz parte da safra de autoras jovens com uma profundidade não circunscrita a “experiências experimentadas”, porém a contemplações e elucubrações de outras vivências. Conforme afirma a própria autora em entrevista a uma pergunta sobre o tema do romance, mas que cabe para ilustrar a trajetória da escritora/leitora/observadora: “Eu não conseguiria dedicar tanto tempo a algo que não me comovesse fisicamente. É uma espécie de herança, uma memória ancestral, familiar. Sobrou em mim o instinto, o medo.” Diante da resposta, nós, leitores, ficamos muitas vezes sem ar, no processo de acompanhamento de histórias de mulheres violadas em seus corpos e seus direitos. No entanto, as personagens, sem aparente poder algum, encontram-se posicionadas, cavando-o nas brenhas da terra nas comunidades fictícias de Vilaboinha e Vila Marta. Nascida em Diadema, em 1990, Smanioto tem no “poema épico” *Dentro e Folha* sua primeira publicação no formato de livro cartoneiro, pelo coletivo Dulcinéia Catadora, em 2012. Leitora ávida conhece Gabriel Garcia Marques na edição da *Folha de São Paulo* e se torna uma apaixonada pela literatura latino-americana. Em 2015 publica o primeiro romance *Desesterro*, pela Record (prêmio SESC). Outros prêmios se sucedem: terceiro lugar no Jabuti (romance) e Machado de Assis, além de ser finalista do Prêmio São Paulo de Literatura. Neste trabalho, nosso enfoque será na obra responsável por apresentá-la ao Brasil e ao mundo. A fim de comprovar nossa hipótese, flanaremos sobre o romance tendo como fundamentação a instabilidade, descrita em condições inviabilizadoras do viver, revelando possíveis protestos em desacordo com a existência sem oportunidades de ser alterada. Não obstante, a “reunião” de mulheres no texto de Smanioto irrompe possibilidades. Para isso, empregaremos a concepção de reunião/união/assembleia de Judith Butler no livro *Notes Toward a Performative Theory of Assembly*. Nessa concepção, um grupo de mulheres, muitas vezes, provenientes da mesma realidade cultural e social, estão conectadas para refletir sobre tópicos concernentes as suas vidas ordinárias no espaço que lhes afeta, apresentando-se performativamente. Isso ocorre no romance a ser analisado, proporcionando aos leitores uma visada reivindicativa, perturbadora; concedendo eco ao silêncio imposto às vozes femininas presentes no texto.

Palavras-chave: Resistência; *Desesterro*; J. Butler

18/07 (TARDE)

NO CU/ DE EXU/ A LUZ: RELIGIOSIDADE, HOMOEROTISMO E TRANSGRESSÃO NA POESIA MALDITA E SAGRADA DE WALDO MOTTA

Marcel Bussular Martinuzzo

Resumo: Waldo Motta, que pelo menos desde *Bundo* e outros poemas (1996) é um dos principais expoentes da literatura homoerótica brasileira, é conhecido e admirado pela abordagem explícita e orgulhosa de sua sexualidade desviante, bem como por seu apuro técnico que não foge ao necessário diálogo com a tradição literária, pela versatilidade formal e pelo tom de intimorato sarcasmo e desafio de sua lírica. Mais do que isso, é reconhecido por desenvolver, ao longo de quatro décadas de produção literária, um projeto de vida poética extremamente ambicioso e toda uma cosmovisão fundamentada no amor masculino, a qual lhe aprouve chamar

de “Erotismo Sagrado”. Graças ao seu vivo interesse pela linguagem, pela ciência e, principalmente, pela simbologia de diferentes correntes espirituais, o poeta autodidata cria – ou revela – um novo mundo, novas realidades, e uma doutrina salvífica cujo veículo de transcendência é o próprio corpo. Tendo por base o poema que dá título à comunicação e com o auxílio de pensadores como Mircea Eliade, Octávio Paz e Giorgio Agamben, além da fortuna crítica do poeta, nosso objetivo é explorar o aspecto transgressor da obra de Waldo Motta no que diz respeito à sua cosmovisão homoerótica. Pela força de seu “estilo paraclético”, o autor de Bundo parodia corrosivamente o discurso proselitista e fundamentalista dos sacerdotes cristãos enquanto, ao mesmo tempo, apresenta novas possibilidades de se relacionar com o Divino, consigo mesmo e com o mundo. Em poemas como esse, o escritor ratifica a sua convicção de que “a transformação se verifica no plano da linguagem, tanto nas palavras quanto no estilo de ser” e, também, de que “a transcendência de nossas limitações pode ser conseguida pela aceitação prévia da imanência divina, isto é, da natureza e do caráter divino ou celestial em nosso ser concreto, material”. Em tempos de recrudescimento do reacionarismo e da intolerância, seus poemas dão voz não apenas a setores historicamente marginalizados de nossa população, sobretudo LGBTs, mas também a todo e qualquer indivíduo que anseia por mais liberdade, diversidade e justiça em nosso tempo e lugar. Não obstante, com a sua subversiva recriação do mundo pela via do poema, Waldo Motta opera uma verdadeira reapropriação do Sagrado através da profanação do status quo, transformando o que outrora havia sido motivo de opróbrio em caminho de salvação e glória. Esperamos demonstrar, enfim, de que modo o autor, pelo engenho da linguagem poética, eleva sua condição de homem negro, pobre e gay ao máximo da dignidade, servindo de referência para mais de uma geração de artistas decididamente contestadores que o seguiram.

Palavras-chave: Homoerotismo, poesia, religiosidade, transgressão, Waldo Motta.

A VISIBILIDADE TRAVESTI EM WALDO MOTTA

Ricardo Alves dos Santos e Amaury Lucatti Sousa

Resumo: Esta comunicação pretende fazer breves apontamentos sobre o projeto “erotismo sagrado” do poeta contemporâneo Waldo Motta, o qual vem sendo realizado desde a publicação da obra Bundo e outros poemas (1996) e, recentemente, do livro Terra sem mal: um mistério bufante e deleitoso (2012). O poeta capixaba é conhecido pelo deboche, ironia e humor que adensam sua realização artística formulada a partir das relações entre literatura e política, buscando no artístico uma forma para ressignificar uma vida assolada pelas exclusões sociais e culturais. Desse modo, selecionamos o poema “Margarida”, extraído da obra Bundo e outros poemas (1996), para tratarmos sobre a condição sexual e social de “Margarida”. A condição da travesti é descortinada em versos com linguagem simples, mas que revelam a dura realidade de um indivíduo apagado socialmente. Nossa análise buscará apoio nos estudos sociológicos de Pedro Paula Oliveira (2004) e das considerações Queer de Judith Buther (2012) para tratar sobre a transexualidade humana e a necessidade de a literatura ser uma maneira de dar visibilidade a uma causa que exige um lugar na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: “Erotismo sagrado”; “Margarida”; Travesti

A POLIFONIA DE MÚLTIPLAS VOZES NARRATIVAS NA CONSTRUÇÃO DO ROMANCE OS 120 DIAS DE SODOMA OU A ESCOLA DE LIBERTINAGEM (2006), DO MARQUES DE SADE

Rosivan dos Santos Bispo

Resumo: O presente trabalho busca apresentar, a partir de um estudo composto por, entre outras, a teoria da polifonia de Bakhtin, como se dá a construção das múltiplas vozes narrativas presentes na seção AS CENTO E CINQUENTA PAIXÕES SIMPLES, OU DE PRIMEIRA CLASSE em Os 120 dias de sodoma ou A escola da libertinagem, do Marquês de Sade, de modo que, partindo desta proposta, possamos expor, de maneira pontual, como a compreensão deste elemento narrativo configura-se como importante fator para alcançar uma maior clareza na

obra de Sade. Para tal, nos valem de teóricos como Tzvetan Todorov (2017), Robert Kellogg & Robert Scholes (1977), Yves Reuter (2002), entre outros. Desta maneira, buscamos compreender os diversos efeitos que as vozes narrativas despertam na obra do Marquês qualificando-a, entre outras coisas, como uma narrativa moderna, mesmo tendo sido produzida no final do século XVIII. Entender, de tal modo, essa polifonia, significa aprofundar-se nas interpretações tão múltiplas sobre o trabalho do Marquês, que para além de plasmar atos sexuais "extremos", revelam, por exemplo, o desejo por liberdade e pela existência.

Palavras-chave: Polifonia; Sade; Violência.

O ESPECTRO OBLITERADO DO ARCO-ÍRIS: MATIZES QUARE NA POESIA DE THOMAS GRIMES

Fernando Luís de Moraes

Resumo: Os estudos de gênero, em especial a “teoria” queer, promovem uma releitura, um questionamento e uma revisão não só de conceitos “naturalizados” como o de gênero e de sexualidade, mas também como o de desejo e de identidade, tomando como ponto de partida uma perspectiva comprometida com sujeitos socialmente estigmatizados. Nota-se, todavia, nesses estudos, a falta de um afã dinâmico que permita elaborar, de forma mais prolífica e sistemática, a articulação de espectros multidisciplinares. Por consequência, essa vertente analítica carece, por exemplo, de atenção especial às interseccionalidades entabuladas entre gênero, raça/etnia e classe (JOHNSON, 2005 [2001]; TAYLOR, 2009; MOORE, 2011). Yvette Taylor, em artigo intitulado “Queer, but Classless?” (2009) adverte que a “teoria” queer tem sido acusada de relegar as materialidades (também corporais) ao obscurantismo, preocupando-se, portanto, mais com o sujeito do desejo do que com suas necessidades e restrições materiais. Como corolário dessa inobservância e/ou miopia teórica, desvela-se um enfoque privilegiado das preocupações de LGBTQI+ brancos, de classe elitizada, evidenciando um problemático e descomunal hiato entre o terreno racialmente marcado e o da abjeção, aparentemente consolidados sobre uma formulaica rigidez monástica. Sob outra luz, persiste um insidioso ponto-cego que impossibilita uma mirada mais certa sobre a realidade dos sujeitos negros-gay, traficantes, a um só tempo, por esses dois espaços. Essas oblitações são contestadas no/pelo fazer poético do escritor estadunidense negro-gay Thomas Anthony Grimes. Num trabalho de dissolução de preceitos dogmáticos, o autor instaura um panorama de libertação dessas subjetividades, legitimando o valor da identidade negra-gay. Nesse sentido, põe em foco as vulnerabilidades do projeto queer, cujo objeto ainda tem sido o sujeito branco de classe média/alta – supostamente universal. Nesta comunicação, são trazidas à baila as ideias de reconceptualização dos estudos queer lançadas em 2001, por E. Patrick Johnson, no texto “Quare” studies, or (almost) everything I know about queer studies I learned from my grandmother, onde se encontram assentadas as bases do que se convencionou chamar de “teoria” quare. Ilustra-se o potencial operacional desse novo paradigma analítico a partir da investigação de alguns poemas de Thomas Grimes, a fim de desvelar como o sujeito delineado nessas produções esgarça os fios de um tecido social impregnado de tintura ideológica segregacionista de matriz heterossexual.

Palavras-chave: Identidade de raça e gênero; Teoria queer/quare; E. Patrick Johnson; Thomas Grimes.

ELECTRA: UMA QUESTÃO DE GÊNERO EM EURÍPEDES

Marcelle Pereira Santos Bento

Resumo: O presente trabalho propõe-se a fazer uma análise da obra Electra de Eurípedes. Parte-se da hipótese de que a heterogeneidade dos discursos filosófico e dramático seja possível identificar marcas de um discurso influenciado pelo gênero. Para se entender a Questão de Gênero, é necessário entendermos como ela se configura desde os primórdios da Grécia Antiga até os dias atuais. O estudo objetiva analisar como a Questão de Gênero influencia a construção das obras literárias gregas antigas e identificar como as personagens femininas estão



representadas no teatro ateniense antigo na obra *Electra* de Eurípedes. A escolha da tragédia *Electra* justifica-se pelo fato de tratar de um tema que reflete o papel da mulher na sociedade do período clássico grego. Entretanto, reforça a ideia da mulher que luta por aquilo que acredita. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, descritiva e explicativa, seguindo os procedimentos da Literatura Comparada. Tratamos sobre a questão de gênero, discutimos o conceito de gênero a partir dos estudos de gênero de Judith Butler. Para isso, apresentamos como o gênero é visto na contemporaneidade, como autores como Simone de Beauvoir, Judith Butler e Joan Scott conceituam-no. Em seguida, explanamos como a noção de Gênero era vista no período Clássico grego. Depois analisamos como Aristóteles apresentava a sua concepção de gênero e finalmente verificamos como o gênero era tratado em textos literários gregos. Investigamos a tragédia *Electra* e as personagens femininas que aparecem na peça: *Electra*, *Clitemnestra* e coro formado por moças da Argólida. Ademais, norteiam nossa pesquisa as obras produzidas por estudiosos como Michel Foucault, Harold Bloom, Chimamanda Adichie e autores clássicos como Aristóteles, Aristófanes, Homero e Górgias. Nosso arcabouço teórico defende o ponto de vista de que o gênero pode estabelecer ligações com categorias raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidade que são constituídas através do discurso (BUTLER, 2017). Assim, é quase impossível a separação da noção de gênero dessas interseções nas quais esta noção é produzida. Entendemos que é imprescindível o estudo do discurso, pois ele analisa a inter-relação entre os discursos, sendo que estes estão vinculados ao contexto sócio-histórico-cultural de sua produção. De fato, o discurso é inseparável de todas as questões políticas (FOUCAULT, 2013). O poder é o que vai ajudar o discurso a ser construído, não podendo ser desvinculado dele. Daí, a importância de se investigar como o discurso feminino na tragédia ajuda a identificar a construção do gênero. A pesquisa contribui para ampliar o conhecimento de como a mulher era representada na tragédia de Eurípedes e proporciona um estudo da questão de gênero e do discurso feminino na Literatura.

Palavras-chave: *Electra*; Eurípedes; Tragédia; Gênero.

98 - TERRITÓRIOS SHAKESPEARIANOS POUCO EXPLORADOS: ESFERAS DE CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RELEITURAS

Coordenação: Profa. Dra. Anna Stegh Camati (UNIANDRADE); Profa. Dra. Fernanda Teixeira de Medeiros (UERJ); Prof. Dr. Leonardo Bérenger Alves Carneiro (PUC-Rio)

Resumo: Se a obra de William Shakespeare (1564-1616) tornou-se um dos principais emblemas do cânone literário ocidental (BLOOM, 1994), é importante lembrar que esse estatuto não se aplica a todas as 40 peças atribuídas ao Bardo, nem tampouco à totalidade de sua produção lírica, composta de 154 sonetos e poemas narrativos. No interior desse conjunto, existem divisões, com obras de circulação infinitamente mais intensa que outras, tanto no mundo midiático quanto no mundo acadêmico, principalmente se pensarmos no contexto brasileiro, no qual são sobretudo algumas das tragédias, ao lado de um par de comédias e peças históricas, um dos romances, e um número restrito de sonetos que terminam por representar "Shakespeare". Constatações dessa natureza são indícios de que, provavelmente, importantes aspectos do universo shakespeariano estariam sendo negligenciados.

A proposta deste simpósio direciona-se, assim, a um convite a que exploremos obras shakespearianas de menor circulação e reflitamos sobre elas, a partir de perspectivas sócio-históricas e culturais. Nosso ponto de referência será, principalmente, o contexto de recepção brasileiro, mas outros contextos são igualmente bem-vindos. Desde já, tenhamos em mente que nesse repertório de menor circulação em território brasileiro, distribuído entre os diferentes gêneros teatrais praticados por Shakespeare, seria possível elencar as seguintes peças, sempre correndo o risco de cometer injustiças:

* tragédias: *Tito Andrônico* (1591); *Timon de Atenas* (1605); *Coriolano* (1608);

* comédias: *Os dois cavalheiros de Verona* (1590-1); *A comédia dos erros* (1594); *Trabalhos de amor perdidos* (1594-5); *As alegres comadres de Windsor* (1597-8);

- * peças históricas: *Henrique VI* (partes 1, 2 e 3, 1591-2); *Ricardo II* (1595-6); *Rei João* (1595-7); *Henrique IV* (partes 1 e 2, 1596-8); *Henrique VIII* (1613);
- * peças-problema: *Troilo e Créssida* (1601-2); *Bem está o que bem acaba* (1604-5);
- * romances, também denominados tragicomédias: *Péricles* (1607), *Cimbeline, rei da Britânia* (1610), *O conto do inverno* (1609), *Os dois primos nobres* (1613).

Em que pese a probabilidade de discordâncias acerca dessa seleção, podemos estimar que aproximadamente cinquenta por cento da obra de Shakespeare são pouco ou pouquíssimo conhecidos em nosso país, em comparação com seus grandes sucessos.

Quando pensamos na formação de um cânone shakespeariano em perspectiva diacrônica, com base na fortuna crítica do Bardo, as tragédias, sem dúvida, ocupam posição de centralidade desde o século XVIII, com o início da chamada era das “grandes edições” das obras completas de Shakespeare. A introdução de Shakespeare no mundo literário e cultural do romantismo alemão também foi decisiva para a hegemonia do gênero trágico no contexto da crítica europeia, em geral, e inglesa, em particular. Em suas *Palestras sobre arte dramática e literatura*, de 1808, Friedrich Schlegel (1772-1829) trata quase que exclusivamente das tragédias shakespearianas, sendo reticente em comentários sobre as comédias e os dramas históricos. As *Palestras* de Schlegel parecem ter inspirado Samuel Taylor Coleridge (1772-1834), cujo trabalho também privilegia as tragédias. Em 1904, o Professor A. C. Bradley (1851-1935) publica *A tragédia shakespeariana*, trabalho que inaugura a chamada crítica literária profissional e que acaba por cunhar a expressão “as quatro grandes tragédias”, sedimentando a noção equivocada, mas prevalecente por décadas, de que o cânone shakespeariano encontraria em *Hamlet* (1601), *Otelo* (1603), *Rei Lear* (1605) e *Macbeth* (1606) um sustentáculo único.

Por outro lado, é de conhecimento geral que algumas das comédias de Shakespeare, entre elas *A megera domada* (1590-1), *Sonho de uma noite de verão* (1595-6), *Muito barulho por nada* (1598), *Como gostais* (1599-1600) e *Noite de reis* (1600-1) são globalmente muito conhecidas e, algumas delas, extremamente populares no Brasil, sendo constantemente encenadas, apropriadas e transformadas em uma variedade de produtos midiáticos, como filmes, musicais, óperas, pinturas, esculturas, etc. Algumas estatísticas mostram que *Sonho de uma noite de verão* é a peça mais encenada em âmbito global. De todo modo, o foco nessas comédias termina por deixar de fora uma série de outras, como já mencionamos, e situação semelhante se dá no contexto dos dramas históricos, ao todo dez textos, dos quais apenas dois são mais conhecidos, *Ricardo III* (1592-3) e *Henrique V* (1598-9). Em relação às peças problema e aos romances, *A Tempestade* (1611), constitui exceção, tornando-se, mais que uma obra dramatúrgica, um texto seminal para teorias críticas do século XX, como o pensamento pós-colonial.

Diante dessas considerações, listamos abaixo alguns campos de interesse e objetivos do simpósio:

- a) estimular discussões e leituras críticas de peças pouco lidas e pouco exploradas, nos diferentes gêneros praticados por Shakespeare, levando em conta sobretudo o contexto brasileiro de recepção;
- b) investigar se haveria uma conexão direta entre a qualidade da obra e sua popularidade, e em que instâncias essa qualidade é calculada;
- c) discutir a história da formação de cânones internos à obra de Shakespeare;
- d) refletir sobre traduções brasileiras de textos shakespearianos pouco conhecidos;
- e) examinar trânsitos e transações inter e transmidiáticas de textos shakespearianos pouco explorados em âmbito local e global.

Referências:

- BLOOM, Harold. *O cânone ocidental*. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001 [1994].
- BLOOM, Harold. *Shakespeare, the Invention of the Human*. Londres: Fourth State, 1999 [1998].

- BRADLEY, A. C. *A tragédia shakespeariana*. Trad. Alexandre Feitosa Rosas. São Paulo: Martins Fontes, 2009 [1904].
- DOBSON, Michael. *The Making of the National Poet: Shakespeare, Adaptation and Authorship, 1660-1769*. Oxford: Oxford University Press, 1992.
- EDMONDSON, Paul; HOLBROOK, Peter, eds. *Shakespeare's Creative Legacies: Artists, Writers, Performers, Readers*. London, Oxford, New York, New Delhi and Sydney: Bloomsbury, The Arden Shakespeare, 2016.
- GARBER, Marjorie. *Shakespeare and Modern Culture*. New York: Anchor Books, 2008.
- GOMES, Eugenio. *Shakespeare no Brasil*. Coleção "Letras e Artes." Ministério da Educação e Cultura, s/l, 1961.
- LEVENSON, Jill L.; ORMSBY, Robert, eds. *The Shakespearean World*. London and New York: Routledge, 2017.
- SANTOS, Marlene Soares dos e LEÃO, Liana de Camargo, orgs. *Shakespeare, sua época, sua obra*. Curitiba: Beatrice, 2008.

PROGRAMAÇÃO

Dia 16 de julho (tarde)

HENRY VI, DE SHAKESPEARE, E THOMAS KYD: O INÍCIO DO TEATRO ELISABETANO

Leandro Tibiriçá de Camargo Bastos

Resumo: Shakespeare tem sua poética muito mais associada ao verso de Christopher Marlowe do que a de outro antecessor ilustre, Thomas Kyd. De modo geral, é verdade que a poética marloviana exerceu influência maior no bardo do que a kydiana. No entanto, o legado de Kyd não foi menor. Enquanto Marlowe utilizava enredos mais lineares, se concentrando em temas históricos, Kyd se concentrou na tragédia, usando enredos de peripeteia (reviravolta). Nesse tipo de enredo, o uso de retomadas, narrativas que se cruzam e paralelismos se faz estruturalmente presente. Para dar conta dessa maior complexidade dramática, Kyd reuniu uma série de recursos disponíveis em sua época, como a poesia lírica, a poesia épica, o eufuismo (influência de John Lyly) e o registro direto (plainness), vindo das controvérsias religiosas, principalmente dos puritanos (Whitgift). Ao organizar esses registros, Kyd criou uma obra genial do ponto de vista dramático, mas considerada desigual do ponto de vista poético, principalmente pelos críticos a partir da restauração (isso foi reconsiderado por críticos contemporâneos, no entanto). Em seu texto, blocos poéticos se colidem num efeito de bricolagem. A sabedoria de Shakespeare foi justamente utilizar a dramaturgia complexa de Kyd com a poética mais desenvolvida de Marlowe. Mas isso se iniciou no Ricardo III. Pretendemos demonstrar aspectos poéticos do texto mais famoso de Kyd, a *The Spanish Tragedy*, e como na trilogia dedicada a Henrique VI, de Shakespeare, o uso dos blocos poéticos utilizados por Kyd se faz presente. Em seguida, passaremos a trechos de *Dido, queen of Carthage*, para mostrar como a poética shakespeariana se aproximou de Marlowe a partir de *Richard the III*.

Palavras-chave: Henry VI; Shakespeare; Thomas Kyd; Christopher Marlowe; teatro elisabetano; teatro shakespeariano

TITUS ANDRÔNICUS- DA VIOLAÇÃO À SIMPLES OFENSA: AS PROBLEMÁTICAS DA INTERPRETAÇÃO

Igor Alexandre Capelatto

Resumo: Em *Titus Andronicus* temos releituras e traduções das mais variadas. Nelas compreendemos duas, três ou mais peças distintas, não por sua totalidade, mas pela sua abordagem. Em um versão encontramos uma Lavínia, filha do General Titus, sendo ofendida, e se magoando com tal atitude, noutra essa mesma Lavínia é abusada sexualmente e tem as mãos e língua decepadas. Há ainda uma versão que o estupro é substituído por rapto. A palavra usada



por Shakespeare, em seu original é RAPE. O original é em Inglês Elizabethano. Neste trabalho propõe-se investigar as congruências e Limites da Interpretação, da Tradução, e como a Subjetividade (e, portanto, a Cultura) infere no processo de transpor a peça (no caso, do inglês elizabethano) de uma língua para outra; tal qual o processo de transpor uma peça escrita para o palco (interpretação cênica da peça). Nesta pesquisa, iniciada como um subcapítulo da minha tese de doutorado, defendida em 2018 na Unicamp, no departamento de Multimeios (A RETÓRICA DO GESTO Intersecção entre linguagem e sensação na poética da dramaturgia), conduz essa investigação dos limites da tradução e interpretação com base em, entre outros, Umberto Eco, por meio das “Problemáticas da Interpretação” e Vilém Flusser, com os conceitos de abismo linguístico, tradução, interpretação, cultura e subjetividade e, Jacques lacan, sobre metáfora, metonímia e o processo de interpretação do discurso do sujeito. Ainda, trazendo Walter Benjamin e Sartre, o trabalho propõe, neste campo da subjetividade, investigar como o discurso de Shakespeare em Titus Andrônico se comporta de maneiras distintas (e como chega ao público) nas suas mais variadas versões: considerando as diversificadas traduções (neste caso faremos um recorte às versões em português), e as releituras (recriações) tais quais Titus Fúria (de Heiner Müller) ou a releitura que fiz para meu doutorado - Um Banquete para Tamora. Assim, a pergunta que vai permear esta pesquisa é: Qual o limite entre a fidelidade, o respeito (como Eco infere) e a liberdade de tradução e recriação?

Palavras-chave: Tradução; Interpretação; Subjetividade; Titus

TITUS ANDRONICUS E A TEMPESTADE: TEATRALIDADE E EXCESSO

Ana Luiza Lobo Pereira

Resumo: Este trabalho tem como objetivo comparar duas adaptações cinematográficas dirigidas pela diretora Julie Taymor; Titus (adaptação de Titus Andronicus, de 1999) e A Tempestade (adaptação de A Tempestade, de 2010). Os filmes, embora sejam oriundos de peças de cunho muito diferente, possuem diversos pontos em comum que pretendo analisar. Ambos têm uma estética excessiva e teatral, valendo-se de interpretação, figurinos e cenário pouco realistas, utilizam-se de muitos efeitos especiais e fazem referências à cultura pop. Taymor, como diretora advinda do teatro, traz em suas adaptações alguns resquícios da linguagem teatral para seus filmes. Tentarei buscar esses resquícios nas obras selecionadas e mostrar como foi feita a transposição de uma mídia para a outra, além de encontrar pontos em comum entre as duas produções, como já foi dito. Benjamin Atkins, em sua tese “Translating Shakespeare: Film representation of dramatic art” (1999), defende que as obras de Shakespeare foram escritas para serem representadas – não somente no palco, mas também no cinema – e que essa característica é um dos motivos pelos quais as obras do bardo ainda são populares entre os mais variados públicos no mundo atual. Um dos aspectos que ele aborda é o fato de o texto shakespeariano não conter muitas descrições nem rubricas, o que dá ao diretor “liberdade criativa” para fazer o que quiser em sua adaptação – no aspecto mais visual e de interpretação dos atores, nesse caso – e que essa característica, ao mesmo tempo, se apresenta como um desafio, pois é necessário solucionar, ao dar vida às palavras de Shakespeare, questões que ficam em aberto no texto escrito. Portanto, através da análise dos filmes escolhidos, buscarei traçar as intenções da diretora Julie Taymor em cada caso, além de compará-los. Tentarei entender o porquê de algumas escolhas feitas, tendo como base o estudo feito por Atkins, e averiguar como essas escolhas interferem na maneira com que a mensagem da palavra escrita é transmitida para o público.

Palavras-chave: Shakespeare; A Tempestade; Titus Andronicus; Cinema; Teatro

A COMÉDIA DOS ERROS: UMA EXPERIÊNCIA DE “FIRST ENCOUNTERS WITH SHAKESPEARE” NO RSC

Marcia Regina Becker

Resumo: Tendo-se em mente a premissa de que as peças de Shakespeare devem ser levadas a todo o lugar e apreciadas por todos, o projeto “First Encounters with Shakespeare” é parte de



uma série de iniciativas da Royal Shakespeare Company (RSC) de encenar peças do Bardo, algumas vezes numa escola parceira, noutras num teatro, se houver algum na região dessa escola, com a participação ativa da comunidade escolar e da comunidade local. A peça em questão (uma peça é escolhida por ano, que viaja por todo o Reino Unido) é abreviada para aproximadamente uma hora, uma releitura, portanto, com três objetivos muito importantes que devem ser alcançados: os alunos dessas escolas devem ter alguma participação na encenação da peça, juntamente com atores da companhia, que se deslocam a partir de Stratford-upon-Avon, a sede; a escola, a comunidade e o teatro local devem ter um papel ativo na produção; e a plateia deve também ter participação ativa. Esses objetivos, bastante ambiciosos, demandam muito planejamento. A companhia começa os preparativos um ano antes que os ensaios aconteçam. No ano de 2017 a peça escolhida para o projeto 2018 foi “A Comédia dos Erros”, e o objetivo desta comunicação é apresentar o relato de minha participação no workshop para a escolha do diretor da peça – um diretor visitante, e não membro efetivo da companhia. Nessa oficina – uma imersão de seis horas por dia, durante três dias, no universo da “Comédia”, foi feito um estudo profundo e detalhado da peça tal que os objetivos do projeto pudessem ser atingidos, partindo-se de um texto já resumido, trazido pelo diretor postulante, e lido, discutido e com algumas cenas representadas pelos participantes – um grupo formado por alunos de pós-graduação em literatura, não atores. O resultado dessa oficina mostra como o trabalho em equipe com objetivos claros pode trazer excepcional retorno: a peça pareceu ter sido talhada para uma apresentação em/para/por escolas. Demonstra também que esse tipo de iniciativa pode ser trazido para a nossa realidade, desmistificando a ideia de Shakespeare apenas para “iniciados”. Os primeiros encontros com o legado do Bardo são muitas vezes os responsáveis pela criação de uma audiência apaixonada. Nada melhor que isso comece desde cedo, na escola.

Palavras-chave: “A Comédia dos Erros”; educação; escola; RSC; “First Encounters with Shakespeare”.

17 de julho (tarde)

APROPRIAÇÃO E RADICALIZAÇÃO DE SHAKESPEARE: CONTEXTOS E LEITURAS

Renato Gonçalves Lopes

Resumo: Shakespeare lido ou encenado pode ser, mesmo sem quaisquer adaptações facilitadoras e comerciáveis, uma interessante fonte de apropriações para se dialogar com um momento que pende à opressão e à exclusão, de tal modo que suas peças apareçam, por exemplo, entre encenadores do Terceiro Reich e em montagens de Bertolt Brecht, com fins tão diversos. Contudo, embora o autor canônico tenha sempre ressaltada sua popularidade, vale lembrar que esta se limita bastante a meios eruditos, ou àqueles que o pretendem ser, estando grande parte da população distante de usos e interpretações do “Bardo”, o chamado capital cultural. Assim, o texto entendido como shakespeariano desperta reverência em quem dele se aproxima, geralmente indivíduos do mundo letrado e das artes cênicas, que têm acesso facilitado a livros e teatros (quando encenações há), meios divulgadores de saberes e discursos; o popular Shakespeare é, também, um Shakespeare bastante elitizado – salvo tentativas isoladas de popularizá-lo. Nesse viés, lembremos que nenhuma “recontextualização” de Shakespeare é de fato livre de implicações ideológicas. Muitos dos Shakespeares condenados por puristas poderiam ser encarados como apropriações que visavam à expansão do texto Shakespeare, mesmo que escapassem da subserviência a leituras oficiais. Ainda assim, propõe-se que conseguimos uma apropriação acessível, pois atualizada, do “maior poeta inglês” ao tê-lo traduzido (sem cortes e acréscimos, transformações adaptativas) e exposto em contextos atuais como os do Brasil (mesmo limitados à academia e algum público teatral), onde novos significados políticos seriam negociados e articulados por espectadores e leitores, desconsiderando antigas apropriações aceitáveis por parcelas da sociedade. Apropriações inevitáveis no atual contexto, em que base importantíssima do debate se dá por conta de pautas



identitárias, por exemplo, uma peça como *As You Like It* ou a menos visada *The Two Gentlemen of Verona*, em seus textos-fonte como conhecidos e divulgados no Brasil, encenados ou (apenas) lidos, teriam suas radicalidades queers facilitadas, ressaltadas, sem quaisquer pudores historicistas. Com a vantagem de ser entendido como um texto “fiel a Shakespeare”, seriam desnecessárias atualizações ou radicalizações mais diretas sob o risco de matar justamente a noção de clássico e poético que se exige. Defende-se, então, ser desnecessário atualizar o texto Shakespeare adaptando-o “aos novos tempos” (este clichê bem aceito), com o risco da autoexplicação, da explicitação, pouco interessante para a coautoria do ato de ler. Leitores-encenadores-expectadores articulam seu contexto com a leitura e se apropriam dos significados. É o diálogo esperado da recriação do texto lido, nunca mais um original. Adaptar Shakespeare para, por exemplo, “os jovens”, diminui, pois, justamente a possibilidade de o leitor exercer seu papel, o de leitor. Talvez esse, pensemos, possa ser um dos motivos, um mais palpável ao menos, de se manter as peças de Shakespeare ainda no lugar do status, do capital, de parte de nossa elite cultural.

Palavras-chave: Apropriação; Contexto; Leitura; Encenação.

O INTERTEXTO SHAKESPEARIANO EM *CORAZÓN TAN BLANCO*, DE JAVIER MARÍAS

Viviane de Oliveira Souza

Resumo: O escritor espanhol Javier Marías nasceu em 1951, em Madrid, e, antes de completar vinte anos, publicou seu primeiro romance, *Los dominios del lobo* (1971), que marcou a entrada no cenário artístico e cultural espanhol de um dos intelectuais contemporâneos mais conhecidos e destacados tanto dentro quanto fora do seu país. Levando em consideração a importância das traduções e dos modelos que Marías buscou fora da Espanha na constituição de sua inconfundível voz narrativa e de sua singularidade estilística, o presente trabalho tem como objetivo apresentar as discussões de uma dissertação de mestrado, iniciada em março do ano passado, que tem por base a análise da ação que o texto *Macbeth*, de Shakespeare, opera na gênese da obra *Corazón tan blanco* (1992), do escritor Javier Marías, discutindo como a relação intertextual se materializa no romance maríasiano e se integra de maneira efetiva com a escrita romanesca do escritor espanhol e suas obsessões temáticas. No que toca à metodologia, a mesma teve por base, em um primeiro momento, a leitura das obras às quais se somou um considerável número de textos críticos e teóricos que permitiu não só entender o contexto histórico e cultural no qual se insere a novelística de Marías, como também a importância do intertexto shakespeariano para a melhor apreensão dos sentidos da obra do autor espanhol. Em um segundo momento, apropriando-nos dos cinco tipos de relações transtextuais (intertextualidade, paratextualidade, metatextualidade, architextualidade e hipertextualidade) delineadas por Gerard Genette (1989) em seu livro *Palimpsestos: a literatura de segunda mão* como instrumento de literatura comparada, pretendemos demonstrar como o romancista espanhol se aproxima (e se apropria) da temática e do discurso engendrados por Shakespeare em *Macbeth*. Na obra *Corazón tan blanco*, sobressai-se o intertexto com o teatro shakespeariano do qual Marías extrai os temas recorrentes do romance como a morte, a mentira, o silêncio, o segredo, o oculto, o fingimento e o engano, fios condutores das relações falar/calar-se, saber/não saber, agir/ignorar que tanto o deslumbram e caracterizam sua narrativa. Ademais, na obra em questão, o intertexto com *Macbeth* é tão fundamental que a frase “My hands are your colour; / but I shame to wear a heart so white” ou bem “Mis manos son de tu color; / pero me avergüenzo de llevar un corazón tan blanco” constitui a epígrafe da novela. Em suma, é na exegese shakespeariana que Marías propõe uma reflexão sobre a impossibilidade de alcançar a verdade sem a construção mediante a palavra. Não cabe dúvidas de que o escritor espanhol transitou pela larga avenida artístico-literária do autor inglês e, embora não haja nenhuma semelhança biográfica, estética, teórica ou política entre o dramaturgo inglês e o romancista espanhol, há afinidades temáticas, que aproximam as suas obras, sobre as quais o presente trabalho pretende se debruçar.

Palavras-chave: Romance espanhol contemporâneo; Intertexto; Estilo literário; Shakespeare.

UMA LEITURA FEMINISTA DA PERSONAGEM EMÍLIA EM *OTELLO*, DE SHAKESPEARE

Maikely Teixeira Colombini

Resumo: No presente trabalho, o fim é propor uma leitura feminista da personagem Emília em *Otelo*, de William Shakespeare (1564-1616), pensando o lugar social da mulher numa estrutura que a domina. Em Shakespeare, é manifesto o aparelho patriarcal, que abarca a questão da opressão da mulher. Para uma leitura feminista da personagem shakespeariana Emília, é mister um entendimento, mesmo que em linhas gerais, da condição social da mulher dentro do universo sócio-cultural da época elisabetana.

Palavras-chave: Feminismo; Shakespeare; *Otelo*.

18 de julho (tarde)

RICARDO II E OS CAMINHOS DA TRAGÉDIA

Mail Marques de Azevedo

Resumo: *Ricardo II* (1595) representa um novo patamar no caminho das grandes tragédias de William Shakespeare, por abordar mais que movimentos históricos, guerras e batalhas a personalidade de um rei. Ricardo II é um monarca loquaz, complexo, contraditório, capaz de colocar em palavras seus sentimentos e conflitos, de modo que Shakespeare com a construção do rei-protagonista abre caminho para o desenvolvimento de seus futuros heróis trágicos. Este, portanto, é o objetivo deste trabalho: uma leitura de *Ricardo II* que, respaldada no texto e com amplos exemplos, ressalte seus aspectos trágicos, sem deixar de lado sua natureza de drama histórico. É consenso entre os críticos que não há um modelo único que abarque todas as tragédias shakespearianas: em cada uma delas Shakespeare desenvolve um ou mais aspectos do ethos trágico, o ciclo inevitável da Roda da Fortuna, ou as forças do destino, mas sobrepõe, posteriormente, a esses elementos do trágico, a personalidade do herói. A classificação de *Ricardo II* como peça histórica é, sem dúvida, respaldada pela autoridade do Primeiro Fólio (1623) que elenca a peça entre os dez dramas históricos, excluindo-a, portanto, das onze tragédias ali listadas. Ainda assim, sustentamos ser proveitoso aproximar a peça também do gênero trágico uma vez que estas classificações foram decisões dos editores, quando Shakespeare já estava morto havia sete anos. De todo modo, a classificação em gêneros não era uma preocupação do dramaturgo, que, pelo contrário, valeu-se da liberdade que o teatro elisabetano herdava do teatro popular medieval para experimentar, criar e conceber um drama inteiramente diverso do que se praticava tanto na Grécia Antiga quanto na França contemporânea. Dispensadas as cenas de batalhas e com trinta e nove personagens envolvidos na trama, *Ricardo II* concentra-se em uma única ação: a deposição de um rei legítimo, por um país rebelado contra seus desmandos. Ascende ao trono um rei que o conquistara por sua eficiência como comandante da nação, mas sobre quem permanece a sombra da ilegitimidade. Um estudo sucinto do contexto histórico político e teatral da criação da peça precede nossa análise do texto shakespeariano, da perspectiva do rei histórico como protagonista trágico. É técnica inerente ao drama utilizar-se de diversos pontos de vista sem, necessariamente, apontar soluções definitivas ou priorizar esta ou aquela doutrina filosófica. De todo modo, Shakespeare é extremamente hábil ao utilizar-se do aval da história para abordar assuntos polêmicos como tirania, rebelião e natureza do poder, em peças localizadas em períodos remotos, que espelham o contexto político da Inglaterra contemporânea. O protagonista de *Ricardo II* chega ao entendimento dos erros cometidos, sem concluir, porém, o processo de aprendizado trágico dos heróis da fase madura de Shakespeare – *Macbeth*, *Otelo* e *Lear*, entre os mais importantes. A iluminação trágica ao final da peça é apenas parcial, posto que, embora compreenda que cometeu erros, não lhe ocorre reconhecer que poderia ter agido de outro modo, nem tampouco a intenção de se reformar.



Palavras-chave: Palavras-chave: Shakespeare. Ricardo II. Peças históricas. O herói trágico.

OS DOIS CAVALHEIROS DE VERONA: UM SHAKESPEARE COM SOTAQUE BRASILEIRO

Anna Stegh Camati

Resumo: A maioria dos coletivos de teatro brasileiros que trabalham em regime colaborativo tende a subordinar o universo shakespeariano a questões e valores locais. A companhia de teatro Nós do Morro, sediada na favela do Vidigal (Rio de Janeiro) e liderada por Gutí Fraga, vem encenando Shakespeare desde 2004, privilegiando a perspectiva do morro. Como outros grupos que atuam nas encostas dos morros, entre eles a Companhia Marginal na favela da Maré, a trupe do Vidigal segue orientações do "teatro aplicado", uma tendência contemporânea que visa democratizar a arte e a cultura em comunidades carentes, buscando uma gradual transformação social. Para atingir esse objetivo, suas ações e linguagens cênicas são desenvolvidas de forma autônoma, sem interferência alheia. Desde o 1º Fórum de Teatro no Brasil em 1997, o Nós do Morro desenvolveu um relacionamento intenso com membros da Royal Shakespeare Company, principalmente com Cicely Berry, responsável pelo treinamento de voz dos atores. O primeiro contato de Berry com a trupe foi em 1995 quando, a convite de Paul Heritage, assistiu a uma produção cênica no Teatro do Vidigal e se apaixonou de imediato pelo entusiasmo dos jovens atores. Em 1997, ao voltar para o Brasil, fez questão de ministrar uma oficina no Vidigal, a qual resultou em uma leitura dramática bem-sucedida de Hamlet no Centro Cultural Banco do Brasil. Após esse primeiro encontro com a dramaturgia shakespeariana, o grupo passou a alternar entre textos baseados em sua realidade social e os clássicos. Em sua primeira produção shakespeariana, intitulada Sonho de uma noite de verão: uma intromissão do Nós do Morro no mundo de Shakespeare (2004), dirigida por Fernando Mello da Costa, um paralelo foi estabelecido entre os rústicos artesãos de Shakespeare e os catadores de sucata do morro, personagens de sua produção anterior Burro sem rabo (2003). Em 2006, atendendo a um convite que partiu de Cicely Berry, o Nós do Morro estreia o espetáculo Os dois cavalheiros de Verona, uma adaptação da primeira comédia romântica shakespeariana, no Festival das Obras Completas de Shakespeare (Complete Works Festival) em Stratford-upon-Avon, o qual reuniu companhias de teatro de diversos países. A montagem, sucesso de público e crítica, utilizou a tradução de Paulo Mendes Campos e foi dirigida por Gutí Fraga, Fátima Domingues e Miwa Yanagizawa. Em 2007, a convite de Paul Heritage, o espetáculo cumpriu temporada no renomado Barbican Centre, em Londres. O grupo não cria um novo texto, mas insere a história contada por Shakespeare, de amizades traídas e embustes amorosos, em um novo contexto: há muitos elementos que diferenciam o texto espetacular do texto-fonte, dentre eles a criação de três prólogos, musicados pelo elenco com ritmos impregnados de brasilidade, entre eles samba, hip-hop, rap e reggae. À luz de influentes críticos, a presente comunicação visa examinar as opções estéticas do grupo Nós do Morro em relação à escolha da indumentária, cenografia e coreografia da montagem, e investigar o impacto dramático produzido pelas linguagens cênicas priorizadas pelo grupo, especificamente a musicalidade e o teatro físico.

Palavras-chave: Shakespeare; Nós do Morro; Os dois cavalheiros de Verona; Adaptação; Linguagens cênicas.

PENSANDO QUEERNESS EM OS DOIS PRIMOS NOBRES

Leonardo Bérenger Alves Carneiro

Resumo: Com o interesse acadêmico cada vez mais voltado às chamadas “peças tardias de Shakespeare”, ao debate existente sobre autoria e colaboração entre outros dramaturgos do período elisabetano-jaimesco e Shakespeare e ao tratamento que questões de sexualidade recebem em sua obra, Os dois primos nobres vem se tornando um texto de leitura e reflexão obrigatória no contexto da shakespeariana de hoje. Trata-se de uma das menos conhecidas peças de William Shakespeare (1564-1616), principalmente devido à sua ausência não apenas do Primeiro Fólio (1623), mas também de todos os Fólios subsequentes no século XVII (1623,

1663 e 1685). Composta entre os anos de 1613 e 1614, *Os dois primos nobres* foi publicada apenas em 1634, sob a forma de in-quarto. Uma de suas muitas peculiaridades, e que tanto levanta o interesse da crítica contemporânea, é o fato de ter sido a primeira peça que coloca o nome de Shakespeare, no frontispício da edição, junto ao de outro colaborador, John Fletcher (1579-1625), com quem Shakespeare já teria trabalhado tanto na peça perdida *Cardênio* quanto em *Henrique VIII*, drama histórico politicamente afirmativo da ideologia Tudor. A proposta desta comunicação, no entanto, não é a de se pensar aspectos genéticos ou editoriais em *Os dois primos nobres*, mas jogar luz sobre figurações de uma sexualidade “não-heteronormativa” no texto da peça, sobretudo àquela forjada em seu Ato II, que apresenta ao leitor/espectador os dois sobrinhos de Creontes, Rei de Tebas, confinados na prisão de Atenas. Assim, a relação entre os dois primos aos quais o título da obra faz referência (Arcite e Palamon) pretende ser lida para além de conceitos como “homossociabilidade” (SEDGEWICK) ou “homoerotismo” (FREIRE), mas em diálogo com a Teoria Queer, que se preocupa primordialmente com toda e qualquer experiência do corpo, da afetividade e da sexualidade que desafie a heteronormatividade.

Palavras-chave: *Os dois primos nobres*; queer; peças tardias de Shakespeare

PÉRICLES, CONTO DE INVERNO, CIMBELINE E A TEMPESTADE: ELEMENTOS ESTOICOS NAS PEÇAS-ROMANCE DE SHAKESPEARE

Fernanda Teixeira de Medeiros

Resumo: As categorias de “late play” ou “last plays” (“peça tardia” ou “peças finais”) são ainda bastante discutidas: que peças se pode considerar “tardias”? a partir de quando, precisamente, se passa a ter uma “peça final”?; existe um estilo comum às peças produzidas a partir de 1607-1608, após o período considerado de maturidade trágica de Shakespeare?; existe um núcleo temático ou estilístico comum, trabalhado por Shakespeare nos últimos anos de sua carreira? Ainda que essas perguntas prossigam sem respostas conclusivas, há um consenso quanto a *Péricles* (1607), *Conto de inverno* (1609-10), *Cimbeline* (1610) e *A tempestade* (1611) configurarem um subgrupo dentro das peças tardias ou finais e a serem referidas como “romances”. O termo “romance” foi inspirado em comentário crítico de Edward Dowden que, em 1875, em seu livro *Shakespeare: a critical study of his mind and art*, pretendendo fazer uma análise evolutiva -- bastante questionável, frisemos -- do processo de amadurecimento do indivíduo e do poeta William Shakespeare, formulou que havia, nessas peças, “um certo elemento romântico” (Dowden, 2009 [1875], p. 403). Desde então, quer se discorde das formulações de Dowden ou não, tem prevalecido esse entendimento. Para efeito desta comunicação, interessa-me focalizar uma característica bastante pontual partilhada pelos quatro textos, no que diz respeito ao tratamento do tempo: em todos os casos, temos a presença de longos lapsos temporais; em *Péricles*, o enredo avança 15 anos; em *Conto do inverno*, 16 anos; em *Cimbeline*, 20 anos e n° *A tempestade*, 12. Esses intervalos distendidos podem corresponder, entre outros sentidos que se lhes atribua, a um processo de elaboração racional das paixões pelos personagens principais, cuja síntese pode ser captada em uma frase de Próspero: “The rarer action is in virtue / Than in vengeance” (Temp., 5.1). A vitória da virtude sobre a ira representa um ideal estoico por definição. Fundado por Zenão, na Grécia, no século IV AC, o estoicismo teve uma importante vertente romana em torno do primeiro século da era cristã, e uma presença forte na cultura renascentista, a partir das leituras feitas pelos humanistas principalmente dos filósofos latinos Cícero (106-43 AC) e Sêneca (4 AC-65 DC). Identificamos, na obra de Shakespeare, algumas referências bastante explícitas ao estoicismo, quer positivas, como no personagem Horácio (Hamlet), quer negativas, como em Iago (Otelo). Essa variedade de visadas corresponde ao que Jill Kraye (2001) descreve como a ambivalência dos humanistas, desde Petrarca, em relação à doutrina estoica, admirada em muitos de seus aspectos, mas criticada em outros, dentre eles na ideia da extirpação das paixões. Considerando essa atenção shakespeariana ao debate em torno do estoicismo, parece-me ser procedente refletir sobre se a introdução do elemento temporal seria um modo de fazer face à ideia do controle das paixões

expressando um elogio à razão de modo mais realista e mais humano, substituindo a eliminação dos afetos, pela possibilidade de elaborá-los e transformá-los.

Palavras-chave: Teatro shakespeariano; peça-romance; estoicismo

99 - TEXTUALIDADES DO MUNDO FRATURADO: PROCESSOS DE HIBRIDAÇÃO

Coordenação: Profa. Dra. Sylvia Helena Cyntrão (UnB); Prof. Dr. Fernando Fábio Fiorese Furtado (Universidade Federal de Juiz de Fora-UFJF); Prof. Dr. Miguel Jost Ramos (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC-Rio)

Resumo: A proposta do simpósio **Textualidades do mundo fraturado: processos de hibridação** é refletir de forma crítica sobre como a cultura e os meios de comunicação, através e a partir da literatura, podem colaborar para a compreensão dos processos por que passa o Brasil contemporâneo. Compreende-se que a fundamentação teórica para os estudos contemporâneos sobre a literatura está voltada não apenas para uma suposta especificidade literária, mas, sobretudo, para uma estreita articulação com o pensamento teórico/filosófico através do diálogo interdisciplinar com outras áreas das ciências humanas e sociais. Tais abordagens, partindo dos estudos das literaturas nacionais e regionais, e sempre em diálogo com contextos continentais e transcontinentais, propiciam a compreensão das relações entre a produção literária e o contexto histórico em distintas épocas. Da mesma forma, compreende-se o caráter fundamental das reflexões sobre o diálogo dos textos literários com outras práticas artísticas como o cinema, as artes visuais, o teatro e a canção popular, bem como as pesquisas comparadas no campo expandido do contemporâneo. Agregam-se ainda, nesse escopo, as investigações sobre mídias e suportes como um aspecto determinante dos debates contemporâneos os suportes das variadas manifestações artísticas nas mídias plurais da contemporaneidade. Nesse contexto, interessam-nos também as abordagens inovadoras de conceitos como lugar, não lugar e entre-lugar da fala, e a reflexão sobre como estas abordagens apontam, entre as questões ligadas ao tema da identidade, para a compreensão das representações da alteridade na cultura contemporânea, configurando-a como categoria emergente decisiva para pensar o sistema multicultural em tensão. Da mesma forma, interessam-nos dentro desse quadro, pensar o papel das Referimo-nos também às produções intelectuais ligadas a temas como morte, perda, sacrifícios, acaso, erotismo como violação dos limites, e sexualidade, percebidos como degradantes ao longo da história. e subjetividade. Nestas, amplia-se a Entendemos que essas narrativas, e as reflexões que delas se desdobram, ampliam nossa compreensão da mudança na forma de abordagem crítica da narrativa ficcional no século XXI frente às transformações e percepções do leitor/espectador no mundo. No mesmo sentido, como aprofundamento do debate sobre esse **mundo fraturado** e sua reverberação no campo das práticas estéticas, interessam-nos refletir bem como sobre a obra de poetas contemporâneos e sobre os modos e manobras de enfrentamento das questões centrais do debate sobre a pós-modernidade que se referem à cena pós-moderna (uma das acepções de contemporâneo adotadas), tais como o fim da noção de história unitária, centralizada e conforme ao ideal europeu de progresso e civilização. Reforça-se, assim, a urgência de debatermos a emergência plural e explosiva na cena contemporânea de outras vozes, racionalidades e *weltanschauungen* “locais” (minorias étnicas, sexuais, religiosas, culturais) estéticas e a crise do “princípio de realidade”. Nossa proposta é que os vários vetores da produção textual contemporânea possam ser abordados na observação do que no que impele à construção e desconstrução dos processos de subjetivação, tema recorrente dos debates em nosso campo. Entendemos que a compreensão dos sentidos textualmente projetados nos pede a abertura da reflexão interdisciplinar filosófica sobre a criação literária e suas consequências epistemológicas, estéticas, hermenêuticas. Uma compreensão que se sustenta na palavra, mas também no silêncio; na estrutura, nas fraturas, nos sistemas e em seus sintomas, sejam manifestos ou latentes. Trata-se de expandir, portanto, o

entendimento do simbólico que (in) forma o texto, a partir dos leitores que somos, constituídos e de nossa nossa função contingenciada de antenas e prismas do real.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* E outros ensaios. Trad. Vinícius Nicastro. Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.
- BAKHTIN, Mikhail. Apud FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Atica, 1988.
- BAKHTINE, M. *Le marxisme et la philosophie du langage*. Paris: Ed. du Minuit, 1977.
- BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições70, 1981.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Minas Gerais: Editora da UFMG, 1998.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4ª ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2008.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.
- CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação. A ciência, a sociedade e a cultura emergente*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1983.
- DURAND, Gilbert. *O imaginário*. Rio de Janeiro: Difel, 1998.
- ECO, Umberto. *Os limites da interpretação*. SP: Perspectiva, 1995.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador – Vol. 1: Uma História dos Costumes*. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 2v.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na Civilização. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. (v. 21)*. Rio de Janeiro: Imago, (1930) 1996.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, (1930) 1996. (Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. V. 21)
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*. SP: UNESP, 1993.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença – o que o sentido não consegue transmitir*. Ed. PUC- Rio, Rio de Janeiro, 2010.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro. DP&A, 1998.
- LEVINAS, Emmanuel. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita*. S.P. Bertrand Brasil, 2010.
- PIGLIA, Ricardo. *Uma proposta para o novo milênio*. Trad. Marcos Visnadi. Lisboa, Buenos Aires: Coletivo Chão da Feira, 2012.
- RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. SP: Editora Loyola, 2000.
- SODRÉ, Muniz. *A comunicação do grotesco*. Introdução à cultura de massa brasileira. Petrópolis: Vozes, 1972.
- ZIZEK, Slavoj (org). *Um mapa da ideologia*. trad. Vera Ribeiro. R J: Ed. Contraponto, 1996.
- ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Cosac Naify, 2007. 2ª Ed.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (TARDE)

Título da mesa: fratura híbrido-conceituais

AS FICÇÕES BRASILEIRA E FRANCESA CONTEMPORÂNEAS COMO CRIAÇÃO LITERÁRIA PARA PENSAR O MUNDO ECONÔMICO: OS CASOS DOS ESCRITORES BERNARDO CARVALHO E TANCREDE VOITURIEZ.

Amandine Molin (UnB)



Resumo: Esse artigo propõe de responder a pergunta: quais são os sistemas de valores colocados em evidência na literatura contemporânea e quais são os sistemas que “sous-tendent” a expressão das emoções? Nessa finalidade foram analisadas duas obras: « Reprodução » do escritor brasileiro Bernardo Carvalho e « L’Empire du ciel » do escritor francês Tancrède Voitureux. A nossa proposta foi de decompor o texto literário romanesco a fim de analisar, como explicado por BARROSO (2013), se este é um possível espaço de conhecimento acerca da existência e age como um facilitador para entender a humanidade. A literatura aparece como plataforma multidisciplinar onde podem encontrar-se e dialogar diferentes disciplinas (M.Poirson, Yves Citton, C.Biet), a economia é uma delas. Mesmo se a relação entre economia e literatura não é óbvia, já que as relações econômicas dependem da cultura e que a literatura é uma de suas formas de expressão, considera-se que a literatura tem muito a oferecer para nos ajudar a entender, legitimar e criticar uma época sem entrar no gênero do romance histórico, a forma romanesca permite oferecer aos fatos econômicos uma apropriação diferente. A economia moral é uma ferramenta específica para pensar as relações de diferença (no tempo) e de desigualdade (na sociedade) e no mesmo tempo ela é uma rede de valores saturadas de afetos, que existem e funcionam em relações umas com as outras (L. Daston). A economia moral vai mobilizar emoções, e valores, normas e obrigações que podem ser características de um momento da história. Enquanto a literatura consegue, a través das personagens que são sujeitos econômicos racionais, dizer o que o discurso econômico não consegue mostrar. A psicologia das personagens completa a análise econômica nos deixando entrar na economia pelas palavras e pela ficção. Assim podemos nos interessar as economias morais de uma sociedade (no nosso caso China, França, Brasil) ou as economias morais de alguns segmentos da sociedade (rede social, meio ambiente, instituições financeiras...). A análise da estética das personagens, seja das lógicas individuais em relação as normas, aos valores, as emoções e a violência, podem mostrar os conflitos entre a racionalidade e a subjetividade que animam a humanidade e assim refletir sobre a assimilação do real ou uma tentativa de repensar o real.

Palavras-chave: Literatura contemporânea; Economia moral; França; Brasil

A MULHER DESMEMBRADA NAS FOTOMONTAGENS E POESIA DE JORGE DE LIMA.

Barbara Bergamaschi Novaes (PUC-Rio)

Resumo: O livro “A pintura em Pa?nico” (1943) do alagoano Jorge de Lima apresenta uma compilação de 41 fotomontagens criadas pelo poeta ao longo dos anos 1930-1940. O livro é considerado como uma obra sui-generis – u?nico exemplar de uma este?tica fotogra?fica moderna no contexto da arte brasileira antes da 2ª Guerra Mundial. O corpo humano é um dos elementos mais frequentes no reperto?rio de imagens do livro. No interior desse conjunto, sa?o raras as vezes em que o corpo é mostrado i?ntegro. Na maioria das vezes ele sofre algum tipo de perversa?o: é retratado ora mutilado, ora fragmentado, ora confusamente amalgamado a outros corpos, a objetos e a seres na?o-humanos. Observa-se tambe?m um ponto privilegiado de mutac?o?es: a cabec?a é parte do corpo mais substitui?da, recortada ou modificada. A maioria dos corpos humanos que se apresentam nus, mutilados e obliterados sa?o os corpos do ge?nero feminino. Como uma espe?cie de alegoria totalizante, vislumbramos nestas imagens todos os elementos e leitmotifs que se repetem e se desdobram em diversas poesias limianas, tais como: o embate entre a raza?o e o sonho, o ofi?cio do poeta, a ma?o como elemento ambi?guo que se coloca entre a censura e a criac?a?o, a acefalia, as cenas bi?blicas e mi?ticas, e em especial, o elemento que neste artigo desejamos nos debru?ar com mais atenc?a?o: a figura da mulher, que ocupa posic?a?o central na to?pica surrealista, oscilando entre a personificac?a?o da musa e do monstro. A partir de um estudo do solo concreto da produc?a?o poe?tica e visual de Jorge de Lima - em especial sua abordagem do feminino presente nas poesias do livro “A Invenção de Orfeu” – vislumbramos as fotomontagens de Lima como implosa?o metoni?mica da racionalidade cartesiana europeia e do desencanto com a logos. Trac?amos corresponde?ncias entre suas obras e as investigac?o?es dos artistas surrealistas na França. Para tal nos apoiaremos



nas preposições de André Breton, Georges Bataille, Murilo Mendes e Ismael Nery. BATAILLE, Georges. O erotismo. Trad. Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L.P. & M, 1987. BATAILLE, Georges. Documents; doctrines, archéologie, beaux-arts, ethnographie. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018. BATAILLE, Georges. Revista Acephale. 4 volumes. Cultura e Barbárie Editora. Florianópolis/SC. 2013-2014. BENJAMIN, Walter. "O surrealismo; o último instante da inteligência europeia". In: -----, Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985. BRETON, André. Manifestos do surrealismo. Lisboa; Rio de Janeiro: Moraes, 1969. BRETON, André. Nadja. Tradutor Ernesto Sampaio. Editorial Estampa. Lisboa. 1972. LIMA, Jorge de. A pintura em panico; fotomontagens. Curadoria: Simone Rodrigues. Rio de Janeiro: Caixa Cultural, 2010. LIMA, Jorge de. A Invenção de Orfeu. Cosac Naif, São Paulo. 2013. MENDES, Murilo. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. MENDES, Murilo. Recordações de Ismael Nery. 2. ed. São Paulo: EdUSP; Giordano, 1996. MORAES, Eliane Robert. O Corpo Impossível. A decomposição da figura humana de Lautréamont a Bataille. Ed. Iluminuras, São Paulo, 2002. SACCHETTIN, Priscila. A pintura em panico: fotomontagens de Jorge de Lima. Campinas, SP: [s.n.], 2018. Tese de doutorado Unicamp.

Palavras-chave: Poesia; Surrealismo; Fotomontagens; Transcrição; Feminino

O ETHOS SOCIAL OSCILANTE E AS TEXTUALIDADES LITERÁRIAS NUMA VISÃO COLETIVA DO GRUPO "TEXTUALIDADES CONTEMPORÂNEAS: PROCESSOS DE HIBRIDAÇÃO".

Sylvia Helena Cyntrão (UnB)

Resumo: Visa-se apresentar os resultados da pesquisa realizada sobre a atuação do Grupo "Textualidades contemporâneas: processos de hibridação"-cadastrado no diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. Em sua característica multidisciplinar tem promovido eventos abertos que possibilitam a divulgação dos estudos discursivos intertextuais e interculturais sob as perspectivas disciplinares e transdisciplinares das áreas de conhecimento afins, tais como as artes em geral, a educação, a filosofia, a história, a sociologia, a língua e a literatura e seus diversos suportes. a comunicação aborda a convergência dos debates sob o tema central "Textualidades contemporâneas", sob a perspectiva dos sistemas que as constituem, sejam os artísticos, em toda a sua potência performativa, ou os sistemas de práticas sociais específicas. Dentro deste lugar de articulação das confluências temáticas identificadas, tais como identidade e memória, propõe-se a discussão dos valores explícitos pelas pesquisas individuais que traduzem contemporaneamente a tradição cultural em suas ressonâncias discursivas. Pretende-se, com isso, fomentar o debate acerca dos valores éticos e estéticos do contemporâneo. Segue-se também uma reflexão sobre códigos epistemológicos convergentes e divergentes do mundo da tecnocultura, pela leitura transversal da realidade em uma visão não dicotômica, a partir da percepção da circularidade cultural dos signos de representação presentes nos processos de subjetivação que mobilizam o imaginário. Conforme Bhabha (2005) "Cada objetivo [interpretativo] é construído sobre o traço daquela perspectiva que ele rasura; cada objeto político é determinado em relação ao outro e deslocado no mesmo ato crítico" [...os processos de significação da cultura são, portanto,] "processos de significação através dos quais afirmações da cultura ou sobre a cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força..." Como representação do contemporâneo, entende-se que as formas literárias em seus suportes figuram os produtos culturais pela transfiguração do real, manifestando um capital simbólico coletivo. A globalização, sobretudo a partir dos anos de 1990, modificou a relação entre arte e realidade, instaurando um novo paradigma que gerou formas cada vez mais híbridas, tanto como reprodutoras das estruturas dominantes, dada a sua proximidade com as linguagens midiáticas, mas também como desarticuladora das práticas exclusivistas do sistema político-econômico mundial. Instrumentos de análise de base teórica multidisciplinar nos permitem expor os trânsitos críticos mobilizados pela produção dos membros do grupo durante os últimos três anos, levantados pela presente pesquisa.

Palavras-chave: textualidades-hibridação-contemporâneo-Brasil

17/07 (MANHÃ)

Título da mesa: fraturas híbrido-musicais

RENATO EM RUSSO: UM CANCIONISTA INVENTADO PELA VIA POÉTICO-MUSICAL.

Julliany Alves Mucury (UnB)

Resumo: Este breve estudo tem como corpus de análise parte da obra poética do cancionista Renato Russo (1960-1996) publicada nos encartes dos CD's da banda Legião Urbana, da qual foi vocalista e principal compositor. Como objetivo principal, o trabalho propõe uma leitura das obras musicais de sua autoria exclusiva como memórias-presentes e registro autobiográfico de um tempo mutante, crítico, no embalo da mudança da década de 1980 para a de 1990, delineando seu projeto poético de criação, a partir do qual se torna possível captar a relevância poética de suas canções. As vertentes a que essa exploração dialógica propõe-se permitem verificar as características identitárias do vocalista da Legião Urbana, na hipótese de que: como sujeito criador inflige às suas canções uma carga intencionalmente complexa, mix das tensões vividas na cidade (Brasília), dos flagelos humanos, da existência em si e da indignação político-social, construindo as letras de canção tanto de forma passionalizada como figurativizada. Serão investigadas nesse universo semiológico, em que se considerarão os signos de performatização, a constituição de um edifício existencial que abriga as personas Manfredini e Russo e o que representa suas letras de canção para o universo poético dos anos de 1980 até hoje. O sistema semiótico das letras dessas canções será explorado a partir da teorização de Paul Zumthor, Zygmud Bauman, Giorgio Agamben, Octavio Paz, Eric Hobsbawm e Boris Fausto permitirão a condução de uma leitura transtextual com a intenção de identificar as fronteiras do sujeito fragmentado e os caminhos cruzados de sua recomposição no tempo-espço condensado da arte, transmutado em poesia.

Palavras-chave: Canção popular brasileira; Renato Russo; Brock; poesia; rock and roll.

PARATODOS: ALTERIDADES EM PROCESSOS DE HIBRIDAÇÃO NA IMAGEM DO SOM DE CHICO BUARQUE

Kelly Fabiola Viana dos Santos (UnB)

Resumo: Em fala apresentada no evento “Transversais do Tempo” como parte da mesa “Música Pós-Buarque,” realizado no SESC-Copacabana em 09 de junho de 2012, o professor Paulo da Costa E Silva afirmou que “Chico é [...] o poeta das máscaras. Aquele que fala principalmente através de personagens. Seu olhar pessoal costuma ser apreendido indiretamente. O poeta das musas e dos enfeitados.” Neste trabalho peço licença ao professor Paulo da Costa E Silva e apresento Chico Buarque não como o poeta das máscaras, mas como o poeta dos rostos. O sentido converge à ideia de que a máscara esconde, o rosto revela. Como Rosto (Levinás, 1980), as letras poéticas de Chico Buarque propiciam o registro de alteridades “enfeitadas” e ampliam as relações entre a produção literária e o contexto histórico, acolhendo distintos protagonistas dessa história e dessa produção. Em diálogo com outras práticas artísticas, o projeto “A imagem do som de Chico Buarque (1999), organizado pelo artista gráfico Felipe Taborda, apresenta 80 letras de Chico Buarque, aprovadas pelo compositor, e interpretadas visualmente por artistas brasileiros atuantes em Artes Visuais. Neste trabalho analiso a canção “Paratodos,” em processo de hibridação com a imagem apresentada pelo artista Mauricio Arraes no projeto mencionado. A canção, que já é produto de um processo híbrido entre texto e música, agrega-se ainda a imagem, obtendo-se, assim, uma nova realidade significativa quando dispostos em conjunto. Essa nova realidade suscita investigações relativas às mídias e suportes empregados nos projetos de arte contemporânea, bem como o fomento à interatividade dos espectadores com a obra. Nesse contexto, importa a este trabalho observar como a representação



de alteridades se manifesta em cada mídia e as alterações de significados nos processos híbridos e intermediários. Busco pensar a alteridade à partir da obra “Paratodos,” (1999) refletindo sobre as interferências do lugar da enunciação em seus aspectos discursivos e intermediários, com o aporte teórico de Mikhail Bakhtin (2000), em relação à teoria do enunciado, exotopia e dialogismo; Emmanuel Levinás (1980), concernente à questão da alteridade como Rosto percebida nas letras poéticas de Chico Buarque; Gilbert Durand (2002) quanto às interferências do imaginário nas produções artísticas e Irina Rajewsky (2012) no que diz respeito à intermedialidade nas artes contemporâneas. Dessa forma, refletimos sobre as questões de alteridade, intermídia, hibridismo e fraturamento relativas às produções estéticas contemporâneas, com destaque à letra poética “Paratodos,” de Chico Buarque, como elemento norteador da investigação proposta.

Palavras-chave: Alteridade; hibridação, intermedialidade; Chico Buarque; Mauricio Arraes

AS CANÇÕES DE CHICO BUARQUE COMO REGISTRO DE UMA CIDADE: OS SONS DE ONTEM E DE HOJE

Maria Daise de Oliveira Cardoso (UnB)

Resumo: Na tentativa de refletir sobre os processos contemporâneos sociais, especialmente os registrados nas letras de canções, a presente pesquisa tem por objetivo analisar três composições de Chico Buarque que evidenciam como a construção artística, mais diretamente a poesia para ser cantada, pode, através da hibridação entre música e letra, ecoar vozes silenciadas. Canções como “Carioca” (1998), “Subúrbio” (2006) e “Caravanas” (2017) são exemplos de textos que incorporam em sua tessitura realidades similares: sujeitos que enfrentam o crescimento da cidade e, ao mesmo tempo, são forçados a se ajustarem em meio aos processos fragmentados que a sociedade impõe. Essa progressão encontra-se marcada tanto na letra como na música, pois são canções que foram ganhando arranjos mais próximos ao texto narrado – tanto o “choro-canção” (presentes nas duas primeiras canções) quanto o “beatbox”, presente em “Caravanas”, mostram como é possível agregar aos elementos textuais aspectos culturais, tanto pela palavra como pelo som. Estas letras foram elaboradas em períodos distintos, mas evidenciam, de maneira progressiva, reflexos culturais patentes, uma cidade “maravilhosa” que passa a ser metáfora de uma cidade-organismo, nas palavras de Renato Cordeiro Gomes (2008). Ainda, na perspectiva do pesquisador, tais registros são necessários, pois é por meio destes que a memória social preserva cidades, pois as que não são narradas, são esquecidas, ou seja, “se o passado se congela, se torna um ramo seco sem possibilidade de germinação, está destinado ao esquecimento” (GOMES, 2008, p. 47). Neste sentido, para a realização dessa pesquisa, seguiremos os pressupostos teóricos de Néstor Canclini, que discute sobre globalização e processos híbridos culturais, entre outros estudos necessários ao longo do estudo.

Palavras-chave: Canção; “Carioca”; “Subúrbio”; “Caravanas”; Cidade-organismo

A POÉTICA MUSICAL DE WALY SALOMÃO

Miguel Jost Ramos (PUC-Rio)

Resumo: Waly Salomão, poeta identificado com as experiências do tropicalismo e da contracultura dos anos 1970, percorreu ao longo de quatro décadas, uma longa trajetória de atuação e intervenção no campo da canção popular brasileira. Autor de inúmeros clássicos do nosso cancioneiro em parceria com nomes como Jards Macalé, Gilberto Gil, Caetano Veloso, João Bosco, Adriana Calcanhoto, entre tantos mais, Waly Salomão atuou também nesse período como um fundamental articulador no campo da música brasileira a partir do trabalho de direção artística de shows e discos. O objetivo da comunicação é jogar luz, a partir da obra de Waly, sobre as íntimas e intrínsecas relações entre poesia escrita e canção no Brasil e, ao mesmo tempo, pensar como Waly Salomão criou uma espécie de poética expandida nessa atuação mais ampla como diretor artístico. A proposta de comunicação pretende ainda debater como Waly Salomão, mesmo transitando entre artistas e gerações que eram atravessadas por estéticas diversas, criou uma assinatura singular na sua atuação dentro do campo da canção popular.

Palavras-chave: Waly Salomão, canção popular, música, poesia, literatura

17/07 (TARDE)

Título da mesa: fraturas híbrido-políticas

TESSITURAS HÍBRIDAS: O REPENSAR DAS MINORIAS EM WILSON BUENO

Eliza da Silva Martins Peron (UFMS)

Resumo: Ao pensarmos na especificidade das narrativas contemporâneas, em especial as maneiras de enfrentamentos de cenas pós-modernas tais como o fim do sentido de história unitária e consequente manifestação plural, delinearemos de que maneira Wilson Bueno urde sua narrativa a fim de, a partir dos diálogos retomados com o passado, elaborar a própria compreensão do presente. Esse projeto estético se dá por meio de textualidades entremeadas pelos diálogos, memória, fragmentação, hibridização, espaços fluidos discutindo pertencimento, locais/migrações, deslocamentos e que servem para o repensar desse sistema multicultural em tensão. Assim a criação literária se ergue enquanto reflexão das minorias, dos limites emanados do lugar/entre-lugar e dos sujeitos esfacelados pelas mortes, pelas identidades em (com)posição resultado dessa procura por si mesmo e própria à fragmentação das pessoas no fazer e refazer-se diante do mundo. Essa proposta vem ao encontro de uma nova abordagem crítica que, ao entremear o ficcional e o real por meio de uma proposta estética, instaura uma leitura possível desse mundo fraturado, cambiante. Assim, nas linhas e entrelinhas do texto revela não uma única história, mas histórias possíveis, de minorias étnicas, sexuais, culturais. A perspectiva é possível por meio de uma tessitura que se sustenta pela palavra, mas também pelos vazios que os não-ditos provocam levando o leitor a expandir a expectativa frente ao mundo. Como análise utilizaremos duas obras do autor, *Meu tio Roseno*, a Cavalo (2001) e *Mano, a noite está velha* (2011). Como aporte teórico, utilizaremos, dentre outros, *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade* (CANCLINI, 2015) e *O local da cultura* (BHABHA, 1998), *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura* (ACHUGAR, 2006). Outros teóricos podem nos respaldar nessa proposta.

Palavras-chave: Hibridismo; Minorias; Wilson Bueno

VERSÕES DO NACIONALISMO EM TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA E LEITE DERRAMADO

Elizabete Barros De Sousa Lima (UnB)

Resumo: Observando as obras *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Leite Derramado* confrontamos dois protagonistas que se diferem nas ações narrativas, por sua vez, encontram-se na incomunicabilidade. Mas o que nos chama bastante atenção é como o enredo tece sociedades que, de alguma forma, se unem nos gestos encenados. Perante as considerações, percebeu-se que tais encontros, que também enunciam uma clivagem com os demais personagens da seara romanesca, são oriundos de suas posições identitárias, respaldadas no modo de olhar o nacional. Com isso, esta comunicação perscruta as vertentes nacionalistas presentes no enredo de cada uma das obras.

Palavras-chave: Nacionalismo; Identidade; Triste fim de Policarpo Quaresma; Leite Derramado

“UMA FOTOGRAFIA AÉREA”, DE FERREIRA GULLAR: A TRAVESSIA DO ESTRIADO AO LISO COMO SUTURA DE UM TEMPO FRATURADO

Fernando Fábio Fiorese Furtado (UFJF)

Resumo: Como esclarece Ferreira Gullar nas breves palavras que precedem a leitura de “Uma fotografia aérea”, registrada no LP duplo *Antologia poética* (GULLAR, 1979), a escrita de tal poema teve como motor o encontro casual de uma fotografia aérea de São Luís do Maranhão, cidade natal do poeta, realizada quando este contava 10 anos de idade. Por conta dos usos e funções a que foi destinada – grosso modo usos e funções meramente militares, topográficos,



documentários –, a fotografia aérea é uma das imagens mais técnicas, descritivas e, por via de consequência, banais da copiosa imagerie maquínica acumulada pelo Ocidente desde princípios do século XIX. Nos termos do pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari, em *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (1997), acerca dos espaços liso e o estriado, pode-se considerar a fotografia aérea como cabal figuração do espaço estriado, tendo em vista o seu caráter métrico, ordenatório, homogêneo, disciplinar, ótico, longínquo, referencial, estático, extensivo e limitado. Não por acaso, em *Guerra e cinema*, Paul Virilio associa a fotografia aérea aos métodos de planificação, aos códigos de interpretação e ao tráfico de aparências, a ponto de considerá-la como a miniaturização do poder técnico da máquina de guerra, capaz de reduzir a nada tanto o espaço quanto o tempo (VIRILIO, 1993). Neste sentido, proponho perscrutar as operações de Ferreira Gullar na travessia do espaço estriado da referida imagem de arquivo ao espaço liso do poema “Uma fotografia aérea”, publicado em 1975 no volume intitulado *Dentro da noite veloz*, juntamente com outros textos escritos entre 1962 e 1974. Desnecessário seria referir as tantas fraturas pessoais e coletivas do tempo em que os poemas foram escritos, os “negros verdes anos” (Cacaso) da Ditadura civil-militar implantada em 1964 e escancarada em fins de 1968. Através da leitura do poema, considerando os estratos sonoro, gráfico, lexical, sintático e semântico, pretende-se desvelar os modos e manobras de Ferreira Gullar no sentido de constituir um espaço verbal liso e, portanto, intervalar, aberto, heterogêneo, deslimitado, desmedido, háptico, variável, intenso e móvel (DELEUZE, GUATTARI, 1997). Nestes termos, cumpre surpreender os recursos de linguagem empregados pela voz poética no trânsito entre as verticais do céu e as horizontais da cidade de São Luís, entre a ótica fotográfica (macro e microscópica) e o corpo auditivo e tátil, entre o passado maranhense e o presente da pátria conflagrada, traduzindo as retas da distância fotográfica nas curvas e dobras da acrobacia aérea do poema para suturar um tempo de exceção.

Palavras-chave: Poesia; Contemporaneidade; Espaço; Tempo; Fotografia

100 - TRAMAS DA HISTÓRIA E SENTIDOS DA MEMÓRIA NAS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Coordenação: Profa. Dra. Roberta Guimarães Franco (UFLA); Profa. Dra. Renata Flávia da Silva (UFF); Profa. Dra. Viviane Vasconcelos (UERJ)

Resumo: As relações entre a literatura e a história sempre foram objeto de análise e de debate acerca das especificidades e das possibilidades de diálogo entre as áreas. A literatura entendida pela história como um tipo de fonte, especialmente a partir do movimento da Nova História e da Escola dos Annales – “(...) a substituição da tradicional narrativa de acontecimento por uma história-problema”, como afirmou Peter Burke (1997, p. 11) –, e a história sendo reafirmada, retrabalhada, e/ou reinterpretada pela literatura. Assim, a análise literária foi ganhando, ao longo do tempo, novos contornos, desde a possibilidade de pensar a obra em múltiplos contextos e temporalidades de acordo com o leitor, advinda através da Estética da Recepção, até os mais recentes Estudos Culturais e Pós-coloniais, possibilitando novas formas de olhar eventos históricos consagrados ou trazendo à luz questões que a dita história oficial silenciou. Nesse sentido, a memória vem, cada vez mais, se configurando como um elemento essencial na construção de sentidos entre o texto literário e o discurso histórico. Seja pensada como componente intratextual, atuando diretamente na estrutura narrativa, aliada à ideia de tempo, seja constituindo o espaço entre a obra literária e o seu contexto de produção, ou ainda estabelecendo fronteiras entre as perspectivas individuais e coletivas, a memória se configurou como instância que permite pensar a literatura tanto na sua esfera subjetiva quanto social. Didi-Huberman (1998) afirmara que a memória tem um particular papel sobre o olhar, já que não é a instância que contém, entretanto o espaço que suporta a ausência, isto é, lugar em que há um fragmento que permite a inserção de algo novo e transformá-lo em diferença: “Como uma cisão sempre reconduzida, a dialética joga com a contradição, não para resolvê-la, nem para entregar

o mundo visível aos meios de uma retórica. Ela ultrapassa a oposição do visível e do legível num trabalho (DIDI-HUBERMAN, 1998, p.117)”.

No contexto das literaturas de língua portuguesa, pode-se evidenciar formas variadas de diálogo entre a literatura e história, passando pela formação de sentidos proporcionada pela memória. No Brasil, tais diálogos podem apontar desde a necessidade de criação de uma identidade nacional, até a urgência em romper com este conceito, chegando a manifestações mais recentes que trazem novos olhares sobre acontecimentos, personagens e espaços. Sendo ainda relevante recuperarmos os questionamentos de Silviano Santiago em *Uma literatura nos trópicos* (1978), para pensarmos o quanto essas relações que envolvem a literatura, história e memória contribuem para as questões identitárias, lendo o Brasil como país latino-americano, porém bastante influenciado pelas marcas europeias. No caso da Literatura Portuguesa, por exemplo, a história desempenhou um importante diálogo por meio de diferentes temas, mas também como próprio elemento ficcional. Basta pensar a maneira pela qual os mitos identitários foram construídos pela história da literatura portuguesa ao longo dos séculos. Além da transformação da memória nacional como um dos grandes temas da literatura, um outro aspecto relevante é o reverso dessa temática, como afirma Eduardo Lourenço (2014), ao apontar a dificuldade de assumir uma memória nacional não mais baseada nos grandes mitos, mas na decadência da colonização. Grande parte da literatura portuguesa do século XX, sobretudo após a Revolução dos Cravos, tem se ocupado da revisitação de fatos históricos ou da escrita ou reescrita de momentos relevantes para o país no que diz respeito à colonização. Já para as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa – ainda lutando por uma nomenclatura que as particularize na academia – a relação entre literatura e história parece ainda mais evidente, pelos recentes processos históricos que trazem um caráter testemunhal, muitas vezes autobiográfico, para essas literaturas, problematizando os silenciamentos em torno da colonização, das guerras pelas independências, da descolonização e das guerras civis. E também, dialogando com um passado mais distante, pela necessidade de reformular a história produzida pelo olhar exógeno, reconstruindo mitos, recuperando personagens, reconfigurando espaços agora nacionais.

Portanto, este simpósio pretende acolher trabalhos que tenham como foco a relação entre literatura, história e memória, levando em consideração as múltiplas abordagens que esta tríade permite. Desde análises voltadas para a ficcionalização de acontecimentos e personagens históricos, pesquisas que envolvam os gêneros literários ditos confessionais, estudos que questionem o lugar da literatura e sua vertente ideológica, a relação entre perspectivas teóricas que problematizem essas questões, entre outras possibilidades que nos permitam ampliar o debate em torno das produções literárias em língua portuguesa.

Referências:

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2000.

LOURENÇO, Eduardo. *Do colonialismo como nosso impensado*. Prefácio de Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi. Lisboa: Gradiva.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

PROGRAMAÇÃO

16/07 (TARDE)

IDENTIDADE, MEMÓRIA E ESTÉTICA NO ROMANCE ANTES DE NASCER O MUNDO, DE MIA COUTO

Carlos Vinícius Teixeira Palhares

Resumo: Este artigo visa a analisar a literatura como elemento de identidade nacional em Moçambique, mesclando o tempo passado com o tempo atual, em uma forma de jogo, no qual a referência à escrita recebe lugar de destaque. Para Inocência Mata (2006), a literatura produzida nos países africanos de língua portuguesa vai além da ficcionalidade e ultrapassa os eixos do



prazer estético e da função sociocultural, uma vez que autores africanos de língua portuguesa traduzem anseios e problemas de sua época, dando visibilidade a perspectivas que são colocadas à margem da “voz” oficial. Desse modo, a produção literária pode, também, transformar-se em estratégia importante na luta contra os embates do passado que focalizam os espaços moçambicanos de dominação e de exploração vistos pelo colonizador. É nesse sentido que a literatura moçambicana, de um modo geral, permite-nos considerar aquilo que a história oficial costuma silenciar e, dentro dessa dinâmica, enfoques sobre memória e construções ficcionais, cada vez mais, problematizam relações entre o texto literário e o discurso histórico, com o intuito de se estabelecerem conexões entre palavras, arte literária e lembranças narradas. De acordo com Walter Benjamin: “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘tal como ele propriamente foi’. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela cintila num instante de perigo.” (BENJAMIN, 1987, p.118). Entendemos que a literatura feita no espaço moçambicano pretende problematizar relações entre a história e as culturas do povo, trazendo à tona uma perspectiva de denúncia e de resistência em relação a questões diversas, dentre as quais se destaca o racismo. Nesse contexto, considerando tensionamentos sobre questões identitárias, a literatura moçambicana, sobretudo a partir do período pós-independência, procura compreender o país, marcado pelo passado colonial, pela guerra civil e pelos conflitos entre etnias, apropriando-se ficcionalmente da escrita, na fase em que diversos escritores usavam e usam a produção literária como meio de politização e como forma de revisitação da memória, com a intenção crítica de reescrita da História de Moçambique, como um modo de contar a memória e, conseqüentemente, de não apagar os fatos, ao longo dos tempos, conforme destaca Paul Ricoeur (2003). Partindo dessas considerações, propomo-nos a investigar, no romance “Antes de nascer o mundo”, de Mia Couto, traços de identidade nacional, na construção da literatura moçambicana, por meio de movimentos de legitimação da memória. Além disso, também objetivamos analisar noções teóricas de cultura, trânsitos culturais, ética e estética, visando a compreender conexões entre História e ficção na escrita literária de Mia Couto, nesse romance.

Palavras-chave: Literatura; Identidade; Memória; História; Moçambique.

IMAGENS DO NAVIO NEGREIRO NA PEÇA “ANA, ZÉ E OS ESCRAVOS”

Ana Maria Lange Gomes

Resumo: Sendo a primeira obra publicada do dramaturgo angolano de destaque internacional José Mena Abrantes, e vencedora do “Prémio Sonangol Revelação de Literatura” em 1986, a peça distingue-se no conjunto dramático de Angola. O texto dramático, já a constar em seu título, narra “As reais e supostas venturas e desventuras de uma ‘filha do país’, comerciante angolana de escravos angolanos (D. Ana Joaquina), e de um ‘bandido social’ português tornando colono pela força das circunstâncias (José do Telhado), no período que vai da abolição do tráfico da escravidão (1836) até o fim oficial da condição de escravo (1878).” (ABRANTES, 1999, p.60). Dentre a temática da escravidão da qual a obra abarca, a imagem do navio negreiro sobressai-se enquanto símbolo tanto do processo histórico em si, quanto do transitório em associação com a simbologia do mar. Na trama, o navio funciona também como elo de ligação entre as personagens e as personagens e a escravidão. Desta forma, esta proposta de comunicação objetiva refletir significados que a imagem do navio negreiro apresenta na peça “Ana, Zé e os escravos” considerando tanto o caráter de revisão dos postulados históricos, que engendra na direção do que Hutcheon (1991) cunhou por metaficção historiográfica, quanto dos próprios símbolos que se manifestam na obra dramática.

Palavras-chave: Navio negreiro; Dramaturgia; Escravidão; literaturas africanas de língua portuguesa.

JOGOS DE MEMÓRIA E FOCO NARRATIVO EM QUANTAS MADRUGADAS TEM A NOITE DE ONDJAKI

Renato dos Santos Pinto



Resumo: O romance *Quantas madrugadas tem a noite*, de Ondjaki, simula uma conversa em que o protagonista conta uma história incrível, envolvendo a sua própria morte, a um interlocutor, em troca de cervejas em um bar de Luanda. Apesar de representar um diálogo, a narrativa reproduz somente a fala do protagonista. A voz do narratário aparece somente quando repetida ou mencionada pelo próprio narrador. Na trama é possível identificar dois planos estabelecidos na relação entre o tempo e o espaço. O presente diegético, onde se dá a conversa entre narrador e narratário, no ambiente interno do bar, e o tempo da recuperação da memória do narrador, ou seja, o tempo da história contada, que passa por sua infância em Luanda, suas experiências com o interior angolano e viagens ao exterior, notadamente Europa e Brasil, além de sua própria morte e posterior ressurreição. Nesse tempo passado, o discurso assume um ponto de vista onipresente. Inclusive, o próprio corpo do narrador pode ser observado por ele na trama. A onipresença se justifica em função do lugar privilegiado em que esteve, enquanto seu corpo estava morto, permitindo inclusive que reproduza diálogos e passagens envolvendo outras personagens. O retorno ao plano diegético presente se dá normalmente quando o protagonista pede mais cervejas ao seu companheiro, ou quando comenta alguma intervenção dele em sua história. Quando o acionamento do narratário é mais espaçado, tem-se a impressão que a história está sendo contada diretamente ao leitor. Embora todo o texto seja conduzido pela voz do narrador, ele se diferencia da pessoa que dá o nome aos capítulos, utilizando com humor um recurso de metalinguagem. Além disso, é possível identificar muito da experiência literária e viagens do narrador tomadas emprestadas do próprio autor. A história contada é rica em alegorias e metáforas, portanto é possível se fazer a leitura de um balanço histórico, político e cultural de Angola desde o período colonial até o início do século XXI, a partir das particularidades contadas pelo narrador, ironicamente denominado Adolfo Dido. Nesse balanço, é possível estabelecer identidades entre o discurso do texto e os discursos dos estudos pós-coloniais e da nova história.

Palavras-chave: Ondjaki; literaturas africanas; Angola; foco narrativo; memória

O 27 DE MAIO POR JOSÉ EDUARDO AGUALUSA OU “A DESINVENÇÃO DO INIMIGO”

Renata Flavia da Silva

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar a recuperação dos eventos factuais ocorridos em Angola no dia 27 de maio de 1977 através da construção ficcional do autor José Eduardo Agualusa. Pouco antes de completar dois anos de independência, a República Popular de Angola passa por um delicado momento: para uns, uma tentativa de golpe militar, para outros um movimento legítimo de contestação das diretrizes tomadas pelo Governo, para muitos, um massacre. É em torno dos acontecimentos que envolvem o nebuloso maio de 77 que Agualusa arquiteta boa parte de sua obra. Pode-se dizer que este ponto da história angolana constitui um eixo sobre o qual muito de seu universo ficcional deambula. Esta “obsessão” pelo fato histórico pode ser lida como uma reiterada tentativa de dar visibilidade ao evento, ainda hoje marcado por lacunas e contradições em sua recuperação quer por fontes ligadas ao governo quer não. Para o próprio mentor do suposto golpe, o então ministro do Interior Nito Alves, “os que fazem a História nem sempre podem escrevê-la”. A história não escrita é (re)imaginada por Agualusa. A mudança ontológica empreendida pelo autor, ao trazer o acontecimento histórico para o universo ficcional, possibilita a problematização de seu significado cultural, possibilita diferentes interpretações do fato histórico, contingenciadas pelos seus respectivos contextos históricos, de sua real ocorrência e de sua recepção através do material literário. Ao longo de várias obras como *Estação das chuvas* (1996), *O vendedor de passados* (2004) ou *Teoria geral do esquecimento* (2012), Agualusa explora as relações de alteridade instituídas pelo MPLA, quais seriam seus aliados e quais seriam seus inimigos, e como tais identificações seriam apropriadas ao longo das décadas seguintes para justificar um “nós” e um “eles” favoráveis ao poder vigente. Agualusa rearticula estas identificações gerando, em sua escrita, uma “desinvenção dos inimigos” apontados pelo discurso factual histórico. Este movimento de

recuperação e adaptação tanto dos relatos históricos autênticos quanto das versões não autorizadas e/ou imaginadas do acontecimento, é o que aqui nos interessa investigar: a capacidade de subversão do discurso literário frente ao discurso histórico. Para tal, apoiamos, em nossa investigação, nas estratégias analíticas defendidas pela teórica canadense Linda Hutcheon, em seus *A poética do pós-modernismo* (1991) e *Uma teoria da adaptação* (2011), além dos escritos de Achille Mbembe em *Necropolítica* (2018) e *Crítica da razão negra* (2018), entre outros.

Palavras-chave: Literatura Angolana; Metaficção historiográfica; Fraccionismo

17/07 (TARDE)

LUIZ RUFFATO, PERSONAGEM-AUTOR

Allysson Casais

Resumo: Em 2007, Luiz Ruffato publica *De mim já nem se lembra*, romance epistolar no qual o escritor supostamente reproduz as cartas que seu irmão, José Célio, enviara a sua mãe após este ter se mudado para São Paulo. Dois anos depois, em 2009, o autor mineiro escreve *Estive em Lisboa e lembrei de você*, alegando que a novela é a transcrição de uma entrevista feita por Ruffato com o protagonista, Serginho, a respeito de sua experiência como imigrante em Portugal. Já o romance mais recente, *Flores artificiais*, de 2014, se apresenta como a edição de um manuscrito que Ruffato recebera de Dório Finetto, o personagem principal da obra, sobre suas viagens como consultor do Banco Mundial. Nas três narrativas, o autor faz uso de espaços pré-textuais para renunciar ao rótulo de criador e indicar que os livros têm como pilar textos memorialísticos de outros indivíduos: as cartas de José Célio, a entrevista com Serginho e o manuscrito de Dório Finetto. Neste trabalho, temos o objetivo de analisar as implicações dessa dinâmica na segunda obra do trio, *Estive em Lisboa e lembrei de você*, que conta a história de Serginho, trabalhador do interior de Minas Gerais, que, após perder a mãe e se divorciar, decide migrar para Portugal em busca de uma ascensão socioeconômica. Acreditamos que ao longo das três narrativas mencionadas, Ruffato, numa estratégia que visa a gerar verossimilhança, cria um personagem-autor homônimo e que o uso do mecanismo em *Estive em Lisboa* destaca como o mineiro se coloca no lugar de porta-voz da classe média baixa no âmbito literário brasileiro que é capaz de contar uma “história a contrapelo” pela ótica desses indivíduos que são excluídos da História oficial. Além disso, a narrativa também dialoga com a tradição que inferioriza a oralidade perante a escrita ao relegar Serginho, trabalhador clandestino pobre em Portugal, ao mundo da oralidade e o personagem-autor, alguém que nasceu na mesma situação socioeconômica que Serginho mas ascendeu à elite cultural brasileira, ao campo da escrita. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Palavras-chave: Luiz Ruffato; Escrita; Oralidade; Memória; Personagem-autor

A SUPOSIÇÃO AUTOFICCIONAL DE LIMA BARRETO: TRAUMA LIMÍTROFE NA LITERATURA BRASILEIRA

Augusto Mancim Imbriani

Resumo: Perante suposta subversividade, aos olhos do sistema vigente, o adestramento se atrela à vigilância em rígida parceria. Essa parceria, a partir de seu caráter traumatizante, instiga o sujeito a adentrar seus entremeios introspectivos buscando as possibilidades de recalque ou superação subconscientes. A partir dessa premissa, o trabalho em questão apresenta como objetivo a tentativa de análise das obras *Diário de um Hospício* (1953) e *Cemitério dos Vivos* (1953) ambas do escritor Lima Barreto – sob a perspectiva da memória traumática das vigilâncias e adestramentos, da sobrevivência e da autoficção. Para tanto, é buscado aporte em estudiosas e estudiosos das temáticas apresentadas, como Gagnebin (2006), Assmann (2011), Foucault (1987), Candido (1989), Benjamin (1994), Gasparini (2014), Santiago (2008) e Lejeune (2014). O estudo comparativo é feito sob o viés de suposta produção literária



autoficcional do escritor que, sob perspectivas de consequentes recepções críticas, o afasta do lugar sagrado na História da Literatura Brasileira, admitindo a possibilidade de negatizar a literariedade de sua obra por forte e evidente enfrentamento de traumas empíricos por meio da escrita literária. É premissa inicial, pois, a da qualidade suplementar da Literatura nas propositais lacunas da História. Partindo dessa perspectiva, em Gagnebin e Assmann, é buscada relação entre trauma e recordação como elemento construtor essencial da apresentação do termo autoficção, numa espécie de preenchimento literário das inevitáveis lacunas da memória. Nesse ponto, admite-se o narrar – ou o a escrita metaficcional de si – como uma tentativa de purgação e maturação dos traumas sofridos e, a partir disso, a reflexão sobre a impossibilidade de o sujeito superar, em sua própria escrita, os traumas por ele experienciados. Confrontando o pacto autobiográfico de Lejeune à literatura autoficcional de Doubrovsky e Gasparini pela linguagem – e aplicando isso à verdade literária e à honestidade poética de Lima Barreto, visa-se ler as relações entre sua produção meta e autoficcional e suas recepções críticas como um processo de seu afastamento, portanto, da memória literária coletiva pela memória empírica de si. Por fim, nos espaços fronteiriços delimitados pelo real e pelo ficcional, é trazida auspiciosa leitura de Antonio Candido das obras analisadas, que, aqui concluída, considera vital a relação entre literatura e vida para um autor que se debruçou tão esperançoso na função social daquela, fazendo com que seu eu lírico confiasse em seu eu empírico, e, naquele, esse se dedicasse. O presente trabalho é realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Memória; autoficção; Escrita de si.

DE TORNA-VIAGEM A ORFEU REBELDE: MEMÓRIA E EXÍLIO EM RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS DE MIGUEL TORGA

Bárbara Silva Teles de Menezes

Resumo: Há séculos estamos diante de uma humanidade que está sempre em trânsito. Alguns partem de sua pátria e deixam tudo para trás em busca de uma melhoria nas condições de vida; outros são expulsos de seu território natal. Não importa a situação, forçados ou por vontade própria, fugindo de guerras, diferenças ideológicas e de crenças, da pobreza e tantos outros pontos dissonantes na sociedade, alguns deixam os hábitos diários, familiares e a pátria para ficarem diante de uma fratura incurável da vida, o exílio. Dos mais remotos relatos de emigrantes, viajantes, aventureiros, deportados, heróis, que abandonaram ou foram expulsos de uma nação, a dor de querer voltar ao lar natal ou a esperança do recomeço nos revelam que, entre o mito, a história e a literatura, a condição de desenraizamento atravessa os séculos e, em cada um, assume suas particularidades. Em armadilhas parecidas de emigração e do exílio, esteve Adolfo Correia da Rocha, mais conhecido por seu pseudônimo Miguel Torga, quando desembarcou no Brasil. Ainda na infância, Torga viveu por cinco anos em Minas Gerais, na Fazenda Santa Cruz, propriedade dos tios paternos, onde viveu as agruras da adolescência, em meio a uma pedagogia de servilismo aos tios. Essas e outras experiências de sua primeira estada no Brasil estão reunidas em suas memórias: *A criação do mundo: os dois primeiros dias* (1937). As recordações ganham outros tons em 1954, quando o português é convidado para voltar ao Brasil, agora como um escritor de renome. Ao se ver novamente na terra que, por diversas vezes, foi também madrastra, e onde seu desterro esteve cravado, o português se encontra em um verdadeiro labirinto da saudade. Com os sentimentos instáveis diante de todos os reencontros que esse retorno proporcionou, Miguel Torga toma notas dos dias em seu *Diário VII*, publicado em 1956. Por outro lado, essa mesma viagem é recontada no sexto dia de *A criação do mundo* (1981), com menos apego ao lado sentimental. As duas narrativas de memórias e o diário torquiano se destacam, para nós, em meio a sua vasta produção autobiográfica, visto que elas aproximam duas fases da vida do escritor – infância e velhice –, como também recontam, com suas singularidades, os dramas do emigrante português em terras brasileiras, além de recordar a memória cultural das duas nações. Diante disso, vimos a necessidade de analisar nesses relatos autobiográficos de Miguel Torga as características de um sujeito que ora está envolvido em um



exílio pessoal, marcado pela saudade e o sentimentalismo; ora está diante das adversidades do exílio exterior, constituído, principalmente, pelo entre-lugar do pertencimento. Além disso, pretendemos resgatar as memórias dos contextos históricos e culturais que envolvem essas narrativas, visto que elas assumem particularidades nas construções pessoais e literárias do autor português. Para o entendimento dessas análises, tomamos como aporte teórico as reflexões sobre o exílio propostas por Said (2003, 2005), Flusser (1984, 1984) e Lourenço (2004, 2009); bem como os pensamentos acerca da memória e dos gêneros autobiográficos de Ricoeur (2007), Gusdorf (1948) e Lejeune ([1975] 2014).

Palavras-chave: Exílio; memória; autobiografia.

AUTOBIOGRAFIA E AUTOFICÇÃO: A ESCRITA METALITERÁRIA DO CICLO DE APRENDIZAGEM DE ANTÔNIO LOBO ANTUNES

Carmem Roquini Juliacci Santana

Resumo: Os três primeiros livros do escritor português António Lobo Antunes (*Os Cus de Judas* (1979), *Memória de Elefante* (1979) e *Conhecimento do Inferno* (1980)) foram intitulados pelo próprio autor como “Ciclo de Aprendizagem”. Essa nomenclatura abarcaria, em primeiro momento, o reinício do autor em Portugal após sua participação entre as tropas portuguesas em Angola durante a Guerra Colonial, trazendo as temáticas dos três livros como de cunho autobiográfico. Por outro lado, a titulação do ciclo se daria também no próprio fazer literário, visto que a aprendizagem pode referenciar a de Lobo Antunes como escritor, pois traz elementos que remetem ao processo de escrita das obras dentro de suas próprias histórias, como uma metaliteratura, e também o processo ficcional de acontecimentos biográficos, a autoficção. Na dicotomia entre autobiografia e autoficção, a memória e a história se fazem presente nos dois termos. Em primeiro momento, focando na autobiografia, ambas se dariam através das experiências e traumas pessoais do escritor na guerra. Além disso, de uma forma rígida, os dois conceitos apresentariam uma visão reducionista de um pacto com uma suposta verdade. Entretanto, pelo olhar da autoficção pluralizaria os significados dos dois termos e os apresentariam uma abrangência, abrindo para o aspecto coletivo e nacional. Dessa forma, a história afastaria de documentos oficiais e aproximaria da reescrita ficcional e do seu papel de revisão, escovando a contrapelo, como definido pelo filósofo alemão Walter Benjamin (1985). Ademais, a memória se ampliaria para o aspecto coletivo, como proposto por Halbwachs (1990), ao se desprender do aspecto possessivo de experiências pessoais. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar os processos autobiográficos e autoficcionais a partir de elementos metaliterário das três obras mencionadas e de que forma os conceitos de história e memória se relacionam e diferem a partir das definições de biografia e ficção.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa; Autoficção; Autobiografia; Memória; História

UMA INFÂNCIA A NARRAR MOÇAMBIQUE: NOVA VOZ NO PROJETO FICCIONAL DE JOÃO PAULO BORGES COELHO EM “PONTA GEA”

Roberta Guimarães Franco

Resumo: Em 2017, João Paulo Borges Coelho publica seu último livro “Ponta Gea”, mais uma obra voltada para o espaço moçambicano, tão caro ao projeto ficcional do escritor. Reconhecido por narrativas que colocam em evidência a história recente de Moçambique, Borges Coelho construiu sua carreira literária de forma bastante próxima ao seu ofício de historiador, criando narradores que apresentam um olhar muito minucioso diante dos fatos, acontecimentos a serem apresentados, em muitos momentos como uma espécie de zoom que permite ao leitor enxergar as micro-histórias por trás das narrativas oficiais. Em “Ponta Gea” um novo olhar é apresentado ao leitor, limite entre presente e passado, marcado pela ideia de infância, declarada já no preâmbulo do livro - “A infância não é um lugar, nem tão-pouco um tempo. O que é ela, afinal?” – curiosamente não como lugar, nem como tempo, categorias comumente associadas a essa fase da vida, mas também muito significativas para a obra de Borges Coelho como um todo, e também para “Ponta Gea”. Assim, as 15 narrativas que compõem a obra, que podem ser



lidas em conjunto compondo o romance, ou de forma isolada e fragmentada, conduzem o leitor ao bairro da cidade da Beira que seria a “ponta da terra, ali onde o mar começa”. Nesta comunicação pretende-se pensar as noções de tempo e espaço atreladas a voz narrativa em primeira pessoa, para analisar os limites entre a autobiografia, a autoficção, e o projeto literário do autor, que cerca a sua obra com uma noção de infância de parece afastar o narrador da figura do autor, quando ainda no Preâmbulo diz que “É sobre os escombros de possibilidades alternativas que se constroem estas pequenas narrativas” ou ainda define a infância “a potência daquilo que imaginamos poder ainda vir a ser”, complicando a relação temporal passado-presente, implicando nela uma idéia de futuro. As epígrafes escolhidas também abrem espaço para essa complexidade, a partir da imagem de “viagem” em Benjamin e de “jogo” em Proust. Este trabalho é parte do projeto “Poder e silêncio(s): a pós-colonialidade entre o discurso oficial e a criação ficcional”, financiado pela Fapemig.

Palavras-chave: Borges Coelho; Memória; Autobiografia; Moçambique.

18/07 (TARDE)

CAMINHANDO EM DIREÇÃO DO TRANSCULTURALISMO EM TERRA PAPAGALI

Camila Marcelina Pasqual

Resumo: O artigo objetiva analisar, sucintamente, a obra Terra Papagalli, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta, sob o viés da “transculturação narrativa”, teoria cultural desenvolvida pelo crítico uruguaio Ángel Rama, segundo a qual, elementos como linguagem, cosmovisão e estrutura da narrativa se mostram fundamentais para a compreensão de um texto como obra transcultural. O trabalho investiga se a obra em tela apresenta os elementos representativos que a caracterizem como romance que segue um processo transculturador. Para tanto, o artigo recorre às contribuições de Darci Ribeiro, no tocante ao impacto dos processos de miscigenação e aculturação nas relações sociais, de Antônio Cândido, em relação ao papel da literatura na afirmação do sentimento nacional e ideológico da intelectualidade latino-americana, na discussão da conscientização da condição colonial dos países do continente sul-americano. Utiliza-se a contribuição de Fernando Ortiz com respeito ao processo de fusão cultural em que as partes envolvidas (culturas distintas) sofrem transformações significativas ao longo do tempo. O romance de Torero e Pimenta é tido como texto ficcional que transgride os aspectos convencionais do texto regionalista tradicional. Além de apresentar conteúdo, mimético e parodístico, o romance desenvolve ampla reflexão sobre o processo literário colonialista. Verifica-se, ao final, que o romance de Torero e Pimenta pode ser definido como romance histórico contemporâneo, dotado de dinâmica narrativa incluso na categoria de narrativa contemporânea fragmentada.

Palavras-chave: Transculturação; indigenismo; cultura.

A TRADUTORA, O TRADUTOR E A TRADUÇÃO COMO EXPERIÊNCIA EM AS AREIAS DO IMPERADOR

Estela Ramos de Souza de Oliveira

Resumo: Mia Couto, o escritor moçambicano cuja produção transita entre a poesia, o conto, o ensaio e o romance, encerra com O Bebedor de Horizontes, no final de 2017, a trilogia As Areias do Imperador. O livro III, lançado no Brasil em meados de 2018, soma-se ao Mulheres de Cinzas e Sombras d’água para compor, como define o próprio autor, uma recreação ficcional inspirada em fatos e personagens reais de uma Moçambique do final do século XIX, envolvendo a disputa entre os interesses da Coroa Portuguesa e as forças do Império de Ngungunyane. Este, o segundo maior em África dirigido por um africano. Em meio a esses dois polos e ao contexto de disputa e controle, sobre os quais as narrativas oficiais asseguram a permanência de uns poucos heróis, a recreação ficcional de Mia Couto sugere novas vozes e versões. Em coerência, a polifonia foi a estratégia adotada pelo autor para apresentar o enredo, cuja alternância de narradores confirma e considera a pluralidade de histórias e paradigmas distintos que formam a



História. É, a partir dessas diferentes vozes, que esta pesquisa apresentará a função do tradutor como elemento que produz um efeito estético na obra, extrapolando a função operacional de sua atividade dentro da narrativa. Nesse sentido, as trajetórias de Imani, nativa da tribo VaChopi que atua como tradutora durante boa parte da narrativa, e Zeca Primoroso, personagem que a substitui na função, conduzirão a leitura proposta aproximando as experiências das personagens à estética dentro da lógica do compromisso (NOA, 2015) e do engajamento (SARTRE, 1993). Inicialmente, será considerada a tradução enquanto experiência (BENJAMIN, 1994) da personagem: os impactos sentidos e expressados na narrativa. Em seguida, em recuperação à escrita ensaística de Mia Couto e aproximação com o conceito de engajamento literário e a conscientização do próprio autor com interventor da realidade, será observada como a figura do tradutor, especialmente, da tradutora que narra em primeira pessoa a trilogia, possibilita uma experiência estética para o leitor. Afinal, via texto literário, para além do contexto específico e da pesquisa documental realizada, a trilogia configura-se como uma narrativa reveladora dos dramas coletivos e individuais dos sujeitos expostos a situações de conflitos e empresta, via personagem, um lugar de experiência para o leitor. É assim que a observação do percurso dos tradutores da obra permite identificar desde aspectos muito específicos da colonização portuguesa em Moçambique e de sua política linguística até questões universais que desembocam na alma do mundo (COUTO, 2016).

Palavras-chave: As Areias de Imperador; Estética; Experiência; Tradução; Mia Couto.

GEOGRAFIAS DA EXISTÊNCIA EM DENTRO DO MAR TEM RIO, DE MARIA BETHÂNIA

Everson Nicolau de Almeida

Resumo: Lançado em 2006, o livro *Dentro do Mar Tem Rio* (QUITANDA), da intérprete baiana Maria Bethânia, reúne poemas, canções e imagens em uma produção praticamente artesanal. A referida obra foi produzida na mesma época em que foram lançados os álbuns *Pirata* (BISCOITO FINO, 2006) e *Mar de Sophia* (BISCOITO FINO, 2006), além do registro em DVD do espetáculo musical *Dentro do Mar tem Rio* (BISCOITO FINO, 2007). A partir da seleção de alguns textos e canções que fazem parte do livro lançado em 2006, podemos observar a construção de sentidos que se estabelecem entre as relações ontológica, mítica e mística do ser humano com o elemento água. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é analisar o modo pelo qual a tessitura composicional cunhada por Bethânia através da junção dos fragmentos dos poemas Orixá (Jorge Portugal), Navegações XIV, Inicial e Inscrição (Sophia de Mello Breyner Andresen) e das canções Grão de Mar (Márcio Arantes e Chico César), Kirimurê (Jota Velloso) e Memórias do Mar (Vevé Calazans e Jorge Portugal) imprime aspectos de memória, religiosidade e ontologia entre o ser humano e o espaço geográfico, em que o mar pode ser considerado em sua dimensão física e metafísica. Para a realização deste trabalho, os estudos de intertextualidade realizados por Bakhtin (1993; 1997), Kristeva (1974; 1978) e Samoyault (2008) foram indispensáveis, visto que a inter-relação entre poesia e canção se fazem presentes na composição fragmentária e intertextual de Maria Bethânia. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Palavras-chave: Intertextualidade; Ontologia; Mar; Maria Bethânia.

O BRASIL DE AGUSTINA BESSA-LUÍS

Viviane Vasconcelos

Resumo: Publicado pela primeira vez em 1991, *Breviário do Brasil*, de Agustina Bessa-Luís, parece ser não só um livro sobre “viagens”, mas uma reflexão acerca de temas fundamentais para a compreensão da definição de cultura. Com um olhar afetivo, marcado pelas memórias familiares que tem do país, a escritora percorre lugares conhecidos, oferece novos sentidos a espaços, mas insiste em construir um diálogo com obras, como *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, e poetas, a exemplo de João Cabral de Melo Neto e Manuel Bandeira, para



descrever as paisagens além da visualidade. Ao utilizar observações sobre a história, Agustina estabelece relações com aspectos do cotidiano de cada cidade visitada, o que permite um diálogo comparativo sobre a permanência de determinados comportamentos dos moradores. Na edição de 2016, da Tinta da China, Pedro Mexia afirma que o Breviário não é só um livro de “viagens”, mas um “diário civilizacional”. Um dos objetivos deste trabalho é justamente pensar na escrita agustiniana, pois a obra não é um diário somente. De uma maneira mais ampla, o livro é um ensaio também sobre a cultura, uma análise sobre a política, um alerta para a necessidade de repensar personagens da história, como é o caso de Lampião. Ao citar ideias de filósofos e escritores estrangeiros, Agustina parece pretender falar, em primeiro lugar, de uma maneira de pensar a cultura que é formada por muitas referências: literárias, políticas, econômicas, sociais. Essa percepção não é só sustentada pelas teorias, mas também está manifesta no cotidiano, nos diálogos tão próximos e tão distantes que cada região do país tem. Um interesse particular do olhar de Agustina Bessa-Luís está na observação das ruas, na interação do morador com as paisagens, monumentos. Interessante notar, igualmente, uma forma muito peculiar de perceber a presença portuguesa no Brasil que, no caso de algumas cidades, como Alcântara, no Maranhão, Agustina enfatiza que vai além da arquitetura. Desse modo, pensando até no que seria um “breviário”, um dos objetivos mais específicos é refletir acerca da complexa rede intertextual da obra “enciclopédica” de Agustina Bessa-Luís.

Palavras-chave: Agustina Bessa-Luís; Literatura Portuguesa; Memória

18/07 (TARDE)

A MEMÓRIA TRAUMÁTICA DA “SHOAH” EM “JERUSALÉM” DE GONÇALO M. TAVARES

Fernanda Duduch

Resumo: Se ser contemporâneo é, como dito por Agamben, estar com as penas da escrita nas trevas do presente (AGAMBEN, 2009), assumimos que Gonçalo M. Tavares é um proeminente representante da literatura portuguesa contemporânea. Acumulando prêmios e obras, o jovem autor traz as grandes trevas da contemporaneidade para dentro de seus romances. Em específico, em seu conjunto de “Livros Negros”, Tavares suscita a memória das grandes feridas do séc XX.: os genocídios, as guerras e a “Shoah”- nome hebraico dado ao Holocausto, que traduz-se por “catástrofe”. A “Shoah”, o “evento-limite”, instaura na literatura e na psicanálise a dialética entre esquecer e narrar. Vítimas da barbárie, o que resta aos sobreviventes é sua própria narrativa, ao mesmo tempo em que recordar é reviver o trauma. “Jerusalém” (TAVARES, 2006) é o terceiro livro da coleção negra “O Reino”, tendo a ambição de compreender o mal, a barbárie e o trauma a partir micro (o cotidiano das personagens) para o macro (os grandes traumas do último século), sem libertar-se dessa dialética. Usado como campo de análise, “Jerusalém” (TAVARES, 2006) se preenche de personagens marcadas traumáticamente pela guerra e pelo hospital psiquiátrico Georg Rosenberg. “- Mesmo que você queira o seu corpo não poderá esquecer sua passagem por Georg Rosenberg” (TAVARES, 2012, p.199) A frase dita por um médico para a personagem Mylia refere-se a uma doença em seu ventre. A condição é uma memória constante dos abusos sofridos no hospício. Tanto a doença - a qual vale ressaltar que nunca sabemos qual é - quanto o trauma se instauram nas entranhas da personagem, como uma constante memória física. Simbolicamente, Mylia passa em seu micro universo o mesmo diagnóstico que acometeu soldados da I Guerra e sobreviventes da II Guerra. Utilizando suas pequenas “catástrofes”, as personagens aludem a irrepresentabilidade da Shoah, aflorando, no texto, hiperimagens e hipoimagens traumáticas. Dessa forma, o autor português constrói sua obra em cima de memórias do trauma. Ao construir o romance desta forma, Gonçalo M. Tavares abre caminho para traçarmos uma análise, que parte da narratividade ou a ausência da narratividade interna das personagens, conectando-as às teorias da memória, do trauma e da representabilidade da literatura. Desta forma, observando a narração, o espaço e o tempo oferecidos pelo autor, pretendemos responder algumas perguntas, como tais: “Há

representatividade do trauma na obra do autor?”, “Quais polos de forças agem nessas personagens?”, “Qual seu valor para a literatura contemporânea portuguesa?”, e a mais importante: “Por que Tavares está interessado em rememorar o trauma da Shoah em suas obras?”.

Palavras-chave: literatura portuguesa contemporânea; holocausto; memória; trauma

FICÇÃO, HISTÓRIA E MEMÓRIA DO COLONIALISMO EM A GORDA E CADERNOS DE MEMÓRIAS COLONIAIS

Haidê Silva

Resumo: O objetivo do presente trabalho é tratar das possíveis relações entre ficção, história e memória do colonialismo, nas obras *A Gorda* (2018) e *Cadernos de Memórias Coloniais* (2018), da escritora portuguesa Isabela Figueiredo, que nasceu em Moçambique, na época em que o país africano ainda era colônia portuguesa. Na FLIP, no ano passado, a respeito do romance *A Gorda*, a escritora afirmou que o livro compila as suas memórias de infância e que pertenceu à aristocracia colonialista. Ela também disse que trata-se de um livro que desejou escrever toda a sua vida, mas que não sabia como escrevê-lo enquanto o seu pai estava vivo, pois para ela o pai era o racismo e o colonialismo. Dessa forma, o livro só pode ser escrito após a morte do pai. Em *Cadernos de Memórias Coloniais*, desfaz-se o mito de que a experiência colonial portuguesa na África foi algo benéfico para as populações nativas, pois o texto expõe uma outra história da colonização testemunhada pela autora, que viveu em Moçambique até a adolescência, quando teve que retornar a Portugal com o processo de descolonização após a Revolução dos Cravos, em 1974. Dessa forma, o romance é um acerto de contas com o passado colonial de Portugal e com o seu próprio pai. Tanto em *A Gorda*, quanto em *Cadernos de Memórias Coloniais*, observamos a relação entre o deslocamento e a construção da identidade das narradoras. A análise das obras será feita a luz de teorias que discutem justamente as relações entre ficção, história e memória, tais como o fazem Jacques Le Goff, em *História e Memória* (2012) e Paul Ricoeur, em *A memória, a história e o esquecimento* (2008), por exemplo. E também as que se referem à relação entre literatura e memória política a exemplo de Benjamin Abdala Junior em *Literatura e Memória Política* (2015).

Palavras-chave: Ficção; História; Memória; Colonialismo; Isabela Figueiredo

MODERNIDADE NA CIDADE, TRADIÇÃO DAS SERRAS: DA MEMÓRIA AO MITO NO DESENVOLVER DA IDENTIDADE PORTUGUESA

Hanna Andressa do Carmo Furtado Oliveira

Resumo: Ernest Renan aponta que uma nação é constituída de uma ligação solidária, a qual embasa-se um passado e resulta num presente comum. Partindo desse pressuposto, é possível dizer que a nação afirma-se num processo de identificação, realizado na difusão da memória de um povo, ao mesmo tempo em que afirma-se na unificação de um presente. No enredo de *A cidade e as serras* (1901), de Eça de Queiros, é notável o embate tratado entre as noções de modernidade e tradição no desenrolar da história do personagem Jacinto de Tormes. Entre seu desapontamento quanto a cidade e seu estranhamento frente ao campo, em seu (re)encontro com Portugal, o personagem atravessa um embate pessoal, mas também comum ao histórico lusitano na conciliação de sua identidade nacional – a qual pode-se dizer que desliza na fronteira entre o mito memorialístico do passado e a desfiguração do presente. Com base nesse impasse e visando a forte influência do meio social na obra de Eça de Queirós, objetiva-se tratar dessa dialética desenvolvida e seus desdobramentos na constituição de uma identidade nacional portuguesa tratada na narrativa queirosiana. Serão tomados, então, os conceitos de identidade nacional com base na composição de nação pelo teórico Ernest Renan; bem como o papel da memória coletiva na formação de uma identidade portuguesa – ponto trabalhado nos estudos de Maurice Halbwachs, Pierre Nora e Michael Pollak. Para isso, algumas perspectivas do romance histórico também serão apuradas no trabalho com o propósito de tencionar essas relações



dialéticas na obra realista queirosiana, processo realizado através de estudos de nomes como Carlos Reis, Beatriz Berrini e Antonio Saraiva.

Palavras-chave: Memória; Identidade; Nação; Eça de Queirós

INVESTIGAÇÕES EM TORNO DOS SENTIDOS DE “PROVÍNCIA” NA LITERATURA DE MANUEL BANDEIRA PARA UMA POSSÍVEL CONCEPÇÃO POÉTICO-PATRIMONIAL EM SUA OBRA

André Luís Mourão de Uzêda

Resumo: A seguinte proposta de trabalho consiste em exposição dos andamentos de nossa pesquisa de tese de doutorado em Ciência da Literatura em curso, tendo a obra *Crônicas da província do Brasil* (1938), de Manuel Bandeira, como nosso objeto central de estudo. Na articulação entre literatura, história e memória, é objetivo da pesquisa investigar uma possível concepção poética patrimonial circunscrita à obra em questão. Interessa-nos especialmente analisar pela tradição crítica dos estudos de Bandeira que evidenciam o “elemento de humilde cotidiano” como chave de leitura para sua obra (Cf. BARBOSA, 1988; ARRIGUCCI Jr., 1986, 2003; GUIMARÃES, 2008) o tratamento dado à temática do patrimônio pelo autor em suas crônicas. Defendemos que do entrecruzamento patrimônio x humildade, evidencia-se em suas crônicas uma visão de mundo patrimonial bastante singular que se distingue pela força de sua memória afetiva. Em contraposição à lógica da monumentalidade, a que comumente é associado, o patrimônio em Bandeira enaltece a sutileza, o detalhe, o pequeno, o trivial e o corriqueiro do tempo cotidiano, como próprio do discurso humilde. Nesse sentido, o valor atribuído ao patrimônio material edificado, como as cidades barrocas de Minas Gerais, ou o reconhecimento de bens culturais imateriais, como o samba ou a fala brasileira, são ressaltados não pelo que apresentam de dado grandioso ou majestoso, mas por sua qualidade essencialmente simplória. Para a presente comunicação, interessa-nos especificamente discutir em que medida o emprego de “província” e “provinciano” em sua obra dialogam com tal perspectiva. Figurando no título do volume, o termo também se reveste de sentido bastante singular e particular em consonância com o projeto poético do autor, posto que circunscrito em valor positivo e de enaltecimento. É o que se nota na “advertência” que abre o volume, na qual Bandeira afirma que “o Brasil todo é ainda província. Deus o conserve assim por muitos anos!” (BANDEIRA, 2006, p. 11). Investigando o emprego de província nessa perspectiva, nosso trabalho propõe leitura comparada entre o senso patrimonial evidenciado no conjunto de crônicas que compõem o referido objeto de nosso estudo e outros textos da obra do autor, a saber: “Declaração de amor”, poema de Estrela da manhã (1936), “Minha terra”, poema de Belo belo (1948), e a crônica “Um belo exemplo que A Província está dando”, publicada em 1928 no jornal *A província*, de Recife. Pela proposta de cruzamento entre os textos mencionados, intuímos trazer à baila tratamento similar dado ao termo como aspecto particular de seu pensamento poético, humilde por excelência. Entendemos, assim, que por meio de tal metodologia de análise possamos avançar na compreensão do “humilde patrimônio” de Manuel Bandeira que revela, em última instância, uma possível concepção poética patrimonial em sua obra.

Palavras-chave: Manuel Bandeira; Patrimônio cultural; Humildade; Memória afetiva; Crônicas da província do Brasil

101 - LITERATURA BRASILEIRA: IDENTIDADES EM MOVIMENTO

Coordenação: Silvana Oliveira (Universidade Estadual de Ponta Grossa); Valdir Prigol (Universidade Federal da Fronteira Sul)

Resumo: Em *Por que ler os clássicos*, Ítalo Calvino fala dos livros que nunca terminarão de dizer aquilo que têm para dizer. Implicitamente, podemos reconhecer nessa caracterização a ideia de que o texto clássico nunca deixou de encontrar olhos e ouvidos dispostos a atualizar o que ele tinha para oferecer. Na diacronia de sua própria transcendência, o clássico sempre



alcançou sentidos humanos em busca dos mesmos novos sentidos. O leitor - essa projeção alocada sempre nos limites do virtual e do empírico - divide seu olhar entre a urgência das questões do seu tempo presente e a perenidade das lições e das sensações do passado, de modo a (re)construir as significações de obras ininterruptamente contemporâneas. A leitura de um clássico é sempre uma apropriação anacrônica do que precisamos lembrar e do que almejamos descobrir. Nesse sentido, não apenas a identidade dos leitores é mobilizada, mas também o cânone identitário autoral que subjaz à formação do conjunto de obras consideradas clássicas. A descoberta de si nos reflexos do texto acompanha a dinâmica da redescoberta do outro nas entranhas das palavras.

O Simpósio *Literatura Brasileira: Identidades em movimento* se propõe a oferecer espaço para a apresentação de diálogos intertextuais, trans-históricos e intersubjetivos que possibilitem a reflexão sobre a relevância permanente dos clássicos, considerando que, como lembra Calvino, toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira. E como também diz Adolfo Casais Monteiro, a “obra literária, como o camaleão, muda de cor conforme o lugar onde se encontra.”¹

O sistema de produção da literatura, como o compreende Antonio Candido na *Formação da Literatura Brasileira* (1959) forma-se pelos já conhecidos três elementos: os produtores literários, ou seja, os autores; os receptores, que formam os diferentes tipos de público, e o mecanismo transmissor, como ele mesmo afirma, uma linguagem, traduzida em estilos. Esta abordagem se vale claramente da perspectiva do contexto de circulação da obra literária, no qual estão presentes os produtores, os receptores e um determinado estilo, no qual o conjunto de autores produz. Assim é que se torna possível conceber a ideia de que há um estilo de época do qual os produtores de literatura são, mais ou menos, conscientes, e ao qual aderem, uns mais que outros, como conjunto.

Antonio Candido defende que a produção literária no Brasil só se sustenta como expressão de uma nacionalidade a partir do século XVIII, quando os poetas árcades, vinculados ao contexto histórico e cultural mineiro, passam a produzir como grupo consciente de sua identidade e de seu projeto artístico comum, dando espaço para que, no século XIX, o Romantismo se instituisse como movimento artístico e literário genuinamente brasileiro, considerando-se o conjunto de produtores de literatura e também de receptores dessa produção.

A noção de estilo, neste sentido, está diretamente relacionada a um certo modo de a literatura ser produzida como objeto textual; a essa noção somam-se as influências do contexto social, econômico e cultural para que as características de cada época se definam e se estabilizem de modo regular e também didático.

A perspectiva proposta neste Simpósio é, em certa medida, a problematização da relativa estabilidade de que gozam as obras ditas clássicas na literatura brasileira, por meio de abordagens em que o olhar e a dicção do presente as ressignifiquem em novos contextos de leituras. Temos em mente a necessidade de que a experiência do presente integre os sentidos que circulam pelas obras consagradas da literatura brasileira de modo que a sua atualização se realize e, em alguns casos, inaugure-se, pelo e para o olhar contemporâneo.

Para as intenções até aqui enunciadas, consideramos produtivo que sejam trazidas para este Simpósio análises comparativas de obras produzidas desde os primeiros momentos das manifestações literárias no Brasil, como as produções de José de Alencar, por exemplo, até as primeiras décadas do século XX, com os modernistas.

Os múltiplos discursos críticos do presente, confrontados com os contextos de produção e circulação de obras da literatura brasileira, podem desvelar não apenas as trajetórias cultural e intelectual ao longo da nossa história, mas também os movimentos de transformação das identidades nacionais e individuais, processos que jamais se esgotam e que nos solicitam para a sua interpretação permanentemente.

¹ CASAIS MONTEIRO, Adolfo. **Clareza e Mistério da crítica**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.



PROGRAMAÇÃO

17/07 (TARDE)

RELEITURAS NO PRESENTE: O QUE DOM CASMURRO NOS DIZ

Silvana Oliveira

Resumo: Ao retomarmos a definição de Ítalo Calvino para o clássico como um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer, nos sentimos desafiadas e desafiados para as releituras permanentes que tais obras nos solicitam. Implicitamente, podemos reconhecer nessa caracterização de Calvino a ideia de que o texto clássico nunca deixou de encontrar olhos e ouvidos dispostos a atualizar o que ele tinha para oferecer. Se nos situamos como leitores do presente, nos limites do virtual e do empírico, dividimos nosso olhar entre a urgência das questões do nosso tempo presente e a perenidade das lições e das sensações do passado, de modo a (re)construir as significações de obras ininterruptamente contemporâneas. A leitura de um clássico é sempre uma apropriação anacrônica do que precisamos lembrar e do que almejamos descobrir. Assim, não apenas a identidade dos leitores é mobilizada, mas também o cânone identitário autoral que subjaz à formação do conjunto de obras consideradas clássicas. Como anuncia a proposta deste Simpósio, a descoberta de si nos reflexos do texto acompanha a dinâmica da redescoberta do outro nas entranhas das palavras. Nessa perspectiva é que propomos a releitura do livro de Machado como um clássico do presente uma vez que a controvérsia da identidade do autor se cruza com o compromisso ético da crítica de significar o texto enquanto dicção de novas sensibilidades. A leitura de Dom Casmurro nos desafia em relação ao silêncio de Capitu. Silêncio que não pode ser dito como "silenciamento da voz feminina", mas sim como denúncia, por Machado de Assis, escritor homem, negro e fora do circuito convencional da elite intelectual brasileira, do processo de usurpação de voz a que estavam, e em alguns contextos ainda estão, submetidas as mulheres. Se apontamos o viés de denúncia na construção deste romance, assumimos que Machado torna consciente para os seus leitores o processo de construção discursiva empreendido por Bento Santiago para condenar Capitu e assumir o papel de homem de razão no universo do machismo do século XIX. O texto de Machado, no entanto, deixa entrever também o homem como vítima do amor romântico e da posse conjugal, a partir do momento em que destaca a dúvida e a consciência da retórica do ciúme na construção dos argumentos do narrador. Nossa leitura do romance destacará os capítulos do livro em que a dúvida e o vislumbre do erro aparecem como possibilidade de redenção para o narrador.

Palavras-chave: Clássico; Leituras do presente; Dom Casmurro

REESCRITURA DA TRADIÇÃO: UM MITO XERENTE NO "BURITI", DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

Edinael Sanches Rocha

Resumo: Ao longo do trecho narrativo de "Buriti", que encerra o ciclo de novelas Corpo de baile, publicado em 1956, pode-se entrever uma referência a um mito da tradição dos índios Xerente, do estado do Tocantins, conforme o registro do etnólogo alemão Curt Nimuendaju Unkel em seu volume The Serente, de 1942. Mais especificamente, a novela rosiana traz, ao longo de uma das várias paisagens sonoras captadas através da aproximação do foco narrativo à perspectiva do personagem Chefe Zequiel, uma cena que trata do cerco e morte de um casal de tamanduás por um grupo de caçadores. Essa cena, por sua vez, guarda estreita relação com a infância de Miguel/Miguilim, naquilo que se relaciona com seu horror à caça e sua arraigada discordância com o mundo adulto. A narrativa indígena, por seu turno, conta a história de um casal de velhos que, transmutados em tamanduás, acabam mortos pela própria filha, que não reconhece nos animais as figuras paternas. A leitura comparada do texto literário com o mito revela evidentes diferenças entre eles, mas pelo menos dois pontos em comum, a saber, a

violência desmedida e inexplicável e a velhice. Essas confluências temáticas entre mito e texto literário parecem relevantes para pensar a posição de Miguel em sua reaproximação da fazenda do Buriti Bom para pedir a mão de Maria da Glória em casamento, movimento que o faz questionar e rever situações traumáticas de sua infância e seu temor ante a velhice. Enquanto a temática da violência é o ponto de contato mais evidente entre ambos os textos, a questão do envelhecimento se dá pela associação presente na narrativa Xerente entre os animais e o casal de velhos. Em “Buriti” é possível identificar, ainda que não de forma central, reflexões entre essa etapa da vida, entremeadas às recordações da infância de Miguel. Esses trechos funcionam à maneira de “molduras” que circunscrevem o iminente retorno do jovem ao sertão. A narrativa indígena incrustada no texto literário de Rosa traz, de forma evidente, a questão da brutalidade que marca a vida adulta, pedra de toque para o Miguilim dentro de Miguel. E ainda, de forma criptografada, metonimicamente na associação velhice/tamanduá, a menção ao dilema de Miguel ante o curso da vida e a velhice, suas vicissitudes e incertezas. Essa exposição trata de um achado parcial, mas relevante em termos de pesquisa, de uma investigação maior, de pós-doutorado, ainda em curso, sobre a relação da tradição dos índios brasileiros com a obra de Guimarães Rosa. Embora seja notória a relevância da cultura do índio em “Meu tio o Iauaretê”, por exemplo, outras narrativas do escritor mineiro apresentam índices de forte ligação com a cultura do índio, ainda pouco estudadas por sua fortuna crítica.

Palavras-chave: Buriti; Mitologia Xerente; Guimarães Rosa

L’HUMOUR COMME INSTRUMENT DE REPRÉSENTATION DE LA «NÉO-FAVELA »

François Weigel

Resumo: Selon le critique Valdemar Valente Júnior, les vingt dernières années ont marqué, dans la production artistique brésilienne, une « fixation d’une nouvelle réalité » (VALENTE JÚNIOR, 2013, p. 66), par la reconnaissance d’une production narrative issue des banlieues. Le roman de Paulo Lins, Cité de Dieu, publié en 1997 puis adapté au cinéma par Fernando Meirelles, est à ce titre considéré comme une borne, une rampe de lancement dans l’émergence d’une « littérature des périphéries ». Ayant lui-même vécu dans la favela Cidade de Deus et s’étant appuyé sur une recherche anthropologique qui traitait de la criminalité dans ce quartier, l’auteur avait centré son roman sur plusieurs générations de trafiquants. Un autre critique brésilien, Roberto Schwarz, dans un célèbre article sur Cité de Dieu, avait souligné la « nouveauté » de ce roman en ce qu’il affrontait une situation urbaine récente et encore peu explorée par la fiction, à savoir la transformation, des années 1960 jusqu’aux années 1990, de la vie et de la structure des favelas, où le trafic de drogues et d’armes s’est systématisé. « Pour indiquer les nouveaux temps, l’auteur parle de ‘néo-favela’ [...] Tel est le processus que le roman recrée [...] » (SCHWARZ, 1999, p. 163). Le roman a été l’objet de nombreuses études critiques, toutes soulignant la violence de l’univers décrit, que cela soit sur le ton du panégyrique ou bien avec une forme d’hostilité à l’égard d’un texte éloigné des canons littéraires. Mais très peu ont mis en avant le rôle de l’humour, alors même que le registre humoristique est très présent, d’un bout à l’autre du roman. Nous souhaitons donc ici éclairer l’importance de l’humour, qui à notre sens donne non seulement toute sa valeur littéraire au roman de Paulo Lins, mais qui est, surtout, un élément essentiel à prendre en compte pour comprendre la façon dont l’auteur a représenté des réalités urbaines jusqu’alors peu explorées par la fiction. Paulo Lins, Cidade de Deus, Planeta, São Paulo, 2012 (1997) Roberto Schwarz, « Cidade de Deus » (p. 163-172), in Sequências brasileiras, São Paulo, Companhia das Letras, 1999 Valdemar Valente Júnior, « Espaços da violência na narrativa brasileira contemporânea » (p. 65-78), in Estudos de literatura brasileira contemporânea, Brasília, n° 42, juillet-décembre 2013

Palavras-chave: marginalidade; favela; Paulo Lins; humor; romance brasileiro

LEITURA COMO FRACTAL

Luciano Luiz Aires



Resumo: Em 1991, o poeta Carlito Azevedo publicou o poema "Fractal", que retoma o poema "No meio do caminho", de Carlos Drummond de Andrade. Em 2001, o próprio Azevedo reedita esse mesmo poema no livro (antologia) "Sublunar". Em 2007, por sua vez, Susana Scramim lê o poema "Fractal" em uma crítica literária publicada no livro "Literatura do presente: história e anacronismo dos textos". Nesta crítica de Scramim, "Os fractais do modernismo", surge uma metáfora como forma de apresentar a obra poética de Carlito Azevedo. Ao longo do texto, ganha força, o que nos permite dialogar com Michel Pêcheux, quando afirma que a metáfora é a apresentação de objetos (obras) para sujeitos (leitores). Nessa direção, o trabalho propõe entender o funcionamento dessa metáfora que surge como um modo de ler textos literários e que aponta para uma teoria: leitura como fractal. Pois, o fractal tem como fundamento a ampliação da leitura. Scramim fomenta o debate sobre o futuro da literatura do presente e nos mostra como o poeta está lendo Carlos Drummond de Andrade, a partir do poema "Fractal". A pesquisa busca compreender esse objeto, o modo de ler, através da memória da metáfora "fractal", que passa por "Dom Quixote de la Mancha", de Miguel de Cervantes; "Pierre Menard, autor do Quixote", de Jorge Luis Borges; "Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental", de Giorgio Agamben; "O entre-lugar do discurso latino-americano", de Silviano Santiago; e "Teatro", livro de Bernardo Carvalho. Nesse sentido, essa memória aponta para uma história da leitura como "fractal". A memória e a discursividade dessa metáfora posicionam a autora em relação às outras teorias de leitura. A fim de perceber em que medida essa teoria se diferencia de outros modos de compreender a leitura, o trabalho retoma alguns teóricos, tais como: Wolfgang Iser ("O ato da leitura: uma teoria do efeito estético"); Roland Barthes ("Escrever a leitura", "A morte do autor"); Daniel Link ("Como se lê e outras intervenções críticas"); Umberto Eco ("Obra aberta"); Ricardo Piglia ("O último leitor"). Interpelados pela metáfora "fractal", cujo surgimento indica uma memória e uma discursividade, essa articulação teórica nos permite afirmar que a leitura de literatura do presente surge como fractal. À medida que se lê, ocorre a ampliação e o desdobramento do texto literário. Esse posicionamento da autora já aparece no título do livro "Literatura do presente: história e anacronismo dos textos".

Palavras-chave: Carlito Azevedo. Fractal. Literatura do presente. Crítica Literária. Scramim.